JOSEFA ROSALÍA LUQUE ALVAREZ
(Hilarião de Monte Nebo)

Harpas Eternas

Aqueles que amam o Cristo na personalidade de Jesus de Nazareth encontrarão, sem dúvida, neste livro o Jesus que sempre procuraram.

Vol. I

Pensamento

Harpas Eternas

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(*Hilarião de Monte Nebo*)

VOLUME I

Os fatos que antecederam a Encarnação do Messias. — Os esponsais de Maria e de José. — Uma família de essênios. — O nascimento em Belém. — A notícia do nascimento de Jesus chega às escolas ocultas dos essênios espalhadas pelas comarcas da Síria, da Fenícia e da Palestina. — A apresentação ao Templo. — A visita dos três sábios do Oriente: Gaspar, Melchor e Baltasar. — A perseguição de Herodes. — Jesus sob a proteção da Grande Fraternidade Essênia do Santuário do Monte Hermón. — De volta a Nazaré. — Início da educação do Menino-Profeta no Monte Carmelo. — Simão de Tiberíades. — No Santuário do Monte Tabor. — Aos 12 anos, a primeira viagem a Jerusalém. — O encontro com o primo Johanan no Monte Quarantana.

VOLUME II

Jesus aos 16 anos. — Aluno do liceu essênio do Monte Tabor. — Jesus e a jovem Nebai. — Os segredos do arquivo de Ribla às margens do rio Orontes. — Os papiros do profeta Aldis. — De volta a Nazaré. — A leitura do Papiro 19. — As primeiras curas. — Anotações de um diário. — Nos montes da Samaria. — Jesus aos 20 anos. — As escrituras do rei Salomão. — Na cidade de Alexandria. — Visita ao Vale das Pirâmides. — O pranto de um escravo. — De volta à Palestina. — A cura do comandante da guarnição romana da Torre Antônia. — As curas milagrosas se sucedem. — No Santuário essênio do Moab. — Com o primo Johanan, é consagrado Mestre da Divina Sabedoria.

VOLUME III

Jesus e a Santa Aliança. — A grande cruzada pela libertação de Israel. — Em Tolemaida, o porto mais importante da Galiléia. — Em Antioquia, cidade-rainha do Oriente. — Os esponsais do príncipe Judá e de Nebai. — Preparativos militares para o advento do novo Rei de Israel. — A morte de Baltasar. — Jesus e seu meio-irmão Jhosuelin. — Em Jerusalém, às vésperas de completar 23 anos. — A morte de José. — No deserto da Judéia. — Cartas vindas de outros países atestam o interesse de outros povos pela figura do Messias-Rei.

VOLUME IV

Na casa paterna. — Jesus aos 30 anos. — A vocação dos Doze. — O Solitário do Jordão. — A castelã de Mágdalo. — A Galiléia quer um rei. — Na prisão com o Batista. — A parábola do filho pródigo. — O Sinédrio procura um Messias. — Jesus aclamado no Templo de Jerusalém. — A reação da classe sacerdotal. — A morte do Batista. — A apoteose do Ungido do Senhor. — Em Nazaré, na companhia dos discípulos. — Última visita ao Monte Carmelo. — Em Bethânia, nas proximidades da Páscoa. — Reação do Sinédrio ante a notícia de que o Messias estava em Israel. — Aclamação nas ruas de Jerusalém. — Os essênios, amigos fiéis do Salvador. — A despedida. — *"Meu reino não é deste mundo."* — O amor, a lei suprema. — A prisão. — A farsa de um julgamento. — O Gólgota. — Das sombras à luz.

CAPA: *O Sermão da Montanha*, miniatura extraída de *La Somme du Roi*, Paris, 1295 (detalhe).

Harpas Eternas

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

Harpas Eternas é o mais fiel relato sobre a vida do Profeta Nazareno, resultado de mais de vinte anos de pesquisa nos centros culturais da Palestina, da Síria, da Grécia,de Alexandria, de Damasco, de Antioquia e da Ásia Menor, completados pela informações obtidas nos antigos arquivos essênios de Moab e do Líbano e nas Escolas de Sabedoria fundadas pelos mais ilustres sábios do Oriente.

E a história de Jesus de Nazaré narrada com impressonante riqueza de detalhes sobre todas as etapas da sua vida, detendo-se mais particularmente nos seguintes aspectos.

- As circunstâncias astrológicas em que se deu o seu nascimento,
- A infâcia em Nazaré na companhia de Maria, de José e de seus meio-irmãos.
- Sua iniciação e educação entre os essênios.
- A juventude e as viagens que fez aos centros culturais mais importantes do seu tempo.
- O quadro social e histórico em que realizou seus milagres.
- A repercussão de seus ensinamentos no ambiente político e religioso da Judéia.
- As convicções que seus contemporâneos tinham acerca de sua missão como o Messias.
- Os incidentes que resultaram na sua condenação à morte.
- Sua ressurreição e ascensão ao céu.

A grandeza do Mestre Nazareno não está fundamentada apenas no seu martírio, mas em toda a sua vida, prova grandiosa e convincente da sua doutrina, que ele construiu sobre estas duas vigas mestras: a partemidade de Deus e a fratermidade entre os homens.

Toda a sua existência foi um vivo reflexo dessas duas verdades incontestáveis, resume de todo o seu ensinamento, que sempre transmitia a convicção profunda de que so elas podem levar a humanidade à sua perfeição e felicidade: sentir Deus como Pai e amá-lo sobre todas as coisas: sentir-nos irmãos de todos os homens é trazer o céu a terra.

Harpas Eternas é uma obra de interesse geral pois, na expressão do psicologo suíço C.G. Jung, queiramos ou não, somos todos cristãos.

ISBN 978-85-315-0795-3

EDITORA PENSAMENTO

9 788531 507953

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

HARPAS ETERNAS – 1

Tradução
HÉLIO MOURA

Cotejada com os originais por
MONICA FERRI
e
HUGO JORGE ONTIVERO

Editora
Pensamento
SÃO PAULO

Título do original: *Arpas Eternas*.

Copyright © FRATERNIDAD CRISTIANA UNIVERSAL
Casilla de Correo nº 47
C.P. 1648 – Tigre (Prov. Buenos Aires)
Republica Argentina.
Http://www.elcristoes.net\fcu

Copyright da edição brasileira © 1993 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 1993.

12ª reimpressão 2013.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Pensamento não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Direitos de tradução para a língua portuguesa
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008
E-mail: atendimento@editorapensamento.com.br
http://www.editorapensamento.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Foi feito o depósito legal.

Impressão e acabamento: *Orgrafic Gráfica e Editora*

Sumário

Biografia de Josefa Rosalía Luque Alvarez, 7
Esclarecimentos Necessários, 9

Jesus de Nazareth, 11
Prelúdio, 13
A Glória de Betlehem, 21
Os Essênios, 29
Cenários do Infinito, 39
Nos Montes de Moab, 49
Nasceu um Inocente, 68
Florescia o Amor para Jhasua, 87
Desde o Longínquo Oriente, 96
Nos Cumes do Moab, 111
Maran-Atha, 126
Nas Montanhas do Líbano, 137
Uma Luz nas Trevas..., 150
O Menino-Profeta, 159
Nas Grutas do Carmelo, 171
Panoramas Extraterrestres, 186
O Menino Clarividente, 193
Plus Ultra..., 208
A Visão do Pai Celestial, 217
Moradas de Expiação, 225
Os Festivais Místicos do Carmelo, 233
Simão de Tiberíades, 247
No Santuário do Monte Tabor, 257
Primeira Viagem a Jerusalém, 267
Jashua no Templo de Jerusalém, 277
No Monte Quarantana, 294
Hussin da Etrúria, 315
Os Anciãos do Moab, 318
O Menino Apóstolo, 340

AGRADECIMENTOS

A Hélio Moura, pela grande sensibilidade e pelo extremo cuidado com que se dedicou à tradução desta obra.

A Hugo Jorge Ontivero e a Monica Ferri, pela solicitude e zelo com que, de sua parte, colaboraram para o aparecimento desta edição.

Biografia

A autora, Josefa Rosalía Luque Alvarez, nasceu em Villa del Rosario, província de Córdoba, na República Argentina, em 18 de março de 1893, filha de Don Rafael Eugenio Luque e Doña Dorotea Alvarez.

Foi educada no colégio das Carmelitas Descalças, na cidade de Córdoba.

Em 1910, obteve o Primeiro Prêmio e Diploma pelo seu trabalho "Louros e Palmas", no concurso literário que, em comemoração ao Centenário da Revolução, foi organizado pela Sociedade das Damas da Providência e patrocinado pela Universidade Nacional de San Carlos, o Governo da Província e a Municipalidade da Capital em Córdoba.

As circunstâncias da vida levaram-na a viver na cidade de Buenos Aires, onde colaborou, com sua prosa e poesia, nas revistas espiritualistas cristãs.

Por volta de 1932, radicou-se no Delta buenairense, e aí começou a escrever o que logo configuraria uma grandiosa trilogia: *Origens da Civilização Adâmica; Harpas Eternas; Cumes e Planícies* e *Moisés*, esta última obra terminada dias antes de sua desencarnação.

Todo livro ou texto escrito é dirigido a leitores já determinados; no caso dela, àqueles que buscam com sinceridade a Verdade, a Justiça e o Amor.

Sua vontade determinante foi a de dar a conhecer ensinamentos e vidas messiânicas do Guia e Instrutor desta Terra, que foram um decalque perfeito da Idéia de Deus, extraído do que se encontra gravado de forma indelével no Arquivo da Luz Eterna.

Como todo aquele que com esforço e sacrifício desentranha de um amontoado de pedras e ervas daninhas a riqueza da terra, assim a autora teve que desenvolver sua Obra em meio à inconsciência dos seres que, com diversas ilusões, dela se acercaram, sem compreender-lhe a magnitude.

A leitura de seu livro "O Horto Escondido" evita entrar em detalhes; no diálogo com o Cristo ela desafoga a sua alma, resumindo aí a dor causada pela incompreensão das criaturas humanas. Não há de ser o discípulo mais bem tratado do que o seu Mestre.

Conhecedores da obra de Santa Teresa de Jesus estabelecem um paralelo entre as obras da reformadora do Carmelo e a de Josefa Rosalía Luque Alvarez.

Ao ver sua Obra, há que admirar a vontade férrea para chegar a concretizá-la e poder dar vida novamente ao Cristo entre nós, refletida em um livro, com a finalidade de fazer ressurgir do fundo da nossa alma o Ideal inculcado pelo nosso Divino Mestre: A Paternidade de Deus e a Fraternidade Universal – ideal que na sua derradeira vida como Jesus de Nazaré Ele tratou de gravar a fogo nos nossos corações.

A Lei Divina deu os recursos necessários ao nosso espírito para despertar a consciência de que integramos uma aliança milenar e o dever que nos cabe, neste final de ciclo e nesta hora decisiva da nossa evolução.

A personalidade da autora se dilui ante a magnitude da Obra e se engrandece por haver-lhe dado vida.

Seu espírito é essência em Deus.

Que nossa alma aspire ao mesmo.

Paz, esperança e amor sobre todos os seres.

Josefa Rosalía Luque Alvarez

Esclarecimentos necessários

Talvez o leitor estranhe encontrar nesta obra os nomes próprios dos diversos personagens e lugares em forma um pouco inusitada.

Alertamos, por isso, que os nomes bíblicos, até atingirem a grafia moderna, sofreram muitas mutações, quer na sua evolução e tradução, quer na feição ortográfica.

No original, e também na tradução, foram respeitadas as formas nominais o mais próximo possível das que existiam na época. Então, encontramos Myriam em vez de Maria, Jhasua(*) em lugar de Jesus, Joseph de Nazareth, Betlehem (Belém), etc.

Outrossim, tanto no texto castelhano como na versão, foi mantido o tratamento na segunda pessoa, pois pareceu-nos que quaisquer modificações neste sentido prejudicariam a beleza da linguagem.

Diversos esclarecimentos e informações que constam em notas de pé de página sob a rubrica de "Notas do Tradutor" (N.T.), ou nos apêndices, no que diz respeito a usos, costumes, trajes, ferramentas, etc., são fruto de uma estafante pesquisa e foram anotados com o fito de tornar a leitura mais fácil, agradável e elucidativa.

O Tradutor

(*) Em hebraico: "YÊŠU'A" (N.T.).

Jesus de Nazareth

Pareceria supérfluo um novo relato biográfico do grande Mestre Nazareno, tendo-se em conta que, durante dezenove séculos, escreveram-se tantos livros, e ainda outros continuam sendo editados sem interrupção.

Jesus de Nazareth, encarnação do Cristo, não é propriedade exclusiva de nenhuma tendência ideológica, mas pertence a todos aqueles que O reconhecem como o Mensageiro da Verdade Eterna.

O Amor que o genial sonhador irradiou ao redor de Si, para com a fraternidade humana, criou-Lhe um vasto círculo de fervorosos admiradores e de perseverantes discípulos, que, século após século, têm acrescentado o valioso concurso de suas investigações e interpretações, baseadas numa lógica austera, a par das visões internas de suas almas mais ou menos capazes de compreender a grande personalidade do Enviado pela Eterna Lei, como Instrutor e Guia da humanidade terrestre.

E nós, por nosso turno, acrescentamos também nosso copo de água ao claro manancial de uma vida excelsa, em torno da qual tanto se tem escrito e, em todos os tempos, têm ocorrido tão grandes discordâncias que as inteligências observadoras e analíticas acabaram por perguntar-se: "É real ou mitológico um personagem a respeito do qual foram pintados quadros tão diferentes?"

O fato de haver sido sentenciado a morrer sobre um madeiro em cruz, por causa da Sua doutrina, não justifica, por si só, a exaltação sobre-humana, ou a triunfante grandeza do Profeta Nazareno, porquanto numerosos são os mártires da incompreensão humana imolados em virtude apenas de seus ideais científicos, morais ou sociológicos!

A história da Humanidade, somente na época denominada Civilização Adâmica, é uma cadeia ininterrupta de vítimas do Ideal; um martirológio tão abundante e nutrido que o espectador não sabe de que assombrar-se mais: se da tenaz perseverança dos heróis ou da odiosa crueldade dos verdugos.

A grandeza do Mestre Nazareno não está, pois, fundamentada exclusivamente no Seu martírio, senão em toda a Sua vida, que foi um expoente grandioso da Sua doutrina condutora de humanidades, doutrina essa que Ele perpetuou, esculpindo-a em duas colunas de granito: "*A paternidade de Deus e a fraternidade de todos os homens.*"

Toda a Sua existência foi um vivo reflexo dessas duas idéias mães, sobre que assentam todos os Seus ensinamentos, pela convicção profunda, que Lhe assistia, de que somente eles podem levar as humanidades à perfeição e à felicidade. Sentir Deus como Pai significa amá-LO sobre todas as coisas. Sentirmo-nos irmãos de todos os homens seria trazer o Céu para a Terra.

Vinte anos de ansiosa busca em vasta documentação, crônicas e relatos do primeiro século, salvos da proscrição ordenada, mais tarde, pelo Imperador Diocleciano, e de perseverantes investigações através da Palestina, Síria, Grécia, Alexandria, Damasco, Antioquia e Ásia Menor, permitem-nos oferecer, hoje, aos que buscam a Verdade – no que se refere à augusta personalidade do Cristo –, a presente narrativa, cujo título *Harpas Eternas* induz o leitor à idéia de que essas excelsas vidas... vidas geniais, são, precisamente, as "Harpas Eternas" em que cantam os mundos a grandeza infinita da Causa Suprema.

Não podemos deixar de mencionar, aqui, a colaboração dos antigos arquivos essênios do Moab e do Líbano, bem como das Escolas de Sabedoria fundadas pelos três ilustres sábios do Oriente – Gaspar, Melchor e Baltasar –, as quais ainda existem no Monte Suleiman, próximo de Cingapura (Indochina), nas montanhas vizinhas a Persépolis (Pérsia) e no Monte Sinai (Arábia).

Tampouco podemos esquecer a bravia estirpe tuaregue, perdida entre os penhascos do deserto do Sahara, cujas antigas narrações sobre o *Gênio Bom do Jordão*, como chamaram ao Profeta Nazareno, têm dado vivos reflexos de sol a determinadas passagens do nosso histórico relato.

Em especial, foi este livro escrito para os discípulos do HOMEM-LUZ, do HOMEM-AMOR, e afirmamos que ele não é um novo paladino que desce à arena com armas de combate, mas um arauto de Paz, de União e de Concórdia entre todos os discípulos de Jesus de Nazareth, quaisquer que sejam as tendências em que foi dividida a crença dos povos.

Cremos que reconhecer e praticar Seu ensinamento, como uma eloqüente emanação da Divindade, é a mais formosa oferenda de amor que podemos apresentar a Seus amigos e admiradores, unidos pelo vínculo incorruptível do Seu genial pensamento: "DEUS É NOSSO PAI; TODOS OS HOMENS SÃO IRMÃOS."

Aqueles que amam o Cristo na personalidade de Jesus de Nazareth encontrarão, sem dúvida, neste modesto trabalho, o Jesus que haviam vislumbrado em suas meditações – o grande Espírito, símbolo da mais perfeita beleza moral: refletor claríssimo do Bem, praticado com absoluto desinteresse.

São assim as estrelas de primeira grandeza, que derramam suas claridades sem nada pedir àqueles cujos caminhos iluminam, edificando, ao contrário, a própria felicidade futura!

Ao estender a todos os horizontes o ramo da oliveira da paz, simbolizada neste novo relato de Sua vida, dizemos, do mais íntimo da nossa alma:

Amigos de Jesus! Entregamo-vos, com amor, o esforço de vinte anos, que apresenta à vossa contemplação a mais fiel imagem do Cristo de vossos sonhos, a qual, de modo algum, seria possível obter de nós – pirilampos errantes na imensidão dos mundos infinitos.

O Autor

Prelúdio

Era a hora justa, precisa, inexorável!

Hora essa que, no Espaço Infinito, é sinônimo de dia de glória, idade de ouro, resplendor da Vontade Soberana, que chega no momento oportuno e se vai quando terminou de se manifestar.

Esse algo supremo, como o "fiat" do Infinito, ressoava nas "Harpas Eternas" como um hino triunfal, que se faria ouvir nas incontáveis esferas!...

A plêiade gloriosa dos Setenta Instrutores deste Universo de Mundos estava reunida em luminosa assembléia para que o Amor Supremo ungisse, uma vez mais, com a honra do holocausto, Seus grandes eleitos. Sua Lei marcava a terça parte mais um. Deviam, pois, ser vinte e quatro (*).

Em que direção se abririam os caminhos largos na insondável imensidão?...

Estavam já marcados, desde épocas longínquas, nos arquivos da Luz Eterna.

Não seria nada mais que a prolongação de um cantar começado e não terminado ainda.

Não seria outra coisa senão a continuação de uma luz acesa na noite distante dos tempos transcorridos, sendo que, antes de vê-la extinguir-se, cumpria encher novamente de azeite a lamparina quase esgotada.

Não seria mais que uma semeadura nova, já muitas vezes repetida, de divinal Amor e Sabedoria, antes que se consumissem os últimos frutos da semeadura anterior.

Na incomensurável grandeza do Infinito, eram pequenos pontos, marcados a fogo!... Nada mais do que pontos!...

Uma pequena onda coroada de branca espuma se dirige para a praia, beija-a, refrescando-a, e torna ao meio do mar, feliz de haver deixado suas linfas refrigerantes nas areias ressequidas e calcinadas.

Eram os escolhidos para uma nova missão salvadora: Jhasua, Vênus, Alpha, Castor, Polux, Orfeu, Diana, Jhuno, Beth, Horos, Resay, Hehalep, Régulo, Virgho, Ghimel, Thipert, Schipho, Shemonis, Pallus, Kapella, Zahin, Adonai, Ghanma e Shedanial.

Cada um deles era chamado pelo nome escolhido na sua primeira encarnação consciente no mundo de origem, o qual devia ser também o mesmo que levara na última. Nomes tão poderosos e tão fortes em suas vibrações que muitos deles ficaram impressos por longos períodos nos mundos físicos onde atuaram.

(*) 70 + 3 = 23 + 1 = 24 (N.T.).

E todos eles, seguindo os raios luminosos dos Archotes Eternos, que, por sua vez, os recebiam dos "Fogos Magnos", supremos Hierarcas deste universo, viram destacar-se no ilimitado azul – como bolhas de luz – os globos onde a dor e o sacrifício os esperavam.

Cada um havia realizado, ali mesmo, várias estadas, separadas umas das outras por longos milênios.

Cada qual escolheu, dentre os quarenta e seis irmãos gêmeos que ficavam livres em suas gloriosas moradas, aqueles que deviam guiá-los e protegê-los na tremenda prova a executar. O meigo Jhasua, originário da segunda estrela da constelação de Sírio, tendo já cumprido oito etapas no planeta Terra, escolheu, como guias imediatos, Ariel e Aheloin, que já o haviam sido nas jornadas de Juno, Chrisna e Moisés, assim como Sírio e Okmaya o foram na de Antúlio; Vênus e Kapella, na de Abel; Ísis e Orfeu, nas de Anfião, de Numu e do Bhuda (*).

Mas, como se tratava da jornada final que Jhasua devia efetuar – a mais tremenda, e que encerraria o glorioso ciclo de todos os Seus heróicos sacrifícios –, ofereceram-se também, para auspiciá-LO, Ghimel, Tzebahot e Shamed, os quais, por seu elevado grau de evolução, estavam já próximos a passar para a morada dos Archotes Eternos.

Depois da solene e imponente despedida com a presença do Grande Círio, ponto inicial daquelas magníficas evoluções, este deu de beber aos mártires voluntários o cálice sagrado dos heróis triunfadores e os abençoou em nome do Eterno Amor. Então os vinte e quatro missionários foram vestidos com as túnicas cinzentas dos imolados. Por Sua vez, foi o terno e meigo Jhasua conduzido, por Seus cinco Guardiães Superiores, ao portal cor de turquesa, que dá para a Esfera Astral da Terra, onde O submergiram no sono preliminar, após o que foi confiado à custódia de três Círios da Piedade. Lá ficaria até o momento de O fazerem tomar a matéria de antemão preparada pelas Inteligências encarregadas da direção dos processos fisiológicos da geração humana.

A maioria dos eleitos para o holocausto grandioso e sublime era da Legião das Harpas Vivas ou Amadores; alguns poucos, dos Esplendores e das Vitórias, e outros, da Muralha de Diamantes(**).

Era, pois, uma transbordante inundação de Amor que aqueles gloriosos Enviados arrastavam consigo, desde a mais alta esfera dos mundos sirianos até os globos favorecidos com tão preclaros visitantes.

Mas quão alheios e ignorantes estavam aqueles planetas quanto à Divina Dádiva que iriam receber!

Na Terra, existiam quatro agrupamentos de seres humanos que viam, no puro Céu de suas místicas contemplações, a aproximação do Grande Missionário. Eram, de um lado, os Essênios, congregados, em número de setenta, nas grandes grutas das montanhas de Moab, a oriente do Mar Morto, achando-se outras porções na cordilheira do Líbano e nos montes da Samaria e da Judéia. De outra parte, aqueles que tinham família e lar achavam-se disseminados por toda a Palestina e formavam como que uma segunda cadeia espiritual, dependente dos que viviam solitários e em celibato.

(*) A ordem cronológica das 9 encarnações de Jesus como Redentor é:
JUNO (Lemúria); NUMU (Lemúria); ANFIÃO (Atlântida), também chamado "O Justo" ou "Rei Santo"; ANTÚLIO (Atlântida), que, na linguagem atlante, significa "Ante-Luz" ou "Frente para a Luz"; ABEL – filho de Adão e Eva – (Fenícia); CHRISNA (Índia); MOISÉS (Egito); o BHUDA (Índia); JHASUA (Palestina) (N.T.).

(**) Regiões celestiais, elucidadas um pouco mais adiante (N.T.).

O segundo agrupamento se achava na Arábia, no monte Horeb, onde um sábio astrólogo, de tez morena, havia construído um Templo-Escola a expensas suas, o qual, com oitenta e quatro companheiros de estudos e meditações, procurava manter-se na mesma onda vibratória usada pelas Inteligências Invisíveis, cortesãs do Divino Ungido, que estava entrando no sono preparatório para Sua união com a matéria física.

Esse era Melchor, o príncipe moreno, que, havendo, em sua primeira juventude, sofrido um amor passional – profundo como um abismo e forte como um furacão – fora levado por ele à inconsciência do delito: arrebatara, a um jovem pastor, a terna donzela que devia ser sua companheira, e, com isso, causou o desespero e a morte de ambos.

Melchor, procurando curar o remorso da culpa, derramou metade de sua avultada fortuna aos pés de todas as donzelas de sua terra para cooperar com suas bodas e a formação de seus lares. Com a outra metade, construiu um Templo-Escola e convidou os homens desenganados por sofrimento semelhante ao seu a buscarem, ali, na serenidade do Infinito, a esperança, a paz e a sabedoria.

Esse Templo-Escola achava-se como que incrustado no Monte Horeb, entre as escabrosas montanhas da Arábia Pétrea(*), a poucas milhas de Dizehabad, razão por que eram aqueles homens chamados, pelos habitantes dessa cidade portuária, de Ermitãos Horeanos, sendo respeitados e considerados como oráculos, astrólogos e terapeutas.

O terceiro agrupamento se encontrava na Pérsia, entre as montanhas da cadeia dos Montes Sagros, a poucas milhas ao sul de Persépolis, a faustosa cidade de Dario.

Achava-se o Templo à beira de um riacho que, nascendo nas alturas dos Montes Sagros, desembocava no Golfo Pérsico. Comumente seus integrantes eram, na região, cognominados "Ruditas", devido a Rudian, célebre médico que vivera entre os solitários, cujos cultos lembravam como que uma ressonância suave do Zend-Avesta(**), originários, por sua vez, dos afáveis e místicos Chiitas, que dividiam seu tempo entre a meditação, a música e o trabalho manual.

Era Baltasar o Conselheiro nessa escola de meditação e de sabedoria, à qual consagrara a maior parte de sua vida, que estava a chegar ao ocaso.

Por fim, o quarto agrupamento estava radicado nos montes Suleiman, vizinhos do grande Rio Indo, cuja impetuosa corrente era quase o único ruído a romper a calma daquela solidão. Para ali fugira Gaspar, Senhor de Srinaghar e Príncipe de Bombaim, com um sepulcro de amor em seu coração, a fim de buscar, na observação do mundo sideral e dos poderes internos concedidos por Deus aos homens, a força necessária para ser útil à Humanidade, acalmando suas próprias dores no estudo e na contemplação dos mistérios divinos.

São esses, portanto, os quatro fragmentos da Humanidade aos quais fora revelado, desde o mundo espiritual, o segredo da descida do Cristo para um corpo físico, formado no seio de uma donzela pertencente ao país no qual corre, como no fundo de um abismo, o Rio Jordão.

E, na lucidez serena de suas grandes contemplações, eles vislumbraram um lar, como um ninho de rolinhas entre rosais e plantações de murtas, onde três seres, três essênios, cantavam salmos, ao amanhecer e ao cair da tarde, para louvar a Deus ao som da cítara e entrar na onda vibratória de todos os justos que esperavam a chegada

---

(*) Península do Sinai (N.T.).

(**) Religião de Zoroastro, seguida pelos medos, parthos (ou partos), persas (antigos), etc. Admite dois princípios: O BEM e o MAL. Também é chamado MAZDEÍSMO (N.T.).

do Ungido anunciado pelos Profetas. Eram eles Joachim, Ana e a terna açucena brotada na idade madura dos esposos. Estes haviam pedido, com lágrimas, ao Altíssimo, uma dilatação de suas existências, para que ela (Myriam – menina ainda) fechasse seus olhos na hora de morrer.

Era Myriam como um raio de lua sobre a serenidade de um lago adormecido.

Era Myriam um semblante de aurora sobre um jardim de lírios em flor.

Era Myriam qual sublime cotovia, quando, ao som da cítara, cantava, a meia-voz, salmos de louvor a Jehová.

As mãos de Myriam, correndo sobre o tear, semelhavam alvas rolinhas a se espojarem entre grãos de areia, dourados pelo sol.

Eram os olhos de Myriam... olhos de síria, que espera o amor..., da cor das avelãs maduras, molhadas pelo orvalho... Olhavam com a mansidão das gazelas, e suas pálpebras cerravam-se com a suavidade de pétalas ao anoitecer...

O Sol, ao levantar-se como um farol de ouro no horizonte, desenhava sobre as pradarias em flor a sombra de sua silhueta gentil e de seu passo ligeiro e curto quando ia, com o cântaro ao ombro, buscar água na fonte próxima.

A fonte alegre refletia-lhe a figura... figura de virgem núbil, com a fronte adornada de branco, conforme o uso das mulheres de seu país.

Quão bela era Myriam, em sua casta virgindade!...

Tal foi o vaso escolhido pela Suprema Lei daquela hora solene, para depositar a matéria que o Verbo Divino iria revestir em Sua gloriosa jornada messiânica.

Quando Myriam contava apenas quinze anos, Joachim e Ana, com a diferença de meses, adormeceram, no seio de Deus, aquele sono do qual não mais se desperta na matéria. Então a graciosa jovem núbil, dos olhos de gazela, foi levada pelos parentes, a fim de proteger sua orfandade junto às Virgens de Sião, nos claustros e nos dourados pórticos do Templo de Jerusalém. Ali, os sacerdotes Simeão e Eleazar, essênios e parentes próximos de seu pai, acolheram-na com suave solicitude.

As mãos de rolinha da terna Myriam, deslizando sobre o tear, teciam o branco linho para as túnicas das virgens e para os mantos sacerdotais, e dedilhavam as cordas de sua cítara acompanhando o canto sereno dos salmos, com os quais se glorificavam as grandezas de Jehová.

Vinte e nove meses mais tarde, Joseph de Nazareth, jovem oriundo da mesma ascendência, era recebido no Pórtico das Mulheres pela anciã e viúva Ana de Jericó, prima de Joachim. As santas Viúvas do Templo ouviram o pedido da mão de Myriam para uma segunda núpcia de Joseph, cuja jovem esposa deixara, pela morte, vazio seu posto no lar, onde cinco criancinhas chamavam "Mãe!... Mãe!...", sem encontrá-la sobre a terra.

Myriam, a virgem núbil, de cabelo bronzeado e olhos de avelãs umedecidas pelo orvalho, vestida da alva túnica de linho e coroada de rosas brancas, enlaçava sua mão direita com a de Joseph de Nazareth, perante o sacerdote Simeão, de Bethel. Achava-se rodeada pelo coro das viúvas e das virgens, que cantavam versos do "Cântico dos Cânticos", sublime poema de amor entre almas irmãs que se encontram no Infinito.

A todos esses versículos, Myriam respondia com sua voz de cotovia:

"Derramai, Senhor, Vossas Bênçãos sobre as núpcias da Virgem de Sião!"

Terminado o solene ritual, a meiga virgem recebeu, em sua fronte coroada de rosas, o beijo das companheiras e mestras. Depois osculou o umbral da Casa de

Jehová, que acolhera sua orfandade, e foi acompanhando a Joseph para a tranqüila morada em Nazareth.

Os celestiais arcanjos de Deus, guardiães do amorável Jhasua – o qual esperava acalentado por uma legião resplandecente de *Amadores* –, envolveram Myriam nos véus nupciais, que tecem em volta das castas e puras recém-casadas as Inteligências Superiores, denominadas "Esposos Eternos" ou "Criadores das Formas". Enquanto Myriam caminhava ao lado do esposo em direção a Nazareth, interrogava, no mais íntimo de seu Ser: "Que queres de mim, Senhor, mandando-me sair de Teu Templo para acompanhar um de Teus servos, que me oferece, tão-somente, seu amor, seu teto e seu pão?..."

Após breve silêncio, acreditava ter ouvido uma voz, não podendo, todavia, distinguir se vinha do Alto ou se era o rumor das pradarias ou, ainda, a ressonância do vento entre as palmeiras e os sicômoros, a qual dizia:

> "Myriam!... visto que foste fiel em guardar tua castidade virginal no lar paterno e no Templo de Jehová, e porque tuas mãos não se moveram senão para tecer o linho e arrancar melodias de tua cítara, acompanhando os louvores de Deus, verás surgir de ti mesma a mais excelsa Luz que pode descer à Terra."

Entrementes, com seus passinhos curtos e ligeiros, continuava seguindo o esposo a caminho de Nazareth, absorta em pensamentos tão profundos que se via obrigada a obstinado silêncio.

– Que estás a pensar, Myriam, que não me falas? – perguntou Joseph, olhando-a ternamente.

– Causa-me estranheza estar acompanhando-te sem saber por que – respondeu ela, fazendo esforço para modular as palavras.

Em virtude de estarem os véus nupciais dos radiantes Arcanjos *Criadores das Formas* envolvendo-se cada vez mais em torno dela, foi seu corpo físico ficando como um oval de luz, no centro de uma esplendorosa nuvem cor-de-rosa com reflexos de ouro.

O silêncio fazia-se mais profundo à medida que se aproximavam da casinha de Nazareth – silêncio de vozes humanas, porém cheio de harmonias, de ressonâncias, de vibrações doces, suaves e infinitas!

Cantavam, ao redor de Myriam, as *Legiões dos Amadores*, enquanto a beleza ideal de uma forma humana flutuava já na onda incomensurável de Luz e Energia, por intermédio da qual, vão e vêm, sobem e descem as Inteligências exalçadas, forjadoras de todas as formas plásticas que existem no vasto Universo!

Apenas se achou Myriam sob o teto de Joseph, foi prostrar-se no chão de sua alcova, e, do íntimo de sua alma, elevou à Divindade esta singela prece:

> "Senhor... Senhor!... conduziste-me do Teu Templo de ouro a esta humilde morada, onde continuarei cantando Teus louvores, tecendo o linho e amassando o pão para aqueles que rodearem a minha mesa! Senhor... Senhor!... Myriam será Tua submissa escrava, qualquer que seja a condição de vida em que a queiras situar!"

– Que fazes, Myriam, e por que tens lágrimas nos olhos? – perguntou Joseph, ao vê-la de joelhos no meio da alcova e com duas pérolas líquidas sobre as brancas faces.

– Rezo a Jehová, para que eu seja portadora da paz em teu lar! – respondeu ela.

Levada pelo companheiro, foi encontrar junto à lareira, ardente em vivas labaredas, os cinco filhinhos dele, que, vestidos com as melhores roupas, aguardavam ansiosos a bondosa mãezinha que seu pai lhes prometera trazer da Cidade Santa dos Reis de Judá. As crianças, de 10, 8, 6, 4 e 2 anos, agarraram-se à túnica branca de Myriam, enquanto se alçavam na ponta dos pés para beijá-la na boca.

Invisível Legião de Amadores cantava à volta da Virgem, mãe de cinco crianças que outra pusera no mundo. Esta última, sem dúvida, chorava de felicidade, vendo seus ternos rebentos acariciados pela formosa Virgem ruiva, que iria amá-los como verdadeira mãe.

Com a chegada de Myriam, viu-se o humilde lar do artesão inundado de ininterruptas ondas de luz, de paz e de amor.

As crianças riam sempre. Alegres e buliçosas andorinhas aninhavam no telhado. As rolinhas voejavam, arrulando, entre o verdor brilhante da pequena horta. Ao amanhecer, gorjeavam as cotovias e os melros, fazendo coro aos salmos de Myriam, que os acompanhava com as melodias da cítara.

– Quão formosa é a vida a teu lado, Myriam! – dizia Joseph, suspendendo seu trabalho de artesão e sentando-se próximo ao tear, onde a esposa tecia o linho, ou junto ao fogo, onde ela cozinhava o pão e preparava os alimentos.

"Desde que chegaste ao meu lar, parece que estás sempre envolta na Luz de Jehová, como se eu O tivesse sob meu teto. Se a Lei não houvera dito: 'Não adorarás imagem nem figura alguma, porém tão-somente a Mim, que sou teu Criador', prostrar-me-ia a adorar-te, Myriam, como um fragmento de Deus."

Quando Joseph começou, assim, a desenhar em palavras seus pensamentos de admiração, Myriam, ruborizada, baixou os olhos, enquanto lhe colocava os dedinhos de rosa sobre a boca para significar silêncio.

Seu estado habitual era doce e suave silêncio, porque a poderosa irradiação da forma astral que flutuava aproximando-se, e o radiante Espírito Divino a vibrar no Infinito, mantinham-na de tal modo embaraçada e absorta em seus próprios pensamentos que dificilmente se voltava para o mundo exterior. As vibrações deste eram pesadas e duras, comparadas com a intensa e suavíssima harmonia de seu mundo interior.

Myriam!... Meiga e ternissima Myriam! Como teriam podido compreender-te, nesse teu mutismo, as mulheres de Nazareth, que falavam e riam sempre em alegres círculos, enquanto fiavam ou teciam, ou quando recolhiam lenha e feno no prado, quando colhiam suas uvas e seus figos, quando caminhavam pressurosas para buscar, com seus cântaros, a água da fonte?

"Myriam! por que estás triste?" ... "Myriam! quando vais começar a rir?" "Myriam! ... não tens nada para contar-nos?" ... "Não és feliz, Myriam?"

A todas essas perguntas, feitas espontaneamente e sem premeditação pelas mulheres nazarenas, Myriam respondia com suave sorriso ou com estes dizeres:

– Sou tão feliz que, se falasse, parece-me que minhas próprias palavras interromperiam a melodia interna que me acalenta sempre.

Como seria possível que as mulheres de Nazareth compreendessem Myriam, se somente ela era o vaso de nácar eleito para receber o Amor, que é canto universal, inefável e eterno?

O Amor cantava dentro dela, oculto como uma lira sob sua branca túnica!

O Amor cantava para ela quando, de joelhos, na penumbra da alcova solitária, orava a Jehová a fim de que enviasse para Israel o Salvador prometido pelos Profetas!

O Amor cantava junto dela quando sua meditação era profunda, e formosas visões iam surgindo do claro espelho da sua mente, não obscurecido por nenhum hálito, a não ser o alento soberano do Amor, que buscava ninho em seu seio!

O Amor cantava em seus olhos, que acariciavam ao olhar, mas que o pudor ou o êxtase faziam semicerrar-se como pétalas molhadas pela chuva e beijadas logo pelo sol!

O Amor cantava em suas mãos, cruzadas sobre o peito pela oração recolhida, profunda e íntima, através da qual sua alma privilegiada Lhe respondia em salmos idílicos, ao longo de todas as horas, que se iam desfiando de seus dias como pérolas brancas, azuis, douradas!...

Em sua puríssima inocência, Myriam pensava:

"Em nenhum de meus dias luminosos vividos no Templo Santo de Jehová, senti-me tão enlevada na Divindade como hoje, quando me encontro absorta entre os monótonos trabalhos de dona-de-casa.

"Poder-se-ia dizer que o lar de Joseph é também um templo, embora pequeno e humilde, mas, dentro dele, desce o alento de Jehová em torrentes, para purificar as criaturas humanas pela Fé, pela Esperança e pelo Amor."

As Igrejas Cristãs, como que inspiradas por um recôndito conhecimento da Verdade profunda encerrada nesses extraordinários acontecimentos, rendem culto – sem definir por quê – aos dias solenes de ansiedade e únicos na vida de u'a mulher, aos quais denominaram "dias de expectação da Virgem-Mãe".

Dias de glória, de paz e de amor, incompreensíveis para o vulgo, porém de evidente e manifesta sublimidade para Myriam. Via deslizarem-se a seu redor magníficas e radiantes visões douradas, que lhe falavam, com vozes sem som, de Céus ultra-estelares, donde, de instante a instante, descia a Luz sobre ela, e o Amor tomava plena posse do seu corpo. As Harpas Eternas cantavam dentro dela como se todo o seu ser fosse uma vibração com vida própria, um hino divino que, a intervalos, tomasse formas tangíveis ou se esfumasse no éter com o rumor de beijos suavíssimos, após havê-la inundado com tão sublime felicidade. Jamais chegara a sonhar com uma situação dessas, nem mesmo em seus mais gloriosos dias passados entre as Virgens de Sião.

Esta condição semi-extática de Myriam entristecia por vezes a Joseph, o qual, em sua inconsciência quanto aos excelsos desígnios da Divindade para com sua companheira, julgava-se duramente a si mesmo como indigno possuidor desse Templo Vivo de Deus, como verme audaz, que houvesse ousado aproximar-se da Virgem núbil, vinda para seu lar de artesão como um raio de lua em noite serena; qual uma taça de neve resvalada dos cumes distantes, vizinhos dos Céus, ou como uma ave-do-paraíso pousada em seu telhado...

Pobre e triste Joseph, em seu desconhecimento dos elevados destinos da esposa trazida para o seu lado pela Lei Divina! Ele ignorava que, exatamente, sua honrada probidade de homem justo tornava-o digno protetor e amparo nessa hora extraordinária e única na vida de Myriam!...

Tampouco pôde a maioria dos primeiros biógrafos desses acontecimentos interpretar devidamente a tristeza de Joseph, presumindo lhe houvessem passado pela mente alucinada sombrios e equivocados pensamentos a respeito da santidade de sua esposa. Nada disto ocorrera!

Joseph jamais pensou mal com relação à sua santa companheira; muito ao contrário, via-se, a si mesmo, demasiado imperfeito perante ela; por demais homem, junto àquela que era um anjo em forma de mulher.

Até pensou em fugir, por julgar-se indigno de permanecer mais um único dia ao lado daquela criatura celestial, que, no entanto, ele mesmo pedira para esposa nos átrios do Templo de Jehová.

Todavia, o Amor que cantava em Myriam veio cantar também, certa noite, em sonho, para o desolado Joseph, que, caindo do leito, banhado em pranto, ajoelhou-se sobre o frio pavimento da alcova, adorando os propósitos de Jehová, que o havia engajado como um meio de realizar, no plano físico terrestre, aquilo que a Eterna Vontade decretara nas alturas do seu Reino Imortal!

O infinito enlevo da sua paternidade, que, de algum modo, o assemelhava a Deus, cantou divinas melodias na alma de Joseph, a quem se descerrara o místico véu que ocultava a encarnação do Verbo de Deus no casto seio de Myriam.

Agora, tudo está compreendido e aceito!... Já a cinzenta nebulosa de dúvidas se espargiu em pó de ouro e azul, e os esposos de Nazareth esperam, felizes, o transbordamento da Luz Divina sob o teto humilde que os abriga.

As Harpas Eternas cantavam cada vez mais próximas e em tonalidades gradualmente mais solenes: "Glória a Deus nas alturas dos Céus infinitos, e paz na Terra aos homens de boa vontade!"

A Glória de Betlehem

Os dias voavam! ... Voavam como pétalas de flores que o vento leva por vales, montanhas e pradarias; e cada um desses dias era um clarão de luz fragmentado pelos inexoráveis dedos do tempo, dizendo a Myriam, com sua voz sem ruído, que se aproximava o grande acontecimento de sua Divina Maternidade.

Num entardecer de outono, ao ter uma radiante visão cor de ametista e ouro, um ente celestial cantou esta melodia jamais ouvida por ela:

> "Deus te salve, Myriam! ... Cheia de Graça! ... Bendita sejas tu entre todas as mulheres! ... e bendita n'Aquele que sairá de ti, o qual será chamado *Filho do Altíssimo!*
>
> "Aleluia, Myriam! ... Aleluia!
>
> "Canta, mulher do silêncio! Canta, porque tua glória ultrapassa todas as glórias! ... Nesta hora solene, foi estabelecido o teu caminho de estrelas pelos séculos dos séculos! ..."

A celeste voz parecia ir perdendo-se a distância, como se Aquele, de Quem surgia fosse elevando-se cada vez mais no infinito azul.

Também alguns humildes lavradores rústicos e pastores nazarenos acreditavam haver sonhado com cânticos como os das Virgens de Sião, na solenidade da Páscoa realizada no Templo de Jerusalém.

Outros transeuntes noturnos da silenciosa cidade nazarena asseguravam haver visto, ao amanhecer, como que pequenas nuvens róseas, azuladas e douradas, a descerem e subirem, indo espargir-se como filigranas de tênues fios nas cores do arco-íris sobre o teto acinzentado da casa de Joseph, o artesão. Outrossim, à boca pequena, começaram a correr versões prenhes de mistério, de enigmas e de estupor, fazendo-se os mais variados e pitorescos comentários que, ampliando-se mais e mais, chegavam ao maravilhoso. Algum poderoso mago deveria andar no meio de tudo aquilo – diziam sigilosamente.

Por seu turno, tecia a curiosidade feminina as suas frágeis teias, fruto da imaginação de espíritos sem cultura e sem lucidez. A meiga Myriam, perseguida por perguntas, ia entristecendo-se e alarmando-se por ver que sua casinha-templo era convertida em cenário de algo que aquela boa gente não conseguia compreender. Esse estado de coisas induziu Joseph a tomar a prudente e discreta medida de levar

Myriam a Betlehem, para a casa de Elcana, unido em matrimônio com Sara, a mais moça das irmãs de Ana, sua Mãe, os quais dispensavam verdadeiro culto à virtuosa e bela sobrinha.

Joseph havia tratado a viagem com a caravana de mercadores que vinha, periodicamente, desde Cesaréia de Filipe até Jerusalém, e costumava repousar junto à fonte existente nas redondezas de Nazareth.

Quando a lua cheia estava no zênite, ele e Myriam, montados sobre um camelo, acompanharam a caravana rumo ao sul. Enquanto isso, os filhos de Joseph, aos cuidados de uma parenta, continuavam acendendo o lume sob aquele mesmo teto embolorado pelos anos, e que tantas belezas havia visto passar no decorrer dos sete meses de preparação para o grande acontecimento.

– Que coisa terá acontecido na casinha do carpinteiro? – perguntavam, uns aos outros, os vizinhos nazarenos – porquanto já não se ouvem as serras nem os martelos dos operários de Joseph!

"Será que os anjos do Senhor levaram consigo ao Sétimo Céu a meiga Myriam, para, talvez, ser mãe de um novo Profeta, enviado de Jehová para fulminar os déspotas, dominadores de Israel?"

Tais interrogativas surgiam na mente sem malícia daqueles que haviam escutado afirmações de alguns clarividentes que teriam surpreendido resplendores estranhos sobre a casa de Joseph.

Porém a maior parte urdia, em torno da meiga mulher silenciosa, uma pequena trama obscura, de suposições malignas, não faltando quem anunciasse haver ela perdido a razão; que, devido a seu tenaz mutismo, uma atroz demência a teria levado, através de sombras cada vez mais espessas, até essa pavorosa treva mental que chamamos loucura.

Depois de três dias de marcha, Joseph e Myriam chegaram à cidade de David, o místico rei-pastor, que, ao som de uma lira de ouro, cantava salmos de louvor a Jehová e salmos de dor pelos seus pecados: gritos de angústia clamando piedade e misericórdia para com os seus grandes erros!

– Myriam ... filha de Ana! ... – exclamou Sara, sua tia, abraçando-a ternamente no portal da casa, e perguntou: – Que glória é esta que vem contigo, Myriam, mulher escolhida pelo Altíssimo?

E Myriam, fixando naquela mulher seus grandes olhos cheios de sonhos divinos, disse com a habitual doçura:

– Também tu, minha tia Sara, rodeias-me com milagres e enigmas? Indagas se fui eleita para ser mãe de um profeta, como todas as outras mães nesta terra do Senhor, onde tem havido tantos! É isto, acaso, o que queres dizer?

– É que Elcana, meu marido, e eu, temos tido estranhos sonhos a teu respeito, Myriam, filha de Joachim e Ana.

"Entremos, e contar-te-ei tudo junto à lareira."

Então Sara e a jovem foram sentar-se no banco próximo à lareira, enquanto Elcana e Joseph preparavam hospedagem conveniente para Myriam, que tinha vindo esperar a maternidade sob seu teto betlehemita. E disse-lhe Sara:

– Sonhamos, Elcana e eu, que te vimos de pé, no alto de um monte, nas imediações de Nazareth, e que, do teu peito, brotava um regato de águas cristalinas, o qual foi ampliando-se até formar um arroio azulado, para o qual se dirigia uma multidão de pessoas a fim de beber, porque aquelas águas maravilhosas curavam quaisquer enfermidades.

"Logo a seguir, não se via mais a ti, mas somente o arroio, a transformar-se em caudaloso rio e, depois, num mar de águas douradas e resplandecentes, que se espraiavam desde a Iduméia até Sidon(*).

"Outra vez, sonhamos que tu e Joseph entravam no Templo de Jerusalém para os ofícios da Páscoa, e que o Templo se encheu de um resplendor rosado, como se houvesse chamas cor de ametista por dentro e por fora dele. Vocês dois saíram, e a resplandecência ficou ali, causando estupor aos sacerdotes e doutores. Alumiava-os essa luz vivíssima até o fundo de suas consciências, onde encontraram seus pecados a descoberto; pelo que, envergonhados, pediam perdão e misericórdia a Jehová.

"Numa terceira ocasião, sonhamos que tu, sozinha no alto de uma montanha, dizias, num clamor que partia o coração em dois:

" 'Vós todos que passais por estes caminhos, olhai e dizei-me se há dor comparável à minha dor'."

– Oh! que estranhos sonhos são os teus, tia Sara!

Myriam, a essênia, reservada e silenciosa, discreta e prudente como todos eles, calou-se em cumprimento daquela velha lei da Ordem que determinava:

"O essênio não falará nunca de si mesmo, se não for obrigado, mas apenas em defesa da verdade."

Passaram-lhe, então, pela mente lúcida e serena, em harmonioso desfile, todas as visões, anunciações e profecias que tivera a respeito do Grande Ser que deveria chamar-lhe Mãe.

> "Myriam! ... – havia-lhe dito o mesmo Espírito-Luz, na inolvidável data em que era coroada de rosas para desposar a Joseph –, Myriam! ... a Lei Eterna do Amor Universal Me permite associar-te à missão redentora que Me trará logo à Terra."

Fora ao amanhecer daquele memorável dia que, seguindo a liturgia sagrada, a Virgem casadoura fazia, pela última vez, a oferenda de incenso e de mirra no Altar dos Perfumes, símbolo de que dedicava a Jehová o sacrifício de sua virgindade para transformar-se em esposa e mãe, outra forma de sacerdócio consagrado também pela Lei Divina, eterna conservadora da espécie humana sobre o Planeta.

E o Espírito-Luz que iria ser o seu primogênito lhe comunicara, outrossim, na íntima linguagem oculta e secreta conhecida somente pelas almas instruídas nas elevadas faculdades da psique humana:

> "Myriam! ... Minha aproximação a ti será a tua glória pelos séculos dos séculos, mas teu martírio será também tão profundo e recôndito que os homens te chamarão *Dolorosa*, e terás por símbolo um coração ... o teu próprio, atravessado por sete espadas.
>
> "Myriam! ... o Apóstolo da Redenção arrasta atrás de Si a dor, o opróbrio e o anátema da inconsciente Humanidade, enquanto lhe traz a divina mensagem. Essa dor alcança todos aqueles que, quanto mais próximos se encontram, mais compartilham da divina carga de Luz e de Sabedoria, da qual Aquele é portador.

(*) Iduméia: Região que compreende o sul da Judéia e uma parte do norte da Arábia Pétrea. Sidon: Cidade da Fenícia, hoje chamada "Saida" (Líbano) (N.T.)

"Como Paladinos da Verdade, da Sabedoria e do Amor, chegamos à imolação, e quem mais aproximar-se de Nós, mais duramente será imolado.

"Myriam! ... neste incenso e nesta mirra, que estás queimando sobre o altar coberto pelas tuas flores brancas de laranjeira, chega até Mim a heróica aceitação de tua alma para ser a mais íntima aliada na missão redentora que Me traz a teu lado. Sê bendita para todo o sempre, mulher divinizada pelo Amor, pelo Sacrifício e pela Maternidade!"

Sua tia Sara, simples e virtuosa betlehemita, via Myriam absorta em seus pensamentos, e parecia-lhe que, pela sua face cor-de-rosa e de marfim, cruzavam-se reflexos da claridade interior que sempre a iluminava.

Enquanto no plano físico se desenvolviam assim os acontecimentos, preparavam-se, também, no mundo sideral movimentos insólitos.

Os dois maiores planetas do nosso sistema, Júpiter e Saturno, aproximavam-se lentamente, com a soberana majestade de astros de primeira grandeza, para unir-se em conjunção magnífica, como se esse assombroso himeneu sideral devesse repercutir neste outro himeneu do plano terrestre, entre a Divindade e a natureza humana, cujo fruto estava em gestação no seio de Myriam, a meiga mulher, harpa viva da Eterna Lei.

Júpiter e Saturno prosseguiam sua caminhada nupcial através dos espaços infinitos, tendo por cortesãos e espectadores os milhares de estrelas e de sóis deste Universo visível da Terra.

Corria o ano 747 da fundação de Roma, correspondente ao ano 8967 do início da Civilização Adâmica, únicas datas precisas e de possível comprovação que estamos capacitados a mencionar para orientação dos estudiosos.

Ambos os planetas se dirigiam para os domínios zodiacais de Peixes, signo este estreitamente vinculado, naquele tempo, aos destinos do grande povo seguidor de Moisés.

A Terra da Promissão, outorgada por ele à raça de Israel, entre o mar e o rio Jordão, parecia exercer estranha atração sobre os dois radiantes viajores celestes, pressurosos para celebrarem seu imponente himeneu justamente no campo sideral que constituía patrimônio seu.

Os sábios e os estudiosos das grandes Fraternidades Ocultistas acompanhavam com estático olhar aquela grandiosa marcha estelar que, há séculos, sabiam estar destinada a marcar a hora precisa da aparição do Homem-Deus sobre o Planeta.

Aonde iriam unir-se os dois reluzentes viajantes? Em qual dos doze palácios zodiacais estaria a grandiosa câmara nupcial dos amantes celestes?

Por isso é que o olhar dos sábios penetrava nos abismos do espaço, à procura da Grande Verdade!

– PEIXES! ... – gritaram todos à uma, quando viram dar-se ali o abraço supremo, enquanto o solstício de inverno cobria de neve a Terra da Promissão vislumbrada por Moisés. De outra parte, no éter azul, o vermelho Marte corria também pressuroso até aquela constelação para cobrir, com a púrpura de seus véus flutuantes, o resplandecente himeneu de Júpiter e Saturno.

A reunião dos três planetas era a eterna clarinada que marcava a hora exata, precisa, inexorável, em que o Homem-Deus abria Seus olhos humanos à vida física sobre o globo terrestre para a posterior imolação, que haveria de coroar Sua gloriosa e grande carreira de Messias-Instrutor de humanidades.

Das grandes Escolas de Divina Sabedoria, saíram em viagem peregrinos audazes para a Terra Bendita, onde acabara de nascer o Filho de Deus, em carne humana!

Seis séculos antes, Isaías, um dos maiores videntes de Israel, havia cantado o seguinte verso ao som de sua harpa de cordas de bronze, cujas vibrações estremeciam as almas:

"E tu, Betlehem de Judá, és pequena em tamanho, porém grande entre as cidades de Israel, porque de ti nascerá o Salvador dos homens."

Naquela noite – a sétima do solstício de inverno – permaneciam muitos em vigília para contemplar o grandioso espetáculo anunciado pelos astrônomos assírios e caldeus, alguns dos quais temiam mesmo um cataclisma estelar que produzisse a desagregação de vários mundos, inclusive a Terra. Também velavam os pastores betlehemitas, que, na simplicidade de seus costumes, dirigiam fervorosas preces a Jehová, suplicando-Lhe misericórdia. Os mais sensitivos dentre eles captaram a onda de harmonia divina, emanada das Grandes Inteligências que aprestavam a entrada do Homem-Deus no plano físico: onda radiante de luz e de glória que vertia sobre o Planeta, como uma cascata musical, o inolvidável cântico do Amor e da Paz:

"GLÓRIA A DEUS NO MAIS ALTO DOS CÉUS, E PAZ, NA TERRA, AOS HOMENS DE BOA VONTADE!"

Myriam, Joseph, Sara e Elcana, únicos seres humanos que presenciaram o advento do Verbo de Deus, caíram em transe extático, pela força vibratória do Grande Espírito que tomava posse de Sua matéria para uma vida terrestre.

Os fluidos sutis e penetrantes das puríssimas Inteligências que apadrinhavam a conjunção planetária já de nós conhecida não puderam ser suportados pela débil matéria física dos quatro seres presentes, tão próximos se achavam do acontecimento.

Joseph e Elcana afastaram mais prontamente o torpor suavíssimo e profundo que os invadira, o qual, inconscientemente, eles qualificaram como sono letárgico produzido pelo excesso de incenso e mirra que eram queimados nas brasas de um piveteiro. Foram despertar Sara porque o recém-nascido choramingava baixinho, deitado, qual querubim de rosa e nácar, na brancura do leito da mãe, ainda submersa nas brumas radiantes da hipnose.

Sara! mulher humilde e boa ... foram tuas mãos laboriosas que primeiro tocaram o sagrado corpo de Cristo recém-nascido, e seriam também as últimas a perfumar Seu cadáver, 33 anos depois, quando Myriam, mergulhada em profundo e doloroso desmaio, caía sobre o peito de Magdalena enlouquecida, ao ser descido da cruz o sagrado corpo para o sepultamento!

Sara! laboriosa e abnegada mulher, ignorada em tua grandeza silenciosa e obscura perante os homens, que buscas o Alto pelos caminhos solitários e esquecidos, onde brotam pequenas flores que ninguém cobiça nem busca nem ambiciona; pequenos caminhos familiares que muito poucos vêem e, menos ainda, valorizam e compreendem! ...

Mas ninguém apagará de tuas mãos o sagrado florão de ouro estampado nelas pelo divino contato do corpinho recém-nascido do Filho de Deus!

Três essênios de idade madura, cujas moradas se erguiam nos subúrbios de Betlehem, na direção do Oriente, velavam em torno da fogueira acesa junto a uma grande janela, que lhes permitia contemplar o espetáculo grandioso – talvez ameaçador – da união dos dois grandes planetas no infinito azul.

Os três chefes de família, Alfeu, Josias e Eleazar, estavam reunidos na casa deste último, pelo fato de que, tendo família numerosa, incluindo seus idosos pais, necessitaria ele ser ajudado no temido caso de um cataclisma sideral reduzir-lhe a vivenda a escombros.

Alfeu e Josias, ambos viúvos, tinham consigo somente o guardião de seu gado. As esposas haviam falecido, e os filhos, já casados, formavam famílias à parte. Eis que, quando a conjunção planetária se achava perfeita, viram eles que, interceptando a luz dos dois amantes siderais, umas nuvenzinhas de púrpura e de neve, em azul e ouro, pareciam aproximar-se, em vôo sereno e majestoso, até poderem distinguir-se claramente formas humanas como que pintadas sobre o azul do céu por mão de algum artista. Dir-se-ia estarem elas sustendo alaúdes e cítaras, a desferir uma harmonia distante ... mui distante e debilmente perceptível.

Os três essênios – todo olhos e ouvidos – sugeriam três figuras de argila recortadas na janela, ouvindo e olhando sem conseguir mover-se.

Aquelas radiantes formas humanas eram de tal sutileza que, por instantes, se dissolviam na penumbra azul da noite, causando a impressão de voar para a adormecida cidade de Betlehem, cujos tetos cobertos de neve, como as copas das árvores centenárias que os rodeavam, assemelhavam-se, ao longe, a uma colossal manada de elefantes brancos, entregues ao repouso noturno.

Uma ou outra luz, partindo de alguma ogiva de observação, cortava de intervalo a intervalo a branca monotonia da cidade entorpecida sob a neve.

Alfeu e Josias, por já estarem livres dos laços de suas famílias, freqüentavam mais assiduamente os ocultos templos essênios das montanhas. Tinham, por isso, bem desenvolvida a faculdade da clarividência e puderam perceber, com alguma nitidez, que as formosas figuras radiantes flutuavam sobre a casa de Elcana, o tecelão, em cujo interior se vislumbrava a dourada claridade da fogueira acesa.

– Os Mestres – disse Josias – estão anunciando-nos a chegada de um Redentor, acontecimento que seria precedido de extraordinárias manifestações, nos Céus, e talvez seja este o momento.

Andando depois pela cidade, em seu lado oriental onde se achava a casa de Elcana, presenciaram que, por lá, as esplendorosas visões desapareciam ou se dissipavam.

– Mas, como pode Ele ter nascido ali – acrescentou Alfeu – se Elcana vive sozinho com sua mulher e somente tiveram um filho que, aliás, já é casado e vive em Sebaste?

Rondando, a seguir, em torno da silenciosa e tranqüila morada do tecelão, puseram-se à escuta.

Era o preciso instante em que Elcana e Joseph sacudiam o torpor hipnótico produzido pela aproximação das Inteligências Superiores. Foi quando os três ansiosos observadores externos escutaram a voz de Elcana:

– Sara! ... Sara! ... desperta, que o menino já nasceu e começa a chorar.

Chamando baixinho junto à porta da oficina, contígua à alcova, disseram do lado de fora:

– Elcana, essênios chamam à tua porta. Abre para nós, por favor!

A hospitalidade é uma das grandes leis dos essênios, e Elcana abriu-lhes a porta.

– Que é que se passa em tua casa, que todas as luzes dos Céus descem sobre ela? – perguntaram os visitantes.

– Luzes, dizeis? Estávamos velando, mas havíamos adormecido, quando fomos despertados pelos vagidos do menino – respondeu o interpelado.

– Mas, de que menino falas? ... Acaso é da tua mulher? ...

– Não, mas de Myriam, nossa sobrinha, que veio de Nazareth para esperar aqui o nascimento do seu filho.

– Elcana! ... – disse-lhe Josias – já sabes que os Anciãos anunciaram a vinda de um Grande Profeta sobre Israel. Por acaso, não será este?

– Entrai, e falaremos. – Os três visitantes ouviram dos lábios de Elcana, o tecelão, a narrativa dos sonhos que ele e Sara haviam tido, referentes ao filho de Myriam e de Joseph, que acabava de nascer.

– Não há dúvida de que é Ele! ... – afirmaram todos a uma só voz, e sua convicção foi maior quando Elcana informou tudo o que ouvira sobre Myriam através de Joseph, seu esposo, com relação à virtude e ao silêncio da meiga mulher, cuja vida parecia uma contínua contemplação interior, mesmo no meio dos penosos afazeres do lar.

Pouco depois, foram conduzidos à alcova de Myriam que, sentada no leito, tinha no regaço seu formoso recém-nascido.

Aqueles homens rudes, essênios com almas radiantes de fé e de esperança, caíram de joelhos para, assim, beijar as delicadas mãozinhas daquele querubim de rosa e nácar, que dormia em profunda quietude.

Joseph chorava de felicidade. Essênios todos eles, podiam avaliar com exatidão o que significava, para os ditosos pais, verem seu lar abençoado pelo nascimento de um Enviado de Deus.

Myriam, mulher da doçura e do silêncio, olhava para todos e para seu menino. E, sempre calada, abismou-se novamente na sua contemplação interior.

Por fim, rompeu o silêncio da meditação de todos:

– Parece que meu filhinho diz no mais íntimo de minha alma: "Cantai um hino de ação de graças, porque foi cumprida a Vontade do Altíssimo."

Então aqueles sete humildes essênios cantaram, em coro, alguns fragmentos dos salmos de louvor e gratidão por ter o Salvador dos Homens descido à Terra.

Retirando-se da alcova de Myriam, para deixá-la repousar, os cinco homens, juntamente com Sara, reuniram-se em torno da lareira que ardia em alegres labaredas. Sara, cheia de solicitude e possuída de santo entusiasmo, apanhou a taça das libações sagradas, usada nos ritos essênios, como era costume em ocasiões de grandes acontecimentos de ordem espiritual. A taça era o que nós chamaríamos de pequeno jarro, de asa dupla, e devia ser de ouro, pedra ou argila, conforme permitisse a situação financeira de cada família. Elcana pertencia à classe média, pelo que sua taça era de mármore branco. Este último, como chefe da família, tomou a taça das mãos de Sara, sua esposa, enquanto ela colocava mantos brancos sobre os ombros de todos, símbolo de que grande pureza devia cobri-los naqueles momentos solenes (*).

Todos de pé, em torno da lareira, cruzaram as mãos sobre o peito e inclinaram as frontes em adoração ao Supremo, ante o qual reconheciam seus pecados, num ato de sincero arrependimento. E Elcana, o chefe da casa, recitou as frases do ritual:

"O Altíssimo acolheu nossa confissão e nosso arrependimento.

"Que Sua Misericórdia derrame sobre nós as águas divinas que lavam os pecados dos homens.

"Que Seu Amor Eterno nos abra as portas de Seu Templo de Sabedoria.

(*) Os informes dessas testemunhas oculares dos acontecimentos do amanhecer do Cristo sobre a Terra serviram como argumentos dignos de fé aos primeiros biógrafos, entre os quais podemos mencionar dois, cujos nomes, como grandes amigos do Salvador, passaram para a posteridade: José de Arimathéia e Nicodemos de Nicópolis.

"E que este suco da videira, que bebemos juntos na noite da encarnação do Avatara Divino (*), seja saúde e bênção, santidade e justiça para todos os dias da nossa vida."

A seguir, a branca taça das libações sagradas correu por todas as mãos, no mais austero silêncio. Quando todos já tinham bebido, Elcana esvaziou sobre as ardentes chamas da lareira o restante do licor que ficara no fundo da taça, enquanto dizia:

"Que a lareira do essênio arda sempre para dar luz e calor a todos os que chegarem à sua porta."

Terminado o ritual religioso, começaram as confidências íntimas sobre o feliz acontecimento que os reunia, nessa noite, em torno do fogo agasalhador de Elcana.

Todos pressionaram Joseph para que lhes revelasse, até o mínimo, tudo quanto observara em Myriam desde que a retirara do Templo no dia das núpcias.

À medida que se desenrolava a narração, iam todos chegando à plena convicção de que o menino recém-nascido não era um simples Profeta de Jehová, mas, sim, o Avatara Divino, ou seja, a encarnação do Filho do Altíssimo, esperado há séculos pelos seus mestres essênios.

Ato contínuo, Alfeu, Josias e Elcana tomaram a resolução de partir no dia seguinte para as montanhas do Mar Morto, onde, ocultos em profundas criptas, viviam entregues ao estudo, à oração e ao trabalho, os setenta Anciãos Essênios que formavam o Conselho Supremo da Fraternidade. Nem Eleazar nem Joseph podiam acompanhá-los, em virtude dos sagrados deveres que mantinham ambos junto às suas respectivas famílias.

Quando os viajantes já empunhavam os cajados e ajustavam as correias para empreender a viagem, a previdente Sara entregou a cada um deles uma sacola com pão e frutas secas, pois a aridez daquelas montanhas escabrosas ameaçava com a fome a todos aqueles que se aventurassem por elas sem uma boa provisão.

Eleazar correu para sua casinha nos arredores de Betlehem, a fim de participar aos seus o grande acontecimento. Seus velhos pais, sua mulher e seus filhos dirigiram-se pressurosos à casa de Elcana, o tecelão, para oferecer a Myriam e a seu divino filhinho tudo quanto possuíam. Prestaram, com isto, real comprovação aos tocantes relatos que a mais antiga tradição conservou relativamente aos singelos dons dos pastores betlehemitas, primeiros conhecedores do sublime mistério do Avatara Divino feito homem sobre a Terra.

A auspiciosa notícia circulou sob rigoroso sigilo por todas as famílias essênias de Betlehem. Viu-se, então, a modesta vivenda de Elcana visitada por uma imensa e ininterrupta peregrinação de todas as comarcas vizinhas.

Aqueles que não conheciam o segredo diziam apenas:

– Como se vê, Jehová abençoou as mãos de Elcana e de Sara, sua mulher, cujos primorosos tecidos de lã atraem pessoas de todos os povoados dos arredores.

Quanto aos carinhosos e taciturnos essênios, calavam-se, porque tal era o conselho dos Mestres para não se produzir alarma entre os governantes romanos ou judeus, que poderiam suspeitar um perigo próximo da parte do Grande Ser que havia descido ao seio do povo de Israel.

(*) Avatar ou avatara (sânscrito): "Enviado Divino"; de "ava" (baixo) e "tri" (passar). A tradução literal seria: "Descido da Divindade ao corpo físico" (N.T.).

Os Essênios

Sigamos os três viajantes, Alfeu, Josias e Elcana, a caminho de En-gedi (*), na margem ocidental do Mar Morto, onde existia um antigo e escondido Santuário Essênio, residência de alguns Solitários, espécie de delegados de confiança do Supremo Conselho, a fim de facilitar aos Irmãos da Judéia seu comparecimento às assembléias em dias especiais. Outrossim, existiam tais Santuários, respectivamente, no Monte Ebat, para os da Samaria; no Carmelo e no Tabor, para os galileus; e, no Hermon, para os da Síria.

O Grande Conselho dos Setenta Anciãos, dirigentes da Fraternidade Essênia, tinha sua residência habitual nos Montes de Moab, na margem oriental do Mar Morto, local aonde não mais chegavam seres humanos, senão uma vez por ano, para poderem ser elevados a um novo grau ou para serem analisadas as provas relativas aos diversos graus. As consultas mais simples eram atendidas pelos Essênios dos pequenos Santuários, dos quais já se fez menção.

Era En-gedi uma aldeia antiga, de aspecto sombrio, em vista de oferecer aquela região salitrosa e árida pouquíssimos encantos aos viajantes.

Entre as últimas casas, em direção ao oriente, encontrava-se a vivenda de dois robustos jovens que, com sua idosa mãe, viviam da fabricação de manteiga e queijo, porquanto possuíam grande manada de cabras. Dedicavam-se também ao comércio de lenha, que transportavam no lombo de asnos para as localidades vizinhas.

A referida casa era conhecida de todos pelo nome de *Granja de Andrés*. Andrés havia sido o chefe da família, mas já não vivia há muitos anos.

Foi à porta dessa vivenda que bateram nossos viajantes, ao anoitecer do primeiro dia após sua partida de Betlehem.

Abriu-se um pequeno postigo no alto da porta, e por ele introduziu Elcana a mão, fazendo com ele o sinal de reconhecimento dos Essênios, ao mesmo tempo que dizia as palavras do santo-e-senha: *Voz do Silêncio*. O sinal era a mão fechada com o indicador levantado para o alto.

A porta foi aberta imediatamente, e os viajantes, tiritando de frio, sacudiram a neve de suas grossas calças de pele de camelo e aproximaram-se, em seguida, da fogueira, que ardia em vermelhas labaredas.

Uma anciã de semblante nobre assava pão, e várias marmitas fumegavam junto ao fogo.

Tão logo retiraram os pesados gorros de pele que lhes cobriam grande parte do rosto, foram os três reconhecidos pela família de Andrés, pois costumavam fazer essa mesma viagem uma vez por ano.

– Grandes novidades deveis ter para chegar num dia de um frio tão rigoroso, quando nem as corujas saem de seus esconderijos – observou Jacobo, o mais idoso dos jovens.

– Grandes notícias, sim! – exclamou Elcana – mas, por favor, deixai-nos ir à presença dos Solitários.

– Sim, mas somente depois de haverdes ceado conosco – observou a anciã, cujo nome era Bethsabé.

– Assim dareis tempo para que os Anciãos terminem também sua ceia, que é justamente nesta mesma hora – acrescentou Jacobo.

(*) Hoje, "Engadi". Em hebr. significa "Fonte do cabrito" (N.T.).

– Bem, Irmãos, aceitamos o vosso oferecimento – responderam os viajores.

Ato contínuo, aqueles seis modestos personagens se sentaram ao redor da singela mesa da Granja de Andrés, o lenhador, que, durante toda a sua vida passada naquela cabana servira de porteiro na entrada subterrânea que levava ao Templo dos Essênios. Essa humilde tarefa continuava sendo cumprida pela viúva e por seus filhos, também por toda a vida. Entre os Essênios, missões desta natureza denotam o caráter de honrosa investidura espiritual, que passava de pais para filhos, como sagrada herança a que tinham direito até a quarta geração.

A comida frugal (leite de cabra com castanhas assadas, figos secos, queijo com mel) terminou logo, e Jacobo, acendendo na lareira um pavio encerado que lhe servia de tocha, disse:

– Estou à vossa disposição.

– Vamos – responderam os três viajantes.

– Ide com Deus, e até amanhã – disseram ao mesmo tempo a mãe e o filho mais novo, jovem de dezessete anos, a quem chamavam Bartolomeu.

Precedidos por Jacobo, passaram os três viajantes da cozinha para um palheiro, no extremo do qual se encontrava o amplo estábulo das cabras. Atrás de uma enorme pilha de feno seco e dando voltas por entre sacos de trigo e de legumes, Jacobo removeu uma placa de pedra, idêntica às que formavam a parede, e um buraco negro apareceu à vista.

Tratava-se de uma pequena plataforma, onde começava uma escada lavrada na rocha viva que subia até dez degraus. No fim deles encontrava-se uma pequena porta de ferro que apenas dava passagem ao corpo de um homem. Do interior da porta aparecia a ponta de uma corda. Jacobo puxou por ela, e, muito ao longe, ouviu-se o toque de um sino, que ressoou suavemente. Poucos instantes depois, abriu-se um pequeno postigo que existia naquela porta, e, com a luz de sua tocha, Jacobo iluminou o branco rosto de um Ancião que perscrutava o exterior, ao mesmo tempo que lhe dizia:

– Voz do Silêncio! Irmãos essênios trazem grandes notícias e pedem licença para falar com os Anciãos.

Vendo o rosto de Jacobo, o Solitário sorriu bondosamente.

– Bem, bem ... esperai uns minutos.

A pequena porta girou pesadamente depois de um breve instante, e os três viajantes passaram para uma habitação baixa e irregular, de cujo teto pendia uma lâmpada de azeite.

Sete Essênios de idade madura esperavam sentados no estrado de pedra que circundava a sala.

– Por esta noite, os viajantes ficam aqui – disse o essênio-porteiro a Jacobo. – Volta para dormir e vem estar com eles amanhã, antes do meio-dia.

E o jovem retirou-se.

Uma fogueira, acesa recentemente, brilhava num ângulo da habitação, e uma grossa esteira de fibra vegetal e algumas peles de ovelha davam ao rústico recinto um aspecto confortável.

Os viajores, em profundo silêncio, sentaram-se sobre uns tamboretes defronte ao estrado.

– Que a Divina Sabedoria ilumine as vossas mentes e que a Verdade mova a vossa língua. Falai.

Estas solenes palavras foram pronunciadas pelo Ancião que ocupava o lugar central.

– Assim seja! – responderam os três viajantes.

Em seguida, Elcana mencionou tudo quanto o leitor conhece, desde os sonhos dele e de sua esposa, a chegada de Myriam e Joseph à sua casa, e tudo quanto ali havia ocorrido. Quando terminou, Josias e Alfeu relataram, por sua vez, o que haviam visto enquanto observavam a conjunção dos grandes planetas.

De uma cavidade em forma de armário, cuja pequena porta era uma pedra corrediça, um dos Anciãos extraiu um rolo de telas enceradas, bem como tabuletas de madeira e de argila, e, no mais profundo silêncio, os sete Anciãos começaram a examinar aquelas escrituras.

– Em verdade, Irmãos, vossa notícia é de transcendental importância – disse, por fim, o *Ancião-Servidor*, como eles denominavam o chefe ou maioral da casa.

– O tempo era chegado, e a conjunção sideral marcou o instante supremo daquela noite memorável em que a constelação de "Piscis" perfilhou o país de Israel – acrescentou outro dos Anciãos.

– Esse acontecimento foi comprovado por todos nós – observou um terceiro – e já os Setenta esperavam, de um momento para outro, esta notícia que trazeis.

– De quanto tempo dispondes para esta missão? – perguntou o Servidor.

– Daquele que determinardes – responderam os três viajantes a uma vez.

– O sacrifício que haveis realizado nesta cruel noite de neve, assim como a vontade firme e a adesão mais forte à nossa Fraternidade, bem merecem, segundo julgo, uma compensação espiritual da nossa parte. De que grau sois na Ordem?

– Faz seis anos que entramos no primeiro, cujos deveres são *a hospitalidade e o silêncio*, e, no meu pensar, creio havê-los cumprido com regularidade – respondeu Elcana.

– Eu – disse Josias – faltei somente uma vez com a hospitalidade, quando se apresentou à minha porta um prisioneiro da Torre Antônia, que era procurado pela justiça, com o mandado de ser entregue vivo ou morto. Dei-lhe pão e frutas e pedi que se fosse, para que eu não me visse obrigado a entregá-lo. Nessa época, ainda vivia minha esposa, e nossa filha não era casada. Julguei que minha vida fosse muito necessária para elas.

– Irmão, não pecaste perante Deus nem perante a Fraternidade, que jamais obrigam a sacrificar os seus pelos demais. Outra haveria sido a situação, se estivesses sozinho no mundo.

– E eu – mencionou Alfeu – faltei ao silêncio regulamentar num caso em que não fui capaz de me dominar. Houve briga entre dois pastores por minha causa, e, se não fosse a minha intervenção e a de outros vizinhos, teríamos que lamentar uma morte.

"Vinha eu observando, desde algum tempo, que um pastor tirava o leite das cabras de cria de seu vizinho, e os cabritinhos deste iam enfraquecendo e morrendo na época do frio. O infeliz pastor queixava-se de sua má sorte e afirmava ser uma injustiça de Deus que somente seus cabritinhos estivessem fracos e raquíticos, quando ele tanto se esforçava para cuidar de suas mães.

"Como já passara mais de um ano que me esforçava para guardar silêncio, um dia não pude mais e disse ao pastor prejudicado: 'Vem e olha de meu celeiro.' Dali, ele mesmo viu o que eu estivera observando havia mais de um ano. Ocorreu então o drama em cujo desfecho o mau vizinho foi condenado a indenizar os danos causados, com a ameaça de ser expulso da região, se viesse a repetir o caso."

– Nem tu, Irmão, pecaste contra Deus ou contra a nossa Fraternidade, porque havia dano contra um terceiro, o qual tinha esposa e filhos para sustentar; pois, de outra forma, todos eles padeceriam miséria e fome, se aquela situação se prolongasse

indefinidamente. Falar quando é justo não é pecado. Falar sem necessidade nem utilidade para ninguém é o que está proibido pela nossa lei.

"Como, neste Santuário, estamos autorizados a realizar a exaltação até ao terceiro grau, passemos para o recinto sagrado, onde recebereis do Altíssimo a dádiva que acabastes de conquistar."

O essênio-porteiro, que era um dos sete membros daquele pequeno Conselho, aproximou-se dos viajantes entregando-lhes três lenços de finíssimo linho. Rapidamente, os três vendaram os seus olhos. Então, o Servidor apagou a lâmpada de azeite, cobriu a fogueira com uma campânula de argila e, na mais profunda escuridão, ouviu-se o correr de uma pedra da muralha, seguido logo pelo rangido de uma porta que se abria.

Depois disso, os três viajantes, de mãos dadas e conduzidos pelo porteiro, andaram uns vinte passos por um pavimento liso e coberto de suave areia fina, no fim do qual perceberam outra porta que se abriu e por ela penetraram num ambiente aquecido e perfumado de incenso.

O Servidor retirou-lhes as vendas, e os três caíram de joelhos, pronunciando, cada um, as palavras do ritual, enquanto se inclinavam para beijar as pedras do pavimento:

"Sê bendito pelos séculos dos séculos, ó Santo dos Santos, Deus Misericordioso que me permitiste entrar neste sagrado recinto onde se ouve Tua Voz."

Em seguida, três Essênios os cobriram com o manto branco das consagrações e os aproximaram do grande candelabro de sete círios, dos quais apenas um estava aceso: o que correspondia ao primeiro grau, que eles possuíam.

Logo depois, foi descerrada a espessa cortina branca, que pendia desde o teto e se achava por detrás da lâmpada. Surgiram, então, sete grandes livros abertos sobre um altar de pedra branca. Em cima de cada um deles, apareciam, escritos em letras de bronze, os nomes dos grandes Mestres Essênios desaparecidos: Elias, Eliseu, Isaías, Samuel, Jonas, Jeremias e Ezequiel.

Acima dos sete livros se achava, talhada em pedra, uma cópia das Tábuas da Lei Eterna, gravada por Moisés, cujo original estava em poder dos Setenta, no Santuário dos Montes de Moab. Os repetidos cativeiros do povo hebreu e as devastações dos Santuários de Silos, de Bethel e de Jerusalém obrigaram os discípulos de Essen a salvaguardar aquele sagrado espólio de Moisés nas profundas cavernas dos mencionados montes.

Suspensa no teto, iluminando as Tábuas da Lei, resplandecia uma estrela de prata, cujas cinco pontas eram lamparinas de azeite que ardiam sem apagar-se jamais. Era o Símbolo Sagrado da grande Fraternidade Essênia, cujo significado oculto era: "A Luz Divina que iluminou a Moisés no Monte Horeb e no Sinai, onde surgiu a Lei que permanece até hoje, como bússola eterna desta Humanidade."

Nos sete enormes livros de tecido encerado, estavam consignados a vida, os ensinamentos, as profecias e as clarividências de cada um daqueles seres venerados como Mestres da Fraternidade Essênia.

Ressoaram as cítaras dos Essênios. Todos estavam cobertos com mantos brancos.

O Servidor prendeu na própria fronte, por meio de uma fitinha de seda azul, uma estrela de prata, de cinco pontas, simbolizando a Luz Divina que ele implorava sobre si, ao fazer a consagração dos três Irmãos, vindos ao Santuário no intuito de se aproximarem mais da Divindade.

Dos piveteiros colocados diante do altar dos sete livros dos Profetas evolavam para o alto espirais de incenso.

Com vozes austeras e graves, cantaram em coro o salmo chamado "*Miserere*".

Pediam, a uma só voz e ao som de suas cítaras e alaúdes, o perdão de seus pecados e a misericórdia divina sobre todos os homens da Terra.

Terminando o aflitivo salmo – profunda lamentação da alma humana que reconhece seus erros e deles se arrepende – o Servidor destampou uma pilastra cheia de água, a qual se achava à direita da grande lâmpada dos sete círios, e convidou os que iam ser consagrados no segundo grau da Fraternidade a submergirem as mãos, até o cotovelo, na referida água.

Era a *ablução das mãos*, rito que iniciava a entrada no segundo grau, assim como a *ablução da face* significava a iniciação no primeiro, pelo qual já tinham passado. Aquelas águas, fortemente vitalizadas por setenta dias de transfusões de elevadas e puras energias, produziam suave e dulcíssima corrente em todos que nelas submergissem as mãos. Estas secavam, depois, sem nenhum contato de qualquer tecido.

Levados ante a grande lâmpada, o Servidor pronunciou as palavras da consagração:

"Deus Todo-Poderoso, que vitalizastes com Vossa Energia Divina as mãos destes servos para que trabalhem em favor de seus irmãos desamparados e indigentes, escutai o voto sagrado, que Vos fazem, de trabalhar duas horas a mais todos os dias, para sustentar os leprosos, paralíticos e enfermos que cruzarem os seus caminhos."

Os consagrados diziam, cada um de per si:

"Ante Deus Criador de tudo quanto existe, faço voto solene de aumentar em duas as minhas horas de trabalho, para sustentar os leprosos, paralíticos e órfãos que cruzarem o meu caminho."

Então, um Essênio acendeu o segundo círio da grande lâmpada sagrada.
Pondo suas mãos sobre a cabeça de cada um, o Servidor disse:

"Se a tua vida é conforme a Lei, as energias benéficas que tuas mãos absorvem neste dia servir-te-ão para aliviar as dores físicas de nossos Irmãos."

Em seguida, os recém-consagrados aproximaram-se do grande altar dos sete livros e, lançando incenso nos queimadouros, fizeram uma invocação a seus grandes Profetas, enquanto pronunciavam os nomes destes, mais com a alma do que com os lábios. Ocorria sempre que algum dos sete Profetas aparecia em estado espiritual, mais ou menos visível e tangível, conforme fosse a força vibratória que a evocação tivera.

Desta vez, apareceu o meigo Samuel, que aconselhou o desprendimento e a generosidade para com todos os seus semelhantes, impedidos, de uma forma ou de outra, de procurarem o sustento.

"É o segundo grau da Fraternidade Essênia – disse a voz sem ruído da aparição espiritual – e sete anos passareis praticando-o, sem nenhuma circunstância especial e favorável a vós mesmos, não sendo permitido aos Anciãos abreviar o tempo de vossa prova.

"Pelo fato de haverdes realizado o esforço de vir anunciar o Nascimento do Verbo de Deus, a Divina Lei permitir-vos-á segui-LO de perto, durante toda a Sua vida e também de acompanhá-LO até a morte.

"Do mundo espiritual, os Mestres Essênios vos abençoam em vossos trabalhos, em vossas famílias, em vossos gados, em vossos campos, na água de vossas fontes e no fogo de vossas lareiras."

Os três caíram de joelhos ante o grande altar de pedra, e suas lágrimas emotivas e suavíssimas correram até molhar as pedras do pavimento.

Tão profunda havia sido sua emoção que não conseguiam mover-se, sendo necessário que o essênio-porteiro os tocasse nos ombros, ao mesmo tempo que apresentava os lenços para que vendassem os olhos. Os outros Anciãos desapareceram por detrás da pesada cortina branca, que tornou a baixar, e os três viajantes foram reconduzidos, pelo mesmo caminho, até aquela sala em que haviam sido recebidos primeiramente.

A noite já estava muito avançada. Foi acesa novamente a fogueira, e o Essênio preparou-lhes, com peles, confortáveis camas sobre o estrado. Deixou pão, frutas, queijo, vinho, e desapareceu em seguida, sem fazer nenhum ruído. Um grande silêncio anunciou que já estavam a sós e, retirando as vendas, abraçaram-se mutuamente como que numa explosão de amor fraterno.

O leitor pode procurar imaginar os comentários dos três viajantes; todavia, por muito que sua imaginação se esforce, ficará sempre aquém da realidade.

Caracterizava-se a época por um exaltado sentimento religioso no povo de Israel, designado, naquela hora, para receber a última encarnação do Avatara Divino sobre a Terra. A corrente de fé e de amor, emanada dos templos essênios escondidos entre áridas montanhas, fazia muitas almas manterem-se no mesmo alto grau de vibrações que o irradiado pelas Inteligências Superiores. Era isto necessário para que se tornasse possível a conjunção perfeita entre a sutilidade extrema do Verbo de Deus e a natureza física, de modo que esta viesse a servir de veículo para a referida manifestação divina.

Tanto os Essênios como os Dácktylos do tempo de Antúlio, e os Kobdas do tempo de Abel, cumpriram admiravelmente sua incumbência de precursores do Filho de Deus. João, o Batista, não foi nada menos que o eco impressionante da grande voz da Fraternidade Essênia, que falava à humanidade da Palestina, como a mais imediata ao nascimento do Homem-Luz naquele rincão da Terra.

Não é, pois, de estranhar que nossos três humildes personagens se manifestassem possuídos de tão extraordinário fervor religioso, que os tornava capazes de grandes sacrifícios e inauditos esforços.

Os seres sensitivos e regularmente evolvidos a tal ponto se identificam e harmonizam com as correntes espirituais elevadas, ativas em determinadas épocas propícias que, por vezes, dão grandes vôos, muito embora, mais tarde, estacionem no progresso alcançado, quando períodos de vibrações adversas pesam enormemente sobre eles.

A história do rei David e a de todos esses grandes arrependidos – que fizeram de suas vidas um holocausto de expiação e penitência, quando sua consciência foi despertada e lhes acusou os pecados – são um exemplo da asserção que fazemos com o fim de que os leitores não se vejam atormentados por dúvidas referentes aos avanços progressivos das almas. Se o próprio Cristo Se viu submetido a tão formidáveis lutas com as pesadas correntes, que, em dados momentos, o molestavam, não obstante a altura espiritual e moral em que Se achava, não são de estranhar as quedas e as deficiências daqueles que estamos seguindo a tamanha distância.

Na metade da manhã seguinte, Jacobo, o filho de Andrés, chamou à porta da sala de hospedagem, onde se encontravam os viajantes. Abrindo eles mesmos a pequena porta de ferro, saíram e foram seguindo o jovem, ao mesmo tempo que procuraram ver se aparecia algum Essênio para se despedirem dele.

Mas os homens do silêncio não disseram nem uma só palavra, além das que haviam dito em cumprimento do seu dever. Levaram consigo, conforme o hábito, os três lenços de linho com os quais tinham vendado os olhos antes de entrar no Santuário, única prova que lhes restava de que tudo quanto ocorrera naquela noite não fora sonho nem alucinação.

– Temos já dois panos como estes – mencionou Elcana, enquanto dobrava cuidadosamente o seu e o guardava sobre o peito, debaixo do grosso casaco de pele.

– Que Deus conserve nossas vidas até que possamos reunir sete iguais a estes – disse Josias, que parecia ter o pressentimento de uma grande vida.

– Assim seja! – responderam os outros, enquanto guardavam também sobre o coração o que para eles era uma sagrada relíquia.

– Trazeis fisionomias festivas – disse a boa e laboriosa Bethsabé, ao vê-los chegar transbordantes de alegria.

– Muita, mãe Bethsabé, muita!

– Aqueles santos Anciãos são os depositários de todas as dádivas dos Céus, visto que as derramam sobre aqueles que chegam até eles.

– Penso, Irmão Alfeu – disse Elcana – que, assim como eles fazem conosco, devemos nós também proceder com todos que chegarem às nossas moradas, se é que somos Essênios de verdade.

– Pelo fato de eu querer ser um deles – disse a bondosa mulher –, peço que senteis aqui, junto ao fogo, para que possais comer o pão quentinho com manteiga e mel, enquanto acabo de preparar o almoço.

– Pelo visto, temos festa, mãe Bethsabé? – interrogou um dos viajantes.

– Pobre festa de uma cabana de lenhadores! – acrescentou Jacobo, ajudando sua genitora a dispor a mesa e retirar do fogo a grande panela, onde estavam sendo cozidas as castanhas com vinho e mel, e mais outra, na qual fumegavam as lentilhas refogadas com pedaços de cabrito.

– Essênios matando animaizinhos para comer! ... – exclamaram os hóspedes ao perceberem a ocorrência.

– Calma, Irmãos! ... que os Essênios não matam, mas apenas recolhem aquilo que perde a vida nas montanhas – protestou Bethsabé, colocando os alimentos em grandes pratos de barro sobre a mesa.

– E eu quase morro – acrescentou Bartolomeu – quando, na tarde de ontem, me pendurou Jacobo com uma corda grande do alto de um dos precipícios do Quarantana para descer-me ao fundo de uma garganta onde se achavam despenhados três preciosos cabritinhos, que, assim, perderam suas vidas.

– E, como vós também sois três, levareis as três pequenas peles brancas para o pimpolho de Myriam, e, outrossim, os melhores pedaços de carne para que a mãe readquira as forças e crie o Bem-Aventurado como uma graça de Deus – disse a boa mulher, iluminada de felicidade, em quem a virtude de dar estava grandemente desenvolvida.

– Poderemos, então, pensar que os inocentes cabritinhos quiseram oferecer suas vidas ao santo menino que vem à Terra para salvar toda a Humanidade? – perguntou Josias a seus companheiros.

– Pode ser que sim – respondeu Jacobo, aproximando os bancos da mesa e fazendo com que os hóspedes se acomodassem. – Pode ser que sim, mas não me recordo que haja ocorrido uma tríplice morte desde que abri os olhos para a luz.

– De fato, isto ocorre vez por outra – volveu Bethsabé – quando algum lobo faminto se aproxima da região, e as cabras se reúnem, ao sentir pelo olfato sua aproximação. Acontece, então, que elas mesmas se despenham ou lançam seus filhotes ao fundo dos precipícios. Há alguns anos, isto era muito comum, porque os lobos se aproximavam freqüentemente até junto da cerca que rodeia a casa. Meu pobre Andrés e eu tivemos muito trabalho para impedir que eles atacassem o nosso gado.

E, enquanto em suas pupilas aparecia o brilho de umas lágrimas que ela não deixava correr, a boa mulher exclamou:

– Quão felizes teríamos sido nós, se ele houvesse chegado com vida até este grande acontecimento!

– Mãe – interrompeu o jovem Bartolomeu –, sempre esqueces o que nos disse o Mestre essênio do Monte Hermon, quando nos trouxe a triste notícia que ainda lamentas.

– Poderemos saber o que ele disse? – perguntou Elcana, procurando uma idéia piedosa para consolar Bethsabé.

– Dize o que ele nos disse, Mãe – insistiu o jovem.

– É que o meu Andrés foi surpreendido pela morte lá para o Norte do País, em uma viagem que fez a mandado dos Anciãos do Monte Quarantana. O Servidor do Monte Hermon determinou a um dos Essênios daquele Santuário que trouxesse as últimas palavras de Andrés, que entregara sua alma a Deus, nos braços dos Anciãos gratos pelo seu sacrifício.

– Conta-nos como foi a ação heróica de nosso Irmão Andrés, para que aprendamos também a sacrificar-nos, se acontecer um caso idêntico – disse Alfeu, demonstrando seu desejo de conhecer virtudes alheias, coisa muito comum entre os Essênios, ou seja, comentar as nobres e belas ações do próximo.

– Os Anciãos daqui – continuou falando a boa mulher – necessitavam de um homem de confiança que fosse trazer, com alguns asnos, cereais e legumes, frutas secas e azeitonas da Galiléia, tão rica em todos esses produtos, dos quais esta árida terra carece. Eles haviam recebido aviso do Santuário do Monte Hermon, dizendo que já estava pronto um abastecimento a ser transportado para cá. Meu Andrés foi escolhido para essa delicada missão. Cheio de alegria, disse, ao despedir-se de nós:

"– Que felicidade a nossa, Sabé (*), por ser eu o escolhido para trazer o sustento destinado aos servos de Deus!

"Longe estava ele de saber que, com isto, perderia a vida. Levava três homens para ajudá-lo, mas um deles se vendeu por algumas moedas de prata e revelou, a uns foragidos que assaltavam viajantes, que meu marido levava pequenas barras de ouro e de prata extraídas pelos Anciãos nestas montanhas, com as quais pagaria os produtos a serem trazidos. Andrés suspeitou isto e ocultou as barrinhas dentro dos sacos de feno e bolotas, pendurados na cabeça dos asnos nas horas de dar-lhes as rações.

"Aconteceu que, não tendo encontrado o ouro na tenda, eles se fartaram de dar-lhe pauladas, de tal forma que os dois criados fiéis tiveram de levá-lo meio morto sobre um asno. Foi enorme o esforço dos Anciãos dali no sentido de querer curá-lo; ele, porém, estava muito ferido e, como resultado, morreu sem poder tornar a ver-nos sobre a Terra."

– Foi um Essênio, mártir de seu silêncio e de sua fidelidade! – disse Elcana com reverência e piedade.

(*) Forma reduzida de Bethsabé (N.T.).

Os três hóspedes se puseram de pé para render homenagem ao valente Irmão que preferiu deixar-se maltratar a entregar o tesouro que lhe havia sido confiado.

– Que Deus misericordioso o tenha em Seu Reino de Luz Eterna! – exclamou Josias.

– Assim seja! – responderam todos.

A pobre Bethsabé chorava silenciosamente.

Entretanto, Alfeu e Josias, ambos clarividentes, viram uma silhueta astral, espécie de nuvem esbranquiçada, que se condensava cada vez mais ao lado de Bethsabé, a qual, sentindo algo assim como o roçar de uma aragem fresca, voltou o rosto, ao mesmo tempo que as mãos fluídicas da visão tomavam sua cabeça e a abençoavam ternamente, dizendo-lhe:

– Não chorarias assim, mulher da minha juventude, se soubesses quão feliz sou por haver comprado com a minha vida o sustento dos servos de Deus e de todos vós. Consola-te com a notícia que te trago: assim que nosso Jacobo tomar esposa, virei a ser o filho primogênito dele e me chamareis novamente Andrés; serei, pois, teu primeiro netinho. – Beijando ternamente a todos, desapareceu.

A feliz Bethsabé, que, pouco antes, chorava de tristeza pela amarga recordação, chorava agora de felicidade pela notícia de Andrés que voltaria para junto dela como seu primeiro netinho.

– Bendita seja a Eterna Lei, que tem tão grandiosas compensações para os justos! – exclamou Elcana.

– Bendita seja! – responderam todos, surpresos em seus ânimos pelo que acabavam de presenciar.

Logo depois de terminada a refeição, os três empreenderam o regresso; mas, antes, tiveram de aceitar quantos presentes quis a boa Bethsabé levassem para si e para o "menino de Myriam", como diziam quando ainda não se atreviam a mencionar em voz alta: para o Menino-Deus, nascido em Betlehem.

Inteirada a família de Andrés de que a ditosa mãe do recém-nascido pensava em demorar-se por longo tempo na casa de Elcana, até que as contingências da penosa viagem não mais oferecessem perigo algum para a criança, seus membros anunciaram sua visita, porque não era possível – diziam – que ficasse uma só família essênia sem conhecer o Divino Enviado de Deus que vinha salvar os homens.

Fazia tantos anos que seus Mestres Anciãos os impeliam a rogar em todas as horas do dia:

"Manda, Senhor, Tua Luz sobre a Terra, que perece em suas trevas!

"Manda-nos, Senhor, a água de Tua Misericórdia, porque todos perecemos de sede!

"Dá-nos, Senhor, Teu pão de flor-de-farinha, porque a fome da justiça nos acossa!

"Lembra-Te, Senhor, de Tuas promessas, que esperamos ver cumpridas nesta hora de nossa vida!"

Como, pois, a grande família essênia, disseminada pelas montanhas da Palestina, não haveria de entoar um hosana triunfal, quando, a meia-voz, foi correndo de uns para outros a grande e alvissareira notícia?

Dir-se-ia que a Eterna Lei havia querido que a descida do Avatara Divino fosse o mais próximo possível ao grande Santuário Essênio, depositário dos tesouros da antiga Sabedoria, onde se encontravam encarnados grandes e fiéis amigos do Homem-Deus que acabara de chegar.

Ali, por exemplo, encontrava-se Hilcar da Tapalken, com o nome de Eliézer de Esdrelon. Do mesmo modo que, nas montanhas da Ática pré-histórica, ele havia sido fiel guardião da Sabedoria de Antúlio até que o Verbo voltasse à Terra na personalidade de Abel, guardava ele agora a Sabedoria de Moisés, esperando um novo retorno do Missionário do Amor na grande personalidade de Jhasua, filho de Myriam e de Joseph.

Tendo escapado milagrosamente das matanças de hebreus nos primeiros tempos do domínio romano, havia ele fugido para as montanhas, quase menino, em companhia de sua mãe e de seu idoso avô, com os quais se viu obrigado, muitas vezes, a recolher bolotas de carvalho destinadas às varas de porcos que pastavam nos campos da Judéia.

Um viajante que vinha do país de Haran encontrou-os refugiados numa caverna existente nas montanhas do Líbano. Colocando o ancião, a mulher e o menino sobre sua carroça puxada por três mulas, levou-os até En-gedi, ponto final de sua viagem.

Aquele viajante dizia-se ele mesmo ser ilustre médico, um terapeuta que ia até as salinas do Mar Morto para buscar sais venenosos, com os quais compunha drogas para curar, em seu país, certas enfermidades infecciosas.

Foi assim que aqueles três infelizes fugitivos chegaram aos Essênios do Monte Quarantana e dali aos Montes de Moab, quando o menino, já jovem, iniciou sua carreira, coroada sempre de grandes êxitos.

Lá também se encontrava o Kobda Adonai, Phara-home (*) do Nilo, na época de Abel, desta vez encarnado com o nome de Ezequias. Ambos, com cinco Essênios de menos idade, estavam encarregados dos Arquivos, nos quais havia uma enormidade de escrituras de muitos países e nas línguas mais variadas. Os Essênios empregavam vidas inteiras em decifrar aquelas escrituras, mais por iluminação espiritual do que pela pura análise. Todas elas eram traduzidas para o siro-caldaico, o qual, na época, era o mais generalizado idioma da Ásia Central.

No colossal Santuário dos Montes de Moab, que era como uma grande cidade de enormes grutas abertas por antiqüíssimas explorações mineiras, parecia haverem-se reunido elevados espíritos da Aliança do Cristo, em suas respectivas manifestações físicas no planeta Terra, pertencentes às mais diversas corporações da Antigüidade:

Marinheiros libertadores de escravos, de Juno, o mago das tormentas; os *Profetas-médicos*, de Numu, a quem as pessoas daquele tempo chamavam *Salva-vidas*, em virtude de seus grandes conhecimentos de medicina naturista, por intermédio da qual realizavam curas maravilhosas; os *Profetas-brancos*, de Anfião, o Rei Santo, que foram instrutores e mestres de todo um Continente; os da *Escola antuliana*, chamados, mais tarde, *Dáckthylos*, que forjaram a gloriosa Ática nas Ciências e nas Artes, berço e origem da posterior civilização européia; os primeiros *Flâmines* da Índia, ou *Terra onde nasce o Sol*, que tomaram seu nome e sua sabedoria dos ensinamentos de Chrisna, dados a seu discípulo Arjuna, origem da profunda filosofia Védica, que, ainda hoje, não se chega a interpretar em toda a sua amplitude e oculta sabedoria; os *Mendicantes*, do Bhuda, que, para iludir as perseguições de que era objeto seu elevado ensinamento, ocultavam-se sob a humilhante indumentária de peregrinos-mendigos, que recolhiam esmolas para sustentar suas vidas. Eram mestres de almas que iam deixando em cada consciência uma chispa de Luz e, em cada coração, um incêndio de amor para a Humanidade; os *Profetas-terapeutas* de Moisés, que se

(*) Phara-home: homem-farol, homem-luz ou homem-guia; nome esse posteriormente vulgarizado para faraó (N.T.).

disseminaram desde o Nilo até o litoral do Mediterrâneo, sobre toda a chamada Terra da Promissão, ou seja, a Palestina, a Síria e a Fenícia, porque era sabido, há muitos séculos, que naquelas latitudes apareceria a derradeira manifestação do Avatara Divino; e, por fim, os *Essênios*, que chegaram até o Nascimento de Jhasua, foram a prolongação destes *Profetas-terapeutas da Escola Mosaica.*

Nos Arquivos essênios, achava-se reunido tudo quanto de luz, de ciência e de conhecimento havia trazido o Cristo para a humanidade terrestre, por intermédio das imensas legiões de Seus discípulos e seguidores.

Quão estranho nos parece imaginar que setenta homens passaram toda uma existência catalogando, ordenando, traduzindo e interpretando aquele vastíssimo Arquivo de Divina Sabedoria, abrangendo os milhares de séculos que haviam decorrido por toda a face da Terra!

Os Essênios do Monte Hermon, na cadeia do Líbano, os do Monte Ebat, na Samaria, os do Carmelo e do Tabor, na Galiléia, e os do Quarantana estavam obrigados, por uma lei comum a todos os Santuários, a enviar substitutos e sucessores aos que enfermavam ou morriam no Santuário de Moab, onde jamais deviam faltar os Setenta Anciãos, com os quais formou Moisés sua alta Escola de Sabedoria Divina.

Essênios, pois, foram os cristãos dos primeiro e segundo séculos, em sua maioria, até que a nova doutrina se estendesse aos países distantes, para derramar-se, finalmente, sobre todas as raças deste Orbe.

Cenários do Infinito

Descendo das ásperas colinas do Monte Quarantana, os três viajantes regressam, passo a passo, repletos de alegria interior e carregados com os presentes que a família de Andrés enviava para o filho de Myriam.

Enquanto isso, contemplemos, com a rapidez que é permitida através destas linhas esboçadas em páginas de papel, dois cenários completamente distintos, abrangendo grandes extensões de terra e mui diversos e distantes países.

O cântico de paz, de amor e de glória que soara na imensidade dos espaços infinitos, havia ressoado igualmente em cada alma que, com a Luz interna da Sabedoria Divina, esperava a chegada do Homem-Deus: "Glória a Deus nos Céus infinitos, e paz, na Terra, aos homens de boa vontade!"

De outra parte, assim como esse cântico vibrara para todos os Essênios refugiados em seus Santuários, havia ele ecoado também nas Escolas Ocultas e Secretas de Gaspar, Melchor e Baltasar, nas províncias onde elas existiam há muitos anos. Em conseqüência disso, por toda a Síria, Fenícia e Palestina, um estranho movimento começou a agitar alegremente as almas sob diversas formas e manifestações de felicidade, segundo o prisma por meio do qual olhava, cada um, o grande acontecimento.

Aqueles que, embora já pertencendo à Fraternidade Essênia, apenas a conheciam como continuadora dos ensinamentos de Moisés, aceitavam a interpretação dada pelos sacerdotes, relativamente à futura vinda de um Messias, Salvador de Israel.

O povo de Israel caíra sob o domínio de Roma, rainha e senhora do mundo civilizado de então. Esta subjugação era a tal ponto amarga e dura para os israelitas – convictos de possuírem todas as prerrogativas de *povo escolhido* – que, para eles, nenhum acontecimento poderia ser maior do que a aparição de um Messias-Salvador.

Deste ponto de vista, interpretavam os hebreus todas as anunciações e profecias, a partir da remotíssima idade de Adamu e Evana (*), ou seja, desde os começos da Civilização Adâmica.

Muitas dessas anunciações e profecias se haviam verificado nas diversas permanências do Homem-Luz sobre a Terra. Algumas delas haviam tido seu cumprimento em Abel, outras em Chrisna e outras, ainda, em Moisés e Bhuda.

Mas, para o povo hebreu, tudo revestia um só aspecto naquela hora: um Messias-Salvador que, empunhando o cetro de David e de Salomão, levantasse Israel acima da poderosa dominadora de povos: Roma.

Se algum versículo nos Livros Sagrados inseria, em seus enigmáticos cantos, frases como esta: "Disse Jehová: Mandarei meu Filho para que se ponha à frente de Meu povo", era ele interpretado, sem motivo de dúvida alguma, no sentido de que o Enviado de Deus seria um glorioso príncipe, ante o qual se renderiam todos os reis e poderes da Terra. Era simplesmente uma inspirada alusão a Moisés, que libertara os Hebreus da escravidão do prepotente Egito dos Faraós, em que, naquele tempo, eles gemiam, cativos.

Em algum dos diversos cativeiros e dispersões que a raça havia sofrido, vários sensitivos, profetas ou ascetas hebreus haviam tomado conhecimento de uma estrofe apocalíptica na qual se fazia referência ao Grande Ente que haveria de vir a ser chamado "Príncipe da Paz". De igual modo, aplicava-se ao presente outra alusão, recebida por um clarividente da antiga Pérsia com relação a Chrisna. Ora, tudo isso reforçava, em muito, o sonho daquele povo, no sentido de que o Messias deveria ser um rei poderoso que viesse a dominar todos os soberanos do Orbe. Foi por esta razão que as grandes esperanças dos hebreus em geral se erguiam sobre bases equivocadas.

Só os Essênios, desde os primeiros graus, estavam isentos desse pensar equivocado, devido à instrução que recebiam, ano após ano, nos Santuários da Fraternidade. Era por isto que eles se mantinham em mudo recolhimento, conservando-se calados sempre que ouvissem aquele insensato sonhar das turbas em geral.

Somente os Essênios sabiam que o Homem-Luz apareceria sobre a Terra para dar o retoque final a Seu magnífico estandarte, no qual Ele mesmo havia estampado, com Seu sangue divino de Mártir, o ideal da Fraternidade, do Amor e da Paz que sonhara para Seus irmãos deste Planeta.

Apenas eles sabiam que a humanidade terrestre estava atingindo o limite de tolerância da Divina Lei que determina o aniquilamento dos rebeldes incorrigíveis que, depois de milhares de séculos, não houverem aprendido a amar seus semelhantes, nem ao menos o necessário para não causar-lhes dano deliberadamente.

Todos os guias de humanidades, os elevados Instrutores de Mundos, sabem e conhecem o terrível processo da Eterna Lei, uma vez haja sido ultrapassado o vencimento do prazo, o limite e a hora, após imensos períodos de impassível, serena e imperturbável espera.

Tão-só uma infinita torrente de Amor Divino podia transmudar o tremendo cataclisma das almas embrutecidas no mal, das inteligências perturbadas pelo crime, pelo ódio ou pela satisfação implacável do pecado.

Apenas um fragmento, uma centelha da Divindade, desprendendo-se do Grande-Todo-Universal e descendo para a miséria humana como uma estrela a um lodaçal,

(*) Adão e Eva (N.T.).

podia operar a estupenda transmutação das formidáveis correntes de aniquilamento, prontas a se descarregarem sobre a humanidade da Terra. E, com efeito, essa centelha da Divindade desprendeu-se da sua Eterna Vestimenta de Luz para arrastar consigo, como um radiante fluxo, a irresistível corrente do Amor Criador e Vivificador, pelo impulso do qual surgem sistemas de planetas, miríades de sóis e de estrelas, milhares de universos compostos de milhões de mundos.

Como uma centelha, um florão da Divindade não haveria de salvar os pequenos mundos de sua iminente ruína que, da mesma forma como a Terra, reclamavam o beijo do Amor Eterno para não serem aniquilados?

Por isto, os Essênios não esperavam um Messias Rei de Israel, mas a encarnação do próprio Criador, um resplendor da Luz Incriada, um reflexo da Suprema Justiça, uma alento vivo do Amor Soberano: um Deus feito homem.

Tal é o mistério do Verbo feito carne, sobre o qual os filósofos de todas as tendências ideológicas encheram bibliotecas e mais bibliotecas, sem haver chegado ainda a se fazerem compreender pela Humanidade.

A palavra de bronze e de fogo do Cristo "*Deus dá sua Luz aos humildes e a recusa aos soberbos*" cumpre-se através dos séculos e das idades. Foi esta a razão pela qual os grandes doutores de Israel, folheando volumes e mais volumes, em suas faustosas estantes de ébano e de nácar, ou sob dosséis de púrpura no Templo de Jerusalém, não puderam compreender nem assimilar a magnífica e luminosa verdade que os Essênios, em suas cavernas de rocha ou disseminados em choças de artesãos ou de pastores, haviam visto brilhar como chuva de estrelas, nos puros e límpidos horizontes em que se desenrolavam suas vidas.

Ainda continuam questionando em todos os tons da dialética, nas esferas sutis da teologia e da metafísica, até formar as mais inverossímeis criações mentais que não resistem às análises severas da ciência racionalista, nem sequer à lógica mais elementar.

Nasceu daí o incompreensível enigma da Trindade, ou seja, do Deus Trino em pessoa e Uno na essência, única forma encontrada pela teologia para explicar o que era esse Homem-Deus. Dessa mesma incompreensão surgiu também a anticientífica e anti-racional afirmação de que no seio de uma virgem se formou um corpo humano sem o concurso de um homem, como se a maternidade e paternidade ordenadas pela Natureza, que é a mais perfeita manifestação da Sabedoria Divina, fora um demérito ou uma nódoa para a humanidade criada pela sua Vontade Onipotente; demérito e nódoa das quais a teologia queria livrar a divina encarnação do Verbo.

Em todas essas pesadas elucubrações mentais, ermas de Luz Divina, teve-se muito em conta a Matéria e muito pouco o Espírito. Tanto assim que, procurando engrandecer a excelsa personalidade do Homem-Deus, cobriram-no com um halo intangível de mistério, sem considerar que aquela radiante Inteligência – vibração de Deus-Amor – era excelsa e puríssima por si mesma, e que o inacreditável não poderia acrescentar um único ápice de grandeza à Sua plenitude magnífica, no conjunto de Suas qualidades extraordinariamente perfeitas.

Desse Infinito Oceano desprendeu-se um caudal para a Terra, habitada por uma humanidade tão inferior na sua grande maioria que foi necessário encerrar aquela Torrente Divina num vaso de argila que estivesse ao alcance do homem terreno, de sorte que ele pudesse beber dessa linfa cristalina, ver nela refletida sua imagem grosseira, tocá-la, apalpá-la, amá-la, escutá-la e segui-la, como se segue uma luz que ilumina o caminho; como segue o menino a quem lhe dá o pão, como segue um cordeiro ao pastor que o leva ao prado e à fonte.

Os doutores de Israel não sabiam que esse cristalino e puro caudal do Infinito Oceano Divino se havia desprendido *nove vezes* em diferentes idades e épocas para arrastar atrás de si todo o Amor da Divindade, toda Sua Sabedoria, toda Sua Piedade, toda Sua Luz, Sua Verdade e Grandeza imutáveis. Se alguns dos velhos Essênios da família sacerdotal haviam podido ficar ainda nos átrios do Templo, ao amparo de uma incógnita rigorosa, sepultavam no mais profundo segredo seus princípios da Sabedoria Oculta. Quão longe estava, pois, o povo de Israel de imaginar sequer a grandiosa verdade!

Chegou o momento, leitor, em que deves continuar seguindo-me por esta vereda humilde e escondida, que o Deus-Amor te descobre para que conheças e percebas quem era Jhasua, o Cristo que descia a este Orbe.

Na magnífica obra "Origens da Civilização Adâmica", escrita pelo antigo Kobda Sisedon de Trohade, Phara-home de Neghadá (*), sobre o Nilo, admiram-se grandiosos quadros vivos das mais elevadas regiões das Inteligências sobre-humanas e de suas radiantes moradas no imenso Infinito. O último volume da dita obra está consagrado quase exclusivamente a esse assunto, sobre o qual o discreto Autor não pôde estender-se mais, devido ao caráter próprio desse trabalho.

Nas páginas dessa obra, escrita para as massas populares da próxima geração, não pôde o Autor dar acolhida a certas verdades mui profundas e distantes de tudo quanto conseguem perceber e apalpar os sentidos físicos deste plano inferior. Da mesma forma, em qualquer ramo dos conhecimentos humanos, nenhum mestre ou professor dá a um menino, que ele inicia, aquilo que pode e deve dar a um adulto que segue um curso superior de estudos. *"A ordem é força construtiva"*, reza um velho ditado da antiga sabedoria e mais ainda em questões suprafísicas.

Entremos, pois, amado leitor, guiados por emissários da Divina Sabedoria, no Infinito Reino da Luz Incriada, em busca de Jhasua, o Ungido Salvador da humanidade terrestre.

Quando, nas noites serenas de primavera ou de verão, contemplares o espaço azul, medita em que, muito além de quanto percebe teu olhar, guarda o Altíssimo seus insondáveis segredos, reservados para aquele que busca com perseverança e amor.

Vês rodar pelo imenso véu de turquesa milhões e milhões de globos radiantes. A Ciência Astronômica esclarece que são constelações ou grupos de estrelas e sóis, alguns sendo centros de sistemas, planetas e planetóides, satélites e asteróides, estrelas fixas e estrelas errantes, além de cometas erradios, que cruzam o espaço como que impelidos por um invisível furacão. A esse respeito, a Astronomia tem dito muito, mas sempre dentro daquilo que alcançam o telescópio e os sistemas de cálculos sobre distâncias e velocidades dos astros em suas rotas eternas.

A moderna Filosofia, baseada em boa lógica, ensina um pouco mais: que os globos siderais são habitações de humanidades, porque seria infantil pensar que só a Terra, qual uma avelã nos espaços, estivesse habitada por seres inteligentes e não o fossem também os demais astros, alguns dos quais, em muitíssimos aspectos, são superiores ao nosso Mundo.

É, pois, chegada a hora para que as Escolas de Sabedoria Divina levantem o véu que encobre os mistérios do Grande-Todo, a fim de que o homem do Novo Ciclo, que está chegando aos portais da vida, perceba o que existe para além da atmosfera que o envolve.

(*) Hoje se chama Alexandria (N.T.).

Algumas Fraternidades Ocultas da Antigüidade ensinaram os segredos divinos a seus mais altos iniciados; mas, como se anteciparam à época, tudo desapareceu sob a mole da ignorância, da inconsciência e do fanatismo de todos os tempos. Deste modo, as fogueiras, os cadafalsos e os calabouços perpétuos sepultaram as grandes verdades, como são sepultados os cadáveres, para que se transformem em pó nas profundezas do Globo.

A "Fraternidade Cristã", ungida de Amor e Fé, levanta outra vez o Grande Véu para a Nova Humanidade já em aproximação e que será, pela Lei desta hora, a mãe que recebe e aconchega em seu seio o Grande Jhasua, que se lhe apresenta como realmente é na infinita Eternidade de Deus.

Os grandes sóis ou estrelas, chamados de primeira grandeza, são para o físico centros de energia e de força vital, que arrastam atrás de si inúmeros globos atados a eles pelas leis de atração. Para a inteligência iluminada pela luz superior – que interroga a todas as ciências e coisas perguntando "*Quem é Deus?*", sem que, até hoje, ninguém lhe tenha respondido satisfatoriamente – existe um poema eterno, ainda não escrito e que tampouco foi lido pelos homens: *O poema de Deus e das Almas!*

Com o auxílio divino, atrever-me-ei a esboçá-lo. Desde o mais ínfimo ser dotado de vida até o homem mais perfeito, há uma enorme escala de ascensão, à qual a Ciência Psíquica chama de Evolução. E, mais acima do homem, que é que existe? Seres que, um dia, foram homens, os quais, prosseguindo em sua evolução, continuaram subindo cada vez mais, durante ciclos e épocas imensuráveis, até que, através de inumeráveis graduações, chegaram a unificar-se com o Grande-Todo, ou seja, a Suprema Energia, a Eterna Luz.

Esta gloriosa escala tem suas hierarquias, cada uma delas formando legiões mais ou menos numerosas.

Defini-las-ei concretamente. Primeira hierarquia: Anjos guardiães; é o primeiro grau na escala da perfeição superior a que pode chegar um homem que alcançou sua purificação.

As Inteligências desta Legião podem encarnar no plano físico da Terra e em globos de igual adiantamento. Suas características gerais são: incapacidade para o mal de qualquer natureza que seja e a predisposição para todo bem que pode realizar um ser revestido de carne. Isto, quando se acham vivendo como homens neste Mundo.

Agora, em estado espiritual, como seu verdadeiro nome indica: são os guardiães e zeladores de todas as obras que, em benefício da Humanidade, se realizam nos mundos de aprendizagem e de prova, como é este Planeta. São eles, ordinariamente, os inspiradores de toda boa ação, os consoladores de todas as dores dos homens encarnados e dos desencarnados que habitam na esfera astral dos planos físicos. Além disso, são os intermediários entre a dor humana terrestre e as divinas fontes de consolo e de alívio, se o merecerem.

Os que estão de guarda ao redor de um planeta, permanecem, de modo geral, em sua esfera astral ou estratosfera e podem, em casos justificados, subir ou descer à vontade, mas sempre para propender ao bem. Então tomam o nome de *Círios da Piedade.* Auferem grandes épocas de repouso na Luz para adquirir maiores conhecimentos e poderes, pois as Inteligências desta região podem tomar caminhos e rumos diferentes, segundo as inclinações e vontades de seu Eu Superior.

Seu estado é de perfeita felicidade, e o grau de sua compreensão e conhecimento de todas as coisas ultrapassa, em muito, os mais avantajados espíritos encarnados na Terra.

As estrelas, os planetas ou sóis adiantados possuem, além da esfera astral imediata à atmosfera física, várias esferas radiantes mais ou menos sutis, segundo o grau de evolução ao qual o astro chegou; e é nessas esferas concêntricas e sobrepostas que as inteligências puríssimas, chamadas Anjos Guardiães, têm sua morada habitual. Governadas por poderosos Hierarcas de sua própria Legião, obedecem placidamente ao simples reflexo dos pensamentos daqueles que, desde logo, estão enquadrados dentro das leis e missões próprias da grandiosa falange, a mais numerosa de todas. Cada subdivisão ostenta, em sua etérica e sutil vestidura, uma das cores do arco-íris. Subentende-se daí que são sete as grandes falanges sob sete Hierarcas da mesma Legião.

Leitor amado: Se interrogarmos a qualquer destes Hierarcas dos Anjos de Deus onde encontraremos Jhasua, o Cristo, responder-nos-á como respondeu João, o Batista, quando lhe perguntaram se era ele o Messias anunciado pelos Profetas:

"Nós nem sequer somos dignos de desatar os cordéis de Suas sandálias. Podereis encontrá-LO muito mais acima de onde nos achamos! Subi!"

Subindo às radiantes esferas sutis que envolvem os globos siderais de grande perfeição, encontraremos – entre mares intermináveis de luz, de belezas indescritíveis, em face das quais são opacos reflexos as mais admiráveis belezas da Terra – outra numerosa hierarquia de Inteligências purificadas, que irradiam amor, poder, sabedoria, em grau muitíssimo superior à legião anterior. São os Arcanjos, chamados também Torres, Murais ou Muralhas de Diamantes, segundo o idioma em que tais nomes são escritos.

São eles os senhores dos elementos ou forças poderosas, que aparecem, às vezes, nos planos físicos. Cabe a eles governar as correntes que preparam as encarnações de espíritos em determinados mundos, entre umas e outras raças, de acordo com o grau de sua evolução e conforme a altura da civilização com que devem cooperar.

Guardam o livro da Vida e da Morte, marcando, com precisão e justiça, as expiações coletivas dos povos, das nações ou dos continentes. Ainda que mui raramente, encarnam também nos planos físicos, principalmente quando algum grande Espírito Missionário deve permanecer ali, em cumprimento de uma Mensagem Superior de grande importância. Têm, outrossim, seus grandes Hierarcas, os quais, em Conselho de Sete, distribuem as missões ou as obras a serem realizadas.

Vestem, igualmente, túnicas sutis nas cores fundamentais mais esplêndidas e radiantes, diferenciando-se, porém, dos precedentes por estarem providos de grandes antenas brancas, em forma de asas, que parecem tecidas de resplandecente neve. Nelas residem as poderosas forças que os fazem donos e senhores dos elementos.

Se a qualquer destes Hierarcas dos radiantes Arcanjos perguntarmos se entre eles está Jhasua, o Cristo, responder-nos-á da mesma forma que os anteriores: "Subi, subi, porque nós só somos Seus servidores quando Ele está em missão."

Continuaremos subindo, leitor amigo, rumo a esferas e planos cada vez mais radiantes e sutis, onde residem os Esplendores e as Vitórias, à maneira de esposos adolescentes, cujo recíproco amor os complementa para a constante e permanente criação das formas e dos tipos de qualquer manifestação de vida que se observa nas complexas e sábias combinações da Natureza. São eles os excelsos condutores da *onda mágica*, que não é fogo nem água, porém matéria radiante, da qual recebem sua luz todos os sóis, todas as estrelas mais esplendorosas, e donde surgem os princípios de todo som, de toda harmonia, de toda voz, capazes de deleitarem os entes mais delicados.

Essa onda mágica oscila em rítmicos e eternos vaivéns, e, entre suas ondulações luminosas, se desvanecem, sobem, descem, enlaçam e flutuam esses incomparáveis

espíritos, radiantes de beleza, de harmonia, de força imaginativa e criadora, em sua própria e inefável suavidade.

Basta que esses espíritos pensem uma forma, um tipo, um som, uma cor, e eis que, da onda formidável de matéria radiante em que eles deslizam e vivem como em seu próprio elemento, aqueles mesmos pensamentos vão surgindo como outras tantas formas, tipos, sons e cores para que a Eterna Mãe-Natureza conceba, em seu fecundo seio, aquelas divinas manifestações de vida que nenhum artífice terrestre é capaz de forjar, nem sequer em pálida semelhança.

Se agora esses entes – cuja felicidade suprema está na contemplação de suas eternas criações, para povoar os universos e os mundos das múltiplas formas de vida, propendendo, assim, para a evolução de todos os seres orgânicos e inorgânicos – escutassem nossa curiosa pergunta: "Está, porventura, entre vós, Jhasua, o Cristo?", eles nos responderiam, sem deter o harmônico movimento de suas mãozinhas qual lírios:

"Jhasua, o Cristo, é uma harpa viva, sempre a vibrar entre os *Amadores*, e é da Sua eterna vibração de Amor que aspiramos as notas sublimes e ternissimas para plasmar criações doces, amorosas e sutis ...; para forjar o grito de amor de u'a mãe, o canto amoroso de uma filha, a poesia de imensa ternura de uma esposa, que sabe sacrificar-se por um amor capaz de ultrapassar todas as coisas.

"Nós, como podeis ver, criamos a forma, o tipo, o som, a cor ... Mas Jhasua cria o Amor mais forte do que a dor e a morte! ... Subi ao Céu dos *Amadores* ou das Harpas Eternas! ... Ali O achareis entre os Amantes heróicos e geniais, que dão a própria vida ao Amor que os leva até a morte por aqueles que não sabem nem querem amar! ...

"Das nossas criações surgem todas as formas e tipos de vida, de beleza, de cor e de harmonia que observais nos mundos por vós habitados; mas dos *Amadores*, Harpas Eternas de Deus, emana perpetuamente o Amor, que é consolo, paz, esperança e salvação em todos os mundos do Universo. São eles os únicos que podem ser chamados *Salvadores de humanidades.*

"Subi, subi ao Céu Divino dos Amadores, onde vive a glória de Seus heróicos amores: Jhasua, o Cristo Divino, que vindes buscando."

Subamos, finalmente, à Constelação de Sírio, para não mencionar outras das milhares e milhares, que são moradas de luz e de glória das Harpas Eternas do Divino Amor.

Muito antes de chegarmos à esfera astral, que envolve essa formosíssima constelação, surpreende-nos grande quantidade matizada e compacta de uma espécie de fibras luminosas, sutilíssimas, nas róseas cores da aurora, quando o sol estival está prestes a levantar-se – fibras, raios ou estrelas que parecem nascer nos próprios globos daquele radiante sistema. Quem, pela vez primeira, chega a tais alturas, imagina que aquela infinidade de raios luminosos constitui como que defesas para impedir a chegada dos profanos, tal como, na Antigüidade, algumas famosas fortalezas se achavam eriçadas de pontas de lanças agudíssimas e, às vezes, até envenenadas, como formidável baluarte contra inimigos desconhecidos, mas possíveis.

O Guia ... (ali ninguém pode chegar sem ser conduzido por um experiente Instrutor) nos diz: "Não temais, que estes raios não ferem ninguém, apenas acariciam com infinita doçura."

– Que é que são, pois, esses raios, e por que estão como que formando uma selva de fibras de luz rosada ao redor desses magníficos sóis? – perguntamos nós.

São as poderosas antenas que, nascidas do plexo solar ou centro de percepção dos Amadores ou Harpas Eternas, atravessam toda a imensa esfera astral daquela Constelação habitada por eles e permanecem perenemente estendidas para os espaços que os rodeiam em todas as direções, a fim de captar com facilidade o Amor e a Dor de todos os mundos do Universo a que essa constelação ou sistema pertence. Essas Harpas Vivas e Eternas estão percebendo as dores dos seres humanos que, dos mundos mais diversos e longínquos, Lhes pedem piedade, consolo e esperança ..., ao que Eles – Deuses de Amor e de Piedade – emitem, com extraordinária energia, o consolo, a esperança e o amor que se Lhes pedem.

Eis, pois, aí, o efeito maravilhoso e imediato de uma oração, pensamento ou prece dirigidos a tão excelsos e puríssimos Seres: Amadores, Harpas Eternas do Infinito ... Vivem amando eternamente, e, quando Suas antenas captam gritos desesperados de angústia de mundos ameaçados por cataclismas que só o Amor pode remediar, precipitam-Se de Suas alturas de felicidade eterna, como pássaros de luz entre as trevas dos mundos de dor e de prova, para salvar, à custa de tremendos sacrifícios e até da própria vida, aqueles que ainda podem ser salvos e redimidos!

Aliás, acontece que, agora mesmo, Jhasua, o Cristo Divino, Se encontra entre nós, feito, pela nona vez, o Salvador do homem terrestre! ... Jhasua, o excelso Amador que ama acima de todas as coisas e para além da Dor e da Morte! ... Jhasua, que semeia o Amor em todas as almas da Terra, e, passadas muitas centenas de séculos, volta para procurá-las e ver se, nelas, o Amor floresceu! ...

Que estará fazendo Jhasua em Seu diáfano Céu da constelação radiante de Sírio? ...

Vive, acaso, deleitando-Se infinitamente na plenitude da felicidade que conquistou? ...

Vive mergulhado na extática contemplação da Beleza Divina que é posse Sua por toda a eternidade? ...

Vive absorto por novas e novas soluções nos profundos arcanos da Sabedoria Divina, que Lhe abriu, de par em par, as portas de Seu Templo? ...

Em verdade, toda essa grandeza e glória imarcescível tem Jhasua, o Amador, diante de Si; no entanto, não é somente com isto que Ele enche a Sua Vida nos Céus de paz e de felicidade que conquistou.

Jhasua, o Amador, mantém estendidas as cordas radiantes da Harpa Divina que traz dentro de Si mesmo. Essas cordas são antenas de sutil percepção que fazem chegar ao Seu coração o mais imperceptível gemido das almas que, no seio da humanidade da Terra – Sua família há séculos –, queixam-se, choram, padecem, sofrem a decepção, o ódio, o abandono, a desonra, o desprezo dos amados, a injustiça, e toda essa plêiade obscura e tenebrosa das míseras dores humanas, que Ele bebeu até o fundo da taça, em cada uma de Suas etapas sobre o globo terrestre.

Jhasua compreende tudo isso; tudo percebe, tudo sente!

Seu excelso estado espiritual veda-Lhe o sofrimento, mas também Lhe deixa ampla liberdade para amar, e, de tal maneira se derramam sobre aqueles que O amam as incontíveis ondas de Seu amor soberano, que, nos seres mui sensitivos, se manifestam de diversas maneiras, segundo as modalidades, as atitudes e o grau de evolução desses amadores terrestres, a saber:

Os poetas escrevem divinos versos de amor a Jhasua; os compositores interpretam, em música, poemas reais e fantásticos, transbordantes de alegorias e de símbolos, em que o Amor de Jhasua faz prodígios de heroísmo, de abnegação, de beleza suprema; os artistas do pincel e do cinzel plasmam, na tela ou no mármore, as mais

belas imagens do Homem-Deus, do Homem-Amor, ao qual, talvez, não chegam a compreender, mas, sim, O concebem como o protótipo mais completo e perfeito do amor levado até a glorificação.

Ninguém sabe, sobre a Terra, que, se o poeta, o músico, o pintor e o escultor se têm mostrado capazes de oferecer à Humanidade tais obras, que são como um arco-íris de amor, de doçura infinita, tudo isso é porque Jhasua, o Amador, tem derramado Sua ânfora sobre a humanidade terrena, e os mais sensitivos beberam umas gotas ... muitas gotas ... talvez um caudal de Sua soberana inundação.

Ó Jhasua, divino Amador! ... Ninguém sabe, neste Planeta, que, se nele existem arroios de água clara, na qual pode o homem saciar sua sede, eles nasceram de Teu seio! ... porque só Tu, Jhasua, Amante genial, sublime e eterno, semeias, nos amadores da Terra, as sementes divinas desse Teu amor, tão grande como o Infinito e mais forte do que a Dor e a Morte!

É a constelação de Sírio uma das maiores e mais formosas que estão ornamentando o Universo visível da Terra, a que pertence o nosso pequeno sistema solar. Havendo, na dita constelação, da qual Sírio é o grande sol central, uma quantidade de globos de segunda, terceira ou quarta grandeza, e habitados por humanidades em diversos graus de evolução, não podemos pensar, em boa lógica, que toda a atenção e o Amor de Jhasua estejam sendo absorvidos exclusivamente pela nossa Terra.

Formam os excelsos Amadores uma legião radiante de Harmonia, de Paz, de Suavidade infinitas, e esses eflúvios divinos estendem-se por todos os globos dessa constelação. Ora, se a Terra percebe e recolhe mais de Suas potentes vibrações de amor, é porque, tendo nela encarnado nove vezes, Jhasua criou fortes vinculações espirituais – laços de amor que não podem romper-se jamais. O mesmo ocorre a cada uma daquelas Harpas Eternas, com relação às humanidades no seio das quais elas têm assumido a natureza correspondente.

Os Amadores que Se tornaram mais conhecidos por nós, por estar Jhasua entre eles, habitam na segunda estrela de primeira grandeza da Constelação de Sírio, catalogando-as da Terra, ponto de observação para esta Humanidade. Quão certo é que as estrelas e as almas se parecem, em suas rotas eternas de solidariedade universal! ...

Aprofundando-nos progressivamente no conhecimento das Inteligências Superiores, defrontamo-nos com uma cooperação e uma compreensão cada vez maiores entre elas, e, bem assim, com uma unificação cada vez mais íntima. É que avançam lenta mas evidentemente para a Eterna Harmonia Universal.

Toda a Sua felicidade está no Amor! A Sua grandeza, Elas a devem ao Amor! Toda a Sua Sabedoria foi bebida na taça do Amor!

O Amor é Piedade!
O Amor é Misericórdia!
O Amor é também Redenção! ...

Eis aí, pois, leitor amigo, o querubim de ouro e de rosas que nasceu em Betlehem, coincidindo com a tríplice conjunção planetária de Júpiter, Saturno e Marte, a qual originou o grande movimento essênio nos povos da Palestina, onde nasceu.

Mas, por que, precisamente, foi o domínio de Israel o Seu berço, e não outras paragens, onde floresciam com maior exuberância as ciências, as artes e todas as grandes manifestações das capacidades humanas?

Como se sabe, Roma, a Grécia, Alexandria do Egito, Antioquia da Fenícia (*) eram, naquela época, empórios de civilização, de esplendor, de ciência e de riqueza. Por que terá o Esplendor Divino do Céu dos Amadores fixado Sua atenção nas humildes serranias, próximas das margens do Rio Jordão?

É que a semente da Unidade Divina, plantada por Moisés, havia deitado raízes entre as gerações de Israel, que, acreditando ser ele o povo predileto de Deus, repelira heroicamente e até com sacrifício da própria vida, a idéia da multiplicidade de deuses, em perenes lutas de ódios fratricidas, uns contra os outros.

Efetivamente, o povo de Israel, com sua inquebrantável idéia de um Deus Único, Essência Imaterial e Intangível, Eterno em sua grandeza e em Suas perfeições, abriu a porta a essa grande esperança no Infinito – nesse Soberano Deus Único, que velava pelo Seu povo, e que, em atenção a seus sofrimentos, deveria mandar-lhe um Salvador.

Foi essa grande esperança de Israel e as profundas súplicas e evocações de seus videntes, profetas e grandes iluminados, durante séculos e séculos, que atraíram o pensamento e o amor de Jhasua para aquele povo, em cujo meio havia Ele vivido muitos séculos antes, povo esse que, malgrado todas suas incompreensões e deficiências, O amava sem compreendê-LO, e O buscava sem haver aprendido a segui-LO. Exatamente esse Amor, *mais forte do que a morte*, em Israel, atraiu Jhasua aos vales da Palestina, à Terra de Promissão que Ele, em Sua existência como Moisés, vislumbrara como o cenário final de Sua grandiosa glorificação na qualidade de Salvador dos homens.

O caminho de Jhasua foi sempre um e o mesmo, desde o início até o fim; uma só doutrina, um só ideal em busca de uma única e formosa Realidade Eterna: a Fraternidade Humana, princípio este que se enquadra na Harmonia e no Amor Universal.

De fato, as luminosas Inteligências, que palpitam e vibram dentro da Grande Idéia Divina, não variam nem modificam jamais o Seu caminho, porque ele constitui parte integrante dessa mesma Eterna Idéia Divina, em virtude da qual pôde Jhasua dizer com toda a verdade: "*Os Céus e a Terra passarão, mas Minhas palavras não hão de passar.*"

Enquanto isso, o pequeno querubim de nácar e de ouro, de leite e de rosas, como diria o Cântico dos Cânticos, dormitava quietinho sobre os joelhos de Myriam, velado pelos Anjos de Deus, incapaz, então, de pensar que uma formidável sanção divina pesava sobre ele: Ele era o Redentor da humanidade terrestre.

Tem-se falado muito e mais ainda se escreveu em torno do milagroso nascimento do Cristo. Se esse qualificativo se aplica a todo fato excepcional, e que rebaixa em muito a compreensão vulgar, podemos dizer com toda a veracidade que foi um acontecimento de ordem espiritual muito elevado, dentro do padrão ordinário do puramente humano. A essência íntima e profunda de um fato semelhante, somente podem compreendê-la, em sua estupenda realidade, os espíritos do excelso Céu dos Amadores ... – Harpas Eternas e Vivas do Deus-Amor – avançados nos caminhos da Divindade!

Como captar, com nossa limitada mentalidade, a idéia de que uma Sublime Entidade da Sétima Morada, na ascendente escala dos Seres purificados, possa reduzir-Se à terna e débil pequenez de uma criancinha, que cabe num cestinho de junco?

(*) Nos tempos atuais, essa cidade pertence à Turquia (N.T.).

A humanidade inconsciente quis encontrar o milagre na formação dessa pequena porção de matéria física humana; no entanto, o mais estupendo prodígio estava muito acima de tudo isso: situava-se no Amor soberano de um glorioso e puro Espírito, que, já nas ante-salas da própria Divindade, deixara em suspenso, por Sua livre vontade, as poderosas atividades que Lhe são inerentes, para submergir-Se, temporalmente, nas sombrias regiões do pecado e da dor, arrastando consigo, como uma torrente purificadora, todo o Amor de Seu Céu ... Eis aí o sobre-humano prodígio de Fé, de Esperança e de Amor!

Jhasua, o excelso Amador do Sétimo Céu, foi capaz de sonhar com a sublime grandeza desse prodígio! ... Sonhá-lo e realizá-lo!

Eis aí o mistério sublime do Homem-Deus que a incompreensão do homem terrestre desfigurou com toscas pinceladas e com rudes e grosseiros conceitos, talvez por um deslumbramento semelhante ao que produz uma grande claridade, sem ser esperada, no seio de negras trevas!

Tal é a soberana amplitude do amor Eterno, quando, Senhor Absoluto de um ser, o converte em uma Aspiração para o Infinito ..., u'a imensa Palpitação de Vida ..., uma Luz que não se extingue ..., uma Vibração Interminável! ...

Tal é Jhasua, o Deus-Menino, que dorme em Betlehem, sob o teto de um artesão, num cestinho de junco!

E, para embalar Seu sono de Deus Encarnado, cantam os Anjos do Eterno:

"*Glória a Deus nas alturas celestiais, e paz, na Terra, aos homens de boa vontade.*"

Nos Montes de Moab

Os Sete Círios do Monte Quarantana, que já conhecemos, eram: Ismael, Abiatar, Henan, Joel, Sadoc, Manassés e Amós. Denominavam-se *Círios* os Essênios que já haviam escalado o Quarto Grau da Fraternidade, pois era necessário que tivessem as características próprias de um círio: derramar luz da Sabedoria Divina e calor do Fogo Sagrado do Amor que leva até a morte, se dela há de surgir a redenção das almas.

Encontramo-los novamente na manhã do mesmo dia em que Elcana, Josias e Alfeu empreendiam a viagem de regresso a seus lares, em Betlehem.

Eles cantavam, acompanhados de saltérios e de cítaras, formosos salmos de ação de graças, enquanto o Sol, levantando-se no oriente, deixava penetrar um raio oblíquo de sua luz de ouro por uma clarabóia do teto rochoso. Como ocorria em todos os templos essênios, aquele raio de sol matutino ia projetar-se, ainda que apenas por alguns minutos, sobre as Tábuas da Lei, que, como se sabe, encontravam-se sobre uma enorme estante de pedra, logo atrás dos Sete Livros dos Profetas.

Profundos conhecedores das poderosas influências planetárias em conjunção com os pensamentos humanos, os Essênios construíam seus templos de tal forma que a luz de ouro do Sol e a luz de prata da Lua se associassem a seus mais solenes momentos de evocação do Infinito.

No exato momento em que o raio solar esvaziava seu resplendor sobre as Tábuas da Lei, apareceu a figura de Moisés que, com seu dedo indicador, escreveu com fogo os preceitos divinos, sendo possível notar claramente que aquelas palavras *Amarás a*

teu próximo como a ti mesmo pareciam arrojar chispas de luz tão refulgentes e vivas que não podiam ser devidamente resistidas pelo olhar humano.

Ouviu-se distintamente Sua voz, como uma vibração de clarim, que dizia: "Amar os homens até morrer por eles é o programa que venho para desenvolver juntamente convosco. Sereis capazes de seguir-Me?"

Os sete Essênios, conservando-se em pé, colocaram sua mão direita sobre cada um dos Sete Livros Sagrados, enquanto respondiam:

– Juramos pelos nossos maiores Profetas. Falai, Senhor, e será feito como mandais.

– Deitai a sorte – disse de novo a voz da aparição – e ide, em número de três, ao templo dos Montes de Moab, para dar aviso, aos que Me esperam, que começou o grande dia da Redenção.

Os sete inclinaram suas frontes para a terra, e, quando as levantaram novamente, o raio solar havia passado, e a visão havia-se diluído na penumbra cinzenta do templo de rochas.

Lançaram a sorte como lhes fora dito, e saíram os nomes de Joel, Sadoc e Abiatar.

Poucos momentos depois, vestia cada qual uma túnica de peregrino, de tosca pele de camelo, e um manto de lã escura, e, tomando o cajado e a bolsa de pão, queijo e frutas, receberam a bênção do Servidor. Saíram para o mundo exterior pela portinha que conhecemos e que dava para o palheiro da Granja de Andrés.

O sol começava a derreter a neve das montanhas, e os estreitos, tortuosos e resvaladiços caminhos ofereciam grande perigo para quem se aventurasse por eles. Suas velhas recordações lembravam que muitos Essênios haviam perdido a vida na travessia que iam realizar.

Saindo-se de En-gedi em direção ao norte, o trajeto era melhor, ainda que significasse dar toda a volta ao redor do Mar Morto e encontrar diversas povoações onde, não obstante haver algumas famílias essênias, levar-se-ia muito mais tempo para chegar aos Montes de Moab, que eram seu destino.

Era, pois, preferível tomar o caminho de En-gedi para o sul, ou seja, em pleno deserto, que somente era interrompido pela tétrica Fortaleza de Masada, espantoso presídio para os mais audazes foragidos de toda a província. Tinham que atravessar as grandes salinas e, depois, o turbulento riacho de Zared que, descendo das alturas de Acrobin, precipitava-se com fúria de torrente, ao desembocar no Mar Morto.

Aquelas espantosas paragens estavam infestadas de feras selvagens e de feras humanas, pois os que escapavam da Fortaleza buscavam refúgio nas mais profundas e sombrias cavernas, onde também os três Essênios procurariam resguardar-se da neve que caía abundantemente sobre toda aquela região.

Eles, porém, haviam jurado sobre os Sete Livros Sagrados de seus Profetas seguir Aquele que chegava das alturas de seu Sétimo Céu para salvar a Humanidade. Que representava realmente, para eles, atravessar algumas milhas pela neve, por montanhas, desertos escabrosos e povoados de feras? Que significaria isto para a Humanidade e o Santo dos Santos, que vinha não apenas para salvá-la, mas, principalmente, para morrer por Ela? Não era também a Terra um deserto povoado de feras, de serpentes venenosas, de lobos com goelas famintas? ...

Além de tudo isso, tratava-se de u'a humanidade que tinha apenas a inteligência desenvolvida, mas a vontade empregada no mal; capaz de amar e de odiar, capaz de vingança e crime! ...

Jhasua não havia considerado nada disso, nem vacilara, nem se detivera, nem havia pensado que seu imenso sacrifício pudesse ser inútil ... Sacrifício de um Serafim do Sétimo Céu em favor dos homens da Terra, que só demonstravam ter capacidade

para odiar-se uns aos outros, para, mutuamente, fazerem-se mal, para devorar-se como feras raivosas! ...

Assim meditavam os três viajantes essênios, enquanto avançavam, rompendo a neve, pelos perigosos caminhos que forçosamente tinham de percorrer.

Entre En-gedi e a Fortaleza de Masada, estendia-se um amortecido vale, cuja escassa vegetação era originada pelo arroio Anien que o atravessava de leste a oeste.

Passava já do meio-dia. O arroio estava convertido num lençol de neve, impossível de vadear ou de verificar as profundidades perigosas que pudesse oferecer. Sentaram-se, pois, na margem, sobre a minguada erva e abriram os surrões de couro para comer algum alimento. Apenas haviam iniciado sua frugal refeição, saiu um homem semidesnudo de um matagal de arbustos secos, que ocultava a entrada de uma das numerosas cavernas daquelas áridas montanhas.

Sua cabeleira emaranhada e as roupas esfarrapadas, que o cobriam parcialmente, davam-lhe o aspecto feroz de um urso parado sobre suas patas traseiras.

– Há cinqüenta dias que estou comendo raízes e lagartos crus – disse aquele homem com voz rouca e seca. – Se não sois feras, como as que povoam estes montes, dai-me, por piedade, um pedaço de pão.

Os três Essênios estenderam-lhe os bornais de couro, enquanto diziam:

– Tira o quanto queiras.

– Não estou em segurança aqui – acrescentou –; vinde ao meu esconderijo, que oferece mais abrigo do que este local.

Eles o seguiram.

O homem afastou com uma vara os espinhosos ramos dos arbustos e deixou a entrada livre.

Era uma caverna encravada na rocha viva, mas tão negra e sombria que se sentia o peito comprimido somente ao pensar que aquilo era a habitação de um ser humano.

– Come – disseram-lhe os Essênios – e dize o que poderemos fazer para melhorar a tua situação.

"Enquanto o sol derrete o lençol de neve do arroio, teremos tempo para ouvir."

– Compreendo perfeitamente que não sois homens capazes de causar dano nem aos lagartos que correm por estas brenhas, e sei também que não me delatareis.

– Não, irmão – responderam-lhe. – Nosso dever é fazer o bem a todos e não o mal. Somos Terapeutas peregrinos; percorremos as regiões açoitadas pelas epidemias e buscamos plantas medicinais nas montanhas.

– Triste missão a vossa: perder vosso tempo e vossa saúde na cura de homens que se devoram uns aos outros como feras. Por que não curais de maneira mais benéfica as ovelhas e os cães sarnentos?

Os Essênios sorriram e calaram. Compreendiam demasiado o estado lastimável da alma daquele homem, vítima, sem dúvida, das maldades humanas.

"Vivo aqui, há cerca de quatorze meses, porque quero cobrar, eu mesmo, uma dívida. Tenho que matar um homem que me reduziu a esta condição em que me vedes, depois de haver roubado minha mulher e de havê-la encerrado num calabouço dessa Fortaleza com os dois filhos que eram a única alegria da minha vida. Daqui saio como um lobo faminto, a espreitar o momento propício para dar o golpe. É o Procurador. Ele mantém minha mulher na torre, iludida com a notícia de que eu fui morto junto com meus filhos numa revolta de vagabundos que ocorreu faz um ano e meio. Porém eu lhe arrancarei as entranhas e as darei de comer aos cães! ... E o infeliz que se ponha vermelho de raiva!"

Os Essênios pensavam e silenciavam.

– Dá-nos o nome da tua mulher e de teus filhos – disse Abiatar, o mais idoso – e, se Jehová está conosco, faremos algo por ti e por eles. Por isto, começa a não mais pensar na vingança, pois ela te levaria a maiores desgraças, e teu mau pensamento nos impediria de trabalhar em teu benefício.

– Minha mulher chama-se Zabad, e meus filhos, Gedolin e Ahitub. Que pensais fazer?

– Isso é coisa nossa. Conheces bem este arroio?

– Eu o cruzei muitas vezes! Quereis vadeá-lo? – perguntou aquele homem.

– Tal é nosso desejo e nossa necessidade – responderam os Essênios.

– Segui-me, pois, e agradeço imensamente pelo alimento que me destes – e devolveu-lhes os surrões ainda quase cheios.

– Guarda o seu conteúdo – disse Joel – porque Jehová nos sustentará como aos pássaros do campo – e esvaziou as três bolsas sobre uma pedra na entrada da caverna.

– Podeis morrer de fome se fordes longe – repetiu o homem da caverna.

– Não te preocupas por causa disto, irmão. Guia-nos até o vau que conheces no arroio – insistiu Abiatar.

O homem penetrou novamente em sua caverna, seguido pelos Essênios que acenderam suas velas de cera para poder distinguir algo na espantosa treva.

Caminharam longo tempo inclinados para não bater com as cabeças nas saliências pontiagudas da rocha. De vez em quando, sentiam-se asfixiados, todavia, algumas fendas abertas na rocha, que deixavam filtrar um pouco de luz e ar, produziam-lhes pequeno alívio. Grande foi sua surpresa quando viram brilhar uma brecha de saída como um recorte de céu dourado pelo sol entre as sombras que os rodeavam. Maior ainda foi sua admiração, quando viram, a uns cinqüenta passos de distância, os negros muros da Fortaleza, a qual, pelo caminho ordinário, teriam levado meio dia para alcançar.

– Irmão! – exclamou Sadoc. – Que boa obra praticaste conosco! Eis aqui a Fortaleza a cinqüenta passos de nós! E o arroio?

– Segue serpenteando pelo outro lado; mas eu descobri esta passagem, e, como se vê, ela é bem boa.

– Está bem. Acomoda-te aqui, que já traremos notícias de tua esposa e de teus filhos. – Então os três Essênios começaram a andar, enquanto o homem solitário permanecia olhando-os com os olhos conturbados. Um dos Essênios voltou a cabeça e o viu na brecha da saída da caverna, seguindo-os com o olhar. Agitou a mão em sinal de amizade e de confiança e continuou andando.

O homem deixou-se cair sobre a erva murcha daquela triste paragem, e duas grossas lágrimas rolaram-lhe pelas faces, curtidas pela intempérie, e foram perder-se em sua emaranhada barba.

– Nem todos os homens são maus – murmurou. – Ainda há justos sobre a Terra ... Começo a crer que existe Deus nas maiores alturas dos Céus. – Fechando novamente o áspero matagal que ocultava aquela saída, deitou-se no solo e esperou.

Os três Essênios contornaram a negra muralha de pedra até chegar ao grande portão da entrada. Quando se viram à sua frente, puxaram a corda da campainha que ressoou como no fundo de uma tumba. Um pequeno postigo gradeado foi aberto e surgiu o rosto triste do porteiro, que investigava com o olhar.

– Quem sois? – perguntou simultaneamente.

– Terapeutas peregrinos que pedem permissão para visitar os enfermos, se é que existem doentes aí.

– Ah! Sede bem-vindos. Há aqui uns quatro lobinhos com o diabo da febre no corpo, que me podem trazer esse mal. Já lhes abro a porta.

Depois de grandes chiados de ferrolhos e de chaves, abriu-se uma pequena porta que apenas dava passagem para uma única pessoa de cada vez.

Os três Essênios entraram.

O porteiro parecia ter grande vontade de falar, e somente ele falava. Os Essênios escutaram em silêncio.

– O Alcaide não está. Foi chamado pelo Procurador, já faz um mês, e não sei quando voltará. Tenho quase todos os presos dos calabouços inferiores doentes e uma louca na torre, que nos deixa a todos doidos com seus guinchos de gralha.

"Irmãos Terapeutas, vós me conseguistes o indulto de meus pecadinhos da juventude, com a condição de que eu aceitasse este posto; entretanto crede-me que, além de eu ser mau e tudo mais, há, por aqui, certas coisas que me revoltam. Quisera mandar todos para o Vale de Josafat e escapar desta vida de Inferno."

– Lembra-te, Urias – aconselhou Abiatar –, que ainda vive o poderoso senhor que queria assegurar, com tua morte, o segredo que o interessava guardar, e que tu também possuías. Ele crê que sumiste no calabouço desta Fortaleza para toda tua vida. Com esta convicção, vive ele tranqüilo, e assim tu conservas a vida e a saúde. Jehová inspirou a seus servos este modo de salvar-te e, ao mesmo tempo, ajudar a corrigir-te, levando uma vida ordenada, ainda que triste, por ser esta u'a mansão de dor. Contudo, o teu cativeiro aqui não durará sempre.

"No regresso desta nossa viagem, conseguiremos uma boa mudança em teu benefício. Leva-nos à presença dos enfermos, pois temos pressa em continuar a viagem."

Ele os fez descer até os calabouços, onde, entre os enfermos, encontraram dois meninos de onze e treze anos, filhos do homem da caverna. Uma febre infecciosa, causada pela má alimentação e pela falta absoluta de higiene, prostrara-os num imundo leito de palhas e de peles de ovelha.

Tratando-se de enfermos, os Terapeutas peregrinos gozavam de autoridade nos presídios, e mesmo ante as maiores personalidades. Eram conhecidos como médicos sábios e, por causa deste conceito, tinham-nos em grande estima, pois curavam sem exigir gratificação de espécie alguma.

Assim, os Terapeutas mandaram levar os enfermos para uma grande sala na parte superior do edifício, cheia de ar e de sol, determinando a mudança de alimentação e uma boa limpeza, como primeira providência antes de curá-los.

Mandaram, outrossim, que os dois filhos do homem da caverna fossem transferidos para a torre, numa sala superior que tinha uma janela na direção em que se achava a saída daquele caminho subterrâneo. Quando o porteiro com seus ajudantes realizaram todas essas mudanças, os Essênios pediram autorização para visitar a enferma da torre.

– Está louca furiosa – respondeu Urias, o porteiro –, mas, se persistirdes, fazei o milagre de sairdes sãos e salvos de suas garras. Já que fazeis tantos milagres, fazei também este!

– Deixa-nos a sós com ela – pediram os três médicos – e não venhas aqui até que necessitemos da tua ajuda.

A infeliz desafogou com eles sua espantosa dor, que lhe fazia dar gritos desesperados, e estava a ponto de tornar-se louca de verdade.

É fácil compreender que os Essênios, possuidores do segredo de toda a tragédia, imediatamente encheram de paz e de esperança a alma daquela mulher. Fizeram com que ela se reunisse a seus dois filhos, que haviam sido levados para a sala vizinha, e

o leitor poderá imaginar a cena que se desenrolou entre a mãe e os filhos, separados por cerca de um ano e meio sem que nenhuma das partes tivesse notícias da outra.

Passada aquela explosão de dor e de alegria a um só tempo, os Essênios combinaram a maneira como os três levariam sua vida na torre, sem dar lugar a suspeita de nenhuma espécie.

Era a Fortaleza de Masada um cenário demasiado conhecido para os Essênios, que, há diversos anos, entravam ali como médicos e como consoladores dos infelizes condenados à forca. Esta funcionava nas profundezas do penhasco sobre o qual assentava o edifício.

Era uma enorme caverna destinada exclusivamente à câmara de suplícios; nela cortavam-se cabeças, enforcava-se, esquartejava-se e queimavam-se os condenados à fogueira.

Aquela tétrica morada era testemunha muda dos prodígios de habilidade e abnegação dos Terapeutas peregrinos para evitar torturas e salvar muitos dos infelizes condenados à pena máxima!

Quantas vidas salvas e quantas almas redimidas, sem que ninguém sobre a Terra tivesse conhecido este aspecto do heróico apostolado dos Essênios!

Era relativamente fácil para eles dispor as coisas de tal modo que a mãe e os filhos pudessem estar juntos uma parte do dia e da noite. Além disto, os três poderiam ser vistos pelo solitário da caverna, através da grande janela que dava para aquela direção.

Pela simples introdução da ponta de um cutelo na junta de uma pedra e outra da parede, um dos blocos se deslocava de seu encaixe, o que bastava para dar passagem ao corpo de um homem. Foi deste expediente que se valeram os Essênios para que os dois filhos pudessem reunir-se à mãe.

Eles aconselharam a máxima prudência e cautela até que conseguissem obter os meios de anular completamente a injustiça de que a família fora vítima. Para não deixar no esquecimento o solitário pai que lhes proporcionara o meio de fazer tão excelente obra, deixaram com a esposa um dos três bornais vazios, a fim de que, atado na ponta de uma cordinha, pudesse ela descê-lo, todas as noites, para junto do marido, com uma parte dos alimentos que eles, como médicos, mandariam fossem dados aos três enfermos da torre.

Chamaram, então, Urias, o porteiro, para falar-lhe na presença dos doentes:

– Eis aqui, irmão porteiro: Esta enferma já não molestará a mais ninguém com seus gritos, e continuará melhorando, se lhe trouxeres diariamente duas rações abundantes, uma ao meio-dia e outra à noite. Fica em paz, irmão, até a nossa próxima visita, que será muito em breve.

Os Essênios recomendaram idêntico procedimento para com os demais enfermos e encareceram que os aposentos designados por eles não fossem trocados.

No grande livro das observações médicas, eles deixaram escrito:

"Os calabouços no subsolo não podem ser habitados, em virtude da umidade e da imundície, que poderão desenvolver uma epidemia mortífera para todos os habitantes da Fortaleza."

Em seguida, o porteiro, de acordo com as ordens que possuía, entregou aos Terapeutas peregrinos uma sacola com boas provisões e, beijando a orla de suas escuras mantas de lã, abriu a porta, recomendando que não se esquecessem dele, pois o cargo de porteiro daquele sepulcro de vivos representava-lhe uma tortura demasiada.

Os três Essênios saíram da Fortaleza, que parecia ter sido iluminada com a sua chegada. Tão certo é isto que, quando a luz divina e o divino amor estão em um ser, tudo, ao seu redor, parece florescer de paz, de consolo e de esperança!

Dando algumas pequenas voltas, trataram de aproximar-se do solitário da caverna para entregar-lhe uma boa roupa com que se abrigasse e algumas mantas de lã, que haviam pedido ao porteiro para um mendigo enfermo, agasalhado numa caverna vizinha.

Cheio de alegria, o infeliz ouviu o relato que os Essênios lhe fizeram a respeito de sua esposa e dos filhos, e como poderiam comunicar-se até que obtivessem os meios de conseguir reuni-los novamente sob o teto de um lar honesto e laborioso.

O Deus-Amor, oculto naquelas almas, continuava semeando paz, consolo e esperança! ...

Eram Essênios do quarto grau e Círios de verdade, pois davam luz e calor! ...

Continuaram a viagem costeando o Mar Morto pelo Sul, atravessando as grandes salinas e todas aquelas áridas paragens sem uma planta, sem uma ervazinha, sem rumor de vida, sem nada que pudesse proporcionar alívio e descanso aos viajantes.

Com as almas sobressaltadas de pavor, recordavam o que as antigas tradições diziam daquele formosíssimo vale de Shidin, onde cinco florescentes cidades haviam sido destruídas por um incêndio.

– Justiça Divina sobre tanta maldade humana! ... – exclamou um dos três, contemplando a opressora aridez e a devastação produzida naquelas províncias, por onde parecia ter passado, como um furacão, uma terrível força destruidora, da qual não haviam elas podido livrar-se, apesar dos muitos séculos transcorridos.

Chegaram, por fim, aos enormes penhascos denominados, na época, *Altura de Acrobin*, entre os quais se despenha, salta e corre o riacho Zared, cuja presença, naquelas escabrosidades, põe uma nota de vida e alegria na desoladora paragem. Raquíticos arbustos espinhosos e algumas das mais rústicas espécies de cactos, juncados de espinhos, assomavam por entre os acinzentados penhascos, como querendo dizer ao viajante: "Não esperes encontrar aqui nada sobre o que possas repousar tua cabeça cansada."

A travessia do riacho não lhes causou grandes dificuldades, pelo fato de haver pouco volume de água, deixando a descoberto grandes pedras, pelas quais foram passando lentamente, valendo-se de seus cajados de ramos de carvalho, que usavam para as grandes viagens.

Quando, afinal, avistaram os altos picos do Albarin e do Nebo, caíram de joelhos, bendizendo a Deus por permitir-lhes chegar uma vez mais ao Templo Sagrado, onde estava guardada toda a Sabedoria Divina que havia baixado sobre a Terra como mensagens dos Céus infinitos para a mísera criatura humana, incapaz, quase sempre, de compreendê-la.

Tão profunda foi sua evocação amorosa para com os Setenta Anciãos do Santuário que, momentos depois, viram eles descer, por um estreito desfiladeiro das montanhas, três mulas com arreios de montaria, conduzidas pelas rédeas por um enorme cão branco, que, ao longe, se parecia com um verdadeiro cabritinho.

– Nossos superiores receberam a notícia de nossa chegada e enviam as cavalgaduras que hão de conduzir-nos – disseram os viajantes.

Sentaram-se, então, sobre as pedras do caminho para tomar um pouco de alento e de descanso, visto como tinham a certeza de que os animais viriam até eles.

As cavalgaduras, conduzidas pelo enorme mastim de longa lanugem branca, demoraram mais de uma hora para chegar.

Acariciando ternamente aquele cão, enquanto levavam sua lembrança a uma velha crônica de idades pretéritas, semiperdida no imenso amontoado dos tempos, os Essênios disseram:

– Nobre e formosa criatura de Deus! Deveria ser como tu aqueloutro heróico mastim, de longos pêlos brancos, que salvou o grande Mestre Círio, quando, ao vadear um rio caudaloso, esteve a ponto de perecer afogado!

"Hoje, tu és um branco mastim dedicado a ajudar e a salvar Essênios dos penhascos traidores ... Mas, quem sabe o que serás nos séculos vindouros? ...

O animal, sentindo-se amado, agitava placidamente a cauda como uma grande borla de lã branca. Os três Essênios, pensativos e silenciosos pela grande recordação evocada, tiveram esta visão mental, ao mesmo tempo:

Um monge de hábitos negros, com o capuz abatido sobre os olhos, o que impedia ver-se-lhe o rosto, descendo por entre as montanhas cobertas de neve, alumiado, ele, por uma pequena lâmpada e guiado por um cão cor de canela, que levava provisões e água atadas ao pescoço – ia (o dito monge) em busca de um viajante sepultado pela neve nos altos Montes Pireneus, entre a Espanha e a França.

Compreenderam os três, então, sem que houvessem trocado uma palavra, que, num futuro de quinze séculos, o branco mastim, que acariciavam, estaria fazendo sua evolução na espécie humana e continuaria a missão que havia iniciado nos Montes de Moab, como salvador de homens. Seria um ignorado monge da Ordem de Cister, dedicada especialmente a hospitalizar os viajantes que atravessavam as perigosas montanhas.

Cada um deles, em silêncio, anotou, em sua caderneta de bolso, a visão mental que haviam tido e que guardavam cuidadosamente para ser examinada e analisada na Assembléia de Sete-Dias, que costumavam realizar no Grande Santuário por ocasião da promoção aos graus superiores.

Quando lhes pareceu que as cavalgaduras já estavam descansadas, reiniciaram a viagem, levando como guia o inteligente *Nevado*, como chamavam ao branco mastim, quase tão querido, no velho Santuário, quanto um ser humano.

Tanto a subida aos altos picos dos Montes de Moab quanto a descida deles eram igualmente perigosas. É que eles pareciam cobertos de um branco manto de neve, guarnecido com laços de ouro, por efeito dos raios solares da tarde.

Aqueles altíssimos promontórios, cobertos de neve dourada a fogo pelo sol, eram o cofre magnífico e grandioso que ocultava a todos os olhares os tesouros da Sabedoria Divina, guardados pela Fraternidade Essênia, última Escola que acompanhava o Cristo em Sua apoteose final como Redentor.

Todo um desfile de grandes pensamentos ia absorvendo, pouco a pouco, a mente dos viajores, à medida que subiam por aqueles espantosos desfiladeiros, nos quais um ligeiro desvio das cavalgaduras significava a morte.

Aquele estreito e tortuoso caminho subia obliquamente, em espiral irregular, até os mais altos cimos, no meio dos quais se tropeçava, de súbito, com um enorme terraço de pedra, como se uma foice gigantesca houvesse cortado ao nível aquela massa cinzento-escura, terraço esse que parecia escolhido para habitação ou tumba de uma régia dinastia de gigantes.

Aquela plataforma era um descanso forçado para a tensão de nervos a que o viajante era submetido por ver constantemente o precipício a seus pés. Vinha a ser também um descanso para as cavalgaduras, que ficavam visivelmente esgotadas com o demasiado esforço empregado.

A natureza havia deixado ali um sorriso de mãe para suavizar a pavorosa dureza da paisagem: uma cristalina vertente, que nascia de uma fenda profunda e brilhante aberta na rocha viva. Dir-se-ia que algum Moisés-Taumaturgo a houvesse

tocado com sua vara para fazer brotar a água em límpido manancial, que, armazenado em pequeno remanso ou reservatório natural, transbordava depois e se lançava impetuosamente morro abaixo, formando o arroio Armon, o qual corria sem deter-se até desembocar na margem oriental do Mar Morto. Numa cavidade das rochas, os Essênios haviam amontoado grande quantidade de ervas secas, inclusive grãos e bolotas de carvalho para as cavalgaduras, além de queijo e mel silvestre para os viajantes.

– Um breve descanso, e mais para cima! – disseram os Essênios a Nevado e às mulas, enquanto lhes davam a respectiva ração. – E que a noite não nos surpreenda nestes desfiladeiros por causa do nosso repouso. Quando o Sol já ia mergulhando no ocaso, os três viajantes estavam apeando diante da grande porta de entrada do Santuário dos Essênios.

Imaginas, talvez, leitor amigo, que deveria tratar-se de uma enorme porta de prata cinzelada, ou de bronze polido ou de ferro forjado a golpes de martelo?

Nada disto. Era a porta de um Templo Essênio, que não revelava coisa nenhuma ao exterior. Somente quem houvesse alguma vez penetrado por ela poderia saber que aquilo era uma porta. Tratava-se de enorme pedra de linhas curvas, cuja forma, algo irregular, apresentava achatamentos em alguns dos lados, e que, à simples vista, parecia um capricho da montanha, ou a descomunal cabeça de um gigante petrificado pelos séculos.

Mas ocorria o seguinte: esse enorme bloco de pedra girava sobre si mesmo em duas saliências, cujas extremidades estavam incrustadas nos muros rochosos da entrada, operando-se o movimento de dentro para fora mediante uma combinação simples de grossas correntes. Uma vez aberta, assim, para o exterior, aquela esfera abria passagem para que pudessem entrar aqueles que Nevado anunciasse, puxando, com seus dentes, o cordel de uma campainha. Estava esse cordel oculto entre o matagal, a uns vinte passos dessa porta original, e ninguém, a não ser Nevado, podia introduzir-se por aquele despenhadeiro de cactos silvestres e espinhosos sarçais.

Bastava que girasse para fora a grande pedra, para que se avistasse a luz dourada de várias lâmpadas de azeite que alumiavam a espaçosa galeria da entrada, ou seja, um magnífico túnel esmeradamente trabalhado por verdadeiros artistas da pedra.

Nenhum audaz viajante, escalador de montanhas – que houvesse tido a coragem de galgar aqueles escabrosos montes, cujas encostas, como que cortadas a pino, se tornavam quase inacessíveis – jamais houvera imaginado que, dentro daquele negro boqueirão, pudesse encontrar belezas, arte, doçura, suavidade e harmonia de qualquer natureza.

Naquele obscuro túnel, somente iluminado por lâmpadas que nunca se apagavam, podiam ser admirados formosos trabalhos de alto-relevo e de escrituras em hieróglifos egípcios, traduzidos para o siro-caldaico.

Em alto-relevo, por exemplo, podiam ser vistas as principais passagens da vida de Moisés, iniciando pelo flutuar do cestinho de junco, no qual Ele fora arrojado às águas do Nilo para esconder sua origem ...; a passagem do Mar Vermelho, seguido pelo povo hebreu; a travessia do deserto; as visões no Monte Horeb, de onde desceu com as Tábuas da Lei, gravadas a buril por Ele mesmo, no uso de Seus poderes internos sobre todas as coisas da Natureza, enquanto sentia que uma voz do alto Lhe ditava aquela mensagem divina que chamamos: *Decálogo.*

Assombrava pensar nos anos e nas vidas que haviam sido dedicados àquela obra gigantesca.

Terminava essa galeria num semicírculo espaçoso, do qual partiam dois caminhos, também iluminados por lâmpadas de azeite. O da direita chamava-se: *Pórtico dos Profetas*, e o da esquerda: *Pórtico dos Humildes.*

Pelo primeiro, entravam os Essênios que viviam em comum e em celibato. Pelo segundo, entravam os que viviam no exterior e constituíam família. Se, destes últimos, alguns chegavam ao quarto grau e, por motivo de viuvez, quisessem viver no Santuário, podiam entrar pelo Pórtico dos Profetas. Era este assim chamado porque naquelas paredes apareciam gravadas as principais passagens da vida dos Sete Profetas Maiores, cujos nomes já são conhecidos pelo leitor (*).

No Pórtico dos Humildes, estavam gravados episódios notáveis de jovens Essênios dos primeiros graus, que tinham realizado atos heróicos de abnegação em benefício do próximo.

Por ambos os caminhos, chegava-se ao Santuário que ficava no final deles. Na plataforma de entrada, observava-se um enorme candelabro com setenta círios, que pendia do alto daquela cúpula de rocha cinzenta, a qual, pacientemente lavrada e brunida, achava-se orlada pelo dourado resplendor de tantas luzes.

A grande porta do Santuário era um bloco de granito que girava sobre um eixo vertical, sem ruído nem dificuldade alguma, e apenas mediante um impulso que fosse dado do interior.

Nevado havia conduzido as três mulas para uma das cavalariças ou cercados, que se achavam na curva de um caminho, naquele labirinto de montanhas e de enormes cavernas, no meio das quais se abriam pequenos vales escondidos e regados por fios de água, que caíam dos mais altos cabeços, formados pelos degelos ou por vertentes ocultas.

Os viajantes anunciaram sua presença através de um pequeno orifício praticado no bloco giratório, o qual era o tubo de uma buzina de bronze, que repetia, como um longo eco, todas as frases que ali fossem pronunciadas:

"Mensageiros do Quarantana. Essênios do quarto grau."

O Ancião que montava guarda à entrada do Santuário fez girar o bloco de granito, e os viajantes caíram de joelhos beijando o pavimento do Templo da Sabedoria.

Os Setenta Anciãos, cobertos de mantos brancos, apareceram em duas filas para receber entre seus braços os valentes Irmãos que haviam arrostado os perigos da penosa viagem para levar-lhes u'a mensagem de grande importância.

Aquela cena tinha tão profunda vibração emotiva, decorrente do grande amor dos Irmãos que lutavam no exterior, que estes puseram-se a chorar com grandes soluços, enquanto iam passando entre os amorosos braços daqueles setenta homens, que já passavam dos 60 anos.

Viviam aqueles Anciãos somente como pára-raios no meio da Humanidade; como faróis escondidos, cujo pensamento escalava os mais altos Céus, em busca de piedade e de misericórdia para a humanidade delinqüente; como arroios de águas vivificantes, que desciam incessantemente para levar sua frescura, sua paz e seu consolo às vítimas das maldades humanas.

Eram os Amadores terrestres que, a exemplo dos Amadores do Sétimo Céu, ensaiavam para ser Harpas Eternas no plano terrestre, por amor aos homens, que eram a herança adquirida pelo Cristo.

(*) Elias, Eliseu, Isaías, Samuel, Jonas, Jeremias e Ezequiel (N.T.).

Parece que sinto o pensamento do leitor, desejando perguntar:

Que motivo, que idéia original e estranha induziu os Essênios a ocultarem seu grande Santuário-Matriz em tão agrestes e pavorosos montes? Se buscavam montanhas, havia tantas naquelas mesmas terras, como sejam: a cordilheira do Líbano e as da Galiléia e da Samaria, as quais, cobertas de formosa vegetação, eram um verdadeiro esplendor da Natureza.

Eram os Essênios o ramo mais direto da grandiosa árvore da Sabedoria de Moisés. Houve, entre a tribo levítica, que Ele organizou antes de chegar à chamada Terra da Promissão, um jovem que conquistara o privilégio ímpar de desfrutar as ternuras do grande coração do Legislador. Era como uma cotovia sobre as asas de uma águia; era como uma flor do ar presa ao tronco de um carvalho gigantesco; era um pequeno cacto a florescer no cume de u'a montanha.

Chegou esse jovem à maturidade ao lado do grande Homem, emissário da Divindade, e mereceu de tal forma a confiança de Moisés que Este, em horas de amargura e de profunda incerteza, costumava dizer-lhe: "Essen, menino de cera e de mel, toma tua cítara e esvazia Minha mente, que uma grande tempestade encrespou as águas da Minha fonte." Essen tocava a cítara, e Moisés orava, chorando e clamando à Divindade, que transbordava sobre Ele como um grandioso manancial de estrelas e de sóis.

Esse humilde ser – que escolheu a vida oculta naquela época, como expiação de grandezas passadas que haviam entorpecido sua vida espiritual – tinha acompanhado Moisés quando seus Guias, ou seja, as grandes Inteligências que apadrinharam sua encarnação, anunciaram que havia chegado a hora da sua liberdade, que subisse à cordilheira de Albarin e nela buscasse o Monte Nebo e o cume do Pisga, onde haveria de ver a glória que Jehová lhe reservava.

Esse seguiu Moisés sem que Este o percebesse, até que chegou ao alto da escarpada montanha. Acompanhou-O até o desprendimento de Seu espírito, no êxtase de Sua oração, numa noite de lua cheia. Depois de se certificar de que seu Mestre não despertaria mais para a vida física, recolheu Seu corpo sem vida, sepultando-O num pequeno vale chamado Beth-peor, sombreado por murtas em flor e bordado de lírios silvestres, onde aninhavam as cotovias e os melros. Pareceu-lhe ser aquela uma tumba digna d'Aquele Ser excepcional que ele tanto havia amado.

Para não revelar a ninguém coisa alguma de quanto havia ocorrido, conforme Moisés lhe ordenara, refugiou-se numa caverna e não se apresentou mais a Josué, o sucessor de Moisés. Por esta razão, Josué, os Príncipes e os Sacerdotes tiveram em conta o que o Grande Profeta havia dito: "Se, passados trinta dias, Eu não descer dos Montes, não devereis procurar-Me na Terra, porque Jehová Me terá transportado para Suas moradas eternas."

Esse pequeno jovem Essen, da família sacerdotal de Aarão, foi a origem dos Essênios, que tomaram seu nome.

O cume do Monte Pisga, onde Moisés teve suas grandes visões, o Monte Nebo, onde morreu, e o vale do Seu sepulcro, foram o lugar sagrado escolhido pelos Essênios para o Seu grande Templo na rocha viva, o qual perdurou até muito depois das vinda de Jesus de Nazareth. Tais as razões por que haviam sido escolhidos os escarpados Montes de Moab para cofre gigantesco de tudo quanto pertencera a Moisés.

Ali estavam aquelas duas Tábuas que Ele havia gravado em estado extático, e que Ele mesmo quebrou em duas, devido à indignação que sentiu quando, ao descer do Monte Horeb, verificou que o povo adorava um bezerro de ouro e dançava ébrio

ao seu redor. Havia Essen recolhido aquelas tábuas quebradas, que, aliás, eram as mesmas que estiveram guardadas no grande Santuário-Mãe da Fraternidade Essênia.

Feito este sucinto relato explicativo para tua elucidação, leitor amigo, entremos, também nós, no imenso Templo de rochas, onde vivem os Setenta Anciãos sua vida de círios benditos, a consumirem-se ante o altar da Divina Sabedoria, a fim de que jamais venha a faltar luz aos homens desta Terra – herança do Cristo, a cujos ideais haviam eles sacrificado tantas vezes as próprias vidas! ...

Terminada a emotiva cena do recebimento no pórtico interior do Templo, avistava-se um imenso arco, lavrado também na rocha, o qual se achava coberto por uma grande cortina de linho branco.

Naquele primeiro pórtico viam-se grandes bancos de pedra com suas correspondentes estantes, sobre as quais se abriam os Livros dos Salmos, cantando as glórias de Deus ou pedindo Sua misericórdia para a humanidade terrestre.

Era este o salão das Assembléias dos Sete-Dias para examinar as obras, os acontecimentos, os progressos espirituais, mentais e morais dos Irmãos que deviam passar para um grau superior.

Os Irmãos que iam ascender a novo grau vestiam, durante esses sete dias, uma túnica violeta de penitência e, cobertos por um capuz, não se lhes podia ver o rosto, nem, tampouco, podiam falar coisa alguma.

Entregavam suas cadernetas onde eram anotadas suas obras, as luzes divinas e os dons que Deus lhes havia proporcionado em suas concentrações, como também as fraquezas em que haviam incorrido, e o desenvolvimento de suas faculdades superiores. Ouviam as deliberações dos Anciãos, que falavam livremente como se os interessados não os estivessem ouvindo e, da mesma forma, expunham também seu voto favorável ou não, segundo os casos.

Se o voto era favorável, os graduados levantavam seu capuz, e o grande véu do Templo era descerrado para que passassem todos ao Tabernáculo das Oferendas, onde o Grande Servidor acendia, com um círio dos Setenta que ali ardiam, uma fogueira sobre u'a mesa de pedra, e nela eram queimadas as cadernetas com a última confissão dos iniciados.

O oficiante dizia em voz alta: "O fogo de Deus reduz tudo a cinzas: o que é grande ou pequeno, o que é bom ou mau. A cinza é esquecimento, é silêncio, é morte." Cantavam, a seguir, o Salmo da Misericórdia ou o "Miserere", deitando incenso e mirra nas brasas vivas, enquanto o oficiante acrescentava:

"Seja agradável a Vós, onipotente Energia Criadora, Causa Suprema de toda a vida, de todo o bem, a oferenda que acabam de fazer, dos sete anos vividos em Vossa Lei, estes Irmãos que rogam, de Vossa imensa Piedade, a dádiva de serem aproximados de Vós através de novas purificações, que serão outros tantos holocaustos em favor da Humanidade, herança do Cristo."

Em seguida, vestiam-nos com as túnicas brancas de linho e ornavam-lhes a fronte com uma faixa cor de púrpura, com tantas estrelas de prata de cinco pontas quantos graus haviam eles passado. Cingiam, outrossim, suas cinturas com um cordel de lã, também cor de púrpura, denominado *Cinto da Castidade*, em cujos pendentes havia tantos nós quantos graus tinham eles realizado.

Então, e só então, os iniciados subiam os sete degraus do Tabernáculo, onde se achava um grande cofre de prata cinzelada que o Grande Servidor abria. Ali encontravam-se as Tábuas da Lei, quebradas por Moisés e unidas cuidadosamente por pequenos grampos de ouro.

Com profunda emoção, imprimiam beijos reverentes sobre aqueles caracteres, gravados, pelo Grande Ungido, mais pela força de Seu pensamento e de Sua vontade, postos em ação, do que pelo Seu dedo, convertido numa espécie de punção de fogo, que pulverizava e queimava a pedra.

Ali estavam os cinco manuscritos originais de Moisés em hieróglifos egípcios, que Essen havia recolhido dentre as roupas do grande Taumaturgo, depois de Sua morte. Eram cinco pequenas cadernetas de papiro, guardadas numa pequena bolsa de couro. Estavam abertas para que pudessem ser lidos os seus títulos: "Gênese – Êxodo – Levítico – Números – Deuteronômio."

Debaixo dos cinco livros sagrados de Moisés, via-se um papiro estendido e seguro nas extremidades por pequenos ganchos de prata, no qual podia ser lido em hebraico antigo:

"Eu, Essen, filho de Nadab, do sangue de Aarão, que fugi para os cimos do Monte Nebo acompanhando a Moisés, meu Senhor, juro por Sua sagrada memória que Ele me mandou recolher, de Seu corpo, estas escrituras, quando O encontrasse morto. Declarou-me, outrossim, que a Voz do Alto o aconselhou que as levasse consigo para que não fossem destruídas ou adulteradas, como já algumas pessoas pensavam em fazê-lo, tão logo o Autor estivesse morto. Essa determinação foi decorrência de uma visão, que tivera, de que tinham sido queimadas as cópias fiéis que Ele mandara tirar para uso dos Sacerdotes e do povo.

"Meu pai Nadab, filho de Aarão, Grande Sacerdote, foi morto no altar dos holocaustos por ter oferecido incenso sobre brasas vivas e pães-de-oferenda a Deus, e ter-se negado a efetuar a degolação dos animais repudiada pelo Grande Profeta. Fugi, em seguimento a Moisés, por ter a Sua Lei sido substituída por outra, beneficiando os Sacerdotes e os Príncipes de Israel, donos das oferendas que prescreviam sacrificar em benefício próprio e de suas rendas. Que Jehová, Poderoso e Justiceiro, ante o qual vou comparecer dentro de breve tempo, seja testemunho de que eu digo a verdade, enviando-me um servidor Seu para que feche os meus olhos e recolha as escrituras de Moisés, que eu, seu servo, tenho conservado."

Mais abaixo, aparecia uma nova linha, escrita com caracteres mais grossos e trêmulos: "Choro de felicidade e bendigo a Jehová, que deu testemunho de que eu dizia a verdade, e trago para minha solidão estes sete Levitas (*), que fogem da abominação de Israel, entregue à matança nos povoados que esse povo deseja habitar, renegando dessa forma a Lei de Jehová, que diz: 'NÃO MATARÁS'." Logo a seguir, com letras diferentes, lia-se: "Atestamos que tudo isto é a expressão da verdade." Em continuação havia estas sete assinaturas: "Johanan, Sabdiel, Jonatham, Saul, Asael, Nehemias e Azur."

Em prosseguimento das ditas assinaturas, voltava-se a ler: "O amor destes servos de Jehová curou a febre que me consumia, e Ele me concede a vida por mais outro tempo. Louvado seja Jehová! Essen, servo de Moisés." Em seguida, uma data, que denotava ser quatorze anos depois, dizia: "Jehová chamou a Seu reino nosso irmão Essen, e nós o sepultamos em Beth-peor, junto ao sepulcro de Moisés, nosso Pai."

(*) A tribo de Levi dividiu-se em dois grupos distintos de ministros sagrados: os Sacerdotes e os Levitas. Os Sacerdotes pertenciam exclusivamente à família de Aarão, enquanto os Levitas se ligavam aos outros descendentes de Levi. Estes últimos eram colaboradores e auxiliares dos Sacerdotes, e estavam encarregados das tarefas mais modestas, inclusive da limpeza. Os Levitas não podiam entrar no Santuário, nem aproximar-se do altar (N.T.).

Na parte superior do Tabernáculo, via-se uma estrela de cinco pontas, símbolo da Luz Divina, formada com cinco lamparinas de azeite que ardiam sem apagar-se nunca.

À direita, estava um grande armário embutido, lavrado também na rocha e com muitos compartimentos, encimados por estes dizeres: *Livros e Memórias dos Grandes Profetas.* Cada compartimento ostentava um nome: Elias, Eliseu, Isaías, Ezequiel, Samuel, Jonas, Jeremias, Oséias, Habacuc, Daniel, etc., etc.

À esquerda, havia outro igual, em cima do qual estava escrito: "*Crônicas da Fraternidade e memórias dos Anciãos que viveram e morreram neste Santuário.*" De um lado e do outro do grande Tabernáculo central viam-se duas pilastras de água, que se enchiam por meio de repuxos das vertentes do Pisga e se esvaziavam por um aqueduto, que saía em direção ao pequeno vale das cavalariças. Aquelas águas, poderosamente vitalizadas, eram levadas para o exterior pelos Terapeutas peregrinos, a fim de serem utilizadas na cura de muitas enfermidades físicas e mentais.

Descrito já, minuciosamente, o Templo dos Essênios, passemos, leitor amigo, para o interior do Santuário, juntamente com os três viajantes, que, seguindo os Anciãos, penetraram por uma pequena galeria, iluminada também por lâmpadas. Em cima de cada lâmpada, podia ser vista uma gravura com uma sentença, isto é, um conselho cheio de prudência e sabedoria dos grandes Mestres e Profetas essênios.

Entraram todos nas piscinas de banho para realizar a ablução por imersão, que a Lei ordenava, como medida de higiene e de limpeza, antes da refeição da noite. Logo em seguida, foram, juntos, ao refeitório. Nesse local, era permitido o recreio e o descanso, durante a refeição. Ali também se faziam referências a todas as notícias que os viajantes traziam do exterior.

Nossos três Essênios-Viajantes mencionaram tudo quanto de extraordinário sabiam sobre o nascimento do filho de Myriam e de Joseph.

Depois de ouvi-los atentamente, o Grande Servidor, que repartia e servia os manjares, que, de antemão, haviam sido colocados nos grandes depósitos e caçarolas de barro, disse:

– Quando, ontem, ao meio-dia, tivemos notícia espiritual da vossa chegada, sabíamos que o Avatara Divino estava já encarnado na cidade de Betlehem, e que Irmãos do Templo dos Montes Quarantana vinham com a notícia.

"Alguns videntes vos viram desde que saístes da Fortaleza de Masada, vindo nesta direção.

"Quando houvermos terminado a refeição que Deus nos dá, examinaremos, juntamente convosco, o que os nossos inspirados e auditivos escreveram em suas cadernetas de bolso, e poderemos ver as comprovações.

"Quando chegar a hora em que o raio da lua cheia atingir as Tábuas da Lei, faremos a Evocação Suprema (*) para que nosso Pai Moisés volte à Terra e nos dê novamente a Sua bênção."

Grandemente animada continuou a conversação espiritual dos Anciãos sobre o grande acontecimento que ocorria no seio da humanidade terrestre, sem que esta se desse conta do fato.

– Pobre menina cega e inconsciente! – exclamou um dos Anciãos. – Esteve a ponto de ser aniquilada e conduzida aos mundos das trevas e não o percebeu!

(*) Salmo 136, mencionado algumas páginas mais adiante (N.T.).

Quando assim falavam, dois dos Anciãos e Sadoc, um dos Essênios recém-chegados, tiraram suas cadernetas do bolso e escreveram algo.

Nas três cadernetas verificaram-se estas palavras:

"Não aqui, mas na caverna do Monte Nebo recebereis a dádiva de Deus. Eliseu."

Quando todos se inteiraram da mensagem, disse o Grande Servidor:

– Então não há tempo a perder, porque o trajeto é longo e apenas chegaremos no momento do raio da lua.

– Toca a andar, pois! – disseram todos.

Embuçando-se em grossos mantos brancos de lã e acendendo as velas de cera, passaram do refeitório para um recinto circular, iluminado debilmente por uma lamparina pendente do teto. Ali ficavam três roupeiros de cedro que, sem portas, deixavam ver grande quantidade de túnicas violetas de penitência, bem como túnicas e mantos brancos e cordéis de púrpura.

Na parte superior dos roupeiros, estava escrito: "*Monte Nebo*", em um; "*Beth-peor*", no outro; e, no terceiro, "*Pisga*".

Entreabrindo as roupas penduradas, entrava-se em escuros corredores, que conduziam, respectivamente, ao Templo do Monte Nebo, ao vale de Beth-peor e ao cume do Monte Pisga.

No Monte Nebo, os Essênios haviam transformado em templo sepulcral a grande caverna em que Moisés morreu e onde havia orado tantas vezes, pois, enquanto Seu povo estava acampado nas faldas dos montes, fugia Ele do tumulto para buscar a Deus na solidão daquelas alturas.

Foi numa caverna existente no cume do Pisga que Moisés escreveu Seu admirável Gênesis; não o que nos mostra a Bíblia hebraica que conhecemos, mas a verdadeira gestação do nosso sistema planetário, desde que era somente uma bolha de gás, na incomensurável imensidão, e que Lhe foi esboçada em uma de Suas magníficas visões.

No vale de Beth-peor, onde Essen sepultou o corpo de Moisés, possuíam os Anciãos uma Escola-Refúgio de meninos e meninas, órfãos, filhos de escravos, de raquíticos, de tísicos e de leprosos, para curá-los e educá-los.

Aquele vale formosíssimo, rodeado de montanhas e rasgado pelas vertentes do Pisga, era chamado *Horto de Moisés*. Estava sob a responsabilidade de uma família essênia, composta de pai, mãe e três filhos: dois varões e u'a mulher. Tal como vinha acontecendo na família de Andrés, que guardava a entrada do Templo do Monte Guarantana, seus encargos eram transmitidos de pais para filhos. Por aquele vale, que ficava somente a um dia de viagem do Mar Morto, podia-se passar para as povoações vizinhas.

A mensagem dizia aos Essênios em marcha que era no Monte Nebo onde seriam visitados pela glória de Deus; e, sem perda de tempo, encaminharam-se pelo negro boqueirão que os levaria para o lugar indicado.

Quanto aos três viajantes, haviam feito aquele mesmo caminho somente uma vez em sua vida, ou seja, quando ascenderam ao quarto grau, em que se encontravam, e sua emoção ia subindo de intensidade à medida que se aproximavam. Era tortuosa aquela galeria e, às vezes, alargava-se enormemente, formando grandes abóbadas naturais, algumas das quais tinham aberturas no teto por onde se filtrava a claridade da lua.

Abria a marcha o Ancião que cuidava das portas de entrada. Aqueles setenta e três homens, embuçados em mantos brancos e com velas acesas, caminharam rapida-

mente por cerca de uma hora e meia, formando como que uma fantástica procissão silenciosa que parecia deslizar-se nas sombras.

Um profano teria pensado tratar-se de almas errantes que buscassem, dentro das trevas, uma saída para o plano da luz. Mas, tu, leitor, e eu sabemos que eram homens de carne, consagrados a um ideal sublime de liberação humana e não se detinham diante de sacrifícios quando nisto floresciam a fé e a esperança de uma conquista espiritual.

Iam ali, como fantasmas da noite, pelas entranhas dos montes para embriagar-se da Luz Divina, do Amor Eterno e da Sabedoria Infinita! ...

Por fim, sentem o tilintar de cristais que se chocam e se quebram: era o cair das águas de uma vertente num reservatório natural que as recebia, deixando-as derramar por uma espécie de sulco na rocha viva, a qual as levava ao redor de uma espaçosa caverna, onde ardiam sete lâmpadas de azeite, e onde um suave aroma de flores impressionava agradavelmente.

No centro da caverna, via-se uma grande urna de pedra branca, assentada sobre quatro blocos de granito lavrado e vivamente brunido. Na tampa, de resplandecente cobre cinzelado, estava escrito em grandes letras: "Moisés."

Ao pé desse modesto monumento, havia grandes ramos de murtas, de lírios do vale, de rosas brancas e vermelhas. Aquelas delicadas oferendas florais contrastavam com a agreste rusticidade da caverna, que vinha sendo conservada tal como a viram os olhos de Moisés, em carne mortal, quando foi tantas vezes ali para orar, para pensar e, depois, para morrer.

Para um dos lados, havia uma saliência rochosa que formava como que um estrado de dois pés de altura, três de largura e dez de comprimento, mas de contornos irregulares. Em cima, aparecia gravado na rocha viva: "Sobre esta pedra dormiu e morreu Moisés, nosso Pai. Essen, Seu servo."

Essa enorme pedra era usada como altar das oferendas. Tão logo chegaram os Essênios, acenderam sobre ela uma pequena fogueira para oferecer incenso em adoração ao Supremo Criador.

Os melros e as pombas torcazes entravam e saíam livremente pela abertura que os Essênios haviam praticado para que penetrassem os raios da lua e do sol, em determinadas horas, indo cair, como um beijo de luz astral, sobre a múmia de Moisés, adormecida em seu longo sono de pedra no esquife de mármore, que a encerrava.

No lado oposto da entrada, notava-se uma abertura que dava passagem para outra caverna, a qual era utilizada para sepultar os Anciãos desencarnados no Grande Santuário-Mãe. Suas múmias apareciam ressecadas, em pé, presas aos muros da caverna por suportes de cobre.

Aquela multidão de múmias vestidas de túnicas de linho e com capuz branco, à luz trêmula das velas, dava a impressão de que ia começar a andar para receber os visitantes vivos que acabavam de chegar.

– Mortos eles e mortos nós para aquilo que os humanos chamam *Vida!* Vivos eles e vivos nós para a verdadeira vida, que é Esperança, Amor e Conhecimento! – disse o Grande Servidor que captara a onda de lúgubre pavor dos três Essênios-Viajantes, ainda não familiarizados com aquela imóvel família branca e muda, que fazia a guarda na caverna sepulcral de Moisés.

O Grande Servidor, ajudado pelos Anciãos do mais alto grau, levantou a tampa do sarcófago de Moisés, e Sua múmia ficou a descoberto.

Tinha já uma cor esverdeada como o marfim quando muito velho, e algumas partes apresentavam sombras fumosas.

Havia Moisés sido homem de alta estatura e cabeça formosa, coroada por uma fronte genial. O Filho da Princesa Egípcia (*) e do Levita Amram, escultor hebreu, ainda deixava transluzir, em Seu cadáver petrificado, rasgos de beleza de ambas as raças.

Suas largas e delgadas mãos apareciam estendidas sobre suas pernas, e, sobre seus pés desnudos, avistava-se um grosso rolo de papiro envolvido por um aro de prata. Eram as narrações de Essen sobre a vida de Moisés e a de Seus discípulos, que, depois de Sua morte, se refugiaram naqueles montes.

No pavimento da caverna, quase debaixo do esquife de Moisés, existia uma lousa de cor mais clara do que o restante das rochas. Nela achava-se escrito este nome: *Essen, servo de Moisés*, já meio apagado, de tantos pés que o haviam pisado. Ali dormia, em seu longo sono, a múmia do "menino de cera e mel", que tocava a cítara quando as águas da fonte interior haviam encrespado a mente do Homem-Luz. Aquele amor havia sido, em verdade, mais forte do que a morte.

Apenas descoberta a múmia de Moisés, os Anciãos começaram a cantar o Salmo chamado da "Misericórdia", enquanto agitavam incensários, circulando no recinto daquela vasta caverna. É o Salmo 136, cuja letra original diz assim:

"Louvemos a Jehová, porque só Ele é bom, porque é eterna a Sua Misericórdia.

"Louvemos ao Deus dos deuses, porque é eterna a Sua Misericórdia.

"Louvemos ao Senhor dos senhores, porque é eterna a Sua Misericórdia.

"A Deus que faz grandes maravilhas, porque é eterna a Sua Misericórdia.

"Ao que fez os céus com Sabedoria, porque é eterna a Sua Misericórdia.

"Ao que estendeu a Terra sobre as águas, porque é eterna a Sua Misericórdia.

"Ao que cobriu os espaços de grandes luminárias, porque é eterna a Sua Misericórdia.

"Ao que, em nosso abatimento, derramou paz sobre nós, porque é eterna a Sua Misericórdia.

"Louvemos ao Deus de todos os céus, de noite e de dia, na vigília e no sono, na calma e na angústia, porque é eterna a Sua Misericórdia. Assim seja!"

Terminado o salmo, cada um se manteve quieto e mudo no lugar em que se encontrava.

– Que Deus Misericordioso esteja no meio desta santa convocação! – exclamou o Servidor com voz solene, levantando para as alturas os braços abertos; era este o sinal supremo com que os Grandes Mestres evocavam a Divindade.

Uma radiante nuvenzinha, com as cores do arco-íris, começou a revolver-se, como um redemoinho, sobre o túmulo de Moisés, que desapareceu da vista dos circunstantes. A nuvem esplendente transformou-se em chama viva, que foi enchendo a imensa caverna com seus reflexos de ouro, de rubi e de ametista.

Os Essênios, quietos, imóveis e silenciosos, pensaram, talvez:

"Este fogo divino vai consumir-nos completamente." Não obstante, não se moveram. Já não se viam mais uns aos outros, porque aquela chama viva inundara tudo. Até a vizinha caverna, com grande número de múmias brancas, foi invadida por ela. Mas era uma chama que não causava dano algum; apenas transportava a alma,

---

(*) Thimetia. (N.T.).

banhava a mente em divinas claridades, anulava os sentidos físicos, e sutilizava a matéria até o ponto em que cada um dos Essênios pensou:

"Meu corpo foi consumido pelo fogo de Deus, e só vive o meu Eu Interno, que sabe amá-LO e pode chegar a compreendê-LO."

E um gozo divino inundou-os, pois pensaram que já não viviam a grosseira vida dos sentidos.

Viram então, dentro da chama viva, a face de Moisés, tal como já a haviam presenciado outras vezes, com aqueles dois potentes raios de luz que emanavam de Sua fronte, a cujo fulgor o olhar humano não podia resistir. Ao redor d'Ele, surgiam também as faces luminosas de Seus sessenta e nove companheiros, todos Amadores, que, estendendo suas mãos direitas sobre Moisés, pareciam fortificar cada vez mais, com a maravilhosa irradiação de seus dedos, os dois poderosos mananciais de luz brotando da testa do Grande Taumaturgo, mananciais esses que haviam acendido a chama viva a inundar a caverna.

Os Essênios pensavam lá consigo:

"Somente a fronte de nosso Pai Moisés ostenta dois mananciais de luz."

Então a Voz solene de Moisés respondeu a esse pensamento dos Essênios, dizendo:

"Fui ungido pelas *Tochas Eternas* de Deus, para trazer a Divina Lei a esta humanidade, naquela hora de Meu Messianismo, e, por isto, emanam de Minha fronte estes poderosos raios de luz.

"Até então, a Vontade Divina somente fora patrimônio de uns poucos, que a pressentiram em suas horas de ansiedade pelo Infinito. Mas, a partir dali, a Vontade Divina caiu sobre a humanidade deste Planeta com a força de Lei Suprema, de maneira tão absoluta que todo aquele que contra ela comete delito, arroja sobre si mesmo uma carga de trevas para inumeráveis séculos.

"Os Profetas brancos de Anfião, os Dácthylos de Antúlio e os Kobdas de Abel não foram senão os primeiros sensitivos que captaram a onda da Lei Eterna, que se discernia como uma chama purificadora existente para além da Esfera Astral da Terra.

"Minha encarnação em Moisés foi a condutora da Eterna Mensagem que marcava com fogo o caminho da humanidade terrestre.

"Hoje é outro dia na eterna imensidão de Deus: é o grande dia do Amor, da Piedade, da Infinita Misericórdia. O grande Dia do Perdão e da Paz. Por isso, já não sou Moisés, o portador da severa Lei Divina, mas simplesmente Jhasua, o Amador – Aquele que envolverá, na onda infinita do Amor Misericordioso, todos quantos pecaram contra a Eterna Lei trazida por Moisés.

"Ora, como essa Lei foi esquecida, a humanidade terrestre deveria ser transportada para as moradas de trevas a fim de viver vidas de monstros entre vidas de pedras e de lamacentas cinzas, até que novas luzes acendessem as lamparinas que a iniqüidade apagara com seu vendaval irresistível.

"Mas eis que chegou Jhasua, o Amador, com a mensagem do Perdão, da Misericórdia e da Salvação para todos aqueles que O recebem, busquem e amem. Apenas acabara Eu de morrer nesta mesma caverna, hoje inundada pela glória de Deus, e o povo escolhido para ser o primogênito da Lei Divina tornou-se o primeiro prevaricador contra Ela, como o provam as espantosas escrituras

adjudicadas ao Meu nome, nas quais se malbaratam a morte, as vítimas e o sangue; e isto ali mesmo onde verte sua eterna claridade o mandamento divino: *Não matarás.*

"Não é mais o dia do ardente sol de Moisés, mas o doce amanhecer de Jhasua, o Amador. Olhai! ..."

Ao dizer isso, a esplendorosa visão transformou-se de todo. A chama viva de ouro e rubi dissipou-se, como um incêndio que se apaga subitamente; ficou apenas, envolto numa rosada nuvenzinha, um Moisés sem raios na fronte, e só, absolutamente só, sem o brilhante cortejo que O havia acompanhado.

– Sou Jhasua, o Amador, que vem a vós como um cordeirinho manso, para pastar em vossos hortos de lírios em flor! Sou o Amador que busca ansiosamente os Seus amados! ... Sou o terno Amigo que procura os Seus amigos, ausentes há muito tempo! ... Sou a Luz para todos aqueles que caminham nas trevas! ... Sou a Água clara para os que têm sede! Sou o Pão de flor-de-farinha para os que sentem fome! ... Sou a Paz! ... Sou a Misericórdia, sou o Perdão! ...

"Virei a estes montes para buscar, como um aprendiz imberbe, vossa sabedoria! ... Virei a esta mesma caverna, já jovem e forte, a fim de pedir a Luz Divina para que decida o meu caminho; e sereis vós, na Terra, os Mestres de Jhasua, que – envolto na matéria e num plano de vida em que tudo Lhe será adverso – agitar-se-á indeciso, como um débil barco em mar tempestuoso; como um cervo ferido num deserto sem água...; como um rouxinol esquecido entre uma planície de neve!

"Essênios silenciosos de Moisés! ... Eu vos digo: Preparai-vos para ajudar Jhasua a encontrar-Se a Si mesmo, para cumprir o Seu destino, para chegar, sem vacilações, à Sua apoteose de Redentor!"

Então, estendendo para o Alto as Suas mãos – que resplandeciam na treva como pedaços de Lua nos espaços – exclamou com voz musical, como se fora a ressonância de saltérios divinos a vibrarem ao longe:

"Glória a Deus nas alturas infinitas, e paz aos homens de boa vontade! ..."

A visão foi perdendo-se ao longe, mas ainda se ouvia a Sua voz de música distante, a dizer:

"Esperai, que eu virei! ... como o pássaro solitário ao seu ninho! ... como o amado para a amada que o espera! ... como o filho para a mãe, que o aguarda com a lâmpada acesa! ... Esperai, que eu virei! ..."

Com isto, desapareceu a visão, perdurando apenas uma suave esteira de luz e uma dulcíssima vibração de harmonia, como se não pudesse extinguir-se completamente o eco prolongado daquela salmodia indefinível ...

Sem saber como nem por quê nem quando, os Essênios encontraram-se todos de joelhos, com os braços levantados, como se tentassem abraçar o vazio, e com os olhos encharcados de pranto! ...

Era o divino chorar da alma, a quem Deus acabara de visitar na Terra! ...

Depois de um longo solilóquio mental de cada um com a Divindade e consigo mesmo, os Essênios, silenciosos e meditativos, retornaram, pelo mesmo caminho, para o Santuário. Aí, cada qual procurou a imperturbável quietude de sua alcova rochosa para repousar.

Nasceu um Inocente

Voltemos à serena quietude de Betlehem, a tranqüila cidade onde nasceu David, o pastorzinho que Samuel, Profeta Essênio, ungiu Rei de Israel ... o Rei dos salmos dolentes e gementes, quando seu coração sincero compreendeu que havia pecado.

Voltemos à casinha de Elcana, o tecelão, em uma de cujas alcovas se encontravam Myriam e Joseph com seu Menino Divino ... Deus feito homem! A Lei nos permite escutar-lhes a conversação. A noite já está muito avançada, e todos se recolheram nas alcovas de repouso.

Joseph desperta, porque sente que Myriam chora com soluços contidos, provavelmente para não chamar-lhe a atenção.

Acende uma candeia e se aproxima do leito da esposa, a quem encontra com o filho nos braços.

– Que está acontecendo, Myriam, que choras desse jeito? Acaso o menino está enfermo?

– Não – disse ela. – Ele dorme. Olha.

– Bem. Se está tranqüilo e dorme, por que choras?

– Amanhã fará oito dias que nasceu.

– É verdade. Já pensei nisto, e Elcana também. Ele e sua mulher o levarão à Sinagoga para que seja feita a circuncisão; e eu ficarei contigo.

Myriam deu um grande gemido, e seus soluços tornaram-se mais profundos. Joseph, aflito ao máximo, não acertava a causa daquela dor.

– Uma voz me despertou do sono – disse, por fim, Myriam – e essa voz me disse: "Teu menino não será circuncidado."

– Como poderá ser isto – exclamou Joseph –, se é Lei de Moisés, recebida por Ele mesmo de Jehová? Está certo que ele é um Profeta, segundo todas as aparências; porém todos nossos Profetas, como creio, foram submetidos a essa Lei! Como poderemos pecar contra a Lei de Moisés?

– Joseph, senta aqui a meu lado, e explicar-te-ei o que aconteceu. Fui despertada porque o berço do menino estava cheio de luz, e julguei que tu havias acendido a candeia para velá-lo. Então compreendi que não era luz de candeia, mas, sim, um suave resplendor que saía de meu filhinho. Essa luz iluminava os rostos veneráveis e formosos de vários anciãos de brancas vestes, que o contemplavam com inefável ternura. Por fim, vendo que eu os observava, disse um deles:

– Mulher, retira esse espinho do coração, porque teu filho não será ferido pelo cutelo do sacerdote.

– É Lei de Jehová – disse eu. – Mas ele acrescentou: "Não é Lei de Jehová nem Lei de Moisés, mas tão-somente de homens inconscientes que buscam a filiação divina em grosseiros ritos materiais. Todas as criaturas humanas têm a filiação divina, porque surgimos de Deus como chispas de uma fogueira."

– Quem sois vós que assim falais? – perguntei.

– Somos – responderam – os depositários dos livros de Moisés, e é a partir d'Ele, até hoje, que habitamos obscuras cavernas em agrestes montanhas, para que a Sabedoria Divina, transmitida por Ele, não seja corrompida nem deturpada na face da Terra. Somos os Anciãos do grande Templo Essênio do Moab, e visitamos-te em sonhos para advertir-te sobre a Vontade Divina. Como prova de ser isto certo, amanhã estará enfermo o Hazzam da Sinagoga (*). Joseph encontrará um sacerdote, por nome Esdras, que virá de Jerusalém. Este é um dos nossos, a quem acabamos de visitar, assim como visitamos a ti, para que ele venha a esta Sinagoga. Ide a seu encontro pouco antes do meio-dia, e levai o menino, que ele sabe o que fazer. Dito isto, desapareceu o resplendor, como também os Anciãos. Ouviste isto, Joseph?

– Sim, Myriam, ouvi, mas receio muito que isto seja uma visão enganosa dos espíritos das trevas. Dizer que a circuncisão não é Lei de Jehová, recebida por Moisés, é questão muito grave!

– Por isto minha aflição tem sido grande, e estou, há muito tempo, clamando ao Senhor, com lágrimas nos olhos, para que Ele dê luz à Sua serva, que somente deseja aquilo que Ele mesmo quer.

– Myriam! ... Consola-te, que isto será esclarecido amanhã, na primeira hora do dia (**). Eu me encaminharei à estrada que vem de Jerusalém e, ao primeiro sacerdote que encontrar, perguntarei: "És tu Esdras, o sacerdote que Deus mandou a Betlehem para circuncidar um menino que nasceu há oito dias?" De sua resposta compreenderemos a Vontade de Deus.

Aconteceu tal como os Anciãos haviam dito.

Era Esdras um Essênio do quinto grau, que vinha a Betlehem, avisado em sonhos pelos Anciãos do Moab, para evitar que fosse profanada a vestimenta física do Avatara Divino com um rito grosseiro, impróprio até para animais, quanto mais para seres dotados de inteligência e razão.

Levado o menino à Sinagoga, e estando enfermo o Hazzam, encarregado dela, Esdras, com Elcana e Sara, realizaram os rituais do costume. Foi anotado num grande livro o nome do menino e de seus pais, com a data do nascimento, mas seu corpo não foi ferido, porque Esdras era um Essênio adiantado e conhecia todos os segredos do grande Templo do Moab, ou seja, os verdadeiros livros de Moisés, bem como toda a Sabedoria Divina, que é a Lei Eterna para os homens deste Planeta.

Como Myriam havia dito que o nome do menino devia ser Jhasua (Jesus em português), e sabendo também Esdras que assim ele devia chamar-se, foi-lhe imposto esse nome. Então Elcana e Sara voltaram com o menino para casa, aonde, naquela mesma tarde, chegou igualmente Esdras para acalmar a alma de Myriam a respeito da visão que havia tido.

– Conta-me, Myriam – disse Esdras –, se é que consegues recordar-te: como era a aparência dos Anciãos que viste junto ao berço de teu filho?

– Oh! ... lembro-me muito bem! – respondeu ela. – Tinham tanto as barbas como os cabelos brancos e longos, onde não havia vestígio de tesoura nem de

---

(*) Hoje em dia, Hazzam é o cantor da Sinagoga e também o responsável pelos serviços religiosos em geral. Não precisa ser formado em leis, mas é necessário que tenha boa voz. Antigamente, ao que tudo indica, o Hazzam acumulava também as funções de professor, etc... O Rabino precisa ser formado, pois é um "Doutor da Lei" (N.T.).

(**) Na Antigüidade, o dia era dividido em três partes: manhã, meio-dia e tarde. Da mesma forma, a noite era dividida em três vigílias. Os judeus dividiam o dia propriamente dito em 12 horas (N.T.).

navalha. Traziam túnicas ajustadas com cordéis de púrpura. Sobre a fronte, uma fita branca com sete estrelas de cinco pontas, que resplandeciam com luz própria.

– Dize-me: nunca viste algum dos nossos Templos Essênios do Monte Carmelo ou do Monte Hermon?

– Não ... ainda não, porque Joseph e eu somos essênios do primeiro grau, e os Terapeutas-Peregrinos, que nos instruem, disseram que, quando houvermos subido ao segundo, permitirão nossa entrada no Santuário Essênio, que, para nós, é o do Monte Tabor ou do Carmelo.

– Há quanto tempo estás no primeiro grau?

– Joseph, meu marido, faz já sete anos que ingressou junto com sua primeira esposa Débora; mas eu mergulhei o rosto em água santa ao retirar-me do Templo de Jerusalém, quando desposei Joseph, há dezessete meses.

– Quando voltares à tua casinha de Nazareth e teu filho estiver mais crescido e mais forte, subirás, juntamente comigo, ao Templo Essênio do Monte Tabor; ali poderás ver alguns Anciãos, iguais àqueles que viste em sonho.

Myriam olhou-o com seus grandes olhos doces como avelãs molhadas pelo orvalho ... olhares nos quais transpareciam as vagas sucessivas e ininterruptas de suas emoções mais íntimas, que lhe surgiam nas pupilas e mesmo nos lábios, emoções que ela, no entanto, reprimia sempre, como se temesse que se evaporassem ao emergir para o exterior. Por fim, todas elas se condensaram nesta simples interrogação:

– Mas ..., afinal, quem é este menino que nasceu de mim?

– Perguntas quem é este menino? mulher bem-aventurada pelos séculos dos séculos! – exclamou o Sacerdote Essênio, que, se era Doutor da Lei no Templo de Jerusalém por sua descendência de antiga família sacerdotal, era mais Essênio por convicção, pela educação e pela íntima afinidade com a Sabedoria Essênia transmitida por sua mãe.

– Mulher bem-aventurada! Este menino é a Luz Incriada, feita homem; o Amor Divino, feito carne; a Misericórdia Infinita, feita coração humano. É um Homem-Deus! Compreendes, Myriam? ...

– Eu só sei e compreendo que é meu filho; que é um pedaço de minha própria vida; que este corpinho de leite e rosas foi sendo formado, pouco a pouco, dentro de meu seio, onde se ocultou durante nove meses, e que, chegado ao mundo exterior, ainda necessita de que eu lhe dê vida com a seiva de meu ser. É meu filho! ... É meu! ... mais meu do que de qualquer outra pessoa! Ele vive de mim, e eu vivo ... vivo para ele!

Compreendeu o Essênio Esdras que a imensa ternura maternal de Myriam não lhe permitiria acolher, sem sustos e sobressaltos, a grande e sobre-humana idéia de um filho que era Deus.

Como assimilaria essa mãe terníssima, apenas saída da adolescência, a suprema verdade ou a estupenda grandeza espiritual de seu filho, que, por ser o que era, podia bem qualificar-se como uma dádiva concedida pela Bondade Divina para toda a humanidade terrestre?

De que modo poderia ela compreender a tremenda imolação de seu nome de *mãe* no altar do Amor Eterno, que, um dia, dir-lhe-ia com a voz imutável dos acontecimentos: "Toda a humanidade pecadora pode dizer como tu, Myriam: É meu! ... vive por mim, e eu vivo por ele! ..."

Poder-se-ia afirmar que, nos mais ocultos refolhos do seu Eu íntimo, Myriam pressentia o futuro, sem, todavia, ter noção nem idéia do divino segredo que estava tendo seu cumprimento e sua realização no plano físico terrestre, com relação ao filho

que acabava de nascer. Daí o secreto temor que a fazia pronunciar sempre e inopinadamente estas mesmas palavras: "É meu, mais do que de outrem qualquer. É meu filho; ele vive da seiva da minha vida, e eu vivo para ele."

Às vezes acrescentava: "Por que será que tantas pessoas vêm para vê-lo? Não é, acaso, um menino como outro qualquer?

"Os sacerdotes de Jerusalém ocultam-se para vir observá-lo e recomendam: 'Não digas a ninguém que estivemos visitando este menino. Não deves revelar a quem quer que seja o que aconteceu antes e depois do seu nascimento, a fim de que a ignorância dos homens não venha colocar algum obstáculo ao cumprimento dos desígnios divinos! ...'

"Espanta-me todo esse enigma que existe ao redor do filho de minhas entranhas! Que será que outros estão vendo nele? Eu só vejo uma coisa: que é o tesouro que Deus me deu ..., a coisa mais formosa que existe para mim no mundo! ... que será o mais santo e mais bondoso ser da Terra, porquanto eu o ofereci a Deus para que seja todo Seu! ... porque, sendo d'Ele, é meu também, posto que Deus o deu a mim! Só Deus, o Pai Universal, pode ser dono de meu filho sem arrancá-lo de meus carinhos! ..."

Uma espécie de delírio febril ia apoderando-se de Myriam, à medida que falava, e suas palavras deixavam transluzir o temor de que o filho lhe fosse arrancado dos braços como conseqüência do grande interesse e entusiasmo que seu nascimento despertava. Então lhe disse Esdras:

– Sim, Myriam, filha minha, acalma-te; é teu; Deus to deu, e porque Ele to deu, tu és bem-aventurada pelos séculos dos séculos. As pessoas que conhecem a grandeza espiritual de teu filho sentem a necessidade de vê-lo, de tocá-lo, mas ninguém pensa em arrancá-lo de ti, Myriam. Permanece tranqüila, que a chegada dele há de trazer-te bênçãos divinas.

O Essênio fez grandes recomendações a Elcana e a Joseph no tocante aos cuidados que deveriam ter para com o menino; e também lhes encareceu informassem aos Terapeutas-Peregrinos tudo quanto lhe ocorresse para que pudesse ser assistido de imediato.

Em seguida, voltou Esdras ao Templo de Jerusalém, com a alma transbordante de consolo e de esperança, porque havia presenciado o cumprimento da promessa feita por Jehová a Moisés no cume do Monte Pisga: "Toda essa terra que vês, desde este monte até o Mar Grande (*), será a herança de Israel, mas tu não entrarás nela agora, pois haverá morte e desolação, guerras e devastações. Somente pisarás essa terra na hora de tua vitória final, quando houveres vencido o Mal que atormenta a Humanidade do Planeta."

Esdras, Essênio do quinto grau, penetrou, nessa noite, como um fantasma pelo Pórtico dos Sacerdotes, para conversar com Nehemias, Habacuc e Eleázar, Sacerdotes e Essênios como ele, sobre o cumprimento da escritura profética de Moisés.

Que não dariam eles para encontrar-se no grande Santuário do Moab, no meio dos Mestres Anciãos, nesses momentos solenes para a Fraternidade Essênia, que seria a mãe espiritual do Avatara Divino encarnado no seio da Humanidade?

Mas a Lei Eterna havia confiado a eles a missão de salvaguardar os ideais religiosos dos verdadeiros servidores de Deus, a interpretação fiel da Lei Divina, ou

---

(*) Hoje: Mediterrâneo (N.T.).

seja, os Dez Mandamentos das Sagradas Tábuas, que eram a única coisa não-adulterada, desvirtuada ou interpretada equivocadamente, de tudo quanto Moisés dissera.

Viam, com imensa dor, a profanação horrível que se vinha fazendo, século após século, das Escrituras de Moisés, sobretudo dos Livros chamados *Levíticos* e *Deuteronômio*. Nelas não só se encontram, a cada passo, formidáveis contradições aos Dez Mandamentos da Lei Divina, como ainda se alardeia uma ferocidade inaudita a incitar para a vingança, para o crime, para o incêndio, para a devastação de povos e cidades que os hebreus quisessem conquistar para si. Tudo isso com a anteposição desta afirmação: "*E disse Deus a Moisés* que o transmitisse a Israel ..." Seguiam então as ordens de arrasar povos e cidades *sem deixar um único vivo* (palavras textuais), nem homens nem mulheres nem crianças. Esse Deus havia falado a Moisés no Monte Horeb para fazê-lo gravar em pedra Seus Dez Mandamentos, dos quais o primeiro diz: "*Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo*"; e o quinto: "*Não matarás*".

Nessas adulterações dos livros de Moisés teve origem a perseguição aos verdadeiros e fiéis discípulos do grande Legislador, que haviam sido obrigados a ocultar-se nas cavernas dos montes ou a viver incógnitos nas Sinagogas e no Templo; mas, ainda assim, com grave risco de serem descobertos e pagar com a vida a formosa ilusão de reconstruir a obra espiritual de Moisés.

Todos os Essênios que se permitiram alimentar aquele sonho tinham sido condenados à morte, acusados de inovadores, de feiticeiros, de perturbadores da ordem, de sacrílegos. Entre eles, o mais audaz de todos era Hillel, Essênio do sexto grau, que, sem se importar com sua vida, percorreu a Palestina, falando, em ruas e praças, sobre a verdadeira doutrina de Moisés. Ocorreu isto cinqüenta anos antes do nascimento de Jhasua.

Chegou João Batista, que, como um vendaval do Fogo Sagrado, quis levar Israel à prática do genuíno ensinamento de Moisés, baseado na pureza e na santidade da vida e não no exorbitante número de sacrifícios sangrentos, que faziam do Templo de Deus e da Casa de Oração um matadouro imundo, onde o sangue corria pelos altares e pavimentos, manchando de vermelho até as vestimentas sacerdotais e os véus das virgens e das viúvas que cantavam louvores a Jehová. Pelo fato de haver o Templo sido profanado, João passou a levar as pessoas para as margens do Rio Jordão, sob a luz serena dos astros, à sombra das árvores, à beira das águas puras e cristalinas do rio, a fim de que pudesse aquela gente encontrar de novo o Deus de Moisés, na beleza sublime de todas suas obras, nas quais deveria amá-LO acima de todas as coisas ...

A cabeça de João, o Batista, Essênio do sétimo grau, caiu na obscuridade de u'a masmorra, e sua morte foi inculpada, por uns, à vingança de Herodíade, que havia abandonado seu marido, que não era rei, para se unir ilicitamente a seu cunhado, que era o monarca reinante, e, por outros, ao apaixonado amor da jovem Salomé, que ganhara, por meio de uma dança, o direito de pedir ao rei o que quisesse ... Assim, por insinuação de sua mãe, Herodíade, ela pediu a cabeça de João, o Batista.

É o que vem sendo relatado; mas a verdadeira história diz que a sentença de morte do Batista foi pedida pelos Doutores da Lei e pelo Sumo Sacerdote, por terem notado que o Templo estava ficando sem as matanças para os sacrifícios, e, além disso, os mercadores, agentes do lucro dos sacerdotes, queixavam-se das escassas vendas realizadas desde que *um impostor vestido de penitente e de pele de camelo* andava a dizer ao povo que a purificação devia nascer de seu próprio interior, mediante o esforço e a vontade do melhoramento espiritual, e não por matar um touro,

um cordeiro, uma bezerra e regar o altar de Deus com o sangue deles e queimar, depois, as carnes palpitantes e mornas das vítimas.

Por sua vez, os Essênios, em suas secretas e íntimas conversações da época, diziam:

"Eis aqui o motivo pelo qual a maioria desta humanidade mereceu ser levada para as Moradas das Trevas, a fim de sofrer uma nova e tremenda expiação coletiva, conseqüência lógica de todo o atraso moral e espiritual causado pela espantosa adulteração e desprezo da Lei Divina, trazida por Moisés ... Centenas de Seus discípulos haviam encontrado a morte na defesa de Sua doutrina sem conseguir nada ...

Eis que Moisés, movido de compaixão pelos Seus mártires que se haviam sacrificado aos milhares, e movido também de piedade por esta herança humana que o Pai Lhe confiara, deixa seu Céu radiante ... o Sétimo Céu dos Amadores, e desce, pela última vez, à Terra, para salvar a Humanidade, que se achava a caminho do caos e da destruição.

Mas a Humanidade O ouvirá? A Humanidade O reconhecerá? ... Vestirá ela a túnica da penitência e cairá de joelhos ante Ele, reconhecendo seu pecado? ...

Irá Jhasua à Roma pagã e idólatra, para levá-la à adoração do Deus verdadeiro? Desatará Ele, ali, todos os seus estupendos poderes, realizando maravilhas sobre-humanas, como Moisés no Egito, para que César, da mesma forma como o Faraó, Lhe diga: "Vejo que Deus está contigo; seja feito de acordo com tua vontade"? Será Jhasua então o Instrutor de toda a Humanidade, e esta O seguirá docilmente como um rebanho de cordeirinhos? ...

Estavam os quatro Sacerdotes Essênios nesta santa conversação, à débil luz de uma candeia, quando a mão direita de Nehemias começou a agitar-se sobre a mesa.

Ele tomou rapidamente a varinha de escrever, e sobre um pedaço de seu manto de linho escreveu: "Fugi pela rampa que sai para as Tumbas dos Reis, porque dois Levitas espiões ouviram a vossa conversação, e estais ameaçados de morrer antes do amanhecer. Fugi. Eliseu."

A candeia foi apagada subitamente, e os quatro Essênios penetraram numa negra entrada que se abria no fundo de um enorme armário, depósito de turíbulos, de vasos e de reservatórios, usados para o culto – entrada essa da qual só eles possuíam o segredo. Se não estivessem familiarizados com aquele tenebroso corredor, teriam ficado loucos para encontrar uma saída pelas trevas, pois não tinham tido tempo para apanhar velas nem tochas nem círios.

Já, em outras ocasiões, haviam eles burlado espionagens e denúncias do mesmo estilo mediante esta saída subterrânea do Templo de Jerusalém, a qual era obra de um profeta Essênio de nome Esdras. Achando-se este entre o povo hebreu, cativo na Babilônia, ganhara a confiança e o amor de Artaxerxes, rei da Pérsia e da Assíria. Foi assim que esse rei o autorizou a reconstruir a Cidade Santa e o Templo, destruídos pela invasão ordenada por Nabucodonosor, quando arrasou, a sangue e fogo, a Cidade de David e o Templo de marfim e de ouro, construído por Salomão.

Quando Esdras, o Profeta, levou a efeito a referida reconstrução, mandou fazer também, com operários essênios, aquela saída secreta, porque, como bom discípulo de Moisés, sonhava devolver a Israel a doutrina de seu grande Legislador. Com isto, os Mestres Essênios, que habitavam as cavernas dos montes, tomariam novamente a direção espiritual das almas, formando o alto sacerdócio do Templo.

Precavido e temeroso, outrossim, de que voltassem também os inimigos encobertos da doutrina Mosaica, fizera Esdras abrir esse corredor secreto em direção ao oriente, com saída pela Tumba de Absalão, antigo monumento lavrado esmeradamen-

te na rocha viva das primeiras colinas do Monte das Oliveiras, do qual formava parte o Horto de Getsêmani.

Por ali, entravam e saíam os Terapeutas-Peregrinos para levar mensagens dos Mestres do Monte Moab aos sacerdotes essênios, que, em virtude de sua ascendência, não podiam fugir ao serviço do Templo quando lhes tocava o turno.

Entre as faculdades psíquicas do Profeta Esdras, detacava-se a premonição, chegando ele, por vezes, a ler, como em um livro aberto, um futuro distante. Casualmente viu, em suas profundas e solitárias meditações, a perseguição e a morte de que seriam objeto seus irmãos essênios, apesar de terem sido eles os mais abnegados e incansáveis trabalhadores da reedificação de Jerusalém e de seu Templo devastado.

A Maga Divina dos Céus deixa-nos ver Esdras, o Profeta, na solidão da noite, sob um pórtico semidestruído do Templo, examinando, à luz de uma candeia, um croqui da Cidade Santa e de seus arredores. É que ele procurava encontrar a orientação e a saída mais convenientes para o corredor de salvamento, o qual, depois, tomou o seu nome: *Caminho de Esdras.*

Estudados, assim, os prós e os contras, o vidente essênio compreendeu que maiores facilidades e vantagens oferecia o caminho para o oriente, com saída no Monumento de Absalão, que, abandonado e semidestruído, já não interessava a ninguém, pois era apenas um ossário repugnante, onde habitavam somente lagartos e bufos.

Acresce que aquele local oferecia a enorme vantagem de ficar perto do Monte das Oliveiras, em cujos grandes patamares de rochas existiam boas cavernas; e todas essas terras, até Bethânia, eram propriedade de famílias essênias, as quais, desde longas épocas, iam sendo passadas de pais para filhos. Nas cavernas daqueles montes, haviam sido salvos da invasão assíria numerosos agrupamentos familiares essênios, que continuaram vivendo ali durante todo o período em que a maioria do povo, jovem e forte, permanecia escravizada na Assíria.

Nas montanhas, ao norte da Cidade Santa, encontrava-se a chamada Gruta de Jeremias, bastante conhecida dos essênios por ter sido o refúgio e recinto de oração de Jeremias, um de seus grandes Profetas, o inimitável cantor das *Lamentações.* Ela, porém, ficava mui distante, o que aumentava grandemente o esforço a realizar.

De outra parte, achava-se ao sul a Tumba de David para uma eventual saída; mas esta, mais afastada, era lugar demasiadamente freqüentado, por existir ali um aqueduto para as piscinas de Siloé e também a estrada que levava a Betlehem.

Ao mesmo tempo que, sob a luz do sol, com milhares de operários, o mencionado Profeta fazia reconstruir a Cidade e o Templo, uma centena de pedreiros essênios abria e fortificava o estreito corredor subterrâneo, por onde os discípulos de Moisés poderiam continuar a iluminar as consciências, alimentando a fé do povo hebreu, fiel a seu grande Instrutor, bem como estar em contato com os Anciãos do Moab.

Por este caminho de Esdras, seguiram os quatro Essênios, Sacerdotes de Jerusalém, na noite do mesmo dia em que foi imposto ao menino de Myriam o nome de Jhasua. Dir-se-ia que, na mesma data em que Jhasua aparecia ante o mundo, tendo sido anotado nos livros da Sinagoga o nome com que se chamaria daí para diante, as inteligências do Mal desatavam as suas forças destruidoras para recomeçar o aniquilamento das legiões mosaicas através desses mesmos sacerdotes, que haviam sepultado, sob espantosos erros, a Sua Lei, escrita sobre tábuas de pedra pelo dedo de fogo de Moisés! ...

Chegaram ao velho monumento funerário, onde, entre lousas amontoadas, ocultavam peles, mantas e pequenos sacos de frutas secas e vasilhas com mel. Acenderam uma fogueira e deitaram-se, extenuados, sobre leitos de feno e peles de ovelha.

Três horas depois, resplandeciam os primeiros fulgores do amanhecer.

Quando o Sol já se levantava sobre o horizonte, encaminharam-se eles para Bethânia, com indumentária de viajantes; e, dessa forma, entraram por diferentes caminhos na cidade. Nehemias e Eleázar passaram, de imediato, para o Templo, a fim de cumprir seu turno no Serviço Divino, enquanto Simão (*) e Esdras ficavam em suas casas particulares.

O estratagema da fuga pelo caminho subterrâneo serviu-lhes para desvirtuar a denúncia ao Sinédrio, que era, em sua maioria, favorável ao Sumo Sacerdote, homem duro e egoísta, que obtinha grandes lucros com sua elevada posição, e lutava para exterminar, pela raiz, aquilo que ele e seus sequazes chamavam de *sentimento ou sentimentalismo* de uma geração minguada, com sacerdotes indignos da fortaleza divina de Jehová. Estes deprimentes qualificativos eram aplicados aos sacerdotes de filiação essênia.

Aliás, no recinto do Templo, qualquer observador sagaz forçosamente notaria bem definidas as duas tendências que o Sumo Sacerdote qualificava como "*sacerdotes de bronze e sacerdotes de cera*".

Os de "*cera*" eram os essênios que, desgraçadamente, formavam a minoria; mas u'a minoria que, às vezes, adquiria tal prestígio e superioridade, no meio do povo fiel, que os de "*bronze*" ficavam mortificados e despeitados, acarretando com isto, de tempo em tempo, fortes desavenças que eles cuidavam muito para não serem percebidas no exterior.

As classes abastadas da sociedade estavam com os sacerdotes de "bronze", e as classes humildes com os de "cera". Já compreenderá o leitor que os primeiros buscavam, no serviço do Templo, seu engrandecimento pessoal e o aumento de suas riquezas, e, como conseqüência imediata, estavam fortemente unidos às classes abastadas, possuidoras de grandes extensões de terra, providas de gado.

Na lei relativa aos sacrifícios sangrentos, aumentava sempre o número das vítimas a imolar, pois nisto estavam particularmente interessados os donos que vendiam por preço altíssimo aos agentes intermediários. Estes eram postos pelos sacerdotes nos átrios do Templo, exatamente como fazem os comerciantes em mercado público. Com isto, os sacerdotes auferiam lucro duplo: aquele que era oferecido pelos intermediários e o que produzia a venda da carne das vítimas, que a Lei de Moisés – segundo eles – destinava ao consumo da classe sacerdotal.

Era simplesmente impossível, aos sacerdotes e levitas, consumirem aquela enormidade de animais que eram degolados diariamente sobre o Altar dos Holocaustos. Somavam esses degolamentos algumas centenas, principalmente nas solenidades da Páscoa, nas festas comemorativas da saída do Egito e do retorno dos cativeiros, que, por três vezes, o povo de Israel havia sofrido.

As carnes destinadas ao consumo dos sacerdotes e dos levitas eram conduzidas do Templo para suas casas particulares. Tinham estas sempre uma pequena porta, bem dissimulada no mais afastado recanto do horto, por onde aquelas carnes passavam em sacos de couro, sendo estes depois vendidos a terceiros negociantes, como se fossem sacos de frutas ou de azeitonas.

Em contraposição, os sacerdotes que faziam parte do grupo qualificado como "*doutores de cera*" impediam esses rendosos negócios de carne morta, porque, aos

---

(*) Esse sacerdote é citado neste capítulo com o nome de HABACUC. Supomos tratar-se de um complemento do nome ou de um equívoco (N.T.).

fiéis que faziam consultas sobre casos de oferecimento em holocausto, sempre respondiam da mesma forma:

"Trazei um pão de flor-de-farinha, umedecido com azeite de oliva e polvilhado com incenso e mirra, ou um ramo de amendoeira em flor ou um feixe de trigo ou uma cestinha de frutas, porque agrada mais a Jehová a fumaça perfumada destas primícias de vossas semeaduras subindo até Ele, juntamente com vossos pensamentos e desejos de viverdes consagrados a Seu divino serviço, pois, assim, estareis cumprindo os Dez Mandamentos de Sua Lei."

Por isso, os sacerdotes que eram essênios por suas convicções, estavam em turnos de apenas um ou dois em cada dia, porque, do contrário, arruinariam o negócio dos animais, acarretando com isto grave ameaça aos tesouros sacerdotais e às fortunas de seus agentes intermediários.

Na época que estamos descrevendo, em todo aquele numeroso corpo sacerdotal e levítico, havia somente quatorze sacerdotes que eram essênios, ou seja, o número sete dobrado, e vinte e um levitas, o sete triplicado. Era, pois, uma insignificância, comparada com as diversas centenas que formavam os sacerdotes e levitas do grupo dos "doutores de bronze".

Estes esclarecimentos minuciosos e exatos, se assim se quiser chamá-los, têm por objetivo dar ao leitor, com precisão, o cenário ideológico em que atuará Jhasua dentro de pouco tempo, isto é, aquele que levaremos para relatar acerca de suas primeiras aproximações ao Templo de Jerusalém.

Aos quarenta dias do nascimento do menino, estava em serviço no Templo o essênio Simeão de Bethel, auxiliado em seu ministério pelos Levitas Ozni, Hasper, Jezer e Nomuhel. Havia, porém, ainda outros sacerdotes e levitas auxiliares no turno desse dia.

Entretanto, escutemos o que sucedera na casinha de Elcana, o tecelão, três dias antes. Era meia-noite, e todos dormiam. Somente Myriam velava, pois o gemido de seu filhinho a havia despertado, e, logo depois de amamentá-lo, continuava ele mexendo-se entre seus braços, enquanto ela sussurrava, a meia-voz, esta suave canção de ninar:

Dorme, que velam o teu sono
Os anjos de Jehová! ...
Os anjinhos que bordam
De luzes a imensidão.
Dorme, que velam o teu sono
Os anjos de Jehová! ...
E derramam em teu berço
Suas rosas brancas de paz!
Dorme até que acenda o dia
Suas tochas de rubi,
E se vão as estrelas
Pelos mares de turquesa.
Raminho de açucena,
No jardim de meu amor:
Dorme, meu menino querido,
Até que se levante o Sol.

Ficou o Menino-Deus dormindo profundamente. Myriam viu que fraca e pequena nuvem rosada o envolvia como um cortinado de rendas, a ondular em torno de seu delicado corpinho. Logo em seguida, uma vaporosa imagem de inigualável beleza apareceu de pé, junto ao leito. Era um ruivo adolescente com olhos de topázio, que emitiam suavíssima luz.

– Myriam! ... – disse ele com voz que parecia um sussurro – amas-me?

– Quem és tu que me fazes esta pergunta?

– O mesmo que dorme sobre teus joelhos!

– Que mistério é este, bendito Jehová?

– Não é mistério, Myriam, e, sim, a Verdade. Temes a Verdade?

– Não, mas meu filho é menino de um mês, e tu és um jovem ... Não compreendo o que os meus olhos estão vendo.

– Myriam, a Bondade Divina levou-te ao sacerdócio da maternidade, que exigirá dolorosos sacrifícios de ti. Daqui a três dias, obriga a Lei que te apresentes no Templo para a purificação e a consagração a Jehová.

"Nem a maternidade te manchou nem eu necessito da consagração dos homens, pois, antes de nascer de ti, já estava Eu consagrado à Divindade. No entanto, como é um rito que não ofende ao Deus-Amor, irás como todas as mães. Teu holocausto será um casal de pombinhas rolas, das que são vendidas no átrio, destinadas aos sacrifícios. Irás na segunda hora, na qual hás de encontrar no Altar dos Perfumes o sacerdote Simeão de Bethel com quatro levitas.

"Dirás a ele simplesmente estas palavras: Meu menino é Jhasua, filho de Joseph e de Myriam. Ele sabe o que fazer."

A suave e doce visão inclinou-se sobre Myriam, em cuja fronte apenas roçou com seus lábios sutis. Depois, curvando-se como um ramo de lírios em flor sobre o corpinho adormecido, dissolveu-se lentamente nas sombras silenciosas e tépidas da alcova.

Todos dormiam. Só Myriam velava, meditando sobre o enigma que seu filho encerrava.

Ela recordava o que as mães dos antigos profetas haviam visto e sentido antes e depois do nascimento de seus filhos, conforme dizia a tradição. Recordava o que lhe havia dito sua parenta Ana Elhisabet, mãe de Johanan (o Batista), nascido poucos meses antes de Jhasua:

"Meu peito palpita de satisfação pelo que levas em teu seio.

"Que sabes tu, mulher?

"Saem de teu seio raios de luz que envolvem toda a Terra. Trazes o fogo e não te queimas. Trazes a água e não te afogas. Trazes a fortaleza e chegas a mim, cansada. Oh, Myriam! Bendita és tu, naquele que vem contigo! ..."

Acendendo a vela, Myriam iluminou o rosto de seu filho adormecido. Estava como sempre; mas, desta vez ... sorria.

Apertando com ambas as mãos o coração, que palpitava demasiado forte, murmurou:

– Acalma-te, coração; que o teu tesouro não te há de ser arrancado sem que, antes, arranquem a tua vida! ...

"Dorme também, coração, como dorme teu menino; pois, se é escolhido de Jehová, Ele mesmo será o guardião dele.

"Dorme, coração, na quietude dos justos, porque o que Deus uniu os homens não poderão separar."

Deitando-se no leito com o menino nos braços, adormeceu até o amanhecer.

Dois dias depois, na primeira hora da tarde, Joseph e Myriam empreenderam a viagem à vizinha Jerusalém para dar cumprimento à Lei, que prescrevia a cerimônia da purificação para a mãe, aos quarenta dias do nascimento do filho, devendo ela, ao mesmo tempo, consagrá-lo a Jehová, no Seu santo Templo.

A parelha de asnos com a qual Elcana e Sara realizavam, há vários anos, suas viagens a Jerusalém na festividade da Páscoa, foi a mesma que os conduziu também nesta viagem para a observância da Lei.

Tinha Elcana na Cidade Santa sua irmã Lia, viúva, mãe de três filhas, ainda não casadas: Ana, Susana e Verônica, todas mantidas nos severos costumes morais em que as famílias essênias educavam seus filhos.

Moravam no bairro da Porta Oriental, ou seja, na direção das piscinas de Siloé. Junto com elas, vivia seu idoso tio Simeão, irmão do pai de Lia, o qual tinha dois filhos levitas: Ozni e Jezer, que, justamente naqueles dias, estavam de serviço no Templo, como auxiliares do sacerdote essênio, o ancião Simeão de Bethel.

Para a casa desta boa família hierosolimita iam recomendados como hóspedes Myriam e Joseph com seu pequeno filho.

Lia e mais as três filhas viviam do trabalho de suas mãos habilíssimas, na fiação e tecelagem do linho e da lã. Permanentemente, tinham lã em grandes meadas, nas cores azul-violeta, púrpura e violeta, conforme fossem os pedidos para as vestimentas sacerdotais do Templo ou para os Santuários Essênios, que usavam o branco e o violeta forte.

O velho tio Simeão tirava seu sustento dos direitos de seus dois filhos levitas, isto é, dos dízimos e das primícias que o povo levava para todas as famílias levíticas. Como conseqüência de sua ideologia essênia, eles não tomavam parte nos sacrifícios de animais; pelo que percebiam somente as primícias e os dízimos de azeite, olivas, frutas, farinha de trigo e demais cereais que se colhiam no País.

Também viúvo e inteiramente só, o velho Simeão uniu sua vida à de sua sobrinha, que, muito jovem ainda, ficara sem marido, tendo três filhas adolescentes. A presença do velho tio era sempre uma sombra protetora para a jovem viúva e para suas filhas.

Como se pode ver, toda esta família vivia do serviço que o Templo necessitava em tecidos e trabalhos manuais em geral. Tinham, outrossim, participação num formoso e extenso vinhedo, além de um pomar de cerejeiras e laranjeiras. Estes ficavam num delicioso vale, existente na cadeia de montanhas chamada *Monte das Oliveiras*, que abrangia toda a parte oriental do país. Era o Horto de Getsêmani, propriedade de um núcleo de famílias essênias que o cultivavam em conjunto. A família de Lia era a que, na época, poder-se-ia chamar uma família provida de fartura e tranqüilidade.

Os viajantes chegaram sem aviso prévio, mas a carta de Elcana, que Joseph entregara ao chegar, valeu por todos os avisos antecipados e auspiciosos que tivessem sido feitos.

Dizia assim essa carta:

"Silêncio e paz do Senhor em teu lar, minha querida irmã Lia. Simultaneamente com esta, encaminho para o teu lar o maior tesouro que nós, os irmãos do silêncio, poderíamos ambicionar.

"Myriam e Joseph, nossos parentes, levam para apresentar no Templo seu primogênito Jhasua, no qual, segundo todas as probabilidades e a juízo dos Mestres, está encarnado o Avatara Divino esperado pelos filhos de Moisés há tantos séculos.

Creio, pois, que, sabendo da identidade do hóspede que te mando, não necessito fazer nenhuma recomendação, já que o silêncio não é um conselho, mas uma lei para nós.

"Quanto a Myriam e a Joseph, já os verás; são como os pães das oferendas que, no altar do Senhor, deixam-se consumir sem ruído. Tudo quanto fizeres por eles, estarás fazendo por mim:

"Com um grande abraço de Sara e de mim mesmo, despeço-me até a próxima vista,

Elcana."

Tão logo acabou de ler a carta de seu irmão Elcana, Lia a escondeu em seu seio, e, muito embora já houvesse recebido com grande benevolência seus hóspedes na sala da residência, dirigiu-se pressurosa a eles e, ajoelhando-se perante Myriam, que tinha o filho no regaço, começou a chorar com intensa emoção sobre o corpinho dele, envolto em grossas mantas. Myriam, emocionada também, não impedia o amoroso desafogo de sua distante parenta, a quem já não via desde muito menina.

Enquanto se passava esta cena, Joseph e o velho Simeão acomodavam os animais no estábulo.

A formosa virtude da hospitalidade essênia tornava tão agradáveis as viagens, que cada qual chegava a encontrar-se, como em seu próprio lar, na casa de seus irmãos de ideologia. Para ninguém havia inquietação nem sobressaltos em viajar sem uma só dracma na bolsa vazia, porque era até ofensa para o dono da casa que seu hóspede pensasse em dar-lhe qualquer compensação material.

Em toda despensa essênia havia sempre um fundo de reposição, chamado "*quota dos viajantes*", que ninguém tocava, a não ser para trocar por provisões mais frescas, recentemente colhidas.

– Bendita sejas tu, Myriam, no filho que concebeste pela graça do Senhor, e bendita seja esta casa que lhe dá hospedagem! – exclamou Lia. – Na tristeza e no luto de minha viuvez, jamais cheguei a pensar que a alegria de Deus viesse assim iluminar a minha morada.

– De onde tiras tais palavras para dirigi-las ao meu filho e a mim? – perguntou Myriam, temerosa de que aquela mulher houvesse também penetrado no segredo guardado tão zelosamente.

– Da carta de meu irmão Elcana – respondeu ela.

– Mas ... peço-te silêncio – acrescentou Myriam.

– Silêncio até que seja chegada a hora de Deus! – respondeu Lia, com solenidade quase profética.

Dirigindo-se à oficina, onde suas três filhas fiavam e teciam nos teares, disse-lhes:

– Vinde beijar o formoso menino de vossa parenta Myriam. É seu primogênito, e a tradição assegura que traz sorte para a casa que o hospedar.

As três jovens entraram precipitadamente. Verônica e Ana eram gêmeas e tinham treze anos. Susana, a maior, que contava quinze, permaneceu de pé, observando o menino, enquanto as duas menores se ajoelhavam junto a Myriam, para beijar o pequenino, que dormia tranqüilamente.

De súbito, disse Susana com um acento que parecia sair-lhe do íntimo do seu ser, enquanto seu semblante denotava dor profunda e indefinível:

– Com tanto amor e felicidade o beijais agora e, um dia, enxugar-lhe-eis o sangue e beijá-lo-eis, morto ... – e caiu desvanecida nos braços da mãe, que a susteve.

– Deus meu! ... Que se passa contigo, Susana? ... Trazei água, por favor – disse ela às outras filhas. Estas se apressaram em umedecer a fronte da jovem desmaiada.

Myriam havia percebido algo naquelas terríveis palavras, e sua terna alma de sensitiva foi tomada de espanto.

– Tua filha é profetisa? – perguntou ela a Lia.

– Não. Nada disso foi percebido jamais nela. Somente sabemos que é muito impressionável, e, às vezes, assusta-se com um débil ruído e até com sua própria sombra.

– Parece que ela falava algo referente a meu filho, como alusão a um acidente. Acaso seremos atropelados por algum motim popular, amanhã, quando formos ao Templo? ...

– Oh! Jehová não o permitirá! Não penses assim, Myriam, por favor! É que esta filha se vê como que acometida de extravagantes delírios – disse a mãe, fazendo Susana beber pequenos goles de água. Por fim, esta se reanimou, e ia começar a falar, mas os olhos inteligentes de sua mãe impuseram-lhe silêncio.

– Vem cá, Susana – disse Myriam, tomando uma das mãos da jovem. – Viste meu filho sofrer algum acidente? Por que disseste aquelas palavras?

– Não, Myriam, não. É que eu padeço de visões imaginárias, que, por vezes, me fazem sofrer muito. Vi estendido, aqui, um homem muito ferido e morto, que me causou indizível terror e compaixão. Isto foi tudo.

– Mas, isso nada tem que ver com o menino de Myriam – acrescentou Lia, procurando pôr fim ao assunto. – Só sinto – disse – que, num momento de tanta felicidade, tenha ocorrido este pequeno e estranho incidente. Não é nada, não é nada. – A viúva Lia jogou ao fogo da lareira um pouco de incenso, mirra e u'a maçã, enquanto dizia: "Que Deus Todo-Poderoso leve deste recinto os espíritos do Mal e nos envie mensageiros de Paz e Amor."

– Assim seja! – responderam todos.

A entrada de Joseph e do velho Simeão acabou por tranqüilizar os ânimos.

Antes que chegasse a noite, os dois homens se encaminharam ao Templo com o fim de saber por intermédio dos levitas, filhos de Simeão, a hora certa em que o sacerdote essênio estaria de serviço no dia seguinte, que era o prescrito pela Lei para a apresentação do filho de Myriam.

Ficaram, pois, combinados que, na terceira hora, o sacerdote Simeão de Bethel, essênio do quarto grau, juntamente com os levitas Ozni e Jezer, como auxiliares, esperariam na porta que dava para o Átrio das Mulheres.

Muito em segredo, disseram os levitas a Joseph e ao pai deles que, na noite anterior, o sacerdote mencionado e eles tiveram aviso dos Anciãos do Moab que o Avatara Divino faria, no dia imediato, sua primeira entrada no Templo, devendo aquele sacerdote cuidar-se bem para não oferecer por ele sacrifício de sangue; que aceitasse as rolinhas apresentadas por Myriam e lhes desse a liberdade, soltando-as por uma da janelas do Templo.

O velho Simeão, pai dos levitas, como bom essênio, guardava silêncio, pois, em seu íntimo Eu, começava a tomar forma uma grande interrogação: "Quem será esse menino para que assim se preocupem com ele os Anciãos do Moab?"

Essênio do primeiro grau, da mesma forma que Joseph, sabia ele cumprir os Dez Mandamentos, rezar os salmos e prestar hospitalidade. Não ia mais além sua instrução religiosa.

Joseph já possuía mais consciência da superioridade espiritual de seu filho, em virtude dos fenômenos suprafísicos que se haviam manifestado desde antes do nascimento do menino. Mas, como era bom essênio, nada disse.

Quando regressaram para a casa de Lia, Myriam, que havia deixado o menino adormecido no berço, saiu para recebê-los, e sua primeira pergunta foi esta:

– Há algum tumulto no centro da cidade?

– Não. Tudo está calmo – responderam os dois homens simultaneamente.

– Já faz muito tempo que acabaram os tumultos – disse Simeão – porque os grandes senhores do País encontraram o modo de conformar-se com os dominadores, e o povo cansou-se dos motins, nos quais sempre sai perdendo... Por que perguntas isso?

– Faz tanto tempo que não venho à Cidade de David e julguei que podia ser como nos tempos de minha meninice – explicou Myriam.

Não obstante isso, percebeu Joseph algo nos olhos ansiosos de Myriam, ao redor dos quais acreditou ver uma sombra violeta. Entrando com ela na alcova em que o menino dormia, interrogou-a.

– Temo pelo nosso filho – respondeu ela. – Desde que me fizeram compreender que há nele algo superior aos demais meninos, vivo temerosa e cheia de inquietações.

– Precisamente pelo fato de existirem desígnios de Jehová sobre ele, devemos pensar que será duplamente protegido dos demais. Procura viver tranqüila, Myriam, que é grande a tua felicidade em ser mãe de tal filho.

Beijou-a ternamente sobre os cabelos, e ambos foram sentar-se junto ao fogo da lareira, onde toda a família já estava reunida para a ceia. Susana havia ficado no leito por causa da pequena crise nervosa que tivera, essa tarde.

Sendo Simeão o mais idoso, abençoou ele o pão e repartiu-o entre os comensais, segundo o costume essênio, procedendo da mesma forma com a ânfora de vinho, do qual pôs uma parte nas taças de prata que se achavam sobre a mesa.

Myriam apresentou, por sua vez, as oferendas que Elcana enviara de Betlehem para sua irmã Lia, consistindo em queijos de leite de cabra, manteiga e mel procedentes da montanha.

Um abundante guisado de lentilhas servido numa grande travessa com azeitonas negras, do Horto de Getsêmani, adornado com ovos de gansa assados no braseiro, compunham a comida que a hospitaleira Lia apresentou a seus hóspedes.

Myriam quis levar, ela mesma, uma pequena taça de mel e um pedaço de queijo ao quarto onde descansava Susana.

– Pobrezinha! ... – disse-lhe. – Sinto pena por teres adoecido logo à nossa chegada. Senta-te e come deste mel, mandado por teu tio Elcana, o qual, provavelmente, confortar-te-á. – Ajudou a jovem a sentar-se no leito. Susana comeu, e, quando terminou, abraçando Myriam, suplicou:

– Se me trouxeres aqui, só um pouquinho, o teu menino, curar-me-ei completamente. Vi em sonhos Elias e Eliseu, nossos grandes Profetas, que envolviam em fogo teu filho para que ninguém lhe causasse dano algum. Ele deve ser um grande Profeta, Myriam. Não pensaste nisto?

– Desde antes do seu nascimento, estou vendo extraordinárias manifestações, que, algumas vezes, me deixam temerosa de toda essa grandiosidade que anunciam. Sei somente que é meu filho, e não quero que sua grandeza o afaste jamais do meu lado. Já o trarei!

Alguns minutos depois, o pequenino descansava sobre os joelhos de Susana, sentada no leito. Permaneceu imóvel, contemplando o formoso querubim de nácar e de rosas adormecido em seu regaço.

Myriam observava-a. Viu que ela empalidecia intensamente; mas conteve-se a um sinal de silêncio que Susana lhe fez.

Notou que seu olhar se tornava absorto, como se olhasse para uma bruma longínqua ... Depois de alguns instantes, a jovem levantou o menino suavemente à altura dos lábios e beijou-o na fronte, como se beija um objeto sagrado.

– Dize-me a verdade, Susana! Tu deves ter visto algo nele! Que foi que viste?

– Uma loucura, Myriam, das muitas que me perseguem continuamente: Vi que eu ia por um caminho seguindo o cortejo fúnebre de um parente cuja morte nos causava grande dor, e que este menino, já jovem e formoso, deteve o cortejo, fez que o morto se levantasse do féretro e o devolveu são e salvo a sua mãe. Será que teu filho é um grande Profeta ou eu estou completamente louca?

– Não! ... Não estás louca! ... Há algo tão grande no meu filho ... tão grande, Susana! ... que vivo cheia de medo, como ficavam as mulheres de Israel quando viam os relâmpagos e ouviam os trovões nos Montes Horeb e Sinai ... As coisas demasiado grandes espantam almas tímidas, semelhantes à minha ...

Tomando ao colo seu filhinho, que, nesse instante, começava a despertar, disse Myriam, com os olhos cheios de pranto:

– Por que és tão grande, meu querubim, se tua mãe é tão pequena e débil como uma cordeirinha, que apenas acerta o caminho da fonte para beber?

Silenciosa, levou o menino para a alcova.

Junto ao fogo da lareira, enquanto a mãe e as filhas arrumavam tudo quanto havia sido usado na ceia, Simeão e Joseph conversavam sobre as esperanças de uma próxima libertação de Israel.

– Alguns afirmam que virá novamente Elias para fazer descer fogo do céu a fim de consumir, num abrir e fechar de olhos, os dominadores, que empobrecem o povo com seus tributos. Outros dizem que virá também Moisés para realizar as maravilhas que espantaram o Faraó e deixar o povo em liberdade. – Desta maneira falava Simeão.

– O que se diz de tudo no Templo poderás saber por intermédio de teus filhos – respondeu Joseph.

– Meus filhos ouvem, todos os dias, que *chegou o tempo* para o aparecimento do Libertador de Israel; mas parece que as esperanças vão diluindo-se lentamente, porquanto, nas linhas consangüíneas diretas de David, não se tem conhecimento de que haja nascido um varão na data que os Doutores do Templo esperavam.

– Um de meus filhos foi com outros levitas para o levante; outros para o poente; outros para o norte, e outros para o sul do País, com o fito de examinarem os registros das Sinagogas, em busca do almejado acontecimento.

– Como! ... Nenhum varão da descendência de David nasceu em Israel? – perguntou Joseph com estranheza.

– Não, não é isto! ... Já se vê que tu não andas nas intimidades sacerdotais – disse afavelmente o velho tio de Lia. – É que não só se espera um varão da descendência de David, mas um varão nascido na data marcada pelos astros que presidem os destinos do povo hebreu.

"Além disto, deverá um menino tão extraordinário ser o primogênito de uma donzela recém-casada; e, ainda quando alguma profecia existente pareça indicar que ele há de nascer em Betlehem, isto se passaria por alto, tendo-se em vista que algum acontecimento de menor importância tenha escapado às estrelas denunciadoras do acontecimento. Todavia, de fato nasceram diversos varões da descendência de David, mas todos filhos terceiros, quartos ou sextos de matrimônios cujos pais possuem numerosa prole."

– E os agentes sacerdotais não foram pesquisar em Betlehem? – perguntou Joseph, algo inquieto.

– Naturalmente que sim, e a Sinagoga local foi das primeiras a serem inspecionadas. Para maior segurança esteve ali o sacerdote Esdras.

– E sem resultado? – volveu Joseph a perguntar.

– Da mesma forma que em todas as outras partes, pois, no ramo bilateral existente na descendência de David, não houve nascimento de varão primogênito na data indicada. Em virtude disto, há, no Sinédrio, um mal-estar tremendo, pelo fato de que o Rei Herodes, entendendo-se muito bem com o Sumo Sacerdote, conseguiu obter todas as explicações pertinentes a estes assuntos. E agora começa ele a ridicularizar todas as profecias, e até proibiu que se fale qualquer coisa ao povo acerca do Rei-Libertador de Israel, que deveria nascer no aludido tempo.

"Quando chegaram os últimos agentes com notícias negativas, segundo suponho, o Rei obrigou o Sinédrio a dar-lhe uma declaração, devidamente assinada, de que havia passado a hora anunciada pelos astros para o nascimento do Messias, Rei de Israel, e que, portanto, o povo, por intermédio do Sinédrio, que é sua suprema autoridade, renunciava a todas as suas esperanças e direitos em favor de Herodes, o Grande, e de sua descendência."

– E o Sinédrio fez isso? – perguntou Joseph com certa ansiedade.

– O Sinédrio, como se sabe, aprecia mais a amizade do Rei que faz grandes concessões ao alto corpo sacerdotal, do que manter uma esperança que, até hoje, resultou em vão.

Baixando a voz, como temeroso de ser ouvido, Joseph perguntou:

– E os sacerdotes essênios ... que dizem de tudo isso?

– São a minoria e não se interessam por este assunto. Além do mais, não esperam um Rei-Libertador, mas um Messias-Profeta e Taumaturgo, no estilo de Moisés, para restaurar Sua doutrina e depurar a Lei.

– Essas questões são profundas demais para que nós as discutamos, irmão Simeão – alegou Joseph, cortando a conversa. Várias vezes, no decurso dela, estivera ele a ponto de falar sobre as manifestações extraordinárias que haviam sido notadas já bem antes do nascimento de seu filho.

Lia, que havia escutado, em silêncio, toda essa conversação, lembrou-se da carta de seu irmão Elcana, essênio do segundo grau, como também o eram ela e seu marido, já morto, e achou que era melhor guardar o segredo que o irmão lhe recomendara.

Pensou com muito acerto: "Se Joseph, que é pai do menino, não fala; se o sacerdote Esdras, essênio adiantado, mantém silêncio, eu, pobre mulher, que não sei se minhas revelações poderiam causar ou não um desastre, com maior razão devo calar."

Dando a impressão de que acomodava os troncos de lenha a crepitarem na lareira, mui dissimuladamente arrojou na chama a carta do irmão, sepultando, assim, no fogo, aquele segredo que lhe causava dano.

No coração de Lia, única mulher natural de Jerusalém que conhecia algo a esse respeito, ficou sepultado o divino segredo do Homem-Deus, abrigado sob o seu teto, bem próximo do Grande Templo e em plena Cidade Santa. Enquanto isso, o orgulhoso Sinédrio e demais Príncipes dos Sacerdotes davam tratos à imaginação pensando como podia ser que houvessem falhado os astros e as antigas profecias dos videntes de Israel.

Os sacerdotes mais idosos diziam, rasgando as vestes em sinal de funestos presságios:

– Quando os astros e as profecias falham, nova desgraça ameaça Israel. Terríveis sinais são esses, que, em outra época, seriam aviso de dispersão, incêndios ou morte. Porventura, a chegada da nova centúria encontrará todos nós no Vale de Josafat, e nossos filhos cativos em terras estranhas?

Tal era o ambiente no Templo de Jerusalém no dia em que lá chegava o humilde casal Myriam e Joseph com o Menino-Deus nos braços. Era pouco antes do meio-dia, e um sol de ouro caía, como chuva de murtas, sobre a majestosa cúpula do Templo, que recebia em suas naves o Homem-Deus sem que o percebessem aqueles faustosos sacerdotes, cuja régia indumentária de púrpura e pedraria deixava muito para trás os reizinhos da Palestina.

Por aviso espiritual, os sacerdotes e levitas essênios estavam cientificados da cerimônia, e a notícia foi confirmada pelos dois filhos de Simeão, que, na véspera, a haviam recebido de seu pai e de Joseph, quando estes estiveram perguntando pela hora em que poderiam ser atendidos.

Estando, pois, todos eles de perfeito acordo, uniram-se para oferecer no Altar dos Perfumes holocaustos de pão de flor-de-farinha, embebido no mais puro azeite de oliva, aromatizado com essências, bem como vinho puro de uva com incenso e mirra, maçãs, flores de laranjeira e quantas flores e frutas aromáticas puderam reunir. Arranjaram o pretexto de que era aniversário do dia em que Moisés fizera brotar água fresca da rocha no deserto. Deste modo, podiam os dois sacerdotes essênios, Simeão e Eleázar, que estavam de serviço, realizar aquela liturgia, usada todos os anos.

As donzelas do Templo haviam sido convidadas para cantar salmos ao som de cítaras e alaúdes. Os quatorze sacerdotes essênios, com os vinte e um levitas, providos de turíbulos de ouro, davam voltas, cantando ao redor do Tabernáculo, no exato momento em que Joseph e Myriam chegavam ao átrio.

Uma vez realizado o Ritual da Purificação, Myriam, com o filho nos braços, penetrou no Templo até o ponto onde era permitido que os leigos chegassem. O grande véu do Templo, fechado completamente, não permitia ver o que os sacerdotes e levitas realizavam atrás dele, no "Sanctum Sanctorum". As virgens, sobre um alto estrado com grades de bronze, cantavam o mais vibrante salmo de louvor a Jehová.

No momento em que Myriam e Joseph entregavam as rolinhas do holocausto, e o sacerdote Simeão tomava em seus braços o divino menino para oferecê-lo a Deus, sem que ninguém soubesse por qual motivo, o grande véu do Templo foi levado para um dos lados como se um vendaval poderoso houvesse feito correr os anéis de prata que o sustinham sobre uma longa vara do mesmo metal.

Todos os presentes sentiram-se transidos de respeito e admiração, ao ver como uma corrente de poderosa afinidade executara o que bem podia tomar-se como uma extraordinária manifestação espiritual, que, assim, punha em evidência a excelsa grandiosidade do Ser que estava sendo oferecido a Deus naquele momento.

Enquanto isso, mantinha Simeão de Bethel o menino erguido bem alto, ao pé do Altar dos Perfumes, e acrescentou às frases do ritual as palavras que a tradição conservou: "Agora, Senhor, podes lançar pó nos olhos de Teu servo, porque viram Tua Luz sobre a Terra."

Eis senão quando uma anciã paralítica, de nome Ana, que todos os dias era levada sobre u'a maca até o interior do Templo para orar a Jehová, pedindo que enviasse Seu Messias Salvador, saiu correndo, por seus próprios meios, para o Altar dos Perfumes, e não se deteve até cair de joelhos aos pés de Simeão, dando gritos de

alegria e anunciando a todos: "Eis aqui o Messias, Salvador de Israel, cuja proximidade curou o meu mal de trinta anos!"

Para fazê-la calar, de maneira que não causasse alarme algum, foi necessário permitir que beijasse uma das mãozinhas do menino e prometesse, ali mesmo, guardar o mais profundo segredo.

Terminados os rituais, tudo voltou à costumeira quietude e silêncio. Mas o fato de haver sido descerrado o véu do Templo, sem motivo plausível e real, chegou ao conhecimento dos demais sacerdotes que não estavam a par do segredo. Informado também o Sinédrio, este convocou uma assembléia para averiguar quais os fatores que teriam originado aquele estranho fenômeno.

Alguns opinaram que o próprio Moisés houvera assistido, invisivelmente, à celebração daquele aniversário de uma das grandes manifestações do poder oculto que ele possuía ... Ante esta opinião, os "sacerdotes de bronze" sentiram-se despeitados de que tal manifestação houvesse sido recebida pelos "sacerdotes de cera", em união com as virgens que cantavam os salmos.

Outros opinaram que se produzira uma pequena variação de nível na grande vara, pela qual corriam os anéis que sustinham o véu. Não faltou quem afirmasse que, a essa hora, surgira uma grande lufada de vento, e que, ao ser aberta a porta do Átrio das Mulheres, essa corrente de ar pusera-se em comunicação com as dos outros átrios, originando, assim, o aludido fenômeno.

Para sondar a opinião do grupo de "Bronze", Simeão de Bethel perguntou:

– Não se poderia supor que aquela ocorrência significasse um anúncio da chegada do Messias Salvador?

– Impossível! ... – exclamou o Pontífice. – Nossos agentes percorreram todas as sinagogas do País, e não foi encontrado um só primogênito varão na dinastia de David.

– Não obstante – argüiu novamente Simeão –, eu mesmo acabei de oferecer a Jehová um primogênito nascido em Betlehem.

– Mas quem é ele? ... Algum filho de mendigos! ... insinuou o Grande Sacerdote.

– De artesãos – retificou Simeão. – Acaso o próprio David não foi pastor?

– Mas julgas que o Messias, Rei de Israel, vá nascer de artesãos, quando todos os príncipes, sacerdotes e levitas da dinastia real, pouco antes da conjunção dos astros, tomaram esposas virgens, de estirpe nobre, para dar oportunidade ao Messias de escolher sua casa e seu berço?

"Sustentar outra coisa seria contrariar o sentido das profecias e renunciar, até, ao senso comum.

"Crês que o Messias, Libertador de Israel, venha a surgir da escória do povo, para ser o escárnio e a mofa de nossos dominadores?

"O Messias-Rei sairá, como uma flor de ouro, das grandes famílias da aristocracia hebréia, ou não sairá de parte alguma."

– Como explicaremos, então, que as profecias ficaram sem cumprimento e que os astros mentiram? – perguntou o essênio Esdras, que sentia lástima pela cegueira daqueles homens.

– Penso eu – respondeu um dos "doutores de bronze" – que, em virtude da recente conjunção sideral, todo este ano é propício para a chegada do Messias, porque a influência dos respectivos planetas é capaz de chegar até a Terra num período mais ou menos longo. Acaso, poderemos encadear a Vontade e o Pensamento de Jehová?

– Era esta, justamente, a minha opinião – acrescentou Simeão de Bethel – que nem nós nem pessoa alguma sobre a Terra pode acorrentar o Pensamento e a Vontade de Jehová quando Ele quer manifestar-se aos homens.

– Mas, que pretendes dizer com isto? – interrogou o mesmo doutor que expressara aquele parecer.

– Penso que, se Deus quer enviar à Terra Seu Messias-Salvador, não podemos impor-lhe a nossa vontade no sentido de que Ele apareça em uma família da alta aristocracia ou em uma humilde família de artesãos. Digo isto porque o motivo desta assembléia foi o fato de haver o véu do Templo corrido por si só, no momento preciso em que eu oferecia a Jehová um primogênito hebreu.

"Além disto, a velhinha paralítica, que todos conhecemos há mais de trinta anos – presa ao solo como um molusco a uma rocha – saiu correndo até chegar onde eu estava com o menino e, feliz por ver-se curada, começou a gritar como louca: 'Eis aqui o Messias-Salvador de Israel que curou, com Sua presença, o meu mal de mais de trinta anos!' Não foi possível fazê-la calar, nem retirá-la de lá de cima até que lhe permitimos beijar o menino. São fatos que, se nada confirmam por si sós, não deixam de ser dignos de estudo e da nossa atenção, visto como, para isto, nos reunimos aqui."

O Grande Sacerdote e outros, juntamente com ele, franziram o cenho, mas a lógica de Simeão não admitia réplica.

– Foram tomados dados precisos de sua família e de seus ancestrais? – perguntou o Grande Sacerdote.

– Eu – disse Esdras – estive, como sabeis, em Betlehem, indagando sobre os nascimentos naquela cidade, e, estando enfermo o sacerdote da Sinagoga, fui o oficiante quando levaram esse menino para circuncisão. Seus pais são artesãos abastados e têm em Nazareth seus meios de vida.

"Ambos são originários de Jericó e descendentes de família sacerdotal, encontrando-se em Betlehem por motivo de visita a uns parentes próximos da esposa, que foi uma das virgens do Templo, onde se educou justamente por sua procedência de família sacerdotal. Joseph, o marido, buscou-a entre aquelas jovens por sua fidelidade ao costume de que os filhos ou netos de sacerdotes busquem esposa entre as virgens do Templo. Joseph é filho de Jacob, filho de Eleázar, sacerdote que alguns dos presentes chegaram a conhecer. É tudo quanto posso dizer.

– Bem – ordenou autoritariamente o Pontífice –, que três membros da Comissão de Genealogias Reais se encarreguem de estudar este assunto e forneçam logo a informação correspondente. – Sem mais trâmite, deu-se por encerrado esse assunto, não mais se voltando a tocar nele, pois, nos momentos que atravessava a política do País, com Herodes o Grande na chefia, não seria nada oportuna a presença do Messias, Rei de Israel, a qual provocaria, desde logo, um formidável levante popular contra o usurpador idumeu.

– Convém que tão delicado problema não transcenda para o exterior – acrescentou ainda o Grande Sacerdote – e que a referida família não suspeite, nem remotamente, que nos temos ocupado com seu menino, cuja segurança está no silêncio. O tempo encarregar-se-á de revelar a Verdade.

– *O tempo encarregar-se-á de revelar a Verdade* – repetiram, numa só voz, os sacerdotes essênios, convencidos plenamente de que aquelas palavras eram proféticas.

Foi dessa forma que passou despercebido, em toda a Palestina, o advento do Homem-Deus.

Deus dá a Luz aos humildes, e a nega aos soberbos. Fazia muitos séculos que o povo de Israel esperava um Messias-Salvador. Quando Ele chegou, como uma estrela radiante a iluminar os caminhos dos homens, estes não O reconheceram, a não ser os pequenos, aqueles que, para viver, se ocultavam nas entranhas dos montes ou na modéstia de seus lares, entregues ao trabalho e à oração.

Florescia o Amor para Jhasua

Quando Myriam e Joseph abandonavam o Templo, encontraram no pórtico exterior um grupo de levitas, que os esperava no lugar mais afastado e por detrás de uma grossa coluna. Entre eles estavam os dois filhos de Simeão, tio de Lia. Era um grupo de levitas essênios. O mais resoluto deles aproximou-se de Joseph e pediu:

– Deixa-nos beijar teu menino, porque sabemos que é um grande Profeta de Deus.

Joseph acedeu, mas os doces olhos, cheios de temor, com que Myriam os fitou, causaram-lhes compaixão.

– Não temas, mulher – disse o levita –, que nós somos vossos amigos. Não me reconheces, Joseph?

"Pensa no velho sacerdote Nathaniel, da Sinagoga de Arimathéia, aquele a quem salvaste a vida, quando foi arrastado pelas cavalgaduras em corrida desenfreada ..."

– Oh, oh! – exclamou Joseph. – Eras tu o jovenzinho enfermo que ia dentro do carro?

– Justamente, era eu.

Os dois, Joseph e José, abraçaram-se ternamente; pois o jovem era José de Arimathéia, mais tarde conhecido Doutor da Lei.

Então Myriam abriu seu manto e deixou que vissem o pequenino muito quieto entre seus braços.

Vendo-o desperto, José de Arimathéia, o Levita, tomou-o nos seus e, estreitando-o ao coração, disse-lhe com indizível ternura:

– Eu sei quem tu és, Jhasua! ... eu sei quem és! E, por sabê-lo, juro-te pelo Tabernáculo de Jehová que serei teu escudo de defesa até a última gota de meu sangue!

– Jurai também vós – suplicou ele a seus companheiros, apresentando-lhes o menino para que o beijassem.

– Juramo-lo – foram dizendo os levitas, enquanto beijavam as rosadas faces do filho de Myriam.

O último que se aproximou era um formoso e esbelto jovem, cujos olhos escuros, cheios de tristeza, tornavam-no atraente à primeira vista. Tomou a Jhasua nos braços e disse com solene inflexão de voz:

– Se és Aquele que é, salva-me, porque me vejo perdido!

Olharam-no todos com assombro, quase estupor.

O menininho apoiou inconscientemente a dourada cabecinha no peito do jovem levita que o mantinha nos braços. Todos pensaram que o pequerrucho estivesse cansado por passar de braço em braço e que procurasse apoio e repouso. Só aquele que o segurava compreendeu que seu pedido havia sido atendido, e, devolvendo Jhasua à mãe, abriu a túnica sobre o peito, mostrando uma úlcera cancerosa ali existente. Qual não foi seu assombro quando, no lugar da chaga, aparecia somente u'a mancha rosada, tal qual costuma apresentar á pele demasiado fina de uma ferida recentemente curada!

O jovem levita abraçou as cabeças unidas de Joseph e de Myriam, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

– Por causa desta úlcera cancerosa – confessou quando pôde falar – deveria eu abandonar o Templo na próxima lua, perdendo todos meus estudos e esta carreira, esperança de minha velha mãe e de meus dois irmãos. Não poderia meu mal manter-se oculto por mais tempo; e bem sabeis a severidade da Lei para com enfermidades desta índole.

– Este é o milagre número três – afirmou José de Arimathéia –, e torna-se necessário anunciá-lo ao Tribunal do Templo.

– Não o façais, por piedade de meu filho e de mim! – exclamou Myriam cheia de angústia. – Os Terapeutas-Peregrinos mandaram que silenciássemos tudo quanto sucedeu antes do nascimento deste menino. Calai também vós, por favor, porque é conselho de sábios.

– Nós o prometemos – juraram todos simultaneamente –, se permitirdes que possamos visitá-lo enquanto estiverdes em Jerusalém.

– Vinde – disseram ao mesmo tempo Myriam e Joseph. – Somos hóspedes de nossa parenta Lia e de seu tio Simeão, pai destes dois – explicaram apontando para os levitas Ozni e Jezer.

O jovem da úlcera no peito, que era de família abastada, entregou a Myriam uma bolsinha de seda purpúrea, com moedas de ouro.

Negou-se Myriam a recebê-la, dizendo:

– Somos felizes com a nossa modesta posição. Não necessitamos de nada.

– Tomai-a, fazei o favor! É a oferenda de ouro puro que fazemos, os vinte e um levitas essênios, ao Deus feito homem, como apoio de seu apostolado futuro.

"Mas, se tiverdes necessidade antes que ele seja maior, usai-o sem temor. Há sete moedas de cada um dos 21 levitas que somos. Nós queremos ser os primeiros alicerces do Santuário que ele há de fundar."

– Se é assim – assentiu Joseph –, então o aceitamos para guardá-lo como depósito sagrado, até que o menino seja de maior idade.

O levita da úlcera no peito chamava-se Nicodemos de Nicópolis. A tradição conservou-lhe o nome, juntamente com o de José de Arimathéia, pelo único fato de haverem pedido ao governador Pilatos o cadáver do Cristo. Todavia, antes dessa tremenda hora trágica, muitas vezes haveremos de encontrar-nos com eles, como com muitos outros, cuja atuação ficou perdida na poeira dos séculos por causa do resumo histórico dos Evangelhos e do seqüestro que, no século III, se fez de todos os relatos, crônicas e narrações escritas pelos discípulos e amigos do Verbo Encarnado.

Regressaram Myriam e Joseph para a casa de Lia na primeira hora da tarde.

– Louvado seja Jehová que terminamos com as prescrições da Lei! Estou ansiosa por encerrar-me em casa e não aparecer mais onde passam outras pessoas – suspirou Myriam, deixando-se cair, com sintomas de grande fadiga, sobre um banco junto à lareira.

– Por que falas assim, Myriam? Recebeste algum dano de alguém no Templo? – perguntou Lia, bastante alarmada.

– Não, dano nenhum; mas susto e medo.

– Posso saber o que foi?

– Os Terapeutas-Peregrinos não se cansam de recomendar-nos silêncio, segredo e discrição; mas o caso é que, em todas partes aonde chegamos, vai este segredo sendo divulgado, de maneira que, dentro em pouco, toda gente o conhecerá. É por isso que receio muito por nosso filho! ...

Mencionou Myriam o que havia ocorrido no Templo, desde o momento em que chegaram até que saíram. Sua narração foi, em verdade, fiel e exata no tocante aos acontecimentos ocorridos no plano físico, conforme são percebidos e experimentados pelos sentidos corporais. Mas o aspecto esotérico e real, sob o ponto de vista em que vamos analisando todas as questões, oferecia outras evidências mais definidas; outros alcances muito mais amplos e sublimes.

As cinco Inteligências Superiores, que apadrinhavam a Jhasua em Sua última encarnação messiânica, haviam descido junto com ele para a Esfera Astral do Planeta Terra, com a vestimenta etérea usada pelos Círios da Piedade. Por isso, há de compreender-se que, durante a infância do Cristo, deviam eles prestar grande atenção em despertar as consciências da Humanidade, à qual Ele se aproximava.

Tanto deviam observar o campo essênio como o levítico e o sacerdotal, com o fim de preparar para Jhasua o cenário mais conveniente à vitória final de Sua obra.

O poderoso pensamento e a vontade das Inteligências Superiores, postos na corrente harmoniosa e simpática dos Sacerdotes essênios que atuavam no Templo, no momento da entrada do Menino-Deus em suas naves, foram os verdadeiros operadores dos fenômenos supranormais, que todos puderam constatar, quando da apresentação do Cristo-Menino à Divindade.

Entre as inumeráveis forças do Universo, que a maioria dos encarnados no planeta Terra desconhece de todo, está a chamada *Onda simpática ou Corrente simpática*, força poderosa, que, quando se consegue unificá-la à perfeição, pode, sozinha, derrubar montanhas, muralhas, cidades, pontes e templos, por fortes e bem alicerçados que sejam.

Sabem, acaso, os homens quais as forças que atuaram na abertura de uma cordilheira atlante, provocando a primeira invasão das águas sobre esse continente? Conhecem eles, porventura, as energias tremendas que desencadeiam muitos dos grandes cataclismas que encheram os povos de terror e de espanto nas diversas épocas da Humanidade?

Por isso, sempre temos dito que a interrupção ou alteração das leis naturais *não existe*. O que existe é um conjunto de forças sujeitas às leis imutáveis e precisas que estão no Universo, e que, manejadas por Inteligências de grandes poderes, vêm a produzir os efeitos maravilhosos que o homem qualifica de milagres.

Feita esta breve explicação, segue-se que os três fatos ocorridos no dia da consagração de Jhasua à Divindade são pequenas manifestações do Poder Divino adquirido por Espíritos de grande evolução, que chegaram a ser senhores de si mesmos, bem como dos elementos e de toda espécie de correntes e de forças que vibram eternamente no Universo.

Qual a finalidade que impulsionava essas Inteligências Superiores a desencadearem tais fenômenos? É fácil compreendê-lo. Foi o Chamado Divino às mentes e às consciências dos altos dirigentes da fé e da ideologia religiosa do povo hebreu, cuja educação na Unidade Divina o tornava mais apto para colaborar na obra messiânica daquela época.

Eles, porém, permaneceram cegos e duros, em conseqüência do excessivo apego ao ouro e, em geral, às conveniências materiais. Com isto deram lugar a que se cumprisse neles o que Moisés percebera em Seus radiantes êxtases, no Monte Horeb, e que gravou com fogo, no capítulo 30 de seu Deuteronômio – um dos poucos parágrafos que não foi interpolado nem transformado através das muitas traduções feitas.

Naquele formidável capítulo, Moisés anunciou ao povo hebreu que ele seria dispersado por toda a face da Terra, perseguido e odiado por todos os homens, se seus representantes continuassem fazendo ouvidos surdos à voz de Jehová, quando os chamasse para um novo pacto.

Agiram eles exatamente como o Faraó egípcio Seti I, que – muito embora visse os efeitos das tremendas correntes de justiça que caíam sobre ele e seu povo, originados pela duríssima escravidão em que haviam encadeado Israel – continuava

empedernido no Mal, dizendo: "Eu, Faraó, com minha corte de deuses, vencerei o Deus de Moisés."

Há quem diga que todos os povos e raças pecaram mais ou menos contra a Divina Lei. É verdade, mas foi o povo hebreu quem recebeu de Moisés o Mandamento Divino, e foi por ele mesmo conduzido à fértil região em que haveria de praticar essa Lei de *amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo!* ...

Apenas morto Moisés, e ainda antes de o povo hebreu pôr os pés naquela Terra da Promissão – onde corriam leite e mel, segundo a frase bíblica – a Santa Lei foi esquecida, menosprezada e substituída por um código de feroz vingança, decapitações, apedrejamentos e extermínio de tudo quanto se opunha aos seus passos.

Rapidamente escoaram-se os XX séculos, desde Jhasua até a atualidade, e o povo de Israel, disperso por todo o mundo, amaldiçoado, perseguido e odiado, não pôde ainda, para sua felicidade, voltar, como nação, à Terra Prometida, a qual ele regara com sangue inocente. No entanto, só Israel tinha ouvido dos lábios de Moisés a ordem divina: *Não matarás. Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo.*

Mas o povo hebreu disse: Jehová é grande e glorioso nos Céus; mas o ouro está sobre a Terra, e sem ouro não poderemos construir tabernáculos e templos para Ele.

Hoje, depois de vinte longos séculos, o ouro, ao qual esse povo sacrificou sua fé e sua Lei, acabou por esmagá-lo, destruí-lo e aniquilá-lo. A espantosa perseguição aos hebreus, hoje em dia, não revela outra causa senão o esforço dos tiranos ambiciosos por despojarem Israel de todo o ouro acumulado pela sua raça no correr dos tempos. Muito mais valioso teria sido para a nação hebréia recolher, como migalhas de pão do Céu, as palavras do Grande Ungido: "Não amontoeis tesouros que a ferrugem consome e os ladrões roubam; mas tesouros de Verdade e de Justiça, que perduram até a Vida Eterna."

Havendo explicado, de forma clara e lógica, a parte esotérica de quanto ocorreu na apresentação de Jhasua à Divindade, continuamos nossa narração:

Alguns dias depois desses fatos, Simeão de Bethel, o sacerdote essênio que fez a consagração de Jhasua, apresentou-se na casa de Lia acompanhado de três levitas: José de Arimathéia, Nicodemos de Nicópolis e Ruben de En-gedi – outro componente daquele grupo que esperara o Divino Menino à saída do Templo, onde presenciaram a cura de Nicodemos.

Ali tiveram também a grande satisfação de encontrar três dos Setenta Anciãos do Monte Moab, com um dos Terapeutas-Peregrinos do pequeno Santuário do Quarantana. Todos eles vestidos de peregrinos, com roupagens escuras, tal como usavam em todas suas excursões aos exterior.

Nesta formosa e terna confraternidade de seres pertencentes, todos, à Aliança do Cristo Encarnado, manifestaram-se, naturalmente, novas e mais íntimas uniões, porque, na claridade radiante daquele que trazia toda Luz para a Terra, as almas encontraram-se sem buscar-se e, amando-se, continuaram juntas por toda a vida.

Foi assim que os três jovens levitas, José de Arimathéia, Nicodemos de Nicópolis e Ruben de En-gedi, encontraram suas almas companheiras nas três filhas de Lia.

José olhou para Susana, a sensitiva, aquela que meditava sempre, buscando a razão de todas as coisas, e ela baixou os olhos para seu tear, no qual estava tecendo linho branco. Porém, aquele olhar, de alma para alma, fez com que ambos se enamorassem. Amaram-se, como necessariamente devem amar-se aqueles que, já antes de nascer para a vida física, haviam-se oferecido, em solene pacto, um ao outro.

Ana, a segunda, aproximou-se de Nicodemos, aquele dos olhos profundos, para oferecer-lhe o alguidar de água perfumada a fim de que pudesse lavar as mãos antes de tomar a refeição da tarde, conforme o costume; e eis que os rostos de ambos se encontraram unidos na água cristalina, no preciso momento em que o levita ia submergir nela seus dedos.

– Que pena romper o encanto dos dois rostos unidos! – exclamou ele, fitando os olhos dela, que, toda ruborizada, esteve a ponto de deixar cair o recipiente cheio de água. Percebeu isto Nicodemos e lavou-se rapidamente, aceitando o branco pano de enxugar que pendia do ombro da jovem. Tomou, então, o alguidar e perguntou:

– Dize-me, por obséquio, se tendes um pé de murta, para que eu possa derramar esta água sobre a sua raiz?

– Por que isso? – perguntou timidamente a jovem.

– Porque a murta fará com que se mantenha, em nossa retina, o encanto dos dois rostos unidos na água.

Nicodemos seguiu a Ana, que o levou a uns poucos passos da porta da grande sala de jantar, que dava para o jardim.

Uma frondosa murta, cujas miúdas folhas pareciam sussurrar canções de amor, recebeu toda a água do alguidar que Nicodemos despejou.

– Murta, boa planta, criatura de Deus! – exclamou o jovem. – Seja ou não verdade que manténs para toda a vida o encanto das uniões de amor, Ana e eu regar-te-emos sempre, se cantares para nós alguns de teus poemas imortais. Não é certo, Ana? ...

– Sim, é certo! ... – respondeu ela ruborizada.

Esta foi toda a recíproca declaração de amor de Ana e Nicodemos, ao entardecer daquele dia, junto ao frondoso pé de murta, no horto de Lia. Nicodemos voltou ao cenáculo, e Ana entrou pressurosamente em sua alcova. Oprimiu o coração, que parecia saltar do peito, e murmurou em voz muito baixa:

– Senhor! ... Senhor! ... Por que fui mostrar-lhe onde estava o pé de murta? ...

Nisto, ouviu a voz de sua mãe que a chamava, e correu para ajudar as irmãs a dispor a mesa. Observou, então, que Ruben, o mais jovem dos três, bebia uma taça de suco de cereja, oferecida por Verônica, depois de haver esta feito o mesmo oferecimento aos anciãos e demais familiares.

– Como te chamas? – perguntou ele.

– Verônica, para servir-te – respondeu ela com graça.

– Formoso nome! Parece que somos os mais jovens desta reunião. Se me permitires, ajudar-te-ei a servir os comensais.

– Como preferires; mas, somente se minha mãe o consentir – advertiu ela.

– Eu o permito com prazer, minha filha, neste qüinquagésimo dia do Divino Menino de Myriam. Que desejais? – perguntou Lia felissíssima, dando os últimos retoques na mesa do festim.

– Estava eu pedindo permissão a Verônica para ajudá-la a servir os comensais – disse Ruben.

– Muito bem, começai, pois – consentiu Lia, passando para o interior do aposento.

– Antes, porém, em sinal de eterna amizade, bebamos, juntos, este licor de cereja. Os persas consagram assim suas amizades.

– Muito embora não sejamos persas ..., bebamos juntos, se te agradar. – E a formosa adolescente molhou apenas os lábios na taça de Ruben.

– Ora, veja! estes jovens celebram seus esponsais! – exclamou Myriam, entrando na sala de jantar com o filhinho nos braços e olhando para as três moças, que, sem

procurá-lo, se achavam perto dos três levitas. A sensibilidade de Myriam havia, sem dúvida alguma, percebido a onda de amor que surgia de seu filho e a ele retornava depois de despertar suavíssimas e sutis vibrações nas almas afinadas dos três levitas e de suas três escolhidas.

As moças ruborizaram-se ao ouvir as palavras de Myriam, e os três rapazes sorriram, radiantes de felicidade.

O velho Simeão, tio de Lia, com o sorriso peculiar dos anciãos, quando vêm refletir-se nos jovens seu longínquo passado, disse:

– O ardiloso amor é como o rouxinol que canta escondido! ... Como poderemos saber se há ou não algum ninho escondido em nosso quintal?

– "Escolhe na juventude a companheira para toda a tua vida, e que seu amor seja a videira que sombreia tua porta até a terceira geração" ... diz nossa Lei – lembrou com solenidade um dos três Anciãos do Moab.

– Será coincidência que, sem pretendê-lo e sem suspeitá-lo sequer, trouxe eu três enamorados que tinham aqui suas companheiras? – perguntou o sacerdote Simeão de Bethel.

– "Quando o esposo está próximo, as flores vestem suas roupagens de pétalas, os passarinhos gorjeiam, e as almas se encontram" cantou, em seus poemas proféticos, nosso Pai Essen. Eis que, estando sob este teto o Ungido do Amor, que é o esposo de todas as almas, que outra coisa pode suceder senão que o Amor resplandeça como uma florescência de estrelas espargidas sobre este recanto? – Estas palavras, ditas por outro dos Anciãos, quase não foram ouvidas pelos três levitas que falavam à parte com Simeão de Bethel, o qual, colocando-se em pé no meio da sala, disse à viúva Lia:

– Estes três jovens levitas acabam de autorizar-me a pedir a mão de tuas três filhas para serem suas esposas: Susana para José de Arimathéia, Ana para Nicodemos de Nicópolis e Verônica para Ruben de En-gedi.

– Nosso filho traz festa de Amor a todos os corações – confessou Joseph a Myriam, sentados, ambos, em uma das cabeceiras da mesa.

– Mas, eu não esperava esta surpresa! – declarou Lia, olhando alternativamente para suas três filhas. – Sabiam vocês alguma coisa? ...

– Não, mãe, não! – responderam as moças, que pareciam três rosas encarnadas.

– O Deus-Menino é responsável por tudo! – exclamou o terceiro Ancião, que ainda não havia falado. – Acaso, não sabemos que ele vem para trazer o fogo do Amor à Terra? Deixai, pois, que a labareda se levante e consuma toda a escória.

– Está bem – acrescentou Lia –, então esta simples refeição é uma celebração da promessa recíproca de casamento. Que Jehová vos bendiga, filhos meus, se com isto fazeis Sua Santa Vontade.

O mais idoso dos três Anciãos abençoou o pão e repartiu-o entre todos. Ocupou, com seus dois companheiros, a outra cabeceira da mesa, enquanto os três casais de jovens, Lia, seu tio e os demais essênios ocupavam as duas laterais.

– Somos 15 pessoas! – exclamou o tio Simeão, que os havia contado.

– Somos 16, tio – retificou Myriam, colocando seu filhinho, como uma flor de rosa e nácar, sobre a mesa.

– Certo ... certo! ... Bendito! Bendito seja! Que ele presida à mesa!

Todas estas exclamações surgiram ao mesmo tempo de todos os lábios.

– Ele presidirá muitas vezes quando nós tivermos fios prateados sobre nossas cabeças – vaticinou Susana, com seu olhar como que perdido em horizonte distante.

– Continua dizendo o que vês, menina – disse o mais idoso dos Anciãos do Moab, que estava notando o estado espiritual da jovem.

– Vejo um grande Profeta que preside um banquete de bodas, tendo Myriam a seu lado. Vejo-o no luxuoso cenáculo de um ilustre personagem e que uma consternada mulher ruiva unge seus pés com finas essências e enxuga-os com seus cabelos.

"Vejo-o também presidindo uma ceia à luz de uma lâmpada de treze círios, no fim da qual, ele lava e seca os pés de seus discípulos. Sei que esta é uma ceia de despedida, porque ele vai ... partir para uma viagem que não terá regresso."

– Não, não! Isto não! – exclamou Myriam com um grito de angústia, levantando seu menino e guardando-o sob o manto.

– Já basta de visões, menina! Que Jehová te abençoe; e tu, Myriam, nada temas, pois teu filho está envolto na Vontade Divina como em uma forte couraça. Nada lhe sucederá, a não ser aquilo que ele mesmo queira para si. É senhor de tudo quanto existe sobre a Terra, e tudo obedecerá a Seu mando. Justamente ali estará o mérito de Sua vitória final. – Estas palavras foram pronunciadas pelo mais idoso dos três Anciãos Essênios do Monte Moab.

Simeão de Bethel e os outros essênios fizeram anotações das clarividências de Susana.

Assim começou a refeição entre as ternas emoções de uns esponsais inesperados e da brumosa perspectiva de um futuro distante, cheio de promessas de glória e de tristes incertezas.

Quando a ceia estava já por terminar, o mais idoso dos Anciãos disse:

– Sabemos que, pelos caminhos do Oriente, avançam lentamente três viajantes, ilustres pela sua sabedoria e pelas suas obras. Vêm mandados por três Fraternidades ocultas, como a nossa, para render homenagem ao Homem-Deus, cujo advento lhes foi anunciado pelos astros.

"Chegarão daqui a três luas. Por este motivo, convém que Joseph e Myriam voltem a Betlehem antes desse tempo, para que sua chegada não promova alarme em Jerusalém.

"Há quem vigia nos Céus e na Terra, mas é bom agir com prudência e cautela."

– Abençoai, Grande Servidor – pediu Lia – o amor destes filhos, se é Vontade de Jehová que eles sejam unidos.

Então todos se puseram em pé, e os três casais, com as mãos juntas e as frontes inclinadas sobre a mesa, ouviram e receberam a bênção usada por Moisés:

– Sede benditos, em nome de Jehová, nos frutos de vosso amor; nos frutos de vossa terra; nos frutos de vosso gado; nas águas, para que fecundem vossas sementes; no Sol, para que lhes dê energia, e no ar que leva seu pólen a todos os vossos domínios; assim como no tocante ao pão, ao mel, ao azeite e ao vinho. Que seja tudo isso para vosso proveito, se cumprirdes a Vontade do Altíssimo.

– Assim seja! – responderam todos.

O três levitas beijaram a fronte de suas eleitas, e todos os que presenciaram a cerimônia beberam o vinho nupcial de u'a mesma ânfora.

– Que beba também o menino do nosso vinho – acrescentou Nicodemos, quando Myriam ia beber. – Ela, então, molhou os dedos no roxo licor, e introduziu-os na boquinha rosada do filho adormecido.

Assim terminou aquela inesperada festa de esponsais, a qual, em verdade, foi uma terna comunhão de almas enlaçadas, desde séculos, por fortes vínculos espirituais.

Sendo antigo costume que as donzelas prometidas como esposas de levitas passassem, pelo menos, sete luas no serviço do Templo, pediram eles a Lia que internasse as filhas durante esse tempo.

Como, porém, causava pena à mãe afastar-se assim de suas três filhas de uma só vez e por tanto tempo, os sacerdotes essênios lembraram que havia uma exceção estabelecida tanto pelo costume como pela tradição.

Consistia a dita exceção no seguinte: As sete luas podiam ser reduzidas a três, quando as donzelas-noivas houvessem estado consagradas, dentro do lar paterno, a servir simultaneamente ao Templo, na confecção de tecidos de linho, de púrpura e de bordados a relevo em ouro e pedraria, para os ornamentos do culto. Tal era o caso das filhas de Lia, cuja casa, sob a proteção do velho tio, era um dos mais respeitáveis lares de Jerusalém, dentro de sua modesta e mediana posição.

Assim, concordaram que as três se internassem por turnos, uma de cada vez, a fim de não deixar a mãe sozinha.

Joseph e Myriam voltaram daí a poucos dias, à casa de Elcana, em Betlehem, para aguardar ali a chegada dos três personagens que estavam vindo do extremo Oriente, segundo o aviso dos Anciãos do Moab, e também para esperar que o menino e a mãe se encontrassem em estado de viajar para a província da Galiléia.

Premido pelas necessidades relativas a sua oficina de carpintaria e dos filhos de sua primeira esposa, realizou Joseph sozinho uma viagem a Nazareth, deixando Myriam e o filho aos cuidados de seus parentes, Sara e Elcana.

Além disto, os amigos Alfeu, Josias e Eleázar visitavam diariamente o venturoso lar em Betlehem que, por cerca de um ano, abrigou sob seu teto o Homem-Deus, em sua primeira infância.

Essas humildes famílias de pastores e artesãos foram testemunhas oculares das grandes manifestações espirituais que se desenrolavam no plano físico, ao redor do menino, enquanto ele dormia, e cessavam quando estava desperto.

Que fenômeno era esse? Um dia, presenciaram-no também dois Terapeutas-Peregrinos que desceram do Monte Quarantana; então eles deram esta explicação:

O sublime Espírito de Luz, encerrado no vaso de barro da sua matéria, lançava-se ao espaço infinito assim que o sono físico Lhe fechava os olhos. Mas, para retê-Lo na própria atmosfera terrestre, as cinco Inteligências Superiores, que O apadrinhavam, formavam um verdadeiro oceano de Luz, de Amor e de Paz infinita na casinha de Elcana e em suas imediações, emitindo raios benéficos de harmonia, doçura e benevolência, até as mais afastadas regiões do País. Isto produziu um verdadeiro tempo de bênçãos, de abundância e de prosperidade em toda parte.

As pessoas que ignoravam o que ocorria, por mais conhecimentos humanos que possuíssem, atribuíam tudo a causas meramente naturais. Os governadores louvavam a si mesmos pela boa administração dos tesouros públicos; os mercadores, pelo tino e habilidade com que dirigiam o comércio; os criadores de gado e os lavradores por seu trabalho e pelo acerto na realização de todos os seus negócios. Só os essênios, silenciosos e infatigáveis obreiros do pensamento e estudantes da Divina Sabedoria, conheciam a causa secreta de todo aquele florescimento de bem-estar e prosperidade existente no País de Israel.

Como se uma poderosa rajada de vitalidade e energia tivesse passado, qual asa benéfica, a roçar o País dos Profetas, era muito reduzido o número dos empestados; por sua vez, eram as enfermidades tão leves e ligeiras que facilmente eram curadas; muitos facínoras e marginais, que se ocultavam nas paragens agrestes das montanhas, haviam-se acomodado em paz, depois que um chefe de bandidos, por nome Dimas, se encontrara com Joseph, Myriam e o menino, quando estes regressavam a Betlehem.

Gravemente ferido, havia esse homem ficado à margem do caminho e se arrastara até um matagal, pelo medo de ser preso. Mas, quando viu o aspecto tão inofensivo dos três personagens, pediu-lhes socorro, pois estava perdendo muito sangue e se abrasava de sede. Tinha uma ferida de lança no ombro esquerdo.

Myriam ia deixar o filhinho sobre a relva do caminho para ajudar Joseph a vendar a ferida, mas aquele lhe disse:

– Sou homem mau, pois tirei a vida a muitas pessoas; mas prometo pelo vosso filho que nunca mais matarei a ninguém. Entregai-me o menino para que eu o tenha sobre os joelhos até que termineis o curativo.

Deixou Myriam, sem nenhum temor, o filhinho adormecido sobre os joelhos do bandido ferido. Enquanto preparavam vendas e ataduras de uma fralda do menino, viram que aquele homem se inclinava para beijar-lhe as mãozinhas, enquanto grossas lágrimas corriam pelo seu rosto, que, embora formoso, estava curtido por viver sempre ao relento. Como sentisse grande dor no ferimento, levantou o menino até a altura do peito, e sua cabecinha foi roçar-lhe o ombro magoado.

Fê-lo, sem dúvida, inconscientemente; mas, apenas isso acontecera, gritou com força:

– Já não me dói mais! O menino curou-me. Deve ser algum deus em desterro, ou sois vós magos da Pérsia!

– Bom homem – disse-lhe Joseph –, se o nosso filho te curou, isso deve ter sido por causa da promessa, que acabas de fazer, de não matar mais a ninguém. Deixa-nos, pois, vendar a tua ferida para prosseguirmos a nossa viagem.

Grande foi o assombro deles quando, ao abrirem as roupas de Dimas, viram que a ferida já estava fechada e somente aparecia uma listra mais rosada do que o restante da pele.

Joseph e Myriam entreolharam-se. Depois, olharam para Dimas que, de joelhos, com o menino nos braços, beijava-o e chorava com grandes soluços.

– Que Deus misericordioso és Tu, que assim te apiedas de um miserável? – perguntou ao menino que continuava submergido no mais doce sono, enquanto as forças e correntes emanadas de seu próprio Espírito, desprendido da matéria, trabalhavam poderosamente na alma e no corpo daquele homem. Por fim, entregou o menino a sua mãe e, levantando-se, decidiu acompanhá-los até Betlehem, depois que lhe deram a palavra de não denunciá-lo à justiça.

– Se Deus teve piedade de ti, nós, que somos servidores Seus, não agiremos de forma contrária.

Dimas tomou as rédeas do asno em que ia montada Myriam com o filho e foi puxando pelo cabresto até a cidade.

Já quase anoitecia quando chegaram; então Joseph disse a Dimas:

– Não é justo ires sem comer. Entra conosco nesta casa, que é de nossos parentes; aqui não tens nada a temer.

– Dai-me somente pão e queijo, e seguirei para os montes de Bethura, onde os meus homens me esperam.

Joseph e Elcana entregaram a Dimas um pequeno saco cheio de provisões e deixaram-no partir. Aquele homem não contava mais de 19 anos; no entanto, aparentava ter 30, à vista de sua fisionomia bronzeada, quase totalmente coberta por espessa barba e cabelos desgrenhados.

Poderoso senhor da cidade de Joppe havia assassinado os pais de Dimas para roubar-lhe a irmã, que ele precipitara na desonra e na maior miséria em que pode afundar u'a mulher na flor de sua juventude. Tal ocorrência havia lançado Dimas no abismo do abandono e do crime em que se achava submerso.

Tiveram Elcana e Joseph a gentileza de tirar ao hóspede as roupas manchadas de sangue, e lhe deram casaco, mochila e calças das que, de ordinário, eram usadas pelos pastores. Por causa dessa circunstância, não foi ele reconhecido pelos que o buscavam desde Rama, de onde o vinham seguindo.

Não obstante haver Dimas cumprido a promessa, feita ao Santo Menino, de jamais tornar a matar a quem quer que fosse, passou ele o resto de sua vida errante pelos montes mais áridos e escabrosos, porque, à testa de uma dezena de homens, roubara os bens e a vida de quase todos os membros da família daquele homem poderoso, causador de sua desgraça.

Uma ocorrência na vida de um homem marca, às vezes, rumos para o restante de seus dias, por longos e numerosos que sejam.

Ao redor do fogo da lareira de Elcana, contaram Joseph e Myriam com todas as minúcias tudo quanto lhes ocorrera na Cidade dos Reis e dos Profetas.

Na humilde casinha do tecelão, onde se reuniam diariamente os três essênios que conhecemos, começou a ser elaborada a dourada filigrana da vida extraordinária do Homem-Deus, desde seus primeiros passos pelo plano físico terrestre.

Se a inconsciência e os antagonismos não tivessem malbaratado esse formoso conjunto de recordações e tradições, e os biógrafos do Ungido houvessem tido o acerto de coletar dados nesse campo, que história mais completa e perfeita haveria tido a Humanidade a respeito da passagem pela terra de Jhasua, o Cristo Salvador dos Homens!

Os Terapeutas-Peregrinos, que passavam por ali todas as semanas, eram os únicos a anotar, em suas cadernetas de tela encerada, todos os sucessos de ordem espiritual referidos por aqueles que observavam de perto o Menino-Verbo de Deus.

Desde o Longínquo Oriente

A decorrência do grandioso himeneu de Júpiter e Saturno, ao qual, pouco depois, se unia Marte, pusera em atividade, pelo Divino Conhecimento, a iluminação das mentes daqueles homens que, neste pequeno planeta, semeado de egoísmos e ódios, haviam sido capazes de manter-se à beira das correntes cristalinas, nas quais se refletem os Céus infinitos e se bebe das águas que apagam toda sede.

Na antiga Alexandria dos vales do Nilo, existia ainda, como vaga lembrança dos kobdas pré-históricos, uma Escola Filosófica a poucas braças de onde havia sido levantado, um dia, o venerando Santuário de Neghadá. Fora aquela escola fundada, séculos atrás, por três hebreus fugitivos, os quais, vendo-se atacados por uma grande febre que os levara às portas da morte, não quiseram nem puderam seguir o êxodo do povo de Israel, quando abandonou o Egito.

A fim de que aqueles três não viessem a morrer entre os pagãos, por misericórdia haviam sido conduzidos para as extensas ruínas existentes junto à costa do mar, já quase cobertas de limo e detritos arrastados pelas águas do grande Rio. Eram os milenários escombros do Santuário Kobda de Neghadá, de cuja existência já não ficava nem o mais leve sinal entre os habitantes dos vales do Nilo.

Das ditas ruínas, séculos depois, foram utilizados blocos de pedra e bases de colunas para as grandes construções faraônicas e, ainda, para edificar a antiga Alexandria, sendo que, no melhor dos edifícios em estilo grego, foi instalado, depois da morte de Alexandre, um suntuoso pavilhão. Era este, ao mesmo tempo, Museu e

Biblioteca, Panteão Sepulcral e Templo de Ciências. Aí podia-se contemplar, durante os primeiros séculos de nossa era, em uma urna de cristal e prata, o cadáver de um homem mumificado que empolgara o mundo civilizado com suas gloriosas façanhas de conquistador: Alexandre Magno.

Ninguém sabia que ruínas eram aquelas, em torno das quais se teciam e desteciam inumeráveis lendas fantásticas, trágicas e horripilantes.

Somente as corujas, os bufos e os morcegos disputavam entre si os negros corredores, repletos de sombras e ecos daqueles pavorosos destroços. Também alguns malfeitores, fugidos da justiça humana, misturavam-se com as aves de rapina a grasnarem entre as arcadas destruídas. A par disso, periodicamente, novos desmoronamentos produziam ruídos espantosos, como de trovões distantes ou montanhas que se precipitam nos abismos.

Os piedosos condutores dos três hebreus enfermos, julgando-os já em estado agonizante, e levando uma dianteira de três dias sobre eles a multidão israelita que se afastava, resolveram deixá-los sobre as macas numa espécie de cripta sepulcral, que encontraram ao pé daqueles assombrosos restos desmoronados.

Estavam eles mais mortos do que vivos naquele lugar. Não obstante isto, deixaram-lhes ao lado três cântaros de vinho com mel e uma cesta de pães, para o caso de algum deles amanhecer vivo no dia seguinte.

Agonizantes e exaustos, ali, na velha cripta do antigo Santuário de Neghadá, orgulho e glória da Pré-História dos vales do Nilo, os três moribundos abandonados voltaram à vida. Em virtude dessa circunstância, ficaram eles unidos numa aliança tão estreita e forte que não pôde esta romper-se jamais. Destarte, foram Zabai, Nathan e Azur os que, muito embora sem pretendê-lo, fundaram a célebre Escola Filosófica de Alexandria, da qual uma única pessoa obteve as honras da celebridade, como filósofo de alto gabarito e contemporâneo de Jhasua: Fílon de Alexandria.

Os três moribundos que retornaram à vida tinham o ofício de gravadores em pedra, em madeira e em metais; portanto, conheciam bastante a escrita hieroglífica dos egípcios e a própria língua hebraica em todas as suas derivações e variantes. Começaram, pois, abrindo uma pequena oficina nos subúrbios da cidade de Faraon, disfarçados como obreiros persas, para não serem reconhecidos como hebreus e vir a sofrer as represálias dos egípcios. Como continuaram a visitar a cripta funerária em que retornaram à vida, foram fazendo achados de grande importância.

Copiavam as formosas inscrições das lousas sepulcrais. Em algumas das tumbas desmoronadas, encontraram rolos de papiro com belíssimas lendas, hinos inspirados de poesia e de sublime grandiosidade e emotividade. Guardados em tubos de cobre, entre os brancos ossos dos sarcófagos ou entre as múmias, que pareciam corpos de pedra, descobriram um manuscrito em antiquíssimos hieróglifos. Ao decifrá-lo, compreenderam que era a Lei observada, indubitavelmente, por uma Fraternidade ou Escola de sábios solitários, chamados *kobdas*.

Tais foram as origens humildes e desconhecidas da Escola Filosófica de Alexandria, que adquiriu glória e fama nos séculos imediatos, anteriores e subseqüentes ao advento de Jhasua, o Cristo, Salvador da humanidade terrestre.

Quantas vezes o jovem e audaz conquistador Alexandre se confortou com os solitários mosaístas, os quais, por gratidão a Moisés, que salvara seus compatriotas da opressão, tomaram-Lhe o nome como escudo e símbolo, chamando-se Servos de Moisés! Formou-se a Escola primeiramente de aprendizes em gravação e, pouco a pouco, foi elevando-se aos estudos filosóficos, astronômicos e morais.

Dois anos antes do nascimento de Jhasua, Fílon de Alexandria, jovem de 25 anos, foi enviado com outros dois companheiros a Jerusalém a fim de procurar colocar-se em contato com a antiga Fraternidade Essênia. Malgrado esta permanecesse oculta na Palestina, era ela conhecida até em países distantes, pelos próprios viajantes e mercadores, como, ainda, pelos perseguidos e fugitivos, que sempre achavam amparo e hospitalidade à sua sombra. Desde então, foi a Escola de Alexandria considerada com um prolongamento dos Essênios da Palestina no Egito.

Foi assim que, da Escola de Divina Sabedoria de Melchor, sita nas montanhas de Paran, às margens do Mar Vermelho, partiu um mensageiro para Alexandria, a fim de averiguar os conhecimentos dos Servos de Moisés, com referência ao advento do Avatara Divino, anunciado pelos astros. O mensageiro demorou três luas e voltou acompanhado por um dos solitários de Alexandria, no intuito de empreenderem, juntos, a grande viagem para a dourada Jerusalém, em busca do Bem-Aventurado.

Entretanto, Gaspar e Baltasar, que vinham da Pérsia e da Índia, encontraram-se, por acaso, na mesma paragem, ou seja, em Sela, na falda do Monte Hor, onde Melchor esperava a caravana para continuar essa longa caminhada em companhia de mais algumas pessoas.

As amplas barracas dos mercadores, onde se reuniam estrangeiros de todos os países, foram cenários propícios para o encontro feliz daqueles que, sem se conhecerem e sem terem nada combinado, achavam-se a caminho de um mesmo ponto final: Jerusalém dos Reis e dos Profetas.

Como foi que se descobriram uns aos outros? Vejamo-lo:

Cada qual em sua própria tenda se encontrava embevecido pela causa única da longa viagem que estava realizando. Nenhum deles se interessava pelas tendas de comércio, apesar de exibirem riquezas incalculáveis. Foi assim que Gaspar, Melchor e Baltasar, desejando solidão e silêncio para poderem interpretar mais claramente os avisos proféticos de seus respectivos áugures e livros sagrados – em meio a um dia de feira na qual toda a cidade era um buliçoso centro comercial – dirigiram-se, separadamente, a uma colina vizinha do Monte Hor, com seus alfarrábios e rolos de papiro. Procurou cada um o sítio mais adequado a seu trabalho.

Acharam muito estranha essa coincidência, e, movidos por um imenso impulso de curiosidade, resolveram aproximar-se. Depois de alguns ensaios no sentido de poderem entender-se, conseguiram-no através do idioma siro-caldaico, que era, então, o mais difundido entre as raças semitas. Cada qual explicou as profecias e os avisos de seus clarividentes e inspirados; os fundamentos de suas respectivas filosofias; os ideais de perfeição humana com que sonhavam; enfim, tudo quanto um homem pode esclarecer a outro homem a respeito de seu Eu interno.

Acabaram por descobrir que as filosofias de Chrisna, do Bhuda e de Moisés, no fundo, eram uma única, ou seja: todas buscavam a aproximação à Divindade e a perfeição de todos os homens pelo amor e pelo sacrifício dos mais adiantados para com os mais débeis e retardados.

Chegados a este ponto, os três perguntaram, um ao outro, ao mesmo tempo:

– Para onde ides?

Responderam todos, por sua vez:

– Ao país dos hebreus, porque os astros assinalaram como sendo essa a terra designada para receber o Avatara Divino, que vem de novo e pela última vez para o meio dos homens.

– Em Jerusalém – observou Gaspar – o povo deve estar enlouquecido de felicidade por esse grandioso acontecimento.

– Se é que o sabe – acrescentou Baltasar –, pois temos uma antiquíssima tradição oculta que diz: "Ninguém jamais viu onde a águia faz o seu ninho. Aquele que descobrir o ninho da águia poderá olhar o Sol sem molestar os olhos." Isto quer dizer que são bem poucos os que descobrem o Filho de Deus encarnado entre os homens; e aqueles que chegam a descobri-lo podem ver o Sol da Verdade sem escandalizar-se por causa dela.

– Creio poder assegurar-vos – disse Melchor – que o Glorioso Acontecimento não é do conhecimento do povo, porque estou vinculado a uma Escola Filosófica dos vales do Nilo, que, por sua vez, se acha em comunicação com a Fraternidade Essênia da Palestina, cujas origens remontam a Moisés.

"O caso é que o povo hebreu espera um Messias-Rei, libertador do jugo romano, que tão ferozes lutas tem promovido entre os filhos de Abraham. Mas os estudantes da Divina Sabedoria estão todos de acordo em que o Filho de Deus não vem apenas libertar um povo do domínio estrangeiro, senão salvar todo o gênero humano do aniquilamento que contraiu pelos seus desregramentos e iniqüidades. Não é esta a Grande Verdade Secreta?

– Sim, é esta – responderam os outros ao mesmo tempo. – Sabemos, além disso, que o Avatara vem arrastando atrás de si u'a imensa onda de Inteligências adiantadas, para que, sob os auspícios dos grandes Hierarcas dos Céus Superiores, inundem de tanto amor a Terra quanto as hordas das trevas a encheram de ódio.

Através destas conversações, ao pé de uma colina do Monte Hor, chegaram a entender-se de tal maneira que, desde aquele encontro, se estabeleceu uma forte irmandade entre eles e suas respectivas Escolas de conhecimentos ocultos. Dois dias depois, os três se encaminharam, com seus acompanhantes, a Jerusalém, pelo trilhado caminho das caravanas, em busca do Bem-Aventurado.

Até Bozra e Thopel, primeiras etapas de sua longa jornada, viajaram sobre dromedários e camelos; mas, ao chegar à montanhosa região do Moab, viram-se obrigados a trocar seus grandes animais pelas pequenas mulas e asnos amestrados para os penhascos cheios de precipícios.

Foi essa uma longa viagem de estudos e de meditação, na qual os três sábios transmitiram mutuamente os conhecimentos de suas Escolas, ampliando, com isto, os próprios.

O Culto do Fogo, dos persas, remontava aos Flâmines pré-históricos, que, com o lume aceso permanentemente sobre a pedra sagrada do altar, representavam, de modo simbólico, a alma humana vivendo sempre como eterna aspiração ao Infinito. Seu próprio nome era uma variante de *flamen* (chama), o que os fazia dizer, quando interrogados sobre seus ideais e formas de vida: "Somos chamas que ardem sem consumir-se."

Aqueles Flâmines-Lêmures predispuseram o Sul do Indostão para o advento de Chrisna, juntamente com os Kobdas do Nilo, emigrados do Golfo Pérsico para Bombaim.

Definidas estavam, pois, para os nossos viajantes, as remotas origens da filosofia persa e da indostânica. Faltava encontrar a ligação que levara ao descobrimento da filosofia da Arábia, de onde Melchor era originário. Este desenrolou um antiquíssimo e amarelento papiro e leu:

"Numa época mui remota, nas montanhas do Paran, da Arábia Pétrea, houve uma florescente civilização, gêmea daquela que se desenvolveu nos vales do Nilo.

Ambas emanavam da Sabedoria dos Kobdas, a mais grandiosa instituição benéfica que fez prosperar três continentes. Nos montes Horeb e Sinai – que, na Pré-História, se chamavam Monte de Ouro e Penhascos de Sindi – haviam ficado ocultos os Kobdas, como águias nas cavernas das penhas, perseguidos pelos conquistadores do alto e do baixo Egito.

"Moisés, que, na Sua juventude, tivera que fugir, acusado falsamente de um assassinato, esteve na região de Madian, à qual pertencem ditas montanhas. A Divina Lei pô-LO em contato com os solitários dos montes Sinai e Horeb, e foi ali que ele planejou a libertação do povo hebreu a fim de que servisse de raiz e alicerce para a eterna e grandiosa Verdade: a Unidade Divina. Foi naqueles montes que Moisés recebeu, por Iluminação Divina, a Grande Lei que marcou novos caminhos para a humanidade terrestre.

"Com o ensinamento oculto daqueles solitários temos nutrido nossa vida espiritual durante séculos e séculos. Quem encontrar este papiro e os demais que o acompanham, saiba que estará obrigado, pela Lei Divina, a abrir uma Escola para difundir o sagrado ensinamento que dá paz e felicidade aos homens. Assinado: Diza, Abad-Marvan Elimo, Abad."

– Esta é – disse Melchor – a origem de nossa atual Escola nos Montes de Paran. E a obrigação de abri-la tocou a mim por sorte, porque, num cruel momento de desespero, procurei um precipício para me arrojar do píncaro mais elevado. Ouvindo, porém, um gemido lastimoso, vindo do fundo de uma gruta, internei-me nela, procurando saber se realmente era possível existir lá um ser mais desventurado do que eu. Encontrei um pobre ancião atacado de febre e já impossibilitado de levantar-se a fim de buscar água para beber. Seus gemidos provinham da sede que o abrasava. Procurando socorrê-lo, esqueci-me um pouco de minhas dores cruéis.

"Viveu o homem ainda três dias, graças aos cuidados que lhe dispensei. Era o último sobrevivente daqueles solitários.

"Disse-me que, por ordem de guias superiores, tinha tomado o nome de *Marvan*, e assinalou o lugar onde estavam sepultados todos os outros solitários que haviam morrido antes dele. Por fim, mostrou também o nicho existente em sua caverna onde se achavam estes documentos dentro de uma caixa de carvalho.

"Já que sabeis de tudo, amigos meus de longa viagem, que dizeis de tudo isso?"

– Que as origens de todos os ensinamentos de ordem superior são comuns e provêm da mesma fonte – asseverou Baltasar.

– E que essa fonte é o Verbo Divino, e suas distintas encarnações Messiânicas em nosso Planeta – acrescentou Gaspar.

– Justamente! Estamos em perfeito acordo – prosseguiu Melchor. – Em minha terra celebram-se os acordos bebendo todos os amigos da mesma taça e servindo-se do mesmo pão.

Como este acordo se realizou na tenda de Melchor, o príncipe moreno, serviu ele mesmo a seus amigos e, abraçando-se todos estreitamente, formaram, com isto, um laço que os uniu para muitas vidas. Separaram-se quando a noite já ia muito adiantada, ajustados a continuar a viagem no dia seguinte.

Ocorreu isso nos subúrbios de Thopel, onde deixaram os dromedários e os camelos numa hospedaria, que se encarregou deles.

Até ali, tinham-lhes servido os guias das caravanas; mas, para atravessar as íngremes montanhas do Moab, conseguiram guias práticos, que também eram donos de asnos e mulas, e os contrataram para a perigosa travessia.

Começaram a subir por um caminho tortuoso, lavrado na rocha viva, o qual serpenteava, ora para a direita, ora para a esquerda, e, por vezes, em espiral mais ou menos fechada.

Não obstante, viam claramente que aquele trilho estava cuidadosamente assinalado para segurança dos viajantes. De espaço a espaço, achava-se fincada, nos interstícios da rocha, uma forte vara de madeira, trazendo na parte superior uma tabuleta escrita, com indicações úteis, tais como estas: "Água na curva à esquerda", "Atrás deste penhasco há uma caverna para pernoitar"; "Caminho perigoso. Levai luz acesa, logo ao anoitecer". Durante todo o percurso, foram encontrando advertências que lhes reduziam as dificuldades.

– Quem será que trata, aqui, com tanta solicitude, dos viajantes? – perguntou Gaspar, estranhando o que via.

– Dizem – respondeu um dos guias – que vivem nos antros destas montanhas pessoas de boa índole ou almas pecadoras que aliviam seus pecados fazendo bem aos viajantes. Reza uma lenda que, quando o Grande Moisés andou por estas mesmas paragens, conduzindo o povo de Israel, aqueles que, por infidelidades para com a Lei, morreram nesta travessia, receberam do Profeta a ordem de vigiar este caminho até a Sua volta à Terra.

Os três sábios, iniciados como estavam nas grandes verdades ocultas, entreolharam-se com inteligência, enquanto esperavam sua vez de beber da água fresca do manancial que a tabuleta havia anunciado.

A lenda do guia da caravana tinha um fundo oculto de verdade, pois eram, realmente, almas a expiarem culpas, as que se encarregavam de cuidar dos caminhos. Formavam uma espécie de irmandade dependente dos Essênios do Moab. Seus membros eram bandoleiros arrependidos, que os essênios tinham salvo da forca com a condição de que empreendessem vida melhor em cavernas ocultas, preparadas de antemão. Ali ficavam retidos por tempo determinado, até que, sem perigo para eles mesmos, pudessem ser incorporados nas sociedades humanas dos centros povoados das províncias. Eram chamados *Penitentes*, e, a cada duas luas, dois dos Setenta Anciãos do Grande Santuário do Monte Abarin desciam para visitá-los, prover suas necessidades e dar-lhes consolo.

Para eles não havia outra lei senão esta, gravada nas cavernas que os ocultavam: "*Não faças a teu próximo o que não queres que te façam, e Deus velará por ti.*"

Nas grutas indicadas pelas tabuletas escritas, encontraram brandos leitos de feno seco, grande quantidade de lenha para as fogueiras e sacos com bolotas de carvalho e castanhas. Mas não avistaram nenhum ser humano que lhes dissesse: "O autor destas gentilezas fui eu."

Assim chegaram a Kir, Aroer, Dibon, Atharat e Beth-peor, onde se achava a colônia-escola dos órfãos leprosos e tuberculosos, que os essênios se incumbiam de tratar por intermédio de seus Terapeutas do exterior.

A povoação de Beth-peor tinha-se tornado pouco simpática aos viajantes em geral, por causa do temor com que eram olhadas, por todos, aquelas enfermidades de que ninguém era curado.

No entanto, nossos três romeiros olhavam, sob outro ponto de vista, as grandes dores humanas, e fizeram questão de armar suas tendas justamente na pequena praça sombreada de árvores, que ficava defronte à colônia. Os Terapeutas residentes saíram para oferecer serviços e atenções aos recém-chegados.

– Se quiserdes poupar o trabalho de instalar vossas tendas por um ou dois dias – disse um dos Essênios-Peregrinos –, então vinde a nosso salão-hospedaria, onde há acomodação para todos vós. Os pequenos enfermos estão reclusos em pavilhões distantes da porta de entrada.

Tão bondoso e amável convite não podia deixar de ser aceito, pelo que os viajantes penetraram na grande sala, que dava para o pórtico exterior.

O alento de Moisés parecia vibrar em todos os tons, apenas se penetrasse ali. Na parede principal, em frente à entrada, via-se um fac-símile das Tábuas da Lei, onde se achavam os Dez Mandamentos gravados em pedra. Em outra parede estava inscrita a célebre "*Bênção de Moisés*" (*) para os fiéis observadores da Lei. Havia, igualmente, sentenças ou pensamentos Seus sobre pequenas plaquetas de madeira, em todas as partes onde se tornava oportuno, como severos ornatos daquela sala. No centro, uma grande mesa rodeada de rústicos bancos, e, junto a todas as paredes, um amplo estrado de pedra, coberto com esteiras de fibra vegetal, de peles e mantas, indicando que serviriam de leitos aos hóspedes.

– Sois aqui os donos de tudo quanto existe – disse o Essênio que os convidara, ao mesmo tempo que entrava outro essênio seguido de dois garotos a conduzirem cestas com manjares e frutas, que foram colocando sobre a grande mesa central.

Permaneceram os peregrinos ali duas noites e dois dias; mas as pessoas da colônia eram tão discretas e silenciosas que eles não tiveram oportunidade de entabular conversação alguma sobre o que os preocupava. Conhecia-se ou ignorava-se, ali, o Grande Acontecimento que os impulsionava imperiosamente de tão grandes distâncias?

– Talvez – supunham os viajores – encontraremos na outra margem do Jordão o entusiasmo que aqui não se percebe em parte alguma.

Um dos Terapeutas sentiu a premente interrogação que os três estrangeiros irradiavam sem falar, e, aproximando-se deles, quando já principiavam a despedir-se, disse:

– Não será indiscrição perguntar para que parte da Palestina vos encaminhais?

– Para Jerusalém – responderam imediatamente. – Deve haver ali grande regozijo!

– Faz cinco dias que cheguei de lá e não notei absolutamente nada do que dizeis – respondeu o Essênio.

– Mas ... será possível? Na cidade dos Reis sábios e dos maiores Profetas desconhecer-se-ia o aviso dos astros? Acaso, Júpiter e Saturno nada disseram a Jerusalém?

– Não há pior cego do que aquele que fecha os olhos para não ver – respondeu o Essênio. – A Jerusalém de hoje não pode ouvir as vozes de seus Profetas, porque o ruído do ouro, que corre qual um rio, transbordando pelos pórticos do Templo, apagou qualquer outro som que não seja o do precioso metal.

– E os astrólogos? ... E os cabalistas? ... E os discípulos dos Profetas calam-se também? – perguntou outro dos viajantes.

– Os discípulos dos Profetas vivem nas cavernas dos montes para proteger suas vidas, e silenciam para não estorvar os desígnios divinos.

– Eu venho de uma Escola indostânica, vizinha da Índia; este companheiro procede das montanhas da Pérsia; este terceiro, da Arábia Pétrea, e viaja acompanhado de um iniciado na Sabedoria Divina, da Escola de Alexandria. Todos nós empreendemos a romagem, obedientes ao aviso de Júpiter e Saturno. Vós o sabeis também, porque vossas palavras fizeram irradiar a Luz que vos ilumina.

(*) Favor reportar-se ao capítulo anterior (N.T.).

– Dizei-nos, em nome do Altíssimo: já nasceu aquele que os astros anunciaram? – insistiu Baltasar.

– Sim, já nasceu. Eu o vi e o tive em meus braços – respondeu o Essênio.

Diante destas palavras, os viajantes caíram de joelhos e beijaram o pavimento.

– Adoremos a terra que ele pisa – disseram, derramando lágrimas de profunda emoção. – Dizei-nos onde está ele?

– Eu o vi em Jerusalém, pois o Grande Acontecimento me havia surpreendido na Bethânia, aonde fora recolher alguns meninos leprosos e tuberculosos, abandonados pelos seus familiares.

– Nasceu, com efeito, em Betlehem, na Judéia, mas foi levado por seus pais a Jerusalém para a apresentação na Casa de Deus, pois era o primogênito de uma varão de família sacerdotal e de mãe que servira no Templo. Ignoro, no entanto, se, à vossa chegada, ele ainda estará naquela grande cidade.

"Ide ao Templo para fazer oferendas de pão, incenso, mirra e ramos de oliveira. Perguntai por Simeão, Esdras e Eleázar, sacerdotes do Altar dos Perfumes, e dizei a qualquer um dos três somente estas palavras: 'Que estas oferendas sejam agradáveis ao Salvador do Mundo, e que nos seja permitido ver o Seu rosto.'

"São estas as palavras de sinal para que sejais reconhecidos como amigos do Bem-Aventurado."

O leitor poderá facilmente compreender a poderosa onda de entusiasmo e energia que surgiu na alma daqueles viajores. Haviam estado a ponto de partir sem uma única notícia; todavia, a força telepática fez com que o Essênio sentisse a vibração anelante dos três estrangeiros, ansiosos por saber algo sobre o Grande Acontecimento.

Um apertado abraço firmou a amizade deles com o Essênio, o qual acrescentou, ao despedir-se:

– Qualquer um dos três nomes que vos dei servirá de indicação para tudo aquilo que deveis fazer. A partir de agora: silêncio! Porque, em Jerusalém, o silêncio é como a grossa malha de lã, que enfraquece a força de todas as flechas e anula o ódio e a morte. Compreendeis?

– Compreendemos bem – disseram – e, dando ao Essênio uma sacolinha com moedas de ouro para a manutenção dos órfãos enfermos, partiram antes do meio-dia.

As duas últimas jornadas antes de Jerusalém eram Baal e Beth-Jesimont. Havia, depois, os vales e os bosques frondosos das margens do Jordão, que eram como que a muralha encantada de esmeraldas e safiras, a ocultar-lhes a vista da cidade dourada de David e Salomão.

Deixemos, por alguns momentos, nossos viajeiros, para observar outro cenário diferente, onde atuam personagens que são o reverso da medalha, ou seja, o pólo oposto daqueles que temos encontrado até hoje: Herodes, o Grande, e seu inseparável mago caldeu: Rabsaces, a quem ele denominava seu médico de cabeceira. Prestava-se este docilmente a satisfazer todos os caprichos de seu régio senhor, mesmo à custa dos mais espantosos crimes.

Rabsaces realizava tudo isso de modo silencioso e discreto, de sorte que pessoas incautas continuavam acreditando que, apesar dos impostos e tributos excessivos e de suas escandalosas orgias, aquele reizinho da Judéia merecia, em parte, o seu cognome de "Grande", não obstante fosse, apenas, por seu esmero em dotar o País de populosas cidades em estilo romano.

Escutemos, pois, a conversa do Rei com seu médico favorito, pouco tempo depois de ter ocorrido a conjunção de Júpiter e Saturno.

– Majestade, Vosso Conselho de Astrólogos assírios e caldeus viu nos céus um sinal de perigo para Vosso trono a Vossa dinastia.

– Que há, Rabsaces? ... Vens com outro fantasma de fumaça, segundo o costume? – perguntou Herodes.

– Não, Majestade. Os astros anunciam o nascimento, na Judéia, de um ser extraordinário, de um Super-Homem, que mudará o rumo da Humanidade. E, se ele nasce aqui, Majestade ..., não será, por certo, para viver oculto atrás de uma porta! ...

– Senão que ele buscará um trono! ... É o que queres dizer?

– Sois Vós que o estais dizendo, Majestade ...

– Está bem; visto que tu e o meu Conselho de astrólogos seguis os movimentos dos astros tão de perto, e sabeis interpretar o que dizem as águias em seu vôo, podereis averiguar, com facilidade, em que determinado lugar nascerá esse personagem e de qual família provirá.

– Majestade! ... convinde em que o mundo é grande, e determinar, agora, que ele nascerá na Judéia já é saber bastante. Entre todas as terras habitadas por homens, é este país menor do que um lencinho do bolso do Vosso imenso guarda-roupa! ...

– Está bem. Compreendo, mas recomendo que, a este respeito, averigues tudo quanto seja possível. E ai de ti e de teus companheiros, se eu chegar a saber por outros meios que esse homem é meu vizinho e que vós, pesquisadores preguiçosos, nada conseguistes perceber!

– Não Vos preocupeis, Majestade, que não voará uma única mosca sem que isto seja de nosso conhecimento.

– Vai e não me venhas com mentiras, porque já sabes que não me agradam os sortilégios de magia negra.

O mago saiu do aposento real amaldiçoando o mau humor do Rei e sua triste sorte, que o obrigava a viver entre o medo e o crime, quando poderia gozar de paz e tranqüilidade em sua longínqua aldeia natal. Foi o medo que o fez colocar espiões e agentes em todos os rincões da cidade e dos povoados importantes da Judéia.

Assim aconteceu que, quando nossos viajantes, vindos do longínquo Oriente, chegaram a Jerusalém, um dos espiões se dirigiu a Rabsaces com a notícia de que estrangeiros procedentes de terras distantes, ao entrarem por uma das portas da cidade, haviam beijado o chão, enquanto exclamavam:

"– Terra abençoada, que recebeste o Rei dos Reis! ..."

Pôs-se Rabsaces na pista daqueles homens que, por certo, deviam saber alguma coisa a respeito do que lhe causava tanta inquietação.

Viu que eles foram no Templo e que, nos átrios, compraram oferendas de pão de flor-de-farinha, incenso, mirra e ramos de oliveira. Aproximando-se humildemente e com grandes reverências, ofereceu-lhes seus serviços como guia, para acompanhá-los por todas as paragens e monumentos da grande cidade, bem como fora dela.

– Com certeza, vindes em busca do Rei dos Reis, cujo nascimento os astros anunciaram?

– Os três viajores olharam-se mutuamente com estranheza, e Baltasar respondeu com grande discrição:

– Os astros não anunciaram um Rei da Terra, mas um Mensageiro Divino que traz a Luz da Verdade Eterna aos homens.

– Será um grande Profeta! ... – exclamou Rabsaces. – De qualquer forma, meus senhores, se fordes afortunados, havereis de encontrá-lo, e não deixeis no esquecimento este humilde servo, que há de sentir-se feliz em oscular o chão que seus

pés pisarem. Todos os dias encontrar-me-eis aqui à porta do Templo de Jehová, esperando notícias vossas.

– Que Deus esteja contigo e com os teus, bom homem – responderam os romeiros, entrando no Templo em seguida.

O mago, por sua vez, deixou um de seus agentes para que seguisse os estrangeiros, sem perdê-los de vista, quando saíssem.

Um levita levou-os até o Altar dos Perfumes, onde Esdras oferecia os holocaustos do costume, enquanto as virgens cantavam salmos, e os levitas agitavam os incensários.

Quando os viajantes apresentaram suas oferendas e repetiram ao sacerdote as palavras que lhes ensinara o Essênio da colônia de órfãos de Beth-peor, Esdras fixou seu olhar inquisitivo em cada um deles.

– Falaremos quando vossas oferendas tiverem sido consumidas – disse-lhes ele em voz muito baixa – e continuou os ofícios, enquanto os três visitantes, a poucos passos, adoravam, imóveis, o Uno Invisível, o qual, tanto sob as douradas cúpulas daquele Templo como debaixo do céu bordado de estrelas, ou, ainda, entre as sussurrantes folhas das árvores, Se faz nas almas que atingiram a compreensão de que Deus é o hálito da vida, que vibra em todos os seres e em todas as coisas.

Simeão de Bethel, o Essênio que consagrou Jhasua, saiu das dependências interiores do Templo; e, quando Esdras terminou a liturgia, aquele se aproximou e lhe disse:

– Estes estrangeiros são Iniciados de Escolas Santas, irmãs da nossa. Eles vêm em busca de Jhasua. Não os deixes sair pelo átrio, onde se acham espiões do Rei, cujos magos lhe anunciaram o nascimento de um Rei dos reis. Quando os levitas deixarem os turíbulos, nós os faremos sair pelo caminho secreto. Nosso Pai Jeremias acaba de avisar-me durante a oração.

– Assim o faremos – respondeu Esdras. Voltou Simeão para a sala dos incensários, onde estava a porta secreta do caminho subterrâneo que levava à Tumba de Absalão.

Depois que Esdras deixou suas vestiduras cerimoniais, dirigiu-se aos viajantes, dizendo:

– Não deveis sair pelo átrio por onde acabais de entrar, porque lá estão postados alguns espiões que seguem vossos passos. Sabeis que os filhos da Luz devem viver nas sombras até que a Luz seja tão viva que transpasse as trevas.

– Mas, por onde deveremos sair? – perguntou Melchor com certa inquietação.

– Ficai despreocupados e esperai alguns momentos mais.

Quando todos os levitas haviam deixado seus turíbulos e a sala ficou deserta, Esdras introduziu os peregrinadores no caminho subterrâneo que ia até a Tumba de Absalão. Por seu turno, havia Simeão de Bethel encarregado dois levitas de sua maior confiança para ocultarem os animais dos viajantes, juntamente com suas equipagens, nas granjas de Bethânia.

Enquanto isso, Esdras e os três estrangeiros iam caminhando penosamente pela escura galeria, somente iluminada pelas velas que eles levavam, em lugar de tochas, correndo o risco de tropeçar nas pontas salientes das pedras, que substituíam as colunas naquela rústica construção subterrânea. Foi quando perguntou Baltasar:

– Que país é este em que desce o Avatara Divino, e aqueles que o conhecem e esperam devem ocultar-se como bandoleiros perseguidos pela justiça? Na terra do Iran, toda a população estaria em festa!

– É que o povo judaico – esclareceu Esdras –, exasperado pelas humilhações da escravidão, delira por um Messias-Rei e Libertador, julgando que nenhum bem maior pode ele esperar do que a livre soberania da Nação. O sagaz Idumeu que ocupa

atualmente o trono de Israel que não lhe pertence, vive inquieto, acreditando poder surgir, de um dia para outro, um homem capaz de unificar o povo e levantá-lo em armas contra ele.

"Seus magos decifraram a linguagem dos astros, e ele espalhou espiões por todo o país, como um bando de abutres, para averiguar a aparição desse Messias-Libertador, esperado por Israel."

Dessa maneira, tratou Esdras de explicar àqueles romeiros o estranho fenômeno por eles observado no seio de um povo que esperava o Messias, e ao qual, no entanto, era necessário ocultar a chegada dele.

– Quem poderia fazer com que as massas aceitassem a superioridade excelsa de um homem que não vem rodeado por nenhuma grandeza material? – perguntou, por sua vez, Gaspar, com a certeza íntima de ancião experimentado nos modos de ver e de apreciar pessoas e coisas, quando elas não aparecem envoltas nesse esplendor à simples vista que tanto seduz e arrasta as multidões.

– Com efeito, Chrisna foi um príncipe da dinastia dominante em Madura – acrescentou Baltasar – e, por isto, pôde vencer as grandes dificuldades que os gênios das trevas colocaram ante seus passos.

"Quanto ao Bhuda, foi ele o príncipe da dinastia reinante do Nepal. Acontece que as massas sempre se sentem subjugadas pelas grandes figuras que ocupam os tronos.

"Moisés foi o filho oculto da princesa Thimetis, filha do Faraó, e, por este fato, Sua vida foi respeitada, pois aquele governante receava o castigo dos deuses, se viesse a derramar o Seu sangue.

"Mas Jhasua não passa de um pequenino filho do povo, sem antecessores reais, sem nenhuma grandeza material. Porque, devendo ser esta a coroação de todas as suas vidas messiânicas, há de sentir, de uma vez por todas, os grandes princípios de Igualdade e Fraternidade humanas, e que a única diferença existente entre os homens é a conquistada pelo esforço mental e espiritual de cada um. Que outra coisa julgais que um obscuro profeta do Iran quis expressar quando deixou escritos, enigmaticamente, versículos como estes?:

" 'No feno dos campos que verdejam na margem oriental do Mar Grande, aninhará, um dia, o pássaro azul, a cujo canto serão derrubadas as arcaicas civilizações, e surgirão as novas.'

" 'Nas areias dos campos deixará a marca de seus pés e as penas de sua plumagem.'

" 'Comerá o pão escuro dos humildes e tirará com seu esforço as castanhas das cinzas.'

" 'Ninguém cobrará salário das mãos d'Ele nem será jamais levado ao ombro por escravos Seus.' Compreendeis?"

– Vosso profeta desconhecido, em meu entender, quis dizer que o Avatara Divino nasceria e viveria entre as massas anônimas ou ignorado pelo povo – respondeu Melchor. – Tal é justamente a crença que, em geral, se tem nas Escolas Secretas da Pérsia.

– Deveras assim acontece – acrescentou Esdras. – O pássaro azul construiu seu ninho no jardim de um artesão, embora algumas antigas escrituras e tradições assegurem que seus distantes antepassados descendem do Rei David. Um longo milênio apagou necessariamente o brilho dessa brumosa genealogia. É que o tempo derruba realezas e poderios.

Assim falando, continuaram aquela viagem subterrânea até que saíram na Tumba de Absalão. Lá já os esperavam os levitas que haviam ocultado as equipagens e as

cavalgaduras numa antiga granja de Bethânia, cujos donos eram Sofonias e Débora, parentes próximos de alguns dos essênios que serviam como sacerdotes e levitas no Templo.

Sofonias e Débora, pais daquele Lázaro que as tradições dão como um dos ressuscitados pelo Cristo, começaram, desde a primeira infância do Bem-Aventurado, a emprestar a própria morada a Seu serviço. Era como se o íntimo Eu lhes houvera marcado o roteiro de antemão, na qualidade de aliados firmes e decididos para toda a vida de Jhasua sobre a Terra.

Para aquele lar foram conduzidos os três viajantes orientais, até que, passados uns dias de ocultamento, puderam chegar a Betlehem, disfarçados em vendedores de azeitonas e frutas secas. Era o que, em grandes sacos transportados sobre asnos, enviavam Sofonias e Débora para a casa de Elcana, que hospedava a família carnal do Deus-Homem, e também para os solitários do Monte Quarantana, cujo servidor era irmão de Sofonias.

Não puderam os espiões de Herodes reconhecer nos rústicos condutores daquela pequena tropa de asnos, carregados de produtos da fruticultura, os graves filósofos do Levante, que, à custa de tantos sacrifícios, buscavam Jhasua, o Cristo, sobre a Terra.

Tal foi, em realidade, o fato que as tradições antigas denominaram: "A Adoração dos Reis Magos."

Assim chegaram à cidade natal do Rei David esse chefes de Escolas da Divina Sabedoria, vindos do longínquo Oriente só para se certificarem, por si mesmos, de que o Grande Ungido havia descido ao Planeta Terra. Contava o menino já dez meses e vinte e cinco dias, quando eles chegaram até seu berço.

Iam acompanhados, nessa viagem, pelos levitas José de Arimathéia e Nicodemos de Nicópolis, para que estes servissem de introdutores, visto que haviam contraído amizade com Myriam e Joseph na casa de Lia, a viúva de Jerusalém.

Antes de serem introduzidos, trocaram a rústica indumentária de vendedores ambulantes pelos graves e severos paramentos usados em suas respectivas Escolas nos dias de grandes solenidades: o branco e o ouro do indostânico; o branco e a turquesa do persa; e o branco e a púrpura do árabe. Colocaram também os diademas com tantas estrelas de cinco pontas quantas graduações haviam galgado na escala inflexível das purificações e das conquistas do Espírito.

Os dois levitas, habituados aos ricos tecidos de seda, ouro e pedraria dos ornamentos sacerdotais do Templo de Jerusalém, acharam demasiado simples e humildes as vestimentas de cerimônia dos peregrinos orientais. Nisto, um deles, que captara a onda de tais pensamentos, disse prontamente, quando já se dirigiam para a alcova onde Myriam embalava a cestinha de vime do seu filho:

– Para sermos discípulos da Divina Sabedoria, não é necessário o esplendor dos templos onde brilha o ouro em todas as partes. Basta vestir a alma e o corpo com linho branco. Assim também há de trajar Jhasua, que vem para ser o Mestre dos Mestres.

Foi grande a surpresa de Myriam quando viu entrar, pela pequena porta de sua alcova, aqueles personagens em número de sete, pois cada um trazia um escriba ou notário de sua confiança. Então, José de Arimathéia e Nicodemos aproximaram-se para tirar-lhe qualquer receio, dizendo estas palavras:

– Estes são irmãos dos Essênios que, com risco de suas vidas, vêm de regiões afastadas para ver de perto este menino, Enviado de Deus.

– Não temas, mulher – disse o ancião Baltasar – que, se tivéssemos cem vidas, dá-las-íamos alegremente para conservar a de teu filho, que, há tanto tempo, esperá-

vamos. Não sabes que os trovadores do Iran O vêm cantando há muitos séculos, embora apenas O tenham visto nas premonições de suas almas carregadas de sonho divino?

– Também lá, no longínquo Indostão – acrescentou Gaspar – em todas as cavernas que o Bhuda habitou, durante suas incursões missioneiras, aparece aos clarividentes a imagem radiante desse Ser Divino para dizer-lhes:

"Já não me busqueis com esta roupagem pertencente ao passado, e que não é mais que uma névoa diluída na Luz Incriada e Eterna.

"Descerei na margem do Mar Grande do Ocidente. Então encontrar-me-eis no fundo de vós mesmos, porquanto sou a própria Chama Eterna que alimenta a vossa vida."

– Igualmente, na minha Arábia Pétrea – informou Melchor – os poetas inspirados têm cantado estranhos versículos como este:

"Qual uma águia, cujo ninho ninguém consegue descobrir, descerei sobre as várzeas floridas da Terra da Promissão, sonhada por Moisés; e, quando levantar vôo, arrastarei comigo todos os que quiseram voar para o Invisível Desconhecido."

Formando um círculo fechado em torno do berço do menino, os sete estrangeiros, juntamente com os levitas e os familiares, iniciaram um minucioso exame, usado pelas antigas Escolas de Conhecimento Superior, para certificar-se de que o pequenino corpo reunia em si as condições físicas próprias para uma encarnação do Avatara Divino: as linhas da cabeça e da fronte, as sobrancelhas, os olhos, o nariz, a boca, o queixo, a estrutura do peito, a largura de ombro a ombro e a forma dos pés. Ia o notário de cada Escola comparando as observações com as velhíssimas escrituras sagradas, onde sábios ocultistas e astrólogos haviam exarado os resultados de iguais exames, feitos em Chrisna, no Bhuda e em Moisés.

O Divino Menino, tranqüilo e aquietado, com Seus grandes olhos cor de âmbar bem abertos, como se procurasse absorver por eles tudo quanto se passava ao Seu redor, parecia aceitar, sem temor, aquela piedosa e reverente investigação. Depois, estendeu os bracinhos para a mãe, que chorava silenciosamente sem saber por quê. Seria temor? Seria devoção e mística unção espiritual, fazendo com que ela se acreditasse perante a própria Divindade?

– Que será deste meu filho, que parece estar vinculado a tão complexos e desconhecidos sentimentos? – perguntou ela, por fim, abraçando com ternura ao pequeno Jhasua.

– Mulher, este teu filho – disse sentenciosamente Gaspar – é, entre muitas coisas, uma que está acima de todas: É o próprio amor Divino que vem salvar a Humanidade.

Os sábios visitantes conferiram, em silêncio, as anotações dos escribas, firmando-as e selando-as com os anéis-sinetes de suas respectivas Ordens ou Escolas; após o que passaram à sala junto à lareira acesa, para aceitar a oferenda hospitaleira de Elcana.

– Agora que compartilhastes de meu pão, de meu vinho e de meus pobres manjares – começou Elcana – atrevo-me a perguntar quem sois e por que observastes de forma tão minuciosa o filho destes irmãos que são meus familiares e hóspedes desde antes do nascimento dele?

– Tomastes isso a mal? – inquiriu Melchor, um tanto alarmado.

– De modo algum – retrucou Elcana. – Nossa Lei proíbe pensar mal, quando a evidência não nos autoriza a isto.

– Já que vossa pergunta é amistosa e cordial, justo é satisfazê-la.

Baltasar, o persa, era o mais idoso e também o mais graduado dos estrangeiros, revestido, ainda, da função de Consultor do Supremo Conselho de Instrutores de sua

Escola, cujos ramos, divididos e subdivididos, se haviam estendido por todo o País. Por isso fez ele o relato da forma e do modo como haviam eles recebido avisos das Inteligências Superiores, por intermédio de áugures, bem como através de sibilas ou pitonisas e em sonhos premonitórios, significando que era chegada a hora da Misericórdia Divina para esta humanidade delinqüente, que, em conseqüência de suas inquietudes, forjara uma espantosa corrente de destruição para si mesma. E acrescentou:

– Desde muitos anos, sabíamos que a conjunção de Júpiter e Saturno, com o concurso, em segundo plano, de Marte, indicaria o momento exato do advento do Verbo de Deus ao mundo físico.

"Se observamos o menino de forma tão minuciosa, foi para comprovar que estamos de posse da Grande Verdade.

"Em cada corpo humano está gravado, de maneira inequívoca, o grau de evolução da inteligência que o anima; a capacidade de amor, de sacrifício e de domínio sobre si mesmo; sua força mental de irradiação e de atração; seu magnetismo espiritual e pessoal, assim como o poder de assimilação de todas as forças vivas do Universo e o poder de transmissão dessas forças a todos os seres e a todas as coisas.

"Todas essas características acabamos de encontrar em grau eminente no corpinho deste menino de dez meses e vinte e cinco dias. Ora, somando a tudo isso o seu nascimento – no instante preciso da conjunção planetária já mencionada – de u'a mãe que é uma harpa viva de vibrações sutilíssimas, a qual jamais deu cobertura a um mau pensamento, a verdade se faz tão manifesta que se tornaria necessário ser muito pobre de inteligência para não compreendê-la.

– Em situação como esta, é, sob todos os pontos de vista, impossível qualquer dúvida – interferiu Gaspar. – Com efeito, aqui a Grande Verdade se torna ainda muito mais manifesta do que no caso de Moisés, pois, em conseqüência de uma impressão horrível que a mãe sofreu quando o menino já estava próximo ao nascimento, esteve Ele a ponto de nascer mudo, defeito que foi reparado pelas Inteligências Superiores. Ficou n'Ele, não obstante, certa dificuldade para expressar-se, que O habituou ao falar descansado e lento dos anciãos em geral.

"Já em Chrisna, notou-se ligeira deficiência nos órgãos visuais, proveniente, segundo alguns sábios, de longo período de obscuridade sofrido pela mãe, quando passou encerrada num calabouço até o nascimento do filho, perseguido por um usurpador mesmo antes de nascer.

"Mas Jhasua devia ser, por suprema lógica, a soma de todas as perfeições morais, espirituais e físicas, ou seja, o sublime triunfo do homem que transpõe o derradeiro umbral do reino humano, para começar a formar parte do Reino Divino; quer dizer: nada menos do que um poderoso receptor e transmissor da Energia Eterna, da Luz Incriada e do Supremo Amor – causa e origem de todo o alento existente no Universo. Está, pois, escrito no corpo deste menino que Ele será tudo isso ..."

– Ó Jhasua! ... Jhasua! ... – exclamou Melchor, o príncipe moreno, caindo de joelhos aos pés de Myriam, que estava com o menino nos braços e beijou os pezinhos dele, que ficavam à altura de seus lábios, trêmulos de emoção. – Jhasua! ... Jhasua! ... Tu vens dar à matéria humana o beijo final, porque superaste para sempre a força de abnegação e heroísmo! ...

Foram os estrangeiros fazendo o mesmo, um após outro, pois, comprovada a Grande Verdade, rendiam, assim, homenagem à Divindade feita homem, como o perfume feito flor, como a chispa convertida em fogueira, como o raio de luz em forma de crepúsculo de ouro!

Fizeram numerosas recomendações a Myriam, referentes à alimentação do menino, a qual devia ser à base de leite, mel, frutas, hortaliças frescas, legumes, cereais e água de manancial. Ensinaram-lhe o modo de preparar licores de suco de laranja, cereja, uva e maçã. Aconselharam-lhe, outrossim, um preparo de suco de uva com azeite puro de oliva, para fazer uma fricção suave, cada dois dias, no tórax, no plexo solar e na espinha dorsal do filho.

Que, na época das laranjas, procedesse da mesma forma com o suco dessas frutas bem maduras e azeite puro de oliva. Da combinação perseverante de ambos os procedimentos, resultaria a perfeita normalidade do sistema circulatório do sangue e um sistema nervoso perfeitamente tranqüilo e sereno. Acrescentaram ainda os sábios Mestres:

– A mãe carnal do Verbo de Deus deve saber quão delicada é esta divina maternidade e que volume de responsabilidade implica o fato de ter dado vida física a um Deus feito homem.

Deixando-lhe uma sacola cheia de moedas de ouro, disseram:

– Isto servirá para que nada falte ao teu cuidado pessoal e ao de teu filho. A cada vinte luas, virá um mensageiro, enviado nosso, que nos levará informações tuas e do menino. Ele chegará entre as caravanas de mercadores e far-se-á conhecer, diante de ti e Joseph, por um anel igual a este. – E fizeram entrega do referido anel aos pais de Jhasua para que pudessem identificar a procedência de tal mensageiro.

– Mulher bendita entre todas as mulheres! – exclamaram antes de partir. – Que nenhuma inquietação nem temor algum agite a tua alma, enquanto o menino alimentar-se de teu seio! Ainda quando virdes que a natureza nega água aos campos e que vossas árvores, por longa estiagem, não dão frutos e que vossos hortos se esgotam e secam; ou que o granizo destrói vossos legumes e cereais, ou que teu marido se vê cheio de dificuldades quanto aos meios de vida ... pensa somente que a Providência Divina estendeu suas redes ao vosso redor e que tudo foi previsto pelos seres escolhidos pela Divindade, como instrumentos Seus, para que se cumpram os Seus Desígnios neste Menino-Salvador da Humanidade.

A doce Myriam escutava, olhando-os com grandes olhos úmidos de pranto, perguntando a si mesma se aqueles veneráveis viajantes não seriam arcanjos de Jehová como aqueles que visitavam os antigos Patriarcas nos momentos solenes de suas vidas.

Ela, tão insignificante e pequena, via-se embargada pelo assombro, ante a magnânima solicitude daqueles estrangeiros vindos de terras tão distantes! ...

Durante o festim de despedida, que Elcana e sua esposa Sara se empenharam em oferecer-lhes, assistido também pelos amigos essênios de sua intimidade, resolveram, unanimemente, levar os viajantes pelo caminho do Monte Quarantana e deixá-los nesse pequeno Santuário Essênio, de onde seriam conduzidos até o Grande Santuário do Moab. Ali, os Setenta os esperavam para confeccionar um vasto programa de preparação, a fim de que todas as Escolas de Divina Sabedoria secundassem a obra apostólica do Grande Mensageiro Divino, descido no seio da Humanidade.

Os dois levitas que os conduziram a Betlehem não podiam prolongar mais sua ausência do Templo e regressaram a Jerusalém.

Alfeu, Josias e Eleázar, aqueles três amigos essênios que presenciaram as manifestações astrais e etéreas na noite do nascimento de Jhasua, ofereceram-se para conduzir os estrangeiros pelo mesmo caminho que já tinha feito.

Eleázar, genitor de cinco filhos pequenos, deixou sua prole aos cuidados de seus companheiros, Elcana e Sara, os quais trouxeram as crianças para sua casa até o retorno do pai. A hospitalidade foi sempre a virtude mais distinta dos essênios e uma das mais belas manifestações de Fraternidade a que deverá a Humanidade chegar no século vindouro.

Apenas surgiu a primavera, com o gorjeio dos pássaros e o florescer das glicínias e das açucenas, dispuseram-se também Myriam e Joseph a regressar para a sua abandonada casinha em Nazareth.

Aproveitaram a viagem dos seis Terapeutas de Beth-peor que se dirigiam à Samaria e à Galiléia, em busca de crianças enfermas e abandonadas, conforme aviso recebido. Em caminho, detiveram-se um dia em Jerusalém, em visita de despedida a Lia e às suas filhas.

Encontraram o velho Simeão atacado de reumatismo agudo nas pernas, que lhe arrancava, a qualquer movimento, grandes gemidos de dor. A sensitiva Susana tomou o pequeno Jhasua nos braços, e, correndo ao leito do tio, colocou-o sobre suas extremidades doloridas, dizendo-lhe:

– O Menino-Deus há de curar-te.

Ficou o filho de Myriam dormindo aí. Após um quarto de hora, acabou o ancião adormecendo também; e eis que, ao despertar, pouco depois, achou-se sem dor alguma! ...

Nos Cumes do Moab

Dois caminhos se apresentavam diante do leitor de *Harpas Eternas*. Partindo ambos de Betlehem, a cidade do Rei-Pastor, dirigia-se um para o Norte da Palestina, ou seja, ao paraíso encantado da Galiléia, com suas colinas tapetadas de plantações, onde as vinhas, as figueiras e as laranjeiras enchiam o ar com suas aromáticas emanações; e outro, em direção ao Sul, ao árido deserto da Judéia, com o tétrico panorama do Mar Morto e as rochas eriçadas e nuas do Monte Quarantana e de suas derivações.

Leitor amigo, por este último, seguiremos os viajantes do longínquo Oriente, que, conduzidos por Eleázar, Josias e Alfeu, se dirigem ao Santuário do Monte Quarantana, já por nós conhecido. Esses nossos amigos só os acompanhariam até ali, pois os solitários se encarregariam de conduzi-los até os altos Montes do Moab, onde, por sua vez, se encontravam os Setenta.

Compreenderam os estrangeiros que, naqueles simples pastores e tecelões, havia Espíritos de grande carreira evolutiva, realizada através dos séculos. Com a clarividência desenvolvida por anos de exercícios metódicos e perseverantes, viram eles os seus três condutores formando parte dos grupos de humanidades que tinham escutado o Verbo Divino em suas distintas etapas terrestres, desde Juno até Moisés.

Isto lhes permitiu abrirem-se com eles a respeito dos elevados e profundos ensinamentos esotéricos de suas respectivas Escolas. Durante os três dias de viagem, por entre cavernas e abruptas colinas, cheias de riscos, os bufos e as corujas agourentas ouviram a palavra serena e moderada daqueles homens, vindos de terras afastadas, a discutirem, com pastores e tecelões betlehemitas, árduas questões metafísicas relativas ao Grande Acontecimento que os reunia: a nona e última encarnação do Verbo Divino sobre a Terra.

Aquelas noites, por eles passadas nas cavernas, à luz de uma fogueira, enquanto permaneciam recostados sobre leitos de feno e de peles, foram períodos de instrução, de aprendizagem e de desenvolvimento mental. Foram, ainda, horas de evocação e de recordações distantes, pois os estrangeiros quiseram recompensar com descobrimentos psíquicos o sacrifício de seus condutores. Do mesmo modo, também os três Mestres de Ciências Ocultas receberam manifestações idênticas, relativamente aos três amigos essênios.

Chegaram os viajantes, por fim, à Granja de Andrés, de onde foram conduzidos, pelo caminho oculto que conhecemos, ao pequeno Santuário do Monte Quarantana.

Os três amigos essênios retornaram a Betlehem depois de um dia de descanso, levando os relatos escritos por Melchor no dialeto siro-caldaico, e, como recordação daqueles Mestres do Oriente, uns anéis de grande valor, que eles foram obrigados a aceitar para "melhorar a situação de sua velhice", segundo suas próprias palavras.

Os solitários do Monte Quarantana tinham, na época das neves, um caminho oculto, semelhante a um grande túnel, com saídas, em campo aberto, para pequenos vales de baixa vegetação. Eram tortuosas galerias de minas abandonadas há muitíssimos séculos, mas que reduziam enormemente a distância dali até os Montes de Moab. Temiam levar os estrangeiros pelos caminhos da fortaleza de Mesada, pensando, mui acertadamente, que os espiões do mago de Herodes andavam por toda parte. Seguindo, ora pelas galerias subterrâneas, ora pelas gargantas e encruzilhadas das montanhas áridas do Moab, chegaram, depois de seis dias de viagem, ao Santuário dos Setenta, no Monte Abarin.

Dois essênios do Quarantana lhes haviam servido de guias. Os estrangeiros eram sete, pois cada Mestre tinha o seu escriba ou notário: dois persas, dois indostânicos, dois árabes e o egípcio de Alexandria. Acrescidos a eles os dois mencionados solitários essênios, formavam, pois, o número nove.

A galeria subterrânea, pela qual haviam chegado, comunicava-se com as cavalariças do Santuário, onde "Nevado", o inteligente mastim, que conhecemos, tinha também a sua morada. Este, prendendo com os dentes a corda de chamada, fez ressoar a campainha destinada a avisar a chegada de visitas.

O Santuário de rochas abriu-se, poucos momentos depois, e os cansados viajantes encontraram-se entre a dupla fila de tochas acesas e dos Setenta Anciãos, que os esperavam com suas túnicas e mantos cor de marfim, o cinto de púrpura e mais o diadema de sete estrelas, símbolo de suas grandes conquistas espirituais. Logo foram conduzidos à sala de repouso onde foram obrigados a descansar em estrados cobertos de tapetes e peles, enquanto os anciãos cantavam, em coro, o hino chamado "Louvor", no qual cada versículo terminava assim: "Louvado sejas, Senhor das Alturas, porque nos uniste em Teu Pensamento e em Teu Amor."

Os viajantes ficaram a sós por alguns momentos, passados os quais, um dos anciãos voltou trazendo xaropes e alimentos quentes, pão e frutas, com que os obsequiaram. Como as paredes daquela sala estavam recobertas de madeira, dali mesmo se faziam sair, por intermédio de simples e originais dispositivos, pequenas mesas, que, abrindo-se diante dos estrados, tanto podiam servir para comer como para escrever.

– Vosso palácio de rochas parece obra de magia – disse Gaspar, vendo uma série de pequenas comodidades de grande serventia, que os solitários haviam preparado durante inumeráveis séculos.

– Observai – respondeu o essênio, mostrando as madeiras lustrosas e desgastadas nas bordas, por força de um uso prolongado. – Quantas cabeças se terão apoiado neste respaldo! Quantos pés haverão pisado estes estrados! Quantos braços terão descansado sobre estas mesas! ...

– Quanto tempo faz que este Santuário foi iniciado? – perguntou Baltasar.

– Sete anos depois da morte de nosso Pai Moisés – foi a resposta.

– Longa cadeia de 1.500 elos! – exclamou Melchor como que estarrecido por aquela enormidade de tempo e de perseverança dos discípulos de Moisés.

– Quinze séculos! – repetiu Fílon de Alexandria, o mais jovem dos estrangeiros, e que, por considerar a si mesmo como aprendiz a aspirar os estudos de Sabedoria Oculta, mantinha-se sempre em silêncio para escutar mais.

Por seu turno, acrescentou Gaspar, enquanto bebia, aos sorvos, o vinho quente acompanhado de castanhas assadas:

– Quinze séculos escavando nas montanhas para aperfeiçoar a obra da natureza, ou de inconscientes mineiros do mais remoto passado! Estes, com certeza, não suspeitaram que as cavernas abertas por eles nas entranhas da rocha, serviriam, depois, para Templo da Divina Sabedoria e hospedagem das humildes "abelhinhas" que a cultivam.

Assim, aqueles homens, que, nem sequer nos momentos em que se dedicavam à alimentação corporal, podiam anular as atividades do Espírito, continuaram tecendo a filigrana dourada de recordações passadas. A esta conversação foram acrescentando elementos valiosíssimos os Anciãos do Monte Abarin, que retornaram à sala de repouso depois de se haverem despojado das vestimentas cerimoniais. Entre eles, estavam sete Escribas ou Notários, e estes traziam seus grandes calhamaços de tecidos, papiros, plaquetas de argila ou de madeira.

– Isto acabará pondo-nos em comum acordo – reconheceu o Grande Servidor, apoiando a mão direita sobre aqueles velhíssimos documentos.

– Acaso, já não o estamos? – perguntou Baltasar.

– Ainda não com os fundamentos desejáveis e desejados. Provavelmente, nem vós nem nós sabemos tudo quanto há por saber para não nos enganarmos no mínimo dos pormenores.

Os Escribas essênios desprenderam das paredes todas as mesas, que foram armadas defronte aos estrados. Ali colocaram todo aquele acervo de escrituras que fazia os estrangeiros pensarem: "Precisaremos muitas luas para tomar conhecimento de tudo isto."

Queriam os Setenta deixar estabelecido que as Escolas de Divina Sabedoria do Oriente formavam parte do grandioso Livro de Conhecimentos Superiores que, no decurso dos séculos, o Verbo Divino trouxera para o plano físico da Terra, em todas as etapas já realizadas por Ele.

A Escola de Melchor, o príncipe moreno, era a kobda-mosaica, nascida como um cacto de ouro entre as montanhas do Horeb e do Sinai, onde o grande Moisés despertara para a compreensão de Seu messianismo, entre os últimos kobdas do Penhasco de Sindi.

A escola de Baltasar, o persa, era uma derivação do Chrisnaísmo Indostânico. Após a morte do Príncipe da Paz (*), Zenda, primo de Arjuna, fugira para os Montes

(*) Chrisna (N.T.).

Suleiman, a fim de escapar da perseguição a que estavam sujeitos todos aqueles que lutavam por manter a abolição das castas e da escravidão.

A manutenção das castas e da escravidão era necessária aos sacerdotes do deus Brahma, a fim de proporcionar-lhes meios de manter sua vida de riquezas, de faustosidade e de domínio. O Zenda-Avesta dos persas era o Chrisnaísmo puro, variado e alterado pelos séculos e pela incompreensão dos homens.

A Escola de Gaspar, senhor de Bombaim, era bhudista, razão pela qual, a exemplo do príncipe Shidarta, havia ele abdicado de todos seus títulos em favor de um sobrinho, para dedicar-se somente à Sabedoria Divina.

Fílon, o estudante de Alexandria, era ptolomeísta em seus princípios fundamentais, sendo, portanto, aristotélico; pois Ptolomeu foi discípulo de Aristóteles, e este de Platão, que, por sua vez, havia sido de Sócrates. Resultava disso um formoso novelo branco, cuja extremidade originária vamos encontrar presa no Monte das Abelhas, da Grécia pré-histórica, onde os Dáckthylos conservaram a difundiram, durante séculos, a Sabedoria de Antúlio, o grande filósofo atlante.

Compararam os velhos textos de cada Escola, depurando-os das adulterações maliciosas ou inconscientes, que discípulos sem capacidade ou sem lucidez espiritual haviam introduzido neles; do que resultou tão maravilhoso corpo de doutrina perfeitamente unificado que ele, mais tarde, induziu Jhasua a dizer perante as multidões que o escutavam:

"Amai a Deus e ao vosso próximo como a vós mesmos, que nisto está encerrada toda a Lei."

Também o célebre Sermão da Montanha não foi senão esta mesma grande Lei de amor fraterno, irradiando-se, como um resplendor de ouro, da alma de Jhasua; Lei Viva, enviada pela Divindade à Terra para evitar que a humanidade delinqüente se afundasse no caos, a que, logicamente, chega toda inteligência que se obstina no Mal.

Vejamos, leitor amigo, que grandioso castelo de Divina Ciência surgiu das conclusões dos cinco ramos espiritualistas, daquela época: Os Essênios, mosaístas; Melchor, copto; Gaspar, bhudista; Baltasar, chrisnaísta; e Fílon, antuliano.

O ancião Grande Servidor dos Essênios foi o escolhido por todos para dirigir as deliberações daquela assembléia de Divina Sabedoria, composta de setenta e sete homens, consagrados ao estudo e aos trabalhos mentais, há longos anos.

Depois de uma solene evocação da Alma Universal, fonte da Vida, da Luz e do Amor, o Grande Servidor propôs que se começasse pela definição, base e fundamento de toda a Ciência Espiritual: "o Conhecimento de Deus."

Baltasar, o persa, definiu-o de acordo com seus princípios védicos, herdados de Zenda, segundo discípulo de Chrisna:

> "Deus é o sopro vital que, como um fogo suavíssimo e inextinguível, anima tudo quanto vive sobre o Planeta."

Os dez escribas anotaram a definição de Baltasar, o chrisnaísta.
Falou então Gaspar e definiu conforme seus princípios bhudistas:

> "Deus é o conjunto unificado de todas as Inteligências, chegadas à Suprema Perfeição do Nirvana."

Melchor, o príncipe sinaístico, falou conforme sua filosofia copta e kobda:

"Deus é a Luz Incriada e Eterna, que põe em vibração tudo quanto existe."

O jovem Fílon de Alexandria, aristotélico-antuliano, disse:

"Deus é o consórcio maravilhoso e eterno do Amor e da Sabedoria, donde emana todo poder, toda força, toda claridade e toda vida."

O Ancião-Servidor acrescentou, no final, a definição de Moisés:

"Deus é o Poder-Criador-Universal; e, como o Universo é Seu domínio e Sua obra, é Ele o Autor das estupendas leis que o governam, e que os homens não conseguem compreender."

Estudadas e analisadas a fundo as cinco definições, puderam eles comprovar que as mesmas não estavam em desacordo, mas completavam-se admiravelmente, como se a mão de um mago houvesse escrito páginas isoladas, que, reunidas, formassem um poema admirável, perfeitamente unificado e completo.

– Por que motivo, pois – perguntaram eles – tantas divisões ideológicas, tantas lutas religiosas, tantas torturas físicas e morais, tantos patíbulos, tantos mártires, se somos um único Todo Universal, que, à maneira de um imenso enxame de abelhas, vai seguindo rotas ignoradas por nós mesmos, mas sempre dentro do raio ilimitado desse Supremo Poder: Deus?

O jovem Fílon de Alexandria, estreitando as mãos de Gaspar, o bhudista, disse:

– Tirastes um enorme peso de cima de mim, pois, até hoje, eu havia duvidado, no mais profundo de meu ser, que o Bhuda houvesse sido um resplendor da Verdade Eterna. Julguei-o sempre um ateu que sustentasse nada existir, a não ser uma pura ilusão em todas as manifestações da vida universal.

– E hoje julgais o Mestre de forma diferente?

– Completamente! Vossa definição de Deus faz-me ver que o Avatara Divino, na personalidade do Bhuda, utilizou a Essência Oculta da Verdade Eterna para derramá-la sobre a face da Terra. Todavia, foi um perfume tão sutil, delicado e complexo que, para uns, era de rosas; para outros, de jasmim; para estes de violeta, e, para aqueles, ainda de murta.

"Dir-se-ia que a Humanidade era ainda demasiado rude e grosseira para aspirar esse perfume. A Luz do Bhuda foi um resplendor semelhante ao do arco-íris, que contém todas as cores fundamentais, sendo que estas se devem definir na retina durante o breve tempo que dura esse fenômeno da luz; porque logo se desvanece no Infinito, e aquele que o viu conserva somente a visão do conjunto sem conseguir dar-lhe definição exata."

– Não somente vós – disse Gaspar – pensastes equivocadamente do Bhuda, mas também muitos pensadores e estudantes das Ciências Ocultas se enganaram. Sem dúvida alguma, nada mais de acordo com a Verdade do que a definição bhudista:

"Deus é o conjunto unificado de todas as Inteligências chegadas à Suprema Perfeição do Nirvana."

"Permitir-me-ei desenrolar esse novelo sutil de seda e ouro:

"Sabemos que, numa longa série de ciclos, de idades chamadas *kalpas* (*), as Inteligências ascendem, à medida que se vão depurando. Mundos e globos inumeráveis vão servindo de moradas apropriadas a seu grau de evolução, até que cheguem a refundir-se como chispas num incêndio, como gotas num oceano infinito; como areias de ouro numa praia sem margens.

"Pelo esforço de unificação, a Individualidade é, até certo ponto, transformada em poder, energia e vitalidade reunidos, inseparáveis e indestrutíveis; e todo esse conjunto de Pensamentos, Vitalidade, Amor e Energia é Deus. Da soma global dessas forças surge a totalidade das criações, bem como todos os poderes e todas as leis imutáveis do Universo. Com efeito, a união da inteligência a Deus torna-a perfeita.

"O Bhuda negou um Deus pessoal, um ser limitado, porque Sua iluminação interior, por determinadas conjunções astrológicas, foi tão propícia à Sua mentalidade que desenvolveu o máximo de lucidez e claridade para compreender o Abstrato da Idéia Divina. Essa claridade, como se fora um deslumbramento, impediu que Ele considerasse a Divindade sob aspectos mais objetivos, por exemplo, como os da Luz, da Energia, do Fogo e da Força, com que as outras doutrinas A têm comparado.

"Em Suas célebres meditações, sob aquela árvore chamada simbolicamente *Árvore da Ciência*, compreendeu Ele, em visões magníficas, esta Grande Verdade Suprema: que os mundos superiores são povoados de Inteligências Potentíssimas, até chegar aos Fogos Magnos Supremos, que, com Seu Pensamento, sustentam a grande máquina universal. Ao redor dos mesmos, não viu o Bhuda senão milhões de miríades de mundos secundários, que daqueles recebiam o Poder, a Energia, a Luz e a Vida. Não é estranho, pois, que Ele desse de Deus aquela definição oculta e profunda.

"Dir-se-ia que o Bhuda não foi um Instrutor para as multidões, mas, sim, um Mestre para os mestres da Sabedoria Divina. Como conseqüência, nenhuma doutrina foi mais desfigurada e impugnada do que a d'Ele, cuja metafísica, altíssima e extremamente abstrata, não podia ser assimilada, a não ser pelos Espíritos avançados na Ciência Divina. Assim, o Nirvana bhúdico é, para as multidões, o repouso absoluto do Nada. Crendo proferir uma grande verdade, alguns lhe chamavam: 'O Messias ateu do Indostão, o defensor do Nada, o fantasma espectral da Idéia sem realidade possível em parte alguma.'

"De relance, compreendeu o Bhuda todo o plano infinito da Evolução, e, sob este ponto de vista, disse: 'Tudo é ilusão, porque todas as coisas passam e se transformam continuamente. Nada permanece.'

"Ilusão a daqueles que crêem absolutos os seus direitos de propriedade sobre indivíduos ou povos, atrelados ao carro de sua prepotência, porque isso é como um instante fugaz na Eternidade do Infinito.

"Ilusão a nobreza do sangue, a pureza das dinastias, a prepotência da ascendência, os direitos milenários sobre tal ou qual porção de terra, que se chama Pátria ou Estado; posto que o rei de ontem é o escravo de hoje, e vice-versa. Aquele que nasceu uma vez no Indostão, nasceu outras vezes na China, na África, na Europa, nos Pólos ou nos Trópicos; na zona quente do Equador ou entre as neves polares. Não são essas coisas, em verdade, meras ilusões forjadas pela pobre mente humana, que delas se

---

(*) Segundo a tradição hindu, corresponde ao período de uma revolução mundana, geralmente um ciclo de tempo, mas ordinariamente representa um "Dia" e uma "Noite" de Brahma um período de 4.320 milhões de anos. Por *kalpa* entende-se geralmente um "Dia" de Brahma (N.T.).

alimenta como as mariposas se alimentam das flores, cuja vida efêmera não chega a ver a luz de um amanhecer e a de um ocaso?

"O repouso bhúdico baseia-se na anulação do desejo, na proporção em que este é perturbador da quietude mental e da paz interior.

"Quem haja estudado a fundo os *Sutras Simples*, encontrará a correspondência entre a metafísica profunda do Bhuda e as doutrinas esotéricas emanadas de todas as personalidades do Verbo Divino. Unicamente nos mosteiros do Nepal encontram-se os verdadeiros livros bhudistas, sem alterações de espécie alguma, com a assinatura e o timbre dos cinco principais discípulos do Grande Mestre.

"O *Mahavastu* é, a meu ver, a obra mais importante e completa, como texto da Divina Sabedoria. No Labitavistara pode ser encontrada a verdadeira biografia do Bhuda; mas é este o livro do qual mais tem exorbitado o fanatismo pelo maravilhoso. Chegou, por isso, a circular por toda parte uma lenda inverossímil, na qual só há de verdade os nomes próprios e alguns lugares que foram cenários daquela grande vida humana, que, à força de querer divinizá-la, foi convertida em u'a meada de fantasmagorias impossíveis de serem aceitas.

"O Vajrachedika, o Megha-Sutra e o Lótus da Boa-Lei são relatos, episódios e pensamentos isolados, complementares da obra básica *Mahavastu*.

"Quem fizer a comparação destes textos primitivos autênticos com o Mahabharata, os Puranas, o Bagha-Vad-Ghitâ, os Uphanichads e o Righvheda, recompilações dos discípulos de Chrisna, encontrará, no fundo, as mesmas verdades, os mesmos princípios ocultos da doutrina antuliana, conservada pelos Dáckthylos, da filosofia kobda da época de Abel e dos livros genuínos de Essen, filho espiritual de Moisés."

Os sete estrangeiros e os sete escribas foram comparando os diversos textos citados por Gaspar, nos quais a mesma verdade ressaltava como um diamante de primeira água, entre as areias douradas do simbolismo dos hinos védicos, das radiantes descrições dos transportes antulianos, das conclusões metafísicas do Bhuda, dos sonhos místicos de Abel o Kobda, bem como das luminosas e magníficas visões de Moisés.

Todos estes delicados e profundos estudos ocuparam os presentes durante sete semanas, passadas as quais, confeccionaram uma ata, cuja primeira cópia foi gravada na parede frontal do Grande Santuário Essênio, junto ao local onde guardavam o original das Tábuas da Lei. Cada um dos Mestres estrangeiros tirou uma cópia em pequenas pranchetas de madeira, acondicionadas de tal forma que, unidas pelas faces laterais, eram prontamente desmontáveis, oferecendo facilidade para o transporte e segurança de serem conservadas sem adulterações e sem trocas.

A ata solene com que selaram aquelas grandes deliberações foi concebida nestes termos:

"Às doze luas do primeiro ano do advento de Jhasua, o Cristo, os abaixo-assinados, reunidos no Grande Santuário Essênio do Monte Abarin, no Moab, deixaram assentados os seguintes fundamentos de uma vasta organização espiritual, com o fim de facilitar a obra redentora do Grande Enviado.

"Havendo comprovado que é u'a mesma Verdade a exposta nas cinco doutrinas conhecidas hoje, ou seja, o Ptolomeísmo de Alexandria, o Kopto da Arábia, o Zenda-Avesta da Pérsia, o Bhudismo do Nepal e o Mosaísmo Essênio, impomo-nos o sagrado dever de providenciar a unificação perfeita destes cinco ramos da Sabedoria Divina, para facilitar a missão redentora do Cristo, em Sua última aproximação à Terra.

"Ezequias de Sichen, Grande Servidor do Santuário do Monte Abarin; Gaspar de Bombaim, primeiro Mestre da Escola Estrela do Oriente; Baltasar de Susa, Con-

sultor da Congregação de Sabedoria Oculta; Melchor de Horeb, fundador da Fraternidade Kopta do Monte Horeb; Fílon de Alexandria, estudante do quinto grau da Escola Ptolomeísta."

Em continuação, gravaram também os seus nomes os Escribas Essênios e os três notários dos Mestres estrangeiros.

Com isto ficou terminada a definição histórica e científica do Verbo de Deus.

– Falta-nos a comunhão espiritual com nossos superiores – observou o Grande Servidor –, e é justo que ela seja o fecho de ouro com o qual encerraremos o grande livro de nosso pacto solene.

– De acordo – responderam todos.

– Esta noite será o festim dos corpos – continuou dizendo o Grande Servidor – e amanhã, ao entardecer, encaminhar-nos-emos ao Santuário do Monte Nebo, onde viveu seus últimos dias nosso Pai Moisés, e onde os anjos do Senhor recolheram Sua alma Bem-Aventurada. Ali descansa a urna física de nosso Pai; ali temos acumulado energia e amor durante quinze séculos; todos os moradores deste Santuário são conduzidos até lá quando morrem, e creio que ali devemos ir a fim de buscar a Divindade, nesta hora solene de nossa aliança com seu Verbo Eterno. Estão todos de acordo comigo?

– Completamente, em tudo e para tudo – foi a resposta unânime.

Na grande sala de jantar, que já conhecemos, e onde unicamente os essênios podiam falar dos acontecimentos mundiais e de assuntos familiares, reuniram-se, naquela mesma noite, essênios e visitantes, num jantar de confraternização e companheirismo que não deixava de ter encantos e animação, não obstante se tratasse de homens maduros que já haviam deixado muito atrás as seduções da vida. Eram tão-somente a amizade e a compreensão – fadas brancas e boas – que coroavam de rosas as cabeças veneráveis e inundavam as almas da água clara do manancial.

Quiseram os anciãos saber o estado do mundo civilizado na época da chegada de Jhasua. A maioria deles estava ali, havia muitíssimos anos, sem sair para o mundo exterior. Os que tinham chegado por último contavam 20 a 25 anos sem sair; mas havia também muitos de 30 a 50 anos sem terem descido daqueles cumes rochosos. Algumas notícias chegavam a eles de tempos em tempos, através dos essênios que iam substituir algum dos Setenta, por morte, mas estas notícias referiam-se, de modo geral, aos povos da Palestina, desde a Síria até a Iduméia e a soberba Roma, cujo domínio absorvia tudo.

Naturalmente, foi de grande interesse para os Setenta aquela reunião, na qual se fez desfilar a resenha das narrações dos mais distantes países, aonde não havia chegado ainda a águia romana. Em verdade, interessou-os muito mais a parte ideológica e a espiritual.

A península indostânica era, em sua maioria, brahamânica, pois o poderoso clero do culto de Brahma havia perseguido até a morte os bhudistas que ficaram refugiados na região do Nepal; daí conseguiram passar para a China do Sul, onde o ensinamento de Lao-Tsé havia preparado sulcos propícios para a difusão do Bhudismo. Outras agrupações bhudistas haviam fugido para as grandes ilhas do Ceilão e de Java, nos mares do Sul, onde mantinham Escolas e Templos de expressiva importância.

Os missionários do Bhuda estabeleceram-se no Arquipélago do Sol Nascente, sob o amparo de alguns imperadores, que, em seu refinado egoísmo, julgaram ser coisa fácil governar povos a quem se ensinava a renúncia de todas as grandezas materiais. Outrossim, os Himalaias foram povoados por monges bhudistas; e, embora

se formassem numerosas Escolas com ritos e cultos variadíssimos, conservam elas muito do espírito bhúdico, suave, manso e silencioso.

A Pérsia, dada mais à hospitalidade do que às questões públicas, era, desde a época de Alexandre, u'a mescla de costumes e ideais, onde se confundiam os matizes gregos, macedônios, medas e caldeus. Todavia, por cima de tudo, flutuava, como luz difusa, a claridade do Zenda-Avesta, mantendo viva essa pequena chama da consciência humana que discrimina o Bem do Mal.

Nas raças nórdicas, um ou outro ponto luminoso permite vislumbrar, entre as neves eternas, caminhos tais que os séculos não haviam conseguido apagar.

A noroeste do Ponto Euxino (*), quase aos pés dos Montes Cáucasos, existia um culto estranho, cujas grandes cerimônias eram realizadas em cavernas, a respeito das quais corria uma infinidade de lendas mais ou menos fantásticas. Dizia-se, por exemplo, que essas cavernas haviam sido, na Pré-História, uma cidade subterrânea, na qual se refugiara uma dinastia de reis justos para escapar das hordas selvagens de uma rainha perversa, encarnação de demônios, que havia surgido, como um monstro de sangue, das ondas do Mar Cáspio.

Naquelas cavernas-templos, rendia-se culto ao Sol, tanto ao amanhecer quanto ao entardecer. Era o Sol chamado de *Apolo* por aqueles seres. Segundo eles, tinha o deus Apolo o gosto delicado de que, aos seus altares, só chegassem mãos femininas. Por isso é que ali havia sacerdotisas, denominadas *Walkírias.*

Subindo-se em direção aos mares do Norte, encontravam-se naquelas regiões ainda alguns antiqüíssimos templos, onde predominavam os cultos da Natureza e da Família que transmitiam àqueles povos uma espécie de dependência das manifestações naturais, como a chuva, as tempestades, os aspectos solares, as fases da lua, etc...

Esses cultos, para dizer a verdade, pareciam manter os povos em prolongada infância; mas, da mesma forma como as crianças, eram estes inofensivos. Tudo isso, atribuíam aqueles homens ao fato de haverem existido, naquelas terras, em tempos remotos, pequenos ou grandes ramos da Sabedoria Kobda, levados dos vales do Eufrates aos vastos domínios de Lugal Marada, o *Grande Aitor* dos países de neve.

Aquela noite, na sala de jantar do Santuário do Monte Abarin, foi um serão de História Antiga e Moderna, em que foram descobrindo malhas que os séculos haviam ocultado parcialmente sob as cinzas de seu vaivém eterno. Ao serem desmanchadas, deixaram aquelas redes entrever a figura luminosa de um jovem kobda: Abel, que enchia, com o elixir da Sabedoria, a ânfora de alabastro de uma jovem princesa, destinada a ser guia da humanidade nórdica; era Walkíria de Kiffauser, secundada por aquela dupla eterna: Aléxis e Astrid, continuação magnífica de Adonai e Elhisa, dos kobdas de Neghadá, sobre o Rio Nilo.

Terminou o jantar com a ação de graças habitual, junto ao altar dos Sete Livros, onde pareciam flutuar, com asas luminosas, os radiantes pensamentos dos Sete Profetas, venerados pelos Essênios como seus verdadeiros Mestres de Sabedoria Divina.

Ao entardecer do dia seguinte, os estrangeiros e os essênios empreenderam a viagem pelas escuras galerias, entre as montanhas que já conhecemos, para realizar a comunhão espiritual com os superiores, conforme diziam.

A neve caía sobre os montes à semelhança de um copioso despetalar de rosas brancas. Era lua cheia e véspera do primeiro aniversário do Nascimento de Jhasua.

(*) Hoje: Mar Negro (N.T.).

Por certo, não existia momento mais propício para o encontro daqueles seres, que, ignorados na Humanidade, se reuniam nos antros das montanhas, como representantes das cinco ideologias religiosas imperantes no mundo civilizado!

Ignorava a Humanidade que, naquele afastado rincão da Terra e no círculo de escassa agrupação de homens, se lavrara a estátua imortal da Fé e do Porvir.

Como poderia assimilar o gênero humano de então que do Atman Supremo (*) se havia desprendido uma chama, a qual, individualizada no plano físico, era Deus feito homem?

Menos ainda dever-se-ia esperar que pudessem os homens compreender a importância fundamental de que se revestia aquela congregação subterrânea para preparar os caminhos do Homem-Deus, que tinha vindo.

Quando chegaram ao Monte Nebo pela galeria subterrânea, subiram a rústica escada de pedra que dava acesso à caverna sepulcral de Moisés, a qual os esperava inundada de dourada claridade. O imenso candelabro de setenta círios assemelhava-se a um grande florão de luz rutilante e trêmula, cujos reflexos caíam sobre a face cor de marfim da múmia milenária e imponente em sua austeridade.

Sete incensários de bronze, colocados no teto e acesos, havia pouco tempo, soltavam, em forma de pequenas nuvens cativas, suas espirais transparentes e embranquecidas do mais puro incenso da Arábia, o que trouxe a Melchor a viva recordação de seu Santuário no Horeb.

– Que Deus abençoe o irmão que fez, sozinho, o caminho para esperar-nos com os círios acesos e com os piveteiros ardendo! – disse em voz alta o Grande Servidor. – Quem terá sido?

Nenhuma voz lhe respondeu, porque os essênios não costumavam deixar a descoberto suas próprias boas ações, a não ser quando o bem de um semelhante o reclamasse.

Os estrangeiros esquadrinharam com o olhar todos os rostos, encontrando somente a serena placidez de quem dá importância exclusiva ao que é imperecível e eterno.

Iniciou-se a magna assembléia espiritual com o prelúdio da música composta especialmente para os cantos proféticos de Isaías, dos quais um coro cantou estas passagens alusivas ao Verbo Divino, vislumbrado pelo Profeta seis séculos antes de Sua chegada:

> "Como um menino nasceu entre nós; o Filho de Jehová nos foi dado. Leva o principado sobre o seu ombro e será chamado Admirável, Conselheiro, Filho de Deus Forte, nascido do Pai Eterno, Príncipe da Paz. A extensão de seu império e de sua paz não terá fim sobre o trono de David e em seu reino, porque Jehová o confirmará em justiça desde agora para sempre" (Cap. 9 – vv. 6 e 7).
>
> "Quão formosos são, sobre os montes, os pés daquele que traz as boas novas; daquele que faz ouvir a paz; daquele que anuncia o bem; daquele que derrama saúde; daquele que diz a Sião: Teu Deus reina sobre ti!
>
> "Cantai louvores e alegrai-vos, desertos de Jerusalém, porque Jehová se lembra do vosso povo, consolou-o e redimiu-o.
>
> "Jehová mostrou desnudo o braço de Sua Santidade ante os olhos de todos os povos, e todos os homens da Terra verão a glória de nosso Deus" (Cap. 52 – vv. 7, 9 e 10).

(*) Atman (sânscrito): Alma, Sopro, Espírito de Deus (N.T.).

Em seguida, colocaram-se silenciosamente nos estrados ao redor da grande Caverna-Mausoléu de Moisés, e, com o pensamento aberto ao Infinito, como flor de lótus ao orvalho da noite, submergiram-se nesse mar sem fundo e sem margens do Amor Incriado e Eterno, que forja mundos e seres no torvelinho incontável de Sua Energia e de Seu Poder.

Aqueles de maior desenvolvimento psíquico e mais intensidade de amor uniram-se rapidamente aos seus Egos, em busca de conselho e sabedoria; e seus Egos lhes disseram com sua voz sem ruído e inconfundível: "Tereis entre vós a esplendorosa radiação do Cristo, nas cinco encarnações terrestres, as quais deram origem às cinco religiões que representais neste momento."

Eles, porém, guardaram silêncio e esperaram.

Enquanto esperam no mais profundo recolhimento, vejamos, através dos véus mais sutis da esfera astral da Terra, os estupendos trabalhos fluídicos e etéreos que as Inteligências Superiores realizavam por intermédio dos que foram discípulos íntimos do Cristo em cada uma das personalidades em que Sua Excelsa Inteligência devia manifestar-se aos homens.

A ubiqüidade é um poder divino adquirido pelas Inteligências que atingiram o magnífico e completo desenvolvimento espiritual, a que havia chegado o Espírito Instrutor da humanidade terrestre. Consiste este poder em conseguir facilmente a realização de revestir o corpo etéreo sutil de várias personalidades que, em tempos mais ou menos distantes, foram realidades no plano físico.

Assim sendo, as cinco Inteligências Superiores, guias de Jhasua na atual encarnação, puseram-se à frente das cinco legiões espirituais. Havendo estas vivido em contato com o Messias em Suas respectivas existências em que tivera que manifestar-se, achavam-se nas condições necessárias para extrair dos planos eternos da Luz a visão nítida e clara de fatos sucedidos em épocas remotas, separadas, uma da outra, por longos séculos e mesmo por milênios.

De imediato, viu-se a caverna convertida num infinito azul, no centro do qual resplandeceu uma enorme inscrição de ouro e brilhante que dizia: *O Êxtase*. Durou essa inscrição alguns instantes, após o que foi diluindo-se rapidamente no éter.

Todos compreendemos que se tornava necessário esse estado de espírito que se lhes indicava para estarem em condições de ver e ouvir o que desejavam.

Deixaram-se, pois, mergulhar nas vagas sucessivas de topázio e ametista desse grande desprendimento espiritual que, na linguagem mística superior, se denomina "*êxtase*".

Aqueles que, por seu estado físico ou por falta de suficiente cultivo, não puderam chegar ao êxtase, foram invadidos por um profundo sono para que, desprendidos da matéria, pudessem ver o que, em estado de vigília, não conseguiriam de forma alguma.

Sob um grande pórtico aberto em todas as direções, que parecia feito de safiras e diamantes, apareceu, sobre um pedestal de mármore, uma escultural figura de homem, jovem e formoso, com uma fisionomia mate, aproximando-se do triguenho, iluminada por uns olhos escuros, de infinita profundidade. Sua túnica de ouro pálido e seu manto violeta moviam-se suavemente, como se ondulados por uma brisa imperceptível.

Apenas esboçada essa figura, plasmou-se outra ao seu lado, tão semelhante à primeira como costumam ser irmãos gêmeos no plano físico. Só que as vestes desta última eram de um pálido azul-turquesa; seus cabelos eram ruivos, e os olhos cor de folha seca.

Uma terceira figura apareceu num infinito cenário de safira. Era a de um príncipe indostânico, com escudo e couraça de resplandecente pedraria, em atitude de disparar seu arco contra um monstro que se lançava com fúria sobre ele. O monstro era um espantoso dragão cor de lodo, que levava sobre seu dorso este nome: Usurpação.

Logo apareceu uma árvore imensa, cujos ramos eram de esmeraldas brilhantes. À sua sombra, estava sentado um homem jovem, vestido de humilde túnica, cor de cortiça seca. De seus olhos, cor de avelã, irradiava infinita piedade. Às vezes, corriam deles grossas lágrimas, que, brilhando como faíscas de estrelas, iam submergir-se nas dobras de sua vestimenta de ermitão.

Por fim, de pé, sobre um pedestal de granito, surgiu outro homem, formoso em sua virilidade, de extraordinária energia, sustentando com o braço direito duas enormes tábuas de pedra, como sendo folhas de papel, onde se viam gravados os Dez Mandamentos da Lei.

Essas cinco radiantes personalidades manifestaram seu pensamento de acordo com a época em que atuaram no plano físico.

Antúlio, o grande filósofo atlante, chamou a Fílon de Alexandria pelo nome e lhe disse:

– Jovem ainda, estás indicado para repetir, nesta hora, tua vida de José, filho de Jacob, para acender novamente a tua lâmpada no Egito, porque serás o primeiro precursor de Jhasua no Seu último apostolado messiânico sobre a Terra.

"A Sabedoria Antuliana que deslumbrou em sua época, porque foi o que de mais avançado se conheceu nos Templos da Ciência, não é diferente daquelas que, muitos séculos depois, pareceu fundarem-se sobre princípios e normas novas. A Eterna Verdade é uma só; no entanto a incompreensão dos homens é que tece tramas diferentes, revelando cores diversas. Mas, ai daqueles que desfiguram a Verdade Eterna para amoldá-la à sua cobiça e ao seu egoísmo!

"Sócrates, Platão, Aristóteles e Ptolomeu são os últimos quatro refletores da Sabedoria Antuliana. Quero que sejas o quinto, constituindo o ponto de enlace com o ensinamento de Jhasua nos Montes da Palestina."

Aquela sonora vibração, como de clarins de ouro, desvaneceu-se no silêncio, e a mão direita de Antúlio pousou sobre o ombro de Abel, de cabelos dourados e olhos cor de topázio.

– A Sabedoria dos Kobdas – disse este –, essa velha herança do Numu lemuriano, foi mais um canto de amor fraternal do que um resplendor da Sabedoria Eterna. A maldade dos homens havia encontrado armas poderosas nos profundos princípios de Antúlio, para desenvolver o Mal em seu mais alto grau. Foi quando a Bondade Divina fez surgir a Fraternidade Kobda, cujo amor fraterno levado ao heroísmo serviria de elixir curativo ao envenenamento coletivo de cidades e continentes.

"A Ciência, perversamente aplicada, havia tornado os homens capazes de todas as artes más, e o Amor piedoso dos Kobdas devia fazê-los voltar para a consciência de sua Irmandade Universal.

"Melchor de Horeb, representas a Sabedoria feita piedade e amor dos Kobdas da Pré-História. Que tua Escola seja o primeiro resplendor da Unidade Divina em todos os povos de tua raça, que é destinada a derramar-se por vários continentes.

"Tua aproximação ao berço de Jhasua obriga-te a ser o elo que une a imensa cadeia kobda do passado com os cristãos, que virão a seguir."

Em meio a um silêncio cheio de suavidade e deleite espiritual, a figura de Abel apoiou sua mão direita sobre o ombro do príncipe indostânico, cuja túnica esmeraldi-

na delineava os contornos de sua couraça de ouro, que lhe modelava admiravelmente a galharda silhueta varonil. Sua fisionomia bronzeada dava-lhe um aspecto de força e energia, contrastando com a terna doçura de Abel, filho de Évana.

– Também na justiça invencível de Chrisna, puderam caber o Amor e a Piedade do Salvador de humanidades. Maravilhoso prisma é o Espírito, como essência divina, após escalar os cumes aos quais foi chamado a subir. Sabedoria, Amor, Piedade e Justiça são irmãs gêmeas, nascidas do Atman Supremo, que, sob inumeráveis aspectos, através do sopro de Seu hálito soberano, forja leis, princípios e mandatos, conforme o grau de evolução das Humanidades, surgidas de Sua Infinita Plenitude.

"Chrisna, com seu arco estendido, destruindo o Mal, que, sob múltiplas formas, devora as criaturas humanas, foi símbolo da Justiça Divina, a proteger os pequenos, os débeis, os humilhados e os proscritos, qual novo Juno das idades perdidas na remota época neolítica.

"Baltasar de Susa, Zenda dos dias de Chrisna, o Príncipe da Justiça e da Paz; último descendente de meus aliados naquela época distante: a união do Oriente com o Ocidente está encomendada a teu cuidado, como chefe de uma Escola de Sabedoria Divina, a qual foi baseada em minhas doutrinas e princípios, mas que, já desfigurada, criou a separatividade, que é destruição e morte.

"Da realeza do sangue de Chrisna fez-se o fundamento para violentar a casta real, a mais privilegiada de todas, esquecendo que Chrisna somente usou de seus poderes de príncipe para defender as mais desprezíveis classes sociais. De familiares que se erigiram em fundadores de majestosas liturgias, surgiu a casta sacerdotal. No entanto, irmanadas ambas, transformando-se, bem breve, em cadeias de ferro para os povos que ouviram, outrora, a suavidade infinita dos hinos védicos. Sei, entretanto, que, um dia, responderás à minha voz, que te argüirá para que sejas o defensor das classes oprimidas do Indostão. Chrisna é justiça e paz, Tu o serás também."

O mesmo silêncio de melodias sem ruído, e a mão do Príncipe de Madura, abrilhantada de braceletes, pousou sobre o ombro do radiante Moisés, que, com sua vestimenta branca e purpúrea, como um pedaço de montanha coberta de neve, avermelhada pelo sol nascente, parecia esperar a Sua vez.

Os raios de luz, emanados de Sua fronte, adquiriram tal intensidade que causavam deslumbramento.

– Sou a Lei gravada a fogo nas consciências dos homens! Sou a Lei inexorável e incorruptível que não admite correções nem modificações nem transformações, porque é a concepção eterna do Supremo Poder Legislador, para todos os globos do Universo: "Adorarás ao Senhor, teu Deus, com toda a tua alma, com todas as tuas forças, e só a Ele servirás; e amarás ao teu próximo com a ti mesmo."

"É delito contra o teu Deus usar o Seu Santo Nome em falsos juramentos; é delito não dar trégua nem descanso ao teu corpo; é delito abandonar aqueles que te deram a vida e negar-lhes o sustento; é delito todo dano material e moral feito a teu próximo; é delito o furto do tesouro alheio e a mentira caluniosa; é delito o adultério com que arrojas lodo sobre a honra de teu próximo; é delito cobiçar os bens alheios e despojar do seu sustento aqueles que, como tu, têm direito à vida.

"Sou a Lei Infinita, vibrando como uma eterna palpitação, que não se detém jamais, e que, mesmo turbilhonando como areias levadas pelo furacão por milhares de anos e de séculos, sempre será a mesma, sem mudança nem variação alguma.

"Anciãos Essênios do Monte Nebo, que conservais esta Lei como um tesouro, cujos Dez Mandamentos gravei sobre pedra, em um dia que a Luz Eterna conserva

como uma epopéia imortal! Ao vosso lado cantará Jhasua a derradeira melodia de Amor para com esta Humanidade, que O recebeu como Protetor, como Instrutor, como Juiz, como Conselheiro, como Guia e como Salvador, mas que, não obstante, após cada etapa, Lhe destruiu, quanto pôde, as obras e a doutrina, depois de Lhe haver eliminado a vida, como se fosse possível matar a Lei, matar a Verdade, matar a Idéia, matar o Amor!

"Que em vosso silêncio legendário esteja o Seu escudo, a Sua força, a Sua formação espiritual, o despertar para o Seu heróico Messianismo, na hora presente; porque é no país que dorme nas encostas destas colinas esquecidas do Moab que Ele abrirá os sulcos para Sua semeadura final."

Enquanto a radiante figura estendia o braço e se inclinava para colocar a mão direita sobre o ombro do ermitão de grosseira túnica, sentado sob a árvore de esmeraldas, este levantou-se rapidamente, e a túnica tomou matizes irisados de múltiplas cores, como se, ao se abrirem seus olhos entregues à meditação, estes lhe houvessem entremeado de claridade os rústicos fios de sua vestimenta.

– Sou a anulação do eu inferior do homem; sou o silêncio de seus instintos de animal; a destruição do desejo e a renúncia a tudo quanto há de passageiro e efêmero nos enganosos jardins da vida. A Humanidade afundava-se num abismo de ouro e lama, mercê da ambição e da sensualidade, levadas aos extremos da loucura, da barbárie e do crime. A dor, a miséria e a morte prematura, dominando as sociedades humanas, ameaçavam com fúria de avalancha, prestes a arrastar tudo para o abismo.

"Foi pela Lei Divina que o Bhuda, iluminado interiormente, compreendeu, como ninguém, que as dores humanas têm como causa o Desejo.

"Que é a dor senão um desejo não satisfeito? Deseja aquele que ama; deseja aquele que odeia; deseja o rei e deseja o vassalo; o rico e o pobre, o jovem e o velho, o são e o enfermo, o vencedor e o vencido.

"De toda essa efervescência de tumultuosos e contraditórios desejos, forma o homem tão horrenda e tenebrosa abóbada psíquica que se torna impossível a filtração de toda luz, de todo conhecimento, de toda paz e de todo bem. Por isto busquei na anulação do desejo o bem da Humanidade; e, ao levar ao extremo a medida da renúncia, provei que todo homem pode limitar seus desejos ao que é justo, para aniquilar o Mal e propender para o Bem sobre a Terra. A vida do Bhuda, em outras palavras, foi o cumprimento perfeito daquele preceito eterno: '*Ama a teu próximo como a ti mesmo.*'

"Com o preço de uma única das túnicas de Shidarta, príncipe de Kapilavastu, poderia viver, sem miséria e sem fome, uma centena de criaturas humanas durante um ano! Meus luxos eram uma afronta para os deserdados; minha saciedade de tudo era a sua fome; meus atavios eram a sua desnudez; meu gozo era o seu pranto; e, enquanto eu descansava junto às fogueiras aromatizadas de incenso, tremiam eles de frio no lodo dos rios e nas neves.

"Foi a renúncia que abriu ao Bhuda os Céus infinitos; e, da mesma forma como ocorreu a Antúlio em seus transportes siderais, vi eu, em minha meditação, sentado sobre uma esteira, o que é a Divindade: um acúmulo infinito de energias, de poderes, de forças e de amor: oceano sem margens, formado por milhares de torrentes, cada uma das quais fora individualizada a seu tempo; fogueira sem fim, formada por milhares de milhões de chamas vivas, que haviam sido individualizadas na época exata.

"Compreendendo o processo evolutivo das almas, pôde o Bhuda afirmar que é pueril e própria de crianças a idéia de um *ser* como representação da Divindade; de uma só Inteligência, marcando rotas a mundos e seres; de uma única mão gigantesca, sustentando em sua palma o peso dos mundos. Todos os *seres* tiveram princípio. Só o Eterno Invisível não o teve. Logo, *não é Ele um ser.*

"Compreendida, através da meditação, a profunda e estupenda Verdade, disse o Bhuda sem temor de ser desmentido: 'Deus é o conjunto de Inteligências perfeitas.' O mais curto caminho para essa felicidade suprema é o vencimento do desejo, ou seja, a renúncia completa.

"Gaspar de Bombaim: não temais o duro qualificativo de filósofo ateu que a humanidade dará a quem negar a individualidade pessoal de Deus. O princípio da Unidade Divina, posta sobre o Monte Santo da Sabedoria Kobda e Mosaica, é a mesma unificação de Inteligências compreendida pelo Bhuda. A Unidade-Deus não é individualidade, mas unificação. Tal deve ser a clareza de Vossa compreensão e de Vosso discernimento, para chegar à conclusão de que, em todas as personalidades do Avatara Divino, não pôde ser ensinada senão uma só e única verdade.

"Deus é a soma de todos os poderes, de todas as energias, de todos os conhecimentos, de todas as perfeições, de todos os amores. Imponente integração de milhares de milhões de unidades, que formam, estreitamente unidas, a infinita força criadora que chamamos Deus. Gaspar de Srinagar, eu quero que sejais o clarim de ouro a cantar, para o Oriente e para o Ocidente, com as notas entrelaçadas do Mahavastu e dos Upanishads, porque ambas são melodias do Eterno Trovador Universal."

As cinco figuras luminosas se uniram lentamente, como num só facho de luz multicor, até não ficar, de todas elas, senão um só grande resplendor dourado, como de um sol imenso e vivo, a chamejar no infinito azul.

No centro desse sol, que ia tornando-se suavemente rosado, apareceu a figura delicada e terníssima de um menino, a qual era envolvida, como em auréola, por uma enormidade de rostos felizes e radiantes. Estes pareciam ter-se formado dos raios de luz do grande sol, no qual se fundiram as cinco primeiras figuras.

– Jhasua! ... Jhasua! ... – exclamaram a uma só voz todos os presentes, ao mesmo tempo que o Menino-Deus, levantando a mão direita, fazia o sinal de bênção dos Grandes Mestres, ou seja, com o indicador e o médio destacando-se da mão fechada.

Todas as frontes se inclinaram, e a caverna encheu-se de inumeráveis vozes que cantavam em coro:

"Glória a Deus nos Céus Infinitos, e Paz, na Terra, aos Homens de Boa Vontade!"

Entre os reprimidos soluços de indescritível emoção, foi afastando-se lentamente a harmonia das Harpas Eternas, enquanto, no éter, se diluía a esplendorosa e terna visão, até nada mais se perceber do que o trêmulo oscilar da chama dos círios e o suave perfume do incenso, que acabara de converter-se em cinzas entre as brasas vivas dos incensários.

Nenhum deles era senhor para manejar livremente a sua matéria, semi-anulada pela intensidade das vibrações sutilíssimas de tantas Inteligências Superiores, que, na plenitude do Amor e da Felicidade, haviam descido dos Céus para o abrupto recinto da caverna de Moisés.

Regressaram ao Grande Santuário já muito depois da meia-noite. Com um simples *até logo*, pronunciado apenas a meia-voz, refugiou-se cada qual em sua cela de rocha, onde um estrado, forrado de peles e uma almofada branca de lã os esperava para o descanso. Poucos momentos depois, o Grande Servidor e o mais jovem dos

Essênios percorriam, uma por uma, as celas, deixando, em silêncio, sobre cada banqueta de escrever, uma taça de vinho quente com mel, e, no centro do pavimento, um braseiro com áscuas acesas.

Deste modo, a hospitaleira solicitude dos Essênios encontrou, ainda naquela noite memorável, uma terna manifestação.

Três dias depois, os estrangeiros desciam das montanhas, com o fim de incorporar-se à caravana que, de mês a mês, se dirigia para Sela, ponto este onde os quatro se haviam reunido anteriormente, e onde cada qual devia separar-se em direção a seu país natal.

A Luz Divina, que os guiara desde suas pátrias distantes, foi, em verdade, a "Estrela dos Magos", da qual a piedosa poesia da infância cristã fizera uma lenda encantadora.

Maran-Atha

Enquanto o Verbo Divino, feito menino, dorme envolto na bruma de ouro e rosa dessa encantadora inconsciência que chamamos *infância*, aproveitamos o tempo, leitor amigo, para lançar um olhar à obra preparatória realizada pelos agrupamentos humanos, que por sua decidida consagração à meditação e ao estudo, conquistaram o direito de possuir esse grande segredo divino: O advento do Verbo de Deus no meio da Humanidade.

A forma pela qual aqueles grupos empregaram o grande segredo em benefício da evolução humana é o que veremos nesta passagem. Antes de sua mútua separação, no Grande Santuário do Moab, procuraram e compuseram, com os elementos do idioma sírio – que seria o falado por Jhasua – uma frase que unisse todas as pessoas dessas agrupações num único pensamento. Ademais, deveria tal sentença servir para se reconhecerem uns aos outros, já que haviam tomado a magna resolução de lançar-se ao meio da Humanidade como pombas mensageiras, em busca das almas que estivessem preparadas para a Divina Mensagem prestes a chegar.

A frase por eles formada é esta: "MARAN-ATHA", significando: "*Nosso Senhor chega.*" Esta senha, proferida ao pé do ouvido e a meia-voz, permitiria dar-se a conhecer àqueles cujo grau de evolução e lucidez de consciência já lhes anunciara que a hora solene sonhada pelos Profetas era chegada.

Os três viajantes do extremo Oriente e o jovem filósofo-estudante de Alexandria, Filon, haviam assumido o compromisso, juntamente com os Anciãos, de realizar os maiores esforços no sentido de serem abertas Escolas de Conhecimento Divino em tantas cidades e povoações quantas lhes fosse possível, sem despertar suspeitas nem rancores da parte dos poderes constituídos nos diversos países.

Baltasar, da Pérsia, tinha, na Babilônia, um companheiro de escola, por nome Budaspe, que se retirara do Santuário comum para assumir o encargo de sustentar a idosa mãe e quatro pequenos sobrinhos órfãos, cujos pais, assassinados num motim popular, os haviam deixado no mais completo desamparo. A palavra amiga, cheia de esperanças e promessas feitas ao sacrifício voluntário, vindas da alma de Baltasar para a de Budaspe, mantivera acesa a lamparina neste último de tal maneira que pouco lhe custou reanimar a chama até formar uma tocha viva.

Já na metade do segundo ano do nascimento de Jhasua, Baltasar mudou-se para a Babilônia, e, no maior silêncio e sem alardes, abriu, na grande cidade, uma pequena escola, onde começou a dar lições de Astronomia, de Botânica Medicinal, de preparação de xaropes e pomadas curativas, de confecção de placas de argila para gravuras e, por fim, de Astrologia e de Sabedoria Divina, ou seja, a Ciência de Deus e das Almas.

Cumprindo as resoluções tomadas com os Setenta Anciãos do Moab e realizados os primeiros estudos – que apenas eram um meio de atrair discípulos e observar suas capacidades – o primeiro passo estava naquele sublime "Maran-Atha" (Nosso Senhor chega); e, para predispor-se a esperá-LO, era necessária a purificação de vida.

Os símbolos exteriores formavam uma parte importante em todas as escolas religiosas da Antiguidade e da época pré-cristã. Por esta razão, os Setenta Anciãos do Moab e os viajantes do Oriente, tendo em conta que a humanidade em geral se achava ainda na infância, resolveram que um ato material marcasse o início da purificação e mudança de vida. Este ato devia ficar impresso nas mentes dos neófitos de tal modo que eles jamais o esquecessem. Foi o que, na língua caldaica, se denominou *Sabismo*, que significa *Batismo*.

Devia esse ato ser praticado depois de sete dias de recolhimento e silêncio, de arrependimento e oração, nos quais os neófitos passavam em revista sua vida anterior e mediam as forças para a vida nova que iam empreender. Eram vestidos de túnicas brancas, e, entrados num tanque ou riacho, derramava-se-lhes água límpida sobre a cabeça, dizendo: "Como estas águas de Deus lavam o teu corpo, seja purificada a tua alma pelo arrependimento, porque Nosso Senhor chega."

E o neófito respondia: "Bem-vindo seja Ele a meu coração."

Era um ritual simples e, ao mesmo tempo, profundo, usado naqueles distantes dias, durante os quais a humanidade espiritualista se preparava para receber o Grande Ser que devia anular todas as formalidades exteriores, para deixar somente a plena e voluntária imersão da alma na Divindade, que é a culminação da vida interior.

Esta prática foi estendendo-se através das Escolas Ocultas e Secretas que iam sendo abertas na Palestina, Síria, Caldéia, Pérsia e Arábia, no sentido de preparar as almas para a mística semeadura do amor de Jhasua.

Gaspar, por sua vez, transferiu-se para a região que havia sido seu domínio. Desconhecido daqueles mesmos a quem engrandecera com sua generosidade, pôde abrir, com extremadas precauções, duas pequenas Escolas de Conhecimentos Superiores, em Srinaghar, dissimuladas sob a aparência de Oficinas de Gravações. Após o ensinamento desses trabalhos manuais, os que estavam em condições de pronunciar o "Maran-Atha" regulamentar passavam aos preparativos para os estudos superiores.

No Indostão, estava o Brahmanismo em todo o seu apogeu, havendo já desterrado o Bhudismo da península, a ponto de ficar relegado apenas ao Nepal, nas faldas dos Himalaias. Receosos de um ressurgimento bhudista, vigiavam os brahmanes todos os movimentos que pudessem despertar novamente a fascinante igualdade humana, ensinada e praticada pela suave canção da renúncia e da quietude.

Melchor, o príncipe moreno, o mais ardente e vigoroso dos três viajantes orientais, havia introduzido um grupo de adeptos da sua Escola nas terras do Egito, para além do Mar Vermelho e nas margens do Rio Nilo. Iam como mercadores de perfumes e de essências da Arábia e ensinavam a arte de prepará-los.

Manifestando Melchor o desejo de realizar combinações com as exóticas flores, mais aromáticas, da Ilha de Philé e de Ipsambul, foi tomar posse dos templos subterrâneos da dita capital, nas margens do Nilo, e de outro templo abandonado

naquela célebre ilha. Tendo em conta que, em verdade, para a colheita de certas flores e de sua preparação, era necessário realizar estudos meteorológicos e climatéricos, instalou ele um observatório astronômico, com todos os elementos usados na época para os estudos siderais.

Das aulas de botânica floral, os alunos mais adiantados passavam para grau superior, onde eram iniciados com abluções noturnas nas águas do Nilo, quando a Lua estava no zênite. Os iniciados eram somente aqueles que conseguiam penetrar no segredo do "Maran-Atha", a correr, suave e silenciosamente, por vales, pradarias e montanhas, como um misterioso chamado ao âmago das consciências, que iam despertando do sono letárgico, como crisálidas do seu casulo.

Resta-nos, finalmente, expor o modo como Fílon, o jovem estudioso de Alexandria, cumpriu os acordos feitos com os Anciãos do Moab.

Junto ao Lago Merik, obra magnífica com que o Faraó Amenhemat III imortalizara seu nome, encontravam-se enormes ruínas de antigos templos, construídos também por este Faraó; entre elas o célebre Labirinto. Uma destas ruínas emergia dentre um bosque de palmeiras, murtas e tamarindos, e seu bom estado de conservação denotava haver sido um templo construído em épocas mui posteriores às das demais grandiosas edificações. Duas aldeias de lavradores e pastores de antílopes utilizavam-no como depósito de cereais e estábulo para o gado.

Introduziu-se o jovem Fílon com seus seis companheiros entre os pastores, sob o pretexto de comprar-lhes toda a produção de ovos de avestruz e tâmaras para comerciar nos portos do Mediterrâneo. Em Áscalon tinha parentes e, em Hebron, um irmão, na pessoa de Zacarias, sacerdote essênio, encarregado de prover gêneros alimentícios para os ocultos Santuários Essênios. Tencionava Fílon, deste modo, fundar uma Escola nos moldes essênios e manter vínculos com os Anciãos do Moab, sem afastar-se da grande Escola de Alexandria, que abrangia todos os ramos do saber humano.

Esse jovem estudante, dotado de rara habilidade, compreendia que a Escola Alexandrina de Ptolomeu I, seu fundador, após três séculos, já não era a mesma daqueles gloriosos dias, mas que, caída sob a tutela de governantes incapazes de grandes ideais, começara a degenerar em grosseira mitologia de deuses e semideuses, patronos das múltiplas festividades, que o capricho dos soberanos ia criando como um meio de satisfazer o baixo instinto dos povos.

Os Setenta Anciãos do Grande Santuário do Moab, de sua parte, haviam resolvido sair para o exterior, a cada seis meses, em grupos de sete pessoas, com o objetivo de visitar os Santuários pequenos, as chácaras das famílias essênias e até as mais afastadas povoações e aldeias, onde um único essênio mantivesse a lamparina acesa. Assim o místico e silencioso "Maran-Atha" estendeu-se, como uma bruma invisível, desde as alturas do Moab até as costas do Mediterrâneo, desde as escarpadas e sombrias solidões do Mar Morto até a populosa cidade de Tiro, centro e foco do paganismo romano no Oriente Médio.

Desde tempo remotíssimo, quando Tiro não era mais que uma fortaleza numa ilhota de rocha afastada da costa, havia ficado, como vestígio do antigo poderio dos tírios, um velho Santuário ou Torreão, tétrico e sinistro, segundo inúmeras lendas que corriam entre o povo sobre aparições e fantasmas. Para as pessoas vulgares, daquele templo-fortaleza só podiam surgir os demônios perturbadores da paz e da saúde. Em realidade, era um refúgio de leprosos, expulsos, como imundos farrapos, de todos os centros povoados.

Haviam os Terapeutas transformado lentamente em limpo e confortável hospital as alas em que se notava claramente haverem sido alcovas particulares de solitários e monges bhudistas, segundo algumas toscas inscrições que os séculos não haviam feito desaparecer completamente. O grande recinto circular do centro, cujo teto de quartzo transparente dava-lhe a impressão de parecer como inundado por uma bruma de ouro nas horas de sol, e de um diáfano azulado durante as noites de luar, foi destinado a uma grande sala de aula preparatória para os alunos iniciados na Ciência de Deus e das Almas.

Os Terapeutas, médicos gratuitos do povo e também dos deserdados, haviam conseguido do Legado Imperial da Síria – que era o mais alto representante do Governo de Roma – permissão para ocupar aquele velho Torreão, como albergue de leprosos e de enfermos infecciosos em geral. Isto, além de não despertar receios de espécie alguma, era ainda olhado como uma obra altamente benéfica daqueles inofensivos médicos populares, pois poupavam às classes afortunadas da grande cidade o triste espetáculo de tão espantosas misérias humanas.

Um dos enfermos asilados ali, que padecia de epilepsia já em grau mui avançado, durante um de seus espantosos delírios, quebrara uma lousa do piso ao arrojar-se sobre ela com toda a sua força, indo cair ao fundo de um negro poço, do qual subia um forte vento com odores de umidade e limo.

O pobre epiléptico morreu na queda, mas deu motivo a que os Terapeutas fizessem uma boa descoberta. Aquele negro boqueirão, úmido e sombrio, era o ponto inicial de umas escavações que se prolongavam até as encostas do Monte Líbano; lá havia formosas grutas cobertas de vegetação, donde surgiam infiltrações de águas claríssimas, que podiam prestar-lhes grandes serviços para ulteriores finalidades. O ardente entusiasmo do apostolado impulsionava-os a transformar em Templo de Sabedoria as cavernas das montanhas e as velhas ruínas de fortalezas ou de antigos santuários abandonados.

O Monte Hermon, o mais elevado cume dos Montes Líbanos, lembrava-lhes o limite a que haviam chegado em direção ao norte; pois, em suas formosas grutas cobertas de frondosas árvores e de frutas em abundância, existia um dos santuários essênios mais recentes, e também mais exposto a ser descoberto, embora não chegasse até ali a jurisdição do poderoso sacerdócio hierosolimitano, que, para dizer a verdade, era o único inimigo dos essênios.

Aquela escavação, que a queda do infortunado epiléptico tornara descoberta aos Terapeutas-Enfermeiros, havia ficado oculta desde a remota época em que, mediante grandes nivelamentos de terra e de pedras, o rei Hiram de Tiro unira a ilhota da antiga fortaleza com as povoações da costa, formando, assim, uma grande cidade marítima do Mediterrâneo Oriental.

A grande afluência dos mercadores de todas as províncias do Oriente e de navios de todo o litoral do Mar Mediterrâneo estendeu a povoação heterogênea da grande Capital até as encostas do vizinho Líbano, cujas áreas, ermas de verde e de exuberantes vegetações, se viram cobertas de faustosas moradias, assim como de modestas cabanas.

Os Essênios, precursores de Jhasua, homens do silêncio e da meditação, verificaram que aquela escavação – partindo do subsolo do Torreão de Mel-Kart e continuando até as grandes grutas do Monte Líbano, de cujas infiltrações nasce o Rio Jordão – encurtava enormemente a distância até o Santuário do Monte Hermon, oferecendo-lhes ainda a vantagem de poderem fazer quase a metade do caminho sem serem vistos nem observados pelos habitantes daquela província.

Percorrida a escavação com grande cautela, chegaram a uma gruta enorme que apresentava sinais e vestígios de haver sido dedicada aos antigos ritos fenícios de Astarté (*), a deusa de todos os bens. Ali encontraram, num catafalco de pedra negra, um deus Adônis talhado em madeira. Era, pois, o sepulcro do lamentado esposo de Astarté, o qual, segundo o culto e crença fenícia, morria de amor todos os anos, no verão, quando este estava cheio de flores e de frutas, e ressuscitava ao chegar o inverno, com suas tempestades e neves.

A grande solidão e umas poucas cabanas em ruínas e abandonadas davam a entender que aquela paragem não era local agradável para habitação.

Uns pastores de cabras lhes disseram que as pessoas fugiam daquela gruta em virtude dos ressoantes ecos e lamentações, que demonstravam estar a mesma habitada por gênios maléficos.

Os Essênios, homens de estudo e de conhecimento superior, procuraram a causa desses sons, que puderam com efeito comprovar. É que, em brechas e gretas artificiais ou naturais da caverna, haviam sido habilmente colocadas, na direção dos ventos, inumeráveis buzinas de cobre, de diversos tamanhos e estruturas. Eram estes objetos que produziam os sons e as lamentações que aterrorizavam as pessoas.

Sem dúvida alguma, os crentes de Astarté e de Adônis simulavam daquela maneira os lamentos e choros pela morte do deus das flores e dos frutos. Prontamente, o catafalco de pedra converteu-se em altar, onde as Tábuas da Lei de Deus e um candelabro de sete círios, representação dos Sete Profetas Essênios, ocuparam o interior da gruta, e as buzinas de cobre foram transformadas em incensários para queimar o incenso de adoração ao Altíssimo, enquanto seus filhos deixavam voar o pensamento em ardente oração.

Havendo cessado imediatamente aqueles lamentos, foram os Terapeutas tomados em grande consideração pelos poucos moradores daquela temível paragem, pois, segundo estes, haviam aqueles dominado os gênios do Mal, que perturbavam a paz e a tranqüilidade dos lavradores e pastores.

Quando Herodes o Grande mandou construir, ali perto, um templo de mármore, em oferenda ao César reinante, não lhe passou pela imaginação, nem sequer remotamente, que, a uns duzentos metros, se achava uma gruta sepulcral de Adônis, que alguns humildes solitários transformaram, posteriormente, em casa de oração para esperar Aquele mesmo Libertador de Israel cuja chegada, anunciada pelos Profetas, ele tanto receava.

Menos ainda suspeitaria Herodes que esse Homem-Luz, gênio transformador da sociedade humana, descansaria naquela gruta, poucos anos mais tarde, enquanto, já no final de Sua jornada, meditava acerca da estranha situação em que se achava colocado, entre o Paganismo romano, cujo expoente era Tiro, e o Monoteísmo judaico, representado em Jerusalém.

Não era compreendido pelos pagãos nem pelos adoradores do Deus Único. Até onde alcançaria o vôo a Sua alma terna de pomba mensageira da Verdade e do Amor?

Naquela gruta escondida, a menos de um dia de viagem da grande capital mediterrânea, onde os prazeres, o fausto e o luxo absorviam a vida dos seres, o Lírico

---

(*) Ou Astaroth, Istar, Atar, etc., divindade dos povos semíticos; deusa do céu: a Lua; protetora de várias cidades. O Sol era denominado Apolo, e os planetas, Musas (N.T.).

Sonhador, o Gênio Missionário da Fraternidade e do Amor entre os homens, deixaria que, no silêncio e na meditação, germinasse e sazonasse aquela Sua frase de bronze e fogo: "Somente pelo Amor o homem será salvo."

Enquanto os Essênios se multiplicavam para ampliar sua obra preparatória, seus nobres aliados da Pérsia, do Indostão, da Arábia e do Egito faziam outro tanto.

Fílon, o jovem estudante de Alexandria, que havia ocultado suas finalidades ideológicas e religiosas sob um comércio entre Alexandria e Áscalon, onde tinha parentes, realizou uma viagem à terra de seus antepassados e chegou até o Hebron, lugar onde habitualmente residia seu meio-irmão Zacarias, ou Fácega de Jafa, sacerdote já em idade madura, casado com Ana Elhisabeth de Jericó, prima em segundo grau de Myriam, Mãe de Jhasua.

Não haviam tido filhos na juventude; mas, da mesma maneira como havia ocorrido a Joachim e Ana, receberam Zacarias e Elhisabeth, já no ocaso de sua vida, a dádiva divina de um filho varão, nascido doze meses antes de Jhasua, filho de Myriam e de Joseph.

Quando Elhisabeth sentiu que ia ser mãe, Zacarias, estando de serviço no Templo, teve a visão de que Jehová lhe concederia um filho, grande entre Seus servos, que, além do próprio Espírito de Elias, traria consigo sua fortaleza espiritual e magnética, bem como sua vibração poderosa e terrível; mas que ele seria mártir da vil sensualidade e perfídia de u'a mulher.

Na cortina astral da sua visão, apareceu a cabeça cortada de um homem, da qual emanava um caudal de sangue, formando um caminho de Luz, por onde descia um jovem envolto em um sereno resplendor de todas as cores do arco-íris. Tão profunda impressão causou essa clarividência a Zacarias, no momento em que oferecia holocausto no Altar dos Perfumes, que ficou mudo, com a garganta oprimida, como apertada por mão de ferro que não lhe permitia articular palavra alguma.

A voz sem ruído do formosíssimo jovem da visão lhe disse: "Quando teu filho abrir os olhos para a vida, recobrarás o uso da palavra. Seu nome será Johanan." O bom homem caiu de joelhos e tocou com a fronte o frio pavimento do Templo, atitude muito usada pelos essênios hebreus, cuja profunda humildade os levava a querer confundir-se com o pó da terra que todos pisavam. Assim o encontraram seus companheiros de serviço no Templo: Simeão, Esdras e Eleázar, sem que ele pudesse dar explicação alguma do que se passava. Decorridos alguns dias, pôde ele escrever numa prancheta de madeira: "Jehová anunciou que serei pai de um filho que será Profeta e que se chamará Johanan." Seus companheiros pensaram que tivesse enlouquecido, e um deles o acompanhou até uma granja que o casal possuía em Yutta, bem próximo de Hebron. Encontraram ali sua esposa, e, por seu intermédio, souberam ser verdade que ela iria ser mãe.

Quando a criança nasceu, sua mãe morreu; e Zacarias Fácega transferiu seus bens aos parentes mais próximos, entre os quais seu irmão Fílon; depois se retirou, com seu rebento recém-nascido, para o Santuário do Monte Quarantana, deixando-o aos cuidados de Bethsabé, a boa mulher que chegamos a conhecer na Granja de Andrés.

Ao chegar à casa de seu meio-irmão, o jovem Fílon defrontou-se com a triste notícia de sua viuvez; e, tendo-se tornado dono, pela cessão que Zacarias lhe fizera da Granja de Yutta, instalou nela uma pequena escola de letras e trabalhos manuais, para a qual nomeou como mestre um jovem chamado Andrés de Nicópolis, que era artífice de escrita em papiro, madeira e argila.

No desenvolvimento e atividades que essa pequena escola propagou, tiveram grande participação Nicodemos e José de Arimathéia, em anos subseqüentes, como veremos mais adiante.

O menino Johanan, chamado, depois, o Batista, na realidade nasceu e cresceu entre o ascetismo austero dos Essênios, cuja elevada doutrina assimilou totalmente desde seus primeiros passos na vida. Seu pai, que concentrara nele toda sua ternura, visitava-o quase diariamente, pois, através da clarividência espiritual, fora avisado de que ele era a reencarnação de um grande Mestre, o antigo Profeta Elias, que chegava como avançado Mensageiro do excelso Príncipe do Amor, da Paz e da Fraternidade entre os homens.

Enquanto Jhasua crescia em Nazareth da Galiléia, sob a tutela imediata dos Essênios do Tabor e do Carmelo, também Johanan crescia – e bem mais forte e vigoroso do que aquele – sob a amorosa vigilância dos Solitários do Monte Quarantana, para onde fora levado quando completara sete anos.

Grande esforço devia ser feito continuamente pelos Essênios para educar e governar o menino, no qual estava cativo o Grande Espírito d'Aquele a quem consideravam o maior de todos depois de Moisés. Sobretudo os clarividentes que O viam quase continuamente envolto naquela poderosa aura de fogo dos Espíritos de Justiça – quando possuidores de avançada evolução – sentiam-se grandemente coibidos de tratá-LO como a um menino.

Deu isso motivo a que, enquanto Johanan dormia tranqüilamente em sua pequena cela, contígua à do pai, seu Espírito, desprendido da matéria, manifestou-se-lhes no Santuário com severo semblante, e, com pensamentos cintilantes como relâmpagos, deu-lhes a compreender esta singela advertência:

"Essênios, filhos de Moisés, se desejais ser fiéis aos solenes pactos desta existência, não deveis ver em mim aquele Elias que vos traçou rotas de austeridade, pureza e desenvolvimento dos elevados poderes espirituais, senão ao menino Johanan, que vem até vós a fim de que o ajudeis a despertar para a realidade destes momentos, mediante a severa educação espiritual e moral que deveis dar a todo menino que traz u'a missão.

"Se não fizerdes assim, a Eterna Lei, por seus próprios meios, tirar-Me-á dentre vós, por demonstrardes sensível debilidade ao Meu lado, e Ela Me levará para junto de quem coopere valentemente no Meu desenvolvimento e despertar espiritual."

A visão dissolveu-se na radiante atmosfera de fogo que inundava as almas de energia e os corpos de força e vigor. Aqueles vivíssimos resplendores, que perduraram ainda por longo tempo, fizeram compreender claramente aos Essênios do Monte Quarantana qual era a natureza dos grandes *Fogos do Céu*, que, durante a vida física de Elias, apareciam aos olhos de muitos, inclusive aquela imensa labareda vista por Eliseu, o discípulo predileto, representando, em formas vagas e semidiluídas no éter, um carro de fogo no qual subia aos Céus a alma do grande Profeta.

Na organização desta pequena escola, deteve-se Fílon na Judéia cerca de um ano, com o fim de deixá-la estabelecida sobre bases sólidas e sob os auspícios dos Terapeutas da Palestina, que percorriam o País em todas as direções. Este fato facilitava-lhes grandemente a obtenção de alunos apropriados para as ditas aulas.

Foi nessa ocasião que Rabsaces, o mago favorito de Herodes, não pôde, por mais tempo, ocultar ao Rei que os viajantes do Oriente lhe haviam escapado dentre as mãos, sem que seus numerosos espiões houvessem conseguido rastro algum deles.

A cólera real não teve limites, e, depois de se inteirar, por boca de todos os seus magos e áugures, de que o Libertador de Israel havia nascido no dia da grande conjunção planetária, de nós conhecida, e que, portanto, devia ter cerca de dois anos, mandou esquartejar seu mago favorito e aplicar cem açoites aos demais, por não terem sido capazes de averiguar, com sua ciência oculta, o paradeiro do temido menino.

Para acalmar sua cólera e exterminar de uma vez o descendente dos Reis de Judá, de fato existente, ordenou ele a matança de todos os meninos nascidos em Betlehem nos dias da conjunção planetária.

U'a mulher betlehemita, de nome Jael, casada com um dos soldados de Herodes, encarregados da matança dos meninos, teve piedade das crianças de sua terra natal, entre as quais se achavam os filhos de seus irmãos. Sabendo que os Terapeutas-Peregrinos eram homens de influência e cheios de misericórdia para com todos os perseguidos, correu ao hospital dos enfermos, que eles tinham junto às piscinas de Siloé, onde estava certa de encontrá-los. Deu o aviso, não pensando no Deus-Menino, do qual não tinha notícia, mas em salvar os filhinhos de seus parentes.

Um jovem tecelão de nome Tadeu, parente próximo do Terapeuta-Diretor da casa-refúgio de Siloé, foi enviado à Galiléia, a toda a velocidade de seu bom cavalo, para levar o aviso aos Anciãos das grutas do Tabor, pois os essênios receavam que algumas das mães betlehemitas, para salvar seus filhos, informassem quem era o menino procurado; e, sendo que este havia nascido em casa de Elcana e de Sara, deviam eles saber onde se encontrava.

Um dos Terapeutas partiu igualmente para Betlehem, que ficava somente a um dia de viagem de Jerusalém, para alertar o tecelão Elcana do perigo que lhe ameaçava o lar, a fim de que se pusesse a salvo, como, outrossim, seus companheiros Alfeu, Josias e Eleázar; pois, no caso de haver uma denúncia, esta também os alcançaria, conhecida como era sua amizade íntima com Elcana, cuja casa freqüentavam diariamente.

Uniram-se os quatro amigos estreitamente para ajudar a Eleázar, que, tendo filhos pequenos, estava mais em perigo de cair sob o machado dos verdugos. Quando as sombras da noite caíam sobre Betlehem e suas montanhas, que as primeiras neves começavam a branquear, os quatro homens e as duas mulheres, Juana, mulher de Eleázar e Sara, de Elcana, montados em asnos com as crianças menores, rumaram para a aldeia de En-gedi, a fim de refugiar-se nas grutas do Monte Quarantana, em cuja entrada ficava, como se sabe, a Granja de Andrés.

O Terapeuta que trouxera o aviso percorreu, durante toda aquela noite, os lares essênios onde havia crianças da idade do Menino-Deus, para que fossem postas a salvo. Foi também ele que indicou o antigo sepulcro de Rachel, sito a noroeste de Betlehem, o qual oferecia acesso a uma enorme gruta, habitada, às vezes, por velhos mendigos sem lar ou por alguns perseguidos pelos ódios sacerdotais e régios.

Outros se dirigiram aos reservatórios de Salomão, entre cujas antiqüíssimas construções se encontrava a entrada para as grutas, resplandecentes, em outros tempos, de ouro e jaspe, de bronze polido e de mármores finíssimos. Foi aí que o Rei dos Grandes Amores (*) celebrou suas núpcias secretas com Belkis, a encantadora rainha de Sabá, da longínqua Etiópia, a fim de ocultá-la da filha do Faraó egípcio, que era a esposa-rainha.

(*) Salomão (N.T.).

Naquele labirinto de montanhas, entre as quais passava o aqueduto que terminava nos reservatórios, podiam bem ocultar-se várias famílias que seriam socorridas pelos Essênios do Hebron e do Yutta. Lá ficava a Granja-Escola, que pertencera a Zacarias, na qual se achava, nessa época, Fílon de Alexandria.

Informado este da ameaça que pesava sobre o menino Jhasua, deixou tudo e correu ao porto de Áscalon para tomar o primeiro barco que zarpasse rumo a Tiro (*), pois supôs, pelas palavras do Terapeuta-Mensageiro, que, nessa mesma noite, Myriam e Joseph houvessem seguido com o menino para Tolemaida, no intuito de embarcar para a capital fenícia, onde estariam a salvo da fúria de Herodes.

Mas Fílon, sabendo por suas relações e pelo conhecimento da engrenagem política daqueles tempos, que o Legado Imperial da Síria não descontentaria a Herodes, grande amigo do César, estava certo de convencer seus aliados Essênios e os pais de Jhasua, para levá-lo para Alexandria onde, provavelmente, existiria maior segurança para sua vida.

Disse ele aos Terapeutas e aos dirigentes da pequena escola do Hebron: "Levarei o Menino com seus pais para Alexandria, até que passe o perigo." Na Judéia, todos que estavam de posse do segredo ficaram convencidos de que Jhasua tinha sido levado para o Egito.

Vejamos, em seguida, como ocorreram os acontecimentos posteriores.

Na altura de Kaphar, o veleiro em que viajava Fílon foi arremetido por uma furiosa tempestade que atrasou sua chegada ao porto de Tolemaida, onde ele esperava encontrar os Terapeutas que conduziam Jhasua com seus pais para Tiro. Mas o atraso devido à tempestade impediu que isto sucedesse, e, quando o jovem chegou a Tolemaida, os viajantes por ele procurados deviam estar já chegando à cidade de Tiro.

Assim sendo, rumou Fílon para a capital fenícia, aonde o Homem-Deus, menino de somente vinte e dois meses, tinha ido pedir refúgio aos idólatras pagãos, em virtude da perseguição mortal de que era objeto em seu próprio País.

Fora introduzido com seus pais no velho Torreão de Mel-Kart, que os Terapeutas haviam transformado, há tempos atrás, em hospital de leprosos, de inválidos e de órfãos. Sob aquelas sombrias abóbadas e enormes colunas cobertas de hera, entre aqueles velhos muros partidos ao meio, onde se refugiavam os frangalhos da humanidade doente, penetrou sigilosamente, com os pais, Aquele que, mais tarde, diria às multidões: "Eu sou a Luz do mundo; e quem Me seguir não andará em trevas. Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; e o que ouvir minha palavra viverá eternamente."

Se quaisquer transeuntes passassem, cautelosos, pelas imediações pouco atraentes do ruinoso Torreão, diriam, cheios de compaixão, ao ver Myriam e Joseph entrar ali, encobertos por pesados mantos: "Mais infelizes leprosos estão chegando para esconder sua desgraça entre os muros do Torreão maldito."

Por sua vez, o Terapeuta que os conduzia pensaria silenciosamente: "Quão enganosos e errados são os pensamentos dos homens, ao verem entrar no Torreão, na qualidade de enfermo incurável e deserdado da humanidade, Aquele que, dentro de mais alguns anos, há de curar todas as doenças humanas com a Suprema Vontade de Seu Eu, aplicando-lhes a força espantosa de Sua energia e vitalidade!"

No grande porto de Tiro, ninguém pôde dar notícias a Fílon a respeito do que ele desejava saber. Na chusma de barcos mercantes que ali ancoravam diariamente,

---

(*) Hoje, Sur (no Líbano) (N.T.).

vindos de todos os portos do Mediterrâneo, quem poderia ter prestado atenção nos humildes peregrinos carregados de pequenos embrulhos e fardos, os quais, ao anoitecer de um dia acinzentado e chuvoso, desembarcaram entre a multidão de viajantes e se perderam pelas ruelas, fora dos recintos da grande Capital?

Durante três dias, com o desconsolo na alma, Fílon vagou por aquela cidade que lhe era completamente desconhecida e onde a prudência o obrigava a não fazer averiguações que pudessem despertar alguma suspeita.

Na noite do terceiro dia, resolveu dormir na pousada de um mercador judeu com ofício de joalheiro, para onde havia sido recomendado pelo capitão do barco. Seu último pensamento havia sido este: "Jhasua, Filho do Altíssimo ..., faze com que eu Te encontre, se é que posso pôr a salvo a Tua vida que está em perigo!"

Quase de madrugada, despertou com a lembrança viva e nítida de haver falado com Myriam, a meiga mãe do Ungido, que lhe dissera:

> "Porque nos dias distantes de glórias e de sombras para Israel, foste Nathan, o Profeta-Consultor de Salomão, e a salvaste, ela te visita em sonho, para dizer que não está em perigo como naqueles dias, mas bem resguardada com seu filho, e aguarda a hora de voltar ao lar abandonado. Vai tranqüilo, Nathan, bom e meigo Profeta, porque Zulamita repousa em segurança."

Tão íntima alegria lhe transmitiu este belíssimo sonho que, apenas clareava o dia, Fílon saiu para absorver o ar do mar, em cuja imensidão, colorida suavemente pelos matizes da alvorada, deixou flutuar a filigrana de ouro de seus pensamentos, de seus ideais grandiosos e sublimes, das líricas fantasias de sua alma de visionário do futuro; e, neste, via ele levantarem-se novos mundos e novas humanidades, regenerados pelo Amor de Jhasua e subindo cumes dourados pelo sol, onde já não existia a dor nem o egoísmo nem maldade alguma, senão apenas o Divino Amor, com um cantar novo, eternamente renovado e eternamente triunfante.

Foi tirado destas esplendorosas visões mentais pelo capitão do barco em que realizara a viagem, o qual lhe perguntou:

– Ireis ficar aqui ou voltareis comigo?

– Irei convosco. Quando partireis? – perguntou o jovem.

– Hoje, antes do meio-dia.

– Bem, vamos até a pousada, que vosso amigo nos espera. Pagarei a conta e retornarei convosco.

Algumas horas depois, o jovem filósofo, de pé, na popa do veleiro, estava a pensar, enquanto observava a populosa capital fenícia:

"Tiro ... Tiro! ... Orgulhosa rainha do mar em outras épocas de grandeza e de glória! ... Entre teus torreões e palácios perdi o vestígio do meigo Jhasua, Salvador dos homens! ... Onde tornarei a encontrá-LO? ..."

Quando intensa emoção lhe fez chegar o pranto aos olhos e encheu seu coração de angústia, julgou sentir uma voz íntima, que, sem nenhum ruído, mas de maneira clara e bem distinta, lhe disse: "No Vale das Pirâmides, devolver-te-ei a visita que me fizeste no berço."

Fílon começou a chorar com grandes soluços, que se perderam entre os mil ruídos da embarcação, no correr dos marinheiros, no levantar das âncoras e no chapinhar dos remos sobre as ondas adormecidas.

O barco que o transportava tinha deixado seu carregamento de trigo dos vales do Nilo e levava a bordo grandes fardos de púrpura, ricas fazendas e rendas de Tiro para as princesas e altas damas egípcias, e, para seus palácios, formosos tapetes da Pérsia.

Entre todas aquelas riquezas e cargas de grande valor, o jovem filósofo alexandrino, perdido entre montões de volumes, escrevia tranqüilamente, em seu livro de notas, os pormenores de toda a sua peregrinação, desde que iniciara seu caminho à procura de Jhasua, até que havia sentido essa voz íntima, serena e dulcíssima, que, para ele, encerrava o solene significado de uma entrevista de honra com o Cristo, na imponente solidão das pirâmides do Nilo.

Embora o barco tivesse escalado em alguns portos da Palestina, Fílon não desembarcou em Áscalon nem fez sentir sua presença aos parentes, mas seguiu viagem diretamente para Alexandria.

De tudo isto pode o leitor perfeitamente compreender que se formou um mar de confusões, de dúvidas e indagações a respeito do lugar onde se refugiara Jhasua com seus pais. Os essênios da Judéia acreditavam que ele estivesse no Egito, conduzido por Fílon, tal como este lhes havia dito.

A espantosa tragédia de Betlehem deixou a população transida de espanto e terror em toda aquela província, pavor esse que fazia aguardar novas ordens de morte contra os meninos menores de dois anos, existentes naquele desventurado país, correndo o risco de ver ceifada toda sua população infantil masculina, devido apenas a um menino fatal, que o poderoso Rei Herodes procurava sem poder encontrá-lo, como se a terra o houvesse tragado.

Veio aquele terror colocar um selo sobre todos os lábios essênios. Tinha-se temor até do vento, que leva as palavras, e que houvesse ouvidos de espiões do Rei mesmo entre os ramos das árvores, razão pela qual ninguém ousava perguntar: "Onde está Jhasua?" Se, porventura, esta interrogação assomava aos lábios de qualquer mulher essênia, ao encontrar-se com um Terapeuta, este movia negativamente a cabeça, enquanto dizia: "*Deus o sabe, e isto basta.*"

As famílias essênias do Hebron e as de Betlehem, dispersas pelas montanhas da Judéia – que não voltaram a reunir-se no decurso de vários anos, assim como muitas daquelas que ficaram definitivamente nas paragens, cidades e povoações onde se haviam refugiado – natural e logicamente, continuaram crendo e afirmando que o Divino Menino fora levado para o Egito, a fim de ser salvo da perseguição de Herodes. Os únicos possuidores do segredo, ou seja, os Terapeutas e os Anciãos dos Santuários, evitavam cautelosamente desmentir tal notícia, toda vez que disto dependesse a segurança do futuro Salvador dos homens.

É bem sabido e notório que as tradições orais se perpetuam quase tanto como os relatos escritos e, muitas vezes, se tem ouvido, no correr dos séculos, que uma tradição se manteve com fidelidade assombrosa, como nem sempre se verifica com os escritos, onde muitas mãos vão deixando notas diversas, com o nobre afã de corrigir deficiências e procurar maior exatidão de acordo com os fatos.

Em face do enorme acervo de relatos, recordações e tradições, em torno do extraordinário e grandioso acontecimento – o Nascimento do Deus-Homem –, devem os cronistas cristãos ter-se visto em grandes dificuldades para respigar, com destreza e acerto, nesse imenso campo da tradição e das ternas e fervorosas recordações de todos aqueles que guardavam, em seu coração, algumas cenas daquele drama estupendo.

Se a biografia de qualquer homem, de aparência mais ou menos destacada, já apresenta dificuldades sem conta aos historiadores, pela variedade de afirmações

feitas por testemunhas oculares, ou, pelo menos, mais próximas a ele, o que não poderá suceder tratando-se do fato soberanamente transcendental que é o advento, ao Planeta, de um Ser tão extraordinário, quanto à Sua missão e Sua vida, como Jhasua, o Cristo, em Sua última Epopéia de Amor em benefício desta humanidade?

Portanto, longe devem estar de todos aqueles que amam o Cristo as inculpações e censuras acerbas dirigidas contra as primeiras congregações cristãs, por não terem conseguido dar-nos a narração de todos os acontecimentos e sucessos que formaram essa Grande Vida – simultaneamente divina e humana – do Cristo, nascido como homem no país de Israel.

E isso muito menos se – de acordo com a verdade histórica de fatos análogos, tais como a destruição de Jerusalém por Tito e as fugas freqüentes, coletivas ou individuais, dos primeiros cristãos, perseguidos por toda parte – admitirmos que deve ter existido impossibilidade material para catalogar, conservar e comparar uns relatos com outros, bem como certas recordações com demais acontecimentos passados.

Perseguidos e dispersos os primeiros cronistas cristãos – como um enxame de abelhas, ao qual a inconsciência humana não deixou nem um mísero arbusto aonde pudesse reunir-se novamente – acaso não salta aos olhos que as crônicas tenham ficado truncadas ou incompletas, quando não contraditórias em alguns pontos, com relação a outras?

A altura da evolução humana e das capacidades mentais e espirituais a que chegamos, obriga-nos, de outra parte, a reconhecer a grandeza da Lei Divina, e a louvá-LA, por haver dado ao Homem, na época presente, os meios de conhecer a verdade de todos os fatos relacionados com o Cristo e com Sua Magnífica Obra de Redenção da humanidade terrestre.

Nas Montanhas do Líbano

Que coisa teria acontecido ao Menino-Deus e a seus angustiados pais? Sob o espesso manto com que se cobriam os leprosos, vimo-los entrar no velho Torreão de Mel-Kart, situado na parte antiga da cidade, o qual, mercê das novas edificações, feitas nas verdes colinas do Monte Líbano, havia ficado com um paredão derruído e sobranceiro ao mar, que mantinha sua branca moldura de espumas na praia tranqüila.

Os Terapeutas-Enfermeiros fizeram-nos subir a um pequeno pavilhão, construído sobre um terraço coberto de heras, onde aninhavam cegonhas e gaivotas. A par disso, bandos de melros azuis formavam uma orquestra de gorjeios ao alvorecer. Era a única parte alegre do velhíssimo edifício, pois o sol inundava o terraço, ao passo que o panorama do mar, como que bordado de brancas velas, a todas as horas do dia distraía agradavelmente a imaginação.

Joseph, melancólico e pensativo, e Myriam, chorando silenciosamente, pareciam inundar, com uma onda de dor resignada e muda, aquele desmantelado pavilhão. Não havia ali outro mobiliário senão um estrado de madeira encostado às paredes, sobre o qual lhes haviam colocado camas, além de uma grande mesa de carvalho, diante daquele estrado, e, sobre ela, umas ânforas com água e vinho, e também uma cesta com pão e frutas secas. Isto era tudo quanto se lhes oferecia à vista.

Um dos Terapeutas que, apressadamente, acendeu a lareira, disse-lhes, ao deixá-los: "Aqui estareis em segurança. Descansai até amanhã."

O Divino Menino, que já contava um ano e dez meses, não tomava conhecimento, como é natural, do padecimento dos pais, e dava alegres gritinhos acompanhados de vivazes palmas quando as cegonhas e as gaivotas pousavam defronte à porta, depois de grandes revoadas, nas quais brilhavam ao sol suas brancas asas, de bordos negros.

Myriam, olhando tristemente para o filho sentado sobre um grosso cobertor, junto à porta, por onde entrava o sol em dourados resplendores, perguntou-lhe com sua voz de cotovia:

– Quem és tu, meu amor, para te veres perseguido por um Rei poderoso? Que é que trazes a este mundo para aquele que tem tudo nas mãos cobice tua vida? Que podes tirar a esse Rei aliado do César, senhor do Mundo, meu adorado? Que sombra podes fazer, meu doce jacinto em flor, a ele, que é como um gigantesco carvalho sobre o país de Israel? ... Que Jehová haja por bem decifrar-me este impenetrável mistério, que tão profundamente aflige minha alma!

Suas mãos delicadas e brancas, como asas de rolinhas que adejam sobre a água, continuavam fiando a branca lã de seus cordeiros nazarenos, para tecer roupinhas quentes para o pequeno querubim, a quem tanto amava e por quem tanto sofria.

Joseph, por sua parte, cujo hábito de trabalhar era tal que lhe causava profunda tristeza estar em quietude, procurou e encontrou nos escuros compartimentos daquele pavilhão alguns elementos de trabalho manual: grossos feixes de varinhas de vime, amarrados de junco, grandes meadas de fibra vegetal: tudo em confuso amontoado que denotava ter sido posto ali para deixar outros espaços livres.

Levando tudo para onde estava Myriam, disse alegremente:

– Vê só! Ainda que a cólera do Rei nos retenha aqui durante um ano, minhas mãos não permanecerão ociosas.

E entregou-se ao labor, que a Providência lhe deparava, com o mesmo ardor e entusiasmo com que se ocupava em sua oficina ganhando dinheiro para o sustento do lar. Os Terapeutas amenizavam-lhes as noites de inverno, ao redor da lareira, com a leitura dos Livros Santos e com suas conversações saturadas dessa sublime Ciência de Deus e das Almas, que alivia e suaviza as mais profundas angústias da vida.

Assim se passaram cinco meses, ou seja, até o fim do inverno. Tamanha foi a cautela e discrição dos Terapeutas-Enfermeiros que nenhum dos habitantes do Torreão chegou a perceber a presença dos hóspedes do *Pavilhão da Princesa*, como chamavam àquela pequena edificação, pelo fato de ter sido habitado, alguns séculos antes, por uma descendente do Rei Hiram, envolvida numa conjuração, que seu marido promovera para, em seu benefício, destronar o Soberano reinante.

Por estranha coincidência, aquele pavilhãozinho, cativeiro de uma princesa ambiciosa, servia, agora, de amparo e refúgio àquele que, um dia, diria às multidões: "As raposas têm seus abrigos, e os pássaros seus ninhos; mas o Filho de Deus não tem uma só pedra para recostar a cabeça."

Quando a neve começou a derreter-se nos píncaros dos montes, e as encostas e os vales a se cobrirem de pássaros e de flores, Jhasua e seus pais foram levados para o subsolo do Torreão, onde caíra, certa feita, aquele pobre epiléptico, permitindo isso a descoberta do ignorado caminho que conduzia até a misteriosa *Gruta dos Ecos Perdidos*, que o leitor já conhece. Dali, sem perigo algum, a viagem podia ser continuada sobre asnos até o Santuário do Monte Hermon, onde os Anciãos esperavam com grande ansiedade o Menino-Deus, para guardá-LO em seus braços até que passasse todo aquele perigo.

Os Anciãos de todos os Santuários estavam de comum acordo que não era ambiente propício para a infância do Divino Menino aquele triste e sombrio Torreão, habitação de enfermos incuráveis. Foi por isso que aquela mulher, com um menino de tão pouca idade ainda, ali permaneceu apenas cinco meses, ou seja, até que, passado o inverno, ela pudesse pôr-se em viagem, juntamente com o esposo.

A região montanhosa do Líbano era como continuação das risonhas montanhas galiléias, com a diferença de que, naquelas, tudo era imponente, majestoso em sua grandiosidade, cheia de belezas e de infinitos mistérios.

A razão por que os poetas bíblicos e, em particular, o Rei dos palácios de ouro e dos cânticos amorosos comparou a esposa amada com os cedros do Líbano, suas palmeiras flexíveis, seus hortos cerrados e sombrios como vasos de flores, era o fato de serem aquelas paragens verdadeiras regiões de encanto, onde a pródiga Natureza havia feito transbordar seus privilegiados dons de Maga.

– Quão longe vai ficando a nossa amada Nazareth! – dizia Myriam a Joseph, a cada dia de viagem, em que, sob aquela frondosa vegetação, eles se assentavam para descansar.

Dois Terapeutas, conhecedores da região e dos refúgios do caminho, os acompanhavam, simulando serem uma família de montanheses que tivesse ido fazer compras na Capital e regressasse à sua terra nativa. Sendo costume reunirem-se em grupo vários parentes ou vizinhos para realizar essas travessias, não podia o fato causar estranheza a ninguém. Além do mais, a agitada Palestina, domínio de Herodes o Grande e do poderoso clero de Jerusalém, que dominava na Judéia tanto quanto o Rei ou mais do que ele, ficava já muito longe, e não era de temer que seus espiões houvessem chegado a tão grande distância.

Ao saírem da "Gruta dos Ecos Perdidos", uniram-se à pequena caravana de um mercador de Tolemaida, com dois filhos e três criados, o qual, duas vezes por ano, realizava essa mesma travessia, levando ricos tecidos, tapetes, linho e púrpura de Sidon (*) e de Tiro, para Cesaréia de Filipo e para Damasco. Quando ele voltava de lá, trazia artísticos cofrezinhos de madeiras perfumadas, com incrustações de prata, para que as princesas tírias e sidônias pudessem guardar seus perfumes e segredos de amor; e, bem assim, delicados escabelos, como covilhetes talhados em ébano, para que pudessem as belas damas descansar seus pezinhos miúdos e brancos, afundados em chinelas de púrpura, com recamos de nácar e de ouro.

Aman, o mercador, teve a desgraça de sofrer uma queda nos escarpados caminhos da montanha, provocando-lhe isso um deslocamento na coluna vertebral, que o impediu de andar por seus próprios pés durante os poucos anos que sobreviveu a esse acidente.

O menor de seus filhos, cujo nome era Tomás e que contava apenas dezessete anos, veio a ser, mais tarde, um dos doze apóstolos de Cristo. Tendo aceitado a hospedagem dos Terapeutas na granja que dava entrada para as grutas do Santuário do Monte Hermon, assim como a Granja de Andrés conduzia ao Santuário do Quarantana, os dois filhos do mercador de Tolemaida ingressaram na Fraternidade Essênia, graças ao entusiasmo que neles despertaram o amor e a solicitude com que os Terapeutas-Médicos se dedicavam a proporcionar alívio ao pai deles, na dura emergência, acima referida.

(*) Hoje, Saida (N.T.).

O jovem Tomás dedicou grande afeto ao menino de Myriam, para o qual gostava de cantar a meia-voz, acompanhado dos arpejos de sua pequena cítara de ébano e marfim, no intuito de fazê-lo adormecer.

O Santuário do Monte Hermon era um dos que desfrutavam maior número de belezas naturais e também mais fartura. A fertilidade daquelas regiões era maravilhosa.

Tendo em vista que a principal riqueza daquelas paragens consistia na exploração de seus imensos bosques das mais apreciadas madeiras para a construção de palácios, templos e barcos, a maior parte das povoações libanesas era composta de operários ou comerciantes em madeiras, assim como de lavradores e pastores.

Entre as duas vertentes que dão origem ao Rio Jordão, existia, desde tempos mui remotos, uma aldeia que se havia formado num pequeno vale, logo na entrada de duas montanhas paralelas. Era *Dan* essa pequena aldeia de lenhadores e pastores, onde quase todos descendiam da mesma família, espécie de tribo que vivia em completa paz e harmonia sob a obediência do mais idoso, a quem denominavam "patriarca". A cabana deste fora lavrada na própria montanha; lá vivia ele com sua velha companheira, três filhos varões, já casados, e uma porção de netinhos.

Já pode o leitor supor que aquela cabana devia ser enorme para poder dar pousada a tão numerosa família. O *avô Jaime*, como vulgarmente chamavam ao ancião, era o chefe de toda aquela prole copiosa.

Pois bem. Este ancião, sua mulher e seu filho mais velho, Matias, eram os únicos possuidores do grande segredo da entrada para o Santuário do Monte Hermon.

Num dos lados da alcova do velho casal, se encontrava um enorme armário de carvalho, repleto de madeixas de lã e de fibra vegetal, preparadas para tecer roupas de inverno e esteiras para os pisos. Dedicavam-se a estes trabalhos as mulheres em geral, enquanto os homens derrubavam árvores, preparando tábuas ou lenha, que enormes récuas de asnos e mulas conduziam para as capitais vizinhas.

Atrás daqueles montes de lã e fibras, achava-se uma porta bem dissimulada, que dava entrada para um longo corredor praticado na rocha, o qual desembocava em um vale profundo como um abismo, existente ao pé do Monte Hermon. No fundo desse abismo de exuberante vegetação, corria um arroio de pouca profundeza, por cima do qual, e abrangendo ambas as margens, estava semitombado um enorme tronco de carvalho, que, talvez, algum cataclisma das montanhas deixara meio quebrado, mas que, não obstante isto, se mantinha verdejante. Aquela corpulenta árvore centenária era a ponte que dava passagem para o audaz caminhante que se internasse naquele labirinto de bosques e de rochas.

Esse caminho era conhecido tão-só pelo avô Jaime e por seu filho Matias. Apenas vadeado o arroio, um negro bosquezinho de espinheiros parecia interceptar o passo; mas os conhecedores dessa vereda removiam umas trepadeiras entrelaçadas no meio dos troncos, com o que ficava a descoberto uma pequena porta de ferro, cuja respeitável idade a fazia assemelhar-se às próprias rochas em que estava incrustada.

Tal era a entrada do Santuário do Monte Hermon.

Os lenhadores e pastores da localidade estavam já habituados a ver os Terapeutas-Médicos chegarem à casa do avô Jaime, onde se hospedavam de tempos em tempos para recolher ervas e flores medicinais. Então, os enfermos da região se dirigiam, por sua vez, à morada desse ancião, a fim de que os bons Terapeutas lhes medicassem os males.

Uma tarde, chegaram Joseph e Myriam à cabana do avô Jaime com o menino nos braços, em companhia dos dois Terapeutas que os conduziam.

Um deles se havia adiantado e teve com o ancião e com Matias, seu filho mais velho, este diálogo:

– Avô Jaime: Jehová manda a glória à tua casa.

– Que glória é essa, meu irmão Terapeuta? – perguntou o ancião.

– O Messias nascido em Israel procura amparo, para esta noite, em tua cabana. Poderás dar-Lha?

– Oh, meu Senhor enviado de Jehová! Onde está? Onde? para que estes olhos O vejam antes da minha morte!

– Ele vem com seus pais, achando-se agora na entrada do vale; deverás, porém, proceder como se fossem membros de tua família, para o caso de que alguma pessoa os veja chegar. Quando hajam descansado, Matias nos acompanhará ao Santuário, pois ali são esperados.

– Esta casa é vossa, irmão Terapeuta, e os Anciãos são como amos que mandam – disse Matias. – Disponde, pois, como quiserdes.

Inteirada da grande novidade, a anciã Zebai fez aquela casa transformar-se numa barafunda de preparativos, de ir e vir, para dispor uma hospedagem conveniente. Ao mesmo tempo começou a correr, entre todos os familiares, a notícia de que chegava uma sobrinha de Zebai, porque seu marido, que era carpinteiro, trazia encomenda de obras a serem realizadas, e procurava escolher as madeiras mais preciosas para a fabricação dos delicados cofrezinhos e supedâneos.

Tudo sucedeu exatamente como haviam projetado os discretos Terapeutas. A única coisa que não deliberaram foi se, nessa mesma noite, passariam para o Santuário, pois Myriam estava agitada e fatigada por causa da penosa viagem que fizera pelas montanhas, o que lhe produziu esse natural desgaste, cheio de impressões, inquietudes e medo. Qualquer encontro com pessoas desconhecidas lhe causava terror, fazendo-a supor que os esbirros do Rei estivessem seguindo-lhe os passos. Apenas penetrou na cabana do avô Jaime, foi acometida por forte crise de nervos, que se transformou em pranto silencioso.

O terno e espontâneo grito de amor de Zebai, que a chamava com todo o seu afeto: "Minha filha!", enquanto a recebia nos braços, feriu a fibra mais sensível da alma terníssima de Myriam, que explodiu como uma lira, à qual tivessem rompido, de golpe, todas as cordas douradas.

Joseph e Zebai levaram-na para a tépida alcova que lhe haviam destinado. Colocada já no leito, seu esposo aconselhou que a deixassem em completo repouso, dizendo: "Não é nada! O descanso e o silêncio são seu melhor remédio. Ide embora, que eu fico aqui com o menino, junto do leito da mãe, até que a veja dormindo" – suspirou enternecido.

Fez dormir o pequeno na agasalhadora penumbra daquela alcova saturada de silêncio, de paz e de tranqüilidade, e Myriam adormeceu, por fim, igualmente. Instantes depois, viu Joseph que o ambiente estava sendo iluminado por uma claridade rosa-pálido, com tonalidades de ouro. Olhou para todos lados, crendo que tivesse sido acesa alguma lâmpada oculta; mas o clarão crescia de intensidade e foi enchendo a alcova.

Notou, então, que se desenhavam, com linhas mais definidas, duas silhuetas humanas, as quais, aproximando-se uma da outra, se confundiram num estreito amplexo. Em uma delas reconheceu, desde logo, a Myriam, não obstante fosse sua beleza aí muito mais esplendorosa do que na matéria. Na outra, observou uma notável semelhança com ela, e, ademais, com o próprio menino, que estava adormecido entre

seus braços. A intuição ajudou Joseph a descobrir o segredo daqueles transparentes personagens no sutil e luminoso cenário em que a alcova se havia transformado.

– Jhasua e Myriam! ... – murmurou ele baixinho, profundamente emocionado. Compreendeu que ambos manifestaram mutuamente seus pensamentos, e, embora não pudesse compreendê-lo claramente, captou a onda com mais ou menos clareza.

– Parece-me que Jhasua diz para sua mãe que viva tranqüila e que nada tema, porque ele tem um caminho longo para andar, e que, por mais que façam os homens, não o farão morrer até que chegue a hora marcada – disse Joseph de si para si.

De igual modo, entendeu que ela dizia: "Que morra eu antes do que tu, meu filho, porque eu não poderia viver nem uma única hora sem ti." E ele respondeu acariciando-a: "Deus é o Senhor da vida das pessoas, e Sua Vontade é manifestada acima de todas as coisas."

A emoção inundou de pranto os olhos de Joseph, e suas lágrimas caíram sobre o filho adormecido em seu regaço. Foi a visão dissolvendo-se lentamente, ao que Joseph, deixando o menino ao lado de sua mãe, passou para a grande copa-cozinha da cabana, onde estava acesa a lareira. Era ali que toda a família se reunia ao cair da noite.

As jovens mães deram de comer às suas crianças e as levaram para os leitos, com o que começou a reinar a tranqüilidade e a quietude na grande caverna central. Após isso, Zebai e suas noras continuaram fiando e tecendo, enquanto, ao fogo, fumegavam as panelas, e, entre as brasas, era cozido o pão para a ceia dos adultos.

Os dois Terapeutas-Guias falavam, num dos cantos, com o velho Jaime e seu filho Matias. Pouco depois, o mais idoso dos Terapeutas chamou a atenção dos outros filhos e dos netos mais crescidos do ancião, para que escutassem o que lhes ia ser dito. Fez-lhes um relato do nascimento de Jhasua, dizendo que nele estava encarnado o Messias esperado por Israel e anunciado pelos Profetas. Mencionou, outrossim, a perseguição de que era objeto por parte do Rei Herodes, e como toda a Fraternidade Essênia havia assumido o encargo de salvar e proteger esse Menino-Deus até que chegasse ao cumprimento de Sua excelsa missão de Salvador dos Homens.

Explicou amplamente o que era a Fraternidade Essênia, da qual eram participantes, há muito tempo, o avô Jaime e o mais velho de seus irmãos, Matias, que já se achava no segundo grau. Foi quando um dos netos, de nome Zebeu, rompeu o silêncio, exclamando com grande impetuosidade:

– Se o avô Jaime e meu pai são da Fraternidade Essênia, eu também quero sê-lo a partir deste momento. – Era ele apenas um adolescente de dez anos, que, consoante a Lei da Evolução e de suas alianças, deveria, futuramente, ser um dos doze apóstolos de Jhasua.

A decisão do menino Zebeu animou a todos, e a anciã Zebai, que, juntamente com seu marido, havia ingressado na Fraternidade, muitos anos atrás, disse com a voz trêmula de emoção e de felicidade:

– Quanto eu pedi a Jehová por este momento, que Ele demorou em me conceder, talvez por causa de minha falta de merecimento!

Sob essas impressões amenas, foi servida a frugal refeição, e, quando todos estavam colocando-se em seus lugares à mesa, chegou Myriam, com o menino nos braços, parecendo transbordante de paz e de alegria.

– Chegais a tempo – disse Zebai, fazendo-a sentar-se ao lado de Joseph – pois íamos começar a ceia.

O formoso menino de Myriam atraía todos os olhares daqueles que já não ignoravam *quem Ele era*. De pé sobre os joelhos de sua mãe, estava muito alegre,

brincando com as laranjas de uma cestinha que se achava à sua frente, sobre a mesa. Totalmente alheio à admiração e ao amor que despertava, fazia rodar as douradas frutas, dando sonoros gritos e risadas quando uma se chocava com a outra.

Adivinhando o pensamento de todos, levantou-o Joseph nos braços e foi apresentá-lo aos presentes, enquanto dizia:

– Parece-me justo que seleis com um beijo do fundo da alma a Aliança com o Profeta de Deus, que Ele nos dá como prenda de Amor.

De boa mente todos beijaram o pequeno, que lhes sorria, enquanto conservava entre as mãozinhas uma das laranjas com que estivera brincando.

Todos disseram algo; apenas Zebeu nada disse, mas logo o pediu a Joseph e o levou de novo para a mesa onde estava Myriam. Correu para fora, e voltou com duas lindas rolinhas mansas, que colocou diante da criança, cujo semblante tomou um aspecto de indefinível alegria.

– Agora peço-te um beijo – disse, aproximando-se de Jhasua – porque fiz algo que é do teu agrado. O pequenino estendeu os bracinhos e o beijou longamente. Muitos anos depois, Zebeu, já homem, recordava esta cena com tamanha ternura que o levava até o pranto; e o Mestre, ouvindo-o, disse:

– Com tuas rolinhas ganhaste meu coração naquela época, e agora tornas a ganhá-lo com tua abnegação em seguir-me.

Nesse ambiente de cordialidade, cheio de suave ternura, decorreu o jantar, depois do qual Zebai e suas noras rodearam Myriam e seu filho, cuja alegria espontânea fazia transbordar de satisfação todos os corações.

Nenhum cansaço ou fadiga transparecia no diáfano semblante de Myriam, motivo pelo qual os Terapeutas, que os conduziam, deliberavam silenciosamente: "Esta mesma noite, poderemos levá-los até o Santuário."

Achando-se a noite já bem avançada, o ancião Jaime fez esta oração final: "Jehová, Senhor de toda a Criação, dá descanso a teus servos, e que o sono que lhes concedes reanime suas forças para reiniciarem o trabalho ao amanhecer." Todos se dirigiram para suas alcovas particulares, e na cabana fez-se grande silêncio.

Poucos instantes depois, o mais idoso dos Terapeutas chamou, bem baixinho, junto à alcova de Joseph, perguntando:

– Estais dispostos a partir ainda esta noite?

– Estamos. Levai-nos quando quiserdes.

Na alcova do velho casal, havia luz acesa.

Os Terapeutas e Matias estavam à espera com velas prontas para serem acesas. Também o manso asno de Zebai já estava ajaezado para conduzir Myriam pelo conhecido caminho secreto.

Afastaram, finalmente, para um dos lados os fardos de lã e os montões de fibra vegetal; e, no fundo do armário de carvalho, apareceu a porta, que foi aumentando à proporção que as tábuas de madeira bruta se afastavam da enorme cavidade onde tinha início a galeria.

Joseph ajudou Myriam a montar, colocando-lhe Jhasua no colo; e, agasalhando ambos com um grosso cobertor de lã, tomou o asno pela rédea. Assim foi ele seguindo a Matias, que, com uma grossa torcida de fios de algodão encerado, formando um archote, abria o caminho através da escuridão.

O avô Jaime e Zebai foram com eles até o arroio, que já mencionamos, sendo que os dois Terapeutas cerravam aquela fila, a estender-se no seio das sombras debilmente iluminadas pelas velas acesas.

– Quis a Providência que fôssemos sete nesta jornada – disse um dos Terapeutas. – Sete lamparinas de amor em torno do Verbo de Deus! Não representa isto um belo presságio?

– É pena que minha lamparina só ficará acesa por pouco tempo, irmão Terapeuta – observou o avô Jaime.

– Por que dizeis isto?

– Não vedes como a luz já treme em minhas mãos? Oitenta e nove vezes vi minhas vinhas se cobrirem de frutos, e perguntais por que digo isto?

– Não haveis de morrer, vovô, enquanto vamos levando a Luz deste mundo – observou o outro Terapeuta.

– Mais de duzentas vezes fiz este mesmo caminho, desde que os Terapeutas me tiraram da Galiléia com minha Zebai e me trouxeram para esta cabana.

– Tanto assim?

– Estou aqui há cinqüenta e três anos, e, em alguns deles fiz quatro viagens! Fazei a conta! Diversas vezes gritei por socorro; em outras, resvalei para dentro do arroio transbordado que passava por cima da famosa ponte de carvalho; e, em outras, custou-me algum trabalho escapar das famintas fauces das feras.

– Agora, porém, confiais em Matias, não é verdade?

– Justamente, irmão Terapeuta; mas, como conheço os perigos, não consigo dormir até que o veja voltar são e salvo.

– Vossa obra é grande e meritória!

– Não creiais que faço estas referências para que me engrandeçais. Se, em face de minha pouca capacidade, nem mesmo isto tivesse feito, que coisa me faria ganhar a vida eterna? Não creio que o Senhor tenha que dar-me um prêmio por haver trabalhado para comer e dormir. Não andais vós de um lado para outro recolhendo leprosos, paralíticos e abandonados, sem outra compensação do que tê-los a vosso cuidado e curá-los, e isto durante meses e anos? Se quero ser chamado essênio, então devo forçosamente fazer algo pelos demais.

– Pensais de modo bem razoável, avô Jaime; e, talvez por ter isto em conta, a Lei Eterna determinou que, antes de muitos outros, vos visitasse, em vossa própria casa, Aquele que vem para a Salvação dos Homens.

– Tanto Zebai como eu ficamos muito agradecidos, pois consideramos de pouca importância a nossa solidão nestes montes, em troca desta glória de podermos hospedá-LO e servi-LO.

– E será por muito tempo? – perguntou a boa mulher, desejando, sem dúvida, que fosse longa a estada do Divino Menino naquelas montanhas.

– Deus o dirá – respondeu um dos Terapeutas.

– Isto dependerá, por certo, de que o Rei esqueça sua inquietação mais ou menos depressa – sugeriu o outro.

– Ou que a Justiça de Deus o afaste de nosso meio – acrescentou o ancião Jaime.

Neste ínterim, o menino havia adormecido ao suave balanço do andar parcimonioso do pequeno asno que Joseph conduzia pela brida. Myriam, sumida em seus pensamentos de absoluta entrega à Divina Vontade, deixava-se levar para o desconhecido, detendo-se apenas para considerar a estranha circunstância de que seu filho, a quem ouvia sempre chamar de Salvador dos Homens, devia fugir deles, desde os mais tenros anos.

"Quão cegos e maus deverão ser os homens desta terra, para perseguirem deste modo a quem vem salvá-los!" – pensava ela em sua ingenuidade simples e quase infantil.

De sua parte, Joseph, entristecido, pensava em seu lar abandonado, em sua oficina, entregue à honradez de dois operários competentes, e naqueles cinco filhos de Débora, sua primeira esposa, que ficaram confiados a Salomé, irmã dela, na cidade de Caná, onde possuía parentes.

"Eles estão seguros e felizes, pois Zebedeu e Salomé farão com eles aquilo que Débora e eu também faríamos" – pensava ele, tranqüilizando a si mesmo. E prosseguiu: "Eles, que sabem os motivos desta precipitada viagem, ampliarão ainda mais seus corações para amá-los e cuidar deles, já que seu lar solitário, pela perda dos primeiros filhos, ver-se-á cheio de alegria com os meus, já duplamente órfãos."

Esta lembrança dilacerou-lhe o coração como um estilete, e ele se deteve por um momento para afastar o manto de Myriam e beijar o pequenino adormecido.

– Que é que tens, Joseph? – perguntou ela, pressentindo nele algo doloroso.

– Pensava no lar distante e em meus filhinhos abandonados! ... – respondeu.

– E é por meu filho que tens feito tanto sacrifício! – exclamou ela.

– Sim, Myriam, pelo menor de nossos filhos ... mas que, em verdade, será o maior de todos eles ... Myriam! ... juro-te por Jehová que, conquanto tivesse de perder aqueles filhos por causa desta viagem, bendiria a Deus, se pudesse salvar somente este, que é o Seu Profeta escolhido.

Poucos instantes depois, Matias estacou e disse em voz alta:

– Chegamos. Ouvi!

Todos se calaram para escutar. No imenso silêncio daquela noite amena de primavera, ouvia-se o murmúrio do arroio que passava a poucos passos do final do túnel, por onde eles iam sair.

Já se via distintamente a enorme abertura como que recortada na claridade lunar, a espargir-se sobre a folhagem escura dos cedros e dos carvalhos qual véu sutil de ilusão, envolvendo tudo com delicadas transparências.

– Louvado seja Deus! – disse o ancião – pois minhas velhas pernas começavam já a enfraquecer.

– Sentai-vos sobre os bancos de pedra da saída, enquanto eu vou dar o sinal de chegada – advertiu Matias, adiantando-se para o negro bosquezinho de espinhos, o qual se alcançava, apenas passando o arroio.

– Como!? – exclamou Myriam, vendo que Matias passava rapidamente pelo enorme tronco de carvalho, atravessando sobre o arroio. – Também eu hei de passar por ali?

– Todos, Myriam, todos passaremos por ali. Mas não temas, que eu passarei contigo – respondeu Joseph.

– Não – interrompeu o ancião Jaime –, ela não passará por ali. Esperai um pouco, e já vereis que os anciãos pensaram em tudo.

Poucos instantes depois de Matias haver desaparecido atrás do bosque de espinheiros, apareceram, seguindo-o, dois essênios de túnica escura, tal como as dos Terapeutas. Traziam duas grandes pranchas, e Matias dois sarrafos de madeira muito compridos. Então os três estenderam as pranchas ao lado do carvalho e, em seguida, uns de um lado e outros do lado oposto, sustentaram ambos os sarrafos de tal maneira que serviram de corrimão aos viajantes menos habituados à rusticidade da passagem.

Joseph carregou o menino nos braços e conduziu Myriam pela mão, sendo eles os primeiros a cruzarem o arroio.

O ancião Jaime e sua mulher sustentaram os extremos dos sarrafos na margem oposta até que todos tinham passado. Quando Matias viu que todos tinham desaparecido na negra portinha aberta na rocha, enfiou novamente por ela as pranchas e os

sarrafos, fechou por fora, e um pesado ferrolho caiu por dentro. Tomando, em seguida, o asno pela rédea, voltou com seus pais para a cabana, que permanecia adormecida em profunda quietude.

Uma dupla fila de círios acesos e de essênios, revestidos com seus mantos brancos, foi o que primeiro apareceu diante do viajante.

Eram quarenta e nove solitários que habitavam aquele Santuário.

No final daquela galeria viva de almas amantes e de chamas de círios, estava o Servidor, um venerável ancião, de bondoso olhar, em que resplandecia a emoção prestes a verter lágrimas.

Adiantou-se alguns passos e estendeu os braços pedindo o pequeno que dormia sobre o peito de Joseph.

– Canta, Hilarião, o mais belo cântico da tua vida, porque não houve entre os teus dias outro mais glorioso do que este! ... – disse a si mesmo aquele ancião com voz trêmula, ao estreitar suavemente a Jhasua contra o peito. Este continuava adormecido, como se nada de anormal existisse a seu redor.

Profundo silêncio deixou pressentir a enorme onda de emoção e de ternura que cruzou roçando todas as almas, passada a qual, o Ancião-Servidor foi apresentando o menino aos olhares ávidos de todos os solitários que somente se atreviam a beijar-lhe a mãozinha, pendida qual uma rosa cortada sobre as brancas roupas que envolviam seu corpinho adormecido.

– Na mesma proporção em que o amais, outros o odeiam até desejar sua morte! – disse Myriam, sensibilizada à vista do ternissimo amor que os Essênios demonstravam a seu filho.

– Se aqueles que o odeiam soubessem quem é este pequeno e por que vem a esta Terra, já não o odiariam. Os homens, mais inconscientes do que maus, são vítimas da ignorância – manifestou o Ancião-Servidor, devolvendo o menino a sua mãe no momento em que o pequenino despertava esfregando os olhinhos, que pareciam deslumbrados diante da viva claridade de tantos círios que o rodeavam.

– Olhos de piedade infinita! ... – disseram alguns.

– Olhos de amor sem limite e sem dimensão! – acrescentaram outros.

– Olhos que iluminarão os caminhos dos homens! ...

– Olhos que irradiarão a Luz de Deus sobre os pecadores ... sobre os tristes e os enfermos!

Vendo que o menino sorria, a olhar para o pai, alguém acrescentou:

– Olhos de criança que ignora, por enquanto, todas as dores da vida!

Assim foram conduzidos para a habitação que lhes havia sido preparada, onde nenhum de todos quantos se achavam ali podia saber por quanto tempo nela permaneceriam.

Cinco anos e sete meses passou Jhasua ali com seus pais, recebendo dos Essênios, juntamente com a mais doce ternura, os princípios da vasta educação e instrução espiritual e moral, que deviam ir despertando lentamente o excelso Espírito-Luz oculto sob aquele envoltório de carne.

Três vezes, durante esse período de tempo, saiu Joseph e foi a Caná da Galiléia, onde estavam os filhos de sua primeira esposa. Costumava chegar durante a noite, ocultando-se como se fora alguém perseguido pela Lei. Dias depois, saía também de noite, sendo levado pelos Terapeutas, qual pobre leproso, envolto em pesado manto. Fazia o percurso por nós conhecido, até chegar novamente à hospitaleira cabana do avô Jaime, de onde passava para o Santuário do Monte Hermon, que guardava seu tesouro.

Ao regressar da última dessas viagens, trouxe para Myriam a notícia de que o Rei Herodes tinha morrido naqueles dias, consumido por horrível câncer, que o havia roído desde a garganta até os intestinos, fazendo com que emitisse lastimosos gritos, ouvidos a grande distância, tal como as lamentações das mães betlehemitas quando se lhes degolavam os filhos.

Em todo Israel diziam a meia-voz, ainda por temor ao Rei que estava morrendo:

– Justiça de Jehová sobre aquele assassino de inocentes.

No quarto ano de residência de Jhasua no Santuário do Monte Hermon, Hilarião, o Ancião-Servidor que contava noventa e dois anos de idade, entregou seu Espírito ao Senhor, havendo passado sessenta e quatro anos nos Santuários do Monte Carmelo, do Tabor e do Hermon. Foi a primeira dor de Jhasua, que contava já seis anos de idade, pois aquele Ancião, além de tutor, fora seu aio e até seu companheiro de brinquedos.

Fizera-se criança com o Grande Menino e viveu seus últimos anos em estado de beatitude divina, como em êxtase de amor supremo, do qual, uma noite, despertou na imensidade do Infinito.

O pequeno Jhasua, a quem sua mãe não conseguia tirar do lado do cadáver de Hilarião, dizia, repetidamente, a todos os que dele se aproximavam:

– Eu o chamo tantas vezes, e não quer despertar! ... Mãe! ... vai dizer-lhe que acorde, porque me magoa vê-lo sempre adormecido.

Passado este primeiro momento de dor, o Santo Menino sentiu um enfraquecimento físico, proveniente de ligeira febre que o acometera e, por este motivo, foi posto no leito.

Hilarião foi sucedido por Abdias no posto de Servidor do Santuário, tornando-se, assim, o primeiro instrutor do menino Jhasua.

Em determinadas horas, uma guarda de sete essênios, dos mais adiantados, rodeava o leito do pequeno enfermo, até que, passados alguns dias, desapareceu a febre, e o menino voltou às suas diversões habituais e à suave tarefa da sua primeira educação.

Para que se conheça até que ponto o Menino-Luz se viu envolvido na glória daqueles santos amores que faziam de sua vida um paraíso, ouçamos o diálogo mantido com seu novo Instrutor:

– Servidor – disse ele – julguei que jamais houvesse de ficar consolado em ver adormecido o Servidor Hilarião, a quem eu muito amava, mas, como podes notar, já estou consolado e tenho novamente vontade de jogar e de brincar.

– É razoável que assim seja, meu filhinho – respondeu-lhe o essênio – porque é Lei de Jehová que vivamos poucos ou muitos anos sobre a Terra, onde devemos deixar este corpo físico, para dar liberdade ao pássaro azul que canta, prisioneiro, aqui no nosso interior.

– E eu tenho também aqui dentro um pássaro azul?

– Que belo e radiante é o teu pássaro azul, filhinho!

– Terei eu também que adormecer como Hilarião para que o meu pássaro azul voe em liberdade?

– Também terás que adormecer quando hajas terminado a tarefa que deves cumprir sobre a Terra.

– E que tarefa é essa? Poderias dizer-me? – perguntou o menino com seus grandes olhos cor de âmbar radiantes de inteligência.

– Salvar almas ... muitas almas, que são também pássaros azuis, cativos e prisioneiros pela ignorância e pelo pecado.

– E o que é *pecado*?

– É tudo aquilo que contradiz a Lei de Jehová.

– Oh, Jehová! ... Como Jehová é bom! ... Hilarião dizia-me que Jehová está no sol que nos aquece com seus raios e que faz nascer as sementes, abrirem-se as flores e amadurecer os frutos; que Jehová está na chuva que fecunda os campos e alimenta as vertentes de que se formam os rios e as fontes; que é Ele que ilumina a Lua e as estrelas e dá vida aos homens que lá vivem como nós vivemos aqui na Terra; que Jehová está na alma de minha mãe, que é toda bondade, de meu pai, que tanto me ama, e de todos aqueles que eu conheço. Mas, podes dizer como é que Jehová pode caber dentro de mim, que sou tão pequeno?

Era realmente de causar admiração ver aquele pequerrucho de seis anos, parado com firmeza ante o ancião Abdias e olhando-o fixamente nos olhos, enquanto formulava essa pergunta.

– Meu filho, Jehová é qual uma grande luz ou onda de essência, de forças e de energia. És muito pequeno, mas podes ter em tua mão uma tocha que ilumina uma habitação, por maior que esta seja. És pequenino, no entanto podes conter na concha de tua mão uma redoma de sutil essência, da qual umas poucas gotas bastam para encher de perfume todo o nosso Santuário. És pequenino, mas podes levar uma chispa de fogo e acender uma enorme fogueira de lenha, a ponto de incendiar um imenso campo! Compreendes?

– Oh, sim ... estou compreendendo! ... e penso mais ainda. Penso que, como sou tão pequenino, e Jehová é tão grande, Ele deve transbordar de meu corpo para todos os lados. Será mesmo assim?

– Sim, meu filho, Jehová Se derrama de ti, sobre ti e ao redor de ti, como a água de uma torrente incontível, como a luz radiante do sol, como o perfume das flores, como a melodia das Harpas Eternas, cujas ressonâncias não se extinguem jamais. Assim extravasa Jehová de ti.

– E eu, que hei de fazer para Ele?

– Podes amá-LO acima de todas as coisas, fazer Sua Vontade antes que toda outra vontade e amar a todos os seres que saíram de Seu seio, porque Ele é o Pai Universal.

– Poderás dizer-me, Servidor, como posso saber o que Jehová quer de mim? Podes dizer-me onde O encontrarei para conversar com Ele como faço contigo? Quando poderei ver Jehová como vejo minha mãe ou como vejo a ti?

– São muitas as perguntas que fazes, e mais difíceis ainda de responder para um menino ainda tão pequeno. Mas, como Jehová transborda de ti, creio que me compreenderás bem.

Confiadamente, o pequeno sentou-se sobre os joelhos do Ancião, procurando ficar mais perto para ouvir melhor.

– Fala-me, que eu te compreenderei – disse ele com grande segurança.

– Meu filho, a Jehová não se pode ver, mas somente senti-LO. Vamos ver se nos entendemos. Que é que sentes quando tua boa mãe te acaricia com indizível ternura, te veste com uma túnica e cobre tuas pernas frias com umas calças de lã aquecidas ao fogo? Pensa um pouco.

O menino pensou, tendo uma das mãozinhas colocada sobre a maçã do rosto, e logo respondeu:

– Sinto desejo de chorar de amor e de ternura por ela, abraço-a e beijo-a; beijo-a uma centena de vezes na boca, nos olhos, nas faces e nas mãos, até que me farto bastante de querer-lhe. Respondi bem?

– Perfeitamente bem. Toda essa expressão de amor e de gratidão que sentes para com tua mãe em troca de seu amor por ti, é Jehová que Se derrama de teu coração.

– Então, quando me irrito, porque fogem as rolinhas com que brinco e os cordeiros que puxam o meu carrinho; e quando me escondo em algum recanto para não ver nem querer ninguém, é porque Jehová Se afastou de mim e já não me quer mais?

– Justamente, meu filho! Quando somos maus e não temos amor a nossos semelhantes, nem queremos saber nada de ninguém, então é Jehová que esconde Sua presença de nós, para que a dor e a tristeza, em que nos deixa, nos obriguem a voltar para Ele, buscá-LO e amá-LO acima de todas as coisas.

– Jhasua! ... Jhasua! ... soou a voz dulcíssima de Myriam do lado oposto do pátio. – Deixa o Servidor descansar e vem, meu filho, que é hora de alimentar-te.

– É a mãe! ... Posso ir? – perguntou ao Servidor.

– Sim, filhinho, vai ter com ela, porque a voz dela é a Voz de Jehová, a chamar por ti!

– Agora sim, que Jehová se transbordará, porque ela deve estar a esperar-me com o que mais me agrada: castanhas com mel!

O menino deu um beijo no Servidor e atravessou o pátio correndo em direção à moradia onde seus pais o esperavam.

O ancião Abdias cruzou as mãos sobre o peito, enquanto o seguia com o olhar, e as paredes rochosas de seu quarto ouviram estas suas palavras:

– Que fiz eu, Deus meu, para merecer a felicidade de ter em meus braços este Resplendor de Tua Divindade?

Então abundantes e grossas lágrimas, que a ternura arrancava de sua alma, correram pelo branco rosto e se perderam na encanecida barba, enquanto murmurava mais baixo ainda:

– É Jehová que Se derrama de mim por todos os lados de meu corpo, como dizia o Menino-Luz há alguns momentos!

Logo a seguir, dirigiu-se para o Santuário, porque a tarde caía, e era a hora da oferenda do incenso ao pôr-do-sol.

Sentindo transbordar a doçura e o amor de seu coração, pediu aos essênios do coro que cantassem o Salmo 34, que correspondia admiravelmente ao estado do seu Espírito, cheio de imensa gratidão a Deus:

> "Louvarei a Jehová em todo o tempo; meu louvor estará continuamente em minha boca ...", etc.

Enquanto os Essênios, reunidos no Santuário, cantavam salmos de gratidão a Jehová, o pequeno Jhasua, sentado à mesa entre seus pais, que tomavam alimento juntamente com ele, dizia com encantadora voz:

– Nestas castanhas com mel também está Jehová, porque me agradam muito; pois diz o Servidor que Jehová está em todo bem que há sobre a Terra. Sabias isto, meu pai, e também tu, minha mãe?

– Sim, filho. É assim como ensina o Servidor – respondeu-lhe Joseph.

– Filhinho, discorres sobre coisas profundas demais para a tua idade – observou a mãe com grande doçura.

– Sempre estás a repetir-me a mesma coisa: que sou muito pequeno ... Jehová sabe que sou pequeno, e, no entanto, Ele Se empenha em estar dentro de mim. Compreendes isto, minha mãe? ...

Myriam olhou para Joseph como que interrogando-o, e ele respondeu:

– Tua mãe e eu somente sabemos amar-te, meu filho, e amar a todas as pessoas que são criaturas de Jehová. Come as tuas castanhas com mel, e, juntos, daremos graças a Deus por todas as dádivas que nos tem dispensado.

Terminada a frugal refeição, o menino apoiou as mãozinhas sobre o peito, como asas de rolinhas, quando se fecham, e murmurou o começo da oração habitual, ao concluir as refeições:

"Bendigamos a Jehová, que mantém nossas vidas para servi-LO e amá-LO acima de todas as coisas."

– Assim seja! – responderam Myriam e Joseph, com a profunda emoção que sempre lhes produzia o recolhimento do pequeno, em sua oração a Jehová.

Uma Luz nas Trevas...

As caravanas de mercadores desempenharam grande papel na transmissão secreta das notícias referentes ao Menino-Deus oculto no Santuário do Monte Hermon.

Seus grandes amigos Melchor, Gaspar, Baltasar e Fílon haviam sido já discretamente notificados; e, quando Jhasua completava seus cinco anos de existência terrestre, recebeu a visita de dois deles, Melchor e Baltasar, ilustres personagens orientais em cujos espíritos resplandecia o precioso tesouro da Sabedoria Divina.

O leitor compreenderá perfeitamente que os mais destacados essênios daquele tempo se aproximaram solícitos do Santo Menino, porém com todos os cuidados necessários para que os agentes e vigias do Rei não encontrassem o mais leve rastro.

De todos os Santuários Essênios da Palestina saíam, ano após ano, alguns anciãos na qualidade de embaixadores, não só para fazer-lhe uma visita mas também para dar-lhe proteção. Os Essênios que prestavam serviço no Templo de Jerusalém foram também, uns após outros. Eram eles, Esdras, Simeão, Eleázer, e os estudantes José de Arimathéia, Nicodemos de Nicópolis e Ruben de En-gedi.

Os três levitas supramencionados se haviam unido em matrimônio, dois anos antes, com as três filhas de Lia, a nobre viúva de Jerusalém, em cuja casa se formou numerosa família, pois, durante os primeiros anos, as filhas ficaram com a mãe.

As famílias do tecelão Elcana e de seus amigos essênios, que viram Jhasua recém-nascido em Betlehem, enviaram sua representação no terceiro ano do desterro do pequeno Jhasua, levando, para ele e para seus pais, cobertores e roupas de lã, tecidos por eles.

A grande Fraternidade Essênia daquela época fez, em verdade, o sublime papel de mãe abnegada e solícita do Grande Menino, que, apenas chegado aos sombrios vales terrestres, via-se perseguido até a morte pelos seus próprios irmãos.

Numa das visitas de Gaspar, o indostânico, às Escolas de Sabedoria Divina fundadas em Bela e em Chanbar (hoje Guadar), chegou ele até a Babilônia. Dali foi guiado pelos Terapeutas até o Hermon, onde fez anotações e cópias de tudo quanto estava relacionado com a derradeira vinda do Cristo à Terra. Deixou uma sacola de ouro para que os Anciãos pagassem todas as despesas necessárias à manutenção do garoto e lhe remetessem, gravados em placas de madeira ou de argila, os relatos que

julgassem de importância, pois desejava formar minuciosa biografia do Homem-Deus, em Sua última vida terrestre.

Tal foi a origem dos relatos e crônicas que ainda perduram nos grandes mosteiros budistas de Lassa e do Nepal. Foram transferidas para lá as numerosas escrituras colecionadas por Gaspar e pelos seus adeptos, quando o Templo-Escola dos Montes Suleiman foi incendiado pelos mongóis e outras raças guerreiras, que invadiram, séculos depois, aquelas férteis paragens, regadas pelo Rio Indo.

Todas as Escolas de Sabedoria Divina, fundadas por aqueles homens sábios e astrólogos, que a tradição chamou de *Reis Magos*, tomaram, depois, as colorações e os aspectos dos antigos cultos de cada país, e assim subsistem até hoje.

Foi dessa maneira que as Escolas de Baltasar, na Pérsia, apareceram, mais tarde, como uma derivação do Mazdeísmo, ou seja, o princípio do Bem e do Mal, da Luz e das Trevas do Zenda-Avesta, que, se interpretado sabiamente, não está em choque com a Verdade, visto que, na realidade, as forças ou correntes do Bem lutam para redimir e liberar as humanidades das forças do Mal, simbolizadas pelas trevas.

O erro está em que os adeptos dessa crença privam o Homem de seu livre-arbítrio e da capacidade de libertar-se por si mesmo, se assim o quiser deveras, para fazer parecer, como vítima inevitável da força do Mal ou das Trevas, aquele que é mau, e como privilegiado pelo Bem e pela Luz, aquele que é bom e vive de acordo com a Lei Natural.

De uma dessas escolas fundadas por Baltazar no subúrbio babilônico de Mardinu, veio a ter origem, nos séculos II e III, a seita denominada Maniqueísmo, cujo fundador Manés, filho de Gulak Babak, dotado de faculdades psíquicas mui desenvolvidas, foi tomado como uma encarnação da Divindade, à qual davam o nome de Paracleto.

O referido Manés foi a causa de que a Escola Babilônica, fundada por Baltasar, tenha degenerado em outra seita, que, embora haja durado muitos séculos, estendendo-se bastante pelo Oriente, não pôde lutar com vantagem contra o Cristianismo genuíno e autêntico, fundado pelo Cristo e pelos seus discípulos.

As Escolas fundadas por Fílon, no Vale das Pirâmides do Nilo, que eram uma reminiscência da própria Filosofia Antuliana, da qual Sócrates e Platão foram os últimos ramos no segundo e terceiro séculos, desviaram-se para os velhos cultos mitológicos egípcios. Mantinham estes, com a Filosofia Socrática e Platônica, o ponto de contato do amor reverente aos mortos, que encerrava, com pequenas variações, o princípio da Imortalidade sustentado pelos pensadores gregos dos últimos séculos antes do Cristo.

As Escolas fundadas por Melchor foram, por longo tempo, um amálgama da Lei Mosaica e da Lei dos Kobdas. Foi, portanto, o forte alicerce sobre o qual o Korão levantou, séculos depois, suas mesquitas, como base de uma religião sem imagens, mas com o inconveniente de se haver tornado intransigente até o fanatismo, e, por isso, dura até a crueldade.

Concessões de um lado, tergiversações de outro, acréscimos e supressões, segundo exigiram fins determinados e ulteriores, todas essas fundações ideológicas, iniciadas com os princípios básicos da Verdade e com os fins mais nobres e altruístas, viram aderirem-se-lhes complicadas e pomposas liturgias.

Tal aconteceu, como se sabe, ao próprio Cristianismo, iniciado pelo Divino Fundador com uma única oração, o *Pai Nosso*, e com os alicerces das Bem-Aventuranças ou Sermão da Montanha, ou com sublimes e simples ensinamentos do Cristo

sentado numa barca de pescadores sobre o Lago de Tiberíades, ou sobre o tronco caído de uma árvore, ou falando do alto de uma colina florida da formosa e tranqüila Galiléia.

Por mais que a obra ideológica daqueles austeros sábios, conhecidos como *Reis Magos*, pareça haver-se perdido num mar de areias douradas, ficou, todavia, flutuando vagamente, na atmosfera de seus respectivos países, o perfume de Justiça e da Santidade, emanado dos princípios fundamentais da Unidade Divina, com todas as suas infinitas perfeições, bem como a doutrina da Imortalidade da Alma Humana, que receberá recompensas para sua felicidade, ou sofrimentos para sua expiação, no mundo invisível, aonde há de entrar pela única porta que existe: a Morte.

É isso que há de comum entre o Cristianismo e as filosofias ou religiões derivadas das fundações daqueles quatro ilustres aliados de Jhasua e dos seus precursores, anteriores ao Batista: Melchor, Gaspar, Baltasar e Fílon de Alexandria.

Sua obra ideológica foi fecunda, apesar de tudo.

Gaspar contribuiu para que, no distante Oriente, ressurgisse, melhor compreendido e praticado, o Bhudismo, cujos princípios básicos persistem bem definidos na península indostânica, na China, em parte no Japão e em algumas das grandes ilhas do Pacífico.

Baltasar cooperou para que, na Pérsia e em outras nações da Ásia Menor e da Europa Central, fossem dados os primeiros passos – embora curtos e vacilantes – para os princípios de Justiça, Liberdade e Fraternidade humanas.

Melchor preparou a Arábia e países vizinhos para o advento do Korão, que é, no fundo, um vivo reflexo da Sabedoria de Moisés e uma continuação da doutrina da purificação pela água, pela oração e pela penitência, implantada por João, o Batista, nas margens do Rio Jordão.

Fílon de Alexandria contribuiu para o ressurgimento da filosofia kobda e antuliana nos vales do Nilo, a tal ponto que um espiritualista amante do passado e sonhador com o porvir acreditaria ver que, aos pés das Pirâmides egípcias, se davam as mãos Antúlio, o grande filósofo atlante, e Abel, dos vales do Eufrates.

Fazia fundo a essas duas gloriosas personalidades do mais remoto passado, numa paisagem de montanhas verdes e floridas, u'a multidão de gente humilde e simples e um Nazareno, de cabelo repartido ao meio e de olhos garços, que dizia do alto de uma colina:

– Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia!
– Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus!
– Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos!
– Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados!

É assim que o bom investigador, em questões filosóficas e religiosas, colocado no altiplano de completa imparcialidade, pode apreciar a obra sublime e grandiosa realizada pelos apóstolos missionários do passado, aos quais devemos pequena ou grande parte da Verdade Eterna que ilumina nosso caminho.

No entanto, a Fraternidade Essênia foi a que deu a grande maioria dos discípulos do Cristo, dos quais os cronistas dizem apenas que eram humildes pescadores, encontrados pelo Mestre Nazareno ao iniciar Sua vida pública. Todos eles, menos João, eram mais idosos do que Jhasua; todos eles, menos João, haviam-NO conhecido como menino, pois, quase todos eram originários das cidades vizinhas do Lago de Tiberíades, excetuando as famílias de Jerusalém, da Bethânia e de Betlehem, que já são nossas conhecidas.

Dos doze apóstolos íntimos, somente João, filho de Zebedeu e de Salomé, era doze anos mais moço do que o Grande Apóstolo do amor fraterno, e veio à vida física num momento que ele não podia esquecer jamais, conforme relataremos mais adiante.

Trazemos aqui esta alusão àquelas vidas que tanto se faziam refundir umas nas outras para demonstrar que a unificação de Jhasua com seus apóstolos e discípulos não se fez no final da Sua vida, como pode ser deduzido dos breves relatos conhecidos, mas havia começado com o nascimento do Cristo sobre a Terra, pelo simples fato de que todos os seus discípulos, com pouquíssimas exceções, eram membros da Fraternidade Essênia, mãe espiritual do Verbo de Deus em sua última jornada messiânica.

Cabe aqui examinar e analisar o motivo pelo qual se desvaneceu na sombra a importante obra dessa grandiosa Instituição, que, da mesma sorte como os Profetas Brancos, os Dáckthylos e os Kobdas, realizou obra missionária de alto merecimento para o progresso espiritual das porções da Humanidade às quais prestou benefícios.

Quando, no século II depois do Cristo, a Cristandade nascente começou a dar formas definidas e concretas à disciplina espiritual, moral e material, sobre a qual havia de edificar sua futura existência, houve um sem-número de divergências sobre esse tema. Foram as controvérsias sustentadas com extremo ardor e fogo, cada uma divergindo pela forma e pelo modo como julgava que devia continuar e ser interpretado o ensinamento do Cristo. Assim nasceram grupos contrários, adjudicando cada qual a si mesmo a posse da Verdade; e todos chamaram os demais de falsários.

As cristandades modestas e pobres, com recursos escassos, foram desaparecendo lentamente, refugiando-se seus seguidores isolados no Judaísmo ou nas religiões dos países em que viviam.

Quatro foram os ramos que ficaram com vida depois das grandes lutas dos séculos I e II: os fundados por Pedro, João, Tiago e Paulo. Os Anciãos do Alto Conselho de Moab intervieram a princípio no sentido de convocar todos para uma coordenação de todo o ensinamento, analisando ponto por ponto tudo quanto havia sido escrito referente ao Cristo.

Pedro e João estiveram de comum acordo com as opiniões dos Anciãos. Paulo, depois, também o esteve. O único que não aceitou o acordo foi Tiago, que estava à frente da congregação de Jerusalém, constituindo-a nas normas judaicas, que persistiram nos primeiros séculos.

Vendo que seus esforços eram ineficazes, os Anciãos dos Santuários encerraram-se em suas cavernas para evitar sofrimentos e perseguições e se dedicaram aos enfermos abandonados e a multiplicar as cópias dos originais escritos pelas testemunhas oculares da vida do Cristo.

Os essênios foram considerados como uma fração dissidente da comunidade, quando esta ficou constituída na forma que os dirigentes julgaram justo dar-lhe, depois de desaparecidos os Doze Apóstolos e os mais íntimos amigos do Divino Mestre.

Foi assim que o tesouro da Sabedoria Divina, guardado fidelissimamente pelos Essênios, se perdeu na sombra das suas cavernas de rochas, e o pouco que saiu dali para o exterior por intermédio deles tem mudado de forma e de colorido através dos séculos e da incompreensão humana.

Dentro de pouco tempo, o nome de *cristãos* já não dará aos homens nem a lucidez nem a grandeza de alma necessárias para cumprirem a grande frase do Cristo: "Se queres vir após mim, nega-te a ti mesmo, carrega tua cruz e segue-me."

"Negar-se a si mesmo!..." frase de bronze e de granito como os Santuários Essênios, onde o mais categorizado era o servidor de todos! Quem é que *quer negar-se a si mesmo*, por mais cristão que se considere?

Eu quero! Eu mando! Eu sou! Eis as três lápides sepulcrais sob as quais se extinguem os mais sublimes princípios básicos da Religião, emanada da própria alma do Cristo, em suas diversas jornadas messiânicas... *Eu quero! Eu mando! Eu sou!* Eis aí o panteão sepulcral que, século após século, foi tragando o esforço mental, espiritual e material dos discípulos conscientes do Cristo! Foram sacrificados e mortos em cadafalsos e patíbulos, em fogueiras, na forca, decapitados ou arrojados às feras, por causa da defesa que faziam de seu grandioso ideal de Fraternidade Humana.

Eu quero! Eu mando! Eu sou! dizem igualmente os cristãos de hoje, entre as numerosas filas dos grandes ramos do Cristianismo, organizadas sob diversas disciplinas, dogmas e liturgias.

Qual a força, qual o gênio, qual o acontecimento que as unirá num só pensar e num só sentir?

Somente a palavra do Cristo posta em ação: "Se queres vir após mim, nega-te a ti mesmo, carrega a tua cruz e segue-me."

Negar-se a si mesmo! Dura e heróica frase que significa a Renúncia a toda ambição egoísta e pessoal, qualquer que seja sua natureza. Ela se dirige àquele que pretende lucrar com o ideal, àquele que busca eleger-se em mestre dos demais, àquele que quer erigir um pedestal para o seu nome, àquele que, levado por interesses criados, sonha em recolher o fruto material de seus esforços de missionário do ideal.

Desistir de todas as ambições é o que obriga o *negar-se a si mesmo.*

Nós cristãos de hoje escandalizamo-nos com o que ocorreu aos Essênios do tempo do Cristo, inclusive porque desapareceram nas sombras e no silêncio os inúmeros escritos históricos que analisavam a sua vida. É tão natural esse fato que nos assombraria se tivesse ocorrido de outro modo, pois cumpre levar em conta que os cristãos dirigentes daquelas épocas não tiveram o valor de negar-se a si mesmos, mas, pelo contrário, disseram, como os de hoje: *"Eu quero! Eu mando! Eu sou!"*, crendo que com isso agiam perfeitamente bem.

É assim que a nossa inconsciência retarda a manifestação da Verdade e retardá-la-ia indefinidamente se a Justiça Eterna não tivesse à sua disposição as grandes legiões fulminadoras do Mal, que não admitem dilatações de prazo, dizendo: *Este é o limite.* Passou o tempo de espera. A porta do Céu está fechada. Quem não entrou até agora, fica fora até a próxima ronda.

Quão lenta é a evolução das humanidades!... Quão breves são os séculos ao longo dos quais elas vão subindo a passo de tartaruga!

Vejo diante de mim um mar imenso de areias douradas, e um menino apressado contando, um por um, os diminutos grãos de areia...

Quando terminará? Demorará muito; mas, com certeza, será mais rápido seu trabalho do que o avanço das humanidades em sua marcha eterna através do Infinito.

Chegamos ao ponto em que a Eterna Lei decretou o desaparecimento do Rei Herodes do plano físico. Ele foi chamado "O Grande" por causa da suntuosidade com que rodeou a sua vida, e pelos grandes monumentos, cidades e obras de arte com que enriqueceu a Palestina, procurando captar a simpatia do César, batizando com o seu nome, ou com o de seus familiares, as cidades que mandou construir.

Sucedeu-lhe no trono seu filho Arquelau, que mudou completamente a orientação de seu pai, para ocupar-se tão-só com diversões, caçadas, saraus e orgias, nas quais corrompeu toda a sua corte, soldados, guardas e mulheres. Divertia-se muito com os temores do pai relativamente a um Messias-Libertador de Israel.

Sem fé, sem crença religiosa de espécie alguma, sem dar qualquer valor às tradições hebréias nem a seus avisos proféticos sobre a vinda do Messias, ofereceu oportunidade para que o menino Jhasua, cativo em seu retiro no Monte Hermon, pudesse voltar tranqüilamente com os pais para a casinha de Nazareth, na idade de sete anos e cinco meses (*).

A partir desse momento, começou a tristeza de desterrado para o Menino-Deus, que, já aclimado ao sutil e diáfano ambiente formado pelos Essênios do Santuário que o havia abrigado por mais de cinco anos, teve que sofrer essa dolorosa transferência para um lugar que lhe era totalmente estranho.

Da mesma forma como ocorre com uma delicada planta de estufa, transplantada de súbito para ambiente sujeito às intempéries, exposta, assim, a todos os ventos, o pequeno Jhasua começou a enfraquecer, e o rosado arrebol de seu rosto transformou-se em palidez embaciada, onde seus luminosos olhos cor de âmbar pareciam dois grandes topázios engastados numa ânfora de marfim.

Myriam, que havia recebido grandes instruções dos Anciãos para o tratamento do menino, não o perdia de vista um só momento. Com freqüência, encontrava-o recolhido no quarto, junto à uma pequena cama ou estendido sobre ela, olhando imóvel para o escuro teto de sua pobre morada, como se nele, ou atrás dele, quisesse descobrir algo que pressentia, mas que não chegava, sequer, a perceber.

Sua enamorada mãe sentou-se à beira do pequeno leito e deu início a este diálogo:

– Jhasua, meu filho, que é que tens? Não queres brincar nem correr, comer ou rir. Parece que nem teu pai nem eu te interessamos para nada, e tampouco fazes caso dos outros meninos que desejam brincar contigo.

– Não te preocupes, boa mãezinha – respondeu-lhe bondosamente o pequeno, acariciando a mão da mãe, que tocava em sua testa, nas fontes e no peito, procurando sinais de enfermidade.

"Não te preocupes – continuou o menino. – É que não me agrada muito esta casa. Estava melhor naquela grande casa de pedra, onde as gaivotas, as pombas e, principalmente, os Anciãos alegravam mais minha vida do que tudo isto aqui.

– Farei com que tenhas, novamente, pombas e gaivotas e, ainda mais, os lindos melros azuis que existem aqui – prometeu-lhe a mãe, penalizada por ver a tristeza de seu pequerrucho. – Que mais desejas, meu filho? Os Anciãos do Monte Hermon? Também eles virão visitar-te de vez em quando.

– Visitar-me de tempo em tempo não é viver junto comigo – replicou o menino ponderando as palavras que dizia. – Sabes, mãe, ao bonitas histórias que eles me contavam? Aqui não tenho quem as conte para mim. Compreendes?

– E se eu trouxer aqui quem te conte lindas histórias?... – perguntou a doce mãe sorrindo, enquanto se inclinava sobre o rosto do filho para fitá-lo no fundo dos olhos.

– Oh, isto não pode ser, mãe! Não tens um ancião como aqueles que pareciam cantar em suas palavras doces como o mel na boca.

– Se eu fizer que venha um deles dentro de alguns instantes, alegrar-te-ás outra vez? Tornarás a correr como no Monte Hermon? Voltarás a comer grandes pratos de castanhas com mel? Tomarás, até acabar, a grande vasilha de leite de cabra com pãezinhos tostados nas brasas?

(*) Parece que há aqui um equívoco do Autor na contagem do tempo que deveria ser de 7 anos e 10 meses. O autor não levou em conta os 5 meses que Jhasua passou no Torreão de Mel-Kart ou considerou incluído esse tempo nos 5 anos e 7 meses, passados nesse Santuário, conforme ele esclarece (N.T.).

– Oh, quantas coisas queres ao mesmo tempo, mãe! Deves querer uma só, e basta. Depois outra, e amanhã mais outra. Compreendes?

– Sim, filhinho, sim. Bem, conformo-me hoje em ver que tomas teus alimentos, e, depois, virão as outras coisas. Agora chegou a vez do ancião que te contará formosas histórias. Levanta-te e vem comigo, pois encontrá-lo-ás junto à lareira.

O menino seguiu a mãe para a cozinha da casa, que era o ponto de reunião da família. A tarde já ia bem avançada, e os filhos maiores de Joseph ajudavam o pai a colocar em ordem novamente sua oficina de trabalho, ou entravam e saíam avisando sua antiga clientela que o pai já estava de regresso para não mais abandonar a amada Nazareth.

Os filhos menores, que já tinham de 9 a 12 anos, brincavam à sombra das árvores do pomar.

O Hazzan da Sinagoga, que era um dos irmãos de Esdras – aquele sacerdote de Jerusalém que conhecemos – achava-se sentado junto à lareira. Era essênio do terceiro grau e, além de Hazzan da Sinagoga, era mestre-escola e Terapeuta.

Myriam mandara chamá-lo para que examinasse o pequeno, que ela julgava estar enfermo.

– Este é também um essênio como os do Monte Hermon; ele sabe lindas histórias que te farão muito feliz, meu filho. – Assim dizendo, a mãe aproximou-o do ancião.

O Hazzan, que se chamava Felipe, tomou Jhasua pelas mãos e logo fê-lo sentar sobre seus joelhos.

– Será que me amarás como amavas os Anciãos do Monte Hermon?

– Se és tão bom como eles, amar-te-ei da mesma forma. Mas não tens a túnica branca, e tua barba também não é branca – respondeu o menino, olhando-o insistentemente, como se quisesse descobrir no Hazzan algo de seus amados Anciãos do Monte Hermon. Tua barba tem a cor de meus cabelos. Por que ela não é branca?

– Porque ainda não sou tão idoso como os Anciãos do Monte Hermon. Não obstante, já passei dos cinqüenta anos.

– Minha mãe diz que sabes belas histórias! Contarás algumas para mim?

– Todas quantas desejares, meu filho.

– Pois começa a contar; pode ser que, assim, me venha a vontade de comer castanhas com mel, conforme minha mãe deseja.

Myriam escutava e observava, enquanto ia e vinha em torno da lareira, ocupada com todos esses pequenos e, ao mesmo tempo, complicados afazeres de dona-de-casa.

O Hazzan tirou do bolso um rolinho de pergaminho e começou a ler pausadamente a história do pastorzinho David, que tocava cítara enquanto levava as ovelhas para a fonte ou para os pastos. Quando chegou ao trecho em que o pastorzinho arremessou a pedra com a funda e prostrou em terra o gigante Golias, Jhasua pousou sua mãozinha sobre o texto e disse:

– Não me agrada que ele o atingisse na testa e o matasse, porque a Lei diz no quinto mandamento: *Não matarás.* Bastava que o tivesse atingido numa perna e a houvesse deslocado, para impedi-lo de andar.

O Hazzan calou-se, olhando-o.

– Sim – continuou o menino. – Jeremias, um de meus mestres do Monte Hermon, também arremessava com a funda com grande precisão, e ele me contou que, um dia, andando, pela montanha, foi percebido por um lobo que começou a

aproximar-se. Então ele trepou numa árvore e, quando o lobo estava ao alcance, atirou uma pedra com a funda e lhe quebrou uma pata dianteira. Assim o lobo não podê fazer-lhe mal algum. Como podes ver, salvou-se sem precisar matá-lo.

"Os Anciãos do Monte Hermon ensinaram-me que não se deve matar os animais e, menos ainda, os homens, que são nossos irmãos, porque todos somos filhos do Pai Celestial. Não sabias isto?"

– Sim, meu filho; pois também estudo e guardo a Lei dada por Jehová a Moisés.

– Sabes como é o Pai Celestial? Se o sabes, hás de dizer-me, pois os Anciãos de lá disseram que mo explicariam mais tarde, porque, agora, ainda sou pequeno demais para entendê-lo. É uma lástima que tive que vir sem sabê-lo!...

Ao dizer isto, a fisionomia do meigo Menino-Luz adquiriu um aspecto de tristeza, como se sentisse saudade daqueles cuja recordação tanto guardava em seu coração.

– Se eles, que são tão sábios, falaram assim, como poderei eu explicar-te, se ainda continuas tão pequeno como antes? – observou o Hazzan. – Não te disseram também que as crianças devem seguir o conselho dos Anciãos e obedecer-lhes como se fosse Jehová quem lhes fala?

– Sim, assim me disseram, e, por isto, espero que chegue a hora de saber como é o Pai Celestial. Afigura-se-me como se eu ouvisse continuamente falar de meu pai e recebesse as suas dádivas de pão, castanhas, leite e mel sem nunca tê-lo visto. Não seria justo que mo houvessem mostrado ou, pelo menos, que me dissessem se é grande ou pequeno, se é formoso ou feio, se é preto ou branco?

Não sabia o Hazzan se deveria rir ou ficar de semblante sério diante da loquacidade do garoto, que parecia haver esquecido sua taciturna atitude anterior.

– Meu filho – interrompeu Myriam –, o Hazzan ia contar belas histórias, e vejo que não lho permites, porque estás sempre a falar. Não seria melhor que escutasses, enquanto ele fala?

– Isso vale para outros meninos – disse o Hazzan –, mas este é que deve falar, enquanto nós ouvimos.

– E por que eu hei de falar, e os outros meninos não?

– É porque os outros meninos não estiveram cinco anos entre os Anciãos do Monte Hermon, onde a Sabedoria Divina jorra em torrentes como a água do manancial – respondeu o Hazzan para não dizer-lhe a verdade; porquanto existia uma instrução na Fraternidade Essênia no sentido de jamais manifestar a essa criança uma só palavra relativamente à sua própria personalidade espiritual, até que, chegado o momento, seu Eu Superior se apresentasse, mostrando-lhe sua elevada missão de Messias-Salvador da humanidade terrestre.

– Então tu crês que eu, embora ainda pequeno, sei muitas coisas que aprendi com os Anciãos do Monte Hermon?

– Justamente; não pode ser de outra maneira, se foste sempre um aluno diligente.

– Ouve-me – continuou Jhasua, sempre sentado sobre os joelhos do Hazzan. – Pouco antes de sair do Santuário com meus pais, estava eu com um pouquinho de febre; e meu pai, preocupado, trouxe para junto de meu leito quase todos os Anciãos, que, como sabes, me estimavam muito, mas muito mesmo.

– Compreendo, muito bem, filhinho. Continua.

– Vi que um dos Anciãos, a quem chamavam de Escriba-Maior, trazia cadernetas de anotações, e os outros tinham grandes rolos de papiro. Pensei que iriam ler formosas histórias para mim.

– E não foi assim? – perguntou o Hazzan.

– Não foi isso que aconteceu, pois adormeci logo que eles sentaram ao meu redor. Quando fechei os olhos, o sol, que entrava na alcova, estava pondo-se. Quando acordei, amanhecia, e os Anciãos ainda estavam ali; os dois escribas, o Superior e o Auxiliar, escreviam apressadamente o que um terceiro ditava de uma caderneta de tecido encerado.

"O candelabro deitava toda a sua luz sobre eles, deixando o meu pequeno leito na penumbra, motivo por que não perceberam que eu tinha despertado.

"Compreendi que falavam de Moisés e corrigiam, em seus escritos, algo que certamente não estava bem. Ouvi repetidas vezes estas expressões, que jamais pude compreender: 'O menino riscou esta frase e pôs este parágrafo. O pequeno apagou todo este parágrafo. O menino jogou ao fogo três folhas desta caderneta por não condizerem com a verdade.'

"Tu, que és o Hazzan da Sinagoga, deves saber explicar essas palavras. Entendi que a criança era eu, e que, adormecido, havia feito tudo isso que eles diziam. Se a um menino pequeno não se leva em conta o que ele faz, mesmo quando desperto, como é que os Anciãos estavam ali reunidos para decidir tão seriamente sobre o que teria dito um garoto adormecido?"

Viu-se o Hazzan em grandes apuros para responder ao pequeno Jhasua algo que pudesse satisfazer a sua mente, na qual já se revelava em parte o que ele era.

– Presta atenção, meu filho – confessou, por fim. – Não creias que eu saiba tudo, nem que seja uma grande inteligência, mas direi o que compreendi. Terás ouvido dizer que os pequeninos são anjos de Deus, e que, quando dormem, são assistidos por outros anjos, e, às vezes, os sonhos das crianças são reveladores. Não poderíamos pensar que, enquanto dormias, tenhas respondido a perguntas que eles te fizeram, sendo que as respostas vinham dos anjos que velavam o teu sono?

– Pode ser! Agrada-me bastante essa tua resposta. Escuta-me. Uma noite, quando eu estiver adormecido, coloca-te junto a meu leito e faze perguntas. Vejamos se eu respondo. Podes fazê-lo?

– Não, meu filho, isto não, porque eu não tenho a capacidade que têm os Anciãos do Monte Hermon para obter dessa maneira os segredos divinos. Eles são sábios que estudaram muito. Mas, explica-me: como despertaste daquele sono?

– Bem. A febre já não ardia mais na testa nem nas mãos.

– Atenta para o que te digo: Eles sabem curar os corpos e compreender a linguagem das almas. É possível que, um dia, tu chegues a saber tanto quanto eles ou mais ainda; mas, agora, por seres ainda menino, e eu por não ser sábio, devemos conformar-nos em cumprir a Lei e ser muito bons, mesmo para aqueles que não são bons.

"Se fores à Sinagoga no próximo sábado, ouvirás a leitura daquela passagem da Escritura a respeito do menino Samuel, que, quando estava dormindo, foi despertado por uma voz que o chamava. Samuel veio a ser, mais tarde, um Profeta de Deus, ao qual Jehová dava inspirações no fundo do seu coração. Não poderíamos supor que Deus te houvesse destinado para u'a missão profética como Samuel entre o povo escolhido?

– Eu penso às vezes – disse o pequeno; e seu rosto pareceu transfigurar-se com uma estranha luz – que um grande amor enche os meus olhos de pranto; um amor que não se dirige a minha mãe nem a meu pai nem a ninguém deste mundo, mas... a tudo: ao Céu, à Terra, ao ar, à luz, ao Sol, às estrelas, a tudo que meus olhos vêem e também a tudo que não vejo. Compreendes, Hazzan? Quando isto se passa comigo, fico triste, aborrecido, escondo-me em algum lugar escuro e ponho-me a pensar. Que é que penso? Não sei dizer; mas, por vezes, choro às escondidas, até que minha mãe

me descobre e ralha comigo, obrigando-me a sair para ajudar a enrolar suas lãs e seus fios até fazer grandes novelos.

"Que será isso Hazzan?" – acrescentou.

– Deve ser o Senhor, que quer falar contigo, meu filho, como falou ao pequeno Samuel.

Estavam neste ponto, quando chegou Myriam, seguida por Joseph, para que o Hazzan lhe vendasse uma ferida que ele havia feito na mão.

Quando terminou seu dever de Terapeuta, ele lhes disse algo sobre o diálogo que tivera com o garoto.

– Oh! – interveio Joseph – Nosso Jhasua é um melro melancólico, que deseja mais chorar do que cantar.

– É um pequeno que pensa mais do que permite sua idade, razão por que vos peço que o leveis à Sinagoga no primeiro dia em que fordes lá.

Como Joseph o acompanhasse até o portão do jardim, o Hazzan acrescentou:

– Vosso melro melancólico começa a estender suas asas. Com efeito, o menino começa a despertar para suas grandes realidades.

"Aqui faria falta algum dos Anciãos, não digo do Moab ou do Hermon, que estão muito longe, mas, pelo menos, do Tabor ou do Carmelo, onde também há alguns adiantados nos caminhos de Deus. Se tiverdes confiança em mim, poderei encarregar-me deste assunto, pois eu não me sinto capaz de aguardar o despertar de sua consciência. Não podemos saber em que dia nem em que hora isto há de realizar-se."

– Vejo que atribuís muita importância às fantasias de nosso Jhasua! Não seria melhor distraí-lo com a escola e o trabalho? – replicou candidamente Joseph, sustendo sua mão vendada, que deixava ver uma ligeira mancha de sangue ressumbrado.

– Não queirais medir Jhasua com a mesma medida que às outras crianças. Esquecestes como se manifestou o Senhor na meninice de Samuel?

– Sendo assim, Hazzan, podeis fazer o que achardes mais conveniente – concordou o bom pai, despedindo-se do essênio, a quem agradeceu o serviço prestado.

Em seguida, aquele humilde mestre da Escola de Nazareth e Hazzan da Sinagoga afastou-se lentamente até sua casa, bendizendo a Deus, que o colocara no caminho de Seu Verbo, a ele que se julgava mais insignificante do que uma formiga nos campos do Senhor, animados por Seu poderoso hálito de vida.

O Menino-Profeta

Quando, no sábado seguinte, a família de Joseph se dirigiu à Sinagoga para ouvir a leitura e explicação dos Livros Sagrados, Jhasua foi também, sendo levado pela mão de sua mãe.

– Hoje não me disseste nenhuma palavra, meu filho – observou Myriam carinhosamente.

– Mãe, quando voltarmos da Sinagoga, falarei tudo quando queiras.

– E por que não agora?

– Porque agora estou escutando como que uma Voz Profunda que diz grandes palavras em meu íntimo.

A mãe calou-se, mas apressou-se em tocar com os dedos na testa do filho.

O Hazzan fê-los sentar nos lugares mais próximos da sagrada cátedra.

Quando chegou a hora, foram cantados alguns salmos. Então ele abriu o Primeiro Livro de Samuel, Profeta de Deus, e começou a leitura, inclusive estes três versos (19, 20 e 21) do Cap. III:

> "Samuel crescia, e Jehová estava com ele, e não deixou cair por terra nenhuma de suas palavras. E todo o Israel, desde Dan até Beer-Sabah, conheceu que Samuel era fiel Profeta de Jehová. Assim voltou Jehová a aparecer em Silo; porque Jehová se manifestou a Samuel em Silo." Etc.

Assim que ele acabou de ler, o pequeno Jhasua acercou-se do Hazzan e, com sua vozinha, que parecia uma campainha de bronze, disse:

– Hazzan, se não o sabes, eu te digo que Samuel, Profeta de Deus, virá a Silo daqui a cinco anos, quando eu tiver doze.

– Que estás a dizer, menino?

– O que ouves: Samuel estará no Santuário de Silo daqui a cinco anos, para dirigir novamente suas palavras a Israel, sem deixar que se perca uma única. Não se diz no trecho que acabaste de ler que, naquela cidade, Samuel foi chamado por Jehová para dar a Sua Mensagem ao sacerdote Eli e ao Seu povo? Pois eu te dou esta notícia: Samuel voltará e dirigir-se-á a terras distantes, do outro lado do mar, depois que haja visto tanta claridade que não lhe fique nada mais para ver sobre a Terra.

Joseph, cujo caráter severo o tornava algumas vezes rude, levantou-se, tomou o menino pela mão e fê-lo voltar para o lado de sua mãe, que estava abatida pela audácia do filho.

Consternado, o Hazzan interveio para dizer-lhes:

– Deixai-o; não o repreendais. Por que dizes isto, meu filho?

– Pela mesma razão porque o menino Samuel disse o que Jehová lhe mandara dizer a Eli e ao Seu povo. Samuel ouvia a palavra de Jehová e não a deixava cair por terra; vós a ledes no livro e não a entendeis. Se Jehová mandou que eu dissesse que Samuel voltará a Silo daqui a cinco anos, tenho que dizê-lo. Ou será que quereis impedir Jehová de falar? Ou pensais que Ele não tem agora o poder de falar por intermédio de uma criança, como o fez naquela época, por intermédio do pequeno Samuel?

– Cala-te, por favor, meu filho, e deixa que o Hazzan prossiga a leitura. Quem és tu para interromper? Não vês com que olhos te observam os assistentes? – interrompeu Myriam.

O Hazzan continuou a leitura até onde se diz que, morto Eli e seus dois filhos, e tendo a Arca da Aliança caído em poder dos inimigos, fora, assim, cumprida a palavra profética do menino Samuel, anunciada vários anos antes.

Outrossim, para acalmar a alteração que o caso havia produzido entre os assistentes da Sinagoga, ele falou brevemente sobre diversos casos semelhantes, ocorridos, em tempos remotos, com crianças que falavam inspiradas por Deus para fins determinados.

Como, nesse tempo, o Santuário de Silo, na Samaria, era utilizado como hospital de paralíticos e de anciãos pelos Terapeutas-Peregrinos, pensaram eles que poderia ser Vontade do Altíssimo fazer nascer ali um novo profeta para preparar os caminhos ao Messias, que, de acordo com as notícias, já estava no meio de Israel.

Alguns ouvintes pediram a palavra para perguntar se o Messias esperado não seria o próprio Samuel, achando-se, talvez, no velho Santuário por qualquer circunstância.

O pequeno Jhasua sorriu e disse:

– Não o procureis agora, porque não está lá. Não me ouvistes dizer que ele virá daqui a cinco anos?

– Ah! É verdade, é verdade – reconheceram vários deles.

– É precoce esta criatura – concordou um ancião. – Qualquer um diria que nasceu entre os Doutores de Jerusalém e que ouviu as Escrituras desde o berço.

– Diante disso, menino – observou outro –, dize-nos se o Messias já nasceu e onde está, ou se será o próprio Samuel, que afirmas que deve vir.

– Como quereis que diga coisas que Jehová não me mandou dizer? Se digo outras coisas, serão palavras de mentira. Só posso dizer as palavras que Ele me mandou dizer, pois são a Verdade.

– Não forcemos a Vontade de Deus, nem queiramos saber o que Ele não quer que saibamos – interrompeu o Hazzan. – Bendigamos ao Senhor, Grande e Poderoso, que, sendo dono de todas as criaturas e de todas as coisas, faz uso delas quando e como Lhe agrada. Tenhamos em conta o aviso deste menino para testemunhar se, daqui a cinco anos, aparece um Profeta no Santuário de Silo.

Com estas palavras e mais os variados comentários que os ouvintes fizeram, deu-se por encerrada a assembléia religiosa, e cada qual se afastou em direção a seu lar.

O Hazzan havia feito um sinal a Joseph para que aguardasse, de modo que fosse o último a sair.

Quando já não restava mais quase ninguém, viram, junto a uma coluna próxima da saída, um ancião de manto escuro.

– Desejais algo mais? – perguntou o Hazzan.

– Sou um dos Essênios do Monte Carmelo que mandastes chamar. Fui escolhido entre todos e aqui estou.

– Faz muito tempo que chegastes?

– Foi quando as pessoas começavam a reunir-se aqui.

– Ouvistes o que ocorreu com este menino de sete anos?

– Ouvi tudo.

– Que vos parece de tudo isso?

– Que a Luz Divina está entre nós, nessa pequenina pessoa de sete anos.

– Por que dizeis isto?

– Porque, enquanto o menino falava, vi, com claridade interior, u'a multidão de seres espirituais e resplandecentes que lançavam punhados de flores de luz sobre ele, ao passo que outros cantavam: "Glória a Deus nas alturas, e paz aos homens de boa vontade." Outros disseram: "O Verbo de Deus fala aos homens; e estes não entendem o que Ele diz."

Estavam neste ponto, quando voltou correndo u'a mulher com sua filhinha nos braços, e como um torvelinho entrou na Sinagoga.

– Olhai minha filhinha curada e limpa como um vaso de prata! – e mostrou a criaturinha de uns oito ou dez meses.

– Que tinha a vossa filha?

– Todo o seu corpinho estava feito uma chaga de erisipela maligna, que ninguém podia curar.

– Pois bem, e quem a curou? – perguntou o Hazzan.

– Escutai – explicou a mulher. – Quando esse menino falou daquela maneira, pensei que Deus falava por ele e, quando seu pai o trouxe de volta a seu lugar, eu, que estava atrás dele, com grande fé, pus as mãozinhas da minha menina sobre os seus ombros e rezei ao Senhor:

"Se este menino é um Profeta como Samuel, que minha menina seja curada deste horrível mal." A criança adormeceu, e eu a cobri com o meu manto, até que, faz alguns momentos, quando me dirigia para casa, ela despertou. Então foi grande o meu assombro ao vê-la sã e limpa das horríveis chagas que tinha. Podeis vê-lo? Nem sequer parece ter estado enferma jamais.

– Boa mulher – advertiu o ancião essênio –, louvai ao Senhor dos Céus pelo bem que vos fez; mas nem sempre é bom apregoar os dons de Deus pelas ruas e praças. Sabeis que estamos numa época na qual foi resolvido que, não sendo no Templo de Jerusalém, o Altíssimo não visita os seus filhos. Calai, pois, e demos todos graças a Deus porque desceu a esta humilde Sinagoga, onde apenas O buscamos e adoramos.

O Hazzan pôs incenso nos turíbulos, e todos juntos recitaram um salmo de gratidão ao Senhor.

Quando a feliz mãe se afastou, bem como os filhos maiores de Joseph, foi realizada uma pequena reunião, na qual tomaram parte o Ancião do Monte Carmelo, o Hazzan, Joseph, Myriam e o pequeno Jhasua.

– Venturoso pai – disse o Essênio a Joseph –, não vos alarmeis quando a alma de vosso filho transborda para o exterior, como hoje, numa explosão de divino conhecimento e de luz interior.

"Isso ocorrerá muitas vezes, até que, chegada a hora, ele mesmo reconheça quem é; e, estando mais firme na posse de sua personalidade, tenha o domínio necessário para refrear os grandes impulsos internos, que, necessariamente, o levarão a casos como o ocorrido hoje."

– Mas as coisas que ele disse – refutou Joseph – colocam-nos numa situação difícil perante todos os demais.

– Não temais – acrescentou o Essênio – pois o fato ocorrido será esquecido logo, e, como, de modo geral, entre os galileus devotos não existem pessoas de más intenções, quando muito pensarão que este menino será um futuro profeta e que Deus o fez falar nestas circunstâncias.

"O importante é que eu estou aqui a pedido do Hazzan para encarregar-me da educação imediata do vosso filho, até que ele seja um pouco maior e possa internar-se, de tempos em tempos, em algum de nossos Santuários. Creio que a missão que ele traz para o meio da Humanidade já não é segredo para nenhum de vós."

"Que dizes tu, meu filho?" – perguntou ao menino, tomando-o pela mão e aproximando-o de si.

– Eu não digo nada – respondeu Jhasua secamente.

– Agora Jehová não manda que nos digas alguma coisa? – perguntou o Hazzan.

– Creio que Jehová não está para divertir as pessoas quando elas querem, mas fala somente quando Ele quer.

– Falaste muito bem – disse o Ancião. – Eu sou aquele que Deus envia para ser teu mestre até nova ordem. Aceitas-me?

– Se Deus te envia a mim, quem sou eu para recusar-te? Tens a túnica branca? – perguntou o menino abrindo-lhe confiadamente o manto. E, quando, sob o manto cor de castanha, viu a túnica branca do Essênio, abraçou-se a ele, dizendo cheio de alegria:

– Oh, sim, sim! Tu és como aqueles do Monte Hermon, com a roupagem branca, como o cabelo branco e a barba também, como as pombas de meu jardim e como as gaivotas de minha montanha.

"Vamos lá em casa, e mostrar-te-ei os ninhos das pombinhas e minha junta de cordeirinhos."

– Agora é o menino quem fala – explicou o Ancião, deixando-se levar por Jhasua, que, tomando-lhe uma das mãos, fazia esforços para arrastá-lo para fora da Sinagoga.

O Hazzan interveio.

– Ouve, meu filho. Este Ancião viverá aqui comigo, pois esta casa é a hospedagem habitual de todos os Terapeutas-Peregrinos que visitam esta região; entretanto, ele irá à tua casa com assiduidade, e tu virás aqui todos os dias, juntamente com os outros meninos, para freqüentar a escola.

– Mas, Hazzan! – exclamou Jhasua todo assombrado. – Se Deus o mandou vir a mim, como é que tu te permites dificultar o mandato d'Ele?

– Sim, filhinho – confirmou o Ancião –, vim para ser teu mestre, mas a escola está aqui, e não em tua casa. Compreendes? Convém observar esta ordem para não chamar demasiado a atenção, a fim de que os outros pais não comecem a perguntar: "Por que o filho de Joseph e de Myriam recebe um mestre em sua casa?" É necessário manter a igualdade com todos o mais possível, para que recebas tua instrução com a maior liberdade e que não comecem a surgir dificuldades desde o primeiro momento. As pessoas são maliciosas, mesmo na Galiléia, onde há bastante simplicidade.

– Oh, quão más são essas pessoas! – murmurou Jhasua – que encontram o Mal onde não existe.

"Mais valia que cuidassem de não se roubarem mutuamente os produtos das hortas, os cordeiros dos rebanhos e o trigo das plantações."

Todos se entreolharam assombrados, e até algum riso disfarçado apareceu nos rostos dos presentes.

– Mas, meu filho – interveio Myriam –, acaso viste algo de tudo isso que dizes?

– Claro que vi, e mais de uma vez. Mãe, certa feita, quando fui contigo à fonte, eu vi essa mulher, cuja filha foi curada, tirar maçãs de um pomar alheio. Quando voltou hoje com a menina curada, olhei-a nos olhos; então ela se lembrou que, um dia, eu a vi roubar. Então pensei assim, enquanto a olhava, para que ela percebesse o motivo da cura efetuada:

"Deus curou tua menina, embora não o tivesses merecido, porque faltaste com a Lei, que diz: '*Não furtarás*', a fim de que saibas que Ele é bom para contigo."

O Ancião Essênio levantou o menino em seus braços, estreitando-o por longo tempo ao peito.

– Este filho! Este filho! – murmurou Joseph. – Meu coração estremece por causa dele, pois não sei ainda o que é que ele traz, se é felicidade ou desgraça.

Correram duas grossas lágrimas pela face de Myriam, e seus formosos e meigos olhos cor de avelã fecharam-se, enquanto relembrava as palavras do velho sacerdote Simão de Bethel, que lhe dissera, ao consagrar Jhasua no Templo, aos quarenta dias de vida: "Sete espadas de dor hão de transpassar teu coração."

Por muito que os pais e os mestres quisessem preservar o Menino-Deus de Sua indiscutível grandeza, no sentido de que esta passasse despercebida por outras pessoas, muito pouco puderam conseguir.

Surgiram certas dificuldades no próprio lar, com os filhos do primeiro matrimônio de Joseph e Débora, o maior dos quais já passava dos 15 anos. De fato, as exceções e os privilégios despertam necessariamente o ciúme nos espíritos pouco evoluídos.

Foi assim que, tanto em casa como na escola, o pequeno e meigo Jhasua teve a dor de despertar inveja e ciúme nos companheiros da mesma idade e condição.

Poderíamos, mesmo, dizer que o Homem-Deus foi mártir desde o berço, porque profundo martírio foi essa gota de fel derramada dentro de Seu coração, dia após dia e hora após hora, nascida da mesquinhez e do egoísmo dos meninos de então, que, às vezes, se tornavam agressivos para com aquele menino excepcional.

Com efeito, Jhasua não gostava de furtar frutas em quintais alheios, coisa essa muito excitante e deleitosa para a maioria das crianças; ele ficava magoado a ponto de chorar fortes e sentidos prantos quando alguns apedrejavam com fundas as pombas e os melros; olhava com horror e espanto se, ao passar um ancião, um corcunda ou um leproso, a garotada promovesse um vozerio de palavras nada doces nem lisonjeiras.

Não raro se formavam grupos em torno do Menino-Messias, Salvador dos homens: os de maus instintos odiavam-no de imediato; os mais evoluídos amavam-no até o delírio.

Foi por causa disto que Ele disse, alguns anos depois: "Trago comigo a guerra e a separação, não obstante seja de amor e de paz a Missão que meu Pai me confiou."

A Humanidade é sempre a mesma, apesar de seus lentos progressos intelectuais, morais e espirituais, que exigem séculos de esforços. Todo indivíduo que se destaca da multidão por suas virtudes e seus dotes, por suas aptidões ou faculdades, desperta ódio e malevolência nos seres cujo eu inferior domina completamente a personalidade; e, em troca, engendra amor puro e reverente naqueles cujo eu superior sujeita e governa a personalidade.

É evidente que, em torno de Jhasua, devia este problema humano manifestar-se claramente, já que era impossível ocultar a grande diferença entre seu Ser tão excepcional e o de todos os demais meninos que o rodeavam no lar e na escola.

Os de piores instintos começaram a chamá-lo "o filho paspalho do carpinteiro" ou "o simplório filho de Myriam", motivo pelo qual as outras mulheres se compadeciam grandemente de que ela tivesse tido tão pouca sorte com o seu primogênito, pois achavam evidente que se tratava de um menino retardado, débil, esquivo e, em resumo, sem as condições necessárias para ser um varão forte, em toda a extensão da palavra.

Se os pais de Jhasua ou seus mestres tomavam, como é natural, a defesa do ofendido e agravado, o ódio dos outros crescia a tal ponto que ele devia ser levado à escola e de lá trazido pela sua mãe, pois seus irmãos, os filhos de Joseph, não representavam para ele defesa suficiente.

Aconteceu que, um dia, o terceiro filho (*) de Joseph, do mesmo nome que seu pai – que era o mais adiantado dos irmãos e o que mais amava ao filho de Myriam – foi ferido por uma pedrada sobre o coração em virtude de se ter interposto entre Jhasua e o pequeno grupo de "escorpiões" infantis que o agrediam. Esse filho de Joseph e de Débora morreu, jovem, de uma afecção que lhe sobreveio por causa daquela certeira pedra, lançada pela funda de um garoto que não atingia mais que um metro de altura.

Por causa dos martírios infantis a que os meninos do seu tempo o submetiam, um ano depois, ou seja, quando Jhasua completava os oito, seu Mestre Ancião e o

---

(*) Há aqui um equívoco do Autor. Mais adiante consta a idade certa desse outro filho de Joseph, chamado Jhosuelin, para diferenciá-lo do pai. Verifica-se, então, que ele é o quarto, e não o terceiro filho. Mais para o final, quando Jhasua atinge a maioridade, há também confirmação do que acabamos de mencionar (N.T.).

Hazzan tomaram a iniciativa de dirigir-se, em determinados dias, à casa de Joseph, para poderem continuar, embora em pequena escala, a educação do menino, sem expô-lo às rudes alternativas, já mencionadas. Seu irmão Joseph (*), que levara aquela pedrada, cooperou com eles nessa tarefa.

A casa de Joseph tornou-se, assim, como que uma pequena escola, pois os outros filhos do artesão e mais alguns de vizinhos íntimos receberam, juntamente com Jhasua, os primeiros e simples ensinamentos que se costumava proporcionar a todas as famílias da classe média.

Há no Evangelho de Lucas uma frase que, qual delicada flor exótica, merece ser estudada letra por letra: "E o menino crescia em graça e virtude, diante de Deus e dos homens."

É isso tudo quanto dizem os Sagrados Livros sobre a infância e a juventude do Cristo Encarnado.

A Eterna Luz, essa excelsa Maga dos Céus, relata-nos em pormenores o que o Evangelho, escrito por um discípulo, nos diz tão concisamente, se bem que essas brevíssimas palavras já digam muito. Por trás delas, percebem-se poemas de bondade e de inefável beleza.

Segundo o costume hebreu, o ensino às crianças e adolescentes, depois do ler e do escrever, reduzia-se, em primeiro plano, ao estudo dos livros chamados de Moisés; logo a seguir, o dos Profetas Maiores e Menores; e, se o ensinamento fosse muito amplo, eram lidos também os demais livros Sagrados, ou seja, os que formam o Antigo Testamento.

Myriam, a carinhosa mãe, não tardou em observar que Jhasua, desde o amanhecer do dia em que lhe cumpria fazer lição, não era o mesmo garoto dos demais dias. Apenas acordava, ia para o lugar mais afastado e solitário do pomar, atrás de um frondoso emaranhado de amoreiras e parreiras, onde sentava sobre um velho tronco seco e, se não o procurassem, ali ficava longas horas em profundo silêncio.

Buscando-o para que tomasse o alimento matutino, a mãe encontrava-o nessa distraída ou abstrata atitude.

– Que fazes aqui, meu filho – perguntava –, tão afastado de casa, quando é necessário que te alimentes?

– A alma – retrucava ele – deve ser alimentada antes do corpo. Já não recordais como faziam os Anciãos do Monte Hermon? Meditavam primeiro, e depois comiam. – Porém, obediente ao chamado da mãe, deixava seu solitário retiro e dirigia-se para a mesa do lar.

Seu pai repreendia-o quase sempre, porque isso obrigava Myriam a ir buscá-lo pelos caminhos do pomar, molhados pelo orvalho da noite. Quando, um dia, foi expressa a determinação de Joseph que toda a família estivesse reunida para a refeição da manhã, viram Jhasua – então garoto de nove anos – tecendo um longo cordel de fibra vegetal que media cinqüenta braças de comprimento.

– Fazes u'a armadilha para os melros? – perguntaram seus irmãos.

– Sim, a fim de fazer voltar para casa um que foge todas as manhãs – respondeu ele.

Então, sem mais explicações, estendeu o cordel, passando-o cuidadosamente por entre os mais fortes ramos das árvores intermediárias, até chegar ao lugar para onde lhe agradava retirar-se, ao amanhecer, nos dias de lição. Na extremidade

---

(*) Daqui por diante, ele é chamado JHOSUELIN, para diferenciá-lo do pai (N.T.).

colocou pequenos aros de ferro e de cobre, em forma de pendentes, que, chocando-se entre si ao ser agitado o cordel, produziam pequeno ruído. Atou dissimuladamente a outra ponta ao tronco de uma cerejeira, junto à porta do lar, onde a mãe costumava colocar as talhas de água e as cestas de frutas e ovos. Somente ela devia saber o segredo dele.

– Quando necessitares, mãe, chamar-me, puxa por este cordel, e eu virei imediatamente sem que ninguém perceba que chamaste – disse muito baixinho, ao revelar-lhe o mecanismo de seu "chamador".

– Mas, meu filho, – admoestou a mãe –, não podes "meditar" mais tarde ou tem que ser forçosamente ao amanhecer?

– Contigo, mãe, não quero ter segredos: parece que levo um melro oculto dentro de minha cabeça, cujos gorjeios são, por vezes, palavras que entendo claramente. Essas vozes me disseram, um dia, assim: "Ao amanhecer dos dias de lição, retira-te para a solidão e, quietinho, escuta o que te será dito. Eu obedeço a essa Voz e escuto."

– E que é que te diz a Voz Misteriosa desse melro escondido? – interrogou a mãe, encantada e, ao mesmo tempo, temerosa das raras qualidades do filho.

– Ela me explica como devo entender a lição do dia e qual será essa lição, pois, às vezes, a do horto é diferente daquela que me dá o Mestre.

– E, em tal caso, como te arranjas?

– Quando acaba de falar e de explicar, ele pergunta como nós o entendemos. Então eu explico, de minha parte, como ouvi a lição no pomar. Se o Mestre está de acordo, melhor; se não está, mantenho-me em silêncio, embora sabendo que a lição do pomar é a que encerra toda a Verdade, porque essa vem de... – O menino olhou temeroso para a mãe, sem atrever-se a terminar a frase.

– Vem de quem, meu filho?

Com toda a cautela, como quem revela um grande segredo que deve permanecer oculto a não ser para u'a mãe muito amada, Jhasua aproximou a boca ao ouvido de Myriam, dizendo: "Vem do próprio Moisés... Psiu! não o digas a ninguém, porque Jehová não o quer!"

A Luz Incriada, qual Divina Maga dos Céus, relata-nos que, mercê dos sussurros do "melro escondido" na cabecinha ruiva de Jhasua – conforme ele dizia – resultava que, através de freqüentes exteriorizações de Seu Excelso Espírito, esse santo menino, ao explicar, na classe, como havia compreendido a lição de seu mestre, dava manifestações de conhecimento superior, que, por vezes, divergia em muito da interpretação dada por aquele.

Tanto o Essênio do Monte Carmelo como o Hazzan da Sinagoga chegaram a compreender que o menino falava iluminado pela Luz Superior, mas agiam tão discretamente que os demais alunos tinham a impressão de haver Jhasua prestado maior atenção e que ele era um discípulo estudioso e adiantado. Um ou outro dentre eles, remordido por algum ciúme indiscreto e mordaz, costumava dizer-lhe:

– Jhasua, se, conforme parece, sabes tanto quanto o mestre, por que vens à escola? Vai a Jerusalém e torna-te um doutorzinho, pois aqui nos basta saber apenas os rudimentos da Lei.

O meigo Jhasua recebia a forte picada de ironia, inclinava o rosto como um lírio murcho, e, fixando no pavimento o olhar úmido de pranto reprimido, parecia contar as lajes de pedra cinzenta que o formavam. Enquanto isso, a Luz Eterna recolhia o Pensamento do Verbo de Deus, menino ainda, e refletia em seu íntimo:

"Estas pedras estão já gastas pelo tempo e continuarão sendo lajotas frias, mudas e insensíveis, pelos séculos dos séculos... Assim são também as almas que não chegaram à compreensão das altas coisas de Deus."

O mestre e aqueles companheiros que o amavam, supunham que Jhasua, magoado por aquela frase egoísta, se achasse dominado pelo ressentimento, e tratavam de suavizar-lhe a ferida.

Numa ocasião, o professor, em sua explicação da Lei, chegou àquela parte onde se menciona que Moisés designara algumas regiões determinadas para que os hebreus que houvessem cometido graves delitos, como o homicídio, por exemplo, lá construíssem suas casas. O mestre disse: "Isto fez Moisés para separar as maçãs podres das boas, para que as demais não fossem contaminadas."

– Perdoai, senhor – disse Jhasua –, eu creio que Moisés não o fez por esse motivo, mas porque os homens que não se julgam culpados desse delito costumam encher-se de tanta soberba que tornam insuportável a vida àqueles que tiveram a desgraça de cometê-lo. Moisés quis, por certo, que, além de sua desgraça, os outros não lhes tornassem amargo o pão de cada dia, lançando-lhes em rosto seu pecado e apontando-os com o dedo. Por isso designou-lhes uma região onde ninguém pudesse maltratá-los.

Levantou-se, então, um pequeno protesto surdo:

– Que entendes tu das coisas de Moisés? Se apenas sabes para que serve o martelo e o escopro de teu pai – murmurou um dos alunos mais idosos, que estava junto de Jhasua.

– Tens razão, meu filho – disse o Hazzan a Jhasua – porque, muitas vezes, os homens conseguem ocultar pecados tão graves como os que se tornaram públicos em outros. Estes levam o castigo, enquanto aqueles ficam com a falsa honra de uma virtude que não possuem. Tens razão, menino. Deus falou por tua boca.

"E, quanto a vós, não deveis encher-vos de ciúmes porque Jhasua compreende melhor do que vós os Livros Sagrados. Ele não vos tira nada, nem perdeis coisa alguma. Por que, pois, vos revoltais? Se Jehová lhe deu maior capacidade, é porque ele o mereceu. Acaso Jhasua se revolta contra aqueles dentre vós que possuem maior riqueza do que ele? Brigou convosco por serem os vossos vinhedos maiores do que os dele, ou porque vossos olivais vos rendem grandes colheitas?

"O tesouro dele está em sua inteligência e em seu coração. São dons que Jehová reparte com justiça entre as Suas criaturas. Vamos, pois, continuar os estudos, e cada qual deve conformar-se com o que recebeu." – Quase sempre terminava a classe com uma admoestação desta natureza.

Jhasua!... pequeno Jhasua, cheio de luz e de conhecimento!... Em anos futuros, alguns desses companheiros de escola da tua meninice levantarão protestos na Sinagoga galiléia, quando explicares o sentido oculto dos Livros Sagrados; e esses hão de sublevar os ouvintes contra ti, e os mais audazes dentre eles levar-te-ão aos empurrões até a beira de um precipício, tentando arrojar-te nele, para que aí te despedaces... e, depois de os haveres aterrorizado com teu olhar de Filho de Deus, cheio de poder oculto, afastar-te-ás pronunciando aquela dolorida frase: "Ninguém é profeta em sua própria terra."

Anualmente e, às vezes, com maior freqüência, chegavam a Nazareth mercadores vindos de todas as paragens: do norte, do sul, do oriente ou do ocidente, quer de Tiro, Damasco, Joppe ou da Peréia. Acontecia que sempre tinham alguma encomenda

a fazer na oficina de Joseph, ou mercadorias para vender-lhe. Aos olhos dos nazarenos, a oficina do carpinteiro adquiria muita importância, de vez que seus excelentes trabalhos eram cobiçados em outras cidades e povoações distantes. Mas, chegados à oficina de Joseph, sob a tosca indumentária de mercadores podia ser vista a túnica branca dos Essênios, que, vindo dos diversos Santuários da Palestina, iam visitar o Verbo de Deus Encarnado, submetido à prova da obscuridade até que fosse chegada Sua hora.

Assim vieram igualmente de Jerusalém Nicodemos e José de Arimathéia, já transformados em doutores da Lei, ansiosos por ouvir as maravilhas da clareza mental e do alto conhecimento de que o Santo Menino, às vezes, dava mostras com a maior simplicidade e quase sem ter consciência de si mesmo.

Ambos haviam empreendido aquela viagem a fim de procurar consolo para u'a imensa amargura. Perdera José recentemente seu pai, e Nicodemos sua mãe e suas irmãs, numa pequena viagem marítima até Sidon, aonde tinham ido para presenciar as bodas de uns parentes.

Uma violenta tempestade avariou o barco, que foi a pique, salvando-se apenas uns poucos viajantes.

Os dois jovens doutores estavam transtornados de angústia, pois foram eles que promoveram a viagem, acreditando proporcionar aos participantes uma grande satisfação. O pai de José de Arimathéia teria podido salvar-se, mas não quis abandonar sua prima e a sobrinha na fúria das ondas; e foi assim que os quatro pereceram. A maré cheia arrojou os cadáveres à costa, onde foram encontrados semidestroçados pelas feras do mar.

Aquela dor era, pois, desesperada, tremenda e.... incurável, em seu imenso desalento.

Joseph e Myriam, que ignoravam tal desgraça, estranharam grandemente quando os dois viajantes os abraçaram em silêncio e, logo a seguir, começaram a chorar com grandes soluços.

Era o início do verão e muito cedo, ou seja, a hora em que o menino Jhasua estava em seu retiro no pomar. Não obstante, apresentou-se de imediato no meio daquela reunião, sem que ninguém o houvesse chamado, e, colocando-se entre os dois viajantes, que faziam esforços para ocultar o seu pranto, tomou cada um deles pela mão e, olhando-os afetuosamente, disse:

– Eu vos estava esperando.

– Tu? – interrogaram seus pais ao mesmo tempo. – Mas, menino ... se não recebemos aviso algum! Por que, pois, tomas a liberdade de fazer tal afirmação?

– Eu estava, há pouco, orando a Jehová para que me desse o poder de consolar todos os que sofrem tristeza sobre a Terra, pelo fato de eu ter visto muitos deles em meus sonhos, esta noite; também vos vi a ambos chorando desesperadamente. Jehová, com Sua Voz sem ruído, me disse: "Eles estão sob teu teto. Já tens esse poder. Vai e consola-os."

Quando ouviram isto, os dois jovens doutores começaram novamente a chorar. Myriam, sensível e terna em extremo, chorava também.

Joseph deixava correr uma ou outra lágrima furtiva, que se perdia por entre os fios de sua espessa barba, enquanto o Santo Menino, com os olhos semicerrados e como possuído de um poder sobre-humano, descansou as mãos sobre o peito dos viajantes e, depois de breve silêncio, disse em voz muito baixinha, apenas perceptível:

– Não ofendais a Bondade Divina com a vossa dor desesperada, porque os que amais não estão mortos, mas vivem. Olhai-os.

Eram vistos no mundo espiritual, num transparente plano inclinado que parecia ser como de um cristal opaco, conquanto brando e suavemente móvel. Era como um leito de águas solidificadas. Juntos, os quatro pareciam adormecidos. Um luz os iluminou repentinamente, e eles despertaram ao mesmo tempo, dizendo: "Que sonho horrível! ... Julguei que nos houvéssemos afogado! Vamos!" E começaram a andar, aproximando-se cada vez mais do plano físico, que eles julgavam ser a costa do mar.

A luz tornou-se mais intensa e a materialização mais acentuada, até que o plano astral e o físico se confundiram em um só. Nesse exato momento, os *mortos* viram os vivos, e a luz atingiu a todos. Exclamações, abraços, infinita alegria; foi tudo um transbordamento de amor e de felicidade. Somente Jhasua continuava como uma estátua de marfim, com os olhos semicerrados e os bracinhos postos em cruz.

– Não choreis, não choreis, pois ofendeis a Bondade Divina e o Amor Eterno, que é mais forte do que a Morte – disse, finalmente, o menino, como que iluminado por claridades internas. – Acabastes de ver que os que amais vivem, e continuarão vivendo, porque Jehová é a Vida e o Amor.

A formosa visão foi se desvanecendo e nas almas doloridas resplandeceu uma luz nova: A Luz da Imortalidade, acesa pela fé e pelo Amor do Menino-Deus, feito homem no seio da Humanidade.

A suave marca de cristal brando e opaco, que formava o plano inclinado no qual apareciam adormecidos os mortos pranteados, transformou-se em campo verdejante, salpicado de flores miúdas e brilhantes, onde foram aparecendo cordeirinhos e pombas, jardins cheios de flores e de frutas e até um pequeno bosque de verdes e brilhantes amoreiras, envolto em sedosos fios cor de ouro-pálido, pendentes de pequenos pontos de luz tremelicantes no éter azul.

Os jovens doutores da Lei compreenderam em parte o Eterno Enigma da força do pensamento humano, pois, no final dessa manifestação, viram claramente plasmados os aspectos e formas de vida que os amados mortos haviam realizado na maior parte de suas existências terrestres. Um deles havia vivido de seus rebanhos; outro cuidara com amor de seus bandos de pombas, criados em hortos de flores e frutas; e outros se haviam dedicado ao cultivo da lagarta bômbix, artífice natural da mais preciosa e delicada seda, tão cobiçada pela Humanidade.

Todas essas formosas manifestações da vida permaneciam vivas em torno dos recém-desencarnados, mediante sua própria força mental, pois eles continuavam criando-os com os seus pensamentos.

Enquanto tudo se dissolvia no éter, o Cristo-Menino recostou-se sobre um banco, como se um cansaço imenso o prostrasse, e ficou profundamente adormecido. A pedido de Myriam, seu pai levantou-o suavemente e levou-o para o leito sem que tivesse despertado.

Uma espécie de fadiga o manteve silencioso e quieto durante dois dias, que passou continuamente estendido no leito.

– Estou cansado – respondia para a mãe, quando ela o interrogava para saber se alguma enfermidade ou indisposição o afligia.

Os deslumbramentos radiantes da Metafísica iluminaram a mente dos jovens doutores, que se filiaram, então, a uma secreta Escola Cabalística fundada pelos Essênios do Monte das Oliveiras, atrás do horto de Gethsêmani, onde uma pequena torrente, chamada Águas de Ensenes, dissimulava a entrada para uma sala subterrânea, que, sem dúvida, em tempos remotos, havia sido gruta sepulcral.

Discutiu-se ali, e foi aceito, como de boa lógica e experimentada verdade, que, nos primeiros planos ou Esfera Astral da Terra, toda atividade das almas e sua vida atual constituem continuação de sua vida terrestre, com seus aspectos, vibrações, formas elevadas e nobres, boas ou más, de acordo com os graus de evolução dos respectivos seres, e sem que as atividades de uns prejudiquem ou molestem absolutamente aos que são de tendências e pensamentos contrários.

Tal é o chamado *Purgatório*, conforme certas ideologias, onde os videntes de várias épocas e países têm visto almas em sofrimentos, acorrentadas em masmorras, atadas em fogueiras, atormentadas de diversas maneiras pelas feras, por asquerosos répteis ou por verdugos humanos, cujo aspecto terrível, a par de vestimentas lúgubres, fizeram pensar em demônios atormentando as almas dos condenados *ao Inferno*. Se, pois, os pacientes demonstravam mansidão e resignação, os videntes julgaram que estivessem no *Purgatório*, onde os justos acabam de purificar suas faltas antes de serem recebidos no Reino Celestial.

A radiante Ciência Metafísica nos diz que o homem sabe ainda muito pouco da múltipla e variadíssima atividade, formas e aspectos desses primeiros planos da Esfera Astral da Terra, que alguns notáveis videntes chamaram de *Primeiro Céu*, ao perceberem formas de vida nobre, feliz e bela, de seres recém-desencarnados, que continuam animando-as com seus pensamentos.

Outros têm denominado esse plano de *Purgatório*, e outros, ainda, de *Inferno*, de acordo com os aspectos e as formas de vida que se apresentaram a sua visão. De modo nenhum podemos dizer que algum deles mentiu, pois todos viram apenas um ou outro dos verdadeiros aspectos e formas dessa variadíssima vida das almas recém-desencarnadas, e que habitam, por tempo indeterminado, a imensa Esfera Astral da Terra.

É tão imensa que se dilata até tocar a orla das esferas astrais dos planetas vizinhos.

Tudo isso foi compreendido por José de Arimathéia e Nicodemos, ao presenciarem essa manifestação no lar de Joseph, junto ao menino Jhasua; e julgaram de seu dever continuar o estudo da Ciência Metafísica, para dar a conhecer esta parte do grande enigma às gerações estudiosas de seu tempo.

A Humanidade passa por estados de dores imensas e ansiedades terríveis, pois, em geral, julga os seus mortos enterrados para sempre nas sombras de seus sepulcros ou em tormentos eternos ou temporais, capazes de fazerem enlouquecer de terror e de espanto até as almas mais bem temperadas.

A maior parte da Humanidade vive, ainda hoje, mergulhada em grave erro a este respeito, e existem interesses fortíssimos que impedirão, ainda por algum tempo, que a Verdade ilumine as mentes no tocante a esse vastíssimo campo de atividades mentais que denominamos "Esfera Astral da Terra".

Os primeiros sábios da Congregação Cristã, homens de estudo e de gênio, como Jerônimo de Panônia, o solitário de Betlehem, Agostinho de Tagaste, Basílio de Capadócia, Clemente de Alexandria e outros, chegaram a essas conclusões ao comentar os Céus a que Paulo de Tarso dizia haver subido em horas de intensa contemplação.

Ocorre, porém, que algumas epístolas e obras desses geniais videntes ficaram ocultas para a Humanidade, porque seus dirigentes espirituais a julgaram ainda na primeira infância para lhe poderem dar alimentos difíceis de digerir.

Em virtude desse modo de julgar, passaram-se quase vinte séculos desde que José de Arimathéia, Nicodemos de Nicópolis, Nicolas de Damasco, Gamaliel de Jerusalém, Fílon de Alexandria e outros comprovaram ditas realidades; e a Humani-

dade, em sua grande maioria, continua ignorando-as, porque ainda permanece na primeira infância, incapaz de conhecer verdades tão profundas, formosas e reais, que, no entanto, podem ser verificadas, qualquer que seja o prisma e a luz sob os quais se queira contemplá-las.

Em todas as épocas e países, o egoísmo humano tem encontrado o modo de crescer com a ignorância e a incompreensão das multidões, cujo diminuto progresso espiritual, moral e intelectual não lhes permite perceber a Claridade Divina, anunciada pelo Cristo nestas inolvidáveis palavras: "*Eu sou a Luz do Mundo, e quem me segue não andará em trevas.*"

Só o feroz egoísmo humano continua lucrando com a ignorância da humanidade que não quer se esforçar para pensar e raciocinar por si mesma, pois acha mais cômodo acomodar-se ao pensamento alheio e conformar-se à lógica acomodatícia dos que se arrogam o direito de mandar nas consciências e no pensamento da humanidade.

Nas Grutas do Carmelo

Foi a partir dessa hora solene que começou a exteriorizar-se a alma escolhida e sublime de Jhasua, a tal ponto que, alarmados, seus pais pediram conselho ao Ancião Essênio, que lhe servia de mestre, e este recomendou-lhes que o deixassem levar ao Santuário, oculto nas grutas do Monte Carmelo, para que os videntes e inspirados o guiassem na senda que esse Grande Espírito havia iniciado.

Para que o acontecimento passasse despercebido, esperaram a chegada do verão, que é como uma chama de fogo naquela parte da Palestina, tempo em que as escolas fechavam suas portas, dando lugar ao descanso dos alunos. Numa noite de lua cheia, o Ancião e o menino empreenderam a viagem, acompanhados por Myriam e Joseph e por um dos filhos deste, o qual tinha o nome do pai, e que, pela sua grande adesão e clara lucidez para compreender que em Jhasua se encerrava um ser extraordinário, dedicava ao meigo menino uma espécie de incondicional e profunda veneração.

Acompanharam Jhasua até Séphoris, através da velha rota dos mercadores para Tolemaida, muito freqüentada por caravanas de viajantes, oferecendo a segurança de não esbarrar com bandos de malfeitores, que, desde as íngremes montanhas da Samaria, costumavam surpreender os viajantes.

Em Séphoris já os esperavam cavalgaduras, ou seja, asnos amestrados em escalar montanhas, que os solitários enviavam de tempo a tempos, em busca de provisões, e que, mediante acordo antecipado, deviam coincidir com a chegada do Ancião e do menino Jhasua.

Era a primeira vez que Myriam se separava do filho, pelo que ela estava desconsolada em extremo.

Vinha-lhe à mente o pensamento do velho Simeão de Bethel que, ao oferecer o menino a Jehová, aos quarenta dias de vida, no grandioso templo de Jerusalém, lhe havia anunciado: "Sete espadas de dor hão de atravessar-te o coração."

– Eis aqui a primeira – disse a jovem e amada mãe, apertando o coração com ambas as mãos e esforçando-se por conter o pranto.

– Devolvei-mo em seguida, por piedade – pediu ela ao Ancião que levava seu tesouro aos montes, deixando-lhe o coração órfão e solitário.

– Viremos a Séphoris com freqüência para encontrar os vossos enviados em busca de provisões, e, assim, teremos notícias do menino – acrescentou Joseph, a quem o profundo desconsolo da esposa deixava desgovernado.

"Eu tinha razão de não ver com bons olhos as qualidades deste filho. Mais teria valido que, como os outros, houvesse sido capaz de empunhar a serra e o martelo, em vez de seguir o caminho dos Profetas, o que equivale a entregar-se voluntariamente ao martírio e à morte."

Ao dizer estas palavras, produziu-se em Joseph uma rápida reação, e ordenou com grande energia:

– Mas ... sou um imbecil! O pai do menino sou eu, e tenho o direito de mandar nele. Jhasua! ... de volta para casa, e que não se torne mais a falar de profetismo e visões. Por que motivo não hás de seguir o caminho de teus irmãos maiores? Acaso é desonra o trabalho pelo qual todos os meus antepassados obtiveram o pão com o suor de seu rosto?

"Por que sua mãe há de padecer esta tremenda angústia, pelo fato de lhe tirarem o filho tão repentinamente? ... e quem sabe por quanto tempo?

"De volta para casa, já disse, e não se fala mais nisso!"

Myriam estava aterrada; jamais havia visto Joseph daquela maneira, pois conhecia bem o seu caráter reservado e severo.

O menino Jhasua havia segurado a mão direita do Ancião, que esperava ver acalmar-se aquela borrasca, para poder falar.

Jhosuelin, como familiarmente chamavam ao filho de Joseph, que os acompanhava naquela viagem, interveio para suavizar a atitude do pai, sobre o qual tinha grande ascendência.

– Pai – disse ele –, creio que não há razão para agires desta maneira, quando se trata de curar o menino, não de u'a mania extravagante, mas tão-somente da enfermidade que padece. Sabemos todos que os Anciãos solitários do Carmelo são grandes Terapeutas e, certamente, devolver-nos-ão Jhasua completamente curado dessas visões que lhe causam tristeza e melancolia.

"Para tê-lo assim toda a vida, é preferível esta breve separação em busca de sua cura. Não acreditas que seja melhor assim, pai?"

– Em parte tens razão – respondeu Joseph, já vacilante.

Todos esperavam em silêncio.

– Que vá também sua mãe e tu – anuiu de súbito, com um tom que deixava ver uma resolução definitiva.

– E tu? – interrogou timidamente Myriam. – E a casa ... e as outras crianças?

– Não te preocupes. Eu me arranjarei com tudo. Agora mesmo, na viagem de volta, passarei em Caná e levarei uma de nossas primas, para que cuide da nossa casa até o teu regresso. Então ... vão andando, e que, todos os sábados, me tranqüilizem com a notícia de que todos estão bem.

Jhasua abraçou-se ao pai, dizendo-lhe com voz suplicante:

– Perdoar-me-ás por todos os desgostos que estás passando por minha causa?

A severidade de Joseph abrandou-se até as lágrimas e, levantando o menino em seus robustos braços, beijou-o ternamente, enquanto lhe dizia:

– Sim, meu filho, perdôo tudo, embora não sejas culpado de coisa alguma; todavia ainda não posso entender por que Jehová castiga as minhas culpas em ti, e não em mim mesmo, que o mereço.

O pequeno lhe pôs os dedinhos rosados sobre a boca, ao mesmo tempo que murmurava bem baixinho:

– Jehová não te castiga, pai, mas te desperta, porque estás adormecido.

– Eu adormecido? ... que dizes, menino?

– Sim, pai, tu dormes, e meus outros irmãos também. Só Jhosuelin está desperto como os Anciãos dos Santuários.

– Que queres dizer com isso? – interrogou alarmado o pai, olhando para o Ancião a fim de procurar desvendar o mistério.

– Que Jehová me trouxe à tua casa – disse Jhasua – como um cântaro de água para que todos bebam; e tu, em vez de beber, te aborreces, porque essa água não serve para regar as tuas plantações.

"Jehová tem água para os pomares, água para as feras e água para as almas dos homens.

"Eu sou o pequeno cântaro de Jehová para estas últimas. Desejas beber, pai, para que não te enfades mais comigo?" – E, rodeando com os bracinhos o pescoço de Joseph, beijou-o na boca com um beijo mudo e longo, como se, em verdade, estivesse dando de beber da interna e cristalina corrente do amor divino que lhe emanava do seu coração de Homem-Deus.

– Agora acordei, meu filho! – murmurou Joseph profundamente enternecido, enquanto se inclinava para deixar o menino em terra, a fim de ocultar duas grossas lágrimas que lhe rolavam pelo rosto, já sem os vestígios da severidade de momentos antes.

– Deixas-me partir de boa vontade? – interrogou novamente Jhasua.

– Sim, meu filhinho, com a condição de que Jehová me devolva logo o pequeno cântaro que deixou em minha casa já faz 10 anos, porque não é justo que eu continue padecendo sede.

– Na segunda lua cheia depois desta, o pequeno cântaro voltará para tua casa, pai. Agora já bebeste bastante.

Durante este diálogo, Myriam chorava em silêncio, e Jhosuelin, juntamente com o Ancião Essênio, ajaezavam um asno, o mais manso e melhor adestrado de todos, para a carinhosa mãe, cuja dor, pela separação de seu filho, havia causado a revolta de Joseph.

Era ao cair da tarde, e deviam aproveitar o frescor da noite para viajar, principalmente porque u'a mulher e um menino iam na caravana.

Dois Essênios jovens e dois lavradores das faldas do Monte Carmelo vieram a Séphoris para conduzi-los. Haviam descarregado o mel e as castanhas que trouxeram, e voltaram para carregar as provisões que deviam levar para o Santuário.

Joseph ajudou Myriam a montar e colocou o menino sobre o asno montado por Jhosuelin. Fez a este muitas recomendações com o fito de que o menino e sua mãe não tivessem nenhum problema durante a viagem.

– Não te preocupes, irmão – disse um dos jovens Essênios que deviam conduzi-los. – Já conseguimos e adaptamos hospedagens em casas de famílias essênias, disseminadas ao longo do caminho, a fim de que possamos passar ali as horas de sol ardente. Somente continuaremos a viagem desde o entardecer até a metade da manhã seguinte.

– Bem. Que Deus e seus anjos vos acompanhem – murmurou Joseph com voz trêmula e olhos úmidos. No momento em que iniciavam a caminhada – ficando o pai sozinho, de pé, no subúrbio de Séphoris, ou seja, na esplanada sombreada de palmeiras, de onde as caravanas costumavam partir – ouviu-se ainda a voz do menino, a dizer-lhe:

– Não tornes a adormecer, pai, porque Jehová desencadeará furacões para te despertar.

Joseph apenas respondeu com um sinal de despedida e voltou à estalagem para começar, por sua vez, a viagem de regresso a Nazareth.

Ao começar a terceira noite de viagem, chegaram ao pé do Monte Carmelo, onde um alegre arroio, originado por uma infiltração no alto da montanha, formava um tranqüilo remanso, ao redor do qual as vinhas e os castanheiros estendiam seus ramos carregados de frutos.

Era aquele local um formoso pórtico de folhagem, dando entrada a um dos caminhos mais acessíveis, por onde se podia subir até a Gruta de Elias, na qual havia sido construído o Santuário, que consistia em muitas salas lavradas na rocha viva, algumas delas recobertas por dentro com grandes pranchas de cedro.

A fim de descobrir a entrada principal, era necessário procurá-la onde menos se pudesse pensar ser encontrada, tal como ocorria com os Santuários do Quarantana e do Hermon.

Aqui era a choça de pedra e de peles de cabra de um velho pastor, que vivia só, com dois enormes cães e u'a manada de cabras. Era ele que guardava a entrada ao célebre Monte dos Discípulos de Elias e de Eliseu.

Para o viajante conhecedor das velhas crônicas dos Reis de Israel, naqueles montes, levantar-se-iam, como fantasmas do passado, os guerreiros do Rei Achab, os quais para ali foram enviados com o fim de levar preso a Elias, que se negava a apresentar-se ao soberano, desejoso de ver os estupendos prodígios por ele realizados.

Traziam aquelas crônicas relatos horripilantes com relação à chamas de fogo, cheias de dragões, que envolviam o Monte cada vez que os guerreiros de Achab se aproximavam dele.

Muitos dentre eles haviam perecido, não devorados pelos monstros nem queimados pelo fogo, segundo diziam, mas pelo medo e pelo terror que os impulsionavam a fugir, sem dar tempo a que se salvassem dos precipícios nos quais caíram; pois, querendo surpreender o Profeta adormecido, procuravam chegar aproveitando as sombras da noite.

Um dos guias essênios, ao chegar aos lugares mais assinalados pelas velhas crônicas, mencionava aos viajantes os acontecimentos particulares, ali verificados.

Sua chegada à choça do pastor foi anunciada pelos latidos dos grandes cães de guarda. Momentos depois, viu-se um archote de folhas de palmeira, ardendo na ponta de uma vara, que alguém, entre as sombras, levantava para o alto. Um dos guias acendeu também uma pequena tocha, que agitou três vezes no ar. Calaram-se os cães e, em poucos instantes, o velho pastor saiu para recebê-los.

Toda a rudeza daquele ambiente desaparecia à entrada do pátio, que se abria como um pequeno jardim florido ante a choça. Na repartição principal, que era a sala da lareira, aparecia sobre a mesa uma branca toalha, com enormes vasilhames de barro, cheios de castanhas, grandes taças repletas de mel, recipientes com leite fresco e queijo de cabra, bem como pãezinhos dourados nas brasas.

– Mãe – disse o menino ao entrar, levado pela mão dela. – Parece que este velho pastor adivinhou a fome com que eu vinha. – E, sem mais preâmbulos, aproximou-se da rústica mesa, sentou-se e, apanhando um bocado de mel, misturou-o com leite, serviu-se de castanhas, e, com a maior tranqüilidade, começou a comer.

– Meu filho, espera que te sirvam – insinuou Myriam, aproximando-se dele.

– Não posso esperar mais, mãe! – respondeu o menino. – Não é esta a mesa do Profeta Elias? Pois, quando ele tinha fome, não esperava que o convidassem, mas

servia-se, e, quando não tinha o que comer, mandava que suas águias protegidas lhe trouxessem pão para alimentar-se. Não ouviste isto, mãe, na passagem da Escritura, que foi lida no último sábado, na Sinagoga?

– Sim, meu filho, mas tu não és Elias.

O menino olhou para sua mãe, e ia responder, quando entrou seu mestre, o Ancião Essênio, que lhe dirigiu um olhar significativo, cheio de inteligência, e fê-lo compreender que devia calar-se.

Todos celebraram alegremente o santo apetite de Jhasua, a quem a viagem parecia haver favorecido em alto grau.

– Já que terminamos a ceia, tio Jacobo – mencionou um dos jovens essênios, dirigindo-se ao velho pastor –, poderás abrir a porta de entrada para nós?

– Mas como? – interrogou vivamente o menino –, acaso já não estamos dentro de casa?

– Estais na ante-sala da vivenda de Elias, o Profeta – respondeu com solenidade o velho pastor.

– Pois, se as castanhas e o mel do interior da vivenda forem tão bons como os da ante-sala, pode-se dizer que aqui se vive muito bem – tornou a dizer Jhasua, enquanto continuava comendo.

– Irmãozinho – disse Jhosuelin – vejo que o ar do Monte Carmelo te faz muito bem, pois comes e falas de maneira maravilhosa.

– A casa do Profeta Elias é energia e vida para mim!

– Muito bem! Muito bem, Jhasua!, não falas como menino, mas como homem – disse sorrindo um dos jovens essênios.

Quando já quase terminavam a frugal ceia, sentiu-se um leve ruído como de um ferrolho quando corre, e isto na escura alcova do pastor, que comunicava com a rústica sala de jantar.

Myriam, sobressaltada, chegou-se mais para junto do filho, e seus grandes olhos tinham um ar de interrogação.

– Não vos alarmeis – apaziguou-a o velho pastor. – O Servidor adiantou-se, sem dúvida alguma. – Levantando uma candeia de azeite que estava sobre a mesa, aproximou-se da entrada que levava à alcova.

A luz deu em cheio sobre a branca figura de um ancião, que se aproximava, apoiado sobre uma vara de carvalho.

– Tardáveis tanto que me adiantei – disse sorrindo. – A paz seja convosco! – Seus olhos, cheios de bondade e de inteligência, buscavam ao redor da mesa até que avistou a pequenina pessoa de Jhasua, cujos olhos claros, arregalados, pareciam querer devorá-lo.

Aproximou-se de pronto, e, abraçando ternamente o menino, disse:

– Pelos séculos dos séculos, não teve o Monte Carmelo a glória deste dia!

– Meu filho está enfermo e vem para que o cureis – advertiu Myriam, depois de responder à saudação que o Ancião lhe dirigiu.

– Não vos preocupeis com ele, que logo ficará perfeitamente curado. O Monte Carmelo tem ar de saúde e vida. Se já descansastes, vamos, que a noite avança, e mais adiante nos esperam.

Numa das paredes da alcova do pastor, via-se uma passagem clara, e o Ancião se dirigiu para ela, levando o menino pela mão. Atrás dele seguiram Myriam e Jhosuelin; depois, os outros essênios e, por fim, o velho pastor, que os acompanhou até a entrada daquele silencioso túnel, iluminado pelas tochas colocadas de espaço em espaço.

– Que Jehová te dê bom sono, irmão Jacobo – disseram os essênios despedindo-se do pastor.

– Que assim seja também convosco! – respondeu o velho, fazendo correr a lâmina de pedra tosca que ocultava a galeria.

Era aquela uma passagem estreita que desembocava em pequena clareira natural de rochas, com grandes castanheiros e oliveiras centenárias. A lua cheia iluminava a belíssima paragem, na qual não se notava outro sinal de vida orgânica senão a chiada das cigarras, interrompida, às vezes, pelo grasnido das águias que aninhavam nas árvores do cume do monte.

Aquela imensa solidão intimidava o ânimo, e Myriam tomou o braço de Jhosuelin, a caminhar a seu lado.

– Não temas, mãe – murmurou-lhe ao ouvido o pequeno jovem –, pois aqui não há feras que possam causar-nos dano.

Adiantou-se um dos jovens essênios, e, trepando numa rocha, alcançou a ponta de uma corda, puxando por ela. Soou imediatamente uma campainha; quase ao mesmo tempo, foi aberto por dentro um portão, e forte luz iluminou tudo.

– Estamos na casa do Profeta Elias – disse o Ancião-Servidor, fazendo Jhasua passar em primeiro lugar.

O menino, sozinho e sem temor algum, adiantou-se em direção ao numeroso grupo de Essênios que saíam a seu encontro.

Eram 40 anciãos e 30 jovens, hospedados na *Casa de Elias.*

Causava prazer ver a diminuta pessoa de Jhasua ante aquele círculo branco que ia fechando-se ao seu redor, enquanto todos lhe estendiam os braços.

– Começarei pelos mais idosos – disse – e entregou-se ao terno abraço de um velhinho de corpo curvado, que tremia ao caminhar.

– Filhinho! ... Filhinho! ... Eu esperava isto para coroar a minha vida – disse entre lágrimas o meigo Ancião, a quem chamavam Azarias e que era um dos poucos que, por causa de sua senilidade, não tinha podido chegar até Nazareth para ver o Cristo encarnado.

O menino ficou olhando-o fixamente durante alguns segundos.

– Tu – disse ele, logo a seguir e com grande firmeza – puseste-me um dia uma túnica celeste e caíste morto sobre o meu peito. Não me ponhas nenhuma túnica agora, pois, do contrário, morrerás novamente.

Os Anciãos ficaram como que paralisados ante esta magnífica manifestação de lucidez espiritual. Mas calaram, porque ali estavam Myriam e Jhosuelin, que ainda não haviam chegado a esses conhecimentos.

– O menino começa novamente a dizer inconveniências! – suspirou Myriam ao ouvido do enteado. – Com que espécie de túnica o Ancião iria vesti-lo, se agora o está vendo pela primeira vez?

– Não te aflijas, mãe, que tudo sairá bem. Os Anciãos do Monte Carmelo são médicos maravilhosos – respondeu o jovem.

– Não temas, Jhasua – respondeu o Ancião – que minha hora já está marcada, para que tu, no apogeu do teu apostolado, possas fazer penetrar a luz na urna escura que tomarei para glorificar a Deus.

Jhasua continuou abraçando os demais Anciãos, até que, chegando a um deles que soluçava intensamente, olhou-o com firmeza, como se encontrasse algo conhecido naquela fisionomia. Rápido, ergueu-se, olhando-o bem de frente e disse:

– Aarão! ... agrada-me encontrar-te aqui antes que eu chegue ao Moab, para avisar-te que lá terei de reunir-me contigo. Por que não foste nenhuma vez a Nazareth?

– Porque estive num país mui distante ... justamente lá onde Moisés e Aarão glorificaram a Jehová com feitos maravilhosos. Lá está Essen, que Moisés amava, e que hoje se chama Fílon de Alexandria.

– Eu irei encontrar Essen na terra das Pirâmides – acrescentou Jhasua.

A pobre Myriam começou a chorar e, aproximando-se do filho, procurou afastá-lo dos Anciãos, cuja proximidade fazia o menino delirar, segundo lhe parecia.

O Servidor interveio.

– Não sofras por este menino, irmã – disse ele com grande doçura. Não está delirando, mas recordando. Não ouviste o que foi lido nas Sagradas Escrituras, na parte que faz referência aos Profetas, os quais, em dados momentos, tinham conhecimento do passado e do futuro?

"Já é tempo de compreenderes que este teu filho é da Alta Escola dos Enviados, e não deve causar-te estranheza o que nele vês. Se não puderes cooperar, pelo menos com tua tranqüilidade, para o desenvolvimento de suas faculdades superiores, a Lei terá que retirá-lo de teu lado antes da hora que estava determinada."

O menino ouviu este diálogo entre o Servidor e Myriam, e a impressão produzida pelo pranto da mãe fê-lo voltar ao seu estado físico normal. Aproximou-se dela e, tomando-a pela mão, elevou-se nas pontas dos pés para chegar-lhe até o ouvido e dizer-lhe bem baixinho:

– Mãe, se tens medo de ficar nestas cavernas tão escuras, Jhosuelin e eu faremos uma pequena choça ali fora, junto ao remanso, debaixo de um castanheiro, que vi carregado de frutos. Do Santuário levaremos pão e mel, e, assim, teremos a existência assegurada. – Olhando para todos com os olhos iluminados de alegria infantil, disse cheio de satisfação:

– Ali haverá melros, calhandras e torcazes, que farão ninhos, e os filhotes gostarão de comer migalhas em minha mão. Oh! realmente, esta é a casa do Profeta Elias. Acaso não sabíeis isto?

Os Anciãos observaram-no em silêncio e notaram a grande mudança que se operou no menino quando percebeu que sua mãe estava chorando.

Assim comprovaram mais uma vez o enorme dano que causa uma impressão, por leve que seja, no psíquico de um ser adiantado, nos momentos em que ele exterioriza suas grandes faculdades.

Myriam já se havia tranqüilizado, e o Servidor, deixando os Anciãos naquela primeira caverna de entrada, convidou a todos, inclusive Jhosuelin, a passarem por um corredorzinho que se abria à esquerda e conduzia a um pequeno largo, sombreado por figueiras e videiras.

– Esta é a "*Cabana das Mães*" – mencionou o Servidor, designando uma caverna, na qual ardia um bonito fogo e onde várias velhinhas fiavam. Aproximaram-se.

Havia ali oito anciãs, vestidas também com túnicas brancas, cujos rostos serenos e plácidos denotavam claramente que eram felizes.

– Mãe Salomé – disse ele a uma das anciãs –, vem aqui u'a mulher de Nazareth com dois meninos, que hospedareis por uma temporada. O menino menor está enfermo, e teremos de curá-lo.

"O menino Jhasua – disse o Servidor a Myriam – comerá e dormirá aqui a vosso lado; mas, durante as horas do dia, ficará conosco, até que notemos que está completamente curado.

"Quanto ao mais, podeis estar aqui como em vossa casa, pois estas anciãs, sobre serem essênias, são também mães de vários dos essênios que vivem no Santuário; de sorte que elas sabem a importância que tem, para nós, o cuidar esmeradamente dos

hóspedes que permanecem aqui. Como acabais de chegar de viagem – acrescentou – necessitais de refeição e de um bom leito."

– Eles o terão em seguida, Servidor – respondeu a que havia sido chamada de *Mãe Salomé*, e que era quem governava a cabana durante essa lua, pois costumavam fazer turnos de administração de mês a mês.

O Servidor voltou para a casa do Profeta Elias, deixando que nossos hóspedes se acomodassem para poderem entregar-se ao descanso.

Vejamos o que ocorreu no Santuário. O Servidor encontrou seus companheiros de solidão fazendo entusiásticos comentários referentes a Jhasua; e, como quase todos tinham grandemente desenvolvidas as faculdades superiores, pôde cada qual dar uma opinião acertada sobre o estado psíquico do menino, naqueles momentos.

Compreenderam, desde logo, que ele não estava bem centralizado em sua nova personalidade, motivo pelo qual flutuava entre as anteriores, sobretudo nas de Antúlio, Abel e Moisés, que haviam acumulado maior desenvolvimento em seu Eu Superior. Em sua grande carreira messiânica, haviam elas sido os três vôos decisivos, por estarem estes vinculados a inícios ou fins de ciclos ou etapas gloriosas de novas civilizações.

Compreenderam, outrossim, que suas missões de mestres do Verbo-Menino consistiam em ajudá-lo a centralizar-se na sua personalidade de Jhasua, desligando-se completamente das outras, nas quais vivia de vez em quando.

Sabiam, ademais, que estava próximo a encarnar o Espírito que fora a mãe de Antúlio – o grande filósofo atlante – ou seja, a incomparável *Walkíria do Monte de Ouro* (*), que lhe havia dado vida física e que tão intimamente o acompanhou em sua vida espiritual de então.

O Profeta Elias, discípulo de Hilcar, um daqueles cinco meninos abandonados, com os quais ele fundara seus Dáckthylos nas grutas do Monte das Abelhas (**), na Ática pré-histórica, depois de várias encarnações naquelas mesmas paragens, caíra prisioneiro dos piratas da Cretásia (***), que o levaram à dita ilha como médico, em virtude de uma espantosa epidemia que lá se havia desenvolvido.

Encarnaram em mulheres humildes, com diferença de meses ou de poucos anos, Gaudes, Walkíria e vários outros Dáckthylos e Kobdas das velhas escolas, entre eles dois conhecidos arquivistas dos tempos gloriosos do Monte das Abelhas e de Neghadá: Walker, o arquivista do Cáspio; Eladyos, arquivista de Neghadá, o Atlas do Monte das Abelhas na vinda de Abel, Adonai e Elhisa, Sênio e Núbia.

Os Dáckthylos e os Kobdas da Pré-História haviam passado, e deles existia somente uma recordação gloriosa, estupendamente grande, das quais se conservava a lembrança como de uma epopéia legendária, mais fantástica do que real, conforme o parecer da humanidade anã, a qual vive apenas de mesquinhos ideais e de satisfações grosseiras.

Eis que, na Cretásia, ilha semi-selvagem, povoada por piratas e malfeitores, estabeleceram seus ninhos grandes águias do passado para limpar aquela região dos "abutres" e "lagartos", pois nela devia surgir também uma nova civilização. Estavam já próximos da Fenícia e da Síria, onde o Verbo de Deus realizaria sua derradeira encarnação messiânica.

(*) Monte de Ouro: era um país da desaparecida Atlântida, parte do qual abrangia a atual península do Lavrador, no Canadá (N.T.).

(**) Hoje é chamado Monte Himeto, ao sul de Atenas (Grécia) (N.T.).

(***) Hoje, Ilha de Creta (N.T.).

Verdade é que faltavam ainda vários séculos, mas as transformações para uma situação de tal magnitude, na História da Humanidade, não se operam em um ou dois séculos. Era, pois, o Mediterrâneo o cenário escolhido para se propender a um novo impulso, apto a preparar as almas para o grandioso acontecimento que era a apoteose do Verbo Divino, em sua missão de Redentor de humanidades.

Tudo isso foi rememorado pelos Anciãos do Monte Carmelo em virtude da chegada de Jhasua, garoto ainda; e eles se dispuseram a tirar o maior proveito possível desse acontecimento favorável.

Começariam, pois, seu trabalho pela personalidade de Antúlio, a mais longínqua das três que pareciam reviver a cada instante no Verbo-Menino.

Quando, no dia seguinte, trouxeram Jhasua para o meio deles, ocorreram os fatos que vamos relatar.

O Santuário propriamente dito era rústico e simples. Era o que mais tinha da simplicidade dos Dáckthylos e menos da grandeza imponente de Moisés. Este, nascido e educado na faustosidade estupenda dos Faraós do Nilo – cujas tendências ao monumental e ciclópico são bem manifestas – devia impor-se ao povo materialista e utilitário, que lhe serviria de instrumento para seus desígnios; pelo que se viu obrigado a colocar-se em sintonia com ele, a fim de melhor conduzi-lo, impondo-se a seus egoísmos e debilidades.

No grande Santuário do Moab, era bem notório o colorido mosaico, enquanto nos do Hermon, Tabor e Carmelo predominava a modalidade dos Dáckthylos, não obstante ser a mesma a ciência espiritual e os elevados conhecimentos que lhe eram comuns.

O Santuário do Carmelo era a grande caverna do Profeta Elias, no centro de uma série de pequenas e grandes grutas, que se abriam nas profundas gargantas da montanha, em cujo sopé o Mediterrâneo lambia quando deslizava suas ondas com mansidão, ou açoitava com fúria selvagem quando rugia embravecido.

Não se viam ali mais de cinco grandes círios, colocados em pedestais, cada qual sobre um bloco de rocha. Simbolizavam os cinco meninos com os quais Hilkar de Talpaken havia fundado sua escola. Em memória a este fato, Thylo, ou seja, Elias, havia começado também com cinco, dos quais o primeiro fora Eliseu a quem Thylo chamou *Patrioka*, o que, na sua linguagem ática, significava: *caverna de pedra.*

Um estrado circular lavrado na própria rocha, coberto de peles de cabra e com o piso forrado de rústico tecido de fibra vegetal, era tudo que ornava a Casa do Profeta Elias. Em mesas ou bancos feitos de troncos toscamente polidos, viam-se, empilhados, livros de panos encerados, tabuletas de madeira com inscrições, unidas umas às outras por longos cordéis, como se fossem páginas de um livro, habilmente enlaçadas para facilitar a leitura.

No centro havia uma rocha branca, lavrada em forma de taça, cujos bordos chegavam à altura do peito de homens de estatura média. Essa taça estava sempre cheia de água e simbolizava aqueloutra em que a Humanidade fizera beber a morte física ao maior homem de ciência, até então conhecido: Antúlio de Maha-Ettel.

Tal era o Santuário do Monte Carmelo, onde o menino Jhasua entrou no dia seguinte ao de sua chegada.

O incenso da Arábia, queimado numa pequena cavidade da rocha, que servia de queimador, e o som apenas perceptível do saltério, que parecia chorar em melodia suavíssima, num ápice produziram seu efeito no sensitivo Jhasua, que foi caindo em suave letargia entre o Servidor e o pequeno Ancião de corpo curvado, aquele mesmo a quem ele abraçara e reconhecera, tão logo havia chegado.

Todos evocavam Antúlio, mas apresentou-se Thylo (*), que, como sabemos, estava estudando no Santuário Essênio do Quarantana e era menino de 11 anos, Johanan, chamado, depois, o Batista.

– A paz seja convosco – disse. – Aviso-vos que o Mestre virá mais tarde, pelo que, enquanto Jhasua dorme, fareis a leitura dos relatos que sobre ele escreveu sua mãe Walkíria. Como está próxima sua encarnação, habita já os planos mais chegados à Esfera Astral da Terra, e ela própria servirá de introdutora e guia nestes trabalhos.

Durante essas breves manifestações, o sensitivo, que, com seu transe, serviu de intermediário (médium), apareceu envolto em suave bruma de ouro, da qual emanavam chispas de fogo radiante, iluminando intermitentemente a penumbra da caverna.

Daí a instantes, caiu em transe um dos jovens essênios, e uma aura azulada suavíssima difundiu no ambiente a doçura extraterrestre de sua vibração.

Um rumor surdo como uma brisa delicada surgiu de todos os lábios: – Walkíria do Monte de Ouro!

– Sim, sou eu – respondeu a voz trêmula do intermediário – e, da mesma sorte como no passado remoto, venho colaborar convosco na obra gigantesca da redenção da Humanidade.

"Sei o que quereis fazer e também sei qual a tarefa que me corresponde." Então desenhou-se claramente a figura astral da formosa mulher, que, afastando-se do corpo do sensitivo, aproximou-se de Jhasua adormecido.

"Antúlio, meu filho, vem; pois, acima de tudo, teremos que levantar a gloriosa personalidade de Jhasua, nesta hora única na História da Humanidade, em que o seu Messias-Salvador haverá de imolar-se pela última vez no santo altar do Amor Imortal.

Do corpo adormecido do menino desprendeu-se uma nuvenzinha cor de ouro-pálido, com ligeiros matizes de um branco-neve resplandecente, que foi enchendo, pouco a pouco, a imensa caverna, onde não havia outra claridade senão a dos cinco círios.

– A paz seja convosco! – disse a voz do menino adormecido, que parecia haver adquirido vibrações de clarim.

"A partir deste momento – declarou – anulo todas as minhas personalidades anteriores, para viver tão-só, em toda a sua amplitude, energia e vigor, a presente, na qual, por determinação da Lei Eterna, todas as demais devem ficar refundidas para sempre, pois, terminada esta, ficarei eternamente unido ao meu Ego, desaparecendo, em absoluto, toda dualidade. Então meu Ego e eu não seremos mais do que uma única e poderosa entidade, que passará a formar parte da Unidade Divina, em sua infinita grandeza e soberana plenitude.

"Ainda quando, futuramente, necessitar fazer uso de qualquer uma de minhas personalidades humanas, em determinados momentos e com fins demonstrativos da imutável Verdade, ditas manifestações serão apenas reflexos, pois, terminada a vida de Jhasua, serei, unicamente, o Cristo-Luz-Idéia-Verbo Eterno, durante séculos incontáveis, ou seja, até que as últimas legiões de almas da Terra hajam entrado nas moradas da Luz e do Conhecimento.

"As correntes de forças inferiores que quiseram frustrar a vitória final do Messias, somente porque esta lhes marca o começo de sua derrota sobre este Planeta, têm contribuído para produzir a descentralização da personalidade de Jhasua, procurando fazê-lo reviver as idades passadas. Tal ocorrência acabaria provocando, pouco

(*) Uma das encarnações do Profeta Elias, segundo foi mencionado pouco antes. Foi contemporâneo de Antúlio (N.T.).

a pouco, um desequilíbrio entre a mente e o cérebro e também entre as faculdades da alma, cujas qualidades e poderes ficariam reduzidos a vibrações sem coordenação possível.

"Amigos e companheiros meus de ontem e de hoje, de idades antigas e novas, avante! Jhasua, que surge entre vós como um rebento de palmeira, na luta gloriosa de sua apoteose como Cristo-Messias, ficará fortificado, com o vosso contato, na sua memória, no seu entendimento e na sua vontade. Paz, Esperança e Amor aos homens de boa vontade!"

A névoa de ouro-pálido foi se transformando até ficar totalmente branca, confundindo-se, finalmente, com as débeis espirais da fumaça do incenso que perfumava a caverna.

Quase todos os Essênios se haviam colocado em situação extática, de modo que, ao voltarem a si, tiveram a plena convicção de haverem estado no mundo dos Amadores, no plano sutil dos Egos, onde um emaranhado de óvalos com reflexos de ametista havia deixado neles a impressão de esplendorosa aurora, dando nascimento a inumeráveis sóis de um rosado vivo e fulgurante.

O Servidor e seus cinco Conselheiros, ouvindo os dados mencionados por todos, resolveram começar a instrução de Jhasua, lendo, em sua presença, as atividades espirituais dos Profetas, começando por Antúlio, considerado Mestre e Pai dos Profetas, por ter sido o primeiro a lançar-se à exploração dos Mundos, habitações de humanidades.

Um deles percebeu que o menino despertara, mas mantinha-se recostado no estrado, com a cabeça apoiada sobre o peito do ancião Azarias.

– Jhasua! – disse ele, aproximando-se. – Estás tão quieto que dás a impressão de estar ainda semi-adormecido!

– Não; estou até bem acordado e espero que comeceis essas leituras que ides fazer para curar-me.

– Está bem – continuou o Servidor. – Vamos começar. Faz apenas uma hora que o sol nasceu. Temos o resto da manhã até o meio-dia. Não ficarás cansado, menino, aquietado durante tanto tempo?

– Não me chameis de menino! Chamai-me de Jhasua, por favor. Acreditai-me, parece que tenho pressa de ser maior, pois estou cansado de perder tempo nesta pobre infância, que só me serve para procurar ninhos e comer castanhas. Lede ... lede, que vos estou escutando com avidez.

O menino acomodou-se como para resistir a uma longa imobilidade, apoiado sobre grandes almofadas de palha de trigo, forradas de linho, que as anciãs da cabana fabricavam para o descanso dos solitários.

– Os irmãos leitores que estão de plantão – ordenou o Servidor – preparem seus livros de modo que não haja interrupções. Escutaremos a Escritura conservada por Thylo, que relata as explorações espirituais e as primeiras visões de Antúlio, coligidas e escritas por sua mãe Walkíria do Monte de Ouro e traduzidas para o idioma fenício por nossos Pais Elias e Eliseu (*).

Trazendo uma rústica banqueta, um jovem essênio se aproximou da porta da caverna, cuja cortina de junco foi descerrada para que penetrasse em cheio a luz daquele formoso dia de verão, e começou a leitura:

"O Mestre Antúlio descreve a criação da nebulosa que deu origem à formação de nosso Sistema Planetário.

(*) Estes relatos das explorações extraterrestres do Profeta Atlante Antúlio somente interessam àqueles que desejam conhecer esse mundo que a alma humana encontra depois da Morte.

"O Absoluto, ou Grande Todo, é Energia, Luz e Amor: três Eternas Potencialidades residentes nas sete Forças Inteligentes e Vivas, chamadas *Fogos Magnos*. São estas que determinam o lugar, a época e a forma das criações, que são realizadas prontamente pela esplendorosa Legião das Inteligências Superiores. A estas a sublime Ciência de Deus e das Almas denomina *Tochas Vivas*, cujo número é igual a setenta multiplicado por setenta.

"Numa idade que, por ser extraordinariamente afastada, não se pode fixar com precisão, embora pudesse ser calculada aproximadamente em setenta bilhões de séculos, os *Fogos Magnos* impulsionaram as *Tochas Vivas* para o vazio mais próximo, existente no infinito oceano azul, onde a substância etérea estava já em condições de ser fecundada pela Energia Eterna.

"A idéia surgiu à semelhança de um relâmpago, ao mesmo tempo naquelas Inteligências ultrapoderosas, exprimindo, como uma só voz, vibração ou som: 'Uma nova espiral deve encher este vazio dos céus.'

"O Absoluto encheu nosso cântaro de Energia até a borda. Esvaziemo-lo aqui, e que novos mundos surjam de Seu Poder Infinito e de Seu Eterno Amor!

"Os *Fogos Magnos*, que são sete, estão dispostos assim: quatro representam o princípio ativo ou masculino; e três, o princípio passivo ou feminino. A cooperação de ambos os princípios é indispensável em toda criação.

"Tendo como auxiliares a Legião de *Tochas Vivas*, divididas pela metade nos princípios ativo e passivo, injetaram o fecundo germe no seio materno: o *Éter*; e uma ígnea borbulha, como um botão de fogo, se plasmou no fundo escuro do vazio, através do qual foi esboçando-se vagamente a nova espiral, ao longo de graciosas curvas, que se dilataram paulatinamente, até ocupar enorme extensão. A espiral, diminuta e sutil, transformou-se primeiramente em pequena nuvem e, depois, em grande nebulosa, salpicada, a intervalos, de linhas de luz e chispas de fogo.

"Quando a ultrapoderosa Energia Eterna conseguiu imprimir nessa nebulosa o impulso necessário para girar vertiginosa e permanentemente, os Fogos Magnos recolheram em si mesmos o impulso criador, o que equivale a dar a ordem de *cessar* ou *quietude*, porque a gestação já estava feita, e ela sozinha continuaria seu processo evolutivo durante o longo e pesado correr dos Tempos.

"Foi, pois, o *Éter*, carregado de forças vivas, a primeira mãe de nosso Sistema Planetário, como o é de todos os Sistemas Estelares que constituem os incontáveis universos do espaço infinito.

"Durante longas idades, a recém-formada nebulosa girou, dobrou-se e retorceu-se no vazio, até que o vertiginoso movimento a impregnou de calor, de gases e de fogo, fazendo assemelhar-se a imensa labareda, animada de loucos rodopios e ébria de energias, que, em seu formidável rodar sobre si mesma, arrojou ao espaço línguas de fogo ardente e bolhas de gases inflamáveis. Estes, por sua vez, corriam girando, como enlouquecidos, qual procurassem reunir-se em grandes massas incandescentes, constituindo um conjunto confuso de globos de fogo, até que a grande massa central dominou, na horrenda voragem, as menores, que, então, passaram a rodar em torno daquela, obrigadas pelas iniludíveis leis da atração.

"Imensas épocas passaram antes que se formassem nitidamente os planetas maiores, os planetóides, os satélites e os asteróides, que, aos milhares, se intercalam nas órbitas daqueles, acompanhando-os, às vezes, como séquitos de honra das grandes estrelas, cuja força de atração os arrasta irresistivelmente, obrigando-os a girar, em conjunto com elas, no imenso oceano azul.

"Novas épocas imprecisas, resultado de sua própria imensidão, caminham sem pressa – pois não há pressa na eternidade – até que aqueles vertiginosos movimentos vão tornando-se mais lentos, e os globos afastando-se lentamente uns dos outros para incomensuráveis distâncias.

"Tudo isso coopera para o esfriamento e solidificação daqueles materiais gasosos e inflamados, que passam, assim, a converter-se em rochas de lava, úmidas de vapores incessantes, produzidos pelos orbes ainda incandescentes. O enorme acúmulo de tais vapores dá origem a correntes de água, chuvas torrenciais carregadas de eletricidade, a invadirem, pouco a pouco, os globos em formação.

"Quando, depois de outra imensa cadeia de tempos, conseguiram essas águas estacionar nas cavidades das montanhas de lava semi-apagada e ainda fumegante, constituíram-se em lagos ferventes e pantanosos. Nessas águas quentes, e retidas em cavernas e profundidades, reúnem-se, então, milhares de milhões de átomos e de moléculas vivas, que começam a crescer, unindo-se uns aos outros, como bolhas informes, dando, com tais uniões, lugar à formação de células vivas, se bem que microscópicas, originando, portanto, as primeiras manifestações de vida, sob a aparência de vermículos de estrutura semilíquida no início e mais densa depois, até formar diminutas lingüetas, de movimentos quase imperceptíveis à primeira vista.

"À semelhança do que ocorre com os planetas de todos os universos, que se integram em sistemas, essas células, pela lei da atração, buscam-se, agrupam-se, estreitam-se, e, nessas águas pantanosas, geram princípios de larvas.

"É, pois, a *Água* a segunda mãe da vida universal.

"Em continuação, foram aqueles pântanos cálidos ampliando-se com novas correntes de vapores, condensados em chuvas, engrandecendo-se as larvas por aproximação e, ao mesmo tempo, segregando sedimentos e escórias cheios de células vivas, que, por sua vez, se difundiram em infinitas e variadas modalidades de vida semivegetal e semi-animal, ou seja, princípios de algas, esponjas e corais.

"Novas idades de incontáveis séculos passaram até que as correntes de águas pantanosas invadiram as partes rochosas dos planetas; e essas vidas embrionárias, aderidas ao lodo que banhava as rochas, foram assimilando-se, com grandes esforços, ao novo ambiente em que deviam desenvolver-se.

"A vida passara, pois, da Água para a *Terra*, sendo esta, portanto, a sua terceira mãe.

"Estava, assim, realizada a formidável gestação.

"Agitaram-se as primeiras células vivas, formando larvas ou vermes nas águas pantanosas e nas rochas de lava, umedecidas por elas. Em ambos os elementos, *Água e Terra*, a vida perpetuar-se-á desde a larva do inseto, das lombrigas da água e das minhocas da terra – primitivos antepassados dos grandes monstros marinhos, bem como dos enormes répteis – primeiros habitantes dos globos. Todos eles serão, um dia, o palácio de cristal e de ouro do ser inteligente, que se negará, sem dúvida alguma, a reconhecer como ancestrais aqueles ínfimos e repugnantes entes rudimentares.

"Manifestada já a vida sobre a face da Terra, é facilmente compreensível a evolução ascendente das espécies inferiores para as superiores, levando-se em conta, desde logo, os milhões de anos necessários a cada transformação.

"Dez mil milhões de séculos, aproximadamente, necessitou este Planeta para chegar a manter vidas e humanidades como as que vemos hoje.

"É esta a primeira etapa da sabedoria de Antúlio, transladada para o Monte das Abelhas, na antiga Cretásia, da Ática pré-histórica, por Thylo, discípulo de Hilcar II, príncipe de Talpaken, que foi o primeiro notário do Mestre Antúlio."

Jhasua tinha adormecido profundamente, e sua diminuta pessoa aparecia envolta em suave bruma de ouro pálido, aparentando a forma ou silhueta de um homem de elevada estatura, que, firme, de pé e fazendo o sinal dos grandes iniciados na Sabedoria Divina, parecia escutar também a interessante leitura. Os clarividentes começaram a ver a materialização desde o princípio, tão logo o menino caiu no estado de sono, e viram-na igualmente desintegrar-se, assim que ele despertou.

– Adormeci – disse Jhasua, ao abrir os olhos – e sonhei algo que se parece com o primeiro capítulo do Gênese, mas tão terrível e espantoso como se todo o universo estivesse em convulsão. Felizmente, vejo que aqui não se passou nada e que todos estão tranqüilos. Como se explica isso?

– Jhasua – disse o Servidor –, embora os teus anos de vida física sejam poucos, tua idade espiritual é imensamente grande, e deves saber que, em teu sonho, assististe novamente à formidável gestação deste Sistema Planetário.

– E por que disseste *novamente*? Porventura, assisti outra vez?

– Sim, duas vezes antes desta; ou seja, na vida de Antúlio e na de Moisés. Mas falaremos disto mais adiante.

"Agora o que queremos é que ponhas toda tua vontade em dominar essas impressões de teu passado distante, para não deixá-las transparecer aos profanos. Compreendes?

"Quando surgir o impulso de dizeres *essas palavras que Jehová te diz*, conforme tens manifestado, deverás ter a força de vontade de calar perante pessoas incapazes de compreender-te, a fim de evitar que te tomem por um desequilibrado ou enfermo. Apenas diante de nós podes deixar desafogar livremente os teus impulsos internos e dizer tudo quanto te venha à mente. Nessas ocasiões é que iremos explicando o sentido oculto e o significado dessas mesmas coisas que dizes."

– Nem sequer diante de minha mãe poderei falar livremente? – perguntou o menino olhando para todos que o rodeavam.

– Nem sequer ante ela, pois, embora seja essênia como teu pai, ainda não chegou ao segundo grau, no qual a Sabedoria Divina começa a explicar o *porquê* de todas as coisas. Com Jhosuelin podes desabafar de vez em quando, pois, embora ele seja ainda jovem, seu espírito é bastante idoso.

Este diálogo foi interrompido por um dos essênios, que disse:

– Está aberto o segundo Livro Sagrado que, na tradução de nosso Pai Elias, diz assim:

"Prosternada ante o Altíssimo, minha alma pedia luz para conhecer a si mesma; e, sendo que, em determinados momentos, ela se agitava como uma ave cativa, que procura lançar-se ao vôo, eu me perguntava:

"Que sou eu, homem da Terra? Como é que sou?

"Eis que a Luz Eterna se fez em mim, e vi claramente o que é o ser humano encarnado na Terra. Foi-me dado compreender, então, que são três os princípios que o constituem:

"1º. Matéria densa ou corpo físico.
"2º. Corpo mental ou intermediário.
"3º. Princípio espiritual ou Ego, que é o Eu propriamente dito.

"Faço a descrição dos três componentes ou princípios, tal qual me foram mostrados através da claridade interior que recebi.

"*Matéria densa ou corpo físico*:

"A matéria densa ou corpo físico, que todos vemos e apalpamos, constitui, por si mesma, uma complicada maquinaria, para cujo estudo e compreensão, têm sido necessários ramos de Ciência. Mas não é sobre ela que este relato tratará com mais amplitude, visto como o corpo orgânico do homem tem sido estudado e conhecido pelos sábios que se dedicam à Anatomia. Direi unicamente que esse corpo está envolto numa aura ou irradiação de substância etérea ou astral, de cuja composição participam os quatro elementos do globo terrestre: Fogo, Ar, Água e Terra.

"Possui também, esse corpo, o *fluido vital ou fogo circulatório*, que o percorre vertiginosa e inteiramente, constituindo a aura do sangue, de um rosado mais vivo ou mais pálido, conforme este seja mais ou menos puro e forte.

"Apresenta ele, outrossim, a irradiação ou aura particular do cérebro e da medula espinhal, como prolongação daquele, irradiação essa que se denomina *fluido etéreo ou nervoso*.

"Todos esses componentes formam, em conjunto com a matéria, o corpo físico do homem.

"*Corpo mental ou intermediário*:

"Quando o Ego, primeira origem do ser, passou de centelha da Eterna Chama Viva para borbulha, e desta para óvalo, o processo evolutivo lhe confere o poder de criar personalidades nos mundos físicos, ou seja, nos planetas capacitados para alimentar humanidades.

"Chegado a este grau de adiantamento, sob a tutela e guia das elevadas Legiões Criadoras das Formas, o Ego começa a extrair matérias sutilíssimas do Éter e vai configurando lentamente um corpo que acompanhará, como protótipo e modelo, em todas as personalidades humanas que ele revestirá nas futuras idades e em múltiplas existências, até completar sua evolução.

"Esse é o *corpo mental ou intermediário* que se une ao corpo físico no momento do nascimento da criança, cuja vida gestatória se efetuou sob sua ação e sob a tutela das Inteligências Superiores, encarregadas das gestações humanas.

"Vê-se, pois, que o corpo mental ou intermediário é como a emanação direta do Eu ou Ego, ou, exemplificando de outro modo, como sua vontade posta em ação, descendo ao plano físico para buscar a união com a matéria orgânica, que ele mesmo formou à sua imagem e semelhança para realizar todas as existências planetárias que necessite, até chegar à suprema perfeição.

"O referido *corpo mental ou intermediário* está sujeito a variações infinitas, de acordo com as atividades que desenvolve, conforme os ambientes em que sua matéria física atua e também segundo a orientação que se lhe imprime.

"Se a união com a matéria, ou seja, o nascimento, ocorre sob influência astral decadente, esse corpo Mental ou Intermediário sentirá mui debilmente a influência de seu Ego ou Eu Superior, motivo pelo qual os instintos próprios da matéria orgânica terão notável predomínio sobre ele, dominando-o, às vezes, quase inteiramente.

"O *corpo mental ou intermediário* varia e troca de aspectos e de cores a cada pensamento, a cada desejo, a cada emoção. É por isto que os clarividentes inexperientes nas investigações extraterrestres o vêem de tão diversas maneiras, parecendo-lhes, por vezes, que se trata de personalidades diferentes.

"Suas variações estão sujeitas às cores fundamentais do arco-íris, em conformidade com as emoções, os desejos ou os pensamentos: uma intensa aspiração à Divindade revesti-lo-á como de roupagem sutil ouro-pálido; um profundo sentimento

amoroso, de suavíssimo matiz rosado; um ansioso pensamento ou desejo de conhecimento elevado agasalhá-lo-á em sutilíssima vestimenta azul-turquesa resplandecente; a melancolia ou a tristeza, conforme os graus de intensidade que tenha, levá-lo-á desde o violeta-pálido ao escuro e desde o cinzento ao negro; um pensamento de ódio e de crime tingi-lo-á de azul-violeta pútrido ou negro-lodo; o desejo vivo de fecundidade e de se ver reproduzido em filhos envolve-lo-á em bruma verde-pálido ou mais vivo, de acordo com a intensidade de seu desejo.

"*Princípio espiritual ou Ego*:

"O *Ego ou Eu Superior* é o mais simples dos componentes do ser humano perfeito. Nasce da Eterna Energia – que é Luz e Amor – como um pequeno foco luminoso, a encerrar, em germe, todos os poderes e formas da Eterna Potência Criadora que lhe deu vida. Apenas nascido, começa a acumular a seu redor substâncias cósmicas sutilíssimas, plasmando a própria aura, que é seu envoltório ou corpo mental.

"Quando conseguiu formar com perfeição essa aura, cria, como já disse, o protótipo ou modelo para suas múltiplas existências planetárias na espécie humana.

"É nesse momento que o Ego, como entidade, começa a desenvolver sua vontade e o livre-arbítrio e, lentamente, vai adquirindo consciência do seu ser e de suas responsabilidades e poderes.

"Quando o Ego, sob a tutela das Inteligências criadoras das formas, conseguiu dar estrutura perfeita a seu protótipo, então o lança, como um feixe de raios ou reflexos de sua vontade, para o plano físico em que deve atuar, o qual é sempre um planeta que começa a receber humanidades em estado primitivo.

"Essa é a definição do homem encarnado na Terra, conforme a clarividência recebida do mundo espiritual pelo grande Mestre Antúlio. Seus discípulos recolheram-na e conservaram, transmitindo-a, em forma oral ou escrita, aos seus continuadores, através de longas idades e de inumeráveis contingências.

"É o que se contém na tradução que os nossos Pais Elias e Eliseu, Profetas do Altíssimo, fizeram do idioma cretense ao ático pré-histórico."

Panoramas Extraterrestres

Chegados a este ponto, o Servidor fez ver a necessidade de um estado de silêncio, durante o qual todos ajudariam a que o corpo *Mental ou Intermediário* de Jhasua se apropriasse perfeitamente de todos esses profundos princípios e se unificassem em perfeito equilíbrio com as potências da sua alma e com o seu próprio cérebro. Tudo isso era indispensável para que um ser de grande evolução se revelasse em toda a plenitude das faculdades e dos poderes que deveria manifestar em sua vida gloriosa, como era a que Jhasua estava por desenvolver.

A concentração mental profunda produziu em quase todos esse sutilíssimo estado espiritual que chamamos *êxtase, desdobramento ou transporte*. Aconteceu então o que, por lógica, devia ocorrer: a visão interior dos extáticos plasmou-se primeiramente no éter e quase que imediatamente na Esfera Astral, com reflexos vagos e sutis na própria atmosfera que envolvia seus corpos físicos. Tal é o processo seguido para que se produzam todas essas manifestações supranormais no plano físico.

Todos viram com nítida clareza a forma e o modo como as forças vivas do Cosmos vão se unindo para ordenar essas massas enormes de átomos a moléculas aparentemente mortas, até chegar à célula viva, princípio dos organismos vegetais, semi-animais, larvas apenas movíveis, embora ainda sem individualidade, pois atuam somente como informe montão de forças vivas, mas que se acham preparadas e dispostas para a individualização da porção ou fragmento que cada Ego há de assumir no momento oportuno de começar a sua eterna tarefa de transformações contínuas.

Assim chegaram eles a perceber a hora luminosa e radiante em que Círio, da mesma maneira que outras Inteligências gêmeas, colheu, do montão sem forma definida, células ou borbulhas de vida para encarregar-se de sua evolução em longas idades futuras. Naquela hora começou a individualização dessas células, cada um das quais seria, em futuro distante, um ser com vida própria, primeiro um vegetal, depois um animal.

No desenrolar maravilhoso daqueles panoramas extraterrestres, perceberam os extáticos o instante supremo quando um Ego – que, por iluminação intuitiva, compreenderam ser o de Jhasua – dirigia o feixe de raios de sua vontade sobre uma célula viva, a palpitar como borbulha rosácea, amarelada, azulada e esverdeada, de acordo com o colorido daqueles raios refulgentes de energia e vitalidade.

A partir desse momento solene e grandioso, a vívida e palpitante célula realizava seu esponsal eterno com o único Senhor para todo o sempre, ou seja, com o seu Ego, seu Eu Superior, que haveria de conduzi-la desde seus humildes princípios até os mais gloriosos destinos.

Viram, inclusive, a passagem lentíssima daquela célula por belas e delicadas modalidades de vida física, nos vales fecundos e florescentes do primeiro planeta, que girava junto ao grande sol central, Sírio, sendo que este percorria a sua órbita em torno de um centro maior, assim como todo o sistema girava, por sua vez, sobre outro ponto central, que se perdia na imensidão do espaço infinito! ...

Aquela formosa constelação que, graças à sua configuração, foi chamada posteriormente *Kan ou Cão Maior*, era constituída de milhares de planetas grandes e pequenos, planetóides, asteróides e satélites. Em seu girar vertiginoso e constante, alguns deles se desprenderam, atraídos por forças maiores, e foram unindo-se a outros sistemas planetários, até que, depois de longas épocas, a constelação ficou reduzida a sete estrelas de primeira grandeza e milhares de categoria e tamanho inferior.

Ao longo dos tempos, num mar de transparências azuis, tomou forma uma alga amarelenta e esverdeada, trepando por uma rocha branca, que era o alicerce de uma torre, à qual subia um jovem, ao entardecer, para acender o grande farol da cúspide.

Por causa de um abalo sísmico, a rocha, com a alga nela aderida, rolou, um dia, para o fundo do mar. Passado algum tempo, um brilhante coral rosado se prendera a outra rocha, fundamento do farol que já estava em ruínas. Ao pé dele, humilde sepultura, situada numa gruta das rochas, indicava o final da vida daquele jovem faroleiro, que, através de um descendente seu, continuava a proporcionar luz, todas as noites, aos navegantes daquele mar de transparências azuis ...

E assim, sucessivamente, desfilou com inaudita rapidez aquele eterno viver até passar do Reino Vegetal para o Reino Animal cujas espécies de mansidão percorreu durante longuíssimo tempo até chegar à última: um belíssimo animal quadrúpede de amplo pêlo branco irisado muito semelhante à rena das terras polares, tirava um náufrago das ondas bravias de um rio caudaloso e enfurecido. O heróico amor inteligente desse animal em favor de um ser humano, que a ele estava ligado por

antigas alianças muito longínquas, foi a chave de ouro que abriu a porta do Reino Humano à humilde *célula viva* que havia percorrido mares e terras do seu planeta de origem, sob inúmeros aspectos e formas, até chegar ao pleno despertar da sua consciência e da sua vontade.

A célula viva chegara ao palácio encantado da inteligência humana e sua primeira vida de homem foi a de um menino num lar de pastores de antílopes, que por herança paterna foi também pastor por muito tempo.

Aquele pequeno zagal, apesar da cor bronzeada da sua pele, assemelhava-se muito com Jhasua, sobretudo no seu doce e sereno olhar ...

Ao chegar a este ponto culminante, todos os essênios caíram de joelhos com o rosto prosternado em terra, adorando a Suprema Energia Criadora, que, sem outros elementos, a não ser o tempo, assim transformava as coisas inanimadas até convertê-las em imagem palpitante e viva de Si Mesma.

– Tudo quanto temos visto é minha própria vida na Eternidade de Deus – disse o menino Jhasua com voz clara e vibrante. – Será verdade tudo isso ou seria criação vossa, que, porventura, sois magos como o foram Moisés, Elias e Ezequiel?

– Jhasua, – disse o Servidor – todos os homens têm uma história semelhante, e é bom que jamais venhas a esquecer o que foi visto, para que saibas relacioná-lo perfeitamente com a tua atual missão de Instrutor e Salvador desta Humanidade.

No dia seguinte, e à mesma hora, o trabalho espiritual dos solitários continuou de modo igual, e o Essênio-leitor leu o seguinte:

"O Mestre Antúlio explicou aos seus discípulos como se havia apresentado à sua clara visão a escala imediatamente superior ao homem, ou seja, a dos *Guardiães*, que são Inteligências de evolução avançada, e que, pela sua própria natureza, podem atuar mais no plano físico, quer em coletividades ou legiões, quer individualmente.

"São os que, no Sephirot da Ciência Oculta mais remota, se denominam *Legiões do Reino*, por serem as mais numerosas. Noutras Escolas de Sabedoria Divina, são denominados *Hierofantes, Bodhi-Satvas, Profetas*. Eu lhes dou o nome de 'Guardiães' em vista das tarefas e missões que os tenho visto desempenhar de preferência. Todas as obras de bem e de justiça são defendidas por essas Inteligências de grande pureza e lucidez.

"Encarnam com bastante freqüência nas humanidades cujos planos físicos são iguais aos desta Terra. Quando estão na matéria, podem ser facilmente reconhecidos pela lucidez que possuem para discernir o bem do mal, o certo do errado e o verdadeiro do falso.

"Todos os seres que encarnam com missões espirituais de importância têm um ou mais guardiães que os ajudam a encaminhar-se para o cumprimento de suas missões. Às vezes podem tomar formas materiais a partir do plano espiritual ou esfera astral e tornar-se visíveis aos seres encarnados, quando grandes causas do bem comum assim o requerem.

"Em tais ocasiões, é comum ouvir-se falar de aparições de Inteligências Luminosas a seres encarnados, em momentos ou circunstâncias que exigiam assistência especial. As Escrituras Sagradas das mais remotas Escolas de Conhecimento Divino relatam inumeráveis aparições dessa natureza.

"Os Guardiães representam sempre esse algo superior chamado *Providência*, que acode para prover uma necessidade imprescindível ou evitar uma catástrofe não prevista pela Lei. São os depositários dos segredos das vidas físicas que começam e das que terminam. Em outras palavras: eles sabem quando, como e onde deve começar uma vida, e quando, como e onde deve terminar.

"Mas, como a Lei menciona a conveniência de que os encarnados ignorem, em geral, tais segredos, esses elevados espíritos os guardam com austera severidade. São eles, pois, os Guardiães do grande Livro da Vida e da Morte, e somente por motivos graves e justos permitem que sejam reveladas a determinados seres coisas que pertencem aos mistérios que a Eterna Sabedoria lhes confiou.

"Essas imensas Legiões de Guardiães estão formadas por espíritos originários de diversos planetas, cujas humanidades são de evolução mais elevada do que a humanidade terrestre.

"Quando encarnam, realizam, de ordinário, vidas breves, salvo casos em que razões poderosas os retêm por mais tempo no plano físico em que atuam. Próximo de mim, por ordem superior, tenho encarnados dois Espíritos Guardiães: Hilcar de Talpaken, meu primeiro discípulo, e Walkíria, minha mãe amadíssima. Entre ambos está formada a aura de proteção que me é necessária para desenvolver a minha vida terrestre.

"Os Guardiães estão repartidos em sete grandes divisões ou Legiões, cada uma das quais obedece a um superior imediato, o qual leva a denominação de *Guião*, ou seja, *Indicador*, que é o significado daquele nome. Esses sete *Guiães* recebem as ordens do Messias-Instrutor correspondente. Cada Legião leva o nome de uma das sete cores fundamentais do arco-íris: Ouro, Azul, Escarlate, Esmeralda, Violeta, Turquesa e Branco.

"Suas características mais destacadas são o amor suave e meigo, manifestado com força de persuasão e uma grande firmeza e perseverança para levar a um feliz termo suas obras de bem e justiça.

"Toda beleza os atrai e toda ruindade lhes causa repugnância e asco.

"Nos planos físicos, encarnam, de preferência, em civilizações espirituais elevadas, e pouco nas épocas de decadência. Ordinariamente, existem na proporção de um por mil naquelas paragens do Planeta onde, com mais freqüência, se realizam obras de ajuda social, com tendência para a elevação da Humanidade. A falta de harmonia e a frivolidade em que, de ordinário, vivem os casais, constitui impedimento para que esses Espíritos encarnem em maior número.

"Sucede por vezes que, ao tomarem a matéria, o ambiente terrestre escolhido resulta tão asfixiante e pesado que isto lhes produz alterações orgânicas invencíveis, pelo que voltam para o espaço, sem ter podido realizar a missão de que se encarregaram.

"A maioria das Inteligências purificadas, que formam as filas gloriosas por sua abnegação de holocausto perpétuo, chamadas *Círios da Piedade*, saem destas imensas Legiões, com o nome de *Guardiães*, que são a primeira evolução superior a que chegam os habitantes dos planos físicos, destinados à procriação pela Eterna Lei.

"Os *Arcanjos* fazem parte de uma grandiosa escala evolutiva das Inteligências, formando outra imensa Legião, que o Divino Conhecimento chama de *Muralha de Diamantes*. Tais são as inteligências que desenvolveram, com freqüência, grandes poderes, forças e energias, que elas colocam a serviço dos elevados e ocultos desígnios do Eterno Poder.

"São sete categorias diferentes, cabendo a cada qual uma ação própria, como seja: *Vigias, Potências, Arautos, Colunas, Aquilões, Setas e Raios*. Acham-se sob a direção de sete Hierarcas, que obedecem à idéia do Messias correspondente ao planeta em que atuam.

"Em minhas clarividências, esses Espíritos se me apresentam vestidos de túnica curta, cor de prata ou azul, com asas luminosas de suave irradiação purpúrea e com

duas longas chamas de fogo, semelhantes a espadas, de uma fulguração que deslumbra, as quais se projetam das palmas abertas de suas mãos. Eu percebia a sua proximidade através de um agradável calor, que é, simultaneamente, vibração, energia e poder.

"Todos eles podem encarnar nos planos similares ao da Terra e na própria Terra, com exceção dos *Setas* e *Raios*, cujas poderosas vibrações não podem ser suportadas por um organismo físico terrestre. Seus poderes dominam correntes magnéticas poderosas e eletro-radiantes; podem desintegrar corpos inanimados e mudar de um lugar para outro, a distância, corpos animados, e, bem assim, dispersar como pó os átomos e reuni-los novamente, se tal for a sua vontade.

"Encarnados, têm a força de sugestão necessária para se fazerem amar até o delírio, com fins de bem e de justiça, sem que intervenha, de maneira alguma, o interesse sexual, quando se tratar de seres de sexo diferente. Podem paralisar o processo ordinário de qualquer enfermidade em organismos físicos, quando a vida de determinados entes deve ser prolongada por motivos de grande importância. Gozam, igualmente, do poder de acelerar ou atrasar nascimentos para evitar influências astrológicas adversas à missão que trazem para a vida seres de evolução avançada, de cuja atuação dependerá o progresso ou o atraso de grandes porções da Humanidade.

"Sua força predominante desprende-se da íris de seus olhos e dos extremos dos dedos de suas mãos. Uma dessas grandes e fortes Inteligências presidiu ao meu nascimento, que ocorreu uma lua antes do tempo normal. Com isto conseguiu-se que ele se realizasse sob a influência de Júpiter e de Vênus, segundo convinha para a tarefa que me estava designada pela Lei para essa ocasião da minha eterna viagem. Era um *Arauto* que obedecia a Ahelohim, um de meus Guias atuais, a quem devo, em grande parte, o fácil desenvolvimento de minha atual missão.

"Ordinariamente, desenvolvem suas importantes atividades nas Esferas Astrais dos mundos elevados, pois quase sempre são encarregados de preparar os caminhos e desembaraçar de obstáculos as aproximações de longa ou de curta duração dos Enviados aos planos em que, por desígnios superiores, devem atuar.

"São eles também incumbidos da custódia dos Arquivos da Luz Eterna, desde os princípios da criação das nebulosas e dos Sistemas Planetários.

"Constituem, ainda, a vanguarda das Inteligências que dirigem a transformação de globos e de humanidades que já não correspondem à marcha harmônica determinada pela iniludível Lei da Evolução. Cabe-lhes, por isso, presidir aos grandes cataclismas siderais, em que planetas apagados e sem força de atração nem de coesão se precipitam pelo vazio como pedras lançadas ao acaso, sem rota marcada e com velocidades espantosas, produzindo enormes catástrofes que essas fortes Inteligências convertem em utilidade para as humanidades e os mundos já chegados a seus períodos de transformação.

"Quando algum desses Seres desencarnados aceita a missão de ditar ou de receber conhecimentos superiores, históricos ou filosóficos, para determinadas humanidades, devem formar aliança, ao encarnar, com uma ou várias dessas Inteligências chamadas *Muralhas de Diamantes* (Arcanjos), ordinariamente com os *Arautos* e os *Vigias*, que são os encarregados da custódia do Arquivo Divino da Luz Eterna, no que diz respeito à evolução das humanidades. Vi com clareza o processo seguido para esses casos, e relato-o conforme aquilo que me foi permitido ver.

"Figurai-vos um incomensurável recinto com muitas entradas, todas elas cobertas com radiantes véus fluídicos, de tão variadas cores e matizes que o observa-

dor crê serem azuis e logo se tornam ouro, ametista, esmeralda ou púrpura vivo, como se tais mudanças viessem de longínquos focos luminosos que não é possível precisar onde estão situados. Tudo isto se deve aos pensamentos evocadores que, em busca de conhecimento e verdade, chegam de todos os mundos a essas portas cobertas com véus.

"Quando os cambiantes se tornam como de uma efervescência vertiginosa de cores, os véus desaparecem como por arte mágica, e em cada porta se destaca a figura radiante de um *Arauto* ou de um *Vigia*, que, estendendo as mãos abertas e fixando os olhos resplandecentes num determinado ponto do espaço infinito, atrai, com força irresistível, as Inteligências que vão transmitir a Verdade às humanidades, onde existe certa quantidade de almas em expectação, já chegadas à evolução necessária.

"As Inteligências que vão transmitir ou ditar penetram no primeiro recinto, onde inumeráveis esferas luminosas giram majestosamente, como sustentadas por eixos invisíveis, e cuja superfície, à semelhança de imensos espelhos, deixa que o observador veja o que quer transmitir ou ditar. Mas não creiais que sejam bosquejos ou esboços vazios de acontecimentos ou vidas de um passado remoto, como se vêem numa pintura mural, senão a própria vida, com todas as suas emoções, movimentos e atividades, tal como se fora, não o passado, mas o próprio presente, com todo seu realismo vivo, palpável, sensível, imponente ou aterrador.

"Compreendi que daqui nasce o velho ditado: 'Deus tudo vê'; pois nada ficou sem ser coletado pela Luz Eterna. É daqui e desse modo que se reconstituem as existências planetárias dos seres que, através de imensas idades, realizaram ações boas ou más, em união com os grupos de humanos entre os quais viveram.

"Esses fortes e adiantados Espíritos, assim como podem tornar-se visíveis aos encarnados quando o julgarem conveniente, podem, igualmente, tomar o aspecto que concorde com o tom ou vibração daqueles que os invocam e das circunstâncias especiais em que são evocados ou esperados.

"Um conselho de homens de ciência, animados das mais nobres e puras intenções, e que forem favorecidos por aparições dessas Inteligências, vê-las-ão com aparência e cor determinadas, ao passo que mães, esposas e filhas angustiadas, em horas de terríveis catástrofes, hão de vê-las com forma e cor diferentes, porque nelas opera a força irresistível de seus próprios pensamentos e desejos, além da força dos desejos e pensamentos daqueles que delas necessitam ou que a elas estão ligados por velhas alianças.

"Tendo-se conhecimento de que toda Inteligência é como um foco de contínuas vibrações e, sendo estas tanto mais intensas quanto mais elevadas e puras forem, bem se compreenderá que é difícil, para um relator dos planos espirituais, dar definições precisas, relativamente a aspectos dos excelsos Seres que povoam os Reinos Eternos da Luz.

"A alma que haja conquistado o dom divino da percepção espiritual pela clarividência, poderá, por si mesma, comprovar esta asseveração.

"Os puríssimos seres denominados *Esplendores* e *Vitórias* compõem a escala imediatamente superior à *Muralha de Diamantes*. Algumas antiqüíssimas Escolas de Sabedoria Divina os têm chamado '*Os Habitantes da Onda*'. Tal designação se deve a que sempre são vistos com os pés como que submersos numa enorme vaga ou corrente de energia viva, de cambiantes cores e tonalidades, a qual avança para o observador com tal potencialidade que causa a impressão de avassalá-lo e inundá-lo inteiramente.

"Quando essa poderosa onda o atinge, sente ele apenas a delicadíssima carícia de suas radiações, que o transpassam e penetram sem causar dano algum, produzindo, pelo contrário, suavidade divina tão intensa que até lhe faz perder a noção de sua existência e leva-o a crer que ele mesmo se tornou uma explosão de luz e de felicidade.

"É a isso que algumas Escolas têm chamado de *Terceiro Céu* ou *Terceiro Reino*; e, a não ser com a poderosa ajuda de guias experimentados, a subida a esse esplendoroso lugar custará a vida a quem o tentar, pois não poderá tornar a entrar em seu corpo material, se for abandonado por mais tempo do que permite a Lei dos organismos físicos.

"E aos *Esplendores e Vitórias* – que são princípio masculino, os primeiros, e princípio feminino, os segundos – que alguns antigos mestres do Conhecimento Superior chamam de *Esposos Eternos* porque, conforme se há de compreender muito bem, na união espiritual dessas duas gloriosas falanges são criadas todas as formas que servirão, depois, de protótipo para todas as criações no plano físico.

"Da poderosa onda de Energia Viva em que gozam sua vida eternamente feliz, eles criam e modelam tudo quanto se torna visível como forma nos incontáveis mundos que se conhecem desde este Planeta, e também naqueles que ainda não se conhecem.

"De suas pequeninas mãos rosadas e luminosas, que se acham sempre em ativo movimento, como se estivessem tecendo e modelando impalpáveis borbulhas ou sedosas cabeleiras, surge tudo quanto existe na vasta criação universal:

"Ora são preciosas criancinhas brancas e rosadas, que parecem surgir da própria onda em que essas sublimes Inteligências submergem suas mãos, seus pensamentos e a luz radiante de seus olhos;

"Ora são delicados ramalhetes de flores, de múltiplas formas e cores, que coroam e bordam, de intervalo a intervalo, as intermináveis flutuações da imensa onda, com seus vaivéns, que se aproxima e se afasta, até perder-se nas lonjuras de um horizonte cor de opala e rosa;

"Ora são bandos de pássaros que, como resplandecentes cristais lapidados, emergem, em dados momentos, do seio daquela mesma vaga, que, qual fecundo grêmio materno, concebe eternamente o que lhe imprimem os sublimes pensamentos desses divinos criadores.

"Creio que, com o que acabo de dizer, há de ser possível avaliar medianamente a capacidade e a vida desses elevados e puros Espíritos.

"Aqui há necessidade de chamar a atenção para um fato mais maravilhoso ainda, que se observa a cada intervalo em que a imensa onda, anteriormente mencionada, se arreda quase até desaparecer de vista. É que, então, o observador descobre algo assim qual imensa abóbada resplandecente e, ao mesmo tempo, tão transparente que afigura ser o grandioso templo ou santuário em que atuam os *Moradores da Onda Mágica*.

"Se alguém apenas pensar na dita abóbada, já se encontra nela, como suspenso sobre nuvens impalpáveis, e percebe que ela é formada por inumeráveis véus encrespados e sobrepostos, que estremecem ao mais ligeiro sopro, ostentando cores de indescritível beleza.

"Ainda antes que a inteligência interrogue algo, umas mãozinhas, como que feitas de lírios e rosas, afastam graciosamente os véus e, pelo resquício aberto, o observador contempla uma selva deslumbrantemente luminosa, exclusivamente formada de óvalos, cada qual de tamanho maior do que o de um homem de alta estatura.

Esses óvalos, que são de inúmeras tonalidades, mas todas suavíssimas, irradiam energia e calor; sendo que alguns deles com maior potência do que outros.

"Quem descerrou os véus são os mesmos seres da 'onda mágica', que, por Lei, são os guardiães desse magnífico Céu ou Reino.

"Sem saber como, nem por quê, sinto-me levado ante um arco de finas colunas, como feito de pedra luminosa e dourada, e apreendo que aquilo é uma porta que se abre diante de mim. Num daqueles óvalos, cor-de-rosa-dourado, que fica ao alcance de minha mão, começa a desenhar-se uma silhueta, como se eu mesmo estivesse a observar-me no fundo transparente de um espelho de ouro.

"Algo perplexo, penso: Sou eu que chego, e eu que saio para receber-me! O que é isto, meu Deus? ... O que é isto? Uma iluminação interior responde na minha mente: *É o teu Ego, o teu Eu Superior*, o teu Criador, o teu Pai, a centelha divina que, à semelhança de Deus, criou todas as suas existências terrestres, da mesma sorte que o artífice esboça em tela todas as figuras que formam o argumento do seu quadro.

"Esse outro Eu me demonstra amor infinito e terníssima complacência; em verdade, como de um pai que, depois de grande ausência, torna a ver seu filho querido.

"Ao mesmo tempo que ele me estreita em seus braços etéreos e luminosos, parece dizer-me: 'És meu filho, no qual tenho toda minha complacência.'

"O intenso abraço adormece-me, tira-me o conhecimento e desapareço em sua essência ... já não me sinto viver em mim mesmo, mas nesse outro Eu.

"Não sei o que se passou, mas despertei inundado de felicidade e sem saber ao certo se estava novamente no plano físico terrestre ou se ainda flutuava nesse outro Reino Divino, de beleza indescritível, para onde havia sido levado pela força do Amor Eterno e de meu próprio desejo de Sabedoria Divina."

O Menino Clarividente

A leitura dessa passagem do Mestre Antúlio teve a força de submergir, nas profundas quietudes do êxtase, a todos os Essênios que a escutavam, e também a Jhasua, que, de instante a instante, ia despertando para a consciência própria dessa hora solene de sua vida de Messias-Instrutor de humanidades. Semidesprendido de sua pequena urna material de poucos anos, murmurou com voz apenas perceptível:

– Basta, basta, basta! Minha débil natureza física não resiste mais. Três dias de esquecimento, de ar puro e de sol ardente dar-me-ão nova vida e energia para continuar escutando.

Caiu, em seguida, em profundo sono, do qual despertou ao cair da tarde, e a primeira pessoa que ele viu foi Myriam, sua doce mãe, que fiava um punhado de lã branca.

Os Essênios haviam-no levado adormecido para o leito na alcova de sua mãe, recomendando-lhe encarecidamente que não o despertasse nem fizesse ruído algum até que o menino, por si mesmo, voltasse ao estado habitual.

– Que fizestes com ele, que dorme desta maneira durante o dia, ao contrário do seu hábito? – perguntou Myriam alarmada, vendo o filho sumido, como em profunda letargia. – Destes-lhe alguma droga que o narcotizou?

– Não, mulher, não! – respondeu o Servidor. – Não temas. São simplesmente os processos da cura espiritual que tu mesma pediste para teu filho. Acaso não desejas

que ele seja um garoto normal como os demais, de sua idade, e que se veja livre dessas profundas melancolias que o absorvem de vez em quando, fazendo-o procurar lugares retirados e a solidão? Não disseste que, às vezes, o encontravas em estado de letargia sobre o musgo de teu horto, inteiramente frio, como se a vida o houvesse abandonado? Não é verdade tudo isso, Myriam?

– Sim, é verdade! ... inteira verdade – respondeu ela.

– Pois então, mulher, deves compreender que toda cura exige um processo, um método, após o qual o enfermo recobra sua força vital e suas energias, com todo o domínio das faculdades. É isto que fazemos com o pequeno Jhasua, esperando de ti toda colaboração necessária para conseguirmos o êxito.

– Que coisa quereis de mim? – perguntou Myriam ansiosa, voltando novamente à tranqüilidade. – Que devo fazer, pois?

– Ter plena confiança em nós, pois sabemos quem é Jhasua e o que ele vem a ser para a Humanidade, que o recebe sem conhecê-lo.

Myriam envolveu com um olhar cheio de indefinível ternura a figura adormecida de Jhasua, estendida no leito, como se quisesse protegê-lo com aquele olhar.

E, como se sua sensibilidade houvesse captado a onda do pensamento do Servidor, ajoelhou-se silenciosamente, junto ao leito do filho, sobre cujo bordo inclinou o rosto, enquanto exalava suaves soluços, como sussurros de folhas agitadas pelo vento ao entardecer.

– Mulher! – disse-lhe o ancião essênio – por que choras com tão profundo desconsolo? ... se és a mãe bem-aventurada entre todas as mães!? ...

– Parece que uma voz interior me disse neste instante que meu filho será o *Varão de dores*, alvo de todas as desavenças dos homens, segundo vaticinou o Profeta.

– Se é realmente assim, mulher, ele necessitava de u'a mãe para descer à Terra ... Porventura, estás pesarosa de haver sido a escolhida?

– Não! ... Isto não! ... Jamais! ... Se a sua vida há de ser como um encadeamento de mortes lentas e terrivelmente dolorosas, quero sofrer todas elas a seu lado, durante toda minha vida ... Mas espero que, ao menos, me seja permitido o desafogo do pranto, neste instante em que meu próprio coração me anuncia o que ele deverá padecer.

O Ancião, profundamente comovido com tais palavras, apoiou a mão direita sobre a cabeça inclinada de Myriam, ao mesmo tempo que os seus eflúvios de paz, de consolo e de esperança a envolviam amorosamente.

– Bem sabes, minha filha – disse ele, quando a viu mais serena –, que todos os Grandes Servidores de Deus suportaram vidas de abnegação e de sacrifício até a morte. As Sagradas Escrituras de nossa Fraternidade não relatam uma única vida de prazer e de deleite das grandes almas que nos precederam na realização do ideal de libertação humana, que vimos aspirando. É Lei Divina que aos altos cumes não se há de chegar, a não ser com inauditos e heróicos esforços.

– Qual o interesse que existe em escalar altos picos? ... – perguntou a jovem mãe, sempre procurando uma lógica para o seu amor materno, que repelia a dor em defesa do filho de suas entranhas.

– Myriam! ... o amor é mais forte do que a dor e a morte. Se visses teu filho no alto de um cume, não farias esforços para reunir-te a ele? Há um amor mais intenso e avassalador que o materno; é o amor das almas conscientes dirigido ao Supremo e Eterno Bem.

"Quando tais seres chegam ao conhecimento desse Amor, não podem viver sem estar unidos a Ele tão estreitamente como a gota de água que lanças à fonte, como

uma brasa viva que jogas à fogueira, como uma nota da tua cítara entre a torrente de melodias de nossos hinos sagrados. Pelo impulso desse Amor, eles tomam sobre si todas as dores humanas que procuram remediar; então essa imensa e turbulenta marulhada os envolve, açoita e golpeia violentamente até arrancar-lhes o sangue e a vida, depois de haver espremido e sugado sua energia e vitalidade.

"É isso que ocorre aos Salvadores de humanidades e aos que cooperam com eles para o mesmo fim. Teu filho, Myriam, é o Salvador, e tu és sua íntima colaboradora. Compreendeste, minha filha?"

– Que se cumpra em meu filho e em mim a Vontade do Altíssimo – respondeu Myriam, enquanto, ocupando novamente seu pequeno tamborete de trabalho, continuou torcendo com os dedos rosados os finos fios de lã que envolvia no fuso.

Houve um momento de silêncio em que, se as palavras calavam, não silenciavam os pensamentos; e Myriam perguntou prontamente, traduzindo em palavras o que cruzava por sua mente:

– É meu filho o Messias que Israel esperava ou temos que esperar outro depois dele? O fato de estar escrito que ele será da família de David e de sua descendência, porventura já se perdeu na imensidão dos tempos que passaram? Joseph e eu somos descendentes de David, segundo me parece, pois ouvi dizer que o éramos de acordo com os livros das genealogias.

– Minha filha – disse o ancião –, as profecias, como todos os cantos sibilinos dos grandes inspirados, não devem ser lidas com os olhos do corpo, mas com a luz divina, dada por Deus à nossa alma. Assim, essa profecia esclarece que o Messias nasceria da família espiritual de David, o qual foi chamado ao trono de Israel, do campo em que pastoreava cordeirinhos.

"A família espiritual de David é a Fraternidade Essênia no plano físico. E a procedência venusiana de David, que veio de Vênus à frente de uma porção da humanidade que lhe era afim, e que, chegada a hora precisa, encarnaram ao mesmo tempo na Palestina e na Síria para preparar os sulcos para o grande Semeador do Amor e da Fraternidade entre os homens.

"Tu, Myriam, vens de família essênia, desde séculos, e vieste fazendo parte das almas aliadas de David. Joseph, teu companheiro, está no mesmo caso.

"Nosso Pai, o Profeta Samuel, que o ungiu Rei, sabia todas estas coisas e, no que diz respeito ao grandioso poema das almas em relação aos eternos desígnios, pouco será o que possa escapar à nossa visão, de vez que consagramos a isto todas nossas vidas, há muito séculos.

"Agora vou retirar-me, porque teu menino logo despertará, e não convém que me veja aqui, para que não se reavive nele, demasiado cedo, a lembrança do que ouviu ler no Santuário. Não lhe fales nada a nosso respeito; e procura dar passeios com ele pela pradaria vizinha, onde deve viver, durante três dias, a alegre vida de um garoto são e bem equilibrado. Deixa-o correr, brincar, molhar-se no arroio e trepar nas árvores para procurar ninhos.

"No começo do quarto dia, ele mesmo voltará sua recordação a seus velhos mestres essênios. Então o trarás à nossa presença, para que possamos prosseguir sua cura."

Depois de contemplar um instante o pequeno adormecido, o Ancião regressou ao Santuário, com a promessa de Myriam de que faria exatamente o que lhe havia dito.

Quando Jhasua despertou, quase anoitecia; e da grande caverna-cozinha chegava uma algazarra de risadas de meninos, misturadas com alegres batidas de palmas.

– Ouves, mãe? – perguntou Jhasua surpreso, pois ali, de ordinário, só estavam as anciãs que os hospedavam.

– Sim, meu filho; são os netinhos das anciãs; pois, a cada lua, eles sobem a montanha para ver suas avozinhas.

– Oh, ventura de Deus! – exclamou o menino, saltando do leito. – Eu tenho uma vontade louca de brincar e correr pelos campos. Agora, sim, deixar-me-ás ir! Não é verdade, mãe?

– Sim, meu filho, porque estes meninos montanheses conhecerão muito bem os lugares em que aninham as gaivotas, os melros e as calhandras. Devem conhecer todas as paragens mais belas do Monte Carmelo, e, seguindo-os, não poderemos perder-nos.

– Mas ... tu também irás?

– E por que não? Acaso, sou tão velha que não possa correr por onde tu corres? Além disto, devemos celebrar a chegada da caravana, amanhã ao meio-dia; ela, decerto, há de trazer-nos notícias do teu pai e dos irmãozinhos.

– Com toda a certeza! Mãe, deixa que eu vá ter com esses meninos, que riem com tamanha alegria?

– Vamos para junto da lareira, que logo será a hora da ceia.

Mãe e filho foram participar da alegre algazarra das crianças montanhesas, a brincarem de galinha-cega (*) e de rãs saltadoras, causando, assim, uma indizível felicidade e alegria às velhas avozinhas, que as contemplavam com simpatia e carinho.

– Faltavas tu, raio de sol, para que a festa fosse completa – disse uma das anciãs cujo nome era Sabá, ao mesmo tempo que fazia lugar para Myriam no estrado diante do fogo.

– Sou eu raio de sol? – perguntou ingenuamente Jhasua.

– E quem há de sê-lo senão tu? Vem, que faço com que esses grilos se calem para dizer-lhes que tu és o raio de sol! – Tomando Jhasua pela mão, foi ao outro extremo da imensa cozinha de pedra, onde as crianças, em confuso amontoado, se comprimiam umas com as outras, na luta das rãs saltadoras para submergir-se cada qual em primeiro lugar no lago. É necessário esclarecer que o lago era, para esses meninos, uma grande pele de camelo estendida para secar, com as pontas enfiadas em estacas de madeira e sobre um colchão de feno seco.

– Eh, pirralhos! ... Durante bastante tempo brincastes de rãs e de girinos. Mostrai agora que sois crianças bem educadas e olhai para o amiguinho que vos trago – disse Sabá, rindo das piruetas e posições grotescas daqueles diabinhos soltos.

Jhasua ria também com eles, vendo as ridículas poses que pretendiam imitar.

Os pequeninos puseram-se rapidamente de pé, como em linha de batalha, encarando a Jhasua com olhares irritados.

– Agora não brincareis mais de rãs, mas de cordeirinhos, porque este menino será o vosso pastorzinho. Entendestes? Deveis ser muito obedientes e submissos, porque ele é como um pedaço de pão com mel. Entendestes?

Ninguém respondeu.

– Mãe Sabá! ... – disse Jhasua – eles ficaram tristes porque eu interrompi sua brincadeira. Estavam tão divertidas essas rãs escarranchadas! ...

– De modo que tu também, meu luzeiro, queres ser um girino saltador?

– Eu sou menino como eles. Por que eu hei de ser o amo, e eles hão de me obedecer? ...

(*) No Brasil, esse jogo denomina-se "cabra-cega" (N.T.).

– Deixa, mãe Sabá – interrompeu Myriam – que ele tome parte nas brincadeiras dos outros meninos; foi o que o Servidor determinou para que meu filho se fortaleça, pois está um pouco debilitado.

– Está bem ... Que não se fale mais nisso! Brincai, pois, ao modo das rãs e dos girinos, contanto que não vos causeis dano algum – consentiu a anciã.

Eis, pois, aqui Jhasua – o Messias, Salvador da Humanidade – misturado com uma dezena de meninos das serranias do Monte Carmelo no confuso enxame de carinhas sorridentes e mãozinhas queimadas ao sol, à espera da ceia. Nas alegres correrias pelos vales e montanhas, durante o dia, em busca de flores e ninhos, a alegria de Jhasua foi subindo de tom, dando a seu formoso semblante tonalidades de energia e vitalidade.

As crianças montanhesas permaneceram dois dias na caverna das avós, até que suas famílias as levaram para os respectivos lares. Foi com pena que Jhasua as viu distanciando-se. Uma pequenina de oito anos sentiu na alma a tristeza do menino e, voltando para junto dele, disse:

– Jhasua, se vais ficar mais tempo aqui, eu e meu irmãozinho Matheus viremos fazer-te companhia.

– Não sei até quando ficaremos, mas, se voltardes sem demora, ainda havereis de me encontrar. Vinde ...; eu me sinto tão só!

– Matheus ... – gritou a menina ao grupo barulhento que já empreendia a caminhada montanha abaixo. Um menino de 10 anos afastou-se do grupo para perguntar-lhes:

– Que há, Myrina? ...

– Jhasua fica triste porque estamos indo embora! Que devemos fazer? ...

– Ficar – respondeu resolutamente Matheus.

– Mas o tio não vai querer deixar-nos ficar ... – alegou timidamente a menina, a quem ele havia chamado Myrina, diminutivo de Myriam.

– Vamos experimentar! – E Matheus correu para a grande cozinha de pedra de onde trouxe, semi-arrastando, a avó Sabá, a quem convenceu que solicitasse permissão para eles ficarem por mais alguns dias junto a Jhasua. A anciã, que estava enamorada do "Raio de Sol", como chamava ao menino, apenas se inteirou de que ele também desejava a companhia deles, conseguiu com facilidade a desejada permissão. Assim Matheus e Myrina ficaram na caverna das anciãs essênias do Monte Carmelo por mais alguns dias.

Eterna Lei das atrações e das afinidades das almas! Ele foi um dos cronistas do Cristo com o nome de Matheus, o Evangelista.

E Myrina foi, mais tarde, aquela triste e lamentosa viúva que se encontrou com Jhasua quando estava seguindo o cortejo fúnebre de seu filho adolescente que ia ser enterrado num velho sepulcro das proximidades.

– Mulher, não chores, que teu filho não está morto; apenas dorme. Eu o despertarei! ... És tu, Myrina! ...

Dando, então, de sua própria vitalidade ao corpo que jazia imóvel por esgotamento vital, fê-lo sair de seu féretro, transbordante de energia e saúde. Vendo filho e mãe abraçarem-se em meio ao estupor dos presentes, disse Jhasua aos seus: – Vamos! ... – E continuou andando pelos caminhos de musgo e flores da Galiléia, sem, sequer, esperar uma única palavra de agradecimento.

Estas breves alusões esclarecedoras são como uma antecipação dos minuciosos relatos que faremos, quando, mais adiante, se desenrolarem esses acontecimentos.

Deixamos para então a explicação racional, lógica e natural dos fenômenos psíquicos produzidos pelo sábio manejo dos inauditos poderes do Espírito do Cristo, em relação com as forças da Natureza, de que era senhor, em virtude da superior evolução intelectual e moral que havia conquistado.

Ao amanhecer do quarto dia de descanso, apenas Jhasua abriu os olhos, disse ele para sua mãe, que preparava com terna solicitude as roupas dele para poder levantar-se:

– Que terão feito os meus mestres durante esses dias em que não os tenho visto?

– Meu filho, a vida deles, contigo ou sem ti, é sempre a mesma; meditação, trabalho e estudo – respondeu Myriam, que já aguardava estas recordações do menino.

– Eu queria voltar a vê-los hoje! Poderás levar-me?

– Já estás cansado de Matheus e de Myrina?

– Jamais me canso dos bons companheiros, mãe; mas eles iam hoje de madrugada à aldeia com a avozinha Sabá para comprar provisões e três pequenos asnos a fim de passearmos pelas pradarias. Ontem à noite me contaram em segredo que Sabá quer fazer-nos uma surpresa.

"Pobre avó Sabá com a sua surpresa frustrada!" – disse Jhasua, rindo-se alegremente.

– E por que frustrada, meu filho?

– Porque a descobrimos antes que ela chegue. Agora mesmo, quando formos para junto de sua lareira, direi que todo o seu segredo foi esparramado pelo vento ...

– Não, meu filho, não faças isto. Deixa-a com sua alegria de surpreender-nos com os asninhos. Os anciãos têm tão poucas alegrias que todos devemos cuidar das raras felicidades que a vida lhes oferece, como se fossem pães abençoados.

– Mas, como falas, mãe! ... Estás tornando-te santa como os Essênios?

Saltando do leito, abraçou-se com a mãe, que lhe sorria amorosamente.

– Ficamos, pois, combinados que nada dirás à avó Sabá de que já sabemos do seu segredo?

– Como é difícil cuidar para que ele não me escape, mãe! ... A fisionomia que faria a avó Sabá quando eu lhe dissesse: avó, poderias mostrar-me os asninhos que compraste na aldeia? ... Ela daria imediatamente uns beliscões em Matheus e em Myrina por terem contado o caso.

– Sabendo de tudo isso, deves ficar calado – disse Myriam ajudando-o a vestir-se.

O menino esqueceu prontamente seus pensamentos de criança e disse:

– Eu a brincar e rir, e o Deus dos Profetas esperando as minhas orações para começar um novo dia!

Ajoelhando-se no pavimento, com as mãos cruzadas sobre o peito, fechou os olhos para que sua alma se elevasse com intensa adoração ao Infinito.

Seus lábios começaram a murmurar o salmo da adoração:

"Louvado sejas Tu, senhor, porque és justo, santo e bom; Tua misericórdia é eterna, e Teu poder não tem fim!" ... A vibração intensíssima da oração daquele Menino-Deus fez estremecer de júbilo as fibras mais sutis da alma de Myriam, sua mãe, que, tomando a cítara, começou a acompanhá-lo suavemente, arrancando das cordas a mística melodia dos Salmos. E a oração continuou:

"Escuta, ó Jehová, as minhas palavras, e leva em consideração a minha meditação.

"Atende ao meu clamor, porque desde o amanhecer me apresento a Ti e em Ti esperarei.

"Ó Jehová, Senhor e Deus meu! ... Quão grande é Teu Nome em toda a Terra, porque puseste a Tua glória sobre todos os Céus.

"A Ti, ó Jehová, elevo a minha alma; não te afastes de mim, para que eu não seja confundido com aqueles que descem às trevas!

"Bendito sejas Tu, que ouves minha voz. És a minha fortaleza e o meu escudo; em Ti espera o meu coração!

"Salva, Senhor, o Teu povo, e abençoa a Tua herança!"

Dobrando o corpinho, o santo menino tocou o pavimento com a fronte, e Myriam ouviu que dizia:

– Terra, esposa minha ... aqui estou eu de novo para fecundar-te mais uma vez com o meu sangue!

– Começa novamente o delírio! – pensou a pobre mãe, ao ouvir a tremenda frase, sem sentido para ela, que o filho acabava de pronunciar.

"Vamos, meu filho, que as avós já nos esperam com as castanhas assadas e o leite aquecido – disse em voz alta para interromper o que ela chamava *delírio*, e que não eram senão relâmpagos da claridade divina, que, a intervalos, iluminava a alma do Messias-Menino.

O pequeno olhou-a com dolorosa emoção, como se essas palavras o houvessem ferido profundamente.

– Vamos – respondeu muito baixinho – e, depois, levar-me-ás ao Santuário, ou, se não quiseres molestar-te, irei sozinho.

– Jamais me molesta estar contigo, meu filho – respondeu a mãe. – Eu mesma te levarei.

O menino tomou o desjejum em silêncio, como se houvesse esquecido completamente a ironia com que pensava tratar, em seguida, o segredo dos asninhos da avó Sabá.

Instruídas as avós, da mesma sorte que Myriam, sobre a educação espiritual que estava sendo dada ao menino, trataram de não fazê-lo mudar de atitude com ruidosas conversações a respeito de coisas materiais e efêmeras.

– De modo que, hoje, tens trabalho com os Mestres, Jhasua? – perguntou uma das anciãs.

– Sim. Já descansei três dias, que passaram voando. Durante esse tempo, fui passarinho livre na montanha. Agora volto para a gaiola.

– Até quando? – perguntou timidamente Myrina, que, como seu irmão Matheus, havia guardado silêncio por indicação das anciãs.

A voz da menina comoveu a Jhasua, que, sorrindo ligeiramente, respondeu:

– Ao cair do sol, voltarei para cá, e contar-vos-ei formosos contos, que mais parecem sonhos.

– Serás, sem dúvida, um doutor da Lei; e é, decerto, por isto que te fazem estudar tanto – argüiu Matheus, estranhando que seu amiguinho passasse todo o dia no Santuário.

– Sou tão pequeno que não posso saber o que serei. Só sei que preciso ir com os meus mestres, porque para isto vim até aqui. Vais me levar, minha mãe?

– Está bem, filhinho, vamos. – Sem dizer uma palavra mais, seguiu a Myriam através da galeria coberta que conduzia ao Santuário.

– Mas, vovozinha Sabá – lembrou Matheus, apenas eles saíram –, e a surpresa dos asninhos? Para quando fica?

– Para esta tarde, filho, para esta tarde.

– E por que não agora? Eu, que me esmerei tanto em ajaezar o asninho de Jhasua, fico aqui com o meu trabalho perdido!

– Tem um pouco de paciência, pois esse menino não é como tu. É um profeta como Elias e como Samuel; ele veio para cumprir as grandes promessas de Jehová aos homens desta Terra.

– Ah, pobre Jhasua! – exclamou Matheus, emocionado. – Quase todos os profetas viviam de raízes e bolotas, e vieram a morrer violentamente. Malgrado todos os sofrimentos dos profetas, pois continua havendo ladrões e assassinos; os soldados do César espancando os hebreus; e os esbirros do Rei recolhendo todo o ouro para os banquetes do seu amo ...

– Cala-te, rapaz, que não sabes o que dizes! Vem trazer lenha; e tu, Myrina, põe a farinha na bacia, pois vamos fazer pão.

Com isso terminou o protesto de Matheus. Agora, tu e eu, leitor amigo, vamos seguindo a Jhasua, que se encaminha com sua mãe para a porta do Santuário Essênio.

Na metade do caminho, esperava-os um dos Anciãos.

– Aqui vos trago meu filho – disse Myriam. – Descansou bastante, e, como podeis ver, seu aspecto melhorou. Hoje, apenas acordou, pediu para vir ter convosco, e aqui o tendes.

– Muito bem, Jhasua; ficarás conosco até a nona hora, quando eu mesmo te levarei novamente para tua mãe.

– Estás ouvindo, mãe? Na nona hora estarei contigo. – Beijando-a ternamente, desapareceu com o Ancião na obscuridade da galeria de pedra.

– Deus meu! ... – murmurou a mãe entristecida. – Eu sei que meu filho é mais Teu do que meu. Dá-me forças para entregá-lo a Ti quando queiras pedi-lo! – Enxugando uma lágrima furtiva que lhe corria pelo rosto, voltou para a alcova, onde o fuso e a roca esperavam suas ágeis mãos para converterem em finos fios o branco tosão de lã que jazia na cesta de junco.

Quando o Ancião e o menino apareceram na porta da sala das assembléias, os Essênios começaram a cantar as primeiras palavras do salmo evocador:

> "Ó Jehová! esperança minha, serás o meu escudo e a minha fortaleza; castelo do meu refúgio e resplendor dos meus caminhos, ... etc."

– Continuaremos seguindo o Mestre Antúlio na sua ascensão aos Céus, que o Altíssimo permitiu que ele visitasse, em recompensa por seus sacrifícios e para servir de ensinamento à Humanidade. Irmão leitor, podeis começar:

"O cronista, discípulo de Hilcar de Talpaken, testemunha ocular dos grandes fatos relativos ao Mestre Antúlio, continuou sua narração da seguinte maneira:

"O infatigável explorador celeste tomou vários dias de descanso, a fim de reparar suas energias desgastadas, e ficou à espera de nova indicação por parte dos seus guias espirituais.

"Teve aviso de que seria Okmaya quem o acompanharia na próxima exploração sideral, em virtude de pertencer à poderosa e forte Legião denominada *Raios*, e que iriam visitar os Reinos habitados por essa Legião, e também sua similar na Justiça e no Poder, chamada *Potestades*.

"Potestades e Raios são a quinta e a sétima hierarquias de Inteligências purificadas, cuja missão, na criação universal, é exercer o seu poder de destruição e

desagregação, quando é chegada a hora para os mundos e para as humanidades que devam passar para outra etapa evolutiva.

"Os globos siderais, do mesmo modo como as humanidades que os habitam, seguem incessantemente o seu progresso infinito.

"Essas gloriosas Legiões de Justiça e de Poder residem nos sóis centrais de cada Sistema Planetário, cuja irradiação, força e energia estão em relação com as poderosas Inteligências que os habitam.

"Fui conduzido com o meu Guia à esfera astral de nosso Sol e a um sistema de sóis tríplices, vermelho, azul e amarelo, bastante próximo, dentro das enormes distâncias, do nosso Sistema Solar.

"Naquele sistema de Três Sóis e no nosso, pude ver parte das grandes Legiões que me era permitido conhecer.

"Estavam esses seres da Justiça e do Poder vestidos de turquesa e de ouro tão vivo e resplandecente como se as suas túnicas curtas e amplas fossem tecidas com fios de fogo das ditas cores amarelo e azul. Levam, como os das Muralhas de Diamantes, asas que são antenas e que se assemelham a duas labaredas de fogo, as quais, a intervalos, têm reflexos de púrpura viva.

"Dos dedos de suas mãos saem raios luminosos, em forma de estiletes muito longos. Suas frontes são cingidas com um diadema formado de raios iguais aos de suas mãos. Compreendi que meu guia Okmaya dizia com seu pensamento:

"Nesses raios da fronte e nos das mãos reside toda a sua força.

"Poucos instantes depois de estar absorvido por essas contemplações, percebi um pensamento que penetrava como uma flecha, sem ferimento e sem dor, mas que eu não podia precisar de onde vinha. Compreendi que era uma ordem vinda de mais longe, e que, traduzida em palavras, poderia ser interpretada assim:

"*Desintegrar globos apagados.* Foi uma vibração de relâmpago, uma explosão sem ruído, mas que teve a virtude e o poder de reunir, num instante, tantos desses elevados seres como sete multiplicado por sete, ou seja, quarenta e nove. Então presenciei um espetáculo sideral tão estupendo, em sua formidável grandeza, que não o poderei esquecer jamais.

"Pela imensidão de um espaço azulado alvacento, precipitavam-se, com muito mais velocidade do que pedras arrojadas por fundas, cinco globos de diferentes tamanhos, cuja negra massa podia ser percebida distintamente naquele espaço cinza-claro.

"Pensei: se essas enormes massas – que já não seguem nenhuma órbita nem obedecem à lei da coesão, e que se desprenderam, quem sabe, de que Sistema – forem chocar-se com algum dos inumeráveis globos habitados do espaço infinito ... que destruição de seres, que dores, que prantos, que mortes seriam produzidos por esses gigantescos cataclismas cósmicos!

"Vi que os quarenta e nove seres se abriram em semicírculo, como que esperando a aproximação daqueles monstros negros, e correrem como enlouquecidos e com velocidades vertiginosas.

"Estenderam para eles, todos juntos, as mãos cheias de raios, e as negras massas errantes foram aproximando-se umas das outras quase até se tocarem. Quando já parecia iminente o choque delas com as Inteligências ultrapoderosas que os esperavam, racharam-se *como bolas de terra* esmagadas pelo pé de uma criança, e escura poeirada cobriu inteiramente aquele espaço cinza-azulado, por onde os monstros haviam corrido, quem sabe desde quanto tempo.

"Julguei que o ruído formidável daquela espantosa destruição me enlouquecesse, mas, com grande assombro, não percebi som algum e me vi unicamente, não sei por quanto tempo, como que envolto naquele abismo negrejante que se havia espargido a meu redor.

"Imediatamente ouvi uma harmonia de intensas ressonâncias, sugerindo cantos de júbilo e de glória, enquanto aquele majestoso concerto, qual oração para o Eterno Princípio da Vida, saía dos lábios dos quarenta e nove seres, que mantinham as mãos radiosas estendidas, com as palmas para baixo, os rostos olhando quase horizontalmente, achando-se, portanto, os raios das frontes apontados para cima.

"Compreendi que aquele estupendo cantar dizia assim, em suas frases que pareciam toques de badalo de diamantes numa enorme campana de bronze:

" 'São Amor a Vida e a Morte que emanam de Ti.

" 'São Amor a borbulha que nasce e se converte em estrela, e a rocha inerte que se desagrega como pó no abismo insondável.

" 'São Amor o átomo errante que surge para a vida e o átomo vivo que escapa para a morte.

" 'Nuvens de átomos libertados pela destruição de cinco globos mortos, correi pelos espaços infinitos e reuni-vos novamente sob o olhar de Deus, para formar um novo sistema de mundos no ponto que Sua Eterna Vontade marcar.'

"Foi a vibrante ressonância reduzindo-se lentamente como que tragada pela imensidão, e um profundo silêncio cheio de suavidade envolveu-me completamente.

" – Compreendeste? – perguntou o meu Guia. Quando voltei a mim do estupor sofrido, tive a clara noção de que eu era um espectador do distante plano físico, onde meu corpo inerte dormia em profundo sono.

" – Sim, compreendi – respondi-lhe. – A destruição não é aniquilamento, mas renovação. Globo que se destrói e morre, há de tornar a nascer em algum lugar da vastíssima imensidão, e isto, talvez, depois de inumeráveis períodos seculares.

" 'Da mesma sorte morre o homem e renasce. As estrelas e as almas se assemelham em todos os aspectos de suas vidas eternas.'

" – Falaste certo. Tua visão desta noite basta para que compreendas que, ainda à mais tremenda justiça é somente um aspecto do Amor Eterno. Basta apenas isto para que conheças as atividades em que se ocupam, por toda a eternidade, as Legiões de Justiça e de Poder a que pertenço.

" 'Agora acompanhar-te-ei no regresso para a Esfera Astral do teu Planeta, habitação temporária, para que animes novamente a tua matéria, que, dentro em pouco, será iluminada pela luz do amanhecer. Encontramo-nos, tu e eu, quando apenas havia começado a noite.'

"Mal pensáramos um instante, e já estávamos tocando a Esfera Astral da Terra. Embora Okmaya se houvesse prevenido com vestimentas fluídicas apropriadas para estar em minha companhia, não pôde entrar nos círculos mais densos desta Esfera Astral; pelo que meu deixou com os primeiros *Círios da Piedade*, que encontramos entregues à tarefa de fazerem passar u'a multidão de almas dos planos densos, onde ainda vivem os desejos materiais, para a diáfana sutilidade das moradas onde a alma só aspira o conhecimento divino.

"Despertei imediatamente, e a primeira pessoa que se me apresentou foi minha mãe, que havia acudido aos meus clamores de espanto. Alguns dos meus discípulos

tinham intentado acompanhar-me nessa viagem sideral, mas o meu Guia os deixara entre os *Círios da Piedade*, onde os encontrei em meu regresso, finalmente ocupados em aliviar, nesse elevado lugar, tantas dores humanas.

"Poucos dias depois, foi-me anunciado, mediante uma mensagem recebida pelo meu discípulo Hilcar que, antes de prosseguir as explorações espirituais, receberia a visita dos companheiros que, tal como eu, habitavam o Sétimo Céu, chamado *Céu dos Amadores*, com o fito de me prepararem para subir – deste pesado plano físico, cuja matéria revisto – àqueles sutilíssimos planos onde a matéria, se é que existe, é tão-somente como um sopro suavíssimo, como uma vibração, uma harmonia.

"No meu penoso desterro, seria visitado pelos meus irmãos *Amadores*, que, cheios de infinita piedade para comigo, viriam, sem dúvida, confortar-me em meu abatimento, em minhas profundas tristezas de cativo na grosseira vida terrestre.

"Minha alma esposa estava encarnada em Vênus, em missão redentora como eu na Terra; e ela, em estado de sono, serviria de introdutora aos amados companheiros, que, por breves instantes, voariam até junto de mim.

" – Como hei de preparar-me para tão excelsas visitas? – perguntei a um de nossos guias familiares.

" – Amando e orando – foi a resposta.

"Convidei, pois, os meus cinco discípulos íntimos, para que nos entregássemos, durante sete dias, a um grande silêncio e recolhimento, sem prejuízo das ocupações de ordem material a que eles e eu deveríamos atender em prol do nosso sustento e da nossa Escola.

"Dedicaríamos três tempos à meditação das grandezas divinas, a saber: ao amanhecer, ao meio-dia e ao anoitecer. Redobraríamos as nossas obras de piedade e a misericórdia para com os aflitos que cruzassem em nossos caminho. Nenhuma dor deveria ficar sem ser consolada, e nenhum mal sem remediar.

"Nas horas de confidência espiritual, faríamos leitura dos comentários que eu tinha feito sobre os meus companheiros do Céu, ou seja, aqueles Amadores que viriam visitar-me em meu desterro terrestre. Esses comentários estavam baseados nos símbolos de cada um deles, isto é, no significado oculto e profundo dos nomes que lhes eram dados no Reino de Deus. Minhas visitas seriam:

Vênus (Odina)	Sou um beijo de Deus.
Alpha	Bálsamo de Piedade.
Vhega	Luz que dá vida.
Kapella	Vibração íntima.
Hehilep	Amor compassivo.
Orfeu	Canta o amor em mim.
Urânia	Sondo o insondável Infinito.
Beth	Aquele que une corações.
Régulo	Como perfume, queimo-me ao fogo.
Jhuno	Sou o canto da paz.
Shekaniah	Amor piedoso.
Jhapeth	Vaso cheio de orvalho.

"A leitura desses comentários unificar-nos-ia cada vez mais com os elevados visitantes que deveríamos ter dentro de breves dias, ou seja, quando as correntes atmosféricas, etéreas e espirituais oferecessem as oportunidades que facilitariam o grandioso acontecimento.

"Para amar-se, é necessário conhecer-se. Do conhecimento nascem o amor e o desamor. Tratando-se de seres de elevada perfeição, o conhecimento que deles se tivesse deveria necessariamente produzir, como resultado, o amor intenso a eles.

"Quando estivemos compenetrados daquilo que essas doze Inteligências eram, em suas capacidades de amor e na perfeição de sua beleza, e bem assim do que haviam realizado nos globos e humanidades por elas adotadas, esperamos com essa aprazível serenidade que desfruta o espírito entregue inteiramente à Vontade Divina.

"No quinto dia de nossa preparação, as vibrações de amor já eram muito intensas. No sexto dia, nossa oração se resumia toda em lágrimas, pois a emoção era tão íntima e profunda que fazia correr silencioso pranto pelo rosto inclinado sobre o peito, em concentrado recolhimento.

"No sétimo dia, fomos forçados a passar todo o tempo aquietados em nossas poltronas de junco, de vez que já não era possível nem a palavra nem o movimento. Éramos todos uma "harpa viva", a vibrar numa cadência sem ruído, mas que tinha a alma absorta em indefinível felicidade. Estávamos, em verdade, participando do Céu dulcíssimo dos Amadores.

"No meio desse transbordamento de felicidade espiritual, impossível de definir nem de compreender por quem não o tenha sentido, fez-se, para nós, uma claridade mental tão excelente que começamos a perceber a aproximação dos nossos visitantes do Céu dos Amadores. (*)

"Em primeiro lugar, apareceu o nosso modestíssimo recinto como convertido numa selva de árvores, cujos ramos, folhas e flores eram das cores do arco-íris. Essas árvores esplendorosas eram musicais, como se cada uma delas fosse uma harpa onde cada folhinha luminosa era uma corda a vibrar em suavíssimas melodias, sem que mão alguma as tocasse. Foi-nos dado compreender que essas suavíssimas vibrações e ressonâncias eram como a prolongação das ininterruptas ondas do amor divino, irradiadas pelos espíritos Amadores até grandes distâncias.

"No meio dessa selva de luz, harmonias e cores, que não se conhecem na Terra nem podem ser definidas com a nossa paupérrima linguagem, vimos destacar-se doze figuras semelhantes às humanas em seus aspectos exteriores, se bem que dotadas de tal beleza que tudo quanto se dissesse resultaria em pálida comparação com a realidade.

"Comparar esses seres com esculturas de mármore ou de alabastro torna-se demasiado grosseiro, ainda que se lhes suponha a mais extremada perfeição de linhas.

"Aquelas imagens eram entes incorpóreos e como feitos de uma luz diáfana, rosada e viva, a difundir, ao seu redor, uma doçura infinita. Sorrindo, aproximavam-se de nós, confundindo-se com o eco das notas divinas de um cantar que chegasse de longe.

" Nosso pensamento deslumbrado e absorto perguntou-lhes:

" – Quem sois?

" – Manifestações do Amor Divino.

" – Que fazeis?

" – Derramar o Amor Divino sobre todas as esferas.

" – Que buscais neste grosseiro plano terrestre?

" – Enchê-lo de Amor Divino, para que tua vida física seja possível nele. Ó Amador, desterrado voluntário de nosso Céu de Amor! Observa!

(*) Para que os leitores entendam melhor direi que essa legião é formada pelos puríssimos seres que as Igrejas chamam de *Serafins*, dos quais se diz visitavam a dois extáticos: Teresa de Jesus e Francisco de Assis.

"Ao pensar nessas frases sem som material, desfilou, por algum tempo – que não posso dizer se foi longo ou curto – algo assim como gigantesca tela, que se desenrolou diante de nós, sem que pudéssemos precisar como nem por quê.

"Eram esboços vivos e reais de diversas paragens deste globo, cidades e povos que estavam em lutas ferozes por vis interesses materiais, e que, naquele preciso momento, arremessaram ao chão as armas fratricidas, enquanto os chefes guerreiros estreitavam as suas mãos ou se abraçavam cordialmente.

"Chefes piratas desembarcando em aldeias, com a intenção de roubar meninos e donzelas para seus delituosos comércios de carne humana viva, e que, de súbito, sentiam as suas entranhas movidas de compaixão ante o pranto das mães e dos pequeninos arrancados de seus braços. Por isso, em vez de seres humanos, levaram aves, animais e frutas, em cuja aquisição encontravam maiores vantagens.

" – Quem sois? – voltou a perguntar o nosso pensamento extático. – Quem sois vós que fazeis tais transformações?

– "Somos o canto do Amor Divino, que chega a esta Terra através de nós e afasta momentaneamente o ódio e o egoísmo para que tu, Amador, desterrado voluntário, possas continuar a tua missão de Salvador desta Humanidade.

" – É por mim que fazeis tantas maravilhas? ...

" – Neste instante, fazemo-lo por ti. Na eternidade de nossa vida gloriosa de Amor, fazemo-lo constantemente em todas as Esferas onde ainda predomina o egoísmo. Fazemo-lo por todos os Salvadores de humanidades que, necessariamente, e por Lei Eterna, são irmãos de nossa Legião, pois está escrito nos Céus de todos os Orbes que *Somente através do Amor serão salvas as almas.*

"Como um dardo de fogo que não prejudica nem queima, te desprendeste do nosso Céu de Amor, juntamente com outros, os quais foram para outros mundos que, da mesma sorte como este, estavam prestes a merecer o decreto divino da destruição.

"*Harpas Vivas do Amor Misericordioso*, a nossa *Legião de Amadores* devia interpor-se entre a espada da Eterna Justiça e os mundos pecadores, para salvar aqueles que ainda podiam ser salvos. Desgarrou de seu seio fragmentos de Si Mesma, que deixou cair como lábaros de Paz e de Misericórdia, e que, carregando sobre si todas as iniqüidades e aberrações, se fizeram mártires voluntários pela salvação dos miseráveis.

"Nesse momento percebi, ou senti, que um daqueles Seres que pareciam recortes de tênues nuvens da aurora se aproximava com intimidade, até o ponto de colocar uma das mãos sobre minha nuca e outra sobre o plexo solar; então compreendi que dizia aos seus companheiros pelo pensamento – única linguagem usada entre eles:

"Agora ele terá capacidade para ver tudo.

"Apenas pronunciadas tais palavras, vi rodar, no escuro vazio, vinte e três esferas de diversas dimensões; maiores, iguais ou menores que este planeta, e nelas, encarnados como eu, os meus vinte e três companheiros em missão salvadora daquelas humanidades. Vi, também, as torturas e o gênero de morte por intermédio dos quais ofereciam suas vidas à Eterna Justiça, pela salvação de seus irmãos pecadores. Alguns deles seriam decapitados, outros queimados, outros precipitados de altas montanhas, outros entre os dentes das feras e alguns envenenados. Entre este último, eu vi a mim mesmo sentado numa banqueta de pedra, bebendo a droga mortífera, enquanto, junto a mim, soluçavam minha mãe e meus discípulos mais íntimos.

"O Ser piedoso que me confortava era Odina, minha alma-companheira, que, inclinando-se sobre meu corpo gelado, dizia com sua voz sem ruído: 'Meu Amado!

... Deixarei a matéria dentro das ardentes chamas da fogueira, alguns anos antes do que tu, e estarei a teu lado quando beberes o elixir da liberdade.'

"Sei que perdi o conhecimento e despertei no meu canapé de junco, ao lado do qual minha mãe terrestre tratava de devolver-me o calor e a vida, aproximando de meu corpo rígido recipientes de cobre, cheios de água quente."

"Há aqui uma nota esclarecedora – acrescentou o leitor essênio – e ela diz assim:

"Este e outros relatos dos êxtases do Mestre Antúlio não aparecem nos originais de Hilcar de Talpaken, porque foram tomados pela mãe do grande filósofo, testemunha ocular íntima desses momentos. As poucas variantes que neles se observam são devidas a que foram consignadas por diferentes relatores."

– Por hoje basta – acrescentou o Servidor – contemplando a Jhasua, que, muito quietinho, a seu lado, permanecia com as pálpebras caídas.

– Dormes, Jhasua? – perguntou ele docemente.

– Não durmo, mas penso – respondeu o menino.

– Em que pensas?

– Penso qual será o motivo por que somente a Legião dos Amadores se sinta obrigada a sacrificar-se pela salvação das Humanidades que se afastaram da sua Lei.

– Pensas isto? ...

– Sim, penso.

– Estás pesaroso por pertencer a essa Legião?

– Não, porque compreendi que a Lei é tal qual é, e não como quiséramos que fosse. Se estou entre os Amadores, alguma razão haverá para isto, já que, nas alturas, não se permitem os caprichos daqui de baixo. Bem sei que todos vós pensais que esse Antúlio dos papiros sou eu, que vivi antes essa vida. Por que é necessário o sacrifício dos Amadores para salvar as Humanidades? Esta é a minha pergunta!

– Muito bem, Jhasua. Com isto demonstras que compreendeste o relato lido, e procurarei explicar-te o que compreendo e como nós, os essênios, interpretamos a Lei Divina neste ponto.

"A Solidariedade Universal é uma das imutáveis leis do Universo, e ela se manifesta tanto mais perfeitamente quanto mais purificados e perfeitos forem os seres.

"A Legião dos Amadores chegados a uma grande evolução é constituída dos habitantes do que chamamos Sétimo Céu, em cujos dois planos mais baixos, dos sete que tem cada Céu, vivem as Inteligências que ainda podem tomar matéria nos mundos atrasados que elas protegem. Antúlio estava no primeiro desses dois planos e, portanto, ainda podia encarnar no plano físico terrestre.

"Quando os Setenta daquela vaga evolutiva criaram, por mandato superior, esta nebulosa, entre eles ficou o encargo supremo de todos esses globos e das humanidades que haveriam de habitá-los. Como, entre esses Setenta Guias de Humanidades, se achavam Inteligências pertencentes a todas as hierarquias dos mundos Superiores, necessariamente devia existir entre todos eles a grande solidariedade que lhe é indispensável para conduzir humanidades e mundos até a meta final.

"Assim, os Espíritos de Poder e de Justiça encarregar-se-iam da depuração mediante as expiações coletivas dirigidas por eles. Simultaneamente os Espíritos da Legião dos Amadores, mensageiros e transmissores do Eterno Amor Misericordioso, fariam contrapeso na Justiça Eterna da Lei, descendo para junto das humanidades pecadoras com legiões de espíritos Amadores de categoria inferior, a fim de que estes os secundassem em seu imenso e heróico sacrifício.

"Por isto, Jhasua, nós Essênios estamos nesta Terra ao mesmo tempo que tu. De igual modo, estiveram com Antúlio e com Anfião os Profetas Brancos, dos quais surgiram os Dáckthylos da Ática pré-histórica; com Abel os Kobdas da época pré-faraônica; os Flâmines da Índia com Chrisna e o Bhuda; e os Koptos do Sinai com Moisés.

"A Eterna Lei das causas e dos efeitos é estritamente severa. A tal quantidade de egoísmo e refinamento de maldade, capazes, por si sós, de acabar com uma Humanidade, deve opor-se igual quantidade de amor desinteressado e de heróicas abnegações, desde que se queira manter o justo equilíbrio, no qual apenas podem conservar-se e desenvolver-se as criações dos mundos e das humanidades.

"Compreendes, Jhasua, a razão por que os Salvadores de humanidades pecadoras saem da Legião de Amadores?"

– Sim ... compreendo ...! E compreendo também muitas outras coisas! ...

Quando o pequeno pronunciava tais palavras, os clarividentes viram que flutuavam sobre ele, como ondulações radiantes, inumeráveis espíritos de Luz e de Amor, formando um céu de claridades tão diáfanas que era possível ler os pensamentos com os quais eles povoavam a mente do Verbo Eterno feito garoto.

– Poderemos, Jhasua, conhecer quais são essas muitas coisas que compreendes? – interrogou docemente o Servidor, para dar ao menino a confiança de esvaziar completamente os seus pensamentos.

– Compreendo que os seres que pertencem à Legião dos Amadores, desde que chegam à compreensão do Bem e do Mal, começam a ensaiar para serem redentores e salvadores de almas – respondeu a criança.

– Em que forma compreendes tu que eles fazem esses ensaios?

– Primeiramente, compreendo que nessas Inteligências desperta-se grande piedade e misericórdia pelos miseráveis, e sob o influxo dessa piedade trabalham constantemente. Compreendo que essa piedade os coloca frente a frente com os egoístas, ambiciosos, soberbos e prepoténtes.

"Compreendo, também, que os espíritos que pertencem à Legião dos Amadores iniciam vidas de grandes padecimentos, muito antes de chegarem à purificação. São os que mais sofrem nos mundos atrasados, porque não podem tomar, por si mesmos, medidas contra seu cruel egoísmo. Compreendo, outrossim, que os Amadores, qualquer que seja a sua categoria, quando cumprem suas missões de salvar almas, são como um ponto de atração dos espíritos Guardiães que lhes dão assistência e inspiram as mais belas obras da redenção humana.

– Quantas coisas grandes compreendes, menino abençoado de Deus! – exclamou o Servidor, externando sua admiração, que era comum a todos os presentes, não obstante os demais permanecerem calados.

– Mas, agora – disse de repente o pequeno – já não compreendo coisa alguma e também não sei dizer mais nada.

Viram os clarividentes, com efeito, que as radiantes Inteligências, que lhe formaram esse céu de claridade mental, haviam desaparecido, e Jhasua encontrava-se submergido nas sombras da inconsciência infantil.

– E agora – acrescentou o menino – não é verdade que me deixareis ir para brincar com Matheus e Myrina, que estão esperando-me? Temos em vista três ninhos com filhotes de melros e dois de calhandras, que, se nos descuidarmos, voarão para longe, de um momento para outro.

– Sim, filhinho, sim. És criança e tens o direito de responder aos anseios da tua idade, não obstante a grande missão que te trouxe a esta Terra. Mas, antes disso, tomarás do vinho de teus velhos Mestres.

Levaram-no ao refeitório, e, com eles, tomou vinho com mel e castanhas assadas.

Jhasua, de volta à realidade do momento presente, relatou para eles com muita graça a surpresa da mãe Sabá com os asninhos luxuosamente ajaezados, por ela escondidos numa gruta da montanha; que ele os havia espiado, escondido atrás de uma ramagem de terebintos, onde observara um ninho de calhandras. Ria-se repleto de felicidade, contagiando, com sua ruidosa alegria, até os Anciãos, que imaginavam ser, de verdade, outra vez meninos, ao lado daquela deliciosa criatura, cuja simples presença, entre eles, era como um antecipado céu de amor e de luz.

Uma hora depois, acompanhado de Matheus e de Myrina, seguidos de perto por sua amorosa mãe, Jhasua, Salvador da Humanidade Terrestre, passeava pelos vales florescentes do Carmelo. Ia montado sobre um pequeno asno branco, com ajaezamento e mandis azuis, entre os alegres risos e gritos com que as outras crianças celebravam o acontecimento, montados, por sua vez, em asninhos acinzentados.

No entretanto, Myriam, sua mãe, suspirava num desafogo feliz de sua alma atormentada pela incerteza:

– Oh! filho querido ... Sou muito mais feliz vendo que estás brincando, alegre e ditoso na tua infância, do que sob as perspectivas de uma grandeza que me espanta! ...

Apertando ao peito um casaquinho de lã, que tecia para ele, seguia-o com o olhar mergulhado num êxtase de terníssima devoção.

Plus Ultra...

Por que deixaste o leito tão cedo, meu amor? – perguntou Myriam ao filho, no momento em que ele se aproximava de mansinho do estrado de sua mãe para espiar se ela dormia.

– Oh, mãe! ... hoje é dia de muito trabalho – respondeu o menino com grande seriedade.

– Que trabalho é esse? ... Irás quebrar todas as pedras da montanha?

– Oh, não! Tanto assim, não; mas sabes, mãe, hoje teremos que preparar três gaiolas de vime para os filhotes de melro que trouxemos ontem à noite! Observaste como abrem os biquinhos pedindo comida? São nove, mãe! Matheus e Myrina sozinhos não bastam para eles; assim, eu tenho que ajudá-los.

– Oh, que tarefa, meu filho! ... Mas não vejo necessidade para que deixes o leito, quando a noite ainda não se foi de todo.

– Entretanto, esqueces, mãe, que, apenas estejamos na metade da manhã, deverei ir ao Santuário para o ensinamento?

– Ah! ... Certamente, meu pobrezinho! ... Não sabes se és criança ou homem! ...

E, sentando-se no leito, tomou as mãozinhas do filho e cobriu-as de beijos. Juntou-as depois entre as suas e disse:

– Oremos juntos, meu filho, para que Jehová ilumine nossos pensamentos e que nossas palavras e obras sejam dignas d'Ele:

"Louvado seja Jehová, Criador e Senhor de tudo quanto existe, e que sua mão poderosa se estenda sobre nós ..."

A suave oração da mãe e do filho foi despetalando-se da alma como um ramalhete de rosas brancas que as brisas do amanhecer levavam suavemente, semeando de doces pétalas de amor e de fé as faldas verdejantes das colinas carmelitanas.

Cumprida a tarefa junto aos filhotes de melros e calhandras, o Cristo-Menino voltou para o Santuário, onde seus Mestres essênios o aguardavam.

Na metade do caminho, saiu a seu encontro, segundo era costume, um dos solitários, e a mãe, tendo-lhe entregue o filho, voltou para os trabalhos domésticos.

– Irmão Joachim – disse o menino antes de entrar –, esperai-me aqui um momento. – E afastou-se alguns passos para um ângulo do caminho. O essênio ficou a observá-lo silenciosamente.

Viu que o pequeno foi sentar-se numa saliência das rochas, fechou os olhos e juntou as mãozinhas sobre o peito. Concentrou-se o essênio também, para compreender e sentir o que se passava no mundo interno dele. Como quase todos eles haviam desenvolvido a clarividência, percebeu, na aura mental de Jhasua, uma luta entre o Eu inferior e o Eu superior.

Nesse turbulento horizonte mental apareciam Matheus e Myrina, desgostosos porque alguns ninhos que eles vigiavam cuidadosamente haviam sido destroçados pelas aves de rapina, que devoraram os filhotes.

Ambos julgavam, que, se Jhasua não tivesse demorado tanto no Santuário, no dia anterior, não teria ocorrido aquela desgraça, pois os passarinhos haveriam de estar em suas gaiolas.

" – Esses velhos – disse Matheus – querem, a toda força, fazer de Jhasua um profeta, não levando em conta que ele tem apenas dez anos. Quando eles tinham essa idade, decerto não estariam queimando suas pestanas sobre os Livros Sagrados. Em vez de continuar vendo isso, volto para casa."

Myrina, entristecida, chorava em silêncio, tendo entre as mãos os pequenos ninhos vazios e desfeitos.

Todos esses pensamentos envolviam a mente de Jhasua de tal maneira que o pobrezinho lutava para aquietar-se antes de entrar no Santuário. O essênio ainda viu o pensamento do menino voltar a correr para onde estavam os companheiros de brincadeiras.

Então interpôs um fortíssimo pensamento no sentido de dissolver aquelas penosas brumas que o atormentavam; e viu como estas foram desmanchando-se no horizonte mental do pequeno, o qual, pouco a pouco, foi tornando-se tranqüilo e sereno.

– Entremos – disse prontamente o menino, aproximando-se do solitário e tomando-o pela mão.

– Se não tens vontade de entrar agora, Jhasua, fica, e virás outro dia.

– Não tinha vontade há pouco, mas agora tenho. Já passou tudo.

E entraram.

Estavam esperando-o com os papiros desenrolados; e, depois da oração costumeira, o essênio-leitor começou assim:

"Continua o relato do Mestre Antúlio:

"Meu Guia havia feito compreender que estava faltando, para mim, conhecer o Sétimo Céu, além do qual somente pode chegar uma Inteligência encarnada quando rodear-se de circunstâncias e elementos muito especiais.

"Mas a Eterna Lei, que te abre nesta hora suas mais ocultas magnificências, dará tudo quanto for necessário para que vejas e compreendas o que Ela quer que saibas.

"Isto disse o meu Guia para dar-me o ânimo necessário à continuação de minhas explorações, que, às vezes, se faziam demasiado intensas para a minha pobre e débil matéria física.

"Logo depois da conveniente preparação, os Guias uniram-me a minha alma gêmea, para que, em conjunto, fizéssemos aquela magnífica exploração.

"Encarnada ela em Vênus e eu na Terra, realizávamos missões idênticas; e era-nos necessário, sem dúvida, conhecer nossa Morada Celestial, a fim de termos a força indispensável para suportar o grande holocausto que se aproximava.

"Faltavam a ela apenas vinte luas para deixar sua matéria entre os tormentos, e, para mim, trinta e duas.

"Quando fui tirado da Esfera Astral da Terra, encontrei-a com o seu Guia que me esperava. Cheguei com o meu, e nós quatro nos lançamos na imensidão!

"A alma perde-se naquele vasto abismo azulado brilhante, que ela vai cortando em linha reta por entre as Esferas Astrais de milhares de globos de maior ou menor evolução, o que lhe permite perceber sensações diferentes de infinita felicidade ou de angustiosa tristeza.

"Por fim, aquele imenso oceano azul foi ficando rosado e sutilíssimo, e nossos Guias nos detiveram ante uma bruma de rosa e ouro, tão viva que quase causava deslumbramento.

" – São as redes que os Amadores mantêm estendidas em todas as direções para captar as ondas de amor ou de angústia das humanidades que pertencem a cada um deles – disseram mentalmente os Guias, respondendo às nossas perguntas, também mentais.

" – São os pescadores de amor e de dor, no seio do insondável Infinito. Agora podereis ver de que maravilhosa maneira o cumprem em sua eternidade.

"Nem bem foram pensadas tais idéias, lançamo-nos, os quatro, em linha reta através daquela suavíssima bruma de rosa e ouro. Ela nos parecia ser sólida e compacta, como se fosse formada de quartzo abrilhantado, de ametistas e de topázios; e, não obstante, atravessamo-la sem dificuldade alguma.

"Nossos Guias, que, nessa exploração, foram Orfeu e Kapella, irmãos de evolução, colocaram-se de um lado e outro, deixando Odina e a mim no centro. Nossa condição de encarnados obriga-os a usar muitas precauções, a fim de que nenhuma emoção demasiado intensa venha a prejudicar nossa matéria física.

"Não pude precisar o tempo que levamos em atravessar aquele imenso mar de eflúvios de amor intenso, de fé vivíssima e de doce e firme esperança de contemplar a infinita grandeza do Altíssimo Ser, ou Alma Universal. Eu mesmo não me conhecia.

"Cheguei a pensar que não era eu, mas que o Atman Supremo (*) me houvesse absorvido completamente, e que era Ele quem vivia em mim.

"Meu Guia percebeu o meu pensamento, pois me respondeu imediatamente com o seu:

" – À medida que avançamos para essas sublimes e felizes regiões, aumenta em nós a sensação do Infinito a tal ponto que chegamos a esquecer-nos e a perder-nos n'Ele, de sorte que sentimos até a impressão de haver sido absorvidos totalmente

---

(*) Atman (sânscrito): Alma. "Atman Supremo": Deus (N.T.).

pela Divindade. Não deveis assustar-vos, se vierdes a perceber claramente que desaparecestes e que não mais existis.

"Chegamos ao primeiro portal, que era como um grande arco luminoso de uma suave cor turquesa, cuja intensidade deslumbrava.

"Estava ele todo como bordado de imensos lótus em alto-relevo, e descrevo-o desta maneira para aproximar-me, o mais possível, da imagem exata daquilo que percebi.

" – Toda esta beleza – pensaram os nossos Guias – é o original das formosuras que podeis contemplar em vossos planos físicos, se bem que, naturalmente, muito deficientes ali.

"Aqui, toda esta magnífica beleza são só vibrações de amor, que tomaram a forma que seus criadores quiseram dar-lhes.

"Experimentai tocar em um desses lótus que vos parecem de alabastro incrustado no arco de turquesa, e vereis como é verdade o que dizemos.

"Minha alma gêmea e eu estendemos as mãos para apalpar aquelas pétalas, que eram impalpáveis, e uma corrente tão intensa de amor nos invadiu as entranhas que o pranto começou a correr-nos dos olhos, e a alma a submergir-se numa intensidade que nos aniquilava como que em suprema felicidade, impossível de descrever.

" – Retirai as mãos – pensaram os Guias – para que não venhais a perder o conhecimento neste infinito abismo de amor, antes de haverdes compreendido tudo o que a Eterna Lei permite compreender.

"Obedecemos, não obstante nos produzisse sutilíssimo deleite deixar-nos absorver por aquela divina suavidade.

"O grande arco de turquesas abriu-se pelo centro, e encontramo-nos ante uma assembléia de seres radiantes, todos eles sustentando por suas próprias mãos uma espécie de cornetas pequenas, que pareciam ser de cristal dourado.

"Mantinham-nas aplicadas sobre o plexo solar e, pela outra extremidade, saía uma infinidade de raios sutilíssimos, como fios de fogo, que vibravam vertiginosamente, e a intervalos, de acordo com a maior força e intensidade que aquelas Inteligências lhes imprimissem.

"Apareciam aqueles gloriosos espíritos como que sentados sobre um grande estrado circular, com altos respaldos, espécie de dosséis, tão transparentes que, através deles, podiam ser vistos sucessivos estrados circulares, com outros seres igualmente ocupados com aquelas cornetas.

"Nossos Guias pensaram em respostas para os nossos pensamentos indagadores:

" – Essas coisas que parecem cornetas são receptores e transmissores. Por ali eles percebem, com admirável nitidez, a dor e o amor que lhes chegam dos planetas por eles protegidos e cuja evolução está a seu cargo; e por ali mesmo irradiam até eles o seu amor infinito e a sua infinita piedade.

"Então, pela vontade dos nossos Guias, fomos vendo desfilar, no espaço infinito, um por um, os globos que aqueles espíritos protegiam das alturas do seu Céu de Amor.

"Eram todos habitados por humanidades de evolução semelhante a desta Terra. Alguns um pouco mais atrasados; outros, algo mais adiantados.

"Em alguns globos ainda era espantosa a luta do ser inteligente com os elementos da natureza e com as grandes feras de espécies parecidas com as de nossa Terra.

"Em outros globos, os seres inteligentes lutavam contra as duras condições climatéricas, que pareciam tais como existem nas regiões polares: neves eternas e escassa Luz, por causa das grandes distâncias dos sóis centrais de cada sistema.

"Em contrapartida, vimos os planetas que vivem e se movem dentro da órbita do sol central, abrasados como em chamas vivas e com seus vulcões ardentes, de cujas erupções os seres fugiam como enlouquecidos.

"Pudemos observar que algumas humanidades absorviam, mais do que outras, os doces e intensos raios de amor, de esperança e de fé, que seus respectivos Messias irradiavam para elas.

"Outras humanidades, semi-embrutecidas ainda por sua escassa evolução, apenas percebiam vagamente esses raios como um vento fresco que amenizava o calor implacável dos climas ardentes.

" – Olhai esse globo de aura esverdeada – pensou um dos nossos Guias – que está sob a tutela de Hehilep, como podeis ver, seguindo a direção dos raios de amor desse Messias.

"Observai as altas montanhas desse globo, coroadas por penachos de fumaça ardente, presságio de formidáveis erupções.

"Correi a vista pelas bases desses montes e observai como dormem tranqüilas essas cidades, povoações e aldeias, com suas campinas cobertas de rebanhos.

"Três luas iluminam essa paisagem noturna que, dentro de alguns momentos, será horrivelmente alterada pela erupção de cem vulcões, que abrirão a cordilheira em profundas fendas, e as águas do mar, represadas por essas montanhas que lhes serviam de dique, precipitar-se-ão sobre povos, cidades e rebanhos.

"Observai essa parte do globo e não percais de vista o Messias Hehilep, o segundo do estrado, começando pela direita.

"Imediatamente a paisagem foi coberta de chamas, fumaça e cinzas e, ao sinistro resplendor daquelas vermelhas labaredas, as pessoas abandonavam suas vivendas numa desesperação sem limites.

"Hehilep estremecendo todo em suave vibração semicerrava os olhos radiantes para dar mais intensidade à amorosa força que ele emanava de si mesmo e que se assemelhava a um caudal enorme, a dirigir-se, qual torrente de ouro e de luz, para os Círios da Piedade, que, na Esfera Astral desse globo açoitado pelo cataclisma, desenvolviam extraordinária atividade para acalmar a desesperada angústia daqueles que perdiam a vida.

" – Não se cansam nunca em irradiar tantas ondas de amor? – perguntei com o meu pensamento.

" – Acaso te fatigas de amar tua mãe e de prodigalizar-lhe toda sorte de ternuras e de carinho?

" – Não, nunca, porque eu a amo em demasia.

" – Muito mais amamos nós, os Amadores, desde nosso Céu de Amor e Luz, por toda a eternidade.

" 'Acabastes de observar os Amadores do primeiro portal. Este Céu tem, como todos os demais, sete moradas e diferentes graus de elevação.

" 'Os dois primeiros portais permitem ainda a encarnação nos planos físicos. Os outros já não o permitem, porque as Inteligências chegaram a tão alto poder vibratório, que não há matéria física capaz de resistir-lhes.'

"Em seguida, foi-nos apresentado um segundo grande arco, cor de marfim, igual ao anterior, com a única diferença, à primeira vista, de que, em vez dos lótus brancos como em alto-relevo, ostentava grandes rosas vermelhas de púrpura vivo, como se suas pétalas fossem de cor vermelho-rubro-cristal.

"Essas rosas estremeciam ligeiramente, qual se uma aragem suavíssima as agitassem. Jamais esquecerei essas divinas rosas vermelhas, cada uma das quais parecia um coração humano palpitante de amor.

"Desta vez, nem Odina nem eu necessitamos que nos dissessem 'tocai nelas', porque ambos pusemos numa delas nossos lábios com um beijo tão profundo como um abismo que não se poderia medir. Aquelas rosas vermelhas haviam fascinado a nós dois.

" – Entrareis por esse arco – disseram os nossos Guias – quando abandonardes a matéria que revestis no presente.

" – Por que não agora? – interroguei eu com veemência.

" – Porque ainda não terminastes a vossa missão redentora atual, que marca o tempo médio das oito encarnações messiânicas preparatórias para a libertação final.

" 'Passastes quatro encarnações no primeiro portal, e, depois de outras quatro, passareis pelo segundo, de onde descereis para a matéria pela última vez, onde o triunfo final e decisivo vos fará superar a matéria física, da qual vos despedireis para não voltar a tomá-la jamais.'

" – Realizaremos mais quatro encarnações depois de passar pelo portal das rosas vermelhas! ... – exclamou minha companheira.

" – E depois? ... – interroguei, ansioso.

" – Depois morareis nos outros cinco portais Superiores do Céu dos Amadores, conforme quiserdes dedicar-vos à Sabedoria ou ao Amor.

" 'Os que se dedicam ao estudo investigam profundamente todas as mais secretas e sublimes Leis do Cosmos e experimentam os meios de aplicá-las em novas criações.

" 'De outra parte, os que se dedicam ao Amor formam Legiões de Círios da Piedade, escolhidos entre os Espíritos Amadores de categorias inferiores, e espalham-nos sob sua tutela como bandos de pombas brancas, mensageiras de paz e de amor por todos os mundos do vasto Universo.

" 'Não lhes sendo possível descer aos planos físicos da dor, impulsionam e dirigem os seus afins, através dos quais continuam consolando e amando os pequenos sofredores dos mundos expiatórios.'

" – Desposar-me-ei com a Sabedoria por algum tempo, mas a minha eternidade será toda consagrada ao Amor – exclamei com veemência.

"E abracei-me a delirar com o portal das rosas vermelhas (o segundo), onde chorei intensamente.

"Odina afastou-me daquele delírio, dizendo com grande doçura:

" – Eu também agirei como tu, por toda a eternidade.

"Orfeu e Kapella pensaram fortemente para que eu reagisse ante aquela impressão, e, ato contínuo, vimo-nos ante uma série de colunas semicirculares que pareciam construídas de âmbar transparente, as quais eram, como tudo mais ali, exclusivamente de matéria astral sutilíssima.

"Aquelas colunas apareciam todas orladas de suaves trepadeiras, cuja esplêndida floração era constituída de campânulas de um branco tão resplandecente como a neve quando recebe a luz do sol.

"Vibravam como os lótus brancos e as rosas vermelhas dos dois primeiros portais, mas esta vibração era harmônica e exalava uma dulcíssima melodia.

"Não eram notas musicais nem arpejos ou acordes como aqueles que ouvimos arrancar de instrumentos de sopro ou de corda.

"Eram sons delicadíssimos e contínuos, como vozes humanas que sobem ou descem de tom sem se poder precisar onde começam nem onde terminam.

"Tampouco eram palavras, e houve momentos em que cheguei a pensar que fossem rouxinóis ocultos nas trepadeiras a emitirem aquelas suavíssimas melodias.

"Nossos Guias perceberam este pensamento e, mentalmente, responderam:

" – Não são humanas nem de pássaros. Vêm a ser apenas vibrações de amor dessas brancas campânulas, que são receptáculos e transmissores do Eterno Amor, dispostas perenemente e sem interrupção, para que dali possam alimentar-se os Amadores que se encontram encarnados nos planos físicos, quando o desprezo e a incompreensão das criaturas os deixam transbordantes de decepções e de desânimo.

" 'Quantas vezes bebestes desses brancos cálices de amor, e não os reconheceis!

" 'Assombra-vos o forte laço solidário que existe entre todas as puras Inteligências que povoam estes Céus. Nem o mais leve pensamento de angústia de um Messias encarnado passa despercebido por essas flores vivas do Amor Eterno.

" 'Se as plantas e as flores de vossos planos físicos têm certa inteligência dentro de suas formas de muda expressão, quanto não terá essa divina floração do Eterno Amor que, indefinida e constantemente, transborda pelos pensamentos de amor dessas gloriosas Inteligências?'

"A colunata de âmbar estava fechada no interior por um véu rosado vivo, com tênues fios de ouro que irradiavam ininterruptas chispas de luz dourada.

"O pensamento dos nossos Guias descerrou parte desse véu, o bastante para que contemplássemos o que havia atrás dele.

"Um radiante cortejo de seres, que pareciam lâmpadas formadas de estrelas, fazia observações por uma espécie de ogiva recortada sobre um fundo turquesa.

"Compreendi que aquela observação era semelhante à de um inteligente operador, que, sustentando nas mãos os fios elétricos de um complicado mecanismo, vai aferindo atentamente a forma e o modo como decorrem seus próprios procedimentos.

" – Quem são? – perguntamos.

" – Estes são os Querubins ou Desposados da Divina Sabedoria, que ensaiam novas criações nos vazios do Espaço Infinito. Gênios sublimes do Amor, buscam a maneira de estabelecer uma possível solidariedade entre as humanidades de globos próximos.

" 'Para tanto, efetuam a interposição de astros nas órbitas dos companheiros do mesmo sistema, de tal modo que, em épocas determinadas e o mais freqüentemente possível, se encontrem a uma distância adequada para comunicações, tal qual se efetua de um continente para outro.

" 'Já compreendereis que, para realizar isso, devem eles estudar a forma de conseguir a homogeneidade do éter e da atmosfera dos globos solidários.

" 'Olhai!'

"Nossos Guias descerraram outras pregas do amplo véu rosa-vivo que fechava aquela colunata e, por outra ogiva próxima à que servia de observação dos Querubins, contemplamos, minha companheira e eu, este extraordinário espetáculo sideral:

"No fundo escuro de um abismo azul-turquesa, revoluteava, como bando de grandes pássaros em luta, uma agrupação de pequenas esferas que rodavam vertiginosamente, aproximando-se cada vez mais umas das outras.

"Simultaneamente, suas imensas órbitas, como anéis luminosos, interpostos uns nos outros, iam colocando-se num enlaçamento tão magnífico que, à grande distância em que as víamos, pareciam qual uma rede de fios de ouro em cujo centro houvessem sido bordados, em alto-relevo, os dez globos desse sistema nascente.

" – Mas, nesses mundos – disse eu – as humanidades vão poder falar entre si como de janelas de casas vizinhas.

" – Isso nos parece à primeira vista, porque aquelas esferas parecem tocar-se; mas, na realidade, não é assim. Poderão entender-se umas com as outras, pois tal é a intenção desses Gênios do Amor. No entanto, isto só será possível através da onda sonora transmitida através do éter e da atmosfera.

"Para tanto será necessário que todos esses globos estejam envoltos em uma única aura conjunta; e à consecução de tão estupendos resultados dedicam eles toda a sua gloriosa eternidade.

" – Quanto tempo demorarão eles para deixar terminada e perfeita essa criação? – interrogamos.

" – Bem sabeis – responderam os Guias – que o tempo aqui não se mede como nos planos físicos, e que, para estes Céus – que são globos de matéria completamente sutilizada, onde o pensamento corre tão rápido como a luz – as idades passam com velocidades que produzem vertigem.

" 'Se, porém, medir-se o tempo segundo as vossas moradas planetárias atuais, havereis superado a matéria, ou seja, estareis libertados para sempre de encarnações quando essa nova criação entrar em perfeito funcionamento; e será, talvez, dessas mesmas ogivas que vós cooperareis para a conclusão de tão magnífica obra de solidariedade e amor.

" 'Como essa criação que acabais de ver, fazem-se muitas em todos os âmbitos do Universo, aonde os Querubins, Gênios criadores do Amor Eterno – que é eterna solidariedade – fazem chegar a força irresistível dos seus pensamentos.

" 'Se a Eterna Lei vos revela seus grandes segredos, é para que sigais semeando a Sabedoria Divina nas inteligências mais adiantadas de vossos respectivos planetas. Fazemos isto com todos os Messias encarnados em idênticas missões de redenção.'

" – Dizei-me, – interrogou minha companheira – poderão os seres de um globo dessa nova criação mudar-se para outro?

" – Os espíritos desprendidos pelo transe, sim; mas os corpos físicos só poderão fazê-lo quando as inteligências avançadas encarnarem neles e, mediante grandes esforços mentais, elas mesmas descobrirem e forjarem os veículos adequados para atravessar a atmosfera intermediária entre um globo e outro, nessas novas criações.

" 'Esses gênios do Amor e da Solidariedade Universal obtêm densidades iguais de éter e de atmosfera para a criação de globos solidários e vizinhos, e, deste modo, desaparece a impossibilidade de que sejam transferidos corpos orgânicos de um globo para outro.'

"Fizeram-nos compreender que a nossa visita havia terminado, e ambos os Guias nos deram a ordem mental de recordar perfeitamente, em vigília, tudo quanto havíamos visto, para servir de ensinamento a nossas humanidades, e com a promessa de que eles reparariam qualquer falha involuntária de nossa memória.

"Despertei no plano físico, sobre o canapé de junco, quando o Sol estava na metade de sua trajetória. Através disso compreendi que meu sono havia durado toda a noite e metade da manhã seguinte.

"Minha mãe e meus discípulos íntimos rodearam-me no leito, mas não pude coordenar os pensamentos até muito depois de chegada a tarde, em virtude de uma sensação de frio intenso que me produzia ligeiro tremor em todo o corpo, e, sobretudo, na cabeça e nas extremidades. Meus pés e minhas mãos estavam insensíveis.

"A reação tardou mais desta vez do que das outras; no entanto, quando se produziu, foi acompanhada de tão poderosa energia e vitalidade que, ao penetrar, no dia seguinte, no nosso pavilhão de enfermos e de anciãos decrépitos, originou-se, em

todos eles, uma reação coletiva, à proporção que eu ia passando pelas salas, como sempre o fazia, com a idéia de derramar neles minha força vital.

"Com toda a verdade, pudemos qualificar de cura coletiva instantânea a reação obtida naquele dia, se bem que não perdurasse por muito tempo nos mais velhinhos, cujos organismos estavam no limite da dissolução da matéria orgânica.

"A metamorfose foi completa, sobretudo nos atacados de úlceras cancerosas e afecções pulmonares e cardíacas.

"Assim, os puríssimos eflúvios do Céu dos Amadores haviam descido à Terra por intermédio de um insignificante mortal, sujeito às penosas leis da natureza física, comuns a todos os homens deste planeta."

O leitor essênio enrolou o velho papiro amarelado, e todos os olhares se voltaram para Jhasua, que, semi-recostado no estrado, olhava para o teto com evidente insistência.

– Compreendeste, Jhasua, a leitura deste dia? – interrogou o Servidor.

– Sim, compreendi muito bem, e penso que Antúlio devia encontrar-se em grandes apertos com tantos conhecimentos, e sem ter ninguém a quem pudesse contar tudo quanto sabia.

– Mas ele tinha toda a Humanidade para isso, meu filho.

– Meus companheiros de escola arrancaram-me os cabelos e lançaram-me pedras, porque, um dia, lhes pedi que não matassem os passarinhos por serem criaturas de Deus.

"Que fariam eles a Antúlio, se este lhes dissesse que, para se sacrificarem por outros, os Amadores deixam esses Céus de Luz? Certamente lhe gritariam: Louco, louco, louco!, arrojando-lhe pedras até despedaçá-lo.

Ao dizer isso, o menino deu um grande suspiro e semicerrou os olhos, como se quisesse isolar-se em seu mundo interior.

Os essênios olharam-se uns aos outros ante essa resposta, que jamais haviam esperado obter de um menino de 9 anos.

– É verdade, meu filho, que a Humanidade está cheia de egoísmos e maldades, que lhe produzem essa treva mental à qual chamamos ignorância e inconsciência; contudo, não podemos negar que existem em seu seio almas que brilham com luz própria e que são os arautos avançados da evolução.

"Se tu, por exemplo, te encontrasses nas condições de Antúlio e rodeado de seres como estes Essênios que aqui vês, consagrados durante toda a sua vida à Sabedoria Divina e ao amor aos seus semelhantes, haverias de pensar que estavas perdendo tempo em adquirir conhecimentos superiores para transmitir a eles?"

A grande irradiação de amor com que o Servidor formulou esta pergunta estremeceu a sensibilidade do pequeno, que se levantou rapidamente e, abraçando-se ao pescoço do Ancião, disse com voz trêmula de emoção:

– Perdoai-me, Servidor. Sou um menino muito mau, que, em vez de docilidade para escutar, traz aqui juízos duros e amargos.

"Não sei como pude dizer essas más palavras."

Os Essênios compreenderam que Jhasua estava vivendo a personalidade de Antúlio quando pronunciou essas frases, pois, segundo algumas crônicas dessa época distante, o grande filósofo atlante se havia queixado amargamente de que a Lei Eterna lhe revelara muitas grandezas, mas que, pela incompreensão humana, deviam morrer por entre uns poucos e obscuros discípulos.

– Escuta-me, Jhasua: fizeste muito bem em pronunciar essas palavras que estavam no teu mundo interior. É justamente para isso que te encontras com estes velhos amigos, a fim de que o teu Eu íntimo se desafogue aqui, entre nós; e, quando saíres para o mundo exterior, quer sejas um adolescente, um jovem ou um homem normal, fales conforme o auditório que tiveres, e não conforme aquilo que viverá e se agitará no teu mundo interior ... Compreendes?

"Quando não tiveres perto de ti Essênios que possam compreender-te e sentires que teu mundo interior quer derramar-se para o exterior, então retira-te por alguns momentos para a solidão e evoca os teus aliados invisíveis. Eles acudirão de imediato, para que tua débil matéria física não estoure nessas explosões de grandeza Divina.

"E, depois que saíres daqui, volta a ser menino outra vez, ao lado de tua mãe, que, só alguns anos mais tarde virá a compreender os segredos divinos."

– Com isto quereis dizer-me que já é hora de voltar para casa? – perguntou Jhasua quase com tristeza.

– Sim, filhinho – respondeu-lhe o Servidor.

– Pensei que iríeis desvendar-me o segredo do Pai Celestial.

– Que segredo é esse?

– Já estou ficando homem e ainda não sei como é o Pai Celestial do qual tanto ouvi falar. Antúlio conheceu o Pai Celestial?

– Claro que o conheceu, e muito bem até!

"Nas leituras dos próximos dias, irás compreendendo tudo quanto Antúlio compreendeu do Pai Celestial."

– Com esta esperança, vou contente.

O meigo filho de Myriam beijou seus mestres, que tanto o amavam, e voltou para a alcova, onde já o esperava a refeição do meio-dia.

A Visão do Pai Celestial

Quando voltou o Essênio que acompanhara Jhasua até a gruta das avós, o Servidor evidenciou a conveniência de examinarem minuciosamente as passagens que deviam ser lidas na presença do menino daí em diante.

Então, os grandes armários lavrados na rocha viva começaram a entregar os segredos guardados, desde longos séculos, por aqueles ignorados solitários, que não viviam senão para estudá-los e cuidar de sua conservação.

Foi aberto um dos armários, com a retirada de uma prancha de cedro, a qual parecia fazer parte do forro que cobria as demais paredes da sala, e ele trazia, gravado no alto, nas mais usuais línguas desse tempo:

Antúlio de Manh-A-Ethel

Esse armário era constituído de vários compartimentos, em cima de cada um dos quais se viam gravadas indicações como estas:

"Cópia dos originais do testemunho ocular de Hilcar de Talpaken.

"Cópia dos originais da mãe do grande Mestre, Walkíria do Monte de Ouro.

"Cópia dos originais de Huas-Karan de Tehoa-Kandia, Notário Maior dos Profetas Brancos, mestres do Grande Mestre.

"Cópias de originais isolados, provenientes de outros discípulos do Mestre."

Havia, portanto, quatro porções de escrituras referentes ao grande filósofo atlante.

Tendo-se em vista que os Essênios procuravam desenvolver até o maior grau possível os grandes poderes psíquicos latentes na alma de Jhasua, deviam eles, necessariamente, escolher, no vastíssimo campo das escrituras antulianas, aquilo que mais pudesse despertar no Messias-Menino essas faculdades ocultas.

Através dessas inumeráveis escrituras, observava-se claramente o grau de evolução dos seus autores.

Alguns haviam sido testemunhas da vida do filósofo, em relação à porção da humanidade que o havia rodeado, ou seja, no plano físico em que ele atuou como médico, como mestre das ciências de seu tempo e como filantropo consagrado ao bem de seus semelhantes. História puramente material, era uma série de relatos da sua vida cheia de grandeza.

Outros, embora apreciando em seu justo valor a vida do grande homem sob o aspecto material e humano, haviam tomado, com notória preferência, a parte esotérica, os poderes supraterrestres, que, por sua longa evolução, havia ele conquistado.

Daí a necessidade em que se encontravam os Essênios de proceder a uma deliberação para escolher o que existia de melhor naquele vasto campo em seu duplo aspecto físico e metafísico.

A pergunta que o pequeno Jhasua fizera ultimamente no interesse de saber *como é o Pai Celestial*, fazia-lhes compreender que, em determinados momentos, aquele grande Espírito, chegado a seu apogeu, se destacava já da nebulosa infantil, devendo eles, portanto, achar-se preparados para proporcionar-lhe os conhecimentos adequados.

Decidiram, pois, continuar a narração das investigações espirituais que o grande Mestre havia realizado com a cooperação de seus Guias.

O papiro em que se relatava a visão dos planos sutilíssimos – morada das *Tochas Eternas* e dos *Fogos Magnos* – era o mais adequado a ser lido.

Além disto, essa leitura faria com que o Menino-Luz vislumbrasse como era essa Divindade que ele chamava de *Pai Celestial*.

Assim sendo, quando o levaram novamente ao Santuário, o essênio-leitor começou esta leitura:

"Uma noite, meus discípulos tiveram a idéia de realizar a nossa concentração no terraço do Santuário, que se achava quase coberto de trepadeiras em flor, com brancos cachos perfumados, ao passo que o infinito azul se nos apresentava bordado profusamente de estrelas.

"Meu Guia Aheloim disse-me, por meio do transe de Hilcar, o mais adiantado de meus discípulos, que havia chegado a hora de realizar o mais árduo trabalho espiritual para um ser revestido de matéria física.

" – Os Céus que visitaste – disse ele – estão constituídos de uma forma de matéria que, vista de teus campos habituais de ação, é sutilíssima e radiante.

" 'Mas agora necessitarás de outros veículos para chegar às alturas onde toda matéria já desapareceu, ficando só a poderosa vibração de pensamentos, que não são mais do que Energia, Luz e Amor, e possuem tal intensidade que a alma encarnada se sente invadida completamente pela sensação de aniquilamento.

" 'É isto que devemos evitar se pretendemos conservar a memória do quanto irás ver e sentir, de vez que os frutos de tuas conquistas não são apenas em teu benefício, mas para a humanidade que aspira chegar à Sabedoria Divina.'

" – Faze como quiseres – respondi – pois a mim só cabe obedecer.

" – Durante três dias, alimentar-te-ás tão-somente de pão, mel e suco de laranjas e farás imersões diárias na piscina de água por ti mesmo vitalizada.

" 'Cuida para que, nesses dias, não chegue ao teu conhecimento nenhuma notícia desagradável, nem emoção alguma que possa mudar a vibração do teu espírito.

" 'Eu virei buscar-te na saída da Esfera Astral deste planeta, e num determinado sítio, encontrar-nos-emos com um de nossos irmãos, Delphis, cuja evolução o leva diretamente, antes que nós, a entrar em contato com essa gloriosa hoste de *Tochas Eternas*.

" 'Ele formará, com suas vibrações próprias, o veículo sutil radiante que necessitas para compreender e recordar, sem que nada sofra o laço fluídico que te une à matéria física terrestre.

" 'Que tua mãe e teus discípulos sigam idênticas indicações durante os três dias de preparação, para que formem a aura conjunta, apta a cooperar conosco para a melhor realização deste delicado trabalho espiritual.'

"Tudo foi feito de acordo com a indicação de Aheloim e, na terceira noite, esperamos em completo silêncio e obscuridade, estendidos, como sempre, em nossos canapés de junco e sob a atmosfera morna de vários piveteiros acesos que exalavam perfume de diversas essências.

"Meu Guia conduziu-me até o lugar em que nos esperava Delphis, cujo símbolo, "Resplendor da Idéia Eterna", revela, por si mesmo, o que esse gênio divino da Luz e do Amor tinha conquistado.

"Compreendi que chegávamos à entrada da Esfera Astral de um globo, cuja matéria constitutiva era mais sutil do que aquilo que há de mais tênue e delicado no nosso éter terrestre.

"Era ele o sol central de um sistema, cujas matérias densas se haviam desagregado em épocas imensas, ficando só a parte fluídica, tal como quando o espírito abandona a matéria que se desfaz em pó e continua a sua eterna vida sutilizando cada vez mais suas vestimentas ou veículos, que lhe permitirão a entrada nos Céus mais puros e luminosos.

"Isto fez vir à minha memória o velho pensamento: 'As estrelas e as almas assemelham-se.'

"Dentre os irmãos da minha evolução, ou seja, entre os Setenta, Delphis é um dos mais adiantados; pois, embora façamos os caminhos eternos em conjunto, sempre se dá o caso de que alguns dão passos mais largos.

"Desde que eu estou encarnado neste planeta, só uma vez havíamos tido contato espiritual, em razão de suas próprias atividades, mui distantes do plano em que eu desenvolvo as minhas.

" – Por hoje – disse ele com intenso amor – estreitamos novamente a nossa antiga amizade.

" – Mas em que situação tão diferente! – exclamei, aludindo a que ele estava em sua magnífica liberdade de espírito de Luz, e eu atado a u'a matéria tão grosseira.

" – Já verás – respondeu-me – como, nos Eternos Laboratórios do Infinito, o Amor tem o segredo de fazer-nos todos iguais.

"E, sem dizer nada mais, estendeu sobre mim as mãos radiantes como duas chamas douradas, ao mesmo tempo que seu olhos, de um azulado vivo de doçura infinita, atraíam os meus; e ambos nos olhávamos como se quiséssemos fundir-nos um no outro ... Jamais senti tão intensa onda de amor como naqueles momentos.

"Observei que o meu ser astral ia convertendo-se também em chama viva e que todas minhas lembranças terrestres iam apagando-se lentamente até o ponto de esquecê-las de todo, como se eu fora um ser inteiramente livre de todas as ligações com a minha matéria.

"A felicidade que me invadiu em tais momentos não é possível ser descrita com esta torpe e mesquinha linguagem.

"Delphis, Aheloim e eu éramos como três imensas chamas vivas, lançando-nos ao espaço infinito, que sulcávamos com velocidade fantástica.

" – Será que nos perceberam dos mundos próximos pelos quais passamos? – perguntei, pensando que aqueles que nos vissem poderiam julgar estar ante o fato insólito de três cometas atravessando, juntos, os abismos da imensidade.

" – Todo este Universo – respondeu Delphis – está formado por globos, e seus moradores, desmaterializados, são Inteligências avançadas que sabem que não somos cometas como tu pensas.

" 'Além do mais, casos como este não são exceção, mas a observância de uma lei que hoje se cumpre em ti, como se tem cumprido em todos que estão em condições idênticas às tuas.

"Perdi a noção do tempo, razão pela qual não sei dizer se a travessia foi longa ou não. Só sei dizer que sentia uma sensação de energia e de poder tão grande que me julgava capaz de transportar-me com essa mesma velocidade durante muitos dias e até anos.

"Observei também que, cruzando entre milhares de mundos completamente sutis e desmaterializados, não se percebem essas sensações penosas que se sentem ao transpor as Esferas Astrais de globos atrasados e com humanidades em sofrimento.

"Eu sentia em meu ser uma diafaneidade tão suave, uma corrente de simpatia e de amor tão puros que me parecia como se cada vibração fosse um beijo intenso que toda partícula deixava em cada um dos átomos dos quais eu mesmo estava formado.

"São só amor, puro amor, aqueles Céus inefáveis!

"Como que em vagas periódicas e regulares, pude perceber ressonâncias suavíssimas à maneira de música divina, que se aproximava até envolver-nos em suas melodias e tornava a distanciar-se para voltar novamente.

" – Por que a música se vai e por que volta de novo? – perguntei ao meu Guia.

" – Não é ela que se vai – responderam-me –, é o ritmo potente e soberano da Eterna Energia que circula vertiginosamente por todos os mundos do Universo, da mesma sorte como o sangue percorre um corpo físico no qual o próprio movimento o renova e vivifica constantemente.

" 'São as palpitações intermináveis do Eterno Infinito, a cujo coração vamos chegando, e é por isto que aqui se percebe tão fortemente o incessante vaivém, de igual maneira como, num organismo físico, nas proximidades do coração, órgão do sistema circulatório, se sentem mais intensas as palpitações, sendo ele o último que cessa o movimento quando a vida física se extingue.'

" – Então – disse eu – é bem verdadeiro o velho ensinamento: 'Assim como é embaixo, também é em cima!'

" – Tudo é uno no Infinito, e essa Unidade Suprema se percebe e compreende mais claramente nestes mundos avançados, onde já não existe o Mal, sob nenhum aspecto, porque este é o Reino do Amor, e o Amor é o Bem Eterno.

"Detivemo-nos de pronto no nosso gigantesco vôo sideral, até que uma fulgurante claridade dourada esboçou um enorme disco, que foi se ampliando pouco a pouco.

"Compreendi que esse disco desempenhava o papel de uma lente poderosíssima capaz de aproximar as imagens e as coisas que se olhassem através dela.

"O disco permitia-me ver uma porção de Chamas Vivas, que, embora sendo semelhantes a fogo, sua proximidade não somente não queima nem produz dano, como irradia tamanha sensação de plenitude, energia e amor, que o observador se sente próximo ao aniquilamento da personalidade.

"Eu acreditava que era apenas uma vibração daquele fogo, e todo meu ser parecia estar naquelas radiações de sol, que me penetravam completamente, até me fazerem pensar que me houvesse diluído naquela soberana claridade.

"Um daqueles seres superiores me olhou fixamente com tão infinita doçura que perdi toda idéia de individualidade e me senti também como uma luz que vibrava dentro daquela outra Luz.

" – Essa *Tocha* governa o Universo ao qual pertence teu Sistema Solar – disse Delphis –, e, por isso, sentes tão irresistível atração.

" 'Um desses raios que partem de seu plexo solar está vivificando incessantemente todos os globos de teu Sistema. Não podes contar o número de raios luminosos que partem dele. No entanto, cada raio está ligado a um Sistema Planetário que lhe pertence.

" 'Para essa sublime Inteligência, és como uma ave mensageira que lhe traz a prova de que seus eflúvios de Amor e Vida são recebidos e absorvidos pelo pequeno globo que é a tua morada atual.'

"Meu pensamento não pôde responder nada, porque estava como diluído naquela poderosa Chama Viva, que me fazia morrer de amor e de felicidade com o seu profundo e divino olhar.

" – Este é Deus, o Infinito? – pude pensar finalmente.

" – Deus vibra e anima todo o Universo, no entanto podemos senti-LO e compreendê-LO plenamente desde os cinco planos superiores do Céu dos Amadores, ou seja, quando as Inteligências já purificadas hajam superado o Reino Humano, ao qual já não voltarão, porque passaram a fazer parte do chamado Reino de Deus.

" 'As *Tochas Eternas* que vês já estão semi-refundidas na Divindade e são o resplendor vivo d'Ela, em grau muito maior do que quaisquer outros seres de menor evolução.

" 'Não diz a Lei que de Deus nascemos e a Ele haveremos de voltar convertidos em chama viva?'

" – Quero conhecer a Deus! Quero saber tanto d'Ele que não me fique dúvida alguma – disse eu – com pensamento e sentimento suplicantes, pois só o pensamento e o sentimento ficam vivos e palpitantes naqueles reinos divinos da Luz.

" – O Amor atrai o Amor – respondeu-me o Guia, e ele mostrar-se-á completamente a ti na hora que está chegando.

"Enquanto assim se expressava, estendeu de novo as mãos radiantes sobre mim, em virtude do que eu mesmo me perdi de vista, confundido inteiramente na labareda viva que, nesses momentos, era Delphis.

"Neste preciso instante, vimo-nos tão próximos do recinto de ouro transparente das *Tochas Eternas* que me foi possível fazer mais algumas observações.

"Vi que essas excelsas Inteligências não pareciam pousadas em nada, pois, tanto abaixo como ao redor, não havia senão radiações de luz tão viva que produzia algo assim como aniquilamento da personalidade, como um transe dulcíssimo, do qual a alma não quisesse despertar jamais.

"Não obstante isso, o contato de meu Guia mantinha-me desperto e plenamente lúcido.

"Observei também que, no meio daquela explosão de chama viva em que aqueles grandes seres estavam envoltos, se destacavam, como bordados em azul vivíssimo de safira, em grandes florões de conformação semelhante ao lótus, com as corolas voltadas para cima, em forma de taças.

"Pareciam-me lótus de ouro, tendo suas pétalas ornadas com fios de safira, a vibrarem delicadamente, lançando, a intervalos, miúdas chispas de luz azulada, que corriam vertiginosamente até longa distância.

"De incomensurável altura, baixavam, em ritmo periódico, umas setas como dardos sobre aquelas taças que coroavam as cabeças de todos aqueles seres.

"Delphis respondeu ao meu pensamento:

" – Não são lótus nem taças de ouro e safiras o que chama a tua atenção, mas centros de recepção que todos os seres possuem, que se manifestam e engrandecem na medida da evolução que vamos conquistando através dos séculos e das idades. São receptores de Energia, de Luz e de Amor, vindos constantemente da Trindade Divina que os emite sem cessar.

" 'Com essa Energia, Luz e Amor, esses potentíssimos seres vivificam e animam os mundos que lhes foram confiados.

" 'Experimenta contar – continuou ele – essas faixas de luz ardente que partem do seu plexo solar em todas direções.'

" – Impossível – retruquei, vendo o feixe de fios radiantes que, na sua origem, tinha uma dimensão tal que quatro mãos colocadas abertas ao redor não abarcariam, tocando-se apenas com as pontas dos dedos.

"Impossível! – repeti – pois há ali milhares de raios luminosos.

" – Cada raio corresponde a um sistema planetário, maior ou igual ao teu. Já podes ver, só por esta informação, qual será a poderosa força de vibração de cada um desses Excelsos Espíritos.

" – A que proporção fica reduzido – pensei eu – o poder e a grandeza de um homem terrestre, que, de cima de um mísero trono que a erupção de um vulcão reduz a pó, se julga com direitos de espezinhar todos aqueles que se opõem ao seu passo?

" 'Orgulho, arrogância estúpida, ignorância inaudita da infeliz formiga terrestre, que, apenas nascida, já se desfaz no pó!'

" – Agora força e valor! – pensou intensamente Delphis, unindo suas mãos de luz à de Aheloim e à minha, ficando entre nós dois.

"Foi um momento, como o cruzar de uma flecha ou de um raio de luz, e havíamos atravessado por entre um mar de claridade que, a intervalos, tinha todas as radiações coloridas do arco-íris, mas em ondulações eriçadas que vibravam suavemente, como se uma fresca aragem as pusesse em movimento.

"Essas maravilhosas vagas iridescentes e encrespadas iam tornando-se cada vez mais intensas no breve intervalo de nosso vertiginoso avanço.

"Por fim, e como repousando nesse imenso mar ondulado de cintilantes e volúveis ondas, percebemos sete magníficos sóis que irradiavam todas as cores do arco-íris; eram as suas radiações que tingiam todo aquele vibrante mar, o qual não era senão Energia, Luz e Amor.

"Percebi, de imediato, que cada um daqueles sóis tinha em seu centro uma face formosíssima, além de toda imaginação. Não existem palavras para descrever tão perfeita beleza.

" – Pensei: isto é Deus, com sete rostos de maravilhosa formosura.

" – Eles são a mais perfeita semelhança de Deus – pensou meu Guia. – São os *Sete Fogos Magnos*, os Supremos Hierarcas da Criação Universal.

" 'São eles que emitem a Idéia Divina e o Supremo Amor aos seus Ministros imediatos, as *Tochas Eternas*, que governam os Universos de Sistemas Estelares, os quais povoam o incomensurável Infinito.'

"Desses sóis não vi forma nenhuma, mas tão-somente a face dentro de um grandioso sol resplandecente, de tão poderoso fulgor que, por longo tempo, ficamos petrificados na sua contemplação.

"A vibração sonora de todo aquele mar de luz produzia tão profundo sentimento de amor que eu, imóvel e aniquilado na minha personalidade, chorava incessantemente e sentia que todo o meu ser queria explodir por não poder conter em si a visão de tão incomparável beleza.

"Sentia-me morrer como em êxtase de amor, de felicidade e de infinita ternura! ... Já não era *Eu*, mas tão-só uma aspiração ao Grande Todo, que me inundava até aniquilar-me.

"Sem saber se eu era presa de uma vertigem, de um sonho divino ou de uma loucura de amor supremo, vislumbrei, por cima dos sete magníficos Sóis, uma espiral imensa que se perdia no Infinito, formada por larga faixa encrespada das cores do arco-íris, e que cada cor nascia no alto da fronte daquelas sete faces radiantes.

"A espiral, girando sobre si mesma, perdia-se na imensidão salpicada com intermitências e ritmo de palpitação, por focos de luz intensa, que transmitiam suficiente claridade de entendimento para que eu, mísero vermículo terrestre, pudesse pensar:

" – Eis aí a origem de toda Energia, de todo Amor, de toda Idéia! É a Causa Suprema! A Eterna Espiral circulatória, sem formas definidas, imprecisas, como uma Essência que flui eternamente de si mesma e dá vida a tudo quanto existe nos milhares de milhões de mundos que existiram e que existirão!...

" – O Grande Todo! A Idéia Divina! O Amor Eterno!... Deus!... – pensaram Delphis e Aheloim, respondendo ao meu pensamento.

"Fez-se o caos no meu pensamento e na minha vontade, e perdi toda noção de ser.

"Quando despertei, pude notar que havia perdido o uso da palavra e que os meus sentidos físicos não me respondiam.

"Não via, não ouvia, não percebia absolutamente nada! Só minha mente permanecia vívida, como uma tocha entre um abismo de trevas, e a recordação das minhas recentes visões ia sendo despertada de maneira cada vez mais intensa.

"De súbito, comecei a sentir um agradável calor em torno de mim. Meus olhos foram percebendo sombras que se moviam; e meus ouvidos ouvindo vozes leves ao meu redor.

"A cabeça de minha mãe juntava-se à minha, que jazia inerte sobre a almofada. .. Algumas de suas lágrimas caíram como gotas de fogo sobre o meu rosto. Suas mãos de açucena colocavam os meus cabelos em ordem e também as minhas roupas.

"Por fim, eu a vi claramente, e meus olhos se encheram igualmente de pranto, enquanto meus lábios puderam dizer:

" – Deus, o Grande Todo, a Idéia Suprema, o Amor Infinito!... O Eterno Ideal sem formas, porque é Luz... Essência... e permanente Vibração!...

"E um caudal de pranto, que eu não podia conter, continuou derramando-se de minha alma, que permanecia ainda sob a poderosa ação do desconhecido, apenas vislumbrado por ela."

O essênio-leitor enrolou o papiro, e todos guardaram o indispensável silêncio para que se diluísse no éter e no fundo das almas a vibração intensa da leitura que acabavam de ouvir.

O menino Jhasua, em profunda quietude, parecia dormir, mas não dormia, senão que chorava silenciosamente.

– Por que choras, meu filho? – perguntou-lhe, por fim, o Servidor quando comprovou que grossas lágrimas sem soluço e sem ruído corriam pelo rosto belíssimo, contudo intensamente pálido, do pequeno de Myriam.

– Pelo mesmo motivo por que chorou Antúlio – respondeu sem mover-se.

– Compreendeste o Pai Celestial? – voltou a perguntar o Servidor.

– Compreendi que Ele está em mim, e eu n'Ele – respondeu o garoto – e que tudo quanto me rodeia é o Pai Celestial, que me envolve, me leva e me traz; que me faz andar, rir, brincar, orar e comer castanhas com mel. Até nas castanhas, no pão e no mel está o Pai Celestial.

"Oh, quão belo é isto, irmão Servidor, como é belo! Nunca mais terei medo de nada nem de ninguém, porque o Pai Celestial me rodeia sempre."

– E, quando te ocorre algo desagradável, que faz o Pai Celestial?

O pequeno pensou alguns instantes e logo respondeu:

– Um dia desses, subi a uma árvore com a idéia fixa de tirar uns filhotinhos de calhandra, que já estavam a ponto de voar. Caí lá de cima e recebi um golpe regular. Nem minha mãe nem as avós souberam disso.

"Do solo vi que os passarinhos esvoaçavam desesperados em torno do ninho, crendo que eu houvesse roubado os filhotes. Finalmente, empurraram-nos para voar, e saíram.

"Compreendi que queriam livrá-los de cair em minhas mãos, e que era ação má aquela que eu ia cometer.

"Agora digo: O Pai Celestial fez-me cair da árvore sem causar-me dano, para que eu deixasse os passarinhos livres. Ele é, também, o Pai das aves e, por isto, as protege e cuida delas.

"Parece que o Pai Celestial me vê, pois está em mim mesmo e a meu redor.

"Antúlio mereceu ser levado a esses mundos magníficos, porque cuidou de fazer todo o bem possível às criaturas de Deus: aos bons e aos maus, aos grandes e aos pequenos, e também porque se humilhou apagando os seus desejos para aliviar a dor dos seus semelhantes.

"É nessa ocasião que o Pai Celestial nos diz: *És meu filho, e Eu estou contente contigo.*"

– Jhasua! – exclamou o Servidor. – Falas como um ancião. Em verdade, meu filho, o Pai Celestial está em ti!...

– Está também em vós, Servidor, e em todos os vossos companheiros, porque procedeis como Antúlio: deixais de lado vossas satisfações pessoais para ocupar-vos, de preferência, com a dor alheia.

– Por que dizes isto, Jhasua?

– Porque eu sou curioso e observo tudo quanto ocorre a meu redor. Vi o irmão Absalão, numa tarde de intenso calor, carregar muitos cântaros de água para encher o pequeno tanque que está junto à porta da alcova de Azarias, o velhinho, porque, nesse dia, suas pernas se negaram a mover-se, não permitindo que ele descesse até o arroio.

– Mas isso é muito natural, meu filho. Absalão é jovem ainda, e Azarias sofreria excessivo calor sem o atenuante de um banho.

– Isso eu sei, no entanto penso que nem todos fariam tão grande esforço por um pequeno ancião que já não pode mais retribuir, de modo algum, essas atenções... Absalão não se deteve em pensar que desperdiçava o tempo de seu banho para proporcioná-lo a Azarias.

– Justamente, está na privação das satisfações o mérito das obras feitas em benefício de um irmão – esclareceu o Servidor, interiormente assombrado pela agudeza de Jhasua em suas observações.

– Se eu dou do que me sobra, faço muito pouco; mas, se dou daquilo que me agrada e do que necessito, então sim, faço algo. Não é verdade, Servidor?

– Exatamente, meu filho. É assim mesmo!

– Parece-me que não é tão difícil ser um bom Essênio como vós – disse Jhasua, olhando para todos os que o rodeavam em largo círculo.

– Que pensas ser necessário para isso?... – perguntou um dos anciãos.

– Amar aos meus semelhantes um pouco mais do que amo a mim mesmo – respondeu o pequeno. – Todos vós sois capazes de dar as vossas vidas para salvar a minha, e eu tenho que atingir a capacidade de dar a minha vida por vós e por todos quantos necessitem dela.

– Muito bem, Jhasua, muito bem – exclamaram todos a uma só vez. – Já és Essênio em toda a extensão da palavra.

– Falta que eu o seja por minhas ações – sentenciou como um Iluminado. – Eu o serei... Oh, sim, eu o serei!

Os anciãos, comovidos quase até o pranto, olhavam-se uns aos outros com o natural assombro que tais palavras produzem, quando são ouvidas da boca de uma criança de 9 anos.

– Já se esboça o Salvador de humanidades – observou o Servidor em voz baixa para os que estavam ao seu lado.

Com isso, deram por terminada a lição daquele dia, para proporcionar descanso ao menino Jhasua, porquanto, embora pudesse ele, espiritualmente, suportar muito maiores esforços mentais, seu físico sofria desgastes tremendos, conforme os anciãos viam claramente nos círculos violeta que lhe apareciam ao redor dos olhos, como se estivessem carregados de sono e de preocupação.

Moradas de Expiação

O jovem Jhosuelin, desde sua chegada ao Monte Carmelo, havia sido internado na enfermaria dos Essênios, pois o achavam tanto ou mais necessitado de tratamento especial do que o menino a quem procuravam curar.

Uma afecção bronquial com tendência a estender-se aos pulmões obrigou os Terapeutas a se preocuparem seriamente com ele, motivo pelo qual o afastaram de Myriam e de Jhasua logo depois da sua chegada.

Sendo de temperamento sensitivo e nervoso, sua cura exigia repouso absoluto, sem emoções de nenhuma espécie e tão-somente com a presença dos dois Essênios médicos que o atendiam.

Espírito seleto e de grande evolução, havia encarnado apenas para acompanhar os primeiros anos do Messias no plano físico, servindo-lhe de escudo protetor na

matéria, até que o excelso Missionário houvesse conseguido o domínio perfeito de seu mundo interno em relação ao mundo exterior que o rodeava.

Por espiritual revelação, os Essênios tiveram conhecimento disso e aplicaram, em conseqüência, todo seu saber, para que este grande Espírito cumprisse conscientemente a missão que o havia trazido ao plano físico.

Quando comprovaram que seu sistema nervoso estava suficientemente fortalecido, em virtude de entretenimento ameno e suavemente deleitável, os médicos Essênios convidaram-no a ouvir a leitura dos velhos rolos de papiro que eles guardavam em seus milenários cofres lavrados na rocha viva.

– Essa leitura – disseram-lhe – acabará de fortalecer e serenar o teu espírito, já que conseguimos reprimir o mal de teu peito ferido por aquela pedrada recebida há dois anos atrás.

– Antes dizei-me, por favor – implorou Jhosuelin –, como estão a mãe e o menino?

– Perfeitamente bem, e, assim que terminarmos esta leitura, reunir-te-ás novamente a eles.

– Começai, pois, que já estou ouvindo.

– Leste bem os Livros Sagrados? – perguntou o essênio que ia iniciar a leitura.

– Não sei se os li bem, mas li bastante.

– Então, não será difícil para ti compreender esta leitura.

"Ouve, pois:

"O Eterno Pensamento designou a hora precisa em que devia nascer, sobre este planeta, um resplendor Seu, na região dos Cinco Mares, junto ao grande Rio Eufrates.

"E nasceu Abel, filho de Adamu e Évana, cuja missão salvadora devia marcar o glorioso começo de uma grande civilização.

"Inumeráveis Inteligências evoluídas, que se encontravam na Esfera Astral do Planeta, tomaram matéria, uns antes e outros ao mesmo tempo que o grande Espírito Missionário, com a finalidade imediata de cooperar com Ele no progresso da Humanidade daquele tempo.

"Espalhados em grupos reduzidos ou numerosos, colocaram-se de acordo com o plano divino demarcado no Infinito pelas Inteligências Superiores.

"Três amigos, como três gotas de água caídas de um mesmo nenúfar sacudido pelo vento, nasceram na vida terrestre, às margens dos mares vizinhos.

"Um deles, como que em ninho de águias, nasceu nas rochas ocidentais do Mar Cáspio; outro, ao pé da cordilheira do Cáukaso e às margens do Ponto Euxino (Mar Negro); e o terceiro, nas luxuriantes pradarias vizinhas do Lago Van (*), que, na Pré-História, em épocas de grandes transbordamentos, formava um único imenso mar com o Cáspio e o Ponto Euxino.

"Identificados com os próprios nomes, e unidos por uma aliança de longos séculos, Solânia de Tuhuspa, Walkíria de Kiffauser e Walker de Atropatene desceram à vida terrestre na mesma época, com a diferença de poucos anos.

"Solânia e Walker haviam-se adiantado por vários anos à chegada do Homem-Luz. Walkíria, por sua vez, atrasara-se, procurando remediar sérias dificuldades na escolha dos seres que deveriam servir-lhe de genitores.

"Para aqueles que desconhecem as grandes e imutáveis leis que regem o mundo espiritual, o que acabamos de dizer torna-se quase incompreensível.

(*) Este lago fica situado a sudoeste da Turquia. É esta a região do dilúvio. O Monte Ararat fica próximo (Armênia) (N.T.).

"No entanto, é um fato indiscutível, pela lógica que o acompanha, que as Inteligências avançadas na evolução buscam, rebuscam e escolhem com grande cuidado a família que há de abrigá-las em sua vida física; não no que diz respeito à fortuna e à posição social, mas quanto às condições espirituais dos seres que serão seus pais.

"Esta escolha, além de tomar-lhes tempo, deve ser feita com relação ao programa ou atuação que eles queiram desenvolver no plano terrestre, a fim de não defrontarem, depois, com obstáculos ou dificuldades que os exponham a um fracasso lamentável.

"Walker de Atropatene formava parte dos vigias do Homem-Luz, nessa sua quinta encarnação, e cumpriu sua missão tão solicitamente que, nas diversas oportunidades em que a vida física de Abel esteve em perigo antes do tempo fixado pela Lei, foi ele, juntamente com Solânia, quem deu a voz de alerta desde o espaço infinito.

"Na imensidão dos séculos que rodaram, até chegar à etapa final do Grande Espírito Instrutor dessa humanidade, Walker de Atropatene cumprirá fielmente seu pacto como Vigia das vidas terrestres do Excelso Ungido.

"Quando virdes perto do Homem-Luz um ser que, sem vacilação nem demora, expõe sua própria vida para salvar a d'Ele, pensai em Walker.

"Tão grande e forte é a solidariedade que existe entre os grandes seres, conscientes de seu dever, como espíritos unidos por uma aliança milenária de redenção humana."

O essênio chegou até aqui na leitura do papiro amarelento e gasto, que havia tirado do fundo do armário de rochas.

– Que pensas de Walker de Atropatene, Jhosuelin? – perguntou ele ao pequeno jovem profundamente abstraído.

– Que eu me sinto capaz de proceder como ele, em igualdade de condições.

– Já o fizeste – respondeu o Essênio – é o que, de modo bem claro, demonstra essa lesão maligna que padeces nos órgãos internos do peito, resultante daquela certeira pedrada que era dirigida a Jhasua.

– Mas, quem é o meu pequeno irmão Jhasua? ... – interrogou com ansiedade Jhosuelin, deixando quase refletir em seus olhos escuros a idéia que já lhe flutuava na mente.

– O mesmo pelo qual Walker de Atropatene se esforçou tão heroicamente na época de Abel, filho de Adamu e de Évana; ele agora é Jhasua, teu irmãozinho, filho de Myriam e de Joseph.

– Jhasua! ... O Homem-Luz sonhado pelos Profetas e anunciado por eles há seiscentos anos! ...

"É possível tanta grandeza ao meu lado, ao alcance de minhas mãos ... sob o meu próprio teto, tão modesto que nem sequer pode ser visto entre as colinas e florestas galiléias? ..."

– É possível e é realidade! Acaso a Eterna Lei deve pedir conselho aos poderosos da Terra para realizar Seus grandes desígnios?

– E quem é, então, meu pai e Myriam, minha segunda mãe, para merecerem um tal filho? Por que tal merecimento, se tudo é justiça e igualdade no Altíssimo?

– Justamente! Joseph, teu pai, foi, em séculos distantes, aquele honrado e firme Jacob, que trabalhou 14 anos para obter a mão de Raquel.

"O misterioso sonho da Escada de marfim, que começava ao lado dele e chegava até o Céu, por onde subiam e desciam os Anjos do Senhor, não foi mais do que uma longínqua visão premonitória, através da qual o Deus das Misericórdias lhe fazia ver que suas grandes dores não eram senão o crisol purificador para que, nesta

época, surgisse junto a ele o seu Verbo Eterno – a escada mística pela qual sobem a Deus as almas purificadas, e descem outras, trazendo suas dádivas às almas que o merecem.

"As rotas do Cristo são povoadas pelos Anjos de Deus, alguns dos quais descem para iluminar os escuros abismos em que se afundam os homens."

Jhosuelin ia como que submergindo-se lentamente num suave torpor, parecido com o transe, e, em sua aura mental, esboçou-se aquela passagem dolorosa da vida do patriarca Jacob, quando seus filhos maiores venderam a uns mercadores seu próprio irmão José que, com o pequeno Benjamim, formavam toda a alegria do pai.

O Essênio pensava fortemente em tal época, sem atrever-se, ainda, a descerrar para Jhosuelin o véu que ocultava essa parte da Verdade.

Mas a lei da telepatia cumpria-se amplamente, e a sensibilidade de Jhosuelin captou a onda daquele pensamento e, quase em estado de transe, disse, com voz apenas perceptível: Benjamim, filho de Jacob e hoje Jhosuelin, filho de Joseph! ...

– Deus seja bendito, porque despertaste para esta realidade! – exclamou o Essênio.

– Quão formoso é estar entre vós e possuir, assim, esse tesouro de sabedoria que guardais! Eu não poderia ser também um essênio?

"Quero dizer, viver aqui convosco" – acrescentou timidamente o pequeno jovem, como se julgasse não merecer tanto bem.

– És um essênio, Jhosuelin, visto que teus pais já o são.

"Para tanto necessitas do consentimento de teus pais; e se consegues isso e se os Anciãos te agradam ... já o veremos."

No entanto, enquanto eram levados a cabo esses trâmites, Jhosuelin conseguiu assistir, juntamente com Jhasua, à leitura dos velhos papiros antulianos.

Três dias depois, o menino Jhasua voltava ao Santuário, onde devia conhecer outra face da sabedoria antiga, que o grande filósofo atlante havia descerrado para a Humanidade de seu tempo.

Escutemos, leitor amigo, junto com Jhasua, o menino que era o Verbo de Deus.

O Essênio-leitor abriu o papiro e leu:

" 'Moradas de trevas – Globos em estado ígneo – Globos com vida orgânica primitiva – Globos de lamaçais ferventes – Mundos apagados e em processo de destruição.'

"O grande Mestre Antúlio continua narrando suas explorações extraterrestres:

"Quando meus guias espirituais julgaram conveniente, predispuseram-me para continuar as explorações pelas moradas para onde vão, depois da morte física, as almas daqueles que transgrediram a Lei Divina com toda sorte de crimes e de delitos.

"Eu havia visitado as moradas de luz e felicidade dos justos e das mais puras Inteligências já submergidas no infinito seio da Divindade.

"Era necessário, agora, conhecer também o reverso da medalha, para completar os meus conhecimentos ultra-estelares.

"Indubitavelmente devia ser uma grande e quase insuportável tortura. Ia ver a dor mais tremenda em todas as suas mais pavorosas formas, e, ante a qual, as dores que sofre a Humanidade deste planeta não são senão pequenos arranhões de um sarçal espinhoso.

"Assistir-me-iam Okmaya e Aheloim, que deviam revestir-me de roupagem astral e etérea, indispensável para penetrar nos mundos onde reina a dor.

"No plácido terraço coberto de trepadeiras em flor, adormeci tão logo sobreveio a noite, estando acompanhado apenas por dois de meus discípulos íntimos e pela

minha mãe, que jamais quis afastar-se de mim durante esses desdobramentos da minha personalidade.

" – Por hoje não sairemos deste sistema planetário – disseram-me os Guias – pois, dentro dele, temos tudo que deves conhecer e recordar, para que possas deixá-lo, como uma herança, para esta Humanidade à qual foste enviado.

" 'Visitaremos um mundo de trevas tão densas que cada um dos seus moradores julga estar sozinho no meio delas.'

"Apenas tinha o Guia emitido este pensamento, já estávamos chegando a uma grande esfera de coloração verde-opaco, quase cor de fumaça.

"Um calor sufocante causava sensações penosas, motivo pelo qual os Guias tiveram que cobrir-me com uma vestidura fluídica densa, a fim de melhor harmonizar-me com a pesada atmosfera e o éter daquele globo, que era um planetóide de terceira grandeza.

"Sei que este globo estava nas proximidades do grande planeta Jóvia (atual Júpiter), mas não pertencia à sua corte de satélites.

" – Globos como este – disse o meu Guia – não podem ser percebidos de nenhum modo do plano físico terrestre, porque a esfera astral que os envolve é, como observas, tão sombria que se confunde com os abismos siderais.

"Sentindo meu pensamento que interrogava o porquê das ditas sombras, ele respondeu imediatamente:

" – São inumeráveis os globos iguais a este, e sua cor sombria deve-se a múltiplas causas, sendo que uma delas é serem destinados a servir de expiação às inteligências que, havendo tido a Luz da Verdade Eterna em suas mãos, apagaram-na para inumeráveis almas, às quais deveriam servir de guias nos caminhos da evolução.

"Almas tenebrosas irradiam trevas ao seu redor, como um vulcão, que, não tendo ainda os gases necessários para produzir labaredas vivas, somente arroja negros penachos de fumo a escurecerem a atmosfera até longas distâncias.

"Em virtude, sem dúvida alguma, da claridade mental que os meus Guias emanavam, pude perceber o estado físico daquele globo, para o qual havia começado a decrepitude, quem sabe, desde quantos milhões de anos, e que ainda parecia lutar para não morrer.

"Outrossim, pude compreender que os mundos que se acham em tal estado já não podem alimentar vidas orgânicas nem, tampouco, seres com vida embrionária. Ali, tudo é escuridão, morte e desolação.

"Apenas são utilizados para moradas de espíritos velhos, cujos muitos conhecimentos foram usados para arrastar as multidões ao erro, à corrupção e à delinqüência.

"Pude entender, igualmente, que, no infinito campo sideral, ocorre com os mundos em geral o mesmo que sucede em cada mundo com os seres que o habitam: gestação, nascimento, idade infantil, adolescência, juventude, virilidade, velhice, decrepitude e morte.

"Compreendi, finalmente, que todos os globos têm, como os corpos orgânicos, duas espécies de existência, que se completam e até se fundem como se fossem uma só: existência-energia e existência-matéria. A primeira é como a alma. A segunda é como o corpo, pois até a rocha inerte tem aura e vibração.

"A existência-energia forma-se, antes de tudo, pela aglomeração de átomos com células vivas, em obediência aos mandatos das poderosas Inteligências, impulsionadas pela Trindade Divina ou Poder Criador, Renovador e Conservador.

"Em seguida, encarrega-se, ela mesma, de ir acumulando tudo quanto necessita semelhante aglomeração para desenvolver e aumentar sua existência material, de tal

maneira que, através de um longo processo de "kalpas" e ciclos, milênios, séculos e anos, vai colocando-se nas condições necessárias para cumprir o fim a que está destinada, ou seja, para habitação de humanidades, com vida física primeiro e com vida espiritual, puríssima, depois.

"Quão claramente vi então a semelhança que há entre os seres humanos e os globos que giram com velocidades vertiginosas no espaço infinito!

"Meu pensamento perguntou aos Guias que me acompanhavam:

" – Este mundo em trevas, para onde se encaminha?

"Eles deram maior intensidade a seus pensamentos para que penetrasse em minha mente de encarnado a estarrecedora e estupenda verdade:

"Vi que a existência-energia, ou seja, o imenso duplo astral ou alma daquele globo ia como que saindo lentamente para um lado, já apresentando três quartas partes livres de matéria, e só uma quarta parte como aprisionada ainda pela matéria morta e tenebrosa.

"Oferecia, aquele globo, o aspecto de um sol que sofre um eclipse parcial, ou seja, parecia um disco de sombra interposto na enorme e viva claridade, que aumentava por momentos.

"Minha observação tornou-se ainda mais profunda e me permitiu ver que, nessa parte do globo em que ainda palpitava, direi assim, a *energia*, mantinha com vida física uma colônia ou agrupação de seres humanos de evolução escassa e mui primitiva.

"Seus meios de vida eram tão mesquinhos, e os elementos que os rodeavam tão desfavoráveis que iam extinguindo-se por esgotamento.

"Concluí, por isso, que, quando aquela pequena parte do globo fosse abandonada pela energia, todas essas vidas se extinguiriam, tal como fica inerte o corpo quando a alma ou princípio inteligente o abandona através daquilo que se chama *morte*.

"Além disso, compreendi que, entre os espíritos tenebrosos, havia alguns, ao menos dois, que, nesse momento, podiam ser resgatados por alguém que houvesse feito os caminhos que eu tinha percorrido na eternidade.

"O amor falou tão forte em todo o meu ser que pedi os tais à Eterna Lei, e Ela me permitiu envolvê-los no meu manto de explorador sideral e transplantá-los para a Terra, a fim de iniciar nova evolução.

"Como persistisse minha interrogação mental: 'para onde caminha este globo?', meus Guias mentalizaram, com seus poderosos pensamentos, uma órbita ou caminho de sombra que se perdia em longínqua distância, qual nebulosa sombria ou bruma densa.

"Pareceu que aquele triste panorama se aproximava, ou era eu que me aproximava dele, e vi algo como um amontoamento informe de monstros mortos.

"Digo monstros, porque não consigo dar-lhes outro nome que se adapte a seu aspecto exterior. Algo assim como restos de olhos luminosos com pálpebras avermelhadas, que me fizeram pensar que alguma vida animava ainda aquele informe montão de matéria morta.

" – Também na incomensurável imensidão dos espaços infinitos há cemitérios como os do teu planeta físico – pensaram os meus Guias – se bem que a Lei seja, aqui, mais austera, não se preocupando em levantar os artísticos mausoléus nos quais guardais a matéria morta daqueles que amastes.

"Assim que eles viram meu estupor, pensaram novamente:

" – Estás ante um cemitério de globos mortos, nos quais ainda vivem, como vermes em cadáveres putrefatos, os espíritos vampiros, para quem está indefinidamente retardada a redenção, porque eles assim o quiseram e nem mesmo a querem.

"Eram essas as faíscas avermelhadas que, qual luz intermitente de relâmpago, iluminavam a intervalos aquela espantosa negrura.

" – Regressemos! – insinuaram os meus Guias – porque tua matéria física está sofrendo enormemente.

"Minutos depois, eu despertava, agitado ligeiramente por uma crise nervosa, que passou após algumas horas, deixando meu corpo dolorido e extenuado, como se houvesse realizado um trabalho de grandes esforços físicos."

Quando o Essênio-leitor enrolou de novo o papiro, viram todos que Jhasua jazia em profundo sono; um suor gelado banhava sua fronte, e suas mãos estavam apertadas fortemente sobre o peito.

Uns ligeiros estremecimentos denotavam seu estado de crise nervosa, motivo por que os Essênios fizeram profundo silêncio, e seus fortes pensamentos tranqüilizadores foram caindo sobre o menino adormecido como uma chuva de madressilvas de paz, quietude, sossego.

Quando tudo nele denotava um sono normal, chamaram-no com uma ordem mental.

E Jhasua despertou:

– Se me houvésseis deixado dormir mais um pouquinho – disse alegremente – teria acabado de corrigir o feio sonho que tive.

– Como é isso possível? – perguntou o Servidor.

– Pois é assim. Eu sonhava com uns lugares horrorosos nos quais morriam homens mais horríveis ainda; e, quando tudo isso passou, e me rodearam anjos bons, como aqueles que visitaram Abraham e Jacob, e cantavam salmos que eram uma glória, vós me despertastes.

– Irmão leitor – acrescentou –, desta vez portei-me muito mal convosco, pois não me mantive atento à vossa leitura e adormeci.

– O sonho é a libertação momentânea do espírito, e o teu, em estado livre, viveu uma época retrospectiva mui distante, para sentir e ver novamente o que, naquele remoto passado, ele viveu e sentiu – esclareceu o Servidor.

O menino pensou e disse:

– Eu vivia nesse Antúlio de vossa história, e Deus deixava-me ver coisas maravilhosas, tal qual a seus grandes profetas.

"Se Jehová iluminou tanto a esse Antúlio, manterá Ele o pequeno Jhasua na escuridão?"

– Certamente que não, meu filho, mas tudo chega a seu tempo. Na circunstância atual, Jhasua não será o Profeta da Sabedoria, mas o Profeta do Amor.

"O Amor é a coroa Suprema, que marca a mais excelsa meta a que pode chegar o Ser, e, no momento presente, Jhasua caminha para essa coroa."

– Então? ...

O Servidor olhou-o com indizível ternura, abrindo os braços.

O menino, emocionado, lançou-se neles como invadido por uma onda de irresistível amor e, apertando seus pequenos braços em torno do pescoço do ancião, que chorava de emoção, disse:

– Sabes que te quero, e desejas que eu diga isto de modo mais forte! Não tenhas medo que se acabe o amor que sinto neste momento, pois tenho amor suficiente para encher todo o mundo!

Como se um acesso delirante de ternura o houvesse invadido, começou a abraçar de maneira precipitada e excessiva todos os Essênios que o rodeavam.

Ficou um tanto esgotado e, sentando-se novamente, disse em tom reflexivo:

– Sou um garotinho estouvado, não é verdade? Até hoje, unicamente com minha mãe procedi desta maneira; agora, não sei por que, o faço convosco. Quando chegar a ser homem, com quem haverei de fazê-lo?

– Com toda a Humanidade! – responderam em coro os Essênios.

– Os homens são maus – disse ele. – Enganam e fazem pouco daqueles que têm piedade e amor. Os companheiros de escola atiravam-me pedras quando eu defendia os paralíticos e os leprosos que se arrastavam pelas ruas pedindo esmola. Como hei de amar esta Humanidade?

– Dá tempo ao tempo, filhinho – respondeu o Servidor. – Não queiras antecipar a hora de Deus.

Desse modo terminou aquela hora de ensinamentos que os solitários davam ao grande Mestre, descido à Terra para iluminá-la pela última vez.

O pequeno foi levado para sua mãe, à qual recomendaram que, no dia seguinte, descesse também com Jhosuelin para a orla do mar, onde eles tinham um barquinho ancorado numa enseada profunda, e que ficava escondido da vista de estranhos.

– Quatro de nós, que são bons remadores, estarão de madrugada, esperando-vos para zarpar – disse o Servidor a Myriam, ao entregar-lhe o filho.

– Para onde iremos? – perguntou alarmada a mãe.

– O ar do mar fará muito bem ao menino, e chegareis em Tiro; lá ele encontrar-se-á com os Essênios do Monte Hermon, onde passou sua primeira infância. Seis deles irão à grande capital para embarcar em viagem a Gaza, de onde os conduzirão ao Grande Santuário do Moab.

O rosto de Myriam iluminou-se como de uma luz celestial.

– Oh! Os santos solitários do Hermon! – exclamou. – Jamais esquecerei o amor e a solicitude com que nos brindaram: a Joseph, ao menino e a mim, nos longos anos de nosso desterro.

– Agrada-me, mulher – acrescentou o Servidor –, haver-vos trazido essa boa nova; pois os vereis na capital síria e fareis com eles a viagem até aqui, onde ficareis enquanto eles seguem para o sul.

– Mas, farão toda a viagem no vosso barquinho? – perguntou outra vez.

– Não, mas esperarão aqui, em nosso Santuário, a vinda do barco mercante mais próximo, e nele realizarão a travessia.

– Oh, quão feliz ficará o meu Jhasua quando rever seus primeiros Mestres! – exclamou a meiga mulher, sempre pensando em proporcionar felicidades e alegrias ao filho.

– É a última saída desses irmãos para o mundo exterior, pois já em Moab somente se sai para a cripta de Moisés.

"Por este motivo presenciareis uma grande solenidade espiritual que realizaremos em nosso Santuário, em companhia também dos Essênios do Monte Tabor, que virão para despedir-se, juntamente conosco, dos felizes irmãos que vão morrer para a vida no mundo, a fim de viverem apenas a vida espiritual em toda sua excelsa grandeza.

– Quando ireis vós, Servidor? – atreveu-se a interrogar a tímida Myriam, temerosa de que também este amável ancião se ausentasse para não mais voltar.

– Não te alarmes, boa mulher – respondeu ele –, que eu ainda não cheguei a essas alturas e, pelo menos, devo passar mais cinco anos aprendendo e purificando-me.

"Para chegar a ocupar um lugar entre os Setenta do Moab, é necessário haver deixado de ser carne, para transformar-se em serafim de amor, que arde sempre sem consumir-se.

– E esses seis que vêm? ... – interrogou Myriam.

– Irão substituir seis anciãos do Moab que tiveram cortados os fios de suas vidas durante uma exploração sideral como as de Antúlio, quando foram atingidos por um deslizamento na montanha próxima ao Grande Santuário.

– Que desgraça! – exclamou Myriam profundamente comovida.

– Não penses assim! Quando se chega a essas alturas, tal ocorrência é apenas um simples incidente sem maior importância.

– Como? ... É a morte!

– É a vida, mulher, é a vida na Luz e no Amor!

"Seus corpos estão mumificados na gruta de Moisés e suas almas continuam ditando, do espaço infinito, o resultado da exploração que continuarão realizando sem a pressa do chamado da sua matéria e sem a necessidade de medir o tempo que transcorria.

"Não compreendes que, para tais almas, a matéria é uma prisão demasiado incômoda e pesada?

"Que mais podem querer do que a liberdade absoluta?"

– Mas eles não têm algum membro de sua família que os prenda à vida?

– Não, mulher, não! Para que um Essênio possa subir ao quinto grau, já não deve ter laço algum que o vincule à vida material, nem sequer uma recordação que turve sua quietude interior.

"À vista disso, para haver ultrapassado o sétimo, que há de ser ele? Uma lâmpada eterna no infinito ou uma vibração que sobe e continua subindo de tom até confundir-se com a harmonia eterna das esferas!"

– Meu Deus! Quanta grandeza nas almas purificadas! Estarrece-me só pensar nisso – exclamou a jovem mãe, cobrindo o rosto com ambas as mãos.

– Também tu chegarás a isso, Myriam, depois de uma dezena de vidas terrestres, vividas em mosteiros, se não iguais aos Santuários Essênios, pelo menos bastante parecidos em sua dedicação à vida espiritual.

– Como o sabeis? – interrogou ela, assombrada.

– O Altíssimo acende Sua Luz onde Lhe apraz, e essa Luz nos fez ver vossos caminhos futuros, com a mesma clareza com que vemos o caminho de vosso regresso a Nazareth, daqui a pouco tempo.

A chegada de uma das avós anciãs, com uma cesta de frutas recém-cortadas, interrompeu a conversação.

– Esta é a vossa parte, Servidor – disse ela –; o nosso pomar não se esquece jamais de vós.

– Está bem, avó, que o Senhor vo-lo pague. Parece que só esperava isto para ir-me, posto que já é meio-dia.

"Com que então, até amanhã, quando sair o sol, na enseada. Não falteis ao encontro."

– Até amanhã – respondeu Myriam, acompanhando-o com o olhar enquanto ele se afastava pelo caminho da montanha.

Os Festivais Místicos do Carmelo

A aurora estendia seus véus de púrpura e ouro sobre o Mediterrâneo e sobre as faldas floridas do Carmelo, quando Myriam, Jhosuelin e Jhasua embarcaram no pequeno veleiro que estava sendo habilmente dirigido por quatro Essênios, vestidos com as escuras túnicas dos Terapeutas-Peregrinos.

– Como? – inquiriu, em seguida, o menino. – Eu vesti uma túnica branca para estar igual a vós, e vos pusestes escuros como tordos.

– Nós usamos o branco somente dentro do Santuário – responderam os Essênios, rindo da espontaneidade de Jhasua. – Não sabes que há muito lodo no mundo e que a brancura se mancha facilmente?

– Suspeito que não é por isso – disse o garoto meditativo.

– Por que é então?

– Porque o branco vos denuncia como Essênios, e, talvez, temais algo que eu não posso compreender.

– Menino! ... – exclamou a mãe. – Como é que estás a pedir explicações? Isso não está bem!

– Mãe! ... os Essênios são os meus mestres, e devo saber o porquê de seus atos para agir da mesma forma. Não é isto justo?

– Sim, meu filho – disse o Essênio encarregado da viagem, cujo nome era Abinadab. Quando a Humanidade for mais consciente, não será necessário ocultar certas coisas, das quais ela não faria o uso devido.

"A Humanidade crê que os Essênios querem cortar-lhe as liberdades e direitos; por isso, ela nos tem perseguido, há uns anos atrás, como se fôssemos seres daninhos para a sociedade. Ela se sente bem crendo que não existimos. Por que, pois, renovar seus receios, tornando-nos presentes?"

– Ah! já compreendo! Fazeis o mesmo que os criadores de abelhas, que se cobrem com uma redezinha encerada para que não sejam picados. Não é isto?

– Justamente.

O veleiro seguia vogando para o norte, apenas a u'a milha da costa sombria, onde as casinhas disseminadas por entre as verdes colinas apareciam como brancas pombas pousadas nos ramos.

Cheia de encantos e belezas, a viagem não oferecia circunstâncias dignas de serem referidas. Quando chegaram a Tiro, Myriam lembrou com pesar aquela outra viagem precipitada, realizada nove anos antes para salvar a vida do filho, ameaçado pela cólera de Herodes.

Jhosuelin, que havia feito a viagem lendo o Profeta Samuel, guardou o livro para ajudar sua mãe adotiva no desembarque. Jhasua, ansioso por falar, disse com muita graça: "Jhosuelin, queres ser essênio antes do tempo e, por isto, bebes e comes a Sabedoria dos Profetas, como eu ingiro castanhas e figos." E, sem dizer nada mais, tomou o saquinho de frutas e pão e, depois de oferecê-lo a todos, começou a comer tranqüilamente, enquanto durava a operação de atracagem e desembarque.

Semelhante a um bando de garças e gaivotas, o porto de Tiro aparecia coberto de veleiros, lanchões e barcos de grande tamanho.

Uma bandeirinha branca, com uma estrela azul, apareceu na costa, no rincão mais afastado do cais.

– Ali está ele à nossa espera – disse Abinadab, agitando, por sua vez, uma bandeirinha igual.

Atracaram naquele sítio e logo chegaram ao lado do homem da bandeirinha, irmão de Abinadab, que os conduziu para sua morada, próxima àquele castelo, destinado aos enfermos protegidos pelos Terapeutas.

O irmão de Abinadab, com sua esposa e filhos, compunham a família essênia de confiança que os solitários sempre tinham nos lugares de suas residências ou onde desenvolviam atividades apostólicas em favor da Humanidade.

– Este é o menino, que, há nove anos atrás, foi conduzido daqui para o Santuário do Monte Hermon – disse Abinadab como apresentação dos viajantes.

– Bênção de Deus! – exclamou o bom homem, juntando as mãos sobre o peito. – Como está crescido e formoso!

– Quem és, bom homem, que demonstras tanto carinho para conosco? – interrogou Myriam.

– O guia que vos conduziu naquela ocasião até a "Gruta dos Ecos Perdidos" para poder retornar com os asnos – respondeu aquele homem.

– Em nove anos envelheceste muito! Padecimentos grandes sem dúvida!

– Fui submetido à prisão e a torturas, pois tiveram algumas suspeitas sobre a minha cumplicidade, mas, ante as minhas negativas categóricas, acabaram pensando ter sido enganados por um tal mago que tinha espiões em todos os caminhos.

"Como conseqüência das torturas, sobreveio-me um grande mal que me prostrou, e quase acreditei que ficaria inutilizado, pois minha coluna vertebral ameaçava não mais sustentar-me de pé. No entanto, como podeis ver, os irmãos Terapeutas encontraram o jeito de fazer-me andar novamente."

– Em toda parte ficamos devendo gratidão – disse Myriam penalizada com o que acabava de ouvir.

– Vinde para comer alguma coisa – disse a mulher –, pois os seis viajantes que esperais não chegarão antes da entrada da noite.

– E eles – disse Abinadab – passarão de imediato para o veleiro, a fim de que possamos zarpar em seguida.

Grande foi a alegria de Jhasua, quando os anciãos chegaram; e eles, dando-se a conhecer pelos seus próprios nomes, abraçaram-no ternamente.

E o menino, recordando, disse:

– Tu, irmão Benjamim, eras o encarregado do refeitório e assavas às mais lindas castanhas para mim.

"E tu, irmão David, levavas-me para recolher ovos de codornas ... oh, eu me lembro bem!

"Como estão os meus cordeirinhos, irmão Azael?"

– Agora já se transformaram em ovelhas e são mães de outros cordeirinhos – respondeu afavelmente o Essênio.

E assim foi falando com todos os demais, recordando cenas do Monte Hermon, de onde saiu quando tinha oito anos de idade.

Uma hora depois, faziam-se à vela, rumo ao sul, para as várzeas do Monte Carmelo, onde os Anciãos deviam permanecer duas semanas para levar minuciosas notícias aos Setenta, sobre as condições em que se encontravam os essênios da parte norte do país de Israel.

Acudiram os Terapeutas dispersos pelo país, no cumprimento de suas respectivas missões, como também os do Tabor e um ou dois membros de cada família essênia da província, que, segundo o grau que tivessem, participariam de uma ou outra das congregações a se realizarem na grande Assembléia Espiritual.

A notícia da chamada corria em segredo de boca em boca, e cada assistente arranjaria um pretexto adequado, que, quase sempre, era a compra ou venda de lã, cera ou mel das faldas do Carmelo, tão abundantes na produção de vegetais e animais.

– Quase não estou reconhecendo meu Jhasua – disse docemente Myriam observando o filho, que, com alegria transbordante, contava aos Anciãos suas correrias pelo Carmelo, os presentes das avós, as travessuras com Matheus, Myrina, etc...

– Menino de Deus! Contigo daríamos dez vezes a volta ao mundo sem sentir fadiga.

– Oh, não! – exclamou ele. – Este veleiro é muito pequeno; em sua despensa cabe apenas um saco de castanhas, muito pouco pão e um só cântaro de mel.

– Oh, rapazinho guloso! – disse sua mãe rindo, como todos, da observação do menino. – Quem te dá direitos para examinar as despensas alheias?

– Mãe, não fiz nada de mal! Não dizem os Essênios que para eles não existe *o teu e o meu*, mas o que é de um é de todos? Então, a despensa deste veleiro essênio é minha, é tua e é também de Jhosuelin. Assim, não fiz nada mais do que examinar o que é meu.

E ficou quieto, olhando para todos com os seus grandes olhos claros que interrogavam eloqüentemente.

Em vista disso, um dos Essênios lhe respondeu.

– Sim, filhinho... a despensa deste veleiro, e mesmo todo ele, é teu, de tua mãe e de teu irmão, pois tal é a lei dos Essênios.

Por fim, Jhasua entregou-se ao sono, pois a noite já estava bem adiantada, e foi conduzido ao único compartimento que a pequena embarcação possuía, onde passou a noite, junto com sua mãe.

Ao amanhecer, o barquinho lançava âncoras na profunda enseada do Carmelo e, alguns momentos depois, Myriam e Jhasua descansavam em sua alcova na cabana das avós.

Os Anciãos e Jhosuelin seguiram o caminho da montanha em direção ao Santuário, oculto como um ninho de águias, por entre a espessa ramagem.

Dois dias depois, começaram a chegar, dos diferentes pontos da região, os compradores de peles de cabra, lã, mel, cera e frutas secas.

As inumeráveis cavernas do Monte Carmelo povoaram-se, como por encanto, apresentando, durante as noites, o pitoresco espetáculo de pequenas luzes douradas que chameavam alegremente à entrada das grutas, como se fossem vibrações febris e ansiosas das almas que aspiravam o Infinito ...

Os Terapeutas que, no decurso de muitos meses, haviam feito a colheita dos produtos da fértil montanha, corriam apressados deixando, em cada gruta, o que cada qual necessitava para completar seu carregamento.

– Tranqüilizadas as almas a respeito da provisão equitativa e necessária à matéria, poderemos chegar mais facilmente a obter o sustento espiritual que desejamos – disseram os solitários aos essênios seculares que iam chegando.

Durante a noite, eles faziam ronda por todas as grutas, lendo as mais formosas passagens dos antigos Profetas, cantando as lamentações de Jeremias ou os Salmos de David. As flautas dos pastores e os alaúdes dos solitários formavam suave fundo musical para aquelas tocantes e elevadas poesias ... cheias de emotividade e devoção religiosa ...

Isso durava apenas três dias, pois, enquanto, nas horas de luz solar, se fazia a distribuição das provisões, durante as noites preparavam-se as almas para as Assembléias Maiores, para o acesso de graus de todos os que houvessem cumprido os períodos regulamentares.

Os compradores pagavam suas aquisições com fazendas de lã e de linho, fiadas e tecidas por eles mesmos; com calças e sandálias de couro; com farinha branca ou azeite dourado – que os solitários necessitavam, por sua vez, para a manutenção.

Quando as tarefas de ordem material haviam terminado, deixando todos satisfeitos e tranqüilos, dava-se início, no dia anterior ao do festival, às oferendas florais, para o qual, antes da saída do sol, todos os participantes percorriam as

faldas das montanhas para despi-las de suas roupagens de múltiplas cores, com o fito de tecer grinaldas e galhardetes com que adornavam os pátios e jardins adjacentes ao Santuário.

– As flores são criaturas de Deus, que estão prontas para ajudar o homem em sua tarefa de elevar-se ao Infinito – diziam as legendas que apareciam em pranchetas presas nas árvores, à entrada das grutas.

Isto fazia vibrar nas almas o suave sentimento, mescla de delicada sensação, para com esses pequenos seres da criação, que formam a parte mais bela do reino vegetal: as flores.

Neste ambiente surgiram, outrossim, como por encanto, as suaves canções, e os elevados pensamentos em harmonia com a beleza das flores, delicadas criaturas de Deus.

"Lírios brancos! Oh, tão brancos
Como a neve invernal,
Cobri com vossa brancura
A miséria terrenal! ...
"Campânulas azuladas
Como o Céu e como o mar ...
Céu e mar sejam as almas
Ansiosas de imensidão ...
"Rosas vermelhas do Carmo
Com pétalas de rubi ...
Como ardentes corações
Que de amor querem morrer! ...
"Mirtos silenciosos,
Racimos de ouro de Ofir,...
Bordando mil arabescos
Sobre um céu de turqui ..."

Nesse estilo brotavam, como do fundo das almas, esses delicados pensamentos, suscitados pela beleza ideal das flores, que, naqueles momentos de emotividade e de profundo sentir, pareciam ter também alma capaz de corresponder ao amor com que eram tecidas as grinaldas, as palmas e os grandes ramos, a serem despositados nas passagens, corredores, túneis e jardins.

Era o início da grandiosa festa espiritual.

Dir-se-ia que o amor e a pureza das flores enobreciam e purificavam as almas, que, quase inconscientemente, iam submergindo-se nessa doce quietude preparatória para os grandes vôos do Espírito.

O próprio Jhasua, mais sensitivo do que qualquer outro, disse a seus companheiros de folguedos:

– Não sinto mais vontade de brincar, mas de meditar. Parece-me que flutuam pelos ares misteriosas mensagens que eu devo escutar.

Alguns de seus companheiros disseram, temerosos:

– Se queres, Jhasua, oremos para que Jehová perdoe nossos pecados.

– Tendes medo de Jehová? – perguntou então o Menino-Luz.

– Quando há trovões e relâmpagos, sim e muito.

– Por que, tolinhos? Os Mestres do Santuário ensinaram-me que os trovões, os raios e os relâmpagos são manifestações de forças elétricas e magnéticas que existem

na Natureza e que os homens do porvir, um dia, dominarão e utilizarão, como os de outras idades distantes também já as utilizaram.

"Jehová é nosso Pai e não pensa senão em fazer-nos o bem.

"Eu temo os molequinhos malvados que atiram pedras, e as feras, que podem devorar-nos; mas a Jehová ... oh, não! porque Ele é a Bondade e o Amor."

Chegou, finalmente, o dia e a hora da almejada Assembléia; e, quando a lua cheia subia como um disco de prata no azul sereno dos céus, foram vistas sombras brancas a saírem de todas as grutas, dirigindo-se, por inumeráveis caminhos, em direção ao Santuário. Este brilhava como ouro polido à luz dos círios, cuja chama dourada exalava perfume de cera virgem, misturada com as emanações do incenso e da mirra que as donzelas queimavam no altar das Tábuas de Moisés.

As anciãs-avós formavam a corte que custodiava as quarenta virgens, que, cobertas com longos véus, tangiam as cítaras, cortavam os pavios dos círios e lançavam novos perfumes no recinto dos holocaustos.

As grandes cavernas laterais e as dianteiras, como se fossem os pórticos do Santuário de rocha viva, foram enchendo-se de brancas sombras silenciosas, das quais se ouviam apenas suaves murmúrios de preces a meia-voz.

De vez em quando, aparecia alguma sombra de cor cinza que inclinava o seu rosto coberto, inclinava a fronte, no meio daquele solene silêncio, enquanto se ouvia uma voz clamorosa a pedir:

– Rogai, irmãos, para que o Senhor perdoe os meus pecados, a fim de que eu mereça estar unido convosco na Assembléia espiritual.

Os irmãos diziam em voz alta alguns versículos do "Miserere", o hino sublime com que David cantava seu profundo arrependimento e pedia misericórdia ao Senhor.

Um dos Anciãos aparecia então e cobria o pecador arrependido com o manto branco, que o igualava a seus irmãos e que deixava sua personalidade no anonimato. Ninguém sabia quem ele era, embora soubessem tratar-se de um irmão que havia pecado e que estava arrependido. Ao proceder assim, o Ancião que o havia coberto, dizia em voz alta: "Que Tua Mão poderosa nos ampare, Senhor, para que não mais venhamos a transgredir Tua Santa Lei."

Com isto, lembrava a todos que também eles podiam vir a pecar como o irmão que acabava de confessar a sua fraqueza.

Myriam, com Jhasua pela mão, achava-se entre o branco grupo das avós e, finalmente, apareceram os Anciãos do Santuário com os seis recém-chegados, que abriam caminho com os da mais alta graduação.

Levavam cingida na fronte a estrela de cinco pontas, símbolo da Luz Divina que haviam conquistado e, na mão direita, o candelabro de sete círios pequenos, que recordava os graus por eles galgados na Ordem.

Todos os Anciãos, empunhando cada um o seu candelabro de tantos círios quantos graus tinha conquistado, iniciaram o magnífico desfile, que era seguido por todos os essênios com seus respectivos círios.

Um Ancião afastou-se do grupo para buscar o filho de Myriam, o qual foi colocado entre os seis Anciãos chegados do Monte Hermon, e lhe deram também um candelabro de sete círios.

– Sou pequeno demais para levar isto – protestou o menino em voz alta.

– Obedece e cala – disse o ancião, e o desfile continuou pelos longos corredores laterais, que formavam como que uma grande circunferência em torno do Santuário Central.

Cantavam, todos juntos, os salmos em que David glorificava a Deus por Sua magnificência, Sua misericórdia e Sua justiça.

Dir-se-ia que era uma só alma que se prosternava ante o Infinito num ato de suprema adoração.

Chegaram à sala circular onde os livros dos Profetas Maiores estavam fechados, cada qual sobre a sua estante.

O Ancião que estava de plantão abriu um dos livros e leu alguns versículos, dos quais tirava o tema para uma dissertação breve, mas cheia de fervente entusiasmo, para se prosseguir no caminho da purificação da alma pela santidade da vida e pureza de costumes.

Depois o mesmo Ancião fez as três perguntas do cerimonial, a que a multidão respondeu em coro.

– Irmãos: reconheceis a Lei de Moisés como a mais perfeita emanação do Altíssimo para encaminhar a Humanidade a seu eterno destino?

– Nós a reconhecemos e aceitamos em todas as suas partes – responderam em coro os homens, as mulheres e as crianças.

– Reconheceis e adorais ao Deus-Único, eterna força criadora e conservadora de tudo quanto existe no vasto Universo?

– Nós O reconhecemos e adoramos – tornou a multidão a responder.

– Estais de acordo com a Ordem Essênia a que pertenceis e dispostos a fazer, pela sua conservação e pureza, tudo quanto estiver ao vosso alcance?

– Amamos a Ordem com a nossa vida e faremos por ela tudo quanto nos for possível dentro de nossas forças e capacidade.

Então os seis Anciãos vindos do Hermon, que eram os mais categorizados na Ordem, levantaram ao alto seus candelabros de sete círios e pronunciaram em voz alta, clara e lenta, a Bênção Solene chamada de Moisés, para todo fiel cumpridor de seus compromissos para com Deus, com a Ordem e com todos os seus semelhantes.

Haviam feito também com que o pequeno Jhasua levantasse seu candelabro e pronunciasse as palavras da sublime Bênção de Moisés para todas as forças benéficas do Cosmos, sobre todos aqueles que estivessem em harmonia com Suas leis imutáveis.

Todas as frontes se haviam inclinado reverentes ante a suprema evocação, que sempre deixava nos seres tão benéfica influência. Se havia enfermos, tristes ou desorientados espiritualmente entre os presentes, experimentavam, de imediato, um grande alívio e, às vezes, cura completa.

Era esta a parte mais solene da Assembléia espiritual, que podia ser presenciada por todos os essênios em geral, de qualquer grau que fossem.

Vinha depois o hino de ação de graças, cantado em coro por todos, e a entrega das flores, feita pelas donzelas, que iam depositando ramalhetes em cada mão que se estendesse ante elas.

Logo em seguida repartiam os pãezinhos chamados da *Propiciação* que haviam sido preparados de antemão e que simbolizavam a união de cada alma com a Divindade, sendo também um presságio de que, no ar onde estivesse o pãozinho sagrado, sempre haveria de existir o sustento necessário para a vida.

Em caso de enfermidades graves, quando os médicos nada mais podiam fazer, era tradição que muitos enfermos quase moribundos haviam recobrado a saúde, por terem bebido da água em que o pãozinho sagrado houvesse sido dissolvido.

Eram eles, sem dúvida, vitalizados como as águas e as flores, e essa influência benéfica unida à fé do enfermo e de seus familiares produzia o fenômeno da cura de algumas enfermidades que podiam ser dominadas por aquelas forças espirituais.

As brancas sombras silenciosas voltavam para as grutas mais silenciosas ainda, quando a noite já estava bem adiantada, para repousar em leitos de feno e peles, até serem novamente congregados os que pudessem ter outra participação na Assembléia espiritual, que se celebrava a cada ano em todos os Santuários Essênios.

As reuniões prolongaram-se durante sete dias, podendo ser observado, como é natural, que cada reunião era menos numerosa do que as anteriores, e que, à medida que elas passavam, ia sendo efetuado o regresso, para os seus respectivos lares, daqueles que haviam assistido às primeiras.

Os que partiam primeiro pediam aos irmãos que ficavam:

– Orai ao Senhor por nós a fim de que, no próximo ano, possamos acompanhar-vos em mais outro dia.

A regularidade inalterável e precisa dessa ordem eliminava, entre eles, todo sentimento de ciúme e inveja, que abre tão profundos abismos entre as almas que se entregam praticamente à vida espiritual.

Todos sabiam que a perseverança os igualaria, um dia, a todos, nessa mística escada de conhecimentos e de virtudes cujos degraus iam galgando.

Em cada uma das reuniões subseqüentes, foram explicadas, por um dos Anciãos, passagens obscuras das Sagradas Escrituras, ou seja, o sentido oculto que o Profeta havia querido fazer figurar para entendimento das almas adiantadas.

Isso se obtinha através da evocação da mesma Inteligência que, anos ou séculos atrás, havia derramado esses ensinamentos. Os Essênios do Arquivo anotavam em suas cadernetas o significado daquelas enigmáticas frases, convertidas, assim, em clara doutrina, emanação da Divina Sabedoria.

Comparando os enigmáticos escritos dos Profetas hebreus com os antiqüíssimos arquivos conservados pelas grandes Escolas do mais remoto passado, pelos Dáckthylos e os Kobdas da Pré-História, podiam eles compreender tudo claramente e, ainda, formar um corpo de doutrina, uniforme e relacionada intimamente, quase desde os começos da Humanidade consciente sobre o Planeta.

De tempos em tempos, os Anciãos do Moab ordenavam aos sacerdotes Essênios que estavam a serviço do Templo que, nas assembléias com os Doutores da Lei, soltassem, como ao acaso, alguma chispa da Luz Divina da Verdade, descoberta pelos meios que acabamos de enunciar, mas quase sempre suscitavam acaloradas discussões, nas quais, mui poucas vezes, os Essênios saíam triunfantes, pois eram, como se sabe, marcada minoria.

Os Doutores de Israel odiavam as inovações, temerosos, sempre, de que um novo rumo, porventura dado aos princípios aceitos, acabasse com as grandes rendas e os privilégios de que a classe sacerdotal gozava há muitos séculos.

A interpretação das mais antigas profecias era assunto sobre o qual discordavam sempre, principalmente quando elas se referiam ao advento do grande Messias, esperado para sacudir o jugo romano e engrandecer Israel sobre todos os povos da Terra.

Essa grande aspiração nacional, justa, se for considerada humanamente, não era compartilhada pela Escola Essênia, que estava plenamente convencida de que o Avatara Divino seria um Instrutor, uma Voz, uma Luz nova, não só para um pequeno povo da Terra, mas também para toda a Humanidade.

Que Deus seria esse que só se preocupava com o povo hebreu e permanecia indiferente para com os demais? Seguramente não era o Deus que os essênios concebiam e compreendiam, para quem o Grande Atman era a Causa e a Origem, alento e vida de tudo quanto palpita e vibra na imensidão do Universo.

Para isso tendiam sempre as grandes assembléias espirituais dos essênios, ou seja, para ampliar cada vez mais o já vasto campo de seus conhecimentos sobre as Verdades Eternas, meta e cume para os quais marcham as humanidades conscientes.

Quando chegou o dia e a hora da segunda Assembléia, a metade dos assistentes da primeira havia já regressado para os seus lares. Somente haviam ficado os do terceiro e os subseqüentes.

Passados os hinos do costume, um dos Anciãos vindos do Hermon, ostentando as sagradas insígnias do seu alto grau, subiu os degraus do altar dos livros dos Profetas e, com os olhos cerrados e às apalpadelas, apoiou as mãos sobre o livro do Profeta Malaquias e, abrindo-o ao acaso, leu versículos dos capítulos terceiro e quarto que dizem assim:

"Cap. 3º – 1º – Eis aqui, que Eu envio o Meu mensageiro, o qual preparará o caminho diante de Mim; e logo virá a Seu Templo o Senhor a quem buscais ...

" – 2º – Quem poderá suportar o tempo de Sua vinda? Ou quem poderá subsistir quando Ele Se mostrar? Porque Ele é como o fogo purificador e como sabão de lavadores.

" – 3º – Sentar-Se-á para fundir e limpar a prata; assim purificará os filhos de Levi; Ele os refinará como ouro e como prata; e eles oferecerão a Jehová oferenda com justiça.

"Cap. 4º – 1º – Porque, eis que vem o dia ardente como um forno; todos os soberbos e todos os malvados serão como palha, que arderá e se abrasará.

" – 2º – Mas, para vós, que amais o Meu Nome, há de nascer o Sol da Justiça, que trará em suas asas (*) a salvação; e vós saltareis de felicidade como bezerrinhos de um rebanho.

" – 5º – Eis que Eu vos envio o Profeta Elias, antes que chegue o grande e terrível dia de Jehová.

" – 6º – Ele converterá os corações de pais e filhos; para que, quando Eu vier, a Terra não seja ferida com a destruição (**)."

Fechando o Livro Sagrado, o orador falou:

– Vários séculos passaram sobre estas palavras de nosso irmão o Profeta Malaquias, e eis que estamos presenciando seu cumprimento. O Altíssimo deixa cair os raios de Sua Luz na mente dos que buscam a Divina Sabedoria; e, como para Ele tudo é *Hoje*, nosso irmão Malaquias percebeu, em suas internas contemplações, o hoje que estamos vivendo pela graça da Misericórdia Divina.

"O Mensageiro de Deus chegou, e já está dentro de seu templo, ou seja, em seu corpo físico, que o ajudará a cumprir sua missão entre os homens.

"Quem poderá suportar o tempo de Sua vinda?", interroga o Profeta, que O vê como fogo purificador que arrasa toda imundície.

"E há de sentar-Se para fundir e limpar a prata", prossegue o vidente, dando-nos a entender que exigirá mais dos que revestem condição mais elevada, já que a prata é um metal precioso.

(*) "Raios" seria o certo, porém, na época em que o Profeta Malaquias escreveu esses versículos, o conceito que tinham do nosso Sol era outro: "Um carro de fogo, provavelmente com asas." O Profeta também pode estar se referindo ao Messias (N.T.).

(**) Há uma pequena divergência entre o texto como consta na Bíblia em português e este original, mas isto se deve, em parte, às traduções sucessivas para diversas línguas (N.T.).

"As multidões são como os grãos de areia e as partículas de pó das estradas. O Mensageiro Divino não será exigente para com elas, mas com os metais preciosos, que simbolizam as almas adiantadas no conhecimento divino, pedirá não somente grande purificação, como também a perfeição e a iluminação, por estarem destinadas ao nobre sacerdócio da instrução junto a seus irmãos, semelhantes aos milhões de grãos de areia e de partículas de pó nos caminhos da Terra.

" 'Eis que vos envio o Profeta Elias, para que converta os corações dos pais aos filhos e os dos filhos aos pais', continua o vidente, para assinalar a necessidade de um amor como o de pais e filhos entre aqueles que hão de formar a grei que glorificará ao Senhor."

Um dos assistentes se pôs de pé e pediu licença para perguntar algo. Assim que a licença lhe foi concedida, disse:

– Uma vez que o Mensageiro Divino está entre nós, não podemos saber onde está, para aproximar-nos dele e sermos purificados?

– Ele se encontra em um dos nossos Santuários, preparando-se para aparecer em público, em cumprimento de sua missão, não obstante ser um garotinho, apenas saído da primeira infância – respondeu o Ancião com o olhar perdido ao longe, pois nele se refletia a pequena imagem de Jhasua, pura como um lírio do vale.

O menino havia sido levado por sua mãe, por julgar-se inconveniente sua presença ali, naquele momento.

– E agora que sabeis que o Grande Ser, esperado durante tantos séculos, já se encontra entre nós, ouçamos o que, a este respeito, cantou nosso grande irmão o Profeta Isaías, há seis séculos.

O Ancião tomou o livro de Isaías e, abrindo-o no capítulo 60, leu, em voz alta, enquanto um alaúde escondido na penumbra fazia ouvir um fundo musical que parecia emanar da palavra vibrante do grande vidente:

"Levanta-te, ó Sião e resplandece, que já veio tua Luz, e a glória de Jehová nasceu sobre ti.

"Eis que as trevas cobrirão a Terra, e a escuridão cobrirá os povos; mas sobre ti nascerá Jehová e sobre ti será vista Sua glória.

"As nações caminharão à Sua Luz, e os reis ao resplendor de Seu nascimento.

"Não necessitarás que o Sol sirva de luz para o dia, nem o resplendor da Lua para a noite; mas Jehová será a tua Luz perpétua, e o teu Deus será a tua glória.

" ... Jehová fez ouvir em todas as paragens da Terra estas palavras: 'Filha de Sião, eis aqui vem o teu Salvador, e a tua recompensa com Ele, e Sua obra diante d'Ele.'

"E vos chamarão Povo Santo, Redimidos de Jehová;... e a ti, Sião, chamarão Cidade glorificada, não desamparada."

Apenas o Ancião terminou esta leitura, um coro clamoroso, a meia-voz, suplicou ardentemente:

"Que o Altíssimo não olhe para a nossa miséria e nos permita conhecer o lugar onde nasceu o Salvador do mundo, para que possamos oferecer-nos a Ele, em holocausto de amor e de fé ..."

As mulheres começaram a chorar em grandes soluços, e os homens inclinaram-se pedindo ao Senhor perdão para os seus pecados.

Comovido, o Ancião-orador interrogou com o olhar seus irmãos vindos do Hermon, e eles, com uma leve inclinação de cabeça, deram em conjunto o seu consentimento.

O Ancião continuou:

– Há uma ordem severa dos mensageiros de Jehová, no sentido de que seja guardado um profundo segredo a respeito do Avatara Divino que está entre nós; e essa ordem é tão rigorosa que, se algum dos irmãos tivesse a desgraça de violá-la, ficaria, por isto, fora da Ordem, e obrigar-nos-ia a mantê-lo preso em nossas penitenciárias, para que não viesse a ser o causador de que o Divino Mestre enviado a nós se veja diminuído na sua excelsa missão, em virtude da inconsciência e da maldade dos homens.

"Sabeis, pelos ensinamentos que tendes recebido, que o Messias traz em si, em conjunto, todas as missões que cumpriram, em séculos passados, nossos grandes Profetas. Muitos deles foram assassinados de diversas maneiras, porque suas pregações punham a descoberto as iniqüidades e corrupções dos dirigentes dos povos.

"Agora é Ele um menino que inicia o desenvolvimento de seus grandes poderes internos, motivo por que não está ainda capacitado para defender-se, por si mesmo, da astúcia e da maldade daqueles que serão inimigos seus.

"Bem vedes, pois, a importância que tem a guarda absoluta do segredo da sua vinda.

"Sereis capazes, ainda que vossas vidas estejam em perigo, de silenciar como se fôsseis sepulcros, sobre tudo quanto diz respeito ao Homem-Luz que está entre nós?"

Todos se puseram de pé e levantaram para o alto a mão direita aberta e rígida, o que fazia parte do cerimonial dos juramentos solenes.

– Bem; Jehová vos levará isto em conta, e vossa consciência será vosso Juiz. Esperai um momento.

O Ancião conferenciou brevemente com seus companheiros, e um dos Essênios do Carmelo saiu em direção à cabana das avós, em busca de Jhasua.

Vestiram-no com uma túnica branca de linho que o cobria até os pés, cingindo sua cintura com o cordão púrpura dos grandes imolados, e na fronte com uma cinta azul com as dez estrelas de prata, símbolo de todos os graus de sabedoria e de todos os poderes que nele residiam em virtude de sua elevada hierarquia espiritual.

Levantando-o nos braços, colocaram-no sobre um degrau do pedestal onde se encontravam as Tábuas da Lei de Moisés.

Em silêncio, o menino deixou fazer tudo quanto quiseram com ele; mas, quando o colocaram naquele lugar, ele perguntou:

– Que tenho eu que fazer aqui?

– Nada, filhinho – responderam os Anciãos. – Todos os nossos irmãos que te amam desejam conhecer-te, e, colocado aqui, ver-te-ão sem aproximar-se demasiado.

Antes de abrir o véu que cobria aquele pedestal aos olhos de todos, um dos Anciãos disse à Assembléia:

– Ireis vê-lo, por alguns momentos, junto às Tábuas de Moisés.

– Então ele está aqui? – ouviram-se uma, duas, três vozes, seguidas por um suave murmúrio.

– Prostrar-nos-emos por terra! – disseram alguns.

– Não – protestou o Ancião –, porque o Messias não quer ser adorado, mas seguido em seus caminhos e em suas obras.

"Todos de pé, e, com o pensamento, prometei que haveis de cooperar junto com ele pela redenção humana."

Dois Anciãos abriram o véu que cobria o pedestal das Tábuas de Moisés, e apareceu a branca figurinha de Jhasua como um marfim esculpido projetando-se sobre o negro pedestal de mármore que ficava às suas costas.

Cercavam-no os seis Anciãos vindos do Monte Hermon e, ao redor deles, todos os Anciãos do Santuário do Carmelo.

O menino sorria docemente, mas, como se sentisse cansado, sentou-se suavemente no mesmo degrau em que o haviam colocado e, repousando a bronzeada cabecinha sobre o espaldar, cerrou os olhos.

Ouviram-se murmúrios de alarma, alguns soluços, mas um sinal dos Anciãos determinando silêncio pôs todos em calma.

Os Anciãos, conhecedores de todos os fenômenos psíquicos que costumam produzir-se em momentos culminantes de intenso amor e fé, formaram, com forte irradiação, a corrente espiritual necessária, e a exteriorização do grande Espírito-Luz encarnado em Jhasua produziu-se sem dificuldade.

O corpinho do menino mantinha-se em profunda quietude, e seu *duplo*, radiante de claridades rosa e ouro, desceu lentamente do pedestal, deslizando em direção ao comovido grupo que, em número de cento e quarenta e cinco, entre homens e mulheres, se mantinha como petrificado de assombro, não crendo que seus olhos estivessem vendo tão maravilhoso acontecimento.

O resplandecente *duplo astral* de Jhasua adormecido deteve-se a poucos passos do assombrado grupo e pronunciou claramente estas palavras:

– Sede benditos na simplicidade de vossos corações e nas santas aspirações de verdade e justiça que vos trazem a mim.

"E, porque sois meus desde longas épocas, merecestes que a Eterna Lei me permita esta aproximação, que atará ainda mais fortemente o laço que vos une comigo.

"Alguns dentre vós acompanhar-me-ão até que eu tenha alcançado o apogeu de minha missão, e outros irão ao *mais além* antes desse dia.

"Uns e outros necessitarão da força divina que faz os heróis, os mártires e os santos, porque é a jornada final; e o Eterno Amor transbordar-se-á aos borbotões sobre todos aqueles que sejam capazes de percebê-lo. Fé, esperança e valor, que a hora se aproxima! ..."

E, levantando sua mão etérea, que, na penumbra, parecia um resplendor de estrela, abençoou-os com o sinal dos Grandes Mestres.

A claridade rosa e ouro foi desvanecendo-se lentamente, ficando só aquele divino e belíssimo rosto que irradiava amor, ternura, comiseração, piedade infinita desses olhos, cuja indizível cor tinha os reflexos diáfanos do arco-íris.

Tudo, por fim, se desvaneceu na penumbra silenciosa do Santuário.

E novamente a figurinha de Jhasua, sentado no pedestal de mármore, como um relevo de marfim com que um hábil artista houvesse representado a Inocência adormecida, foi alvo de todos os olhares.

Poucos momentos depois, o pequeno era devolvido a sua mãe, e a Assembléia espiritual continuava com o crescente entusiasmo que havia despertado nas almas o extraordinário acontecimento que acabavam de presenciar.

Sob a tutela imediata de mestres tão prudentes, os essênios do exterior, ou seja, aqueles que viviam em família, realizavam magníficos progressos em suas faculdades espirituais, e uma dessas assembléias era dedicada somente a inspecionar os trabalhos feitos durante o ano transcorrido.

As clarividências, tanto como as manifestações verbais, haviam sido anotadas prolixamente nas cadernetas que eram submetidas ao juízo dos Anciãos, da mesma forma que os ditados e ainda os sonhos, quando neles se revelava uma coordenação lógica ou manifestamente inteligente.

Sucedia, por vezes, que os relatos ou clarividências de uns tinham sua realização em outros dos irmãos, ou, às vezes, estavam relacionados com fatos acontecidos em alguns dos Santuários ou entre os Terapeutas do exterior.

Por causa disso os Anciãos haviam aconselhado a não destruir nenhuma gravação nem deixar de anotar nenhu'a manifestação espiritual, pois, dada a época tão transcendental que a Humanidade estava vivendo sem o saber, poderia ser desperdiçado algum presságio, um aviso ou um conselho oportuno e até necessário, nesses momentos de profunda expectativa nos Céus e na Terra.

E assim se cumpria o que estava profetizado:

"Até os Anciãos e os meninos profetizarão e terão visões, porque os Céus de Jehová estarão entornados sobre a Terra."

No mesmo Santuário, antes de chegar aos livros dos Profetas e às Tábuas de Moisés, havia um compartimento que era chamado dos Inocentes, ou seja, *dos meninos*, frase essa que tinha o significado oculto dos que *iniciam a vida espiritual.*

Os Essênios, perseguidos até o extermínio, logo após a morte de Moisés, haviam adquirido o hábito de ocultar, sob palavras ou símbolos determinados, tudo o que dissesse respeito aos conhecimentos superiores a que dedicavam suas vidas.

"A Humanidade – diziam eles – é uma *Rainha Cega* que não quer ser curada da cegueira, perseguindo cruelmente e matando todos que podem devolver-lhe a vista. Temos, pois, que procurar curá-la sem que o perceba, ocultando-nos da sua presença."

Assim era comum encontrar, em velhos manuscritos ou gravações daqueles tempos distantes, alusões à *Rainha Cega* e, às vezes, representada em lajotas de argila, como u'a mulher sentada em um trono com todas as insígnias reais, mas com os olhos vendados.

Apenas os essênios sabiam o que a alusão ou a gravação significavam.

Voltemos, leitor amigo, à abóbada dos Inocentes, toda circundada por um estrado de pedra, diante do qual são vistas muitas pequenas estantes inclinadas, rústicas, de madeira semilavrada, e ali os essênios dos diversos graus se mantinham entregues à tarefa de receber mensagens do plano espiritual.

Uns escrevem, outros, caídos em transe, falam a meia-voz, tendo a seu lado um dos solitários que escuta e anota. Outros, sentados ante uma fonte onde a água cai de uma greta da montanha, vão dizendo de que modo vêem misturar-se com ela a energia divina – a força vital emitida pelas Inteligências que a vitalizam – sejam estas encarnadas ou desencarnadas. Energia e forças que tomam as mais belas e variadas formas, que os clarividentes, se estão bem orientados, sabem interpretar em toda a sua significação e valor: diminutas pombinhas brancas, com ramos de oliveira, que se submergem na água e desaparecem nela; miríades de pequenas mariposas de luz que pousam em águas tranqüilas e depois se diluem nela; crianças aladas que, com cestinhos de frutas preciosas, de pãezinhos dourados e pequenos cântaros de mel, submergem-se felizes e sorridentes na linfa cristalina.

Os Anciãos que escutam o clarividente interpretam:

"Eflúvios de paz são as pombas com os ramos de oliveira. Força de divina claridade são as mariposinhas de luz; abundância de sustento para a vida física, são as crianças aladas que se submergem na água com as frutas, o pão e o mel."

Havia clarividentes que despertavam sua faculdade vidente nas espirais de fumo do incenso ou de ervas aromáticas, que também são elementos nos quais as forças benéficas e vitais do Cosmos se interpenetram para fazer bem a todos os seres da criação; outros, na aura de luz que esparge a chama do fogo ou de um círio ou de uma lamparina de azeite.

Quando a Luz Divina deseja revelar-se às almas, nenhum humano pode colocar-lhe leis nem obstáculos que impeçam a sua irresistível ação para um determinado modo de manifestação.

"O Espírito de Deus sopra onde lhe agrada", diziam os antigos iniciados das grandes Escolas de Sabedoria Divina, os quais lançaram os fundamentos dessa ciência sublime que faz a alma conhecer a Deus e amá-LO, formando, assim, parte de Sua força criadora.

Era assim que, na chamada *Abóbada dos Inocentes*, na hora das experiências espirituais, em afastados lugares da imensa gruta, acendia-se uma pequena fogueira, arrojava-se incenso num incensário e acendiam-se alguns círios ou lamparinas de azeite.

Todas essas manifestações das forças benéficas do Cosmos ou da Alma Universal eram fontes de iluminação para as almas de boa vontade, que se colocavam em sintonia com essa Eterna Alma-Criadora de tudo quanto manifesta vida em todos os mundos.

A base que usavam os Anciãos antes de iniciar o desenvolvimento das faculdades internas estava solidamente construída nestas palavras:

"Abandone-se o aspirante à ação criadora da Alma Universal, com a qual se colocará em sintonia amando todas as criaturas existentes como ama a si mesmo. Tenha sempre presente que, sem esta base de granito, muito pouco ou nada conseguirá para a iluminação, lucidez e o despertar das faculdades de sua personalidade interna."

Eis aqui a chave de que a alma deve dispor para chegar a perceber os divinos mistérios e as sublimes verdades que só é dado conhecer às minorias idealistas que tenham chegado à sublime grandeza de *amar a toda criatura existente como ama a si mesmo.*

Enquanto o homem não chegar a isto, suas faculdades internas permanecerão ensombradas, opacas, débeis como crianças doentias e esquálidas, que caem, apenas começam a andar.

Cremos que o leitor destas páginas já recorreu às obras que o iniciam nestes conhecimentos metafísicos e, portanto, poderá compreender com clareza a causa dos fracassos no caminho espiritual da maioria que procura a Sabedoria Divina mediante o desenvolvimento das faculdades internas do ser.

Daquela base de granito imposta pelos Essênios deduz-se que, segundo o grau de amor a toda criatura existente, é o grau de desenvolvimento a que podem chegar as faculdades superiores da alma humana.

Sobre as formas desse amor e de suas manifestações práticas, os Essênios construíram seu sistema de vida, suas leis, enfim, todos os seus hábitos.

A hospitalidade, a ajuda mútua em todos os seus aspectos, a piedade, a misericórdia, a proteção aos inválidos, leprosos, órfãos e anciãos abandonados não eram senão formas de manifestação desse sublime amor, base fundamental para chegar ao clímax do desenvolvimento das faculdades internas.

Pelo fato de conduzirem as almas pelo caminho da luz, os distintos graus não eram mais do que ensaios metódicos para que a alma se submetesse, a si mesma, à prova em exercícios e obras de *amor a todas criaturas existentes.*

Sobre tal tema, os mestres Essênios tinham longas e freqüentes dissertações para evitar o fanatismo e as interpretações equivocadas por parte dos menos capacitados para compreender a fundo o assunto. Dessa maneira – diziam eles –, o amor bem entendido deve propender para o bem e para a aprimoração das criaturas amadas.

Manifestação desse sublime amor era o silêncio dos essênios, com o que evitavam as disputas e altercações, das quais nasciam quase sempre a injúria e a ofensa pessoal, que, às vezes, chegam a pôr a própria vida em perigo.

Dessarte, ao terminar as assembléias espirituais de cada ano, os essênios do exterior voltavam para seus lares com um novo caudal de conhecimentos e com o programa traçado para o ano seguinte, que, necessariamente, devia fazê-los subir mais um degrau na ascensão para o auge da perfeição, como humanos encarnados neste planeta.

Se os Profetas Brancos de Anfião, os Dáckthylos de Antúlio e os Kobdas de Abel marcaram rumos para a Humanidade na Pré-História, os Essênios de Moisés têm sobre si a glória imarcescível de haverem sido os Precursores e os Mestres do Cristo em sua jornada final, na coroação gloriosa de sua obra redentora da Humanidade.

Mais ainda: os Essênios deram orientação para a vida espiritual da atualidade.

Eles embalaram o berço do Cristianismo nascente e encaminharam seus primeiros passos.

Somente quando o Cristianismo foi oficializado, a partir de Constantino, foi deixada de lado a velha senda dos Essênios. Eles retornaram às suas grutas ou morreram em forcas e fogueiras, como Savonarola, o frade dominicano com alma e vida de essênio.

É dessa maneira que a Humanidade, *Rainha Cega*, paga aos que lhe querem dar a Luz Divina, a saúde e a redenção!! ...

Simão de Tiberíades

Poucos dias depois, e quando os Anciãos julgaram que o pequeno Jhasua podia regressar ao lar paterno, organizou-se uma pequena caravana, semelhante à dos condutores de cera, mel e peles de cabra que se dirigiam para as povoações samaritanas e para a Galiléia, junto à qual iam Jhasua, sua mãe e Jhosuelin.

O objetivo real dessa viagem era levar o menino a visitar o Santuário do Monte Tabor, irmão gêmeo do Santuário do Monte Carmelo, com o qual tinham estabelecido uma comunicação bastante freqüente e íntima, em virtude da proximidade em que ambos se achavam e também por terem sido, esses dois santuários, o refúgio de quase todos os Profetas e de muitos Essênios que deram sua vida pela Justiça e pela Verdade.

No Tabor, encontravam-se os sarcófagos do Profeta Eliseu, discípulo de Elias, de Jeremias e de Ezequiel. Ali estava o mausoléu de Hillel e de Simeão o Justo, ambos essênios mártires de sua firmeza em ensinar e defender a doutrina da Justiça e da Verdade.

Desde os tempos do Profeta Elias, o Monte Carmelo era conhecido como refúgio e morada dos antigos profetizadores, motivo pelo qual havia sido arrasado várias vezes em busca de profetas para descarregar neles a ira dos reis e dos poderosos da Terra, quando se haviam cumprido neles os vaticínios dos inspirados e dos videntes.

Por esta razão e também por serem menos conhecidas, as grutas do Monte Tabor eram consideradas refúgio mais seguro. Era esse, com efeito, o Santuário mais novo e a conformação de suas grutas oferecia mais segurança aos que fugiam da perseguição.

Ordinariamente era também esse Santuário a habitação mais usada pelos Terapeutas do Exterior, porque sua localização, quase no centro do país, facilitava muito o apostolado.

Havia ali, outrossim, um pequeno refúgio para meninas, donzelas, viúvas e mulheres repudiadas pelos seus maridos e que, por diferentes razões, se viam em perigo de morte.

Nesse pequeno refúgio foi hospedada Myriam com seu filhinho, durante os três meses que permaneceram ali.

Novas amizades, novos laços deviam estreitar o Tabor ao Messias-Menino, afeições e ligações estas que, mais tarde, tornar-se-iam tão sólidas como se fossem de ouro e diamantes, que não deveriam romper-se jamais.

Foi ali que Jhasua conheceu e amou os pais de Pedro – aquele que, mais tarde, veio a ser seu grande Apóstolo.

Essa família guardava a entrada das grutas do Monte Tabor e constava de cinco pessoas: os pais (Simão e Joana) e os três filhos (Pedro, Andrés e Noemi); esta (a menor) era, nessa época, uma adolescente.

Pedro, a quem chamavam de Simão, como a seu pai, era o mais idoso e tinha então 24 anos. Estava recém-casado com uma donzela de Sidon, filha de pais hebreus, cujo nome era Lidda.

Os jovens esposos viviam junto ao Lago de Genezareth com os pais da esposa, que possuíam barcos pesqueiros e um mercado para a venda do pescado.

Foi numa dessas freqüentes visitas a seus pais no Monte Tabor que Simão (Pedro), o futuro apóstolo, se encontrou com o Messias-Menino.

Andrés era um jovem de vinte anos, embora aparentasse muito menos idade, em virtude de sua simplicidade e natural timidez.

Com este último chegou Jhasua a uma grande amizade, que o fazia dizer a seu pai: "O menino de 10 anos e o menino de 20 vivem sua alegre infância; e, oxalá, que ela seja duradoura."

Uma viúva, irmã da esposa de Simão, o porteiro do Tabor, era quem ocupava o cargo de superiora entre as mulheres hospedadas no refúgio.

Com essa viúva estavam albergadas duas meninas, a maior das quais, de nome Verônica, foi, mais tarde, uma das mais constantes e decididas seguidoras do Divino Mestre, em suas correrias apostólicas. Verônica tinha, então, 14 anos, e seu amor ao retiro e ao silêncio rodeava-a como que de uma aureóla de respeito e discrição.

Parecia estar sempre mergulhada em doces sonhos, e, estando dotada de uma viva imaginação, achava-se predisposta a contar formosas histórias às suas companheiras.

Jhasua afeiçoou-se imediatamente a ela e, ao cair da noite, reunidos todos junto à fogueira, costumava propor-lhe:

– Verônica, se me contares uma de tuas lindas histórias, hei de presentear-te ninhos de melros com filhotes, já quase prontos para voar.

– Não são histórias, Jhasua – respondia ela – e, sim, coisas que eu vejo em sonhos ou eu mesma as imagino, para alimentar com elas meus anelos de outra forma de vida.

– Será o que tu queiras, mas agradam-me muito esses teus contos.

Então Verônica trazia uma caixinha com rolinhos de tela encerada, nos quais procurava breves anotações.

Eram ditados espirituais que ela ia colecionando para submetê-los ao juízo dos Anciãos do Santuário.

Por outra, eram passagens breves de vidas distantes... que ela dizia serem contos ou sonhos, por meio dos quais ia sabendo algo de um longínquo passado, sentido e vivido por ela mesma.

Dentre todos os contos de Verônica, o que mais agradava a Jhasua era o de duas crianças que nasceram e cresceram na solidão. Chamavam-se Évana e Adamu.

Suas mães, como dois anjos dos Céus, haviam-lhes aparecido em visão e tinham-nos unido num amor que devia durar séculos e séculos.

Jehová mandou-lhes um anjinho vermelho, ao qual chamaram de Abel... E o conto de Verônica continuava desfolhando-se como pétalas brancas de uma roseira misteriosa.

Ao terminar, Verônica dizia:

– Eu sinto e vivo como se a Évana fosse eu mesma... e afigura-se-me, em todas as suas tristezas e alegrias, como se ela estivesse dentro de mim.

"Seu encontro com Adamu... a felicidade de ver-se amada por ele! Sabes, Jhasua? – interrogava logo –, quando desfaço as tranças de meus cabelos ruivos e vou à fonte buscar água, vem-me, de imediato, a imagem daquela menina que se chamava Évana, e que parecia ter o prazer de visitar-me em sonhos...

Quando Pedro visitou seus pais, logo após a chegada do garoto ao Tabor, sentiu-se tão fortemente atraído para Jhasua que, ao vê-lo passar e ainda sem saber quem era, chamou-o no instante em que sua irmã Noemi o levava aos estábulos para ordenhar as cabras e dar ao menino a ração de leite recém-tirado.

– Ouve, precioso! – disse-lhe Pedro – É verdade que és rolinha nova neste refúgio?

– Cheguei há quatro dias – respondeu afavelmente o pequeno.

– Ficarás muito tempo aqui?

– Ouvi, através de minha mãe, que ficaremos aqui três meses, tempo necessário para que meu pai possa vir buscar-nos.

Daí concluiu Pedro que a mãe do menino não era refugiada, mas visita relacionada com os Anciãos do Santuário.

– É pena que tenhas que ir embora! Parecia que o sol tinha entrado na pobre cabana do velho Simão! – exclamou Pedro com grande espontaneidade.

– Que há?... – perguntou Jhasua, rindo. – Ainda não sabeis quem somos, e já lamentas que eu me vá?

– É que, tão logo te vi, roubaste o meu coração, maroto. Vem cá! Deixa-o comigo, Noemi, que terás bastante tempo para falar com ele. Traze aqui seu leite, e vamos bebê-lo juntos.

– É mesmo?... E, se eu não quiser repartir minha porção contigo? – interrogou graciosamente o menino. – Tu, sim, que és um maroto. Apenas me viste, e já resolves compartilhar do meu leite!...

Pedro já o havia sentado sobre os seus joelhos e, olhando-o nos olhos como se estivesse extasiado, acariciava-lhe distraidamente os cachos dourados do cabelo, que o vento do entardecer agitava suavemente.

– Se eu não soubesse que Jehová é Uno e Absoluto e vive nos Céus, diria que és um Jehová-Menino, pois trazes nos olhos toda a claridade dos Céus! Como te chamas?

– Jhasua, filho de Joseph e de Myriam. Sou de Nazareth e venho do Monte Carmelo, onde estive oito meses com os Anciãos. Eles me queriam tanto como tu me queres; e eu tive que deixá-los!... mas voltarei um dia... Oh, sim! eu voltarei.

Pedro notou que os olhos do menino se haviam abrilhantado por causa das lágrimas, motivo por que o abraçou ternamente.

– Eu te disse meu nome e de onde sou; mas tu não me disseste ainda quem és e de onde vens – observou Jhasua, passando suavemente a mãozinha pela barbicha ruiva de Pedro.

– Chamo-me Simão, tal qual meu pai e, não obstante tenha nascido aqui, vivo junto ao Lago de Genezareth, com meus sogros, porque tenho ali meu meio de vida.

– Pois bem, Simão, agora repito aquilo que me disseste antes: é pena que tenhas que ir embora, porque me sinto muito bem a teu lado!

– Em verdade, eu o lamento também; por isso, para não nos separarmos tão rapidamente, adiarei o meu regresso por alguns dias mais.

– E que dirás em tua casa?

– Direi que estava tratando de um negócio importante.

– Dirás u'a mentira, e o oitavo mandamento da Lei diz: *Não mentir.*

Pedro olhou para o menino quase com espanto e, logo a seguir, inclinou a cabeça.

– Está certo! – disse. – Eis aqui um maroto que, atingindo apenas a altura de minha cintura, me dá uma tremenda lição.

– Ah!... Julgas que eu não conheço a Lei? Eu sei quase o mais importante a respeito dos Profetas e também sei muitos salmos de memória.

"Não sabes que minha mãe saiu do Templo quando meu pai a pediu em matrimônio! Acresce que eu estive mais de cinco anos no Santuário do Monte Hermon e oito meses no do Monte Carmelo, e bem poderás supor que nem sempre eu estive brincando de esconder. Além disso, o Hazzan da Sinagoga de minha cidade dava-me lições na casa do meu pai.

Enquanto Pedro escutava, em sua mente iam sendo despertadas idéias como vindas de muito longe...

"Quem seria esse menino que, com apenas dez anos, tinha percorrido três Santuários, onde os Anciãos se haviam ocupado tanto com ele? Não tinha notícia alguma de que houvessem procedido de maneira idêntica com algum outro menino."

Pensou no Profeta Samuel, que, segundo se dizia, viveu no antigo templo de Garizin, ao lado do Grão Sacerdote Heli; mas que um menino tão pequeno houvesse estado nos Santuários Essênios era coisa que jamais tinha ouvido dizer.

– Ficaste pensativo e triste – disse, dando-lhe batidinhas com o indicador na face. – Será que te zangaste por eu te haver alertado que ias dizer uma mentira aos teus familiares?

– Não, Jhasua, não! É que eu penso outras coisas a respeito de ti – respondeu Pedro, olhando-o fixamente, como se quisesse ler no formoso rosto do menino a resposta aos interrogativos pensamentos que tinham passado por sua mente há alguns instantes.

Nisto voltou Noemi com um jarro de espumoso leite que apresentou a Jhasua.

– Metade para cada um, como bons amigos – disse o menino – pondo o jarro junto aos lábios de Pedro. – Bebe tu primeiro, e façamos as pazes. Não dirás nenhuma inverdade, e eu não te darei nenhuma lição. Vamos, bebe!...

Entretanto, Pedro, que estava sendo sacudido profundamente em seu mundo interior, em vez de beber, começou a beijar a fronte, os olhos e as mãos do menino de tal forma que quase o fez derramar o leite. Noemi interveio:

– Irmão – disse ela –, que é que se passa contigo? Jamais te vi tão afetuoso como neste instante. – E, como o seu olhar interrogasse a Jhasua, este disse:

– Eu não lhe fiz nada, mas ele procedeu dessa maneira porque gosta muito de mim e tem pena de que eu me vá.

– Oh, Simão, Simão! – disse Noemi, afastando-se –, de que modo procederás se um dia tiveres um filho!?

Voltado Pedro, finalmente, à realidade do momento, bebeu dois goles de leite e disse ao pequeno:

– Bebe tu, meu querido, que eu estou bebendo de ti algo melhor do que leite e também do que mel...

– Agrada-me ser teu amigo, Simão – disse o menino, enquanto bebia o leite – mas, em verdade, não te compreendo muito bem.

– Não me compreendes?... Dize, menino formoso como a alvorada, sonhaste alguma vez e, ao despertar, viste que o teu sonho tinha vida e que era uma realidade?

– Deixa-me ver... Deixa-me ver se recordo...

E o menino, com o indicador na fronte, pensava.

– Ah, sim!... sim, já o recordo. Quando eu estava no Santuário do Monte Hermon, sonhei que na minha alcova entravam uns cordeirinhos brancos tão preciosos que eu estava louco de alegria. Quando despertei, encontrei-os junto ao leito. Era o Ancião Azael que os havia trazido para mim porque sabia quanto eu os desejava.

"Outra vez, sonhei que eu andava sobre o mar, como sobre as asas de um grande pássaro que deslizava rápido sobre as águas. No dia seguinte minha mãe despertou-me para que embarcássemos no veleiro que pertence aos solitários do Monte Carmelo; e viajamos até Tiro para buscar os Anciãos do Monte Hermon que iam chegar. Como vês, também sei o que é sonhar quando o sonho se realiza."

– Pois bem, Jhasua, vejo que és um menino muito superior aos de tua idade. Então, presta atenção:

"Empreendi a viagem para cá no dia seguinte a este meu sonho:

"Via-me na entrada de um grande campo já arado, mas onde ainda não havia nada semeado. Imediatamente, como se houvesse brotado dos musgos, pôs-se diante de mim um menino, cuja idade não pude precisar, porque tinha o rosto coberto com um véu cor de ouro resplandecente.

"Ele me disse: 'Na cabana de teu pai espera-te a recompensa de tuas boas obras como filho, como esposo e como essênio. Vês este campo? Destina-se a ti! Tu o semearás e na cabana saberás quando te será legado e que semeadura deverás fazer nele.'

"Acordei. Não pensava dar importância ao sonho, mas esbarrei com minha caderneta de anotações, e, procurando nela um bilhete que necessitava a respeito de uma venda realizada dias antes, li este conselho escrito pelos Terapeutas-Peregrinos:

" 'Jamais desprezes os sonhos, pois podem ser avisos dos anjos de Deus para ajudar-te no teu caminho.'

"Então recordei o meu sonho daquela noite, e assaltou-me um forte impulso de vir até a cabana do meu pai; por isso, aqui estou."

– E encontraste aqui a realização desse sonho? – perguntou o pequeno que ainda não via claramente o assunto.

– Quase, quase – respondeu Simão.

– Isto não significa nem sim nem não – disse Jhasua.

– Não posso mais!... Isto eu tenho que saber... e agora mesmo. Leva-me aonde está tua mãe. Far-me-ás este favor?

– Minha mãe está no Refúgio, onde ela e eu nos hospedamos, mas não sei se tu podes entrar lá. Parece-me que naquele recinto não permitem a entrada de homens – esclareceu o menino. – Isto pode ser resolvido de outro jeito, Simão. Espera-me aqui.

O menino correu pela vereda tortuosa e escondida que levava ao Refúgio.

Pedro seguiu-o com o olhar, e do âmago do seu Eu subia como que um raio de luz que escrevesse em seu próprio horizonte mental estas palavras:

"Já soou a hora para a chegada d'Aquele a quem todos esperamos, dizem os Mestres Anciãos. Por que não seria Jhasua o esperado?"

– Certamente que é! – respondeu Pedro a si mesmo – porque jamais criança alguma me causou impressão como esta.

Para reduzir a distância que o separava dele, começou a andar pela mesma trilha por onde Jhasua desaparecera. Pouco depois, viu surgir o pequeno trazendo a mãe pela mão. E se encontraram.

– Vês, mãe? Este é o novo amigo que eu fiz no Tabor. É Simão e me quer muito! – Foi essa a apresentação!

– Perdoai, bom homem – disse Myriam –, os caprichos do meu filho. Ele quis que eu viesse para responder a certas perguntas que, segundo diz, necessitais saber. Falai, pois, se é verdade o que ele diz.

Olhando alternativamente ora para a mãe, ora para o menino, Pedro disse a meia-voz:

– De tal mãe, tal filho!... Ainda descem anjos à Terra!...

– Que estás dizendo, Simão? Se não falares mais alto, minha mãe não poderá entender-te.

– Dizia que tens uma grande semelhança com tua mãe.

"Sois vós que haveis de perdoar, mas o caso é que perdi a tranqüilidade desde que vi vosso filho e com ele falei. É tão diferente das outras crianças! Não vos parece isso também?

Myriam olhou para Simão sem saber que meios havia de usar para falar com ele sobre assunto tão delicado, levando em conta a cautela que os Anciãos recomendavam.

– Sim – disse ela, por fim –, Jhasua é muito reflexivo e, às vezes, tem atitudes que assustam os mais velhos, por sair fora do comum em sua idade.

– Eu tenho lido muito os livros dos nossos Profetas e mais ainda as velhas tradições referentes a eles. Nos breves momentos em que falei com Jhasua, pareceu-me encontrar semelhanças muito acentuadas com Jeremias e com Ezequiel, na rápida compreensão das coisas. Não sei como dizer, mas vosso filho me fez pensar coisas muito grandes.

"O Profeta Malaquias anunciou-nos que Elias voltaria quando estivesse para vir o Messias-Salvador. Não vos ocorreu pensar que o vosso filho pudesse, talvez, ser Elias renascido?

– Sois, porventura, essênio? – perguntou Myriam antes de responder.

– Terminei o primeiro grau e estou no segundo. Quando houve minha ascensão, disseram-me os mestres deste mesmo Santuário: "Se puseres toda a tua boa vontade, Simão, a doutrina do Messias-Salvador te encontrará já no quarto grau."

"Estas palavras me fizeram supor que Ele já havia vindo ou estava por chegar. Sabeis que não é de boa discrição perguntar o que não nos é dito no Santuário!"

– É realmente assim e, por isso mesmo, devo ser muito parcimoniosa nas minhas palavras. Unicamente posso dizer que meu Jhasua parece, no ponto de vista dos Anciãos, trazer u'a missão muito grande a cumprir. Se quiserdes visitar os solitários aqui, talvez eles possam dizer algo mais.

O menino ficara apoiado no tronco de uma árvore e, com os olhos semicerrados, parecia não ver nem ouvir o que se passava.

Subitamente disse:

– O Espírito de Deus sopra onde lhe agrada, e Ele manifesta aos simples o que esconde aos soberbos. Simão – exclamou com voz sonora e vibrante –, Jehová te diz que o que estás pensando *é isso mesmo.*

E como se não houvesse ocorrido nada de extraordinário, o menino voltou ao seu estado normal e, graciosamente, disse a Simão:

– Tu, que és alto e forte, bem que poderias subir nesse pequeno monte que vês aí onde está esse velho carvalho.

– E para quê há de subir? – inquiriu Myriam.

– Desde que aqui cheguei, ando espiando um casal de tordos azuis, como os de Nazareth, que penetram entre os ramos com vermes no bico.

– Suspeitas que há ali um ninho com filhotes? – perguntou Pedro.

– Para quem iriam levar vermes, senão para os filhotes? – voltou Myriam a perguntar.

– Mãe, quando vêm as tormentas, todos os filhotes são atirados por terra, onde os furões e as víboras os devoram.

"Não é melhor tê-los guardadinhos em casa até que saibam voar e defender-se de todos os perigos?

– Pelo jeito, queres ser *salvador* de filhotes de passarinhos? – perguntou Pedro, e dir-se-ia que, nas suas palavras, se encerrava uma segunda intenção.

– Salvador de filhotes de passarinhos!... – repetiu Jhasua pensativo. – Acertaste, Simão, e asseguro-te que ninguém acertou tanto como tu. É como se eu sentisse uma íntima satisfação em salvar da morte os passarinhos de todos os ninhos.

Simão, como que cedendo a uma secreta inspiração ou a uma voz oculta que falasse do âmago do seu ser, perguntou:

– Não será isto um ensaio para, mais tarde, te converteres em Salvador de homens, Jhasua?

– "Não descubramos os segredos do Altíssimo antes de ter soado a Sua hora" – disse Myriam, temendo que a conversação tomasse outro rumo.

– Que boa essênia é tua mãe, Jhasua, e que exemplo me dá ela de discrição e silêncio! Para o pobre Simão brilhou hoje uma estranha luz, e creio não estar enganado, ainda que nada digais.

Apenas chegou junto ao seu pai, Simão pediu que, se fosse possível, lhe revelasse o segredo do menino de Myriam:

– É Elias que voltou para abrir os caminhos para o Salvador esperado, conforme estava predito?

"Por que razão me sinto transtornado só em pensar que Jehová me permite ver, com os meus olhos pecadores, o próprio Salvador?...

Tudo isso disse Pedro com uma emoção e um calor interno que transmitia ao seu pai, o qual aconselhou:

– Meu filho, bem sabes quão severa é a nossa ordem de silêncio. Apenas posso dizer que nesse menino está encarnado um grande Espírito para u'a missão mui importante. É o que sabe a maioria dos essênios. Se queres saber mais a respeito dele, vai falar com os Anciãos do Santuário, que eles te dirão o que julgarem conveniente.

– Está bem, pai. Por favor, abre a porta, porque tenho tal ansiedade que parece estar queimando-me as entranhas.

Seguido pelo filho, o ancião subiu uma pequena escada de pedra que iniciava a poucos passos da pedra da lareira, onde ferviam as panelas e se cozinhava o pão entre as brasas. Era como uma saliência onde eram secadas as frutas e os queijos em cestas de bambu e de junco.

Algumas achas de lenha deixavam a descoberto as madeiras mal trabalhadas que, para evitar a umidade daquele recanto, cobriam totalmente a parede. Uma daquelas tábuas de dois pés de largura era uma portinha por onde pai e filho desapareceram.

Passados alguns instantes, o ancião voltou só, e seu filho ficou lá dentro.

Os Anciãos o haviam conhecido desde menino, a correr pela montanha, cuidando das cabras e brincando com os cabritinhos.

Viam-no agora como um rapagão honrado e bom. Haviam presenciado suas bodas e tinham-no ajudado a formar-se na austera Lei de Moisés e nos costumes essênios.

– Ah, Simãozinho! – chamavam-no em diminutivo para distingui-lo do pai. – Que ventos te trazem até aqui? Será que nasceu teu primeiro filho?

– Oh, não, irmão Azarias!... É outro o assunto que me traz aqui esta tarde.

– Bem, homem, poderás dizê-lo! Acaso te encontras emaranhado numa encruzilhada de difícil saída?

– Nada disto. Não sei se vos recordais, irmão Azarias, que eu estou no quarto ano do segundo grau e que, conforme conselho vosso, comecei, há anos, a prestar atenção nos meus sonhos e às intuições que tinha de vez em quando.

E o jovem Simão mencionou para o Ancião o último sonho que tivera e que havia motivado sua viagem. Declarou simplesmente a impressão interna que sentiu ao ver o menino Jhasua, impressão essa que se tornara mais profunda enquanto falava com ele, até o ponto de achar-se plenamente convencido de que esse menino era um grande Profeta de Deus, talvez Elias, cuja vinda estava sendo anunciada para essa época, como todo bom essênio sabia.

Um único Ancião jamais resolvia assunto algum, por mais simples que fosse; por isso, Simão foi passado para a *Abóbada dos Humildes*, onde, ordinariamente, eram esclarecidas as consultas dos irmãos.

Outros dois Anciãos atenderam para investigar, na alma cândida e simples do jovem galileu, tudo quanto se passava nela. Compreenderam claramente que tanto o seu sonho como as suas intuições eram formas com que a Luz Divina se manifestava, e os três Anciãos concluíram entre si:

– Quem somos nós para impedir que o Altíssimo manifeste Seus divinos segredos às almas?

"Não está escrito que o Senhor abrirá Suas portas aos humildes, e as fechará aos poderosos?"

Pedro parecia adivinhar o grande segredo de Deus, e seus olhos azuis, arregalados pelo assombro e pela ansiedade, pareciam próximos a encher-se de pranto.

– Senta-te aqui entre nós, Simãozinho, e, com serenidade, escuta o que vamos esclarecer-te, porque vemos que é da Vontade de Deus que o saibas.

O mais idoso dos Anciãos passou a relatar tudo quanto havia ocorrido desde antes do nascimento de Jhasua: como os sábios vindos do Oriente e os Anciãos de todos os Santuários Essênios haviam tido manifestações suprafísicas, confirmando por diversos meios e ainda de muitas maneiras, que, nesse menino, estava encarnado o Verbo de Deus, o Cristo, o Messias-Salvador do Mundo, anunciado pelos áugures e profetas de diversos países, onde as grandes Escolas de Sabedoria Divina haviam auscultado os astros e as predições mais antigas, consideradas revelações divinas.

Por alguns momentos, Simãozinho permaneceu mudo, até que um soluço mais profundo lhe subiu à garganta, e, abraçando-se ao Ancião mais próximo dele, rompeu a chorar como um menino.

Por longo tempo, não pôde articular palavra alguma e, quando foi recobrando a serenidade, suas primeiras palavras foram:

– Eu o tive sobre os meus joelhos, faz alguns momentos; beijei-lhe as mãozinhas e acariciei seus cabelos de ouro...

"Que fiz eu, Senhor, para merecer honra tão grande e favor tão assinalado? Em 24 anos não fiz mais do que cuidar de cabritinhos e agora ganhar o meu sustento e o dos meus. Tão poucas oportunidades tive de fazer grandes obras de bem que não encontro mérito algum em minha vida para que o Senhor me dê tal recompensa."

– Simão, meu filho – disse um dos Anciãos –, como essênio que és, sabes que não somos apenas desta existência, mas muitos séculos e longas idades têm passado por nós.

"Conheces, porventura, em pormenores, as mil circunstâncias e as obras de misericórdia que terás feito em tuas inumeráveis vidas anteriores?

"Sabes, acaso, se tens alguma aliança estreita com o Grande Ser que temos entre nós?

"Simão!... Simão!... A pesada matéria que revestimos afunda-nos nas sombras do esquecimento, e é somente com grandes esforços que a alma consegue iluminar os longos séculos de seu passado distante.

"Dia virá em que a Luz Divina abrirá seus eternos arquivos diante de ti, e então saberás por que hoje pudeste encontrar em teu presente caminho o Avatara Divino, que, pela última vez, desceu à Terra.

"Já vês, pois, que o teu sonho e as tuas intuições se realizaram.

"Agora, Simão, a única coisa que falta é que nos façamos dignos da grandeza divina que temos em nosso meio e que correspondamos com generoso coração ao Mensageiro de Deus que veio para buscar-nos."

– Que devo fazer, pois? Determinai, que não sou mais do que vosso servo.

– Servo nosso não, Simão, mas, sim, do Rei imortal e glorioso que vem estabelecer Seu Reinado de Amor e de Luz no meio da Humanidade.

– Examinemos juntos os teus progressos espirituais e o estado de evolução em que te encontras.

– Estou no quarto ano do segundo grau.

– Bem, já sabes que, nos três primeiros graus, podemos suprimir alguns anos quando os progressos são notáveis e o discípulo venceu todas as dificuldades para o cumprimento do que está prescrito.

Simão tirou do bolsinho uma pequena caderneta de anotações e a entregou ao Ancião que dirigia aquela consulta.

– Observai por vós mesmos – disse – e logo me direis o que devo fazer. Sois os mestres, e eu o discípulo.

– Seremos mestres tão-só até que o Grande Mestre haja saído de seu silêncio. A partir dessa época, todos nós seremos seus discípulos – disse outro dos Anciãos.

Naquelas folhinhas maltratadas e amarelentas, durante quatro anos havia Simão anotado sonhos, intuições, pensamentos e idéias aparentemente disparatadas, mas amplamente relacionadas com um fim altamente nobre e benéfico, de conformidade com as prescrições essênias.

De acordo com o seu sogro, com o qual dividia seus trabalhos de pesca, tomava para si uma parte menor nas vendas para deixar maior vantagem ao pai de sua esposa, visto que as grandes barcas lhe pertenciam. Bastava-lhe a referida parcela para prover satisfatoriamente o lar e também socorrer os inválidos que não possuíam ninguém que por eles velasse.

Em vários sonhos, seres que não lhe eram conhecidos haviam insistido com ele que não esperasse preguiçosamente o lento passo dos sete anos do segundo grau. Algumas anotações diziam assim:

"Sonhei, a noite passada, que eu seguia por um caminho e cheguei a um pequeno arroio que o cortava. Eu procurava o meio de não vadear o arroio, quando vi um menino, cuja idade não pude precisar, que fazia grandes esforços para lançar ao leito do arroio alguns troncos com a intenção de passar sobre eles.

"– Que fazes, menino? – perguntei.

"– O que estás vendo! – disse ele. – Estou preparando uma passagem.

"– És demasiado pequeno para empreender esse trabalho – voltei a dizer-lhe.

"– Minha vontade, que é grande, suprirá meus poucos anos. Quero passar agora mesmo!

"– Por que essa pressa? Vamos voltar atrás e ver se há algum meio de evitar tanto esforço.

"– Se temes tanto o esforço, fica aí. Eu passarei sozinho.

"O menino continuou atirando ao leito do arroio os pedaços de troncos, uns após outros, até que, por fim, saltando alegre como um cabritinho, passou para o outro lado.

"– Vês? – disse ele. – O Rei já chegou, e eu vou ao seu encontro; ao passo que tu ficas aí quieto como um lagarto estonteado." Nisto acordei.

Analisando este sonho, os Anciãos acharam-no cheio de lucidez espiritual.

– Simão – disse um deles –, neste sonho um Guia espiritual representado por esse menino te impele a avançar valentemente, exercitando a mais ativa potência de teu espírito: a Vontade.

"Desde esse sonho, segundo a data por ti colocada, já se passaram três anos.

"O pequeno arroio pode ser o símbolo do grau em que te encontras estacionado, por haveres deixado transcorrer tanto tempo sem vir ao Santuário para que estudássemos a tua promoção.

"As demais anotações registram uma infinidade de intuições, nas quais a voz interna de teu Eu Superior te estimula para que avances.

"Para o iniciado em nossas Escolas de Divino Conhecimento não basta ser bom, mas é necessário avançar nas capacidades a que pode chegar a alma encarnada.

"Ficar estacionado é o mesmo que não ter começado, e, pior ainda, é como ter aberto o Livro Sagrado da Eterna Verdade e não querer lê-lo; ou como manter apagada a lâmpada que foi dada para iluminar o teu próprio caminho e o dos que andam ao redor ou atrás de ti."

– Que hei de fazer, pois? – perguntou docilmente Simão.

– Podes pedir promoção ao terceiro grau, já que cumpriste tudo quanto foi exigido no segundo.

– Então fazei comigo segundo seja a vossa vontade.

– É tua vontade, Simão, que deve dizer: *quero isto*. Os graus de evolução espiritual são escalões nos quais a alma prova o seu anelo, sua força para vencer e sua capacidade de amor aos seus semelhantes, à Verdade e à Justiça.

"O essênio do terceiro grau já não pode comparecer a um banquete ou festim com atavios suntuosos, se estiver sabendo que, perto dele, há seres humanos que padecem fome, frio e nudez; deve, antes, remediar essas necessidades de seus irmãos, e, depois, comparecer à festividade.

"Não pode dizer jamais u'a mentira para escusar-se de uma falta, ou para conseguir a satisfação de um desejo, ainda que lícito.

"Não pode revelar delitos ocultos do próximo, a não ser no caso em que um inocente seja condenado.

"Não pode tomar parte em assunto ou negócio onde se prejudique um terceiro, conquanto este lhe seja desconhecido.

"A voz da amizade ou do sangue não o levará jamais a cometer uma injustiça, no caso de que deva ser juiz entre um familiar e um estranho.

"Deverás dar duas horas de teu trabalho ou seu equivalente, se o tens em abundância, para o fundo de socorro dos indigentes que a Ordem mantém instalado em cada aldeia de nosso País.

"Tens coragem para realizar tudo isto?"

– "O Rei já chegou" – disse o menino de meu sonho. "Vou a seu encontro e ficas aí quieto como um lagarto estonteado" – repetiu Simão como se falasse consigo mesmo.

"Mestres Essênios – disse, por fim, pondo-se de pé –, dai-me o terceiro grau, pois, como o Rei está entre nós, eu quero segui-LO de perto.

Nessa mesma noite, Simão saiu do Santuário com o terceiro véu branco, que ele guardaria como um tesouro e uma promessa, visto que, ao reunir os sete véus correspondentes aos sete graus, formava-se, com eles, o Grande Manto, chamado da purificação. Só então, começava, para o essênio, a carreira de Mestre da Divina Sabedoria.

Quando, vários dias depois, Simão se dispôs a empreender a viagem de regresso, ao despedir-se do menino Jhasua, este voltou a perguntar-lhe:

– Que dirás tu em casa para justificar essa longa demora?

Simão recordou que lhe estavam vedadas as mentiras para escusar-se de uma falta ou para satisfazer um desejo e respondeu com grande serenidade:

– Direi que encontrei na porta do Santuário o menino Jhasua, que me amarrou ao seu próprio coração e que não fui desamarrado até que um terceiro véu branco, como um manto de luz, me caiu em cima da cabeça. Está bem assim, meu menino?

– Está bem, Simão. Muito bem!

E os bracinhos de Jhasua rodearam uma vez mais o pescoço de Pedro.

– Não esqueças – acrescentou o menino – que, daqui a três meses, conforme diz minha mãe, estaremos na nossa casinha de Nazareth, e que prometeste visitar-me. Não tens mais do que perguntar pela oficina de Joseph, o artesão, ou pedir as indicações ao Hazzan da Sinagoga.

Simão não pôde responder porque a emoção do adeus lhe apertava a garganta. Beijou o menino nas mãos, na testa, nos olhos e partiu sem voltar a cabeça para trás.

No Santuário do Monte Tabor

Em virtude dessas combinações especiais que a Lei Divina tem, por vezes, para com os seres que se colocam em sintonia com Ela, descobriram-se no Santuário do Monte Tabor muitos papiros cuja origem remontava aos antigos Kobdas do Nilo, que foram os precursores do Homem-Luz na sua personalidade de Abel.

Assim como, no Monte Carmelo, Jhasua se havia encontrado com Antúlio, o grande filósofo, no Tabor devia ele avistar-se com Abel, o apóstolo do Amor entre os homens.

Por este motivo, os Anciãos haviam querido que ele permanecesse ali três meses para que, passo a passo, fosse reconhecendo a si mesmo.

Mais adiante, no Grande Santuário dos Montes do Moab, encontrar-se-ia com Moisés, o grande Legislador, que demarcara rotas imutáveis para a Humanidade, com os Dez Mandamentos gravados em tábuas de pedra.

– De que modo – perguntará o leitor – os papiros dos arquivos kobdas do Nilo teriam vindo para o Monte Tabor, afastado e esquecido entre a sombria e escarpada Galiléia?

Aconteceu isso da mesma sorte como, da Atlântida (mais distante ainda), haviam chegado, em rolos de telas enceradas, os ensinamentos de Antúlio.

A Pré-História, ou seja, o período neolítico, guarda segredos cuja existência as gerações modernas apenas agora começam a suspeitar.

Assim como as diversas inundações da Atlântida levaram povoações inteiras para as costas mais vizinhas, de igual modo a invasão das raças conquistadoras, nas pradarias do Eufrates e nos vales do Nilo, obrigaram a expatriarem-se os últimos Kobdas dos Santuários de Neghadá e de "A Paz" – esses dois grandes focos da Sabedoria Antiga nos começos da Civilização Adâmica.

Pouco depois da morte de Antúlio, alguns de seus mais íntimos discípulos, e até sua própria mãe, fugiram para as costas do novo mar formado pela abertura da grande cordilheira que unia a Mauritânia (África do Norte) com o país dos Piranes (Europa do Sul). Esse novo mar veio a ser o atual Mediterrâneo.

Aquele formosíssimo e profundo vale era atravessado, do Ocidente ao Oriente, por um rio nascido nos cimos da grande cordilheira, o qual, unindo-se, como um grande afluente, ao Eufrates, ia desembocar no Mar da Índia ou Golfo Pérsico.

Os aludidos emigrantes haviam chegado às costas da Ática, o país mais civilizado da Pré-História, cuja grande capital, Hisarlik, atraía, com sua hospitalidade e seu grande comércio, a todos os estrangeiros.

Tal foi a trajetória de alguns dos discípulos de Antúlio, entre eles o príncipe atlante Hilcar II, de Talpaken, alicerce e origem dos Dackthylos da Ática, que passaram imediatamente para a Cretásia e o Chipre.

Um deles, como um pássaro perdido num veleiro naufragado, atingiu o Monte Carmelo, na costa da Palestina. Esse foi Elias, o grande Profeta que a simples tradição dizia não ter nascido de mãe alguma, porque ninguém conheceu sua família ou parente algum, senão que, da noite para a manhã, fora visto a perambular qual fantasma pelas faldas do Carmelo.

Vamos responder agora à pergunta "*Como chegaram os papiros kobdas às grutas do Monte Tabor?*":

Do antiqüíssimo e milenário Santuário de Neghadá, sobre o Nilo, havia sido formado o Santuário de "A Paz", às margens do grande Rio Eufrates – caminho fácil que punha a Ásia do Oriente distante em comunicação com a África, a Ásia Central e os países do Ponto Euxino ou Mar Negro.

A dispersão dos antigos Kobdas, em virtude da invasão de raças conquistadoras e sanguinárias, levou muitos deles a se refugiarem nas cidades da costa desse grande rio; entre elas, a primeira Babilônia e a antiga Nínive, ambas destruídas várias vezes, o que provocou a fuga dos últimos discípulos dos Kobdas para a Fenícia, o grande povo de navegantes da mais remota antiguidade.

Neste país ficava Tiro, a rival de Cartago, e, quer como marinheiros dos barcos mercantes fenícios ou como simples viajantes, eles chegaram, fugitivos, a essa cidade.

Partindo dali, em busca de lugares férteis e simultaneamente seguros contra perseguições, encontraram as grutas do Monte Hermon, donde passaram ao Monte Tabor, à proporção que iam conhecendo o novo país que tão carinhosamente os hospedava.

Os diversos cativeiros que o antigo povo hebreu veio a sofrer facilitaram aos discípulos dos Kobdas do Eufrates e do Nilo o trabalho de trasladar da Babilônia os tesouros ocultos da Sabedoria Kobda ali existentes, e que procediam dos Arquivos do Santuário de "A Paz".

Mas, quantos séculos haviam sido necessários para que as grutas do Monte Hermon e do Tabor completassem a grande coleção de velhos papiros, placas de cortiça, maços de telas enceradas e pranchas de argila, pela qual podia ser devidamente reconstruída a verdadeira História da Civilização chamada *Adâmica!*

Se, para tanto, foram necessários muitos séculos, muito maior foi o número dos mártires Kobdas, até que, encontrando-se com os seguidores de Essen, do Monte Moab, neles se refundiram, e todos juntos foram eles os precursores e mestres do Messias-Salvador, em sua personalidade de Jhasua, de Nazareth.

Eram 37 os Anciãos que viviam permanentemente nas grutas do Monte Tabor, sem contar os Terapeutas, ou médicos, que iam e vinham percorrendo o país para velar assiduamente por todas as famílias essênias, assim formando o fio condutor das notícias de um santuário para o outro.

O Servidor, de nome Haggeu, era considerado grande clarividente, poeta e músico dos mais eminentes e destacados que a Ordem já tivera nos três últimos séculos.

De tal maneira havia ele conquistado o amor reverente de todos quantos o conheciam que chegou a exercer grande influência dentro e fora da Congregação.

Nos casos difíceis em que foi necessária sua presença, mais de uma vez vestiu a escura túnica dos Terapeutas e foi até onde julgava que o chamava o dever de evitar o Mal naqueles que se viam ameaçados de uma forma ou de outra.

Desde a Antioquia, Tiro e Damasco, até as areias ressecadas do Mar Morto, no Sul da Judéia, sentia-se a discreta e sábia influência de Haggeu, o Bom, como chegaram a chamá-lo.

Como ninguém lhe conhecesse a origem, a simples credulidade de certas gentes começou a criar, ao redor dele, uma espécie de mitologia cheia de doce e poético mistério.

Tão-somente os Anciãos de todos os Santuários sabiam que, na vida de Haggeu, não existia mistério algum, e, sim, uma avançada evolução espiritual, que lhe proporcionava a magnífica lucidez a que haviam chegado suas faculdades superiores.

Havia nascido na costa norte do Ponto Euxino, ou Mar Negro, entre as primeiras colinas derivadas da grande Cordilheira do Cáucaso. Filho de um príncipe assassinado num motim popular, u'a irmã deste salvou a vida do pequenino herdeiro de só três anos de idade, entregando-o ao capitão de um barco mercante que fazia viagens periódicas desde o Mar Negro até a Antioquia, a antiga Dhapes da Pré-História, na costa noroeste do Mediterrâneo.

O marítimo, fiel servidor de seu senhor assassinado, procurou o modo de assegurar a vida do pequeno herdeiro e comprou uma parcela de terra nas proximidades de Antioquia nas margens do Rio Orontes, formosa paragem, sombreada de plátanos e provida de exuberante vegetação.

Na parcela de terra adquirida, via-se, coberta de trepadeiras e de arbustos, uma informe ruína de grandes blocos de pedra enegrecida e enormes vigas de carvalho que o tempo havia infestado de musgos e de alimárias, mas que, apesar de tudo, não conseguira reduzir a cinzas.

O capitão circassiano, nascido e criado entre as duras rochas vivas, cobertas de neve, encontrou, naquelas ruínas, certa semelhança com as habitações de seu país natal, e, assim, em vez de construir uma nova moradia, contratou uma dezena de operários e reconstruiu no ruinoso edifício a parte que lhe oferecia mais facilidades.

O menino, com sua ama circassiana, foi instalado no pequeno pavilhão reconstruído, onde o solícito capitão armazenou provisões em tal quantidade que aquela mulher pudesse ali sobreviver durante suas freqüentes ausências.

Um velho marinheiro, inútil já para as viagens e valente como um urso das montanhas nevadas, foi o guardião que o capitão deixou para a defesa e custódia do pequeno filho de seu senhor.

Sua mãe, que morreu pouco tempo depois do nascimento do menino, havia feito o voto de consagrá-lo ao Altíssimo, com o fito de conseguir que nascesse vivo, pois os médicos anunciavam que nasceria morto, por causa dos grandes terrores sofridos pela mãe, nessa época de tumultos, incêndios e devastações a que o país fora submetido.

Para falar a verdade, ninguém pensou em tal voto quando a mãe morreu, mas ela lhe havia deixado isso por escrito numa pequena folha de papiro, guardada dentro de um cofrezinho de prata, não maior do que a palma de u'a mão. A chave – uma jóia de ouro em forma de estrelinha, com o nome "Ivan" nela gravado – fora por ela pendurada ao pescoço do menino.

Ivan fora o nome de seu pai. O capitão-protetor, temendo que tal nome delatasse sua origem, tão logo chegou à Antioquia, começou a chamá-lo Haggeu, nome bastante comum naquela região.

Um dia, o capitão não regressou de uma de suas viagens, e o velho guarda morreu. Assim, o menino, já com 14 anos de idade, viu-se sozinho com a sua ama.

Sendo tão grande o aprovisionamento em seu depósito, e tendo também frutas e hortaliças, o começo foi fácil, mas, ao cabo de pouco tempo, sentiram falta de muitas coisas que eles não podiam extrair da terra. Então a ama entregou ao adolescente o cofre que guardara tão zelosamente, e Haggeu viu-se em grandes dificuldades para encontrar o modo de descerrá-lo.

Ao abri-lo, por fim, soube que sua mãe o havia oferecido ao Altíssimo, em troca da concessão da sua vida. A ama esclareceu-lhe a origem e que era herdeiro de um rico domínio entre o Mar Negro e a Cordilheira do Cáucaso.

Como no cofrezinho havia uma vintena de enormes diamantes, aconselhou ao filho de criação que empreendesse uma viagem ao seu país natal para tratar de conquistar o que lhe pertencia.

Estavam nessas cavilações, quando a ama caiu enferma. Haggeu chamou os médicos da cidade, que eram os Terapeutas-essênios, e um deles acudiu ao leito da enferma.

Quando esta se convenceu de que seu mal era grave, confiou a esse médico sua aflição e pediu que os Terapeutas protegessem o pobre órfão, que não queria saber de regressar à sua pátria, onde seu pai havia sido assassinado e onde também o capitão, seu protetor, devia ter perdido a vida, de vez que não só não regressou como nada conseguiram saber a respeito dele.

Afeiçoado, depois, aos Terapeutas e, tendo em conta o voto feito por sua mãe, resolveu o jovem retirar-se para a vida solitária que eles levavam; pelo que foi conduzido ao Santuário do Monte Tabor, de onde nunca mais quis sair.

Viveu sua longa vida entregue à tarefa de coordenar e passar a limpo os velhos papiros que haviam pertencido aos antigos Kobdas dos vales do Nilo e das pradarias do Eufrates.

A personalidade radiante de Abel apresentava-se à sua vista com tão vivos fulgores que lhe absorvia totalmente o Espírito. Aquela sabedoria dos Kobdas sugestionava-o de tal maneira que seu ardor pelo trabalho era já excessivo, motivo por que os Anciãos tiveram que se preocupar em frear um pouco seu afã, em atenção à sua saúde.

Desde sua entrada no Santuário, aos 16 anos de idade, até completados os 40, reconstruiu, passo a passo, toda a Civilização Kobda, cujo sol central, Abel, lhe produzia um verdadeiro delírio de amoroso entusiasmo.

Quando Haggeu havia terminado sua grande obra, manifestou-se nele espontaneamente a clarividência, de tal sorte que pôde ver seu passado na época em que Abel esteve na Terra.

Assombrado, Haggeu viu-se na personalidade de u'a mulher que vivera mais ou menos no mesmo país em que então ele havia nascido. Naquela época, ele descobriu em Abel o Homem-Luz, o Homem-Deus, e consagrou-se ao Seu amor e à Sua obra, durante toda aquela existência.

Chegou a saber de todas as vicissitudes da valente mulher, que fora uma personalidade de sua vida eterna.

Estando Haggeu, um dia, a perceber essas visões do seu distante passado, um dos Anciãos, seu mestre, viu ao mesmo tempo uma formosa paisagem de montanhas nevadas e a vogar, por uma mar de águas azuladas, como um cisne branco com as asas abertas, um garboso veleiro, em cuja ponte de comando ia, de pé, uma formosa mulher ruiva, vestida com flutuantes véus vermelhos.

O ancião-clarividente viu mais ainda: em um dos cumes nevados, estava escrito com letras de ouro este nome: "Walkíria de Kiffauser".

Teve, então, a idéia de que tal nome pertencera a seu discípulo Haggeu e esperou que ele voltasse a si do estado semi-extático, em que, segundo compreendeu, o mesmo se encontrava. Observou-lhe o despertar e ouviu suas primeiras palavras entre emocionados soluços, que as tornavam quase ininteligíveis:

"Graças, Deus Misericordioso, que, nesta minha obscura e dolente vida, dar-me-ás de novo a Abel, em recompensa pelo meu amor de tantos séculos!"

Quisemos fazer esta ligeira resenha histórica de Haggeu, para que o leitor conheça a fundo o Ancião-Servidor do Santuário do Monte Tabor, pois, quando Jhasua, já com 11 anos, se hospedou no dito Santuário, entrava Haggeu na casa dos 70 anos de idade.

Uma aliança milenária daquelas que o tempo não destrói, e que são invulneráveis a todas as hecatombes humanas, havia unido Abel e Walkíria.

Assim sendo, nas ocultas grutas do Monte Tabor, encontravam-se novamente, com outra indumentária física e com outros nomes, Jhasua e Haggeu. Um, o menino de 11 anos; e o outro, o ancião de 70.

Bem pode o leitor adivinhar o êxtase dessas duas almas, naqueles momentos supremos, em que Jhasua, o Cristo, realizava sua última passagem pela Terra.

Na gruta onde eram guardados os arquivos em grandes armários de carvalho encravados em cavidades abertas na rocha, via-se freqüentemente o Ancião Haggeu com Jhasua sentado a seu lado, lendo os antigos papiros já traduzidos para o siro-caldaico, que relatavam a vida de Abel nos começos da Civilização Adâmica.

Dir-se-ia que os relatos traduzidos para esse idioma haviam ganho intensidade em determinadas passagens, pois, quando alguns Essênios se achavam presentes, notaram a voz trêmula de emoção do ancião-leitor e os meigos olhos escuros de Jhasua inundados de pranto.

Resta observar que o Monte Tabor estava circundado de tantas belezas naturais e de uma placidez tão notável que dava a impressão de haver aquela paragem sido feita para as mais ternas manifestações de amor.

Acrescentamos a tal circunstância o fato de que, nesse Santuário, se haviam reunido seres de grande intensidade quanto a seus afetos emotivos e de excelente sensibilidade, motivo pelo qual, através de três séculos, vinha sendo formada uma abóbada psíquica ou templo astral e etéreo de extrema sutilidade.

Ali, a música e a poesia haviam vibrado em tons tão sublimes que já era proverbial na Ordem que os Essênios do Monte Tabor eram harpas eólicas que vibravam ao mais tênue sopro das auras galiléias.

O livro chamado "Cantar dos Cantares", bem como a maioria dos salmos e livros proféticos, haviam sido postos em música ali, em momentos em que sublimes ondas de inspiração divina passavam pelas almas iluminadas em êxtase, naquelas silenciosas grutas encortinadas de musgos e de flores silvestres.

As tradições orais atribuem-nas a este ou a outro personagem bíblico de notoriedade, porque alguns reis hebreus, como David e Salomão, os adotaram para as liturgias de seus templos de ouro e marfim.

Em muitas passagens das Escrituras Sagradas, há relatos de reis hebreus que enviavam seus mensageiros aos Profetas, ocultos em suas grutas, para lhes pedirem *a Palavra de Jehová*, como diziam eles, quando suas almas anelavam sentir de perto as vibrações do Infinito.

Quase todos os antigos cantos sibilinos e ardentes poemas de Amor, entre a alma humana e a Divindade, haviam nascido à sombra das grutas do Monte Tabor.

Assim como no Monte Hermon tais seres se haviam especializado na matéria para dar maiores vôos de Espírito, assim, no Monte Carmelo, tinham dado preferência ao ardente apostolado da redenção humana, iniciado por Elias e Eliseu.

De igual modo, no grande Santuário dos Montes do Moab, haviam eles cedido a primazia à Lei... à Eterna Lei de Moisés, cujas cópias tinham sido multiplicadas até o infinito; e fizeram-nas correr por todos os países habitados por seres humanos, traduzidas em todas línguas ou dialetos que se falavam na Antiguidade.

Ali, entre as *harpas vivas* do Monte Tabor, esteve Jhasua, aos 11 anos de idade, para saturar-se de harmonia e sublime inspiração, que influiu logo, em grande parte, na modalidade meiga e mística do Divino Nazareno.

Quando liam os relatos sobre a vida de Abel, traduzidos pelo ancião clarividente Haggeu, com freqüência encontravam-se, entre parênteses, anotações como esta: "Este Bohindra, alma da Grande Aliança do Eufrates e do Nilo, viveu três vidas no Monte Tabor, nos últimos séculos."

Em idênticas indicações, entre parênteses, como esta, vinham mencionados os nomes de uma Rainha Ada, dos antigos Kobdas do Nilo, Adonai, Sisedon, Tubal, Elhisa, Solânia e muitos outros, que, nos começos da Civilização Adâmica, haviam sido colaboradores íntimos de Abel, em seu grandioso papel messiânico nessa ocasião.

Todos eles haviam passado pelo Santuário do Monte Tabor, como lâmpadas vivas e ardentes, irradiando, em magníficas ondas, o Amor conquistado e desenvolvido em longas vidas de imolação sublime pelo Eterno Ideal.

Basta e até sobeja o que foi dito para que o leitor, acostumado a estudar estas matérias, fique perfeitamente ciente da aglomeração de correntes sutis de intenso Amor existentes no Santuário do Monte Tabor.

Ouçamos este diálogo entre Jhasua e o Ancião confidente, Haggeu, quando estava por terminar o segundo mês de estada do menino naquele Santuário:

– Sabeis de uma coisa, Servidor?

– Se tu o não dizes...!

– É que falta somente um mês para terminar minha visita aqui, e eu não desejo ir embora.

– É verdade?

– É verdade mesmo! Por que deveria ir, quando estou tão contente aqui? Não vos parece que devo ficar?

– Não, meu filho, muito embora eu também o deseje, e quiçá mais do que tu. Ainda não está no tempo de entrares completamente no Mundo Real ou Espiritual, cuja intensidade prejudicaria teu desenvolvimento físico. Quando atingires teus 15 anos, então será a hora de falarmos disso. Compreendes, Jhasua?

– É uma verdadeira lástima eu já não ter essa idade, pois então ficaria aqui com todo o prazer!... – exclamou o menino, inclinando pensativamente a cabecinha.

– Muito aprendeste e sentiste no Monte Carmelo, e muito aprendeste e sentiste igualmente aqui. Acredita-me que, tanto lá como aqui, temos levado ao extremo a dose de ensinamentos demasiado grandes para tua idade. Faltam apenas quatro anos, e estes hão de passar bem depressa. Queres que eu prometa fazer-te uma visita em cada um dos anos que estão faltando?

Ao ouvir isto, Jhasua lançou-se sobre o Ancião e, rodeando-lhe o pescoço com os braços, deu-lhe um longo beijo na testa.

– Quão bem compreendeis, Servidor, meus desejos e sentimentos! – exclamou entusiasmado o pequeno. – Era isto mesmo que eu ia pedir-vos, porque achava muito longos os quatro anos que demorarei em voltar!

– Está bem, Jhasua! Está bem! Isto quer dizer que nossas almas chegaram a entender-se sem proferir palavra.

"Deixa tudo aos meus cuidados, pois, quando teu pai vier para buscar-te, conseguirei dele que te deixe vir por mais tempo, quando for a ocasião."

– E minha mãe? – interrogou o menino. – Crede, Servidor, que é mais difícil a permissão dela do que a dele. Para meu pai, eu não sou quase nada no momento, pois seus filhos mais velhos lhe correspondem com vantagem aos desejos, necessidades e iniciativas. Mas minha mãe... oh, ela!... Seu pequeno Jhasua, como pequena sombra a seu lado, é quem suaviza todas as asperezas. Pois, ainda que não lhes diga, minha mãe sofre calada por causa da rigidez e severidade do caráter de meu pai que jamais faz demonstrações de afeto no lar. E meus outros irmãos foram como que vasados no mesmo molde. Só Jhosuelin é um pouco diferente em relação à minha mãe e a mim quando estamos ausentes de Nazaré; porém, basta que entremos naquela pequena casa e tudo é austera severidade. Minhas meias-irmãs Elhisabet e Andrea são iguais a meu pai e já estão casadas desde o ano passado; resta a menor delas, Ana, que longe de meu pai é risonha e afetuosa e faz carinhos em minha mãe e em mim.

"Agradam-vos, Servidor, estas confidências familiares que estou fazendo?"

– Oh, muito, meu pequeno Jhasua, muito! Porque, destarte facilitas o caminho para que eu possa entrar no teu lar agindo de forma bem acertada.

"Por que receias que tua mãe será mais difícil de convencer para que te permita vir?"

– Porque ela teme, a meu respeito, muitas coisas que ainda não consigo compreender; ela fica inquieta assim que me perde de vista. Ana, minha irmã, a caçula, parece acompanhar nossa mãe nesses temores, pois me vigia sempre.

"Em quase todas as cartas que recebemos de meu pai, vêm, no final, as recomendações escritas por Ana: 'Muito cuidado com Jhasua, pois eu sonho com ele quase todas as noites e temo muito por ele. Mãe, traze-o logo; e que não se afaste mais de nosso lado'.

– Que idade tem sua irmã Ana?

– Tem três anos mais do que eu.

– Então catorze anos. Dentro de dois ou três anos, há de casar-se, e, assim, quando eu for buscar-te, ela já não estará mais em teu lar, e será uma oposição a menos que eu terei.

– Creio que não estás muito certo, Servidor!... – observou pensativo o menino.

– Por que, Jhasua? Posso sabê-lo?

– Ana diz que não se casará jamais, porque nenhum homem lhe agrada. Um é feio; outro tem voz de trovão; aqueloutro caminha em passadas largas, como um avestruz; ou corre demasiado, qual um gamo perseguido...

– Oh, oh... meu astuto menino! – disse o ancião rindo. – É que Ana ainda não encontrou o companheiro que lhe está destinado. Isto é tudo.

– Ana tem sonhos e crê que eles são reais.

"Ela vê em sonhos um jovem mui formoso que sempre lhe diz: 'Eu sou aquele que vens seguindo desde muitíssimo tempo.' Às vezes, ela diz que o vê esconder-se atrás de mim.

"Sabeis vós, Servidor, o que significa isso?"

– Cada alma, meu menino, é como um grande livro onde o dedo do Tempo escreveu muitas histórias, ou é semelhante a um grande espelho que reflete muitas imagens. Sabes? Provavelmente, os sonhos de tua irmã Ana vêm a ser passagens de uma dessas histórias que, talvez, correspondam a uma das imagens do espelho da Luz Eterna.

"Quando houver chegada a hora, saberemos tudo. Enquanto isso, te digo que Ana e tua mãe são as duas almas que mais te compreendem em teu lar."

Um dia, nos velhos papiros dos antigos Kobdas da época de Abel, o Servidor lia certa passagem referente a uma formosa mulher do país de Arab (Arábia atual) que estava ardentemente enamorada por Abel, o jovem apóstolo da Pré-História, nos países da Ásia Central – região chamada dos *Cinco Mares* (*) – e que esteve a ponto de retardar o caminho do Missionário.

Aquela mulher, segundo os relatos, havia tido muitos sonhos, durante os quais vira a imagem que, depois, encontrou realmente na pessoa de Abel, filho de Adamu e de Évana. Dizia ela que sonhava com um príncipe que "parecia formado da luz das estrelas".

– Servidor – interrogou prontamente Jhasua –, sucedia a essa mulher tal qual ocorre à minha irmã Ana! Como dizeis que se chamava?

– Zurima de Arab, é o que diz aqui.

Notando o servidor que o menino ficara pensativo, a olhar para o lugar do papiro onde se estava lendo, perguntou:

– Em que pensas, Jhasua?

– Vós me ensinastes que toda criatura nasce, renasce e volta a nascer muitas vezes. Não é assim?

– Justamente.

– Vós, eu, todos, tivemos muitos corpos, muitas vidas e, portanto, muitos nomes, pois cada corpo e cada vida teve o seu. Não é assim?

– Exatamente, Jhasua, é mesmo assim! Que queres dizer com isto?

(*) Região compreendida entre o Golfo Pérsico e os mares Cáspio, Negro, Mediterrâneo e Vermelho (N.T.).

– Ocorre-me pensar que minha irmã Ana seria essa Zurima de Arab!

– Pode ser – disse o Servidor, assombrado do sutil raciocínio do menino. – Vamos ver, então, se te ocorre pensar quem seria esse príncipe luminoso, com quem ela sonhava e com o qual parecia estar ligada.

Voltou Jhasua a sumir-se em meditativo silêncio.

– Muito embora, nesta existência, eu não seja príncipe nem esteja perto de sê-lo, segundo creio, é possível que esse Abel fosse eu mesmo no passado. Não poderia ser assim?

– Que formoso despertar o teu, meu filho! – exclamou o Servidor, abraçando ao pequeno.

"Dois meses passei aguardando este momento, em que te encontrasses a ti mesmo na personalidade de Abel, filho de Adamu e Évana."

– Que maravilhas guardais vós Essênios em vossas grutas cheias de mistério! – exclamou Jhasua sempre pensativo.

"No Monte Carmelo fizeram com que eu me encontrasse nesse Antúlio maravilhoso, que viajava pelas estrelas e relatava incomparáveis belezas daqueles astros distantes. E vós, no Tabor, fazeis com que eu me veja nesse príncipe Abel, cuja vida vem relatada em vossos papiros com muito mais minudências do que o fez Moisés em seu primeiro livro.

"Crede-me, porém, Servidor, que isto só se passa comigo dentro de vossas grutas, e até parece que já não sou um menino, mas um homem. Quando me encontro fora, na cabana das mulheres ou na pradaria, esqueço tudo isso e me vejo outra vez como um garoto guloso e travesso, que pensa tão-só em comer castanhas e mel, correr atrás dos cordeirinhos e espiar onde se aninham as pombas e os melros.

– Isto significa que o teu Espírito necessita fortificar-se cada vez mais até chegar a dominar completamente os diversos ambientes espirituais em que deverá encontrar-se. Exemplificando: significa que ele deve fortificar sua unificação com teu Ego e o Eu Superior de tal sorte que sejas capaz de mudar ou modificar os estados ambientes, não permitindo que eles modifiquem a ti (*).

– Parece-me que demorarei bastante em poder fazê-lo, Servidor; não vos parece também?

– Não, meu filho. Estou certo de que, antes de chegares aos teus 20 anos, já o terás conseguido plenamente.

"Agora vai ter com tua mãe, que, com toda a certeza, já deve estar inquieta, por causa de tua demora."

O menino beijou ao Ancião na face e saiu em direção da Cabana-Refúgio das mulheres, quando encontrou a mãe, que já vinha à procura dele.

– Jhasua!... cada dia demoras mais no Santuário e esqueces que tua mãe ficou sozinha – advertiu Myriam.

– Sozinha não, mãe, porque lá estão as outras mulheres, além de Verônica, que tem grande amor a ti – respondeu docemente o menino.

– Nenhuma delas é o filho, cuja presença o meu coração reclama.

– Está bem, mãe, não te deixarei mais sozinha, visto que, breve, iremos embora daqui.

– Isto será quando teu pai vier buscar-nos. Queres voltar para Nazareth, Jhasua?

(*) Sobre o EGO, EU e EU SUPERIOR, há uma explicação minuciosa no capítulo "Nas Grutas do Carmelo", a que recomendamos reportar-se (N.T.).

O menino olhou-a sem responder.

"Dize a verdade, que não ficarei magoada contigo, qualquer que seja a resposta."

– Mãe, quero dizer-te a verdade. Os Anciãos dos Santuários, pelo que parece, ataram-me com correntes. Chorei ao sair do Monte Hermon, e isso quando tinha apenas oito anos. Doeu-me ter que abandonar o Monte Carmelo, e hoje me dói muito mais ainda deixar o Monte Tabor. Mas o Ancião-Servidor prometeu visitar-me todos os anos em Nazareth. Com esta esperança, ele suavizou a nossa separação.

– Queres que eu me vá e que te deixe aqui? – perguntou Myriam, querendo medir os sentimentos do filho.

– Não!... Isso não, mãe, porque sei avaliar a tristeza com que tu partirias, e essa aflição magoaria também muito o meu coração.

Ao dizer isto o garoto levantou-se na ponta dos pés e beijou ternamente a mãe.

Poucos dias depois, numa serena noite de plenilúnio, na derradeira meditação dos Essênios, que era sempre na segunda hora da noite, os clarividentes tiveram esta magnífica visão:

Do corpinho de Jhasua, adormecido na cabana em que sua mãe se hospedava, difundia-se uma claridade rosada, na qual se confundiam a cabana e o Santuário, como se ambos estivessem num mesmo plano resplandecente de cristal ametista.

O observador clarividente não podia precisar se a visão se aproximava deles ou se ela os atraía para si. É claro, contudo, que o magnífico espetáculo se achava ao alcance, diríamos, de suas mãos; bem entendido que era impalpável, podendo ser percebido somente por mentes cheias de lucidez e de serenidade. Essa visão fez-se compreender assim:

"Amigos do passado, do presente e do porvir: a corrente não-interrompida de imolações cruentas de vosso Messias-Instrutor chega a seu fim. Vós o sabeis como eu. Meus sacrifícios terminarão muito breve, mas os vossos continuarão durante mais vinte séculos, que faltam para o final deste ciclo de evolução.

"Assim como este meu holocausto será o mais espantoso e terrível, porque é a apoteose do Amor-Redentor, da mesma forma decorrerão, para vós, vinte séculos de imensos martírios sem honra e sem glória, e, acima de tudo, sobrecarregados de opróbrios e infâmias, até o ponto em que a Humanidade duvidará se sois justos ou réprobos.

"Também vós desfrutareis a apoteose ou as trevas após esses vinte séculos, que a Eterna Lei vos dará para forjar a vossa grandeza ou a vossa ruína, seguindo, respectivamente, minhas pegadas ou modificando vossos rumos na busca de ideais que não são os meus.

"Nesta etapa final de Jhasua-Cristo, ficarão refundidas, como numa só claridade, todas as atuações anteriores que, perante a Humanidade, se assemelham apenas a passagens brevíssimas de meteoros, a iluminarem as trevas de eras findas.

"O heróico apostolado de Juno e de Numu, na Lemúria; a mansidão invencível de Anfião e a Sabedoria de Antúlio, na Atlântida; o amor terníssimo de Abel; a semeadura de paz e de justiça de Chrisna; a renúncia suprema do Bhuda; a força formidável de Moisés, taumaturgo e legislador – tudo isso há de submergir-se na Luz Divina para formar a apoteose de Jhasua-Cristo, que dirá diante de Deus e dos homens: *Fiz tudo quanto foi possível fazer; tudo está consumado.*

"Enquanto eu for menino ainda, só podereis cooperar para o despertar de meu Eu Superior, fortalecendo o meu Espírito e cultivando minha mente, a fim de reacender neles as chamas vivas do conhecimento, que brilharam de maneira tão bela em horas distantes.

"Mas, uma vez que eu tiver despertado e tenha reconhecido a mim mesmo, permanecei tranqüilos e serenos em vossas cavernas, sem alarmar-vos, quando virdes aparecer os primeiros relâmpagos da tempestade que agora vos anuncio. Ela chegará tão impetuosa e terrível que dela guardarão memória os vinte séculos de vidas terrestres que vos faltam neste ciclo de evolução planetária.

"Sereis dignos de lástima, se, em plena borrasca, chegardes a duvidar da missão divina de Jhasua-Cristo; mas é inevitável que, em seu coração de homem, seja cravado também o dardo dessa dúvida, como o sentireis cravar-se em vossa carne nestas etapas finais. A Lei exige dos redentores que nenhuma dor, daquelas a que está sujeita a Humanidade, que redimem e salvam, lhes seja estranha.

"Meus Essênios das cavernas, meus discípulos, meus aliados, meus apóstolos, meus mártires do futuro: eu vos dou, nesta hora, a suprema Bênção de meu Amor, para que ela vos sirva de estrela polar nos obscuros séculos que ainda haveis de viver nesta Terra, entre lamaçais de vícios, de sangue e de pranto.

"Ainda que muitas imperfeições hajam de fixar nódoas sombrias em vossas existências futuras, cuidai que o final seja sem manchas, porque ele marcará a vossa glória e felicidade ou vossa desdita por longo tempo. Paz e Amor sobre todos vós, que sois meus até a eternidade!"

A visão foi diluindo-se suavemente no éter como havia começado, deixando os Essênios clarividentes submergidos na placidez extática desses grandes momentos, consoante acontece a toda alma que chegou a compreender e a sentir a grandeza da Divindade dentro de si mesma.

A lua cheia resplandecia como uma lâmpada de prata no espaço azul, quando os Essênios saíram para o jardim do Santuário, onde, ao compasso dos seus saltérios e das cítaras, cantaram em coro as vibrantes salmodias de gratidão ao Senhor, que os havia designado para as grandes epopéias do seu Amor Redentor.

Primeira Viagem a Jerusalém

Quatorze dias depois deste acontecimento, chegou o aviso de que Joseph os esperava em Caná, a fim de conduzi-los novamente para o humilde ninho em Nazareth, que Jhasua deixara havia nove meses.

O Servidor e vários Essênios acompanharam-nos até a dita localidade, com a promessa solene de visitá-los em Nazareth.

Uma vez ali, todos tiveram a satisfação de observar que o menino havia mudado muito em seu modo de ser.

Compartia com seus pais e irmãos os trabalhos do lar, conforme suas forças físicas o permitissem, e apenas dedicava a suas meditações solitárias as horas que os demais destinavam às distrações ou descansos costumeiros.

Aproximavam-se as grandes festas da Páscoa, e começavam os preparativos para a grande viagem à Cidade dos Reis e dos Profetas: Jerusalém.

O dito costume, quase erigido em lei, obrigava aos meninos que houvessem atingido os 12 anos; e Jhasua estava no umbral dessa idade. Seria, pois, a primeira vez que iria à grande Capital da nação hebréia, desde os primeiros dias de sua infância, ou seja, desde que fora consagrado no Templo.

Estava ele, assim, designado a formar parte da numerosa caravana nazarena, com destino a Jerusalém.

Puseram-se de acordo seis ou sete famílias aparentadas ou amigas da de Joseph, entre elas Salomé e seu esposo Zebedeu, com o seu único filho, Santiago, de 14 anos, embora fosse notório que Salomé ia ser mãe, pela segunda vez, dentro de breve tempo.

Tinha Myriam uma prima-irmã, chamada Martha, casada com Alfeu, rico tecedor de Caná, os quais, com vários de seus filhos e empregados, integravam também a caravana, que chegou a somar 46 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

Para ajudar a cuidar do menino Jhasua, iam igualmente o Hazzan da Sinagoga e dois Terapeutas, que freqüentavam semanalmente a casa de Joseph.

A caravana seguiu o caminho usual, ou seja, o de Ginaé e Sichen, passando pelos antigos Santuários de Silos e de Bethel, já em ruínas naquele tempo.

Os arredores são verdadeiros oásis, graças à exuberância da vegetação e pela própria disposição da paisagem, cheia de encantos naturais, que se reúnem, entre pitorescas colinas, com arroios murmurantes, aves a cantar em múltiplos gorjeios, além de uma enormidade de flores variadíssimas, que os viajantes vão recolhendo enquanto cantam os salmos costumeiros naquelas religiosas peregrinações anuais.

Realizou-se a viagem sem acontecimentos dignos de nota até chegarem ao Santuário de Silos, que, na época, servia apenas de albergue a uma dúzia de paralíticos e de mendigos, para quem os Terapeutas haviam conseguido permissão de habitá-lo enquanto os novos donos do país não se dispusessem a reconstruí-lo ou transformá-lo em uma dessas magníficas construções de estilo romano, com as quais os Herodes faziam tanto alarde de grandeza para captar a simpatia do César.

Era no princípio da primavera, e o sol, bastante ardente, havia fatigado muito as mulheres e os anciãos. Salomé, esposa de Zebedeu, resolveu passar ali a noite, por não sentir-se com forças para continuar viajando.

Myriam e Martha, sua prima, quiseram também pernoitar nesse albergue para fazer-lhe companhia, motivo por que a caravana se dividiu em duas.

Os esposos e filhos das três mulheres ficaram igualmente em Silos, pensando em prosseguir viagem na madrugada seguinte.

Permaneceram, outrossim, naquele Santuário, o Hazzan e os dois Terapeutas viajantes, para grande alegria de Jhasua, que estava encantado com aquela paragem.

O aspecto ruinoso e sombrio do velho Santuário atraía-o irresistivelmente e, enquanto os homens e as mulheres preparavam uma boa acomodação para essa noite, conseguiu ele que Jhosuelin o acompanhasse para examinar cuidadosamente aquela negra construção, cujas arcadas, quase cobertas de hera, apenas permitiam a passagem de uns débeis raios de luz.

Sua natureza de sírio parecia derramar-se em místicos sonhos por entre os pórticos e naves do antigo templo, e até julgava perceber a voz de Jehová, que o menino Samuel ouvira quando se iniciava no profetismo.

Ninguém podia alcançá-lo em suas idas e vindas, a esquadrinhar tudo como se, por momentos, julgasse ver aparecer alguma visão ou tivesse no subconsciente a certeza de que alguma coisa devia ele encontrar entre aquelas sombrias e ressonantes muralhas.

Como a noite caía lentamente, Jhosuelin lutava para levar Jhasua para junto da família e dos demais peregrinos, e já não acreditava que pudesse consegui-lo.

Nisto, a voz de Joseph, seu pai, chamou a ambos, porque a acomodação, por essa noite, já estava pronta, e a ceia, que fumegava alegremente sobre a fogueira, logo seria servida.

Além do mais, havia outra novidade.

– Sabes, Jhasua, que o Senhor nos mandou um anjinho de ouro para acompanhar-nos até o final da viagem? – disse Joseph a seu filho, talvez no intuito de persuadi-lo a reunir-se com todos, deixando, por fim, suas curiosas pesquisas em passagens e corredores.

– É verdade, pai? Vês, Jhosuelin, como o meu coração parecia anunciar-me que eu devia encontrar algo neste velho templo?

"Vamos, vamos vê-lo! Quem o tem? Como chegou? Por onde entrou? Que foi que ele disse ao chegar? Não perguntou por mim?..."

Todo este turbilhão de perguntas fazia sorrir a Joseph, enquanto, com o menino pela mão e guiados pela vela de cera que ardia nas mãos de Jhosuelin, procuravam eles a saída daquele labirinto de colunas e corredores.

O resplendor do fogo atraiu-os, finalmente, para um afastado local, onde, com esteiras e cortinas de tecido, fora improvisada uma alcova para as mulheres.

Joseph chamou ali discretamente, até que apareceu Myriam que os fez entrar.

Sobre um montão de palha, que haviam coberto com peles e mantas, achava-se Salomé com o seu recém-nascido.

– Já vês, Jhasua, que não te enganei – disse Joseph aproximando-se com o menino, para que ele visse de perto o anjinho ruivo que o Senhor lhes havia mandado.

O menino ficou mudo, como petrificado, talvez por uma estranha emoção que ninguém sabia compreender bem. Houve um momento em que seus olhos se encheram de pranto, motivo por que Myriam interveio.

– Ficas entristecido, Jhasua, ao ver o pequenino de nossa prima Salomé?

Jhasua foi aproximando-se lentamente, sem dizer palavra alguma, até bem junto do leito, onde se pôs de joelhos para que seu rosto ficasse no mesmo plano em que o pequeno dormia.

– Anjinho de Jehová!... – disse ele a meia-voz – meu coração sabia que tu descerias hoje ao meu encontro, neste velho Santuário, onde Deus falou aos seus Profetas... onde Samuel escutou, em menino, Sua Voz; onde eu ouvia, há alguns momentos, tantas e tantas vozes sem ruído, que falavam sem palavras, como falam o vento e as águas a correrem nos arroios...

E, com as pontas de seus dedos suavíssimos, apalpava as mãozinhas, a testa e as maçãs do rosto do recém-nascido, enquanto aguardava, afanoso, o instante em que ele abriria os olhinhos.

– Desperta, anjinho de Jehová – prosseguiu Jhasua –, que eu te levarei nos braços até Jerusalém, e, juntos, entraremos naquele Templo dourado, a fim de cantar o Amor de Jehová, que os homens ainda não conhecem.

Dir-se-ia que a alma de Jhasua, iluminada pela claridade divina, vislumbrava a terna e doce amizade de João, seu futuro apóstolo e evangelista, nos anos que logo chegariam para ambos, encarregados de suas respectivas missões em relação à Humanidade, a caminhar nas trevas.

Os dois Essênios, temendo que Jhasua caísse em um daqueles estados psíquicos que lhes seria difícil explicar ante os profanos, intervieram naquela cena muda.

– Jhasua – disse um deles –, não é conveniente, nestes momentos, molestar o recém-nascido. Já o vimos, e agora demos graças ao Senhor por sua chegada. Queres acompanhar-nos a fim de visitarmos a parte do Santuário que ainda não examinaste?

"Jhosuelin e o Hazzan podem vir também."

Antes que o menino aceitasse o convite, interveio sua mãe:

– A ceia estará pronta dentro de pouco tempo; por isso vos peço que não demoreis muito.

– Uma hora, no máximo, e estaremos aqui de volta.

Providos de candeias e velas de cera, encaminharam-se para o largo do pórtico chamado das Mulheres, onde haviam improvisado alcovas para essa noite.

Através de um grande arco, que se abria em seu final, penetraram no templo propriamente dito. Seus passos ressoavam produzindo longos ecos naquela solidão povoada de sombras, e onde cada coluna se assemelhava a um gigantesco guardião daquele recinto abandonado.

Jhasua caminhava entre os dois Terapeutas, que o conduziam pela mão.

– Dir-se-ia que anda por aqui a alma pura de Samuel, o Profeta de Deus – disse subitamente o menino, ficando parado sobre as lousas do pavimento, quando chegaram ao que havia sido o "Sanctum Sanctorum"(*).

– Olha para baixo, Jhasua – disse um dos Terapeutas, iluminando o pavimento com sua tocha. Escrita de forma rústica e já muito coberta de barro, ainda se podia ler esta frase:

"Sobre estas lousas dormia o jovem Samuel, envolto em pobre manta, quando, por três vezes, ouviu a voz misteriosa que, em nome de Jehová, lhe mandava transmitir Sua mensagem a Israel."

O menino olhou para os dois essênios com olhos assombrados, mas guardou silêncio.

– Se recordares algo do Primeiro Livro de Samuel, compreenderás que era este o sítio onde ele costumava fazer a guarda da sagrada lâmpada, que jamais devia apagar-se no Templo de Jehová.

"Foi este o lugar da glória e da dor do jovem Profeta quando recebeu o aviso das desgraças terríveis que Jehová deixaria cair sobre o Grão-Sacerdote Eli e sua casa, em virtude de sua indulgência para com os filhos Ophni e Phinees, cuja vida escandalosa arrastava toda a juventude de Israel pelos caminhos do crime e do vício.

"A extrema bondade do caráter de Eli havia penetrado muito fundo no coração do pequeno jovem Samuel, que regou com amargo pranto estas lousas, sobre as quais dormia, antes de atrever-se a transmitir ao seu amado protetor a terrível mensagem que para ele havia recebido.

– Da mesma forma como se eu recebesse de Jehová uma pavorosa mensagem para meus pais, por exemplo – murmurou timidamente o menino.

Passando dali para o altar chamado dos Sacrifícios, detiveram-se a vinte passos dele, para que Jhasua lesse, em outra lousa do piso, esta longa inscrição:

> "Sobre esta laje orou com lágrimas, durante sete anos, a virtuosa Ana, esposa de Elcana e mãe do Profeta Samuel, pedindo um filho a Jehová, em virtude de não ter nenhum; até que, no sétimo ano, lhe nasceu Samuel, a quem, com voto solene, consagrou ao Senhor, deixando-o em Seu Templo, sob a tutela do Grão-Sacerdote Eli, quando o menino tinha apenas sete anos de idade."

Aproximando-se da parede, viram gravado em uma prancha de argila o Cântico de Ana, em ação de graças ao Altíssimo, no momento de consagrar o filho que lhe havia concedido:

(*) "Santo dos Santos" ou "Santíssimo" (N.T.).

"Por este menino eu orava, e Jehová deu-me o que Lhe pedi.

"Eu o retorno, pois, a Jehová. Por todos os dias de sua vida, ele será de Jehová.

"Meu coração regozija-se no Senhor, e minha boca amplia-se para louvá-LO e glorificá-LO.

"Não existe santo como Ele. Não há ninguém fora de ti, nosso Deus.

"Jehová dá a vida, e tira-a; faz descer ao sepulcro e dele subir novamente.

"Levanta do pó o pobre abatido, para sentá-lo entre os príncipes.

"Porque de Jehová são os fundamentos da Terra, e sobre eles foi erigido este mundo.

"Jehová julgará em todos os confins da Terra; dará fortaleza ao Seu Rei e exaltará o lábio do Seu Messias."

– Agora lembro – disse o Hazzan – que, estando eu, um sábado, na Sinagoga de Nazareth a ler o livro de Samuel, Jhasua disse que este profeta estava para vir novamente e que chegaria ao Santuário de Silos, onde tanto havia glorificado ao Senhor (*).

"Lembras, Jhasua, este fato que motivou as primeiras preocupações de teus pais, por teres pronunciado palavras que tu mesmo não podias justificar?"

– Em verdade, não me recordo disso – respondeu o menino.

– No entanto, foi verdade, meu filho, e aqui dar-te-ei a prova.

Tirando uma cadernetinha do bolso, buscou e rebuscou até dar com o pequeno relato que aludia à vinda do Profeta Samuel.

A luz fez-se para todos, que exclamaram ao mesmo tempo:

– O menino que acaba de nascer de Salomé é o Profeta Samuel que volta à Terra.

Jhasua semicerrou os olhos, dos quais deslizaram duas lágrimas, que, à luz das velas, brilhavam como diamantes, enquanto dizia a meia-voz:

– Sim, é ele que vem para glorificar o Senhor junto comigo e muitos anos depois de mim, para que, com novas visões, anuncie aos homens o que Jehová tem reservado para os que O amam e também para os que não O amam.

Nisto, sem esperar que alguém o guiasse, saiu correndo em direção ao Pórtico das Mulheres e, como um raio, penetrou na alcova de Salomé. Com ardentes manifestações de carinho abraçou-se ao pequenino recém-nascido e, cobrindo-o de beijos no rosto e nas mãozinhas, disse como se estivesse em veemente delírio:

– Quão triste e só me havias deixado e quanto tardastes para voltar!... Mas, agora que vieste, não mais me separarei de ti, nem na vida nem na morte!!

Somente Zebedeu ouviu tais palavras, porque Salomé estava dormindo, enquanto Myriam e Martha, junto à lareira, preparavam a frugal refeição para todos.

Os peregrinos precisaram ficar ali três dias por causa de Salomé. Pouco depois, porém, os Terapeutas, grandes conhecedores do lugar, conseguiram um dos pequenos carros, então em uso, para viajarem aqueles que não podiam fazê-lo a pé.

Assim, sem afastar-se muito dos companheiros, que a alcançavam nas paradas, a mãe continuou a viagem com seu pequenino até Jerusalém.

Quando tal viagem era feita sem interrupção, levava de três a quatro dias, mas, na presente oportunidade, durou sete dias, desde Nazareth até Jerusalém.

Finalmente, nossos viajantes chegaram à última etapa, uma pobre aldeia, conhecida pelo nome de Ain-el-Haramie, onde se deteve também o carro de Salomé.

(*) Reportar-se ao capítulo "O Menino-Profeta" (N.T.).

Todos juntos passaram ali a última noite que os separava da dourada Cidade, a qual era para todos como uma visão muitas vezes vista, mas que sempre desejavam ver novamente.

Jerusalém!... Era o sonho de luz e de glória de todo bom israelita, que, só por absoluta impossibilidade, deixaria de participar das solenidades da Páscoa, no Templo de Jehová.

O próprio Jhasua sentia-se, naqueles momentos, como sob o peso de alarmante inquietação, e, assim, nessa última noite, perguntava a uns e a outros:

– Como é Jerusalém? Como é o Templo?

– Estiveste nele aos 40 dias de vida – responderam-lhe seus pais – todavia já o verás amanhã, um pouco antes do meio-dia, porque, para quem não o viu ainda, se torna muito difícil explicá-lo.

– Mas, ali não encontrarei os Anciãos de túnicas brancas e olhos meigos e bons como os das pombas de nossos pomares... – disse Jhasua olhando para todos com olhos perplexos.

– Ali estão os Doutores da Lei, que sabem tudo quanto se pode saber neste mundo – disse Joseph, enquanto partia o pão e o distribuía sobre a branca toalha, estendida no pavimento de palha recém-cortada, na falta de mesa.

– Ah, é? Pois já tratarei de fazer-lhes tantas perguntas que encherei minha cabeça de sabedoria – disse Jhasua pensativo. – Será possível que em Jerusalém saibam mais do que os Anciãos dos Santuários, que desvendaram para mim tantas maravilhas? – perguntou de novo.

– Acreditas, meu filho – disse-lhe a mãe – que os Doutores do Templo vão ocupar-se em responder às tuas perguntas?

– Porventura, não estão lá para isso? – tornou a inquirir o menino.

– Come, Jhasua; come, meu filho, que devemos descansar esta última noite, se quisermos despertar com a aurora e chegar a Jerusalém antes do meio-dia – insistiu Myriam.

– Nossos outros companheiros estão já há três dias na Cidade Santa e devem ter dado aviso à boa Lia, que estará ansiosa por abraçar-nos – continuou Myriam, para fazer com que o filho esquecesse as preocupações religiosas.

Quando terminou a singela refeição, as três mulheres se retiraram para a alcova, preparada para elas dentro da grande tenda comum.

Jhasua e Jhosuelin ficaram junto à fogueira com Zebedeu, esposo de Salomé, Alfeu, esposo de Martha, Joseph, os Terapeutas e o Hazzan. Havia este preparado um grande leito de palha e de peles de ovelha para que todos pudessem descansar juntos.

Era costume que, na última noite de viagem, os peregrinos cantassem em conjunto e em coro o Salmo 84, que começa assim:

> "Quão amáveis são tuas moradas, ó Jehová dos exércitos!
>
> "Minha alma deseja ardentemente os átrios do Senhor: meu coração e minha língua cantam ao Deus vivo.
>
> "Como o pardal acha casa, e a andorinha ninho para si, onde abriguem seus filhinhos, eu me refugiarei em Teus altares, ó Jehová, meu Rei e meu Deus! , etc., etc."

O monótono e suave canto seguiu até que o sono cerrou os olhos dos cansados viajantes.

Jhasua não cantou, mas era todo ouvidos para escutar. Quando seu pai e os parentes adormeceram, ele aproximou-se dos Terapeutas que ainda permaneciam sentados junto à fogueira quase apagada e, em voz muito baixa, lhes disse:

– Estou inquieto e não tenho sono. A Lua brilha que é um encanto, como podeis ver por seus raios que penetram nas aberturas da tenda.

"Gostaríeis de acompanhar-me lá fora para contemplar a paisagem? Desde que acabamos de chegar, prenderam-me dentro da tenda. Por que devo dormir, se o sono não me vem?

O Essênio que o escutava mais de perto pôs o índice sobre os lábios para indicar-lhe silêncio, e, depois de trocar breves palavras com seu companheiro, ambos saíram da tenda, levando Jhasua pela mão.

Era aquela região um profundo vale, circundado de todos os lados por montanhas, cobertas, em parte, por vegetação, dando lugar a que as rochas cinzentas e nuas deixassem assomar também suas agudas arestas onde os arbustos ou o musgo haviam podido fincar raízes.

Aparecia ali uma infinidade de sepulcros entalhados nas rochas, pois, de acordo com o costume hebreu, deviam os vivos ter sempre a lembrança de seus mortos à vista, para estarem certos de que – segundo a crença de algumas das seitas, nas quais estava dividida a opinião pública – em determinado dia, os mortos sairiam dos sepulcros com os mesmos corpos que tiveram.

Não obstante a lei da reencarnação ter sido conhecida pelos estudiosos e pensadores dos tempos mais remotos, ninguém procurava dar ao vulgo a explicação razoável e científica sobre tão profundos conhecimentos.

Vê-se, desde logo, que os dirigentes espirituais das multidões agiram sempre da mesma forma: a verdadeira doutrina permanecia em segredo, reservada apenas para os iniciados da Sabedoria Divina, ao passo que a fé das massas era alimentada com cerimônias exteriores de maior ou menor suntuosidade e aparato, sempre o bastante para saciar a imaginação com o que seus olhos podiam perceber.

A luz da lua dava em cheio sobre as lousas sepulcrais semipolidas, pois eram enormes blocos de granito que cerravam as tumbas na parte exterior. Surdo rumor era percebido bem próximo, e, averiguando o motivo, notou-se que havia muitas infiltrações de água naquelas montanhas, as quais, como pequenas cascatas, se precipitavam ao vale, onde iam formando numerosos remansos, que o ardente sol da Judéia evaporava depois, ou se introduziam lentamente no solo, dando fertilidade exuberante àquele maravilhoso lugar.

Os dois Terapeutas cobriram-se com gorros brancos de pele de cordeiro.

Como Jhasua jamais os havia visto daquela forma, começou a rir sem poder conter-se.

– Dai-me um assim, para que eu também tenha cabeça de cordeiro – disse ele.

Mas, vendo que os Essênios não lhe faziam caso, calou-se e pôs-se em observação.

Dentro em pouco, viram sair alguns vultos ou sombras das negras aberturas das montanhas.

– Oh, oh! – exclamou o menino, apertando-se de encontro aos Essênios. – Parece que aqui os mortos saem dos sepulcros.

– Não são mortos, Jhasua, não temas. São infelizes leprosos que a crueldade e a ignorância humana relegou a tão mísera condição.

"Alguns estão loucos por causa de seus grandes padecimentos, pois se viram abandonados por suas mulheres, seus filhos e todos aqueles a quem amaram sobre a Terra.

"As pessoas, em geral, crêem que estão possuídos de demônios, e matam-nos a pedradas, quando eles aparecem em lugares habitados.

"Eles sabem que só nós os amamos, e o gorro branco de pele de cordeiro é o sinal de que estamos a sós e que podem aproximar-se."

Encheu-se a alma do menino de imensa piedade, e a branca claridade da lua fez brilhar em suas faces duas grossas lágrimas, que não tratou de evitar.

As sombras foram aproximando-se como receosas. Eram quatro, e, pelo andar, podia-se calcular que um era ancião e os outros três, jovens ainda.

Adiantaram-se os Essênios para eles e falaram a meia-voz.

Os quatro olharam para o menino e sentaram-se sobre os penhascos cobertos de musgo.

Por sua vez, fizeram os Essênios sentar Jhasua sobre um velho tronco de carvalho, que estava caído, e eles se colocaram também ali, um de cada lado do menino.

– Parece que temos uma deliberação à luz da lua – insinuou Jhasua com uma voz doce, que parecia um gorjeio.

– Não sentes nada de extraordinário, Jhasua? – perguntou um dos Essênios.

– Sim. Estou sentindo um desejo enorme de saber o que se poderia fazer para remediar a situação destes homens, que vivem tão miseravelmente sem culpa sua, mas apenas em vista de sua enfermidade – respondeu Jhasua como só uma pessoa idosa poderia fazê-lo.

– E, se o soubesses e pudesses, tu o farias, Jhasua?

– Isso nem é necessário perguntar, irmão Terapeuta! Vós não o faríeis, por acaso?

– Sim, eu o faria, e todo bom essênio haveria de fazer o mesmo, se pudesse dispor dos meios necessários.

– E que meios são esses? – voltou a perguntar o menino. – Quando quero um ninho, subo na árvore e o apanho; quando quero uma flor ou uma fruta, colho-as, e quando quero fazer bem a alguém, penso com grande força de vontade: "*Que Jehová te salve.*"

– Respondeste muito bem, Jhasua – disse um dos Terapeutas. – Supõe, então, que estes quatro irmãos nossos – sofrendo de uma enfermidade que os meios físicos ou humanos não conseguem curar – são flores que o Altíssimo põe em teu caminho durante esta existência. Como farias para recolhê-las?

Jhasua ficou silencioso, e, momentos depois, sua cabecinha inclinou-se sobre o essênio que lhe ficava mais próximo.

O outro, que era clarividente, observou a aproximação de Inteligências desencarnadas de grande evolução.

Eram três *Potestades* da Muralha de Diamantes que se colocaram atrás do menino, caído em transe. Suas mãos, que arrojavam raios de todos os dedos, estenderam-se sobre ele, e, instantaneamente, apareceu o duplo astral na radiante personalidade de Moisés.

O outro Essênio, menos desenvolvido em sua faculdade clarividente, começou também a perceber o que se estava operando no plano espiritual e dentro da própria atmosfera que os envolvia.

Compreenderá o leitor que tudo isso estava ocorrendo no mais completo silêncio, pois os quatro enfermos haviam adormecido nesse profundo sono provocado pelas poderosas correntes magnéticas, e, apoiados nos penhascos ou uns nos outros, assemelhavam-se a um negrusco montão de farrapos, sendo impossível definir onde começava um e onde terminava o outro.

A materialização daquela radiante aparição fez-se pouco a pouco, até que os Essênios ouviram uma voz com sonoridade de clarim que disse:

– Perguntais como farei para recolher estas flores humanas abrasadas pelo Mal?

"Eu faço assim." E, estendendo suas mãos de Luz, que arrojavam como que torrentes de luminosas centelhas para o informe montão de farrapos, disse com tal intensidade que parecia revolver as entranhas até o fundo:

"Que este fogo de Deus consuma todo o mal que haja em vós!"

Foi um processo rápido e, ao mesmo tempo, estremecedor.

A tremenda força magnética posta em ação desintegrou aqueles farrapos, dos quais se levantou como que uma leve fumaça cinzenta, e apareceram os quatro corpos completamente desnudos, estendidos sobre a relva, como brancas estátuas à claridade da lua.

"Deus o quis! Bendito seja!" ouviram a voz dizer novamente.

"Banhai-os nesse remanso e calai, pois ainda não é hora para que Jhasua desperte aqueles que ainda vivem mortos na ignorância."

E toda a visão se desvaneceu.

Dir-se-ia que fora um sonho dos Terapeutas, proveniente de seu contínuo estado de mística exaltação. Mas ali estavam os quatro corpos desnudos, brancos, sem uma só mancha violácea nem chagas ou ferida de espécie alguma, que testemunhasse a tremenda realidade.

Correu o mais jovem dos Terapeutas até a tenda para trazer roupas com que vestir aqueles quatro homens, já curados de seu terrível mal.

Despertaram ao ser banhados, não obstante estarem ainda sob a ação da poderosa corrente que os havia adormecido.

A frescura das águas do reservatório devolveu-lhes a plena lucidez, e, chorando de felicidade por se verem curados, abraçaram aos Terapeutas, agradecendo-lhes o benefício que acabavam de receber.

Enquanto isso acontecia, Jhasua, como um cordeirinho branco, dormia sobre u'a manta estendida na relva, onde os Terapeutas o haviam deixado até que despertasse por si mesmo.

Compreendiam que sua matéria devia ser novamente vitalizada e estavam perfeitamente convencidos de que as correntes benéficas do Cosmos, sabiamente postas em ação sobre ele, iriam repor imediatamente todo o desgaste físico que houvera sofrido.

Já vestidos com roupas limpas os quatro enfermos, deram-lhes a beber vinho com mel, e determinaram-lhes silenciassem sobre o que julgavam ser um estupendo milagre, não sabendo, contudo, se este fora operado pelos Terapeutas ou pelo formoso anjo ruivo que dormia profundamente, estendido sobre a relva e iluminado pela branca claridade lunar.

– Agora não mais voltareis para a caverna, mas, apenas aclare o dia, empreendereis viagem para Bethel, com u'a mensagem escrita que mandaremos para uns artesãos, amigos nossos, e eles vos arranjarão trabalho.

Os Terapeutas disseram isso aos recém-curados com o fito de não permitir que se divulgasse a ocorrência.

– Guardai-vos bem de falar sobre esta cura, porque Jehová deseja que Sua Glória, manifestada através deste menino, que é Seu enviado, permaneça oculta ainda por algum tempo.

"Silêncio, pois, silêncio! Não queirais contrariar as determinações divinas."

Os quatro prometeram solenemente não pronunciar jamais uma palavra sobre o sucedido.

– Agora esperai que o menino desperte para que vos veja curados de vosso mal, pois ele estava penalizado de vos ver cobertos de tanta miséria.

Nesse meio-tempo, deram-lhes algumas instruções sobre como proceder daqui por diante, pois eles desejavam ingressar na Fraternidade Essênia a fim de pagar, com boas obras, o bem que haviam recebido.

Finalmente, já quase à meia-noite, Jhasua despertou.

– Que fizestes com os enfermos? – perguntou.

– Olha para eles! – responderam os Essênios.

– Como?! Esses não são os mesmos!

– Enquanto dormias, o Senhor curou-os, porque tu mesmo o quiseste. Não disseste que, quando queres uma fruta ou uma flor, vais apanhá-las? Quiseste devolver para a vida essas flores humanas, e aí as tens.

Num delirante acesso de alegria, o menino abraçou os Terapeutas e os enfermos um por um.

Foi uma cena de profunda emotividade, durante a qual as lágrimas corriam e o coração saltava de felicidade.

O mais jovem dos curados tinha apenas 23 anos, e, abraçando a Jhasua, chorava com grandes soluços.

– Por que choras tanto? Não estás contente por teres sido curado pela Vontade de Jehová?

– Sim, menino formoso, mas padeço porque em Rama tenho a mãe, que chora por mim, e a noiva, que entrou no Templo para não mais sair por causa de meu terrível mal. Como prometi silenciar sobre minha cura, não poderei jamais fazer-lhes saber esta minha felicidade presente.

Jhasua voltou seus olhos cheios de assombro para os Terapeutas, como a dizer-lhes: "Curais o corpo e abris feridas na alma!"

Eles o compreenderam.

– Tudo pode ser ajeitado com boa vontade – disse o mais idoso deles. – Vem agora conosco a Jerusalém para celebrar a Páscoa.

"Ali ninguém te reconhecerá e, quando de nosso regresso, nós te acompanharemos até a cidade onde moravas e, mesmo, a tua casa. Então, sem necessidade de mencionar o que aconteceu nesta noite, dirás unicamente que uns banhos medicinais lavaram todo o teu mal.

"Somos conhecidos como médicos do povo, e ninguém estranhará isso, mormente de uma cura que já não é a primeira.

"Ali falaremos com tua mãe, e, no Templo, trataremos de ver tua noiva. Assim, como estás vendo, quando Jehová dispõe as coisas, tudo dá certo."

O jovem esteve de perfeito acordo, e a alegria voltou ao seu coração.

Os outros três não tinham nenhum interesse em encontrar-se com seus familiares, cujo pouco-caso por eles havia sido tão manifesto que procurariam novas amizades entre a numerosa família essênia, que lhes abriria amplamente os caminhos da vida.

O menino Jhasua colocou-se logo em atitude reflexiva. Era evidente que em sua mente se agitavam muitos pensamentos.

Um dos essênios notou isto e perguntou:

– Meditas, Jhasua? Em que pensas, se é que se pode saber?

– Durante o meu sono, tirastes o mal dos enfermos e os despojastes de suas roupas velhas. Não vi nada disso, mas sucedeu. No entanto, eu teria gostado muito mais de ver de que modo os enfermos se transformaram em sãos.

– Meu filho – disse o Essênio –, quando as energias dinâmicas do Espírito estão em sintonia com as da Natureza, realizam mudanças tão estupendas que somente os Iniciados nos Conhecimentos Divinos sabem compreender e explicar esses fatos.

"Por hoje, só posso dizer-te que era necessário o teu sono para que esses homens fossem curados.

"Quando ingressares definitivamente em algum dos nossos Santuários, saberás o porquê de todos esses fenômenos.

"Nos livros dos Profetas estão registradas ocorrências parecidas com esta, e nada é maravilhoso, tendo-se em conta o poder de uma Inteligência evoluída, quando usa as forças da Natureza."

Enquanto isso ocorria, os ex-enfermos, prostrados com o rosto em terra, louvavam a Deus em todos os tons, parecendo-lhes incrível poderem novamente incorporar-se na sociedade humana, da qual haviam sido afastados.

Apalpavam repetidas vezes os lugares dos seus corpos onde inúmeras chagas sanguinolentas os haviam feito sofrer horrivelmente, e apenas encontravam uma pele mais rosada do que a do resto do corpo, como ocorre naturalmente em feridas recém-curadas.

– Não esqueçais que, para quem quer que seja, sois viajantes chegados esta noite, procedentes da aldeia vizinha. Agora vamos todos juntos até a tenda, pois pode ser que a mãe do menino venha procurá-lo – disse um dos essênios, guiando todos até a grande clareira da qual se haviam afastado uns cinqüenta passos.

Com efeito, Myriam havia-se levantado para ver se o filho estava bem coberto com as mantas; e foi grande sua preocupação por não encontrá-lo ao lado do pai, onde estivera deitado.

Chamou em voz baixa a Jhosuelin, a quem o cansaço fazia dormir profundamente. Antes que este despertasse, viu que a cortina da entrada da tenda se levantou e a luz da lua deu em cheio sobre Jhasua, que entrou com os essênios.

Aproximou-se ela silenciosamente como desejando uma explicação.

– Não digas nada – disse o essênio mais idoso –, aqui o tens. Nós saímos para levar provisões a alguns enfermos; e, como ele estava sem sono, quis acompanhar-nos.

– Não o repreendo, porque esteve convosco. Grata por vossos cuidados – disse; e, tomando o menino pela mão, levou-o para junto de seu pai, deitando-o novamente.

Logo, às primeiras luzes do amanhecer, os viajantes puseram-se em movimento com essa ruidosa alegria dos que vêem, já muito próxima, a hora de chegar aos muros da Cidade Santa, que os esperava resplandecente de glória e magnificência.

Jhasua no Templo de Jerusalém

Lia, a hierosolimitana que já chegamos a conhecer no início deste relato, esperava ansiosamente os peregrinos. Seu velho casarão solarengo havia ficado muito só.

Fazia alguns anos que seu tio Simão tinha morrido, e suas três filhas, em razão das ocupações dos esposos – os três Levitas que encontraram o amor no jardim de

Lia – viviam no centro da Grande Cidade. Não obstante, eles amenizavam os dias da nobre viúva, visitando-a com grande freqüência e deixando-lhe alguns dos netos, que, dos três casais, chegavam a seis.

Algumas criadas antigas e uns quatro empregados que cultivavam o imenso horto eram, então, os únicos moradores daquele tranqüilo e honrado lar.

Entraram sob o teto de Lia, antes do meio-dia, Joseph com Myriam e Jhasua, Salomé com Zebedeu, Tiago, seu filho maior, e o pequeno recém-nascido, a quem chamaram João, além de Martha, prima de Myriam, e seu marido Alfeu. Todos eles, parentes da virtuosa Lia, faziam-lhe essa visita anual na solenidade da Páscoa.

Vendo chegar Jhasua a sua porta, a nobre viúva disse:

– Todas as Páscoas são santas e boas, mas esta, meu Amor, é Páscoa de Glória para esta casa. – E abraçando ternamente a Jhasua, Lia chorou de felicidade.

Ela o havia visto com apenas 40 dias, e, agora, o revia com 12 anos, convertido já em belíssimo adolescente, gracioso como um ramo de nardo, com olhos de topázio e longos cabelos encaracolados, castanho-claros, que o vento agitava graciosamente.

Os dois Terapeutas, com o Hazzan e Jhosuelin, foram hospedar-se dentro da cidade, na casa do sacerdote essênio Esdras, o qual o leitor já conhece também desde os primeiros dias do nascimento do Verbo de Deus.

Essa última circunstância contribuiu para que os sacerdotes essênios que prestavam serviço no templo estivessem a par da presença de Jhasua em Jerusalém.

Haviam chegado de maneira vaga até a cúpula do Sinédrio (*) certos rumores relativos a um menino, o qual, como outro Samuel, se sentia chamado desde o mundo invisível por vozes que falavam em nome de Jehová.

Nas caravanas de crentes que, de ano a ano, vinham das províncias do norte para a Páscoa, alguns dos Doutores haviam insinuado a possibilidade de que o Menino-Profeta lhes fosse trazido. Entretanto, já haviam passado vários anos, e este assunto estava quase esquecido.

O velho sacerdote Simeão, que o havia consagrado ao Senhor, já não vivia neste mundo, nem tampouco aquela anciã paralítica que fora curada quando o Cristo-Menino estava sendo oferecido a Jehová.

Os demais sacerdotes essênios haviam procurado, com seu silêncio, que o extraordinário menino da província galiléia ficasse no esquecimento, por julgarem que isto seria mais seguro para ele e para a missão que vinha desempenhar.

Entre si, haviam eles combinado sobre a conveniência de ocultar a presença de Jhasua na Cidade Santa. Mas, por meio de avisos espirituais, receberam o encargo de não se preocuparem quanto a esse particular.

Dizia uma das mensagens: "O menino foi esquecido pelo Sinédrio. Deixai, pois, que a Divina Majestade proceda conforme seja de Seu agrado."

Entrementes, por intermédio dos dois Terapeutas viajantes, os sacerdotes essênios que serviam no Templo souberam que, na manhã seguinte, na hora dos ofícios, o menino Jhasua seria levado ao Templo por alguns dos seus familiares.

Assim sendo, por tratar-se da grande solenidade, todos os sacerdotes e levitas, com seus mais suntuosos e ricos ornamentos, formariam guarda no sagrado recinto e também nos átrios e pórticos.

(*) Era uma espécie de senado aristocrático, composto de 71 membros. De direito, só possuía competência na Judéia, mas exercia sua influência até Damasco. Dispunha de polícia própria (N.T.).

O setor destinado às grandes assembléias sacerdotais, quase contíguo ao *Sanctum Sanctorum* (*), achava-se, naquela manhã, resplandecente de lâmpadas e círios, e as estantes que sustinham, cada qual, um volume dos Livros Sagrados estavam cobertas de tapetes de púrpura e ouro.

Segundo velhas tradições, os Doutores e Sacerdotes, durante a solenidade da Páscoa, pronunciavam pomposos discursos sobre a grandeza de Jehová, Sua força e Seu poder, manifestados em tudo quanto fizera por Seu *Povo Escolhido*, conforme a pretensão de Israel de ser somente ele quem houvesse merecido os favores do Altíssimo Senhor, criador e senhor dos mundos e dos seres.

Era também costume, já aceito e seguido durante muitos anos, que os mais brilhantes e formosos discursos pronunciados em tal circunstância ficassem formando como que um corpo de doutrina. Muitos de seus pontos passavam a ser novas leis, mandatos ou dogmas, que iam aumentando, ano após ano, o já volumoso código do povo hebreu.

Cada Páscoa era, pois, uma espécie de ateneu, onde se fazia alarde de eloqüência e de sabedoria.

Ficava aquele recinto separado do restante do Templo só por uma balaustrada de mármore, ornamentada, na parte interior, com ricos anteparos de púrpura de Damasco, motivo por que, desde o Templo, só se podiam perceber os ricos turbantes, as tiaras e os tricórnios, com os quais os Doutores e os Sacerdotes cobriam suas cabeças.

Os viajantes compareceriam à solenidade na segunda hora da manhã, conforme haviam combinado de véspera na reunião junto à lareira. Somente Lia, a nobre viúva, havia dito que iria na primeira hora, em face de circunstâncias especiais. Foi quando Jhasua, aproximando-se dela, lhe disse:

– Se quiserdes, eu vos acompanharei, contanto que me deis permissão – acrescentou olhando imediatamente para seus pais.

– Eu ficarei encantadíssima, meu filho, por levar-te em minha companhia, se teus pais o consentirem.

– Naturalmente – disse Joseph.

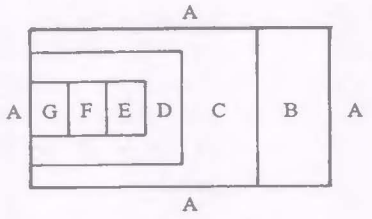
– Jhasua não está mais em si desde que empreendemos viagem – observou Myriam. – Nosso filho só vive a sonhar com o Templo e com todas suas magnificências.

Foi assim que, na manhã seguinte, quando haviam passado apenas duas horas de sol, Jhasua saiu com Lia para subir até a Cidade.

Os raios solares – dando em cheio sobre os brilhantes revestimentos de lousa, sobre os mármores, bronzes e pratas do frontispício e das cúpulas do Templo – faziam-no resplandecer de tal forma que o menino se achava como deslumbrado ante a grandiosa visão.

– Oh! – exclamou – os santuários essênios são de rocha escura e não só não brilham como também ficam tão ocultos que ninguém sabe que existem. Mas os Anciãos que os habitam, sim, resplandecem como estrelas na obscuridade.

(*) Disposição do Templo (N.T.):



A – Átrio dos Pagãos
B – Átrio das Mulheres
C – Átrio de Israel
D – Átrio dos Sacerdotes
E – Pórtico
F – *Sanctum*
G – *Sanctum Sanctorum* (Santo dos Santos ou Santíssimo.)

"Que te pareces melhor: – perguntou Jhasua em seguida – que o Santuário deslumbre de claridade os homens ou que os homens derramem sua luz no Santuário?"

– Menino!... não deves perguntar esses assuntos a uma pobre mulher como eu, que apenas sabe fiar e preparar o pão. Ademais, és muito novo para discutir essas coisas...

– Oh! dizes isso porque não sabes que eu estive muito tempo com os Anciãos dos Santuários; eles me ensinaram muitas e muitas coisas!...

– Oh, Jhasua!... serás então um pequeno doutor da Lei – respondeu Lia, gracejando para distrair o menino das preocupações que quase a assustavam.

– Não, não! doutor não, mas um peregrino missionário como os Terapeutas, que consolam todas as dores e remedeiam todas as necessidades. É isto que eu quero ser.

– Pois bem, Jhasua. Muito bem. Como tua intenção é pura, Jehová há de abençoar-te coroando tuas esperanças.

– Acreditas, Lia, que já sei como é o Pai Celestial?

– Pois, meu filho, o Pai Celestial é como tudo o que existe de grandioso, bom e belo. Não é assim?

– Isso é como se alguém dissesse: *Teu pai é muito bom e belo*, mas só com isto não saberei como ele realmente é, se nunca o tiver visto.

– Jhasua! a Lei manda-nos amar o nosso Deus com todas nossas forças e acima de todas as coisas. Se cumprirmos isto, porventura já não é o bastante?

– Não, Lia, não é o bastante! Eu posso e devo obedecer a uma ordem de meu pai; mas isto não me faz saber como ele é, se jamais o vi...

– Os Anciãos nunca deram uma resposta para tua curiosidade?

– Não é curiosidade, mulher; é necessidade que tem o filho de saber como é seu pai. Os Anciãos, sim, sabem tudo quanto é necessário saber, mas, como ninguém se interessa pelo que existe muito mais além das estrelas, eles guardam a sabedoria entre as rochas de seus Santuários...

– Menino!... tua linguagem me assusta, e digo-te que, assim que chegarmos ao Templo de Jehová, levar-te-ei aos nossos sacerdotes essênios, para que fales com eles sobre tudo quanto sabes e desejas saber.

– Todos procedem da mesma forma!... Não querem pensar nem conhecer ou compreender!... Assemelham-se a passarinhos e cordeiros. Tu também tens medo de abrir a porta e ver o que há lá dentro, não é?

– Bem; subamos agora esta escadaria, e saberás o que há dentro do Templo de Jehová...

Em silêncio, o menino foi seguindo Lia até chegarem ao Pórtico chamado *das Mulheres*, por onde ela podia entrar com um menino da idade de Jhasua.

Chamou um jovem levita, que recebeu as oferendas de pão, vinho e azeite. Falando em voz baixa, entregou-lhe também duas bolsinhas de linho branco: uma delas continha uma libra de flor-de-farinha, e a outra, uma libra de incenso puro da Arábia. Eram essas as oferendas da piedosa mulher para o altar de Jehová.

O levita acariciou o menino e disse para Lia que entrassem no Templo e se colocassem, o mais possível, próximo da balaustrada, para que pudessem ouvir os discursos que estavam por começar.

Poucos momentos depois, puderam ver, por cima da balaustrada de mármore, encortinada de púrpura de Damasco, os turbantes de brocado, os tricórnios e as tiaras resplandecentes de ouro e pedras preciosas, e, por fim, o arco de rubis do báculo do Sumo Sacerdote, que entrou por último para ocupar seu lugar de honra.

Os olhos de Jhasua, como extasiado ante tal resplendor, estavam fixos naquele luminoso recinto.

Ouviu-se, ao longe, atrás dos véus e das grades, o coro das virgens de Sião, cantando versículos de um salmo, no qual se pedem a Jehová a Luz e a Sabedoria Divinas.

Terminado o canto, iniciaram-se as deliberações sobre assuntos civis, relacionadas com hebreus que haviam incorrido em desordens.

A seguir, um dos Doutores desenvolveu brilhantemente este tema: "Terríveis castigos de Jehová para os infratores de Sua Lei!"

Com um esbanjamento de erudição e citações de fatos concretos, o orador deixou simplesmente aterrado o seu auditório. Terminado o discurso, vieram as refutações dos que pensavam de maneira diferente.

Jhasua havia-se aproximado da balaustrada, sobre cujas molduras e enfeites foi subindo pouco a pouco, com a intenção manifesta de olhar para dentro do recinto.

Achando-se o Templo em penumbra, do lado exterior, o gracioso e pequeno corpo do menino dificilmente era percebido por entre as colunas e tapeçarias. A própria Lia, com os olhos cerrados e o manto envolvendo-lhe o rosto – conforme costumava fazer quando em fervorosa oração – não observara o fato.

Um dos Doutores que mais refutava o discurso do orador era Nicodemos, apoiado, depois, por Judas de Gamala, Manhaen, Eleázar e José de Arimathéia, todos eles essênios do quarto e do quinto graus, mas ocultamente, entende-se.

Quando Jhasua ouviu as vozes de Nicodemos e de José de Arimathéia, conhecidas por ele, não resistiu mais ao impulso de erguer a cabecinha por cima da balaustrada. Destarte, a luz dos grandes candelabros deu em cheio sobre seu formoso rosto, pleno de inteligência e animação.

O primeiro dos Doutores que o avistou disse: "Vejamos se esse menino é inspirado por Jehová e se ele consegue pôr-nos de acordo."

Jhasua reagiu ao ver-se descoberto, e seu primeiro impulso foi ocultar-se, descendo da balaustrada; mas José de Arimathéia, abrindo uma portinhola, saiu em sua busca e levou-o para o meio dos Doutores.

Pôde notar-se, então, que, nesse instante, fugiu dele toda timidez, tanto que perguntou com admirável serenidade: "Que quereis de mim?"

– Considerando que escutastes o debate e que o compreendestes, dize quem de nós está com a Verdade. O Altíssimo se compraz, às vezes, em falar pela boca de um inocente. – Estas palavras foram pronunciadas pelo Sumo Sacerdote com muita doçura e um leve sorriso à vista do menino.

– Vós que sois aqui o Chefe Supremo não podeis pô-los de acordo? – perguntou Jhasua candidamente.

Ante essa resposta o assombro atingiu os ouvintes.

"Sendo assim – continuou Jhasua –, Jehová responder-Vos-á por minha boca:

" 'Não Me conhece nem Me compreende quem fala de Minha cólera e de Meus castigos. Eu sou uma Essência, uma Luz, uma Vibração permanente e eterna. Poderá encolerizar-se a Essência, a Luz, a Vibração?

"Vós vos encolerizais e castigais sob o impulso da cólera; mas Eu não sou um homem revestido da vossa grosseira materialidade.'

"Assim disse Jehová, o Imortal, que não teve princípio nem terá fim."

Jhasua guardou silêncio. Os Doutores se entreolhavam, e aqueles que, às ocultas, eram essênios compreenderam claramente que aquele menino era um vaso que trazia um caudal de Luz Divina, a derramar-se sobre a Terra.

– A Sabedoria fala por tua boca, menino – disse o Sumo Sacerdote. – Fazei-lhe, pois, as perguntas conducentes ao esclarecimento das questões que estão sendo tratadas.

– Eu falarei sem que façais nenhuma pergunta, porque Jehová dirá o que Ele quer que saibais – disse o pequeno resolutamente.

"Não conheceis o Pai Celestial, porque sois covardes e estais cheios de medo."

– Menino!... – ouviram-se dizer várias vozes.

– Não o tomeis como ofensa, porque Jehová jamais ofende; Ele diz somente a Verdade – continuou Jhasua impassível...

"Sim, estais cheios de covardia e de medo! Sabei que a Sabedoria Divina não é conquistada pelos medrosos, mas pelos valentes que se colocam frente a frente ao Desconhecido – o Eterno Enigma; não de potência contra potência e com insólito orgulho, mas como o amor de filhos que anseiam conhecer a seu pai. Então o Pai se mostrará a eles e lhes dirá: 'Aqui estou. Conhecei-me para que, de acordo com a Lei, possais amar-me sobre todas as coisas da Terra.'

"Não vedes que seria um contra-senso se Ele mandasse Suas criaturas amá-LO sobre todas as coisas da Terra e, logo, a seguir, Se encolerizasse e, animado de ira e de furor, os castigasse desapiedadamente, como procede um mau senhor com seus infelizes escravos?

"A Lei deveria então dizer: 'Temerás a Deus mais do que a todas as forças e formas de mal que existem na Terra.'

"Digo-vos que tendes medo de esquadrinhar a Verdade Divina; por isto, ela continua sendo uma deusa escondida e esquiva, que não quer mostrar-se aos homens.

"Sabeis que Deus é imutável, e, contudo, vos permitis falar de Sua ira e Sua cólera. Encolerizar-se é mudar, é trocar de estado, e isto é outro contra-senso, porque, se, em dados momentos, Ele se enche de ira e furor, *não é imutável.* Portanto, é blasfêmia atribuir ao Altíssimo tão grave imperfeição, própria das atrasadas criaturas da Terra.

"Sim, Deus é imutável e, sendo assim, permanece impassível em face de todos os erros humanos e de todas as hecatombes de mundos e humanidades.

"Deus sabe que os seres encarnados, recém-chegados aos domínios da inteligência e da razão, estão ainda sob o governo da força bruta, que é a matéria em humanidades primitivas! Como, pois, há de encolerizar-se contra a ordem estabelecida por Ele mesmo, ou seja, que todas as Humanidades adquiram, lenta e paulatinamente, o conhecimento, a sabedoria e a bondade?

"Se a Lei Divina diz: 'Amarás ao Senhor, teu Deus, com toda tua alma, com todas tuas forças e acima de todas as coisas', é evidente que Ele quer, como única recompensa, o amor de todas as Suas criaturas de todos os mundos, e, portanto, o que mais Lhe agrada é que Suas criaturas se esforcem por conhecê-LO, porque ninguém ama o que não conhece.

"Em resumo, tudo o que é belo e bom nos vem de Deus, que é nosso Pai Universal; e todo mal tem sua origem nos nossos erros, na nossa ignorância e nas nossas iniqüidades."

O menino, que havia adquirido animação crescente, silenciou de repente e, juntando as mãos sobre o peito e levantando o semblante para o alto, como iluminado de suave claridade, exclamou: "Meu Pai! Senhor dos Céus, faze com que os homens Te conheçam, pois somente assim Te amarão!..." – e, caindo de joelhos, inclinou o rosto ao solo, em forma de oração profunda, como os hebreus costumavam proceder quando oravam com o coração.

Havia aquela assembléia ficado como petrificada pelo assombro e por uma vibração de aniquilamento, que, desde o princípio da explanação de Jhasua, se havia estendido por todo aquele suntuoso recinto. Nenhum dos presentes conseguia mover-se nem falar.

Silencioso, o pequeno levantou-se e saiu sem que ninguém o detivesse. Lia, repleta de estupor, causado pelo fato de ouvi-lo falar ante a assembléia de Doutores, saiu correndo para casa, com o fito de avisar aos pais dele o que estava acontecendo. E foi assim que, quando o menino já estava descendo tranqüilamente as largas escadarias do Templo, ele se encontrou com Lia e com sua mãe, que, a toda pressa, corriam em sua busca.

– Mas, meu filho, que fizeste? – foram as primeiras palavras ouvidas por Jhasua, que apresentava uma palidez mate, como um lírio do vale, iluminado pela claridade dourada daquela manhã primaveril.

– Nada, mãe!... eu não fiz nada. Os Doutores congregados no Templo não se entendiam e me chamaram para que Jehová, por meu intermédio, os pusesse de acordo. Eu disse apenas o que Jehová me mandou dizer.

– Ai, meu Deus! – suspirou a inocente mãe. Agora desencadearão uma perseguição contra nós, e os santuários essênios estão muito distantes para que possamos ocultar-nos neles.

– Não temas, mãe, que o Pai Celestial tem meios de sobra para proteger-nos. Vamos para casa, que estou cansado e tenho fome. – E deitou a correr pela ruazinha tortuosa que levava para a casa de Lia.

Quando a assembléia voltou a si, do estupor e do assombro, tratou de saber quem poderia ser aquele menino; mas ele já havia desaparecido, e era difícil encontrá-lo entre aquela confusão de pessoas que enchiam os átrios e naves do Templo. Apenas Nicodemos, José de Arimathéia e Eleázar conheciam pessoalmente a família de Jhasua; contudo, trataram de não pronunciar palavra alguma.

– Um novo Profeta surgiu em Israel – disseram alguns – e, talvez seja aquele que há de vir antes do Messias-Libertador que esperamos.

– Está escrito – acrescentou outro – que Elias voltará para preparar os caminhos Àquele que virá libertar o povo de Deus. Não será Elias que voltou?

– Não pode ser – disse outro –, porque Elias se nos apresentará em toda a força da idade viril e não como um inocentinho sem os poderes de extermínio e de morte que o Profeta do Monte Carmelo possuía.

Os Doutores da Lei, em Israel, perdiam-se num labirinto de deduções e de conjeturas, que os afastavam cada vez mais da Verdade de Deus, que estava ao seu alcance, mas não conseguiam compreender. Cumpria-se neles, assim, antecipadamente, o que, anos depois, o Cristo assentaria como um axioma inalterável: *"Deus dá Sua Luz aos humildes, e a nega aos soberbos."*

No caminho de casa, Myriam e Lia puseram-se de acordo em manter silêncio no lar sobre o acidente ocorrido no Templo, relativamente ao qual a piedosa viúva não media palavras para considerar a grandeza que vislumbrava em Jhasua.

– Por vezes o meu procedimento aparenta ser de repreensão – disse ela – quando o vejo com esses impulsos que poderiam arrastá-lo, por momentos, como um vendaval; não obstante, em meu interior, estou convencida de que o pequeno age por impulso divino.

– A mim ocorre o mesmo – afirmou a terna mãe do Verbo de Deus. – Trato de contê-lo, mas, no fundo de minha consciência, levanta-se uma voz que parece

dizer-me: "É inútil tudo quanto fizeres em tal sentido! Que poderias tu fazer contra o que está resolvido *lá em cima?*" Então inclino a testa e digo ao Senhor: "Eis aqui Tua escrava. Seja cumprida Tua Vontade Soberana!"

Quando chegaram em casa, encontraram Jhasua junto à lareira contando a seu pai tudo quanto havia visto de grandioso e magnífico no Templo de Jehová, sem já recordar-se, ao que parece, do incidente com os Doutores e Sacerdotes.

Apenas Myriam pôde falar a sós com ele, recomendou-lhe guardar silêncio absoluto sobre o que ela chamava de "atrevida audácia" de seu filho, a quem, para obrigá-lo a silenciar, disse severamente: "Olha, que se teu pai vier a sabê-lo, não te deixará voltar ao Templo; e amanhã será a grande solenidade."

O menino, com os olhos cheios de temor, respondeu humildemente: "Não, mãe; não direi uma só palavra. Eu to prometo e hei de cumpri-lo."

Nessa mesma noite, José de Arimathéia e Nicodemos visitaram a Joseph e Myriam. Foi quando esta última encontrou a oportunidade de pedir aos dois jovens Doutores que não inteirassem seu esposo do que o pequeno fizera, aquela manhã, no Templo.

– Deixai tudo por minha conta – respondeu José de Arimathéia, pensando em tirar partido de sua velha amizade com o austero artesão, e, também, com o fito de favorecer as elevadas aptidões que, tão cedo, estavam sendo despertadas em Jhasua.

Escutemos, leitor amigo, a conversação do jovem Doutor com Joseph; como escutaremos, depois, a de Jhasua com Nicodemos:

– Vossa oficina progride, Joseph, ou estais vegetando entre dificuldades e contratempos? – interrogou o Doutor para iniciar a conversação.

– Estamos progredindo graças ao grande auxílio de Deus, pois, em Nazareth e nas cidades vizinhas, minha oficina é sempre a preferida. Tudo isto se deve, em grande parte, ao fato de que os Anciãos do Santuário do Hermon me proporcionam as melhores madeiras do Líbano, e, como não me é cobrado o transporte, posso fazer os meus trabalhos por um preço menor do que os dos demais – respondeu o artesão.

– E quem vos paga o transporte das madeiras? – perguntou o interlocutor.

– Estais lembrado daqueles ilustres sábios que visitaram Jhasua no berço?

– Sim, claro que sim. Quem poderia esquecê-los?

– Pois eles assentaram com os Anciãos do Santuário do Monte Hermon que mantenham permanentemente contratados cortadores e preparadores de madeiras, bem como caravaneiros que mas tragam a Nazareth. Pelo que podeis ver, eles tomaram muito a sério a proteção prometida a meu filho Jhasua.

– Não pela proteção que recebeis por causa de Jhasua, mas pelo que ele significa para este País e para toda a Humanidade, deveis bendizer a Jehová por vos haver dado tal filho.

Joseph olhou-o profundamente e logo respondeu: "Há grandezas que assustam, meu amigo, porque um pobre homem como eu não pode vislumbrar, nem remotamente, para onde o conduzirão. Se é um Profeta que traz uma grande missão sobre Israel, certamente terá que enfrentar todas as iniqüidades dos poderosos, os quais, bem sabeis, jamais estão dispostos a que se lhes diga a Verdade.

"Virão as represálias, as vinganças, os apedrejamentos, os calabouços e, depois, a morte ignominiosa. Pensais, acaso, que isto seja lisonjeiro ou, pelo menos, suportável para um pai?

"Sou um homem honrado e trabalhador, cumpro a Lei e faço todo bem que posso. Ninguém poderá acusar-me de delito nem infração alguma, nem, sequer, por

uma ponta de agulha. Creio, pois, que Jehová não tem motivo para desagradar-Se de mim. Porventura, não basta isso para ser um bom filho de Abraham?''

– É exatamente como dizeis, amigo Joseph, mas nem todos os seres vêm para andar pelo mesmo caminho. A não ser assim, por que a vida dos Profetas veio traçada por caminhos tão diferentes do vosso?

''Poderemos, acaso, censurar a Jehová que lhes marcou tais rotas? Não será justo pensar que o Senhor Se vale desses Seres extraordinários para proporcionar Luz à Humanidade que caminha às cegas?

''Se não tivesse sido o Profeta Elias, que aterrorizou com seus grandes poderes a reis déspotas e ímpios, todo Israel teria prevaricado, renegando o Deus Único para entrar num labirinto de deuses, cada um dos quais é um gênio inspirador de uma maldade ou de um vício.

''Se não fora Moisés, Israel teria continuado escravizado pelos Faraós, e não teríamos a Lei que nos determina, bem definidos, o Bem e o Mal.

''O mesmo vale para todos os demais mensageiros da Eterna Verdade entre os homens.''

– Tendes razão, mas eu vos disse haver grandezas que me aterram, razão pela qual, dentro de minha compreensão, prefiro que Jehová me deixe entre os pequenos, e não nessas altitudes, que produzem vertigem.

– Eu vos compreendo, meu amigo, mas, apesar disso, peço que não colocais obstáculos no caminho de Jhasua, cuja missão ultrapassa a de todos os Profetas. Eles nada mais fizeram do que preparar-lhe os caminhos e anunciar sua vinda.

– De acordo com o que dissestes, parece que estais certo de que em meu pequeno filho está encerrado o Messias-Libertador que Israel aguarda.

– Exatamente... É isto mesmo! Mas não um libertador do domínio romano, conforme pensa a maioria, e, sim, um libertador do egoísmo humano que colocou o chicote nas mãos de uns poucos para submeter toda a Humanidade à escravidão. Um libertador que vem dizer a todos os homens: ''Deixai, finalmente, de ser miseráveis, porque sois filhos de Deus!...''

Joseph deu um grande suspiro e, inclinando o rosto sobre o peito, murmurou tristemente: ''Que seja feita a Vontade de Jehová!''

– Joseph, meu amigo – insistiu José de Arimathéia –, podeis permitir que eu leve vosso filho, amanhã, a uma reunião de Doutores, homens de boa vontade, que desejam chegar ao conhecimento de Deus? Eu me responsabilizo por ele, se é que confiais em mim.

– Homem!... Não faltava mais nada do que desconfiar de vós, a quem conheço desde que freqüentáveis a escola. Bem sabeis que vosso pai foi um irmão mais velho para mim.

''Podeis levar Jhasua aonde quiserdes, pois sei que não o levareis senão aonde levaríeis vosso próprio filho.''

– Muito agradecido, Joseph; eu esperava exatamente isto de vós. Amanhã virei buscá-lo.

Entrementes, Nicodemos, conversando a sós com Myriam e Jhasua, realizava trabalho idêntico ao de seu companheiro, com o objetivo de conseguir que os homens mais doutos e melhor preparados entre os dirigentes do povo hebreu pudessem ser, num futuro próximo, eficazes cooperadores do Verbo Divino, já presente na Terra.

Após um raciocínio semelhante ao que acabamos de ouvir, a incomparável Myriam exclamou como Joseph, seu esposo: ''Que se cumpra em meu filho a Vontade do Senhor!''

– Mas esses doutores – disse Jhasua serenamente – não serão mais sábios do que os Anciãos dos Santuários Essênios, pelo que nada de novo poderão ensinar-me.

– Entretanto, quando te ouvirem, Jhasua, compreenderão o que queremos que compreendam, isto é, que a Luz chegou e que é necessário acendermos nela as nossas lâmpadas apagadas.

– Vós me levareis amanhã? – voltou a perguntar o menino.

– Sim, se teu pai der o seu consentimento – respondeu Nicodemos.

Nisto, chegaram os dois Joseph – o de Nazareth e o de Arimathéia.

– Myriam – disse o primeiro –, estes amigos querem levar nosso Jhasua para que escute os Doutores de Israel, e eu já dei o meu consentimento, se tu não te opuseres.

– É tão pequeno o pobrezinho que pouco poderá compreender dessas grandes inteligências! Mas, se há de ser para o bem de todos, levai-o.

– Colocarão também em mim essas túnicas de brocado e os turbantes de ouro e de pedrarias? – perguntou o menino timidamente, manifestando desagrado.

– Não, filhinho – responderam ao mesmo tempo os dois jovens Doutores, rindo da manifestação de descontentamento de Jhasua; ao que este retrucou:

– Os Anciãos dos Santuários Essênios dizem que nenhum essênio deve vestir brocados, ouro e pedrarias, enquanto existirem irmãos que padecem fome e se vestem de farrapos. Por isso, eu quero ir com minha túnica branca... Mãe, com essa nova que fizeste para minha vinda a Jerusalém.

Joseph ficou olhando para o pequeno com assombro e amor.

– Sim, Jhasua – disse Myriam com ternura –; és filho de um artesão, que, acima de tudo, é essênio como tua mãe, e as púrpuras, os brocados, o ouro e as pedrarias não devem jamais entrar em nosso vestuário.

Passado este incidente, os dois visitantes foram reunir-se, com os demais membros da família, no hospitaleiro lar de Lia, que, nesse momento, estava distribuindo sobre a mesa uma grande torta de amêndoas, com vinho de seus velhos vinhedos do Horto de Getsêmani.

A reunião dos Doutores e Sacerdotes de Israel não seria no Templo, mas no cenáculo ou salão de jantar de um ilustre homem de letras, chamado Nicolás de Damasco, discípulo do sábio Antígono de Soco, como o era também seu companheiro, Judas de Gamala. Ambos haviam sido os promotores do encontro, cujo fim era conseguir maioria no Sinédrio, mediante um acordo harmônico a que desejavam chegar sobre diversos princípios, que ainda não estavam bem definidos.

Achavam-se ali Gamaliel, jovem neto do grande apóstolo essênio Hillel, e os sacerdotes essênios que o leitor conhece desde os primeiros capítulos desta obra, afora alguns companheiros dos infortunados Doutores Judas Sarifeu e Matias Margaloth, os quais, não obstante sua celebridade em Jerusalém, como homens de grandes conhecimentos, não fazia muito, tinham sido condenados à morte por se haverem oposto abertamente ao poder romano, que não tolerava insubordinações por parte dos povos invadidos e dominados.

Assistiram também a essa reunião os dois Terapeutas, companheiros de viagens de Jhasua, e o Hazzan da Sinagoga de Nazareth.

A apresentação que José de Arimathéia fez de Jhasua somente deixava entrever o desejo de que os presentes comprovassem que, no filho de Myriam e Joseph, aparecia uma inteligência superior a sua idade. Isto permitiria aos presentes pensarem que se encontravam ante um Profeta-Menino como Samuel; um inspirado de Deus que bem poderia servir de intermediário entre a Divina Sabedoria e os pobres mortais que a buscavam ansiosamente.

Muito embora fosse outra a convicção daqueles que conheciam Jhasua a fundo, trataram de não deixar transparecê-la.

Todos olharam o menino com olhos acariciadores, e ele foi colocado entre José de Arimathéia e Nicodemos.

Tomou a palavra em primeiro lugar Nicolás de Damasco:

– Sabemos – disse – através de nossos Livros Sagrados e profanos, e também de acordo com os astros – que são os agentes de Jehová para marcar as datas dos grandes acontecimentos – que o Messias prometido para Israel desde a época de nosso Pai Abraham já chegou à Terra, ainda que, por desígnio divino, deva, por enquanto, permanecer oculto aos olhares humanos.

"Desde a conjunção de Júpiter, Saturno e Marte, transcorreram já doze anos. Se os nossos livros e os astros não mentiram, tal deve ser a idade que possui o Avatara Divino feito homem. Julgais que eu estou certo nestas afirmações?" – perguntou o orador.

– Sim, sim! É exatamente assim como dizeis – responderam todas as vozes, em número de vinte. Apenas Jhasua, que era o vigésimo primeiro, guardava profundo silêncio.

– Sabeis – continuou o orador – que não tivemos êxito com outros meninos dessa idade que apresentavam dotes extraordinários, os quais exageramos em virtude de nosso grande anelo.

"Vários dentre nós sentem a necessidade de um completo acordo em nossa maneira de compreender as grandes questões destinadas a servir de base para o modo de pensar e de compreender do povo, que espera ansiosamente seu Messias-Rei-Libertador e Guia na tenebrosa hora que estamos atravessando.

"Em primeiro lugar, não sabemos *quem é o Messias esperado*, nem qual sua dependência em relação ao Supremo Criador de tudo quanto existe.

"Será um dos antigos Profetas? Será um Anjo, como os que apareceram a nosso Pai Abraham, ou um Arcanjo, como Gabriel, que apareceu a Jeremias, ou Rafael, que guiou os passos do jovem Tobias?

"Se não sabemos nada disso, de forma alguma conhecemos sua dependência da Divindade e, menos ainda, como atuará a Divindade em relação ao seu Grande Enviado neste Planeta.

"São estas as questões que, por sua grandiosidade, nos deixam perplexos; no entanto, é necessário que a elas nos dediquemos, se quisermos evitar o caos que atingirá as inteligências como noite escura, se não tratarmos de iluminar-nos a nós mesmos para podermos dar luz aos demais."

– Está escrito – disse outro dos presentes – que Elias virá antes para preparar-lhe os caminhos, mas ele ainda não se fez visível em parte alguma. Com um pouco de bom-senso, podemos conjeturar que, se vem um Elias como precursor, o Messias deverá ser alguém muito superior a ele! Quem é, pois?

– Se me permitirdes – disse um dos discípulos do sábio Antígono de Soco – eu vos direis que julgo ser ele Moisés, o qual já foi uma vez transmissor da Lei Eterna, dada por Deus para a Humanidade. E, se Elias há de voltar à Terra, por que não poderia voltar também Moisés, para trazer uma lei muito superior àquela do Sinai?

– Tendes razão, é uma idéia esplêndida e feliz! – apartearam vários.

– Quem mais do que Moisés para libertar este mesmo povo da tirania de Roma, como já o libertou da opressão dos Faraós?

"Só Moisés faria retroceder os Césares que vão estendendo suas águias sobre todos os povos civilizados da Terra."

– Creio que deveríamos começar – acrescentou outro dos presentes – por estudar de que natureza é a Divindade, ou Força Suprema, que nos há de enviar um Messias, provavelmente mais poderoso do que Moisés.

– Isto equivaleria a pretender penetrar na própria Divindade, e, como conseqüência, a grandeza do assunto afastar-nos-ia daquilo que podemos tratar – insinuou José de Arimathéia, emitindo sua opinião pela primeira vez.

– Participo da opinião de meu amigo, pois, se subirmos demasiadamente alto, poderá enlouquecer-nos a vertigem – objetou Nicodemos, que era o mais jovem da assembléia.

Neste momento, Jhasua tomou as mãos dos dois, como se necessitasse do apoio para colocar-se de pé, e, com um harmonioso timbre de voz, falou assim:

– Eu estou aqui por desejardes que a Sabedoria Divina desça sobre vós pela boca de um inocente que mal sabe quando nasce o sol.

"Jehová diz assim:

"Se tiverdes coração puro e singelo, Eu descerei até vós com toda minha claridade.

"Aqueles que Me buscarem em Espírito e em Verdade encontrar-Me-ão em todas as coisas que vivem e que morrem; desde os sóis que brilham no espaço azul até na larva que se arrasta pela terra.

"Eu arranquei um pedaço de Mim mesmo – diz Jehová – e este é o Messias que vos mando. Ele é o Meu Verbo, Minha Palavra Eterna, gravada nas ondas dos mares que vos dão a carne de seus peixes e o esplendor de suas pérolas; gravada, outrossim, nas montanhas que vos dão pedra para as vossas vivendas e ouro para os vossos presentes e bem-estar; gravada nas árvores que vos dão suas madeiras e seus frutos; gravada em todos os animais que amenizam vossa vida.

"Eu sou a Luz Eterna – diz Jehová – e o Meu Messias é um raio dessa luz.

"Eu sou o Poder, a Energia, a Força que vedes em tudo quanto vive; e Meu Messias é uma vibração desse Poder, dessa Energia e dessa Força que está acima de todos.

"Ele surgiu de Mim e vive em Mim; pensa e sente em Mim, agora, amanhã e por toda a eternidade.

"Ele vos traz a Minha mensagem de Amor e de Luz, mas vós fareis com ele como fizestes com todos aqueles que, em Meu Nome, vos trouxeram a Verdade.

"Que vos diria Moisés, se ele fosse até vós?

"Minha Lei, que foi Minha Mensagem trazida por ele, está sepultada sob u'a montanha de prescrições e de mandatos que fostes acumulando aos poucos. Com isto nada mais fizestes do que encadear as consciências e carregar de temor e de espanto as almas, que não sabem como harmonizar a debilidade e a miséria – próprias de sua escassa evolução – com os furores de Jehová, o terrível deus-tirano e déspota, que criastes em vossas monstruosas alucinações, em vez do Deus Verdadeiro, Criador por Seu Amor Onipotente, pois Se entrega, continuada e eternamente, a tudo quanto vive e respira no Universo.

"Sou Uno, mas tão grande que dentro de Mim se movem todos os mundos e todas as humanidades que neles vivem.

"A luz que vos alumia e o ar que respirais são emanações Minhas; e vós mesmos, que vos credes, às vezes, tão grandes, não sois mais do que uma vibração de Minha Energia Eterna.

"Dentro de Mim viveis e vos moveis; não obstante, ainda estais submergidos na balbúrdia pesada de vosso atraso e de vossa grosseira materialidade.

"Se, um dia, por intermédio de Moisés, vos dei, como primeira lei, o Amor a Mim, não vos darei outra através do Messias, que agora esperais e chamais, a não ser aquela mesma, elevada à altura suprema do Amor sobre todas as coisas criadas.

"Porque Sou imutável e eterno, e por ser Eu o alento de toda vida, vejo, sei e percebo tudo quanto pensais, agis e sentis. Nenhuma de vossas más obras Me afeta, nem sequer como o ondular de um simples cabelo.

"*Imutável!... Eterno!...* são palavras cujo significado está muito além do alcance de vossa mentalidade.

"Que horrível blasfêmia pronunciais, quando falais da ira de Deus, da cólera de Deus, do furor de Deus!...

"Minha Justiça, que é inexorável – diz Jehová – não é exercida nem pela cólera nem pelo furor, mas pela Lei Suprema de causas e efeitos, que rege invariavelmente todos os mundos do vasto Universo.

"Se vós, que sois imperfeitos, amais vossos filhos, vossos trabalhos, vossas idéias e vossos pensamentos – subindo na escala do Infinito, encontrareis claramente demonstrado Meu Amor Eterno, em grau infinito, sem limites, para tudo aquilo que surgiu de Mim Mesmo. Ele é como uma prolongação Minha, como um hálito Meu, como um resplendor de Minha Luz Eterna.

"As inteligências chegadas à máxima perfeição em todas suas faculdades são Minha Idéia, Meu Pensamento, Minha Vontade, Meu Verbo, Minha Palavra Eterna, Meu Amor Incomensurável. Eles estão em Mim, e Eu nelas, formando, assim, a maravilhosa Unidade Divina, que é Luz, Energia e Amor."

Apoiando-se novamente em seus amigos que estavam em ambos seus lados, Jhasua sentou-se, demonstrando ligeira lassidão, como se nele tivesse diminuído a força vital.

Um silêncio quase pavoroso se fizera na vasta sala, e o mais profundo assombro deixou todos como hipnotizados por uma estranha força, que, afinal, puderam definir com esta frase saída de todos os lábios: "O Espírito Divino soprou neste recinto."

– Adoremo-LO com a prosternação de nossas almas – disse aquele que presidia a reunião.

Quando todos estavam com os rostos inclinados para a terra, o pequeno dirigiu-se ao quintal da casa, do qual chegavam gorjeios de pássaros e o perfume de uma laranjeira em flor.

Ali, aos pés de uma anciã de cabelos muito brancos, brincavam duas crianças, entre seis e oito anos de idade. Jhasua sentiu-se atraído para aquele grupo encantador e foi se aproximando lentamente. A anciã era mãe de Nicolás de Damasco, dono da casa, sendo as crianças seus sobrinhos. Haviam perdido a mãe, motivo por que a avó-anciã era quem cuidava delas. A menina era a maiorzinha e chamava-se Martha, que encontraremos mais adiante desempenhando um papel importante na vida do Cristo. O nome do menino era Gabes.

– Olha, vovó, o menino que chega – disseram os dois irmãos ao mesmo tempo.

A anciã levantou a vista de seu tecido, no qual movia as mãos com rapidez, e viu Jhasua tão belo, tão delicado e gracioso como uma açucena que o vento balançava.

– Quem és tu, menino formoso? – perguntou a anciã.

– Sou Jhasua, filho de Joseph e de Myriam. Viemos de Nazareth para as festas, e trouxeram-me a essa reunião que está sendo realizada em vosso cenáculo.

''Eu estava muito fatigado e saí para o quintal a fim de tomar um pouco de ar.''

– Pobrezinho!... Mas que idéia de levar um menino a essa reunião de adultos! Vem aqui, meu filho, para descansar.

A avó desocupou o banquinho em que pousava os pés, e Jhasua sentou-se nele.

– Marthinha – acrescentou a anciã – vai e pede à criada vinho com mel para este menino que parece estar esgotado. – A jovem saiu.

– Quando tratam de seus problemas, esses homens esquecem que as crianças necessitam comer e brincar.

Enquanto Jhasua iniciava amizade com aquela anciã e as crianças, no cenáculo debatia-se uma obscura questão.

– Quem era aquele menino-prodígio, que falava dos profundos mistérios da Divindade como se falasse de seus brinquedos ou de suas guloseimas?

''Era, sem dúvida, um grande Profeta, mas qual deles? E que significava sua vinda nessa época?'' Pensaram em Jeremias, em Ezequiel, em Elias e em Samuel.

– Não; deve ser Moisés – mencionou um dos Doutores –, pois houve um instante em que vislumbrei sobre sua fronte aqueles dois raios de luz com que Ele apareceu ao descer do Monte Sinai.

– Eu penso que é Elias – disse outro – porque, em determinado momento quando falava, eu o vi com uma aura cor de fogo.

– Jehová no-lo revelará a seu tempo – assegurou um dos sacerdotes essênios.

– Esta é toda a verdade – afirmaram José de Arimathéia e Nicodemos. – O mais acertado é esperar.

Continuaram ainda por muito tempo os comentários que fizeram sobre as magníficas palavras de Jhasua, as quais abrangiam todo um tratado de teologia, comparável aos escritos mais profundos de Moisés, conhecidos, somente, dos mais ilustres Doutores de Israel.

Passados os primeiros momentos de assombro, começaram as perguntas sobre quem era aquele Menino-Luz, às quais tiveram que responder José de Arimathéia e Nicodemos, que haviam levado a Jhasua.

– É filho de um artesão grandemente estimado em toda a província da Galiléia, por sua acrisolada honradez, como podem atestar o Hazzan da Sinagoga de Nazareth e estes dois Terapeutas, que, na qualidade de médicos, percorrem toda aquela região – explicou José de Arimathéia.

– Verdadeiramente – acrescentou o Hazzan –, seus pais são grandes servos de Deus, cumpridores da Lei e, aos sábados, assíduos freqüentadores da leitura dos Livros Sagrados.

– Nenhum aflito lhes chega à porta sem que saia consolado – acrescentou um dos Terapeutas. – A mãe desse menino – que é um anjo de beleza e de bondade – está animada da doce piedade de Raquel. Eu a vi sair, numa fria madrugada de inverno, com a neve pelos caminhos, para levar um pequeno cântaro de leite a uma jovem mãe, que, por enferma, não podia amamentar seu pequenino.

– Ela se educou entre as Virgens do Templo – acrescentou o outro Terapeuta – motivo pelo qual está a par das Escrituras Sagradas.

– E que pensam eles mesmos desse filho extraordinário? – perguntou um dos Doutores.

– É o que todos nós pensamos – respondeu Nicodemos –, ou seja, que ele é um Profeta de Deus.

– Mas há a acrescentar que seus pais vivem receosos pelo que possa acontecer-lhe na época atual, em que os idólatras se apossaram deste país – acrescentou o Hazzan da Sinagoga de Nazareth.

Nicolás de Damasco e Judas de Gamala, promotores daquela reunião, puseram-se de pé ao mesmo tempo, para dizer algo que parecia palpitar naquele ambiente cálido de entusiasmo pelas grandes causas.

– Proponho a esta honorável reunião – disse Nicolás – que se faça um pacto de proteção e ajuda a esse extraordinário menino que, sem dúvida, é um vaso escolhido por Deus Misericordioso para derramar a Verdade entre Seu povo.

– Isso mesmo eu ia propor também – observou Judas de Gamala. – Deus está no nosso meio, pois estamos coincidentes em tudo.

– Nós estamos de acordo convosco – responderam todos a uma só voz.

– Que Deus abençoe esta aliança pela Justiça e pela Verdade – exclamou o Ancião Sacerdote Esdras.

– Assim seja! – responderam todos, dando as mãos uns aos outros.

– Nossa ordem será "Esperar e silenciar" – disse Nicolás.

– Justo! – anuíram quase todos. – Que o entusiasmo excessivo não nos leve a prejudicar o desígnio divino – acrescentaram os Terapeutas.

Terminou dessa forma aquela reunião em que havia flutuado invisivelmente o pensamento de Deus, feito realidade em Seu Cristo já encarnado sobre a Terra.

No dia seguinte, que era o último das solenes festas da Páscoa, Jhasua foi novamente levado ao Templo por seus pais e familiares.

O menino encontrava-se como dominado por uma exaltação religiosa, tão forte que sua mãe o advertiu dizendo:

– Jhasua, meu filho, desde que falaste com esses grandes letrados de Israel, já não pareces caminhar sobre a terra. Tenho a impressão de que andas voando por mundos imaginários. Isto não está bem para um menino como tu, a quem Jehová não pede outra coisa a não ser que seja obediente e dócil para com teus pais. Por que estás tão abatido e absorto?

– Deixa-me só com os meus pensamentos, mãe. Não vês que estou compreendendo a Deus?

– Mas, filhinho!... Deus não pode ser compreendido por criaturas tão pequenas como nós!

– Assim dizes tu, mãe, assim dizes tu; entretanto Ele está mesmo aqui dentro de mim, a dizer-me: "Tu estás em Mim, e Eu estou em ti, porque somos u'a mesma Essência!"

– Silêncio, por Deus, Jhasua; que estás dizendo disparates!

A mãe, assustada com as palavras do filho, havia-lhe posto a mão sobre os lábios. O menino beijou-lhe muitas vezes a mão branca e suave, enquanto seus olhos garços fixavam os da mãe num olhar tão profundo e terno que parecia querer dizer-lhe: "Mãe, eu te amo muito, mas amo a Deus acima de todas as coisas!"

Poucos momentos depois, entravam no Templo, que brilhava todo como chama viva. Seus átrios e pórticos achavam-se abarrotados de gente, que, luzindo em suas melhores túnicas, ricos mantos e turbantes, apresentava aspecto fantástico e solene.

A exaltação religiosa de Jhasua continuava subindo de intensidade. Estava certo de ver ali, entre aquela radiante iluminação, a face divina de Jehová. O menino estremecia todo de entusiasmo. Grande foi, porém, seu espanto quando, em vez da visão de Deus, a quem aguardava, encontrou-se diante de uma horrível carnificina;

uma feroz degolação de touros, terneiros, carneiros, indefesos cordeirinhos e brancas pombas que se debatiam assustadas, enquanto, aos montões, eram levadas aos altares dos sacrifícios.

Os sacerdotes, armados de grandes cutelos, apareciam com suas roupas e sandálias molhadas de sangue. Este corria dos altares através de tubos de bronze incrustrados na parede, os quais desembocavam em um tanque de mármore, construído no pátio interior, rodeado de galpões ou alpendres.

Era ali que, sobre grandes mesas de pedra, iam sendo depositadas as reses, já esquartejadas e prontas para serem repartidas entre a numerosa família sacerdotal, pois apenas esta podia, segundo a lei, aproveitar aquelas carnes ainda fumegantes.

Aquele recinto era chamado *"Pátio dos Medidores"*, porque ali eram pesadas e medidas as quantidades que correspondiam a cada família sacerdotal.

Joseph e Myriam, na qualidade de essênios, não podiam oferecer holocaustos de animais, mas, tão-somente, frutos da terra; pelo que entregaram sua oferenda de farinha, azeite, vinho e mel, conforme era costume entre os membros da Fraternidade Essênia.

– Mãe! – murmurou Jhasua ao ouvido de Myriam, quando pôde dominar o espanto e o horror que lhe causaram a degolação dos animais e os altares por onde corria o sangue. – Mãe!... eu te digo que o Pai Celestial não está aqui.

– Por que, meu filho?...

– Porque Ele não gosta de oferendas de sangue e de morte, mas de Amor e de Vida...

– Cala-te... não sabes o que dizes!

– Saiamos daqui, que eu estou asfixiando-me!... – E, soltando-se das mãos da mãe, deitou a correr, ligeiro como um gamo assustado, para onde ressoavam os alaúdes e as vozes das donzelas que cantavam salmos, numa das naves do Templo, em direção oposta à do Altar dos Sacrifícios. Para isto, precisou atravessar o recinto em diagonal e, como estava cheio de gente, Myriam perdeu-o de vista, por mais esforços que fizesse para segui-lo.

Jhasua esbarrou com um jovem levita que ia ao átrio dos incensários para reavivar o fogo do seu, prestes a apagar-se por falta de ar. Era ele um dos levitas essênios, que o conhecia de vista.

– Aonde vais com tanta pressa, parecendo um fugitivo? – perguntou.

– Essa exalação de sangue e de carnes queimadas tolhe-me a respiração, e vou morrer aqui sufocado. Tira-me, por favor, deste antro, onde esses homens armados de cutelos e com as roupas manchadas de sangue parecem uns demônios saídos do Inferno...

– Menino... cala-te, por favor, pois podem ouvir-te! Vem comigo à sala dos incensários, onde mostrar-te-ei muitas coisas formosas que te agradarão.

O levita levou o menino ao lugar indicado. Jhasua estava pálido, e ligeiro tremor estremecia-lhe o corpo. Sentou-o num estrado e deu-lhe de beber vinho com mel, que o reanimou de imediato.

Recordará o leitor que aquela sala tinha um compartimento secreto, no qual se abria a descida para o caminho subterrâneo, conhecido pelo nome de *"O Caminho de Esdras"*, cuja existência era um dos segredos essênios transmitidos de pais para filhos, desde a reconstrução do Templo.

Tão-somente os sacerdotes essênios conheciam aquele caminho, que tinha saída através do abandonado sepulcro de Absalão, existente no Monte das Oliveiras, mui próximo do Horto de Getsêmani.

Achavam-se ocultos no compartimento secreto dois sacerdotes essênios voltados daquela tumba, aonde transportavam, para os pobres, velhos e enfermos, parte do esbanjamento que se fazia das abundantes oferendas levadas ao Templo.

– Não é justo – diziam eles – que se façam negócios fabulosos com a venda das oferendas em carnes e frutos da terra, enquanto nossos enfermos e anciãos necessitados padeçam carestia e fome.

Supondo que a sala dos turíbulos estivesse vazia, saíram do esconderijo e se defrontaram com Jhasua que esperava quietinho o regresso do levita que o havia conduzido até ali.

Entabulou-se naturalmente um diálogo de perguntas e explicações. Os dois essênios conheciam a Jhasua, pois haviam estado presentes na reunião do dia anterior, no cenáculo de Nicolás de Damasco. Mas ele não os reconheceu e tinha medo de falar. Disse unicamente que fugira dos pais para não mais ver a degolação dos animais, espetáculo que lhe causava espanto e horror.

Então os dois sacerdotes se deram a conhecer, falaram dos Anciãos do Tabor e do Carmelo, e, por fim, propuseram conduzi-lo à procura de seus pais.

Como o tumulto era grande e Joseph e Myriam, que, por sua parte, também andavam em busca do filho, já se haviam retirado do lugar em que ele os deixara, foi necessário a uns e outros aguardar que, terminado o cerimonial, o público se afastasse, a fim de poderem encontrar-se.

Joseph, entretido, num dos pórticos, com seus parentes de Betlehem, Elcana e Sara, com quem não se encontrava fazia já um ano, não prestou maior atenção ao extravio do filho. No entanto, Myriam, Jhosuelin e Lia buscavam-no com grande ansiedade, até que, chegando ao Átrio dos Estrangeiros, o viram passar entre os dois essênios, por eles conhecidos.

– Mãe!... ficarei aqui com estes irmãos dos Anciãos – foi a primeira palavra de Jhasua ao encontrar-se com Myriam.

– Mas, meu filho, que fizeste? Então é isto que eu mereço de ti? – E os meigos olhos da mãe encheram-se de lágrimas.

– Não, minha mãe! – murmurou o menino abraçando-a. – Tu mereces todo meu amor, mas é que o Pai Celestial me chama para Seu serviço, e eu quero obedecer a Seu chamado como obedeceu Samuel.

– Filhinho – disse-lhe o sacerdote Eleázar –, por enquanto, o Pai Celestial quer que vás com tua mãe, pois o Deus dos Profetas também está no lar da gente.

– Então me rechaçais? – perguntou Jhasua com voz trêmula e próximo do pranto.

– Não, meu filho, mas és ainda demasiado pequeno. Assim também te disseram os Anciãos do Tabor.

Jhosuelin havia corrido para buscar o pai, tendo em vista a angústia de Myriam, em face da insistência de Jhasua em permanecer no Templo.

– Por que te empenhas tanto em ficar? – interrogou o outro sacerdote.

– O Templo é a casa de oração a Jehová, e eu o vejo como um matadouro de animais. O Pai Celestial é Piedade e Amor; por isso, repudia o horror dessas matanças. Ele quer principalmente a pureza do coração e o cumprimento de Sua Lei, e não a abundância das oferendas vivas com derramamento de sangue.

– Que é que se passa aqui? – perguntou Joseph, chegando ao lado de Myriam.

– É que nosso filho quer permanecer no Templo como o Profeta Samuel.

– E tua mãe, Jhasua?... ela não te representa nada? – interrogou o pai com severidade.

– A Lei diz: "Amarás ao Senhor teu Deus sobre todas as coisas" – disse docemente o menino, aproximando-se do pai.

– Também diz a Lei: "Honrarás a teus pais todos os dias de tua vida" – respondeu Joseph. – Vamos embora!

E, tomando a Jhasua pela mão, começou a andar.

– Agora és verdadeiro filho do Pai Celestial, a quem não se adora apenas no Templo, mas em Espírito e Verdade e em qualquer lugar da Terra, porque toda ela é Seu Templo – disse, ao despedir-se, Eleázar, o velho sacerdote que o havia conhecido no berço.

Jhasua seguiu a seus pais em silêncio, não sem voltar várias vezes a cabeça, enquanto agitava as mãos para dirigir adeuses ternissimos aos dois velhos sacerdotes, que, no Átrio do Templo, olhavam enquanto se afastava.

À medida que se distanciavam, o menino parecia recobrar sua alegria e serenidade.

Embora aparentasse Joseph um exterior severo, amava entranhadamente aquele seu filho, em quem reconhecia um Ser Superior, razão pela qual procurou suavizar a aspereza daqueles momentos dizendo:

– Meu filho, poderemos trazer-te todos os anos, se te agrada tanto visitar o Templo. Entretanto, com tua pouca idade, que farias ali?

– Falar-lhes-ia em nome de Jehová, que já não quer a matança de animais – respondeu Jhasua –, mas a adoração feita por corações puros e limpos, como os dos Anciãos dos Santuários Essênios.

– E quem és tu, meu pobre pequeno, para pretender ditar leis no Templo de Jerusalém? Fica sabendo que serias tomado por um menino louco ou possuído por demônios!

"Não vês como os Anciãos, com toda a sua sabedoria e altos poderes espirituais, se ocultam no fundo das rochas para não expor inutilmente suas vidas?"

– Tens razão, pai, tens razão. Havia dentro de mim como que uma forte onda de horror e de nojo, apesar do pouco que observei sob as abóbadas da Casa de Oração a Jehová, que me deu vontade de gritar bem alto as infâmias que ali são praticadas.

"Em verdade, eles correm a chicote os mendigos, cegos e velhos que vêm pedir as sobras das oferendas, as quais eles mesmos, pouco depois, vendem aos mercadores por trás do Templo, crendo que ninguém esteja vendo!"

– Menino!... – disse Myriam espantada.

– É verdade, mãe – afirmou Jhosuelin. – Eu também vi um mercador entregar uma sacolinha repleta de moedas a um dos que faziam a matança, após haver este tirado as roupas manchadas de sangue.

– Aí vem Lia com Elcana e Sara. É necessário não tocar mais neste assunto – disse Joseph, detendo seus passos para esperar os três, que vinham em sua direção.

No Monte Quarantana

As solenidades da Páscoa haviam terminado, e o imenso aglomerado de gente na Cidade Santa começou a desagregar-se, indo cada qual em direção ao lugar de sua morada.

Também Joseph teve que pensar no regresso, mas interpôs-se o piedoso desejo de Myriam de não deixar Salomé sozinha, que devia aguardar os 40 dias para apresentar seu recém-nascido no Templo.

– Leva teus filhos maiores e deixa-me Jhasua, que regressaremos ambos com Salomé – disse ela.

– Serás capaz de tirar o menino de seu delírio pelo Templo? – perguntou-lhe o esposo.

– Sim – respondeu ela –, ajudar-me-ão os dois Terapeutas que ficam aqui para acertar assuntos particulares, e, além disso, temos teu amigo José de Arimathéia, que se ofereceu tanto para qualquer coisa que nosso filho viesse a necessitar.

– Está bem, Myriam, já que assim o queres.

Unindo-se à caravana de seus familiares e amigos, com quem haviam feito a peregrinação a Jerusalém, Joseph e seus filhos mais velhos regressaram a sua casinha de Nazareth, deixando Myriam com Salomé e seu pequenino na velha casa de sua parenta Lia.

Os Terapeutas tinham um piedoso programa a cumprir e, tendo isto em vista, haviam combinado um plano.

A província próxima, cuja sede era Betlehem, estava muito povoada de famílias essênias, que, depois daqueles anos aziagos da perseguição de Herodes aos meninos betlehemitas, haviam regressado a seu torrão natal.

Além disso, de Betlehem ao Monte Quarantana, eram apenas algumas poucas horas de viagem e, nesse Santuário, alguns Anciãos não tinham podido ver o Bem-Aventurado desde seu nascimento, por causa do peso de seus anos e dos achaques próprios da avançada idade.

Alguns de seus Terapeutas haviam chegado a Jerusalém para as festividades, e eram, assim, como um eco daquele Santuário, que, em suas grutas, não havia visto a Luz Divina do Verbo Encarnado. Deveriam esperar pelo menos trinta dias para a cerimônia da Purificação e da Apresentação, no Templo, do pequeno João; pelo que havia tempo de sobra para uma excursão ao Monte Quarantana. Além disto, sendo primavera, o caminho era aprazível, e os dias temperados favoreciam a viagem.

Os Terapeutas dispuseram-se a enfrentar a dificuldade bem áspera, por certo, de induzir Myriam, na ausência do esposo, a consentir naquela viagem. Propuseram primeiramente este assunto a Lia, cuja discrição e prudência, bem conhecida de todos, lhe dava grande autoridade. Depois, consultaram também a José de Arimathéia, cuja ascendência sobre Joseph fazia com que suas resoluções fossem amplamente aceitas por ele. A juízo deles, esta última circunstância facilitaria o consentimento de Myriam.

Com efeito, esse jovem Doutor, essênio de coração e grande clarividente no tocante à excelsa missão que Jhasua trazia, entregou-se com entusiasmo à tarefa de conseguir para o menino a permissão materna. Assim, apresentou-se em casa de sua sogra Lia para tratar do intento.

– Mãe feliz! – disse ele a Myriam, usando o qualificativo que lhe dava sempre – emprestar-me-íeis Jhasua por oito dias?

– Oito dias?! Para onde ides levá-lo durante esse tempo? – inquiriu a mãe com certo alarma.

– Se pensardes o que ele representa para este País e para toda a Humanidade, deveis compreender a dor de alguns Anciãos que desejam vê-lo antes de morrer.

"Conheceis, outrossim, a confiança que vosso esposo deposita em mim. Se tiverdes confiança igual, não negareis vossa permissão para que os Terapeutas, juntamente comigo, levemos o menino a visitar aqueles que só esperam vê-lo para, então, morrerem tranqüilos. Que dizeis a isto, Myriam?"

– Se me permitis – retrucou ela depois de alguns momentos de silêncio –, consultarei nossa parenta Lia. – Esta foi chamada imediatamente e, como já estava prevenida e não via perigo algum para o menino, foi de opinião que Myriam o deixasse ir.

– Sob vossa responsabilidade e mais a de Lia e dos Terapeutas – advertiu a zelosa mãe a José de Arimathéia –, concedo minha permissão, com a condição expressa de que me deis uma carta para meu marido, explicando mui minuciosa e claramente todo este assunto.

– Está bem! Nada temais, que tudo será feito conforme pedis. Estamos na metade da tarde. Amanhã, ao amanhecer, virão quatro Terapeutas, Nicodemos e eu: ao todo seis cavaleiros, montando fortes mulas amestradas e trazendo um manso asninho para Jhasua, que sentir-se-á como no paraíso ao saber desta excursão. Estais de acordo?

– Sim, sim, Myriam; dize que sim – insistiu Lia. – O pobrezinho ficará tão feliz!

– Está bem; sim – consentiu ela por fim –, estou de acordo. Lia tem boca de santa e confio nela como se fosse minha mãe.

E as duas mulheres se abraçaram.

– Triunfamos – pensou José de Arimathéia, olhando carinhosamente para sua mãe política, que acabara de prestar-lhe tão eficaz ajuda.

No dia seguinte, quando as últimas sombras da noite cediam lugar aos primeiros resplendores do amanhecer, a lareira da casa de Lia chameava alegremente, rodeada de todos os viajantes já prontos para empreenderem a jornada.

Aquela aurora primaveril parecia desenhar nos céus uma apoteose de glória e de felicidade, estendendo dosséis de púrpura e ouro, ao passo que, nas grandes árvores do horto de Lia, milhares de pássaros davam as boas-vindas ao novo dia, com um concerto de admiráveis gorjeios.

E Jhasua? – perguntará o leitor.

O menino de Myriam, inteirado na noite anterior à hora da ceia, da projetada viagem, já não era mais o passarinho taciturno em face das tremendas realidades que vira no Templo e que tão cruel desengano lhe haviam causado. Era um periquito falador, ao qual era inútil pedir um momento de silêncio.

Seus risos cristalinos enchiam a casa, e, nem sequer se deteve para refletir que o filhinho de Salomé dormia num quarto contíguo. Pelo contrário, não restando já ninguém a quem pudesse mencionar sua viagem, correu ao cestinho do menino e, sacudindo-o delicadamente pelas mãozinhas, disse:

– Joãozinho querido, eu vou viajar ao Monte Quarantana, montado num asninho cinza que corre como o vento. Ouves? Infelizmente, não posso levar-te, porque és ainda muito pequeno e não podes montar. Mas não te zangues, hein! Joãozinho?, porque, quando fores maiorzinho, levar-te-ei sempre comigo.

O pequenino despertou choramingando, e Jhasua, crendo que era por causa de sua anunciada ausência, continuou com seus mimos de comovedora ternura.

– Não chores, meu Joãozinho, que voltarei logo para embalar tua cesta e cantar lindas canções.

Com suavíssimo arrulo que chegava até a lareira, ouviram a voz de cristal de Jhasua adormentando o pequenino:

"Dorme, anjinho ruivo,
Linda prenda de amor,
Que deixaram em meu horto
Os Anjos do Senhor.
Dorme!... Eu não quero
Que ainda chores mais,
Porque dos braços meus
Ninguém te arrancarás jamais."

O pequenino tornou a adormecer. Jhasua voltou para junto da lareira, caminhando nas pontas dos pés e colocando o indicador sobre os lábios. Algo assim como um silêncio religioso flutuava naquele ambiente.

– Joãozinho chorava porque eu vou embora – disse ele com ingenuidade encantadora –, mas eu o consolei e agora dorme.

– Bem – disse Lia –, agora vem sentar no teu lugar, ao lado da mãe, pois já está na hora da ceia. Depois prepararemos tudo para a viagem de amanhã. Agora silêncio.

O menino obedeceu.

Colocada de pé à cabeceira da mesa, Lia recitou a bênção dos alimentos segundo o velho costume das famílias essênias.

O leitor adivinhará, sem dúvida, que aquela ceia foi toda salpicada de agudezas e graças de Jhasua que, a todo custo, queria que lhe descrevessem aquela almejada viagem até em seus mínimos pormenores.

Às suas intermináveis perguntas respondiam sempre: – Já o verás amanhã e nos contará tudo depois de tua volta.

Quando chegou a madrugada, e viu, sob as árvores do horto, as mulas ajaezadas, e o asninho quieto junto à porta do lar, sua alegria transformou-se em delírio e ele expandiu-se em fortes abraços e beijos a sua mãe, a Lia, a Salomé e a seus companheiros de viagem.

– Agora é ele apenas um menino... exclusivamente menino, a extravasar de contentamento e felicidade! – disse um dos Terapeutas a Myriam, que presenciava a cena com certa tristeza.

– Para não tirar-lhe esta felicidade, foi que eu consenti nesta excursão. Cuidai bem dele, por Deus, para que jamais tenha que arrepender-me – observou ela.

– Ficai muito tranqüila, que esta viagem nos é por demais conhecida, visto como a fazemos quase todos os meses. Quão felizes hão de ficar os Anciãos do Quarantana, quando virem vosso filho! Bastará isto para enchê-los de satisfação!

Alguns momentos depois, José de Arimathéia levantou o menino em seus braços e o aproximou para que, com um beijinho, se despedisse de sua mãe. Em seguida, montando-o sobre o asninho cinza – "que corria mais do que o vento", segundo julgava Jhasua – segurou-o perfeitamente, passando-lhe uma larga faixa de pano por cima dos joelhos, e prendeu as extremidades dela aos grossos anéis da montaria.

– Agora todos arriba! – gritou José de Arimathéia, enquanto ele mesmo montava, indo colocar-se bem ao lado do asninho de Jhasua.

Do outro lado se colocou Nicodemos. Os Terapeutas, que eram os guias, iniciaram a caminhada pela avenida de ameixeiras em flor, a qual dividia em dois o amplo e espaçoso horto da casa de Lia.

– Não voltes a cabeça para trás, Jhasua – gritou Myriam vendo a intenção do menino. – Não voltes a cabeça, que podes cair.

As três mulheres, que, um dia, chorariam juntas sobre o cadáver ensangüentado do Mártir, ficaram na porta do lar, vendo distanciar-se a pequena caravana até que esta se perdeu de vista ao atravessar o grande portão, o qual dava para a estrada a ser seguida. Era, como se sabe, a mesma que conduzia a Betlehem.

Ali possuía Jhasua grandes amigos que o haviam visto primeiro quando de seu nascimento, naquela honrada casa de Elcana e de Sara, sobre a qual se derramaram as manifestações suprafísicas naquela noite memorável. Muito próximo dela viviam os três essênios Elcana, Josias e Alfeu, que haviam sacrificado sua tranqüilidade correndo sobre a neve até o Santuário do Quarantana para levar a notícia do nascimento do Messias.

Doze anos haviam passado, e eles não tinham tornado a vê-lo, em virtude das freqüentes permanências do menino nos Santuários essênios e em face também das grandes dificuldades inerentes a viagens, mormente para aqueles que já tinham atingido a velhice. No entanto, sempre recebiam notícias a respeito dele através dos Terapeutas-Peregrinos, que eram uma espécie de correio oficial da Fraternidade Essênia. Também haviam sido eles como que o eco fiel dos grandes anelos de toda aquela província betlehemita no sentido de tornar a vê-lo.

Jhasua estava encantado com aquela viagem e enamorado de seu asninho cor de cinza, a tal ponto que queria deter-se a cada instante para dar de comer ao jumentinho.

– Vens comendo desde que saímos? – perguntou Nicodemos para entretê-lo.

– Não; o caso é muito diferente. Eu vou mui comodamente sentado, mas o pobre asninho só vive a andar, suportando todo o meu peso – respondeu o menino.

– Oh, é verdade, Jhasua! – acrescentou José de Arimathéia. – Esse infeliz jumento deve estar arrebentado com todo o teu peso. Comeste tanto pão e queijo lá!...

– Também mel, castanhas e uns pedaços de manteiga, que só eu sei!...

– Está bem, Jhasua. Está bem. Agora que o sol está mais forte e está chegando o meio-dia, vamos parar para alimentar-nos e também para dar de comer aos animais. Observa a paisagem entre estas colinas da Torrente de Cedron, que ficam à esquerda, e escolhe tu mesmo o lugar para descansarmos.

– Aqui, aqui! – gritou jubiloso o menino – junto a este bosquezinho, onde se vê esse pequeno arroio.

– Muito bem, Jhasua, escolheste como um antigo viajante.

José de Arimathéia desmontou e fez descer também ao menino.

Dois dos Terapeutas fizeram ver a conveniência de se adiantarem para avisar os irmãos de Betlehem, e assim o fizeram. Já se sabe que, nas cidades pequenas, tudo chama a atenção. A chegada de viajantes, e em seguida o vaivém de pessoas a uma determinada casa, daria excessivo motivo para que os curiosos fizessem averiguações e logo tecessem lendas. Uma palavra discreta dos Terapeutas colocaria, neste sentido, tudo em ordem.

Entretanto, Jhasua, com ternissima solicitude, dava de comer e beber a seu asninho, de tal forma que seus companheiros de viagem disseram alegremente:

– Jamais animal algum se viu tão favorecido e honrado como o asninho cinzento que Jhasua monta.

A notícia levada pelos Terapeutas produziu nas famílias essênias um júbilo indescritível. O leitor compreenderá facilmente que nem todos os indivíduos de uma família deveriam conhecer o grande segredo, mas tão-somente as pessoas maiores e cuja prudência e discrição inspirasse aos Terapeutas a mais absoluta confiança.

Betlehem ficava demasiado próxima de Jerusalém, cujo alto clero, como se sabe, estava sempre pronto a recear todo personagem extraordinário, que pudesse vir a ser uma ameaça para a estabilidade dos esplêndidos benefícios desfrutados por esse grupo de famílias que se denominavam *A Nobreza Sacerdotal*. Eles haviam-se apropriado dos mais altos e produtivos postos nas diversas funções do Templo, os quais vinham sendo transferidos de pais para filhos desde muitos anos.

Herodes o Grande, valendo-se de seu poder de rei intruso, havia feito subir até ao supremo pontificado uma obscura família, para justificar sua paixão tardia por uma das filhas, além de procurar exercer sobre os hebreus a ascendência que lhe favorecesse a aliança com o alto corpo sacerdotal.

Aliás, para um reizinho de um pequeno país, dominado pelos romanos, não estava de todo fora de lugar seu casamento com a filha do Sumo Sacerdote.

Conquanto já não existisse Herodes o Grande, no ano que vamos historiando, aqueles grupos sacerdotais, elevados por seu capricho e fora de toda lei, viviam receosos de que chegasse alguém que, pela Justiça e pelo Direito, os lançasse novamente na obscuridade, da qual os havia tirado a arbitrariedade de um rei sem outro deus nem outra lei senão sua desmedida ambição.

Esta explicação esclarecedora julgo necessária para que o leitor compreenda a extrema cautela dos Essênios, velhos conhecedores de todos os embusteiros do Templo e daqueles que viviam à sua sombra, explorando a fé de uns e o medo de outros.

Se também os membros do alto clero desejavam a chegada do Messias, Rei e Libertador de Israel, eles o queriam saído do seu próprio seio, com o fito de se engrandecerem ainda mais e fortificar o castelo de ouro em que se achavam exalçados.

Feitos estes esclarecimentos, continuemos a história.

Os Essênios mais antigos deviam ser avisados em primeiro lugar, para que, por sua vez, levassem o aviso aos demais, valendo-se de um estratagema aceitável, o qual, neste caso, seria o de que os viajantes procurassem tecidos especiais na velha e conhecida oficina de Elcana, sendo que aqueles que fossem à casa dele, o fariam para travar relações com esses comerciantes vindos de Jerusalém.

Josias e seus dois amigos Alfeu e Eleázar, dos quais o leitor se lembrará desde os dias do nascimento de Jhasua, deviam aguardar a chegada dos viajantes em casa de Elcana, pois, sendo possuidores de grandes rebanhos de ovelhas, eram eles também fornecedores de lã à velha oficina, circunstância esta que não podia causar a menor estranheza a ninguém.

Além do mais, eram eles, para muitas famílias, abastecedores de lã, bem como de adubo para as terras de hortos e sementeiras.

Como se vê, constituía tudo isso motivo muito justo para que os três freqüentassem as casas de seus respectivos clientes.

Seriam, pois, eles, pela segunda vez, os que fariam chegar até Jhasua todos aqueles que estivessem a par do segredo da vinda do Messias tão esperado por Israel.

A surpresa de Elcana e de Sara foi grande, pois acabavam de chegar de Jerusalém, e nada lhes fora dito sobre esta viagem de Jhasua.

– Ele vem de passagem, rumando ao Santuário do Monte Quarantana – responderam os Essênios às perguntas que ambos os esposos lhes fizeram. – Agora mesmo seguiremos viagem para anunciá-lo por lá. Só dispomos de oito dias, pelo que devemos apressar-nos, se quisermos que todos os irmãos que estão em condições para isto, recebam sua visita.

Tomando apenas alguns breves momentos de descanso, os dois Terapeutas montaram novamente em suas mulas montanhesas e empreenderam a mesma viagem que, doze anos antês e numa rigorosa noite de inverno, Elcana, Josias e Alfeu haviam feito ao Santuário do Monte Quarantana, no dia seguinte ao do nascimento do Verbo de Deus, para levar a boa nova aos solitários.

O ardente sol da primavera na Judéia caía abrasando a terra, ressecando os restolhais de suave feno, e dando aos campos aquele indefinível matiz amarelento.

Pouco faltava para o meio-dia, ou seja, para a primeira hora da tarde, quando Jhasua, arquejante e com o rosto avermelhado como uma rosa, caiu nos braços de Elcana e de Sara, para passar logo aos de Josias, Alfeu e Eleázar, que o estavam aguardando com grande ansiedade.

Seu formoso semblante, tingido de um rosado vivo pelo ardor do sol, dava-lhe tal aspecto de saúde e de animação, juntamente com a alegria que irradiava de seus olhos cheios de inteligência, que os três amigos que o não viam há doze anos ficaram deslumbrados ante aquela beleza plena de vitalidade. Mais ainda se maravilharam ouvindo sua voz cristalina, que não parava de contar minuciosamente as peripécias da viagem e até as ocasiões em que o seu asninho havia sacudido as orelhas ao cruzarem lagartos ou codornas pelo caminho.

O encanto que Jhasua produziu em todos, naquela casa, onde, pela primeira vez, vira a luz da vida, não pode nem deve ser descrito, para que a intuição sutil do leitor o interprete.

Cortou José de Arimathéia aquele suavíssimo encantamento, dizendo:

– Teremos que continuar nossa viagem imediatamente, tão logo se aplaquem os raios solares porque dispomos de mui pouco tempo.

– Já o disseram os dois Terapeutas que anunciaram a vossa chegada; no entanto, embora tenhais muita pressa, podeis, pelo menos, comer conosco – disse Elcana. – Como estais vendo – continuou – Sara já está dispondo a mesa.

– Quantos somos? – perguntou ela olhando para o conjunto, no qual não podia precisar quantos eram, pois, em torno de Jhasua, o grupo era tão compacto que quase não se o via, porque todos os presentes se achavam ao seu redor.

Contudo, como ao menino não escapava coisa alguma e sentia grande apetite, foi o primeiro a responder:

– Esperai, tia Sara, que eu vos direi em seguida quantos somos. Tantos como dez – disse rapidamente. – Levai em conta que só eu comerei por dois, porque o trote desse travesso asninho me abriu tamanho apetite que já não me bastará comer só um pouco para poder viver.

– É verdade, meu menino querido? Pois vem sentar-te em seguida entre estes velhos tios que te viram nascer. – E acomodou Jhasua no centro da cabeceira da mesa, entre si e Elcana.

– Sede todos bem-vindos e ocupai os lugares de vosso agrado – tornou a acrescentar a ama da casa aos demais.

Nem bem estavam todos sentados, quando, sem que ninguém lho mandasse, o menino se pôs de pé, cerrou seus formosos olhos, e cruzando as mãos sobre o peito, pronunciou as palavras da chamada "Bênção do Pão".

Naqueles semblantes varonis, alguns queimados pelo sol ardente da Judéia, correram algumas lágrimas furtivas, em face da poderosa irradiação de amor ao Deus-Pai Universal que a oração de Jhasua havia posto em atividade.

Após terminar, procedendo como faria um chefe de família, tomou o pão apresentado e o partiu em dez pequenos pedaços. Ao levantar os olhos, viu cravados em si os olhos de todos e, naqueles olhares, encontrou esta muda interrogação: "Por que o pão é partido pelo menino, se isto deve ser feito pelo dono da casa, conforme a tradição?"

Com grande serenidade, Jhasua respondeu a esse pensamento:

– Abençoei e parti o pão porque uma voz interna me disse: "O amado é quem reparte o pão entre seus amados." E aqui, parece *que o amado sou eu.*

– Deus falou por tua boca, tesouro escolhido entre milhares – exclamou Sara, acariciando-o ternamente. Quem pode ser mais amado do que tu?

Aquela refeição, mais do que um simples ato comum da vida, foi um ágape de terna devoção para aquele menino que era, para todos que o rodeavam, uma fração da Divindade descida à Terra.

Apenas terminado o repasto, um velho criado entrou para avisar a Elcana que o jardim estava enchendo-se de tecedores que vinham vender seus tecidos aos viajantes de Jerusalém.

– Está bem – respondeu Elcana –, irei imediatamente para lá.

Nem bem chegou, encontrou-se com umas trinta pessoas, todos homens, bem conhecidos dele como antigos essênios da província.

– Vinde comigo ao cenáculo, que ali *o vereis* – indicou-lhes.

Assim que acabaram de entrar, chegou outro criado que disse ao amo da casa:

– Senhor,... na portinha do palheiro, por onde se entra para os montes de feno e de lenha, há uma porção de mulheres mendigas que pedem o pão e o tecido que a ama lhes prometeu.

Sara, que se aproximava, ouviu estas palavras e apressou-se em responder ao criado:

– Já vou lá! Deixa isto por minha conta!

Eram mulheres essênias que, para não chamar a atenção, haviam combinado cobrir-se com o manto cinza das mendigas e bater à casa de Elcana – porta essa que dava para a campina, na direção oposta à grande porta de entrada, voltada para uma das tortuosas ruelas de Betlehem.

Todos aplaudiram o engenhoso ardil das mulheres, que não se envergonharam de disfarçar-se daquele jeito para comparecer diante do Bem-Aventurado que as esperava.

Tão logo entraram no cenáculo, elas retiraram os mantos cinzas para deixar a descoberto as túnicas brancas e os véus fechados sobre o rosto, conforme costumavam proceder as mulheres essênias para as solenidades religiosas.

Elcana chamou, em seguida, os que estavam ainda ao redor da mesa e, tomando o menino das mãos dos dois Terapeutas, conduziu-o ao grande cenáculo no qual havia mais de sessenta pessoas reunidas. Colocando Jhasua de pé sobre o centro do estrado maior, disse Elcana:

– Que este humilde cenáculo seja para todos nós um Santuário, no qual Deus desce para visitar-nos.

Começaram, então, a cantar, a meia-voz, as essênias, tangendo suaves alaúdes:

"Hosana ao Filho do Rei dos Céus, que vem visitar-nos!

"Hosana ao Desejado de Israel que vem ensinar-nos o caminho da Luz!

"Enxuga teu pranto, Betlehem, e não chores mais por teus inocentes mártires, porque chegou a ti a glória de Israel!

"Semeemos de flores a senda do justo que traz a Verdade de Deus sobre a Terra!"

E das bolsas de fazenda, que traziam como para receber esmola, aquelas mulheres lançaram aos pés de Jhasua uma branca chuva de flores.

Nesse instante, uma das mulheres, que havia permanecido afastada num canto e que estava velada de negro, chegou-se para o centro da sala e, ajoelhando-se ante o menino, disse entre soluços:

– Anjo de Deus que perdoa os pecados!... perdoa ao infeliz Herodes pela matança dos inocentes por querer matar a ti!...

– Mulher, levanta o teu véu! – ordenou o mais idoso dos Terapeutas.

Ao obedecer, puderam ver naquela mulher um belíssimo rosto dolente e que aparentava uns trinta anos de idade.

O Terapeuta acrescentou:

– Esta mulher é Mariana, a última esposa de Herodes o Grande, que a fez vítima de um capricho fugaz como a todos os seus.

"Nos dias das matanças dos meninos, ela fugiu do palácio e, desde então, está albergada em um de nossos refúgios que temos nas grutas dos antigos balneários de Salomão. De seu pecúlio saiu a despesa do regresso e da reabilitação das famílias que fugiram naquela época.

"Ela tencionava manter-se incógnita até o fim de sua vida, mas nós decidimos que também ela recebesse a Bênção de Jhasua, porque é essênia do segundo grau e mãe de todos os inválidos desta província."

Jhasua desceu rapidamente do estrado e, aproximando-se dela, disse com imensa ternura:

– Mariana! És viúva do rei que quis me matar, e vens pedir-me seu perdão!...

Rodeando com os seus bracinhos aquela cabeça agitada por fortes soluços, beijou-a na testa e acrescentou:

– Eu te dou minha bênção de menino, em nome do Pai Celestial, que está dentro de mim.

A mulher inclinou o rosto para a terra no intuito de beijar-lhe os pés, mas ele antepôs as mãos, e ela as cobriu de beijos e lágrimas. A emoção daquela cena estendeu-se por todo o salão, e ninguém pôde pronunciar palavra alguma. Enquanto isso, a mulher se levantou e, cobrindo-se novamente, foi colocar-se, em silêncio, no meio do grupo das mulheres.

Os Terapeutas e os três amigos, que eram como os cicerones entre todas as famílias essênias, foram fazendo as apresentações de todos que haviam chegado para visitar Jhasua.

Algumas daquelas mulheres eram mães de meninos assassinados na inolvidável tragédia, outras eram irmãs. Todas, no entanto, eram devedoras a Mariana pelo bem-estar que desfrutavam.

E, quando elas lhe perguntaram: "De que maneira pagaremos pelo quanto tens feito por nós?", Mariana respondeu: "Perdoai ao criminoso que tanto vos fez padecer!"

Esta ocorrência faz pensar que até os monstruosos têm, em sua vida de crimes, um Anjo que os ama e que ajuda a se redimirem, ainda que seja através dos séculos.

Um dos Terapeutas Essênios, que era conhecido por todas aquelas pessoas, dirigiu a palavra ao conjunto:

– Que a felicidade que recebeis de Deus neste dia não vos torne indiscretos de forma alguma, porque o dano que o menino possa vir a receber por causa da abstenção do santo silêncio, recairia desde logo sobre vós mesmos. Que todas as vossas orações e pensamentos, daqui por diante, sejam em cooperação com ele, para o feliz cumprimento de sua missão redentora desta Humanidade.

"Se digo *feliz* cumprimento, não é porque alimente a ilusão de que o caminho da redenção haja de ser semeado de flores. Como espíritos integrados numa grande aliança, que, conforme sabeis, abrange muitas idades, estamos bem convencidos do que é e significa o qualificativo sublime referente ao Redentor.

"Cumprir com felicidade u'a missão é levá-la a feliz termo, de tal maneira que a poderosa corrente de Amor Divino, trazido à Terra pelo Filho do Altíssimo, chegue a nivelar o espantoso desequilíbrio produzido pelas forças do Mal que imperavam sobre a face deste Planeta há doze anos.

"Desta sorte, nossa oração do mais íntimo de nossa alma será sempre esta, enquanto o Cristo permanecer na Terra:

> 'Eterno Deus, Poder Infinito! Que Vosso Amor Misericordioso salve, nesta hora, o que o Mal deitou a perder.'

"Com essas palavras, sentidas por Vosso Eu interno, vos colocais em sintonia com as elevadas Inteligências que regem a evolução desta Humanidade; bem assim com o Verbo de Deus, que é o instrumento escolhido, e com a própria Energia Divina, cuja Eterna Idéia queremos secundar.

"Agora tendes oportunidade até a nona hora, para que possais dizer a este Anjo de Deus, que tendes a vosso alcance, aquilo que vos ditar o coração. Mas, em ordem e um depois do outro, procurando ser breves para não causar-lhe demasiada fadiga."

Jhasua ficou sozinho no estrado principal, pois todos se retiraram para o outro extremo da sala. Os Terapeutas fizeram aproximar, um de cada vez, todos os que haviam sido chamados para visitar o menino. Josias, Alfeu e Eleázar tiveram a preferência, em virtude do grau que já possuíam na Fraternidade.

Pôde ser notado que Jhasua estava como que possuído de uma força e claridade divina, porque tomou o aspecto de um Iluminado, de extático; e, sem que tivesse conhecimento da vida de cada um, nem de suas necessidades espirituais ou físicas, falou a cada qual de acordo com o que lhe ocorria em sua existência e na dos seus familiares.

Começava sempre com estas palavras:

"Jehová manda dizer-te isto." – E o dizia com um acerto admirável, motivo por que todos ficaram maravilhados.

A Eleázar, entre outras coisas, disse:

"Jehová manda dizer-te que não deixes casar tua filha mais velha com o jovem que a pediu em casamento, porque já está por se manifestar nele a lepra. Não deve o justo trazer descendência leprosa para este País, onde já são muitos os que a têm."

Anunciou a Josias que um de seus filhos casados ia morrer num acidente provocado pela esposa, visto não estar obedecendo à Lei de Jehová, e que, quando o vaticínio se cumprisse, recolhesse a netinha maior porque era um Espírito da Aliança, e ele mesmo necessitaria dela alguns anos mais adiante. Com efeito, poucos anos depois ficou cego.

A Alfeu recomendou que repartisse entre os seus filhos já casados aquilo que lhes pertenceria por herança, e que se dedicasse ao estudo da Lei e dos Profetas.

E, para não nos estendermos demasiado neste assunto, escusamo-nos de mencionar tudo quanto disse aos demais. Alguns se apressaram em obedecer ao aviso quando este era premente. Outros deviam aguardar que os acontecimentos se sucedessem; e os Terapeutas, inteirados das mensagens de Jehová por intermédio de Jhasua, tomaram escrupulosamente nota de tudo para comprovar o seu cumprimento no devido tempo.

Alguns que tinham os pulmões corroídos, e outros com úlceras internas, sentiram-se curados dos seus males físicos, porque Jhasua, pondo as mãos sobre a parte enferma, havia dito somente estas palavras:

"Jehová me diz que estás enfermo e quer que sejas curado!"

Não obstante haverem alguns daqueles irmãos saído entristecidos por causa dos avisos de natureza dolorosa, todos adoraram a grandeza de Deus naquele menino que os via pela primeira vez e falava de coisas e circunstâncias íntimas, relacionadas com eles mesmos ou com seus familiares.

Até se deu o caso de que, quando um dos presentes se aproximou, Jhasua o observou durante alguns instantes, e logo disse: "Duvidas de que eu possa trazer-te u'a mensagem de Jehová, porque me vês tão criança! Apenas duvidas porque teu coração não é puro e tua consciência te acusa:

"Guardas a terça-parte do ordenado que deves pagar aos teus operários, com o pretexto de indenizar-te dos prejuízos que eles poderão causar a animais teus; ou dos estragos causados à lã de tuas ovelhas; ou, ainda, aos teares de tua oficina. Isto não só é impróprio de um essênio, como também é contra a Lei, que preceitua: 'Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo.' "

– Menino de Deus!... – exclamou aterrorizado aquele homem. – Agora não duvido mais, porque me disseste toda a verdade. Que devo, pois, fazer?

– Devolver aos operários o que retiveste em teu poder, e, se, algum dia, te inutilizarem um animal ou quebrarem um tear, neste caso poderás fazer justiça; entretanto, se, ao fazê-la, te colocares no lugar de quem cometeu a falta, agirás muito melhor, e Jehová te abençoará.

Este homem condoeu-se tanto do que havia feito que, pouco depois, se apresentou ao Santuário do Monte Quarantana, para declarar seu pecado ante os Anciãos, a fim de que lhe tirassem os graus recebidos na Fraternidade.

Limitaram-se os Anciãos a aconselhar-lhe que socorresse os velhos e órfãos desamparados, durante três anos, pois era o tempo que lhe faltava para terminar o segundo grau.

Finalmente, esgotou-se a hora das confidências com o Ungido Divino, e as pessoas separaram-se.

Quando os companheiros de viagem se aproximaram de Jhasua, este lhes disse:

– Quanto me deixastes dormir! Parece que fiz uma longa caminhada!

Olharam-se uns aos outros, pois compreenderam que o menino havia falado em estado de clarividência perfeita, ou seja, desprendido de sua matéria, pois não conservava recordação alguma do que sucedera.

Uma hora mais tarde, prosseguiram a interrompida viagem até o deserto da Judéia, em cujo centro parece dormir, em grande quietude, o Mar Morto ("Mar das Salinas" da Pré-História), sinistro sarcófago de cinco populosas cidades, consumidas pelas labaredas de petróleo ardente (*).

O final da viagem era, como já sabe o leitor, a aprazível aldeia de En-gedi, na própria base do árido Monte Quarantana.

O cenário é o mesmo que contemplamos nos primeiros capítulos desta obra: cabanas de pedra dos lenhadores e pastores de cabras, que correm e saltam por altos e baixos, por vales e colinas, pelos cumes e precipícios. No final, quando a grande

(*) As cinco cidades são: Sodoma, Gomorra, Zeboim, Adama (ou Aadma) e Bela, ou Belha (N.T.).

plataforma de pedra intercepta a vista e o passo do viajante, encontra-se, como aderida àquela rocha, a já conhecida "Cabana de Andrés", que continuava mantendo o nome do antigo dono, não obstante haver este já passado para a vida espiritual.

Eram passados doze anos, e algumas transformações haviam ocorrido na modesta vivenda. A anciã Bethsabé, viúva de Andrés, continuava sendo a dona da casa, com seus dois filhos Jacobo e Bartolomeu, ambos já casados com humildes aldeãs, pastoras do lugar, que, sendo irmãs órfãs de mãe, encontraram na boa Bethsabé a mãe que tinham perdido na meninice.

Jacobo havia substituído seu pai no cargo de porteiro do Santuário do Quarantana, posto esse em que era auxiliado por seu irmão Bartolomeu.

A chegada dos viajantes era acontecimento muito importante para a aldeia de En-gedi, pois, embora tivessem procurado dar a seu aspecto exterior o tom mais modesto que lhes foi possível, houve numerosos comentários a meia-voz.

Mas, como viram os dois Terapeutas com eles, tranqüilizaram-se imediatamente, julgando, da mesma sorte como de outras vezes, tratar-se de pessoas de Betlehem que viessem encomendar queijo e mel da Granja de Andrés, os quais eram muito procurados em toda aquela região; ou, talvez, para realizar escavações nas antigas salinas, pois ocorria às vezes que pessoas atacadas de reumatismo buscavam aqueles sais para seus enfermos.

– Mas esse formoso menino, montado sobre um asninho... que tarefa desempenharia entre os viajantes?

"Para encomendar queijo e mel, ele não seria necessário. Para escavar nas salinas, tampouco.

"Quem sabe, é um pequeno príncipe que, perseguido pelos herodianos, vem refugiar-se na Iduméia ou em Madian, para salvar-se!"

Assim, dir-se-ia, esgravatavam aqueles bons aldeães no pó que as cavalgaduras dos viajantes levantavam naqueles caminhos para encontrar a solução do enigma.

Adivinhando todas essas interrogações nos olhares investigadores de todos os aldeães, os Terapeutas apressaram-se a tranqüilizá-los, dizendo:

– Aqueles que tiverem aprovisionamentos de queijo, mel, cera e figos secos, podem prepará-los, porque estes senhores vêm de Jerusalém para fazer suas compras. Mas somente coisa boa. Eles não querem artigos com defeito.

Foi um regozijo geral que fez silenciar todos os comentários e as misteriosas conjeturas! Depois de se inteirarem de que os viajantes permaneceriam sete dias na Granja de Andrés, desapareceram todos para ir contar, aos que ainda não o sabiam, o importante assunto dos viajantes de Jerusalém.

Poucos momentos depois, a anciã Bethsabé e suas noras recebiam a visita daqueles viajantes, cuja passagem pela aldeia havia movimentado a todos. A anciã, que conhecera a Jhasua no berço e que estava a par do segredo de *quem era ele*, arrojou-se ao solo para beijar-lhe os pés, chorando de felicidade. E chamava suas noras: "Vinde também vós, que este menino será o Salvador de Israel."

Mas Jhasua, sentindo dentro de si imensa alegria, destampou-se, em seguida, como uma ânfora demasiado cheia, dizendo:

– Não choreis, boa mulher, que me fazeis lembrar a Avó Sabá do Monte Carmelo: ela chorava cada vez que me via.

"Sei que sois a anciã Bethsabé, que tendes dois filhos, Jacobo e Bartolomeu e uma porção de graciosos cabritinhos que serão minhas delícias nos dias que passarei aqui..."

– Oh, meu estimado menino! – exclamou a boa mulher, enxugando o pranto. – Como sabes tudo isso, se jamais vieste aqui?

– Porque sou muito amigo dos Terapeutas; eles me contam tudo.

Nesse meio-tempo, os Terapeutas falavam com as noras de Bethsabé, com o fito de instruí-las na necessidade de serem mui discretas, no caso de surgirem perguntas por parte dos vizinhos. Ambas as jovens eram essênias do primeiro grau, verdadeiras filhas de Bethsabé e respeitavam, acima de tudo, a sua vontade. A anciã as havia arrancado aos maus-tratos da madrasta; por isso, eram para ela como dois cordeirinhos de admirável docilidade.

A mais moça chamada Baara, esposa de Bartolomeu, correu por um caminho da montanha para avisar os dois irmãos que estavam trazendo, com seus asnos, cargas de feno para os estábulos. A mais velha era Agar. Esta correu, por sua vez, para a cozinha, com o fim de apressar a ceia, pois a tarde já estava declinando.

Como se estivesse em sua casa, disse Jhasua a Bethsabé:

– Dai uns feixes de feno fresco a meu asninho, e pão com mel para mim, porque nós dois temos grande apetite.

Pouco depois da chegada dos dois irmãos, os Terapeutas dirigiram-se para o secreto caminho do palheiro, a fim de darem aviso aos Anciãos de que o Homem-Luz, menino ainda, aguardava o momento de entrar no Santuário para poder abraçá-los, depois de haver percorrido longo caminho, desde Jerusalém, sobre o seu asninho cinza.

A entrada de Jhasua no Santuário do Monte Quarantana foi mais emotiva, se assim podemos mencionar, do que nos outros Santuários Essênios. Um essênio com um menino de 13 anos saiu para recebê-los.

Este menino era Johanan, que, mais tarde, seria chamado o *Batista*, ou seja, o Profeta do Jordão.

A Jhasua acompanhavam os Terapeutas, José de Arimathéia e Nicodemos.

Os dois meninos ficaram olhando-se por breve instante... e, enquanto a formosa cabeça ruiva de Jhasua e a de Johanan, negra retinta, se confundiam no estreito abraço dos dois escolhidos do Senhor, ouviu-se esta dupla exclamação:

– Jhasua!...

– Johanan!...

– Os Anciãos vos esperam na sala de visitas – disse o Essênio que os havia recebido.

Mas os dois meninos não se moveram.

Quando, por fim, aquelas duas formosas cabeças se separaram, todos viram gotas de pranto que lutavam por derramar-se e correr...

Johanan foi o primeiro a falar:

– Eu te havia visto em sonhos, esta noite. Chegavas a mim, tal como o fizeste agora!...

– Ao sair para aqui – observou Jhasua –, minha mãe disse: "Nas montanhas da Judéia tens um primo, menino como tu, cuja mãe, antes de morrer, teve a revelação de que ele seria um grande servo de Deus." Tão logo te vi, supus que eras tu esse menino.

Os Terapeutas e o Essênio-porteiro sabiam que Johanan era a reencarnação de Elias e, como é natural, lembraram-se disto naquele instante. Por sua vez, José de Arimathéia e Nicodemos captaram telepaticamente a onda e disseram quase ao mesmo tempo:

– Não estaremos na presença de Elias, o Profeta que prepara os caminhos ao Messias, o Salvador?

– Em verdade, a Divina Sabedoria descerra os véus de seus eternos mistérios para as almas de boa vontade – disse o Essênio, tomando uma das tochas que irradiavam luz amarelenta no corredor da entrada.

– Vamos – acrescentou, começando a andar, sendo seguido pelos dois meninos, pelos dois jovens Doutores e pelos Terapeutas que encerravam a caminhada.

Johanan havia tomado Jhasua pela mão e, aproximando-se do Essênio, perguntou:

– Podereis deixar-me passar adiante para guiar o meu companheiro?

– Passai, passai, crianças! Como poderemos pretender que *caminheis atrás de nós?*

Compreenderam todos o segundo significado dessas palavras, e Nicodemos observou:

– Bendigamos o Altíssimo, se é que poderemos segui-los de longe, sequer.

– E pensar que esta Humanidade caminha nas trevas, embora tendo estes dois grandes luminares! – exclamou José de Arimathéia.

– É porque o orgulho e a ambição cegam os poderosos, que julgam guiá-la para a felicidade – respondeu o Essênio.

– É a "Rainha Cega" de nossas esculturas de pedra – acrescentou um dos Terapeutas.

Enquanto os adultos avançavam lentamente, esquivando-se das arestas e das pontas salientes do teto, os dois meninos já haviam chegado à pracinha sobre a qual desembocavam todas as grutas habitadas pelos solitários.

Os jovens Doutores pensaram:

"Como é que agora deixam penetrar pessoas do exterior sem vendar-lhe os olhos?"

A sensibilidade extrema do Essênio captou a onda e respondeu:

– Quando o Rei está presente, todas as portas se abrem para ele e para os seus acompanhantes...

"Já estamos em casa." – E deixou a tocha que os havia iluminado através do sombrio corredor.

– Esta é a gruta do Servidor – disse, nesse momento, Johanan, designando uma ampla caverna aonde chegava o sol que iluminava a pracinha. Era ele um ancião venerável, cujo rosto, viçoso e rosado, não estava de acordo com seus membros inferiores, atacados duramente pelo reumatismo persistente e já crônico.

– Luz de Deus! – exclamou, estendendo os braços para Jhasua. – Outra vez iluminando o meu caminho na Terra!

– Apenas chego a vós pela primeira vez, e dizeis que ilumino novamente vosso caminho – observou o menino, deixando-se estreitar pelos braços do ancião.

– Eu me entendo, e tu me entenderás também.

Junto ao Servidor havia outros cinco Anciãos, todos muito idosos, que tratavam, em vão, de dominar sua intensa emoção. Johanan foi apresentando: Gedeão, Laban, Thair, Zacarias, meu pai, e esta *Harpa viva* que se chama *Hussin.*

O Essênio, a quem denominou "harpa viva" abraçou-se com Jhasua e começou a soluçar profundamente.

– Eu te esperava para poder partir – disse quando pôde falar.

– Vais muito longe? – perguntou Jhasua, cravando os meigos olhos nos de Hussin.

– Pelo contrário, bem perto! Tão perto que continuarei ao teu lado na aragem das tardes que ondulará teu cabelo... Vou e volto, meu menino, como a onda do mar que tornará à praia, sem que a sintas chegar. Vou e volto, como a ave que busca um sol ardente, e que, passado o inverno, torna ao velho ninho.

– Estás dizendo um salmo tão formoso como aqueles que, ao entardecer, minha mãe canta ao alaúde, e nele anuncias a tua morte... atalhou, comovido, o menino.

Estava o diálogo neste ponto, quando entraram na gruta do Servidor também os outros viajantes.

– Bem-vindos sejais todos a esta casa de Deus – disse o Servidor, ao vê-los chegar.

O Essênio-porteiro indicou-lhes os estrados cobertos de esteiras.

– Este Santuário – explicou – não é como os do norte que, por certo, conheceis. Não é mais do que um passadiço para chegar ao Grande Santuário do Moab. Como a subida é longa e penosa, fez-se esta "Parada" no Quarantana para os débeis e os enfermos.

Passada a impressão inicial, animou-se a conversação, e cada um dos viajantes a estabeleceu com um dos Anciãos.

Ouçamos a do Servidor com José de Arimathéia:

– Sois vós o pai do menino, não é verdade?

– Não, Servidor! Sou um amigo íntimo de sua família, e sou, além disto, quem conseguiu a permissão para trazê-lo até vós.

– Oh, graças, graças! Que o Altíssimo vos recompense largamente!

"Não poderíeis ter vindo em melhor oportunidade, pois, na próxima lua, cinco de nós serão chamados ao grande Santuário de Moab, ficando aqui apenas Zacarias com Johanan e o Essênio-porteiro, que é Dathan.

"Em verdade, foi uma inspiração divina! Se não vos causar trabalho muito pesado, peço relatar-me tudo quanto souberdes de Jhasua, pois, em nosso Arquivo, não deverá faltar nenhum dos pormenores."

– Com todo o prazer, mas antes queirais dizer-me o que já sabeis e o que vos falta por saber – respondeu o interpelado.

– Conhecemos os fatos até o dia em que o tiraram do Santuário do Monte Hermon e ignoramos o restante até hoje.

"Irmãos – disse o Servidor em voz alta –, temos trabalho para realizar, e, como é algo pesado para os meninos, que um dos irmãos Terapeutas os leve ao horto, entretendo-os ali, como lhes parecer mais agradável.

"Johanan – chamou em seguida –, vai mostrar a Jhasua o teu rebanho de cordeirinhos e os teus pombais. Brincai e recreai-vos, queridos, que, depois, tereis toda uma vida diante de vós para meditar e sofrer..."

Jhasua interrogou a Nicodemos e José de Arimathéia com o olhar.

– Vai tranqüilo, Jhasua, que aqui não existe perigo de nenhuma espécie – responderam ambos.

Saíram os dois meninos seguidos pelo mais jovem dos Terapeutas.

Escutemos, leitor amigo, as conversações de uns e de outros, que o pincel mágico da Luz desenhou no Infinito.

José de Arimathéia relatou tudo quando sabemos de Jhasua desde sua saída do Monte Tabor.

O Essênio-porteiro e Thair faziam anotações, à medida que o relator falava. Quando chegou aos sermões de Jhasua sobre a Divindade, no Templo de Jerusalém e no cenáculo de Nicolás de Damasco, o relator tirou sua caderneta do bolso e leu os termos exatamente como os registrara um Escriba-Essênio que havia assistido à reunião.

– É esta a única maneira de fazer com que nos fique uma exposição verídica e continuada da vida do Verbo de Deus encarnado aqui na Terra – reconheceu o Servidor, assim que José de Arimathéia terminou o seu relato.

– Assinai-os! – pediu o Servidor ao terminar a leitura dos papiros em que os Escribas haviam anotado tudo.

– Eu também fui testemunha de tudo isso – esclareceu Nicodemos; pelo que assinarei igualmente.

– Da mesma forma nós – disseram os Terapeutas presentes.

– Está bem! Assinais os dois papiros; levaremos um deles ao Grande Santuário do Moab, e o outro ficará arquivado aqui, segundo determina a nossa Lei. Colocai debaixo de vossas assinaturas o grau que tendes na Fraternidade Essênia.

Terminado tudo, passaram ao Santuário, que estava situado na mesma pracinha, onde algumas velhas oliveiras sombreavam o ardor do sol, caindo em cheio sobre aqueles penhascos. Os Anciãos caminharam os poucos passos que os separavam do Santuário, usando cajados e apoiando-se sobre os viajantes; mas o Servidor foi colocado sobre uma rústica poltrona de rodas, que um dos Terapeutas empurrava suavemente.

Chegados ao Santuário, que o leitor chegou a conhecer nos primeiros capítulos desta obra, Hussin – a "harpa viva", conforme lhe haviam chamado Johanan e todos os demais – tomou de uma pequena lira e executou uma suavíssima melodia, que ele havia intitulado:

"ESPERANDO O AMOR"

Esperamos-te, Amor, com as auroras,
Que nos desfolham camélias e goivos;
E quando some a derradeira estrela
No fundo azul do céu...
Aguardamos-te, Amor, quando a tardinha
Ao Sol dirige seu adeus saudoso;
Quando a noite já seus fanais acende,
Esperamos-te, Amor!...
Nas Aflições da vida e até na tumba,
Esperamos-te sempre; bem o sabes.
Muita neve cobre nossas cabeças,
Mas andam bem os pés!...
Esperando-te, Amor, passaram séculos,
Que já medir o coração não pode
Tantos anos e luas! Amor, ouves?...
Já é hora de vir!...
Vem, Amor, que a Terra se desmantela
Nas angústias de morte e nos terrores!
Foi tão extensa a maldade semeada,
Que não há palmo sem dor!...
Vem, Amor, pois, senão, os que te aguardam
A emigrar breve serão compelidos,
Como errantes, cansadas andorinhas,
Que voam sobre o mar!...
Vem já, Amor!... Não tardes, que morremos
Em negro lodaçal asfixiados;
Muitos mártires teus, que te esperavam,
A Humanidade os ceifou!...
Nos anseios da vida e até na morte,
Aguardamos-te sempre; tu o sabes...

Que importa haver neve em nossas cabeças?
Pois andam bem os pés!...
Vem já, Amor!... Não quero que meus lábios
Dêem à vida seu adeus derradeiro
Sem tua Luz haver eu contemplado;
Sem sentir teu calor!...
Vem já, Amor!... que em ânsias te buscamos,
Como o filhinho sua mãe reclama...
É tão profunda a dor por não te vermos
Quanto o lento morrer!...

Aquelas vozes trêmulas de homens octogenários, a cantar entre lágrimas, estenderam em volta de si uma corrente de amor tão poderosa que José de Arimathéia e Nicodemos não puderam resistir, e se abraçaram, chorando como crianças.

Nisto, sem saber como, nem por quê, Jhasua deitou a correr atravessando o horto. Ao ouvir o coro de vozes no Santuário, penetrou suavemente nele, indo colocar-se no meio de todos. Vendo-os chorar, disse com voz musical:

– Por que chorais com tal desconsolo, como se já nada tivésseis de esperar? As macieiras e as laranjeiras estão em flor, e as pombas arrulam de amor em seus ninhos.

"Estava eu tão ditoso a contemplar as obras do Pai Celestial, quando ouvi que cantáveis chorando!... E vós chorais também!" disse a José de Arimathéia e a Nicodemos.

Com profunda comiseração foi aproximando-se de cada um dos Anciãos, beijando-os ternamente enquanto dizia:

– Vim trazer-vos a paz e a alegria, e não é justo que choreis.

Quando chegou a Hussin, que ainda fazia vibrar as cordas de sua lira, disse alegremente:

– És tu o culpado de fazer todos chorar! Dá-me esta caderneta com os teus salmos. – E começou a ler os versos que todos haviam cantado em coro.

Calmamente foi sentando-se no estrado junto a Hussin, enquanto continuava a ler. Por fim, a caderneta caiu-lhe das mãos e seus olhos cerraram-se. Era o transe...

– Bohindra! – disse ele a Hussin – : havias de ser tu para cantar o Amor nesta suprema evocação.

"Já estou em vosso meio como a vibração mais poderosa que o Pai Celestial pôde fazer chegar a este Planeta. E porque tanto esperastes o Amor, agora o tendes. E porque tanto o buscastes Ele mesmo sai a vosso encontro a dizer:

"Rouxinóis do Amor Divino, soltai vossas asas aos espaços infinitos, que ainda tendes tempo de voltar antes que a Humanidade perceba minha presença em seu meio. .. Esperastes-me durante tanto tempo; no entanto, agora sou eu quem vos espera!..."

Passado um breve momento, o menino despertou e disse:

– No horto tudo está a florescer. Vinde comigo, e podereis vê-lo.

Ninguém pôde resistir, e todos saíram.

Grande assombro causou-lhes o fato de que o Servidor não mais necessitou de sua cadeira de rodas, tanto que saiu andando com os próprios pés, apoiado apenas no ombro de Jhasua, que lhe serviu de apoio.

Sob as velhas oliveiras do horto e sobre rústicos bancos de pedra, foram sentando-se primeiro os mais idosos e, por fim, todos. Apenas ficaram livres os dois meninos, que foram entregar-se a longas correrias, seguindo os cabritinhos malhados de diversas cores e os brancos cordeirinhos de Johanan.

– De quantos dias podemos dispor para ter o menino entre nós? – perguntou de pronto o Servidor aos dois jovens Doutores que o haviam trazido.

– De oito dias, contados desde a madrugada de hoje, quando saímos de casa – responderam ambos ao mesmo tempo.

– Descansando amanhã aqui, ainda tereis tempo para ir e voltar ao Grande Santuário do Moab – replicou o Ancião cravando os olhos escuros em seus interlocutores.

– Até Moab?!... Oh, Servidor!... pedis demasiado, não por nós, está claro, mas por causa do menino – objetou José de Arimathéia.

– Moab fica mui distante por causa da enorme volta do Mar Morto – acrescentou Nicodemos.

– Estais equivocados, meus irmãos – insistiu o Ancião. – Não há nenhuma volta.

– Como?! E as salinas? E o deserto? – voltou a perguntar José.

– Faz dez anos – disse o Ancião – que começamos a realizar o nosso sonho de encurtar a distância entre este Santuário e o do Moab.

– E o conseguistes?

– Completamente – respondeu o Ancião com profunda satisfação.

"Trazei o croqui do Mar Morto, irmão-porteiro – disse o Ancião.

Quando o Essênio-porteiro voltou, o Servidor estendeu o pequeno desenho sobre os joelhos e, tomando um ponteiro, foi assinalando.

– Vedes aqui no grande golfo, como a largura do lago se reduz à metade?

– Sim, vemos – responderam os interlocutores.

– Ali não há mais do que 15 estádios (*), e nós construímos balsas de troncos que podem cobrir 20 estádios.

– Mas como foi isto possível? – perguntaram assombrados os dois doutores.

– Perfeitamente possível!

E, chamando novamente o Essênio-porteiro, recomendou-lhe:

– Aproveitando a última claridade da tarde, mostrai a estes irmãos as nossas balsas ocultas no final deste horto.

José de Arimathéia e Nicodemos viram, com assombro, um forte muro, construído com largos troncos aplainados e presos uns aos outros com grossas correntes de ferro.

– Esta é uma cerca fortíssima, quase tanto como de pedra – disseram ambos.

– Uma cerca que se converte em ponte quando necessitamos atravessar este Lago da Morte – disse o Essênio.

Estavam, com efeito, na margem do Mar Morto, cujas águas, bastante turvas, dão a impressão de serem muito pesadas e, portanto, quietas. Alguns restos de antiqüíssimas ruínas sobressaíam de suas margens.

– Nem sequer os lagartos vivem entre tantos sinais de morte!... – exclamou Nicodemos ao ver o pavoroso aspecto daqueles escombros.

– Naturalmente que não – disse o Essênio – porque, em determinados dias, quando as águas sobem em virtude da cheia do Rio Jordão, estas ruínas ficam completamente submersas.

– E como vos arranjais para que esta cerca se converta em balsa? – perguntaram os visitantes.

– Quereis vê-lo? Irmãos Terapeutas – gritou –, chamais, por favor, a Jacobo e Bartolomeu, e venham mais dois de vós.

(*) Estádio: medida itinerária, equivalente em Israel, a 733 m (N.T.).

Daí a pouco os dois irmãos estavam manobrando rapidamente para soltar as amarras que mantinham as balsas em linha vertical como uma muralha a rodear o horto.

Em conjunto, os dois Terapeutas e os dois filhos de Andrés foram lançando as balsas ao lago. Cada qual media quatro côvados (*) de largura e vinte de comprimento, sendo que, amarradas uma às outras, formavam uma ponte suficientemente comprida para passar de um lado ao outro.

À medida que Jacobo e Bartolomeu iam estendendo as balsas sobre o lago, notava-se que eles se afastavam cada vez mais, enquanto os dois Terapeutas e o Essênio-porteiro continuavam atirando à água as demais balsas que iam sendo enganchadas umas às outras.

– E, quando se chega à outra margem? – interrogou José.

– Ali temos uma pequena granja, como a de Andrés – respondeu o Essênio –, onde dois sobrinhos do Servidor guardam mulas e asnos amestrados para nós, e, em meio dia, estamos no Santuário do Moab.

– Vossa perseverança faz milagres! – exclamou Nicodemos.

– Milagre que se fez em nove anos, e que estamos utilizando faz pouco mais de um ano sem que, até agora, haja falhado jamais.

Quando, poucos momentos depois, as primeiras sombras da noite começaram a descer, viu-se que, da margem oposta, faziam sinais com uma tocha levantada sobre um mastro, colocado no lugar preciso em que o grande golfo, lá existente, penetra tanto que se forma uma acentuada península, ou seja, uma língua de terra firme que sobressai entre as águas do lago.

– Já nos viram do lado de lá – disse o Essênio-porteiro –, e esses sinais indicam que trabalharão toda a noite lançando à água as balsas que lhes correspondem, a fim de que, amanhã, ao alvorecer, possamos atravessar o lago.

– Significa isto, então, que, na margem oposta, fazem o mesmo milagre que vós fazeis partindo daqui – concluiu José de Arimathéia.

– Naturalmente – respondeu o Essênio. – Visto que a Fraternidade Essênia não é senão uma só vontade e um só pensamento, ela tem podido realizar sempre suas obras, que vos parecem milagres.

– Já está feito o nosso trabalho – explicou o mais velho dos irmãos.

– Acorrentaste bem a última balsa ao mastro de amarração? – perguntou o Essênio.

– Acorrentei-a quando vi os sinais que nos faziam com a tocha.

– E esse mastro de amarração – interrogou Nicodemos –, está cravado no fundo do lago?

– Isso tem uma história à parte – respondeu o interpelado –, que vos hei de contar enquanto regressamos ao Santuário. Já surgem as primeiras estrelas, e esta noite tíbia de primavera, convida a caminhar lentamente.

– Olhai! Jhasua e Johanan estão divertindo-se muito, fazendo os animais entrar nos estábulos. – Com efeito, ambos separavam os cabritos e cordeiros de suas mães, a fim de que estas, no dia seguinte, dessem leite ao serem ordenhadas.

– A história do mastro de amarração é providencial. Faz cerca de vinte anos que as fontes de que se alimenta o Rio Jordão, além, na parte norte, transbordaram, e, em grande enchente, veio rio abaixo uma barcaça de carga que trazia um carrega-

(*) Medida antiga de comprimento que vai do cotovelo ao dedo médio da mão: 50 centímetros aproximadamente. Alguns autores atribuem-lhe 66 centímetros; outros, 41,80 centímetros (N.T.).

mento de madeiras do Líbano. Parece que a tripulação abandonou o barco durante a deriva, e a correnteza o trouxe até nosso "Lago da Morte".

"Quando as águas baixaram ao seu nível normal, a barcaça ficou enterrada no pegajoso betume que há no fundo, e apenas aparecia o seu mastro. Pois é esse o tal mastro de amarração no qual acorrentamos nossas balsas, e que se encontra mais ou menos no meio da largura do lago. Compreendestes?"

– Perfeitamente! Isto quer dizer que tendes bastante engenho para aproveitar todas as circunstâncias em benefício de vossa causa – disse José.

– Essas madeiras que ninguém jamais veio reclamar, nos têm servido para muitas obras, inclusive para as balsas.

– Aqui já estão chegando os meninos com toda a sua carga de risos e alegrias. Entremos com eles.

Deveras: Jhasua e Johanan pareciam estar contagiados pelos cabritinhos, e corriam como dois diabinhos disputando a vantagem de chegar primeiro.

– Sou mais ligeiro do que tu – disse Johanan – mas deixei que tu chegasses primeiro, porque és meu visitante.

– E, quando fores visitar-me no horto, em Nazareth, deixarei que subas primeiro na árvore das castanhas para que comas as melhores... A propósito, Johanan... tenho um apetite!

– E eu também. Corremos tanto!

– Pois a ceia já está posta – disse o Essênio que lhes escutara as últimas palavras.

Viram que, sob as oliveiras do horto e mais próximo das grutas, os esperava o Servidor com os outros essênios, já sentados ante uma rústica mesa, coberta com uma toalha branca. Cestinhas de frutas, vasilhas com manteiga e queijo, cântaros de mel e tantos pães dourados quantos eram os comensais, foi o que viram sobre a mesa, iluminada por tochas presas nas saliências das rochas, que formavam as entradas das grutas.

– Vinde aqui, filhotinhos, um de cada lado deste pobre velho passarolo – disse o Servidor aos dois pequenos, enquanto os fazia sentar, ficando ele mesmo entre os dois. Depois foram instalados José de Arimathéia e Nicodemos em ambos os lados dos meninos, seguindo-se, então, todos os demais essênios.

– Esta noite faremos uma exceção – acrescentou o Ancião. – Ficai ambos, Jacobo e Bartolomeu, para cear com estes filhos de Moisés.

Eram, assim, dezessete os que rodeavam aquela mesa.

– Com uma condição, Servidor – propôs Jacobo disposto a aceitar o convite.

– Fala, meu filho...

– Que, no regresso destes senhores do Monte Moab, venhais todos compartir de nosso pão na *Granja de Andrés*.

– Concedido, Jacobo... e que festa celebrais?

– É que minha mãe completa 70 anos de vida e 25 de viuvez, sendo que jamais deixou um só dia sem colocar flores no sepulcro de nosso pai.

– Celebrais, portanto, a Vida e o Amor!... Oh, que festa mais formosa e sublime!... – exclamou Nicodemos.

– São assim os montanheses do Mar Morto! – exclamou Hussin. – Parece até que, nos seus afetos mais íntimos, está representada a firmeza das rochas.

– O tempo não pode com eles! – acrescentou Thair...

– É verdade – disse novamente o Servidor. – Estes moços eram dois garotinhos de 11 e 9 anos, quando seu pai morreu. Desde então se puseram a nosso serviço e ainda continuam, sem pensar em nos abandonar. A Lei Divina lhes trouxe as

companheiras enamoradas para sua própria casa, e eles teceram os seus ninhos nas encostas rochosas do Quarantana... logo à porta dos filhos de Moisés.

Os dois irmãos, emocionados em alto grau, olharam para todos com esse sentimento profundo de amor e de submissão das almas humildes, para as quais todas as honras e os elogios parecem demasiados.

Enquanto iam sentando-se ao redor da mesa, continuavam os comentários sobre o formoso poema do amor desinteressado e perseverante dos filhos de Andrés para com os ermitãos do Monte Quarantana.

Terminada a refeição e antes de se retirarem, os dois irmãos perguntaram aos Essênios:

– Necessitareis de nós amanhã, na hora de empreender a passagem?

– Creio que não – respondeu um dos Terapeutas –, pois aqui estamos nós para guiar.

– Eu havia pensado – disse Bartolomeu – que seria conveniente o menino fazer a travessia sobre meu asninho mouro, pois não há outro como ele para caminhos movediços.

Teria sido preferível que não tivesse dito isto, porque Jhasua se levantou rapidamente da mesa e correu até Bartolomeu, regozijante de alegria e entusiasmo.

– Então tens um asninho mouro, e não me disseste nada?

– Não houve oportunidade até agora... Aceitas recebê-lo de presente? – O jovem e modesto montanhês acariciava os caracóis dos cabelos bronzeados de Jhasua, sem atrever-se a beijá-lo.

Mas o menino, como se houvesse sentido a vibração dessa nota íntima da alma de Bartolomeu, abriu os braços e, cingindo-o, disse-lhe:

– Primeiro eu quero a ti e depois a teu asninho mouro. Entendeste?

Todos observaram com satisfação aquela cena.

– Compreendi – respondeu o jovem – e digo-te, Jhasua, que eu e meu asninho mouro seremos teus para toda a vida!

O menino rodeou-lhe novamente o pescoço e beijou-o com ternura. Bartolomeu levantou-o em seus robustos braços e saiu, a toda a carreira, com Jhasua, para as cavalariças, que se achavam na parte final do horto.

– Esperai um pouco – gritaram várias vozes – que ainda não está na hora da viagem.

No entanto, o jovem montanhês, radiante de felicidade e amor, já não ouvia nada mais senão a doce voz de Jhasua, que lhe havia dito:

"Primeiro eu quero a ti e depois ao teu asninho mouro..."

– Está louco!... Está louco! – repetiu Jacobo, vendo o irmão correr com Jhasua nos braços.

– Vedes? – disse o ancião Servidor. – Como foi o amor de Andrés, seu pai, por nós, assim continua sendo o amor de seus filhos.

– O Amor? Um estrelinha meiga e suave, cuja luz não se apaga nunca – acrescentou o Essênio Hussin, poeta e músico que sustentava ser o Amor a única grandeza apreciável nesta Terra, eivada de egoísmos e ambições.

Alguns momentos depois, e, à luz da lua cheia – que se levantava como uma tocha de ouro no diáfano azul dos céus – viram Jhasua, que voltava montado sobre o asninho mouro, enquanto Bartolomeu o trazia pelo cabresto.

O inteligente animal, como orgulhoso da preciosa carga que levava, deu várias voltas em torno da mesa, até que o viram aproximar-se do pai de Johanan e esfregar o focinho num dos braços do Essênio.

– Pai! – gritou Johanan –, como costumas dar-lhe castanhas, ele as está pedindo agora.

– Aqui estão, mourinho; aqui estão. – E o ancião foi dando-as ao manso animalzinho que recebeu muitas festas naquela noite.

Ficou resolvido que sairiam ao amanhecer, com o fim de comprovar, à clara luz do dia seguinte, que o caminho de balsas sobre a água estava em perfeitas condições de passar.

Uma hora depois, tudo era sossego e quietude no humilde santuário de grutas onde o Verbo de Deus, menino ainda, se hospedava com uns poucos de seus fiéis seguidores.

Hussin da Etrúria

Somente Hussin velava, naquela noite, sentado junto à mesma mesa, ao redor da qual haviam ceado pouco antes.

Sentia-se como transportado a outro mundo, alheio às misérias e egoísmos da Terra.

Seu pensamento percorria algumas de suas vidas anteriores, e sua alma expandia-se na puríssima felicidade ao ver-se novamente junto do Verbo de Deus feito homem.

Do âmago de seu ser, repleto de gratidão ao Eterno Amor, levantava-se esta meiga pergunta: "Que fiz eu para que me amasses tanto, ó Supremo Amor?"

Deitando para trás a cabeça coroada de cabelos brancos, parecia procurar esse Eterno Amor no sereno céu estrelado, em cuja direção se lançava, naquele momento, o seu Espírito, em profunda contemplação.

Para dizer a verdade, Hussin não era alquebrado pelos anos, pois tinha apenas 59, a não ser pela debilidade de sua matéria física e pela intensidade com que havia passado sua vida.

Sentia que seu coração era como um pássaro solitário pousado no ramo de um cipreste, rodeado de sepulcros.

Em sua juventude, e antes de conhecer o que é a vida além-túmulo, havia amado muito, e em primeiro lugar, a sua mãe.

Ela fora bem uma flor de luz e de ternura, cuja vida e amor haviam sido concentrados nele, filho único de um desventurado amor.

O menino não conhecera seu pai. Em sua infância, não vira outra manifestação de amor senão a de sua mãe, a tecer coroas de flores silvestres para o sepulcro do companheiro morto.

Havia nascido entre os montes pitorescos da distante Etrúria (*), numa gruta pequena que só ele conhecia, fechada ao mundo exterior.

Ali deixara guardados, para sempre, os despojos mortais de todos seus amores: o pai, que não conheceu; a mãe, que foi o delírio amoroso de sua juventude, e a jovem árabe Zared, filha de uma escrava do Rei da Arábia, a qual havia fugido dos maus tratamentos de sua esposa favorita.

A mãe de Zared morreu em Gerasa, lugar de seu refúgio, deixando a pequena sozinha no mundo, aos 10 anos de idade.

(*) Região da Itália, hoje denominada Toscana (N.T.).

Em Gerasa, situada em pleno caminho das caravanas que vinham de Tolemaida, Hussin encontrou a menina pedindo esmola no mercado e, como é natural, sofrendo os soezes insultos, usuais, em tais casos, entre pessoas de categoria inferior.

Com imensa piedade, ele a havia recolhido dali, vendo, naqueles olhinhos negros e tristes, cheios de sonho, uma luz nova para o seu céu, tão escuro e sombrio desde a morte de sua mãe.

Chamava-lhe, desde então: "*Minha doce flor do lodo.*"

Não podendo retê-la a seu lado por fazer freqüentes viagens a Tolemaida com um parente seu, dono de uma caravana, deixara a menina sob os cuidados da esposa de outro parente, pagando-lhe pela manutenção e educação.

Era Zared uma formosa flor de fogo da ardente Arábia, e sua beleza ia crescendo juntamente com o profundo amor que nutria por seu jovem protetor.

Achava muito demoradas as ausências dele, e seus olhos negros, cheios de sonho, faziam, muitas vezes por dia, a viagem de Gerasa a Tolemaida.

Ao completar os 15 anos de idade, ia casar-se com Hussin, que, nos últimos cinco anos, havia trabalhado por dois, com o fito de poder estabelecer o seu lar em sua cidade natal, na porção de terra herdada de seus pais.

De Tiro até Tolemaida, trazia para sua amada ricos e formosos tecidos a fim de que pudesse preparar o enxoval para as bodas que estavam próximas.

A jovem, que se lembrava das típicas vestimentas das esposas de seu pai, além, em seu país natal, preparou o traje de casamento na moda usual de sua terra, pensando sempre: "Quero parecer a Hussin como uma das huris de Alá."

Entretanto, estava no destino de Hussin que, nesta vida, veria morrer todos os seus afetos terrenos.

Assim, ao retornar de uma viagem, encontrou Zared moribunda, consumida por uma febre maligna que nenhum médico pôde curar.

Tão-somente haviam conseguido prolongar-lhe a vida por alguns dias mais, para que ele a visse morrer.

Sentindo a própria morte, ela disse ao seu inconsolável amado:

– Eu queria ser, junto a ti, uma das huris de Alá, e Ele ouviu meu pedido.

"Não envelhecerei jamais, e esta eterna juventude acompanhar-te-á, como um estrela, em todos os dias de tua vida!"

Aconteceu passarem por ali, em uma horrível noite de tempestade, dois Terapeutas-Peregrinos, que pediram hospedagem na velha casa de pedra.

Foi a Luz Divina para a alma de Hussin.

Então veio a saber o que é a vida além-túmulo e que sua cega fidelidade a esse cadáver querido não mais o aproximaria à alma de sua morta, pois ela estava dentro dele mesmo, em virtude do grande amor que os havia ligado.

Passados quatro anos, cerrou a gruta com um grande bloco de pedra, cuja fechadura só ele conhecia, e, deixando sua casa ao velho criado que lhe havia servido, foi com os Terapeutas ao Monte Quarantana para aproximar-se de Zared pela senda espiritual.

Vivera ali durante 30 anos, tendo saído apenas a cada cinco anos para visitar a gruta sepulcral de Zared e conservá-la nas devidas condições.

Do amor de seus mortos havia feito um culto, que se confundia, em sua alma, com a suprema adoração que rendia à Divindade, de tal sorte que pensar neles e elevar-se ao Infinito era, para ele, como um só sentimento profundo.

Em sua chegada ao Monte Quarantana, Jhasua encontrou-o nesse estado de Espírito.

O leitor entenderá agora perfeitamente aqueles sentidos versos "Esperando o Amor", que Hussin havia arrancado, como uma rosa vermelha, do mais profundo do seu próprio coração.

Todo esse mundo de emotivas e santas recordações transbordou da alma do Essênio, poeta e músico, naquela noite em que se manteve sozinho, velando no horto do Santuário, sob a ramagem das velhas oliveiras.

Purificados, quase divinizados seus amores humanos através da dor e do alto desenvolvimento espiritual que havia conquistado, a aproximação do Homem-Luz, do Homem-Amor, deu-lhes ainda maior intensidade, até o ponto de sentir que sua matéria, vibrando em tal intensidade, poderia causar-lhe dano.

Julgava, em alguns momentos, que seu débil corpo ia explodir, motivado pelo extravasamento do Amor Divino que o inundava.

Começou, então, a passear pela praia do Mar Morto, fracamente iluminada pela claridade da lua.

Já passava muito da meia-noite, quando julgou perceber, ao longe, sobre as águas, a luz de uma tocha. Em seguida, uma vaga sombra branca parecia andar no encalço da tênue claridade.

Com a mente repleta das recordações de Zared, acreditou que o seu fantasma chegava para visitá-lo e que ia aproximando-se cada vez mais da margem...

Uma vaga intensa de amor, de ilusão e de infinito anelo embargou-lhe imediatamente a alma, acelerando as batidas do coração e fazendo-lhe vibrar fortemente o cérebro.

A emoção profunda produziu-lhe algo como uma vertigem ou um ligeiro desfalecimento, ao ver que a branca figura da tocha continuava aproximando-se...

A divina sugestão foi tão poderosa que fê-lo gritar do mais íntimo de sua alma, enquanto abria os braços para estreitar a visão:

– Zared!... Já vou ao teu encontro... que vives em Deus!...

Seus olhos se escureceram, faltou-lhe o ar para respirar, e tudo se submergiu nas trevas...

A branca figura da tocha era um dos Essênios do Monte Moab que cruzava a balsa em averiguação, pois haviam compreendido que tratavam de passar para o outro lado por alguma razão muito urgente.

Chegou naquele momento em que o corpo sem vida de Hussin havia caído na água como um lótus branco arrancado violentamente pelo vendaval.

Tirou-o de lá e sacudiu-o fortemente, mas logo compreendeu que era o final daquela santa vida consagrada ao Amor.

– Hussin – disse o Essênio –, se esperasses um dia mais, terias voado do Monte Moab...

Depois de beijar com piedosa ternura a testa do cadáver, ainda quente, levantou-o em seus braços e foi deixá-lo estendido sobre aquela mesa em que haviam ceado, pouco antes, naquela mesma noite.

Tocou suavemente a campainha na gruta do porteiro, que saiu em seguida.

– Hussin afogado!?... – gritou o Essênio profundamente alarmado.

– Não, irmão Dathan – respondeu o recém-chegado –, foi uma síncope, no momento em que eu pisava na margem, a vinte passos dele. Apenas caiu, levantei-o, estando, porém, já sem vida.

– Já sabemos todos o que foi a alma de Hussin, e que ele, de um momento a outro, nos escaparia dentre as mãos, como uma calhandra cativa, a que rapidamente se abre a gaiola.

Ambos o conduziram para a gruta que fora sua morada habitual.

O Essênio recém-vindo, a quem, na inconsciência do último instante, havia Hussin tomado pela visão de Zared, avisou-os, no dia seguinte, de que os anciãos do Moab, apenas anoitecesse, cruzariam o lago, pois já fizera os sinais convencionais, alertando-os de que as balsas se achavam em perfeitas condições de permitir a passagem.

– Tivemos aviso espiritual de que o menino Jhasua estava aqui; e, ao vermos que as balsas estavam sendo colocadas, supusemos que iam levá-lo. Entretanto, pareceu-nos melhor virmos ao seu encontro para evitar que as forças do Mal provocassem algum incidente desagradável.

– Vinde a minha habitação – disse o irmão-porteiro –, e compartirei convosco minha tarimba. Faltam ainda algumas horas para começar o dia e não é justo que molestemos os demais que dormem.

– Primeiramente, acendamos círios em torno do cadáver de Hussin, e, mediante a força do nosso pensamento, tratemos de orientá-lo em sua perturbação – objetou o Essênio recém-vindo.

Acesos os círios e lançado incenso num incensário, ambos se concentraram profundamente em seu mundo interno.

Não tardaram em perceber que, do plexo solar do cadáver, começou a desprender-se algo como uma pequena nuvem de gás ou vapor. Foi tomando corpo e formas até desenhar-se, embora um tanto confuso, o corpo astral de Hussin.

Notaram que ele observou momentaneamente o seu corpo sem vida; depois olhou em todas direções como buscando alguma coisa... até que viram aproximar-se dele uma branca silhueta transparente que o tomou pela mão.

Quando percebeu os dois Essênios, sorriu e fez-lhes um sinal carinhoso com a mão direita, parecendo significar: "*até logo*".

E ambos os corpos astrais se lançaram para a imensidão...

– Assim morrem aqueles que viveram sua vida consagrada ao Amor!... – exclamou o ancião-mensageiro.

– O Amor é sua felicidade e sua glória perdurável! – respondeu o Essênio-porteiro com intensa emoção.

Em seguida, passaram os dois para a habitação desse último, a fim de aguardar, no repouso do sono, a chegada do novo dia.

Os Anciãos do Moab

Inteirados pelo mensageiro de que, ao anoitecer os Anciãos do Moab cruzariam o lago, começaram as atividades para preparar-lhes hospedagem durante os dias que permanecessem ali. Eram setenta e, não obstante houvesse, no Quarantana, grutas desocupadas, tornava-se indispensável preparar estrados de repouso para todos. Foi necessário, outrossim, que Jacobo e Bartolomeu, com uma pequena caravana de asnos, se dirigissem rapidamente às duas povoações mais próximas, Hebron e Herodium, onde irmãos essênios tinham grandes oficinas de tecelagem e de preparação de mantas e de peles de ovelhas.

Ao mesmo tempo, os Terapeutas saíram também para solicitar a todos essênios que viviam em família e desejassem ver e ouvir os grandes Mestres da Fraternidade, que ali permaneceriam alguns dias, comparecessem ao Santuário do Quarantana.

Tudo deveria realizar-se sem demora, com a maior discrição e prudência, para evitar, tanto quanto possível, a publicidade do acontecimento.

Tanto de Betlehem como de Hebron, de Jutta, de Herodium e de algumas aldeias adjacentes, deviam os interessados atravessar o Deserto da Judéia, áspero e agreste em extremo, embora não de grande extensão.

Achava-se quase todo ele habitado, em suas escarpadas montanhas, por ocultos penitentes redimidos pelos Essênios. Já vimos anteriormente que esses eram os condenados à morte ou à cadeia perpétua, e que haviam obtido indulto, mas com a condição de não aparecerem nas povoações nem nos lugares habitados do país.

Esta situação, conhecida apenas pelos Essênios, havia contribuído grandemente para exterminar as feras daquele deserto fragoso, motivo por que sua travessia não oferecia perigo aos viajantes.

Foi assim que, quando a noite estendeu seu imenso manto escuro pelos ermos e montanhas, sobre aldeias e plantações, bem como sobre o lago silente e quieto, pôde ver-se, calado e silencioso como as sombras, o desfile dos Anciãos do Moab, que haviam saído na metade da manhã de seu santuário de rochas para chegar, à noite, às margens do Lago Morto, onde estava presa a balsa.

Cada forma escura, que se movia lentamente sobre as balsas oscilantes, levava uma vela acesa, cujo reflexo sobre a água adormecida parecia multiplicar-se em pequenos resplendores. Achavam-se esses círios velados parcialmente por um tubo de cerâmica para protegê-los do vento, assim como de algum olhar profano que pudesse chamar a atenção sobre a ocorrência.

José de Arimathéia e Nicodemos, de pé na margem do lago, no lugar onde estava amarrada a balsa, contemplavam aquela silenciosa procissão de fantasmas envoltos em mantos escuros, à tênue luz das velas que lhes iluminava os passos. – "*VOZ DO SILÊNCIO*" – iam dizendo os jovens Doutores a cada um dos anciãos a quem davam a mão para saltar à praia.

Em seguida a eles, Dathan, o essênio-porteiro recebia e apagava as velas. Contaram 69. Não faltava um só deles, pois aquele que chegara na qualidade de mensageiro e explorador, achava-se no Santuário com os demais, preparando a abóbada psíquica do recinto, sendo que os elementos materiais já haviam sido organizados durante o dia.

Jhasua e Johanan dormiam num dos estrados da gruta do Servidor, ignorando a chegada dos hóspedes nessa noite.

Mal haviam posto os pés no átrio ou pórtico exterior do Santuário, eles retiraram seus mantos escuros, fazendo surgir as brancas túnicas, cingidas com o cordão púrpura que tanto agradara a Jhasua quando esteve nos Santuários do Hermon, do Carmelo e do Tabor.

Sem pronunciar uma única palavra, conscientes de que tudo estava compreendido e sentido, deixaram, junto à porta, os mantos escuros e as calças de couro, e, com brancas chinelas de lã nos pés, deslizaram sem ruído, como sombras, para o interior do Santuário, onde setenta círios, velados em quebra-luzes violeta, espargiam suave penumbra, apenas suficiente para distinguir os objetos.

Um suavíssimo salmo de evocação à Divindade começou a ser preludiado pelos alaúdes, sendo a letra cantada em coro, a meia-voz, por todo o conjunto.

Depois, todos se abraçaram fraternalmente, e o grande Servidor do Santuário do Moab abriu a Assembléia com as frases do ritual: "Que a Divina Luz ilumine a nossa consciência."

Após um momento de silêncio, todos se prostraram com os rostos em terra, como simples manifestação de que se reconheciam miseráveis e pequenos. Então o Grande Servidor acrescentou:

– Que o Amor Divino purifique toda a nossa miséria.

Estava aberta a Assembléia, e dois dos setenta se situaram defronte às duas estantes que havia no centro, iluminadas com lamparinas de azeite, e se prepararam para escrever. Eram os Notários Maiores da Fraternidade Essênia, tutores e guardiães do Arquivo, que, desde os dias de Moisés, era guardado no Grande Santuário do Moab.

– Considerando que temos em nosso meio testemunhas oculares – disse o Grande Servidor – dos doze anos de vida que conta o Avatara Divino, nossa permanência aqui servirá para coordenar e retificar o relato completo de seus dias sobre a Terra, a fim de que, no futuro, ele não ofereça motivos para dúvidas, tergiversações ou correções.

Então um Ancião, chamado Relator, se aproximou de uma das estantes iluminadas e deu início à leitura desde o momento em que os pais de Jhasua celebraram suas núpcias no Templo de Jerusalém. Os dois Notários Maiores acompanhavam a leitura, comparando-a com o que tinham anotado em suas próprias cadernetas, enquanto o Notário do Quarantana fazia o mesmo.

José de Arimathéia e Nicodemos, ali presentes, repassavam tudo em sua memória, à medida que o Relator lia. Ninguém teve que fazer objeção alguma, pois tudo estava de acordo com a verdade das ocorrências. Os Notários Maiores acrescentaram aos seus grandes calhamaços aquilo que fora escrito ali, no Santuário do Quarantana, desde o dia da chegada de Jhasua, com base nos relatos feitos por José de Arimathéia e assinados por ele, Nicodemos e os Terapeutas, testemunhas oculares dos acontecimentos.

Ato contínuo, passaram todos para a gruta de Hussin, e, cantando um doce e sentido salmo, trasladaram seu cadáver para a gruta sepulcral, existente no outro extremo do horto, na qual havia muitas múmias de Essênios, desencarnados havia longo tempo.

Ardia ali, permanentemente, uma lâmpada de azeite, símbolo do amor e da recordação constantes dos irmãos que ficavam no plano físico – sentimentos estes que deviam ajudar o recém-desencarnado a orientar-se no seu novo cenário de atividades.

Era lei entre eles que, durante sete luas (*) consecutivas, far-se-ia, diariamente, em seu favor, uma concentração de pensamentos de amor, até que se recebesse aviso espiritual de haver ele encontrado o novo caminho a seguir.

Estava, assim, cumprida a primeira parte do programa.

No dia seguinte, iniciaram trabalhos mais elevados, sob a inspiração do Espírito de Luz encarnado em Jhasua e de seu principal colaborador no exterior: Johanan, mais tarde chamado "o Batista".

Nos rostos extenuados de alguns dos Anciãos já se refletia o cansaço, motivo pelo qual foram conduzidos a uma imensa gruta, que era, a um tempo, despensa, adega, refeitório e cozinha, e cuja forma, irregular em extremo, a tornava semelhante a uma pracinha de rochas, parte sem teto e parte coberta.

Há séculos atrás, quando os Essênios tomaram posse daquelas grutas, tiveram que expungir todo o horror que nelas havia desde os tempos das invasões e das terríveis guerras que assolaram todo o país de Moab, pouco depois de haverem elas sido anunciadas, em suas profecias, pelo grande mestre Essênio Jeremias.

(*) 7 meses (N.T.).

Por causa dessas profecias, ficou o vidente preso, por longo tempo, num calabouço cheio de lodo putrefato, situação que quase lhe custou a vida. Mais teria valido ao rei moabita tomar as precauções necessárias para evitar a tempo o espantoso desastre.

Ainda com relação às grutas do Monte Quarantana, quando os Essênios nelas se refugiaram, encontraram-nas abarrotadas de cadáveres em completa decomposição e quase em estado de esqueletos, porque as feras deviam ter tido ali seus festins de carne humana, proveniente daqueles que, fugindo do Moab, teriam passado o Mar Morto ou atravessado as salinas pelo sul.

Isso facilmente se adivinhava pelo estado dos cadáveres, cujos membros, dispersos por todas as enormes grutas, denotavam que os respectivos corpos haviam sido esquartejados.

A ferocidade humana e a crueldade das feras selvagens têm, às vezes, pontos bastante acentuados em comum.

O que não lhes foi possível saber, através dos meios físicos, era: se todos aqueles seres, que passavam de quatrocentos, segundo o número dos crânios encontrados, haviam morrido de fome ou se as feras lhes teriam tirado a vida.

A enorme gruta que os Essênios destinaram a adega, cozinha e refeitório, e que tinha uma grande passagem para o exterior, era a que estivera mais cheia. Como aquele trabalho só podia ser feito quando não houvesse perigo de serem vistos, eles levaram vários meses para acabar de arrojar ao fundo do Mar Morto aqueles míseros despojos humanos, pois não havia vala capaz de contê-los.

José de Arimathéia e Nicodemos – que escutavam em silêncio aqueles dolorosos relatos, passados através da tradição escrita de uns para outros desde os primeiros Essênios que habitaram aquelas grutas – pensaram profundamente comovidos:

"Assim trata esta Humanidade os homens que lhes querem fazer bem. Os preguiçosos e velhacos, enriquecidos pelos despojos dos seus semelhantes, pela pilhagem e pelo roubo, ao amparo da força emanada do poder, vivem em palácios, entre orgias intermináveis e, não obstante, são aclamados pelo público, que se inclina reverente ante eles, como se fossem seres superiores, vindos à Terra para deslumbrar seus semelhantes famintos e escravizados. Isto é horrível! Isto é injusto! E, embora Deus o tolere impassível, nós, que somos homens, não o podemos suportar!"

Assim pensavam silenciosamente os dois jovens Doutores de Israel. O Grande Servidor do Santuário do Moab e um dos Notários que descansavam ali perto, sobre estrados cobertos de peles, enquanto era preparada a comida, perceberam, em sua sensibilidade, à luta que se desenvolvia nas mentes dos dois amigos, porquanto seus semblantes carrancudos e taciturnos revelavam claramente sua revolta interior.

– Para que nós possamos formar juízos exatos – disse o Grande Servidor – quanto aos fenômenos psíquicos e morais que se realizam em muitos dos seres desta Humanidade, devemos partir do princípio de que, em seu seio, constituem pequena minoria aqueles que conhecem o grandioso processo de evolução humana, o qual se desenvolve ao longo de imensas idades e numerosos séculos. A Sabedoria Divina está a par disso, e é por este motivo que Ela contempla impassível o lento progresso da evolução.

"A Eterna Lei, em intervalos determinados, dá fortes sacudidas nessas humanidades atrasadas, seja sob a forma de cataclismas siderais ou cósmicos ou lutas de elementos, seja sob a forma de lutas sangrentas e destruidoras de uns países contra outros, nas quais uma parte da Humanidade abandona violentamente a vida física, a fim de que as almas adquiram mais prontamente a lucidez e a compreensão necessárias para elevar o nível de sua evolução.

"Deus não obriga ninguém a sacrificar-se pelos demais seres; e, se, nesta hora e neste país, nós – um punhado de homens, os essênios, continuadores de Moisés – quisemos imolar-nos pela evolução humana nestas paragens da Terra, foi porque o conhecimento espiritual adquirido em muitas etapas da vida eterna nos fez compreender os desígnios divinos em toda sua grandeza.

"Decidimos colocar-nos, como falange altiva, frente a frente com a marulhada humana, cega de egoísmos e de ambições; portanto, devemos necessariamente sofrer as conseqüências materiais de nosso arrojo e de nossa audácia. Para não perecer esmagados por ela, ocultamo-nos nas cavernas das rochas, esperando melhores dias.

"A humanidade terrestre, em geral, é o que ela pode ser, logicamente, em relação ao seu atraso intelectual, espiritual e moral. Por sermos espíritos mais adiantados, afastamo-nos do ambiente habitual e próprio deste planeta.

"Exemplificando melhor: se numa sinfonia selvagem, composta de uma centena de tambores, de cornetins e de estridentes gritos, se mistura repentinamente o som de uma lira ou de várias liras, que é que sucede? Predomina a sinfonia selvagem e abafa o concerto sutil e suave das liras, que rebentarão suas cordas e saltarão em pedaços, se nos empenharmos em dominar os sons estridentes. Não existe, pois, nada injusto, como vedes.

"Livre e voluntariamente estipulamos, em época muito distante, a nossa cooperação ao Grande Guia desta humanidade, no sentido de elevá-la de seu atraso moral e espiritual.

"É tão grande sua decadência moral que paga com aversão e ódio a todo aquele que luta para tirá-la do seu charco de lodo, no meio do qual se encontra até muito a gosto. É tamanha sua ignorância que aceita os mais crassos erros e as mais grosseiras superstições, desde que estejam de acordo com seus gostos e comodidades, sem obrigá-la a fazer o menor esforço para mudar o caminho.

"Nossas doutrinas e nossas vidas, em harmonia com a Lei Divina, põem-na fora dos eixos, ou seja, fora de si, fazendo-a cair em espantosos delírios de ódio e furor. Procura, então, exterminar-nos como animais daninhos e prejudiciais à sua tranqüilidade.

"Isso é tudo!"

– Lestes os nossos pensamentos, Grande Servidor! – exclamou Nicodemos.

– É verdade – confirmou José – mas, seguindo vosso raciocínio, a luz se faz em nossa mente, e todas as rebeldias se apagam numa onda de imensa piedade para com a ignorância e o atraso da Humanidade.

– Nossa modesta ceia está posta – disse um dos Terapeutas – indicando o outro extremo da imensa gruta, iluminada por uma fogueira que crepitava no centro e por várias lâmpadas de azeite presas nas rochas que, em amplo semicírculo, cercavam o recinto chamado pelos solitários de "refeitório".

Ali não se via somente u'a mesa grande, mas várias pequenas, onde, de dois em dois, podiam instalar-se mais de cem pessoas. Essas mesas eram bastante baixas para que os comensais, sentados nos estrados lavrados em rocha viva, pudessem comer comodamente.

O Grande Servidor e um dos Notários maiores convidaram os dois jovens Doutores para comerem em sua companhia. Estes juntaram as mesinhas mais próximas às dos dois Anciãos, sentando-se, simultaneamente, junto a eles. Percebia-se que uma forte onda de simpatia se havia estabelecido entre eles.

Foi nessa hora, nessa ceia íntima do Santuário do Quarantana, que José de Arimathéia e Nicodemos de Nicópolis se comprometeram solenemente a servir de

escudo de proteção ao Cristo, no meio do mundo, para onde, dentro de bem pouco tempo, ele ia entrar como um cordeiro entre lobos ou como um rouxinol num ninho de corvos famintos.

Para que sua ação junto a ele fosse eficiente, deviam eles ocultar, quanto pudessem, sua intimidade com a família carnal de Jhasua e até com seus discípulos, quando chegasse o tempo de sua vida pública no meio dos homens.

– Vossas ligações com ele – disse o Grande Servidor – devem ser invisíveis como as nossas, tal como o foram também as daqueles sábios ilustres que o visitaram no berço, a cujos conhecimentos superiores devemos a comprovação de que a matéria que acompanha a Jhasua é, segundo a ciência espiritual, a que corresponde ao Verbo de Deus encarnado.

– É por isto – acrescentou o Notário – que deveis procurar estar em contínua comunicação conosco, se não pessoalmente, pelo menos sempre por meio de cartas que podereis entregar aos nossos Terapeutas que percorrem todo o País, visitando os nossos Santuários e as famílias essênias disseminadas em toda a sua extensão.

– Contai conosco em tudo e para tudo – foi a resposta dos dois amigos.

– Mas, silêncio! Muito silêncio, de tal modo que nem sequer vossas próprias famílias cheguem a percebê-lo – disse novamente o Grande Servidor.

– Eu vo-lo prometo pela missão augusta do Cristo – respondeu Nicodemos com veemência.

– E eu vo-lo prometo pelo próprio Cristo – disse José, apoiando a mão direita sobre o peito, como se quisesse associar seu próprio coração à promessa solene que fazia.

Uma hora depois, todos repousavam nas grutas do Santuário do Monte Quarantana, onde o Salvador da Humanidade, menino ainda, e um punhado de seus servidores, se ocultavam dos homens para delinear nas sombras o grandioso programa da sua redenção.

Quando, ao gorjeio dos pássaros, a luz do novo dia iluminou em cheio o estrado em que dormiam os dois meninos, ambos saltaram do leito com a impressão de que haviam perdido muito tempo sem ocupar-se de seus cordeirinhos e cabritinhos.

Depois da breve oração matutina, junto ao leito, saíram rumo à pracinha que dava para o lago, onde haviam comido na primeira noite.

Estacaram ambos olhando-se mutuamente, ao verem tantos Anciãos de vestimentas brancas, que passeavam em grupos de dois ou três, falando animadamente.

Quando Jhasua distinguiu José de Arimathéia e Nicodemos entre eles, correu em sua direção como um pequeno cervo em busca de sua mãe, e, sem preâmbulos de espécie alguma, perguntou:

– De onde tirastes tantos Anciãos, se ontem à noite só havia sete?

– O Pai Celestial mandou-os para te verem – respondeu José.

– Como? A mim? – perguntou o menino, deixando correr o olhar luminoso de seus olhos pardos por todos os Anciãos que, por sua vez, o olhavam, tendo os seus inundados de emoção e amor.

– Sim, a ti, querido acima de todas as coisas – disse o Servidor aproximando-se com os braços abertos. Sem timidez alguma, o menino arrojou-se neles, sentindo que aqueles braços lhe eram tão suaves como o regaço materno.

Os Setenta Anciãos do Moab se agruparam ao redor do menino esperando sua vez de estreitá-lo sobre o coração.

Teve Jhasua a imensa alegria de reconhecer aqueles que, durante sua estada no Monte Carmelo, haviam vindo do Monte Hermon, quando, em companhia de sua mãe

e de Jhosuelin, viajara num pequeno veleiro, para esperá-los em Tiro. Também nossos leitores hão de recordar esta passagem.

Aquele distante Santuário do norte, perdido entre as agrestes belezas do Monte Líbano, fazia-lhe recordar sua primeira infância. Entrara naquelas formosas grutas pouco antes dos dois anos de idade, e havia saído de lá aos sete, já completos.

Pelo fato de os Anciãos de túnicas e cabelos brancos lhe serem tão agradáveis e queridos, sentiu-se Jhasua como submergido numa onda de infinita felicidade.

– Voltai para Jerusalém quando quiserdes – disse ele, por fim, a José de Arimathéia e Nicodemos – que eu vou ficar com os Anciãos.

– Faltava apenas isto, Jhasua! – disse rindo José. – Custou muito trabalho obter a permissão de Myriam, tua mãe, para trazer-te aqui por oito dias, e falas em não voltar mais!...

Os próprios Anciãos que ele chegara a conhecer, em pequeno, no Monte Hermon, intervieram para convencê-lo.

– Não é bom adiantar os acontecimentos, filhinho – observou um deles, acariciando-o ternamente. – O Pai Celestial marcou todas tuas horas; portanto, esta de vires ter conosco também foi marcada. Teus pais é que são, por enquanto, os donos de tua vida; e sabes perfeitamente que a Lei manda prestar-lhes obediência e veneração.

– Além disto – acrescentou Nicodemos –, os Anciãos do Monte Tabor prometeram visitar-te uma vez a cada ano; os do Carmelo outro tanto. Agora tens uns dias para confortar-te entre os do Quarantana e os do Moab.

"Queres mais, Jhasua? Queres mais? Pensa também um pouquinho em nós e, principalmente, em tua família carnal... em tua mãe; essa mãe que não tem igual, e que é um tesouro que deves saber apreciar."

– Perdoai-me! – disse docemente o menino. – Tendes toda a razão e não posso fazer-vos ficar em má situação para com minha família que me confiou a vós.

E, voltando-se para os Anciãos, lhes disse:

– Já que sabeis que o Pai Celestial determinou a hora em que eu deva estar convosco, podeis dizer-me quando será?

– Quando tiveres passado dos vinte anos – respondeu um deles.

Jhasua contou mentalmente os anos que faltavam e disse:

– Oito anos!... São muitos, em verdade, mas, um dia, terminarão, e então... – E ficou olhando para os Anciãos e os amigos com olhar firme, cheio de inteligência.

– E então ò quê? – perguntaram várias vozes.

– Nada, nada!... É que, às vezes, tenho uns pensamentos que não parecem meus, mas de homem de muitos anos. Sei perfeitamente que sou um garotinho, sujeito à vontade de todos. E assim deve ser!...

– Vamos, Johanan, levar nossos cabritinhos a pastorear!

– Vamos! – respondeu seu amiguinho, enquanto, em seu mundo interior, se levantava esta interrogação:

"Que haverá em Jhasua para que todos os Anciãos lhe queiram tanto? É verdade que é muito formoso, mas eles não se deixarão deslumbrar dessa maneira pela beleza do corpo!... Será Jhasua, no futuro, quem sabe, um grande Profeta de Deus?... Ou será, porventura, esse Messias ao qual me ensinam a orar e a chamar desde que nasci?..."

Correram ambos para os estábulos, que, em verdade, ofereciam um pitoresco aspecto. Eram compostos de várias grutas, muito irregulares, comunicando-se entre si, ou, explicando melhor, por uma enorme galeria de grutas, cheias de pontas salientes, umas altas, outras baixas, com ângulos e tortuosidades sem fim.

Cabras e cabritinhos, trepados nos penhascos salientes e perdidos entre grandes tapeçarias de musgos cinzentos, amarelos e verdes – tudo isso formava um conjunto agradável e único; onde Jhasua se encontrava como num paraíso.

As corridas dos cabritinhos e seus descomunais saltos de cima dos eriçados penhascos divertia-o grandemente.

– Feliz és tu, Johanan, pois tens toda esta alegria de viver! – disse ele a seu amiguinho – enquanto eu devo permanecer aqui unicamente oito dias.

– Na tua casa, em Nazareth, não há também alegria de viver? – perguntou Johanan, compadecido de Jhasua.

– É que aquilo não se assemelha a isto – respondeu o menino. – Meu pai e meus irmãos mais velhos estão ocupados na oficina e com suas respectivas famílias. Ana e Jhosuelin, ainda solteiros, são melancólicos e estão sempre pensando em coisas que eu não entendo. Minha mãe é a única que trata de tornar a minha vida alegre; no entanto, como tem muitas preocupações, vive absorvida por elas.

"Além disto, ali não poderei ter senão dois ou três cordeirinhos e algumas pombas, porque destruiriam as hortaliças e plantações; e está claro que isto não é justo."

– Olha! Jhasua: tenho uma idéia!

– Dize qual é!

– Que, todas as vezes que vieres para as festas da Páscoa, te tragam aqui por uma temporada; algo assim como as férias depois das aulas.

– Oh, que idéia mais linda! Levemos o rebanho ao pasto e ao bebedouro e, logo a seguir, trataremos deste assunto com meus dois amigos e com os Anciãos.

– Oh, que beleza! Agrada-me que também tu venhas nessas ocasiões, porque aqui todos são, como vês, pessoas de idade, e o que menos pensam é em brincar comigo. Às vezes vou com Bartolomeu e sua família, ou ele vem aqui e me diverte muito. Também minha vida é triste, Jhasua, como podes ver.

– Sabes de uma coisa, Johanan?

– Podes dizer-ma?

– Que, por certas palavras isoladas, ouvidas como por acaso, tirei algumas deduções!...

– De quê e por quê? Fala, Jhasua.

– Que, por determinação de Jehová, tu e eu trazemos missões importantes a cumprir neste mundo.

– Também eu vi aqui algo assim, quando meu pai falava com o Servidor e com os dois Terapeutas que vieram do norte e que te haviam visitado...

– E sei outra coisa mais importante ainda!...

– Deveras, Jhasua?

– Pois então!... – E, ao falar assim, o menino sentou-se sobre uma pedra, enquanto, ao seu redor, pastavam as cabras com os seus cabritinhos.

Nisto, seu formoso rosto tomou o aspecto de um inspirado. Já não sorria. Já não brincava. Seu olhar, dirigido ao longe, parecia buscar, em outros horizontes, algo que se refletia em seu Espírito. Vendo-o assim, Johanan sentou-se a seu lado.

– Eu sei... – começou Jhasua – eu sei que tu e eu vivemos muitos séculos antes deste momento e também vivemos muitas existências antes desta.

– Como o sabes? – perguntou assustado Johanan.

– Pelos ensinamentos que os Anciãos do Monte Carmelo me têm dado. Os Essênios são muito antigos, ainda que, no correr dos tempos, nem sempre se chamassem *Essênios*.

– E sabes como se chamavam?

– Sim. Numa época mui remota, chamaram-se *Profetas Brancos*; depois *Antulianos*; mais tarde *Dáckthylos*; logo *Kobdas*, e agora *Essênios*. Todos eles são idênticos. E, da mesma forma como agora tu e eu estamos no meio deles, assim estivemos juntos também naqueles tempos tão distantes.

– Oh, como somos velhos!... – exclamou Johanan. – E, como é que somos meninos agora?!

– Somos meninos na matéria que revestimos! Fomos meninos muitas vezes, embalados, durante o sono por u'a mãe que fazia oscilar nosso berço! Oh, que mães! ... As maravilhosas mães que amam sempre... que sofrem sempre e que esperam sempre!...

– Quão estranho estás, Jhasua!... Parece-me como se tivesses sido transformado em Ancião tal qual os Essênios.

– É que agora te fala o meu Eu Interior, que tem vivido longas existências!...

– Há oito mil anos, eu também era menino, nascido de um grande amor, numa gruta como estas, onde se abrigava uma numerosa família de renas.

"Johanan!... Leste as Sagradas Escrituras?"

– Sempre assisto a essas leituras.

– Então conheces o poema de Adamu e Évana? É verdade que o sabes?

– Oh, sim!... O célebre casal com que se iniciou a era denominada "Civilização Adâmica".

– Justamente! Abel, seu primeiro filho, fui eu! Não sabias isto?

– Não. Isto eu não sabia!

– Formavas parte dos Essênios daquela época, que se chamavam *Kobdas*, e teu nome era *Agnis*.

– E, por que se chamavam assim, em vez de *Essênios*, como agora?

– Porque estes tomaram seu nome do discípulo mais íntimo e querido de Moisés, chamado *Essen*, compreendes? Os Kobdas denominaram-se assim porque esta palavra significa *coroa*, na língua por eles falada. É que eles se haviam proposto ser a *Coroa de Amor e de Luz*, a fim de que, dentro dela, pudesse o homem ungido pelo Amor Eterno desenvolver suas atividades para aquela época.

– Mas tu sabes muitas coisas, Jhasua!... – exclamou Johanan. – Por que será que eu não sei tanto?

– Virás a sabê-lo agora, nestes dias em que eu estou aqui. Tens medo do Profeta Elias, acerca do qual correm tão arrepiantes tradições?

– Não tenho medo algum, pois, pelas Escrituras, sei que ele foi um Profeta de Jehová; que, em Seu nome, fazia justiça sobre poderosos e malvados!

– Elias foste tu mesmo!

– Eu?... Disseste que fui eu?

– Sim, tu; e sei disto por havê-lo escutado, no Monte Tabor, enquanto os Anciãos faziam invocação a Jehová para que lhes enviasse Luz Divina com seus mensageiros celestiais.

– E que aconteceu?...

– Eles julgavam que eu dormia, porque me viram quieto... muito quieto mesmo. O caso é que eu não podia mover-me, pois estava como se houvesse perdido o movimento do corpo. No entanto, minha mente estava lúcida e atenta.

"Jehová respondeu à fervente oração dos Anciãos com uma visão que parecia uma labareda de fogo. Pouco a pouco, foi tomando forma uma silhueta humana. Era o Profeta Elias que esclarecia estar aproximando-se a hora do grande apostolado de Jhasua e de Johanan, hoje ainda meninos.

– Disseste que eu fui Elias? Mas eu não tenho saído daqui quase desde meu nascimento... Deveras, Jhasua... não sei como compreender o que me estás dizendo!...

– Antes de duvidar, Johanan, pensemos um pouco. Os Anciãos ensinaram-me como se pode pensar de acordo com a razão.

"Quando dormes, que é que faz a parte ativa e principal de ti mesmo, ou seja, a alma imaterial e vibrante como um raio de luz?"

– Como posso saber o que fará? Dormirá também!...

– Não, Johanan, não dorme, porque apenas dormem os corpos orgânicos que necessitam de descanso para seu sistema nervoso. A alma fica livre durante o sono e pode ir aonde a Lei Divina lho permitir. Naquela mesma noite, de que te falei, certamente dormias aqui, e tua alma, desprendida da matéria, foi ao Tabor, onde os Anciãos invocavam o Infinito.

– Quando eles explicaram as Escrituras aos Essênios do primeiro grau, mandaram-me escutar, e eu ouvi que o Profeta Elias virá antes do Messias Salvador de Israel – disse Johanan pensativo.

"Tu me dizes agora que estás convencido de que sou Elias que voltou à vida... Então tu... quem és tu, que, sendo mais novo do que eu, sabes tantas coisas?... Jhasua! ... Quem és tu?...

Johanan devorava a Jhasua com seus grandes olhos negros, cujo fito continuava perdido em horizontes distantes...

– Eu sou Moisés, que volto com uma nova lei para os homens: a Lei do Amor Universal.

Sem saberem por que, os dois meninos se abraçaram com indescritível emoção.

Moisés e Elias!... as duas grandes figuras da epopéia final do Cristo Redentor, transformadas, para essa ocasião, em Jesus de Nazareth e João, o Batista.

– Que é que se passa aqui, pois vos abraçais tão desesperadamente? – perguntou, de súbito, junto a eles, a voz de Nicodemos, que, seguido de José de Arimathéia e do Essênio-porteiro, procurava os meninos, cuja demora estava causando-lhe estranheza.

– Não se passa nada – respondeu Jhasua –, apenas estamos recordando nossa antiga amizade, e a ternura explodiu de nosso peito. Para que nos quereis?

– O leite e as castanhas assadas estão fumegantes sobre a mesa. Não quereis quebrar o jejum conosco?

– Vamos lá – disseram os dois meninos seguindo a Nicodemos.

O dia passou sem incidentes notáveis. No entanto, naquela noite, à primeira hora, Johanan aproximou-se do Servidor do Quarantana e, mui sigilosamente, disse:

– Jhasua quer que eu vá com ele orar a Jehová, no Santuário! Deixais-nos ir?

– E por que não? Vosso desejo me faz pensar que o Senhor vos está chamando para determinados fins. Não podemos embaraçar a Vontade do Criador de todas as coisas. Ide, pois, meus filhos.

Ao falar assim, o Ancião obedecia a u'a mensagem recebida, naquela mesma manhã, por um dos Essênios do Moab, no sentido de que, durante todo o dia, se deixasse os dois meninos em completa liberdade de ação, pois as Inteligências Superiores realizavam trabalhos para que se manifestasse no exterior o *seu verdadeiro Eu*; não mais por meio do transe, mas em plena consciência.

Enquanto ocorria isso, o Grande Servidor, dois Notários, José e Nicodemos se colocaram a distância, naquela gruta que chamavam *Gruta das Virgens*. Esta dava para o Santuário, achando-se, porém, dele separado por um gradil de bronze e uma transparente cortina branca. Era o recinto onde, acompanhadas por seus alaúdes, as

donzelas essênias cantavam em coro os salmos que os Anciãos designavam para determinadas solenidades. Dali podia ser observado tudo quanto se passava no Santuário.

Viram Jhasua entrar com passinhos suaves e lentos, como se sentisse sobre si um grande peso que o impedisse de andar apressadamente. Foi prostrar-se no centro, diante das Tábuas da Lei, reprodução fiel do velho original, conservado no Grande Santuário do Moab. Johanan, que o havia seguido, prosternou-se também a seu lado.

Ambos se puseram logo de pé e, aproximando-se da estante de carvalho, onde estavam as ditas Tábuas, ficaram imóveis durante alguns instantes, como se fossem estátuas de pedra. A luz dourada do grande candelabro, pendente do teto, dava em cheio sobre seus rostos, voltados com insistente fixidez para aquelas pedras, cujas gravações datavam de mais de dez séculos.

Nesse instante viram Jhasua colocar o indicador de sua mão direita sobre aquele versículo final que diz:

"Estes dez mandamentos resumem-se em dois: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo."

Com uma vibrante e sonora voz que não parecia sair daquele corpinho, ouviram-no dizer:

– Johanan!... Acabo de descobrir que nós dois viemos a esta Terra, nesta época da Humanidade, só para isto. Olha Johanan, olha! – e continuou apontando com o dedinho rosado, firme como um punção de ferro, para aquelas inflexíveis palavras:

"Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo."

Estranha e fosforescente claridade iluminou aquela frase, que Jhasua tocava com o dedo, até o ponto de torná-la visível a distância em que se achavam os espectadores silenciosos.

A *Gruta das Virgens* encheu-se logo, pois todos os Anciãos haviam sido chamados para presenciar o espetáculo. A fosforescência das palavras foi-se transformando em fios de fogo que as agigantavam cada vez mais até que essa frase encheu inteiramente aquela parte do Santuário onde estavam os livros dos Profetas, por cima dos quais se estendia a radiante claridade como uma chama viva!...

– Isto é tudo, Johanan!... Vês? Isto é tudo! – continuou dizendo a voz sonora de Jhasua. – Quando cada homem desta Terra amar a Deus acima de todas as coisas e aos seus semelhantes como a si mesmo, todas as outras leis serão supérfluas, porque ésta encerra tudo.

– Estás lançando fogo de tua mão, Jhasua! – exclamou quase espantado Johanan. – Retira o teu dedo, porque, senão, destruirás as Tábuas da Lei!...

– Não, não! O fogo que ardeu um dia, na sarça do Horeb, perante Moisés, arde agora novamente para consumir tudo... os templos, os altares, os deuses e os símbolos, porque só uma coisa deve ficar em pé depois de haver brilhado esta labareda ardente: "Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo."

Tudo mais são folhas secas que o vento leva; é flor de feno que se transforma em pó no correr do tempo e da vida!

Como se uma tremenda energia fosse apoderando-se de todo seu ser, tomou Jhasua os rolos de papiro que estavam sobre um cavalete de pedra branca, sobre o qual se lia: "*Livros de Moisés.*"

– Vês, Johanan, estas poucas escrituras, em que se descreve a gênese dos mundos, dos seres e das coisas, e onde umas poucas regras simples de bem-viver ensinam aos filhos de Israel o segredo de se manterem em paz, com saúde e alegria? ... Entretanto, no Templo de Jerusalém e em todas as Sinagogas, desde Madian até

Damasco, os livros que se diz serem de Moisés são verdadeiros códigos de sangue, nos quais se regulamentam e ordenam as matanças e as torturas de homens e de animais em homenagem a Jehová.

"Como explicarão os homens doutos, um dia, o *'não matarás'* da Lei de Moisés e o *'amarás a teu próximo como a ti mesmo'*, postos em comparação com esses doutos livros também denominados de Moisés, onde, porém, sob o axioma de *'olho por olho e dente por dente'*, são autorizados todos os assassínios e crimes que se harmonizam somente com os códigos satânicos da vingança em ação?!

"Ó Johanan, Johanan, tu e eu seremos sacrificados como cordeirinhos entre lobos por esta humanidade inconsciente, que se consola entre o egoísmo e o ódio!

"No entanto, de teu sangue e do meu brotarão, aos milhares, como plantas de um viveiro maravilhoso, os apóstolos do amor fraterno, que, da mesma sorte como ocorrerá conosco, cairão ceifados como espigas maduras, cujas vidas sucessivas, em interminável cadeia, irão escrevendo em todas as consciências: 'Ama ao teu próximo como a ti mesmo', até que os homens, cansados de padecer, se abracem, por fim, sob essa lei imortal e eterna, que é o código supremo em todos os mundos e para todas as humanidades!

"Choras, Johanan?... Por que choras?"

– Porque teu fogo queimou os véus que ocultavam de mim as coisas passadas, e volto a viver o teu sacrifício, como se os maus bebessem novamente teu sangue e o meu, derramados juntos, em holocausto à Humanidade! Até quando, Jhasua; até quando?...

– Até a existência presente, que é para mim a última; ela marcará a apoteose e será a mais ignominiosa de todas as minhas mortes.

"És Elias!... O terrível Elias que esgrimia com raios de fogo em suas mãos e fazia tremer de terror os tiranos e os malvados; e tu agora choras, Johanan! Choras agora?..."

– Aqui não estão os tiranos nem os malvados, Jhasua!... Querubim do Sétimo Céu! Aqui estás tu, Cordeiro de Deus; tua ternura me invade como uma onda gigante que sacode o meu ser, estremecendo-o de horror e de espanto!

"És o lírio dos vales, cantado por Salomão; o ramo de jacintos em flor sobre o peito da escolhida; o perfume de mirra e de aloés que povoa a alma de sonhos, de paz e de amor; o arrulo do pombo que chama, gemendo, sua companheira do vão de um penhasco! Oh, Jhasua, vaso de mel e de essências! Não hei de chorar por ti, que és o único que sabe amar?... Disseste que vais morrer?... Vais ser devorado por essa loba faminta que se chama Humanidade?

"Vais ser despedaçado por esse bando de corvos raivosos que jamais se fartam de sangue?... Não, não, Jhasua, não! Já é demasiado!... Eu não quero isso! E, se é verdade que sou Elias, que fez arder em labaredas o Monte Carmelo e converteu em carvão os sacerdores de Baal e estendeu os soldados de Acab no chão, como larvas, eu exterminarei todos os homens desta Terra, se nela não se encontrar um só capaz de te amar, Jhasua, filho do Deus Imortal, que acende as estrelas durante a noite e os sóis ao amanhecer! Eu os destruirei como o mar bravio destrói os barcos que o cruzam..."

– Johanan! Johanan!... – disse-docemente Jhasua, colocando sua mão, suave e delicadamente, sobre o ombro de seu amigo trêmulo, em face da formidável energia que, qual onda fervente, corria por todo seu corpo. – Não farás nada disso, Johanan, porque serás sacrificado antes que eu o seja, e, de teu lugar de glória e de amor, verás meu holocausto, como pode e deve vê-lo uma Inteligência de grande evolução.

"Esperar-me-ás sorridente e feliz por me ver chegar triunfante sobre a ignorância, sobre o fanatismo e sobre a morte! Esperar-me-ás para levantar os véus rosa e ouro que cobrem a porta do Céu dos Amadores, e serás o primeiro a dizer-me: 'Entra em tua pátria, para sempre, Cristo, Filho de Deus vivo!.'"

Johanan abriu os olhos como preso de um deslumbramento súbito e, sem poder pronunciar uma só palavra, exalou um profundo gemido, indo cair exânime sobre o pavimento. Este clamor e o ruído da queda cortaram a corrente de luz, de amor, de sabedoria infinita, de maneira que Jhasua se viu novamente com sua debilidade de menino, que se arreceia de tudo e por tudo, e, lançando-se também ao solo junto de seu amiguinho, soluçou amargamente:

– Johanan!... Não morras, Johanan!... Quem me acompanhará para levar os cabritinhos ao bebedouro e ao pasto? – E cobria de ternos beijos a gelada testa do companheiro desmaiado.

Então os Essênios saíram de seu esconderijo e correram em direção aos dois adolescentes. José e Nicodemos levantaram a Johanan e o conduziram para seu leito, enquanto os Anciãos consolavam a Jhasua que continuava repetindo:

– Johanan, não morras!... Eu não quero que tu morras!

– Calma, filhinho, calma! – disse o Grande Servidor, que o havia levantado nos braços e o estreitava sobre o coração. – Johanan só está desfalecido e logo o verás perfeitamente bem.

Passando-o de braço em braço, como quando era muito pequenino, chegaram ao grande refeitório, onde o fogo da lareira, semi-apagado, deixava ver apenas um pequeno monte de brasas que brilhavam na penumbra.

A onda de amor havia consumido a onda de espanto, e Jhasua foi esquecendo tudo quanto havia ocorrido.

– Que é que se faz, Jhasua, quando o fogo está quase apagado? – perguntou um dos Anciãos.

– Acende-se de novo – respondeu o adolescente.

Ato contínuo, tomou um feixe de ramos secos e um punhado de palha, que jogou nas cinzas ardentes. Levantou-se um chama de ouro e púrpura que iluminou alegremente a gruta.

– Oh, que bonito fogo! – exclamou Jhasua, olhando para todos com seus olhos sorridentes. – Quão formosas ficam as vossas túnicas brancas, iluminadas por este resplendor! – e deitou-se junto ao fogo, sobre uma pele negra de urso, cuja cabeça dissecada formava duro contraste com sua cabecinha delicada e ruiva. O Grande Servidor fez sobre os lábios sinal de silêncio, porque teve a intuição de que o menino ia ficar adormecido.

Grande mudança notou-se desde então na personalidade de Jhasua. Até ali, o menino havia lutado com o homem. Este último surgia apenas em raros momentos para desaparecer logo, vencido por aquela exuberante infância que parecia lutar por prolongar-se indefinidamente. Dir-se-ia que, no subconsciente, ele vacilava ante o início de um apostolado que devia conduzi-lo ao mais tremendo sacrifício.

Que fenômeno terá ocorrido ao psíquico do Homem-Luz, durante aquele sono na gruta-refeitório dos Essênios, e, outrossim, enquanto permaneceu estendido, como um cordeirinho, sobre a pele do urso dissecado?

Todos os Anciãos o deixaram dormir ali quanto quis. Johanan dormiu também no seu leito, na gruta do Servidor.

Sem perder de vista a Jhasua adormecido, os Anciãos fizeram, ao redor dele, sua frugal refeição da noite. Em seguida, continuaram a vigilância ali mesmo, falando, a meia-voz, sobre o processo espiritual que se desenvolveria naquela grande alma, submergida, por força do amor, nas obscuridades da matéria.

Quando a noite já estava muito avançada, um deles recebeu um ditado espiritual que os aconselhava a se retirarem para descansar, ficando ali só três ou quatro de saúde mais forte.

José de Arimathéia e Nicodemos não quiseram afastar-se nem por um só momento do menino confiado à sua diligência. Do mesmo modo procederam os dois Terapeutas que os acompanhavam desde Jerusalém. Um dos Notários Maiores do Moab e o Notário do Quarantana completaram os seis que julgaram conveniente manterem-se recostados nos estrados do grande refeitório para velar o sono de Jhasua.

No meio da quietude e do silêncio, que não era interrompido nem pelo mais leve ruído, alguns dos Anciãos do Moab, cada qual isolado em sua alcova de rochas, pediam com insistência à Divina Sabedoria luz e acerto para secundar eficientemente ao Verbo de Deus, em sua grandiosa missão Redentora.

Na madrugada seguinte, todos se dirigiram ao Santuário para cantar os salmos de louvor a Deus, conforme o hábito. Quando terminaram, disseram uns aos outros, a meia-voz:

– Temos que falar.

– Sim, sim, eu havia pensado o mesmo!

– E eu também!

Verificou-se, então, que todos sentiam a necessidade de fazer uma confidência, razão pela qual passaram para o recinto das assembléias.

– Escrevamos, cada qual separadamente, aquilo que tencionamos dizer nesta reunião, tão desejada por todos – disse o Grande Servidor apenas se haviam sentado nos estrados.

Todos escreveram em suas cadernetinhas de bolso. Da comparação feita, a seguir, de tudo quanto havia sido escrito, resultou o seguinte:

Alguns deles haviam visto em sonhos, e outros em vigília – seja por uma elevada contemplação da própria alma desprendida, seja pela clara intuição – o que se operara no Verbo de Deus, de quase 13 anos de idade, naquela noite por ele passada no Quarantana.

As cinco Inteligências Superiores, que, na qualidade de Guias, vigiavam a vida terrestre de Jhasua, haviam-no feito percorrer, durante seu sono, nessa mesma noite, todos os lugares da Terra, habitados pelas porções da Humanidade que ele vinha redimir.

A dor humana era tanta... a iniqüidade tão espantosa... a ruindade e a miséria tão completas que parecia repetir-se aquele momento em que um patriarca da Antiguidade intercedia perante Jehová que não fosse aniquilada determinada cidade ou região:

"– Se houver, Senhor, cinqüenta justos, perdoarias as cidades?"

"– Se houver apenas dez justos, por amor a eles deteria o Meu braço justiceiro."

No entanto, nem mesmo esses dez haviam sido encontrados!

Semelhante era a situação da Humanidade de então, no meio da qual se encontrava a Fraternidade Essênia, servindo de pára-raios para que a maldade humana não ultrapassasse o limite, depois do qual desapareceria o equilíbrio, e tudo submergiria no caos, na sombra e no *Não-Ser*.

Os grandes Guias do Verbo de Deus, em sua última jornada messiânica, fizeram-no descer até o fundo do abismo para onde rolava a Humanidade.

Dominava o mais feroz egoísmo em todas as partes do mundo; na Bretanha, em Roma, na Grécia, nas Gálias, na Ibéria e na Germânia; na Escítia, na Pérsia, na Arábia, nas Índias, no Egito decadente e na Etiópia semibárbara. Tudo era um único mar de dor, de crimes, de miséria que afogava até provocar náuseas...

Os Anciãos de brancas túnicas, de ternos e puros corações, raciocinaram desta maneira:

"Se isso que foi revelado por igual a todos nós constitui a manifestação da Verdade, é o que o menino viu durante o sono desta noite; e hoje teremos a comprovação da mudança radical que se produzirá em sua personalidade espiritual."

O sono de Jhasua durou quase até o meio-dia, ou seja, mais de 15 horas consecutivas. Despertou rodeado dos Anciãos que estavam de acordo em não fazer referência alguma ao seu longo sono, nem a coisa alguma do que se relacionasse com ele.

Johanan havia despertado algumas horas antes e se distraía sozinho com os habitantes dos estábulos, pensando, com certa amargura, que seu companheirinho deveria estar enfermo, motivo por que os Anciãos não o acordavam.

Jhasua sentou-se em silêncio sobre a pele de urso, onde ficara adormecido, e afastou com enfado as mantas com as quais o haviam coberto. Sobre um banquinho próximo a ele estavam a vasilha de leite e a cestinha com castanhas, que faziam parte de seu costumeiro desjejum.

– Já fizestes a oração? – perguntou.

– Sim, meu filho – respondeu o Grande Servidor –, mas podemos acompanhar-te com todo o prazer.

O menino pôs-se de joelhos, juntou as mãos sobre o peito e, com trêmula meia-voz, como se estivesse contendo um soluço, começou:

"– Louvado sejas, ó Deus, Senhor de tudo quanto existe, porque és bom acima de todas as coisas, e eterna é Tua misericórdia..." – e continuou, durante longo tempo, com os versículos clamorosos e dolentes do "Miserere".

Em seguida, sentado sobre a mesma pele em que havia dormido, tomou, em silêncio, o desjejum.

Entrou Johanan, trazendo-lhe um cabritinho que havia nascido naquela noite.

– Quanto dormiste, Jhasua! Estás doente? – perguntou.

– Creio que não. Nada me dói!

Entregues aos seus trabalhos manuais, os Anciãos procediam como se nada vissem nem ouvissem, para deixar que os dois meninos se expandissem livremente.

– Nada dizes a este novo habitante do estábulo? – perguntou Johanan, apresentando o cabritinho novamente a Jhasua.

– Pobrezinho! – exclamou ele, passando a mão sobre o sedoso pêlo branco e canela do animalzinho. – Também tu vens padecer nesta Terra!...

– Como! – exclamou Johanan. – Desagrada-te que haja nascido mais um cabritinho? Com este já são 57. Não gostarias que chegassem a 70, como os Anciãos do Moab?

– Olha, Johanan!... Não sei o que se passa comigo; estou desgostoso de tudo quanto existe na vida, e gostaria bem mais de morrer!...

– Nem eu te posso trazer alegria?... – perguntou entristecido Johanan. – Até ontem me dizias que eu era feliz por estar aqui entre tanta alegria de viver, e hoje desejas morrer?

– Sim, como Hussin... o meigo Hussin, que morreu, sem dúvida, porque se encontrou, um dia, como eu me encontro agora.

– Que tens agora, Jhasua? – continuou Johanan semi-estendido sobre a pele curtida de urso, enquanto Jhasua, com o cabritinho adormecido sobre os joelhos, passava maquinalmente a mão sobre ele e olhava sem ver coisa alguma do quanto o rodeava.

– Não sei, não sei!... mas me parece que sobre minha vida já se passou muito tempo... Tenho pensamentos muito estranhos, que, certamente, não são meus – continuou o menino como sob o influxo de uma poderosa sugestão.

Enquanto isso, alguns Anciãos cortavam e costuravam calças de couro ou faziam esteiras de cânhamo, cortinas e cestas de junco; outros poliam taquaras ou vimes para os secadores de frutas ou de queijos; não obstante, todos ouviam atentamente o diálogo de Jhasua e de Johanan.

– Disseste que tens pensamentos que não são teus? Jhasua!... não te compreendo! Quando eu penso, o pensamento é meu e não de outro. Quando, há pouco, pensei em trazer este cabritinho para alegrar-te, isto foi pensamento meu e de ninguém mais. Não é assim? – E Johanan olhou com insistência para seu amiguinho, desejando descobrir o motivo de seu mau humor.

– Sim, é isso mesmo, Johanan; todavia, estou pensando muito no modo de fazer com que compreendas o que tenho.

– Sim, sim, já me disseste isso, que estás desgostoso de tudo.

"Será que desejas ir para junto de tua família, por estares já cansado de nós?"

– Não, pois estou certo de que, junto de minha família, estaria pior ainda.

– Por quê?

– Porque minha mãe padeceria muito; e, ademais, meu pai e meus irmãos ficariam muito irritados por me verem assim inútil e sem vontade para coisa alguma. Entretanto, aqui, todos continuam tranqüilos em suas tarefas, sem fazer caso de mim; e, deste modo, espero sossegadamente que isto passe. Acredita-me, Johanan, que quem mais sofre com isto sou eu mesmo!... Eu, que apenas queria correr, brincar e rir nestes poucos dias que me restam para continuar aqui!...

De súbito, na parte mais afastada daquela gruta, ouviram-se soluços contidos, profundos!... E, mais próximo dos meninos, um dos Essênios mais sensitivos do Moab deixou-se cair desfalecido sobre as esteiras de fibra que estava tecendo, e novos gemidos surdos e soluços contidos começaram a ser ouvidos dos mais diferentes pontos da grande caverna-cozinha e refeitório.

Jhasua sentiu uma forte sacudidela e, levantando-se rapidamente, correu até junto daquele que caíra desfalecido sobre as esteiras. Em seguida, olhou para o Grande Servidor, assim como para todos, e seu rosto refletiu grande inquietude...

– Que aconteceu com Abdias? Por que soluçam Efraim, Azarias e Absalão?... Sabeis o motivo, Grande Servidor?

– Sim, meu filho! Eu o sei! Eles são muito sensitivos, de modo que percebem profundamente a dor, a alegria, a inquietação ou qualquer estado de ânimo dos demais. Eles sentiram o grande estado psíquico em que te encontras, e o absorveram completamente, em virtude do grande desejo que todos temos de que o sossego e a alegria voltem a teu Espírito.

O menino refletiu durante um instante e logo disse:

– Já estou bem! Já passou! Não quero que ninguém sofra por mim.

– Então apenas tu é que tens o direito de sofrer por todos? – perguntou docemente o Grande Servidor.

– Parece-me que sim, a julgar pelo que vi em sonhos esta noite.

Johanan escutava assombrado e em silêncio o que se dizia. Todos voltaram à mais completa tranqüilidade, e o Grande Servidor continuou seu diálogo com Jhasua, que se havia aproximado dele:

– Seria muito interessante saber o que foi que viste em teu sonho.

– Vi multidões que sofriam de tal maneira como eu nunca havia visto. Homens que torturam e maltratam outros homens, que os encerram em calabouços escuros e úmidos, onde morrem de fome e de frio; velhos e crianças arrojados em precipícios, por inúteis, a fim de não terem que lhes dar a alimentação, que não podem ganhar. Homens e mulheres cheios de juventude e de vida, lançados como alimento para as feras, guardadas nas fortalezas pelos poderosos; ou degolados nos altares de deuses nefandos e perversos. Multidões morrendo queimadas em fogueiras como se queimam lenha para cozer o pão e os alimentos; enforcados, mutilados... Oh, que espantosas visões as de meu sonho desta noite!...

Jhasua cobriu o rosto com ambas as mãos, como se temesse voltar a perceber as trágicas visões de seu sonho. Depois continuou:

– A Terra rodava diante de mim como uma laranja, e vi, em todos seus lados iguais horrores, iguais crimes!... Então gritei, quanto me permitiam as forças: "Não matarás" ... diz a Lei! "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo" ... diz também a Lei! No entanto, nenhum deles me ouvia. Prosseguiam matando, e toda a Terra se empapava de sangue. Os gritos, os clamores e os gemidos ressoavam como longínquos trovões, cujos ecos, continuando a vibrar, quase me faziam enlouquecer!

Todos os anciãos se haviam aproximado para ouvir Jhasua que, inflamando-se, acabou por gritar com exasperação terrivelmente dolorosa:

– Dizei-me!... dizei-me!... que mal fiz eu para ser atormentado assim, com estas espantosas visões, que matarão para sempre minha alegria de viver?...

Os Anciãos estreitaram mais ainda o círculo ao redor do menino, enquanto seus pensamentos de amor formavam uma suave e sutil abóbada psíquica. Ao mesmo tempo, o Grande Servidor o atraiu para si e o abraçou ternamente. E Jhasua, como um passarinho ferido, reclinou o rosto contra o nobre peito do Ancião e desatou a chorar amargamente.

Johanan tratava de dominar sua emoção, José e Nicodemos no segundo círculo, pensavam com profunda preocupação:

"– Se Myriam, sua mãe, presenciasse esta cena, pediria, sem dúvida, contas desta dor moral, demasiado prematura para seu filho, que ainda não atingiu os treze anos."

– Paz, Esperança e Amor sobre todos os seres – disse com solene voz o Grande Servidor, e prosseguiu:

"A Lei dos Instrutores de humanidades não é como a Lei dos pequenos servidores de Deus; por isso, não devemos alarmar-nos pelo que acabamos de presenciar.

"Quanto mais elevada a posição espiritual de um ser, mais rápido e mais vibrante é o chamado da Verdade Eterna a seu Eu íntimo.

"Bendigamos ao Altíssimo, porque Jhasua sentiu o chamado em nosso meio. Conhecedores, que somos, dos processos da Lei em casos como este, permitiu-nos Ela prestar o concurso necessário para que o sofrimento moral não lhe causasse desequilíbrios nem transtornos mentais ou físicos.

"E tu, meu filhinho, começas a compreender que a missão que te atraiu à vida física exige de ti aquilo que se exige de um médico que chega a um país de leprosos e de pesteados, onde a dor e a miséria atingem até o paroxismo. Pensa sempre que, ao teu redor, está a Fraternidade Essênia e que ela é tua mãe espiritual nesta hora; e,

em seu seio, encontrarás sempre o lenitivo para as grandes dores de um Instrutor de humanidades."

As mãos de todos os Anciãos se estenderam sobre Jhasua, de pé ante o Grande Servidor, por um longo quarto de hora. A tranqüilidade refletiu-se no expressivo semblante do menino, e um dos Anciãos, que era clarividente, explicou todo o processo seguido pelas Inteligências Superiores durante o sono de Jhasua.

O clarividente havia relatado isso aos Notários antes que o pequeno despertasse; e o fato ficou plenamente comprovado com as manifestações que todos acabavam de ouvir.

Com o fim de fazerem os ânimos voltar a seu estado normal, saíram todos para o sereno vale onde pastavam os rebanhos, sob as oliveiras frondosas e as videiras carregadas de cachos de uva.

Dois dias depois, começaram a chegar aqueles que haviam recebido aviso da presença dos Anciãos do Moab no Santuário do Monte Quarantana. Quase todos chegavam de madrugada, porque realizavam a viagem durante a noite.

De Herodium, Jutta, Hebron, Betlehem e até de Jerusalém chegaram viajantes. Eram todos essênios que não queriam perder aquela oportunidade, poucas vezes encontrada em sua vida, de se defrontarem com seres que viviam para o ideal da perfeição humana. Os Setenta Anciãos do Moab eram os grandes Mestres da Fraternidade. Eram seus Profetas, seus Apóstolos e seus Santos. O Messias, menino ainda, estava no meio deles, e esta circunstância engrandecia, ante eles, aquele momento que, provavelmente, não se repetiria jamais na existência que estavam vivendo.

Alguns sabiam que ali também se encontrava, reencarnado, o Profeta Elias, na pessoa de um menino pouco mais idoso do que Jhasua.

Vários personagens de importância social e religiosa em Jerusalém compareceram igualmente àquele encontro memorável, entre eles Nicolás de Damasco e seus amigos Antígono, Shamai e Gamaliel, neto de Hillel, o mártir-apóstolo e essênio de 50 anos atrás. O leitor recordará que, no cenáculo de Nicolás, ocorreu aquela grandiosa demonstração de Sabedoria Divina manifestada por Jhasua. Nenhum deles duvidava já de que o Verbo de Deus estivesse encarnado no menino nazareno, filho de Myriam e de Joseph.

Contudo, seria de grande importância para eles conhecer os pontos de vista dos Anciãos do Moab, grandes mestres na ciência espiritual. Os betlehemitas, amigos de Jhasua, desde a noite inolvidável do seu nascimento: Elcana, Josias, Alfeu e Eleázar, com aqueles familiares que puderam acompanhá-los, acudiram também, entre os peregrinos silenciosos, que, dissimulando o seu místico fervor sob distintos aspectos, iam chegando a En-gedi, perdida entre as montanhas vizinhas do Mar Morto.

Jamais desfilou tanta quantidade de pessoas pela pobre *Granja de Andrés* como naquela oportunidade. Era a entrada obrigatória para o Santuário; de maneira que todos deviam passar por ali.

As grutas resultaram insuficientes para albergar, com comodidade, tantas pessoas do exterior, cujo número passava de duzentos. Todavia, o outono tíbio e agradável daquelas paragens facilitou o comparecimento dos peregrinos, que permaneceram só um dia e uma noite nas grutas do Santuário.

Os Anciãos dedicaram-se a escutar as consultas de ordem espiritual e privativas dos viajantes, cujo grau de conhecimento era diverso e variado, pois havia gente desde o primeiro até o quarto graus.

Formavam uma grande escola entre as rochas, na qual faltava todo ornato material, mas onde flutuava a uniforme harmonia emanada das muitas almas que

buscavam o mesmo fim: a Verdade Divina que devia fixar para sempre o caminho a seguir no planeta Terra.

Quando todos foram ouvidos e satisfeitas suas consultas, preparou-se a assembléia geral, ao cair da tarde, no próprio recinto do Santuário, que teve todos os seus véus descerrados e os anteparos divisórios levantados, quer para dar maior amplitude ao recinto, quer para deixar em todos a sensação de que, estando o Verbo encarnado no meio deles, desapareciam todas as categorias e divisões, para ficarem confundidos como numa só alma, que se unia ao Ungido Divino a fim de secundar Sua obra de liberação humana.

– Agora somos todos discípulos em torno do Grande Mestre – havia dito o Grande Servidor, quando todos os Anciãos estiveram de acordo para que desaparecessem as reservas e separações que, até então, haviam sido observadas com grande rigidez. Se Ele Se faz pequeno para igualar-Se a nós, muito mais devemos nós descer para igualar-nos aos que estão em menor altura espiritual e moral do que aquela que conquistamos através de séculos de evolução.

Em suas conversações privadas com cada um dos peregrinos, os Anciãos haviam-se esmerado em gravar profundamente, em todas as almas, a frase final da Lei de Moisés, sobre a qual, uma noite, Jhasua pusera o dedo, dizendo a Johanan:

"Somente para isto é que tu e eu viemos à Terra."

Aquela frase: *"Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo"* encerrava, para os Essênios como para o próprio Cristo, o resumo completo de toda a Lei. Aquele que, neste ensinamento, não houvesse pecado, estava livre de toda culpa e podia apresentar-se tranqüilo e sereno à assembléia presidida pelo Verbo Divino, que, com toda a certeza, seria de uma claridade deslumbradora sobre todas as consciências.

Quase todos, em suas íntimas confidências com os Anciãos, tiveram de reconhecer que, nessas palavras finais da Lei, se encerra uma elevadíssima perfeição, à qual somente pouquíssimos podem chegar. Todos haviam feito obras de misericórdia, de hospitalidade e de ajuda mútua. Todos tinham socorrido os necessitados; mas, igualar o próximo a si mesmo na participação de um benefício, isto bem poucos haviam feito.

Na luz radiante daquela frase final da Lei, esboçaram-se – desde aquele momento que ficou ignorado para a Humanidade – as silhuetas inconfundíveis dos verdadeiros discípulos do Cristo-Redentor, ou seja, daqueles que foram capazes de *amar ao próximo como a si mesmos.*

O Homem-Luz já marcara sua rota imortal e divina. O "Querubim do Sétimo Céu", como lhe chamavam os Essênios, tinha deixado toda sua glória, sua grandeza, sua inefável felicidade, para descer ao sombrio cárcere terrestre, como um príncipe ilustre que houvesse abandonado tudo para submergir-se, durante anos, no negrume de um calabouço, com o único fim de libertar aqueles que lhe eram afeiçoados.

Esta comparação é imprópria, pois o Cristo deixou muito mais, incomparavelmente mais do que um príncipe da Terra pode deixar; todavia, em nossos pobres modos de expressão, não encontro uma figura ou imagem que possa comparar-se com a sublime e heróica renúncia do Cristo. Que sacrifício menor poderia ele exigir daqueles que quisessem ser seus discípulos do que este: "Ama a teu próximo como a ti mesmo?"

Foi então que aquela assembléia entre as rochas vislumbrou o alcance daquela frase imortal que o Cristo adotaria como base para o seu apostolado de amor fraterno. Desde esse momento, todos os assistentes tomaram a inquebrantável resolução de

doar metade dos seus bens materiais para a obra missioneira do Cristo. Os Anciãos do Moab e de todos os demais santuários ofertariam também a metade do produto de seus trabalhos manuais para o *Santo Tesouro*, como lhe chamaram, porque consideravam que nada era mais sublime e excelso do que demonstrar com fatos, que o bem do próximo era seu próprio bem.

Se a Roma idólatra e pagã sustentava suas orgias impondo pesados e onerosos tributos aos povos dominados, o *Santo Tesouro*, fruto do amor ao próximo, faria frente à miséria e à fome que o domínio dos Césares mantinha no mundo. Tais eram os sentimentos que animavam a todos aqueles que rodeavam o Cristo-Menino naquele momento de sua existência terrestre.

Dentre aqueles peregrinos designaram-se os *Guardiães do Santo Tesouro* para cada cidade ou povoação, facilitando, assim, a entrega dos donativos anuais, a serem feitos por eles. José de Arimathéia, Nicodemos e Nicolás de Damasco, em Jerusalém; Elcana e seus amigos Alfeu, Josias e Eleázar, para Betlehem; Andrés de Nicópolis e dois tios de Johanan, o Batista, para Hebron e Jutta; e, sucessivamente, foram sendo designados guardiães, dentre os essênios mais conhecidos e honestos, para todas as regiões, desde Madian até a Síria.

– Somente assim seremos dignos – disseram as consciências de todos – de cooperar na obra do Cristo, baseada na frase imortal: "*Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo.*"

Conhecedores de que as almas humanas só podem chegar à união com a Divindade mediante a perfeita tranqüilidade de consciência, os Anciãos creram haver feito quanto lhes fora possível neste sentido.

Os grandes entusiasmos pelas causas elevadas e nobres são também contagiosos, e, naquele núcleo de Essênios reunidos em torno do Cristo-Menino, nas grutas do Monte Quarantana, vibravam todos em igual sintonia, como cordas de uma harpa afinada para um concerto divino.

Quando tudo ficara resolvido e assegurado na ordem material, começou-se a preparação espiritual mediante o canto de um salmo, executado em coro por todos os irmãos reunidos.

Ao pé do pedestal, onde descansavam as Tábuas da Lei, havia sido colocado um estrado de madeira de três pés de altura e sobre ele dois tamboretes de carvalho. Os Setenta Anciãos do Moab rodearam, em fila dupla, aquele estrado, tendo, à sua frente, os demais anciãos Terapeutas e peregrinos.

O Grande Servidor entrou por último com Jhasua e Johanan, que foram colocados sobre os dois tamboretes.

Leve perfume de incenso flutuava, como uma onda invisível, pelo sagrado recinto, enquanto vários alaúdes executavam u'a melodia suavíssima.

Naquele sereníssimo silêncio, podia ser percebido claramente este unânime pensamento elevado à Divindade, do fundo dos corações:

"– Deus Onipotente, autor de tudo quanto existe!... Deixai que vejamos a grandeza de Vossos desígnios, se é que permitis que colaboremos com o Vosso Messias na obra da salvação humana."

Esse pensamento unânime obteve a resposta desejada: Jhasua e Johanan inclinaram-se, um para o outro, como se suas cabeças buscassem apoio. Sua quietude perfeita assemelhava-se a um sono tranqüilo; entretanto seus olhos permaneciam abertos.

Imediatamente, os dois se ergueram sobre o estrado, como se u'a mesma voz os tivesse mandado levantar.

– Sabes o que isto significa? – perguntou Johanan a Jhasua.

– Sim – respondeu este. – Isto significa que todos quantos nos rodeiam já sabem que em ti está encerrado o Espírito do Profeta Elias, e em mim está Moisés, aquele que gravou esta Lei sobre as tábuas de pedra.

"Teu fogo fez arder, um dia, ante mim, a sarça do Horeb e resplandecer, como uma labareda ardente, o Monte Sinai. Acende agora teu fogo sobre todas as leis brotadas do egoísmo humano para que, quando elas estiverem consumidas, apareça radiante e viva Minha Lei para a época presente."

Suave auréola de luz cor-de-rosa foi envolvendo a Jhasua, e um fogo vivo converteu Johanan como que em brasa ardente. O vívido resplendor pareceu apagar tudo o que havia atrás dos adolescentes: as Tábuas da Lei, os atris com os Livros dos Profetas e todas as Escrituras Sagradas. Sobre um fundo escuro, como de negro ébano, u'a mão luminosa escreveu, com um ponteiro de fogo e em grandes caracteres:

"AMA A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS E A TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO."

Possuída de estranha e poderosa comoção, toda a assembléia se havia posto de pé, quase sem acreditar no que seus olhos viam. Somente os Anciãos de brancas túnicas pareciam estátuas de marfim, imóveis como os estrados de pedra em que estavam sentados.

– Johanan! – disse Jhasua com voz vibrante. – Por trazer eu ao mundo esta Nova Lei, morrerás assassinado pelos homens; morrerei também eu assassinado pelos homens, e morrerão, igualmente assassinados pelos homens, três quartas partes daqueles que presenciaram esta manifestação dos desígnios de Deus!

"Poderás contar as areias do mar e as estrelas que povoam o espaço infinito?....

"Tampouco poderás contar os espantosos assassínios que os homens cegos e inconscientes cometerão por causa desta Nova Lei. Não obstante, encerra ela uma ordem suprema do Pai, junto com o Seu último olhar de misericórdia e com Seu derradeiro perdão para esta humanidade pecadora. Mas, ai dela, quando essa misericórdia e esse perdão houverem sido abafados pela voz vibrante de Sua Justiça inexorável!"

Johanan parecia uma estátua de fogo, e suas mãos, levantadas para o alto, arrojavam um resplendor vivo, quase púrpura. Aquela vívida claridade desenhou, no fundo escuro daquele cenário intangível, cenas terríveis que ninguém podia precisar a que época pertenciam.

Sobre um árido montículo cheio de pedras e brancos ossos humanos emaranhados em sarçais ressecados, via-se um homem crucificado, e logo outros e outros mais, até formarem como um bosque de grossos troncos com seres humanos pendentes deles.

Viu-se, em seguida, um calabouço, no fundo de um escuro torreão guarnecido de ameias, e ali um verdugo, ainda com o machado mortífero nas mãos, sustentando, pelos cabelos, uma formosa cabeça de homem, enquanto o tronco, palpitante ainda, se debatia sobre o pavimento, em meio a um charco de sangue. Um pouco além dele, diversos outros homens, mulheres e crianças decapitados.

Perdida quase num fundo nebuloso, via-se u'a multidão ébria, fanática, enlouquecida pela desenfreada orgia em que se divertia, feliz, ditosa, ao compasso de lúgubres cantos e de histéricas gargalhadas...

Essas visões duraram só pouquíssimos minutos; muito menos do que o tempo que levaram para serem escritas.

Como espantado, ele mesmo, diante de tantos horrores, Jhasua tocou os braços levantados de Johanan, enquanto dizia:

– Apaga já o teu fogo, Elias, filho de Orion; e que aos nossos corações voltem a Paz, a Esperança e o Amor.

Johanan caiu desaprumado ao solo, como se, ao extinguir-se o fogo de suas mãos, houvesse esgotado toda a sua força e energia física. Jhasua, por sua vez, deixou-se cair como desfalecido sobre o tamborete, no qual se havia sentado ao começar, e exalou um profundo suspiro.

Os resplendores haviam-se apagado subitamente quando Johanan levou aquela queda. Mas, pouco a pouco, todos foram recobrando a serenidade.

Depois de levar os dois adolescentes para repousar sobre um estrado, entre mantas e peles, o Grande Servidor falou à assembléia nestes termos:

– Por permissão divina, vossos olhos viram o que custará em sacrifícios e sangue a redenção Humana terrestre.

"Mártires seremos todos nós, se, por vontade própria, oferecermos ao Verbo de Deus nossa cooperação à Sua obra salvadora. Talvez passarão muitos séculos sem que possamos recolher o fruto da semente do Amor fraterno que semearmos com imensos sacrifícios e dores.

"Ainda estamos a tempo de voltar atrás no caminho andado. Os caminhos da Fraternidade Essênia bifurcam-se a partir deste solene momento em que o Altíssimo nos deixa ver o preço que custará a libertação das almas sumidas nas trevas da ignorância e em seu atraso moral e espiritual.

"Se alguém se acha débil, esqueça quanto viu e ouviu, como se não conhecesse a vida espiritual. Viva para si mesmo e para os seus, sem compromissos ulteriores de nenhuma espécie. A Fraternidade Essênia acabará de cumprir sua missão quando o Cristo for posto em contato com a Humanidade.

"Então Sua palavra e Seu pensamento genial criarão novas Escolas e Fraternidades. Nós nos submergiremos na penumbra e no esquecimento, para que Ele resplandeça na Luz.

"Não quero a vossa resposta neste momento de entusiasmo espiritual, em que torrentes de energia, de luz, de esperança e de amor fazem de vós 'harpas vivas' que vibram sem vontade própria.

"Voltai ao vosso ambiente habitual, meditai em tudo quanto o Altíssimo quis manifestar-vos; medi vossas forças e friamente decidi vosso caminho a seguir.

"Que a Luz Divina ilumine vossas consciências!"

Depois de uma fria e serena meditação, vacilaram os essênios dos dois primeiros graus. A terça parte deles sentiu-se acovardada e deixou para mais adiante a decisão sobre esse particular.

Tinham sete anos de prazo para decidir-se, ou seja, quando o Verbo encarnado chegasse aos seus vinte anos de vida física. Com o tempo, saberemos quais deles permaneceram fiéis ao chamado daquela hora, e quais se afastaram por temor aos tremendos sacrifícios que se podiam vislumbrar ao longe.

Dois dias depois, os Anciãos do Moab cruzaram o Mar Morto pelas balsas, à luz da lua minguante, cujo amarelento resplendor se assemelhava a um véu de topázio que tornava desnecessárias as tochas e as velas.

Na madrugada seguinte, José de Arimathéia e Nicodemos, com Jhasua e os Terapeutas, empreendiam o regresso a Jerusalém. Iam acompanhados pelos amigos betlehemitas, que nos são tão familiares desde o começo deste relato. Ficaram na velha cidade de David, depois de despedir-se ternamente do Menino-Luz que, provavelmente, não voltariam a ver, a não ser depois de passado muito tempo.

O Menino Apóstolo

Nazareth, a pitoresca cidade da Galiléia, vizinha do Monte Tabor e do lago de Tiberíades, recebeu a Jhasua doze dias depois e, desta vez, para permanecer nela por bastante tempo.

O menino voltava ao seu lar nazareno completamente mudado. Não era o mesmo Jhasua que haviam visto partir cinqüenta dias antes.

– Que bem te fizeram os ares de Jerusalém! – disseram seus irmãos chacoteando-o.

– Gostaste do Templo? A cidade causou-te maravilha? Vamos, Jhasua, conta-nos tuas impressões; assim saberemos se compreendeste bem todas as coisas.

É necessário advertir que Myriam havia dito ao menino que ninguém deveria saber de sua viagem ao Monte Quarantana, a não ser seu pai. Este havia também observado u'a mudança no menino e falou disto à esposa.

– Jehová deu energia nova ao nosso filho – ao ver que, embora o sol já se tivesse posto, Jhasua continuava na oficina pondo em ordem todas as ferramentas, restos de madeira, molduras por terminar, bem como sarrafos e utensílios em geral.

Quando já se apagavam as últimas claridades da tarde, fechava todas as portas e entregava as chaves, em silêncio, ao pai.

– Jhasua – disse José na presença de Jhosuelin, de Ana e do tio Jaime, ao receber, uma tarde, as chaves –, desagradou-te a viagem, para que voltasses um tanto taciturno?

– Pai – respondeu com resolução o menino –, nada respondi a meus irmãos maiores quando fizeram perguntas parecidas, porque não sei como eles tomariam minha resposta; no entanto, se não vos ofender minha franqueza, dir-vos-ei que a viagem foi encantadora, a vista da cidade esplêndida, o Templo cheio de riqueza e de magnificência; contudo, o que se faz na cidade e no Templo, pareceu-me desastroso, horrível... e mau!

– Como assim, meu filho?

– É como estou dizendo, pai. Em nada se vê ali a Lei de Moisés, a não ser a mais grosseira e torpe manifestação de egoísmo refinado, de interesse, de lucro e de ambição.

"É assaz mais puro o nosso ambiente galileu, pai, e, se dependesse de mim, não trocaria os ares de nossa província pelos da Judéia, com tudo o que nela existe: Jerusalém e o Templo."

– Mas falas sério, Jhasua? – insistiu Joseph assombrado.

– Oh, pai! Não é por ter 12 anos que deixei de compreender o que se passa na Cidade dos Reis e na Casa de Jehová. Que o diga, então, Jhosuelin, que igualmente viu e sabe tanto quanto eu.

Olhou o pai para esse outro filho, que guardava silêncio, e em seu olhar havia uma interrogação.

– É verdade, pai – disse o aludido. – O Templo é como um grande mercado, onde os príncipes e os sacerdotes comerciam descaradamente, com exceção daqueles que são essênios, que não se dedicam à matança de animais.

– Todavia, os sacrifícios de animais foram prescritos por Moisés – alegou Joseph, com certa vacilação.

– Não, pai! – argüiu decididamente Jhasua. – Estudei as escrituras de Moisés nos Santuários Essênios, e seus escritos, que são breves e concisos, não só não autorizam tais matanças, como, muito pelo contrário, aconselham os Anciãos do povo

hebreu que tratem de acostumar o público a trocar os holocaustos de sangue pelas oferendas de frutos da terra, flores dos campos e resinas aromáticas dos bosques.

"E acrescentam ainda estas palavras, que são comentadas por Isaías, Ezequiel e Jeremias: 'Agrada mais a Jehová a pureza do coração e a misericórdia nas obras do que a gordura de carneiros e novilhos.'

"Naturalmente é bem notório que o queimar de um punhado de farinha, u'a maçã ou uma pitada de incenso não deixa aos sacerdotes os gordos lucros de um novilho.

"Ali são mortos centenas de animais a cada dia, e suas carnes e gorduras são compradas a peso de ouro pelos mercadores, nos próprios fundos do horto, onde terminam as terras do Templo.

"Julgais que Jhosuelin e eu não vimos as sacolas de ouro e de prata que os mercadores entregavam aos sacerdotes nas portas traseiras, por onde entram os lenhadores?"

Joseph, dolorido, disse:

– Está bem! Está bem, meus filhos! Mas que ninguém vos ouça falar como fizestes diante de mim. Grandes calamidades virão sobre nossa cidade. Roguemos ao Senhor que tenha piedade de nós.

Levantou-se e entrou na alcova, onde sua alma de homem justo e piedoso o fez desafogar-se em silencioso pranto.

Sob seu aspecto severo e quase rústico, escondia-se um coração de ouro e sentia deveras profunda pena pela amargura que adivinhava em Jhasua e pelos grandes males que esperava para seu povo.

Quase três anos se passaram sobre a vida de Jhasua, que continuava no seu lar, em Nazareth, entre suas tarefas de chefe da oficina de seu pai, sem que, por isto, descuidasse de ajudar Myriam, em seus afazeres de dona de casa.

De outro lado, renovar com freqüência os cântaros da água trazida da fonte, remover os secadores de frutas, regar as hortaliças e plantações do horto, eram os meios de ajuda que ele prestava à mãe.

Grande tristeza começava a infliltrar-se em seu espírito, como se uma sombra fosse escurecendo-o pouco a pouco.

Assim, depois de haver cumprido seus deveres habituais, ia sentar-se num banquinho feito por ele mesmo, e que estava oculto ali onde costumava esconder-se para meditar. Lá mesmo, ainda estava instalado aquele original sinalizador que ele inventara para que sua mãe o chamasse quando fosse necessário.

Naquele afastado rincão do horto, o Homem-Luz, de 15 anos de idade, dialogava com seu Eu interno:

"Foi para isto que eu entrei na vida física, deixando aquele esplêndido e divino Céu dos Amadores que Antúlio descreveu em seus maravilhosos relatos? Para regar hortaliças, matar formigas, remover os secadores de frutas, guardar os martelos e escopros? Para vegetar como um animalzinho qualquer que come, dorme e trabalha?

"Estudar os Livros Sagrados? Para quê? Se os doutores e os sábios de Israel os deixam ser roídos pelas traças em armários fechados e redigiram outros, que delineiam caminhos novos para a Humanidade, a qual, se era má por força do egoísmo e da ignorância, está ficando proporcionalmente pior, afastando-se cada vez mais da verdadeira Lei Divina escrita por Moisés?

"Os Profetas!... Oh!... Quem, hoje em dia, se preocupa com os Profetas, se existem tantos sábios e doutores que interpretam as Leis de Deus de maneira a não prejudicarem as conveniências dos poderosos e mantenham o povo progressivamente mais submisso e escravizado?

"Se os grandes Profetas da Antiguidade foram esquecidos, como posso sonhar em ser escutado? Eu? Pobre de mim! Desaparecido entre as ferramentas de um humilde horto galileu!

"Que fugaz e enganosa visão é a dos Anciãos de nossos Santuários Essênios, que alimentam a ilusão de que eu seja o Messias de Israel!

"Eu!... eu!... eu!... mísero adolescente desconhecido, filho de artesãos galileus, com relação aos quais se diz que, *desse meio, nada de bom pode sair.*

"Entorpecido pela inatividade; decepcionado por minha própria incapacidade; cansado de uma vida inútil e sem nenhuma finalidade definida, vejo-me como uma árvore improdutiva para a vida física e estéril para a vida espiritual!"

Tais eram os monólogos de Jhasua durante o último desses três anos, ou seja, quando havia completado os 15 anos de idade.

Myriam, sua mãe, adivinhava que algo insólito e anormal se agitava no coração de seu filho, a quem ela não conseguira arrancar uma única palavra a esse respeito.

Certa manhã, quando o menino fazia a terceira viagem à fonte para buscar água, não regressou até passado o meio-dia.

Era uma formosa manhã primaveril e, como durante a noite anterior, havia caído chuva mansa e serena, as flores borrifadas de orvalho pareciam derramar lágrimas sobre os pés desnudos de Jhasua, que se dirigia para a fonte com grande lentidão.

Faltavam ainda uns cinqüenta passos para chegar, quando descobriu uns pés miúdos e cheios de pó que apareciam dentre um matagal, junto ao qual estava um cântaro vazio.

Deixou o seu ao lado do caminho e, abrindo suavemente as trepadeiras que, entrelaçadas, formavam sombria gruta, inclinou-se para saber o que tinha acontecido ao dono daqueles pés.

Viu que era u'a menina a gemer tristemente e cuja respiração, bastante rápida e cansada, indicava próxima crise nervosa.

Condoído até a alma, Jhasua ajoelhou-se em terra para fazer-se ouvir por ela.

Ao ver-lhe o rosto, reconheceu-a.

– És tu, Abigail? Que te aconteceu para ficares estirada assim no solo?

– Vinha de casa, fazendo a terceira viagem com água, e, em todas as três, fui perseguida, de carreira, por um homem mau, que se escondeu atrás de um grande barranco. Tenho tanto medo e estou tão fatigada que me atirei aqui para descansar e poder voltar. Temo cair pelo caminho e quebrar o cântaro.

– Vamos, recupera o ânimo – disse Jhasua, tratando de ajudá-la a levantar-se – que eu levarei teu cântaro até chegares em casa.

– Não poderás chegar, porque a tia Michal é muito severa; ela me chamará de inútil e vadia, como de costume. Se se tratasse de sua filha, ela haveria de desculpá-la, mas não a mim, que sou estranha na casa.

– Quão ruim é não ter mãe, Jhasua!... – E a menina desatou a chorar.

– Não chores, Abi. Não chores, que, a partir de hoje, serei um irmão para defender-te em tudo e contra todos. Se não queres que eu te acompanhe até a sua casa, irei até depois do barranco, e nada terás a temer. Vamos até a fonte, onde molharei tua testa, e beberás um gole de água pura que te fará bem.

Levantou o cântaro da menina e o seu, e dirigiram-se para a fonte.

– Por que a tia Michal te manda sozinha à fonte e não vem também a filha dela? – perguntou Jhasua.

– Porque ela se ocupa em fazer bordados e aplicações para adornar-se, e eu executo o serviço de empregada. Ela tem a mãe, e eu não. Compreendes, Jhasua?

– E teu pai não olha por ti?

– Desde que se casou com a mulher que hoje tem, não quer saber de nós. Minhas irmãs estão servindo outros parentes e levando uma vida igual à minha. Nosso mal não tem remédio.

– Como não tem remédio? – perguntou Jhasua com veemência. – Já verás, Abi, já verás como eu arranjo um remédio.

– Tu?... Que é que podes fazer, se és quase tão pequeno como eu?

– Completei 15 anos neste inverno. Comecei a ser um homem, e, se Jehová não me deu a vida só para afugentar lagartos, creio que posso fazer algo por ti. Amanhã mesmo, virei várias vezes à fonte. Aqui nos encontraremos, e tenho quase certeza de que te darei uma boa notícia.

Chegaram. Jhasua encheu o cântaro da menina e deixou o seu no alto de uma árvore, atado a uma corda. Fez com que ela bebesse na cavidade de suas mãos, molhou-lhe repetidamente a testa e as mãos, e, quando a viu mais tranqüila, convidou-a para ir embora; mas só depois de haver ele enchido bem o surrão de pequenas pedras e apanhado uma sólida vara de freixo.

– Isto por si só afugenta um inimigo – explicou sorrindo a tímida Abi, que não saía do seu assombro diante da decisão do seu companheiro.

Ninguém apareceu no caminho, onde Jhasua ficou esperando a uns cinqüenta passos da casa, perdida entre figueiras e oliveiras; e não foi embora até que a viu entrar, depois de saudá-lo de longe agitando a mão.

Este pequeno incidente, à primeira vista sem importância alguma, produziu uma forte reação em seu espírito. Havia *alguém* que, naquele momento, necessitava dele em sua vida: a pobre órfã, com apenas 12 anos de idade, levava sobre sua boa alminha uma carga de humilhações, de desenganos e de dores.

– Não serei Messias nem Profeta – disse Jhasua dialogando consigo mesmo – se não estiver no meu destino sê-lo; contudo serei um homem útil aos fracos e pisoteados na vida, tratando de aliviá-los em suas aflições e incertezas.

"As vidas extraordinárias, o Senhor as dá a quem as pode viver com méritos e com acerto em benefício da Humanidade. Não sou ninguém para pretender viver uma dessas vidas. O grande amor dos Anciãos por mim deixou-os ofuscados, fazendo com que vissem, em minha pobre pessoa, o Desejado de Israel.

"Jhasua... prepara-te humildemente para seres um homem de bem, capaz de amar teus semelhantes e fazer-lhes todo o bem que te seja possível, sem tornar a pensar em grandezas sublimes, que nunca estarão a teu alcance..."

Voltou à fonte, carregou o cântaro cheio de água e caminhou para seu lar, onde encontrou a mãe, que o esperava com certa preocupação.

– Jamais demoraste tanto, Jhasua; que te aconteceu? – perguntou Myriam, colocando a comida sobre a mesa.

– Nada de extraordinário, mãe. Uma pobre menina assustada por causa de um homem mau escondido num barranco. Tive que acompanhá-la à sua casa e levar-lhe o cântaro, pois não tinha forças para segurá-lo...

– Nem bem terminasse a refeição, teu pai encaminhar-se-ia para procurar-te.

– Não seria necessário, mãe. Já sou maior e estou forte. Pode ser que muitas vezes me suceda o mesmo que ocorreu hoje.

E comeu em silêncio.

Sem saber por quê, Myriam sentiu algo como uma grande preocupação no fundo do seu espírito.

Parecia-lhe que, durante o tempo que Jhasua demorou em ir e vir da fonte, havia mudado profundamente, e que, por isso, deveria temer alguma coisa.

Dois dias depois, voltou Jhasua a encontrar-se com a pobrezinha órfã, cuja alegria, por vê-lo, encheu-o de satisfação.

– Jhasua, que alegria pensar que já não estou tão só no mundo!

Estas simples palavras caíram qual suave orvalho sobre a alma entristecida do adolescente que se julgava, não só supérfluo, como até inútil no mundo.

Entretanto, limitou-se a sorrir, ao mesmo tempo que estendia para a menina uma pequena sacola que tirou do seu cântaro vazio.

– Isto é teu – disse. – São pasteizinhos de mel que pedi a minha mãe para te fazer um presentinho. Agradam-te, Abi?

– Oh, sim!... muito! E, como vêm de ti, agradam-me muito mais. No entanto, se o desejas, comê-los-emos aqui, nós dois juntos, porque não posso levá-los para casa – respondeu a menina, sentando-se na borda do poço. Jhasua sentou-se ao seu lado.

– Eu prometi, há uns dias atrás, que remediaria tua situação – disse o jovem, após um momento.

– E que pensas fazer? – interrogou a menina, olhando-o fixamente.

– Falei com o Hazzan da Sinagoga, cuja esposa é anciã e necessita de ajuda para as tarefas caseiras. É mulher meiga e boa como pão e mel, e ela te amaria como a uma filha, se lhe quiseres qual a u'a mãe.

A alegria da menina foi tanta que, esquecendo-se dos pasteizinhos, saltou para Jhasua e, abraçando-o, beijou-lhe o rosto.

– Oh, que bom és, Jhasua, para assim te preocupares comigo.

– É a Lei que me manda proceder assim, Abi, quando diz: "Ama a teu próximo como a ti mesmo." Se eu estivesse em tua situação, também gostaria que se ocupassem de mim para aliviar-me. Não farias tu o mesmo comigo ou com outros que estivessem, como tu estás agora, com um grande sofrimento?

– Já acredito que sim! – respondeu a menina.

– Pois bem: a esposa do Hazzan irá amanhã à casa de tua tia para tratar o assunto com ela. Eu irei também, para o caso de que, em algum momento, seja necessária minha presença.

– Já és homem adulto, Jhasua! – exclamou Abigail. – Quem te ensinou tudo isto?

– Foi a Lei de Moisés, de acordo com minha consciência. Faze o mesmo, Abi, sempre que vejas um semelhante em estados dolorosos e terríveis, porque assim é a Lei de Deus... a única Lei. Compreendes? A única!

– És como o Sol, Jhasua! – continuou dizendo agradecida a menina. – Onde tu estás, ali está a Luz! Quanto te estimo!

– E eu a ti, Abi, porque és uma criatura que necessitou de mim. Só o fato de saber que, sem meu esforço em remediar-te, padecerias muito, dar-me-ia suficientes forças para continuar vivendo. Oh, minha pobre florzinha silvestre pisoteada no caminho! – acrescentou Jhasua docemente, passando a mão pelos cabelos escuros da pequena.

"Asseguro-te que Jehová te escolheu para me fazer amar a vida nestes momentos em que julgava morrer de decepção e tédio.

"Sabes que coisa espantosa é julgar-se inútil no mundo?"

A menina começou a soluçar silenciosamente.

– Por que choras, Abi? Não estás contente de eu haver solucionado tua situação?

– Não, Jhasua, não! Porque, quando verificares que já não necessito de ti, quererás morrer novamente e me deixarás só, só, só. Deixa-me, pois, padecendo como estou, pois assim continuarás vivendo para mim, que necessito de ti.

– Ah, pobrezinha tonta!... – exclamou Jhasua enxugando as lágrimas da menina. – Não vês que estou contente em saber que me queres? Não vês que nunca mais voltarei a pensar que sou inútil, visto como fui capaz de consolar-te?

"Consolar uma dor, Abi, é assemelhar-se aos Anjos de Deus. Os homens deste mundo procuram tornar-se grandes e deixam de lado o único caminho para sê-lo: consolar os que sofrem e derramar o bem sobre a Terra."

– Selemos nossa amizade, Jhasua, comendo juntos os pasteizinhos da tua mãe – disse a menina, oferecendo um a Jhasua.

– Está bem! Está bem, Abi! Vejo que compreendeste que seremos bons amigos. Quando já estiveres em casa do Hazzan, quantas coisas belas hei de ensinar-te das muitas que eu sei!

Tal como havia dito, Jhasua acompanhou a esposa do Hazzan à casa da tia Michal, a qual se excedeu, como um papagaio irritado, contra a pobre órfã, tratando de convencer a todos que ela não servia para nada e que nem sequer compensava o alimento e o vestuário que lhe era dado.

Muito embora a esposa do Hazzan estivesse prevenida por Jhasua, olhou para ele como a interrogá-lo, pois, se fosse certo o que dizia a tia Michal, aquela infeliz órfã não lhe seria mais do que um peso morto.

Jhasua interveio como podia proceder um adulto, e disse:

– A esposa do nosso Hazzan é uma boa serva de Jheová e compreende muito bem a Lei de Moisés. Como seus filhos já estão casados e não pesam mais em seu orçamento, pensou em tomar u'a menina para ensiná-la à sua maneira, e que, ao mesmo tempo, lhe sirva de companhia em seu lar solitário. Sendo Abigail – como vós mesma dizeis, tia Michal – u'a garota que não sabe fazer nada direito, deixai que esta boa anciã tome o cuidado de educá-la, já que assim o deseja.

– E por que te preocupas com este assunto? Serás seu parente? – perguntou acremente aquela mulher, cujo caráter deixava transparecer uma aspereza que fazia mal.

– É discípulo de meu esposo – insinuou a anciã – e, além disto, veio guiar-me, pois eu não sabia onde ficava esta casa.

– E como vieste a saber dessa rapariga, minha sobrinha? – voltou a perguntar a mulher.

– É bem notório em Nazareth, onde tudo se comenta na fonte, que a pequena órfã vos pesa demasiado – respondeu Jhasua. – E, como esta anciã necessitava de u'a menina para companhia, eu lhe indiquei que, provavelmente, conviria essa vossa sobrinha.

– Que salário lhe dareis? – perguntou Michal à anciã.

– O ordenado para crianças de sua idade – respondeu a anciã.

A mulher pensou alguns momentos e logo acrescentou:

– Levai-a, mas não quero queixas depois, se ela se conduzir de má forma.

– Ficai tranqüila, boa mulher, que eu entendo de educar crianças – replicou a anciã.

A mulher chamou a menina com maus modos e ordenou-lhe que pusesse sua roupa numa sacola e acompanhasse a esposa do Hazzan.

A pobrezinha da Abigail dissimulou muito bem sua alegria e, ao cabo de alguns instantes, voltou carregada com um fardo, que Jhasua se apressou em tomar para levá-lo ele mesmo.

– Espera – disse Michal – que preciso revistar isso, para não acontecer que, nessa pilha, leves alguma coisa de minha filha.

– Deixai-a como está, boa mulher – disse a anciã –, é muito doloroso humilhar assim e sem motivo algum uma criança. Vamos – acrescentou, levantando-se e segurando a órfã pela mão.

Jhasua levantou o fardo do solo e colocou-se para o lado, deixando passar a anciã e a menina e, voltando-se para Michal, com uma energia que a assustou, disse a meia-voz:

– A maldade de vosso coração será castigada, um dia, em vossa filha, que eu salvarei de ser apedrejada em praça pública, por adúltera. Ficais avisada.

Que força irradiariam aquelas frases que deixaram a mulher como paralisada no lugar, sem poder responder coisa alguma?

Quando reagiu, procurou chamá-los para dar uma explicação; no entanto, não viu nenhum deles em parte alguma, por ser o caminho muito tortuoso e cheio de arbustos e trepadeiras.

A ofensa recebida havia avermelhado o rosto de Abigail, que, dentro em pouco, começou a chorar silenciosamente.

Jhasua tomou-a pela mão para dizer-lhe:

– Entristece-te deixar a casa onde sofreste tanto?

– Não, Jhasua, mas fiquei muito envergonhada por me terem julgado uma ladra.

– Minha filha, não digas isto, que nos ofendes – disse a boa anciã, a qual todos chamavam de *Avó Ruth*.

– Julgas que não compreendemos a maldade de Michal? – acrescentou o jovem. – Procura esquecer essa casa e seus moradores para sempre, Abi. Para sempre, ouves?

"O Hazzan ajeitará as coisas de tal forma que teus salários fiquem depositados em lugar seguro para formarem teu dote no futuro, pois nem a tia Michal nem teu pai merecem a confiança daqueles que te protegerão a partir deste momento. Não te preocupes com outra coisa senão em ser boa e feliz, bendizendo ao Senhor porque teve piedade de ti."

Sucede quase sempre que certos fatos têm uma espécie de repercussão no ambiente, tal como se uma onda etérea fizesse ressoar suas vibrações por muitas almas. Assim, a proteção dada por Jhasua à pobre órfã teve que repetir-se em diversos outros casos, como se os desamparados e desvalidos houvessem sido enviados ao Messias adolescente para que ele os amparasse na situação em que se encontravam.

Circunstâncias especiais, não procuradas por ele, punham os sofredores em seu caminho, a seu alcance, a seu próprio lado, como se a Eterna Lei quisesse convencê-lo, de uma vez para sempre, de que a missão de *Salvador da Humanidade* era sua e de mais ninguém.

Abi era a primeira humilde florzinha de seus jardins de amor, e foi assim que ele teve para com ela uma terna solicitude e afeto que jamais conheceram decréscimos no seu coração.

Após ela, chegaram outros e mais outros, como atraídos por invisível fio de ouro que os fosse atando ao formoso adolescente, filho de Myriam e Joseph, o qual, tendo apenas 15 anos de idade, encontrava jeito de aliviar-lhes os pesares e aplainar-lhes os caminhos.

Os pais de Jhasua chegaram a sentir preocupação por verem seu filho envolvido em assuntos íntimos de meninas da região, de velhinhos andrajosos e até de alguns dementes que haviam fugido para as cavernas das montanhas.

Até que, um dia, foram a Joseph com a denúncia de que seu filho Jhasua havia ocultado um homem acusado de roubo e agressão ao moinho de um dos povoados vizinhos.

Com grande angústia da pobre mãe, Joseph e seus filhos maiores reuniram-se em conselho para julgar a Jhasua e aplicar-lhe severa correção, pois estava comprometendo o honrado nome da família, com um procedimento que todos julgavam incorreto.

Jhasua compareceu ante o tribunal da família com serenidade admirável.

Através de sua mãe tinha ele tomado conhecimento das acusações que iam fazer-lhe, e ia preparado para contestar.

O conselho estava formado no refeitório da casa, de modo que Myriam, embora se tivesse recusado a tomar parte, poderia escutar tudo quanto se dissesse.

– Meu filho – disse Joseph –, teus irmãos maiores, aqui presentes, ouviram, com pesar, algumas acusações contra ti, e eu desejo saber se é verdade tudo quanto dizem.

– Eu vo-lo direi, pai – respondeu o adolescente.

– Dizem que fizeste entrar em casas honradas raparigas insolentes que os amos puseram na rua por causa de seus maus costumes. É verdade isto?

– Sim, pai! É verdade.

– E por que te envolves em coisas que não te dizem respeito?

– Apenas largaste as fraldas – acrescentou Eleázar, o mais velho de todos os filhos de Joseph – e já te crês em condições de intrometer-te em assuntos alheios?

– Se me deixardes falar, vo-lo explicarei – disse o jovem sem alteração alguma.

– Fala, Jhasua, que estamos aguardando – disse o pai, quase convencido de que seu filho teria grandes razões para enumerar.

– As Tábuas da Lei foram dadas por Deus a Moisés para tornar melhores os homens e constituem um mandato tão severo que cometer falta contra ele é um grande pecado contra Deus. Na Tábua da Lei está escrito: "Ama a teu próximo como a ti mesmo."

"Meus próximos são aquelas garotas maltratadas por seus amos e jogadas na rua como cães sarnosos depois que as transformaram em pasto de seus vícios e de suas grosserias.

"Eleázar, se tua pobreza te obrigasse a mandar tuas filhas para servirem em casas ricas, gostarias de vê-las rodar pelas ruas, arrojadas pelos amos por não poderem tirar delas o que desejavam?"

– Não, certamente que não – respondeu o interrogado.

– Entretanto, julgas que essas a quem chamais *raparigas insolentes* são diferentes de tuas filhas e de todas as meninas que, pela sua posição, nunca se viram nesses casos?

– Está bem, Jhasua – disse Joseph – no entanto, não vejo necessidade para que sejas tu quem haja de remediar situações que estão fora do alcance de um jovem de pouca idade.

– Tenho quinze anos completos, pai e, além disto, limitei-me a mencionar os casos que chegaram a meu conhecimento, ao Hazzan, aos Terapeutas e também a algumas pessoas de posição e consciência desperta, para que tomassem a seu cuidado a forma de remediar tantos males.

– Mas – disse Mathias, o segundo dos filhos de Joseph – o caso é que te acusam de intromissão naquilo que não te diz respeito.

– Sim, sim, já sei – respondeu Jhasua – porque os amos querem saborear o prazer da vingança: ver as raparigas, que jogaram na rua, mendigando um pedaço de pão duro e dormindo nos umbrais. Que beleza, hein? E nós impassíveis, com a Lei debaixo do braço e sem mover uma palha do solo por um irmão desamparado!

"Em vez disso, mais teria valido sermos pagãos, que, não tendo nenhuma outra lei senão sua vontade e seu capricho, pelo menos são sinceros consigo mesmos e com os demais, visto como agem de acordo com o que são."

– Alegam que, ultimamente, ocultaste um ladrão denunciado à justiça, porque roubara um saco de farinha no moinho de Naima. É verdade?

– Sim, pai. É um homem que está com a mulher enferma e cinco filhinhos pequenos pedindo pão. Por achar-se tísica sua mulher, não querem dar-lhe trabalho no moinho, de onde foi despedido. Ao sair, passou a mão num saco de farinha para levar pão a seus filhos, que não comiam desde o dia anterior.

"Se esse homem não voltasse para casa, as crianças chorariam de fome, e a mãe enferma sofreria horrível desespero.

"Além disto, o saco de farinha foi pago pela avó Ruth! É justo continuar a perseguir esse homem?

"Sim, sim. Eu o tenho escondido, e não direi onde, ainda que me mandem açoitar!" – acrescentou o jovem com tal energia que assombrou a todos.

– Basta, Joseph... Basta! – implorou, com profundo soluço, Myriam, a pobre mãe, que vertia lágrimas amargas por ver seu filho, de só 15 anos, submetido a um conselho de família, por causa de suas obras de misericórdia, que bem poucos conseguiam interpretar no elevado sentido com que ele as realizava.

"Até quando vais atormentá-lo com um interrogatório indigno de servidores de Deus, que nos manda sermos piedosos para com o próximo?"

Todos voltaram o olhar para Myriam que, pálida e chorosa, parecia suplicar com seus olhos.

– Está bem, Myriam! Está bem! Não interpretes assim as coisas, pois só queremos instruí-lo para que não provoque a cólera de certas pessoas que não suportam ver ninguém intrometer-se em seus assuntos – disse Joseph.

Os irmãos maiores, para quem aquela mulher era algo tão sagrado como sua própria mãe, guardaram silêncio e, sem agressividade nem zanga, despediram-se com um simples *"até amanhã"*, que Joseph e Myriam responderam, e foram para suas casas.

Quando os três se viram a sós, Myriam, chorando, abraçou-se com o filho, a quem amava acima de todas as coisas da Terra, enquanto Joseph, profundamente comovido, não acertava pronunciar uma só palavra.

– Mãe!... – disse o jovem – não choreis mais, por favor, que prometo não dar motivo para que suceda isso novamente aqui em casa.

– Não era necessário que viessem teus filhos maiores, Joseph, para corrigir o meu. Eu, como mãe, tenho mais direito sobre ele do que ninguém e sou suficiente para corrigi-lo, se cometer faltas.

"Por que humilhar assim o meu filho e a mim?..."

– Perdoa-me, Myriam, e lembra-te que, antes de Jhasua, sofreram humilhação Eleázar e Mathias pela rudeza agressiva com que foram tratados por aqueles que se julgam prejudicados pela intervenção de Jhasua nos seus assuntos.

"Resguardado pelo Hazzan e pelos Terapeutas, nosso filho julga-se no dever de remediar os débeis maltratados pelos fortes! Ainda mais: julga que pode proceder assim sem prejuízo próprio e de sua família. Não é assim, Jhasua?"

– Pai! Compreendo que a Lei nos obriga a todos por igual; só aparentam não entendê-la aqueles que exploram o sangue e a vida de seus semelhantes em proveito próprio.

"Dizei, pai: para arrancar um cordeirinho das garras de um lobo, devemos esperar que ele se alegre porque lhe tiramos sua presa? Se for para aguardar que os lobos humanos concordem em soltar-nos suas vítimas, então o Pai Eterno se equivocou ao mandar-nos amar ao nosso próximo como a nós mesmos!

"Ele deveria dizer: Fortes! Devorai os fracos e indefesos! E vós, pequeninos, deixai-vos devorar tranqüilamente pelos que são mais fortes do que vós!"

Um tanto excitado e nervoso, sentou-se Jhasua junto à mesa, com os cotovelos apoiados sobre ela, e enterrou o rosto entre as mãos.

– Meu filho – disse enternecido seu pai –, já se vislumbra em ti o Ungido do Senhor, e teus pobres pais sentem a preocupação dos martírios que os perversos te estão preparando. Não vejas, pois, mais do que o nosso amor em tudo quanto ocorreu esta tarde.

– Bem sei disto, meu pai, e estou procurando o modo de cumprir a Lei de Deus sem magoar vossos corações.

– E consegui-lo-ás, Jhasua? – perguntou a mãe, enxugando as lágrimas com o avental branco.

– Por enquanto, talvez o consiga, minha mãe; mais adiante, porém, não sei.

Assim terminou o incidente daquele dia, o primeiro deste gênero que passou como uma sombra fatídica pela vida de Jhasua, apenas chegando à juventude.

E eu digo ao leitor destas páginas: ser-vos-á fácil compreender como chegou a tão alto grau o ódio das classes poderosas que escravizavam os fracos e necessitados, quando, anos mais tarde, o Missionário se colocou frente a eles para dizer-lhes:

"Hipócritas! Lucrais com o suor e o sangue do próximo, e fazeis alarde quando lançais a um mendigo u'a moeda de cobre como esmola!"

Rapidamente chegaram ao Santuário do Monte Tabor as notícias do que ocorria ao adolescente Jhasua, sendo que começava para ele uma terrível luta espiritual, na qual se via só e abandonado. Grandes e dolorosas dúvidas com relação à sua missão começavam a corroer suas energias e a apagar o alento divino que seus Guias e Mestres haviam tratado de infundir-lhe.

Foi quando o Servidor, tal como lhe prometera, num dia não muito longínquo chegou à Sinagoga de Nazareth com mais dois dos Anciãos que estavam no Santuário.

O Hazzan colocou-os a par de tudo, acrescentando que o jovem não demoraria a chegar, pois, todas as tardes, ao pôr-do-sol, ele aparecia ali para obter notícias a respeito de seus protegidos.

A casa particular do Hazzan, ligada pelo horto à Sinagoga, tornara-se o lugar onde Jhasua podia livremente sentir-se irmão de seus irmãozinhos desamparados.

A avó Ruth, com Abigail como ajudante, preparavam roupas e, às vezes, pasteizinhos e guloseimas, para que o jovem tivesse a satisfação de aliviar as dolorosas situações de miséria e fome daqueles que precisavam de um teto que os cobrisse e de u'a mesa familiar, ao redor da qual pudessem receber seu pão.

Myriam, sua mãe, parecia sentir no coração a repercussão do querer e do sentir do filho; e, uma tarde, quando viu que ele se dispunha a sair, disse, acariciando-lhe os cabelos:

– Desejava ir contigo, esta tarde, para visitarmos a avó Ruth e a boa Abigail, a quem acabei estimando através de ti, que a estimas.

– Mãe!... não quisera que sofrêsseis outro desgosto por minha causa – respondeu Jhasua bastante preocupado.

– Desgosto, por quê? Estou certa de que não fazes nada de mal! Espera-me, enquanto ponho o véu, e então iremos.

Quando a mãe tornou a sair, Jhasua viu que ela levava uma sacola bastante grande, mais uma trouxa muito bem acondicionada e uma cestinha primorosamente enfeitada com laços de várias cores.

– Esta cestinha é para Abi, tua amiguinha, e tu a levarás.

– Está bem, mãe! obrigado. Também levarei essa trouxa que é demasiado pesada para vós.

A mãe entregou-a sem dizer nada. E saíram.

Aquelas ruelas estreitas e tortuosas, em que as casas não estavam alinhadas e, além disto, interceptadas por hortas e plantações, tornavam maiores as distâncias, pois o transeunte não podia ver o que havia a trinta passos de onde estava.

Depois de terem andado um pouco, saiu de dentro de u'a moita um garotinho esfarrapado e fraquinho, cuja simples aparência confrangia o coração.

– Jhasua! – disse ele – vim até aqui porque no pátio da avó Ruth são muitos os que te esperam, e, como eu não tenho forças para abrir caminho, sempre volto para casa com um único pãozinho, e somos quatro irmãos.

Com os olhos cheios de lágrimas, Jhasua olhou para a mãe, que também estava prestes a romper em pranto.

– Vem conosco, filhinho – disse Myriam tomando o menino pela mão. – Não podemos abrir os volumes na metade do caminho; contudo cuidarei para que não voltes para casa com um único pãozinho. Já comeste hoje?

– Eu cozinhei o trigo que Abi me deu há uns dias e temos ainda uma parte para amanhã – respondeu o menino, que teria apenas nove anos de idade.

– E por que tua mãe não cozinha? – perguntou Myriam.

O garotinho olhou para Jhasua como assustado, ao que este disse:

– Mãe! Esta é a família daquele homem que havia apanhado um saco de farinha no moinho! A mãe está enferma, e Santiaguinho, que é o maior, cuida de todos. O pai, perseguido como ladrão, não pode voltar para casa.

Estas palavras de Jhasua fizeram explodir a ternura na alma de Myriam, que começou a chorar sem tratar de ocultar o pranto.

– Vedes, mãe? – continuou Jhasua. – Por isto é que não era do meu agrado que viésseis comigo para ver de perto a dor que eu estou bebendo há tempos.

– Voltai, minha mãe, que eu sozinho sou suficiente para sofrer por todos!

– Não, meu filho! Não! Já estou bem! Quero ir contigo aonde fores! – respondeu a mãe, continuando a andar e levando sempre pela mão o pobre menino, que, furtivamente, beliscava alguns figos secos e duros que tirava do bolsinho.

Tiveram ainda outros encontros parecidos, antes de chegar. Por fim, isso fez rir a Myriam, que exclamou:

– Como brotam garotinhos dentre os matagais e das pedras nas encruzilhadas! "Ainda que Jhasua e eu déssemos a mão a cada um, não daria para todos." – Eram seis crianças.

– Os mais fortes – disse-lhes Jhasua – levem os menores pela mão e andem à nossa frente para que minha mãe e eu vejamos que sois bons companheiros e que não brigais.

Na alma pura de Myriam, refletiu-se, com maravilhosa diafaneidade, toda a felicidade que o filho sentia quando, na Terra, lhe era possível "amar ao seu próximo como a si mesmo".

Chegaram finalmente.

Grande foi a surpresa de Jhasua quando se encontrou com os três Anciãos que, nessa manhã, haviam chegado do Monte Tabor, cujo Santuário era o mais próximo de Nazareth.

– Cumpri minha promessa, Jhasua – disse o Servidor, abraçando-o. – Prometi visitar-te, e aqui estamos.

– Mas tardastes tanto que todas as luzes que havíeis acendido em minha alma se apagaram ou, talvez, transformadas em vagalumes, se me escaparam do coração! – respondeu o jovem com um tom de voz que denotava amarga tristeza.

"Permiti-me – disse, reagindo logo – que atenda a meus amiguinhos desamparados, e logo estarei convosco."

– Longe de vós, meu filho padece muito – disse Myriam aos Anciãos, quando o jovem se afastou.

– Já o sabemos, e por isto estamos aqui.

– Que pensais fazer? – perguntou ela.

– Curar-lhe as feridas que o egoísmo humano lhe infligiu prematuramente – responderam os Anciãos.

"Confiai em nós, Myriam, que o Altíssimo nos ensinará o que devemos fazer com o vosso filho."

A pequena Abi, inteiramente transformada em ânfora de alegria, aproximou-se de Myriam.

– Vinde, mãe Myriam, que vos guiarei até onde a avó Ruth e Jhasua vos esperam.

Ela seguiu a menina por um sombreado caminho entre cerejeiras em flor, que ia terminar num grande pátio revestido de pedras, onde algumas enormes laranjeiras formavam um espesso teto esverdeado, salpicado de pequenas flores brancas.

Achava-se sentada ali, em esteiras ou em rústicos bancos, uma porção de crianças, a quem a avó, ajudada por Jhasua e Abi, repartia o pão e as guloseimas.

Myriam entregou à menina a preciosa cestinha, que lhe trouxera cheia de frutas açucaradas e pasteizinhos de mel, e mandou que Jhasua abrisse a trouxa, que continha grande quantidade de lenços de cabeça, meias, gorros e túnicas de diversos tamanhos e cores.

Quando acabaram de repartir equitativamente todos os presentes, Myriam entregou à boa avó Ruth, em nome de seu filho, a sacolinha que ela trouxera sob o manto e que continha a terça parte do produto do dote que ela levara ao matrimônio, soma essa que se destinava a aliviar as privações das famílias necessitadas, que estavam sendo socorridas pelo seu filho.

Jhasua, ali presente, abraçou a mãe, enquanto lhe dizia a meia-voz:

– Eu sabia, minha boa mãe, que compreenderíeis os meus sentimentos.

– Os olivedos e as plantações que meus pais tiveram em Jericó – continuou Myriam – são atualmente administrados por um dos irmãos de Joseph, meu esposo, e ele trará aqui todos os anos a terça parte da colheita para o mesmo fim a que dei esta sacolinha. Avó Ruth, estabeleço, como única condição, que ninguém, a não ser vós mesma, saiba de onde vem o benefício. Podeis prometer-mo?

– Eu vo-lo prometo pela memória de meus falecidos pais – disse a anciã enternecida.

Jhasua não cabia em si de felicidade. Era a suá primeira grande alegria como futuro Apóstolo da doutrina de Amor e Fraternidade entre os homens e, como um garotinho de poucos anos, abraçou e beijou várias vezes a mãe, enquanto dizia com a voz trêmula de emoção:

– Começo novamente a acreditar que sou mensageiro do Deus-Amor, e que tu, minha mãe, és a primeira das minhas conquistas.

– Sou feliz com a tua felicidade, meu filho – disse, deixando-se acariciar pelo seu formoso adolescente, que parecia encerrar em si toda a felicidade dos Céus.

JOSEFA ROSALÍA LUQUE ALVAREZ
(Hilarião de Monte Nebo)

Harpas Eternas

Aqueles que amam o Cristo na personalidade de Jesus de Nazareth encontrarão, sem dúvida, neste livro o Jesus que sempre procuraram.

Vol. II

Pensamento

Harpas Eternas

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(*Hilarião de Monte Nebo*)

VOLUME I

Os fatos que antecederam a Encarnação do Messias. — Os esponsais de Maria e de José. — Uma família de essênios. — O nascimento em Belém. — A notícia do nascimento de Jesus chega às escolas ocultas dos essênios espalhadas pelas comarcas da Síria, da Fenícia e da Palestina. — A apresentação ao Templo. — A visita dos três sábios do Oriente: Gaspar, Melchor e Baltasar. — A perseguição de Herodes. — Jesus sob a proteção da Grande Fraternidade Essênia do Santuário do Monte Hermón. — De volta a Nazaré. — Início da educação do Menino-Profeta no Monte Carmelo. — Simão de Tiberíades. — No Santuário do Monte Tabor. — Aos 12 anos, a primeira viagem a Jerusalém. — O encontro com o primo Johanan no Monte Quarantana.

VOLUME II

Jesus aos 16 anos. — Aluno do liceu essênio do Monte Tabor. — Jesus e a jovem Nebai. — Os segredos do arquivo de Ribla às margens do rio Orontes. — Os papiros do profeta Aldis. — De volta a Nazaré. — A leitura do Papiro 19. — As primeiras curas. — Anotações de um diário. — Nos montes da Samaria. — Jesus aos 20 anos. — As escrituras do rei Salomão. — Na cidade de Alexandria. — Visita ao Vale das Pirâmides. — O pranto de um escravo. — De volta à Palestina. — A cura do comandante da guarnição romana da Torre Antônia. — As curas milagrosas se sucedem. — No Santuário essênio do Moab. — Com o primo Johanan, é consagrado Mestre da Divina Sabedoria.

VOLUME III

Jesus e a Santa Aliança. — A grande cruzada pela libertação de Israel. — Em Tolemaida, o porto mais importante da Galiléia. — Em Antioquia, cidade-rainha do Oriente. — Os esponsais do príncipe Judá e de Nebai. — Preparativos militares para o advento do novo Rei de Israel. — A morte de Baltasar. — Jesus e seu meio-irmão Jhosuelin. — Em Jerusalém, às vésperas de completar 23 anos. — A morte de José. — No deserto da Judéia. — Cartas vindas de outros países atestam o interesse de outros povos pela figura do Messias-Rei.

VOLUME IV

Na casa paterna. — Jesus aos 30 anos. — A vocação dos Doze. — O Solitário do Jordão. — A castelã de Mágdalo. — A Galiléia quer um rei. — Na prisão com o Batista. — A parábola do filho pródigo. — O Sinédrio procura um Messias. — Jesus aclamado no Templo de Jerusalém. — A reação da classe sacerdotal. — A morte do Batista. — A apoteose do Ungido do Senhor. — Em Nazaré, na companhia dos discípulos. — Última visita ao Monte Carmelo. — Em Bethânia, nas proximidades da Páscoa. — Reação do Sinédrio ante a notícia de que o Messias estava em Israel. — Aclamação nas ruas de Jerusalém. — Os essênios, amigos fiéis do Salvador. — A despedida. — *"Meu reino não é deste mundo."* — O amor, a lei suprema. — A prisão. — A farsa de um julgamento. — O Gólgota. — Das sombras à luz.

CAPA: *O Sermão da Montanha*, miniatura extraída de *La Somme du Roi*, Paris, 1295 (detalhe).

Harpas Eternas

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

Harpas Eternas é o mais fiel relato sobre a vida do Profeta Nazareno, resultado de mais de vinte anos de pesquisa nos centros culturais da Palestina, da Síria, da Grécia,de Alexandria, de Damasco, de Antioquia e da Ásia Menor, completados pela informações obtidas nos antigos arquivos essênios de Moab e do Líbano e nas Escolas de Sabedoria fundadas pelos mais ilustres sábios do Oriente.

E a história de Jesus de Nazaré narrada com impressonante riqueza de detalhes sobre todas as etapas da sua vida, detendo-se mais particularmente nos seguintes aspectos.

- As circunstâncias astrológicas em que se deu o seu nascimento,
- A infâcia em Nazaré na companhia de Maria, de José e de seus meio-irmãos.
- Sua iniciação e educação entre os essênios.
- A juventude e as viagens que fez aos centros culturais mais importantes do seu tempo.
- O quadro social e histórico em que realizou seus milagres.
- A repercussão de seus ensinamentos no ambiente político e religioso da Judéia.
- As convicções que seus contemporâneos tinham acerca de sua missão como o Messias.
- Os incidentes que resultaram na sua condenação à morte.
- Sua ressurreição e ascensão ao céu.

A grandeza do Mestre Nazareno não está fundamentada apenas no seu martírio, mas em toda a sua vida, prova grandiosa e convincente da sua doutrina, que ele construiu sobre estas duas vigas mestras: a partemidade de Deus e a fratermidade entre os homens.

Toda a sua existência foi um vivo reflexo dessas duas verdades incontestáveis, resume de todo o seu ensinamento, que sempre transmitia a convicção profunda de que so elas podem levar a humanidade à sua perfeição e felicidade: sentir Deus como Pai e amá-lo sobre todas as coisas: sentir-nos irmãos de todos os homens é trazer o céu a terra.

Harpas Eternas é uma obra de interesse geral pois, na expressão do psicologo suíço C.G. Jung, queiramos ou não, somos todos cristãos.

ISBN 978-85-315-0795-3

EDITORA PENSAMENTO

9 788531 507953

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

HARPAS ETERNAS – 2

Tradução
HÉLIO MOURA

Cotejada com os originais por
MONICA FERRI
e
HUGO JORGE ONTIVERO

EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

Título original: *Arpas Eternas*.

Copyright © FRATERNIDAD CRISTIANA UNIVERSAL
Casilla de Correo nº 47
C.P. 1648 – Tigre (Prov. Buenos Aires)
Republica Argentina.
http://www.elcristoes.net\fcu

Copyright da edição brasileira © 1993 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição, 1993.

12ª reimpressão, 2012.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Pensamento não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Direitos de tradução para a língua portuguesa
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008
E-mail: atendimento@editorapensamento.com.br
http://www.editorapensamento.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Foi feito o depósito legal.

Sumário

O Santuário do Tabor 7
Jhasua e Nebai 18
Nas Margens do Orontes 48
O Arquivo de Ribla 76
O Sacrifício de Chrisna 88
As Escrituras do Patriarca Aldis 106
Nazareth 128
O Papiro 79 138
O Diário 158
Na Samaria 176
Jhasua aos 20 Anos 196
As Escrituras do Rei Salomão 229
Na Cidade de Alexandria 240
No Vale das Pirâmides 252
O Pranto de um Escravo 276
De Volta à Palestina 288
Jhasua em Jerusalém 304
A Caminho do Cume 322
No Santuário do Moab 340

AGRADECIMENTOS

A Hélio Moura, pela grande sensibilidade e pelo extremo cuidado com que se dedicou à tradução desta obra.

A Hugo Jorge Ontivero e a Monica Ferri, pela solicitude e zelo com que, de sua parte, colaboraram para o aparecimento desta edição.

O Santuário do Tabor

Os Anciãos, inteirados, por sua parte, do que ocorria a Jhasua em relação a seus familiares, que não viam com bons olhos sua intromissão nas circunstâncias dolorosas de seus protegidos, aproveitaram a oportunidade para obter mais facilmente o consentimento de Joseph para uma nova permanência de Jhasua no Santuário do Tabor.

Desta vez, sua mãe desprendeu-se dele com menos dor, pois, graças às razões conhecidas, via o filho padecer intimamente por não ser compreendido e interpretado pela própria família.

Sua nova estada no Santuário mais próximo traria tranqüilidade a todos, até que o adolescente pudesse agir com responsabilidade plena de seus atos.

Jhasua sofreu uma dolorosa sacudidela interna no primeiro momento, em virtude do profundo carinho que sentia por todos os seus protegidos, a quem sua partida deixaria no maior abandono.

Entretanto, sua mãe, a avó Ruth e o Hazzan da sinagoga tiraram-no imediatamente dessa dolorosa preocupação com a formal promessa de não se descuidarem de todos aqueles que seu coração amava.

Seis dias depois, Jhasua seguia com os Anciãos ao Tabor, para onde seguiremos também nós, leitor amigo, aí ficando durante todo o tempo de sua permanência.

Podemos dizer que ali se realizou o segundo período de instrução e educação espiritual do futuro Mestre da Humanidade.

O Santuário do Tabor resplandecia então com a claridade fulgurante das Grandes Inteligências reunidas ali pela Fraternidade Essênia para estarem no maior contato possível com o Verbo Divino Encarnado.

Um avantajado ateniense, pertencente à velha escola de Sócrates e de Platão, que chegara de Chipre para o Carmelo há quatorze anos e cujo nome era Harmódio, encontrava-se no Tabor juntamente com alguns Anciãos vindos do Monte Hermon e alguns alunos da antiga e ilustre Escola de Alexandria.

Ingressados na Fraternidade Essênia em épocas distintas, formavam como que um Liceu ou Fórum, dedicado a coligir, nos campos das Verdades Eternas, a parte mais elevada e sublime que mentes humanas houvessem concebido e compreendido.

Estiveram disseminados nos vários Santuários que a Fraternidade Essênia possuía, e fazia somente cinco anos que esses preclaros pesquisadores se haviam reunido no Monte Tabor, e assim, ficando a pouca distância de Nazareth, poderiam, com suma facilidade, estar em contato com o Verbo Encarnado.

Em Alexandria, luminar do mundo civilizado desde a época do primeiro Faraó da dinastia dos Ptolomeus, três séculos antes, achava-se recolhida em seu célebre Museu-Biblioteca toda a sabedoria dos antigos Kobdas.

A célebre cidade de Alexandre Magno, fundada sobre as grandiosas ruínas de Neghadá – a cidade sagrada dos Kobdas – derramava fulgores soberanos há três centúrias.

A ela dirigiam seus olhares todos os homens que tinham escapado à bestial sedução da orgia, do prazer nos domínios de Baco, ou da profusão de sangue e torturas físicas nas arenas do Circo Romano.

Alguns antigos Essênios do Moab e do Hermon haviam estado ali, contratados como escribas ou copistas, e tinham-se abeberado a fundo na elevada Sabedoria dos solitários de túnica azulada, que eram os Kobdas da Pré-História.

Outros haviam estado na Escola dos Montes Suleiman, junto ao Indo, onde Gaspar, príncipe de Srinaghar, compendiara a antiquíssima ciência dos Flâmines, acrescida dos superiores conhecimentos explicados e praticados por Chrisna e pelo Bhuda.

Era, pois, um conjunto de homens dotados de tudo quanto de grandioso, de belo e de verdadeiro podia servir de alimento espiritual para as mais esclarecidas e brilhantes Inteligências.

Foi para esse Fórum ou Liceu, no Santuário do Monte Tabor, que foi levado Jhasua, aos 16 anos de idade, para uma permanência de quarenta luas.

Eram dez os Anciãos que formavam esse Liceu dentro da própria Fraternidade, que os havia impulsionado a isto como um meio de serem mais eficientes no sentido de cooperar com o Verbo Divino para a elevação espiritual e moral da Humanidade.

Em Tiro e Sidon, grandes capitais do reino da Síria, a Fraternidade Essênia, em aliança com os sábios do distante Oriente, havia aberto Escolas de Sabedoria Divina, desde o nascimento do Verbo.

Assim que eles tomaram conhecimento de que Jhasua se achava no Santuário do Monte Tabor, para lá enviaram alguns de seus mais destacados membros.

Os viajantes vindos de Damasco, de Tiro e de Sidon reuniram-se e seguiram juntos a viagem até Tiberias, situada junto ao Lago de Tiberíades ou Mar da Galiléia.

A notícia estendeu-se sigilosamente até o norte, através dos Terapeutas saídos do Monte Hermon, e logo chegou às cidades sírias, nas margens do grande Rio Orontes: Ribla, Cades e Hamath, edificadas nas faldas da Cordilheira do Líbano.

E assim, correndo como uma esteira de luz ou uma rajada suave das brisas galiléias perfumadas de rosas e flores de laranjeira, a notícia chegou também até a populosa cidade de Antioquia.

Embora pagã e idólatra, na grande maioria de seus habitantes, suas condições topográficas a tornavam uma espécie de centro de reunião ou mercado, o mais importante de toda aquela região. Tanto assim que para lá convergiram, mercê de seus negócios, pessoas de toda a Ásia Central, de Tiphsa, sobre o Eufrates, até do distante Oriente.

E, como se a grande Capital, entre o mar e o Orontes, adivinhasse sua futura importância na difusão da doutrina do Cristo, fez jubilosa despedida a um pequeno núcleo de seus filhos, quando anunciaram que partiam da Síria no sentido de assegurar tratados comerciais para o transporte das valiosas madeiras do Líbano, necessárias para as construções que, dia a dia, se levantavam na grande cidade-rainha do Orontes.

Os importantes contratos comerciais não eram outra coisa senão o pretexto para ocultar os verdadeiros motivos que os levavam à Síria, pois, em Sidon, eram espera-

dos pelos membros da Fraternidade Essênia, mãe austera e amorosa que guardava em seu regaço o divino tesouro dos Céus: Jhasua, o Verbo de Deus Encarnado.

Certamente compreenderá o leitor que, para realizar esse movimento, foi necessário todo o primeiro ano em que Jhasua permaneceu no Monte Tabor, porquanto os meios de comunicação e locomoção daquela época eram bastante lentos, por maior que fosse a boa vontade encontrada.

E tanto mais, se levarmos em conta que tudo devia ser feito com a maior cautela e discrição possíveis, em face do grande temor que os Essênios tinham pela intransigência da Judéia. Esta achava-se dominada pelo clero de Jerusalém, erigido em suprema autoridade por certos convênios desde o tempo de Herodes, o Grande, que lhe retribuíra, assim, o direito de poder gozar da usurpação do trono de Israel.

Ainda que tudo isso ficasse fora dos domínios aonde alcançavam as garras daquele odioso pontificado, cuja desastrosa atuação culminou com o suplício e a morte do Cristo, estava, não obstante, sob o legado imperial da Síria, representante do César romano, a quem o ouro dos sacerdotes comprava, quando era necessária, a sua aliança.

Quisemos dar esta ampla informação para que o leitor compreenda o estado de coisas reinante no cenário de ação em que o Cristo desenvolveria sua vida de Missionário-Instrutor da Humanidade.

Alguns cronistas cristãos viram-se acusados de rodear a personalidade do Divino Salvador de fantasias anticientíficas e anti-racionais, desejando fazê-lo aparecer maior perante a Humanidade, incapaz de compreender as obras do Cristo no seu verdadeiro significado.

Nada de tudo isso lhe era necessário para a excelsa grandeza de seu próprio Espírito; grandeza, essa, conquistada através de imensas eras de consagração ao Bem e ao Amor, únicas forças capazes de levantar o Espírito à altura de sua Divina Origem.

Não precisava o Cristo transtornar as leis da natureza, obra perfeita de Deus, que é a Suprema Sabedoria, para fazer-se superior a todas as coisas criadas e dominá-las à sua vontade, dentro do limite marcado para a sua missão de Salvador, Instrutor e Guia da Humanidade terrestre.

Para compreender, pois, o grande Mestre, a partir deste momento a que chegamos nesta narração de sua vida oculta e íntima, temos que reportar-nos, ainda que brevemente, às suas anteriores jornadas messiânicas, visto que, em todas elas, foi acumulando, século após século, os poderes grandiosos, as forças magníficas, que, ao chegar à etapa final, deviam, necessariamente, constituir uma apoteose de generosidade e de amor.

Com seus 16 anos, foi Jhasua o mais jovem aluno do Liceu ignorado e oculto nas grutas do Monte Tabor.

Seus discípulos e seguidores precisaram, anos depois, viver a vida subterrânea das catacumbas para amar e seguir ao grande Mestre, cuja vida, desde seu nascimento até os 30 anos, transcorreria à sombra das grutas essênias, onde, unicamente, se pôde resguardar das ferozes perseguições por parte da Humanidade pela qual viria sacrificar-se.

"O servo não será mais bem tratado do que o seu Senhor, nem o discípulo será mais honrado do que o seu Mestre"... diria ele alguns anos mais adiante, ao anunciar-lhes quanto haveriam de padecer por seguirem seus ensinamentos.

A maioria dos galileus, que o acompanhou até sua morte com delirante entusiasmo, havia-o conhecido e amado na ignorada e humilde Escola do Monte Tabor, que

derramou imensa claridade nas Inteligências e predispôs as almas para a imolação e para o sacrifício nos altares do grande ideal que sintetizava toda a Lei: "Amar ao próximo como a si mesmo."

O Monte Tabor possuía as duas maiores grutas da região, uma das quais havia sido ornamentada como Santuário propriamente dito.

Todo o seu adorno consistia em um alto pedestal de pedra negra, sobre o qual estavam apoiadas as Tábuas da Lei, cópia das autênticas existentes no Santuário do Moab, além de doze pedestais menores, em cada um dos quais descansava o livro da vida e os escritos dos doze Profetas, chamados maiores; e, por fim, grandes círios de cera perfumada, colocados sobre pequenos suportes de pedra, e mais as pilastras de água vitalizada para os casos necessários.

A outra gruta maior era arquivo e sala das assembléias espirituais, com armários embutidos na rocha viva, estrados da própria pedra e várias estantes de carvalho para os notários e escreventes. Peles de ovelhas ou de animais selvagens, no inverno, ou esteiras de junco ou de cânhamo, no verão, eram toda a riqueza daqueles recintos destinados à concentração mental e ao estudo.

Essas duas grutas se comunicavam por uma portinha ovalada, tão pequena que dava passagem apenas para um homem.

Num dos lados dessa portinha, as irregularidades da gruta formavam uma espécie de semicírculo bastante pronunciado, sendo seu teto mais baixo que o do resto da gruta. Com algumas cortinas de junco, foi essa reentrância da gruta habilmente separada do restante, de maneira que essa veio a ser a alcova de Jhasua durante todo o tempo que permaneceu no Tabor.

Um pequeno leito de troncos de plátano, tendo a parte superior entrelaçada com cordas de cânhamo, uma pequena poltrona de junco, uma estante com objetos de escrever, um pequeno círio e um cântaro com água, formavam tudo quanto continha a pequena alcova de rocha na qual se refugiava a imensa personalidade do Cristo Salvador dos homens.

– Aqui ficais dono do Santuário e do Arquivo – disse-lhe o Servidor, ao instalá-lo em sua reduzida habitação, pois as grutas restantes, moradas dos demais Anciãos, ficavam algo mais retiradas e como que perdidas nas encruzilhadas e labirintos da montanha.

Os únicos vizinhos mais imediatos da alcova de Jhasua eram Harmódio, o ateniense, o Servidor e um Ancião septuagenário, alexandrino de origem, cujo nome era Tholemi. Harmódio e Tholemi possuíam grandes faculdades espirituais e se haviam aprofundado de tal modo nos campos luminosos da Metapsíquica que as almas humanas eram para eles como livros abertos que podiam ser lidos sem dificuldade alguma.

– Esta vizinhança – disse o Servidor a Jhasua – ser-vos-á muito favorável. Fazei de conta que são para vós como dois irmãos maiores que darão, contentes, a luz de suas lâmpadas para iluminar qualquer sombra que dificultar o vosso caminho.

Quando tudo era quietude e silêncio no Santuário e o canto melancólico e solene do "Miserere" deixara extinguir seus últimos acordes, Jhasua dirigiu-se sozinho para a sua alcova, situada tão perto do Santuário.

Sentado junto à escrivaninha, sobre ela cruzou as mãos e deitou a cabeça no espaldar da cadeira sobre a qual dava a luz amarelenta do círio. De seus olhos claros, que fixavam o teto, deslizaram silenciosamente grossas gotas de pranto, que foram perder-se entre as pregas de sua túnica branca. Enquanto isso, cruzavam em sua

mente, em silêncio, ternas e emotivas imagens: sua mãe, com a touca branca e o vestido azul, cantando os salmos da noite, olhando provavelmente com tristeza para o seu pequeno leito vazio; Abigail, a humilde flor silvestre que o fizera voltar à fé em si mesmo, mediante a crueza de sua vida dolorosa de menina órfã; a avó Ruth, para quem ele havia sido um raio de sol na penumbra de sua vida triste pela ausência de seus filhos, já distantes do lar; como, ainda, aquele doloroso grupo de meninos e meninas, anciãos e enfermos desamparados, aos quais seu amor levara uma doce vibração da alegria de viver...

Era esse todo seu mundo desfilando ante ele, entristecido pelo seu abandono.

Por que os havia abandonado? Que buscava ele no Santuário, se ali ninguém necessitava dele? Seria para continuar alimentando a esplendorosa idéia de que era um eleito de Jehová para realizar grandes coisas? Seria para buscar uma grandeza que seu coração rechaçava?

Mergulhado nessas meditações, que lhe inundavam os olhos de pranto e de angústia o coração, não percebeu a branca figura de Tholemi que o contemplava em silêncio da portinha do Arquivo.

–"*Ai de quem está só!...*" diz o livro sagrado, murmurou mansamente o Ancião.

Jhasua voltou a cabeça e sorriu tristemente ao vê-lo.

– Já não o estou desde que chegastes! Entrai – disse o jovem deixando livre a estante. – Sentai-vos aqui, que eu me sentarei sobre o leito.

– Estás pensando – disse o Ancião – *por que estou aqui, se é a hora do silêncio e do sono*? Não é verdade?

– É certo, e não esperava ninguém na minha alcova a esta hora – respondeu.

– O amor vela sempre, meu filho, e, desta vez, ele escolheu, a mim, para demonstrar-te que *os Ungidos do Amor jamais estão sozinhos.*

– Isto quer dizer que me julgais um Ungido do Amor? Por quê?

– Porque amas muito!... imensamente mais do que as outras pessoas!

– Que demonstrações de amor podeis ter de mim? Pois apenas hoje chegastes a conhecer-me.

– Esse pranto que deixou vestígios em tuas faces e círculos violetas ao redor de teus olhos, meu filho, diz mui claramente o quanto padeces por tanto amor.

"A separação de todos os entes amados encheu de amargura o teu coração, e essa amargura transbordou como uma torrente incontível, que já não cabia nas dimensões da tua alma. Não é certo tudo isto, Jhasua?"

– Sim, irmão Tholemi, é exatamente como dizeis; mas não vejo nada de excepcional nisto, pois creio que todos sofrem quando se separam daqueles a quem amam.

– É que, em sua maioria, os homens só amam a si mesmos; mas tu, filhinho, esqueces tuas conveniências, tua paz, teu bem-estar para procurar o conforto e a paz dos demais.

"Há poucos momentos, sentias angústias de morte, pensando em tua mãe que se sentirá só sem ti, em teus protegidos, que se julgarão abandonados sem as tuas ternuras. Sofrias, pois, por eles e não por ti! Não é verdade?

– É realmente assim!

– Em compensação, eles sofrem porque perderam, temporariamente, a tua presença e não sentem a tua ternura, a tua solicitude e a quase infinita suavidade que derramavas sobre eles.

"Quem tem mais amor: Jhasua, aquele que chora pelo bem perdido ou quem chora pela dor dos demais?"

– Oh! desde logo se compreende que mais ama quem chora pela dor dos outros.

– Pois assim procedes tu quando choras! Por isso te chamei *Ungido do Amor.*

"Dia chegará em que terás que abandonar-te a esse Amor sem limites nem medida, sem controle nem cautela; e que seja somente ele quem marque os caminhos que deverás seguir. Eu bem sei que esse dia apresentar-se-á diante de ti!...

"Mas, como ele ainda não amanheceu, nós te afastamos temporariamente, porque teu Espírito necessita, em primeiro lugar, conhecer plenamente a si mesmo e tornar-se vigoroso com esse conhecimento.

"Para isso falta apenas recordar e viver, durante algum tempo, o teu passado. Por esta razão é que estás aqui, entre teus velhos amigos das grutas, os únicos que compreenderão teus cambiantes estados de ânimo. Eles te conduzirão a esse elevado plano espiritual onde possas encontrar a ti mesmo e aceitar, com alma serena e inabalável, a enorme carga do teu amor para com os demais.

– "*A enorme carga do meu amor para com os demais*", dissestes – murmurou Jhasua, como se não compreendesse inteiramente o sentido dessas palavras. – De que modo poderá servir-me de carga o meu amor ao próximo, se a Lei diz: "Ama a teu próximo como a ti mesmo?"

– Já o verás, meu filho. Pesada e enorme é a carga do Amor, a mais pesada de todas, ainda que seja também a que mais engrandece o espírito e mais íntima felicidade produz. A Humanidade inteira está pesando sobre ti, meu filho, porque a amas nos deserdados, nos órfãos, nos enfermos e em todos aqueles que padecem.

"Entretanto, como ainda não é hora para que o enorme peso do teu amor destrua a tua vida material, teus velhos irmãos das grutas afastam de vez em quando essa carga e fortalecem teu espírito com um amor que nada pede, que nada quer de ti, a não ser que tenhas paz, alegria e bem-estar espiritual e físico.

– Oh, quão bons sois vós, meus amigos destas grutas! Por que amais de forma diferente da dos outros?

– Porque, tendo andado durante muitos séculos pelos caminhos do amor, devemos ter aprendido a amar através desse mesmo sentimento sem esperar recompensa alguma.

"A Lei Eterna te dá o amor sem egoísmo dos Anciãos de túnicas brancas, para servir de escudo enquanto desenvolves tua personalidade até chegar à plenitude, de tal maneira que, embora o egoísmo humano entorpeça tua vida material e a aniquile, teu EU saia triunfante do egoísmo, da maldade, da vida e da morte.

"Passada a tua apoteose, teus amigos das grutas desaparecerão em penumbra tão densa e tão opaca que muitos perguntarão: Onde estão eles?...

"Estaremos – digo eu – em todos aqueles que saibam amar sem egoísmos. Estaremos presentes como esses perfumes intensos, cujas emanações são percebidas sem que se possa precisar em que lugar caiu a gota que o produz. Compreendes, Jhasua?"

– E por que quereis desaparecer assim? Acaso, não podeis perpetuar a vossa vida e a vossa obra indefinidamente?

– Dentro de poucos anos, terão terminado os períodos messiânicos em suas manifestações materiais no plano físico.

"Seria, pois, erro gravíssimo desejar perpetuar-nos como entidade organizada e materialmente constituída, com a pretensão de conduzir a Humanidade; pois, terminado este período messiânico final, ela não necessitará de novas leis, mas, sim, de cumprir a única Lei que resume todas as outras: 'Amar ao próximo como a si mesmo.'

"Com a conclusão deste período messiânico, chegarão à sua plenitude o livre-arbítrio, a liberdade de consciência e de pensamento; e, depois de ti, teus amigos das grutas estarão certamente em todos aqueles que compreendam e sintam vibrar, em si mesmos, a Lei Divina do Amor Fraterno.

"Se pretendêssemos perpetuar-nos como entidade materialmente organizada, entorpeceríamos a marcha espiritual da Humanidade, pois que, para manter autoridade sobre as almas, teríamos de criar leis repressivas de todas as liberdades humanas, com o que faríamos retroceder a espécie à mais torpe inconsciência, em vez de impulsioná-la a voar para a eterna grandeza de Deus.

"Como se perpetuam as dinastias, os reis, os imperadores? Com a mentira, com o engano, com a falsidade, com a força erigida em direito, e com o crime.

"Teus amigos das grutas, Jhasua, são Ungidos do Amor como tu, e suas vidas serão, daqui por diante, impessoais como a tua, sem trono, sem coroa, sem palácios, sem legiões, sem ordens imperativas sobre as consciências.

"Quando chegar a hora em que a Humanidade saiba que, cumprida a Lei do Amor Fraterno 'Ama a teu próximo como a ti mesmo', cumprida estará toda a Lei, e nem mesmo Deus lhe pedirá nada mais, pois terá atingido a mais alta perfeição a que podem chegar os humanos do Planeta Terra. Compreendes?"

– Não de todo; mas perdoai a minha simplicidade. Por que, distribuída sobre a face de todo o mundo, a Fraternidade Essênia agiria mal, tendo em conta todo o conhecimento de Deus e dos homens que possui?

– Compreendo a tua pergunta, Jhasua, e vou respondê-la. Os Flâmines-Lêmures, que eram como os Essênios, naquelas épocas remotas quando se afundou aquele continente, transladaram-se de ilha em ilha, até chegar ao Continente Asiático, onde, organizados, primeiro como entidade instrutiva e depois sacerdotal, prepararam o cenário em que, séculos mais tarde, atuaria Chrisna, chamado o Príncipe da Paz.

"Eles se empenharam em se organizar materialmente e, depois, em se oficializar, aliando-se, para isto, aos poderes civis. Somente deste modo passaram a ser uma entidade de força, de privilégios e de domínio.

"Os espíritos superiores, conscientes de que haviam tomado o caminho errado, eclipsaram-se na sombra, ficando a entidade em poder dos ambiciosos e egoístas, que viram, assim, um modo fácil de se engrandecer à sombra da já poderosa entidade dos Flâmines.

"Que é que ocorreu então? A espantosa divisão da numerosa população hindu em castas, das quais a primeira, formada dos Brahâmanes (sacerdotes do deus Brahama), tinha o privilégio de viver à custa do esforço de todo o país.

"Ninguém reconheceria, nesses senhores Brahâmanes – donos de vidas e propriedades –, os humildes Flâmines-Lêmures, surgidos em épocas distantes do amor pastoril de Numu, o Deus-Pastor, como o chamavam, e que foram, naquele tempo, o que hoje são os Mestres e os Terapeutas, anjos de piedade e consolo para todos os que sofrem.

"Quando quis perpetuar-se como entidade organizada e oficializar-se também em aliança com os poderes civis, a Fraternidade Kobda, que preparou o campo para o meigo Abel da Pré-História, caiu no mesmo abismo dos Flâmines, e o Pharahome (*homem-farol* dos antigos Kobdas) se transformou, com o tempo, nos despóticos faraós egípcios.

"Com a simples inclinação do dedo indicador para a terra, condenavam, esses últimos, à tortura e à morte um ou muitos seres humanos, sem permitir-lhes defesa

alguma, e, quase sempre, para satisfazer caprichos e veleidades de cortesãos ou de cortesãs despeitados, à procura de vingança para curar alguma ofensa.

"Acredita-me, Jhasua, que as Fraternidades de ordem espiritual elevada devem manter-se sempre na penumbra e não buscar jamais perpetuar-se indefinidamente, nem aliar-se com os poderes civis constituídos sobre a força.

"Criadas por um ou por muitos Guias Espirituais com elevadas finalidades, igualmente espirituais, elas não podem descer, sem rebaixar-se, à vulgaridade das forças e dos poderes materiais. Bem se compreende que, para se perpetuarem pela força, é necessário passar por cima da Lei do Amor Fraterno.

"Ali já não pode existir o *'Ama a teu próximo como a ti mesmo'*, porquanto é preciso olhar para a conveniência material da entidade, já organizada sobre bases também materiais, eliminando, destruindo e aniquilando tudo o que se oponha ao seu poderio. Então, uma cadeia espantosa de crimes e de horrores demarca o caminho seguido pela organização, embora nascida do amor e para o amor.

"Compreendes, meu filho, por que os Essênios da época atual sabem que devem eclipsar-se como instituição, para continuar vivendo, através dos séculos, a vida anônima e obscura no plano físico, não obstante ser intensamente ativa no plano espiritual?"

– Oh! sim. Agora o compreendo claramente.

– Dessa maneira quando os humanos virem seres que se deixam matar e resistem a todas as torturas, em vez de renegar sua fé no supremo ideal do amor fraterno, devem pensar que *são os Essênios* que apenas se deixam reconhecer quando é tempo de sustentar o Amor acima da vida e da morte!

– Oh, irmão Tholemi! Como sois sublimes vós, Essênios, no vosso altruísmo e desinteresse! Por isto é que a Humanidade não vos compreende nem, talvez, vos compreenderá jamais.

– Como não compreende a ti, meu filho! Pois, apenas pisando o umbral de teus 16 anos, já saboreaste amarguras intensas por causa da incompreensão humana.

"Já o diziam tuas dores no Templo, aos 12 anos, ao veres convertido o pensamento de Moisés – o transmissor da Lei Divina – em código de matança de animais, o qual, por sua vez, converteu o Templo de oração em mercado público, onde os mercadores lucram com a fé do povo ignorante e enganado. Dizem-no, outrossim, tuas amarguras em Nazareth, onde só pouquíssimas pessoas interpretam acertadamente tua piedade para com os desamparados.

"Mais adiante, Jhasua, necessitarás de todo domínio sobre ti mesmo e de toda a tua força de vontade para não fugires enojado do lodo em que chafurda, contente, grande parte da Humanidade.

"Lodo na adolescência imberbe; lodo na juventude esgotada e já sem ideais que possam reerguê-la para o bem; lodo na idade viril já cansada, aguçando ainda mais a inteligência no sentido de encontrar novos aspectos para sua refinada lascívia; lodo no celibato; lodo no matrimônio, na viuvez, na ancianidade... lodo infernal espalhando-se em todos os seres, Jhasua – anjo branco do delirante sonhar dos Ungidos do Amor, que, enlouquecidos, dirigem a ti seus olhares, dizendo: Homem-Luz, Homem-Amor, salva-nos do lodo que nos afoga!...

"Ainda escutarás espantado que a miséria humana, artificiosamente, coloca nomes ressonantes e até atraentes nas asquerosas perversões luxuriosas com que regozija sua vida! 'São ordens imperiosas da natureza' – dizem –, 'é a alegria de viver', 'são os instintos paternais que se manifestam exuberantes', 'são sonhos amorosos', 'ilusões da felicidade que todo ser anela conquistar', etc., etc.

"Ó meu meigo Jhasua! Ainda é necessário pensar nas vítimas que vão ficando para trás!... as vítimas que jamais deixam de existir ao longo desses caminhos tenebrosos, por onde se lança a Humanidade como um cavalo desenfreado. Então, sim, fica tristemente esquecido o divino pensamento: 'Ama a teu próximo como a ti mesmo.'

"Próximo é a esposa ou o esposo, atraiçoados na sua fé conjugal; próximo é a donzela cuja honra se arrasta pelo muladar; próximos são *os filhos de ninguém*, que brotam como flores doentias no jardim envenenado do vício, e que os ventos da vida levam rodando como folhas secas ao longo dos caminhos!..."

Jhasua, que havia ouvido calado o terrível monólogo do Ancião Tholemi, levantou-se incontinenti e, procurando na gavetinha de sua estante uma das folhas de papiro que ali haviam posto para quando ele quisesse escrever, tomou sua pena de águia e, com caracteres firmes, embora lhe tremesse o coração, escreveu diante do Ancião esta missiva:

"Pai, Mãe, Irmãos:

"Tomei a resolução de não sair jamais deste Santuário do Tabor, onde quero viver e morrer. Podereis vir para me ver quando quiserdes, mas não façais esforços para afastar-me daqui, porque seriam totalmente inúteis. Do mesmo modo que meu primo Johanan vive no Santuário do Monte Quarantana, eu viverei no do Tabor.

"Rogo ao Altíssimo que vos console, se ficardes penalizados com a resolução do vosso humilde servidor – *Jhasua*."

– Lede esta carta – disse, com grande firmeza, ao seu interlocutor – e fazei o favor de despachá-la para Nazareth pela caravana de Tolemaida que passa amanhã ao meio-dia. – E sentou-se novamente em seu leito.

Com os olhos úmidos de emoção, o Ancião estreitou entre seus braços o formoso adolescente, cuja face entristecida o assemelhava a um Adônis de mármore, próximo a chorar por um amor impossível.

– Meu pobre pombinho entristecido por uma rajada sinistra dos furacões da vida!... – disse. – Meu pequeno cervo, assustado por não encontrar água clara para beber nos enganosos jardins da Humanidade!...

"Acredita, meu filho, que, na imensidão de Deus, o justo encontra compensação para todas as suas preocupações, como também o valor e a força para passar por cima do lodo sem manchar sua túnica, tal como a ave do paraíso que, quando os lagos aparecem turvos e agitados, se inclina para beber no cálice branco do nenúfar ou na flor das magnólias: taças de nácar, que guardam a água das chuvas ou o pranto do orvalho.

"Bem compreendo que esta carta é um grito angustioso da tua alma espantada com o que pressente chegar; no entanto, esclareço que ela é prematura e que terás tempo para enviá-la daqui a alguns dias, visto que vais permanecer aqui uma boa temporada.

"Não julgas mais prudente aprofundar-te bastante em todos os conhecimentos que irás receber a partir de amanhã, antes de tomar tal resolução?"

– Crede-me, irmão Tholemi, penso que mais conhecimento do que o recebido durante esta noite não terei jamais! Que me falta por saber a respeito dos homens e da vida?

"Só me fazem falta forças para não odiar a Humanidade e poder amá-la sem que ela mereça o meu amor. Como não tenho essas forças nem esse poder, quero ocultar-me aqui por toda a minha vida."

– Jhasua!... dá tempo ao tempo. Essa força e esse poder chegarás a tê-los em tão alto grau como não os teve jamais homem algum sobre esta Terra!

"Já viste muitò na tua visita a Jerusalém, a respeito desse espantoso rodopiar da miséria humana que corre pelos caminhos da vida, destroçando ideais e esperanças, honras e anelos; pisoteando tudo quanto há de santo e de belo entre as obras de Deus!

"Afirmo-te, não obstante, com toda a certeza, que essa triste visão de Jerusalém poderias tê-la em qualquer paragem do mundo para onde dirigisses os teus passos."

– Mas, então dizei-me: que deverei pensar desta Humanidade que é obra de Deus? – perguntou Jhasua algo desorientado em seu pensamento.

– Para pensar acerca desta Humanidade com o pensamento divino, deve o nosso espírito remontar-se a uma grande altura, meu filho, porque, do contrário, não acertaríamos com a Verdade.

"Tens sido acompanhado por uma imensa legião de Espíritos, que, por amor à Verdade e a ti, te vêm seguindo desde longos períodos. São os que impelem esta Humanidade ao seu elevado destino.

"A evolução é muito lenta; por isso, não é de um salto que se transforma em perfeita uma Humanidade atrasada.

"Pensa, meu filho, que, pela tua própria vontade e pelo grau de tua evolução espiritual, tomaste o encargo de chefe e guia da imensa caravana humana terrestre, no meio da qual existem seres de variadíssimo grau de evolução! Os preguiçosos, os retardados, os vadios e os viciosos pesam enormemente sobre os mais adiantados. E não somente pesam, como também se revoltam contra todos aqueles que se esforçam por fazê-los avançar pelo verdadeiro caminho.

"Quando, nos desígnios divinos, soou a hora em que esta Humanidade estava apta para começar a compreender idéias e pensamentos, acima dos instintos puramente animais, fez-se uma espécie de verificação ou chamada nos mundos mais adiantados do que a Terra, a fim de que as Inteligências que, para eles já eram retardadas, fossem acrescentadas à Legião dos Instrutores desta Humanidade.

"Foi o Planeta Vênus que ofereceu o mais numeroso contingente de almas adiantadas para servirem de impulsos aos primitivos espíritos da Humanidade terrestre.

"Não viemos enganados, senão mais bem compenetrados dos grandes sacrifícios e dos dolorosos holocaustos que nos esperavam no mundo inferior (*o Inferno* do vulgo). Aqui vínhamos com o duplo papel de instrutores desta Humanidade primitiva e também como desterrados a uma penitência purificadora, de vez que, no mundo de onde saímos, havíamos ficado atrasados em conseqüência da nossa débil vontade para as conquistas espirituais a que a Lei Suprema da evolução nos obriga a todos.

"A Sabedoria Divina, meu filho, utiliza todos os recursos possíveis para impulsionar suas criaturas ao eterno progresso até a perfeição. Deus é a máxima perfeição, a suprema beleza e o eterno amor, e quer todas as suas criaturas semelhantes a Ele, formando com Ele uma só Essência, uma só Luz, um só Pensamento e um só Amor.

"Enquanto esse fim sublime não chega, quantos milhares de séculos hão de passar! Quantos martírios, quantos sofrimentos, quantas vidas de sacrifício causadas pelos mesmos a quem viemos estender a mão para ajudá-los a andar!

"Por isso, nem tu nem eu nem ninguém que houver chegado à compreensão dos caminhos de Deus pode espantar-se do atraso desta Humanidade."

Jhasua ouvia calado sem perder uma única palavra do Mestre Ancião.

– Acabo de imaginar – disse depois de um momento – que a Humanidade é uma infeliz leprosa cega, que deve ser curada primeiro, para então poder vestir a túnica branca das nubentes.

– Perfeita imagem, meu filho, mas com a agravante de que ela não se deixa curar voluntariamente e que, nessa cura, vão sendo sacrificados, aos milhares, seres de boa vontade que lutam para curá-la.

– Estou começando a compreender, irmão Tholemi, o papel que desempenha a Fraternidade Essênia no meio desta Humanidade.

– E tu à frente dela, Jhasua, se bem que não tenhas adquirido ainda a plena consciência disso.

Levantando-se, o Ancião acrescentou:

– A hora já está avançada, e é necessário que descanses para que possamos começar amanhã a grande tarefa.

– Qual é? Se é que posso saber – perguntou Jhasua.

– Hás de poder viver o teu passado, a fim de que compreendas claramente o "*porquê*" do teu presente.

– Seja como quereis.

– Como o quer Deus, meu filho, cujo mandato supremo vieste cumprir.

"Que a paz seja contigo."

– E também convosco, irmão Tholemi.

O adolescente, que havia acompanhado o Ancião até a portinha que formava a ligação do Arquivo com o Santuário, continuou iluminando com seu círio as sombrias cavidades da imensa gruta, até que sua branca silhueta se perdeu nas trevas.

Jhasua, de pé na portinha irregular de comunicação das duas grutas e com o círio na mão, assemelhava-se a uma estátua da deusa Minerva iluminando as trevas da ignorância humana. A brilhante suavidade do seu semblante, os longos e ondulados cabelos castanhos e os dulcíssimos olhos, davam-lhe um aspecto delicado, de incomparável ternura.

No grande Santuário ardia tão-somente a lamparina de azeite ante as Tábuas da Lei, segundo o velho costume essênio, como símbolo de que a Divina Lei vivia sempre nas almas e nas obras de todos os filiados da já numerosa família dos filhos de Moisés.

Ia dirigir-se para lá quando se lembrou da longa conversação com o Mestre Tholemi e pensou:

"– Se eu quero cooperar na cura da *leprosa cega*, devo começar por não ser, como ela, rebelde aos conselhos daqueles que sabem. Jhasua!... teu passado continua sendo uma espessa nebulosa, que ainda é necessário decifrar, e teu futuro te é ainda mais desconhecido e incerto. Dize, pois, como o Profeta Samuel: 'Ordena, Senhor, que o teu servo escuta'."

E, voltando por sobre seus passos, recolheu-se ao leito, não sem antes dedicar um último pensamento a sua mãe ausente, a todos os seus familiares consanguíneos, a sua família espiritual e aos seus pequenos protegidos, começando por Abigail e terminando com o pequeno e fraco Santiaguinho, que saía a esperá-lo na metade do caminho para obter um donativo maior.

– Pobrezinho!... – murmurou Jhasua, quando o sono já quase lhe cerrava as pálpebras. – Quantos pasteizinhos de mel eu te daria, se estivesse ao teu lado!... mas, estou certo de que a avó Ruth e Abi cuidarão bastante de ti, conforme é meu desejo.

"Que Tua divina piedade, Senhor, se estenda, como um manto suave, sobre todos aqueles que o meu coração ama!"

O Homem-Luz, o Homem-Amor, jovem ainda, vencido pelo sono, esqueceu o plano físico para permitir que seu radiante espírito se saciasse no Infinito, na Beleza e na Bondade que ele buscava em vão na Terra.

Peçamos à Eterna Energia, leitor amigo, que dê asas poderosas à nossa vontade e à nossa aspiração, para acompanhar, talvez de longe, Seu Divino Ungido, levado, durante o sono físico, para além da Esfera Astral da Terra.

Seus Guias o esperavam na imensidão infinita para reconfortá-lo e animá-lo, nesses primeiros desfalecimentos de homem aprisionado na matéria.

– Por piedade, meus irmãos, não me deixeis voltar ao meu cativeiro terrestre!... – foram os primeiros pensamentos que as Grandes Inteligências, Guias de Jhasua, descobriram no seu Eu íntimo.

Também eles, em outras épocas, haviam saboreado o cálice amargo das encarnações em planos físicos de pouca evolução, razão pela qual compreendiam muito bem o estado de desalento de seu companheiro.

Sabiam, outrossim, tratar-se de um estado transitório e fugaz, que não duraria mais do que o tempo que aquele Espírito heróico demorasse em desprender-se da vestimenta fluídica, com a qual havia atravessado a esfera astral da Terra.

No desprendimento espiritual, durante o sono físico, percebeu a doçura infinita do Amor entre seus irmãos do esplendoroso Céu dos Amadores.

Os Messias que, junto com ele, encarnaram em seus planetas correspondentes, fizeram-lhe também suas íntimas confidências reveladoras de sofrimentos, porventura mais dolorosas do que as dele.

O holocausto sublime havia sido decretado e aceito voluntariamente. Ainda era possível voltar atrás. Ainda havia tempo. Várias Inteligências Superiores ofereciam-se para a substituição, compreendendo perfeitamente que ninguém está obrigado ao supremo sacrifício.

Diante desse dilema, Jhasua procurou o olhar sincero e leal de sua alma gêmea, encarnada em Vênus, e leu, em seu pensamento, estas palavras:

"– Se voltares atrás, não entrarás comigo no sétimo portal do nosso Céu dos Amadores."

Jhasua percebeu uma ligeira vibração de dor nessas palavras e, valentemente, fez vibrar este pensamento na infinita imensidão:

"– *Não voltarei um só passo para trás. Continuarei até o fim, como tu.*"

Ressonâncias de harmonias inefáveis pareceram dilatar-se, como um eco sonoro do pensamento do Cristo, e Jhasua despertou com uma emoção indescritível.

Jhasua e Nebai

A manhã já ia avançada, e Jhasua sentiu que eram desenrolados papiros no Arquivo, os quais, ao se chocarem uns com os outros, produziam um ruído como de folhas secas.

Olhou por entre a cortina de junco que separava sua pequena alcova daquele recinto e viu o Essênio arquivista procurando algo nos armários embutidos na pedra e entre o imenso montão de rolos amarelentos. Era Melkisedec, homem ainda jovem, pois contava 49 anos, sete dos quais vivera no Monte Tabor.

Era originário de Hamath, sobre o grande Rio Orontes, a artéria fluvial mais

importante que corria de norte a sul, entre a Fenícia e a Síria. Havia sido formado espiritualmente na Escola Essênia do Santuário do Monte Hermon, e fora escolhido para ser um dos dez mestres que deviam ajudar o Messias, jovem ainda, a despertar as poderosas faculdades espirituais que nele estavam semi-adormecidas por esse lapso de tempo que, na vida física, chamamos *infância*.

Alma de cristal e de seda era a de Melkisedec, cuja clarividência era tal que percebia, ainda que a distância, os diferentes estados de ânimo de um espírito ao qual ele estivesse ligado por amor, por afinidade e também por dever. Os Anciãos julgaram com prudência ao colocá-lo junto de Jhasua, cuja alma de delicada sensibilidade necessitava de outra alma também sensível e delicada, na qual todas as suas íntimas impressões encontrassem eco.

O jovem havia trocado poucas palavras com ele, mas o suficiente para sentir a suave ternura daquele Essênio de olhos castanhos e cabelos bronzeados como também o era sua barba, longa e sedosa. Sua beleza física tornava-o, ademais, atraente. Jhasua recolhia todas essas impressões através da cortina de junco e pensava em silêncio:

"– Parece que vou simpatizar muito com esse Essênio, que é meigo e bom como o pão e o mel."

O Essênio olhou para a cortina de junco e sorriu. Foi aproximando-se pouco a pouco, como se houvesse percebido que o tinham chamado.

– Jhasua saiu dizendo a frase habitual: "A Paz seja convosco."

– E também contigo, meu querido – respondeu o Essênio. – Ia já chamar-te, e vens ao meu encontro. Parece que coincidimos, não é? Vejo que padeceste fortes impressões durante a noite!

– Como o percebeis?

– Pelo círculo violeta de teus olhos e pela vibração de sofrimento e cansaço que irradia de toda a tua pessoa.

– É verdade, mas isto já há de passar.

– Agora, vai tomar o alimento, enquanto eu esperarei aqui; em seguida, iremos juntos à pradaria, em busca do teu repouso. Depois disso, estudaremos os problemas que te dizem respeito.

– Então voltarei em seguida. – E o adolescente foi até a gruta que servia de cozinha, onde o Essênio encarregado do alimento de todos o serviu imediatamente e permaneceu sentado junto a ele.

– E vós não comeis? – perguntou-lhe o jovem.

– Os Essênios não comem senão duas vezes por dia. A primeira já passou, e a segunda virá ao cair da tarde. Mas isto não se refere a ti, pois és uma plantinha em crescimento e necessitas comer quatro vezes por dia. De modo que já sabes: cada vez que tiveres necessidade, vem aqui, que encontrarás as cestas cheias de tudo quanto podemos oferecer-te. Estou sempre aqui; é verdade que, às vezes, vou até a horta para buscar hortaliças ou frutas, mas tu podes tomar aqui o que quiseres.

O bom cozinheiro foi abrindo, uns após outros, os enormes armários embutidos na própria rocha, onde Jhasua viu uma grande provisão de queijos, frutas secas, manteiga, mel e uma ampla cesta de pãezinhos doces, bastante semelhantes àqueles que sua mãe fazia.

– E se eu for um hóspede glutão e comer tudo isso, que direis? – perguntou graciosamente o adolescente.

– Aqui há provisão para meio ano, tarambola (*), e como poderás comer tudo, se comes menos do que um rouxinol? És dono disto. Está bem?

– Graças, irmão, graças. Vejo que ides cuidar tanto da minha pessoa quanto minha mãe, que não pensava senão naquilo que eu haveria de comer.

– Repara, jovem – disse o Essênio batendo nas costas de Jhasua –, encarregar-me-ei tanto da tua pessoa que me encontrarás seguindo-te constantemente.

– Está bem! Agora vou ao Arquivo, pois meu Mestre me espera lá.

Mas o cozinheiro, que ia fazer o papel de zelador da alimentação do jovem, reteve-o ainda durante algum tempo, até que ele terminou tudo o que lhe havia sido servido.

– Agora podes voar, passarinho, que já não desfalecerás no vôo.

"Bênção de Deus!"... – murmurou o Essênio vendo que ele se afastava a toda velocidade. – Por que mereci eu a glória de cuidar desse corpo, Templo do Verbo Divino, que há de salvar a Humanidade? Pobrezinho! É fraquinho ainda; entretanto, eu o deixarei forte e vigoroso e será um belo mancebo de bronze!

Acompanhado de seu Mestre Melkisedec, saiu Jhasua para o vale vizinho, onde se achavam plantadas romãzeiras e laranjeiras. Também se viam, ali, diversos caminhos, semelhantes a faixas alvacentas, que, certamente, se dirigiam para aldeias ou cabanas vizinhas, freqüentadas pelos solitários.

– Podeis dizer-me para onde conduzem estes caminhos que partem do Santuário e se perdem atrás das colinas? – perguntou Jhasua.

– No final de cada um deles, há um ninho branco e tépido, ocupado por pequenas aves, salvas das tormentas da vida e que hoje gozam de paz e ventura.

– Oh! Deveras? Meu coração se dilata e salta de felicidade como um cabritinho, quando vejo seres arrancados à dor e colocados no caminho da paz.

– Gostarias de visitá-los? – perguntou o Essênio.

– Se o julgardes oportuno, irei com muito gosto – respondeu Jhasua.

– Vamos por este caminho entre alcantis e nascentes de água. É o mais pitoresco de todos eles e, no final, encontraremos uma casinha de pedra entre pedras, toda coberta de trepadeiras, que não deixam entrever onde ela começa nem onde termina. Além disto, é bom saberes que a família que lá habita está ligada a ti desde o teu nascimento.

– Como é isto? Eu não o sabia!

– Pois agora vais sabê-lo, Jhasua, e verás quão interessantes são os habitantes dessa casinha de pedra. Eu costumo vir com freqüência, porque, para dizer a verdade, encontro aqui um campo amplo para os meus estudos e observações de ordem metapsíquica.

– São muitos?

– Não; somente os pais, dois filhos, já homens, e uma mocinha que tem dois anos menos do que tu, e que é uma preciosa caturrita que enche de risos e de alegrias todo rincão por onde passa. A história dessa família é algo que daria para escrever um livro. Sua tragédia durou quase três anos, e nossos Terapeutas remediaram tudo, justamente quando iam levar ao Moab o aviso do teu nascimento. Por isto, eles dizem que tua chegada à Terra lhes trouxe a salvação.

– Contai-me, pois, essa história, se é que ainda demoraremos a chegar.

Enquanto o Essênio relata para Jhasua o caso da casinha de pedra, lembro ao leitor aquela tragédia de uma mulher, tida como louca, encerrada com seus dois filhos

(*) Ave pernalta de tamanho médio, cuja caça é muito apreciada (N.T.).

na torre da Fortaleza de Massada, ao sul da província da Judéia, enquanto seu companheiro, como um leão enfurecido, vagueava pelas cavernas e matagais vizinhos, à espera de um momento oportuno para se vingar e libertar seus familiares presos.

Depois de haver escutado o relato da tragédia dessa família, Jhasua perguntou:

– Como é que não me disseram nada de tudo isso durante a minha estada anterior no Tabor?

– É que, naquele tempo, os Terapeutas ainda temiam que o causador da desgraça procurasse novamente suas vítimas, e mantiveram profundo segredo a respeito do lugar do refúgio deles. Agora já é diferente, porque o Procurador romano que os submergiu na desgraça foi afastado do país, há três anos, e enviado para terras distantes. Aquele que atualmente governa a região nada sabe do assunto e, com isso, a família goza, finalmente, de paz e felicidade.

"O esposo e pai da família é de origem grega, embora tenha nascido em Rhodas (*), sendo que, em virtude de seu casamento com Sabad, que é de Jericó, ambos se estabeleceram na dita cidade, onde residiam os pais dela, que gozavam de excelente posição.

"Como escultor e gravador, ele viajava sempre, pois realizava grandes contratos nas cidades que estavam sendo construídas pelo rei Herodes. Contudo, enquanto ele trabalhava em ornamentar palácios na Cesaréia e em Sebaste, na província de Samaria, o Procurador romano passava como um furacão de fogo, destruindo seu lar, sua honra, a vida de seus velhos pais e tudo quanto forma a felicidade de uma família."

– E tudo isso por quê? – perguntou inocentemente Jhasua.

– Porque Sabad, a esposa, é mulher de extraordinária beleza, como se encontram poucas nesta terra, que, aliás, possui, de um modo geral, mui belas mulheres.

"Ao ver-se ludibriado em sua funesta paixão, o Procurador mandou encerrá-la na torre da Fortaleza de Massada, com seus dois filhos, de 11 e 13 anos, mas separados de tal forma que a mãe não sabia deles nem eles dela."

– E como pôde ela ludibriar o amor dele? – perguntou Jhasua.

– Tinha Sabad uma velha criada árabe. Esta deu-lhe a beber um preparado que produz inchação e manchas escuras na pele, tal como se estivesse leprosa; mas esses efeitos desapareciam dentro de pouco tempo.

"Foi o homem ter com ela e encontrou-a nessas condições. Havendo, porém, averiguado o ocorrido, matou a infeliz criada, confiscou a casa e os bens, deixou os pais de Sabad na miséria e no abandono e a enviou para a Fortaleza de Massada, onde a teria em segurança para o caso de que o mal viesse a desaparecer. No entanto, ela passou a sofrer de histerismo agudo, semelhante a uma loucura furiosa, tanto que, quando, certa feita, o Procurador tentou visitá-la, ela o atirou escadas abaixo, arremessando-lhe ainda um estojo de carvalho que tinha ao seu alcance.

"Foi nessa situação que os nossos Terapeutas a encontraram quando intervieram no caso.

"Mas já estamos entrando no horto da casa – acrescentou o Essênio, afastando para um lado algumas varas de plátano, que, colocadas entre dois rústicos pilares de pedra, fechavam a entrada."

– Vindes despedir-vos dos viajantes? – foram as primeiras palavras que, depois da saudação habitual, os dois visitantes ouviram.

– Viajantes?... quem viaja?

(*) Hoje Rodes (N.T.).

– Meus dois filhos e eu – respondeu Harvoth; tal era o nome do escultor. – Ontem, de manhã, o comuniquei ao Servidor do Santuário para pedir a vossa proteção para o meu lar, pois aqui ficam apenas Sabad e a menina, com a velha criada e seu marido.

– Vossa ausência será por muito tempo? – voltou a perguntar o Essênio, enquanto Jhasua observava um pequeno espaço de terreno, limpo e sossegado, rodeado de grandes pedras, onde se espojavam ao sol numerosas pombas brancas.

– Consegui um trabalho grande em Ribla, sobre o Rio Orontes.

– Oh, minhas terras distantes, minhas montanhas queridas!... meu grande rio rumorejante!... – exclamou o Essênio com entusiasmo.

– Sois dali? – interrogou o dono da casa.

– Sou de Hamath, què fica um pouco mais ao norte. Oh, meu amigo, ides a uma terra de encantos, como não existe comparação! Ribla, em pleno Líbano!... um éden!... A coisa mais bela que podeis imaginar nas margens do Orontes... felicito-vos, pois.

– Sabeis quem é esse adolescente que me acompanha? – perguntou.

– Ainda não tive o prazer de conhecê-lo!...

– Descobri o segredo vós mesmo. Quantos anos faz que os nossos Terapeutas vos encontraram naquela caverna, próxima à Fortaleza de Massada?

– Isto já fez quinze no inverno passado.

– E lembrais qual o assunto que os levava ao Monte Moab?

– Soube que levavam o aviso da chegada de um grande personagem que iria revolucionar todo o país, como realmente ocorreu, pois, logo em seguida, houve a perseguição aos meninos bethlehemitas.

– Pois esse personagem é o adolescente em questão. Havia nascido quatro dias antes que os Terapeutas vos encontraram.

– Como?... e o trazeis à minha casa?

– E por que não? Muito embora não conheceis ainda a fundo a missão com que o Altíssimo o enviou à Terra, bem podeis crer que é portador de todos os bens e vencedor de todos os males.

– Para mim foi um verdadeiro mensageiro de felicidade e de paz, pois, com seu nascimento, recuperei minha esposa e meus filhos, e hoje ele vem a minha casa, quando eu me incorporo novamente à sociedade dos homens. Bem-vindo seja este futuro homem justo, que traz o Bem à Terra e aniquila o Mal.

– Jhasua! – disse em voz alta o Essênio. – Deixa um momento as pombas do pátio e vem aqui, para que eu te apresente ao dono da casa.

– Vossas pombas, símbolo de ternura e de paz, me receberam – disse o jovem, ao encontrar-se com Harvoth – e, portanto, podemos julgar que iniciamos uma amizade leal e durável.

– É o que deseja este vosso servidor! É uma grande pena que chegueis justo quando eu devo partir!

– Isto não é nada, desde que a partida seja para vosso bem-estar – respondeu Jhasua.

E levou-os para dentro da casa, que demonstrava mui claramente que seus moradores eram artífices da pedra e da madeira.

O horto e o jardim apresentavam-se adornados de blocos de pedra polidos, seja em forma de colunas partidas, seja em forma de cabeças de animais surgindo detrás de uma árvore ou de um penhasco.

Já no interior da casa viam-se esculturas em madeira, flores, animais, crianças a brincar, bem como capitéis de diversas formas e estilos.

A arte do pai passara para os filhos, mas estes haviam escolhido, para suas obras, os duros troncos das árvores, que, com tanta generosidade, lhes brindavam os bosques da fértil província galiléia.

– Acontece que um sacerdote cretense, descendente de Radamanto – acrescentou o chefe da casa –, quer construir um pequeno templo para Homero e me contratou para a dita obra. Partirei, pois, com os meus dois filhos varões daqui a três dias.

– Dissestes que ele está em Ribla?

– Está. E trata-se de um desterro voluntário. Por desgraças de família, foi ele obrigado a abandonar Creta, seu país natal. Meu trabalho deve ser uma cópia do templo da deusa Cibeles, existente no Monte Ida, naquele país, do qual me deu planos e croquis.

– Monte Ida em Creta? Na ilha de Creta? – perguntou Jhasua interessando-se imediatamente pelo assunto.

– Justamente. É o que consta do projeto.

– Quão formosas histórias têm os Anciãos do Monte Carmelo referentes à ilha de Creta e às cavernas do Monte Ida!

– Sim, sim, efetivamente – disse Melkisedec –, pois é ali que se refugiaram os últimos Dackthylos, quando se viram perseguidos na Ática pré-histórica. Os Anciãos do Carmelo são os continuadores de todos os solitários do Monte Ida, em Creta.

– Pois tudo isso eu sei de memória – acrescentou Jhasua – e me interessaria por tudo referente a esse bom cretense que vos contratou para construir um templo a Homero.

– Eu vos trarei quantas informações puder recolher – respondeu Harvoth.

Neste instante, saiu de dentro da casa, como um redemoinho de ouro, uma mocinha ruiva, vestida de cor laranja. Corria feito uma gazela domesticada que logo se coloca fora de alcance.

– Que fazes, Nebai? Vem cá, que temos visitantes – disse-lhe o pai.

A menina deteve-se imediatamente e olhou muito surpresa para Jhasua, a quem via pela primeira vez. O Essênio já lhe era familiar.

Ajeitou, com disfarce, os cabelos desgrenhados pela corrida e, inclinando-se graciosamente, disse a meia-voz:

– Às vossas ordens!

– É um príncipe de outros mundos, Nebai, que vem visitar-nos – acrescentou o pai.

– Grandeza! – disse a adolescente, inclinando-se outra vez.

– Não acredites nisso, jovem – explicou Jhasua ruborizado –; teu bom pai está brincando. Sou filho de um artífice da madeira como teus irmãos.

– Oh!... é melhor assim, porque os príncipes me assustam. Sempre são maus, e vós me pareceis muito bom.

– Vai e avisa tua mãe que estamos neste caramanchão.

Nebai foi, e voltou trazendo pela mão uma formosa mulher, ruiva como ela, que, não obstante seus 45 anos, conservava uma delicada aparência de juventude.

– Sabad, este adolescente foi a origem e a causa da nossa salvação – disse Harvoth.

A dama inclinou-se. Podia-se notar claramente em seus olhos esta pergunta: "Por quê?"

– Aqueles Terapeutas que me encontraram nas cavernas vizinhas à Fortaleza de Massada iam, exatamente, ao Santuário do Moab para anunciar o nascimento dele.

– Ó Deus! Que pesadelo!... – exclamou a mulher, ainda horrorizada. – Bendito seja Jehová que nos permite conhecer-vos!

– É justo que celebremos este acontecimento. Traze, pois, o que de melhor tiveres na adega, que, sob esta roseira branca, hão de abrir-se as almas para a amizade e o amor.

– Vou!... vou em seguida – disse Sabad olhando para os olhos de Jhasua, que, para ela, tinham suaves fulgores de estrelas.

"Então, é este o Messias que Israel esperava!," murmurou com terna devoção. – Nós, as donzelas de Jericó, não sabíamos pedir outra coisa senão a vinda do Salvador de Israel!

Seus olhos cor de opala inundaram-se de pranto, que ela dissimulou, retornando para dentro de casa a fim de trazer o que o esposo pedia.

Aquele caramanchão, coberto por uma roseira branca resplandecente de botões próximos a se abrirem, iria ouvir as mais ternas e tristes confidências. Jhasua parecia meditar como se estivesse longe de tudo quanto o rodeava.

Quando Sabad já não podia ouvi-lo, disse:

– Quanta semelhança encontro entre vossa esposa e minha mãe! Algo assim como se fossem da mesma família; apenas minha mãe tem o cabelo e os olhos castanhos.

– E ambas são de Jericó – insinuou o Essênio. – Podia muito bem dar-se o caso de serem parentas.

Momentos depois, Sabad, ajudada pela filha e pela velha criada, dispunha sobre a mesa do caramanchão frutas, doces, licores e alguns pasteizinhos de amêndoas, do tipo que Jhasua já havia provado quando chegou ao Tabor.

– Agora já sabemos, Melkisedec – disse Jhasua – de onde provêm estes pasteizinhos. – És tu que os fazes, Nebai? – perguntou à mocinha, que ainda permanecia de pé junto a ele.

A maneira tão familiar com que Jhasua falou, tirou a timidez da adolescente, que, sentando-se ao seu lado, respondeu:

– Não, eu não! É minha mãe quem os faz com freqüência para os Anciãos.

Estabeleceu-se desde logo entre os dois adolescentes uma corrente de simpatia que parecia transportá-los aos mundos encantados da luz e da harmonia.

Para seus poucos anos, tinham ambos muitos conhecimentos superiores. Os solitários haviam encontrado naquela jovem uma inteligência já desperta e uma tão acentuada inclinação para o Belo e para o Bom, que não se descuidaram do cultivo daquele espírito, que circunstâncias acidentais tinham posto em seu caminho. Com relação a Jhasua, já estamos bem a par da forma pela qual os Anciãos o haviam instruído nos maiores conhecimentos do seu tempo.

Por fim, tendo ambos se aprofundado bastante no conhecimento e compreensão recíprocos, insinuou Jhasua uma proposta que, já fazia alguns instantes, estava para irromper do seu coração:

– Nebai – disse –, vejo que és muito feliz. Eu também sou. No entanto, me parece que seremos muito egoístas se não pensarmos em fazer felizes também os outros.

– E a quem, Jhasua? Não são felizes todos os que vivem por estes campos e pradarias cheios de frutos e flores?

– Há muitos que sofrem e choram, Nebai, e a quem tu e eu poderemos levar um pouquinho de alegria, desde que o queiramos efetivamente.

– Pois tratemos de querer que todos cantem e riam como nós. Dize, pois, onde estão os que sofrem; e faremos tudo para aliviá-los.

– Os Anciãos de todos os Santuários Essênios sabem bem onde se oculta a dor, Nebai; eles nos guiarão. – E, alçando a voz, disse Jhasua ao Essênio Melkisedec:

– Fiz um acordo com Nebai, e gostaríamos que ajudásseis a cumpri-lo.

– Não vos dizia eu que esta roseira branca tinha magia e, assim como abre suas flores ao sol e ao orvalho, ela enche também os corações de encantos e de luzes? – interveio Harvoth, que parecia transbordante de felicidade e de entusiasmo.

Expôs Jhasua, então, a proposta que havia insinuado a Nebai. Sabad e o Essênio encarregaram-se de orientar os jovens quanto aos lugares onde poderiam satisfazer suas aspirações de levar alegria e esperança aos aflitos e sofredores.

Encontrava-se naquelas montanhas um pequeno e formoso vale onde antigos escombros denotavam haver existido ali uma aldeia localizada justamente no limite dos territórios que, no longínquo tempo da ocupação da Palestina pelo povo de Israel, haviam sido designados às tribos de Zabulon, Neptali e Isachar. Os referidos escombros chamavam-se *Ruínas de Dobrath*, lembrando, assim, o nome da povoação.

Ficava esse vale a menos de uma hora, caminhando-se a pé do ponto onde estava o Santuário do Tabor.

Os bons Essênios, que não deixavam nada utilizável sem que o empregassem para o bem do próximo, tiveram a idéia de adaptar essas ruínas para refúgio de velhos desamparados e de enfermos que careciam de um teto acolhedor.

Bastou isso para que o pequeno vale se tornasse mal visto para a maioria das pessoas, a quem todo lugar habitado pela dor e pela enfermidade inspira pavor.

Afastada das estradas e dos caminhos freqüentados, só os Terapeutas visitavam aquela paragem. Foi esse o campo de ação em que Jhasua e Nebai, adolescentes, fizeram derramar de suas almas o amor e a ternura de que estavam repletos. Alianças sublimes que nascem nas almas elevadas em dados momentos e, às vezes, por motivos insignificantes e pueris, se assim se quiser dizer, mas que chegam a grandes realidades no futuro!

Ficou de tal forma impresso na alma de Nebai aquele eterno "Ama ao teu próximo como a ti mesmo", fundamento e coroação da doutrina do Cristo, que já não lhe foi possível apagar a intensa labareda que, no porvir, a impulsionaria a sublimes obras de amor fraternal.

A natureza havia esvaziado naquelas paragens todas as suas exuberantes belezas, e o amor do Cristo, adolescente primeiro, e homem depois, inundou-as desse aroma de terna piedade e mística adoração, com o qual ele saturava tudo quanto lhe era familiar.

Foi assim que ele consagrou e embelezou, mais tarde, a aprazível Bethânia, o Monte das Oliveiras, o Horto de Gethsêmani, a Fonte de Siloé, o Poço de Sichen, o Lago de Tiberíades; e até o pavoroso e árido Monte Gólgota adquiriu contornos maravilhosos que os séculos não puderam apagar.

Falam os Evangelhos, com moderada parcimônia, de um fato ocorrido no Monte Tabor: "*A Transfiguração de Jesus*", ou seja, a exteriorização radiante de seu puríssimo Espírito, que só foi presenciada por alguns de seus discípulos. Seria de perguntar: por que ocorreu tal fenômeno psíquico nesse lugar e não em outro? Tais exteriorizações radiantes ocorreram em quase todas as regiões e lugares, onde a alma do Cristo, dominando totalmente o plano físico, pôde inundar sua própria matéria com as luminosas vibrações que lhe chegavam de vez em quando do Céu dos Amadores, de onde ele havia descido.

Mas, sobretudo, o Tabor e seus arredores – formosa região da província da Galiléia – haviam bebido até a saciedade o amor da alma divina do Cristo durante grande parte de sua vida, desde a adolescência até a morte. Poder-se-ia dizer perfei-

tamente que cada arbusto, cada árvore, cada colina e até as florzinhas silvestres, junto aos caminhos daqueles lugares, eram misteriosos cofres que guardavam as íntimas vibrações daquele grande Ser, que, durante 33 anos, inundou a Terra com as sutis radiações de seu Amor Misericordioso.

Nebai, a veemente jovem que secundou as obras do amor de Jhasua adolescente, intensificou naquela hora sua preparação que, através de muitas etapas, foi subindo de tom até culminar, durante a Idade Média, na gloriosa epopéia da Donzela de Orleans, Joana D'Arc, sacrificada pela liberdade e pelos direitos do povo francês.

Quando Jhasua voltou ao Santuário, depois da excursão, haviam desaparecido todo o desalento, o pessimismo e a dúvida que o tinham atormentado dias atrás. Notava claramente que se ampliava o seu campo de ação e que, no mundo, existia muito mais dor e miséria do que vira até então.

Já não era somente Abigail, sua flor silvestre, pisoteada nos caminhos, e os meninos indigentes de Nazareth, os únicos que necessitavam dele. Florzinhas de Deus destroçadas pela inconsciência humana havia em todos os lugares para onde dirigisse o olhar. Olhos que choravam, sem mais ninguém do que o vento para secar-lhes o pranto; corações que soluçavam de angústia; mãos que tremiam de frio e de fome, vagando pelas ruas enlameadas ou ao longo dos caminhos, eram quadros como que pintados a fogo ante a alma do Cristo adolescente, que despertou numa explosão de energia, vitalidade e generoso entusiasmo.

– Quero aniquilar a dor neste Mundo! – exclamou, um dia, como possuído de um ardor sobre-humano. Quero tornar felizes a todos os que sofrem! ... dizei-me como hei de fazê-lo, vós que sabeis tudo! – Tais palavras foram dirigidas aos Anciãos do Tabor, dois dias depois da excursão à oculta casinha de pedra habitada por Harvoth e sua família.

– Pouco a pouco, Jhasua – mencionou o Servidor –, chegarás a tudo com o favor de Deus. – E começaram a desenvolver metodicamente as grandes faculdades e os poderes ocultos naquele Espírito soberano, capaz de convulsionar o Mundo.

– Disseste a grande frase, Jhasua: – observou um dia um de seus Mestres – "*Quero aniquilar a dor neste Mundo.*" Pois bem; mãos à obra!

"Concentra diariamente o pensamento nessas palavras que, pela força da tua vontade, poderão converter-se em poder irresistível.

Dez dias se passaram, durante os quais Jhasua esteve dizendo do fundo de sua alma, colocada em elevada tensão:

"– Quero aniquilar a dor neste Mundo, Deus-Amor! Quero o poder de tornar felizes a todos os que sofrem."

Passados esses dez dias de profunda concentração, seus mestres o convidaram a sair para a pradaria circundada de colinas e de frondosos arvoredos.

– Agora, Jhasua – disseram-lhe –, experimenta, no que julgares conveniente, o poder e a força que acumulaste durante a concentração mental, começando primeiro pelos seres dos reinos inferiores ao humano, ou seja, pelo vegetal e animal. São também criaturas de Deus, sujeitas à dor, à enfermidade e à morte.

À margem de um caminho, nas montanhas vizinhas ao horto, encontraram uma cerejeira raquítica, nascida na cavidade de uma rocha, onde a escassez de alimento a havia impedido de crescer. Ainda não podia abrir suas florzinhas cor do arrebol, quando suas similares já haviam perdido as flores, convertidas em frutos. Jhasua olhou para a pequena árvore enferma, acariciou-a com as mãos, que tremiam por força do abundante acúmulo de fluido magnético.

– Falta-te água, terra e Amor – disse com crescente energia. – O Amor eu te dou neste instante; a terra e a água dar-te-ei em seguida. – Olhando-a com imenso amor, como se fosse um ser com vida orgânica, voltou alguns passos para trás, entrou no horto ali perto, encheu um recipiente de água e um saco de terra adubada e, com extraordinária rapidez, voltou para a pequena cerejeira enferma.

Observou, com assombro, que os diminutos rebentos estavam inchados e grossos, como se houvessem recebido uma injeção de vitalidade e energia.

– O Amor te fez reviver – disse como se estivesse falando com a cerejeira enferma. – Esta terra será o teu alimento e esta água será o teu elixir.

Dizendo assim, esvaziou o saco de terra até encher a cavidade na qual a pequena árvore tinha nascido. Depois de ter mergulhado na água do recipiente suas mãos, que ardiam como cheias de fogo, derramou-a rapidamente pelo seu tronco.

– Não te deixarei até ver tuas flores abertas – disse, e esperou alguns momentos mais. As florzinhas começaram a abrir lentamente, obedientes à ordem mental do adolescente, que encerrava em si o Poder Criador da Divindade.

Assim começou Jhasua a exteriorização dos poderes ocultos, que, pelo seu alto grau de elevação espiritual, trazia latentes e como que adormecidos em sua personalidade humano-divina.

Apresentaram-se muitos casos como o da cerejeira enferma ante o Homem-Deus adolescente, até que o fenômeno da transfusão de vitalidade foi sendo tão facilmente realizado que os Mestres compreenderam que Jhasua já exercia completo domínio sobre o reino vegetal.

Com idênticos exercícios metódicos e controlados, ele passou a dominar também o reino animal, depois o reino humano e, finalmente, os elementos da Natureza.

O leitor verá que, em breves linhas, foi tudo dito apenas em síntese; no entanto, é justo que participemos minuciosamente dos grandes progressos e êxitos que o jovem Messias ia recolhendo durante sua frutuosa temporada no Monte Tabor.

Numa daquelas inúmeras picadas que se bifurcavam pelas colinas imediatas ao Santuário, levantava-se uma modesta cabana, onde vivia um casal idoso, cujos dois filhos haviam nascido com as extremidades inferiores inutilizadas pela paralisia.

Não contavam com outros recursos afora um rebanho de cabras e de ovelhas, três ou quatro enormes castanheiras, um exuberante parreiral, algumas figueiras de longos anos e uma oliveira centenária. O chefe da família, já septuagenário, levou ao Tabor a notícia de que suas cabras estavam doentes. Haviam sido atacadas de sarna, motivo por que estavam febris, e o leite havia diminuído em mais da metade.

Seus dois filhos estavam desesperados, pois as únicas coisas que podiam fazer sem a ajuda de seus velhos pais era ordenhá-las e fabricar queijo, sentados em seus banquinhos de rodas.

Os Essênios do Santuário levaram Jhasua à pobre cabana do velho Tobias, para que realizasse experiências com seu poder espiritual e força magnética sobre o rebanho enfermo.

Jhasua conheceu primeiramente os dois anciãos: se Tobias era a mansidão personificada, a anciã Beila era a doçura da madressilva, acariciando tudo quanto seus olhos viam e suas mãos tocavam. Ela estava fiando e chorando, e com as rocadas de branca lã enxugava o pranto silencioso. O ancião capinava as hortaliças, e os dois moços debulhavam legumes num recipiente.

O silêncio tenaz e doloroso tornava o ambiente pesado, asfixiando os sensitivos. Durante algum tempo, os Essênios e Jhasua observaram esse quadro através das espessas trepadeiras que cercavam o pátio.

Entrou Jhasua por primeiro, como se um impulso alheio à sua vontade o houvesse levado precipitadamente.

– Por que tendes tanta amargura dentro de vós? – perguntou espontaneamente, sem esperar que os Anciãos chegassem e o apresentassem. Todos o olharam ao mesmo tempo, pois aquela voz de delicioso timbre lhes atingia a alma como sinos em dia de festa.

– Oh, que visão de Deus! ... – exclamou a meiga anciã, largando o fuso e a roca, para ir até o jovem que surgia, efetivamente, como um pedaço de nácar sobre o verde-escuro da ramagem.

Chegaram os Anciãos Essênios e fizeram as apresentações oportunas:

– Este adolescente é aquele que foi anunciado pelos Profetas, como sabeis, e a quem Israel espera.

Ouviu-se uma exclamação conjunta, e suave devoção refletiu-se em todos os semblantes.

– Sabeis perfeitamente – acrescentou o Servidor – que ele desceu à Terra para aniquilar o Mal e trazer o Bem a todos os que nele crêem. A dor vos aflige neste momento. Pedi ao Senhor que vos mostre Seu poder por intermédio de Seu Eleito.

A anciã voltou a chorar silenciosamente, e os três homens disseram: "Que Jehová tenha misericórdia de nós!"

Jhasua parecia estar petrificado, devorando com o olhar fixo as lágrimas da anciã, até que também seus olhos se encheram de pranto. Então deu dois passos até Beila e, tomando-lhe as mãos enfraquecidas e rugosas, beijou-a no rosto enquanto dizia a todos:

– Não choreis mais, que o Pai Celestial é dono de todos os tesouros do mundo e, se fordes bons filhos Seus, Ele não se esquecerá nunca de Se mostrar melhor Pai do que todos os outros.

O pranto da anciã converteu-se num soluço que partia a alma, e sua cabecinha de cabelos brancos apoiou-se sobre um dos ombros de Jhasua, como encontrando o descanso há muito tempo procurado.

A mão direita do jovem acariciava, com suavidade de flor, a cabeça da velhinha.

Aquele quadro de extrema ternura comoveu a todos tão profundamente que os Essênios chegaram a compreender que uma poderosa corrente de amor envolvia Jhasua, tornando oportuna sua intervenção espiritual e magnética sobre os animais enfermos.

– Trazei o rebanho ao redil – disse o Servidor ao ouvido do Ancião Tobias.

– Já está lá – respondeu este.

– Vamos todos – disse então o Servidor a meia-voz. E aproximando-se de Jhasua, tomou-lhe a mão direita, dizendo: "Já é hora. Vamos, Beila, cumprir a Vontade do Senhor."

Cruzaram em silêncio o pátio e chegaram ao estábulo.

Uma corrente ao mesmo tempo poderosa e amena manteve todos semi-inconscientes. Os dois moços adormeceram em seus carrinhos de rodas, com o sono próprio do transe produzido por aquela mesma corrente.

Suavemente, dois Essênios os empurraram também para o estábulo.

Os Anciãos Essênios que haviam levado Jhasua formaram com ele uma cadeia magnética de tanta força que, em poucos instantes, seu rosto foi afogueando-se de um rosado tão vivo como se o sangue, em grandes ondas, quisesse brotar de sua testa, de suas faces e de suas mãos estendidas para diante.

Um quarto de hora durou essa intensa vibração espiritual e magnética. Os olhos de Jhasua cerraram-se como que fatigados e os braços caíram lânguidos ao longo do corpo, que, por sua vez, se deixou cair lentamente sobre um montão de palha seca.

O rebanho, quieto até então, começou a se mover em busca dos bebedouros e dos pesebres.

– A cura começou – disseram os Anciãos Essênios a Tobias e Beila, que ainda não tinham saído do seu assombro, pois jamais haviam presenciado algo semelhante.

Poucos momentos depois, despertaram os dois moços dizendo ao mesmo tempo que haviam tido um sonho muito formoso, que cada qual contava a seu modo, mas que, no fundo, era um só: algo assim como a aparição de um ser luminoso, que devia ser um Anjo, segundo eles, que Jehová deixara aproximar-se de sua pobre cabana para aniquilar o Mal e derramar sobre ela a paz e a abundância.

Transbordante alegria resplandecia em todos os rostos. Apenas Jhasua permanecia quieto e sério sobre o montão de palha onde se havia sentado. Parecia absorto em pensamentos mui distantes ao que ocorria ali.

Imediatamente, os Essênios compreenderam que as Inteligências-Guias o mantinham em concentração mental profunda, a fim de devolver-lhe toda a força vital que havia gasto em sua primeira experiência de domínio sobre o reino animal.

Quando o viram sair desse estado psíquico, fizeram-no beber uma grande taça de suco de uva com mel, e seu estado normal se restabeleceu prontamente.

Experiências como essa foram tornando-se cada vez mais freqüentes, até que, passadas dez luas e estando Jhasua na metade de seus 17 anos, essa grande parte da Natureza que chamamos Reino Animal já era submissa e obediente às suas ordens mentais, como também à poderosa corrente magnética que sua vontade punha em ação.

Com o fim de esclarecer e de evitar alguma interpretação equivocada em assunto tão delicado, devo alertar ao leitor para que não interprete, por isso, que a posse de poderes semelhantes esteja ao alcance de qualquer um.

Eles são inerentes, sim, à alma humana; contudo, o êxito completo dependerá, necessariamente e em todos os momentos, da elevação espiritual e moral do ser que quiser exercê-los.

Assim sendo, devemos saber e jamais olvidar que um ser inferior, que ainda não haja eliminado de si mesmo as paixões baixas e grosseiras, próprias de sua escassa evolução, não pode nem deve dar-se a experiências como essas, que lhe dariam, como fruto, ser transformado em instrumento por entidades e forças malignas, que o levariam forçosamente a um desastroso fim para si mesmo e para todos aqueles que caíssem sob a sua influência.

Este foi o significado oculto daquelas palavras do Cristo a seus discípulos: "Buscai primeiro o Reino de Deus e Sua Justiça; e tudo o mais vos será dado como acréscimo."

Um exame sereno e equânime de suas próprias capacidades e aptidões dará a conhecer, a cada um, se pode ou não fazer ensaios para adquirir esses poderes em grau máximo. Em havendo sinceridade na alma daquele que buscar poderes internos, facilmente conhecerá qual a finalidade que o leva a isso.

Busca ele o seu próprio engrandecimento, com o desejo de adquirir celebridade?

Sente ânsia de acumular tesouros e riquezas para satisfazer ambições ou desejos materiais?

Se vossa condição moral e espiritual estiver compreendida nessas perguntas, não será conveniente dar um único passo em busca de poderes supranormais, em virtude das razões ditas anteriormente.

Se, pelo contrário, puderdes dizer, com toda sinceridade, as palavras de Jhasua adolescente:

"Quero o poder de tornar felizes todos os que sofrem! Quero o poder de anular a dor nesta Terra!", então já é assunto diferente! Estais a caminho de começar o desenvolvimento dos poderes internos da alma humana. Vosso êxito será de acordo com o desinteresse e o altruísmo de que estejais animados.

Quando, em sua evolução, a alma chega a essas alturas, a Lei Eterna se torna ainda mais inexorável e o divino mandato: "Ama a teu próximo com a ti mesmo" sai ao seu encontro neste difícil caminho e parece perguntar-lhe:

– Impulsiona-te o amor ao próximo ou o amor a ti mesmo?

Se é o primeiro, podeis seguir! Esse é o caminho dos redentores!

Se é o segundo, volta atrás, porque é o caminho dos réprobos: daqueles que utilizam as coisas santas e divinas em proveito próprio; daqueles que tiram vantagem do engano, da mentira, e arrastam as multidões para a ignorância e o embrutecimento – e espantosa ladeira, em que mui poucos se detêm, indo a maioria parar nos terríveis mundos de expiação. Destes teve pleno conhecimento o grande filósofo atlante Antúlio, consoante demos a conhecer em ligeiro esboço referindo minuciosamente as explorações espirituais profundas a que ele se dedicou, naquela distante etapa messiânica, com o fim de iluminar a Humanidade de então, que estava em condições de compreender as verdades eternas tais como são.

Em todas as suas jornadas messiânicas, o Cristo e seus fiéis seguidores iluminaram a Humanidade com a Eterna Verdade, mas a maldade e o refinado egoísmo daqueles que comerciam com as coisas divinas arrojaram montanhas de cinza e de areia sobre a Verdade até obscurecer ou desfigurar suas claridades, para que a extrema ignorância das massas lhes permitisse exercer sobre elas o mais completo domínio.

Infelizmente, tal tem sido o processo seguido desde os tempos mais remotos.

As idades e os séculos levantam-se do pó revolvido novamente, nesta hora solene da eterna peregrinação humana, para dizer às gerações que chegam:

"O chamado *Juízo Final* está à vista! Chegou a hora da Justiça e da Verdade! Nenhum erro será tolerado. Nenhum engano ficará oculto!

"Mercadores das coisas divinas! Em nenhum mundo com vida encontrareis lugar para ficar! Vampiros de sangue humano, verdugos de consciências, assassinos dos direitos do homem e das liberdades da alma humana! ... a Vida vos nega suas belezas e bondades! Para vós é que foi escrita a frase lapidar e formidável dos videntes e dos inspirados da Verdade Divina: 'Pó, eras tu, e em pó te converterás.'

"Mundos em decrepitude, a formarem nos espaços siderais imensos cemitérios de globos mortos, serão os únicos que vos receberão, até que, de partículas de pó ou de minúsculos grãos de geladas cinzas, comeceis novamente a longa série de vidas embrionárias e inconscientes!"

Essa dolorosa meditação de um momento passou, sem dúvida, pela tua mente, leitor amigo, talvez como a luz de relâmpago, contudo bastante clara para compreenderes a tremenda responsabilidade do Espírito que faz comércio com as faculdades e poderes internos, inerentes à alma humana, bem como a responsabilidade daqueles que exploram as coisas divinas em proveito de suas ambições pessoais e de seus mesquinhos egoísmos.

Continuemos, pois, a nossa narração.

Desde o primeiro momento em que conheceu a humilde família de Tobias, Jhasua se interessara pelos seus dois filhos: Aarão e Seth, gêmeos, que nasceram com as extremidades inferiores inertes em razão da extrema debilidade dos ossos.

Seu pai Tobias era irmão daquele Ancião Simão, porteiro do Santuário do Tabor e pai daquele que veio a ser, mais tarde, o apóstolo Pedro. O leitor já fez amizade com essa família, há tempos; por esse motivo, não faremos dela nenhuma outra menção nesta segunda estada de Jhasua no Tabor.

Foi através de Simão que Tobias se aproximou dos Essênios do Santuário, e, dessarte, silenciosamente e sem violência alguma, ia estendendo-se a esfera de ação dos Anciãos, preparando os caminhos para quando o Verbo de Deus pudesse sair para a vida pública.

A Luz Eterna, essa divina maga dos Céus Infinitos, que vê e sabe todas as coisas, ainda as mais secretas e ocultas, nos contará, com Sua fidelidade costumeira, o que Jhasua, de 17 anos, realizou com Aarão e Seth, ambos com 19 anos completos.

O Grande e esclarecido Espírito de Luz, que tinha sobre si o peso enorme da Humanidade, passava algumas tardes, ao pôr-do-sol, sentado numa pequena poltrona de plátano e junco, diante dos carrinhos rodantes dos dois moços aleijados.

Que comparação poderia ser feita entre esta amizade e a de Nebai, a esplêndida flor de ouro por ele encontrada presa nos platanais que rodeavam a casinha de pedra de Harvoth, o escultor?

Jhasua, psicólogo profundo, que começava a ler nas almas como nos papiros amarelentos, encontrou a mais terna e emotiva comparação:

– Nebai – disse ele – é a flor da felicidade e do amor; e não se pode estar perto dela sem perceber, de forma poderosa e forte, estas duas vibrações, reflexos puros da Suprema Beleza: a Felicidade e o Amor. Ela surgiu para a vida física do amor e da felicidade de seus pais, que se reuniram novamente depois de sua dolorosa e cruel separação. Cada qual julgava mortos os demais, e o desespero mais espantoso se apoderou deles. De súbito, abrem-se as nuvens, os céus clareiam, e a tormenta é arrastada para longe pelo fresco vento de um novo amanhecer.

"Como Nebai não haveria de ser o que era: flor da felicidade e do amor, feita como de propósito para servir de agente do amor redentor e benéfico, do qual me sinto inundado e transbordante?

Assim pensava Jhasua, uma tarde, sentado diante dos carrinhos de rodas de seus dois silenciosos amigos Seth e Aarão, que teciam, com admirável ligeireza, cestas de bambu e de junco, vendidas em seguida por seu pai, aos lavradores de Naim, de Caná e de Mágdalo, quando se aproximava a colheita das frutas e dos legumes.

E seu pensamento continuava como que tecendo uma divina rede de ouro e de seda, na qual iam ficando presas multidões de almas, que a Eterna Lei punha em seu caminho de Missionário.

– Nebai, Nebai! Fresco favo de mel que o Pai pôs em meu caminho para que eu suavize as águas salobras que a Humanidade vive a beber, tens que vir aqui, onde a tristeza fixou raízes com a cizânia que asfixia as sementes do lavrador.

"Nas Ruínas de Dobrath fizemos amanhecer um novo dia. A alegria e o amor com que inundamos aquele vale sombrio predispõe os corpos e as almas para a saúde e a paz. Nebai! ... tens que vir aqui, e estes dois seres começarão a correr pelos campos semeados como pequenos cervos em busca da mãe que os chama com seus úberes transbordantes do elixir da vida!"

A concentração de Jhasua sobre este pensamento foi se tornando cada vez mais profunda. Sua alma sentia-se compelida a dissipar a tristeza daqueles dois jovens que moviam agilmente as mãos tecendo o junco, enquanto as pernas permaneciam quietas, imobilizadas por um mal que viera com o nascimento.

Os últimos resplendores do sol poente envolviam, em tênues véus de ametista e opala, a paisagem das colinas verdejantes e floridas.

De repente, abriram-se as trepadeiras que cercavam o pátio da cabana, e apareceu, ligeira e graciosa, assustada e nervosa, uma linda gazela, em cujo pescoço luzia um laço vermelho.

Jhasua achava-se de costas para aquele lado; contudo, foi vista pelos dois irmãos que gritaram ao mesmo tempo:

– Já estás aqui, ladra de castanhas!

Jhasua voltou-se e viu a gazela, que reconheceu imediatamente. Era a gazela de Nebai.

– Silêncio – disse –, não a espanteis. Sua dona não deve estar longe, porque eu a chamei.

Os dois moços olharam-se mutuamente sem entender uma palavra sequer.

Jhasua exerceu pressão com o pensamento sobre o formoso animalzinho, que não fugiu quando ele se aproximou com suavidade, dizendo:

– Escapaste da tutela de tua guardiã e vens para cá? Aqui te chamam ladra de castanhas; no entanto, aprenderás também a não furtar, conforme manda a Lei. – E Jhasua aproximou-se tanto que pôde rodear-lhe o pescoço com os braços.

– Onde está Nebai? Sabes?

– Estou aqui – disse a formosa adolescente, abrindo as trepadeiras florescidas com campânulas azuis que formavam uma linda moldura em torno daquela cabecinha de ouro, a sorrir como sempre.

– Minha "Chispa" fez-me correr tanto que, para alcancá-la, fiquei toda fatigada – disse Nebai, deixando-se cair sobre a relva.

– Esta é a filha de Harvoth, o escultor – disse Jhasua aos moços.

– Sim, nós já a conhecemos. Algumas vezes ela vem buscar queijo e leite – respondeu um deles.

– Há alguns instantes, chamei-te com meus pensamentos, Nebai.

– E eu, de minha parte – disse a mocinha –, sem saber por quê, pensava em ti; mas não imaginava que estivesses aqui. Julgava-te no Santuário, entregue aos teus grandes estudos.

– Estás vendo, Nebai, como nossos pensamentos formaram uma corrente, que podemos tornar cada vez mais forte, para usá-la em benefício dos que padecem?

– Sempre a pensar naqueles que padecem! – exclamou a formosa jovem, olhando para Jhasua como se olha para a estrela vespertina, que costuma anunciar-nos a imediata chegada da noite. – Poderemos saber quando será a hora em que pensarás em ti mesmo e te sentirás feliz e alegre como eu?

– Essa hora não soará jamais para mim aqui na Terra, Nebai! Nunca! Ouviste?

Ao falar assim, os formosos olhos de Jhasua semicerraram-se, como para evitar que sua interlocutora conseguisse ler o que se passava no fundo do seu pensamento.

A formosa gazela havia-se deitado também sobre a relva, junto de sua dona, e Jhasua, apoiado ao tronco de uma árvore, parecia ir mergulhando em suavíssimo sono que o afastava do mundo exterior.

– Jhasua! – disse Nebai. – Compreendo que és totalmente diferente das demais pessoas que vivem na Terra. E, mais de uma vez, perguntei a mim mesma, por que olhas para todas as coisas como se já fosses homem maduro, carregado de experiência e reflexão. Não sei atinar com a resposta. Poderás prestar-me este esclarecimento?

– Nebai! Estudas a Lei de Moisés e os livros dos Profetas, não é verdade?

– Oh, sim! Já de pequenina, minha mãe nos ensinava e explicava, porque ela esteve três anos com as viúvas do Templo antes de se casar com meu pai. Por que me perguntas isso?

– Somente porque, se estudaste a Lei e os Profetas, deves saber o que constitui o alicerce e a cúpula desse Templo da Sabedoria Divina que ajuda os homens a andar na vida pelos caminhos de Deus!

– Está parecendo a ti que eu não ando pelos caminhos de Deus?

– Não estou dizendo isso, Nebai. Queria apenas dar uma resposta à tua pergunta. A Lei diz: "Amarás ao Senhor, teu Deus, com toda tua alma e com todas tuas forças, e ao próximo como a ti mesmo." Se eu quero ser fiel cumpridor da Lei, Nebai, não posso ser indiferente para com a dor do próximo. Sua dor deve ser a minha. Seu pranto deve queimar minhas entranhas. Suas angústias e seus desesperos devem tocar o meu coração de tal modo que não encontre um momento de repouso até que veja aliviadas todas essas dores.

"Olhe, Nebai, esse quadro a poucos passos de nós."

E Jhasua transferiu o olhar para os dois irmãos que continuavam tecendo o junco, sempre imóveis em seus carrinhos de rodas e com os rostos pálidos e tristes de enfermos incuráveis.

– Sim, é verdade! – disse a jovem. – Deve ser terrível estar alguém assim paralisado sem poder valer-se dos pés para nada.

– Pois bem, Nebai! Como posso ser feliz e alegre, enquanto eles bebem o cálice amargo de sua impossibilidade? Estarei amando o meu próximo como a mim mesmo, deixando-os entregues à sua dor, enquanto eu ficar gozando de todos os bens e alegrias da vida?

"Tens aí a resposta para a tua pergunta, Nebai!

"Já sabes agora por que a hora da felicidade e da alegria não soará jamais para mim nesta Terra?!

"Não posso rir e alegrar-me quando outros choram e sofrem. Compreendes, Nebai? Não posso!"

Jhasua levantou o olhar para a imensidão azul, como se perguntasse ao Infinito, por que somente ele sentia tão profundamente a quase infinita tristeza pela dor de seus semelhantes.

Uma corrente de profunda emoção passou nesse instante da alma de Jhasua para a de Nebai, que, entristecida, quiçá pela primeira vez em sua vida, inclinou a cabecinha ruiva e deixou correr lágrimas silenciosas a caírem sobre o pescoço da gazela "Chispa", cuja cabeça se achava recostada sobre os joelhos de sua dona.

Subitamente olhou para Jhasua, sempre apoiado sobre o tronco da árvore, e viu-o como envolto em suave claridade, não podendo definir se esta era da luz do sol, que se punha. Viu seus olhos cheios de pranto, que não corria, porque estavam fixos num ponto das nuvens purpurinas e douradas do entardecer.

– Agora te compreendo, Jhasua – disse Nebai a meia-voz, já de pé e aproximando-se dele. – Agora sofro contigo pelos que sofrem e choro também pelos que choram! És um Anjo de Jehová, vindo à Terra para aliviar as dores humanas! ... agora compreendo que não és um homem como os demais! ... não sei o que és, Jhasua! Talvez o mistério de Jehová cobrindo a Terra! O Amor de Deus embelezando a vida! ...

Jhasua tomou a mão direita de Nebai e levou-a até onde estavam os dois jovens paralíticos.

Um silêncio solene e grave espargia-se no ambiente saturando-o todo de recolhimento e quase de pavor.

Parecia que um formidável sopro de mistério, de divindade, de majestade suprema, se derramara sobre todos os seres e coisas.

– Para onde me levas? – perguntou a adolescente em voz baixa, deixando-se conduzir.

– Ao Altar de Deus, Nebai ... minha irmã, onde tu e eu seremos os sacerdotes do Senhor, usando de Seu poder e de Sua bondade para aliviar a dor dos que sofrem!

Os dois jovens Aarão e Seth observavam sua lenta aproximação, enquanto se mantinham como que absortos em pensamentos que não chegavam a compreender.

– Nebai! ... sejamos capazes de amá-los como a nós mesmos, e eles serão felizes – disse Jhasua, colocando as mãos sobre as cabeças dos dois enfermos.

Os olhos de Nebai fecharam-se como ao impulso de um suave torpor e colocou suas mãos sobre as de Jhasua.

– Aarão e Seth! – disse Jhasua em voz alta e com tal emoção que a tornava trêmula. – Sede felizes, com saúde e energia, com vitalidade e força, porque vos amamos como a nós mesmos e porque Deus nos ama a todos como a Si Mesmo!

A voz de Nebai, suave como o arpejo de uma lira, foi repetindo as palavras de Jhasua, como se fossem o eco delas mesmas que voltasse a ressoar de maneira mais doce, mais íntima, mais sugestiva.

Algo assim como uma sacudidela elétrica estremeceu os dois inválidos, que, possuídos de profunda emoção, se lançaram nos braços um do outro, como se somente então tivessem compreendido a desgraça que os conservava amarrados a seus carrinhos de rodas.

Não podemos precisar o tempo que esse intenso estado durou nos diversos seres que nele atuaram; todavia, quando tudo voltou ao estado normal, Aarão e Seth, segurados pelas mãos de Jhasua, levantaram-se lentamente e se puseram de pé, ante os olhos atônitos de Nebai que não podia acreditar no que via.

Jhasua deixou-os alguns momentos sem segurá-los. Como eletrizados, ambos se olhavam sem pestanejar.

– Agora quero que andeis até mim – disse, recuando três passos.

Tomando-se pelas mãos, os dois se apoiaram um no outro e, ainda um tanto vacilantes, obedeceram à ordem de Jhasua, que foi afastando-se lentamente, obrigando-os a continuar caminhando até ele.

Quando chegaram, colocou-se entre eles, dizendo:

– Apoiai-vos sobre meus braços, e vamos juntos ao lar, onde vossa mãe nos dará a ceia.

Continuaram todos andando, muito embora ainda sumidos nesse pavoroso recolhimento, mudo e silencioso, dos grandes acontecimentos inesperados e inexplicáveis para aqueles que desconhecem a força ultrapoderosa de uma Vontade posta em sintonia com o mais intenso e desinteressado Amor.

Nebai reagiu primeiro e correu para a cozinha gritando com todas as suas forças:

– Mãe Beila! ... vossos filhos deixaram os carrinhos e caminham sozinhos! Vinde vê-los!

A anciã saiu sem entender os gritos da mocinha.

Ao ver o quadro inesperado de seus dois pobres filhos, débeis e pálidos, andando apoiados nos braços de Jhasua, esbelto e aprumado como um jovem carvalho de firme tronco, a boa mulher começou a chorar e a rir como sob a ação de uma crise histérica.

– Milagre de Jehová! ... Deus desceu até a nossa cabana! ... não posso crer no que vejo! ... Tobias! ... Tobias! ... Tobias! ...

E a pobre mulher caiu sem sentidos sobre os montões de lã que ela mesma pusera a secar naquela manhã.

Tobias, que èstava a capinar as hortaliças, regando e transplantando mudas, ao ouvir os gritos da mulher chamando-o, correu para ver que nova desgraça teria caído sobre o seu lar.

Nesse instante, Nebai estava socorrendo a pobre mulher, que não havia resistido com serenidade ao estupendo espetáculo de ver seus filhos andando, paralíticos que eram desde o nascimento.

Ao chegar, Tobias olhou por sua vez para os filhos e para a mulher, sustentada por Nebai. Compreendeu tudo e, caindo de joelhos no meio do pátio, cobriu o rosto com ambas as mãos e começou a chorar em grandes soluços.

Imutável, sereno e impávido, como se nada visse de tudo quanto se passava, Jhasua continuou caminhando com os enfermos até chegar com eles onde Beila havia caído.

– Mãe, mãe! – exclamaram os moços inclinando-se para ela. – Olhai, que em verdade estamos curados!

– Não pode ser! ... Não pode ser! ... – dizia a mãe entre soluços.

– Sim, é verdade, Beila! ... Porventura, Deus perdeu o poder de fazer seus filhos felizes? – perguntou Jhasua, tomando-a por uma das mãos. – Levanta-te e põe a toalha branca na mesa, porque somos trabalhadores do Pai Celestial e já ganhamos o dia.

Jhasua, de pé junto a Nebai, assistiu comovido ao íntimo abraço daqueles pais, felizes como os dois filhos, já curados de seu mal.

– Meu amor e o teu, Nebai – disse Jhasua a meia-voz –, foi o poderoso ímã que trouxe sobre esta boa família todo o Bem que emana de Deus. Agora fomos capazes de amá-los como a nós mesmos, e o Senhor compensou nossa fidelidade à Sua Lei.

Aarão e Seth foram os primeiros seres da espécie humana que o Verbo Encarnado curou na última etapa do seu messianismo na Terra.

Passaram-se duas luas, durante as quais Jhasua continuou realizando os mesmos exercícios espirituais e suas obras de amor em prol de seus semelhantes.

Não houve mais nenhum incidente, senão a chegada de sua mãe, que veio visitá-lo, acompanhada de Jhosuelin e Abigail. Esta já era uma linda mulherzinha de 14 anos.

Myriam explicou que a avó Ruth havia morrido quase repentinamente e que, com isso, a jovem perdera sua ama e mãe, e que, portanto, não podia permanecer mais ali, tendo já o Hazzan tomado um criado para seu serviço.

A alegria da jovem, ao ver novamente a Jhasua, foi uma verdadeira explosão de júbilo que, por suas espontâneas manifestações, fazia rir os Anciãos.

Era interminável nas notícias que dava de todos os seus pequenos protegidos, cuja excessiva glutonaria, segundo ela, mantinha fatigada a avó Ruth, a mãe Myriam, que as ajudava, e a ela mesma, pois, "até altas horas da noite, se ocupava das exigências de todos aqueles pequenos glutõezinhos que, por pouco, não a comiam da cabeça até os pés". Jhasua ria bastante satisfeito ouvindo-a em suas ardorosas expressões de protesto.

– Significa tudo isso, Abi, que já estás cansada de ser a alegria e a esperança dos desamparados? – perguntou Jhasua, sondando até onde chegava o amor fraterno da adolescente.

– Não, não, isto não! Não é verdade, mãe Myriam, que sempre cumpri com o meu dever?

E Myriam – a incomparável Myriam, alma de pomba, incapaz de derramar uma gota de fel em outra alma – disse ao filho, olhando-o com ternissima devoção:

– Se encontrasses tantos colaboradores como Abi para realizar teus sonhos de felicidade humana, poderias estar muito contente, meu filho.

Depois de conversar longamente com Jhasua sobre todas as coisas relativas à família e aos amigos de Nazareth, deliberaram ambos sobre o que fariam com a órfã Abigail, que preferia aceitar qualquer situação a voltar para a áspera e rabugenta tia Michal de seus primeiros anos.

O Monte Tabor distava de Nazareth apenas meio dia de viagem a pé. No entanto, o caminho tornava-se um tanto dificultoso em face das alterações do terreno completamente montanhoso e, em parte, coberto de bosques quase impenetráveis. O Santuário achava-se precisamente no ponto que ficava mais escondido daqueles que deviam ignorá-lo.

A pobre cabana de Simão, o porteiro, estava no fim do último pequeno vale, aonde se podia chegar com relativa facilidade.

Ali começava o emaranhado impenetrável de selva e rochas, que num espaço de duas léguas ao redor pareciam ter-se unido num abraço de ferro para defender a vida dos solitários. Logo a seguir, continuava a paisagem dos vales interpostos com as verdes colinas frondosas e os arroios de incomparável frescura.

Myriam permaneceu um terço de lua ao lado de seu filho, hospedada na casa de Simão, o porteiro, até onde Jhasua descia diariamente por um secreto caminho nas rochas.

A irmã de Pedro, Noemi, que o leitor já conhece, estava casada e vivia em Séphoris.

Abigail podia muito bem ocupar seu lugar ao lado de Juana, esposa de Simão, já de idade avançada. Mas quem substituiria a Abi junto aos desamparados de Nazareth?

Eis aqui os problemas do Homem-Luz, com apenas 17 anos e com a clara consciência de seu dever para com aquela aflita porção da Humanidade.

Sua mãe veio tirá-lo dessa dolorosa preocupação.

– Não julgues, meu filho – disse –, que a avó Ruth e eu nos descuidamos de teus protegidos. Além disto, os Terapeutas colocaram vários deles em lugares onde ganham honradamente seu próprio pão.

"Na oficina de teu pai, Jhosuelin tem como aprendizes quatro daqueles meninos, que já ajudam com seu pequeno ordenado às necessidades de suas famílias. Lembras-te do Santiaguinho, que saía para esperar-nos no caminho? ..."

– Oh, sim! Como poderia esquecê-lo em apenas um ano e meio que estou aqui?

– Pois, juntamente com seu pai – aquele que fora despedido do moinho, como provavelmente te lembrarás – entrou para o serviço do Hazzan, com o que sua família não mais padece necessidade. Os Terapeutas trataram da mãe dele, a qual, depois de uma longa convalescença, se encontra agora bem de saúde.

Assim foram seguindo as boas notícias desta índole naquelas ternas confidências de mãe e filho. Numa explosão de agradecimento, Jhasua abraçou tão efusivamente sua mãe que esta disse:

– Já vejo quanto amas os deserdados da vida só pelo fato de o serem. Quando amarás também assim aos teus que necessitam, por sua vez, de amor e de solicitude?

E Myriam ficou olhando para o mais profundo dos olhos de seu filho.

Ele sentiu a suave reprovação e, apertando contra os lábios uma das mãos da mãe, respondeu-lhe:

– Vós não necessitais tanto de mim como todos esses desamparados, que surgem de todas as partes ... Não só tendes a vossa vida assegurada, como também gozais de uma posição que vos deixa garantidos contra todas as contingências e alternativas da existência.

– Sim, é verdade o que dizes, mas teu pai e eu não conseguimos encher com nada o vazio deixado por ti em nossa casa. Quando regressarás, meu filho?

– Quando quiserdes – respondeu Jhasua. – Por que meu pai não veio contigo, como prometeu através dos últimos Terapeutas que chegaram de lá?

– Teu pai, Jhasua, começa a sentir um mal no coração que nos tem deixado todos penalizados. Ele não quis que o soubesses antes, a fim de que permanecesses aqui tranqüilamente ... eis a razão por que eu te disse que também nós necessitamos de teus cuidados e do teu carinho.

– Decerto, a viagem por estas montanhas produziria nele grande agitação, não é verdade? – perguntou Jhasua bastante alarmado com a notícia.

"Sendo assim, quando regressares, eu irei ter com ele. Viajaremos juntos, mãe, e eu não voltarei ao Santuário até que ele esteja completamente curado.

"Abigail – disse ele à menina que se aproximava naquele instante –, vem com minha mãe; vamos ao Santuário para resolver com os Anciãos se devo voltar convosco para Nazareth."

– Oh, Jhasua! Nazareth está tão entristecida sem ti e sem a avó Ruth que não tenho nenhum desejo de voltar para lá ...

– Deixemos que Deus nos revele a Sua Vontade, pois a nossa paz e felicidade estão em cumpri-la.

Guiados pelo Ancião Simão, pai de Pedro e de Andrés, futuros apóstolos do Cristo, enveredaram pelo caminho secreto das rochas que tinha saída apenas numa das grutas do Santuário.

Para Abi, aquilo era um verdadeiro assombro, pelo que disse assustada:

– Viver assim entre as rochas como as raposas e os lagartos! ...

– Abi – disse Jhasua seriamente –, já és uma mulherzinha, e deves aprender a ver, ouvir e calar.

"Quando voltares a Nazareth, não deves mencionar absolutamente nada acerca dos solitários que vivem aqui, porque seria um atentado à sua tranqüilidade e às suas vidas. Foi por acreditar que posso confiar em ti que eu te trouxe. Entendeste?"

– Serei discreta, Jhasua; nada temas de mim. Não recebi de ti outra coisa que o bem, como também dos Terapeutas. Como poderia ser capaz de atraiçoar a todos? Não, não ... Antes deixaria que me cortassem a língua.

Enquanto Jhasua ria, de vez em quando, das preocupações e dos sustos de Abigail, chegaram todos por fim à gruta onde o caminho tinha saída, a qual era algo assim como uma sala de espera, que não tinha nenhum aspecto de comunicação, pois se apresentava como isolada, servindo para descanso dos viajantes, como faziam supor alguns bancos rústicos, um cântaro com água e um saco de figos secos.

– Sentai-vos aqui – disse Simão, o Guia –, que eu farei a chamada.

O bom velho afundou o braço num buraco da gruta cheio de musgo, e ouviu-se o som distante de um sino.

Poucos instantes depois, foi destapada uma abertura num dos lados do teto, onde a gruta era mais baixa que a altura de um homem, e o rosto do Essênio cozinheiro, que tão zelosamente cuidava de Jhasua, assomou plácido e sereno.

– És tu, filhinho? ...

– Sim, sou eu; contudo, não venho só, e, sim, com minha mãe e uma irmãzinha menor do que eu.

"Desejamos conversar com os Anciãos porque existem novidades em minha família de Nazareth. Perguntai se eles virão aqui ou se podemos passar."

– Voltarei em seguida – respondeu o Essênio, fechando novamente a passagem que abrira ao chegar.

– Oh, que pena! ... – exclamou Abigail. – Por que devem eles esconder-se tanto, se são bons como tu?

– Reflete que, sem seres má, foste obrigada a fugir de tua tia Michal – respondeu Jhasua. – Abi, grande parte da Humanidade é assim como essa tua tia, e ainda muito pior do que ela. Os justos não estão defendidos pelas leis arbitrárias deste país; por isso, poderão ver-se perseguidos e até levados à tortura e à morte.

– Recordas – disse Myriam a Abi – a história que te contei algumas vezes da perseguição aos meninos menores de dois anos, nascidos em Bethlehem, quando também nasceu Jhasua?

– Oh, sim! ... Lembro-me bem.

"Que mal poderiam ter feito meninos menores de dois anos?"

– A maldade dos homens, Abi, pode chegar até a ferocidade, quando são dominados pelas mais baixas paixões. Isso é tudo.

Simão, o porteiro, havia voltado quando os visitantes foram atendidos.

Poucos instantes depois, desceram pela abertura do teto o Servidor e mais dois Essênios: Tholemi e Melkisedec – os três Mestres de Jhasua que o leitor já conhece. Eram três seres da Aliança do Cristo desde épocas distantes, que, pela Lei Divina, se encontravam novamente ao seu lado para colaborar com o Redentor em sua última jornada messiânica.

Só o Servidor conhecia Myriam pessoalmente, pois ele estava no Santuário desde a infância de Jhasua. Os outros dois haviam chegado fazia pouco tempo, ou seja, quando aí se formou o Liceu de Instrutores, escolhidos para colaborar nos desenvolvimentos mentais e espirituais do Cristo adolescente.

– Nem sequer precisas apresentar-nos à tua mãe, Jhasua, porque a semelhança de um e outro é tão marcante que, à simples vista, já está tudo evidenciado – mencionou o suave e delicado Melkisedec, saudando Myriam, que permanecia silenciosa e retraída.

– Em compensação, a irmãzinha não lhes tem nenhuma semelhança física – acrescentou Tholemi.

– É irmã apenas por afinidade – respondeu o adolescente.

– Para meu filho, são irmãos todos os desamparados e órfãos, e esta mocinha faz parte desse grupo – explicou Myriam a seus interlocutores.

– Chama-se Abigail – disse Jhasua – e desde que eu vim para o Tabor, ela está cumprindo a tarefa que deixei começada, ou seja, cuidar das pobres crianças sem pão e sem teto, que andam como cãezinhos sem dono pelas praças e ruas.

– Oh! ... É uma grande mulher! ... – disse o Servidor. – Ou uma pequena mãe que cuida dos outros, menores do que ela.

– Ah, Jhasua – disse, de súbito, a jovem. – Havia me esquecido de dizer-te que o tio Jacobo não poderá daqui por diante deixar que nossos amiguinhos sem casa durmam na cavalariça. – E seus olhinhos desolados olhavam tristemente para o adolescente, como a perguntar-lhe: "Que faremos agora?"

Diante de uma situação tão desastrosa, Jhasua perdeu o aprumo e a serenidade.

– Como?! ... É assim que o tio Jacobo falta ao prometido? Tenho que ir imediatamente – determinou ele com penosa intranqüilidade.

– Acalma-te, filho – disse sua mãe –, que isto não acontecerá até a próxima lua. Esta ocorrência deve-se ao fato de haver o bom Jacobo sido obrigado a entregar,

em pagamento de dívidas, metade de seu horto, onde está exatamente a cavalariça vazia que ele emprestava às crianças. Não te zangues, pois, com ele, que já tem tão grande pesar em ter que desprender-se da metade de suas posses.

– E Thadeu, seu filho maior, que é que faz? – perguntou Jhasua, nervoso.

– Está desesperado, pois foi ele que caiu na armadilha de um falso mercador de lã que passou por Nazareth arruinando as pessoas de boa fé – respondeu a mãe.

Enquanto se desenrolava esta conversação, os Essênios ouviam em silêncio e amarravam fios nessa simples rede, tecida com as dificuldades e angústias de seus semelhantes, cujas vibrações dolorosas afetavam de perto e com bastante intensidade a Jhasua, que convivia com a dor do seu próximo.

O *Bom Jacobo* mencionado era Essênio do terceiro grau, homem justo, a quem o Servidor já conhecia há bastante tempo. Seu filho Thadeu foi, anos depois, um dos doze apóstolos do Cristo.

– Ouve-me, Jhasua – interveio o Servidor. – Pela conversação que acabas de ter com tua mãe, vejo que tu e nós não podemos permanecer em nosso tranqüilo paraíso enquanto nossos irmãos se debatem mar adentro, numa luta desesperada. Vamos, pois, até eles e remediemos seus sofrimentos com o favor de Deus.

"Começando por teu pai enfermo, trataremos de aliviá-lo de todas as suas pesadas cargas. Que vos parece isto?," perguntou a seus dois companheiros, que permaneciam em silêncio.

– Quereis que acompanhemos a nosso Jhasua? – perguntou Tholemi, o mais idoso dos três.

– Sim, vós dois e mais eu – disse o Servidor. – Como conheço palmo a palmo o país, pois fui Terapeuta mais da metade de minha vida, creio que o Senhor me permitirá usar de minha influência pessoal junto a alguns que possam remediar tantos males.

– E que faremos com Abi? – perguntou Jhasua. – Sua ama, que era a esposa do Hazzan, morreu. Poderíamos, talvez, deixá-la aqui com a esposa de Simão.

– Pobrezinha! – disse o Servidor. – Que outra coisa quereis que ela faça do que enfraquecer de aborrecimento nesta solidão e entre dois anciãos que vegetam em sua tranqüila quietude? Dois anos mais, e esta jovem poderá contrair matrimônio e formar um novo lar. Dando-lhe somente pão e teto, não ajustaremos a sua existência.

– Isto é verdade – disse Myriam – e creio mesmo que um jovem honesto e trabalhador já vem pensando nela.

Jhasua olhou apreensivo para Abigail, que ficou vermelha como cereja.

– Então era assim que cuidavas do meu rebanho de cordeirinhos abandonados? – disse ele entre severo e burlesco.

– Eu não sei nada, Jhasua! Não sei nada! – disse aflita a adolescente; e, abraçando-se a Myriam, começou a chorar.

– Não sejas tola, filhinha – disse Myriam –, que Jhasua graceja contigo.

"É verdade o que ela disse, Jhasua, pois Abi sabe apenas que Benjamin, o filho mais velho de teu irmão Matias, a ajuda a repartir as roupas e os doces a teus protegidos e contribui quanto pode para essa obra.

"Fui eu quem ouviu a confidência do moço, que teve a franqueza de contar-me o que pensa."

– Ver florescer o amor na juventude é formoso, minha filha – disse o Servidor –; e não tens que envergonhar-te disto. Estou vendo que existem muitos fios para serem atados por lá, onde a gente boa luta por este rude viver.

"Ajudar a tudo o que é bom, belo e grande, evitando todo mal possível, é o compêndio sublime da Lei do Amor Fraterno.

"Que achais da idéia de prepararmos a viagem para dentro de dez dias?"

– Como julgardes melhor, Servidor – disseram várias vozes ao mesmo tempo.

Ia o campo de ação do Homem-Luz ampliando-se mais e mais, a cada dia.

Assim, dois dias depois da cena que acabamos de narrar, encontramo-lo com sua mãe na casinha de pedra de Harvoth, o escultor.

Myriam e Sabad haviam-se reconhecido como parentas próximas, pois esta última era filha de uma irmã de Ana, mãe de Myriam, e de Simão Ed-Rogel, administrador do príncipe Ithamar de Jerusalém.

Desde a desgraça que atingira a família de Harvoth, e que repercutiu fortemente entre as famílias poderosas de Jericó, nada mais tornara a saber de sua infeliz prima. Sua prisão na Fortaleza de Massada foi mantida em segredo impenetrável, da mesma sorte como sua libertação e refúgio nas montanhas do Tabor.

Sabad era dez anos mais idosa do que Myriam, e não se viam desde a meninice, em virtude de Myriam ter estado internada, durante vários anos, entre as virgens do Templo de Jerusalém.

Bem pode, pois, o leitor imaginar as intermináveis confidências que ambas trocaram nos dias em que Myriam passou na casinha de pedra.

Tanto uma como outra perceberam a afinidade que havia sido despertada entre Jhasua e Nebai, muito embora não conseguissem defini-la sob o seu verdadeiro aspecto. Seria amizade? Seria amor ou simples companheirismo pelo ideal piedoso e terno que florescia em ambos como um resplendor do Amor Divino sobre todos os seres?

As duas mães se entregavam a conjeturas ou formavam castelos de ouro e de nácar, sonhos de fadas com véus de ilusão. E nós, leitor amigo, saberemos a fundo o que está a germinar e crescer nas almas veementes e sensitivas de Jhasua e Nebai, se os seguirmos de perto em suas caminhadas pelas ruínas do vizinho vale de Dobrath, onde faziam freqüentes visitas ao entardecer.

E, enquanto as mães conversavam no jardim das esculturas, Jhasua dizia a Nebai, sentada junto à fonte das pombas:

– Daqui a três dias irei até Nazareth com minha mãe, e ficarás sozinha para cuidar de nossos protegidos de Dobrath. Saberás cuidar deles, Nebai, com a mesma solicitude com que tens cuidado até agora?

A jovem guardou um breve silêncio, e, sem dissimular sua pena, perguntou, por sua vez:

– Queres exigir constância de mim para uma tarefa que abandonas, Jhasua? Foste o iniciador dela, e agora te afastas? Para dizer a verdade, não tens o direito de esperar que eu continue com igual entusiasmo.

As observações da adolescente levavam dentro de si uma suave reprovação, unida a uma amargura profunda.

– Tens razão, Nebai; no entanto, se eu vou, é só por pouco tempo e por motivos que não posso recusar. Meu pai está enfermo, e os Anciãos pensam que devo visitá-lo. Contudo, assim que ele estiver curado, voltarei! Seria para mim muito triste partir sem a certeza de que continuarás aquilo que, juntos, começamos!

– Pedes-me uma promessa formal? – perguntou a adolescente.

– Não, Nebai, porque não tenho direito algum de exigir isto; mas, se o fizesses espontaneamente, dar-me-ias grande satisfação.

– Devo fazer-te uma confissão, Jhasua, e não a tomes a mal. Até agora, tenho

lutado comigo mesma para vencer a repulsa natural que me produzem alguns de nossos enfermos e velhos. São tão sujos e de tão mau aspecto que quase não posso querê-los!

"O que fiz por eles, eu o fiz tão-só para dar-te prazer; para ver-te feliz; para merecer tua amizade e teu carinho, e porque te sinto unido a mim, como essas pombas brancas o estão com a fonte. Vês, Jhasua, como elas se espelham na água, bebem dela, refletem-se nela e têm toda a sua alegria nessas pedras que o sol queima e que elas salpicam de água, quando sacodem as asas molhadas? Vês tudo isto, Jhasua?"

– Sim, Nebai ... vejo toda essa beleza de Deus até nas mínimas coisas, e estimo que também tu a vejas desta forma.

– Pois bem, eu havia pensado que tu e eu seríamos sempre como as pombas e a fonte, inseparáveis ...

"Que será da fonte se as pombas voarem para longe?

"Que será das pombas se a fonte se esgotar? Sabes responder a isto, Jhasua?"

E a formosa donzela, com ligeira sombra de tristeza, mergulhava as mãos na água e salpicava as mansas pombas adormecidas entre as pedras e a relva florida.

– Se as pombas amam de verdade a fonte, não voarão muito longe e logo voltarão, Nebai; e, se a fonte ama as pombas, não se esgotará jamais! Entendes, Nebai? Estamos fazendo uma comparação entre as pombas e nós mesmos.

"Se houver em nós um amor grande e verdadeiro, refletir-nos-emos um no outro como as pombas na fonte.

"Meu pensamento seguir-te-á por toda parte e, até a distância, sentirei a alegria de nossos enfermos e dos anciãos quando fores para consolá-los em meu nome.

"Acredita, Nebai, que meu pensamento estará contido como uma pomba branca refletindo-se na fonte; e eu estarei na cabeça branca da anciã que penteias, no pequeno enfermo que vestes, na criança que conduzes pela mão, na chaga que curas, nas lágrimas que secas e até nos olhos sem luz que cerras, quando a morte os haja apagado ...

"Ó Nebai! ... minha querida Nebai! ... – exclamou Jhasua, tomando-a pela mão – promete que me verás em todas as obras de misericórdia que realizares durante a minha ausência, porque, em todas elas, eu estarei contigo."

– Prometido, Jhasua, agora e para sempre ... – E, ao dizer tais palavras, inclinou o rosto sobre a fonte para esconder a emoção que enchera seus olhos de pranto.

– Também tu te refletes na fonte, Nebai, como as pombas – disse Jhasua, olhando na água quieta a formosa imagem da donzela. – E a fonte conta que tens lágrimas nos olhos e tristeza no coração.

– Aprendi contigo, Jhasua. Não me disseste, um dia, que a hora de ser feliz nesta Terra tu jamais a ouvirias soar?

Jhasua guardou silêncio e mergulhou em seu mundo interno durante alguns momentos.

– Certo, Nebai, certo. Eu te trouxe tristeza ... eu, que quisera inundar de luz e de alegria todos os seres ... minha pobre Nebai! ... Tens sido a fonte em que eu mesmo me tenho refletido. Tanto me compreendeste, criatura de Deus, que chegaste a beber a dor da Humanidade que eu estou bebendo desde que fui capaz de compreender e de pensar ...

– Nossas mães vêm para cá – disse a jovem, olhando em direção à casa. – Que elas ignorem sempre o mistério das pombas e da fonte!

– Oh, as mães, Nebai! ... elas sabem de tudo, porque o amor lhes decifra todos os mistérios.

– Sim, sim, sabemos de tudo, jovens, e aquilo que guardais em vossos corações não pode ficar oculto para nós – disse Sabad sorridente, pois era mais expansiva e espontânea do que Myriam. Esta limitou-se a envolver os dois adolescentes num desses olhares indescritíveis que são todo um poema de ternura, de felicidade interior e de misterioso anelo para aqueles a quem é dirigido.

Um véu sutil, qual purpúreo arrebol, resplandeceu como uma aurora no formoso rosto de Nebai, que se manteve silenciosa, enquanto Jhasua, como que divinizado por uma idéia radiante, observou:

– O amor, mãe Sabad, transformaria todos os humanos em Arcanjos de Deus, se fossem capazes de compreender de que excelsa natureza é o Amor verdadeiro.

Quando os visitantes foram embora, Nebai permaneceu sozinha na borda da fonte. A primeira estrela se levantava como uma lâmpada de ametista num fundo de turquesa, atraindo naturalmente os olhares da adolescente, que parecia mergulhar cada vez mais em profunda meditação.

Logo murmurou, a meia-voz, algumas das últimas palavras de Jhasua:

"Acredita, Nebai, que o meu pensamento estará contigo como uma pomba branca refletindo-se na fonte."

– E o será! ... Sim, será! ... porque ele o quer, e eu também quero – disse a jovem com tal decisão e energia que toda ela reviveu numa radiante explosão, como uma flor que, repentinamente, recebe uma torrente de água fresca.

A partir desse instante, Nebai foi o instrumento da Divina Lei para que a força telepática ou transmissão de pensamento se desenvolvesse em Jhasua até um ponto jamais alcançado por algum ser humano mergulhado no plano físico terrestre.

"Aguardarei teu pensamento em todas as horas do dia – dissera Nebai a Jhasua ao despedir-se dele na borda da fonte –, no entanto, esperá-lo-ei mais ao pôr-do-sol, e quando surgir no céu a primeira estrela. Dir-me-ás tudo quanto quiseres. Eu o anotarei na minha caderneta e hei de cumprir tuas ordens."

Foi a mente de Nebai, flor da montanha, a clara fonte em que se refletiu o pensamento do Homem-Luz como primeira centelha da lei da telepatia, que ele iria pôr em ação, alguns anos depois, não mais em uma só pessoa, mas sobre numerosas multidões.

O regresso de Jhasua a Nazareth foi recebido por Joseph, seu pai, com terna emoção.

Via-o já como um formoso jovem de 17 anos, alto, delicado e gracioso como um bambu das margens do lago.

– És Myriam ... todo Myriam, à medida que cresces – disse ele olhando-o da cabeça aos pés, enquanto Jhasua se mantinha em pé junto a sua poltrona de enfermo.

Entretanto Jhasua já não ouvia ruído nem rumor algum da Terra. Estava profundamente concentrado, enquanto abandonava suas mãos entre as do pai; e seu pensamento havia-se cravado, como um dardo de ouro, naquele coração enfermo, que batia irregularmente.

Joseph deitou para trás a cabeça branca, que se apoiou no encosto da poltrona. Suave torpor o invadiu, produzindo-lhe um sono tão profundo e sereno que, quando Myriam entrou, trazendo vasilhas com xarope de cereja, ficou surpresa, pois lhe pareceu que ele já não respirava.

Um momento depois, compreendeu tudo. Através de sua clarividência, Myriam percebeu, ainda que mui tênue, um raio de luz dourada que ia da cabeça do filho ao peito do esposo enfermo. Manteve-se quieta, imóvel, quase sem respirar, porque uma secreta intuição lhe dizia que, dessa forma, ajudava o filho na cura que realizava em seu pai. Finalmente, Joseph despertou, e seus olhos revelavam uma alegria imensa.

– Que longo sono e que formoso despertar! – exclamou, ao ver ainda Jhasua, cujas mãos permaneciam retidas entre as suas, e também Myriam, a dois passos com o xarope de cereja, que parecia um rubi líquido.

– Que sonhaste, pai – perguntou Jhasua sentando-se a seu lado, enquanto Myriam oferecia a ambos o precioso xarope preparado por ela.

– Que numerosos Anjos do Senhor tiravam do meu peito o coração enfermo e me punham o teu, meu filho, teu coração jovem e são como um cacho de cerejas maduras. É tão grande o bem que sinto que realmente acredito que foi assim. Toda dor desapareceu, e o coração já não me golpeia o peito como os martelinhos sobre o banco. Oh, Jhasua! ... meu velho coração queria ver-te próximo, muito perto, e golpeava com fúria, chamando-te. Vês? ... oh, coração patife de velho que começa a ter manhas procurando ganhar mimos. – E Joseph riu, alegre, como poucas vezes o haviam visto.

– Foi nosso filho que te curou – disse Myriam. – Não foi, portanto, infrutuosa a sua estada no Monte Tabor. Os Anciãos fizeram-me relatos de grandes coisas que realizou ali. O Altíssimo tomou-o como instrumento para aliviar todas as dores humanas.

– Estão chegando as notícias, Myriam! ... estão chegando! ...

"Muitas coisas grandes e formosas quero ver em ti, meu filho ... contudo, não quero ver o teu sofrimento nem a tua morte. Isto não! ... isto não! – E Joseph agitou-se na cadeira."

– Acalma-te, pai! Acalma-te, que não verás nada disso – disse Jhasua suavemente. – Por que vens com esses pensamentos nesta hora de tanta alegria?

– É verdade, Joseph! Não deves amargurar-nos nestes momentos tão felizes – acrescentou Myriam com sua voz de calhandra.

– Tens razão ... Em verdade, estou ficando velho, e vivo a cair em desvarios tolos, sem nenhuma justificativa.

Aqueles felizes pais celebraram no dia seguinte a chegada do excelso filho com uma refeição íntima. Todos os filhos de Joseph, com suas respectivas famílias, além do Hazzan e dos três Essênios, companheiros de viagem, formavam um bom número de comensais.

– Não digas nada de tua cura, pai – disse Jhasua –, e, assim, todos julgarão que foi a alegria de me veres novamente ao teu lado que produziu esse alívio.

Devemos ter em conta que, de todos os filhos de Joseph, só o menor, Jhosuelin, era filiado à Fraternidade Essênia. Os demais eram simpatizantes dos Terapeutas pelo bem que recebiam deles, mas nunca se preocuparam com outra coisa mais do que cumprir, sem maiores esforços, com a Lei de Moisés e sem se entusiasmarem muito por ela. Pertenciam a essa multidão de seres comodistas e intimamente bons, vivendo apenas para o trabalho e para os deveres da família.

Pacíficos por natureza, jamais se envolveram nas alterações políticas de seu tempo, deixando para os "grandes", como eles diziam, o cuidado de velar pelos interesses do povo. Este particular explica claramente por que não viam com bons olhos o interesse de Jhasua em encontrar solução para os problemas dos indigentes e dos desvalidos.

Habituados a bastarem a si mesmos e a encerrar toda a sua atividade entre o horto doméstico e suas oficinas de artesãos, não compreendiam que houvesse almas capazes de sentir outras aspirações e inquietudes. Estavam sempre prontos a censurar a todos aqueles que procuravam complicações para a própria vida, saindo da órbita fechada do lar e da oficina.

Os parentes de Myriam já eram diferentes, pois os irmãos de Joachim e de Ana, seus pais, entre os quais houve vários sacerdotes e levitas, deixaram filhos e filhas, com que Myriam manteve sempre amizade; e foi também entre eles que, no futuro, Jhasua encontrou ambiente mais de acordo com seus grandes ideais de melhoramento humano.

Alguns mais, outros menos, todos esperavam que o "filho de Myriam", como lhe chamavam mais comumente para distingui-lo de seus outros meio-irmãos, estava destinado a ser aquele que daria brilho à família, pois não ignoravam que o seu nascimento fora acompanhado de acontecimentos extraordinários.

Sabiam também que os Santuários Essênios, ocultos entre as montanhas, eram as Escolas dos Profetas e dos grandes Terapeutas, e que elas guardavam todos os sigilos convenientes. Desse modo, seu amor próprio e um pouco de vaidade faziam com que vissem com mais agrado que Jhasua se instruísse nos Santuários, do que continuasse em seu afã de zelar pelos mendigos e garotos esfarrapados da rua.

Foi em torno deste modo de pensar que se desenvolveram todas as conversações durante a refeição. Os Essênios davam olhares inteligentes a Jhasua para que mantivesse silêncio, em favor da paz e da harmonia no seio da família reunida em sua homenagem. O Servidor, em discreto e duplo sentido, e com o fito de deixar todos tranqüilos, disse:

– Não devereis ter dúvida alguma, pois o nosso Jhasua será sempre um fiel cumpridor da Vontade Divina.

Jhasua permaneceu quarenta dias junto aos seus, em Nazareth, onde recebeu visitas de todos os parentes de seus pais e de pessoas amigas, que eram muitas, por ser Joseph conceituado como homem justo em toda a extensão da palavra. Quase não havia um vizinho, em toda a região, que não houvesse necessitado alguma vez de um conselho prudente, discreto, como também de ajuda material.

Por sua vez, pôde Jhasua recolher o fruto de seus desvelos de adolescente por seus irmãos desamparados e comprovar, simultaneamente, como os esforços bem encaminhados da parte do Hazzan, da avó Ruth, de sua própria mãe e com o apoio dos Terapeutas, haviam eliminado inteiramente a indigência ambulante nas ruas e nos subúrbios de Nazareth.

A boa vontade de todos, posta em ação com idêntico fim, produzira o resultado de que o trabalho distribuído com altruísmo e justiça havia aniquilado, nessa pequena cidade, o horrível monstro da fome e da miséria que assolava quase todas as demais cidades da Palestina.

O Lago de Tiberíades, que, em anos futuros, seria um dos mais pitorescos centros de ação do Divino Mestre, estava povoado, em todas suas margens, de barquinhos de pescadores. Provinha isso da doação, feita pelo solitário castelão de Mágdalo, aos Terapeutas, da terça parte das madeiras de seus grandes bosques para que os carpinteiros sem trabalho construíssem pequenas barcas de pesca, que, em seguida, eram alugadas, por um preço ínfimo, pago com o produto da pesca a todos aqueles que, não tendo recursos, quisessem tirar do pequeno mar galileu o sustento para suas famílias.

Mais de uma vez, os olhos do jovem Messias umedeceram-se de feliz emoção quando, nessa estada de quarenta dias em sua terra natal, percorreu as margens do lago de águas douradas em uma ou outra das barquinhas de pesca daqueles que, dois anos antes, havia ele recolhido dos subúrbios lamacentos da cidade, sem nenhuma outra perspectiva do que encontrar abundantes restos de pão duro ou resíduos de comidas jogadas ao monturo.

Ante esses fatos, calava fundo em seu coração este profundo sentimento:

"Se na Humanidade houvesse menos egoísmo, nenhum ser humano sofreria a miséria e a fome. Haveria paz, felicidade e amor para dar a cada um aquilo que, por direito divino, lhe pertencesse, posto que, a lei da vida é dada por Deus para todas as Suas criaturas por igual."

Não esqueceu de visitar o pequeno João, filho de Zebedeu e de Salomé, nascido havia cinco anos, como sabemos, nas ruínas do Santuário de Silos, caminho de Jerusalém.

– Se te apressares em crescer e fazer-te homem – disse-lhe ele –, levar-te-ei comigo a todas as partes a que eu for. Com efeito, poucos anos depois, Jhasua percorria a região desde a Iduméia até a Fenícia e do Mediterrâneo até a ardente Arábia, levando, em verdade, João ao seu lado e chamando-o de "*Estrela de meu Repouso*", nos momentos de íntimas confidências em que ele, o Grande Apóstolo, descansava das fadigas e dos desgostos de sua alma.

Quando terminaram os quarenta dias de permanência em Nazareth, o Homem-Luz encontrou seu próprio coração regozijante da felicidade de haver proporcionado a todos quantos se aproximaram dele algumas migalhas de festim divino do Amor, que é consolo, paz e esperança.

– Mãe! – disse ele enternecido a Myriam. – Nunca fui tão feliz como agora, pois não deixei de taça vazia a nenhum de todos aqueles que se puseram diante de mim.

"Oh! Se os homens soubessem desfrutar a alegria infinita de se darem a todos sem esperar recompensa, este mundo seria um paraíso!"

Com a alma transbordante de amor e de alegria, Jhasua empreendeu o regresso ao Santuário, deixando todos os seus amiguinhos contentes por saber que podiam esperá-lo, pois ele cumpriria a sua promessa.

– Voltarei logo – havia dito – e quero encontrar a todos como vos encontrei agora: com o pão sobre a mesa e o fogo aceso, o que significa que trabalhais sob o olhar de Deus, que abençoa vossos esforços e fadigas.

No intuito de ser a última a abraçá-lo, Abigail escondeu-se entre a multidão de adolescentes e jovenzinhos que, no horto de sua casa, se despediam de Jhasua.

– Jhasua – disse ela –, eu fico com tua mãe para cuidar dela e amá-la até a tua volta.

– Está bem, Abi, e, quando eu regressar, celebraremos os teus esponsais com Benjamim, meu sobrinho. Cuidado, que não quero brigas! Está bem? Nosso Deus-Amor fará ambos felizes, porque o amor aos inválidos te conquistou a felicidade.

Já ao cair da tarde, Jhasua se encontrava novamente nas pitorescas grutas do Monte Tabor, onde o aguardavam com agradáveis notícias.

A última caravana do norte havia trazido uma interessante carta de Ribla. Era da parte de Harvoth, o escultor, que cumpria a promessa dada antes de partir.

O sacerdote cretense que o contratara para construir pequeno templo a Homero era um ser estranho para todos; mas também reconheciam nele um homem justo, no qual transparecia um ardente entusiasmo por tudo quanto é belo, grande e bom. Era viúvo e vivia sozinho com dois filhos: Nicanor e Lastênio, de 20 e 18 anos, respectivamente.

A estas notícias vinham acrescentadas outras que, para os Essênios, eram de grande importância, a saber:

O sacerdote cretense, cujo nome era Menandro, possuía um valioso arquivo de épocas bastante remotas, como se fossem visões fantásticas de velhas civilizações que já não viviam nem sequer na recordação dos homens. Menandro afirmava que aquele arquivo era a única herança deixada por Homero, seu ilustre antepassado, e que, para conservá-lo, se havia desterrado voluntariamente para a silenciosa Ribla, escondida no coração da Cordilheira do Líbano. Ali não o encontrariam os interessados em questionar seus direitos sobre esse valioso tesouro.

O Ancião estava disposto a mostrá-lo, para fins de estudo, a quem quisesse examiná-lo. Unicamente pedia discrição e silêncio.

Na impressionante História das Idades, que os Essênios vinham formando desde que Essen, discípulo de Moisés, fundou a Fraternidade Essênia, havia muitas lacunas, períodos vazios, como se a marcha incessante da Humanidade houvesse ficado detida a intervalos. Os esforços dos solitários propendiam no sentido de preencher esses vazios, para que a Humanidade pudesse saber a ordem completa em que a Divina Sabedoria passou, como uma estrela radiante, pelo céu desse planeta, semeando civilizações como o lavrador semeia seus campos.

Essa notícia era de tão inestimável valor para os Essênios que não tardaram em preparar uma viagem até Ribla. Iriam quatro dos dez que formavam o alto corpo de mestres, levando Jhasua consigo.

Esses quatro Essênios conheciam profundamente as principais línguas ou dialetos, por intermédio dos quais, desde épocas distantes, os homens haviam expressado seus pensamentos.

Enquanto os Anciãos contratavam os animais com os caravaneiros em Tiberias e ultimavam as diligências da viagem, Jhasua dialogava com Nebai, sua flor da montanha, sobre como havia cumprido suas promessas e as mensagens mentais que lhe havia enviado de Nazareth.

Com o fim de instruir o leitor, darei uma cópia das cadernetas de Nebai e de Jhasua que, sentados nas pedras da fonte, enquanto as pombas arrulavam e a boa Sabad os brindava, ao cair da tarde, com as melodias de seu alaúde, comparavam dia por dia os resultados de sua constância admirável: de Jhasua, para emitir o pensamento, e de Nebai, em recebê-lo.

Desde logo se percebe que, às vezes, houve falhas por diversos motivos, pois, dadas as condições do plano físico em que ambos atuavam, nem sempre é possível e fácil a perfeição completa, principalmente num período longo, pois foram quarenta dias de prova.

Primeiro dia: "Mais ou menos na hora em que Jhasua devia ter chegado a Nazareth, pareceu-me sentir que ele me dizia: Ajuda-me, Nebai, para aliviar meu pai, que está enfermo do coração. Fechei os olhos e pensei com força: Quero que Jhasua cure o coração enfermo do seu pai."

– Exato! – disse Jhasua examinando as anotações de sua caderneta. – E que mais eu te disse nesse dia, Nebai?

– Não senti nada mais!

– Então não percebeste o final, pois acrescentei: "*Se teu amor é grande como o meu, Joseph, meu pai, será curado.*"

– E foi curado?

– Claro que foi!

– Então, Jhasua, será que meu amor é tão grande como o teu? – perguntou corajosamente a jovem, fortalecida pelo êxito.

Mãe Sabad deixou de tocar o alaúde e sorriu ante esse diálogo, no qual se via o jogo maravilhoso desses sentimentos, como se fossem as faces polidas de cristais límpidos que deixassem transparecer as luzes de um arrebol sem sombras.

– Não há nada mais formoso e sublime do que o amor nas almas puras, que flutuam em planos sutis e diáfanos, aonde os seres vulgares e mesquinhos não podem chegar – pensou a ditosa mãe, testemunha desse divino dialogar entre almas que a Lei fez encontrar-se para realizarem grandes obras de amor e de redenção humana.

Nebai olhou de novo para sua caderneta e continuou lendo:

Segundo dia: "Nebai: fico agradecido pela tua cooperação. Meu pai foi aliviado de seu mal. Não esqueças o vale de Dobrath; contudo, não deves ir só, mas acompanhada de tua mãe ou da criada."

– Está bem, Nebai! Muito bem! – exclamou Jhasua comparando essas anotações com as que constavam de sua caderneta. – Há pequenas diferenças de expressão, mas, no fundo, o significado é o mesmo. Ouve: "Nebai, agradecido pela ajuda mental que me deste. Meu pai já não sofre do mal. Lembra-te do vale de Dobrath, e, quando fores, que sejas acompanhada de tua mãe ou da criada." Vês, Nebai? Está quase igual.

– Percebeste, Jhasua, como eu recebi todas as tuas mensagens? – disse a menina cheia de satisfação e de alegria.

– Se os pensamentos podem ser assim percebidos através das distâncias, é porque tu e eu estamos submergidos na mesma irradiação infinita do nosso Deus-Amor! Compreendes, Nebai?

– Oh, sim, Jhasua, compreendo! Afigura-se-me Deus como sendo um imenso mar luminoso, no qual flutuamos, tu e eu, como dois peixinhos prateados, que vão muito juntinhos para um mesmo lugar. Não será assim esse Deus-Amor, Jhasua?

– Sim, Nebai, é assim. Do mesmo modo como agora nós escutamos e compreendemos, porque estamos num mesmo plano de vibração e a atmosfera e o éter são um e o mesmo, o pensamento passa igualmente para as almas no espaço infinito quando o amor recíproco, desinteressado e puro, as coloca na mesma onda de vibrações. Assim me foi ensinado pelos meus sábios Mestres.

– Se tu e eu não nos amássemos e fôssemos indiferentes um para com o outro, ou sentíssemos mútua antipatia, poderíamos perceber assim os pensamentos? – perguntou a adolescente.

– Oh, não, Nebai! Nunca! Nosso amor, desinteressado e puro, foi que nos mergulhou nesse mar luminoso que é Deus, conforme imaginas; e, assim como os dois peixinhos prateados falam e se compreendem no seio infinito do Deus-Amor, assim também nós nos compreendemos e falamos.

– E não podia ser também a mesma coisa se eu te enviasse minhas mensagens através do pensamento? – perguntou Nebai. – Haverias de percebê-las?

– Claro está que sim. Podemos provar isto a partir de amanhã, na hora que fixarmos – respondeu Jhasua.

– A quietude vem a mim a partir da tarde, Jhasua, e quando surge a primeira estrela. A essa hora já não brinco, não corro nem dou mais risadas, feito uma louquinha. Sentada aqui, junto à fonte, olho para o céu, procurando ver aparecer a primeira estrela; e então me invade uma suavidade e quietude muito semelhante à de uma oração. A essa hora poderei enviar minha mensagem ao Santuário. Que fazes tu a essa hora, Jhasua?

– Estudo os Profetas ou medito sozinho no Santuário ou à sombra das árvores.

– Está combinado, hein, Jhasua? – insinuou suavemente a donzela com a mesma ternura e intensidade com que as crianças pedem um brinquedo ou uma guloseima.

– Combinado, Nebai, e com todo o entusiasmo do meu coração.

Continuaram percorrendo as cadernetinhas até chegar a uma anotação que dizia: "Desde o amanhecer me senti perseguida pela idéia de que Jhasua não quer mais deixar Nazareth e voltar ao Tabor. Entristecida por essa idéia, vim à fonte ao cair da tarde conforme o costume, e percebi que uma das pedras que formam o bordo havia saído do seu lugar, e que, ao cair sobre a relva, esmagara uma pombinha nova, que, fazia pouco tempo, tinha abandonado o ninho. Isto me causou grande tristeza e, quando me acalmei para aguardar o pensamento de Jhasua, julguei sentir estas palavras:

'Nebai, estou vacilante entre ficar com meus familiares em Nazareth e voltar ao Tabor; isto me faz padecer enormemente. Ajuda-me a encontrar o caminho da Lei.' ''

– Exato, exato ... Nebai! – exclamou Jhasua. – Que formosa sensibilidade é a tua, que, desta forma, faz com que percebas o meu pensamento dirigido a ti!

– Sim, sim, mas eu chorei muito, naquela tarde, por causa da tua mensagem, e associei a tristeza à dor que me foi causada pela pombinha morta sob a enorme pedra.

''Vê se adivinhas, Jhasua, o que foi que pensei naquele momento?''

– Deixa ver! ... espera, espera. Pensa fortemente, Nebai, e eu to direi.

A jovem fechou os olhos e pensou ...

Jhasua cerrou também os seus e se concentrou em seu mundo interior.

– Pensaste, Nebai – disse, depois de alguns momentos de silêncio –, que, se eu não voltasse ao Tabor, serias como a pombinha esmagada pela pedra! Acertei?

– Oh, sim, Jhasua! ... És um mago! – exclamou a adolescente, olhando-o com seus grandes olhos arregalados.

– Não, nada de magia, irmãzinha. Somos dois peixinhos prateados, mergulhados na mesma corrente ... a irradiação divina do nosso Deus-Amor. E há mais: as ondas dessa corrente trazem e levam os pensamentos de um para o outro! Isto é tudo!

– Oh, como é maravilhosa a tua sabedoria, Jhasua! Por que os Anciãos não ensinam a todos os homens essas mesmas coisas que ensinam a ti?

– Porque os homens não têm interesse em aprender estas coisas, Nebai. Eles estão sumamente ocupados em acumular tesouros materiais; em tornar-se grandes e poderosos e em lutar por dominar e avassalar uns aos outros, para satisfazer os gritos de soberba que os impulsiona a esmagar os demais num furor incontrolável.

''Agora é Roma. Logo será Cartago, Macedônia, Ibéria, Germânia e Bretanha. Oh, os homens desta Terra, do tamanho de uma avelã, julgam-se senhores da Criação, quando mantêm sob sua garra os povos débeis e indefesos! Oh, Nebai, como os homens são maus! Quanto mais mesquinhos e miseráveis, piores são eles! ...''

Jhasua, sentado sobre a borda da fonte, descansou a cabeça por entre as mãos e manteve-se longo tempo em silêncio.

– Magoei-te, Jhasua, com as minhas perguntas? – ouviu-se a voz baixa e suave da jovem que interrogava.

– Não, Nebai. Jamais podes magoar-me. É a visão da maldade humana que despedaça minha alma como flechas envenenadas ...

Chegou nesse momento Melkisedec, o mestre de Jhasua, dizendo que iniciariam viagem para Ribla daí a três dias, pois tudo estava organizado.

E nós, leitor amigo, segui-los-emos de perto, já que a Eterna Lei nos permite ser como a sombra de Jhasua, que o segue a todas as partes, para conhecer a fundo sua vida de Verbo de Deus, encarnado na Terra pela última vez.

Nas Margens do Orontes

As últimas estrelas salpicavam ainda os véus da noite que se iam diluindo nos primeiros reflexos do amanhecer, quando os Essênios e Jhasua empreenderam a

viagem até Tiberias, onde se incorporariam à caravana que, ao meio-dia, passaria pela faustosa cidade edificada por Herodes em homenagem a Tibério César.

Estava-se na metade do verão, e o calor era sufocante, motivo por que se detiveram na margem do Lago de Tiberíades, de onde podiam ver as cúpulas e colunas da brilhante cidade, edificada dez anos antes na zona mais pitoresca da região e sobre um patamar do qual se abrangia, com a vista, uma longa extensão em todas as direções.

A caravana chegou pouco depois, e nossos viajantes uniram-se a ela tomando o rumo norte.

Ao passarem costeando o lago, seguindo o único caminho existente entre ele e o penhasco, onde estava construído o castelo de Mágdalo, como uma sentinela da aldeia desse nome, encontraram na margem uma formosa embarcação branca, coberta com tapeçarias azuis. Ali brincava uma menina ruiva de uns dez anos de idade, acompanhada de uma mulher que teria 40 anos e que vestia as roupas usadas pelas mulheres gregas, com o largo peplo de vistosas cores, que o vento agitava como asas gigantescas de exóticos pássaros da Índia.

Os viajantes deviam passar a três passos da barca, em cujo centro se via uma mesinha com uma pequena cesta cheia de linhas com que a grega bordava, e outra cesta com uvas e cerejas, de onde a menina tirava as frutas e comia com muita graça e delicadeza.

Sendo que os jumentos andavam com lentidão pelo estreito caminho, Jhasua olhou com insistência para a formosa criatura que chupava uvas e cerejas, e também em virtude de seus cabelos dourados lhe recordarem Nebai.

A pequena correu até o bordo do barco para ver a passagem da caravana e gritou:

– Elhida ... repara esse lindo adolescente que monta o jumento escuro. É ruivo como eu.

– Cala-te, menina, e não te metas com os viajantes – disse a mulher.

Jhasua sorriu ao ver o gesto de pouco-caso que a garota fez para a ama que a repreendia.

– Parece que minhas uvas e cerejas são do teu agrado – observou a pequena. – Queres algumas?

Jhasua moveu negativamente a cabeça, mas o Servidor que sabia ser aquela menina filha do senhor do castelo que tinha doado as madeiras de seus bosques para as barcas de pesca, interveio imediatamente:

– Não desprezes o presente, Jhasua, porque o pai dela socorreu as necessidades de teus protegidos de Nazareth. Além disso, aqui se leva a mal uma recusa dessas.

Jhasua desmontou e aproximou-se da barca com certa preocupação por causa da grega que não o perdia de vista nem à menina. Esta, com grande desembaraço e franca alegria, estendeu a cesta para Jhasua, dizendo:

– Fica com todas, pois tenho muitas no horto.

Jhasua tomou a cesta e repartiu os cachos de uvas e de cerejas com seus companheiros de viagem mais próximos.

– Por enquanto, só posso dar-te meus agradecimentos – disse ao devolver-lhe a cesta –, mas, ao regressar, hei de trazer-te, como presente, uma ninhada de rouxinóis do Líbano.

– Oh, muito obrigada! Regressa breve, e não esqueças a promessa.

De pé, na popa de sua barca, ela continuou agitando a mãozinha para dar adeus ao mancebo que se ia. Quem poderia adivinhar, amigo leitor, que, daí a mais alguns anos, num dia trágico e pavoroso, aquela menina ruiva, já mulher, cruzaria enlouque-

cida por entre uma multidão raivosa e feroz, para arrojar-se ante um patíbulo e abraçar-se aos pés do homem que ali morria crucificado?

O generoso gesto da pequena interessou a Jhasua; e ela, por sua vez, disse a sua ama grega, Elhida:

– Mais que pelo interesse dos rouxinóis, quero que ele volte para que eu possa olhar outra vez para os olhos que ele tem ... *É um Adônis!*, como diz meu pai quando lhe apresentam algum jovem formoso.

– Nélia, é muito feio ser intrometida com as pessoas que passam ... – disse a ama repreendendo-a.

– Somente Nélia, não! Nélia Maria, como minha mãe. Já te disse mais de uma vez que quero que me chames assim, Elhida.

"Esse Nélia, abreviatura de *Cornélia*, soa muito mal para mim. Maria, Maria ... sim que é musical e harmonioso; e as formosas sírias o pronunciam como um gorjeio: Myriam! ..."

Esta conversação despreocupada da menina ruiva e da mulher grega ainda chegou aos ouvidos de Jhasua, pois a serenidade daquele entardecer do verão, junto ao lago, levava as ondas sonoras pela costa, através do suave vento sul, que soprava sempre ao anoitecer.

Esse encontro, puramente casual, logo foi esquecido por ambos os protagonistas da brevíssima cena. Tantos viajantes iam e voltavam por aquele mesmo caminho! Para Jhasua, aquela garota feliz, cheia de tudo quanto pode causar satisfação ao gosto mais exigente, não causou impressão alguma em seu íntimo. Outra coisa houvera sido se a tivesse encontrado mergulhada na desgraça.

Essa noite repousaram em Minyhe, até a saída da lua. Era outra pequena aldeia como Mágdalo, adormecida nas margens do lago com sua pequena povoação de pescadores, lavradores e lenhadores. Ao meio-dia seguinte, encontraram-se em Corazin, cidade mais importante, onde algumas famílias essênias os hospedaram durante as horas em que a caravana esteve descansando. Aí residia a viúva, mãe de Felipe, aquele que, mais adiante, fez parte dos doze apóstolos.

Felipe encheu Jhasua de presentes quando, sob grande segredo, o Servidor lhe esclareceu quem era esse jovem, cuja beleza física chamava tanto a sua atenção.

A mãe de Felipe padecia de uma úlcera cancerosa no joelho esquerdo, fato este que mantinha todos entristecidos naquela casa.

A refeição foi feita sob o parreiral, à margem do lago. Durante ela, Felipe mencionou, com tristeza, as dores que sua mãe sofria, por mais que ele e sua esposa se preocupassem em aliviá-la.

Levantou-se Jhasua da mesa e, segurando a taça em que havia bebido vinho, inclinou-se sobre as águas do lago e encheu-a até a borda.

– Se me ajudardes – disse – e se todos formos capazes de amar a avó Débora como amamos a nós mesmos, ela será curada.

A nora retirou-lhe as ataduras da perna, e Jhasua, fortemente concentrado, foi derramando, gota a gota, a água que havia vitalizado com seu hálito e com o olhar. A pobre anciã exalou um gemido doloroso, como se, violentamente, lhe houvessem arrancado um pedaço da pele. A chaga fez-se vermelha, em carne viva, e começou a destilar gotas de sangue, que a respiração de Jhasua foi secando lentamente. A água da taça terminou, e a ferida foi novamente vendada.

– O sol do amanhecer encontrar-te-á curada, avó – disse amorosamente Jhasua, beijando-a na face.

– Bendito sejas, anjo de Deus! – exclamou a boa mulher, chorando de alegria. – Quando regressares, dar-te-ei uma túnica, tecida por mim, azul como o céu e do fio mais fino que minhas mãos possam fiar.

Desde aquela época, essa mulher, junto com todos os seus familiares e amigos formaram um círculo afeiçoado ao Divino Mestre durante seus anos de apostolado, no decurso dos quais fez da cidade de Corazin um dos cenários mais movimentados de sua obra missioneira. Em verdade, a casa de Débora, mãe do apóstolo Felipe, foi a morada do Mestre nessa cidade como a de Marta e Lázaro o foi na Bethânia e a da viúva Lia em Jerusalém.

Peregrino errante em busca do Amor sobre a Terra, encontrava ninho e abrigo ali onde havia almas capazes de compreendê-lo e de amá-lo, e, mais do que tudo isto, capazes de assimilar sua doutrina sublime, baseada unicamente no amor de uns para com os outros, mas elevado ao máximo: "*Amar ao próximo como a si mesmo.*"

Eis aí o lago sereno de águas de prata, no qual deve refletir-se a consciência de todo seguidor do Cristo! Eis aí o espelho da lua fiel, que há de reproduzir o desfile ininterrupto de todos atos de nossa vida física, se queremos ter o direito de nos chamarmos, com verdade e justiça, *seguidores do Cristo.*

De Corazin em diante, a viagem já não desfrutava uma perspectiva de formosos encantos, pois até chegar a Cesaréia de Filipos, grande capital limítrofe entre a Galiléia e a Síria, o terreno era, em geral, escabroso. Suas montanhas com grandes precipícios e a floresta emaranhada eram bom refúgio para feras e bandoleiros.

Ao atravessarem o Jordão, junto ao Lago Merou e a pouca distância de Corazin, os viajantes se encontraram com uma família da Ituréia (*), que esperava a caravana para dirigir-se a Damasco.

Cinco filhos varões e quatro mulheres, além do pai e da mãe, constituía a família. Montavam asnos e arrastavam consigo uma formosa manada de antílopes africanos e ovelhas do Irã, que constituíam sua fortuna.

Ausentavam-se de sua terra natal porque se viram desalojados das poucas paragens onde havia pastos e água potável.

– Mas é uma loucura! – advertiu o chefe da caravana. – Ides perder toda essa manada nesta viagem tão longa. Nesse vosso rebanho, quase a metade é constituída de crias da última lua, e bem vedes que não podemos todos ir transportando um cordeirinho ou um antílope pequenino nos braços. Não pode ser! Não pode ser!

As mulheres começaram a chorar desconsoladamente.

– Íamos até os lagos próximos de Damasco, onde um parente nosso possui terras que nos dá em arrendamento por pouco preço – disse o pai.

Enquanto isto, Jhasua escutava e meditava. Logo depois, aproximando-se da mãe e das filhas que choravam em silêncio, disse-lhes:

– Não choreis mais, porque vosso pranto me causa sofrimento. Sou o último da caravana; no entanto, creio que poderei resolver este assunto.

A mulher olhou assombrada para Jhasua e exclamou:

– Tu, jovem? ... E que vais fazer, se ainda nem sequer te aparece a barba?

– Não necessito barba, mas um pouco de amor e piedade para com a vossa dor – respondeu. – E esta é a única coisa que possuo. Esperai um pouco.

Correu para o Servidor, que já o aguardava, pois sabia que era impossível a Jhasua ver alguma dor sem apiedar-se dela.

(*) País da antiga Ásia, ao nordeste da Palestina (N.T.).

– Servidor! – disse, todo emocionado e com os olhos úmidos de pranto – Pelo amor que me tendes, peço que ajudeis a salvar essa pobre gente.

– Que queres fazer com eles? – interrogou o Ancião.

– Protegê-los na nossa terra galiléia, tão fértil, e onde há abundância de vales repletos de pastos, sem que ninguém os utilize. Vós, Servidor, podeis enviá-los, com uma carta, a qualquer paragem vizinha do Jordão, já que conheceis tanta gente e também sois amado por muitos!

– Está bem, Jhasua, está bem. Não fiques desconsolado por isso. Entre Corazin e o Lago Merou, que acabamos de passar, mora um irmão de Débora, mãe de Felipe, o qual vive só com sua esposa, sendo ambos já velhos e cheios de achaques.

"Eles possuem uma boa porção de terra que, pela fertilidade e abundância, é uma bênção de Deus. Não têm filhos, e sua vida é uma triste solidão. Enviaremos para ali essa pobre família até que regressemos de Ribla, e então, com tempo e calma, veremos o que se possa fazer."

O leitor bem pode adivinhar a felicidade de Jhasua, que não sabia se devia rir ou chorar. E correu, como um pequeno cervo sedento em busca de água, para enxugar o pranto da infeliz família ituréia, que se achava sem pátria, e que, agora, iria tê-la entre amigos dos Essênios do Tabor.

Uma carta do Servidor, entregue ao chefe da família, com as recomendações e as indicações do sítio em que se encontrava a velha cabana de Labão, tio de Felipe, na margem do Jordão e junto ao Lago Merou, foi o bastante para fazer a felicidade daquela pobre família desterrada, que, algumas horas depois, encontrar-se-ia em um refúgio seguro para eles e para os seus animais.

Jhasua ainda os acompanhou até deixá-los no caminho que corria quase paralelo àquele vindo pela caravana, e do qual, por entre desfiladeiros e bosques, se bifurcava a vereda que conduzia diretamente para a cabana de Labão.

Seguindo o trilhado caminho, conhecido e percorrido havia muito tempo, a caravana atravessava parte da Golonítide e da Ituréia, a qual, como já dissemos, apresentava aspecto áspero, em virtude dos morros, que davam a impressão de terem sido cortados a pique, e, também, por causa de sua emaranhada selva, que ocultava precipícios traiçoeiros e encruzilhadas perigosas.

Inumeráveis lendas arrepiantes alteravam a tranqüilidade dos viajantes ao chegarem a esse lugar, que se julgava cenário propício para seres malignos, ora denominados *demônios, bruxos*, ou simplesmente *almas penadas*.

Por esses motivos, procurava a caravana, habitualmente, não se deter, na medida do possível, para pernoitar ali; contudo, apertando um pouco a marcha, esforçava-se por atravessar a região desde a primeira luz do dia até a chegada da noite, que já a encontraria na sorridente planície, vizinha da cidade de Cesaréia de Filipos.

Entretanto, nesta viagem, ocorreu algo inesperado. O calor excessivo e por demais sufocante fez adoecer grande parte dos animais, quando ainda não haviam terminado de atravessar a região montanhosa e sombria. Em conseqüência, a caravana viu-se obrigada a deter-se na parte mais desolada do caminho, onde um pequeno arroio saindo de uma vertente escondida por entre as rochas, proporcionava água potável para homens e animais.

Nascido nas vertentes do Monte Hermon, aquele arroio cruzava os arrabaldes de Cesaréia e ia desembocar no Rio Jordão, junto ao Lago Merou, que os viajantes tinham cruzado dois dias antes.

Na pequena esplanada que escolheram para esse descanso forçado, quando a noite os surpreendeu, unia-se também o caminho das caravanas que iam e vinham de

Tiro – o formoso e alvoroçado porto fenício, que punha toda aquela região em contato com o mar.

Nem bem haviam resplandecido as fogueiras que os viajantes acenderam para sua iluminação e o preparo de seus alimentos, quando se ouviram gritos pedindo socorro.

As vozes partiam de uma escura garganta dos montes, a cinqüenta passos da esplanada. Armados de tochas, lanças e fortes varas, o Kabir (*) da caravana e seus homens, acompanhados dos Essênios, foram até aquele lugar, que, nas sombras da noite, parecia mais pavoroso ainda.

Encontraram ali uma família amarrada aos troncos das árvores.

Era o pai, de idade madura, a mãe, um pouco mais jovem, um moço de 19 anos e uma jovem de 14. A mãe jazia desmaiada ao solo e a filha era quem havia dado aqueles gritos aflitivos, enquanto os dois homens, atados e amordaçados, tentavam, em vão, arrebentar os fortes cordéis, que estavam a ponto de lhes fazer sangrar os braços e os pés.

O Servidor e Jhasua ficaram com os viajantes na esplanada, onde tinham sido levantadas as tendas.

As vítimas eram viajantes vindos de Chipre, originários do Golfo de Chitin. Assaltantes de caminhos haviam-lhes tirado os animais e equipamentos, deixando-os no lastimoso estado em que foram encontrados.

O pai chamava-se Alípio, o filho Hallevi, a mãe Ecli, e a mocinha Dorcas. Acabavam de chegar de Chipre e procuravam unir-se à caravana que voltava de Damasco em direção ao sul, com destino a Joppe, sobre o mar.

Os pais de Ecli, muito idosos, tinham chamado ansiosamente esses seus filhos por verem aproximar-se os seus últimos dias sem ter a seu lado um único dos filhos que lhes pudessem cerrar os olhos e receber a valiosa herança de um terreno com o mais rico olival e vinhedo daquela região.

Ofereceu-se o Kabir da caravana para levá-los até Cesaréia de Filipos, já quase à vista. No entanto, que fariam eles naquela grande capital, sem amigos e sem meios de vida? Haviam sido despojados de tudo, e a situação não podia ser mais desesperadora.

Os Essênios, pano de lágrimas de todas as dores humanas que lhes surgisse no caminho, viram de pronto o dedo da Lei que lhes apontava: "Ama a teu próximo como a ti mesmo."

Assim, a Divina Lei, mãe fecunda de todo bem, lhes deu a solução para aquele doloroso problema. O mais urgente era conduzir a mulher desmaiada para uma tenda e dar alimento aos demais, que desfaleciam de sede e fome.

Ao vê-los chegar, carregando aquela maca improvisada com lanças e varas, julgaram todos que conduzissem um cadáver. Era a mãe Ecli.

– Pouco menos que um cadáver – disse o Kabir –, mas que faremos com ela? Se não sobreviver, enterrá-la-emos, como Deus manda.

A pobre Dorcas chorava desconsoladamente crendo que sua mãe viesse a morrer.

Os quatro Essênios se ajoelharam em torno da caminha improvisada e aplicaram compressas de água fria na cabeça da mulher e um pano grosso embebido de vinho sobre seu plexo solar. Fizeram-na beber água de flor de laranjeira e lhe friccionaram as extremidades. O coração batia debilmente e não reagia de modo algum.

Jhasua, sentado a quatro passos do aflito grupo, assemelhava-se à estátua imóvel

(*) Chefe de caravana (N.T.).

e silenciosa da meditação. O desesperado e doloroso pranto da jovem Dorcas pareceu tirá-lo desse estado, e, aproximando-se dela, disse:

– Não chores; espera, que o Pai Celestial permitirá que tua mãe viva. Eu quero que não chores! Vem comigo. – Tomando-a pela mão, levou-a para junto da maca. Os Anciãos, que conheciam tão bem a ação poderosa das forças superiores quando se apoderavam de Jhasua, compreenderam, ao vê-lo, que havia uma enorme condensação das ditas forças e que a cura da enferma iria produzir-se de imediato.

Ele e a menina foram ajoelhar-se, um de cada lado da maca. Estendendo as mãos por cima do corpo imóvel, tomou Jhasua as mãos da adolescente, que havia cessado de chorar e olhava-o como hipnotizada por algo que ela via nele, mas que era invisível aos demais. Aquelas quatro mãos unidas tremiam como cordas postas em elevada tensão e agitadas pelo vento.

Os olhos de Jhasua estavam fixos sobre os olhos cerrados da enferma, que os abriu imediatamente, cheios de espanto, no princípio, e depois, cheios de pranto.

Seguiu-se então uma descarga de soluços, como uma tempestade contida por longo tempo e, finalmente, um estado de suave lassidão que denotava paz e descanso.

– Vês? – disse Jhasua a Dorcas. – Vês como o Pai Celestial ouve o gemido de seus filhos?

Grande assombro espalhou-se, como um véu agitado que envolvesse a todos, e uma só pergunta surgiu de todos os lábios:

– Quem é esse jovem que assim domina as enfermidades e a morte?

Compreendendo os Essênios que alguma explicação devia ser dada aos profanos que os rodeavam, o Servidor esclareceu:

– Este jovem é filho do homem mais honrado e justo de Nazareth, e parece que já se delineia nele um profeta de Jehová, talvez maior do que aqueles que, durante seis gerações, iluminaram o horizonte de Israel. No entanto, sendo estas as primeiras revelações do poder divino que nele reside, não convém dar publicidade a esta ocorrência até que o Senhor manifeste Sua Vontade.

– O caso – disse um deles – é que eu tenho o meu filho doente, com uma febre que o está consumindo lentamente.

– E eu minha mãe – disse outro.

– E eu minha mulher – acrescentou um terceiro.

– E eu um irmão louco furioso, que traz transtornos a todos nós – alegou um quarto.

E assim sucedeu que quase não havia um único viajante que não tivesse algum enfermo em sua família.

O Servidor olhou para Jhasua e compreendeu que ele ainda estava possuído das forças superiores que o tornavam capaz de vencer o Mal.

– Credes todos que o poder de Deus, Senhor e Criador de tudo quanto existe, pode curar os padecimentos de vossos familiares?

– Cremos! Cremos! – repetiram todos. – Posto que restituístes a vida a essa mulher que estava como morta.

– Peço-vos apenas uma coisa ... Que, em gratidão ao Senhor pelo bem recebido, sejais misericordiosos, de hoje em diante, para com todos os desamparados que sofrem fome e miséria – disse Jhasua com a entonação de voz de um inspirado que exerce autoridade suprema.

– Nós vo-lo prometemos! – disseram todos ao mesmo tempo.

Jhasua semicerrou os olhos e estendeu os braços lentamente na direção dos quatro pontos cardeais. Expeliu, também, com força sua respiração nas quatro direções e guardou silêncio.

– O poder de Deus – disse ele pouco depois – visitará vossos queridos enfermos, se é verdade que acreditais nesse Poder Divino.

Durante esta cena, a enferma se havia sentado na maca e acariciava as mãos da filha que, recostada na relva, não se fartava de olhar para sua mãe viva, quando já a julgara morta.

Como já estavam quase à vista de Cesaréia de Filipos, resolveram levar para ali aquela família encontrada em tão tristes condições, a fim de provê-la dos meios necessários à sua chegada a Joppe, na Judéia, para onde havia empreendido sua viagem.

Como as mulas e os asnos não eram suficientes, tornou-se necessário que alguns compartissem sua montaria com outros dentre os recém-incorporados à caravana; e foi assim que o jovem Hallevi montou na garupa do animal de Jhasua.

– Pesais ambos tanto como um de nós – havia dito o Kabir – e creio que o asno vos suportará bem durante os últimos sete estádios que faltam.

Contudo, Jhasua, cuja alma era toda compaixão, não pôde deixar de sentir o que julgava ser um inaudito esforço para o animal. Desmontou e começou a caminhar a pé ao lado de Hallevi que continuava montado no asno. Esta ocorrência, aparentemente de tão pouca importância, valeu-lhe uma grande conquista para o futuro de sua grandiosa obra missionária.

Descobriu em Hallevi uma clara inteligência e uma alma digna de ser cultivada com esmero. Fizeram-se grandes amigos. Mesmo assim, o jovem ficou convencido de que Jhasua era um Profeta. Como nas escolas filosóficas de Chipre se falava muito na lei da reencarnação, Hallevi, observando a nobreza e a doçura de Jhasua que caminhava a seu lado, pensou em silêncio:

"– Será este um dos *grandes* que voltou para arrastar as multidões e revolucionar o mundo!? ..."

Chegou claro a Jhasua esse pensamento de seu amigo, e, olhando-o de modo afável, disse:

– E tu, Hallevi, darás vida real aos meus sonhos de confraternização humana, numa grande capital sobre o mar.

– Como sabes disto? – perguntou o adolescente.

– Não estavas pensando que sou um Profeta? Reflete também que essa inspiração veio até mim!

Hallevi calou-se.

Para ilustração do leitor, dizemos aqui que Hallevi, depois da morte de Jhasua, se apresentou aos Apóstolos, ainda reunidos em Jerusalém, e lhes relatou minuciosamente esse fato, cuja viva recordação conservava em sua mente.

– *Baar-naba!* – exclamaram vários ao mesmo tempo. Tu és aquele que o Senhor anunciou, dizendo que chegarias com a alma cheia de fogo e as mãos cheias de ouro, para a fundação de uma escola de missionários. Chamar-te-emos Baar-naba! ..., porque és *filho de uma profecia* que durou alguns anos para se cumprir.

Realmente, o nome dado a Hallevi significa, em siro-caldaico, "filho de uma profecia", o qual, com o tempo, sofreu modificações até se transformar em *Barnabé*. Foi ele o fundador e a alma da grande igreja cristã de Antioquia, onde se começou a dar o nome de *cristãos* aos adeptos. Nessa comunidade foram recebidos homens e mulheres de todas as raças da Terra, em contraposição à igreja de Jerusalém, que abria suas portas somente aos judeus de nascimento. Barnabé foi também o introdutor de Saulo, convertido ao seio dos discípulos do Cristo.

Dupla foi a conquista de Jhasua nessa oportunidade, pois Dorcas, a jovem irmã de Hallevi, que permaneceu sempre em Joppe, na antiga granja de seus avós mater-

nos, abraçou, com entusiasmo, a doutrina do Profeta Nazareno, a quem devia a vida de sua mãe. Esta viveu ainda até depois dos 80 anos. Dorcas, nome grego, traduzido ao siro-caldaico por Thabitta, ao ser ela mencionada entre os primeiros discípulos do Cristo. Foi Thabitta a célebre mulher tantas vezes mencionada nas crônicas daquele tempo, como sendo uma generosa benfeitora do Divino Mestre e de seus discípulos.

Como seu irmão, Barnabé, na Antioquia, foi Thabitta a alma de toda obra cristã na Judéia. Seu abundante patrimônio a colocava em condições de subvencionar as necessidades da comunidade cristã do primeiro século, precisamente na desventurada Judéia, a região mais intransigente e dura de toda a Palestina, a qual, talvez por isto mesmo, foi regada com o sangue do Divino Mártir.

Foi ela também a fundadora da primeira obra feminina de socorros mútuos, visto que, em sua própria casa, abriu uma oficina de fiação e tecelagem, para onde se dirigiam as mulheres do povo a fim de confeccionar roupas para todos os cristãos necessitados.

O Apóstolo Pedro que, após a morte do Mestre, foi como um conselheiro íntimo de Thabitta, teve para com ela uma ternura de pai.

Quão fecunda e feliz foi, pois, a dupla conquista de Jhasua aos 17 anos, no áspero e sombrio caminho até Cesaréia de Filipos, onde encontraram aquelas pessoas manietadas pelos assaltantes da Ituréia!

Na metade da manhã, nossos viajantes entravam nos subúrbios da grande capital, onde deviam deter-se o tempo suficiente para renovar as provisões, entregar as mercadorias e encomendas trazidas do sul e destinadas aos comerciantes ou particulares radicados na cidade.

Jhasua e o Essênio Melkisedec, seu mestre, junto com Hallevi, foram percorrendo a cidade, cujo movimento comercial era intenso. Aí se reuniam as três mais importantes estradas de todo aquele país; e dali partia também o caminho das caravanas para Tiro, a grande capital marítima da Fenícia, sobre o Mediterrâneo.

De outra parte, chegava a Cesaréia a longa estrada do Eud, vinda da Iduméia e de Madian, como também a que descia do norte para a distante Tiphsa, sobre o Eufrates, passando por Hamath, Ribla e Damasco. Embora fosse Cesaréia uma cidade reedificada no estilo romano, a parte antiga continuava sendo a velha cidade síria, com seus mercados e bazares, onde os turbantes e as mulheres veladas faziam sentir perfeitamente o ambiente oriental, mescla indefinível de quietude e atividade, de mistério e timidez.

A mistura de raças havia produzido, desde logo, verdadeira confusão de línguas e dialetos, dos mais variados. A necessidade de vender e de comprar estabelecia verdadeira luta entre os interessados para se fazerem compreender, motivo pelo qual ali abundavam os que se ligavam ao comércio desempenhando o papel de intérpretes e escribas.

Um desses intérpretes atraiu a atenção de Jhasua, observador por natureza. Ou, por outra, seria, talvez, sua fina sensibilidade que lhe fazia perceber as grandes dores ocultas e secretas, não obstante permanecessem escondidas no mais impenetrável fundo da alma.

– Que vos parece esse homem? – perguntou, a meia-voz, a seu Mestre Melkisedec, que, até esse momento, não tinha reparado nele.

– É um formoso tipo árabe e parece ser pessoa de qualidade. Seus modos o denunciam, muito embora seu vestuário, rico em outros tempos, demonstre longo uso. Por que perguntas a esse respeito?

– Porque, desde que o vi, estou sabendo que leva a morte no coração – respondeu Jhasua.

– E já não suportas o desejo intenso de curar esse coração, não é verdade?

– Oh, sim, Mestre Melkisedec. E perdoai-me! A dor desse coração está envenenando o meu.

– Pois bem! ... Agora mesmo vamos tirar todo esse veneno, a fim de que possas ficar tranqüilo – respondeu o Essênio e, aproximando-se do desconhecido personagem, falou-lhe em correto árabe, como era falado então.

– Somos estrangeiros nesta cidade e necessitamos de um guia para visitá-la durante o tempo que permaneça aqui a caravana que nos trouxe do sul. Poderíeis prestar-nos vossos serviços?

– Com todo o prazer – respondeu ele. – Mas, como é que falais tão corretamente o árabe?

– Porque sou um aficionado desse estudo e sempre me interessou tudo de vosso país.

Entrementes haviam começado a caminhar pelas tortuosas ruelas da cidade velha ...

– Esta é a mesquita mais importante que temos aqui – disse o cicerone, detendo-se ante um edifício vetusto, conquanto bem conservado em sua venerável antiguidade. Seus minaretes esbeltos e galhardos eram visíveis de longa distância.

"Aqui são conservadas algumas escrituras do Profeta do Fogo – disse aludindo a Elias – e de seu discípulo Eliseu, aos quais se tem fervoroso respeito. Também se conserva aqui um pedaço do manto de Elias e uma mecha dos cabelos de Eliseu, como talismãs contra todos os males."

– Oh, que maravilha! – exclamou o Essênio. – Há tantos males na Terra que todos os talismãs são poucos para remediá-los.

– Os habitantes do meu país, de um modo geral – acrescentou o intérprete –, têm fé cega nos talismãs do Profeta. Eu sou o único que não acredita neles.

– Vós? Como se explica isto?

– Porque jamais me deram resultado. Para não renegar a fé de meus antepassados, resolvi o problema pensando que tais objetos não eram do Profeta, ainda que se diga que muitos foram curados só ao colocar a mão sobre o cofre de cristal e de ouro em que estão guardados.

– E foi tão-somente para vós que o Talismã foi mesquinho com seus dons? – perguntou o Essênio, enquanto Jhasua e Hallevi os seguiam muito de perto, escutando a conversação, mas sem compreendê-la totalmente.

– Assim é em verdade – respondeu secamente o árabe.

– Nessa caravana – acrescentou o Essênio – vêm vários médicos de escola muito antiga que se chama *A Sabedoria Divina*. A ela pertencem os Terapeutas que conseguem curar quase sempre os mais estranhos males.

– Oh, sim! Já tenho ouvido falar desses Terapeutas, mas nunca me defrontei com nenhum deles – respondeu o intérprete.

– Pois aqui tendes um, que está à vossa disposição, e, no bivaque da caravana, há mais três. Tendes algum enfermo em vossa família?

– Não sei qual é o mal; só sei que uma imensa desgraça caiu sobre mim, devido aos sortilégios malignos de uma bruxa, a quem amaldiçôo do fundo de meu coração.

– Não amaldiçoeis a ninguém, amigo, pois não é esse o caminho para conseguir o bem que aspirais.

"Contai-me o que ocorre convosco, sem reparar nestes jovens que não compreendem o vosso idioma, e vos direi se vosso mal pode ser devidamente remediado."

O relato foi este: era ele o terceiro filho de um príncipe da família Hareth, possuidora de grandes domínios na Arábia.

Havia casado secretamente com uma sua prima, que estava destinada a desposar-se com o herdeiro do rei da Etiópia, o mais poderoso dos soberanos da África.

Ao saber disso, o pai dela amaldiçoou a ambos e, sob ameaça de morte, obrigou a mais funesta maga que tinha seu reino a que, por intermédio de sortilégios horríveis, tornasse louca furiosa sua filha desleal e desobediente por se haver rebelado contra a autoridade paterna. Estava, efetivamente, louca, fazia já quatro anos, ou seja, desde que se haviam unido, e a tal ponto que não reconhecia nem mesmo a ele.

– Chamo-me Ben-A-Bar – disse – e prometo ser vosso escravo por toda a vida, se curardes minha doce Zafira, que é, para mim, mais do que minha própria vida. Tomai em pagamento este anel, que é um presente que vos dou.

– Não, não! Nada disto, meu amigo. Guardai vosso adorno, que nós, Terapeutas, nada queremos pelo bem que nosso Deus nos permite fazer.

"Jhasua – disse ele voltando-se –, avisa nossos irmãos que temos aqui um trabalhinho por executar."

Jhasua, que intuitivamente já estava a par de todo aquele drama íntimo, correu para onde tinham ficado os Anciãos, e os encontrou assomando na esquina de uma das ruas.

– Recebemos aviso de que necessitais de nós! Que é que se passa, Jhasua?

– Um enfermo que reclama por ajuda – foi a resposta que deu.

Reunidos já todos, o árabe conduziu-os a sua casa, situada naquela parte a que chamavam *Torre Velha*, e que era um subúrbio muito antigo, no centro do qual existia uma vetusta torre aumentada e respaldada por um penhasco, ao qual se achava ligada como se fosse parte dele.

– Aqui está todo o meu mundo – disse Ben-A-Bar. – Esta torre, que foi fortaleza e presídio em outros tempos, é a única coisa que possuo, pois me coube por herança materna.

"Entrai e podereis ver a minha pobre esposa louca, sem nenhum alívio."

Hallevi tremia de medo sem saber por quê.

Os Essênios, embora sendo conhecedores das terríveis forças extraterrestres que atuam nesses casos, sentiam, não obstante, essa vibração de pavor e de espanto com que os gênios do Mal rodeiam todas as suas obras, com o fito de produzir forte sugestão, como primeiro degrau na descida ao abismo das trevas em que precipitam suas vítimas.

– Hallevi! – disse Jhasua com voz sonora. – Se o medo te acomete assim, não entres, mas fica junto à porta.

– É melhor, pois talvez seu pensamento sem cultivo viesse a prejudicar o nosso trabalho – mencionou um dos Anciãos. O jovem médium, extenuado pela poderosa vibração fluídica, foi sentar-se na soleira da porta.

Jhasua sentiu compaixão dele e, aproximando-se, disse:

– Olha, Hallevi: vai por esta rua, que a caravana está no final, onde tua família te aguarda. Dentro de alguns momentos, iremos reunir-nos a ti.

– Contudo, que farás tu aqui? – perguntou o jovem.

– Não acreditas que eu seja Profeta? Existe muito mal encerrado aqui nesta antiga torre, e os Profetas são enviados por Jehová para aniquilar o Mal na Terra! Compreendes agora?

– Oh, sim, Jhasua, compreendo! Com toda a certeza, vais dar vida a outro morto como deste à minha mãe.

Jhasua ficou a observá-lo.

– Pobre Hallevi! – disse ele a meia-voz. – Ainda és um filhote implume; no entanto, breve, chegará tua hora, e serás gigante entre os gigantes!

Entrando novamente na torre, encontrou os Essênios, que, por meio de vários criados negros, faziam encher de água uma piscina de mármore que ficava num vestíbulo contíguo ao aposento da enferma, adornado com esculturas e grandes vasos com plantas de invernadouro.

O vetusto aspecto da torre desaparecia ao penetrar-se nela, onde se encontravam todas as belezas com que os nobres árabes adornam suas vivendas.

Grandes cortinados de seda e gaze flutuavam como brumas celestes, cor de ouro, à mais tênue aragem, e um forte perfume de incenso da Arábia se fazia sentir por toda parte.

Enquanto os criados enchiam a piscina, os Essênios deliberavam sobre a maneira de ativar o organismo da mulher, o qual permanecia num período de completa lassidão, depois de cada furioso acesso, que a deixava sempre extenuada.

– Podeis permitir que vejamos vossos guarda-roupas? – perguntou logo Tholemi, cuja clarividência percebera, sem dúvida, o que lhes convinha fazer depois de haverem escutado, em minúcias, a explicação do árabe sobre o modo como tinha começado a loucura.

"A mais horrível impressão sofrida pela enferma – disse o Essênio – foi a maldição de seu pai, que negava o consentimento a seu amor. Então é disto que devemos extrair sua cura, tratando de produzir-lhe uma impressão agradável que destrua aquela."

Ainda que Ben-A-Bar se visse em má situação financeira, havia preferido trabalhar como intérprete nos mercados e bazares a vender uma única das riquezas que ele e a esposa possuíam em trajes e jóias. Vender o que foi grandeza e glória de seus antepassados é crime para os filhos da ardente Arábia.

Foi assim que os Essênios se encontraram diante do guarda-roupa de um príncipe em todo o seu esplendor.

– Vós que conheceis bem os costumes de vossa terra, escolhei as melhores roupagens que devem ser vestidas numa boda, porque vamos simular que ides casar-vos com toda a solenidade costumeira, com relação às pessoas de vossa classe – disse o Servidor a Ben-A-Bar, que os olhava perplexo.

"Tende em mente que fazemos tudo para curar vossa esposa. Podeis proporcionar-nos músicos?"

– Sim, tenho escravas que tocam maravilhosamente a gusla e o alaúde.

– Escolhamos a sala para a cerimônia – disse Tholemi.

– Vede este salão – disse o árabe abrindo uma enorme porta que dava para o grande pátio de entrada.

Todo encortinado de damasco carmesim e com grandes candelabros de prata, era, com efeito, um recinto majestoso.

– Muito bem, muito bem – disseram os Anciãos. – Aqui é necessário haver flores, música, perfumes e personagens vestidos com toda a riqueza de vosso País. Serão eles os representantes do pai de vossa esposa, vindos para presenciar a cerimônia nupcial. Compreendeis que, com esta comédia, desejamos apagar em vossa esposa a impressão que lhe causou a loucura?

– Sim, sim, compreendo tudo! – disse Ben-A-Bar, cheio de animação e entusiasmo. Até sobre ele começava a agir a sugestão benéfica que os Essênios tratavam de produzir.

– Agora deixemos estas túnicas escuras, e que apareçam as nossas vestimentas brancas – disse o Servidor. – Cubramo-nos todos com capas e turbantes brancos.

E subiram ao alto piso onde dormia a enferma.

Antes de chamar sua atenção, fizeram uma forte cadeia fluídica na antecâmara. Durante essa concentração, Jhasua caiu em transe e, ali mesmo, foi recostado num divã.

Ben-A-Bar ficou no salão, já vestido com seu rico traje de bodas. Duas escravas de idade madura achavam-se junto ao leito.

– Ide vestir-vos convenientemente, porque vai ser celebrada a boda de vossa ama – disse o Servidor às duas escravas.

Habituadas à obediência cega, as mulheres não manifestaram dúvida alguma, por maior que fosse o assombro que a ordem lhes causou.

Os Anciãos, já sozinhos com a enferma, chamaram-na mentalmente, e com tal força que ela abriu os olhos. Uma imensa dor refletia-se-lhe no olhar, notando-se um pouco de febre no vermelho rubi de seus lábios, que tremiam ligeiramente. Além disso, rodeava-lhe os grandes olhos negros um círculo violeta.

– Alteza! ... – disse o Servidor. – Vosso pai envia-nos aqui para presenciar, em seu nome, vossa boda. Ben-A-Bar, com seu séquito, vos espera no salão. Já estais curada da enfermidade que retardou este acontecimento, o qual não deverá ser adiado por mais tempo.

A jovem, que não tinha mais do que 18 anos, sentou-se e passou a mão várias vezes pelos olhos e pela testa, apalpando os cabelos e o próprio corpo.

– Devo estar dormindo ... ou sonhando! ... aproximai-vos para que vos possa tocar.

Os Essênios estenderam a mão.

– Pobre princesinha. A febre vos fez tanto mal que ainda julgais estar delirando – disse Melkisedec, cuja doce voz pareceu animar a enferma.

"Vamos; aqui vêm vossas escravas para vestir-vos com o traje de bodas."

Com efeito, as mulheres, em número de oito, entravam com grandes caixas abertas, onde se viam sedas, gazes e pérolas em tal abundância que espantava.

– Bendito seja Alá! ... que pesadelo horrível eu tive! – exclamou a jovem, começando a explicar a si mesma o que lhe havia ocorrido.

A sugestão benéfica começava seu trabalho. Os clarividentes viram o Espírito radiante de Jhasua, que se aproximava do leito da enferma e lhe punha as mãos sobre a cabeça.

– Retirai-vos, por gentileza – disse a enferma aos Anciãos –, que minhas escravas me vestirão em seguida.

– Muito bem. Quando estiverdes pronta, conduzir-vos-emos ao salão – respondeu o Servidor.

A pobrezinha abraçou todas as suas criadas, dizendo-lhes contente e feliz:

– Meu pai consentiu por fim! Já não estou maldita! Oh, bendito seja Alá!

Submergiram-na, então, na piscina, cuja água havia sido magnetizada. Em seguida, vestiram-na com o mais formoso de todos os seus trajes, branco e ouro, conforme o costume, e envolveram-na em espesso véu, que a ocultava de todos os olhares.

O Servidor tomou-a pela mão, e, precedidos dos outros Essênios e seguidos pelas oito escravas, desceram a escadaria, ao pé da qual a esperava Ben-A-Bar com uns quantos cavaleiros de capas brancas e turbantes coalhados de pedras preciosas.

Penetraram no salão onde o Servidor abençoou a união, após o que Ben-A-Bar levantou o véu para ver o rosto da desposada, segundo o ritual árabe para os casamentos.

– Já não estamos malditos, Ben-A-Bar! – foi a primeira frase da pobre enferma. – Quão feliz sou com teu amor e com a bênção de meu pai!

Jhasua despertou ao som suavíssimo da música árabe, e quando Zafira ia descendo a escadaria, ele desceu também, indo na retaguarda do cortejo.

Em seu coração de Homem-Amor ressoou igualmente um concerto nupcial, porque via a felicidade e o amor resplandecendo nos dois corações que, até poucas horas antes, eram dois sepulcros onde se aninhava a morte. Abraçou a Ben-A-Bar com toda a efusão de sua alma e beijou a mão de Zafira.

– Que formoso jovem! – exclamou ela olhando para Jhasua.

– É um Profeta de Alá que começa sua vida de Luz sobre a Terra – disse o Servidor.

– Em nome de nosso Deus-Amor vos digo: Sede felizes com o amor que vos une neste instante – disse Jhasua profundamente comovido.

Queriam os jovens desposados obsequiá-los com formosos ornamentos, mas eles recusaram toda compensação material.

– Que Jhasua diga – propôs o Servidor – qual é a recompensa que desejamos. – Todos olharam para onde o jovem estava.

– Vosso amor deve ser tão fecundo como o Amor de Deus, do qual ele nasce – disse Jhasua depois de breve silêncio. – E nós seremos tão felizes quanto vós, neste instante, se formos daqui com a certeza de que ambos sereis como pais para os desamparados que sofrem fome e miséria.

Quando Ben-A-Bar traduziu estas palavras para Zafira, a jovem correu para Jhasua e lhe disse em árabe:

– Juro-vos pela memória de minha mãe morta que serei meiga como a chuva para todos aqueles que tiverem sofrimentos em seus corações.

O feliz casal entregou, pouco depois, a velha torre aos Terapeutas para que a usassem como refúgio de velhos, enfermos e órfãos. Eles mesmos se mudaram para Tiro, com o fim de afastarem-se da proximidade perigosa da Arábia, onde persistia o ódio dos familiares de Zafira, que se viam frustrados em suas grandes ambições.

Na capital fenícia, estabeleceram-se com uma oficina de tecelagem e venda de fazendas da Pérsia, além de se dedicarem à fabricação de perfumes da Arábia. Jhasua visitou-os diversas vezes, e também se hospedou em sua casa, quando já iniciava sua vida de missionário.

Alguns anos mais tarde, quando já estava convertido no apóstolo Barnabé, Hallevi os incorporou à Igreja de Antioquia, onde viveram até o fim de seus dias. Seus filhos nasceram já no seio do Cristianismo, que começava então a difundir-se por toda a Ásia Central.

Uma hora depois, a caravana prosseguia viagem, passando pela formosa planície tapetada de verde relva e atravessada, em todas as direções, pelos arroios, afluentes do rio Narh-el-Avagg, que desemboca na parte sudeste da cidade de Damasco, para onde se dirigiam.

De um e outro lado do pitoresco caminho, encontravam-se granjas, cabanas e hortos de maravilhosa fertilidade. Ao longe, em direção ao oeste, via-se, como recortado no azul sereno dos céus, o magnífico Monte Hermon, com seus cedros gigantescos e platanais intermináveis.

Alguns desses Essênios haviam-se formado naquele oculto Santuário, que foi, na verdade, um ninho de rouxinóis do Amor e da Sabedoria Divinos. O próprio Jhasua recordava, com amor, os tempos de sua primeira infância, transcorridos ali até os sete anos de idade, quando voltou com seus pais para Nazareth.

– Ali está a tumba do meu primeiro Mestre Essênio, Hilarião de Monte Nebo, que, com freqüência, me envia mensagens por escrito, anunciando sempre que virá escutar-me de perto quando *eu sair do ninho* – disse Jhasua a Melkisedec, que caminhava ao seu lado.

– De modo que o teu antigo preceptor te promete um encontro no plano físico?

– Assim parece. A propósito, que entendeis vós por esse *sair do ninho*? – perguntou Jhasua a seu companheiro.

– Simplesmente, que será quando começares teu ensinamento à Humanidade.

– Assim também o creio; mas dizei-me, como nos encontraremos e como farei para reconhecê-lo?

– Oh! Quanto a isto, não te preocupes, pois a Lei tem caminhos ocultos e insuspeitados.

– Numa de suas mensagens, ele informa que, a partir desta etapa da vida, mudará a forma de sua evolução, porque a Lei determina provas e missões bem diferentes daquelas que ele tem tido durante tempos longínquos. Declarou, inclusive, que deverá voltar ao que foi há oito mil anos.

– Suponho – disse o Essênio – que conheces alguma coisa da atuação das Escolas de Sabedoria Divina nas Origens da Civilização Adâmica, há oito mil anos.

– Posso dizer que, o que sei é proveniente de referências e informações isoladas – respondeu Jhasua – porque me fizeram estudar a fundo a filosofia Antuliana e a História dessa época. Falta ainda aprofundar-me na filosofia Kobda dos começos da Civilização Adâmica.

– Pois, naquela época, teu primeiro Mestre Essênio fazia sua evolução no sexo feminino e foi a mãe daquela Évana que havia aceito trazer para a vida o Homem-Luz, Abel, na sua quinta jornada messiânica.

– Sim, sim, sei alguma coisa de tudo isso – observou Jhasua.

– Breve saberás a fundo tudo o que se refere a essa época, cujos acontecimentos a Humanidade atual só conhece pela metade – disse o Essênio, que já sabia que Jhasua devia iniciar seus estudos superiores logo após seu regresso de Ribla.

"Tenho esperanças de bons descobrimentos no Arquivo que vamos examinar," acrescentou o Essênio. "Por isso me têm parecido demasiado longos os dias que estamos demorando para chegar a Ribla."

– Mas, que é que nos falta por saber? – perguntou Jhasua, crendo sinceramente que seus Mestres Essênios sabiam tudo.

– Oh, Jhasua! É tanto o que ignoramos! Existem lacunas de séculos entre uns e outros acontecimentos, que estão relacionados com a obra da elevação espiritual da Humanidade!

"Através dos fatos que desenterramos da poeira amontoada pelos séculos, queremos descobrir os vestígios do grande Instrutor da Humanidade e das Escolas Filosóficas que cooperaram com Ele na grandiosa obra da evolução humana. Perderam-se muitos rastros, Jhasua, e, se os nossos irmãos desencarnados nos têm indicado onde podemos achar alguns vestígios, temos que encontrá-los a todo o custo. E espero encontrar esses vestígios em Ribla.

"Perdeu-se o rastro dos Kobdas que secundaram a Abel. Sabemos unicamente que Adamu foi o último Pharahome de Negadá sobre o Nilo, antes da decadência e destruição do grande Santuário.

"Sabemos que seu filho Abel foi o *Thidalá* da Grande Aliança das Nações, mas ignoramos por quanto tempo e qual foi o fim desse glorioso período.

"Um pavoroso silêncio de séculos vem depois, até que um novo resplendor de luz, Chrisna, nos aparece no horizonte cheio de nebulosas e de impenetrável mistério. Jhasua, nós Essênios não nos resignamos com o nosso desaparecimento do cenário do Planeta sem deixar bem encadeada toda a corrente de ouro e diamantes da obra redentora do Homem-Luz.

"Cada planeta é uma morada, um educandário, e o Diretor desta Escola, com seus numerosos auxiliares, organizou atas, estatísticas, anais de sua atuação e do desenvolvimento geral das obras civilizadoras e educativas, com que favoreceu o progresso da Humanidade que lhe fora confiada.

"Tudo isto significa o rastro luminoso que restou. Mas esse vestígio está perdido em muitos séculos, e os Essênios não podem descansar até que consigam unir os anéis da imensa cadeia que se acha interrompida.

"Compreendes, Jhasua?

"Na sua época, os Antulianos fariam o mesmo e os Kobdas procederiam do mesmo modo; no entanto, nestes momentos solenes em que se realiza a jornada final, justo é que deixemos limpo o grande Livro-História da evolução humana através dos séculos.

"A Eterna Lei pedirá contas disto à Fraternidade Essênia, que é a continuadora das grandes Escolas Espiritualistas do passado."

Neste precioso instante, Tholemi apressou o passo de sua cavalgadura até colocar-se ao lado de Melkisedec.

– Acabo de receber uma mensagem de viva voz, e a intuição me diz que é a resposta a algo que vínheis falando.

– Vamos ver, vamos ver! – disseram juntos Melkisedec e Jhasua.

– Ouvi: "Tudo chega a seu tempo. No Arquivo de Ribla encontrareis algo do que procurais. Algo mais encontrareis no fundo das velhas ruínas no Monte Cássio, nos subúrbios de Antioquia, e, se examinardes o Arquivo de Alexandria, por intermédio de nosso irmão Fílon, achareis tudo quanto necessitais saber para preencher as lacunas que existem na vossa longa história."

– Colossal! irmão Tholemi – exclamou Jhasua batendo ruidosas palmas.

– Com efeito – acrescentou Melkisedec –, pois vinha falando disto com Jhasua para encurtar o tempo de nossa viagem.

– Aqui chegamos ao primeiro arroio dos três que devemos vadear – gritou o Kabir da caravana –, e é bom que os animais bebam, comam e descansem.

Todos desmontaram, e os encarregados dos animais foram cuidar deles, enquanto os viajantes se estendiam na relva sob a sombra dos plátanos, que marcavam o curso dos arroios com suas verdes e esbeltas silhuetas.

– Acabamos de fazer a primeira jornada das três que teremos até Damasco – disse o Servidor, que já havia feito esse caminho muitas vezes.

"Aqui," acrescentou, "tenho uns velhos amigos a quem visito toda vez que viajo por estes lugares. Agora já faz mais de quatro anos que não os vejo.

"Quereis acompanhar-me?," perguntou aos seus companheiros.

– Mas, onde estão esses seus amigos daqui, se não se vê casa alguma? – interrogou Jhasua, olhando em todas as direções.

– Como não? Já os verás. – E o Servidor começou a andar até uma lombada verde, coberta de arbustos e de trepadeiras, onde algumas oliveiras centenárias e umas enormes figueiras ladeavam o verde montículo como que protegendo-o dos ventos ardentes da Arábia que, vez por outra, sopravam como furacões de fogo.

Contornando-se a lombada pelo lado do oriente, via-se que era como se ela tivesse sido cortada verticalmente, e esse corte aparecia todo coberto de fortes troncos de plátano. Entre um tronco e outro havia uma porta, e, sentados junto a ela, estavam dois homens, um velho e outro jovem. Faziam uns estranhos cordéis com tiras muito finas de couro de animais. Cada um tinha ao seu lado um grosso rolo do cordel que estavam tecendo.

Assim que avistaram o Servidor, deixaram tudo e correram para abraçá-lo. Ao ouvir as exclamações de regozijo, apareceu na porta uma mulher já de idade, com um menino de poucos anos, que se agarrava ao seu vestido, impedindo-a de andar.

– Toda uma família! – exclamou Jhasua. – Toda uma família sob esta lombada de terra. Isto é maravilhoso!

Chegaram até a porta da mísera cabana, em meio a grandes gritos do menino, que fugia das pessoas como um corço assustado.

– Pelo que vejo, a família aumentou – disse o Servidor, tratando de consolar com carícias o pequenino que chorava cada vez mais, ocultando-se entre as dobras do vestido da mulher.

– Sim, sim – disse o ancião –, aos pobres sempre são dados estes presentes, que equivalem a uma pedrada no olho.

– Não obstante, hás de confessar, Yuref, que tais pedradas são aprazíveis – continuou dizendo o Servidor. – Traze aqui uns bancos, e conversaremos durante todo o tempo em que a caravana descansar.

O velho juntamente com o jovem que, seja dito de passagem, tinha uma de suas pernas de pau, motivo pelo qual andava com certa dificuldade, trouxeram diversos bancos. A criança foi demonstrando alguma amizade ao Servidor, depois que este a levantara nos braços.

Neste meio tempo, observava Jhasua, com bastante interesse, a estranha vivenda, onde os troncos, por dentro e por fora, serviam de pilares, sustentando a caverna habilmente aberta na lombada de terra pedregosa, onde os musgos sedosos decoravam o ambiente de um modo bem natural.

A mulher, já de uns 60 anos e de aspecto triste, como quem sofreu muito, ofereceu-lhes uma vasilha com figos e pão fresco, cozido nas brasas, e que ainda estava quente. Era tudo o que tinha.

– Conta-nos, Yuref, algo da tua vida e, sobretudo, como veio este menino – pediu o Servidor ao seu velho amigo.

– A passagem das caravanas por aqui sempre traz alguma ajuda, porque o Kabir já nos conhece e, ao prosseguir viagem, deixa-nos todas as sobras dos viajantes. Há três anos e alguns meses, uma tormenta de vento, chuva e relâmpagos deteve essa caravana em Cesaréia, e somente se arriscou um dos viajantes que tinha muita pressa em chegar a Damasco. Passou a toda velocidade do seu cavalo como um negro fantasma da noite, apenas alumiado pela luz dos relâmpagos.

"Nem bem havia passado, ouvimos os gritos de uma criança, os quais, apesar da chuva e dos trovões, chegavam até nós, tão aflitos que, arriscando-nos a sermos atirados por terra pelo vendaval, saímos, meu filho e eu, até o caminho.

"Encontramos, então, este menino, que devia ter, quando muito, uns seis meses; e era tão formoso como o é agora.

"Quem é? De onde vem? Por que seus pais o jogaram fora?

"Tudo isto é um segredo que não pudemos decifrar. A caravana chegou aqui depois de passada a tormenta, e eu me dirigi ao Kabir para averiguar se ele sabia algo deste mistério. Nada sabia; apenas pôde esclarecer que o viajante que se adiantara para Damasco havia-se unido à caravana em Cesaréia de Filipos, levando, como única equipagem, um pequeno fardo – roupas, segundo parecia – colocado num alforje. Era este; reparai – disse o Ancião, despendurando, de um suporte existente num dos troncos, um alforje tecido com fios de esparto, e que tinha dois compartimentos.

"Aqui estava o menino," apontou o velho, "e aqui encontramos um rolo de roupas e uma sacolinha com algumas poucas moedas de prata que ainda conservamos. Esta é toda a história."

Entrementes, sentado sobre um banquinho feito de um pedaço de tronco de plátano, Jhasua havia conquistado a amizade do menino, que já se aproximava dele sem medo algum.

– Ele tem nome? – perguntou um dos Essênios.

– Dentro da sacola de moedas estava uma tabuinha com esta palavra: Boanerges. Demos este nome ao menino, embora sem saber o que o termo significava.

– Tal palavra é árabe antigo e quer dizer: *Filho da tempestade* – disse Melkisedec, que conhecia a fundo as remotas origens da língua nascida no antigo *Penhasco de Sindi*, o qual, mais recentemente, era conhecido por Monte Sinai.

– Pois o nome está muito bem aplicado – disse o velho –, visto como ele veio para a nossa cabana numa noite de tempestade.

– Muito bem, Yuref – observou o Servidor –, não lamentes a obra de misericórdia que fizeste, porque, provavelmente, por causa dela Jehová dar-te-á paz e abundância.

– Realmente, assim é, Servidor – esclareceu a mulher, cujo nome era Fati –, pois, desde a vinda do menino tornou-se abundante a caça de animais selvagens e também tem havido mais pedidos dos cordéis que os viajantes nos compram e levam para outros países. Meu marido e meu filho trabalham até altas horas da noite para poder atender às encomendas.

– Mostra-nos a tabuinha e as moedas, se não existir nenhum inconveniente – disse novamente Melkisedec.

– Oh, nenhum – respondeu o velho e foi buscar esses objetos, guardados numa botija de barro, debaixo de sua cama de troncos e de peles.

– Estas moedas – observou o Essênio – não são do Governo Romano, mas provêm do Irã. São persas.

– Que mistério! O nome árabe e as moedas persas.

– Que vos parece, Servidor: se tomarmos as moedas e dermos igual valor em prata romana? Serviriam para o nosso estudo e como um meio para descobrir a origem deste menino. Conviria igualmente levarmos a tabuinha.

– Consentes, Yuref? – perguntou o Servidor.

– Nem é necessário perguntar – respondeu o velho. – Que é que este pobrezinho iria fazer com estas moedas e com a tabuinha?

– Muito bem. Agora Jehová há de dar-te um grande prêmio pela tua obra de misericórdia. Preparai todas as vossas coisas e, quando do nosso regresso, vireis conosco para a Galiléia, onde, com o vosso ofício de cordoeiros, podereis muito bem melhorar de situação.

– Mas, que será da caça de animais selvagens? – perguntou o jovem da perna de pau, falando pela primeira vez.

– Os escabrosos montes da Samaria são mais ricos em caça do que esta planície; e, aproveitando somente a temporada, tereis material de sobra para tecer cordéis durante cinco anos – respondeu o Servidor. – Aqui levais vida muito dura; e eis que tu e a esposa já não sois jovens.

A mulher deixou correr algumas lágrimas que, provavelmente, estavam sepultadas em seu coração havia muito tempo.

– Não é verdade, Fati, que desejas voltar para a Galiléia? – perguntou o Servidor.

– Oh, sim! É tão horrível viver como selvagens nesta solidão!

– Não se fala mais. E nesta cabana colocaremos uma tabuleta com os dizeres: "*Refúgio para caminhantes.*"

"Deixareis vossa pobre mobília de troncos e de ervas secas, vossos cântaros e as peles. Lá no Tabor, tereis tudo quanto necessitardes."

Jhasua estava encantado com o menino, que, numa linguagem pouco inteligível, mas cativante, mostrava uns pobres passarinhos meio estropiados que guardava num cestinho, e que lutavam por ensaiar o vôo.

– Vamos dar-lhes liberdade – disse ao menino levando-o pela mão para fora. Soltou as avezinhas, que deram apenas um curto vôo e caíram por terra. O menino ia chorar, mas Jhasua presenteou seu novo amiguinho com algumas bugigangas e guloseimas adquiridas nos bazares de Cesaréia, que ele havia destinado a seus protegidos de Nazareth. O pequeno encantou-se com uma pequena flauta, espécie de ocarina, da qual começou a arrancar uns sons que o faziam rir de tal maneira que todos acabaram por aplaudir-lhe o dom musical.

Começou dessa maneira a vida de Boanerges, o pastorzinho músico, que com seus cantos enchia as pradarias galiléias e ajudou, com suas sutis e emocionantes inspirações poéticas, a Maria de Mágdalo a encontrar seu caminho junto ao Homem-Luz. Era ele, Bohindra, célebre entre os Kobdas da Pré-História, que voltava à vida como um *filho de ninguém*, para sê-lo tão-somente do Amor Eterno, ao qual se havia consagrado voluntariamente (*).

A partir daquele momento, Jhasua e Boanerges mantiveram-se juntos até os dias da vida pública do Cristo nas pradarias da Galiléia.

O caminho das caravanas seguia, daí em diante, pela mais formosa e risonha planície de toda aquela região até Damasco. Povoada de hortos de maravilhosa fertilidade, bem como de pequenos bosques de nogueiras, oliveiras, ameixeiras e damasqueiros – cujo acesso não era impedido por nenhuma cerca –, aquela verde e exuberante campina permitia que, até certo ponto, os viajantes se tornassem donos da abundância com que a Mãe-Natureza a havia dotado.

Discretas gravações em tábuas presas nas árvores, de espaço em espaço, diziam: "Viajantes, usai sem abuso dos dons da Natureza, e tereis alimento em todas as vossas viagens."

Alguns pastores de antílopes e de ovelhas vigiavam gratuitamente o cumprimento dessas indicações, sem contudo usar de violência.

Jhasua, observador como sempre, advertiu imediatamente a seus mestres Essênios:

– Não sei por quê, mas parece-me encontrar aqui vestígios de nossos Terapeutas.

– Não estás equivocado – respondeu o Servidor. – Os Terapeutas saídos do Santuário do Hermon têm toda esta região como campo de ação.

"Em minha juventude, percorri estes caminhos várias vezes a cada ano."

– E eu igualmente – acrescentou Tholemi, que também havia passado a sua juventude no Hermon. – Agora mesmo terás a prova – disse ele e aproximou-se de um dos pastores, que tocava flauta sentado à sombra de uma nogueira:

– És o dono deste horto? – perguntou.

– É como se o fosse, pois, em troca do pasto que os meus antílopes consomem, cuido para que as árvores não sejam estragadas.

(*) Bohindra veio a ser Hussin, da Etrúria, que Jhasua conheceu no Santuário do Quarantana e que caiu morto à beira do lago, quando tomou, pela visão de Zared, o Essênio que vinha dar a notícia de que os 70 Anciãos do Moab atravessariam o lago ao anoitecer do dia seguinte. Jhasua tinha, então, 12 anos (N.T.).

– Darias um punhado de ameixas a este companheirinho que tem fome e sede? – perguntou novamente.

– Apanhai quantas quiserdes, contanto que os ramos não sejam quebrados.

– Conheces os Terapeutas?

– Sou sobrinho de um deles – respondeu. – Faz apenas um mês que ele passou por aqui.

– Somos Terapeutas do Tabor e vamos a Damasco – disse Tholemi, abrindo sua túnica escura e mostrando, sobre o peito, a estrela de cinco pontas, distintivo usado pelos Terapeutas do sétimo grau.

– Oh, sede bem-vindo! ... Jehová seja convosco, Mestre! – exclamou o pastor. Jhasua escutava em silêncio.

– Vais com freqüência a Damasco? – voltou a perguntar.

– Quase todos os sábados vou à Sinagoga de Ananias, irmão de minha mãe.

– Onde fica?

– Na rua grande, Tharik-el-Adva, à esquerda, entrando pela porta oriental, onde começa a colunata. Logo após terdes passado a porta, encontrareis a primeira fonte. Ali está sempre um velho vendedor de frutas. Perguntai por Ananias, e ele vos informará, pois cuida do estábulo dele durante a noite.

– Está bem, irmão, muito agradecido! Como te chamas, para mencioná-lo aos teus parentes? ... – perguntou novamente o Essênio.

– Todos me chamam Judas, filho da viúva Sultane. Minha mãe e eu vivemos no Horto de Ananias, onde me criei.

– De maneira que – acrescentou o Essênio – tua casa e a de Ananias são uma só.

– Quase, quase – respondeu o mocinho –, com a diferença de que ele é o dono e, desde que meu pai morreu, nós somos os hóspedes. Meu tio, o Terapeuta, é irmão de Tadeu, meu pai.

– Então já podemos contar que temos casa em Damasco, onde hospedar-nos – acrescentou o Servidor. – Nosso antigo costume é hospedar-nos em casa de um familiar ou de um Essênio, e aqui encontramos ambas as coisas ao mesmo tempo.

– Estarei convosco assim que, ao anoitecer, guardar o gado – disse o jovem pastor, não sem, antes, dirigir um eloqüente olhar para Jhasua, que parecia atraí-lo como um ímã.

Percebendo a onda de amor reverente que nascia na alma de Judas para com Jhasua, o Essênio esclareceu:

– Este jovem é um estudante do Tabor e vem de Nazareth. Esta noite, ficaremos juntos na tua casa, Judas.

– Tenho ouvido tantas coisas de um menino de Nazareth, que agora deve ter a idade deste! – exclamou pensativo o pastor. – Não sei por que esta recordação veio à minha mente! Meu tio, o Terapeuta, levou, uma vez, para ele, um cofre vindo do Golfo Pérsico, da parte de uns solitários do Indo.

– E desde então – interveio Jhasua – amas o menino de Nazareth sem conhecê-lo?

– Realmente; tenho até sonhado com ele, e creio que sois vós mesmo! – voltou a dizer o pastor.

– Sim, Judas, sou eu e agradeço o teu amor, do mesmo modo que agradeci o cofre com ouro que foi levado por teu tio, o Terapeuta, quando eu completava os 12 anos.

– Então sois vós aquele! ... – exclamou com os olhos cheios de assombro e úmidos pela emoção. – Minha mãe e meu tio Ananias esperam vossa presença em Damasco, há mais de cinco anos.

– E por que esperam?

– Porque uma voz do Céu lhes disse, ao mesmo tempo, em sonhos "que *O Esperado* estava em Nazareth e que, um dia, viria a Damasco".

"Eles tiveram a constância de aguardar cinco anos pelo cumprimento daquilo que lhes foi anunciado."

– Acreditas de verdade nessas vozes internas? – perguntou Jhasua.

– Oh, sim! Acredito! ... A vida de justos que levam minha mãe e meu tio permite-me pensar que realmente merecem ouvir essas vozes do Céu. A casa deles é o lar de todos os desamparados.

– São eles discípulos dos Terapeutas? – interrogou Jhasua.

– Não sei o que são; unicamente sei que são bons cumpridores da Lei de Jehová.

– Damasco à vista! – gritaram logo muitas vozes, enquanto Judas, o pastor, ia caminhando ao lado das cavalgaduras de Jhasua e dos Essênios, como se não pudesse deter seu passo junto a eles.

– Fica em paz, Judas, meu amigo, que esta noite pernoitaremos em tua casa – disse Jhasua docemente.

O pastor deteve-se como um poste imóvel plantado no caminho, apoiado no seu cajado de vara de amendoeira, e seus olhos bondosos seguiram a Jhasua por muito tempo.

– "As estrelas e as almas se assemelham" – disse Melkisedec, como respondendo ao pensamento do jovem Mestre, que cavalgava silencioso a seu lado.

– Por que dizeis isto? – perguntou Jhasua.

– Porque vi a órbita que segue a alma desse pastor desde tempos longínquos, como uma estrela que corre ao redor de um sol no infinito.

– Não vos compreendo! ...

– Ou não vos atreveis a aprofundar o sentido de meu pensamento!? Quando Abel foi o Homem-Luz dos Kobdas, esse pastor era filho de um caudilho importante, e foi tomado pelas forças do Mal como instrumento para aniquilar a Abel, a cujo lado foi colocado com esse sinistro fim, como ocorreu várias vezes.

– E que resultou? – indagou pensativo Jhasua.

– Que o presumível assassino de Abel foi tocado pelo amor do Homem-Luz e que, de inimigo se transformou em seguidor entusiasta.

"A estrelinha tem seguido sua órbita marcada desde a eternidade, e hoje encontra a trajetória do seu sol, ao qual seguirá iniludivelmente."

Antecipamos, para o leitor, que esse jovem pastor de antílopes veio a ser, futuramente, o apóstolo Judas de Gamala, chamado o Justo, para distingui-lo do Judas de Iscariote, que entregou o Divino Mestre uma noite, no Horto de Getsêmani. É conhecido também por *Judas, filho de Tadeu.*

Pouco depois, os viajantes entraram em Damasco pela porta oriental Bab-Scharquis, onde um vendedor de frutas junto à fonte indicou aos Essênios qual era a casa de Ananias, o Hazzan da mais freqüentada Sinagoga da grande cidade cosmopolita, cujo aspecto exterior era mais árabe do que romano, não obstante a grandiosa colunata de estilo romano, que a atravessava em fila dupla, do oriente ao ocidente.

A grande cidade, foco do comércio daquela época, na vasta planície ao pé da Cordilheira do Líbano, ia ter presente por algumas horas o Desejado de Israel, anunciado por seis gerações de Profetas; e, em Damasco, seria ele intensamente amado por hebreus e pagãos, como o foi em todas as partes onde pôs os pés.

Tão-somente Jerusalém, como seu Templo de ouro e sua corte sacerdotal sibarita e envilecida, devia ser o ninho de víboras que cortaria as asas ao divino rouxinol do

Amor Eterno, cujo cantar imortal "*Ama ao próximo como a ti mesmo*" soava mal aos ouvidos dos hipócritas, que, sob a sagrada investidura, viviam de seu povo.

Deteve-se a caravana em Damasco um dia e uma noite, e Jhasua teve tempo para percorrer a grande colunata, acompanhado por seu mestre Melkisedec e guiados, ambos, por seu novo amigo Judas, que explicava amplamente o que de mais interessante se oferecia à vista dos viajantes.

Ao redor da longa série de colunas e sob o seu esbelto e bem decorado teto, parecia esvaziar-se toda a vida de Damasco, nos múltiplos aspectos que oferecia.

Para ali convergiam as escravas das damas opulentas em busca de quanta fantasia pudesse imaginar seu voluptuoso capricho.

Compradores e vendedores, mercadores em geral, de toda classe de mercadorias e até de honras e vidas, tinham sob aquelas colunas o cenário obrigatório de dramas ou tragicomédias que a inconsciência e o egoísmo humanos criavam a cada instante.

Jhasua logo ficou a par disso. Bastou-lhe apenas observar que muitos dos transeuntes contavam as colunas que, qual mudas sentinelas, formavam fila dupla de cada lado do brilhante pavimento.

Uma vez contadas as colunas, colocavam-se, como que distraídos, apoiando-se, eventualmente, nas de número 6, 8 ou 15 daquela interminável série.

Era aquele, sem dúvida, um lugar de encontros, poucas vezes utilizado para amores fugazes, contudo, principalmente, para assuntos lucrativos e até sinistros.

Na excursão que Jhasua fizera, ao cair da noite em que a caravana permaneceu em Damasco, sua fiel estrela de Ungido do Amor apresentou-lhe algumas belas e emotivas oportunidades, que sua fina intuição soube utilizar maravilhosamente.

Viu uma escrava etíope, alta e robusta, envolta totalmente num manto escuro, que levava à força, e pouco menos que de rastos, uma jovem de corpo miúdo e pezinhos brancos, metidos em chinelas adornadas com contas de cristal, que brilhavam à luz das tochas. Um manto amarelado cobria-lhe a cabeça e grande parte de seu pequeno corpo. A Jhasua pareceu que aquela mocinha chorava.

Notou que a escrava contava as colunas a partir da fonte do vendedor de frutas e que se deteve ao chegar à de número 20, que ficava defronte à saída de uma escura ruela, junto a um enorme plátano.

Fez essa observação ao seu Mestre Melkisedec e a Judas, e este, como velho conhecedor do que ali ocorria, opinou:

– Deve ser uma bela venda ou uma forma de tirar do caminho alguém que estorva. Isto é muito comum aqui e, não havendo derramamento de sangue, não há por que preocupar-se.

– Como não – interrogou vivamente Jhasua. – Judas, gostarias que cometessem tal infâmia com uma irmã ou filha tua?

– Certamente que não; mas, por sorte, não tenho irmãs nem filhas – respondeu o aludido.

– Toda criatura humana é um próximo, e a Lei diz : "Ama a teu próximo como a ti mesmo."

"Não é esta a Lei?," perguntou, voltando-se para seu Mestre.

– Sim, meu filho; contudo, é bom sermos prudentes, em vez de precipitar-nos. Sentemo-nos neste banco à maneira de passeantes que descansam, e fiquemos observando.

Achavam-se a poucos passos de um velho vendedor de bugigangas, do qual ninguém se aproximava. Jhasua comprou dele flautas e chocalhos, pensando em seus amiguinhos das Ruínas de Dobrath e nos de Nazareth.

Percebeu Melkisedec que a escrava dizia para a menina:

– Fica neste lugar, pois por esta ruela logo aparecerá aquele que há de ser o teu amo. Mantém-te calada e obediente, está bem? ... porque, do contrário, já sabes o que te espera! Deves estar contente porque meu marido e eu te livramos de seres lançada ao fundo do lago com uma pedra amarrada ao pescoço.

Então perceberam abafados e profundos soluços por parte da mocinha.

Jhasua queria falar com essa mulher para lançar-lhe o crime em seu rosto, mas seu Mestre o deteve.

– Deixa isto por minha conta – disse em voz baixa.

Ao retirar-se, a mulher teve que passar perto deles, e o Essênio dirigiu-se a ela.

– Boa mulher – disse no idioma em que a ouvira expressar-se –, vejo que acabas de praticar uma ação que não fica bem para uma filha de Alá.

"Sou um viajante que observa, por ordem superior, tudo quanto se faz nas grandes capitais, e não quero causar-te dano algum. Eu te dou, portanto, o preço pago por essa menina, que deve ser restituída à sua mãe."

Assustada, a mulher murmurou palavras de escusa, enquanto olhava cautelosamente para a ruela escura.

– A mãe dessa jovem é uma escrava grega – disse, por fim –, e como ela desagrada à ama porque o herdeiro a quer para si, decretaram a sua morte.

"Quis fazer-lhe um bem salvando-lhe a vida em troca de uma sacolinha de moedas de prata, que recebi daquele que será o seu novo amo. Há nisto algum mal?"

– Claro que há, e grande! Não sabes que só Alá é dono da vida e dos destinos dos seres humanos?

– Sim, amo, sim; assim diz a Lei de Alá, mas, para nós escravos, não existe outra lei senão a do chicote.

"Também minha filha foi vendida, e nunca mais a tenho visto."

– Está bem, vejo que és mais infeliz do que má. Eu posso conseguir tua liberdade, bem como a dessa mocinha e a de sua mãe; e, talvez, possa também devolver-te a tua filha.

"Alá é bom e poderoso quando seus filhos cumprem a Lei."

– Oh, meu amo! ... Sois um Arcanjo de Alá! ... Desejo fazer tudo quanto dizeis, mas temo cair em desgraça e ser torturada horrivelmente.

– Não temas nada. Entrega-me a jovem e em seguida vai buscar a mãe dela. Eu te espero junto ao parapeito da fonte, na entrada da cidade. A mulher encobriu-se mais ainda com o manto e desapareceu na escuridão, deixando a pequena apoiada na coluna, a chorar silenciosamente.

Jhasua correu primeiro até ela e, tomando-a pela mão, procurou atraí-la; mas, não o compreendendo, ela resistia.

Melkisedec esclareceu em poucas palavras:

– Nós vamos salvar a ti e a tua mãe. Vem, pois, sem nenhum medo.

Desta sorte a pobrezinha, que contava, no máximo, 15 anos de idade, deixou-se levar até a fonte. Judas ficou observando para averiguar a chegada do homem que havia comprado a adolescente.

Ele chegou, efetivamente, alguns momentos depois e, tendo olhado para todos os lados, contou e recontou as colunas até o número vinte.

Passeou nervoso ao longo das vinte colunas e, aproximando-se, por fim, do velho vendedor de flautas e chocalhos, interrogou-o se havia visto uma escrava com uma jovem.

– Meu amo – respondeu o velho –, passam tantos e tantos a cada instante, e me perguntais se vi uma escrava com uma adolescente?!

Temeroso de que o homem ficasse por mais tempo e surpreendesse a volta da escrava, Judas aproximou-se e lhe disse:

– Vi aqui, nesta coluna, as pessoas que buscais, mas, como a mocinha gritava e forcejava tenazmente, interveio o guardião da ordem e levou-as consigo.

Tão logo ouviu isto, o homem voltou apressadamente para a escura ruela e desapareceu como se tivesse sido tragado pelas trevas.

Pela fuga tão rápida, Judas compreendeu que aquele malvado tinha medo de justiça e, rindo satisfeito, dirigiu-se à fonte onde o Essênio e Jhasua o esperavam.

Percebeu que tinham despojado a infeliz de seu manto amarelo vivo, que poderia servir como um sinal de reconhecimento, e que lhe haviam comprado um manto celeste com debruns purpurinos, muito usado pelas donzelas de boa família. Juntamente com Jhasua, chupava dourados cachos de uva, parecendo velhos amigos.

Alguns mercadores começavam a encaixotar suas mercadorias, sinal, segundo explicou Judas, de que logo soaria o sino na vizinha Torre da Guarda, hora essa em que devia cessar toda atividade comercial na colunata. Isto ocorria na segunda hora da noite, que equivale às 22 horas para nós.

Já estavam quase para retirar-se, e só os retinha a ansiedade da adolescente, que aguardava a mãe, quando viram aparecer a escrava etíope com o marido e uma jovem e enfraquecida mulher, com a qual a mocinha se abraçou fortemente. Ambas choraram de tal modo que comovia profundamente.

Com os olhos úmidos de lágrimas e o coração comovido, Jhasua contemplava, em silêncio, essa dolorosa cena.

O Essênio falou em voz baixa com a escrava etíope e com seu marido, para os quais compraram algumas peças de roupa que lhes permitiam mudar-lhes o aspecto exterior, e, fazendo vários rodeios por outras ruas, voltaram para a casa de Judas.

Ali haveria oportunidade para os esclarecimentos conducentes a resolver o problema de vida ou morte daqueles infelizes, cativos do feroz egoísmo humano.

Jhasua regressava exuberante de felicidade. Poucas vezes se sentira tão feliz como nessa noite passada em Damasco. Jamais haveria de esquecer aquela grande colunata.

– Isto é amar ao próximo como a si mesmo! – exclamou. – É assim que o Pai Celestial quer que nos amenos uns ao outros. Que bela noite em Damasco! ... na qual se abraçaram três raças, que o egoísmo humano tem dividido com ódios profundos: a grega, a etíope e a hebréia.

"Tal é o amor de Deus e do próximo prescrito pela Lei de Moisés."

Realizou-se uma reunião dos Essênios com Ananias, o Hazzan da Sinagoga, tendo por base as informações dadas pelos quatro seres salvos da desgraça.

Daí resultou que a mulher grega e a filha haviam saído de sua terra natal dois anos antes, acompanhadas do chefe da família, pai da mocinha. Desembarcaram em Tiro, para, dali, empreender viagem à província da Galiléia, onde um tio seu, que gozava de boa posição, os chamava para trabalhar a seu lado. O tio chamava-se Hermes de Falérea e era possuidor de formosos campos e bosques num lugar chamado Mágdalo, junto ao Mar da Galiléia.

– Oh, sim, sim! – gritou entusiasmado Jhasua. – É a menina da cesta de frutas, naquela formosa barca branca e azul.

– O lugar é esse – disse o Servidor –, mas não sabemos se o pai daquela menina será o parente que mandou buscá-los.

– Eu sei – afirmou Jhasua –, pois na proa da barca eu li o nome: "Hermes".

– Bem, Jhasua – disse outro dos Essênios –, já temos resolvida a metade do problema.

– E eu que ofereci trazer para aquela menina rouxinóis do Líbano! Olhai que espécie de avezinhas lhe trago!

O chefe da família grega havia morrido durante a travessia e, como conseqüência, um viajante ambicioso por ouro se apropriou da mãe e da filha e, mediante falsidades, vendeu-as ao eunuco de um príncipe damasceno, que as comprou para o harém de seu amo, pois ambas eram formosas.

Quanto ao casal etíope, resultou que somente a mulher era escrava, pois o marido nunca pôde efetuar o resgate dela, em face dos mesquinhos ordenados que costumavam pagar aos homens de cor, por mais duros e penosos que fossem seus trabalhos. A filha da escrava, com apenas 14 anos, fora vendida três anos antes, e seu pai havia averiguado que ela estava em Sidon, a segunda cidade e porto fenício sobre o Mediterrâneo.

Essa jovem formava parte do serralho de um príncipe etíope desterrado de seu país, por ter pretendido destronar o soberano reinante. Decidira manter perto de si um grupo de belezas de sua terra natal; e os encarregados de satisfazer esse capricho de seu senhor haviam recolhido na Síria as mais lindas donzelas de cor que puderam encontrar. A infeliz mãe assegurava que, para resgatá-la, iria empregar o ouro que lhe prometiam pela menina grega, que tão oportunamente acabava de ser salva.

Um dos quatro Essênios, companheiros de viagem de Jhasua, era sidônio de origem e prometeu fazer com que seus familiares, ali residentes, interviessem no sentido de resgatar a jovem escrava negra.

Quando Ananias e sua irmã, mãe de Judas, viram os estranhos hóspedes que lhe traziam, surpreenderam-se grandemente; então, com muita graça, o Servidor disse:

– A isto se expõe aquele que hospeda na sua casa um Profeta de Deus.

"Onde o nosso Jhasua põe o pé, seguramente aparecem logo os seus protegidos, os quais, sem exceção, trazem consigo uma enorme carga de dor.

"Que ele vos explique, pois, o que significam essas quatro pessoas que recolhemos na grande colunata."

A boa Sultana, mãe de Judas, acariciando a mocinha grega, disse:

– Minha filha Sarai teria a mesma idade que tu, se estivesse viva.

Os novos hóspedes foram recebidos alegremente entre os bons servidores de Deus, que prometeram retê-los até o regresso de Jhasua e dos Essênios, que, no dia seguinte, empreenderiam viagem até Ribla.

A partir desse momento, o caminho prosseguiu costeando colinas e montes cobertos de exuberante vegetação. Nada podia comparar-se aos pequenos vales prósperos que, continuamente, alternavam com os primeiros cumes majestosos da Cordilheira do Líbano.

– Nossa Galiléia é formosa – disse Jhasua entusiasmado –; no entanto, é pobre comparado com isto. Parece impossível que a dor consiga abrigar-se no meio de tanta beleza e abundância como nos oferece a Mãe-Natureza. Será verdade, Servidor, que, nestas formosas paragens, nenhum ser humano padece?

– Não fales muito alto, mocinho, porque pode ser que ainda te defrontes com alguma surpresa – respondeu afavelmente o Ancião Essênio Tholemi, que conhecia profundamente a região.

Era já quase o final da manhã, e ouviam ressoar os golpes dos machados dos

cortadores de madeira, que, em grandes grupos, derrubavam cedros gigantescos para as magníficas construções das capitais vizinhas.

Enormes manadas de jumentos e mulas arrastavam os pedaços dos troncos até a margem dos rios, em cuja corrente os experientes do lugar os amarravam em forma de balsas, que, assim, eram conduzidas até os serradores, cujas oficinas de trabalho ficavam nas imediações.

Por entre aqueles imensos bosques e serranias, era difícil distinguir as vivendas humanas, que só podiam ser percebidas pelas colunas de fumo que, de vez em quando, se destacavam sobre o límpido azul daquele claro céu de cristal.

Nisto, saiu de uma daquelas cabanas, escondidas entre a selva, um grupo de homens levando macas em direção ao caminho onde a caravana deveria passar.

– Por piedade – disseram ao Kabir –, levai para Ribla estes dois moços que se acidentaram no trabalho. Eles têm suas famílias naquela cidade e nós não podemos curá-los.

– Mas, como quereis que os leve do jeito que estão, impossibilitados ao extremo? – argüiu o Kabir.

– Eu não te dizia, mocinho? – repetiu o Essênio Tholemi, desmontando juntamente com Jhasua e vários outros viajantes.

Os feridos queixavam-se de muitas dores.

– Esperai, por favor, alguns momentos – disse o Servidor ao chefe da caravana – e veremos que espécie de ferimentos eles têm.

– Um deles parece ter quebrado a coluna vertebral e o outro tem uma perna e um braço partidos.

– Deixai as macas sobre a relva, que faremos alguma coisa para aliviar-lhes as dores – acrescentou outro dos Essênios.

– São acidentes do trabalho que ocorrem aqui com muita freqüência – disse um dos que conduziam as macas. – Esses perigosos cedros são traiçoeiros e, por vezes, quando se bate em algum nó muito duro, o machado resvala e salta a grande distância, juntamente com o cortador. Outras vezes, um nó quebradiço divide o tronco antes do tempo e tanto a árvore como o cortador são atirados por terra em condições perigosas.

Os Essênios examinaram os dois enfermos. Tratava-se de um deslocamento da coluna vertebral num deles e fratura da tíbia e do braço em outro, pouco abaixo do ombro.

– Aqui seremos testemunhas de outro milagre como aquele da mulher dos montes da Ituréia – disseram vários dos viajantes. E, com grande curiosidade, ficaram observando atentamente.

– Estes Terapeutas são magos – disse outro –; fazem cada coisa que realmente mete medo.

– O melhor é que fazem tudo sem cobrar dinheiro algum; coisa essa nada comum entre os demais do seu ofício – acrescentou outro.

– Ajudai todos com silêncio – recomendou em voz alta o Servidor. – E pensai que qualquer um dentre vós poderia ver-se em igual circunstância e que gostaria de ser socorrido.

– Sim, mestre; sim, mestre! – soaram várias vozes entre todos os viajantes.

Juntaram as duas macas, e Jhasua ajoelhou-se à cabeceira dos feridos.

Os Essênios ficaram em pé e concentraram-se em seu mundo interior, a fim de emitir para Jhasua toda a sua força espiritual e magnética.

Teriam decorrido uns vinte minutos, quando o ferido na coluna vertebral soltou um gemido e se sentou na maca como se uma forte mola o houvesse levantado. O outro se queixava também, movendo o braço e a perna como se fora um molinete.

Procuravam os viajantes ver o rosto de Jhasua, mas os Essênios haviam formado ao seu redor um estreito círculo, ocultando-o aos olhares profanos, visto como estes teriam podido prejudicar a delicada operação cirúrgica que, nesse instante, era realizada pelas forças postas em ação por meio do pensamento e da vontade.

Os Essênios clarividentes perceberam nitidamente que as mãos fluídicas de Jhasua saíam do seu envoltório material e tomavam substâncias do éter para enxertar nos ossos quebrados e nos tecidos machucados. Cerca de um hora durou aquela extrema tensão de vibrações magnéticas que formaram como que uma atmosfera fresca em torno dos dois enfermos.

As dores sofridas desde a tarde anterior haviam-nos deixado em estado febril, que os fazia tremer com fortes sacudidelas.

Notou-se que, pouco a pouco, foram aquietando-se até caírem em sono profundo.

Jhasua estava bastante extenuado; pelo que os Essênios fizeram-no recostar-se sobre umas mantas de viagem.

– Pobrezinho! – exclamaram alguns viajantes. – Cura os outros e, em troca, adoece.

– Não vos preocupeis com ele – disse o Servidor quando ouviu isso. – É um Profeta de Deus que cumpre a sua mensagem de amor à Humanidade, e o Senhor há de dar-lhe de novo aquilo que ele proporcionou a seus irmãos.

Em seguida, deram-lhe de beber xarope de uvas dissolvido em água de flor de laranjeira, e imediatamente viu-se que ele se reanimava e que seu rosto ficava novamente tingido de um suave carmim.

Ligeiramente inquieto com o que os viajantes houvessem podido pensar, pois seus rostos denotavam assombro, disse-lhes em voz baixa:

– Não me tomeis por um gênio que faz maravilhas. Sou um homem como vós, a quem o Poder Divino tomou como instrumento para derramar o bem sobre a Terra.

– Sois um homem de Deus! – disseram alguns. – Lembrai-vos de nós e tende piedade de tudo quanto nos sucede de mal.

– Cuidai vós mesmos em agir sempre de acordo com a Lei, e vossos males serão muito mais suportáveis.

Logo após este pequeno diálogo, os Essênios recomendaram aos que tinham trazido as macas que deixassem os doentes dormir quanto quisessem, sendo que, quando despertassem, já poderiam locomover-se com seus próprios pés.

– Chegaremos a Ribla sem outro incidente? – perguntaram os Essênios, sorrindo, ao chefe da caravana.

– Não sei, mestres, não sei. As pessoas adivinham, sem dúvida, que vindes na caravana e acodem apressadas com todas as suas doenças.

– Não vos aborrece o fato de alguns viajantes estarem acarretando tantos transtornos? – perguntou novamente o Servidor.

– De modo algum, porque, se eu me visse em igualdade de condições, também gostaria de ser socorrido.

– Pensais muito acertadamente. Então vamos agora rumar para Ribla! E que Jehová nos permita chegar o quanto antes!

– Chegaremos amanhã, ao meio-dia; a não ser que queirais viajar durante toda a noite, caso em que chegaremos ao amanhecer – respondeu o Kabir.

"Por toda esta tarde, atravessaremos a parte mais difícil da viagem, que é a '*Entrada de Joamath*', em cujo labirinto de montes e grutas nasce o Rio Orontes. Ao cair da tarde, já ouviremos a rumorosa queda de suas águas, de uma altura que verdadeiramente assusta."

– Não existe nada mais formoso do que vadear o rio numa noite de lua – acrescentou um dos viajantes.

Todos estiveram de acordo em apressar a marcha, já que haviam tido um longo descanso por causa dos feridos e, assim, chegariam a Ribla ao amanhecer, caminhando durante toda a noite.

– Com que ânimo te encontras, Jhasua, para esta viagem? – perguntou Melkisedec, vendo-o silencioso e sem fazer manifestação alguma de seu entusiasmo pelas belezas da paisagem que percorriam.

– Recordas, Mestre – respondeu –, que eu fazia ensaios de telepatia com Nebai, a filha de Harvoth?

– Lembro-me muito bem; mas isso não se relaciona em nada com minha pergunta.

– Sim, é verdade; mas o caso é que, desde que acabamos de curar os feridos, estou sentindo o pensamento de Nebai que me diz, a chorar:

"– Desmoronou-se um muro nas Ruínas de Dobrath, ficando sepultadas onze crianças com a anciã que cuidava delas."

– Oh, que desgraça, se isso for verdade! Logo o saberemos melhor.

O Essênio falou em voz baixa com Tholemi e com Azarias, pois ambos tinham a faculdade de desdobrar-se espiritualmente e averiguar o que ocorresse a grandes distâncias.

Deixaram passar todos os viajantes e se mantiveram na retaguarda. O Servidor disse ao Kabir:

– Logo em seguida vos alcançaremos.

Os cinco desmontaram e sentaram-se sobre os penhascos, ao lado do caminho.

– Seria de grande consolo para nós se pudéssemos ver o que ocorre em Dobrath – disse Melkisedec, o único que estava a par do pensamento recebido por Jhasua.

Tholemi e Azarias concentraram-se profundamente. Passados alguns momentos, ambos abriram os olhos e, em silêncio, escreveram, em suas cadernetas de bolso, estas palavras:

"Eu, Azarias de Sidon, declaro haver visto um desmoronamento parcial nas Ruínas de Dobrath, havendo desgraças pessoais entre os refugiados dali."

O outro leu em sua caderneta:

"Eu, Tholemi de Rhodas, declaro haver percebido que, nas Ruínas de Dobrath, desmoronou uma muralha e esmagou várias pessoas."

Destarte, com palavras diferentes, ambos os clarividentes confirmavam o pensamento percebido por Jhasua.

Logo alcançaram a caravana, cuja marcha era bastante lenta, em vista dos carregamentos que conduziam.

A noite caía lentamente sobre aquela soberba paisagem de montanhas gigantescas, cobertas de vegetação, e os rumores iam-se tornando cada vez mais melodiosos, à proporção que os viajantes se aproximavam das nascentes do Rio Orontes.

Uma escura greta, como se fosse a enorme boca de uma cabeça monstruosa, aparecia na encosta, pela qual passava o caminho. Dessa fenda corria sem cessar e em grande abundância um manancial que se parecia com leite, em virtude da forte pressão com que saía, quem sabe, de que profundidade da rocha.

Logo viram outra e, pouco depois, mais outra, daquelas bocas escancaradas pela montanha, para deixar escapar o precioso líquido de seu seio exuberante.

– São três Orontes! – exclamou Jhasua quando, no percurso, percebeu as três grandes infiltrações de água naquela serrania maravilhosamente fértil e fecunda.

– É apenas uma nascente – disse o Kabir – porque os três braços de água se precipitam num mesmo ponto da planície e correm juntos para desembocar no mar a muitos dias de viagem daqui.

Os raios do sol poente davam, de vez em quando, reflexos de púrpura e ouro àquelas límpidas águas, que, em ondas encrespadas, corriam por entre as pedras atapetadas de musgos, samambaias e begônias.

Os rouxinóis do Líbano, com os quais Jhasua havia sonhado, iniciaram seu concerto noturno, como um numeroso conjunto de sopranos que cantassem, tendo, como contrabaixo, o estrondo sonoro das águas do Orontes a se precipitarem na planície.

– Oh, se pudéssemos transladar para o sul este pedaço de terra! – exclamaram alguns viajantes, procedentes dos arredores de Madian e da Judéia.

– Que sucederia então? – perguntou Jhasua.

– Nossas pedras calcinadas cobrir-se-iam de vinhedos e nossos areais seriam transformados em campos de feno e trigais.

– A fé admirável de Moisés fez brotar água das ardentes rochas do Sinai – disse o Servidor. – Se os príncipes e os caudilhos do sul, em vez de gastarem tempo e ouro em lutas e em vícios que consomem suas vidas, se houvessem unido para desviar o curso do rio Jordão, como sonhava um de nossos Terapeutas, não se estaria perdendo essa grande corrente no lamaçal do Lago Morto, e todas aquelas regiões teriam sido transmutadas em terras ricas e produtivas.

"Não foi assim desviado o curso do rio Eufrates, na remota Antiguidade, pelo rei que reconstruiu a cidade de Babilônia? E o Eufrates tem um caudal de água dez vezes maior do que o Jordão.

"Se Herodes, o Grande, pôde construir, como por arte mágica, cidades maravilhosas quase no mesmo tempo em que se ergue uma tenda no deserto, transportando, para isso, à força de mulas, pedaços de muralhas, colunas de mármore, monumentos e templos gregos abandonados, só para satisfazer ao César e a si mesmo, não poderia ele ter apartado um estádio de terra para que o Jordão não mais lançasse suas águas nas do Mar Morto, tão venenosas? Com isso teria ele dado vida a várias regiões açoitadas pela seca e pela fome."

– Em geral, os dirigentes de povos amam desmedidamente a si mesmos e apreciam mais a satisfação de seu orgulho do que as necessidades de seus povos – disse outro dos Essênios. – Os fantásticos palácios que eles constroem destinam-se a seus prazeres e vaidades; ao passo que as águas do Jordão somente fariam nascer trigais para proporcionar pão aos famintos.

O Arquivo de Ribla

Na caravana começou a estender-se um surdo rumor de conversações e protestos contra a injustiça dos poderosos que então reinavam.

– Já virá o Messias que Israel espera – disse, por fim, um velho rabino que vinha da Judéia – e ele porá tudo em ordem como Deus manda.

– Oh, que venha logo! – exclamaram várias vozes ao mesmo tempo. – Porque, se demorar, iremos todos morrer de fome.

– Vós o esperais para já? – perguntou um dos Essênios.

– É que já deve estar aqui – voltou a dizer o velho rabino. – E não entendo qual o mistério existente que o impeça de apresentar-se ante seu povo.

"Jovem, tu que pareces um esboço de Profeta de Deus – disse dirigindo-se a Jhasua –, não poderias dizer-nos se veio e onde está o Messias que Israel espera?" Todos os Essênios prestaram atenção à resposta que iam ouvir.

– Israel espera um Messias que o torne poderoso para dominar o mundo – respondeu Jhasua. – Creio que o Altíssimo não enviará seu Filho para que os homens se matem em guerras de conquista, mas para que se amem uns aos outros, como cada qual ama a si mesmo.

– Moisés salvou Israel do jugo dos Faraós do Egito, e também foi ele o homem enviado por Jehová em benefício de seu povo – argüiu o rabino. – Por que, então, não podemos esperar que o Messias venha libertar Israel do jugo romano?

– O jugo romano é uma palhinha, se comparado com o jugo dos Faraós – disse outro dos viajantes –, e eu não vejo com maus olhos esse domínio romano.

– Sois filho de Israel? – perguntou escandalizado o rabino.

– Justamente porque o sou examino as coisas do ponto de vista da conveniência. Que seria do pobre povo hebreu submetido tão-somente à autocracia da casta sacerdotal que o suga, dominando tudo nestes últimos tempos?

"A autoridade romana cortou-lhes um tanto as garras e, ainda que sejam abutres que devoram tudo, pelo menos não são donos das vidas e das propriedades. A autoridade romana defende-nos da cobiça sacerdotal. Eu o entendo assim."

– Estais desviando a conversação – disse o rabino. – Eu queria que este adolescente ruivo se achasse inspirado por Jehová e nos dissesse se realmente o Messias nasceu, como indicaram os astros, ou se as estrelas mentiram, como mentem os homens.

– Os astros não mentiram, bom Ancião – respondeu Jhasua, olhando-o fixamente nos olhos. – O Messias está no meio dos homens, mas está escrito que os homens do seu povo o desconhecerão, porque só podem reconhecê-lo e senti-lo aqueles que querem, em verdade, ser purificados.

"Israel quer um Messias rei de nações, e está escrito que 'Ele não quebrará a cana que está descascada nem apagará a lamparina que ainda fumega; que repartirá seu pão com os famintos, e que será chamado varão de dores. Quem tem ouvidos que ouça. Quem tem inteligência, que compreenda'. Não foi assim que os Profetas anunciaram? ..."

Uma bruma de ouro resplandeceu no alto do monte atrás do qual se escondia o sol, e a cabeça ruiva de Jhasua parecia irradiar sutil e finíssima poeira dourada. Os Essênios clarividentes perceberam uma imensa auréola de ouro e azul que o envolvia até quase fazê-lo desaparecer.

O Ancião rabino foi imediatamente iluminado pela Luz Divina, porque era um homem justo e de boa-fé e, desmontando de um salto, aproximou-se de Jhasua começando a beijar seus pés, enquanto chorava em grandes soluços.

– Tu és o esperado Messias de Israel, Jovem de Deus! ... – exclamou como enlouquecido, deixando estupefatos os viajantes, visto que a maioria deles pouca atenção dava aos assuntos religiosos. – Eu vi a Luz de Deus sobre ti, e o coração não me engana.

Os Essênios intervieram.

– Montai, bom homem, que aqui não é lugar próprio para tratar desses assuntos. Quando chegarmos a Ribla, falaremos detalhadamente – disseram.

– Esse velho tem o cérebro amolecido – observaram alguns –, e quer apresentar-nos um drama sacro na metade do caminho.

A maioria dos viajantes, disseminados uns atrás dos outros ao longo do caminho, não se inteiraram desta conversação, pois somente podiam ouvi-la aqueles que cavalgavam junto ao grupo formado por Jhasua e pelos quatro Essênios.

O rumor do Orontes dominava tudo e apenas deixava ouvir a voz sonora do guia gritando:

– Alto! ... Chegamos à Ponte das Caravanas e devemos fazer um breve descanso ...

Desmontaram todos para estender-se sobre a relva. A jornada havia sido longa, e o cansaço apoderava-se de todos.

As primeiras sombras da noite envolviam tudo com essa suave penumbra das noites do Oriente que deixam perceber todos os objetos, como se o diáfano azul do céu e das primeiras estrelas tornasse mais tênue o manto das trevas. Jhasua, estendido ao comprido sobre o verde brilhante da relva, parecia uma estátua jacente de um Adônis adormecido.

O velho rabino sentou-se a seus pés para contemplar, a seu modo, aquele belo rosto de adolescente, emoldurado pelos cabelos bronzeados que caíam abundantemente sobre seus braços cruzados por debaixo da cabeça.

– Eis aqui o modelo perfeito para que um artista do mármore forge um Abel morto – disse o ancião ao ouvido do Servidor sentado ao seu lado.

– Ou de um Abel adormecido nas margens do Eufrates – intercedeu o Essênio tirando alguns alimentos de sua maleta de viagem.

Os outros Essênios se uniram ao grupo.

– Por piedade, deixai-me entre vós – suplicou o velho rabino – que prometo ser discreto. Bem vedes que quase estou terminando meus dias e não quero que se apague mais a luz que vislumbrei.

– Está bem. Vós mesmo dissestes assim: A luz que o Senhor acende, ninguém pode apagá-la. Ficai, pois, e compartilhai da nossa ceia.

O ancião viajava com um criado, o qual abriu, ante seu amo, um grande alforje repleto de comestíveis.

Fizeram mesa redonda com o rabino e seu criado, e, quando tudo estava disposto, o Servidor chamou Jhasua suavemente.

– Dormes, Jhasua? – perguntou.

– Sonhava ... – disse ele sentando-se lentamente. – Sonhava que atravessava um deserto abrasado pelo sol e que, extenuado pela sede, estendi-me num caminho para morrer. Vi que um velho lavrador me encontrou e deu-me de beber. Esse ancião tinha o mesmo rosto e a expressão que tendes – disse ao rabino.

Olhou este para os Essênios como perguntando se o jovem ainda falava sonolento.

– Os inspirados de Jehová – disse o Servidor – recebem a Luz Divina de muitas formas. Provavelmente o sonho de Jhasua foi uma cena passada ou será uma cena futura.

"Agora vamos alimentar os corpos, pois logo o Kabir nos chamará para a cavalgada."

– E, desta vez, será para deixar-nos às portas de Ribla – acrescentou outro Essênio, repartindo a cada um a parte que lhe correspondia de frutas, pão e queijo.

Durante a refeição, os Essênios e Jhasua procuraram manter uma conversação ainda mais íntima com o rabino e, dessa intimidade, resultaram algumas confidências inesperadas. Souberam que o ancião rabino, cujo nome era Miquéias, tinha vários filhos, um dos quais era Gamaliel, o jovem doutor da Lei que tanto havia admirado a clara luz de Jhasua na difícil e complicada ciência de Deus e das almas, quando, aos 12 anos, fora levado por José de Arimathéia para que escutasse os Doutores e Mestres de Israel.

Seu genro era Alfeu, que vira Jhasua no berço, naquela noite de seu nascimento. Sua cunhada era Lia, a viúva de Jerusalém que já conhecemos. Havia, pois, vinculação direta entre eles e os amigos e familiares do Cristo que o conheceram desde sua primeira infância.

– Pobre de mim! – disse condoído o velho. – Todos haviam visto a Luz, e somente eu estava na escuridão.

– Como se vê, o segredo andava entre os Essênios, que assim o mantiveram oculto durante tanto tempo!

– Por que meu genro Alfeu disto nada me contou? Como pôde silenciar desta maneira minha cunhada Lia, quando, em várias ocasiões, estive em sua casa com Susana, minha esposa?

– Nos desígnios divinos – respondeu o Servidor – todas as coisas têm sua hora e, enquanto essa hora não chega, densos véus encobrem aquilo que o Eterno quer que permaneça oculto. Provavelmente, por especiais circunstâncias muito comuns na vida humana, não deveríeis estar em condições de saber estas notícias.

– Assim é por desgraça – respondeu o ancião pensativo. – Eu tinha uma ligação muito forte até cerca de dois anos. Meu irmão mais velho, que morreu nesse tempo, era o intérprete e tradutor hebreu mais apreciado por Herodes, o Grande, cuja amizade com o alto sacerdócio de Jerusalém era motivada por essas relações com meu irmão. Como, por questões de interesse, eu dependia dele, sempre me encontrei manietado a suas opiniões e modos de ver em toda ordem de coisas. Sua morte libertou-me dessa escravidão, e somente agora me considero um homem livre.

– Bem podes ver que havia uma razão muito forte para que o Altíssimo mantivesse velados para vós Seus grandes segredos – acrescentou novamente o Servidor.

– Agora sim, que não vos deixo escapar mais – disse o ancião rabino entre enternecido e risonho, olhando para Jhasua que estava bastante ocupado a quebrar amêndoas e avelãs, para que os comensais as encontrassem já limpas.

– Reparai – disse o jovial Essênio Melkisedec –, chegastes ao banquete divino um tanto atrasado, porém ainda tendes a satisfação de ocupar um lugar na mesa do Profeta de Deus e comer amêndoas e avelãs descascadas por suas próprias mãos. – Ele disse isto ao mesmo tempo que Jhasua, com sua graça e doçura habituais, oferecia ao ancião, nas palmas de suas mãos, uma porção dessas frutas já limpas.

O rabino tomou ambas as mãos de Jhasua e as estreitou sobre o seu peito, enquanto seus olhos se inundavam de pranto.

– Agora não estragueis a festa, pois eu estou muito contente – disse Jhasua vendo a emoção do ancião.

Pouco depois desta cena, a caravana se pôs em marcha, seguindo o curso do Rio Orontes, cujo harmonioso rumor se assemelhava a um salmo de gratidão ao Supremo Arquiteto, de acordo com a vibração de íntima felicidade espiritual que se havia estendido sobre os viajantes.

A lua cheia, pálida como uma fada misteriosa, acendia seu fanal de prata sobre os montes e bosques carregados de perfumes e rumores, bem como sobre as ondas serenas do rio que continuavam desprendendo suas salmodias de cristal.

Na última parada antes de chegar a Ribla, o Kabir contratou um jovem e forte aldeão para que, com seu bom cavalo, se adiantasse para levar à cidade a notícia de que chegariam ao amanhecer, pois alguns viajantes de Palmira o aguardavam com urgência.

– Dizei a quantos encontrardes na Porta das Caravanas que nos adiantamos em muitas horas e que, antes da saída do sol, estaremos entrando na cidade.

Esta ordem, dada pelo Kabir a seu mensageiro, foi a razão pela qual Harvoth, o escultor, e seus dois filhos pudessem encontrar-se aguardando, na porta da entrada, a chegada dos Essênios que traziam Jhasua.

– Finalmente! – disse ele com muita graça. – Finalmente nos encontraremos com esse famoso Arquivo, o qual já vejo até quando parto o pão.

– Mas cuidado, amigo Harvoth. Se esse Arquivo não é aquilo que os meus Mestres e eu temos sonhado, pode ser que venhamos a vos dar algum castigo!

– Ou pode ser que eu vos castigue por terdes demorado tanto em trazer notícias do meu lar abandonado – respondeu o escultor rindo da jocosa ameaça de Jhasua.

– Abandonado, não, senhor escultor – acrescentou novamente Jhasua –, porque, do Santuário, vai todos os dias o irmão cozinheiro com seu ajudante para levar tudo quanto necessite vossa esposa e também vossa filha Nebai. Não cuidaríeis melhor delas.

Os Essênios riram do calor que Jhasua punha em suas afirmações, as quais Harvoth agradeceu, muito embora dominado por uma profunda emoção.

Enquanto a caravana se dirigia para as grandes quadras onde os animais descansariam até o regresso, os viajantes se disseminaram pela cidade, indo cada qual para o lugar onde era esperado.

Os Essênios e Jhasua seguiram a Harvoth, que os conduziu para a larga rua chamada "Dos Bazares", em virtude da grande quantidade deles que havia em todo o trajeto, muito embora, a essa hora matutina, ainda não estivessem abertos.

Encontraram unicamente os lenhadores com suas juntas de jumentos ou de bois entrando carregados com fardos de lenha e também os lavradores dos campos vizinhos, com grandes alforjes de esparto repletos de frutas e hortaliças.

Perceberam que Ribla tinha grande semelhança com as cidades galiléias, nas quais, em vista das alterações do terreno, alguns edifícios estavam sobre um pequeno monte, outros em depressões onde as exuberantes plantações davam o aspecto de terraços ao ar livre, pois seus tetos estavam bem mais abaixo do nível das copas das árvores que os rodeavam.

Encaixada entre enormes baluartes naturais de pedra, no meio dos quais brotavam árvores, como a palha nas planícies, era a cidade um conjunto de ninhos de águia perfeitamente defendidos pela natureza.

Ribla estava defendida por três lados pelos grandes platanais das margens do Orontes, pois ficava justamente onde o rio formava um ângulo agudo com um de seus afluentes, que corria tumultuosamente nos alicerces da muralha que dava para o oriente. Ao pé daquela muralha estava o velho casarão habitado por Menandro, o sacerdote de Homero, possuidor do Arquivo.

O Ancião deixava o leito na metade da manhã, e Harvoth teve tempo para mostrar aos viajantes aquele vetusto edifício, cujo aspecto exterior denotava vários séculos de existência. Algum grande chefe guerreiro devia ter sido o dono primitivo, a julgar pelas formidáveis defesas que possuía para o exterior. Seus janelões eram aberturas feitas nos próprios blocos de pedra, e suas pequenas torres, guarnecidas de ameias, conservavam sinais de ataques em épocas distantes.

Dos terraços, admiravelmente guarnecidos, contemplava-se o maravilhoso panorama oferecido pelo grande rio, serpenteando como um caminho rolante de cristal ondulado por entre montanhas, bosques e pradarias.

– Que me dizeis do cofre que guarda o Arquivo? – perguntou Harvoth aos Essênios, assombrados diante daquela ciclópica construção.

– Que é digno de guardar toda a história da Humanidade! ... – respondeu o Servidor.

Nicandro, ou Nicanor, como o chamavam, era o filho mais velho do dono da casa e foi quem, primeiramente, os recebeu dizendo que seu pai os esperava na biblioteca, porque se achava atacado de reumatismo.

Com efeito, o formoso ancião, descendente de Homero, recebeu-os sem se mover de sua poltrona.

A primeira coisa que lhe causou estranheza foi ver um adolescente, como Jhasua, entre os estudiosos que vinham de tão longa distância em busca de um arquivo, cujos empoeirados pergaminhos relatavam ocorrências que contavam séculos.

– Vós, os descendentes do grande poeta, dizeis que as Musas o mimaram desde sua meninice – disse Tholemi, grande conhecedor das tradições gregas.

– E muito provavelmente foi assim – interrompeu o ancião.

– Nós dizemos – continuou o Essênio – que este jovem é um mimado da Luz Eterna e da Divina Sabedoria.

Jhasua viu-se na necessidade de se aproximar do ancião que lhe estendia ambas as mãos trêmulas.

– Ruivo como Apolo, e teus olhos, como os dele, têm dardos que queimam o coração – disse estreitando-lhe as mãos. – Por que vieste? Dize tu a verdade; por que vieste?

– Pelo Arquivo e pelo seu guardião – respondeu Jhasua com tal doçura que sua voz ressoou para o velho sensitivo como um canto de calhandra.

– Oh, muito agradecido, precioso Apolo da Síria! Que outra coisa esperavas encontrar no velho guardião do Arquivo, além do reumatismo? – voltou a interrogar o ancião Menandro, como se aquelas frases de Jhasua lhe tivessem causado uma felicidade indizível.

– Não pensei na enfermidade, mas na compreensão e firme vontade que demonstrais ao desterrar-vos voluntariamente de vosso país para conservar um Arquivo. Dificilmente encontrar-se-iam hoje, no mundo, dez homens que fizessem o mesmo.

– Tens a sabedoria à flor dos lábios como tinha Homero em seus cantos imortais. Senta-te neste tamborete onde costumava sentar-se minha jovem esposa quando queria arrancar-me um *sim*, e eu queria dizer *não*.

Jhasua sorriu sentindo a suave carícia da ternura daquele ancião, e sentou-se no lugar indicado. Enquanto isso acontecia, os Essênios haviam formado uma cadeia de fluidos magnéticos com os pensamentos postos em ação para aliviar de suas dores o bom sacerdote de Homero, que ia prestar-lhes tão grande e importante obséquio.

– Vamos ver – continuou o ancião –, que queres do Arquivo e de seu guardião?

– Do Arquivo quero os segredos; e de vós quero a saúde e a alegria – respondeu Jhasua, que havia deixado de sorrir e olhava nos olhos do ancião com tal energia e fixidez que o velho estremeceu involuntariamente.

– Os segredos do Arquivo, tê-los-ás; no entanto, minha saúde e minha alegria estão já mui distantes ... – murmurou com tristeza.

– Também eu estava longe, e hoje me tendes ao vosso alcance. A saúde e a alegria são pombas mensageiras do Altíssimo que vão e vêm como as rajadas do vento e os rumores do Orontes – disse Jhasua acariciando suavemente, com suas mãos a vibrarem, os braços e os joelhos do ancião sobre os quais se havia apoiado.

Ele compreendera que os Essênios emitiam força magnética sobre ele para que aliviasse Menandro, e o fez com tão bom êxito que imediatamente o viram pôr-se de pé, e, agitando os braços, exclamar cheio de satisfação e alegria:

– Pois não é como digo? És Apolo e puseste fogo e vida no meu corpo e alegria no meu velho coração. – E começou a dar fortes abraços nos recém-chegados para fazê-los ver que a energia e a saúde haviam voltado, não obstante as julgasse tão distantes.

Se o Ancião havia demonstrado anteriormente boa vontade para com os Essênios, dedicou-se completamente a eles depois desta cena que acabo de relatar.

Ele mesmo os guiou até onde estava o Arquivo e o colocou à sua disposição, dando ainda todas as indicações que pudessem servir de guia para encontrar o que desejavam.

Um pequeno livreto, espécie de índice, lhes fez ver em conjunto o que de mais importante aquele Arquivo guardava: Crônicas do Continente Lemur (desaparecido), Crônicas do Continente Atlante (desaparecido), Crônicas da Ática, da Escítia (Cítia), do Indostão, da Irânia, do Nilo, da Mauritânia e da Ibéria.

– Desejamos primeiramente as Crônicas da Península Indostânica – disse Melkisedec.

O Ancião, sacerdote de Homero, apresentou-lhes um grosso rolo de papiro, em cuja envoltura exterior se lia:

"Crônicas escritas por Arjuna, discípulo de sua Grandeza Chrisna, o príncipe-filósofo do amor e da paz."

– Era isto o que buscávamos! – disseram ao mesmo tempo os quatro Essênios, enquanto Jhasua aguardava em silêncio.

– Bem, meus amigos: este Arquivo é o vosso lar. Tendes inteira liberdade nele – disse o ancião e, apoiado em seu filho, saiu para o parque da casa em seu passeio matutino, do qual, há vários meses, se achava privado.

– Também eu vos deixo – acrescentou Harvoth. – Meus filhos e eu temos outra classe de trabalho, que mostrarei quando vos agradar. Os mármores estão raivosos por tomar formas definidas, e também tenho bastante pressa de voltar para o lar. Então, até logo.

Quando ele estava saindo, chegou um criado trazendo xaropes e pasteizinhos, com os quais o dono da casa obsequiava os visitantes.

Sigamos na sua tarefa nossos quatro Essênios com Jhasua, e assim saberemos tudo quanto eles vão descobrindo naquele arquivo milenar.

O papiro encerrado num tubo de pele de foca e levemente encoberto por um fino tecido de linho foi cuidadosamente aberto e colocado nas estantes especiais para estudar essa classe de trabalhos. Era duplo, ou seja, escrito em duas colunas unidas, no meio do papiro, por pequenas obréias engomadas. Numa das tiras, estava escrito na língua dos antigos Samoyedos que, em sua lenta emigração dos gelos do norte, fundaram *Hisarlik*, a grande capital da Ática pré-histórica. Na outra banda, continha uma tradução daquela língua morta ao grego da época Alexandrina, a qual foi bastante divulgada pela Ásia e pela África, graças às incursões de conquista de Alexandre Magno.

Era, pois, para os Essênios, uma tarefa bem fácil a leitura do papiro na escrita grega antiga.

Melkisedec foi designado leitor, e Azarias e Tholemi, notários. O Servidor e Jhasua ouviam.

O papiro começava assim:

"Na imensidão, onde giram estrelas e sóis, ressoou a voz eterna, repetida pelos ecos, que marcou a hora imortal. A Legião protetora da sexta Jornada Messiânica, em globos gêmeos do Planeta Terra, entrou em atividade, e elevadas Inteligências penetraram na atmosfera astral dos planos físicos para anunciar o grande acontecimento

aos encarnados que haviam, de antemão, aceito o encargo de serem instrumentos do desígnio divino no plano que ocupavam.

"Elevada Inteligência, um Arcanjo, foi o arauto escolhido para buscar esses instrumentos perdidos nas selvas terrestres, e apareceu em sonhos a uma mulher de vida pura, cujo nome era Sakmy, desposada recentemente com o mancebo Baya-Dana, ambos pertencentes ao numeroso grupo de parentes do jovem rei de Madura (*), país este na parte Sul do Indostão (**), sobre o mar. Vedo-Van-Ugrasena era um rei justo e piedoso para com seu povo, que o amava e reverenciava mercê de sua grande misericórdia.

"A formosa visão anunciou à jovem esposa Sakmy que era chegada a hora para que um Raio da Luz Eterna descesse à Terra, e que ela seria mãe da escolhida pelos Gênios Tutelares da Terra, como vaso puríssimo que encerraria o *Divino Elixir da Vida* para a Humanidade, enferma de morte em conseqüência de suas próprias misérias.

"Quando o tempo chegou, ela deu à luz uma formosa menina a quem chamaram Devanaguy, em cuja criação e educação seus pais puseram um esmero muito superior ao habitual, já que conheciam os elevados desígnios divinos sobre aquela criatura.

"Chegada à puberdade, foi ela tomada como esposa por Vasuveda, gentil e nobre mancebo, segundo filho do bom rei Ugrasena, o qual, pouco depois, foi desapossado de seu reino por seu filho primogênito Kansas, erigido como caudilho pelos poderosos descontentes da misericórdia de Ugrasena para com seu povo.

"O bondoso rei havia sido encerrado numa Torre, e seus fiéis servidores e amigos, reduzidos à escravidão, tinham perdido toda esperança de salvá-lo.

"Chorava o triste rei sua desventurada sorte de ter caído em prisões, quando apenas haviam sido extintos os ecos dos hinos nupciais do casamento de seu filho Vasuveda com a virgem escolhida pelos deuses para que *'Vishnu'* (***) encarnasse nela e, feito homem, salvasse a Humanidade da morte que a ameaçava.

"Devanaguy, sua jovem nora, inspirada pelos Gênios do Bem e do Amor, disfarçada de garoto vendedor de frutas açucaradas, conseguiu introduzir-se com sua mercadoria na Torre, presídio de seu sogro e, quando através das travessas da sua porta pôde falar-lhe, deu-se a conhecer e lhe disse que os Devas (****) queriam que vivesse para ver a glória de Vishnu que se aproximava. A jovem esposa estava já grávida na quinta lua e, enquanto aparentava oferecer suas guloseimas ao cativo, disse: 'Alegra-te, Ugrasena, meu pai, porque Vishnu, encarnado em meu seio, será o teu salvador.'

"Simultaneamente, Vasuveda, seu esposo, e segundo filho do prisioneiro, fazia correr secretamente a grande notícia entre os que permaneciam unidos a seu pai, cuja maioria se achava na dura condição de servos, despojados de todos os bens.

"A partir desse momento, formou-se uma numerosa aliança entre os despojados e escravizados, com o fim de se prepararem para a chegada do Libertador. Com a mesquinha concepção da vida e do bem que a Humanidade sempre teve, a maioria desses despojados e escravizados esperava um Vishnu salvador de sua penosa situação e não o Raio de Luz Divina que vinha para toda a Humanidade.

"Mas a Eterna Sabedoria que, até das ignorâncias humanas extrai o Bem para

---

(*) Hoje chama-se Madrasta (N.T.).

(**) Hoje é a Índia propriamente dita (Península Indostânica) (N.T.).

(***) Segunda pessoa da Trindade Indiana: "Filho" (N.T.).

(****) Divindades resplandecentes (Inteligências Superiores) (N.T.).

suas criaturas, desse grande entusiasmo popular extraiu a divulgação do sentimento de justiça e proteção divinas para aqueles que a merecem através da prática do Bem.

"Os sucessores daqueles Flâmines originários da Lemúria viviam como anacoretas nos bosques e grutas que, com o tempo, chamaram de sagrados, por causa das maravilhosas manifestações do poder divino que se ofereciam à vista naqueles lugares, graças, segundo era voz corrente, à vida penitente e à oração contínua que os solitários faziam.

"De quem, pois, haveriam de aproximar-se os despojados e escravizados, a não ser desses pobres voluntários que se contentavam com os frutos que a terra lhes dava para sustentar suas vidas?

"Através destas observações e conclusões, o povo, empobrecido e tiranizado por Kansas e seus partidários, formou uma união com os anacoretas hindus, conservadores das doutrinas dos Flâmines, não obstante se acharem já transformadas e desfiguradas pela ação devastadora dos séculos e da incompreensão humana.

"Os solitários, cuja vida de alta contemplação e estudo das Leis Divinas os punha em condições de seguir a luminosa estrela da Divina Vontade com relação ao Planeta Terra, sabiam que o tempo da chegada da Luz Divina já havia soado nos arcanos eternos e esperavam o grande acontecimento de um dia para o outro.

"Suas antigas profecias diziam de forma bem clara: 'Quando hajam passado quarenta centúrias desde que o Sol adormeceu nas margens do Eufrates, o Novo Sol levantar-se-á ao Sul do Indostão, junto ao mar. Sua chegada será anunciada por um fato insólito de um filho em rebelião contra seu pai-rei, a quem ele aprisionará num calabouço.'

"Para os contemplativos anacoretas hindus, o Sol adormecido às margens do Eufrates era Abel. As quarenta centúrias já haviam passado e, ao Sul do Indostão, junto ao mar, na grande capital de então, Madura, um filho, *Kansas*, se havia rebelado contra seu pai Ugrasena, e o encerrara num calabouço. Era, pois, ali e nessa época que devia aparecer o novo *Sol de Justiça*.

"Outra mensagem profética que contava vários séculos de existência, e que um bardo sagrado havia cantado nas selvas indostânicas, dizia: 'Quando os grandes rios do Oriente baixarem as águas até entregar aos homens as areias de seus leitos para amuralhar cidades, e subirem logo até que os monstros do mar cruzem por cima de seus tetos, alegrai-vos, corações palpitantes, porque, após sete luas, aparecerá um luzeiro novo no horizonte, para cujo influxo irresistível e suave, todo pássaro cantará em seu ninho.'

"Este fato, relacionado incontinenti com movimentos e evoluções astrais, já havia ocorrido e estava terminando a sétima lua da profecia.

"Os contemplativos solitários das grandes montanhas e selvas da Índia animavam a imensa multidão dos despojados e escravizados com a divina esperança de um Ungido do Amor que se apiedaria deles.

"Das imensas cavernas do Himalaya e dos Montes Suleiman, desceram, de dois em dois, e em interminável caravana, para o Sul do Indostão. As grutas da Cordilheira Windyha, junto ao caudaloso Narbhudha que desemboca no Golfo de Cambayha, deram asilo àqueles infatigáveis visionários que extraíam dos abismos estelares e do fundo das águas, os indícios anunciadores de que um Raio da Luz Incriada iria iluminar a Terra.

"A Eterna Energia, força impulsora que é vendaval que arrasta e relâmpago que ilumina as trevas, fez com que se encontrassem, sem se buscar e também sem pensar,

com os últimos vestígios de uma já desaparecida civilização que, no ostracismo das cavernas, vivia igualmente esperando. Foi dessa forma que os solitários indostânicos, cinzas vivas dos mortos Flâmines-Lêmures, se encontraram na legendária Bombay com as últimas minúsculas luzes que deixara, após sua passagem, *o Sol adormecido nas margens do Eufrates e dos vales do Nilo*, segundo a antiga profecia. Encontraram-se, reconheceram-se e, como todos buscavam a luz de um novo amanhecer, refundiram-se num abraço que permaneceu atado durante longas idades. Como conseqüência dessas maravilhosas combinações que somente a Lei Divina tece e destece, encontraram-se unidos a sudoeste da Península Indostânica, os Dacthylos de Antúlio, com sua clara sabedoria extraída dos abismos estelares, com os Kobdas azulados de Abel, com sua ciência arrancada do estudo do coração humano ávido de amor e paz, e também com os Flâmines-Lêmures de Numu, cuja *chama viva* sabia o segredo de transformar as bestas humanas, fartas de carne e de sangue, em buscadores de uma estrela nova que devia aparecer no horizonte terrestre.

"E apareceu o menino Chrisna, filho de Vasuveda, segundo filho do rei de Madura, Ugrasena, e de Devanaguy, filha primogênita de Baya-Dana e Sakmy, a sensitiva, que recebeu a primeira visão precursora da aproximação divina.

"Todavia, como as sagradas profecias eram também conhecidas pelas inteligências tenebrosas que perseguem as da Luz, um mago negro fez chegar a Kansas, o filho usurpador e rebelde, a notícia de que um raio da Justiça Eterna nasceria em Devanaguy, mulher de seu irmão Vasuveda. Kansas mandou seus escravos raptarem-na do lar e determinou que a encerrassem em uma dependência na mesma Torre onde mantinha seqüestrado seu pai.

"Não obstante os filhos das trevas procurarem apagar todas as luzes, os filhos da claridade as acendem até nas pedras dos caminhos. Foi assim que, aqueles que conheciam o grande segredo, se valeram de engenhosos ardis para manter sob vigilância aquela Torre e ocupar nela postos ínfimos de limpadores de aquedutos e de fossos, de lenhadores e de pedreiros, com o fim de evitar que o menino nascituro fosse assassinado, tal como Kansas, o usurpador, havia determinado.

"As trevas de suas próprias maldades cegaram àqueles que procuravam apagar a Luz Divina que vinha à Terra e, mediante um túnel aberto secretamente da Torre-presídio até a costa do mar, Devanaguy foi retirada antes de ser mãe e substituída por uma jovem que havia morrido ao dar à luz seu filho.

"O guardião Donduri, discípulo dos solitários, leal e dedicado ao rei encarcerado, sabia do segredo da substituição e limitou-se a dar parte a Kansas, o traidor, de que a prisioneira havia perecido ao dar à luz sem socorro algum.

"O perverso usurpador fez grandes festas, celebrando seu triunfo e o de seus magos sobre os filhos da Luz. No decorrer do mesmo ano, foi libertado o rei justo pelos mesmos meios, ficando em seu lugar um dos solitários que se lhe assemelhava e que se sujeitou a esse sacrifício a fim de que Ugrasena permanecesse em liberdade para organizar, com Vasuveda e seu povo fiel, a libertação de Madura.

"*Chrisna*, que significa, '*segredo guardado nas sombras*', foi confiado a um pastor chamado Nanda, que vivia nas margens do Narbhudha, ao pé dos Montes Windhyha, onde os Solitários tinham o mais antigo e numeroso Refúgio-Santuário, habilmente escondido nas cavernas e entre os bosques mais impenetráveis."

Os Essênios haviam chegado até aqui na leitura do papiro, quando Harvoth chegou ao Arquivo para anunciar que o ancião, sacerdote de Homero, Menandro, com seus filhos, os aguardava para a refeição do meio-dia.

Novamente ocorreu o fato, tão comumente repetido, de que, ao partir o pão e verter o suco da videira nas ânforas de prata, formam-se grandes alianças e florescem as amizades e os encontros das almas que estiveram juntas em tempos distantes, e que o Eterno Amor reúne num dado momento.

Os filhos de Menandro, o sacerdote de Homero, haviam-se tornado grandes amigos dos filhos de Harvoth, o escultor, se bem que estes últimos fossem mais moços que aqueles.

Durante a refeição, o ancião mencionou as viagens e escavações que fizera em certas paragens da antiga Grécia, principalmente nas grutas do Monte Himeto, o qual, na Pré-História, era conhecido como *Monte das Abelhas* (*), de cujas cavidades profundas e rumorosas, se dizia, saíam gênios benéficos, enviados pelas Musas ao bardo imortal Homero, principalmente a luminosa Urânia, que escutava o dançar das estrelas, cujas grandiosas epopéias eram referidas por ele em divinos poemas representados por deuses.

Mencionou também que em algumas grutas havia encontrado múmias petrificadas e escrituras em lâminas de mármore.

– Homero, meu glorioso antecessor – disse orgulhosamente o ancião –, tinha colóquios íntimos com as Musas e com os gênios enviados por elas para contar-lhe as tragédias dos homens e dos deuses nos abismos da luz e da sombra, nos quais as estrelas vivem sua eternidade.

Era encantador para os Essênios ouvir aquele ancião que parecia ter música nos lábios e fogo no coração, quando falava dos poemas imortais de Homero. Parecia tê-los vivido ele mesmo e que sua palavra, cheia de santo entusiasmo, estivesse novamente esboçando-os naquele ambiente de serena simpatia que o rodeava.

– Quão feliz houvera sido Homero, meu pai, se tivesse tido este divino Apolo sírio ao seu lado ... assim tão próximo como eu o tenho! ... exclamou incontinenti o ancião embevecido na contemplação de Jhasua, que, por sua vez, o observava com vivíssima simpatia. – Então, neste caso, as Musas teriam baixado para contar-lhe lendas do Infinito que revelariam, ante os homens, belezas jamais imaginadas por eles.

– Falais de vosso pai Homero com um entusiasmo que atinge as raias do delírio! – disse Jhasua, em voz baixa, olhando para o ancião que estava ao seu lado. – E não pensastes que a lei das reencarnações fez de vós uma repetição do Homero dos cantos imortais!

– Que dissestes, meu Apolo? – perguntou o ancião como querendo arrancar o segredo que, eventualmente, os olhos profundos de Jhasua haviam lido no insondável Infinito. – Que dissestes?

– Aquilo que ouvistes – respondeu firmemente o jovem Mestre, com aquela voz eloqüente de inspirado que, às vezes, tinha vibrações metálicas como se fosse um sino de bronze soando na imensidão.

Um silêncio imenso e solene se estabeleceu no espaçoso cenáculo, onde tais palavras haviam ressoado como se o misterioso enigma da Verdade Eterna houvesse sobressaltado as almas com um sentimento profundo de religiosa adoração.

– É verdade! – exclamaram logo os Essênios. – E jamais havíamos pensado nisto.

– Porventura – prosseguiu Jhasua – quando exploráveis as grutas do Monte

(*) O Monte das Abelhas foi na Ática pré-histórica (hoje Grécia, Turquia e arredores, inclusive a Ilha de Creta) o refúgio dos Dackthylos de Antúlio (N.T.).

Himeto e retiráveis essas múmias convertidas em pedra, não vos ocorreu que uma delas vos tinha pertencido em idades distantes?

– Jovem, jovem! ... Estais me amedrontando com essa vossa luz que penetra através dos séculos! ... – exclamou o ancião, colocando sua trêmula mão direita sobre a viçosa mão de Jhasua, apoiada brandamente em cima da toalha. – Credes, porventura, que vivi tanto sobre esta Terra a ponto de, um corpo que foi meu, se ter convertido em pedra?

– E por que não? Que são os séculos ante a eternidade da alma humana? – perguntou novamente Jhasua.

"Nos papiros que os Essênios guardam – continuou dizendo – conheci vidas de alguns solitários que habitaram as grutas do Monte Himeto, que então se chamava *Monte das Abelhas*, onde se conta que conservavam embalsamados os corpos que serviram para realizar suas vidas físicas e que eram mantidos escondidos em vãos abertos na rocha viva. Como, em razão do lento acúmulo de átomos e moléculas, a múmia vai crescendo, pode-se conceber, muito bem, que os corpos ficam, no fim de muitos séculos, como incrustados na montanha, da qual resultam fazendo parte."

Como o ancião buscasse com o olhar o rosto dos Essênios para saber até que ponto podia abismar-se nessas verdades, o Servidor interveio.

– Nossos irmãos do Monte Carmelo – disse – se consideram sucessores diretos dos Solitários do Monte Himeto e conservam múmias e relatos sobre eles. Foram chamados Dackthylos, porque seu fundador levava esse nome, com o qual se apresentou ante o mundo que o acolheu ao chegar emigrado da Atlântida submergida sob as águas do oceano, depois que havia tido em seu meio, por duas vezes, e sem o haver reconhecido, o Homem-Luz.

"Os Dackthylos foram os depositários da sabedoria de Antúlio, o grande profeta atlante.

"Hilcar II, príncipe de Talpaken, foi quem trouxe para a Ática pré-histórica toda a grandeza de Antúlio, cuja agremiação tomou o nome de Dackthylos para ocultar sua procedência. Ele reuniu meninos desamparados e proscritos da sociedade e fundou uma escola de Divina Sabedoria, idêntica àquela que Antúlio, seu Mestre, havia tido. Quem pode negar com fundamento que Homero, vosso glorioso antepassado, tenha estado naquela escola que viveu na obscuridade durante tantos séculos?

"A lei da reencarnação das almas abre horizontes tão amplos como a própria eternidade. Toda lei divina é cumprida em todos os seres com igualdade e justiça inexorável. Comprovada a eternidade do espírito humano e seu progresso indefinido mediante a Lei das reencarnações sucessivas, a boa lógica nos leva, de imediato, à clara conclusão de que, aqueles que hoje vivem na carne, viveram essa mesma vida inumeráveis vezes, em cada uma das quais deixaram andrajos do atraso primitivo e foram adquirindo lentamente as pequenas claridades que iluminam hoje nosso caminho.

"Isto que acabo de dizer não é a única coisa que está de acordo com a eternidade de Deus, que quis tornar sua criatura participante de sua própria e imensa eternidade?"

O Ancião sorriu afavelmente para dizer:

– Vossa sabedoria é irmã gêmea da de Homero, meu glorioso pai, como o comprovareis quando estudardes seu livro secreto, escrito por ele mesmo em lâminas de couro curtido ao branco e cujo título é: "Sonhos de Imortalidade."

O Sacrifício de Chrisna (*)

– Este livro é o meu grande segredo, o qual foi transmitido de pai para filho como um depósito sagrado, e que olhos profanos não viram jamais. Nem eu mesmo o havia compreendido até este inolvidável momento, em que este radiante Apolo da Síria descerrou o Véu de Minerva para deixar-me em sua pura e divina desnudez.

"Muito embora sabendo que meu espírito é imortal, não o é este velho corpo que me acompanha, e que não tardará muito em recolher-se à sepultura para descansar.

"Meus filhos seguirão ou não o caminho do seu pai, e não posso obrigá-los a que carreguem também o enorme peso que eu tive força para suportar durante toda a minha vida: *o peso dos segredos de Homero*, mantido por nove gerações, no meio das quais houve sempre um fiel guardião que soube guardá-lo, a despeito de todas as maldades, ambições e egoísmos.

"Por estas razões, declaro aqui minha inquebrantável resolução de entregar este sagrado depósito a este irmão sírio Apolo e à escola de Sabedoria da qual ele faz parte. Eu irei morrer entre vós com o sagrado depósito que me foi confiado para que fique cumprido meu juramento de guardá-lo até a morte.

"Ali, onde repousar meu cadáver, estarão também os '*Sonhos da Imortalidade*' de Homero. Comigo termina a nona geração que rendeu o culto perene que as Musas imortais desejaram para ele. 'Passadas nove gerações – disse ele mesmo – serei tido por mito, por um ser que não foi humano, por um fantasma irreal de um passado brumoso, como procedeu sempre a Humanidade com todo aquele que lhe fez vislumbrar o Infinito que não compreende.'

"Estamos todos de acordo?" – perguntou o ancião consultando, com o olhar, todos os que o rodeavam.

– Da nossa parte, estamos de acordo – responderam os Essênios. – Vossos filhos dirão o seu parecer.

– Nosso pai age com acerto – disse o mais velho, Nicandro ou Nicanor –, porque nós, estrangeiros em Ribla, não sabemos qual será nosso destino amanhã.

– Penso do mesmo modo que meu irmão – disse Thimão, o caçula.

– E o Templo para Homero, que me mandastes construir? – perguntou Harvoth, estupefato em seu modo de pensar ante uma resolução tão insólita.

– Terminai-o quanto antes, e eu o entregarei ao Delegado Imperial da Síria, para que nele seja honrada sempre a memória de Homero, o bardo imortal da minha Grécia Eterna.

– Mas então cairia em mãos profanas que não saberiam dar-lhe o devido valor nem o significado que ele tem no vosso sentir e pensar – disse o Servidor.

– Então, que hei de fazer?

– Se algum direito me assiste como seu construtor – disse Harvoth –, proponho que seja entregue aos Terapeutas-Peregrinos que percorrem estas paragens consolando as dores humanas.

"Eles manterão este pequeno templo como um lugar de oração e refúgio, em vez de um ambiente de orgia e de prazer, como costumam ser os templos dos deuses pagãos."

(*) Khrisna, Krishna, Crishna ou Chrisna, várias das muitas formas de escrever este nome (N.T.).

– As Musas falaram pela tua boca, Harvoth – disse o Ancião. – Os Terapeutas são eternos viajantes em busca da dor humana. Não podem acorrentar-se unicamente para cuidar deste belo amontoamento de mármore branco.

– Harvoth, disseste-me que tens esposa e uma filha jovem ainda. Esta será a sacerdotisa do Templo de Homero, para que sua lâmpada não se apague e ressoe sempre a cítara com seus cânticos imortais. Somente assim meu coração descansará tranqüilo na tumba.

Fez-se um grande silêncio, porque Harvoth meditava sobre a transferência de sua família para aquela longínqua capital.

– Harvoth, tendes medo do templo de Homero ou da Ribla silenciosa e solitária? – perguntou Jhasua.

– Não, Jhasua, nada disso. Apenas penso se esta situação agradará a minha esposa e a minha filha.

– Pois eu vos afianço que se Nebai estivesse aqui, haveria de pular de alegria. Dissestes tantas vezes que os Terapeutas são vossos pais! Aqui estareis com eles como estais lá com os do Tabor. Que diferença faz?

– Quando falas, Jhasua, a luz se acende em seguida. Está bem. Aceito.

Todos celebraram, jubilosos, o formoso horizonte que se abria até longa distância, porque naquele velho e sólido casarão acender-se-ia o fogo sagrado do amor ao próximo, pois seria transformado, com o tempo, em refúgio para os sofredores da alma e para os enfermos do corpo.

Os Essênios reiniciaram a leitura interrompida dos velhos papiros do Arquivo.

Continuava assim:

"O pastor Nanda, já de idade madura, vivia só em sua cabana onde foi escondida Devanaguy com seu pequeno Chrisna, ao redor do qual se perceberam grandes manifestações do Poder Divino que residia nele.

"No interior das impenetráveis selvas do Indostão, existiam, em distintas paragens, algumas ramificações da formidável Escola de Magia Negra, chamada *Serpente Vermelha*, cujas origens se perdiam na noite dos tempos, pois havia vindo da desaparecida Lemúria, e continuava semeando destruição e morte nos lugares aonde conseguia pôr seus fatais *anéis*.

"Cada anel da terrível serpente era um núcleo de quatro magos, que sempre encontravam o meio de aliar-se aos piratas, mercadores de escravos, usuários, e também às prostitutas. De todo esse baixo e ruim elemento humano, pestilência daninha no meio da sociedade, a Serpente Vermelha arrebanhava seus agentes e espiões para introduzir-se nas casas mais poderosas, nas residências dos *Maharajás*, e dominar o Continente Asiático, como havia dominado a Lemúria até produzir a sua derrocada e, conseqüentemente, sua ruína total.

"Por causa de suas criminosas práticas e formas de agir, Kansas, o mau filho, havia-se rebelado contra o pai até o ponto de mantê-lo acorrentado num calabouço. Logicamente, compreender-se-á que a Serpente Vermelha era quem governava em todo o Sul do Indostão, ao redor de Madura, sua Capital. Não demorou muito em inteirar-se de que o poderoso Ser vindo à Terra para destruir definitivamente a sua força havia sido posto a salvo. Desataram, como alcatéias de lobos famintos, seus mais perversos agentes para encontrar o futuro vencedor da Serpente Vermelha. Mais do que no plano físico, foi tremenda a luta na esfera astral do Planeta, onde a numerosa Legião de Espíritos de Justiça se pôs em ação, cortando as comunicações entre os gênios tenebrosos desencarnados e os encarnados da maligna instituição.

"Por isso, os componentes da Serpente Vermelha viram-se desorientados, correndo como enlouquecidos por entre selvas e montanhas sem poder dar com o paradeiro do menino Chrisna nem de seus pais nem tampouco de seu avô, o rei Ugrasena.

"Os Solitários dos Montes Suleiman mantinham-nos escondidos na sua cidade de cavernas e de grutas inacessíveis para os profanos. Havendo entre eles muitos clarividentes e auditivos, conheciam a fundo os caminhos obscuros e tortuosos por onde se arrastava a Serpente Vermelha, em busca de inocentes presas para devorar.

"As grandes cavernas dos Montes Suleiman tornaram-se estreitas demais para dar refúgio aos perseguidos pelos agentes de Kansas, o usurpador. A montanha foi sendo perfurada cada vez mais, durante as noites, sendo abertos túneis, passadiços e caminhos, para que aquela enorme população oculta sob as rochas pudesse sair, de vez em quando, em busca do necessário para não perecer de fome. Os próprios solitários acharam-se, algumas vezes, entristecidos e desanimados, quase às raias do desespero, quando vários deles viram, em clarividência, o menino Chrisna que, mantendo o Globo terrestre em sua pequena mão, tocou com o dedo uma montanha árida e ressequida, e toda ela se converteu num grande monte de trigo dourado.

"Através destas visões espirituais, os solitários Flâmines compreenderam a oculta mensagem que lhes davam do plano espiritual, de que, achando-se o Espírito-Luz no meio deles, não deviam temer o horrendo fantasma da fome para o numeroso povo que haviam albergado em suas cavernas.

"Quando se tornaram mais fortes as perseguições dos agentes de Kansas, que também o eram da Serpente Vermelha, alguns solitários tiveram outra visão simbólica que aquietou suas almas conturbadas: viram o menino Chrisna, com uma espada na mão, cortando as cabeças de uma enorme alcatéia de panteras negras, que avançavam com as fauces abertas para devorá-los.

"A montanha de trigo dourado chegou do Golfo Pérsico em enormes barcaças saídas do Eufrates, enviadas por Nadir, rei de Urcaldia, cujos domínios abrangiam os férteis vales do Eufrates e do Tigre. Este bom rei estava casado com uma irmã de Ugrasena, e quis socorrer o povo que se mantinha fiel a seu rei. Os Flâmines que tinham um Santuário nas cavernas dos Montes Kirthar, sobre o Mar da Arábia, lhe haviam dado conhecimento das angústias que sofriam os refugiados nas cavernas.

"Os Flâmines, disseminados por vales, montanhas e selvas, foram levando discretamente a dupla notícia do advento do Salvador e dos sofrimentos daqueles que, crendo, o esperavam. Secretamente foi-se formando uma imensa coalizão de escravos, de perseguidos e de açoitados pela injustiça dos prepotentes que haviam chegado ao latrocínio mais voraz e criminoso, furtando até meninos e meninas de pouca idade para serem vendidos como vítimas de deuses irascíveis e coléricos que exigiam uma fé selada com o sangue de seres puros e inocentes.

"O criminoso sacerdócio que se oficiava nos altares de tais deuses, pagava ouro em barras pelas inocentes vítimas que aplacariam a cólera infernal de seus deuses, e as mães fugiam enlouquecidas, como ovelhas perseguidas por lobos, para esconder, nas tocas disputadas pelas feras, seus filhinhos, a fim de salvá-los da rapina feroz e monstruosa dos mercadores de sangue humano.

"A família, base de toda sociedade bem constituída, estava aniquilada e desfeita, pois a avareza se apossara de muitos pais que buscavam e procuravam ter abundante prole para vendê-la a quem lhes pagava tão generosamente.

"Na ilha de Bombay, chamada *a ilha misteriosa*, formou-se então uma forte aliança espiritual, entre os sucessores dos antiquíssimos Kobdas de Abel, civilizadores de três continentes, com os Flâmines, cuja origem remontava à desaparecida Lemúria.

Numa peregrinação de muitos milênios, tinham lentamente passado das grandes ilhas do Mar Índico para o montanhoso Birmanh e, em seguida, para o Indostão.

"Simultaneamente, os últimos Kobdas haviam descido do Eufrates, através do Golfo Pérsico, até o caudaloso rio Indo, ao pé dos Montes Suleiman.

"Ambas as correntes de bem, de justiça e de amor se uniram na misteriosa Bombay, onde deixaram, como expoente milenário daquela eterna aliança, quarenta e nove torres, número simbólico de sete vezes sete, e cada torre era um templo de estudo, concentração e cultivo dos poderes mentais e das forças superiores do espírito.

"Rodeada de jardins e bosques de corpulentas árvores, a ilha de Bombay era inacessível, pois distava mais de uma milha dentro do mar e só em barquinhas era possível chegar a esse lugar de silêncio e de mistério onde, na maneira de dizer do vulgo, habitavam as almas dos mortos. Desta crença foi que surgiu o nome de *Torres de Silêncio*, ao redor das quais se teceram inúmeras lendas terroríficas, que os Solitários deixaram circular como um meio de proporcionar-lhes maior segurança.

"As quarenta e nove torres estavam unidas umas às outras por passadiços internos, só conhecidos pelos Solitários Anciãos, que tomaram o nome composto de Kobda-Flamas, significando 'Coroa de Chamas', como sutil lembrança do nome 'kobda', que significa coroa, e 'flama', chama, alusivo aos antigos Flâmines. Quando a perseguição de Kansas e dos agentes da Serpente Vermelha foi mais persistente e terrível, Chrisna, com seus familiares e adeptos, foi ocultado nas silenciosas Torres da ilha de Bombay, onde não havia temor de que se aproximasse homem algum, por motivo do terror pânico que aquele lugar inspirava a todos.

"Nessas quarenta e nove torres, para os sucessores dos Kobdas, estava representado, como um sonho milenário, o grande Santuário de Neghadá, junto ao Nilo e sobre o Mar Grande (Mediterrâneo), pois as Torres de Bombay ficavam sobre o Mar da Arábia e a curta distância dos corpulentos braços do delta do grande rio Narbhudha, que fertiliza toda a região.

"Para os sucessores dos Flâmines, as quarenta Torres de Bombay eram cópia fiel de suas ciclópicas torres de Lina-Pah-Kanh, lavradas nas montanhas inacessíveis da costa Lemur, sobre o Pacífico Norte. Os Kobda-Flamas faziam reviver ali suas perdidas recordações através dos desenhos em pedra ou em cobre deixados por seus antepassados naquelas construções, que pareciam haver sido concebidas por superhomens e construídas por gigantes.

"Sob aquelas formidáveis Torres, naquela ilha circundada pelo mar, desenvolveu-se a infância e adolescência do futuro Príncipe da Paz e da Justiça, salvador de uma raça, de uma dinastia em desgraça, e do vulgo inconsciente dos valores espirituais que vêm do Eterno, ligados por leis que desconhecem a seres Superiores que tomaram sobre si a tremenda missão de salvar a espécie humana num período de decadência espiritual, moral e física que a leva a uma inevitável ruína.

"Em virtude do grande desenvolvimento físico adquirido, Chrisna aparentava aos 15 anos ser um mancebo de 20, e sua clara inteligência podia comparar-se à luz interna de seus velhos mestres.

"Sob as abóbadas vetustas daquelas Torres silenciosas, enegrecidas pela ação dos séculos, forjou-se a libertação da espécie humana, representada, então, pelo vasto *Dekan* (Indostão), onde a aglomeração de pessoas de todas as raças, dominadoras da Humanidade, fazia, daquela parte do globo terrestre, um mercado de tudo quanto podia ser utilizado para o bem e para a felicidade dos homens. Outra vez se repetiu o fato maior de todos os tempos: a aparição da Luz Divina, como um branco lótus,

no meio do lodo em que perecia a Humanidade. Os Kobda-Flamas deixaram, por um momento nos séculos, suas túnicas cinzentas para vestir-se de couro de búfalo e de cobre, com a aljava, o arco e as flechas nas costas, a fim de organizarem as fileiras libertadoras em torno de Chrisna, o Príncipe da Justiça.

"Kansas, o filho traidor, quando teve conhecimento de que, das cavernas e dos bosques brotavam arqueiros que se estendiam como uma onda por todo o Dekan e avançavam sobre Madura, fugiu espavorido para a costa do mar, buscando sua salvação num barco veleiro ancorado ali pelos piratas que observavam as possibilidades de venda de carne humana viva. Como o viram carregado de ouro e pedras preciosas que procurava salvar como um meio de assegurar sua vida, o chefe pirata atravessou-lhe o peito com seu punhal e o arrojou meio-morto ao mar, onde foi devorado pelos tubarões.

"O rei Ugrasena, entre o delírio de seus povos, foi colocado novamente no trono de seus antepassados e, como a Justiça e a Paz se restabeleceram prontamente, os solitários Kobda-Flamas retornaram para suas silenciosas torres, de onde haviam cooperado com o Enviado para eliminar o Mal com que os magos negros da Serpente Vermelha haviam envenenado as correntes humanas, até o ponto de pais procriarem filhos para vendê-los como carne no mercado a quem lhes desse mais ouro.

"Vasuveda, pai de Chrisna, tinha morrido durante a meninice de seu filho, motivo pelo qual o Homem-Luz permaneceu ao lado de seu avô e de sua mãe, a fim de que o rei ancião fosse respeitado, em vista do sucessor legítimo que deixava, com o qual se impedia que se levantasse novamente o afã de outra usurpação.

"A notícia da nova legislação de justiça estendeu-se rapidamente por todo o Dekan e países circunvizinhos, que se apressaram em enviar embaixadas em busca de alianças e proteções mútuas com aquele príncipe sábio e justo, que dava a cada qual o que era seu, não reservando para si nem sequer as horas de sono necessárias a todo ser humano, pois que, durante a noite, e acompanhado somente por algum amigo ou criado fiel, percorria, sem ser notado, os diversos bairros da Capital para assegurar-se de que suas ordens estavam sendo cumpridas.

"Durante noventa luas consecutivas, viajou do Indo ao Ganges e dos Himalayas até o Cabo Camorim, que se submerge no Mar Índico, solidificando alianças e expurgando das trevas e do crime aquele vasto país, no qual havia nascido e que fora tomado como covil infernal da Serpente Vermelha, com toda sua corte de malfeitores da pior espécie.

"A adesão dos oprimidos e dos famintos correspondeu sobejamente a tudo quanto Chrisna houvera podido imaginar; entretanto, as classes poderosas olhavam com desconfiança para o jovem inovador, que pedia liberdade para os escravos e igualdade para todos os seres humanos. Com isto, foram desencadeadas duas poderosas correntes em formidável luta: os oprimidos e os opressores."

Nessa parte do papiro que os Essênios estavam traduzindo aparecia uma gravura explicativa: "Viam-se duas torrentes que se precipitavam uma contra a outra, com irresistível força; e, no lugar onde devia dar-se o choque, via-se um mancebo forte com a cabeleira solta ao vento e os braços abertos para ambas as correntes que se amansavam a seus pés e continuavam correndo como regatos em terrenos planos." A gravura representava Chrisna, encarnação de Vishnu, pacificando a Humanidade.

E continuaram a leitura, que seguia assim:

"Os anéis da Serpente Vermelha haviam perturbado a fé simples dos povos, ignorantes em sua maioria, e haviam propalado princípios errôneos para inocular nas

consciências o vírus do terror à Divindade, como forma de sujeitar as massas ao carro triunfal de sua avareza e feroz egoísmo.

"*Indra*, ou seja, o ar, tinha à sua disposição o raio e o vendaval, que tudo destrói, e queria vítimas arrojadas dos mais altos montes ou penduradas nas árvores em cestas de flores, até que a fome as consumisse ou os abutres as devorassem; enquanto *Agni*, ou seja, o Sol, que era dono do fogo, pedia contínuas vítimas consumidas em suas chamas para aplacar sua cólera.

"Chrisna, em suas longas e continuadas viagens, não pedia a seus aliados e amigos outra contribuição que a de destruir essa ignominiosa e criminosa doutrina de Indra e de Agni, que punha nas Inteligências tão escura venda a respeito da Divindade. Quando o prudente príncipe começou a atuar no cenário tenebroso e sinistro que acabamos de esboçar, os *Indranitas* e os *Agnianos* lutavam até a morte, uns contra os outros, atribuindo-se cada um deles o direito de ser o depositário da Verdade de Vishnu.

"Chrisna apareceu entre as trevas como um gênio benéfico, com sua tocha acesa, destruindo as sombras quase impenetráveis de tanta ignorância e fanatismo.

"– Que fazeis? – perguntou o Apóstolo da Verdade. – Nem Indra, que é o ar, nem Agni, que é o fogo, são mais do que simples manifestações do Poder Supremo, que sopra no ar e aquece no fogo. Por que, pois, lutais loucamente por aquilo que todos, sem exceção, necessitam do Supremo Criador de tudo quanto é vida, força e bem-estar para o homem? Inclinai vossas frontes e prosternai vossos corações ante o Grande Atman, autor de todo Bem, que vos ama a todos por igual, visto que todos sois seus filhos.

"Deixai vossas flechas e vossas achas para os animais ferozes, que se alimentam de vosso gado enquanto perdeis o tempo em matar-vos uns aos outros. O Grande Atman está no seu Eterno Amor, em todas as coisas e principalmente dentro de vós mesmos; e, se Ele fosse capaz de cólera, deixar-se-ia dominar por ela ao ver que vos matais uns aos outros, sem nenhum respeito à vida que Ele deu para amar a todos vossos semelhantes e a todos os seres e coisas. Encolerizar-se-ia também quando vendeis vossos próprios filhos para serem assassinados sobre um altar onde entronizastes o crime; ou quando comprais e vendeis vossos semelhantes a quem chamais de escravos e servos, porque carecem do ouro que acumulastes com o sangue, o suor e a vida de quantos infelizes caíram em vossas garras de abutres sem alma.

"Os povos levantavam-se em torno de Chrisna, num despertar de júbilo e de glória. Ninguém podia conter as massas excitadas de esperança e de entusiasmo, enlouquecidas de felicidade entre a palavra daquele príncipe de Madura, que lhes falava de amor e de liberdade.

"Do Golfo Pérsico até o Mar da China, e do Thibet até o Ceilão, tomou corpo, como um incêndio incontível, um levantamento geral dos povos clamando por sua liberdade e por seus direitos de homens.

"O velho rei Ugrasena estava espantado do tamanho da formidável onda que seu neto havia libertado como uma torrente que invadia tudo. Os Kobda-Flamas repetiam as palavras do Grande Apóstolo, reprimindo toda vingança, toda violência e toda luta armada. A arma era a palavra, o verbo de fogo de Chrisna que falava aos homens de liberdade, de amor, de justiça e de igualdade, pois todos eram filhos do Grande Atman, que acendia o sol para todos e enviava as chuvas também para todos.

"Que faria o Príncipe com aquela enorme onda humana que esperava tudo dele?

"Seus adversários, que eram em geral os opulentos e os que enriqueciam com a escravidão e com a morte de seus semelhantes, diziam alegremente:

"Não existe inquietação da nossa parte; pois, quando este temerário mancebo buscador de glória e de fama se vir encurralado como um cervo por toda essa alcatéia de lobos famintos que vão devorá-lo, dar-se-á por vencido e compreenderá que é insensata loucura pretender erguer, à categoria de homens, essas massas imbecis, pois valem pouco mais do que animais, que apenas servem para a carga. O Príncipe tinha só 18 anos e aparentava ter 30, porque sentia profundamente a carga da Humanidade a pesar sobre ele.

"Sob todos os bosques, à beira dos rios caudalosos, nos vales mais pitorescos, ordenou àquela massa humana que derrubasse as árvores das selvas e construísse cabanas de troncos, de ramos, de palhas e de barro, em toda a extensão dos domínios de Ugrasena, seu avô.

"Essa foi a humilde origem de quase todas as cidades do Sul do Indostão que, poucos anos depois, se converteram em florescentes povoações a resplandecer de paz, de justiça, de liberdade e de trabalho.

"A imagem de Chrisna crescia dia a dia até que as pessoas começaram a duvidar se era um homem de carne, sangue e ossos ou um deus mitológico que realizava, por arte de magia, tão estupendas obras.

"Temiam, por momentos, vê-lo desaparecer numa nuvem que passasse, num sopro de vento agitando a selva, no incêndio purpúreo do amanhecer ou entre os resplendores do fogo do ocaso.

"– Não te afastes de nós, senhor! ... Não te vás, porque seríamos acorrentados novamente, e nossos filhos seriam assassinados nos altares dos deuses – clamavam as vozes.

"As arcas reais de Madura iam-se esgotando rapidamente no resgate de escravos e em alimentar aquela imensa onda humana semidesnuda e faminta. A dor do valoroso Príncipe foi crescendo também até tornar-se desesperadora e angustiosa, quando um poderoso príncipe que reinava nas regiões do Ganges e do Birmanh, enviou emissários anunciando que desejava amizade porque queria, para seus povos, a lei que Chrisna dava aos dele.

"Esse príncipe chamava-se Daimaragia, e sua aliança foi tão firme que jamais retirou sua mão daquela outra que havia estreitado.

"– Meu pão é o teu pão – disse, quando ambos os príncipes se encontraram em Calcutá. – Salvemos, juntos, o Dekan da iniqüidade e do crime e, se esvasiaste teus tesouros, eu conservo os meus que sobram para fazer feliz a terra onde descansam nossos antepassados.

"Em seguida ao rei Daimaragia, chegaram outros de mais modesta ascendência: o de Penchad, do Belhestão e do Nepal, que se colocaram sob as ordens do Príncipe de Madura para devolver a justiça, a paz e a prosperidade ao Dekan, que caminhava para a mais espantosa ruína e para a desnatalidade, pois as mulheres se negavam a ter filhos, que seriam arrebatados para serem vendidos como vítimas propiciatórias de um culto de crimes, morte e extermínio.

"Ao redor de Chrisna, amontoaram-se, como pombas perseguidas pelos abutres, 26 centúrias de mulheres em estado de gravidez, pedindo proteção para o ser que palpitava em suas entranhas. A maior fortaleza de Madura, em Thinneveld, sobre o mar, hospedou aquelas infelizes vítimas do egoísmo humano, das quais muitas na segunda idade, outras na adolescência e as demais na primeira juventude.

"Desta ocorrência, os adversários do Príncipe levantaram espantosas calúnias, dizendo que ele havia roubado de seus maridos as mais belas mulheres do Dekan, para formar o maior serralho que príncipe algum houvesse tido.

"Chrisna havia posto o machado na raiz da árvore daninha que destruía o país: a mortandade de crianças nos altares de deuses sanguinários, criações horrendas da avareza humana. As infelizes mães defendidas por ele, sentiram-se fortes para defender, por sua vez, os filhos que ainda não haviam nascido e, dos torreões da Fortaleza, organizaram, elas mesmas, uma defesa contra a qual nada puderam as flechas de seus perseguidores, que rodearam a Fortaleza para tirá-las à força de lá. Aquelas mulheres ficaram enfurecidas contra aqueles que pisoteavam seus sentimentos de mães e jogaram em seus inimigos archotes ardentes de cânhamo betuminado, chuvas de pedra, recipientes de azeite fervendo e tudo quanto pudesse servir-lhes para exterminar aqueles que lucravam com a vida de seus filhos.

"Outro acontecimento inesperado se cruzou no caminho do Grande Apóstolo do Dekan, criando-lhe novas dificuldades e maiores sacrifícios. Um poderoso Maharajá do país de Golkonda, sobre o grande Golfo de Bengala, tinha, entre seus muitos tesouros, uma filha chamada Malwa, cuja formosura e sabedoria atraía quantos príncipes chegassem a conhecê-la. Bicknuca, seu pai, reservava-a zelosamente, a fim de fazer com ela uma aliança vantajosa para seus interesses. Mas o coração da formosa donzela desbaratou seus projetos e esperanças, enamorando-se, mui secretamente, de um mancebo estrangeiro, trazido ao país junto com um grupo de reféns pelos guerreiros de Bicknuca, que faziam grandes excursões pelo norte fantástico, possuidor de incalculáveis riquezas."

Oflkan, o formoso mancebo, de olhos azuis e cabelos dourados como as pedras e arroios de sua terra natal, era natural da antiga e legendária Samarcanda.

"De tal maneira, Malwa, a filha do Maharajá, se enamorou dele que não tardaram em encontrar o meio de burlar a vigilância encarregada da guarda dos reféns, os quais tiraram partido desse amor oculto para escapar de seus guardiães e fugir para seu país.

"Malwa viu-se grandemente comprometida ante o seu pai e os guerreiros, alguns dos quais suspeitaram que, por amor a um dos reféns, a jovem princesa os houvesse ajudado a escapar. Sua conduta ia ser julgada se os reféns não fossem encontrados, e ela receberia a pena que era dada às donzelas nobres que atraiçoavam sua raça e seu país: eram encerradas numa torre-templo, onde, durante toda sua vida, ficavam consagradas ao culto de seu deus, sem tornar a ver mais nenhum ser vivente sobre a Terra. Havia várias dessas infelizes encarceradas, e, entre elas, uma que tinha a fama de grande sabedoria, motivo pelo qual era consultada por detrás de grades e véus, por aqueles que se achavam em situações difíceis.

"Malwa foi consultá-la, e essa mulher, reclusa havia tantos anos, respondeu:

"– Só existe um homem que pode salvar-te de cair no fundo desta Torre: é o Príncipe de Madura. Faze com que tua queixa chegue a ele, dizendo que em tuas entranhas alentas um novo ser, e somente ele terá compaixão de ti.

"A infeliz princesa que a ninguém havia contado o segredo de seu estado, encheu-se de assombro quando a reclusa lhe disse isso, e começou a chorar amargamente.

"– Tua maternidade não é um crime – prosseguiu a reclusa. – Crime cometem os homens que colocam preço no coração de suas filhas; e crime cometeu o homem que tornando-te mãe deixa-te abandonada à tua própria sorte.

"O pequeno postigo de ferro fechou-se ante a chorosa princesa, que voltou para a sua morada, disposta a cumprir a ordem da reclusa.

"Um mensageiro foi em busca de Chrisna com a mensagem de Malwa, escrita num pedaço de linho branco, e encerrada num tubo de prata.

"Durante toda uma noite, o príncipe meditou sobre a estranha encruzilhada que saía a seu encontro e, na manhã seguinte, pediu permissão a seu avô para tomar como esposa a filha do Maharajá de Golkonda.

"Em seguida, saiu uma escolta acompanhando um suntuoso cortejo para solicitar a Bicknuca a mão de sua filha para o Príncipe herdeiro de Madura.

"Os cavalos da escolta corriam como o vento e chegaram quando só faltavam algumas poucas horas para que Malwa fosse submetida a julgamento e condenada à reclusão.

"O Maharajá, comprazendo-se pela vantajosa união, esqueceu seu agravo, e sua cólera converteu-se em júbilo, porque o reino de Madura era um dos mais antigos e poderosos do Dekan.

"Agindo de acordo com o costume – de que ninguém poderia ver seu rosto – entregou a filha ao cortejo, que a fez entrar numa pequena carruagem de ouro e seda, na qual foi transportada para Madura, onde o velho rei e o príncipe a esperavam.

"Quando terminaram as grandes festas populares pelo matrimônio do príncipe, sua mãe Devanaguy levou a esposa para a câmara nupcial e, pela primeira vez em sua vida, encontrou-se Chrisna a sós com uma mulher.

"A infeliz arrojou-se a seus pés para beijá-los, porque ele havia salvo algo mais do que sua vida e sua honra; contudo, Chrisna, levantando-a, fê-la sentar-se a seu lado e falou-lhe assim:

"– Mulher, não vos acuso nem vos recrimino. Não tenho nada que perdoar-vos, porque apenas sois uma vítima do egoísmo humano. Procedi tal como quisestes, unicamente para vos salvar. Adoto vosso filho como se fora meu, para que seja o herdeiro de Madura, mas não peçais um amor que já entreguei à Humanidade que me rodeia.

"Estarei contente se souberdes ser tão discreta a ponto de que todos vejam em vós a fiel e honrada esposa, consagrada somente ao amor de seu filho, ao cuidado de minha mãe e de meu avô.

"– Para vós, ó príncipe generoso e bom! Nada quereis de mim, que me submeto inteiramente a vós como uma escrava? – perguntou timidamente a jovem.

"– Nada! Continuai amando o homem que vos fez mãe e que, provavelmente, geme no maior desconsolo por não haver podido aguardar a chegada de seu filho. Se algo quereis dar-me, que venha vossa mão de aliada para trabalhar a meu lado pela igualdade humana nesta terra de escravidão e injustiças.

"A princesa tomou com as suas a mão estendida de Chrisna e disse, com a voz trêmula por um soluço contido:

"– Aliada até a morte, príncipe ..., e para sempre! Têm realmente razão aqueles que julgam não serdes um homem, mas *Vishnu*, encarnado para salvar a Humanidade.

"E Malwa rompeu a chorar de uma forma tão angustiosa que Chrisna se comoveu profundamente.

"– Se continuardes chorando assim de modo tão desesperador – disse ele –, lamentarei haver-nos unido a mim pelo laço do matrimônio, o qual vos impede de ir ao encontro daquele que amais.

"– Choro de agradecimento por vosso sacrifício em meu favor, posto que, tampouco, podereis tomar uma esposa que vos dê filhos para o trono de Madura – respondeu Malwa, cujo coração havia quase esquecido o pai de seu filho, que a havia tomado como um meio para salvar a si mesmo e a seus companheiros.

" 'Se ele me houvesse amado como eu o amava, não me teria abandonado, mas haveria fugido comigo – disse ela a seu salvador, quando a calma renasceu novamente em seu agitado espírito.

"Nem sequer Devanaguy, mãe de Chrisna, conheceu jamais o segredo que morreu com eles mesmos. Quando o menino nasceu, o velho rei de Madura apresentou-o ao povo que, desta forma, podia estar certo de que a dinastia de Ugrasena permaneceria por muito tempo à frente de seu país.

"Malwa cumpriu sua palavra de aliada e converteu-se em protetora das mães perseguidas por aqueles que queriam arrancar seus filhos para destiná-los aos sacrifícios. A tal ponto se identificou com o pensamento e o anelo de Chrisna que seus adversários disseram cheios de ira:

"– Este príncipe, audaz e temerário, uniu-se à princesa de Golkonda porque ela era o reverso de sua própria imagem.

"O velho rei morreu quando seu glorioso neto estava próximo à terceira idade, ou seja, aos 25 anos completos. O menino de Malwa, que ainda estava em sua primeira idade, foi proclamado herdeiro de Chrisna, no mesmo dia em que ele foi coroado Rei. Bicknuca, Maharajá de Golkonda, proclamou seu pequeno neto também herdeiro de seu trono. Com isto, ficaram unidos, numa forte e solene aliança, os dois maiores reinos do Dekan.

"Se, como herdeiro, Chrisna fez tão grande obra civilizadora naqueles países, quando ocupou o trono de seu avô, sua ação estendeu-se enormemente, pois teve aliados poderosos até além dos Himalayas, pelo norte, até os Urais, pelo noroeste, e até o Iran, pelo ocidente.

"Como sabia que nos arcanos do Atman sua vida seria breve, associou todos os atos de seu governo a Malwa, admirável mulher que era sua aliada, a fim de que ela viesse a ser a orientadora de seu filho quando este fosse elevado ao trono.

"Uma imensa paz se estendeu, como onda suave e fresca, tornando felizes os povos aonde chegava a influência daquele rei Ungido de Atman, para proporcionar felicidade e abundância aos povos.

"Então Chrisna começou seu trabalho de ordem interna e espiritual, para o que abriu casas de estudo e de meditação nos lugares onde julgou oportuno, colocando-as sob a direção dos Kobda-Flamas das Torres do Silêncio.

"Retirando-se, ele mesmo, em dias e horas determinadas, escreveu o admirável *Bhagavad-Gita* e os *Uphanisad*. Estes últimos formam uma coleta de máximas de uma moral sublime, assim como aquele é um tratado magno da mais elevada e sutil espiritualidade."

O Essênio leitor enrolou o papiro, porque o sol já se escondia atrás dos montes que encerravam Ribla num círculo de verdor.

Essa leitura havia absorvido de tal forma suas almas que se fez um longo silêncio.

– Assim era o Chrisna que eu havia imaginado! – exclamou incontinenti o Servidor.

– Que falsa figura era esse Chrisna guerreiro e matador de homens como foi apresentado grotescamente por seus biógrafos! – acrescentou Tholemi.

– Que dizes, Jhasua? – perguntou o Servidor.

– Digo que ele procedeu como eu haveria procedido em igualdade de condições.

– Em tudo? – inquiriu Melkisedec.

– Em tudo não – respondeu firmemente Jhasua. – Porque eu não me teria deixado coroar rei; no entanto, pacificados os povos, haveria deixado Malwa com seu filho na direção e haver-me-ia retirado para as Torres do Silêncio, para dar às coisas da alma a outra metade da vida que ainda me restasse.

"Pobre príncipe Chrisna! Toda a sua vida foi como um delírio de atividade para com os demais, enquanto sua alma devia chorar sem que ninguém a ouvisse!"

– Foi feliz ao encontrar Malwa em seu caminho, que tão admiravelmente o secundou em suas obras de apóstolo – disse um dos Essênios.

– Como Jhasua encontrou Nebai em sua adolescência – acrescentou Tholemi, cuja sutil clarividência havia entreaberto os véus dourados do Enigma Divino, e havia visto que Malwa e Nebai eram o mesmo espírito.

Jhasua compreendeu tudo. Os véus sutis que encobriam o passado dissiparam-se na púrpura daquele entardecer, e sua mente submergiu-se num abismo de Luz, no qual a Divina Sabedoria sussurrou no mais íntimo de sua alma:

"És uma flor da Luz Eterna, que te acendes e te apagas, que morres e renasces, que vais e vens em diversas formas e meios, até finalizar a jornada determinada por tua Lei."

Os Essênios, que iam lendo em seu pensamento claro como através de um límpido cristal, disseram todos ao mesmo tempo:

– Já chegaste ao final! Mais além, a Luz Incriada, o Enigma Eterno, o Amor Infinito!

– Já era chegada a hora! – murmurou quieto o jovem Mestre, cuja emoção era profunda.

No dia seguinte continuaram a leitura dos velhos papiros que permitiria conhecer a verdadeira vida de Chrisna, príncipe de Madura.

O Essênio leitor começou assim:

"Os mercadores de carne humana viva eram os únicos descontentes e prejudicados em seu insaciável afã de acumular tesouros à custa de vidas humanas, e quase todos se haviam retirado para os países bárbaros para estender ali a garra e começar novamente seus latrocínios e crimes.

"Quando Chrisna ia completar a terceira idade, ou seja, os 30 anos, Madura viu-se rodeada por uma numerosa turba de malfeitores armados de archotes ardentes e flechas envenenadas, que gritavam como energúmenos:

"– Entregai vosso rei que nos levou à miséria e à fome, porque, do contrário, morrereis todos abrasados pelas chamas ou envenenados por nossas flechas.

"Homens e mulheres correram a todas as portas e muralhas para formar uma infranqueável defesa de seu amado rei; mas, como haviam sido tomados de surpresa, viram-se em situação desvantajosa para enfrentar aquela numerosa turba de malfeitores e tribos selvagens, que mais pareciam demônios escapados do abismo, onde se aninham, como víboras venenosas, todos os males da terra.

"Chrisna, depois de três dias de meditação, reuniu seu Conselho de Governo que estava formado pelos representantes de cada um dos príncipes, aliados seus, por Malwa, que representava Golkonda, e também por seus três discípulos e confidentes: Adgigata, que era o *Asura* (quer dizer inspirado para as sagradas escrituras); Paricien, parente próximo de seu amigo o rei Daimaragia e que era, simultaneamente, o mais sábio filósofo e médico de seu tempo; e Arjuna, chamado o vidente, graças à sua clara visão dos planos astrais e espirituais em casos determinados.

"O jovem rei queria entregar-se àquela multidão de feras famintas do seu sangue, com o fim de que não atormentassem seu fiel povo; no entanto o Conselho se opôs, pensando que, uma vez desaparecido Chrisna, a desordem e o povo desorientado acabariam arruinando tudo.

"Os dias passavam, e cada um deles marcava um bom número de vítimas entre o povo de Madura. Cada vítima arrancava um soluço do coração de Chrisna que dizia: '– Morrem por mim!'

"Malwa e seu pequeno filho, que já tinha dez anos, não se afastaram do rei um só momento, por temor de que ele se entregasse a seus inimigos. A inteligente e discreta princesa havia despachado, desde o começo da luta, emissários secretos a seu pai, e esperava a qualquer momento a chegada dos bravos guerreiros de Golkonda, que salvariam a situação.

"Por sua vez, em separado e também sigilosa e discretamente, Paricien havia pedido socorro a seu parente, o rei Daimaragia de Calcutá; Adgigata e Arjuna também o haviam pedido a outros dois príncipes aliados, o de Bombay e o de Rhampur, e todos eles aguardavam o socorro, sem ter contado a quem quer que fosse seu segredo. O único que não havia pedido auxílio a ninguém era Chrisna, que julgava chegada a hora de sacrificar-se por seu povo, para dar exemplo de amor fraterno e de amor à paz, que havia procurado impor na Terra como um ideal sublime.

"Madura estava sitiada há já cinqüenta e dois dias e, como ainda não faltavam os alimentos necessários, o povo sentia-se forte em resistir à entrega de seu rei. Seus ferozes inimigos uivavam como lobos ao redor das fortes muralhas naturais que eram formadas pelas rochas cortadas a pino dos Montes Cardamor, no qual estava edificada a Fortaleza.

"Chrisna, em contínuo contato com seu povo, exortava-o à calma e fazia compreender que, para ele, nada significava a morte, se, com ela, haveria de proporcionar-lhes a paz.

"– Sem vós, senhor, seremos novamente escravizados – disseram aos gritos. – Vivei, vivei, que somente assim seremos felizes.

"De repente, começaram a aparecer, de todas as direções do horizonte, numerosas hostes guerreiras que, qual avalanche, caíram sobre os sitiadores de Madura.

"Sobre os montes que circundavam a vetusta cidade, em direção ao oriente, ondeava o pavilhão de Golkonda, como uma asa gigantesca de sangue e ouro, e apenas isto os encheu de terror, pois seus guerreiros eram tidos como os mais bravos daquela época. Pouco depois começaram a chegar os guerreiros dos demais países.

"Os torreões da velha fortaleza encheram-se de bandeiras brancas, como se um grande bando de pombas voejasse sobre ela. Logo, através de um megafone, ouviu-se a voz da princesa Malwa dizendo aos sitiantes:

"– Fui eu quem chamou os guerreiros de meu pai para defender meu esposo do injusto e traiçoeiro ataque que fizestes. Em nome dele eu vos prometo o perdão, se vos retirardes tranqüilamente para vossos lares. Do contrário, os guerreiros de Golkonda vos aniquilarão completamente.

"Espantados alaridos ouviram-se por todos os lados, dizendo:

"– Que nos devolvam nossos escravos e nossas mulheres. Morra a estrangeira! Morra aquele que ultrajou nossos direitos e nos reduziu à miséria. – Ante esses grosseiros insultos, o povo perdeu toda a serenidade e, vendo que os guerreiros de Golkonda desciam dos montes como uma onda humana a toda a velocidade de seus corcéis de guerra, os sitiados subiram nos torreões e almeias, nas copas das árvores e em todos os pontos mais elevados. Uma chuva de pedras, flechas e archotes acesos cruzaram em todas as direções. A voz do príncipe acalmou novamente o povo enfurecido e disse aos sitiantes:

"– Não sei quem sois. Bem vedes que estais vencidos pelas numerosas hostes guerreiras de nossos aliados. Dou-vos dez dias de prazo para que mandeis emissários com o fim de resolver pacificamente comigo o problema de vossas reclamações.

"Os sitiantes retiraram-se desordenadamente, e Madura ficou rodeada por um bosque de lanças que brilhava ao reflexo dos últimos resplendores do sol poente.

"Todos ficaram felizes na velha cidade de Ugrasena. O povo e os guerreiros entregaram-se jubilosamente a festejar o triunfo. Somente Chrisna sofria profunda tristeza em seu coração. Havia dado de si quanto pode dar um homem animado de boa vontade e contando com os meios para fazer felizes seus semelhantes, postos pelo Grande Atman no meio de seu caminho. Ainda assim, via com tristeza e dor que, se havia proporcionado a felicidade a alguns, havia despertado ódio profundo e rancorosa aversão nos outros. Submergido no silêncio de sua alcova em penumbras, meditou hora após hora:

"– Onde encontrar a felicidade dos homens?

"Seus gênios tutelares, os grandes Devas, amigos seus, que aguardavam de seus altos planos luminosos o sacrifício de seu companheiro, teceram para ele, com os fios mágicos da Luz Divina, uma formosa visão que encheu de claridade e de paz sua alma dolorida.

"Ele viu uma longa escada de transparente cristal que, do plano terrestre, ia subindo até perder-se de vista no infinito do espaço e da Eterna Luz. Todos os matizes do arco-íris resplandeciam através de sua nítida transparência. Estava dividida em nove lances, e cada um deles irradiava, a distância, uma luz diferente. Chrisna viu a si mesmo subindo o sexto lance daquela radiante escada de cristal.

"Uma voz íntima, que vibrava sem sons no mais íntimo do seu ser, disse:

"– Estás acabando de percorrer a sexta jornada, na qual criaste para a Humanidade uma justiça e uma paz na medida da Vontade Eterna. Fizeste tudo quanto devias fazer. Na subida ao próximo lance dessa escada, ser-te-á desvendado onde encontrarás a felicidade para os homens, e tê-la-ão todos aqueles que seguirem tua rota.

"Quando o príncipe, já sereno e tranqüilo, descerrava as cortinas de sua janela para que a luz do sol entrasse por ela, viu o pequeno *Shanyan*, seu filho adotivo, trepado no alto de uma corpulenta magnólia, cujos ramos tocavam em sua janela, esperando tranqüilamente com sua flauta de bambu na mão. Seus olhares se encontraram, e Chrisna sorriu afavelmente.

"– Que fazes aí? – perguntou.

"O menino não respondeu; no entanto, começou a tocar uma formosa melodia que o pai lhe havia ensinado desde pequenino e dissera: 'Esta melodia se chama *Busco o teu amor*. Tocá-la-ás para todo aquele que tenha tristeza na alma.'

"O príncipe bom e justo compreendeu que o pequeno havia percebido sua tristeza e procurava curá-lo com a terna e doce cadência de sua flauta.

"A alma pura e sensível de Chrisna sentiu algo como se suave onda de ternura a inundasse. Viu, no amor inocente e franco daquela criatura, o amor de todos os homens que chegaram a compreendê-lo, e estendendo seus robustos braços para a magnólia, agarrou seus ramos e os trouxe para si até alcançar a mão de Shanyan que, qual ágil passarinho das selvas, saltou de ramo em ramo até encontrar-se entre os braços de seu pai, que, em verdade, sentia a felicidade daquele inocente amor.

"– Viste como ficaste curado, pai, com a minha flauta de bambu?

"– Sim, meu filho, curaste a minha tristeza dizendo que *buscas o meu amor*. O mesmo deves fazer com todos aqueles que levam sombra cinzenta em seus olhos. Vem agora comigo ao pavilhão dos feridos e veremos se existe alguma forma de aliviá-los.

"– Já fui com minha mãe e levamos rações de pão e mel para todos. Não havia nenhum triste, por isto não toquei minha flauta. Somente tu estavas triste, pai, e todos sabem que levas a tristeza na alma.

"– É que me fizeram rei, meu filho, e nenhum monarca pode estar contente nesta Terra, se tem consciência da carga que leva sobre seus próprios ombros. Que farias tu se estivesses em meu lugar?

"– Eu? Encheria todas as despensas de pescado seco, farinha e mel para que ninguém viesse a ter fome. Daria a todos flautas de bambu para cantar tua canção favorita e espantar a tristeza. Não é desta maneira que fazemos todos felizes?

"– Sim, meu filho. Mas, se os homens quebrarem e pisotearem tua flauta e desprezarem o pescado, a farinha e o mel, que farias?

"Os olhos castanho-claros do menino pareceram sombrear-se de imperceptível bruma de tristeza, e ele respondeu:

"– Se quebram as flautas e recusam as dádivas é porque são maus e gostam de apoderar-se daquilo que não é seu. Então eu tomaria um chicote e dar-lhes-ia açoites como fazem os guardiães nos fossos desta Fortaleza com as feras, quando estas se enfurecem contra seus tratadores.

"– Serias um rei justiceiro – disse Chrisna.

"– Sim. Pão e mel ao que é bom e quer a flauta de bambu; a tristeza e o chicote para os maus que não deixam os demais viver tranqüilos.

"– Pobrezinho! – disse o bom rei acariciando-o. – Que o Atman encha teu coração de nobreza e bondade, para que chegues a amar até aqueles que desprezam tua flauta de bambu.

"Os dez dias que o príncipe dera de prazo aos descontentes passaram, e ele esperou em vão vê-los chegar para exporem suas reclamações. Chegou o dia da grande festa popular quando Chrisna completava sua terceira idade, ou seja, os 30 anos, e nenhum acontecimento adverso veio perturbar o júbilo daquele povo que se sentia feliz sob a proteção de seu soberano.

"Quando seu sogro Bicknuca, Maharajá de Golkonda, sentiu que estava à morte, chamou seu herdeiro para deixá-lo coroado soberano. Chrisna quis que a princesa Malwa levasse seu filho para que ela também pudesse assistir à execução da última vontade de seu pai. E, assim, partiu o cortejo da princesa, escoltado por cem arqueiros. Chrisna acompanhou-o na primeira jornada, e retornou a Madura em companhia de Arjuna, Paricien e quatro arqueiros, formando um pequeno grupo de sete cavaleiros sobre ligeiros corcéis. Mas, ao chegarem a uma encruzilhada da montanha sombria de árvores e à escassa luz final do ocaso, cortou-lhes o passo uma turba de oitenta ginetes, armados de achas, punhais e flechas, que uivavam como lobos raivosos. Arjuna, que era o mais idoso e menos apto para as armas, correu para Madura com o fito de trazer uma legião de defesa. O príncipe não queria defender-se; mas Paricien e os quatro arqueiros aprestaram rapidamente suas lanças e formaram um círculo ao redor de Chrisna.

"– Vamos ver o que quereis para uivar como as feras da selva. Não vos dei um prazo para solucionar vossos problemas?

"– Não queremos outra solução a não ser a entrega imediata das 2.600 mulheres que guardais na Fortaleza e dos 40.000 escravos que nos tirastes para que passeiem triunfantes pelas cidades e pelos campos.

"– Segui-me até Madura e ali falaremos. Tende em conta que esses escravos foram resgatados com o ouro das arcas reais. Recebestes o pagamento e agora reclamais por eles? Agis com manifesta injustiça e com tanta má-fé que vos assemelhais a malfeitores que, nos caminhos, assaltam as pessoas honradas.

"– Não queremos mais filosofias que nos prejudiquem. Firmai aqui mesmo uma

ordem de que nos sejam devolvidos os escravos e as mulheres e então deixaremos que continueis livremente vosso caminho.

"– Um momento! – gritou Paricien com desespero, temendo mais pela vida do próprio Chrisna, que nada permitiria ser feito para salvar-se, do que pela turba de bandoleiros. Trazendo-o para trás dos arqueiros, disse em voz baixa:

" 'Prometei satisfazê-los, para dar tempo a que volte Arjuna com o auxílio pedido.

"– Que pedis, meu amigo? Isto seria mentir por debilidade, por temor à morte. Como posso prometer atendê-los, se estou sabendo que não devo fazê-lo e que não o farei jamais?

"– Lembrai que não seria para salvar-vos da morte, mas pela salvação dessas mulheres, dessas crianças e de todos esses infelizes escravos.

"– É chegada a minha hora, Paricien, é a minha hora! Feliz de mim, se comprar com minha vida as grandes graças do Atman para a Humanidade. Necessito de ti, Paricien, para que me ajudes a morrer, como me ajudaste a viver na Vontade do Atman. Dá-me um abraço, pois será o último.

"Soluçando profundamente, Paricien estreitou o príncipe, que logo se afastou de seus braços.

"– Ide com ele – disse aos arqueiros – pois sou suficiente para tratar com essa gente. – E avançando para a turba que o esperava com o arco já disposto, cruzou seus braços sobre o peito, dizendo:

"– Atirai!

"– Negas-te, pois, a gravar teu nome ao pé desta ordem? – gritou um dos bandidos.

"– Sim, nego-me – respondeu.

"– Olha que morrerás aqui mesmo e, do mesmo modo, assaltaremos a Fortaleza das mulheres e caçaremos todos nossos escravos como se fossem gamos.

"– Ouvistes! – disse Chrisna aos seus. – Ide tomar as medidas necessárias para evitar isso.

"Um arqueiro saiu a toda velocidade de seu cavalo.

"– Contaremos até cem – propôs um dos bandidos. – Se, nesse espaço de tempo, não gravares teu nome, dispararemos nossas flechas.

"– Perdeis o vosso tempo – respondeu impassível o príncipe.

" 'Ide, já disse! – voltou Chrisna a insistir, dirigindo-se a Paricien e a seus arqueiros, que obedeceram incontinenti, mas apenas para introduzir-se numa caverna na volta do monte ante o qual se achavam, e manter-se ali em observação.

"– Preparai vossas flechas e disparai contra seus quatro atiradores, antes que eles o façam contra Chrisna – disse Paricien a seus três arqueiros. Quando aquele que contava entre os bandidos ia chegar a cem, Paricien e seus arqueiros dispararam flechas contra os artiradores que deviam matar Chrisna. Três deles caíram mortos, mas a flecha disparada pelo quarto foi atingir em cheio o alvo, e Chrisna caiu ferido de morte, pronunciando estas sublimes palavras:

"– Grande Atman ..., cumpri Tua Vontade! Dá-me, Senhor, a Paz e o Amor entre os homens!

"Ao verem três de seus homens mortos, os bandidos julgaram que chegavam os exércitos de Madura e fugiram em direção à Fortaleza das mulheres para assaltá-la antes que pudesse ser defendida.

"Paricien e os seus correram até o príncipe, que ainda estava consciente.

"– Meu amigo – disse. – Não amargures minha agonia com teu desespero. Já era chegada a hora de minha liberdade e de minha paz. Pensa em Malwa e em meu filho. Com Arjuna e Adgigata, ajuda-a a ocupar meu lugar.

"– Meu rei! – gritou Paricien com suprema angústia. – Que o Atman te receba em Sua Luz e em Sua Glória e sejas o gênio tutelar do Dekan para que não mais retorne às trevas.

"Chrisna estreitou debilmente a mão de seu amigo, enquanto seus arqueiros beijavam-lhe os pés, chorando amargamente. Com o incêndio purpurino do ocaso que dourava a paisagem, cerraram-se seus olhos para a vida material para se abrirem os do seu espírito na sua gloriosa imortalidade.

"Paricien manteve ao seu lado apenas um dos arqueiros; os outros dois foram enviados para avisar aos príncipes aliados que deviam preparar-se para a defesa, pois a Serpente Vermelha estava disposta a erguer novamente sua esmagada cabeça.

"Carregando sobre seu próprio cavalo o corpo do rei, seguiu caminhando até Golkonda, onde se encontrava a princesa com o filho.

"O rei Bicknuca ainda vivia e lhe foi ocultado o triste acontecimento, até que, terminado o trabalho de embalsamamento do cadáver, se organizaram os solenes funerais das fogueiras acesas, em círculo, ao redor do féretro, durante sete dias consecutivos, passados os quais, o ataúde foi levado a passeio numa balsa coberta de flores e tochas sobre o Ganges, o rio sagrado, de cujas ondas, segundo a tradição do país, os Devas recolhiam a alma pura do justo que houvesse morrido pelo Bem.

"– Não quero que meu cadáver seja tomado pelos homens para adoração – havia deixado escrito em suas cadernetas o santo príncipe; e os Kobda-Flamas, de acordo com Malwa e os três amigos íntimos, ocultaram-no mui secretamente num grande penhasco branco da cidade de Bombay, ao qual estava aderida a Torre que tinha o número 49, e que era destinada a panteão funerário das múmias dos grandes mestres da velhíssima Instituição.

"A princesa Malwa cobriu aquele sagrado túmulo, que guardava a múmia de Chrisna, com o manto de ouro e diamantes que seu pai havia mandado tecer com todos os diamantes de Golkonda, para quando sua filha fosse coroada rainha.

"– Se, algum dia – disse ela a seus conselheiros – os países que Chrisna tornou felizes padecerem carestia e fome, sabei que seu Rei guarda na tumba mais do que o suficiente para alimentar por dez anos todo o Dekan. Já o sabeis.

"O culto por aquele Grande Ser, que foi para ela mais que seu pai e sua mãe, porque era o próprio Vishnu encarnado, tornou-a suficientemente forte para governar, até a maioridade de seu filho, os dois mais poderosos reinos daquela época: Madura e Golkonda.

"As dinastias de Ugrasena e de Bicknuca, unidas, mantiveram a justiça e a paz de Chrisna, durante três centúrias e mais meia.

"Mais tarde, o egoísmo dos homens começou novamente a semear a iniqüidade, que foi asfixiando lentamente a boa semente. No entanto, as lâmpadas vivas das Torres do Silêncio não se apagaram completamente, e essas pequeninas luzes, símbolo perpétuo de uma fé imortal e de um amor eterno, iluminarão novamente os campos da Humanidade."

No final deste relato apareciam quatro nomes gravados com punção ardente: Adgigata, Patriarca das Torres do Silêncio; Arjuna, Asura do Reino de Madura; Paricien, Primeiro Conselheiro; Malwa, Rainha-Mãe de Madura e de Golkonda.

Dois dias depois de haver terminado o papiro da vida de Chrisna, foi inaugurado o Templo de Homero com grandes festas, para as quais o Ancião Menandro convidara toda a população de Ribla, à qual fez compreender o significado daquele personagem, poeta máximo da Grécia, da luz e da beleza eternas, e aguardou que Harvoth transla-

dasse para ali sua família, a fim de consagrar, ele mesmo, em sua qualidade de sacerdote de Homero, a nova sacerdotisa Nebai, a quem entregaria o alaúde de ouro e a coroa láurea de ouro e rubis, que a Grécia Eterna havia oferendado a seu genial antepassado, quando já estava paralítico e cego em seu leito de morte.

O Ancião Menandro fez a Jhasua, o Apolo Sírio, como ele o chamava, a oferenda de seu arquivo, composto de 270 rolos maiores e 420 menores, para cujo transporte lhe deu uma caravana de dez mulas com os equipamentos necessários.

Ele os seguiria assim que houvesse realizado a consagração de Nebai como sacerdotisa de Homero.

Poucos dias depois, Jhasua e os Essênios empreenderam a viagem de regresso, acompanhados de Harvoth e dos condutores da pequena tropa de mulas que conduziam ao Monte Tabor grande parte da história da Humanidade sobre o Planeta Terra.

Dez dias depois, encontramo-los já no Santuário do Monte Tabor, cuja vegetação, apesar de ser exuberante e belíssima, lhes parecia pobre, comparada com as maravilhas do Líbano, por cujos montes e vales haviam deixado correr a fantasia, que ali sonhava com Édens que não eram da Terra.

Através dos Terapeutas-Peregrinos, todos os Santuários Essênios ficaram sabendo que o Homem-Luz havia retornado ao Monte Hermon, trazendo o tesouro inestimável de um arquivo que vinha preencher as lacunas existentes na história da evolução humana.

A Fraternidade Essênia considerou, a partir desse momento, o Sacerdote de Homero, Menandro, como um benfeitor que a ajudava a cumprir seu sagrado pacto, de manter acesa a Luz da Verdade, confiada, nessa época, à velha Instituição.

– Quanto mudaste, Jhasua, nesta viagem que fizeste! – disse Nebai quando, novamente, junto à fonte das pombas, se encontraram pela primeira vez.

– É certo, Nebai, é certo! Eu mesmo observo esta mudança. Não sei se para o Bem ou para o Mal. Subi a um altiplano, do qual vejo tudo muito diferente daquilo que observava antes.

"Algo, muito íntimo, dentro do meu ser, vai crescendo e ampliando-se quase até ao infinito, sem que eu possa impedi-lo."

– Deves estar doente, Jhasua! – continuou Nebai com grande inquietação. – Teus olhos não parecem fixar-se em nada e até a tua memória está debilitada. Nem sequer perguntas por teus amigos das Ruínas de Dobrath, onde houve um desmoronamento.

– Certo, Nebai! Perdoa-me. Chegou-me o teu pensamento quando isso ocorreu. Agora não acontece o mesmo.

– Como? ... Onze crianças feridas e uma guardiã velhinha ... morta!

– Ó Nebai! ... minha querida Nebai. Essa é uma pequena dor comparada com todas as dores da Humanidade.

"Ribla, Ribla! Teus jardins silenciosos e teus grandes bosques solitários, enfermaram minha alma para sempre, e nunca mais poderei ter alegria."

– Por quê, Jhasua, por quê? A vida tem belezas. Fazer o Bem é uma beleza. Consolar aquele que chora é uma beleza. Amar é uma beleza! O amor de tua mãe é uma beleza, Jhasua! ... o amor de todos os que te amam é uma beleza! ... Jhasua, Jhasua! Foste com o coração cheio de vida e voltaste com o coração agonizante! ...

Cobrindo o rosto com ambas as mãos, a jovem começou a chorar desconsoladamente.

Jhasua reagiu ante a inesperada dor de Nebai e, aproximando-se com ternura, tomou-a pela mão e levou-a para junto da fonte que estava com seus bordos quase inteiramente cobertos de flores.

– Senta-te aqui, Nebai, e escuta-me. Assim me compreenderás. Viste essa caravana de mulas carregadas de fardos?

– Sim, eu a vi. É por isso que estás aflito?

– Nesses fardos, Nebai, conheci todas as dores da Humanidade. Eu as conheci demasiado cedo. Ainda não completei meus 18 anos, e já me sinto como se tivesse 30.

"Depois de saber muitas coisas que ignorava, pergunto: Onde poderemos encontrar a felicidade para o coração humano?"

– Repara, Jhasua. Eu nada sei em comparação com o que tu sabes; no entanto, penso tranqüilamente que a Justiça Divina dá a cada qual segundo ele merece. Se a Justiça dá a ti e a mim quanto necessitamos: o calor de um lar, de uma família, e nos acrescenta ainda a satisfação de fazer o Bem que podemos a quem o merece, por que deveremos padecer pelas dores que talvez sejam um merecido castigo por maldades que ignoramos?

"Perguntas onde encontrar a felicidade para o coração humano? Eu creio que é em dar a cada um o que é seu. Por exemplo, tens pais, como eu. A felicidade deles estará, seguramente, em ver-nos felizes com nosso bom proceder. Jhasua, eu sei o que ocorre em teu coração!

"Parece-me que galgaste um cume muito alto e viste com um só olhar a dor que existe em toda a Humanidade.

"Mas, como não temos o poder de remediar a todos, devemos evitar a dor daqueles que nos rodeiam, começando pela família, pelos amigos e pelos que cruzarem nosso caminho. Se desejamos que nos demais sejam despertados estes mesmos sentimentos de comiseração, devemos alargar cada vez mais o círculo daqueles que podem ser aliviados e consolados.

"Em troca, se deixarmos esmagar nosso coração por todas as dores humanas, acabaremos sendo nós mesmos uma dor para aqueles que nos amam.

"Tua mãe, Jhasua, tua doce mãe, que sentiria em seu coração, se te visse tal como eu te vi ao chegar aqui, esta tarde? ..."

– Ó Nebai ... Que anjos de bondade estão soprando em teus ouvidos essas suaves palavras? Fala, Nebai! Fala que estás curando todas as feridas do meu coração.

– Mas dize, como é que teus Mestres permitem que padeças desse jeito, sem alívio algum? Eles, que são um bálsamo para todos, não o têm sido em teu benefício?

– Não os culpes, Nebai. Eles não o puderam evitar. Eu vi mais do que eles queriam que eù visse.

"É verdade que cada coisa tem seu tempo. Ainda não era chegada a hora de que eu subisse a esse cume e olhasse para baixo. Ainda sou um jovem e julguei poder suportar aquilo que suportaria um homem viril.

"Graças, Nebai! Na tua inocência de mocinha deste-me uma grande lição. Ainda não é chegada a hora de que eu sinta todas as dores da Humanidade. Um anjo de Deus te inspirou, Nebai! Eis aqui um jovem que deseja remediar as dores humanas e começa causando a ti, pobre donzela, a maior dor que, porventura, tiveste em tua vida! Pobre mãe, a minha, se eu houvesse chegado até ela como cheguei junto de ti!

"Ó Nebai! ... Foste o raio da Luz Divina que iluminou meu coração em sombras!

"És pouco mais que uma menina e disseste a verdade. Mais uma vez se cumpre a escritura que diz: 'Deus fala, às vezes, pela boca das crianças.' "

Do alto cimo do futuro Redentor de uma Humanidade, Jhasua, com essa dócil e sutil complacência, própria das grandes almas, desceu à planície da verde relva e das flores diminutas para colocar-se em sintonia com as almas singelas e puras que o

rodeavam. Foi novamente o Jhasua adolescente, ingênuo, afável e terníssimo que, até então, havíamos conhecido. Entregou-se completamente a pensar, não em dores imensas que não podia evitar, mas nas puras e formosas alegrias que podia proporcionar aos demais.

– Nebai, sabes que eu trouxe três ninhos de rouxinóis do Líbano?

– Verdade? Dizem que aqui não há nenhum como aqueles!

– Desejo ofertar-te um; o outro é para minha mãe, e o terceiro, para uma menina que apenas conheço, mas que nos obsequiou com uma cesta de frutas quando tínhamos muita sede.

– Bem vês, Jhasua, quantas alegrias trazes contigo e só pensavas na dor! – exclamou Nebai, contente e feliz de encontrar em seu amigo da infância o mesmo que havia visto antes da grande viagem.

As Escrituras do Patriarca Aldis

Dois dias depois, Jhasua deixava-se envolver pela suave ternura do lar paterno, que se sentiu regozijante de felicidade ao recebê-lo novamente sob o seu velho teto.

O leitor adivinhará facilmente os grandes relatos que, como formosa filigrana de prata, se desenredavam ao redor daquele lar cheio de paz e honradez, de simples fé e inesgotável piedade.

Jhasua era para todos o filho que estudava a Divina Sabedoria para ser capaz de fazer o bem a seus semelhantes. Julgavam que ele devia saber tudo e as perguntas o molestavam sem cessar.

Somente Myriam, sua doce mãe, o observava em silêncio, sentada junto a ele, e parecia querer descobrir com seus insistentes olhares se a vida o havia devolvido tal qual o vira sair de seu lado. Sua admirável intuição de mãe percebeu na formosa fisionomia de seu filho algo assim como o leve vestígio de uma dor secreta e profunda, mas nada disse naquela ocasião, esperando, sem dúvida, estar a sós com ele, para então indagar.

O jovem Mestre que, na verdade, havia conseguido desenvolver bastante suas faculdades superiores e seus poderes internos, também percebeu mudanças em seus familiares mais íntimos.

Joseph, seu pai, parecia mais decaído e seu coração funcionava irregularmente. Qualquer pequeno incidente lhe produzia visível agitação.

Jhosuelin havia emagrecido muito e tinha acentuada aparência de enfermo do peito.

Ana estava resplandecente, com sua ideal beleza de efígie de cera.

Seu tio Jaime, que tão intensamente o amava, havia vindo de Caná para estar ali, à sua chegada.

Seus irmãos maiores, já casados, acorreram com alguns de seus filhos, meninos ainda, para que Jhasua lhes dissesse algo sobre o seu porvir. A eterna ansiedade dos pais em saber, antecipadamente, se seus rebentos teriam vida próspera e feliz!

– Tu, que és um profeta precoce, deves saber essas coisas – disseram, em parte zombando e em parte sérios.

Acariciando seus sobrinhos, dizia Jhasua jovialmente, tratando de satisfazer a todos, sem dizer aquilo que podia evitar:

– Tende a certeza de que todos eles serão o que o Pai Celestial quer que sejam; e Ele apenas quer a paz, a felicidade e o bem de todos os seus filhos.

Quando, terminada a ceia, foram todos retirando-se para suas respectivas moradas, ficaram, finalmente, sós junto da mesa, Myriam, o tio Jaime e Jhosuelin, para os quais Jhasua sempre teve confidências mais íntimas. A grande boa alma do futuro redentor de humanidades foi abrindo suas asas lentamente, como alva garça que pressentisse perto as carícias do sol e os suaves eflúvios de brisas perfumadas de jasmins e madressilvas.

– Jhasua ... – disse timidamente sua mãe – nestes dezenove meses que durou tua ausência, cresceste bastante em estatura, e creio que também teu coração se engrandeceu demasiado! ... Parece-me que padeceste fortes sacudidelas internas, muito embora não consiga eu descobrir a causa disso.

"Bem sabes que nós três compreendemos sempre os teus mais íntimos sentimentos.

"Se a tua alma necessita repousar em outras, muito íntimas, bem sabes, Jhasua: somos sempre teus!"

– Bem o sei, minha mãe, bem o sei, e aguardava ansiosamente este momento. Em minhas várias cartas familiares nada pude mencionar de minhas intimidades, pois sabia que elas seriam lidas por todos meus irmãos, e sabeis que eles dificilmente me compreendem, com exceção de Jhosuelin, Jaime e Ana.

– Um dos Terapeutas-Peregrinos – acrescentou o tio Jaime – nos trouxe a notícia de grandes curas feitas por ti, e que todo o caminho, desde o Tabor até Ribla, foi semeado de obras extraordinárias que o Senhor realizou por teu intermédio: paralíticos curados, dementes que voltaram à razão, e creio que até uma mulher morta voltou à vida.

– Mas o Terapeuta também vos deverá ter acrescentado – disse Jhasua – que nada de tudo isso podia ser mencionado a pessoa alguma, além de vós mesmos.

– Não te preocupes, irmão – disse Jhosuelin –, que de nós, nada disso saiu para a luz. Mandaram-nos silenciar, e silenciamos.

– Bem. Vejo que em vós posso confiar. Não deveis ficar preocupados pelo fato de muitos familiares me julgarem duramente, pensando que perco o tempo.

– Não, isso não pensam, por enquanto, Jhasua – interveio Myriam –, pois todos esperam que sejas aquele que dará brilho e esplendor à família, como muitos dos Profetas do passado. Alguns até supõem que contribuirás para que a Fraternidade Essênia saia da obscuridade, a fim de libertar a nação hebréia da opressão em que se encontra.

– Outros esperam – acrescentou Jaime – que sejas tu mesmo o salvador de Israel, e me consta que fizeram grandes averiguações junto a teu pai.

– E ele, que respondeu?

– Simplesmente que estudas para ser um bom Terapeuta, dedicado ao bem de teus semelhantes, e tirou-lhes toda ilusão de grandezas extraordinárias.

– Efetivamente – respondeu Jhasua – ainda não sei o que o Senhor fará de mim. Deixo-me guiar pelos que, por enquanto, são os meus Mestres e que eles indiquem qual deva ser o meu caminho. Confesso que, por mim mesmo, só descobri uma coisa: por muito que todos os espíritos de boa vontade façam pela felicidade dos homens, ainda faltam alguns milênios para que este sonho possa aproximar-se da realidade. Tal estado sucederá quando o Bem haja eliminado o Mal, e, hoje em dia, o mal sobre a Terra é um gigante maior e mais forte que Goliath.

– No entanto, uma pedrinha de David o prostrou por terra – disse Jhosuelin como para animar Jhasua em seu glorioso caminho.

– Sim, é verdade! E Deus fará surgir, dentre os rebanhos de ovelhas ou das areias do deserto, o David do momento presente – acrescentou Jaime.

– Assim dizem os papiros com suas lendas de séculos passados – respondeu Jhasua. – A Humanidade terrestre foi, desde sua origem, escrava de sua própria ignorância e do feroz egoísmo de alguns poucos. Em todas as épocas, desde as mais remotas idades, Deus acendeu lâmpadas vivas no meio das trevas. Assim como houve profetas em Israel, houve-os também em todos os continentes, em todos os climas e sob todos os céus.

"A alma se entristece profundamente quando vê o desfile heróico de mártires da Verdade e do Bem que deram até suas próprias vidas pela felicidade dos homens, e, ainda agora, a dor faz presa entre eles.

"Grandes fraternidades, como agora a Essênia, tem havido desde épocas remotas: os Flâmines da Lemúria, os Profetas Brancos da Atlântida, os Dacthylos da Ática, os Samoyedos do Báltico, os Kobdas do Nilo, os Ermitãos das Torres do Silêncio de Bombay, os Mendicantes de Benarés. Todas elas, que somam milhares, fizeram a felicidade dos homens à custa de tremendos martírios e perda de muitas vidas.

"Contudo, essa felicidade foi sempre efêmera e fugaz, porque a semente do Mal germina nesta Terra tão fácil e rapidamente quanto, com lentidão e esforço, germina a boa semente."

– Que falta, pois, para ocorrer o contrário? – interrogou Jaime.

– Falta ... falta, tio Jaime, mais sangue de mártires para adubar a terra e mais chuva de amor para fecundar a semente ... – respondeu Jhasua, com a voz solene de um convicto.

"Acreditai que entrar no Templo da Sabedoria Divina é abraçar-se com a dor, com a angústia suprema de querer, mas não poder chegar à satisfação do íntimo anelo de encontrar a felicidade e a paz para os homens.

"Os emissários de Deus de todas as épocas demarcaram o caminho, mas a Humanidade em sua grande maioria não quis segui-lo, e até hoje ainda não o quer. Por isso vemos um mundo de escravos submetidos a alguns poucos ambiciosos e audazes que, passando sobre cadáveres, escalaram os cimos do poder e do ouro e, de lá, ditam leis opostas à Lei Divina, mas favoráveis a seus interesses e conveniências.

"Não é apenas Israel que suporta o humilhante domínio de déspotas estrangeiros. Toda a Humanidade é escrava, até quando aquele que governa os países seja da mesma raça dos que formam a atual sociedade humana.

"Durante mais de um milênio, os Kobdas do Nilo, na Pré-História, fizeram sentir brisas de liberdade e paz em três continentes; contudo, a Humanidade, um belo dia, ficou enfurecida de ver-se feliz e aniquilou aqueles que tiveram o valor de sacrificar-se por sua felicidade, e ela submergiu-se novamente em seus abismos de pranto, de crimes e de horror!

"Adivinhavas, mãe, que realmente sofri na minha ausência. É verdade, e continuarei padecendo pela inconsciência humana, que ata as mãos daqueles que querem destruir para sempre suas algemas."

– Observa, meu filho, que a juventude está levando-te a aceitar as coisas com ardor e veemência excessivas.

"Acaso és culpado da dureza da Humanidade em escutar os enviados divinos?"

– Mãe, se tivesses alguns filhos que, sem quererem escutar-te, resolvessem precipitar-se em abismos sem saída, não padecerias pela dureza de seus corações?

– Certamente, mas seriam filhos meus, parte de minha própria vida. Entretanto, padeces pela cegueira de seres que, em sua maioria, não conheces nem vistes jamais.

– Mãe! ... que disseste?

"E a Lei? ... Não manda a Lei *amar ao próximo como a mim mesmo*, e não somos todos irmãos, filhos do Pai Celestial?"

– Sim, meu filho, mas raciocina um momento e verás que o Pai Celestial permite esses padecimentos, deixando seus filhos em sofrimento, não obstante os ame, provavelmente, muito mais do que consegues amar a todos teus semelhantes. Está certo semear o Bem, mas padecer tanto pelo irremediável! ... pobre filho meu! ... é padecer inutilmente com prejuízo de tua saúde, de tua vida, da paz e da felicidade dos teus, aos quais vieste ligado pela Vontade Divina. Porventura, não estou certa?

– Sois como Nebai, a meiga flor da montanha, que, amando-me quase tanto como tu, só pensa em ver-me feliz e alegre. Santos e puros amores, que me obrigam a dobrar as asas e voltar ao ninho suave e tranqüilo, onde não chegam as tormentas dos caminhos que correm para o ideal supremo da libertação humana!

"Está bem, mãe! ... está bem. O amor vence o amor até que chegue a hora de outro Amor mais forte do que a dor e a morte!"

– Que queres dizer com essas palavras? – perguntou, inquieta, a bondosa mãe.

– Que teu amor e o de Nebai suavizam de tal modo minha vida que eu não quisera passar desta idade para continuar vivendo dessa doce fantasia que ambas teceis para mim, como um dossel de seda e de flores.

Jhosuelin e o tio Jaime haviam compreendido perfeitamente todo o alcance das palavras de Jhasua; no entanto, silenciaram para não causar inquietações na alma pura e simples de Myriam. Alguns momentos depois, ela se retirou para sua alcova, feliz em ter novamente o filho sob seu teto; enquanto ele, com Jaime e seu irmão, com o qual tinha aposento conjunto, continuavam falando sobre o estado precário e desgraçado em que o povo se debatia, sem rumo fixo e dividido em agrupações ideológicas, que a luta contínua ia levando lentamente para o caos, cujo final ninguém poderia prever.

A notícia do regresso de Jhasua à risonha e aprazível Galiléia chegou rapidamente a seus amigos de Jerusalém, e, apenas haviam transcorrido 25 dias, quando chegaram a Nazareth quatro deles: José de Arimathéia, Nicodemos, Nicolás de Damasco e Gamaliel.

Joseph, o ditoso pai, que sentia verdadeira ternura por José de Arimathéia, recebeu-os afavelmente, sentindo sua casa grandemente honrada com tão ilustres visitantes.

– Já sei, já sei – disse –, vindes curiosos para saber se vosso discípulo aprendeu bastante. Apenas sei que seu regresso me faz feliz, mas, se na sabedoria fez progressos ou não, isto vós devereis saber. Passai a este cenáculo, que já o chamarei.

Deixou-os para ir em busca de Jhasua que percorria o horto ajudando sua mãe a recolher frutas e hortaliças.

– Eis aqui – disse Gamaliel aludindo a Joseph – o protótipo do galileu honrado e justo, que goza da satisfação de não desejar nada mais além do que possui.

– Em verdade – acrescentou Nicolás – a Eterna Lei não poderia escolher local mais apropriado para a formação e desenvolvimento espiritual e físico de Seu Escolhido. Aqui tudo é são, puro e nobre! Dificilmente encontrar-se-ia um coração perverso na Galiléia.

– Em compensação, nossa Jerusalém é como um ninho de víboras – acrescentou Nicodemos, observador e analítico por natureza.

– Já pensastes a que se deverá esse fenômeno? – interrogou José de Arimathéia.

– Tenho observado – respondeu Nicodemos – que os sentimentos religiosos muito exaltados fazem de qualquer cidade um campo de lutas ideológicas, que degenera logo em ódios profundos, produzindo a divisão e o caos. Creio ser isto o que ocorre em Jerusalém.

– Justamente – afirmou Gamaliel. – A exaltação do sentimento religioso obscurece a razão e torna o espírito intolerante e duro, aferrado demais a seu modo de ver e sem respeito algum para com o ponto de vista dos demais.

– Além disso – disse Nicolás – os hierosolimitanos se julgam a flor e a nata da nação hebréia e olham com certa lástima para os galileus e com desprezo para os samaritanos, que nem sequer se dão por ofendidos com tais sentimentos para com eles.

– Aqui chega nosso Jhasua – disse José de Arimathéia, adiantando-se para ele e abraçando-o antes que os demais. – Já estás feito um homem! – disse, olhando-o por todos os lados.

– Queríeis que eu continuasse sendo aquele garoto travesso que vos fazia rir com suas diabruras? – perguntou Jhasua sorrindo, enquanto recebia as demonstrações de afeto daqueles antigos amigos, todos eles de idade madura.

Assim que terminaram as saudações costumeiras, eles iniciaram a conversação que desejavam.

Quem tinha maior intimidade entre eles era José de Arimathéia, e foi assim que ele começou:

– Bem sabes, Jhasua – disse –, que nosso grau de conhecimento das coisas divinas nos coloca na obrigação de ajudar-te em tudo e por tudo, para desenvolveres tua vida atual com as maiores facilidades possíveis neste atrasado plano físico. Cumprindo este sagrado dever, estamos aqui para escutar-te, a fim de que possamos formar nosso juízo.

– Continuais, pelo que vejo, pensando sempre que sou aquele que esperáveis ... – disse Jhasua com certa timidez, olhando, com delicado afeto, para seus quatro interlocutores.

– Nossa convicção não mudou absolutamente em nada – disse Nicodemos.

– Todos pensamos da mesma forma – acrescentou Nicolás.

– Quando a evidência se assenhora da alma humana, não é possível a vacilação nem a dúvida – afirmou Gamaliel de sua parte.

– Não chegaste ainda a esta convicção, Jhasua? – interrogou José.

– Não – disse secamente o interpelado. – Ainda não vi claro no meu *Eu íntimo*. Sinto às vezes em mim uma força sobre-humana ajudando-me a realizar obras que ultrapassam o nível comum das capacidades humanas. Sinto que um Amor Incomensurável se desencadeia no íntimo de meu ser como um vendaval que me inunda de suavidade divina; e, em tais momentos, julgo-me capaz de me oferecer inteiramente em sacrifício nos altares da felicidade humana. No entanto, tudo isso passa como um relâmpago e se desvanece no raciocínio que faço, de que todo aquele que amar a seu próximo como a si mesmo, em cumprimento da Lei, sentirá, sem dúvida, o mesmo.

"As sagradas escrituras falam-nos de homens justos que, possuídos do amor de Deus e do próximo, realizaram obras que causaram grande admiração em seus contemporâneos. Isto vós sabeis melhor que eu."

– E vossos Mestres Essênios, como é que não vos têm levado a tal convicção? – perguntou Gamaliel.

– Porque essa convicção – segundo eles – não deve vir a mim do exterior, ou seja, através do convencimento dos demais, mas há de surgir da parte mais profunda

de meu *Eu íntimo*. Eles aguardam tranqüilamente que esse momento chegue, mais cedo ou mais tarde, todavia chegará. Eu participo da tranqüilidade deles e não me preocupo, absolutamente, com o que *serei*, mas com o que *devo ser* neste momento de minha vida: um jovem que estuda a Divina Sabedoria e trata de desenvolver seus poderes internos o mais possível, a fim de ser útil e benéfico para seus irmãos que tanto sofrem!

– Magnífico, Jhasua! – exclamaram todos ao mesmo tempo.

– Falaste como devias falar, jovem escolhido por Deus para o mais alto destino nesta oportunidade – acrescentou comovido José de Arimathéia.

– Quais foram tuas impressões nesta viagem de estudos? – interrogou Nicodemos.

– Algumas boas! ... a propósito: eu trouxe algo que julgo ser muito do vosso agrado.

– Vejamos, Jhasua. Fala.

– Tirei, para vós, cópias de fragmentos da Pré-História que julgo não conhecerdes.

– Verdade? Onde encontraste esses tesouros?

Jhasua mencionou que um velho sacerdote de Homero, encontrado em Ribla, o havia obsequiado com um valioso Arquivo, que, segundo os Essênios, viria preencher grandes vazios nas antigas crônicas conservadas por eles.

– E essas cópias, de que tratam? – perguntou Nicolás.

– Esclarecem muitos relatos que as Escrituras Sagradas de Israel têm tratado mui ligeiramente, talvez por falta de dados, ou porque, nos contínuos êxodos de nosso povo tantas vezes cativo em países estrangeiros, se perderam os originais.

"Por exemplo, nossos Livros Sagrados dedicam só uns poucos versículos a Adão, Eva e Abel, e não mencionam, nem de passagem, os povos e personagens que guiaram a Humanidade naqueles tempos distantes.

"Bem vedes que salta à vista o muito que falta registrar em nossos livros. Adão, Eva, Abel e Caim não estavam sozinhos nas regiões do Eufrates, visto como ruínas antiqüíssimas demonstram que toda aquela região estava cheia de povos e de cidades muito importantes.

"Quem governava esses povos? Quem foi Adão? Quem foi Eva? Quem foi Caim? Se a Escritura atribuída a Moisés denomina a Abel *o justo amado de Deus*, seria naturalmente por grandes obras de bem que ele realizou. Que obras foram essas, e quem foram os favorecidos por elas?

"Nossos livros mencionam apenas que ele foi um pastor de ovelhas; mas não podemos pensar que, unicamente por ter cuidado de ovelhas, haveria Moisés de chamá-lo *o justo amado de Deus*.

"Minhas cópias do Arquivo, tiradas para vós, explicam tudo o que falta nos nossos Livros Sagrados, que aparecem truncados, sem continuidade nem ligação lógica em muitos de seus relatos. Seria um agravo a Moisés, pensar que fora tão deficiente e tão atabalhoada a história escrita por ele sobre as origens da Civilização Adâmica. Julgo que sobre este ponto estareis de acordo comigo."

Os quatro interlocutores de Jhasua se entreolharam com assombro ante a perspicácia e boa lógica com que o jovem Mestre defendia seus argumentos.

– Raciocinas bem, Jhasua – disse José de Arimathéia –, e, de minha parte estou de acordo contigo, tanto mais que, há anos, andava eu à procura dos dados necessários para preencher os vazios imensos de nossos Livros Sagrados, que, em muitas de suas partes, não resistem à mais ligeira análise.

– Perfeitamente – acrescentou Gamaliel. – Estou encantado com o vosso modo de raciocinar; no entanto, creio que estareis de acordo comigo em que nesse terreno só se deve entrar com pés de chumbo.

"Não esqueçais que nosso grande e pranteado Hillel perdeu a vida no suplício por haver tentado remover esses escombros, deixando a descoberto o que havia debaixo deles."

– E, depois de Hillel, morreram muitos outros que percorreram idêntico caminho – disse Nicolás. – Também eu buscava o mesmo que José, mas silenciosamente, à espera de melhores tempos.

– Creio – observou Nicodemos – que estudos dessa natureza devem realizar-se com grande cautela até se conseguir esclarecer completamente tudo quanto se ignora.

"E, assim que se haja conseguido isso, os Pontífices e os Doutores serão muito teimosos se se negarem a aceitar a verdade."

– É pouco o que pude copiar; no entanto, isto vos dará uma idéia da grandiosidade do Arquivo encontrado em Ribla – disse Jhasua. – Muito melhores informações podereis obter, se, algum dia, visitardes o Arquivo no Santuário do Tabor, para onde foi levado.

– Desde Ribla, mais além de Damasco?

– Desde Ribla, em pleno Líbano.

– "Oh, minha esposa desce do Líbano e vem para ser coroada com jacintos e rebentos de palmas! ..." – recitou solenemente Nicodemos, parodiando uma passagem dos "Cantares". – A Sabedoria tinha que baixar do Líbano, porque Ela busca os cumes onde não chegam os libertinos e ignorantes. Começo a entusiasmar-me com esse Arquivo, Jhasua, e, desde já, proponho irmos visitá-lo o quanto antes.

– Como vos agradar.

– Quando regressarás ao Tabor? – interrogou José.

– Ainda não o sei, pois dependerá de especiais circunstâncias de minha família. E, como apenas cheguei! ...

– Sim, sim, compreendemos. Ponhamo-nos de acordo; e, quando decidires voltar para lá, manda-nos um aviso, e alguns dentre nós irão contigo. Que te parece?

– Muito bem, José.

– Escolhamos, portanto, dentre nós aqueles que devem ir.

– Eu estou disposto e tenho tempo suficiente – disse Nicolás de Damasco.

– Eu também – acrescentou Nicodemos. – Todavia, haverá necessidade de levarmos um intérprete, pois não sei se as línguas que aparecem nos papiros serão de nosso domínio.

– Por essa parte, não há dificuldades – observou Jhasua. – No Tabor há atualmente dez Anciãos escolhidos em todos os Santuários para me servirem de Instrutores. Entre eles há tradutores de todos os idiomas mais antigos. Atualmente, eles só estão fazendo as traduções necessárias.

– Perfeitamente. Combinamos então que irão Nicolás e Nicodemos ao Arquivo?

– Combinado – responderam ambos.

– Agora, Jhasua, traze tuas cópias e explica-nos, pequeno Mestre, como compreendes o assunto – pediu José afavelmente. – Enquanto isto, falarei com teus pais para ver se é possível hospedar-nos pelos três ou quatro dias que pensamos permanecer aqui.

– Tenho uns parentes aqui perto – disse Nicolás – e pernoitarei ali.

– E eu sou esperado pelo Hazzan da Sinagoga, que é irmão de minha mulher – acrescentou Gamaliel.

– Então Nicodemos e eu seremos teus hóspedes, Jhasua – disse José, saindo do cenáculo juntamente com ele para entrevistar-se com Myriam e Joseph.

José de Arimathéia e Nicodemos eram familiares entre si, pois o leitor recordará que eram casados com duas filhas de Lia, a honorável viúva de Jerusalém, que já conhecemos.

Pouco depois da refeição do meio-dia, no modesto cenáculo de Joseph, honrado artesão de Nazareth, formou-se algo como uma minúscula aula, onde os quatro ilustres viajantes vindos de Jerusalém, o tio Jaime e Jhosuelin, ouviam Jhasua que lia sua cópia de fragmentos extraídos do Arquivo, fazendo os mais formosos e acertados comentários.

– Tomei uma cópia – disse Jhasua – da parte final da atuação de Adão e Eva, e de Abel, seu filho, sacrificado pela maldade dos homens. Foi o que despertou em mim maior interesse, porque sobre isto nada dizem nossos Livros, e eu o ignorava por completo. Adão e Eva não foram os rústicos personagens que imaginamos, mas figuras eminentes nessa civilização neolítica; e nessas Escrituras eles chamam seu filho Abel de Homem-Luz.

"Talvez tenha sido ele o Messias-Salvador do Mundo que nós ainda esperamos, por ignorar a história desses tempos remotos!"

– Cada época tem sua Luz – disse Gamaliel. – Nos campos siderais, como nos terrestres, aparecem de tempo em tempo estrelas novas e lâmpadas vivas que iluminam as trevas da Humanidade.

– Sim, é verdade – afirmou Nicodemos. – Bem pode ter sido Abel o Messias daquela época, como pode ser Jhasua o Messias do momento presente.

Este, guardando silêncio, inclinou-se sobre sua cópia como se somente isto absorvesse seu pensamento, e, logo depois de alguns instantes, disse:

– Um dos dez Instrutores que tenho no Tabor permaneceu quatorze anos na grande Biblioteca de Alexandria por ordem da Fraternidade Essênia, e ali, em união com Filon, nosso grande irmão de ideais, extraiu quanto ali encontraram para os fins que buscavam, que, como todos vós sabeis, é esclarecer as origens do atual ciclo de evolução humana, porque, nas Escrituras Sagradas hebréias, como também nas persas ou indostânicas, não se encontra uma verdadeira história que resista a uma boa análise.

– É verdade – disse Gamaliel. – Tudo aparece brumoso, carregado de simbolismo e fantasias formosas, se assim se quiser, mas isso não está de acordo com a razão nem com a lógica.

– É necessário – acrescentou Nicolás – que, ao iniciar o ciclo vindouro, a Humanidade nova que há de vir encontre a verdadeira história de seu passado, a fim de que a obscuridade não a leve a renegar alguns ideais que não lhe mereçam fé, pois estão construídos sobre castelos de ilusões, próprias somente para crianças que não chegaram ainda a usar a razão.

– Creio que chegaremos a um resultado bastante lisonjeiro, se não completo – observou Jhasua.

"Este relato, por exemplo, é parte dos oitenta rolos de papiro conhecidos sob o nome de '*Escrituras do Patriarca Aldis*', que um escultor alexandrino encontrou escavando nos subsolos das velhas ruínas de granito e mármore, sobre as quais Ptolomeu I fez levantar Alexandria, a grande cidade egípcia que imortalizou o nome de Alexandre. O escultor procurava blocos de mármore para seus trabalhos, e, ao quebrar um pedaço da muralha desmoronada, defrontou-se com uma lápide funerária que servia para guardar as cinzas do *Patriarca Aldis*, falecido na idade de 103 anos.

"Ao levantar a lousa, encontrou ele um corpo mumificado, que fora submetido ao embalsamamento costumeiro entre os egípcios desde a mais remota antiguidade.

"Na urna funerária, encontrou-se, junto à cabeça, um volumoso rolo de papiros sob dupla coberta de linho encerado e de pele de foca. Eram estas '*Escrituras do Patriarca Aldis*', que parecem ser o relato mais extenso conhecido até hoje sobre o assunto que ocupa todos aqueles que desejam conhecer a Verdade."

– E esse *Patriarca Aldis*, que atuação teve naquela distante época? – interrogou Nicodemos.

– Foi o pai de *Adamu*. Estudando o relato, vê-se que esse nome corresponde ao de *Adão*, dos livros hebreus. O Patriarca Aldis era originário de um país da Atlântida, que se chamava Otlana, e que foi um dos últimos países a submergir quando ocorreu a grande catástrofe desse Continente. Refere com muitos detalhes a saída da grande frota marítima do rei de Otlana, fugindo da invasão das águas para o continente Europeu. Entre o numeroso acompanhamento de tropas, servidores e familiares, Aldis era o Centurião dos lanceiros do rei, casado com uma donzela do serviço particular da princesa Sophia, filha única do soberano, a qual amava o capitão da escolta real. Como o rei se opôs a tais amores, teve início, ali, uma luta, pois, ao chegar à Ática, a princesa deveria casar-se com o herdeiro daquele antigo reino, num enlace de pura conveniência para a aliança de força que o Soberano Atlante queria realizar com o poderoso monarca da Ática pré-histórica.

"Foi então que resolveram fugir: Aldis com sua esposa Milcha, e a princesa Sophia com Johevan, Capitão da Guarda do Rei. Numa pequena embarcação, dentre as numerosas que formavam a frota, chegaram a uma pequena ilha do Mar Egeu. Os dois casais fugitivos se afastaram logo em direção ao oriente, primeiramente de ilha em ilha e, depois, pela costa norte do Mar Grande. De Milcha nasceu Adamu, e de Sophia nasceu Évana.

"Aldis e Johevan foram logo capturados pelos piratas, que comerciavam com escravos, e levados a uma grande cidade do Nilo, por nome *Neghadá*, onde uma antiga instituição de beneficência e estudo pagava muito bons resgates. A embarcação com as duas mulheres e as crianças, ainda pequeninas, foi arrastada pela correnteza, numa noite de vento, até à costa da Fenícia (*), onde encalhou.

"Aquelas quatro débeis criaturas humanas acharam refúgio numa caverna das montanhas da costa. A caverna havia sido, durante muitos anos, habitação de um solitário, falecido já de velhice, o qual deixara ali, com suas semeaduras e cultivos, uma pequena manada de renas domesticadas, que serviram aos desterrados para viver. Os pequenos foram criados com o leite de uma das renas. As mães, acostumadas a outro gênero de vida, esgotaram-se rapidamente, sobretudo a princesa Sophia, que morreu primeiro. Pouco depois, morreu Milcha; e as duas crianças, de bem poucos anos, ficaram sozinhas com a manada de renas, vivendo dos peixes que as ondas do mar arrojavam à costa, das frutas e dos legumes secos armazenados pelo solitário. O grande rio Eufrates chegava então até à costa do mar, pois foi somente alguns séculos depois que um grande rei da Babilônia desviou seu curso, para fazê-lo passar pelo meio da cidade e construir, assim, os jardins suspensos, que foram por muito tempo a maior maravilha do mundo. Adamu e Évana passaram o primeiro período de suas vidas entre as pradarias deliciosas do Eufrates e a costa acidentada do mar. Foi ali que encontraram Caim com sua mãe morta numa barquinha abandonada, ocorrência muito comum e freqüente entre as escravas que fugiam por causa dos maus-tratos, ou esposas secundárias que não suportavam o despotismo da primeira.

(*) Atualmente, a região deste antigo país da Ásia fica compreendida numa estreita faixa de terra na costa ocidental da Síria, pelo sul até o Carmelo na Palestina, e entre o Líbano e o mar (N.T.).

"O jovem casal, que tinha apenas 13 anos, adotou o pequeno órfão, ao qual, tempo depois, se uniu Abel, nascido de Évana. Essa ocorrência parece haver dado motivo a que se julgasse serem ambos filhos de Adamu e Évana.

"Eu estou contando isto assim por alto; no entanto, nas *Escrituras do Patriarca Aldis* consta que, mais tarde, ele encontrou os dois jovens, já como pais de Abel; e elas relatam, com minuciosos detalhes, todos os acontecimentos de tal forma que a Verdade, de uma lógica irresistível e razoável, flui daquele relato como a água clara de um manancial.

– O Patriarca Aldis – observou Nicodemos – foi, pois, uma testemunha ocular dos acontecimentos, fato este que constitui motivo bem fundamentado para que possamos dizer que estamos de posse da verdadeira história.

– É, pois, testemunha ocular desde os 24 anos de sua idade, até os 103 que durou sua vida física – acrescentou Jhasua. – Há apenas uma lacuna – disse o jovem Mestre – e é desde que Aldis e Johevan foram capturados por piratas, até que nosso Patriarca Aldis encontrou novamente os adolescentes, já com 14 anos, na mesma caverna entre o Eufrates e o mar, onde suas mães os haviam deixado. Mas essa lacuna se preenche logicamente com o que os próprios jovens, já adolescentes, teriam referido ao Patriarca no que diz respeito aos detalhes de sua vida, desde onde eles conseguiam recordar.

"Além disto, o próprio Patriarca Aldis fez referência, no primeiro papiro, a um terno e comovente relato escrito pela princesa Sophia em língua atlante, a qual refere detalhadamente a vida que ela e Milcha tiveram na caverna desde que seus esposos foram capturados.

"A princesa escrevera isso para que as crianças soubessem sua origem, e o confiou a Milcha, mãe de Adamu, que lhe sobreviveu ainda vários anos.

– É notória a evidência – disse José de Arimathéia – e, principalmente, há uma lógica tão natural, tão sem artifício, que não deixa a menor sombra de dúvida a respeito dos acontecimentos.

– E ainda há mais – afirmou Jhasua –; é a concordância de certos fatos do relato em relação a datas colhidas, quem sabe, através de outras antigas escrituras de outros autores e outros países. Por exemplo: o relato das invasões dos mares sobre os Continentes, de tal modo que toda a Europa e a Ásia Central ficaram sob as águas, coincide com a data em que o Patriarca Aldis relata que o rei Atlante *Nohepastro* abandonou o país, e, em seu grande navio-palácio, acompanhado de toda sua frota, navegou vários meses sobre as águas, até que estas baixaram e as barcas encalharam nos cumes das montanhas de Manh, a Armênia de hoje, os quais surgiram à flor da água, em virtude de sua elevação.

– Ó meu querido Jhasua! Tudo isso é maravilhoso, e podemos dizer com toda a satisfação que a Fraternidade Essênia, nossa mãe, é dona da verdade no que diz respeito às origens desta civilização, que até hoje – é triste confessá-lo – estava baseada sobre um fábula infantil: Deus formando com suas mãos um boneco de barro sobre o qual sopra e lhe dá vida; arranca-lhe logo uma costela e sai a mulher, companheira do homem – disse Nicolás de Damasco, como se acabasse de retirar um enorme peso de cima de seus ombros.

– E ainda há mais – observou Nicodemos. – É que, de nenhuma forma, a lógica podia aceitar o que ocorreu mais tarde. Nos princípios do Livro da Gênese, logo depois de relatar o assassinato que Caim teria cometido na pessoa de Abel, acrescenta que *o assassino fugiu em direção ao oriente para o país de Nood, onde se casou, teve*

filhos e fundou uma cidade. De onde teria Caim tirado uma mulher para se casar, se a única do mundo era Eva, procedente de uma costela de Adão? Isto por si só prova que havia outros seres humanos naquelas regiões, e que, portanto, a origem da espécie humana remonta há muitíssimos séculos anteriores ao relato da nossa Gênese que, nessa parte tão em desacordo com a razão e a lógica, não pode de forma alguma ser atribuída a Moisés sem assacar um estupendo agravo a esse grande gênio que deu aos homens o grandioso Decálogo, o qual servirá à Humanidade como norma de vida justa, enquanto habitar este Planeta.

– Sobre este ponto – respondeu Jhasua – presenciei longos comentários e debates entre meus sábios mestres Essênios, e todos chegamos à seguinte conclusão:

"A verdadeira história deve-se ter perdido na noite dos tempos ao finalizar a Civilização Sumeriana, na Ásia Central e Mesopotâmia Norte, pela invasão dos gelos polares que, durante uma longa época, devastaram essas regiões a ponto de ficarem quase desertas.

"Isto, sem dúvida, deu motivo a que Adão e Eva, ainda crianças e sozinhos com suas mães no país de Ethea, que hoje é a Fenícia, se julgassem, por longo tempo, os únicos habitantes da região.

"Mais tarde, ou seja, três séculos depois de Adão e Eva, a grande Aliança dos povos, fundada pelos Kobdas do Nilo, foi destruída pelas lutas fratricidas e pelas invasões de raças bárbaras, que assolaram toda a região do Eufrates, chegando até a África do Norte, onde aniquilaram, a sangue e fogo, tudo quanto a gloriosa Fraternidade Kobda havia feito de grande e bom.

"Neghadá, que naquela época era o Arquivo do mundo civilizado, foi destruída e seus moradores degolados.

"Deus quis que esse imenso Santuário guardasse nos subsolos, e entre as urnas funerárias lavradas em granito, muitas e valiosas Escrituras, em virtude do costume dos antigos Kobdas de guardar, junto à múmia de um irmão falecido, algo daquilo que na vida humana ele houvera feito. Deste modo, o que havia escrito algo, tinha junto a seus restos alguns papiros; o que fora artífice, tinha também junto à sua múmia alguns de seus trabalhos; o que havia sido geômetra, químico, astrônomo ou cultivador de qualquer ramo do saber humano, guardava em sua urna funerária alguma coisa relacionada com a sua especialidade. Nosso irmão Fílon conserva em seu museu particular uma múmia encontrada em escavações das ruínas de Neghadá com uma lira de ouro colocada sobre o peito.

"Entretanto, voltando ao ponto iniciado por Nicolás de Damasco, ao qual eu quis responder com tudo o que foi dito, devo acrescentar o seguinte que ouvi de meus Mestres do Tabor: Não sabendo a verdadeira história da origem da Civilização Adâmica, os primitivos cronistas julgaram necessário, sem dúvida, engrandecer os acontecimentos, envolvendo-os nessa bruma maravilhosa. É bem sabida e bem conhecida a tendência das humanidades primitivas para o maravilhoso, para aquilo que ultrapassa o limite aonde chega a razão em todos os casos em que não soube dar a explicação lógica de um fato qualquer.

"Sabe-se que, durante a Civilização Sumeriana, houve uma espécie de sociedade secreta cuja origem vinha do longínquo Oriente. Formavam magos negros da pior e da mais funesta espécie conhecida entre os humanos, e, para esconder sua existência, era ela chama de 'A Serpente', e os que formavam essa agremiação eram denominados 'Os Anéis'. Todos os males, todas as enfermidades, epidemias, tempestades, inundações, tudo era atribuído a 'A Serpente', e nossos comentaristas Essênios

julgam, acertadamente, que dali surgiu a fábula da serpente que enganou Eva. Enfim, se algum dia estudardes a fundo as 'Escrituras do Patriarca Aldis', e outras mais que existem, creio que compreendereis como eu, e como todos aqueles que aspiram *a Verdade*, que uma lenda não pode satisfazer jamais àqueles que buscam argumentação clara e lógica no que se refere à história da nossa civilização."

– Passada esta explicação inicial, Jhasua – disse José de Arimathéia –, creio que bem poderíamos iniciar a leitura da cópia que nos trouxeste.

Como todos demonstrassem assentimento, o jovem Mestre começou assim:

"Escrituras do Patriarca Aldis – Papiro 70 – Refere a morte do Thidalá da Grande Aliança, de Bohindra, e sua substituição pelo jovem Abel, chamado o Homem-Luz.

"Uma onda imensa de paz e de justiça se estendia, desde os países do Nilo, pelas costas do Mar Grande para o oriente, às terras banhadas pelo grande rio Eufrates e seus afluentes; e para o norte, até o Ponto Euxino e o Mar de Gelo (o Báltico), e até as faldas da Cordilheira do Cáucaso.

"A três Continentes havia chegado a influência dos homens de toga azul, entre os quais baixara, como uma estrela de um céu distante, o Ungido do Altíssimo, para elevar o nível moral e espiritual da Humanidade.

"Dois centenares de povos se haviam unido ao influxo de um homem, mago do amor, o incomparável Bohindra, gênio organizador de sociedades humanas, entre as quais, Abel, o Homem-Luz, filho de Adamu e Évana, desenvolveu sua missão.

"Uma longa vida havia permitido a Bohindra recolher o fruto de sua imensa semeadura, e a Fraternidade humana era uma formosa realidade nos países aonde havia chegado a Lei da Grande Aliança, essa magna obra do gênio e do amor, postos ao serviço da grande causa da unificação de povos, raças e nações.

"Bohindra, já ancião e carregado mais de merecimentos que de anos, via terminado o seu trabalho: observava o descendente de Évana, filha do seu filho Johevan, que crescia como um jovem carvalho cheio de seiva, força e gênio e sorria pleno de nobre satisfação a seu bisneto Abel. Ele via sua neta Évana, já chegada aos 30 anos, apoiada em Adamu, seu companheiro de infância, os quais haviam correspondido plenamente à educação recebida das Matriarcas Kobdas, e eram Regentes dos 'Pavilhões dos Reis', escolas-templos, onde se formava a juventude dos países aliados.

"Que mais poderia desejar? Que lhe faltava por fazer?

"O Altíssimo havia fecundado todos os seus esforços, dando vida real a todos seus anelos de paz e de fraternidade humana, e ninguém padecia fome e miséria em toda a extensão da Grande Aliança.

"Por fim, como um halo de luz orlando sua cabeça, via sua fiel companheira Ada, que circunstâncias especiais puseram a seu lado como uma aurora de placidez que afugentava todas as sombras, como uma fresca roseira plantada inesperadamente em seu caminho, como uma dádiva de Deus a seu coração solitário. Sua alma, transbordante de felicidade e de paz, com os olhos úmidos de emoção, disse a frase habitual do Kobda agradecido à Divindade: 'Basta, Senhor, basta! ..., que neste pobre vaso de argila não cabe nem uma gota mais! ...'

"Fazendo uma derradeira saudação com ambas as mãos a todos quantos o amavam, e para a multidão que o aclamava da grande praça do Santuário, retirou-se da janela, porque a emoção já o embargava e sentou ante sua mesa de trabalho onde, durante tantas noites e tantos dias, havia dado vida a sábias e prudentes leis, a uniões ideológicas grandiosas, a seus sonhos de paz e de fraternidade entre os homens.

"Sua alma já transbordada, esvaziou-se sobre um papiro de sua caderneta ... o último papiro que devia gravar:

"– Senhor! ... que mais posso dar-te
Se tudo quanto tive, o dei? ...
Que pode fazer esta fagulha
Que seja digna de Ti? ...

"– Os homens, neste mundo,
Viram-Te e a Ti vão! ...
Se não perdem o caminho,
Lògo a Ti chegarão.

"– Sabem que és Pai e Te amam,
Buscam Tua Luz e calor;
Sabem que és grande e excelso
E te dão sua adoração ...

"– Tuas dádivas os tornam bons;
Soube Teu Amor perdoar
Dolorosos extravios
Desta pobre Humanidade.

"– Se, nesta herança que é Tua,
Uma gota nada mais
Possui a seiva de minha alma,
E a ajudou a fecundar,

"– Que essa gota se converta
Em grandioso oceano
De águas doces e serenas,
Que sua sede possa acalmar!

"– Se um só grão de areia
Minha débil mão acrescentar
Para o castelo encantado
Dos que buscam Teu Amor,

"– Que se torne em fortaleza
Oposta ao negro turbilhão ...
Senhor! ... Se tudo dei,
Que mais posso dar-te eu? ...

"– Se sou apenas, em Teus jardins,
Mariposinha fugaz,
E, nos mares da vida,
Onda que vem e vai ...

"– Se sou pássaro que aninha
Nos ramos de um pinheiro,
E seu ninho o destróem
As violências do furacão;

"– Se sou uma centelha errante,
Gota de água, nada mais,
Flor de efêmera existência,
Mariposinha fugaz,

"– Deixa-me, Senhor, diluir-me
Em Tua Eterna imensidão! ...
Não é já a hora de que a gota
Retorne a seu manancial? ...

"– Não é já a hora de que a faísca
Se refunda no vulcão? ...
Não pode a mariposa
Suas tênues asas dobrar? ...
.....

"– Sou viajante fatigado,
Tremem cansados meus pés ...
Dize-me, Senhor, que repouse
No umbral de Teu Reino! ...

"– Que este coração adormeça,
Que cesse já de bater! ...
Amou tanto nesta vida,
Não é já a hora de dormir? ...

"– Que tua voz me chame baixinho,
Que teu amor ouça minha súplica! ...
Senhor! Espero que chames!
Senhor! ... Senhor! ... Até logo! ...

"O Ancião, por cujo nobre e formoso semblante corriam lágrimas de emoção, tomou sua lira para cantar a meia-voz as estrofes que havia escrito; mas a voz divina que havia evocado tão intensamente o chamou nesse instante, e a nobre cabeça coroada de cabelos brancos inclinou-se pesadamente sobre aquela lira de ouro, oferenda de seus amigos, na qual tanto havia cantado a tudo o que de grande e belo encontrara em sua vida.

"Assim morreu Bohindra, o mago do amor, da fé e da esperança sempre renovada e florescente. Assim morreu esse genial organizador de nações, de raças e de povos que, sem deitar por terra limites nem barreiras, soube encontrar o segredo da paz e da felicidade humanas no respeito mútuo dos direitos do homem, desde o mais poderoso até o menor, desde o mais forte até o mais débil.

"Bem se pode dizer que foi Bohindra quem estabeleceu os alicerces do augusto templo da fraternidade humana, delineada, desde épocas distantes, pelo Espírito-Luz, Instrutor e Guia desta Humanidade.

"Poucos momentos depois, corria, como uma onda de angústia pelos vastos pavilhões, pórticos e jardins do grande Santuário de 'A Paz', a infausta notícia. Como avezinhas feridas, agruparam-se todos em torno da rainha Ada, que, apoiada em Abel, em Adamu e em Évana, devia fazer frente à penosa situação criada pelo desaparecimento do grande homem que havia levado, até então, o timão da civilização humana naquela época.

"Um numeroso grupo de Kobdas jovens, formados na escola de Bohindra, apoiaria os familiares do extinto no caso de que as circunstâncias os pusessem novamente à frente da Grande Aliança das Nações Unidas.

"O clamor imenso dos povos, órfãos de seu grande condutor, designou, como em uma ovação delirante, o jovem Abel, filho de Adamu e Évana, para suceder ao incomparável Bohindra, que encontrara no amor fraterno o segredo da felicidade humana.

"O grande Thidalá desaparecido deixava sua esposa viúva, jovem ainda, Ada, mulher admirável que havia feito sentir sua influência sobre as mulheres de todas as condições, e sobre a infância, esperança futura das nações e dos povos. Foi ela a Conselheira Maior do jovem Abel, que reuniu a seu redor, como cooperadores, as mais claras Inteligências daquela época.

"Um agrupamento de mulheres valorosas e decididas havia sido o alento de Bohindra em seus imensos trabalhos. Eram chamadas *Matriarcas*, e várias delas eram dirigentes de povos que, por diversas causas, tinham ficado sem seus chefes.

"Dentre essas Matriarcas, o jovem Apóstolo da Verdade escolheu duas, que, em união com a rainha Ada, foram, daí em diante, seu apoio e seu sustento entre os povos que o haviam proclamado Chefe Supremo da Grande Aliança.

"Essas mulheres foram *Walkíria de Kifauser*, soberana dos países do Norte, entre o Ponto Euxino e o Cáucaso, e *Solânia de Van*, Matriarca de Corta-Água e de todo o Norte Africano, desde os países do Nilo até a Mauritânia."

– E esse Corta-Água, que paragem ou cidade era? – interrogou Nicodemos, interrompendo a leitura.

– Era o Santuário, do qual a Matriarca Solânia semeava o amor fraterno civilizador de povos, que estava edificado sobre o imenso penhasco onde hoje aparece *Cartago (*)*, vocábulo abreviado e derivado de "Corta-Água", que alude, sem dúvida, à atrevida audácia com que o penhasco penetra no mar, como um verdadeiro rompe-onda – respondeu Jhasua, que estava bastante familiarizado com denominações de povos e lugares pré-históricos que apareciam naqueles velhos relatos de um passado remoto.

– Dessas *"Escrituras do Patriarca Aldis"* foram tiradas cópias, ou estamos em poder do original? – interrogou Nicodemos.

– Isso não podemos saber – respondeu Jhasua –, mas é lógico supor que tirariam cópias, pelo menos para cada um dos Santuários Maiores, que eram três: o de Neghadá, sobre o Nilo, que foi onde encontraram a múmia com esses rolos, o de "A Paz", sobre o Eufrates, e o do Mar Cáspio. Se o que temos no Arquivo do Tabor é só uma dessas cópias, não o podemos saber por enquanto. Mas, tampouco, isto

(*) Estava localizada numa península perto de onde fica Túnis. Seu nome na antiguidade era "Kart-Hadatsch" (N.T.).

interessa muito, visto que original ou cópia nos relata a verdadeira história das origens da atual civilização.

– Esses papiros – observou Nicolás – devem ter sua história, e seria interessante conhecê-la para se ter um argumento mais a favor de sua veracidade.

– Certamente – respondeu Jhasua –, e meus Mestres Essênios, que, em questão de investigações, não têm falta de ânimo, já fizeram aquilo que julgaram oportuno ao doador desse tesouro, o sacerdote de Homero, Menandro, que, embora grego de origem, passou quase toda sua vida na ilha de Creta, onde constituiu um lar. Sua afeição em colecionar escrituras e gravações antigas tornou-o um personagem muito conhecido que levava uns e outros a procurá-lo, quer para oferecer-lhe antiguidades para seu Arquivo-Museu, quer para obter dados de ocorrências determinadas. Como é apaixonado de Homero, seu ilustre antecessor, foi na busca de dados para reconstruir a vida do grande poeta grego que Menandro se entregou, com toda sua alma, à aquisição de quanta escritura ou gravação antiga lhe fosse oferecida. Possuía agentes para este fim em diversas cidades, e ele conta que, um belo dia, se lhe apresentou uma jovem cheia de angústia porque atravessava terrível situação.

"Acabava de morrer o pai dela, deixando-a sozinha no mundo sem nenhuma companhia ou fortuna, a não ser uma grande caixa de carvalho cheia de documentos e gravações em papiros, em cadernetas de tela encerada, e até em placas de madeira. Alguém mencionou que essas coisas podiam representar grande valor para os colecionadores de antiguidades, e aconselharam-na a procurar nosso Menandro em busca de ajuda.

"Interessou-se este tanto pela caixa de carvalho que não só a comprou, como tomou essa jovem por esposa, e ela veio a ser a mãe dos dois únicos filhos que tem. A jovem recordava haver visto essa caixa em poder de seu pai desde que fora capaz de ter conhecimento, e esclareceu que o ouviu mencionar muitas vezes que um sacerdote Kopto a deixara em custódia até o regresso de uma viagem que ia fazer, deixando-lhe ainda algumas moedas de ouro cunhadas em Alexandria com a efígie de Ptolomeu II, em pagamento dos transtornos que aquela caixa lhe ocasionaria.

"Tal é a história dos rolos de papiro, com as 'Escrituras do Patriarca Aldis', e muitos outros documentos referentes ao antigo Egito, como atas da construção de templos, palácios e aquedutos. Muito embora estes últimos não interessem ao nosso fim, servem de reforço à veracidade da origem dessas Escrituras. Há, por exemplo, fragmentos de planos e croquis do famoso Labirinto (*), templo e panteão funerário mandado construir pelo Faraó Amenemhat III, nas margens do Lago Meris. Nesses planos estão indicados os lugares precisos onde se acham guardadas as urnas com as múmias dos Faraós, e os cofres com escrituras de uma antiguidade remotíssima. Meu Mestre Essênio, que esteve quatorze anos fazendo investigações em Alexandria com nosso irmão Filon, assegura que isso é verdade, e não só tem croquis iguais tirados por eles, como também existem no Tabor Escrituras referentes à fundação de um antigo reino por Menes, com um grande Santuário, ao qual deu o nome de Neghadá. Isto nos faz pensar que o tal Menes, muito anterior aos Faraós, deve ser um elo perdido dos antigos Kobdas de Neghadá, nos vales do Nilo.

"O próprio nome do Lago Meris aparece nessa velha Escritura de Menes, e ele o denomina *filho da Matriarca Merik*, que governava essa região."

(*) Imenso palácio quadrangular (200 x 150 m.) que se erguia no lugar hoje ocupado pela aldeia de Hawara, a este do lago Meris, no Egito (N.T.).

– Em verdade, Jhasua – observou José de Arimathéia –, o que nos estás dizendo é de importância capital para todos aqueles que almejam reconstruir sobre bases sólidas o templo augusto da verdade histórica de nossa civilização.

– Tenho mais ainda – disse Jhasua entusiasmado de ver-se compreendido e apoiado por seus antigos amigos de Jerusalém. – É o seguinte: na caixa de carvalho e junto com os papiros do Patriarca Aldis, foram encontrados outros rolos escritos por *Diza-Abad*, os quais tinham sido localizados no Monte Sinai pelos guerreiros do Faraó Pepi I, que conquistaram essa importante península da Arábia Pétrea, há cerca de 3.500 a 4.000 anos. O achado foi feito numa gruta sepulcral perdida entre as ruínas de uma cidadela ou fortaleza, cuja antiguidade não é possível precisar com exatidão.

"O que parece claro é que Diza-Abad esteve ligado aos sábios de Neghadá, e que o Monte Sinai, que Moisés tornou célebre depois, naquela época remota se chamava *Penhasco de Sindi*, e era um terrível presídio para criminosos incorrigíveis.

"Ao narrar parte de sua vida naquele presídio, Diza-Abad faz referências de passagem ao *Pangrave Aldis*, que estivera naquela paragem, acompanhando seu neto Abel. Menciona ainda os nomes de Bohindra, Adamu, Évana e outros personagens, aos quais ficou devendo a reconstrução de sua própria vida.

"Essa Escritura, ainda que, para nós, não tenha tão grande importância como a outra, reforça-a e a confirma admiravelmente, dando-lhe vida real, lógica e continuidade."

– Verdadeiramente, Jhasua, trazes um descobrimento formidável – disse Nicolás – e estou tão entusiasmado que até me está ocorrendo que deveríamos abrir uma aula para explicar a história de nossa civilização.

– Mas não em Jerusalém, por favor! – objetou Gamaliel entre sério e risonho. – Jerusalém tem pânico desta classe de assuntos. Jerusalém só é boa para assassinar Profetas e sábios, e para degolar touros no templo, aos milhares, e negociar imediatamente suas carnes.

– Em Jerusalém, não; no entanto, poderia ser em Damasco, minha terra natal – observou Nicolás. – Damasco não está sob o jugo do clero de Jerusalém, mas sob o Legado Imperial da Síria, que não se mistura, de modo algum, com assuntos ideológicos, contanto que se aceite submissamente a autoridade do César.

– Ou, também, em Tarso – disse novamente Gamaliel –, onde existem grandes Escolas de Sabedoria e uma febre de conhecimentos, como não há, no momento, em nenhuma outra parte. Há quem assegure que Alexandria não leva muita vantagem sobre Tarso no que se refere a estudos superiores.

– Com o Mediterrâneo pelo meio, as duas cidades se olham frente a frente como boas amigas que se falam de balcão a balcão – disse Nicodemos, comprazendo-se em extremo com o ponto a que havia chegado a conversação. – E pensar, Jhasua – acrescentou –, que tu, um jovenzinho com apenas 18 anos, havias de ser o condutor deste fio de ouro, que nos coloca em contato com uma verdade pela qual muitos homens morreram, buscando-a sem poder encontrá-la entre os escombros formados pela ignorância e o fanatismo das massas embrutecidas. Preferem comer e dormir tranqüilos, em vez de molestar-se removendo ruínas para encontrar a Verdade.

– Bendigamos ao Altíssimo que nos permitiu este supremo gozo espiritual – disse o jovem Mestre, comovido, por sua vez, ante a lembrança de tantos mártires da Verdade que realmente haviam sido sacrificados nos últimos tempos, por haverem começado a remover os escombros encobridores de uma verdade que deixava em crítica situação os velhos textos hebreus, venerados como livros sagrados de origem divina.

A conversação havia chegado aqui, quando Joseph se apresentou no cenáculo anunciando que era a hora da ceia. Ana, ajudada por Jhosuelin e Jhasua, começaram os preparativos sobre a grande mesa central, onde, até há alguns momentos, estiveram disseminadas as cópias com que Jhasua obsequiava seus amigos.

– Alimentar primeiramente o espírito e, em segundo lugar, a matéria é a sublimação da vida humana – disse José de Arimathéia, ocupando o lugar que lhe fora designado.

Durante a refeição não se falou nada, absolutamente, daquilo que ocupava o pensamento dos quatro viajantes; no entanto, quando ela terminou e os familiares de Jhasua se retiraram, o modesto cenáculo nazareno voltou a ser a aula onde um punhado de homens maduros, em torno de um jovem de 18 anos, buscava afanosamente uma verdade que, qual pérola de grande valor, se achava perdida há muitos séculos. Lutavam eles para desenterrá-la dos escombros amontoados pelas hecatombes que haviam açoitado a Humanidade, e também por sua própria inconsciência, que a tornava incapaz, em sua grande maioria, de levantar bem alto a tocha de sua inteligência para encontrar novamente o caminho esquecido.

Então Jhasua, em meio ao silêncio solene que precede a aparição de uma verdade há longo tempo desejada, reiniciou assim a interrompida leitura das "*Escrituras do Patriarca Aldis*":

"Os países dos três Continentes que formavam a Grande Aliança das Nações Unidas viram-se intimados, através de seus representantes, a comparecer ante a Sede Central do Conselho Supremo. Essa Aliança tinha sido estabelecida há 25 anos no Grande Santuário de 'A Paz', na formosa e fértil planície entre o Eufrates e o Hildekel (*), pouco antes de se reunirem esses dois rios no vigoroso delta que desemboca no Golfo Pérsico. Pedia-se-lhes o concurso para que fosse estabelecido o novo Conselho Supremo para continuar a obra civilizadora de paz e concórdia iniciada por Bohindra, a qual havia anulado as prepotências, os despotismos e as escravidões; numa palavra: a injustiça exercida pelos poderosos em detrimento das massas embrutecidas pela ignorância e a miséria. Dos países do Ponto Euxino e do Mar Cáspio, bem como desde o Iran até as terras do Danúbio, pelo norte, como também desde o Nilo até a Mauritânia sobre as Colunas de Hércules, pelo sul, viram reunir-se no Mediterrâneo frotas de barcos que ancoravam em Dhapes, importante porto do País de Ethea (**), onde terminava o percurso das caravanas mensais que cruzavam toda a imensa pradaria do Eufrates, as quais conduziam os viajantes até os pórticos de 'A Paz'.

"Repetia-se, grandemente aumentada, a cena de 25 anos atrás, quando os caudilhos, príncipes ou chefes de tribos se reuniram ao redor do branco Santuário, abrindo suas tendas sob os platanares que o rodeavam, para depositar sua confiança e sua fé num homem que havia encontrado o segredo da paz e da abundância para os povos. Aquele homem era Bohindra. Ele já não estava mais sobre a Terra; entretanto, ficava um descendente seu, um bisneto: Abel, que, embora contasse apenas 28 anos, era conhecido por todos os povos da Aliança, aonde fora enviado desde que completara 20 primaveras, na qualidade de mensageiro e visitante de povos, como portador dos afetos e solicitudes do Kobda-Rei para todos os países da Aliança.

"Em quem, pois, haveriam de pensar, senão em Abel, no qual viam refletida a nobre grandeza de Bohindra e seu heróico desinteresse para solucionar as mais

(*) Atual Rio Tigre (N.T.).

(**) Fenícia na época de Jhasua. Hoje é a faixa de terra abrangendo parte da costa da Síria e parte do Líbano (N.T.).

difíceis situações e evitar lutas fratricidas entre povos irmãos? Novamente, sob os platanares que rodeavam qual imenso bosque o Santuário de 'A Paz', ouviram-se os mesmos clamores de vinte e cinco anos atrás:

"– Paz e concórdia para nossos povos! ... Paz e abundância para nossos filhos!

" 'Abel, filho de Adamu e Évana, bisneto do grande Bohindra, que levas seu sangue e uma alma igual à sua! ... Abel! Abel! Serás aquele que encherá o vazio deixado em nosso meio pelo grande homem que nos deu a felicidade! – Um clamor ensurdecedor formou algo como orquestra formidável quando terminaram aquelas palavras.

"A Rainha Ada, envolta em seu manto branco de Matriarca Kobda, apareceu na grande janela do Santuário com Abel a seu lado.

"Seguiam-na Adamu e Évana que completavam a família carnal do grande Thidalá desaparecido. As aclamações eram delirantes, e os príncipes e caudilhos entraram pelos Pórticos do Santuário, invadindo os grandes aposentos até encontrar-se com Abel a quem estavam procurando.

"A Rainha Ada apresentou-lhes, sobre o grande livro da Lei da Aliança, a coroa de lótus feita de nácar e esmeraldas, e também a estrela de turquesa que, vinte e cinco anos antes, haviam entregue a seu esposo como símbolo da suprema autoridade que lhe outorgavam.

"Os Príncipes, de pleno acordo, disseram:

"– És Rainha e Matriarca Kobda, a fiel companheira do homem que nos deu a paz e a felicidade. Que tu mesma faças entrega a nosso escolhido desses símbolos da Suprema Autoridade que lhe concedemos.

"Abel, mudo, sem poder articular palavra alguma em virtude da emoção que o embargava, dobrou um joelho em terra para que a Rainha Ada lhe colocasse o diadema de lótus sobre a fronte e lhe prendesse sobre o peito a Estrela de cinco pontas, a qual, segundo a tradição, o assemelhava a Deus que tudo vê e tudo sabe.

"– A paz foi novamente assegurada! A felicidade de nossos povos foi reconquistada! – exclamaram, em todos os tons, os príncipes da Aliança.

"Assim, ao supremo poder chegou Abel, filho de Adamu e Évana, nascido numa caverna do País de Ethea, entre uma manada de renas e distante do resto da Humanidade, que por muito tempo ignorou-lhe o nascimento.

"Era ele o Homem-Luz enviado pela Eterna Lei para guiar os homens pelos caminhos do bem, do amor e da justiça.

"Seu primeiro pensamento, como Chefe Supremo da Grande Aliança, foi este: 'Antes de tudo, sou um Kobda possuidor dos segredos da Divina Sabedoria.' Este pensamento envolveu todo o seu ser com uma auréola de luz e amor, que o conduziu até o Pavilhão da Rainha Ada, a qual encontrou de pé junto ao sarcófago do seu falecido Rei, ternamente ocupada em pentear sua branca cabeleira que, como uma madeixa de neve, coroava-lhe a nobre cabeça. Haviam passado os setenta dias do costumeiro embalsamamento.

"– Meu Rei – dizia ela a meia-voz, enquanto suas lágrimas caíam suavemente como gotas de orvalho sobre um ramalhete de rosas brancas. – Meu Rei! ... Não pensaste, sem dúvida, em mim, que ficava sozinha no meio de povos e multidões, que me amavam pelo teu intermédio.

" 'Acolheste-me sob o teu amparo, nos meus 14 anos e, em vez de escrava que pensava ser, me colocaste num altar como uma imagem de ternura, à qual deste o culto reverente de um amor como não há outro igual na Terra! ... E agora, meu Rei ... e agora? ...'

"– Agora estou eu aqui, minha Rainha, a teu lado, como filho de teu Rei, que te conservará para toda sua vida no mesmo altar em que ele te deixou – disse Abel da porta da câmara mortuária. – Permites que eu entre?

"– Entra Abel, meu filho, entra, porque contigo não rezam etiquetas – respondeu Ada sem voltar a cabeça, para ocultar seu pranto.

"O jovem Kobda entrou e, ajoelhando-se a seus pés, falou assim:

"– Tenho duas mães nesta minha vida: tu e Évana. Assim como o meu primeiro pensamento foi dedicado a ti, que o teu seja para mim e que teu primeiro ato de rainha-viúva seja para me adotar neste momento, ante o cadáver de nosso Rei, como um verdadeiro filho a quem protegerás com o teu amor durante toda a tua vida.

"O pranto contido de Ada desatou-se numa explosão de soluços sobre a cabeça de Abel, que recebeu esse batismo de lágrimas com o profundo sentimento de amor reverente e piedoso com que recebera, anos atrás, em suas 12 primaveras, a túnica azulada, a qual o iniciava nos caminhos de Deus.

"– Abel, meu filho – disse a Rainha –, serias tu quem por primeiro haveria de receber toda a dor que asfixiava meu coração.

"Estendendo ambas as mãos sobre aquela ruiva cabeça inclinada diante de si, lhe disse:

"– A partir deste momento, ficas em meu coração como filho de Bohindra, meu Rei, e nunca mais me afastarei de teu lado.

"Combinaram os dois, em seguida, que na grande Mansão da Sombra (*) do Santuário deveriam reunir-se todos os Kobdas, homens e mulheres, para fazer uma concentração conjunta com o fim de ajudar o espírito do Kobda-Rei a encontrar em plena lucidez seu novo caminho no mundo espiritual.

"Quando ressoou o toque de chamada, todos estavam aguardando, já vestidos com as túnicas brancas dos grandes acontecimentos, e a grande sala de oração viu-se invadida de imediato por aquela afluência branca a entrar em filas de dez em dez, de acordo com o hábito.

"No final entrou a Rainha Ada envolta em seu branco manto de Matriarca Kobda, e, atrás dela, Évana, Adamu e Abel.

"Aquele que isto escreve, ocupava na época um lugar no Alto Conselho do Governo que havia sido formado ao redor de Bohindra e, por ser ele o mais idoso, correspondia-lhe de direito ocupar o lugar do Patriarca desaparecido. No entanto, um íntimo sentimento de respeito para com a dor da Matriarca Ada o impediu de ocupá-lo, e o lugar de Bohindra ficou vazio ao seu lado. Sobre um dos braços da poltrona estava apoiada a sua lira, que ele sempre usava para as melodias da invocação.

"Qual não foi o assombro e a emoção de todos quando, pouco depois de se fazer a penumbra, sentiu-se a suavidade inimitável da lira de Bohindra, preludiando sua melodia favorita: '*Vem, Senhor, que te espero.*'

"No maior silêncio, apenas movendo-nos imperceptivelmente uns após os outros, comprovamos a sutil materialização do espírito do Kobda-Rei, que ocupava o lugar ao lado de sua fiel companheira e executava sua mais sublime invocação à Divindade.

"Poucos momentos de emoção como esse presenciei em minha vida. Juntos havíamos suportado lutas espantosas. Juntos havíamos sido felizes. Bohindra fora, pois, para mim, um irmão em todo o alcance desta palavra.

(*) Era o Santuário propriamente dito: o ambiente destinado à meditação e oração (N.T.).

"A Rainha Ada e todos os sensitivos haviam caído em transe e ajudavam, sem dúvida, essa materialização tão perfeita como não recordamos haver visto outra há muito tempo.

"O pranto silencioso de todos tornava mais intensa as ondas sutis daquele ambiente de Céu na Terra, produzido pelo amor de todos para com o Kobda-Rei, que possuíra, em grau máximo, o poder e a força de se fazer amar por todos os que o conheceram.

"Abel se aproximou, finalmente, da formosa aparição, a qual, por sua extrema brancura, parecia formar luz na penumbra violeta do Santuário. Quando terminou a melodia, a lira ficou sobre o assento da poltrona, e a visão, já quase convertida apenas num halo de claridade, envolveu a rainha Ada e Abel, ajoelhado a seus pés, e logo se evaporou na penumbra da grande sala de oração, onde todos pensamos a mesma coisa:

" 'Quão grande foi o amor de Bohindra que o tornou senhor dos poderes de Deus!'

"Tamanha foi a saturação de amor daquela inolvidável aparição espiritual, que todos dela saíram sentindo-se capazes de se tornarem redentores de homens pelo sacrifício e pelo amor.

"A partir desse momento, começaram as grandes atividades de Abel, que, com o apoio e o concurso de todos, veio a cumprir os programas de Bohindra em benefício dos povos da Aliança.

"A Fraternidade Kobda, reforçada pela união com os últimos Dackthylos da Ática, tornou-se maior ainda graças ao elemento feminino, trazido ao Santuário de 'A Paz' pela Matriarca Walkíria, cuja grandeza atraiu muitas mulheres dos países do gelo a vestirem a túnica azulada das obras do pensamento.

"O Alto Conselho do Santuário, totalmente reunido, ouviu a palavra de Abel a dizer:

"– Os Chefes e Príncipes dos povos designaram-me sucessor do Kobda-Rei pelo fato de levar em minhas veias o seu sangue, que representa para eles como um direito de minha parte e uma garantia de que serei justo como ele o foi. As multidões que não têm a nossa educação espiritual não podem mudar radicalmente seu modo de pensar referente a este ponto, mas nós, que estamos convencidos de que o Bem como o Mal têm sua origem na alma, princípio inteligente do homem, devemos agir de acordo com a nossa convicção.

" 'Isto quer dizer que eu necessito que sejais vós, meus irmãos de ideais e de convicções, quem deve dizer e resolver se me cumpre ou não ocupar o lugar do Kobda-Rei nesta hora solene da atual civilização.'

"Hilcar de Talpaken, o sábio Dackthylo, que, desde sua chegada da Ática, ocupava o posto de Consultor do Alto Conselho, aconselhou a conveniência de não ser contrariada a vontade dos Príncipes da Aliança quanto à designação de Abel. Para aquietar os temores do jovem Kobda, propôs ele que se procedesse tal como há vinte e cinco anos atrás, ou seja, que o Alto Conselho de Anciãos fosse quem apoiaria o jovem em tudo quanto se relacionasse com o mundo exterior. Dessa maneira, seriam eliminadas as inquietações de Abel, que descarregaria parte do grande peso do governo sobre os dez Anciãos cheios de sabedoria e prudência, os quais seriam assessores seus, em quem poderia confiar plenamente.

"Esta solução proposta por Hilcar foi aceita por todos, muito embora fosse indispensável que, ante a Grande Aliança, Abel só aparecesse como laço de união entre os povos dos três Continentes que o haviam proclamado Chefe Supremo em substituição a Bohindra."

Aqui terminava um dos papiros do Patriarca Aldis, e Jhasua o enrolou, deixando seus amigos profundamente pensativos ante a verdadeira história que, até então, haviam desconhecido completamente.

Aqueles quatro doutores de Israel, habituados a esmiuçar suas sagradas escrituras ponto por ponto, procurando deslindar o verdadeiro do fictício, viram-se de repente ante um monumento histórico que abria horizontes imensos às suas aspirações por muito tempo silenciadas pela incógnita da Esfinge que nada respondia às suas perguntas.

Diante do jovem Mestre silencioso, os quatro amigos traziam ao espelho iluminado de suas recordações certos dados verbais que a tradição oral havia conservado vagamente, bem como fragmentos de escrituras armênias e de gravações em argila, encontradas entre as ruínas da antiga Kalac, de Nínive, das antiqüíssimas Sirtella e Urcaldia na Assíria e na Caldéia, bem como de Mênfis e Rafia no Baixo Egito. Templos, como fortalezas, cujas ruínas tinham uma eloqüência muda; pedras que falavam muito alto com seus hieróglifos apenas decifráveis, mas o bastante para que espíritos analíticos e raciocinadores compreendessem que a espécie humana sobre a Terra datava não apenas de cinco mil anos, como apregoavam os livros hebreus, mas de imensas épocas que não podiam ser precisadas.

Os sepulcros das cavernas, com suas múmias acompanhadas de instrumentos musicais, de ferramentas e jóias, falavam também de antigas civilizações desaparecidas, cujos vestígios haviam ficado sepultados parcialmente nas areias movediças dos desertos, entre as grutas das montanhas e até no fundo dos grandes lagos mediterrâneos que, ao secarem, deixaram a descoberto vestígios inconfundíveis de obras humanas por cima das quais haviam passado milhares de séculos.

A imaginação do leitor vê certamente neste instante erguer-se majestosa, ante os quatro doutores de Israel, a figura augusta da História, assinalando com seu dedo de diamante a velha rota da Humanidade sobre o Planeta Terra. Do mesmo modo como o leitor o vê, assim o viram eles, e seu entusiasmo foi crescendo de intensidade até o ponto de fazerem ali mesmo um pacto solene de buscar o encadeamento lógico e razoável de quantos dados ou indícios encontrassem, para reconstruir sobre bases sólidas a verdadeira História da Humanidade na Terra.

– Nosso irmão Fílon trabalha ativamente neste sentido – observou Jhasua. – Ele dispõe de uma vintena de companheiros que percorrem o Norte da África, em busca desses vestígios que vós também desejais encontrar. Meu Mestre Nasan, aquele que esteve 14 anos em Alexandria, tem que ir novamente daqui a três anos, em cumprimento de um convênio com Fílon, idêntico a este que fazeis neste instante.

– E em que consiste esse convênio? – interrogou Nicodemos.

Sem deixá-lo terminar, respondeu Jhasua:

– Em que Fílon no Egito, repleto de recordações e de vestígios, como Nasan na Palestina e na Mesopotâmia, buscariam os vestígios verdadeiros desse remoto passado, que aguçam a curiosidade de todos os buscadores da Verdade.

– Em três anos teremos o tempo suficiente para estudar o Arquivo procedente de Ribla, e que deverá dar-nos a Luz a ser levada com bagagem à grande reunião de Alexandria – observou Nicolás de Damasco.

– Combinado. Teremos uma reunião na cidade de Alexandre Magno para dentro de três anos – disse José de Arimathéia bastante entusiasmado.

– Quando, então, eu terei 21 anos de idade – acrescentou Jhasua –, motivo por que julgo que valerei algo mais do que agora, pois saberei muito mais.

– E eu – disse o tio Jaime que, até então, se havia limitado a ser somente um ouvinte –, não poderia pertencer à comitiva?

– Sim, se lhe interessar esse trabalho. De nossa parte, não recusamos ninguém – respondeu José.

– Se não me interessasse, eu não estaria aqui. Meu propósito é facilitar o caminho de Jhasua, que, acompanhado por mim, não encontraria certamente dificuldades da parte de seus familiares.

– Tu também virás, Jhosuelin – disse Jhasua a seu irmão ali presente como uma figura silenciosa, que não perdia uma só palavra de tudo quanto se falava.

– Três anos representam muito tempo para saber ao certo se irei ou não – respondeu Jhosuelin sorridente, cujos grandes olhos escuros, cheios de luz, o assemelhavam a um sonhador que está sempre olhando muito ao longe. – Se puder, irei – acrescentou em seguida.

Sete meses depois, o jovem caiu vencido pela enfermidade do peito, ocasionada por aquele golpe de uma pedra lançada contra Jhasua e que Jhosuelin recebera em pleno tórax.

– Bem – disse José –, não percamos, pois, de vista este acordo. Aqueles que, dentre nós, estiverem em condições físicas seguirão à cidade de Alexandria para a reunião que faremos realizar daqui a três anos, ou seja, daqui a trinta e seis luas.

Como a hora já estava avançada, poucos momentos mais tarde todos descansavam na tranqüila casinha de Joseph, o artesão de Nazareth.

Três dias depois, os quatro viajantes regressavam a Jerusalém, satisfeitos pela grande descoberta e levando as cópias que Jhasua lhes havia presenteado.

Levavam, ainda, a promessa de Myriam e de Joseph, de que passados três meses, deixariam o jovem Mestre regressar ao Tabor, aonde Nicolás de Damasco e Nicodemos haviam combinado acompanhá-lo com o fim de estudar o Arquivo, se os Anciãos do Santuário o permitissem.

Nazareth

Os três meses de permanência em sua cidade natal foram para Jhasua de um ativo apostolado de misericórdia. Dir-se-ia que, inconscientemente, preparava ele mesmo as multidões que o ouviriam doze anos depois.

Acompanhado dos Terapeutas-Peregrinos, exerceu com êxito suas forças benéficas em inúmeros casos que passaram sem publicidade, atribuídos aos remédios com que os Terapeutas curavam todos os males. Ainda quando os benéficos resultados fossem ocasionados por força magnética ou espiritual, convinha, por enquanto, não despertar o alarme que naturalmente ocorre com fatos que, para o comum das pessoas, são milagrosos.

Visitou as pequenas povoações daquela região, em todas as quais tinha amizades e familiares que o amavam ternamente. Simão, que possuía sua casa perto do Lago Tiberíades, hospedara-o muitas vezes e provou ao jovem Mestre que aquela lição que lhe dera anos atrás, sob as árvores da entrada ao Tabor, havia sido muito eficaz.

– Nunca mais eu proferi uma única mentira, Jhasua – esclareceu Simão, o futuro apóstolo Pedro.

– Boa memória tens, Simão. Eu já não me lembrava mais dessa passagem que tanta impressão te causou. – Ao dizer isto, Jhasua irradiou sobre aquele homem simples e bom tão grande ternura que, sentindo-a profundamente, disse Simão comovido:

– És, em verdade, um Profeta, Jhasua. Apenas estou próximo de ti, sinto que se avivam em mim os remorsos pelos meus descuidos nas coisas da alma e me invadem grandes desejos de abandonar tudo para acompanhar-te ao Santuário.

– Cada abelhinha na sua colmeia, Simão. Não é o Santuário que torna os homens justos; os justos é que fazem o Santuário.

"Se cumprires teus deveres para com Deus e os homens, tua própria casa pode ser um Santuário. Também, a tua barca, que é teu elemento de trabalho, pode ser um Santuário.

"Este mesmo lago do qual tiras o alimento para o teu sustento e o dos teus, é outro templo onde o Altíssimo faz sentir a Sua presença a cada instante.

"Levamos dentro de nós mesmos a grandeza e a bondade de Deus, e elas se exteriorizam na medida do nosso amor a Ele."

– Daqui a três dias, será o casamento do meu irmão Andrés, e ele quer que nesse dia venhas ter conosco. Virás, Jhasua?

– Virei, Simão, e com muito gosto.

– A noiva é uma linda jovem que conheces, embora eu não saiba se te recordarás dela, Jhasua.

– Vejamos. Dize-o, que eu tenho boa memória.

– Lembras-te daquela pobre família que vivia do trabalho do pai no moinho, um homem que foi preso por causa de um saquinho de farinha que levara para seus filhos?

– Lembro-me, sim. A esposa estava doente, e as crianças eram cinco.

"O menor era Santiaguinho, que corria sempre atrás de mim. Lembro-me de tudo, Simão."

– Pois bem, a menina maior é a que se casará com meu irmão Andrés. Nesse dia estarão todos eles aqui, e terão um dia de felicidade completa, se estiveres conosco.

– Virei, Simão, virei. É vontade do Pai Celestial que todos nos amemos uns aos outros, e que não menosprezemos jamais a felicidade grande ou pequena que possamos proporcionar a nossos semelhantes.

– A mãe sarou de seu mal e, por intercessão dos Terapeutas, foi reparado o dano causado ao pai, que agora tem um bom emprego no mesmo moinho – continuou dizendo Simão, que apreciava a satisfação com que Jhasua ouvia as notícias de suas antigas amizades.

Ao visitar a casa de Zebedeu e Salomé, encontrou o pequeno João com um pé deslocado por uma queda. O pequenino, que já tinha sete anos, pôs-se a chorar amargamente quando viu Jhasua aproximando-se dele.

– Não estavas aqui, Jhasua, por isto meu pé quebrou – disse entre lágrimas.

– Isto não é nada, Joãozinho, e é vergonhoso um homem chorar como tu. – Assim dizendo, Jhasua sentou-se no bordo do leito onde estava o menino com o pé vendado e colocado entre talas. Desatou as vendas e o pé apareceu inchado e vermelho, resultante da pressão exercida pelas ataduras.

Salomé estava ali e Zebedeu chegou depois.

Jhasua segurou o pé do enfermo durante alguns instantes com ambas as mãos.

– Se o Pai Celestial te curar, que farás em primeiro lugar? – perguntou ao garoto que sorria, porque a dor havia desaparecido.

– Correrei atrás de ti e não te deixarei nunca mais – respondeu o menino com grande veemência.

– Bem, já estás curado; mas não para correr atrás de mim, por enquanto, mas para ajudar tua mãe em tudo quanto ela necessitar de ti.

Joãozinho olhou para o pé, que ainda apresentava sinais das ataduras, mas já não doía. Olhou em seguida para Jhasua e para a mãe, como duvidando do que via.

– Vamos, desce da cama – disse Jhasua – e vai apanhar cerejas no horto, que já as vejo bem maduras.

Joãozinho pôs-se de pé e abraçou-se a Jhasua chorando.

– Estou curado, estou curado, e passei tantos dias padecendo porque não estavas aqui, Jhasua! Somente porque não estavas aqui!

Enternecida, a mãe sussurrou a oração de gratidão ao Senhor pela cura do filho, o pequeno, o mimoso, aquele que haveria de amar tão ternamente ao Homem-Luz que este chegaria a dizer que "*João era a estrela do seu repouso*".

– Jhasua é um Profeta de Deus – disse Zebedeu a Salomé, sua mulher –, porque o alento divino o segue por toda parte. Os pescadores do lago julgam que é Eliseu, porque ele descobre tudo. Nada pode ser-lhe ocultado. Outros dizem que é Moisés, porque manda sobre as águas.

– Como é isso? – indagou Salomé. – Nada me havias dito!

– Porque os Terapeutas nos mandam silenciar. Há três dias fez subir a água até o *barco grande*, onde se achavam encalhadas duas barcas, e seus donos desesperados choravam porque essa era toda a sua fortuna e seu meio de ganhar o pão. As tormentas lhe obedecem e o vento de ontem que fazia soçobrar as barcas acalmou-se imediatamente, nem bem ele chegou à margem do lago.

"Está correndo a notícia de que o filho de Joseph é um Profeta."

Este breve diálogo aconteceu na casinha de Zebedeu, junto ao Lago Tiberíades, enquanto Jhasua, debaixo das cerejeiras do horto, recebia numa cesta de junco as frutas que o pequeno João deixava cair aos punhados do alto das árvores.

Foi nesta breve estada de Jhasua em sua cidade natal que despertou na Galiléia um pensamento adormecido desde os primeiros dias do seu nascimento, durante os quais houve ocorrências estranhas na casinha de Joseph. No entanto, já haviam passado dezoito anos, e as pessoas esquecem logo o que não afeta a ordem material de suas vidas.

Também ficaram adormecidas ou semi-esquecidas essas ocorrências no silêncio essênio, reservado e cauteloso naquela hora de insegurança em que todos viviam, de uma parte, sob o jugo estrangeiro, e da outra, sob o chicote de aço do clero de Jerusalém, que castigava com severíssimas penas todo aquele que, fora dos círculos do Templo, permitisse em si mesmo manifestações de poderes divinos.

As autoridades romanas haviam deixado aos Pontífices de Israel toda autoridade para julgar o povo. Apenas haviam retirado deles o poder de aplicar a pena de morte. Contudo, o confisco de bens, as prisões, as torturas e os açoites eram exercidos com uma facilidade e freqüência que mantinham espantados os hebreus das três regiões habitadas por eles: Judéia, Galiléia e Samaria.

Isso explicará ao leitor o silêncio que os Terapeutas mandavam guardar com referência aos poderes superiores que começavam a manifestar-se em Jhasua.

A cidade de Tiberias, construída sobre a margem ocidental do lago, e recentemente concluída em toda a magnificência de sua faustosa ornamentação, era o ponto mágico que tinha o poder de atrair, através da curiosidade, os simples galileus que não tinham visto jamais coisa semelhante.

Muito embora os anátemas do clero contra "*A obra pagã, inspiração de Satanás*", conforme diziam, retraísse um tanto os mais tímidos, esse temor foi desaparecendo pouco a pouco, até o ponto de ser insignificante o número dos que não tinham chegado a conhecer a dourada cidade, orgulho de Herodes.

Em determinadas épocas do ano, principalmente na primavera e no verão, era ali o ponto de reunião dos cortesãos e cortesãs de Antipas ou Antípatro, como de um modo mais familiar era chamado o filho de Herodes o Grande, que aparecia como rei daquela província, não obstante sua autoridade estar limitada por duas outras mais fortes: a do governador romano, representante do César, e a do clero de Jerusalém, que, para os hebreus, representava a temida Lei de Moisés.

Nessas épocas, o Lago Tiberíades deixava de ser o tranqüilo cenário dos pescadores, para converter-se em espelho encantado, onde se refletiam as faustosas embarcações encortinadas da púrpura e turquesa dos cortesãos do rei.

As festas e orgias começadas nos palácios, nas termas ou sob as colunatas de mármore com teto de quartzo a brilharem sob o sol do verão, continuavam sobre o lago, que, iluminado por tochas, adquiria um aspecto fantástico e encantador.

Emissários reais acudiam solicitamente para limpar o lago das sujas barcaças dos pescadores quando ia realizar-se alguma festa sobre as águas.

Um dia, aconteceu que Jhasua com seu tio Jaime e Jhosuelin foram visitar as famílias amigas das margens do lago, nas quais havia alguns enfermos. Os Terapeutas que cuidavam dessa região estavam de viagem por outras cidades, e Jhasua julgou-se obrigado a remediar a necessidade de seus irmãos.

Logo em seguida, os pescadores o informaram que, em vista dos fortes ventos dos dias passados, não tinham podido sair para estender as redes e, nesse dia, que surgira formoso e sereno, já havia vindo a ordem de Tiberias para que nenhum pescador das redondezas da grande cidade saísse ao lago ou deixasse suas redes estendidas.

– Para nós ele é a vida, é o pão, é o lume do nosso lar – disseram, queixando-se amargamente. – Eles têm seus palácios, seus parques, suas praças e passeios. Nós só temos o lago que nos dá o sustento de cada dia, e até isto nos tiram os grandes magnatas, enfastiados de tudo.

O coração de Jhasua sentia esse clamor e rebelava-se ante a injustiça dos poderosos, que não podiam ser felizes a não ser causando dor aos humildes.

– A que horas – perguntou – são as festas da corte?

– Iniciam ao entardecer e prolongam-se durante toda noite. Já estão colocando os postes para as tochas.

– Vossas necessidades estão acima das festas dos cortesãos do rei – disse. – Deus manda mais que todos os reis da Terra, e Deus dá seus poderes divinos a todo aquele que sabe empregá-los no cumprimento de Sua Vontade.

"Tende fé em Deus, pois Ele é vosso Pai e olha mais para vossas necessidades que para o capricho voluptuoso das pessoas que vivem unicamente para seus prazeres."

A forma como Jhasua falou assustou a todos, pois pensavam que ele fosse entrevistar-se com os empregados reais que colocavam tochas e galhardetes desde a cidade até longa distância.

– Que vais fazer? – perguntou seu tio Jaime.

– Tu e Jhosuelin, vinde comigo. Todos vós entrai em vossas casas, e orai a Jehová para que faça justiça neste caso – disse ele resolutamente.

Possuído de uma força e energia visível para todos, subiu a uma barquinha amarrada na costa, sendo seguido pelo tio Jaime e por Jhosuelin.

Estenderam o rústico toldo de lona para resguardá-los do sol, e Jhasua sentou-se comodamente fechando os olhos.

Emanava dele uma vibração tão poderosa que o tio Jaime e Jhosuelin caíram sob a sua ação e ficaram profundamente adormecidos.

Quando despertaram, o céu estava cinzento e ameaçava chuva. Haviam passado somente duas horas.

– Vamos – disse Jhasua. – A Vontade de Deus pode mais que a dos homens.

– Parece que teremos chuva – disse o tio Jaime, compreendendo o que ocorria, ou seja, que seu grande sobrinho estava pondo em jogo os poderes superiores que desenvolvera em grau máximo, e que, quando é de justiça, se manifestam em favor daqueles que o necessitam e merecem.

Jhasua conservou-se silencioso e, quando chegaram à casa dos pescadores, encontraram todos contentes, preparando suas redes para saírem ao lago.

– Ides sair agora para estender as redes? – perguntou Jhosuelin.

– Claro está que vamos sair! Não vês que os homens da cidade retiram seus apetrechos de festa porque temem a chuva?

Efetivamente, estavam recolhendo os galhardetes e as tapeçarias. As balsas convertidas em plataforma com mesas e divãs, com dosséis de púrpura e grinaldas de flores, desapareceram rapidamente. O céu estava ameaçador, e a qualquer momento se esperava uma descarga torrencial, pois o ar se havia tornado rarefeito até ficar sufocante.

Uma flotilha de pescadores saiu a estender suas redes.

– Nós não tememos a chuva mas a fome – disseram, enquanto a cantar tomavam posse do lago, o querido lago que sempre lhes dera o sustento, e ao qual a audácia de um reizinho soberbo havia mudado o velho nome de Genezareth pelo de Tiberíades, para honrar a cidade de Tiberias, edificada em sua margem ocidental.

Algumas horas depois, a tormenta se desvaneceu como uma bruma cinzenta, e novamente a claridade formosa de um céu turquesa compartilhava a alegria dos humildes pescadores galileus, a dizerem em coro, ainda que muito baixinho:

– O filho de Joseph é um Profeta de Deus, a quem os elementos obedecem.

Poucos dias depois, Jhasua teve conhecimento de que na suntuosa cidade de Tiberias ocorria um fato que para ele era insuportável, e era o seguinte:

Os pobres, famintos e deserdados vivem, naturalmente, recolhendo o que os ricos e felizes da vida desperdiçam de suas farturas.

Sucedia que grupos desses desventurados acorriam à entrada das termas onde se levantavam tendas móveis com toda classe de frutas e delicados manjares, para excitar o apetite das pessoas de posição que se dirigiam aos banhos. Ali, os rostos esquálidos e famintos dos indigentes causavam, às vezes, a compaixão de algumas elegantes mulheres, que, em suas tendas, lhes davam alguns punhados de frutas.

Mas esse espetáculo triste, de rostos macilentos e vestes esfarrapadas, não era do agrado da corte de Antípatro, quando este comparecia com toda a faustosidade na luxuosa liteira levada por oito escravos etíopes e seguido por seus cortesãos para banhar-se nas termas.

O mordomo do palácio comparecia sempre uma hora antes da chegada do rei para espantar aquele enxame de garotos famintos, de velhos decrépitos, de paralíticos e de outros infelizes que se arrastavam sobre peles de ovelha, etc., etc.

Aquela visão não era digna dos olhos reais nem das sensíveis cortesãs, que poderiam sofrer crises de nervos ante um espetáculo semelhante.

Jhasua, que se interessava por todas as dores que açoitavam os humildes, con-

vidou um dia seu tio Jaime e Jhosuelin, companheiros de todas suas andanças de misericórdia, e chegaram até a dourada cidade dos jardins encantados, onde havia tantas plantas finas e exóticas, como estátuas de mármore trazidas por Herodes, o Grande, do outro lado do mar, e provenientes das grandes ruínas de cidades da Grécia e da Itália. Com esses tesouros artísticos, Tibério César havia contribuído para pagar a adulação de Herodes, criando uma cidade que imortalizara o seu nome: Tiberias.

Jhasua não se escandalizou, como os puritanos fariseus, nem dos templos pagãos nem da beleza desnuda dos mármores que, em verdade, eram obras magníficas dos mais famosos escultores gregos daqueles tempos. Escandalizou-se de uma só coisa: da dor e da miséria que seres humanos sofriam em meio da fartura e da alegria insultante e desavergonhada dos privilegiados da fortuna.

Sentiu-se como se fosse o braço da Justiça Divina, e se colocou, como um passeante qualquer, na grande praça das Termas, que começava a encher-se de gente para ver a corte que devia comparecer nessa tarde.

Pouco depois, chegou o mordomo do palácio numa liteira e escoltado por guardas armados de chicotes.

Ele desceu e penetrou nos pórticos onde um exército de criados estendia tapetes e passadeiras da Pérsia na entrada principal, e colocou os músicos e dançarinos nos lugares que lhes eram habituais. Os guardas, de chicote na mão, dispunham-se a exercer suas funções contra os esquálidos corpos dos garotos famintos que aguardavam a queda de alguma fruta ou de uma guloseima em mau estado, ou examinavam as grandes cestas de lixo, onde os vendedores jogavam os desperdícios.

Tio Jaime e Jhosuelin tremiam, na expectativa do que Jhasua ia fazer.

Viam-no com o semblante avermelhado, e todo ele vibrando como uma corda de aço que ameaçava rebentar.

Um guarda passou próximo com seu chicote levantado em direção a um grupo de garotos e de duas mulheres indigentes com os filhos enfermos nos braços, que já se dispunham a fugir. O guarda ficou imediatamente paralisado e com todo o corpo trêmulo, como atacado repentinamente por um estranho mal. O tio Jaime, que adivinhava o pensamento de Jhasua, aproximou-se de uma das tendas e comprou uma cesta de pasteizinhos e outra de uvas, que repartiu tranqüilamente com o conturbado grupo, sobre o qual ia cair o chicote do guarda.

– Ide para longe daqui e esperai-me no caminho de Nazareth – disse Jhasua a meia voz.

Em seguida, aproximou-se do guarda, que lutava por conseguir endireitar-se, e lhe disse:

– Não useis vossa força contra seres indefesos que fazem o que faríeis se tivésseis fome.

– Sou mandado e cumpro o meu dever – respondeu quando pôde falar, pois até sua língua havia entorpecido.

– O primeiro dever do homem é amar aos outros seres humanos, e não olvideis jamais que, por cima dos reis da Terra, há um Deus justiceiro que defende os humildes.

– Quem és tu que me falas assim? – perguntou irritado o guarda.

– Sou um homem que ama a todos os seres humanos; e, neste momento, sou também a voz de Deus que te diz: Não te prestes nunca como instrumento da injustiça dos poderosos, e Ele te abençoará com bens e saúde.

O guarda ficou cheio de estupor, que ele mesmo não sabia como explicar. Aquele jovem causava-lhe terror. Aos outros guardas com chicotes ocorreu a mesma coisa que acabamos de relatar.

Jhasua havia posto em ação o que se chama na Ciência Oculta *poder da ubiqüidade*, que lhe permitiu apresentar-se, ao mesmo tempo, aos quatro guardas, no momento em que iam começar a chicotear os pobres e os moleques esfarrapados que se achavam na praça, e dizer-lhes as mesmas palavras que, entre si, comentaram pouco depois.

Correu entre eles a notícia de que era um mago de grande poder; e tão insistente foi o cochicho entre os guardas do palácio de Antípatro que o caso chegou aos ouvidos do rei, o qual, enfastiado, como sempre, de sua vida de orgias, andava à procura de novidades que pudessem diverti-lo.

Chamando os quatro guardas, um de cada vez, fez explicar o caso do formoso mago que, sendo tão jovem, sabia tanto.

Mandou que o procurassem por toda a cidade e o trouxessem à sua presença, para dar um espetáculo novo aos cortesãos com os prodígios que ele pudesse fazer.

Mas Jhasua já estava em sua casinha de Nazareth, perdida entre as montanhas, a trinta estádios (*) da faustosa cidade, e, logicamente, os guardas não o encontraram.

Mas Antípatro, embora volúvel, era tenaz quando se via frustrado em seus caprichos, e começou a cismar no assunto do mago.

"– Se fala de Deus – pensou – e do amor aos mendigos famintos, não é o mago da escola dos caldeus e dos persas, mas um profeta hebreu, como aqueles que abundaram nesta terra desde há séculos. Mariana, minha madrasta, contava divertidas histórias desses profetas."

Chamando seu mordomo, disse:

– Anuncia que, daqui a três dias, irei com toda a minha corte às Termas, onde farei um grande festival. Os mendigos acorrerão em abundância, e nosso mago irá também para defendê-los do chicote de meus guardas.

"Quero que o tragas à minha presença assim que o vejas. Não quero que lhe causes dano algum nem uses de violência para com ele."

Todavia, Jhasua não apareceu mais em Tiberias, nem os mendigos tampouco, porque o jovem Mestre, ajudado pelo tio e Jhosuelin, foi averiguando a causa de suas extremadas misérias quando os encontrara naquele dia em seu regresso para Nazareth. Foram colocados, mui discretamente, entre as famílias essênias, quase todas de artesãos e lavradores. Os que se achavam inutilizados para todo trabalho, por causa de doenças físicas, foram levados para os hospitais-refúgios que os Terapeutas possuíam e onde eram tratados. Lá muitos deles eram aliviados de seus males ou curados completamente.

Nosso Jhasua estava por demais preocupado com a enfermidade que observava no mais querido de seus irmãos: Jhosuelin.

Um dia, numa íntima conversa com sua mãe e o tio Jaime, insinuou a conveniência de levá-lo consigo ao Santuário do Tabor, com o fim de submetê-lo a tratamento pelos métodos de cura que ali eram usados.

– Jhosuelin não quer viver – disse tristemente Myriam.

– Por quê? Há, acaso, algum segredo odioso que o obrigue a renegar a vida? – perguntou Jhasua.

– Não sei, meu filho. Jhosuelin é muito reservado em suas coisas íntimas e nada diz, nem sequer a sua irmã Ana, à qual tanto quer.

(*) São 120 estádios em linha reta. Aproximadamente 22 km. Talvez o autor tenha querido mencionar 130 estádios (N.T.).

– Conta apenas 21 anos (*), e nosso pai lhe quer tanto ... – acrescentou Jhasua. Há necessidade de convencê-lo a viver, ainda que seja pela vida de nosso pai, que se verá seriamente ameaçada com tão grave desgosto.

– Fala-lhe tu; contigo provavelmente seja mais comunicativo – observou o tio Jaime.

– Onde está ele agora?

– Com teu pai, pagando os salários aos operários. Amanhã é sábado. Vai até lá e dize a teu pai que venha descansar; assim poderás ajudar Jhosuelin. Quando os operários se retirarem, ficarás sozinho com ele.

– Está bem, mãe. Eu vou. – E Jhasua cruzou rapidamente o horto e desapareceu atrás de umas pilhas de madeira que se levantavam como barricadas sob as coberturas de bambu e junco.

A Luz Eterna, maga dos Céus, que registra em sua imensa retina tudo quanto alenta nos mundos, descerra por momentos seus véus de mistério, e deixa ver o ocorrido por aqueles que, com justiça e amor, a imploram em busca da Verdade.

A maga divina registrou os passos, pensamentos e aspirações do Homem-Deus na Terra, e nós, humildes abelhinhas terrestres, podemos alimentar-nos desse mel suavíssimo e pleno da beleza e da vida íntima do Cristo em seu duplo aspecto divino e humano, tão profundamente sentido.

Tal como Myriam aconselhou a seu filho, ele o fez e sucedeu. Jhasua ficou com os operários na oficina e Joseph foi ocupar seu lugar habitual junto ao lar, onde sua meiga esposa preparava a ceia, e Jaime, seu irmão, adiantava no tear o tecido de um tapete destinado a Jhasua para sua alcova no Santuário do Tabor.

– Jhasua quer falar a Jhosuelin sobre sua cura – disse Myriam a seu esposo.

– Na verdade, seu mal me deixa inquieto – respondeu Joseph.

– Jhasua quer levá-lo ao Santuário para que os Anciãos o curem como deve ser, porque aqui, bem o vês, não é possível. Quando os operários se retirarem, ele falará.

– O que ele não conseguir – disse Joseph – certamente ninguém o conseguirá. Este filho é, com efeito, um escolhido de Jehová, e nada resiste a ele.

– Que o digam os pescadores do lago – observou Jaime intervindo na conversação. Ele mesmo havia feito o relato.

– E que o digam também os guardiães do rei – acrescentou rindo Joseph, ao recordar aquele fato que Jaime e Jhosuelin lhe haviam contado em segredo e com todos os detalhes.

– No entanto, às vezes espantam-me essas manifestações do poder Divino em meu filho – disse Myriam. – Eu queria um filho bom e grande servidor de Deus, mas não rodeado de tanta grandeza, porque quanto mais se apresentar demasiado visível para todos, menos será nosso, Joseph. Além disto, nestes tempos, mais do que nos anteriores, é perigoso destacar-se e chamar a atenção das pessoas.

– Há muita cautela e prudência em tudo, minha irmã, como vês – disse Jaime tranqüilizando Myriam, sempre alarmada pelo que pudesse acontecer com Jhasua.

"Além disso, Jerusalém está longe e, enquanto ele não mexer nos interesses dos magnatas do Templo, não há o que temer.

"Sabes, Myriam, hoje recebi uma epístola de Andrés de Nicópolis, o irmão de Nicodemos, na qual pede permissão para que seu filho Marcos inicie relações com Ana."

– Oh ... é uma grande notícia! E que diz Ana, pobrezinha, tão meiga e boa?

– Não o sabe ainda. Mas, onde se conheceram, pergunto eu?

(*) Há aqui um cochilo do Autor. Se Jhasua estava, nessa época, com 18 anos, logicamente a idade de Jhosuelin seria de 23 anos (N.T.).

– Eu o sei! Devíamos ter suspeitado. Isso ocorreu na casa de nossa prima Lia, em Jerusalém. Agora me lembro que, na nossa última estada lá para as festas da Páscoa, Marcos freqüentava muito a casa de Lia, e eu o vi várias vezes falando com Ana.

– Reparai, reparai como mantinham silêncio sobre o assunto! – disse Jaime.

– Mais um vínculo com a nobre e honrada família do nosso querido amigo; e isto é uma grande satisfação para mim – acrescentou Joseph, enquanto saboreava a fumegante caneca de leite com pãezinhos de mel que Myriam lhe havia servido.

Marcos, que estudava os filósofos gregos e esteve até recentemente, durante três anos, em Alexandria ao lado de Fílon, seria outra testemunha ocular de grande importância, que deveria narrar mais tarde a verdadeira vida do Cristo, se não houvessem desmembrado sua obra "*O Profeta Nazareno*", para deixá-la reduzida a uma breve resenha de versículos que o mundo conhece como "Evangelho de Marcos".

Enquanto isto ocorria na grande cozinha de Myriam, Jhasua e Jhosuelin, num compartimento da oficina, dialogavam intimamente.

– Jhosuelin, bem sabes como sempre te estimei muito e te obedeci como a um irmão mais velho, até o ponto que bem posso dizer, foste, depois de minha mãe, quem mais suportou o peso de minhas impertinências infantis.

– Eu estou satisfeito com isso, Jhasua. Por que motivo estás recordando essas ocorrências passadas?

– É que tua enfermidade continua agravando-se e não queres que te curem. Eu quero levar-te comigo ao Tabor, para que os Anciãos se encarreguem de curar teu mal.

– Se Deus quisesse prolongar minha vida, somente o teu desejo seria suficiente para me curar. Não compreendeste isto, irmão?

– Compreendi que existe uma força oculta que neutraliza a ação magnética e espiritual sobre ti, e, por isto, quis ter esta conversação a sós contigo para tratarmos de afastar esses obstáculos – disse Jhasua, exercendo ao mesmo tempo pressão mental sobre o irmão, do qual queria uma confidência íntima.

Como resposta, Jhosuelin tirou de um bolsinho interior de sua túnica um pequeno livreto manuscrito e, folheando-o, disse:

– Se quiseres ouvir o que aqui tenho escrito, ficarás inteirado daquilo que, neste assunto, te convém saber.

– Lê, que escuto com muito prazer.

– Como bom Essênio, pratico todos os exercícios próprios para o meu desenvolvimento espiritual – acrescentou Jhosuelin – e aqui estão todas as inspirações e manifestações internas que tive. Ouve pois:

" 'Apressa-te a chegar, pois teus dias serão breves nesta Terra.

" 'Vieste tão-só para servir de escudo ao Ungido durante os anos em que ele não podia se defender das forças exteriores adversas.

" 'Ele entrou na gloriosa fase de Sua vida física, na qual não só é capaz de defesa própria, como também de defender e salvar os demais.

" 'Logo a voz divina te chamará ao teu posto no plano espiritual.

" 'Os Guardiães do Livro Eterno da Vida te esperam.

" '*Albazul*.' "

– Magnífico! – exclamou Jhasua. -- Agora compreendo tudo. *Albazul* é o Hierarca da Legião dos Arcanjos que guarda os Arquivos da Luz Eterna. Eu ignorava que pertencias a essa Legião! Nunca mo disseste!

– Sou Essênio, e, sem necessidade, não devo falar de mim mesmo. Nossa Lei não o determina assim? Agora estou dizendo por que vejo a necessidade de que não gastes força espiritual em prolongar a minha vida sobre a Terra.

– Oh, meu grande irmão! ... – exclamou Jhasua enternecido até as lágrimas, abraçando Jhosuelin ternamente.

"Eu não quero ver-te morrer. Procura viver ainda por mim e também por nosso pai, que irá atrás de ti, se fores agora. Jhosuelin, procura viver ainda um pouco mais de tempo e dá a nossos pais o consolo de deixar-me curar-te.

"Não vês que estão desconsolados pela tua resistência à vida? Parece-lhes que estás cansado deles, porque não os amas."

– Também diz a nossa Lei – acrescentou Jhosuelin –, que, enquanto nos seja possível, devemos ser complacentes com nossos innãos. Está bem, Jhasua, concordo em ir contigo ao Tabor.

– Agradecido, Jhosuelin, pelo menos nosso pai terá o consolo de ver que se fez tudo quanto foi possível pela tua saúde.

Duas semanas depois, chegavam de Jerusalém os amigos que deviam ir com o jovem Mestre para estudar o Arquivo de Ribla. Vieram os quatro: Nicolás, Gamaliel, Nicodemos e José de Arimathéia.

– Também ireis, José? – indagou Jhasua, quando esse seu amigo que vinha na frente entrou na casa.

– Que queres, meu filho? Meu coração não pôde resignar-se a deixar de acompanhar-te, e acabei cedendo a ele. E como Gamaliel não quis ser o único preguiçoso, aqui estamos, os quatro.

– Melhor assim, pois quatro olhos vêem melhor do que dois – disse Jhasua, satisfeito por ver que o entusiasmo dos amigos não tinha diminuído em nada.

Antes de partir, Jhasua, numa conversa particular com os pais, explicou o que ocorria com Jhosuelin, fazendo-lhes compreender que, no término da vida humana, através daquilo que chamamos *morte*, não só é necessário procurar a causa em alguma deficiência física, como também na Vontade Divina, que marcou a cada ser o tempo de sua existência no plano terrestre. Ainda há casos em que, por motivos poderosos, certas Inteligências, guias da evolução humana, podem prolongar um pouco ou bastante mais uma vida, como também abreviá-la. No caso de Jhosuelin, nada podia afirmar-se.

– Teu filho, pai, é um grande espírito, e veio alguns anos antes de mim para me proteger e me servir de escudo no plano terrestre, durante a época infantil que me incapacitava para a minha própria defesa. Essa época passou, e ele é tão consciente e tão senhor de si mesmo que essa é a causa por que não ama a vida.

"Não obstante, far-se-á tudo quanto seja possível pela sua saúde; e tu, pai, deverás ter a força necessária para aceitar a Vontade Divina tal como ela se manifestar."

– Está bem, filho, está bem. Que seja como o Senhor mandar. Mas eu ficaria tão sozinho sem ele! – E o idoso pai afogou um soluço sobre o peito de Jhasua, com quem se abraçou nesse instante.

– Se não pudermos evitar a partida de Jhosuelin, virei ficar contigo, meu pai, até que feches os olhos.

A pequena caravana partiu para o Monte Tabor, entre cujos labirintos de bosques se ocultava aquele Santuário de Sabedoria e Santidade, que derramava amor e luz em toda aquela região.

A distância era curta e, andando-se normalmente podia ser feita a pé em duas horas, se o caminho fosse reto; no entanto, como ia costeando serranias e colinas, eles chegaram depois do meio-dia.

Os Anciãos os esperavam; e, como os sete viajantes eram Essênios dos terceiro e quarto graus, tinham livre entrada em todas as dependências daquele original Santuário, lavrado pela Natureza onde a mão do homem havia feito bem pouco.

Os sete viajantes foram instalados na alcova de Jhasua, que era, como se recordará, um compartimento do recinto de estudo, dividido por cortinas de junco, as quais se deslocavam à vontade, tanto para diminuir como para aumentar o espaço.

O tio Jaime fez-lhes ver, à sua chegada, que se encarregaria de atender a que nada faltasse aos hóspedes e em ser o mensageiro para o mundo exterior. O velho porteiro Simão, pai de Pedro, estava muito esgotado pelos anos e podia prestar poucos serviços ao Santuário.

Jhosuelin submeteu-se docilmente ao tratamento que os Anciãos lhe impuseram, o qual foi tão eficaz que, vinte dias depois, regressava ao lar com novas energias e nova vida.

Era uma concessão da Eterna Lei ao justo Joseph que pedia a prorrogação da vida do filho.

Vendo-o tão lúcido e consciente, os Anciãos disseram a Jhosuelin:

– A Lei concede um ano mais no plano físico. Vive-o para o teu pai, porque em benefício dele te foi dado.

Vinte dias permaneceram também os quatro doutores de Israel, estudando o Arquivo do qual participará o leitor, se desejar conhecer a verdadeira história da nossa civilização.

O Papiro 79

O Arquivo de Ribla, com os 80 rolos que compunham as "*Escrituras do Patriarca Aldis*", entre as quais se achava transcrita a breve narrativa da Princesa Sophia, mãe de Évana, foi como uma formidável explosão de dinamite na base de uma fortaleza que guardara o fantasma dos séculos ignorados.

A razão, filha divina da Suprema Inteligência, que a outorgou como um dom à criatura humana, levantou-se com esplendores de deusa ante os absortos leitores daqueles papiros amarelentos, que uma urna funerária das margens do Nilo havia devolvido à Humanidade que a buscava nas trevas.

Aparecia ali, como um sol radiante, a Energia Divina transformando tudo no correr das imensas épocas, através da força onipotente de suas leis imutáveis, cuja perfeição é tal que jamais são modificadas ou interrompidas por nada nem por ninguém.

Desde a imensa nebulosa revoluteando-se no espaço infinito como um véu de ilusão para logo desagregar-se em borbulhas de gás, que serão os globos siderais, futuras habitações de humanidades, até o imperceptível começo de sua vida numa célula, que será primeiramente uma larva e depois um organismo, tudo isso desfilou como num gigantesco cenário ante os leitores estupefatos daquele modesto Arquivo sepultado nas grutas do Monte Tabor, onde ignorados homens de grandes ideais lutavam na sombra para dar luz à Humanidade.

Quão grande aparecia a Majestade Divina ante eles! E a que ficara reduzido

aquele pobre Jehová, apregoado pelos textos hebraicos, o qual, fazendo uma figura de barro sopra nela e lhe dá vida; tira-lhe, em seguida, uma costela e surge uma mulher! Parecia-lhes ridículo que seres com inteligência e razão houvessem podido escrever semelhante coisa e entregá-la como dogma à Humanidade.

É tão pequena a criatura humana que dificilmente pode abarcar com sua mentalidade a idéia do *Eterno*, que não tem princípio nem terá fim!

Mesmo assim, é penoso e difícil compreender e assimilar a idéia da lenta evolução e transformação de todos os seres e de todas as coisas, através de uma série de processos de aperfeiçoamento, que ocupam não só séculos, como períodos de milhares de séculos.

O Pensamento Eterno condensou no espaço infinito uma nebulosa que era energia emanada de Si Mesmo. Era o bastante.

Essa nebulosa continuaria sua evolução durante longas idades, até chegar a formar um Sistema Planetário; e em cada planeta surgiria, a seu tempo, a vida inorgânica primeiro, e a orgânica depois, até chegar, através de milhares de séculos, à perfeição da espécie humana, admirável e magnífica semelhança ao Eterno Criador: a alma humana, animada dos poderes excelsos do seu Divino Autor, e capacitada para chegar até Ele após um longo processo de aperfeiçoamento, mediante o cultivo e uso das faculdades de que fora dotada.

Tudo isso foi compreendido pelos leitores das "*Escrituras do Patriarca Aldis*", naqueles dias serenos e plácidos do outono galileu, sob um céu turquesa e na doce quietude das grutas do Tabor.

Para dar, como diríamos, um aspecto claramente compreensível a esse relato, vejamos, leitor amigo, os papiros 79 e 80, que esboçam, como um espelho mágico, a civilização de então, e relatam a morte de Abel, e, mais tarde, a de seus pais, Adamu e Évana.

O leitor dos papiros seria o Mestre Nasan, aquele que passara 14 anos em Alexandria, procurando, ao lado de Fílon, os vestígios da verdade perdida sob os escombros amontoados pelos séculos.

Os outros nove Essênios, que com ele estavam encarregados de instruir e guiar Jhasua na conquista da Sabedoria, também estavam ali presentes, além dos quatro doutores vindos de Jerusalém, do tio Jaime e Jhosuelin. Representavam, portanto, um conjunto respeitável de inteligência e vontades postas a serviço da Verdade.

O papiro 79 era como uma apoteose do Homem-Luz, Abel, que continuara a obra de Bohindra em favor da paz e da justiça.

O papiro 80 relatava a morte do justo, e, mais tarde, a de seus pais, Adamu e Évana.

O mestre Nasan iniciou a leitura do rolo 79, que narrava assim:

"Relata a glória de Abel, que foi como uma bênção sobre os povos, e sua trágica morte por causa de Kaíno, seu irmão adotivo.

"A Luz Divina estava com ele, porque sempre procurou o conselho dos Anciãos, e jamais impôs sua vontade com violência.

"Julgava-se um menino entre os homens de experiência e de saber, e escutava com amor a palavra de todos para agir do modo que convinha a todos.

"Jamais procurou ele o engrandecimento de si mesmo e parecia haver esquecido que era o Thidalá, dirigente de inumeráveis povos, que punham nele toda sua esperança.

"Ele mesmo limitou o poder ilimitado que os Príncipes da Aliança lhe deram, e quis, a seu lado, uma trilogia de mulheres que houvessem dado provas de prudência e de sabedoria nos países que estavam sob a sua tutela: Ada, a admirável companheira

de Bohindra, que, por morte de seu pai, Jebuz de Galaad, e a pedido de seu povo, era Matriarca e Rainha do país de Galaad; Walkíria de Kifauser, neta do grande civilizador dos países do Norte, Lugal Marada, cuja morte e a de seus filhos, ocorridas ao expulsarem de seu país a invasão de raças bárbaras, colocou-a no alto posto que a morte deixara vazio. Os Países do Ponto Euxino e do Cáucaso ocidental gritavam bem alto o que ela representava para os seus povos; e Solânia de Van, que, nascida nas agrestes margens do Lago Van, era, na época, Matriarca do Norte Africano, desde Corta-Água até as Colunas de Hércules (desde Túnis até o Estreito de Gibraltar), depois de ter levado a Lei da Grande Aliança, desde o Baixo Nilo até mais além das Cataratas, no país de Artinon.

"Essas três ilustres mulheres mantinham suas lâmpadas acesas para iluminar o caminho de Abel no meio dos povos de três Continentes.

"Vinha depois o Conselho dos dez Anciãos Kobdas, conhecedores dos países da Aliança e de seus costumes e leis. Por último, a Junta de Representantes de cada um dos países da Grande Aliança, que passavam de duzentos.

"– Eu não faço mais – disse ele – que selar com o anel de Bohindra aquilo que todos vós quereis que seja feito. Somente me oporei quando quiserdes a injustiça e a guerra, que são os mais espantosos delitos repudiados pela Bondade Suprema.

"Passaram-se cem luas sobre os países da Aliança, e a barca dourada da Fraternidade deslizava suavemente pelas águas mansas de uma paz que nenhuma borrasca alterava.

"A serpente voraz do egoísmo parecia haver sido exterminada para sempre.

"Lua após lua chegavam os Koraforcas (*) trazendo ao Santuário de 'A Paz', as mensagens dos países aliados, comunicando à Grande Junta Central do Governo as inovações, as mudanças, os projetos e progressos realizados sempre dentro do marco augusto da Lei que todos haviam jurado.

"Às vezes a mensagem era portadora de tristezas e desolações ocasionadas pela fúria dos elementos.

"Blocos de gelo que haviam açoitado povoações da costa do mar; inundações que tinham prejudicado os campos de lavoura destruindo colheitas; epidemias no gado, erupção de vulcões, terremotos, etc. ...

"Mas aí estava armazenado o *Tesouro Sagrado*, como determinava a Lei, enviado por todos os países, ano após ano, como previsão para esses casos funestos e inevitáveis sobre o planeta, contudo remediáveis oportunamente, quando o amor fraterno reina nos corações dos dirigentes de nações.

"Então era digno de se verem as caravanas de camelos, jumentos e mulas levando o socorro aos povos que haviam sido açoitados pelos elementos.

"Todavia, neste planeta de escassa evolução, não pode durar longo tempo um semelhante estado, que seria próprio para um mundo de maior adiantamento evolutivo.

"A serpente feroz do egoísmo despertou novamente e, eventualmente, onde menos se esperava.

"No papiro 62 destas Escrituras, ficou relatado que Kaíno foi reconhecido como neto de Etchebea pela linha paterna, motivo por que lhe correspondia uma participação no vasto território do país de Nairi, no alto do Eufrates. Em vista da longa escravidão de seu pai, cujo paradeiro se ignorou por muito tempo, foram colocadas

(*) Mensageiros (N.T.).

aquelas terras e o povo sob o domínio de Iber, o soberano do país de Ethea, o qual as regia com todo o interesse de um pai, cheio de desvelo pela felicidade de seus filhos. As tribos que povoavam aquela região não aceitavam a imposição de outro soberano. Kaíno, que sempre se viu dominado pela ambição, não se conformava em ser Chefe de terceira categoria no pequeno principado de Shivara, cuja capital *Nood* estava ainda sob a dependência de seu tio materno, antigo chefe e senhor.

"Quando ele soube de sua origem e que era um descendente direto do grande e querido Etchebea, seu coração se encheu de amargura ao saber-se repudiado pelos povos que ocupavam os domínios pertencentes a seu pai.

"O gênio conciliador de Bohindra havia podido manter em quietude relativa aquele espírito turbulento como uma tempestade, encarregando-lhe de missões de importância e muito arriscadas em países distantes, nos quais pudesse obter grandes méritos que o tornassem conhecido e amado pelos povos.

"Mas seu caráter duro e dominador dificultava seu próprio caminho, por mais que a ternura maternal de Évana, a suavidade persuasiva da Rainha Ada, e a sugestão que sobre ele exercia a Matriarca Walkíria fizessem sempre um grande contrapeso às violentas reações de seu temperamento.

"Seu tio materno, o idoso príncipe de Shivara, caiu prostrado na cama para não levantar-se mais, motivo que deu origem à perturbação da paz naquele país da Grande Aliança. O Conselho do Príncipe ancião julgava que Kaíno devia apresentar-se ao povo como sucessor, entretanto os chefes das tribos não o queriam para governante, mas solicitavam que o governo fosse dado ao neto do Príncipe, que tinha apenas 12 anos de idade, e seus pais já haviam falecido.

"O menino achava-se internado no Pavilhão do Rei, no Santuário de 'A Paz', educando-se, como o fazia toda a nobre juventude de seu tempo.

"Kaíno, fiando-se nas forças guerreiras do país, conquistou com promessas todo o corpo de arqueiros que defendia a ordem e guarnecia as fronteiras, e concluiu que com a força dominaria as tribos que o repudiavam.

"O Conselho de Governo de Shivara pediu auxílio à Grande Junta Central, cuja sede habitual era no Santuário de 'A Paz'. Imediatamente Abel e Ada compreenderam que a origem do distúrbio era Kaíno, cuja ambição já lhes havia causado, anteriormente, tantos sofrimentos. Antes que a desavença tomasse maiores proporções, Évana e a Rainha Ada, cuja suavíssima autoridade maternal o havia desarmado em outras alterações semèlhantes, resolveram ir vê-lo.

"Uma caravana de dois elefantes e cinqüenta arqueiros a cavalo saiu de 'A Paz' em direção ao país de Shivara. Enquanto aquelas duas nobres mulheres, cada uma em sua pequena tenda sobre o lombo dos elefantes, meditavam quanto ao modo de vencer a rebeldia de Kaíno, outra mulher valorosa, Walkíria, que se encontrava também no Santuário de 'A Paz', cogitava, por sua vez, sobre a forma justa e aceitável para os povos interessados em satisfazer os anseios, até certo ponto justos, de Kaíno, sem contrariar a vontade daqueles.

"Preterido e humilhado sempre pelos acontecimentos que lhe surgiam ao encontro cortando seus caminhos, Kaíno havia chegado a um estado de exasperação tão violenta, que se tornara insuportável para todos.

"A Matriarca Walkíria sabia perfeitamente até que ponto o engrandecimento de Abel havia magoado a Kaíno, seu irmão adotivo. Obrigado este a ser sempre a seu lado uma figura de segunda ordem, havia-se ele empenhado em reconquistar, pelo menos, o que, segundo seu modo de ver, lhe correspondia por direito: a herança paterna que lhe

adjudicava, no país de Nairi, os povos contíguos ao país de Ethea, governado por Iber, o meigo e paternal Iber, que era como um recipiente de mel para seus súditos.

"Todos aqueles povos se haviam colocado por vontade própria sob a sua tutela, pois se viram como um rebanho sem pastor quando morreu o nobre Príncipe Etchebea, sendo seus filhos levados como escravos aos países do gelo.

"Iber nada fez para tê-los sob o seu mando; antes, pelo contrário, os aconselhou a aceitarem aquele que, sendo herdeiro natural do velho Príncipe, tinha direitos sobre o país.

"– Deixar-lhe-emos nossas terras regadas durante tantos anos com o nosso suor – disseram alguns –, e iremos com nossos pertences e gado para o país de Ethea. Kaíno atraiçoou a Bohindra, à Grande Aliança e aos que o adotaram como pais ... que confiança poderemos ter nele?

"O conflito estava deflagrado, e assim era visto pela Matriarca Walkíria que, recolhida em sua alcova no Pavilhão da Rainha, meditava procurando uma solução.

"A fina intuição que sempre a acompanhara, parecia dizer-lhe que atrás daquela névoa viria algo terrível, que estremeceria seu coração de mulher.

"Reunida em confidências íntimas com Abel, Adamu e aquele que isto escreve, que éramos como sua família do Eufrates, seguia com o pensamento a Évana e Ada, que se dirigiam ao país de Shivara.

"– Nosso irmão Iber – disse Abel – mandou uma mensagem informando que quase todos os povos do país de Nairi se uniram solidariamente para resistir a Kaíno. Não o querem ali de forma alguma. Se ele persistir em se apresentar com um corpo de arqueiros, aquilo será uma matança horrível, porque todos os homens e até muitas mulheres estão armados de flechas, achas e catapultas para esperá-lo.

"– O que há de ser, será – disse Adamu. – Esperemos que a Rainha Ada e Évana consigam convencê-lo.

"Achavam-se nesta incerteza, quando chegou arquejante um mensageiro de Shivara trazendo a notícia de que Kaíno não se havia deixado convencer. Que havia posto na prisão os 50 arqueiros da escolta da Rainha, e ela, juntamente com Évana, eram guardadas como reféns no aposento do palácio, no qual foram hospedadas desde sua chegada.

"– Irei eu – disse Abel, apenas ouviu a infausta notícia.

"– Também eu e Aldis – acrescentou Adamu, que outrossim me julgava na obrigação de acompanhar a meu neto.

"– Convém que fiqueis – disse Abel – para que toda essa juventude e essa infância hospedada nos Pavilhões dos Reis não venha a alarmar-se, vendo que se ausentam todos os íntimos que cuidam deles.

" 'Irei eu, e creio que basta – acrescentou Abel.

"– Levai minha escolta de arqueiros – disse Walkíria –, que eu respondo pelo seu valor e pela sua capacidade. Mantenho-os exercitados desde os tempos terríveis de nossas grandes lutas no Norte. Ninguém vos será mais fiel que eles.

"– Está bem – disse Abel –, eu os aceito, Matriarca. Podeis avisar-lhes que sairei esta mesma tarde.

"Mas a Matriarca já havia forjado rapidamente o plano de ação, conforme era seu costume.

"Como era rigoroso inverno, aqueles cem homens, vestidos com casacões e gorros de pele de urso negro, que apenas deixavam seus olhos a descoberto, pareciam de uma estatura gigantesca, quando se apresentaram a Abel, já montados em seus cavalos de guerra.

''Unicamente sabiam desta expedição de Abel seu pai, a Matriarca Walkíria e eu. Despedimo-nos dele, quando, já vestido igualmente com um casacão e gorro de pele negra, entrou no recinto de oração. Também entramos Adamu e eu. A Matriarca dirigiu-se à sua alcova.

''Ninguém percebeu que dali saiu em seguida outro arqueiro vestido da mesma forma que os demais. Quando saímos com Abel ao parque lateral do Santuário onde escondiam as cavalgaduras, vimos que um dos arqueiros estava desmontado e que outro se aproximava de um cavalo, sobre o qual saltou com grande ligeireza e se misturou aos demais.

''Quão longe estávamos de pensar que aquele arqueiro retardado em montar fosse a Matriarca Walkíria em pessoa! Ela não havia comunicado seu intento a ninguém.

''Aquele imenso grupo de homens vestidos de peles negras pôs-se em movimento na metade da tarde com o sol parcialmente velado por ligeira névoa.

''– Pai – disse-me Adamu como num soluço –, que mau presságio tem meu coração nesta viagem de meu filho!

''– Em verdade – respondi – Kaíno com toda sua parentela não vale a ansiedade que está causando a todos nós.

'' 'A angústia que ele está causando à Rainha e à Évana é mais que suficiente para ser encarcerado no Penhasco de Sindi, como eu desejei que tivesse sido feito quando de sua rebelião anterior, a qual quase custou a vida de Bohindra. Oh, a piedade! A piedade é boa para os indefesos e os débeis e não para um rinoceronte sempre disposto a cravar seus dentes.

''Do topo da mais alta torre do Santuário continuamos a ver aquela mancha negra correndo pela pradaria à luz pálida de um brumoso sol de inverno.

''– Estranho que a Matriarca Walkíria não esteja aqui conosco – disse eu, que julgava vir a encontrá-la na torre.

''– Deve estar desconsolada – respondeu Adamu –, pois ela não queria que Abel partisse, por julgar isto muito perigoso.

''– A ela não passou despercebido o ódio dissimulado de Kaíno para com meu filho. Foi um mal que apareceu na meninice, quando do nascimento de Abel, e esse mal cresceu juntamente com ele.

''– Abel quis evitar uma matança terrível, se daqui saíssem corpos de exército para resgatar a Rainha e Évana. Proceder dessa maneira seria guerra declarada.

'' 'Ele crê que ainda será possível um entendimento com Kaíno.

''– Deus te ouça – respondi, e ambos nos dirigimos ao Pavilhão do Rei, onde se ouvia a algazarra das crianças que se achavam no recreio da tarde.

''No Pavilhão da Rainha ouviam-se os alegres cantos das donzelas sob a orientação de suas dirigentes, as Kobdas auxiliares da Rainha Ada na educação da juventude feminina até a idade em que tomariam esposo.

''Nada fazia suspeitar no Santuário que uma grande tempestade estava prestes a desencadear-se sobre ele.

''Quando já era noite, entrei em minha alcova particular e encontrei, sobre um pedaço de papiro, este breve escrito:

'' 'Pangrave Aldis. Valor! A hora aproxima-se. Não permitais que decaia vosso ânimo, pois devereis ser a fortaleza de todos. *Sênio*'.

''Não necessitei de nada mais para compreender tudo.

''Aquele breve escrito havia sido deixado ali pelo sensitivo que o recebera no recinto de oração, no momento em que eu me despedia de Abel, e meu angustiado coração sentia ansiedades de morte.

"Que aconteceu lá em Shivara nos três dias que se seguiram ao da partida de Abel?

"Vamos vê-lo:

"Évana e a Rainha Ada haviam esgotado todos os recursos de sua ternura e bondade para convencer Kaíno de que não seria mais feliz assumindo o comando dos povos de Nairi contra a vontade dos mesmos.

"O sangue que haveria de ser derramado por sua causa cairia sobre ele, esmagando-o como a uma serpente venenosa.

"Sua ambição desmedida, que o levou a desertar do Santuário protetor aos 15 anos, lhe dava agora o amargo fruto que saboreava. Nenhum dos povos que por herança lhe pertenciam, acediavam em ser governados por ele.

"– Já que meu innão Abel subiu tão alto – disse –, que me ajude também a subir, pois me vejo despossuído de tudo como um animal daninho do qual todos fogem.

"Nenhum soberbo compreende que leva em si mesmo todo seu mal, e se empenha em culpar os demais por todas as causas e por todas as culpas que residem exclusivamente nele.

"Convencido de que Abel podia forçar os povos de Nairi e de Shivara a aceitá-lo como soberano, mandou enclausurar com fortes ferrolhos o aposento onde estavam hospedadas a Rainha e Évana, e colocou guardas de toda sua confiança. Despachou um mensageiro ao Santuário de 'A Paz' para que fosse dada ciência de que ambas haviam sido tomadas como reféns a fim de obrigar o Alto Conselho da Aliança a pactuar com ele as condições do resgate.

"Quando Abel chegou, e antes de entrar em Nood, levantou uma bandeira branca para anunciar que estava em missão de paz e que ninguém se alarmasse por aquela centena de arqueiros que o escoltavam.

"A grande Fortaleza estava no final de uma avenida aberta no espesso bosque que rodeava o edifício, e que, protegido por feras acorrentadas, oferecia um pavoroso aspecto na noite iluminada pelas tochas a crepitarem.

"Já clareava o novo dia, quando Abel chegou à pequena praça da fortaleza.

"–Viajantes do Santuário de 'A Paz' – anunciou o megafone do arauto, e essa voz chegou até o aposento da Rainha e de Évana, que compreenderam o que sucedia, mas não pensaram que era o próprio Abel quem vinha.

"Kaíno saiu para recebê-los, escoltado por uma dezena de guerreiros armados de lanças. Abel fez sinal aos seus para que se mantivessem a distância, e aproximou-se sozinho do irmão.

"– Trago uma mensagem de paz – disse afavelmente, como se nada tivesse ocorrido, tocando-lhe o peito com a mão direita, conforme a saudação usual.

"– A paz não me interessa, mas somente a justiça – respondeu secamente Kaíno.

"– A justiça e a paz são irmãs e sempre estão juntas. Vim para falar contigo, Kaíno, e apenas me anima o desejo de chegar a um acordo.

"– Deixa que teus homens entrem na fortaleza – disse Kaíno, abrandando a voz.

"A um sinal de Abel, os cem arqueiros entraram na pracinha e desmontaram.

"– Esperai aqui, que irei falar com meu irmão.

"No pórtico exterior da fortaleza, Abel e Kaíno falaram.

"Um dos arqueiros de Abel falou ao ouvido daquele que estava a seu lado e, dissimuladamente, ocultando-se na sombra das grandes árvores que enredavam com seus ramos as colunas, aproximaram-se do edifício tanto quanto lhes foi possível.

"O leitor necessariamente terá compreendido que o primeiro arqueiro era a Matriarca Walkíria, e o outro que comandava a centúria era aquele capitão Crisanto,

imediato do veleiro 'Cisne', que havia salvo a vida de Abel numa oportunidade já relatada em outra parte destas Escrituras (*).

"– Meu velho tio está à morte – disse Kaíno –, e, se quiseres, ele me nomeará herdeiro seu no país de Shivara.

"– Está bem, meu irmão, tratarei deste assunto com teu tio. Dou-te a minha palavra, e bem sabes que jamais te enganei.

"– Quero que obrigues Iber a abandonar os Nairitas, para que me aceitem como seu único soberano, posto que o sou por direito paterno.

"– Bem sabes, Kaíno, que Iber jamais te recusou isto. Quem resiste e recusa é o povo, e terias que conquistar seu amor com teus procedimentos e obras.

" 'Vamos supor que o povo de Nairi fique inteirado de que mantiveste a Rainha Ada e tua mãe como reféns para conseguir a satisfação de teus desejos. Julgas que semelhante ação pode conquistar o amor dos povos? Não vês, Kaíno, que a violência engendra ódios e que o ódio é uma força destruidora?

"– Não é hora de filosofia, mas de ação – respondeu Kaíno. – Vamos ver o meu tio.

"Quando Abel passou, Kaíno jogou tão habilmente atrás dele uma laçada de corda encerada que ele ficou atado pela cintura e com os braços presos.

"No entanto, os dois arqueiros que se achavam escondidos no pórtico fizeram a mesma coisa com Kaíno, que, sem saber como, se viu amarrado por duas cordas a se apertarem cada vez mais ao redor do seu corpo.

"– Miseráveis! – gritou, vendo os dois arqueiros que o tinham seguido.

"– Vós o fostes antes, e vossa traição foi respondida como era merecida – retrucou Walkíria com voz forte.

"– Essa voz, essa voz! – exclamou Kaíno tratando de olhar nos olhos daquele arqueiro, mas, como aparecia tão coberto de pele e, além disto, achando-se atrás dele, não logrou êxito.

"– Esta voz é a da justiça que vem pedir-vos conta do que fizestes.

"– A Matriarca Walkíria! – disseram ao mesmo tempo Abel e Kaíno, voltando o rosto para ela.

"– Sim, a Matriarca Walkíria – respondeu ela atirando para trás o capuz de pele que lhe ocultava o rosto. – Sois vós o descendente de Etchebea que reclama o posto de seu ilustre avô? Se ele pudesse levantar-se de sua tumba, seria para amaldiçoar-vos por essa infâmia sem nome: aprisionar a Rainha Ada, a companheira de Bohindra, que foi o pai de todos! ... Aprisionar a mãe que conservou vossa vida, para que hoje venhais a usá-la contra ela! ... Não mereceis ver a luz do sol nem pisar a terra santa que nos alimenta a todos!

"A vibração de sua voz e de suas palavras era tão intensa que refreou por um momento a cólera de Kaíno.

"– Vós, Matriarca – disse ele – nada tendes a ver com este assunto. É gratuita vossa intervenção.

"– Esquecestes o pacto que fizemos em Kifauser, através do qual eu ficava obrigada a ter-vos em conta em todas empresas importantes que quisesse realizar, e vós, a de não fazerdes nada sem consultar-me? Esquecestes? Eu, que sou mulher, cumpri com a minha palavra, mas não cumpristes com a vossa. Pouco falta para que renegueis o sangue nobre de Etchebea que corre em vossas veias.

(*) "*Origens da Civilização Adâmica*", uma obra à parte (N.T.).

" – Matriarca – disse Abel –, poderíeis ter evitado este grave desgosto. Falemos tranqüilamente, e tudo chegará a bom termo.

"Walkíria sacou do peito um pequeno punhal e cortou a corda que enlaçava Abel.

"– Agradecido, Matriarca! ... Agora cortarei a de meu irmão.

"– Não, Grandeza! Perdoai-me. A ele deve-se tratar como se trata traidores. Fizestes-me compartilhar convosco da autoridade suprema. Deixai-me exercê-la neste instante. Vossa alma não pode comparar-se com a dos abutres.

"Deu três assobios em seu apito de prata, e os cem arqueiros entraram na fortaleza.

"– As chaves da prisão da Rainha e de vossa mãe! – exigiu de Kaíno com tal voz que causava terror.

"Kaíno estava vermelho de furor, mas os cem arqueiros o rodeavam com os punhais desembainhados, e ele estava imobilizado por duas fortes laçadas de corda.

"– Procurai no meu bolsinho – disse. – O capitão Crisanto aproximou-se e retirou as chaves.

"– Eu abrirei – disse Abel –, pois mais de uma vez estive nesta fortaleza.

"Dois arqueiros seguiram atrás de Abel, enquanto outros dois sustinham as cordas que imobilizavam Kaíno.

"– Sabíamos que virias – exclamaram ao mesmo tempo Ada e Évana, abraçando-se a Abel com indizível angústia.

"– É necessário libertar nossa escolta – disse Ada – para defender-nos de Kaíno, que mantém homens armados escondidos no bosque.

"Os velhos criados do Príncipe apareceram alarmados pelo ruído causado por todo esse movimento, e indicaram a Abel onde estavam presos os arqueiros. Haviam sido encerrados nos calabouços da fortaleza quando a Rainha e Évana o foram também em seus aposentos.

"– Calma! – disse Abel, vendo-os enfurecidos. – Preparai tudo para que possais levar imediatamente para o Santuário de 'A Paz' a Rainha e minha mãe.

"Voltemos para Kaíno.

"– Nascestes príncipe de Nairi e de Shivara, e vossas ações de aventureiro e foragido tumultuaram vosso caminho, que poderia ter sido de justiça e de glória – disse Walkíria, cuja exaltação nervosa ia levando-a a esse estado a que ela chegava nas situações culminantes. – Que mais pode ser feito convosco além do que já se fez? Sois, em verdade, um ser daninho que não pode gozar de liberdade entre pessoas de bem.

"A Rainha e Évana negavam-se a partir sem Abel, o qual voltou para onde havia deixado Kaíno.

"Ambas o seguiram sem que ele o percebesse, e grande foi sua surpresa ao encontrar a Matriarca Walkíria como um anjo de justiça, de pé diante de Kaíno imobilizado com cordas.

"– Vindes a tempo, Rainha Ada, para confirmar a sentença que já dei contra este vil traidor que pisoteou tudo quanto há de santo e nobre na vida. Irá para o Penhasco de Sindi, acorrentado a uma rocha por toda a sua vida.

"Évana começou a chorar amargamente, e a Rainha Ada, aproximando-se de Kaíno, disse com indizível doçura:

"– Meu filho, causa-me mais dor exercer justiça contra ti que aquela que me causaste com a tua má ação. Como foi possível esqueceres novamente nosso amor para contigo?

"Kaíno guardou silêncio.

"Entretanto, os homens de sua guarda haviam sido avisados do ocorrido e, como

gatos monteses, trepando pelas árvores, chegaram aos telhados da fortaleza, pelos quais deslizaram como cobras em busca de presas.

Walkíria e Káino perceberam essas manobras e se aprontaram para a luta.

"Os homens de Kaíno caíam dos tetos como frutas maduras quando o vento sacode a árvore, e os arqueiros de Walkíria os capturavam vivos ou mortos, conforme o caso se apresentasse.

"Os assobios de Kaíno deram a entender a seus homens que se tratava de uma luta de morte, e estes se tornaram como feras raivosas.

"De nada valia a palavra de paz de Abel que pedia calma, enquanto afastava sua mãe e a Rainha para um canto, junto ao pórtico.

"– Levai-as para o interior da Fortaleza – disse Walkíria a Abel – que meus arqueiros são suficientes para restabelecer a ordem.

"Na realidade, o que mais desejava a Matriarca era afastar Abel dali, pois havia notado os olhares de Kaíno que assinalavam a pessoa de Abel para seus homens, dando a entender que sua intenção era apoderar-se dele.

"Ada e Évana, abraçadas a Abel, arrastaram-no também para dentro.

"Quase todos os homens de Kaíno estavam já manietados, quando, de repente, entrou sibilando uma flecha e feriu o centurião dos arqueiros no ombro esquerdo; logo outra e outra mais. Estavam sendo disparadas do espesso bosque que chegava até a pracinha dianteira.

"– Para dentro, príncipe Abel, para dentro – gritou Walkíria.

"– Ide também vós, Matriarca – disse Kaíno –, e eu manterei meus homens em calma. – Dizendo isto atirou-se com todo seu peso sobre ela para arrojá-la em terra.

"Então Walkíria, que parecia um deus guerreiro, colocou o pé sobre as costas de Kaíno caído de boca para baixo.

"– Morde a terra, réptil venenoso – disse –, e que a Justiça de Deus caia sobre ti!

"Nesse preciso instante, um dos homens de Kaíno, que espiava de cima do teto, lançou com força seu punhal sobre Abel, que se inclinara para socorrer sua mãe, presa de um desmaio. A arma aguda e de duplo fio penetrou como um punção nas costas de Abel, pelo lado esquerdo, atingindo-lhe o coração. Walkíria correu para ele e retirou o punhal a destilar sangue.

"– Não é nada, não é nada! – disse Abel – procurando manter-se em pé, sustentado por Walkíria e pela Rainha.

" 'O ódio é força destruidora. O amor é vida e paz!

" 'Pensa no amor, Kaíno, e que Deus te perdoe.

" 'Mãe! ... Minha Rainha ... Walkíria! ... Sede clementes com aqueles que ainda não sabem ser bons! ...

"Foram estas suas últimas palavras.

"Kaíno não havia voltado a si do golpe recebido e ainda jazia estendido entre os corpos de seus homens feridos e de outros amarrados com cordas.

"Abel foi levado para o leito da Rainha, e Évana para o seu. Quando a mãe voltou a si, o grande filho, o amado filho que havia sido sua glória e sua felicidade, já não vivia mais sobre a Terra.

"Abraçou-se ao cadáver ainda morno, e a cena que ali ocorreu não é para ser descrita, mas para ser sentida e vivida por aqueles que saibam avaliar o amor que aquela mãe nutria pelo seu filho.

"Kaíno foi mandado para o Penhasco de Sindi, condenado à cadeia perpétua, em virtude da intercessão da Rainha Ada, que recordava as últimas palavras de Abel:

'Sede clementes com aqueles que ainda não sabem ser bons'. Todos os príncipes e caudilhos da Aliança queriam para ele uma terrível morte: enforcado, esquartejado, queimado vivo ..., tudo isso parecia pouco para seu crime. As últimas palavras de Abel salvaram-lhe a vida.

"Era o Homem-Luz, o Homem-Amor, o Homem-Deus, e seu amor a todos os seres envolveu também a Kaíno, que, acorrentado a uma rocha no pavoroso Penhasco de Sindi, compreendeu, finalmente, que, tendo tudo, havia igualmente perdido tudo, e que, havendo nascido junto à Luz, ficara rodeado de trevas, por causa de sua soberba e desmedida ambição.

"Quão doloroso foi o regresso das três amorosas mulheres que assistiram ao derradeiro suspiro do Homem-Luz!

"Sobre o lombo de um elefante e sob estofos de púrpura, regressou o corpo de Abel ao Santuário de 'A Paz', acompanhado de sua mãe, da Rainha Ada e de Walkíria.

"Havia ele saído três dias antes, a toda velocidade de seu cavalo, para salvar sua mãe e a Rainha das fúrias de Kaíno, e voltava trazido por elas, que, embora permanecendo com vida, tinham a morte dentro da alma.

"– Meu menino ruivo – disse Évana beijando-lhe os cabelos. – Não verei mais teus olhos cor de folha seca.

"– Aqui estou, mãe! ... e estes mesmos olhos te observam do imenso infinito! – disse-lhe com imensa suavidade uma voz apenas perceptível.

"Évana levantou os olhos inundados de pranto e viu junto a si a visão resplandecente de Abel.

"Nesse mesmo dia, todos nós o vimos no recinto de oração, cujo ambiente, saturado de angústia, não permitia outra vibração que a daquele nome tão amado, que parecia achar-se gravado a fogo no coração de todos."

O Essênio leitor Nasan deixou cair o papiro sobre a estante e exclamou como num suspiro muito profundo:

– Deste modo retribui sempre a Humanidade aos grandes seres que lhe trazem a Luz e o Amor!

Jhasua, com aquela palidez mate característica do seu semblante, parecia absorto por um profundo pensamento que tornava incerto e vago o seu olhar.

Os quatro doutores de Israel pareciam voltar à realidade de sua vida suspensa durante algumas horas, a recordarem o passado remoto, aonde a leitura dos papiros do "Patriarca Aldis" os havia levado.

– Que opinais de tudo isto? – perguntou, finalmente, Jhasua a seus amigos.

– Que ultrapassa tudo quanto podíamos esperar – respondeu José de Arimathéia.

– A simplicidade da narração – acrescentou Nicolás de Damasco – dá um colorido inconfundível aos fatos vistos, apalpados e vividos. Só mesmo uma testemunha ocular pode relatar desse modo.

– Lemos somente o rolo 79 – observou Nicodemos. É apenas um pequeno fragmento das Escrituras que constam de oitenta rolos.

– E todos, desde o primeiro até o último, têm o mesmo estilo simples e claro, sem contradições nem subterfúgios – disse o Mestre Melkisedec, que os havia traduzido para o siro-caldaico, assim como outro Mestre os vertera para o grego, que era a sua língua nativa.

– Necessitamos tirar cópias – disse Gamaliel –, para que possamos estudar a fundo esses assuntos.

– Já estamos tirando, como podereis ver – retrucou o Servidor. – Pelo menos já temos duas: uma em siro-caldaico e outra em grego.

– Falta uma em latim – disse Nicolás – e essa, se me permitis, eu a tirarei.

– Já está começada – disse outro dos Mestres de Jhasua – e creio que estará terminada na próxima lua.

– Mas vós trabalhais como máquinas – observou o tio Jaime. – Dizei-me: quando dormis e quando comeis?

– Comer e dormir – respondeu o Servidor – é coisa muito rápida e nos toma pouco tempo. Nossa vida inteira é de trabalho pela Verdade Eterna, que tornará bons e justos todos os homens.

– Acreditais, pois, que o maior mal da Humanidade é a ignorância? – perguntou Nicodemos.

– Justamente. E a obra máxima dos homens de ideal é dar a Verdade às multidões como o pão de cada dia.

– A Humanidade mata os pregadores da Verdade – observou Gamaliel – e daí vem a dificuldade para a sua divulgação.

– Os mártires da Verdade voltam novamente à vida, tornam a morrer por ela, e continuam apregoando-a através dos séculos, que logo a sepultam sob os escombros de falsidade, as quais por si mesmas desmoronam – observou Tholemi, outro dos sábios Mestres de Jhasua.

– É necessário ter em conta – disse Nicolás de Damasco – que nem toda a Humanidade tem o mesmo desenvolvimento intelectual necessário para compreender a Verdade Divina.

– No que diz respeito à compreensão da Grandeza Divina, tendes razão – respondeu o Servidor –, mas todos podemos compreender um relato como as "Escrituras do Patriarca Aldis", que narram um pedaço da vida humana, clara e logicamente vivida há 8.300 anos antes da época atual. Que necessidade havia de desfigurar os fatos naturais e simples com o inverossímel e maravilhoso, menos compreendido ainda?

– Pensei muitas vezes que a coisa mais indispensável que há para predispor a Humanidade à compreensão da Verdade é familiarizá-la com a lei da evolução nos mundos e nos seres – disse Gamaliel.

"A escola de Sócrates e de Platão teve essa tendência, entretanto foi asfixiada ao nascer pelos materialistas epicuréus, que acharam mais cômodo desfrutar a alegria da vida cheia de realidades palpáveis e afagadoras, deixando o intangível e o invisível para os séculos futuros ou para a vida do além-túmulo."

Não obstante absorverem esses comentários a atenção geral, todos perceberam que Jhasua havia ficado como absorto em profunda meditação. José de Arimathéia tirou-o desse estado:

– Em que pensas, Jhasua, para assim te encerrares nesse silêncio? – perguntou.

– Pensava em Kaíno – respondeu. – Que estranha força indomável seria aquela que ainda o dominava em meio a um ambiente como o que existia entre os Kobdas? Por que foi insensível à influência divina do bem e do amor, que subjugava e atraía a todos? Por que suas tortuosas tendências não se equilibravam com o peso de tanto bem, que viu a seu redor desde a meninice? Ser mau entre os maus pode ser fácil; no entanto, ser mau entre os bons é já uma monstruosidade do Mal.

– Do próprio relato do Patriarca Aldis – disse Melkisedec –, depreende-se, em várias passagens, que os Kobdas se preocuparam muito com ele visto que, em revelações espirituais, conheceram seu passado desde épocas remotas e, em quase todas suas encarnações anteriores, havia agido mal contra os obreiros do bem e da justiça, impulsionado pela ambição.

– Além disto – acrescentou o Servidor –, sabemos que há seres que, desde os longínquos começos da vida física em espécies inferiores, e por acontecimentos espirituais ou por influências astrais, têm mais predisposição para o bem que para o mal. Em contrapartida, há outros que conservam por mais tempo as tendências próprias de seus distantes começos na matéria orgânica, o que lhes torna mais difícil sacudir o jugo de seus instintos ferozes e brutais.

"A isso deve-se acrescentar que, quando o ser chega à capacidade de compreensão e de raciocínio, está a lei do livre-arbítrio abrindo para a alma horizontes bastante amplos, os quais ela aceita ou rechaça livremente.

"Somos livres para aceitar o melhor ou o pior, mas estamos sujeitos às conseqüências que traz o bem ou o mal escolhido.

"A variedade dos seres é infinita, e assim como não existem duas fisionomias perfeitamente iguais, não há, tampouco, duas inteligências iguais em evolução.

"Kaíno compreendia unicamente a grandeza do poder do ouro e da força, e queria possuí-la a todo custo. Como não podia conquistá-la através de suas obras dignas do amor aos povos, buscava-a pela violência e pela força. Teve evolução intelectual; no entanto, não lhe interessou a evolução moral.

"E quantos Kaínos há no mundo, Jhasua, que, tendo a seu lado o bem, a justiça e o amor, se enredam nos caminhos do mal, levados por uma ambição material que, provavelmente, lhes atendem as aspirações, mas à custa de seu próprio espírito que fica imensamente atrasado em seu caminho para o Bem Supremo, que é Deus.

"Além disto, o bem traz consigo a Luz Divina, da mesma sorte que o mal traz as trevas para a alma que a ele se entregar.

"Daí vemos que nem todas as almas compreendem de igual maneira o Bem Supremo, o Ideal Eterno.

"Muitos de nós acreditam que esse Bem Supremo, do qual emana toda vida, existe com vida eterna; entretanto, são bem poucos os que se dedicam ao estudo dessa Causa Suprema. São poucos estes últimos porque só para chegarem a ver despertado em si o desejo de estudar e conhecer a causa suprema em todas suas faces e aspectos, em toda sua grandeza e poderes supremos, já é necessário ter uma evolução avançada; pelo menos que haja entrado de cheio no caminho de seu próprio aperfeiçoamento. Para se desejar conhecer a Deus é necessário começar a fazer morrer em si mesmo as ambições de grandeza material e os desejos grosseiros.

"Quando para a Humanidade bastar o alimento na mesa e sua túnica para cobrir-se, então serão muitos os buscadores de Deus e os que compreenderão suas leis divinas e eternas, que agora aparecem como formosas criações fantásticas para a grande maioria, em face de seu atraso moral e espiritual."

– Muito bem, Servidor – disseram várias vozes a um só tempo. – Vossa filosofia sobre Kaíno deve pôr em guarda todos aqueles que sentem já demasiado forte o impulso de dar um grande vôo para a Verdade Suprema – acrescentou Nicodemos.

– Mantermo-nos em guarda? Em que sentido? – perguntou Jhasua, que pareceu voltar à realidade nesse instante.

– Em saber escolher os seres que possam compartilhar conosco nesses vôos sublimes e atrevidos em direção à Divindade, na qual queremos penetrar desde nosso obscuro desterro – respondeu Nicodemos.

– Todas as mais antigas Escolas de Sabedoria Divina têm tido esta vigilante cautela. Graças a isto a Fraternidade Essênia tem os Sete Graus de educação e desenvolvimento espiritual, nos quais nos vamos purificando e dando provas de nosso adiantamento nos caminhos de Deus – respondeu o Servidor.

– Nos graus primeiro e segundo – acrescentou Nasan – já se pode vislumbrar em cada alma se ela poderá voar de frente para a Luz Eterna ou se deverá ficar por mais tempo sem poder desprender-se dos preconceitos de idéias concebidas em existências anteriores.

– É necessário considerar também outras forças que atam as almas ao pesado carro do atraso espiritual – observou José de Arimathéia –; e são as que emanam da lei das afinidades, contra as quais o próprio interessado deve lutar, e não seus mestres.

"Com isso quero dizer que, ao formar nossa aula para a divulgação destes conhecimentos, pouco fruto conseguiremos se aceitarmos entre os alunos seres que tenham afinidades com outras correntes adversas à nossa. Para uma melhor compreensão, darei um exemplo: o da fonte.

"Dois homens chegam à fonte para beber. A linfa cristalina e serena reflete suas imagens no límpido da superfície. Ajoelham-se sobre o musgo e inclinam a cabeça até tocar com os lábios a água e bebem. Chegam em seguida outros montados em animais e para não molestarem-se em apear, entram com eles, removendo o lodo do fundo, e a água se torna turva.

"– Que água mais desagradável a desta fonte! – exclamam eles.

"Assim ocorre também com a Divina Sabedoria, fonte de Luz e de Verdade eternas. Muitos se aproximam para beber, mas nem todos chegam a Ela com a túnica limpa, e muitos chegam montados nos animais das paixões, dos egoísmos humanos e dos preconceitos que trouxeram de outros ambientes e de outras ideologias.

"Os idólatras, por exemplo, que elegeram como deuses um bezerro de ouro, uma serpente ou ainda um bode com cornos de ouro e olhos de rubis, dificilmente aceitarão a idéia de um Deus invisível que vive como uma essência em tudo quanto tem vida. Por longas épocas continuarão eles em busca de deuses materiais visíveis e palpáveis.

"Tenho um amigo educado na escola grega, o qual mesmo tendo chegado a conhecer e a aceitar a nossa filosofia, não conseguiu esquecer as formosas fantasias nas quais nasceu e viveu.

"– Como é difícil para mim pensar – disse-me – que o astro da noite não é a lâmpada de Diana procurando Endimião perdido no bosque, mas um pequeno mundo de montanhas e lagos, onde ainda não vivem seres orgânicos!"

– É assim, amigos. É assim a luta formidável que se apresenta nos campos em que se debatem os homens! – disse Nicolás de Damasco. – Nosso inolvidável Hillel, levado por seu ardoroso entusiasmo em prol da suprema Verdade conquistada, tomou discípulos sem o rigoroso controle, tendo ficado sem força espiritual para se defender de seus adversários.

"Mal interpretadas suas doutrinas sobre a Causa Suprema, ele foi tomado como um hebreu paganizado que encontrava Deus no ar, na água e em tudo quanto existe. Mais ainda, foi julgado como um vulgar impostor."

– Quando uma Escola de Sabedoria Divina é homogênea e de uma perfeita harmonia de pensar e sentir, essa força invencível a defende do exterior e lhe proporciona uma barreira que ninguém pode romper. Por isto as antigas Escolas viveram longos séculos, até que a fraqueza humana ou a imprudência impensada originasse o desequilíbrio desse ambiente sutil e elevado, e, como um castelo de naipes, viesse a desmoronar-se com um simples sopro.

Estas palavras do Servidor puseram no ambiente um cunho de tristeza que se diluiu no suave silêncio essênio, onde cada qual pensou:

"Esta flor da Divina Sabedoria é de tão elevada natureza que os ventos da ambição ou do atraso impedem seu desabrochar neste plano físico."

– Que a Divina Sabedoria – disse o Servidor dando por terminada aquela reunião – não afaste sua luz de nós que, em verdade, queremos chegar até Ela.

– Assim seja! – disseram todos e saíram do Arquivo em direção às pequenas várzeas perfumadas de flores que rodeavam as grutas do Santuário.

Saturados, como estavam, das grandes verdades recentemente descobertas, voltaram às conversações, sem poderem afastar-se daquele pélago de luz que repentinamente os havia inundado.

– Meu afã é tanto – disse Nicodemos – que não suporto a espera de ter em mãos a cópia para continuar sabendo. Dizei-me, foi a morte de Abel que trouxe o desequilíbrio daquela magnífica organização de povos fundada por Bohindra?

– Não – respondeu o Mestre Tholemi, que com Melkisedec e Jhasua acompanhava os hóspedes. – O Patriarca Aldis diz nos papiros seguintes que os Príncipes da Aliança escolheram Adamu para substituí-lo e que este quis ser assessorado por seu pai, motivo por que o Patriarca Aldis começou a fazer parte do Conselho dos Cinco, que estava composto por ambos e pelas três Matriarcas designadas anteriormente por Abel. Foi também o Patriarca do Santuário de 'A Paz', donde lhe ficou esse nome de *Patriarca*, que era como um título de grande honraria pelo seu significado de eqüidade e justiça.

– Évana – acrescentou Jhasua – sobreviveu somente mais três anos à morte de Abel, pois o amor de Seth, seu segundo filho, não pôde preencher em seu coração o grande vazio deixado pelo primeiro. Adamu, entristecido por essa nova dor, deixou no seu lugar o filho Seth, que já estava atingindo os 18 anos e cuja clara inteligência e maduro raciocínio o assemelhava a um homem de 40.

– Era ele a reencarnação de Sênio, aquele grande Sênio que havia sido uma lâmpada viva entre os Kobdas. Seth desencarnou 12 anos depois da morte de Abel – acrescentou o mestre Tholemi.

– Que aconteceu a Adamu? – perguntou José de Arimathéia.

– Transferiu-se para Neghadá sobre o Nilo, onde vestiu a túnica azulada e foi um Kobda de grande prudência e sabedoria. Foi eleito Pharahome de Neghadá ao completar os 60 anos de idade.

"Seu filho Seth, ao atingir 20 anos, uniu-se em matrimônio com uma irmã da Matriarca Walkíria, e foi o fundador de uma nobre e sã dinastia na Escandinávia, juntamente com outro casal que saíra de Neghadá para aquelas regiões."

– Noruega e Suécia tinham em sua distante origem os nobres princípios da Civilização Kobda – observou Melkisedec –, não obstante estarem tão afastadas das regiões que foram o berço daquela grande corrente civilizadora.

– Não poderíamos desejar melhor relator que o Patriarca Aldis – disse Gamaliel –, que esteve no centro de toda essa atividade, e cuja longa existência, até os 103 anos, dá a impressão que ela lhe fora dada para que visse e depois o contasse à humanidade futura.

– Não obstante isso – observou Nicolás – a Humanidade tem vivido na ilusão até agora, porque esbanja as dádivas divinas e apaga a luz que lhe é obsequiada.

– É que há certa porção da Humanidade que tem medo dos conhecimentos superiores – observou ajuizadamente Jhasua –, e parece preferir a vida sem inquietações espirituais, coisa essa que lhe resulta mais cômoda.

– Acontece que a inquietação espiritual por saber a vontade de todas as coisas vem quando o espírito humano ultrapassou a linha divisória entre o *consciente des-*

perto e o *consciente adormecido*. Quando a consciência é despertada para a Eterna e Divina Realidade, já não há nada que a detenha em sua ascensão aos planos elevados, onde há Luz.

"Entretanto, quando o *consciente* ainda está adormecido, não pensa por si mesmo, pois está à vontade, aceitando o que os outros pensaram e sugeriram à Humanidade, quer por ignorância ou talvez porque a julgaram demasiado nova para compreender a verdade em toda sua amplidão soberana."

– Exato, Mestre Melkisedec! – disseram várias vozes ao mesmo tempo. – Falastes como o verdadeiro Mestre que sois – acrescentou Jhasua, cujo sentir e pensar vibrava em sintonia com seus sábios Mestres.

Poucos dias depois, os quatro doutores de Israel regressaram a Jerusalém levando o tesouro, de grande valor para eles, de uma cópia das "Escrituras do Patriarca Aldis", para a Escola Secreta que tinham na cidade dos Reis.

Em sua estada no Santuário do Tabor, haviam planejado também as bases para uma escola pública na cidade de Damasco, onde Nicolás, originário dali, punha à sua disposição a velha casa paterna para esse objetivo. Eles tomaram o caminho do sul, e Jhasua, ao despedir-se deles, internou-se no labirinto da montanha em direção à casinha de pedra.

Ouçamos agora uma conversação dele com Nebai, a formosa jovem, filha do escultor que devia empreender viagem a Ribla com sua família. O leitor recordará que o velho sacerdote de Homero, Menandro, queria consagrá-la sacerdotisa do templo de Homero, que acabava de ser construído.

– Esta fonte e esta pequena casa de pedra ficarão solitárias e tristes com a nossa ausência – disse a jovem a Jhasua nessa tarde, depois da instrução que ele lhe fizera, segundo o hábito, sobre os assuntos de Deus e das almas.

– Observa, Nebai: para aqueles que amam a Deus, todas as belezas d'Ele estão ao seu alcance.

"Esta fonte e esta casinha não estarão solitárias nem tristes, porque tua lembrança e teu pensamento as encherão de luz e de alegria.

"Além disto, pensei em fazer aqui o meu gabinete de estudo e de meditação."

– Verdade? Oh, que bonita idéia!

"Então, Jhasua, na mesma hora eu pensarei na casinha e na fonte, nas pombas, nas roseiras, nos jasmineiros nevados de flores, e assim meu desterro será menos triste."

– Como, Nebai? ... Chamas desterro a cidade de Ribla? Ah! Não sabes o que dizes, minha irmã? Quando estiveres lá, tudo que julgas tão belo, parecer-te-á pobre e mesquinho comparado com aquilo.

"Em vez desta fonte, terás o formoso Rio Orontes, com seus platanais e suas florestas, passando ao pé daquele venerável castelo que será a tua habitação. Em vez destas pombas, garças brancas e rosadas irão comer na tua mão naquele grande jardim solitário, onde o branco templo de Homero, delicado e pequeno como um tabernáculo de mármore, recordar-te-á aquele ser dos cantos imortais. Em vez destas serranias galiléias, terás o panorama imponente e grandioso das montanhas do Líbano, cujos cumes, sempre cobertos de neve, se confundem com as nuvens do céu. É isso um desterro, Nebai?"

– Tudo isso é formoso, em verdade – respondeu a adolescente –, mas não estarás lá, Jhasua, tu que chegaste a ocupar um lugar tão grande na minha vida! A quem perguntarei todas as coisas, e quem me dará as respostas que tu me dás?

– Eu já sabia que me dirias isso e, por esse motivo, disse eu ao iniciar esta conversação que, "*para aqueles que amam a Deus, todas as belezas d'Ele estão a seu alcance*".

– Beleza de Deus é ter-te perto de mim, Jhasua, e ouvir a tua palavra. Isto não terei em Ribla. Estou tão acostumada a esta tua visita todas as tardes! ...

– Mas tampouco a terias quando eu voltasse a Nazareth, para junto de minha família – observou Jhasua. – Os servidores de Deus têm que ultrapassar todos estes inconvenientes criados pela matéria que revestem.

– De que maneira? – perguntou Nebai.

– Bem sabes que a Eterna Lei tem fios invisíveis que atam as almas umas às outras, do mesmo modo como prendes as flores para formar uma grinalda.

– E por que a Eterna Lei se empenha em atar as almas com fios invisíveis? – perguntou a jovem.

– Porque as almas que são afins, ou seja, que pensam e sentem da mesma maneira, formam, unidas, uma poderosa corrente que as Inteligências-Guias da evolução humana utilizam para impulsionar as massas de seres pouco evoluídos a darem um passo em seu caminho, ou a apartá-las do mal em que estão mergulhadas.

"Nos Santuários Essênios, onde passei quase a maior parte da minha vida, observam-se diariamente coisas que, para o comum das pessoas pareceriam maravilhosas. É graças à força dessa corrente que se chama afinidade, formada pela igualdade de pensar, de querer e de sentir entre as almas que se unem para um determinado fim.

"Por exemplo: do Santuário sai um ou saem vários irmãos em missão benéfica e justa num determinado lugar. Os que ficam, seguem os demais com seus pensamentos e seu amor. Nas horas de sono, evocam-nos e chamam-nos para alentá-los e ajudá-los no cumprimento daquilo que se propuseram. Nas anotações que os solitários levam, encontram-se relatadas muitas dessas belezas de Deus. No Monte Quarantana houve um Essênio que conheci e que já não vive na Terra. Chamavam-no *Hussin*, não obstante o seu nome de família fosse Públio Virgílio Maron, originário da Itália. Um seu tio matemo era o Grande Servidor no Santuário do Moab, e, como esses grandes Mestres sabiam que se aproximava o tempo da chegada do Messias, queriam que o ambiente terrestre se tornasse bastante sutil para poder dar-lhe entrada. Hussin era um bom elemento para intermediário em virtude de sua grande faculdade sensitiva. Era Essênio do terceiro grau, jovem ainda, e os Mestres encontraram nele as condições necessárias, motivo por que foi enviado à Roma dos Césares.

"A Lei Eterna ainda não havia deixado ver o lugar preciso em que o Espírito-Luz tornaria a vida física. Sendo Roma a região que tinha o timão da civilização humana, os Mestres pensaram que toda a força do bem e do amor deviam impulsioná-lo naquela direção. Hussin deixou a solidão do Santuário e foi a Roma, levando em si toda a força de amor, de paz e de justiça que os Essênios de todos os Santuários emitiam por intermédio dele.

"Augusto César enamorou-se dos cantos divinos e proféticos de Virgílio, que foi o seu poeta favorito; e a chamada *longa paz romana* permitiu a aproximação do Homem-Luz ao plano terrestre.

– E onde está esse Homem-Luz? – perguntou Nebai, com acentuado interesse.

– Parece que os Mestres Essênios já o descobriram; mas eu não o sei ainda. Quando vier a sabê-lo, Nebai, eu te direi. Voltemos ao assunto que vínhamos tratando.

– Sim – disse Nebai –, o dos fios invisíveis.

– Bem. Eu te dizia que, da mesma forma como fazem os Mestres Essênios quando alguns irmãos saem em missão, assim nós também devemos fazer. Tens que ir para Ribla com tua família, e, se tu e eu quisermos, tua viagem e a estada lá pode ser de grande benefício para muitos. Tu e eu poderemos encontrar-nos durante o sono, ou enviar o pensamento que a lei da telepatia transportará de um ao outro como uma delicada mensagem de nossas almas unidas pelo laço invisível da afInidade.

–Espera um momento, Jhasua, explica-me bem isso, que não cheguei a compreender completamente.

– Escuta, Nebai. A alma humana, quando chegou ao estado de evolução que tens, pode desprender-se de sua matéria para ir até onde o fio invisível da afinidade a levar. Podes fazer formosos ensaios, que serão como exercícios espirituais para desenvolver a faculdade de transportar-te em espírito a um determinado lugar. Por exemplo: eu virei a esta fonte, que te é tão querida, todas as tardes, ao pôr-do-sol. Tu, que sabes disto, deves deitar-te em teu leito a essa hora e adormecer pensando que o fio invisível da Lei há de trazer-te em espírito até aqui. O grau de meu desenvolvimento espiritual permitir-me-á escutar tua mensagem, e talvez até ver-te algumas vezes, como se pode perceber uma visão mental ou uma visão materializada.

"Em outras épocas distantes tu fizeste tais exercícios, porque viveste durante anos numa grande Escola de Sabedoria Divina que se chamou *Fraternidade Kobda*. Foste mestra de outras almas mais novas que a tua e teu nome era Núbia de Manh.

– Oh, Jhasua! Como sabes disto? ...

– Através das histórias do passado que estudo no Santuário com meus Mestres.

"Nunca ouviste dizer que tivemos muitas vidas sobre este plano físico?"

– Não, jamais ouvi dizer tal coisa!

– É que tens ainda poucos anos, Nebai, e ainda não tiveste oportunidade de aprender isto.

"A Eterna Lei é assim: todo ser, na Criação Universal, nasce e morre inúmeras vezes. Nem tu nem eu temos tantos cabelos na cabeça quantas vidas físicas já tivemos neste e em outros mundos.

"Percorremos em longas idades toda a escala do progresso eterno, e ainda não sabemos quantos séculos tardaremos para chegar ao fim."

"A qual fim, Jhasua, a qual fim?

– À Suprema Inteligência, da qual saímos um dia como sai uma fagulha duma fogueira, e a Ela deveremos voltar convertidos em chamas vivas, diz a nossa ciência divina.

"Pois naquela vida em que foste uma mestra Kobda com o nome de Núbia de Manh, tinhas, entre outras faculdades, a de transportar-te em espírito a distâncias, levada pelo fio invisível da afinidade. Desde aquela tua vida anterior já se passaram longos séculos, durante os quais progrediste muito. As faculdades adquiridas numa vida podem ser despertadas em outra com o exercício e a vontade.

– E como pudeste saber, Jhasua, que essa *Núbia de Manh* e eu somos o mesmo espírito?

– Quando os Mestres Essênios trouxeram para cá teus pais e teus dois innãos maiores, fizeram-no, a princípio, levados pelo desejo de livrar tua mãe de uma horrível perseguição que sofria da parte de um poderoso magnata, e também para proporcionar honrosos meios de vida a teu pai e a teus innãos. No entanto, nem bem se instalaram nesta cabana, os Mestres receberam a tua visita espiritual. Eras uma alma sem matéria, vibrando como uma luz no espaço infInito e te deste a conhecer a eles como companheira de longas épocas e, em particular, nessa vida de *Núbia de*

Manh. Disseste-lhes que ias entrar novamente na vida física neste lar onde nasceste. Os Mestres Essênios já esperavam tua chegada. Compreendeste agora?

– Como não hei de compreendê-lo, se explicas isso com tanta clareza?

– Outros com menos evolução que tu não o compreenderiam e, se eu o explico a ti é porque sei que podes entender-me.

"Se compreendes e aceitas esta sublime face da Lei Eterna, ser-te-á fácil compreender igualmente que, em cada uma de tuas vidas passadas, realizaste provas e exercícios de todas as formas e aspectos imagináveis; porque é desse modo que a alma se forja e se aperfeiçoa. Sofreste horrores, cometeste desatinos, fizeste obras boas, subiste a posições elevadas, foste escrava, vendida e comprada como um animalzinho indefeso. Essa é a Lei Eterna da Evolução, Nebai, quer venhamos admiti-la ou negá-la; quer venhamos aceitá-la ou rechaçá-la.

"Eu, por exemplo, fui pastor, lavrador, cortador de pedra, marinheiro e também fui rei, filósofo e médico num país que hoje jaz no fundo dos mares, onde foi sepultado por um grande cataclisma há quatorze mil anos (*).

"E atualmente, como vês, sou filho de um artesão numa ignorada região do mundo, que na sua maioria ignora até o nome de Nazareth.

"Quando fui lavrador ou pastor, quando quebrava com meu braço as rochas às quais regava com meu próprio suor, quem poderia reconhecer ali o rei Anfião de Orozuma (**), que ocupou a atenção do mundo civilizado de então?"

– Se vivemos muitas vidas, cada uma das personalidades humanas teve um nome que permaneceu ignorado de muitos ou conhecido de todos. Através das faculdades espirituais cultivadas poderemos chegar a ler no mais remoto passado como no presente?

– Oh, Nebai! ... A grandeza de Deus tem magnificências de sabedoria e de poder, e tratar de conquistá-las com o nosso esforço é o dever das almas que chegaram a uma evolução mediana. Para não proceder dessa maneira, mais valeria continuar permanecendo submergido na obscuridade inconsciente das espécies inferiores, onde ainda não se despertou completamente a inteligência, que vive ali em embrião e que se chama *instinto*; razão pela qual não existe aí a responsabilidade nem o livre-arbítrio.

– Daqui a seis dias sairemos para Ribla, segundo ouvi meu pai dizer – mencionou Nebai –, e perdoa-me, Jhasua, ter interrompido tua explicação sobre as vidas sucessivas, que creio haver compreendido bem.

"Agora dize: concordas de boa vontade que eu aceda em ser consagrada sacerdotisa de Homero?"

– Sim, Nebai, porque isso é um simples acidente na tua vida que não te obriga a mudar a senda espiritual e te coloca numa posição muito vantajosa para fazer o bem em meio a uma porção da Humanidade que te rodeia.

"Homero foi um gênio inspirado pela beleza divina que ele recordava de vez em quando, como se então voltasse a viver no plano superior da Legião dos Amadores à qual pertence. Dessa elevada personalidade fizeram na Grécia, seu país natal, algo assim como um gênio benéfico e protetor, a quem invocam sobre as colheitas, os vinhedos, olivais, hortos e jardins, porque crêem que ele flutua como um zéfiro suave sobre tudo quanto existe de belo e bom.

(*) Na Lemúria, como pastor e marujo. Na Atlântida, como rei, filósofo e médico (N.T.).

(**) País da Atlântida, onde Anfião foi cognominado o "Rei Santo" (N.T.).

"Levantaram-se templos formados por colunas, por entre as quais todos podem entrar. Não há outro altar além de um pedestal de mármore com um grande piveteiro também de mármore, onde se coloca fogo para queimar perfumes e ervas aromáticas.

"Do teto acha-se dependurada uma lâmpada de azeite de oliva que não se apaga jamais. Teu cuidado será esse, Nebai: queimar perfumes da Arábia e alimentar a lâmpada que deve arder sempre. É um símbolo da gloriosa imortalidade de Homero e dos pensamentos de amor que da Terra sobem até ele em busca de proteção.

" '*Homero viverá eternamente*', diz a luz de sua lâmpada.

" '*Até ele vai sempre a oferenda de nosso amor*', dizem as essências a queimarem nas brasas ardentes.

"À donzela escolhida para sacerdotisa será concedida uma renda vitalícia, enquanto se mantiver em estado de donzela, ou seja, sem tomar esposo; entretanto, não está proibida de casar-se, se assim o desejar. Outra donzela há de substituí-la.

"Deve cantar diariamente, ao sair e ao pôr-do-sol, uma estrofe dos cantos de Homero. Cumpre-lhe ser a depositária e guardiã das oferendas ou promessas que os admiradores do gênio tutelar levarem a seu templo. Quando elas consistirem em frutas, olivas, azeite ou suco de videira, a sacerdotisa poderá distribuí-las entre as crianças indigentes que por tais dádivas ficarem sob a tutela do gênio benéfico.

"Esta é a tradição entre os descendentes do poeta imortal.

"Como vês, não há nada oneroso nem indigno em tudo isso; antes, pelo contrário, uma auréola de respeito te rodeará, Nebai. Ajudarás com isto tua própria família, que poderá com mais facilidade abrir um caminho honrado de trabalho, num ambiente de eqüidade e retidão.

"Já verás, Nebai, já verás que amplo campo se abre diante de ti para derramar o bem a mãos-cheias."

– Ajudar-me-ás, Jhasua, a cumprir com meu dever neste amplo campo no qual me vês? – perguntou Nebai, como se lhe causasse medo ver-se sozinha na nova vida que ia começar.

– Claro que sim! Como pudeste ter dúvida? Ajudar-te-ei a distância, e uma vez em cada ano irei acompanhado do ancião Menandro que, enquanto viver, não se descuidará de ti.

"Além disto, com uma mãe como a tua, jamais deves julgar-te só.

"Olha. Ela vem na nossa direção trazendo uma cestinha de frutas e guloseimas."

A suave e meiga mulher sentou-se com eles no bordo da fonte, dizendo:

– Formoso filho de Myriam: quanta falta sentiremos em Ribla dessas horas de amor e de paz que trazes a esta cabana!

– Acabo de ensinar a Nebai a forma de não sentir a minha falta – respondeu Jhasua sorrindo. – É uma excelente discípula essa vossa filha, e já estamos de acordo em tudo e para tudo. Ela vos explicará, e eu vos peço que a ajudeis com vossa terna vigilância, para que ela tenha firmeza em suas novas atividades. Já vos disse que minha mãe virá despedir-se conforme pedistes?

– Sim, nós a estamos esperando. Myriam é o único laço de família que me une a estas terras que deixarei sem pena, porque nelas padeci tanto! ...

– Ouves, Nebai? Tua mãe vai para Ribla feliz e contente. Eu também estou contente porque vais. Há algo em mim a dizer ou anunciar que vais abrir o caminho da Luz até Antioquia.

"O Orontes passa beijando vossos jardins e acaricia também os muros daquela grande capital que encerra, para mim, algo como uma promessa de grandes coisas.

Ainda não consigo definir o que se encerra neste meu sentir, mas julgo que muito em breve vos poderei dizer. Provavelmente na primeira visita que vos fizer na próxima primavera."

Poucos momentos depois, Jhasua voltava ao Santuário a passos lentos, enquanto deixava correr seu pensamento sobre um futuro que começava a ver levantar-se como dentre uma bruma de ouro pálido até aquela populosa cidade, formosa cortesã lúbrica que vivia num eterno festival, porém que uma voz íntima lhe dizia:

"É mais fácil acender o fogo do amor divino na cortesã que ri, porque ignora a dor alheia, do que na rígida Jerusalém, que conhece a dor dos humildes, e levanta sobre ela seu pedestal de ouro! ..."

O Diário

Quando Jhasua entrou em seus 19 anos, algo muito íntimo mudou nele.

Penso que para conhecer a fundo sua grande personalidade, é necessário estudá-la em conjunto com sua vida externa, e também com seu mundo interno. Para isto nos servirá de espelho, que o reflita mui claramente, um *diário* que, ao entrar em seus 19 anos, sentiu ele a necessidade de detalhar minuciosamente.

A separação de Nebai, a meiga e discreta confidente de seus primeiros anos de juventude, deixou-o como submergido numa grande solidão espiritual. Jhosuelin e o tio Jaime achavam-se em Nazareth ajudando a Joseph na direção de sua oficina de carpintaria, que aumentava cada vez mais e se complicava em razão do aumento de obras e de operários.

Seus Mestres Essênios procuravam também deixá-lo mais tempo sozinho, para que seu espírito pesasse bem as responsabilidades que tinha sobre si e, acima de tudo, para que, entregando-se mais completamente a seus próprios pensamentos, conseguisse orientar-se rumo a seu verdadeiro caminho.

– Jhasua – disseram um dia. – Ensinamo-te tudo quanto sabemos da ciência de Deus e das almas. Cremos ter chegado o momento de que, por ti mesmo, ponhas em prática tudo quanto aprendeste, e que sejas teu próprio juiz no que diz respeito às tuas faculdades superiores e a todos os atos da tua vida.

– Então me abandonais? – perguntou alarmado.

– Não, meu filho – respondeu Tholemi, que era o mais idoso de seus dez instrutores. – Estamos à tua disposição agora, amanhã e sempre. No entanto, assim como procede a mãe que não leva mais o filho nos braços, mas o deixa em terra e o impulsiona a andar quando é chegada a hora de que ele já saiba andar sozinho, assim fazem teus Mestres contigo, meu filho, já que chegaste antes que os outros, não só a andar em terra, mas a voar como essas águias que, em formosos dias de sol, voam muito alto até se perderem no imenso azul.

"Agora já és livre para estudar o que quiseres, para fazer concentrações, transportes, desdobramentos de teu Eu íntimo, irradiações de força magnética a distância ou em presença sobre os seres ou os elementos, segundo teu critério julgar razoável ou justo. No entanto, diante de alguma dúvida ou tropeço, bem sabes como procede-

mos todos nós: na concentração mental da noite, e todos em conjunto, fazemos uma hora de consulta e comentários. Faze de conta que és um dos nossos, o mais jovem em idade física, é verdade, porém o mais idoso como espírito."

– Quereis dizer com isto – falou Jhasua – que já me considerais um homem que deve governar-se sozinho nas coisas da alma?

– Sozinho, disseste? Não, meu filho – respondeu o Servidor. – Um Essênio jamais está só, visto que caminha guiado pela Lei. Em seu vivo resplendor estão todos nossos grandes Mestres: Isaías, Elias, Eliseu, Ezequiel, Jeremias, Miquéias, Daniel e outros tantos que conheces e leste, assim como eu também. Como nossa Lei nos ensina a forma de invocá-los e receber suas mensagens quando é necessário, o Essênio deve ter a convicção de que jamais está só.

Desta conversação com seus Mestres, surgiu em Jhasua a idéia de escrever um diário em sua caderneta de bolso. Para sentir-se menos só, escrevia ali, dia por dia, suas impressões, lutas, ansiedades e aspirações mais íntimas.

Seu diário começava assim:

"Senhor Deus dos grandes e dos pequenos! Os homens deixam-me só, porque julgam que já sou árvore forte que pode afrontar sem apoio nem sustento as sacudidelas do vendaval.

"Diante de Ti, Senhor, sou sempre o menino que começa a andar.

"Meu Pai, que estás nos Céus e em tudo quanto vibra em Tua Criação Universal... que estás dentro de mim mesmo! ... Não me deixes em solidão como as outras criaturas me deixaram, porque sabes o que elas esquecem: que meu coração de homem é de carne, e necessita do calor dos afetos da família, da ternura, da amizade e da doçura inefável dos amores puros e santos.

"Tu sabes como eu sou, meu Pai, como estou formado com Tua Essência, com Tuas fibras, com Teus átomos! ... Minha alma, borbulha de Tua Eterna Luz, está encerrada em matéria densa que caminha pela terra onde há sarçais que se prendem nas vestes, e lodo que mancha os pés! ...

"Meu Pai eterno! Meu Amor infinito! Minha Luz inextinguível! Minha Verdade Suprema! ... Enche meus vazios insondáveis, e que se derramem teus mananciais em mim de sorte que eu tenha tudo sem ter nada! Que tua plenitude soberana baste para todas minhas ansiedades!"

Em outro dia escreveu:

"Hoje comecei meus exercícios de telepatia com José de Arimathéia. Ao transmitir meu pensamento, pondo-me em contato com ele, senti uma vibração de dor, quase de angústia. Pareceu-me que ele devia ter um de seus familiares gravemente enfermo. Logo em seguida fiquei convencido de que realmente era assim.

"Concentrei-me profundamente e, depois de grande esforço, pude transportar-me espiritualmente até seu lado. Encontrei-o sozinho junto ao leito de sua única filhinha atacada de febre infecciosa. Quando eu irradiava força magnética sobre ela, José pensou em mim com tanta intensidade que minha alma se comoveu profundamente. Creio que a menina está salva da morte.

"Meu Pai, que estás nos Céus e dentro de mim! Dou-te graças porque não me deixaste só! Estavas em mim quando eu dizia à menina: 'Quero que fiques boa. Levanta-te.'

"Sentado no bordo da fonte onde tantas vezes falei e escutei a Nebai, transmiti-lhe meu pensamento para Ribla.

"Senti uma profunda vibração de tristeza e solidão.

"Junto ao canteiro das glicínias, eu a vi com sua mãe que tocava alaúde.

"Compreendi que ainda não me vê, mas sentiu a vibração de minha presença espiritual, porque vi correrem duas lágrimas por seu rosto, as quais ocultou entre as mãos e apoiou a cabeça no ombro de sua mãe.

"Dei-lhe tanto amor, consolo e esperança que se animou rapidamente e, procurando sua caderneta, escreveu estas palavras:

"– Hoje senti como se Jhasua me houvesse falado, dizendo que me acompanha a distância, e que me enviará uma carta pela próxima caravana.

" 'Ó Jhasua! ... Quão bom é teu pensamento que, dessa forma, afugenta a tristeza e o desalento de minha alma.'

"Logo poderei comprovar se isto é realidade. A caravana passa por Ribla amanhã, domingo. Na metade da semana, estará ela passando no caminho defronte ao Santuário. Virá uma carta de Nebai que me falará disso? Esperemos.

"Graças, meu Pai Eterno, pelo dom divino do pensamento dado às Tuas criaturas!

"São as asas para voar que lhes deste e que elas não querem ou não sabem usar!"

Dois dias depois, Jhasua escrevia em sua caderneta:

"Chegou a mim, como um grito de angústia, o pensamento de Nicolás de Damasco. Uma concentração mental profunda me deu a chave do assunto. Muito embora tenha querido transportar-me espiritualmente à sua residência em Jerusalém, vi-me impedido de entrar.

"Realizando-se em sua casa as assembléias da Escola Secreta, pressinto que isso foi descoberto através de um discípulo traidor, e os esbirros do Pontífice invadiram o recinto e aprisionaram alguns.

"Empenham-se em encontrar vestígios da aparição do Messias nesta Terra, e o Sinédrio que vive temeroso de que a Luz rompa as trevas que ocultam sua vida delituosa, lançam-se a sangue e fogo contra todos aqueles que possam servir de instrumento da verdade.

"Inquieta-me sobremaneira o impedimento de penetrar espiritualmente na residência de Nicolás. Uma forte intuição me diz que há ali seres contrários formando uma espessa barreira de ódios que não posso romper sem expor-me a um transtorno nervoso ou mental que a nada conduziria.

"Meu Pai, justo e bom! ... Fortalece teus escolhidos para que ampliem como o mar seu coração, e perdoem aos perjuros, aos traidores e aos ingratos, que, tendo recebido tudo de teus santos, os atraiçoam, esquecem e arrastam-se pelo pó para engrandecer-se e gozarem junto do pranto e da dor daqueles que lhes deram vida, luz, ternura e calor!"

No dia seguinte continuava deste modo:

"Meu bom e querido Nicodemos visitou-me em minha concentração espiritual desta noite.

"De sua mensagem espiritual extraio este resumo: 'Nossa Escola de Jerusalém foi descoberta, porque um jovem Levita caiu vítima da sugestão que sobre ele exerce o desejo de grandeza em certos seres.

" 'O Conselho de Vigilância do Sinédrio ofereceu grandes prebendas no Templo a todo Levita que dê aviso de locais de reuniões cabalísticas, onde se faça a revisão dos Livros de Moisés, ou da aparição do Messias Libertador de Israel.

" 'Nicolás, como dono da casa, foi chamado para responder ao alto Tribunal.

" 'Esperam que saia bem em suas respostas e que haverá benevolência com ele, porque seu tio Gamaliel e um amigo de José de Arimathéia fazem parte desse tribunal.'

"Que obscuro enigma é a alma do homem! ... penso enquanto vou anotando as mensagens mentais daqueles que me são queridos e me amam.

"Todo Israel, desde o trono pontifício até o mais infeliz lenhador, vibra numa aspiração conjunta pelo Messias-Libertador, promessa de séculos feita aos hebreus por seus guias e protetores.

"No entanto, os poderosos magnatas sentem um inquieto alarme quando, no meio do povo, se formam agrupações preparatórias para a chegada do Messias. Por quê? ... Que temem?

"Todo o bem que ele trouxer como Filho de Deus, como Enviado Divino, será comum para todos. Será como a chegada do filho do Rei, que o envia a seu povo para aliviar suas fadigas, seus cansaços e brindá-lo com o banquete eterno do amor. Caberá aqui o temor, o alarme ou a inquietação?

"Desfolhando estas reflexões como flores mentais, vou caminhando para trás no panorama de minhas recordações, como se retrocedesse um caminho que fiz em meus 12 anos. Vi a cidade de Jerusalém. Vi o Templo, desde os pórticos até o mais afastado de seus porões. Vi também até a portinha de escape, e o grande portão das carruagens e dos animais.

"O Templo de Jehová era um mercado e um degoladouro. O sangue dos animais degolados corria por um aqueduto de mármore lavrado no pavimento, desde o altar dos sacrifícios até o poço branco, de onde o extraíam com cântaros para preparar manjares que deleitavam os convivas nos banquetes dos magnatas.

"Nos pátios interiores, quadras, cavalariças e até entre as árvores, os traficantes e mercadores, com roupas ensangüentadas e mãos imundas, arrebatavam as carnes ainda quentes, a gordura, as vísceras fumegantes, e entregavam bolsas de prata e ouro aos agentes sacerdotais encarregados de tão lucrativo comércio.

"Não será esta abominação imunda, esta sacrílega profanação da Casa de Deus, o que engendra inquietação aos príncipes do clero, quando o pensamento do Messias cruza, como um meteoro, pelo horizonte nebuloso de seu raciocínio?

"Não virá o Messias com os poderes de Moisés e açoitará de múltiplas maneiras os dirigentes de Israel, como ao Faraó egípcio pela dureza de seu coração?

"Não acabará com a iníqua matança de animais como símbolo de uma fé sangrenta, nutrida e alimentada com o horrendo suplício de inocentes animais?

"Parece-me que todas estas perguntas golpeiam as mentes sacerdotais e pontificais, produzindo, conseqüentemente, a inquietação e o alarme quando se comenta que o Messias chegou para colocar tudo em seu devido lugar."

Mais adiante estava escrito na caderneta de Jhasua:

"Hoje chegaram ao Santuário os Terapeutas que peregrinavam pelo sul. Vêm do Santuário do Monte Quarantana, trazendo um carregamento de cartas que os amigos daquelas regiões me dedicam. Tão amorosas, tão ternas, tão cheias de nobreza, que deixei cair meu pranto sobre elas!

"Jacobo e Bartolomeu, os moços da cabana de Andrés, porteiros do Santuário, a mãe Bethsabé, enamorada de seus netinhos, para os quais me pede muitos beijos pelo ar; meus tios Elcana e Sara, de Bethlehem, onde nasci, meus primeiros amigos de recém-nascido, Alfeu, Josias e Eleázar, que relatam as mil encruzilhadas de suas vidas laboriosas e justas; a tia Lia, de Jerusalém, temerosa por suas filhas casadas com José de Arimathéia e Nicodemos, pertencentes à Escola Secreta de Cabala, recentemente descoberta pelo Sinédrio.

"Ó meu Pai, que estás nos Céus infinitos e que vês soçobrar teus filhos indefesos e débeis ante a prepotência dos poderosos!

"Necessitas, acaso, que eu te peça para ajudá-los? Tu sabes, vês e sentes tudo,

porque todos somos como os fios dos cabelos de tua cabeleira de Luz que tudo penetra e tudo envolve!

"Todos eles vivem em teu amor, meu Pai eterno, e Tu vives neles porque são teus como eu o sou para toda a eternidade!"

E a lama pura e luminosa de Jhasua continuava esvaziando-se como um vaso de água clara sobre as páginas de sua caderneta de bolso.

A maior parte dos trabalhos que eram feitos nos Santuários Essênios consistia em aumentar as cópias de toda escritura antiga para que pudessem ser conhecidas por todos os filiados da Fraternidade Essênia.

Também eram feitos trabalhos manuais, como móveis e utensílios necessários; além do cultivo do horto que lhes proporcionava grande parte de sua alimentação.

Os Anciãos sabiam muito bem, por avisos espirituais, que a vida de Jhasua sobre a Terra seria breve, e era necessário aproveitar bem seu tempo em ampliar cada vez mais seus conhecimentos superiores, para que, quando chegasse a hora de apresentar-se à Humanidade como seu Instrutor, não lhe faltasse nada por saber. Dessa forma, sem dar-lhe explicações, destinaram seu trabalho de preferência para as cópias, pois que, ao fazê-las, ia bebendo, gota a gota, a Divina Sabedoria que subiu a tão extraordinárias alturas em épocas distantes, nas quais outras Escolas e Fraternidades haviam cooperado com o Espírito-Luz, na marca evolutiva da Humanidade.

Sem descuidar-se desta tarefa, o jovem Mestre sempre encontrou tempo para seus exercícios espirituais, nos quais demonstrou perseverança invencível. Fazia três concentrações mentais diárias: na saída do sol, no ocaso e na segunda hora da noite que, em nossos horários, equivale às dez da noite.

Eram esses os horários de seus encontros espirituais de amor, de terna amizade, de irmandade ideológica, que serviam de estímulo ao coração amoroso do Cristo encarnado.

Tendo vindo à Terra para amar até morrer, sentia, mais profundamente que qualquer outro, a necessidade de amar e de ser amado com essa nobre lealdade das almas justas, para as quais é delito grave a traição à amizade, ao amor e à união das almas destinadas a caminharem juntas na vida, através da eternidade.

Continuemos, leitor amigo, lendo no coração puro do Homem-Luz, refletido nas breves anotações de sua caderneta de bolso.

Sentado no bordo da fonte, na cabana de pedra, pouco antes buliçosa e alegre com os risos de Nebai, Jhasua escutava encantado o arrulo das pombas, seu bater de asas banhando-se na fonte, e o gorjeio dos melros azuis que se sentiam donos do horto solitário.

Seu olhar pousou em algo que a aragem da tarde agitava dentre um jasmineiro próximo, e viu pendente dele uma cestinha de junco da qual caía o avental azul de Nebai, esquecido, sem dúvida, por ela mesma em suas correrias pelo horto, quando brincava de esconder com sua gazela favorita.

A alma delicada e sensitiva de Jhasua, aos 19 anos de vida física, percebeu algo como um poema mudo naqueles objetos esquecidos ali por sua dona, que, já há duas semanas, se achava em Ribla.

Em sua imaginação ardente e genial, esboçou-se a imagem da adolescente com seu avental azul e sua cestinha no braço a recolher jasmins e rosas para o altar do lar, onde, segundo o uso essênio, se guardava o livro da Lei e os livros dos Profetas.

Seu espírito estava profundamente submerso em si mesmo com a facilidade maravilhosa que possuem os contemplativos por natureza e pelo hábito de fazê-lo.

Passada uma hora, voltou à realidade desse momento e esvaziou no *Diário* seu sentir mais íntimo e mais terno:

"Nebai – escreveu emocionado –, tua cestinha de recolher flores e teu avental azul foram os fios mágicos que, esta tarde, me levaram até junto de ti. Eu te vi, meiga jovem de minha adolescência, não mais correndo como então atrás de tua gazela, mas tal como estás agora, grave, meditativa e cantando os versos de Homero, acompanhada por teu aláude.

"Cantavas o salmo no qual o poeta se queixa de que nenhuma alma humana compreende o gemido de seu coração na solidão do desterro. Ó Nebai! ... compreendi que tua alma chorava nesse salmo como a do poeta imortal, de cujo coração estás bebendo as lágrimas com avidez sedenta.

"Ao aproximar-me de ti em espírito, ouvi dizer: 'Jhasua! ... Sinto-me num desterro porque compreendi que, para mim, a pátria és tu, o amigo verdadeiro és tu ... o ar benéfico e o astro protetor és tu! A beleza da fonte das pombas, dos jasmineiros em flor, de todo aquele horto que me parecia encantado, eras tu, Jhasua, que o enchias todo com esse algo do céu que tens, e que não se encontra em nenhuma parte, a não ser em ti!'

"Fiz um esforço mental e me senti ajudado por forças astrais e magnéticas, e minha visão ante Nebai adquiriu alguma densidade. Compreendi que chegou a ver-me por um momento, porque soltou o alaúde e abriu os braços como para abraçar-se a algo que via. A própria vibração forte de suas emoções diluiu a visão, e ela compreendeu que minha promessa começava a cumprir-se, porque a ouvi dizer:

" 'Obrigada, Jhasua, por tua primeira visita! Perdoa-me se havia chegado a duvidar de ti em razão da tristeza da longa espera! Julgava que a pobre Nebai ausente houvesse sido esquecida. Tu não esqueces, Jhasua, como os demais seres, porque és diferente dos demais.'

"Nebai tem somente 15 anos, demasiado pouco para pensar tão profundamente. Já é capaz de analisar a diferença que há entre uns seres e outros. Durante 15 anos não pôde conhecer outras amizades. Como sabe que sou diferente dos demais seres? Eis aí uma prova de que a alma vem de muito longe e percorreu milhares de jornadas na terna viagem. Ó Nebai! ... pequena Nebai, Núbia dos Kobdas, Esther dominadora de Assuero, Judith vencedora de Holofernes ... quem serás neste e nos séculos futuros? ...

"Deus te abençoe, mulher sublime, alma de luz e de fogo que nesta hora cruzaste em meu caminho como uma calhandra branca para cantar para mim a estrofe imortal do amor que vibra nos planos sutis e puros onde é eterno, inextinguível, sem sombras e semelhante a Deus, de quem emana!

"Obrigado, criatura de Deus, pela dádiva divina de teu amor, que me dás como se dá uma flor, uma vasilha de água, uma redoma de essências! ... Obrigado, Nebai!"

Uma noite, durante a concentração mental no meio dos Anciãos Mestres, e quando irradiava seu pensamento sobre todos aqueles que seu coração amava como um incêndio de luz desprendido da imensidão, sentiu Jhasua a tristeza íntima de sua mãe, que nesse momento pensava nele.

Prestou atenção, evocou-a, chamou-a com sua alma a vibrar de emoção e de amor, e percebeu que ela, crendo-o presente a seu lado, levantou-se imediatamente em seu leito, dizendo: "Jhasua!, meu filho! Como vens a esta hora?"

Tão intenso havia sido o chamado que a ansiosa mãe o confundiu como a voz física de seu filho ... o amado filho que sempre estava em sua mente como uma estrela silenciosa que a iluminava! ...

Quando ela se convenceu de que era um sonho de seu amor, segundo julgou, começou a chorar silenciosamente para não ser percebida pelos demais familiares, que dormiam em alcovas imediatas.

No entanto, cada soluço da mãe vibrava na alma do filho como a elegia triste de um aláude a chorar nas trevas.

Jhasua concentrou-se ainda mais profundamente, enquanto orava ao Autor Supremo de toda a Luz.

"Meu Pai! ... Permite que eu veja!" – Transportou-se a seu lar e viu ...

Mas vamos continuar, leitor amigo, folheando sua caderneta onde ele escreveu sua observação nessa mesma noite, quando voltou à sua alcova solitária:

"Na concentração desta noite visitei minha mãe, cuja tristeza recolhi ao irradiar meu pensamento sobre todos aqueles que meu coração ama. Em razão disto, passou a hora da concentração sem dar-me tempo para irradiar o pensamento sobre todos os seres da Terra, conforme ordena a Lei!

"Meu Pai, que és o Amor Eterno, incomensurável! ... Perdoa minha debilidade e pequenez! Ainda sou egoísta, meu Pai, e meu coração de carne cheio de amor dos meus ... minha mãe fez-me esquecer as demais criaturas ... todas tuas ... nascidas de Ti mesmo, como o meu corpo nasceu de minha mãe!"

Tranqüilizada sua consciência por esta confidência à Divindade, Jhasua escreveu novamente:

"Há profunda tristeza em meu lar. Vi meu pai enfermo. Deve ter tido algum grave desgosto, e seu coração foi afetado profundamente. Jhosuelin não consegue, com todos seus esforços, vigorizar seu organismo que se entrega à Sua Lei, a qual determina pouca vida física nesta hora de seu caminho eterno.

"Ana, minha irmã, entristecida também porque Marcos, pertencente à Escola Secreta, foi detido, contribui ainda mais para formar o pesado ambiente de angústia que encontro em meu lar.

"Ao amanhecer, pôr-me-ei a caminho de Nazareth.

"Evitarei a viagem que os Terapeutas pensavam em fazer depois de amanhã. O que eles deviam fazer, farei eu.

"Graças, meu Pai, pelos dons divinos com os quais encheste a alma humana!

"Teus poderes, tuas magnificências, tua força de amor, tudo nos deste sem deixar-nos com falta de nada ... e a infeliz criatura humana, presa como um molusco ao pântano, esquece sua nobre condição de filha de Deus para continuar indefinidamente sua vida letárgica de verme! ..."

Tal como vimos escrito em seu *Diário*, assim o fez. Duas horas depois da saída do sol, Jhasua abraçava seus pais, que tiveram a mais formosa surpresa. Era a primeira vez que chegava sem aviso prévio.

– Orando ao Senhor por vós – disse – eu vos vi tristes por muitas razões, e vim para consolar-vos.

"Nenhuma das coisas que vos afligem são irremediáveis."

– Como sabes disto, meu filho? – perguntou seu pai.

– A oração, meu pai, é a comunicação íntima de nossa alma com Deus. Como Ele sabe, vê e sente tudo, a alma unida a Deus na oração pode saber, sentir e ver muito do que Ele vê, sabe e sente.

"Em minha oração de ontem à noite compreendi vossa tristeza e aqui estou. Saí ao amanhecer. Vim pelo caminho dos Terapeutas que, embora seja mais áspero, é mais curto que o das caravanas. Com 19 anos, bem posso saltar por entre os penhascos."

Para aqueles felizes pais nenhuma recompensa podia igualar ao amor de tal filho ... havia corrido riscos e saltado pedras entre arroios que cortavam o caminho, na semi-obscuridade do amanhecer, para chegar até onde se achava a tristeza, como um raio de sol a penetrar nas trevas de um calabouço.

Joseph esqueceu a afecção do coração. Myriam não chorou mais. Jhosuelin sentiu novas energias em seu organismo esgotado. Ana já via Marcos livre, e o tio Jaime, previdente em tudo, trouxe um grande fardo de farinha, mel e manteiga do mercado, porque adivinhou que, em tal dia, deveria haver grandes atividades na cozinha de Myriam.

Jhasua permaneceu durante uma lua no lar, enchendo-o todo de paz e amor.

Ao explicar detalhadamente como, durante a oração, havia percebido suas angústias, surgiu em todos eles o desejo de cultivar mais esmeradamente o treinamento na transmissão e percepção do pensamento, esse mensageiro divino dado por Deus a toda criatura humana.

No grande cenáculo que só era usado quando havia numerosos hóspedes, formaram um compartimento dividido por espessas cortinas de tecidos de Damasco; era o que de mais suntuoso podia permitir a si mesmo um artesão de posição média.

Aquele seria o recinto de oração, onde os familiares se reuniriam nas mesmas horas em que Jhasua fazia as concentrações diárias, com o fim de que suas almas se encontrassem unidas no seio de Deus, nos momentos de elevação espiritual.

– Se assim nos encontrarmos três vezes cada dia, a que fica reduzida a ausência? – observou Jhasua.

"Falar-me-eis no silêncio do Pensamento, e eu vos responderei.

"Procederam sempre de tal forma nossos Mestres, os Profetas, que, mercê do grau de sua união com a Divindade, se convertiam em mensageiros d'Ela para com os homens. Daí surgiu a equivocada idéia de que o Senhor tem filhos privilegiados, aos quais manifesta Sua Vontade com luzes especiais.

"Em realidade, ocorre isto: uns filhos pensam em unir-se ao Pai Celestial pela oração, e outros não pensam jamais nisto.

"Os que se aproximam d'Ele com o coração limpo de toda maldade são iluminados, e de sua perseverança nesta aproximação vêm, necessariamente, as elevadas percepções da alma que, submergida em Deus através da oração, adquire grande lucidez em tudo e para tudo."

Durante os últimos dias de sua visita ao lar, Jhasua realizou suas concentrações espirituais juntamente com seus familiares, aos quais recomendou se colocassem sempre no mesmo lugar, em torno da pequena mesa, sobre a qual ele colocou a Lei e os livros dos Profetas.

Idêntico trabalho realizou nas casas familiares de Simão e de Zebedeu, seus amigos do Lago, de onde um dia deviam sair dois de seus discípulos íntimos: Pedro e João. Disse-lhes:

– Assim como fiz convosco, fazei também com vossos amigos íntimos e, deste modo, ajudar-me-eis a estender sobre a Terra o véu brando do amor e da paz.

"Não dizeis que sou Profeta? Cooperai comigo em aproximar esta Humanidade de Deus. Tal é a missão dos Profetas."

Na madrugada do trigésimo dia, empreendeu o regresso ao Santuário, acompanhado, até a metade do caminho, pelo tio Jaime.

Escutemos sua conversação:

– Jhasua – disse seu tio. – Deves saber que teu pai quis que fosse eu o administrador de teus bens, e, como já estás nos 19 anos, creio que devo prestar-te contas disto.

– Bens? ... mas ... tenho eu bens, tio Jaime? – perguntou intrigado.

– Como? Não sabes? São as remessas enviadas por aqueles três homens justos

e sábios vindos do Oriente, trazidos a este país pelo aviso dos astros. Essas remessas foram acumuladas desde teu nascimento.

"Gaspar, Melchor e Baltasar não falharam um único ano em enviar o ouro que prometeram para cooperar em tua educação e no bem-estar de tua família.

"Teu pai, dedicado em extremo, somente permitiu a si mesmo tomar uma pequena soma quando tinhas, creio, 17 meses. Deixou a oficina a meu cuidado para fugir contigo e Myriam para o Hermon, a fim de ocultar-te da perseguição de Rabsaces, o mago de Herodes."

– Se me houvesses falado disto antes de sair, tio Jaime, eu teria convencido meu pai de que esses bens são seus e que poderia dispor deles como lhe agradasse.

– Os filhos de Joseph – acrescentou Jaime – ignoram completamente essas remessas dos astrólogos orientais. Joseph não quer que o saibam, com exceção de Ana e Jhosuelin, que são alma e coração contigo.

– Bem, tio Jaime, já que meu pai te nomeou administrador desse ouro doado a mim, dir-te-ei minha vontade a esse respeito.

"Vi que a oficina necessita de reparos indispensáveis para preservar das chuvas e do sol as madeiras para as obras. As cobertas de bambu e de junco estão caindo. Também o muro que rodeia o horto está em ruínas. É pena deixar que se destrua tudo, enquanto o ouro continua guardado na bolsa!

"Para que serve o ouro, a não ser para se desfrutar um pouco mais de comodidade e de bem-estar?"

– E tu, Jhasua, nada queres para teu uso? Não necessitas nada? – perguntou Jaime.

– Que queres que eu necessite no Santuário? Meu vestuário é dado por meus pais; o alimento é dado pelo Pai Celestial. Que mais posso necessitar?

"Cuida para que nos abrigos que os Terapeutas mantêm para os refugiados, estes não sofram fome nem desnudez. O Pai Celestial não te perdoará, tio Jaime, se, guardando esse ouro, deixares sofrer fome a algumas de suas criaturas.

"Do mesmo modo, não permitas que meu pai sofra inquietações com relação ao pagamento de suas dívidas para com os fornecedores e os operários. A prolongação de sua vida depende de sua maior tranqüilidade.

"Tu e Jhosuelin bem poderíeis combinar entre si para aliviá-lo de todo peso."

– Oh, Jhasua! Não conheces teu pai! É tão escrupuloso em questão de dinheiro, que ele quer saber tudo.

– Pois bem! Que ele saiba que eu te autorizei a cobrir qualquer déficit que lhe possa trazer inquietações.

"Irás acompanhar-me, tio Jaime, a visitar, um dia, esses três homens de Deus que cuidam de mim desde que nasci – acrescentou Jhasua depois de alguns momentos de silêncio."

– Quando será essa viagem? Procura lembrar que há uma em projeto para quando tiveres 21 anos.

– Sim, a do Egito, para reunir-me com Fílon de Alexandria.

"Então poderei visitar Melchor na Arábia. Ele tem sua escola próxima ao Sinai.

"Visitaremos a Baltasar em Susan no próximo ano. É o mais idoso, e temo que a morte me ganhe a dianteira. Talvez, então, eu visite também a Gaspar.

"Aos três enviarei cartas neste sentido.

"Até agora foram os Anciãos do Tabor que enviavam notícias minhas, pelo fato de eu ser ainda muito jovem. No entanto, agora que já sou homem, devo fazê-lo eu mesmo."

Logo depois de Jhasua se encontrar no Santuário, manifestou aos Anciãos, na reunião da noite, seus desejos de visitar os sábios astrólogos do Oriente, que, desde seu nascimento, se haviam preocupado com o bem-estar material dele.

– Meu filho – disse o Servidor –, de acordo com um entendimento feito entre eles, teus pais e nós, deveríamos inteirar-te destes assuntos somente aos 20 anos, que ainda não tens. Mas, visto como o soubeste antes, falemos disto agora já que faltam apenas alguns meses para que entres na idade fixada.

"Não julgues que tenhas ficado mal perante eles por teu silêncio, pois eles mesmos assim o quiseram.

"Agora queres visitá-los em vista de tua delicadeza, ao saberes que foste favorecido por eles. Isto faz com que te sintas compelido em tal sentido, e era isto justamente que eles queriam evitar, a fim de que nada perturbasse a quietude de teu espírito durante o desenvolvimento da infância e o desenrolar da adolescência.

"Como superiores mestres de almas, os sábios orientais dão o valor que as inquietações prematuras produzem nos corpos em formação e crescimento, e tratam de evitar a repercussão no espírito.

"Para que teu espírito chegasse à plenitude a que está chamado a atingir, trataram eles de evitar angústias e terrores, comuns nos lares açoitados por todo gênero de contingências.

"Em nossas crônicas, que agora já podes conhecer, encontrarás, com detalhes, a correspondência que a Fraternidade Essênia manteve com os três sábios astrólogos que te visitaram no berço.

"As mensagens chegavam pelas caravanas ao Santuário do Monte Hermon, no Líbano, com a remessa anual de trinta moedas de ouro, dez de cada um de teus três protetores.

"Numa pobre casinha do subúrbio de Ribla, hospedagem habitual de nossos Terapeutas peregrinos, eram recebidas as mensagens e o donativo, que vinham até nós e, em seguida, eram passados a teus pais, sempre levado por nossos Terapeutas."

– Por que não me falastes dessa casinha-refúgio em Ribla, para que eu a tivesse visitado como se visita um templo? – perguntou Jhasua.

– Pelas mesmas razões anteriormente ditas, meu filho. O silêncio, quando se promete guardá-lo, é sagrado para todo Essênio. Esperávamos que entrasses na maturidade de tua juventude, à qual chegaste com toda a plenitude de teu espírito, conforme nos esforçamos por fazer-te atingir.

"Jhasua ... és o Enviado do Altíssimo para a salvação da Humanidade nesta época de sua evolução, e tudo quanto fizéssemos por tua personalidade espiritual nunca seria demasiado.

"Na primeira vez que fores a Ribla, poderás visitar o Refúgio.

"A doação de teus protetores está, como já sabes, nas mãos de teus pais. Entretanto, as mensagens de ordem espiritual e as cartas cruzadas entre os astrólogos orientais e nós, estão em nossas crônicas, e são cópias dos originais que se encontram no Grande Santuário do Moab, conforme determina nossa Lei.

"O irmão cronista fica autorizado a mostrar-te tudo quanto recebemos, em relação a ti, de teus sábios protetores e amigos."

– Obrigado, Servidor! – exclamou o jovem Mestre. – Vejo que sou devedor de todos e por tudo; e que não me é suficiente uma existência para pagar a todos.

– Não te preocupes com isto, pois já está tudo pago só com tua presença aqui junto de nós e pelo fato de havermos sido designados pela Eterna Lei para formar teu ninho espiritual nesta oportunidade de tua carreira messiânica.

Jhasua, numa explosão de amor das que só ele era capaz, ajoelhou-se sobre o pavimento em plena reunião, e, levantando ao Céu seus olhos e seus braços, exclamou:

– Meu Pai, que és Amor Eterno! ... Senhor e Criador de tudo quanto existe, sê tu quem pague por mim a todos quantos me fizeram bem na Terra.

O Servidor levantou-o de sua prostração e abraçou-o ternamente.

– Este abraço e este momento – disse – foi antecipado em nove luas que faltam para completar teus 20 anos. O Deus do Amor assim o quis.

Os outros Anciãos o abraçaram da mesma forma, dizendo todos frases cheias de ternura e esperança para que lhe servissem de alento e estímulo ao entrar na segunda etapa de sua missão como Instrutor e Enviado Divino.

Um deles, originário de Pasárgada (*), na Pérsia, que, por seu maior conhecimento daquela língua, era quem havia mantido a correspondência com o sábio astrólogo Baltasar, disse a Jhasua:

– Numa de suas cartas disse ele que, num momento de grandes dores ocorridas em sua vida, em virtude da ignorância humana, teve a debilidade de pedir a morte por falta de valor para continuar a vida na posição espiritual em que se encontrava; e que tu, Jhasua, o visitaste no sonho quando tinhas 13 anos de vida física. Ainda perdurava em ti a impressão sofrida em tua visita ao Templo de Jerusalém e, para consolar a Baltasar pelas misérias humanas que o atormentavam, mencionaste tua dor por uma idêntica causa e em tão curta idade.

"Ele nos pediu a comprovação de que o havias visitado durante teu sono. Através do Terapeuta, que te visitava a cada lua, ficamos a par de tuas impressões sobre o Templo de Jerusalém.

"Menciono isto para que saibas até que ponto estás ligado espiritualmente com Baltasar, esse teu nobre e sábio protetor.

"Tua visita a ele seria oportuna na Babilônia (**), onde passa os meses do verão."

O Servidor anunciou que era chegada a hora da concentração mental, e um silêncio profundo se fez imediatamente.

Velada a luz do recinto na suave penumbra violeta impregnada de essências, a se queimarem nos piveteiros, e ao som das melodias de um aláude vibrando delicadamente, as almas contemplativas dos solitários se desprenderam facilmente da Terra para buscar nos planos superiores a Luz, a Sabedoria e o Amor.

Pelo transe de um dos mestres, foi anunciado que algumas Inteligências encarnadas iam manifestar-se, enquanto seus corpos físicos descansavam no sono.

Este aviso indicava que deviam tomar as mais extremas medidas para a maior quietude e serenidade da mente, a fim de não causar dano algum aos adormecidos, cujos espíritos, momentaneamente desprendidos da matéria, chegariam até o recinto.

O fio mágico da telepatia, tão cultivada pelos mestres espirituais de todos os tempos, havia captado a vibração do pensamento de Jhasua para seus três protetores e amigos a tão grande distância. Depois de suave silêncio na penumbra, o transe se produziu no Mestre Asan, o persa, logo a seguir em Bad Aba, o cronista, e depois no mais jovem dos Terapeutas-Peregrinos, que se encontrava em repouso de suas continuadas viagens. Chamava-se Somed e era de origem árabe.

As Inteligências Superiores, guias da última encarnação Messiânica de Jhasua, haviam, sem dúvida, recolhido os fios invisíveis dos pensamentos, unindo-se como

---

(*) Chama-se Hurgab na atualidade (N.T.).

(**) Suas ruínas ainda existem a 160 km a S.O. de Bagdad (N.T.).

cabos de ouro na imensidão infinita, e a união das almas efetuava-se natural e suavemente, sob o olhar eterno da Suprema Inteligência, que deu à criatura humana os dons divinos do pensamento e do amor.

Os três sábios astrólogos que, há 19 anos, se haviam unido no plano físico sem se buscarem, para visitar o Verbo recém-encarnado, acabavam de unir-se também no espaço infinito para acudir ao chamado de sua amorosa gratidão, inquieta já por derramar-se em ternura naqueles que, a longa distância, tanto o haviam amado.

O mago divino do Amor é sempre invencível quando busca o amor.

Na penumbra violeta daquele santuário de rochas, ouviram-se estes três nomes, pronunciados pelos três médiuns em transe:

– Baltasar, Gaspar, Melchor.

– Teu amor, Jhasua, nos traz enlaçados com fios de seda – disse Baltasar, que falou em primeiro lugar. – Bendigo ao Altíssimo que me permitiu ver-te entrar na segunda etapa desta tua jornada para a elevação espiritual desta Humanidade. Não verei teu apostolado de Messias deste plano físico, mas do mundo espiritual, ao qual voltarás como triunfador para entrar na apoteose de uma glória conquistada com heróicos sacrifícios de muitos séculos.

"Teu amor, cheio de gratidão para com teus amigos do berço, projeta, já o vejo, uma visita pessoal e, muito embora ela ainda não tenha entrado em nosso programa, mas, se a Lei o permitir, bendita seja.

"No abraço supremo de dois sóis radiantes no infinito, chegaste à vida com a Luz de Deus, que Seu Amor Eterno derramou sobre ti para levar a lepra desta Humanidade."

– Gaspar de Shrinagar aproxima-se de ti em espírito, no segundo portal de tua vida física. Terminaste a educação espiritual ainda antes que teu Eu houvesse despertado na consciência de tua missão. A Luz que trazes acesa deslumbra a ti mesmo, e dir-se-ia que a encobres para não cegar a ninguém com seus vivos resplendores. No entanto, a hora chegará iniludivelmente em conseqüência da suprema clarividência de teu Eu Superior. Nessa ocasião, estaremos contigo, como o estivemos em teu berço, mas, provavelmente, do espaço infinito, aonde entrarás em gloriosa apoteose, enquanto *teus magos do Oriente* desintegrarão, em átomos imperceptíveis, a matéria que serviu para tua última jornada na Terra.

"A Eterna Lei que nos mandou cooperar com ela desde teu nascimento, ordena-nos também desfazer, como um véu sutil, tua envoltura de carne, e que seus átomos envolvam o Planeta que foi o altar santo de teus holocaustos de Redentor. Paz de Deus, Avatara Divino, em tua segunda etapa de vida terrestre."

Melchor, o humilde Melchor, o príncipe moreno que vivia lamentando aquele pecado de sua juventude, não ousou falar de pé, mas ajoelhado através do corpo do sensitivo no centro da reunião e dirigiu ao Verbo Encarnado estas breves palavras:

– A suprema felicidade de meu espírito me foi dada pela Eterna Lei ao permitir, Filho de Deus, beijar-te no berço, amparar-te em tua vida e acompanhar-te na saída triunfal do plano terrestre.

"Essa glória, essa felicidade suprema, é suficiente a meu espírito para sua eternidade de paz, de luz e de vida.

"Filho de Deus! ... abençoa teu servo, que não pede outra glória nem outra compensação que a de teu amor imortal!"

Jhasua não pôde conter-se mais e, chorando silenciosamente, aproximou-se do sensitivo que estendia seus braços para ele com viva ansiedade, e pondo-lhe as mãos sobre a cabeça, abençoou-o em nome de Deus.

A alma de Melchor que, através do transe, havia ocupado por breves momentos a matéria do sensitivo, desprendeu-se dentre os braços de Jhasua.

Os três sensitivos voltaram ao mesmo tempo a seu estado normal, e Jhasua encontrou-se de pé, sozinho, no centro da reunião. Com sua cabeça inclinada sobre o peito, parecia encurvado por um grande peso que fosse superior às suas forças.

Seus mestres compreenderam isto imediatamente.

O Servidor levantou-se e foi o primeiro a chegar até ele.

– A Luz vai sendo feita em teu caminho e te embarga por causa do assombro que quase chega ao espanto – disse ele a meia-voz.

Tomou-o pela mão direita e sentou-o a seu lado.

Ante as palavras do Servidor, todos ajudaram com sua força mental para que aquele estado vibratório, demasiado intenso, se tranqüilizasse pouco a pouco.

Aquela poderosa corrente adormeceu a Jhasua durante todo o tempo da concentração mental.

Quando despertou, estava tranqüilo e pôde desenvolver lucidamente o tema da dissertação espiritual costumeira, e que nessa noite correspondia, por turno, a ele. O assunto, convém esclarecer, que foi escolhido ex-professo, havia sido tirado por sorte de uma pequena cédula que dizia:

"A sarça ardente que Moisés viu."

Ao escutar seu comentário a respeito dessa passagem, todos compreenderam que Jhasua acabava de ver também em seu caminho, qual labareda viva, a primeira encruzilhada que decidiria sua senda final.

Muito embora no fundo de seu espírito houvesse grande serenidade, não pôde dormir nessa noite e, bem de madrugada, saiu de sua alcova para o pequeno vale sobre o qual se abriam as grutas.

Caminhando sem rumo fixo por entre o labirinto de montanhas e pequenos bosques, encontrou-se, sem pensar, na pobre cabana de Tobias, onde seus quatro moradores estavam já dedicados às suas fainas de cada dia.

Os dois moços, Aarão e Seth, curados completamente da paralisia em suas extremidades inferiores, ordenhavam ativamente as cabras, enquanto o pai, Tobias, ia fazendo-as sair dos estábulos e encaminhando-as aos lugares de pastoreio.

Beila, a boa mãe, rejuvenescida pela alegria de seus dois filhos fortes e sãos, adornada com seu avental branco, soberana na cozinha, tirava das brasas os pães dourados com que a família faria o desjejum.

Estes formosos quadros familiares levaram uma nova alegria de viver ao meditabundo Jhasua.

Tobias aproximou dele o mais novo cabritinho que levava nos braços. Aarão ofereceu-lhe uma caneca de leite espumoso e morno. Beila saiu da cozinha levando em seu avental pãezinhos quentes para o *menino santo*, como ela o chamava.

Aquele amor terno e simples, como uma écloga pastoril, encheu de emoção a alma sensível de Jhasua, que sorria para todos com olhares de indefinível sentimento de gratidão.

No meigo amor dos humildes dissolveu-se suavemente a penosa preocupação que os acontecimentos da noite anterior haviam produzido nele.

Naquela cozinha de pedra rústica, ao redor da lareira na qual ardiam grossos troncos de lenha, Jhasua sentiu-se novamente adolescente, quase menino, e compartilhou do desjejum familiar com grande alegria.

A família não cabia em si de felicidade com a inesperada surpresa, pois fazia já bastante tempo que Jhasua não os visitava.

Os amigos de Jerusalém, as cópias, o arquivo, a viagem a Nazareth, haviam ocupado todo seu tempo.

– Somente nós víamos de longe – disse Tobias – e isto era suficiente para nós.

"Antes de mudar-se para Ribla, o escultor nos disse que estáveis muito ocupado com pessoas vindas de Jerusalém" – acrescentou Seth.

– Sim, é verdade – respondeu Jhasua –, mas há outro motivo e me culpo grandemente dele. Como estava certo de que já estáveis tranqüilos e felizes, julguei, sem dúvida, que não necessitáveis de mim e, talvez, por isto, passei mais tempo sem vir.

– Quem não precisa da luz do sol, jovem de Deus? – perguntou rindo Beila, que se havia sentado junto a Jhasua para descascar castanhas recém-tiradas do fogo e colocar manteiga nas assadas.

– Nesse caso, mãe Beila, para mim, sois a luz do sol – disse Jhasua alegremente – e, provavelmente, graças ao interesse de que me ilumineis foi que vim aqui hoje.

– Como é isto? Que luz podemos ter para vos dar, nós humildes camponeses perdidos nestas montanhas? – perguntou Tobias.

– Sim, Tobias, isto mesmo! Não julgueis que o muito saber traga muita paz ao espírito. As profundezas da Ciência de Deus têm segredos que às vezes causam medo e espanto à alma, da mesma forma que nas profundezas do mar se encontram maravilhas que aterram.

"Ontem à noite eu estava sob uma impressão semelhante, e saí à montanha pedindo ao Pai Celestial a quietude interior que me faltava. Sem pensar cheguei aqui, e em vós encontrei a paz que havia perdido. Bem vedes, pois, que sou vosso devedor."

– No entanto, curastes nosso mal – disse Aarão – e também nosso rebanho e, desde então, faz dois anos, nosso olivar, o vinhedo e todo nosso horto parece como uma bênção do Deus.

– Até os castanheiros que estavam com pragas – acrescentou Beila – melhoraram, e reparai que boas castanhas nos têm dado.

– Na verdade – respondeu Jhasua – estão maravilhosas. Reparai quantas castanhas a mãe Beila descascou para mim!

– Todo bem veio convosco para esta casa, jovem santo – disse encantada a boa mulher – e ainda dizeis que ficais nosso devedor?!

– Eu sei o que digo, mãe Beila. Saí de minha alcova entristecido e agora me sinto feliz.

"Vosso amor me fez tanto bem quanto vossas castanhas com mel. Que Deus vos abençoe. Muito obrigado e, a propósito, sabeis que tenho uma idéia?

– Podereis dizer, pois mandais em minha casa.

– No Santuário ficamos sem porteiros, e bem sabeis que tal posto é de extrema confiança. O velho Simão foi levado para o Lago onde tem toda sua família. Quer morrer entre eles. Eu o visitei há três dias e ali ficaram dois de nossos Anciãos para lhe darem assistência.

"Julgo que o Servidor ficará contente se puderdes ocupar esse lugar. Não vos agradaria?"

– E como deixaremos isto? – perguntou Tobias.

– E por que haveis de deixar? O Santuário está tão próximo que, sem deixar isto, podeis servir-nos lá. Podereis atender de manhã e também algumas horas à tarde. Os moços e a mãe julgo que são suficientes para cuidar disto. Que dizeis?

– Que sim. Tudo que disserdes está bem – disse Beila. – Não faltava nada mais que nos opormos ao vosso desejo. Se os Anciãos também o quiserem, nada mais há que falar. Devemos ao Santuário tudo quanto temos.

– Está bem. Amanhã trarei a resolução definitiva. E será também o momento oportuno para que Aarão e Seth entrem na Fraternidade Essênia, já que seus pais o são desde há anos.

"A família porteira do Santuário deve estar unida espiritualmente com ele. Desta forma, meus amigos – disse Jhasua aos moços –, se quiserdes ser meus irmãos, sabei desde já que eu mesmo vos entregarei o manto branco do primeiro grau."

– Teremos muito que estudar? – perguntou Seth que era um pouco preguiçoso para as letras.

– Um pouquinho e, para que não te assustes, serei teu primeiro Mestre da Sagrada Escritura.

"Como vedes, algo bom saiu desta minha visita na madrugada. Nem tudo haveria de ser exclusivamente para comer castanhas com mel e pãezinhos dourados. Nem só de pão vive o homem."

Quando Jhasua se despediu, uma suave aura de alegria e de paz inundava a todos.

Também o jovem Mestre havia esquecido suas penosas preocupações. Tobias e seus filhos acompanharam-no até junto do Santuário, enquanto a boa mãe Beila repetia sentada no umbral de sua porta:

– É um Profeta de Deus! Onde ele entra, deixa tudo cheio de luz e de alegria! Que Jehová abençoe a feliz mãe que trouxe tal filho para a vida!

Talvez julgue o leitor que na vida de um Messias, Instrutor da Humanidade de um planeta, é demasiado insignificante o simples episódio que acabo de relatar. Realmente teria sido, se o mesmo não estivesse relacionado com acontecimentos que mais adiante foram pedras firmes nos alicerces do Cristianismo. A Eterna Lei vale-se de seres humildes e pequenos, ignorados da sociedade para levantar suas grandiosas obras de sabedoria e de amor.

A colocação da família de Tobias como porteiros do Santuário trouxe a aproximação de um menino órfão de mãe, com 10 anos de idade, filho de pai grego radicado em Sevthópolis, na Samaria, cujo nome era Felipe. Sua mãe era irmã de Beila, esposa de Tobias, a qual tomou o menino a seu cuidado, e os Mestres do Tabor cultivaram seu espírito. Como era muito turbulento e travesso, divertia grandemente a Jhasua que, provavelmente, não pensou jamais que aquele garotinho de 10 anos viria a ser anos depois um fervoroso pregador de sua doutrina, com o nome muito conhecido de *Diácono Felipe*, fundador da primeira Congregação Cristã da Samaria.

Voltemos novamente para a intimidade de Jhasua, santuário secreto e divino, no qual entramos em silêncio através de seu *Diário*, que é o espelho em que se deixava refletir.

Os nove meses que faltavam para chegar aos vinte anos passou dialogando consigo mesmo na profundeza de seu espírito que procurava sua lei com ânsia indescritível.

Durante esse tempo viveu tão intensamente sua vida interna que causa assombro ver o alto grau a que chegaram suas faculdades espirituais.

Os Anciãos afirmavam que, desde os tempos de Moisés, não se havia visto nada semelhante nem sequer nas Escolas mais consagradas às experiências supranormais.

Durante esse tempo ocorreu também um fato que vamos conhecer através de seu *Diário*.

"Em minhas três concentrações espirituais de hoje – escreveu em sua caderneta – senti, vi e ouvi algo muito singular. Do fundo de umas grutas bastante semelhantes a estas chamavam por meu nome, acrescentando os mesmos qualificativos messiânicos que alguns se alegram em dar-me.

"É um chamado espiritual sem vozes e sem sons que a alma só percebe nos silêncios profundos da meditação.

"Aqueles que chamam são encarnados e as grutas onde habitam estão na Samaria, entre as escarpadas montanhas que ficam à vista da cidade de Sevthópolis, ponto de reunião de todas as caravanas.

"Essas vozes clamorosas e dolentes pedem que eu lhes consiga o perdão da Fraternidade Essênia.

"– Somos Essênios – dizem-me – do terceiro e do quarto graus. A soberba apossou-se de nós, que quisemos erigir aqui um templo como o de Jerusalém, com seu deslumbrante pontificado. Como isto era sair da nossa lei, a proteção divina afastou-se de nós e, em vez de um templo nosso Santuário se converteu em covil de foragidos que nos acorrentaram, reduzindo-nos às mais tristes condições. Não restamos já, a não ser três dos vinte e cinco que éramos. Quase todos perecemos de fome e de frio. Outros conseguiram fugir.

" 'Messias, Salvador de Israel, tende piedade de nós!'

"Jamais ouvi dizer – continuava escrevendo Jhasua – que na Samaria houvesse um santuário Essênio entre as montanhas, como os demais.

"Ouvi falar e conheço o do Monte Hermon, onde estive oculto em minha meninice; o do Carmelo, onde curei minhas alucinações de menino; o do Monte Quarantana, onde recebi a visita dos Anciãos do Grande Santuário do Monte Moab, e este do Tabor, no qual recebi minha educação espiritual de jovem.

"Que santuário é esse donde pedem socorro? Os Anciãos nunca me disseram, para não descobrir, sem dúvida, o pecado de seus irmãos rebeldes à Lei.

"Não me agrada penetrar assim, como a traição, no segredo que eles provavelmente guardaram referente a isto, mas como hei de comprovar se isto é uma realidade, ou um laço enganoso estendido pelas inteligências malignas para desviar-me de meu caminho?

"Forçoso torna-se perguntar-lhes, confiando o que me ocorre.

"Meu espírito está condoído profundamente com estes chamados angustiosos.

"Em minha última concentração desta mesma noite a única coisa que pude fazer foi prometer-lhes mentalmente que trataria de remediá-los."

E o *Diário* fechou-se por essa noite.

Na manhã seguinte, depois da concentração mental matutina, Jhasua pediu ao Servidor que escutasse uma sua confidência íntima.

O Ancião levou-o a sua alcova onde, animado da grande ternura que guardava em seu coração para com o jovem Mestre, convidou-o a falar.

Jhasua mencionou tudo quanto havia ocorrido em suas concentrações mentais no dia anterior. Ouçamo-lo:

– Em cumprimento de nossa Lei e do que me haveis ensinado, depois de unir-me com a Divindade, estendo meu pensamento de amor para todos os que sofrem, primeiro entre os conhecidos e os lugares próximos, e depois para todo o Planeta.

"Por circunstâncias especiais, ocupei-me com Felipe, o filho adotivo de Beila, e meu pensamento transportou-se a Sevthópolis, onde vive seu pai, que no conceito de Tobias, nosso atual porteiro, exerce um comércio bastante delituoso: a compra de escravos.

"Ocupava-me do pai do menino em minha oração, quando senti angustiosos chamados de uns Essênios acorrentados numas grutas próximas dessa cidade.

"Tais vozes me pedem que consiga para eles o perdão da Fraternidade Essênia, porque reconhecem haver pecado contra a lei.

"Tão insistentes chamados me causam uma angústia a tal ponto indescritível,

que me levam até a pensar se não estarei sendo vítima de inteligências perversas que querem perturbar meus caminhos espirituais.''

– Meu filho – respondeu o Ancião. – Pode haver uma realidade em tudo quanto dizes.

''Jamais mencionamos a ti esse nosso infeliz Santuário da Samaria que saiu de sua lei e pereceu. Mas, já que o Senhor permitiu que, através de revelação espiritual, tenhas vindo a saber, não devo ocultá-lo por mais tempo.

''Deve ter chegado a hora em que sejas, de verdade, a Luz de Deus sobre todas as trevas.

''Trevas do espírito são as que envolveram esses nossos irmãos, que, cansados da vida ignorada e sem aparato exterior, quiseram brilhar no mundo com os esplendores do Templo de Jerusalém.

''As doações que os irmãos faziam para a manutenção de nosso refúgio de enfermos e anciãos foram empregadas em adquirir madeiras do Líbano, mármores e prata para o Templo, que se propunham levantar em Sebaste, entre as formosas construções feitas por Herodes, o Grande, com os tesouros que foram o suor e o sangue do povo hebreu. O Sinédrio de Jerusalém, que está sempre alerta, chegou a saber disto e, por intermédio de seus hábeis aduladores para com o Rei, foram detidos os que dirigiam os trabalhos, os materiais confiscados por ordem do Rei, o Santuário invadido e roubado, até que bandos de malfeitores, dos que tanto abundam nas montanhas da Samaria, se apropriaram das inacessíveis grutas como antros de ocultamento para seus crimes.

''Julgávamos que não restava nenhum Essênio, e que todos haviam fugido. Aqueles que não estiveram de acordo com a idéia que os perdeu, foram quatro, e esses se retiraram para o Santuário do Carmelo, onde os conheceste e onde ainda permanecem.

''Nós os alertamos sobre a necessidade de não saírem de sua lei, que determinava para o momento presente uma obra puramente espiritual e de alívio aos que sofrem.

''Nossa missão era preparar os caminhos ao Enviado Divino em nosso retiro, pois, sendo ignorados pelo mundo, gozávamos da santa liberdade que nos era tão necessária. Nossos irmãos estão disseminados por toda a Palestina e Síria, e são poucos os lugares onde não há um essênio com uma luzinha inextinguível dando claridade sem que ninguém perceba.''

– E agora, que faremos? – perguntou Jhasua. – Como comprovar que três seres estão acorrentados nas grutas e que pedem perdão e socorro?

– Há três dias chegou um dos nossos Terapeutas-Peregrinos que conhece muito bem as montanhas da Samaria, porque é natural de Sichen e esteve mais de uma vez naquele Santuário.

Chamado imediatamente pelo Servidor, o Terapeuta disse que em Sevthópolis havia grande alvoroço entre o povo, porque os malfeitores que habitavam nas montanhas haviam sido capturados e logo seriam executados.

– Se ainda existem Essênios nas grutas – acrescentou – devem ser os que ouvi dizer terem os bandidos seqüestrado para evitar que os denunciassem à justiça. Através de outros Essênios que fugiram antes e deram aviso, foi que a justiça começou a procurar os malfeitores e finalmente os encontrou.

– Então as grutas estarão abandonadas? – perguntou Jhasua.

– Provavelmente com os três acorrentados a elas, segundo o aviso espiritual – respondeu o Servidor.

– Se me permitis – disse Jhasua ao Servidor – eu desejaria ir até lá para salvar esses infelizes irmãos que tão terrivelmente pagam sua culpa.

– Teu desejo é digno de ti, meu filho – respondeu o Servidor –, no entanto devemos usar de muita cautela e prudência.

"Na concentração mental do meio-dia, consultaremos nossos demais irmãos sobre o caso. Aquilo que entre todos seja resolvido, será o que mais convém. Fica pois tranqüilo, meu filho, que hoje mesmo terás a resposta."

De tudo isto resultou que Jhasua com Melkisedec, com o Terapeuta samaritano como guia, com os dois irmãos Aarão e Seth e o menino Felipe, se puseram a caminho quando passou a caravana que vinha de Tolemaida.

Os dois irmãos e o menino iam com o objetivo de convencer o pai deste a abandonar seu indigno comércio e entregar-se a uma vida tranqüila e honrada. Beila padecia profundamente com o pensamento de que o marido de sua irmã e pai de Felipe viesse um dia a cair, como um vulgar malfeitor, em poder da justiça, causando a desonra de toda a família. O comércio de escravos levava às vezes a inauditos abusos.

Ao passar por Nazareth e Naim, onde a caravana se deteve algumas horas, Jhasua aproveitou para tornar a ver seus amigos de infância, Matheus e Myrina, aquelas duas crianças que tanto o amaram quando ele era um garotinho de 10 anos e estava sendo curado no Santuário do Carmelo.

Em Nazareth foi também à casa paterna, onde encontrou os seus ao redor da mesa, junto à lareira, já disposta para a refeição do meio-dia.

Myriam, sua mãe, deixou apressadamente a caçarola de barro com o fumegante refogado de lentilhas quando viu, no caminho do horto, a figura branca de Jhasua como um recorte de marfim entre o verde escuro da folhagem.

– Outra surpresa, filho! ... que aconteceu? – perguntou abraçando-o ternamente.

– Algo muito bom, mãe. Cheguei com a caravana de passagem para Sevthópolis. Já te explicarei.

Mãe e filho entraram na casa onde todos os rostos pareciam iluminar-se com essa íntima alegria da alma que jamais é fictícia, porque se derrama como um manancial incontível.

– Jhasua em nosso almoço de hoje! ... – foi a exclamação de todos.

Sentando à mesa entre Joseph e Myriam, fez a bênção do costume, que seu pai concedeu como uma grande honra a seu filho, Profeta de Deus.

Mencionou para eles o que havia ocorrido e que ia com dois Essênios mais e os filhos de Tobias para restaurar o abandonado Santuário nas montanhas da Samaria.

A meiga mãe encheu-se de espanto, pois todos ali sabiam que as grutas haviam sido convertidas em guarida de malfeitores.

– Não temais nada, mãe! – disse Jhasua, tranqüilizando-a. Os bandidos foram todos presos, e ali só existem três Essênios morrendo de fome e miséria, acorrentados numa gruta. Foram eles que pediram socorro.

"Salvá-los e reconstruir um Santuário de adoração ao Senhor e de trabalhos mentais em benefício da Humanidade, é uma obra grandiosa ante Deus, e merece qualquer sacrifício."

A conversação continuou sobre estes temas e as perguntas de todos davam motivo ao jovem Mestre para que ele mesmo e sem pretendê-lo, fosse delineando cada vez mais e engrandecendo sua formosa silhueta moral e espiritual de apóstolo infatigável da fraternidade e do amor no meio da Humanidade.

Quando terminou a refeição, o tio Jaime teve uma confidência com Joseph.

– Acompanharei teu filho nesta curta viagem – disse – porque temo seus entusiasmos juvenis e quero cuidar dele de perto.

– Está bem, Jaime, está bem. Não poderias ter pensado de melhor forma. Agradecemos imensamente todas essas tuas gentilezas para com ele – respondeu Joseph.

– Além disto – acrescentou Jaime –, para qualquer eventualidade, se estiveres de acordo, darei a Jhasua um pouco de seu dinheiro. Ele talvez o necessite e mereceo. Aquele Santuário deverá ter sido despojado de tudo.

"Faz tantos anos que foi assaltado pelos bandidos!"

– Fala com Jhasua sobre este assunto, e ele resolverá – disse o ancião, no exato instante em que Jhasua dobrava cuidadosamente uma túnica e um manto novos que sua irmã lhe havia tecido. A mãe acomodou, numa cestinha fechada, uma porção de guloseimas e frutas. Singela cena familiar repetida centenas de vezes em todos os lares onde existem mães e irmãs conscientes de sua missão suavizadora de todas as asperezas na vida do homem!

Toda a família o acompanhou até o caminho do horto, de onde se via a caravana detida. Ao vê-los chegar, Felipe correu até Jhasua dizendo:

– Julguei que não voltarias mais. Cheguei a ter medo!

Acariciando-o, Jhasua explicou a seus familiares quem era este menino e por que o levavam.

– Isto interessa a ti – disse Jhasua, entregando-lhe a cestinha.

"Repartiremos tudo isto entre nós dois, Felipe, se te agradar."

O menino que já havia sentido o odor dos pastéis e dos pêssegos, apresentou uma fisionomia de glória que produziu um riso geral.

O tio Jaime incorporou-se à caravana, que partiu enquanto a família agitava as mãos e os lenços, despedindo-se de Jhasua e dos amigos que o acompanhavam.

Na Samaria

Era Sevthópolis uma cidade rodeada de montanhas, derivações da grande cadeia do Monte Ebat, de 8.077 pés de altura (*) , que flanqueava a margem ocidental do rio Jordão. Estava situada no lugar onde, na atualidade, se ergue a cidade de Gilboa.

A importância de Sevthópolis consistia em que ali se verificava a conjunção de todas as caravanas que atravessavam o país de norte a sul, desde a Fenícia e a Síria, pelo Norte, até Gaza e Beersheba, pelo Sul.

Suas ruas, praças e ruelas apareciam sempre povoadas de asnos, mulas e camelos, carregados de mercadorias que as inumeráveis tendas tragavam com inaudita voracidade. A compra e a venda ao ar livre era a nota decorativa habitual dessa cidade, onde eram observadas fisionomias e vestuários de todas as raças e de todos os costumes dos países povoadores da Ásia Central.

No meio daquela barafunda de homens e animais carregados, da gritaria desaforada em diversas línguas, de músicas enervantes e danças enlouquecidas, vemos a

(*) 2.461 m (N.T.).

branca figura de Jhasua, que já apeado de seu asno, o leva, ele mesmo, ao tanque de água e o faz beber, temeroso do esquecimento dos guardiães que cuidavam primeiramente de suas distrações e recreios. Muitas vezes já tinha soado a corneta do guia e os animais ainda não haviam terminado de beber.

Nada lhes interessava, por enquanto, na cidade-mercado, e o Terapeuta-guia, acompanhado por nossos viajantes, tomou em seguida o caminho das grutas, que ficava para o oriente, ou seja, em direção ao rio Jordão. Depois de andarem um pouco, encontraram um arroio que corria como uma serpente de prata por entre encostas e penhascos."

– Este é um braço do Jordão – disse a seus companheiros – e, seguindo o seu curso, em uma hora estaremos entre as grutas que buscamos.

"Nossos irmãos chamavam este arroio *Das Gaivotas*, por causa da abundância dessas aves que aninham e se multiplicam entre as concavidades dos penhascos."

O Terapeuta havia aconselhado a que não andassem todos juntos em grupo, para não chamar demasiado a atenção.

Verdade é que, com a chegada da caravana e do tráfego que isto ocasionava na cidade, ninguém reparava nos passos silenciosos daqueles que se afastavam do seu centro alvoroçado e confuso.

Jhasua tinha, de um e do outro lado, dois guardiães inseparáveis: o tio Jaime e o tagarela Felipe que não parava de falar a não ser quando engolia um pastel da cestinha de Myriam.

– Posso saber, tio Jaime – perguntou Jhasua – que contém esse volume que trazeis?

– A compra que fiz no mercado. Julgas que eu viria sem trazer comestíveis para esta noite e velas para alumiar-nos? Os filhos de Tobias trazem também uma parte da carga: algumas esteiras e mantas para cobrir-nos. Oh, meu filho! Enquanto pensas nas almas, eu devo pensar nos corpos que elas animam.

"A Eterna Lei manda-nos tomar uma matéria para a nossa evolução; manda-nos cuidar dela e mantê-la nas devidas condições para obter dela todo o necessário."

– Certo, tio Jaime!... e te assemelhas à Providência Divina que cuida até de sua mais insignificante criatura.

"Na verdade há grandeza nessa tua previsão cheia de solicitudes. É o modo mais humano de se manifestar o sentimento de fraternidade entre os homens. Oh, tio Jaime!... às vezes vejo-te como um manancial que sempre está disposto a regar a terra para fecundá-la."

– De que outra forma posso cooperar em tua obra apostólica, Jhasua, a não ser através desta abelhinha que procura afanosa o néctar em todas as flores para nos dar o precioso alimento do seu mel?

– Que vos parece se abrirmos na Samaria um Refúgio para desamparados, como o fizemos nas Ruínas de Dobrath, em Nazareth, e como existe em Tiro, em Sidon e em Bethlehem, nas grutas de Salomão? – perguntou Jhasua.

– Tenho uma família conhecida na Samaria – respondeu Jaime –, que poderá orientar-nos neste sentido. Os Terapeutas conhecem a Samaria como nós conhecemos a Galiléia, e talvez eles terão não somente um, mas muitos refúgios entre estas impenetráveis montanhas.

– Em verdade – disse Jhasua – como nossos Terapeutas são tão impenetráveis como as montanhas, jamais falam do que fazem por seus irmãos, a não ser que uma necessidade os obrigue. Comigo são expansivos e me fazem tantas concessões que logo saberemos alguma coisa, tio Jaime.

O travesso Felipe que, devido a este diálogo, foi obrigado a manter-se calado muito contra a sua vontade, puxou suavemente a túnica de Jhasua para chamar a sua atenção.

– Jhasua – disse baixinho –, não conversas comigo?

– Oh, meu pobre Felipe! Na verdade, eu havia esquecido a tua presença. Vamos, abre a cesta e dá-me uma fruta porque tenho sede. Oferece aqui ao tio Jaime e aos outros companheiros. Anda logo, e não guardes rancor.

Jhasua, alma tecida com ternuras infinitas, acariciou a ruiva cabeça do menino ligeiramente entristecido porque se via esquecido.

A alegria de Felipe estalou como uma explosão, e correu a obsequiar todos os viajantes com as guloseimas de sua cesta.

– Este menino é uma boa argila para modelar um missionário – disse Jhasua. – É veemente e espontâneo. Pensa e age de imediato. Observastes isto, tio Jaime?

– O que observei é que o pobrezinho tem suas roupas bastante velhas, e seus calçados demasiado grandes machucam seus pés. Nos volumes que os filhos de Tobias trazem, está acondicionado um casaco e sandálias novas.

– Tio *Providência*, assim eu devia chamar-vos a partir de agora – disse Jhasua. – Eu havia observado tanto a alma de Felipe, que não vi suas roupas e suas sandálias.

– Ah, Jhasua!... é o que eu acabei de dizer. Teu mundo é o alto, o que voa, e eu caminho ainda muito junto da terra.

– Um breve descanso – disse o Terapeuta-guia em voz alta –, porque teremos que subir por este desfiladeiro que vai direto à entrada das grutas.

Todos se sentaram sobre as rochas ou se recostaram na relva.

O caminho áspero e sinuoso havia-os cansado.

Era a primeira hora da tarde e um formoso sol outonal envolvia a agreste paisagem com essa bruma de ouro que coloca matizes delicados e indefinidos em todas as coisas.

Tinham ao sul as cristas eternamente nevadas do Monte Ebat, os mais elevados cumes daquela região, que pareciam desafiar as nuvens que se estendiam sobre elas como velas gigantescas de barcos invisíveis.

Ao oriente, a cadeia de montanhas que estreitam o Jordão e, ao ocidente, a planície de Esdrelon, com suas verdes campinas povoadas de rebanhos.

– Em toda parte a beleza de Deus e a harmonia eterna de Sua criação universal! – exclamou Jhasua, com sua alma absorta na Divindade ante a formosura e serenidade da paisagem.

– Nada rompe esta harmonia, a não ser o homem – observou Melkisedec – o qual, chegado ao altiplano da inteligência que pensa e raciocina, modifica seu rumo aos impulsos do egoísmo que jamais se farta de gritar: Eu, eu, e sempre eu!

– Sempre me persegue o pensamento dos meios que conviria usar para eliminar o egoísmo que germina entre a Humanidade – disse Jhasua, apaixonado sempre pelo tema que parecia absorvê-lo em toda a sua vida: a felicidade humana.

– A Humanidade não saiu ainda da infância – respondeu Melkisedec – e age como as crianças que, à vista de brinquedos ou de frutas, os quer todos para si, e estende com ansiedade as mãos para tomá-las. Pensaste alguma vez, Jhasua, por que nossa Escola Essênia não sai de suas grutas nas montanhas?

– Jamais pensei nisso, porque me encontro muito a gosto em seu meio e estou convencido de que é o seu lugar mais apropriado.

– Pensas assim porque não há egoísmos em ti. A Fraternidade Essênia aferra-se

às rochas e vive entre elas para manter pura e limpa a cadeia invisível de amor, no qual o Ungido Divino deve forjar sua personalidade espiritual.

"Se saísse para viver e desenvolver-se entre a sociedade dos homens, começaria a ser envolvida nas redes do egoísmo. Viriam as necessidades de boas e apresentáveis vivendas, de vestuário de uso corrente, de escolas, cenáculos e templos que atraíssem as pessoas geralmente incapazes de dar o valor que as coisas têm em si mesmas, e não pela aparência exterior.

"Tudo isto traria uma série e talvez muitas séries de cuidados e preocupações, que entorpeceriam o único cuidado que deve ter uma Escola de Sabedoria Divina: que todos e cada um de seus membros seja como um cabo de ouro estendido desde os Céus até a Terra, para inundá-la, tanto quanto possível, do Pensamento e do Amor Divino."

– Que realidade mais formosa acabais de esboçar-nos, mestre Melkisedec! – exclamou Jhasua. – Que o Altíssimo tenha por bem que a Fraternidade não saia jamais dentre as rochas!

– Talvez se veja obrigada a sair; sairá, e se perderá entre as multidões inconscientes, quando o Verbo Encarnado já haja deixado estabelecido, em bases firmes, sua nova doutrina.

A sensibilidade de Jhasua percebeu vibrações de Inteligências Superiores entre si e seu interlocutor e, despertada por alguns momentos sua própria clarividência, viu, em seu Mestre, o Kobda Dhabes, da época de Abel, cujo poder de visão futura havia chegado ao mais alto grau que na Terra é possível a alguém.

– Kobda Dhabes – disse Jhasua, num tom de voz apenas perceptível. – Acabo de descobrir-vos surgindo das montanhas de areia amontoadas pelos séculos! Bendita seja a Eterna Energia que fez eternas as almas!

– Como vês, Jhasua, no distante passado, Abel e Dhabes encontraram-se na mesma posição espiritual em que neste momento se encontram unidos Jhasua e Melkisedec – respondeu o Essênio.

"Tudo nos diz, Jhasua, que o presente é uma continuação do passado.

"Quando chegarmos ao máximo de nossa evolução, não viveremos absortos pelo presente como agora. Para a clarividência do espírito superior, não há passado nem presente nem futuro, mas tão-somente o *hoje*; mas um *hoje* tão grande e vivo como um resplendor da Suprema Inteligência, que vive sempre num *Presente* que não pode ser alterado."

A voz do Terapeuta-guia tirou-os da profundeza de seus pensamentos e, reunindo-se a todos os companheiros de viagem, começaram a subida por um caminho áspero e tortuoso que se dirigia às grutas.

Chegados por fim, perceberam um forte odor de matéria em decomposição que saía de um matagal que protegia a entrada. Manchas de sangue secas, e logo pedaços de membros humanos e de vísceras despedaçadas deu-lhes a entender que as feras haviam dilacerado um homem.

O Terapeuta-guia procurou a entrada, que já não tinha esse aspecto de beleza em meio da rusticidade com que os Essênios ornavam seus Santuários nas rochas. Aquilo aparentava uma guarida de feras, onde toda classe de desperdícios e de imundícias saía por todas as partes.

Onde estavam aqueles caminhos subterrâneos perfumados de incenso e iluminados debilmente com lamparinas de azeite?

Onde estavam os bancos de descanso com limpos estofados de palha, ou brancas peles de ovelha, na gruta de entrada para repouso dos viajantes? Os cântaros de água

ressecados, e alguns quebrados e em fragmentos espalhados pelo solo, davam o aspecto de desolação que o leitor pode imaginar.

– Quando o amor morre, tudo morre! – exclamou Jhasua como num soluço, que estava comparando tão desolado quadro com as pitorescas e esmeradas delicadezas com que os Essênios ornamentavam suas moradas entre as rochas.

– Devemos ser capazes de fazer reviver o amor no meio deste horroroso abandono – mencionou seu Mestre Melkisedec.

– Não tenhas pena, Jhasua – disse seu tio Jaime –, que dentro de alguns poucos dias isto aparecerá transformado.

Felipe, que cheio de medo caminhava segurando o manto de Jhasua, quis consolá-lo também, e disse a seu ouvido, elevando-se na ponta dos pés:

– Ainda restam na cestinha dois pasteizinhos e quatro pêssegos que guardei para nós dois. Queres comê-los?

O jovem Mestre não pôde deixar de sorrir ante esta saída do menino.

– Começas, Felipe, a fazer ressuscitar o amor. Come-os tu em meu nome, criatura de Deus. Presenteio-te a minha parte.

As velas que o tio Jaime adquirira foram imediatamente utilizadas para iluminar aquele antro nauseabundo e tenebroso.

Um silêncio de morte envolvia tudo e chegaram a pensar que os cativos haviam morrido de fome ou assassinados pelos bandidos ao se verem perseguidos.

Haviam percorrido já vários corredores e grutas, quando o Terapeuta-guia gritou com toda a força:

– Em nome de Deus, quem vive aqui?

O eco de sua voz ressoou como um lamento nas grutas vazias.

Mas logo que o eco foi silenciado, ouviram-se vozes humanas que pareciam sair do fundo de um fosso.

– Estão no armazém. Vamos até lá – disse imediatamente.

Os dois filhos de Tobias, embora nascidos e criados nas montanhas, jamais haviam visto um antro tão espantoso e apertavam com força seus bastões de cereja e o cabo de seus facões de caça que seu pai os havia obrigado a trazer, temerosos de encontrar-se frente a frente com algum bandido ou alguma fera.

Três homens, já de idade madura e cobertos com sujos farrapos, foi o que encontraram. Estavam atados a umas fortes vigas de carvalho com uma corrente na cintura. Essas vigas costumavam ser colocadas pelos Essênios de trecho em trecho para evitar desmoronamentos nas grutas.

Jhasua dirigiu-se rapidamente a eles.

– Chamastes e eu vim – disse com voz trêmula, devido à emoção. Os três lhe estenderam os braços.

Sua branca túnica confundiu-se com os sujos farrapos daqueles infelizes irmãos, a quem seu desvario havia conduzido a tão lastimoso estado.

– Trazei o pacote de roupas – disse o tio Jaime a Aarão, que o levava às costas. Levai o outro volume para a cozinha para que possamos dar-lhes algum alimento.

"Ide todos para lá que há necessidade de vestir estes homens."

Ficaram somente o tio Jaime e o Terapeuta, que, providos das ferramentas necessárias, quebraram as correntes dos três cativos e os vestiram com túnicas limpas.

A grande cozinha-refeitório era, na verdade, um horror de desordem e imundícia. Caçarolas, tachos e caldeirões, tudo aparecia com resíduos de comidas estragadas. Sobre as mesas e também no pavimento, ossos de aves e de cabritos, pedaços de pão

duro, cascas de frutas, enfim, tudo quanto pode apresentar a classe de habitantes que havia tido aquele desditoso santuário, anteriormente templo de meditação, de amor fraterno, de estudo, de beleza espiritual e física em todos os seus aspectos e formas.

– Impossível comer aqui – disseram espantados os filhos de Tobias, habituados à ordem e à limpeza com que sua mãe Beila mantinha a cabana de pedra.

Saíram para fora onde havia sido o formoso horto ainda com figueiras, videiras e castanheiros, mas já amarelentos por força dos frios ventos outonais.

Sob os parreirais em ruínas, encontraram a grande mesa de pedra que os Essênios costumavam ter para suas refeições ao ar livre na época do verão, e ali prepararam a frugal refeição.

– Vedes como tudo se acomoda com um pouco de boa vontade? – disse o tio Jaime, chegando com os três ex-prisioneiros que já não pareciam mais os mesmos, depois dos banhos no arroio "Das Gaivotas" que passava beijando, com suas águas serenas, as grutas e o horto dos Essênios.

Melkisedec e Jhasua haviam dedicado o tempo a inspecionar todo o Santuário, procurando o arquivo e o recinto de oração que não apareciam em parte alguma.

Todas as grutas demonstravam haver sido habitações, pois em todas elas eram vistos os estrados lavrados na rocha ou encravados no pavimento e nas paredes, quando eram feitos de madeira.

Quando se convenceram de que ali não estava o que buscavam, voltaram ao horto, onde já os esperavam para a refeição.

Interrogaram os ex-cativos sobre este particular e eles deram a chave daquele mistério.

O Servidor do Santuário, com os três Essênios que seguiram para o Monte Carmelo, por não estarem de acordo com a mudança que estava sendo efetuada em sua Escola de Sabedoria Divina, haviam obstruído a entrada para o recinto da oração e do Arquivo para evitar a profanação, porque atrás do Arquivo se encontrava a sala funerária com as múmias dos Essênios mortos.

Os três ex-reclusos haviam sido os Terapeutas que vigiavam os operários construtores do Santuário que começavam a edificar em Sebaste. Quando eles voltaram para as grutas, encontraram tudo despojado e foram acorrentados pelos dois bandidos que ainda não haviam sido capturados.

Depois da refeição dedicaram-se à limpeza das grutas e a procurar a entrada ao recinto de orações que não aparecia em parte alguma.

O Terapeuta-guia e os três ex-cativos, conhecedores a fundo daquele velho Santuário, se orientaram de imediato e encontraram, por fim, um amontoamento de pedras, terra e ervas secas que se encontravam num pequeno corredor.

Removido tudo aquilo, apareceu a portinha de pedra branca, na qual estava gravado, com letras grandes, unicamente esta palavra: "PAZ".

Era a entrada para a galeria onde se achava o Santuário propriamente dito, o arquivo e a sala funerária.

Entraram com a alma intimidada por um pavor religioso, como aquele que invade o ser quando se penetra num velho panteão sepulcral abandonado.

Ali não havia desordem alguma, mas um forte cheiro de umidade própria de lugares fechados por muito tempo.

Tristeza de abandono, de decepção, de desespero, formava como uma onda esmagadora da alma que se sentia abatida por indefinível angústia.

Ao percebê-la, os mais sensitivos pensaram:

"Foi o pensar e o sentir do Servidor e de seus três irmãos fiéis quando, ao despedir-se de seu amado Santuário de rochas, amontoaram pedras sobre sua porta para deixá-lo sepultado na montanha, onde ficavam também as múmias de seus irmãos mortos."

Os filhos de Tobias com Felipe encarregaram-se de estabelecer a ordem na grande cozinha, a fim de que pudesse servir-lhes de refúgio para aquela noite. Montes de feno seco foram trazidos do pequeno vale vizinho para os estrados de pedra que iriam servir-lhes de leitos.

Quando reinou novamente a limpeza naquela imensa gruta, onde comodamente poderiam alojar-se cem pessoas, começaram as surpresas agradáveis para os três moços.

Com velas acesas, examinaram todos os cantos, buracos e gretas das rochas, temerosos de alimárias e lagartos. Saíram farfalhando apenas alguns velhos morcegos que escaparam rapidamente ante a chama vermelha das tochas.

Em cavidades ocultas pelos musgos, encontraram cântaros com vinho e azeite, sacos com figos secos, nozes e castanhas.

– A ceia já está completa – gritou Felipe, saindo de uma negra passagem com uma pequena talha toda coberta de terra, de teias de aranhas e que estava cheia de mel.

– Por que foi que os bandidos não devoraram tudo isto? – perguntou Seth, enquanto se esforçava em destapar os cântaros e as talhas hermeticamente fechadas.

– Porque o Pai Celestial os guardou para nós – respondeu Felipe que havia aprendido os raciocínios que Jhasua fazia, e que eram apropriados para sua mentalidade infantil.

– E se tudo isto não for vinho, mel e castanhas?... – perguntou Aarão.

– Como não há de ser?... Não vês o escrito nos rótulos? – replicou o menino, temeroso de ver-se burlado em suas esperanças.

E voltou a ler nos cântaros, talhas e sacos: *Vinho*, *azeite*, *mel*, *castanhas*, *nozes*, *figos*, *ervilhas*...

– Vês?... está bem claro? – Correu em seguida para a porta da gruta para ver se os companheiros estavam vindo, pois seu maior desejo era que não chegassem até ter tudo aquilo bem arrumado sobre a mesa, em tijelas e em grandes taças.

Enquanto estas almas simples estavam ocupadas das pequenas coisas, Jhasua com os Essênios e o tio Jaime davam uma busca ansiosa no Santuário e no Arquivo. Os rolos de papiro não apareciam, pois certamente haviam sido levados pelo Servidor, juntamente com seus três fiéis irmãos, para o Santuário do Carmelo.

Encontraram as gravações em argila, pedra e madeira em armários abertos na própria rocha, como era o costume. Em grandes lâminas de pedra apareciam os nomes dos Essênios que fundaram o Santuário, com datas e detalhes.

No altar central, as Tábuas da Lei, cópia das de Moisés, e em pequenas placas de pedra branca os nomes dos grandes Profetas do passado, os nomes dos Mestres fundadores da Fraternidade Essênia entre as montanhas.

Elias, Eliseu, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Esdras, Samuel, e continuava a lista gravada em pedra daqueles grandes clarividentes, visionários sublimes, que haviam aberto caminhos de bem, de amor e de justiça para as almas desorientadas nas trevas da inconsciência.

Contudo o maior assombro foi causado por um pequeno volume, como um fardo em uma esteira de junco, que se encontrava debaixo do altar que era todo de pedra branca e em cuja saliência ou plataforma dava espaço para uma cavidade na parte inferior.

Era o cadáver seco, como um feixe de raízes, de um velhinho que não devia ter mais que pele e ossos, a julgar pelo aspecto daquele cadáver mumificado.

O Terapeuta-guia, que havia estado muitas vezes no Santuário, recordava ter visto andando por ali, como uma sombra, o velhinho Ismael de 104 anos, conservado naquele lugar como uma relíquia do passado.

– Como foi deixado ali?

A única explicação lógica era que, quando o Servidor e seus três irmãos fiéis fecharam o Santuário, o velhinho manteve-se oculto voluntariamente para morrer ali.

Devido à sua idade, já não podia esperar mais muitos anos de vida e quis evitar-lhes o trabalho de ser levado nos braços até o Carmelo.

– Heróica fidelidade de uma alma a um ideal abraçado com fé e amor! – exclamou Jhasua, ajoelhando-se ante aquela múmia como ante um objeto sagrado.

Para dormir seu último sono, havia colocado sob sua cabeça um grosso volume de telas enceradas e os sete mantos brancos que havia recebido ao ingressar em cada um dos sete graus da vida espiritual pelos quais passavam todos os membros da *Fraternidade Silenciosa*, como inúmeros escritores daquela época a chamaram.

Do exame minucioso feito no volume encontrado sob a cabeça do velhido Ismael, trouxeram para a luz alguma coisa da causa da derrocada daquele Santuário.

Dois jovens Essênios do terceiro grau, chamados Teudas e Simão de Gitão, ambos possuidores da faculdade de efeitos físicos, encontravam-se desgostosos entre o silêncio e o ocultamento essênio. A vaidade por suas grandes faculdades tomou conta deles, e sentiram o desejo de ser admirados pelo mundo. Para isso, nada melhor que abrir um grande templo na Samaria, e constituir um poderoso clero que pudesse enfrentar o de Jerusalém, já demasiado orgulhoso e prepotente.

Nas anotações do velhinho Ismael, podiam ser examinadas as discussões que durante muito tempo alteraram a paz dos Essênios da Samaria. Simão de Gitão, chamado mais tarde, *Simão, o Mago*, pelas extraordinárias manifestações obtidas, teve revelação, por via espiritual, do lugar preciso onde se encontrava a gruta do "*Monte Garizim*", na qual Moisés havia mandado ocultar os vasos sagrados e todos os objetos destinados ao culto, como turíbulos, piveteiros, candelabros, bandejas das oferendas, etc., bem como todo o ouro e as pedras preciosas. Era um constante motivo de rivalidades, ciúmes e ambições a riqueza de tais donativos feitos por hebreus fanáticos que materializavam sua fé e seu amor a Deus nesses objetos de maior ou menor custo e valor. Para desalojar do povo esses males, o grande Moisés, cujo ideal era a adoração a Deus em *espírito e verdade*, mandou sepultar entre as grutas de uma montanha aqueles incalculáveis tesouros.

Uma vez encontrados e quando se achavam em seu poder, foi despertado, de imediato, na maioria dos Essênios daquele Santuário, em número de vinte e cinco, a idéia do grande templo, rival do de Jerusalém.

Algo de tudo isto havia transpirado para o exterior, daí o assalto dos bandidos ao Santuário, onde se supôs que os tesouros sagrados houvessem sido ocultados. Os bandidos foram justiçados, o tesouro repartido entre o Rei e o clero de Jerusalém, os Essênios dispersos ou mortos, e só o Servidor e mais três que não tiveram conivência no pecado de seus irmãos estavam a salvo no Santuário do Carmelo.

Tudo isto foi compreendido por Jhasua, Melkisedec e pelo Terapeuta-guia ao estudarem minuciosamente o volume do velhinho Ismael que aguardou a morte ao pé do altar de seu velho Santuário.

Na última página escrita, apareciam estas palavras reveladoras de uma firmeza

de convicção que assombrava: "Moisés ocultou o tesouro porque causaria a perdição das almas. Aqueles que foram contra Moisés, ao desenterrá-lo para satisfazerem sua soberba, perderam-se também. Justiça de Deus."

Os Essênios que estiveram cativos inclinaram a cabeça como acabrunhados por seu infinito peso.

O tio Jaime com os filhos de Tobias e Felipe encontravam-se já desfrutando dos esplendores da grande cozinha brilhando de limpeza e com uma resplandecente lareira acesa, onde os caldeirões cheios de castanhas e ervilhas ferviam desesperadamente.

Os filhos de Tobias utilizaram os conhecimentos domésticos que haviam aprendido nos anos em que suas pernas se achavam paralíticas. Sua mãe sentava-os ante a mesa e eles a ajudavam a fazer o pão caseiro.

Quando Jhasua com os Essênios entraram na cozinha, viram-se agradavelmente surpreendidos com a mesa cheia de grandes pães que os dois irmãos assavam cuidadosamente.

– Aqui – disse Jhasua – estão lançados os alicerces para a reconstrução do Santuário: A lareira acesa, os caldeirões ao fogo e o pão quente sobre a mesa.

A verbosidade de Felipe encarregou-se de colocá-los ao corrente de tudo quanto haviam encontrado nos escuros esconderijos da imensa gruta.

Os estrados da cozinha, já bem acolchoados de suave feno seco, serviriam de leitos para essa noite e, apenas terminada a ceia, os três moços, abatidos pelo cansaço, se entregaram ao sono com a tranqüila serenidade dos seres que não têm cansativas preocupações.

Os dois Essênios com Jhasua e o tio Jaime voltaram ao Santuário e ao Arquivo, onde supunham que uma grande tarefa os esperava.

E não se enganavam. Primeiramente, transladaram o seco e rígido cadáver do velhinho Ismael, tal como estava recostado numa pele de ovelha e envolto numa esteira de junco, para a sala sepulcral que se comunicava com o Santuário.

Acenderam novamente a lâmpada de azeite que, segundo o costume essênio, iluminava perenemente a sala mortuária, como um símbolo de amor dos encarnados para os que haviam partido para o espaço infinito.

Os grandes círios de cera que apareciam gastos até a metade, junto às estantes que sustinham os livros dos Profetas, foram novamente acesos e o cintilar de suas débeis luzes espargiu esse suave perfume de cera virgem queimando-se ao calor da chama.

A grande lâmpada de sete candelabros que pendia ante as Tábuas da Lei, genial concepção de Moisés inspirada do alto, foi igualmente cheia de azeite e novamente acesa.

Sua luz claríssima iluminou as reproduções gravadas a fogo, em pele curtida em branco, dos Livros de Moisés que apareciam no centro do grande altar de pedra branca.

No Arquivo encontraram uma enorme quantidade de placas de pedra, de madeira e de argila, gravadas em diferentes línguas.

Por cima de tudo, um pequeno papiro com estas poucas palavras:

"Jaime de Sichem (Servidor), João de Séghoris, Zebedeu de Sebaste e Abinabad de Joppe, declaram haver lutado com todas as suas forças para impedir o grande desastre e decidiram clausurar o Santuário quando estiveram convencidos de que nada podiam fazer para evitá-lo.

"Que a Sabedoria Divina reedifique o que a inconsciência humana destruiu."

Apareciam, em seguida, as assinaturas dos quatro que, então, se encontravam refugiados no Santuário do Monte Carmelo.

– "Que a Sabedoria Divina reedifique o que a inconsciência humana destruiu"

– repetiu Jhasua, relendo uma vez mais o papiro que parecia exalar eflúvios de profunda tristeza..

"E o reedificarás!... não o duvidamos, não é verdade, tio Jaime?"

– Assim o espero com o favor de Deus, Jhasua, meu filho. Quem dobrará tua vontade mais dura que o diamante?

– Façamos aqui a concentração da noite e, entre nós quatro, resolvamos o que se fará amanhã.

– Entre os quatro encarnados e eu cinco – disse o Terapeuta caído em transe. – Acabais de levar minha matéria morta para a sala sepulcral, e meu espírito, que aguardava com ânsias este dia, aproxima-se de vós como o mais antigo dos Essênios que ultimamente habitaram este Santuário.

"Mandai, amanhã, dar o aviso ao Monte Carmelo, onde os quatro fiéis esperam esta hora, pois eu lhes havia prometido.

"Os Essênios têm a alma inabalável como as rochas e nenhum se resigna em deixar morrer um templo do pensamento por causa da inconsciência e do egoísmo dos homens. Eles virão em seguida e, com os dois essênios que cada Santuário enviar, ficará formada novamente a cadeia fluídica e a abóbada psíquica necessária.

"Que o Senhor perdoe os que pecaram e dê Sua fortaleza aos restauradores do Santuário devastado."

Todos estiveram de acordo e, no dia seguinte, o Terapeuta iniciou a viagem ao Monte Carmelo, que não ficava a longa distância, cruzando-se em linha reta a planície de Esdrelon. Apenas um dia de viagem no andar de um asno que foi contratado em Sevthópolis.

Enquanto o Terapeuta viajava em direção ao Mediterrâneo, onde o Carmelo aparecia como uma enorme cabeça de gigante levantada sobre o mar, o tio Jaime com os filhos de Tobias e Felipe, voltaram à cidade de Sevthópolis em busca do pai do menino, e também para comprar tudo quanto fosse necessário para colocar as grutas em condições de serem habitadas pelos solitários, que logo voltariam a beijar aquelas amadas rochas, onde, duma forma tão intensa, haviam pensado, sentido e amado; e onde ainda devia vibrar o eco doloroso de seu adeus cheio de angústia, quando se viram forçados a abandoná-las.

Ficaram no Santuário apenas Jhasua com Melkisedec e os três Terapeutas libertados das correntes.

Todos compreendiam que era chegado o momento de uma confidência íntima para encurtar distâncias, ou para separar-se completamente.

Esta se produziu quando os cinco entraram no Santuário para a concentração do meio-dia.

A alma de Jhasua vibrava como uma harpa tocada pelas mãos de um mago das cordas!... Seu amor infinito derramava-se sobre aqueles três irmãos que, arrastados pela corrente da vaidade e da ambição devastadora do velho Santuário, estavam ali a dois passos dele, esperando ser novamente acolhidos ou rechaçados para sempre.

Antes de começar a concentração, e enquanto o Mestre Melkisedec acendia os círios e colocava resinas perfumadas nos piveteiros, um dos três ex-cativos, cujo nome era Judas de Saba, disse em voz baixa a Jhasua:

– Por piedade! Tu que és o Enviado de Jehová para salvar Israel, intercede por nós para que sejamos acolhidos novamente no Santuário.

A alma do jovem Mestre pareceu assomar a seus olhos claros e, envolvendo os três num seu indefinível olhar, disse em sua voz musical:

– Vim, porque queria salvar-vos, e ficai certos de que meu esforço não se perderá em vão. Quando o Altíssimo houve por bem reter-vos acorrentados ao Santuário, quem se atreverá a rechaçar-vos?

– Que Deus vos abençoe – disseram os três em voz baixa.

O Mestre Melkisedec, em virtude de sua hierarquia espiritual, era o superior entre eles e foi quem evocou a Divindade recitando o Salmo que eles chamavam de *Misericórdia* e que hoje denominamos *Miserere*.

Uma onda potente de amor inundou o recinto e saturou as almas até causar a terna emoção que produz o pranto.

Os três ex-cativos se submergiram num suave e profundo transe que em linguagem ocultista se chama *desdobramento*, e os três, tomando personalidades de uma existência anterior num passado distante, dialogaram, dando-se assim a conhecer.

Por intermédio das palavras mantidas entre eles, Melkisedec e Jhasua compreenderam que os Terapeutas Ner e Joab eram uma nova encarnação dos dois filhos adotivos do Profeta Samuel, que os recolheu moribundos, quando foram abandonados por sua mãe aos dois anos de idade: Joel e Abia.

O outro Terapeuta, ou seja, Judas de Saba, era a reencarnação de Jonathan, filho do rei Saul, conforme relata o Livro do Profeta Samuel.

Os três espíritos conservavam, através dos séculos, suas características bem definidas. Sem serem de maus sentimentos e amando o bem e a justiça, os três unidos haviam cometido erros naquele remoto passado, causando tristeza ao nobre coração de Samuel, Profeta de Deus. Juntos novamente, haviam-se inclinado para o lado dos causadores da ruína do Santuário Essênio. Cooperando com estes, parecia-lhes que praticavam um maior bem à edificação de um templo à altura do de Jerusalém que vivendo como obreiros do pensamento e do amor oculto entre as grutas.

Judas, Ner e Joab, samaritanos os três, ficaram desde então fortemente unidos a Jhasua e o primeiro dos três formou parte dos discípulos íntimos que depois da morte do Cristo o chamaram de *Judas, o Bom*, para distingui-lo de Judas de Iscariote e do apóstolo Judas, filho de Tadeu.

Quando despertaram do transe, os três choravam silenciosamente.

A decisão de recebê-los novamente na Fraternidade Essênia devia ser tomada quando o Servidor e seus três companheiros viessem do Carmelo; no entanto, Jhasua e Melkisedec já a haviam tomado, e não duvidavam de que seria definitiva.

Judas de Saba caiu novamente em transe e o Profeta Samuel fez derramar a ternissima suavidade de seu espírito naquele ambiente de piedade, de amor e de tristeza, próprio dos momentos em que não se sabe se, no final, será um abraço de acolhida ou um adeus para sempre.

– É a hora do amor, do perdão e da piedade infinita – disse através do sensitivo. – Por isto estás aqui, Ungido de Deus, porque toda a Humanidade pecou.

"Os justos conquistam por si sós a sua glória e a sua felicidade. São fortes como estas rochas que vos abrigam. São fortes como os cedros do Líbano.

"Voam alto como as águias, por cima dos montes, e nenhuma força os arroja por terra. Mas os pequenos e os débeis vão caindo a cada passo e necessitam ser levantados com o mesmo amor com que a mãe levanta o filhinho que cai a seu lado muitas vezes em cada dia.

"Vós que caístes no desvario das multidões ambiciosas de grandezas humanas, como já o fizestes há séculos no longo dia da eternidade das almas, levantai novamente o coração ante o Ungido do Senhor, que veio à Terra para levantar aqueles que

caíram, reconstruir o que foi devastado, abrir novos sulcos nos campos estéreis, e transformá-los em trigais dourados e em formosos hortos cheios de flores e de frutos.

"Paz, consolo e esperança aos que caíram! Amor e Luz de Deus aos fortes que conquistaram a glória de perdoar e de amar!"

Melkisedec estava anotando todas as manifestações no grande livro que eles chamavam "Crônicas", que serviam de documento perene da íntima relação da Fraternidade com o mundo espiritual, sob cuja égide havia sido fundado à luz do gênio de Moisés, e continuava sua senda inconfundível através de quinze séculos.

Terminada a concentração com o cântico de ação de graças, os únicos cinco habitantes do Santuário se refugiaram, por essa noite, na grande cozinha, onde o fogo da lareira os esperava com os caldeirões fervendo e onde os estrados de pedra munidos de feno convidavam ao descanso.

Os três Terapeutas samaritanos se viam já bem mais animados, e a conversação recaiu sobre um tema iniciado por Jhasua:

"Se na Samaria havia refúgios para os desamparados e órfãos."

Judas de Saba, que era o mais idoso dos três, explicou que existia alguns antes da devastação do Santuário, que era quem os mantinha. Certamente encontrar-se-iam numa situação muito precária, e os refugiados já teriam sido dispersos a mendigar pelas ruas das povoações e das cidades.

– Se vos parece – acrescentou Judas –, apenas clareie o dia, nós três percorreremos as montanhas junto às margens do Jordão que estão cheias de grutas e onde antes tínhamos vários albergues, alguns de leprosos, outros de mulheres com filhos defeituosos e outros de anciãos. Retornaremos ao anoitecer, trazendo boas ou más notícias.

O rosto de Jhasua pareceu iluminar-se ante a proposta de Judas, no qual viu, já ressuscitado, o amor ao próximo e o desejo de compensar sua falta com obras de misericórdia e de piedade fraterna.

Os outros dois, menos expansivos e veementes que Judas, aceitaram com alegria a missão de que eram encarregados. Voltavam a ser os Terapeutas – peregrinos em busca da dor para poder aliviá-la.

Na madrugada seguinte, quando Jhasua despertou, viu Judas, Ner e Joab trabalhando ativamente em colocar lenha no fogo, outro fazendo o pão e o terceiro enchendo os cântaros com água.

– Adormecemos como obreiros do pensamento e despertamos como servidores da matéria – disse Jhasua rindo ao ver o afã dos três Terapeutas.

– Que mais haveremos de fazer se temos o jumentinho deste corpo que é necessário alimentar – mencionou Judas, dependurando no trípode sobre o fogo, o caldeirão de cozinhar castanhas.

Enquando o pão era cozido sobre as brasas e as castanhas ferviam, os cinco entraram no Santuário para cantar o salmo do amanhecer e ler um capítulo do Profeta escolhido por turno.

Era Isaías, e correspondia ao capítulo 55 entre cujos 13 versículos apareciam estes, que eram como feitos para os três Terapeutas redimidos:

"Vinde às minhas águas todos os sedentos, disse Jehová. Inclinai vossos ouvidos e vinde a Mim. Ouvi, e vossa alma viverá e farei convosco um pacto eterno, como concedi misericórdia a David, depois de seu pecado.

"Buscai Jehová enquanto pode ser achado. Chamai-o enquanto está próximo.

"Deixe o ímpio seu caminho e o homem iníquo seus pensamentos, e volte-se a Jehová que terá misericórdia dele e será generoso em perdoar.

"Porque os meus pensamentos não são os vossos nem os vossos caminhos são os meus, disse Jehová."

O vibrar dulcíssimo do alaúde do mestre Melkisedec acompanhava em seus vôos o pensamento dos que oravam; e a profunda comiseração de Jhasua para com os três Terapeutas, formou uma abóbada psíquica de inefável ternura e divino amor.

Naquele pélago sutil onde tudo era claridade, a alma de Judas se uniu tanto com a de Jhasua que, mentalmente, fizeram o pacto definitivo:

"Seguir-te-ei a todas as terras onde ponhas a planta de teu pé – disse a alma veemente do Terapeuta.

"Levar-te-ei comigo sempre onde hajam desfalecidos para erguer" – disse a alma do Cristo encarnado, respondendo ao sentir profundo daquele que, anos depois, seria um daqueles íntimos amados de seu coração.

Judas, o Bom, quando iniciou suas atividades em cooperação com o Verbo Encarnado, consagrou-se preferencialmente em redimir delinqüentes e mulheres de vida desordenada, como se seu espírito consciente houvesse querido fazer com seus semelhantes o que o Cristo fez com ele.

Ao mesmo tempo que os três Terapeutas examinavam as grutas da margem ocidental do Jordão, em Sevthópolis, a cidade-mercado das caravanas, o tio Jaime com os filhos de Tobias e Felipe procuravam *Parmenas, o grego*, como o chamavam na buliçosa colméia de mercados e tendas.

Assinalaram qual era o seu lugar de venda, que se encontrava no final de um vetusto corredor com pretensões de colunatas.

A aparência era de ser aquilo um bazar com toda classe de objetos artísticos trazidos da Pérsia, como cofres, ânforas, tapetes, etc. No entanto, atrás das cortinas em exposição, realizavam-se negócios de uma ordem bem diferente.

Se bem que Parmenas houvesse demonstrado alegria ao abraçar seu filho e seus dois sobrinhos, ao tio Jaime não passou despercebida a inquietação que essa visita lhe produzia.

– Ide esperar-me na tenda do velho Isaac, onde se come os melhores guisados de cabrito – disse –; quero obsequiar todos com a melhor comida que se pode encontrar aqui.

Mas o tio Jaime e os filhos de Tobias compreenderam que o desejo de Parmenas era afastá-los dali.

– Não temos nenhuma pressa – responderam –, e teu filho não gostaria de afastar-se tão logo de ti. Iremos todos juntos.

Nesse momento chegaram dois homens que, pelas roupagens, via-se que eram de Sidon.

– Viemos pelo nosso negócio – disseram.

Parmenas desprendeu-se como pôde do pequeno Felipe e penetrou com os recém-chegados na parte de trás das cortinas.

Pouco depois se ouviram soluços de mulheres e um grito afogado. Jaime e os filhos de Tobias precipitaram-se para aquele lugar.

Passando um corredor, encontraram-se numa escura pocilga, onde três mocinhas choravam amargamente.

– Que é isto, Parmenas? Fizeste de tua tenda uma casa de crimes? – perguntou o tio Jaime.

– Salvai-nos! Levam-nos para Sidon para sermos vendidas a uma casa de vícios! – gritaram as três mulheres ao mesmo tempo.

– Mentira! – gritou Parmenas. – São fugidas do lar e estes homens as retornam à sua família.

Tio Jaime olhou para Aarão e este, que já estava instruído, saiu rapidamente simulando ir fazer uma denúncia.

– Voltaremos logo – disseram os homens, e fugiram pela pocilga que devia ter mais uma passagem em outra parte. Parmenas fez o mesmo, pois suspeitaram que a saída de Aarão significava um perigo. Simplesmente foi para desbaratar o turvo negócio com o temor da intervenção da justiça.

A lei romana só considerava escravos legalmente adquiridos os prisioneiros de guerra que eram repartidos como despojos de guerra entre os vencedores.

As jovenzinhas estavam com os pés e as mãos amarradas com fortes cordéis, tecidos com lã e seda. Quando foram desamarradas e levadas para fora da tenda, declararam haver sido tiradas de sua casa com falsidades. Parmenas, o grego, que percorria as aldeias montanhosas da Samaria, havia chegado a Amon, na encosta do Monte Ebat, onde elas viviam. Seu pai havia morrido na queda num precipício e eram nove os filhos, sendo que elas eram as três maiores. Ameaçadas pela miséria que se estendia sobre o lar, a mãe concordou em que fossem servir como criadas em Sevthópolis, para ajudar a família, mas nunca para serem vendidas como escravas destinadas ao harém de algum príncipe estrangeiro.

– Bem – disse o tio Jaime –, louvai a Deus por termos chegado a tempo. Ao meio-dia sairá a caravana do sul que passa por Amon. Contrataremos três asnos e vos devolveremos à vossa mãe.

– Que dor será para ela quando voltarmos sem esperanças de socorro para a família! Temos cinco irmãos pequenos – disse a que parecia ser a maior e que tinha apenas 17 anos.

– Não vos aflijais. Quando Jehová faz as coisas, faz bem feitas.

"Vinde conosco."

Aarão ficou com Felipe cuidando da tenda de Parmenas e o tio Jaime com Seth dirigiram-se à praça das caravanas, onde os alugadores de asnos ofereciam animais de todos os preços. Contrataram três com seus equipamentos de montaria e sacos de carga que foram enchidos com cereais, legumes e frutas secas.

– Levai estas moedas para vossa mãe – disse o tio Jaime, entregando-lhes uma pequena sacola com moedas de prata – e dai-me o vosso nome e o lugar da vossa casa para ter notícias vossa em todas as viagens da caravana.

As jovens não sabiam se deviam rir ou chorar. Tão inesperada havia sido a mudança de sua situação! Foram colocadas sob os cuidados do chefe da caravana, que conhecia o pai das meninas, pois, em algumas ocasiões utilizou seus serviços ao passar pela sua povoação natal.

– Não vos arrisqueis a sair novamente de vosso povoado – recomendou o tio Jaime –, e dizei a vossa mãe que um Terapeuta irá em seguida para minorar sua situação. Ao mais tardar, na próxima lua.

De volta à tenda de Parmenas, encontraram-no com Aarão e Felipe, muito embora um tanto carrancudo e retraído.

– Deus foi misericordioso contigo, Parmenas – disse o tio Jaime. – Em vez de estares no cárcere pelo teu delito, estás sob a tua tenda, tranqüilamente. Deves, pois, recolher essa experiência e guardá-la para toda a tua vida.

"Dize, não podes conformar-te com os lucros que te dá esta tenda, para te envolveres em negócios de má índole?"

Parmenas manteve-se calado, mas transparecia nele uma tremenda luta interior. De repente, Felipe, que estava junto a ele desgostoso e triste, deu um grito de alegria e correu para a sombra formada por uma cortina de damasco.

– Jhasua... como vieste, Jhasua! – E abraçou-se ao cortinado, não encontrando coisa alguma ao alcance de seus braços.

Todos olharam para aquele lugar e não viram nada a não ser o menino que, abraçado ao cortinado, falava com Jhasua.

Parmenas interrogou com o olhar o tio Jaime como indagando se seu filho não havia ficado louco.

No entanto, Jaime compreendeu que, no Santuário, deveriam estar na concentração do meio-dia, e o Pensamento-Luz do Verbo Encarnado havia vindo até eles em cooperação à obra de redenção que realizavam. O menino que já havia dado indícios da faculdade clarividente que se desenvolveu amplamente mais tarde, o viu, e, não sendo ainda capaz de analisar se era visão espiritual ou realidade física, se entregou espontaneamente às manifestações de seu amor por Jhasua.

Quando a visão se dissolveu, Felipe sacudiu o cortinado, removeu todos os objetos que se achavam próximos crendo, na sua ingenuidade infantil, que Jhasua brincava *de esconder* com ele.

– Quem é Jhasua? – perguntou Parmenas, saindo de sua abstração.

– É um jovem Profeta de Deus a quem o teu filho muito quer e que também está interessado em tirar-te do caminho que levar-te-á, mais tarde ou mais cedo, a um desgraçado fim. Está a meio-dia de viagem daqui. Queres vir vê-lo, Parmenas? Ele te espera.

– Está bem, irei. Mas esperai pela primeira hora da noite na qual levanto a tenda, segundo as ordens. Amanhã, de madrugada, partiremos, se for de vosso agrado.

– De acordo – respondeu Jaime. – Porém, onde deixarás tudo isto?

– Tenho um sócio que ficaria com tudo dando minha parte em dinheiro. Na verdade, estou cansado desta forma de vida.

– A alegria de nossa mãe – disse Aarão –, quando vier a saber disto, te compensará, tio Parmenas, por tudo quanto possas perder.

– Não volteis sem ele, disse nossa mãe ao sair da cabana – acrescentou Seth, pressionando mais ainda o pobre grego, que já se dava por vencido.

– Sabes o quanto ela te quer, desde que, na qualidade de irmã mais idosa, te entregou sua irmã de 16 anos para esposa, a qual, durante os dez anos que viveu ao teu lado, foi muito feliz. – Ao dizer isto, Aarão dava o golpe de misericórdia em Parmenas, por cujo rosto correram duas grossas lágrimas.

– Que farei lá? Preciso trabalhar para viver. Bem vedes que tenho um filho, e é tão parecido com minha finada esposa que às vezes julgo ser ela mesma quem fala e olha para mim.

– Isto se ajeitará lá – interveio o tio Jaime. – Arruma tuas coisas aqui com honestidade e justiça e não te preocupes com o amanhã.

"Não te faltará trabalho honesto na Galiléia, onde somos todos como uma só família."

Quando chegou a noite, Sevthópolis não parecia a mesma cidade alvoroçada e turbulenta do dia anterior.

Um antigo casal, originário de Chipre, tinha a mais tranqüila hospedagem que a cidade das caravanas podia oferecer aos viajantes que desejassem paz e sossego, e ali passaram a noite.

Somente pouco depois do meio-dia chegaram ao Santuário, habitado apenas por Jhasua e Melkisedec, pois os três Terapeutas ainda não haviam regressado de sua busca pelas grutas situadas nas ribanceiras do Jordão.

Felipe, que ainda estava como atormentado pelo incidente da tenda, assim que viu Jhasua extravasou, como um borbotão de água longo tempo contido:

– Tu te escondeste, Jhasua, atrás do cortinado e não pude falar-te mais. Por que fizeste essa brincadeira de mau gosto comigo? Assim não se brinca de esconder. Quando se termina, vencedor e vencido dão-se as mãos, e tu escapaste e não te vi mais.

Jhasua e Melkisedec sorriram compreendendo o que se havia passado, pois ambos eram conscientes do desdobramento espiritual realizado para conseguir a redenção de Parmenas.

– Pai – disse Felipe –, este é Jhasua, que ontem ao meio-dia esteve na tua tenda.

– Mais adiante, meu amigo, entenderás o significado das palavras de teu filho – disse Jhasua, vendo o assombro de Parmenas.

– Deveis estar cansados, e a refeição já vos espera – acrescentou Melkisedec, levando-os à grande gruta-cozinha.

Ali encontraram o tio Jaime com os dois filhos de Tobias, que descarregavam os asnos dos grandes sacos de provisões que novamente haviam trazido.

– Finalmente, vamos comer sobre uma toalha branca – disse Seth, estendendo uma toalha nova sobre a grande mesa de carvalho.

– E com os vasilhames de cobre brilhando como o sol – disse Felipe olhando-se num deles como em um espelho.

– Celebraremos a chegada de teu pai, Felipe, que já ficará entre nós – disse Jhasua feliz e alegre como sempre ficava quando se conseguia a redenção de um semelhante.

Estavam nestes preparativos quando chegaram os três Terapeutas que haviam saído em missão de exploração.

– A festa será completa – disse o tio Jaime, vendo as grandes cestas de uvas frescas e douradas que os Terapeutas traziam das margens do Jordão.

Vinham ainda mais carregados com as notícias obtidas através de velhos conhecidos e amigos que, felizes de ver novamente os desaparecidos Terapeutas, os haviam coberto de atenções e de presentes.

Alguns refugiados viviam ainda nas grutas, outros haviam ido aos povoados vizinhos para mendigar pelas ruas, e a maioria morrera de fome e de frio.

Os paralíticos, que não podiam andar por si mesmos, e os leprosos, que estavam proibidos de apresentar-se nas ruas, haviam perecido quando seus companheiros de refúgio deixaram de socorrê-los por uma ou por outra causa.

Os Terapeutas voltaram com os corações ainda mais angustiados por causa das obras de misericórdia fundadas nas grutas há tantos anos e das quais nem sequer existia mais vestígio algum.

Na gruta das mulheres enfermas e com filhos aleijados, onde tinham posto teares e caldeiras para tingir os tecidos, não encontraram mais que duas meninas cegas de nascimento e que tinham de oito a dez anos.

Judas de Saba lembrava ter conduzido ele mesmo essa mulher com suas duas meninas gêmeas que, na ocasião, tinham poucos meses. Uma cabra doméstica que ele também levara criava as duas criaturas. A mãe morrera e fora sepultada pelas companheiras numa cavidade nas montanhas.

A cabra continuou amamentando as meninas e guiando-as pelas grutas para buscar água e frutas silvestres.

Judas, com imensa amargura e profundo remorso, disse a todos, e continuava repetindo na parte mais profunda de sua consciência:

– Este nobre animal cumpriu sua missão melhor que eu. De que adianta colocar pedra sobre pedra para levantar um templo a Jehová, se deixamos perecer de miséria e de fome as obras vivas de Deus, que são suas criaturas com alma imortal?

– É isto mesmo, Judas – respondeu Jhasua profundamente comovido. – Mas, que fizeste com essas meninas?

– Nós as trouxemos nos braços, e a fiel cabra-mãe nos seguiu até aqui. Estão na gruta de entrada.

Jhasua com Judas foram até lá. As duas meninas recostadas juntas sobre o estrado, com seus olhos fechados em eterno sono, permaneciam quietas como se estivessem adormecidas. A cabra de longo pêlo branco havia subido também no estrado e dormia ao pé das meninas.

Com os braços cruzados sobre o peito, Jhasua observou durante alguns momentos aquele quadro, símbolo do abandono dos homens e da fidelidade de um animal.

Aproximou-se em seguida, e, inclinando-se sobre o estrado, acariciou suavemente aquelas cabecinhas com cabelos negros e emaranhados.

Estavam semivestidas com os mantos dos Terapeutas.

– Quem és? – perguntaram ambas. – És tu, Judas?

– Sou Jhasua, um irmão que vos quer muito.

– Não conheço essa voz – disse uma delas. – Foste tu que nos mandaste buscar?

– Sim, eu, e, se quiserdes, Jehová me deu o poder de abrir vossos olhos.

Em voz baixa, disse a Judas que chamasse o Mestre Melkisedec.

– Jamais tivemos olhos – disse a outra menina –, todavia nossa mãe chorava muito por causa disto. Ela nos explicava todas as coisas que se pode ver tendo olhos.

"Vemos com as mãos, com o olfato, com os pés e, principalmente, com a nossa segunda mãe, a boa cabrinha que nos alimenta e guia."

Jhasua observou minuciosamente os olhos das duas meninas, através de cuja pele, muito transparente e fina, se percebia o movimento das pupilas e até a cor escura delas.

Quando Melkisedec chegou, observaram em conjunto que aquelas criaturas haviam nascido com as pálpebras cerradas, mas, desde que fossem abertas, poderiam ver perfeitamente.

– Desejai – disse Jhasua – que Jehová abra vossos olhos.

Concentrou-se profundamente enquanto punha as mãos sobre os olhos das meninas.

– Estais me queimando! – gritaram ambas ao mesmo tempo.

Melkisedec fê-las calar e um profundo silêncio se estabeleceu na gruta.

As puras mãos de Jhasua tremiam em conseqüência da poderosa vibração que corria por elas como um fogo vivo, e dos olhos das meninas foi desprendendo-se, gota a gota, uma substância leitosa, como se fossem lágrimas brancas.

Depois essas gotas tornaram-se cristalinas e, finalmente, os olhos se abriram. Melkisedec e Jhasua, colocados ante elas, atenuavam a luz solar que podia causar-lhes, no primeiro momento, algum dano.

Quando terminou a vibração das mãos de Jhasua, este sentou-se no estrado porque havia perdido as forças.

Como se o nobre animal que estava a seu lado houvesse compreendido que aquelas mãos haviam curado suas meninas, começou a lambê-las suavemente.

– A natureza serve-se de ti, criatura de Deus, para restaurar o magnetismo gasto em suas outras criaturas.

"Quão formosa é a harmonia universal!"

Melkisedec limpou com um lenço branco molhado em água os olhos das meninas que continuavam abrindo até atingir seu estado normal.

– Quão formosa é nossa cabrinha e quão lindos são os seus olhos!

– Da mesma forma como os teus que também são lindos, disse uma delas à outra.

Esta exclamação das meninas fez com que todos compreendessem que já viam com bastante clareza.

Sucederam-se, umas após outras, as cenas de surpresa, assombro e medo daquelas duas meninas ao abrirem de repente os olhos para a vida que haviam percebido da triste escuridão de seus olhos cerrados.

Elas desconfiavam de tudo, e só seguiam sem temor ao fiel animal que lhes havia servido de mãe. Viram que a cabra entrou num arroio para beber e beberam também.

O fogo da lareira chamava grandemente sua atenção, principalmente porque dele saíam cozidos os alimentos e assado o pão. A capacidade de raciocínio surgiu em seguida, e um dia perguntaram a Felipe, com quem mantiveram uma amizade muito estreita, "se naquele fogo, que se via no alto, também eram cozidas castanhas e assados pães". Aquele fogo no alto era o sol, cujo vivo resplendor feria dolorosamente os seus olhos.

– Eis aqui os alicerces sobre os quais fundamentamos novamente o devastado Santuário – disse Jhasua, acariciando aquelas duas cabecinhas de escuros cabelos. – No entanto torna-se necessário trazer mães para estas meninas.

– Ou levá-las aonde possam encontrar o amor de uma mãe – observou o tio Jaime.

– Isso será mais fácil que encontrar, no momento, mães que queiram viver aqui depois do que ocorreu no Santuário. Todos têm pavor por causa dos bandidos que aqui habitaram vários anos – acrescentou Judas de Saba.

– Mais adiante poder-se-ia estabelecer aqui "*a cabana das avós*", como já existem no Carmelo e no Hermon – disse suavemente Jhasua, relembrando a alegria que desfrutou naquela temporada que passou, junto com sua mãe, no Monte Carmelo, entre os carinhos e mimos da avó Sabá e das outras anciãs que viviam em grutas ao pé da montanha na qual se achava o Santuário.

Em sua ardente imaginação desenhou-se nitidamente aquele asninho branco ajaezado de azul que a avó Sabá tinha escondido dentro de uma gruta para fazer-lhe uma surpresa e que ele, com inquieto ardil, havia descoberto antes do tempo.

– Quantos órfãos – disse – seriam felizes se houvesse aqui uma cabana das avós !

– Tudo virá com o tempo – respondeu Melkisedec. – Haverá anciãs, órfãs de carinho, viúvas sem filhos que aguardam, sem dúvida, um pequeno raio de luz para suas vidas sombrias. Todas elas formarão outra *cabana de avós*, como as do Monte Carmelo e a do Hermon.

A idéia havia surgido como uma mariposa branca entre as sombras, e estava, como num projeto, em todas as mentes. Alguma circunstância não procurada talvez produzisse a oportunidade que todos desejavam.

Na aldeia de Caná, vizinha de Nazareth, Jaime tinha uma parenta viúva que vivia em grande solidão e enviaram para ela as duas meninas quando, no dia seguinte, os filhos de Tobias, com Felipe e seu pai, empreenderam a viagem de regresso ao Tabor.

Melkisedec, Jhasua, Jaime e os Terapeutas permaneceram no velho Santuário da Samaria, aguardando os que deviam chegar do Carmelo para reorganizá-lo.

Os quatro Essênios esperados chegaram dois dias mais tarde com um asno carregado dos papiros e volumosos livros que haviam levado anteriormente para o Carmelo para serem salvos da destruição.

Os solitários samaritanos tinham conhecido Jhasua em seus primeiros anos e também mais tarde em sua adolescência, através das visitas isoladas que haviam feito a Nazareth.

Agora já o viam jovem, entrado nos 20 anos, com uma plenitude de vida espiritual e física que lhes causavam indizível felicidade.

– Reconstruir o nosso Santuário tendo-vos entre nós, é uma glória como nunca pude sonhar – disse o Ancião Servidor.

– Formais um formoso número! – disse Melkisedec. – Sois sete para reconstruir o vosso Santuário. As sete lâmpadas do candelabro de Moisés.

– E eu serei o vosso *círio da piedade* – acrescentou docemente Jhasua, dando às suas palavras o acento de uma promessa.

"Virei visitar-vos muitas vezes."

Depois desta introdução, o leitor compreenderá perfeitamente que as confidências foram longas nos três dias seguintes que Jhasua, Melkisedec e o Terapeuta que serviu de guia permaneceram ali. O tio Jaime, em conseqüência de sua promessa a Joseph, não quis separar-se de seu grande sobrinho até voltarem novamente ao lar.

– Este não é um Essênio das grutas – disse Jhasua quando apresentava seu tio aos recém-chegados.

"É um Essênio do armazém e da cozinha. É o *Essênio-Providência* que tudo vê e tudo remedeia."

– É o hortelão que cuida do horto – disse o Servidor, encantado com o tio Jaime, cuja solicitude para ajeitar tudo era a qualidade mais destacada daquela formosa vida de nobreza e eqüidade.

Os quatro Essênios salvos da grande hecatombe estavam como que asfixiados de pranto ao se verem novamente entre as grutas que haviam abandonado dez anos antes sem esperança de retornar a elas.

Voltavam como que trazidos pela mão do Ungido Divino que havia aplainado todas as dificuldades.

Quando os avisos espirituais do velhinho Ismael lhes falaram da restauração do velho Santuário, eles choraram em silêncio, porque essas promessas apagavam de suas almas uma dúvida tenaz.

– Eu já tenho em condições um porteiro excelente como não se pode pedir coisa melhor – disse o tio Jaime na ceia dessa noite. – Isto se o aceitares.

– Quando dizeis isto, vós que sois um Essênio do terceiro grau, é porque deve ser muito bom e desde já está aceito – respondeu o Servidor.

– Quem é, tio Jaime? Eu o conheço? – perguntou Jhasua.

– Através de referências, conheces parte da família de meu porteiro. A maior das três mocinhas salvas ultimamente na tenda de Parmenas, une-se em matrimônio nesta lua com meu excelente porteiro. Ele é pastor com um grande rebanho de ovelhas e cabras, e com uma mãe que é um tesouro de discrição e prudência. Tem sua cabana nas proximidades de Sebaste e faz muito tempo que os conheço. O marido era Essênio do primeiro grau e ela é do segundo, pois nasceu de pais Essênios. O moço, um forte e formoso mancebo de 20 anos, me confiou que desejava tomar uma esposa, no entanto não encontrava nenhuma a seu gosto. Eu prometi encontrar-lhe uma, e creio havê-la encontrado na maior das três donzelas que mencionei e, com a qual falei a respeito.

"Por intermédio do chefe da caravana em que elas foram, mandei uma carta para o moço propondo a transferência dele e da mãe para cá, coisa que eles necessitam fazer imediatamente, pois na próxima lua vence o prazo dado pelas autoridades de Sebaste para que todos os rebanhos sejam afastados quarenta estádios da cidade."

– Isto quer dizer que tendes a habilidade de, em alto grau, resolver várias situações ao mesmo tempo! – disse o Servidor entusiasmado.

– Não vos dizia que meu tio Jaime é o *Essênio-Providência*? – mencionou Jhasua.

– Deixa-me ver direitinho como é mesmo esse complicado assunto? – indagou Melkisedec que, embora conhecendo o caso das jovens salvas, não havia compreendido bem toda a explicação.

– Mas está bem claro – disse Jhasua. – O moço pastor quer uma esposa. O tio Jaime coloca-a diante dele. A família da noiva está ameaçada pela miséria em Amon, porque morreu o pai e existem crianças de poucos anos. O tio Jaime remedeia tudo casando a maior das moças com o pastor que tem um grande rebanho de cabras e ovelhas. Com isto, há alimento em abundância para toda a família.

"Por outro lado, o pastor, dentro de pouco tempo, deve retirar seus animais das proximidades de Sebaste. O tio Jaime oferece-lhe estes férteis montes e vales, que são pradarias, com um formoso "*Arroio das Gaivotas*", para bebedouro.

"Finalmente, o Santuário precisa de um porteiro de toda confiança com *uma avó Sabá* que é uma maravilha de discrição e prudência, e o tio Jaime a coloca à sua disposição.

"Poder-se-á tomar na Terra outra providência mais oportuna?"

– Na verdade, sois um prodígio em combinações formosas, nobres e úteis – disseram simultaneamente os Essênios.

O tio Jaime sorria com sua habitual bondade, enquanto continuava partindo nozes para todos, pois, ainda nessas pequenas coisas, encontrava um modo de ser útil aos demais.

Eis aqui uma formosa vida que ficou esquecida pelos biógrafos do Cristo, assim como tantas outras que, como esta, estiveram estreitamente ligadas à vida excelsa do Homem-Luz! Foi esta uma das causas inspiradoras deste livro, encarregado de descobrir, não só a grandeza divina da vida íntima do Verbo Encarnado, como também a atuação importantíssima, para a História e para a Ciência Espiritual, da pequena porção da Humanidade que o secundou na sua infatigável tarefa, em benefício da fraternidade e do amor entre os homens.

Jaime de Jericó era viúvo, e de seu matrimônio havia ficado um filhinho que cresceu em Caná da Galiléia, ao lado da avó materna. Na época que estamos narrando, o menino tinha somente 9 anos e, no seu regresso da Samaria, o tio Jaime teve notícia da grave enfermidade de sua sogra, que morreu pouco depois, deixando o netinho órfão pela segunda vez.

Myriam, cuja alma transbordava de piedade até a dor pelos demais, dirigiu-se a Caná nos últimos momentos da sogra de seu irmão, e levou o pequeno Jaime consigo para Nazareth, o qual passou a ser, imediatamente, outro filho do seu coração cheio de misericórdia.

A velha casinha solarenga, onde o tio Jaime se casou e onde nasceu seu único filhinho, passou a ser propriedade exclusiva sua, e nela foi instalado, pouco tempo depois, um Refúgio-Oficina para mulheres viúvas, donzelas e crianças sem família e sem meios de vida.

Na direção, na qualidade de irmã maior, foi posta a parenta de Jaime, à qual haviam enviado aquelas duas meninas curadas da cegueira e encontradas numa das grutas nas margens do Jordão.

Essa mulher chamava-se Maria Cléofas.

Era a irmã mais moça da sogra de Jaime, recentemente falecida.

Ela aparece aqui pela primeira vez, pois sua proteção às meninas Simi e Fatmé a vinculou estreitamente ao Grande Missionário do Amor Fraterno, ao qual seguiu

incansavelmente nas correrias de sua vida pública, e o seguiu até o sepulcro. Maria Cléofas foi uma daquelas mulheres que, como Magdalena, se dirigiram à sepultura de Jhasua para embalsamar seu corpo na madrugada de domingo e encontraram o sepulcro vazio.

Fazemos esta referência, não por antecipação do acontecimento que em seu devido tempo relataremos com amplos detalhes, mas para pôr o novo personagem em contato espiritual com o leitor que, se é observador e analítico, apreciará estudar as características próprias de cada personagem, que é um dos mais puros deleites do leitor.

Maria Cléofas tinha sua casinha junto à de sua irmã, a sogra de Jaime, razão pela qual pôde fazer-se de ambas uma só casa com o tamanho necessário para refúgio e oficina de tecidos.

Essa foi outra combinação do talento do tio Jaime... do tio *Providência*, conforme Jhasua o chamava!

Com esta observação feita para seu conhecimento, leitor amigo, enquanto o tio Jaime parte nozes na grande cozinha do Santuário samaritano, ficam inteirados da forma e modo como, em silêncio e modestamente, aqueles verdadeiros filhos de Moisés realizavam suas obras de ajuda mútua com escassos bens de fortuna, mas com um grande coração cheio de amor e de piedade para com seus semelhantes desamparados.

Dessa forma, com pequenas obras silenciosas, ia ampliando, cada vez mais, o horizonte no qual devia brilhar, com luz meridiana, alguns anos mais tarde, a estrela magnífica do Cristo, determinando rumos de luz e de amor à Humanidade.

Em silêncio, foi restaurado o Santuário Essênio da Samaria; em silêncio, Parmenas, o grego, havia sido salvo da ruína moral; havia sido remediada a família desamparada das três mocinhas de Amon que iam ser vendidas como escravas; em silêncio, também foi aberto o Refúgio-Oficina de Caná onde Maria Cléofas, com Simi e Fatmé, foram as primeiras plantas desse horto espiritual de onde saíram as mulheres cristãs da primeira época, as que forneceram os meios materiais para que o grande Missionário do amor pudesse fundamentar sua obra.

Maria Cléofas era a mais moça de toda aquela família dispersa já pela Galiléia e pela Judéia, devido aos matrimônios que contraíam; mas, em momentos oportunos, uniram-se todos na velha casa solarenga, onde só havia ficado ela, também casada, e que tinha enviuvado pouco depois.

Jhasua aos 20 Anos

Jhasua voltou novamente ao Santuário do Tabor, onde reassumiu suas silenciosas tarefas de intensa ordem espiritual, interrompidas momentaneamente pelas atividades exteriores. Referimo-nos, em particular, aos ensaios de telepatia e ao seu Diário, visto como, na prática do bem, não cessava de estender suas admiráveis faculdades e seus poderes internos, em harmonia com as forças e leis naturais.

Ele havia ficado ausente do Santuário apenas trinta dias e, no seu regresso, encontrou várias cartas de diversas partes.

- Nebai havia escrito de Ribla com notícias importantes.

Os filhos do sacerdote de Homero haviam-se casado com donzelas sírias.

Os dois irmãos de Nebai, que também estavam em vésperas de celebrar matrimônio, punham um movimento desusado no grande castelo, antes tão silencioso e sereno.

Nebai, com muita graça, dizia numa carta:

"Tive oportunidade de pôr em prática aqueles teus ensinamentos cheios de sabedoria, Jhasua: *extrair do fundo de todas as coisas aquilo que de mais formoso existe nelas.* No meu caso, a coisa mais formosa são as almas daquelas que vão ser minhas cunhadas e que logo virão morar no castelo, até agora quase vazio, e onde estão sendo preparados dois ninhos independentes para estes pássaros irrequietos.

"Os Terapeutas do Santuário do Hermon visitam-nos freqüentemente; com eles falo de ti, Jhasua, e eles me animam nesta minha vida tão diferente daquelas que levam as demais mulheres de minha idade e condição.

"Eles me dizem: 'Darás a elas o teu exemplo, e não devem ser elas que o hajam de dar a ti.'

"E será assim, Jhasua, porque meus irmãos, suas noivas e eu ingressamos no primeiro grau da Fraternidade Essênia, e, na sua próxima viagem, os Terapeutas nos trarão o livro da Lei com os Salmos e o manto branco correspondente ao grau que iniciamos.

"Espero também que as noras do Ancião Menandro iniciem este caminho.

"Quero saber se é ilusão ou realidade o que me ocorreu há quatro dias.

"Eu pensava na fonte das pombas da casinha de pedra, ao cair da tarde, conforme combinamos. Supus que não estivesses lá porque meu pensamento parecia perder-se no vazio sem que ninguém o acolhesse. Mas, depois de passado um bom tempo, senti a tua vibração, Jhasua, que, de outro lugar me dizia: 'Nebai, não me procures na fonte porque não estou no Tabor, mas nas montanhas da Samaria. Logo voltarei.'

"Será isto certo, Jhasua? Como foi que não me anunciaste essa decisão em tua última carta?"

Continuava assim a carta de Nebai, deixando nitidamente a descoberto as luzes e sombras daquela formosa alma, que procurava altitudes diáfanas com claridades de estrelas e ânsias de imensidão.

Ao regressar da Samaria, Jhasua e o mestre Melkisedec detiveram-se em Nazareth durante alguns dias, para ajudar, com forças espirituais e magnéticas, a Joseph e Jhosuelin. Ambos pareciam reviver unicamente com a presença de Jhasua.

A chegada do tio Jaime com seu filho pôs mais uma nota de íntima ternura naquela família, sobre a qual se derramava a piedade e a magnificência divina.

A fisionomia do ancião Joseph foi adquirindo aquela aprazível serenidade que parece ter reflexos da vida superior, à qual logo será chamado o espírito triunfante nas lutas da vida.

Joseph, o Justo, como muitos o chamavam, porque viam na sua vida um crisol de nobreza e retidão, estava vivendo seus últimos anos e, como se uma luz superior o iluminasse, ia organizando tudo, para que a família que o rodeava no ocaso de sua vida não se visse perturbada por aquela outra família da sua juventude.

– Todos são honrados e bons – disse mui ajuizadamente – mas, entre os bons, a ordem os ajuda a serem melhores e a compreenderem mais claramente os direitos dos demais.

Jhasua disse a seus pais:

– Vou ao Santuário somente por uma lua e, em seguida, estarei novamente convosco por todo este inverno.

"Juntos, teremos que resolver muitos assuntos."

Desnecessário torna-se dizer que a notícia causou indizível alegria a todos.

Ele empregaria sua estada no Santuário para descansar seu espírito e para tomar novas energias. Havia-se desgastado demais nas obras espirituais e materiais realizadas em favor de seus semelhantes.

Dominar as correntes adversas, que dificultam a vida do homem nos mundos de expiação, requer esforços mentais demasiado intensos. Sabem, e experimentam isto todas as almas que, de uma forma ou de outra, consagram suas vidas cooperando para a evolução espiritual e moral da Humanidade.

As cartas de Nebai e de Hallevi (aquele que mais tarde tomou o nome de Bernabé) davam-lhe notícias do norte, assim como as de José de Arimathéia o mantinham a par do que acontecia no sul.

Junto com as deste último, os Terapeutas trouxeram mensagens escritas ou verbais de seus amigos do Monte Quarantana e dos porteiros do Santuário, Bartolomeu e Jacobo, já pais de família e em cujas almas continuava vibrando, como uma harpa eterna, o amor de Jhasua.

Uma mensagem do menor Bartolomeu causou ao jovem Mestre ternissima emoção. Anunciava-lhe que o maior de seus filhos havia completado cinco anos, e pedia permissão a Jhasua para começar a deixá-lo montar naquele asno cinza que havia alegrado sua estada no Santuário sete anos atrás.

Seus amigos de Bethlehem, aqueles que o viram na mesma noite do seu nascimento, Elcana e Sara, Josias, Alfeu e Eleázar, escreviam, juntos, uma comovedora carta que era uma súplica brotada do fundo de seus corações:

– Vão chegar as neves – diziam – e, com elas, o dia glorioso que, há vinte anos, brilhou sobre Bethlehem como uma aurora resplandecente. Vinde com Myriam e Joseph passá-lo conosco, e fareis florescer uma nova juventude sobre estas vidas cansadas, que já se inclinam para a terra."

A suave ternura que saturava essa carta vibrou intensamente na alma do jovem Mestre, que, fechando os olhos, deixou que seu pensamento, tal como uma mariposa de luz, voasse para aqueles que dessa forma o chamavam.

Voltou a ver mentalmente Sara em seu incansável ir e vir das donas-de-casa, consagradas com amor a cuidar do bem-estar de toda a família. Viu Elcana, seu esposo, à frente de sua oficina de tecidos, sendo qual discreta providência para as famílias de seus operários. Viu também a Alfeu, Josias e Eleázar, com seus grandes rebanhos de ovelhas e cabras, abastecendo toda aquela região com os elementos indispensáveis para a vida, como são o alimento e o vestuário.

Em muitas daquelas casas bethlehemitas eram atados vínculos de amor com o jovem Messias, a quem não viam desde seus 12 anos, quando esteve no Templo de Jerusalém.

Até no oculto Refúgio essênio dos reservatórios de água de Salomão, habitado pela mártir Mariana, chorando eternamente por seus filhos assassinados por ordem de Herodes, o nome de Jhasua era qual uma luz acesa nas trevas, uma roseira num páramo deserto ou o caudal fresco de uma fonte nos areais calcinados pelo sol.

Tudo isto vibrou na alma de Jhasua como o som de um sino distante, e, não podendo resistir a esse imperioso chamado do amor, respondeu através do primeiro Terapeuta que saiu rumo ao sul, que passaria em Bethlehem no dia em que completaria seus 20 anos de vida terrestre.

Ele havia prometido a seus pais passar esse inverno com a família, e com eles iria a Jerusalém, onde a Escola de seus amigos reclamava ardentemente sua presença,

depois de dura borrasca que suportara. Lá também estava Lia, a parente viúva que, ao casar suas três filhas, encheu sua solidão com as obras de misericórdia que derramou a mãos-cheias sobre os desamparados e os enfermos.

"– São as flores de meu horto" – disse ela quando, em determinados dias da semana, seu jardim ficava cheio de mães com crianças e de anciãos carregados não só de anos mas também de tristezas e miséria.

Lia, a viúva essênia, silenciosa e discreta, associava suas três filhas casadas, Susana, Ana e Verônica às suas obras. Elas compareciam em determinados dias para ler os livros dos Profetas aos protegidos de sua mãe, instruindo-os, dessa forma, em seus deveres para com Deus, com o próximo e consigo mesmos.

A obra silenciosa e oculta dos Essênios, que ficara esquecida pelos cronistas desse século de ouro, foi, em verdade, a rede prodigiosa na qual se envolveram, para toda a eternidade, as almas que em numerosa legião se uniram ao Homem-Luz, Ungido do Amor e da Fé, que marcou o caminho indelével da fraternidade entre os homens.

Todo esse imenso trabalho silencioso, como uma videira fantástica a estender seus ramos carregados de frutos por todas as partes, esperava Jhasua naquela Judéia, árida e triste para aqueles que desciam das férteis montanhas samaritanas e galiléias, mas onde o amor silencioso das famílias essênias punha a nota terna e cálida de piedosa fraternidade mais profundamente sentida.

Vemos, pois, que, das férteis montanhas do Líbano, na Síria, até os ardentes areais da Iduméia, no sul, florescia nas almas a esperança qual uma roseira mágica de sonho.

O Ungido de Jehová caminhava com seus próprios pés por aquelas terras, e as dores humanas desapareciam ao seu contato.

Os Terapeutas-Peregrinos, que saíam de seus Santuários carregados de amor na alma, iam levando de aldeia em aldeia o fio de ouro que atava os corações de uns com os outros em torno do Homem Ungido de Deus, cuja vida infantil e juvenil eles mencionavam em segredo e minuciosamente.

Bastou que Jhasua instalasse um pequeno recinto de oração na casa de seus pais, em Nazareth, para que se fizesse o mesmo nas casas de todas as famílias essênias que pudessem dispor de um lugarzinho discreto, com uma mesa suntuosa ou simples, onde os livros dos Salmos e dos Profetas estavam presentes com o seu pensamento escrito e vivido, como se fosse o próprio alento da Divindade.

Sobre essa mesa, gravado numa lâmina de madeira, de cobre ou de mármore aparecia, invariavelmente, o primeiro mandamento da Lei de Moisés: "Adorarás ao Senhor, teu Deus, com toda tua alma, e amarás a teu próximo como a ti mesmo."

Para os mais pobres, que não dispunham de outro espaço senão de uma cozinha com estrados para o descanso, a piedade essênia teve o recurso da oração na casa do vizinho, o qual mantinha aberto seu recinto sagrado para aqueles irmãos de ideal que não tinham posses. Tal foi a obra essênia de elevação das almas a um nível superior, pela qual eles se punham em sintonia com o Pensamento Eterno que o Cristo trazia à Terra.

Esta harmoniosa corrente de amor e de fé, espargida como um fogo purificador por toda a Palestina e países circunvizinhos, foi a onda mágica na qual Jhasua desenvolveu sua vida oculta, que ficou como sepultada no esquecimento na metade do século seguinte, à medida que iam desaparecendo do plano físico as testemunhas oculares, seus familiares e discípulos.

O recinto de oração em cada casa essênia deu origem à afirmação de alguns viajantes que escreveram sobre este particular, que toda a Palestina estava cheia de Sinagogas e que, nas grandes cidades, se contavam até quatrocentas ou mais.

O pensamento sutil do leitor que analisa e raciocina parece estar perguntando: Como, desta onda de paz e amor fraterno, desta intensidade de vida espiritual, pôde surgir, treze anos depois, o horrendo suplício com o qual se pôs fim à vida física do Cristo?

O pontificado e o clero de Jerusalém viram chegado o seu fim ante o Verbo de fogo do grande Mestre que retornava em favor dos direitos do homem e despejaram o ouro acumulado no comércio do templo nas bolsas vazias da população ignorante e faminta, enquanto aqueles diziam: "O vagabundo que prega o desprezo pelos bens da terra é o causador de nossos males, porque com ele chegou o reino de Deus por ele mesmo anunciado."

Acalmada assim brevemente, a inquietação do leitor, continuo a narração:

Dezesseis dias antes de seu vigésimo aniversário, Jhasua saiu de Nazareth com seus pais na caravana que vinha de Tolemaida em direção ao sul.

O caminho bifurcava-se ao chegar à planície de Esdrelon. Um deles percorria o centro da província da Samaria, passando por Sebaste e Sichen, enquanto o outro tocava em Sevthópolis e continuava pela margem do Jordão até Jericó, Jerusalém e Bethlehem.

Joseph, Myriam e Jhasua juntam-se aos viajantes que seguiram o caminho do Jordão, visto como, naquele trajeto, se encontravam muitos de seus familiares e amigos. Em Sevthópolis, que o leitor já conhece, achava-se o Santuário essênio recentemente restaurado, onde os porteiros da amizade do tio Jaime os brindaram com uma cômoda e tranqüila hospedagem.

Em Archelais, segundo ponto de parada da caravana, vivia a família de Débora, primeira esposa de Joseph, à qual Matias, o segundo filho daquele primeiro matrimônio, se havia unido.

O justo Joseph havia sido sempre o pano de lágrimas de seus sogros enquanto estes viveram, e continuava sendo-o para as duas viúvas, irmãs de sua primeira esposa, que viviam pobremente nessa localidade. A família havia sido avisada e certamente os esperaria.

Finalmente, em Jericó, terceiro ponto da parada, viviam os familiares de Myriam, dois irmãos de Joachim, seu pai, com os dois filhos e netos.

Tudo isto foi levado em conta pelos nossos viajantes, com o fim de estreitar vínculos com seres que, embora muito queridos, se mantinham um tanto distantes devido às escassas visitas que só eram feitas de tempo em tempo.

Para Jhasua existiam, além disto, outros poderosos motivos: as grutas-refúgios que, nas montanhas das margens do Jordão, haviam voltado a ser habitadas, conforme notícias que lhe mandara Judas de Saba, cujo ardoroso entusiasmo pelas obras de misericórdia o haviam convertido em providência vivente para os desamparados daquela região.

Nossos três personagens eram, dentre a caravana, *os viajantes ricos*, pois levavam três asnos com carregamento, quando todos os demais só tinham aqueles em que iam montados.

Só o chefe da caravana sabia que o carregamento dos três asnos contratados por Joseph não levavam ouro nem prata, mas pão, frutas secas e roupas para os refugiados nas grutas do Jordão.

O amor de Jhasua para com seus irmãos indigentes havia envolvido as almas de seus pais e familiares num fogo santo, até o ponto de não mais poderem subtrair-se dessa suave influência de piedade e comiseração.

Nos três pontos onde a caravana parou, Jhasua deixou o rastro luminoso da sua passagem.

Em Sevthópolis, ao redor das tendas móveis que são instaladas diariamente, observavam-se às vezes alguns infelizes aleijados, crianças retardadas ou com parte do corpo atacada de paralisia.

Descer de seu burrico e ir direto até eles, foi coisa tão rápida que seus pais nem sequer tiveram tempo de perguntar: *Aonde vais?*

O doloroso grupo olhou com assombro para aquele formoso mancebo de cabelos castanhos e olhos claros, que os observava com tanto amor.

– Estais enfermos – disse –, porque não vos lembrais de vosso Pai que está nos Céus, que tem o poder de curar-vos e quer fazê-lo. Por que não lho pedis?

– Ele está muito distante e não ouvirá nossos clamores – respondeu um jovenzinho que tinha todo um lado de seu corpo rígido e seco como um feixe de raízes.

– Enganai-vos, meu amigo. Ele está a vosso redor, mas não o sentis porque não o amais o bastante para vê-lo e senti-lo.

Uma poderosa vibração de amor começou a flutuar como brisa primaveril, e Jhasua, olhando para o assombrado grupo, começou a dizer com voz meiga e profunda:

– "Amarás ao Senhor, teu Deus, com todas tuas forças, com toda tua alma, e a teu próximo como a ti mesmo."

"Assim manda a Lei do Deus-Amor, que esqueceis."

Repartiu algumas moedas entre eles e disse:

"Voltai para vossas casas, e não esqueçais que Deus vos ama e vela por vós."

Enquanto aquelas pobres mentes estiveram absortas no olhar e na palavra de Jhasua, seus corpos receberam, como através de uma formidável onda, a energia e a força vital que ele lhes transmitia, e, pouco depois, quando o perderam de vista no meio da multidão, dos animais e das tendas, perceberam que seus males haviam desaparecido.

Alguns correram por um lado, os demais por outro, como enlouquecidos de alegria, procurando o mancebo da túnica branca, que não se via mais em parte alguma.

Por fim, chegaram à conclusão de que *devia ser o Arcanjo Rafael que curou Tobias*, porquanto havia desaparecido tão misteriosamente.

– Deve ser um mago vindo do norte – disseram os estrangeiros que nada sabiam do Arcanjo Rafael nem de Tobias.

– Mas, se estais curados, necessitais trabalhar – disseram outros oferecendo trabalho em seus comércios, cujas agitadas atividades necessitavam sempre de um número maior de operários.

Era inútil continuar a procurar Jhasua, que instalara rapidamente seus pais sob a tenda-hospedaria, e correra ao Santuário em busca do porteiro. Com essa família passaria ele a noite, até a primeira hora em que a caravana continuaria a viagem.

Com grande surpresa dos solitários, apresentou-se repentinamente no arquivo, onde todos eles se encontravam colocando novamente em ordem sua abundante documentação.

– Não vos havia dito anteriormente que eu seria o vosso *Círio da Piedade*? Pois aqui estou e somente por algumas horas.

"Onde estão os ex-cativos?" – perguntou, aludindo aos três Terapeutas libertados do aprisionamento.

– Na cozinha, preparando as maletas para ir às grutas – responderam.

– Pois nada mais oportuno – disse Jhasua. – Trouxemos um pequeno carregamento para os refugiados.

Indizível foi a alegria dos três Terapeutas em poderem abraçar novamente a Jhasua.

Quando se aproximava a hora de partir, eles acompanharam os três viajantes para se encarregarem das provisões doadas pela família de Joseph aos refugiados que se achavam nas grutas do Jordão.

Depois de obter informações e detalhes minuciosos sobre o estado e condições em que se encontravam os enfermos, Jhasua despediu-se deles para continuar a viagem junto com seus pais.

Desde que saíram de Sevthópolis, o caminho prosseguia em plena montanha, costeando serranias que, por estar adiantado o inverno, apareciam um tanto amarelentas e já desprovidas, completamente, de seu exuberante verdor.

Todo o trajeto desde Sevthópolis até Archelais ofereceu a Jhasua a oportunidade de derramar, como uma torrente caudalosa, o poder interno que seu Espírito-Luz havia conquistado em seus longos séculos de amor.

Ele continuava amando como se não pudesse mais deter-se na gloriosa ascensão para o alto, para onde parecia subir em vertiginosa carreira.

"Amar por amar é água
Que não conhecem os homens.
Amar por amar é água
Que somente bebem os deuses."

Havia cantado Bohindra, o gênio imortal da harmonia e do amor, e vimos seu verso de cristal viver em Jhasua com vida exuberante, que, na verdade, assombra todo aquele que o estuda em seu profundo sentir.

Montado em seu jumento, Jhasua não se descuidava de examinar, a cada instante, sua caderneta, que levava na mão esquerda.

– Repara neste caminho, Jhasua, que é muito escarpado e oferece obstáculos a cada instante – disse seu pai – e temo que examinar essa caderneta não ajuda o jumento a salvar-se dos perigos.

– Ele está bem amestrado, paï. Não temais por mim – respondeu.

– Poder-se-á saber, meu filho, que coisa absorve tanto a tua atenção nessa caderneta? – perguntou, por sua vez, Myriam, cuja intuição de mulher estava adivinhando o que se passava.

– Coisinhas minhas, mãe, que só interessam realmente a mim – respondeu sorrindo Jhasua, como o menino que oculta alguma travessura muito agradável em seu coração.

"Aqui estão os dois carvalhos centenários," murmurou ele a meia-voz. "É o marco da gruta dos leprosos."

Estavam ainda a cinqüenta braças dos carvalhos, quando viram sair, dentre eles, um vulto coberto com um saco feito de pele de cabra, que apenas deixava ver os olhos através de uma pequena abertura na parte superior.

Somente assim era permitido aos atacados do horrível mal aproximar-se das pessoas que passavam, em busca de um auxílio ou socorro para sua irremediável situação.

Jhasua falou algumas poucas palavras com o chefe da caravana, que sempre levava preparado um saco com os donativos de alguns dos viajantes para os infelizes enfermos.

– Eu lhe levarei isto – disse Jhasua pegando o saco e encaminhando-se para o vulto encapuzado que avançava. Os viajantes passaram ao largo, desejando colocar-se a uma maior distância entre o leproso e eles.

Myriam e Joseph detiveram um pouco suas cavalgaduras para dar tempo a Jhasua.

– Meu coração já imaginava isto – disse Myriam ao esposo.

"Na caderneta, Jhasua deve trazer anotados os lugares onde estão as grutas, e era isto que absorvia a sua atenção."

– Oh! Este santo filho que Jehová nos deu, Myriam, dá cada lição silenciosa que, se soubermos aprendê-la, seremos santos também.

O ancião, com os olhos umedecidos de pranto, continuou olhando para Jhasua, que se aproximava do leproso sem medo algum.

Viram que lhe retirou o saco de pele e o tomou pelas mãos.

Foi um momento de olhá-lo nos olhos com aquela irresistível vibração de amor a penetrar até a medula como um fogo vivificante, que atingia todas as fibras do ser.

Myriam e Joseph não lhe puderam ouvir as palavras, mas nós podemos ouvi-las, leitor amigo, vinte séculos depois de haverem sido pronunciadas.

Nos Arquivos Eternos da Luz, Maga dos Céus, ficaram escritas, como permanece gravado tudo quanto foi pensado, falado e sentido nos planos físicos:

– És jovem, e tens uma mãe que chora por ti. Há uma donzela que te ama e te espera... uns filhos que poderão vir para o teu lado. Sei tudo! Não me digas nada. Judas de Saba informou-me tudo quanto diz respeito a ti.

– Salva-me, Senhor, que já não resisto mais à dor no corpo e na alma – exclamou o infeliz leproso que tinha apenas 26 anos.

– O poder divino que Deus me deu, e que tua fé descobriu em mim, te salva. Vai, banha-te sete vezes no Jordão e volta para o lado de tua mãe. Sê bom filho, bom esposo e bom pai; e tal será a tua ação de graças ao Eterno Amor que te salvou. Dize a teus companheiros que façam o mesmo e, se acreditarem, como tu, no Poder Divino, serão também purificados.

O enfermo ia arrojar-se aos pés daquele formoso jovem, cujas palavras o hipnotizavam causando-lhe profunda emoção. Mas sentiu que todo o seu corpo tremia, e sentou sobre o feno seco que se achava à margem do caminho.

– Anda! Não temas nada – disse Jhasua montando novamente e voltando para junto de seus pais, que o aguardavam.

Os outros viajantes perdiam-se já numa das inumeráveis voltas do tortuoso caminho, costeando penhascos enormes, e certamente julgavam que o infeliz leproso deveria ser um familiar de Jhasua, em virtude da atenção que lhe havia dispensado.

A Humanidade ainda não havia compreendido o que é o amor, que não necessita dos vínculos do sangue nem das recompensas da gratidão para dar de si quanto tem de grande e de excelso, como uma vibração permanente do Atman Supremo, que é amor imortal acima de todas as coisas.

Em conseqüência desse atraso, nossos três viajantes ficaram a certa distância da caravana, fato este que lhes permitia conversar com inteira liberdade.

– Que obra grande fizeste hoje, meu filho! – disse Joseph olhando para Jhasua com essa admiração produzida pelos fatos extraordinários.

– Era uma verdadeira lástima, aquele homem, tão jovem e já inutilizado para a vida – acrescentou Myriam, esperando uma explicação de Jhasua, que continuava em silêncio. – Ele se curará, meu filho?

– Sim, mãe, porque crê no Divino Poder, e isto é como abrir todas as portas e janelas de uma casa para que entre, em torrente avassaladora, o ar puro que renova e transforma tudo.

– Haverá outros leprosos ali? – voltou Myriam a perguntar.

– Ficaram vinte dos trinta e dois que havia desde há muito tempo.

"Os outros morreram quando os Terapeutas do Santuário deixaram de socorrê-los. Eram já idosos, e seu mal estava muito adiantado. A miséria consumiu-os mais rapidamente."

– Não se poderia evitar, Jhasua, que este espantoso mal continue desenvolvendo-se tanto em nosso país?

– Quando os homens forem menos egoístas, desaparecerá a lepra e a maioria dos males que atingem a Humanidade. A extremada pobreza leva os infelizes da vida a ingerirem em seu corpo, como alimento, matérias em decomposição. Os tóxicos dessas matérias, já em estado de putrefação, entram no sangue e o carregam de germes que produzem todas as enfermidades. Os germes corrosivos vão passando de pais para filhos, e a cadeia de dores vai tornando-se cada vez maior.

"Quando os felizes de vida amarem os infelizes tanto como amam a si mesmos, acabar-se-ão quase todas as enfermidades, e os homens só morrerão devido ao esgotamento da velhice ou por acidentes inesperados.

"Pude curar leprosos, paralíticos e cegos de nascimento; no entanto, ainda não consegui curar nenhum egoísta. Que terrível mal é o egoísmo!"

Uma profunda decepção pareceu desenhar-se no expressivo semblante de Jhasua, cuja palidez assustou a sua mãe.

– Meu filho – disse ela –, estás tão pálido que me pareces enfermo.

– Jhasua fica assim quando salva os demais de seus males. Dir-se-ia que, por alguns momentos, absorve em seu corpo físico o mal de todos aqueles a quem ele cura – acrescentou o pai.

Jhasua olhou para ambos e sorriu em silêncio.

– Vejo que ides ficando muito observadores – disse finalmente.

– Quando curaste Jhosuelin e a mim, observei também essa palidez – disse Joseph. – Mas parece-me que, assim como o Senhor te dá energia para curar os demais, também repõe aquela que gastas neles.

– É exatamente assim como pensais, pai. Logo passará este estado de lassidão, porque os enfermos já se recuperaram.

– Mas todos ficarão curados? – perguntou alarmada Myriam, temerosa de que tantos corpos enfermos esgotassem a vida de seu filho. Jhasua compreendeu o motivo de seu alarme.

– Mãe! – disse com infinita ternura. – Não me causes a dor de perceber em tua alma uma só centelha de egoísmo. A vida de teu filho vale tanto quanto essas vinte vidas salvas.

"Também eles têm mães que os amam como tu a mim. Coloca-te no lugar de uma delas, e então pensarás de outra forma."

– Tens razão, meu filho! Perdoa o egoísmo de meu amor de mãe. És a minha luz e, sem ti, parece que ficarei às escuras.

– Terás que aprender a sentir-me ao teu lado, ainda que eu desapareça do plano físico...

– Deus-Pai não haverá de querer, não!... morrerei antes de ti!... – disse ela através de um soluço de angústia.

– Percebes, mãe, a dor dessas mulheres que vêem seus filhos morrerem vivos nas cavernas dos leprosos?

– Sim, meu filho! Já vejo e sinto. A partir de hoje, prometo averiguar onde há um leproso para que possas curá-lo. Fui a primeira pessoa que curaste do egoísmo.

"Já estou curada, Jhasua!... Ante Deus-Pai que nos ouve, entrego meu filho à dor da Humanidade!"

E a meiga mãe começou a chorar em grandes soluços.

– Que fizeste, Jhasua, meu filho, que fizeste? – indagou Joseph, tomando uma das mãos de Myriam e beijando-a ternamente.

– Nada, pai! É que, ao retirar ela mesma o espinho que estava cravado em sua alma, sentiu toda esta dor.

"Mas já estás curada para sempre, não é verdade, mãe?"

Isto disse Jhasua, já desmontado de seu asno e rodeando, com o braço, a cintura de sua mãe.

– Sim, meu filho, já estou curada.

A admirável mulher do amor e do silêncio secou suas lágrimas e sorriu para aquele Filho-Luz que estava ao alcance de seus braços.

O caminho aproximava-se cada vez mais do rio Jordão, cujas mansas águas pareciam correr como no fundo de um precipício encaixado entre duas cadeias de montanhas.

Os viajantes tinham, ao ocidente, a cadeia gigantesca do Monte Ebat de 8.077 pés de altura (*), cujos picos cobertos de neve, iluminados pelo sol da tarde, lhes dava o aspecto de montanhas de ouro recortadas sobre o azul-turquesa daquele céu diáfano e sereno.

– Como é bela a Samaria!... – exclamou Jhasua absorto na contemplação de tão esplêndida natureza. – Esta beleza me faz recordar os panoramas do Líbano, com a Cordilheira do Hermon, mais alto que estes Montes Ebat.

– Também os recordamos, meu filho – respondeu Joseph – pois os contemplamos através de nossas lágrimas de desterrados quando, contigo, pequenino de 17 meses, passamos ali cinco longos anos.

– Minha vida trouxe-vos muitos pesadelos – disse Jhasua – e talvez vos trará muitos outros mais.

– Não faças maus agouros, meu filho! – disse-lhe a mãe –, nem fales dos pesadelos que tua vida trouxe. Quais são os pais que não os têm por seus filhos?

– E ainda mais nestes tempos – acrescentou Joseph – em que o domínio romano mantém tão exasperados nossos compatriotas que, a cada passo, cometem sérias imprudências. Um dos irmãos de Débora está preso em Archelais, e não sei se poderei vê-lo.

– Como! Não me disseste nada?... Joseph, isto não está certo.

– Mulher!... Não o quis dizer para te evitar mais amargura. Até então não pensava em fazer esta viagem e julguei que tudo passaria sem que viesses a sabê-lo.

– E a esposa e os filhos? – voltou Myriam a perguntar.

– O filho mais velho que já tem 20 anos, como o nosso Jhasua, está à frente do moinho, ajudado pelo meu filho Matias, a quem pedi que se ocupasse desse assunto.

– Que crime lhe imputam para levá-lo ao cárcere? – perguntou Jhasua.

– Este meu cunhado – disse Joseph – esteve sempre em desacordo com os herodianos e seus maus costumes, como também jamais mediu suas palavras, quando, em público, exteriorizava suas rebeldias. Quando Herodes modificou o nome da antiga cidade de Yanath para *Archelais*, que era o nome de seu filho mais velho, meu cunhado

(*) 2.461 m (N.T.).

levantou junto ao povo um protesto porque aquele velho nome vinha desde o primeiro patriarca da tribo de Manasés que se estabelecera nessa região, e foi quem construiu o primeiro Santuário que o povo hebreu possuiu ao entrar nesta terra de promissão.

"Por causa deste protesto foi acusado de revoltoso e responsabilizado pelos levantes que ocorreram no povo. O infeliz teve a equivocada idéia de julgar que um protesto justo e razoável como era pudesse modificar o capricho da soberba de um rei que tinha a pretensão de que os nomes de seus filhos ficassem imortalizados até nos penhascos deste país usurpado dos reis de Judá.

"Há duas luas, quando os herodianos celebravam o aniversário da coroação de Herodes, o Grande, como rei da Palestina, encontraram apedrejada e quebrada a sua estátua, que estava na praça do mercado, e também arrancada a placa de bronze na qual estava escrito o novo nome da cidade.

"Os herodianos apontaram, em seguida, meu cunhado como incitador dessa desordem. Isto é tudo."

– Não fizestes nada para salvá-lo? – perguntou Jhasua interessando-se pelo assunto.

– Foi feita muita coisa, e agora saberemos se há esperança de libertá-lo – respondeu Joseph.

Em Jhasua já se havia despertado a ânsia suprema de justiça e liberdade para o infeliz cativo, que se achava num calabouço, quando tinha nove filhos para alimentar.

Seus pais compreenderam isto, e Joseph disse a Myriam em voz baixa:

– Aqui vai ocorrer alguma coisa. Já prevejo um desses prodígios que somente nosso Jhasua é capaz de fazer.

– Silêncio, para que não nos ouça! – disse Myriam. – Desagrada-lhe imensamente que façamos comentários sobre as maravilhas que produz.

Quando chegaram em Archelais, a primeira coisa que viram foi a grande praça do mercado e a estátua do rei Herodes sem cabeça e sem braços, provocando os risos e as zombarias de seus adversários.

Jhasua, absorto em profundo silêncio, parecia submerso na profundeza de seus pensamentos.

– Pai – disse de repente –, os que estão felizes e livres não necessitam de nós. Deixemos minha mãe na casa da família e vamos ver o tio Gabes em sua prisão.

– Está bem, meu filho, está bem.

A pobre esposa desconsolada abraçou-se a Myriam e chorou amargamente.

– Sei que teu filho Jhasua é um Profeta que faz maravilhas em nome de Jehová – disse entre soluços.

"Dize-lhe que salve meu esposo do presídio; e meus filhos e eu seremos fiéis servos até o fim de sua vida."

Jhasua ainda pôde ouvir estas palavras e, aproximando-se do terno grupo, disse:

– Não chores, boa mulher, que nosso Pai Celestial já teve piedade de ti. Hoje mesmo o tio Gabes comerá na tua mesa. Mas guarda silêncio, está bem? As obras de Deus devem ser guardadas no coração e não andar vagando pelas ruas e praças.

Logo depois de cumprimentar rapidamente seus familiares, Jhasua e seu pai, guiados por Matias, foram até a alcaidaria do presídio.

Conforme haviam combinado enquanto iam, Joseph oferecer-se-ia como fiador pela liberdade provisória do preso, com a promessa de pagar a reconstrução da estátua.

O alcaide era um pobre homem sem maior capacidade; no entanto, com uma grande dose de dureza e egoísmo em seu coração.

Desde que o viu, Jhasua o envolveu com o branco dos fulminantes raios magnéticos que emanava do seu espírito no auge da indignação.

– Senhor – disse, assim que seu pai terminou de falar. – Lembrai-vos que esse homem tem nove filhos para manter e que não existem provas de ter sido ele quem quebrou a estátua do rei.

– Não encontrando o culpado, ele deve pagar, pois em outras ocasiões amotinou o povo por insignificâncias que em nada prejudicavam – respondeu secamente o alcaide.

A pressão mental de Jhasua foi aumentando, e o alcaide começou a vacilar.

– Bem – disse –, que venha o escrivão e firmareis, os três, o compromisso de pagar as despesas de restauração da estátua. Ainda não sei como resolvereis isto, porque o escultor que a fez já morreu e não se encontra outro em todo o país que queira restaurá-la.

– Isto corre por nossa conta – disse Jhasua. – Há quem a reconstrua, se colocardes em liberdade, agora mesmo, o prisioneiro.

O escrivão fez a ata, que Joseph, Matias e Jhasua assinaram.

O preso lhes foi entregue e Jhasua disse, depois da emocionada cena do primeiro encontro, que o leitor bem pode imaginar:

– Bendigamos a Deus por este triunfo, e voltai todos para onde está a família, a fim de tirar-lhes esta inquietação.

– Isto será por pouco tempo. Do mais íntimo de minha alma agradeço imensamente por tudo quanto fizestes por mim – mencionou Gabes.

– Por pouco tempo, dizeis? – perguntou Jhasua. – Julgais então que vos deterão novamente?

– Com toda a certeza, enquanto não aparecer reconstruída a estátua. Esses herodianos são como cães raivosos. Não aparecendo o verdadeiro culpado, voltarão a prender-me.

– Não, tio Gabes!... não voltarão! Digo-vos em nome de Deus – afirmou Jhasua com tal entonação de voz, que os três homens se entreolharam estupefatos.

– Que Deus te ouça, sobrinho, que Deus te ouça!

– Agradecido! Voltarei à praça do mercado onde tenho uma providência urgente para tomar. – Sem esperar resposta, Jhasua deu meia-volta e acelerou o passo na direção que havia indicado.

– Teu filho tem amigos aqui? – perguntou Gabes a Joseph.

– Que eu saiba, não, mas ele cresceu e viveu até agora entre os Essênios, e é impenetrável quando se obstina no silêncio. É evidente que fará alguma coisa a teu favor. Suas palavras parecem indicar isto. Deixemo-lo agir. Este meu filho é tão extraordinário em tudo!

A alegria de Ana, esposa de Gabes e de todos os seus filhos e familiares, formou um quadro de comovedora ternura ao vê-lo já livre.

– "*Hoje mesmo o tio Gabes comerá na tua mesa*", disse-me, ao chegar esta manhã, o filho de Myriam.

"Oh, é um Profeta, ao qual o Senhor encheu de todos os seus dons e poderes supremos!..." – exclamou entre lágrimas e risos a pobre mulher, mãe de quatro criancinhas, porque os cinco maiores eram das primeiras núpcias de Gabes.

– Onde deixastes Jhasua? – perguntou Myriam aos três recém-chegados. – Porque vamos sentar-nos à mesa, e é triste comer sem ele, principalmente neste dia de tanta alegria.

– Já fiz esta observação, e ele disse que vinha em seguida.

Neste meio-tempo Jhasua chegou à praça e colocou-se discretamente à sombra de uma trepadeira que formava um rústico caramanchão, a vinte passos da estátua quebrada.

Embora fosse inverno, um sol ardente caía em cheio sobre os blocos de pedra que pavimentavam a imensa praça. Os vendedores encerrados em suas tendas aproveitavam para comer tranqüilamente nesse horário em que cessavam as vendas, conforme determinava a autoridade.

Jhasua sentou-se no único banco que havia na pracinha e sentiu que todo o seu corpo vibrava sobrecarregado de energia, em forma tal como jamais havia sentido.

Ouviu, no seu mundo interior, uma voz muito profunda que lhe disse: "Não temas nada. As forças vivas da natureza te obedecem. O sol está sobre ti como um fanal de energia poderosa. A liberdade de um homem que alimenta nove filhos está em jogo. Entrega-te como instrumento às forças vivas e adormece. A Energia Eterna fará o restante." E adormeceu profundamente.

Pouco depois, despertou com os gritos que davam os vendedores, já fora de suas tendas, oferecendo suas mercadorias. Olhou para a estátua quebrada e a viu em perfeito estado, como se nada houvesse ocorrido.

Pensou em aproximar-se para observá-la de perto, mas evitou fazê-lo para não chamar a atenção por enquanto. Ninguém na praça demonstrava haver observado o extraordinário acontecimento.

Jhasua elevou seu pensamento de ação de graças ao Supremo Poder, que, desta forma permitia que fosse posto em liberdade, de uma injusta prisão, um pai de família. Retornou apressadamente à casa de Gabes, onde sua demora começava a causar inquietação.

– Tio Gabes – disse ao entrar –, já não tens que temer nada do alcaide, porque a estátua quebrada já foi restaurada e está perfeita.

– Quem o fez? – perguntaram várias vozes ao mesmo tempo.

– Quem há de ser? Os Obreiros do Pai Celestial, o qual vos ama tanto que tudo concede, não obstante pouco façais por merecer e por lembrar-vos dele – respondeu Jhasua, sentando-se à mesa.

Myriam, Joseph e os donos da casa se entreolharam como interrogando. O indicador de Myriam, posto sobre seus lábios pediu silêncio, e calaram.

Quando terminou a refeição, todos quiseram ir à praça para ver e tocar a estátua já reparada, visto como iriam acompanhar os viajantes a se reunirem à caravana.

Gabes e Ana fizeram todos seus filhos beijarem a mão de Jhasua, que, de forma tão prodigiosa, havia anulado a condenação de seu pai.

Matias, que tinha quatro filhos, aproximou-os de Jhasua pedindo que os conservasse com saúde e com vida, pois eram fracos e doentios.

– Matias – disse ele –, cuida de ensinar teus filhos a amarem a Deus e ao próximo, e Ele cuidará de todos, conservando-os com saúde e com vida.

– Em meu regresso, na próxima lua, visitarei a tua casa – acrescentou Jhasua – porque vi que um de teus filhos virá comigo.

Quando montou em sua cavalgadura, logo depois de ajudar sua mãe a montar, todas as mãos se agitavam ao seu redor, e aproveitou para dizer:

– Já que me quereis tanto bem, silenciai sobre o ocorrido. Lembrai-vos sempre que o silêncio é irmão da paz.

– É um Profeta de Deus!... – ficaram todos dizendo em voz baixa.

– Myriam e Joseph mereciam esse filho que o Senhor lhes deu – disse Gabes.

– Todavia, a pobre mãe vive temendo por esse filho – acrescentou Ana –, pois, desde muito pequeno, se viu obrigado a fugir de perseguições de morte.

– Foi durante a época da matança dos meninos bethlehemitas – disse Matias – que meu pai teve que levá-lo para muito longe, porque era a ele que procuravam por ordem de Herodes, o velho, cuja estátua Jhasua acaba de restaurar com o poder de Deus.

Enquanto os familiares comentam a meia-voz os acontecimentos, nós, leitor amigo, faremos também uma verificação com a tocha da razão e o estilete da lógica.

O prodigioso acontecimento que encheu de assombro os familiares de Jhasua está dentro da lei da *integração e desintegração* dos corpos orgânicos, inorgânicos e matéria morta, coisa esta que é perfeitamente possível para as Inteligências desencarnadas que dominam os elementos da natureza, e que têm, no plano físico, um médium cujos poderes internos podem servir de agente direto para a realização do fenômeno.

Mais admirável ainda é desintegrar um corpo e reintegrá-lo em outro lugar diferente, o que também está perfeitamente dentro da lei. O que ocorreu com a estátua quebrada na praça de Archelais foi somente uma *reintegração parcial* pelo acúmulo de moléculas de uma matéria inorgânica e morta.

Os seres que foram testemunhas oculares desta ocorrência, não estavam, sem dúvida, em condições mentais de assimilar a explicação científica que Jhasua poderia dar-lhes, motivo pelo qual ele se limitou a responder às perguntas de "*quem o fez*" com a sua simplicidade habitual: "Os Obreiros do Pai Celestial". Com isto dizia a verdade, sem entrar nas profundezas de uma explicação que não conseguiriam compreender.

Quando nossos viajantes chegaram a Jericó, encontraram uma caravana que vinha desde Bozra, na Arábia, e atravessava a Peréia por Filadélfia e Hesbon.

Chamava a atenção das pessoas uma grande carruagem do tipo que só era usado pelas pessoas de alta posição para viajar, principalmente se eram mulheres.

Vinha nessa carruagem uma filha do Rei da Arábia com um seu filho atacado por uma febre infecciosa que o estava levando irremediavelmente para a morte. O pranto da jovem mãe partia a alma.

Um mago judeu lhe havia assegurado que, se o levasse ao templo de Jerusalém e ali oferecesse sacrifícios a Jehová, seu filho seria curado. A infeliz mãe havia empreendido a longa viagem desde seu palácio, encravado, como um cofre de pórfiro, nos Montes Bazan, em busca da vida daquele único filho que contava apenas dez anos de idade.

Ouvir o lastimoso pranto dessa mulher e aproximar-se do luxuoso carro foi todo um só momento para Jhasua.

– Por que choras, mulher, com tão profundo desconsolo? – perguntou.

– Meu filho está morrendo!... não o vês? Já nem me reconhece mais, e vejo que não conseguirei chegar ao templo de Jerusalém para que seja curado.

– Todo o Universo é o templo de nosso Deus-Criador, e toda dor chega até Ele, como chega teu pranto neste instante.

Enquanto falava assim, sentou-se no leito do menino, a cujo rosto lívido e suarento aproximou o seu, avermelhado como por uma chama viva que vibrava em todo o seu ser. Uniu seus lábios àqueles incolores, e, em grandes hálitos que ressoavam como um sopro de vento poderoso, injetou vitalidade nova naquele pobre organismo que já abandonava a vida.

O corpo do menino começou a tremer e, em seguida, a dar fortes sacudidelas, depois das quais o sangue afluiu novamente ao seu rosto, e ele abriu os olhos procurando pela mãe.

– Vês, mulher, como aqui também é o templo de Deus, que ouve todos os

clamores de seus filhos sem pedir sacrifícios de animais, mas tão-só a oferenda do amor e da fé? – indagou Jhasua à jovem princesa árabe que não saía do seu assombro.

– Quem és tu que dás a vida àqueles que a morte chama? – perguntou espantada.

– Um homem que ama a Deus e ao próximo. Teu filho está curado.

A mãe abraçou-se ao filho, cujo rosto cobriu de beijos e de lágrimas.

Jhasua desceu da carruagem a fim de voltar para junto de seus pais, mas a mulher o chamou ansiosamente.

– Não vades assim – disse – sem antes mencionar o preço do vosso trabalho. Quanto vale a vida do meu filho?

– Só Deus sabe o preço de uma vida humana. A vida do teu filho é uma dádiva Sua. Se queres agradecer-Lhe como Ele deseja, continua um pouco mais a viagem até passar Jericó, e eu te mostrarei onde podes salvar vidas humanas como Deus salvou a de teu filho.

– Que Alá vos abençoe, pois sois um Arcanjo do Seu Céu! – respondeu a mulher baixando a cortina que fechava a carruagem.

Jhasua ainda conseguiu ouvir sua voz quando disse aos criados:

– Segui esse jovem e não vos detenhais até que ele vos mande.

– Esperai-me aqui – disse Jhasua –, pois vou entrar na cidade até que a caravana continue a viagem.

Os familiares de Myriam aguardavam na balaustrada que cercava a praça das caravanas.

Seus idosos tios Andrés e Benjamim, irmãos de Joseph, com seus filhos e netos formavam um grupo numeroso.

Embora se houvessem visto algumas vezes nas festas da Páscoa, no Templo de Jerusalém, a ausência continuada tornava mais emotiva a cena de um novo encontro entre seres do mesmo sangue e do mesmo pensar e sentir.

Eles não viam Jhasua desde os doze anos, e admiraram-se grandemente ante aquele formoso jovem de fina silhueta e alta estatura que ultrapassava a de seus pais.

Os dois velhos tios de Myriam se acharam com o direito de apoiar-se em seus braços, e assim encontramos nosso formoso e juvenil Jhasua no meio de ambos os anciãos, cujas cabeleiras e barbas brancas formavam um flagrante contraste com seus cabelos dourados.

Toda essa antiga família era essênia desde seus distantes antepassados. Andrés e Benjamim, irmãos de Joachim, pai de Myriam, eram como livros vivos nos quais estava escrita a extensa crônica das perseguições e sofrimentos da Fraternidade Essênia, desde séculos atrás.

Ambos tinham por Jhasua um amor delirante, pois haviam seguido seus passos desde épocas distantes; e os Terapeutas-Peregrinos mantinham-nos a par de sua vida de menino e de jovem.

Para eles, o grande Profeta, desde seus primeiros anos, estava bem definido. Mas, quando eles passaram para o terceiro grau, há quatro anos, no Santuário do Monte Quarantana, foram avisados de que o Messias estava no meio da Humanidade, encarnado no filho de Myriam, sua amada sobrinha.

Que significava, pois, para aqueles dois bons anciãos, verem-se apoiados nos braços de Jhasua, que caminhava entre eles falando das glórias de uma ancianidade coroada de justiça, de paz e de amor?

Tanto choravam como riam, parecendo-lhes um sonho aquele formoso quadro formado por eles e seu incomparável sobrinho-neto, com sua beleza física e moral extraordinária.

– És um Sol nascente entre dois ocasos nebulosos – disse graciosamente Benjamim, o mais idoso dos dois.

Neste meio-tempo, as primas de Myriam mostravam-se incansáveis em perguntar se eram verdadeiros os fatos que os Terapeutas haviam contado referentes a Jhasua.

A discreta Myriam, sempre evitando falar, só respondeu:

– Quando os Terapeutas falam é porque sabem perfeitamente o que dizem, e a verdade está sempre com eles. Meu Jhasua é grande perante Deus, bem o sei, mas, como sou débil e meu coração é de carne, padeço por ele. Sou a sua mãe e estou sempre temerosa de que sua grandeza lhe traga notoriedade. Enquanto o mantiver escondido das pessoas, eu o verei mais seguro. No dia em que sair para o mundo, que fará o mundo com ele?

"Quase todos os nossos grandes Profetas foram sacrificados. Ele também o será?"

– Por causa disto – disse uma das primas de Myriam – os Terapeutas nos aconselharam a não fazer comentário algum referente ao Messias encarnado em teu filho! Isto aqui fica muito próximo de Jerusalém – disseram –, e os sacerdotes do Templo estão vigilantes e alertas.

Jhasua não perdeu seu tempo para chegar aonde queria. Aproveitou as poucas horas de permanência na cidade das flores, oásis da árida Judéia, para averiguar quem nela padecia.

– Os enfermos incuráveis – comentaram alguns dos idosos tios – foram levados para as grutas do Monte das Oliveiras, e aqui só há um refúgio de anciãos inválidos que é mantido por todos os Essênios da cidade e que formam grande maioria.

– Parece que temos a bênção do Senhor – acrescentou o outro ancião –, porque na aldeia de Bethânia há um florescimento tão abundante nos hortos e chácaras que somente dali poderiam ser bem alimentadas as grutas e os refúgios destas montanhas.

– O amor a Deus e ao próximo – disse Jhasua – é a mais pura oração que pode elevar a alma até os Céus infinitos para atrair o bem sob todos os seus aspectos e formas.

– Assim diz a Lei de Moisés – acrescentou um dos velhos tios –, a qual resume todos os seus mandamentos num único: "Amar a Deus e ao próximo como a si mesmo."

– O que não é tão fácil como parece – acrescentou outro. – Não é verdade, Jhasua?

– Muita verdade, tio Andrés!

"A Humanidade em geral procede como o menino que, antes de repartir entre os seus amiguinhos uma cestinha de pêssegos, repara bem qual é o melhor para deixar para si mesmo. É por isto que a prescrição essênia diz: '*Dá ao que não tem daquilo que há na tua mesa.*' "

– Por causa disto – acrescentou o tio Benjamim – os Essênios de Jericó formaram uma pequena congregação que se chama "*Pão de Elias*", nome que não pode causar alarme algum entre as autoridades romanas nem aos sacerdotes de Jerusalém. Aludiam assim ao modo como a piedosa viúva de Sarepta socorria ao Profeta Elias, fugitivo e perseguido pelo rei Achab. Segundo a história, ela fazia dois pães grandes a cada dia, enchia também duas cestinhas de frutas e dois pedaços de manteiga, tal como se houvesse duas pessoas em casa. Uma porção era para Elias e a outra para si. Jamais fez diferença alguma entre o que dava e o que era seu e, se alguma vez houve alguma vantagem, foi em favor do seu protegido.

– Compreendo! ... – disse Jhasua – e, na vossa congregação de misericórdia, procedeis como a viúva de Shrepta e chamais a vossa discreta piedade de "Pão de Elias". Faz muito tempo que procedeis desta forma?

– Desde a perseguição aos meninos bethlehemitas – responderam.

"Foram tanto os refugiados em toda a extensão do Monte das Oliveiras, que foi necessário fazer uma distribuição maior de alimentos. As grutas assemelhavam-se a formigueiros de mães e filhos. Até nas grutas sepulcrais eles se escondiam, fugindo dos cutelos de Herodes."

"Eras tu, Jhasua, a vítima que o rei procurava."

– A ignorância dos homens dá lugar a toda espécie de fanatismo, e a ambição os leva a todas as crueldades e crimes – disse Jhasua.

"Imaginai o mundo sem ignorância e sem ambição. Seria um jardim de paz, cheio de flores, frutas e pássaros. Um sonho primaveril. Um reflexo dos céus de Deus, onde amam e cantam aqueles que saíram triunfantes da ignorância e da ambição ...

"Tendes aqui muitas Sinagogas?" – perguntou repentinamente.

– Temos uma, construída e mantida pelo templo de Jerusalém, que é menos concorrida. Há mais outras dez, particulares, mantidas pelos vizinhos abastados. A que tem maior número de freqüentadores é a de Gamaliel, o velho. Ele mesmo a dirige, e lá comparece, a cada dois sábados por mês, o mais são e puro doutorado de Jerusalém.

– Eu não sabia disso – disse Jhasua.

– São Essênios, meu filho, e falam muito pouco pelas ruas, mas é uma beleza ouvi-los falar entre as paredes da Sinagoga! Há dois doutores, jovens ainda, que comparecem faz pouco tempo e que são como uma luz nas trevas. A um deles chamam José e ao outro Nicodemos. São inseparáveis. Sabem que o Messias está entre nós, e suas palavras são como uma chama viva. Às vezes vêm também com eles outros, chamados Ruben, Nicolás e Gamaliel o jovem.

– Nós sempre comparecemos ali aos sábados – acrescentou o tio Andrés –, porque está sendo comentado o Gênese de Moisés, e esses doutores jovens começaram a derramar luz sobre todas as obscuridades com que os séculos ou a malícia humana desfiguraram os grandes livros que temos como única orientação.

Jhasua escutou em silêncio e compreendeu que seus amigos de Jerusalém não estavam perdendo tempo e que, lenta e discretamente, estavam desenfiando o magnífico colar de diamantes que haviam extraído do velho arquivo de Ribla.

Compreendeu também que aqueles dois anciãos eram, entre a multidão, os mais adiantados que já encontrara em seu caminho.

– Quereis associar-vos a uma pequena obra minha? – perguntou.

– Com toda a alma, meu filho – responderam ambos ao mesmo tempo.

Jhasua mencionou a chegada da princesa árabe, com seu filho moribundo, mas já curado. Ela se encontrava em sua carruagem, como sabe o leitor.

– Pensava em conduzi-la até as grutas dos refugiados, para que ela mesma lhes ofereça suas dádivas; mas, visto como estais tão bem organizados para a manutenção dos pobres enfermos, proponho-vos entrar em entendimentos com ela, a fim de instruí-la na verdadeira doutrina da Sabedoria Divina, e orientá-la para o bem e a justiça. Compreendi que é uma alma já preparada para a verdade e o bem.

– É uma honra, meu filho, colaborar contigo em tuas obras de apóstolo!

– Vamos vê-la – disse o tio Andrés.

Pouco antes da saída da caravana, encaminharam-se todos à praça, onde a grande carruagem da princesa árabe era a primeira coisa que se via entre o grande movimento de viajantes e vendedores ambulantes. Jhasua adiantou-se.

O rosto daquela mulher pareceu iluminar-se de felicidade ao ver novamente a Jhasua.

– Como os Arcanjos de Jehová aparecem e desaparecem – disse –, julguei que

não vos veria mais. Este é o Profeta que te curou, meu filho – disse ao menino que, sentado ao leito, se divertia fazendo desenhos dos animais mais comuns de seu país.

– Como te chamas, para que eu possa sempre me recordar? – perguntou.

– Meu nome é Jhasua – respondeu em árabe. E o teu?

– Ibraim, para servir-te, Profeta – respondeu o menino. – Aniquilaste a febre que queria matar-me. És muito valente! Na minha terra dão um prêmio àquele que mata as panteras e as víboras que trazem a morte.

"Quero dar-te o meu melhor livro de desenhos; é este com capa de pele de cobra. Vês? No meu livro os animais falam e dizem coisas melhores do que às vezes os homens conseguem dizer."

Jhasua e a mãe sorriram pela forma de agir do menino, que não parava mais de falar.

Ao jovem Mestre bastou somente um instante para compreender a viva inteligência daquela criatura e de seus bons sentimentos.

Folheando o álbum de desenhos, viam-se tigres, panteras, lobos e serpentes amarrados ao tronco de uma árvore para que os cordeirinhos pudessem beber tranqüilos num remanso. Uns abutres descomunais, presos pelos pés para que não causassem dano algum às pombinhas que tomavam sol junto à fonte. Tudo o mais era do mesmo estilo.

– És amante da justiça – disse Jhasua. – Fazes o bem com as mãos somente para os bons. Que te parece: se perdoarmos ao tigre, ao lobo e à pantera e os soltarmos novamente recomendando que não façam aos outros animais o que não querem que seja feito a eles?

– Não, não, não, Profeta!... por favor!!... Em menos tempo que aquele que se consegue para abrir e fechar um olho eles comeriam todas as pombas e os cordeirinhos...

"Com os maus devemos ser maus. Meu avô encerra-os numa fortaleza, e dali não saem mais. São homens como os tigres, os lobos e as panteras. Sempre causam dano!"

Enquanto o menino falava, Jhasua desenhou numa página um sol nascente atrás dos picos de uma montanha. No vale, desenhou um remanso.

– Olha, Ibraim, desenha ao redor deste remanso lobos, cordeiros, tigres e gazelas, todos bebendo tranqüilamente.

– Impossível, Profeta... impossível! Julgas que o lobo não comerá o cordeiro, e o tigre as gazelas? A não ser que faças com eles como fizeste com a febre que me matava...

– Justamente, Ibraim!... queria ver-te raciocinar assim. Este sol que aparece sobre a montanha, é o amor coroando, como um diadema, a vida dos homens e triunfando sobre todas as suas maldades. Então não haverá mais lobos nem panteras nem víboras, mas todos serão cordeirinhos, gazelas e pombas. Desta forma não é muito mais bonito, Ibraim?... a Terra um dia será assim!

O menino olhou espantado e o tomou pelas mãos.

– Deliras, Profeta!... Minha febre má entrou no teu corpo e vais morrer!... Eu não quero que morras!... – E o menino abraçou-se a Jhasua com os olhos cheios de lágrimas. O jovem Mestre, profundamente enternecido, abraçou também o menino e colocou um longo beijo na sua testa. A mãe chorava em silêncio.

– Não temas, Ibraim, não tenho febre.

– Por que deliras então?...

– És pequeno ainda e não podes compreendê-lo; entretanto compreender-me-ás mais tarde. Meu delírio será realidade algum dia... muito distante talvez, mas chegará.

"Aqui chega a minha família," disse Jhasua interrompendo seu diálogo com o menino. "São meus tios Andrés e Benjamim, que vos guiarão para que possais proceder com os pobres e enfermos como Jehová procedeu convosco."

– Eu quero viver – disse a princesa, cujo nome era Zaida –, eu quero viver na tua terra, Profeta, e neste lugar onde recobrei a vida de meu filho. Acaso não posso fazê-lo? Vossa religião me rechaçaria?

– Não, de forma alguma. Procedei de acordo com vossa vontade, e meus tios servirão de guias até que vos orienteis neste país.

– Aquela mulher deve ser vossa mãe, se é que a tendes na Terra e não haveis descido dos Céus de Alá – disse Zaida observando Myriam que falava com suas primas.

– Sim, é a minha mãe – respondeu Jhasua.

A árabe não esperou mais e, descendo pela plataforma em declive que da carruagem ia até o chão, correu para Myriam a quem tomou pelas mãos e as beijou com delírio, enquanto dizia:

– Teu filho é um Profeta de Alá que curou meu filho consumido pela febre. És uma mãe feliz, porque trouxeste ao mundo um Profeta que vence a dor e a morte...

Nesse momento, Jhasua descia da carruagem com o menino pela mão. O aspecto débil e enfraquecido do menino denunciava muito alto que acabava de passar por uma grande enfermidade.

– Nosso Deus-Amor salvou-lhe a vida; a mãe quer morar em Jericó e também compensar, com donativos aos necessitados, o bem que recebeu.

Myriam e suas primas abriram o coração para a estrangeira que se mostrava tão agradecida para com os benefícios de Deus.

– Seremos vossas irmãs – disseram –, e deveis proceder como se estivésseis em vosso país.

– Meu filho e eu seguiremos viagem ao sul – disse Myriam – mas, se ficardes entre os meus familiares, tornaremos a ver-nos todas as vezes que passarmos por Jericó.

Joseph e os dois tios idosos conversavam à parte.

Temiam uma desavença com o rei da Arábia, pai de Zaida, e trataram de esclarecer este ponto.

A árabe, que falava por intermédio de seu intérprete, um de seus criados, disse que seu pai tinha muitas esposas, e que seus filhos e filhas eram contados às dezenas; que ele as deixava em liberdade para viver onde quisessem, conquanto fosse num país limítrofe com o qual mantivesse boas relações.

Eliminado este temor, os anciãos Andrés e Benjamim encarregaram-se de hospedar Zaida até que ela adquirisse sua própria residência.

– Há de ser – disse ela – no lugar onde meu filho foi curado...

– Junto à praça das caravanas, há um antigo casarão à venda com um formoso horto – disse um dos anciãos. – Estou encarregado da venda pelos donos que se estabeleceram em Tiro. Vosso marido estará de acordo com vossas resoluções? – perguntou o ancião.

– Não tenho marido – respondeu Zaida. – Ele se desentendeu com meu pai e fugiu para terras distantes a fim de conservar a vida. Faz seis anos que isso aconteceu e não o vi mais. Mas não julgueis que vivo sozinha. Se eu ficar aqui, minha mãe virá comigo, como também todos os meus criados.

– Bem, mulher, que nosso país te seja propício – acrescentou o ancião. – Faremos por ti tudo quanto pudermos.

Nesse meio tempo, o menino não pôde separar-se de Jhasua, com quem falava sempre na impossível união dos tigres de seus desenhos com as pombas e os cordeiros.

– Em meu regresso – disse o jovem Mestre – e nas muitas vezes em que ainda nos veremos, haveremos de chegar a um acordo sobre este ponto.

Chegou, finalmente, a hora da partida, e a caravana saiu de Jericó, deixando na alma da árabe e de seu filho, gravada para sempre, a imagem do jovem Profeta que, ao devolver a vida do menino, havia atado a ambos num laço de amor que não se romperia jamais. A este amor deveu-se, talvez, que o rei Hareth, guerreiro e conquistador, respeitasse o país amigo onde seu neto encontrara a vida e viesse, mais tarde, a proteger o Santuário-escola do Monte Horeb e do Sinai, onde viviam Melchor e seus numerosos discípulos.

O amor silencioso de Jhasua estendia seus véus mágicos de luz ali onde encontrava uma lampadazinha para acender entre as trevas frígidas da Humanidade.

O Filho de Deus, em seus 20 anos, entrava em Jerusalém sem que esta se percebesse de que aquele por quem havia suspirado tantos séculos estava dentro de seus muros e respirava seu ar carregado do aroma de mirra e dos odores das carnes de sacrifício queimadas no altar.

Foi um dia de glória para Lia, a parenta viúva, que já os aguardava em sua velha casa solitária. Jhasua deixou ali seus pais e quis visitar o templo, que, não sendo época de festas, devia achar-se cheio de silêncio e solidão. Queria vê-lo assim. Dessa forma queria encontrar-se, sozinho, sob aquele teto escurecido pela fumaça, entre aquelas colunatas, arcadas e pórticos, cheios de rumores, de ecos, onde uma aragem imperceptível agitava a chama dos círios e ondulava o grande véu que interceptava a entrada ao *Sanctum Sanctorum*.

Um ancião-sacerdote queimava essências no altar dos holocaustos, e ao longe soava um alaúde.

Era ao cair da tarde, e a velha cidade começava a adormecer na quietude profunda do anoitecer na Judéia e em pleno inverno. Subiu os degraus do recinto onde se deliberavam todos os assuntos religiosos e civis, e sentou-se num dos estrados.

Indefinível angústia apoderou-se dele... Não era ali o seu ambiente, sua abóbada psíquica, mil vezes mais formosa e radiante que aquele teto de ouro e jaspe, que parecia esmagar sua alma como uma montanha de granito.

Sua grande sensibilidade percebeu vibrações de terror, de espanto, de desesperada agonia. Um penoso hálito de morte soprava de todos os lados, como um sutil veneno que lhe penetrava até a medula.

– É este um recinto de matanças e de torturas! – exclamou desesperado... – Como hei de encontrar aqui a suavidade divina do Pai-Amor de meus sonhos?...

Viu um livro aberto sobre a estante, onde o sacerdote do turno devia ter lido na última reunião. Era o Deuteronômio, o livro dos segredos, atribuído a Moisés.

Estava aberto no capítulo XVII, em cujos versículos 3, 4 e 5 manda matar a pedradas todo hebreu, homem ou mulher que houvesse demonstrado veneração pelos astros que brilham no céu.

Sublinhando com seu punção aquelas palavras, fez uma nota à margem com esta pergunta:

"Qual é o Moisés iluminado de Jehová: o que escreveu em tábuas de pedra *'não matarás'*, ou aquele que manda matar?"

Um janelão se abriu com estrépido, e o vento, agitando o grande véu do templo, levou-o a roçar a chama dos círios que ardiam perenemente ante o tabernáculo com a Arca da Aliança.

Jhasua não chegou a ver esse princípio de incêndio porque saiu precipitadamente para a rua, como se horrendos fantasmas de morte e de sangue o perseguissem.

Dois anciãos que oravam na penumbra de um lugar afastado começaram a gritar.

"– O véu arde, o templo está queimando!... Um formoso mancebo de túnica branca estava aqui e deve ter saído pela janela que se abriu com grande ruído...

"– Pecados horrendos deve haver no templo, para que um anjo de Jehová tenha acendido este fogo demolidor."

Um exército de Levitas invadiu o recinto e desceram rapidamente o véu que, estendido no pavimento, permitiu que o fogo fosse extinto com facilidades sob sacos de areia molhada.

Ninguém conseguiu decifrar esse enigma. Para os sacerdotes de plantão, era evidente que *alguém* tinha estado no recinto das assembléias, visto como, no livro aberto na estante, haviam escrito a misteriosa e terrível pergunta que deixava a lei dada por Moisés em tão má situação. Os fariseus e pessoas devotadas fizeram um jejum de sete dias para aplacar a cólera de Jehová pelos pecados dos sacerdotes, causa, sem dúvida, daquele desventurado acidente.

Um descanso de dois dias em Jerusalém permitiu a Jhasua entrevistar-se com seus amigos Nicodemos, José, Nicolás e Gamaliel, que eram os dirigentes da Escola de Sabedoria Divina já conhecida pelo leitor.

Ruben, esposo de Verônica, a terceira filha de Lia, e Marcos, o discípulo de Fílon de Alexandria, haviam-se unido intimamente àqueles quatro desde que trouxeram as cópias do arquivo de Ribla. Eram só dez os filiados a esta agremiação de buscadores da Verdade Eterna.

Compreenderam que a passada borrasca teve por causa a indiscrição de alguns que, sem estarem completamente despertos para a responsabilidade que assumiam ao filiar-se, não puderam resistir na hora da prova.

Também os dirigentes culparam a si mesmos pela inexperiência na recepção de adeptos pois, nessa classe de estudos, nada significa o número, mas a capacidade intelectual e moral.

Os dez que ficaram depois da perseguição sofrida foram José de Arimathéia, Nicodemos e Andrés de Nicópolis, Ruben de En-Gedi, Nathaniel de Hebron, Nicolás de Damasco, Gamaliel (sobrinho), José Aar-Saba, Santiago Aberroes e Marcos de Bethel.

Todos eles de cidades vizinhas de Jerusalém, mas radicados na velha cidade dos Reis, tinham a crença de que dela devia surgir a Luz da Verdade Divina para todo o mundo. Eram, portanto, homens de estudo que estavam a par das doutrinas de Sócrates e de Platão sobre Deus e a alma humana, e que mantinham correspondência com a escola alexandrina de Fílon, e com as escolas de Tarsis, de onde surgiria o apóstolo Paulo, anos mais adiante.

A esta sua crença deve-se o fato de se empenharem em manter ali sua Escola de Sabedoria Divina, e arrostar tantos perigos que, necessariamente, devia ter aquela velhíssima capital, onde imperava o clero mais duro e intransigente que aqueles tempos já conheceram.

Chamaram às suas reuniões *"Kabal"*, palavra hebraica que significa *convocação*. Nosso Jhasua compareceu ao Kabal duas vezes, antes de seguir para Bethlehem, ponto final de sua viagem.

Um dos dez já designados mantinha ligações com os grupos de descontentes que, desde os tempos das antigas rebeliões, haviam ficado meio ocultos, por temor das sangrentas represálias do clero aliado com os Herodes. Era José Aar-Saba, homem de clara visão acesa do futuro dos povos e que odiava tudo o que pudesse encadear o pensamento humano e a liberdade de consciência. Em vista disso, chamavam-no *o justo*, e gozava de grande prestígio entre as massas mais desprestigiadas do povo.

Através de uma secreta intuição, Jhasua compreendeu, ao conhecê-lo pessoalmente, que seria o homem capacitado para levar o povo a conseguir o máximo de seus direitos e falou-lhe sobre este assunto.

– Bem acertado é o nome de *justo* que levas – respondeu o jovem Mestre –, pois vejo que tens a alma ferida pelas injustiças sociais. Sou demasiado jovem para ter a experiência que é necessária nesta classe de assuntos; no entanto, direi o que penso sobre este particular.

"Parece-me que é necessário começar preparando as massas para reclamar seus direitos com êxito, isto é, instruí-las na verdadeira doutrina do bem e da justiça.

"O homem, para ocupar seu lugar na ordem da vida universal, deve saber antes de tudo *quem é, de onde veio e para onde vai*. Deve saber sua origem e seu destino, coisas estas que o levarão a compreender claramente a lei da solidariedade, ou seja, a necessidade absoluta de união e harmonia entre todos, para conquistarem, juntos, essa estrela mágica que todos desejamos: a felicidade.

"Esta é a obra que a Fraternidade Essênia executa em silêncio por intermédio de seus Terapeutas-Peregrinos que vão de casa em casa curando os corpos enfermos e as almas doentias ou decaídas.

"Parece-me, José Aar-Saba, que te debates no meio de inumeráveis almas consumidas por esta doença ou abatidas pelo desalento. Bebes a água clara e comes o pão branco da Verdade Eterna, constituindo-te seu Mestre, e farás a maior obra que uma inteligência humana sobre a Terra pode executar: iluminar a passagem das multidões, para que encontrem seu verdadeiro caminho e marchem por ele.

"Queres que te dê a chave?"

– É o que eu quero, Mestre! – respondeu José com veemência.

– Tens ponto de reunião? – voltou o Mestre a perguntar.

– Como os bufos, nas antigas tumbas que ninguém visita, porém mais freqüentemente no sepulcro de David, a pouca distância da porta de Sião.

"Foi descoberta a entrada para as galerias subterrâneas, e é ali o refúgio dos perseguidos."

– Quero ir contigo hoje mesmo, pois amanhã continuarei a viagem até Bethlehem.

– E comigo – disse José de Arimathéia. – Bem sabes, Jhasua, de minhas promessas a teus pais. Não posso faltar a elas.

– E as minhas – acrescentou Nicodemos. – Sou também da comitiva.

– Bem, somos quatro – mencionou Jhasua–, e entre quatro veremos mais que entre dois.

Ao entardecer desse dia, quando a quietude já começava a tomar conta da velha cidade, os quatro amigos saíram em direção à tumba de David, que era um enorme acúmulo de blocos de pedra sem nenhuma arte, e já coberto de musgo e trepadeiras.

Quem o fez não deve ter tido outra idéia fixa senão a de construir um sepulcro imensamente grande e forte, capaz de conter toda uma dinastia de mortos da estirpe davídica. Havia na abóbada principal apenas oito ou dez sarcófagos, visíveis somente por uma abertura praticada na lousa que fechava a entrada a essa câmara. A sala dos embalsamamentos estava vazia, e as galerias contíguas também. Os candelabros e as lamparinas de azeite, prontas para acender, denotavam bem às claras que aquele enorme panteão dava entrada mais a vivos que a mortos.

Mas isso não causava estranheza a ninguém, pois havia viúvas piedosas que tinham por devoção o hábito de alumiar as tumbas dos personagens cuja recordação permanecia viva no povo.

Além disto, os tempos eram por demais agitados e difíceis para que as autoridades romanas ou judaicas viessem a se preocupar com um antigo panteão sepulcral, máxime quando Herodes, o ambicioso idumeu, proibiu com severas penas que se reconstruíssem as tumbas dos reis de Israel, tendo em conta, mais ainda, que ele mandara construir um soberbo panteão em estilo grego para sua própria sepultura e para onde seriam transladados os sarcófagos reais.

A poucos passos do imenso amontoado de rochas e trepadeiras, saiu ao seu encontro uma velhinha com uma pequena cesta de flores e sacolinhas brancas com incenso, mirra e aloés. Aproximou-se de José Aar-Saba, a quem conhecia e, procedendo como se quisesse vender algo, disse:

– Não pude avisar a todos, no entanto, há mais de um cento esperando.

José tomou algumas sacolinhas e ramalhetes em troca de algumas moedas, e logo depois de observar que ninguém andava por aquele árido e poeirento caminho, desapareceu, seguido por seus amigos, entre os pesados cortinados de trepadeiras que cobriam completamente a tumba.

A portinha da galeria subterrânea fechou-se atrás deles. Um homem jovem, de franca e nobre fisionomia, era quem atendia como porteiro, e Jhasua observou que aquele rosto não lhe era desconhecido, mas, de momento, não pôde lembrar onde o havia visto.

Tanto ele como seus três companheiros iam cobertos com os mantos cor de nogueira seca usados pelos Terapeutas-Peregrinos.

Na sala dos embalsamamentos encontraram uma multidão de homens anciãos e jovens, sentados nos estrados de pedra e até nos bordos do aqueduto seco que atravessava o recinto fúnebre.

Uma lâmpada de azeite e alguns círios de cera iluminavam fracamente aquela vasta sala de teto abobadado, porque as clarabóias abertas no alto das paredes estavam completamente cobertas de trepadeiras e de musgos.

A extrema sensibilidade de Jhasua percebeu imediatamente algo como um hálito de pavor, espanto e suprema angústia sob aquelas abóbadas sepulcrais, onde as sombras indecisas e animadas pelo rutilar da chama dos círios fazia aparecer uma sombra dupla em todos os corpos vivos e inertes.

Os grandes cântaros e ânforas que, em outros tempos, haviam contido vinho de palmeira e azeites aromáticos; os covilhetes onde se depositavam os utensílios para o banho dos cadáveres, até serem devidamente esterilizados para o embalsamamento; os cavaletes onde eram colocadas as tábuas cobertas de linho branco para as envolturas de estilo; enfim, todos os objetos que havia ali projetavam uma sombra trêmula sobre o pavimento branco, dando-lhe um aspecto de vida naquele antro de silêncio e de morte.

Jhasua, de pé no meio da sala, com seu escuro manto caído já de seus ombros, apenas sustentado em seu braço direito e deixando-o a descoberto a branca túnica dos Mestres Essênios, aparecia como o personagem central de um quadro de penumbras, unicamente com aquela claridade que atraía todos os olhares.

Sua alta e fina silhueta, sua extremada juventude, a perfeição de linhas daquela cabeça de arcanjo e a inteligência que fluía de seu olhar, causaram tal assombro naquela ansiosa multidão de perseguidos que se fez um profundo silêncio.

José Aar-Saba interrompeu-o com estas palavras:

– Cumpri minha promessa, meus amigos, como deve cumpri-la todo homem sincero que luta por um ideal de justiça e liberdade. Aqui tendes o homem do qual

vos havia falado. Sei que vos assombra sua extrema juventude, sinônimo de inexperiência nas lutas da vida.

"Estamos reunidos na tumba de David, vencedor de Goliath quando apenas havia saído da adolescência e foi coroado rei enquanto apascentava os cordeirinhos de seu rebanho. Esta coincidência não provocada pode ser uma promessa para o nosso povo humilhado e perseguido pelos usurpadores e negociantes, vestidos de púrpuras sacerdotais ou reais.

"Vós decidireis."

O homem que abriu a porta da entrada destacou-se do meio daquela silenciosa multidão e, aproximando-se de Jhasua rodeado por seus três amigos, o observou por alguns momentos.

– Estes dois são doutores de Israel – disse aludindo a José de Arimathéia e a Nicodemos –, eu os ouvi falar no templo e nas Sinagogas mais notáveis da cidade.

"Jamais vi este jovem Mestre; no entanto, o olhar desses seus olhos não mente, porque tudo nele está dizendo a verdade."

– Viva o Profeta Samuel que deu um rei a Israel!

– Que viva e salve o seu povo!

Foi um grito unânime, cujo eco permaneceu em prolongado som através da sala e das galerias contíguas.

Enquanto isto ocorria, Jhasua observava em silêncio todas aquelas fisionomias, espelho, para ele, das almas que as animavam.

– Não tenhais ilusões a respeito de minha pessoa, meus amigos – disse, por fim. – Vim até aqui porque sei que padeceis perseguições por causa de vossas aspirações de justiça, liberdade e paz, essa formosa trilogia, reflexo da Inteligência Suprema que governa os mundos.

"Mas não julgueis que me impulsione ambição alguma de ser dirigente de multidões que reclamam seus direitos ante os poderes civis, usurpados ou não. Sou simplesmente um homem que ama seus semelhantes, porque reconhece em todos eles irmãos nascidos de uma mesma origem e que caminham para um mesmo destino: Deus-Amor, justiça, paz e liberdade acima de todas as coisas.

"Os mesmos desejos de liberdade e de luz que vos impulsionaram a expor vossas vidas a cada instante, vivem e palpitam no meu ser com uma força que provavelmente não suspeitais e, não obstante isto, vivo em tranqüilidade e em paz, em busca do bem que aspiro, por outro caminho diverso do vosso.

"Vedes o vosso mal, a vossa desgraça, os vossos sofrimentos surgindo como animais daninhos de um soberano que usurpou o trono de Israel, e seu horrível latrocínio ficou como herança para os seus descendentes; vedes também o poderio romano, cujos desejos de conquista o trouxe para estas terras, como para a maioria dos países que formam a atual civilização. No entanto vosso verdadeiro mal não está em tudo isso, segundo o prisma pelo qual contemplo a situação dos povos, mas no atraso intelectual e moral em que esses mesmos povos vivem, preocupados somente em fazer crescer seus bens materiais, e, desse modo, dar ao seu corpo de carne uma vida mais cômoda e suave que se possa imaginar.

"São muito poucos os que chegam a pensar que o princípio inteligente que anima os corpos tem também seus direitos à verdade e à luz, e ninguém lhes dá isso, mas, muito ao contrário, veda-se-lhes a possibilidade de jamais conquistarem essas aspirações da alma.

"Não chegastes nunca a pensar que a ignorância é a mãe de toda escravidão?

Pensai agora e colocai todo o vosso esforço em lutar contra a ignorância na qual vive a maioria da Humanidade, e tereis colocado o homem no caminho de conseguir os direitos que reclama com justiça. Bem vedes que todas as rebeliões, clamores e tumultos não fizeram mais que aumentar o número de vossos companheiros sacrificados sob o machado dos poderosos, sem que houvésseis conseguido dar um único passo para a justiça e a liberdade.

"Nem sequer nas sinagogas ou no templo se coloca sobre a mesa o pão branco da Verdade Divina. Cada qual deve buscá-lo por si mesmo e colocá-lo em sua própria mesa, no santo calor do lar, da família, como o maná celestial caído no deserto e que cada qual recolhia para si.

"Quantos sois?"

– Cento e trinta e dois!... – ouviram-se várias vozes.

– Bem; são cento e trinta e dois lares hebreus ou não-hebreus que comerão o pão da Verdade e beberão a água do Conhecimento Divino que torna os homens fortes, justos e livres, com a santa liberdade do Deus Criador que fez todos os homens iguais, levando em si mesmos os poderes necessários para desempenhar sua incumbência na Terra.

"De que e por que vivem os tiranos, os déspotas e os opressores dos povos? Da ambição de uns poucos e da ignorância de todos.

"Se dermos ao homem da atualidade a lâmpada da Verdade Eterna, acesa pelo Criador para todas as almas, tornaremos impossíveis as tiranias, os despotismos, abortos nefandos das forças do mal predominante em face da ignorância das multidões."

– Mas dizei, Mestre!... Quem nos tirará da ignorância, se no templo e nas Sinagogas se esconde a verdade? – perguntou a voz do homem que abriu a porta para que entrassem.

– Eu sou um porta-voz da Verdade Eterna – respondeu Jhasua –, e, como eu, estão aqui estes amigos que também o são e, ao lado deles, muitos outros.

"Estais reunidos no panteão sepulcral do rei David para desafogar mutuamente vossas aspirações feitas em pedaços pela prepotência dos dominadores! Continuai reunidos para acender a lâmpada da Divina Sabedoria, e preparai-vos, desse modo, para as grandes conquistas da justiça e da liberdade."

Um aplauso unânime indicou a Jhasua que as almas haviam despertado de sua letargia.

– Quem sois?... quem sois? – gritaram em todos os tons.

– Chamo-me Jhasua, sou filho de um artesão. Estudei a Sabedoria Divina desde menino. Sou feliz pelas minhas conquistas no caminho da verdade, e por isso vos convido a percorrê-lo, na certeza de que vos levará para a paz, para a justiça e para a liberdade.

Como conseqüência de tudo isto, formaram ali mesmo uma aliança que se chamou "Justiça e Liberdade", sob a direção de um triunvirato formado por José Aar-Saba, José de Arimathéia e Al-Jacub de Filadélfia, o porteiro que abriu a galeria secreta do sepulcro de David.

Este manifestou desejo de falar em particular com Jhasua.

– Falastes como um iluminado – disse – e mencionastes que representamos cento e trinta e dois lares; mas o caso é que a maioria dos nossos não tem *um lar.*

– E quem vos impede de tê-lo? – perguntou Jhasua.

– A injustiça dos poderosos. Eu sou genro do rei da Arábia, casado com uma de suas numerosas filhas... tenho um filhinho que agora deve ter dez anos...

A voz do relator parecia tremer de emoção, e seus olhos umedeceram-se de pranto.

"Nada sei dele – continuou – porque a prepotência do meu sogro quis pôr cadeias até em minha liberdade de pensar. Embora tenha nascido filho de pais árabes, minhas idéias não têm raça nem nacionalidade, porque são filhas de mim mesmo e não podia aceitar imposições arbitrárias dentro do meu mundo interior.

"Para salvar a vida, vi-me obrigado a fugir para onde a família de minha esposa não soubesse jamais do meu paradeiro."

Ante esta confidência, refletiu-se na mente lúcida de Jhasua o menino Ibraim, filho da princesa árabe Zaida, que ele, em Jericó, curou na febre infecciosa que o consumia.

– Tua esposa chama-se Zaida e teu filho Ibraim? – perguntou.

– Justamente!... Como sabeis? Acaso os conheceis?

O jovem Mestre mencionou tudo que havia ocorrido em Jericó.

Aquele homem não pôde conter-se e abraçou Jhasua como se uma torrente de ternura, contida por longo tempo, se derramasse de uma só vez.

– Graças, Graças!... Profeta, que Deus te abençoe!

– Creio que posso ajudar a reconstruir o teu lar – disse Jhasua profundamente comovido.

"Vai a Jericó e procura a casa de meus tios Andrés e Benjamim, apelidados *do olivar*, em razão do cultivo de oliveiras a que se dedicam e do qual vivem. Tua esposa e teu filho ficaram aos seus cuidados, até que adquiram sua própria morada. Dize a meus tios *'que foi Jhasua, seu sobrinho, quem te mandou'*, que o encontraste em Jerusalém. Guarda silêncio, porém, sobre o que ocorreu aqui no túmulo de David.

Depois de Al-Jacub de Filadélfia, foram aproximando-se muitos outros dos que se achavam ali congregados, e Jhasua viu, com imensa dor, que a maioria deles, de um modo ou de outro, tinha sido vítima das arbitrariedades, violências e injustiças dos dirigentes do povo.

Alguns deles eram vítimas dos esbirros ou cortesãos de Herodes, o idumeu, ou de seus filhos, herdeiros de todos os vícios do pai. Os demais haviam sido ultrajados em seus direitos de homens pelo alto clero de Jerusalém, ou por homens poderosos dentre a numerosa seita de fariseus. Outros se viam perseguidos pelas forças dependentes do procurador romano, representante do César na Palestina. Alguns haviam cometido assassinatos não premeditados em defesa da própria vida, quando seus familiares e propriedades foram assaltados como por alcatéias de lobos famintos.

Um daqueles homens, chamado Judas de Iscariote, aproximou-se também. Era um dos mais jovens, e mencionou a Jhasua como suas duas únicas irmãs tinham sido sacrificadas à lascívia de um legionário. Seu pai morrera em virtude dos ferimentos recebidos em defesa das filhas. Sua mãe falecera poucos dias depois em conseqüência do horrível acontecimento. Estava sozinho no mundo.

Jhasua, ferido em sua sensibilidade e também em seus sentimentos mais íntimos de homem justo e nobre, deixou-se cair sem forças sobre um estrado e fechou os olhos como para isolar-se daquelas visões espantosas e, ao mesmo tempo, recobrar as energias perdidas naquele desfile de horrores sofridos por corações humanos, por criaturas de Deus, despedaçados e desfeitos por outros seres humanos... também criaturas de Deus!

Este Judas de Iscariote, cujo relato ultrapassou a quantidade de angústia que o coração de Jhasua podia suportar, foi, anos mais tarde, o apóstolo Judas, cujo defeito predominante, o ciúme, o levou a apontar aos esbirros do pontífice Caifás o refúgio do seu Mestre no horto de Gethsêmani. Talvez a ignóbil ação de Judas, chamado o

traidor, tivesse sua origem no horrível drama de sua juventude, que o despojou de todos os afetos legítimos que um homem pode ter, como alimento e estímulo de sua vida interior. Seu caráter irritadiço tornou-o receoso e desconfiado. Enamorou-se apaixonadamente por Jhasua, e seu coração sofreu muito ao ver sua grande predileção por João, o discípulo adolescente...

Compreendo, leitor amigo, que antecipei acontecimentos em face do meu desejo de vos fazer compreender até que ponto as injustiças dos poderosos levam à derrocada as almas débeis, incapazes de suportar com dignidade e humilhação de seus direitos de homens.

Elas destroem os corpos e as vidas, deixando as almas atrofiadas, enlouquecidas, enfermas e predispostas para os mais dolorosos extravios morais.

Os amigos íntimos de Jhasua rodearam-no ao vê-lo assim pálido e esgotado. Foi só um momento. A reação veio de imediato naquela formosa natureza, dócil sempre ao grande espírito que o animava.

Levantou-se novamente, e com voz clara e suave, disse com grande firmeza:

– Amigos, dou a todos um grande abraço de irmão, porque sinto no meu coração todas as vossas dores. Mas não procureis na violência a satisfação de vossas aspirações, porque seria colocar-vos no mesmo nível daqueles contra cujas injustiças lutais.

"Fazei-vos superiores aos adversários pela grandeza moral, que se conquista aproximando o homem ao Deus-Amor que lhe deu vida e tudo quanto de belo e bom tem a vida.

"Voltarei a encontrar-vos neste mesmo lugar, e não me afastarei da vossa presença enquanto quiserdes permanecer ao meu lado."

A noite já havia avançado demasiadamente, e Jhasua retirou-se, seguido por seus amigos, enquanto aqueles cento e trinta e dois homens, depois de longos comentários, foram saindo em pequenos grupos de dois ou três para não chamar a atenção dos guardas da cidade.

Alguns não tinham outro teto nem outro lugar além daquele velho panteão sepulcral, cuja existência de séculos havia visto desfilar inúmeras gerações de perseguidos.

Entre estes estava o esposo de Zaida, a princesa árabe. Provavelmente, ela não poderia imaginar que o Profeta-médico, salvador do seu filho moribundo, devolver-lhe-ia também, vivo, o amor do homem ao qual havia unido a sua vida.

Para o imenso amor do Homem-Deus pela Humanidade não era prodígio, mas lei, devolver a vitalidade aos corpos, a energia e a esperança às almas!

Na manhã seguinte, continuaram a viagem os já escassos viajantes, pois a maioria da caravana ficava em Jerusalém.

Bethlehem estava a meia jornada escassa de Jerusalém, e o caminho corria paralelo ao aqueduto que desta cidade ia aos chamados *Reservatórios de Salomão.*

Cinzentos penhascos, de um e de outro lado do caminho, davam árido e entristecido aspecto àquelas paragens, principalmente quando o inverno põe nos campos suas geadas e suas neves.

O viajante não encontra beleza alguma para consolação do espírito contemplativo, o qual acaba por encerrar-se em si mesmo a fim de buscar, nas atividades do seu mundo interior, as belezas que não encontra no exterior.

Aqueles penhascos, cheios de grutas sepulcrais, cobertos de sarçais emaranhados e arbustos secos, era, em geral, a angústia do viajante que, até Beersheba, forçosamente devia percorrê-lo.

Somente para Jhasua, Ungido do Amor Eterno, aquele caminho oferecia grande interesse. A proximidade da Piscina de Siloé povoava aquelas grutas de enfermos de todas as classes, com o fim de se banharem naquelas águas que julgavam *milagrosas* quando o vento cálido do deserto as agitava e ondulava.

A tradição antiga a este respeito dizia que um anjo descia dos Céus para agitar as águas, as quais, numa hora precisa, tornavam-se curativas para todas as enfermidades. Tal era a crença vulgar daquele tempo.

O fato real era que aqueles remansos, que, séculos atrás, foram muito profundos, eram alimentados, em determinadas épocas, por uma infiltração subterrânea, que vinha dos grandes penhascos do Mar Morto, onde, em épocas mui remotas, existiam vulcões em erupção. Estes achavam-se extintos para o exterior; no entanto, nas profundezas das montanhas, continuavam suas vidas ígneas, que descarregavam seu enorme calor por aquela infiltração de água subterrânea que ia deter-se na Piscina de Siloé. Ao receberem o turbilhão de águas ferventes que, das entranhas da rocha ígnea, vinham com espantosa fúria, as águas da superfície agitavam-se naturalmente ante o olhar atônito das pessoas. É bem sabido que as águas termais são curativas para muitas enfermidades.

Tal era a razão por que os penhascos cinzentos e áridos desse caminho estivessem sempre povoados de enfermos de toda espécie.

Os Terapeutas-Peregrinos, sem pretenderem lutar contra o fanatismo das pessoas que viam "Um anjo de Deus na agitação das águas", ocupavam-se piedosamente em ajudar os enfermos a entrar nas águas medicinais quando se mostravam agitadas, que era quando sua temperatura atingia o ponto mais alto.

Os enfermos, que, além das moléstias, sofriam também abandono e miséria, saíam de ordinário ao encontro da caravana, em busca da piedade dos viajantes.

Jhasua viu aquela turba dolente que se arrastava entre os sarçais e os barrancos, e seu coração estremeceu de angústia até o ponto de manter paralisado o jumento que o levava, porque o segurou pelo bridão.

– Que ocorre, Jhasua, que te deténs? – perguntou seu pai. O Mestre olhou-o com os grandes olhos claros inundados de pranto, e voltou-os novamente para os enfermos que se aproximavam.

Joseph compreendeu e se deteve também. Os outros viajantes continuaram a caminhada.

Muitas mãos estendidas e trêmulas quase tocavam as cavalgaduras.

Enquanto Myriam e Joseph distribuíam algumas moedas, Jhasua os observava em silêncio. Seu pensamento envolvia-os completamente.

– Vindes à espera do anjo que agitará as águas? – perguntou.

– Sim, senhor viajante; no entanto, desta vez ele está demorando muito – responderam.

– O Senhor dos Céus e da Terra tem a saúde dos homens em suas mãos, e a dá àqueles que O amam, com ou sem o anjo que agita as águas... – disse o Mestre.

"Entrai na Piscina agora mesmo e dizei: 'Pai Nosso que estás nos Céus! Por teu amor quero ser curado do mal que me aflige!' Eu vos asseguro que estareis curados até a nona hora."

– E vós, quem sois?... – perguntaram.

– Julgai que sou o anjo do Senhor que aguardais e que se apresenta em carne e osso para vos dizer: O Senhor quer que sejais curados!

E continuou a viagem, deixando aqueles pobres infelizes com uma labareda de esperança na alma.

O leitor compreenderá perfeitamente que, na hora indicada por Jhasua, todos aqueles enfermos estavam livres de suas doenças.

Pouco depois, nossos viajantes entregavam as cavalgaduras à caravana e entravam em Bethlehem, onde eram esperados por Elcana, Sara e os três amigos Alfeu, Josias e Eleázar. Por cima desta firme amizade haviam já passado vinte anos desde a gloriosa noite em que o Verbo de Deus chegou à vida física.

Suas famílias, rejuvenescidas nos netos já adolescentes e jovens, pareciam um pequeno jardim de flores novas que rodeavam os velhos cedros, sob cuja sombra se amparavam.

O mais idoso de todos eles, Elcana, estava ainda forte e vigoroso, como se aqueles vinte anos não tivessem feito peso algum em seu organismo físico. Ele tinha em seu lar um casal de netos de 16 e 18 anos de idade: Sarai e Elcanin. Eram os diminutivos dos nomes dos avós.

Alfeu tinha consigo três netos varões, e também havia recolhido uma irmã viúva, Ruth, para que lhe administrasse a casa. O leitor deverá recordar que ele era viúvo.

Josias, viúvo também, tinha, ao seu lado, uma netinha de 12 anos, Elhisabet, e uma prima anciã que tinha dois filhos e uma filha.

Por fim, Eleázar, que descendia de numerosa família e, com vários filhos já casados e ausentes, mantinha a seu lado apenas o menor, Efraim, dois anos mais velho que Jhasua, e uma irmã viúva, com dois filhos de oito e dez anos.

Este era o grupo de familiares e amigos que aguardava os viajantes na velha cidade de David.

Quantas recordações teceram filigranas na mente dos que, vinte anos antes, estiveram intimamente unidos em torno do Menino-Luz que chegava!

Deixamos para a ardente imaginação do leitor a tarefa, certamente muito grata, de adivinhar as conversações e o longo e minucioso noticiário que se desenvolveu na grande cozinha-refeitório de Elcana, ao calor daquela lareira alimentada com grossos troncos, ali mesmo, onde, naquela gloriosa noite, haviam bebido juntos o vinho da aliança, enquanto o recém-nascido dormia no regaço materno seu primeiro sono de encarnado.

Jhasua visitava-os agora, em seus vinte anos, como uma visão de triunfo, de glória e de santa esperança.

Sua auréola de Profeta, de Mestre e de Taumaturgo quase os deslumbrava. Eles conheciam toda a sua vida. Haviam seguido a distância todos os seus passos, guiados sempre para a piedade e a justiça, beneficiando a todos. Era um justo que encerrava em si mesmo os mais formosos poderes divinos. Era um Profeta. Era um Mestre. Era a Misericórdia de Deus feita homem. Era o seu Amor Eterno feito coração de carne, que se identificava com todas as dores humanas.

Esse grande Ser havia nascido entre eles, e agora o tinham novamente ao completar seus 20 anos de vida terrestre.

Somente sentindo na própria alma as profundas convicções que eles sentiam podemos compreender as emoções profundas, o delirante entusiasmo e o amor que deviam sentir aquelas boas famílias bethlehemitas junto a Jhasua, ao voltar a vê-lo em seu meio aos 20 anos da sua vida.

Jhasua visitou as Sinagogas que eram quatro e nelas não encontrou o que sua alma buscava. A letra morta dos livros sagrados aparecia como o leito seco de um antigo rio. Faltava luz, fogo; faltava alma naqueles frios centros de cultura religiosa e civil.

Os oradores falavam com esse medo próprio de povo invadido por um poder estranho. Adaptavam suas dissertações aos textos que menos se prestavam para os grandes vôos da alma. Sempre a mesma coisa: Jehová colérico, fulminando suas imperfeitas criaturas e ameaçando-as com terríveis castigos por falta do cumprimento do dever!

– E o Amor de Deus que eu sinto em mim mesmo? Onde está? – perguntou Jhasua, dialogando consigo mesmo.

Desesperançado, desiludido, saiu ao campo para buscar, entre a aridez dos penhascos cobertos de folhagens secas, o amor inefável do Pai Universal!

Na mesma tarde do dia em que chegou a Bethlehem, quando voltava de sua visita às sinagogas, defrontou-se com uma agradável surpresa: a chegada de um Essênio do Monte Quarantana e que se achava de passagem para Sevthópolis, para incorporar-se ao pequeno grupo que havia ficado naquele Santuário recentemente restaurado.

A casa de Elcana era como o lugar próprio, onde os solitários encontravam sempre, junto com a afável hospedagem, as notícias mais recentes do Messias e de suas obras apostólicas.

A situação privilegiada da casa de Elcana, bem próxima da esplanada por onde entravam as caravanas, e cujo imenso horto de oliveiras e nogueiras chegava até o caminho, tornava-a o local mais apropriado para reuniões de pessoas que não desejavam chamar a atenção.

O Essênio recém-chegado era samaritano de origem, grande amigo do Servidor do Santuário devastado, e os solitários do Quarantana enviaram-no como contribuição viva para a sua restauração.

O encontro inesperado tornou ambos muito felizes. Já não se viam desde os 12 anos de Jhasua. Tantas coisas haviam ocorrido até então!

Uma longa confidência entre ambos fez Jhasua compreender até que ponto a Fraternidade Essênia secundava a Idéia Divina, tornada lei de amor para aquela época da Humanidade.

Esse Essênio, cujo nome era Isaac de Sichar, levava à Palestina a missão de transmitir aos Santuários e aos Essênios, disseminados em famílias, uma mensagem dos Setenta Anciãos do Moab.

Haviam-na recebido no Monte Nebo, na gruta sepulcral de Moisés, no último aniversário do dia em que o grande vidente recebera, por divina inspiração, os Dez Mandamentos da Lei Eterna para a Humanidade terrestre.

Levando em conta que Elcana, Sara e os três amigos Josias, Alfeu e Eleázar eram essênios do terceiro grau; que estavam presentes Myriam e Joseph, que também o eram, e com a presença material do Homem-Luz, nada mais justo do que iniciar em Bethlehem o cumprimento dessa missão.

O aviso passou discretamente pelos lares essênios da cidade, para que, ao anoitecer, os chefes de família comparecessem à casa de Elcana para ouvir a mensagem dos Setenta.

O grande cenáculo ficou cheio em duas fileiras, ao redor da grande mesa de carvalho, coberta com o grande tapete púrpura que só era usado nas grandes solenidades na casa de Elcana, considerado como um irmão maior entre os Essênios bethlehemitas.

O que Joseph era em Nazareth, Elcana o era em Bethlehem: o homem justo e prudente, cuja clara compreensão e dotes persuasivos sabiam encontrar uma solução

pacífica e nobre para todas as situações difíceis, nas quais eram consultados por seus irmãos de ideais.

Reunidos, pois, no cenáculo, quarenta e dois Essênios, chefes de família, iniciou-se a assembléia com a leitura do capítulo V do Deuteronômio, no qual Moisés recorda ao povo hebreu a mensagem de Jehová: Os Dez Mandamentos eternos que formam a Lei.

Essa leitura foi feita por Jhasua, por indicação de Isaac, que, logo depois lhes dirigiu estas breves palavras:

– Reunimo-nos aqui para que escuteis uma mensagem dos Setenta Anciãos do Moab, a cujo retiro chegam os ecos das lutas e dores deste povo escolhido por Deus, para a grande manifestação do Seu amor neste momento da Humanidade.

"Ouvi, pois:

" 'A nossos irmãos da Terra da Promissão, paz e saúde.

" 'Nosso Deus, Pai Universal de tudo o que foi criado, nos fez chegar, através de um mensageiro celestial, Sua Vontade Divina neste momento solene e difícil que atravessamos.

" 'A Eterna Inteligência designou o nosso povo, habitante deste país, para ser, nesta hora, a casa nativa do seu Enviado Divino, do seu Verbo Eterno, Instrutor desta Humanidade! Designação honrosa sobremaneira, à qual devemos corresponder com vontade ampla, clara e precisa, sem erros de nenhuma espécie, se não quisermos atrair sobre nós conseqüências terríveis que nos trariam a dissociação com a Eterna Idéia, por muitos séculos.

" 'O grande templo espiritual, formado nesta hora com os pensamentos de amor de todos os que conhecem o grande segredo de Deus, está se deteriorando por falta da perfeita união entre todas as almas; e este gravíssimo mal deve ser imediatamente remediado antes que sobrevenha um desmoronamento parcial, que colocaria em perigo o equilíbrio da vida física e da obra espiritual do Grande Enviado que está entre nós.

" 'Os componentes deste grande templo espiritual são os membros de todas as Fraternidades Essênias, dos quais devem permanecer muito afastadas todas as tempestades promovidas pelo choque das paixões humanas, postas em atividade pelas ambições de poder, de ouro, de grandeza e de domínio.

" 'O trabalho honrado, o estudo, a oração e a misericórdia são as únicas atividades permitidas ao Essênio consciente do seu dever, nesta hora solene que a Humanidade atravessa.

" 'Cuidado, pois, que o espírito gerador de vossos pensamentos não dê entrada em si mesmo aos ódios que nascem naturalmente nas almas que participam das lutas para conquistar os poderes e grandezas humanas. Se assim não o fizerdes, ficai sabendo que estais prejudicando enormemente a realização da Idéia Divina no nosso meio, e que de toda demora, todo atraso e desequilíbrio que por essa causa possam advir, sereis os responsáveis, e cairão sobre vós todas as conseqüências por muitas gerações futuras.

" 'Lembrai que, ao ingressar na Fraternidade Essênia, deixastes de ser uma multidão confusa e desordenada, cega e inconsciente! Se vos foi dada uma lâmpada acesa, não podeis alegar que andais às escuras pelo vosso caminho. Lembrai-vos que a Humanidade se salvará somente através do amor, e não deveis dar lugar ao ódio em vossos corações contra uns ou outros daqueles que lutam pela conquista dos poderes e grandezas humanas. Eles são como cães que lutam pelo direito de poder roer um mesmo osso, e não sois vós que conseguireis fazê-los chegar a um acordo. Deus-Pai

fará surgir no momento oportuno quem haja de dirigir a Humanidade cega para a sua verdadeira grandeza.

" 'Duas correntes contrárias avançam para disputar o domínio das almas: a material e a espiritual. A primeira diz: *o fim justifica os meios*, e não se detém nem sequer ante os mais espantosos crimes para conseguir o êxito.

" 'A segunda diz: *o bem através do próprio bem* e, dando-se com um amor que não espera recompensa, busca o triunfo através da paz e da justiça, porém jamais pela violência. A Fraternidade Essênia, como podeis compreender perfeitamente, está na corrente espiritual que busca o triunfo da Verdade e do Amor entre os homens, principalmente entre os que convivem conosco no País escolhido pela Eterna Lei para hospedar em seu seio o Verbo Encarnado.

" 'Irmãos Essênios da hora solene, que teve a oportunidade de ver o Cristo Divino formando parte desta Humanidade, despertai para vosso dever, e não derrubeis, com a vossa inconsciência, o templo espiritual, cuja edificação custou aos Profetas filhos de Moisés muitos séculos de vida oculta entre as rochas.

" 'Procurai ser maiores que aqueles que buscam sê-lo através do triunfo de suas ambições e de sua soberba, tenebroso caminho, no final do qual se encontra o abismo sem saída. Recolhidos no vosso mundo interior, consagrados ao trabalho honrado e santo que vos dá o pão para as obras de misericórdia, nas quais floresce o amor dos que sabem amar, a par da oração, que é o estudo das obras de Deus e unificação com Ele, descansai em Paz e não modifiqueis vossos pensamentos nem mancheis com lodo vossas túnicas nem com sangue vossas mãos. Somente assim o Senhor habitará em vossas moradas interiores, e Ele será o vosso guardião, a vossa abundância, saúde e bem para todos os dias da vossa vida assim como para aqueles que continuarão a vossa missão quando cessarem vossas existências.

" 'Que a Luz da Divina Sabedoria vos leve a compreender as palavras que vossos irmãos vos dirigem com amor.

" 'Os Setenta Anciãos do Moab.' "

Um grande silêncio encheu o cenáculo da casa de Elcana ao final da mensagem dos Setenta.

Cada um dos que a ouviram examinou sua própria consciência, e alguns se achavam culpados por haverem participado indiretamente das lutas para conquistar lugares estratégicos, onde outros podiam recolher ouro e prazeres; e, ainda, por terem admitido em si mesmos pensamentos de ódios contra aqueles que haviam levado o povo hebreu à triste situação em que se encontrava atualmente: domínio romano que exigia deles pesados tributos; domínio de pequenos reis estrangeiros, usurpadores do governo contra a vontade popular; domínio de um clero ambicioso e sensualista, que havia transformado as coisas de Deus e seu templo de oração num mercado.

Que grande purificação necessitavam ter os Essênios dessa época para se tornarem superiores às correntes de aversão e ódio contra esse estado de coisas. No entanto, esse ódio, justificado até certo ponto, entorpecia a cooperação espiritual na obra de redenção humana do Grande Missionário da Verdade e do Amor, e os Setenta reclamavam contra esse entorpecimento, que no presente poderia causar desequilíbrios e, no futuro, provocar grandes males.

Passado esse grande silêncio no qual as almas se achavam submergidas, como se houvessem sido chamadas ao Supremo Tribunal de Deus, Isaac de Sichar, o Essênio-mensageiro dos Setenta, convidou Jhasua para que expusesse seu pensamento diante dos irmãos com o fim de servir-lhes de orientação nessa hora de perturbações ideológicas e sociais. O jovem Mestre expressou-se assim:

– Creio que ainda não é chegada a hora para que eu me apresente aos meus irmãos como um Mestre, pois ainda estou aprendendo a conhecer a Deus e às almas, Suas criaturas. Falta-me ainda muito por saber! Foram fecundados estes 20 anos de vida, graças à abnegação e à sabedoria de meus Mestres Essênios e à solicitude infatigável de todos aqueles que me amaram; mas, já que tanto desejais, exporei meus pontos de vista nos atuais momentos:

"O homem, dedicado de preferência à vida do espírito do que à da matéria, deve observar todos os acontecimentos assim como um mestre de ensinamentos elevados olha para os meninos que iniciam o aprendizado. Ele os vê agirem mal ao cometerem pequenos ou grandes erros. Ele os vê baterem-se mutuamente ou manterem-se em lutas pela obtenção de um brinquedo, de uma guloseima ou de um passarinho que morrerá em suas mãos, ou de um objeto qualquer que os entusiasma por alguns instantes, e que eles logo desprezam, porque seu desejo se fixou em outro bem melhor. Entretanto, seu eu interior permanece sereno, inalterável, sem permitir que seja possuído pela ardorosa paixão, mãe de ódios infecundos e destruidores.

"Vejo perfeitamente que entre o nosso povo fermenta surdamente um ódio concentrado contra o domínio romano, contra reis ilegítimos, contra o sacerdócio sem outros ideais que o comércio vil das coisas sagradas. Tão grandes e dolorosos males são simples conseqüências da ignorância em que foi mantido este povo, como também o foi a maioria dos povos da atual civilização.

"Apenas um foi o ensinamento de Moisés e dos Profetas, e outro bem diferente foi dado como orientação aos povos.

"Moisés disse: 'Amarás ao Senhor, teu Deus, acima de todas as coisas, e ao próximo como a ti mesmo.' O povo vê que nos próprios átrios do templo se ama o ouro e o poder acima de todas as coisas; que se castiga com sofrimentos e torturas terríveis os que são acusados das mesmas faltas em que incorrem diariamente aqueles que se fazem juízes de seus irmãos indefesos; que os poderosos mandatários vivem numa eterna orgia, e o povo, que rega a terra com o suor do seu rosto, carece até do pão e do fogo sob o seu mísero teto.

"Moisés disse em sua inspirada lei: *'Não matarás, não furtarás, não cometerás adultério'*, e o povo vê que os poderosos mandatários assassinam a todos aqueles que lhes estorvam o caminho; furtam, por maus e enganosos meios, tudo aquilo que excita sua cobiça e avareza, e também destroem os lares arrebatando traiçoeiramente a esposa e companheira fiel.

"Quem pode deter a torrente que se derrama dos picos das altas montanhas? O povo tornou-se eco das falsas acusações dos ambiciosos e libertinos contra os Profetas, que lhe falavam em nome da Eterna Lei do amor e da justiça, e silenciou suas vozes, entregando-os à morte em meio a cruéis suplícios. Agora o povo paga as conseqüências de sua ignorância e de seus ódios inconscientes.

"Vejo a mais elevada sabedoria na mensagem dos Setenta que acabais de escutar. Não devemos sacrificar inutilmente a paz que goza todo homem de bem, todo Essênio consciente de seu dever, à idéia de que, misturando-se nas lutas sórdidas e apaixonadas da multidão desordenada, possa conseguir de imediato a transformação deste doloroso estado atual.

"Destruir a ignorância a respeito de Deus e de suas relações com as criaturas é a obra que a Fraternidade Essênia realiza em segredo, é nosso dever secundá-la em seu trabalho missionário, acendendo a lâmpada do divino conhecimento, ou seja, a ciência sublime e eterna de Deus em relação direta com a alma humana.

"Pais, mães, chefes de família, fazei de vossos lares santuários da verdade, do bem, do amor e da justiça, sem outros códigos nem instruções que *os dez mandamentos divinos* trazidos por Moisés para esta Terra, para serem o sinal indelével colocado à vossa porta, que ficará fechada para todos os males e dores que afligem a Humanidade.

"Tomai minhas palavras, pronunciadas com a alma saindo de meus lábios, não como de um Mestre que vos ensina, mas como de um jovem aprendiz que vislumbrou a eterna beleza da Idéia Divina nas penumbras aprazíveis dos santuários de rochas, sob os quais se hospedam os verdadeiros discípulos de Moisés."

– Falou como um Profeta!... Falou como um iluminado!... – ouviram-se várias vozes rompendo o silêncio.

– Falou tal qual ele é – disse solenemente Isaac de Sichar. – Como o Enviado Divino para este momento da Humanidade. Alma de Luz e de Amor!... Que Deus te abençoe como eu o faço, em nome dos Setenta Anciãos do Moab!

– Graças, mestre Isaac! – disse emocionado Jhasua, e foi ocupar seu lugar ao lado dos pais.

Viu que sua mãe chorava silenciosamente.

– Magoei-te com as minhas palavras, mãe? – perguntou ternamente.

– Não, meu filho! Não me podes causar mal algum – respondeu ela.

"Contudo, enquanto falavas, formou-se em minha mente algo como um arrebol de luz, onde te vi rodeado por todos os nossos antigos Profetas, que foram sacrificados como cordeiros pelos mesmos a quem ensinaram o bem, a justiça e o amor.

"Meu filho!... um dia eu te disse que, para matar meu egoísmo de mãe, te entregava à dor da Humanidade. Não sei por que, neste momento, senti muito profundamente a dor desse sacrifício!... tal como se o tivesse visto realizar-se de tão terrível maneira..."

– Se Deus Pai nos dá, a cada instante, todas a dádivas e belezas da sua criação universal, e nós, ao pensar em dar-lhe algo, nos atormentamos antecipadamente, ainda sem a certeza de que Ele aceite ou não nossa dádiva, por que criar dores imaginárias, quando a paz, a alegria e o amor florescem ao nosso redor?

– Tens razão, Jhasua... perdoa-me. Meu amor te engrandece tanto diante de mim mesma que chego a temer por ti.

Todos começaram a retirar-se quando já era bastante avançada a noite.

Bethlehem, quieta e silenciosa como de costume, dormia sob a neve iluminada pela lua, como há vinte anos antes, quando os clarividentes, observando a conjunção dos astros anunciadores, ouviram vozes não humanas, espargindo-se como pó de luz no éter e cantando num concerto imortal:

"GLÓRIA A DEUS NO MAIS ALTO DOS CÉUS, E PAZ, NA TERRA, AOS HOMENS DE BOA VONTADE."

As Escrituras do Rei Salomão

No dia seguinte ao que acabamos de relatar, Jhasua, seguido dos quatro amigos bethlehemitas, Elcana, Alfeu, Josias e Eleázar, que o acompanhavam com seu amor

inquebrantável desde a noite do seu nascimento, dispôs-se a realizar duas visitas, para ele de suma importância.

Na mesma noite da leitura da mensagem dos Setenta, o jovem Mestre havia falado com Isaac de Sichar e seus quatro amigos sobre um fragmento de papiro encontrado no velho arquivo do sacerdote de Homero, em Ribla. Tinha em sua caderneta de bolso uma cópia desse fragmento, que dizia:

"Abiathar, sacerdote do povo de Israel nos tempos de Salomão, o rei, quando este abandonou os caminhos do Senhor para adorar deuses estrangeiros, em condescendência às suas numerosas mulheres idólatras, declara haver recolhido as escrituras de Salomão, rei de Israel, que tinham sido inspiradas por Jehová, autor de toda sabedoria, e depositado parte delas na gruta mais profunda dos *Reservatórios de Salomão*, e a outra parte na tumba de Raquel, atrás de um sarcófago de cedro com ornamentos de cobre."

O papiro estava fragmentado por ruptura ou queimadura, e era tudo quanto dizia a parte conservada.

Jhasua disse a seus amigos:

– No livro I dos Reis, Capítulo IV, diz-se que Salomão escreveu três mil parábolas sobre as árvores, desde o cedro do Líbano até o musgo que cresce nos muros. Que escreveu, além disso, sobre todas as espécies animais existentes na Terra, para ensinamento aos homens. Salomão foi sensitivo de grandes faculdades psíquicas, um verdadeiro iluminado, e, até hoje, não se pôde encontrar senão umas poucas de suas escrituras ditadas por Inteligências Superiores para o bem da Humanidade.

"Que vos parece, se nos encarregarmos de ir buscá-las nas grutas dos *Reservatórios de Salomão* e no *Sepulcro de Raquel*, onde este fragmento diz que Abiathar as ocultou?"

– Certamente já foram procuradas – observou Elcana –, mas estou de acordo em que se dê uma busca.

Como bons Essênios, cujo principal ideal é iluminar os homens com a verdade para ajudá-los a se aproximarem de Deus, tomaram como uma missão poder compartilhar com Jhasua dos trabalhos dessa busca, e, na manhã seguinte, quando a neve tapetava ainda de branco os caminhos, dirigiram-se para o antiqüíssimo monumento funerário de Raquel, situado entre o caminho que vinha de Jerusalém e o aqueduto que corria para os Reservatórios de Salomão. Estavam a pouca distância, e, após uma hora de viagem, saltando por entre pedras e neve, chegaram diante do velho panteão sepulcral da virtuosa mulher, amada pelo patriarca Jacob mais que a todas as coisas da Terra. Mas, quanto à grande lousa que cerrava a entrada principal, e que só era aberta quando lá precisava entrar um novo sarcófago, eles nem sequer podiam pensar em removê-la.

Todavia, os grandes monumentos funerários tinham sempre uma pequena entrada por onde saíam as águas usadas na limpeza dos cadáveres quando eram embalsamados.

Compreenderam, desde logo, que deviam procurá-la junto do aqueduto, que corria a alguns poucos passos.

Com efeito, encontraram-na coberta por uma grossa camada de terra e plantas que haviam crescido sobre ela.

Do mesmo modo como quase todos os monumentos funerários dos hebreus, este estava construído com a utilização de um enorme bloco da montanha, em forma tal que, para as pessoas que vinham no caminho de Jerusalém a Bethlehem, parecia uma edificação de blocos de pedra branca, ou seja, duas grandes colunas flanqueando a porta coroada por um fragmento e cúpula de costas para a rocha.

As trepadeiras e a neve tinham coberto tudo como um informe montão de verde e branco, que não deixava de ostentar uma rústica beleza.

No pavimento da sala principal, havia uma cova com altos bordos de pedra lavrada e polida. Por cima, uma tampa, também de pedra, na qual se lia em antiga escrita hebraica: "Raquel, filha de Laban e esposa de Jacob." Em diversas cavidades abertas horizontalmente na parede, ou na rocha do fundo, havia mais uns dez sarcófagos.

Dessa sala principal e para trás, existiam outros dois compartimentos que eram grutas naturais da montanha, não obstante estarem um pouco polidas e trabalhadas pela mão do homem.

Havia ali uma mesa, espécie de dólmen de pedra, ou seja, uma grande prancha de rocha cinzenta, colocada sobre dois pedaços da mesma rocha com algumas valetas, cântaros e bancos de pedra. Vários candelabros e círios enormes na sala principal, que se achavam espalhados em desordem pelas grutas, demonstravam que aquele recinto havia sido visitado por pessoas pouco respeitosas para com os mudos habitantes daquela fúnebre morada.

A primeira coisa que fizeram foi procurar o sarcófago de cedro com incrustações de cobre. Estava ali escondido no fundo de uma das cavidades, quase completamente coberto de pó e teias de aranha.

Tiraram-no, mas na cavidade atrás dele nada aparecia, a não ser porções de terra, musgos e pequenos insetos. Observaram que as juntas haviam sido abertas antes, e voltaram a abri-lo. Sob uma capa de pó fino, apareceram vários cofrezinhos lavrados em madeira de oliveira, alguns rolos envolvidos em pele de búfalo e atados com trançados de cânhamo e, ainda, alguns pedaços de bambu, com rolhas de madeira nas extremidades.

Profunda emoção apoderou-se dos investigadores.

Eles encontraram, em vez dos manuscritos procurados, objetos que se pareciam como valores escondidos em momentos de suprema angústia.

Examinando tudo cuidadosamente, julgaram estar no caminho certo ao pensar que todos aqueles valores haviam pertencido a um filho do rei Sedechias, o qual, antes de fugir de Jerusalém, a caminho do deserto, devia achar-se oculto no sepulcro de Raquel quando naquela cidade entrou Nabucodonosor, rei da Babilônia. Pensaram dessa forma em razão de algumas palavras soltas gravadas nas tabuinhas de madeira ou em pedaços de tela, como esta que parecia estar dirigida a alguém que, obedecendo a um encontro combinado, dizia: "Espera-me, que virei quando seja entrada a noite, e eu posso conduzir meu pai sem perigo." Outro escrito feito com piche ou betume sobre um pedaço de faixa de linho, dizia: "As catapultas de Nabuzaradan abriram brechas nos muros. A cidade não resiste mais. Estão aparelhadas oito mulas fortes para Sedechias e seus filhos, e um carro para a rainha e sua filha. Ebed-Melec com trinta hòmens tirou Jeremias, o Profeta, da masmorra de Melchias; com cinqüenta tira o teu rei de Jerusalém, que esta noite será do babilônio. Deixo-te o ouro que pude trazer."

Todos ficaram calados. Na mente de Jhasua e de seus amigos, esboçaram-se, como num pano branco, os martírios sofridos pelo Profeta Jeremias, em virtude do único crime de haver anunciado ao rei Sedechias que a corrupção do povo hebreu haveria de trazer-lhes gravíssimos males. O ouro derramava-se como uma torrente, da casa do rei para a de seus princípes e mulheres, enquanto o povo padecia fome e miséria.

"Observa, ó rei Sedechias, que o clamor do teu povo chega até Jehová, e que Ele escuta o pranto dos pequenos e das mães que os criam. Jehová dará a eles todo

o bem que é de justiça, e tudo será tirado de ti, até a vida de teus filhos e a luz que os teus olhos vêem."

O meigo Profeta Jeremias, o das lamentações como cantos de calhandras que gemem no bosque em noites sombrias, fora encerrado numa escura masmorra cheia de lodo, com asquerosos animalejos, onde estaria a ponto de perecer de fome e de frio, se Ebed-Melec, o criado etíope do rei Sedechias, não o houvesse salvo.

– Humanidade!... Humanidade inconsciente e cega!... – exclamou Jhasua com a voz trêmula pela emoção.

"É crime diante de ti a verdade pronunciada pelos inspirados de Deus para conduzir-te ao caminho da felicidade! É crime acender uma lâmpada que ilumine o teu caminho pelo despenhadeiro, para que não caias nele! É crime arrancar água clara de uma rocha para que não pereças de sede no deserto por onde avanças!...

"É crime semear flores e frutas pelo caminho para que não te alimentes com os restos das feras, que enchem os teus dias de enfermidades e aceleram a tua morte!...

"Humanidade, Humanidade!... eu devia desprezar-te, e ainda te amo como te amaram os profetas, meus irmãos, cujas lágrimas bebeste, e com seu sangue manchaste as tuas vestes!..."

O jovem Mestre, sentado sobre um banco, mergulhou o rosto entre as mãos, e todos respeitaram sua emoção e seu silêncio.

Uma tênue luz penetrava pelas clarabóias encortinadas de trepadeiras, e parecia dar coloridos de íntima tragédia ao quadro, formado por aqueles quatro homens de idade madura ao redor de Jhasua que, como um lírio branco açoitado pelo furacão, dobrava-se ante a suprema angústia da miséria humana, que via com tanta clareza naquele instante.

Dir-se-ia que a alma misericordiosa do Profeta Jeremias havia conduzido aqueles seres ao sepulcro de Raquel para aliviar as dores do povo hebreu, que suportava cargas impossíveis de agüentar.

Josias, Alfeu e Elcana sentiram imediatamente o impulso de escrever, porque seus cérebros se inundaram de idéias estranhas a eles mesmos, e forte vibração agitava suas mãos direitas.

Josias escreveu:

"O manuscrito que procurais está juntamente com outros dentro de um cântaro de barro na gruta menor, atrás dos Reservatórios de Salomão.

"Por ordem do enviado de Deus, eu, seu servo, que habitei nessa gruta por muitos anos, ocultei-os lá."

Ebed-Melec

Alfeu escreveu:

"Abençoai a Ebed-Melec que, no dia de morte para Jerusalém, salvou do ultraje a mim e a minha filha Tinina, ocultando-nos neste sepulcro até que os exércitos do invasor abandonaram a Judéia.

"Meus ossos descansam no quarto sarcófago, contando da esquerda. Fui uma das esposas de Sedechias, rei da Judéia, e, como cooperei com ele em malbaratar os tesouros tirados do povo, era justiça de Jehová que sofresse o castigo merecido. Com o ouro e as pedras preciosas que aqui ficaram, remediai os pobres e os enfermos da Judéia, porque era e é deles. Rogai pelo meu descanso."

Aholibama.

Elcana escreveu estas linhas:

"A meus irmãos Essênios da época gloriosa do Verbo Encarnado, saúde e paz

no Senhor. Eu, Jeremias, seu servo, estendi os laços desta rede na qual vos encontrais suavemente envolvidos, para que o Verbo de Deus seja o executor da sua justiça, que remediará a dor dos que sofrem na Terra e nos abismos da imensidão infinita.

"Os tesouros materiais remediam necessidades materiais; mas o amor misericordioso cura as dores da alma que pecou contra Deus e contra o próximo, e sobre a qual passam os séculos vendo-a padecer.

"Aquele que foi Sedechias, rei de Judá, e seus sete filhos degolados em Ribla, por ordem de Nabucodonosor, padece juntamente com eles na expiação das dores de todo um povo carregado de tributos para satisfação do rei e de seus príncipes e cortesãos.

"Se procederdes de acordo com o que vos disse Aholibama, e também segundo vossa consciência, aliviareis muitos sofrimentos de encarnados e de desencarnados.

"Vosso Irmão de muitos séculos, *Jeremias, Profeta de Deus.*"

Como o leitor pode ver, os três escritos tinham relação uns com os outros e haviam sido psicografados sem que os médiuns sensitivos soubessem o que o companheiro escrevia.

A concordância dos três significava uma prova de autenticidade e de que encerravam a verdade.

A alma do Profeta Jeremias, tocha viva de luz e amor, aconselhou e protegeu o rei Sedechias e suas famílias durante a vida, e continuou protegendo-as no plano espiritual. Quem pode medir a força das alianças eternas entre as almas que foram unidas por laços que Deus atou e que ninguém pode desatar?

Devemos supor, em boa lógica, que esses infortunados seres formavam parte da porção de humanidade colocada pela Eterna Lei aos cuidados de Jeremias, o Profeta e Essênio de vários séculos atrás.

Lidas e estudadas as mensagens espirituais recebidas, procederam à abertura dos cofrezinhos e dos envoltórios.

Nos primeiros havia ouro e prata em barras e algumas jóias de grande valor, como colares, braceletes e anéis. Os envoltórios continham vestimentas e mantas de grande preço, pois eram tecidos da Pérsia, malhas de fios de ouro, perfeitamente conservados. Por fim, nos pedaços de bambu com rolhas de madeira, encontraram uma variedade de pedras preciosas muito miúdas, mas nem por isso de menos valor.

Eram esmeraldas, safiras e diamantes, que se achavam em igual quantidade em cada tubo de bambu, ou seja, vinte dezenas. Dava a impressão de que se achavam destinados a alguma jóia especial, tal como uma coroa, diadema ou alguma coisa do mesmo estilo.

– Pensar que os homens se matam uns aos outros e cometem as maiores loucuras por coisas como estas! – disse Jhasua. – E até esquecem a Deus e à sua própria alma! Para nós não serviriam de nada, se não fosse para aliviar grandes dores!

– Que faremos com tudo isto? – perguntou Alfeu a seus companheiros.

– Deixá-lo onde está, por enquanto – respondeu Elcana – pois em parte alguma estará mais seguro, até que possamos dispor sobre o modo de fazê-lo chegar a quem pertence: ao povo faminto da Judéia, que foi quem o entregou às arcas reais.

– Na verdade – disse Josias – tudo isto representa longos dias de miséria e fome sofridas pelo povo, para aumentar os tesouros do rei. Detesto os reis! Todos eles são vampiros do sangue do povo!

– Calma, Josias!... – disse Jhasua, vendo a exaltação de seu amigo. – Metade da Humanidade é e será, ainda durante muito tempo, vampiro da outra metade, até

que o amor anule todos os vampiros, e os transforme em favos de mel a se derramarem equitativamente sobre todos os seres.

Encerraram, pois, tudo tal como o haviam encontrado, e dirigiram-se para os reservatórios, não longe dali.

Era já meio-dia, e a necessidade obrigou-os a pensarem em alimentação.

Viram, a pouca distância, o cercado de um modesto horto, no fundo do qual se levantava uma coluna de fumaça, denunciadora de uma vivenda.

– É a cabana do tio Joel – disse Josias – e eu o conheço muito. Continuai andando que eu trarei algo para comer.

Voltou pouco depois com uma pequena sacola de castanhas e figos secos e um queijo de cabra.

– Salva a necessidade, salvos os homens – disse Elcana repartindo entre os cinco o conteúdo da sacola de Josias.

Enquanto andavam, a conversação recaiu naturalmente nos valores encontrados e na forma de empregá-los com justiça.

Reparti-los diretamente entre os pobres seria uma grande imprudência, porque logo seria divulgada a origem das magníficas doações, e o rei Herodes Antipas, ou o clero de Jerusalém, cairia em cima deles como abutres famintos sobre um cadáver abandonado. Depois de muito pensar e voltar a pensar no assunto, chegaram à conclusão de que o mais prudente e justo seria restaurar o antigo moinho do povo que, em razão da morte de seus donos, ficara paralisado, causando grandes prejuízos às famílias mais humildes, as quais deviam fazer grandes esforços para enviar seus cereais e azeitonas até Heródium para serem moídos ou prensados.

Dariam trabalho a inúmeras pessoas, pagando com justiça os operários e convertendo o velho moinho em providência vivente para todos daquela região.

Era conhecida a amizade que unia os quatro bethlehemitas como se fossem uma só família, e o povo não estranharia que, unindo esforços, os quatro comprassem o moinho juntamente com a área de terra em que estava construído, e que o pusessem quanto antes em funcionamento, já que era tão premente essa necessidade para a população daquela zona.

Quantos pobres, enfermos, anciãos e órfãos teriam a abundância em suas mesas mediante o uso justo dos valores subtraídos ao povo, para satisfazer as ambições de um rei com toda a sua corte!

Jhasua, para quem era assunto de meditação todo fato que abrangesse a miséria humana, disse:

– Quantos Sedechias há entre a Humanidade, que armazenam bens materiais, como um pobre amontoa ramos secos para acender seu mísero fogo, sem que, ao menos, venha à sua mente a idéia de que usurpam aos seus semelhantes os bens que Deus dá a todos por igual! Os lavradores semeiam o trigo e o centeio, o cultivam com o suor do seu rosto. Cuidam, como da menina de seus olhos, de seus olivares e vinhedos, e só a metade há de ser para eles, e a outra metade repartida entre o rei e a classe sacerdotal, que não têm outro trabalho senão apropriar-se do que não semearam!

Não pode ser descrita a alegria que envolveu os quatro amigos. O Deus-Amor dos antigos profetas punha em suas mãos um valioso tesouro com o qual poderiam fazer a felicidade de toda aquela região, e isso sucedia quando o Verbo Encarnado estava entre eles ao completar os 20 anos de idade.

Viam a si mesmos como Esdras, o profeta de Deus, quando Ciro, rei da Babilônia, lhe devolveu todos os tesouros que Nabucodonosor, seu antecessor, havia

usurpado ao Templo de Salomão, na última invasão da Judéia para reedificar a cidade e os templos devastados.

Não era nem o templo nem a cidade que eles deviam reedificar, mas o antigo moinho, para poder dar pão em abundância a um povo empobrecido pelos impostos e tributos ao César, ao rei e ao clero, que devoravam tudo, deixando a fome e a miséria como vestígios dolorosos de sua existência rodeada de esplendor, de luxo e de vício.

As almas cheias de ilusão queriam correr, voar pelo caminho de luz e de amor fraterno que se abria ante elas, mas Elcana, que conhecia melhor o mundo e suas traiçoeiras encruzilhadas, disse:

– Não é conveniente deixar transparecer que um forte capital resguarda a nossa iniciativa, porque os fiscais do rei farejam onde se acha a presa, e logo a justiça cairia por cima de nós, desbaratando tudo. Devemos, pois, fazer certas combinações, através das quais apareça como sendo apenas por intermédio de nossas economias e sacrifícios que conseguimos realizar este negócio.

Entretidos nessas conversações, chegaram aos Reservatórios de Salomão na primeira hora da tarde.

O sol já havia derretido a neve dos caminhos, que se haviam tornado lamacentos.

A região que, em outros tempos distantes, fora um verdadeiro oásis, graças ao espesso bosque de palmeiras e sicômoros que o rei Salomão havia mandado plantar pelas centenas de operários que removiam as rochas e traziam terra fértil das margens do Jordão no lombo de jumentos e de mulas, era apenas uma pequena mata do que havia sido. Grande parte do arvoredo fora destruído por ordem do rei Sedechias, em seu afã de livrar a Judéia dos ídolos e pequenos templos edificados pelas mulheres idólatras de Salomão e de outros posteriores reis da Judéia. O formoso bosque que rodeava os Reservatórios transformou-se em lugar de orgias para os cortesãos dos reis da Judéia, que dançavam embriagados ante seus deuses, causando grande escândalo entre as famílias judias, fiéis conservadoras da Lei de Moisés.

As trepadeiras e os terebintos, com seu verdor perene e brilhante, pareciam esconder-se das geadas e das neves do inverno bethlehemita, pondo uma nota de alegria na aridez da paisagem.

Recordará o leitor, com toda a certeza, que nos dias aziagos em que viveu Bethlehem, quando Herodes ordenou a matança dos meninos menores de dois anos, aquele sítio fora um lugar de refúgio para as infelizes mães que não puderam fugir para mais longe. A mártir Mariana, descendente dos heróicos Macabeus e mãe dos dois últimos rebentos dessa linhagem, também se manteve oculta naquelas grutas, burlando a ordem de seu despótico e real marido Herodes, o idumeu, ao qual consentiu em unir-se para salvar a vida de seus dois filhinhos, engano vil de que se valeu o tirano para obrigá-la a um matrimônio que lhe dava, na aparência, certo direito ao trono de Israel. Casado com uma jovem viúva descendente dos Macabeus, e mãe dos dois últimos sucessores destes, constituiu-se em tutor e pai adotivo, até que, assegurado no trono, os assassinou covardemente para evitar que o povo proclamasse o mais velho deles rei de Israel.

No entanto, tudo isso pertencia ao passado e, embora tenha sido revivido na mente do jovem Mestre, causando-lhe a penosa emoção de recordações dolorosas e trágicas, naquele momento o grande silêncio da solidão envolvia as grutas, e nenhum rumor de vida se deixava sentir ao redor delas.

Mariana permaneceu ali até que a morte do tirano e a destituição de seu filho Arquelau lhe deu a segurança de estar completamente esquecida, e então se mudou

para Hebron, onde tinha alguns familiares que a receberam como a uma ressuscitada, pois havia chegado até eles a ordem de morte dada contra ela, como a última injúria lançada pelo déspota sobre uma das mais nobres famílias da Judéia.

Os Reservatórios e as grutas estavam, pois, solitários. Jhasua e seus quatro companheiros iniciaram a busca que os havia levado até aquele lugar.

"Na gruta menor, atrás dos Reservatórios de Salomão, dentro de um cântaro de barro, está a escritura que buscais, juntamente com outras" tinha dito o manuscrito espiritual de Ebed-Melec, o etíope, e que foi recebido por Josias na tumba de Raquel."

Contudo, essa gruta pequena não aparecia em parte alguma. Examinaram e percorreram várias vezes os grandes barrancos que formavam, como um semicírculo ao redor dos Reservatórios, enormes blocos de pedra, cuja estrutura ciclópica guardava água suficiente para dez cidades como Jerusalém, os quais, depois de tantos séculos e de tantas devastações, continuavam ainda de pé, como único monumento a conservar o nome de Salomão.

As duas grandes grutas que apareciam no primeiro plano tinham vestígios de haverem sido ocupadas durante a noite, talvez por mendigos que, durante o dia, percorriam as ruas das aldeias vizinhas e, não tendo outro abrigo, se recolhiam ali. Pequenas fogueiras apagadas, embora recentes, montões de feno seco dispostos como para servir de leito, demonstravam isso claramente.

Já iam dar-se por vencidos, quando viram surgir a cabeça de um homem através da espessa folhagem formada por um enorme agrupamento de terebintos emaranhados com as trepadeiras. Aquela rústica fisionomia denotou um grande espanto e quando puderam ver-lhe o busto, perceberam que estava coberto com farrapos somente até a metade do corpo.

– Não me denuncieis, por piedade!... – foram suas primeiras palavras.

Jhasua junto com seus companheiros o rodearam.

– Não temas, bom homem – disse imediatamente o Mestre. – Não é a ti que procuramos, nem temos intenção alguma de prejudicar-te. Estamos aqui apenas para visitar estes Reservatórios em razão da sua antiguidade e porque sua história interessa a todo homem de estudo.

– Até poderás ser-nos útil, facilitando-nos dados sobre esta paragem, se faz muito tempo que habitas aqui – acrescentou Elcana, julgando que esse homem pudesse ter encontrado aquilo que eles buscavam.

– Eu vivo sepultado aqui há três anos – disse o desconhecido.

– Infeliz!... Como podes viver sozinho aqui e sem nenhum recurso? – perguntou Jhasua.

"Acredita, irmão, que nós podemos ajudar-te, pois bem se vê que tua situação é por demais aflitiva."

– Esta é a minha guarida, pórque sou como uma fera encurralada. Ouvi vossas vozes e faz alguns instantes que vos observo daqui. Compreendi que sois pessoas boas e por isto apareci. Dizei em que vos posso servir.

– Procuramos a gruta menor que fica atrás dos Reservatórios, porque uma antiga escritura foi guardada ali – respondeu Josias, o mais impaciente por encontrar o manuscrito anunciado pela mensagem que recebera.

– Entrai em minha caverna, pois será aqui sem dúvida, embora, nestes três anos, nada tenha encontrado, a não ser os escaravelhos que me fazem companhia.

Ao dizer isto, levantou com grande esforço as espessas cortinas de trepadeiras que, enredadas nos terebintos, formavam um impenetrável emaranhado.

Apareceu o escuro vazio da entrada de uma gruta que, embora bastante irregular em sua forma, seria de vinte côvados quadrados.

Uma espessa capa de musgos cobria as rochas em todas as direções.

Não recebia luz de parte alguma, e aqueles musgos eram amarelentos, verde-claros, quase brancos, dando à gruta certa beleza delicada que não deixava de oferecer encantos.

Pequena fogueira ardia num canto, e nas chamas vivas estavam sendo assadas duas codornizes e era dourado um grande pão nas brasas.

– Pelo que se vê – disse Alfeu – não te deixas vencer pela fome.

– Ainda amo a vida. Completei 37 anos. Tenho mulher e três filhos pequenos. A morte chega sem que se a chame.

– É esta a única gruta encoberta que existe? – perguntou Elcana.

– Eu não encontrei outra mais escondida que esta – respondeu o desconhecido, dando voltas na varinha de ferro que sustentava as aves sobre o fogo.

– Servir-vos-ei de guia – disse imediatamente, envolvendo-se numa pele de ovelha que, durante a noite, lhe servia de leito. – Tendes velas ou mechas para iluminar?

– Sim, aqui estão – disseram várias vozes ao mesmo tempo.

O homem acendeu uma trança de fio encerado e disse:

– Procuremos, se quereis, entre as gretas destas rochas.

Todos juntos começaram a tarefa de arrancar as grandes cobertas de musgos que tapetavam completamente o interior da gruta, que se mostrava cheia de fendas e cavidades de diversos tamanhos, que bem podiam ocultar alguns homens estendidos ou sentados.

Retirados os musgos, maravilharam-se ao perceber que as rochas haviam sido lavradas até uma altura maior que a de um homem bastante alto e que, por cima dos bordos das pedras polidas, apareciam, como se fossem cornijas, grossas varas de sicômoro sustentadas por anéis de ferro, nas quais ainda apareciam restos de correntes e cordéis primorosamente tecidos com fibras de pele de búfalo. Os numerosos anéis de cobre que eram vistos neles, deixavam supor que devia ter existido um cortinado, em forma de toldo, que se estendia cobrindo o teto da gruta.

– A tradição diz – argüiu Elcana – que as mulheres cortesãs da rainha Athália tinham aqui seus encontros de amor, e que a própria Athália escondia aqui suas infâmias e prevaricações.

"Serão estes, provavelmente, os vestígios dos últimos reis de Israel, destronados e banidos para sempre pelo rei da Babilônia."

Encontraram inscrições em várias lousas que cobriam as paredes, mas em línguas desconhecidas. Não obstante, tomaram nota delas para que o Mestre Melkisedec, perito na matéria, pudesse decifrá-las.

Finalmente, na entrada de uma das aberturas, viram uma pequena gravação bastante malfeita, onde podia ser lido claramente. Era uma palavra composta: *"Ebed-Melec"*.

Um grito de admiração e de alegria ressoou na gruta.

Não era gravado, mas escrito com piche na rocha. Era o nome do criado etíope a quem o Profeta Jeremias mandara guardar as escrituras, e que, sem dúvida, quis deixar uma prova de ter estado ali.

– Se não foram levadas, deve estar aqui o que procuramos – disse Jhasua.

Todos acenderam mechas e se debruçaram na negra abertura. Sob um pequeno monte de terra e musgo, apareceu o cântaro de barro com sua tampa fechada com

piche. Para abri-lo, tornou-se necessário quebrá-lo. Uma pequena sacola de tecido impermeabilizado com breu encerrava o manuscrito procurado.

Os quatro amigos e Jhasua se deixaram cair sobre o feno seco como estarrecidos pelo achado.

– Tinhas que ser tu, Jhasua, a lâmpada que descobriria este segredo – disse Elcana. – Bendito seja o Altíssimo!

– Verdadeiramente, Deus está conosco – acrescentaram os demais, imaginando mui acertadamente que a Eterna Lei estava colocando em suas mãos um novo filão da sabedoria antiga para servir de ensinamento à Humanidade futura.

Eram vários rolos escritos por Salomão, e seus títulos eram: "Os Céus de Jehová", "A sabedoria de Jehová escrita nas árvores e nas ervas", "O segredo das montanhas", "O poema de Sabá, rainha da Etiópia", "Lamentos do meu saltério".

– Por que motivo haviam sido escondidos com tanto cuidado estes rolos – perguntou Josias.

– Por serem seus pensamentos demasiado ocultos ou por serem demasiado íntimos para confessá-los à Humanidade – respondeu Jhasua imediatamente, mas logo acrescentou:

"Meus Mestres Essênios do Tabor conservam uma escritura de Zabud, filho de Nathan, primeiro oficial do reino de Salomão e seu amigo particular, na qual se condói profundamente daquilo que ele julga uma grave injustiça para com seu amado amigo rei. A debilidade, própria da velhice na qual se esgotam as energias, levou Salomão a fazer demasiadas concessões às mulheres que formavam a corte de cada uma de suas esposas, as quais, por vaidade ou antagonismos, foram aumentando o seu número, julgando, assim, que seriam consideradas maiores e mais honradas por seu real esposo. Eram apenas dez as esposas secundárias do rei, escolhidas entre as mais nobres famílias hebréias, e algumas por alianças com os príncipes dos países vizinhos. Cada uma dessas mulheres, na velhice de Salomão, formou a sua própria corte em palácio diferente, mas às custas do tesouro real, ao qual trouxe o desequilíbrio e as queixas do povo contra ele. O grande nome de Salomão caiu por terra, e alguns velhos amigos, fiéis até a morte, guardaram seus escritos porque seus inimigos queriam fazer uma grande fogueira para destruí-los. Talvez seja esta a causa de haverem esses rolos sido escondidos tão cuidadosamente pelo sacerdote Abiathar, que, havendo sido desterrado de Jerusalém pelo rei, não podia entrar na cidade, e então os escondera no sepulcro de Raquel, em terra pertencente a um grande amigo do sacerdote caído em desgraça: Abinabad, sogro de uma das filhas de Salomão: Thapath."

– Observo – disse Eleázar–, que Jhasua conserva no arquivo de sua excelente memória todas as escrituras antigas.

– Estou desde menino entre os Mestres Essênios, cuja vida está consagrada a procurar a verdade em todos os rincões da Terra. Eles nasceram de Moisés, o Homem-Luz de seu tempo e desde então vivem em luta contra a ignorância e a mentira.

– Jhasua segue o mesmo caminho – disse Alfeu – mas com o acréscimo de que ainda luta contra o egoísmo dos homens. Nós devemos segui-lo também.

– Não sei que tesouro seja mais precioso – observou Josias –, se o encontrado no sepulcro de Raquel ou este dos Reservatórios de Salomão.

– Cada um deles é da maior importância em seu gênero, meu amigo – respondeu Jhasua. – Aquele remediará as necessidades materiais dos que carecem de tudo; enquanto este iluminará as almas em seus grandes destinos futuros, depois de haver lançado clara luz em seu remoto passado.

"Estas escrituras, ditadas a Salomão por Inteligências Superiores e cujos assuntos se depreendem de alguns de seus títulos, abrangem os Céus e a Terra, em que o Altíssimo derramou as manifestações do seu soberano poder criador. São os segredos de Deus encerrados nos reinos vegetal, mineral e animal. São as leis que regem a marcha dos astros e as admiráveis combinações do seu movimento eterno, e me parece que serão como uma explosão de luz para esta Humanidade que caminha às cegas pelos caminhos da evolução."

– Teu vigésimo aniversário, Jhasua, marcará época na tua vida de encarnado entre os homens – disse Elcana, acariciando com seu olhar cheio de nobreza o jovem Mestre, que aparecia iluminado pela Sabedoria Divina.

O homem que lhes serviu de guia na gruta e para quem aquelas conversações não tinha interesse algum, havia voltado para junto da fogueira de onde tirou o grande pão já cozido e as aves assadas.

– Eis aqui – mencionou Jhasua – outra alma para redimir. Qual terá sido a sua tragédia?

– Compartilho convosco minha pobre refeição – disse pondo seus alimentos sobre uma rocha.

– Agradecido – disseram todos. – Vivemos em Bethlehem, e vamos logo em seguida.

– Se não nos tomas a mal – disse Jhasua –, queremos compensar o bom serviço que nos prestaste. Que podemos fazer por ti?

– Minha família vive em Emaús e eu me chamo Cléofas. Fui padeiro do rei Antipas, mas o mordomo quis pôr em meu lugar um irmão de sua mulher, e jogou um punhado de moscas dentro da massa que eu preparava para o pão do rei. Por causa disso, fui condenado à masmorra pelo resto da minha vida. Tive a sorte de escapar, e aqui estou como uma raposa no covil. Esta é toda a minha história.

O Mestre olhou para seus companheiros e, naquele olhar, todos leram o dever que lhes correspondia.

– Um de nós – disse Elcana –, repara bem! Um de nós virá amanhã a esta mesma hora trazer-te roupas adequadas para que saias daqui e possas reunir-te novamente com tua esposa e teus filhos.

– Em Emaús jamais poderá ser – respondeu o infeliz Cléofas –, porque não faltará ali quem queira denunciar-me.

– No entanto, poderia ser em Bethlehem – disse o Mestre –, onde estes amigos vão poder dar-te um meio de vida, trabalhando no moinho.

– O moinho?... Desde que morreu o velho Naboth, e seu filho foi para o presídio, já não se move mais.

– É verdade, mas mover-se-á novamente e dará pão a todo aquele que não o tem – respondeu Jhasua. – Quem poderá encontrar o ex-padeiro do rei num operário qualquer entre os sacos de farinha?

"Teus familiares conhecem este teu refúgio?

– Somente o sabe minha esposa, que chega até aqui a cada lua com um saco de farinha e algumas provisões para que eu não morra de fome.

– Tens amor ao teu redor, Cléofas, e já é muita coisa tê-lo no meio desta Humanidade, onde quase a metade dos homens são como lobos para a outra metade.

Ao dizer estas palavras, Jhasua colocou suas mãos sobre os ombros daquele homem e olhou-o fixamente nos olhos.

– Quero que a esperança floresça novamente no teu coração, amigo. Deus é justiça e amor e tem a sua hora marcada para dar forma e vida às suas criaturas. Tua hora chegou e recebê-la-ás com agradecimento e amor.

Os olhos de Cléofas inundaram-se de lágrimas e, afogando um soluço, deixou cair sua emaranhada cabeça sobre o peito de Jhasua. O Mestre rodeou-o com seus braços, transmitindo-lhe uma poderosa corrente de esperança e de amor.

A fisionomia de Cléofas apareceu como iluminada por um resplendor de sol.

Todos aqueles homens reunidos em volta dele pensaram: "O amor desinteressado e grande do Verbo de Deus é a única coisa que pode salvar os homens."

Na Cidade de Alexandria

Os amigos de Jerusalém, ou seja, José de Arimathéia, Nicodemos, Nicolás e Gamaliel pensavam que, aos seus 21 anos, Jhasua entraria na Judéia, de cujo porto, Gaza, ficava Alexandria somente a três dias de viagem, onde ele prometera a Fílon visitá-lo em sua Escola. Foram a Bethlehem para falar-lhe sobre este particular.

Seus amigos do Monte Quarantana pensavam também do mesmo modo, pois os Solitários desejavam que Johanan, aquele que mais adiante foi chamado *"o Batista"*, tivesse uma entrevista com Jhasua para efeito de umas comprovações de ordem espiritual.

A formosa rede dos pensamentos de amor em torno do jovem Mestre estendia-se prodigiosamente, facilitando, através da telepatia, suas atividades de mensageira invisível. Em face disto, um dia se encontraram reunidos na casa de Elcana, em Bethlehem, durante a estada de Jhasua com seus pais, os quatro amigos de Jerusalém já mencionados, além de Johanan de Jutta, acompanhado por Jacobo e Bartolomeu, porteiros do Santuário do Quarantana, que o leitor já conhece.

Andrés de Nicópolis, irmão de Nicodemos, era Hazzan de uma importante Sinagoga de Hebron, estabelecida no que, anos antes, havia sido a casa solarenga dos avós de Fílon, que o eram também de Johanan, pois suas mães eram irmãs.

Esta Sinagoga estava filiada, naturalmente, à Fraternidade Essênia e à Escola de Divina Sabedoria, que os amigos de Jhasua tinham estabelecido em Jerusalém.

Foi ela fundada e constituída com caráter de Sinagoga para que servisse de lugar para as reuniões públicas do povo que quisesse instruir-se nas Escrituras Sagradas. Não tinha o caráter de Escola de Ciências Ocultas como o tinha a de Jerusalém, e não havia sobre ela vigilância alguma nem suspeitas do clero central.

Além disto, a cidade de Hebron foi sempre qual ânfora de religiosidade, de misticismo, onde a maioria das pessoas, desprovidas de todo dogmatismo e incapazes de obscuras elucubrações teológicas, apreciava os livros sagrados no que eles têm de consoladores e de suave poesia da alma religiosa, que se compraz nas obras de um Deus piedoso e justo.

Andrés de Nicópolis quis aproveitar a visita de seu irmão Nicodemos a Bethlehem, nessa ocasião em que Jhasua estava ali com seus pais.

A casa de Elcana viu-se novamente honrada com numerosas visitas, que chegavam em busca do *Bem-Vindo* acolhido sob o seu teto.

Foram os primeiros vínculos que Johanan o Batista estreitou com pessoas do mundo exterior.

Johanan havia completado seus 21 anos na austera placidez do Santuário do Monte Quarantana, para onde tinha sido levado muito criança.

Jhasua estava, pois, com visitas.

Seus amigos de Jerusalém queriam acertar a viagem prometida a Alexandria.

Johanan de Jutta, que ia ser consagrado muito em breve Mestre de Sabedoria Divina, convidava a Jhasua para que, juntos, fossem receber sua consagração no Grande Santuário do Moab, visto como, por antigas alianças espirituais, se haviam unido para esta nova manifestação do Amor Eterno à Humanidade terrestre.

Andrés de Nicópolis, conhecedor do grande segredo de Deus encerrado na personalidade de Jhasua, queria que ele deixasse estabelecido – numa visita à Sinagoga de Hebron – as normas a seguir para chegar a uma cooperação direta com a obra espiritual que iam realizar.

Jhasua, com sua modéstia habitual e própria de todo ser verdadeiramente grande, disse com muita graça:

– Todos vós me quereis fazer Mestre antes do tempo. Procurai soltar do ninho um passarinho que ainda não tem asas fortes e bem cobertas de penas, e o vereis levando tombos e estatelar-se logo depois no solo. Por que correis tanto, se tudo chegará a seu devido tempo?

Com isto encontrou o meio de contentar a todos, já que seus desejos tendiam para a difusão da Verdade Eterna, ou seja, o conhecimento de Deus e das almas, Suas criaturas, como um meio de espargir sobre a Humanidade os reflexos da Sabedoria Divina, que o levaria à conquista de seus grandes ideais de paz e felicidade.

O programa a seguir era o seguinte: Ele iria imediatamente a Alexandria e, no seu regresso, passaria por Hebron e, depois, pelo Santuário de Moab, em companhia de seu amigo e parente Johanan de Jutta.

– Estais todos de acordo? – perguntou depois, com sua divina complacência, que foi sempre de suas mais formosas maneiras de conquistar o amor de todos quantos o conheceram.

– E eu? – perguntou a meiga Myriam, vendo que todos disputavam seu filho. Não tenho nenhum direito a ser também colocada de acordo?

– Sim, mãe, e até antes dos demais – respondeu Jhasua com imensa ternura. – Que desejas para estar de acordo?

– Que na viagem ao Egito te deixes guiar em tudo por José de Arimathéia, que permanecerá ao teu lado, como se ele fosse, simultaneamente, pai e mãe – respondeu ela.

– Perfeitamente de acordo, mãe! Ouvistes, José? Sereis meu pai e minha mãe, até que eu volte de Alexandria, e me proporcionareis todos os mimos que eles me dão desde que nasci.

– Com muita honra! – respondeu José cheio de satisfação. – Podeis ficar bem tranqüilos, que esta viagem é curta e não oferece perigo algum.

"Sairemos com a lua cheia e regressaremos na próxima lua nova. Com toda a certeza, esperar-nos-eis aqui."

Algumas horas depois, os viajantes da casa de Elcana, ou seja, os do Monte Quarantana e os do Hebron, empreendiam o regresso para suas moradas habituais, enquanto Jhasua, com os quatro amigos de Jerusalém, se incorporavam à caravana que fazia as viagens ao porto de Gaza, onde tomariam o primeiro barco que levasse viajantes a Alexandria.

Desde que Jhasua decidiu sua viagem a Bethlehem, ficou pensando que essa seria a ocasião oportuna para cumprir a solene promessa de que, aos 21 anos de idade, visitaria Fílon em Alexandria. Nicodemos, que mantinha freqüente correspondência com o filósofo alexandrino, havia também anunciado essa visita como bem provável.

A telepatia, sutil mensageira invisível, sussurrara certamente suas notícias ao sensitivo Fílon, que vivia com o pensamento fixo no Verbo Encarnado, no Divino Logos de seus sonhos radiantes e profundos, através dos quais entrevia, como um resplendor da Luz Eterna, o supremo segredo de Deus.

Fílon estivera esperando durante vinte anos essa visita, que tinha sido prometida pelo próprio Jhasua em momentos de clarividência, enquanto, em profunda meditação o evocara num inolvidável anoitecer às margens do Mediterrâneo, no porto de Tiro.

Vinte anos de fecundo labor do filósofo alexandrino e dos poucos mas fiéis adeptos de sua escola de Sabedoria Divina, haviam-lhe permitido acumular um valioso tesouro de ciência antiga, que abrangia imensas épocas pretéritas, das quais o mundo moderno apenas tinha vagas notícias.

Em constante comunicação com Melchor, o príncipe moreno da Arábia Pétrea, haviam realizado estupendas descobertas que abriam horizontes vastíssimos para a história da evolução humana através dos séculos.

Quando as hostes formidáveis de Escipião, o africano, passaram, como um vendaval de fogo, sobre a antiga Cartago, deixando-a em ruínas, Roma não se interessou pelos tesouros de sabedoria que se encerravam entre as paredes de sua grande biblioteca; e os caudilhos que tinham repartido entre si as imensas terras inexploradas da África do Norte, bem como as tribos numerosíssimas que as povoavam, se fizeram donos deles.

Muitos séculos antes, quando as invasões dos Hicsos assolaram as regiões do alto e baixo Nilo, muitos fugitivos se refugiaram nos países do ocidente africano, e, por entre essa continuada e móvel onda humana, se estabeleceram na antiga Cartago os remanescentes da sabedoria Kobda da Pré-História.

As escolas de Melchor e Fílon foram recolhendo, como preciosas flores dissecadas, esses velhíssimos manuscritos em papiro, conservados, provavelmente sem se conhecer a fundo o seu valor, pelos antigos reis africanos, que eram os únicos senhores de todo o Norte da África, antes que as potências européias estabelecessem ali suas colônias.

A Biblioteca de Alexandria, glória do grande rei Ptolomeu, que passou para a história como seu criador, foi enriquecida enormemente graças à incansável busca de escritos antigos realizada por Melchor de Horeb e Fílon de Alexandria, sem que o mundo se haja inteirado destes detalhes. Ambos eram Essênios de coração e falavam muito pouco de suas próprias obras. Tudo ficava submerso no místico perfume do seu silêncio meditativo e estudioso.

Acaso não era um dos grandes princípios essênios realizar obras e silenciar o nome de quem as tinha feito?

Mais tarde, o Cristo, Ungido do Amor, tornou seu este sublime princípio quando disse: "Que tua mão esquerda não saiba o que a direita faz", quintessência do esquecimento de si mesmo a que chegou o Homem-Luz na sua doutrina de amor fraterno e de renúncia pessoal.

Os tesouros da grande biblioteca de Cartago haviam, pois, passado para a de Alexandria, confiada à Escola de Fílon, que a transformou numa das primeiras do mundo. Dali foram levadas cópias de muitos manuscritos para a biblioteca de Tharsis, na margem oposta do Mediterrâneo, outro importante centro de cultura antiga, na época a que se refere a obra.

Remontando nosso pensamento à Pré-História, e desenrolando os rolos de papiro na cidade do Nilo, podemos ter uma idéia da íntima satisfação que experimentaria

Jhasua ao defrontar-se com as velhas crônicas de Corta-Água, o santuário fundado pela Matriarca Solânia. Secundada por seus irmãos Kobdas, pendurou ela seu ninho naquele formidável penhasco, que foi como um farol para aquela remota civilização, a estender suas redes de ouro por todo o norte africano, desde o Nilo até a Cordilheira Atlas da Mauritânia, restos ciclópicos da desaparecida Atlântida.

Mas não convém adiantar acontecimentos. O veleiro que conduzia nossos viajantes vinha de Tiro com poucos passageiros e um bom carregamento de tecidos finíssimos e objetos artísticos de bronze, nos quais os tírios eram especializados de uma maneira notável. Os cinco amigos ocupavam dois camarotes dos mais espaçosos do barco, e, como eram contíguos, passavam juntos os longos percursos daquela viagem em pleno inverno.

Traziam como presente para Fílon uma cópia completa das *"Escrituras do Patriarca Aldis"*.

– Logo pisaremos a terra que tanto conhecemos através destas escrituras – disse Jhasua a seus amigos. – Esse Santuário de Neghadá parece surgir, por momentos, dentre as águas serenas do Nilo, com as sombras silenciosas de seus Kobdas de túnica azul e gorro violeta...

– Jhasua!... o mar está tornando-te sentimental e melancólico – disse Nicodemos, que sentia em si mesmo a vibração suave e profunda do pensamento do jovem Mestre.

– Estas ondas, que a quilha de nosso barco vai cortando, viram tantos e tantos veleiros ancorarem defronte a Neghadá para desembarcar os escravos que os Solitários compravam por alto preço para lhes dar a liberdade... na Pré-História já existia o amor entre os homens.

"Dir-se-ia que os homens de vestimenta azul o mantinham cativo, pois somente eles sentiam amor para com seus semelhantes" – continuou Jhasua.

– O próprio Patriarca Aldis foi comprado pelos Kobdas de Neghadá, conforme ele mesmo relata – acrescentou José de Arimathéia. – Em sua última carta, nosso amigo Fílon assegura que nos reserva uma grande surpresa entre os poeirentos manuscritos provenientes da antiga Cartago.

– Tenho o pressentimento – disse Nicolás de Damasco – que estas Escrituras do Patriarca Aldis vão fazer sucesso nas margens do Nilo, e que a surpresa que Fílon nos reserva se refere a este mesmo assunto.

– Quanto a mim – disse Gamaliel – sinto-me oprimido sob o peso das responsabilidades que contraímos ao possuir estes grandes segredos do passado.

"Como impor esses conhecimentos aos nossos contemporâneos, que já se cristalizaram e se mumificaram no seu pensar referente a acontecimentos que a evidência e a lógica demonstram não estarem de acordo com a verdade?

"Se não podemos obrigá-los a aceitar a realidade dos fatos, de que nos serve a posse desses grandes segredos guardados pelos séculos passados? Eis aí a minha grande preocupação.

"Estamos, bem o sabeis, na posse da sabedoria antiga, onde encontramos os vestígios bem acentuados de sistemas e princípios que levantaram o nível espiritual de civilizações bastante remotas. Essas antiqüíssimas Escolas de altos conhecimentos, denominadas *"Profetas Brancos"*, *"Flâmines"*, *"Dacthylos"* e *"Kobdas"* falam-nos de um espaço infinito, ou seja, ilimitado, povoado de globos que são, ou se preparam para ser, moradas de outras tantas humanidades e espécies de entes orgânicos de escala superior ou inferior à humana.

"Em algumas dessas Escolas chegaram até a saber a forma de vida coletiva das humanidades que povoam determinados planetas de nosso sistema solar.

"Como fazer entrar nas mentalidades atuais a natureza do *Grande Atman, a Causa Única e Suprema*, que é a Vida Universal e a Idéia Eterna, se eles concebem Deus como um grande senhor, um poderoso rei arbitrário e colérico, como todo aquele que tem consciência de ser senhor único?

"Além disto, as mentalidades atuais, em sua grande maioria, nem sequer concebem a forma esférica desta Terra que habitamos, e estes poucos habitantes terrestres se julgam os únicos seres inteligentes do vasto Universo.

"É uma treva pesada demais, meus amigos, para que nossa lamparina possa penetrar nela..."

– Falaste muito e muito bem, Gamaliel! – disse o Mestre. – No entanto, esqueceste uma coisa.

– Qual, Jhasua? Queres ter a bondade de dizer-nos.

– Procedeste como um semeador que vai ao campo com um saco de sementes para semear, e, vendo que tudo está cheio de sarçais e de pedras, diz: Onde hei de jogar esta semente se os espinheiros e as pedras cobrem todo o solo? Ele padece e geme porque não encontra um palmo de terra apto para a semeadura. Que aconselharias ao semeador desta minha história?

– Simplesmente que retire as pedras e os sarçais do terreno e, depois de cavar na terra determinados sulcos, lance então a semente – respondeu Gamaliel.

– Justamente é o que devemos fazer, já que temos um grande saco de preciosa semente da Verdade Eterna: preparar o terreno para que a semente possa germinar. Aqui voltamos para as teorias de meus Mestres Essênios: Lutar contra a ignorância das massas que foram levadas para a obscuridade por inteligências interessadas em dominá-las com seus caprichos, a fim de embrutecê-las e explorá-las em benefício próprio, como se faz com uma manada de animais, que nada mais pedem senão comer e beber.

– Toda esta treva de ignorância em que se debate a Humanidade nesta civilização é em razão do fato de terem apagado a lâmpada radiante de Moisés – disse Nicodemos.

"No seu incomparável *'Gênese'* estava encerrada, como num vaso de alabastro, toda a Verdade Eterna de Deus. Desde a formação das nebulosas até o aparecimento da espécie humana neste Planeta. Tudo isto estava compreendido na obra de Moisés.

"Com a sua destruição, nossa Humanidade submergiu nas trevas."

– Estás no caminho certo – observou Nicolás – e, com essas palavras, abres o caminho já indicado por Jhasua. Aí estão as pedras e os sarçais que devemos retirar, para que a semente que Moisés semeou há quinze séculos possa novamente ser semeada com êxito no momento presente.

– E semeá-la como a semeiam os Essênios, escolhendo as almas dentre a multidão e não arremessando-a indistintamente sobre pedras impenetráveis ou sarçais rebeldes, até que, afastados completamente os obstáculos, possamos derramá-la a mãos-cheias e em campo descoberto – acrescentou José de Arimathéia.

– Muito bem, José, muito bem – exclamou Jhasua, com a alegria irradiando do seu semblante.

"Encerraste com fecho de ouro esta conversação noturna no camarote de um barco que nos conduz à cidade das Ciências Antigas, onde vamos recolher mais sementes para a nossa semeadura."

– Assestaste um golpe de morte em minhas dúvidas – disse satisfeito Gamaliel, quê era quem mais duvidava da capacidade humana desta época para aceitar e compreender as grandes verdades a respeito da criação universal, de Deus e das almas.

– O pessimismo é um dos maiores obstáculos para a tarefa que nos impusemos – observou Nicodemos. – Devemos crer no triunfo, embora não o vejamos. Ele é como um tesouro que está oculto num deserto inexplorado.

"A conquista deste tesouro custará sacrifícios enormes, talvez até a vida. Haverá mártires e sangue, porque a ambição e o egoísmo cegam os homens dirigentes de nações; por isso julgam que, cortando cabeças, conseguirão matar as idéias que refletem a Suprema Verdade.

– A Humanidade em geral evita remover o passado como os animais evitam passar por um campo que foi devastado por um incêndio e que aparece coberto de cinzas. Ali não há nada para comer. Desta mesma maneira a Humanidade inconsciente não busca nada no passado e, por isto, não aprende as lições de sabedoria que o passado lhe dá; donde se conclui que toda evolução no sentido moral, espiritual e ainda material custou muitos enormes sacrifícios, muito sangue e muitas vidas para consegui-lo.

Jhasua, que pronunciava essas palavras, pensava, sem atrever-se a dizê-lo para não assustar seus amigos:

"Se a Eterna Lei nos pede o sacrifício de nossa vida para acender novamente na Terra a lâmpada de Moisés, que outra coisa haveremos de fazer senão dá-la? Não proceder desta forma seria cometer um erro."

O egoísmo do clero judeu e o do poder romano dominante no mundo de então, que haviam feito de todos os povos uma colônia romana, se levantavam como gigantescos fantasmas para esmagar, sob seu pé de ferro, todas as cabeças que se erguessem por entre a turba submissa para dizer:

"Sou uma inteligência que raciocina e pensa, e não um animal que come e dorme."

Um silêncio de meditação encheu o camarote do barco onde se iniciava esse grande movimento espiritual, ao qual, anos depois, o Apóstolo Nazareno, o Verbo de Deus Encarnado, haveria de dar formas definitivas.

O rumor das ondas a se chocarem contra o casco do barco, o estalido do vento agitando as velas estendidas, eram o concerto que acompanhava os pensamentos sublimes e heróicos daqueles cinco homens a sonharem despertos com o grande e formoso ideal da dignificação humana através da sabedoria e do amor.

O barco passava, nessa ocasião, pelo audaz braço de rochas conhecido como *Monte Cássio*, que sobressai ao mar, formando a magnífica baía de Cibrão, onde se refletem as palmeiras e as acácias que coroam aquele monte como um diadema de esmeraldas. O espetáculo era grandioso e fantástico à luz prateada da lua, e os cinco viajantes, envolvendo-se em seus pesados mantos de pele de camelo, subiram à coberta a fim de contemplá-lo.

As Escrituras do Patriarca Aldis vieram às suas mentes, como se nelas fossem tecidas filigranas de velhas recordações que os faziam viver aquela vida distante nas margens do Nilo, entre os Kobdas vestidos de azul.

O imenso delta do rio pareceu-lhes algo como uma gigantesca mão cujos dedos mergulhavam no mar, enquanto o braço se perdia no deserto e nas montanhas.

Ali havia sido elaborado, há oito mil e trezentos anos, esse grande passo da evolução humana que chamamos *Civilização Adâmica*, e que se estendeu por três continentes.

O Nilo, que se achava à vista com sua vida milenária, havia presenciado a passagem de milhares de gerações, centenas de reinados gloriosos ou nefastos e invasões devastadoras de diferentes raças a passarem como vendavais de fogo, deixando como recordações ruínas silenciosas, que a vegetação cobria piedosamente.

Aquele mundo calado de pensamentos e recordações mantinha nossos viajantes como encravados na coberta do barco, enquanto iam cruzando, a meia milha da costa, os grandes desaguadouros do Nilo, o gigantesco rio do país dos Faraós.

Somente depois de passado o meio-dia seguinte foi que eles se encontraram no grande porto de Alexandria, entre um verdadeiro bosque de mastros, através dos quais se viam gigantescos obeliscos, colunas, cúpulas que se interceptavam e se confundiam umas com as outras em confuso labirinto.

Pouco depois de haverem desembarcado e quando iam cruzar a balaustrada que cercava o cais, aproximou-se deles um homem pequenino e já de idade muito avançada, que perguntou:

– Senhores viajantes, dizei, vindes da Judéia?

– Justamente, viemos em busca do Museu e da Biblioteca – respondeu José de Arimathéia.

– Muito bem. O Mestre Fílon vos espera há três dias. Vinha ele mesmo aguardar a chegada de todos os barcos provenientes dos portos da Palestina. Agora enviou-me porque está com visitas vindas de Cirene. Se julgais poder confiar em mim, tende a bondade de me seguir.

– Claro está que vos seguiremos e com todo prazer – respondeu Nicolás.

Jhasua, mergulhado no mar infinito de seus pensamentos, caminhava em silêncio.

Pessoas de todas as raças convergiam à cidade que, não obstante haver diminuído muito do grandioso esplendor a que chegara na época dos Ptolomeus I e II, ainda continuava sendo a grande capital do Mediterrâneo Sul. Sua grande potencialidade comercial apenas era comparável à que teve Cartago, antes de ser devastada pelos romanos.

Astro de primeira grandeza nas ciências e nas artes, Alexandria era o ponto final da consagração de todo sábio ou artista.

Nomes ilustres em todos os ramos do saber humano e provenientes dos grandes centros de cultura, como Atenas, Roma, Pérgamo, Siracusa, Persépolis e Bombay, apareciam gravados no grande álbum de visitantes que a Biblioteca de Alexandria ostentava com orgulho e satisfação.

Homero, Virgílio e Ovídio, os três poetas imortais da antiguidade, haviam estampado na frente de seus nomes formosas estrofes de sua inspiração genial.

Também a ela chegava Jhasua, a Verdade Eterna feita homem, o Verbo de Deus convertido em pessoa humana pela Magia invisível do Amor Divino, e isto sem que a grande cidade se desse por inteirada. Como uma indolente princesa faraônica, continuava semi-adormecida entre o rumor das palmeiras e os cantos dos barqueiros remando sobre as ondas do Nilo.

– Jhasua, Jhasua!... jovem glorioso de meus sonhos de 20 anos!... – exclamou alguns momentos depois Fílon, o grande filósofo alexandrino, abraçando ternamente o jovem Mestre, que penetrava naquele templo de ciências humanas como um aprendiz qualquer... ele, que trazia em si mesmo a Suprema Verdade de Deus!

Fílon tinha então 45 anos, e sua obra magna já estava bastante adiantada: a revisão e comentários dos cinco livros de Moisés.

– Acendes novamente essa lâmpada apagada pelos homens – disse Jhasua, olhando atentamente para aquele imenso trabalho, suficiente, por si só, para colocar Fílon na primeira fila entre os cultivadores da Verdade Eterna.

– Se não tivesse havido a cooperação do príncipe Melchor de Horeb, não teria sido possível acender novamente a lâmpada de Moisés – respondeu Fílon a seus amigos recém-chegados.

"Em sua Escola do Sinai, encontrei o veio de ouro mais precioso para a reconstrução dos livros de Moisés, com fundamentos tão sólidos que não podem ser destruídos nas épocas que virão, por maiores que sejam o fanatismo e a ignorância."

– Nessa hora solene e propícia – disse Nicodemos – unamos nossas pequenas descobertas em favor da Verdade Divina, enterrada por muitos séculos sob montanhas de areia, e procuremos romper a densa treva que envolve a Humanidade.

– Também trouxemos para Alexandria a bagagem da verdade descoberta em terras da Palestina e da Síria – acrescentou José de Arimathéia.

"Eis aqui o nosso tesouro," disse pondo sobre a grande mesa, ante a qual estavam sentados, uma grossa pasta que se assemelhava a uma sacola de mão, usada então pelos médicos e homens de estudo.

Cada qual trazia a sua, e, colocadas todas sobre a mesa, formaram um respeitável conjunto de rolos de papiro, telas enceradas e plaquetas de argila e madeira.

– Santo céu! – exclamou Fílon com a alegria estampada no semblante. – Há aqui material para encher mais uma sala desta biblioteca.

– E para que tua pena escreva muitas mensagens divinas à Humanidade, que ignora de onde vem e para onde vai – acrescentou Nicolás de Damasco, colocando em ordem, por sua numeração, os rolos e calhamaços que haviam trazido.

Logo depois de um breve descanso na dependência particular de Fílon, começaram a contemplar o célebre Museu, onde apareciam pinturas, esculturas, baixos-relevos e gravações provenientes de todos os países do mundo.

Ptolomeu I, que, de general macedônio dos exércitos de Alexandre Magno, passou a Faraó do Egito, cuidou com esmero de helenizar, digamo-lo assim, a cultura dos países do Nilo, com o fim de lhe permitir a ilusão de haver transladado para ali as magnificências artísticas da Ática, em todo seu esplendor.

Ptolomeu II e seus sucessores, até Cleópatra, seu último descendente, participaram desta mesma tendência, embora mais influenciados pelos usos e costumes próprios do país das múmias e das pirâmides.

Era a nona hora daquela esplêndida tarde de inverno, sexto dia da semana, ou seja, o correspondente à nossa sexta-feira.

– Começaremos pela sala de pintura – havia dito Fílon, encaminhando-os por uma imensa galeria, em cuja entrada estava escrito, em grandes letras gravadas em negro sobre o mármore branco: *Cartago*. Este nome aparecia nos idiomas egípcio, árabe, latino e sírio.

"Aqui tendes parte das grandes belezas artísticas da infeliz Cartago," – disse o Mestre Fílon.

– Eu já estive aqui com meu pai há alguns anos – observou Gamaliel –, mas observo agora que isto se apresenta de maneira diferente.

– Com efeito, foi necessária a mudança, por haver o príncipe Melchor de Horeb, que conheceis, adquirido importantes obras que se achavam em poder de alguns reis indígenas da África Ocidental. Um irmão de Aníbal, segundo dizem algumas escrituras, quando compreendeu que os exércitos defensores de Cartago iam ser derrotados pelas legiões romanas, conseguiu salvar do incêndio, a que os vencedores entregaram a grande cidade, muitas destas obras que aqui vedes. Estes tesouros de arte foram passando pelas mãos dos descendentes do grande general cartaginês, estabelecidos entre os Montes de Oran, de Jelfa, e que as bravias tribos dos Tuaregues os transformaram em seus próprios reis. Seus domínios chegam até o rio Níger.

Estas explicações que Fílon dava à medida que iam avançando pela ampla

galeria não estavam sendo ouvidas por Jhasua, absorto completamente por uma grande pintura em tecido que recebia em cheio o sol da tarde através dos anteparos de quartzo, que davam transparência de ouro pálido ao suntuoso recinto.

Jhasua não podia explicar a si mesmo como a espantosa tragédia da pintura adquiria tal força de realidade e vida, a ponto de seu coração estremecer dolorosamente.

Era como uma interminável avenida de enormes cruzes de madeira, em cada uma das quais pendia uma vítima a retorcer-se em dores supremas e vertendo sangue pela boca, pelos pés e pelas mãos.

Esta trágica avenida de justiçados desaparecida em distantes névoas, dando a compreender habilmente, através do pincel do pintor, que aquele caminho era muito longo e que as cruzes e as vítimas continuavam ainda por uma longa distância até se perderem de vista.

Aquelas cabeleiras desordenadas pelo vento, as artérias e veias sobressaindo à flor da pele, por causa dos esforços desesperados, aqueles semblantes contraídos pela dor ou pela cólera, aqueles nervos crispados, era algo que descontrolava a alma, por mais bem temperada que fosse.

– Mestre Fílon – disse finalmente Jhasua –, que significa este conjunto de horrores que ostenta toda a beleza da realidade levada à perfeição?

– Oh, meu filho!... – respondeu o filósofo. – Essa pintura é a vingança dos reis Tuaregues, descendentes de Aníbal, o heróico defensor de Cartago; e, para que melhor a compreendas, traduzirei esta legenda que está à margem da pintura.

"Um bisneto do grande Aníbal foi testemunha ocular da crucificação de seis mil escravos que se uniram ao heróico Espártaco, pedindo ao governo romano sua liberdade, que lhes foi negada. Depois de dois anos de luta, refugiados no Vesúvio, foram capturados e crucificados ao longo da Via Ápia, a estrada real que une todo o Sul da Itália com Roma.

Jhasua parecia já não mais escutar. Com os olhos dilatados e úmidos de pranto contido, olhava fixamente para aquela pintura a desmentir o mediano bom conceito que, até então, tivera da Roma conquistadora e poderosa.

Ele sabia que ela fora cheia de ambições, poder e glória, mas não a imaginava cruel e sangüinária até aquele extremo que a pintura demonstrava.

– Enfurecido assim o poder e a força contra infelizes escravos que pediam a liberdade, a dádiva de Deus para todos os seres da criação! – exclamou por fim Jhasua com a voz trêmula de indignação.

"Quão grande e bom é o nosso Pai Universal, que não extermina como animalejos daninhos essas criaturas humanas que, desse modo, renegam sua origem divina e seu destino imortal!"

– Bem se percebe, meu filho – disse Fílon – que contas apenas 20 anos e que viveste, até hoje, em tua plácida Galiléia e entre o meigo amor dos Santuários Essênios.

"Examina esta outra pintura, irmã-gêmea da anterior.

"Representa ela a matança com que Roma acabou de aniquilar Cartago, depois de um século de sangrentas lutas: o incêndio da cidade que ficou reduzida a cinzas; depois, os arados reduzindo as ruínas a pó, onde cresceram os espinhos e os sarçais. É isto que diz a inscrição que está à margem.

"É do mesmo autor: *Aníbal Tugurt*, o último rei de sua família exilada e dispersa entre as montanhas do Sahara."

– Montões informes de cadáveres destroçados!... – continuou dizendo Jhasua,

enquanto seus amigos o escutavam em silêncio. – Bandos de corvos a descer para devorá-los!... Chamas vermelhas e negra fumaça a subir como um clamor mudo até as nuvens!... *Corta-Água* da Matriarca Solânia, que, há oito mil e trezentos anos, pendurou seu ninho de amor entre tuas palmeiras e acácias!...

"Como os homens egoístas e perversos puderam destruir aquela imensa semeadura de amor, de paz, de civilização espalhada no mundo pelos Kobdas de vestimenta azul?"

– Oh, Jhasua!... Tua alma de jovem, incapaz de qualquer maldade, lastima ver, através das pinturas feitas em tecido há meio século, os vestígios de dor e de sangue que deixaram o orgulho e a ambição quando estes se apoderaram dos homens – disse Fílon, tratando de amenizar no jovem Mestre a dolorosa impressão.

– É o desengano e a desilusão o que magoa Jhasua – disse José de Arimathéia. – A história do povo judeu que todos conhecemos é uma continuada matança, do mesmo modo como a de nossos vizinhos, assírios, guerreiros e conquistadores. Mas os romanos, que nos chamam de bárbaros porque somos da raça semita, cometem iguais atrocidades, dizendo ainda que fazem uma cruzada civilizadora do mundo, quando em verdade destroem toda esperança e ilusão!

– Onde se escondeu a paz, a sabedoria e o amor que a Lei determina? Não podeis dizer-me? – perguntou Jhasua a seus amigos, todos eles com o dobro de sua idade.

– Está no coração dos poucos que chegaram ao caminho da Luz – respondeu Fílon. – Por condescendência dessa intensa claridade, compreendemos que a única grandeza que satisfaz o espírito humano é a que emana do bem, da justiça e da dignificação dos seres através da compreensão e do amor.

"É certo que a nenhum de nós, ainda que fôssemos donos de tesouros imensos, passaria pela mente a idéia de armar legiões para conquistar, a sangue e fogo, os países vizinhos."

– Claro que não!... – interrompeu Jhasua. – Pensaríamos em tornar felizes a todos os homens, cada qual na região em que Deus o fez nascer!

Seu pensamento foi a Bethlehem, ao tesouro encontrado no monumento funerário de Raquel, mediante o qual, toda aquela região teria pão, lenha, abrigo e abundância para os anciãos, as crianças, os enfermos e os mendigos.

– Na verdade, a Humanidade ainda não sabe ser feliz, embora tendo em suas mãos os meios para sê-lo! – exclamou, deixando-se cair num grande divã que estava no centro da galeria.

– E ainda por muito tempo não conseguirá aprender – observou Nicodemos.

– A evolução é muito lenta porque continuamente encarnam espíritos que abandonaram a vida no meio desses horrores – acrescentou Nicolás de Damasco. – A maioria desses seres volta com a idéia fixa de obter uma desforra. Desta maneira vão sucedendo-se as lutas e as devastações de uns povos sobre outros.

– Na verdade – disse Gamaliel –, neste último século, foram as legiões romanas que assolaram mais da metade do mundo civilizado que conhecemos, como, há três séculos, o tinham sido as legiões macedônicas conduzidas por Alexandre Magno e, antes deste, Nabucodonosor, o tigre assírio que levou a morte por toda parte onde pôs a sua garra.

– Os Kobdas da Pré-História – disse Jhasua – levaram a paz, a felicidade e o amor a três Continentes, e não tiveram legiões armadas nem deixaram montões de cadáveres para servirem de alimentação aos corvos. Por que puderam eles civilizar sem destruir, e as civilizações posteriores não puderam fazê-lo?

– Jhasua, meu filho – disse Fílon, sentando-se ao seu lado. – O amor é força construtiva e o ódio é força destruidora. Os Kobdas formavam uma legião de sábios enamorados do bem e da justiça. Eles foram os instrumentos da Lei Eterna para reconstruir este mundo, arrasado e destruído pelo egoísmo, que engendra o ódio. Eles pertenciam a uma legião de espíritos emigrados de Vênus, Júpiter e Arcturo (*), mundos onde já é melhor compreendida a Eterna Lei da Solidariedade e do Amor.

"É por isso que nossas Escolas de Divina Sabedoria têm a grande missão de ensinar o bem e a justiça aos homens, que, quando chegarem a aprender a lição, renegarão todas as guerras, as lutas fratricidas, os ódios e as destruições, e dirão, como se diz nos mundos adiantados: "O QUE É MEU É PARA TODOS. O QUE É TEU É PARA TODOS. NEM TEU NEM MEU. TUDO É DE DEUS, QUE O DÁ PARA TODOS."

Essa é a lei.

– Afinal, por que os homens já não compreenderam isto? – voltou a perguntar Jhasua. – Os Flâmines-Lêmures ensinaram a justiça naquele continente desaparecido. Os Profetas Brancos ensinaram-na também na Atlântida, que dorme sob as ondas do mar; os Dacthylos na Ática pré-histórica; os Kobdas na África e na Ásia Central. De que serviram, então, seus grandes esforços e sacrifícios?

– Serviram de muito, Jhasua! Examinemos somente a pequena Palestina: um lencinho entre todos os países do mundo. O que há de justo e de bem nela foi criado pelos Essênios da época atual, silenciosos em seus santuários de rochas. Cada família essênia educada por eles é uma lamparina no meio das trevas. Em cada região do mundo houve e há pequenas legiões de Sabedoria a distribuírem luz à multidão turbulenta, que se debate nas trevas numa luta continuada para poderem arrebatar, uns dos outros, os bens que cobiçam.

"Nós, que vemos o conjunto deste altiplano dos conhecimentos superiores a que chegamos, sabemos que estão errados no seu caminho todos aqueles que, a sangue e fogo, querem impor aos seus semelhantes jugos que eles rechaçam, porque truncam as suas esperanças e destroem as suas conveniências.

"Cada qual interpreta e mede a Justiça com a medida de seus próprios interesses individuais. Cada qual admite como justo aquilo que o favorece, e como injusto aquilo que prejudica seus interesses individuais ou coletivos.

"Somente os espíritos de uma grande evolução esquecem suas conveniências e seus interesses, para pensarem na conveniência, no bem e na felicidade de seus semelhantes.

"Por exemplo, Jhasua, no caso de Espártaco, nobre, heróico e iniciador da primeira revolução de escravos na triunfante e poderosa Roma. Ele e todos aqueles escravos que o seguiram achavam justo pedir ao governo romano sua liberdade de homens, porque estavam fartos de se verem comprados e vendidos como animais de rebanho. As mães viam que seus filhos eram arrebatados para serem vendidos em hasta pública a quem melhor preço desse por eles. Sendo-lhes negado esse direito, todos os escravos de Roma se levantaram como um só homem em torno de Espártaco, seu guia-condutor.

"O governo romano, que se tinha na conta de ser o mais elevado e justiceiro da civilização, não via justiça nem direito algum nos escravos para que fizessem tão

(*) Arcturo, estrela de primeira grandeza da constelação do Boieiro (N.T.).

insolente e audaz exigência. As famílias patrícias de tradicional ascendência diziam: 'Herdei meus escravos de meus pais, do mesmo modo como herdei minhas propriedades, minhas jóias, meus móveis, minhas fazendas e plantações. Não tirei nada de ninguém. Dou-lhes a comida necessária e apenas mando açoitá-los quando cometem faltas que me prejudicam. Que razão têm eles para se rebelarem contra o amo?'

"Estás vendo, Jhasua, como é o critério humano, pendendo sempre para a conveniência de cada um?

"Crê realmente estar agindo com justiça aquele que pede aos gritos a sua liberdade. Da mesma maneira crê estar agindo com justiça aquele que a nega, porque tem a força e o poder em sua mão. Nós, que vemos de uma pequena altura moral essas lutas tremendas de interesses criados, choramos em silêncio ao ver a cegueira dos poderosos que se julgam grandes quando passam por cima de cabeças inclinadas e vencidas, e também a rebeldia estéril daqueles que, no final de tudo, caem esmagados sob o carro do triunfador.

"Aí tendes o exemplo dessa magnífica pintura que motivou esta conversação e que encerra a realidade dessa ocorrência há cinqüenta anos, quando nenhum de nós ainda havia nascido.

"O governo romano condenou os seis mil escravos em fuga, que foram capturados, a morrerem crucificados ao longo da Via Ápia, onde foram deixados até que os corvos começaram a despedaçar os cadáveres. Depois os untaram com piche e puseram fogo, para que o mau cheiro não contaminasse o ar das populosas cidades vizinhas. E o mundo ainda admira o poder e a glória de Roma, senhora do Orbe!..."

Um penoso silêncio seguiu-se a esta conversação.

– Jhasua – disse José de Arimathéia ao perceber em si mesmo os dolorosos pensamentos do jovem Mestre –, é esta a tua primeira saída do ninho paterno e recebeste um golpe demasiado rude. Eu havia observado em ti uma grande esperança na Roma dos Césares, em virtude da suavidade com que Augusto acedeu a Públio Virgílio Maron em tudo quanto ele solicitou em favor de determinadas exigências feitas pelos povos da Palestina e da Síria.

"No entanto, em Roma nem sempre esteve Augusto César, que foi homem de sentimentos humanitários e que, em dados momentos, se deixava vencer pela piedade. Todos nós que nascemos sob o seu reinado gozamos de um período de paz, até que o orgulho de Herodes iniciou a cadeia de crimes para eliminar aqueles que o estorvavam. Vejamos agora o que nos dá Tibério César."

– Foi no tempo das conquistas para ampliar seus domínios que Roma cometeu as espantosas atrocidades a que estas pinturas se referem – acrescentou Nicodemos.

– Naturalmente – observou Nicolás – porque as nações invadidas defendiam suas liberdades e independências até morrer por elas.

– No entanto, Roma sofrerá, um dia, mais cedo ou mais tarde, o mesmo que ela fez com Cartago, que lhe resistiu por mais de um século, porque há uma justiça inexorável que não se engana nem vacila como a justiça humana: A Lei Eterna, que diz:

"Todo mal cai sobre quem o faz."

"A história dos séculos que se passaram demonstra e comprova isso."

– É certo, Gamaliel – respondeu Fílon – porque o nosso princípio de que o ódio é força destruidora cumpre-se com assombrosa precisão.

"O mundo cego e inconsciente denominou *Grande* um guerreiro conquistador que avassalou o globo com a força de suas legiões armadas, e semeou a dor e a morte. Desta forma, temos Alexandre Magno, a cuja honra Ptolomeu I dedicou esta cidade. Ela está edificada sobre as ruínas da cidade sagrada dos Kobdas: Neghadá.

"É Grande porque fundou cidades nos países conquistados," dizem os macedônios que o admiram até o ponto de julgá-lo um deus. Mas... e as cidades que destruiu ao invadi-las?... e as vidas humanas que aniquilou?... e as dores que causou para satisfazer sua desmedida e louca ambição?...

"Não foi cruel por natureza, é verdade. Agora o veremos estendido, rígido, em seu sarcófago de cristal e de prata, que está no recinto central deste Museu. Jovem e formoso, o conquistador parece dormir na eterna quietude da morte."

– Estás penalizado, Jhasua? – perguntou o filósofo, vendo-o com o olhar fixo na pintura dos escravos crucificados.

– Jamais vi tão ao vivo o horror da morte nesta forma! – exclamou o jovem Mestre sem poder afastar seus olhos daqueles patíbulos de infâmia.

"As feras – acrescentou – quando a fome as acossa, matam a vítima de uma dentada e a devoram. Só o homem, a criatura inteligente da Criação Universal, permite a si mesmo o horror de ir matando lentamente e entre torturas horríveis seus semelhantes, não para saciar a fome, mas para satisfazer seu rancor e sua cólera, porque aqueles seres queriam escapar de suas garras! Pode ser concebida maldade mais cruel e terrível que esta?

"Roma foi perversa!... Roma foi execrável, quando se enfureceu assim com os débeis e indefesos!," exclamou Jhasua possuído de indignação.

Quem houvera pensado em tal momento que, treze anos depois, ele mesmo sofreria igual gênero de morte como os escravos crucificados ao longo da Via Ápia, e que sua sentença seria firmada pelo representante de Roma em Jerusalém, Pôncio Pilatos!

Jhasua permaneceu uma semana em Alexandria, e não passou um só desses dias sem visitar o museu para contemplar a pintura dos escravos crucificados, que o atraía irresistivelmente.

– Na verdade – disse Nicodemos – estas pinturas são a vingança de Cartago contra a Roma destruidora e cruel. Tal como ocorreu a Jhasua, ocorrerá a todo viajante que sonhe desperto e julgue que, de Roma, surgirá a felicidade e a paz do mundo.

Parecia incrível que pinturas mudas falassem tão alto e tão eloqüentemente. A arte é verdade e vida! Que grande artista foi esse Aníbal Tugurt, último descendente do heróico defensor de Cartago!

No Vale das Pirâmides

Vejamos agora Jhasua mergulhado com seus amigos nos rolos de papiro que haviam trazido da Palestina, e aqueles que Fílon guardava como surpresa para presentear-lhes.

Dois dias depois de se acharem em Alexandria, chegou Melchor de Horeb que já havia sido avisado de antemão e que não queria nem podia perder a oportunidade de ouvir o jovem Mestre, a quem vira apenas duas vezes durante sua infância.

– Oh, meu príncipe africano! – disse Jhasua estreitando-o contra o peito. – Minha memória guardava fiel recordação de ti e, em meus sonhos, te vi mais de uma vez andando pelas montanhas e desertos sobre um formoso camelo de pêlo claro, quase branco.

– É meu companheiro do deserto – respondeu Melchor – e foi nele que vim para te ver, Filho de Deus, e ouvir de tua boca ensinamentos de sabedoria. Decorreram cinco dias, desde que saímos, parando apenas o tempo necessário para descanso de meus companheiros e dos animais.

"Teria chegado ontem, mas no deserto de Extham desencadeou-se um furioso vendaval e tivemos que refugiar-nos numa gruta... aquela gruta, amigo Fílon, a uma milha de Heroópolis, onde tu e eu julgamos ter nascido de novo."

– Ah, sim!... essas recordações não se esquecem jamais – respondeu o aludido.

– Se aquele enorme penhasco nos tivesse esmagado, teriam morrido conosco nossas descobertas e nossas esperanças.

– Podemos saber que descobrimentos eram esses? – perguntou Jhasua. – Porque nós também temos alguns e creio que todos os que estão convosco formam um mesmo grupo para tomar conhecimento do assunto em vista.

– Sim, meu filho – respondeu Fílon. – Faz alguns anos que estou preparando os dados necessários, com suas respectivas comprovações, para escrever a história de Moisés com os comentários que ela sugere. Faltava-me algo referente ao tempo daquele obscuro silêncio que ele passou nas terras de Madian, sobre o qual foram tecidas lendas impossíveis de serem aceitas com relação a um ente da altura espiritual do grande Legislador hebreu.

"Esses dados comprobatórios estavam sendo trazidos em nossa maleta de viagem, quando, uma noite, se desprendeu de nossa gruta um enorme pedaço de rocha que passou como um fantasma de pedra quase roçando os nossos corpos estendidos sobre leitos de palha. Nem sequer remotamente aguardávamos um visitante tão perigoso.

"Agora vos revelarei a surpresa de que falava em minhas cartas a Nicodemos.

"Com este bom amigo Melchor, realizamos expedições bastante audazes desde Cirene até mais além do desolado lugar onde antes esteve a populosa e florescente Cartago. Estas duas pinturas que tanto impressionaram a Jhasua, foram a chave que nos abriu o misterioso mundo do deserto africano.

"Fazia só um ano e sete meses que eu era diretor desta Biblioteca e do Museu, quando se apresentou aqui um viajante vindo de Cirene num dos barcos que fazem a viagem desde a Sicília. Vinha com um adolescente de 14 anos. Pediram permissão para ver a galeria de Cartago, e o guardião que estava de plantão acompanhou-os até lá.

"Viu que tiravam cópias das inscrições, e, ao chegar à pintura na qual aparece o incêndio e a destruição completa de Cartago, o viajante prostrou-se por terra, beijou depois a pintura, secou as lágrimas que lhe corriam pelo rosto e falou longamente com o adolescente que o acompanhava.

"Como todas estas manifestações chamassem muito a atenção do guardião, este veio contar-me o que ocorrera, e tive a curiosidade de procurar saber que espécie de ligações tinham aqueles personagens com as pinturas da galeria de Cartago.

"Muito embora tivesse compreendido, a princípio, que eles se esquivavam das respostas pela natural desconfiança que se tem de um desconhecido, tive a sorte de inspirar-lhes confiança depois de alguns momentos de conversação. Quando souberam que eu era africano, como eles, e de raça judia, abriram-se completamente.

"– A raça e a desgraça nos unem – disse o homem mais idoso. – Eu teria nascido em Cartago se não houvesse sido destruída pelos bárbaros do outro lado do Mar Grande. Sou de Cirene e descendente direto na quarta geração de Juba, irmão do grande Aníbal, defensor heróico da maravilhosa Cartago. Todos os anos venho visitar esta galeria onde está guardado o que resta da cidade destruída.

"– E esse jovem é vosso filho? – perguntei.

"– Sim, o menor de todos, o único que ainda tenho ao meu lado. Os outros, seguindo a tradição, internaram-se no deserto – respondeu aquele homem.

"– Eu ignorava em absoluto tudo isto – disse. – Por que fugir para o deserto, onde a vida deve ser terrível?

"– Os poucos homens hábeis que restaram, juraram em torno de Aníbal que haveriam de unir-se como uma só nação com a grande raça Tuaregue, a mais adiantada e forte da África do Norte. Dali fazem uma guerra de morte contra Roma.

"– Diz a tradição que Aníbal morreu numa região do Indostão – observei.

"– É completamente falso – respondeu-me. – Foi um de seus capitães, que se lhe assemelhava em estatura, que vestiu suas roupas e fugiu para Esion-Geber, deixando ali propositadamente a notícia de que Aníbal se dirigia para a Índia, pelo Golfo Pérsico.

" 'Muitos guerreiros que serviram sob as ordens de Aníbal eram tuaregues de raça, e foram eles que salvaram sua vida por ódio a Roma. Entre eles ficou toda a família de Aníbal e os cartagineses que restaram com vida. Meus avós viveram e morreram ali. Por mandato do rei tuaregue Jampsal III, estou em Cirene como correspondente do exterior.' "

– Esse homem – acrescentou Fílon – gentilmente se dispôs a orientar a Melchor e a mim em nossa pesquisa de dados que pudesse servir como fios condutores para as origens da atual civilização.

Nossos viajantes olharam-se uns aos outros.

– Esses dados e muitas outras minúcias nós os trazemos em nossas pastas – disse Jhasua. – E, além de tudo, relatados por uma testemunha ocular.

– Oh! Magnífico! Teremos, assim, a comprovação de que os manuscritos conservados pelos tuaregues e encontrados em criptas funerárias nos subsolos de Cartago são verdadeiros. Esta coincidência é maravilhosa.

A grande mesa do cenáculo de Fílon viu-se coberta de papiros, calhamaços de telas, peles curtidas em branco, tabuletas de madeira e de argila, lâminas de cobre e até pedaços de cortiça de árvores, nas quais apareciam inúmeras gravações.

– Creio que, com tudo isto – disse Fílon –, poderemos esclarecer as obras de Moisés e estabelecer continuidade entre os Kobdas, criadores da civilização Adâmica, com os Essênios, precursores do Cristo.

– Irmão Fílon – disse repentinamente Melchor. – Levai em conta que não vim só.

– Já sei. Vossos criados terão tudo em minha casa. Já ficou tudo determinado.

– Não se trata de meus criados, mas de Buya-Ben e Faqui, ambos de Cirene.

– Como?... Vieram contigo?

– Vieram comigo somente para ver Jhasua – respondeu Melchor solenemente.

– Mas, julgaste isso oportuno? – voltou Fílon a perguntar.

– Creio que eles merecem isto tanto quanto eu. Eu não podia negar-me.

"A África tem o mesmo direito que a Ásia para buscar a Verdade e a Luz. Eles foram encontrar-me em Heroópolis depois de se informarem na praça das caravanas que eu não havia chegado.

"Os homens de sua raça pensam reconstruir Cartago, fato este que comprova um aviso espiritual que obtivemos em Horeb:

" 'Um povo novo surgirá do sangue de Aníbal e de seus mártires cartagineses e desse povo levantar-se-ão vozes vigorosas para acender nas pessoas a nova Luz do Enviado Divino.'

"Creio, pois, que estes seres, pai e filho, são trazidos a nós providencialmente."

Percebendo Fílon o assentimento de todos, fê-los entrar.

Alguns momentos depois, ambos os visitantes inclinavam-se profundamente ante a reunião e assim ficaram até que Melchor, mais a par de seus costumes, aproximou-se deles e retirou o véu azul que envolvia suas cabeças e caía sobre seus rostos.

Vestiam longas túnicas e mantos azuis de riquíssimos tecidos.

Quando tiraram as mãos dentre as amplas pregas do manto, viram que seus dedos estavam cheios de anéis, com pedras de grande valor, e, pendentes de largos cinturões de prata, longos punhais damasquinos com cabos de ébano e arabescos de ouro. Sobre o peito ostentavam um pequeno escudo de prata, que representava uma serpente enroscada e, no centro do círculo, uma cabeça de leão, erguida e dominante. Aquele homem aparentava 45 anos, e seu filho 19. Este fixou seus olhos negros e cheios de inteligência em Jhasua, o único jovem que se achava na reunião.

Chegou-se a ele decididamente sem esperar apresentação e, dobrando um joelho em terra, tomou-o pela mão e disse em perfeito idioma sírio:

– Que o sol desta terra te seja benigno, príncipe da casa de David.

– Obrigado, amigo – disse Jhasua levantando-o. – Eu não sou um príncipe, mas um buscador da verdade e da justiça.

– Também nós buscamos a justiça – disse o pai dele, que parecia ouvir atentamente as palavras do filho. Este sentou-se ao lado de Jhasua e não se preocupou em dissimular o afeto e a admiração que espontaneamente lhe dedicava.

Ambos formavam um formoso contraste: um, com sua fisionomia de um branco mate, olhos claros e cabelos bronzeados; o outro, com seus longos cabelos crespos de ébano, seus olhos negríssimos e sua fisionomia tostada pelo sol ardente do deserto. Um, gracioso como uma vara de nardos; o outro, alto e forte como um obelisco de pedra.

– Quão formoso é poder amar-te, lírio de Jericó! – disse o jovem de Cirene a Jhasua, com espontaneidade encantadora. – Quanto te amará a África, mancebo dos cabelos de ouro!

– Guarda tuas palavras dentro do peito, meu filho – disse-lhe o pai –, pois podes causar desgosto ao filho de David.

– Não, absolutamente, de forma alguma. Não vos preocupeis – disse Jhasua –, pois agrada-me a franqueza espontânea de vosso filho.

– Deixai-os – observou Melchor bondosamente. – Eles são jovens e se entenderão às mil maravilhas.

Com efeito: Jhasua e Faqui chegaram logo a um completo entendimento.

– Sabes que tua vestimenta azul desperta em mim formosas recordações do passado? – disse Jhasua a seu interlocutor, tocando, como que distraidamente, numa ponta do amplo manto.

– És tão jovem e tens um passado para recordar? – interrogou por sua vez o africano.

– É que, numa época remota, existiu em Cartago um ramo da grande Escola Kobda originária do Nilo. Os adeptos dessa Escola vestiam-se todos como tu. Esta coincidência desperta em mim grande interesse. Isto é tudo.

– Que relação tens com aquela Escola que acabaste de falar? Pergunto apenas para ver se achamos alguma coincidência nos dados que ambos temos – respondeu Faqui.

– Direi primeiro os meus – disse Jhasua, para apagar completamente qualquer leve desconfiança em seu novo amigo. – Numa época bastante remota, há cerca de oito mil e trezentos anos, existiu no penhasco de Corta-Água, que assim se chamava a região onde mais tarde foi Cartago, um Templo de Sabedoria, dirigido por uma

admirável mulher cujo nome era *Solânia*. Nos vinte e cinco anos que ali viveu, estendeu uma elevada civilização que chegou até os Montes Atlas, para o Oeste, e até o rio Níger, para o Sul. Tua vestimenta avivou em mim estas recordações. A única coisa que não compreendo de teu vestuário é esse escudo com uma serpente e um leão.

– Tudo quanto me dizes está de acordo com as remota origens de nossa raça – disse o jovem de Cirene. – Quanto a este escudo, esclarecerei: para nós a serpente simboliza a sabedoria e o leão o valor e a força. Além do mais, isso tem outro significado, pois este escudo é a única coisa recente que há nesta vestimenta, usada apenas pelos de dinastia real. Este escudo significa Cleópatra e Aníbal, unidos para lutar contra o inimigo comum: a Roma selvagem e bárbara que, por onde passa, vai incendiando cidades e golpeando seus habitantes, anciãos, mulheres e crianças.

"Cleópatra e Aníbal são os dois símbolos da raça tuaregue, descendente de uma *Filha do Sol*, que vestia um manto azul e apareceu no alto do grande penhasco onde foi edificada Cartago. Quem a trouxe? Quem era ela?"

– Solânia!... A Matriarca Kobda de minha velha história! – exclamou Jhasua, entusiasmado em ter encontrado pontos de contato entre a verdade que ele possuía e os relatos do jovem africano.

– E por que dizes "*minha velha história*"? Acaso és da raça tuaregue? – perguntou Faqui.

– Não, meu amigo. Se digo "*minha velha história*" é porque formo parte de uma Fraternidade consagrada à verdade e à justiça. Procuramos afanosamente tudo aquilo que possa dar luz à Humanidade, cuja maldade tem por causa a ignorância. Quando esta souber suas origens e seu destino, já não haverá mais Roma bárbara e cruel, não existirão inimigos, mas todas as raças do mundo se reconhecerão como irmãs...

– Impossível!... impossível, príncipe, filho de David!... Os tuaregues não esquecem!... Cleópatra e Aníbal não esquecem!... Asseguro-te isto!...

– Pode ser que, dentro de pouco tempo, penses diferente, Faqui, meu amigo! Tua alma reflete-se em teus olhos, e creio que irás compreender-me bem.

– Tens mel na boca, filho de David!... E tuas palavras entram em mim como água fresca quando me acossa a sede – exclamou, com devoção religiosa, o jovem africano.

– Voltemos ao nosso relato – disse Jhasua. – Eu te dizia que essa *Filha do Sol*, origem de tua raça, não pode ser outra senão a Matriarca Solânia da minha história. Sabes por que a chamaram *Filha do Sol*?

– De acordo com os antigos escritos que temos – disse Faqui – não se sabe a origem dela, que era em tudo diferente dos nativos destes países.

"Era branca como o leite, com olhos azuis e cabelos como de raios do sol. Vestia túnica e manto azul. Ensinava a cantar ao sol quando este aparecia pelas manhãs e quando se ia pelas tardes. Temos formosas canções que ela legou a seus filhos como herança."

– Por que vossa raça se chama *tuaregue*? – perguntou Jhasua.

– Porque, numa época distante, desceu do penhasco sagrado um homem vestido de azul, cujo nome era *Tuaregh* e disse: "Vinde ver o que encontrei na escavação feita nesta ladeira do penhasco." Apareceu, numa cavidade da rocha, uma caixa de mármore, e dentro, a múmia de uma mulher vestida de azul. Tinha nas mãos rolos de papiro em tubos de cobre: era a Lei e os cantos ao sol.

"Estávamos ante o cadáver mumificado da *Filha do Sol*. Ela quis ser encontrada por *Tuaregh*, o homem mais justo e nobre da tribo, e todos o proclamaram rei. Por isto nos chamamos *tuaregues*."

– Isto é admirável! Tua história e a minha são a mesma. Vós sois os continuadores de Solânia, não resta a menor dúvida. Mas já comprovaremos isto com os dados históricos que temos.

Ambos foram reunir-se aos demais, que já estavam examinando as antigas escrituras.

No rolo 73 das *"Escrituras do Patriarca Aldis"*, Jhasua encontrou a passagem referente à Matriarca Solânia, primeira pessoa que subiu ao penhasco de Corta-Água com cinco mulheres e quatro homens de vestimenta azul, que se ofereceram para acompanhá-la na arriscada missão.

Jhasua leu em voz alta uma passagem que relatava o momento solene e trágico no qual um grupo de *Doloras*, pois assim aquelas tribos denominavam suas sacerdotisas, estava prestes a imolar a donzela escolhida, e os mensageiros da Matriarca Solânia o impediram.

– Essa passagem – disse Buya-Ben – é como uma lei para a metade da nossa raça, que, em razão de divergências como esta e outras, que não menciono, está dividida em várias ramificações.

"Por isto levamos este escudo que simboliza Cleópatra e Aníbal, com o qual nos distinguimos como continuadores da *Filha do Sol.*

– De modo que – perguntou Fílon – rechaçais os sacrifícios humanos?

– Absolutamente; nossa lei só nos permite matar em defesa da vida ou da honra – respondeu Buya-Ben, tirando, de uma pequena sacola de seda azul, um tubo de prata. – Aqui está – disse – o que nos restou da Filha do Sol, isto é, uma cópia, porque o original encontrado em seu sarcófago está sempre nele; e este permanece cuidadosamente guardado em seu templo funerário de rocha, à margem do rio Igharghar, chegando a Tinghert.

– É exatamente como ele diz – acrescentou Melchor que, até então, havia permanecido silencioso. – O Mestre Fílon pode testemunhá-lo, pois ambos visitamos esse santuário lavrado na montanha como os santuários Essênios.

– Chegastes a ver a múmia da Matriarca Solânia? – interrogou Jhasua com ansiedade, olhando para um e outro dos que faziam tal afirmativa. – Oito mil e trezentos anos já passaram sobre esse corpo humano feito pedra!

– Vimos – disse Fílon – uma abóbada sepulcral dentro de uma imensa gruta, toda recoberta por dentro de pórfiro e jaspe, com ornamentações de prata.

"Sobre um dólmen de mármore branco, está o sarcófago também de mármore com tampa de cristal, através do qual se vê a múmia, tão branca como o mármore que a guarda.

"Por concessão especial obtida através do bom amigo Buya-Ben, graças à sua hierarquia na dinastia, o sarcófago foi aberto, e pudemos tocar na múmia que, ao tato dá a impressão de ser de pedra. Na cabeleira parece haver sido aplicado um banho de ouro pálido, e as vestimentas de seda azul foram habilmente colocadas sobre o corpo petrificado. Ela jaz como uma estátua, vestida com uma fazenda riquíssima bordada com pérolas de grande valor. Ali só chegam os descendentes diretos de Aníbal ou Cleópatra, e também os guerreiros que se distinguiram por feitos notáveis. Nós aproveitamos o plantão do Scheiff Buya-Ben e pudemos entrar, acompanhados por ele e por seu filho.

"Em abóbadas que se comunicam com essa, podem ser vistos sarcófagos de todos os nobres da raça, desde Aníbal até a atualidade. Naquelas formosíssimas grutas funerárias, pode ser lido, em gravações nas paredes, toda a história da raça tuaregue."

– Da qual temos relatadas as origens nestas "Escrituras do Patriarca Aldis",

que conheceu a vossa Filha do Sol, o qual também se vestia de azul e obedecia à mesma lei – disse Jhasua.

– Por favor, dai-me uma cópia – suplicou Buya-Ben tomando o rolo e observando-o cuidadosamente.

– Vós a tereis – disseram os da Judéia, todos ao mesmo tempo.

– Cooperastes com as nossas melhores comprovações – acrescentou José de Arimathéia – e é justo que recebais a nossa compensação.

– Jhasua ama a Filha do Sol – disse Faqui com entusiasmo. – Ela é a branca Matriarca Solânia, que quer dizer *Mãe Solânia*. É formoso denominá-la Mãe!

– Esse tratamento dava-se na antiga Fraternidade Kobda às mulheres fundadoras de Escolas-Refúgios e que demonstravam grande capacidade para dirigir multidões – disse Jhasua. – Nestas "Escrituras do Patriarca Aldis", vereis a admirável atuação da vossa Filha do Sol. Ela levou a civilização até a distante Etiópia, mais além das cataratas do Nilo, por se haver o grande caudilho da região enamorado dela e, para agradá-la anulou nesse país tudo quanto contrariava a sábia lei dos Kobdas.

– Pelo que vejo, vossa história é muito mais ampla em dados que a que possuímos sobre as origens da nossa raça – observou Buya-Ben.

– Isto significa – disse Jhasua – que possuía o corpo mumificado da Filha do Sol, e nós temos sua alma nas obras que fez. É uma forma de sermos irmãos. Não vos parece?

– Justamente – disseram todos.

– Assim o compreendemos faz algum tempo – acrescentou Melchor. – A verdadeira civilização é a que une todos os países e todas as raças do mundo, se reconhecermos a origem comum de todos e o seu idêntico destino.

– As "Escrituras do Patriarca Aldis", que aqui vedes – disse Jhasua –, fazem-nos compreender a grandiosa obra da Fraternidade Kobda, ao realizar uma grande Aliança de todas as nações existentes há oito mil e trezentos anos, época essa que determina as origens da civilização Adâmica. Vossa Filha do Sol, que havia nascido por entre as pradarias do Lago Van, na região Sudeste do Ponto Euxino, amou tanto a África, que a tornou sua pátria, e nela deixou suas obras e a matéria que a ajudou a realizá-las.

– Nossas escrituras – observou Buya-Ben – dizem que a origem da nossa raça é atlante, e parece demonstrá-lo o aspecto físico, diferente, em geral, das outras raças do continente.

– O tempo que temos é curto – disse Fílon – e creio que devemos aproveitá-lo bem. O que realmente nos colocará de acordo é a leitura das passagens a que estamos fazendo referência.

Sendo Jhasua quem havia tirado a cópia do arquivo de Ribla e quem estava mais a par daqueles relatos, foi ele o designado para ler.

Faqui, seu novo amigo africano, sentado ao seu lado, ia recolhendo os rolos que ele deixava e colocando-os novamente em ordem.

As formosas passagens, em que se via a alma da Matriarca Solânia flutuando como um sol do amanhecer sobre a penhascosa região da África do Norte, entusiasmaram a todos os ouvintes, mas sobretudo aos que a consideravam como o gênio tutelar de sua raça e de seu país.

Um hálito suave de confraternidade e amor emanava daquela leitura, em cujas passagens apareciam, como surgindo da mesma raiz, todos os povos que logo se dividiram com ódios profundos e guerras destruidoras e cruéis.

A grande inconsciência humana saltava à vista depois dessa leitura que, tal como uma lâmpada radiante, iluminava claramente os caminhos traçados pelo amor fraterno, ideal dos antigos Kobdas, e os caminhos do ódio e da ambição, que, nos últimos séculos, levaram a Humanidade para uma voragem de sangue e de morte.

– As raças do Norte, de onde surgiu a Filha do Sol, foram o vendaval destruidor de sua própria obra no continente africano... Roma destruiu Cartago, tal como, antes, os Hicsos destruíram Neghadá – exclamou Jhasua com amargura.

Buya-Ben e Faqui permaneceram silenciosos, porque uma profunda emoção enchia seus peitos de soluços contidos.

– Os mesmos fatos repetir-se-ão muitas vezes – disse Nicodemos – até que a Humanidade chegue a compreender que é uma só família e que somente o amor poderá fazê-la feliz.

– Para isto deve dirigir-se o esforço de todos os que chegarem a compreender essa grande verdade fundamental – acrescentou Fílon.

– Empresa difícil – expressou Buya-Ben. – Nosso *Amenokal* (Rei sobre muitos príncipes com estados próprios) não quer aliança alguma com os do outro lado do mar. Eles nos causaram tantos males!

– Se outro grande gênio tutelar como a vossa Filha do Sol se apresentar para realizar esta aliança, esquecendo velhos agravos, rechaçá-lo-íeis? – perguntou Melchor, olhando para os dois tuaregues.

Instintivamente e sem saber por quê, ambos olharam para Jhasua, que, nesse momento, parecia não estar na reunião, mas muito distante com o seu pensamento.

O príncipe moreno adivinhou esse olhar e moveu a cabeça afirmativamente, como dizendo: *É ele.*

– Ele vem de bem distante!... – disse Melchor a meia-voz. – Conheceu e amou a Filha do Sol. Talvez esteja vindo até vós como um seu mensageiro.

Os dois tuaregues devoravam Jhasua com seus olhares fixos, como se quisessem penetrar no mistério que o envolvia.

A alma genial de Solânia, a Matriarca Kobda da Pré-História, dialogava com Jhasua no mais profundo do seu *eu íntimo.*

Como um sussurro de flores a cair sobre uma fonte, o jovem Mestre ouvia a voz interior:

"Homem-Luz!... Homem-Amor!... conquista-os para a tua obra. Ambos são nossos. O jovem é o Marvan, da nossa velha história. Seu pai é Édipo, a quem um dia chamaste *"pérola perdida no restolho"*.

Jhasua despertou do sono espiritual e voltou a cabeça para o pai e o filho que o contemplavam com seus olhos assombrados, úmidos de pranto.

– Se és mensageiro da Filha do Sol, dize-nos claramente, e Amenokal e todos os seus príncipes serão teus súditos enquanto viveres, e muito além da morte!... – exclamou emocionado Buya-Ben, sentando-se no divã, onde se achava semi-estendido.

Jhasua compreendeu que aqueles dois homens eram médiuns sensitivos, e que ambos haviam percebido a vibração de Solânia quando lhe falava mentalmente, ainda que permanecessem inconscientes de tal ocorrência.

Todos os presentes tinham compreendido o fenômeno psíquico ocorrido ali sem ruído nem som de palavra alguma, e tão-somente no profundo cenário dos pensamentos.

Jhasua, dominado ainda pela poderosa corrente espiritual que passara por ele, estendeu-lhes as mãos brancas e lânguidas como lírios cortados na tarde, enquanto dizia:

– Um forte laço de simpatia nos une, e espero que não se rompa jamais. Sou

mensageiro da *Filha do Sol* e, em seu nome, vos digo: não deixeis entrar jamais o ódio em vossos corações. O manto azul de Solânia é símbolo de amor e de paz. É o céu azul estendido sobre todas as raças e todos os povos da Terra.

"Em seu nome vos digo que, todo aquele que pisar vosso solo africano com fins de conquista e destruição, será varrido com ignomínia da face da Terra, e seu nome será maldito por muito tempo.

"Seres benéficos, irmãos da Filha do Sol, virão um dia até vós, como mensageiros de paz e de sabedoria, para iluminar vossos caminhos no deserto. Juntamente com ela, um dia vos amei entre as selvas e montanhas da Atlântida, adormecida sob as ondas do mar, de onde surgirão continentes novos, para formarem, junto com o vosso, o paraíso do futuro, semeado de rosas vermelhas como corações humanos, e de lírios brancos como estrelas de luz.

"Édipo!... Marvan!... viajantes eternos, que vindes de um passado de luz e de amor!... não mancheis com o ódio vossas glórias de ontem, porque haveríeis de entristecer o coração da Filha do Sol e ferir também o meu."

A exaltação de Jhasua foi subindo de tom e chegou a uma intensidade que devia causar-lhe algum dano, por causa da forte vibração que emanava de todo o seu ser.

José de Arimathéia tocou-lhe no ombro e disse a meia-voz:

– Jhasua!... precisas dominar-te. É prudente que o faças.

O jovem Mestre deu um grande suspiro e, soltando as mãos de Buya-Ben e Faqui, em cujos rostos corriam lágrimas serenas e silenciosas, disse:

– Agradecido! Perdoai-me! Todos vós, que sabeis o segredo de Deus e das almas, compreendereis também o que ocorreu.

– És um Arcanjo de *Amanai* (o Deus Único dos tuaregues) – disse solenemente Faqui... –, eu havia sonhado em Cirene que haveria de ver, com estes olhos, um Arcanjo de Amanai.

– Seremos traidores do nosso Amenokal se ocultarmos o que aqui vimos e ouvimos! – disse Buya-Ben. – É bom que ele saiba que seu Hach-ben Faqui e seu Scheiff Buya-Ben possuem amigos que honram a nossa nobre raça. Um dia ele nos deu permissão para que o príncipe Melchor de Horeb e o Mestre Fílon visitassem Tinghert, a montanha santa, e, portanto, não deve ignorar que, através deles, ouvimos a voz e olhamos o rosto de um mensageiro da Filha do Sol, de um Arcanjo de Amanai.

"Eu sei que ele abrirá as portas das muralhas de rocha que nos separam do resto do mundo para que todos vós possais penetrar nas terras sagradas do Tawareks como em vossa própria terra.

"Dai-me, vos rogo, uma cópia das Escrituras que relatam as glórias da Filha do Sol que apareceu em Corta-Água. Encerradas num estojo de prata, eu mesmo as levarei para o nosso soberano, que, conhecendo-as, viverá dias de luz e de glória. Eu pedia a Amanai um sinal de seu amor antes de morrer, e vós acabastes de dá-lo!"

– É muito idoso o vosso rei? – perguntou Jhasua enternecido.

– É ancião e padeceu muito. É neto do único filho do grande Aníbal que sobreviveu à catástrofe de Cartago, e está casado com a princesa Selene, filha de Cleópatra, a rainha egípcia, última descendente dos gloriosos Ptolomeus que engrandeceram esta cidade dedicada a Alexandre, com todas as ciências e todas as artes. Como podeis ver, nossos soberanos estão unidos como a serpente e o leão do nosso escudo. Três raças estão refundidas nos tuaregues da África do Norte: os últimos atlantes, os descendentes de Aníbal e os de Cleópatra, através de sua filha Selene que, em virtude de ser muito menina por ocasião da trágica morte de sua mãe, não chegou

a sentar-se no trono, salva milagrosamente da loba romana, faminta de ouro e de vidas, foi amparada pelo nosso Amenokal, antecessor deste, que a casou com seu filho, unindo, assim, a serpente faraônica com o leão de Cartago.

– Vive ainda a princesa Selene? – perguntou novamente Jhasua.

– Vive, e, embora não sendo octogenária como o nosso Amenokal, tem já idade avançada. Ficou órfã de poucos anos, com a morte da mãe, e sua vida foi salva pelas damas da extinta rainha, algumas das quais eram de Cirene.

"Meu pai era, então, correspondente de Athakor, como eu o sou agora, e, por seu intermédio, a menina entrou em nossa cidade de penhascosos cumes, de onde não saiu jamais."

– É ritual do vosso povo esse retiro absoluto? – perguntou Nicolás de Damasco.

– De modo algum, mas ela guarda eterno luto pela deslealdade e traição com que Octávio César levou sua mãe à morte. Veste-se sempre de branco em sinal de luto e canta as canções da Filha do Sol acompanhada de sua harpa. Tem uma filha e dois filhos. Todos os três casados com os primeiros nobres da nossa raça.

"Amenokal deu-lhe o supremo poder da vida, de maneira que, não obstante o alto Tribunal condene um réu à última pena, só ela tem o poder de indultá-lo.

"– Ajo de acordo com a lei da 'Filha do Sol' – diz ela quando observam que, invariavelmente, indulta todos os réus condenados à morte."

– Sublime mulher, digna da Matriarca Solânia! – exclamou entusiasmado o jovem Mestre. – Se não existir oposição de vossa parte, enviar-lhe-ei uma cópia dos relatos referentes a Solânia, o que acabará de confirmar sua forma nobre e justa de agir.

– Formosa idéia! – disseram todos ao mesmo tempo.

– Eu sugeriria – disse o jovem Faqui – que coloqueis, de vosso próprio punho e letra, uma dedicatória da qual conste que sois mensageiro da Filha do Sol, que lhe envia, por vosso intermédio, o obséquio de sua vida gravada num rolo de papiro.

– Ela quer saber tudo o que se passa no mundo exterior – acrescentou Buya-Ben. – Faz grandes festas quando mando notícias boas; reparte donativos entre os enfermos e anciãos. Quando as notícias são más, ordena orações públicas a Amanai para que tenha piedade dos povos oprimidos e maltratados.

– É quase uma essênia – disse Gamaliel. – Quem poderá adivinhar o que sairá, no futuro, desses excelentes princípios?

– E o mundo em geral tem a idéia de que, fora da costa mediterrânea, toda a África é selvagem – observou Nicodemos.

– O mundo nada mais sabe senão aquilo que as legiões romanas têm querido que saibam – acrescentou Melchor, cujas investigações o haviam levado a estreitar amizade com as raças mais adiantadas da África Ocidental e do Norte do Mar Vermelho.

– Pelo que se vê, ficaram muitos vestígios da antiga civilização Kobda do Nilo – observou Jhasua. – Devemos reavivar esses vestígios, príncipe Melchor, para o bem da Humanidade.

"Não poderíamos unir-nos com a Rainha Selene, tão piedosa e nobre, para estabelecer uma Escola de Conhecimentos Superiores?"

– O príncipe Melchor e eu nos encarregaremos disto, Jhasua – disse Fílon.

– E eu, se não o levardes a mal – disse Buya-Ben.

– Contai também comigo como auxiliar," acrescentou o jovem Faqui.

"Serei o correspondente do filho de David nas montanhas e nas areias de Athakor.

– Graças, Faqui, meu amigo, graças! Eu sabia apenas que os africanos eram morenos, e julgava que tão-só Melchor era um justo. Agora sei que existem almas nobres e brancas sob uma pele tostada pelo sol do Sahara.

"Oh, que conquista, bom Deus!... que conquista!"

– Mas a rainha Selene não é morena – disse Buya-Ben. – É um lótus que floresceu no oásis do deserto, e seu coração é um vaso de mel.

– Uma intensa felicidade me envolve, Faqui – disse Jhasua a seu novo amigo.

"Em minhas correspondências contigo chamar-te-ei *Simão*, que quer dizer *alicerce*, porque nossa amizade tem origem em algo grande que há de surgir no futuro."

– Está bem, Jhasua. Meu nome se engrandece, pois. Serei o Hach-ben Faqui Simão, para servir ao mensageiro da Filha do Sol.

O imenso edifício da Biblioteca e Museu, como quase todos os grandes edifícios de Alexandria, tinha espaçosos terraços em diversas direções.

Deles se dominava, através do panorama, o amarelento deserto, que chegava até a cidade propriamente dita, pelo Oeste e pelo Sul, enquanto, pelo Norte, o Mediterrâneo de esverdeada água, acariciava com suas ondas mansas ou bravias a inquieta cidade dos Ptolomeus.

Ao longe, como um recorte escuro sobre o límpido azul, viam-se as grandes Pirâmides, monumentos funerários dos primeiros Faraós do Egito. A idéia da imensa sucessão de séculos que aqueles monumentos despertam embargava a alma de Jhasua, levando-a para um mundo de recordações, de ocorrências, que outros seres, ou talvez os mesmos, haviam vivido em épocas já perdidas nas movediças areias do tempo.

– Meditas muito, príncipe de David! – disse Faqui na serena tarde do segundo dia em que se conheceram, enquanto, todos juntos, descansavam rapidamente depois de intenso trabalho sobre papiros e calhamaços.

Grandes palmeiras sombreavam aqueles terraços, dos quais podia ser visto o verde vale sobre o qual dormita o Nilo em seu sono de séculos. Além dele, uma escura cadeia de montanhas corta o horizonte pelo Oriente.

– É que revivem em mim os séculos que passaram – respondeu Jhasua, fazendo um esforço para falar.

– Está me parecendo que tua cabeça de ouro antigo é um cofre de histórias passadas – disse o jovem africano, olhando com insistência para aqueles olhos cheios de sonho que olhavam atentamente para tudo aquilo que o rodeava.

– Quisera abrir-me completamente contigo, Faqui, porque uma intensa voz parece dizer que me compreenderás – disse por fim Jhasua, acariciando um amarelento ramo de palmeira que caía na balaustrada do terraço.

– Que te impede de fazê-lo? Não confias em mim? – interrogou o jovem africano, aproximando-se dele como para tornar mais íntima a confidência.

"Tens, acaso, um amor oculto que te atormenta o coração?"

– O amor para mim não é tortura, mas felicidade suprema – respondeu o Mestre – mas minha confidência não é de amor, Faqui. É uma confidência de sabedoria e de verdade.

"Dizes haver observado que medito muito e, com efeito, é assim. Minha mente é algo assim como uma grande madeixa de fios que jamais termina. Habitualmente, vivo mergulhado num mundo onde tu e eu vivemos. Que idéia tens das Inteligências que viveram nesta Terra muitos séculos antes desta época? Da Filha do Sol, por exemplo."

– A Matriarca Solânia da tua história – disse Faqui, e seu semblante adquiriu um suave aspecto de interna devoção. – Vês este dourado resplendor do sol agonizante? Pois acredita que tenho a impressão de que é ela que me beija no sol da tarde. Eu a julgo viva, eternamente viva, apesar de meus olhos de carne não poderem vê-la.

– Teu amor a ela fará com que um dia possas vê-la; mas, antes, quero abrir me contigo para que compreendas bem *por que* minha cabeça é *um cofre de velhas recordações.*

E o jovem Nazareno foi fazendo-as reviver ante seu assombrado ouvinte:

– Alexandria está edificada sobre as ruínas da cidade sagrada dos Kobdas pré-históricos. Aqui mesmo esteve o grande Santuário de Neghadá, que estava unido por uma ponte de pedra sobre o primeiro canal do delta com o santuário em que viviam as mulheres Kobdas. Ali viveu a Matriarca Solânia, e dali ela saiu um dia para ir ao penhasco de Corta-Água, a fim de civilizar essa região da África em que nasceste. Deverás ter pensado alguma vez, Faqui, que todas as almas são eternas, tanto as boas como as más!

– Sim!... claro que sim! Nossas escrituras dizem isto claramente. Temos as velhíssimas crônicas das ocorrências pré-históricas, salvas dos cataclismas atlantes. Através delas sabemos que nossa raça vem da Atlântida, e que, ao partir-se esta como uma romã espremida pela mão Onipotente de Amanai, algumas de suas montanhas se levantaram mais ainda, arrastando consigo para a flor da água o que aqui fora leito profundo de seus mares azuis... nosso imenso Sahara, por exemplo, onde alguns lagos atuais são de águas salobres, têm enormes peixes que não possuem o sabor dos peixes de água doce, mas de pescado do mar. Na região da Mauritânia, salvaram-se dez centenas de homens, mulheres e crianças de nosso país, chamado país de *"Dyaus"*, ou *Vale Profundo.* No correr dos tempos, nossa raça tornou-se numerosa, e separamo-nos dos mauritânios, atlantes como nós, para vir habitar esta parte da costa mediterrânea, desde a falda oriental da grande Cordilheira Atlas, até o Golfo Grande que flanqueia, com suas ondas bravias, o penhasco de Corta-Água.

"Os fenícios, nossos aliados, trouxeram-nos, em seus barcos, sua grandeza marítima; e, sem misturar-nos com eles, mas apenas unindo esforços e aspirações, formamos a grande capital do Mar Grande, Cartago, que os bárbaros romanos converteram em cinzas, depois de matar mais de cem mil de seus pacíficos habitantes, que não puderam escapar para o deserto.

"Agora vou dizer-te, ó filho de David, como nós acreditamos que as almas são eternas!

"Afora o fato que, na grande biblioteca de Cartago, os estudiosos do nosso povo beberam até a saciedade a doutrina dos grandes filósofos gregos e egípcios, temos em nossas crônicas atlantes a sabedoria dos *Arcanjos de Amanai*, que iluminaram a Atlântida com ciência tão elevada como não se conhecera ainda em outros continentes.

"Nossas escrituras dizem que, por duas vezes, Amanai tomou carne de homem e apareceu naquelas terras para levantá-las acima de todo mal, para separar as almas boas das más, e entregar estas últimas às torturas de *Iblis*, que é um calabouço de reformação, enquanto as boas são levadas para imensos templos de luz e de paz, onde aprendem todas as ciências e todas as artes, para ensiná-las aos habitantes da Terra em novas vidas, que lá voltarão a ter.

"Assim ensinou Amanai nas duas vezes que esteve na Atlântida com carne do homem."

Jhasua, mergulhado num mar de pensamentos, ia recordando as velhas tradições orais e crônicas escritas em papiros, que os Dacthylos haviam entregue aos Kobdas do Nilo, oito mil e trezentos anos antes, e que o Patriarca Aldis havia recopilado com minuciosa fidelidade em seus oitenta rolos encontrados ultimamente no arquivo de Ribla.

Imediatamente saiu de seu abstraimento para perguntar a seu interlocutor:

– Sabes, Faqui, se vossas crônicas dizem alguma coisa a respeito das duas personalidades que Amanai teve no continente Atlante?

– Dizem pouco, mas nesse pouco se percebem grandes coisas, e terás que sabê-las.

"Num formoso país que se chamava Otlana, e cuja capital era Orozuma, o Supremo Amanai formou uma pessoa para si mesmo, e essse homem foi o nosso Deus-Sol, que rege os destinos da Terra. Como homem, foi um rei que estabeleceu a paz e a justiça sobre seus povos e países vizinhos. Chamava-se *Anpheão, o justo* (*).

"Seu próprio país não o compreendeu, e, por não querer guerrear nem matar, mudou-se para o país de Dyaus, que era o da minha raça, e ali ensinou sua sabedoria aos homens, até que morreu em seu desterro voluntário.

"Muitos séculos depois, Amanai tomou carne novamente para outra vida na Terra e, nessa nova personalidade, foi um Profeta, um filósofo que curava as almas e os corpos, e conhecia todos os pensamentos dos homens. Foi num país chamado *Mananciais de Zeus*, em cuja capital *Manethel*, fez todas as maravilhas que se podem imaginar. Depois de todo o bem que realizou, os homens lhe deram de beber elixir de favas amargas e dessa forma causaram-lhe a morte. A Atlântida matou duas vezes a personificação humana de Amanai, e, por isto, foi tragada pelas ondas salobres do mar, onde dormirá, através dos séculos, seu sono pesado e negro de assassino do Deus-Sol.

"Esse filósofo e médico chamou-se Ante-Luz (**), que significa 'Frente à Luz'.

"Compreendeste, filho de David, as tradições da minha raça?"

– Eu as compreendi muito bem, Faqui, e vejo nelas um claro reflexo de tudo quanto dizem as Escrituras que conhecemos sobre este particular. Vejo também quanta sabedoria encerram as palavras do príncipe Melchor, ao dizer que vós, pai e filho, fostes trazidos providencialmente até nós. Acendereis novamente, ao redor do penhasco de Corta-Água, a lâmpada de ouro da Matriarca Solânia, vossa Filha do Sol.

Tinha chegado até aqui este interessante diálogo, quando se aproximou José de Arimathéia, para avisá-los de que os camelos estavam preparados e que iam sair em seguida em direção ao Vale das Pirâmides.

Haviam-se-lhes adiantado os criados do príncipe Melchor, acompanhado de um arquiteto do Museu, que era quem havia descoberto aspectos novos e entradas aos milenários monumentos funerários dos primeiros Faraós de Mênfis. Era um arquiteto funerário dos mais conhecidos do seu tempo e grande amigo de Fílon.

Tendo em conta o culto reverente dos egípcios a seus mortos, cuja vida se perpetuava mais além da morte mediante a perfeita conservação da matéria, compreende-se bem a afanosa tarefa com a mumificação dos cadáveres, e o progresso que teve a arquitetura funerária, que chegou a ser a profissão mais cobiçada e lucrativa de todas.

Para Jhasua e seus amigos de Jerusalém, esta excursão ao vale das Pirâmides era uma grande novidade. Todavia, para o jovem Mestre, tinha aspectos muito mais profundos que o simples conhecimento dos maiores monumentos fúnebres do mundo.

Seus Mestres Essênios do Tabor haviam falado muito de que, talvez, fosse possível unir as vagas recordações da Pré-História com os primeiros esboços da História, no que dizia respeito às origens da Civilização Adâmica.

Sonhava ele ver levantarem-se as silhuetas azuis dos Kobdas do Nilo a cada passo que dava sob as palmeiras centenárias, ou entre as dunas amarelentas das areias

(*) Anfião (N.T.).
(**) Antúlio (N.T.).

movediças, que os ventos ondulavam suavemente. Não encontraria, porventura, essa coordenação perdida através dos séculos daquele Pharahome *Adamena, o Adamu* das Escrituras do Patriárca Aldis, e o *Menés, fundador* (*), segundo a história, do primeiro reino do Egito?

Os Kobdas de Abel haviam sido os fundamentos e a coroação da civilização dos três continentes; e a Humanidade, ingrata sempre para com seus mestres e guias espirituais, somente conservava a recordação viva de seus grandes guerreiros conquistadores, que encheram de sangue e luto suas cidades e campinas. Tudo que haviam deixado para a posteridade, em relação à eterna memória, e que tinha sido executado à custa da dor de seus súditos-escravos, estava representado nesses enormes monumentos funerários que eles iam visitar.

Para Jhasua, levantava-se a grandeza espiritual do passado, como um dourado resplendor do sol que ainda iluminava os caminhos sombrios da Humanidade. Era um crepúsculo de ocaso, que ele queria transformar em claridades de um novo amanhecer, mediante a ligação perfeita entre o luminoso passado que chamamos Origens da Civilização Adâmica, e os Grandes Instrutores que a Humanidade havia tido posteriormente.

Da confrontação do passado com o presente, poderia, talvez, surgir, com as firmes delineações da convicção razoável e lógica, a imagem perfeita da Verdade Divina, invariável, imutável e eterna, não obstante os erros humanos e a natural desfiguração causada pelos séculos.

Todo este acúmulo de pensamentos embargava a mente de Jhasua, enquanto montado no camelo cor de marfim de Melchor, no meio de todos os seus companheiros de excursão, costeava o lago Mariótis, estendido, como um espelho de prata, ao sul de Alexandria. Uma hora mais ao andar de suas cavalgaduras, e estariam no vale das Pirâmides.

– Já cumpriste tua promessa, Jhasua – disse Fílon, quando, fazendo ajoelhar o seu camelo, ajudava o Mestre a descer do dele, junto à base da grande Pirâmide.

– Que promessa é essa que falais? – perguntou Jhasua.

– Aquela do triste anoitecer em Tiro, quando corri muitas milhas procurando-te e não te encontrava.

– Ah, sim!... quando eu me internava serra adentro na Cordilheira do Líbano. Como vedes, mestre Fílon, tudo chega para aquele que sabe esperar!

– Já esperei vinte anos! – respondeu o filósofo alexandrino – e estou contente por isto.

Todos estavam já desmontados e continuaram andando até os grandes monumentos.

A púrpura do sol poente parecia derramar sobre a paisagem um sutil pó escarlate e dourado. Começava o quarto mês do ano, segundo o calendário hebreu, mas o inverno ali é ordinariamente como o outono de outras regiões. Era, pois, uma fresca e serena tarde às margens do Nilo, que aparecia sulcado de pequenos barcos a vela, semelhantes a gaivotas, a brincarem sobre as ondas do majestoso rio.

Os criados de Melchor acenderam uma pequena fogueira, e com incrível rapidez, armaram uma tenda. O príncipe Melchor, viajante infatigável, estava sempre provido de sua grande tenda de lona raiada de branco e vermelho, que se armava mediante um mastro central de fortes pedaços de bambu, embutidos uns dentro dos outros, e uma porção de estacas de carvalho com aros de ferro, as quais, colocadas

(*) Menés foi o fundador de Mênfis, antiga capital do Egito (N.T.).

em círculo ao redor do mastro, sustentavam os bordos do imenso disco de lona, que formava todo o singelo mecanismo da tenda. Os tapetes e as peles das montarias cobriam as areias do pavimento, e a casa ambulante do deserto ficava firmemente instalada.

Jhasua jamais havia feito uma viagem semelhante e, desde o princípio, tudo constituía novidade.

Seus novos amigos africanos, Buya-Ben e Faqui, muito práticos nesta classe de trabalhos, desenrolaram também um fardo azul que era outra tenda igual à de Melchor apenas na forma da construção, porém menor em tamanho.

– Pelo que se vê – disse Jhasua com muita graça – vamos ficar aqui para viver. Estais fazendo duas casas amplas! – Enquanto dizia isto, observava como o criado mais jovem de Melchor preparava as cordas com que se prendia a tenda às estacas, e quis ajudá-lo em seu trabalho.

– E quem sabe se não serão três? Pois meus criados têm também a sua tenda para quatro pessoas – respondeu Melchor alegrando-se ante o assombro de Jhasua e de seus amigos de Jerusalém, não habituados a essa classe de fáceis construções.

Efetivamente, alguns momentos depois, a tenda verde dos criados levantava-se atrás das outras, dando um alegre aspecto de acampamento de vistosas cores a contrastar com o descolorido cinza-amarelado das dunas ondulantes da imensa planície arenosa.

O arquiteto do Museu, acompanhado por Melchor e Fílon, examinava o lugar imediatamente situado entre as grandes Pirâmides e a Esfinge, que tem a figura de um enorme leão deitado, e entre cujas patas dianteiras está a porta de entrada.

Fala-se apenas da Esfinge e das grandes Pirâmides; no entanto, todo aquele vale é uma cidade de tumbas, pois era o cemitério do antigo Egito. Os conhecedores do lugar removiam as areias de lugares determinados, e aparecia uma enorme lousa, que fechava a entrada ao *hipogeu.*

O trabalho do explorador estava em encontrar a hábil combinação que facilitava a entrada às galerias subterrâneas. Buya-Ben e Faqui, filhos do deserto, encontraram logo o segredo, que era o mesmo com que, em seu país natal, preservavam os hipogeus na areia. Pouco depois, foi levantada uma lápide perdida entre a areia.

– Não entre ninguém – disse Melchor – até que haja entrado primeiro uma boa porção de ar puro.

– Eu guiarei todos – disse Buya-Ben –, pois estou habituado a isto.

Penetraram todos, armados de mechas enceradas que davam uma luz amarelenta aos escuros corredores e passagens.

– Por que tanto mistério para guardar os mortos? – perguntou Jhasua.

– Os antigos egípcios tinham o costume de enterrar seus mortos com as melhores jóias e ornatos que haviam tido na vida, e daí o temor de que fossem roubados pelos beduínos nômades do deserto – respondeu Fílon.

As paredes de pedra lisa ostentavam, de trecho em trecho, inscrições hieroglíficas, das quais os viajantes de Jerusalém iam tomando nota.

Ao redor dos ângulos ou nos começos das empinadas escadarias, havia um braço de cobre encravado na muralha, no qual se achava um pedaço de círio de cera, com o fim de iluminar aqueles antros, e destinado a ser aceso por quem entrasse.

No final, a galeria estava interrompida por uma parede igual às que já haviam percorrido.

– É que agora chegamos à câmara sepulcral – disse o arquiteto.

– Enquanto tirais cópias das inscrições, nós procuraremos o segredo – disse Faqui a Jhasua, que, conforme era seu hábito, ia mergulhando no mar profundo de seus pensamentos.

Pensava em Adamu, o último Pharahome Kobda, ou seja, o último que governou Neghadá com a lei dos Kobdas. Nada havia sido encontrado dele nem do Patriarca Aldis, que também foi para Neghadá para morrer ao lado de seu filho. Não lhe interessava muito encontrar suas múmias, mas os escritos que os Kobdas costumavam sepultar junto com seus mortos queridos.

No fundo de seu próprio Eu, dialogava consigo mesmo, e as perguntas sucediam-se umas às outras em seu mundo interior.

As "Escrituras do Patriarda Aldis" narravam os fatos sucedidos até o desaparecimento de Abel. Depois, um silêncio de morte.

Que havia sido de Adamu, o Pharahome de Neghadá?

Que ocorreu aos Kobdas que o acompanharam e o ajudaram a levar avante a obra de Abel e de Bohindra?

Que sucedeu ao célebre Santuário de Matriarcas Kobdas, de onde haviam saído, como pombas mensageiras de paz e sabedoria, mulheres heróicas, como Solânia, para a África Ocidental, Núbia e Malvina, para o Monte Sagron, e Walkíria de Kifauser, para as margens do Mar Káspio, ao pé da Cordilheira do Cáucaso?

Que aconteceu à grandiosa obra de cultura e civilização que os Kobdas e os Dacthylos, unidos, iniciaram em Hélade, da Ática pré-histórica e nos países do Danúbio?

"Sabedoria infinita e eterna! – clamou Jhasua na solidão do seu pensamento. – Será possível que Tu deixaste perder-se no abismo da barbárie, da ignorância e da inconsciência dos homens aquilo que custou mais de quinze séculos de esforços continuados a teus mensageiros, os homens de vestimenta azul?"

Nas profundezas de seu Eu íntimo, julgou perceber uma voz sem ruído que disse, fazendo quase paralisar as batidas do seu coração:

"Espera e confia. Jamais estarás chamando em vão a Divindade, quando a chamas com amor e com justiça. Aguarda e confia."

Jhasua, fortemente impressionado, apoiou-se na fria parede da galeria, onde seus acompanhantes copiavam hieróglifos que, no momento, não sabiam decifrar.

– Jhasua!... Jhasua!... – gritou Faqui com voz de triunfo. – Encontramos o segredo, e a porta do hipogeu já está aberta.

Em quatro passos, o jovem se havia colocado ao lado do seu amigo.

– Que tens, Jhasua, está pálido como um morto? – perguntou alarmado.

– Nada, Faqui, não estou mal, não te alarmes. Às vezes sou débil ante o peso imenso de meus pensamentos.

– Então será melhor que saias ao ar livre, pois há tempo de sobra para examinar as velhas sepulturas do Nilo. Vamos!

Jhasua deixou-se levar para o exterior, com a promessa de seus companheiros da Judéia de que o seguiriam muito em breve.

Quase anoitecia. Uma pálida lua nova, como um recorte de prata polida, aparecia no escuro fundo azul de uma calma imperturbável.

Jhasua respirou profundamente e, sob aquele céu de turquesa, límpido e sereno, voltou a recordar as frases com que uma misteriosa voz íntima se fez sentir em seu mundo interior: *"Espera e confia."*

Essas palavras irradiaram tanto amor e ternura que uma onda de pranto suavíssimo subiu à sua garganta e aos seus olhos. Faqui fez-lhe beber licor de romãs, reconfortante do sistema nervoso e, como se estivesse tratando de um menino ainda pequeno, fê-lo recostar na tenda, enquanto dizia:

– És um lírio de Jericó, e as brisas ásperas do deserto te causam dano... Jhasua! Por que te encontrei, se deverei novamente separar-me de ti?

Esta queixa da alma apaixonada de Faqui fez reagir a alma generosa de Jhasua.

– Não digas isto, meu amigo, porque tu e eu poderemos ver-nos com freqüência. Todos os anos virei ao porto de Gaza, e tu, que vives em Cirene, em três dias poderás estar ao meu lado. Não te agrada esta idéia?

– Muito... muito, Jhasua, se é que Amanai nos permitirá realizá-la!

Jhasua pensou nas frases íntimas que havia escutado e repetiu-as em resposta a seu novo amigo:

– Espera e confia! Jamais estarás chamando em vão a Divindade, quando a chamas com amor e com justiça. Aguarda e confia.

– Deus fala pela tua boca, filho de David! Bendita é a tua boca que traz luz e esperança às almas.

Os companheiros voltaram para a tenda e se estenderam sobre as peles que cobriam o piso.

– Como são fofos os leitos feitos sobre a areia!... – exclamou Gamaliel, ajeitando-se muito a gosto sobre uma pele de leão.

– Também o deserto tem suas branduras para aqueles que o amam – respondeu Buya-Ben.

Melchor, junto à fogueira, falava com seus criados que já haviam aquecido o vinho e assado os peixes.

Numas cestas de folhas de palmeira, que mais se assemelhavam a travessas ou a pratos do que a cestas, os criados levaram para a tenda uma dúzia de lindos peixes dourados ao fogo, pães, queijos de cabra e tâmaras, tão abundantes quanto especiais no país.

Melchor era o de mais idade entre todos os presentes, pois havia completado os 60 anos; no entanto, cedeu a Jhasua a honra de pronunciar a oração habitual e presidir a refeição.

– Por que eu? – perguntou ele.

– Porque és o mais idoso como espírito – respondeu Fílon.

– E porque és mensageiro da Filha do Sol – acrescentou Faqui, ocupando um lugar ao lado do seu amigo.

A conversação muito animada tornou tão amena aquela simples e rústica mesa que Jhasua ficou encantado.

– Sob uma tenda e sentados na areia, vós do deserto comeis tão tranqüilamente como nós sobre a relva e à sombra dos carvalhos. Em cada região encontramos as manifestações do Amor do Pai – disse Jhasua agradavelmente impressionado com os costumes usados no deserto.

– Terminada a refeição, voltaremos ao nosso trabalho. Será melhor executá-lo durante a noite para não sermos molestados pelos curiosos barqueiros do rio – disse Fílon.

– Como eles não sabem avaliar o preço do que buscamos, depois tecerão relatos nos quais nos farão aparecer como buscadores de tesouros escondidos – acrescentou Melchor.

– Para Jhasua faz mal o ar pesado das tumbas – disse Faqui. – Se quiserdes, ficarei aqui com ele.

– Não, não – disse rapidamente Jhasua. – É preciso que eu vá. Quero ver e saber tudo, meu amigo.

– Está bem. Vou contigo; no entanto, levarei a redoma de elixir de romãs para o caso de ser-te necessário.

A noção de suas responsabilidades sobre Jhasua despertou-se viva em José de Arimathéia, que se aproximou para indagar o motivo das preocupações de Faqui.

Jhasua explicou o que havia ocorrido, e todos, novamente tranqüilos, voltaram ao hipogeu que, com o ar renovado, oferecia menos fadiga aos exploradores.

Buya-Ben acendeu as velas de todos e, guiando-os, como da vez anterior, entraram com a facilidade do andar comum pelo caminho conhecido.

Ao terminarem as passagens e corredores, acharam-se ante aquela parede que lhes tinha impedido a passagem, mas que já apresentava uma negra boca com a forma de um triângulo agudo. O bloco de pedra retirado dali havia-se dividido em dois.

Entraram na grande câmara sepulcral, construída com colunas de pedra, formando como que uma grande estrela de cinco pontas, se fossem traçadas linhas de uma a outra coluna.

A coluna que formava o centro era dez vezes mais grossa do que as outras e tinha cavidades como piveteiros para queimar perfumes e ânforas para colocar flores.

Era como o altar das oferendas aos mortos queridos.

Todas as colunas apareciam como bordadas de hieróglifos.

Nas paredes laterais observavam-se algumas aberturas vazias e outras fechadas com lápides de basalto, cujas inscrições de cobre indicavam o nome do morto e a data de tal ocorrência.

Melchor, Fílon e Buya-Ben liam, com alguma facilidade, as escritas hieroglíficas do antigo Egito, e foram traduzindo as inscrições das lousas que fechavam as tumbas.

À primeira vista, compreendia-se que o hipogeu não havia pertencido a personagens de alta hierarquia, pois tudo era modesto e simples.

Buya-Ben, que, sentado na base da grande coluna central, traduzia as gravações das passagens e corredores, chamou a atenção de seus companheiros para participar-lhes suas descobertas. Todos se voltaram para ele.

– Segundo a nossa maneira de contar os séculos que passaram, estamos a oitenta e três centúrias das origens da Civilização Adâmica, não é assim?

– Justamente, julgamos que é assim – responderam várias vozes.

– Pois bem, ireis assombrar-vos com esta inscrição que acabo de traduzir:

"Este hipogeu foi mandado construir por *Mizrain de Tanis*, no ano 89 da primeira centúria, depois da destruição de Neghadá."

– Sabeis quem foi Mizrain de Tanis? – perguntou Buya-Ben.

– Nossas escrituras nada mencionam dele – respondeu Jhasua.

– Mizrain de Tanis – disse Melchor – aparece nas mais antigas tradições egípcias, como se houvesse sido um gênio tutelar dos vales do Nilo e criador da raça egípcia.

– Algo assim como a Matriarca Solânia em Corta-Água – observou Jhasua.

– Bem sabemos – continuou Melchor – que esses seres superiores são transformados, com o correr dos tempos, em divindades benéficas, por causa, sem dúvida, de suas extraordinárias obras que ultrapassam o nível comum a que chega a maioria da Humanidade.

– A seu encontro vem a investigação da verdade, para descobrir que esses chamados *gênios tutelares* ou *semideuses*, foram, na verdade, homens ou mulheres geniais, instrutores e guias de determinadas porções da Humanidade – disse Fílon dando maior clareza ao assunto.

– A Verdade Eterna paira sobre nós como a aurora – disse Nicodemos. – Por que viemos abrir este hipogeu e não outro? Dir-se-ia que algo nos trouxe nesta direção, se, como dizeis, este vale é uma cidade de tumbas.

– Explicar-vos-ei o que ocorreu – manifestou o arquiteto do Museu.

"Quando o Mestre Fílon me chamou para colaborar com ele no engrandecimento da Biblioteca e do Museu de Alexandria, iniciei, com grande amor, o trabalho que foi confiado aos meus esforços.

"O príncipe Melchor prestou-me seu apoio material e pessoal. Sua elevada linhagem, como filho de um dos mais respeitados sacerdotes de Mênphis e sua mãe, princesa-herdeira de um reino na Arábia Pétrea, foi o mais valioso elemento para realizar o meu trabalho. Observei este vale durante cinco anos, e as areias do deserto, tristes e mudas, foram minhas confidentes.

"Nem bem baixava uma inundação do Nilo, montava em meu camelo, trazia minha tenda e passava aqui uns quantos dias, acompanhado somente por meu criado. Observei que, em determinados lugares, formavam-se depressões na areia e nelas se juntava a água estancada. Às vezes ficavam alguns peixinhos nesses minúsculos lagos, até que o ardor do sol evaporava a água.

"Cavei com o meu enxadão, e, a pouca profundidade, senti o choque com uma pedra. Era a lousa que cobria a entrada de uma tumba.

"Como esta, tenho algumas outras, já assinaladas com um bambu enterrado a três metros do próprio bordo das lousas que as assinalam, sem, contudo, indicar o lugar exato onde se encontram. Como podeis ver, o deserto não é tão áspero como parece, e entrega seus segredos àqueles que o amam.

"Quando regressarmos à cidade, levar-vos-ei à sala das múmias, e mostrarei tudo quanto o deserto deu ao Museu, mediante o procedimento que acabo de explicar.

"Hoje tocou a vez do hipogeu de Mizrain, patriarca da raça egípcia, conforme acaba de declarar o príncipe Melchor."

– Traduzistes outras incrições? – perguntou Jhasua a Buya-Ben.

– Sim, são como sentenças de sabedoria. Escutai:

"A morte não é aniquilamento, mas liberdade."

"Só morre de verdade aquele que nada pensou nem nada fez pelos seus semelhantes, pois o esquecimento o cobre de sombras."

"A matéria que nos ajudou a realizar nobres idéias é digna de respeito e de terna memória."

"As tumbas são guardiãs fiéis da história vivida pelos homens."

"A cripta do Grande Santuário ficou sob as ruínas. Que Deus Onipotente bendiga este templo sob as areias, e que não seja descoberto pela cobiça dos homens."

"Mizrain"

– Esta é a tradução das gravações da galeria de entrada – disse Buya-Ben. – Logo traduzirei as inscrições restantes.

– Encontramos, ao que parece, um fio de ouro da verdade que andávamos procurando – observou Nicolás de Damasco. – Que sentenças mais parecidas com as de nossos Essênios!

– Os Essênios de hoje são os Kobdas de ontem – disse Jhasua.

– Assim é em verdade – disse Fílon. – A Verdade Eterna mantém sempre de prontidão suas legiões de justiça, sabedoria e amor. Os de hoje encontram os vestígios dos que viveram ontem.

"Vejamos o que nos diz a sepultura deste gênio tutelar do Nilo."

– Dirá como a Filha do Sol – observou Faqui –: "Que o amor salva de todos os abismos! Que aprendamos a amar, e seremos salvos."

– Muito bem, Faqui! – exclamou Jhasua. – És, em verdade, meu irmão.

Durante este breve diálogo, o arquiteto, armado com sua tocha e uma lente poderosa, examinava as tampas das cavidades abertas horizontalmente nas paredes da enorme sala mortuária.

– Não posso compreender estas datas que aparecem aqui – disse, por sua vez, Buya-Ben. – Vinde até aqui, e veremos se, mediante vossos conhecimentos pré-históricos, podemos obter a solução. Não é verdade, príncipe Melchor, que os egípcios contam os séculos desde Menés, o primeiro rei que a história lembra?

– Justamente. Estamos na centúria 52 desde Menés, ou seja, 5.200 anos – respondeu o príncipe.

– Assim também o julguei sempre. No entanto, estas datas demonstram que não contaram o tempo da mesma maneira.

"Como exemplo, olhai esta lápide de basalto com letras de cobre: Ptames de Zoan desceu ao templo do silêncio no décimo ano da terceira centúria do Homem-Luz, trinta e sete anos da destruição do grande Templo de Sabedoria.

"Que Homem-Luz foi esse que demarcou novo rumo aos séculos?"

– Eu vô-lo direi – disse Jhasua.

"Segundo as Escrituras do Patriarca Aldis, entre os Kobdas pré-históricos denominaram *Homem-Luz* ao filho de Adamu e Évana, que foi, segundo eles, uma personificação humana do Avatara Divino ou Verbo de Deus. O Templo de Sabedoria certamente será o de Neghadá, a cidade sagrada dos Kobdas do Nilo."

– Disso se depreende – observou Nicodemos – que o Mizrain, construtor desse hipogeu, foi um Kobda pré-histórico. Isto vai se tornando interessante.

– É verdade – responderam vários.

– Estamos nos assombrando dos muitos séculos de existência que têm as pirâmides; e este sepulcro, sob as areias do deserto, é muito mais antigo do que elas – disse Gamaliel.

– Poderíamos saber a data exata em que ocorreu a primeira invasão dos bárbaros no Vale do Nilo? – perguntou Nicodemos.

– Não temos uma data exata; contudo, esta inscrição nos determina uma época: 337 anos depois da destruição de Neghadá. Isto ocorreu antes de Menés, primeiro rei do Egito reconquistado.

– Este sarcófago está pronto para ser aberto – mencionou o arquiteto de um ângulo da sala.

Todos se dirigiram para lá. Retiraram a lápide de basalto que fechava a abertura ou nicho, e o sarcófago, inteiramente coberto de pó, ficou à vista.

Era uma singela caixa de oliveira, em cuja tampa, na parte superior, estava gravada uma lira e, sob ela, um punção.

– Era um Kobda pré-histórico! – disse Jhasua. – Era um poeta músico! – acrescentou. – A lira e o punção dizem isto. O Patriarca Aldis traz em seus escritos os sinais usados pelos antigos Kobdas para expressar os conceitos com a maior simplicidade possível. A lira significava melodia e canto; e o punção, escritura e gravação. Abramos.

Apareceu a múmia envolta em delgadas faixas engomadas. Sobre o peito trazia uma lira, e aos pés um tubo de prata. A múmia havia sido coberta com um manto azulado, que, ao penetrar o ar, desmanchou-se em pequeníssimos pedaços os quais acabaram desagregando-se em pó.

No tubo de prata encontraram trinta papiros enrolados uns dentro dos outros.

– Aqui há trabalho para todos nós, principalmente para Buya-Ben e Melchor – disse Fílon.

– Faremos isto tranqüilamente após o nosso regresso à cidade – respondeu Melchor, pegando o tubo.

O arquiteto já estava abrindo outro nicho, em cuja lápide exterior não aparecia nome nem data, mas tão-somente uma grossa coroa de cobre em estilo simples e da medida de uma cabeça humana. Estava embutida no próprio basalto.

– Aqui deve repousar alguém que foi poderoso na vida, pois a coroa demonstra isto, de acordo com o antigo livro dos sinais – disse Jhasua.

Retirada a lápide, apareceu um sarcófago pequeno de mármore branco com tampa de quartzo. Lia-se na frente: *Merik de Urcaldia.* Quarenta e duas luas depois do Homem-Luz.

– Isto, sim, será uma luz nestas trevas! – observou Jhasua. – Algo assim como a múmia da vossa *Filha do Sol.*

– Se encontrarmos algo escrito – disse Fílon.

Sacudida a capa de pó que formava como uma envoltura exterior, apareceu uma preciosa estátua de cerâmica colorida ao natural, representando uma mulher adormecida.

Todos compreenderam que aquilo era apenas uma caixa que encerrava os restos humanos. Precisaram ter muito cuidado para conseguir abri-la sem quebrar, e, quando o conseguiram, encontraram nela a múmia de uma menina, a quem a morte havia surpreendido quando apenas tinha atingido a adolescência.

Num pequeno cofre de prata polida encontraram um minúsculo livrinho de ouro que, como uma mascote, pendia de uma corrente. Na tampa via-se uma estrela diminuta formada por uma safira cuja claridade azulada se tornava mais viva ao resplendor das tochas.

A estrela de cinco pontas, símbolo Kobda da Luz Divina, ostentava esta gravação em hieróglifo: *"Que ela me guie."* Havia um tubo de prata com um pequeno papiro, que decifrariam quando, terminada a tarefa, voltassem à cidade.

Recolheram todos estes objetos e fecharam novamente o sarcófago.

Deste mesmo modo, foram eles abrindo todos os nichos que estavam fechados.

Finalmente, encontraram o que mais desejavam, o daquele que fez construir o hipogeu: *Mizrain de Tanis*, cuja múmia, fechada numa caixa de cobre forrada de madeira de carvalho, aparecia em perfeitas condições.

Sobre o peito estava uma pequena caixa de cobre e alguns tubos do mesmo metal junto à cabeça e aos pés.

O arquiteto, com a lente, continuava examinando até a mais imperceptível fenda daquelas paredes de pedra cinzenta. Finalmente, concluiu que o grande pilar central, cuja dimensão podia ser medida com os braços abertos de dez homens de mãos dadas, tinha uma cavidade interna, pois soava oco às suaves batidas do martelo.

Todos se interessaram pela novidade, supondo que aquilo que tão bem estava guardado ali deveria ter grande valor. Um forte anel de cobre aparecia numa pequena cavidade da pedra, e, forçando-o, conseguiram abrir uma pequena porta ovalada que permitia a entrada de uma pessoa. O arquiteto entrou imediatamente com a lente e uma vela. Os demais iluminavam do lado de fora.

– É um verdadeiro altar – disse o observador, e sua voz ressoava de um modo estranho. – Há aqui toda uma família de múmias, presas à parede por fortes aros de cobre.

"Estão na posição vertical, erguidas, desafiando os séculos. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete.

"Isto é colossal! Assomai de um em um e observai."

Procederam desta forma, e cada qual observou algum detalhe.

Quando todos haviam olhado de fora, Jhasua disse ao arquiteto:

– Julgo que tu, Mestre, e eu podemos estar juntos aí dentro!

– Entrai, entrai – disseram todos. Melchor deu-lhe sua lente, e Jhasua penetrou no pequeno santuário, que era como uma sala circular, com cavidades verticais, contendo, em cada uma delas, uma múmia.

– Este pequeno templo – disse Jhasua em voz alta – foi construído já com a idéia de colocar estas múmias, pois são apenas sete nichos, e todos estão cheios. Estas múmias estão petrificadas! São pedra! – disse, tocando-as suavemente.

Observou que diante delas estava um ornato circular de fino mármore branco sustentado por suportes de cobre. Diante de cada múmia aparecia uma gravação hieroglífica.

– Aqui há trabalho para Buya-Ben ou para o príncipe Melchor – disse Jhasua.

O arquiteto saiu e entrou o príncipe Melchor e, atrás dele, Buya-Ben. Jhasua, sentado no umbral da pequena porta, já tinha preparado o punção de carvão e o livreto de tela engomada para copiar a tradução.

A primeira inscrição traduzida dizia: *"Matriarca Elhisa*, 26 anos do Homem-Luz." A múmia que estava ao seu lado dizia: *"Pharahome Adonaei*, 26 anos do Homem-Luz. Três centúrias antes da destruição da Cidade Santa."

Deste modo foram traduzindo as inscrições das sete múmias encerradas na grande coluna central.

Quando Buya-Ben leu, em voz alta, a inscrição da terceira múmia, *"Bohindra de Otlana, dois anos do nascimento do Homem-Luz"*, Jhasua manteve-se em suspenso como se tivesse visto levantar-se diante de si um mundo novo, ou cair do espaço infinito uma estrela.

– Bohindra de Otlana! – repetiu como um eco da voz do africano. – Mas será possível?

– Tão grande foi este personagem que, deste jeito, vos enche de emoção?

– Foi como a vossa *Filha do Sol* para três continentes – respondeu Jhasua – e era atlante como a vossa raça tuaregue. Meus amigos de Jerusalém também sabem disto.

– É verdade – afirmou José de Arimathéia. – É o personagem central da história da Civilização Adâmica, que o Patriarca Aldis nos deixou.

– Muito bem – acrescentou Buya-Ben –, ides assombrar-vos mais ainda com o que vem a seguir: *"Patriarca Aldis de Avedana – trinta e oito anos depois do Homem-Luz. Três centúrias antes da destruição da Cidade Santa."*

Jhasua apertou as fontes que lhe davam a impressão de que iam explodir.

– Jhasua, filho de David! – disse Faqui que se achava atrás dele. – Parece que ides morrer! – A cabeça do jovem Mestre, sentado no umbral da portinha de entrada, apoiou-se nos joelhos do jovem africano, porque, em verdade, se sentia desfalecer.

É indescritível a emoção que lhe produziu o fato de ver diante de si, ao alcance de suas mãos, a matéria mumificada daquele homem que havia escrito 80 rolos de papiro, narrando para a Humanidade os começos desta Civilização. Não era, pois, uma ficção nem um paradoxo nem um simulacro. Não era um personagem suposto, um pseudônimo como alguns julgavam. Não podia afastar seus olhos da múmia coberta, como todas, até o pescoço por um molde de gesso que somente deixava a cabeça a descoberto. Bohindra e Aldis, ambos de origem atlante, apresentavam o mesmo tipo. Soberbas cabeças redondas de fronte alta e abobadada, com um nariz um tanto aquilíneo, e o queixo largo e firme denotando um grande caráter.

– Continuemos – disse Fílon – ou, se Jhasua não se sente bem, deixemos isto para amanhã.

– Estou bem – disse ele –, continuemos, pois faltam apenas três.

– *"Pharahome Adamena de Ethea"* – continuou Buya-Ben, lendo a inscrição da quinta múmia.

Jhasua voltou a cabeça, procurando os olhos de seus amigos de Jerusalém, com os quais havia lido as velhas Escrituras do Patriarca Aldis.

– Será aquele? – perguntou.

– Provavelmente – ouçamos o que se segue.

Buya-Ben continuou lendo: – "Quarenta e nove anos depois do Homem-Luz. Três centúrias antes da destruição da Cidade Santa (*)."

– Não há dúvida. É ele.

– O Adamu do Patriarca Aldis! – exclamou Jhasua olhando para a estátua de carne feita pedra, que parecia de argila amarelenta. Era mais baixa que as outras duas e menos forte em sua conformação. O nariz reto, a fronte, a boca e o queixo muito semelhantes ao do Patriarca Aldis.

– Adamu!... Adamu!... – disse Jhasua comovido. – Estamos contemplando tua matéria morta, reduzida a um pedaço de pedra. Onde estará teu espírito vivo, resplandecente de gênio e de amor com mais de 83 séculos de evolução? Que não daria eu para encontrar-te, para realizarmos juntos uma aliança!

José de Arimathéia escrevia silencioso em seu livreto de tecido engomado.

– Aqui tens a resposta Jhasua – disse entregando ao jovem Mestre o livreto aberto na página que acabara de escrever:

"Arcanjo de Jehová, Ungido do Amor!... Não estou longe de ti.

"Aquilo que o Eterno uniu, ninguém pode separar. A uma hora do bosque de Dafne, sobre o Rio Orontes, ao sul de Antioquia, está o meu oásis que chamam *Horto das Palmeiras*. Ali vive seus agitados anos o Scheiff Ilderin a quem o invasor romano respeitou. Nasci no País de Amon, na Arábia Central. Sou o Adamu que desejas encontrar e que te espera."

"Scheiff Ilderin"

– Magnífico! – exclamou Nicolás de Damasco. – Conheço todas essas paragens, que visitei mais de uma vez.

"Estive uma vez no *Horto das Palmeiras*, aonde cheguei com o meu criado para pedir socorro, porque meu camelo morreu de repente. Nessa ocasião, não estava lá o Scheiff que tem fama de generoso e de hospitaleiro, porque passava temporadas em seus domínios de Bene Kaden.

"É um grande homem, e tão amado por todos os povos de sua raça que, graças a isto, foi até hoje respeitado pelos romanos. Convido-vos a irmos todos visitá-lo."

– Combinado e comprometidos – responderam todos em coro.

Passaram, em seguida, a decifrar o nome e a data das duas últimas múmias, e Buya-Ben leu:

"*Sênio de Maracanda*. Doze anos do nascimento do Homem-Luz. Três centúrias antes da destruição da Cidade Santa."

(*) A Associação Internacional de Estudantes da Bíblia, estabelecida em Londres, faz referência a uma placa de pedra, chamada "Tábua Ábidos", que o faraó Setil encontrou numa escavação que mandou fazer no vale do Nilo e que foi reencontrada em 1817, na cidade de Ábido (Egito). Nessa placa – diz a mencionada Associação – aparece "Adam-Mena" como um faraó muito anterior, e faz referências a Abel, a quem chamavam "o submisso", e a Kanighi (em hebraico Kaino e em português Caim). Desta placa há uma cópia no Museu Inglês de Londres (N.T.).

Faltava a sétima e última múmia, na qual se lia:

"*Beni-Abad, o Justo* – 20 anos do nascimento do Homem-Luz; três centúrias antes da destruição da Cidade Santa."

– Como vemos, aqui está desmentido o velho ditado: "*Mudo como uma múmia*" – exclamou Nicodemos.

– Esta é a superioridade que têm os povos que acreditam na sobrevivência da alma humana – disse Fílon – e fazem de tal convicção um ideal que determina rumos na vida e muito além da vida.

– É realmente assim – acrescentou Melchor. – Eles não pensavam tão-só no presente, mas também num futuro distante. A matéria morta, rodeada de inscrições e gravações, tem eloqüência muda. É uma história vivida e sentida, que conta às gerações de um distante porvir o que determinada pessoa fez em benefício da grande família humana, da qual formou parte numa época já perdida entre as montanhas de séculos.

– Agora raciocinemos – disse José de Arimathéia. – Se este hipogeu foi construído por Mizrain de Tanis, é muito provável que nos rolos guardados no seu sarcófago encontremos a chave do motivo pelo qual se encontram aqui estas sete múmias, cujas datas indicam que essas mortes ocorreram três séculos antes da destruição de Neghadá.

– É verdade – afirmou Buya-Ben –, pois todas as outras da sala são de séculos posteriores.

– Aqui há uma – disse, um ângulo afastado, o arquiteto –, a última que veio para este panteão funerário. A gravação marca 387 anos depois da invasão que destruiu Neghadá. Depois não há nada mais. – Um silêncio absoluto.

– Isto quer dizer – observou Jhasua – que as pessoas que guardaram e fecharam esse sarcófago foram as últimas que penetraram aqui. Desde então ficou esquecido.

– *Timna de Eridu* – disse Buya-Ben lendo a inscrição.

– Eridu era uma grande cidade dos vales do Eufrates – disse Gamaliel. – Muito anterior à fundação da primeira Babilônia. Era da próspera época de Gaanha e Tirbik, as duas cidades pré-históricas, sobre cujas ruínas se edificaram Nínive e Babilônia. Como podeis ver, trata-se de uma respeitável antiguidade.

Aberto este último sarcófago, encontrou-se, sobre a múmia, uma estrela de cinco pontas e um livro da Lei dos antigos Kobdas.

– Era uma Matriarca do santuário das mulheres Kobdas de Neghadá – disse Jhasua. – Esta estrela era usada pelas Matriarcas Kobdas como símbolo de sua autoridade.

O livro da Lei era feito de pequenas lâminas de Marfim, todas unidas por um anel de ouro. A gravação era a fogo e de um trabalho tão esmerado que o transformava numa verdadeira jóia para o Museu de Alexandria.

Voltaram para a tenda enriquecidos com todos os escritos e pequenos objetos encontrados nos sarcófagos, os quais seriam conduzidos para o Museu, tão logo dispusessem de uma sala para as múmias do hipogeu do Patriarca Mizrain.

– Isto, sim, é um acontecimento para os povos do Nilo – disse Melchor. – Até hoje, não se havia encontrado a não ser um vago vestígio do fundador da raça egípcia, e eis que nos estava reservado dizer: "*Mizrain de Tanis* não é um mito. Aqui está a prova de que foi um ser humano que agiu como um justo no meio da Humanidade."

As emoções haviam sido tão fortes que Jhasua não pôde conseguir o descanso através do sono, não obstante Melchor e Faqui terem insistido em que ele bebesse de seus xaropes calmantes de alterações nervosas.

Uma balbúrdia de pensamentos se agitava no seu mundo interior, onde reconstruía o passado que conhecia através das Escrituras do Patriarca Aldis, e relacionava-o com o presente, formando, assim, um admirável conjunto enlaçado e harmônico, sobre o qual brilhava, como um sol no zênite, o poder e a sabedoria da Lei Eterna, como que se elevando das mãos das Inteligências Encarnadas, quando estas se enquadram no seu verdadeiro caminho.

– Quão grande e formosa é a majestade da Lei Divina! – exclamou, a meia-voz, debaixo da tenda levantada no deserto a um arremesso de pedra das margens do Nilo.

Finalmente, adormeceu quase ao amanhecer, e, na manhã seguinte, disse a seus companheiros:

– Sonhei com o Scheiff Ilderin que dormia sob uma tenda no Jardim das Palmeiras à margem de um lago azul, além, junto ao bosque de Dapné. Adamu, Adamu! Breve irei encontrar-te, porque o que Deus uniu não pode ser separado jamais!

– És admirável, príncipe de David! – disse Faqui, olhando-o como se olha para algo que está muito acima de nós.

"És admirável!... Não vives na Terra nem na vida presente. Toda a tua pessoa está na imensidão do Infinito, mergulhada no poderoso Amanai.

"Não é difícil compreender que és um Arcanjo de seus Céus, mensageiro de nossa Filha do Sol."

O Pranto de um Escravo

Para Jhasua, psicólogo profundo que explorava com mais vivcs anseios no mundo das almas do que nos planos físicos, não havia passado despercebido o que palpitava e vivia intensamente nas almas que se iam colocando em contato com a sua, à medida que ele avançava com sua existência física de então.

Sua grande sensibilidade percebia, em dados momentos, as vibrações de dor ou de alegria, de amor ou de ódio dos seres que o rodeavam, quer viessem da parte dos de elevada posição como dos mais humildes e pequenos.

Ele julgava conhecer com bastante clareza o mundo interior de Buya-Ben e, mais ainda, o de Faqui. Sabia o que eles eram capazes de dar para a causa da Verdade e da Justiça, que era a razão suprema da dignificação humana, à qual a Fraternidade Essênia, mãe espiritual dos grandes idealistas, estava inteiramente consagrada.

Conhecia, outrossim, profundamente o príncipe Melchor, seu grande amigo desde o berço, juntamente com Gaspar e Baltasar, como líricos sonhadores do Ideal Supremo, em tudo quanto Este tem de belo, de grande e de incompreensível para a grande maioria dos homens. Sabia que eles eram Mestres de Sabedoria Divina, principalmente os dois mais idosos: o indostânico e o persa, Baltasar e Gaspar, fundadores de antigas Escolas de Conhecimento Superior em seus respectivos países, nos quais, por intermédio de seus discípulos mantinham acesa e viva a tocha divina de sua fé inabalável. Ele os qualificava da seguinte maneira:

"Gaspar e Baltasar, em seus 80 anos, são já como aqueles Livros Vivos de que nos falam as Escrituras do Patriarca Aldis, aos quais a Fraternidade Kobda pedia, como último tributo à Humanidade, que ditassem a um notário, nomeado especial-

mente para o caso, a história de suas vidas para exemplo dos que seguiam suas pegadas e as dolorosas experiências de suas vidas de buscadores da Verdade e da Justiça. Melchor, o mais jovem e mais veemente dos três, briga e luta ainda para alcançar o cume, onde, graças à sua dedicação e longos anos, chegaram e aguardam seus dois companheiros de ideal. Ele é tocha ardente que corre afanosa, ainda, por continuar ateando o fogo santo nas almas, enquanto seus dois companheiros são lâmpadas em repouso, que somente lançam luz do pico do monte santo. Compreendo todos os três muito bem!

"Conheço a fundo em seus esforços e anseios meus quatro amigos que vieram comigo de Jerusalém.

"José de Arimathéia e Nicodemos são como a vanguarda, e são ainda a suave vibração da amorosa ternura que me envolve como o amor de uma mãe. Fílon é o filósofo que investiga e se enamora do bem que chega a descobrir. Capaz de afeto sincero, procura ser compreendido e ama com lealdade a alma que o compreende."

– Que significa – pergunto a mim mesmo neste solilóquio à luz das estrelas, no meio do deserto e às margens do Nilo – a atração que sinto para com o mais jovem dos servos do príncipe Melchor, o silencioso Shipro?

"O amor começa a ser despertado nele junto com uma muda tristeza, que, a cada instante, me chega como uma laceração produzida por um espinho dirigido ao meu coração.

"Vejo-o escolher as melhores tâmaras e os bolos mais dourados do seu fornilho para oferecê-los a mim e sem dizer uma única palavra.

"O Pai Celestial abrir-me-á o caminho para chegar até a sua pobre alminha que sofre sem que eu saiba por quê!

"Senhor!... se cada alma que Te procura e Te ama tem a seu cargo outras almas para conduzi-las a ti... dá-me, Te rogo, todas quantas me pertençam e que nem uma só delas seja abandonada por negligência minha!..."

Esta oração muda brotava da alma de Jhasua, totalmente envolto em seu manto de pele de camelo, enquanto distraía sua insônia daquela noite sentado fora da tenda, sob a cobertura de esteiras de junco, que haviam armado para cobrir os camelos que, deitados na branda areia, dormiam ou ruminavam sua última ração da noite.

Pouco depois, viu Shipro sair da tenda dos criados. Procurando seu camelo, sentou-se junto a ele e sepultou sua cabeça por entre o escuro pêlo do longo pescoço do animal e abraçou-se a ele como teria feito com uma terna mãe cuja ternura lhe era necessária.

Com toda a certeza, não havia percebido a presença de Jhasua, que, envolto em seu escuro manto, sob a sombra da cobertura, e entre uma dúzia de grandes animais deitados na areia, se tornava, na verdade, dificilmente perceptível.

No entanto, Jhasua, habituado à escuridão, via-o perfeitamente e, no seu terno coração, foi levantando-se uma imensa onda de piedade e de amor por aquela infeliz criatura, que se sentia bastante só no mundo, a ponto de buscar o amor de um animal, o único a quem podia confiar seu pesar.

O manso animal parecia escutá-lo sem sequer se mover.

"– Silêncio no homem e silêncio no animal! – pensou Jhasua. – Que triste condição humana, a do separatismo cruel, da diferença de posição na vida!

" 'Quando a Humanidade sairá de seu espantoso estado de atraso e incompreensão?

" 'Eis aqui um homem, apenas um adolescente, que se sente mais compreendido por um animal que pelos homens que o rodeiam!

'' 'Pelo Deus-Amor e pela justiça que adoro, destruirei, com gosto, esta aberração tão criminosa!'' E levantou-se para aproximar-se de Shipro.

Este, todo assustado, ia fugir.

– Não fujas, Shipro, que eu também estou sem sono como tu e, para não molestar aqueles que dormem, faz duas horas que estou aqui. Conversemos como dois amigos e tornaremos menos pesada a insônia.

Sem mais cerimônias, sentou-se junto a Shipro e apoiou suas costas no branco ventre do animal semi-adormecido.

– Senta-te como estavas, peço. Somos, com Faqui, os mais jovens dos viajantes, e é justo que sejamos amigos e confidentes – disse no tom mais natural e simples que pôde. – Não estás de acordo comigo?

– Como podes ter-me como amigo, se és um príncipe da Judéia, e eu um servo com menos valor que este animal no qual me apóio?

– Estás cometendo um erro, meu amigo, eu não sou nenhum príncipe, a não ser nos lábios apaixonados de Faqui, cujo amor por mim faz com que me veja muito mais além das estrelas.

– Eu o ouvi chamar-te *príncipe, filho de David...* – disse timidamente o jovem criado.

– É costume dar esse qualificativo a um distante descendente de um rei, que antes foi pastor e que, apesar dos muitos erros cometidos, fez algo de bom entre os homens. Sou simplesmente o filho de Joseph de Nazareth, honrado artesão da madeira na distante Galiléia. Estou dedicado ao estudo, seguindo a minha vocação. Eis aí tudo. Por que, pois, não posso ser teu amigo? Que abismo é este que julgas separar-nos?

– Minha triste condição de servo – respondeu o jovem.

– Dize-me uma coisa, Shipro.... não posso eu também nascer servo pela Vontade Divina que determina a vida dos homens?

O jovem olhou-o com assombro e baixou os olhos sem responder.

''Se assim houvesse sido – continuou Jhasua a meia-voz – haveria de agradar-me que tu, príncipe ou senhor, houvesses descido até a minha pobreza e me houvesses amado. Compreendes? Assim é a lei do Deus de Moisés, embora eu saiba que não é essa a lei dos homens egoístas e perversos.

''Com isto, deixaremos de lado todo separatismo para sermos dois bons amigos, que se encontram num mesmo caminho e fazem, juntos, a mesma viagem.

''Dá-me a tua mão, Shipro, pois quero que sejas meu amigo.''

O jovem criado estendeu timidamente a mão calosa e morena e inclinou-se sobre a branca e suave mão do Mestre, a qual beijou com profundo respeito.

A emoção lhe deu um nó na garganta, provocando um soluço, e esta cena dissolveu-se no mais profundo silêncio.

Com o fim de distraí-lo, Jhasua iniciou outra conversação.

– Faz muito tempo que estás a serviço do príncipe Melchor?

– Cinco anos.

– Quando, desse modo, procuras o amor do teu camelo, é porque te sentes só no mundo, não é verdade? Quero que saibas que eu não quero mais essa solidão em ti desde o momento em que apertaste a minha mão de amigo.

– Está bem, senhor... obedecer-te-ei como ao meu próprio amo... já não estarei mais só, se assim o desejas.

– Pouco a pouco, acabaremos por entender-nos – disse Jhasua. – Dize-me uma coisa, Shipro. Em cinco anos junto do príncipe Melchor, não fizeste nada para te aproximares do seu coração?

– Oh, não, senhor!... Ele está tão alto, e eu tão baixo! Além disto, um de meus três companheiros da criadagem é meu tio, irmão de minha pobre mãe, serva também, e ele jamais permitiria, nem sequer através da sombra de um pensamento, que eu pudesse aproximar-me do amo.

"Ele é bom e jamais nos maltrata; paga-nos pontualmente os salários combinados e somente nos pede obediência e discrição, motivo pelo qual devemos ser mudos para com aqueles que não são seus amigos. Ele tem poucos amigos verdadeiros. Muitas pessoas perversas e invejosas ficariam alegres em reduzi-lo à miséria e ainda matá-lo. Meu tio é criado de confiança para o príncipe, ao qual estima como à menina de seus olhos! Mas meu tio é mudo como um sepulcro, e assim deve ser."

– Não me interessa o assunto por este lado, Shipro, mas pelo que diz respeito a ti. Se tens um amo bondoso e considerado, por que padeces?

– Já que te agrada saber, vou dizê-lo, príncipe de David – começou Shipro a falar, abrindo-se lentamente à confiança pedida. – Nasci há 19 anos, atrás dessas montanhas que se vêem ao ocidente, e que formam um formoso vale com os lagos Natron ao centro e um oásis que é uma delícia. Entretanto, esses senhores romanos, que levam a desgraça a todas as terras em que pisam, apunhalaram os principais chefes da nossa tribo, que se negavam a alistar-se em suas legiões. Pela força eles levaram os homens capazes de guerrear. Os enfermos, os velhos, as mulheres e as crianças foram vendidas como escravos no mercado de Alexandria. Levaram meu pai para a guerra, enquanto meu tio, gravemente ferido no ombro, minha mãe e eu, que só tinha meses, fomos alojados nas estrebarias do mercado, à espera de alguém que quisesse comprar-nos. Por sorte nossa, aconteceu vir a Alexandria um príncipe da Judéia que tinha navios de sua propriedade para comerciar entre os principais portos da Palestina e Alexandria.

"Ele procurava com grande interesse e cuidado uma ama de leite egípcia para uma menina que era sua filha e, ao mesmo tempo, fechava contratos com os maiores comerciantes de Alexandria. No mercado, encontrou minha mãe à venda; ela me amamentava chorando por haver sido brutalmente separada de meu pai, e isto quando eu acabava de nascer, sendo ainda seu primeiro filho.

"Comprou-nos a ambos, e como o meu tio, jovem de 20 anos, suplicou piedade para a sua situação de ferido, nosso amo também o comprou e fomos, os três, levados para Jerusalém, onde ele residia com sua família, num formoso palácio situado próximo ao palácio real do Monte Sião, no bairro da Cidadela, junto à porta de Jaffa.

"A ama Noemi era tão formosa como boa. Dizia como tu, príncipe de David, que os amos e seus servos deviam formar uma só família.

"Cresci junto com a pequenina, que era como um jasmim, e eu era quatro meses mais idoso que ela.

"Tinha o primogênito de seis anos de idade, e quando lhe puseram mestres de ensino e eu tive a idade conveniente, recebi lições ao lado do pequeno príncipe Judá que, graças à sua inteligência e beleza física, era o orgulho e a esperança de seu pai."

– Tudo isto – disse Jhasua – significa que tiveste uma infância feliz e que tens um bom grau de cultura intelectual.

– Isto é verdade: escrevo e falo regularmente, além de minha língua nativa, o árabe, o hebraico e o siro-caldaico, e, em razão disto, meu amo atual me faz prestar-lhe alguns serviços nesse sentido.

– Excelente moço... por que, pois, não és feliz? – voltou Jhasua a perguntar.

– Oh, príncipe de David!... Fiz com que visses a decoração exterior de um sepulcro de mármore, contudo, não o viste ainda por dentro, onde vive o espanto e o horror.

– Queres dizer que tens uma tragédia no mais íntimo do teu ser?... e isto aos 19 anos?... vamos, conta-me tudo, que, embora levando um ano e alguns meses de idade sobre ti, tenho boas amizades e, talvez, possa remediar-te em algo. Talvez, se o príncipe Melchor ainda não o tenha feito...

– Apesar de toda a sua bondade e de tudo o que é oriundo da sua elevada posição – observou Shipro –, ele se defende de inimigos poderosos, e os tem em grande número, e, até hoje, pôde preservar da cobiça romana sua pessoa e seus vultuosos bens, os quais emprega em obras de misericórdia.

– Como! O príncipe Melchor perseguido pelos romanos! E por quê?

– Já compreenderás tudo. Antes de eu nascer, ele esteve a ponto de ser assassinado junto com dois amigos seus, por ordem desse perverso rei Herodes, que já apodreceu na sepultura, castigado em sua carne maldita por causa de seus grandes crimes.

Jhasua recordou, ao ouvir essas palavras, a perseguição que o usurpador idumeu realizara contra os três sábios do Oriente, a degolação dos meninos bethlehemitas, sua própria fuga para as grutas do Hermon, e comprovou que seu novo amiguinho estava bastante inteirado dos graves acontecimentos passados.

– É verdade, Shipro; no entanto, tudo isto pertence ao passado, e não posso compreender por que os romanos querem perseguir o príncipe Melchor.

– Pelo mesmo motivo que os levou a perseguirem até a morte o meu primeiro amo, o príncipe Ithamar, filho de Abdi-Hur, chefe da nobreza saducéia de Jerusalém: sua enorme fortuna que o tornava dono de quase a metade norte da Cidade dos Reis e dos mais férteis hortos que chegavam até Mizpa e Anathot.

– Então, meu amigo... acabo de sair de um ninho de plumas e sedas, cercado por todas as suavidades do amor mais sublime que foi possível derramar em torno de um ser humano!... oh, minha doce e querida Galiléia, meu lar artesão... minha mãe, rolinha de amoroso canto, meu honrado pai... meus Mestres Essênios, meigos e suaves como o pão e o mel...

"Em que terra pisei até hoje?... que ar suave e benéfico tem soprado ao meu redor que todos estes furacões de fogo e de sangue têm passado sem me ferir?

"Acredita, Shipro, que os estudos absorveram tanto a minha vida que estou menos inteirado do que tu de muitas tragédias humanas. Continua tua narração, contando-me tua vida, pois podes ensinar-me, com isto, muitas coisas ignoradas por mim."

– Obedeço-te, amiguinho, e, ao fazê-lo, sinto grande alívio em minhas aflições. Quando Arquelau, o filho do sanguinário Herodes, foi deposto de seu trono por herança de seu pai, veio para a Judéia um personagem romano ao qual denominavam Procurador, que possuía todos os poderes do César para fazer e desfazer junto aos seus subordinados.

"Valério Graco foi um tirano ambicioso que não pensou em nada mais que em enriquecer-se e aos seus íntimos à custa dos ricos príncipes judeus.

"Meu amo Ithamar era chefe da nobreza saducéia que havia escolhido como Pontífice um nobre, o príncipe Anás, filho de Seth, que habitava no palácio real do Monte Sião e era quem mantinha mais ou menos em tranqüilidade o revoltado povo judeu. A primeira coisa que fez o novo Procurador foi retirar a investidura de Sumo Sacerdote a Anás e deu-a, sem lei alguma, ao sacerdote Ismael, que pertencia à seita dos fariseus, porque este se prestaria aos excessos e usurpações que já tinha planejado, talvez desde há muito tempo.

"A rica nobreza saducéia, que era a melhor da Judéia, ficou exposta às investidas da Loba insaciável. Dessa maneira, meu amo caiu na desgraça que se desencadeou sobre a sua casa. Eles procuravam, sem dúvida, uma oportunidade, e esta não tardou em se apresentar numa viagem que meu amo fez a Corinto, com três de seus navios, levando pessoas e mercadorias para estabelecer, em forma definitiva, o comércio direto com a Grécia e as grandes povoações mineiras do arquipélago.

"Valério Graco que, de sua residência na Cesaréia, vigiava os passos de meu amo, armou com piratas da pior espécie duas velhas galeras que abordaram e roubaram as naves de meu senhor antes de chegarem a Creta. Como ele sempre teve travessias normais e sem incidentes, não estava preparado para uma luta com bandoleiros do mar e acabou perecendo, bem como parte da tripulação e das pessoas que transportava.

"Dentre seus fiéis capitães, salvou-se somente um, bem como dois de seus melhores oficiais. Com o falecimento do amo, o que poderia fazer a sua viúva com duas crianças, uma de 11 anos e a pequenina de 5? Através dos documentos encontrados no cadáver de um dos chefes piratas mortos, soubemos que esse espantoso crime foi inspirado pelo Procurador Valério Graco, que, com tal golpe traiçoeiro, se fez dono de uma fortuna mais que regular. No entanto, meu amo era imensamente rico e, se não fosse pela perda de sua preciosa vida, aquilo não houvera tido maiores conseqüências. Seu administrador, um servo fiel, mais do que todos os seus fiéis servos, colocou-se à frente de seus negócios desde Alexandria até a distante Antioquia, e a família do príncipe Ithamar encerrou-se em seu palácio de Jerusalém, em um estado de luto e de tristeza permanente.

"Como podes compreender, oh príncipe de David, aqui começaram os meus padecimentos.

"O pequeno príncipe Judá dedicou-se aos estudos superiores no Grande Colégio dos nobres, aonde eu já não podia segui-lo; entretanto, vendo o meu desejo de aprender, no final de cada dia me dava algumas das lições que recebia de seus sábios mestres, cujos nomes conservo como um sinal de honra: Hillel, Shamai, Gamaliel, o velho, e Simeão.

"O dragão romano, devorador de fortunas e de vidas, continuou de um modo ou de outro com os despojos e as lutas aos mais ricos e elevados príncipes e nobres saduceus, que conservavam as terras herdadas de seus distantes antepassados, as quais tinham sido adjudicadas aos chefes de tribos e representantes diretos dos primeiros povoadores israelitas da *Terra da Promissão.*

"Muitos deles eram até donos legítimos das muralhas e torreões que guarnecem Jerusalém, porque haviam sido reconstruídas à sua custa, depois da última destruição efetuada pelos exércitos assírios. Meu amo era dono da muralha e das torres desde a porta de Damasco até a tumba de Jeremias, por herança de seu antepassado daquela época.

"Passaram-se poucos anos de tranqüilidade e veio a grande tormenta, quando o Procurador tinha já bem tecida toda a rede. Através do cobrador de impostos que, juntamente com o Sumo Sacerdote, ocupava o antigo palácio de Herodes no Monte Sião, estava o Procurador a par das grandes fortunas dos nobres saduceus e, com um golpe certeiro, preparou o seu plano. Um dia, meu amo Judá e eu repassávamos as lições no pavilhão de verão do quarto pavimento, quando começaram a cruzar sobre as nossas cabeças pedras arrojadas, quem sabe de onde? Um grande jarro de mármore caiu de seu pedestal. Pouco depois, foi ferida uma garça que dormitava no bordo da fonte.

"Começamos a correr de um lado para o outro do grande terraço procurando a

origem daquele ataque que continuava. Ao olhar por cima da balaustrada do lado norte do edifício, vimos que o Procurador Graco passava em seu luxuoso carro, no meio de uma escolta de cinqüenta legionários.

"Uma das pedras arremessadas do lado sul foi cair sobre o ombro de Graco, produzindo-lhe um leve ferimento.

"Foi o bastante. Os soldados entraram brutalmente no palácio, cercando a todos, como se fossem assaltantes de estradas, alegando que dali se havia pretendido assassinar o representante do César.

"Levaram preso o meu jovem amo que tinha apenas 17 anos, minha ama Noemi, filha do príncipe Azbuc de Beth-Hur, dono legítimo da muralha e das torres defronte ao sepulcro de David até o Reservatório Sagrado e a Casa dos Valentes, bem como a pequenina ama, minha irmã de leite, que tinha apenas 12 anos, a formosa Thirsa, pura e bela como uma flor.

"Sem ter direito a defesa alguma e nem sequer de ser ouvido, o pequeno príncipe foi condenado a seis anos de serviço forçado nas galeras que faziam guerra aos piratas, que era a mesma coisa como se tivesse sido condenado à morte. Encerraram minha ama com sua filhinha na Torre Antônia, fortaleza e horrível presídio anexo ao Templo, que estava sob o controle único e direto do Procurador romano. Todos os serviçais da casa fugiram pelo portão dos animais e dos carros e se esconderam onde puderam. Só ficamos minha mãe e eu, com meu tio que, na qualidade de guardião das cavalariças, havia ido em busca de feno fresco para os animais. Examinaram toda a casa, levaram as jóias mais preciosas, cofres e armas riquíssimas trazidas pelo amo de terras distantes e, ao sair, fecharam a grande porta de entrada com ferrolho exterior, e puseram o selo do César com esta legenda: 'Confiscada pelo governo romano.'

"Minha mãe e eu, escondidos no subsolo dos depósitos entre cântaros de azeite e barris de vinho, não fomos encontrados, e eles deixaram aberta uma portinha oculta por fardos de palha e lenha que ficava junto às cavalariças.

"Assim escondidos, ficamos mais de um ano esperando que o doloroso assunto tivesse uma solução. Somente por urgente necessidade saíamos à noite para ir ao mercado comprar o que não havia em casa, como carne fresca e hortaliças.

"Meu tio, disfarçado em pastor ou lenhador, vagava como um espectro pelos mercados, praças e tendas, escutando para ver se obtinha alguma palavra que lhe fornecesse indícios sobre o destino dado aos nossos amos.

"Apenas ouviu aquilo que, a meia-voz, corria pelos mercados, ruas e praças, como um segredo aterrador: 'O palácio do príncipe Ithamar, chefe da nobreza saducéia, foi confiscado pelo odiado tirano, e sua família desapareceu.'

"– Eram os nossos amos, eram os nossos pais, eram a providência que mantinha as nossas vidas!... que será de nós agora? – exclamavam seus servos e operários.

"As mulheres iam gemer e chorar no lugar do Templo onde estava situado o dossel da família e beijavam as almofadas que os pés deles haviam pisado e os tamboretes das duas crianças.

"Nada!... a terra parecia havê-los tragado.

"Um dia, reuniram-se em número de três centenas os cultivadores das oliveiras e dos hortos do amo, de onde haviam sido arrebatadas as colheitas sem que se desse parte alguma aos operários nem pagasse seus salários. Foram recebidos com açoites pelos encarregados da administração, e aqueles que resistiram e gritaram reclamando seus direitos foram postos no calabouço da Torre, e não se soube mais nada deles.

"Vendendo secretamente o que excedia ao nosso consumo em azeite, vinho, queijo, mel e cereais, conseguimos sobreviver mais outro ano como corujões ou lagartixas na parte mais oculta do grande palácio, à espera dos amos. Um dia, meu tio ouviu uma conversa no mercado na qual se dizia que o príncipe Judá havia sido morto num encontro com os piratas, e que sua mãe e irmã haviam falecido de febre maligna, no fundo de um calabouço na Torre Antônia.

"Então minha mãe resolveu que meu tio e eu voltássemos para Alexandria, onde tínhamos parentes que nos ajudariam a encontrar meios de vida, e ela ficou sozinha lá para cuidar do palácio de seus amos, onde queria morrer, se não a tirassem de lá pela força.

"A história está terminada, oh príncipe David!

"Tua sabedoria dirá se o infeliz Shipro tem ou não motivo justo para chorar sempre abraçado ao pescoço do meu camelo!"

Contendo um soluço, Jhasua abraçou ao jovem servo, cuja alma nobre e pura lembrava a milenária história do dócil José, maltratado e vendido por seus próprios irmãos!

– Shipro, meu amigo – disse –, meu coração adivinhava o que tu és e por isto te procurou na solidão da noite e na inquietude da insônia.

Duas lágrimas do jovem servo rolaram-lhe dos olhos até as mãos de Jhasua, cruzadas sobre os joelhos daquele, e seu contato foi como uma grande chicotada de aço para o sensível coração do Cristo.

– Não chores mais, Shipro – disse com a voz trêmula pela emoção – que, em nome do nosso Deus-Amor, afirmo-te que Ele me dará o poder de salvar o que ainda pode ser salvo no espantoso desmoronamento produzido pela maldade dos homens.

"Daqui a seis dias regressarei à Judéia, onde tenho à minha disposição todo o poder e a força divina convertida em almas e corpos humanos a serviço do bem, da justiça e do amor.

"Desenha, numa tabuinha, um roteiro para encontrar em Jerusalém tua mãe, e a data exata em que ocorreram esses acontecimentos. Peço-te tão-só duas luas de prazo para solucionar este assunto."

– Oh, príncipe bom como o amo que perdi!... – exclamou o jovem servo caindo de joelhos ante Jhasua e abraçando-lhe as pernas, sobre as quais deixou cair sua cabeça, chorando amargamente.

"Agora não choro sobre o pescoço do meu camelo, mas no coração do homem mais santo que encontrei em meu caminho!, murmurou entre as sacudidelas de seu intenso pranto.

Jhasua, procedendo com ternura de mãe, passou e repassou sua mão sobre a negra cabeleira de Shipro, que lhe chegava até os ombros.

– Logo amanhecerá, meu amigo, e não ficará bem que nossos companheiros venham a descobrir que passamos a noite em claro. Meus amigos de Jerusalém cuidam muito de minha saúde, pois estão especialmente encarregados pelos meus pais que, apenas nestas condições, permitiram de boa vontade esta viagem.

"Vamos para nossas tendas e não te aflijas mais, Shipro, porque a partir desta noite cuidarei de ti."

O jovem servo beijou-lhe a mão, e Jhasua viu-o desaparecer sob a lona verde da sua tenda.

Cruzou as mãos sobre o peito e, mergulhando seu olhar no sereno azul bordado de estrelas, exclamou com toda a ardente emoção que costumava pôr em suas preces mais íntimas e profundas:

"Graças Te dou, meu Pai, porque me permitiste dar de beber a um sedento!

"Permite, Senhor, que Tuas águas de vida eterna corram como incontível caudal sobre todos os que sofrem a injustiça da Humanidade!"

Jhasua entrou silenciosamente na tenda, onde encontrou José de Arimathéia sentado em seu leito.

– Jhasua, meu filho – disse aquele a meia-voz. – Esqueceste que sou responsável pela tua saúde e vida perante teus pais?

– Eu não tinha sono, José, e saí para contemplar esta formosa noite no deserto – respondeu. – Estou mais forte do que nunca. Não te preocupes.

Seu leito ficava junto ao de José, e ambos se entregaram ao descanso.

Na manhã seguinte, quando o sol estendia a púrpura dourada de seus véus, os criados entraram na tenda do fornilho de barro para assar os bolos para o desjejum.

O vinho quente, as castanhas recém-cozidas, o queijo e o mel estavam já esperando sobre a branca toalha estendida no centro da tenda sobre grandes esteiras de fibra de palmeiras.

Durante o desjejum, falou-se nas traduções de que cada qual tinha ficado encarregado quando, nessa mesma tarde, regressassem à cidade.

– Príncipe Melchor – disse de repente Jhasua –, ficarei imensamente agradecido se me concederes uma hora de conversação, depois deste excelente desjejum.

– E eu quero também outra hora para mim – disse alegremente Faqui a Jhasua.

– Está bem, amigo. Já está concedida.

– O mesmo digo eu – acrescentou Melchor, dirigindo-se a Jhasua.

– Iremos confidenciar, neste meio-tempo, com as múmias do hipogeu de Mizrain. Não é verdade, Mestre Fílon? – perguntou Nicodemos.

– Ah, sim! – disseram todos. – Estaremos lá, logo depois do meio-dia. Depois, faremos nossa última refeição no deserto e, na segunda hora da tarde, retornaremos à cidade a fim de reassumir nossos trabalhos.

– Faqui – disse o jovem Mestre –, poderás ouvir minha confidência com o príncipe Melchor, porque é como mais um outro papiro nos intermináveis rolos da barbárie do poder romano, erigido em lei sobre nossos países oprimidos e humilhados.

– Com muito gosto, oh, filho de David! e talvez isto fortaleça as resoluções que, de acordo com meu pai, tomei esta noite.

– Como! Também tu padecias de insônia, e tua mente tecia redes de ouro e de luz?

– Exatamente como dizes – respondeu o jovem africano.

"Meu pai e eu passamos grande parte da noite atrás desta tenda, junto à pilha de ramos amontoados para queimar."

Jhasua começou a rir, lembrando que ele se julgava sozinho na insônia geradora de obras; e outros, a poucos passos dele, meditavam e criavam também.

Melchor, com a aprazível serenidade de seus sessenta anos bem levados e sabiamente vividos, olhava com paternal complacência para aqueles dois formosos jovens, cada qual no tipo de sua raça, e disse para consigo mesmo: "Nessa idade, tudo para mim era ilusão, promessa e esperança... agora, no outono da vida, quando todas as coisas murcham, só me é permitido recolher o que semeei e ajudar a nova semeadura que eles iniciam."

– Jhasua, meu filho – disse acomodando-se nas mantas e tapetes de sua montaria. – Inicia quando quiseres, que este velho amigo está a escutar-te.

Fazendo um lugar também para Faqui, entre ele e Jhasua, a confidência começou assim:

– Bom Mestre Melchor – disse Jhasua –, tenho que obter de ti um grande favor.

"Vens seguindo-me desde o berço, juntamente com os grandes amigos Gaspar e Baltasar, até o ponto de haverdes arriscado vossas preciosas vidas por mim.

"Tudo isto porque uma voz interior que não silencia nunca vos disse que em mim estaria feita carne a promessa do Senhor para Israel. Se estais ou não com a verdade, só o tempo dirá. Entretanto, eu não sou mais que um jovem buscador da verdade, que aspira encher sua vida com obras de bem, de justiça e de amor para com os seus semelhantes."

Em seguida, contou seu encontro casual com o jovem servo Shipro, ao qual pedira que desafogasse o coração nele, visto como tão claramente o via padecer.

– Essa é uma história dolorosa de há sete anos, mas não é a única, pois há centenas delas em todo o Oriente avassalado pelo poderio romano – respondeu Melchor.

"A celebrada *Paz de Augusto* morreu com ele, que foi, na verdade, o melhor dos imperadores romanos havidos até hoje, pois proibiu com severas penas que fossem violentados em seus direitos os habitantes dos países subjugados."

– Então, príncipe, já conhecias a história que Shipro me narrou? – perguntou Jhasua.

– Eu a conheci pouco depois de suceder e, pelo fato de os agentes do Procurador terem suspeitado de que eu removia aqueles escombros, atraí seus receios e desconfianças, até o ponto deles terem recomendado minha captura, se eu chegasse a pôr os pés na cidade de David. Em virtude disto, meus esforços foram pouco eficientes e muito indiretos.

– Nossos Terapeutas Essênios – disse Jhasua – são os únicos que podem abrir os ferrolhos de todos esses mistérios sem despertar suspeitas de espécie alguma. Somam às centenas as vítimas arrancadas por eles das garras famintas dos poderes, sejam romanos ou de qualquer outra raça ou classe aliada a eles.

"Deixar-me-ás tentar a sorte com o teu servo Shipro?"

– Sim, meu filho, e de todo o coração. Para isto será necessário que leves Shipro e seu tio Eliacin contigo pelo tempo que for necessário, a fim de esclarecer o mistério e salvar o que ainda pode ser salvo.

"Eles estão de posse de todo o segredo."

– Oh, bom príncipe Melchor! Concedes-me muito mais do que eu pensava pedir-te, não obstante eu lamentar profundamente que ficarás sem os teus dois melhores servos.

– Não te preocupes com isto, visto como em Heroópolis e em Clysma tenho muitos servos fiéis, sem contar com os de minha Arábia Pétrea, que somam algumas centenas.

"Se eu houvesse querido, poderia ter levantado toda a África Oriental e do Norte, desde Suez até os Montes Atlas, e desde a Arábia Pétrea até Borza e os Montes Bazan, sobre o deserto da Síria; mas a luz que me guiou até o teu berço, há vinte anos, me fez compreender que meu caminho não é de sangue e de espada, mas de paz, de luz e de amor.

"Essa luz, jovem de Deus, ligou as minhas mãos para sempre e confundiu minha vida com a tua como numa única aspiração ao Infinito, para o qual me sinto impulsionado por uma força que não me é possível conter.

"Com a imensa Arábia asiática, com toda a África do Norte e do Sul, da Etiópia dos gigantes negros, aliada da Judéia desde os distantes tempos de Salomão e da Rainha Sabá, que coisa houvera feito Roma com suas douradas Legiões, que não chegam nem à terça parte desses milhões de aguerridos montanheses, filhos das rochas e dos desertos, que jamais sentem o medo e a fadiga?"

Faqui ouvia em silêncio, mas seu ardente sangue africano fervia-lhe nas veias e fazia faiscar seus olhos como uma chama de fogo.

Jhasua escutáva também em silêncio e, em sua alma de escolhido, parecia levantar-se, não sabia de que ignotas profundidades, uma voz sem ruído que repetia: *"Meu reino não é deste mundo."*

– Aquela luz – continuou dizendo Melchor – vinha em intervalos, acompanhada de uma voz profunda que me dizia: "Embainha tua espada para sempre e pendura a lança na parede de tua alcova, porque tua missão não é de guerra, mas de paz, de sabedoria e de amor."

"Eu obedeci àquela luz e àquela voz, e aqui me tens, Jhasua, suportando, como qualquer outro, as injustiças humanas, remediando silenciosamente os males que os homens do poder e da força vão causando, abrindo chagas profundas onde apenas tocam com um único dedo de suas mãos que esguicham sangue!

"Conta, pois, com tudo quanto sou e quanto tenho, para ajudar-te a aliviar, em silêncio, o encargo dos oprimidos, dos despojados, e evitar, enquanto seja possível, que aumente de dia para dia o número das vítimas."

Jhasua deu um grande suspiro como se de sua alma tivesse sido descarregado o peso de uma montanha.

– Obrigado, príncipe Melchor – disse depois de breve silêncio.

"Faz uns cinco anos que compartilho com os Terapeutas Essênios em seus trabalhos silenciosos no alívio dos oprimidos pela força dos poderes arbitrários e delinqüentes, sejam romanos ou não os agressores. Nosso Deus-Amor veio sempre em nossa ajuda para remediar as dores das classes humildes, mais esgotadas pelo infortúnio.

"Aceito, pois, os teus generosos oferecimentos que terei muito em conta quando me vir novamente no meu país ante o espectro da dor e da miséria."

– Oh, filho de David! – disse Faqui rompendo seu silêncio. – Eu também alegro-me em dizer-te que sou todo teu e da tua causa, e que, atrás de meu pai e de mim, todo o Deserto está contigo. As areias do Sahara são muitas e podem sepultar cidades quando o simum as arrasta...

– Obrigado, muito obrigado mesmo, meus grandes amigos, pela vossa adesão à causa da justiça, que é a da Humanidade.

"Que a Luz que, há vinte anos, iluminou o príncipe Melchor, continue iluminando-nos a todos a fim de que não venhamos a errar o nosso caminho."

Desta forma terminou a confidência que parecia tão breve e simples, e, não obstante, significava uma aliança entre dois continentes: Ásia Central e África para a causa da justiça e da verdade.

Alexandria, a grande cidade marítima das palmeiras e dos obeliscos, recebeu novamente os ignorados hóspedes buscadores da verdade, que se consideravam felizes com seu montão de inscrições, hieróglifos e papiros amarelentos.

Seis dias correram rapidamente no grande arquivo da Biblioteca, onde todos se entregaram à tarefa das traduções e das cópias, a fim de que os da Palestina pudessem levar cópias já traduzidas e exatas de tudo quanto haviam encontrado no hipogeu de Mizrain, visto que os originais deviam ficar, naturalmente, no Museu da formosa cidade de Alexandria.

Quando faltavam poucas horas para zarpar o barco que os levaria de regresso ao porto de Gaza, Melchor chamou Jhasua e lhe entregou várias cartas de recomendação para pessoas residentes em diversas cidades da Palestina e da Síria: para o príncipe Sallum, da antiga família Lohes, com domínio sobre a cidade de Jerusalém; para

Azbuc, príncipe de Beth-Hur, para Jesuá, príncipe de Mizpa, todos eles com domínio na muralha e nas torres de Jerusalém, e, por fim, para o príncipe Ezer, cujos domínios em Bet-Fur chegavam até parte da muralha e da cidade de Bethlehem.

– Agora terminaram os príncipes – disse Melchor de forma muito graciosa – pois não somente entre eles tenho bons amigos.

"Aqui estão mais duas cartas: uma para um forte comerciante judeu, residente em Antioquia, Simônides, e aqui vão as indicações. A outra é para o Scheiff Ilderin, residente a uma hora do bosque de Dafne, no *Oásis das Palmeiras*, mais comumente conhecido como *Horto das Palmeiras*."

– Oh, príncipe Melchor!... Este é o que escreveu através de José de Arimathéia, na primeira noite de nossa visita ao hipogeu, não recordas?

– Sim, sim, meu filho, é ele mesmo.

– Era tão teu amigo e nada me disseste?

– Porque tudo tem sua hora, jovem de Deus. Lê no barco todas estas cartas e ficarás tão senhor como eu de minhas relações com todos eles e do motivo dessas relações.

Em seguida, o príncipe Melchor retirou um pequeno anel de seu dedo mindinho, um simples aro de ouro com dez diamantes incrustados nele. Colocou-o no anular de Jhasua dizendo: "Este anel tem todo um valor inestimável. Pertenceu à minha mãe, última descendente direta da princesa Zurima da Arábia, que morreu afogada entre os Kobdas do Eufrates, ao tentar salvar a vida de Abel, o Homem-Deus encarnado naquela época.

– Zurima de Arab!... – exclamou Jhasua com uma estranha emoção interior que o fez empalidecer.

– Sim – respondeu Melchor. – Há uma velha tradição na família, que todos os descendentes do fundador da raça, Beni-Abad, deviam levar este anel e deixá-lo como herança ao mais velho dos filhos.

"Como eu não tenho filhos nem penso em tê-los, presenteio-o a ti, Jhasua, esperando que me permitas alimentar a ilusão de que és o meu grande filho espiritual."

Jhasua, com emoção profunda, abriu os braços, e o ancião e o jovem se confundiram num longo e estreito abraço.

O jovem Shipro e seu tio haviam recebido com júbilo a notícia de que acompanhariam Jhasua até a Judéia, com o fim de facilitar a busca da infortunada família de seus primeiros amos, aos quais estava ligada a sorte de todos os que haviam sido servos seus em todas suas propriedades e domínios.

Muitos deles haviam sido torturados pelos soldados de Graco, com o fim de arrancar deles os segredos de toda a imensa rede comercial que o amo tinha em diversas paragens. Uns após outros haviam fugido para refugiar-se nas montanhas e nas grutas, nos sepulcros abandonados, ou entre as ruínas de antigas cidades destruídas pelas repetidas invasões dos exércitos assírios, caldeus e egípcios em distantes épocas.

A formosa quanto infeliz *Terra da Promissão* estava povoada de ruínas, dolorosos vestígios de cruéis devastações passadas, que formavam contraste com a profusão de edificações faustosas, com todo o luxo a que se entregou Herodes chamado o Grande, justamente para conquistar essa denominação com o esbanjamento do ouro arrancado dos povos sob a forma de impostos e encargos de toda espécie.

Quando todos os viajantes se aproximaram do cais, Faqui se achegou a Jhasua e disse alegremente:

– Também parto contigo, príncipe, filho de David.

– Como? Mas é verdade? – e Jhasua procurou com o olhar Buya-Ben, pai de Faqui.

– É verdade!... Este meu filho, o mais veemente e audaz, talvez porque é o mais moço, tem grandes sonhos, que começam a voar desde que eclodiram do seu crânio.

"Deixemo-lo estender as asas e vejamos com que força pode contar. No entanto, não o perderei de vista."

– Oh, muito bem! De minha parte estou muito satisfeito com a sua companhia.

– Jhasua... querido Jhasua – disse Fílon ao abraçá-lo. – Não esqueças jamais que tens aqui um velho amigo capaz de dar a sua vida por ti.

– E tu, Mestre, não esqueças tampouco que os Santuários Essênios esperam cópias dos livros que estão sendo escritos.

O príncipe Melchor deu a seu criado Eliacin uma sacolinha de dinheiro para o que pudessem necessitar com Shipro, e lhes disse: "Até que volteis para junto de mim, se for de vossa vontade, tende em conta que o vosso amo é Jhasua, o filho de Joseph de Nazareth."

Ambos beijaram sua mão e foram os últimos a embarcar.

Três lenços brancos foram acenando durante longo tempo na parte mais alta do cais, enquanto no barco se agitavam muitas mãos dando adeus que pareciam não terminar mais.

Quando o barco saiu da enseada do rio e deu volta na primeira curva para dirigir sua proa mar adentro, o príncipe Melchor, Fílon e Buya-Ben se entreolharam através do pranto que anuviava os seus olhos, e um disse aos demais:

– Somente com a grandeza do amor que irradia de si a personalidade de Jhasua fica confirmada a evidência *de quem ele é e de onde veio.*

"E pensar que, no seu país, foi reconhecido exclusivamente pelos Essênios!"

Em profundo silêncio, percorreram o trajeto que os separava da morada de Fílon, anexa à Biblioteca e ao Museu de Alexandria.

De Volta à Palestina

– Quão feliz fui em Alexandria e que conquistas realizei! – disse Jhasua a seus quatro amigos de Jerusalém. – Ficastes satisfeitos com esta viagem?

– E o perguntas, Jhasua?...

– Acaso poderíamos sonhar com as descobertas efetuadas? – perguntou Nicodemos, o mais ardoroso como pesquisador.

– Por minha parte – disse José de Arimathéia – esperava algumas surpresas prometidas pelo Mestre Fílon, mas jamais cheguei a sonhar que teríamos ante a nossa vista toda a velha história de um distante passado perdido entre as areias do deserto.

– Este velho Egito – disse, por sua vez, Gamaliel – é como um grande gigante sepultado sob a areia que, de tempos em tempos, levanta a cabeça para assustar os homens doutos do momento presente, dizendo-lhes:

"Nem tudo o que sonhais está de acordo com a verdade."

– Já estou vendo – disse Nicolás com muita graça – o aspecto severo que apresentarão os rostos dos velhos Mestres do Grande Colégio de Jerusalém, Shamai, Simeão, Hillel, Gamaliel teu tio e outros...

– Por nosso pai Abraham!... – exclamou José aterrado. – Estais loucos para terdes a idéia de apresentar-lhes o nosso segredo? Não vedes que todos eles passam dos oitenta anos, e julgais que podem aceitar verdades como estas?

– Em verdade – disse Nicodemos –, seria como pretender pôr o turbante em seus pés em vez de cingi-lo na cabeça, como o levam.

– Justo, homem, justo! Nada temos a fazer com os octogenários. Nosso campo de ação é a juventude que se ergue ansiosa pela verdade e pela luz, sem idéias preconcebidas, e com a razão e a lógica que adeja procurando outros horizontes para espraiar-se.

Os quatro amigos de Jerusalém entretinham seu lazer de viajantes nestas conversações, enquanto Jhasua e Faqui passeavam sobre a coberta, contemplando o espetáculo maravilhoso do delta do Nilo com suas ilhas encantadas, como receptáculos maravilhosos de esmeraldas e de nácar.

Casinhas brancas, pequeníssimas a distância, pareciam garças adormecidas no verde-escuro da folhagem e no verdoengo prateado das águas do grande rio.

Novamente a imaginação ardente de Jhasua dava vôos gigantescos até oitenta séculos atrás, e julgava ver aqueles que então eram senhores do Nilo, os Kobdas de túnica azul, os quais, grandes e benéficos como esse rio, foram a bênção de Deus para aquelas vastas e formosas regiões.

A sensibilidade do jovem africano percebeu, sem dúvida, o pensamento de seu grande amigo e começou a recitar, a meia-voz, este verso de um bardo alexandrino:

"Dá-me, Nilo, os teus segredos, Nilo Grande, Nilo bom.
Os segredos que se submergiram em tuas ondas de cristal.
Quantas princesas formosas esvaziaram em ti o seu pranto?
E quantos escravos tristes buscaram em ti a sua paz?"
.....

– Oh, meu bom Faqui! – exclamou Jhasua aproximando-se mais dele e colocando a mão em seu ombro. Será que recebeste de Amanai o dom de penetrar em meus pensamentos?

– Não o sei, filho de David, não o sei; a única coisa que posso dizer-te é que ao teu lado crescem em mim asas que me elevam a grande altura, de onde vejo todas as coisas diferentemente do modo como as via antes.

– Eu pensava, olhando o delta do Nilo, que há muitos séculos existiram mulheres vestidas de azul, como a vossa Filha do Sol, as quais, em pequenas embarcações, recolhiam as escravas que, devido aos maus tratamentos, fugiam de suas amas, e as conduziam ao seu Santuário e a seus refúgios, com o fim de proporcionar-lhes o amor e a paz que lhes eram negados.

"Recordava que os Kobdas de toga azul entravam e saíam por estes estuários do Nilo para recolher todos os desventurados e perseguidos, escravos ou príncipes, e também para levar a luz, a paz e a concórdia a todos os países da Terra, até onde alcançava o seu esforço e o seu interesse pelo bem da Humanidade.

"Lembrava também que, depois, estas mesmas águas se avermelharam de sangue, quando as bárbaras invasões de raças indômitas e guerreiras transformaram toda esta beleza em campos de destruição e morte.

"Triste condição humana, Faqui, que leva o homem pelos caminhos da ambição e do crime, quando estão em sua mão a paz e a felicidade, com a qual ele vive sonhando!..."

Enquanto mantinham este diálogo, os dois servos Eliacin e Shipro, conservando-se a uma prudente distância, não perdiam Jhasua de vista, como se houvessem recebido o encargo de manter sobre ele uma amorosa vigilância.

Jhasua e Faqui aproximaram-se deles, procurando diminuir a distância.

– Chegou finalmente a hora, Shipro – disse o Mestre – de lutares para reconstruir aquilo que a maldade dos homens destruiu.

– Oh, pobre de mim... que poderei eu fazer, príncipe de David?

– É que vens para isto, meu amigo, e somos muitos para ajudar-te a triunfar. Não julgues que a força para vencer está apenas nas espadas e nas lanças. Os filhos de Deus conhecem outros caminhos silenciosos e ocultos para salvar as vítimas da injustiça dos poderosos.

"Meus companheiros e eu pertencemos a uma Fraternidade que, no princípio, se chamou *Irmãos do Silêncio*, e que hoje é conhecida como *Fraternidade Essênia*. Em seu seio são realizadas obras de verdadeira salvação, e isto secretamente, sem ruído e sem alardes de espécia alguma.

"Nunca ouviste falar nos Terapeutas-Peregrinos que andam pelas cidades e montanhas da Palestina e da Síria, curando os enfermos e socorrendo os inválidos?"

– Oh, sim!... Lembro bem que uns lenhadores do meu primeiro amo, cujas famílias estavam todas atacadas de erisipela maligna, foram curados em três dias por esses Médicos Peregrinos – respondeu imediatamente Shipro.

– É essa a espécie de aliados com que contamos. Deles ninguém desconfia, e ante eles são abertos, sem temor, até os mais duros ferrolhos das torres e calabouços. Além do mais, o príncipe Melchor entregou-me várias cartas de recomendação para diversos amigos seus que, sem dúvida, estarão a par do assunto que nos ocupa.

"A propósito, vamos descer ao nosso camarote, porque o sol já está declinando e o frio se faz sentir. Nossos companheiros de viagem já desceram e, muito provavelmente, já estão sendo aquecidos pelos braseiros."

E os quatro desceram imediatamente.

Jhasua tirou de sua sacola de viagem o pacote de cartas que Melchor lhe havia entregue, cuidadosamente envolto num pano de linho e sob dupla coberta de pele de antílope curtida em branco.

– O príncipe recomendou que eu as lesse no barco, e vamos fazer isto agora – disse Jhasua sentando-se sobre o leito.

José de Arimathéia aproximou-se do grupo.

– Creio que também nós podemos formar parte do grupo juvenil – disse afavelmente. – Suponho que não serão assuntos do coração...

– Vinde todos, se quiserdes, visto como, sendo coisa minha e em favor dos oprimidos, é, conseqüentemente, também vossa – respondeu Jhasua. – Além disto, não desconheceis os motivos pelos quais trazemos conosco a Eliacin e Shipro.

– Sim, sim – disseram várias vozes ao mesmo tempo. – A Lei diz: "*Ama a teu próximo como a ti mesmo*" e, em igualdade de circunstâncias, a todos nós agradaria que se fizesse outro tanto conosco – acrescentou Nicodemos.

– De que se trata, pois, como preliminar do trabalho a realizar?

– Antes, se me permitirdes – disse o prudente servo Eliacin –, fecharei a porta deste compartimento e correrei os ferrolhos e as cortinas, visto como não estamos sós neste barco.

– Tendes razão, Eliacin. Bem se vê que tendes muita experiência.

Quando todos se instalaram ao redor de Jhasua, este prosseguiu:

– Aqui temos as recomendações de nosso querido príncipe para seus amigos em nosso país.

"Interessa-me, mais que outra qualquer, esta dirigida ao Scheiff Ilderin do Horto das Palmeiras. Recordas este nome, José?"

– Claro que sim. Foi quem me deu aquele misterioso bilhete escrito no hipogeu de Mizrain.

– A atual personalidade de Adamu, que deu nome à nossa civilização – mencionou Gamaliel. – Justamente essa deve ser a mais interessante. Queres ter a bondade de lê-la, Jhasua?

Jhasua abriu o papiro e leu:

"Alexandria, a vinte dias de Nizan (*), do ano 3250 de Mizrain.

"Ao Scheiff Ilderin de Bozra, com quem esteja a paz de Deus.

"Há vinte anos salvaste a vida de três estrangeiros que saíam dos Montes do Moab, onde se haviam refugiado, fugindo da cólera de Herodes, o Idumeu.

"Recordarás, bom Scheiff, os relatos que te fizeram daquela luz misteriosa que os guiou até Bethlehem, onde havia nascido aquele que o mundo dos idealistas e dos buscadores da justiça e da verdade esperava.

"O portador da presente é aquele menino do qual te falaram os três estrangeiros perseguidos, e que Israel espera, conforme foi anunciado pelos seus Profetas. Se Deus te entrega assim o seu segredo, é porque o mereces e porque sabes o que te corresponde fazer.

"O jovem Profeta, Jhasua de Nazareth, filho de Joseph e Myriam, da estirpe de David, dirá o que possa necessitar de ti em auxílio das obras que deva realizar.

"Teu bom senso e nobre coração não necessitam de outras explicações; bem o sei, porque te conheço.

"Para servir-te sempre

"Melchor de Heroópolis, príncipe de Horeb."

– Soberbo!

– Colossal!

– Magnífico!

– Estupendo!...

Tais foram as exclamações que se ouviram ao término da leitura da carta.

– Isto quer dizer – acrescentou José de Arimathéia – que vamos entrando na etapa das atividades missionárias, com as quais ainda não havíamos pensado em encontrar-nos.

– É que já era tempo de sair do ostracismo e da obscuridade – disse solenemente Nicolás de Damasco.

– Em verdade – acrescentou Nicodemos – o povo de Israel, e com ele todo o Oriente próximo, grita em todos os tons por um salvador das injustiças que sofre. A hora dos Profetas é esta, e perante Deus seremos passíveis de culpa se a deixarmos passar sem mover-nos.

– E pensar que um estrangeiro veio para dar a primeira clarinada! – acrescentou Gamaliel, desgostoso de sua própria incapacidade.

Todos olharam para Jhasua que, em silêncio, olhava para a carta aberta que mantinha em suas mãos.

(*) Primeiro mês do ano hebraico. Correspondia a março/abril (N.T.).

Faqui, com os negros olhos iluminados por estranha luz, devorava com o olhar a seu silencioso amigo, que não dava sinais de ouvir o que estava sendo dito ao seu redor.

– Jhasua – disse finalmente José de Arimathéia. – Trata-se de ti. Não respondes nada?''

Jhasua deu um grande suspiro e, levantando os olhos cheios de suave tristeza, respondeu assim:

– Vós sabeis, sem dúvida, todo o alcance daquilo que estais dizendo. Melchor também o saberá. Mas, aqui dentro do meu Eu, o Pai Celestial ainda não falou. Digo-vos toda a verdade.

– Logo falará, Jhasua!... – exclamaram várias vozes ao mesmo tempo.

– A hora de Deus não soou ainda, pelo que se vê – acrescentou José de Arimathéia.

– Às vezes costuma ocorrer com os grandes enviados que um acontecimento inesperado descerre ante eles o véu do enigma e do mistério que os envolve, e então se encontram, de repente, com o caminho aberto e a jornada iniciada.

Estas últimas palavras foram ditas por Nicodemos, que percebera a dor que esta conversação estava causando a Jhasua, e quis desviá-la um pouco.

''Por que não continuamos a ler as demais cartas de recomendação do bom Príncipe Melchor?

Jhasua tomou outro dos papiros e o abriu. Dizia assim:

''Ao príncipe Sallum de Lohes,

''A paz de Deus esteja convosco e com todos os vossos.

''Em vinte anos de amizade, oh, príncipe de Israel, creio que chegamos a conhecer-nos e a amar um ao outro. Quando vos conheci, estáveis em vossa hora de prova, perseguido pela ambição e pela cobiça de Herodes, e essa dor nos uniu mais estreitamente.

''Certamente não vos tereis esquecido daquela noite que, juntos, passamos no *Kahn*, nos arrabaldes de Bethlehem, esperando encontrar o lugar onde se achava o extraordinário menino que procurávamos.

''Nosso maravilhoso relato que tanto vos interessou, nestes vinte anos tem sido confirmado cada vez mais, como tive a oportunidade de vos dizer nas poucas vezes que, depois, conseguimos nos ver.

''O portador desta carta é o menino, cuja aparição em Israel foi anunciada pelos astros. Esteve aqui em Alexandria em missão de estudo e retorna ao seu país carregado com as verdades históricas que buscava. Conforme foi anunciado pelos vossos profetas, aproxima-se a grande hora da sua vida, segundo o meu parecer. Assim como, há vinte anos, vos anunciei o seu nascimento, agora anuncio com respeito o início de suas obras de justiça, salvação e amor.

''Sei que vos dou grande prazer em proporcionar esta aproximação. Fazei por ele muito mais do que faríeis por mim. Ele mesmo o dirá se, algum dia, necessitar do vosso auxílio.

''Sou sempre vosso aliado e amigo para o serviço de Deus.

''Melchor de Heroópolis, príncipe de Horeb.''

– Tudo está caminhando, Jhasua, não há nada a fazer! – exclamou Nicolás de Damasco.

– Caminha demasiadamente depressa no sentir do bom príncipe Melchor, que continua vendo a luz que o guiou até Bethlehem – respondeu Jhasua.

''Se há de ser como diz, devemos admitir que ele é um assombroso vidente premonitório. Mas peço-vos para não comentardes as cartas e que cada qual forme seu próprio juízo em silêncio.''

– Está bem, Jhasua. Continua lendo.

Este abriu outro papiro e continuou:

"Ao príncipe Ezer de Bet-Fur.

"A paz de Deus, para sempre, para vós e para todos os vossos.

"Bem sabeis que não tivemos êxito em nossa busca da desventurada família de vosso parente e meu particular amigo, o príncipe Ithamar, filho de Abdi-Hur, de Jerusalém. Na lua passada recebi, de Antioquia, uma mensagem, através da qual podemos pensar que estão vivos, e que o jovem príncipe Judá, no vigor de seus 24 anos de idade, se oculta sob um nome suposto, com o qual realizou uma brilhante carreira em Roma.

"Também vos dei conhecimento, já há vinte anos, de que venho seguindo uma luz superior que fala ao meu espírito de salvação, justiça e paz para todos os oprimidos do mundo e, mui especialmente, para o nosso açoitado Oriente.

"Aquele menino que levou Gaspar, Baltasar e eu ao vosso país, onde estivemos a ponto de perder a vida, é já um jovem com 21 anos incompletos, e é portador desta carta que ele, em pessoa, entregará em vossas mãos. Deus realiza por seu intermédio obras que, entre os homens, são consideradas milagrosas. No entanto, para aqueles que estudam a Sabedoria Divina são elas simplesmente a demonstração de que o Supremo Senhor lhe confiou suas forças e seus poderes infinitos.

"Para mim, ele é o anunciado por vossos Profetas e aquele que Israel aguarda. Vós julgareis.

"Está ligado, por seu incomparável amor, a todos os que sofrem, e também com o caso do príncipe Ithamar, motivo por que julgo que agora se obterá um êxito mais lisonjeiro.

"Ele vos dirá quanto seja necessário pela unificação de esforços para toda obra digna dos filhos de Deus.

"Continuo sempre vosso fiel amigo e aliado para tudo o que significa justiça e salvação.

"Melchor de Heroópolis, príncipe de Horeb."

– Com vossa permissão – disse timidamente Eliacin – eu conheço o bom príncipe Ezer, primo de meu amo Ithamar, e, através de um viajante que chegou com a caravana de Beersheba em Heroópolis, soube que a perseguição do Procurador romano continuava contra os mais ricos príncipes judeus. Entre eles está o príncipe de Bet-Fur, a quem vai dirigida essa carta, pela simples razão de ter feito indagações para encontrar a família de meu amo e que lhe fossem devolvidos seus bens e direitos.

"Sua família estava oculta no *Bosque dos Rebanhos*, a sudeste de Bethlehem, onde os pastores mais ricos construíram fortes cabanas de pedra para defender os rebanhos das feras."

– Justamente – disse Jhasua com bem acentuada indignação – ali, onde se resguardam os rebanhos da voracidade das feras, deve refugiar-se uma família perseguida pelos homens... feras humanas, cujas garras alcançam muito mais longe que as do tigre e da pantera...

– Quanto tempo faz que obtiveste essa notícia? – perguntou Faqui.

– Vai para dois anos – respondeu Eliacin. – Tudo poderá ser provado, pois eu sei onde fica, em Jerusalém, o palácio do príncipe Ezer de Bet-Fur.

– Minha mãe deve saber tudo – observou Shipro –, porquanto, ela procura ouvir todas as conversas na praça do mercado.

– Sim, tens razão, Shipro. A primeira coisa a fazer será procurar tua mãe – acrescentou Jhasua.

– Continuemos com as cartas, se te agradar – disse José de Arimathéia –, pois presumo que nosso amigo Melchor nos abre um amplo campo para realizar muitas obras.

Jhasua abriu outra das missivas e leu:

"A Jesuá, filho de Abinoan, príncipe de Mizpa e de Jerusalém.

"A paz de Deus seja contigo e com todos os teus.

"Meu bom príncipe amigo.

"Em tua última carta que me chegou a Heroópolis, quando saí em viagem pelo Sahara Central, e que levei três luas para inteirar-me de seu conteúdo, relatavas-me as lutas surdas e ardentes entre os rígidos fariseus de Ismael e os nobres príncipes saduceus de Anás, filho de Seth.

"Habitando o Pontífice Ismael no palácio do Monte Sião, juntamente com as águias romanas, bem se pode compreender as perseguições sistemáticas contra a nobreza saducéia, que deveria defender-se de duas forças poderosas: o alto clero que corresponde a Ismael com os fariseus, almas de espiões e a cobiça dos potentados romanos, que vêm às nossas terras do Oriente com a única intenção de levantar fortunas fabulosas mediante o latrocínio e o despojo.

"Bem sabes que sou amigo e aliado de todo aquele que aspira pela justiça e a concórdia, pela liberdade e a paz, para o Oriente oprimido pelos invasores do Ocidente.

"Através do jovem portador desta carta, poderás ver esclarecidas tuas preocupações relativas àquele menino misterioso ao encontro de quem, há vinte anos, foram três viajantes do distante Oriente. '*Apareceu e desapareceu*, como me disseste uma vez. Se nele realmente está encarnado aquele que Israel espera, por que se oculta deixando-nos na ansiedade e nas trevas?'

"A esta tua pergunta, espero agora que venhas a encontrar a resposta, se falares na intimidade e confiantemente com o jovem portador desta carta.

"É discípulo da alta Escola dos Essênios do Moab, do Hermon e do Tabor. Com isto fica dito tudo quando se relaciona com os conhecimentos sobre os desígnios de Deus e de Seus misteriosos caminhos.

"Ele tem em suas mãos obras de misericórdia e de salvação, as quais poderás ajudar com tua alta posição em Jerusalém. Faze por ele mais do que farias por este fiel amigo, que o será sempre para o bem e para a justiça.

"Melchor de Heroópolis, príncipe de Horeb."

– Falta a última – disse Jhasua – e esta é para o comerciante de Antioquia.

– Ouçamos – disseram várias vozes ao mesmo tempo.

"Ao bom amigo Simônidas da Judéia,

"Paz de Deus, prosperidade e abundância.

"Com a chegada de vosso último barco a este porto de Rafia, pedíeis minhas instruções se devíeis ou não enviar-me os juros de meus dinheiros que estão em vosso poder.

"Quando vos confiei o depósito desse capital, há quatro anos, vos disse que o fazia com olhares para um futuro talvez distante, e porque me considerava ligado a uma obra de libertação e justiça para com os oprimidos de nossos povos do Oriente.

"Estou persuadido de que essa obra está próxima, e, como não posso precisar o modo e a forma em que ela será levada a cabo, peço para que retenhais em vosso poder o capital e os juros para quando chegar o momento oportuno.

"O portador desta carta, educado na Escola dos antigos Profetas de Israel,

poderá orientar o vosso espírito e ao mesmo tempo aliviar o vosso corpo, atrofiado pelas torturas a que vos submeteram os déspotas, erigidos em senhores, naquela época triste para estes países que clamam por sua liberdade.

"Por motivos que ele mesmo vos dirá, ele está empenhado na mesma obra em que vos ocupais, referente à infortunada família do príncipe Ithamar, vosso antigo patrão, a cuja fidelidade sacrificastes até o vosso próprio corpo, hoje inválido.

"Confiai nele mais do que confiaríeis em mim, não obstante a sua juventude. Tem vinte anos de idade, e faz vinte anos que o conheço. Conseqüente amigo, vosso sempre

"Melchor de Heroópolis, príncipe de Horeb."

– Eis aqui cinco cartas que, se caíssem nas mãos dos agentes de Roma, seriam o melhor passaporte para a Torre Antônia ou para pendurar-nos num madeiro no Monte das Caveiras – disse rindo Gamaliel.

– Não deves levá-las na tua sacola, Jhasua. – Eu as levarei aqui, sob a minha túnica, atadas ao meu corpo – disse José de Arimathéia.

– Não, não – observou Nicolás –, devemos arcar todos com a responsabilidade delas, e cada um de nós deverá levar uma. Vamos reparti-las, pois.

– A que Jhasua haveria de levar, ou seja, a quinta, levarei eu, com muito gosto – disse Faqui, com sua veemência habitual.

– Melhor de tudo será – acrescentou o silencioso servo Eliacin – que eu as leve todas juntas. Vós todos, pelo que vejo, estais realizando obras de grande mérito. Eu não sou capaz de nada e não tenho filhos, motivo pelo qual minha vida é a menos importante de todas. Deixai, pois, que eu as leve sobre o meu corpo.

Jhasua, que até então havia ficado em silêncio, disse repentinamente:

– Todas as vidas valem mais que qualquer tesouro deste mundo e tudo pode ser ajeitado com justiça e sabedoria. Deixai-me fazer.

Em seguida, tomou o saco onde estavam todos os tubos com os papiros e colocou entre aqueles rolos as cartas de Melchor. Pôs tudo novamente dentro de seus respectivos tubos, que foram escondidos entre roupas sem importância. Guardou tudo no saco de pele de foca, ajustou bem o ferrolho, chaveou-o e atirou a chave ao mar.

– Que fizeste, Jhasua? – perguntou alarmado José de Arimathéia.

– Tornei o mar responsável e dono deste saco até que cheguemos a Gaza.

"Todos nós sabemos o que o saco encerra. Se, ao desembarcar, houver algum perigo ou formos examinados, nada será encontrado com ninguém. Chegados ao nosso destino, rasgaremos o saco, que, de qualquer forma, vale menos que uma vida humana."

– Jhasua faz tudo bem – disse Faqui entusiasmado. – Se fosses o César romano, quão feliz seria este mundo! Oh, Filho de David! Às vezes penso que Amanai se esquece da Humanidade desta Terra.

– Ou que a Humanidade se esqueceu d'Ele, Faqui, terias dito melhor! – observou o jovem Mestre.

– Em todas essas cartas, Melchor deixa transparecer a convicção que ele tem de que tu, Jhasua, vieste à vida física para fazer algo muito grande em favor dos povos oprimidos. Neste pobre saco que acabas de fechar estão as chaves, pode ser dito assim, de todas as portas que se abrirão para dar-te passagem e facilitar tuas atividades. Que será, Jhasua, que será isso tão grandioso que deves fazer?

Jhasua sorriu afavelmente ante a veemência de Faqui, e os quatro doutores de Israel também sorriram aguardando a resposta do jovem Mestre, ante a interpelação tão incisiva do jovem africano.

– Eu julgo que, em verdade, chegou a hora desta Humanidade voltar para Deus, do qual se afastou em sua grande maioria, e apenas pequenas agrupações, em nosso oprimido Oriente, clamam à Divina Misericórdia, esperando tudo dela.

"Estou, de qualquer modo, disposto a fazer, da minha parte, tudo quanto esteja ao alcance de minhas forças para que Deus volte a reinar em todas as almas.

"Creio que todos vós estais animados por estes mesmos sentimentos! Não é esta a verdade?"

– Sim, sim, claro que é – responderam várias vozes ao mesmo tempo.

– Então, não deveis dizer e continuar repetindo constantemente que *"eu tenho que realizar uma grande obra"*. Temos que executá-la, nós todos, que compreendemos ter chegado a hora de efetuá-la. Estamos de acordo?

– Muito bem, Jhasua, muito bem! Acabas de dizer uma grande frase – disse José de Arimathéia. – Tu em nosso meio!... Nós ao redor de ti!

– E muitos outros que seguirão!... – disse Gamaliel. – Em Jerusalém estão ardendo muitas lamparinas ocultas sob o celamim.

– E sob os platanares do Rio Orontes e nas faldas do Líbano até Damasco, estuda-se como nunca os Profetas para arrancar deles o segredo da hora precisa que determina a salvação – disse, por sua vez, Nicolás com veemência.

– Em verdade – acrescentou Nicodemos – a febre pela libertação está chegando a um ponto já quase incontível. Agora, entre os anciãos do povo de Jerusalém, está sendo recordado com insistência que, há vinte anos, três magos do Oriente chegaram dizendo que havia nascido o Cristo anunciado pelos Profetas, que os astros tinham marcado a hora e o lugar do seu nascimento, que Herodes desencadeara sua fúria e enchera Bethlehem de sangue para exterminar o recém-nascido rei de Israel. Que ocorreu com ele? Por que se oculta de seu povo que o espera? É isto o que todos perguntam.

– Tudo chega ao seu tempo – disse José novamente. – Eu vejo além, muito profundamente no meu mundo interior, que nos aproximamos em grandes passadas do fim deste caminho. Os próprios acontecimentos vão empurrando-nos para ele. Devemos confessar que a clarividência do príncipe Melchor nos fez subir de um salto para um cume, do qual vemos um horizonte muito mais amplo que aquele que víamos anteriormente. O instrumento de Deus é Jhasua, não se pode negar!... No entanto, como ele mesmo disse, todos nós e muitos outros, que esperamos o toque de clarim de alerta, devemos apertar bem o cinturão e empunhar o báculo das grandes caminhadas, porque a hora se aproxima.

Três dias depois, nossos viajantes desembarcavam em Gaza, onde ninguém os esperava porque não haviam dado aviso algum de sua chegada.

Todos juntos imediatamente seguiram viagem para Bethlehem, pois ali os aguardava a família de Jhasua na velha casa de Elcana, que o leitor já conhece.

As ternas queixas de Myriam pela demora diluíram-se prontamente na doce alegria de ter novamente o filho bem-amado ao alcance de seus braços.

Haviam chegado perto do meio-dia, motivo pelo qual o hospitaleiro Elcana quis celebrar o regresso com uma refeição em conjunto.

– Elcana – disse José de Arimathéia –, apressas-te em obsequiar-nos com uma bem servida mesa, crendo, sem dúvida, que é para festejar umas "Boas-Vindas" e, ao mesmo tempo, uma despedida por longo tempo; contudo, esclareço que permaneceremos em tua casa pelo menos mais três dias.

– Tanto melhor – exclamou o dono da casa –, assim escutaremos as impressões que trazeis do distante Egito.

Jhasua conversava particularmente com seus pais, que, sem dúvida alguma, se referiam a acontecimentos familiares em sua casa de Nazareth, na pitoresca Galiléia dos hortos sombrios e dos vales risonhos, cheios de gaivotas, de passarinhos e de flores.

– Temos que partir imediatamente – disse Myriam –, porque teu tio Jaime, teu irmão Jhosuelin e a laboriosa Ana nos esperam impacientemente.

Nisto ouviu-se a voz de José de Arimathéia, a dizer:

– Concedei-nos dois dias de reunião aqui para concretizarmos o programa que temos de seguir. Trazemos em mãos trabalhos sumamente importantes, que nesta noite, na hora da quietude, vos comunicaremos.

– Eu gostaria que déssemos conhecimento disto, se assim vos agradar, aos nossos amigos daqui. Bem sabeis que Josias, Alfeu e Eleázar são, como nós, uma mesma família há mais de vinte anos – observou Elcana.

– Perfeitamente de acordo – responderam várias vozes – pois eles terão grande parte nas tarefas que vamos realizar.

– São tão fiéis para Jhasua! – acrescentou Joseph, seu pai, que sentia grande afeto pelos amigos bethlehemitas.

– Jhasua, meu filho – perguntou repentinamente Myriam –, vieram contigo aqueles dois homens que estão sob o telheiro com tantos sacos e mantas?

Jhasua olhou para onde sua mãe indicava.

– Ah, sim!... Eliacin e Shipro!...

E saiu rapidamente na direção deles.

– Por que permanecestes aqui? Nós não somos famílias de príncipes para que guardeis esta etiqueta. Vinde comigo e vos apresentarei a meus pais.

Jhasua segurou o saco, cuja chave havia arremessado ao mar, e, seguido pelos dois servos penetrou no grande pórtico da casa, onde todos estavam reunidos.

– Vês este saco, Elcana? – perguntou Nicodemos. – Se soubesses quantos tesouros de verdades ocultas estão aqui guardados!...

"E quão pródigas foram conosco as areias do deserto!..."

– Estes dois amigos, mãe – disse Jhasua, apresentando os dois servos –, ficam recomendados ao teu cuidado e ternura. Dizendo apenas que eles vêm enviados pelo nosso grande amigo, o príncipe Melchor, estarei dizendo tudo.

– Tu o viste, meu filho? Viste-o? – perguntou Myriam, como falando de um ser cuja recordação conservava com imenso amor.

– Estive com ele durante todo o tempo em que me mantive ausente daqui – respondeu o filho.

– E eu que não o vejo desde que estivemos no Monte Hermon, quando tinhas somente seis anos! Quanta gratidão devemos a ele!

– Aqui tens este presente que vem de sua mão – disse Jhasua, tirando de seu dedo o anel que Melchor lhe dera ao despedir-se e colocando-o no dedo anular da mãe.

– Sempre o mesmo, que, por onde quer que passe, vai derramando dádivas – disse Myriam. – Que o Senhor o cumule de paz e de abundância.

Como o frio fazia sentir-se muito intenso, todos foram refugiar-se na imensa cozinha, onde a lareira ardia alegremente e o fornilho familiar exalava um agradável odor do pão quando está dourado e pronto para ser levado à mesa.

Sara, a laboriosa dona da casa, ajudada por Myriam fizeram as honras daquela velha mesa de carvalho, em cima da qual, vinte anos antes, haviam celebrado, com um vinho de júbilo e glória, o nascimento de Jhasua, entre o esplendor da glória de Deus, que se fazia sentir em vozes celestiais a cantar:

"Glória a Deus no mais alto dos Céus, e paz, na Terra, aos homens de boa vontade."

Eliacin e Shipro, os dois humildes servos, estavam mudos em virtude da emoção, por se verem tratados como membros da família pelos pais de Jhasua e pelos donos da casa, para os quais – e eles o percebiam bem claramente – seu amo atual, o príncipe Melchor, guardava tanto respeito e deferência.

– Quando Jhasua apresentou a seus pais o novo amigo que havia conquistado no Egito, o Hach-ben Faqui, que tão ardentemente o amava, a meiga e suave Myriam, acolhendo-o afavelmente, disse:

– É tão parecido com o príncipe Melchor! Quase tanto como um filho a seu pai. Porventura, pertencem à mesma família?

– No amor somos pai e filho, mas não pelo sangue; tal como Jhasua e eu que sentimos um pelo outro o amor de irmãos, unicamente porque nossos corações palpitam no mesmo tom. Tu, sim, mãe feliz, não podes negar que o és deste grande filho de David.

"A teu pai, Jhasua, em minha terra toma-lo-iam por um desses gênios benéficos que fazem descer a chuva refrescante quando nos abrasa a estiagem do deserto.

"Tal como julguei que seriam os teus pais, assim os encontrei: família de patriarcas, que são doçura de paz e sabedoria de bom conselho."

– Agrada-me muito o teu amigo africano, e mais ainda porque sei que foi o príncipe Melchor quem o aproximou de ti, Jhasua – disse, por sua vez, Myriam, com sua meiguice habitual.

Com estas e outras naturais explicações próprias das circunstâncias, e que o leitor compreenderá muito bem, transcorreu a refeição e a sobremesa, terminadas as quais, os dois servos, que nada tinham a fazer ali, seguiram viagem para Jerusalém, em busca da mãe de Shipro e irmã de Eliacin, com o fim de fazerem as averiguações necessárias ao assunto que os havia trazido desde Alexandria.

Os demais partiram para Jerusalém três dias depois, ficando combinado de se encontrarem na residência particular de Nicodemos, por ser esta a mais afastada dos lugares freqüentados pelos agentes e achegados ao governo romano. Habitada por uma anciã viúva com suas duas filhas já maiores, que somente se ocupavam com obras de misericórdia, ninguém podia suspeitar que os que ali chegassem viriam animados por outros fins que os da caridade. Além disso, ficava próxima à porta chamada "*Do Pescado*", a primeira a ser aberta de madrugada e a última a se fechar à noite, a qual coincidia, por sua vez, com a relativa proximidade do abandonado palácio da família desaparecida e despojada, habitado unicamente pela serva fiel, mãe de Shipro; por isso vinha ela a ser um ponto estratégico até para os Terapeutas-Peregrinos que costumavam hospedar-se ali.

Ana, a esposa de Nicodemos, com seus filhos, passava a maior parte do ano no formoso horto que a família possuía em Nicópolis, com o fim de cuidar daquela grande propriedade, cujos olivais e vinhedos eram alguns de seus meios de vida.

Em muitas oportunidades análogas, haviam utilizado o antigo casarão da mãe de Nicodemos para tratar de assuntos delicados que exigiam silêncio e discrição.

– Daqui a três dias estarei em Jerusalém – havia dito Jhasua ao despedir-se dos dois servos. – Fazei as averiguações que necessitamos, e, à noite, na primeira hora, ide a estes lugares que vos indico, e, sem chamar a atenção, entrai pelo portal do estábulo, onde sempre está o guardião, que já terá sido avisado.

"Ânimo e boa sorte, pois queremos iniciar imediatamente a nossa tarefa de salvação e de justiça para com os que sofrem!"

Estas palavras, pronunciadas com esse interno fogo de amor ao próximo que o jovem Mestre acendia em todos aqueles que chegavam até ele, encheram de esperança e de energia os dois criados que, ao embarcarem em Alexandria, quase julgavam que a viagem resultaria em mais um desengano.

– Que homem será este, quase um adolescente – disse Eliacin a seu sobrinho –, que exerce tal domínio e tamanha força que qualquer um se sente subjugado por ele.

– É verdade – respondeu o jovem. – Sem saber como nem por quê, estou convencido de que, nesta oportunidade, tudo será esclarecido, porque ele assim o quer!

Enquanto eles se encaminham para a cidade sagrada de Israel, observemos, leitor amigo, o que ocorre em torno de Jhasua na velha casa de Elcana, o tecelão.

Este mandou buscar seus grandes amigos Alfeu, Josias e Eleázar, com os quais devia compartilhar da reunião dessa noite.

Se os achados realizados no Egito, no hipogeu de Mizrain sepultado nas areias junto às grandes pirâmides, eram interessantes e bastante dignos de atenção, mais ainda o eram as cartas de recomendação do príncipe Melchor que, claramente, davam a entender que os tempos se apressavam e que deviam pôr-se em atividade aqueles que se consideravam comprometidos na grande obra da salvação de Israel e, conseqüentemente, de todos os oprimidos.

Joseph com Myriam e Sara assistiram também à reunião no grande cenáculo, depois de haverem tido a precaução de fechar as portas e corredores e correr as pesadas cortinas de damasco que impediam transpassar para a rua o vislumbre de luzes e murmúrios de vozes.

– Muito embora Herodes, o usurpador, já tenha apodrecido na tumba e seu herdeiro Arquelau esteja desterrado, tomando ar fresco na Gália – disse Elcana –, ainda restam na Judéia alguns bons sabujos, que andam em busca do que se pensa e se fala nas velhas casas dos filhos de Israel, fiéis à Lei.

"Digo isto para que não estranheis todas estas precauções que estou tomando."

– Estamos bem resguardados – disse Josias –, pois trouxemos nossos criados de confiança que, com os teus, vigiam em torno da casa.

– Qualquer um diria que estamos tramando uma conspiração – disse rindo Gamaliel. – As fogueiras estão lançando tantas chamas para que venhais a temer um incêndio?

– Há alguma coisa de novidade – respondeu Elcana. – No sábado passado fomos a Jerusalém para levar nossas dádivas ao Templo e percebemos grande inquietação no povo, porque foi redobrada a guarda do palácio do Monte Sião e da Torre Antônia. Nos arredores desses edifícios não se vê outra coisa que elmos, lanças e uma soldadesca despótica e altaneira a transtornar o juízo dos nossos já cansados irmãos, que se vêem vigiados até quando entram ou saem do templo.

"A galeria coberta com que Herodes ligou a Torre Antônia ao santo lugar de oração está a todo momento cheia de soldados, e dos terraços altos da Torre vigiam, sem cessar, os recintos exteriores."

– E a que se deve esta mudança de decoração? – perguntou José de Arimathéia.

– Nada sabemos ao certo; no entanto, há rumores de um levante por parte dos nobres, não contra o César, que às vezes ignora o que aqui se passa, mas contra o governador Graco que, como cometeu tantas atrocidades na Judéia, estabeleceu sua residência na Cesaréia, segundo dizem, para estar mais perto do mar, onde tem ancorado um barco para o caso de poder escapar livremente, se por acaso se vir em apertos.

"Para poder despojar impunemente os mais ricos príncipes judeus, inventou

planos de atentado contra a sua pessoa. Agora que tantos crimes mortificam sua consciência, teme, com muita razão, uma vingança de suas vítimas. Isto é tudo o que sabemos – argüiu Eleázar. – Nosso grande amigo o príncipe Ezer de Bet-Fur, que sempre comprou nossos produtos e os embarca em Áscalon em combinação com os barcos do falecido príncipe Ithamar, esteve a ponto de cair também nas redes diabólicas do governador Graco. Ele foi avisado a tempo, mas já sabe que está na lista."

– Dia após dia, a situação neste país vai se tornando cada vez mais intolerável – acrescentou Alfeu. – Aqueles que vivem semidesconhecidos na obscuridade não apresentam alvo cobiçável para esses piratas de toga; no entanto, como vivemos, de certo modo, à sombra dos grandes capitais, que movimentam o comércio no país, de maneira indireta arcamos com todos os prejuízos.

– Tudo está neste pé, qualquer que seja o ponto de vista com o qual se o examine – afirmou por sua vez Josias. – Sem precisar ir muito longe, podereis examinar este caso: em face da perseguição desatada contra a família e bens do príncipe Ithamar de Jerusalém, sua companhia de navegação teve que se retirar de Tiro e trasladar sua sede para Antioquia, a fim de se amparar sob a imediata autoridade do Cônsul, que parece não ser pessoa tão má. Isto, como é natural, torna menos freqüente a chegada de seus barcos em Áscalon, e agora vem apenas um a cada dois meses, quando, anteriormente, tínhamos dois por mês.

– Sem contar – continuou Eleázar – que os barcos tiveram de aumentar sua tripulação e serem armados como se fossem barcos de guerra, a fim de estarem prontos para o que der e vier.

"Dizem, em voz baixa, que Graco tem acordos com os mesmos piratas que, contra eles, o César manda as suas galeras. Os piratas assaltam os navios mercantes que ele indica. Foi desse modo que o príncipe Ithamar foi assassinado."

– Nesta última lua que passastes no Egito – acrescentou Elcana – foi removido todo este ninho de víboras num tumulto do povaréu que ocorreu logo no início da chegada dos reforços para a guarnição.

– Como vedes – disse José de Arimathéia que, como todos os recém-chegados, ouvia em silêncio –, tudo isso parece indicar que devemos unir-nos em silêncio e preparar-nos para acontecimentos que não tardarão muito em chegar.

– Na verdade – disse Joseph intervindo na conversação –, parece que há uma barafunda em todo o país. Meu filho Jhosuelin me escreveu, por intermédio da última caravana, que na Galiléia começam a desaparecer moços jovens e que se ignora seus paradeiros. Há quem suspeite que passam para o país dos auranitas, nos Montes Bazan, através do Jordão, e se organizam com o fim de libertar este país dos opressores.

Sara e Myriam fizeram uma exclamação de horror e de espanto ante a visão de lutas de morte, que pareciam ameaçá-los.

– Diante de tudo isso, que dizem os nossos anciãos? – perguntou Nicolás de Damasco.

– Que hão de dizer!... Que faz falta um homem que os una a todos como se fossem um só. É por isso que agora revive, como uma chama quase extinta, a lembrança daqueles três estrangeiros que, há vinte anos, chegaram ao país, assegurando que havia nascido o Messias anunciado pelos Profetas – respondeu Josias com energia.

"Se o nosso povo estivesse unido, não seria um governador como o Graco quem haveria de se constituir em senhor e dono das vidas e das propriedades."

– Naturalmente – respondeu Nicodemos. – Nosso mal está aí: a nobreza com todos os saduceus por um lado; os fariseus com alguns doutores e parte do clero

apoiando o Pontífice Ismael; os samaritanos, enganados e desprezados pelos judeus, aproximam-se adulando o amo que se mantém tão próximo na Cesaréia; os galileus, amigos de todos os estrangeiros que buscam férteis vales e fecundas montanhas, não têm nenhuma preocupação em libertar-se de senhores que parecem estar irritados somente contra a Judéia e suas principais famílias.

– Na Judéia está o ouro; em Jerusalém residem os grandes magnatas – disse Nicodemos. – As águias não vão atacar os pardais que catam grãos nos quintais, mas as garças e os faisões que dormem junto às fontes de mármore.

– Se me permitirdes – disse Faqui –, sou um estrangeiro no vosso meio e, além disto, o de menos idade; mas minha vinda ao vosso país foi em razão da inspiração que me infundiu o príncipe Melchor, e creio que não está fora de lugar uma palavra minha. Ainda estão fumegantes as ruínas da nossa Cartago; o sangue de nossos irmãos degolados pelos romanos não secou ainda nas areias do deserto. Nossa numerosa raça tuaregue, escondida nas montanhas negras do Sahara Central, está organizada para ocupar o seu posto se o Oriente oprimido se levantar para sacudir o jugo que suporta há mais de um século.

"Estou autorizado pelo meu pai, o Scheiff Buya-Ben, que é um dos dez altos chefes que comandam tropas de cavalaria, para propor-vos aliança, com o fim de, todos juntos, protegermos o ingresso no mundo do Messias Salvador de Israel, acontecimento este que não pode nem deve ser retardado por muito tempo, se não quisermos dar ao inimigo todas as vantagens, o que significaria a nossa derrota.

"Com o que vos acabo de dizer, irmãos da Judéia, se quiserdes impor o reinado do filho de David, anunciado pelos Profetas, e cujo nascimento foi determinado pelos astros há vinte anos, contai com os cinqüenta mil ginetes que a raça tuaregue põe à vossa disposição."

Os olhos de todos se fixaram no jovem africano, cuja voz vibrava com tonalidades de clarim em dia de batalha e cujo altivo porte e esbelta figura o faziam assemelhar-se a uma formosa estátua de bronze vestida de túnica azul. Olharam, em seguida, para Jhasua como julgando-o conhecedor dos projetos bélicos deste seu novo amigo.

O jovem Mestre, sentado entre seus pais, saiu, finalmente, do silêncio, e sua voz suave e meiga ressoou como uma melodia no grande cenáculo cheio de assombro e de interrogações.

– Confesso que ignorava completamente estes projetos que o meu amigo acaba de expor, como ele mesmo pode confirmar. Julguei que sua viagem obedecia somente à terna amizade que foi despertada entre nós e ao desejo de conhecer o nosso país.

"Compreendo que não podemos permanecer indiferentes à dor de nossos irmãos e que estamos obrigados a envidar os maiores esforços da nossa parte para aliviar o jugo que pesa sobre todos. Nós, que estamos filiados à Fraternidade Essênia, creio que não estamos livres para agir sem nos colocar antes de acordo com os que têm sido até agora os nossos condutores e guias.

"Com toda a franqueza vos digo que meus pontos de vista em relação à deliberação são de índole muito diferente, pois estou convencido de que, enquanto o homem não se libertar a si mesmo de sua pesada cadeia de ambições, egoísmos e maldades, que o oprimem e destroem, pouco adiantará que o libertemos dos tiranos exteriores por quem ele mesmo se deixa subjugar por causa de sua própria inferioridade. Como e por que veio o domínio estrangeiro? Porque as ambições de grandeza e de poder dividiram em facções as classes dirigentes, e porque, no afã de escalar

posições onde brilha o ouro, foram abertas as portas aos intrusos usurpadores, que exploram justamente as discórdias internas dos povos!

"Eu havia pensado em ampliar a obra silenciosa, porém eficaz, dos Essênios, por intermédio de auxiliares voluntários que pudessem compartilhar da obra dos Terapeutas.

"Pensais talvez em exércitos armados para impor a justiça pela força. Eu penso em exércitos também, mas sem lanças nem espadas, e tão-somente armados com a verdade, com a lealdade de uns para com os outros, com a instrução necessária para que o povo aprenda a pensar e a raciocinar, desterrando a ignorância e o fanatismo utilizados pelos audazes aventureiros para dominá-lo, enganando-o.

"Desta maneira interpretei as orientações que as cartas do príncipe Melchor punham ante os meus olhos. Todos esses recursos materiais que essas cartas permitem entrever podem ser utilizados para essa vasta rede de elevação moral, instrução e ensinamento ao povo como um meio de prepará-lo para governar a si mesmo.

"Herodes foi um senhor arbitrário e despótico até o máximo grau, que se aproveitou das discórdias internas para subir. A Divina Lei tirou-o da vida física, e um novo governante veio sobre Israel, em condições semelhantes ao anterior.

"O governador Graco encontrou dividida a nação hebréia por ódios profundos. Por que a Judéia odeia a Samaria? Por que despreza a Galiléia? Não são todos descendentes daquelas doze tribos cujos troncos são os doze filhos de Jacob, filho de Isaac, filho de Abraham, favorecidos com as promessas divinas?

"Enquanto existirem todas essas ignorâncias, rivalidades, ódios e misérias, nosso povo arrastar-se-á miseravelmente subjugado, hoje por um, e amanhã por outro amo, até que aprenda a colocar seus pensamentos, suas obras e toda a sua vida de acordo com a Lei Divina, que é o único Senhor justo que todo povo deve ter.

"Por que o ódio dos fariseus contra os saduceus e contra seus príncipes, dentro da própria Jerusalém? Simplesmente pela inveja que corrói suas almas, e também pela ambição que os persegue a todo momento. Favorecidos com a proteção de Graco, os fariseus empreenderam uma guerra de morte contra a nobreza saducéia em sua maior parte, e fizeram com que fosse nomeado um pontífice fora de toda lei, mas que correspondesse a seus interesses. Que adiantaria expulsar os estrangeiros do país, se a causa de todo o mal está no próprio coração do povo?

"Este é o meu pensamento que, afinal de contas, pode estar equivocado. Sois livres para pensar e agir segundo os vossos próprios modos de ver.

"Para mim, não é um levantamento armado o que remediaria tantos males; mas uma campanha silenciosa, porém decidida e firme de unificação e de concórdia, de instrução e de persuasão, a fim de elevar o nível moral do povo até colocá-lo em condições de governar sabiamente a si mesmo."

– Muito bem, Jhasua, muito bem! – disseram várias vozes.

– Falaste como um verdadeiro Mestre – acrescentou José de Arimathéia.

– No entanto, essa campanha deveria ser iniciada de cima, ou seja, do próprio templo, desde o Sinédrio, pois então talvez fosse possível obter o resultado que almejamos – disse Nicolás.

– Todavia, como não podemos obrigar os grandes a tomar este caminho, seguilo-emos nós, ampliando a obra da Fraternidade Essênia, e atingiremos a meta final, ainda que um pouco mais tarde – observou Gamaliel.

Depois de uma longa troca de idéias, decidiram o seguinte: cada qual, no lugar onde habitava ou onde possuía maiores amizades, convidaria os homens mais capaci-

tados para que nas Sinagogas começassem a propiciar a unificação de todos os filhos de Abraham, afastando receios e ódios injustificados e contrários ao espírito da Lei. Aproveitariam passagens dos livros de Moisés e dos Profetas, bem estudados de antemão, e, sobre eles, desenvolveriam sua tese salvadora: a unificação de todos os israelitas num só pensar e sentir, como único meio de preparar o caminho para a obtenção da paz e da liberdade.

Os quatro amigos de Jerusalém estavam ligados ao Grande Colégio, que, depois da morte do ancião Reitor vitalício Hillel, havia sofrido algumas transformações introduzidas por Simeão, seu filho, e por Shamai, ajudados por alguns doutores e sacerdotes Essênios.

José de Arimathéia observou que o príncipe Jesuá, filho de Abinoan, com domínios em Jerusalém e em Mizpa, a quem fora dirigida uma das cartas do príncipe Melchor, era tesoureiro do Grande Colégio e, por seu intermédio, poderiam chegar até a grande escola de onde saíam os homens doutos do país.

A carta de Melchor deixava entrever uma amizade mais íntima e familiar com ele, e talvez fosse o melhor caminho para entrarem acertadamente no campo que desejavam cultivar.

Decidiram que Jhasua, com os quatro de Jerusalém e Faqui, visitariam o príncipe Jesuá, levando a carta de Melchor e introduzindo a conversação no tema desejado, para o que a própria carta apresentava todas as facilidades.

Repartiram entre si as zonas do país, onde cada qual tinha parentes e amigos para iniciar a grande cruzada da unificação de todo Israel, a qual denominariam *Santa Aliança*, e tomariam as iniciais de ambas as palavras como senha para poderem reconhecer aqueles que pertencessem a ela.

Joseph, Myriam e Sara que apenas haviam estado presentes como ouvintes nessa reunião, tranqüilizaram-se bastante vendo que a campanha deixava de ser bélica para converter-se num laço de amor e de fraternidade.

– Deste modo – disse afavelmente Myriam – até eu posso ajudá-los quando regressarmos ao nosso ninho em Nazareth.

– E eu aqui em Bethlehem e em Hebron, onde tenho muitos parentes – acrescentou Sara, participando do entusiasmo geral.

– Eu em Heródium – disse Josias –, onde tenho alguns bons amigos.

– Eu em Beth-Hur – acrescentou Alfeu alegremente.

– Eu, em Jericó, posso realizar uma regular colheita – disse Eleázar, que era originário dali.

E Rama, Bethel, Gazara, Emaús, Anathot e outras cidades importantes vizinhas de Jerusalém foram sendo somadas aos sonhos dourados daquele punhado de idealistas que, em sua aspiração de melhoramento da liberdade e da paz, viam nesses momentos um meio fácil de falar e que de suas palavras brotariam os resultados como esplêndida compensação por seus esforços e aspirações.

– Seja qual for o caminho que tomardes em favor de nossos países oprimidos e humilhados – acrescentou, por sua vez, Faqui –, lutarei sempre pela causa de Jhasua para triunfar ou morrer com ele.

– Tu, que és o mais jovem de todos, falas em morrer quando apenas começaste a viver? – perguntou Nicodemos, que havia adquirido grande simpatia pelo jovem africano.

– Parece-me que este jovem tem uma visão de longo alcance, e sua previsão o leva a pensar que na obra a ser iniciada poderão ocorrer muitos perigos – observou Joseph que, em silêncio, analisava as pessoas e seus pensamentos, apresentados claramente nas conversações que acabavam de escutar.

– Exatamente como dizes, meu pai – afirmou Jhasua.

"Amanhã trataremos da raça tuaregue à qual ele pertence, e de todas as descobertas que o deserto nos permitiu efetuar.

"Será bom que todos aqueles que formarem a Santa Aliança conheçam a verdade, que nos servirá de base para os ensinamentos que deveremos ministrar."

Jhasua em Jerusalém

Três dias depois, o jovem Mestre com Faqui e seus quatro amigos se detinham na solitária colina onde se achava o túmulo de David.

Deixaram ali os jumentos com os quais haviam feito a viagem e que um criado de Elcana levaria de volta a Bethlehem.

– Aqui está sepultado o grande rei, teu antecessor – disse Faqui a Jhasua –, e aqui virei muitas vezes para pedir inspiração a esse gênio tutelar da tua raça.

Depois de uma breve troca de idéias sobre o encontro que tinham pendente com os criados de Melchor, Eliacin e Shipro, na casa paterna de Nicodemos, eles se separaram. Os quatro doutores de Israel se encaminharam para entrar pela porta do Sião, enquanto Jhasua com seus pais e Faqui seguiram para a porta do Camarão, que, hoje em dia, se conhece como *Porta Mora*, por se achar muito próxima da casa da viúva Lia, sua parente próxima.

O encontro com os criados era na primeira hora da noite.

Os viajantes haviam chegado na metade da tarde, motivo que levou Jhasua a se dispor a ir ao templo, porquanto há muito tempo não o via. Faqui decidiu ir com ele, e ambos se dirigiram ao pitoresco monte sobre o qual estava assentado o edifício como uma magnífica coroa sobre a cabeça de pedra de um gigante imóvel.

O jovem africano achou formoso o panorama da grande cidade de David e de Salomão, edificada tão habilmente, tendo sido utilizados os altiplanos do irregular terreno, que, de imediato, baixava em deliciosos declives, como também subia em colinas coroadas de esplêndidos palácios que o gênio construtor de Herodes havia embelecido grandemente.

A brancura marmórea do Hípico, do Phaselus e de outros palácios, quais cofres gigantescos dos mais ricos mármores, destacava-se nas faldas das colinas, resplandecentes com o sol da tarde, recortadas sobre o azul sereníssimo do céu, com a elegância de suas linhas do mais puro estilo romano.

As quarenta torres da muralha, as torres ameadas da Cidadela anexa à porta de Jaffa, as mil pequenas torres do palácio real do Monte Sião, as cúpulas de ouro e azul do Templo sobre o Monte Moriá, sob aquele sol de ouro pálido de um entardecer na Judéia, constituíam um espetáculo soberbo para o jovem africano, que vinha de um país empobrecido em seus monumentos desde a destruição de Cartago, cuja magnificência ficara reduzida a modestas aldeias que iam surgindo lentamente como que temerosas de provocar novamente as iras do invasor.

Quando subiam a resplandecente escadaria do Templo, viram deter-se uma grande liteira defronte à Torre Antônia e que os soldados se agruparam junto a ela para verificar a identidade da personalidade que era trazida.

Era o Comandante da guarnição da Torre que foi numa padiola, e cujos dolorosos gemidos crispavam os nervos de todas as pessoas que se achavam próximas.

Ele teve o que merecia – disse Faqui a meia-voz.

– Não, meu amigo – disse o Mestre. – Talvez nisto esteja encerrado um caminho de Deus. Vem comigo.

Com dez passos rápidos, Jhasua aproximou-se dos que desciam a padiola, cujos rostos denotavam aflição e espanto.

– Sou médico – disse com voz imperativa –, deixai-me examiná-lo.

– Entrai no pórtico da Torre – disse um dos soldados.

Jhasua continuou andando, no entanto, já havia tomado uma das mãos do ferido, cuja cabeça ensangüentada não permitia que se percebessem as suas feições. Atrás dele entraram outras duas padiolas com mais dois feridos.

Vinham do circo de Jericó, onde haviam realizado corridas de carros, nas quais o militar, que era um campeão formidável, não tinha conseguido laurear-se como das outras vezes, em face do acidente ocorrido. Seus cavalos, em disparada, haviam capotado o seu carro, e ele, bem como seus dois auxiliares, haviam sido arrastados e machucados, donde o estado lamentável em que se encontravam.

Quando entraram no pórtico da Torre, o ferido não se queixava mais.

– Já está morto – disse um dos condutores da padiola.

– Ainda não, meu amigo – respondeu Jhasua. – O Comandante dorme.

Se não fosse pelo medo que dominava a todos, teriam julgado absurda a afirmação de Jhasua. Os outros dois feridos também estavam silenciosos em seus dolentes queixumes.

– Os três morreram – afirmou outro dos padioleiros. – A coisa não era para menos.

– Não estão mortos – afirmou Jhasua novamente. – Trazei-me água, por favor, e xarope de cerejas, se o tendes.

Imediatamente trouxeram três bacias cheias de água e uma jarra do xarope pedido.

Jhasua, auxiliado por Faqui e por alguns criados, primeiramente foi retirando as roupas e lavando as feridas do Comandante e, logo a seguir, passou aos outros dois.

Com seus dedos molhados no elixir, fez cair gotas nos lábios ressequidos. Logo a seguir, bebeu em grandes goles e, com sua própria boca, foi vertendo o líquido na boca dos feridos.

Depois de ele ter repetido muitas vezes essa operação, o Comandante abriu os olhos.

– Ês um judeu e me curas – disse!

– Sou Galileu – respondeu Jhasua – e bem sabes que os galileus não odeiam os estrangeiros. Mantém a paz em tua alma e serás curado.

– Que Deus pague a tua boa ação – voltou a dizer o militar romano com voz débil, mas clara e compreensível.

A reação dos outros feridos foi mais lenta. Ambos abriram os olhos, contudo não podiam falar, a não ser com sons guturais ininteligíveis.

Os que estavam presentes não saíam de seu estupor e começaram a rodear a Jhasua com respeito cheio de temor, quase de medo.

– Deve ser um mago – disse um.

– Ou um desses profetas que os hebreus veneram quase como deuses – acrescentou outro em voz baixa.

– Levai-me para meus alojamentos – disse debilmente o Comandante – e também a meus dois ajudantes. Por me servirem, quase perderam a vida.

– Se me permites – disse o Mestre – ficarei ao teu lado alguns momentos mais.

– Estava querendo pedir-te que me fizesses companhia esta noite. Tenho confiança em ti e quero tomar algumas resoluções para o caso de vir a morrer.

– Ainda não podes falar em morrer – respondeu o Mestre –, porque Deus quer que vivas.

"Podeis ir descansar – disse aos soldados e condutores das padiolas. – Meu amigo e eu cuidaremos dos enfermos.

"Basta que um permaneça junto à porta para o caso de virmos a necessitar de algo."

Faqui julgava estar vivendo de encantamentos mágicos.

Nunca havia visto nada semelhante. Tranqüilamente, Jhasua passava e voltava a passar seus dedos molhados pela garganta dos feridos que haviam perdido o uso da palavra.

O Comandante, que já não sentia mais dor alguma, não o perdia de vista. Dir-se-ia que um poderoso ímã atava seus olhares ao rosto de Jhasua.

– Fala – disse Jhasua imperativamente a um dos feridos. – Quero que me digas o teu nome.

– Gensius – disse ele claramente.

– Bem, Gensius. Deus Todo-Poderoso devolve a tua voz e o uso da palavra, para que faças com ela muito bem aos teus semelhantes.

– Graças, Profeta! – disse com a voz cheia de emoção.

– Agora é a tua vez – disse ao outro ferido, que moveu a cabeça negativamente, como querendo dizer que não podia. Ao mesmo tempo abriu a boca, e Jhasua viu que sua língua era como um coágulo de sangue.

Ao cair, sem dúvida havia mordido a própria língua, produzindo-lhe horrível dilaceração.

Apanhando água na concha de sua mão, Jhasua foi fazendo com que ele a bebesse durante alguns instantes.

Logo uniu seus lábios aos do ferido e emitiu grandes hálitos, fortes e profundos, como se neles exalasse a sua própria vida.

Jhasua sentou-se num pequeno tamborete no meio das três camas e, apoiando seu rosto em ambas as mãos, guardou um longo silêncio.

Os três feridos caíram num profundo sono que deve ter durado mais ou menos uma hora.

Quando despertaram, os três se sentaram em seus leitos e cada um deles disse ao outro:

– Estou curado, não tenho mais dor alguma.

– Nem eu tampouco – disse o outro.

Jhasua olhava-os sorridente.

– Não tiveste tempo, jovem, de aprender tanta ciência. Quem és? – perguntou o militar levantando-se até pôr-se de pé.

– Já te disse que sou um galileu. Chamo-me Jhasua, filho de Joseph, um artesão de Nazareth.

– Quanto devo pelo que fizeste hoje comigo e com estes?

– Nada, porque foi o meu Deus-Amor quem vos curou, e Ele somente pede, como compensação pelas Suas dádivas, que sejais bons e misericordiosos como Ele o foi convosco.

– Mas não necessitas de coisa alguma para a tua pessoa, para a tua vida? – voltou o Comandante a perguntar.

– Para mim nada necessito; no entanto, posso necessitar da vossa ajuda para aliviar o sofrimento de outros que sofrem, como aliviei os vossos.

– Conta sempre conosco e para tudo o que necessitares.

– Obrigado, amigos. Muito agradecido. Peço também o favor de não divulgar isto que vos aconteceu. Um médico vos curou, e isto é o bastante.

– Vosso amigo é admirável! – disse o militar dirigindo-se a Faqui que estava mais absorto e assombrado que eles.

– Em verdade, é admirável! Cheguei ontem de Alexandria. Sou um estrangeiro neste país, aonde vim para presenciar maravilhas que jamais sonhei fossem realizadas.

– Nunca pensastes que há um Deus Supremo, Senhor de todas as coisas? – perguntou Jhasua.

– Quero conhecer a lei do teu Deus, Jhasua – disse novamente o romano.

– É muito pequena e muito simples:

"Faze com o teu próximo como queres que seja feito contigo."

"Ama a todos os teus semelhantes; não odeies jamais a ninguém."

– Isto é tudo?

– Tudo, absolutamente.

"Agora o meu amigo e eu temos que ir porque somos esperados em outro lugar.

"Legionário de Roma!... – exclamou o Mestre. – Que o meu Deus te dê a sua paz. Espera-me, que virei visitar-te amanhã."

– Não sei se és homem ou deus!... mas juro por todos os deuses do Olimpo que não esquecerei jamais o que hoje fizeste por nós.

Jhasua e Faqui saíram.

– Pensava que visitaríamos o templo – disse Jhasua ao seu amigo. – Mas por hoje já não dispomos mais de tempo.

– No entanto, fizeste uma obra que vale muito mais que a nossa visita ao templo – respondeu Faqui. – Além das três vidas salvas, creio que a gratidão desses homens servirá de muito para abrir-te caminhos neste confuso labirinto de ódios e de perseguições.

– Assim também o julgo – respondeu Jhasua. – Agora vamos para casa, Faqui, porque meus pais nos esperam e não é justo que, para consolar alguns, aflijamos a outros.

– Tens razão, Jhasua!... É como dizem, e como eu digo desde que te conheci: fazes todo o bem e sempre como impulsionado por uma elevada sabedoria. Vamos para junto de teus pais.

Lia e Myriam já os esperavam com a branca toalha posta na mesa, o leite quente, as castanhas cozidas e o pão que acabava de ser retirado do fogo.

A singela refeição do anoitecer transcorreu no meio da mais completa alegria.

Quão doce e suave é toda alimentação quando a alma está serena e a consciência acusadora não levanta borrascas e tempestades!

Jhasua contou a seus pais, com minuciosos detalhes, a viagem a Alexandria, as noites passadas sob as tendas no deserto no vale das Pirâmides, bem como todas as emocionantes cenas ocorridas no hipogeu de Mizrain, as múmias de uma antiguidade milenária, os papiros guardados entre os sarcófagos...

Joseph, Myriam e Lia ouviam em silêncio.

– Meu filho – disse repentinamente Joseph. – Agora compreendo tua missão no meio do povo de Israel.

"Tinham razão os três sábios do distante Oriente quando, visitando-te no berço, disseram a uma só voz: 'Este menino traz consigo todos os poderes divinos para ser o salvador do mundo.' "

– Contaste-nos o que ocorreu no Egito, porém não o que se passou esta tarde na Torre Antônia – disse Lia sorrindo.

– Mas, como? Já o sabeis?

– Oh, meu filho! Em Jerusalém sabe-se de tudo tão logo sucede. Bem sabes que os dois filhos do tio Simeão são Levitas, e estão a serviço no Templo; e eu mandei esta tarde meu criado levar-lhes coisas de que necessitavam, conforme costumo fazer já muito antes do falecimento do velho tio. No Templo sabe-se o que se passa nos pórticos da Torre, como ali também se sabe o que ocorre nos átrios exteriores.

"Contudo, não te assustes, porque apenas se diz que dois médicos recém-chegados a Jerusalém haviam curado os dois feridos. Somente meus primos e meus criados sabem que tu, meu filho, foste a causa desse acontecimento."

Jhasua, um pouco contrariado, manteve-se em silêncio.

– Creio que não existe mal algum em que se saiba isso – disse Faqui.

– É que Jhasua não quer nenhuma notoriedade para sua pessoa – observou Myriam.

– É prudência – acrescentou Joseph – e eu penso como ele.

– Há tanta má intenção na época atual no nosso país, que podem surgir receios e desconfianças em virtude de ocorrências tão extraordinárias.

– Não temais. Nossos Levitas Essênios são muito discretos, e meu criado, que nasceu na minha casa, é como um filho que não falará, se puder temer algum mal para a família.

– Demos graças ao Supremo Senhor de todo bem – disse Jhasua –, porque a cura do Comandante e de seus ajudantes pode abrir caminhos para fazermos algum bem aos que estão sepultados vivos na Torre Antônia.

"Pensai todos desta mesma forma e neste sentido, já que surpreendestes o segredo."

Alguns momentos depois, Jhasua e Faqui se encaminharam para a antiga casa da mãe de Nicodemos, onde se encontrariam com os quatro doutores de Israel e os dois criados do príncipe Melchor.

Estes já estavam aguardando acompanhados por uma mulher morena que, apesar de não ter mais de uns 50 anos, estava envelhecida, com os cabelos brancos e o corpo visivelmente esgotado.

– É minha mãe – disse Shipro, assim que viu Jhasua.

A mulher beijou o manto de Jhasua e começou a chorar em grandes soluços.

Jhasua fê-la sentar novamente, ao mesmo tempo que lhe disse:

–Não chores, boa mulher, que os justos como tu devem estar sempre cheios de paz e alegria.

"Chegou a hora de triunfar sobre a maldade dos homens. Dá-me as notícias que possuis referentes à família do pranteado príncipe Ithamar."

– São muito poucas, senhor – respondeu a mulher –; no entanto, uma delas é muito boa: o amo Judá está vivo e veio à casa de seu pai em busca de notícias.

"Levaram-no aos 17 anos e voltou feito um homem aos 24, formoso e forte, tal como era o príncipe, seu pai, que parece haver ressuscitado nele. É todo o seu retrato. Conseguiu a liberdade e está rico com a proteção de grandes senhores de Roma. Ele vos contará tudo melhor que eu. Mas nem ele nem eu pudemos averiguar nada da ama Noemi e de sua pobrezinha filha, que, se vive, deve ter agora a idade de meu filho Shipro menos quatro meses."

– E o príncipe Judá, onde está? – perguntou Jhasua.

– Ele somente vem a sua casa quando a noite já está bem entrada, e não veio senão três vezes em vinte dias desde que chegou a Jerusalém. Disse-me que não quer ser visto na cidade, por temor de causar obstáculos com a sua presença na busca da família, pois seus inimigos o julgam morto, e é exatamente nisto que está a sua segurança.

"Ele se acha hospedado no Khan (*) de Bethânia, onde o conhecem pelo nome de *Árrius*.

"Disseram que, quando ocorreu a desgraça – continuou dizendo Amhra, assim se chamava a mãe de Shipro –, que a ama e sua filha foram levadas para a Torre Antônia. Como até há um ano atrás o governador Graco, autor deste crime, estava aqui, e dependia dele a guarda da Torre, ninguém podia aproximar-se de suas imediações.

"Ouvi no mercado que a nova guarnição, chegada há pouco tempo, é menos severa e até compartilha dos jogos e diversões com o público. Desde que o governador está na Cesaréia, já não encerram tantos na Torre nem se cometem tantos crimes.

"Julgo que a ama e sua filha foram levadas para esse presídio, onde Graco mandava encerrar todos que o estorvavam; contudo, não creio que estejam vivas depois de sete anos de martírio.

"Ouvi um ex-detento contar no mercado a espécie de vida que se concede aos presos dali. Como poderá a ama ter conseguido resistir a uma vida semelhante?"

– Esclareceste muita coisa, mulher – disse Jhasua. – Volta tranqüila para a casa de teus amos, que tua abnegação e honradez merecem a justiça de Deus, a única que salva das injustiças humanas.

Quando a mulher saiu, entrou Nicodemos com a notícia de que a reunião não era conveniente, porque no Sinédrio se averiguava quem poderiam ser os médicos estrangeiros que haviam curado o Comandante e seus ajudantes, cujo estado gravíssimo não podia ser curado a não ser por arte de magia ou por um profeta de grande poder.

– Bem – disse Jhasua –, Faqui e eu trocaremos de trajes e ninguém nos reconhecerá.

"Agora vamos ao Khan de Bethânia para nos encontrar com o filho do príncipe Ithamar, que se hospeda ali."

– Aquele jovem desaparecido há sete anos? – perguntou Nicodemos.

– Justamente. A mulher que cruzou contigo é a mãe de Shipro, que o viu na antiga casa de seu pai, aonde veio três vezes. Queres vir conosco?

– Poderemos regressar esta noite antes que se fechem as portas? – interrogou Nicodemos. – O Khan está muito além das antigas tumbas.

– Trataremos de regressar antes, mas, se houver qualquer contratempo, o guarda do plantão da noite é um antigo conhecido meu – disse Eliacin – e, por alguns poucos sestércios, ele nos abrirá com prazer a portinha.

– Bem, vamos então.

– Toma o meu manto azul – disse Faqui a Jhasua – e cobre a túnica branca que poderia ser comparada com aquela que o *mago* vestia, quando, nesta tarde, curou o Comandante.

– Tens razão, meu amigo. Agora és tu que fazes o bem.

Os cinco homens empreenderam a caminhada.

Eliacin, o criado, falou ao guarda explicando que iam ao Khan de Bethânia procurar um viajante da família que se hospedara ali. Os vinte sestércios que lhe entregou em troca de que lhes abrisse a portinha se voltassem atrasados, tiveram aquiescência mais forte que todas as explicações eventualmente necessárias.

Aqueles montes cobertos de árvores desfolhadas pelo cruel inverno, perfurados por grutas que eram tumbas, com vales negros de sombra e de encostas acinzentadas cortadas a pico; aqueles enormes barrancos e, à esquerda, as negras profundidades do

(*) Campo cercado e em parte coberto, onde podiam hospedar-se gratuitamente todos que chegavam a uma cidade de Israel (N.T.).

Monte das Oliveiras; e tudo visto somente através da claridade opaca das estrelas, formava um panorama impressionante para quem não estivesse acostumado a essas excursões.

Faqui, cuja estatura e força atlética lhe dava segurança permanente, deu um braço a Jhasua e outro a Nicodemos. Os dois criados os guiavam, visto como Eliacin conhecia muito bem o caminho.

De longe viram a alegre fogueira que ardia no Khan.

Se em algum lugar os homens se fraternizavam de coração era nessas estranhas hospedagens usadas no Oriente, onde todos se sentiam num mesmo nível.

Ali pernoitavam os homens e as montarias, motivo pelo qual se viam, à luz vermelha da fogueira, os camelos que dormitavam ruminando sua ração, bem como cavalos, mulas, jumentos e utensílios de toda espécie entre os fardos de equipagem.

O guardião era pago pelos viajantes com o que cada qual contribuía conforme podia.

– Procuramos Árrius, que se hospeda aqui – disse Eliacin quando se defrontaram com o guardião na casinha junto à porta.

– Oh! sim, sim. O bom estrangeiro e seu criado, que ocupam a melhor habitação do Khan – respondeu o guardião, deixando-os passar. – É a primeira habitação à direita.

Nossos amigos dirigiram-se para ali.

A luz tênue de uma lâmpada de azeite dava de cheio sobre o formoso rosto do príncipe Judá, convertido em Árrius, o estrangeiro, por obra e graça de um governador romano, representante do César, que, não obstante ignorasse este fato em particular, sabia muito bem que as grandes fortunas feitas pelos seus prefeitos ou governadores eram fruto de despojos e latrocínios nos países subjugados.

– Amo, aminho bom! – exclamaram ao mesmo tempo os dois criados, tomando uma dobra de seu manto e beijando-a.

– Somos Eliacin e Shipro!... Não nos reconheceis? Minha mãe disse que estáveis aqui – acrescentou o moço.

O jovem príncipe continuou olhando-os e seus olhos foram cristalizando-se de pranto.

– Sou um proscrito – disse – não temeis chegar até mim?

– Não, amo, não. Se deveis morrer, morreremos junto convosco!

"Estes senhores querem falar-te, amo, porque eles buscam também a ama Noemi e sua filha." Ao dizer isto, Eliacin colocou-se a um lado e a luz da lâmpada caiu em cheio sobre o rosto de Jhasua, que estava na frente de todos.

– Esses olhos!... – exclamou o príncipe. – Nunca pude esquecer esses olhos!... Quem és?

Ao perguntar isto, levantou-se, aproximando-se de Jhasua.

– Príncipe Judá, filho de Ithamar, a quem o Senhor tenha em sua paz – disse o jovem Mestre. – Um antigo amigo de teu pai, o príncipe Melchor de Horeb, procurate há tempo, do mesmo modo que à tua família. Chegamos há dois dias de Alexandria e tivemos a boa sorte de encontrar-te logo.

Ele fê-los sentar nos leitos, pois não havia outros assentos.

– Talvez não te recordes; no entanto, não esqueci os teus olhos, jovem do poço de Nazareth – disse Judá com sua bem timbrada voz carregada de emoção.

– Na verdade – continuou Jhasua – sou de Nazareth e não me lembro em que ocasião poderias ter-me visto.

– Faz sete anos que uns soldados conduziam uma caravana de presos destinados às galeras ancoradas em Tolemaida, e eu ia entre eles. Como era o menor de todos, já davam a ordem de continuar a marcha e eu ainda não havia bebido. Correste para aproximar teu cântaro à minha boca abrasada pela sede. Não te recordas?

– Verdadeiramente não. Tantas caravanas de presos vi passar pelo poço de Nazareth, situado junto ao caminho das caravanas, que o teu caso ficou perdido no meio de um montão de outros.

– Entretanto, não esqueci os teus olhos, nazareno, e bendigo ao Deus de meus pais que te está colocando novamente diante de mim.

– E, desta vez – disse Jhasua –, não será tão-somente para dar-te de beber, mas para recobrares a paz e a felicidade que, em justiça, te pertencem.

– E por que te preocupas tanto assim com a minha desgraça? – voltou Judá a perguntar.

– A Lei diz: "Amarás a Deus acima de todas as coisas e *ao próximo como a ti mesmo*" – respondeu Jhasua.

"Através de Shipro, teu servo, fiquei sabendo de tua desgraça, e eles me guiaram até aqui. Eu não tenho exército para fazer frente à força que Graco utilizou para cair sobre a tua família, como uma porção de feras famintas; no entanto, tenho a justiça do nosso Deus em minhas mãos, como a tem qualquer filho Seu que age de acordo com a Lei; e agiremos de acordo com ela.

"Se tua mãe e tua irmã vivem, voltarão para o teu lado, oh, filho de Ithamar, por cuja memória eu te prometo em nome de Deus!"

– E tu, quem és, Nazareno, dize-me, quem és? A esperança floresce ao som de tuas palavras, e até poder-se-ia dizer que meus olhos vêem a sombra querida de meu pai morto e que estou sentindo em meu pescoço os braços de minha mãe e de minha irmã, que me estreitam para não mais serem separadas. És um Profeta, um mago ou um gênio benéfico daqueles que saem dos bosques sagrados para consolar os homens?

– Tu o disseste, Judá, sou um nazareno cujo coração sente profundamente a dor humana e procura aliviá-la por todos os meios ao seu alcance. Elias, Eliseu e Daniel não usaram dos poderes divinos para aliviar os justos que sofriam? Acaso o poder de Deus se consumiu como a palha no fogo?

Faqui, em silêncio, pensava: "Se este infortunado jovem soubesse o que o príncipe Melchor disse de Jhasua, que ele é o Messias esperado por Israel..."

– No Horto das Palmeiras, sob uma tenda no oásis, ouvi uma história maravilhosa dos lábios de um caudilho árabe. Há mais de vinte anos, vieram à Judéia uns sábios do distante Oriente, que foram guiados por uma luz misteriosa até Bethlehem, onde eles afirmavam haver nascido o Messias anunciado pelos Profetas.

"Eu era muito pequeno, e minha mãe me fazia orar para que, se fossem verdadeiros esses rumores, o Messias salvasse o seu povo do opróbrio, e devolvesse a todos nós a paz e a justiça que nos legaram nossos ascendentes. Nazareno!... não escutaste esta formosa história?"

– Sim, e mais ainda. Sou amigo desses sábios e há três dias estive em Alexandria com o príncipe Melchor de Horeb, um deles, o mais jovem dos três que vieram há vinte anos.

– Oh, bom Nazareno!... – exclamou Judá com veemência – explica-me tudo o que sabes, porque uma sibila me disse em Roma que: "*quando o grande homem esperado no Oriente passasse junto de mim, todas as minhas desgraças seriam remediadas.*"

"Buscando-o, vim ao meu país natal. Sabes onde ele está?... dize-o a mim, pelo Deus de nossos pais."

– Próxima está a tua hora, Judá, e o nosso Deus-Amor me envia a ti como um mensageiro Seu para encher de esperança e de fé o teu coração. Tem calma e

serenidade, porque se o Cristo, Filho de Deus, está na Terra, ele passará próximo de ti, pois tua fé e teu amor assim o merecem.

"Temos meios para investigar nos calabouços da Torre Antônia – disse em seguida, mudando o rumo da conversação. – Um acontecimento inesperado nos ligou ao atual Comandante que administra o presídio e mantém a ordem na cidade.

"Se, amanhã, quiseres permanecer todo o dia na casa de teus pais, talvez possamos trazer-te boas notícias."

– Antes julgo que devemos saber se este moço pode entrar e sair livremente da cidade ou se existe vigilância sobre ele – disse Nicodemos, que até então havia permanecido em silêncio.

– Penso – disse Judá – que, julgando-me morto, não pensarão que eu possa ressuscitar para reclamar justiça contra Graco pelo crime cometido. Meu único temor consiste em que os amigos de meu pai ou seus servidores possam reconhecer-me; tenho tanta semelhança com ele que, divulgada a notícia, temo que seja reiniciada a perseguição.

– Não seria mais prudente levá-lo agora conosco para aguardar escondido até amanhã na sua casa? – insistiu Faqui.

Como todos estivessem de acordo neste sentido, o jovem príncipe chamou o seu criado árabe e avisou-o que iria entrar na cidade. Recomendou também cuidado com o seu cavalo, e que, se *os amigos da montanha* o procurassem, para fazê-los esperar até o seu regresso na noite seguinte.

Sem saber por que essa frase *"os amigos da montanha"* levou o pensamento de Jhasua e de Faqui ao que Joseph havia dito na reunião de Bethlehem: que estavam desaparecendo moços que cruzavam o rio Jordão e se perdiam nos montes vizinhos do deserto.

No entanto, mantiveram silêncio e empreenderam imediatamente o regresso. A porta já havia sido fechada, mas o guardião, pago de antemão, nem sequer observou que vinha mais um com aqueles que haviam saído.

Jhasua com Nicodemos e Faqui retornaram à casa de Lia, e os dois servos seguiram Judá até o solitário palácio de seus pais, onde penetraram pela porta anexa ao palheiro dos estábulos.

Contudo, nem bem entrou na casa de seus ancestrais, a qual se achava na mais completa escuridão, o príncipe Judá, como possuído por um temerário valor, fez saltar o bolorento ferrolho exterior da grande porta principal, saiu à rua escura e gelada e arrancou o cartaz que dizia: "*Confiscada pelo governo romano.*"

– Que fazeis, meu amo? – perguntaram ao mesmo tempo os dois criados.

Sem responder-lhes, Judá arremessou a tabuleta infamatória aos estábulos vazios que ocupavam o pavimento inferior e voltou a fechar por dentro com a pequena prancha de bronze com a qual sempre se havia fechado aquela magnífica porta, cujos altos relevos e incrustações de bronze faziam lembrar o artífice que seu pai trouxera de Tiro, para que a fizesse igual à que o rei Salomão havia posto no palácio de sua primeira esposa, a filha do Faraó.

Tanto como o Rei-Poeta havia amado a princesa egípcia, seu pai amara a sua mãe, a meiga Noemi dos sonhos de sua juventude, para quem fizera construir aquele palácio na rua do Comércio, de cujos terraços podia contemplar todo o formoso panorama da cidade e seus pitorescos contornos.

Quão instáveis e efêmeras haviam sido as ilusões e esperanças que revolutearam como mariposas de luz sob as abóbadas trabalhadas daqueles esplêndidos salões!

Em suas primeiras visitas à casa, Judá não quis passar, de forma alguma, do aposento da fiel criada, junto à cozinha da criadagem. Ao ouvir o ruído de passos e de portas que se abriam, a boa mulher apareceu assustada, com uma lamparina na mão.

Seu júbilo não teve limites quando reconheceu "o seu menino" como ela o chamava e que percorria todas as dependências principais, fazendo acender nelas algumas lâmpadas.

– Amo!... já estás livre e aguardas a chegada da boa senhora e de minha menina querida!...

"Agora queres ver tudo! Está como no dia em que vos arrancaram daqui, porque Amhra não deixou com vida as aranhas nem as poeiras que pudessem destruir este paraíso encantado."

Quando Judá entrou na alcova de sua mãe, encortinada de azul celeste e ouro... viu o divã de repouso no centro, onde ainda descansava o livro dos Salmos e o saltério no qual ela os cantava, seu coração sofreu um doloroso sobressalto e, caindo de joelhos, enterrou a cabeça nos almofadões em que ela se havia apoiado, e uma tempestade de soluços ressoaram surdamente no palácio solitário.

A criada chorava junto a ele, e Eliacin e Shipro faziam inauditos esforços para conter o pranto.

Imediatamente Judá sentiu que alguém punha suavemente a mão sobre sua cabeça. Levantou os olhos, e viu, na penumbra, o rosto ideal com aqueles olhos que nunca pôde esquecer.

– Nazareno! És tu! – exclamou com tal acento de assombro e amor que os criados levantaram também os olhos procurando o personagem aludido.

No entanto, nada viram, a não ser o seu amo, que, desfalecido, deixou-se cair sobre o divã da mãe, mergulhado em profunda letargia.

Shipro, cujo amor por Jhasua lhe fazia compreender que havia *grandes coisas*, conforme ele dizia, naquele formoso e jovem Mestre, tão amado pelo príncipe Melchor, teve a intuição de que Jhasua, Profeta de Jehová, havia aparecido como uma visão a seu amo Judá, para consolá-lo em seu sombrio desespero. E assim realmente tinha ocorrido.

– Não apareceu a mim no deserto quando eu, sozinho no mundo, chorava abraçado ao meu camelo? – perguntou a si mesmo.

Duvidando se havia sido apenas uma visão ou presença pessoal, Shipro tomou a lamparina de sua genitora, que estava mais morta que viva, sentada no pavimento da alcova, e começou a percorrer todas as salas, corredores e escadas, julgando perceber, por momentos, a túnica branca daquele jovem Mestre que, com tanto amor, se aproximara dele... um mísero criado que não valia mais que um pequeno grão de areia no deserto. Cansado de procurar voltou, e o príncipe Judá ainda continuava dormindo.

Os criados puseram fogo nos braseiros para amenizar o gelado ambiente daquela alcova, cobriram com mantas o amo e ficaram a seu lado aguardando o despertar.

Na manhã seguinte, quando Myriam servia o desjejum a seu filho, lhe disse:

– Ontem à noite, até que vos vi chegar, estive preocupada contigo. Não te exponhas a nenhum perigo, meu filho, lembra-te que tens pais.

– Mas, mãe!... – respondeu rindo. – Com este atleta a meu lado, com o guardião Nicodemos e dois servos fiéis, ainda temes por teu filho?

Pouco depois, Jhasua dirigiu-se ao Templo, acompanhado de Faqui.

O jovem africano prestava muita atenção às explicações que Jhasua lhe dava de tudo quanto via referente aos rituais da prática.

A riqueza daquela ornamentação, o artesanato das paredes e do teto, o ouro e a prata dos candelabros, turíbulos e pedestais, eram, na verdade, deslumbrantes. O pensamento remontou há dez séculos atrás, e ele via Salomão consagrando aquele templo a Jehová e abençoando o povo fiel e amante, que se havia desprendido de suas jóias de ouro e pedras preciosas para entregá-lo e adorná-lo em honra ao Senhor.

– O que tem mais valor, Faqui – perguntou o jovem Mestre ao seu amigo absorto em tanta riqueza –, o que tem mais valor, a alma humana, eterna, imperecedoura como Deus, ou este amontoamento de frio mármore, de ouro, de prata e de púrpura, que fala muito alto da magnificência de Salomão?

– Oh... a alma humana, que ama e cria estas e muitas outras belezas!

– Portanto, a alma de um homem justo é um templo muito mais digno de Deus que toda esta riqueza que aqui vemos. Maior obra que a de Salomão fazemos nós quando consolamos uma alma humana que sofre, quando elevamos seu nível moral, quando afastamos os obstáculos que impedem seu caminho para a luz, quando despertamos nela o desejo de verdade, de conhecimento e de sabedoria.

"Se, ao menos sob estas abóbadas de ouro e prata, ressoasse a voz serena da verdade, da justiça e do amor fraterno, que tornará feliz a Humanidade, então poderia a alma abençoá-las e amá-las!... No entanto, quando elas encobrem egoísmos, ambições, comércio, lucro, engano e mentira, misturados em horrível profanação com as orações simples de um povo inconsciente que tudo ignora e procura a Deus aqui com lastimosas súplicas, então sua alma se indigna em rebelião interna e silenciosa, a qual, pouco a pouco, se exterioriza em manifestações que a força e o poder asfixiam com sangue!

"Compreendes, Faqui?... Deus quer somente o amor de uns para com os outros. Quer também a verdade, a justiça e a paz.

"Sem este monumento de mármore e de ouro, o homem poderia ser feliz adorando a Deus em seu próprio coração e no grandioso esplendor da Criação Universal; contudo, ele não pode ser feliz sem amor, sem liberdade, sem justiça e sem paz..."

– Oh!... isto sim, é a suprema verdade – respondeu Faqui com sentir idêntico ao do amigo.

Em seguida, dirigiram-se à galeria coberta que unia o templo com a Torre Antônia, pela qual passeava um soldado em sua resplandecente armadura a brilhar tanto como o ouro e a prata que deslumbrava no templo.

– Poderemos ver o Comandante? – perguntou Jhasua ao guarda.

– Podeis passar por aqui para o pórtico da Torre – respondeu-lhes –; ali dirão se ele quer atender-vos.

Ao anunciar sua visita, Jhasua unicamente disse ao guarda da fortaleza:

– Dirás a teu superior que Jhasua, o nazareno, vem visitá-lo.

Saiu ele mesmo para recebê-lo.

– Bendigo a teu Deus porque vieste – disse tomando-o por ambas as mãos.

– E eu O bendigo porque te vejo feliz – respondeu Jhasua.

– Interessa-te tanto a felicidade dos demais? – tornou o militar a perguntar.

– É a única coisa que me interessa, meu amigo, porque quando tornamos felizes os homens assemelhamo-nos a Deus. Acredita, sinto-me imensamente feliz quando posso remediar a dor de meus semelhantes.

– Teu amigo é estrangeiro, não é verdade? – perguntou aludindo a Faqui.

– Sou de Cirene, ou seja, egípcio da costa do mar. Chegamos há três dias, e acabo de conhecer o famoso templo de Jerusalém. Na realidade, é muito formoso.

– Para quem não saiu do país, é uma maravilha; entretanto, nem bem se viaja algumas milhas por mar ou por terra, vêem-se construções que são verdadeiros cofres de arte e riqueza. Em Antioquia há palácios que ofuscam, em muito, o brilho do Templo de Salomão.

"Fala-me, Nazareno!... – continuou o Comandante. – Que queres que eu faça por ti? Ontem me via à beira da sepultura, e hoje me vejo são e forte, graças a ti. E me obrigaste a silenciar!"

– Naturalmente! – respondeu o Mestre. – Que necessidade tenho de chamar a atenção com ocorrências que não podem ser compreendidas pelas multidões?

"Não me interessa ser tido no conceito de mago, coisa que despertaria o receio e a desconfiança aí dentro!... – E ao dizer assim, Jhasua assinalava para o templo.

"Desta forma, já sabes, Comandante: se realmente me queres bem, não faças comentários sobre tua cura."

– Está bem, Profeta, está bem. Será feito como desejas.

– Eu te disse há um momento que apenas sou feliz quando faço o bem a meus semelhantes – continuou Jhasua. – Necessito de tua ajuda para remediar uma dor muito grande.

– Se estiver ao meu alcance fazê-lo, conta como se já estivesse feito.

– Peço que me digas se nos calabouços desta Torre estão enterradas vivas duas mulheres, mãe e filha, desde há sete anos.

– Digo-te a verdade. Ainda não o sei. Faz somente vinte e oito dias que fui transferido de Antioquia e estou examinando os registros dos presidiários. Até agora não encontrei nenhuma mulher. Ainda faltam todos os calabouços subterrâneos, e não é de supor que tenham encerrado mulheres lá.

"Sabes por quais delitos foram trazidas para cá?"

– Pelo delito de possuírem uma vultosa fortuna, que, em grande parte, passou para as arcas do Governador Graco – respondeu Jhasua, com grande firmeza.

– Nazareno!... que graves palavras acabas de pronunciar! – E o militar levantou-se para observar se nos corredores vizinhos havia alguém que tivesse podido escutar.

Encontrou o soldado que estava de sentinela à entrada e que tinha sido um de seus ajudantes na corrida que quase custara a vida dos três homens.

– Gensius, vem cá – disse. – Reconheces este homem?

– Sim, é o Profeta que nos curou – e, aproximando-se de Jhasua, beijou-lhe a mão.

– Ouviste a afirmação que ele fez referente ao Governador?

– Sim, Comandante, eu a ouvi, mas, como não sou um bastardo, ele pode estar certo de que não a repetirei. Além do mais, em Antioquia ouvi contar um dos casos em que se acusa o Governador de ter mantido um trato com os piratas referente ao assassinato de um príncipe judeu para apoderar-se da sua fortuna. Um dos piratas presos denunciou isto aos gritos quando estava sendo levado para a forca.

"Portanto, pode muito bem ser que essas duas mulheres procuradas pelo Profeta sejam da família do príncipe assassinado."

– Justamente – continuou Jhasua – são a viúva e a filha do príncipe Ithamar, filho de Abdi-Hur.

"Se foram despojados de tudo quanto tinham, é duplo crime sepultá-las vivas num calabouço, onde estão há sete anos."

– Eu sei que chegaram muitas queixas ao Cônsul de Antioquia; no entanto, ainda é mantido o ministro favorito do César, casado com uma irmã de Graco – continuou esclarecendo o militar.

"Vim para cá sob a dependência direta do Prefeito da Síria, grande amigo do Cônsul, e tenho jurisdição sobre a cidade de Jerusalém, sobre esta Torre e também sobre a Cidadela da Porta de Jaffa."

E logo acrescentou:

"Gensius, chama o guardião dos calabouços," e estendeu em seguida um reposteiro corrediço, que deixava ocultos Jhasua e Faqui.

– Aqui podeis ouvir, mas não falar – disse-lhes.

Poucos instantes depois, sentiram os passos de duas pessoas que entravam.

– Guardião – disse o Comandante –, na semana passada me pediste uma licença para atender a um teu negócio em Sidon, e não a dei porque na época não me era possível. Eu te dou agora essa licença pelo tempo que necessitares.

– Obrigado, Comandante.

– Gensius substituir-te-á durante a tua ausência. Ainda não examinei todos os registros. Nos calabouços subterrâneos existem presos apontados como perigosos?

– Sim, Comandante, no calabouço nº 5. É o único para o qual recebi ordens especiais de não entrar nem para fazer jamais a limpeza, porque estão lá três presos que possuem um grave segredo de Estado, motivo pelo qual são mantidos ali para toda a vida. Aquele que recebe a comida e a água para os três tem a língua cortada e não pode falar.

"Os demais são delinqüentes comuns, tais como: assassinos, assaltantes de estradas, etc..."

– Está bem, ensina a Gensius a forma de fazer o serviço e dá-lhe o croqui das passagens e corredores, bem como as chaves dos calabouços.

"Na tesouraria pagar-te-ão o mês que corre e mais cem sestércios, como gratificação pelos teus bons serviços. Agora vai, boa sorte e que te divirtas bastante."

– Obrigado, Comandante, que os deuses te sejam propícios.

Saíram ambos, e o reposteiro foi descerrado novamente.

Jhasua, extremamente pálido, parecia absorto em profunda meditação.

– Ouviste, Nazareno? – perguntou o Comandante.

– Ouvi, sim, ouvi. Dize-me, Comandante, ainda que sejas romano: o que são os teus compatriotas no meio do mundo? Homens ou feras?

O militar compreendeu que Jhasua padecia intensamente e, abrandando a voz, disse:

– Nazareno!... Compreendo que és um homem que está muito acima dos demais. Não podes compreender os homens, sejam romanos ou não, porque todos são iguais quando têm o poder e a força. Hoje é Roma, antes foi Alexandre, Nabucodonosor, Assuero, os Faraós!...

"Não és deste mundo, Nazareno, e não sei se és um deus desterrado ou um anjo desses que os árabes encontram às vezes entre as palmeiras de seus oásis no meio dos desertos.

"Seja o que for, eu devo minha vida a ti, e farei tudo o que possa para agradecer-te. Dentro de alguns momentos, desceremos aos calabouços, se desejas ver, com teus próprios olhos, os condenados.

"Creio que teu amigo é de confiança," acrescentou, olhando para Faqui.

– Sim, Comandante. Disto não tenho a menor dúvida.

"Iremos aonde queiras, contanto que se possa aliviar os horrores que se escondem dentro dessas paredes."

Gensius voltou com um grosso chaveiro e com uma prancheta onde estava gravado o croqui dos calabouços.

– O guardião já partiu, e a primeira porta para descer às galerias é esta – disse, apontando para uma pequena abertura retangular que apenas era percebida na parede do corredor vizinho ao compartimento em que se encontravam.

– Abre, e desçamos – ordenou o Comandante.

Um nauseabundo cheiro de umidade saía daquela negra boca que pressagiava horrores entre trevas densíssimas.

Gensius acendeu uma lanterna que estava à entrada, e eles começaram a andar por um corredor estreito. Logo encontraram a primeira escada, um ângulo, outra escada, mais corredores e passagens. Viraram à direita, logo à esquerda, vendo, ao passar, pequenas portas de ferro com grandes ferrolhos, onde um grunhido, um grito, uma maldição, os avisava que ali havia um ser humano carregado de ódio, de angústia, de desespero. No entanto, não aparecia mulher alguma.

– Falta só este – disse, por fim, Gensius, iluminando com a lanterna o número cinco, assinalado no croqui. É o último calabouço deste corredor.

Abriu e entraram.

Atirado sobre um montão de palha, um vulto se levantou. Entre os emaranhados cabelos cinzentos e a barba em iguais condições, brilhavam dois olhos profundos e duas pálpebras avermelhadas e sanguinolentas.

Coberto de farrapos sujos, em vez de cobertores, o infeliz tremia de frio. As unhas das mãos e dos pés, como garras de águia, faziam compreender o tempo que aquele homem estava encerrado ali.

– Também em teu benefício chegou a hora da liberdade, se queres ser um homem de bem – disse o Comandante. – Há quanto tempo estás aqui?

O preso contou com os dedos até sete. Deu um grunhido, acompanhado de uma horrível careta e apontou para um postigo com uma grade de ferro que se via num dos lados do calabouço.

– Este deve ser o mudo – disse Faqui.

O preso abriu a boca como uma caverna vazia, negra e repugnante que deixava ver as aberturas da laringe. Haviam amputado-lhe a língua.

Jhasua apertou o peito com ambas as mãos para sufocar um gemido de espanto, de angústia e de horror!

– Assim é a Humanidade!... – disse em voz muito baixa, que mais se assemelhava a um gemido.

O infeliz mudo continuava apontando para o negro postigo gradeado. Procuraram a porta do calabouço apontado e viram que havia sido fechada com pedra e cal.

O homem mudo tomou a lamparina do guarda e, com passos trêmulos, aproximou-se do postigo e iluminou-o. Ouviu-se uma voz débil dizendo:

– Uma luz!... Graças, meu Deus, pela bênção de uma luz!...

Era uma voz de mulher, e todos os corações estremeceram de angústia.

"Quem quer que sejas – continuou a voz –, traze-me água, pois minha filha está ardendo em febre e já gastamos toda aquela que trouxeram ao amanhecer.

– Mulher!... – disse Jhasua com a voz saturada de piedade. – Hoje terás a tua liberdade e também os braços de teu filho que te espera são e salvo.

Ouviu-se um grito sufocado e o ruído surdo de um corpo que caía por terra.

O Comandante, Gensius e Faqui, com extraordinário vigor, armados de picaretas, retiraram uma a uma as pedras que fechavam a portinha do calabouço, produzindo tamanha nuvem de pó que quase sufocava os presentes.

Apenas o buraco deu passagem ao corpo de um homem, eles foram penetrando um a um. O quadro era aterrador: dois corpos caídos no solo, entre palhas úmidas e

sujos farrapos, davam sinais de vida pelos estremecimentos que, de tanto em tanto, os agitavam. Tão esquálida uma quanto a outra, só se conhecia qual era a mãe pelo emaranhado cabelo branco que lhe cobria parte do rosto e dos ombros desnudos.

Jhasua e Faqui estenderam seus mantos sobre elas, enquanto o jovem Mestre se ajoelhava para ouvir a respiração e as pulsações do coração. O Comandante já havia mandado buscar água, pão e leite, que lhes foram dados a beber, quase de gota em gota.

– Vai até as tendas do mercado – disse a Gensius – e traze roupas para duas mulheres e uma liteira dupla com mantas.

Nesse meio-tempo Jhasua já não estava mais na Terra. Seu espírito, todo Luz e Amor, todo piedade e misericórdia, estava injetando sua própria vida naqueles corpos quase moribundos.

Faqui não sabia que coisa admirar mais, se o doloroso estado daquelas infelizes criaturas ou o amor de seu jovem amigo que se entregava completamente à dor de seus semelhantes.

A mãe, de natureza mais vigorosa, reagiu primeiro; mas Jhasua, colocando o dedo indicador em seus lábios, determinou silêncio, apontando para a jovem que estava mergulhada como em pesada letargia. Poucos instantes depois, ela entreabriu os olhos e procurou a mãe, que a abraçou, começando ambas a chorar em grandes soluços.

– Sete anos!... sete anos sem saber por quê – disse a mãe, ao mesmo tempo que Gensius descia as escadas com as roupas encomendadas pelo Comandante.

– Traze as padiolas, e que a liteira aguarde na porta do muladar – recomendou o Comandante.

Faqui saiu com o guardião, pois compreendeu que o Comandante queria dar a tudo aquilo o aspecto de um enterro, ou melhor, que retiravam da fortaleza dois cadáveres para a fossa comum chamada *muladar*.

Quando as duas mulheres puderam levantar-se e manter-se de pé, Jhasua entregou-lhes as roupas e retirou-se para o calabouço imediato, onde o mudo, sentado em seu montão de palha, roía um pedaço de pão velho e uma lasca de pescado seco.

– Sabes quem são estas mulheres? – perguntou.

O mudo moveu negativamente a cabeça e, desta forma, por hábeis perguntas, Jhasua compreendeu que era apenas ele quem possuía o grave segredo de Estado, que seus dois outros companheiros se achavam mortos, e que Graco o tinha utilizado como instrumento para reter ali as duas mulheres, sem que a fortaleza se inteirasse de sua presença. Era o mudo quem recebia o pão e a água das duas prisioneiras.

Enquanto aguardavam as padiolas, a mãe informou a Jhasua e ao Comandante que o próprio Graco as tinha encaminhado ao calabouço, fazendo logo emparedar a porta por dois gigantescos escravos gauleses de sua confiança.

– Tendes para onde conduzi-las sem chamar demasiado a atenção? – perguntou o militar.

– Para a sua própria casa, onde as espera o filho desta mulher – respondeu Jhasua.

– Está bem. Levai-as e, se, durante o percurso, forem molestadas por se encontrarem em liberdade, dizei que venham entender-se comigo.

"Amanhã mesmo, enviarei uma correspondência ao Cônsul Magêncio, em Antioquia, que hoje desfruta de todos os favores do César."

– Que Deus te cumule de Suas dádivas, Comandante – disse Jhasua estreitando-lhe a mão. – O que fazes por elas, fazes por mim e eu permaneço teu devedor.

– E a vida que me deste?... – perguntou o militar. – Profeta Nazareno!... não esqueças jamais que tens em mim um verdadeiro amigo para toda a vida.

Jhasua e Faqui com os dois soldados, que, junto com o Comandante haviam sido curados, conduziram a liteira coberta até a porta por onde saíam os cadáveres dos presos falecidos ou executados pela justiça. Era um acontecimento tão freqüente na fortaleza que não chamou a atenção de ninguém. No fundo dos calabouços, os condenados à última pena eram executados sem ruído! Que significaria mais dois caídos sob o machado do verdugo?...

Quando saíram da fortaleza, os soldados retiraram a coberta negra da liteira que indicava a presença de cadáveres, e, logo depois de caminhar por uma ruela solitária, os soldados retornaram sem serem vistos pelos transeuntes.

– Profeta – disse um deles – somos vossos para tudo o que necessitardes, e, muito embora estejamos a serviço do César, não somos romanos e conhecemos bem as injustiças de Roma.

"Chamais aqueles dois homens que vedes à saída desta rua. São dois compatriotas nossos, de Pérgamo, e já estão pagos para carregar a liteira." E ambos entraram novamente na fortaleza pela porta chamada dos *justiçados*, cujo tétrico aspecto crispava os nervos.

Quantos seres humanos haviam saído por essa porta com a cabeça separada do tronco! – pensou Jhasua, quando viu os dois soldados desaparecerem atrás da porta, que voltou a fechar-se até que outras vítimas a obrigassem novamente a ser aberta.

Faqui correu para chamar os dois homens que os aguardavam, e Jhasua levantou a cortina da liteira para ver as enfermas.

As duas choravam silenciosamente.

– Quem és para te compadeceres desta forma da nossa desgraça? – perguntou Noemi, cujo aspecto físico havia melhorado notavelmente.

– Um homem que quer cumprir com a lei que manda *amar ao próximo como a si mesmo.*

– Abençoaremos o teu nome por todo o resto de nossas vidas – acrescentou a mulher.

– Mas, como vamos abençoar o seu nome se ele o oculta!? – perguntou timidamente a jovem, cuja palidez extremada a tornava quase transparente.

Jhasua adivinhou o desejo de ambas e disse:

– Sou Jhasua de Nazareth, filho de Joseph e de Myriam, família de artesãos galileus, educados no amor a Deus e ao próximo...

– Jhasua!... que nosso Deus te dê a paz e a felicidade e também para todos os teus! – disseram ambas com a alma cheia de emoção.

Faqui chegou com os dois fortes e gigantescos homens que ganhavam o seu pão conduzindo liteiras.

Atrás do palácio da família havia uma esplanada solitária e sombreada por um pequeno bosque de sicômoros onde se achava a porta das carruagens. Desceram ali as duas mulheres, e os condutores levaram consigo a liteira, tendo recebido antes uma sacolinha de moedas com que Faqui os obsequiara.

Muito embora com passos ainda vacilantes e apoiadas em seus salvadores, como elas diziam, puderam chegar até a porta traseira do palácio, por onde, em outras épocas, entravam e saíam os carros e os animais carregados com os produtos de seus campos de lavoura.

Jhasua fez ressoar duas fortes aldrabas, cujo eco sonoro se foi repetindo pelas galerias solitárias da enorme mansão.

Pouco depois sentiram o correr dos ferrolhos, e Eliacin, com olhos assustados, olhava sem acreditar no que via quando entreabriu a porta.

– Abre logo – disse Jhasua, empurrando ele mesmo a pesada porta e fazendo passar as duas mulheres.

– Ninguém percebeu a nossa chegada – disse Faqui, fechando novamente a porta, depois de haver olhado em todas direções.

– O príncipe Judá está aí? – perguntou novamente Jhasua.

– Está na alcova da ama e dorme desde ontem à noite.

– Ama Noemi! Ama Thirza! – disse o fiel criado, tocando suavemente nos mantos escuros que as envolviam, ocultando em parte aqueles amados rostos tão belos em outra época e agora tão extenuados e tristes...

Nenhuma das duas pôde pronunciar palavra alguma, porque a emoção apertava suas gargantas e enchia seus olhos de pranto.

Quando chegaram ao grande pórtico da escada principal, ambas se deixaram cair sobre o pavimento tapetado de azul, como o haviam deixado naquele triste inverno de sua desgraça, e começaram a chorar em grandes soluços.

Shipro e sua mãe apareceram no corrimão da escada, e o moço desceu correndo, porque adivinhou o que se passava no grande pórtico. A pobre criada, com mais idade, desceu lentamente, chorando e clamando como se tivesse enlouquecido.

Quando a tempestade de emoções se acalmou um pouco, ajudaram as enfermas a subirem até a alcova de Noemi, onde Judá continuava adormecido.

A mãe ia lançar-se sobre o seu filho para cobri-lo de beijos e lágrimas; entretanto, Jhasua a deteve suavemente:

– O sono de teu filho obedece a um mandato mental, porque era necessário para que não enlouquecesse de dor. Eu o despertarei.

Jhasua aproximou-se do adormecido e, colocando uma mão em sua testa e a outra sobre o peito, chamou-o pelo nome:

– Judá, meu amigo, desperta para abraçar tua mãe e tua irmã, que estão ao teu lado.

O príncipe levantou-se pesadamente e viu Jhasua junto ao divã.

– Nazareno!... Meu anjo tutelar!... Agora não és ilusão, mas realidade! – exclamou com veemência.

E tomou-o pelas mãos.

Jhasua afastou-se um pouco para que o jovem visse aquelas duas mulheres tão amadas e pelas quais tanto havia chorado.

– Filho de minha alma!...

– Mãe inesquecível!...

"Irmãzinha querida!..."

– Judá querido!...

Todas estas frases se misturaram com os soluços, com os abraços, com os beijos enlouquecidos, com os olhares, que, através do cristal das lágrimas, interrogavam, procuravam e suplicavam!

Os criados, de joelhos ante o dolorido grupo, choravam também, abençoando a Deus. Jhasua e Faqui afastaram-se para um dos lados da alcova sem poder articular palavra, pois sentiam em seu próprio coração as fortes vibrações daquela cena final da espantosa tragédia que havia durado sete anos.

– Vês, Faqui? – disse Jhasua, quando a emoção o permitiu falar. – Esta é a única felicidade que desfruto sobre esta Terra: reunir num abraço aqueles que se amam e que a injustiça humana havia separado; ver felizes os meus semelhantes... Oh, quão formoso é, meu amigo, semear de flores o caminho de nossos irmãos e acender uma luz em suas trevas geladas!...

– Por que, quem quer que sejas, pensas e sentes assim, Jhasua, filho de David?

"A cada dia que passa te compreendo melhor, e se aprofunda em mim a convicção de que realmente és aquele que Israel espera..."

– Nazareno de olhos meigos, cheios de piedade!... Somente tu poderias vencer o ódio e a maldade dos homens, para devolver a paz a esta infortunada família – disse Judá, desprendendo-se dos braços de sua mãe e da irmã, às quais recostou no divã.

Sentados a seus pés, os criados beijavam-lhes as mãos e os vestidos, chorando silenciosamente.

– Judá, meu amigo – disse Jhasua, quando o teve a seu lado. – O que fiz por vós, poderia fazê-lo qualquer discípulo de Moisés que quisesse agir de acordo com a lei: *Ama a teu próximo como a ti mesmo.*

– Tuas palavras são a verdade, contudo nenhum discípulo de Moisés faz o que fazes... Nazareno!... dize-me, em nome de Deus, quem és que, deste modo, espantas a dor e aniquilas o ódio? Dize para mim!... quem és?

Jhasua suportou com serenidade o olhar de fogo do príncipe Judá; no entanto, permaneceu em silêncio...

Faqui, com sua habitual veemência, interveio, porque aquela cena era por demais irresistível...

– É o Messias que Israel espera!... não compreendeste ainda?

– Eu o havia pressentido!... – disse Judá com voz profunda, cheia de amorosa devoção. Dobrando um joelho por terra, exclamou com sua voz sonora de clarim de bronze anunciando uma vitória:

– Deus te salve, Rei de Israel!...

A mãe, a irmã e os criados ajoelharam-se também ante aquela branca figura que irradiava mais do que nunca o amor e a piedade de que seu coração estava cheio. Jhasua, que os observava de forma mansa e serena, respondeu a Judá:

– Se sou aquele que dizes, *meu reino não é deste mundo*!

– Filho de David!... Salvador de Israel!... Ungido de Deus anunciado pelos Profetas – disseram ao mesmo tempo a mãe, a irmã e os criados.

Esquecendo todas as dores sofridas, Noemi deixou cair seu pesado manto e pôde ser vista a neve de sua cabeleira. Tomou o saltério no qual tanto havia cantado, e o entusiasmo, acrescido de seu amor, lhe deram forças para cantar o hino dos louvores ao Deus de Abraham, de Isaac e de Jacob, que, num único instante, lhe dera tudo quanto havia desejado durante toda a sua existência: a presença real do divino Ungido e a paz em seu querido lar.

– Se sou ou não o que dizeis, Deus o sabe! – disse Jhasua, colocando um fim naquela cena que o atormentava. – Bendigamos a Deus pela felicidade que vos concede, e peçamos-Lhe os meios de realizar obras dignas d'Ele, que é Amor, Justiça e Sabedoria.

Ouvindo bênçãos e frases de amor e de gratidão, o jovem Mestre despediu-se da família, recomendando que não se deixassem ver pelas pessoas durante uma breve temporada, para dar tempo ao Comandante que conseguisse, com o Cônsul residente em Antioquia, a liberdade e a reivindicação daquelas mulheres, ex-presidiárias sem delito algum.

– Nazareno, filho de David, voltarei a ver-te? – perguntou Judá ao despedir-se dele sob o pequeno bosque de sicômoros, por onde haviam entrado.

– Ainda permanecerei em Jerusalém mais uma semana – respondeu o Mestre. – Depois farei uma breve viagem ao Moab e logo regressarei à Galiléia.

– Eu irei contigo – disse Faqui imediatamente.

– Eu também te acompanharei – acrescentou Judá com veemência.

– Agora deves dedicar-te à tua mãe e à tua irmã, que necessitam mais do que nunca do teu amor e dos teus cuidados.

"E tu, Faqui, meu amigo, se queres agradar-me, ficarás aqui com o príncipe Judá para ocupar o meu lugar ao seu lado. Quero que sejais como dois irmãos.

"Aonde vou, vós não podereis seguir-me: ao Grande Santuário Essênio do Moab, onde os Mestres me esperam. *Devo entrar só*, para receber o último grau que corresponde ao término de meus estudos. Compreendeis?"

– Oh, sim! Tens razão – disseram Judá e Faqui, que se sentiram suficientemente consolados, sabendo que continuariam unidos no pensamento e no amor com o Ungido de Deus, què haviam descoberto numa encruzilhada do caminho, como o viajante que descobre uma luz, uma fonte de águas cristalinas, quando a sede e as trevas o havia enlouquecido de terror!

A Caminho do Cume

– Johanan, o filho de tua prima Elhisabet, espera-me no Santuário do Quarantana para subirmos juntos ao Monte Moab – disse Jhasua a Myriam. – É o encerramento dos estudos aos quais consagrei a minha vida até hoje. Queres esperar-me aqui em Jerusalém ou em Nazareth?

– Será o que o teu pai resolver – foi a resposta da mãe.

Joseph foi da opinião que deviam esperá-lo em Jerusalém, onde também lhe cumpria ultimar uns contratos sobre trabalhos a realizar para um parente de José de Arimathéia, arquiteto de fama, que edificava suntuosos edifícios na populosa Cesaréia.

– Alegra-te, Jhasua, meu filho – disse o velho artesão. – Com este contrato, para todo o madeiramento que necessita esse palácio, poderemos dar trabalho a mais cinqüenta operários.

– Com os sessenta que já tens, forma cento e dez o número dos lares onde ficará assegurado o pão e o calor durante muito tempo. Que Deus te abençoe, meu pai! – respondeu Jhasua.

Antes de partir para se unir a seu parente Johanan, Jhasua visitou os personagens para os quais Melchor lhe dera cartas de recomendação. Todos eles o receberam com grande entusiasmo, pois compreenderam que o clarividente da luz misteriosa que o guiara até Bethlehem estava certo em sua afirmativa a respeito da personalidade de Jhasua.

Em toda casa onde entrou como portador de uma epístola, seu incomparável amor para com o próximo encontrou meios de sanar uma dificuldade, consolar um sofrimento, curar uma enfermidade...

Não por serem famílias elevadas a posições invejáveis, acariciadas pela fortuna, deixavam de ser alheias à dor que visita, indistintamente, as choças e os palácios.

No momento em que o jovem Mestre ia chegar a um daqueles resplandecentes palácios, num delicioso declive do Monte Sião, o príncipe Jesuá, filho de Abinoan, grande amigo de Melchor, lutava desesperadamente com o mais velho de seus filhos

que, não obstante a dor causada ao pai pela recente morte da mãe, queria acrescentar outra tão grande, afastando-se da casa paterna para alistar-se numas legiões que estavam sendo formadas secretamente do outro lado do Jordão, nos países vizinhos ao deserto, com fins de libertação do país.

– Esta carta de meu grande amigo Melchor não poderia ter vindo mais oportunamente – disse Jesuá a Jhasua que, concentrado em si mesmo, irradiava paz e amor sobre o pai e o filho, cuja superexcitação lhe causava mal-estar.

– Deus nos manda aqui o seu Ungido, meu filho, para colocar-nos de acordo – disse o pai, dando um suspiro de alívio.

– Eu tinha uma noiva pura e bela como um anjo, e esses bandoleiros romanos ma arrebataram. Eu a perdi de vista e não sei onde está – disse com infinita amargura o jovem, que contava apenas uns 19 anos.

– É a filha do príncipe Sallum de Lohes, que empreendeu uma viagem sem darnos aviso, e sua família desapareceu pouco depois – acrescentou o pai. – É isso que está desesperando ao meu filho.

– E, se eu te der notícias de tua amada desaparecida, não concordarás em permanecer ao lado de teu pai, conforme ele deseja? – perguntou o Mestre ao jovem desesperado.

– Certamente que sim – respondeu. – Porém, como podes saber onde se encontram?

– Filho – objetou seu pai –, não compreendes que a Luz Divina está com ele? Não ouviste o que diz a carta do príncipe Melchor?

O moço olhou para Jhasua com olhar assombrado, embora cheio de dúvidas.

– A família de Sallum de Lohes está escondida no *Bosque dos Rebanhos*, a milha e meia a sudoeste de Bethlehem – disse Jhasua com tranqüila firmeza.

– Louvado seja o Deus de nossos pais! – exclamou Jesuá cruzando as mãos sobre o peito –, porque já amanheceu no nosso horizonte o dia de glória para Israel!

"És o Ungido de Deus que nosso povo espera! – e aquele homem beijou, enternecido, a orla do manto de Jhasua."

– Deus te abençoe, Profeta! – exclamou o moço cheio de júbilo. – E, se existe verdade em tua palavra, por nosso santo templo, juro-te que não abandonarei a meu pai e que farei quanto me disseres daqui por diante. Chamo-me Ezequiel e serei teu servo por toda a vida.

– Eu só busco amigos – disse o Mestre, estendendo as mãos, que o jovem estreitou efusivamente, antes de partir para encontrar-se com a mulher a quem amava.

Quando se achavam a sós, o Mestre falou nestes termos:

– Não vás julgar, Jesuá, que através da luz *extraterrestre* eu tenha visto o lugar onde se encontra a prometida do teu filho. Eu trazia também para o príncipe Sallum uma carta do nosso amigo Melchor e, ao fazer as averiguações de seu paradeiro – visto como não está em sua residência, que permanece guardada por um velho criado –, soube que ele se encontra com sua família oculto no Bosque dos Rebanhos, como indiquei a teu filho.

– Vejo, Jhasua, que tratas de obscurecer a Luz Divina que resplandece em ti... Por que não declarar abertamente quem és, para que o povo te siga atropeladamente, já que te espera para ser salvo por ti?

– Príncipe Jesuá – disse o Mestre resolutamente –, perdoa minha rude franqueza; mas, se conhecesses os caminhos de Deus e o coração dos homens, não me falarias nesses termos.

– Queres dizer-me com isto?...

– Quero dizer-te que todos os povos da Terra são obras de Deus, criações Suas, criaturas Suas, e que o Seu Enviado trará mensagem de amor e paz para todas as almas encarnadas neste Planeta. Não somente para Israel.

– No entanto, foram os Profetas de Israel que o anunciaram... – observou Jesuá.

– Porque nos desígnios divinos estava marcado este país para o seu nascimento, porquanto Israel teve anteriormente a Moisés, transmissor da Lei Divina, e porque a adoração de um só Deus imutável, indivisível e eterno oferece uma base firme para alicerçar sobre ela a doutrina salvadora da Humanidade.

"A Fraternidade Essênia, à qual pertenço através da família em que nasci e por convicção própria, não concebe um Messias-guerreiro que queira conquistar pelas armas o posto de Salvador de Israel. Os Essênios esperaram sempre um Messias-Instrutor, cheio da Luz Divina e de conhecimentos superiores para demarcar aos homens o roteiro que o conduza a Deus, fim supremo de toda criatura.

"Julgas, porventura, que o povo de Israel, nas atuais condições em que se encontra, cheio de rebeldias e de ódios contra o invasor, aceitará o Messianismo num homem que lhe diga: 'Cuida mais de libertar-te de tuas próprias paixões, que são a causa de todo o teu mal, que do domínio estrangeiro, para o qual abriram a porta os teus ódios, rivalidades e antagonismos injustificados entre irmãos de raça, de religião e de costumes?' "

O príncipe Jesuá guardou silêncio.

– Nada respondes?... – insinuou novamente o jovem Mestre.

– Na verdade, vejo que estou colocado num plano por demais inferior, comparado com a altura da qual contemplas os caminhos de Deus e o coração dos homens.

"Jhasua!... se não és o Ungido do Senhor, pelo menos O compreendes e O sentes, tal como Ele deve ser. Os homens do momento presente são muito pequenos e egoístas para aceitar essa irmandade universal que acabas de esboçar como ideal supremo do Messias anunciado pelos Profetas.

"O povo de Israel aguarda um Josué, que o leve ao triunfo sobre todos os povos da Terra; um Judas Macabeu, um David, um Salomão, um Alexandre Magno, glória da Macedônia!"

– Todos esses nomes não recordam outra coisa que uma semeadura estéril de ódios, vinganças, despojos, crimes e angústia infinita sobre os homens!

"Israel recolhe hoje o fruto envenenado daquela semeadura fatal!"

Ao pronunciar estas palavras, Jhasua deixou escapar um profundo suspiro, que era quase um lamento.

– Causa-me dor, príncipe Jesuá, dizer-te que todos esses nomes que pronunciaste lembram seres que se extraviaram em seu caminho, e seus passos não estiveram de acordo com a Lei Divina...

– Não me negarás que são gloriosos e grandes entre os nascidos de mulher... – argüiu Jesuá, quase escandalizado das palavras do Mestre.

– Falas com ardente entusiasmo do Messias Ungido de Deus, e discordas do ponto de vista que será o seu ideal... – respondeu Jhasua, com evidente amargura. – Ante a Lei Divina que diz: "*Não matarás*", é execrável aquele que, valendo-se da astúcia e da força, manda devastar cidades pelo incêndio e pela pilhagem, matar seres indefesos, anciãos, mulheres e crianças, levados pela errônea idéia de que *são inimigos de Deus.*

"De onde o homem terá tirado a mesquinha idéia de que o Eterno Pensamento, o Infinito Amor, o Poder Supremo tenha inimigos? Tem inimigos o mar? Têm

inimigos o sol, a luz, o ar, a vida? Têm inimigos as estrelas que tremeluzem de ouro no imenso azul? Deus, que é infinitamente superior a tudo isso, porque é o seu Soberano Criador, poderá ter inimigos?

"O Homem, criação de Deus, cego pela sua ambição e orgulho, levanta-se contra outras criações de Deus, dizendo nesciamente: 'Eu sou o senhor porque tenho a força; faço e desfaço conforme me agrada.'

"Desta forma agiu Josué que devastou Jericó, triste primícia na série de cidades que caíram sob o casco de seus corcéis de guerra. Desta maneira batizou ele com sangue a terra abençoada que os anjos do Senhor prometeram a Abraham para sua numerosa descendência... e acabava de ver nas mãos de Moisés as Tábuas de pedra da Lei que dizia: '*Não matarás, não furtarás, amarás a teu próximo como a ti mesmo.*'

"Deste modo agiram também David e Salomão, que mandaram matar fria e calculadamente todos aqueles que lhes estorvavam os caminhos, como, a golpe de machado, se derruba uma árvore ou uma mata de espinhos que obstrói nosso andar pela senda escolhida... Não falo de Alexandre o macedônio nem de outros iguais a ele, porque eles não beberam na fonte da Lei Divina, como Josué, David e Salomão, mencionados por ti.

"Acreditas realmente que o Ungido de Deus virá à Terra para seguir esses mesmos caminhos? Estou para dizer-te que somente pensar isto já representa um verdadeiro sacrilégio!

"Não diz a profecia que: '*Ele não quebrará a cana que está descascada, nem apagará a mecha que ainda fumega*'?

"Não dizem os Livros Sagrados que ele será *como o lenço de lã, como o lírio do vale, como o cordeirinho que se deixa levar ao matadouro sem resistência*?

"O homem desleal e inconseqüente para com Deus o é também para com seus semelhantes.

"Oferece holocaustos a Deus, e pisoteia a sua Lei, não obstante o quanto ela contém de sabedoria, de santidade e de grandeza.

"Se Moisés voltasse a se levantar de sua tumba milenária no Monte Nebo, estraçalharia novamente contra as rochas as Tábuas da Lei, e diria ao povo de Israel, seu depositário: '*Dessa forma cumpristes o mandato divino*'?

" 'Fizeste uma arca de ouro maciço guardada por querubins de ouro e encerrastes nela as Tábuas da Lei de Deus, contudo, a arrancastes de vossos corações, onde cresceram o ódio, o orgulho e a ambição.

" 'Porém, não obstante, o Enviado Divino virá a Israel, porque há muitos justos que O esperam com o coração purificado e com a alma ardente de fé e de amor, como uma velha lâmpada, cuja luz não pôde ainda ser apagada pelo vento de todas as dores humanas!...'

"Sê tu, príncipe Jesuá, uma destas lâmpadas vivas, já que estás tão bem disposto para isso..."

Sem poder conter-se, o príncipe abraçou-se a Jhasua com intensa emoção.

– Bendito sejas, Ungido de Deus, porque me fizeste ver a luz através de tuas palavras que destilam o mel da Sabedoria Divina! – exclamou quando pôde falar.

E Jesuá, filho de Abinoan, havendo perdido a companheira da sua juventude, entregou o que da sua vultosa fortuna correspondia a seus filhos e, pouco tempo depois, partiu para o Horeb, com o fim de reunir-se ao seu grande amigo, o príncipe Melchor, em cuja escola de pesquisas científicas e cultivo espiritual passou o resto da sua vida.

Como um ato de adesão à Fraternidade Essênia que lhe havia servido de mãe espiritual e Escola de Divina Sabedoria, Jhasua viu-se no dever de tratar de entrevistar-se com os Sacerdotes Essênios que prestavam serviço no Templo, para inteirá-los da sua partida para o Grande Santuário do Moab, pois talvez desejassem enviar alguma mensagem pelo seu intermédio ou fazer uma consulta aos Setenta. Esse procedimento era muito usual e correto entre os Essênios, dados os escassos meios de comunicação segura que os solitários possuíam e que estavam circunscritos a eles mesmos.

Myriam, a incomparável mãe, conhecia este hábito dos Essênios, e havia anunciado a Esdras, o sacerdote, sobre a viagem de Jhasua, que pretendia ir completamente só ao Monte Quarantana, e, por isso, teria de atravessar as escabrosas montanhas que tornavam ainda mais perigosa para o viajante a região desértica que rodeava o Mar Morto.

Eram seis os sacerdotes de filiação Essênia que prestavam serviço no Templo; e Esdras e Eleázar eram, além do mais, membros do Sinédrio desde os tempos de Anás, filho de Seth, o pontífice anterior. Eram os representantes da Fraternidade Essênia em Jerusalém, não obstante isso representar um segredo conhecido apenas pelos solitários que viviam retirados em seus santuários das montanhas. Jhasua também sabia disto e ia despedir-se deles, completamente alheio ao amoroso recurso materno que havia encontrado um meio de impedir que seu filho atravessasse o deserto sozinho.

Os discretos Essênios, Anciãos já de 69 anos, secundaram habilmente o desejo de Myriam, sempre cheia de temores por seu filho, e sem que ele percebesse a intervenção dela.

– Oportunidade como esta não poderia jamais voltar a se apresentar a nós – disse Esdras alegremente, quando Jhasua lhes falou de sua viagem.

– Oportunidade para quê? ... – perguntou Jhasua.

– Para subir aos Montes Moab, filho. Não vês que estamos beirando os setenta anos, e ainda não pudemos chegar ao Santuário do Moab?

"Por obrigação determinada pela Lei, deveríamos ter ido há seis anos, mas fomos dispensados pelo Alto Conselho em virtude do que estava ocorrendo em Jerusalém e que exigia a nossa presença aqui. No entanto, atualmente, temos quem nos substitua com vantagem, durante os dias que durar a nossa ausência. Não te incomodas, Jhasua, de carregar estes dois velhos que se apoiarão em ti durante toda a viagem? ..."

Ao mesmo tempo, Esdras e Eleázar estudavam a impressão que esta pergunta causaria em Jhasua.

– Providencial coincidência! – exclamou o jovem Mestre emocionado.

"Por força da enfermidade do Hazzan da Sinagoga de Bethlehem, fostes vós, irmão Esdras, segundo me disseram, quem anotou o meu nome no registro dos filhos de Abraham chegados à vida, e hoje levar-vos-ei como companheiros de viagem para anotar o meu nome no grande livro dos servidores de Deus e da Humanidade."

– No grande livro dos Mestres, digo eu – acrescentou Eleázar.

– Ainda não sabemos se a prova final me há de ser favorável – disse Jhasua.

– Não julgas justo, meu filho, que Eleázar e eu, que tivemos tanta participação na data feliz do teu nascimento, a tenhamos também nesta hora gloriosa da tua consagração como Mestre, como Missionário e como Apóstolo?

– Justo! ... Justíssimo! ... – exclamou Jhasua. – E sou agradecido ao Pai Celestial por me haver feito encontrar tais companheiros para esta viagem, talvez a mais importante da minha vida.

– Quando partiremos? – perguntou Eleázar.

– Se vos agradar, amanhã, ao nascer do sol – respondeu Jhasua.

– Combinado. Iremos buscar-te em casa de Lia.

Na manhã seguinte, quando o sol acendia seus fanais de escarlate e ouro, saíam pela Porta do Pescado três viajantes, que desceram junto às cachoeiras da Torrente do Cédron, e tomaram um tortuoso caminho que lhes demarcava um pequeno arroio, cujas águas corriam a esvaziar-se nas sombrias profundezas do Mar Morto.

Era como uma débil recordação do que havia sido anteriormente a caudalosa Torrente do Cédron, na época quase completamente esgotada.

A majestosa silhueta do Monte Olivete ou das Oliveiras, dourado pelo sol nascente, apresentava em alguns lugares o branco véu envolvente das últimas nevadas do inverno.

Depois, o profundo vale, o Campo do Oleiro e o Acéldama, em seguida aos quais se via o trágico Monte do Mau Conselho, cujas vertentes e colinas apareciam perfuradas por negras bocas, grutas sombrias e sinistras, último refúgio da numerosa família de leprosos, expulsos cruelmente da cidade dourada de David e Salomão.

Fazia apenas uma hora que o sol tinha feito brilhar seus raios no horizonte, quando os nossos viajantes chegaram ao antigo poço de águas doces, En-Rogel (*), único atrativo que restava aos infelizes enfermos, e que aparecia no centro daquela espécie de anfiteatro formado pelas colinas rochosas, como para encerrar, entre elas, os míseros despojos humanos que ainda palpitavam com um resto de vida.

Era justamente a hora em que os leprosos começavam a sair de suas cavernas para tomar sol e buscar água no poço.

– Tende piedade de nós! ... – ouviu-se uma voz de mulher que clamava ao ver passar aqueles viajantes.

Totalmente envolta em mantas, a infeliz aproximou-se do caminho levando um menino pela mão e outro nos braços. Tanto ela como seus dois filhos eram leprosos. Seus farrapos demonstravam bem o cruel abandono em que se encontravam. O menino maior, semi-envolto numa pele de cordeiro, tremia de frio. Jhasua saltou da sua cavalgadura e, procurando entre os bolsões e sacos que levava sobre o jumento, tirou uma manta que entregou à mulher, junto com um pouco de pão e frutas secas, que retirou de sua maleta de viagem. Os dois Essênios observavam-no em silêncio.

– A ele a lepra não pode causar dano algum – disse Esdras ao seu companheiro.

"Ele é o bem em toda a sua perfeição. É a vida na plena força do seu poder soberano. Ele vence a morte!"

Ambos ouviram este emocionado diálogo com a mulher leprosa:

– Não tens família nem amigos?

– Ninguém no mundo se preocupa comigo e com meus filhos, bom Rabi (**), que o Deus de nossos pais te dê a paz e a felicidade.

– E Ele a dará também a ti e aos companheiros – disse Jhasua, vendo que outras cabeças apareciam nas cavernas, e alguns homens e mulheres saíam para fora quando começaram a ouvir vozes humanas a interromperem tão cedo o sepulcral silêncio daquele campo de morte.

Jhasua debruçou-se logo sobre o profundo poço e viu sua própria imagem refletida naquelas águas.

(*) "Fonte do Pisoeiro." Hoje "Bir Ayub", o poço de Jó (N.T.).

(**) "Meu Mestre". Título honorífico dado aos doutores judeus nessa época (N.T.).

"– Meu Pai! ... – pensou. – Deus do Amor e da Piedade! Se é verdade que me dás uma parte de teus poderes divinos, quero que esta água cristalina, tesouro benéfico de Teu Amor Imortal, seja impregnada de energia e vitalidade para estas vossas infelizes criaturas, que vivem morrendo esquecidas e abandonadas por todos!"

Inclinando ainda mais a cabeça sobre o poço, exalou profundos hálitos, pelos quais parecia arremessar toda a energia do seu ser.

Tomou, a seguir, o balde provido de longa corda com o qual se retirava a água e arremessou-o com força no poço, retirando-o em seguida cheio de água. Encheu dela suas mãos unidas em forma de taça e estendeu-as à mulher.

– Bebe – disse; e ela obedeceu imediatamente. Renovou a água por três vezes para dar de beber também às crianças, que beberam.

"Tens fé no poder de Deus, Senhor da vida dos homens?," perguntou.

– Oh, sim, Rabi! ... – respondeu a mulher. – Somente de Deus espero a saúde e a vida!

– Não esperas em vão. O amor de Deus te curou! – disse Jhasua. – Que sejam curados, do mesmo modo, todos aqueles que crerem n'Ele e O adorarem com sinceridade no coração.

A mulher deixou-se cair em terra como desfalecida e os dois meninos, invadidos pelo torpor, adormeceram junto dela.

Jhasua cobriu os três com a manta e, montando novamente, seguiu caminho ao lado dos Anciãos, que não pronunciaram sequer uma única palavra.

Os demais leprosos haviam julgado que se tratasse tão-só de um socorro material por parte de algum familiar daquela mulher tão esquecida de todos, e não deram maior importância ao acontecimento.

Apenas uma mulher, já entrada em anos e que era piedosa de coração, saiu de sua caverna e foi ao poço, junto ao qual estava a jovem mãe com seus dois filhinhos.

– Esse homem é um Profeta de Deus – disse essa mulher. – Eu vi brilhar uma luz na sua cabeça, parecida com o sol da manhã.

Inclinou-se sobre a mulher e os meninos cobertos com a manta do viajante. Seu sono era tão profundo que não foi possível despertá-los.

Então tirou água do poço para encher o seu cântaro e bebeu no oco de suas mãos. Invadiu-a também o mesmo torpor e ficou igualmente adormecida.

Um dos leprosos que viu isto, começou a gritar:

– Levantai todos e vamos atrás do viajante que envenenou a água do poço para matar a todos nós.

Vários deles, enfurecidos, começaram a encher sacos de calhaus para apedrejar o viajante que tanto dano lhes havia causado.

Diante da infernal gritaria que se levantou, foram despertadas as duas mulheres e os dois meninos ...

– Que fazeis, malvados? – gritou a mulher idosa. – Não compreendestes que ele é um Profeta de Deus?

"Não vedes o rosto desta mulher que ficou limpo e sem nenhuma chaga? Não vedes as mãozinhas de seus filhos como rosas recém-abertas ao amanhecer?"

Ao verem a realidade dessas afirmações e que também a mulher de mais idade demonstrava ter sido curada, rasgaram ainda mais os seus farrapos, e começaram a golpear o peito com as pedras que haviam reunido para apedrejar o viajante.

– Somos uns insensatos. Poderíamos também ter sido curados e não compreendemos nada deste mistério de Deus! – gritaram desesperados.

– Somente porque o Mal se aninha em vossos corações pensais sempre nele, sem deixar um lugar vazio para que penetre o Bem – disse-lhes a mulher que havia visto uma grande luz sobre a cabeça de Jhasua.

– Bebei da água do poço como nós bebemos. Queira Deus perdoar vossas maldades e que sejais curados – continuou ela a dizer a todos que chegavam ao poço atraídos pela novidade.

Uma tempestade de prantos, gritos e clamores pedindo perdão a Deus pelos maus pensamentos a respeito do Profeta, encheu os ares com estranhos sons.

– Profeta, Profeta de Deus! Tende piedade de nós! ... Não te irrites contra nós! ... Perdoa a nossa iniqüidade! ... Não nos deixes mergulhados nesta horrível miséria! – e os clamores continuavam aumentando de maneira ensurdecedora.

Os viajantes já estavam distantes e era materialmente impossível que essas vozes chegassem até eles. Entretanto, a sensibilidade de Jhasua captou a vibração dolorosa daqueles pensamentos profundos expressados em gritos, e disse imediatamente:

– Se não vos molestar, peço que desmonteis para fazermos um breve descanso.

– Como for do teu agrado – responderam, e desceram para repousar durante alguns momentos à sombra de um pequeno bosque de carvalhos junto ao caminho.

Jhasua estendeu-se sobre uma manta e, pouco depois, estava adormecido.

Os dois Anciãos compreenderam que se tratava de um fenômeno psíquico, uma irradiação de forças espirituais do Homem-Amor, que havia descido ao plano físico para salvar a Humanidade.

Concentraram, então, seus pensamentos em profunda oração, ajudando a obra que adivinhavam.

Nesse meio-tempo, na colina dos leprosos, continuavam os lamentos, e o desespero ia sendo transformado em fúria incontível contra as duas mulheres curadas, por não haverem chamado a todos para que recebessem idêntico benefício.

De repente, aquela mulher que tinha faculdade clarividente, começou a gritar:

– Calma, calma, que o Profeta voltou! Observai-o ali, apoiado no tronco de carvalho, junto ao poço! Olhai!

Para muitos daqueles infelizes foi visível, em maior ou menor grau, a figura astral diáfana e transparente do jovem Mestre, que, estendendo suas mãos sobre todos, parecia dizer: "Paz sobre todos vós!"

A esperança e a fé foram transmitidas a todos os que o viam, e a evidência da cura das duas primeiras mulheres e dos meninos avivou aquela fé, que acabou formando uma grande força colaboradora com o pensamento e a vontade do Cristo adormecido.

As duas mulheres curadas multiplicavam-se para dar de beber a todos e, pouco a pouco, todos foram sendo invadidos pelo torpor, presságio da cura.

Poucos dias depois, os átrios do templo se viram invadidos por homens, mulheres e crianças que, em cumprimento da Lei, pediam para serem examinados pelos sacerdotes de plantão, a fim de serem declarados limpos da espantosa enfermidade, da qual, por fim, se viam livres.

Quando foram interrogados, apenas puderam dizer:

– Um jovem Profeta, com dois Anciãos, passou pelo poço de En-Rogel. O jovem abençoou as águas; todos bebemos e ficamos curados.

Ofereciam o holocausto ordenado, segundo suas possibilidades, e cada qual continuou sua vida, abençoando ao jovem Profeta que semeava o bem a mãos-cheias, sem olhar para trás em busca de recompensa.

Na mente dos Anciãos de Israel, reviveu a distante recordação dos três estran-

geiros que chegaram há vinte e um anos anunciando que havia nascido em Bethlehem o Salvador do mundo, ao qual vinham apresentar suas homenagens.

– Jehová mantém Sua promessa – disseram – e não esqueceu este povo.

"O Messias anda por esta Terra e se mantém oculto em razão de nossas iniqüidades; no entanto, logo se apresentará como uma luz no horizonte; como uma voz sonora que há de chamar a todos para os seus postos a fim de deitar abaixo as tiranias e estabelecer seu reino de paz e de glória perdurável."

Por mais que os viajantes se apressassem, não puderam evitar que as freqüentes voltas do caminho devorassem o tempo.

Logo que entraram em pleno deserto montanhoso e árido, Jhasua compreendeu perfeitamente a aspereza da penitência que os Essênios impunham a si mesmos para atravessá-lo e chegar ao Monte Quarantana, onde o menor de todos os Santuários era uma espécie de acesso ao grande Santuário do Monte Moab.

No entardecer do primeiro dia de viagem, ao darem a volta num ângulo do caminho, depararam-se com um desmoronamento na montanha que interrompia o arroio que lhes servia de guia. Devia ser recente, porquanto os Terapeutas ainda não haviam tido tempo de colocar uma tabuleta indicatória, já que eram quase só eles que transitavam por aqueles caminhos.

Para quem não tivesse a devida prática, era muito fácil desorientar-se no deserto, principalmente nesse da Judéia, que era um labirinto de montes e de rochas como que plantadas estrategicamente no vasto areal, formando desfiladeiros perigosos e encruzilhadas sem conta.

– Creio que pouco poderemos andar antes que chegue a noite – mencionou Jhasua a seus companheiros. O mais prudente será procurar uma gruta e refugiarmo-nos nela. Ficai descansando aqui, enquanto examino este labirinto em busca de um refúgio. Ainda cai neve durante a noite, e não podemos ficar ao relento.

– Está bem, jovem – responderam os dois Anciãos. – Cuidado para não te extraviares! Se demorares, chamaremos com os apitos.

Jhasua desapareceu atrás de uma encruzilhada, em que uns poucos carvalhos diminutos, emaranhados com sarçais, pareciam oferecer uma boa guarida contra as feras que abundavam na região.

Para defender-se delas, os Terapeutas-Peregrinos usavam uma espécie de lança fabricada com pedaços de bambu, embutidos uns nos outros, facilmente desmontáveis, e com uma ponta de ferro numa das extremidades. Jhasua levava a sua e apoiava-se nela para andar.

Pouco depois, encontrou um jumento morto, já despedaçado e em parte devorado pelas feras.

– Foi morto há pouco tempo – pensou. – Próximo daqui deve andar algum viajante que o montava.

Continuou examinando as rochas em busca de uma gruta que não tardou muito em encontrar.

Quando chegou à entrada da gruta, observou o seu interior e ouviu uma respiração agitada e um doloroso gemido.

– Quem vive aqui? – perguntou.

– Um infeliz viajante sentindo que vai morrer – respondeu a voz.

– Posso socorrer-te – replicou o Mestre. – Que desejas?

– Estou ferido e morto de sede. A vinte passos atrás desta gruta passa o arroio interrompido pelo desmoronamento que me alcançou e quebrou as pernas da minha montaria, motivo pelo que me vi obrigado a sacrificá-lo.

– Que desgraça em pleno deserto! Contudo, tem coragem e bom ânimo, que já te socorreremos. Somos três e temos boas cavalgaduras. Só pedimos permissão para compartilhar desta gruta para passar a noite – respondeu Jhasua, retirando uma caneca de barro do escasso equipamento do ferido para dar-lhe de beber.

Encontrou o arroio que, forçosamente, havia desviado o seu curso, e, depois de haver servido água ao ferido, voltou para buscar seus companheiros, aos quais mencionou o acontecido. Levando os jumentos pelo bridão, chegaram, pouco depois, à gruta, onde o ferido continuava se queixando.

Jhasua com Esdras procederam à sua imediata cura, enquanto Eleázar trazia ramos secos e acendia uma fogueira naquela gelada gruta, onde o frio se fazia sentir ainda mais intenso.

O ferido estava com uma horrível dilaceração nas costas, onde o sangue coagulado e seco de dois dias e sem tratamento lhe produzia grandes dores. Suas costas pareciam uma chaga viva quando a ferida foi lavada. Jhasua fez mechas e vendas do pano de seu turbante, e, pondo toda a força de sua vontade e de seu amor em aliviar o semelhante, fez com que bebesse vinho com mel, e, mentalmente, determinou que dormisse.

"– Quero que no teu sono sejas curado" – disse com seu pensamento posto em ação qual poderosa corrente que estremecia todos os membros do homem adormecido.

– Quanto tempo dormirá? – perguntou Esdras, compreendendo imediatamente que aquele sono era provocado por uma ordem mental.

– Até o amanhecer – respondeu Jhasua agasalhando solicitamente o ferido. – Enquanto preparais a nossa ceia, trarei palha e feno para os leitos.

Afanosamente, ia e vinha trazendo grandes braçadas de palha até formar três bons montões na parte mais interna da gruta.

Deu de beber aos animais, deixou-os atados nos melhores pastos à beira do arroio, sob umas amoreiras silvestres, e foi logo sentar-se ao lado dos Anciãos, que o esperavam com a frugal refeição sobre uma branca toalha estendida sobre o pavimento.

– Graças ao Eterno Amor, teu dia hoje foi bastante laborioso, Jhasua! – disse Esdras iniciando a conversação.

– Como deverão ser todos os dias do bom servidor de Deus e da Humanidade – respondeu Jhasua.

– Em verdade, é muito triste o dia em que não podemos realizar uma obra de utilidade para nossos irmãos.

– Que julgas terá acontecido no monte dos leprosos? – voltou Esdras a perguntar a Jhasua.

– Aqueles que tiveram fé no Poder Divino que quis agir neles foram curados. Estou certo disto.

– E os demais? ... – interrogou Eleázar.

– Sofrerão sua própria pena, porque o Deus-Amor se dá a todo aquele que quiser recebê-Lo. Desta forma eu compreendo a Deus.

– O assombro será grande nos sagrados átrios, quando lá se apresentarem tantos leprosos curados, pedindo para serem devidamente reconhecidos, conforme determina a Lei, e poderem incorporar-se às suas famílias e amigos – observou Esdras.

– Será um grande tumulto – acrescentou Eleázar –, porque percebi que o Monte do Mau Conselho é uma verdadeira cidade de leprosos, sendo também elevado o número deles. Desde os tempos de Elias e de Eliseu não se tem mencionado semelhantes prodígios.

– Moisés realizou obras que superam as de Elias e Eliseu – disse Esdras.

– Moisés! ... Moisés! Quão grande era Ele e quão mal compreendido foi! – exclamou Jhasua.

– As almas encarnadas nesta Terra, meu filho, não podem compreender almas como a de Moisés. Nem sempre as grandes almas podem colocar-se em sintonia com as das pequenas e mesquinhas multidões.

"A idéia do Bem pelo próprio Bem é quase completamente alheia à Humanidade deste planeta.

"Amar por amar, sem esperar nada dos seres amados, é como uma flor exótica que vive isolada no pico de um monte, aonde a maioria dos humanos não consegue chegar.

"Moisés amou tanto a seu povo escravo no Egito que não omitiu esforço algum para salvá-lo. No entanto, seu povo amou-o egoisticamente sem compreendê-lo. Amou-o apenas pelo bem que dele recebia e esperava receber."

– É fácil para mim admitir – observou Jhasua – que o povo de Israel não tenha chegado a compreender Moisés; mas o que não posso conceber são as mudanças que fizeram em seus livros. Por que e para que fizeram isto?

– Tenho pensado muito neste assunto – disse Eleázar – e ouvi outros irmãos nossos se estenderem sobre este tema, principalmente aqueles que visitaram o arquivo do Moab e a tumba do grande Legislador, no Monte Nebo.

"Dizem eles que os escritos autênticos de Moisés são bem poucos e muito breves. Encaminhamo-nos ao Grande Santuário onde eles estão guardados num cofre de mármore. Não sei se nos será permitido vê-los; todavia, não duvido da verdade das palavras de quem a ouvi.

"Moisés escreveu o relato de sua grandiosa visão sobre a criação de nosso Sistema Planetário em geral, começando pela formação da nebulosa que lhe deu origem; logo a seguir, descreveu a evolução lenta deste globo em que habitamos, até chegar à sua capacidade de albergar seres com vida orgânica, e, finalmente, à da espécie humana.

"A isto é que se chamou *Gênese*. São autênticos escritos de seu próprio punho, no mais antigo aramaico, os hinos e as orações a Jehová, como também a chamada *Bênção de Moisés* e, sobretudo, a *Lei* com os dez mandamentos claros, explícitos, que não deixam lugar a tergiversações nem a dúvidas.

"Tal é o texto autêntico de Moisés, segundo os Anciãos do Moab, guardiães milenários de seus escritos e de sua sagrada sepultura. A Fraternidade Essênia tomou como base, para seus estatutos e regulamentos, os poucos escritos verdadeiros de Moisés, principalmente a Lei, com seu mais sublime mandato: 'Amarás a teu próximo como a ti mesmo' ...

"Os demais livros, que começam sempre com esta mesma frase: 'E Jehová disse a Moisés' ... indicam claramente não terem sido escritos por ele, que, em tal caso, diria: 'Jehová me disse' ... Além do mais, dos escritos originais, alguns estão em hieróglifos egípcios, outros em língua caldaica, uns poucos em hebraico antigo, e com traços diferentes de letra, demonstrando, assim, terem sido interpolados pelos escribas do povo de Israel e por ordem de seus dirigentes, depois da morte de Moisés."

– A boa lógica – acrescentou Jhasua –, único meio de orientar-nos em tão densas trevas, exige que aceitemos tudo quanto dizeis como a pura verdade. De outro modo, não se pode conceber que Moisés, tendo recebido a Lei Divina por vias espirituais tão elevadas, entre as quais este preceito: "*Não matarás*", escrevesse, logo a seguir, ordenando castigos com sentenças de morte individuais ou coletivas e

incluindo até anciãos, mulheres e crianças, por pecados ocultos ou públicos, graves ou não, conforme o ponto de vista com que são examinados, e, menos ainda, para obter usurpações de territórios, cidades e bens de fortuna pertencentes a outros povos. Onde fica o "*Não matarás*" da Lei? E, principalmente, onde fica o "*Ama a teu próximo como a ti mesmo*", resumo e síntese de toda a Lei?

"Por isto digo que Moisés, além de não ter sido compreendido pelo seu povo, ainda foi horrivelmente caluniado e desprestigiado como legislador, instrutor e dirigente de povos."

– Eu penso – observou Eleázar – que, quando ocorreu a sua morte, o povo de Israel, tão rebelde e desordeiro, e já sem o freio que, para ele, significava a poderosa influência que Moisés exercia, deve ter-se entregue a toda sorte de excessos e delitos.

"Os Anciãos que rodeavam a Josué, filho de Num, jovem ainda e sem experiência, devem ter-se visto obrigados a impor severas penas para conter esse desregramento do vício e da maldade em todas suas formas mais repugnantes e ferozes. Para dar-lhes força de lei, antepuseram a todos os escritos chamados *mosaicos* esta frase invariável: 'E Deus disse a Moisés: Dirás ao povo de Israel isto e aquilo, etc., etc.' "

A noite já havia chegado àquele sinistro acampamento de rochas, no qual não se via outra luz além do tênue resplendor, que, pela boca da caverna, saía para o exterior. Alguns uivos de lobos fizeram-se ouvir ao longe, e Jhasua correu para trazer os três jumentos para o interior da caverna, cuja entrada cobriram com ramos de árvores e palha seca.

Preparou fachos com palha e ramos secos atados ao extremo de uma vara, para acendê-los no caso de que as feras chegassem até o recinto da caverna. Tal procedimento havia ele aprendido com os Terapeutas-Peregrinos, mas não foi necessário empregá-lo, porque as feras permaneceram onde se encontrava o asno morto que haviam visto junto ao caminho.

– Como são frágeis os seres revestidos de matéria! ... – exclamou, pouco depois, Esdras, sentado sempre junto ao fogo, em cujas ardentes cinzas assava castanhas.

"Basta o uivo de uma fera, para fazer-nos abandonar toda uma elevada dissertação sobre a autenticidade das obras de Moisés."

Os três riram com bastante prazer, e Jhasua disse:

– A vida de nossos jumentos vale muito mais que a satisfação que sentíamos na conversação iniciada.

– Principalmente, se levarmos em conta que somente poderemos chegar ao nosso destino por intermédio deles – observou Eleázar.

– E, com a neve que começa a cair, estes horríveis caminhos devem tornar-se intransitáveis – acrescentou Jhasua.

– Amanhã, antes do anoitecer, estaremos resguardados de todas essas contingências no Santuário do Monte Quarantana – acrescentou Eleázar.

– Que Deus vos ouça, bom irmão, porque vos asseguro que uma hospedagem como esta não é muito de meu agrado – disse Esdras, demonstrando estar mais debilitado pelos anos e pelos trabalhos mentais.

– Isto nos serve para apreciar, em todo o seu valor, bem próximo do heroísmo, a tarefa de nossos Terapeutas-Peregrinos, que não são muito doutos nem sobem muito alto na contemplação e estudo dos mistérios de Deus, mas cuja obra de amor fraterno os assemelha, na Terra, aos *Círios da Piedade*, dos quais falam os videntes do mundo espiritual.

Pouco depois, recitavam juntos o salmo da ação de graças, e cada qual se recolheu ao seu leito à espera do novo dia para continuar a viagem.

Ao amanhecer, o ferido encontrou curada a dilaceração em suas costas e já não sentia dor alguma. Explicou que ia com destino à Fortaleza de Massada, mais além de En-Gedi, onde deveria ocupar o posto de padeiro.

Havia saído da Torre Antônia pela benevolência do novo Comandante que, desde que fora curado milagrosamente de suas feridas no dia das corridas em Jericó, se havia tornado tão compassivo que as prisões estavam ficando vazias.

– É uma boa maneira de agradecer a Deus o benefício recebido – disse Esdras. – Desta forma deves imitar sua conduta, e, já que atuarás num presídio, trata de suavizar a vida dos infelizes reclusos.

– Fui remetido para o calabouço em razão de uma desavença com os esbirros do Governador Graco. Estive a serviço do príncipe Sallum de Lohes antes que fosse iniciada a injusta perseguição que se fez contra ele. No momento em que o assaltaram numa escura ruela, onde dois criados o esperavam com o cavalo, eu caí como um ciclone sobre os assaltantes, que, na escuridão da noite, julgaram que éramos muitos, tal o ruído e a gritaria que eu armei, dando a impressão de que guiava e animava aqueles que me seguiam. Conseguido o objetivo, que era dar tempo a que o príncipe escapasse, não foi possível livrar-me dos esbirros, que, depois de me maltratarem, me arrastaram para a Torre Antônia, onde estive até agora.

"– És um homem agradecido ao teu amo – disse-me o Comandante – e poucos em teu lugar teriam feito o mesmo. No entanto, como não é prudente, por enquanto, que te vejam aqui, dar-te-ei um destino que, se não é muito lisonjeiro, pelo menos assegurar-te-á a vida e o meio de sustentar tua família."

– E destinou-me a Massada, quando soube que meu ofício era padeiro. Não me restava outra alternativa que aceitar. Contudo, minha felicidade seria completa se viesse a encontrar o meu antigo amo e voltasse para o seu lado. Não me foi possível localizar seu paradeiro desde aquela noite fatal.

– Se me prometeres ser discreto, direi onde ele se encontra – disse Jhasua olhando fixamente para o homem.

– Se fui encerrado no calabouço para poder salvar o meu amo – tornou a confirmar o homem – podereis compreender facilmente que não hei de prejudicá-lo, ainda que, por enquanto, não possa segui-lo.

– Ele está escondido com sua família no Bosque dos Rebanhos, a Sudeste de Bethlehem, onde eu o visitei.

– Então sois seu parente ou amigo?

– Amigo somente – respondeu Jhasua.

"O Comandante da Torre Antônia já se encarregou da reivindicação de seus direitos para que possa voltar para casa.

"Encarregarei um de nossos Terapeutas – continuou dizendo Jhasua – para que te dê aviso logo que o teu amo tiver voltado a residir na sua casa."

Quando chegou o momento de continuar a viagem, Jhasua ofereceu o seu jumento ao ex-ferido, mas este recusou dizendo que era originário das montanhas de Beashura e que se arranjaria muito bem em caminhar entre elas até En-Gedi, onde pernoitaria na já conhecida Granja de Andrés; aí deveria separar-se de seus companheiros de viagem.

A alegria dos bons montanheses do Quarantana ao verem Jhasua, jovem de 21 anos, não é possível ser descrita, mas pode ser sentida nas profundas vibrações do amor daqueles simples e bons corações.

A anciã Bethsabé, forte ainda apesar da idade, sentiu-se capaz de oferecer uma grande festa ao *Santo Menino*, como continuava a chamar Jhasua.

– Mãe Bethsabé – disse este jovialmente –, não vês como já me cresce a barba? Já deixei de ser menino, não obstante ainda me sentir assim. Tornavam-me bastante feliz os mimos de todos!

Os filhos de Jacobo e Bartolomeu afeiçoaram-se a Jhasua, que brincou amorosamente com eles! O maiorzinho dos meninos exclamou com muita agudeza de espírito:

– Foi uma grande sorte teres vindo, Jhasua, para podermos descansar de repetir, dia após dia: "Olhai, bom Deus, pela saúde e pela vida de Jhasua, nosso Salvador."

– Dizeis isto diariamente? Pois podereis ver que o bom Deus vos escutou, posto que estou aqui em perfeito estado de saúde. Dizei-me: Que classe de salvação é essa que esperais de mim?

– Olha, Jhasua! ... isto deve saber a avó Bethsabé, que é quem nos ensinou a rezar assim.

– Tonto, mais tonto que um filhote de perdiz! – disse uma esperta e viva menina, filha de Bartolomeu. – Jhasua nos salvará de todos os males e de cair no precipício. Já esqueceste quando ficaste pendurado num ramo sobre o abismo, e teu pai gritou: "Salvai-o, Jhasua, por Deus! Salvai-o!" E ele te salvou ... já esqueceste?

Jhasua riu alegremente ao ouvir essa conversação, e a menina, aquela a quem chamavam Sabita, diminutivo familiar do nome da avó, aproximou-se confiadamente dele, vendo que suas palavras lhe haviam agradado.

– A Luz de Deus está em ti, Sabita, e serás a estrela benéfica deste lar – disse Jhasua acariciando-a. Quantos anos tens?

– Vou completar oito, e já quase sei de memória as orações da avó, e passo, sem emaranhar, os fios no tear.

– E sabes melhor reclamar quando separo para mim as melhores castanhas ... – murmurou um dos rapazinhos.

– Ah, comilões! ... Então temos destas coisas! – disse Jhasua, como se voltasse a ser um menino entre as crianças.

– É que não se pode perder a este de vista! ... – disse Sabita com gravidade. – Ele come o que existe de melhor, e deixa o pior para o pai, para a avó e para os tios.

– Cada pardal defende a sua parte! ... – argüiu o pequeno glutão defendendo-se.

Rindo, Jhasua disse-lhe:

– Estás enganado, meu amiguinho. O pardal procura o que é seu; no entanto, antes leva para o ninho o que encontra de melhor.

"Suponha que um dia adoeças ou machuques um pé e não possas andar. Agradar-te-ia que teus irmãos ou primos comessem as melhores frutas e te deixassem as piores?

– Oh, não, isto não! – respondeu o menino.

– Então deveis todos acostumar-vos com este pensamento: "Farei com os demais do mesmo modo como quero que eles façam comigo." Compreendeis? Esta é a salvação que podereis esperar de Jhasua.

A avó Bethsabé, escondida atrás de uma cortina de juncos, observava esta simples cena entre o Homem-Luz e seus netinhos e, não obstante sua rusticidade, a boa mulher encontrava nela o amor inefável de Jhasua manifestado em todos os momentos da sua vida.

No dia seguinte, Jhasua passou ao Santuário juntamente com seus companheiros de viagem. Encontrou apenas três dos solitários que moravam ali na última vez em que lá esteve, quando tinha 12 anos de idade. Haviam passado então nove anos. Dois deles se haviam incorporado ao Santuário do Monte Ebat, recentemente restaurado,

como o leitor deve lembrar. Outro havia ido para o Tabor, para formar parte da alta Escola de Conhecimentos Superiores, na qual Jhasua completou sua instrução e o desenvolvimento de suas faculdades espirituais. O quarto, Abiathar, um dos três que levaram a notícia de seu nascimento ao Grande Santuário do Moab, havia sido designado pela Fraternidade Essênia para completar o Conselho dos Setenta, onde a morte havia deixado muitos lugares vazios.

Junto dos três anciãos, já seus conhecidos, encontrou outros três, ainda jovens, e Johanan, seu parente, que era o mais moço de todos, com apenas 22 anos de idade. Os outros três eram Levitas que, profundamente enojados com o que ocorria no Templo de Jerusalém, renunciaram aos direitos e privilégios outorgados pela Lei e preferiram a vida pura e independente das grutas essênias, a viver presenciando, sem poder remediar, as abominações do templo.

Poderiam ter-se dedicado, como outros o fizeram, às especulações filosóficas e aos altos estudos que, sob a direção de Simeão, o novo Reitor e de outros Doutores, eram feitos no Grande Colégio de Jerusalém. Contudo, julgaram-se débeis demais para viver sem contaminar-se dentro daquele abismo de ódios e de ambições, de lutas fratricidas e desordens de toda espécie.

Ali, no Santuário do Quarantana, preparavam-se para formar parte dos Terapeutas-Peregrinos, que eram os dois primeiros graus a que estavam sujeitos os Essênios, antes de entrar na vida solitária para o desenvolvimento das faculdades superiores do espírito.

Além disto, circunstâncias dolorosas ocorridas em seus respectivos lares haviam contribuído fortemente para esta resolução.

Os três Levitas buscaram, pois, na solidão das grutas, a facilidade de poder viver de acordo com suas consciências e, ao mesmo tempo, de curar as profundas feridas que o contato com a Humanidade lhes havia causado.

Seus nomes eram Felipe, Bartolomeu e Zebeu. Este último foi enviado ao Santuário do Hermon para trabalhos especiais. Os três fizeram parte, mais tarde, do grupo dos doze apóstolos. Nascidos na Galiléia, haviam passado em Jerusalém a maior parte de suas vidas. O mais velho dos três era Felipe, com 39 anos, recentemente enviuvado, e com duas filhas, quase meninas, que se encontravam sob os cuidados da avó materna. Além da dor pela morte de sua companheira, tinha o caso de sua mãe, que contraíra segundas núpcias com um idólatra, guarda da escolta de Valério Graco, homem perverso que secundava todas as arbitrariedades e violências de seu senhor, bastando para isto que sua cumplicidade fosse muito bem paga.

Tais eram os solitários que Jhasua encontrou no Santuário do Monte Quarantana. Entre os três Anciãos achava-se Sadoc, que era o servidor, um dos três que, vinte e um anos antes, foram levar ao Santuário-Mãe a notícia do nascimento de Jhasua.

O leitor facilmente adivinhará a emotiva e terníssima cena que aconteceu à chegada de Jhasua, a quem os Anciãos consideravam como um glorioso filho que devia ser luz, consolo e esperança para todos.

A poderosa vibração de amor do Mestre foi imediatamente percebida pelos Essênios jovens, que apenas o conheciam e lhe dedicaram um afeto decidido e entusiasta, e que, desde aquele momento, quiseram segui-lo como discípulos.

Numa confidência íntima com eles, o jovem Mestre se revelou sem pretendê-lo, graças à grande penetração espiritual que possuía, a qual, unida à sua delicada sensibilidade, lhe permitia ler no fundo de seus corações.

Que explosões de claridade espiritual se derramaram sobre as almas daqueles

três derrotados da vida, que apenas a haviam iniciado, quando a voz dulcíssima do Mestre foi desfolhando sobre suas feridas as flores frescas de seu coração, cheio de esperança, de amor e de fé!

– Viestes para as grutas dos Essênios em busca da quietude e da paz que a sociedade dos homens vos negou – disse. – Entretanto, não deveis albergar em vossos corações a covardia de uma renúncia à vida só porque ela vos brindou com sofrimentos.

"Vir para cá por um ideal de superação de todas as misérias humanas e em busca do alto conhecimento dos mistérios divinos é uma grande coisa, principalmente é tudo de grande e de belo que pode aspirar a alma humana encarnada.

"Mas este grande conhecimento somente chega à alma do homem depois de ele beber todo o fel das ingratidões humanas, do abandono, do esquecimento, do desamor daqueles a quem se haja entregue integralmente em sacrifício, sem se deter em pensar que aquelas criaturas amadas não poderiam jamais dar-lhe o que não possuíam: a essência pura de um amor sem interesse, sem egoísmos, capaz de perpetuar-se através de todos os contratempos e de todas as contingências.

"Às vezes somos brindados com a taça transbordante de seus amores efêmeros, pensando que recolherão de nós a satisfação de suas ambições e desejos, e esses amores duram apenas o tempo em que vive a ilusão. Desvanecida esta, os afetos morrem como morre o peixe fora da água, como a erva arrancada da terra, como a luz de uma lamparina quando se esgota o azeite.

"A alma que sonhou com amores mais fortes que a morte e eternos como ela mesma começa a saborear a amargura da agonia que a levará ao aniquilamento da sua esperança e da sua fé na vida, nos seres e até em si mesma."

Enquanto dizia isto, Jhasua viu que duas grossas lágrimas sulcavam o nobre rosto de Zebeu, em cuja aura mental a clarividência do Mestre percebeu a imagem de uma jovem que se afastava extraviando-se nos caminhos da vida, porque o prometido esposo havia perdido, por diversas contingências humanas, os bens materiais que possuía.

E o mestre continuou:

– Isso não era amor, Zebeu, mas tão-somente ilusão do próprio bem que ela perseguia em ti, como o menino que persegue uma dourada mariposa no horto de sua casa; e, quando a tem, ao perceber que aquele pozinho de ouro se desvanece em suas mãos, deixa-a de lado e continua perseguindo outra, e outra mais, ao longo do caminho ...

– A luz de Deus está em ti, Jhasua, visto como adivinhaste o meu sofrimento – murmurou com a voz embargada pela emoção.

– E o meu – acrescentou Bartolomeu, que possuía também uma profunda ferida em face da indiferença e do desprezo de familiares aos quais consagrara toda a sua vida sem recolher deles uma única florzinha humilde de ternura e gratidão.

– Também sofro o abandono de uma mãe que preferiu o amor de um homem perverso cheio de ouro ao carinho do filho que se espelhava em seus olhos ... – disse por sua vez Felipe, rememorando com profunda amargura o abandono em que o deixara aquela que lhe dera o ser.

– Conhecestes bem a dura prova do desamor dos amados – disse o jovem Mestre –, e eu vos digo que estais em condições de aspirar ao supremo conhecimento de Deus, cujo amor infinito encherá plenamente vossa taça, vazia das ilusões e esperanças terrestres.

"Creio que, algum dia, direi aos três: 'Vinde comigo beber das fontes divinas, porque as águas deste mundo já não podem aplacar a vossa sede' ... E, então, me seguireis? ...

– Oh, sim, Jhasua ... até a morte! – responderam os três ao mesmo tempo.

Ato contínuo, explicou-lhes que a Santa Aliança começava a se formar para iluminar o povo com um ensinamento que o preparasse para ser livre e poder governar a si mesmo.

Jhasua quis também conversar em particular com Johanan, seu primo e companheiro de promoção ao último grau, que os faria Mestres da Divina Sabedoria na Fraternidade Essênia.

Faltavam só dois dias para empreenderem a viagem ao grande Santuário do Moab através de montanhas escarpadas e cheias de precipícios.

Nenhum dos dois havia estado antes naquele luminoso foco dos mais elevados conhecimentos sobre os altos mistérios da Divindade e da grandeza a que pode chegar a alma humana, depois de longos séculos de purificação.

– Johanan – disse Jhasua, num suave entardecer de opalinos crepúsculos – acredita-me: não me entusiasma absolutamente nada a aprovação final do Alto Conselho dos Setenta.

"O único sentimento que me acompanha é o temor de encontrar-me com o desconhecido, com o imprevisto, com o inesperado. Não te ocorre o mesmo?"

– Não, Jhasua, porque já faz quatro anos que encontrei o meu caminho, tal como hei de segui-lo durante toda a minha vida. Por bondade divina, sei o que sou e a missão que devo cumprir. Em troca, tu ... – e Johanan deteve-se temeroso de esboçar pensamentos demasiado saudazes e graves.

– Em troca, eu ... o quê? *Não encontraste o teu caminho*, queres dizer, não é verdade? – perguntou Jhasua.

– Não é esta a verdadeira expressão – respondeu Johanan –, visto que percorres a longos passos o teu grande caminho. O que há, segundo entendi, é que ainda não estás convencido da tua missão nesta hora da evolução humana terrestre. Ou, em outras palavras mais profundamente espirituais: ainda não encontraste a ti mesmo, tal como és na época atual e em relação a esta Humanidade. Daí, segundo o meu entender, este vago temor em encontrar-te no Moab com o *desconhecido* e com o *inesperado*, segundo tuas próprias palavras. Acertei?

– Completamente! Acredita-me que, às vezes, penso que este temor pode ser um princípio de sugestão, por força das freqüentes insinuações que me fazem em relação a um messianismo que absolutamente não sinto em mim de modo algum.

– Falemos claramente e com toda a sinceridade – disse Johanan. – Que valor atribuis às profecias desde os tempos de Abraham? Que representam essas profecias, segundo a tua compreensão? São a expressão fiel da verdade ou não?

– Todas as profecias, em geral, são, em meu conceito, clarividências de espíritos avançados, designados pela Eterna Lei para ir marcando rumos às porções da Humanidade onde atuam, no sentido de alentá-las em suas épocas de decadência, com o fim de manter acesa a lâmpada do Divino Conhecimento e aberta a ponte de cristal que une o homem ao seu Criador. Creio, pois, na verdade das profecias feitas por espíritos que, na vida terrestre, deram provas de união com Deus, a cujas leis e vontade demonstraram completa submissão. Conforme forem os atos dos homens durante sua vida, assim também serão eles merecedores ou não de que aceitemos ou rechacemos suas palavras, doutrinas e ensinamentos.

– De acordo – disse Johanan. – Nossos grandes profetas anunciaram a vinda à Terra de um Messias, de um Instrutor, de um Salvador que se interponha entre a Justiça Divina e a Humanidade terrestre, cuja decadência moral, espiritual e material corre o risco de cair sob a sanção da Eterna Lei de destruição e aniquilamento.

"O tempo da aparição desse Ser Superior chegou há 21 anos, quando ocorreu a conjunção de Júpiter, Saturno e Marte. Neste ponto, estão de acordo todos os sábios, astrólogos e clarividentes de diversos países e Escolas.

"A Fraternidade Essênia, como Escola dos Profetas Hebreus, nossa *Escola-Mãe*, está convencida de que na tua pessoa humana se acha encarnada a Inteligência Superior, ou seja, a mais nítida vibração da Eterna Idéia, do Eterno Pensamento, ou ainda, a Verdade Suprema; ou, em outras palavras: que está em ti a Luz Divina, motivo pelo qual és o Messias esperado e anunciado pelos Profetas e clarividentes de outras sagradas Escolas de Conhecimentos Superiores, difundidas pelo Mundo. Que dizes de tudo isto?"

– Digo, Johanan, que agora é Deus quem deve falar no íntimo de mim mesmo, porque ainda não reconheço essa personalidade superior em mim.

"É certo que amo o Bem, a Verdade e a Justiça. Também é certo que amo os meus semelhantes a ponto de sentir o impulso de sacrificar-me por eles. No entanto, tudo isso foi sentido também por outros, e tu mesmo o sentes, Johanan, porque é a herança lógica de todo aquele que ama a Deus e às suas criaturas. Mas dize-me: Será isto suficiente para chamar um homem de Messias, Instrutor e Salvador da Humanidade de um planeta?"

– Se, no nascimento e na pessoa humana desse homem, se reunirem as condições, circunstâncias e acontecimentos enunciados pelas profecias dos clarividentes, e esperados pelas hipóteses e deduções lógicas dos sábios, claro está que é suficiente, Jhasua.

"E, se no decurso da vida desse homem, se sucederem, dia após dia, as manifestações de ordem espiritual e material que determinam a existência nele de poderes internos próprios de altíssima hierarquia espiritual, a evidência se torna tão clara que somente um cego mental o poderia negar. Não julgas assim também, Jhasua?"

– Alguns dos nossos Profetas tiveram igualmente grandes poderes internos e realizaram com eles coisas que foram o assombro de sua época. Ali estão para provar isto Elias, Eliseu, Ezequiel e Daniel. A clarividência de José, filho de Jacob, seu domínio sobre o eu inferior, sua grandeza de alma para perdoar aos irmãos e devolver-lhes em bem quanto de mal lhe haviam feito; sua clara lucidez para dirigir a evolução espiritual, social e econômica do antigo Egito dos Faraós; tudo isso indica a extraordinária evolução desse espírito; e, não obstante, ninguém pensou então num Messias Salvador da Humanidade.

– Todas essas faculdades e poderes que possuíram em alto grau os seres que acabas de mencionar devem estar reunidos na augusta personalidade divina do Verbo de Deus – respondeu Johanan com grande firmeza. – Sua capacidade de amor, de benevolência, de tolerância, deve ser tal que se irradia para o exterior como força extraordinária, como um arrasto dè almas irresistível e invencível.

"Tudo isto é lógica ... pura lógica, Jhasua ... nada de sonho, nada de ilusão!"

Fez-se entre ambos profundo silêncio, como se uma força superior os houvesse mandado calar.

Poucos momentos depois, Jhasua rompeu esse silêncio para dizer com infinita doçura:

– Johanan! ... Se me amas, como eu te amo, roguemos juntos ao Pai Celestial, Criador deste e de todos os mundos, para que, ao chegar ao Santuário do Moab e, antes de ser consagrado Mestre de Almas, seja produzida a completa iluminação do meu espírito.

– Pelo fato de eu te haver amado, Jhasua, desde muito antes de nascer nesta vida, o Altíssimo me permitiu reconhecer-te nesta existência, antes que tu mesmo te reconheças. Oremos, pois, ao Senhor, e estou certo de que encontrarás em ti mesmo o Verbo de Deus que todos andamos buscando ...

O grande silêncio da união das almas com a Divindade fez-se completo, profundo e extático.

O crepúsculo vespertino havia-se evaporado nas primeiras sombras do anoitecer, e, sob aquele claro céu de turquesa, onde aparecia tímida a primeira estrela, aqueles dois espíritos, anciãos na evolução, procuraram a imensidão infinita, esqueceram a Terra que seus pés pisavam, olvidaram as criaturas, abandonaram a si mesmos, e mergulharam nos domínios da Verdade Suprema.

Quem pode saber o que as grandes almas percebem, quando se entregam, em completo abandono, ao abraço do Infinito? ...

O badalar sonoro dos sinos na calma do anoitecer trouxe ambos novamente à realidade penosa da vida. No Santuário de rochas estava posta a branca toalha sobre a mesa, e o sino chamava para a refeição da noite.

Jhasua e Johanan, sem dizerem palavra, voltaram atrás em seus passos e encaminharam-se novamente para as grutas envoltas nas sombras da noite, onde apenas se percebia o tênue resplendor dos círios do refeitório.

No Santuário do Moab

Recordará o leitor a ponte de balsas que os solitários haviam construído para estendê-la, em dados momentos, sobre o Mar Morto, que, na altura de Kir, e em virtude da atrevida península deste mesmo nome, torna-se tão estreito como um braço de rio de escasso caudal de águas. A ponte havia sido substituída por uma barca com capacidade para vinte passageiros. Dessa maneira evitavam o longo e perigoso caminho através das Salinas e da mais escarpada e escabrosa região do deserto da Judéia, para chegarem ao Monte Moab.

Dois dias depois da conversação mantida com Johanan, Jhasua e ele embarcavam, acompanhados por Esdras e Eleázar e mais o Servidor Sadoc, que, em cumprimento de uma ordem superior, devia ser quem apresentasse os dois jovens para serem consagrados Mestres da Divina Sabedoria. Uma espécie de santo orgulho enchia de alegria o velho Servidor do Santuário do Quarantana, o qual, quando os remos impulsionaram a pequena embarcação até o Moab, repetiu com os olhos úmidos de emoção:

– Eu vim há vinte e um anos para anunciar a tua chegada à vida física, Jhasua, e hoje venho trazer-te para que os Setenta te consagrem Mestre dos mais altos conhecimentos divinos!

"Esta é uma imensa glória que eu não mereço e com a qual jamais pude sonhar!"

– Também Eleázar e eu – disse Esdras – tivemos a nossa parte na chegada de Jhasua à Terra, pois fui eu quem anotou o seu nome no grande registro de Israel, tomo 724, existente na primeira Sinagoga de Bethlehem, e Eleázar com Simeão, já falecido, serviam no altar, quando Myriam e Joseph entraram no Templo para o

cerimonial da purificação e apresentação do menino ao Altíssimo Deus de nossos pais Abraham, Isaac e Jacob.

"Poderão ocorrer mais formosas e sugestivas coincidências?"

– E não esqueçam – disse por sua vez Johanan – que, estando ainda no seio materno, reconheci Jhasua, motivo pelo qual inspirei em minha mãe o sublime louvor a Myriam que nossas crônicas conservaram.

– Tudo isso significa – disse Jhasua – que tenho inúmeras dívidas para com todos vós e que não sei quando estarei em condições de pagá-las. É muito original tudo quanto me sucede: por onde quer que eu vá, sempre encontro credores com os quais tenho dívidas de gratidão. Quando será que eu tenha que cobrar algo de vós?

– Já estás cobrando, meu filho, desde que nasceste. E cobras na única moeda que tem valor diante de ti: o Amor!

– Isto é certo, Servidor – respondeu Jhasua – é certo! Se eu tivesse que devolver ao Pai Celestial em amor quanto amor recebi, precisaria uma vida de séculos para saldar a minha dívida.

Em sua mente, cheia de radiantes claridades, desfilaram como uma procissão de estrelas todas as almas que na Terra o amavam.

Essa suave recordação enterneceu-o quase até o pranto e, a meia-voz, murmurou:

– Não há felicidade que possa comparar-se ao amor puro e santo das almas que sabem amar! ...

E, deste modo, em elevadas conversações, próprias das almas que vivem apenas para as coisas sublimes e belas, fizeram a breve travessia que ocupou tão-só a metade do dia e, nessa mesma tarde, antes do pôr-do-sol, nossos cinco viajantes entravam no Grande Santuário do Moab, que o leitor já conhece desde o início desta narração, e no qual sua chegada causou indescritível alegria.

Nessa mesma noite, realizou-se a primeira assembléia para a consagração de Jhasua e de Johanan como Mestres da Divina Sabedoria. Os Setenta Anciãos estavam subdivididos em sete Conselhos, cada um dos quais tinha a seu cargo o exame do pretendente em uma destas sete questões que abrangiam toda a Ciência de Deus, dos mundos e das almas; e cada Conselho constava de dez membros.

Primeira questão: "*Deus*". Segunda questão: "*Os Mundos*". Terceira questão: "*As Almas*". Quarta questão: "*A Lei da Evolução*". Quinta questão: "*A Lei do Amor*". Sexta questão: "*A Lei da Justiça*". Sétima questão: "*Os Messias ou Inteligências Condutoras de Humanidades*".

Ambos os jovens, sentados perante venerável tribunal formado em semicírculo, davam a exata impressão de dois meninos ante um conselho de sábios que buscavam a complacência espiritual, intelectual e moral de contemplar de perto a elevada evolução daquelas duas almas, já bastante anciãs nos caminhos da Vida Eterna.

Jhasua, pertencente por sua origem espiritual à Legião dos *Amadores*, e Johanan, por idêntica razão, à dos espíritos de *Justiça*, estavam sendo observados atentamente pelos Anciãos a comprovarem amplamente estas circunstâncias na forma em que ambos desenvolveriam suas dissertações sobre as mencionadas questões.

Quando Jhasua fez sua exposição como devia ser entendida a *Lei do Amor*, base inabalável da solidariedade e da harmonia universal, foi tal o calor, a vibração e o entusiasmo que sua palavra irradiou que o Conselho dos Setenta, além dos demais Essênios que assistiam na qualidade de espectadores, romperam numa salva de aplausos, derrubando o costume de não exteriorizar de maneira tão expressiva sua aprovação.

Alguns dos Anciãos mais sensitivos choraram de felicidade, e asseguravam

jamais ter escutado algo semelhante de tantos e tantos estudantes da Divina Sabedoria a quem lhes havia tocado examinar ao término de seus estudos.

O velho Servidor do Quarantana e Esdras, que atuavam próximo a Jhasua desde o seu nascimento, sem poderem conter-se, levantaram-se de suas banquetas e abraçaram, cheios de emoção, ao jovem Mestre, o qual não podia desmentir o qualificativo que lhe haviam dado desde sua chegada ao plano físico: "O Altíssimo enviou para nós, como Messias, um serafim do sétimo Céu dos Amadores."

Jhasua!... O Serafim do sétimo Céu, descido no meio desta Humanidade terrestre, composta, em sua maior parte, de seres egoístas, maus, cheios de vícios e depravações que nem com um milagre – se milagre fosse possível – poderiam colocar-se em sintonia com essa Harpa Viva, cuja vibração de amor e harmonia envolvia toda a Terra!

Johanan, por sua vez, ao chegar à sua exposição sobre a *Lei da Justiça*, manifestou-se, em verdade, como o Arcanjo de fogo que era, vindo junto com Jhasua para consumir um pouco a escória dos caminhos que o Verbo de Deus ia percorrer.

Os Anciãos foram unânimes em confessar uns aos outros que, em toda a sua longa vida, não haviam atuado em outro exame tão brilhante, tão embebido da Suprema Verdade, tão em consonância com a Eterna Idéia e com o Eterno Pensamento!

Algum leitor, ansioso por conhecimentos superiores, poderá encontrar um espaço vazio nesta narração, por não ser dado conhecimento das dissertações filosóficas e morais desses dois distintíssimos alunos; porém, seria tal a sua extensão e profundidade, que as sete questões, por si sós, poderiam formar um livro à parte, que não poderia servir, tampouco, para toda classe de leitores, mas apenas para alguns pouquíssimos, que se dedicam à parte esotérica do sublime ideal, cujos vastos alcances culminaram no Cristo Divino (*).

"– Agora vos falo assim – disse ele mais tarde a seus amigos – porque não podeis ainda compreender-me; mas, quando estiverdes comigo no meu Reino, percebereis claramente todas as coisas."

Estas suas prudentes e sábias palavras devem ser tidas muito em conta por nós, que relatamos sua vida, procurando fazer com que o Divino Salvador seja conhecido e compreendido pela Humanidade terrestre, sua herança por toda a eternidade.

Depois das sete assembléias, nas quais ambos os alunos deram amplas provas de haverem superado a Alta Ciência a que as Escolas de Conhecimentos Superiores estavam dedicadas, procedeu-se à consagração dos *Mestres de Almas*, com um cerimonial cheio de símbolos extremamente emocionantes.

Todos estavam vestidos com singelas túnicas de um violeta quase negro, sustentadas na cintura por um cordel de cânhamo, símbolo de penitência e humildade, e cantaram, ao compasso de saltérios, o salmo 57, no qual a alma se abandona plenamente na imensidão do Amor Misericordioso, na expectativa da luz, da força, da esperança e do consolo que só de Deus podem vir.

Terminado o salmo, guardaram silêncio durante uma hora, todos mergulhados em profunda concentração espiritual, a fim de obter, cada qual, a mais perfeita união com a Divindade.

Além de tudo, essa concentração era uma ajuda espiritual que os Anciãos ofereciam aos que iam ser consagrados Mestres de Almas, condutores de grandes ou

(*) A dissertação de Jhasua sobre esses temas consta na obra "Cumes e Planícies", continuação de "Harpas Eternas", no Capítulo "Os Pergaminhos de João" (N.T.).

de pequenas porções de humanidades, a fim de que fossem iluminados sobre as grandes responsabilidades que aceitavam nesses momentos solenes.

Jhasua teve, então, a mais tremenda visão que lhe deu a conhecer claramente o seu caminho no seio da Humanidade.

Lentamente foi ele caindo naquele estado de êxtase em que o Eterno Amor submerge as almas que se lhe entregam plenamente em total abandono e completo esquecimento de si mesmas, para não buscarem nem quererem nada mais que a Divina Vontade.

A Eterna Luz, que recolhe e grava nos diáfanos planos de cristal de seus sagrados domínios tudo quanto em pensamentos e sentimentos irradiam as inteligências humanas, permite-nos observar o processo íntimo que ocorreu nas profundezas da consciência do Verbo de Deus.

Viu ele a si mesmo de pé, na borda de um abismo incomensurável, e tão escuro que somente com grandes esforços pôde ver o que ali acontecia. Como repugnantes larvas, quais miúdos vermes e imundos animalejos revoltos num charco nauseabundo formado de lodo, sangue e carnes putrefatas, avistou ele a Humanidade terrestre em ânsias de morte e entre os estertores de uma agonia lenta e cruel, onde os padecimentos chegavam ao paroxismo, e o egoísmo e a ambição a levavam à loucura fatal do crime.

Uma décima parte da Humanidade era constituída de verdugos vestidos de púrpura, ouro e pedras preciosas, que, dentro do imundo charco, se divertiam em esmagar, como a formigas, as nove partes restantes, submetendo-as às torturas da fome, da fadiga, das epidemias, da desnudez, do frio, do fogo, da forca, das mutilações, da escravidão e da miséria, em suas mais variadas formas.

Nas negras rochas que flanqueavam aquele abismo, viu, em reduzidos grupos, algumas débeis luzes, como de círios a arderem e suas pequeninas chamas exangues a elevarem-se para o alto como trêmulas línguas de luz.

Mas eram tão poucas que não conseguiam iluminar aquela espantosa treva.

Viu, ainda, na imensidão do infinito, rodarem mundos apagados fora de suas órbitas, precipitando-se para aqueles vazios do espaço que a Ciência Oculta chamou de *Cemitérios de Mundos Mortos*, e pressentiu que, no seu vertiginoso rodar, esses mundos arrastariam o Planeta Terra, cujas correntes do Bem e do Mal estavam em completo desequilíbrio, pois o Mal era imensamente maior que o Bem e, do mesmo como ocorre a um corpo orgânico, sua decomposição era tal que a destruição final se tornava iminente de um momento para o outro. Compreendeu, inclusive, que a visão apresentava um futuro mais ou menos próximo.

"– Os mundos e as almas se assemelham" – pensou o extático vidente –, "a lei da evolução que as rege é uma só."

Ato contínuo, viu levantar-se do próprio fundo daquele negro abismo uma branca claridade, como uma lua de prata a elevar-se cada vez mais. Aquele disco luminoso engrandeceu-se repentinamente, dissipando as trevas, e, no centro dele, delineou-se um negro madeiro com um travessão em sua parte superior. Era uma cruz na forma usada para justiçar os escravos que fugiam de seus amos, e também os bandoleiros assaltantes das caravanas, bem como os piratas do mar.

Nesse madeiro aparecia um homem ensangüentado e moribundo, cujos olhos cheios de pranto se fixavam com piedade na multidão inconsciente e bárbara, a uivar como uma alcatéia de lobos famintos.

Espantado, Jhasua reconheceu a si mesmo naquele homem que agonizava no madeiro da infâmia.

Angústias de morte faziam desfalecer sua matéria, que apareceu semi-estendida sobre a banqueta de junco, na penumbra do santuário essênio.

Uma divina claridade apareceu sobre ele, e a voz dulcíssima de um de seus guias disse:

"– Esse é o altar do teu sublime holocausto em favor da Humanidade que perece. Ainda és livre para aceitá-lo ou deixá-lo. Nenhuma lei te obriga. Teu livre-arbítrio é senhor de ti mesmo. O amor é quem decidirá. Escolhe."

Logo a seguir, viu a si mesmo subindo em alturas luminosas, inacessíveis ou incompreensíveis para a mente encadeada na matéria; e que arrastava atrás de si a maior parte daquela informe confusão de larvas e vermes, que eram seres humanos submergidos no asqueroso charco do mais profundo abismo.

"– Escolhe! – insistiu a voz. – É o momento decisivo de tua glorificação final. É o triunfo do Amor sobre o Egoísmo; da Verdade sobre a Mentira; do Bem sobre o Mal."

– Eu mesmo escolho o que quero para mim! ... Eu sou esse homem que morre de maneira ignominiosa para salvar da infâmia toda a Humanidade! ... – manifestou Jhasua com um tão formidável grito que foi ouvido por todos os que se achavam presentes, e ele teria rodado qual massa inerte sobre as esteiras do pavimento, se os Anciãos que o rodeavam não se houvessem precipitado para ampará-lo em seus braços.

No dia seguinte, quando o sol estava no zênite, todos os residentes do Grande Santuário do Moab vestiram túnicas de linho e coroas de mirto e de oliveira.

O grande Servidor, depois de queimar incenso no braseiro do altar, onde estavam as Tábuas da Lei e os Livros de Moisés e dos Profetas, submeteu Jhasua ao seguinte interrogatório que fazia parte de sua iniciação:

– Jhasua de Nazareth, filho de Myriam e de Joseph, da descendência real de David, queres ser consagrado Mestre de Almas no seio da Humanidade?

– Quero! – foi a resposta do interrogado.

– Aceitas os Dez Mandamentos da Lei inspirada por Deus a Moisés, e a reconheces como a única eficiente para conduzir a Humanidade ao amor fraternal que a salvará?

– Aceito essa Lei em todas as suas partes e reconheço a sua origem divina e sua capacidade para salvar os homens.

– Aceitas voluntariamente todos os sacrifícios que tua missão divina de Mestre te imporá daqui para diante?

– Aceito, incluindo até o da própria vida.

Então todos os Anciãos levantaram sua mão direita sobre a cabeça inclinada de Jhasua e pronunciaram em voz alta as solenes palavras da *Bênção de Moisés*, através da qual pediam para ele o seu domínio sobre todas as forças fluídicas e elementos da Natureza, obra magnífica de Deus.

A retumbante exclamação:

"DEUS TE SALVE, UNGIDO, SACERDOTE ETERNO, SALVADOR DOS HOMENS" ressoou, como um concerto de vozes varonis, sob a austera abóbada de rochas do Santuário do Moab. Todos os Essênios, com os rostos veneráveis banhados de lágrimas, abraçaram a Jhasua, um por um.

Quando chegou sua vez, Johanan disse:

– O Pai Celestial finalmente falou a ti!

– Sim, Johanan, mas falou tão forte que meu coração ainda estremece ao eco da Sua Voz. Já não poderei nunca mais rir, porque compreendi toda a dor e toda a miséria da Humanidade.

– Ajuda-me, Jhasua, por favor, porque amanhã será a minha consagração – disse Johanan.

– Conta comigo, Johanan, visto que somos irmãos gêmeos, que percorrem idênticos caminhos – respondeu Jhasua.

Com semelhante cerimonial Johanan foi consagrado Mestre de Almas, no dia seguinte e à mesma hora.

Ato contínuo, eles foram levados à gruta mortuária de Moisés, na parte mais elevada do Monte Nebo, onde o grande Legislador entregara ao Infinito o seu espírito glorificado, depois de haver cumprido amplamente sua missão nessa época.

Sendo esse cenário já conhecido pelo leitor, isentamo-nos de descrevê-lo novamente.

Jhasua com Johanan e os dois Anciãos Essênios, vindos de Jerusalém, pediram que lhes fosse permitido examinar os livros de Moisés, tidos como autênticos e escritos por seu próprio punho e letra. O Alto Conselho acedeu a esse pedido por dois fortes motivos:

O primeiro, por ser Jhasua quem o fazia, e o segundo, porque naquele ano ainda não haviam sido abertos e examinados, conforme era costume fazê-lo todos os anos, no dia do aniversário em que Moisés descera do Monte Sinai com as Tábuas da Lei.

Eram cinco pequenos rolos de papiro escritos com admirável clareza, com tinta de múrice (*), cor púrpura-escuro, quase violeta:

"*O Gênese ou visão de Moisés*", com a descrição da formação do nosso Sistema Planetário e evolução primitiva do Planeta Terra.

"*O Êxodo*", ou seja, um relato breve, com o nome dos hebreus que entraram no Egito com Jacob quando foi chamado por seu filho José, e mais os nomes dos chefes de família de cada uma das Doze Tribos, descendentes dos doze filhos de Jacob e o número total deles.

No final lia-se esta determinação ao povo: "Serão nomeados sete Escribas que levem registros dos filhos de Israel que saírem do Egito, dos que morrerem durante a viagem e dos que chegarem à *Terra Prometida.*"

O Levítico, ou Livro Sacerdotal, no qual Moisés declara ter escolhido para os cânticos sagrados, orações e oferendas a Jehová, pessoas da tribo de Levi em razão de haver o Patriarca Jacob, seu pai, lhe dado uma bênção especial por ser, entre todos os seus filhos, o mais inclinado à oração e ao trato íntimo com Deus, a quem clamava e rogava várias vezes por dia.

"– Tu e tua semente – dissera a ele – ensinarão o povo a orar diante de Jehová." Os primeiros sacerdotes escolhidos entre os Levitas foram Aarão, irmão adotivo de Moisés, e seus quatro filhos, em virtude da justiça e da retidão de caráter que sempre resplandeceram neles.

Descreve a cerimônia da consagração de acordo com as indicações que lhe foram dadas do mundo espiritual, à qual ele chamava "*Vontade de Jehová*".

Logo a seguir, descreve brevemente as jornadas feitas pelo povo desde que saiu da Terra de Gosen, no Egito, até que chegou aos vales do Jordão, mencionando o itinerário pelos países e cidades onde fizeram paradas para descanso.

Vinha, a seguir, o papiro no qual Moisés havia anotado os nomes dos chefes de família em cada tribo, e o número de pessoas de que cada família e cada tribo estava composta.

(*) Gênero de moluscos gastrópodes, dos quais os antigos extraíam um corante púrpura (N.T).

Tal como um *Livro-Registro*, no qual se podia muito bem obter a soma exata de todos os componentes da nação hebraica. A este escrito-registro ele chamou "Livro dos Números". Era o povo de Israel tal como se encontrava nos últimos anos de Moisés.

E, por fim, *A Lei*, ou seja, os Dez Mandamentos que conhecemos, com algumas breves explicações esclarecedoras, tendentes à boa e perfeita interpretação que devia ser dada à Lei, como, por exemplo: o caso em que alguém matasse um outro sem essa intenção e sem vontade, somente em razão de um acidente imprevisto, fato esse que não implicava delito nem merecia castigo, mas, muito pelo contrário, apenas piedade pela desgraça que tinha ocorrido a ambos, pois um ficava privado da vida, enquanto o outro caía no ódio dos familiares do morto, motivo que levou Moisés a designar três Cidades-Refúgio para esses assassinos involuntários, onde ninguém poderia causar-lhes dano algum.

Cada versículo ou mandato da Lei tinha em anexo um pequeno comentário esclarecedor para ajudar na sua correta interpretação.

Nos cinco breves rolos de papiro originais autênticos de Moisés, Jhasua pôde comprovar que, no correr dos tempos, haviam sido feitos grandes acréscimos, com o fim, sem dúvida, de proporcionar maiores e mais minuciosos esclarecimentos; no entanto, em muitos casos, modificavam o sentido e o espírito dessa Lei, que, em nenhum caso, ordenava os castigos que deveriam ser dados aos infratores, deixando isto a juízo do tribunal dos Setenta Anciãos escolhidos por Moisés para solucionar todas as questões civis e morais.

Deste modo compreende-se perfeitamente que, de acordo com o pensar e o sentir desse Conselho, que, pela morte de seus membros ia sendo renovado, foram os castigos aos infratores que, com o tempo, tomaram força de lei. Tem-se visto que os costumes aceitos pela maioria num tribunal, com o tempo, chegam a ser leis inapeláveis. Foi isto que ocorreu com a famosa Lei de Moisés, tão breve, tão simples e que, no segundo século depois de sua morte, já estava convertida num volumoso calhamaço de penas e castigos tremendos para os infratores. Com o passar dos tempos, esse avantajado volume foi sendo ampliado cada vez mais, como o demonstra um livro-crônica escrito pelos Anciãos do Moab, no qual vem relatado, com datas, detalhes e nomes dos Conselheiros, que eles julgaram de justiça decretar tais ou quais castigos para as transgressões que lhes eram denunciadas.

Desta forma, Jhasua comprovou que, na metade do segundo século da morte de Moisés, apareceu pela primeira vez o apedrejamento ou morte a pedradas de um blasfemo, cujo nome, família e tribo a que pertenceu estavam anotados cuidadosamente e com as assinaturas das testemunhas que haviam presenciado o fato.

Na mesma página aparecia o apedrejamento de uma mulher, esposa do Conselheiro número 23, por haver sido considerada culpada de infidelidade conjugal. Junto a esta sentença, vinha uma votação de todo o Conselho dos Setenta, para impor, daí para diante e como castigo, essa pena a toda mulher culpada de adultério.

A opinião havia sido dividida, pois uns diziam: "A Lei proíbe o adultério, não apenas para a mulher, mas também para o homem, pois não especifica sexos."

"Por que, pois, há de se dar morte à mulher infiel a seu marido, e não ao marido infiel à sua legítima esposa?" A crônica essênia relata que dos Setenta Conselheiros, somente 12 tiveram o critério de que a pena devia ser igual tanto para o homem como para a mulher. Os outros 58 obtiveram, por maioria, o triunfo de sua idéia de que a mulher infiel devia sofrer a morte por apedrejamento, e que o homem, em caso igual,

fosse admoestado e obrigado a pagar um tributo mais ou menos grande, conforme fossem os seus bens de fortuna.

Jhasua pôde comprovar caso por caso, como, por exemplo, que, no correr dos séculos, foram nascendo as mais graves transgressões à Lei de Moisés por parte dos dirigentes do povo, cujos delitos eles queriam reprimir com outros maiores, mas aparentemente justificados pela aprovação da maioria do Conselho dos Setenta Anciãos, juízes únicos de Israel.

– Fica, pois, comprovado – disse ele a Johanan e a seus dois companheiros de viagem – que uma é a Lei recebida dos planos espirituais por Moisés, e outra a regulamentação ou os estatutos criados pelos dirigentes de Israel, desde Josué até os nossos dias.

"Tomemos nota disso, Johanan, para nossos ensinamentos futuros, se haveremos de ser verdadeiros Mestres da Divina Sabedoria."

– Isto custará as vossas vidas! ... – disseram com profundo pesar os Anciãos do Moab.

– Já o sabemos – responderam ambos os jovens ao mesmo tempo.

Quatro dias depois, regressaram eles ao Santuário do Monte Quarantana, onde, logo depois de uma terna despedida de todos os seus moradores, Jhasua tomou o caminho de Jerusalém, acompanhado por Esdras e Eleázar, que o deixaram junto a seus pais, na casa de Lia, onde estes o aguardavam.

JOSEFA ROSALÍA LUQUE ALVAREZ
(Hilarião de Monte Nebo)

Harpas Eternas

Aqueles que amam o Cristo na personalidade de Jesus de Nazareth encontrarão, sem dúvida, neste livro o Jesus que sempre procuraram.

Vol.
III

Pensamento

Harpas Eternas

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

VOLUME I

Os fatos que antecederam a Encamação do Messias. — Os esponsais de Maria e de José. — Uma. família de essênios. — O nascimento em Belém. — A notícia do nascimento de Jesus chega às escolas ocultas dos essênios espalhadas pelas comarcas da Síria, da Fenícia e da Palestina.— A apresentação ao Tempo. — A Visita dos Três Sábios do Oriente: Gaspar, Melchor e Baltasar. — A perseguição de Herodes.—Jesus sob a proteção da Grande Fraternidade Essênia do Santuário do Monte Hermóm.— De volta a Nazeré. — Início da educação do Menino-Profeta no Monte Carmelo. — Simão de Tiberíades. — No Santuário do Monte Tabor . — Aos 12 anos, a primeira viagem a Jerusalém. — O Encontro com o primo Johanan no Monte Quarantana.

VOLUME II

Jesus aos 16 anos.— Aluno do liceu assênio do Monte Tabor.— Jesus e a jovem Nebai.— Os segredos do arquivo de Ribla às margens do rio Orontes.— Os papiros do profeta Aldis.— De volta a Nazaré.— A leitura do Papiro 19.— As primeiras curas.— Anotações de um diário.— Nos montes da Samaria.— Jesus aos 20 anos. — As escrituras do rei Salomão.— Na cidade de Alexandria.— Visita ao Vale das Pirâmides.__ O pranto de um escravo.— De volta à Palestina. __A cura do comandante da guarnição romana da Torre Antônia.— As curas milagrosas se sucedem.— Nos Santuário essênio do Moab.— Com o primo Johanan, é consagrado mestre da Divina Sabedoria.

VOLUME III

Jesus e a Santa Aliança. — A Grande cruzada pela libertação de israel. — Em Tolemaida , o porto mais importante da Galiléia. — Em Antioquia, cidade-rainha do Oriente. — Os esponsais do príncipe judá e de Nebai. — Preperativos militares para o advento do novo Rei de Israel. — A morte de Baltasar. — Jesus e seu meio-irmão Jhosuelin. — Em jerusalém, às vésperas de completar 23 anos. — A morte de José. — No deserto da judéia. — Cartas vindas de outros países atestam o interesse de outros povos pela figura do Messias-Rei.

VOLUME IV

Na casa paterna. — Jesus aos 30 anos. — A vocação dos Dozes. — O Solitário do Jordão. — A castelã de Mágdalo. — A Galiléia quer um rei. — Na prisão com o Batista. — A parábola do filho pródigo. __ O Sinédrio Procura um Messias. — Jesus aclamado no Templo de Jerusalém. — A reação da classe sacerdotal. — A morte do Batista. — A Apoteose do Ungido do Senhor. — Em Nazaré, na companhia dos discípulos. — Última visita ao Monte Carmelo. — Em Bethânia, nas proximidades da Páscoa. — Reação do Sinédrio ante a noticia de que o Messias estava em Israel. — Aclamação nas ruas de Jerusalém. — Os essênios, amigos fiéis do Salvador. — A despedida. — *"Meu reino não é deste mundo."* — O amor, a lei suprema. — A prisão. — A farsa de um julgamento. — O Gólgota. — Das sombras a luz.

CAPA: *O Sermão da Montanha, miniatura estraida de la Somme du Roi,* Paris, 1295 (detalhe).

Harpas Eternas

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

Harpas Eternas é o mais fiel relato sobre a vida do Profeta Nazareno, resultado de mais de vinte anos de pesquisa nos centros culturais da Palestina, da Síria, da Grécia,de Alexandria, de Damasco, de Antioquia e da Ásia Menor, completados pela informações obtidas nos antigos arquivos essênios de Moab e do Líbano e nas Escolas de Sabedoria fundadas pelos mais ilustres sábios do Oriente.

E a história de Jesus de Nazaré narrada com impressonante riqueza de detalhes sobre todas as etapas da sua vida, detendo-se mais particularmente nos seguintes aspectos.

- As circunstâncias astrológicas em que se deu o seu nascimento,
- A infâcia em Nazaré na companhia de Maria, de José e de seus meio-irmãos.
- Sua iniciação e educação entre os essênios.
- A juventude e as viagens que fez aos centros culturais mais importantes do seu tempo.
- O quadro social e histórico em que realizou seus milagres.
- A repercussão de seus ensinamentos no ambiente político e religioso da Judéia.
- As convicções que seus contemporâneos tinham acerca de sua missão como o Messias.
- Os incidentes que resultaram na sua condenação à morte.
- Sua ressurreição e ascensão ao céu.

A grandeza do Mestre Nazareno não está fundamentada apenas no seu martírio, mas em toda a sua vida, prova grandiosa e convincente da sua doutrina, que ele construiu sobre estas duas vigas mestras: a partemidade de Deus fratermidade entre os homens.

Toda a sua existência foi um vivo reflexo dessas duas verdades incontestáveis, resume de todo o seu ensinamento, que sempre transmitia a convicção profunda de que so elas podem levar a humanidade à sua perfeição e felicidade: sentir Deus como Pai e amá-lo sobre todas as coisas: sentir-nos irmãos de todos os homens é trazer o céu a terra.

Harpas Eternas é uma obra de interesse geral pois, na expressão do psicologo suiço C.G. Jung, queiramos ou não, somos todos cristãos.

ISBN 978-85-315-0869-1

EDITORA PENSAMENTO

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

HARPAS ETERNAS – 3

Tradução
HÉLIO MOU.

Cotejada com os originais por
MONICA FERRI
e
HUGO JORGE ONTIVERO

Editora
Pensamento
SÃO PAULO

Título original: *Arpas Eternas*.

Copyright © FRATERNIDAD CRISTIANA UNIVERSAL
Casilla de Correo nº 47
C.P. 1648 – Tigre (Prov. Buenos Aires)
Republica Argentina.
Http://www.elcristoes.net\fcu

Copyright da edição brasileira © 1993 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 1993.
9ª reimpressão 2013.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Pensamento não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

AGRADECIMENTOS

A Hélio Moura, pela grande sensibilidade e pelo extremo cuidado com que se dedicou à tradução desta obra.

A Hugo Jorge Ontivero e a Monica Ferri, pela solicitude e zelo com que, de sua parte, colaboraram para o aparecimento desta edição.

Direitos de tradução para a língua portuguesa
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008
E-mail: atendimento@editorapensamento.com.br
http://www.editorapensamento.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Foi feito o depósito legal.

Sumário

Jhasua e a Santa Aliança 7
A Galiléia 18
Rumo a Tolemaida 33
Em Antioquia 51
Judá e Nebai 62
Os Esponsais 71
Rumo ao Eufrates 73
Gisiva e Carandama 76
O Scheiff Ilderin 91
A Morte de Baltasar 100
No Horto das Palmeiras 103
Jhasua e Jhosuelin 109
Na Cidade dos Reis 114
A Morte de Joseph 122
No Deserto da Judéia 124
Na Sinagoga de Zorobabel 130
A História de Moisés 137
Um Papiro de Salomão 147
"Esposos Eternos" 149
As Cartas do Egito 154
Na Gruta de Jeremias 158
No Palácio de Ithamar 163
Na Fortaleza do Rei Jebuz 168
No Monte Hor 185
A Tragédia de Abu-Arish 207
Na Terra Natal 212
A Caminho de Tiberias 220
Em Corazin 228
Nos Bosques da Ituréia 237
Na Cesaréia de Filipos 243
No Monte Hermon 252
Em Damasco 264
O Reino de Deus 279
O Torreão do Patriarca 300

Na Cidade de Tiro 312
A Naumaquia 325
A Santa Aliança em Tiro 331
Na Sinagoga de Josaphat 336

Jhasua e a Santa Aliança

Os quatro doutores de Israel, amigos de Jhasua, que o leitor já conhece, mais Judá e Faqui, seus dois jovens e fervorosos devotos, assim que tiveram notícia da chegada dele, se apressaram em visitá-lo.

Todos eles estiveram de perfeito acordo nesta observação: "Dir-se-ia que o tempo passou, de um salto, dez anos sobre Jhasua. Como está mudado!"

Sua mãe foi a primeira a observar isso, e por mais que indagasse, não conseguiu saber a causa. Finalmente, atribuiu esse estado ao cansaço da penosa viagem e aos excessivos trabalhos mentais, e tratou de apressar o regresso para a tranqüila Nazareth, onde esperava que o filho recobrasse a frescura de seu aspecto físico e sua habitual jovialidade.

Jhasua foi informado de que a Santa Aliança crescia secretamente, tomando admiráveis proporções. Cada lar era uma Escola-Registro, onde se aprendia uma lição, se recebia uma ordem e se anotava o nome dos novos filiados.

Um forte laço de fraternidade ia entrelaçando um coração a outro, fazendo com que velhas ofensas e ressentimentos fossem esquecidos, que as dívidas fossem perdoadas, que fosse compartilhado o teto, a mesa, as vestimentas e os alimentos, como se todos fossem uma só família unida para resistir ao invasor hipócrita e mau que violentava até os mais santos e puros sentimentos.

A ordem era: o amor contra o ódio; a razão contra o fanatismo; a igualdade contra a prepotência; um por todos e todos por um.

Como seria forte e poderosa Israel se chegasse a aperfeiçoar em todos os seus membros este sublime ideal! Seria a libertação. Seria a grandeza. Seria a paz e a prosperidade.

Se a hospitalidade havia sido sempre a primeira virtude essênia, agora tinha crescido a tal ponto que até os estábulos foram preparados como hospedagem para os incessantes viajores, que chegavam trazendo adesões, que, logo, depois de instruídos, se disseminavam pelos povoados, aldeias e montanhas, levando esta Boa Nova: "O Salvador de Israel já está no meio do seu povo, e é necessário preparar sua apresentação ante o mundo."

Faqui e Judá levaram Jhasua, uma noite, ao panteão sepulcral de David, ponto de reunião, como já se sabe, dos mais ardentes opositores ao governo romano e aos abusos do alto clero, unido a ele em sua maior parte, em virtude da conveniência que disso resultava.

Jhasua sentiu-se surpreendido diante daquela massa de povo em cujos peitos via

as iniciais da Santa Aliança. Compreendeu igualmente que Judá e Faqui haviam adquirido ali grande prestígio de chefes da grande cruzada libertadora de Israel, pois eram consultados e obedecidos em tudo.

Muitos desses filiados eram os antigos operários do príncipe Ithamar, pai de Judá, assassinado por ordem de Graco, nove anos antes. Achavam-se lá também os criados do príncipe Sallum de Lohes, já reabilitado em seus direitos e posses pelo Legado Imperial da Síria. Quase todos tinham igual ou parecida dependência de príncipes saduceus, que eram os mais castigados pelas arbitrariedades do poder reinante.

Inesperadamente, um homem de idade madura pediu a palavra e disse:

– Proponho a todos os irmãos que nos imponhamos a obrigação de avisar, uns aos outros, quando alguém puder averiguar onde se oculta aquele que é o nosso Rei e Salvador, para que, muito em sigilo, possamos oferecer-lhe pessoalmente a nossa adesão e receber dele as instruções necessárias.

"Se, como se diz, ele já tem 20 anos completos, pode muito bem colocar-se à testa de todos nós, que, unindo-nos aos grupos que estão sendo formados em todas as regiões do país, constituímos uma força respeitável e suficientemente capaz para expulsar o invasor. Direis se estou certo ou não."

Judá e Faqui entreolharam-se e, em seguida, observaram Jhasua, cujos olhos fixos no pavimento não deixavam transparecer nada do que se passava no seu interior.

Judá disse:

– Amigos. Trouxemos, nesta noite, um grande companheiro nosso, já conhecido de alguns dos presentes: *Jhasua de Nazareth*, que acaba de chegar dos cumes do Moab, em cujo grande Santuário se consagrou Mestre da Divina Sabedoria.

"Proponho que o escutemos e que sua palavra sirva de norma para o nosso caminho a seguir."

Os olhares de todos se fixaram em Jhasua, e uma onda de simpatia se estendeu por todo o ambiente.

Um grande silêncio se fez de imediato, e Jhasua, de pé, dirigiu-lhes a palavra nesta forma:

– Amigos da Santa Aliança,

"Vejo aceso em vossos corações o fogo santo da união fraternal, o qual vos fará grandes e fortes para trabalhar pelo ideal supremo, que vos designa *povo escolhido* pela lei deste momento, com o fim de receber o porta-voz da Verdade Eterna, que é Luz, Paz e Bem-estar para todos os povos da Terra.

"Venho, como foi dito, do Monte Moab, onde encontrei o Salvador que esperamos com ânsia febril e sei que ele está disposto a sacrificar tudo, absolutamente tudo, até a própria vida, em benefício da libertação de seus irmãos oprimidos por toda espécie de sofrimentos ..."

Um grito unânime, entre estrondosos aplausos, retumbou nas criptas do panteão de David ... "Hosana ao filho de David, Salvador de Israel! ..."

"Acabo de encontrá-lo – continuou dizendo Jhasua – e compreendi que a sua ação não será de armas e de sangue, mas dessa resistência silenciosa e firme, que faz de cada coração um bloco de diamante, no qual se desmancham todas as ciladas e maquinações de astutos adversários, que procurarão comprar com ouro as consciências no intuito de fazer calar o raciocínio e a lógica e desfigurar a verdade para que reine o fanatismo e a mentira, único meio de triunfo com que contam os opressores dos povos.

"Vosso Messias sabe que somente de vós próprios virá a libertação de todas as

cargas que suportais, se fordes capazes de conquistar, a todo o transe, a nova vestimenta que ele exigirá para todos aqueles que querem compartilhar com ele a árdua e penosa missão de dar aos homens a grandeza, a paz e a felicidade que procuram.

"Não existe lã nem linho nem seda que possam tecer esta vestimenta, que não é matéria corruptível, mas imaterial e eterna: é tecida de desinteresse, abnegação, espírito de sacrifício e de uma aspiração poderosa e forte, como o vendaval que tudo arrasta; e de melhoramento social, material e espiritual, para todas as raças e povos da Terra.

"Vosso Messias sabe que deve ser desterrado o pensamento egoísta de que só Israel deva ser salva. Nossa Nação, por grande que nos pareça, é tão-só, como a toalha da nossa mesa, e muito pouco teremos feito se apenas formos capazes de manter limpa a nossa toalha, deixando que, ao redor dela, se agigante em ondas raivosas o mar de sangue e pranto, de imundície e miséria que nos rodeia por todos os lados.

"Vosso Messias sabe que o povo de Israel foi o primeiro a ser chamado, nesta hora da evolução humana, para dar o grito de libertação de toda espécie de escravidão; e sois vós, amigos da Santa Aliança, os arautos da liberdade, filha de Deus, que faz de cada homem um apóstolo da dignidade humana, lacerada, ofendida, pisoteada e espezinhada por todos os despotismos, criados e sustentados pela soberba e pelo egoísmo de audazes aventureiros, que se apropriaram do poder por intermédio da inconsciência e da ignorância das massas populares.

"Vosso Messias sabe que, se a Santa Aliança consegue destruir essa inconsciência e ignorância dos povos, substituindo-as pela convicção razoável e lógica do melhor, do justo, do grande, nobre e verdadeiro que há na vida humana, o triunfo é certo, como certo é o fogo aceso com uma faísca em dia de vento, cujas correntes levarão sua chama viva por todas as partes onde haja uma planta de feno na qual possa se prender ..."

Jhasua foi interrompido por clamores fervorosos e ardentes:

– Queremos ver e ouvir o nosso Messias-Salvador! ... Se tu o encontraste e o viste, por que não o podemos ver nós também?

"Meus amigos ... passei toda a minha vida preparando-me com estudos, abstenções e renúncias para encontrar o Messias que pedis para ver e ouvir neste instante. No meu Eu Interior, já aceitei todos os sacrifícios que a Eterna Lei impõe àquele que voluntariamente quiser compartilhar com Ele a salvação dos homens. Acreditai-me, porque estou em condições de afirmar em nome de Deus, que é Justiça e Amor: Quando estiverdes preparados, o Messias estará ante vós para iniciar a marcha para a conquista de todas as grandezas e felicidades possíveis nesta Terra. Eu acendo, neste momento, vossas lâmpadas apagadas e peço a Deus, Sabedoria Eterna, que todos encontrem a sua luz e o caminho, no qual vos aguarda o Salvador da Humanidade."

A fisionomia de Jhasua resplandeceu com suave luz na penumbra da cripta sepulcral, e a irradiação do seu amor soberano era tão forte que alguns mais sensitivos deram este alarmante grito:

– Tu és o Messias, filho de Deus! ... Tens luz de Profeta na fronte! ... Jehová baixou sobre ti! ... És o Salvador de Israel! ...

Judá e Faqui intervieram para acalmar essa tempestade de entusiasmo, que ameaçava esmagar a Jhasua, sobre quem todos se precipitavam procurando remédio para seus males físicos, pois existiam ali alguns enfermos e outros que tinham enfermos em suas famílias. Estava anunciado que a presença do Messias remediaria todas as dores humanas!

Os mais conscientes ajudavam Judá e Faqui a formar uma cadeia de braços

unidos, isolando Jhasua daquela onda humana que investia contra ele, que, branco como uma estátua de marfim iluminada pela luz da lua, disse:

– Por amor ao vosso Messias, Deus, Poder Infinito, vos dá tudo quanto necessitais neste instante.

Sem dar tempo a que se refizessem da potente onda magnética que ele emitira sobre todos, saiu rapidamente da cripta e recostou-se atrás de um montão de feno enfeixado, que algum pastor deixara sob os sicômoros para levá-lo no dia seguinte.

Esse repentino desaparecimento foi tomado como milagroso, e toda aquela multidão chegou a persuadir-se de que Jhasua era o próprio Messias que lhes havia falado.

– Seja quem for – disse Judá apoiado por Faqui –, o tempo revelar-nos-á toda a verdade. Nós também cremos que ele seja o Messias; no entanto, se ele recusa a confessá-lo, respeitemos o seu segredo, demonstrando, assim, que somos capazes de compreender seus desígnios e pensamentos.

Ao anoitecer do dia seguinte, Judá e Faqui levaram Jhasua em direção à Porta de Damasco, chamada comumente *Porta do Norte*, e conduziram-no a um imenso bosque de oliveiras com várias milhas de extensão, propriedade do príncipe Jesuá, filho de Abinoan, para quem Jhasua trouxera uma das cartas de Melchor de Horeb. Apenas anoitecia e as trevas se fizeram completas, porque as oliveiras centenárias de tal maneira misturavam seus ramos uns nos outros que não deixavam penetrar senão débeis raios de luz. Ali esperava-os Jesuá, com duzentos e cinqüenta de seus trabalhadores, que, ao redor de uma formosa fogueira, repartiam entre si pedaços de cordeiros assados, com saboroso pão e o melhor vinho das adegas do príncipe, amplamente generoso para com seu servidores. Grande foi sua alegria ao voltar a encontrar-se com Jhasua.

– Envelheceste, jovem! Que se passou? – perguntou ele, assim que o viu.

– Já deixei de ser menino para me transformar em homem que toma para si a dor de toda a Humanidade – respondeu Jhasua.

– Não tanto. Não tanto, a ponto de chegar a prejudicar a tua saúde – insistiu o príncipe.

"Com o favor de Deus e a nossa boa vontade, carregaremos todos juntos a dor do nosso povo, e pouca sorte teremos se não conseguirmos remediá-la.

"Sentai-vos para comer e depois seguiremos viagem." – E apontou para um alpendre de bambu e junco, onde, à luz de uma lamparina de azeite, se via uma mesa rústica coberta com uma toalha branca.

Ao saudar os diversos grupos de lavradores que o observavam, Jhasua compreendeu que Judá e Faqui estavam familiarizados com eles.

Conduzido pelo príncipe Jesuá, entrou no alpendre e sentou-se à mesa, junto com Judá e Faqui.

– Creio ter ouvido que "continuaremos viagem". Para onde? Pode-se saber? – interrogou Jhasua, servindo-se da travessa de comida que se achava próxima.

– Onde termina este bosque de oliveiras, ali estão as tumbas dos Reis, de cuja guarda foram encarregados os meus antepassados por Maasias, governador de Jerusalém, nos tempos do Rei Josias, o Justo. Desde essa época, temos mantido essa custódia, por uma razão muito grande, que é manter o domínio da família desde a cidade até Mizpa, que fica no limite do vale das Tumbas Reais. Até lá será a nossa viagem desta noite, onde se concentrarão os componentes da Tribo de Benjamin, da qual sou um dos príncipes mais antigos, descendentes em linha reta de Elidad, filho de Shislon, nomeado por Moisés para tomar posse da parte de terras adjudicadas à

Tribo de Benjamin. Menciono estas circunstâncias com o desejo de vos fazer compreender que estaremos ali em perfeita segurança. As criptas são imensas, e aquele velho monumento está esquecido desde que o Rei Herodes, pai, comprovou nada poder tirar dali que pudesse ser utilizado no aprimoramento da estética e da riqueza de seus palácios.

Terminada a refeição, foram saindo do bosque de oliveiras em grupos de seis ou sete para passar mais despercebidos, se bem que os grandes barrancos, que havia de um e outro lado do caminho, o tornassem muito pouco transitável ao chegar a noite.

O príncipe Jesuá, com Jhasua, Judá e Faqui, e mais dois servidores de confiança, foram os últimos a abandonar o espesso bosque e empreender a caminhada, sem outra claridade que a luz das estrelas.

Quando chegaram às Tumbas dos Reis, um dos servidores do príncipe acendeu uma tocha de fios encerados e a levantou para o alto três vezes, apagando-a em seguida.

Era o sinal, e imediatamente viram surgir por entre os barrancos, descer das árvores e sair dentre os restolhais uma multidão de homens obedientes à ordem. A negra boca de túnel de entrada foi tragando todos com vertiginosa rapidez.

Finalmente, entrou o príncipe com os acompanhantes, que conhecemos, deixando dois servidores de sentinela.

Jhasua e Faqui jamais tinham estado naquela cripta enorme, construída para guardar sob seus blocos de granito todos os Reis de Israel, ainda quando tivessem sido um milhar além dos que realmente o foram.

Eram inumeráveis as cavidades abertas nas paredes laterais e já tapadas com blocos de pedra, nos quais aparecia o nome de seu real ocupante. Sobre o pavimento das amplas salas, achavam-se tumbas levantadas a dois pés acima do solo, que serviam de assento aos componentes daquela assembléia noturna.

Sobre uma dessas tumbas estava escrito em hebraico antigo: "Aqui dorme Asa, Rei de Judá, que reinou durante quarenta e um anos em Jerusalém. Pelo fato de ter agido com retidão ante Jehová, seja louvado para sempre."

Chamava a atenção a esmerada limpeza dessa tumba, que, como se podia ver claramente, havia sido polida e decorada com flores de bronze em alto-relevo, enquanto as demais, cobertas de pó, que já formava uma grossa camada sobre elas, denotavam claramente o abandono em que se encontravam.

Jhasua deteve-se em observar essa circunstância, e Judá aproximou-se dele.

– Chama a tua atenção, Jhasua, que a tumba de Asa, Rei de Judá, se encontra decorada e brilhante de limpeza?

– Adivinhaste. Pensava eu justamente nisto – respondeu o Mestre.

– Repara neste bordo dianteiro – acrescentou Judá. – Pode ler aqui?

Jhasua leu:

"Eliézer Ithamar, filho de Abdi Hur, em eterna gratidão ao Rei, protetor de seus antepassados."

– Eliézer, filho de Abdi Hur, foi teu pai, não é verdade?

– Quantas vezes ele me trouxe aqui, quando eu era menino, para venerar esta sepultura e orar a Jehová pela libertação de Israel! – respondeu o jovem príncipe Judá, profundamente comovido.

"Ao que parece, desde os tempos de Josué, a quem acompanhou um de nosso sangue durante a entrada triunfal em Jericó, a minha família teve a má estrela de excitar a inveja dos homens; e, no correr dos séculos, nossas crônicas de família contam que um antepassado nosso esteve a ponto de ser assassinado e roubado; de

modo que, se não fosse pela justiça do Rei Asa, teríamos passado a ser escravos de um tal Baasa, Rei dos samaritanos. Por isto, de pai para filho, vai passando a nossa gratidão ao Rei Asa, descendente direto de David. Dize-me, Jhasua: é verdade que as almas humanas tomam novos corpos para repetir algumas vezes suas vidas físicas? A escola de Sócrates e de Platão asseguram que é assim."

– É uma das grandes verdades da Eterna Lei. A alma humana aparece muitas vezes no cenário da vida física em corpos diferentes. Por que perguntas isto?

– Porque, uma noite, quando me vi livre no meu desterro, desmontei, ao chegar a uma ribanceira da Torrente do Cédron. Esperando que caísse a noite para entrar em Jerusalém a fim de obter notícias de minha mãe e de minha irmã, fiquei adormecido ao pé de uma colina coberta de vegetação. Sonhei que uma mulher muito formosa e já entrada em anos me disse: "Levanta-te, Asa, Rei de Judá, pois esta colina um dia foi amaldiçoada por ti, porque eu, tua mãe, havia construído um altar a um ídolo que me trazia sorte." Este foi o meu sonho.

– Esse fato aparece nas crônicas dos Reis de Judá – esclareceu Jhasua –, e não existe nenhum inconveniente em acreditar que sejas atualmente uma encarnação de Asa.

Este diálogo foi interrompido por duas sonoras batidas de palmas do príncipe Jesuá que, ajudado por Faqui, havia acomodado todos os presentes sobre os sepulcros dos Reis de Israel.

– Companheiros da Santa Aliança – disse Jesuá. – Todos sabeis o motivo que nos reúne hoje aqui: unirmo-nos cada vez mais para salvar nossa Nação da opressão em que se encontra. A primeira coisa a fazer é nos organizarmos, e aqui tendes três jovens de grande capacidade, os quais já conheceis pelos nomes: Jhasua, Judá e Faqui. Os três servirão de escreventes para anotar em nosso registro desta noite os vossos nomes e o lugar em que podeis desenvolver vossas atividades.

As mesas dos embalsamamentos serviram de escrivaninhas, e os três jovens anotaram trezentos e quarenta nomes, entre os quais havia pessoas de regiões distantes: de Hesbon e Filadélfia na Peréia, de Abila e Raphana em Traconítis, e de Hezron e Reheboth na Iduméia.

Os que vinham de Hesbon, Filadélfia e Raphana traziam recomendações do Scheiff Ilderin, com cujos domínios, no deserto da Arábia, limitavam ditas povoações.

Jhasua, que ainda guardava em sua bolsa de viajante uma carta de Melchor para o Scheiff Ilderin, prestou atenção especial a esses personagens e conversou com eles sobre o Scheiff, do qual obteve excelentes informações. Muito embora não sendo hebreu, era homem crente em Deus e amigo da justiça e da lealdade. Sentia-se sempre capaz de se sacrificar por alguém que chamasse de amigo. Esta sua fé no poder infinito de um Deus justo tinha feito com que ele simpatizasse com o povo hebreu, único que não se havia contaminado com a adoração de múltiplos deuses, a que o resto do mundo se havia entregue.

Judá conhecia-o pessoalmente e, em sua vida errante de fugitivo, havia sido hóspede em sua tenda no Horto das Palmeiras.

Faqui, por sua vez, lembrou-se de que, no hipogeu de Mizraim, tinham falado desse personagem, cuja múmia, de uma distante vida física, haviam contemplado no fundo daquela tumba milenar, perdida no Vale das Pirâmides, ali, em sua terra natal, da qual se encontrava ausente por amor a Jhasua.

O nome, pois, do Scheiff Ilderin teve a magia de despertar o interesse que as recordações profundas conservam nas pessoas de temperamento veemente e sensitivo.

Jhasua, Judá e Faqui estavam como que ligados a esse personagem, e, quando terminaram de registrar todos os nomes, chamaram à parte aqueles homens que vinham recomendados por ele. Eram seis jovens, de 30 a 37 anos, todos eles aparentados entre si por casamentos de uns com as irmãs dos outros. O kabir da caravana, que ia de Jerusalém a Filadélfia, parente de alguns deles, havia levado a notícia dos rumores que corriam na Judéia com relação ao nascimento do Messias, Salvador de Israel, e da Santa Aliança, que estava sendo formada secretamente para preparar sua entrada triunfal na posse do trono de David, seu distante antecessor.

Jhasua não deixou de se sentir sobressaltado ao ver as proporções que começava a tomar aquele projeto de rebelião contra os poderes ilegalmente constituídos na terra em que a Eterna Lei o havia feito nascer.

O príncipe Jesuá apenas conhecia de nome o Scheiff Ilderin, chamado *o generoso*; contudo ao inteirar-se por Jhasua de que era grande amigo do príncipe Melchor, e que trazia de Alexandria uma carta de recomendação para lhe ser entregue, interessou-se vivamente pelas pessoas que vinham recomendadas por tão ilustre personagem, e as reteve até que, dispensada toda a multidão com as instruções necessárias, ficassem a sós e dispostas a uma confidência que orientasse a todos.

Eram dois irmãos os chegados de Filadélfia: Harim e Zachur, comerciantes de peles, e eram, ao que parece, os mais capacitados daqueles seis homens procedentes da Peréia, cujo soberano era Herodes Antipas, segundo filho de Herodes, o Grande.

Consoante sua genealogia, pertenciam à Tribo de Gad, um dos doze filhos de Jacob, e descendiam em linha reta de Genel, filho de Machi, um dos que obteve a concessão, por parte de Moisés, de estabelecer-se naquela região oriental do Jordão, onde ainda permaneciam os numerosos descendentes dessa tribo. Todos compreenderam que os dois irmãos eram pessoas influentes em sua terra natal, e que podiam ser excelentes sustentáculos para a reconstrução da grandeza da Nação. Seus avós haviam sido poderosos nos tempos passados; no entanto, o domínio romano os havia empobrecido ao onerar todo o comércio com fortes tributos, além dos assaltos às caravanas, ordenados ou permitidos pelos procuradores romanos, que faziam passar os produtos para suas arcas particulares.

Seu comércio de peles, nos bons tempos, dava o sustento, com bastante folga, a grande parte daquelas povoações. Arruinados pelos romanos, a fome e a miséria fizeram-se sentir com bastante intensidade em toda a Peréia; pois, além do poder romano, o Rei Herodes Antipas tinha seus agentes cobradores de outros tributos, impostos por ele para suas intermináveis orgias e para manter o luxo e o esplendor de seus numerosos cortesãos.

Ambos os irmãos perceberam as extremadas precauções com que, na Judéia, teriam que desenvolver toda atividade tendente a derrotar os governantes espúrios; e um deles, o mais velho, ou seja, Harim, disse:

– Nossa terra chega até o Monte Jebel, uma cordilheira de mais de cinqüenta milhas, que é o limite natural a separar-nos do deserto da Arábia.

"Somente nós e o Scheiff Ilderin, nosso amigo, mantemos domínio sobre toda essa montanha, que é um excelente lugar para acampamento de formação dos exércitos destinados a fazer respeitar o Rei de Israel, o Messias-Salvador, o qual há de libertar a nossa raça do domínio estrangeiro.

"Se julgardes conveniente, príncipe Jesuá, mandai conosco emissários da Santa Aliança com os primeiros voluntários da grande cruzada libertadora, pois, entre o Scheiff Ilderin e nossa numerosa família, cuidaremos para que não lhes faltem os meios de sustento.

"Aquela montanha solitária tem imensas cavernas, numa das quais o Scheiff está armazenando provisões e armas que chegam do Golfo Pérsico através do Eufrates, e também de Antioquia e Damasco."

Todos se entreolharam assombrados e, logo em seguida, esses olhares se pousaram em Jhasua, onde todos procuravam perceber, sem palavras, sua impressão sobre esse particular.

– Eu penso – disse ele, ante a insistência daqueles olhares investigadores – que não serão necessários exércitos armados. A Santa Aliança é, na verdade, uma força disciplinada como um exército, mas seus meios de luta são o ensinamento, a persuasão e a hábil conduta das massas para uma resistência passiva, que, formando um vazio ao redor dos poderes ilegítimos, os obrigue a mudar seus caminhos ou a se retirarem, convencidos da impossibilidade de dominar o povo.

– Difícil me parece que os romanos abandonem a presa sem luta, quando todos nós os temos visto continuamente procurando pretextos para se darem por ofendidos e apresentar combate a todos os povos da Terra, uns depois dos outros.

"Em nosso país correm rumores de que as águias romanas preparam suas garras contra os partos, que ainda se mantêm livres. Poderia, então, ser oportuno que caíssemos sobre eles pelo sul, visto como os partos são bravos e nos servirão de grande ajuda para cercar os romanos entre as montanhas e o deserto. Ilderin pensa desta forma e com muita razão."

– Que fale o príncipe Jesuá, pois foi ele quem nos congregou neste lugar – disse uma voz varonil que saiu de repente do meio do grupo.

– Que fale! – foi a confirmação por parte de todos os presentes.

– Encontro-me indeciso entre duas forças que parecem excitar a minha vontade – disse o príncipe, que era a mais idosa pessoa de toda aquela reunião.

"Levar a nossa Nação à guerra é duro, duríssimo, para quem a ama como eu a amo.

"E sem a absoluta certeza do triunfo é ainda muito mais cruel, porque, se hoje o jugo que suportamos é duro, será cem vezes maior se, por desgraça, formos vencidos nesta nossa justa rebelião."

– Seremos muitos, quando estivermos unidos com Ilderin e com os partos – disse o de Filadélfia.

– E com os tuaregues do Norte da África – interrompeu a voz sonora de Faqui.

Todos olharam para o jovem egípcio, cujos olhos brilhavam de entusiasmo.

– Muito bem, seremos muitos – continuou o príncipe Jesuá –; entretanto, não possuímos a austera disciplina das legiões romanas, que se movem como uma máquina, cujas infinitas guarnições obedecem automaticamente a uma vontade de ferro: o generalíssimo que as comanda. A nós falta essa admirável unidade que os torna invencíveis.

– Pronunciastes a grande frase, príncipe Jesuá, e perdoai minha interrupção – disse Jhasua.

– Falai, falai – disseram várias vozes ao mesmo tempo.

– Falta-nos a *unidade* – continuou Jhasua –, e, muito embora jovem e inexperiente nesses assuntos, julgo ser gravíssimo erro pensar em conduzir nosso país a uma guerra tão mortífera quanto desigual.

"Enquanto nos faltar a unidade, como adverte o nobre príncipe Jesuá, toda tentativa de liberdade é inútil, e daí a grande e necessária obra que realizará a Santa Aliança, se a apoiarmos para fortalecê-la e engrandecê-la. Façamos como os pastores para defender seus rebanhos das feras: uma forte cerca de ramos espinhosos, estreita-

mente enlaçados uns nos outros. Unamo-nos com amor, com espírito de sacrifício, com desinteresse e buscando tão-só o bem-estar de todos, a paz para todos e a abundância para todos. Quando houvermos conduzido o nosso povo a esse nível moral, que torna o homem capaz de um sacrifício pelo bem de seus semelhantes, então será o momento de dizer ao intruso déspota que nos esmaga: Fora daqui, que não há lugar para os tiranos no meio de um povo que quer a justiça e a liberdade!

"Será bom organizar forças armadas mui secretamente, como uma defesa, qual muralha de contenção que imponha respeito ao inimigo, cujo caráter, essencialmente guerreiro, não teme outra força que a das armas.

"A união de todas as raças e de todos os povos amantes da liberdade e da justiça é a única promessa certa que vejo brilhar no horizonte como uma luz de alvorada para um futuro ainda distante.

"Educar os povos no nobre desinteresse, que conduz à fraternidade e ao amor de uns para com os outros e anula a separatividade cruel do *teu e do meu* é jornada longa e penosa, meus amigos, e esta será a obra da Santa Aliança, se cada um de nós se constituir num apóstolo da unidade nacional primeiro, e de todo o mundo depois."

– Muito bem, muito bem – disseram os ouvintes. – Formemos, pois, a Santa Aliança para preparar a união do nosso povo entre si e com os povos vizinhos de nossa terra, também avassalados como nós.

Jhasua, Judá e Faqui anotaram trezentos e quarenta nomes nessa noite em que o fogo santo do entusiasmo pela imediata libertação ardia vigoroso em todas as almas.

Começava já a segunda hora da noite, quando abandonaram as Tumbas dos Reis para regressar à cidade por caminhos diferentes.

Os empregados do príncipe Jesuá ficaram nos alpendres do bosque de oliveiras, onde quase todos eles viviam permanentemente.

Os três jovens amigos acompanharam o príncipe Jesuá até sua residência, no bairro do Mercado da Porta de Jaffa, e depois se dirigiram ao palácio de Ithamar, onde Noemi e Thirza ainda estavam acordadas, aguardando Judá.

– O Ungido de Jehová vem contigo! ... – exclamou a mãe, inclinando-se para beijar a orla de sua túnica. – Que glória é esta para a nossa casa?

Jhasua havia tomado as mãos da mulher para evitar que ela se prostrasse por terra. Judá beijou a mãe e a irmã, manifestando certa contrariedade pelo fato de se acharem em vigília ainda àquela hora da noite.

Faqui aproximou-se de Thirza, cuja beleza delicada e transparente lhe recordava as pinturas da Rainha Selene, que seu pai conservava em Cirene, sua cidade natal.

Uma secreta simpatia havia nascido entre ambos, e Jhasua, que isto observara, disse com sua graça afável e suave como uma carícia:

– É junto a um penhasco de granito que se guarda melhor o lírio do vale ... não é assim, Faqui?

– Como queiras, Jhasua, já que teus pensamentos e idéias nos trazem sempre uma nova luz – respondeu sorridente.

Thirza ruborizou-se intensamente, e foi retirar de um grande braseiro de cobre um jarro de prata com xarope de cerejas, com o que costumava esperar seu irmão quando este saía durante a noite. Este empurrou a mesinha rodante para junto do divã, no qual sua mãe estava sentada com Jhasua, e partiu em vários pedaços uma torta de ovos e amêndoas, dizendo:

– Estou vendo aqui as mãos morenas e ágeis da minha boa Amhra, que é mestra em preparar guloseimas para o "seu menino" que já é homem.

A boa mulher que, na alcova imediata, esperava suas amas para ajudá-las a entrar em seus leitos, ao ouvir seu nome, com o cansado rosto iluminado de alegria, apareceu pouco depois com uma grande bandeja onde trazia manteiga, queijo fresco e delicados bolos, que havia conservado no forno para que seu "menino" os encontrasse quentes.

– Tenho também codornizes assadas e pastéis com mel – disse ela, orgulhosa de sua habilidade na arte de ser agradável a paladares delicados.

– Está bem, Amhra. Traze tudo o que tiveres, pois a caminhada que fizemos nos deixou dispostos a devorar tudo quanto encontrarmos.

Em seguida, Judá mencionou tudo quanto havia ocorrido nessa noite nas Tumbas dos Reis.

– E nós não podemos formar parte da Santa Aliança? – perguntou Noemi, enquanto servia seus visitantes.

– Vós, sim, antes de qualquer outra pessoa – respondeu Jhasua –, visto que conheceis a fundo a divina ciência de amar.

"A Santa Aliança nada mais é que uma forte corrente de amor.

"Se for de vosso agrado, colocar-vos-ei em entendimentos com minha mãe e com outros parentes residentes nessa cidade, e podereis colaborar, como julgardes melhor, no apostolado da Santa Aliança ..."

– Oh, a vossa mãe! ... Julguei que não a tínheis e que, como Elias, houvésseis descido dos Céus de Jehová! ... – exclamou Noemi juntando suas mãos em atitude de oração.

– Tenho pai, mãe, irmãos e muitos parentes na Galiléia, mais do que aqui. As almas surgem, na verdade, do seio de Deus, mas a matéria procede da própria matéria. Esta é a lei da vida neste planeta.

– E o que as mulheres têm a fazer na Santa Aliança? – perguntou Thirza com certa encantadora timidez, enquanto servia pastéis a Faqui e a seu irmão.

– Jhasua já mencionou isso, e não sei como o esqueceste – respondeu Judá com malícia –: Teu trabalho será o amor, e nada mais que o amor! – Ao mesmo tempo ele envolveu a ela e a Faqui num inteligente e terno olhar.

A jovem procedeu como se não tivesse compreendido, e foi ao braseiro buscar novamente o jarro de xarope para encher de novo as taças.

Faqui não escondia sua satisfação ante as alusões indiretas do amigo.

– Se soubésseis quanta miséria e quanta dor há no nosso povo, compreenderíeis onde começa o vosso apostolado na Santa Aliança, mas não onde termina – disse Jhasua com a voz comovida pelas dolorosas recordações. – No monte dos leprosos, há muitos curados que, por falta de roupa, não podem apresentar-se aos sacerdotes para serem declarados limpos do seu mal e novamente incorporados à sociedade humana.

"Encarregai-vos deles, e tereis realizado a melhor parte no apostolado da Santa Aliança."

– Contudo, logo retornarás à Galiléia, e o fogo irá se apagando nas fogueiras ... – insinuou Judá com pesar. – Também tenho deveres a cumprir no norte, e, se não fosse por minha mãe e Thirza, partiria contigo.

A mãe observou-o, alarmada.

– Passamos sete anos de terrível separação e já queres deixar-nos? ... – perguntou com dolorido acento.

– Há um velho ditado cheio de sabedoria – observou Jhasua – que diz: "*O amor salva de todos os abismos.*"

"O vosso ainda não é um grande problema, e essa sentença pode ser aplicada com sabedoria."

– Onde estará a dificuldade que o nosso Jhasua não saiba solucionar? – perguntou Faqui, quase adivinhando a solução que ele ia propor.

– A reivindicação definitiva dos direitos da família ainda não chegou de Antioquia, visto que o Cônsul, ao que nos parece, está entretido com o assunto de procurar complicação com os partos para lhes fazer guerra – continuou dizendo Jhasua.

"Tendes alguma dificuldade para empreender uma viagem à Galiléia, junto com a minha família, e aguardar lá, com mais tranqüilidade, a solução de vossos problemas?"

– Judá o dirá ...

– Di-lo-ás tu, minha mãe. Acaso não és a chefe da família?

– Estaremos lá mais tranqüilas, não é verdade, Thirza?

– Contigo, mãe, irei até o fim do mundo – respondeu a jovem. – Não vivi sete anos ao teu lado no calabouço sem ar e sem luz?

– Está bem. Vamos, pois, ao norte para respirar ares mais serenos que os da nossa amada cidade natal – respondeu a mãe. – Quando será a viagem?

– Daqui a três dias, se puderdes preparar-vos em tão breve tempo – respondeu Jhasua.

– Bastará apenas o dia de amanhã para comprar as roupas para os leprosos – disse a jovem –, e disto encarregaremos Amhra. A probrezinha vai padecer tanto se a deixarmos!

– É que não deveis deixá-la – disse Judá –, pois somente ela sabe cuidar de vossa delicada saúde.

– Shipro e Eliacin também virão conosco.

– E tu, Faqui – perguntou Jhasua –, não virás com alegria conhecer a minha tranqüila e alegre Galiléia?

– Bem sabes, Jhasua, que por seis luas serei completamente teu. Meu pai ainda não reclamou o meu regresso – respondeu o jovem egípcio.

Ficou, pois, combinado que, três dias depois, ambas as famílias empreenderiam a viagem até as luxuriantes serranias do norte.

No dia seguinte, Myriam, com Lia, Noemi e Thirza, eram conduzidas por Judá e Faqui ao poço de En-Rogel, visto pelo leitor no centro do semicírculo que forma o trágico Monte do Mau Conselho.

Eliacin e Shipro levavam dois asnos carregados com roupas para vestir os leprosos que, embora semidesnudos, tinham a imensa felicidade de saberem-se curados.

Através de seus relatos, cem vezes repetidos, as quatro mulheres compreenderam que era Jhasua quem os havia curado.

E Noemi disse:

– O jovem Profeta que vos curou envia-nos para vos vestir a fim de que possais cumprir imediatamente a lei da vossa purificação.

Jhasua teve a satisfação de ver que Noemi e Thirza amaram tanto a sua mãe que pôde pensar em silêncio:

"*Não ficará tão sozinha quando eu me afastar do seu lado.*"

A Galiléia

A família do desventurado príncipe judeu Eliézer Ithamar de Hur ainda se via obrigada a ocultar sua presença no país de seus ancestrais, e foi por isso que, para realizar a viagem às regiões do norte, utilizaram uma das grandes carruagens de viagem, que, desde alguns anos, eram guardadas nas cavalariças do palácio. Retiraram das portinhas o escudo da família, que era um ramo de oliveira e outro de parreira, enlaçados ao redor de uma estrela de cinco pontas, formoso símbolo de Deus, irradiando paz e abundância. Em seu lugar colocaram o escudo usado pelos tuaregues desde os tempos da destruição de Cartago, sua grandiosa metrópole: um leão e uma serpente adormecida sob uma palmeira, iluminados por um sol nascente.

Era esse o escudo de Faqui, o príncipe africano, cujo significado, como já dissemos, era a união de Aníbal e Cleópatra, ou seja, a pradaria do Nilo com os penhascos do deserto.

Seria, pois, Faqui quem apareceria, durante todo aquele trajeto, como dono daquele suntuoso veículo usado no país apenas por pessoas de categoria elevada e, mais comumente, pelos representantes do governo romano, ou por príncipes estrangeiros que viajassem com suas famílias.

Faqui, com os criados Eliacin e Shipro, realizariam a viagem a cavalo, escoltando o carro puxado por quatro mulas manejadas pelas hábeis mãos de Judá, acostumado a conduzir quadrigas velozes nas corridas do Circo Máximo de Roma.

Jhasua com seus pais, Noemi, Thirza e Amhra iriam comodamente sentados nos assentos interiores do veículo encortinado de azul. Haviam-se despedido do Comandante da Torre Antônia, que lhes concedeu um passe para sair da cidade na hora que lhes aprouvesse.

Saíram, pois, antes de clarear o dia, pelas cavalariças do palácio de Hur, o qual ficaria aos cuidados dos antigos servos do príncipe, que tinham retornado em sua totalidade, buscando a suave proteção do amo, que não se encontrava com facilidade da parte de outros senhores.

Situado o palácio na parte ocidental da avenida que corria de leste a oeste, passando pela fachada norte da imensa construção da Torre Antônia, precisaram percorrer a grande rua que desembocava na *Porta Velha*, como, nessa época, chamavam a que hoje é denominada *Porta de Santo Estevão.*

Ali começava o caminho para Jericó, que os viajantes seguiriam por ser o mais direto e correr paralelo ao rio Jordão, cujas margens montanhosas e de exuberante vegetação ofereciam panoramas deliciosos e reconfortantes ao espírito.

As duas ex-cativas choravam de felicidade, quando, recolhidas as cortinas do veículo, puderam contemplar, a seu gosto, as belezas que a natureza oferecia nas redondezas do rio sagrado, depois de terem passado sete anos num escuro calabouço.

Nesse meio tempo, saboreava Jhasua a infinita delícia de ver todos contentes e felizes, sabendo que aquele tranqüilo bem-estar tinha sido concedido pela Eterna Lei por seu intermédio. De imediato, veio-lhe esta idéia: "Talvez, quando chegar a hora da imolação, atravessarei a velha cidade de Salomão de maneira bem diferente desta em que a atravessei agora. Neste momento, sou um benfeitor. Futuramente, serei um justiçado." – Absorto por esse pensamento, disse em voz alta:

– Quando será esse dia?

– A que dia te referes, Jhasua? – interrogou Myriam, observando-lhe a distração.

– Nada, mãe ... o dia da liberdade, no qual pensava tão intensamente que passei do pensamento para a palavra sem percebê-lo.

– Nesse dia pensamos todos com ansiedade e angústia ao mesmo tempo – disse Noemi.

– Por que com angústia? – interrogou Judá, do assento dianteiro.

– Porque isso não será conseguido sem vítimas e sem sangue – voltou a dizer Noemi, cuja clarividência era grande sem que ela mesmo soubesse disso.

"Ao atravessar a cidade – continuou –, e nessa penumbra da madrugada, parecia-me ver dolorosas cenas nessa mesma rua, que, passando por uma das fachadas da pavorosa Torre Antônia, onde se encerram todos os presos políticos, por força foi e será o cenário de terríveis passagens aos lugares de suplícios."

Quem haveria de dizer àqueles felizes viajantes que, doze anos depois, por essa mesma rua, passaria curvado pelo peso do infame madeiro, no qual devia morrer crucificado, o formoso e meigo Jhasua, que, nos atuais momentos, fazia a felicidade de todos!

– Não falemos de tristezas, mãe! – disse Thirza suplicante. – Juntas, padecemos tantas, nestes últimos sete anos, que é justo não mencioná-las mais.

A viagem continuou sem incidentes até Jericó, onde deviam tomar um breve descanso e proporcioná-lo também aos animais que os conduziam.

Enquanto as mulheres e Joseph descansavam na casa dos parentes de Myriam, que o leitor recordará, Jhasua, Judá e Faqui visitaram os dirigentes da Santa Aliança, que ali era bastante numerosa.

A princesa árabe cujo filhinho fora salvo da morte por Jhasua havia se estabelecido numa grande casa, cujos hortos limitavam com o campo do Circo, e pelo outro lado, com um olivar abandonado por seus donos, com as cercas em ruínas e caídas em parte, motivo por que era como um refúgio de pessoas sem lar.

A referida princesa já estava unida a seu esposo, ao qual Jhasua encontrara na primeira visita que fez aos conjurados na tumba de David.

Era, o esposo da princesa, o principal dirigente da Santa Aliança em Jericó, para a libertação de Israel.

O velho olivar abandonado, ou, melhor dizendo, usufruído por todos aqueles que queriam entrar nele, achava-se cheio de lavradores a limparem as árvores, e de pedreiros que reconstruíam as cercas, as casas, os reservatórios de água e as ameixeiras do imenso horto.

Isso chamou a atenção de Judá, pois aquele olivar havia pertencido a seu pai antes da grande tragédia.

Sem mais rodeios, aproximou-se dos trabalhadores e os interrogou. O encarregado dos operários disse que seu chefe era o comerciante Simônides, e que este o havia enviado de Antioquia para dirigir a reconstrução.

– Esta propriedade – disse o encarregado – era do príncipe Ithamar de Jerusalém, cuja família desapareceu pouco depois de ele ser assassinado. O velho Simônides não dá conta a ninguém de seus atos, e suponho que, se ele mandou reconstruir tudo isto, é porque provavelmente o comprou.

– Jhasua – perguntou logo Judá afastando-se um pouco –, não trazias uma carta de recomendação do príncipe Melchor para Simônides, o comerciante de Antioquia?

– Sim, eu a tenho aqui. Penso em seguir viagem até lá assim que chegarmos a minha terra natal – respondeu o jovem Mestre.

– Não sei se te disse – continuou Judá – que esse comerciante foi o administrador geral de meu pai, e parece que continua em seu cargo, visto como mandou

reconstruir o olivar que pertenceu à minha família. Teremos que ir vê-lo. Minha mãe e minha irmã irão comigo.

– Iremos os quatro – disse Faqui, chegando nesse momento. – Em Antioquia, os tuaregues têm grandes aliados.

Continuaram a viagem até Phasaelis, que era a segunda jornada. O caminho aproximava-se cada vez mais das margens do rio Jordão, que, nessa época, início da primavera, começava a ser freqüentado por doentes de toda espécie. Foram encontrando em seu caminho inumeráveis tendas.

– Em cada uma delas se esconde uma dor – observou Jhasua e, apenas disse isto, sentou-se num dos cantos mais livres do carro e, recostando-se num almofadão, falou aos companheiros de viagem:

"Perdoai-me se vos deixo por alguns instantes, mas é que me invade um grande sono."

– Dorme, meu filho – disse-lhe a mãe –, enquanto nós preparamos a refeição da tarde. – E fechou a cortina que o separava dos demais.

Os leitores deverão ter compreendido que não era realmente a necessidade de dormir o que Jhasua sentia, mas um impulso imperioso, irresistível para dar da sua própria vida, da sua energia, do seu otimismo e, enfim, de seu incomensurável amor de Filho de Deus a todos aqueles que padeciam na alma e no corpo as grandes ou pequenas dores a que eram submetidos pela lei iniludível da expiação.

Ao chegarem a Phasaelis, viram um pequeno tumulto, do qual saíam gemidos lastimosos de uma mulher de idade madura.

Uns quantos homens esfarrapados e com caras de foragidos levavam à força um jovem manietado, cujas vestimentas rasgadas e a cabeleira caída sobre a fronte lhe davam um doloroso aspecto. Compreendia-se que o levavam para fora da cidade a fim de matá-lo a pedradas, e que a clamorosa mulher era a sua mãe.

As mulheres viajantes começaram também a chorar em face de tão terrível cena.

Myriam, cuja confiança era ilimitada nos poderes divinos que reconhecia em seu filho, apressou-se em despertá-lo. Thirza, que era de uma grande sensibilidade, cobriu o rosto com ambas as mãos porque para ela, aquele espetáculo era abominável.

– Jhasua! ... Jhasua! ... Olha, que horror, meu filho! ... Meus olhos jamais viram coisa semelhante – disse-lhe Myriam.

Jhasua saltou do carro seguido por Judá e Faqui montado em seu soberbo cavalo branco, ajaezado de prata e azul. Aproximaram-se do grupo.

– Compra-o como escravo, Faqui, para salvar-lhe a vida – disse Jhasua em voz baixa.

– Ainda que este moço seja delinqüente – disse – não deveis tratá-lo desta maneira. Ele pode vir caminhando por seus próprios pés e não arrastado.

– E tu, quem és para pedir-nos contas? – perguntou aquele que parecia comandar a execução.

– Sou Hach-ben Faqui, príncipe de Cirene, e viajo com passes do governo romano. Por que maltratais este homem?

– Por ser blasfemo. A Lei o condenou ao apedrejamento – responderam.

– Quem representa aqui a Lei? – voltou o africano a perguntar.

– Os escribas e o Hazzan da Sinagoga.

Durante este diálogo, a infeliz mãe havia-se aproximado de Jhasua, atraída, sem dúvida, pela intensa irradiação de amor e piedade que ele transmitia a todos.

– A Lei vos garante as posses do morto, não é verdade? Eu vos compro este homem como escravo, e vos dou, além disto, o valor do que ele leva sobre seu corpo.

– Verdadeiramente – murmurou o chefe dos verdugos – é pena matá-lo, quando tem apenas 23 anos e sua mãe geme como uma carpideira.

– Qualquer pessoa pode ter um mau momento – murmurou entre soluços a infeliz mulher. – Encolerizado, ele não sabia o que estava dizendo. Tende piedade de mim, que este filho é tudo quanto tenho na vida!

Jhasua irradiava toda a força da sua piedade e amor sobre aqueles homens.

– Negócio feito? – insistiu Faqui. – Dou-vos por ele dois mil sestércios. Reparti como for de vosso agrado.

A mulher, os verdugos e o próprio jovem olharam-no com assombro.

– Dois mil sestércios, uma quantia que nenhum de nós jamais teve!

– Exatamente – disse Faqui – e aqui está. – Retirando do bolso as moedas com a efígie do César, fê-las brilhar ante seus olhos.

A cobiça brilhou ainda mais nos rostos envelhecidos daquele grupo de homens.

– Tomai-o – disse o chefe, aproximando o desventurado jovem a Faqui. – Tens sorte, amigo, por teres ficado livre das pedras.

A mulher arrojou-se aos pés de Faqui dizendo:

– Amo de meu filho, eu também sou tua escrava por toda a vida, ainda que não dês nenhum denário por mim. Somente peço que me deixes segui-lo!

As mulheres do carro choravam enquanto diziam:

– Sim, sim, ela também!

Consumado o negócio, Jhasua tomou mãe e filho pela mão e conduziu-os até o carro.

Quando os executores foram embora em direção à cidade, Judá disse que não convinha deixá-los naquele lugar, mas conduzi-los para outra parte onde não fossem conhecidos. Deixá-los-iam em uma outra jornada que iriam realizar. Todos subiram ao carro, e o infeliz justiçado sofreu uma horrível crise nervosa, motivada pela intensa emoção que o fato de se ver inesperadamente salvo lhe causou.

– Não és meu escravo – disse Faqui – e fizemos isto apenas para salvar a tua vida.

"Boa mulher! Este Arcanjo de Luz que viaja conosco devolve a vida do teu filho."

E Faqui apontou para Jhasua, que não ouvia nada do que diziam, completamente absorto em acalmar o excitado jovem a estremecer todo em dolorosas convulsões.

Jhasua havia-o estendido sobre o acolchoado, e, de joelhos ao seu lado, comprimia-lhe suavemente a testa e o peito. A mãe correu para ele e, recostada nos tapetes, colocou sua cabeça junto à do filho, enquanto continuava soluçando. Myriam, Noemi e Thirza aproximaram-se também, mais atraídas pela atitude de Jhasua que pelo próprio enfermo.

Inclinado sobre este, que se ia acalmando pouco a pouco, Jhasua deixava correr lágrimas silenciosas a caírem sobre a emaranhada cabeleira do doente.

Em silêncio, as mulheres perguntavam a si mesmas: "Por que Jhasua chora? ..."

Noemi chamou Judá por uma das janelas do carro.

– Nosso Messias chora sobre o enfermo! ... Talvez saiba que ele vai morrer – disse ela a meia-voz.

– Não, mãe! – respondeu. – Nosso Messias o salvará, e se chora é porque lastima em sua alma a maldade dos homens que são como feras para os semelhantes.

Joseph, por sua parte, disse particularmente a Faqui fora da carruagem:

– Oh, este meu filho! ... Viajando com ele, já se sabe! ... Temos que recolher quanta dor encontrarmos no caminho.

– Ser pai de um Arcanjo de Deus implica situações bem extraordinárias – respondeu o africano.

"És um patriarca de velha estirpe já desaparecida da Terra, e Amanai, como prêmio, escolheu a tua casa para Templo da Sua Luz feita homem, e te queixas?"

– Não me queixo, jovem. Não me queixo, apenas menciono que o Senhor colocou ao lado desta pedra uma estrela tão resplandecente! ... – respondeu Joseph com os olhos cristalizados pelas lágrimas que continha com muito esforço.

A crise do jovem havia passado e a viagem continuou até Archelais, aonde chegaram ao entardecer. Estavam, pois, na Samaria, e as serranias que nasciam do grande Monte Ebat tornavam o caminho cada vez mais áspero e tortuoso, motivo pelo qual julgaram prudente não continuar a viagem, já que a noite estava tão próxima e eles levavam mulheres consigo.

Jhasua e seus dois amigos pensaram em utilizar essas poucas horas para instalá-las devidamente no Khan da cidade reconstruída sobre as antigas vilas de Silo e Ihapath, por Herodes, que as batizara com o nome derivado de seu filho mais velho: Archelau ...

O Khan era um imenso cercado de pedras, com uma boa edificação pintada de branco sobre um terreno que havia sido uma grande plantação de vinhas, cerejeiras e romãzeiras, e a respeito da qual existia uma velha tradição: dizia-se que esse horto fora propriedade dos filhos daquele grande Sacerdote Heli, protetor do Profeta Samuel, o qual morreu de um acidente ocasionado pelas corrupções e escândalos de seus filhos, que tinham amotinado o povo. Para os bons filhos de Israel, aquele era um lugar maldito, pois fora o local das pecaminosas orgias dos filhos de Heli com mulheres libertinas, trazidas de Sidon, e de Antioquia, mestras nas corrupções a que se consagravam como sacerdotisas do vício sob o amparo de seus deuses.

Herodes, alheio a todos esses escrúpulos, tomou posse do formoso horto cheio de fontes, flores e frutos, e uniu-o à muralha da cidade para que servisse como Khan aos viajantes que percorriam aquelas formosas terras das margens do Jordão.

Joseph, conhecedor dessas antigas tradições, amenizou a permanência, contando-as a seus companheiros de viagem. Não obstante isso, Myriam, Noemi, Thirza, e, sobretudo, a supersticiosa Amhra, mostraram-se um pouco alarmadas, temendo ver os fantasmas dos filhos de Heli assassinados no lugar de suas orgias e pelas mesmas pessoas que tomavam parte nelas.

Judá, que, em virtude de suas longas peregrinações de proscrito, conhecia o guarda cuja vontade havia comprado com seus presentes, serviu-se dele para orientar-se sobre o pensar e o sentir dos arquelenses.

– Diariamente há distúrbios na cidade – disse-lhe o bom homem. – Na semana passada, um grupo de rapazes armados de picaretas, enxadões e pás, enfrentou o arrecadador que redobrara os impostos de suas colheitas para desviar o curso do arroio que passa ao lado da cidade e levá-lo para onde ele tem seus vinhedos e laranjais.

"Estamos a ponto de perder a vida nas mãos dos amotinados, e espera-se, de um momento para outro, uma guarnição de Cesaréia, que ficará de forma permanente na Torre para sufocar qualquer levante."

– E que dizes de tudo isso – perguntou novamente Judá.

– Digo o que deve dizer todo bom israelita, seja samaritano, judeu ou galileu: que a vida se está tornando insuportável com a criação, a todo instante, de novos impostos para engordar os agentes do César e os cortesãos do rei.

– Estamos empenhados numa campanha silenciosa de libertação do país – continuou Judá – e é necessário que nos unamos, judeus, samaritanos e galileus, para derrubar o domínio estrangeiro que explora a nossa desunião e, mediante ela, se fez

senhor da nossa Nação. Por enquanto, é questão pacífica e sem ruído: segredo profundo! Queres ajudar-me?

– Senhor, se não me disserdes em que consistirá a minha ajuda, não vos posso prometer nada – respondeu o homem.

– Em tomar nota do nome de todos os descontentes com o estado atual de coisas e dar-me a oportunidade de falar-lhes pessoalmente – respondeu Judá.

– De acordo – disse o guardião –, cuidai da porta por mim para o caso de chegarem outros viajantes que, antes do pôr-do-sol, trarei algumas dezenas de descontentes. – E cumpriu o prometido.

Judá deu-lhe uma sacolinha com moedas em pagamento de seu bom serviço e como estimulante para continuar prestando serviço à boa causa.

Disto o leitor poderá facilmente deduzir que, nessa mesma noite, ficou estabelecida a Santa Aliança em terras samaritanas, com cento e vinte homens jovens, que ficariam encarregados de conseguir aliados.

As vetustas ruínas do Santuário de Silo, utilizadas pelos Terapeutas como refúgio para enfermos indigentes, seria o ponto indicado para avisos urgentes; no entanto, o lugar de reunião da multidão seria uma caverna imensa que, na margem oposta do Jordão, se abria no Monte Galaad à altura da antiga aldeia de Adam, onde existia, desde remotos tempos, uma ponte que ainda podia ser utilizada, apesar do abandono em que se encontrava. A circunstância de haver essa caverna sido refúgio de leprosos, antes de serem eles recolhidos nas ruínas de Silo, dava-lhe completa segurança.

Pela mesma razão foi esquecida a ponte utilizada pelos leprosos para descerem até o rio.

O terror decorrente da horrível enfermidade tornava inexpugnável o local, antes freqüentado pelos atacados de lepra.

Enquanto os familiares dormiam tranqüilamente no Khan, Jhasua, Judá e Faqui dirigiram-se às ruínas de Silo, onde os aguardavam uns trinta homens, conforme havia dito o guardião. Entretanto, a notícia havia corrido em Archelais, e encontraram alarmados os dois Terapeutas que cuidavam dos refugiados das ruínas; pois, apenas chegou a noite, viram a caverna ser invadida por homens armados com punhais, achas feitas com varas de carvalho e com ponteiros de ferro nas pontas, etc., etc.

Haviam entendido que seria um levantamento armado, e somente Jhasua, com sua incomparável doçura e gênio de persuasão, pôde convencê-los de que, por enquanto, se tratava apenas de unir toda a nação hebréia com o fim de prepará-la para obter a liberdade, a paz e a justiça.

– Reparai – disse-lhes –, somos três, e todos de regiões diferentes e, também, de mui distintas posições: aqui tendes Judá, que é de Jerusalém, Faqui veio de Cirene, e eu sou de Nazareth. Vós sois samaritanos, convencidos de que os judeus vos rechaçam completamente. Judá representa neste instante a Judéia, e ele vos chama de irmãos, para formarem parte das fileiras da Santa Aliança. Faqui representa os países do Norte da África, e vos chama também de irmãos para que todos, unidos, possam obter a paz e a justiça.

Ali foi tomado nota dos nomes das novas adesões e de suas capacidades e aptidões, com o fim de designar aqueles que haviam de encarregar-se das funções diretivas.

Da mesma reunião surgiu um nome: Efraim!

Era um jovem de 28 anos, de aspecto bondoso e ao mesmo tempo inteligente.

– Nosso bardo! ... Que seja ele quem nos transmita as instruções precisas! ... Efraim! Efraim! ...

Os olhares de todos indicaram quem era o dono desse nome.

Seu pai, canteiro, havia-lhe dado o ofício de gravador e escultor. Fazia sentidos versos, e por isto era habitualmente convidado para todas as festas em datas familiares, sendo muito querido na região.

– Que ele seja, pois, o vosso irmão maior – disse o jovem Mestre –, já que assim o quereis. Por seu intermédio, faremos chegar até vós as instruções que julgarmos oportunas e, nos casos urgentes em que devereis tomar uma resolução, consultai aqui mesmo os Terapeutas, pois eles conhecem bem o espírito que inspira a nossa Santa Aliança de unificação, fraternidade e justiça.

Efraim, o poeta lírico samaritano, não quis ficar sozinho na direção dessa agremiação; foi necessário dar-lhe seis companheiros, que a própria assembléia foi designando como aptos para formar um conselho diretor.

Jhasua teve uma conversação à parte com Judá e Faqui. Ouçamos:

– Meus amigos – disse o Mestre –, jamais vos disse que tenho um tesouro que parcialmente me pertence. Guardo tantos talentos de ouro quantos são os anos que tenho. São vinte e um ao todo. Melchor, Gaspar e Baltasar, os *Sábios da Estrela*, como minha mãe os chama, tiveram a perseverança de enviar a meus pais, ano após ano, um talento destinado às minhas necessidades. Meus pais jamais tocaram nessa soma, que está guardada no mesmo cofrezinho em que eles deixaram a primeira doação no ano do meu nascimento.

"Penso que chegou o momento de esse dinheiro ser empregado na salvação de Israel, obra essa de que a nossa Santa Aliança ficou encarregada. A ela, pois, faço doação desse capital, e vós sereis os seus administradores.

"É necessário deixar a estes bons samaritanos uma pequena soma, para o que possam necessitar. Todos vivem do seu trabalho e, provavelmente, sustentam cargas de seus próprios familiares. Creio, pois, que estou agindo de forma justa. Vós o decidireis."

– É uma designação honrosa para nós – disse Judá – que nos converteu na alma deste movimento libertador de povos oprimidos. O príncipe Jesuá já me havia falado numa caixa comum, com o fim de proporcionar à Santa Aliança os meios necessários para subvencionar os gastos que poderão ocasionar os trabalhos a serem realizados.

"Jhasua é o primeiro a contribuir para essa caixa. Eu acrescento uma quantia igual à colocada por ele."

– E eu – disse Faqui – ponho à disposição da Santa Aliança a mesma quantia por meu pai e por mim.

Três vezes a idade atual de Jhasua! Que admirável acordo foi este celebrado pelos três!

– Creio – acrescentou Judá – que não devemos excluir deste acordo os quatro doutores que, segundo entendi, têm sido até hoje os principais colaboradores de Jhasua. Faqui e eu, pode-se dizer, somos recém-chegados.

– Aludes a José de Arimathéia, Nicodemos, Nicolás de Damasco e Gamaliel? – perguntou Jhasua.

– Justamente! Creio que eles devem formar o *Conselho Central* da Santa Aliança.

– Contigo e com Faqui como membros desse Conselho – observou Jhasua.

– E contigo, como seu coração – observaram ambos os jovens ao mesmo tempo.

– Bem – disse o Mestre. – Em sete épocas distintas se completou a criação do nosso Sistema Planetário, e sete dias impôs Moisés para todas as correções e purificações indicadas ou necessárias em circunstâncias especiais de saúde física ou moral. Sejam, pois, sete irmãos iguais nos direitos e deveres os que levarão sobre seus ombros todo o peso da libertação dos oprimidos.

– Este Conselho Supremo ficará encarregado de nomear os Conselhos de cada região onde seja estabelecida a Santa Aliança – acrescentou Judá.

Recolhidos os nomes das adesões samaritanas, a quem deram as instruções oportunas para desenvolverem uma ação conjunta tendente à unificação de todos com um só pensar e sentir, retornaram ao Khan, quando a noite já estava muito avançada.

Na madrugada seguinte, saíram para Sevthópolis, cidade essa de que o leitor se lembrará facilmente, onde Jhasua esteve para a restauração do Santuário Essênio nas montanhas vizinhas, e onde salvou o pai de Felipe, menino ainda, e que, anos mais tarde, foi o fundador da primeira congregação cristã na Samaria.

Em Sevthópolis, colocada no limite da Samaria com a Galiléia, Jhasua e seus pais sentiram-se em sua terra natal. Sendo, além do mais, essa cidade o ponto central do comércio naquelas regiões, em virtude da conjunção dos diferentes caminhos das caravanas do norte e dos portos do mar, seria sumamente importante a formação da Santa Aliança nessa cidade.

Como os Terapeutas-Peregrinos estavam ali quase continuamente, quando chegaram ao Grande Mercado, encontraram-se com um deles, que reconheceu imediatamente Jhasua, e lhes deu amplos informes sobre o estado dos ânimos, cuja exaltação não era tão intensa como na Judéia. Mas o descontentamento se agitava por toda parte, e todos tinham saudades dos tempos já distantes em que era mais tranqüila e mais feliz a vida nas terras da Palestina.

O Terapeuta colocou-os em contato com seus três irmãos, que tinham seus gados à entrada da planície de Esdrelon e iam quase diariamente à grande cidade mercantil para a venda de seus produtos. Aí, portanto, foi muito mais fácil que em outras partes o trabalho para Jhasua e seus amigos. Desde que deixaram Sevthópolis, o príncipe Judá começou a viver de dolorosas recordações.

Logo após a entrada na planície de Esdrelon, unem-se os caminhos de Sevthópolis e Sebaste. Por essa última cidade, os soldados romanos haviam conduzido Judá, sete anos antes, como um infeliz condenado às galeras por toda vida.

– Logo chegaremos – disse ele com íntima tristeza – ao poço de Nazareth, onde me deste de beber, Jhasua, e onde eu vi teus olhos cheios de luz, recordação que jamais se apagará da minha memória.

"Com eles foram iluminadas muitas vezes as minhas trevas de proscrito; e, em sonhos, os teus olhos algumas vezes me disseram: 'Espera e confia. Teu dia ainda não chegou'."

Essas dolorosas reminiscências, referidas minuciosamente em detalhes por Judá enquanto atravessavam a planície de Esdrelon, fizeram com que as mulheres chorassem, pois imaginavam ver o príncipe de Hur, com apenas 17 anos, carregado de correntes, avançando por aquele mesmo caminho, a pé, sob o chicote dos soldados que exigiam de seus prisioneiros a marcha no mesmo passo de seus cavalos.

– Debaixo daquelas árvores – apontou Judá, detendo por um momento a carruagem –, caí estendido no chão, com os pés sangrando e sem forças para continuar. Os soldados queriam deixar-me, mas o centurião observou que Graco havia recomendado muito especialmente a minha pessoa, a quem não deveria descuidar até deixar-me acorrentado na galera do comandante da frota, ancorada em Tolemaida, e que logo empreenderia uma campanha contra os piratas das ilhas do Mediterrâneo.

"Então me fizeram montar sobre um jumento de carga, e desse modo cheguei a Nazareth."

– Tua dor passada – disse Jhasua – é um capítulo da tua vida, que, graças a essa dor, se tornou fecunda para os teus semelhantes.

"Se não tivesses conhecido por experiência própria o sofrimento da escravidão, do desterro, da opressão e de todas as formas de injustiça em que incorrem todos os homens do poder, terias acaso o mesmo ardoroso entusiasmo que tens agora contra todas as iniqüidades humanas?"

– Certamente que não – respondeu Judá. – Dor que não se sofreu na própria carne não excita suficientemente a nossa compaixão, a ponto de levar-nos ao sacrifício por aqueles que sofrem. Somente a tua alma, Jhasua, é capaz de identificar-se com uma dor que jamais padeceste. Esta é, a meu juízo, uma das provas mais claras de que em ti está o *Esperado.*

– Isaías fala bem claro, e suas palavras são o fiel retrato do filho de Myriam – disse Noemi, que era bastante versada nas Escrituras Sagradas.

– Que dizes, mãe? – perguntou Judá, enquanto conduzia com muita atenção os negros cavalos da carruagem.

– O capítulo 32 diz – continuou Noemi –: "E será aquele varão como refúgio contra o vento; como acolhida contra o temporal; como arroio de águas em terras muito secas; como sombra de grande penhasco em terra ardente."

Quando chegaram ao poço nos arrabaldes da cidade, Judá desceu do carro presa de uma emoção indefinível. Ele voltou a viver aquele dia fatal! Jhasua desceu com ele.

– Tudo está do mesmo jeito – murmurou o jovem príncipe. – Nem sequer tu e eu estamos faltando para completar o quadro que vive na minha retina, como se tudo tivesse ocorrido ontem. Mãe! Thirza! – chamou com voz trêmula. – Até aqui correu Jhasua com o cântaro para dar-me de beber! Os soldados ficaram olhando para ele sem se atreverem a afastá-lo.

"Que a paz de Deus te acompanhe" – me disseste. – Alguma coisa ocorreu entre a tua alma e a minha, porque voltei uma vez a cabeça e vi que, com o cântaro nos braços, continuavas me observando!

"Tua piedade foi como uma onda de água santa, e chorei em silêncio durante longo tempo, porque tua ternura havia penetrado no meu coração como um bálsamo ... Não te recordas disto, Jhasua?"

– Agora sim, Judá. Agora estou me lembrando! Nessa noite, no dia seguinte e durante muitos dias mais, pedi ao Senhor consolo e esperança para o belo jovem com os pés em chagas.

"Eu te dei o pano do meu turbante para que vendasses teus pés. É verdade! ... Recordo agora! ..."

– Certo! E eu me sentei sobre esta pedra para enrolá-lo em meus pés.

– Tu e eu começamos a amar-nos a partir desse dia, e bem vês que aquilo que o amor une fica unido para sempre ante o olhar de Deus.

A mãe e a irmã de Judá observavam esta cena de uma das janelas do carro e choravam em silêncio.

– Grande foi a nossa aflição, meu Deus – disse a mãe. – Cruéis foram os nossos sofrimentos. Que todos eles sejam benditos, se serviram para purificar nossas almas e tornar-nos capazes de ter piedade e misericórdia para com os que sofrem.

– Judá – disse Faqui de repente –, volta para a carruagem e não removas mais esse doloroso passado. Não vês como tua mãe e Thirza estão sofrendo?

– Tens razão – respondeu Judá, e, tomando uma das mãos de Jhasua a colocou sobre o seu coração. – Neste mesmo lugar do nosso primeiro encontro, juro-te, Jhasua, que serei o mais ardente defensor dos teus ideais de fraternidade e misericórdia e, seja qual for o teu caminho e o final dele, andarei junto de ti por toda a minha vida!

Jhasua relembrou neste instante a tremenda visão que teve no Grande Santuário do Moab e respondeu:

– Grande e valorosa é a tua promessa feita sem conhecer qual será o final do meu caminho, Judá meu amigo. Tua hora de prova já passou e, mais adiante, servirás ao Senhor em paz e com alegria.

Ambos subiram à carruagem para entrar na aprazível cidade de Nazareth, onde foi grande a surpresa quando viram Joseph e sua esposa descendo de tão suntuoso veículo.

Entretanto, ao verem Faqui com os dois criados que escoltavam o carro, compreenderam que o honrado artesão havia feito amizade com um príncipe estrangeiro que o encarregara de grandes trabalhos.

O egoísmo natural das pessoas humildes que tiram o pão do suor de seu rosto fez com que se alegrassem da prosperidade de Joseph, pois pensaram, com muita razão, que eles não ficariam sem uma parte, visto que as oficinas do velho artesão da madeira davam pão e lume a muitos lares de Nazareth.

– Minha casa é grande – disse Joseph a seus companheiros de viagem –; todavia, com toda a certeza, não tem as comodidades a que todos vós estais acostumados. No entanto, tal como é, ofereço-a para hospedagem, se vos agradar a nossa companhia.

– Nós que passamos mais de sete anos num desnudo e escuro calabouço – disse Noemi –, achamos que a vossa casa é um palácio.

– E eu – disse Judá –, em meus três anos de remador nas galeras e como escravo, julgo que fiquei curado das regalias principescas.

– Quanto a mim – acrescentou Faqui –, tive sempre a minha existência numa tenda do deserto, e vosso lar, entre romãzeiras e videiras e entre roseiras e laranjeiras, será uma delícia para mim.

Os familiares de Jhasua estavam encantadíssimos com as novas amizades que seus pais haviam feito em Jerusalém.

Tio Jaime, Jhosuelin e Ana multiplicavam-se para obsequiá-los com o melhor que possuíam.

– Jhasua – disse Faqui –, no céu, no ar, nas flores e entre os hortos da formosa Nazareth, estás retratado na tua amorosa suavidade, na tua doçura inimitável! ... És um perfeito nazareno!

Depois de uma semana de trabalho missionário em Nazareth, Judá e Faqui passaram à outra margem do Jordão para se entrevistarem com os chamados *amigos da montanha*, que, entre as asperezas agrestes e os inóspitos vales dos Montes de Galaad, vizinhos do deserto da Arábia, estavam formando o *exército para o Rei de Israel*.

– Acredita, Judá – disse Faqui –, estou me sentindo desanimado neste trabalho.

– Por quê? – perguntou Judá quase escandalizado.

– Não compreendeste que Jhasua jamais aceitará que se empunhem armas a favor dele? Julgas que Jhasua permitirá que se exponham à morte alguns milhões de filhos, pais, irmãos, esposos, que são o sustento e o apoio de inúmeras famílias, para ele subir ao trono de Israel? Não sonhes com isto, Judá!

"Também eu, um dia, tive a audácia de dizer na sua presença: 'Cinquenta mil ginetes com lanças serão postos pelos tuaregues à disposição do Salvador de Israel.' E Jhasua dirigiu-me um olhar de compaixão, tão impregnado de sua própria dor e da decepção por mim causada, que, desde esse dia, compreendi que, se ele chegasse a ser coroado Rei do seu povo, não o seria pelas armas levantadas com o seu consentimento."

– E, então, de que modo será? – perguntou Judá, alarmado pela decepção do amigo.

– Não sei, Judá, não sei! Talvez a Divina Lei tenha algum desígnio oculto, que nós mortais ainda não podemos ver – observou o jovem africano.

– Logo chegaremos a Gadara, que se acha quase à vista, e tua discordância, Faqui, coloca-me na situação de fazer um papel ridículo diante de nosso exército já em formação – disse Judá, detendo a marcha do cavalo sob um corpulento carvalho que fazia sombra sobre o caminho.

"Em Gadara estão, com nomes supostos, dois companheiros de galera, cuja vida salvei quando o nosso navio foi abordado pelos piratas. Ambos são israelitas, porém nascidos em Chipre. Meu protetor, Árrius, o duúnviro (*), herói daquela colossal e gloriosa batalha no mar, ao adotar-me como seu filho, permitiu que eu conservasse comigo esses dois companheiros, com os quais realizamos em conjunto todo o aprendizado militar a que o meu protetor me consagrara, pensando fazer de mim um comandante experimentado e conhecedor dos navios romanos. Todas as artes da guerra foram dominadas por nós, com o secreto propósito de servir à pátria de nossos pais, berço santo da nossa religião e da nossa fé.

"Para realizar esse propósito, fui forçado a esperar que o tempo e os acontecimentos me dessem a oportunidade. Na lua passada, completou um ano a morte do meu segundo pai, e eis-me aqui herdeiro do seu glorioso nome e da sua fabulosa fortuna, pois, para o mundo romano, sou Quintus Árrius (Filho). No entanto, na minha terra natal sou Judá, filho de Ithamar, até que uma absoluta reivindicação permita apresentar-me como o continuador da antiga casa de Hur.

"Poderia eu fazer menos, meu amigo, em agradecimento ao Deus de meus pais, pela misericórdia que teve comigo e com os meus, depois que os perversos romanos nos submergiram na mais espantosa desgraça? Poderia eu fazer menos que me entregar, com tudo o que tenho e quanto sou, pela libertação da minha pátria e do meu povo, humilhado e oprimido até a escravidão? Deverei cruzar os braços, tendo Deus colocado em meu caminho o seu Ungido Divino para salvar Israel? Coloca-te em meu lugar, Faqui, dize-me o que farias em igualdade de condições?"

O jovem príncipe de Cirene desmontou em silêncio, e, deixando pastar o cavalo, que mantinha pelo bridão, sentou-se sobre a relva. Judá fez o mesmo.

– Ouve-me, Judá: eu amo com muita facilidade e cheguei a amar Jhasua mais do que a mim mesmo, e amo também a ti como se fosses o meu próprio irmão. Este estranhável amor me une a Jhasua e a ti de tal modo que estou certo de não poder desligar-me jamais deste suave enlace. Julgo que é esse amor que irá inspirar e iluminar todos os atos da minha vida.

"És mais idoso que eu três anos; contudo, observo que meus hábitos de reflexão e principalmente por ter tido ao meu lado a maturidade pensadora de meu pai, o contato freqüente com o Mestre Fílon e com a luminosa sabedoria do príncipe Melchor, isso me dá, sobre ti, a vantagem de penetrar na psique das pessoas da minha intimidade com tamanha facilidade que causa maravilhas a mim mesmo.

"Estou completamente convencido de que Jhasua é o Cristo anunciado pelos vossos Profetas, o esperado pelos sábios astrólogos de todas as Escolas de Sabedoria Divina. Antes de conhecer e tratar Jhasua com intimidade, também eu julgava, como tu, que o chamado *Libertador de Israel* seria um herói semelhante ao nosso Aníbal,

---

(*) Denominação de cada um dos dois governantes que administravam em conjunto (N.T.).

com aquela formidável força de atração a ponto de, mediante um simples olhar, se fazer seguir pelas multidões de homens dispostos a morrer pela pátria que ele queria salvar.

"Eu imaginava o Messias anunciado como um Alexandre, o macedônio, conquistando o mundo através do seu extraordinário poder para implantar nele o seu ideal de engrandecimento humano. No entanto, quando conheci Jhasua, o príncipe Melchor e o Mestre Fílon disseram-me: '*Aí tens o Salvador do Mundo. Ele é o Messias anunciado pelos Profetas.*' Comecei a estudá-lo e tirei a limpo em minhas próprias observações algo muito diferente daquilo que havia sonhado e do que tu ainda sonhas.

"Jhasua, mais que homem, é um *Gênio encarnado*, no qual não cabem os sentimentos nem as paixões nem os desejos que, em nós, levantam ferozes tempestades no mais profundo do coração. Nele apenas vive, como uma chama eterna, o amor a seu Deus e a seus semelhantes, em forma tão soberana e completa que ele está inteiramente absorto nesse infinito sentimento, nessa entrega absoluta a esse supremo ideal da vida. Dizemos que é um homem porque vemos o seu corpo físico, tocamos suas mãos e o vemos andar com seus próprios pés. Vemos que o ar agita seus cabelos e que o vento gelado do norte o faz tremer e procurar o agradável calor da fogueira. Vemo-lo partir o pão e comê-lo, cortar uma fruta e saboreá-la, tomar uma taça de vinho e levá-la aos lábios, dar a sua mãe um beijo cheio de imensa ternura ... Jhasua, pois, é um homem.

"No entanto, a sua alma! ... Oh! ... a alma de Jhasua! ... Judá, meu amigo! ...

"Quem poderá alcançar o vôo da alma de Jhasua na imensidão de Deus?

"Poderíamos, com justiça, pensar que tenham lugar na alma de Jhasua, Filho de Deus, essas grandes paixões que impulsionam os homens a conquistar glória e renome; a escalar um trono, a vestir-se com púrpura e ouro, a manter com mão férrea as rédeas do poder sobre milhões de súditos prosternados ante ele, com toda essa florescência efêmera que chamamos lisonja de cortesãos? ...

"Quando conheci Jhasua, disse a mim mesmo, e continuarei a dizê-lo sempre em todos os momentos da minha vida:

"Não é um Alexandre, não é um Aníbal, não é um César Augusto. Ele está muito mais alto! ... Infinitamente mais alto que todos eles, e nem sequer admite comparação. Jhasua é, na realidade, um Gênio tutelar deste mundo; uma Entidade benéfica que passa pela vida de um planeta como um astro fugaz, inundando-o de claridades novas, derramando flores exóticas de paz, felicidade e ventura jamais sonhadas por nós, míseros passarinhos prisioneiros na pesada jaula de ferro de nossas ruindades e baixezas! ...

"Podes pedir ao mel de um vasilhame que se torne amargo? A um branco lírio do vale podes insinuar que se cubra de espinhos e faça sangrar os pés dos viajantes? ... Podes imaginar que a suave e meiga claridade da lua venha queimar-te as pupilas e abrasar-te com seu resplendor?

"Oh, não, Judá, meu irmão! ... Não podemos sonhar que Jhasua venha a aceitar jamais o sacrifício de uma só vida para ser coroado Rei de Israel. Se chegar a sê-lo, será por um oculto caminho que o Poder Divino abrirá, e que ainda não podemos compreender, nós, pobres humanos.

"Dirás se os meus raciocínios te convenceram."

– Sim, Faqui, convenceram-me, mas confesso que essa convicção me desorientou completamente.

"Que faremos com nosso exército em formação e em plena tarefa de adestramento militar? Que faremos? Que diremos aos amigos com os quais vamos nos encontrar agora mesmo?

"Quase todos eles deixaram pais e irmãos; e puderam deixá-los tranqüilos graças a um adiantamento em dinheiro que eu lhes fiz para que a fome não tomasse conta de seus lares sem terem quem os sustente. Compreendes, Faqui, qual é a minha situação diante deles?"

– Compreendo, Judá, e creio que poderemos resolver tudo satisfatoriamente. O adestramento pode continuar a fim de que, temporariamente, os futuros soldados de Israel regressem para junto de seus familiares.

"Jhasua quer a instrução e a elevação moral de todo o povo, e esta deve ser a tendência da Santa Aliança. Creio que é somar uma força a outra se acrescentarmos a isso o necessário adestramento militar com o fim de formar legiões de defesa para os casos em que se tornar necessário. O conjunto de ambas formará um povo forte, viril, em condições de raciocinar e capaz de se impor e de governar a si mesmo.

"Creio que o nosso Messias não se oporá a uma força que não tenha por finalidade a matança e a guerra, mas a defesa justa e honrada daqueles que querem o respeito de seus direitos.

"Nesse sentido, podemos falar a teus amigos. Também eles forçosamente devem amar suas próprias vidas e a dos seus, e não desejarão sacrificá-las loucamente sem a certeza de obter vantagens positivas para a causa que defendem.

– Tens razão, Faqui ... tens razão em tudo! Procederemos exatamente desta maneira.

Montaram novamente e entraram na cidade, capital da Batanéia, por um dos subúrbios onde havia um armazém de lã e peles, cujo dono era um antigo servidor do príncipe Ithamar, que havia fugido para Gadara, onde tinha parentes, quando da perseguição à criadagem e aos operários para obter deles o segredo dos bens da família.

Era, pois, um agente leal a Judá, em quem o bom homem via uma ressurreição do seu antigo patrão. No armazém de lã e peles eram deixadas as cartas e mensagens para o exército em formação.

Os dois amigos permaneceram ali três dias, e comprovaram que o número dos voluntários havia aumentado enormemente, e as grutas das montanhas de Galaad, desde o rio Jaboc até as águas do Meron, estavam cheias de perseguidos que fugiam da Judéia, a região mais açoitada do país de Israel, em face da cobiça do poder romano, ou do alto clero de Jerusalém, ou dos agentes e cortesãos de Herodes Antipas.

Quantos intensos dramas poderiam ser escritos molhando-se a pena nas lágrimas dos infelizes proscritos, que fugiam para os montes a fim de salvar suas vidas ou a honra de suas esposas e filhas, perdendo a relativa tranqüilidade em que viviam!

A vida rústica e semi-selvagem que quase todos se viam obrigados a levar, a alimentação deficiente, a falta de cuidados habituais; enfim, todo esse amontoado de privações trouxe-lhes enfermidades infecciosas que aumentavam cada vez mais a dor daquela pobre gente, abandonada pelos homens e também, ao que parece, por Deus.

Ante esse quadro angustioso, os dois amigos pensaram e disseram:

"Se Jhasua houvesse vindo conosco e visse esse quadro, que magníficas obras teríamos presenciado para louvar a Deus! Eis aí o ideal do nosso Messias – acrescentou Faqui. – Ó divino mago do amor e da esperança, Jhasua de Nazareth! Por que não estás aqui para secar tantas lágrimas e fazer florescer novamente a esperança nas almas que a perderam?"

O jovem africano deixou-se cair sobre um montão de palha, desconsolado ante a impossibilidade de remediar tantos males. Tinham acabado de impedir que um jovem de 18 anos se arrojasse de cima de um precipício vencido pelo desespero de ver morrer a mãe sem poder prestar-lhe auxílio algum.

– Se Jhasua estivesse aqui! ... – exclamou por sua vez Judá, sentando-se junto ao amigo e apoiando a cabeça entre as mãos.

Ambos continuaram a pensar com grande intensidade de amor e fé no poder divino que reconheciam nele. Passaram-se alguns momentos que para eles pareceram muito longos, porque escutavam no fundo da gruta a fatigosa respiração da mãe moribunda e do desesperado soluçar do filho junto a ela.

Estava bem próximo o anoitecer, e imediatamente a caverna apareceu cheia de uma tênue claridade dourada, como se fosse uma última bruma de ouro do sol poente.

Com o assombro e o estupor que podemos facilmente imaginar, viram, junto ao leito de palha da enferma, uma transparente imagem branca e sutil que se inclinou sobre ela e, com suas mãos apenas perceptíveis, parecia tecer e destecer invisíveis fios de luz e de sombras, até que a enferma entrou num grande estado de calma e os soluços do filho adormeceram em profundo silêncio.

A figura astral levantou-se de novo e, dirigindo seus olhos, a irradiarem suavíssima luz para os dois amigos perplexos com o que estavam vendo, disse, num tom de voz que ambos sentiram profundamente dentro de si mesmos:

– Faqui! ... Judá! ... Somente porque reconheceis o poder divino colocado em mim pela Vontade de Deus, estão salvos a mãe e o filho. Dessa mesma forma devereis compreender o Messias, Salvador do Mundo: vencendo a dor e a morte, e não as atraindo para os seus semelhantes.

Ambos se precipitaram sobre a imagem intangível, gritando: Jhasua! ... Jhasua, Filho de Deus! ...

A visão havia-se dissolvido na penumbra da gruta sobre a qual caíam as primeiras sombras da noite.

Judá e Faqui encontraram-se a sós no meio da caverna e, abraçando-se com intenso amor como dois meninos aturdidos pela grandeza divina daquele momento, desataram ambos numa explosão de soluços que não puderam conter, tamanha era a sua emoção!

A enferma e o filho dormiam em aprazível quietude.

– Isto não é um milagre, Faqui? – perguntou Judá quando voltou ao domínio de si.

– Assim chamamos a uma manifestação como esta – respondeu o africano –; no entanto, o príncipe Melchor diz que isto é apenas o uso dos poderes que uma grande alma, como a de Jhasua, conquistou em virtude da sua elevada evolução para poder utilizar as forças que existem na Natureza.

– Jhasua é o Filho de Deus! ... É o Messias anunciado pelos Profetas! ... – disse, por sua vez, Judá, que ainda não tinha saído de seu assombro.

– Compreendeste suas palavras? – voltou Faqui a perguntar.

– Ainda as sinto vibrar aqui dentro! – respondeu Judá, apertando a mão contra o peito.

Quando saíram da caverna, viram que várias fogueiras haviam sido acesas à porta das grutas e que dois homens, que pareciam recém-chegados, descarregavam dois camelos e seis jumentos.

Aproximaram-se para interrogá-los.

– Viemos da parte dos amigos de Raphana que, não faz muito, estiveram em Jerusalém. Trazemos carne de carneiro salgada, farinha e legumes para os refugiados das grutas – disse um deles, apontando para os grandes sacos de couro que acabavam de descarregar.

– À meia-noite – acrescentou o outro – chegará o carregamento de queijos,

azeite e frutas secas que o Scheiff Ilderin ordenou a seus partidários de Bozra mandassem entregar nestas grutas.

Judá e Faqui entreolharam-se, e esse olhar dizia:

"Nosso *mago do amor* anda por aqui como uma bênção divina, suavizando todas as amarguras dos homens."

Pouco depois, depararam-se com uma novidade que encheu de júbilo aquela gente: todos os doentes que estavam com febre e com erisipela tinham sido curados quase repentinamente.

– Trouxestes a sorte, e um vento benéfico veio convosco – disseram os doentes restabelecidos.

Os dois amigos explicaram que o Messias Salvador de Israel já havia começado sua obra de salvação, que consistia em minorar os padecimentos de todos aqueles que acreditassem no Poder Divino residente nele.

Fizeram-lhes compreender e amar a Santa Aliança em seus vastos programas de cultivo mental, espiritual e moral, com o fim de preparar o povo para ser forte pela unificação de todos que tinham uma mesma fé e um mesmo ideal, único meio de se verem livres de governos estrangeiros e despóticos que lhes restringiam, sob todos os aspectos, os direitos de homens livres.

Três semanas de descanso na serena placidez da casa de Joseph, em Nazareth, fortificaram o espírito e o corpo dos viajantes, até o ponto de Noemi e Thirza, mãe e irmã do príncipe de Judá, dizerem a Myriam:

– Na tua casa, mãe feliz, está todo o Céu de Jehová! Quem não é feliz ao teu lado?

Myriam, cheia do amor que irradiava de seu filho para ela, respondeu:

– É que eu e os meus queremos fazer com que esqueçais os anos de calabouço, e que cada uma de vossas lágrimas seja hoje um dia de felicidade.

A formosa Galiléia, toda ela, na verdade um jardim de encantos, se apresentava naquela feliz primavera como se estivesse associada ao amor de Myriam e de Jhasua para com os seus hóspedes, vítimas, até bem pouco tempo, das crueldades inauditas dos ambiciosos que exerciam ilegalmente o poder.

Ali manifestou-se claramente, como um poema idílico de pastores, o amor de Thirza e Faqui, o príncipe de Cirene. E Jhasua, compreendendo-os, disse:

– Vosso amor será a seiva que fará frutificar a boa semente nos vales do Nilo e no velho penhasco de Corta-Água, onde ainda ondeia, como um pavilhão, o véu violeta da matriarca Solânia e até nas areias do Saara, onde a Rainha Selene, lótus branco da raça tuaregue, será o vosso firme esteio para um futuro que se aproxima.

Santo e puro amor foi o de Thirza, princesa judia, com o Hach-ben Faqui de Cirene, que se abriu como uma rosa branca, acariciada por Jhasua, Filho de Deus, quando iniciava completamente sua missão de conduzir os homens pelo eterno caminho do amor!

Foi a roseira-mãe de uma família de ilustres apóstolos do Cristianismo nos primeiros séculos da nossa era.

Ignácio de Seleuco, apóstolo do Cristo de Antioquia; Apolônia de Alexandria, mãe espiritual dos missionários cristãos do século II, que, já anciã, morreu na fogueira, acusada de magia e feitiçaria, em virtude das admiráveis curas que realizava muito freqüentemente em nome do Cristo; Nemésio e Ptolomeu de Alexandria, missionários e mártires cristãos do século II; Anmon e Sabine, primos entre si e avós de Mônica de Tagaste, a virtuosa mãe de Agostinho de Hipona, autores, todos eles, de um heróico apostolado cristão na África do Norte, são flores dessa roseira de amor aben-

çoada pelo Filho de Deus nas pessoas de Hach-ben Faqui, príncipe de Cirene, da raça tuaregue, e Thirza de Hur, princesa judia, que, em terna intimidade, se aproximaram de Jhasua nos anos de sua primeira juventude.

"Vosso amor será a seiva que fará frutificar a boa semente nos vales do Nilo, no velho penhasco de Corta-Água (Cartago) e até nas areias do Saara", havia profetizado o Messias, e o tempo comprovou o cumprimento de suas palavras.

Esta breve observação do nosso relato tem por objeto realçar a grande clarividência do Divino Mestre e sua penetração no mundo misterioso e complexo das almas, no correr de seus ignorados e incertos caminhos.

Três semanas haviam transcorrido entre um estado de paz e de felicidade inalterável, embelecido ainda mais pelos idílios das duas rolinhas que se amavam ante o olhar do Deus-Amor, cujo mais puro reflexo se encontrava no meio dos homens. Marcos, chamado o "estudante" e que, anos mais tarde, seria um dos fiéis e grandes cronistas do Cristo, autor de um dos quatro evangelhos chamados canônicos, esteve na casa de Joseph naqueles dias. Amava Jhasua de forma muito cordial, e amava também Ana, com a qual projetava casar-se muito em breve, como efetivamente o fez no inverno seguinte, pouco antes da morte do ancião Joseph e de Jhosuelin, acontecimentos que ocorreram quando Jhasua tinha já 22 anos de idade.

A felicidade suprema, emanada do amor recíproco e da mútua compreensão, tornou deliciosa para todos aquela breve temporada de três semanas passadas em Nazareth na casa solarenga de Joseph, o honrado e respeitável artesão, a quem todos davam o qualificativo de justo.

E ele, cheio de bem-merecida satisfação, repetia a cada instante com sua serena calma de patriarca:

– "É formosa a vida quando conseguimos vivê-la de acordo com a Lei Divina."

Poder-se-ia dizer que essa Lei quis encher de felicidade a existência de Joseph nos últimos dias de sua vida sobre a Terra.

Uma antiqüíssima tradição cristã o fez protetor e gênio tutelar daqueles que se acham próximos da morte e da fé que a todos igualam, pois a doce placidez e a felicidade dos últimos dias de Joseph são como o coroamento de uma vida que teve grandes dores em épocas diferentes, e que sofreu até a perseguição de morte com que a ameaçou Herodes; todavia, o seu final foi como uma salmodia de amor e paz, no meio da qual o nobre ancião adormeceu num sono dulcíssimo, do qual só despertou na imortalidade.

Rumo a Tolemaida

Quando chegou o dia em que deviam empreender a viagem ao norte, decidiram, de comum acordo, tomar o caminho das caravanas que, passando por Nazareth, levava diretamente a Tolemaida, importante porto de mar, naquela época, que estava a pouco menos de uma milha ao norte do que hoje se conhece como porto de Acre.

Em Tolemaida tomariam um barco dos muitos que faziam o percurso desde Alexandria e Ráffia, no Egito, até Antioquia, a faustosa *Roma Oriental*, como a qualificavam naquele tempo.

Jhasua desejava visitar novamente Ribla, da qual conservava tão grandes recordações e onde residia aquela incomparável Nebai, cujo espírito compreendia tão bem o seu. Entretanto, a viagem seria demasiado fatigante para a família de Judá, motivo por que enviou uma carta a sua meiga amiga da adolescência, informando que, no regresso de Antioquia, fariam uma parada em Ribla, onde estabeleceriam a Santa Aliança da libertação de Israel.

Em Tolemaida, o mais importante porto do mar da Galiléia, Joseph tinha boas e antigas amizades, em virtude de seu próprio trabalho, pois o madeiramento de alguns dos melhores palácios dessa cidade havia saído de sua oficina nazarena. Ali residia o pai de Tomás, que, anos mais tarde, foi um dos doze apóstolos. Tinha ele ali um grande negócio de sedas, jóias e objetos artísticos em geral, pois era representante dos grandes estabelecimentos comerciais da Pérsia e da Índia.

Tomás, que havia conhecido Jhasua ao fugir, este muito menino ainda, para o Monte Hermon, levado por seus pais, teve a grande satisfação de encontrá-lo novamente, já jovem, ao entrar nos 22 anos de idade.

A mãe de Tomás e seus filhos eram filiados à Fraternidade Essênia, enquanto o pai não tinha ainda ingressado nela formalmente, por mais que simpatizasse com as obras benéficas que a mesma realizava.

Com grande conceito sobre a honradez e a justiça do artesão de Nazareth, com o qual mantinha negócios desde há muitos anos, teve a máxima honra de poder hospedar seu filho Jhasua e servir-lhe em tudo quanto necessitasse. Ali deviam aguardar a chegada de um barco que viria do sul três dias depois.

Judá, acompanhado de Faqui e Jhasua, visitou o mesmo porto onde, oito anos antes, o haviam acorrentado a uma galera romana, como escravo-remador para toda a vida.

– Bem podes ver, Judá – disse Jhasua –, como os homens propõem e o Deus-Amor dispõe sobre os filhos que O procuram e O amam. Quem poderia pensar que tu, pequeno e delicado jovem de 17 anos, acorrentado a uma galera destinada a combater os barcos piratas que já haviam destroçado tantas frotas romanas, sairias ileso e estarias livre antes de passados três anos de se tornar prisioneiro?

"E mais ainda: que salvarias a vida do comandante da frota quando seu barco foi afundado, o qual, agradecido, te adotaria como filho, dando, como herança, sua fortuna e seu nome?"

– É verdade! – exclamou Judá, enternecido. – O Deus de meus pais foi misericordioso comigo, e tudo o que eu fizer em agradecimento a esse favor jamais será o bastante.

"Jhasua! Quisera fazer aqui uma obra igual à que fez meu pai adotivo ao dar-me liberdade e adotar-me como filho."

– Formosa e santa idéia inspirada pela tua gratidão ao Senhor – respondeu Jhasua.

– Já sei ... já adivinho – disse Faqui –, queres libertar algum escravo e adotá-lo como ... o quê? És muito jovem para pai de moços com barba.

– Deixa-me fazer – disse. – E, seguido por seus amigos, começou a percorrer todo o porto. Jhasua, com seu gênio observador e analítico, observava-o atentamente, irradiando toda a força do seu amor redentor sobre aquele nobre espírito, no qual floresciam tão prodigamente as melhores intenções.

Por entre aquele interminável labirinto de cabos, velas e fardos de toda espécie, encontraram um ancião musculoso e forte ainda, que enrolava um grosso cabo, amarrando uma enorme barcaça de carga ao cais.

– Bom homem – perguntou Judá. – Sabes se, entre este bosque de velas e mastros, há algum barco com escravos condenados pelo governo romano?

– Metade, pelo menos, de todas as tripulações é constituída de escravos – respondeu –; no entanto, creio que procuras prisioneiros do Estado. As galeras do César que vigiam os piratas andam pelas ilhas Cíclades e não voltarão logo, segundo se julga.

"Se não te desagradam as perguntas ... será que existe algum nas galeras que te interessa? ... Se eu puder servir-te em algo, senhor ..."

– Justamente – respondeu Judá –, se quiseres orientar-me um pouco, eu te agradeceria por toda a minha vida. Sou israelita e quero demonstrar minha gratidão ao Deus de meus pais por um favor recebido. Quero resgatar escravos condenados à galera e não sei qual o caminho a seguir.

O velho deixou cair o cabo que enrolava e empalideceu visivelmente. Contudo continuou em silêncio, como se desconfiasse da existência de algum segredo.

– Não podes me ajudar? ... – voltou Judá a perguntar.

– Senhor ... eu, como vês, sou um velho marinheiro que gastei toda a minha vida na luta com o mar, e continuo sendo tão pobre e miserável como era anteriormente, não obstante jamais ter feito mal, nem sequer às moscas. Não quisera que agora, na velhice, um calabouço abrisse suas portas para mim, porém está me parecendo que a tua fisionomia é de homem honrado, como também o são as desses dois que te acompanham ...

– Não temas, bom homem – disse Jhasua, com sua inimitável benevolência –, pois tratamos unicamente de fazer o bem aos que sofrem e de não causar mal a ninguém.

– Acredito no que me dizeis, porque parece-me que sois de boa família e que vossa boca não mente; mas isto aqui não é um bom lugar para falar. Se quiserdes seguir-me, minha choça está perto daqui.

Os três o seguiram.

Com efeito. A uns duzentos passos em direção ao sul e sempre pela costa do mar, o homem deu a volta ao redor de um enorme penhasco coberto de terebintos e amoreiras selvagens, e, abrindo uma pequena porta de troncos, disse:

– Entrai, esta é a minha vivenda. É santo o ar que aqui se respira, porque foi mais de quatro vezes o esconderijo de Judas, o Gaulonita, um dos primeiros mártires da libertação de Israel.

– És israelita? – perguntou Jhasua.

– Sim, e descendo daquele grande José que um Faraó nomeou vice-rei do Egito, pois pertenço à Tribo de Manasés, seu filho, e sou Gaulonita como Judas, o filho de minha irmã mais velha.

– Tendes honrosos parentes e creio que lhes fazes honra, não obstante tua pobreza – voltou a dizer Jhasua. – Agora, se julgas conveniente, fala-nos sobre aquilo que manifestamos, e que foi o motivo de nossas perguntas.

– Já trato disto, amo, já trato disto.

– Não me chames de amo! ...

– É que, apesar de minha nobre origem, um dia me tornei escravo por amor a uma filha que é todo o meu tesouro neste mundo, e que me deu uns netinhos que são uma glória de Deus.

– Está bem. Tua alma é nobre como tua estirpe – voltou Jhasua a dizer-lhe.

– Visto como mutuamente confiamos uns nos outros, segui-me mais alguns passos – disse o velho, e foi caminhando para o fundo da choça, cuja metade interior era uma gruta aberta no próprio penhasco. Afastou alguns fardos de bambu e de varas de álamo, e todos viram uma pequena porém fortíssima porta de ferro.

– Este foi o calabouço da filha de Abdolômino, Rei de Sidon, há trezentos anos. Foi um drama de amor que terminou no fundo deste penhasco. Coisas dos humanos!

O velho foi dizendo isso enquanto caminhava por um corredor iluminado do teto por uma abertura nele existente.

– Para dizer a verdade, este calabouço tinha a sua beleza, pois não necessitava de luz – disse Judá observando o bom aspecto daquele corredor.

– É um calabouço principesco! – disse o velho. – Aquele Rei parece que amava a sua filha, que foi escondida aqui, para impedir que fosse raptada por um tal Abasidas, senhor de Bagdad, que queria levá-la para o seu harém.

Chegaram a outro esconderijo de pedras e musgos, atrás do qual foi aberta outra porta, permitindo que a luz do sol e o ar do mar penetrassem em cheio.

Aquela era uma formosa gruta, com abertura para o mar, mas cujo pavimento se achava a bastante altura sobre o nível das águas. Ainda subiram dez degraus lavrados na pedra e dali o velho gritou:

– Ainda estais dormindo, filhotes! Acordai, que temos visitas!

Descerrou uma espécie de anteparo de quartzo, reforçado com tiras de cobre, e surgiu um recinto como se fosse um camarote de navio. Duas camas pequenas como redes penduradas no teto, e nelas estavam deitados dois moços, com a aparência de terem de 22 a 25 anos, e muito parecidos entre si, o que fazia compreender, à primeira vista, que eram irmãos.

Deviam ter sido formosos; contudo, tinham o rosto desfigurado por manchas negras, e suas pálpebras, semicerradas, quase não deixavam ver as pupilas.

– Aqui tendes – disse – os dois únicos filhos gêmeos de Judas, o Gaulonita, meu heróico sobrinho, morto pela libertação de Israel. O governo romano condenou-os às galeras para toda a vida; no entanto Deus, que burla as ordens dos homens, os salvou, como podeis ver.

"Numa abordagem, os piratas incendiaram o barco no qual eles estavam acorrentados ao remo, e seus olhos foram queimados, bem como quase todo o rosto e a parte superior do corpo. Como já os julgavam inúteis para o remo e que provavelmente não viveriam muito, os tripulantes da galera fizeram-nos passar para um bote quebrado e os abandonaram como coisa inútil aos caprichos do mar. Tive a sorte de recolhê-los na minha barcaça de carga, numa de minhas viagens a Edipa, Tiro e Sidon. A abordagem havia sido na costa sudeste da ilha de Chipre, mas Deus mandou as ondas que os trouxeram a mim, e aqui os tendes. A sentença que tiveram, pela única razão de serem filhos de seu pai, persiste e, se os romanos os virem são e salvos, voltarão a prendê-los. Guardo-os aqui há quatro anos, e, com os cinco que estiveram nas galeras, completam os 26 que têm de idade. Os pobrezinhos quase nada podem fazer com o pouco que conseguem ver, e entretêm seu tempo pescando e fazendo cestas de bambu e de álamo para o carregamento de mercadorias na minha barcaça.

"A história está contada e os escravos prisioneiros do Estado que procurais estão aí. Disponde deles como vos agradar."

– Tio Manoa! ... – gritou um dos moços sentando-se na sua rede. – Vais entregar-nos aos nossos verdugos?

– Não, meu filho, não! Eu sou Manoa ... levo o nome do pai de Sansão, e, graças ao Deus de Israel, tenho a necessária força para defender-vos de todos os Césares do mundo.

Jhasua e os dois amigos já estavam junto das redes; contudo, os dois moços já haviam saltado ao chão.

– Não nos tomes por vadios porque continuamos dormindo quando o sol já se levantou – disse um deles –, porém esta noite passamos acordados porque a maré se elevava com tanta força que parecia ter a má intenção de penetrar na nossa caverna e levar todo este amontoamento de bambu polido e as tiras para as cestas de que o tio precisará nesta mesma semana.

– Não vos preocupeis com isto, pois não fazemos juízos sobre o procedimento do próximo – respondeu Jhasua, sentando-se sobre um fardo de bambu.

– Tenho aqui vinho de Chipre – disse o velho Manoa tirando um pequeno cântaro de uma abertura no penhasco –, que, com alguns pastéis que acabamos de fritar, haverá de fazer-nos muito bem.

Amistosamente, ofereceu-lhes uma cesta de biscoitos e um jarro de vinho.

– Cuidais bem de vossos sobrinhos – observou Faqui!

– Interesse! ... – disse Manoa –, pois penso que eles poderão cuidar de mim quando os anos começarem a pesar demasiado sobre meus ombros.

– Que poderemos fazer, se somos dois infelizes escravos cegos? ... – interrogou um dos moços com a voz cansada em face do constante desespero e do pessimismo.

– Acreditais que o Deus de Israel tem realmente o poder de esgotar a água do mar para que seus filhos possam passar, e de fazer brotar a água de uma rocha tocada por Moisés para dar de beber ao seu povo sedento? – perguntou Judá com a veemência que lhe era habitual.

– Claro que acreditamos – responderam os dois cegos –; no entanto, parece que o Deus de Israel se esqueceu de nós – disse um deles.

– A prova de que não se esqueceu é que estamos aqui – acrescentou Jhasua tomando uma das mãos de cada um dos cegos e olhando-os nos olhos com aquele seu olhar que era um raio de amorosa luz quando queria curar.

Intensa emoção apoderou-se de ambos, que começaram a agitar-se em convulsivos soluços sem lágrimas, porque seus olhos fechados não podiam vertê-las.

– Infelizes! ... – murmurou Faqui apertando seus punhos fechados.

"Nem sequer lhes deixaram o consolo de poder chorar sua irreparável desgraça!"

– Irreparável, disseste? – perguntou Jhasua ouvindo isto. – Se a *Filha do Sol* estivesse ao teu lado teria coberto com a sua mão os teus lábios para que não pronunciasses essa frase, Faqui, que somente a dizem aqueles que não crêem no poder de Deus.

– Tens razão, filho de David! ... Por um momento, esqueci que estavas aqui em nosso meio – respondeu Faqui.

Aquelas pálpebras deformadas pelo fogo começaram a avermelhar-se, como sob a influência de um sopro vivificante. As manchas e os franzidos, que desfiguravam aqueles pobres rostos lacerados pelas chamas há quatro anos, foram perdendo-se na pureza da pele que parecia estar sendo renovada e transformando-se sob a ação dos hálitos ultra poderosos que Jhasua exalava sobre eles, como se lhes transmitisse vida nova, fibra por fibra.

O velho Manoa era todo olhos para ver esse extraordinário espetáculo de duas fisionomias desfiguradas pelo fogo que adquiriam, de um momento para o outro, os formosos aspectos juvenis que havia conhecido em seus sobrinhos antes da desgraça.

Quando a fina membrana das pálpebras adquiriu sua natural mobilidade e se abriu dando passagem à luz das pupilas de um escuro azul como o céu das noites galiléias, o ancião não pôde resistir mais e, caindo de joelhos aos pés de Jhasua, gritou com toda a sua energia:

– Deus de Israel! ... Sabes que eu não acreditava em milagres, e fizeste na minha frente o mais estupendo de todos os que os olhos de um homem já viram! ...

Os soluços embargaram sua voz e, ajoelhado sobre o duro pavimento, o pobre velho começou a rezar, pedindo perdão de seus pecados, e prometendo a todos os patriarcas e Profetas de Israel que, daí para diante, seria justo em toda a extensão da palavra.

Quando aqueles olhos cegos pelas chamas do incêndio puderam perceber tudo quanto os rodeava, os dois irmãos se abraçaram chorando e disseram ao mesmo tempo:

– Julguei que nunca mais veria o teu rosto!

Faqui e Judá, igualmente enternecidos, se entreolhavam sem dizerem palavra, e olhavam também para Jhasua cuja intensa palidez deixava compreender quanta energia vital havia deixado naqueles dois seres tão infelizes uma hora antes e tão felizes neste momento. No entanto, nem bem passou a explosão de alegria dos recém-curados, eles pensaram em sua triste situação de escravos prisioneiros do Estado para toda a vida e imediatamente ficaram calados e tristes.

– Não murcheis a roseira de vossa felicidade com o angustioso pensamento que vos aflige neste instante – disse Jhasua de maneira muito meiga.

– Deus de Abraham! ... – exclamou um dos moços. – Quem és para deste jeito ler nossos pensamentos?

– Um homem que estudou a alma dos demais – respondeu Jhasua. – Estais pensando na vossa condição de escravos prisioneiros do Estado; porém lembrai também que o nosso Deus não faz as coisas pela metade.

"Judá, meu amigo. Chegou a tua hora. Cumpre, pois, o teu nobre pensamento nestes filhos do mártir Judas, o Gaulonita."

– Na realidade – disse o aludido –, eu vim aqui para resgatar um escravo prisioneiro do Estado, e Deus me concede dois em vez de um só.

– E a quem pagareis pelo nosso resgate? Somos escravos do Estado ...

– O Estado vos atirou ao mar como coisa inútil e certamente vos crêem mortos a estas horas – disse o velho Manoa.

– Eu tomo um e tu o outro – disse Faqui ao príncipe Judá – não como escravos, mas como empregados sob salário. Eu necessito de um servidor de toda a confiança e creio havê-lo encontrado hoje no porto de Tolemaida.

– Se o tio Manoa estiver de acordo ... – disseram ambos ao mesmo tempo.

– Faltava apenas isto! ... Como não hei de estar de acordo, se hoje Deus entrou na minha choça? Aqui não podereis ficar porque muitos souberam da vossa desgraça e seria impossível continuar a ocultar-vos depois da vossa cura. O passado voltaria a ser renovado e então estaríeis perdidos.

Judá havia ficado pensativo examinando os dois jovens cujos fortes e musculosos braços indicavam claramente o duro trabalho que haviam realizado. Também ele tinha músculos de ferro em seus braços, e isso porque esteve somente três anos no remo.

– Podeis dizer-me em que frota prestastes serviços? – perguntou repentinamente aos jovens.

– Naquela que há nove anos era comandada pelo tribuno romano Quintus Árrius. Nossa galera era a Aventina II, e nosso Capitão chamava-se Paulo Druso.

– Eu estava na Ástrea, que era a nave capitânea – disse Judá – e sou filho adotivo de Quintus Árrius! ... Mas não temais, pois sou judeu de raça e de religião, e não sou amigo dos romanos pelo muito que estou agradecido ao nobre romano que salvou a minha vida e a minha honra.

"Com a aquiescência de vosso tio ficais, a partir deste momento, como nossos servidores assalariados. Não havereis de ter queixas de nós."

– São dois nobres corações estes meus amigos – disse Jhasua – e além disto

gozam de boa posição. Ambos são donos de grandes propriedades, de boa fortuna e de nomes ilustres em seus respectivos países.

– Este é Hach-ben Faqui, príncipe de Cirene, e este outro é o príncipe Judá, filho de Ithamar, da casa de Hur, de Jerusalém.

– Oh, oh! ... – exclamou o velho Manoa. – Grandes nomes, meus filhos! ... A sorte entrou nos vossos corpos com uma bênção de Jehová. Sabei, pois, aproveitá-la e corresponder a tão grande benefício.

– Agora seguiremos viagem para Antioquia – acrescentou Judá –, e já vos levaremos conosco. Dizei-nos vossos nomes e escolhei de nós dois aquele que quereis como amigo íntimo para fazer esquecer vosso doloroso passado.

– Eu sou Othoniel, e fico ao teu lado, príncipe Judá.

– Eu sou Isaías, e me uno a ti, Hach-ben Faqui – disse o outro.

De forma muito espontânea, o africano deu um passo em sua direção e o abraçou como houvera feito com um irmão esperado há longo tempo.

– Espero fazer-te muito feliz – disse.

Judá fez o mesmo, acrescentando:

– Agora vamos a uma tenda de roupas, e vestireis trajes correspondentes a de dois novos mordomos de casas ilustres.

O velho Manoa não sabia se devia chorar ou rir, e, por fim, resolveu aproximar-se de Jhasua, a quem interrogou:

– Senhor santo, que entras como um deus nas choças carregadas de dor, e que, junto contigo trazes todo o Céu de Jehová! ... Acaso não és o Messias que Israel espera desde há tanto tempo? ...

"Pela memória do meu sobrinho Judas, mártir, dize se o és e entregar-te-ei o segredo que ele deixou para te ser entregue!"

– *Eu sou!* – disse o Mestre pela primeira vez em toda a sua vida. – Mostra-me, pois, o segredo do meu heróico irmão Judas, que me precedeu no caminho do sacrifício pela libertação de Israel.

Enquanto os quatro jovens saíam para buscar numa tenda as roupas para vestir Othoniel e Isaías, o velho Manoa fez Jhasua sentar num banco e, levantando uma pedra num canto do pavimento, retirou um cofre de ébano e lhe entregou.

– Que é isto? – perguntou o jovem Mestre.

– Abre-o e verás, pois somente o Messias pode vê-lo – respondeu o velho.

Jhasua quebrou os lacres que o fechavam hermeticamente e retirou uma tabuinha, na qual estavam gravadas estas palavras: *Judas de Galaad ao Messias, Salvador de Israel.*

Depois, tirou um tubo de prata que encerrava um papiro: era o testamento do ilustre mártir pela liberdade e justiça. Dizia assim:

"Filho de David, Salvador de Israel. Sei que estás no meio do nosso povo, porque o príncipe Melchor te viu no berço há alguns anos. Não sei se chegarei a conhecer-te antes de morrer, pois os meus dias estão contados. Minha existência só durará o tempo que os tiranos de nosso povo demorarem para encontrar o meu refúgio.

"Ofereci minha vida ao Deus de meus pais pela salvação do meu povo e pela felicidade de meus dois únicos filhos Isaías e Othoniel, que deixo aos cuidados de meu tio materno Manoa, velho marinheiro de Tolemaida. Deixo vinte talentos de ouro, fruto da venda da herança de meus pais e de meu próprio trabalho. Metade é para os meus filhos e para o meu tio, e a outra metade é para o exército defensor do Messias, Rei de Israel.

"Filho de Deus! ... Salva o nosso povo do opróbrio e da opressão, e que meus filhos honrem a memória de seu pai com sua vida consagrada à justiça e à liberdade."

Judas de Galaad

Jhasua olhou a data e haviam passado onze anos. Judas a havia escrito alguns poucos meses antes de sua heróica morte, quando seus filhos contavam apenas 15 anos de idade.

– Pobre Judas! – exclamou Jhasua enxugando duas lágrimas que a lembrança do mártir arrancava do fundo de sua alma.

"Sacrificaste tua vida pela libertação política de Israel, sem pensar que é necessário, antes de mais nada, preparar Israel para governar a si mesmo ...

"Também eu serei mártir como tu, porém será para libertar a humanidade da enorme carga de iniqüidade que a mantém prostrada numa fatal decadência! ..."

– Santo Senhor! ... – disse também chorando o velho Manoa. – Guardai logo isto, porque aqueles que saíram não tardarão em voltar. As tendas estão junto ao porto.

– Não, Manoa, todos eles precisam conhecer o segredo de Judas de Galaad. Não vês que a metade do ouro que aqui se encontra te pertence e a teus sobrinhos, e que a outra metade é para um exército defensor de Israel?

"Meus dois amigos são membros do Conselho Central de Jerusalém, que dirige e preside a Santa Aliança libertadora, e eles não podem ignorar nada disto.

"Deixa-me agir, bom Manoa, e tudo será de acordo com a justiça e a razão."

Poucos instantes depois, retornaram os quatro que foram fazer compras.

– Oh ... ó pai Abraham! ... – gritou fora de si o velho, vendo seus dois sobrinhos com elegantes túnicas brancas de fina cachemira igual às que geralmente eram usadas pelos saduceus de alta linhagem, e turbantes com listras azuis, amarelas e brancas. – Quem vos conhecerá agora? ...

– E quem te conhecerá quando te cobrires com este manto da cor do fruto das palmeiras e com este turbante de listras amarelas e verdes? – perguntou Isaías, mostrando ao tio o presente que lhe traziam.

"Ficastes loucos, ficastes loucos! ... – exclamou o pobre velho. – Quando vou pôr isto em mim? Ainda não ganhastes um único denário e já esbanjais desta maneira?

– Não os recrimines, bom Manoa – disse Judá. – Fizemos um adiantamento do que serão seus salários mensais e eles pensaram imediatamente em ti.

– Coisas de crianças! ... – disse o velho, abrindo um antiga arca para guardar o manto e o turbante que considerava um luxo para si.

Em seguida, Jhasua, que ainda estava com o cofre aberto, participou aos amigos o segredo de Judas de Galaad.

– Grande alma! ... – disse Faqui –, que ainda à borda da sepultura pensava na defesa de seu povo!

Entregaram ao velho Manoa os dez talentos de ouro, metade da soma deixada por Judas, pois seus filhos Isaías e Othoniel doaram ao bom ancião a parte que correspondia a eles, pelo fato de tê-los recolhido quando se achavam abandonados e cegos.

– Nós somos jovens e Deus nos favoreceu com uma boa colocação na vida – disse Othoniel –, enquanto que o tio míngua em suas forças, e devemos proceder com ele do mesmo modo como procedeu conosco.

– Essa é a justiça que reclamo para que Israel seja livre – disse Jhasua. – Se todos compreendessem a vida como vós, esta humanidade seria bem mais feliz.

Dois dias depois, nossos viajantes embarcaram numa formosa galera pintada de branco-marfim e com o pavilhão amarelo. Ela vinha de Gaza e escalara em Ascalon, Jaffa e Cesaréia.

– Os melhores navios de passageiros e de carga são os do nosso compatriota Simônides – disse o velho Manoa, satisfeito por vê-los tomar passagem num dos barcos do grande comerciante de Antioquia.

Nossos amigos cruzaram entre si um olhar inteligente, pois o tal Simônides era o comerciante amigo do príncipe Melchor, para o qual Jhasua levava uma carta de recomendação. Judá, por sua vez, pensou com amargura que aquele navio deveria ser da frota de seu pai, visto como o comerciante Simônides foi o representante geral do príncipe Ithamar, e agora o era de sua viúva.

Reconheceria Simônides os donos da imensa fortuna que administrava? Sua mãe, sua irmã e ele, Judá, durante oito anos tinham sido dados como mortos. Que mudanças haviam sido operadas naquele antigo servidor, que havia sido atormentado por Valério Graco para arrancar-lhe o segredo dos bens de fortuna do príncipe Ithamar, chefe da família?

A formosa e brilhante galera chamava-se *Thirza*, nome que aparecia em grandes letras de ébano na proa. Junto a ela Judá viu outra galera que parecia gêmea da anterior, pintada de cinza-azulado e cujo nome em letras de bronze dizia *Esther*.

– Esses navios – disse Judá a Manoa, enquanto alguns criados subiam com a equipagem e chegava Faqui com sua mãe e irmã – parecem ter sido lançados recentemente ao mar.

– Esta é a segunda viagem que fazem – esclareceu o velho. – Supõe-se existirem duas donzelas pelas quais o rico armador tem grande amor, e batizou os dois últimos barcos com seus nomes quando as meninas entraram em seus 20 anos.

– Repara, Thirza! – disse Judá à irmã que chegava ao cais naquele instante com Jhasua, Noemi, Amhra e os dois criados Eliacin e Shipro.

– Que hei de olhar, a não ser uma selva de mastros, velas e formosos barcos? O mar, que não via desde os meus dez anos, quando fomos despedir-nos de nosso pai em sua última viagem?

– Repara o teu nome na galera em que embarcaremos – acrescentou Judá.

– É mesmo! ... Que coincidência! ... – exclamaram todos.

– De maneira que Thirza vai viajar com "Thirza"! – observou Jhasua.

– E comigo – disse Noemi, apertando-se ao braço da filha, como se um vago temor a houvesse sobressaltado.

A prancha foi descida à terra e começou o embarque de passageiros e fardos de mercadorias.

– Repara este outro navio com idêntica bandeira amarela, com iguais mastros e velame. São como dois irmãos gêmeos, e se chama *Esther*.

– Ambos são do mesmo armador, o comerciante Simônides de Antioquia – esclareceu o velho Manoa que estava em toda a sua glória, como um velho patriarca entre seus dois galhardos sobrinhos.

– Simônides de Antioquia! – exclamou Noemi olhando para o filho Judá. – Esse é o nome que ainda recordo do nosso procurador, desde que me uni em matrimônio a teu pai. Será o mesmo? Já era um homem de 60 anos; e oito que passamos! ... Deve estar chegando aos 70.

– Sabes se tem filhos? ... – perguntou Noemi ao velho Manoa.

– Pouca coisa sei dele – respondeu o ancião –, no entanto, ouvi algo a respeito

de uma filha única, que, depois de casada, desapareceu numa perseguição que um chacal romano desatou contra ela, por ser muito formosa. Simônides é possuidor de imensa fortuna, mas também sobre muitas dores.

"Dizem que foi submetido a torturas para arrancar-lhe não sei que segredos que interessavam ao governo do César."

– Deus misericordioso! ... – exclamou Noemi cheia de temores. – Por que insistes, meu filho, em irmos a Antioquia? Não será o mesmo que nos arrojarmos novamente na boca do lobo?

– Mãe! ... – disse Judá. – Tua grande fé no Salvador de Israel abandona-te agora, quando tratamos de começar nossa colaboração com ele para a libertação do nosso povo? ...

– Não temas, mulher, que tua fé e tua resignação coroaram de paz e felicidade tua vida presente e futura – disse Jhasua, tomando-a pela mão para ajudá-la a embarcar.

"Que '*Thirza*' nos leve numa boa viagem sobre as ondas do mar!"

– Contigo sim, ó glória de Israel! – exclamou a boa mulher apoiando-se em Jhasua, até que entrou na branca e formosa galera que levava o nome de sua filha.

Quando o barco soltou as amarras, todos agitaram seus lenços despedindo-se dos que ficavam em terra. Eram as primeiras horas da tarde, e um tíbio ar primaveril eriçava suavemente a superfície do mar. Sobre o penhasco do cais via-se a silhueta rija e aprumada do velho Manoa a acompanhar com o olhar o barco que levava os dois filhos órfãos de seu sobrinho Judas de Galaad, tão infelizes um dia antes e tão cheios de felicidade naqueles momentos.

– Bem se vê que o Deus de Abraham e de Jacob se lembrou do seu povo e enviou-lhe a estrela do seu repouso! Manoa, velho Manoa! ... Quem diria que, depois de aguardar onze anos com o cofre escondido sob o piso da tua caverna, haverias de entregá-lo pessoalmente ao Messias, e ouvir sua própria voz dizer:

"EU O SOU!"

Profunda emoção encheu de lágrimas seus olhos, e, dando meia-volta, perdeu-se entre os cabos e velas de sua barcaça de carga.

Nossos viajantes instalaram-se sobre a coberta do navio, com exceção de Noemi, que quis retirar-se para o camarote, seguida de Amhra, sua fiel criada.

Esta, que escutara toda a conversação sobre Simônides, o comerciante, disse:

– Minha ama, perdoa-me que nada tenha dito a ti em relação a esse bom homem Simônides.

– E o que é que sabes dele? – perguntou Noemi já recolhida em seu leito.

– Em cada um de seus barcos que chegava a Jaffa, fazia vir até Jerusalém um criado com um fardo de mercadorias contendo roupas e comestíveis, e um bilhetinho dizendo: "A felicidade e a honradez num criado são como a oliveira, cuja raiz jamais seca. Nosso Deus, que alimentou Agar no deserto, cuidará de ti, ainda que passem muitos anos. Não abandones o teu posto no qual deves esperar sempre." E assinava: Simônides.

"Depois de três anos da desgraça, fiquei sabendo que esse tal Simônides era um fiel procurador do querido amo Ithamar, e que administrava seus bens em Antioquia."

– Ele veio à nossa casa?

– Jamais, senhora, pelo menos eu não o vi em Jerusalém.

"Esse bom homem terá uma grande surpresa quando vos vir os três novamente reunidos!"

– Julgas que não estará mais contente em continuar na posse da nossa fortuna, como o teve durante os oito anos do nosso desaparecimento? – perguntou Noemi.

– Não o creio, boa senhora, porque se realmente fosse assim, não haver-se-ia preocupado mais comigo.

"Uma vez, quando o mensageiro chegou, encontrou-me enferma. Tinha a chave da porta das carruagens e entrou sem chamar.

"Ao anoitecer, e quando eu o julgava já em viagem, voltou com um Terapeuta, desses que se hospedam no Khan da Bethânia, para que me curasse. Comprou os remédios necessários e deixou-me cem sestércios para que eu pudesse continuar comprando outros remédios que se tornassem necessários para a minha cura.

"– Aquele que me envia – disse – necessita que vivas para reconheceres os amos quando eles voltarem a ocupar o seu lugar na vida."

– E como ele sabia que haveríamos de voltar? – perguntou Noemi.

"Thirza e eu poderíamos ter morrido no calabouço e Judá nas galeras ..."

– No entanto não morrestes, minha senhora, motivo pelo qual devemos dar razão a esse homem que me pedia para aguardar. Haveria algo que mantinha viva a sua esperança! Eu o estimo profundamente, mesmo sem jamais tê-lo visto.

Amhra viu que sua ama estava querendo dormir, e, correndo as cortinas da clarabóia, deixou o camarote às escuras.

Apanhou um xale de seda azul da cama destinada a Thirza e subiu para a coberta para abrigar com ele sua pequena ama, porque a aragem do mar se tornava fresca e a menina era uma flor muito delicada ...

Encontrou-a sentada num banco entre Jhasua e Faqui, e amorosamente cobriu-a com o xale. Retirou, em seguida, de suas próprias costas um escuro manto e envolveu com ele os pequeninos pés da jovem.

– Basta, Amhra, basta – disse Thirza. – Ainda julgas que estou no berço e que choro de frio? ... – A boa mulher sorriu em silêncio e desceu para o camarote de Noemi para cuidar de seu sono.

Jhasua, que observava tudo isto silenciosamente, disse, quando a criada desapareceu:

– Dizei se não é uma espantosa aberração humana que seres como esta mulher suportem a dura condição de escravos, que podem ser comprados e vendidos como um asno, um boi ou uma cabra?

"Por acaso sua alma não é muito mais nobre e pura que a de um grande magnata?

"Considerai – disse em seguida –, que, na nossa Santa Aliança para a libertação de Israel, devíamos ocupar-nos com os escravos. Não deve haver escravos fortuitos, mas voluntários.

"Aquele que desejar continuar sendo escravo, se assim lhe agradar, que o seja; no entanto, todos devem ter o direito de conquistar a própria liberdade."

– A Lei – disse Thirza – concede o direito da liberdade a todos os que serviram durante seis anos a um mesmo senhor.

– É verdade – respondeu Jhasua –; entretanto, a maioria dos amos já está combinando para fazer sentir ao criado que, a partir daquele instante, serão abandonados completamente sem recurso algum, e devem defender-se sozinhos das adversidades da vida.

"Muitos escravos abandonados assim à própria sorte, e cujos espíritos já estão humilhados e tímidos pela própria condição sofrida, se acovardam ao serem lançados deste modo no mar bravio da vida humana que, com toda a certeza, não lhes será aprazível nem benfeitor. Então preferem continuar nessa mesma condição, indefinidamente."

– Vem aqui, Judá, com Isaías e Othoniel, pois tratamos de um assunto muito

importante! ... – disse o Mestre em voz alta a seus três companheiros de viagem que conversavam animadamente na balaustrada da coberta. Os três se aproximaram.

– De que se trata, filho de David? – perguntou Judá, sorridente.

– Como procederias para que não houvessem escravos fortuitos, mas tão-somente voluntários? – perguntou Jhasua.

– Com uma lei que proibisse severissimamente a compra e venda de seres humanos – respondeu Judá.

– Mas, não contando com o poder necessário para outorgar essa lei, como procederias?

– Tudo isto entra em meu programa, se formarmos um grande exército com a finalidade de fazer valer os nossos direitos para estabelecer leis e fazê-las cumprir – respondeu Judá.

" Está muito bom o exército de defesa; no entanto, estará melhor se elevarmos o nível moral do povo, despertando nele os sentimentos de fraternidade e companheirismo, depois de haver extirpado completamente a nefasta semente do ódio de classes."

– Tenho uma idéia – disse Faqui –, e é a seguinte: nas arcas da Santa Aliança há mais de 200 talentos que, trocados na nossa moeda, atinge a soma de cerca de meio milhão de sestércios, com o qual a Santa Aliança poderia resgatar os escravos fortuitos que estivessem sendo maltratados pelos seus amos.

"Poderemos proceder desse modo até estarmos em condições de dar leis anulando a escravidão. Creio que assim os amos não poderiam levantar protestos, visto como são reembolsados no valor de seus servos. É uma compra."

– Magnífica idéia, Faqui! – exclamaram todos ao mesmo tempo.

– Enviemos o projeto ao Conselho Central de Jerusalém – disse Jhasua –, participando-lhe ao mesmo tempo o recebimento do donativo póstumo de nosso irmão Judas de Galaad, que vem reforçar nossa caixa de socorros.

– Perdoai minha indiscrição – interrompeu Othoniel. – Poderia saber o que vem a ser essa Santa Aliança da qual ouço falar, e que finalidades desejais tomar em relação às situações difíceis dos demais?

– Othoniel! ... – perguntou o Mestre. – Que te parece melhor? Como estais ambos agora ou como estáveis antes de chegarmos à vossa choça?

– Profeta de Deus! ... – exclamaram os dois filhos de Judas de Galaad. – Isto nem sequer há necessidade de perguntar!

– Éramos dois frangalhos inúteis, e hoje somos dois homens capazes de qualquer esforço por uma causa justa – acrescentou Othoniel.

– Falaste muito bem, Othoniel. Agora esclareço: a Santa Aliança significa que cada membro deve ser capaz de agir em relação aos seus semelhantes da mesma maneira como nós procedemos convosco. Compreendeste?

– Essa é uma obra de gigantes, pois o mundo está cheio de infelizes em idênticas condições as que nós estávamos antes de vossa chegada a Tolemaida – disse Isaías.

– Pois essa obra de gigantes pode ser feita pelos homens de boa vontade, que sejam capazes de cumprir com a Lei que diz: "*Amarás a teu próximo como a ti mesmo.*"

– Queremos pertencer à Santa Aliança! – exclamou com veemência Isaías. – Estás de acordo, Othoniel?

– Tiraste a palavra da minha boca! – respondeu o interrogado.

– Senhores! ... Mais dois que são acrescentados às nossas fileiras – exclamou Judá. – Amanhã a esta hora estaremos no porto de Tiro, onde nosso barco se deterá

durante seis horas para receber carga. Seremos capazes de plantar ali, em tão breve tempo, um raminho da Santa Aliança?

– Depende de termos ali algum bom amigo – acrescentou Faqui.

– Temos, sim, e muito bons amigos! No velho porto acha-se incrustada no penhasco a Torre de Melkart, cuja história trágica assusta as pessoas. Ali estão os nossos Terapeutas com os leprosos e os demais atacados de enfermidades incuráveis – disse Jhasua. – Eu já havia pensado em visitá-los se o navio se detivesse durante algum tempo em Tiro.

Tal como pensaram, assim foi feito, pois a célebre Torre de Melkart, onde Joseph e Myriam com Jhasua, pequenino fugitivo de Herodes, se refugiaram anos atrás, foi novamente visitada pelo jovem Mestre, acompanhado de seus amigos.

Trinta e seis leprosos, dezenove paralíticos, quatorze tuberculosos e oito cegos, foram curados pela energia divina que residia na personalidade augusta do Filho de Deus; e esses desditosos seres, escória que a Humanidade havia afastado de seu seio, formaram o primeiro grupo de filiados que a Santa Aliança teve nessa cidade, e que arrastaram, atrás de si, primeiramente seus familiares e amigos, e, logo a seguir, a maioria dos israelitas, árabes e egípcios radicados na grande metrópole, glória do Rei Hiram, o nobre e generoso amigo de David e de Salomão.

O leitor compreenderá perfeitamente que ali ficava a nova fundação sob a tutela e orientação dos Terapeutas-Peregrinos, cuja discrição assegurava a boa marcha da Santa Aliança e seu desenvolvimento, com as precauções necessárias.

– Em Sarepta, o navio deter-se-ia durante apenas três horas, pouco mais ou menos.

Jhasua tirou sua caderneta de anotações do bolso e procurou alguns endereços anotados por seu primo Johanan, quando esteve pela última vez com ele.

Cinqüenta passos ao norte da cidade, corria um arroio bastante caudaloso, em cuja margem sudoeste e entre um labirinto de montes cobertos por espesso arvoredo, existiam muitas grutas, algumas das quais eram sepulcros. Uma delas, que não era sepulcro, porque estava a mais de seis pés do solo, era habitada temporariamente pelos Terapeutas-Viajantes e era chamada "*A gruta do Profeta*". Uma velha tradição dizia que o Profeta Elias se houvera albergado ali durante uma temporada, ou seja, quando pediu socorro à viúva de Sarepta, da qual a Escritura Sagrada menciona algo.

Johanan havia dito confidencialmente a Jhasua que, por duas vezes em sua vida, fora transportado em espírito até essa gruta solitária, e vira numa disfarçada cavidade da rocha, e na parte mais interna da caverna, um tubo de cobre com um papiro, no qual o Profeta havia escrito em poucas palavras a sua origem. Mas Johanan jamais pôde ler o escrito.

Jhasua, que pensava realizar essa viagem a Antioquia, tinha prometido averiguar essa comprovação. Efetivamente, o tubo foi encontrado de acordo com as indicações de Johanan e a gravação dizia:

"Meus pais foram originários da ilha de Creta, onde nasci, causando este nascimento a morte de minha mãe.

"Meu pai levou-me a Pafos, na costa sudoeste de Chipre, onde sua morte deixou-me órfão aos oito anos.

"Fui adotado como filho por um ermitão sábio, que me ensinou astrologia e química, ciências nas quais cheguei a grande adiantamento.

"Dele aprendi a fazer retornar à vitalidade a um moribundo e a acender no ar chamas de fogo, mediante o emprego de substâncias imperceptíveis à simples vista.

"Sua sabedoria havia sido adquirida dos anacoretas do Monte Himeto. Esses anacoretas chamavam-se Dacthylos.

"O Supremo Construtor de tudo quanto existe nos Céus e na Terra tomou-me como instrumento de sua justiça para castigar os maus e proteger os débeis.

"Se cumpri mal, quero ser perdoado e corrigido.

"Se cumpri bem, louvado seja o Supremo, e que tenha isto em conta para uma nova jornada."

Elias Tesbitha.

Quando Jhasua com Judá e Faqui iam voltar ao porto para tomar o barco, chegou à gruta um Terapeuta com um jovem canceroso e um homem maduro, cego de nascimento.

O Terapeuta vinha do Monte Hermon e não reconheceu Jhasua, ao qual não via desde seus dez anos de idade. Apenas se encontraram, Jhasua deu-lhe a frase da senha dos Essênios: "*Voz do Silêncio.*"

O Terapeuta respondeu:

– "O Senhor está entre nós." Tal é a nova senha irmão. De onde vens que não sabias disto?

– Da Galiléia, e vou à Antioquia – respondeu Jhasua observando os dois companheiros do Terapeuta.

Colocou uma mão sobre os olhos do cego e outra sobre o peito do canceroso.

– Se acreditais no Poder Divino que residiu em Elias, Profeta, e que hoje reside em mim, pela Lei Eterna do Amor e da Justiça, quero que sejais curados, para poderdes realizar o bem sobre a Terra.

O jovem enfermo arrojou uma golfada de sangue pela boca e caiu exânime nos braços de Judá e de Faqui, que o mantiveram. O homem cego esfregou os olhos inválidos em virtude de um forte ardume, e foi abrindo-os lentamente ...

– Quem és tu? ... Quem és, em nome de Deus? – gritou o Terapeuta maravilhado de tão repentina cura.

O jovem Mestre, sorridente e afável, colocou a mão em seu ombro e disse:

– Não acabas de dizer-me que *o Senhor está entre nós*?

O Terapeuta caiu de joelhos com profunda emoção, exclamando:

– Luz de Deus sobre a Terra! Bendita seja a hora em que vim a esta caverna!

– É breve o tempo que temos disponível. Ouves o apito do barco chamando-nos ao porto? – perguntou o Mestre.

"Encarrega-te de reunir aqui adeptos para a Santa Aliança, para a qual pedirás instruções aos Terapeutas da Torre de Melkart, em Tiro, onde acabamos de estabelecer uma sucursal."

O Terapeuta deixou o ex-cego encarregado de cuidar do jovem canceroso, a descansar em profundo sono sobre um leito de feno, e acompanhou Jhasua até que o viu embarcar.

Este Essênio chamava-se Nabat, e tinha uma irmã viúva de nome Maria, que vivia muito retirada com um filho adolescente de nome João Marcos, e, na época, residiam em Cesaréia de Filipos. Foram estes, junto com os curados na "Gruta do Profeta", os alicerces da Santa Aliança nessa parte da Síria, principalmente na Cesaréia, onde, anos depois, abrigou em sua própria casa o primeiro grupo de cristãos que tantos serviços prestou a Pedro, o apóstolo, nas grandes perseguições que sofreu.

De Sarepta a Sidon levava-se, com bom tempo, apenas um dia de viagem. Ainda que a cidade houvesse decaído muito em seu antigo esplendor como centro da grande atividade comercial dos fenícios, quando eram os únicos donos do Mediterrâneo, conservava, não obstante isto, os claros vestígios da passada grandeza.

Seu soberbo panorama de montanhas cobertas de eterno verdor; seus brancos palácios presos no alto das colinas como ninhos de águias, deixando aparecer apenas suas audazes torres por entre as copas dos cedros gigantescos; sua situação entre dois rios que desciam das alturas do Líbano, saltando entre penhascos até desembocar no mar, tudo, enfim, fazia de Sidon uma cidade de sonho, onde o hortos fecundos e os maravilhosos jardins saturavam a atmosfera com o aroma de frutas maduras e de roseirais em flor.

Sidon continuava sendo a pátria adotiva de inúmeros príncipes. Excepcionalmente formosa em sua natureza, possuía um clima benigno e saudável, em virtude da grande altura em que se encontrava, já em plena Cordilheira do Líbano.

Em razão disto, era uma cidade de cortesãos e cortesãs, que haviam trazido para esta cidade os costumes e usos de seus respectivos países. As bailarinas e odaliscas de Bagdad, de Bizâncio, de Pafos e de Daphne; os adoradores dos deuses pagãos do prazer, a efeminação e a sensualidade mais refinada, tinham levado a Sidon o que eles classificavam como a única coisa que tornava a vida humana digna de ser vivida.

A essa capital chegava à bordo da galera "*Thirza*" a Luz Divina feito homem, o Amor Eterno palpitando num coração de carne.

Noemi, mãe de Judá, que sabia disto mais ou menos através de referências do seu esposo, cujas viagens pelo Oriente e Ocidente o tornaram grande conhecedor dos costumes e usos, manifestou a conveniência de não desembarcarem naquela cidade. Judá e Faqui compreenderam o retraimento da austera dama judia em não desejar que os jovens, seus companheiros de viagem, vissem de perto o que ela chamava a *abominação de Sidon.*

O breve diálogo entre Judá e sua mãe a este respeito fez Jhasua compreender o motivo pelo qual Noemi se opunha a tal desembarque.

O navio ficaria detido por quatro horas em Sidon, tempo suficiente para explorar o terreno caso se lhes oferecesse oportunidade de conquistar prosélitos para a causa que deitara raízes profundas nos três amigos.

– Cinco anos vividos na Roma dos Césares me curaram do assombro, mãe – disse Judá. – Mais do que eu vi naquela capital de corrupção e viciosidades certamente não conseguirei ver em Sidon.

– Onde há muitos empesteados é onde mais falta faz a purificação e a limpeza – disse Jhasua. – Talvez seja maior a má fama do que a realidade e, além disto, "se dez justos existirem em Sidon, por estes dez o Senhor perdoaria a todos". Não é assim a palavra divina, Noemi?

– Sim, filho de David, é assim. Que o Senhor me perdoe pelo temor egoísta de que venhais a sofrer algum mal ali, onde, na verdade, podereis semear o bem.

– Então temos o vosso consentimento para visitar Sidon? – perguntou afetuosamente Faqui, como se aquela virtuosa matrona judia fosse a sua própria mãe.

– Sim, sim, Hach-ben Faqui. Quando o nosso Messias o deseja, ele sabe o que quer – respondeu a meiga senhora.

Como os olhares de Faqui interrogassem Thirza, esta disse discretamente:

– Quando a mãe diz sim, é que deve ser sim; entretanto não quero descer. Contemplarei a cidade de cima da coberta e me satisfarei com isto.

Os cinco homens desceram. Os novos mordomos dos jovens príncipes asseguravam que antes da desgraça residia ali um irmão de sua falecida mãe que, no grande mercado de Sidon, tinha um negócio de pedras preciosas, corais e nacar. Talvez ele pudesse orientá-los na empresa que desejavam realizar.

O mercado de Sidon era um imenso edifício circular, espécie de praça cercada de muros com o particular de que a muralha tinha inúmeras portas.

Um grande círculo de esbeltas colunas de mármore, paralelo ao muro exterior, assemelhava-o a um anfiteatro. Essa colunata circular tinha um teto magnífico, cheio de altos relevos, nos quais se destacavam audazmente odaliscas em dança ante as estátuas dos deuses.

No centro do grande edifício circular havia uma fonte de mármore com uma estátua de Adônis, rodeado de cupidos coroados de flores em atitudes de dança.

Encontraram finalmente o estabelecimento comercial que procuravam; porém não o tio, mas uma jovem muito amável e bastante simpática.

Quando deram o nome do tio, a jovem lhes disse:

– Sou filha dele. Meu pai está doente. Que desejais?

Isaías e Othoniel não reconheceram a prima, como ela tampouco os reconheceu, pois tinham passado dez anos sem ver-se e os três eram quase crianças quando se viram pela última vez.

Quando se deram a conhecer, foi grande a alegria da moça cujo nome era Thamar.

– Permiti – disse – que eu atenda uns clientes que tenho aqui dentro, e logo levar-vos-ei para ver meu pai.

Enquanto ocorria este diálogo, Jhasua com Judá e Faqui percorriam a grande colunata circular, observando tudo.

Numa pequena tenda de frutas e flores, viram seu dono paralítico sentado numa cadeira de rodas, que um adolescente empurrava quando era necessário mudá-lo de lugar. Deste jeito atendia ele ao seu negócio.

Ofereceu-lhes uvas de Chipre e tâmaras de Alexandria, que os nossos viajantes compraram para iniciar a conversação.

– Chegastes na galera que atracou há pouco? – perguntou o velho. – Certamente vindes da Judéia, pois vossa vestimenta atesta isto. Como se vive por lá?

– Lá e cá respiramos ar de humilhação e desprezo – respondeu Judá.

– Aqui só vivem a bel-prazer os vadios e as bailarinas – disse o velho comerciante. – Para esses não existe ano mau nem tampouco a vida lhes é pesada.

– Enquanto que tu – disse Jhasua – ganhas penosamente o pão com o teu corpo quase inutilizado pela paralisia.

– Paralisia? ... Foi a roda da tortura que deslocou meus pés e meus joelhos! ... – exclamou o pobre homem com a voz trêmula de ira.

– E por quê? – voltou Jhasua a perguntar. – Que delito cometeste?

– Defender a honra de minha casa como uma leoa defende o refúgio de seus filhotes contra os cachorros. Não existe coisa alguma digna de respeito para a cobiça dos senhores de Roma. Para pagar suas dívidas de jogo, um satélite de sua majestade imperial teve a idéia de pretender comprar duas de minhas filhas maiores para o Rei de Bagdad que, em troca, dar-me-ia uma sacola cheia de pedras preciosas de grande valor. Esse Rei tinha predileção pelas donzelas da pátria de Salomão. Faltavam-lhe duas para completar as dez que aquele sátiro queria.

"Ocultei minhas duas filhas onde nem o diabo poderia achá-las, e ele me submeteu à tortura para obrigar-me a declarar onde se achavam. Apenas não me matou na esperança de que eu depois acedesse.

"De Sevthópolis mudei-me para cá em busca de tranqüilidade, e aqui estou. Salvei minha casa da desonra; no entanto, não consegui salvar minhas pernas, que ficaram deslocadas."

– Sou médico – disse Jhasua ajoelhando-se junto à cadeira do inválido. – Existem deslocamentos que podem ser curados. Deixa-me comprovar. – Suas mãos pousaram suavemente nos enfraquecidos ossos dos joelhos e logo em seguida nos pés, cujas plantas se achavam viradas para fora, horrivelmente desfiguradas.

– Tuas mãos me queimam, jovem, cuidado! ... – disse o comerciante.

– Não temas, bom homem; porque não foi para fazer mal que me aproximei de ti. Visto como és samaritano, deves acreditar no poder divino que os Profetas usaram para curar os enfermos ...

– Já acreditei! ... Mas faz tanto tempo que os Profetas se foram desta terra que hoje é apenas guarida de ladrões reais e de assassinos togados! ...

– Experimenta levantar e andar – disse Jhasua com certa suave autoridade.

– Andar, eu? ... Há seis anos que não uso minhas pernas para nada! ...

– Experimenta levantar e andar – voltou Jhasua a insistir, tomando o inválido por ambas as mãos.

Quando ele se pôs de pé, atraiu-o suavemente e, soltando aquelas mãos a tremerem entre as suas, disse:

– Caminha ... já podes andar!

O homem deu um passo, logo outro e outro mais.

– Meus pés andam sozinhos! – gritou. Deus de Israel! O Profeta Eliseu ressuscitou e os mortos voltam à vida.

– Psiu! – disse Jhasua. – Não fales tão alto, pois sabes que os Profetas de Deus sempre são sentenciados à morte, e minha hora ainda não chegou.

– Dar-te-ei tudo o que sou e tudo quanto tenho, Profeta, pelo bem que me fizeste. Corre, meu filho, em casa – disse ao adolescente – e pede a tua mãe para preparar o melhor pão e o melhor vinho para este homem de Deus que fez reviver minhas pernas!

– Não te afobes assim – disse Jhasua. – O tempo de que dispomos é pouco.

Judá e Faqui disseram entre si:

– Já temos a entrada livre em Sidon. Este bom homem e sua família formarão o primeiro grupo da Santa Aliança.

E realmente o foi, pois, entre sua numerosa família havia seis filhos varões e duas mulheres. Embora alguns já estivessem casados, continuavam vivendo na velha casa paterna.

Enquanto isso ocorria na tenda de flores e frutas, Isaías o Othoniel, em outra parte do mercado, conversavam com a prima Thamar.

Os clientes que ela tinha lá dentro eram um homem já maduro, vestido segundo os trajes gregos, ou seja, com capa curta e o "himacião" ou grande manto em forma de capa, uma mulher de regular idade, envolta também em seu manto a cobrir-lhe a cabeça e dando volta ao redor dos ombros, e, por último, uma jovem ruiva com olhos cor de topázio, vestida com ampla saia pregueada e um manto azul igualmente pregueado, caindo com graça sobre a saia amarela. Como podiam ver, os três personagens pareciam gregos de boa posição, a julgar pelas suas vestimentas.

– Mandarei em seguida o que escolheste para a tua filha – disse Thamar, acompanhando seus clientes até a colunata. – Entretanto, devo acompanhar estes viajantes à minha casa, e, em seguida, providenciarei esta entrega.

– Basta que seja antes do entardecer – observou o grego.

– Se puder ser útil, minha prima – disse Othoniel –, levarei as compras desta família. Onde vivem?

– A cem passos daqui, defronte à estátua de Artemis, na pracinha do mesmo nome – respondeu a jovem ruiva olhando para o amável estrangeiro a se oferecer tão gentilmente.

Tratava-se de uma caixa e de vários pacotes, cujo peso era insignificante para Othoniel, vigoroso e forte e, além do mais, entusiasmado pela delicada beleza da jovem.

– Como te chamas? – perguntou ele andando ao seu lado.

– Maria de Mágdalo. Este é o meu pai; esta foi a minha ama de leite e agora é minha aia.

– E que razão existe – perguntou o grego cujo nome era Hermes – para que este moço carregue esses pacotes como se fosse um criado?

– Nada mais que a minha vontade e o desejo de prestar-vos um serviço, bem como a minha prima Thamar, que está com o pai enfermo.

– Se és sidônio, compadeço-me de ti – disse o grego. – Sidon é uma eterna barafunda de risos, cantos e cortejos lúbricos. Estou desesperado para poder voltar ao meu castelo, descansar em meu bosque, junto dos meus pássaros e dos meus livros.

– Esta é uma grande cidade, pai – disse a pequena jovem – e Mágdalo é uma aldeia onde não se vê nada mais que o castelo e, em torno dele, as cabanas de nossos lavradores e pastores.

– Agradam-te as grandes capitais? – voltou Othoniel a perguntar.

– Agrada-me a animação, o movimento, as emoções constantemente renovadas – murmurou a jovem.

– Deixa passar mais algum tempo! – murmurou o grego. – Com apenas 15 anos de vida não podes pensar de outro modo. Deixa que caia a neve dos anos, e encontrarás um outro sabor na quietude, no silêncio e na solidão.

– Também sou galileu – disse Othoniel –, originário de Tolemaida, onde vivi até agora. Dentro de duas horas seguirei viagem para Antioquia.

– Antioquia! ... – exclamou Maria, como se mencionassem um outro mundo. – E ficarás lá?

– Não, vou de passagem e creio que poderei regressar logo à nossa terra natal.

– Pois, quando estiveres de volta à Galiléia – disse o grego –, se acertares chegar até Tiberias, apenas a meia milha de distância está o meu castelo, em Mágdalo, como um ninho de gaivotas em pleno bosque.

"Se te agradar bancar o ermitão por uma temporada, poderás aparecer lá."

– Agradecido. Não me esquecerei – respondeu Othoniel detendo-se, porque estavam na pracinha de Artemis, defronte a um antigo palácio agora transformado em hospedaria elegante para os viajantes favorecidos pela fortuna.

O jovem despediu-se de seus novos amigos e voltou em busca dos companheiros de viagem, não sem antes sentir que, em seu coração, havia um culto novo que parecia digno de transformar sua vida daí em diante. Contudo, guardou para si mesmo o seu segredo, dizendo: "Nove anos de anulamento completo na obscuridade da cegueira creio que me dão o direito de desejar a felicidade para a minha vida futura. Esforçar-me-ei em tornar-me digno dela, se é que, pela sua posição, está numa classe mais alta que a minha."

Em Antioquia

O navio que conduzia os nossos viajantes não fez outras escalas até chegar ao seu destino: Antioquia.

Chegaram já passado o meio-dia e, quando a nave estava entrando na baía formada pela embocadura do Rio Orontes, Judá aproximou-se do contramestre e indagou a respeito de uma hospedagem cômoda e séria para sua família.

O amável marujo fez-lhe um pequeno croqui da grande cidade, coisa essa que costumava fazer com todos os viajantes que a visitavam pela primeira vez.

A populosa metrópole, rainha do Oriente naquele tempo, estava dividida por duas formosíssimas avenidas decoradas com exemplares de árvores formosas e raras, trazidas de todas as partes do mundo. Por entre esse exuberante arvoredo, uma interminável série de palácios faustosos, de um e de outro lado, davam àquelas avenidas um aspecto de magnificência tão grande, que o viajante ficava deslumbrado diante de tanta opulência.

O contramestre, apontando para o croqui, disse:

– No começo desta avenida, a correr de norte a sul, como vês, aparece em primeiro plano o edifício chamado "Nipheum". Ao terminarem os jardins que o rodeiam, acha-se uma das melhores hospedarias para famílias. Pertence ao proprietário da nave em que fazes esta viagem. Pelo trato que recebeste aqui, poderás julgar o tratamento que é dado na pousada. Chama-se "Boa Esperança", nome que verás sobre o pórtico da entrada.

Judá apresentou-lhe seus agradecimentos e, ato contínuo, desceu ao cais onde contratou uma liteira para conduzir sua mãe que, às vezes, se sentia fatigada ao andar.

Enquanto Judá e Faqui com os criados instalavam devidamente a família, Jhasua, com os filhos de Judas de Galaad, Isaías e Othoniel, perguntava ao capitão do "*Thirza*" pelo domicílio do proprietário.

– Devo entregar-lhe, hoje mesmo – disse o Mestre –, uma carta que trago de Alexandria, do príncipe Melchor de Horeb.

– Eu vou até a casa dele – respondeu o capitão. – Se quereis seguir-me! ... – E dirigiram-se para lá.

A residência particular do conhecido armador achava-se bastante próxima do cais de desembarque, na embocadura do Orontes e, portanto, junto da imponente e magnífica torre da muralha, que começava ali e seguia para o leste e logo para o sul, até perder-se de vista na fértil planície limitada ao longe por duas cadeias de montanhas cobertas de perene verdor.

A casa não era nenhum palácio, mas um enorme armazém de fardos, que formavam montanhas desde o pavimento até o teto. Via-se claramente, pelas inscrições ou rótulos, que eram mercadorias chegadas de diversos países ou preparadas para serem embarcadas a seus destinos.

Acompanhando o capitão, Jhasua, seguido pelos dois filhos de Judas, atravessou várias daquelas grandes salas abarrotadas de mercadorias, até chegar a um pátio formosíssimo, com muitas roseiras e laranjeiras, onde não se via nenhum outro ser vivente além de duas garças brancas passeando sobre a relva e uma gazela que, de imediato, lhe fez lembrar aquela com que Nebai brincava na cabana de pedra nas proximidades do Tabor.

O capitão entrou só, abrindo uma porta que estava encostada, e logo saiu, fazendo passar Jhasua e seus acompanhantes.

Era aquilo um enorme escritório, onde havia várias mesas, sobrecarregadas de tabuletas de escrever, rolos de pergaminho e grandes volumes de anotações.

Detrás de uma daquelas mesas viram o busto de um homem já ancião, com formosa cabeça branca, olhos inteligentes e olhar profundo, algo inquisidor, parecendo interrogar sempre.

– Sede bem-vindos em nome de Deus – disse o ancião com voz sonora e clara.

– A paz seja contigo, Simônides, amigo do príncipe Melchor de Horeb, em nome do qual venho até aqui – respondeu Jhasua.

A austera fisionomia do ancião pareceu iluminar-se com um quase imperceptível sorriso.

Convidou-os a se sentar e a manifestar o motivo da visita. Jhasua entregou em silêncio a carta de Melchor.

À medida em que lia o papiro, seu rosto reanimava-se visivelmente. Sua palidez cor de mate foi substituída por um suave rosado a dar mais fulgor ao seu profundo olhar, o que fez Jhasua compreender até que ponto lhe impressionava a leitura.

O ancião deixou o papiro sobre a mesa e, com uma ternura que parecia completamente alheia àquela natureza de aço, disse:

– É uma grande honra para a minha casa a tua presença nela, ó Filho de David; no entanto, sou um pobre inválido e não posso dirigir-me até aí para reverenciar-te. Queres ter a bondade de te aproximares?

Antes que o ancião terminasse de falar, Jhasua já estava junto dele e o havia tomado pelas mãos.

– Não busco reverências, mas tão-somente compreensão – disse com sua doçura habitual, olhando-o bem no fundo dos olhos.

– Eu sei o que és e o que significas para Israel! – continuou dizendo o ancião. – Deves saber o que eu sou e o que significo para a tua pessoa; não obstante estar amarrado a esta cadeira, com um corpo aleijado pelas torturas com que os nossos opressores romanos me obsequiaram, e a quem desejo que Jehová os confunda.

– Os caminhos do Senhor são, às vezes, incompreensíveis para a inteligência humana – disse Jhasua sem soltar as mãos do inválido –, e o poder divino faz às vezes brotar flores onde só havia raízes carcomidas pelas larvas.

– Que queres dizer-me com isto, príncipe, Filho de David?

– Que, se a tua fé é tão grande como o desejo de justiça que circula de forma vigorosa em ti, o Senhor vai dar-te o que não chegaste jamais a pedir: o vigor físico e a saúde perdida, em troca de um dever sagrado que assumirás: a proteção a uma família perseguida e desamparada.

Jhasua soltou as mãos do ancião a arderem como se tivessem sido mantidas sobre o fogo e, afastando-se alguns passos, disse:

– Simônides ... o poderoso Jehová que invocaste devolve o vigor ao teu corpo quebrantado e aleijado, e Ele te diz por minha boca: *Levanta-te e anda.*

O ancião, que parecia arrojar chamas de seus olhos iluminados por estranha luz, colocou-se de pé e deu um passo adiante.

– Se estou curado – exclamou –, é porque entrou em minha casa o Messias, Rei de Israel, anunciado desde há tantos séculos pelos nossos Profetas. Senhor! – disse dobrando um joelho em terra. – És o Rei dos judeus, que os sábios do Oriente adoraram em Bethlehem há 21 anos! És aquele que salvará a Nação do jugo estrangeiro. Deus te salve, Filho de David!

– Deus nos salve de modificar o rumo de seus desígnios, Simônides – respondeu o Mestre de maneira bastante meiga. – Aceito a designação de Salvador do Mundo, porque vim para isto; mas a de Rei ... deixa-a, meu amigo, para aqueles que julgam estar toda a grandeza nos tronos e nos cetros. Sou príncipe de um Reino que os homens não conhecem, onde não existe outra lei além do amor; nem outros soldados senão aqueles que sabem renunciar a si mesmos em favor de seus semelhantes.

– Então ... e os avisos dos Profetas? ... – perguntou o ancião.

– Tem paz em tua alma, Simônides; o tempo far-te-á ver claro todas as coisas. Nos breves anos que faltam para o meu triunfo final, terás tempo de ver para que lado te levam os ventos benéficos da esperança e da fé.

– Então tu mesmo anuncias um triunfo! ... Oh, oh! ... Eu já dizia: não pode ser em vão a esperança de Israel! Não pode ser vã a minha esperança!

"Que demorem anos, nada importa; no entanto, o triunfo será nosso e a glória de Israel sobre o mundo será imperecível ...

"Ó Santa Jerusalém! ... Teu nome não se apagará jamais da face da Terra! ... Todas as nações voltar-se-ão para reverenciar-te, e não haverá lábios humanos que não pronunciem o teu nome chamando-te santa ... santa por todos os séculos! ..."

– Assim será como dizes – respondeu Jhasua mansamente, e seus pensamentos encerravam a infinita amargura daquele que sabe serem aquelas palavras proféticas, não obstante com significado diferente daquele atribuído pelo fervoroso ancião. Jerusalém ficaria na memória de todos os homens e de todos os tempos pelo espantoso crime que seus sacerdotes, guardiães da fé e da esperança de um numeroso povo, haveriam de perpetuar, cegos pela soberba e pela ambição do poder.

Jerusalém seria chamada três vezes santa, porque seria regada pelas lágrimas e pelo sangue inocente do Filho de Deus, cruelmente imolado pela salvação da Humanidade.

– Sabes, meu amigo, que viajaram comigo, em teu navio "*Thirza*", o príncipe Judá, filho de Ithamar, com sua mãe e a irmã? Eles vêm ver-te.

– Como amigos ou como juízes? – perguntou o ancião sem se perturbar.

– Como amigos, Simônides ou, melhor ainda, como órfãos de proteção e de amparo, visto como ainda estão sob a proscrição da lei romana que um dia os condenou injustamente.

O ancião exalou um grande suspiro, e deixou-se cair sobre uma poltrona.

– Graças ao Deus de Abraham pelas misericórdias que teve para com os seus servos! Ó Ungido do Deus de Israel ... contigo vieram todas as bênçãos sobre mim! Tive notícia de que o filho de meu antigo patrão havia sido salvo da galera por um romano ilustre e generoso, amigo dele, o qual, em obséquio ao nobre falecido, salvou da infâmia o descendente do príncipe Ithamar e o adotou como filho. Desse modo, eu esperava que, de um dia para o outro, ele viesse até mim. Há cerca de um mês eu soube, através do meu agente em Jerusalém, que a viúva e a filha do patrão haviam sido tiradas da Torre Antônia por uma circunstância que o meu agente não pôde averiguar. Mandei-o ao velho palácio; no entanto, haviam saído em viagem para o norte, foi o que informaram os criados, que guardavam a casa. Eu supus que viriam até aqui e atribuí a demora em chegar ao fato de estarem viajando com toda espécie de precauções, para não despertar a ira dos chacais romanos que farejam a presa por toda parte.

– Eles descansam da viagem na hospedaria "Boa Esperança" – prosseguiu Jhasua.

– Ó Jehová bendito! ... Viajaram em seu próprio navio e agora se hospedam em sua própria casa! ... Maior felicidade do que esta não houve debaixo do sol desde que tenho o uso da razão – exclamou o ancião fora de si de felicidade.

"Esther, minha filha Esther! Vem, que hoje a felicidade entrou em minha casa sem pedir permissão."

– Avozinho! – disse uma voz tão conhecida para Jhasua, embora não pudesse ver a pessoa que a emitia por causa da obscuridade ocasionada por um biombo de seda, atravessado no canto do grande escritório. – Como consegues caminhar, vovô?

Uma jovem enlutada, e com a cabeça envolta num véu branco, apareceu repentinamente.

Jhasua julgou reconhecer nela Nebai, que fazia mais de dois anos que não via; entretanto a moça, no assombro de ver o ancião inválido caminhar, não deu atenção aos três viajantes que lá estavam.

– Estou são e forte, minha filha. O Messias anunciado pelos Profetas entrou em minha casa. Saúda-o, Esther, com a reverência que merece o Rei de Israel.

Surpreendida de estupor, ante os prodígios que via, a jovem ia dobrar o joelho perante Jhasua, mas este tomou-a por ambas as mãos e seus olhares se encontraram.

– Jhasua! ...

– Nebai! ... Como estás aqui, e qual é a razão deste manto de luto?

A jovem abraçou-se espontaneamente a Jhasua e começou a chorar em grandes soluços.

Agora foi a vez do ancião Simônides assombrar-se até a estupefação, diante do quadro que se lhe oferecia à vista.

Ele aproximou-se da neta para perguntar:

– Já conhecias o Ungido de Jehová?

– Lá na cabana do Tabor, quando ambos éramos adolescentes ... – murmurou entre soluços a jovem, da qual, com ternura, Jhasua secava o pranto.

– Ah! ... estou compreendendo – disse o ancião acariciando a cabeça da jovem. – Até recobrei esta filha de minha filha, em virtude da morte de seu pai Harvoth, ocorrida há apenas duas luas. Ele caiu da torre mais alta da fortaleza de Hippos, em Traconítis, mandada restaurar pelo Tetrarca Felipe. Seus dois irmãos estão prestes a casar e, em seguida à morte de Harvoth, mãe e filha voltaram para o velho lar paterno, que se iluminará novamente com a luz das estrelas e do arrebol.

Jhasua olhou enternecido para aquela dolorosa Nebai e recriminou a si mesmo por havê-la deixado sozinha em sua dor.

– Como é que aqui te chamas *Esther* e no Tabor *Nebai*? – perguntou ele de forma muito meiga.

– Coisas de avô – disse ela sorrindo aos dois em meio às suas lágrimas.

– Sim, sim, coisas do avô, que sempre age com justiça. Sabe, ó soberano Senhor de Israel, quando esta menina nasceu, já havia morrido minha amada companheira, a qual entregou sua alma a Deus ao nascer morta nossa segunda filha a quem chamaríamos Esther. Minha boa Raquel pediu-me que, se o Senhor nos mandasse uma neta, recebesse o nome de Esther.

"A ilustre e bela judia, que dominou as fúrias de Assuero, Rei da Pérsia e dominador de quase todo o Oriente, é digna de ser recordada e imortalizada nas meninas que nascem no mesmo dia do aniversário de sua coroação como Rainha! Não é mesmo?"

– É uma formosa idéia, visto que a Rainha Esther salvou a vida de inúmeros compatriotas seus, condenados à escravidão e à morte, em face da cólera vingativa do favorito Aman – respondeu Jhasua.

– Justo! ... Seu pai sempre sonhou chamá-la de Nebai, por causa de uma sua irmã com a qual se assemelhava muito. Porém, em minha casa e a meu lado, ela será Esther, e continuará sendo até que a terra cubra os meus ossos. Estamos de acordo?

– Sim, vovô, sim. Eu estou de acordo. Está aqui, diante de nós, aquele que me ensinou um dia a renunciar a mim mesma para agradar aos que me amam.

– E acaso não tens encontrado compensações nessa renúncia de amor, Esther? – perguntou Jhasua.

– Muitas, Jhasua! ... Muitas compensações! Tantas que eu quase poderia assegurar que na renúncia de si mesmo está todo o segredo para conquistar o amor dos que nos rodeiam.

– Minha neta é genial! ... – exclamou o velho acariciando uma das mãos da jovem. – Ninguém diria que completou ainda os 18 anos. Desde que está aqui, é minha secretária ... e não aceito outras secretárias a não ser ela. Logo virá sua mãe, que será a dona da casa ... e sonharei que a minha Raquel está outra vez viva para fazer florescer o meu horto com todos os encantos do mundo.

– O inverno já passou e florescem as maçãs ... – disse Jhasua, recordando as palavras de amor que o "Cantar dos Cantares" colocou na boca do amado de Zulamita.

– Passou sim, príncipe, Filho de David! Passou por três grandes razões: porque o Rei de Israel veio hoje à minha casa e me transformou num homem forte; porque levanta-se novamente a amada família do príncipe Ithamar de Jerusalém; e porque vim a saber que minha única neta é grande amiga do Ungido de Jehová.

"São estas em verdade grandes razões, não achais? Dizei vós dois, jovens galileus."

Othoniel e Isaías viram-se mencionados diretamente pelo dono da casa, e o primeiro respondeu:

– São razões tão poderosas que quase estou estarrecido por tudo o que está acontecendo na tua casa.

– Muito bem. Permiti, por um momento, que eu tome o meu manto e o turbante, pois desejo ir imediatamente à pousada para apresentar meus respeitos à família do meu antigo patrão. Agora já não sou um inválido! ... Irei, sim. Irei agora mesmo! ... Oh, o meu pequeno Judá já deve estar feito um formoso varão, pois era todo o retrato do pai! ...

– Aqui está o teu pequeno Judá, bom amigo de meu pai – disse o jovem príncipe, a quem um criado havia conduzido até o escritório.

O ancião ficou mudo ... paralisado de emoção e assombro, enquanto Judá se aproximava com ambas as mãos estendidas para ele.

Príncipe Ithamar! – exclamou. – Sim, és o próprio que saíste das ondas do mar que o tragaram! ... Novo Profeta Jonas, surgido do abismo! – E seus velhos braços estreitaram fortemente o jovem príncipe Judá, cuja personalidade formosa e galharda havia enchido de espanto o ancião.

Logo em seguida, ele apresentou sua neta Esther ao príncipe, que ficou igualmente maravilhado, pois supunha o velho sozinho como um cogumelo amarrado à sua poltrona de inválido, e não só o encontrava são e ainda forte, como acompanhado por uma formosa roseira em flor ...

– Pode-se ver perfeitamente que Jhasua entrou na tua casa! ... E onde Ele entra, os hortos florescem e os pássaros cantam – disse Judá. – Ó Simônides! Nossos longos anos de padecimento tiveram um epílogo de glória e de paz, de amor e de felicidade, porque o Ungido do Senhor está junto de nós.

– Todos os meus sonhos vão cumprir-se – disse entusiasmado o ancião. – O

Deus de meus pais deu-me tudo feito! ... O horto em flor, e apenas tenho que recolher os frutos! Tinha eu movido o céu e a terra, como se costuma dizer, para encontrar a família do príncipe Ithamar, pois eles deveriam ser, a meu juízo, os primeiros colaboradores do grande Rei que esperávamos. Eu havia averiguado através de meus agentes viajantes de todas as minhas caravanas, sobre o lugar onde se ocultava o Messias, Salvador de Israel! ... E eis aqui que, quando menos esperava, abre-se o sol na tristeza da minha vida e o Deus de Abraham e de Jacob põe diante de mim aquele que, durante tanto tempo, estive procurando! ...

– Feliz de ti, Simônides! – disse o Mestre. – Que deixas florescer em tua alma a gratidão ao Senhor pelos benefícios recebidos. Como Ele não se deixa avantajar em liberalidade e generosidade, cumula de alegria a tua vida já no ocaso, porque a tua existência foi de justiça e eqüidade; porque teus dias foram laboriosos e bons para os teus semelhantes; e porque amaste a teu próximo como a ti mesmo, de acordo com o grande mandamento da Lei.

Depois destas preliminares, seguiram-se, naturalmente, as confidências íntimas, as histórias dolorosas e terríveis dos oito anos passados sem que uns soubessem dos outros, a não ser as tristes notícias que o leitor já conhece: despojos, calabouços, condenação à galera, naufrágio ... e logo o profundo silêncio, sinônimo de aniquilamento, destruição e morte!

– Mas, apesar de tudo isso – disse o ancião –, eu esperava, sem saber o quê nem por quê, mas esperava!

"Por outro lado, a enorme fortuna da casa de Ithamar multiplicava-se nas minhas mãos de maneira maravilhosa. A loba romana devorou muito; contudo foi muito mais o que salvei à custa de meu corpo retorcido e deslocado em torturas. Deus abençoava os meus negócios certamente com uma grande finalidade.

"Através de Melchor, de Gaspar e de Baltasar, que foram meus hóspedes, eu conhecia o nascimento do Rei de Israel; no entanto, eles partiram para os seus países e, até há pouco tempo, não tive mais notícias deles."

– O Supremo Senhor – disse Jhasua – tem desígnios que não estão ao alcance das inteligências humanas nem dos esforços ou aspirações dos homens, até que tenha soado a hora de sua realização.

"Ontem era a hora da esperança. Hoje é a hora do amor, da unificação no esforço e na fé.

"Não é um único o *Salvador do Mundo.* Seremos tantos quantos sejamos capazes de compreender a obra divina no meio da Humanidade.

– Judá, filho do generoso e nobre príncipe Ithamar – disse Simônides –, tua genealogia perde-se na noite dos séculos, quando Hur-Kaldis, a mais gloriosa cidade da Pré-História dos vales do Eufrates, albergou nosso pai Abraham. Não estarás destinado pelo Jehová dos exércitos a consagrar tua vida e fortuna à grandeza e glória do Rei que está ao nosso lado? Quem me deu força para suportar a roda da tortura, para salvar uma fortuna que não era minha? Quem me deu talento nos negócios, que não me permitiram fracassar em um único? Quem conteve as fúrias do mar em espantosas borrascas que puseram a pique até as naves do César ... enquanto que as tuas chegavam a este porto como se um vento suave as tivesse impulsionado? Quem cuidava das minhas caravanas, que eram respeitadas pelo simum no deserto e pelos ladrões nas montanhas?

"Era o Jehová dos exércitos! ... Era o Supremo Senhor, para que esta colossal fortuna, Judá, meu jovem, fosse o pedestal da grandeza e da glória do nosso Rei de Israel.

"E tu não a mesquinharás agora! ... certamente que não."

– Não te exaltes assim, bom amigo – disse Jhasua –, porque se nos desígnios divinos estiver programado o que esboças, sobrar-nos-á tempo suficiente para realizá-lo.

– Por minha parte – disse Judá – sou filho de meu pai, do qual fiquei sabendo que realizou obras benéficas em nossas cidades da Judéia. Se, como dizes, o Rei de Israel necessita da fortuna que tão maravilhosamente acumulaste, não serei eu, podes estar certo, quem vai malbaratá-la.

– Minha filha – disse o ancião voltando-se para a neta –, por enquanto és a dona da casa ... traze-nos daquele vinho do Hebron das vinhas do príncipe Ithamar, que supera o de Corinto, e que eu guardava para quando quisesses pensar em casar-te ...

A jovem saiu para atender ao pedido e o velho não cabia em si de alegria, falando sem parar.

– Se, portanto – disse –, me vejo curado pela simples presença do Messias, o qual ainda me trouxe este pombinho perdido, e pelo qual tanto chorei ... já verás que surpresa te reserva o velho administrador de teu pai! És mais rico do que o César. Olha – disse abrindo uma janela que dava para a baía do Rio Orontes, onde se achava ancorada uma porção de navios com bandeiras amarelas e azuis.

– Vês essa frota? Toda ela é tua, e ainda faltam mais seis navios que andam em viagem pelo Oriente e pelo Ocidente, comerciando honradamente na compra e venda e no intercâmbio de produtos de todos os países. Jamais houve alguém que tivesse podido lançar em meu rosto uma deslealdade ou falta de cumprimento de alguma obrigação. Que dizes de tudo isto?

– Digo, bom Simônides, que és o gênio tutelar do nobre comércio – respondeu o jovem. – E digo também – acrescentou –, quase chego a ter escrúpulos em receber uma fortuna que não me custou o menor esforço. Esta fortuna não será mais tua que minha? Dize a verdade.

O ancião abriu excessivamente os olhos cheios de assombro. E depois disse com voz pausada e serena:

– Eu sou um guardador fiel da Lei de Moisés, que diz: "*Não furtarás, não cobiçarás os bens alheios.*"

"Se nas minhas mãos foi multiplicado o capital que teu pai, o príncipe Ithamar, me entregou com ampla confiança, deixa por isto de ser teu? Que responda o Ungido de Deus, aqui presente."

– É tal como dizes, Simônides, e porque foste justo e leal, o Senhor multiplicou o tesouro que te foi confiado; no entanto, nem por isso podes impedir que Judá, herdeiro do seu pai, seja generoso contigo.

– Jhasua lê os pensamentos dos homens! ... – exclamou Judá. – Aquilo que pensaste, Jhasua, é justamente o que farei.

– Não poderá ser sem que eu o saiba antes, pois é necessário esclarecer, Judá, meu jovem, o seguinte: tenho com teu pai uma dívida que não pode ser paga com todos os tesouros acumulados para sua viúva e seus filhos. Sou imensamente feliz, vendo florescer esta fortuna, como os lótus nos rios da Índia, e não quero outro galardão que continuar administrando-a até que a terra cubra os meus ossos.

"Sabeis que eu quis proceder na Judéia como Espártaco o fez em Roma? Quis sublevar todos os escravos maltratados pelos seus amos, em busca de uma melhoria em suas vidas."

– Não, não o sabíamos – responderam todos.

– Pois é verdade, senhores e, num acordo entre Herodes, o Idumeu, e alguns membros dos tribunais do Templo, condenaram-me à morte que se dá aos escravos rebeldes: a crucificação sobre o Monte das Caveiras. Levam-me de rastros pelas ruas da cidade, quando aconteceu passar por ali o príncipe Ithamar, teu pai, que era o ídolo da nobreza judia, e muito respeitado nos claustros sagrados, em virtude de seus grandes donativos e também pelo seu respeito à Lei de Moisés.

"Ele interpôs-se entre meus verdugos e eu, e comprou a minha vida por dez mil sestércios, que foram repartidos alegremente entre aqueles que me condenaram à morte. Fez mais ainda: comprou de seus amos todos aqueles escravos maltratados, cujos padecimentos me haviam levado a incitá-los à rebelião."

– "Estás contente agora?", perguntou-me com aquela sua nobre gentileza que julgo estar vendo em ti, Judá, meu jovem.

"Eu caí de joelhos a seus pés e disse:

– "Sim, meu amo! ... estou contente em ser teu escravo e de que o sejam, junto a mim, todos aqueles pelos quais fui condenado a morrer."

"Sou, pois, escravo do príncipe Ithamar de Jerusalém, que me comprou com o seu ouro para salvar-me a vida. Quando completei os seis anos de serviço que a lei exige, ele quis dar-me a liberdade; no entanto, pedi para passar para a classe de escravos vitalícios, ou seja, até a morte. Então ele me colocou à frente de todos os seus negócios como seu representante geral, com residência em Antioquia, onde aquele incidente era desconhecido, como também a minha condição de escravo. Bem compreendereis todos que, por lei, sou escravo do herdeiro do príncipe Ithamar; assim sendo, poderei continuar administrando seus bens, que jamais poderão pertencer-me como propriedade, pois são os bens do meu amo. Compreendeis agora o meu segredo com o nobre príncipe Ithamar? Muito embora sua família continuasse ignorando isto, pode um bom israelita de boa estirpe ser desleal ao seu benfeitor, e ainda por cima cobiçar-lhe os bens?

Judá não pôde conter-se mais e, aproximando-se do ancião, estreitou-o de encontro a seu coração, enquanto dizia:

– Eu não quero ser teu amo, mas teu filho, já que a morte levou o pai que me deu a vida!

Contendo os soluços, o ancião abandonou-se no nobre abraço do príncipe Judá, filho de Ithamar.

– Eis aqui – disse Jhasua – o protótipo da lealdade e da gratidão, tais como bem poucas vezes se encontra nesta Terra.

Nebai ou Esther, como queiramos chamá-la, havia escutado parte desta cena, enquanto servia aos visitantes o vinho do Hebron com pasta de amêndoas, e pensava em seu íntimo com bastante inquietação:

"Se meu avô declara ser escravo de Ithamar e, conseqüentemente, de seus herdeiros, minha mãe também o é, e eu, como sua filha, o serei do mesmo modo. A Lei é inexorável."

A reflexão aprofundou-se nela até o ponto de atingir as fibras mais íntimas do seu ser. Habituada a sentir, desde que teve o uso da razão, o amor preferente e terno de seus pais, a ponto de julgar-se algo assim como uma princesa mimada lá nas risonhas serranias da Galiléia, Nebai sentiu um rude golpe na sua dignidade, no seu amor-próprio, no natural orgulho de saber-se filha de um escultor admirado até pelos Reis e de uma mãe educada nos claustros do Templo como o eram as descendentes de nobre estirpe. Na realidade, ela não era mais que a neta de um escravo comprado com

dinheiro, e que o seria por toda a sua vida. Como estava arrependida de ter vindo agasalhar sua orfandade e sua pobreza à sombra daquele avô que era um escravo!

Quando se aproximou para oferecer uma taça a Jhasua, Nebai tinha duas lágrimas tremendo em sua pestanas.

– Nebai, minha terna companheira da fonte das pombas, lá no Tabor! ... – disse Jhasua, com a voz mais meiga que pôde modular com seus lábios. – Tua revolta interna contra o desígnio divino, Nebai, é um pecado contra a bondade do nosso Deus, que é amor.

– Por que falas assim, Jhasua? – perguntou, fixando nele seus olhos cristalizados pelo pranto.

– A revelação de teu avô faz com que padeças enormemente, e não percebes que a felicidade e o amor rondam a teu lado como mariposas em torno de uma roseira ...

– Sempre o mesmo Jhasua ... vendo até no ar que respiras o reflexo das belezas de teus sonhos – respondeu Nebai.

Jhasua observava que o olhar meigo e nobre do príncipe Judá fixava-se com demasiada insistência na jovem, enquanto esta ia e vinha, prestando aos visitantes suas atenções de senhora da casa.

Sua fina intuição esboçou, com as mais belas cores, um amor como o de Faqui e Thirza, do qual surgiria num futuro próximo outro lar crente no Deus-Pai amoroso que ele havia compreendido desde a meninice.

Quando Nebai se aproximou do príncipe Judá para dar-lhe uma taça, ele se inclinou procurando-lhe o olhar, insistentemente baixo.

– Se és da minha raça e da minha fé, deves saber que beber da mesma taça é augúrio de um carinho eterno. Bebe da minha, peço-te!

Judá aproximou a taça cheia do licor vermelho dos lábios de Nebai.

Ela voltou seus olhos para o avô, como interrogando-o.

– Bebe, menina, bebe. Não ouviste que o princípe Judá declarou desejar ser meu filho? ...

Nebai, vermelha como uma cereja, bebeu um pequeno sorvo e murmurou:

– Agradecida, príncipe!

– Chama-me simplesmente de Judá, porque desejo ser, em relação a ti, o que sou para minha irmã Thirza, que conhecerás hoje mesmo.

"Esther! ... – disse de forma bastante meiga, e como se adivinhasse a interna amargura da jovem. – Se queres conceder-me algum direito em teus sentimentos, desejo a tua piedade e o teu carinho, porque já padeci muito na minha vida, não obstante ser ainda tão jovem.

– Já o tens, Judá, de vez que foste tão nobre para com o meu avô, como o teu falecido pai o foi.

– Então seremos amigos para toda a vida? – voltou Judá a insistir.

Nebai olhou desta vez para Jhasua e o encontrou sorrindo com sua doçura habitual. Isso a animou.

– Como o sou de Jhasua, o serei também de ti, para toda a minha vida.

– "*Aliança de três, é firme*", dizem nesta terra regada pelo Orontes – observou o ancião, cuja felicidade era tão grande que parecia derramar-se de seu coração como de um recipiente de essência demasiado cheio.

Tampouco escapou à sua perspicácia a espontânea simpatia do príncipe Judá por sua neta, simpatia essa que, como o leitor facilmente haverá de supor, foi para o nobre coração do ancião mais um motivo de alegria e agradecimento a Jehová, o qual, segundo dizia, fizera transbordar as bênçãos divinas sobre a sua existência tão desgraçada e com tantos sofrimentos.

Depois precisaram resignar-se a escutar os relatos do ancião sobre o estado dos negócios, capitais e rendas havidas desde que administrava a fortuna do príncipe Ithamar.

Jhasua, julgando-se alheio a esses assuntos, quis retirar-se, mas o bom Simônides pediu-lhe que permanecesse.

– Ó Ungido do Senhor! – disse em tom suplicante. – Meu soberano Rei de Israel! Ides tirar do velho Simônides a satisfação de prestar contas na vossa presença destes capitais que serão a base e o fundamento da obra de Deus que viestes realizar?

– Está bem, meu amigo – respondeu Jhasua –, não quero privar-te de tal satisfação. Julguei ser suficiente a presença de Judá, que é o herdeiro, para receber tuas declarações em tal sentido.

– Sim, sim, meu pequeno Judá; és o herdeiro de teu pai, entretanto vós, Senhor – disse referindo-se a Jhasua –, sois o herdeiro do Pai Criador, que fez frutificar estes bens a mil por um. Não é esta uma verdade clara como a luz do dia?

– É tão clara, que todos estamos de acordo contigo, Simônides – disse Judá, para acalmar as exaltações do ancião.

Quando terminou de apresentar suas contas, Simônides esfregou as mãos com íntima satisfação.

– Dizei-me todos vós se, logicamente, podemos crer que o Eterno Doador de todos os bens pode dar tão fabulosa fortuna a um determinado ser, apenas para que ele se alegre em saber que é o homem mais rico do mundo ... ainda mais rico que o César. Se hoje ela é posta nas mãos de Judá, filho de Ithamar, príncipe de Jerusalém, não é para ficar em dúvida, porque dela será a exaltação do Ungido Divino ao trono de David. Lá ele tomará posse do seu reino imortal, que deve deslumbrar o mundo inteiro com uma grandeza nunca vista. Em Israel não existirão miseráveis, nem órfãos nem mendigos, nem cavernas habitadas por leprosos, nem anciãos esgotados pela fome e pela miséria, visto que o Rei de Israel poderá dar a felicidade e o bem-estar a todos os seus súditos. Haverá um outro reino mais próspero e feliz que o seu? Não está assim predito pelos Profetas?

"Não disse Isaías: 'Levanta-te Jerusalém e resplandece, porque veio a tua luz e a glória de Jehová desceu sobre ti?'

"Não disse Jeremias: 'Eis aqui que vêm os dias, disse Jehová, em que despertarei de David um rebento justo, que reinará, Rei feliz, nobre e grande, e que fará justiça sobre a Terra?'

"Quem será esse Rei, a não ser o Messias ... o Filho de Deus, uma partícula do próprio Jehová imortal e poderoso, a quem todos os elementos e todos os seres obedecem?"

– Oh, bom Simônides! – exclamou o Mestre. – Dia virá em que todos veremos claro o Pensamento Divino, como vemos o fundo de um arroio quando suas correntes entram em calma e com ela a luz do sol.

E como para dar um alimento sólido aos sonhos de grandeza que o ancião aspirava ardentemente para o povo, Jhasua descreveu o panorama que já se oferecia à sua vista, ou seja, a Santa Aliança como uma vasta instituição cultural, religiosa e civil, à qual devia pertencer todo bom filho de Israel que quisesse capacitar-se em cooperar pelo engrandecimento e liberdade da Nação.

O inteligente ancião compreendeu imediatamente o pensamento inovador do Messias e aderiu a ele sem reservas. Depois acrescentou:

– A quarta parte, pelo menos, dos trabalhadores de Antioquia me chama de seu patrão, de sua providência, de seu pão sobre a mesa, porque na carga e na descarga dos navios, como tripulantes e remeiros, como servidores nas caravanas, como guar-

diães dos rebanhos de camelos, de mulas e de jumentos de carga, oh, meu Judá, tenho a meu serviço uns quatro mil homens, e isso sem contar com os lenhadores em nossos bosques e os cultivadores de nossos olivares e vinhedos ...

– Mas Simônides – disse Judá sorridente –, o César teria ciúmes de ti, que tens, para os teus negócios, a metade da população do mundo ...

"Não sei como o Legado Imperial da Síria consente esta tremenda expansão em terra e no mar."

– Não sabes como o consente? Oh, meu jovem, inocente ainda, apesar de tua educação entre o ilustre patriciado romano!

"Ignoras o que vale o teu ouro! Comprei o ministro favorito do César, que conseguiu do próprio punho e letra do Imperador a permissão de comerciar com cinqüenta navios em todos os mares e rios da sua jurisdição, e com vinte caravanas de duzentos animais cada um, por todos os caminhos dos países que lhe pagam tributo.

"Meus escreventes tiraram uma centena de cópias desse documento, e o ministro Seyano pôs em todas o selo imperial. Cada capitão de navio leva uma cópia entre a documentação e cada kabir de caravana leva ainda a sua. Quem será, pois, o audaz que se atreverá a pôr obstáculos no caminho de meus auxiliares?

"Além disso, se a nossa santa fé nos diz que a mão poderosa do Deus dos Profetas anda dirigindo estes assuntos para estabelecer bem rápido o reino do Messias, Salvador de Israel, como poderemos achar estranho que o êxito sempre me tenha favorecido?

"Tenho amigos e aliados na Pérsia, na Armênia, na Grécia, na Arábia, na Gália, na Ibéria e no Egito, amigos e aliados que não comprei com ouro, mas com o comércio honrado e leal, dando-lhes os lucros que justamente lhes correspondem: nem um denário a menos nem um denário a mais.

"O único que deixou em meu poder todas as rendas foi o príncipe Melchor, que quis capitalizá-las com um capital seu para a obra do Messias, Salvador de Israel, quando chegar o momento.

"Meu aliado no deserto da Arábia é o Scheiff Ilderin, em cujas pradarias do Horto das Palmeiras são guardados os nossos rebanhos de camelos, mulas e jumentos para o serviço das caravanas. Já te levarei, meu Judá, até lá, para que vejas de perto como os teus rebanhos escurecem as pradarias do Scheiff.

– Eu o conheci em suas tendas no Monte Jebel, próximas a Bozra – disse Judá. – Eu andava estabelecendo as bases de uma organização para a libertação de Israel que, depois de conhecer Jhasua, foi unificada com a Santa Aliança.

– Agora compreendo – disse Jhasua sorrindo afavelmente para Judá. – Eram esses "os amigos da montanha", não é verdade?

– És bastante perspicaz, Jhasua! Sim. Esses eram os legionários da montanha, e o Scheiff Ilderin fornecia-me as armas e as provisões.

– Oh, valente filho de Ithamar! ... – exclamou alegre o velho Simônides. – Não desmentes a tua raça nem a tua origem. Porém nada de guerras por enquanto! ... Deve-se fazer em paz e em boa amizade tudo aquilo que assim pode ser feito ...

– E o que não se pode? ... – perguntou nervoso Judá.

– Isso ... isso já veremos! O ouro pode muito; e sem derramamento de sangue – respondeu o ancião.

– Trago uma carta do príncipe Melchor para o Scheiff Ilderin, do Horto das Palmeiras – disse Jhasua cortando a conversação. – Como ele é teu amigo, espero que me proporcione a oportunidade de ir ter com ele.

– Será, Príncipe, Filho de David, quando for do teu agrado. Minha maior glória é obedecer, como a uma ordem, ao teu mais ligeiro desejo.

Judá e Nebai

Nebai ou Esther desaparecera da cena sem que ninguém, ao que parece, houvesse percebido.

Retirara-se para sua alcova particular e, deitada sobre o divã de repouso, chorava silenciosamente. Seu pensamento pressentia uma tragédia.

Ela fora até então o orgulho e a glória de seu pai, da mãe, dos irmãos e de todas as suas amizades residentes na Galiléia e na Judéia. Que humilhação! Que desprezo quando chegassem a saber que seu avô materno era um escravo comprado com ouro, que sua mãe e ela própria o eram por herança!

Se seu pai levantasse a cabeça da tumba e visse a esposa e a filha escravas de um príncipe judeu, qual não seria o seu desespero!? ... Ele, descendente de um macedônio heróico, capitão das legiões de Alexandre Magno! ...

E esse príncipe Judá, que tão amável se mostrara para com ela, fazendo-a beber de sua taça, era o seu amo que, talvez, teria o capricho de humilhá-la, atentando contra a sua honra, com um amor de passatempo e diversão momentânea! ... Não era ela sua escrava, algo como se costuma dizer, *uma coisa, um pequeno animal* que lhe pertencia?

E Jhasua a abandonava à própria sorte, segundo ela julgava, porque o via grande amigo de Judá e, no seu entender, satisfeito com as sugestões amorosas que ele lhe fizera. Que seria, daí para diante, a sua vida em tão desprezíveis condições?

– Jhasua ... Jhasua! – pensava Nebai chorando amargamente. – Quando lá no Tabor, na tranqüila e aromática horta da cabana de pedra, sentados na fonte das pombas, deixávamos flutuar como um véu branco e dourado o nosso pensamento pela imensidão azul, procurando a primeira estrela, sobre a qual contavas formosas lendas aprendidas em teus estudos no Santuário, quem haveria de dizer à infeliz Nebai que dias muitos negros cobririam de luto e opróbrio a sua vida?

Ao jovem Mestre chegaram, como agudas alfinetadas, os pensamentos desesperados da jovem, e disse de repente:

– Bom Simônides, se me permites, procurarei tua neta, na qual julgo ver uma dor profunda. Minha completa falta de conhecimento da morte trágica de seu pai manteve-me despreocupado com relação a ela, que eu julgava muito feliz em Ribla. Fomos tão bons companheiros em nossa adolescência, passada junto ao Santuário do Tabor!

– Poderás passar, meu Senhor, que atrás desta sala fica a minha alcova e junto dela a de Esther ...

Falando deste modo, ele mesmo levantou a cortina que cobria a porta.

– Terminarei com Judá – acrescentou o velho –, e em seguida iremos todos até a pousada para cumprimentar as incomparáveis Noemi e Thirza!

– Esther, Esther! – gritou ele. – O Rei de Israel te procura! ...

Este chamado chegou até a jovem que se levantou penosamente disposta a retornar ao escritório. Ao voltar-se, viu-se frente a frente com Jhasua, parado no umbral da porta.

Por que choras, Nebai, com esse desespero que está me atormentando desde que desapareceste do escritório de teu avô?

– E me perguntas, Jhasua? ... Quão distante está a tua alma da minha que não podes adivinhar a causa da minha dor! ... Não era suficiente ver morrer despedaçado o meu pai num terrível acidente; não era bastante esta orfandade, mas devia saborear também o opróbrio e a humilhação de saber-me escrava de um príncipe judeu? ...

"Tenho ou não motivo para chorar?"

– Nebai ... minha meiga e pura Nebai da fonte das pombas! – disse o jovem Mestre tomando-a pela mão. – Vem comigo a este jardim de roseiras onde dormem as garças e onde brinca alegremente a tua gazela.

"Eu te convencerei de que não tens nenhum motivo para chorar, mas para abrir o teu coração a uma nova esperança, a um novo céu de felicidade."

Nebai seguiu-o até junto do primeiro banco de pedra que encontraram próximo a uma roseira da Irânia, cujas pétalas brancas como a neve caíam ao mais leve sopro do vento.

– Assim como estas pétalas caem sem dificuldade e sem sofrimento, cairão, minha jovem, as dolorosas criações da tua imaginação ardente e viva. Compreendi que a nobre declaração de teu avô na presença de terceiros te havia causado uma dor profunda.

"Nem o príncipe Judá, a quem conheço profundamente, nem os dois jovens galileus darão ao fato outro significado a não ser o que unicamente tem nesta época desastrosa de injustiça e confusões em que vivemos.

"Que dirás quando souberes que o príncipe Judá, dono de tão fabulosa fortuna, foi vítima do despotismo romano que, sem motivo algum, o condenou às galeras para toda a vida e ao calabouço perpétuo sua mãe e sua irmã?"

– É verdade? – perguntou Nebai, assustada como se tivesse visto um fantasma.

– Exatamente como ouves! Os outros dois jovens galileus estiveram cinco anos como escravos nas galeras e são, como tu, filhos de um nobre compatriota nosso, cujos grandes ideais o levaram à morte pela libertação do país, tal como teria ocorrido a teu avô, se o príncipe Ithamar, pai de Judá, não lhe houvesse salvado a vida. Esses dois jovens foram resgatados de sua escravidão por Judá e por outro amigo seu, que os nomearam mordomos de suas casas. E tu, minha pobrezinha, choras desesperadamente porque sabes que és escrava do príncipe Judá, que está curado de orgulhos e egoísmos, curado também de ruindades mesquinhas com a grande dor sofrida por ele e pelos seus!

"Compreendi o amor que está nascendo nele por ti, e estou certo de que, se o amares e lhe concederes a tua mão, antes de um ano ele te fará sua esposa. Nesta terra existem muito poucos homens dotados da nobreza de sentimentos do príncipe Judá. Quando conheceres a sua mãe e a irmã, ficarás encantada em aproximar-te de tão generosos e nobres corações.

"Vês, minha gazela ferida, como se desvanecem ante a verdade esses fantasmas criados pela tua imaginação.

"Quero ver-te feliz, Nebai, durante todos estes anos que decorrerão até a culminação da obra confiada pelo Pai Celestial a mim."

– E julgas que apenas sendo a esposa de Judá posso ser feliz? – perguntou Nebai olhando fixamente para Jhasua, sentado junto a ela sob a roseira que continuava desfolhando pétalas brancas como flocos de neve. – Quando, lá nas faldas do Tabor, conversávamos longamente na fonte das pombas, jamais me falaste em tal sentido, e bem sabes que eu era feliz. Em Ribla, continuei também estudando e cantando os imortais versos de Homero, Profeta da Grécia, como Isaías e Jeremias o são de Israel.

"Um coro de donzelas gregas, macedônias, coríntias e sírias me rodearam, para formar uma Escola-Templo, dedicada ao cultivo da beleza, da harmonia, da bondade e de tudo o que pode haver de nobre e de grande na vida, quando encontrei o fio de ouro ligando-nos ao Divino Conhecimento.

"Tu mesmo, Jhasua, me impulsionaste por esse caminho, sabendo que eu seria feliz nele, e agora queres que eu tome outro rumo?"

– Nebai, agrada-me infinitamente ver-te raciocinar tão serenamente, porque compreendo que teu espírito levantou-se muito alto sobre o modo de pensar e de sentir da grande maioria. Nenhuma sugestão te arrasta. Nenhum fanatismo te escraviza. A Verdade, a Beleza, o Bem – eis a trilogia que forma o supremo ideal da tua vida.

"Não é meu desejo ver-te mudar de diretriz, mas a vida humana tem exigências justas, das quais não nos podemos eximir completamente. A vida humana é uma manifestação da Natureza, e esta é a obra de Deus nos mundos físicos. No Tabor falávamos como dois adolescentes desconhecedores da vida, no meio da qual não sabiam com certeza *que papel lhes tocava representar.* Agora é diferente, Nebai.

"Sou um homem já entrado nos 22 anos, enquanto tu és uma jovem atingindo apenas os 18. Terminei meus estudos nos Santuários Essênios, e fui consagrado Mestre de Sabedoria Divina no Grande Santuário do Monte Moab, onde recebi a iluminação do Pai Celestial sobre o seu caminho e a minha missão neste Mundo, tão espantosamente desequilibrado e destruído pelas forças prepotentes do Mal."

– E não posso acompanhar-te nesse caminho e nessa missão? – perguntou a jovem com certa inquietação.

– Sim, Nebai, podes acompanhar-me e secundar-me com grande eficácia. Porém isto não impede de pensares na tua felicidade. Agora, não tendo mais a tutela de teu pai, e teus irmãos estando casados, pouco ou nada ocupar-se-ão de ti. Permite-me ser, em relação a ti, como um irmão mais velho, dando-te apoio para caminhar na vida. Permitir-me-ás, Nebai?

– Eu não sei o que realmente perguntas, Jhasua. Acaso podes duvidar de que eu estarei contente com a tua tutela?

– Não é precisamente que eu esteja duvidando, minha jovem, mas desejo o teu pleno consentimento. Está bem. Analisemos juntos a tua situação no meio da vida humana. Teu avô já é um ancião. Tua mãe tem a saúde um tanto débil e não podes supor que viverá sempre. Teus irmãos, já casados, contraíram deveres novos e bastante graves, aos quais deverão consagrar-se inteiramente, se quiserem ter paz e alegria.

"Pelos nossos costumes e leis não existe outro caminho honrado para uma donzela como tu a não ser um bom matrimônio, por intermédio do qual fique assegurada a tua vida ao amparo de um homem digno, com os mesmos conceitos, os mesmos ideais, os mesmos sentimentos, com idêntica educação e, ainda por cima, ligados pelos mesmos laços. Quem pode ser este homem a não ser o príncipe Judá que, sem buscá-lo, cruzou-se repentinamente em teu caminho, estando ainda como que atado por circunstâncias especiais a teu avô, honrado e leal administrador de seus bens, que o ama do mesmo modo como ama a ti? Além do mais, está ligado a mim, ao Jhasua da tua adolescência, por tão grande e recíproco amor como pouquíssimas vezes vemos florescer nesta Terra de incompreensões e egoísmos! Queres maior bênção do que esta concedida pelo Pai Celestial a ti?

"Vamos, fala Nebai, minha querida, e dize se as minhas palavras te convenceram."

– Mas ... está parecendo-me que és um agente do príncipe Judá para conquistar-me, Jhasua – observou Nebai, como receosa da situação à qual se via levada tão inesperadamente.

– Nada disso, Nebai, nada disso! Judá e eu não trocamos uma única palavra a esse respeito. Se ele apenas te conhece e nem sequer saiu do escritório de teu avô! Convence-te, minha irmã, de que isto é apenas uma clarividência do meu espírito, vendo a Vontade Divina abrir um luminoso caminho de fé, de amor e de esperança para as vossas almas, que tão queridas são ao meu coração.

"Deus tomou-me como instrumento da Sua Bondade, de Seu Amor, da Sua Divina Sabedoria e, por Seu intermédio, tenho podido curar muitos enfermos a quem a morte havia catalogado como seus de imediato. Também tenho podido curar cegos, paralíticos, leprosos, corcundas, e também muitos doentes da alma em virtude de espantosos desvios morais. O Pai Celestial concede-me também a permissão de levantar bem alto a minha lamparina e iluminar o teu caminho a seguir, minha Nebai, e o de Judá, também meu, desde há muitas centenas de séculos, e que continuará a sê-lo por toda a eternidade. Que dizes a tudo isto?"

– Digo, Jhasua ..., meu meigo e terno Mestre! Digo que, se as tuas palavras são um reflexo da Vontade de Deus sobre mim, Ele e ninguém mais fará florescer a roseira do amor no meu coração. Até agora não floresceu, Jhasua, a não ser por ti, pelos meus pais e irmãos, pelas minhas boas companheiras no Templo de Homero em Ribla. Florescerá também para o príncipe Judá se ele se dignar amar uma escrava sua? ... Não sei, Jhasua, porque o meu coração é ainda como uma crisálida envolta em seu casulo, do qual sairá quando for a hora. O tempo será, pois, quem descerrará o véu.

– Falaste muito bem, Nebai! Deus, o eterno Senhor das almas, desperta em cada uma e no seu devido tempo aquilo que deve constituir a orientação da sua vida sempre que estas almas tenham levado em conta a sua dependência de Deus e a conformidade com Suas Divinas Leis, que são a pauta em que cada alma deve modular a formosa sinfonia da vida justa e nobremente vivida.

"Agora, promete-me não chorar mais sem antes refletir que tens o teu irmão mais velho, Jhasua, para defender-te de todas as desgraças e também para iluminar o teu caminho na vida."

– Eu te prometo, Jhasua, pela memória do meu falecido pai e pela vida santa e pura de minha mãe.

– Agora vamos para junto dos demais – disse o jovem Mestre.

Jhasua beijou-a na testa com infinita delicadeza, enquanto dizia:

– Que este beijo de irmão sele, Nebai, a promessa que me fizeste.

– Oh, Jhasua, semeador de rosas brancas de paz e esperança! – disse Nebai andando ao seu lado. – Eu não sei que poder tens para aquietar assim as maiores borrascas.

– Também aprenderás a aquietá-las nos que te rodeiam. Por ventura não és a minha primeira discípula?

A formosa gazela saiu-lhes ao encontro, como buscando uma carícia que eles lhe concederam ternamente.

– Todo ser vivente busca o amor, Nebai, como a dádiva mais formosa que existe na vida. Tem sempre isto em conta e serás uma excelente missionária quando chegar a tua hora.

Todos os olhos se fixaram neles, com olhares interrogadores, quando entraram no escritório.

Judá observara-os várias vezes através de uma janela aberta para o jardim, e compreendera que Jhasua exercia sobre Nebai grande influência. Ignorava se, no glorioso caminho que sonhava para o futuro Rei de Israel, devia haver uma mulher a compartilhar com Ele o trono.

"Por que não? Qual o Rei que não a havia tido? Muito embora aquela formosa jovem não fosse uma princesa, acaso o Rei David não se casou com mulheres do povo? Salomão teve como esposa uma filha do Faraó do Egito, e por amante a Sabá, Rainha da Etiópia, mas este novo Rei de Israel, mais nobre e maior que todos, porque vinha salvar o vasto Oriente oprimido e humilhado, não podia talvez elevar a neta de Simônides à sua altura e compartilhar o trono com ela?"

Pensando deste modo, Judá ficou logo silencioso, e acusava a si mesmo de ter sido muito precipitado em suas insinuações amorosas para com a jovem. Pensou, além do mais, que não devia soltar as asas ao rouxinol febril da sua fantasia nem bem conhecera a jovem. Por que motivo ela se mostrara tão sentida e quase chorosa anteriormente, e agora sorria como cheia de intensa felicidade, cuja causa não podia ser outra senão seu diálogo íntimo com Jhasua? Não havia dúvida alguma: ambos se amavam já desde há muito tempo ... e ele havia chegado tarde!

Outro homem, em suas condições, ter-se-ia levantado imponente e audaz, sabendo-se com tantos direitos para conquistar aquela cuja preferência julgava que lhe disputavam. No entanto, era muito nobre e amava muito a Jhasua, ao qual reconhecia francamente muito superior a ele.

O jovem Mestre compreendeu a luta que se desatara na alma de Judá e decidiu acalmá-lo como fizera com Nebai.

Aproveitou o momento em que os dois filhos de Judas acariciavam a gazela que entrara no escritório, enquanto Simônides atendia a um mensageiro que lhe falava de negócios. Aproximou-se de Judá e disse:

– Tua preocupação é uma fantasia sem realidade possível na Terra, Judá, meu amigo. Acreditas que eu possa atar minha vida a uma mulher, para deixá-la, dentro de pouco tempo, a chorar durante toda sua vida sobre a minha tumba?

– Jhasua! ... Que estás dizendo? ...

– O que ouves! A neta de Simônides é para mim como uma amada irmãzinha de infância, à qual acabei de preparar para que não fuja do teu amor que a busca e chama. Adiante Judá, e que Deus te abençoe nisto como em tudo o mais, porque estás chamado a ser um sincero colaborador na minha obra pela libertação do homem. Fica pois tranqüilo.

Judá ficou mudo de assombro ao comprovar a penetração de Jhasua em seu mundo interior. Ele acabava de responder ao seu mais oculto e profundo pensamento.

– És admirável, Jhasua, na claridade de Deus a assistir-te! Acredita-me: não pensei mal de ti; apenas me doía um pouco ver esfumaçar-se um sonho meu tão formoso.

– Vem, Esther – disse Jhasua –, e convence a Judá e de que está muito ansiosa em conhecer sua mãe e sua irmã. Visto como ambos me amais, quero que sejais muito bons amigos. Virás conosco até a pousada "Boa Esperança"?

– O avô dirá – respondeu Nebai.

– Não é o avô quem manda hoje aqui – disse o ancião –, mas o soberano Rei de Israel, do qual todos somos súditos. Que determina ele?

– Que todos devemos ir até a pousada para encontrar a mãe e a irmã do príncipe Judá – respondeu Nebai.

– Está bem. Prepara-te convenientemente e vamos andando. São apenas uns duzentos passos daqui até lá ... Não sois capazes de imaginar o bem que sinto andando com meus próprios pés! Essa infeliz poltrona já estava farta de mim e eu dela. Durante sete anos estivemos amarrados um ao outro!

Pouco depois a jovem voltou com um amplo vestido de seda branco e semi-envolta num transparente manto negro a cair-lhe da cabeça aos pés. Nebai levava um grande ramo de rosas brancas da Irânia para oferecer à mãe do príncipe Judá. Este ofereceu-lhe a mão para ajudá-la a descer as escadas e Jhasua fez o mesmo com o avô.

– Reparem que imensa glória a minha! Apoiado na mão direita do Rei de Israel! – exclamou o ancião cheio de satisfação.

Quão breves pareceram a Judá aqueles duzentos passos até a pousada "Boa Esperança"!

– Estavas muito sentida hoje, quando te vi pela primeira vez no escritório – disse Judá a Esther, como ele a chamava. – Agora pareces feliz.

"Por que afogavas soluços antes e agora estás alegre? Não serei indiscreto perguntando isto?"

– Porque doeu-me muito saber-me escrava de um príncipe judeu – respondeu serenamente a jovem.

– Por ser judeu ou por ser escrava? – perguntou Judá.

– Por ser escrava – respondeu ela. – Nunca soube o que é a escravidão, porque cresci junto ao Santuário do Tabor, onde não existem escravos. Afigurava-se-me a coisa mais espantosa que pode haver na vida. Ser como um cãozinho: recebendo açoites e lambendo a mão de quem os dá ...

– Julgas acaso que eu poderia aceitar ser o teu amo? Não me ouviste dizer a teu avô que desejava ser como um filho para ele?

– Sim, ouvi ... mas a Lei é inexorável! ...

– No entanto, o amor torna a Lei mais suave e meiga. Por acaso teu avô Simônides teve alguma queixa do meu pai?

– Parece que não, porquanto abençoa a sua memória.

– E choraste com ódio contra mim! ... Oh, Esther! ... Julgavas-me mal sem me conhecer. Na verdade, não foste injusta? Promete-me que não o serás mais!

– Prometo-o, da mesma maneira como hoje prometi a Jhasua – respondeu a jovem.

– E não poderias chegar a conceder-me o teu amor, minha formosa escravazinha? – Ao fazer tão insinuante pergunta, o príncipe Judá inclinou-se procurando os olhos da jovem, que permaneciam escondidos na sombra do manto negro.

– Estas rosas brancas – disse ela – são um símbolo de esperança e amor; e abrem ao amanhecer. Espera um amanhecer, príncipe Judá, para que a roseira do meu amor floresça inteiramente dedicada a ti. É tudo quanto posso prometer-te.

– Muito bem, minha jovem! ... aguardarei esse amanhecer, e oxalá ele resplandeça rapidamente no horizonte da minha vida. Os homens injustos abriram muitas feridas no meu coração, e espero que um grande amor cure todas elas. Até agora só vivi pensando na vingança. *Olho por olho, dente por dente*!, diz também a Lei, e pensava em cobrar com juros tudo quanto fizeram padecer a mim e à minha família. Assassinaram meu pai; sepultaram vivas num calabouço no subsolo da Torre Antônia minha mãe e minha irmã; condenaram-me às galeras para toda a vida; confiscaram nossos bens, que passaram para as arcas de Valério Graco. Tudo isso não são crimes a merecerem um castigo exemplar? Fala, Esther, não é justo o que digo? Que se faz com um bandoleiro dos caminhos quando cai em poder da justiça? Manda-se açoitá-lo até sangrar e, depois, é dependurado num madeiro no Monte das Caveiras.

– É exatamente como dizes, príncipe Judá. Contudo, às vezes, também é bom deixar que Jehová faça a justiça, pois Ele sabe fazê-la muito bem. Minha mãe também esteve encerrada numa torre da Judéia antes do meu nascimento, e meu pai vagava

pelos arredores como um leão enfurecido. Julgo que foi um secretário favorito do Consul Cirênio quem causou a desgraça na minha família.

– Sim, sim, um chacal romano, sem respeito por ninguém – disse Judá.

– Pois bem – continuou a jovem –, Cirênio, que não quis fazer justiça a meus pais, sofreu-a de Jehová. Caiu na desgraça do Imperador, foi desterrado e assassinado pouco depois por um escravo seu.

"Esse perverso favorito pereceu nas mãos de um gladiador cita, que lhe torceu o pescoço como se torce o de um abutre daninho, por negar-se a pagar uma aposta do circo."

– Saiba Esther, eu não tenho paciência para esperar pela justiça de Jehová sobre os meus inimigos. Faço-a eu mesmo, e verás como faço muito bem feito!

"Dentro da lei, em nobre lida, deixo-os incapazes de causar dano a quem quer que seja na sua vida."

– Então guarde-me Deus de ser tua inimiga, príncipe! ... – respondeu Nebai sorrindo.

Estavam diante da porta de entrada da pousada "Boa Esperança", cujo pórtico de dupla colunata lhe dava um imponente aspecto.

Era um antigo palácio sem igual, muito parecido com todos os que Epiphanes, o último dos Selêucidas, mandou construir. Epiphanes foi quem deu a Antioquia seu maior esplendor e os aspectos formosos e artísticos de metrópole grega à entrada do mundo Oriental.

Simônides, o gênio dos bons negócios, havia-o adquirido pela metade de seu valor real, em virtude de o palácio ter entrado num confisco de bens, feito, segundo o costume, pelo governo romano contra um príncipe tírio, caído na desgraça de sua Majestade Imperial.

Desse modo exercia Simônides sua vingança contra os romanos que haviam martirizado o seu corpo. Com uma habilidade única, ele se comprazia em fazer rebaixar até o extremo os bens confiscados pelo poder romano, e logo a seguir comprava-os a preço ínfimo, aumentando de maneira fabulosa os bens do seu falecido amo, o príncipe Ithamar.

Ele também costumava exercer outra classe de vingança que chamava de *corretiva* e que consistia em obter as provas dos delitos cometidos pelos cônsules e procuradores romanos e fazê-las chegar até o César, quase sempre ignorante das violências de seus legados e oficiais nos distantes países invadidos.

Já na pousada "Boa Esperança", e logo depois dos cumprimentos às damas e a Hach-ben Faqui que lhe foi apresentado, o feliz ancião conduziu Jhasua e Judá a uma sala interior onde funcionava a mordomia ou administração, aonde durante anos fazia com que o levassem todas as semanas em sua cadeira de rodas, para vigiar pessoalmente o bom andamento daquela casa que era para ele como uma mina de ouro.

De um armário construído na própria parede e com uma dupla porta de bronze e cedro, tirou uma porção de livros de anotações e documentos.

Uns eram de entrada e saída de hóspedes, os pagamentos efetuados à criadagem toda grega, por ter encontrado mais lealdade e inteligência nas pessoas dessa nacionalidade. Os demais livros eram relatos das compras realizadas nos confiscos de bens, como já foi mencionado anteriormente. Havia uma terceira categoria de livros, e estes eram relacionados com datas, referências e declarações de testemunhos oculares de todos os delitos, usurpações, prisões, torturas e assassinatos feitos ou mandados fazer pelos cônsules, governadores e procuradores romanos.

– Tudo isto é sangue! ... – disse o nobre ancião com redobrada ira –, e por isto

o fiz escrever com múrice vermelho. Quero que o Rei de Israel e seu primeiro ministro Judá vejam tudo isto com seus próprios olhos, para saberem bem profundamente o que Roma tem sido para os países subjugados e vencidos.

Ali aparecia, como um catálogo, os acordos secretos entre Herodes e o Sinédrio, entre Herodes e o César, entre Herodes e os cônsules, procuradores, tribunos e toda essa legião de *esbirros sanguinários, "cães de caça" e "crocodilos famintos"*, conforme eram chamados pelo ancião no auge de sua indignação.

Jhasua e Judá ficaram horrorizados, não só das atrocidades que ali apareciam, como também da hábil e sutil rede de investigação que Simônides manejava desde Antioquia e com a qual conseguia desbaratar muitas maquinações, muitos delitos, dos quais quase sempre eram vítimas os melhores homens e as mais nobres famílias da Síria, da Galiléia, da Judéia, da Samaria, da Peréia e de Traconítis.

Ele havia começado essa tarefa logo no início da desgraça do príncipe Ithamar e de sua família, cujos autores havia castigado severamente, sem que eles percebessem de onde vinha o castigo.

Os piratas que afogaram Ithamar por ordem do governador romano da Judéia haviam sido mortos na forca, e de tal maneira ficou descoberta a trama que o governador precisou transferir sua sede para Cesaréia, na província da Samaria, e o César retirou a confiança nele depositada, situação que o levou ao suicídio, cortando as veias.

– És um anjo de justiça, bom Simônides – disse Jhasua, percorrendo aquelas páginas escritas em vermelho, terrível catálogo a deixar bem claro o que é um poder arbitrário sobre um indefeso.

Contaram até cento e oitenta e sete casos, cada qual mais desastroso e terrível. Em que péssima situação ficava a autoridade imperial romana, a desfrutar tranqüilamente os bárbaros tributos sugados dos países invadidos, sem se preocupar com as atrocidades que seus agentes cometiam para se enriquecerem, todos eles, à custa dos vencidos!

Que espantoso papel faziam os reizinhos de papelão, obedientes ao César, bem como os governadores e cônsules, os pontífices e o alto clero de Israel, aliados, em sua maioria, à prepotência romana!

Quando Simônides fechou o livro vermelho, Jhasua deixou-se cair no estrado e circundar a sala e, afundando a cabeça entre as mãos, exalou um suspiro semelhante a um soluço.

O ancião aproximou-se dele e sentou-se ao seu lado.

– Meu Senhor – disse com a voz bastante meiga –, soberano Rei de Israel, Ungido de Jehová, é ou não de justiça que tomes quanto antes posse do teu reino para remediar tantos males? Não vês como os povos gemem sob essa tirania insuportável? Não vês como caem as vítimas como espigas na ceifa, para serem pisoteadas por alcatéias de feras famintas?

"Tens uma frota de cinqüenta navios, com bravos capitães e valente tripulação, que levarão tua justiça por todos os mares do mundo! Tens imensas caravanas que te farão dono de todos os caminhos abertos ao comércio honrado e leal!

"Acham-se à tua disposição vinte mil lanças obedientes ao Scheiff Ilderin, meu amigo e aliado do deserto, aguardando um aviso meu para se lançarem sobre a Síria e a Palestina!

"Possuis três legiões de Cavaleiros de Judá sendo preparados pelo filho de Ithamar nos Montes Jebel, mais além de Filadélfia!"

– Como sabes disto, se é um segredo meu? – interrompeu Judá assombrado de que até ali havia chegado o olho vigilante de Simônides.

– Não te disse, jovem, que o Scheiff Ilderin é meu amigo e aliado? A ajuda por ele prestada a ti foi sugerida por mim.

– És admirável, Simônides! Merecias ser um César. Tu, sim, que serias um insubstituível primeiro ministro para o nosso glorioso Rei de Israel – exclamou o príncipe Judá.

"Jhasua! ... Não respondes nada a tudo isto?" –, perguntou Judá vendo seu obstinado silêncio.

O jovem Mestre levantou a cabeça dentre as mãos, e seus dois interlocutores viram que seu rosto aparecia contraído por tremenda angústia.

– Senhor! – disse o ancião de joelhos diante d'Ele. Magoaram-te os meus relatos porque o teu coração é terno como o de um cordeirinho recém-nascido ... como a planta apenas saída do embrião! ... como o passarinho implume acabado de chegar ao bordo do ninho! ... Senhor, perdoa o teu servo por não haver sabido tratar devidamente o Messias Divino, lírio dos vales da Galiléia! ... vaso de água doce do poço de Nazareth!

– Tens paz em tua alma, bom Simônides; eu sofro pelas dores do mundo, pelo opróbrio dos humildes, pela angústia das mães, dos órfãos, dos anciãos indefesos – respondeu Jhasua.

"Tua obra é grande, Simônides, e a tua também o será, Judá, meu amigo, nesta magnífica Antioquia e na Roma dos Césares, como será a de Faqui na África do Norte; entretanto ainda falta um pouco de tempo para que possais ver cumprirem-se estas minhas palavras.

"Já estou na posse da minha missão nesta vida, e me acho há bastante tempo em luta aberta contra todo o mal que domina estes povos.

"Coloca-me em contato com todas as vítimas que manténs catalogadas, Simônides, no teu livro vermelho e, se puder contar contigo e com Judá, toda essa dor será transformada. Prometo-vos isto em nome de Deus!"

– Bem, meu Senhor, meu amado Rei. Quando for do teu agrado, visitaremos os arredores desta grande cidade, Gisiva e Carandama. Estão situadas entre as encruzilhadas e as encostas dos Montes Sulpio e Cássio, próximos ao grande Circo de Antioquia. São formosas aldeias edificadas com o teu ouro, meu Judá, e portanto são tuas, não obstante todos ignorarem isso, menos os meus agentes mais íntimos, por intermédio dos quais fiz comprar essas terras pertencentes a um príncipe egípcio que foi desterrado e teve todos os seus bens confiscados. Pelo valor de dez estádios em lugares como esse, comprei do Legado Imperial 150 estádios, e os dividi em duzentos e trinta hortos, cada um com a sua habitação própria. (O estádio equivale a 185,25 mts. e aqui presumimos que a medida seja de frente, visto como, até bem pouco tempo, não era levada em consideração a medida de fundo.)

"Em ambas as vilas tenho reunidos os meus servidores, quase todos gregos, judeus e coríntios e, entre eles, estão alojadas as vítimas das ocorrências a que se refere o meu livro vermelho. Nesses dois subúrbios estão localizados os lares dos tripulantes da nossa frota, os caravaneiros e quase todos aqueles que me prestam serviços por um salário combinado. Pago melhor que todos os outros patrões, bem melhor do que pagam os agentes do César, e este é o segredo por que todos me servem bem.

"Em ambos os arrabaldes, ó meu Senhor, encontrarás e te horrorizarás mais ainda diante das comprovações do meu livro vermelho. Já estou vendo, ó meu Rei

Ungido de Deus! ... as maravilhas que o teu poder fará lá, como o fez comigo, um inválido durante sete anos, e que hoje se sente jovem e forte apesar dos seus 70 anos."

– E que pretendes obter, bom Simônides, ao reter sob a tua proteção todos esses infelizes? – perguntou Jhasua.

– Senhor! Não disse Jehová através de Jeremias: "Procedei com seriedade e justiça, livrai o oprimido das mãos do opressor, não enganeis nem roubeis ao estrangeiro, nem ao órfão, nem à viúva, nem derrameis sangue inocente neste lugar!" Eu me propus fazer justiça com os maus e com os inocentes, empregando nisto parte das imensas rendas do meu falecido amo, e o fazia em sua memória e pelo amor que lhe dedicava.

"Isto em primeiro lugar.

"Em segundo lugar, eu alimentava a minha firme esperança de encontrar-me contigo, ó meu soberano Rei de Israel, e preparava com dados certos, com provas e testemunhas, as ações delituosas que os invasores cometeram contra o teu povo da maneira mais iníqua e criminosa que puderam fazê-lo."

Os Esponsais

Combinaram visitar no dia seguinte aqueles arrabaldes, e, como já findava a tarde, Simônides determinou que, na pousada "Boa Esperança" fosse preparada uma esplêndida ceia, para celebrarem tão santos acontecimentos: a chegada do Rei de Israel, da família do príncipe Ithamar, seu pranteado patrão e a sua própria cura, que o tornava um homem remoçado em seus 70 anos.

O ancião ignorava que, nesse momento, surgiriam de imprevisto mais dois motivos de júbilo para todos. Judá teve uma conversa reservada com Faqui; depois fez o mesmo com Jhasua e Noemi. O assunto, íntimo e reservado, foi mantido em segredo em relação aos demais.

O grande salão de honra do palácio de Epiphanes, o último Selêucida, foi mandado adornar com todas as rosas brancas e ramos de mirto que puderam encontrar em Antioquia.

O velho Simônides estava eufórico e em grande atividade. A boa Noemi, mãe feliz, sorria numa felicidade suprema, a qual jamais pensou poder desfrutar depois das grandes dores sofridas. Quão verdade era que Deus se aproximava com amor dos corações doloridos e soluçantes! A hora da piedade divina tardara muito; no entanto, chegara da maneira mais generosa, mais bela e sublime que pudera sonhar.

Grandes candelabros de prata sobre altos pedestais de mármore sustentavam numerosas lâmpadas de azeite a iluminarem o formoso recinto. Jhasua ocupava o centro da mesa com Simônides e Noemi de um e do outro lado.

Seguiam-se, na mesa, Judá com Nebai, Faqui com Thirza e, logo, os dois filhos de Judas de Galaad, Isaías e Othoniel.

O leitor poderá imaginar facilmente a doçura daquele ambiente, que o Cristo encarnado respirava com infinita placidez. Todos deviam a Ele aqueles momentos de pura e santa alegria, aquela íntima paz, mais suave e mais doce que todas as riquezas e que todos os tesouros imagináveis. O amor sincero, espontâneo e leal vibrava ali em todos os tons, sem sobrar um único espaço para o receio, para a desconfiança ou para o temor.

– Todo o Céu de Jehová desceu sobre esta mesa – disse Noemi com os olhos brilhantes de emoção e o coração transbordando de felicidade inefável.

– Porque está sentado junto a nós o Resplendor de Jehová – acrescentou o ancião Simônides que, nesse dia, aparentava ter dez anos menos.

Quando os criados estavam abrindo as poeirentas ânforas de vinho de Chipre, que o velho guardava nas adegas de Ithamar há muitos anos, Jhasua pediu um momento de silêncio no meio daqueles risos como gorjeios intermináveis a vibrarem como notas musicais naquele ambiente elevado, cheio de concórdia, amizade e companheirismo, e falou assim:

– Contam nossas velhas crônicas sagradas que, quando nosso pai Abraham quis uma esposa digna e pura para seu filho Isaac, mandou seu mordomo Eleázar buscá-la no país do seu nascimento, e ele encontrou Rebeca na borda da fonte de águas doces e cristalinas, da qual deu de beber a ele e a seus camelos.

"Nossos Pai Celestial, amoroso e sábio em seus desígnios, houve por bem querer que hoje proceda eu como o mordomo fiel de Abraham, o qual teve o bom acerto de escolher uma santa companheira para o filho de seu amo.

"Simônides, homem justo, avô feliz! Eu te peço a mão de Esther, tua neta, para o meu grande amigo o príncipe Judá, filho de Ithamar de Jerusalém, e a ti, digna matrona judia, viúva de Ithamar e mãe feliz, peço a mão de tua filha Thirza para o Hach-ben Faqui, de Cirene.

"Que esta união de corações seja como uma chuva de bênçãos divinas para todos vós, e para a obra de libertação humana de que o Pai Celestial encarregou a vós e a mim, numa unificação de fé, esperança e amor."

Doces lágrimas de emoção tremiam nas pálpebras semicerradas das três mulheres e umedeciam os olhos dos homens num transbordamento de amor e compreensão recíprocos.

O velho Simônides, com a voz trêmula por um soluço contido, apoiou a cabeça sobre o ombro de Jhasua, e apenas pôde dizer:

– Senhor! ... Meu Rei de Israel! ... Quem é o homem que poderá negar alguma coisa a ti que tudo fazes como se fosse o próprio Deus? Nenhuma felicidade poderá ser maior para mim senão ver minha Esther esposa do filho de Ithamar.

Fez-se profundo silêncio, durante o qual parecia ter-se a impressão de poder ouvir o pulsar dos corações que naquele momento recebiam tamanha felicidade.

Noemi refez-se de sua emoção e respondeu com sua meiga voz soluçante:

– Se minha filha ama Hach-ben Faqui, eu o recebo em meu coração como a meu próprio filho.

Todos os olhares se fixaram em Thirza e Esther. Houve uma pausa solene.

Ambas as jovens estenderam em silêncio as mãos para aqueles que pediam para unir com elas as suas vidas, e ficaram assim celebrados seus esponsais na mais terna e cordial intimidade.

As bodas seriam celebradas juntas, seis luas depois.

Os quatro seres, unidos por um amor silencioso e casto nascido sob o olhar do Verbo de Deus, foi, em verdade, uma chuva de bênçãos para o Cristianismo que estava próximo a nascer, como veremos mais adiante.

A mesma compreensão e afeto que se multiplicou entre Judá e Faqui nasceu entre Thirza e Esther – terna amizade que ofereceu à meiga e santa Noemi as mais belas compensações para sua imensa tortura moral e física de sete anos sepultada viva num calabouço da Torre Antônia, ela que pertencia à nobilíssima família de Adiabenes que durante séculos reinou pacificamente nos formosos vales do Tigre. A morte

de seu tio Abenerig, ocorrida dois meses antes do assassinato de seu esposo Ithamar, deixou-a sem amparo na vida, e essa circunstância foi aproveitada habilmente para que fosse despojada, bem como seus filhos pequenos, de tudo quanto tinham e até da liberdade. Abenerig Izate ocupava o velho trono de seus ascendentes, e seus irmãos menores, jovens de 16 a 18 anos, com sua mãe Helena, encontraram-se com Jhasua e seus amigos na populosa Antioquia, onde, às vezes, vinham passar os meses mais quentes do ano.

Formosas conquistas foram estas para a Santa Aliança, que começava assim a estender-se silenciosamente até os vales do Eufrates. Hèlena e sua irmã Noemi, ambas viúvas, uma do rei Abenerig Adiabenes e a outra do príncipe Ithamar de Jerusalém, encontraram-se em Antioquia depois de longa ausência de doze anos. O fio de ouro do desígnio divino uniu-as novamente, para que sua fé inquebrantável e sua piedade sem limites servisse de base e fundamento para a primeira congregação cristã, cujo esboço já estamos vendo surgir como uma bruma de ouro ao redor de Jhasua, apenas chegado aos 22 anos.

Esse encontro inesperado, se o encararmos assim, foi motivado pelo fato de Simônides conservar em seu poder capitais depositados alguns anos antes pelo falecido rei Abenerig, esposo de Helena, que se admirou grandemente de vê-lo andar são e forte, quando o havia conhecido preso a uma cadeira de rodas.

O ancião que conhecia o parentesco entre as famílias de Adiabenes e de Ithamar, fez com que se encontrassem e também tomassem conhecimento do grande segredo dos servos de Deus: a presença do Divino Ungido, o Messias anunciado há tantos séculos pelos Profetas de Israel.

Poder-se-ia dizer que desde esses dias felizes para Jhasua, compreendido e amado por quantos dele se aproximaram, ficou Antioquia, a grande metrópole oriental, predestinada a ser, vinte anos mais adiante, a pátria adotiva do Cristianismo nascente. É necessário ter-se em conta que a estada de Jhasua nessa cidade foi de apenas três semanas, e que passou esse tempo sem publicidade alguma, porquanto não era ainda chegada a sua hora, conforme ele mesmo dizia.

Rumo ao Eufrates

Através de Helena e de seus filhos, Jhasua obteve notícias do sábio Mestre persa Baltasar, que o visitara muito menino em Bethlehem, e, pouco depois, no Santuário do Hermon, quando tinha sete anos. Desde Shinar, capital do reino de Adiabenes, não era mais necessário cruzar o Tigre para encontrár-se entre as montanhas de Susianna, em cuja capital, Susan, se encontrava Baltasar à frente de sua Escola-Santuário do Divino Conhecimento. A piedosa viúva Helena consultara várias vezes o sábio Mestre, quando ficou sozinha na direção de seu país, até que Abenerig Izate, seu filho mais velho, pôde tomar a direção de seu povo.

O sábio ancião havia-lhe falado sobre o Messias nascido no país dos hebreus, e cuja existência era um segredo para todos como precaução contra os formidáveis inimigos que procurariam em seguida a sua morte.

O único vínculo a unir esta ilustre mulher com o país de Israel era sua irmã Noemi, que ele dera como morta desde que soube da terrível tragédia do príncipe Ithamar.

Jhasua já estava há dois dias em Antioquia quando se encontrou com a nobre

viúva que, em seguida, despachou um correio particular ao correr de um bom camelo, com a finalidade de levar a Susan a grande notícia para seu conselheiro Baltasar: o Messias Salvador do Mundo encontrava-se em Antioquia, onde permaneceria três semanas.

O grande homem, com 80 anos, pôs-se imediatamente a caminho rumo à costa do Mediterrâneo. Navegou pelo grande rio Eufrates até Tiphsa, distante um dia e meio de Antioquia em bons camelos.

Contudo, Jhasua não consentiu que o ancião fizesse essa viagem, e foi com Judá e Faqui ao seu encontro na formosa cidade de Tiphsa, à margem do Eufrates.

Do mudo e longo abraço de Jhasua, Ungido do Senhor, com o ancião Baltasar, um dos três célebres sábios que, em seus distantes países, viram na imensidão azul a anunciada conjunção de Júpiter, Saturno e Marte, sinal do nascimento do Grande Enviado, surgiu uma imensa claridade, uma poderosa vibração de amor sobre aqueles felizes países, onde flutuou o alento divino do maior Ser descido ao planeta como um raio de Luz da Divindade.

O jovem Mestre apresentou seus dois amigos ao sábio, mas a conversação secreta que teve com ele, e que durou toda a tarde, ninguém a ouviu, a não ser a Maga dos Céus, a Luz Eterna, que a recolheu como os fios sutis de um delicado bordado, para guardá-la no eterno arquivo de seus domínios.

O jovem Mestre mencionou ao ancião todo o caminho já percorrido, os poderes superiores conquistados nos anos de estudo nos Santuários Essênios, os admiráveis resultados obtidos e, finalmente, a tremenda visão ocorrida no Grande Santuário do Monte Moab, na véspera de sua consagração como Mestre da Divina Sabedoria.

O ancião conhecia muita coisa de tudo isso através de revelação espiritual, e também por intermédio de seu particular amigo Gaspar, que tivera idênticas revelações. Para comprovar isso, leu para Jhasua o que escrevera em sua caderneta de bolso sob a epígrafe: *O Caminho do Messias.*

– Antes de sair de Susan – disse – despachei um mensageiro ao Golfo Pérsico, e dali, por navios costeiros, às Bocas do Indo, onde atualmente se encontra o nosso amigo. Daqui a quatorze dias ele poderá estar aqui em Tiphsa para abraçar-te. Dignar-te-ás esperá-lo? Lembra-te que nossos muitos anos não nos permitem a ilusão de ver-te novamente na matéria física.

– Eu o esperarei, sim – respondeu firmemente Jhasua. – Alguns trabalhos me reterão em Antioquia por três semanas mais ou menos.

– Então espero que Gaspar esteja conosco para que os três unidos possamos falar sobre o caminho que já estás percorrendo, Filho de Deus, e sobre aquele que ainda falta percorrer.

"Que ele ouça, como eu ouvi, a revelação do teu espírito, para saborearmos juntos o infinito prazer de haver estado com a verdade quando, há 21 anos e alguns meses, demos o nosso parecer sobre a tua personalidade.

"Melchor, o mais jovem de nós três – acrescentou o sábio ancião persa –, recebeu do Supremo Atman a felicidade de seguir-te mais de perto e, através de suas constantes cartas, Gaspar e eu temos podido acompanhar de longe os teus passos. A Divina Sabedoria ordenou tudo de forma tão admirável ao teu redor, ó Resplendor da Eterna Claridade, que nós, suas pequenas lamparinas, não necessitaremos mais aproximar-nos d'Ela para nos iluminarmos e também podermos iluminar todos os que desejarem receber a sua Luz.

"Se os Mestres de almas e os dirigentes de consciências não houvessem torcido o rumo da Humanidade, tua passagem por esta Terra seria um fragmento do poema

imortal de amor e luz na qual vives na imensidade de Deus –, acrescentou ainda o sábio persa, como respondendo ao pensamento que o perseguia. – Mas os governantes de povos transformaram-se em manadas de animais a suspirar apenas por um melhor pasto e, para consegui-lo, esmagam-se uns aos outros, e cada qual reserva a mais abundante ração para si, deixando a fome e a necessidade insatisfeita para o mais débil e incapaz para a luta.

"Apresentas-te, Ungido do Amor e da Fé, nesse cenário para ensinar aos homens a verdadeira Lei, a nossa origem e destino comuns, saindo do Eterno e voltando a Ele num tempo indeterminado, que a nossa inconsciência ou a nossa maldade engrandecerá quiçá imensamente.

"Apresentas-te para dizer ao Mundo que não deve haver nem senhores nem escravos; nem excessivamente ricos nem pobres até a miséria; que aquele que mais possui mais deve dar ao que carece de tudo; que aquele que deixa de dar da sua abundância aos despossuídos não merece a chuva das nuvens nem os beijos do sol sobre seus campos. Por dever, ó Enviado do Pai-Amor, os ignorarás, os censurarás em suas iniqüidades e injustiças; porás a descoberto suas mentiras, seus enganos, o usofruto desavergonhado e desonroso que obtêm os homens do poder em prejuízo das massas enganadas com eternas promessas que nunca serão cumpridas! Então a víbora se voltará contra ti, se enroscará no teu corpo com a espantosa força de seus anéis, te espremerá como a uma esponja cheia de mel e a transformará em veneno, com o qual inundará o mundo a fim de apagar a luz da tua lâmpada, para que ninguém acerte seguir o caminho da Verdade que porá um fim a seu iníquo domínio na Terra.

"Já te vejo, em meus grandes sonhos de idealista, como um astro de suave luz a iluminar todos os recantos das mais escuras consciências. Imensa legião de almas seguirá pelos teus caminhos radiantes de fé, de nobreza e de amor; entretanto, a maioria, ó soberano Rei dos idealistas sonhadores!..., buscará em ti o esplendor da púrpura, o brilho do ouro e das pedras preciosas e, quando lhes disseres que tudo isso nada mais é que palha e fumaça comparados com os tesouros eternos da Luz, da Felicidade e do Amor, te voltarão as costas, te desprezarão e te pisotearão como a um ser inútil para a felicidade que eles buscam, como o único bem da sua vida."

– Teus pensamentos – disse Jhasua – estão admiravelmente de acordo com a minha visão no Santuário do Moab que hoje te referi, visão que anuncia o término da minha vida física com um terrível e oprobrioso sacrifício.

"A voluntária aceitação da dor suprema de minha parte impedirá a destruição deste planeta, próximo a entrar na órbita dessa terrível Justiça Divina, a qual determina as épocas de vidas evolutivas aos mundos, às humanidades e aos indivíduos.

"Somente te peço, ó sábio Baltasar, que me assistas com o teu pensamento e com o teu amor, para que a minha natureza humana não chegue a predominar jamais sobre aquilo que o meu Eu Superior já aceitou como divina revelação da Suprema Vontade."

– Não temas, ó Filho de Deus, porque esta é a tua última passagem pela Terra e não vieste para o fracasso, mas para o triunfo.

Jhasua convidou seus dois amigos a falarem em particular com o sábio astrólogo persa, a fim de que lhes fosse dada orientação em suas vidas como cooperadores na obra de salvação humana.

Averiguados os dados precisos de ambas as vidas, o sábio pesquisou nas influências planetárias, nas tendências hereditárias e nos caminhos percorridos por aquelas duas almas através dos séculos e das existências, e falou-lhes desta maneira:

– Príncipe Judá, filho de Ithamar: vejo três fases na tua vida: infância e adolescência iluminadas pela paz e a felicidade; primeira juventude atormentada pela maldade humana e mergulhada em grande obscuridade. A terceira fase é vida de fé, de esperança e de amor supremo; vida feliz na família e triunfante em nobre e grande ideal. É tudo quanto posso dizer-te.

"Hach-ben Faqui de Cirene – continuou dizendo o ancião com os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre o peito.

"Vejo-te sob a ação imediata de uma luminosa Inteligência que teve especial tutela sobre ti, salvando-te de grandes dificuldades que forçosamente teriam torcido o rumo da tua vida, na qual se esboçam, com clareza, duas fases: tua infância e adolescência mergulhadas numa suave inconsciência, só permitindo que admirasses a magnificência da natureza. Tua juventude e tua idade viril entregues ao amor humano na família e na propagação de um ideal de justiça, enchendo completamente as aspirações do teu espírito. É tudo quanto percebo na tua vida."

No dia seguinte, Jhasua com seus dois amigos voltaram a Antioquia, deixando o ancião Baltasar mergulhado no êxtase da fé e do amor que a presença do Homem-Luz lhe havia produzido.

Chegaram à meia-noite na pousada "Boa Esperança". Amhra, a criada anciã, Eliacin e Shipro os esperavam, permitindo, desse modo, que Noemi descansasse. A boa mulher ficara aterrorizada com os seus anos de calabouço, e temia horríveis desgraças nem bem os familiares se afastavam do seu lado. A criada correu para avisar-lhe que os três viajantes já tinham regressado sãos e salvos.

Nebai ficava junto de Noemi e sua filha, no desejo de proporcionar-lhes serenidade e confiança.

O ancião Simônides, estendido num divã, na administração, dormia profundamente.

Logo depois de tranqüilizar a atemorizada mãe e despedir-se até o dia seguinte, Jhasua com os seus amigos foram até a administração, por onde deveriam passar em direção às suas alcovas.

– Apressai-vos em descansar – disse o ancião –, porque será grande o trabalho de amanhã. Ó meu Senhor de Israel! ... se visses como Gisiva e Carandama te esperam!

– Será porque a tua boca, meu bom Simônides, falou mais do que era conveniente? – perguntou Jhasua sorrindo.

– Espera, Senhor, e ouve-me: falei-lhes apenas no Profeta de Deus e, embora nada houvesse dito por minha boca, todo o meu corpo refeito e curado bastava e sobrava. Todos eles, menos os cegos, me haviam visto preso à cadeira de rodas.

Gisiva e Carandama

Quando o sol se levantava no horizonte e o esplendor de sua claridade parecia derramar pó de ouro sobre as tranqüilas ondas do Orontes, sobre os jardins encantados e também sobre os rumorosos bosques de terebintos e loureiros, toda a família empreendeu o passeio matinal até os subúrbios já indicados.

Noemi, apoiado em Jhasua, ambos guiados pelo ancião, iniciavam a caminhada, na qual seguiam Nebai ou Esther com Thirza e Judá, Faqui e os dois filhos de Judas de Galaad.

Num grupo à parte, para não chamar a atenção, iam meia dúzia de criados com Eliacin e Shipro levando cestas de provisões, pois pensavam passar ali todo o dia.

Seguiram pela avenida que se dirige para o sul e, ao chegarem ao Arco Triunfal de Epiphanes, mandado construir pelo mesmo para glorificar-se em vida, viram sentado no pavimento, como um contraste vivo a toda aquela magnificência, um mendigo esfarrapado e sujo comendo avidamente um pedaço de pescado assado e restos de pão duro. O mendigo tinha os pés desnudos e desfigurados de tão horrível maneira que se via claramente que havia sofrido queimaduras, embora já cicatrizadas.

– Como está hoje o teu dia, Simão? – perguntou Simônides, que o conhecia há muito tempo.

– Hoje está bom, amo, porque, como podes ver – respondeu o mendigo –, estou me alimentando. Se não causo incômodo, amo, perguntando, que fizeste da tua cadeira de rodas? ... Como consegues caminhar?

– A Majestade de Deus anda por toda parte para aquele que tem fé em seu poder, amigo – respondeu o ancião detendo-se.

– Os deuses esqueceram-se de mim desde que caí nesta desgraça ... – respondeu o mendigo.

Jhasua e Noemi detiveram-se também ante esse quadro, e a boa mulher, cujo coração se tornara ainda mais piedoso em razão de seus grandes padecimentos, pensou silenciosamente: "Oxalá o Messias tenha piedade deste infeliz mendigo e cure seus pés inutilizados."

Este pensamento penetrou profundamente em Jhasua, que disse:

– Vês este Arco de Triunfo levantado pela soberba de um homem, de cuja efêmera vida é a única recordação que restou?

– Sim, vejo, é magnífico! – respondeu Noemi. – É ainda mais rico que os sagrados pórticos do nosso santo Templo de Jerusalém.

– Pois bem ... Aí tens, mulher, quem mandou construí-lo para sua eterna glória! ... – E Jhasua apontou com o seu indicador o mendigo sujo e esfarrapado.

– A reencarnação! – exclamou Noemi aterrada. Como é tremenda a Justiça de Deus!

– Quantos escravos queimaram os pés, mãos e rostos para esculpir a fogo o decalque em ouro, bem como todos os metais preciosos e pedras que brilham neste monumento! ... – exclamou Jhasua com dolorosa indignação. – E apenas para satisfazer o desmedido orgulho de um homem, do qual só restou o pó e a cinza! A Justiça de Deus cumpriu-se da maneira como vês. Eis aí o grande Epiphanes de Selêucia, sentado sob seu próprio Arco do Triunfo, recebendo esmolas e o desprezo dos humanos.

"Que ocorreu com os teus pés para estarem inutilizados desse modo? – perguntou Jhasua."

– Eu trabalhava na frágua, senhor, e um terrível acidente acabou para sempre com os meus pés! Agora peço esmolas.

– Acreditas em Deus? – voltou Jhasua a perguntar.

– Sou de Gao, sobre o rio Niger; contudo criei-me em Chipre, onde há muitos deuses: Júpiter, o dos raios; Baco, o do vinho e da alegria; Marte, o dos triunfos guerreiros.

– Não falo de nenhum desses, mas do Deus Pai Universal de tudo quanto existe e Providência vivente sobre todos os seres – esclareceu Jhasua, emitindo sobre ele poderosa energia.

"É a esse Deus único que me refiro!"

– Por crer nele, caminho sobre os meus pés – disse Simônides. – Não vês?

O mendigo parecia estar como que suspenso nos olhos de Jhasua, a observar-lhe com grande piedade.

– Se o Deus dos hebreus é tão bom como dizes ... sim, creio! Creio n'Ele, e quero adorá-lo por todo o resto da minha vida.

Jhasua ajoelhou-se ao seu lado, tomou entre as mãos os sujos e desfigurados pés do mendigo, e disse:

– O Deus de Israel quer que andes sobre os teus pés e no caminho da Sua Justiça e de Seu Amor.

"Levanta-te! ... Que, em Seu nome, eu te ordeno."

O mendigo deu um uivo como se uma dor aguda lhe houvesse endireitado os pés, estendeu-se ao longo do chão e, logo em seguida, levantou-se. Ia começar a dar saltos e gritos, mas Jhasua lhe pediu:

– Cala-te, por Deus, pois sou estrangeiro nesta terra, e não hás de ser o causador de que me tomem por um mago.

– Procura uma tenda e veste-te com roupas novas – disse Simônides dando-lhe algumas moedas de prata. – Logo em seguida, vem conosco até Gisiva, pois ali terás casa e família. – E continuaram o caminho, deixando o mendigo mudo de tal assombro que nem sequer conseguia pensar no que lhe havia acontecido.

Viu-os passar pelo arco e perder-se entre a multidão que ia e vinha, vendedores ambulantes, transeuntes tomando o ar fresco daquela manhã primaveril, ainda mais formosa com a beleza das águas cristalinas que surgiam cintilantes como partículas de ouro à luz do sol dos mil repuxos das fontes que embelezavam os jardins de um e do outro lado da avenida.

Em virtude de um fenômeno psíquico muito próprio da alma humana, naquele momento a vida pareceu-lhe formosa no meio de todas as belezas naturais e artificiais que o rodeavam. Olhou para o céu azul de maravilhosa serenidade, e pareceu-lhe ser um manto suave de seda a cobrir-lhe. Respirou, a plenos pulmões, a fresca brisa que vinha dos cumes vizinhos do Amanus e do Cássio, aspirou com ânsia o pó de ouro do sol a inundar-lhe todo de luz, e finalmente viu, em sua mão suja e enfraquecida, as moedas de prata que Simônides lhe dera, enquanto o convidava a segui-lo até o subúrbio de Gisiva, onde teria casa e família ...

Imensa onda de ternura e gratidão inundou-lhe o coração de tal maneira que correu como um louco para o lado por onde viu desaparecer o jovem de manto branco que lhe dissera: *Levanta-te e anda.* Começou a chorar em grandes soluços, chamando a atenção de alguns transeuntes que se afastaram dele, julgando-o um louco vulgar.

Alguém perguntou: "Não é o mendigo do Arco do Triunfo de Epiphanes?"

Finalmente, o mendigo voltou a raciocinar mediante as moedas que segurava em sua mão direita.

– É certo! ... – disse. – Deram-me as moedas para me vestir com roupas novas e apresentar-me em Gisiva. – Entrou na primeira tenda que encontrou e, logo a seguir, foi aos banhos públicos, pois lembrou-se, depois de muitos anos, que também tinha para com seu pobre corpo outros deveres além do comer e do beber. Vestiu-se com suas roupas novas e pensou com alegria poder voltar a ser um homem na sociedade humana.

Ele próprio estava assombrado de que a desgraça e a crueldade dos homens o houvessem arrastado a tal extremo de degradação e desprezo de si mesmo.

Nossos amigos chegaram aos primeiros altiplanos das formosas montanhas, entre as quais corre o Rio Orontes, e viram de longe, como dois bandos de gaivotas,

as miúdas casinhas brancas salpicando a escura folhagem daquela vegetação exuberante própria do país do Líbano.

Assinalando-as com a mão, Simônides disse:

– Aquela é Gisiva e a vizinha é Carandama. Como podereis ver, ambas são formosas, e sua esplêndida situação lhes promete um grande futuro. A maioria de seus moradores são refugiados de diversos países, vítimas do domínio romano, que não pode ser grande sem deixar vestígios de dor e sangue em sua passagem. Todos trabalham no que podem, e até os cegos se dedicam a enovelar o esparto para as esteiras e os fios para os tecelões.

"Subamos por este caminho!"

Uma multidão de crianças, que recolhia amoras e cerejas, saiu-lhes ao encontro, oferecendo o produto de suas cestinhas em troca das guloseimas que traziam da cidade.

Observava-se, à primeira vista, muitas crianças retardadas, defeituosas e algumas de aspecto doentio. Os olhos de Jhasua fixaram-se, de imediato, num belo rosto de adolescente, de cabelos ruivos e olhos azuis cheios de inteligência. Tinha nas costas uma enorme corcunda, tão monstruosa que, quando era visto de trás, sua cabeça não era percebida entre os ombros. Todos o chamavam *o Corcunda*. Seu nome havia sido esquecido na memória de todos para ficar apenas o do grande defeito físico e envergonhá-lo, enchendo-o de tristeza.

Despertou-se imediatamente em Jhasua um terno carinho por ele.

– Como te chamas? – perguntou-lhe.

– *Corcunda* – respondeu o jovem.

– Esse não é o teu nome – disse-lhe Simônides.

– Chamavam minha mãe de Nélia e, se quiserdes, chamai-me de Nélio ... – o amargo sorriso com que se expressou, produziu um calafrio em todos.

– Já vos mencionei essa história que está no livro vermelho – disse o ancião ao jovem Mestre.

– Tenho especial interesse nele – disse Jhasua em voz baixa a Simônides, e logo, acariciando todas as crianças, tomou algumas das amoras e cerejas que lhe ofereceram. – Na refeição do meio-dia dar-vos-ei guloseimas trazidas da cidade – disse-lhes, enquanto seu pensamento, como uma corrente magnética poderosa, dominava completamente a ruidosa alegria da meninada, deixando todos quietos e receosos.

"Sendo tu o maior – disse ao corcunda –, vem conosco e dessa maneira poderás dizer depois a teus companheiros onde estaremos. – E Jhasua tomou-o pela mão."

– Que pena vê-lo assim! – disse Noemi em hebraico, para não ser compreendida pelo jovem que falava o grego, como a maioria das pessoas na cidade de Antioquia.

– Não o verás assim por muito tempo – respondeu Jhasua. – Afastei-o dos outros – continuou dizendo o Mestre – porque sua cura causaria grande assombro aos colegas que iriam contar a ocorrência aos gritos por toda parte.

– Mas apenas este será curado? – perguntou Simônides.

– Todos serão; no entanto, nenhuma cura causará o estupor que a deste, de vez que todos os outros não são tão monstruosamente aleijados.

"Sou médico – disse ao adolescente, inclinando-se para ele –, queres que te cure?"

– Tirarás a minha corcunda? ... Oh, não poderás. Tenho-a desde que nasci, conforme me disseram.

– É verdade – disse o ancião – eu o conheci aos dois anos quando a mãe dele ainda era viva. Ele nasceu com a espinha dorsal dobrada em razão das torturas a que ela foi submetida quando o levava em seu seio. Era uma distinta mulher vinda da Bitínia, recém-casada. Um tribuno romano de nome Duílio enamorou-se dela tão

loucamente que fez com que seu marido parecesse um ladrão, colocando, entre suas roupas, jóias de grande valor pertencentes ao Legado Imperial. O marido era decorador no palácio do Monte Sulpio, onde esse tribuno residia. O pobre homem foi encerrado nos escuros calabouços da Cidadela, e a mulher, que era tão formosa, foi obrigada a tomar parte nas festas da Mayouma junto com as suas cortesãs. Depois furou-lhe a orelha com uma agulha, à porta da sua casa, tornando-a escrava para toda a vida.

"Ela quis fugir e o senhor amarrou-a dobrada sobre uma barra de ferro, em tal forma que a cabeça tocava-lhe nos pés. Três meses depois nasceu este menino, desfigurado deste modo em virtude da tortura sofrida pela mãe."

– Mas o menino não era filho dele? – perguntou Jhasua.

– Não; daí o seu furor quando se deu conta de que a mulher estava grávida.

– Por piedade, não me façais mal – pediu imediatamente o menino –, parece que rasgais as minhas costas.

– Não temas, Nélio! ... – disse Jhasua suavemente. – Só estou passando a minha mão para curar-te. Acreditas em Deus?

– Oh, sim! ... Minha mãe, que chorava sempre, disse-me que eu tinha um Pai muito bom, que se acha além, mais acima das estrelas, e que ele cuidaria sempre de mim – respondeu o menino, quase com religioso recolhimento.

– E chamas por esse bom Pai e lhe pedes o que desejas? – perguntou Jhasua.

– Sim, e ele me dá tudo quanto peço.

– Nunca pediste para ser curado desse mal em tuas costas?

– Algumas vezes sim, quando uns garotos malvados da cidade jogaram pedras em mim. Aqui todos me querem bem, e minha corcunda não incomoda a ninguém.

– Pois bem, Nélio, eu te afirmo que esse bom Pai, que tua mãe ensinou a amar, quer curar-te para que sejas um homem útil a teus semelhantes. Pareces ter apenas dez anos por causa do teu corpo, que se acha dobrado. Olha-me nos olhos! ... Olha para o céu azul onde brilha tão formoso o sol a fecundar tudo! ... As copas dos plátanos e as palmeiras que parecem vizinhas das nuvens. Olha novamente ... e mais outra vez! Assim, assim! ... Agora bendigamos juntos a esse bom Pai que endireita o teu corpo, para que sejas um missionário da Sua Verdade Eterna e do Seu Amor Soberano.

O adolescente, ao olhar primeiro para os olhos de Jhasua, que era alto, logo a seguir para o céu e para as árvores, foi levantando-se suavemente e quase sem que ele próprio o percebesse.

Sob a suave pressão da mão de Jhasua, que era o fio condutor da poderosa corrente magnética emitida por Ele, a espinha dobrada endireitou-se até ficar completamente vertical, e o mocinho pôde ser visto tal como deveria ser: um adolescente de 14 anos.

– Curaste-me Senhor! ... Já não tenho mais a corcunda! ... Eu não tenho nada para pagar-te! ... Nada! absolutamente nada! ... Servir-te-ei como escravo! ...

O formoso adolescente caiu de joelhos e abraçou-se a Jhasua, enquanto Noemi e Simônides faziam esforços para conter a profunda emoção que os embargava.

Também profundamente emocionado, o jovem Mestre levantou o adolescente, dizendo-lhe, ao mesmo tempo:

– Agora não deixarás que teus companheiros te vejam, porque eles não saberiam guardar o devido segredo, e é conveniente que ninguém saiba nada disto.

– Eu o levarei comigo até a cidade – disse Simônides imediatamente –, e ali haverá também um trabalho apropriado para ele.

"Já chegaremos ao nosso pequeno pavilhão, defronte à antiga Gruta de Gisiva que deu o nome a este subúrbio."

Noemi murmurou a meia-voz um salmo de ação de graças ao Deus Misericordioso que visitava com tais maravilhas suas sofredoras e aflitas criaturas da Terra.

Aqueles arrabaldes da Antioquia tinham sua romântica lenda de épocas pretéritas. Quantas coisas cheias de mística poesia e de mitológicas criações passavam de uma para outra geração, como se aquelas formosas paragens fossem ou houvessem sido lugares de encantamento!

As faldas daqueles montes pareciam esburacadas de grutas grandes e pequenas.

Os frondosos platanares do Orontes prolongavam-se até ali, e os bosquezinhos de mirtos, de loureiros, de buxos e de terebintos, formavam verdadeiras muralhas de eterno verdor.

Gisiva e Carandama, segundo a velha lenda, haviam sido duas formosas gêmeas, a quem o Rei, seu pai, condenou a viver naquelas grutas como castigo por terem amado dois formosos escravos das terras dos homens ruivos, com olhos azuis, prisioneiros de guerra, a quem elas haviam ajudado a escapar.

Tanto as infelizes princesas haviam chorado que, de seu pranto, formaram-se os dois fios de água cristalina que brotavam de uma greta daquelas rochas.

O leitor compreenderá perfeitamente que, na antigüidade, essas fábulas eram facilmente criadas em virtude da ignorância na qual viviam os povos primitivos.

Para Simônides, o gênio dos bons negócios, nada disso o preocupava, e se dispôs a comprar aquelas terras confiscadas dos bens de Tothmes de Heliópolis, príncipe egípcio, fosse por pura conveniência ou porque previu grande futuro comercial naqueles subúrbios da Roma Oriental, como chamavam então àquela faustosa metrópole, glória que foi dos Selêucidas.

Para nós, leitor amigo, que devemos levantar a vista do nosso espírito aos mais altos e belos horizontes, podemos averiguar a verdadeira história daquele Monte Cássio, cujas deliciosas encostas, cheias de grutas, desempenharam tão importante papel nos começos do Cristianismo.

Na Pré-História, oito mil anos antes da encarnação do Cristo na personalidade de Jesus de Nazareth, o Monte Cássio chamou-se Monte Kasson, e sobre ele a grande Fraternidade Kobda edificou um santuário para refúgio das mulheres que, em virtude da lei da *esposa única*, promulgada então pela Grande Aliança das Nações Unidas, ficavam sem o amparo de seus esposos; e, para que não caísse sobre elas o estigma de mulheres repudiadas, os Kobdas criaram esse honorável refúgio, onde permaneciam numa existência de honestidade e trabalho, até que outro esposo as conduzisse a um novo lar.

Na época que estamos historiando, conservavam-se ainda, meio sepultadas entre as rochas e a emaranhada vegetação da grande plataforma superior do Monte Cássio, umas velhíssimas ruínas, das quais os trabalhadores do bom Simônides extraíram muitos blocos de pedra, que lançaram montanha abaixo, para serem utilizados nas construções que mandou fazer.

Vários autores contemporâneos, entre eles Ernesto Renan, em seu livro *Os Apóstolos*, faz referência às ruínas e às grutas do Monte Cássio.

O leitor perdoará esta nossa breve digressão, já que a fazemos apenas para provar-lhe até que ponto somos escrupulosos em nos ajustarmos estritamente à História não só da vida humana do Cristo, como também dos lugares, paragens e cidades onde, menino, adolescente, jovem ou adulto, pôs seu incansável pé de Missionário da Verdade e do Amor Fraterno.

Julgamos conseguir desta maneira que os leitores se vejam como vivendo novamente na nossa Terra, nas mesmas paragens que o Ungido de Deus santificou com sua Augusta Pessoa, e que não apenas Jerusalém, Nazareth, o lago Tiberíades, o Horto das Oliveiras e o Monte do Calvário são os únicos privilegiados com a presença do Cristo.

As quatro sucintas crônicas que o mundo conhece do Divino Salvador, escritas por João, Mateus, Marcos e Lucas, relatam tão-somente os últimos três anos de sua vida, deixando no silêncio os trinta anos anteriores não menos fecundos, graças ao estudo e ao apostolado com que o Cristo preparou o triunfo final de sua missão como Redentor da Humanidade.

Quando Jhasua, com Simônides e Noemi, chegaram à pracinha coberta, que aparecia à entrada de Gisiva sob a forma de pórtico com a frente virada para a gruta da lenda, Judá com Nebai e Faqui com Thirza estavam já instalados nos grandes bancos de pedra que rodeavam em círculo a pracinha decorada com trepadeiras de jasmins e madressilvas, formando verdadeiras cortinas em flor, pois era plena primavera. Os pássaros do Líbano, cuja ilimitada variedade em cores e gorjeios são proverbiais, enchiam o ar com sua ruidosa sinfonia desde as altas copas dos cedros e dos pinheiros onde ocultavam seus ninhos.

– Nossa Judéia, a Galiléia e a Samaria são formosas, mãe – disse Judá a Noemi –, entretanto, não podem ser comparadas com isto. Não será aqui o paraíso terrestre do qual nos fala a Escritura, ao relatar o poema de Adão e Eva?

– Não, meu filho – respondeu Noemi –, porque o livro sagrado diz encontrar-se esse paraíso entre os rios Eufrates e Tigre, ou seja, na Mesopotâmia.

– De onde veio esse adolescente tão formoso? – perguntou Nebai a seu avô, referindo-se a Nélio.

– É a primícia da jornada de hoje do nosso Messias, Rei de Israel – respondeu o ancião manifestando contentamento. – Os acontecimentos não me apanham desprevenido e, como a minha neta celebrou esponsais, procuro outro secretário que eu mesmo irei preparando para quando tu, minha filha, deixares vago o cargo.

Todos riram da oportuna saída do ancião. Apenas Nebai permaneceu séria, e um leve rosado passou, como uma chama, por seu formoso rosto.

– Avô! ... Não era necessário antecipar deste modo os acontecimentos – acrescentou a jovem.

Em voz baixa, o ancião mencionou a história de Nélio, o adolescente que até há poucos momentos era cruelmente chamado de corcunda. A partir desse instante, foi ele considerado um novo membro da família.

Estavam nestas preliminares da visita a Gisiva, quando chegou junto a Simônides o intendente designado por ele para manter a ordem e a harmonia naquela aldeia, onde todos eram seus dependentes.

– Que aconteceu, bom senhor? Os garotos colhedores de amoras e cerejas lá embaixo reclamam a presença do corcunda que dirige todas as brincadeiras e jogos, e alegam que ele foi tirado dentre eles, pois não voltou mais!

– Olha: aí o tens!

O intendente abriu enormemente os olhos em busca da famosa corcunda já desaparecida.

Mas, como aquele bom homem era um bom israelita que lia os Profetas e também esperava o Messias, Simônides disse-lhe unicamente estas palavras:

– A corcunda deste menino juntou-se à minha cadeira de rodas, compreendes? Foram oferecer seus serviços a Satanás, lá nos Infernos. Não as veremos mais nesta Terra.

E com seus olhos inteligentes envolveu num olhar de imensa ternura a seu Senhor, o Rei de Israel, que se achava a sua frente.

– Louvado seja Jehová pelas maravilhas operadas entre nós – exclamou o bom intendente. – O caso – acrescentou – é que os garotos esperam a minha resposta, e se propaga o alarma entre eles, porque os das pernas torcidas ficaram em perfeitas condições, e os que sofriam de erisipela aparecem como figuras de porcelana, inteiramente limpos e sem manchas. É necessário dizer-lhes algo.

– Deixai que eu me entenda com eles – pediu Noemi. – Trazei-os aqui.

Deixaram-na sozinha à espera dos meninos, enquanto todos os nossos amigos iniciavam sua visita aos refugiados em Gisiva que Jhasua conhecia de nome através do livro vermelho de Simônides.

A dor estava ali representada em seus mais variados e tremendos aspectos, desde o torturado e inutilizado fisicamente em seus ossos e membros, até o torturado e desfeito nas fibras mais íntimas do seu coração.

Quase todos se achavam sob os frondosos arvoredos que formavam pavilhões de verdor por toda parte.

Tecedores de junco, de esparto, de lã, de algodão e de seda, aquilo parecia um enxame de laboriosas abelhas.

– Tudo isto é formoso! – disse Jhasua. – Extraordinariamente formoso! Transformar a dor em trabalho útil à Humanidade é uma grande obra, Simônides, meu amigo.

– Lembra-te que muitos deles, cujas mãos se movem tão rapidamente, têm os pés e as pernas destroçadas por queimaduras ou deslocamentos – disse Simônides em voz baixa. – Quase todos foram salvos quando, depois de torturados, iam ser lançados às feras do circo para alimentá-las, ficando, assim, esquecidos para sempre, ou ignorados os motivos dessas torturas.

– Como te arranjavas para fazer esses salvamentos? – voltou Jhasua a perguntar.

– Oh, meu Senhor! ... O ouro é bom para tudo isto, muito embora digas que nada queres com ele. Comprei os guardiães das feras, alguns verdugos e certos gladiadores encarregados de deslocar os membros das vítimas. Por isto, todos esses que vês estão vivos.

"Agora verás, meu Senhor, alguns infelizes privados da razão os quais, em seus momentos lúcidos, fizeram declarações que causam calafrios.

"São poucos, creio que onze, e a maioria mulheres de nobre linhagem que ficaram loucas porque, na sua presença, assassinaram seus esposos ou seus filhos. De todos eles, o mais interessante é aquele homem de cabelos pretos e túnica cinza, que está sentado tocando flauta. Era um príncipe de Listra, na Pisídia. Foi despojado de todos os bens que possuía depois de terem assassinado a mãe na sua presença, tirando-lhe a esposa e matando seu primogênito de três meses, que constituíam toda a sua família. Ele foi encerrado num calabouço em Roma, para onde foi levado como escravo, e haviam dado ordem de arrojá-lo às feras do circo, porque seus acessos de loucura o haviam inutilizado para a escravidão.

"Sua juventude, a beleza física e, sobretudo, sua habilidade para tocar a flauta, inspirou compaixão a um guardião do circo que me fez chegar a notícia de sua existência e o comprei por mil sestércios."

– Aproximemo-nos dele – disse Jhasua –, pois quero falar-lhe.

– Que belo som produz a tua flauta nesta manhã serena! – disse-lhe Simônides para iniciar a conversa.

– Como sempre – respondeu o louco.

Simônides começou a falar com outros, com Judá e Esther que se aproximavam

passeando sob as árvores, enquanto Jhasua ficou sozinho com o homem da flauta tocando sempre sem interrupção.

Sentou-se a seu lado no mesmo banco e, procedendo como se estivesse ouvindo a música, foi estendendo a rede sutil de seu pensamento e de seu amor sobre aquele espírito ofuscado pela horrível dor moral sofrida.

Ao seu poderoso influxo, a flauta parecia queixar-se em dolentes soluços, e logo depois, sacudida por uma tempestade, produzia sons agudos e trêmulos, como se fossem romper-se em repentina explosão. O silencioso e metódico trabalho mental de Jhasua foi produzindo seu efeito. A melodia tornou-se uma suave queixa de sons meigos e ternos, dando a impressão de um canto materno junto ao berço de uma criança.

Em seguida, ele soltou a flauta, deixando-a cair ao solo, e começou a chorar em agitados soluços.

– Meu amigo – disse o Mestre –, sei que sofres. Conta-me o teu sofrimento, porque é menos terrível a dor quando é esvaziada em outro coração.

– Eu costumava tocar esta melodia para adormecer o meu filhinho, quando os homens do Tíber entraram em minha casa como lobos famintos. Por acaso és romano?

– Não – respondeu Jhasua. – Sou de Israel, nazareno da Galiléia.

– Também és do povo escravo, e compreenderás melhor o que é a escravidão dos homens do Tíber. Eu tinha mãe, esposa e um filhinho, em cujos olhos eu me mirava como em um espelho! ... Meus vinhedos e olivares davam pão a muitos trabalhadores, e não havia em Listra outro palácio mais formoso que o meu.

"Foi herança do meu pai ... não o roubei de ninguém. Meus vinhedos e meus olivares também eram parte dessa herança. Meus rebanhos de ovelhas e minhas cáfilas de camelos também não eram roubados, pois foram igualmente herdados de meus ancestrais ...

"E estás vendo-me agora? Nem sequer a flauta em que toco, nem a túnica que me cobre são minhas, pois fui despojado de tudo! ... Nem sei por que me deixaram a vida! ... Sim! ... Eu sei, eu sei! Deixaram-me vivo porque sou fisicamente forte, e a beleza e a galhardia natural dos pisídios tornam-nos aptos para que o amo romano apresente uma formosa e garbosa criadagem. Mas os meus deuses do lar tornaram-me louco, para não me forçarem a serviços de escravo."

– Acalma-te meu amigo! – disse o Mestre tomando-o pela mão.

"Tua situação é igual à de muitos outros que caíram sob o tacão dos invasores e, alguns deles, mais atormentados que tu, puderam refazer suas vidas, e hoje são felizes novamente.

"Vês aquele galhardo moço que leva pela mão a donzela de traje branco e manto negro?"

– Sim, eu os vejo.

– Pois ele esteve três anos condenado às galeras como escravo do Estado Romano. Seu pai foi afogado no mar. Sua mãe e a irmã, sepultadas vivas num calabouço durante sete anos. Era ele um dos mais nobres e ricos príncipes de Jerusalém, capital da Judéia.

"O Deus Misericordioso encontrou o caminho de fazê-lo reconquistar o que havia perdido, e logo será feliz num novo lar, pois a jovem que o acompanha será sua esposa."

– Feliz dele! No entanto, não posso recobrar minha mãe e meu filhinho, que estão mortos.

– E tua esposa, sabes onde se encontra?

– Foi levada como escrava para Roma, pelo tribuno que foi governador de Icônio. Não soube mais dela e já são passados quatro anos.

– Sabes o nome desse tribuno?

– Sim, chamava-se Márcio Fábio, a quem as fúrias do Inferno o confundam com o pântano.

– E tu, como te chamas?

– Jefté de Listra.

Jhasua fez anotações de todos estes dados e logo disse ao seu interlocutor.

– Jefté! ... Sou médico de corpos e de almas enfermas. Tua alma sofre lenta agonia, porque foi grande a dor sofrida; mas, se quiseres, o Deus Poderoso pode sanar tudo isto.

– Não tenho mais ilusões na vida, estrangeiro! ... Se puderes, ajuda-me a morrer o quanto antes, e não prolongues minha existência. Que posso fazer sozinho no mundo? Sem mãe, sem esposa, sem o filho ... Que mais sou senão uma árvore seca e estéril, tendo apenas serventia para o fogo?

– E todos esses companheiros que te rodeiam? ... – perguntou Jhasua.

– Nem eles me conhecem nem eu a eles ... Eles não me amam, assim como não os amo ... Eles não me servem para nada e eu também não lhes sirvo para coisa alguma. Nulidade! ... Vazio! ... Esquecimento! ... Cinza levada pelo vento! ... Morte que não devolve a presa! ... Nada, nada, nada! ...

Jhasua irradiou sobre ele uma poderosa corrente de amor que produziu um ligeiro estremecimento no doente mental e logo perguntou-lhe:

– Também sou, em relação a ti, um ente vazio, esquecido, ou cinza levada pelo vento? ...

Os olhos de Jhasua, úmidos de emoção, atraíram o olhar de Jefté que ficou como pendente daquele olhar.

– Tu, tu! ... Parece que me amas e eu preciso amar-te! – murmurou.

O Mestre abriu-lhe os braços, e aquele enfermo da alma arrojou-se neles, sacudido por soluços.

– Amigo! ... Meu irmão! ... – disse suavemente Jhasua enquanto o estreitava contra o peito. – Para a Bondade de Deus, não existe dor incurável nem ferida que não possa cicatrizar-se. Ainda podes confiar e esperar uma luz nova para iluminar o teu caminho. Jefté! ... Queres prometer-me esperar? Queres confiar em mim como teu amigo de coração? ... Queres acreditar que falo com a alma assomando aos meus lábios? ... Fala-me! ... Não me ouves?

Os soluços do enfermo foram acalmando-se lentamente até chegar a um silêncio profundo, no qual parecia não sentir nem sequer a própria respiração. Com a cabeça apoiada sobre o peito do Mestre, o homem parecia dormir em plácido sono. Jhasua compreendeu que a crise provocada nele procurando obter a cura havia passado, e que seu despertar seria uma luz nova para aquela mente torturada pelas terríveis e dolorosas imagens, tão fortemente atormentadoras.

Simônides observava de certa distância, e seu velho coração estremecia de emoção ante o quadro magnífico que não era da Terra, representado pelo Amor Divino do Cristo derramando-se sobre o infeliz demente esquecido por todos.

– Quem outro a não ser o Messias, Rei de Israel, podia fazer coisa semelhante? ... – murmurou o ancião a meia-voz, enquanto fazia esforços para que a emoção não lhe arrancasse lágrimas. – Deus de Abraham, de Isaac e de Jacob! ... Se permitiste que estas maravilhas de poder e misericórdia fossem vistas pelos olhos deste teu servo,

nada será demais de tudo quanto eu puder oferecer-te até o último momento de minha vida, para fazer triunfar o teu Enviado Divino ante a face da Terra.

"Judá! ... Judá! ... Esther, minha filha! ... – gritou. – Acomodai todos os aleijados e enfermos no grande pavilhão da Sinagoga para que nosso Senhor veja todos reunidos e possa curá-los. Rápido. Rápido! ... porque todos estes serão seus servidores que o aclamarão como Rei! ...

– Calma, Simônides – disse Judá assombrado de ver a pressa e a exaltação do ancião. – Lembra-te que Jhasua não quer publicidade e estás falando demasiado alto.

– Tens razão, meu filho! ... A felicidade em tê-lo à vista tira-me o juízo e deixa-me louco!

– Compreendo, Simônides; no entanto devemos, antes de tudo, ter prudência para não comprometê-lo.

"E, muito embora, não estando aqui sob a jurisdição do Sinédrio de Jerusalém, bem sabes que o alto clero, com Agripa, Antipas e os governadores romanos, se entendem rapidamente quando lhes convém. Deixemos Jhasua fazer as coisas com a discrição e a prudência costumeiras. Podemos estar muito certos de que todos os enfermos serão curados.

Observemos, entretanto, Jhasua e Jefté. Quando este ia despertar, o jovem Mestre apoiou-o sobre o encosto do banco como se encontrava antes da crise e, do mesmo modo como se nada de anormal houvesse acontecido, continuou falando-lhe:

– Tomei anotações para procurar tua esposa e fazê-la reunir-se a ti – disse. – É justo, e creio que conseguirei isto muito em breve com o favor de Deus.

"Judá! ... – disse Jhasua em voz alta. – Queres vir aqui um momento?

O ex-demente olhava para todos com esse ar de estranheza de alguém que desperta num lugar desconhecido.

– Aqui estou, Jhasua. Que desejas?

– Suponho que terás alguns amigos fiéis em Roma, entre as amizades do teu nobre pai adotivo – disse. – Não poderias averiguar o que fez o tribuno Márcio Fábio, que há quatro anos esteve em Listra, na Pisídia, com a esposa de Jefté de Listra, que está aqui presente?

– Márcio Fábio! ... – exclamou Judá. – Foi um grandíssimo patife; morreu ferido por uma punhalada dada por um dos muitos inimigos criados pela sua deslealdade.

– Justiça dos deuses! ... – exclamou Jefté. – Que terá acontecido à minha pobrezinha Soêmia, tão suave e meiga como uma rolinha?

– Soêmia era a tua esposa? – perguntou Judá. – Oh, oh! ... Sentença de Deus! Falou-se muito, entre os inimigos de Márcio Fábio, de uma formosa escrava pisídia, que era uma maravilha tocando a cítara, e que foi vendida porque seu amo não conseguiu submetê-la a seus caprichos, mesmo mandando açoitá-la.

– Era ela! ... Estou certo de que era ela, por causa da cítara e pela rebeldia em submeter-se ao seu amo! Oh, minha Soêmia fiel e nobre como uma gazela para o amado do seu coração! ... Busca-a para mim, tu que conheces os esconderijos de Roma e as feras que as habitam! ... – gritou Jefté aproximando-se com febril ansiedade de Judá, como se quisesse descobrir Soêmia atrás de sua sombra. Jhasua deu um olhar de inteligência para Judá que respondeu incontinenti:

– Sim, meu amigo. Fica despreocupado que despacharei agora mesmo um correio para Roma para trazer a tua Soêmia.

"Comprou-a uma das mais ricas damas romanas, Fúlvia, respeitável anciã, sobrinha daquela *Fúlvia*, esposa de Antônio, o amante da célebre Rainha egípcia

Cleópatra. Seu palácio é muito conhecido em Roma e estive tantas vezes nele que iria lá numa noite escura e com os olhos fechados. Por sorte, para a tua Soêmia, essa casa é da antiga Roma, daquela onde viveram as nobres matronas cuidando de suas residências enquanto fiavam o linho e a lã para as togas dos esposos e dos filhos.

"Ela vive reclusa com seu esposo paralítico, e seu mundo está circunscrito às grades que circundam os jardins e os bosques que rodeiam sua residência. Encontra-se muito próxima dela a formosa vila na qual passei os cinco anos em que viveu comigo meu pai adotivo. Tenho nessa vila a minha casa, o mordomo e a antiga criadagem, que foi dele e que por herança me pertence. Como podes ver, Jefté, tenho em minhas mãos os meios para trazer para cá a tua Soêmia.

– Já está feito! ... – disse Jhasua. – Deus o quer assim! Bendigamo-lo pela sua Bondade e Misericórdia para com as suas criaturas. Jefté, meu amigo – acrescentou –, agora não dirás que estás sozinho no mundo, e que tudo quanto te rodeia é esquecimento, silêncio, pó e cinza levados pelo vento. Verdade?

– Mas, por que fazeis tudo isto comigo? ... – perguntou como se, de repente, lhe acometesse o medo de ver-se burlado por uma ilusão enganadora.

– Nossa fé nos manda – disse Jhasua – amar aos nossos semelhantes como a nós mesmos, o que significa o dever de fazer-te todo o bem que desejamos para nós.

– E sois do País de Israel! ... Então o vosso Deus é o melhor de todos os deuses, porque ordena o Bem, a Justiça e o Amor. Soêmia e eu seremos adoradores do vosso Deus! ...

– Que é o único Senhor dos mundos e dos seres! – interrompeu o Mestre. – Todos os demais são criações dos homens, e fruto do atraso e da ignorância da Humanidade.

Nessa mesma tarde, Judá escreveu à matrona romana Fúlvia uma carta que começava assim:

"Excelentíssima amiga de meu pai adotivo, a quem ambos amamos tanto."

Em continuação, ele expunha a dolorosa situação do esposo de Soêmia, a tragédia sofrida por ambos há quatro anos e a necessidade que sentia todo o seu nobre coração em reunir novamente esses dois seres, cuja cruel separação os tornava tão infelizes. Judá acrescentava que estava disposto a pagar o preço que Fúlvia estabelecesse para sua escrava Soêmia. "Eu a comprarei", dizia Judá, "não para que seja minha escrava, mas para devolvê-la ao seu verdadeiro dono, o esposo que a chora como morta."

A carta sairia pelo primeiro barco da frota de Simônides a zarpar na manhã seguinte. Levava-a o capitão, com a recomendação expressa de entregá-la imediatamente e trazer a resposta.

Jhasua quis aproveitar esta oportunidade para fazer com seus poderes internos uma experiência ainda não realizada em casos análogos a este. Ele soube que a nobre matrona romana que mantinha Soêmia como escrava, sofria muito com a paralisia que havia atacado há vários anos o seu marido.

"Quero", pensou, "que no momento em que sua inteligência concorde em devolver Soêmia ao seu esposo, o paralítico será curado do seu mal. Eu o quero, meu Pai, Bondade Suprema! ... Peço-te isto, eu que aceitei o maior sacrifício que pode fazer este teu Filho, Senhor, pela salvação de seus semelhantes! ... Eu o quero! Eu o peço! ... Reclamo-o com todas as forças do meu espírito!"

Pensando desta maneira, sua alma lúcida, radiante de amor e fé, foi caindo como num êxtase de amor supremo e de voluntária e total entrega de quanto era ao seu Pai amante e amado. Na semi-inconsciência desse sublime estado espiritual, que muito poucos encarnados conhecem, continuava murmurando, em voz silenciosa e suavís-

sima: "Tudo para a Tua glória, meu Pai! ... Tudo para a Tua glória e também para eles! ... Para mim, a dor, a ignomínia, o opróbrio, os ultrajes e a morte! ... Eu quero deste modo! ... Desta sorte eu o reclamo para mim! ... Neste sentido eu o peço a Ti! ..."

As Inteligências encarregadas de recolher os pensamentos sublimes e heróicos dos homens em favor de seus semelhantes, reuniram sem dúvida os de Jhasua, que era como uma explosão de estrelas na imensidão dos espaços. Sua Luz, sua força sobre-humana, em razão do seu heróico desinteresse, formou necessária e logicamente uma corrente poderosa com o mesmo sentido, modo e forma como a que foi criada pelo seu autor.

Quando este secreto poema da alma de Jhasua, solitária em sua alcova na pousada "Boa Esperança", se desenvolveu sem ruído no fundo do seu próprio Eu, na outra margem do Mediterrâneo, na costa ocidental da Itália, à beira-mar, na região do Lácio, onde as antigas famílias patrícias tinham suas vilas de repouso nos ardores do verão, sob os frondosos arvoredos e entre um labirinto de canteiros cobertos de flores, uma anciã de cabeleira branca, dona daquela propriedade, se achava estendida num canapé ao seu lado, enquanto uma bela jovem de olhar melancólico executava uma formosa melodia na cítara.

– Soêmia – disse a dama quando esta terminou de tocar –, seria capaz de privar-me da tua companhia e da tua música se, de repente, trouxessem a notícia de que os teus familiares estão vivos?

– Minha senhora! ... Pensai como se ama a uma mãe, a um filhinho ... a um esposo! Eu teria grande pena em abandonar-vos! ... mas ... que estou dizendo? ... Se sou vossa escrava, e sem o vosso consentimento, jamais poderia afastar-me? ...

– Desde que vieste para o meu lado estou lutando comigo mesma para não querer-te Soêmia, a não ser como a uma serva que me agrada em tudo, pelo temor de que tua situação mude de repente e eu possa perder-te.

"Compreendes perfeitamente que a paralisia de meu marido me deixa numa solidão completa. Meus dois filhos morreram com glória nas naves do Estado, e somente uma vez por ano vêm até aqui as minhas noras coríntias.

"Oh, Soêmia! ... Se, em vez de nascer em Listra, houvesses nascido no Lácio, nesta deliciosa vila às margens do mar, e houvesses sido minha filha! – A jovem recostou confiadamente a cabeça sobre a mão de sua ama pendente do lado do canapé, e chorou silenciosamente.

"Quanto amas os teus, Soêmia! Prometo reunir-te a eles se tivermos notícias de que ainda estão vivos. No entanto, eu pediria um preço por essa liberdade e, já que nada possuís em teu país, porque os vossos bens foram confiscados e vendidos, eu te adotaria como filha, de acordo com a lei, e poderias viver com os teus neste palácio de verão, afastados das vinganças de Roma que não é, por certo, aquilo que os meus avós conheceram."

Era esse o exato momento em que o Grande Ungido, elevado ao Infinito no êxtase divino de sua oração de amor pelos seus semelhantes, reclamava de seu Pai o poder de curar a distância a paralisia do marido de Fúlvia, ama de Soêmia, se aquela mulher desse liberdade a sua escrava.

O mar estava no meio, entre Jhasua, emitindo aqueles sublimes pensamentos como cabos de ouro condutores de sua formidável energia, e o ancião casal do Lácio; mas a distância nada é para a transmissão do pensamento, quando a fonte da qual emana é límpida e pura, sendo ainda o amor quem a impulsiona.

– Fúlvia! ... Fúlvia! ... – ouviram logo o grito de Flamínio que, de um balcão,

chamava pela esposa. Soêmia correu e foi a primeira a encontrar o ancião de pé, junto ao balcão aberto.

– Estou curado, estou curado! – dizia aos gritos.

Fúlvia chegou logo depois e ficou paralisada de assombro.

– Enquanto dormia – continuou dizendo Flamínio – sonhei que um formoso mago, jovem e belo como um deus Apolo, me levantava do leito e me mandava caminhar. Quando despertei, vi meus pés e minhas mãos flexíveis, obedecendo-me docilmente ... Os deuses tiveram piedade de nós! ...

Os dois anciãos se abraçaram, chorando de felicidade.

Enquanto isso ocorria, Soêmia pensava:

"Somente eu não tenho felicidade alguma no mundo, no meio do qual estou sozinha qual erva inútil, não servindo para nada, senão para ser pisoteada e queimada! ..."

Ia começar a chorar com indizível amargura, quando uma imagem impalpável e tênue se esboçou diante dela na penumbra do aposento. Era um formoso jovem de cabelos e barba ruivos, com olhos luminosos e claros, como os reflexos de um sol no ocaso.

– O Apolo que curou o meu amo! – disse. – E fez sinal de silêncio aos dois anciãos, que também estavam percebendo a visão na penumbra do cortinado púrpura que cobria o balcão.

Os três caíram de joelhos e a aparição foi se tornando cada vez mais perceptível.

"Não sou um mago", disse com voz suavíssima. "Sou o Messias Salvador dos oprimidos e dos sofredores que esperam, com fé e amor, o que foi anunciado pelos áugures e Profetas de todos os povos adoradores do Deus Único, Senhor de todos os mundos! Sou a Fé, a Esperança e o Amor e, porque eles existem em vós, estou aqui em espírito, para consolar vossas almas e dizer a Soêmia que Jefté, seu esposo, vive e logo se reunirá a ela.

"Contai dezoito dias a partir de hoje, e chegará uma carta de Antioquia com a notícia que vos antecipo. Uma fé nova ... a fé no Deus Único que governa os mundos, será para vós a estrela de repouso nos anos que ainda vivereis na Terra."

O pensamento dos três fazia uma única pergunta: "Quem és? ..."

"Sou o Mensageiro desse Deus Único que não admite rivais no coração de seus filhos. Chamai-o *Deus-Amor* e Ele reinará em vossas almas como único Soberano."

A aparição foi se desagregando como uma nuvem de gaze branca que o vento desfizesse, até ficar tão-somente o espaço vazio na penumbra onde se havia formado.

Esses três seres ajoelhados não conseguiam mover-se nem falar, e apenas se interrogavam mutuamente com o olhar.

A poderosa vibração também foi se extinguindo no ambiente, e Flamínio foi o primeiro que pôde ficar de pé. Levantou a esposa, e logo a seguir, a Soêmia que, mais sensitiva que os outros, foi quem melhor percebeu a profunda sensação de infinito e extraterreno que ali havia subsistido por alguns momentos.

Jhasua, por sua parte, ao despertar para a realidade física, estava ciente do que ocorrera além, na outra margem do Mediterrâneo; no entanto, guardou silêncio porque não havia ao seu lado ninguém preparado para compreender as ocultas verdades conservadas pelo Supremo na incomensurável grandeza de suas Eternas Leis.

– Baltasar, Gaspar e Melchor, os videntes da Luz Divina, e meus Mestres Essênios, compreenderiam o que acaba de ocorrer – murmurou o jovem Mestre a meia-voz. – Enquanto toda a Humanidade não chegar ao ponto que eles atingiram, como serei incompreendido, e só deverei sentir-me assim enquanto viver como homem, como se sentirão também aqueles que continuarem andando sobre as minhas pegadas!

Encontremos novamente os demais personagens que, naquela manhã, estavam nos subúrbios de Antioquia, os quais, como o mendigo do Arco do Triunfo, o corcunda encontrado à entrada de Gisiva e o doente mental Jefté, recobraram a saúde física e moral pela Suprema Energia do Verbo de Deus.

Narramos, com detalhes, unicamente estas três manifestações do Poder Divino em Jhasua e a do romano Flamínio porque foram as mais extraordinárias realizadas nesse dia memorável, no qual, pode-se dizer com toda a verdade, foi fundada em Antioquia a primeira Congregação, que, anos mais tarde, tomaria o nome de *Cristã.*

Gisiva e Carandama foram chamadas depois de *o arrabaldade dos santos*, e foi essa florescente igreja do Cristo que o apóstolo Barnabé, enviado de Jerusalém pelos *Doze*, encontrou para certificar-se daquilo que eles julgavam ser exageradas notícias, referentes à prosperidade espiritual e econômica dessa organização aberta a todos os homens e raças, tal como o Divino Mestre havia sonhado.

Os fundamentos materiais dessa primeira e mais florescente congregação cristã foram os tesouros pertencentes ao príncipe Judá, filho de Ithamar, administrados sempre pelo mago dos negócios honrados, Simônides de Antioquia, cujo verdadeiro nome era simplesmente *Simão de En-Rogel,* pois havia nascido no *Jardim do Rei,* formoso subúrbio de Jerusalém, conservado com este nome desde que Salomão construiu ali o palácio para sua esposa egípcia, a filha do Faraó. Ao vulgar nome *Simão* ele acrescentara duas sílabas para dar-lhe um colorido grego e ocultar assim o terrível incidente no qual quase perdeu a vida, se não tivesse sido salvo pelo príncipe Ithamar de Jerusalém, como facilmente lembrará o leitor.

Um tênue reflexo destes acontecimentos se encontra nos *Atos dos Apóstolos*, mas tão vagos e imprecisos que deixam muito na sombra os grandes trabalhos missionários realizados doze anos antes da morte do Divino Redentor.

Em nenhuma parte da Palestina e da Síria a Santa Aliança adquiriu maior força e esplendor que na populosa Antioquia, cuja enorme população, vinda de todas as partes do mundo, se prestava às mil maravilhas para realizar o sonho divino do Cristo: a unificação de todos os homens numa só fé, numa só esperança e num único amor.

Ali não se perguntava: qual é a tua fé, o teu culto, a tua religião, mas tão-somente qual é o teu sofrimento, a tua dor, a tua necessidade?

Curada a dor moral ou física, surge nos seres a gratidão como formosa flor exótica a aclimatar-se imediatamente nas almas redimidas pelo mais puro e desinteressado amor.

Quando nossos amigos estavam já há vinte dias na opulenta metrópole oriental, chegou de Roma uma nave da grande frota que enchia Simônides de orgulho e, a bordo dela, vinha o mensageiro enviado secretamente por ele para legalmente obter do ministro Seyano, favorito de Tibério-Imperador, a reivindicação da esposa e dos filhos do príncipe Ithamar de Jerusalém, de forma a não mais poderem ser molestados por nenhuma autoridade representante do César na Palestina e na Síria, e obtivessem a livre posse de todos os seus bens. O leitor suporá facilmente que os ministros favoritos daquele tempo não eram diferentes dos atuais, e isto significa que era o *documento oficial*, dando crédito à dita reivindicação, firmada e selada pelo imperador, e outro era o documento secreto do ministro, através do qual ele aconselhava, *na previsão de uma possível mudança* na volúvel vontade do onímodo e absoluto soberano, que os bens de fortuna pertencentes à mencionada família permanecessem à sombra de vários nomes de pessoas, cuja amizade era conveniente a Roma.

O sagaz ministro, em poucas palavras, fez compreender o profundo significado do seu conselho:

"Uma cabeça se corta de um golpe, porém muitas cabeças exigem uma combinação de hábeis golpes para não deixar vestígios. Teu generoso presente, bom Simônides, merece este conselho dado apenas em raríssimas ocasiões. Podes estar certo de que fico às tuas ordens para tudo quanto necessitares em Roma."

Não era para menos, pois o hábil ministro de Tibério havia recebido um presente de Simônides, de dez libras de ouro, em barras.

– Que bom é o ouro para comprar a vontade dos miseráveis! – disse o ancião, acostumado já a ver de perto as ruindades humanas. – As vidas daqueles que amamos, sua felicidade e sua paz – continuou filosofando friamente – valem muito mais que os valores mandados para as arcas desse bastardo com alma de chacal.

O genial talento comercial de Simônides colocou a fabulosa fortuna de Judá e de sua família, que ele denominava "*os tesouros do Rei de Israel*", sob o escudo de seis nomes, para ele, de absoluta confiança.

Judá, filho de Ithamar, seu verdadeiro dono, o Príncipe Melchor de Horeb (egípcio), o Hach-ben Faqui, da Cirenaica, o Scheiff Ilderin da Arábia Ocidental, Sambalat de Chipre, seu agente em Roma desde que entrou à serviço de Ithamar, e Helena de Adiabenes, mãe do jovem Rei Abenerig Izate de Shinar, na Mesopotâmia.

De todos eles, tinha o ancião em seu poder grandes depósitos em ouro e em letras a cobrar, os quais serviriam de garantia em caso de falecimento de alguns deles ou de qualquer outra eventualidade.

Bem seguro do êxito em suas hábeis combinações financeiras, o bom ancião apresentou a Jhasua, na presença de Judá e de Faqui, um enorme papiro com todos os detalhes, ao mesmo tempo que dizia:

– Meu soberano Senhor Rei de Israel. Dignai-vos apor aqui a vossa assinatura como aprovação às medidas de segurança que tomo em relação aos vultosos tesouros do vosso Reino.

Sorrindo, Jhasua olhou para ele.

– Meu bom Simônides – disse com sua habitual doçura –, quando te convencerás de que em meu Reino não é necessário o ouro?

– Sim, meu Senhor, será como dizeis; contudo, enquanto não vos vir sentado sobre o trono de Israel e dono de todo o Mundo, meu dever é assegurar os caudais com os quais será fundado o vosso Reino dentro de bem pouco tempo – respondeu o ancião, mantendo-se ante Jhasua com o papiro estendido e a pena de garça molhada em tinta.

– Está bem, Simônides. Se para a tua paz é necessária a minha aprovação de todos os teus atos administrativos sobre estes valores, aqui tens a minha assinatura, que eu te dou de muito boa vontade.

O Scheiff Ilderin

Ainda estavam tomando essa deliberação quando um criado anunciou na porta do grande escritório que o Scheiff Ilderin, com uma galharda escolta de vinte lanceiros, acabava de apear à porta da pousada "Boa Esperança".

Simônides e Judá saíram para recebê-lo. O famoso caudilho árabe, cuja popularidade em todo o Oriente Próximo conquistara para ele o respeito dos cônsules e governadores romanos, a quem a conveniência aconselhava tê-lo como amigo, abraçou efusivamente o ancião Simônides, felicitando-o por sua maravilhosa cura da qual lhe haviam dado notícia.

– Meu generalíssimo! ... – disse estreitando as mãos de Judá. – No Horto das Palmeiras adormecem as tuas cavalhadas e emboloram-se as lanças! ... Quando faremos soar os clarins de alerta?

– Serás tu mesmo quem deverá dizer quando a hora for chegada – respondeu Judá.

– Estou ansioso por conhecer o jovem soberano de Israel, cuja presença em Antioquia deve marcar o início de nossa idade de ouro – disse o caudilho.

"Cheguei ontem dos Montes Bazan, e hoje me tens aqui, sem ter sacudido completamente o pó do caminho."

Aquele homem tornava-se simpático à primeira vista. Demonstrava ter 45 anos. Seu olhar era franco e leal, quando um verdadeiro afeto o aproximava dos que mereciam o nome de amigos. Entretanto, tornava-se áspero e agudo como um punhal para aqueles nos quais suspeitava a presença de alguma falsidade ou mentira.

O príncipe Melchor de Horeb, pelo qual sentia um amor reverente e profundo, havia-o instruído sobre a ciência divina que ajuda os homens a encontrar os caminhos de Deus entre os negros desertos da vida terrestre. Contudo, a alma do valoroso filho do deserto não voava tão alto, a ponto de conceber a idéia sublime de um Salvador do mundo oprimido que não fosse um poderoso Rei, à frente de um exército invencível.

Sua vestimenta toda branca, seu grande manto flutuante ao vento preso ao pescoço por uma corrente de ouro, seu turbante vermelho com plumas brancas presas por um grosso broche de rubis, suas armas radiantes de ouro e pedraria, davam-lhe o aspecto de um príncipe legendário, envolto como em uma auréola de fantástica grandeza. Judá fez desmontar a escolta que, com as cavalgaduras, entrou pela grande porta dos carros.

Como na pousada "Boa Esperança" Simônides tivera bastante cuidado para que os viajantes de todas as raças e países do mundo se achassem bem à vontade, o Scheiff Ilderin foi alojado na que chamavam *Sala dos Árabes*, vasto recinto circundado de divãs e com a fonte de mármore de bordos baixos no centro do pavimento, para as freqüentes abluções que eles costumavam fazer, metade das quais é cerimonial de sua religião e metade necessidade higiênica de sua vida, num clima de fogo, açoitados continuamente pelas cálidas areias do deserto.

– Ó Deus, eterno esplendor! ... – exclamou deixando o turbante, manto e armas e estendendo-se num divã. – Bem sabes que, em poucos lugares, me encontro tão a gosto como nesta pousada, meu bom Simônides, onde até o ar que respiro recende a fruto de palmeira e a flores de murta ...

– Desta vez te sentirás no paraíso, e até com a presença de um arcanjo de ouro, dos que povoam os vossos céus decorados de esmeraldas e ametistas – respondeu Simônides, sentando-se numa poltrona junto a seu visitante.

"Judá foi buscá-lo –, continuou o velho, em quem crescia vertiginosamente a satisfação interna que parecia transbordar de todos os poros do seu corpo."

– Buscar quem? – perguntou, curioso, o Scheiff.

– Pois, quem há de ser? ... senão o nosso soberano Rei de Israel, que está morando nesta mesma pousada. Por alguma razão, foi chamada de "Boa Esperança".

– Majestade de Deus! ... – exclamou o árabe sentando-se no divã. – Então o tens como coisa tua, Simônides, a teu lado, na tua casa, comendo à tua mesa? ... Será possível?

– Como não? ... É tão real! Não era em vão a minha fé e a minha esperança, amigo Ilderin! ... Jehová fez transbordar com a Sua bondade e com a Sua glória o meu cálice, e nele já não cabe nem uma gota mais. Aí vem Ele! ... Aí vem como o sol do amanhecer! – Jhasua avançava pela colunata interior com Judá e Faqui, ansiosos por conhecer o Scheiff Ilderin.

O árabe saltou do divã e colocou-se galhardamente no centro do vasto recinto, enquanto seus olhos devoravam com profundo olhar aquela grácil figura branca e ruiva avançando pela colunata.

– É o do centro, não é verdade? ... Oh, oh! ... dizes bem, Simônides, é um arcanjo de ouro nos esplendores de Deus.

– Eis aqui, bom Scheiff, que o teu generalíssimo – disse Judá – trás à tua presença a glória de haver lutado. Aqui tens o esperado de Israel.

– Senhor! ... – murmurou o árabe tratando de dobrar um joelho em terra e com os olhos pendentes dos olhos dulcíssimos de Jhasua, que lhe estendeu ambas as mãos e o estreitou sobre o coração.

– Assim como procedo com o príncipe Melchor – disse – faço contigo, em quem vejo brotar a labareda viva de um verdadeiro afeto.

Quando aquele bravo filho do deserto se desprendeu do abraço de Jhasua, tinha em suas faces duas grossas lágrimas a buscarem refúgio em sua negra e crespa barba.

Leitor amigo. Parece-me ler no seu pensamento, já educado na alta Escola de Divina Sabedoria, através desta obra e de outras em que sua ansiedade haverá coligido dados em busca do conhecimento das imutáveis leis de Deus. Parece-me ver que o seu pensamento corre muitos séculos para trás e se detém diante de um quadro profundamente emotivo: Abel, o meigo Abel da Pré-História, abraçando a seu pai Adamu, quando o jovem apóstolo regressava de uma de suas jornadas missionárias, e encontra o autor de seus dias atormentado por uma tremenda borrasca espiritual.

– Trago endereçada a ti, ó Scheiff! – disse Jhasua –, esta carta de nosso amigo, o príncipe Melchor. – Tirou de dentro da túnica a missiva coberta com finíssima envoltura de tecido de linho, conforme era o uso naquele tempo.

– Quando o grande homem escolheu um mensageiro semelhante, graves assuntos devem conter aqui. Com a vossa permissão – disse, dirigindo-se a todos e abriu a correspondência.

Leu-a a meia-voz. Escutemo-lo, e com isto refrescaremos a memória sobre a tal missiva que dizia assim:

"Alexandria, aos dias 20 de Nizan (janeiro) do ano 3.250 de Mizraim.

"Ao Scheiff Ilderin de Bozra, com quem esteja a paz de Deus.

"Faz vinte anos que salvaste a vida de três estrangeiros que saíam dos Montes Moab, onde se refugiaram, fugindo da cólera de Herodes, o Idumeu.

"Recordarás, bom Scheiff, os relatos feitos por eles sobre a luz misteriosa que os guiou até Bethlehem, onde nascera aquele que o mundo dos idealistas e dos buscadores da justiça e da verdade esperava.

"O portador da presente é aquele menino do qual te falaram os três estrangeiros perseguidos. É aquele que Israel aguarda e que foi anunciado pelos seus Profetas. Se Deus confia a ti este segredo, é porque o mereces e porque sabes o que te cabe fazer.

"O jovem Profeta, Jhasua de Nazareth, filho de Joseph e Myriam, da estirpe de David, dirá o que possa necessitar como auxílio para as obras que deva realizar.

"Teu bom sentido e nobre coração não necessita de outras explicações, bem o sei, porque te conheço.

"Para servir-te sempre,

Melchor de Heroópolis, Príncipe de Horeb."

– Majestade de Deus! ... Pobre de mim que pouco valho para um segredo tão grande! ... – exclamou o árabe olhando para todos com olhos assombrados.

"Sim, sim! De tudo isso eu me lembro muito bem como se tivesse sido ontem, mas digo toda a verdade: naquela época, eu ainda não tinha 30 anos e meu sangue era fogo a ferver em minhas veias. Meu pai ainda vivia e, se não fosse ele, eu teria arremetido a sangue e fogo arrastando comigo todo o Oriente contra a Roma conquistadora e cruel. Com o meu coração cheio de ódio e desejos de vingança, recordo muito bem que as confidências dos três sábios estrangeiros soaram a meus ouvidos qual música estranha, alheia ao nosso ambiente, à nossa situação atual e ao que é a nossa vida na Terra.

"De tudo quanto me disseram, compreendi apenas duas coisas: que suas vidas eram limpas como a água doce das fontes no oásis, e que eles diziam a verdade no que diz respeito a que o Poder Divino devia mandar um libertador para o mundo avassalado pela loba romana.

"Vinte anos já se passaram, e eles têm exercido uma enorme pressão sobre a minha vida. Seus relatos foram-se tornando cada vez mais compreensíveis para mim, e as explicações de Melchor sobre Deus, os mundos e as almas dos homens iluminaram até a parte mais íntima do meu espírito. O ódio foi se apagando pouco a pouco, e hoje resta apenas o desejo de justiça, de liberdade e de paz.

"Se tu és, ó jovem príncipe, filho de David, aquele que há de dar justiça, paz e liberdade a todos nós, todo o deserto da Arábia se levantará à minha voz como se fosse um só homem, para elevar-te a alturas muito maiores do que conseguiram chegar Alexandre, Aníbal e Júlio César.

"Melchor diz bem claro aqui: que tu, Senhor, dirás em que pode servir-te este filho do deserto."

– Meu bom Scheiff Ilderin – disse Jhasua. – Falas-me como um homem de armas na época atual, em que ninguém vê outra glória senão a obtida pelos exércitos poderosos. Eu te falarei como alguém que bebeu a Sabedoria Divina, gota por gota, até fazê-la transbordar do seu coração.

"Pensaste alguma vez, Scheiff, na causa e origem de todas as dominações e escravidões?"

– Sim, príncipe, pensei: os homens do Ocidente têm o coração de granito e fauces de fera faminta. A idéia de um Deus fugiu deles ... sua Lei é a do mais forte, e nenhum sentimento nobre e generoso suaviza as fibras do ferro de seus corações, postos, há muito tempo, no fio de suas espadas. Eles ferem, roubam e matam porque não sabem fazer outra coisa para conquistar um posto satisfatório no mundo.

– Tudo quanto disseste é uma fiel pintura da realidade; no entanto, é apenas um efeito. A causa é outra, ó nobre filho da Arábia legendária! – disse Jhasua. – De minha parte julgo – continuou o Mestre – que o mundo caiu sob o domínio romano em virtude do seu próprio atraso moral e intelectual. Foi a ignorância quem forjou, um após outro, os elos da cadeia que aprisiona os nossos países.

"A Luz da Divina Sabedoria foi apagada há séculos pela ambição e pelo

egoísmo dos homens, os quais se afastaram uns dos outros em tantas formas e modos, que, em momentos, chegaram até a esquecer que todas as raças e todos os povos são absolutamente iguais na sua origem e no seu destino.

"O Rei julga ser de uma natureza diferente da de seus escravos e servidores, e que, portanto, deve viver de maneira mais oposta à vida daqueles: Tudo para ele e nada para os demais, a não ser o jugo sobre a nuca.

"É preciso que os Reis, como os escravos, saibam que unicamente Deus é grande, invencível, imutável, dono e senhor de tudo quanto existe, e que todos os demais, quer estejam cingidos por uma coroa como amarrados a uma cadeia, são ínfimas criaturas suas, incapazes de criar uma formiga ou de acrescentar um cabelo à sua cabeça, ou de trocar a cor dos olhos ou sequer a estatura do seu corpo. Todos nascemos do mesmo modo, e todos morremos igualmente. Se alguma grandeza pode ser conquistada pelo homem, é apenas a que se obtém em razão de uma maior aproximação à grandeza do Criador.

"Destruída a ignorância na maioria dos povos, ficará destruída a causa das dominações e das escravidões.

"Ó bom Scheiff! ... Acredita: não me causa absolutamente nenhuma ilusão ouvir chamar-me de *príncipe ou Rei*; no entanto, agrada-me ser chamado de *Mestre* que vem de outros mundos para destruir a ignorância, dando a esta Humanidade a água viva da Eterna Verdade. Estou empenhado nesta tarefa, já muito antes de a Eterna Luz ter iluminado a minha consciência e deixar a descoberto o *por quê* da minha vinda a este mundo.

"Queres ajudar-me? Queres levar minha lâmpada acesa através de teus desertos abrasados pelo sol, pelos desfiladeiros de tuas montanhas, por entre as sombras de tuas palmeiras e nos oásis onde murmuram as fontes?"

– Senhor! ... Quero fazer tudo por ti! ... Mas, que poderá a claridade de tua lâmpada e a melodia de tuas palavras diante das legiões romanas a passarem como vendavais de fogo, devastando tudo, quando os povos resistem submeter-se a eles?

– Minha obra salvadora não é para um dia nem para um ano, Scheiff – respondeu Jhasua. – É para muitos séculos! ... para longas épocas, ou seja, até que os homens tenham aprendido a amar uns aos outros, e tenham chegado a compreender que, perante o Atman Supremo, tanto vale a alma de um Rei como a de um escravo, pois todos são criaturas suas destinadas por Ele à suprema felicidade, que nenhum ser, por grande que seja, é dono da vida de seus semelhantes e que matar-se mutuamente por alguns estádios de terra é a maior aberração que os homens podem cometer!

"Que fez Alexandre, o macedônio, com o sacrifício de tantas vidas em suas estupendas conquistas? Ampliou seus domínios por certo número de anos, e hoje sua múmia dorme em eterna quietude no museu de Alexandria, enquanto seu espírito errante e enlouquecido, escutará, por longos séculos, as maldições de suas vítimas, que não lhe deixarão momentos de repouso nem no espaço infinito nem nas vidas físicas que viveu e há de viver até pagar à Justiça Divina a última lágrima derramada pelos que caíram sob o casco dos seus corcéis de guerra, no avanço irresistível de seus exércitos triunfantes.

"O que aconteceu em Antíoco, com Nabucodonosor, com Assuero e com a grandeza de seus impérios que abrangiam desde o Mediterrâneo até o Indo?

"Glória efêmera e momentânea, hoje reduzida a uma ocorrência passada, deixando como única coisa duradoura a dor, durante séculos, nesses espíritos que, em toda a imensidão do infinito, não encontram um lugar onde ocultar-se e até onde não

lhes siga, como um enxame terrível, a maldição e o ódio de todos aqueles a quem conseguiram esmagar com seus carros de ouro de triunfadores.

"Trocando de senhores como de roupas, seus povos foram invadidos, dominados e escravizados por outros.

"Como vês, meu bom Scheiff Ilderin, a grandeza e a felicidade dos povos não se consegue através das armas, mas da elevação moral das massas, quando se estende sobre elas um manto de amor e de luz, destinado a despertar as consciências para a Verdade Eterna, e para a sua Lei soberana que diz ao homem em todos os tons:

" 'És igual a teu irmão, a quem deves amar como amas a ti mesmo.' "

Jhasua se calou. O caudilho árabe ficou profundamente pensativo. Simônides, Judá e Faqui compreendiam muito bem esse silêncio, pois lhes fazia reviver o momento de luta interior pela qual todos eles haviam passado antes de se colocarem à altura da Idéia Divina expressada pelo Filho de Deus: a elevação intelectual e moral dos povos, e não a matança e a devastação; o amor fraterno fazendo florescer até as ruínas, e não o ódio a destruir e matar para engrandecer alguns em detrimento de outros; a igualdade humana como um roseiral em flor, onde cada planta tem a água, o ar e o sol de que necessita para o seu crescimento, para sua vida plena e para sua esplendorosa floração.

Como o grande silêncio se prolongasse, Jhasua interrompeu-o.

– Scheiff Ilderin! – disse. – Posso contar contigo para a minha obra de libertação?

– Sim, Profeta de Deus e Rei de Israel! Conta comigo e com meus aliados e seguidores, embora tenhamos que sacrificar nossas vidas à hidrofobia romana. Não alcanço chegar até o cume de Luz e Sol no qual te vejo, Senhor! ... Entretanto, sei ao certo que és o Salvador do Mundo e seguir-te-ei apesar de eu não chegar a compreender completamente a tua grandeza! Quando seja chegada a hora, Deus se dignará iluminar-me para que minha pequenez se coloque em sintonia com a Sua Vontade Soberana.

– Eis aqui a franca e leal resposta deste filho do deserto, que não tem deslealdades em seu coração – disse o Mestre, dirigindo-se aos demais.

"Que Deus te abençoe, nobre Scheiff Ilderin, e multiplique todas as tuas virtudes, porque és um fiel buscador da Verdade Divina.

– Graças, Senhor, e podes mandar, como for do teu agrado, a este teu servidor incondicional.

– O deserto é nosso! – disse Judá. – Conquistamos o deserto!

– E para sempre! – acrescentou Faqui.

– Pouco a pouco, meus amigos! – disse o jovem Mestre. – Neste plano físico, tão inferior, não se pode dizer muito alto essa imensa palavra: *para sempre*, a qual encerra em si a idéia de *eternidade*. Nos mundos de escassa evolução como este, as grandes idéias emanadas da Divindade são semeadas inumeráveis vezes, porque o Mal asfixia a boa semente, quando esta apenas triunfou nas porções mais adiantadas da Humanidade.

"Na hora presente, o deserto será nosso porque o Scheiff Ilderin, com todos os seus, será o seu incansável semeador. Mas não tenhamos a ilusão de que a semente lançada por ele à terra perdure *para sempre*. Os séculos são como a marulhada, a trazer sementes daninhas, que, lamentavelmente, vão asfixiando a boa até fazê-la desaparecer. No entanto, que importa isto? A vida não é eterna? Morre por acaso a alma humana, chama viva acesa em cada ser pela Eterna Inteligência?

"Hoje é o Scheiff Ilderin o semeador do deserto da Arábia, como Faqui o é do Saara, Judá da Palestina e de Roma, e Simônides da Síria e de todas regiões aonde chegam suas naves e caravanas.

"Quando o fluxo e o refluxo da maré devastadora dos séculos e das inconsciências humanas destruírem esta magnífica semeadura, outras inteligências ou, talvez, as vossas próprias, em novas existências físicas, removerão os sulcos perdidos que o vosso arado de semeadores eternos abrirá novamente.

"Oh, meus amigos do momento presente! ... Se neste pequeno e imperfeito mundo pudéssemos dizer com toda a verdade a imensa palavra *para sempre*, não haveria dominadores nem escravos, não haveria fome para uns e fartura para outros, mas todos, qual imensa caravana de filhos de Deus, caminhariam unidos pela mão sob o olhar do Pai, sentindo sem exceção, igualmente em si mesmos, a suprema felicidade do amor.

"Eu sei que vós quatro – continuou dizendo Jhasua – vos sentis como fascinados por estas pinturas vivas que eu faço da Verdade de Deus; no entanto, não chegais a compreender como e de que maneira o Bem há de triunfar sobre o Mal sem a força das armas. Não é mesmo verdade?"

Os quatro ouvintes se entreolharam, e a uma só voz disseram:

– É certo! ... É toda a verdade!

– Pois bem. Esse triunfo será a obra da Santa Aliança, e a luta durará vinte séculos completos, que é o tempo que resta à humanidade deste planeta para mudar de evolução. Quando esse prazo findar, a Justiça Divina completará aquilo que os Semeadores do Amor não puderam terminar.

– Então o nosso exército em formação ficará completamente anulado? – perguntou o Scheiff Ilderin.

– Não – disse Jhasua –, não está contra a Lei Divina que o homem seja capaz de defender seus direitos. Para que tenhais uma idéia do que outros homens inspirados pela Sabedoria Divina fizeram há muitos séculos, mencionarei o que li em velhos arquivos onde são guardadas histórias de tempos que já se foram:

"Houve, nos vales do Nilo, uma grande Escola de Sabedoria Divina, que estendeu sua ação benéfica até as pradarias do Eufrates. Chamava-se *Fraternidade Kobda*; e de tal maneira derramou claridade sobre os homens, que se uniram a ela inúmeros príncipes e caudilhos com seus respectivos povos, formando, assim, uma entidade conjunta que se denominou *Grande Aliança das Nações Unidas*. Essa entidade ditou leis sábias, inspiradas pela sabedoria dos Kobdas, e grande paz e prosperidade reinou no mundo civilizado de então. Pois bem: essas Nações Unidas formaram um grande exército de arqueiros, contribuindo cada qual com certo número de indivíduos, cuja finalidade era manter uma cadeia de defesa ao redor de todas as nações filiadas à Grande Aliança. Esta circunstância, e a ajuda mútua que estavam obrigados a prestar uns aos outros, despertou em outros povos o desejo de entrar para esse maravilhoso conjunto, onde todos viviam tão felizes quanto se pode viver nesta Terra.

"Desta maneira, a Fraternidade Kobda chegou a estender sua ação sobre três continentes. Desde a Etiópia, na África Oriental, até os países do gelo, na Europa do Norte; e desde as Colunas de Hércules (Gibraltar) até o Indo e os países do Cáspio, foi estendida a magnífica rede de ouro envolvendo suavemente a imensa colmeia humana, a trabalhar em paz e em harmonia sob o olhar do Deus-Amor.

"A humanidade de hoje, meus amigos, não é diferente da que existiu naquela época, e apenas é necessário um grupo de almas sem egoísmo, sem interesses nem ambições, que se capacite para imprimir esses magníficos rumos a esta humanidade. Onde estão essas almas?

"Eu as tenho todas ao meu redor. Aqui estão quatro como dirigentes; em Jerusalém estão outros quatro: José de Arimathéia, Nicodemos, Gamaliel e Nicolau de Damasco; em Bethlehem, outros quatro: Elcana, Josias, Alfeu e Eleázar; na Galiléia, Simão com os amigos próximos do Tabor. Quantos surgirão como rebentos novos destas árvores já fortes nos caminhos da Luz?

"E isto sem contar com dois astros de primeira magnitude no delta do Nilo e na Arábia Pétrea: o príncipe Melchor e Fílon de Alexandria. Na Pérsia resplandece a lâmpada de Baltasar e, no Indo, a tocha de Gaspar.

"Que dizeis de tudo isto?"

– Meu soberano, Rei de Israel! ... – exclamou Simônides. – És um sol a iluminar tudo com o seu arrebol dourado! ... Ouvindo-te, afigura-se-me este mundo qual um jardim de encantos! ... Oxalá seja o teu sonho uma realidade, Senhor, para que ninguém chore sobre a Terra!

– É que devemos ser capazes de fazê-lo assim! – disse Faqui, o príncipe de Cirene, com firmeza.

– Falta falar o Scheiff Ilderin e Judá – observou o Mestre.

– Eu pensava – disse o caudilho árabe – quantas lanças necessitarei para guardar desde a Cordilheira de Jebel até Tiphsa, sobre o Eufrates.

– E eu – disse Judá – pensava em quanto ouro terei que pedir a Simônides para comprar a aprovação sacerdotal em Jerusalém e a condescendência de Herodes na Galiléia.

– Quanto a isto, deixa por minha conta, meu Judá – argüiu Simônides –, pois, na arte de convencer com uma sacolinha na mão, sou mestre consumado.

Jhasua sorriu bondosamente ao mesmo tempo que dizia:

– Comprar com ouro o bom trabalho de um homem não é excelente coisa; entretanto é sempre melhor que levantar armas contra os nossos semelhantes e despojá-los da vida. Quando se trata de males, optar pelo menor deles é uma medida prudente.

– Meu filho mais velho – disse repentinamente o Scheiff – quer contrair núpcias com uma formosa donzela da vossa raça, do sangue de um ilustre herói sacrificado pela libertação de sua pátria. É filha da irmã de Judas de Galaad. É pretendente dela também um filho do Tetrarca Felipe, terceiro filho de Herodes, o Idumeu, porque não quero chamá-lo de Herodes, o Grande. Mas a jovem prefere a morte a ver-se unida em matrimônio com essa raça de víboras. Sua mãe viúva não se sente capaz de defendê-la contra o Tetrarca que, certamente, fará causa comum com o filho. Elas vivem no país dos Gaulonitas, a quarenta estádios de Bethsaida, que está sob o domínio do mencionado Tetrarca. O pai da donzela é filho do caudilho, príncipe dos itureus que, ao morrer, deixou para sua viúva e para seus filhos as terras e bosques desde o Mar da Galiléia até a Cesaréia de Filipo.

– Oh! ... Sim. Conheço-o como às palmas de minhas mãos – disse o ancião Simônides. – A donzela deve ser filha de Jair, com quem fiz muitos bons negócios. Homem honrado, irrepreensível, incapaz de apropriar-se de um denário que não seja seu; possuía um dos melhores rebanhos de camelos e dromedários do país. Suas caravanas juntavam-se às minhas em Damasco, para seguirem juntas até Filadélfia.

"Bom casamento para o teu filho, Scheiff Ilderin!"

– Eu o sei – respondeu o caudilho. – Contudo coloco-me frente a frente com o Tetrarca Felipe, o qual, certamente, terá deitado os olhos nos vultosos bens que a donzela levará como dote.

– Amigo Scheiff, tenho vinte e cinco anos mais que tu e conheço os homens que hoje governam estes povos escravizados, da mesma maneira como os jumentos

de carga de minhas caravanas. Esse Tetrarca Felipe é um homem embrutecido pelos vícios. Bebe como uma sanguessuga e quem faz dele o que quer é sua mulher favorita: Herodíade, sua sobrinha, visto como é neta de Herodes, seu pai. Mulher libertina e ambiciosa até o exagero, é capaz de vender a própria alma por uma sacolinha de ouro e pedras preciosas.

"Seria uma grande lástima sacrificar a sobrinha de Judas de Galaad, nosso mártir, unindo-a com essa raça que violentou a nossa liberdade e até os tesouros sagrados do nosso Santo Templo.

"Apresenta-te à Herodíade com grandes presentes e negocia o assunto para o bem de teu filho e da sobrinha de Judas de Galaad."

– Nesta mesma pousada – disse Jhasua –, hospedam-se conosco os dois únicos filhos do ilustre mártir, primos irmãos daquela que será a tua nora.

– Majestade de Deus! ... – exclamou o árabe. – Maiores coincidências não se poderia pedir. E são também vossos aliados?

– São mordomos das nossas casas – disse Judá, indicando também a Faqui.

Isaías e Othoniel foram chamados e, depois de serem colocados a par do assunto, ofereceram-se incondicionalmente ao Scheiff Ilderin para ajudá-lo a livrar sua nora de cair nas garras de um neto de Herodes, o Idumeu, assassino de seus próprios filhos e de duzentos meninos bethlehemitas, que os Terapeutas não puderam salvar de suas garras.

A influência de Herodíade sobre o filho de seu marido custou ao Scheiff Ilderin um formoso diadema de ouro e esmeraldas, com o colar e os braceletes que faziam parte do jogo, e também um delicioso horto num subúrbio da Cesaréia de Filipo, que a mãe da donzela doou à ambiciosa mulher de Felipe em troca da liberdade de sua filha.

– Em que país se viu uma coisa semelhante, soberano Rei de Israel? – disse o árabe a Jhasua –, que homens honrados necessitem comprar de uma vil cortesã a liberdade e a felicidade de seus filhos? Isto não é suficiente, Senhor, para que tomeis quanto antes o governo de todos estes povos que foram a herança de Moisés quando os libertou da escravidão do Egito?

– Ainda não é chegada a hora, Scheiff – respondeu Jhasua –, no entanto, estejas bem certo que, quando eu seja levantado para o alto, todos os povos correrão para mim e me chamarão, como a Judas de Galaad, o grande mártir da libertação humana.

– Não! ... Mártir, não! ... – gritou o Scheiff fora de si. – Porque o vosso sangue trará desgraça para aqueles que cometerem a loucura de derramá-lo.

Judá e Faqui tinham o espanto retratado nos semblantes.

Simônides observava o Mestre com olhos inquisidores.

– Por que disseste isto, meu Senhor? – perguntou aproximando-se com a ternura da mãe temerosa de um perigo para seu filho.

– Meus amigos! ... – observou Jhasua sorridente. – Causa-vos desta maneira um tal alarme pensar em se acrescentar mais um sacrifício aos já consumados pela salvação destes povos?

– Contudo, o vosso não será sem que morramos todos! – disse Faqui, com seu olhar relampagueante de energia e valor.

– Não é justo, Jhasua – acrescentou Judá –, deitar aloés em nossa taça de mel.

– Perdoai-me todos – disse o Mestre. – Não foi mais que a centelha de uma idéia que cruzou pela minha mente.

"Deus é nosso Pai, e enquanto nos dá suas flores de amor e de paz, adornemos com elas as nossas almas.

A chegada de Thirza e de Nebai colocou um fim a esta conversação. Ambas vinham com um grande ramo de rosas para adornar os bordos da fonte das abluções, visto como logo seriam chamados para a refeição do meio-dia.

O galante Scheiff Ilderin agradeceu a oferenda de acordo com os velhos costumes de seu país: desfolhar rosas ou jasmins na fonte das abluções.

– Somente na presença do Ungido de Deus podem aparecer assim formosos anjos para desfolhar flores no caminho dos homens – disse o árabe, contemplando a austera e delicada beleza das duas donzelas.

Nebai, ruiva como uma flor de ouro, e Thirza, com seus cabelos e olhos escuros e a brancura mate de sua tez, ofereciam delicioso contraste.

Alheias, ao que parece, diante da admiração que despertavam, continuaram desfolhando rosas nas serenas águas da fonte de mármore.

– Logo estará servida a mesa – disse Nebai, dirigindo-se àquele grupo de homens que as observavam como reflexos vivos da Beleza Imortal. – Os grandes ideais, quando se tornam carne nos corações nobres e bons, idealizam, engrandecem e purificam tudo.

A Morte de Baltasar

Duas semanas depois ocorriam grandes novidades.

Chegava de Roma a resposta da matrona Fúlvia à carta de Judá solicitando a liberdade da escrava Soêmia.

Na dita carta ela explicava a cura prodigiosa de seu marido Flamínio, a misteriosa aparição de um deus benéfico que, para eles, se afigurava Apolo, o qual prometera a Soêmia reuni-la a seu esposo Jefté de Listra, motivo pelo qual Fúlvia, com seu esposo, haviam resolvido adotar Soêmia como filha, com todos os direitos que a lei concede; e suplicavam que Jefté fosse enviado a Roma para que, juntamente com a sua esposa, pudessem formar parte do honorável lar a abrir-lhes suas portas.

– Vês o que fazes tu, meu soberano Rei de Israel? – perguntou o ancião Simônides a Jhasua, cada vez mais fora de si, ao contemplar os frutos maduros que recolhiam da maravilhosa semeadura do amor de Jhasua, Filho de Deus.

A outra novidade era que Baltasar e Gaspar, os dois anciãos astrólogos que visitaram Jhasua no berço, encontravam-se reunidos em Tiphsa, sobre o grande rio Eufrates.

Jhasua, acompanhado do Scheiff Ilderin, de Judá e de Faqui, empreenderam a viagem na manhã seguinte para encontrar os dois anciãos que, fazendo um supremo esforço, haviam conseguido chegar até ali para ver, pela última vez, o Salvador do Mundo.

Com que santa ansiedade ele avançava, montado num formoso camelo branco, pela planície do Eufrates, para abraçar aqueles que tinham sido os primeiros a reconhecê-lo em seu berço!

Ao avisar-lhes da chegada de Baltasar ao Golfo Pérsico, anunciaram que o ancião estava perdendo as forças dia após dia. Seus médicos duvidavam que pudesse viver mais três dias. Isso explicará ao leitor a pressa que Jhasua e seus companheiros imprimiam à viagem.

Simônides havia-lhes entregue os melhores camelos persas dos rebanhos de Judá no Horto das Palmeiras, tão resistentes e fortes que podiam correr dois dias detendo-se apenas alguns momentos para beber e receber sua ração de favas secas.

Com a voz trêmula de emoção, Jhasua disse a seus amigos:

– Pedi ao Pai Celestial que Baltasar não se vá da Terra sem que eu lhe dê o último abraço. No íntimo do meu espírito ressoou a Voz Suprema com a Divina Promessa: "Corre para seu lado e o alcançarás antes de partir."

Jhasua desmontou durante alguns momentos para que seu camelo comesse e bebesse. Apenas aceitou para si um pedaço de pão e uns goles de vinho.

– Nestes momentos – disse a seus companheiros de viagem – é quando duvido que sou aquele que acreditais que eu seja. Sinto-me tão débil, tão pequeno, tão de carne humana como a mais insignificante criatura dominada pelos sentimentos e afeições íntimas!

Quando os viajantes chegaram a Tiphsa, o velho coração de Baltasar ainda palpitava. Jhasua ajoelhou-se junto ao divã em que o ancião repousava com inalterável paz.

– Já estou ao teu lado, meu pai – disse com infinita ternura. – Nosso Deus-Amor não quis levar-te da Terra sem que déssemos o último abraço. – Um sorriso de bem-aventurança iluminou o pálido rosto no qual já apareciam os sinais da morte próxima.

– Filho de Deus! ... Filho também de meus sonhos e do meu amor de muitos anos! ... – exclamou o ancião com voz bem clara. – Teu pedido e o meu uniram-se nos Céus Infinitos, e o Pai ouviu-os com amor.

"Tampouco eu queria partir sem ver-te pela última vez. Vieste para estar ao meu lado ... Receberás o meu último alento, o meu último olhar, e logo fecharás os meus olhos! ...

"Que mais pode desejar este servo do Senhor?"

Jhasua tinha entre as suas a mão esquerda de Baltasar, que levantando dificultosamente a direita colocou-a sobre a cabeça inclinada de Jhasua, dizendo:

– Filho de Deus! ... meu espírito livre acompanhar-te-á qual centelha de luz em todos os passos da tua vida messiânica sobre a Terra.

"Acompanhar-te-ei na tua vida e na tua morte! Na hora da tua vitória final, serei o primeiro a receber-te no Reino de Deus! Meu coração, que te amou tanto, te abençoa agora quando vai cessar de bater.

"Até logo!"

A respiração se fez um tanto fatigosa. Os moribundos olhos mantinham-se fixos no rosto pálido e sereno de Jhasua, que continuava estreitando, entre as suas, as enfraquecidas mãos de Baltasar.

Um suspiro mais longo que os outros foi o último, e os olhos já sem vida ficaram cravados no belo rosto do Homem-Luz.

Jhasua repousou sua dolente cabeça sobre aquele peito mudo para sempre, e deixou que o Homem desafogasse seus sentimentos de homem. Chorou sobre o peito do ancião Baltasar como choramos sobre os despojos mortais de nossos seres mais queridos.

– É o Filho de Deus e chora! – exclamou Gaspar contemplando o emotivo quadro de Jhasua ajoelhado junto ao leito de morte de seu ancião amigo e chorando silenciosamente.

– Meu Pai! ... – disse Jhasua quando sua alma pôde serenar-se. – Ele era teu! ... Recolheste o que te pertencia! ... Recolheste aquele que te pertenceu voluntariamente consagrando a Ti em todos os momentos da sua vida!

"Que a tua Claridade Divina o siga no Infinito como o seguiu na Terra, e que o Teu Amor Soberano lhe dê a compensação merecida!

– Assim seja – disseram todos, tornando própria a oração de Jhasua.

Uma hora depois, encontravam entre as roupas do leito de morte de Baltasar uma pequena carteira de couro negro com o nome do sábio gravado em prata.

Todos quiseram que Jhasua a abrisse.

– Pelo que vejo, me fazeis dono dos segredos dos mortos – disse. E abriu a carteira.

Encerrava apenas um papiro dobrado cuidadosamente e uma pequena chave de ouro.

O pergaminho dizia:

"Eu, Baltasar de Susan (Pérsia) declaro não ter tido outros filhos além dos discípulos da minha Escola de Sabedoria Divina. Não deixo dívidas, nem ninguém as tem comigo.

"Somente, sim, tenho um pacto espiritual com os príncipes amigos Melchor de Horeb e Gaspar de Srinaghar, pelo qual nos comprometemos solenemente, perante o Altíssimo Senhor dos Mundos, em cooperar pela salvação humana a ser efetuada pelo Filho de Deus, ao qual, juntos, reconhecemos no berço. O lugar vazio a ser deixado na dita obra pelo primeiro de nós três que abandonar a vida física deverá ser preenchido pelos que ficam.

"Os bens de fortuna herdados de meus antepassados quero que sejam aplicados do seguinte modo: metade na manutenção da minha Escola e dos órfãos, anciãos e enfermos ligados à dita instituição.

"A outra metade dos bens deverá ser empregada em colaborar nas obras a serem realizadas pelo Avatara Divino encarnado na Terra.

"Nomeio executores de minha última vontade meus dois companheiros de clarividência eterna, Gaspar de Srinaghar e Melchor de Horeb.

"Que o Altíssimo, a quem adoro e sirvo, receba o meu espírito quando eu chegar ao reino espiritual.

Baltasar de Susan – Servo de Deus."

Gaspar declarou que, efetivamente, existia esse pacto entre os três, motivo pelo qual decidiu enviar um aviso ao príncipe Melchor para se colocarem de acordo sobre a forma de cumpri-lo.

Conferenciou longamente com Jhasua sobre o desenvolvimento da sua missão salvadora da humanidade, e resolveram encontrar-se, juntamente com Melchor, no Santuário do Monte Hermon, a cada dois anos, contados a partir do dia em que Jhasua completara os 22 anos de idade. Os encontros verificar-se-iam na primeira semana do mês de janeiro.

Além do mais, a cada três luas, deveriam enviar reciprocamente cartas para manter assim latente e vivo o fogo santo do amor divino que os havia chamado para uma compreensão mais clara dos desígnios de Deus.

Os despojos mortais de Baltasar foram embarcados num lanchão no Eufrates, para conduzi-los a Babilônia, onde estava a sede principal de sua Escola disseminada nas mais importantes capitais persas.

De regresso a Antioquia com seus amigos, Jhasua lembrou, como é natural, que outros deveres o reclamavam em sua terra natal, para a qual desejava voltar antes do início do verão.

Ao despedir-se do ancião Gaspar, que embarcou acompanhando os despojos mortais de seu grande amigo, Jhasua teve a intuição de que ele seria o primeiro a seguir para junto daquele que partira.

O ancião sensitivo captou esse pensamento e disse com imensa ternura ao jovem Mestre:

– É verdade que, depois de Baltasar, serei o primeiro a partir para o reino das almas, mas ainda nos veremos algumas vezes no Monte Hermon.

– Peçamos juntos ao nosso Pai Celestial – respondeu Jhasua profundamente comovido – para que não me deixeis sozinho por tanto tempo.

No Horto das Palmeiras

O chamado Horto das Palmeiras, a hora e meia de Antioquia em direção ao sudoeste, e a galope de um bom cavalo, era uma deliciosa paragem, cujo nome obedecia a um espesso bosque das maiores palmeiras que cresciam na região. Dava sombra e frescor a um formosíssimo lago de umas três léguas de extensão, por uma de largura, mais ou menos. Sua profundidade permitia a navegação em pequenas lanchas. Como provinha de um braço do Rio Orontes, o lago crescia e transbordava quando as águas do Mediterrâneo empurravam para a praia as águas do grande Rio.

Essa região encantadora, com três léguas ao redor da verde pradaria circundante do lago, pertencia ao Scheiff Ilderin por herança de seus antepassados distantes.

O título de propriedade, que conservava com orgulho, datava de três séculos, ou seja, desde a entrada na Síria da dinastia dos Selêucidas, cujo primeiro rei, Seleuco Nicátor, doou esse formoso horto com suas terras a um distante bisavô do nosso Scheiff, em gratidão a grandes serviços que, com as invencíveis hostes do deserto, lhe havia prestado para conquistar sua posição e fundar seu glorioso reino em toda a região do Líbano e do Orontes.

Os cobiçosos romanos, quando subjugaram a Síria, haviam posto os olhos no incomparável Horto das Palmeiras, cujas pradarias, cheias de rebanhos de toda espécie, significavam grande riqueza.

Mas metade do deserto obedecia ao Scheiff Ilderin, e os partos eram seus amigos. A Arábia Pétrea, desde o Mar Vermelho, era sua irmã, e suas caravanas caminhavam juntas com as do vale do Nilo e as da distante Etiópia. Muito fortes deviam ser essas razões para que as legiões romanas não dessem um único passo em direção à deliciosa paragem, aonde levaremos o leitor acompanhando Jhasua.

O generoso e nobre Scheiff quis que o Profeta-Rei, como ele denominava ao Mestre, visitasse a sua propriedade junto com a família de Judá, com os amigos vindos que o acompanhavam e, também, Simônides e sua formosa neta.

Num anoitecer se apresentaram na pousada "Boa Esperança" uns criados conduzindo pelo cabresto camelos ajaezados, com a poltrona dossel sobre o lombo, como era usual para que mulheres, anciãos ou crianças pudessem viajar. Uns quantos cavalos árabes de preciosa aparência iám destinados aos homens jovens.

Diante desse convite, tão gentilmente oferecido, não era possível uma negativa, e foi assim que, de manhã, bem cedinho, a alegre caravana empreendeu a marcha até com os criados íntimos da família: Amhra, Eliacin e Shipro, os quais repetiam em todos os tons que, desde que o Profeta de Deus andava próximo do amo Judá, a vida para eles se havia convertido num paraíso.

Thirza e Nebai acharam delicioso viajar sobre o lombo do grande camelo branco

que havia levado recentemente Jhasua até Tiphsa. Elas iam com louca alegria, quando, olhando para baixo, viam longe, lá embaixo, Judá e Faqui escoltando-as ao trote de seus pequenos e fogosos cavalos árabes.

Noemi com a fiel criada viajavam em outro camelo e rezavam em silêncio, pois tinham a impressão de irem sobre a copa de uma árvore, cujo vaivém suave e monótono causava-lhes um ligeiro enjôo.

Jhasua com Simônides, os dois filhos de Judas de Galaad e os criados, encerravam a caravana, escoltada toda ela pelos enviados do Scheiff.

– O Pai Celestial encheu de alegrias e belezas a minha vida – disse Jhasua a seus companheiros de viagem. – Não é possível que os meus caminhos sejam sempre semeados de rosas, de amor e de felicidade ...

– Assim o mereces, meu Senhor – completou Simônides. – Penso que não pode nem deve ser de outro modo. Acaso não vives, ó meu Rei de Israel, para dar alegria, saúde e paz a todos os que chegam junto de ti? Jehová é a própria justiça, e Ele derrama sobre tido o que dás aos demais! Não raciocino bem, Senhor?

– De acordo com o grau de tua compreensão, raciocinas bem; no entanto, há também raciocínio oculto que, por enquanto, não vês, mas o verás mais adiante – respondeu Jhasua.

– Ah, meu Senhor! ... – exclamou Simônides. – Não arrojes água gelada na nossa balsa de flores! ... Somos todos tão felizes ao teu lado, que se nos oferecessem outro céu, ainda preferíamos este.

– Oh, Simônides! Procedes como uma criança, e em verdade eu te digo que às vezes os inocentes são os que mais facilmente compreendem a glória de Deus.

Quando chegaram ao Horto das Palmeiras, o sol se levantava em todo o seu esplendor, derramando pó de ouro sobre as azuladas ondas do lago, sobre a pradaria úmida de orvalho e, sobretudo, nos verdes e flutuantes leques daquelas palmeiras centenárias carregadas de abundante fruto, cuja maturação naquela cálida região tinha início na entrada do estio.

O Scheiff Ilderin, fora de si de alegria, havia engalanado suas tendas como nos dias de grande solenidade. Não era acaso um príncipe da estirpe de David e Salomão, destinado pelo Altíssimo a ser coroado Rei sobre todo o Oriente, quem chegava à sua morada no deserto?

Pavilhões com as cores de todas as nações da Arábia ondeavam nos mastros centrais, sobre os quais estavam armadas as tendas que se assemelhavam a um imenso acampamento. Havia ali uns três mil homens de seus valentes lanceiros, muitos dos quais tinham mulheres e filhos. Seus familiares e a criadagem formava igualmente um numeroso grupo. Era pois uma cidade de tendas defronte ao lago, em cujas ondas de cristal se refletiam as altas copas das palmeiras, os mastros adornados de galhardetes e bandeiras e os três mil lanceiros a constituírem longa fileira, fazendo brilhar ao sol suas lanças e azagaias, e ondear ao vento os penachos de plumas de seus turbantes.

O sangue jovem de Judá e de Faqui começou a ferver nas veias, e, ainda sem desmontar, deram um formidável grito de triunfo que se espalhou, como um eco, na solidão do deserto:

– Viva o grande Rei do Oriente, glória de Israel! – Os três mil lanceiros gritaram em coro um "Viva" ensurdecedor, ao mesmo tempo que cruzavam no alto as suas lanças para que o jovem Mestre, ao qual aclamavam, pudesse passar sob elas.

Jhasua desmontou rapidamente e abraçou-se ao Scheiff que o esperava na entrada da tenda principal.

– Recebes-me como a um Rei – disse – e não sou senão um Mestre que veio para ensinar aos homens a divina Lei do Amor. Eu seria imensamente feliz se pudesses compreender a minha Lei!

– Sim, Senhor! Eu a compreendo! ... És o Salvador deste Mundo, e através do amor e da justiça reinarás sobre todos os homens da Terra!

Os olhos de todos brilhavam de entusiasmo e até as mulheres retiraram seus véus quando o Scheiff lhes disse que "*ao Rei não se recebe com o rosto velado*".

O Scheiff tinha três esposas secundárias que obedeciam docilmente à primeira, uma austera matrona de 40 anos, que ainda conservava os vestígios de sua beleza juvenil.

– Azara – disse o Scheiff –, este é o soberano, ao qual nossos filhos e netos servirão de escolta.

A mulher inclinou-se para beijar a orla da túnica branca de Jhasua. Ao mesmo tempo ela fez sinal às outras esposas e a um formoso grupo de donzelas que se mantinha timidamente afastado.

O suave som das guslas e dos alaúdes começou a preludiar suavíssima melodia.

Noemi, Thirza e Nebai julgavam estar sonhando. O ancião Simônides chorava de alegria. Judá, Faqui e os dois filhos de Judas de Galaad chegaram a crer que, na verdade, Jhasua ia ser coroado Rei de todo o Oriente. Tal era o ambiente de solene majestade que se respirava na porta da imensa tenda, encortinada de púrpura e deixando flutuar ao vento os vistosos pavilhões da Arábia.

Todos estavam sentindo-se imensamente felizes. Tão-só Jhasua tinha os olhos cheios de lágrimas e seu olhar se perdia nas águas azuis do lago, sombreadas pelas palmeiras e pelos dourados raios do sol. Ele via, num quadro a distância, a tremenda visão que teve no grande Santuário do Moab, na véspera de sua consagração, e disse:

– Quando eu for erguido ao alto, todos os corações daqueles que amam se precipitarão para mim! ... Acalmei vosso entusiasmo e ansiedade, porque ainda não é chegada a hora.

– Quando será esse dia, Senhor? ... – perguntou Simônides, crendo ouvir que lhe estava respondendo. – Daqui a um ano ou dois?

Mas Jhasua esclareceu sorridente e afável, como se estivesse anunciando um dia de glória e de felicidade: "Quando o véu do Templo se rasgar de cima a baixo e as trevas cobrirem a Terra."

Um novo personagem que apareceu nesse instante pela porta interior da tenda chamou a atenção de todos. Era um ancião de alta estatura, magro e seco como um feixe de raízes, de cor triguenha, de uma palidez mate com uns olhos profundos e negros, cheios de inteligência e bondade. Vestia uma longa túnica branca de lã rústica, presa à cintura por uma tira de couro cru.

Levava em suas mãos, um pouco levantadas, uma cinta de ouro, com a largura de dois dedos colocados juntos, na qual brilhavam, como olhinhos de fogo vermelho, setenta rubis.

– É o nosso patriarca Beth-Gamul – disse o Scheiff Ilderin. – O ermitão dos Montes Tadmor.

O ancião colocou-se diante de Jhasua e disse em aramaico:

– Profeta do Altíssimo! ... Teu dia começa e o meu termina! Chegaste oportunamente, pois que, daqui a pouco tempo, serei chamado ao Paraíso de Deus, e o deserto ficará sem um patriarca. O anjo das anunciações disse-me que és o Enviado para iluminar os homens, e a Divina Sabedoria manda-me cingir tua cabeça com a insígnia de seus escolhidos.

Sem esperar resposta, o ancião cingiu a cabeça de Jhasua, dobrou um joelho em terra, e disse com voz sonora: "Deus te salve, Mestre!"

Essa saudação foi repetida, num coro formidável de mais de três mil vozes unidas.

Noemi, Thirza, Nebai e Amhra, como surpreendidas por um religioso pavor, haviam caído de joelhos, e, juntando as mãos sobre o peito, com seus corações cheios de piedosa ternura, davam às suas palavras o fervor de orações, devoção e recolhimento de prece, quando repetiram com os demais:

"*Deus te salve, Mestre*!"

Jhasua parecia como que petrificado no centro da estância, pois unicamente ele permanecia de pé, como uma estátua branca, na qual se havia concentrado a vida no fulgor de seus olhos cheios de infinita ternura.

– Paz e amor sobre todos vós! – disse, por fim, com a voz trêmula de emoção. – Dobraste o joelho ante a Majestade da Divina Sabedoria, que me consagra Mestre do deserto. Seja em boa hora, e, a partir deste momento, prometo-vos que, do mesmo modo como o vosso patriarca Beth-Gamul, quando eu for chamado para a vida verdadeira, deixar-vos-ei um sucessor para vos conduzir pelos caminhos do Deus Único, e vos afastar da enganosa ilusão dos falsos deuses que levaram a humanidade ao abismo.

"Na vossa Arábia Pétrea, coroada pelo Sinai, Moisés recebeu a única Lei Divina que levará a humanidade terrena ao apogeu do ideal para o qual foi designada. Os ventos do Sinai levaram os Dez Mandamentos Divinos a todos os recantos de vossas montanhas e desertos. A sombra de vossas palmeiras ficou impregnada da sua doce melodia ... As águas de vossos oásis e as areias das grandes dunas, absorveram, sem dúvida, o Mandamento Divino condensado todo ele nesta síntese, que é como um altar de granito:

"*Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo.*"

O velho patriarca confundiu-se com o jovem Mestre num estreito abraço, e este disse em voz alta:

– Em ti abraço a todos estes lanceiros do deserto, aos quais peço, do mais íntimo do meu coração, que não levantem jamais suas armas, a não ser em defesa dos fracos, dos perseguidos e dos desamparados, pois somente assim a minha boca vos poderá dizer: "*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque o Eterno vos fartará dela.*"

Desta maneira terminou essa solenidade, num oásis do grande deserto da Síria, dominado então pelos árabes que entraram para a aliança do Salvador do Mundo pela ampla porta do seu Coração, Templo Augusto do Amor Divino, até que a incompreensão e a mesquinhez humanas os arrojou para longe das congregações cristãs dos primeiros tempos, alegando que não eram circuncidados. Idêntico procedimento ocorreu na Idade Média quando queimavam as pessoas que não haviam recebido o batismo da Igreja.

A que pequenez fica reduzido, no sentir e no pensar dos homens, aquele sublime mandamento "*Ama a teus semelhantes com a ti mesmo*", no qual o Cristo fundamentou seu ensinamento!

Depois da refeição do meio-dia, uma enormidade de barcos cheios de donzelas, jovens e crianças povoou de risos e cantos as águas tranqüilas do lago.

– Ide com a juventude e com a meninice – disse Jhasua aos seus jovens amigos. – Farei companhia ao Scheiff Ilderin, ao patriarca Beth-Gamul e ao meu bom Simônides, que se converteu na minha sombra.

– Que seja por muito tempo, meu Senhor – respondeu o ancião, sentando-se no divã central da tenda onde se achava o Mestre.

– Que grande conquista fez o deserto neste dia! – disse o Scheiff Ilderin. O futuro Rei de Israel é o Mestre e o Profeta do deserto.

– E isto significa – acrescentou o patriarca Beth-Gamul – que Ele é o Consultor e o Juiz Supremo nos assuntos e contendas que não possam ser esclarecidas pelos chefes das tribos.

– Ainda quando eu tenha aceitado ser como o alento de Deus no deserto, ignoro se poderei cumprir devidamente a missão que depositais sobre os meus ombros – disse Jhasua –, porque ainda estou ligado à minha família carnal e a muitos outros compromissos desde o Nilo até Antioquia. Contudo, se a vossa vontade para o Bem e para a Justiça é grande, todos juntos poderemos carregar a grande responsabilidade que significa propender para a felicidade e para a paz no deserto.

– Antes de ser avisado de que devia transmitir minha autoridade e meus deveres à tua pessoa, ó príncipe de David – disse o patriarca –, eu tinha ao meu redor um conselho de seis dos mais capazes entre os chefes de nossas tribos. Um deles era o Scheiff Ilderin pai, ao qual sucedeu seu filho aqui presente. Os outros cinco estão espalhados entre os Montes Tadmor, Bazan e Jebel, mas se reuniam comigo na última lua do outono para realizar, de comum acordo, a partilha das colheitas e o produto do intercâmbio com os países vizinhos a fim de não permitir a aproximação em nossas tendas do fantasma da fome e da miséria.

"Grande solidariedade une todos os moradores do deserto, e isto se deve, em grande parte, ao trabalho do patriarca e de seus mais íntimos colaboradores."

– Isto quer dizer – observou Jhasua –, que em vós penetrou mais profundamente a lei de Moisés que gravou sobre pedra o mandamento divino do amor fraterno.

"Em nossa Israel, em contrapartida, propagou-se, como a cizânia, o separatismo entre umas regiões e outras. O ódio, que é força destruidora, completou seu trabalho e deixou desunido o povo que a prepotência dos invasores arrasta pelo solo no qual corre lodo e imundície. Reconstruir através da fraternidade e do amor tudo o que o homem destrói é e será sempre a obra que salvará a humanidade."

A conversação teria continuado subindo de tom nesse mesmo sentido se não tivesse sido interrompida por agudos gritos de socorro que fenderam os ares puros e diáfanos que flutuavam sobre o lago do Horto das Palmeiras.

Todos saíram da tenda com grande precipitação. O tumulto e a gritaria em que se confundiam o pranto de mulheres e os gritos de crianças com vozes de comando dos barqueiros formou uma formidável gritaria.

Nem um único barco havia ficado no pequeno ancoradouro para correr em socorro dos que pediam auxílio. Ninguém sabia o que se passava. A esposa e os filhos do Scheiff Ilderin também haviam ido ao lago. Uns quantos homens de armas se despojaram de suas roupas e se lançaram às águas. No entanto, a distância era grande, pois o tumulto ocorria quase no outro extremo do lago.

– Quietos! ... – disse Jhasua. – Voltai para a margem porque vos afogareis muito antes de chegar lá. – Os homens se detiveram.

Uma chama de luz envolveu o Mestre, e um formidável pé-de-vento o empurrou sobre o nível das águas que se encresparam ligeiramente. Um grito uníssono escapou de todos os lábios e todos caíram de joelhos sobre as pedras do ancoradouro, inteiramente mudos, enquanto olhavam, paralisados de assombro, acompanhando a branca silhueta do Mestre deslizando sobre as águas com uma velocidade espantosa. Não era

senão um vulto branco correndo sobre as águas até que o viram confundir-se com o tumulto que aconteçia ao longe.

– O vento de Jehová levou-o para salvar os náufragos! ... – gritou Simônides como enlouquecido de estupor. – Salvai-o, Senhor, e que Ele não pereça por tentar salvar os demais!

– É em verdade o Filho de Deus! ... – disse o patriarca a meia-voz – e os elementos o obedecem. Não temais, que ele é mais forte que as águas e os ventos.

Pálido como o pano de seu turbante, o Scheiff Ilderin parecia nem sequer respirar e, com os olhos imensamente abertos, devorava a distância que o separava do tumulto dos barcos e dos passageiros. Pareceu-lhes um século o tempo da demora até que as pequenas embarcações começaram a aproximar-se lentamente da margem.

A imprudência de uns quantos jovens, que resolveram fazer uma corrida com as lanchas, foi a causa do incidente. Três barcos se haviam chocado, lançando seus tripulantes na água. As embarcações partiram-se, produzindo a dolorosa cena de um verdadeiro naufrágio. A não ser pela intervenção supranormal do Mestre, que usou de seus poderes interiores de levitação e domínio absoluto dos elementos, teriam perecido umas vinte pessoas, entre as quais se achavam dois adolescentes, homem e mulher, filhos do Scheiff Ilderin.

Os náufragos referiram depois que se seguraram nas mãos, nos pés e nas roupas do Profeta, que se mantinha como uma rocha branca sobre as águas, até que se aproximaram os barcos mais próximos, nos quais se recolheram.

Seis dos náufragos haviam sofrido ferimentos sem gravidade e apenas um apresentava nas costas um ferimento que sangrava abundantemente. Jhasua embarcou junto, e o levava recostado sobre os seus joelhos, com sua mão direita colocada sobre a ferida aberta. Era um dos remeiros que, para salvar um dos filhos do Scheiff, se havia chocado com o esporão da proa. Quando o desembarcaram, a ferida já não sangrava mais, e os lábios do corte se haviam unido, apresentando o aspecto de ter sido curado recentemente.

Entre os povoadores do deserto da Arábia, conservava-se vivo, em relação ao Profeta Elias, um culto mesclado de pavor e devoção, como também para Moisés, o grande legislador hebreu e taumaturgo que, com suas poderosas faculdades interiores, dominava os homens e os elementos, produzindo essas estupendas manifestações supranormais chamadas milagres.

Os moradores do Horto das Palmeiras disseram com grande entusiasmo:

"Este jovem profeta, que corre sobre as águas e deixa anulada a morte, deve ser a alma do Profeta Elias que voltou à Terra para fazer justiça sobre os maus."

"Não, deve ser o grande Moisés", disseram outros, e enumeravam um por um os prodígios que o grande taumaturgo havia feito no distante Egito para obrigar o Faraó a dar liberdade aos povos de Israel.

– É o Rei do Amor! – disse o patriarca, silenciando todas as suposições e conjecturas. – É o Rei do Amor que reina para sempre sobre todos os que são capazes de amar seguindo os seus caminhos!

O patriarca árabe Beth-Gamul, ermitão do Monte Tadmor (em Palmira), era um grande sensitivo clarividente, e havia surpreendido na personalidade de Jhasua o Escolhido do Altíssimo para a obra da libertação humana, através da magia divina do Amor.

Três dias depois, Jhasua deixava a cidade de Antioquia e as pradarias risonhas do Orontes, para regressar à sua terra natal. Voltavam, juntamente com ele, todos os que o haviam acompanhado, além de Simônides que, segundo se dizia, se convertera na sua sombra. Sua formosa neta Nebai também fazia parte da caravana.

Reunir-se-iam todos em Jerusalém, no velho palácio de Ithamar, no qual entrariam com todos os direitos, como legítimos donos, depois da reivindicação obtida mediante os talentos de ouro que Simônides havia obsequiado ao ministro favorito do César.

Valério Graco residia por ordem superior na Cesaréia, a moderna metrópole da província da Samaria, e se dava por muito satisfeito, contanto que não removessem a meada de delitos que cometera na Judéia, levado pela ambição de riquezas. Desta maneira, não tomou conhecimento da reivindicação da família do príncipe Ithamar.

Ficava fundada a Santa Aliança na grande metrópole, porta do mundo Oriental que, anos mais tarde, devia ser o primeiro ninho do Cristianismo tal como o Divino Mestre o sonhara.

Jhasua separou-se de seus amigos em Tolemaida, com a promessa de reunir-se novamente a eles em Jerusalém, na próxima Páscoa.

O tio Jaime estava à sua espera no porto de Tolemaida, e nem bem chegou ao seu lado, informou que seu pai e Jhosuelin estavam com a saúde bastante precária, motivo por que o aguardavam ansiosamente.

Jhosuelin, seu irmão, esgotava-se dia após dia, e Joseph sofria desfalecimentos freqüentes, enjôos e palpitações do coração. Myriam, sua mãe, vivia em contínua aflição e, não obstante seu grande coração ter feito a generosa oferenda a Deus do filho Profeta, suplicava ao Senhor que o trouxesse quanto antes para o seu lado para aliviar os padecimentos do lar. O leitor compreenderá perfeitamente que a chegada de Jhasua foi um dia de glória para a velha morada do artesão de Nazareth.

A melhora dos dois enfermos foi clara e evidente. Reuniram-se lá também todos os familiares e amigos, cujo entusiasmo pelo jovem Profeta crescia na mesma proporção em que supunham estar muito próximo seu futuro de grandeza e esplendor. A ele, em segredo, chamavam de *o Salvador de Israel*, tornando-se tolerantes com a sua ausência.

Atribuíam às suas freqüentes viagens propósitos de proselitismo para poder escalar o alto cume, de onde, provavelmente, arrastaria todos os seus amigos e seguidores. O silêncio do Mestre, nesse sentido, era interpretado como discrição e cautela.

Porventura não devia precaver-se dos milhares de inimigos todo ser humano que, naquele país, se destacava um tanto dentre a multidão?

Jhasua compreendeu logo que seu pai e o irmão estavam chegando à crise final.

Concentrado em oração nessa noite na própria alcova de Jhosuelin, seu espírito, habituado a aprofundar-se nos desígnios divinos, teve lucidez para discernir que seu pai terminara honrosamente seu programa de vida na Terra, e que o seu organismo físico não resistiria senão umas poucas luas mais. Compreendeu, igualmente, que Jhosuelin sofria a ânsia suprema de morrer. Queria o Infinito ... Almejava a Eternidade. A vida terrestre asfixiava-o. Ele viera ao plano físico tão somente para servir-lhe de escudo durante sua infância e adolescência. Havia obedecido a uma aliança e a um pacto que não quis romper. Jhasua já era grande e forte como um cedro do Líbano, capaz de resistir a todas as tempestades.

No sono dessa noite, falando enquanto dormia, disse Jhosuelin ao irmão a velar ao seu lado:

– Jhasua, meu amado! ... Dá-me liberdade, porque a atmosfera da Terra me asfixia. Não cumpri já o pacto que fiz contigo? ... Por que ainda me reténs?

O jovem Mestre inclinou a dolente cabeça sobre o peito do seu nobre e querido irmão e lhe disse com o pensamento cheio de amor:

– Eu te dou a liberdade, irmão muito mais querido que todos os demais filhos do meu pai. Se Deus o permitir, vai! – e abraçou-se chorando àquela formosa cabeça adormecida.

O sono prolongou-se uma hora mais. Logo sentiu que ele exalava um grande suspiro. Era o derradeiro, levando o último alento da vida física daquele jovem de bem poucos anos, idoso embora como espírito nos longos caminhos de Deus. Tinha 26 anos.

Este foi um golpe fatal para Joseph, seu pai, que, não fosse pela presença de Jhasua, talvez não tivesse podido resistir. Todos compreenderam isso.

Mas a clara lucidez do jovem Mestre e seu domínio sobre todas as forças benéficas, que, nesses casos, atuam para transformar em serena paz as maiores dores, de tal maneira inundaram a alma justa e nobre do ancião que foi para todos um verdadeiro assombro vê-lo caminhar tranqüilo, apoiado em Jhasua, quando o cortejo mortuário se encaminhava para as grutas sepulcrais nos subúrbios de Nazareth.

– Este bom filho era muito querido para mim – disse o ancião aos amigos que o acompanhavam em seu séquito –; no entanto, estou convencido de que era já um fruto maduro, uma flor chegada à plenitude, e que o Senhor a queria para si. Passou pela Terra sem que o pó da vida se prendesse às suas roupas, e estou certo de que me espera no seio de Abraham.

Myriam estava inconsolável. Jhosuelin havia sido para ela como um verdadeiro filho, que, junto com Ana, receberam dela os mais ternos mimos, pois eram os menores que ela encontrou ao entrar no lar de seu esposo Joseph.

– Mãe! ... Mãe! – disse Jhasua, procurando consolá-la. – Não causemos sofrimento ao nosso meigo e amado Jhosuelin com o nosso desconsolado pranto. Se ele não fez outra coisa na vida senão amar e servir a todos enquanto suas forças o permitiram e, como tal é a Lei Divina, devemos, com razão, pensar que o Senhor o levou para o seu Reino a fim de coroar a sua vida com o prêmio do seu Amor que é luz, paz e felicidade eterna.

"Deixemos o desconsolo e o pranto para os que acompanham até a cova um pobre ser que causou sofrimento a muitos, que semeou de obras más o seu caminho, que não teve sentimentos de bondade e de amor para ninguém e que sacrificou tudo e todos aos seus interesses de fortuna e de engrandecimento pessoal. Esses sim são merecedores do pranto e da aflição, porque serão encerrados em geladas trevas por muito tempo ... Mas o nosso Jhosuelin, mãe, era uma flor de ternura e suavidade até para com o mais humilde trabalhador ou criado da casa. – E com comovedora alusão a todas as ações e obras do jovem desaparecido, Jhasua procurou levar a paz e a quietude às almas que, naquele bendito lar, o haviam amado tanto.

A terna e meiga Ana via desaparecer Jhosuelin, o mais íntimo confidente de suas tristezas e esperanças. Transformada num pequeno monte de angústia, chorava num sombrio recanto de sua alcova.

Jhasua procurou-a e foi até ela. Sentou-se ao seu lado e abraçou-a ternamente, enquanto lhe dizia:

– Agora serei junto de ti, simultaneamente, Jhosuelin e Jhasua. Dois irmãos em um só. Queres, Ana, que eu faça ao teu lado quanto fazia Jhosuelin?

"Não me rechasses, Ana, minha irmã, porque então causar-me-ás aflição em pensar que me queres muito pouco!"

Chorando amargamente, Ana abraçou-se a ele, e seus angustiosos soluços ressoaram por toda a casa. Myriam, que a ouviu, aproximou-se de Joseph que, sentado em sua poltrona, lia o livro de Job: "O Senhor o deu a mim, o Senhor o levou ... Bendito seja o Seu Santo Nome."

Quis acalmar o inquiridor e ansioso olhar de Joseph a ouvir comovido aqueles profundos soluços.

– É Ana! ... – disse Myriam. – Para ela, Jhosuelin era o anjo guardião. Os dois se compreendiam tanto que ele até parecia adivinhar os pensamentos dela!

– Para quem este filho não era bom? ... – acrescentou o ancião afogando também um soluço. – Contudo Jhasua ocupará, para todos nós, o lugar de Jhosuelin. Oh, sim! ... Jhasua consolará a todos, porque é capaz de amar mais do que todos nós juntos. Os anjos de Jehová estão em festa, porque mais um entrou no Reino de Deus. Jhosuelin me espera, Myriam, porque eu não demorarei muito a ir ter com ele.

– Também tu? ... – exclamou a desconsolada mulher. – Porventura não mereço nada?

– Sim, mulher. Mereces tudo e terás talvez a felicidade e a glória de ver o triunfo de nosso grande filho, o Profeta de Deus, antes de abandonar esta vida.

"Se eu tenho o dobro da tua idade, como poderemos pensar que eu possa viver na Terra tanto quanto tu? Vamos, compreende, minha menina, e vamos juntos ao cenáculo para esperar aqueles que chegarão para as preces. Já é chegada a hora e estamos no terceiro dia dos funerais."

Enquanto estavam ali, entraram Ana e Jhasua, que haviam conseguido um triunfo completo sobre aquela angustiosa dor. A jovem parecia serena.

Pouco depois chegou o tio Jaime e os demais familiares, que, durante sete dias, compareceriam à casa para fazer em conjunto as preces e honras fúnebres costumeiras.

A morte física do justo deixou paz e serenidade nas almas daqueles a quem ele amava, porque a Bondade Divina permitiu fosse ele mesmo o consolador dos que choravam a sua ausência.

Se toda a humanidade compreendesse que, acima de todas as coisas, Deus é Amor e que tão-só pede a seus filhos amor para redimi-los e salvá-los, outros horizontes seriam vislumbrados nesta hora de ansiedade e de sombria incerteza.

A presença espiritual de Jhosuelin se fez sentir nos mais sensitivos. Jhasua o havia chamado com o pensamento para consolar os seus, e a alma do justo aproximou-se cheia de ternura junto daqueles que ainda choravam por ele. Myriam, Ana e o tio Jaime sentiram as mesmas palavras:

"Sou tão feliz que o vosso pranto não tem razão de ser. Quereis ver-me sempre atormentado com o esgotamento físico e a fadiga do coração? ... Tendes Jhasua, que encherá, até transbordar, todo o vazio que a minha ausência deixou ao vosso lado."

Os demais apenas sentiram grande paz e tranqüilidade, inefável consolo e a certeza de que aquele por quem choravam era feliz, e limitaram-se a dizer: "Jehová o levou muito cedo para o seu Reino, porque era justo e porque, na manhã da sua vida, se fez grande pelas suas boas ações. Bendito seja o lar que teve um filho como esse."

A Jhasua disse algo mais no mais íntimo do seu espírito luminoso:

"No outono, o nosso pai deixará o plano físico. Será bom não te afastares do lar até que esse fato se consuma."

O Mestre recordou que o verão apenas havia começado, e que o outono viria depois ... Quão breve era pois o tempo da vida física que restava para o seu pai!

Elevando a voz para terminar as preces dessa noite, disse:

"Altíssimo Senhor dos mundos. Que Tua Soberana Vontade se cumpra acima de todas as coisas, e que estas tuas criaturas sejam capazes de aceitá-la cheias de gratidão e de amor! Damos-Te graças pela paz e pela felicidade que derramaste sobre o nosso irmão, e rogamos que a mesma seja também derramada sobre nós quando quiseres chamar-nos para o Teu Reino Imortal."

– Assim seja – responderam todos, e se despediram até o dia seguinte, quando continuaram o setenário das honras fúnebres.

No dia imediato, Jhasua teve uma longa confidência com o tio Jaime, o qual, junto com Jhosuelin, tinham sido os dirigentes e administradores da oficina de Joseph. Pôs-se a par do estado em que se encontravam as finanças do pai. Viu que não havia muitas dívidas, os contratos existentes estavam em fase de conclusão dos trabalhos iniciados e tinha a obrigação de entregar tudo a curto prazo.

Combinou secretamente com o tio Jaime para não aceitar mais contratos e mandar suspender novas remessas de madeiras do Líbano. Comprovou que aos filhos de Joseph, que estavam casados, já lhes havia sido entregue o seu patrimônio. O dote de Ana fora apartado do conjunto dos haveres para quando ela se casasse. Somente faltava tirar o patrimônio de Jhasua; no entanto, ele renunciou nesse instante em favor de sua mãe, por intermédio de um documento que firmou e encerrou na pequena arca de carvalho na qual Joseph guardava documentos e valores.

Encontrou num pequeno cofre a parte, em cuja tampa se lia: "Tesouro de Jhasua", o donativo em ouro que ano após ano lhe tinham feito os amigos que o visitaram no berço: Melchor, Gaspar e Baltasar.

Contou os vinte e um talentos que prometera à Santa Aliança, e o resto juntou aos haveres de seus pais.

O tio Jaime presenciou toda essa cena em silêncio até que Jhasua lhe perguntou:

– Por quanto tempo julgas dará tudo isto para a manutenção da vida de minha mãe?

– Pensas assim porque estás julgando que todos os homens desta casa vão morrer? – perguntou alarmado o bom homem.

– Meu pai e eu morreremos antes dela. Apenas tu ficarás ao seu lado, é por isso que faço esta pergunta.

– Jhasua! ... A morte de teu irmão deixou-te fúnebre demais, e estou prestes a ficar aborrecido contigo – reprovou o tio.

– Compreende-me, tio Jaime! ... Eu te peço, compreende! Sou um Missionário do Amor Eterno e pertenço à humanidade. No entanto, como desejo também ser um bom filho, quero colocar em ordem todas as coisas, de tal forma que a subsistência de minha mãe fique assegurada.

– Fica tranqüilo, Jhasua – disse o bom tio Jaime –, que unicamente com as terras anexas ao horto desta casa tua mãe terá o suficiente para viver folgadamente.

"Além disso eu estou aqui, e creio que não quererás fazer-me também morrer logo. Tudo isto me faz crer que recebeste em aviso de que o teu pai morrerá dentro de pouco tempo. Não é assim?

– Sim, tio Jaime. É isso mesmo. Ele deixará a vida material no próximo outono, e é bom que esse acontecimento não nos apanhe desprevenidos. É esse o aviso que tenho.

– Então, se estiveres de acordo, começarei a fazer ligeiras viagens às cidades vizinhas, onde há trabalhos ainda pendentes de pagamento. O bom Jhosuelin concedia sempre prazos extras aos mais morosos.

"O bom Essênio não pode jamais pôr um punhal no peito do devedor para exigir o pagamento.

"Convém que cada qual exija o que é seu e perdoe quando o devedor estiver passando por circunstâncias prementes."

O tio Jaime iniciou suas viagens às cidades galiléias onde havia devedores de Joseph, e Jhasua consagrou-se inteiramente aos pais e à irmã Ana. Durante as noites, sozinho em sua alcova, escrevia longas cartas a seus amigos espalhados por diferentes lugares, para incentivar o entusiasmo pela Santa Aliança, salvadora de Israel. Ele mesmo as entregava nas caravanas que se detinham junto ao poço de Nazareth.

Suas formosíssimas palestras sobre a vida no plano espiritual, a conformação dos mundos de luz destinados às almas justas, a infinita bondade de Deus, que dá cem por um aos guardadores da sua Lei, a coroa de luz e a felicidade reservada aos que tenham amado ao próximo como a si mesmos, foram preparando Joseph para a sua próxima partida ao mundo da Luz e do Amor.

Ouvindo encantada o que o filho dizia, Myriam comentou algumas vezes:

– Mas poderemos merecer outro céu mais formoso que este?

Myriam jamais pôde esquecer aquele outono, aos 22 anos da vida de Jhasua, no qual conheceu a mais intensa felicidade espiritual.

Apoiado no braço do filho, passeava o ancião Joseph pelos caminhos do horto, iluminados pelo sol da tarde naqueles dias de verão, e também pela lua nas plácidas noites galiléias cheias de suavidade e de encantos. Na verdade, a promessa de Jhosuelin se cumprira, e Jhasua preenchia, até fazer transbordar, o vazio deixado por ele.

Em virtude da avançada idade, desenvolveu-se em Joseph, nessa temporada, grande faculdade clarividente, preparando-o ainda mais para a próxima entrada no plano espiritual. Joseph desfrutava de formosas visões que Jhasua explicava logo a seguir, de acordo com os estudos feitos nos Santuários Essênios. Viu ele claramente algumas de suas vidas anteriores, relacionadas com os atuais familiares, sobretudo com Myriam, Jhosuelin e Jhasua, aos quais se havia unido desde épocas distantes.

O bom tio Jaime ia e voltava das cidades vizinhas trazendo os valores, fruto do trabalho daquela oficina, conhecida em toda a região, como a casa de confiança onde todos podiam estar certos de que jamais seriam enganados. Se alguns devedores não tinham podido pagar, trazia deles a promessa escrita de efetuar o pagamento num novo prazo combinado sempre com benevolência.

Quem poderia atrever-se a enganar o ancião Joseph que, durante toda a sua vida de 80 anos, havia sido a providência vivente de todos os aflitos em situações dolorosas?

Assim passaram-se os meses de verão em inalterável paz e contínua felicidade, deixando às vezes Myriam alarmada.

– Será possível, Jhasua, meu filho, que tenhamos dois céus, um aqui e outro depois da morte? – perguntou ao Mestre quando a paz e a felicidade transbordavam de seu coração.

Então ele, sentado como um pequenino num tamborete aos pés de Myriam, disse:

– Mãe, segundo o teu parecer, que deve fazer o lavrador quando vê florescer seus campos de trigo dourado e os hortos com toda espécie de frutos?

– Recolhê-los e guardá-los para quando ocorrem anos de escassez e carestia – respondeu ela.

– Pois bem, minha mãe, desta maneira deve proceder a alma humana quando vê seus horizontes inundados de glória e de luz, quando sua fonte está transbordante de água clara e a paz de Deus flutua sobre o seu horto, fazendo-o florescer: recolher

todas as bênçãos divinas e nos fortalecermos com elas para quando a Vontade do Pai Celestial, manifestada em circunstâncias especiais, tenha por bem provar o nosso amor por Ele, e a fé em Suas promessas eternas.

Chegou a festa da Páscoa, e Joseph pensou em ir a Jerusalém com a esposa e Jhasua. Uniram-se a eles os familiares e amigos, ficando seus lares aos cuidados de alguns criados de confiança, enquanto durasse a ausência.

Essa viagem, conhecida já pelo leitor que nos acompanhou em outras idênticas, não ofereceu nenhum outro incidente além do encontro com alguns enfermos infecciosos quando saíam ao caminho com o fim de implorar piedade aos viajantes. Curados pela força espiritual extraordinária do Profeta de Nazareth, seguiram viagem até a cidade santa, junto com ele.

A todos Jhasua falou do mesmo modo: "Exijo como única recompensa o vosso silêncio. Jerusalém é formosa, grande e forte como David e Salomão, que a ergueram sobre os Montes Moriá e Sião; entretanto, nela são sacrificados os servos do Senhor.

"Não é que eu tema a morte, mas eu a desejo tão-só quando o nosso Pai Celestial a quiser. Não podemos provocá-la nem buscá-la, a não ser quando seja chegada a hora, e a minha ainda não soou."

Quase todos os curados por ele foram fiéis a essa promessa, e assim se explica por que o Divino Salvador pôde chegar aos 30 anos de existência sem haver transcendido sua fama de Profeta e de taumaturgo às altas esferas do sacerdócio e do doutorado de Israel.

Alguns vagos rumores chegaram algumas vezes ao Grande Colégio de Jerusalém, e aos pórticos do Templo; no entanto, os mais célebres doutores judeus silenciavam tudo com a sua depreciativa frase habitual: "Não percamos o tempo em prestar atenção a tais rumores. Porventura saiu alguma vez algo bom da Galiléia?"

E da Galiléia saiu o mais radiante sol que haveria de iluminar os caminhos da humanidade terrestre, ficando o velho povo judeu, como um árido penhasco, mergulhado nas trevas, em razão da dureza do seu coração fechado a toda renovação.

"Toda luz deverá sair de Jerusalém", era o axioma inalterável dos sábios Doutores e Sacerdotes de Israel que, no seu cego orgulho e prepotência, chegaram a pensar que o Supremo Criador dos mundos sujeitava a Sua Vontade a deles. Tremendo erro que levou ao ridículo a maioria dos filósofos e sábios dogmáticos, cujas afirmações e premissas foram varridas como folharada seca pela Eterna Lei da Evolução e pelas descobertas científicas de toda ordem a derramar claridade de evidência, de lógica e de inegáveis verdades no caminho da Humanidade.

Na Cidade dos Reis

Novamente encontramos Jhasua em Jerusalém, no último terço do ano 22 da sua vida.

Outra vez o deparamos no velho casarão de Lia, a honorável parenta viúva, que com tanto amor sempre os hospedara desde a primeira infância do Homem-Luz.

Com o ancião Joseph apoiado em seu braço, Jhasua percorreu aquele imenso horto, onde cerejeiras, amendoeiras, vinhas, figueiras, romãzeiras de flores vermelhas e oliveiras centenárias ostentavam com orgulho em seus troncos as gravações que

Jhasua menino imprimira nelas, para recordar datas que, para ele, pareciam muito importantes: a queda de um ninho de calhandras da copa de uma cerejeira, cujos filhotes piavam desaforadamente pedindo alimento; a morte do velho jumento cor de canela, sobre cujo lombo passeava pelos caminhos do horto; sua própria queda dos ramos de uma figueira onde se havia escondido com grande ressentimento, por causa de uma repreensão de Lia, que o encontrou dando aos tordos os mais formosos cachos de uvas. Jhasua, já homem, carregado com o peso da Humanidade, riu como um menino ante essas lembranças, e também fez rir ao seu pai ancião, ao qual referiu alegremente a história de cada uma dessas ocorrências.

Encontrou todos os seus amigos da grande capital com alguns desentendimentos entre eles e os componentes da Santa Aliança. Essas discórdias ocorriam porque os íntimos de Jhasua, que eram os dirigentes, procuravam conter com um freio duro os imprudentes entusiasmos bélicos dos mais veementes.

Havia contínuas rixas entre alguns dos filiados e os soldados da guarnição romana que guardava a Torre Antônia, a Cidadela e o Palácio do Monte Sião, residência do Sumo Sacerdote e do representante do César na Judéia que, como se recordará, fora retirada de Arquelau, filho de Herodes, e colocada diretamente sob a autoridade do governador romano.

José de Arimathéia e Nicodemos, que eram, como Gamaliel e Nicolás de Damasco, a autoridade mais reconhecida da Santa Aliança, não conseguiam acalmar os ardores bélicos de muitos filiados que, a todo custo, queriam romper lanças com os intrusos dominadores de Israel e com os representantes do Sinédrio que os toleravam amistosamente.

Para celebrar aniversários da família imperial, ou datas gloriosas para suas legiões ou frotas marítimas, eles engalanavam as fachadas dos edifícios públicos com brilhantes escudos orlados com bandeiras e galhardetes, com as águias romanas e com as imagens dos heróis ou personagens consagrados. Isto punha fora de si alguns dos filiados demasiado extremistas em seu patriotismo judeu e, altas horas da noite, derrubavam toda essa ornamentação que, no dia seguinte, aparecia feita em pequenos pedaços ou jogados, escudos e insígnias, nos muladares, fora da cidade, onde desaguavam os aquedutos com todo tipo de imundície.

Nos lugares mais públicos e destacados, começaram a aparecer inscrições feitas com piche: *"Para a forca com os tiranos"*, *"Fora os invasores"*, *"Apedrejamento para os traidores do Templo e da Lei"*, etc.

Dessas atuações, resultou ser empreendida uma maior vigilância, até que a autoridade romana conseguiu identificar alguns dos autores que foram detidos e postos nos calabouços da Torre Antônia incomunicáveis e por tempo indeterminado. Jhasua recebeu, pois, de seus amigos, esse doloroso informe. Os detidos eram trinta e seis, e seus familiares, como é natural, estavam desesperados e culpando a Santa Aliança como causadora de todo esse mal.

Para evitar as denúncias que as famílias pudessem efetuar nesse sentido, os dirigentes viam-se forçados a sustentá-las com os fundos preparados para o glorioso futuro que todos esperavam. Eles acalmavam a todos com a promessa de conseguir brevemente a liberdade de seus cativos. Mas, como cumprir esta promessa sem delatar a si mesmos como aliados dos culpados da rebelião contra a suprema autoridade do César?

Estavam nessas circunstâncias, quando Jhasua chegou a Jerusalém com seus pais, Ana, sua irmã, e outros familiares.

– Aí tendes o mal que resulta confundir num só o *Reino de Deus com o reino da*

Terra – esclareceu Jhasua. – A Santa Aliança tem por objetivo e finalidade engrandecer as almas, iluminar com o Divino Conhecimento as Inteligências para poderem ser melhores, mais justas, mas desinteressadas e para serem também mais capazes de união e fraternidade, que é o que dá aos povos a força para conquistar a própria liberdade.

"A rebelião contra uma força cem vezes maior que a vossa não pode levar senão a uma ruína muito maior que aquela que deplorais.

"Isto significa que nas vossas fileiras há muitos que não compreendem a elevada finalidade da Santa Aliança nem o seu principal objetivo: 'A união de todos sob uma só força diretriz, à qual podemos denominar *disciplina moral, mental e física*, para chegar ao fim a que nos propomos.'

"Isto significa também que, se esses exaltados filiados da Santa Aliança chegassem a ter o poder e a força em suas mãos, agiriam exatamente da mesma maneira que seus adversários: através da violência, imporiam sua vontade e seus modos de ver, e seriam outros senhores, tão tiranos e déspotas como aqueles que procuravam atirar por terra."

Jhasua averiguou imediatamente e soube que o Comandante da guarnição da Torre Antônia era novo em Jerusalém. O oficial por ele curado havia sido transferido para a fortaleza da Porta de Jaffa, denominada Cidadela; porém, era genro do Comandante da Torre Antônia.

Jhasua foi visitá-lo causando-lhe com isso enorme satisfação. Imensamente agradecido, tudo lhe parecia pouco para o Profeta nazareno que o fez voltar à vida. Estava recém-casado e jurara à esposa que jamais voltaria a tomar parte nas carreiras do circo.

O Mestre expôs a aflição dos familiares dos trinta e seis encarcerados na Torre Antônia e consultou-o para saber se seria ou não conveniente pedir piedade por eles.

– O caso é grave – respondeu o oficial romano – porque jogaram no muladar um busto do César e todas as águias dos escudos, símbolo da grandeza imperial. Ocorre que meu sogro está horrivelmente desesperado porque seu filho único varão foi contaminado pela lepra. Fez vir os médicos mais notáveis da Pérsia e de Alexandria, e o mal avança assustadoramente. Já está a ponto de perder os dedos das mãos e o lábio superior.

"És Profeta. Se puderes curá-lo, fica certo de que dar-te-á tudo quanto pedires. O moço perdeu uma formosa carreira, pois era companheiro favorito de Druso, o filho do César, na Academia Militar e nos jogos atléticos."

– Eu agradeceria imensamente se me apresentasses a ele – disse Jhasua –, e isto será outra obra digna de um homem justo que embelezará a tua vida.

– Vamos agora mesmo – disse ele. – O infeliz e desesperado pai receber-te-á como a um deus do Olimpo.

Ocorreu exatamente assim.

– Aqui tens um Profeta nazareno que cura a lepra – disse o genro ao seu sogro. Como bom romano da época, tinha este grande desprezo pela raça hebréia; no entanto, a dor de perder o filho, ao qual se via obrigado a manter encerrado na cela dos leprosos, num afastado recanto da própria Torre Antônia, abrandou-lhe o coração.

– És médico? – perguntou.

– Sim, Comandante – respondeu Jhasua. – Meu Deus, o Deus de todos os Profetas de Israel, deu a mim o poder de curar as enfermidades para as quais a ciência se declarou impotente. Teu genro falou-me do teu filho leproso. Aqui estou à tua disposição.

– Tenho a esclarecer – acrescentou o genro – que foi este Profeta quem salvou a minha vida quando estive a ponto de perecer em conseqüência daquele acidente no Circo.

O Comandante abriu grandemente seus olhos para examinar Jhasua e observá-lo mansamente.

– Mesmo que me peças tudo quanto tenho e quanto sou, incluindo que renegue ao César e às águias, farei tudo, Profeta, se salvares o meu único filho.

– Nada disto vou pedir-te, a não ser que faças obras agradáveis ao meu Deus, que é amor e justiça – respondeu Jhasua.

– Vamos – disse o Comandante, e os três seguiram por longas passagens e corredores, pátios e escadas, até chegarem a uma bolorenta torre das muitas que flanqueavam os muros daquela formidável fortaleza.

Penetraram numa sala que era como a antecâmara da chamada "Cela dos Leprosos". O leitor compreenderá perfeitamente que esse compartimento era destinado unicamente aos atacados que pertenciam às famílias romanas aristocratas, ou muito amigas, ou aliadas delas. A ralé dos leprosos era arrojada fora dos muros da cidade, e se refugiava nas grutas do Monte do Mal Conselho, já nosso conhecido.

O Comandante abriu o postigo gradeado e, através dele, olhou para o interior da sala contígua. Depois, convidou Jhasua a olhar também.

Aquela sala estava bem iluminada e mobiliada, mas cheia de pó e de teias de aranha. Quem poderia atrever-se a entrar para fazer a limpeza?

Na parede defronte ao pequeno postigo, via-se um bom leito encortinado de amarelo, com excelentes mantas de lã, cobertores de pele e almofadões de seda. Junto à porta em que se abria o postigo, Jhasua viu uma mesa sobre a qual, do próprio postigo, poder-se-ia deixar os alimentos e a água. O enfermo estava recostado no leito e parecia dormir. Aparentava ser um jovem de 20 anos, de alta estatura e que, graças aos grandes cuidados na alimentação, não parecia muito extenuado pelo mal.

– Abre-me a porta – pediu Jhasua com muita simplicidade.

– Mas, como? ... Atreves-te a entrar? – indagou assombrado o Comandante. – Sua própria mãe, quando chega a este postigo, olha chorando para o filho, deixa-lhe os melhores alimentos e frutas, o mais delicioso vinho, mas jamais me pediu que lhe abrisse a porta!

Jhasua sorriu docemente e voltou a pedir:

– Abre-me a porta.

– Abre – acrescentou o genro, vendo a vacilação do sogro. – O Profeta é vencedor da morte, e os males dos homens não chegam até ele.

– Grande é a tua fé – disse-lhe o Mestre – e hei de tê-la em conta.

A porta foi aberta, e Jhasua penetrou com grande pressa na alcova do leproso.

Seus dois companheiros espiavam pelo postigo.

– Paulo Cayo! – disse o Mestre em voz alta.

– Oh! – exclamou o Comandante. – Quem lhe disse o seu nome? Foste tu?

– Que haveria de dizer? ... Nem sequer mencionei coisa alguma do teu filho, mas tão-só que estava leproso.

O jovem sentou-se na cama e olhou para Jhasua com olhos espantados.

– És também leproso? – perguntou.

– Não, graças a Deus. Venho para curar o teu mal.

O jovem soltou uma gargalhada, mescla de pouco-caso e de ira e, voltando-se para a parede, deitou-se novamente.

– Meu filho – disse o Comandante do postigo. – Ouve as palavras deste justo. Ele é o Profeta que curou o teu cunhado quando houve o acidente do Circo.

– Paulo Cayo! – voltou a chamar o Mestre, e sua voz devia ter tão grande força que o jovem saltou do leito e se colocou frente a frente com Jhasua. Estendeu as suas duas mãos arroxeadas e já cheias de pequenas inchações, anunciadoras das primeiras pústulas que iriam destroçá-las.

– Que queres de mim? – perguntou com febril ansiedade.

– Que acredites no poder que o meu Deus colocou em mim, para devolver-te a saúde e a vida! – exclamou o Mestre, com a voz tão sobrecarregada de energia divina que causava estremecimento.

– Creio, creio, creio no poder do teu Deus, Profeta! ... – gritou o enfermo. O pai caiu de joelhos no umbral da porta entreaberta e também disse:

– Creio, creio no poder do teu Deus, Profeta!

Jhasua concentrou-se em si mesmo, estendeu as mãos sobre o leproso e disse:

– Meu Pai! ... Mostra a este homem sem fé que sou o teu filho, ao qual transmitiste os teus poderes divinos sobre todas as dores humanas. Paulo Cayo! Meu Deus quer que sejas curado!

O jovem caiu desfalecido sobre o leito, como ferido por uma corrente elétrica.

– Mataste-o? – perguntou gritando o pai.

– Não, Comandante. Foi morto apenas o mal que o consumia. Entrai sem medo algum, porque já não existem aqui germes da lepra.

Do corpo de Paulo Cayo haviam desaparecido todos os vestígios da horrível enfermidade.

– Chamai a sua mãe – disse Jhasua. – É obra de misericórdia afastar do seu coração a angústia que a está matando.

O oficial correu ao pavilhão habitado pela família e voltou trazendo apressado uma mulher aflita que acreditava estar vindo para presenciar a agonia do filho.

– Nosso filho está salvo – disse-lhe o marido abraçando-a e aproximando-a do leito do jovem que continuava em letargia. A mulher continuava chorando.

O Mestre misturou água com o vinho das ânforas que estavam sobre a mesa e, molhando os dedos, sacudiu-os sobre o rosto do jovem várias vezes.

– Paulo Cayo! Desperta que teus pais te esperam.

O jovem abriu os olhos e logo sentou-se. Olhou para as mãos e para os braços. Abriu a túnica e examinou o peito.

A mãe não pôde resistir mais e se arrojou sobre ele, cobrindo-o de beijos e de lágrimas.

Havia passado vinte meses sem se aproximar do filho, que a lepra arrebatara dentre os seus braços.

O Comandante levou Jhasua ao seu suntuoso aposento na fortaleza e exigiu que ele dissesse qual a recompensa desejada.

– No que diz respeito a mim mesmo, já estou amplamente recompensado. Acaso não é minha a felicidade da qual vos vejo transbordantes neste instante?

– Mas, na verdade, nada desejas para usufruíres, ou para os teus familiares? És muito jovem. Deves ter mãe, esposa e irmãos. Pede algo para eles, se realmente não queres nada em teu benefício – insistiu o Comandante.

– Tenho pais e irmãos, mas, graças a Deus, eles não necessitam de nada, pois têm saúde, paz e alegria em abundância. Tenho outra família que padece, e que não é do meu sangue. Para eles, sim, peço a tua clemência e a tua piedade.

– Fala, Profeta de Deus! Seja o que for, já está concedido!

– Peço clemência para os trinta e seis israelitas rebeldes mantidos encarcerados nesta Fortaleza.

– Causaram tanta desordem e ofensas ao César! ... – respondeu o Comandante pesaroso.

– Sei tudo isso, e não estou de acordo com nada do que fizeram. Agiram mal,

pois não são esses os caminhos por onde a nação hebréia conseguirá a liberdade. Entretanto ... Comandante! ... não é aos justos que se deve perdoar, mas aos delinqüentes. Pelo fato de terem pecado contra a autoridade do César é que peço piedade para eles.

– Profeta de Deus! ... Não me é possível negar-te coisa alguma! Hoje mesmo serão postos em liberdade.

Chamou um subalterno e mandou trazer os trinta e seis presos, em sua maior parte menores de 20 anos. Alguns estavam entre os 22 e os 25 anos. Todos tinham presa aos pés uma corrente que apenas lhes permitia dar pequenos passos.

– Este é um Profeta do vosso Deus e me pede a vossa liberdade! – disse-lhes o Comandante.

– Jhasua! ... O Filho de David! ... Nosso futuro Salvador! ... – exclamaram várias vozes ao mesmo tempo.

– Sim, o vosso Salvador da condenação na qual caístes em razão de vossa própria imprudência – disse Jhasua com severidade. – Por que vos entregastes a esses atos de violência que nada conseguem, a não ser piorar a situação do povo hebreu? As provas enviadas por Deus são expiações de vossos erros, e é preciso suportá-las com dignidade e valor.

"O Comandante, aqui presente, concedeu-me a vossa liberdade, a qual se tornará efetiva mediante a promessa de que sereis dóceis às normas determinadas pelos vossos dirigentes, diante da eventualidade do domínio estrangeiro sobre o país.

– Nós o prometemos – disseram todos –, com a condição de que os soldados não nos provoquem com sangrentos desprezos, chamando-nos de *cães de Israel*, de *mutilados miseráveis*, de *esterco das estrebarias*, etc., etc...

– Meus soldados dizem isto? – perguntou gritando o Comandante encolerizado.

– Sim, senhor, e outras coisas muito piores, que um homem não pode agüentar sem lançar-lhes uma pedra na cabeça.

– Bem. De hoje em diante as coisas mudarão. Eu respondo pelo respeito da minha guarnição para com o povo e o Profeta responde pelo vosso respeito para com a autoridade do César. Estamos de acordo?

– Completamente – respondeu Jhasua, acompanhado em coro pelos trinta e seis presos.

"Nosso Deus vos quer livres e justos – exclamou o Mestre em voz alta. – Ide para as vossas casas."

O presos começaram a andar deixando no pavimento as correntes que estavam rebitadas em seus pés.

– Por Júpiter Olímpico! ... – gritou o Comandante. – Que significa isto? ...

– Comandante!... Foi mais difícil matar a lepra que corroía o corpo do teu filho, que abrir as cadeias atadas aos pés dos cativos.

"Meu Deus, o Deus dos Profetas de Israel é o Senhor de tudo quanto existe – disse Jhasua. – Não existe outro poder que iguale ao seu.

– És um mago poderoso, e te tornarás Senhor do Mundo! – exclamou o austero militar entre espantado e alegre. – Estou tentado a esquecer os deuses do Olimpo pelo teu Deus, Profeta de Israel!

– Faze como estás dizendo e serás muito feliz – disse Jhasua, e saiu atrás dos presos já livres.

O Comandante continuou observando o Mestre com olhos assombrados.

– Estais espantados de ver abertas as vossas cadeias? Se é tão grande o poder do nosso Deus, por que não esperais tranqüilamente até que, tornando-se Israel digna de obter a liberdade, possa Ele concedê-la? Lembrai sempre que Ele vos tirou da prisão uma vez; entretanto, Ele não está obrigado a vos libertar outra vez mais. A hora do Senhor chegará quando Ele quiser, e nós, que somos as suas criaturas, devemos esperar pelo cumprimento de seus desígnios. O Pai Universal agiu da maneira como vistes, para que os nossos dominadores saibam que, quando Ele assim o desejar, os varrerá da face da Terra como folhas secas levadas pelo vento. Ide pois em paz para tranqüilizar vossos familiares, e usai de prudência e cautela quando relatardes a vossa saída do presídio. O silêncio é sempre o melhor aliado dos oprimidos.

Entre os presos recentemente libertados havia um sobrinho de Eliacin, tio de Shipro, que, junto com seus pais e irmãos, trabalhava num dos olivares e vinhedos do príncipe Judá, que o leitor já conhece. Esse jovem correu ao Palácio de Ithamar e mencionou ao tio o que acontecera na Torre Antônia. Quando nessa tarde Jhasua foi visitar os seus amigos, verificou que já estavam a par do segredo.

Hach-ben Faqui preparava a viagem de regresso a Cirene, sua cidade natal, onde seu pai aguardava com urgência, pois o ancião Amenokal, dos tuaregues, havia morrido. A Rainha Selene, esposa do poderoso soberano do grande deserto do Saara, reclamava a presença de todos os seus chefes na fortaleza de rochas perdida entre as dunas do deserto.

Faltavam mais de quatro meses para a celebração das bodas de Thirza e Nebai, e isto dava tempo de sobra para ir e voltar para cumprir a sua palavra. Por seu intermédio, Jhasua enviou cartas a Filon de Alexandria e ao príncipe Melchor relatando tudo quanto ocorrera em Antioquia, sem esquecer a partida de Baltasar para o Reino das Almas. Convidava-os a virem a Jerusalém, como ele se encontrava disposto a passar ali todo o outono por motivos de família. Considerava-os fortemente ligados a ele na obra salvadora de Israel e do mundo inteiro, e era de parecer que deviam fortalecer essa aliança com acordos e resoluções que ainda faltavam tomar.

Judá acompanhou Faqui até o porto de Áscalon, onde tomou o primeiro barco que zarpou rumo à cidade de Alexandria.

O jovem e veemente africano compreendeu, naquela despedida da família de Judá e dos demais amigos de Jerusalém, quão profundos eram os afetos que o uniam a eles no breve tempo passado no país de Salomão. Com toda a sinceridade de alma, ele disse ao partir:

– Considero como uma segunda pátria o país dos hebreus. Deixo toda a minha alma aqui, onde ficam Jhasua, Thirza e Judá, onde fica Noemi, a mãe substituta daquela que me deu a vida, e onde também ficam os melhores e mais nobres corações que conheci na minha vida.

O amor de Faqui por Jhasua foi fecundo para a evolução espiritual e moral da humanidade que povoava a África do Norte e as margens do Nilo, como veremos mais adiante.

A vida de Jhasua nesta temporada passada com os pais em Jerusalém foi tumultuada, ativíssima e agitada, em face dos grandes esforços desenvolvidos para fazer voltar o sossego e a tranqüilidade aos filiados à Santa Aliança, sem descuidar o seu apostolado de amor fraterno para com os seus semelhantes.

Dia após dia ia se formando no seu íntimo a consciência clara de sua missão de Salvador do Mundo. Ele não viera tão-só para Israel, mas para todos os povos e para todas as raças da Terra.

Com freqüência, Jhasua ia ao Templo para pesquisar nos velhos arquivos os papiros já esquecidos pelos brilhantes doutores desse tempo, que os poucos Sacerdotes Essênios restantes lhe facilitavam, pois conheciam quem os pedia. Simeão havia morrido. Eleázar e Esdras ainda viviam, embora já muito idosos, e somente compareciam ao templo aos sábados para tomar parte nas sagradas liturgias. Era então que, retirados com Jhasua numa das pequenas celas integrantes de parte do próprio templo e destinadas a guardar objetos do culto, tinham longas conversações sobre a verdadeira Lei Divina, da qual o povo se afastara, seduzido pelos doutores e sacerdotes. O espírito do amor a Deus e ao próximo, medula daquela Lei, fora apagado da alma do povo à força de novas leis e prescrições de ordem puramente material, porém aumentadas com tal exagero, que formavam grossos livros, não permitindo que os fiéis terminassem de aprender.

Via-se clara a tendência dos modernos preceptores sacerdotais de se tornarem cada vez mais indispensáveis na vida religiosa e civil dos israelitas em geral.

Por tudo e para tudo eles deviam consultar um sacerdote que pusesse o seu beneplácito a toda situação ou circunstância, sem o qual não podiam continuar suas atividades, de qualquer ordem que fosse.

Uma mancha na pele exigia a intervenção do sacerdote que deveria dizer se aquilo era ou não germe de um mal que tornava o homem impuro.

Tocar as roupas ou objetos que houvessem tido contato com um cadáver exigia a intervenção sacerdotal e oferendas para a purificação. Dificilmente alguém poderia passar um único dia da vida sem que se visse obrigado a reclamar a intervenção do sacerdote para tirar-lhe a impureza contraída por coisas tão insignificantes que já atingiam a estupidez e o ridículo.

Nessas mesquinharias sem importância alguma os fiéis ocupavam toda a atenção da sua fé, e descuidavam naturalmente do fundamento da Lei, que era o amor a Deus e ao próximo acima de todas as coisas.

Um dia em que Jhasua permaneceu no templo nas horas de comparecimento dos fiéis, um Doutor da Lei explicava a seus ouvintes, uma após outra, as inúmeras leis sobre coisas impuras que manchavam o homem, no que diz respeito à comida, à bebida, ao aproximar-se dos sepulcros, dos animais, etc., etc.

– Tu que és Doutor de Israel – perguntou Jhasua ao orador – podes dizer-me quantos foram os mandamentos da Lei dada por Jehová a Moisés?

– És tão ignorante que não sabes isto? Foram dez, e são como se segue – e o Doutor relatou com ênfase os mandamentos do Decálogo.

– E porque corrigiste o escrito de Moisés, acrescentando-lhe esse acúmulo de instruções, regulamentos e leis que é necessário um carro egípcio para carregá-los, e que o povo deve suportar de boa ou de má vontade?

– E quem és tu, para repreender severamente um Doutor da Lei, um membro do Sinédrio, que pode castigar-te pela tua rebeldia? – perguntou o doutor com cólera bem manifesta.

– Sou aquele que pode dizer-te: *Silencia a tua língua que está mentindo perante Deus e o povo.* – E saiu rapidamente do templo diante do assombro de todos, porque o orador fazia esforços inauditos para falar e apenas conseguia arrojar uivos semelhantes ao grasnar dos corvos.

Alguns saíram para lançar pedras no imprudente jovem que alterara a paz do templo, mas só encontraram dois mendigos paralíticos aos quais Jhasua cobrira com o seu manto azul. Eles lutavam para ficar cada qual com uma metade sem perceber

claramente que suas pernas torcidas e defeituosas estavam curadas, pois punham toda a sua atenção naquele manto que pretendiam dividir.

Os que saíram para apedrejar o Mestre caíram sobre aquele vulto azul a se mover tão bruscamente no átrio exterior, pois reconheceram o manto do jovem que repreendera o orador. O assombro foi tão grande quando viram os dois mendigos curados que começaram a correr com o manto azul de Jhasua seguro pelas extremidades, a flutuar ao vento como um pedaço do céu diáfano e puro da Judéia.

– O demônio anda em tudo isto – disseram –, porque é obra de magia negra.

O orador havia recobrado o uso da palavra, e depois de fechar e de guardar os livros, tinha-se prostrado por terra e orava, chorando amargamente.

– Senhor Deus de Israel – disse – o fogo da Gahanna está aceso para mim, porque, conhecendo a verdade, ensinei a mentira. Senhor! ... Tem misericórdia de mim que, do profundo abismo em que me encontro confio nas tuas promessas!...

A Morte de Joseph

Uma noite Jhasua despertou sobressaltado porque julgou sentir a voz de seu pai a chamá-lo.

Correu até sua alcova e encontrou-o profundamente adormecido. Sentou-se ao seu lado e seu luminoso espírito mergulhou na meditação. Pouco depois de estar ali, observou uma branca silhueta transparente esboçando-se junto a ele. Pediu Luz Divina para compreender o enigma. Era o corpo astral ou duplo etéreo do pai adormecido, não sob o aspecto de ancião, mas em plena virilidade.

Jhasua compreendeu o que ele dizia: "Meu corpo dorme sua última noite na Terra. Amanhã, quando o sol estiver no zênite, serei um espírito livre, ansioso de luz e de beleza. Quero dar esse passo tendo as tuas mãos entre as minhas. Ajuda-me a entrar no Reino da Luz." A branca e transparente imagem dissolveu-se sobre o peito de Joseph, e este despertou como procurando algo ao seu redor.

– Oh, Jhasua! ... Estavas aqui? Acabo de sonhar contigo; no entanto, não recordo o que sonhava. Tens o rosto entristecido e teus olhos querem chorar! Que aconteceu?

– Nada, pai! ... Orava, e a Verdade Divina que chegava até aqui me produziu uma intensa emoção – respondeu o Mestre.

– Deve ser muito cedo, pois ainda perduram as sombras da noite – disse Joseph, sentando-se em seu leito.

Jhasua descerrou as cortinas da janela aberta para o horto, e uma pálida luz rosada inundou o aposento.

– É o amanhecer formoso de Jerusalém! – exclamou o ancião, parecendo mais alegre do que nunca.

"Quando o sol se levantar um pouco mais, verei daqui os telhados dourados e azuis do Templo do Senhor. Então recitarás para mim o salmo de ação de graças porque o Senhor me deixa ver a luz deste novo dia."

Fazendo um supremo esforço Jhasua pôde serenar-se a fim de que seu pai não percebesse a sua dor. Ia vê-lo partir do plano físico nesse mesmo dia e uma onda de tristeza lhe oprimia o coração!

– Nesse momento – disse Jhasua – recordo um velho papiro que gostava muito

de ler quando de minha estada no Tabor. Ele menciona as formosas visões do Reino das Almas, tidas com freqüência por um Mestre da Divina Sabedoria, o qual viveu num continente desaparecido sob as águas há muitíssimos séculos. O continente chamava-se Atlântida, e o Mestre, Antúlio.

– E que visões eram essas? – perguntou Joseph.

– Relatarei algumas. Antúlio via diariamente flutuar, como pequenas nuvens brancas sobre a face da Terra, Anjos do Senhor, que ele denominou Círios da Piedade, os quais iam recolhendo da Terra, como flores de um jardim, as almas dos que diariamente deixavam seus corpos para passar aos Reinos da Luz.

"São aos milhares os Círios da Piedade que realizam essa nobilíssima missão: desprender as almas de sua matéria física, já incapaz de manter a vida, para introduzi-las no plano espiritual que conquistaram através de seu grau de evolução. Compreende-se, imediatamente, que tal solicitude e amor é para os justos, que, na Terra, fizeram quanto bem lhes foi possível, em cumprimento da eterna lei do amor de uns para com os outros."

– Estou ouvindo, meu filho, e estou pensando que é ignorância e grande incompreensão ter horror à morte. Não é verdade, Jhasua, que esse Mestre da Divina Sabedoria devia ser um grande Iluminado? – perguntou Joseph olhando placidamente para o filho.

– Claro que era, sem dúvida alguma, e suas formosas clarividências permitiram às nossas Escolas Superiores organizar grandes tratados sobre este assunto, que abre horizontes novos aos buscadores do Eterno Ideal.

Nesse momento apareceu Myriam trazendo uma taça de leite quente com mel e bolos recém-assados para o ancião.

– É tão cedo e já estás aqui, meu filho? – perguntou ela a Jhasua.

– Julguei sentir que meu pai me chamava, e vim.

– Busca o livro dos Salmos, Jhasua, que o sol já está levantando-se – disse o ancião, enquanto tomava o desjejum. – Não te vás, Myriam – acrescentou –, todos juntos daremos graças ao Senhor porque vimos a luz de um novo dia e porque Ele nos encheu de tantos bens e graças.

Jhasua apanhou sobre a mesa o livro pedido por seu pai e, como aquele que vai recolhendo num trigal as melhores espigas, foi escolhendo os mais belos e sugestivos versículos para encherem de suavidade a alma de Joseph, próxima a desprender-se de sua matéria.

O sol subia para o zênite e seus raios caíam sobre as cúpulas douradas do Templo do Senhor. A face do ancião pareceu iluminar-se por serena beatitude, enquanto ia repetindo as frases que Jhasua lia: "Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim clama por Ti, ó Deus, a minha alma! Minha alma tem sede de Deus! Do Deus vivo! Quando aparecerei diante de Deus! Envia-me a Tua Luz e a Tua Verdade, que me conduzirão ao monte da Tua Santidade e aos Teus tabernáculos. Subirei ao altar de Deus, ao Deus alegria da minha felicidade, e Te louvarei com harpa e saltério, ó meu Deus! Espera-me, Senhor, porque ainda tenho que louvar-Te" (Estas palavras encontram-se nos salmos 42 e 43).

Os olhos do ancião continuaram olhando para o raio do sol a resplandecer como brasa viva na cúpula do Santuário, e parecia já não ouvir a leitura do filho, pois sua voz muito baixa e entrecortada continuava repetindo: "Espera-me, Senhor, porque vou a Ti para louvar-Te e bendizer-Te! ..." – Foram estas as suas últimas palavras.

Ligeira sacudidela estremeceu-lhe o corpo e o grande silêncio da morte pareceu envolvê-lo em seu véu de mistério e paz.

Myriam a orar com os olhos semicerrados, nem sequer percebeu o que se passara.

– Recebe-o, Senhor, no Teu Reino de Amor e de Luz, porque ele Te amou acima de todas as coisas e por Teu intermédio amou a seus semelhantes como a si mesmo! – disse Jhasua em voz alta, unindo-lhe as mãos sobre o peito.

Myriam voltou a si da abstração meditativa e profunda ao ouvir as palavras do filho, as quais repetiu com a voz soluçando ao compreender o que ocorrera. Olhou com espanto para a cabeça imóvel do ancião voltada para a janela, cujas pupilas, já apagadas, continuavam fixas para sempre no raio de sol a iluminar o Santuário que, para ele, era a Casa de Deus.

Jhasua beijou aquela venerável testa ainda quente, fechou-lhe os olhos e o recostou novamente no leito.

– Já não tens pai, meu filho! – murmurou Myriam soluçando.

Jhasua abraçou-a ternamente enquanto lhe dizia:

– Eu o tenho no Reino da Luz e do Amor, mãe, onde ele nos aguarda para continuar o salmo de adoração que juntos acabamos de recitar. – E levou-a até o cenáculo, onde chamou a viúva Lia, os criados e alguns familiares que, no outro lado do horto, viviam em seus respectivos lares.

Deste modo esse justo terminou sua jornada terrestre dessa época, talvez a mais feliz que um homem pôde viver no plano físico.

Jhasua viu-se acompanhado pelos seus grandes amigos de Jerusalém e por numerosos componentes da Santa Aliança. Depois das honras fúnebres costumeiras, o cadáver foi dado à sepultura na tumba de David, que o leitor já conhece, em virtude de serem suas imensas criptas um dos pontos das reuniões noturnas para os que sonhavam uma próxima liberdade da nação hebréia.

No Deserto da Judéia

Sussurrou-se algo que podia afetar a segurança de Jhasua. Seu pai fora sepultado na tumba real de David; logo, era um seu descendente.

Se o jovem Profeta que curava leprosos e fazia tantas maravilhas era descendente de David, não seria o Salvador anunciado pelos Profetas? Pela grande praça-mercado da Porta de Jaffa, começaram a correr vozes demasiado vivas para passarem despercebidas aos ouvidos sempre alertas dos príncipes e doutores do Sinédrio.

Os Sacerdotes Essênios deram conhecimento disso a Jhasua, o qual, acompanhado do príncipe Judá, de Simônides e de Shipro, se internou pelo Monte das Oliveiras, atrás do qual começava o árido deserto da Judéia, com seus labirintos de rochas e suas grutas sepulcrais.

Os Essênios tinham ali um refúgio para enfermos da alma e do corpo, e principalmente para os obsecados, que os judeus chamavam de *endemoninhados*. A ignorância fazia com que as pessoas acreditassem que os doentes mentais eram possuídos pelos espíritos do mal, e alguns deles, cuja enfermidade era extremamente violenta e aparentemente dominados por incontível fúria, eram amarrados com correntes às rochas dessas grutas.

Os quatro fugitivos, montados sobre robustos jumentos, que o espírito previdente de Simônides carregou de comestíveis para vários dias, chegaram lá depois de um

dia e uma noite de viagem. Não era tanta a distância quanto emaranhado e tortuoso o caminho, quer contornando rochas escorregadias como vadeando arroios e ramificações ainda persistentes do que, em outras épocas, foi a caudalosa e bravia Torrente do Cédron.

Começava o martírio para o terno coração de Myriam, angustiado ainda pela morte recente de Joseph. Para poupá-la de perguntas indiscretas que pudessem fazer-lhes, na mesma noite em que Jhasua ia abandonar Jerusalém, ela foi levada com Ana e sua prima Lia para o palácio do príncipe Ithamar, onde a boa Noemi, com Thirza e Nebai, encarregar-se-iam de tranqüilizá-la.

Apenas duas semanas durou o desterro dos fugitivos da Cidade Santa, pois o jovem Shipro, que ia e vinha das grutas até a cidade, levou finalmente a notícia de que José de Arimathéia e Nicodemos, juntamente com os seus amigos, haviam desvirtuado aqueles rumores que alarmaram alguns membros do Sinédrio. Eles queriam e esperavam o Messias Libertador de Israel; entretanto, desejavam um Messias dócil a todas as leis, instruções e regulamentos a que submetiam o povo, cuja voz não podia levantar-se senão para oferecer abundantes oferendas e sacrifícios que enriqueciam as orgulhosas famílias sacerdotais.

Jhasua não era, pois, o Messias que o Sinédrio aguardava. Jhasua dizia ao povo: "A liberdade de consciência, pensamento e ação é um dom concedido por Deus à criatura humana; e sempre que essa liberdade não atente contra os direitos do próximo, comete delito aquele que a impede ou a destrói."

Quarenta e dois enfermos mentais, os tais endemoninhados, foram devolvidos ao uso da razão e à sociedade humana nas duas semanas da permanência de Jhasua nas cavernas do deserto da Judéia.

Não acabaríamos o nosso relato se fôssemos contar um a um os intensos dramas que ocorreram naquelas grutas, onde a Energia Divina e o Amor Eterno chegaram transportados por Jhasua, Verbo de Deus, sobre todas aquelas inteligências mergulhadas nas trevas do desequilíbrio mental.

No entanto, para que o leitor tenha uma idéia da obra de amor efetuada nessa ocasião pelo Divino Mestre, relataremos alguns casos:

Um homem de uns 40 anos, cujo extravio mental obrigava-o, a intervalos fixos e muito freqüentes, dar espantosos uivos e se retorcer todo como a se defender de terríveis inimigos que somente ele via. Com paus, unhas, dentes e pedras de afiadas arestas, arremessava-se contra as rochas, os troncos das árvores e até contra as pessoas que ousassem aproximar-se dele quando estava em crise. Causara danos graves a muitos; por isso o mantinham atado pela cintura ao tronco de uma árvore por uma corrente. Para que não causasse danos a si mesmo, construíram no local uma choça de pedras e folhas de palmeira acolchoada de palha.

Outro caso era o de uma mulher de idade madura, cuja mania consistia em cavar sepulturas para enterrar a si mesma, motivo pelo qual precisavam vigiá-la constantemente, pois já a haviam retirado várias vezes, quase coberta completamente por terra e pedras, que ela mesma fazia cair dos bordos da cova aberta.

No seu horrível delírio, ela tinha a impressão de que estava enterrando junto um odiado inimigo que, sem dúvida, lhe causara muito dano. Gargalhadas histéricas, semelhantes a grasnidos de corvos despedaçando um cadáver para devorar, era a impressão que se recebia ao ouvir os gritos dessa infeliz vítima da maldade humana.

Os Terapeutas conheciam alguma coisa da história trágica daquelas vidas atormentadas.

O homem acorrentado havia sido um rico mercador cujas caravanas levavam e traziam mercadorias desde o Mar Vermelho até Jerusalém.

Sua esposa e suas duas filhinhas gêmeas de 12 anos de idade ficavam sempre em Jerusalém durante sua ausência. Um dia, quando chegou de uma viagem, encontrou as três, mãe e filhas, amarradas e amordaçadas no fundo da adega, desnudas e com a pele despedaçada por tantos açoites que as costelas estavam à mostra. As três estavam mortas, e seus cadáveres já em decomposição, deixavam ver bem claro que haviam passado vários dias desde que tudo acontecera. Os ratos tinham despedaçado ainda mais aqueles cadáveres. Qual havia sido o móvel de tão espantoso crime?

Os Terapeutas não o sabiam, e o infeliz demente, em sua incontível fúria, nada sabia dizer a não ser distribuir golpes e lançar pedras para todos os lados.

A mulher que queria enterrar-se viva era louca desde a degolação dos meninos bethlehemitas ordenada por Herodes, o Idumeu, quando os três viajantes do Oriente escaparam de suas mãos sem voltar a dizer-lhe onde estava o Rei de Israel que havia nascido.

Haviam degolado o seu filhinho de um ano. O marido e o pai, que tentaram salvar o menino pela fuga, tiveram o peito aberto a punhaladas e os três foram arrojados numa fossa comum. Sua mania de querer enterrar-se viva parecia obedecer à espantosa recordação que conservava dessa desgraça.

Os demais casos tinham naturalmente uma origem igualmente terrível: perseguições, assassinatos, calabouços que nunca se abriam, despojos, miséria, abandono e morte.

Jhasua, com a sua alma toda Luz brilhando em seus olhos, passou revista em silêncio àquele doloroso cenário de tragédias humanas vividas e sentidas. Escondeu o rosto entre as mãos e desta maneira, sentado como estava sobre um pedaço de rocha, deixou correr lágrimas silenciosas durante longo tempo. Judá e Simônides sentaram-se mudos ao seu lado. O jovem Shipro, com sua terna alma estremecida de espanto, deixara-se cair sobre a palha seca em que Jhasua afundara os pés. As lágrimas ardentes do Filho de Deus feito homem caíram sobre as mãos morenas de Shipro que, ao vê-las, não pôde mais conter-se e, com os olhos cristalizados de pranto, abraçou-se aos joelhos de Jhasua dizendo com a voz entrecortada pelos soluços:

– Príncipe de David! ... Quando eu chorava um dia sobre o pescoço de meu camelo, tu me consolaste, dando-me paz ... Choras agora, Senhor, sobre as minhas mãos abertas aos teus pés e não posso consolar-te!

Jhasua apoiou a cabeça sobre a de Shipro, ao mesmo tempo que lhe dizia:

– Choro, Shipro, pela maldade dos homens, e às vezes falta-me valor para sacrificar-me por eles! Seria como o sacrifício de um cordeiro pelos tigres e panteras da selva.

Simônides e Judá, contendo a emoção que lhes apertava a garganta, aproximaram-se, dele, e Judá disse:

– O homem fala neste instante. Jhasua, Filho de Deus! ... Esperamos que fale Aquele que te enviou aos homens!

Secando as próprias lágrimas, o ancião ofereceu a Jhasua sua redoma com xarope de cereja, da qual nunca se afastava.

– Bebe, meu Senhor – disse. – A grande fadiga sofrida debilitou demais o teu corpo.

O Mestre bebeu um sorvo, sem se lembrar que desde a tarde do dia anterior não tomara alimento algum.

– Curarás todos, ó meu soberano Rei de Israel! E então até as rochas destes montes e as areias deste deserto cantarão a Jehová.

Aproximou-se do grupo um Terapeuta trazendo uma bandeja com pães e taças de leite quente com mel.

– Adivinhaste a nossa necessidade – disse Judá recebendo a bandeja e oferecendo em primeiro lugar a Jhasua. – Não tomamos nada desde que saímos de Jerusalém, ao cair da noite.

– Já o supunha – disse o Terapeuta. – E, para presenciar os quadros que aqui se vêem, é necessário ter bem temperados os nervos e cheio de sangue forte o coração.

Para o descanso dessa noite, Judá escolheu uma gruta espaçosa e seca, de onde foram transferidos seis dementes por serem os mais tranqüilos, razão pela qual foram postos de vigia junto aos mais terrivelmente desequilibrados. Ajudado por eles, Shipro recolheu grande quantidade de feno seco e com ele prepararam leitos para os quatro recém-chegados.

Simônides, que previa tudo, tirou de sua maleta de viajante lençóis e cobertores.

– Oh, isto não se vê jamais por aqui – disseram os loucos a que nos referimos acima, enquanto punham em ordem a gruta. – Todos deveis pertencer a famílias de Reis.

– Claro que sim – respondeu Shipro. – Os dois jovens são príncipes do país de Israel.

– E que vêm fazer aqui no meio de toda esta nossa miséria? – perguntou um dos dementes.

– Isto certamente sabereis amanhã – respondeu o jovem servo, quase certo de que o sol do dia seguinte derramaria sua claridade sobre todos os dementes já curados e felizes.

Nessa noite, o silêncio foi profundo. Os Terapeutas-Guardiães, dois ao todo, disseram que durante as noites não se podia dormir em paz por causa dos terríveis uivos, gritos, choros e maldições proferidos por aqueles infelizes, como se com isso aliviassem o seu mal.

Na gruta preparada para Jhasua e seus companheiros de viagem, reuniram-se os dois Terapeutas-Guardiães e, depois de recitar os salmos de misericórdia ao Altíssimo, fizeram longa concentração espiritual, para a qual Jhasua preparou todos com uma singela explicação sobre o poder do pensamento impulsionado pelo amor desinteressado e puro.

Na manhã seguinte, Jhasua foi com os Terapeutas e seus companheiros visitar individualmente os dementes, que excepcionalmente se mostravam perfeitamente tranqüilos.

– Este é um grande médico que vem curar o vosso mal – disseram os Terapeutas aos enfermos. – É um Profeta de Deus, e apenas pede para que espereis tudo do Deus de Israel que o envia.

O homem da corrente dormia e, assim adormecido, foi desacorrentado por determinação de Jhasua. Quando despertou, viu o Mestre ao seu lado a oferecer-lhe pão e frutas secas com aquela sua divina doçura que parecia abrandar até as montanhas.

– Soltaste-me da corrente – disse –, esqueceste que eu sou um louco furioso possuído pelos demônios e que posso matar-te.

– Serias feliz se assim procedesses? – perguntou Jhasua sem se mover nem mudar da posição em que estava, sentado no chão com o pão e as frutas acomodadas numa cestinha.

– Eu não poderia matar-te mesmo que quisesse, cordeirinho sem fel! ... Guardam-te os anjos de Jehová, porque és bom como Abel e Moisés.

– Bem melhor. Come, e depois falaremos, porque eu sou o amigo que esperavas e que finalmente veio buscar-te – respondeu o Mestre.

– E por que me procuravas? – perguntou o demente.

– Para que sejas feliz entre os que te amam.

– Há na vida alguém que possa me querer? ... – voltou a perguntar.

Jhasua chamou em voz alta:

– Judá, Simônides, Shipro. – Os três chegaram.

"Não é verdade que este nosso amigo voltará conosco a Jerusalém, onde a família o espera?"

– Justamente – disse Simônides. – Há tempo que preciso de um homem como ele para a minha casa. Não faltava nada mais! Se está em todo o vigor e força da vida! Come, homem, e logo iremos juntos banhar-nos no arroio vizinho, onde pescaremos até o meio-dia para preparar um bom almoço.

– E daqui a poucos dias – acrescentou Judá – pôr-nos-emos a caminho de Jerusalém onde nos esperam para uma grande festa.

– Estou acordado ou durmo ainda? – perguntou o demente.

– Homem, se estás comendo figos secos com pão e castanhas cozidas é porque estás bem desperto – disse Judá rindo.

– Se este já foi curado – disse um Terapeuta a Simônides em particular –, os outros também já estarão curados. O silêncio da noite já me fez sentir e compreender o que aconteceu.

Quando todas as grutas foram visitadas, levando o desjejum aos enfermos, todos compreenderam e se maravilharam diante da formidável Energia Divina que o amor do Cristo havia infiltrado naquelas mentalidades completamente desequilibradas no dia anterior ao de sua chegada.

– Quantas dores humanas desapareceram numa noite, ó Soberano Rei das almas e dos corpos! – exclamou Simônides com um entusiasmo que raiava ao delírio.

– Bendigamos ao Senhor – disse Jhasua – que é o Pai de todo bem.

Uma semana depois, o grupo regressava a Jerusalém, onde Simônides e Judá veriam a maneira de empregar dignamente todos aqueles seres arrancados à dor e à miséria.

Jhasua pensou muito razoavelmente que a volta imediata de sua mãe à Galiléia seria duplamente dolorosa. Ela havia saído de lá acompanhada de Joseph e voltava sem ele.

Noemi, a nobre dama, com sua filha Thirza e aquela que ia ser sua nora, Nebai, afeiçoaram-se de tal maneira à meiga mãe do Homem-Luz que já não era possível separarem-se dela.

Dentro de cinco luas, realizariam as bodas de Nebai e de Thirza, e ambas desejavam a presença de Jhasua e de sua mãe nesse acontecimento.

Foi uma época de incomparável felicidade para todos os que moravam sob o teto hospitaleiro do príncipe Ithamar. As reuniões noturnas no terraço à luz da lua, sob os artísticos quiosques ou pequenos pavilhões abertos e encortinados de jasmineiro e de roseiras, ofereciam inefável suavidade.

Marcos, o prometido esposo de Ana, somou-se aos freqüentadores dessas reuniões, e o príncipe Judá, ao averiguar a causa de eles ainda não terem realizado o matrimônio, interveio imediatamente.

Marcos era o mais velho dos filhos em seu lar, de onde a morte levou-lhe o pai quando todos ainda eram pequenos. Era, pois, o arrimo da mãe e o tutor de cinco irmãos menores, quatro dos quais eram mulheres. Além do mais, tinha de cuidar dos avós maternos, muito idosos, e não era possível para ele pensar em formar o seu lar desamparando seus familiares que ainda necessitavam dele. Acresce dizer que Marcos estudava filosofia e letras no Grande Colégio, onde desempenhava também os cargos de escrevente ou escriba, como eram chamados então os homens que cuidavam da pena e de zelador ou guardião da ordem em algumas das classes do maior instituto docente do país.

Desse modo, os lucros atendiam à subsistência de sua numerosa família.

Simônides pensava em abrir uma agência para os grandes negócios marítimos num dos portos do Mediterrâneo, o mais próximo possível de Jerusalém.

De Alexandria até Antioquia a distância era muito grande, e às vezes ocorriam assuntos de emergência que exigiam rápida solução. A idéia era a de que Marcos era a pessoa indicada e Joppe a cidade marítima que convinha, por ser o ponto de reunião das caravanas vindas da Arábia, por Filadélfia, e dos países do Mar Vermelho. Judá e Simônides deram conhecimento disso a Jhasua, que lhes deu a seguinte resposta que bem mostra sua extremada delicadeza quando se tratava de benefícios materiais.

– Quanto a isto, devereis agir livremente e como se eu não estivesse no vosso meio. Procurais um benefício importante para os meus familiares, e julgo não ser eu o mais indicado para inclinar a balança em seu favor. Fazei pois o obséquio de não contar comigo para esta resolução.

– Está bem, meu Senhor – disse Simônides assombrado com a extrema delicadeza de Jhasua. – Conformar-nos-emos em comunicar-te a resolução que Judá e eu tomaremos.

Como resultado, Marcos renunciou aos postos mesquinhamente remunerados no Grande Colégio e transferiu-se para Joppe com toda a família. Nessa cidade ele se estabeleceu como agente geral no dito porto, para representar Simônides, chefe supremo da vasta rede comercial estabelecida na Síria e Palestina já há trinta anos pelo príncipe Ithamar de Jerusalém.

Seu matrimônio com Ana efetuar-se-ia, pois, junto com o de Thirza e Nebai, já que um estreito vínculo de amor as unia, como se, em verdade, fossem três irmãs nascidas da mesma mãe.

Foi fecunda essa temporada em obras de amor a se derramarem como uma torrente sobre todos os necessitados de Jerusalém e seus arredores, pois o palácio de Ithamar se converteu em oficina de tecidos e de preparação de roupas para os anciãos inválidos e os indigentes em geral.

Myriam e Noemi sentiam-se imensamente felizes com os entusiasmos juvenis das três donzelas a se prepararem para tomar a si as grandes responsabilidades do matrimônio, com o apostolado sublime das obras de misericórdia e de amor ao próximo.

A esse nobre e formoso grupo feminino veio reunir-se Sabat, mãe de Nebai, que, tendo casado em Ribla seus dois filhos varões, consagraria daí em diante sua vida ao pai Simônides e à filha, para quem a Bondade Divina abria um belo horizonte de felicidade e bem-estar. Nebai ia se casar com o príncipe Judá, herdeiro de uma das mais nobres e antigas famílias de Jerusalém.

Sabad lembrava e contava a todos os seus tenebrosos anos de tragédias espantosas e os comparava com a atual felicidade.

– O Deus de Abraham e de Jacob – dizia com lágrimas nos olhos e profunda gratidão no coração – é poderoso e bom.

"Quando se suporta uma prova cruel e dura bendizendo o Seu nome, não tarda em chegar a doçura do Seu Amor Divino com uma inundação de paz, esperança e felicidade."

Na Sinagoga de Zorobabel

Durante essa longa estada em Jerusalém, Jhasua dedicou-se com especial cuidado a visitar e estudar nas numerosas Sinagogas existentes na cidade, com o fim de confrontar os textos sagrados conservados em cada uma delas.

Perdidas no labirinto das ruas tortuosas de Jerusalém, nos velhos bairros, alguns deles datando de antes do cativeiro dos israelitas ordenado por Nabucodonosor na Babilônia, Jhasua encontrou duas Sinagogas particulares, nas quais foi apresentado pelo ancião Essênio Esdras, já conhecido do leitor.

– Estas duas Escolas da Sabedoria Divina – disse-lhe o ancião – conservam ainda, depois de tantos séculos, o espírito nelas infundido por Zorobabel e Nehemias, que foram os seus fundadores. Aqui estou certo, meu filho, de que encontrarás a Verdade, não em tão grande abundância como em nossos santuários das montanhas, onde se derramou o Divino Conhecimento, mas apenas o bastante para que pessimismo não te desanime em tuas caminhadas de Apóstolo entre a Humanidade.

Uma delas encontrava-se no antiqüíssimo bairro noroeste da cidade, e como encostada num ângulo da muralha do chamado *Castelo de Goliath*, lúgubre fortaleza que Herodes havia utilizado como tumba de enterrados vivos, durante o longo tempo da construção da Torre Antônia, verdadeira cidadela fortificada. Esta era a Sinagoga chamada de Zorobabel.

A outra estava no bairro sul, e também num ângulo da muralha, a poucos passos da chamada Porta do Sião, onde começava a rua do Monte Sião, que corria de sul a norte, até formar ângulo com a rua de David, a cruzar de leste a oeste. Esta era a Sinagoga chamada de Nehemias.

Jhasua participou sua descoberta a José de Arimathéia e a Nicodemos, que sabia estarem tão ansiosos da verdade como ele próprio. Os três começaram a visitar o local todos os sábados. Os proprietários e dirigentes atribuíam a si mesmos descendência direta de seus fundadores e, como sempre, era muito reduzido o comparecimento, limitando-se a uns poucos vizinhos do bairro. As duas Sinagogas, muito distantes uma da outra, mantinham-se na completa quietude das coisas ignoradas e esquecidas desde há muito tempo.

No segundo pórtico da Sinagoga anexa ao Castelo de Goliath, lia-se, numa desgastada prancha de mármore: "Casa de Sabedoria edificada por Zorobabel, filho de Sealthiel, e seus irmãos, ao retornarem do cativeiro no primeiro ano de Ciro, Rei da Pérsia, no sétimo mês."

Também no pórtico interior da Sinagoga edificada num ângulo da muralha do sul, junto à Porta do Sião, lia-se, em distintos caracteres do antigo hebraico: "Nehemias, filho de Sabassar, príncipe de Judá, fundou este altar e casa de Sabedoria no primeiro ano de Ciro, Rei da Pérsia, no quinto mês. Sobre este altar estiveram guardados os vasos sagrados que o Rei Ciro mandou entregar a Sabassar, o qual, com o Profeta Esdras, veio para reconstruir o Templo de Jerusalém."

As duas Sinagogas tinham, pois, como timbre de honra e glória, além da respeitável antigüidade, o nome e a genealogia de seus fundadores, participantes de primeira linha na reconstrução da cidade e templo de Jerusalém, sob a direção do Profeta Esdras, que, além do mais, fez reviver a Fraternidade Essênia quase desaparecida na desastrosa época do cruel e bárbaro invasor assírio, Nabucodonosor.

– Quero passar completamente despercebido em ambas as Sinagogas – havia dito Jhasua aos dois amigos doutores de Israel –, a fim de afastar todo receio de seus nobres proprietários.

Entretanto, ocorreu que, na segunda vez que foram à Sinagoga de Zorobabel, Hilcias, ancião escrevente, encarregado da documentação e dos velhos livros sagrados, sendo clarividente, viu que, ao entrar Jhasua na Sinagoga, a penumbra do recinto se transformou em dourada luz, a qual, emanando da pessoa do jovem, se espalhava como bruma de ouro por todas as partes.

Hilcias tinha uma úlcera maligna em seu braço esquerdo dificultando-lhe grandemente a tarefa de escrevente. Ao ver a poderosa irradiação a emanar daquele jovem de tão modesto aspecto, fez esta fervorosa oração a Jehová:

"– Senhor Deus dos Céus e da Terra. Se de Ti provém esta Luz percebida pela minha alma, dá-me um sinal para que eu adore os Teus desígnios e que minha úlcera seja curada pelo contato desses eflúvios trazidos a esta casa por esse Teu servo."

O escrevente achava-se no mais afastado recanto da Sinagoga, sentado numa das estantes ali colocadas.

Havia posto a descoberto a parte enferma do braço e, com espanto, observava que a chaga secava rapidamente, ficando apenas uma pequena mancha vermelha sobre a pele lisa e limpa.

Viu que Jhasua lia o Levítico de Moisés, e seus dois companheiros folheavam rolos procurando alguma passagem que lhes interessava. Aproximou-se de Jhasua e perguntou:

– Posso saber quem és?

– Um hebreu em busca de sabedoria – respondeu.

– És um Profeta de Deus e talvez não o saibas!

– E como sabes disso?

– A Luz de Jehová caminha contigo, e essa Luz curou a minha úlcera. Olha! – Ainda se notava no braço a mancha rosada da chaga recentemente curada.

– Bom homem – disse o Mestre. – Se o Senhor te fez depositário de seus segredos, é porque há em ti capacidade para guardá-los bem. Sê, pois, fiel ao Senhor, e que o silêncio te torne merecedor de Suas novas generosidades. – E, sem mais palavras, continuou lendo.

Quando começaram a entrar os freqüentadores da vizinhança, pois era chegada a hora de começar a explicação da Sagrada Escritura, um majestoso rabino, de cabeleira e barbas negras como o ébano, aproximou-se de Jhasua e deu-lhe o livro de Isaías.

Um criado aproximou um atril e o rabino disse ao Mestre:

– Mestre, meu Senhor! Digna-te explicar o capítulo 66 de Isaías, o Profeta, o qual, pelo turno, é a leitura do dia de hoje.

Jhasua olhou bem no fundo de seus olhos e viu sinceridade nele.

– Seja, pois, como queiras – disse, e colocando-se de pé ante o atril, abriu o livro e leu:

"Jehová disse assim: O Céu é o meu sólio e a Terra o estrado de meus pés. Onde está a casa que haveis de edificar para mim, e onde o lugar do meu repouso?

"Minha mão fez todas as coisas, e todas as coisas foram feitas, disse Jehová, mas eu olharei para aquele que é pobre e humilde de espírito, e inclina sua fronte à minha palavra."

– Que o Altíssimo Deus de Israel ponha a luz das estrelas na minha mente e o

fogo do sol na minha língua, para que eu seja digno transmissor do pensamento de Isaías – disse Jhasua iniciando o seu comentário:

"Entendo que o soberano Senhor de toda a criação busca, com agrado, o amoroso coração das criaturas, para repouso da Sua Grandeza e da Sua Infinita Majestade, e que o coração do homem soberbo não pode ser jamais santuário para o Sublime Criador.

"É humilde de espírito quem torna suas as dores do órfão e do desamparado, e não encontra descanso e felicidade verdadeira a não ser quando remediou-lhes as dores e secou-lhes as lágrimas.

"É humilde de espírito quem, amando a verdade acima de todas as coisas, dá a Deus o que é de Deus e toma para si sua própria carga de imperfeições e atraso, que o leva a prostrar-se perante a Divina Justiça, clamando com todas as suas forças: 'Não olhes, Senhor, para a minha iniqüidade e miséria, mas tão-somente para a Tua grande misericórdia, para poder acolher este Teu servo, não pelo que é, mas pelo que Tu queres que ele seja, para glorificar-Te pelos séculos dos séculos.'

"É humilde de espírito quem só quer a vida para enchê-la de obras de amor e de justiça, dignas de quem deixou penetrar em si a Lei Divina que diz: 'Ama a Deus acima de todas as coisas, e ao próximo como a ti mesmo.' E o Profeta acrescenta: não é com sacrifício de bois, carneiros e pombas que o homem conquista o direito de servir como santuário de repouso ao Senhor, mas com o sacrifício das próprias paixões e renúncias, elevando-se, através do amor fraterno e da sinceridade de uma vida pura, acima de todas as ambições e de todos os egoísmos ...

"Senhor Deus de Israel! Deus de nossos pais, Deus do nosso coração! – exclamou o jovem orador num impulso de amor para a Divindade. – Mostra que as nossas vidas são Tuas e que os nossos espíritos florescem em obras dignas de Ti! ... Mostra que o nosso coração é humilde conforme o pensamento do Teu servo Isaías, e toma posse de nós que Te pertencemos desde a eternidade! Abre, Senhor, o nosso espírito à Tua Verdade e ao Teu Amor, e que sejamos luz de círio nas trevas de nossos irmãos e óleo de piedade sobre as suas profundas feridas."

De repente, sentiu-se um espantoso estremecimento nas paredes da Sinagoga que, como dissemos, estavam encostadas no velho Torreão de Goliath.

A muralha do presídio havia-se rasgado de cima a baixo, numa negra fenda de dois pés de largura, e por ela saíam lastimosos gemidos como do fundo de uma tumba.

Jhasua com os seus dois amigos, mais o rabino, o escrevente e os ouvintes da Sinagoga, correram até a enorme abertura de onde saíam tão doloridos lamentos. Com risco de suas próprias vidas, penetraram ali e os quadros que se apresentaram à vista ultrapassavam em horror a tudo quanto pudessem imaginar.

Uns espetros com formas humanas se moviam debilmente, estendendo as mãos semelhantes a garras de abutres à vista das unhas enormemente compridas e da pele ressecada e enegrecida.

Eram os enterrados vivos deixados por Herodes, o Idumeu, que nem na hora de morrer teve piedade daquelas infelizes vítimas de suas infâmias e crimes. Quatorze anos depois do desaparecimento desse verdugo coroado, que morreu carcomido pelo câncer, suas vítimas ainda permaneciam sepultadas no tenebroso torreão, esquecidas de todos, tendo por alimento apenas lagartos, lagartixas e ratos, que tinham ali seus esconderijos, e também os matos e as ervas crescidos entre as pedras do ruinoso torreão. A oração do Mestre em sua alocução havia dito: "Que sejamos luz de círio nas trevas de nossos irmãos, e óleo de piedade sobre suas profundas feridas."

Que força de Amor Divino haveria naquela prece do Homem-Luz para permitir que os Espíritos de Justiça rompessem a muralha para que a luz e a piedade chegassem até aquelas desventuradas criaturas de Deus esquecidas de todos, porém não d'Ele!

– Calai-vos! ... Calai-vos! ... – disse Jhasua a todos. – O que faz a Bondade Divina não deve ser desfeito pela covardia humana. – Ajudado por todos, que o obedeciam quase com pavor, foram tirando por aquela fenda os que ainda tinham vida. Um horrível odor de cadáveres infestava todo o lugar. Muitos mortos insepultos deviam achar-se ali dentro. Só dez homens foram salvos e escondidos no palheiro da Sinagoga, mas com tal rapidez que, quando os curiosos da rua se aproximaram e logo depois os soldados da guarnição da Cidadela, não encontraram senão os esqueletos dos infelizes que não haviam resistido a tão espantosa vida.

– Não se dirá que isto foi feito pelos romanos – disse um centurião –, pois ignorávamos que o velho torreão fosse habitado no subsolo.

– Isto foi feito pelo rei Herodes, o Grande, que, sem dúvida alguma, quando Jehová, o Temível, o chamou a julgamento, esqueceu que havia deixado sepultados vivos uma centena de seres humanos que, pouco a pouco, foram morrendo de fome – disse um velho que se aproximara dos curiosos.

O rabi da Sinagoga de Zorobabel não conseguia descobrir se Jhasua era um Arcanjo Justiceiro mandado por Jehová ou a reencarnação do Profeta Ezequiel, que fazia andar os esqueletos dos mortos que saíam de suas tumbas.

Jhasua, sem se preocupar pelo que pensassem da sua pessoa, dava toda a sua vida em ondas de divina energia àqueles seres arrebatados tão repentinamente da morte.

Nesse meio tempo, José de Arimathéia e Nicodemos, sem se darem a conhecer ao rabino, dono da Sinagoga, pediram-lhe para conservar em seu poder os salvos do torreão, até que eles voltassem com alimentos e roupas adequadas para todos.

– A misericórdia para com os necessitados – respondeu o rabi – é um preceito fundamental na Lei dada por Jehová a Moisés, e se vos julgais obrigados com relação a estes infelizes, eu também sou. Se vos agrada, deixai-vos albergados em minha casa, e juntos vamos cuidar de que eles voltem a trilhar os caminhos da vida.

Jhasua, José de Arimathéia e Nicodemos ficaram satisfeitos com os piedosos sentimentos do rabino, cujo nome era Sadoc e descendia em linha reta de Aarão, o primeiro sacerdote consagrado por Moisés para explicar a Lei Divina ao povo de Israel.

Enquanto José de Arimathéia e Nicodemos adquiriam no mercado o que necessitavam, o rabino com o escrevente e Jhasua faziam as vítimas beber leite quente com mel. Seu aspecto havia mudado muito e uma nova esperança brilhava diante deles como uma estrela azul, promessa divina de paz e de bonança.

Quase todos eles haviam estado tão próximos da morte por inanição que a debilidade era extrema e ainda não conseguiam falar. Um tremor como de frio intenso estremecia a alguns; outros choravam em silêncio; os demais olhavam como embrutecidos e naturalmente julgando que ainda continuavam sob a influência de um atroz pesadelo.

Jhasua permanecia de pé à frente do mísero grupo, como uma estátua de alabastro com cabelos de ouro, e seus grandes olhos opalinos, cheios de infinita piedade, pareciam dizer:

"O Amor Eterno fez-me chegar a tempo de vos salvar, porque vossas obras de compaixão de outros tempos atraíram a Divina Misericórdia depois de vos haver purificado através da dor."

Quando José de Arimathéia e Nicodemos regressaram, iniciaram imediatamente

a higienização daqueles pobres corpos que, como farrapos humanos, estavam cheios de toda espécie de imundícies.

Em grandes tinas cheias de água, misturada com vinho de palmeira, tal como se usava para lavar e desinfetar cadáveres antes de amortalhá-los, foram introduzindo um a um aqueles dez infelizes, sem saber ainda o que se pretendia fazer com eles. Atrofiadas as inteligências, anulada a vontade, deixaram fazer tudo quanto quiseram, pois sempre seria melhor que o sofrimento que haviam padecido.

Um deles, achando-se em melhores condições que os demais, perguntou em língua aramaica:

– Preparai-nos para o mercado de escravos?

– Não – respondeu Jhasua. – Preparamos para que possais entrar dignamente na irmandade dos verdadeiros servidores de Deus.

– Irão entregar-nos novamente a Rabsaces, o mago de Herodes? – perguntou outro, começando também a desembaraçar-se e a fazer uso da palavra.

– O mago já não vive, nem tampouco Herodes. A morte não perdoa aos magos nem aos Reis – respondeu José de Arimathéia. – Rabsaces foi enforcado neste mesmo torreão, e Herodes morreu consumido pelo câncer, que o fez sofrer em vida a putrefação do sepulcro. Isso há 14 anos!

– Quatorze anos! – exclamaram várias vozes como num estertor de agonia. – Quem governa a Judéia?

– Roma – foi a resposta que ouviram. – O povo de Israel vive sob o império das legiões romanas.

Seguiu-se um silêncio profundo, durante o qual só se ouvia o ruído da água sendo renovada continuamente nas tinas.

A energia e a vitalidade afluíam rapidamente àqueles corpos vigorizados pela ação magnética exercida por Jhasua sobre eles e também pelo banho que todos haviam recebido. Fizeram-nos passar para um aposento interior cheio de ar e sol e estenderam-nos em estrados dispostos como leitos muito confortáveis, onde lhes deram a beber uma caneca de vinho quente com bolos de ovos de gansa, muito usados para as pessoas muito debilitadas.

– Agora tratai de dormir – disse Jhasua. – Vossos irmãos, que vos salvaram da morte, iniciar-vos-ão numa vida digna de servidores de Deus. Quando houverdes descansado completamente, falaremos para saber tudo quanto possa servir para o desafogo e orientação de vossas vidas daqui por diante.

Com a ordem mental de Jhasua e a grande necessidade de descanso que aqueles infelizes tinham, dormiram até a manhã seguinte, quando o sol já se levantava como um farol de ouro por cima dos montes coroados de palácios a oferecerem um esplêndido panorama aos que contemplavam a cidade de Salomão.

Aqueles dez homens falavam julgando que ainda estavam sob a influência de um encantamento.

– Parece mentira que estamos vendo novamente a luz como em nossos dias felizes! – disse um, extasiado na contemplação daquele magnífico sol de outono que o envolvia completamente nas tênues gazes douradas de seus resplendores.

– Mas quem é aquele que nos salvou e por que nos salvou? Que lhe interessam as nossas vidas? – perguntou outro. – Parece que ninguém faz nada sem uma determinada finalidade! Que finalidade é essa?

– Já o saberemos, homem, já o saberemos! ... – disse alguém. – Pelo menos estamos fora desse maldito torreão, onde estivemos a ponto de deixar os nossos ossos.

– Por que não nos deixam sair livres daqui? – interrogou um segundo.

– Estás louco! ... Queres que saiamos à rua sem saber para onde ir, e com este aspecto de cadáveres ambulantes, como recém-saídos de uma tumba? – comentou um terceiro.

Os diálogos continuavam neste tom, quando Jhasua se apresentou à porta do aposento com o rabino Sadoc, Simônides e o príncipe Judá. Atrás deles vinham Eliacin e Shipro, com grandes cestas de pão, queijo e frutas.

Muito embora fosse grande a transformação daqueles homens, ainda causava espanto seu extremado enfraquecimento, fazendo-os assemelhar-se a feixes de raízes secas.

Dirigidos pelo rabino, os dois criados fizeram entrar várias mesas que cobriram com toalhas brancas e colocaram-nas diante dos estrados.

– Agora, celebremos juntos a festa da vossa liberdade – disse Jhasua passando diante de todos eles com uma afável naturalidade que realmente encantava.

Simônides e Judá observavam atentamente aquelas fisionomias, procurando rostos de pessoas conhecidas que haviam desaparecido há muitos anos e de que ninguém podia dar notícia. A esse respeito, só Simônides podia falar.

– Há aqui dois rostos que parecem despertar a minha memória de tempos distantes – disse ele ao ouvido de Judá –, e logo saberemos se há algo de verdade nas minhas suspeitas.

– Vejo que ainda não tivemos a felicidade de conquistar a vossa confiança – disse Jhasua em voz alta. – Temeis algo de nós? Procedeis mal, acreditai, porque não desejamos nada a não ser que vos restabeleçais logo para poderdes continuar o vosso caminho na vida.

– Perdoai-nos a todos! ... – exclamou um ancião de olhar receoso. – O mundo foi muito cruel e desapiedado conosco, e ainda duvidamos do que estamos vendo.

– É muito natural – disse Simônides – e não julgais que conosco a vida foi melhor. Eu fui submetido duas vezes a torturas, e se ando com os meus pés é porque este Profeta de Deus, que aqui vedes, curou os destroncamentos de meus membros.

Os ex-cativos abriram grandes olhos para examinar Jhasua a observá-los com imensa ternura.

– Este jovem – continuou dizendo Simônides, tocando no ombro de Judá –, é filho do príncipe Ithamar de Jerusalém, e esteve durante três anos como escravo do Estado nas galés, depois que seu pai foi assassinado.

– O príncipe Ithamar assassinado! ... – gritou o ancião de olhar receoso.

– Tu o conhecias? – perguntou Simônides olhando inteligentemente para Judá.

– Fui mordomo em sua casa, quando se instalou no palácio na rua do Comércio, para onde levou a esposa, a donzela mais pura e formosa que eu conheci, a meiga Noemi, com olhos de gazela ...

– Não te dizia? ... – observou Simônides à Judá. – Pode-se saber o motivo por que te encerraram no torreão?

– Ninguém me deu nenhum motivo plausível, no entanto, creio ter sido porque pedi clemência para o porteiro do Khan de Bethlehem, casado com a ama de leite de meus filhos. Ele morreu no torreão há tempos. Herodes soube que três viajantes do Oriente se hospedaram ali, quando chegaram a este país guiados por uma luz misteriosa e dizendo terem vindo para reverenciar o grande Rei que havia nascido. Como os viajantes escaparam dentre suas mãos, a cólera real se desafogou naqueles que tiveram contato com eles, supondo que algum de nós os havia ocultado. O infeliz porteiro mencionou o meu nome como alguém que podia dar fé à sua honradez, e também fui chamado para responder ao interrogatório do Rei. Fez dar cinqüenta

chicotadas em cada um de nós e nos enterrou vivos no torreão, de onde a Justiça de Deus acaba de tirar-nos, através dessa bendita fenda que se abriu na muralha.

"Que deve ter pensado o príncipe Ithamar quando desapareci de sua casa, para onde jamais voltei?"

O infeliz ancião cobriu o rosto com ambas as mãos e seus soluços ressoaram dolorosamente pelo aposento.

– Não chores assim, bom ancião – disse o príncipe Judá aproximando-se. – Eu sou o filho do príncipe Ithamar e respondo pelo meu pai morto. Estás reabilitado diante dele e de mim, e hoje mesmo voltarás para a nossa casa, não para trabalhar, mas para descansar. Minha mãe, a meiga Noemi, de que ainda te lembras, continua sendo a mesma, não obstante as dores sofridas terem coberto sua cabeça de neve.

"Também ela esteve enterrada viva junto com a filha, durante sete anos, num calabouço da Torre Antônia."

O velho saltou com os punhos cerrados e os olhos faiscantes ao ouvir essa afirmação.

– Acalma-te – continuou dizendo Judá. – Todos os servidores do grande Rei anunciado foram perseguidos; no entanto, já soaram os clarins de liberdade.

Durante este breve diálogo, Jhasua e o rabino, com Shipro e Eliacin, cuidavam de servir solicitamente os mais esgotados, que quase não podiam agir por si mesmos.

Encontraram outro prisioneiro, também envelhecido, e cuja cabeça calva inclinada sobre o ombro esquerdo tremia em estremecimentos periódicos.

Jhasua aproximou-se para servi-lo e perguntou:

– Por que está dobrada assim a tua cabeça?

– Um deslocamento, senhor, quando me submeteram à tortura. Também este braço está torcido. Examinai.

A palma da mão esquerda estava voltada para fora, assim como todo o antebraço se achava desconjuntado no cotovelo. Com grande naturalidade, o Mestre tomou entre as suas mãos aquela trêmula cabeça calva e levantou-a suavemente.

– Eu quero que olhes para o céu azul que te cobre como um manto turquesa, e para os astros de Deus a rodarem no espaço, falando-nos das moradas de paz e felicidade preparadas para os justos. Eu quero que tuas mãos possam unir-se sobre o peito quando orares ao Pai Celestial, em gratidão aos Seus benefícios, e em súplica permanente pelas tuas próprias necessidades.

Enquanto Jhasua pronunciava essas palavras, foi endireitando com infinita delicadeza o enfraquecido braço torcido do velho, que com olhos espantados observava os efeitos produzidos em seu corpo por aquelas mãos que curavam sem causar dor.

– Agora dize: por que estavas no torreão?

– Eu era porteiro do Grande Colégio e levava uma carta do Mestre Shamai para um personagem que vivia junto à Porta do Norte, quando vi entrar por ela três enormes camelos brancos com ricos dosséis adornados com franjas de ouro e campainhas de prata que produziam uma música agradável. Eram ricos viajantes vindos de terras distantes, e falavam do nascimento de um grande Rei que seria o Salvador do país e de todo o mundo. Eu os segui quando caminhavam pela rua de Damasco e o grupo foi aumentando. Fui eu quem respondeu às suas perguntas, e os guiei à casa de Gamaliel, o velho, para que ele lhes explicasse as profecias dos Profetas sobre esse grande Rei que procuravam, visto como eu era nulo nessas questões.

"Quando saíram de lá, eu os guiei até a Porta Dourada, pois desejavam ir ao Templo.

"Quatro dias depois, encerraram-me no torreão, onde me submeteram a torturas para que eu dissesse para onde haviam ido aqueles viajantes. Desde então, não vi mais a luz do sol."

– Passaram-se vinte e dois anos! ... – exclamou Jhasua com voz trêmula e angustiada. Que medo tinha Herodes da chegada de outro Rei que não pensaria jamais em disputar o seu ouro nem o seu poder! Esse medo louco fez com que se carregasse de tantos crimes, que este mundo se transformará, através da evolução, em planeta de justiça e paz, e ele ainda permanecerá mordido em seu coração pela inveja e pelo remorso, lutando com os monstros dos pântanos entre raças selvagens e primitivas.

O velho calvo ouvia, sem compreender, as palavras que Jhasua pronunciava enquanto lhe servia uma ração de queijo e frutas.

Simônides e Judá foram tomando nota dos elementos fornecidos pelos ex-cativos, a fim de se orientarem a respeito de suas famílias e dos ofícios que cada qual tivera.

Segundo eles, haviam sido oitenta e sete homens e seis mulheres os arrojados nos profundos calabouços do torreão, por causa daqueles três viajantes que ficaram frente aos olhos de Herodes, e depois desapareceram como se a terra os houvesse tragado.

Quando a solicitude e o cuidado os deixaram em condições de não chamar a atenção em razão do enfraquecimento, foram sendo retirados um a um de cada vez, para de novo seguir seus caminhos na vida entre a sociedade dos homens.

A História de Moisés

Na Sinagoga chamada de Nehemias ocorreram coisas muito diferentes, porém não menos importantes para o Homem-Luz, que unicamente buscava a Verdade e o Bem.

O proprietário era cunhado de Esdras, o Sacerdote Essênio já conhecido do leitor, motivo pelo qual Jhasua foi recebido ali com grandes honras. A irmã de Esdras, Hogla, era a mais jovem da família; contudo já estava em idade madura e chorava sempre cheia de tristeza porque a Natureza lhe negara a maternidade. Ela desejava ardentemente ver continuada a sua vida num ser de seu sangue, um filho ou filha que fechasse os seus olhos ao morrer e que lhe perpetuasse o nome e a raça! Esdras vivera em celibato constante e seus outros irmãos haviam perecido em motins populares nos dias trágicos de Judas de Galaad e sem ter deixado filhos.

Pelo seu amor à Lei de Deus, ensinada por Moisés, esse casal mantinha a antiga Sinagoga fundada por distantes antepassados, e derramava a piedade de seu coração sobre todos os necessitados que chegavam à sua porta. Mardoqueu e Hogla eram, pois, justos diante de Deus e dos homens.

À sua Sinagoga haviam chegado, há vinte e dois anos, os três viajantes de distantes terras, em busca das profecias dos videntes de Israel à respeito do Salvador do mundo que acabara de nascer, e tinham tomado apontamentos dos velhos pergaminhos que ele guardava como verdadeiros tesouros em seu arquivo milenar.

Haviam-lhes falado de uma luz misteriosa e diáfana aparecida a cada um deles em seu distante país, quando uma decepção profunda de todas as filosofias e de todas as ciências os levara a desejar a morte antes de se verem envolvidos e arrastados pela voragem de egoísmo, de inquietação e de miséria que enegrecia toda a Terra.

Eles se asseguraram do nascimento do Salvador, pois as profecias de Israel estavam de acordo com as de todos os videntes de outras Escolas e de outros países; no entanto, Mardoqueu e Hogla não ouviram falar nada mais sobre esse particular. Seu irmão Esdras dizia sempre: "Quando a hora do Senhor soar para vós, havereis de vê-lo, e talvez na vossa própria casa."

Nessa longa estada de Jhasua em Jerusalém e já atingida a maioridade, julgou Esdras ter chegado a hora do Senhor para o misericordioso casal que jamais se recolhera em sua alcova sem haver feito pelo menos uma obra de misericórdia para com o próximo.

– Trago-vos um jovem Profeta para encher de felicidade a vossa velhice que está próxima – disse Esdras quando levou Jhasua à Sinagoga.

Com essa apresentação, compreenderá perfeitamente o leitor que todas as portas se abriram para o jovem Mestre, e Mardoqueu e Hogla descerraram de par em par o velho arquivo de madeira de oliveira, que passava anos sem ser aberto para ninguém.

Ali Jhasua encontrou os dados necessários para preencher os vazios, as lacunas constatadas nos velhos relatos dos Santuários Essênios.

O arquivo da Sinagoga de Nehemias era quase tão importante como o arquivo de Ribla, e com ambos era possível dar continuidade à história da evolução humana, desde o desaparecimento das antigas civilizações lemúrica e atlante até o momento presente.

Que grandiosa notícia tinha Jhasua para seus Mestres Essênios e para os quatro amigos, doutores de Israel!

Enquanto examinava o arquivo, Ele viu, diante de si, como humilde serva, Hogla sentada num tapete sobre o pavimento, contemplando silenciosamente aquele jovem Profeta que lhe fazia lembrar as visões dos arcanjos de ouro e de neve que mais de uma vez havia contemplado em seus sonhos.

– Hogla! ... – disse um dia o Mestre, enquanto recebia uma caneca de xarope de cereja e pastéis de amêndoas feitos por ela –, vejo que há uma grande tristeza em teus olhos e quero saber o motivo.

Ela ruborizou-se e respondeu:

– Se tivesses vinte anos mais eu te diria; mas és quase um adolescente e não me compreenderás.

Ele continuou observando-a fixamente enquanto foi bebendo o xarope até a última gota.

– Sofres – disse –, porque desejas um filho que não te foi dado na juventude, e agora julgas que isso é impossível por causa da sua idade. Ignoras que a Natureza obedece a Deus quando Ele assim o quer? Não sabes que Elisabeth, prima de minha mãe, teve um filho quando tinha 60 anos, que hoje é um jovem Mestre de Divina Sabedoria?

"Hogla, boa mãe de todos os inválidos! ... Antes de um ano nascerá um filho de ti, que encherá com a Luz de Deus os séculos vindouros. Digo-te isto em nome d'Aquele que me enviou à Terra ..."

– És o Messias Salvador do Mundo! – gritou Hogla –, aquele que me anunciaram os viajantes das terras distantes, porque vi sobre ti a Luz misteriosa que os guiou.

– Realmente, como dizes, assim é, bendita mulher; entretanto, guarda segredo, e não digas nada a ninguém até nascer o filho que eu te anuncio.

"Dize a teu marido que hoje levo este papiro escrito por Caleb, filho de Jhepone, para tirar uma cópia. Daqui a dois dias devolverei o original."

Jhasua saiu deixando a mulher cheia de tal felicidade que não lhe cabia dentro do peito. Seu marido era tecelão e durante todo o dia se achava entre os teares dirigindo seus numerosos operários.

Eles estavam terminando de tecer um imenso véu branco de finíssimo linho para substituir o que cobria o "Sancta Sanctorum" do Templo, que sofrera a ação da

chama de um círio. Admirável coincidência! Esse véu foi o que, onze anos depois, se rasgou de cima a baixo na trágica tarde das trevas que cobriram a Terra, quando Jhasua, Filho de-Deus, expirava sobre a montanha do Gólgota, sacrificado pela maldade dos homens.

O papiro encontrado por Jhasua no velho arquivo da Sinagoga de Nehemias era como uma coleção de relatos da morte de Tutmés I, da XVII dinastia dos Faraós que reinaram em Tebas. Foi ele quem acolheu afetuosamente os descendentes de Jacob por amor a seu filho José. Os três faraós de nome Tutmés e os quatro Amenóphis, com a célebre Rainha Hatasu, permitiram o engrandecimento e a prosperidade do povo hebreu, especialmente dotado para se dedicar à agricultura e à pecuária.

Foi com a chegada dos Ramsés, na XIX dinastia, que os israelitas foram declarados escravos e condenados aos mais duros trabalhos, e perseguidos barbaramente em seus bens e vidas. Depois dessa espécie de prólogo, o pergaminho, já carcomido em suas bordas, começava a relatar a origem de Moisés.

Jhasua leu-o para a família de Judá, à qual se juntaram sua mãe e Ana, Simônides, sua filha Sabat e a neta Nebai, no palácio de Ithamar, onde compareceram também, para essa reunião noturna, os quatro doutores de Israel, já nossos conhecidos.

Nós também, leitor amigo, podemos estar entre esse seleto auditório para conhecer a vida íntima de Moisés, tão desfigurada através dos séculos e das deficientes narrações escritas quase sempre à base de tradições orais. Ouçamos, pois, a voz musical de Jhasua, no solene silêncio do suntuoso cenáculo do palácio de Ithamar:

"Livro de Calep, filho de Jhepone.

"Um varão da Tribo de Levi, grande artista em obras de ouro, prata e pedras preciosas, foi chamado ao palácio do Faraó, como decorrência da morte do mais hábil de seus joalheiros, para confeccionar sob medida o diadema, a gargantilha e os braceletes que a princesa Thimetis deveria usar no dia de sua apresentação ao povo como herdeira, visto ter chegado aos 15 anos sem que os deuses houvessem concedido um filho varão ao Faraó Ramsés I, reinante já há dez anos. Amram, nome do hábil joalheiro da Tribo de Levi, foi chamado perante o Faraó, a cujos pés estava sentada, sobre ricos tapetes, a princesa Thimetis, formosa como um nenúfar do Nilo. Os criados do palácio levaram grandes cofres repletos de jóias que deslumbravam à luz dos raios solares a penetrarem em torrentes pelas janelas.

"Queria o Faraó no seu desmedido orgulho, que sua filha ostentasse as mesmas jóias levadas dois séculos antes, em sua coroação, pela grande Rainha Hatasu, que tão gloriosa memória deixou entre seu povo. Mas como essa Rainha era de alta estatura e Thimetis pequenina de corpo, as jóias deviam ser adaptadas à sua medida.

"O ouro e a pedraria usado pela Rainha Hatasu devia resplandecer na cabeça, nos braços, nos dedos das mãos, nas pernas e pés da princesa.

"O jovem israelita iniciou, tremendo, a sua tarefa, com grande medo de não satisfazer os desejos do Faraó.

"Como o soberano era um grande bebedor, e ficava o tempo todo embriagado, entregue a lúbricas orgias com suas numerosas escravas trazidas de todas as partes do mundo, e com seus cortesãos, tão vis quanto ele, a princesinha, sendo órfã de mãe, logo ficou esquecida no aposento destinado à oficina do joalheiro Amram, possuidor de galharda presença e belo rosto.

"Ele tocava tão habilmente a cítara que, entre jóias e melodias, iniciou-se entre ambos um secreto idílio, conhecido apenas por uma fiel escrava etíope que ganhara a confiança de Thimetis.

"Amram, o filho de Levi, explicou à princesa as grandezas de sua raça, dos patriarcas, principalmente de José, filho de Jacob, que engrandecera o Egito, dando-lhe paz e abundância até convertê-lo em celeiro do mundo. A fé e a honradez de Abraham, as visões formosas de Jacob, a meiga virtude de Raquel, por cujo amor Jacob lutou durante quatorze anos sem se cansar de esperar até que ela lhe foi dada como esposa. Todos esses relatos acenderam de tal forma o amor no coração de Thimetis que ela já não via a não ser através dos olhos de Amram, o joalheiro, formoso como o sol nascente sobre as águas do Nilo. Acompanhados da escrava etíope, os dois passeavam de barco enquanto o Faraó e sua corte se entregavam a ruidosas orgias.

"Thimetis anunciou ao joalheiro que havia resolvido desposá-lo secretamente e abraçar a sua fé, adorar o Deus de Abraham, de Isaac e de Jacob. Amram conduziu-a perante os anciãos do escravizado povo de Israel e, ocultando quem era a jovem donzela, pediu-lhes que a dessem por esposa, pois, muito embora sendo egípcia de origem, adorava o Deus de seus pais. Ficaram, pois, ambos unidos em matrimônio, sem que no palácio do Faraó alguém soubesse do terrível segredo que, se fosse revelado, custaria a vida ao infeliz Amram por sua desmedida audácia.

"Tão ao agrado do Faraó ficaram as jóias da Rainha Hatasu para a filha que ele fez permanecer no palácio o joalheiro israelita para que fizesse formosas jóias para as escravas favoritas e para os cortesãos honrados com a sua amizade.

"A apresentação da princesa Thimetis ao povo foi efetuada pouco depois com tal pompa e solenidade que deixou lembrança por muito tempo.

"O Faraó entusiasmou-se com uma princesa estrangeira vinda do outro lado do Mar Grande (o Mediterrâneo), do país dos cabelos ruivos e dos olhos azuis e, entre grandes festas e saraus, casou-se com ela. Com isto Thimetis passou para segundo plano, e viu-se quase completamente esquecida pelo pai e pela corte.

"Depois de um ano Thimetis sentiu-se próxima de ser mãe e pediu ao pai que a deixasse retirar-se com suas escravas favoritas para passar o verão no solitário palácio que, antes de ela nascer, havia sido mandado construir para sua mãe no lago Méris, aberto no deserto por Amenhamat III para imortalizar o seu nome.

"O Faraó acabava de decretar a pena de morte para todo menino nascido do povo hebreu, cujo crescente aumento alarmava aos conselheiros do Faraó, pois temiam ver-se absorvidos e dominados por aquela raça fecunda, inteligente e forte, que engrandecera o país sob todas as formas, construindo cidades, portos, estradas, fortalezas, templos e palácios.

"Esse decreto cruel e sobremaneira injusto obrigou Thimetis a ocultar a origem do filho nascido na deserta ilha do lago Méris. Voltando ao palácio do pai, sua escrava preparou uma pequena arca de vime, calafetada de piche por fora e forrada de pele de antílope por dentro, onde foi colocado o menino. A arca foi escondida entre os pés de junco às margens do rio Nilo. Logo em seguida, a princesa desceu à margem com suas donzelas e damas da corte para banhar-se e a escrava procedeu como se tivesse encontrado emaranhada entre as moitas de junco a pequena arca, sem dúvida com algum tesouro escondido. Todas as donzelas correram para desvendar o segredo e encontraram no seu interior um formoso menino adormecido. Chamada a princesa para que o visse, disse ela com perfeita naturalidade:

"– É sem dúvida um menino hebreu cuja mãe não teve a coragem de afogá-lo, conforme determina o decreto real, e o lançou ao Nilo na esperança de que alguém se apiede dele.

" '*Esse alguém serei eu* – acrescentou a princesa, e ordenou à escrava etíope que arranjasse uma ama de leite para amamentar a criança.'

"A escrava correu para dar aviso a Amram, pai do menino, e este mandou chamar sua tia Jacobet, que então estava amamentando o pequeno Aarão, de poucos meses. Essa mulher, estando de posse do segredo, tomou grande amor pelo filhinho de seu sobrinho e da princesa Thimetis, que lhe pagou tão generosamente que a casa de Jacobet se viu transbordante de tudo quanto poderiam desejar. A princesa quis que ambos os meninos fossem criados como irmãos, e desse modo se encarregou de dar-lhes tudo quanto necessitavam e, mais tarde, educou-os como a príncipes da corte, em todas as ciências nas quais os sacerdotes egípcios eram mestres consumados.

"Como a seu pai nasceram dois filhos varões da bela estrangeira que tomou por esposa, o Faraó não opôs nenhuma resistência quando Thimetis lhe comunicou que não desejava tomar esposo, mas que, retirada no castelo do lago Méris, dedicaria o seu tempo às ciências e à música. Sua madrasta viu isso com muito bons olhos, porque a resolução da princesa a deixava como única soberana na corte e desaparecia o perigo de que a princesa, casada e com filhos, viesse a disputar para seus descendentes o trono e a coroa do Egito. Para lá também foi levada a tia de Amram com os dois meninos. O joalheiro Amram da Tribo de Levi foi nomeado administrador do castelo da ilha que, desde essa época, passou a chamar-se 'Ilha da Princesa'. Ali viveram e cresceram Moisés e Aarão, chamando de mãe a Jacobet e com reverente amor à boa princesa Thimetis, que levou para a ilha os melhores mestres para instruírem aqueles dois meninos, aos quais consagrou inteiramente a sua existência.

"Quinze anos permaneceu Thimetis nesse desterro voluntário, quando morreu o seu pai, Ramsés I, e lhe sucedeu o mais velho de seus filhos, Sesostris, de 14 anos, com o nome de Ramsés II. Por causa da sua menoridade, ele não pôde governar o Egito, que foi governado pela Rainha Ghala, sua mãe, com um conselho de ministros. Foi então que os israelitas sentiram que um jugo pesado demais fora colocado sobre seus ombros.

"Então Amram, o administrador da Ilha da Princesa, sentiu sublevar-se-lhe o sangue hebreu e, chamando um dia Moisés, já contando com 18 anos, levou-o à presença de Thimetis e ambos lhe declararam sua origem e o prepararam para ser um dia o salvador de seus escravizados irmãos de fé e de sangue.

"Com a fortuna da princesa, Amram, Moisés e Aarão aliviavam a dura situação dos israelitas que, ano após ano, se tornava mais dura e terrível.

"Ramsés II que, pelo lado da mãe, tinha sangue europeu, era de caráter difícil e orgulhoso, e, logo depois da morte da Rainha Ghala, fez encerrar o próprio irmão num calabouço para que não criasse obstáculos à sua ação, segundo disse.

"A princesa Thimetis, possuidora de terno coração, condoeu-se dessa injustiça e, reconhecendo que o infeliz príncipe era um filho de seu pai, fê-lo escapar do calabouço e o enviou a Daphne, na terra de Gosen, junto com Amram, Moisés e Aarão, a fim de organizarem a libertação do povo hebreu, ao qual pertenciam os dois grandes amores de sua vida: Amram, o esposo, e Moisés, o filho.

"Na terra de Gosen encontrava-se recluso o infeliz povo hebreu, do qual era tirada a metade de suas colheitas e do gado para o erário público. O trabalho feito por eles era pago pela metade do salário cóbrado pelos trabalhadores egípcios.

"Matar um hebreu era como matar um cão; mas se um hebreu matasse um egípcio, era decapitado no ato e sem julgamento prévio.

"A princesa Thimetis era a fortaleza na qual se amparavam todos os perseguidos e, como o povo a venerava pela grande piedade do seu coração fossem nativos ou estrangeiros, o Faraó e seus ministros viam-se obrigados a tolerá-la em suas desmedidas intromissões, segundo eles, nos assuntos populares.

"– Jamais poderemos curvar essa soberba raça hebréia – disse Ramsés a seus ministros –, porque se vê protegida pela minha irmã Thimetis, que sente simpatia por eles.

"Estudou-se uma forma para afastar a princesa dessas intromissões, e um astuto mago disse ao Faraó que sabia o segredo de produzir uma morte natural que nem os mais sábios médicos poderiam descobrir. Com a concordância do Faraó, iniciou ele a obra com astúcia verdadeiramente diabólica.

"Moisés, no qual se manifestavam grandes faculdades mentais, espirituais e magnéticas, teve em sonho a visão daquilo que se tramava contra a grande mulher que era a sua mãe.

"Tinha ele já 20 anos e, num dia em que a encontrou sozinha passeando nos jardins, pela primeira vez em sua vida, inclinou-se diante dela e a chamou de *mãe*. Muito surpresa, ela o olhou com inefável ternura, e ao mesmo tempo estendeu-lhe a mão para que ele a beijasse.

"– Quando completas 20 anos ouço de teus lábios esse nome, Moisés, meu filho. Algo muito grave deve ter acontecido para que desobedeças assim à minha ordem.

"– Querem matar-te, mãe, e eu vim para te salvar.

"– Quem deseja a minha morte? – perguntou.

"– O Faraó, teu irmão. Um mago foi pago para matar-te com formosas flores trazidas do 'País onde nasce o sol' (a Índia era chamada assim), e agora mesmo virá oferecê-las a ti. Estão envenenadas e seu perfume acabará com a tua vida.

"– Deliras, Moisés, meu filho! Que mau gênio te fez pensar semelhante coisa?

"Nesse momento, apareceu o mago com o ramo de flores caminhando por uma das avenidas do jardim.

"– Deus de Abraham, de Isaac e de Jacob! ... – murmurou o jovem. – Se é verdade que me escolheste para vaso da tua sabedoria, dá-me a força para lançar por terra esse aborto do abismo, antes que possa perpetuar o seu crime!

"A princesa continuava avançando por um caminho e o mago vinha a seu encontro. Moisés caminhava ao lado dela, a respeitosa distância, e, quando faltavam apenas dez passos para se encontrarem, Moisés gritou:

"– Pára! – E estendeu a mão para ele. O mago caiu de costas sobre as pedras e o musgo do pavimento. Sua imobilidade deu a impressão de que havia morrido.

"Thimetis ficou aterrada a ponto de desmaiar. Moisés, que era muito forte e de elevada estatura, levantou-a em seus braços e correu para ocultá-la num dos pavilhões do jardim, até que as suas donzelas chegassem.

"– Ouve, Moisés, meu filho – disse ela. – O Faraó mandará prender-te quando descobrir o que ocorreu a esse homem, pois os guardas do portão o viram entrar em meus jardins. – Ela mesma o conduziu por uma saída secreta para o vale do Nilo, sobre o qual estava assentada a antiga Mênfis de Mizraim. Deu-lhe uma carta de recomendação para um seu tio materno que, desgostoso com Ramsés, se havia desterrado voluntariamente em Paran, no país de Madian, colocando-se assim fora do alcance do Faraó.

"Moisés vagou durante longos dias por entre os grandes palácios e templos da esplendorosa capital de épocas passadas, até chegar a caravana que voltava de Ráffia para dirigir-se à Arábia Pétrea e, despedindo-se das pirâmides, cujos segredos, o estudo da Ciência Oculta, guiado por seus mestres, lhe haviam sido revelados, atravessou o Nilo pela última vez, segundo julgava, e se juntou em Suez à caravana que passava. Na terra onde nasceu ficavam os seus pais como sobre a cratera de um vulcão, pois Amram não gozava da consideração de Ramsés II como no tempo de

Ramsés I, e sua mãe, desprezada pelo retiro voluntário que impôs a si mesma, apenas era lembrada com amor pelo povo. Desde o incidente do mago negro, fizeram correr o rumor de que a princesa Thimetis havia enlouquecido e recebera a ordem de não sair da ilha que ela mesma escolhera para seu retiro vinte anos antes.

"Entre a sua criadagem ela foi selecionando, guiada pelo fiel Amram, os amigos e servidores que não queriam afastar-se dela. Dessa maneira essa admirável mulher atendeu aos desígnios divinos sobre Moisés, que continuou protegendo mesmo a distância. A cada três meses, a caravana do país de Madian voltava e ela, com infinitas precauções, mandava ao seu encontro um dos seus servidores, que sempre lhe trazia uma carta do filho do seu amor, pelo qual sacrificara tudo o que as mulheres de sua linhagem e sangue mais apreciavam. No regresso, a caravana de Ráffia para Madian levava sempre os presentes da mãe amorosa que só queria viver para protegê-lo.

"Nos arredores da cidade de Paran, perdida entre as ásperas serranias do Monte Sinai, existia, desde remotos tempos, um poço de água doce, provido de tanques para dar de beber aos animais e de onde também se tirava água para os habitantes da cidade.

"A caravana havia passado, e Moisés, sozinho e desconhecido de todos, sentou-se para descansar e pensar sobre a borda de pedra que resguardava o poço. Ele temia procurar o tio materno da princesa, Jethro, que fora sacerdote no grande Templo de Karnak e que talvez não julgasse justa a sua conduta.

"Estava entretido com esses pensamentos quando chegou um buliçoso grupo de donzelas com seus cântaros para buscar água.

"Ao mesmo tempo chegaram uns pastores com suas cabras e antílopes invadindo toda a paragem ao redor do poço e atirando ao chão algumas das moças que não resistiram aos empurrões dos animais sedentos. Moisés repreendeu severamente os pastores e, com grandes gritos cheios de energia, alvoroçou os rebanhos que fugiram para a pradaria.

"Tirou ele mesmo a água e encheu os cântaros das donzelas, que assustadas correram para a cidade. Duas delas eram netas de Jethro, o sacerdote de Karnak, que continuava em Paran como juiz, mestre e patriarca daquelas pessoas simples e sem grandes conhecimentos.

"Inteirado da ação do estrangeiro, dirigiu-se ele mesmo ao poço para convidar Moisés à sua casa, e repartir com ele o pão da sua mesa. Qual não foi a sua surpresa ao descobrir no valente e nobre jovem o protegido de sua ilustre sobrinha, a princesa Thimetis, que só na hora da morte revelou ao seu tio que era a mãe de Moisés.

"Moisés estudava sempre com grande dedicação e recolhia formosas lições de sabedoria do ancião protetor, a quem ajudava em tudo quanto ele necessitasse. Servia-lhe de leitor, de escriba, de tradutor e de ajudante em suas tarefas de mestre, de sacerdote e de juiz de Paran.

"Um dia se apresentou a Jethro uma adolescente chorando com grande desconsolo. Os piratas do Mar Vermelho haviam-na tirado de casa com subterfúgios para cumprir nela um bárbaro ritual do seu culto a deuses sanguinários. Consistia este em enfeitar uma mocinha e fazê-la dançar para um condenado ao sacrifício, ao qual outorgavam, como prêmio antes da morte, a posse da mais formosa donzela da região.

"– Jethro, sacerdote do Senhor! – clamou a infeliz. – Prometeste ser o pai de toda donzela ultrajada pelos piratas do Mar Vermelho. Tende piedade de mim, que fui expulsa da casa de meu pai por causa da desonra.

"O velho patriarca recolheu-a em seu lar e mandou que a considerassem como uma de suas filhas e netas.

"A infeliz chorava sempre e ninguém podia consolá-la. Moisés, que a observava em silêncio, compreendeu a causa daquela dor muda e disse a Jethro:

"– Dá-me Séphora por esposa, pois estou enamorado dela.

"– Fala-lhe tu mesmo e, se ambos estiverem de acordo, conta com o meu consentimento.

"Desse modo, piedosamente, Moisés cobriu com a sua abnegação a desonra de Séphora, filha adotiva do patriarca Jethro, que estava orgulhoso de ter Moisés como genro. O filho que nasceu de Séphora foi chamado Ghesen (*) e seguiu Moisés até a sua morte com grande constância e fidelidade, abandonando a própria mãe quando o grande Profeta se dirigiu à Terra da Promissão, guiando o seu povo.

"Já fazia dez anos que Moisés estava em Madian, porque ainda viviam o mago e os ministros que intentaram matar a princesa Thimetis, os quais nunca puderam localizar o paradeiro do Homem de Deus guardado pelos seus Anjos.

"Nesse país distante, perdido entre altas montanhas, ele foi favorecido pelo Altíssimo com as mais estupendas maravilhas. Das grandes Escolas de Mênfis, a princesa Thimetis tomou dois sacerdotes anciãos, do antigo culto, e os enviou secretamente a Madian, porque seu tio Jethro lhe fez saber que Moisés enlanguecia de tristeza por causa do desterro. Os dois sacerdotes anciãos eram descendentes dos primeiros discípulos de Mizraim, pai da raça e fundador do antigo culto, que mandava adorar ao Deus Único, vivente na luz do sol, no vento que sopra nas areias do deserto e nas águas do rio Sagrado, o Nilo, que transbordava duas vezes a cada ano para fecundar suas margens, produzindo duas colheitas em cada treze luas.

"Além disso, eram clarividentes que sondavam os abismos siderais, e de suas luzes e sombras viam, a descoberto, os grandes segredos de Deus.

"– Moisés, teu filho – disseram eles à princesa –, é um vaso escolhido pelo Altíssimo para cumprir grandes desígnios em favor da humanidade deste planeta. Nesse vaso, nascido do teu seio como um lótus dentre as águas do Nilo, os homens beberão a Lei Eterna, que muitas vezes lhes foi dada em séculos já esquecidos. O atraso e a iniqüidade humana sepultaram sob a terra, como se sepulta um cadáver sob as pedras da montanha, a Vontade Soberana do Criador, e tornaram o seu coração como argila, onde tudo se apaga e desaparece. No entanto, Moisés, teu filho, trás o fogo de Deus em seu dedo indicador e a luz da estrela polar em sua testa; e a Lei que ele trará à Terra não se apagará jamais da mente dos homens.

"– Ide a Madian, para o lado de meu filho Moisés – disse a princesa Thimetis, que sofria grande angústia por ele –, e se, com a vossa presença, ele não se confortar e consolar, irei eu mesma, ainda que me custe a vida uma viagem tão penosa a um país estrangeiro.

"Os dois anciãos se puseram a caminho, carregados de presentes enviados por aquela mãe-mártir para seu filho. A partir dessa época, começaram os grandes favores divinos para o escolhido do Senhor, porque a presença material desses dois justos ao seu lado foi como o abrir-se de uma corrente nova emanada do Eterno Poder sobre o instrumento escolhido para manifestar-se aos homens.

"A alma do desterrado encheu-se de alegria com esse novo presente da mãe, e lhes disse quando se apresentaram:

"– Recebo-vos como anjos de Deus vindos para minorar as amarguras do meu desterro.

(*) Posteriormente alterado para Essen (N.T.).

"Moisés construiu um cenáculo como os usados por seus irmãos de Gosen em terras do Egito, para dedicar-se ali, com os anciãos e seu sogro Jethro, ao estudo e contemplação das Leis Divinas.

"Tinha então Moisés 30 anos completos e, embora houvesse estudado todas as ciências humanas conhecidas na época, sentia sua alma vazia e triste, como se a fome e a sede lhe devorassem as entranhas.

"Ohad e Carmi, assim se chamavam os clarividentes que ajudaram Moisés em sua tristeza, viam nos eternos desígnios que se aproximava o momento da grande Iluminação do Escolhido. Dir-se-ia que suas fervorosas orações apressavam a hora fixada nos séculos. E um deles perguntou:

"– Há nesta terra um monte que se chama *Horeb*?

"– Sim – respondeu Moisés –, é aquele promontório de contorno escuro que vedes atrás deste vale, onde pastam as ovelhas de Jethro.

"– Irás até lá amanhã, filho da princesa Thimetis e de Amram, o Levita, pois lá te espera a grandeza do Eterno. Sete dias e sete noites passarás numa caverna daquele monte. Leva contigo, pois, o pão necessário para sete dias.

"Moisés obedeceu, tomou uma vara de oliveira por cajado, um alforge com pão e partiu de madrugada.

"Os dois anciãos, encerrados no cenáculo, o seguiram com o pensamento aceso ao amor.

"Chegou Moisés ao alto do Monte Horeb quando o sol queimava a terra com seus raios ardentes. Abrasava-o a sede e seu coração desfalecia. Moisés olhou ao redor e aquelas rochas estéreis, cobertas de espinhos e sarçais silvestres, pareciam resplandecer com os ardorosos raios solares que ao meio-dia caíam em cheio sobre elas.

"De repente, sentiu um pequeno rumor como de água a saltar dentre as pedras e, afastando os emaranhados ramos de um arbusto, viu um fio de água dourada brotando de uma fenda do penhasco.

"– Esta é a água da vida! – gritou com todas as suas forças –, porque já morria de sede. – Bebeu do manancial e comeu o pão do alforge, e logo deixou-se adormecer porque era grande o seu cansaço.

"Em sonho, Moisés viu aqueles sarçais arderem sem consumir-se e que, nas vivas labaredas daquele fogo, se formava uma imagem semelhante à dos humanos, mas de incomparável beleza. Essa imagem formada de chamas falou-lhe com indizível amor, e ele compreendeu a sua linguagem, embora não fosse nenhum dos idiomas usados pelos homens do seu tempo.

"– Moisés! Moisés! – disse com acento indefinível. – Eu sou aquele que sou, a alma companheira que te segue no Infinito desde um tempo incontável, e que te seguirá eternamente, porque o Supremo Amor nos uniu e nunca mais poderemos separar-nos. Tua divina missão começa neste instante, e eu sou o intérprete do Eterno Pensamento junto a ti. Como Instrutor e Guia da Humanidade terrestre, deves saber tudo para dar a Luz da Verdade aos que andam às tontas nas trevas!

" 'A Eterna Idéia descobre-se diánte de ti! Olha:

"Em seu magnífico sonho de iluminado, Moisés viu uma branca nuvenzinha a se formar no meio de um negro abismo e descendo rapidamente. Ela logo começou a girar como levada por um turbilhão, e Moisés viu que mil chispas de fogo saíam dela, formando como um enxame de abelhas de luz a se perseguirem mutuamente, sem todavia tocar-se, até que foram se afastando para enormes distâncias, arrastadas por vertiginosas correntes. Por fim, uma dessas abelhas de luz se deteve diante dele,

e Moisés viu que se tratava de uma massa informe de vapores ígneos de substâncias ferventes em borbotões imensos, furibundos e raivosos, como se fossem monstros com vida e inteligência e quisessem devorar-se uns aos outros. Esse movimento desvairado acalmou-se afinal, e entre cortinados de névoas e claridade acinzentadas foram esboçando-se paisagens de águas turvas e costas rochosas, qual montanhas de cinzas fumegantes e movediças em intervalos dados. A aridez, a solidão, a morte por toda parte, espantosos tremores, estampidos terríveis, línguas de fogo como cobras retorcidas em distantes abismos ... e o sono do vidente fazia estremecer seu corpo físico estendido no fundo da caverna do Monte Horeb.

"A vida começava a aparecer nessa horrenda confusão de forças tremendas postas em ação pelo Eterno Invisível.

"O reino vegetal primeiro, e o animal depois, começaram a tomar posse daquelas águas turvas, e daquelas rochas cinzentas que erguiam suas cabeças calvas entre brumas geladas.

"Os vales cobriram-se de verdor e as águas refletiam o azul puríssimo dos espaços infinitos.

"Os musgos acinzentados tornaram-se árvores gigantescas onde se aninhavam as aves, e as pradarias se povoavam de animais monstruosamente grandes, tal como as águas gigantescas que envolviam a maior parte do globo. Finalmente, apareceram formas como de humanos, gigantes de pele coberta de pêlos, cujo olhar inteligente e vivaz demonstrava a astúcia com a qual deviam dominar os seres inferiores daquela estupenda criação. Era a espécie humana por quem Moisés devia sacrificar-se.

"Sete dias, com suas respectivas noites, durou o sono de Moisés, Profeta de Israel e, quando despertou, viu que havia envelhecido vinte anos. Suas pálpebras caídas e os cabelos acinzentados faziam-no parecer um homem de 50 anos, e tinha apenas 30.

"– Deus de meus pais! – exclamou. – Quanto tempo passei nesta caverna para que a água da fonte reflita a minha imagem como sendo a de um ancião?

"A voz amorosa falou-lhe novamente por entre os sarçais, que pareciam envoltos em chamas, para responder-lhe:

"– Apenas se passaram sete dias e sete noites, mas os segredos do Eterno Invisível são tão grandes e seu peso tão enorme que suportá-los equivale a um terço de vida. Que importa, Moisés, meu irmão, se agora sabes tudo o que *será*, e se o Eterno te fez Senhor do passado e do futuro. De que podes queixar-te?

"O sol do sétimo dia se levantava como um disco de fogo no horizonte, e a sarça apagou-se de repente, deixando um suave resplendor a extinguir-se lentamente.

"Moisés começou a chorar com indefinível angústia, sentindo-se envolto em profunda solidão.

"Séphora, ignorante do motivo de sua ausência, e que havia seguido com o olhar a direção tomada por Moisés quando saiu de casa, chamou o filho e se encaminharam pela pradaria povoada de ovelhas até o Monte Horeb. Quando estavam já muito próximos, disse ao seu menino já entrado nos dez anos: 'Caminha até o monte, e chama *Pai* três vezes. Ele te responderá e então lhe apresentarás esta cestinha com frutas e queijo fresco.'

"Quão emocionante surpresa foi a de Moisés quando, em meio ao seu amargo pranto, ouviu a meiga voz de seu Ghesen a chamar: 'Pai! ... Pai! ... Pai! ...'

"– És o Anjo do Senhor que chega neste momento difícil – disse Moisés, levantando-se para sair ao encontro do menino que se pendurou em seu pescoço e o cobriu de beijos, e também o aturdiu com perguntas referentes à saída de casa e à sua demora em voltar.

"Comeu logo, junto com o menino, lavou o rosto no manancial e desceu do Monte Horeb com a alma cheia de tudo quanto podia compreender a mente humana em relação aos segredos de Deus.

"Alguns dias depois, Moisés escreveu esta magnífica visão e a chamou de *Gênese*. Foi o seu primeiro livro, que ninguém conheceu senão muitos anos depois.

"Em seis dias de sono profundo ele havia visto desfilar ante sua alma extática a criação de um universo de milhares de mundos e, logo a seguir, a evolução do planeta Terra, em épocas cuja duração lhe era totalmente impossível fixar."

Aqui terminava o manuscrito, ao pé do qual se lia: "Dou fé da fidelidade deste relato, conforme a palavra de Amram, o Levita, e de Jethro, patriarca de Madian."

"*Caleb, filho de Jhepone.*"

Um Papiro de Salomão

Noite após noite, a leitura de Jhasua chegou ao seu fim, ao mesmo tempo que terminava a cópia do pergaminho, razão pela qual voltou à antiqüíssima Sinagoga de Nehemias para devolvê-lo, segundo prometera.

Encontrou Mardoqueu no arquivo com um estrangeiro já entrado em anos que havia chegado de Persépolis na lua anterior. Chamava-se Sachbathan, e era um dos mestres deixados por Baltasar à frente de sua Escola em Persépolis. O objetivo da viagem fora o estudo, motivo que o levara a apresentar-se ao Grande Colégio de Jerusalém, onde Gamaliel, o velho, era reitor nessa época, e escutara em silêncio as lições de seus sábios doutores. O mundo sideral atraía-o acima de todas as coisas, levando-o a consagrar-se completamente ao estudo dos astros em todos os seus aspectos. Sentia-se deslumbrado pela magnificência de seus esplendores e, principalmente, pelos misteriosos enigmas encerrados nesse infinito azul povoado de globos luminosos, cujas estupendas leis quisera penetrar.

Depois de ter assistido a muitas lições dadas por diferentes Mestres, viu-se tão vazio quanto antes, pois não ouviu nada de novo que pudesse ampliar os conhecimentos que já havia adquirido. Não se resignava em ter que voltar à sua Escola com a notícia de que na célebre Jerusalém de Salomão, o mais sábio dos Reis daquele tempo, não havia encontrado absolutamente nada que acalmasse sua sede de mais conhecimentos.

Numa das lições ouvidas no Grande Colégio ficou sabendo, de passagem, de sua referência feita ao fato de Nehemias, cinco séculos antes, ter obtido de Artaxerxes, Rei da Pérsia, permissão para voltar à Judéia e reedificar a cidade e o templo de Jerusalém. Por tradição oral entre os anciãos, sabia-se que, ao fazer escavações nas ruínas do que foi o palácio de Salomão, Nehemias encontrara num cofre de pedra um rolo de papiro envolvido numa lâmina de cobre, em cujo rótulo se lia: *Sabedoria do Rei Salomão. As Leis do Universo.* Contudo ninguém podia dizer com precisão que fim teve esse inestimável tesouro, pois Nehemias, restaurador de Jerusalém e do seu templo, foi encontrado morto em seu leito sem deixar nada dito ou escrito a não ser o relato referente à reconstrução da cidade e do templo, e o nome dos príncipes, sacerdotes e nobres israelitas que ajudaram na dita reconstrução. O estrangeiro, talvez sob secreta inspiração, perguntou se era conhecido o lugar em que vivera Nehemias,

filho de Hachalias, reconstrutor da cidade de Salomão por ordem de Artaxerxes, Rei da Pérsia, e lhe responderam que, encostada à porta do Sul, chamada então *Porta do Sião*, existia uma casa aparentando estar em ruínas, onde uma prancha de mármore enegrecida pela ação do tempo, indicava ter sido ali o local onde a morte súbita havia surpreendido o patriarca da Jerusalém restaurada cinco séculos antes. O estrangeiro persa Sachbathan, havia-se valido desta vaga indicação para chegar à Sinagoga de Nehemias.

Mardoqueu era mais homem de trabalho que de livros e, para dizer a verdade, ignorava ele próprio o que guardava em seu arquivo. Seus antepassados tinham deixado em grandes armários embutidos na parede e em cofres de madeira de oliveira aquilo que eles apreciavam sobremaneira. Ele continuou guardando o tesouro escrito sem apreciar completamente o seu valor em face das dificuldades financeiras de sua vida naqueles tempos difíceis que não lhe permitam outra coisa além de estudar ligeiramente a Lei, recitar alguns salmos, e o resto de seus dias era devorado na oficina de tecidos que lhe dava o pão e o lume.

Os dois personagens se achavam nestes preâmbulos iniciais quando chegou Jhasua, para devolver o rolo que levara três dias antes.

– Aqui tens, Jhasua – disse Mardoqueu –, um estrangeiro que, como tu, gosta de desatar velhos rolos de pergaminho em busca de conhecimentos. Faze-me o favor de servir de secretário no Arquivo com o fim de mostrar-lhe tudo quanto ele quiser ver, e bendizei ao Senhor se encontrardes aqui o que sua alma deseja para ter paz. A oficina me chama, e eu vos deixo à vontade até o meio-dia.

– Fica despreocupado, Mardoqueu – respondeu Jhasua –, que eu te substituirei do melhor modo possível.

Iniciaram a busca, que começou com a organização do Arquivo, o qual denotava claramente estar em poder de um homem que não entendia de letras mas tão-somente de teares.

Primeiramente, apareciam os chamados livros de Moisés, com o monumental catafalco de ordens e instruções para todos os momentos da vida de um bom filho de Israel; logo os livros dos Profetas Isaías, Ezequiel e Jeremias, que eram sempre os mais lidos; a seguir, vinham os salmos, entre os quais encontrava a alma aquilo que necessitava para as eventualidades dolorosas da vida, ou para colocar-se em contato com a Divindade através da oração verbal.

As demais estantes permaneciam fechadas, cobertas de pó, com finas teias salpicadas de pequeninos insetos a carcomerem aqueles enormes e monumentais livros que ninguém se dava ao trabalho de limpar e menos ainda ler.

"O Arquivo de Ribla – pensou Jhasua – tinha um sacerdote de Homero que conhecia folha por folha do que ali era guardado; porém, o Arquivo da Sinagoga de Nehemias tem por guardião um tecelão que não pode dispensar um pouco de tempo de seu oneroso trabalho que lhe dá o pão para sua mesa."

– Bom patriarca Nehemias! – exclamou prontamente Jhasua em voz alta. – Se este nosso afã de conhecimento há de ser para a glória da Verdade Divina e em benefício da Humanidade, guia-nos até onde está oculta a Sabedoria de Salomão, pois este irmão veio da distante Pérsia para buscá-la! – O persa olhou-o assombrado, como se tivesse ouvido uma voz interior a chamá-lo de longe.

O movimento involuntário de um calhamaço fez cair uma placa de argila, das muitas que havia com escrituras cuneiformes, sobre algo que ressoou como pedra a se quebrar. A plaqueta caíra sobre uma lâmina de pedra branca, inteiramente coberta de pó.

Era a tampa de um cofre de mármore, onde em antigo aramaico se lia: "Escrituras de Salomão, Rei de Israel." A lâmina tinha-se partido em duas com grande pesar do estrangeiro, que se julgava culpado desse grave delito em detrimento do arquivo da sinagoga.

– Nada de aflições, meu amigo – disse Jhasua. – Isto é apenas a resposta de Nehemias, servo do Senhor, querendo indicar-nos onde está o que buscais.

Deixando a descoberto o pequeno cofre, os dois consulentes começaram a examinar o conteúdo.

"Esposos Eternos"

Era o que se lia no título do primeiro manuscrito tirado do meio de uma espessa camada de pó.

O estrangeiro e Jhasua começaram a traduzir com grande dificuldade aqueles confusos caracteres:

"Eu sou a Sabedoria, e estou desposada com o Perfeito Invisível.

"Meu Eterno Esposo possuía-me no princípio do seu caminho e muito antes de suas obras.

"Eternamente Ele teve o principado, desde muito antes do Sol, das estrelas e da Terra.

"Antes dos abismos, fomos gerados Ele e Eu por nós mesmos, surgidos da nossa própria vida eterna.

"Antes que fossem os mares das muitas águas.

"Antes que os montes fossem fundamentados.

"Antes que as nebulosas fossem mães de sóis e de estrelas.

"Quando nasciam do Ele e do Eu Eternos, os Céus se estendiam como dosséis sobre os abismos.

"Quando dávamos ordem às nebulosas para que dessem à luz seus filhos, os astros radiantes, a correrem como corcéis de ouro, em velocidades vertiginosas sem se encontrarem jamais, Ele e Eu Eternos já estávamos unidos.

"Ele e Eu Eternos, nascemos juntos. Geramo-nos a nós mesmos e vivemos Eternamente em amor.

"O Universo todo é d'Ele e m'Eu, e o conheço como o homem conhece os dedos de sua mão.

"Eu, Sabedoria, esposa do Eterno Invisível, amo aos que me amam e me buscam na aurora de sua vida, e também me buscam até na borda do sepulcro.

"Meu Eterno Esposo permite-me dar-me àqueles que me amam, porque meus véus de luzes e sombras os deslumbram e não podem ferir-me, fazer-me mal ou tocar-me. Apenas lhes é permitido ver-me como à imagem refletida na fonte.

"Variedade infinita são os sóis e as estrelas a encherem os abismos, como também o são as vidas a povoarem os sóis e as estrelas.

"Do ar, da água, do fogo e do pó foram feitos os mundos na noite Eterna, na qual dormiam os abismos, até que o Eterno Invisível e Eu nos geramos em soberano matrimônio, fomos, nos amamos e espalhamos, como cachos de frutos maduros, os sóis e as estrelas para moradas Eternas daqueles que, em idades futuras, deviam ser nossos amantes, nossos filhos, nossa continuação ... nossa própria vida prolongada e renovada até o infinito.

"Não existe acima nem abaixo, não existe base nem teto, não há princípio nem fim nas obras nascidas d'Ele e do Eu Eternos. É o ilimitado.

"Vida, força; movimento, vibração, som e silêncio, é tão-só o existente, e existirá ainda por todo o sempre.

"Tudo isso, envolto, penetrado pelo fluido vital da Luz, que é o grande véu de ouro a cobrir-nos a ambos Eternos, a darmos vida e mais vida a tudo quanto vive, sem que a nossa força vital diminua jamais.

"Homem terrestre: do mesmo modo como foste desde o teu princípio, como és serás, foram, são e serão os seres que povoam todos os globos a girarem, como borbulhas, nos abismos do infinito.

"Eu sou a Sabedoria, a Eterna amada do Eterno Invisível, e Ele permite revelar-me aos que me amam e, madrugando, me buscam.

"Homem terrestre: purifica o teu coração, se esperas que eu te ame. Somente aquele que tem coração limpo pode ver-me.

"Não te encerres no ovo negro depositado do pântano, como o crocodilo, que, sem mover-se, espera a presa para devorar: assim é o fanatismo e a soberba.

"Ele e Eu Eternos demos para teu uso três asas poderosas: entendimento, memória e vontade. Agita-as na imensidão e encontrar-nos-ás, como também nos amarás, e acenderás a tua lâmpada na nossa Luz e viverás a verdadeira vida, que é o Conhecimento. Paz e Amor para toda a Eternidade.

"Eu Salomão, filho de David, fui tomado como se toma um punção rubro, e, por invencível força, escrevi as determinações de Jehová. Seja Ele bendito e glorificado por todos os séculos. Aquele que merece compreender que compreenda. O Altíssimo dá-lhe tudo. Bem-aventurado quem tem mãos para receber e abre sua boca para beber.

"A Luz é o cofre de ouro que tudo encerra.

"Bem-aventurado quem acerta abri-lo e possuir os seus tesouros. Ele é rico e feliz sobre toda riqueza e toda felicidade.

"Louvado seja Jehová."

O estrangeiro e Jhasua se entreolharam durante alguns segundos e nesse olhar pareciam repetir essas palavras do manuscrito: "Aquele que merece compreender que compreenda."

– Um profeta do antigo Iran – disse o estrangeiro Sachbathan – deixou uma escritura semelhante à de Salomão, e, quando seus discípulos quiseram espalhar cópias pelas maiores Escolas de Susan, de Pasárgada e de Persépolis, foram mortos ou condenados ao calabouço perpétuo. A sabedoria aborrece a Humanidade, porque esta se acha à vontade na ignorância.

– Nem toda a Humanidade, meu amigo – disse Jhasua –, porque tu e eu somos parte da Humanidade, e andamos famintos em busca de sabedoria. Baltasar, o fundador da tua Escola, foi outro buscador incansável da Sabedoria.

– Tu o conhecias? ... – perguntou o persa, assombrado.

– Eu o vi morrer em Tiphsa, às margens do Eufrates, não faz ainda um ano. Minha vida e a dele estão enlaçadas por um anel de ouro! ...

– Então ... tu és aquele que foi anunciado por uma Luz descida do topo de um penhasco! ... – gritou Sachbathan sem poder conter-se. – Vejo essa Luz pousada sobre a tua testa.

– Tu o disseste – respondeu Jhasua – e, visto como és discípulo de Baltasar, que ele sele os teus lábios para que se mantenham fechados até soar a hora.

O estrangeiro caiu de joelhos diante de Jhasua, dizendo:

– Senhor! ... Senhor! ... O mundo está perdido por causa da ignorância, e recomendas para que os meus lábios permaneçam selados! Fala, Ungido de Deus, e o mundo será salvo pela tua palavra.

– Logo falarei, Sachbathan, logo falarei, mas antes quero proceder como quem vai empreender a última viagem: deixar para os meus trabalhadores a eira cheia de grão, para que possam semear durante a minha ausência.

Levantando o persa a chorar de emoção, sentaram-se nos dois tamboretes defronte ao arquivo e Jhasua mencionou os últimos momentos de Baltasar e o pacto de continuar a sua obra com os que ficavam: Melchor e Gaspar.

Já caía o sol atrás das montanhas que circundam Jerusalém quando esses dois famintos de sabedoria, segundo a expressão de Jhasua, se despediram até o dia seguinte, quando deviam encontrar-se novamente no cenáculo do palácio de Ithamar.

O viajante persa estivera a ponto de empreender a viagem de regresso ao seu país natal, crendo que a Jerusalém de Salomão era estéril e morta para ele, e eis que encontrava não apenas a sabedoria do Rei hebreu, como também o vaso vivo e radiante da Sabedoria na personalidade divina do Verbo de Deus. Continuou repetindo para si mesmo as palavras da escritura de Salomão: "Eu sou a Sabedoria, e me encontram aqueles que, madrugando, me buscam. Eu amo aos que me amam. O Altíssimo dá tudo. Bem-aventurado quem estende a mão para receber e abre a boca para beber."

A reunião da noite seguinte viu-se aumentada com um freqüentador a mais: o viajante persa já conhecido do leitor.

Jhasua trouxera da Sinagoga de Nehemias o manuscrito de Salomão para que seus amigos, os quatro doutores de Israel, emitissem sua opinião sobre ele.

– Com a escritura de Caleb, filho de Jhepone, sobre o Gênese de Moisés, e com este escrito de Salomão, o Sinédrio tem motivos de sobra para condenar-nos a morrer apedrejados todos juntos – disse sorrindo José de Arimathéia que, como o mais idoso, foi convidado a falar em primeiro lugar.

– Cuidado, cuidado! ... – ouviu-se a voz tranqüilizadora de Noemi.

– Sou eu aqui o mais velho de todos – disse Simônides – e, embora não seja nenhum luzeiro nas ciências, julgo poder dizer alguma coisa de proveito para todos. Neste cenáculo iluminado com a presença do nosso Rei Salvador, todos os assuntos podem ser tratados com inteira liberdade, mas que não passe pela mente de ninguém a idéia de que estas questões possam cruzar o umbral dessa porta. Traríamos algum bem ao nosso povo morrendo agora como répteis esmagados por uma dúzia de pedras, e tudo por pretender rasgar os ouvidos dos velhos do Sinédrio com essas notícias de Moisés e de Salomão?

– Em verdade – acrescentou Nicodemos – estes assuntos, se bem que para nós sejam uma revelação grandiosa, como serão do mesmo modo para todos os homens de estudo, não devem sair do nosso meio, e muito menos Jhasua deve ocupar-se deles em lugares públicos.

– E eu, que havia pensado em pedir a opinião do Mestre Shamai do Grande Colégio ... – disse Jhasua com muita tranqüilidade.

– O velho Shamai – disse Nicolás de Damasco – é um homem de grande talento, e apreciaria estes escritos em todo o seu valor; no entanto, ele é dos que pensam que, para a multidão, não se pode deixar entrever coisas acima da sua capacidade de compreensão.

Gamaliel não havia emitido a sua opinião até esse momento e disse prontamente:

– Tenho uma idéia que submeto à decisão de todos.

Várias vozes disseram ao mesmo tempo:

– Estamos à escuta. Fala.

– Penso que devemos tirar umas vinte cópias destes dois documentos, sem expressar de maneira alguma como foram descobertos para não comprometer a Sinagoga de Nehemias; e, sem dizer coisa alguma, devemos deixá-los entre os livros de apontamentos que cada um dos alunos do Grande Colégio guarda em sua estante. Tenho facilidade para entrar e sair sem chamar a atenção, pois vou sempre levar mensagens ou cartas a meu tio, em cuja casa eu moro.

– Oh, o velho Gamaliel! Bem que podíamos falar-lhe, e que ele se fizesse introdutor desta nova ciência, tão velha como o Universo – acrescentou Jhasua, que mais se inclinava a ir abertamente do que escondendo-se sob algum artifício.

– Que qualquer um fale menos tu, Jhasua – observou o príncipe Judá, que até então havia permanecido em silêncio porque, sentado aos pés de Nebai ou Esther, segurava uma grande meada de finíssima seda púrpura, encomendada por Simônides na Grécia, para que a sua neta, com Myriam, Noemi e Thirza tecessem o manto real que, num dia não distante, deveria ser colocado nos ombros do amado Rei de Israel. – Nossos adversários – acrescentou – suspeitam já da tua presença no país e andam farejando o teu rosto como cães de caça.

– Ah, sim! Pois vamos novamente para Antioquia – disse Simônides, grandemente alarmado.

– Tanto perigo assim não existe – observou Noemi –, mas convém ser prudentes.

– Julgo prudente aceitar a proposta de Gamaliel – disse Nicodemos – se todos estiverdes de acordo.

– Assim é melhor – disseram várias vozes ao mesmo tempo.

Ato contínuo, foram colocados sobre a mesa do grande cenáculo a tinta, os punções, as penas, os pergaminhos, os tecidos engomados, as lâminas finíssimas de madeira branca que, unidas por pequenos anéis de cobre, formavam livros mais ou menos volumosos.

– Justo e perfeito – disse o estrangeiro Sachbathan. – Dentro dessa variedade de elementos de escritura ninguém suporá que todas as cópias provieram da mesma fonte.

Fez-se grande silêncio porque todos escreviam ao redor da mesa redonda coberta por um rico tapete azul.

Jhasua ditava, e até Noemi, Ana, Thirza e Nebai tiveram que deixar as meadas de seda púrpura para escrever. Myriam, que ficou sem tarefa, foi sentar-se ao lado do filho e enrolava os pergaminhos que ele ia desocupando.

– Não dites tão rápido, jovem – pediu Simônides –, lembra-te que já tenho 70 anos, e, para fazer a pena andar, minhas pobres mãos são pesadas demais.

Os quatro doutores de Israel conheciam muito bem a pessoa que comparecia às aulas do Grande Colégio e deram os nomes daqueles com quem deviam deixar cópias.

– Boa falta está fazendo aqui Marcos – disse José de Arimathéia. – Com ele, os conjuntos de escrituras entrariam como vinho na cuba.

– Ficai descansados; só eu serei o suficiente, e introduzirei tudo com facilidade – respondeu Gamaliel muito seguro de si.

Três dias depois, havia um reboliço no Grande Colégio, que estava deixando loucos os velhos Mestres.

– Qual foi o gênio maléfico que andou pelos nossos claustros derramando

veneno de serpente? – resmungava o velho Gamaliel, ao qual faziam coro Shamai, Simeão e Anás, que tinha sido Sumo Sacerdote, e ainda era conceituado como uma autoridade nesse tempo.

– Isto é uma espada de dois gumes nas mãos de mancebos inexperientes, que nada de bom farão com estas ciências tão audazes, a não ser deixar louco o mais ajuizado – disse Anás, como pronunciando uma sentença capital.

– Ou entregam aqui todas essas cópias ou serão expulsos do Grande Colégio – argüiu o velho Reitor.

Gamaliel, o jovem, escutava a ameaça violenta dos velhos Mestres da ante-sala da reitoria, onde aparentava folhear velhos textos preparando sua aula de história natural para aquela mesma tarde.

Os alunos favorecidos com as cópias, que ninguém sabia como tinham entrado no grande estabelecimento docente de Jerusalém, haviam-se retirado para as suas casas e unicamente um deles, temeroso do que pudesse ocorrer, entregara seu rolo na Reitoria. Ou melhor, este foi o intérprete de todos a fim de que os velhos Mestres tivessem um exemplar e se pusessem frente a frente com fatos acontecidos há quinze e também há dez séculos, respectivamente.

Os alunos sabiam que seriam ameaçados com a expulsão e, de comum acordo, tiraram algumas cópias dos dois documentos, e docilmente entregaram na Reitoria as cópias que haviam sido colocadas em suas estantes.

– Ao fogo com elas – gritaram os velhos, satisfeitos.

– Novamente triunfamos sobre a imprudência dos audazes sábios modernos que ignoram o perigo que significa para a Humanidade propalar teorias que exaltam o homem até colocá-lo nas alturas onde se acham os arcanjos do Senhor – disse Anás, e todos estavam de acordo com ele.

– Claro está – disse outro –, que Moisés e Salomão sabiam toda a Ciência Oculta do seu tempo; entretanto, se eles não a deram ao povo, por que nós haveremos de dá-la?

– Se todos devemos ser igualados um dia, de que serve haver nascido de sangue real ou de casta sacerdotal? – insistiu novamente Anás.

– Como haveremos de manter a multidão em obediência, se lhes ensinarmos que qualquer um deles pode ser igual a nós – acrescentou Simeão, cujos antepassados tinham um brazão nobiliário que chegava até o Rei Josaphat, filho do justo Rei Asa e de Azuba, sua primeira esposa. Sua genealogia não tinha interrupções, enxertos ou acréscimos, motivo pelo qual costumava dizer com orgulho:

– Se Jehová há de escolher um sangue limpo e uma ascendência ilustre para fazer encarnar o seu Verbo, creio que a minha casa será a escolhida. Com sete filhos e dezesseis netos, sobram ninhos de plumas e seda para o *pássaro azul.*

Poucos dias depois, o estrangeiro persa empreendia viagem para seu distante país, levando em sua equipagem tudo quanto seus novos amigos de Jerusalém lhe obsequiaram em pergaminhos com cópias do arquivo de Ribla, do hipogeu de Mizraim, perdido sob as areias do Vale das Pirâmides, e, ultimamente, do que foi encontrado na Sinagoga de Nehemias. Algo maior e eterno, levava Sachbathan no fundo do coração: a imagem radiante de Jhasua, Filho de Deus, ao qual encontrara inesperadamente entre os poeirentos maços de papéis de uma esquecida Sinagoga de Jerusalém.

As Escolas de Baltasar em Susan, Persépolis e Pasárgada, onde ainda flutuava o pensar e o sentir do velho Mestre como resplendores de uma tocha, viram-se enriquecidas com novos tesouros de sabedoria, vindos para dar consistência de realidade às hipóteses e teorias sustentadas por ele.

As Cartas do Egito

Três luas haviam transcorrido desde a morte do justo Joseph e quatro da chegada da família à velha cidade dos Profetas, quando chegaram cartas da Cirenaica, de Horeb e de Alexandria para o Homem-Luz, cuja divina claridade já se difundia em dois continentes.

A carta de Cirene era de Hach-ben Faqui, a de Horeb do príncipe Melchor e a de Alexandria do Mestre Fílon com as cópias de seus escritos, prometidos na visita de Jhasua.

– O mundo começa a despertar e olha para Jerusalém – disse orgulhosamente Simônides, que estava autorizado por Jhasua a ler a sua correspondência em atenção aos excelentes dotes psicológicos do ancião, visto ser ele um lince para conhecer as pessoas e penetrar em suas intenções.

"Vem aqui, meu senhor, pois os países da África reclamam a tua claridade, porque estão vendo seus caminhos envoltos em sombras.

Lendo as cartas originais, ficaremos a par daquilo que tanto entusiasmou Simônides.

Faqui dizia:

"Arcanjo de Amanai,

"Estou às escuras sem a luz de teus olhos garços.

"A morte do nosso Amenokal trouxe grandes perturbações na nossa raça tuaregue, e ainda não entramos completamente em calma.

"A Rainha Selene não consegue fazer ouvir sua voz de calhandra, abafada pelo turbilhão das grandes ambições de poder a se alastrar ao mesmo tempo nos príncipes reais que, entre si, disputam a residência no palácio de Taovareks (*) e na cidade de rochas do Timghert. (**)

"Meu pai, com mais dois anciãos, formam o alto conselho do governo do país, e esse conselho se inclina pela permanência da Rainha Selene à frente da nação, pois, do contrário, viria uma luta armada entre os partidários de cada um dos filhos se qualquer deles subir ao poder. Não havendo um varão primogênito, os dois têm igual direito de acordo com a Lei, e o povo deve escolher.

"Estão já formadas duas facções que se odeiam com todas suas forças e se ameaçam de morte.

"Homem-Luz, mensageiro da Filha do Sol, dize uma só palavra e será feita a paz na minha pátria.

"A Rainha Selene, meu pai e eu esperamos tudo de ti. Não és o Ungido de Amanai para dar paz aos homens de boa vontade?

"Permito a mim mesmo a liberdade de fazer-te meu mensageiro perante a virgem de meus sonhos. Entrega a carta anexa a Thirza.

"Meu amor para todos aqueles que aí me amam. Aceita, Jhasua, um grande e forte abraço do teu fiel e reverente admirador e amigo."

"*Faqui*"

"P.S. – Se acalmares esta tempestade de ódios, na próxima lua estarei em Jerusalém para cumprir a palavra empenhada com a família do príncipe Ithamar. Se

---

(*) – Terra sagrada da raça Tuaregue (N.T.).

(**) – A montanha santa, onde veneram os sepulcros de seus reis e heróis (N.T.).

a revolta continuar, não sei quanto demorarei, pois tenho sob comando 25.000 homens e não posso abandonar o meu posto."

A carta de Fílon fazia menção a outras descobertas efetuadas numa das pirâmides do vale do Nilo, cuja entrada o arqueólogo do Museu havia descoberto. Dizia assim:

"Ó Divino Pensamento feito homem! Amor Eterno feito coração humano! Jhasua, que encerra na sua personalidade espiritual tudo quanto necessita a Humanidade para encontrar novamente o seu caminho.

"Tua presença em Alexandria abriu os mais amplos horizontes no meu pensamento. Escrevi muito e modifiquei meus escritos da juventude em atenção e obséquio à verdade histórica no que se refere a Abel e Caim, dois personagens que só se compreende depois de haver lido as Escrituras do Patriarca Aldis, que tiveste a bondade de me dar. Finalmente, através das Escrituras em anexo, poderás ver que as minhas pedras preciosas foram depuradas e polidas, para que brilhe a verdade nelas, muito embora eu não esqueça a tua profecia naquelas noites na tenda no deserto: 'Fílon, tem em mente que estás escrevendo para homens de carne e osso, e não para querubins que, com espadas de chamas, iluminam os abismos siderais. Compreender-te-ão os querubins, mas não os homens. Livro não compreendido pelos homens é livro que eles mesmos esquecem.'

"Eu sei disto. Subjuga-me e domina-me o Universo Ideal, o qual pode não ser o Universo Real. É tão vigorosa a Idéia a lutar com a realidade; mas a Idéia vive dentro de mim, e a realidade está fora.

"Compreendes-me, divino Logos, nascido do Amor Eterno e da Eterna Idéia. No entanto, não há outro como Tu neste mundo, onde os homens são crianças que compreendem o pão que comem, o leito onde dormem, a terra que lhes dá o fruto, que lhes dá o poço, a água, e o fogo que lhes proporciona calor e cozinha os alimentos. Vamos a outro assunto.

"Nosso arqueólogo descobriu, naquela pirâmide das lousas quebradas, um compartimento que oferecia a particularidade de que as múmias ali depositadas são todas mulheres muito pequenas, e parecem pertencer à primeira dinastia dos Faraós de Mênfis, ou seja, às remotas épocas de Mizraim, de Naucatis, de Méris, de Peluphia e de Menéss. Essas múmias são verdadeiros blocos de pedra que ressoam ao golpe do martelo.

"Através de datas comparativas, com o aparecimento de determinadas estrelas que os astrólogos persas e caldeus fixaram em 8, 10 e 11.000 anos atrás, podemos dizer que essas múmias estão dentro dessas épocas, ou seja: não têm mais de 14.000 anos, nem têm menos de 8.000.

"Os pequenos homens das insignificantes realidades terrestres diriam: 'São os primeiros seres humanos nascidos nos arredores do Paraíso Terrestre depois do pecado de Adão e Eva.' No entanto, meu excelente Jhasua, a Eterna Idéia nos diz coisas bem diferentes! ... Adivinhas estas vibrações da Eterna Idéia no cérebro deste teu amigo e admirador que pensa e sonha até quando parte o pão.

"Este achado remonta-nos ao Patriarca Aldis, pois nos faz entrar de cheio nos horizontes onde ele viu desenvolver-se a Humanidade.

"Quando tivermos logrado traduzir as figuras e sinais esboçados nos sarcófagos, poderei fazer-te a relação exata daquilo que aparecer como verdadeiro ou possível no segredo da morte e dos séculos. Manda-me notícias tuas pois, desde a vinda de Hachben Faqui, não obtive mais nenhuma. Teu para sempre

Fílon."

"Leva-lhe esta minha carta meu irmão Alexandre, que será nomeado alabarca do Egito pelo governo romano, e que de Gaza segue viagem a Puzol, chamado pelo ministro favorito do César. Não sei se disto sairá a vida ou a morte, o bem ou o mal. Nada é seguro nestes calamitosos tempos de bárbara autocracia. André de Nicópolis, irmão de Nicodemos, teu amigo íntimo, recebê-lo-á no porto de Gaza e se encarregará de fazer chegar esta a tuas mãos. Afetos meus a teus bons amigos."

A carta do príncipe Melchor continha uma notícia que interessou a todos enormemente. Estava concebida nestes termos:

"Abundância de paz tenhas em tua alma, Ungido do Altíssimo para Sua Eterna Mensagem.

"Depois da partida do nosso bem-amado Baltasar, todos os meus dias foram de meditação preparatória para chegar à capacidade de substituí-lo, nem que seja numa pequena parte do seu valor, como Mestre e como coluna do templo que levantas, ó Jhasua, grande sacerdote do Senhor!

"Notifico-te uma boa descoberta feita pelos adeptos da nossa Escola do Monte Horeb. Neste labirinto de montanhas que, depois de habitá-las durante vinte e cinco anos ainda não se chega a conhecê-las, encontramos casualmente a gruta da visão de Moisés. Antes de mim, outros a procuraram sem encontrá-la, por causa de um desmoronamento de rochas que, ao rodar de enorme altura, desviaram o curso do riacho que desemboca no Dezahab, sobre o golfo oriental do Mar Vermelho, e que a tradição dava como nascendo de uma vertente encontrada pelo grande Profeta junto à entrada da gruta dos mistérios de Deus. Pudemos identificá-la à vista de umas gravações hieroglíficas feitas a punção sobre o basalto, e que documentos muito antigos mencionam terem sido feitos por dois sacerdotes de Mênfis que acompanharam o desterrado de Madian.

"Alguns nomes aparecem claros, porém outros fragmentos foram apagados pela ação do tempo. Ohad, Thimetis, Carmi e Amram aparecem com bastante nitidez. Há alguma referência a Karnak e ao lago Méris. Todo Egito, e Egito. Menciona Ramsés II junto ao número dez repetido duas vezes, o que supomos referir-se a 20 anos de seu reinado.

"A gruta está na ladeira de um monte diante de Paran. Olhando para o vale próximo, imagina-se ver Moisés conduzindo as ovelhas de Jethro. Contudo, o vale está povoado de cabanas e casinhas brancas de lenhadores, a maior parte dos quais talvez jamais tenha ouvido falar de Moisés.

"Ó Ungido do Senhor! ... Verbo de Deus feito Homem! ... Até as rochas inabaláveis desta Arábia Pétrea cantariam se pusesses sobre elas a planta de teus pés! Virás algum dia? Não poderia verificar-se aqui uma das reuniões combinadas por Gaspar e por ti junto ao leito mortuário de nosso irmão Baltasar? A gruta dos segredos de Deus revelados a Moisés bem merece ser o Santuário onde possa ressoar novamente a Palavra de Deus vibrando numa língua e em lábios humanos.

"Pensa nisso, Jhasua, na presença do Altíssimo e, no regresso da caravana, anuncia-me o resultado, pois que, para um acontecimento semelhante, precisamos participar às nossas Escolas de Esiongeber, de Cades Barnea, do Monte Hor, e aos nossos penitentes solitários do deserto de Paran. Em conjunto, não são muitos; no entanto, poderias contar com quatro centenas e com mais alguns bons apóstolos de teus ensinamentos.

"Outra das reuniões poderá ser efetuada na margem oriental do Golfo Pérsico, onde reside Gaspar, com a mais antiga das Escolas mantidas por ele.

"Dirás que pretendo dividir-te em pedaços? ... Ó Ungido do Altíssimo! ...

Compreende o que é, para um buscador da Eterna Verdade, saber que a tem ao alcance de sua mão, que a mesma está personificada em Ti e que esta é a última vez que o Verbo de Deus feito homem põe seus pés sobre o pó deste Planeta!

"Estendi-me mais do que pensava. Não descuides em apresentar a oferenda de meus afetos aos teus familiares e amigos de Jerusalém. Ofereço-te, Jhasua, somente esta frase: Amo-te acima de todas as coisas da Terra. Servo do Senhor e teu

Melchor de Heroópolis."

– Que cartas, meu Senhor, que cartas! – exclamou Simônides com grande entusiasmo. – Elas sozinhas valem mais que todo o Império Romano, com suas legiões e suas águias. Que dizes a isto, meu soberano Rei de Israel?

– Digo que os campos do Senhor são muito extensos e que os lavradores de boa vontade são muito poucos – respondeu Jhasua.

– Mas estas cartas – disse Judá – indicam que esses lavradores podem aumentar até o maravilhoso. Os tuaregues são tão numerosos como as areias do Saara onde habitam. Os madianitas das montanhas do Sinai não serão menos numerosos. Os do país de Anmon, na Arábia Oriental, que obedecem ao nosso nobre e bravo Scheiff Ilderin ... Jhasua, esqueceste tudo isto?

– Jovem de Jehová, quando te convencerás de que o teu Reino não terá limites? – perguntou novamente Simônides para convencer definitivamente a Jhasua.

– Vem Simônides e também tu, Judá. Vinde ambos comigo ao pátio dos depósitos.

Os dois desceram seguindo Jhasua, na esperança de ver algo estupendo.

– Vedes este caminho feito pelas formigas, no seu transporte de grãos de centeio e farelo que encontraram jogados nos caixões dos resíduos?

– Claro que vemos, e enquanto não fizerem algum outro trabalho daninho podemos perdoá-las, pois limpam os resíduos inúteis – respondeu Simônides.

– Reparai agora mais para cá, perto dos cântaros de mel e dos sacos de frutas secas – disse Jhasua levando-os para outro compartimento de enormes armários.

Os carregamentos de centeio partido e os pedacinhos de bolotas para os animais eram deixados na metade do caminho quando as formigas encontravam algum recipiente de cera impregnada de mel, ou algum saco de figos secos esquecidos, talvez, no trajeto percorrido.

– E isto, meu Senhor, que relação tem com o que falávamos há alguns momentos?

– Muita, meus amigos. Os homens desta Terra são mais ou menos como estes pequenos insetos, que correm afanosos atrás daquilo que agrada ao seu gosto e nada mais.

"Desse mesmo modo, quando eu falar aos homens como devo falar-lhes, eles me abandonarão como aos pedaços de grãos de centeio e ao farelo, e correrão para o mel dos gozos materiais que dão doçura agradável às suas grosseiras paixões. Desenganai-vos, meus amigos, pois a palavra do Ungido só será compreendida pelas minorias escolhidas desde há muitos séculos para esta última hora."

– E as profecias, meu Senhor, as profecias que nos falam de um Rei poderoso, cujo reino envolverá toda a Terra e jamais terá fim? ... – perguntou Simônides, sem querer ainda desanimar-se pela axiomática conclusão de Jhasua. – Mentem acaso as profecias dos grandes inspirados de Israel?

– Não mentem as profecias, contudo elas exigem de quem as lê a interpretação do pensamento divino que encerram. "Aquele que merece compreender, que compreenda", diz a Sabedoria pela pena de Salomão.

"Acreditas, Simônides, que o Verbo de Deus fundará um Reino como aquele que David fundou, na base de matanças, despojos, incêndios, traições e enganos? Também dizem as profecias '*que o seu Reino será de justiça e ele será chamado o Justo, o Santo que não apagará a mecha ainda fumegante, nem quebrará a cana que está rachada*'."

Judá escutava em silêncio e uma ligeira sombra de tristeza parecia estender-se em sua nobre e formosa fisionomia.

– Ó meu Senhor! ... Ainda quero aferrar-me à idéia de ver-te coroado com o cetro na mão direita, dirigindo as multidões pelo caminho da felicidade. Não lances, meu Senhor, terra de morte em meus olhos, antes de que seja a hora! ... Não mates a minha única ilusão, aos 70 anos de minha desgraçada vida! Ó Senhor! ...

– Está bem, Simônides! ... Perdoa se te causei algum pesar com o meu modo de falar diferente de teus nobres pensamentos – disse Jhasua com ternura filial, passando sua mão pela branca cabeça do ancião. – Esperemos a hora quando a Divina Sabedoria nos falará e mereçamos compreendê-la.

A voz de Esther chamando do último degrau da escada para a refeição do meio-dia encerrou esta conversação à qual Jhasua dera um caminho diferente, convencido de que ainda não era a hora de ser compreendido pelo bom ancião e por Judá.

Na Gruta de Jeremias

No dia seguinte em que Jhasua recebeu as já mencionadas cartas, de manhã bem cedo, ele avisou à sua mãe e aos seus amigos do palácio de Ithamar que passaria o dia com os Mestres Essênios Eleázar e Esdras, aqueles dois anciãos que o acompanharam em sua viagem ao Grande Santuário do Moab, quando se consagrou Mestre de Divina Sabedoria. Anunciou-lhes que voltaria somente quando a noite já estivesse bem adiantada e que não precisavam ter cuidado algum com ele.

Como notasse em sua mãe e em Ana certa inquietação, disse-lhes que tinha necessidade de consultá-los sobre a resposta a ser dada à carta de Faqui.

Jhasua atravessou toda a parte norte da cidade e saiu pela Porta de Damasco ou Porta Norte, encaminhando-se, por entre grandes barrancos cobertos de arbustos e de alguns velhos carvalhos, em direção a um lugar de aspecto escabroso e muito solitário. A dois estágios mais ou menos da muralha de Jerusalém, encontrava-se uma imensa gruta perdida entre um labirinto de rochas e de árvores que em épocas distantes fora muito visitada por pessoas devotas, pois a tal gruta, conforme era a tradição, havia sido habitada por Jeremias, o grande Profeta dos trenos, tristes como arrulos de rolinhas. Dizia-se também que ele estava sepultado ali mesmo, mas os anjos de Jehová tinham ocultado o seu cadáver para que os filhos de Israel não o tomassem como objeto de adoração. A ignorância humana leva sempre a procurar algo visível e palpável para render-lhe culto. Poucos são os que admitem adorar o que não é matéria. O Eterno Invisível, sendo Amor, Luz e Energia, só pode ser sentido pelos espíritos adiantados.

Seja o que for, sigamos ao nosso Jhasua a se aproximar da célebre gruta de Jeremias que, nessa época, já estava quase completamente esquecida.

A entrada dava passagem apenas para um único homem e, mesmo assim, bastante inclinado; e duas varas de carvalho cruzadas em forma de "X" a fechavam.

Pela facilidade com que o jovem Mestre a abriu, denotava não ser esta a primeira vez que ele ia ali.

Jhasua atirou para o fundo da gruta uma pedra levantada do solo, a qual produziu o som seco de uma pedra sobre a dureza de um rocha. Um momento depois saiu de seu interior sombrio um velhinho com um pedaço de cânhamo, no qual trabalhava.

– Oh, que luz nova me traz o jovem-Sol! ... – exclamou beijando o extremo do manto azul de Jhasua.

– Bom Isaac – disse –, bem sabes que venho aqui quando estou necessitado de luz. Os Mestres não vêm hoje?

– Até agora eles não chegaram mas, se necessitas com urgência, bem sabes que posso mandar-lhes um aviso – respondeu o velhinho, fazendo Jhasua entrar através de uma abertura dissimulada por uma grande pilha de lenha e feixes de palha amontoados ali descuidadamente.

Era aquilo um regular aposento iluminado por uma abertura nas rochas na parte superior. No pavimento e ao redor do recinto, viam-se estrados rústicos feitos de troncos de árvores e cobertos de brancas peles de ovelha. Defronte aos estrados achavam-se três ou quatro pequenas mesas de rusticidade idêntica à de todo o restante do mobiliário encontrado ali.

– Faze o obséquio de avisá-los que eu os espero aqui para um trabalho muito importante a ser executado – disse Jhasua estendendo-se num daqueles estrados, pois a caminhada pelos escabrosos barrancos até chegar à gruta o havia fatigado.

Jhasua percebeu que o vellhinho saía para fora e dava fortes assobios, pelo que compreendeu estar chamando ele alguém.

– Já saiu o mensageiro – disse ele entrando de novo.

– Pelo que se vê, bom Isaac, desfrutas do luxo de ter um criado à tua disposição – disse o jovem Mestre gracejando.

– Meus netos trabalham numa pedreira aqui perto, e quando necessito deles, eu os chamo. São eles que dormem nesses estrados, quando há trabalho por aqui; no entanto, ignoram o outro recinto interior onde tão só entram os Mestres e algum estrangeiro ilustre conhecido e trazido por eles.

Já era passada a metade da manhã quando chegaram Eleázar e Esdras vestidos como dois lavradores, montados em seus jumentos e ainda por cima demonstrando que estavam bem cansados.

– Que te traz à gruta de Jeremias, jovem de Deus? – perguntou logo Esdras, encaminhando-se para a oculta portinha de pedra que dava passagem para o recinto que ficava mais no interior.

Entraram os três e a porta foi fechada atrás deles.

– Dir-te-ei lá dentro – respondeu Jhasua.

Esse recinto era como um pequeno oratório que, ao mesmo tempo, se assemelhava muito a um panteão sepulcral.

Sobre a rocha polida, em forma de quadrado de três pés de altura por três de largura, lia-se em aramaico: "Aqui o Profeta Jeremias recebeu a Luz Divina. Aqui também resguardou a sua vida quando se viu perseguido por ter declarado a verdade aos poderosos, e, neste mesmo recinto, entregou sua alma a Deus quando ele o chamou."

Em plaquetas de madeira branca encravadas nas paredes, liam-se frases do santo Profeta, sacerdote do Senhor:

"Bom é Jehová para aqueles que n'Ele esperam, e para a alma que O busca."

"O Senhor não abandona para sempre."

"Invoquei o Teu nome, ó Jehová, do mais profundo do meu cárcere, e ouviste a minha voz e Te aproximaste para dizer-me: 'Não temas.' "

"Ai de quem não edificar sua casa em justiça, servindo-se do próximo sem pagar-lhe o preço do seu trabalho!"

"Toma como tua a causa do aflito e do abandonado, e então estarás fazendo obras de bem."

Quando os três estiveram comodamente sentados sobre os bancos cobertos de esparto e peles de ovelha, Jhasua tirou do interior de sua túnica a carta de Faqui e a deu para que os anciãos a lessem.

– Queres apaziguar a tormenta de ódios e de ambições a rugir no distante Saara, não é verdade? – perguntou Esdras, olhando com olhos investigadores para Jhasua sentado junto a ele.

– Justamente – respondeu este – e espero que meu Pai, sendo Amor, Poder e Energia, não me negará a força necessária para realizar o meu desejo daqui. A alma do homem não é sopro divino que vai e vem, levando o bem a tudo quanto toca?

"Não poderemos nós fazer isso, já que recebemos o dom divino de dar paz e amor aos que não os têm?"

– Que quereis de nós, ó Ungido do Eterno Criador e Senhor de todas as coisas? – perguntou por sua vez Eleázar.

– Que me ajudeis com o vosso pensamento de amor e vigieis minha matéria, para transportar-me ao palácio de rochas de Taovareks, em pleno deserto do Saara, e fazer-me sentir aos filhos de Amenokal, à Rainha Selene, a seus ministros e aos chefes guerreiros. Não julgais justo e bom? – Ao fazer esta pergunta, Jhasua submetia-se humildemente ao preceito da Lei Essênia dizendo:

"Mesmo sendo um Mestre de Sabedoria, submete o teu julgamento ao juízo dos anciãos que viveram e sofreram mais do que tu, e o Altíssimo falará pelas suas bocas."

– É justo e bom evitar a desolação de uma guerra que destruirá muitas vidas e causará imensos males, piores talvez que a própria morte – disse Esdras.

– É justo e bom – acrescentou Eleázar –, retirar a angústia do coração das mães, das filhas, das esposas, e devolver a paz e a alegria a todo um povo, que será a vítima das ambições desses príncipes cegos, que não recebem a Luz Divina por causa da maldade de seus corações.

– Então ... que o Poder Divino esteja conosco e as Inteligências-Guias da raça tuaregue me prestem o seu concurso – disse Jhasua com solenidade, entregando-se à concentração mental.

Fez-se profundo silêncio na gruta de Jeremias, e algo assim como um sopro de divindade começou a estender-se naquele ambiente impregnado do perfume de incenso, mirra e flores de feno, que se queimavam ali com freqüência.

A amarelenta luz de três círios que dava uma claridade opaca ao recinto continuava bruxuleando com aquele tênue tremular que torna móveis todas as coisas, e Jhasua entrou em profundo sono hipnótico. Era antes do meio-dia e o dourado sol do outono estendia véus de ouro sobre montanhas, vales e desertos.

Leitor amigo. Segundo a palavra do jovem Mestre, "a alma do homem é sopro divino que vai e vem, levando o bem a tudo quanto toca", nossa alma pode, pois, voar para o deserto do Saara, para presenciar a obra de amor e de paz do Verbo de Deus naquelas dunas e montanhas abrasadas pelo astro rei.

Tinham os tuaregues um ancião Profeta muito venerado entre eles, porque sua vida era justa e nunca seus lábios se mancharam com a mentira. Na mesma manhã em que Jhasua se encaminhava para a gruta de Jeremias, apresentou-se à Rainha

Selene que chorava com grande e profunda aflição por causa da desgraça que ameaçava o país em virtude da morte de seu esposo.

– A voz de Amanai fez-se sentir esta noite a mim – disse o Profeta à Rainha –, e hoje, à hora do meio-dia, será consolada em tua dor, se fizeres vir à tua presença os teus dois filhos, teus conselheiros e os chefes de guerra.

– Que devo dizer-lhes? – perguntou a Rainha Selene.

– Eles é que dirão a ti: "Compreendemos qual é o verdadeiro caminho da paz e da felicidade para o nosso povo."

– Que Amanai seja mel em tua boca – respondeu a Rainha, conforme era a frase habitual usada por eles.

Na grande sala chamada do Bom Conselho, toda tapetada de seda carmesim, salpicada de minúsculas estrelas de ouro, encontraram-se reunidos os mais altos personagens do numeroso povo tuaregue. A Rainha com seus filhos, seus três conselheiros maiores e seus setenta chefes de guerra, entre os quais se achava o nosso amigo Hach-ben Faqui e seu pai, Scheiff Buya-Ben.

A Rainha foi a última a chegar, toda velada de branco, segundo o costume do luto rigoroso, e sem usar jóias de nenhuma espécie. O ancião Profeta estava sentado no estrado onde ela apoiava os seus pés.

A grande sala aparecia na penumbra, apenas como a luz de uma única lâmpada como permitia o ritual, durante cem dias depois da morte do soberano. Nem janelas nem clarabóias podiam ser abertas no grande palácio de rochas que, segundo suas tradições, contava com tantos anos quantos havia desde que o Saara deixou de ser mar para converter-se num ressequido deserto.

– Nosso Profeta aqui presente – disse a Rainha – prometeu que Amanai fará conhecer o seu desígnio ao seu povo, hoje, à hora do meio-dia. Só Amanai é grande e poderoso. Esperemos! Silêncio!

No centro da grande sala tapetada de seda carmesim, apareceu de repente uma luz dourada, semelhante à do sol quando penetra por uma clarabóia ovalada. No meio dessa luz difusa e de incomparável suavidade, esboçou-se a imagem de um formoso mancebo, que bem podia ser tomado por um arcanjo dos que Amanai enviava em dados momentos àquela mísera terra enegrecida de ódios e de iniqüidades. A formosa visão parecia deixar em suspenso até a respiração, tão grande e profundo foi o silêncio que se estendeu como um véu de quietude e de serenidade.

Faqui e seu pai reconheceram no mancebo da aparição, o Príncipe, filho de David, que haviam visto em Alexandria e no Vale das Pirâmides.

"Jhasua, o de olhos garços a derramarem luz de amor!", pensou Faqui, enquanto absorvia em seu fixo olhar a suavíssima claridade da visão amada.

A Rainha levantou os véus e aqueles divinos olhos entraram em sua alma como um bálsamo de consolo e de piedade infinita.

Cada um dos presentes ouviu, no mais profundo de seu ser, uma voz extraterrestre a dizer:

"Esta é a hora da justiça, do amor e da paz. O Altíssimo dá a cada qual o que lhe pertence. À piedade da Rainha Selene, com piedade e amor, Deus responde: Tu és e serás a mãe do teu povo, que de ti aprenderá a grandeza do dever cumprido. Teus filhos não verão a luz do sol, até que tenham abandonado suas ambições de poder e de domínio, que levaram o país à borda de um abismo: a guerra entre irmãos. Selene, mulher da misericórdia e do amor! O Altíssimo secou o teu pranto e derrama a doçura da paz sobre ti, porque ouviste a Voz Divina a clamar:

'*Glória a Deus na imensidão dos Céus e paz na Terra aos homens de boa vontade!*' "

Os homens, surpresos de pavor, tinham-se prostrado por terra, porque aquela íntima voz que lhes falava dentro de si mesmos, e aquela vivíssima luz de ouro, enchiam seus corações de inquietação. Jamais eles tinham visto nada semelhante, e recordavam as velhas lendas e tradições que seus antepassados haviam recolhido dos emigrados atlantes refugiados nas costas montanhosas da Mauritânia.

– É o mensageiro da Filha do Sol – disseram outros –, que conseguiu de Amanai misericórdia para este povo próximo a tomar as armas e despedaçar-se entre irmãos.

A Rainha havia descido do estrado e beijava a terra onde parecia estar detida a visão dourada, que se foi dissolvendo lentamente, como essas nuvenzinhas de ouro que se formam no imenso azul quando o sol se mergulha no ocaso.

Faqui aproximou-se de Selene para levantá-la e fazê-la retornar ao seu estrado. Aproveitou o momento para dizer-lhe a meia-voz: "É a aparição do Príncipe de David, Ungido de Amanai, para salvar o Mundo do domínio romano. É aquele que visitou Alexandria, e do qual meu pai e eu dissemos que trazia a mensagem de Amanai e de nossa Filha do Sol. Já O conheceste, ó minha Rainha, e a sua palavra foi para os teus sentimentos como um vaso de mel."

A Rainha subiu em seu estrado encortinado de púrpura bordada de ouro, e com os olhos cheios de lágrimas, disse:

– Reparem os meus filhos, como duas múmias cegas, castigados por Amanai, por causa de suas rebeldias e ambições.

"Os dois estão imóveis, mudos como estátuas de bronze que precisam de vida e de movimento."

Quando Faqui se aproximou do mais velho e lhe pôs a mão em seu ombro, este estremeceu todo e disse com voz alterada:

– Quem quer que sejas, mata-me de um golpe, porque prefiro a morte à vida sem luz.

– E a mim, e a mim também – gritou o mais moço.

Lágrimas silenciosas brilharam um momento nos negros olhos da Rainha, que cobriu novamente o rosto com o grande véu branco de luto.

O ancião Profeta aproximou-se dos cegos e lhes disse:

– Vossa ambição e orgulho trouxe este tremendo castigo, mas podereis levantá-lo no mesmo instante em que transformardes os vossos corações num receptáculo de justiça e de eqüidade para todos.

– Viva a Rainha Selene, nossa augusta Amenokal! – clamou o Profeta, com toda a força de que era capaz a sua ancianidade.

– Que viva e governe o nosso povo com a paz e a justiça que só ela pode dar-nos!

– Que viva!

Foi um coro ensurdecedor a ressoar longamente nas galerias e corredores do imponente palácio de rochas, onde uma longa cadeia de séculos havia impresso a sua grandiosa majestade.

Voltando, leitor amigo, à humilde e desmantelada gruta de Jeremias, a dois estádios dos muros de Jerusalém, vemos Jhasua despertando e Eleázar apresentando-lhe uma tijela de barro com vinho quente e mel. Esdras aproxima de seus pés um braseiro cheio de brasas vivas e o cobre com um manto de pele de camelo.

– Agora conta-nos, se consegues te lembrar, o que viste e ouviste.

– Sei que estive entre os dirigentes do povo tuaregue; no entanto, como aquele ambiente está muito longe de ser sutil e diáfano como este, creio que não é possível lembrar-me de nada. Tenho apenas a impressão de que tivemos êxito no nosso trabalho.

– Hach-ben Faqui nos fará um relato de tudo.

– Isto nos ensina uma vez mais que, para que uma Inteligência encarnada possa manifestar-se visivelmente em ambientes que lhes são estranhos, a Eterna Lei o reveste de matéria astral densa, ou seja, a túnica de proteção já observada pelos antigos Mestres, para protegê-lo contra graves danos, mas trazendo-lhe o esquecimento. – Essas reflexões foram feitas por Eleázar, em virtude do esquecimento completo de Jhasua em relação a tudo quanto havia ocorrido.

– As Leis Divinas são severas e sábias – acrescentou Esdras, confirmando as palavras do companheiro. – Se este desdobramento espiritual tivesse ocorrido para tornar-se visível no grande Santuário do Moab, haverias conservado completamente a sua lembrança até do que terias falado. Não obstante, devemos bendizer e glorificar a Deus por nos ter permitido realizar este modesto trabalho que, provavelmente, restabelecerá a paz e a concórdia naquele país. Não tínhamos outro desejo nem era outra a nossa finalidade.

Uma hora depois, e em torno do humilde fogo do velho Isaac, guardião daquele recinto, os quatro comiam o clássico prato de lentilhas ensopadas, um grande recipiente de azeitonas com ovos de pata, assados ao rescaldo, e uma cesta de figos recolhidos nessa mesma manhã pelo velho Isaac de suas figueiras naqueles quase inacessíveis barrancos.

Antes do cair da tarde, os dois anciãos e Jhasua entravam na velha cidade dos Reis pela grande Porta do Norte, a mesma por onde, vinte e dois anos antes, entravam, montados em seus grandes camelos brancos, os três viajantes vindos de distantes países para render homenagem ao grande Rei que havia nascido.

No Palácio de Ithamar

Trinta dias depois, desembarcava Faqui no porto de Gaza e se encaminhava sozinho, sem haver dado aviso a ninguém, a Jerusalém, em busca de seus amigos.

É impossível descrever fielmente a explosão de alegria causada pela sua chegada. O jovem príncipe africano compreendeu então que eram sinceros e profundos os afetos conquistados na terra de Jhasua. Sem esperar que ninguém lhe perguntasse, fez ali mesmo todo o relato do ocorrido no grande palácio de rochas de Taovareks, com a visita espiritual do Homem-Luz à Rainha Selene, a seus cortesãos e guerreiros.

– Está tudo em paz por lá? – perguntou Jhasua quando Faqui terminou seu formoso relato, tal como o leitor já o conhece.

– Completamente, Filho de David. Não fazes as coisas pela metade – respondeu o africano.

– Nada resiste àquele que Jehová tornou invencível – disse Simônides, esfregando as mãos como se saboreasse um triunfo próximo. – Meu soberano Rei de Israel impor-se-á a todo o mundo, que cairá de joelhos deslumbrado diante da sua grandeza.

– Meu bom Simônides – disse Jhasua sorrindo –, no teu jardim sempre florescem as rosas. Quando terás o inverno?

– Meu inverno já passou, Senhor, e para sempre! Agora não há senão flores de maçã, rebentos de palmeira e jacintos em eterna floração. Não vês que até as rugas da minha testa desapareceram, porque o dia da glória se aproxima? ...

– Pai! – disse rindo Sabat, sua filha –, falta só pensares em outras núpcias junto com as da tua neta.

Um coro de alegres risos respondeu ao gracejo de Sabat.

– Ah! ... Isto é uma coisa que a luz do sol não verá. Minha Raquel é daquelas mulheres que não podem ser substituídas jamais. Ela, unicamente, e para sempre!

Poucos dias depois, era celebrada silenciosamente no palácio de Ithamar a tríplice boda, que não foi presenciada a não ser pelos familiares e íntimos em atenção e memória aos amados mortos que podiam ser contados nas famílias dos três casais: o príncipe Ithamar, pai de Judá, Harvoth o escultor, pai de Nebai, os pais de Marcos, Joseph, pai de Ana, e Raquel, a santa esposa que Simônides ainda não conseguira esquecer.

Essas felizes núpcias, abençoadas pelo Filho de Deus, não podiam trazer a não ser paz, felicidade e alegria para todos. As almas dos justos se buscam e se encontram quando uma aliança de lei as aproxima umas das outras.

Nas uniões por amor, o amor é a maior e a mais duradoura compensação.

A morte do ancião Joseph enchera de tristeza a alma de Myriam que, em vinte e três anos de convivência sob a plácida serenidade do céu galileu, naquele delicioso horto povoado de pássaros, de flores e de frutos, chegou a tal identificação com seu velho companheiro que parecia haver-se dilacerado sua vida, ou ficara a mesma como que suspensa no vazio.

Sua alma cândida e boa dedicou-se inteiramente a Jhasua, no qual encontrava a única compensação dos amados já desaparecidos. Agora, outro ser de seus mais ternos afetos, Ana, se desprendia de seus braços maternais para seguir Marcos, o amoroso esposo que a escolhera como companheira de sua vida.

De acordo com Jhasua, ela dera ordens a seu irmão Jaime para vender todo o mobiliário da oficina de Joseph em Nazareth, e dar o imóvel em arrendamento a alguns parentes seus que, tendo entre eles muitos filhos varões, podiam obter boas rendas com o cultivo da terra.

– Deixarei passar vários anos – disse ela – até sentir que se calou o ruído dos passos de Joseph e que suas vozes dando ordens a seus operários foram levadas pelo vento. Então, poderei pensar em regressar a Nazareth. Que faria eu sozinha naquela grande casa? Compreendo perfeitamente que não deverei colocar obstáculos nos caminhos de Jhasua, o qual, se veio com a missão de ensinar a Lei aos homens, não poderá permanecer constantemente ao meu lado.

– Também fico sozinha nesta imensa casa cheia de recordações – disse Noemi. – Thirza e Judá casados, já são aves livres, podendo deixar o ninho paterno quando a vida o reclamar.

– Enganas-te, mãe – respondeu Judá –, porque Esther e eu faremos aqui o nosso ninho.

– E eu – disse Faqui – levarei Thirza por uma breve temporada na primavera para fazê-la conhecer a minha soberana e a meu pai, e retornaremos para aqui, porque o clima ardente de minhas montanhas queimá-la-ia viva.

– Queixavas-te, minha ama, sem contar de modo algum com o amor a rodear-te – disse Simônides – porque eu, teu eterno administrador, continuarei residindo na tua casa, e tenho ao meu lado minha filha Sabat para cuidar da minha velhice.

"Além do mais, minha ama, não levaste em conta o fato de o Altíssimo, Deus de Israel, ter multiplicado em minhas mãos os bens do príncipe Ithamar, meu amo, para estabelecer com eles o Reino de Israel que se avizinha. Qual será o seu palácio

senão este, do qual se pode observar as cúpulas do Templo e tudo quanto tem de grande e belo na Cidade Santa?

– Mas, meu bom Simônides – disse Jhasua rindo. – Quer fazer do palácio de Ithamar um refúgio de solitários! Como é isto?

– Exatamente como ouves, meu Senhor! O palácio do meu soberano Rei de Israel será este, e não pode ser outro a não ser este, arrancado milagrosamente pelo Altíssimo das garras romanas para devolvê-lo ao seu verdadeiro dono. Aqui reside o generalíssimo dos exércitos defensores da verdade e da justiça. Aqui reside aquele que fez multiplicar em cem por um os bens com que o Rei fará a felicidade do seu povo. Onde mais pode residir o soberano, a não ser aqui?

– Muito bem, Simônides, muito bem! – exclamaram Judá e Faqui. – És um verdadeiro oráculo de sabedoria, e contigo não precisamos ir consultar o Foro Romano nem os sete sábios da Grécia – acrescentou Judá, extremamente satisfeito com o bom rumo dado pelo bom velho às suas palavras.

Myriam e Noemi sorriam com esse aprazível sorriso das mulheres maduras pela idade e o sofrimento.

Ficou, pois, resolvido que o suntuoso e severo palácio de Ithamar seria a morada de Jhasua e de sua mãe viúva enquanto permanecessem em Jerusalém.

Desde os anos 23 aos 25 de idade, dedicou-se Jhasua inteiramente a combater uma nascente idolatria da sua pessoa, que tomou grande vulto em alguns dos países aonde chegou a notícia de suas obras tidas por milagrosas por todos aqueles que ignoravam as forças ocultas na Natureza, e sobre as quais o espírito humano, devidamente cultivado com fins nobres e desinteressados, pode exercer ação.

Não tinha sido suficiente exigir estrito segredo daqueles que viram de perto suas grandes obras benéficas sobre enfermos incuráveis ou sobre acontecimentos de impossível solução, dentro dos meios puramente humanos e conhecidos do vulgo.

Em Jerusalém, Jhasua teve a notícia de que em Alexandria, no mais grandioso de seus templos, o "Serapeum", construído por Ptolomeu I para imortalizar o seu nome, havia sido colocado sobre um pedestal de mármore uma efígie de alabastro, bastante parecida com a sua fisionomia, com idêntica vestimenta e sob a qual fora colocada esta gravação: "Hórus, filho de Ísis, desceu de novo à Terra para salvar os homens da dor e da morte. É Hórus-Jhasua. Extermina a lepra, dá a vista aos cegos, faz andar os paralíticos; e o ar, a água e o fogo o obedecem. É o nosso deus Hórus que está de novo na Terra para receber a adoração dos homens."

Num arrabalde de Antioquia, numa espaçosa gruta de uma colina procedente do Monte Sulpio em cujas proximidades existia uma antiga colônia persa, fora inaugurado uma espécie de templo a Ormuz, antiga divindade do Irã, que o gênio de Zoroastro simbolizou como o fogo em chamas, com o fim de desmaterializar a idéia de Deus.

Na dita gruta foram feitos dois altares, um para a Chama Eterna, símbolo de Ormuz, o Supremo Deus dos persas. Ali ardia permanentemente uma lâmpada de azeite que não se apagava nunca. No outro haviam colocado uma efígie de Jhasua de pé, sobre o corpo enroscado de uma serpente, representando o espírito do mal chamado Ariman. Uma gravação em caracteres vermelhos dizia: 'Mitra', o primeiro gênio auxiliar de Ormuz, encarnado novamente para esmagar Ariman, inimigo do homem. É conhecido por Jhasua de Nazareth, e é o vencedor de todos os males da Terra.

Até no célebre bosque de Daphne, onde as liberdades e os vícios originários de todas as partes do mundo pareciam haver-se reunido para aprimorar cada vez mais a corrupção reinante, havia também sido instalado entre os irrequietos repuxos e nos cortinados de jasmins e glicínias uma imagem em mármore branco do jovem Profeta

de Nazareth com esta legenda na base: "Jhasua, irmão de Adônis, que outorga juntamente com ele as doçuras do amor, da alegria e da paz."

Essa faustosa estância de recreio de reis, príncipes e cortesãos, estava muito próxima da cidade de Antioquia, motivo pelo qual a notícia chegou até Jhasua por intermédio dos representantes deixados por Simônides na grande capital para cuidar de seus negócios.

Para um bom filho de Israel, nascido e educado no princípio básico de um Deus Único, Invisível, Impessoal e Eterno, essas efígies feitas pelos homens para a sua própria adoração, eram tristes ameaças de idolatria nascente, que era necessário extirpar a todo custo.

Isso foi um doloroso desengano para o jovem Mestre, cuja divina missão era ensinar a Eterna Verdade aos homens.

– De maneira que – disse ele falando com Simônides, Judá, Faqui e seus quatro amigos de Jerusalém – aos homens não pode ser feito o bem com liberdade e usando as dádivas de Deus. De que estão feitos os humanos desta terra, que ainda conseguem tirar o mal do bem, e do amor a sua própria perdição?

"Se são libertados do mal e da dor em nome do Deus Invisível e Eterno, em vez de render adoração só a Ele, lançam-se aos pés da criatura humana, intermediária do benefício divino, para dar-se ao prazer de amar a matéria, o palpável, aquilo que se desvanece como uma sombra, que perece e morre! ... Como hei de fazer, Senhor, para encaminhar esta humanidade cega e demente até Vós, se ela própria se empenha em alimentar-se dos restos de carne morta que Teus enviados vão deixando ao longo do caminho?

"Quando me virem despedaçado e morto, como um gladiador nas arenas do circo, amaldiçoar-me-ão gritando: 'Não era Hórus nem Mitra nem Adônis! ... Era um falso profeta, enganador de multidões! ...'

"Deus de Abraham, de Isaac e de Jacob! ... Se não houvesse outra manifestação da tua grandeza, além do teu Eterno Amor às miseráveis criaturas desta Terra, apenas isso seria suficiente e sobraria, para que eu caísse diante do teu sólio de estrelas, gritando com todas as minhas forças: 'Porque és a Luz Eterna, continuas iluminando a humanidade desta Terra! Porque é Eterno e inalterável o Teu Poder, manténs, na imensidão, esta diminuta avelã que é a Terra, habitada por lagartas e larvas asquerosas! ... Porque o Teu Amor é eterna energia criadora, multiplicas aqui a existência sem dar atenção ao uso que fazem da vida! ...' "

A vibração dolorosa de tão terríveis palavras penetrava como fulminante anátema nos ouvidos daqueles que as ouviam.

Judá recolheu a grande cortina azul que divide em dois o cenáculo do palácio de Ithamar, e Jhasua viu sua mãe, Noemi, Thirza e Nebai que ajoelhadas oravam e choravam por ele. Não pôde conter-se mais, e com ligeiros passos chegou-se à sua mãe e abraçou-se fortemente a ela. Sobre sua cabeça adornada de branco, caíram duas lágrimas mudas do Filho de Deus, para quem sua mãe representava aquela humanidade que estivera a ponto de amaldiçoar.

– Mulheres meigas e boas, e todos vós que ouvistes as minhas desesperadas palavras, sois diante de mim aqueles que ajudarão a levantar a Humanidade até que ela mereça o amor e o sacrifício daquele que foi enviado para salvá-la – disse com solene e terníssima voz, depois do que sua formosa natureza divina e humana reagiu de maneira bem clara e, como meditando, murmurou a meia-voz:

"Se esta humanidade fosse perfeita, já estaria salva e feliz. Pelo fato de estar ferida de morte e à beira do abismo é que necessita de um Guia-Salvador. De que me

queixo? Senhor, de que me queixo? Foi um mau momento! ... Já passou, e espero que não volte." – E Jhasua sentou-se num tamborete aos pés de sua mãe.

– Volta a ser o Jhasua da fonte das pombas, lá na casinha de pedra, junto ao Tabor – disse Nebai aproximando-se com delicada ternura.

– Que diferença encontras entre o Jhasua do Tabor e o que hoje vês em Jerusalém? – perguntou-lhe o jovem Mestre.

– Aquele florescia de otimismo, como uma roseira na primavera – disse ela. – Este é como chuvisco de inverno fazendo gelar o sangue nas veias.

– Falaste de maneira bastante acertada, Nebai, e prometo aproveitar a tua lição.

Quando desapareceram por completo os vestígios desta pequena tormenta, Nicodemos disse a seus amigos:

– Creio que não esqueceste que nesta noite celebraremos a décima reunião dos Mensageiros da Santa Aliança!

– Escolhestes já o lugar apropriado? – perguntou Gamaliel.

– Sob a orientação de Simônides, tomamos todas as providências – respondeu o príncipe Judá.

– Quando Simônides anda no meio de tudo não existem temores de fracassos, pois é o homem do êxito – acrescentou Jhasua olhando afetuosamente para o ancião.

Este respondeu no mesmo instante:

– No ângulo formado pela rua do Monte Sião com a de Jope, junto à Cidadela, encontrei um lugar muito estratégico. Trata-se de um grande depósito que é ao mesmo tempo armazém das mercadorias trazidas pelas caravanas de Damasco, de Filadélfia e da Iduméia. Tem um vastíssimo subsolo escavado na rocha, o qual comunica com uma das galerias subterrâneas da Cidadela, passando por debaixo da muralha e sai no vale do Himom. Os que moram em Mizpa, Emaus e Gabam, virão por ali. Meu Senhor Rei de Israel estará ali mais seguro do que em qualquer outra parte, pois, em caso de emergência, podemos sair da cidade sem salvo-conduto de quem quer que seja, a não ser dos anjos de Jehová.

– Meu bom Simônides – disse Jhasua entre o assombro de todos – aqui, quem na verdade merece ser o Rei de Israel és tu, que pensas em tudo, dominas tudo com tal facilidade e prudência que até suspeito que as pessoas se sentem capazes de enfrentar o César.

– Por ti, meu jovem Rei, sou capaz de enfrentar cinqüenta Césares, sem ter medo de nenhum – respondeu solenemente o ancião.

Um murmúrio de risos e de aplausos recebeu a valente resposta do ancião, cuja satisfação era tal que parecia ter vinte anos menos.

– Suponho que o nosso hábil chefe terá pensado onde sentar-nos, onde escrever, que talvez serão poucas as primeiras horas da noite e que ...

– Tudo, tudo foi pensado, meus senhores doutores de Israel – respondeu Simônides à advertência de José de Arimathéia.

– Desde ontem estão aqui os mensageiros do Scheiff Ilderin, chegados de Filadélfia, da Tolemaida, de Sevthópolis, de Arquelais e de Jericó. A caravana do sul trouxe os de Beersheba, de Juta, do Hebron, de Gaza e de Bethura, hoje, pouco antes do meio-dia.

– Os de Bethlehem chegarão dentro de uma hora ou duas, no mais tardar. Esses são os que já chegaram ou que deram aviso de que chegariam. – Esta última informação foi dada pelo príncipe Judá, por ser, junto com Hach-ben Faqui, quem estava em contato com os componentes da Santa Aliança.

A hora da reunião estava marcada para a primeira hora da noite que, para os Israelitas, iniciava depois do pôr-do-sol, ou seja, quando começava o anoitecer.

– Mas dizei-me – observou Jhasua –, como essas pessoas encontrarão o esconderijo de Simônides?

– Fica despreocupado, meu Senhor, com os teus bons servidores! – respondeu o ancião. – Todos aparentam ser pessoas que vêm para vender ou para comprar, e todos estarão nas tendas da Praça do Mercado ... Ali, bem no nariz dos representantes do César e do Grande Sacerdote Ismael, os quais dos terraços do palácio de Herodes os verão chegar com seus camelos e jumentos carregados de mercadorias e se deliciarão exclamando: "As bênçãos de Jehová sobre esta cidade, cada vez mais favorecida pelos grandes negócios que vêm enriquecê-la cada vez mais!"

– Muito bem, Simônides! Vejo que, como organizador, ninguém te vence – acrescentou Jhasua.

– Convém combinarmos agora onde haveremos de nos encontrar – acrescentou Nicodemos.

– Vocês quatro – disse Judá – aguardam Faqui no Pórtico do Grande Colégio. Com os demais já temos, Simônides e eu, tudo combinado.

Pouco depois, o palácio de Ithamar tomava o aspecto do tranqüilo lar que sempre tinha. Era o meio-dia e, ao redor da mesa coberta com uma branca toalha, Jhasua, rodeado de seus íntimos, repartia entre eles o pão familiar, depois de haver agradecido a Deus o alimento que lhes dava. Eram nove comensais: os dois casais recém-casados, Jhasua com sua mãe, Noemi, Simônides e Sabat.

Apenas tinham acabado de sentar, quando entraram correndo alegremente Ana e Marcos, que acabavam de chegar de Gaza.

Esta era a primeira vez que eram vistos depois das bodas, e Ana, que se sentia perante Myriam como verdadeira filha, abraçou-se a ela e cobriu-a de beijos e de flores.

– São flores de Alexandria – disse – enviadas a ti, mãe, pelo príncipe Melchor, junto com esta carta para Jhasua. Chegaram ontem à noite, no último barco.

Enquanto Marcos, com Simônides e Judá tinham uma animada conversa à parte sobre a marcha dos negócios no porto de Gaza, onde ele era o agente geral, o resto da família entregava-se à recíproca ternura daquela inesperada reunião.

Na Fortaleza do Rei Jebuz

Caía a tarde como num suntuoso leito de rosas vermelhas e murtas douradas, enquanto o resplandecente sol do ocaso, com sua auréola de glória, cingia o Monte Sião, coroado de palácios, e também o Monte Moriá, pedestal grandioso do Templo de Salomão, bem como os altivos Montes chamados da Coroa, em razão de circunvolução formada em torno da gloriosa cidade de David.

Jhasua saiu do palácio de Ithamar com Simônides, depois de ter escutado sorridente, pela terceira ou quarta vez, as ternas recomendações da mãe, da irmã e de Nebai, que tinham por ele constante cuidado.

Judá, Marcos e Faqui haviam saído algumas horas antes, pois eram, segundo Simônides, os lugar-tenentes do Soberano Rei de Israel, e deviam antecipá-lo para dispor tudo devidamente e evitar indiscrições da parte de alguns dos concorrentes.

Na grande praça-mercado da Porta de Jaffa ouvia-se a essa hora uma gritaria infernal em todos os dialetos do Oriente, em face da intensificação do ardor das vendas, do mesmo modo que nas grande tendas, onde se exibiam as mais ricas fazendas e preciosos trabalhos em prata, ouro e pedras preciosas, como também nas miseráveis barracas onde umas poucas cestas de figos e romãs, junto a uma vasilha de manteiga ou uma pilha de queijos de cabra, constituíam toda a riqueza do vendedor. O dia terminava e a competição mercantil crescia até o ponto de algum observador imparcial poder pensar: Esta pobre gente entrega até a própria vida no afã de realizar mais uma venda no dia.

Simônides, de um único olhar, compreendeu quais eram os verdadeiros vendedores e quais os simulados ou simples espectadores. Aproximou-se de uma tendinha com excelentes frutas de Alexandria, de Chipre e da Arábia. Seu dono era um ancião com dois meninos.

– Compro tudo quanto tens – disse-lhe –, se me entregares nas cestas onde tudo está colocado.

– Senhor! ... De que maneira trarei os meus produtos amanhã? – perguntou o bom velho, espantado com a exigência daquele cliente.

– Homem! Pago as cestas pelo que elas valem, contudo não posso perder tempo em procurar outras para proceder à substituição. Olha. Verifica o peso desta sacolinha e creio que estarás de acordo.

O velhinho tomou a sacolinha feita de um tecido de cor azul vivo, levantou-a para o alto e seu rosto iluminou-se como o de quem estivesse tendo uma visão de glória.

Era o que Simônides procurava, pois a tal sacolinha azul era um dos sinais de reconhecimento para possibilitar que os recém-chegados pudessem distinguir os irmãos da Santa Aliança que os aguardavam em Jerusalém.

Realizado o negócio, um numeroso grupo de curiosos desocupados aproximou-se de Simônides oferecendo-se para levar-lhe a compra por alguns poucos denários ao lugar onde ele designasse. Estes eram os partidários instruídos para não despertar a curiosidade nas pessoas ociosas que pulavam pelos mercados, observando os passos de seus semelhantes.

– Está bem. Vamos andando até o meu armazém da rua de Jope, onde os caravaneiros recém-chegados aguardam a ração para seus animais, e não quero que me devorem vivo. Segue-me, pois. – Simônides disse estas palavras em voz alta, como para ser ouvido por todos os que estavam ao seu redor.

Outros vendedores se aproximaram oferecendo-lhe pequenos cântaros com vinho de mel, xarope de cereja, cestas de ovos de patas e azeitonas do Monte das Oliveiras.

Como visse que havia ainda inúmeros curiosos desocupados, fez nova compra do que lhe foi oferecido, e outra sacolinha azul foi levantada para o alto para pagar a mercadoria.

O leitor compreenderá perfeitamente que o nosso bom amigo Simônides arrebanhou ali uns oitenta homens pobremente vestidos, como se fossem operários sem trabalho.

Jhasua tinha observado, sem dar maior atenção aos negócios do companheiro, absorto completamente no triste espetáculo dos egoísmos e ambições humanas, na luta feroz entre vendedores e compradores, cada qual procurando obter as maiores vantagens sobre os outros. O latrocínio, o engano, o embuste malicioso, procurando dar aos objetos um valor irreal; a falta de pudor da maioria das moças, ainda quase meninas para atrair clientes para seus negócios; enfim, toda uma enredada e negra maranha de misérias a afligir a alma que contemplava.

– Humanidade, Humanidade! ... – exclamou o jovem Apóstolo a meia-voz. –

Infeliz leprosa cega, que não conheces o teu mal nem acertas com o teu caminho, porque persegues e matas os que te são enviados para conduzir-te para a Verdade e a Luz.

Finalmente, chegaram ao grande armazém de Simônides, completamente abarrotado de fardos grandes e pequenos, tal como podemos imaginar um imenso depósito de mercadorias das mais variadas espécies e vindas de inúmeras cidades e países.

Três grandes caminhos de caravanas descarregavam ali suas mercadorias: a de Damasco, que tocava em todas as cidades e países do Jordão; a de Filadélfia, que trazia os produtos da vizinha Arábia do Leste; e a do Mar Vermelho, que abrangia Madian, Edon e Iduméia. Quem poderia achar estranho que Simônides, comerciante de Antioquia, tivesse em Jerusalém um armazém-depósito de grandes proporções?

Depois de cruzar salas e corredores abarrotados de fardos, sacos, cofres, cântaros de barro cozido, etc., etc., Simônides abriu um guarda-roupa cheio de mantas e cobertores, e detrás de tudo isso, viram uma pequena porta aberta para a escada do subsolo.

Ali começava o surpreendente e quase maravilhoso; dir-se-ia que tudo aquilo era obra de magia e de encantamento.

Passada a escadaria, abria-se uma grande porta que dava passagem para um pórtico severo e simples, onde uma vintena de guardas vestidos com trajes persas, com longas túnicas bordadas em cores e graciosos gorros de fitas e plumas, com a alabarda ao ombro, passeava solenemente.

A guarda formou uma fila dupla e por entre eles apareceu Judá seguido de Faqui para, com ar triunfante e feliz, receber Jhasua.

– Que significa tudo isto? – perguntou imediatamente o Mestre.

– Nossa Santa Aliança tem sua sede própria na cidade de David, e necessita também ter sua defesa. Estes guardas são parte do nosso exército que, em vez de chamar-se Legião, chama-se Defesa. São, pois, os defensores da Santa Aliança. Impressiona-te mal? – Tudo isto foi dito por Judá como uma explicação a Jhasua.

– Onde se encontram defensores faz supor que também existam agressores! Não é verdade que está pensando nisto, meu Senhor? – interrompeu Simônides para suavizar em Jhasua a impressão que o ancião julgou adivinhar.

– Justamente. Não censuro o que fazeis; no entanto, lamento que sejais obrigados, pelas circunstâncias, a tomar medidas tão extremas.

– Deves pensar, meu querido – disse Faqui –, que aqui se guarda um avultado tesouro com o qual a Santa Aliança enfrenta os gastos da propaganda e da educação de nossos partidários que, pela mesma razão, como tudo o que é feito no maior segredo, resulta duplamente custoso.

– Quanto a isso, eu vos dou razão – respondeu Jhasua, avançando em direção à porta de outro recinto fechada apenas com pesadas cortinas de cor púrpura.

Dois pagens a levantaram e Jhasua reconheceu incontinenti num deles o belo adolescente do arrabalde de Gisiva, em Antioquia, chamado "o Corcunda", antes de o jovem Mestre o ter curado. O outro era aquele Santiaguinho guloso dos arredores de Nazareth, que costumava esperar Jhasua no caminho, com o fim de conseguir maior ração das guloseimas levadas por ele para as crianças indigentes.

Reconhecê-los imediatamente e abraçá-los ternamente foi tudo coisa de um momento.

– Como te sentes aqui, Nélio, e tu também, Santiaguinho, já feito um jovem quase tão alto quanto eu?

– Eu cheguei há três dias, no último barco do amo que veio de Antioquia com destino a Gaza, e hoje me trouxe para cá o agente Marcos por ordem do amo – disse o ex-corcunda, com grande satisfação.

– E eu – disse Santiaguinho – vim hoje de manhã com o tio Jaime, que me trouxe por ordem de tua mãe que sempre me quis muito pelo fato de eu querer-te tanto.

– Isto significa uma formidável conspiração para me surpreender, pois eu ignorava tudo isto – disse Jhasua sentindo-se homenageado por todas aquelas sinceras manifestações de amor e de solicitude.

O recinto onde Jhasua acabava de penetrar era um vasto salão escavado na rocha dos montes, sobre os quais o rei David edificou a cidade milenária. Segundo Simônides, que era como um livro vivo das mais antigas tradições hierosolimitanas, aquele imenso subsolo, tão habilmente utilizado por ele, fora em época muito remota um refúgio subterrâneo para o caudilho Rei dos Jebuzitas, que foram os fundadores da antiga Jerar (Jerusalém).

O grande Jebuz de Pré-História, aliado dos Kobdas do Nilo e fundador da dinastia e raça Jebuzita, devia ser um daqueles homens que não se deixavam surpreender por traidoras agressões inesperadas dos maus vizinhos, os famosos Filisteus, sempre tão agressivos e guerreiros. Demonstrava claramente ser assim a ciclópica fortaleza daquele recinto, escavado nas entranhas da rocha e com saída para o vale do Himom por uma passagem subterrânea escavada a tal profundidade que passava por baixo dos muros da real cidade.

Faqui, habituado aos palácios de rochas do Timghert, nos penhascos impenetráveis do Saara, deu a orientação sobre a forma de estabelecer e decorar aquele pavoroso subterrâneo, cujas dimensões podiam abrigar três mil pessoas mais ou menos.

Artesãos da madeira e da pedra, trazidos três meses antes da distante Antioquia, haviam transformado a sombria caverna do Rei Jebuz num vasto salão, que tinha ao mesmo tempo aspecto de templo, pois todas as irregularidades daquelas escavações foram utilizadas como câmaras laterais anexas ao grande salão central.

– Aqui se pode imaginar que se está em alguma das salas hipostilas de um templo do Egito – disse Jhasua, contemplando o estranho recinto, decorado em muitas partes com tábuas largas de cedro e cheio de inscrições cujo significado ele compreendeu imediatamente.

Todas as gravações eram cópia dos versículos dos Profetas nos quais se fazia alusão ao Salvador tão ansiosamente esperado pelo povo.

De ambos os lados do estrado de honra viam-se dois anjos de pedra branca sustentando candelabros de sete braços, os quais iluminavam as Tábuas da Lei que, abertas como um imenso livro de pedra, formavam o encosto do grande estrado principal, em cima do qual se lia: "Honra e glória a Moisés, o escolhido de Jehová."

As quatro primeiras câmaras laterais ostentavam em grandes caracteres os nomes dos quatro grandes Profetas de Israel: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Elias. Sobre pequenos catafalcos de pedra estavam seus livros, suas vidas e as obras descritas pelos discípulos contemporâneos. Nas câmaras mais reduzidas, viam-se os nomes e livros dos Profetas chamados *menores* e dos Reis de Judá, que se haviam distinguido pelo seu amor e por suas obras em benefício do povo, como também pela fidelidade à Lei de Moisés.

Enquanto durou a observação de Jhasua por todo o vasto recinto, Simônides o acompanhou de perto e não separava os olhos do rosto do jovem Mestre, no qual desejava surpreender impressões de agrado ou de desgosto. Mas a dulcíssima fisionomia de Jhasua se manteve na mais perfeita serenidade.

Vendo que ele nada dizia, o bom ancião aproximou-se afetuosamente:

– Estás contente, meu Senhor, com os teus servidores? – perguntou sem poder esperar mais tempo para conhecer a opinião daquele por quem tanto se esforçara.

– Simônides – disse o Mestre com imensa ternura –, estou muito contente contigo, e também com aqueles que te secundaram nesta obra, da qual recolho uma única flor: a rosa vermelha do amor oferecida por todos vós a mim.

– E não percebes, meu Senhor, que esta obra é necessária para a cruzada libertadora que realizas? – voltou o ancião a perguntar. – Onde poderíamos reunir a Santa Aliança estabelecida, a aumentar progressivamente a cada dia que passa? O Templo está invadido pela peçonha interesseira e vil do atual sacerdócio corrompido e vendido ao invasor com um servilismo repugnante. Os átrios de Salomão são um mercado de compra e venda de animais para o sacrifício, de onde os sacerdotes e seus familiares recolhem polpudos lucros.

"Os Santuários Essênios e as Sinagogas particulares temem ver-se comprometidos e apenas entreabrem suas portas para cantar os salmos e explicar a Escritura Sagrada a um reduzido número de devotos do bairro.

"Fala, meu Senhor, pois minha alma padecerá de angústia até ouvir de ti uma resposta decisiva."

– Tu me amas exageradamente, meu bom Simônides, e apiedo-me de ti – respondeu o Mestre detendo-se diante do ancião, sobre cujos ombros colocou suas delicadas mãos cuja alvura se assemelhava à dos nardos de Jericó.

– E por que, meu Senhor, tens pena de mim? – perguntou o ancião com os olhos úmidos fitando aqueles olhos garços de incomparável doçura e que pareciam penetrar até no fundo do seu coração. – Não vês como sou feliz por poder servir-te, meu Senhor?

– E se visses a este a quem chamas de teu Senhor tratado como vil escravo e justiçado como impostor. Que farias?

– Ai! ... Silencia os teus lábios, Senhor, porque ofendes a Jehová, aos Profetas e a toda Israel que espera e confia em ti! ... Não mates de um só golpe este teu servo, meu Senhor ... pois não foi para isto que o Altíssimo curou o meu corpo estropiado pelos tiranos! ... Não, meu Senhor, não! Jamais sucederá semelhante desgraça sem que antes tenhamos sido despedaçados todos nós que te amamos!

– Que está acontecendo aqui? Que ocorre? – perguntou Judá aproximando-se com Faqui, Marcos e o tio Jaime, todos muito alegres por verem a Santa Aliança tomar formas definitivas e bem definidas.

– Nada – respondeu Jhasua –, apenas trato de acalmar a febre delirante do meu bom Simônides que, às vezes, segundo me parece, sai da realidade e se deixa levar para os países do encanto e da ilusão ... Não é esta uma obra quase que de magia?

– Imensa magia, meu Senhor! Três meses de trabalho de oitenta artesãos da madeira e da pedra, dia e noite, com salários dobrados, não é nenhuma coisa do outro mundo – respondeu o ancião, em cujo nobre coração já se evaporara a preocupação causada pelas palavras de Jhasua.

– Está muito bem, Simônides! Alimentaste oitenta famílias nestes três últimos meses e, se não fosse por esse trabalho, haveria escasseado o pão e o vinho em suas mesas. Em compensação, temos um alojamento seguro para a Santa Aliança, da qual tanto esperamos para o futuro. Falei bem agora, Simônides?

– Agora sim, meu Senhor! ... Agora sim!

– Já estão entrando, com suas vestimentas próprias, aqueles que vieram meio disfarçados da Praça do Mercado – disse Marcos, fazendo entrar uns cinqüenta homens, quase todos jovens transbordantes de entusiasmo e de alegria.

Uma hora depois, a pavorosa caverna do Rei Jebuz da Pré-História, com todos

os seus candelabros acesos, era como uma chama de ouro resplandecente sobre todas as coisas: sobre as Tábuas da Lei de Moisés, sobre os anjos de pedra branca que as mantinham, sobre os versículos dos Profetas anunciando o Salvador do Mundo, sobre os nomes dos Reis da Judéia que se haviam mantido em adoração ao Deus Único e obedientes à sua Lei.

José de Arimathéia, Nicodemos, Nicolás e Gamaliel chegaram também seguidos por uma dúzia daqueles alunos do Grande Colégio que haviam recebido as cópias dos escritos de Moisés e de Salomão, já do conhecimento do leitor.

Marcos estava recebendo seus amigos, escreventes e zeladores do próprio estabelecimento docente, entre eles um sobrinho do velho Hillel, o antigo reitor já falecido, ocorrência esta significativa de uma magnífica conquista.

Todos os que chegavam traziam estampado no semblante a ansiedade por ter notícia exata do grande Rei vislumbrado pelos Profetas seis séculos antes.

Jhasua, sentado na extremidade de um estrado que iniciava na câmara do Profeta Isaías, observava em silêncio todo aquele movimento de seres ansiosos de justiça, de liberdade e de paz. O otimismo, o sonho e a ilusão floresciam em todos os rostos e sorriam em todos os lábios.

Othoniel e Isaías, os dois magníficos mordomos de Judá e Faqui, acompanhavam respectivamente o príncipe Sallum de Lohes e o príncipe Jesuá, ambos amigos de Melchor de Heroópolis, já conhecidos do leitor.

Logo em seguida, ouviu-se um murmúrio de vozes estrangeiras vindo do pórtico da entrada e, pouco depois, apareceu a figura inconfundível do Scheiff Ilderin, o caudilho árabe que chegara nessa mesma tarde com vinte de seus homens de armas. Eles tinham vindo diretamente do acampamento no deserto do Monte Jebel. Nós o conhecemos, leitor amigo, em Antioquia, na pousada "Boa Esperança" e depois no Horto das Palmeiras, junto àquele lago sobre cujas águas Jhasua deslizou com a velocidade de um raio para salvar os náufragos da malograda corrida de barcos.

Seus brilhantes olhos negros investigaram por entre a multidão, da qual se destacou Judá para recebê-lo. Falou-lhe algumas breves palavras ao ouvido, para mencionar que a maioria daquelas pessoas ignorava que Jhasua era o Messias-Rei esperado, e que, portanto, faziam-se necessárias certas reservas.

Jhasua, absorto completamente em suas observações sobre a multidão esperançosa e sonhadora, não percebeu a chegada do Scheiff Ilderin até tê-lo diante de si.

– Príncipe de David – disse este inclinando-se profundamente. – Finalmente encontro-te na cidade da tua glória e do triunfo que se aproxima e que será o início de uma nova era de paz e de liberdade para nossos desventurados países.

– Dizeis a verdade Scheiff – respondeu Jhasua, emocionado pelas palavras que acabara de escutar daquele chefe árabe, as quais estavam perfeitamente de acordo com o que sua visão interior lhe havia permitido vislumbrar sobre os acontecimentos que, poucos anos mais tarde, tornariam tristemente célebre a cidade de Jerusalém.

– No entanto, não parece entusiasmar-te muito este lúcido prólogo da tua grande obra futura – respondeu o Scheiff. – Eu quase diria que há melancolia nos teus olhos, jovem dos cabelos de ouro! ...

– As multidões iludidas não me tornam feliz, Scheiff – respondeu Jhasua, fazendo um lugar junto de si, no estrado.

– Não resta dúvida de que a ilusão é necessária às massas, para movê-las no sentido que lhes é conveniente. Não pensas deste modo, Ungido do Senhor? Para isto apenas é necessário recordar as gloriosas epopéias de todos os homens que realizaram

alguma coisa no passado. Aníbal, Alexandre, Dario e o vosso próprio rei David não teriam atingido o auge se não o houvesse sido através da ilusão na qual as multidões foram mantidas e que as levava a se lançarem em seguida a eles como em busca de uma visão do paraíso, de uma promessa da paz e da felicidade sonhada – disse o Scheiff com veemente eloqüência capaz de convencer qualquer um.

– Mas isso, Scheiff, nos trás sempre à memória o triste epílogo dessas denominadas gloriosas carreiras. Atrás de Aníbal conquistador está Cartago, arrasada até os alicerces e seus habitantes passados pelo fio da espada como reses no matadouro.

"Dario, o Grande Rei, a quem as massas iludidas chegaram a adorar como a um deus, apresentava-se diante dos povos empobrecidos pelas suas orgias em trono de ouro e marfim, quando soou a hora da Justiça Divina, personificada em Alexandre. O *Grande Rei* foi apunhalado em sua fuga como uma lebre acossada pelos javalis, e toda a sua obra ficou reduzida a milhões de vítimas sacrificadas à sua ambição e a um túmulo escavado na rocha em Nakchi-Rusten, nos arredores de Persépolis.

"Os povos iludidos, dominados por outro ambicioso mais forte que ele, Alexandre, esqueceram rapidamente seu Grande Rei para aceitar submissos os restos e as migalhas arrojados pelo vencedor.

"Se o Macedônio unificou por breve tempo o mundo, sonhando ser o Único Soberano sobre a face da Terra, sem outro ideal além do seu império, hoje o temos dividido em três partes, e sua múmia silenciosa dorme em eterno no Museu de Alexandria.

"Os povos iludidos por Aníbal, por Dario, por Alexandre e por David hoje são como os hilotas da guerreira Esparta, sem outros direitos senão os de receber as sobras dos novos amos, os invasores que se apropriam até do ar que respiramos e da água que bebemos ... e, no que diz respeito ao Grande Rei David... bem o sabes, Scheiff ... nada resta dele, para o povo que o aclamou, além da sua tumba, onde se aninham os bufos, os répteis e onde as aranhas tecem sua teias. Restam também os Salmos, onde pede misericórdia ao Senhor, porque reconheceu na velhice os extraviados caminhos percorridos, viu suas mãos destilando sangue, não se atrevendo nem sequer a tocar nas pedras que formaram o templo de Jehová ... Eu te digo, Scheiff: a única coisa que tem valor de tudo o que David deixou é o seu arrependimento pelos males causados em seus anos de guerreiro conquistador. Dessa maneira os poderosos despedaçam as ilusões e os sonhos dos povos que, inconscientes, os seguem até que a evidência abra seus olhos à verdade e à luz."

– Jovem dos cabelos de ouro! ... Quem vestiu em ti essa túnica de decepção, de desengano e de morte na qual te vejo envolvido? – perguntou alarmado o nobre caudilho árabe, que, na verdade, amava a Jhasua e esperava grandes coisas dele.

– Experiência da vida dos homens! – respondeu Jhasua. – Mas não julgues, Scheiff, que eu queira cruzar os braços e deixar que tudo seja arrastado pelo vento como às folhas do outono. Não, isso não! Contudo, acredita: causa-me mal-estar esta louca ilusão dos povos, sem outro ponto em vista além do material, que julgam ao alcance de suas mãos. Também anseio e sonho com uma vida melhor para todos os povos da Terra, porém não como o sonharam Aníbal, Dario, Alexandre ou David, pois bem podes ver toda essa beleza convertida em ruínas desmoronando e formando esconderijos de lagartos no fundo dos barrancos ...

– E como é o teu modo de pensar, Príncipe de David, e de que ouro está tecida a tua ilusão ... de que espécie de asas angelicais prendeste a auréola da tua aspiração? ... Esclarece-me e talvez eu possa compreender-te e aproximar-me de ti.

– Educar os povos, ensinar às massas com a tocha da Verdade Eterna na mão, para que saibam a origem e o destino da vida, seu verdadeiro objetivo e seu glorioso fim. Que todos os povos saibam que Deus, Inteligência Suprema, Alma de todas as coisas, é Amor, Luz e Energia Eternas, e que é o Pai Universal de todos os seres, raças, povos e também de todos os mundos que, assim como a nossa Terra, giram pela imensidão infinita sustentada pela ilimitada Vontade do Eterno Criador. Ensinar às multidões que também são filhos de Deus e nossos irmãos os negros da África do Sul, como os brancos da Europa do Norte, os preguiçosos hindus, os pacíficos persas, os orgulhosos romanos, os gregos artistas, os egípcios trabalhadores e submissos, todos sem exceção, todos somos filhos de uma única mãe: a Terra e de um pai único: o Eterno Criador de tudo quanto respira!

"Ensinar-lhes que a Terra é para o sustento de todos, como o ar, a água e a luz, e que ninguém tem o direito de privar seu irmão de um pedaço de terra onde possa construir sua cabana e abrir depois o seu sepulcro.

"Ensinar-lhes que os chefes, por maiores e mais poderosos que se julguem, são feitos de carne e sangue idênticos ao último de seus escravos, e que a Eterna Lei não lhes concede outros direitos além dos de servir de guias, de condutores, de pais solícitos e amantes dos povos que governam.

"Ensinar-lhes a sábia Lei da Justiça Divina, que as Escolas de Sabedoria chamam de *pré-existência*, ou seja, as existências físicas repetidas continuamente no correr dos séculos e das idades, tão admiravelmente ordenadas e dispostas naquele que hoje é um déspota soberano e cruel caminhando sobre as nucas inclinadas de seus súditos, e que, em outra encarnação futura, terá que viver a vida do escravo, para que outro déspota o pisoteie como a um verme, tal como o fez em sua existência anterior.

"Não seria isto o fim de todas as guerras, invasões, latrocínios, assassinatos em massa, incêndios e devastações? Não seria isto um modo de acabar com a fome e a miséria das multidões para manter fartos de prazer e orgia alguns poucos aventureiros audazes, crescendo à sombra da ignorância dos povos? ...

"Não seria esta a maneira de dar um corte decisivo e mortal na árvore milenária das castas, dinastias e famílias privilegiadas com todas as riquezas da mãe Terra, que pertence a todos os seres viventes? ...

"Esta é a minha aspiração, Scheiff Ilderin e, enquanto eu não a vir realizada, minha alma gemerá como uma carpideira em torno do cadáver de um ente amado, porque a Humanidade que tanto amo estará morta enquanto não puder ver a Luz da Verdade Eterna! ..."

Os olhos de Jhasua resplandeciam como duas chamas douradas, e seu semblante se havia colorido do suave matiz rosado de um crepúsculo de primavera.

O caudilho árabe tomou-o pela mão e disse:

– Tua aspiração, jovem nazareno, não é a aspiração de um homem! É a aspiração de um Deus! O Altíssimo fala pela tua boca e eu não duvido que tudo quanto falaste se realizará um dia nesta Terra! Muitos passos deve dar a caravana para atravessar o deserto de areias incandescentes e ressequidas! ...

"Compreendes, jovem filósofo, jovem desposado com a Sabedoria Eterna?

"Não é de um salto que se sobe ao topo da montanha.

"Não é de um único golpe de machado que o lenhador derruba todos os cedros do Líbano.

"Não é com um golpe de martelo, nem de dois, que o escultor converte em estátua o bloco de pedra arrancado da pedreira!"

– Compreendeste-me, Scheiff Ilderin! Compreendeste perfeitamente, e somente isto abate o meu pessimismo e faz florescer novamente em mim a ilusão!

Jhasua estreitou o árabe entre os seus braços e se confundiram numa só madeixa os negros cabelos do filho da Arábia com os crespos cabelos bronzeados do jovem nazareno.

A afluência das pessoas havia-os deixado isolados na câmara de Isaías e, disseminada nos diversos compartimentos do imenso local, formavam grupos dentro de seus respectivos programas e nos aspectos em que os julgavam praticáveis.

A chegada dos companheiros bethlehemitas determinou o início da grande Assembléia.

Elcana, Josias, Alfeu e Eleázar, seguidos de uns trinta bethlehemitas, entraram pelo corredor subterrâneo com saída para o vale do Himom. Seus olhos procuraram Jhasua na multidão, sobre o qual julgavam ter mais direito que qualquer outro, visto como o haviam reconhecido ao nascer, há vinte e três anos.

Jhasua viu-os aproximando-se e foi até eles para evitar que a explosão de afeto pudesse pôr a descoberto o segredo da sua personalidade.

– Aquilo que sabeis, muito poucos aqui o sabem – disse a meia-voz, ao abraçá-los. – Sede, pois, discretos até chegar a hora de falar.

– Na porta defronte à rua de Jope – disse Elcana – devem estar os de En-Gedi, com sua pequena tropa de jumentos carregados. Nós os encontramos entrando na cidade pela Porta do Sul.

Jhasua transmitiu a notícia a Judá, que avisou Othoniel que cuidou de permitir-lhes a entrada. Eram Jacobo e Bartolomeu, os porteiros do Santuário do Quarantana, que vinham acompanhados dos penitentes daqueles montes escabrosos. Eram os redimidos pelos Essênios, que haviam conseguido seus indultos depois de uma longa prova de sua verdadeira regeneração. Eles sabiam que a sociedade não perdoa nem esquece as faltas públicas de seus semelhantes, ainda quando ela própria tenha, em seu íntimo, maiores delitos que aqueles aos quais acusa. No entanto, na Santa Aliança, nascida no coração do Cristo, havia lugar para todos, justos e pecadores, porque o ideal sublime de libertação humana conduzia a todos pelo mesmo caminho: a fraternidade universal.

Os dirigentes das diferentes regiões ali representadas deixaram sobre a mesa central o nome de seus adeptos. O grande estrado principal foi ocupado pelos dirigentes que fariam uso da palavra nessa noite e também pelos mais anciãos dentre aquela numerosa assembléia.

Correspondia a Nicodemos a vez de dar início à reunião, motivo pelo qual ocupou o centro do estrado. À sua direita foi colocado Jhasua, como criador da Santa Aliança e, à sua esquerda, o príncipe Sallum de Lohes, o mais idoso de todos os participantes.

Judá, Faqui e Marcos desempenhariam o papel de secretários, para transcrever, nas três línguas mais usadas na época, todas as disposições a serem tomadas.

Um silêncio solene e profundo acalmou todos os rumores, e Nicodemos deu início aos trabalhos com uma invocação ao Deus Único, Invisível e Eterno, Poder Supremo, Energia inesgotável, fonte de Luz permanente, hálito solene de Amor sobre todos os seres vivos da Terra.

Todas as frontes se inclinaram em fervente adoração silenciosa, porque eram almas que se expandiam em transbordamentos de anelos comuns, de esperanças a florescerem em todos os corações, de aspirações, de felicidades futuras que teriam

suas redes sutis ao redor de cada cabeça juvenil para coroá-las de jasmins e de rosas como as dos heróis triunfadores de outras épocas.

Não ensinava a Santa Aliança que Deus é o amoroso Pai de todos os Seres? Não haveriam de esperar de um tal Pai Criador e Senhor de todos os tesouros da Terra, um recipiente de felicidade para seus lábios sedentos? Um raio de luz para seus passos desorientados no caminho da vida? ... Um pedaço de terra livre onde pudessem semear trigais dourados para convertê-los no pão branco da humilde mesa? Oh, sim! Tudo isto era esperado por aquela multidão ansiosa por inclinar sua fronte em adoração ao Deus Pai Universal, convidados através da palavra austera e persuasiva de Nicodemos de Nicópolis, doutor de Israel e descendente de antiga família levítica e sacerdotal.

Jhasua recebia na sua psique de assombrosa sensibilidade todos esses pensamentos, anelos e esperanças, e pensava no mais íntimo do seu ser:

"Todos estendem a mão perante o Pai Universal para pedir-Lhe bem-estar material, alegrias familiares, êxito em suas empresas! Onde estão aqueles que amam a Deus por Ele mesmo, que é o Bem Supremo? Onde está aquele que diga: Senhor! Amo-Te acima de todas as coisas, e não peço outra felicidade que a de poder amar-Te, respeitando a Tua Lei até no último alento da minha vida? ...

Esse momento solene passou, e Nicodemos explanou suas idéias num eloqüente discurso sobre a justiça e a eqüidade que deve reger todos os atos da vida de quem se chama adorador do Deus Único, fonte de todo o bem.

Essa era a décima assembléia celebrada pela Santa Aliança, e correspondia tratar, de modo especial, o décimo artigo da Lei de Moisés: "Não cobiçarás os bens alheios."

Nicodemos desenvolveu esse tema, de atualidade em todos os tempos e entre todas as raças e nações da Terra, chegando à conclusão de que, no severo cumprimento deste mandamento, estava encerrada a paz para os homens de boa vontade como, há vinte e três anos, na noite do nascimento do Verbo na cidade de Bethlehem, haviam cantado os anjos do Senhor.

O capítulo XI de Isaías foi comentado eloqüentemente por Nicolás de Damasco, em seus primeiros cinco versículos os quais, segundo os grandes Mestres da Divina Sabedoria, eram a viva imagem do Ungido do Senhor, já no meio do seu povo, esperando que este se pusesse em condições de reconhecê-Lo e segui-Lo.

O rabi da Sinagoga de Zorobabel, já conhecido do leitor e dirigente dos adeptos de Anathot, fez o comentário do Capítulo III do Profeta Malaquias, cujos três primeiros versículos fazem referência à pureza de vida necessária para ser digno de aproximar-se do Messias Salvador de Israel, esperado por todos.

O Capítulo XXII de Jeremias, em seus seis primeiros versículos, foi interpretado de belíssima maneira por José de Arimathéia, tornando responsáveis os dirigentes das multidões pelos erros dos povos e das grandes dores sofridas por eles.

Os dirigentes de Sebaste e de Sevthópolis, da região da Samaria, elogiaram com veemência a obra unificadora da Santa Aliança, cuja tendência era destruir os velhos ódios e antagonismos entre ambas as regiões: a Samaria e a Judéia.

– Qual a culpa dos samaritanos da época atual – perguntou um dos oradores – de terem nossos antepassados se rebelado contra o herdeiro do Rei Salomão, para eleger um outro Rei que correspondesse às suas aspirações?

"Queremos aproximar-nos daquele que vem agir com justiça, como acaba de ser comentado em Jeremias, e a justiça está em não se descarregar sobre os inocentes de hoje o pecado dos culpados de ontem."

Por fim, do grupo dos bethlehemitas partiu este significativo clamor: "Que nos fale o Mestre Nazareno, criador da Santa Aliança, que nos fale Jhasua, filho de Joseph. Ele está bem a par da dor dos humildes e dos oprimidos!"

O mesmo clamor foi ouvido de diferentes lugares do grande recinto, onde se encontravam disseminados, por entre a multidão, aqueles que conheciam o segredo da personalidade de Jhasua.

– Já era a hora – disse Simônides a meia-voz – de que transbordasse a grande aspiração contida que, em relação a mim, já estava queimando as entranhas!

O jovem Mestre pôs-se de pé no primeiro degrau do estrado para dirigir a palavra à multidão e, nesse momento, aproximou-se o Scheiff Ilderin para dizer-lhe ao ouvido:

– Por favor, Príncipe de David, não lhes fale como falaste a mim, pois matarias todas as suas ilusões de um só golpe! ...

– Fica despreocupado, Scheiff, serei discreto.

E Jhasua falou da seguinte maneira:

"Diz o Rei Sábio, no versículo I do Capítulo IV do Eclesiastes: '*E tornei-me eu, e vi todas as violências praticadas debaixo do sol. E vi as lágrimas dos oprimidos e sem ter quem os console. Vi também a força na mão de seus opressores, e que, para eles, não havia consolador.*'

"Para estes, meus amigos, nasceu a Santa Aliança na terra que viram nossos pais, e onde estão as suas sepulturas. Por isso floresceu no Jardim de Jehová a branca roseira da Santa Aliança, beijo de amor para todos os que padecem angústias de morte em seus lares sem calor e sem pão; abraço de fraternidade e de companheirismo para os que sentem o açoite feroz da humilhação e do opróbrio na amada terra que os viu nascer; encontro de almas num mesmo caminho que todos vamos percorrendo em cumprimento da grande Lei da vida; lâmpada acesa nas trevas dos que buscam às cegas uma mão na qual possam apoiar-se e um peito amigo no qual descansar o rosto fatigado ...

"O Rei Sábio viu toda a dor dos humildes oprimidos, e desafogou sua alma em amargas queixas dizendo que '*tudo é vaidade e aflição do espírito, debaixo do sol*'. A Santa Aliança deu um passo mais além, e se esforça por obter a unificação, que é força defensiva para todos os sofredores da opressão e da injustiça. Ela busca a aproximação de todos os corações animados por um mesmo sentimento, pela mesma fé, pelo mesmo ideal: a santa liberdade de todos os filhos de Deus sob a suave tutela de sua Lei soberana. A única Lei que iguala todos os homens, tanto o grande como o pequeno, tanto o forte como o débil, tanto o rico como o pobre, visto como diz a todos indistintamente: *Ama a teu próximo como a ti mesmo; não faças aos demais o que não queres que te façam; honra a teu pai e a tua mãe; não retires a vida nem a honra nem os bens de teus semelhantes; não manches teus lábios com juramentos falsos nem teu coração com impudica lascívia.*

"Esta é, meus amigos, a Santa Aliança da qual todos fazemos parte, na qual ensaiaremos a nossa capacidade de amar-nos uns aos outros de tal forma e de maneira tão perfeita que a dor de um seja a dor de todos e a alegria do menor seja compartilhada, vivida e sentida por todos os seus irmãos.

"Não é um levante armado para lançar por terra os poderes constituídos pela força bruta, e levantar outros formados da mesma maneira. É um levante espiritual, para engrandecer-nos até tornar-nos dignos do nome que possuímos de povo escolhido, povo de Deus, povo de justos, Profetas da Verdade e da Justiça. Até hoje não merecemos esse nomes, porque toda a nossa história, desde a morte de Moisés até

hoje, é uma demonstração de ignorância, de ignomínia, de crimes, de enganos, de falsidades e de odiosa profanação contra sagradas instituições, com fins de lucro e de domínio.

"Houve homens justos e austeros que levantaram sua voz inspirados por Deus para encaminhar os povos para os seus sagrados deveres; contudo esses homens, chamados Profetas, foram perseguidos e mortos para que, do fundo de suas sepulturas, não fossem ouvidas as suas vozes a gritarem mais alto que as consciências adormecidas dos homens: 'Pecais contra Deus, pecais contra os vossos semelhantes, pecais contra a Verdade, contra a Justiça e contra o Amor, e sobre vós mesmos cairão as conseqüências de tão desastrosos abusos contrários à Eterna Lei.'

"Quando os nossos caminhos se tiverem endireitado na eterna marcha da vida; quando os nossos lábios se tiverem purificado como os do Profeta Isaías ao contato do fogo divino e não deixarem correr o engano e a mentira; quando as nossas mãos estiverem limpas, como o pão de flor de farinha que adorna a nossa mesa; quando os olhos não se deleitarem nos prazeres lúbricos, e somente procurarem satisfação nas obras de Deus para louvá-Lo eternamente, então, meus amigos, cairão sem esforço os tiranos, os déspotas, romper-se-ão as cadeias de todas as escravidões, abrir-se-ão as portas de todos os calabouços, as armas se enferrujarão nos porões das fortalezas, os gritos de guerra se transformarão em cantigas de ninar, em barcarolas de pescadores, em cadência de donzelas sentadas ao tear, em canções de lavradores segando seus trigais dourados e em melodias tristes dos pastores apascentando seus rebanhos! ...

"Essa é a aspiração que agitou suas asas na minha mente, ao forjar nela o ideal da Santa Aliança a congregar-vos ao meu redor, como imensa colheita de flores e de frutos ao redor do lavrador que os cultivou!

"Se cada um de vós realizar em si mesmo o meu sonho criador da Santa Aliança, não sereis meus devedores pela iniciativa desta obra de bem e de felicidade para todos, mas serei eu o vosso devedor, pois recolherei por vosso intermédio a mais pura e imensa felicidade que pode desfrutar a alma humana encarnada nesta Terra!"

Imensa onda de amor divino se estendeu pelo vasto recinto, com tal força e energia que todos viram através dela, como transfigurado, o jovem Mestre dizendo para finalizar:

– Peço ao Senhor dos Céus e da Terra que seja para todos vós o anjo purificador do Profeta Isaías, para que não sejais mais os homens de ontem, mas os homens do amanhã glorioso de minha aspiração convertida em realidade.

Os amigos íntimos, os anciãos, depois todos, como impulsionados por uma força estranha, se precipitaram sobre Jhasua e o levantaram para o alto, cantando:

– Hosana ao Profeta de Jehová, ao que vem em nome do Senhor, ao Salvador do oprimido povo de Israel!

– O homem de bem salva a si mesmo – respondeu Jhasua, estendendo as mãos para todos aqueles que procuravam estreitá-las.

Uma hora depois, a maior parte daqueles participantes se retirava, fazendo mutuamente esta sugestiva pergunta:

– Não será este jovem Profeta nazareno o Messias esperado por Israel?

– Ele fala com autoridade de Mestre – acrescentaram outros –; quando ele fala todos silenciam, até os mais velhos.

– Se ele fosse o Messias, já o teriam dito – sugeriram outros. – Por que há de manter-se oculto um personagem ao qual está vinculada a liberdade e a felicidade de toda a Nação?

– Debatemos este assunto como ignorantes – observaram alguns. – Acreditais que os poderes atuais verão com bons olhos levantar-se um Libertador para expulsá-los do país, como a um ladrão do redil alheio?

– E corre aqui o ouro de maneira maravilhosa – disse outro.

– Como o sabes?

– A cada dirigente de região foi dada uma sacolinha repleta de moedas para socorrer os inválidos, os anciãos e os órfãos de sua povoação. E um dos secretários disse àqueles que não haviam recebido ajuda para darem a relação com os nomes dos necessitados de sua região a fim de que os mesmos pudessem ser socorridos.

– Finalmente! ... Finalmente há quem se interesse pela dor do povo sem pão – exclamaram várias vozes ao mesmo tempo.

– Esta Jerusalém, tão rica em palácios de mármore, com esse templo resplandecente de ouro, e não existe uma única ruela escura na qual não vejamos, pelo menos, seis ou sete fantasmas acocorados nos portais por falta de teto onde possam passar a noite.

– Tudo isso vai terminar muito em breve, irmão, eu te asseguro. Para mim, o jovem Profeta, que quando fala parece ser a voz de Jehová, deve ser o próprio Salvador de Israel a se ocultar até que chegue o momento oportuno de expulsar todos os usurpadores dos direitos do povo.

"Mas quando todos silenciam, devemos também silenciar. Não seja por causa do entusiasmo exagerado que haveremos de lançar por terra todos os acordos secretos que o Messias deverá ter com os auxiliares da sua missão. A Santa Aliança é, na verdade, santa, não nos restando dúvida alguma, pois os fatos confirmam isto bem claramente.

"Sabes que a maior parte desses fardos, cujos rótulos indicam mercadorias destinadas a comerciantes, são donativos da Santa Aliança destinados às cidades que estão representadas neles?"

– Homem! ... Quantas novidades tens nesta noite! Sabes tudo!

– É que vim em substituição ao dirigente de nosso agrupamento de Arquelais, e me entregaram seis fardos de roupas e doze sacos de legumes e cereais para os necessitados da nossa cidade.

– E como vais te arranjar com tudo isto?

– O quê? Como me arranjarei? Já o verás! Recomendaram-me para que amanhã, na primeira hora, eu esteja no Khan da Bethânia, com um bilhete firmado por um dos secretários, e me entregarão quatro jumentos com os quais virei ao armazém para buscar os donativos. Que me dizes de tudo isto?

– Pois, homem, eu te digo que nunca se viu coisa semelhante na nossa terra e que nem o Rei Salomão, com todas as suas riquezas, se preocupou dessa maneira em aliviar a miséria do seu povo.

– Oh! Não há dúvida, meu amigo! O Salvador de Israel está entre nós, e terá o poder de converter em ouro as pedras para socorrer os desamparados.

Diálogos desse teor, que permitimos fossem ouvidos pelo leitor, foram sendo efetuados ao longo das tortuosas e escuras ruelas da cidade dos Profetas nessa noite memorável, quando os participantes se dispersavam em pequenos grupos a partir do grande armazém de Simônides, em direção às suas respectivas moradas.

Por fim, ficaram sós no imenso recinto apenas os conhecedores do segredo da personalidade de Jhasua, que eram Simônides, os quatro doutores de Israel, o Scheiff Ilderin, os príncipes Jesuá e Sallum de Lohes, Judá, Faqui, Marcos, Othoniel e Isaías, além dos quatro antigos amigos bethlehemitas, Elcana, Alfeu, Josias e Eleázar, totalizando dezoito pessoas com o jovem Mestre.

O Scheiff Ilderin assistia pela primeira vez a uma assembléia de dirigentes da Santa Aliança e estava com um entusiasmo que não cabia dentro do peito.

– Isto é magnífico – disse. – Está representado aqui todo o nosso Oriente Próximo.

– E ainda não sabeis tudo, Scheiff – acrescentou Simônides, ébrio de felicidade.

Todos juntos foram inspecionando os armazéns abarrotados de mercadorias, dispostas em grandes fardos rotulados para as cidades nas quais deviam ser repartidos entre os necessitados.

– Marcos, meu filho, Judá ... Faqui, Othoniel, Isaías, trazei as listas que preparastes para entregar em ordem todo este carregamento! – E começaram a ler o número dos participantes e dos socorridos de cada povoação ou cidade.

– Mas isto é espantoso! ... – exclamou o Scheiff. – Espalhastes uma fortuna como chuva sobre as cidades.

– O outono está terminado e o inverno chega – disse Simônides. – Através disto, os povos ficarão sabendo que o soberano Rei de Israel não constrói seu trono com ouro e pedras preciosas, mas com os corações agradecidos que o abençoam em todos os dias da sua vida.

Todos falavam, comentando com grandes elogios o bem que era derramado sobre os povos carregados de tributos e de onerosas contribuições, empobrecendo-os até carecerem do mais necessário para a vida.

A única pessoa que observava em silêncio era Jhasua, cujo aspecto não revelava entusiasmo nem desânimo. Ele certamente pensava que era tarefa fácil fazer com que as massas cumuladas de donativos de toda espécie aceitassem uma teoria ou doutrina.

"A ilusão de um soberano, de um libertador carregado de riquezas e disposto a derramá-las a mãos-cheias sobre seus povos, conquista imediatamente milhares de corações. No entanto, quando a ilusão se desvanecer diante de um *Salvador de Almas*, proclamando o desapego às riquezas e que seu reino não está neste mundo, qual será o modo de pensar e de sentir dessas multidões desenganadas?"

Esse era o pensamento que absorvia totalmente o jovem Mestre diante da imensa quantidade de donativos derramada pela Santa Aliança sobre os povos dizimados em seus haveres.

– Meu Senhor – perguntou Simônides –, poderemos dizer que cumprimos com o mandamento que diz: "Ama a teu próximo como a ti mesmo?"

– Podes dizê-lo, Simônides, e dirás uma grande verdade – respondeu Jhasua. – Falta averiguar se os favorecidos pela tua generosidade serão capazes de amar a seu benfeitor como amam a si mesmos, quando a dádiva já tiver sido consumida.

– Com isto queres dizer, meu Senhor ... que eu devo preparar-me para a ingratidão? Não é isso?

– Quero dizer que não devemos forjar muitas ilusões levadas pelo entusiasmo das multidões, quando ainda não foram instruídas nos conhecimentos superiores, que permitem amar o bem através do próprio bem.

"Quando o povo hebreu atravessava o deserto, não murmurou contra Moisés porque a abundância foi reduzida? Não clamaram pela escravidão do Egito, da qual ele os havia tirado, quando os carregamentos de farinha e legumes se esgotaram?"

– É verdade ... Oh! É uma grande verdade! – exclamaram várias vozes ao mesmo tempo.

– Na Arábia – disse o Scheiff Ilderin – há um provérbio muito antigo que diz: "*Ninguém se recorda do rio que secou.*" Creio que foi assim que o nosso príncipe de David fiou, muito fino, o fio de seu tear.

O ancião príncipe Sallum de Lohes fez menção à ingratidão de seu povo, quando o viram perseguido pelas autoridades romanas.

– Árvore caída, muito pouca sombra dá – disse o velho príncipe – e o amor das multidões, triste é reconhecê-lo, tem sempre o cem por um de interesse.

– Então procedemos mal derramando tanta generosidade sobre o povo? – perguntou Judá com visíveis demonstrações de desânimo.

– Não fizestes mal, de modo algum, em dar ao necessitado – respondeu Jhasua. – Procederíeis mal se estivésseis semeando o bem com a esperança de uma compensação de amor e de gratidão, porque só são capazes destes sublimes sentimentos os espíritos de grande evolução.

– Que pensas, meu Senhor, poderá suceder quando todo este carregamento tiver sido repartido entre os necessitados de nossas cidades? – perguntou uma vez mais Simônides a Jhasua, enquanto todos inspecionavam os rótulos dos fardos.

– Pensarão, com toda a certeza, que a Santa Aliança é uma sociedade de socorros, e se dirigirão a ela como se acode pela água à fonte.

"Então será o momento propício para dizer às multidões: '*Nem só de pão vive o homem, mas também da palavra da Verdade a ensinar-lhe o conhecimento de Deus e das Leis que o unem a Ele.*'

"Os poucos que assimilarem estas palavras, serão os únicos com os quais poderemos contar para o futuro.

"Teus donativos, Simônides, atrairão para nós grandes multidões, porque tanta generosidade lhes fará supor imensas riquezas acumuladas nas arcas de um Rei poderoso que chega para abarrotá-los de bens. Devemos acolher essas multidões com solicitude e carinho, contudo não devemos alimentar a ilusão de que elas estarão firmes ao nosso lado nas provas que necessariamente chegarão. Somente isto é o que me sugeriu esta abundância de donativos que tornarão felizes, durante uns poucos dias apenas, os que forem favorecidos por eles.

"Compreendeste, meu amigo?"

– Eu te compreendo meu Senhor, no entanto, causa-me dó ver o teu pessimismo com relação ao nosso povo. Eu não creio que ele seja tão destituído de sentimentos nobres, e me parece que o julgas com excessiva severidade. Não é, Senhor, o nosso povo, bastante melhor que todos os outros povos da Terra?

O jovem Mestre sorriu tristemente, recordando, com a rapidez do relâmpago, a terrível visão tida no Santuário do Moab, na véspera de ser consagrado Mestre de Sabedoria Divina.

– A severidade do meu julgamento, Simônides, não é só sobre Israel, a quem não julgo pior que os demais povos. Meu julgamento estende-se sobre toda a humanidade da Terra, no meio da qual se acham disseminadas algumas centenas de almas de evolução avançada como roseiras em campo de espinhos.

"O egoísmo do *teu* e do *meu* é ainda muito poderoso neste globo. O apreço aos bens materiais é mil vezes mais forte e avassalador que o desejo dos tesouros inerentes ao espírito, como a sabedoria, o amor fraterno, a gratidão pelos benefícios, a generosidade. Numa palavra: O amor a Deus *acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo* ainda está ausente da humanidade terrestre em geral. As exceções são por demais escassas e, para isso, vem a Santa Aliança: para educar as massas de tal modo que nelas se possa encontrar ao menos uma terça parte de seres capazes de compreender os princípios da Divina Sabedoria, ensinando a conhecer a Deus em suas obras e leis, e também a valorizar a alma humana, pela sua origem divina e também pelo seu destino imortal e glorioso."

– Estou compreendendo, oh meu soberano Rei de Israel, que o teu vôo é muito alto, mais que o da águia sobre as altas montanhas, e temo que, nem sequer eu, com todo o meu amor e a minha dedicação a ti, seja capaz de seguir-te!

"O teu senho, a tua ilusão, meu Senhor, parece-me às vezes como um passarinho branco de rápido vôo a lançar-se na imensidão quando quero prendê-lo em meu laço! ... E escapa sempre de mim, quando quero examiná-lo de perto; foge e se distancia como uma bolha de gás, a desvanecer-se no azul dos céus.

"Ó meu amado Senhor, meu grande Rei sonhado desde a meninice, quando, sob as oliveiras centenárias de Betphagé, cansado das caprichosas exigências de meus pais, eu dizia a mim mesmo:

"Quando o Justo, o Messias, o Salvador vier a esta Terra, prender-me-ei em seu manto e lhe direi: Leva-me para o teu serviço, Senhor, porque só contigo serei feliz."

– Meu bom Simônides! – exclamou Jhasua enternecido por esse grande amor. Já estás comigo, e te asseguro que será para sempre.

O velho tomou-o por ambas as mãos que beijou várias vezes.

– Estas palavras eu queria ouvir da tua boca, meu Senhor, para sentir-me feliz, não obstante a minha insignificância não permitir chegar até onde se encontra a tua grandeza!

O Mestre olhou-o até no fundo de sua alma e lhe disse com um tom tão solene que a Simônides pareceu profético:

– Muito antes do que possas pensar, meu bom e leal amigo, verás o meu Reino em todo o seu esplendor.

– Oh, isto sim será toda a minha glória! – exclamou o ancião com tão grande alegria que fez Jhasua sorrir. – Eu andaria diante de ti, Senhor, na cadência de uma música, como procedeu David ante a Arca Santa, quando a conduzia a Jerusalém.

– Prestai atenção em nosso bom Simônides, pois parece ter perdido o juízo – disse Faqui a seus companheiros que, juntamente com ele, inspecionavam os depósitos de provisões que no dia seguinte sairiam com diversos destinos.

– Não o perdi, amigo, mas, muito pelo contrário, o ganhei, ao vir a saber o que nenhum de vós sabe – respondeu o ancião.

– E o que é isto? – perguntaram todos ao mesmo tempo.

– Pois muito em breve verei o Reino de meu Senhor em todo o seu esplendor e grandeza, como sempre sonhei.

Muitos olhos se fixaram em Jhasua que sustentou todos aqueles olhares com imperturbável serenidade.

Sorrisos de triunfo desenharam-se nas fisionomias de Judá, de Ilderin e de Faqui.

– Nossos grandes Profetas – disse Nicodemos – devem estar contando os dias que faltam para o cumprimento de seus grandes vaticínios sobre a vinda do Messias e do seu reinado em Israel.

– No que diz respeito a mim – disse José de Arimathéia –, podeis acreditar que tenho como segurança interior a certeza de não ver esse reinado.

– Nem eu! ... Nem eu! ... – ouviram-se as vozes dos quatro amigos bethlehemitas e do príncipe Sallum de Lohes.

– Mas, por quê? – argüiram os demais. – Será que firmastes uma sentença de morte a prazo fixo?

– Certamente que não – disse o príncipe Jesuá.

– Que se expliquem então, e saberemos a razão por que nos arrojaram em pleno rosto esse vasilhame de água fria – disse com marcada ironia Nicolás de Damasco.

– Não existem aborrecimentos entre nós – voltou a dizer José de Arimathéia. – Se eu disse aquilo em que vários me apoiaram, é porque não concebo o reinado do Messias de um ponto de vista material.

"Como professor de história no Grande Colégio, estudei a fundo todos os reinados de ontem e de hoje, e ver-me-ia em grandes apertos para indicar um único que não tenha sido criado, engrandecido e mantido mediante a fraude, o engano, a mentira e os crimes mais espantosos. Sendo assim, é grandemente difícil para mim imaginar o nosso meigo Jhasua, puro como um cordeirinho de En-Gedi, coroado Rei como o melhor dos Reis que houve debaixo do sol. No meu entender, isto seria rebaixá-lo a um nível muito inferior comparado com a altura onde eu o vejo. Isto é tudo. Uma forma exclusivamente minha de examinar as coisas.

– Então nos explica de que modo veremos se cumprirem as profecias – insinuou Gamaliel, sonhando também com um reinado material, cheio de eqüidade e de justiça.

– Sempre se me afigurou uma apoteose para Jhasua, ou seja, uma glória e uma grandeza muito superior a de um Rei material. Multidões aclamando-o pelos seus benefícios; incontáveis lábios chamando-o de Salvador; multidões de corações compreendendo o seu ideal traduzido em ensinamentos capazes de transformar esta humanidade, purificando-a por meios que não conhecemos, mas que existem, segundo a Ciência Oculta, certamente bem conhecida de nossos Profetas.

"O profeta Malaquias nos capítulos III e IV usa palavras muito significativas: 'Virá ao seu tempo o Senhor a quem buscais, é o anjo do acordo que desejais.'

" 'E quem poderá suportar o tempo da sua vinda? Porque Ele é como o fogo purificador e como o sabão dos lavadores.

" 'Porque já chega o dia ardente como um forno, e todos os soberbos e os que praticam maldade serão como a estopa.

" 'Mas para vós que amais o meu Nome – disse Jehová – nascerá o Sol da Justiça que, em seus raios trará saúde.'

– No entanto em Jeremias, capítulo XXIII estão estas palavras bem explícitas – disse Nicolás de Damasco:

" 'Eis que chegam os dias – disse Jehová – em que despertarei em David um rebento justo e, *sendo Rei, reinará*, o qual será feliz e praticará o direito e a justiça na Terra. Em seus dias, Judá será salvo e Israel habitará em segurança. Este será o nome com que todos o chamarão: Senhor, nossa justiça.'

"Onde está, pois, a verdade, em Jeremias ou em Malaquias?"

Todos ficaram em suspenso observando-se mutuamente, até que todos os olhares convergiram em Jhasua.

– Sou o menor de todos, meus amigos! Por que vossos olhos buscam em mim a resposta? – perguntou o Mestre sorrindo.

– Porque é o Sol de Justiça anunciado por Malaquias – disse José de Arimathéia, sustentando a sua tese.

– Porque és Jhasua, o descendente de David, que reinará como Rei e será feliz. És o que todos chamarão de "nossa justiça" – respondeu Nicolás de Damasco, defendendo a sua tese.

– Está bem, meus amigos. Haja paz e bom acordo entre vós, porque se entre os meus íntimos desafinam os alaúdes, onde o trovador encontrará a harmonia?

– Se me permitis – disse Josias –, não sou doutor da Lei, nem tenho autoridade para interpretar a Escritura Sagrada; no entanto, com estes três amigos (e apontou para Eleázar, Alfeu e Elcana) fomos testemunhas há vinte e três anos e alguns meses da

gloriosa noite do nascimento de Jhasua na nossa cidade de Bethlehem. Todos os quatro, mais os pastores que ainda vivem, ouvimos vozes dos Céus a cantar: "Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade."

"Muitos séculos já se passaram sobre os Profetas, e seus livros foram desenterrados dentre os escombros de Jerusalém várias vezes arrasada. A ação do tempo terá podido desfigurar a escritura e modificar os conceitos; contudo, o que nós ouvimos não pode ser desfigurado, porque a terra ainda não apagou a luz de nossos olhos, nem fez emudecer nossa língua. Desde aquela noite memorável não mudamos o nosso pensamento. Não concebemos Jhasua como um David ou um Salomão em grandeza e poder, mas como o Ungido de Jehová para trazer a paz, o amor e a justiça à Terra e aos homens de boa vontade."

Então os presentes rodearam os quatro bethlehemitas para ouvir provavelmente pela centésima vez a narração já conhecida dos demais anciãos, com exceção de Simônides que vivera em Antioquia desde antes do nascimento de Jhasua. O ancião chegou-se, portanto, quanto pôde junto aos bethlehemitas, e fê-los repetir novamente o relato.

– Pareceis crianças brincando com uma mariposa a fugir do vosso alcance no jardim – disse o Mestre, rindo de modo muito natural.

No entanto aquelas dezessete pessoas, entre elas doutores, príncipes, tecelões e criadores, não tinham vontade de rir, mas tão-somente de descobrir a todo custo quem estava com a verdade.

Que Jhasua era o Messias anunciado pelos Profetas, não restava dúvida alguma. A divergência estava em que uns julgavam que, sob sua tutela de pai, caminhariam todos os homens da Terra em justiça e eqüidade. Outros o viam como um Moisés de faculdades e forças ultrapoderosas, impondo-se às multidões pelas maravilhas que faria, eclipsando a grandeza e a glória de todos os Reis da Terra.

Finalmente e vendo que não se chegava a um completo acordo, Simônides, com o direito que lhe dava sua ancianidade e por saber-se amado, aproximou-se delicadamente do jovem Mestre que, junto com Marcos, Faqui e Judá eram como simples testemunhas da controvérsia dos homens maduros, e lhe disse:

– Meu Senhor! ... Como vês, se não falas, não poderemos entender-nos. Fala, Senhor, e seremos iluminados!

– Está bem, Simônides, falarei:

"Eu sou o Messias anunciado pelos Profetas, e todos vós vereis a grandeza e a glória para a qual me levará o Pai quando seja chegada a hora.

"Ficai, pois, satisfeitos comigo. Satisfazei-me também vós, não promovendo polêmicas sobre este assunto, que deve ficar submetido à Suprema Vontade de Deus."

Uma hora depois, o imenso recinto estava mergulhado nas trevas e em profundo silêncio, porque os últimos participantes se haviam dispersado em direção as suas respectivas moradas na velha cidade, adormecida sob a amarelenta luz da lua minguante.

No Monte Hor

Trinta dias depois, Jhasua, em companhia do tio Jaime, se reunia à caravana que fazia viagens periódicas de Jerusalém até Hesbon, e depois em direção ao sul, ao

montanhoso país de Edor, onde o aguardavam Melchor e Gaspar, os dois grandes amigos desde o berço, para celebrarem a primeira reunião combinada no dia da morte de Baltasar.

Apenas tinham passado Hesbon e penetrado nos penhascos do Moab, à altura dos Montes Nebo e Pisga, saíram-lhes ao encontro dois dos setenta Anciãos do Santuário do Moab, que haviam sido convidados a participar daquela reunião.

A caravana deixava-os em Sela, e dali deviam separar-se em direção ao oeste até o Monte Hor, onde o príncipe Melchor tinha instalada a última Escola de Sabedoria Divina que havia fundado.

Em Sela, aguardava-os um guia que reconheceu imediatamente Jhasua, pois era um dos criados que acompanhara Melchor naquele encontro junto às Pirâmides, no Egito.

– Podias ter poupado a viagem – disse um dos Anciãos do Moab ao guia – porque nós conhecemos o Monte Hor.

– O amo manda e eu obedeço – respondeu o criado. – O Monte Hor tem grandes precipícios, e a Escola está num patamar que não pode ser percebido do vale.

– Chegou lá algum viajante do Golfo Pérsico? – perguntou Jhasua.

– Há três dias, e veio com mais dois companheiros. Ontem de manhã chegou o Mestre Fílon de Alexandria, e foram todos conduzidos ao Monte Hor.

– Eles foram mais diligentes do que nós, não obstante estarem mais distantes – disse um dos Anciãos do Moab.

– Ao cruzar os Montes Nedjed, o guia perdeu-se e, se não fosse por isto, teriam chegado antes – voltou a acrescentar o criado.

"Porém o mais velho deles parece ter visto uma luz misteriosa que os fez encontrar novamente o caminho.

– Outra vez a estrela! ... – disse o tio Jaime.

– Que estrela? – perguntou, curioso, o guia.

– Esse mesmo ancião – esclareceu Jhasua –, junto com outros dois, foram também guiados por uma misteriosa luz, como dizes, até encontrar o lugar que buscavam.

– No entanto – continuou o guia – a região de Nedjed é atravessada desde o Golfo Pérsico até o Mar Vermelho por uma cadeia de montanhas com bons oásis, que dão vida ao deserto da Arábia, quase tão difícil de atravessar como o Saara. O último furacão de areia havia apagado todo vestígio do caminho e o guia viu-se desorientado.

"Dizem que o ancião viajante fez uma oração ao Senhor, e uma luz vista por ele apenas guiou-os até o verdadeiro caminho."

Sela era uma pitoresca povoação de lavradores e pastores, pois sua esplêndida situação, no vale regado por um braço do caudaloso rio Druma, e tendo ao ocidente as férteis vertentes do Monte Hor, prestava-se admiravelmente para toda classe de culturas e para a criação de gado. Era, além disto, um dos mercados mais importantes, onde os árabes negociavam com vantagem os esplêndidos cavalos da região do Nedjed, conhecidos como os melhores do Oriente.

Com muita facilidade e das ruas da cidade, podia-se distinguir perfeitamente a silhueta imponente do Monte Hor, o pico mais elevado da cadeia montanhosa do Seir.

Quem visita pela primeira vez essa região da Arábia tem a impressão de que, em menos de uma hora de viagem, já se encontra ao pé desse Monte, e esta também foi a impressão de Jhasua. Mas o guia assegurou-lhes que a subida até a plataforma em que estava a Escola levaria desde o meio-dia até pouco antes do pôr-do-sol.

O caminho, demasiado tortuoso, subia em espiral irregular que, se os livrava dos perigos, alongava a distância.

Quando o guia lhes disse:

– Já chegamos – todos perguntaram:

– E a casa, onde está?

– Nas entranhas da rocha – disse o guia, e imediatamente fez soar um apito de aviso.

O branco turbante de Melchor apareceu imediatamente numa gruta das rochas, e logo o manto branco envolvendo toda a sua pessoa surgiu como uma escultura de mármore no fundo verde escuro e cinzento da montanha.

A plataforma encheu-se num instante de esculturas brancas, com rostos de bronze e barbas de ébano, descendo em fila que se adaptava ao ondulante e tortuoso caminho. Todos traziam tochas, cujas chamas vermelhas espalhadas pelo vento como cabeleiras de fogo, davam à paisagem tonalidades fantásticas.

O dossel de púrpura e ouro do sol poente envolvia aquele esplêndido conjunto de montes cheios de bosques, por onde meia centena de homens vestidos de branco, com tochas flamejantes, apareciam, às vezes, como suspensos nas árvores sobre o vazio aberto a seus pés.

Quando Melchor, que abria a caminhada, chegou junto aos viajantes, os últimos apareciam com estatura de meninos presos nos ramos das acácias ou nos abanicos das palmeiras.

Jhasua julgou ser o detalhe das tochas parte de um ritual costumeiro para uma honrosa acolhida, mas, quando as sombras da noite os encontraram ainda subindo pela escarpada ladeira, compreendeu que elas eram uma necessidade para não caírem de bruços a cada instante naquela escada lavrada a pico na rocha viva.

Ao chegar à esplanada superior, os viajantes, agradavelmente surpresos, encontraram-se numa alegre pracinha cercada de acácias e laranjeiras, intercaladas com formosos pedestais de pedra branca tendo, na parte superior, uma cavidade, onde os que subiam iam deixando suas tochas.

Na frente, aparecia como uma enorme fachada uma parede branca lavrada na mesma rocha calcárea, brunida e polida de tão admirável maneira que parecia a frente de mármore de um templo comum.

Nessa rocha fora esculpido um imenso livro aberto, em cujas duas páginas apareciam, gravados em negro, os Dez Mandamentos da Lei de Moisés. No alto do formidável livro de pedra via-se uma luz em forma de estrela de cinco pontas, formada por uma caixa de pedra dentro da qual ardia permanentemente uma lâmpada de azeite.

Para os viajantes que atravessavam essa região montanhosa, a estrela de luz era como um farol a orientá-los em seu caminho.

O príncipe Melchor quisera deixar ali permanentemente uma recordação da misteriosa luz que os guiara um dia ao encontro do Verbo de Deus descido à Terra.

– Tua Escola de Sabedoria Divina não pode ter melhor portal que este – disse Jhasua –: O livro da Lei e a Eterna Luz a iluminá-lo.

"Mas esta é uma Escola sem porta" – acrescentou.

– Tem portas, meu filho, e bem abertas – respondeu Melchor. – Olha!

O grande livro aparecia colocado sobre dois enormes pedestais lavrados na própria rocha da montanha, os quais tinham a forma de pirâmides truncadas, e eram pouco mais altos que um homem de estatura regular. Num dos lados de ambas as pirâmides se abriam as portas de entrada dando acesso para duas galerias, cujo teto de quartzo permitia a penetração da luz solar, muito embora bastante velada.

Lâmpadas de azeite iluminavam-nas durante a noite.

Ao longo daquelas galerias abriam-se as portas dos aposentos em forma de grutas escavadas na rocha e recobertas de cedro.

As duas galerias se encontravam no final num formoso pórtico de dez colunas, dando entrada ao Santuário da Escola, lavrado como a sala hipostila de um templo egípcio, ou seja, um recinto central mais alto e largo do que os dois laterais. Os três recintos estavam unidos por grandes arcos fechados com cortinas de cor púrpura-violeta.

O grande recinto central da sala era para os ensinamentos de Sabedoria Divina e das ciências humanas. Os laterais destinavam-se da seguinte maneira: um para a concentração espiritual dos Mestres e discípulos adiantados e o outro para os exercícios de desenvolvimento dos principiantes até o terceiro grau.

Todos apareciam rodeados de estrados de madeira, cobertos de tapetes de fibra vegetal e com almofadões de palha de trigo com cobertas de tecido de linho.

As estantes, os atris, as mesas, bem como tudo ali denotava que, na sua fabricação, havia sido levado muito em conta a comodidade, suprimindo todo detalhe de luxo desnecessário.

Essa era a mansão cavada na rocha onde entrava Jhasua, o mais jovem dos Mestres naquela época, para ter uma conferência de Sabedoria Divina com seus dois antigos amigos Gaspar e Melchor na ausência material de Baltasar, que certamente iria acompanhá-los do plano espiritual onde se encontrava.

Gaspar havia trazido consigo dois Mestres dos mais experimentados em ciências divinas e humanas. Um deles, Goda-very, era hindu e tinha sido escolhido por todas as Escolas do Indo para sucessor de Gaspar na direção das mesmas.

O outro era originário de Pasárgada, na Pérsia, e era o sucessor de Baltasar, seu confidente e discípulo íntimo, no qual haviam depositado sua confiança as Escolas que reconheceram por Fundador e Mestre o sábio astrólogo recentemente desaparecido. Seu nome era Abbas.

A finalidade desta reunião era uniformizar os ensinamentos a serem dados às multidões reunidas nas organizações que se chamavam na Síria e na Palestina: "*Santa Aliança*"; no Indo: "*Colar de Ferro*"; no Egito: "*Horto das Palmeiras*"; no país dos Tuaregues: "*Coroa de Ouro*"; na Arábia do príncipe Melchor: "*Espiral de Incenso*"; e na Pérsia de Baltasar: "*Tocha Acesa*".

Jhasua havia desejado unificar em todas as partes o nome: "*Santa Aliança.*" No entanto, os Anciãos, conhecedores dos ares que se respiravam nos diversos países habitados por eles, temeram que essa instituição, cuja finalidade era ensinar e prestar ajuda mútua, fosse interpretada como uma grande organização internacional para levantar as massas contra seus governantes, os quais, legais ou ilegítimos, ficavam muito a desejar, e mais ainda, a temer, no presente e no futuro, os povos que governavam arbitrariamente.

Com nomes diferentes, a finalidade era uma única: elevar o nível moral das multidões e suavizar o mais possível as duras condições de vida que, com bem poucas diferenças, tinham os povos de seus respectivos países.

As Escolas de Sabedoria Divina, que até então haviam sido círculos herméticos aos quais tinha acesso apenas quem aspirava ser Mestre, deviam abrir suas portas para todos os seres que sentissem o desejo de unir-se para tornar a vida mais suave e, ao mesmo tempo, para elevar-se de seu baixo nível espiritual, social e material.

Dependia da discrição e da prudência dos Mestres regulamentar o ensinamento e a ajuda mútua, de tal modo que produzissem os frutos esperados.

Com o Mestre Fílon, havia vindo o ancião Profeta dos Tuaregues, que o leitor

conheceu no palácio de rochas da Rainha Selene, sentado a seus pés. Formado espiritualmente pelos sábios sacerdotes da antiga Mênfis, de cujas escolas só restava a do lago Méris, era uma inteligência muito clara e possuía grande coração. Para Fílon, fora ele uma verdadeira tocha nas horas difíceis de sua longa carreira em busca da Verdade.

Iniciaram-se, pois, as reuniões na grande sala central da Escola com dez assistentes: Jhasua e os dois Anciãos do Moab, Gaspar e seus dois companheiros, Fílon e o Profeta dos Tuaregues, Melchor e o Mestre Dan-Egadesh, escolhido pelas Escolas da Arábia para seu sucessor.

O tio Jaime e dois estudantes da mesma Escola foram designados para secretariar os trabalhos, nos quais não tinham voz ativa nem voto, e seu papel reduzia-se a deixar anotadas as resoluções tomadas.

Ao tratar de escolher quem presidiria as reuniões, todos foram unânimes em designar Jhasua, que, embora sendo o mais jovem na vida física, era o mais antigo como espírito.

– És a Verdade Eterna encarnada numa personalidade humana, e ninguém como tu preenche as condições necessárias para abrir caminhos novos no labirinto da inconsciência humana, na qual todos nos encontramos submersos – disse o mais idoso dos Anciãos do Moab. Todos participavam deste modo de pensar e de sentir, e Jhasua não pôde recusar a escolha da maioria.

Conforme era o hábito em todas as Escolas de Sabedoria Divina, Jhasua abriu a primeira sessão com a invocação à Tríade Divina: Poder Infinito, Amor Supremo e Claridade Eterna.

"Pai Nosso, que alentas tudo quanto existe no Universo através do Teu Poder Infinito, do Teu Amor Supremo e da Tua Claridade Eterna, inspirados pela Tua presença, estamos dispostos a realizar neste Mundo a Tua Divina Idéia, se formos dignos de ser tomados como instrumentos da Tua Soberana Vontade.

"Fala-nos, Pai Nosso, que os Teus filhos escutam!"

Houve alguns momentos de profundo silêncio para que cada um buscasse a união com a Divindade.

Logo em seguida, Jhasua tomou a palavra para fazer, com a possível brevidade, uma exposição do estado espiritual e moral da humanidade de então, pondo a descoberto, uma por uma, todas as suas chagas, as enfermidades quase incuráveis por se terem tornado crônicas, os desequilíbrios de toda espécie e, numa palavra, a completa desorientação a contar desde o tempo da Pré-História, no qual a antiga civilização Kobda havia aproximado da Divina Idéia a Humanidade de três Continentes.

– Passada essa época – disse – o Eterno acendeu luminares nas diferentes regiões da Terra. No entanto, seus resplendores permaneceram durante poucos séculos à vista dos homens de boa vontade, cujas mentalidades novas cediam, pela milésima vez, à ignorância, aos erros transformados em leis pelos dirigentes das multidões.

"Tendes a palavra – disse – "para esboçar vossos respectivos programas."

– Voltar à obra regeneradora de Chrisna e de Bhuda – disse Gaspar, o hindu.

– Voltar à Lei de Moisés – disse Melchor, o Mestre do Horeb e do Sinai.

– Chrisna, Bhuda e Moisés! ... Divina trilogia que trouxe para a Terra a Luz de Jehová – exclamou um dos Anciãos do Moab.

– Todos os três – disse Fílon – devem estar encerrados no cofre de ouro e cristal do atual Mensageiro da Eterna Idéia, Jhasua de Nazareth. Que ele esboce em síntese a doutrina que semeará nesta hora seu Messianismo, e dedicaremos todo o nosso esforço para sermos seus eficientes colaboradores.

– Eu penso – disse Jhasua – que um verdadeiro Mestre de Divina Sabedoria não pode jamais destruir aquilo que outros Mestres autênticos ensinaram, porque tal coisa seria como se a Eterna Idéia fizesse guerra a Si Mesma.

"Penso, pelo contrário, que os autênticos Enviados de Deus, como Instrutores da Humanidade, devem estar de acordo em seus ensinamentos, ainda quando se compreende perfeitamente que existem algumas pequenas variações sem maior importância, que se justificam com maior ou menor grau de compreensão, levando-se em conta as porções da humanidade às quais são dirigidas.

"Se bem observarmos isto sob severa análise, os Kobdas da Pré-História, que civilizaram três Continentes, não deram um único ensinamento diferente dos de Chrisna, de Bhuda e de Moisés. Esse período luminoso e fecundo em grandes obras de bem e de justiça não teve outros horizontes além do amor fraterno, ao qual deram formas definitivas e palpáveis naquela vasta associação de países denominada Grande Aliança.

"Chrisna e Bhuda foram enviados à Ásia Oriental; Moisés e Abel receberam mandato para a Ásia Ocidental. Quanto a mim, o último de todos eles, ficai certos de que não farei outra coisa além de reavivar as cores, os tons, os claro-escuros do grande quadro da evolução humana, que todos os verdadeiros Mestres da Sabedoria Divina copiaram da Eterna Idéia Mãe.

"Os ensinamentos de todos os Instrutores se basearam no Amor Universal, que é a grande Lei que rege os mundos.

"Cada um deles aperfeiçoou sua maneira de compreender e de sentir a Idéia Mãe, e a esboçou com coloridos mais vivos, mais profundamente definidos.

"Os ensinamentos de Chrisna foram como um reflexo diáfano dos antigos Kobdas, dos quais ainda estava muito próximo: freio duro para a injustiça e a prepotência; decidida proteção para os fracos e os escravizados. Trinta séculos já se passaram, e o distante Oriente, de um modo geral, não se recorda mais de Chrisna, a não ser como um valoroso príncipe que abateu os usurpadores.

"Apenas em alguns poucos Santuários-Escolas se lê o seu *Bhagavad-Gita*, no qual foi resumido parte de seus ensinamentos mais elevados.

"Quinze séculos (*) decorreram desde quando Moisés gravou a Lei Divina em tábuas de pedra para o povo, e seus cinco livros para as mentes mais cultivadas.

"Há seis séculos Bhuda se despojou de tudo para ensinar, com seu próprio sacrifício, o desprendimento de todos os prazeres materiais e grosseiros, quando se procura atingir grande altura espiritual.

"Os ensinamentos de Chrisna, de Moisés e de Bhuda foram igualmente deturpados, adulterados e proscritos de todas as mentes e de todos os corações, para serem substituídos por um monumental catafalco de prescrições, instruções e rituais, de conformidade com as tendências interesseiras dos dirigentes de povos e dos medianeiros no santuário das consciências.

"Meus ensinamentos de hoje terão a mesma sorte, e seria uma tola ilusão pretender o contrário. No entanto, dada a evolução da humanidade atual, será maior o número de lâmpadas acesas nas trevas que virão depois de mim; lâmpadas que continuarão ardendo até morrer nos patíbulos, nas fogueiras, nos circos, onde os arrojarão como aos vencidos nas guerras de conquista. A fraude, o engano, a interpretação errônea da Idéia

---

(*) Na realidade são 25 séculos. Houve aqui um lapso do autor ou de transcrição do original. Aconselhamos o leitor a reportar-se ao capítulo "Nos Cumes do Moab" (N.T).

Divina, voltarão a subir à superfície turvando todas as águas, até que os furacões do final do ciclo hajam varrido da superfície da Terra todos os falseadores da Verdade Eterna.

"Qual será, pois, a vossa cooperação à minha doutrina? Constituir, cada qual em seu país, núcleos de discípulos conscientes para serem os Mestres do porvir, com os quais conseguiremos sejam em maior número os salvos que os perdidos nas trevas de uma nova evolução em planetas inferiores, onde as condições de vida física causariam horror aos homens da atualidade.

"Para terminar dir-vos-ei que meu ensinamento para os povos estará baseado nestas palavras da Lei de Moisés:

" 'AMA A DEUS ACIMA DE TODAS AS COISAS E AO PRÓXIMO COMO A TI MESMO.' "

– Muito bem, Jhasua! ... Digno de ti! ... – exclamou em voz alta o Mestre Fílon de Alexandria, enquanto todos os demais haviam expressado sua conformidade apenas com movimentos de cabeça, com olhares acesos de entusiasmo, com sorrisos que manifestavam a floração da alma.

"Todavia tudo isto – continuou Fílon – é coletânea de Leis e preceitos para as multidões que não aspiram outra coisa além de seu tranqüilo bem-estar material. E para nós, Jhasua, e para todos aqueles que, como nós, aspiram conhecer essa Potência Suprema denominada Deus, que nos dás, Jhasua? Que nos dás?

"O Enigma, o Mistério Incognoscível nos rodeia por toda parte, e nossa alma aspira saber algo desse Deus a quem quer amar. Todos nós pressentimos, quase adivinhamos, a tumultuosa atividade, os torvelinhos de vida, de forças, de energias sobre-humanas que gravitam longe, perto e até dentro de nós mesmos.

"A Lei da Evolução nos diz muito. A Lei da pré-existência fala-nos também alto. Não obstante, as sombras são ainda muito densas, e tu, Encarnação do Pensamento Divino, és o chamado para dissolvê-las no mar diáfano da Verdade sem véus."

Houve um momento de expectativa silenciosa durante o qual todos esperavam a resposta do grande Mestre.

– Fílon, meu amigo – disse Jhasua com admirável serenidade –, estás no caminho certo, e eu também estou naquilo que te digo: em mundos como a Terra, quando a Ciência corre mais depressa do que a moral, traz o transbordamento de forças tremendas, que nada nem ninguém pode conter. Por terem mais ciência que moral, foram tragadas pelo abismo as civilizações lemúrica e atlante. Juno e Numu iluminaram a Lemúria com a lâmpada suave do amor fraterno, bem antes de surgir a tocha ardente da ciência. Porém, a Lemúria rompeu os véus do Eterno Enigma antes do tempo, e o incognoscível sepultou-a no seu imenso silêncio. Anfião e Antúlio iluminaram a virgem de ouro do Atlântico, e Antúlio deu-lhes mais do que podia ser dado às mentes humanas do planeta Terra. No entanto, a ciência dos atlantes, audaz e soberba, rasgou com seu estilete o véu do "Sanctum Sanctorum", e a Suprema Potência que tira a luz dos soberbos e a dá aos humildes, desatou o tremendo transbordamento de forças desconhecidas e mergulhou-a também no eterno silêncio.

"A sabedoria mais antiga conhecida pelos homens desta época é a que nos deixaram em pequenos livros de pedra os Flâmines-Lemures, os Profetas Brancos da Atlântida e os Dackthylos da Ática.

"Desse rico manancial, os Kobdas da Pré-História extraíram a capacidade de impulsionar para a Verdade, para o Bem e para a Justiça a humanidade de três continentes. Contudo, toda essa grandiosa onda de Sabedoria Divina só ousou levantar a ponta do véu que esconde o Eterno Enigma apenas o suficiente para ensinar aos

homens que Deus é Amor Infinito, Justiça Inexorável, Poder Absoluto, Energia Suprema, Vida eternamente renovada em todas e em cada uma de suas criações, desde os mais radiantes sóis que brilham na imensidão até a mais insignificante larva a que forma sua colônia numa bolha de espuma ou na fenda de um penhasco.

"O simbolismo incompreendido do célebre casal do Paraíso, perdido por haver comido da árvore da Ciência que igualava em Sabedoria o homem a seu Criador, nos diz da maneira mais simples e ao alcance de todas as mentes, que este Planeta, com tudo quanto ele encerra, é apenas um organismo em formação, e que é pueril vaidade, e até estupenda loucura, pretender subir de um salto à altura mental aonde chegaram, em centuplicados milhões de séculos, os mundos radiantes habitados por Inteligências tão poderosas e puras, que cooperaram com a Suprema Potência na criação de nebulosas e na direção de sistemas planetários ainda não vislumbrados pelos homens desta Terra.

"Que sucederia com o embrião humano em formação no seio materno se alguém pretendesse conseguir prematuramente a hora do nascimento? A mesma coisa ocorre quando se precipita a chegada desta humanidade ao Templo-Luz do perfeito Conhecimento Divino.

"Em nossos Santuários Essênios, perdidos entre as grutas das montanhas, corre silenciosamente a antiga sabedoria condensada nos papiros dos Dackthylos de Antúlio, que, entre os Mestres da mais remota antigüidade, foi quem mais disse. Sua mensagem daquela época foi quase que exclusivamente dedicada às explorações metafísicas, a ponto de manifestar-se como relator de poemas interplanetários. Através das crônicas de seus familiares e discípulos mais íntimos, tomamos conhecimento da vida em planetas inferiores e também em outros muito superiores à Terra. Pudemos conhecer a escala infinita, na hierarquia ascendente das Inteligências nascidas como fagulhas da Eterna Chama Viva que as irradia de Si Mesma, como o sol esparge seu pó de ouro sobre o nosso pequenino mundo.

" 'Meu guia', disse Antúlio, na crônica escrita por sua mãe Walkíria, 'levantou uma ponta do grande Véu das sete cores, atrás do qual a Eterna Potência, perfeitamente feliz em Si Mesma, emite do seu seio vagas intermináveis de centelhas inteligentes e vivas que, com vertiginosa velocidade, vão se difundindo no éter como átomos de ouro, até que os grandes guias da evolução dos mundos vão situando-as nos milhares de milhões de globos grandes e pequenos, por onde iniciam o seu progresso as novas ondas de vida a emergirem do divino seio materno, eternamente fecundo.

" 'E nem bem a ponta do Véu foi levantada, uma torrente de luz potentíssima me cegou, me aturdiu, me transpassou de parte a parte causando-me uma vertigem enlouquecedora, como se instantaneamente eu houvesse perdido todos os pontos de apoio e me encontrasse absorvido pelo vazio.

" 'Não queiras ver mais, disse o meu guia, porque, com o pouco que viste, compreendeste bem como é pequena a criatura de evoluções ainda *não perfeitas*, para ver o rosto descoberto da Essência Divina, que só pode ser devidamente contemplado pelas Inteligências extremamente superiores e puras das Legiões das *Tochas Eternas* e dos *Fogos Magnos*, os quais já não descerão, em hipótese alguma, às existências físicas, em mundos onde as Inteligências se revestem temporariamente de carne.'

"Das crônicas antulianas, tiraram sua doutrina os sábios sacerdotes da antiga Mênfis no Egito, os Mestres das velhíssimas Escolas de Sabedoria de Golconda e de Madura, de onde a tomou Chrisna. Perseguida depois pelos brahamanes, a doutrina foi levada para os cumes nevados dos Montes do Himalaya e para as selvas impenetráveis do Tibet. Dali foi copiada pelos Mestres da antiga Pérsia e da Samarcanda Azul, a confundir-se quase com a lenda entre suas rochas cor de turquesa e seus arroios de safiras ...

"Oh, Fílon, meu amigo! ... creio ter falado além do conveniente e que, com o que disse, teu coração de criança, ansiosa de ver maravilhas, terá ficado aquietado ante o impenetrável Enigma cujo amor às Suas diminutas criaturas, ainda O obriga a esconder-se, para que elas cresçam, vivam e se perpetuem glorificando-O e amando-O em Suas obras e nas Suas Leis, pois são todas vivas manifestações do Seu Eterno Amor paternal!"

Fílon correu para o jovem Mestre e o abraçou com tanta efusão e ternura que mais de um dos presentes teve os olhos cheios de lágrimas. Jhasua estreitou sobre seu peito aquela formosa cabeça na qual brilhavam já alguns fios de prata, demasiado prematuros talvez fruto da constante preocupação em que vivia por conhecer a Essência desse Deus que seu grande coração queria amar.

– Aquietaste o meu coração para sempre! – disse Fílon, quando a emoção deixou que ele falasse.

Os outros Mestres compreenderam, através da exposição de Jhasua, muito mais do que haviam compreendido até então, estudando tão-somente os escassos fragmentos que tinham podido conservar nos velhos arquivos de suas Escolas.

– Estais todos de acordo em que, na época atual, o nosso ensinamento aos povos seja baseado nestas palavras da Lei trazida por Moisés: "*Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*"? – perguntou Jhasua aos Mestres presentes.

– De acordo! ... – responderam todos. – Só o Amor pode estender uma ponte sobre o abismo que existe entre a inteligência humana e a Suprema Inteligência – acrescentou Melchor.

– O caminho do Amor é o mais curto e o mais bem iluminado – acrescentou Gaspar.

– De todas as perfeições da Divina Essência – comentou o Mestre Abbas, o persa –, creio que o Amor é aquilo que mais dulcifica a áspera vida humana neste planeta, e é uma fonte de águas permanentes nas quais o homem, seja da evolução que for, encontrará tudo quanto necessita para suportar a carga de sua existência com vantagens para si e para os demais.

– O Mestre disse, e isso basta. Vamos todos semear a roseira divina do Amor sobre a Terra – acrescentou um dos Anciãos do Moab.

– Os penhascos do Saara cobrir-se-ão de rosas vermelhas – disse o Profeta dos tuaregues – e, nas suas dunas amarelentas, surgirão jardins onde o Mensageiro de Amanai colherá rosas cor de púrpura. Vejo manchas de sangue nos penhascos da África do Norte. São os teus heróis, são os teus mártires de amanhã, Jovem-Luz, a despertar, com a tua palavra, todos os resplendores adormecidos na névoa do meu pensamento.

A primeira reunião terminou com uma fervorosa ação de graças à Suprema Inteligência que havia deixado entrever as diáfanas claridades de sua Essência Divina.

Na segunda reunião foram estudados os princípios básicos das mais antigas Escolas de Sabedoria Divina, e fez-se um resumo dos pontos que podiam ser dados a conhecer às massas populares que se aproximassem voluntariamente dos núcleos instrutores. São os seguintes:

1º – A imortalidade da alma humana, e seu progresso constante através de múltiplas existências físicas, com o fim de conquistar sua própria felicidade.

2º – A Suprema Potência, Deus, é o Bem, é o Amor, é a Justiça, e gravou na própria essência da alma humana o princípio eterno que é a sua única Lei: "*Não faças a outro o que não queres que te façam.*" As dores, os males, as chamadas desgraças ocorridas às criaturas, não são castigos dessa Suprema Potência. São apenas conse-

qüências das transgressões do homem à Divina Lei, não apenas na vida presente, como também numa anterior.

3º – Para a Suprema Potência – Deus – não existem seres privilegiados, porque essa afirmação seria uma negação do Amor e da Justiça Divina, a derramar-se por igual sobre toda criatura emanada d'Ele. Há unicamente o Bem, atraído e conquistado através do acerto e da retidão no modo de pensar e de agir.

4º – A alma humana é livre para agir bem ou mal. Se age de acordo com o bem, conquista o bem. Se age de acordo com o mal, atrai o mal.

5º – A morte destrói tão-só o corpo material, e dá liberdade ao espírito, que continua vivendo ligado, através do Amor, aos que foram em vidas físicas seus afins, amigos ou familiares, aos quais continua prestando apoio e cooperação em toda obra de bem e de justiça. São os anjos tutelares mais íntimos dos quais falam todas as religiões.

6º – Sofrimento eterno *não existe nem pode existir*, porque a eternidade é somente de Deus, que é Bem Supremo, e tudo, absolutamente tudo, há de voltar para Ele. O próprio sofrimento na vida física, continua depois da morte apenas temporariamente, até que a Inteligência sofredora tenha compreendido a causa e aceito os efeitos como meios de reparar o mal causado.

Uma vez reparados os efeitos causados pela má ação praticada, a alma continua seu eterno caminho com maiores facilidades e luzes, em razão da experiência adquirida.

7º – Sendo Deus, Amor Supremo, que só pela expansão de seu Amor dá vida a tudo quanto existe, sem nada pedir nem esperar de suas criaturas a não ser que sejam eternamente felizes, deduz-se que as faltas contrárias ao Amor devem ser as que atraem para a alma mais dolorosas conseqüências. Em compensação, as obras de Amor, grandes ou pequenas, são as que atraem maior progresso, maior conhecimento e mais felicidade.

– Estes sete princípios são adaptáveis a todas as mentalidades, e formam como um corolário à Lei de Moisés, baseada inteiramente no eterno princípio: "*Não faças a outrem o que não queres que te façam*" – disse Jhasua, quando o tio Jaime concluiu a leitura das anotações feitas.

– Ou, o que é o mesmo: "*Ama a teu próximo como a ti mesmo*", conforme gravou Moisés em suas tábuas de pedra – acrescentou o príncipe Melchor.

Nos dias seguintes, foram realizadas mais três reuniões, nas quais os dez Mestres trataram de encontrar, e encontraram, a perfeita harmonia entre os ensinamentos esotéricos das mais antigas Escolas de Sabedoria Divina: a dos Flâmines-Lemures, a dos Profetas Brancos atlantes, a dos Dackthylos da Ática e a dos Kobdas do Nilo, todas as quais estão estratificadas nos *Upanishads* e no *Bhagavad-Gita*, de Chrisna.

Moisés e Bhuda removeram logo a terra daquela maravilhosa semeadura, para que a Divina Semente germinasse e frutificasse novamente.

Eles haviam encontrado o caminho do bem e da justiça para as multidões nos sete princípios já enumerados; agora chegaram a fixar outros sete para aqueles que aspirassem escalar a montanha santa do Conhecimento Superior. Eles aceitaram, em princípio, as *seis virtudes básicas* exigidas pelo Bhuda para os buscadores da perfeição, mediante a união íntima com a Divindade:

1º – A caridade para com o próximo.

2º – A pureza de vida em pensamentos, palavras e obras.

3º – A paciência em todas as circunstâncias da vida.

4º – Valor para perseverar no caminho escolhido, não obstante as opiniões diversas do mundo.

5º – A concentração espiritual ou meditação, na busca do próprio conhecimento e da energia da Eterna Potência.

6º – Consagração à Ciência que nos desvenda as obras e Leis de Deus e nos torna úteis para a Humanidade.

A estas seis virtudes exigidas por Bhuda, acrescentaram a considerada por Chrisna como indispensável para que o espírito adiantado fosse investido pela Suprema Lei dos poderes necessários para neutralizar e, às vezes, anular os males da vida humana, ou seja, o desinteresse. Esta era, pois, a sétima virtude que, junto com as seis anteriores, formavam o extrato do ensinamento a ser praticado por todos os que quisessem chegar à perfeição e, através dela, à mais íntima união com a Divindade, a ser, portanto, Uno com Deus.

Que oceano imenso de amor devia ser, pois, a alma do homem que quisesse chegar a esta altura!

– Fazer o bem, sempre o bem, com uma tenacidade incansável, sem esperar nenhuma compensação pelo êxito, e sem temer o fracasso! – exclamou Jhasua como subjugado pela visão interior de uma Beleza Suprema.

"Assim é Deus! – continuou. – Assim é o Deus que se dá sempre, eternamente, mantendo-se em imperturbável serenidade, diante do continuado mau uso feito pelas suas criaturas das dádivas do Criador."

– Quando chegaremos a esse radiante estado de consciência, a manter-nos perfeitamente tranqüilos diante da idéia do êxito ou do fracasso? – perguntou aos demais presentes o príncipe Melchor, cuja veemência de temperamento ainda não estava completamente apagada, não obstante as experiências passadas e os estudos superiores aos quais consagrara vinte e cinco anos de sua existência.

– Quando tivermos conseguido pôr em prática os sete princípios da vida perfeita! – esclareceu Jhasua com uma solenidade de inspirado, por cujos lábios parecia cruzar, nesse instante, o sopro divino do Eterno Enigma.

Tomaram também a disposição de que os nove Mestres presentes escrevessem cada qual em separado, uma vez tivessem voltado para seus respectivos países e residências, um pequeno tratado que se denominaria "*Comentários sobre os quatorze princípios de Sabedoria Divina*, esboçados na assembléia de Mestres do Monte Hor".

Uma vez escritos, deviam ser remetidos a Jhasua, para que ele pusesse o selo de ouro de sua aprovação, ficando assim, em caráter definitivo, como base perfeitamente unida e sólida, de um ensinamento capaz de levantar o nível moral da Humanidade nos dois milênios restantes para finalizar um novo ciclo da evolução humana na Terra.

Terminado assim o trabalho dos dez Mestres, no qual todos eles puseram todo seu esforço e boa vontade, provados com os sacrifícios feitos para chegar ao Monte Hor desde distantes regiões, com a carga de ancianidades veneráveis, pois somente Fílon de Alexandria não havia ainda chegado aos 60 anos, o Eterno Amor, que jamais se deixa vencer em generosidade, deu-lhes, sem ser pedido, uma formosa compensação.

O príncipe Melchor, na qualidade de anfitrião, quis obsequiar seus hóspedes com um banquete na própria Escola, tendo sido convidados os estudantes das pequenas Escolas de Kades-Barnea e de Esion-Geber, nas quais haviam sido repartidos os estudantes da Escola-Mãe, que era a do Monte Horeb, perdida nos penhascos escabrosos de Madian, onde o Horeb e o Sinai se destacam com sombria majestade e têm a consagração da presença distante de Moisés.

Eram cinqüenta solitários do Monte Hor, mais vinte e um de cada uma das duas pequenas Escolas já mencionadas, somando portanto noventa e dois. Com os Mestres, o número dos participantes atingia cento e dois e, com o tio Jaime, cento e três.

O leitor não pode supor, de forma alguma, a avidez com que todos buscavam Jhasua, o Verbo de Deus encarnado na Terra.

O grande Mestre, jovem como os mais jovens estudantes das montanhas da Arábia, pois apenas e mui recentemente havia entrado nos 25 anos, soube colocar-se em sintonia com eles ao se aproximarem temerosos de um deslumbramento de poder e de sabedoria divinas, e se encontraram com uns olhos sorridentes, cheios de suave ternura e de alegria quase infantil, enquanto, sentado sobre as pedras cobertas de musgo, se divertia dando punhados de erva tenra aos cabritos malhados que brincavam ao seu redor, com sua nervosa inquietação habitual.

– Vinde, vinde! – disse, estendendo para eles os braços abertos. – Vinde compartilhar comigo dos carinhos dos *Veneráveis*, pois eu sozinho entre eles já estou começando a me perder, adquirindo hábitos de filho único, disposto sempre a receber e jamais a dar.

Alguns daqueles jovens solitários, ao abraçá-lo, deixaram em Jhasua uma impressão de amargura tão profunda que o jovem Mestre percebeu seus olhos úmidos de lágrimas e fixou neles, de modo especial, o seu olhar, para reconhecê-los novamente e, num momento oportuno, ter uma palestra em particular.

Os Veneráveis, como ele dizia, gravaram bem em sua retina a visão daquele quadro que transcendia a céus antecipados: o jovem Mestre, de cabelos ruivos e olhos claros, abraçando efusivamente àquele numeroso grupo de jovens de tez morena e cabeleira negra, deixavam nele toda a intensidade de seus temperamentos veementes e emotivos. Todos eram filhos da ardente Arábia.

A grande mesa do banquete estava arrumada na pracinha diante da fachada, já conhecida do leitor, a qual aparecia como amuralhada por acácias e laranjeiras. Era o anoitecer e as tochas colocadas nos pedestais de pedra soltavam ao vento suas cabeleiras de chamas.

Quando se tratou de localizar os comensais, Jhasua foi o primeiro a falar, dirigindo-se em particular ao príncipe Melchor.

– Permites que eu escolha o meu lugar? – perguntou com o tom habitual de um menino suplicante.

– Já está concedido, meu filho! Mandas aqui.

– Obrigado, príncipe! Quero sentar-me no meio daqueles dois irmãos, porque preciso conquistar sua confiança – disse assinalando discretamente, sem que eles o percebessem, dois jovens de elevada estatura cujas fisionomias se assemelhavam tanto entre si que denotavam um vínculo de família. Sua tez, ligeiramente triguenha e seus olhos cor de folha seca demonstravam, além do mais, que havia neles uma mescla de raças.

– Já sei por que te interessam! – exclamou Melchor sorrindo. – Percebeste neles uma dor secreta e te propões curá-los. São irmãos entre si e realmente têm uma dolorosa tragédia em suas vidas. Procurando alívio no afastamento dos homens, vieram à nossa Escola; no entanto não sei se, quando estiverem curados de seu mal, perseverarão neste caminho.

– Isto pertence a Deus e a eles somente. Como já sabes qual é o meu desejo, espero que possas atender ao meu pedido.

– Fica despreocupado, Jhasua, pois espero ser um bom colaborador em todas as tuas obras.

Pouco depois soou um sino no interior do Santuário, e, por debaixo do grande livro da fachada, começaram a sair as brancas figuras dos solitários a rodearem a mesa. Melchor, ajudado por alguns deles, foi colocando todos em seus respectivos lugares.

– Jhasua pede – disse – para Baltasar, Gaspar e eu presidirmos esta refeição.

"Segundo o costume das antigas Escolas, no lugar destinado àquele que já não vive na matéria, aparecerá uma grande coroa de ramos de oliveira e de flores de sempre-viva, símbolos da paz e do amor."

Todos aplaudiram a idéia, e a coroa foi colocada na cabeceira principal da mesa, dando assim a preferência àquele que, dos três primeiros que reconheceram Jhasua, estava desencarnado. De ambos os lados foram colocados Gaspar e Melchor, seguindo-se os demais por ordem de idade.

Na outra extremidade defronte a esta, estava Jhasua no meio dos dois jovens mencionados e cujos nomes eram Abdulahi e Dam-biri, que ignoravam completamente terem sido escolhidos por ele para companheiros de mesa. A poderosa irradiação do jovem Mestre de tal maneira os impugnava que, pela primeira vez em vários anos, se mostravam satisfeitos e alegres.

– Reparai como estão felizes aqueles dois – disse Melchor ao seu sucessor Dan-Egadesh, sentado ao seu lado.

– Como não deviam estar com a companhia que têm! – respondeu este a meia-voz.

– Foi o próprio Jhasua quem pediu para ser colocado entre ambos, porque percebeu sua grande dor. Será para nós outra prova de seu poder sobre as almas se os virmos curados de seu mal.

Segundo o costume estabelecido ali, ninguém servia à mesa. Os manjares eram colocados em grandes receptáculos de prata ou de cobre e em pequenas cestas de vime, dos quais cada um tomava o que era de seu agrado, e colocava em seu prato.

Um rebanho de cabras e uma grande criação de gansos que os solitários cuidavam, proporcionavam a matéria-prima para sua alimentação, ou seja, leite, manteiga e ovos.

O horto, cultivado por eles mesmos, fornecia-lhes os legumes e as hortaliças, enquanto as videiras que subiam pelas montanhas, as figueiras, as cerejeiras, as laranjeiras e as palmeiras, adornavam a mesa com o esplendor de seus preciosos frutos.

Como era de se esperar, uma profunda simpatia se estabeleceu de imediato entre Jhasua e seus dois companheiros.

– Que casualidade – disse um deles – que tu, ó Mestre, tenhas ficado entre nós dois!

– Talvez não seja casualidade, mas lei – respondeu o Mestre.

– Uma lei que nos coloca ao teu lado, Mestre, é muito significativa – acrescentou o outro. – Nós estamos muito distantes de ti.

– Então tendes conhecimento? – voltou a perguntar Jhasua.

– De que és o Ungido do Altíssimo para salvar todos os homens, e nós não somos capazes de salvar a nós mesmos. Creio que existe uma grande diferença.

– Se não te explicas melhor, custarei muito para te compreender. A única coisa que sei de ambos é que tendes uma grande dor interior causando dificuldades ao vosso estudo e meditação.

– É verdade, Mestre, mas como sabes disto?

– Minha sensibilidade percebeu isto desde o primeiro momento em que vos vi. Por isto estais ao meu lado, porque o meu coração pede que mantenhais abertos os vossos. Eu não poderia ir tranqüilo do Monte Hor se o Pai Celestial não me concedesse a dádiva de deixar curado para sempre o vosso sofrimento.

Os dois irmãos se entreolharam grandemente assombrados pelo que ouviam.

– Que pode significar, na vossa gloriosa carreira de Messias, a dor de duas vidas obscuras e ignoradas como as nossas? – perguntou Dam-biri com a voz trêmula de emoção.

– Isto quer dizer que estamos sentados ao teu lado porque tu, Mestre, pediste assim? – interrogou Abdulahi.

– Justamente! Isso vos desagrada?

– De forma alguma. Assombra-me apenas que possais interessar-vos tanto por dois seres que até há algumas horas não conhecíeis.

– Conheceis e aceitais a Lei da pré-existência? – voltou Jhasua a perguntar.

– Estamos aqui há três anos, e esse é um dos princípios básicos do ensinamento – respondeu Dam-biri.

– Então não podeis ter a certeza de que pela primeira vez estais ao meu lado. Se houvésseis sido algo muito íntimo meu em vidas anteriores, não poderia facilmente ser despertado em vós ou em mim a recordação, traduzida sob a forma de simpatia?

– Isso pode ser verdade – respondeu Abdulahi.

– Há tantas circunstâncias e fatos transformados em realidade e que deixamos passar despercebidos, porque a grosseira vida física nos leva a duvidar ou a negar tudo aquilo que os nossos sentidos não percebem – disse o jovem Mestre, como abstraído por uma idéia fixa.

Este pensamento pressionava aquelas mentes para que se esvaziassem na sua. Dam-biri, que o percebeu mais profundamente, disse:

– Temos uma história e é esta: nosso pai foi um estrangeiro que veio da distante Grécia, e amou aquela que foi a nossa mãe, aos 12 anos de idade. Como esse amor foi um segredo para todos, em razão da feroz oposição de nossos avós, crescemos crendo que éramos órfãos adotados por compaixão. Nossa mãe continuava sendo uma menina, sem outra distração além de brincar conosco e encher-nos de mimos. Chegamos a amá-la com um delírio que atingia às raias da loucura e, dessa maneira, começaram a nascer ciúmes entre nós. Um dia fomos surpreendidos por aquele que na verdade era o nosso avô, trepados na janela da alcova de nossa mãe, enquanto ela dormia, com a intenção de penetrar lá dentro. Nós, que somos gêmeos, tínhamos 12 anos e a nossa estatura era quase como a que temos agora. Nem nós nem o nosso avô conhecia o vínculo que nos unia àquela jovem mulher de apenas 24 anos de idade, e cujo amor enlouquecia a nós dois.

"Nosso avô, muito violento de caráter, tomou-nos a ambos pelo pescoço para estatelar-nos nas rochas e quis atirar-nos no precipício para onde dava aquela janela. Nossa mãe acordou e saltou como uma fera em defesa de seus filhotes. Na luta travada em nossa defesa, ela gritou enfurecida: 'Defendê-los-ei ainda que seja à custa de minha própria vida, *porque são meus filhos*'. O pai dela, lívido de furor, agarrou-a, estrangulou-a e a arrojou ao precipício. A nós, amarrou com a mesma corrente e nos vendeu como escravos no mercado de Alexandria. Isso é tudo sobre a nossa existência! Ambos nos havíamos enamorado de nossa própria mãe. Nós a vimos morrer sacrificada ao seu amor materno, e ficamos reduzidos à triste condição de escravos."

– E como estais aqui? – perguntou Jhasua.

– Porque o príncipe Melchor pagou nosso resgate e nos trouxe para a sua Escola de Esion-Geber, para ver se nos adaptávamos a este modo de vida.

– Então não estais aqui em caráter definitivo? – perguntou novamente Jhasua.

– Não – responderam os dois ao mesmo tempo.

"Este retiro, e esta vida sem emoções, mantém-nos mergulhados em terríveis recordações do nosso passado. Os três anos de prova exigidos estão por terminar,

passados os quais podemos resolver livremente sobre o caminho a seguir – observou Abdulahi."

– Quantos anos de idade tendes agora?

– Tínhamos 12 no dia da tragédia, seis de escravidão e três na Escola de Esion-Geber.

– Vinte e um anos, e parece que tendes desfeita para sempre a vossa vida, não é assim?

– É justamente assim, e não vislumbramos de maneira alguma o modo de refazê-la novamente – disse Dam-biri com profunda tristeza.

– Quer dizer que não credes no poder nem na sabedoria ou no amor do nosso Supremo Pai e Senhor? – perguntou Jhasua.

– Cremos – disse Abdulahi –; entretanto julgamos que o ocorrido em nossa vida seja conseqüência também de nosso impetuoso amor passional, que nos faz esquecer todo o respeito à casa que nos acolheu.

– Deixamo-nos cegar pelo egoísmo e pelos ciúmes, e chegamos até a odiar-nos – acrescentou Dam-biri, confirmando as palavras do irmão. – Loucuras semelhantes trazem conseqüências desastrosas.

– Pagamos muito caro o erro de nossos pais e os nossos próprios erros – acrescentou Abdulahi.

– Sois justos em reconhecê-lo – disse Jhasua – e o Eterno Amor que vos tirou do seu próprio seio jamais vos abandonará às vossas débeis forças, sem que, com terna solicitude, torne a vos pôr novamente no caminho da vossa felicidade futura. Em nome, pois, desse Eterno Amor, dou-vos a minha palavra de que, antes do meu regresso ao meu país, havereis de vislumbrar, pelo menos, as vossas vidas reconstruídas.

– Que o Supremo Senhor – disseram os dois irmãos – recolha a tua santa palavra e tenha misericórdia de nós.

Quando a refeição terminou, ocorreu a segunda inolvidável surpresa, que consistia num magnífico concerto de alaúdes e cítaras, intercalado com canções nas quais os jovens solitários deixavam transparecer seus anelos, seus pensamentos e recordações.

Jhasua, profundo psicólogo, entregou-se completamente a uma silenciosa observação.

Daqueles quarenta e dois jovens, nenhum passava dos 26 anos. Alguns haviam terminado a primeira prova de três anos e começado a segunda, de quatro anos. Concluído este segundo período, passavam ao grau de aspirantes a Mestres, cuja duração era de outros sete anos.

Quando terminou a parte artística dessa reunião noturna, Jhasua teve uma conversa em particular com o príncipe Melchor sobre a bizarra juventude, esperança futura das Escolas de Sabedoria Divina, fundadas por ele.

Todos os demais se retiraram para seus aposentos, para entregar-se ao descanso. Somente Melchor e Jhasua ficaram em vigília, sentados junto à mesa do salão central, onde os três notários das assembléias haviam realizado seu trabalho nos dias anteriores.

Um círio de cera aromatizada iluminava debilmente o recinto e, nas brasas acesas de um piveteiro, Melchor colocou um punhado de incenso que formava uma longa e espessa espiral de fumo perfumado.

– Minha *"Espiral de Incenso"*, Jhasua, continuará a tua vida e a tua doutrina através dos séculos e das idades. Não julgas assim? – perguntou o príncipe Melchor.

– Creio perfeitamente. No entanto, parece-me que a tua *"Espiral de Incenso"*, a Santa Aliança da Arábia, precisa expandir-se para o exterior – respondeu Jhasua.

– Que queres dizer com isto? Peço que me expliques com mais clareza. Bem sabes que, entre tu e eu, não deve haver nada oculto nem abrigar a menor desconfiança.

– Quero dizer – continuou Jhasua – que, de todos estes jovens que se preparam

para Mestres da Sabedoria Divina, pelo menos duas terças partes não podem perseverar nesta vida.

– Sei perfeitamente disto, meu filho. A maior parte deles sairá daqui antes de terminar os quatro anos de prova superior, mas sairão com uma visão bastante clara das verdades e das leis eternas que aprenderam aqui. E no campo de ação para onde eles levam suas atividades, levarão também o perfume da "*Espiral de Incenso*", e a difundirão nas cidades e sociedades das quais formarão parte.

– Oh, como é grande o teu coração, príncipe Melchor, para não se deixar desanimar nem abater diante da idéia de que a maior parte destes passarinhos começarão a voar por esses mundos de Deus! – exclamou o jovem Mestre.

– Meu coração é de carne, Jhasua, e certamente sentirei muito, porque amo a todos como se fossem meus filhos; mas, como quero arrancar de mim todo egoísmo, não só facilitarei suas partidas como ainda a nossa "*Espiral de Incenso*" lhes dará meios de iniciar seus próprios caminhos na vida e os seguirá em seus passos pelos caminhos longos, penosos e às vezes extraviados por onde se lança o coração humano em busca de felicidade.

– Seus alaúdes e saltérios – continuou Jhasua –, da mesma maneira como suas formosas canções cheias de sentimento e de melancolia, denunciam uma profunda nostalgia de amor e de emoções de vida afetiva no seio da família.

"São bem poucos os seres que podem transcender tudo isto que é a lei da vida neste planeta. Os Mestres da Sabedoria Divina devem saber discernir com clareza quando uma alma pode bastar a si mesma e viver somente com Deus, e quando necessita dos amores humanos e da vida emotiva da família."

– Todos eles – disse Melchor – estão catalogados nessa legião dolorosa que chamamos de náufragos da vida, porque, como bem sabes, não obstante possuíres tão pouca idade, de um modo geral, os seres buscam os caminhos de Deus apenas quando se sentem profundamente feridos pelo contato com os humanos.

– É realmente assim – confirmou Jhasua. – Os felizes triunfadores da vida material não se dão ao trabalho nem sequer de pensar que têm em si um princípio inteligente e imortal que, passada a vida na qual desfrutaram de seus triunfos, os obrigará a continuar vivendo indefinidamente, e certamente em condições diametralmente opostas às que tiveram na vida presente. Nada existe, pois, de estranho, que os estudantes de tuas Escolas tenham chegado trazidos pela dor e pelo desengano.

– Muitos deles – continuou Melchor – são prisioneiros de guerra, fugitivos de seus novos anos. Antes de se verem vendidos como escravos e tratados como animais de carga, refugiaram-se nas grutas de nossos penitentes, de onde os trouxemos em vista de suas capacidades e aptidões propícias para serem cultivados até um grau além do comum.

– Pensaste para onde deves encaminhá-los quando chegar o momento de abrir-lhes as portas do sagrado recinto que os acolheu? – voltou Jhasua a perguntar.

– Sim. Deve ser, no meu entender, para o país onde desenvolves tuas atividades como Instrutor da Humanidade. Teu país, Jhasua, deve ser para eles a terra da promissão.

– Sentir-se-ão talvez envergonhados e doloridos em declarar abertamente que não se sentem chamados para este gênero de vida, e julgarão incorrer na lista dos mal-agradecidos, abandonando a quem, com tanto amor, os escolheu na dor. Não julgas assim, príncipe Melchor?

– Coincidimos em tudo completamente – respondeu este – e desejava propor aos Mestres aqui reunidos para fazermos uma espécie de exame com os alunos, com

o fim de animá-los a se definirem ou a se declararem abertamente. É preciso convencê-los de que a nossa proteção não foi para eles senão uma época de aprendizagem, de cultivo intelectual e moral; e que nossa "*Espiral de Incenso*" precisa da atividade de seus próprios filhos para estender aos povos os seus princípios e as suas leis, baseados naturalmente na Eterna Lei.

– Muito bem pensado! – exclamou Jhasua. – Entre os dez Mestres aqui reunidos, creio que saberemos encaminhar esse grupo de almas para os lugares reservados para eles pelo Eterno Amor. Eu estava para pedir-te, príncipe Melchor, que me permitisses encarregar-me dos jovens daquela tragédia.

– Eu estava para pedir-te, Jhasua, que os levasses contigo, se fosse possível. Entre tu e eles existe um laço de muitos séculos.

– Na verdade, eu pressenti isso. Posso saber de que se trata? – perguntou Jhasua.

– Três de nossos solitários – continuou Melchor – tiveram revelações sobre eles, e as três manifestações coincidiram. Quando Bhuda passava pela Terra, Abdulahi e Dam-biri eram dois jovens brahamanes que em criança haviam brincado juntos com o príncipe Sidharta nos jardins de seu palácio. Conservaram seu afeto quando ele renunciou a toda grandeza material e em várias ocasiões desbarataram as ciladas e armadilhas que os brahamanes estendiam sobre o grande Missionário para eliminá-lo da vida. Descobertos em seus trabalhos para salvar Bhuda, foram amaldiçoados com a maior maldição possível, foram declarados párias e expulsos de todas as cidades onde houvesse um brahamane.

"Por meio de editais, fez-se saber em todas as cidades que os dois infelizes deviam ser escorraçados com pedras de qualquer povoado aonde chegassem. Como eles se encheram de ódios pelos seus perseguidores, puseram-se ao alcance da terrível maldição que, efetivamente, atrai para o amaldiçoado uma coalizão de forças tremendas. Loucos de furor por causa da fome e da sede, colocaram fogo num povoado de choças, de onde haviam sido escorraçados a pedradas, causando mortes desesperadoras a mulheres, anciãos e crianças. Esse é o relato que, por via espiritual, obtivemos com relação a esses dois. Creio, pois, que, com esta aproximação de ti, Jhasua, poder-se-á pôr um fim à pesada cadeia que eles arrastam desde essa época distante.

– Está bem – disse Jhasua –, se eles estiverem de acordo, eu os levarei comigo a Jerusalém, e já pensei num lugar que poderão ocupar ali. O Scheiff Ilderin, teu amigo, comprou uma casa em Jerusalém e outra no porto de Jope, casas que serão agências para colocar com proveito os produtos de sua terra natal e, ao mesmo tempo, ajudar seus compatriotas e atraí-los para a Palestina, onde ele crê que, dentro de pouco tempo, se realizarão grandes acontecimentos. Compreendi que, em tudo isso, ele se pôs de acordo com outro amigo teu, o comerciante Simônides. Ambos pretendem atrair toda a grandeza comercial do mundo para Jerusalém, com o fim de prepará-la para ser a digna capital do futuro Reino de Israel, com o qual sonham. Que se realizem ou não os seus sonhos, contanto que façam o bem, será essa a melhor realidade. Nada melhor para esses dois jovens árabes de tuas Escolas e para o Scheiff Ilderin, que precisa de dois homens de bem, com instrução e boa capacidade, que colocá-los à frente de suas agências em Jerusalém e no porto de Jope, respectivamente. Está bem assim a minha disposição?

– Maravilhosa, como todas as tuas obras, Jhasua.

– Para os demais que quiserem deixar o retiro das Escolas – acrescentou o jovem Mestre –, procuraremos lugares apropriados entre os bons amigos da Judéia, em razão do teu pensamento de que devem residir na Palestina.

"Temos o bom Simônides e o príncipe Judá, cujas imensas atividades podem dar trabalho à dupla quantidade de braços representados pelos teus discípulos. Temos ainda os príncipes Sallum de Lohes e Jesuá, que figuram entre os dirigentes da Santa Aliança e são pessoas de posses, inclinadas sempre à ajuda mútua prescrita pela nossa Lei. Temos os quatro doutores de Israel que conheces, e cuja boa posição social permite que sirvam de proteção e de amparo aos jovens que se iniciam na vida.

"Como bem pode ver, colocados desta maneira, não ficarão longe de teus olhos e o teu amor paternal poderá acompanhá-los de perto. Sob o amparo das pessoas nomeadas, se eles quiserem seguir caminhos retos, terão todas as facilidades."

Com esta conversa, ficou preparado o terreno e, no dia seguinte, realizou-se uma conferência entre os dez Mestres e os quarenta e dois discípulos, de cuja perseverança nas Escolas se duvidava.

Encarado o assunto como Jhasua e Melchor haviam combinado, os jovens alunos se abriram com inteira confiança e, com isso, verificaram que vinte e nove desejavam sair para o exterior, se lhes fosse proporcionada a oportunidade de uma vida honrada e justa.

Apenas treze continuariam no retiro das Escolas de Sabedoria Divina, nas quais estavam terminando a segunda prova.

Disso resultaria que, quando Jhasua regressasse, em vez de voltar só com o tio Jaime, voltaria acompanhado de vinte e nove jovens árabes de cultura esmerada, e com capacidade para progredir nobremente na vida.

Em seguida foi despachado um correio que, tomando o caminho mais direto, passando por Thopel ao sul do Mar Morto, levasse uma carta de Jhasua e de Melchor para Simônides, Judá e Ilderin, que ainda aguardavam Jhasua na cidade de David. Nessa correspondência, era anunciada a chegada do jovem Mestre com vinte e nove jovens árabes, para tomar parte nas atividades honradas dos bons servidores de Deus.

Terminado e bem resolvido este problema de colocação desses jovens entre o conserto das vidas humanas consagradas ao trabalho, os Mestres esperaram a mensagem divina que lhes daria novo alento para continuarem a semeadura da Verdade e do Amor sobre a Terra.

Dois dias depois, e na segunda hora da noite, os dez Mestres se achavam reunidos no recinto lateral da direita, dedicado aos trabalhos espirituais realizados pelos Mestres e discípulos adiantados. Destes, havia apenas nove naquela Escola, e foram chamados a participar dessa reunião espiritual.

Passados os primeiros momentos da evocação, entraram em transe dois dos discípulos da Escola: Aldebarão e Nerebin, que dois anos depois seriam consagrados Mestres.

As Inteligências Superiores, Ahelohim e Ariel, guias de Jhasua nesta encarnação, haviam tomado posse desses dois instrumentos e, logo depois de pedir uma concentração profunda de pensamento, caiu em transe Yusufu-Dan, o discípulo que nessa noite iria consagrar-se Mestre, e através do qual transmitiria Shamed seu pensamento e modo de sentir. Shamed era uma Inteligência sutilíssima, próxima já a formar parte da Legião das Tochas Eternas.

Que diriam aqueles Mensageiros Divinos, vindos dos mais elevados planos da evolução espiritual?

Tão poderosa era a vibração de amor, tão sutil a luz extraterrestre a penetrar como essência nos corpos e nas almas dos presentes, que uma espécie de quietude extática invadiu a todos. A imobilidade era completa. Pareciam estátuas mudas, nas

quais apenas vibrava de forma mui tênue a Inteligência e batia acelerado o coração. Jhasua chegou a julgar que estava livre do plano físico, e de posse daquele Reino Eterno, do qual havia descido ao obscuro desterro deste mundo inferior.

Os dez Mestres pensavam do mesmo modo, pois supunham ser aquilo uma anulação de todas as sensações da matéria e a desejada liberdade do espírito que parecia ter asas a impulsioná-los para o eterno incognoscível.

"– É a grandeza de Deus que está diante de nós!" – pensaram todos em uníssono. Suas pálpebras se fecharam e suas cabeças se recostaram para trás no encosto das poltronas de junco.

Os três sensitivos em transe uniram suas mãos e formou-se uma forte cadeia fluídica, da qual foi emergindo lentamente algo como uma nebulosa com todas as cores do arco-íris que fez desaparecer da vista as paredes do recinto, o teto, a montanha e tudo quanto a rodeava.

Apenas ficaram como suspensos nela os dezenove seres componentes da reunião.

Pouco a pouco, todos foram perdendo a consciência de sua existência material, e uns antes e outros depois, mergulharam na mais inefável felicidade que teriam podido sonhar.

Emancipados seus espíritos, aqueles três poderosos Guias lhes apresentaram o desfile grandioso, infinito, incomensurável da grandeza do Absoluto ... do Supremo ... DEUS!

Contudo, eles não sabiam definir se estavam locomovendo-se arrastados por vertiginosa carreira ou se aquilo era uma cascata interminável de globos de luz das mais variadas cores que desfilava diante deles.

– Setenta milhões de sistemas planetários vistos em vertiginosa velocidade! – disse Shamed, que dirigia essa estupenda manifestação. – Cada globo encerra inúmeras vidas, desde as mais rudimentares até as mais evoluídas, e todas elas respiram, vivem e são átomos de Deus a animá-las.

"Não compreendereis o Eterno Enigma enquanto O buscardes fora de vós mesmos.

"Quando praticais o bem sem violência, quando amais desinteressadamente, quando chorais com aquele que chora e rides com aquele que ri, quando levantais o que caiu e derramais como orvalho vossa piedade sobre a dor de vossos semelhantes, então sois pequenas imagens de Deus, que é o Eterno Amor acima de todas as coisas.

"Deus não tem forma definida, porque só a matéria a tem.

"Infinitamente multíplice em suas manifestações, podendo ser apreciado pelas Inteligências em todos os mundos, a Eterna Essência é Luz no éter, é frescor na água, é fecundidade na terra, é calor no fogo, é brancura na neve, é perfume na flor, é doçura no fruto, é arpejo no canto dos pássaros, é ternura, abnegação e heroísmo nas almas amorosas; é o Bem, a Sabedoria e a Justiça perfeitas nas Inteligências chegadas à absoluta purificação. No conjunto d'Elas está o poder criador, a força vital, a vontade diretriz de tudo quanto vive e respira no Universo. Na vossa unificação com Elas, reside toda a força, toda a luz, toda a beleza que pode ter em si um espírito encarnado nos planos físicos.

"Jhasua! ... És o fio de ouro, o condutor de todas as perfeições da Divina Essência entre teus irmãos terrestres! Quem se une a ti une-se a Deus! Quem ama a ti, entra no concerto maravilhoso dos que amam a Deus! Quem compartilha contigo de tua obra de redenção humana, é Luz de Deus flutuando pelos caminhos das almas!

"Benditos sejam para sempre os seguidores do Ungido do Amor Eterno sobre a Terra, porque, ao entrar no Reino de Deus que conquistes, o Amor será a vossa eterna recompensa! ..."

O transe desse sensitivo terminou, mas a resplandecente e sutil bruma de ouro continuou revoluteando no ambiente, semelhante a uma brisa suavíssima que penetrava nos corpos e nas almas, conservando-os nesse elevado estado espiritual denominado *êxtase* ou *arrebatamento*.

Cada um, nos profundos domínios de sua consciência, prometia ao Eterno Amor tudo quanto é capaz a alma humana que absorveu, em alguns momentos de união com Deus, a energia, o poder e a força que ele transmite a quem se entrega a ele com toda a sua vontade.

Haviam sido acesas, nesses momentos, dezenove lâmpadas vivas que, ao contato do Cristo Salvador, iluminariam todas as almas merecedoras da Luz Divina.

Pode-se dizer com toda a verdade que esse instante solene marcou o começo da obra de salvação humana realizada pelo Verbo Divino nessa etapa de sua manifestação no meio desta humanidade.

Quando finalmente se acalmou um pouco em todos os presentes aquele intenso estado de vibração, os outros dois Guias de Jhasua, que ainda mantinham o transe nos médiuns escolhidos, iniciaram entre ambos um diálogo sobre as correntes astrais e etéreas que era necessário estabelecer ao redor de Jhasua, para que os Messias companheiros que, em globos diferentes, estavam encarnados ao mesmo tempo que Jhasua na Terra, pudessem ter entre si comunicação espiritual.

Os dois guias fizeram uma suprema evocação aos Setenta Messias da Aliança e, como se houvesse sido aberto um horizonte imenso de luz azulada suavíssima, os encarnados da cadeia fluídica pensavam estar flutuando sobre um mar de ondas com inteligência e vida.

O vaivém dessas ondas radiantes aproximava e afastava, com maravilhoso ritmo de harmonias inefáveis, uma infinidade de seres transparentes, lúcidos, diáfanos que, em finíssimos fios cor de ouro, pareciam tecer aquelas melodias, como poderiam executá-las nas cordas de liras, harpas ou alaúdes. Eram as numerosas legiões que seguiam pelo espaço infinito os Setenta Messias da Aliança de Jhasua encarnado na Terra, como inúmeros deles se encontravam encarnados nos globos que lhes haviam sido reservados.

Finalmente, e como flutuando sobre aquele imenso mar de belezas imateriais, foram se destacando sessenta e sete focos luminosos de tão magnífica luminosidade que os seres encarnados, ao presenciar semelhante espetáculo, caíram em sono extático, pois a matéria física não resistia a uma corrente espiritual tão formidável.

Tão-só Jhasua, sustentado por seus dois guias íntimos, se manteve desperto, apesar de em sutil estado de arrebatamento que permitiu que ele compreendesse o pensamento elevado de seus irmãos.

"Bebe até saciar-te da água viva da imortalidade e do amor nesta hora do teu desterro, ó Ungido do Eterno, porque se aproxima aceleradamente o dia tremendo da imolação no qual pedirás e não receberás, buscarás e não encontrarás, chamarás e ninguém te responderá. Bebe! ... Bebe! ... alma luminosa desterrada nas trevas ... flor de amores imortais transplantada no lodaçal! ... lâmpada viva que arde sem se consumir nos antros pavorosos deste mundo cheio de ódios e de inquietações.

"Bebe! ... Bebe! ... peregrino errante do amor e da beleza, enquanto ainda podemos oferecer-te nossos cálices cheios de ternura infinita, para que não morras de sede quando se descarregar sobre ti todo o peso das misérias e pecados da Humanidade!"

Os dois guias íntimos se desprenderam dos médiuns que lhes haviam servido de instrumentos e se uniram à radiante assembléia a qual, como um mar de claridade, inundava o recinto, fazendo-o desaparecer sob a marulhada de luminosos fluidos.

Jhasua, completamente desperto, com admirável lucidez e energia, foi chamando-os pelo nome, um a um, e cada qual respondeu com o símbolo de seu nome:

Sírio	"Resplendor da Sabedoria"
Osíris	"Meu repouso em Deus"
Óriun	"Aquele que abre caminhos"
Minerva	"Mensageira do Poder de Deus"
Vênus	"Sou em beijo do Eterno Amor"
Alpha	"Bálsamo da Piedade"
Vhega	"Luz que dá vida"
Andrômeda	"Despertar dos adormecidos"
Arturo	"Portador do Fogo Divino"
Shamed	"Livre de ilusão"
Ghamma	"Templo de Deus"
Neptuno	"Ébrio da Água Divina"
Mercúrio	"Fortaleza do Eterno"
Júpiter	"Filho da Sabedoria"
Urano	"Fogo purificador"
Saturno	"Lágrimas de Saúde"
Marte	"Espada justiceira"
Kapella	"Íntima vibração de Deus"
Castor	"Abraço do Supremo"
Virgo	"Reflexo da Divina Luz"
Pólux	"Semeio a Paz"
Tsadhe	"Sempre fixo na Luz"
Thaw	"Vibração da Alma Universal"
Thoth	"Descerrei o Véu"
Mahalaet	"Voz de Deus a flutuar no vento"
Prócion	"Dardo que fere e cura"
Ísis	"Durmo para criar"
Orfeu	"Canta o Amor em mim"
Apolo	"Carruagem da Luz Eterna"
Diana	"Flecha de Amor que não mata"
Urânia	"Sondo o Infinito"
Juno	"Sou o canto da Paz"
Dyadha	"Crescerei eternamente"
Beth	"Aquele que une corações"
Ghimel	"Plenitude de Deus"
Hórus	"Filho do Amor e da Luz"
Daleth	"Eterna transformação"
Sishav	"Luz vivificante"
Saetha	"Impulsiona-se o sopro Divino"
Régulo	"Como perfume, queimo-me ao fogo"
Khap	"Eterno vivente"
Nunzain	"Aquele que avança sempre"
Sekania	"Amor piedoso"
Reshai	"Resplendor da Idéia Eterna"
Delphis	"Vaso cheio de orvalho"

Japeth	.....	"Palavra que dá vida"
Pallus	.....	"Eterna Vitória"
Tzebaot	.....	"Resplendor do fogo vivente"
Hams	.....	"Onda de Energia Divina"
Ahelohim	.....	"Semeador Eterno"
Shemonis	.....	"Ar que apaga incêndios"
Ariel	.....	"Amor compassivo"
Healep	.....	"A união é força"
Zaim	.....	"Meu querer é meu poder"
Yod	.....	"Água que purifica"
Mem	.....	"O Eterno vela por mim"
Jayin	.....	"Palavra de Sabedoria"
Phifs	.....	"A Eterna Harmonia"
Schifo	.....	"Morrer para viver"
Thauro	.....	"Servo da Majestade Divina"
Gedulá	.....	"Sou e serei"
Keterei	.....	"Espelho da Eterna Beleza"
Thipert	.....	"Labareda de Deus"
Binahiu	.....	"Voz da Sabedoria e da Justiça"
Okmaya	.....	"Muro de fortaleza Divina"
Geburain	.....	"Sacerdote do Amor"
Malkuadonai	.....	"Venho do Deus vivo"
Yedosei	.....	"Caminho para um único fim"
Aoriston	.....	"Luz das Almas".

Os sessenta e nove a uma só voz – diáfana, sonora, dulcíssima – chamaram: JHASUA!

Ele, de pé, com os olhos iluminados por viva luz, respondeu abrindo os braços como para estreitar a todos num abraço:

"BUSCO O AMOR ETERNO!"

É o símbolo espiritual do seu nome e o glorioso lema que pregou em todas as suas vidas terrestres.

Jhasua deixou-se cair sobre a poltrona de junco e começou a chorar em grandes soluços.

A esplendorosa visão foi diluindo-se através do pranto que lhe embaçava as pupilas e o recinto ficou submergido na amarelenta penumbra dos círios.

Seus irmãos despertaram exclamando: "Que sonho magnífico!"

– Jhasua levou-nos ao seu Céu por alguns momentos – disse Melchor ainda mergulhado num mundo de Luz e de beleza suprema.

– Oh, o Céu de Jhasua! ... Que deveremos fazer por ti, Filho de Deus, depois deste transbordamento de luz e de beleza? – perguntou o ancião Gaspar, secando as lágrimas de inefável ternura que molhavam sua barba branca.

– Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos – respondeu o Mestre, ainda absorto mercê da aproximação da Divindade, sentida mais intensamente por ele que por todos os seus companheiros.

A Tragédia de Abu-Arish

Ainda por mais seis dias permaneceram os dez Mestres reunidos no Santuário do Monte Hor, permutando manuscritos e aumentando as cópias, que alguns tinham e outros não, de velhíssimas escrituras indispensáveis para a reconstrução histórica da evolução humana através dos séculos e das idades.

Iam separar-se por muito tempo, e quem sabe voltariam a se encontrar novamente na vida da matéria! A uniformidade na doutrina e na história do passado eram necessárias para serem aceitas pelas futuras gerações como verdadeiro o que atestassem os representantes das principais Escolas de Conhecimento Superior existentes naqueles tempos, sendo que todas, sem exceção, estiveram em contato com o Verbo de Deus na última etapa de suas vidas terrestres.

Seriam criadas duas agências encarregadas de manter íntima e freqüente comunicação entre os dez Mestres. Uma seria em Alexandria, na casa particular do Mestre Fílon. A outra seria em Antioquia, no bairro suburbano de Gisiva, onde Simônides tinha estabelecido uma colônia-refúgio, posta sob a direção de dois terapeutas do Santuário do Monte Hermon, por indicação de Jhasua.

Essas duas agências seriam dotadas de uma pequena renda suficiente apenas para enviar correios seguros aos pontos de residência dos Mestres.

Tomadas essas medidas, os dez se separaram depois de uma emocionada e ternissima despedida, na qual Jhasua era o centro para onde convergiam todos os afetos e o profundo fervor de todos os corações.

Acompanhado dos vinte e nove jovens árabes e do tio Jaime, o Mestre empreendeu o regresso pela estrada de Thopel.

Quando chegaram ao deserto da Judéia e à margem ocidental do Mar Morto, Jhasua pensou com amor em seus velhos amigos, os porteiros do Santuário do Quarantana.

Fizeram uma parada em En-Gedi, na já conhecida granja de André, onde encontrou desconsolados os dois irmãos Jacobo e Bartolomeu, porque sua mãe se achava gravemente enferma.

– Avezinha do Pai Celestial – disse Jhasua inclinando-se sobre o leito da anciã, que o reconheceu no mesmo instante. – Ainda não é chegada a hora de abandonares teu ninho terrestre para voar para a pátria.

Jhasua impôs as mãos na testa da anciã e deu-lhe de beber água vitalizada com o seu sopro, e, tomando-a pelas mãos, ajudou-a a sentar-se no leito em cujo bordo ele também se sentou. Rodeado por toda a família, fez uma terna palestra sobre o Amor Divino, que passa sobre as almas justas como uma brisa suavíssima, enchendo tudo de paz e de alegria.

A velhinha sentiu-se como renovada e logo em seguida levantou-se, dizendo a seus filhos e netos:

– Vamos! ... Vamos preparar uma festa porque a nossa montanha se vestiu de luz e de glória com a chegada do nosso Jhasua.

– Mas, mãe! – disse Jacobo, o mais velho de seus filhos. – Se estavas morrendo? ...

– Sim, sim, no entanto, agora não vou morrer mais! ... Porventura não chegou até mim o Filho de Deus Todo-Poderoso?

– Ela está realmente curada? – perguntou Bartolomeu a Jhasua, quase sem acreditar naquilo que seus olhos viam.

– Sim, homem, sim – respondeu o Mestre. – Como cheguei para pedir hospedagem por uma noite, o Pai Celestial pagou adiantado a minha conta.

Começou então um movimento inusitado na velha granja de André para preparar a festa com a qual aquela boa gente queria obsequiar o filho de Myriam, como geralmente o chamavam ali.

Jhasua passou em seguida para fazer uma visita aos sete Solitários Essênios que, nas entranhas das rochas, viviam sua vida de estudo, oração e amor à humanidade sofredora.

Por intermédio deles, soube da existência, entre os penitentes das grutas vizinhas, de um refugiado que não queria dizer sua procedência nem o porquê de sua triste situação de fugitivo da sociedade humana e que, além do mais, revelava uma dor tão desesperada e terrível que lhe causava, como conseqüência, profunda amargura.

Jhasua quis vê-lo. O Essênio encarregado dos penitentes acompanhou-o através daquele pavoroso antro de rochas negras e áridas, onde se abriam as grutas entre árvores de espinhos e umas poucas amoreiras silvestres.

Encontraram o refugiado estendido sobre seu leito de palha e de peles de ovelha, com o olhar fixo no escuro teto de sua rústica morada.

Jhasua compreendeu imediatamente que aquele homem estava à beira da loucura.

– Meu amigo – disse, sentando-se no chão ao seu lado. – Sei que estás doente e que a tua alma sofre angústias de morte.

"Quero que me contes os teus pesares, porque tenho o poder de libertar-te deles e de fazer voltar a paz a ti."

O Essênio retirou-se discretamente.

O infeliz olhou durante alguns momentos para Jhasua. Seu olhar era duro e sombrio.

– És jovem ainda! – continuou o Mestre –, e é uma lástima perder assim uma vida que pode ser útil à humanidade.

O homem sentou-se como se houvesse sido picado por uma serpente.

– Eu ser útil à humanidade? ... Antes eu daria de comer a uma pantera do que a um ser humano. Não passas de um adolescente que não sabes o que estás dizendo. – Virou-se para o outro lado, como dizendo: "Não me fales mais."

– Vamos, meu amigo, não me faças sofrer vendo o teu sofrimento sem poder remediá-lo – insistiu o jovem Mestre.

"Sei perfeitamente que existem na terra seres perversos e maus que sentem prazer na dor de seus semelhantes. Contudo esses seres não representam toda a humanidade. Eu quero o teu bem. Os Solitários do Santuário querem o teu bem e sofrem com a tua dor.

"Por que, portanto, deverás ter em conta somente os maus que te fizeram mal, e não os justos que se interessam pelo teu bem?

"Sê razoável, meu amigo, pois talvez tenha sido colocada por Deus na minha mão a taça da tua felicidade, que estás rechaçando.

"Trago comigo do Monte Hor vinte e nove jovens árabes que um dia foram tão infelizes como tu ..."

– E quem és tu, para recolher todos os infelizes deste mundo? – perguntou o homem sentando-se em seu mísero leito.

– Um homem cuja missão escolhida voluntariamente é consolar as vítimas das maldades humanas.

– Se és poderoso, me ajudarás na vingança aos meus verdugos. A vingança também é um laço que ata os corações.

– Se confiares em mim, te ajudarei a ser feliz – disse o Mestre.

– Falaste de jovens árabes ... vindos, então, da Arábia? Ali foi a minha desgraça. Ali vive o perverso assassino que me tornou desgraçado para toda a vida.

– Em que região da Arábia?

– No Yemen, em Abu-Arish.

– Mas não és árabe – disse o Mestre –, é o que demonstra o teu tipo e principalmente os teus olhos claros.

– Sou da ilha de Rhodes.

– Do jardim das rosas mais belas do mundo – continuou Jhasua, enquanto irradiava amor e paz sobre aquele espírito atormentado.

"Bem, meu amigo. Como podes saber se eu poderia ou não remediar a tua desgraça? ... Todas as tragédias das almas se assemelham: um amor desventurado, um déspota que destroça a vida e a inutiliza, esmagando o coração entre duas rodas de moinho ..."

– Como o sabes? – interrogou o homem sobressaltado.

– Porque conheço bastante o coração humano.

– Em Abu-Arish eu tinha uma bela plantação de açafrão que valia uma fortuna.

"Amei uma jovem meiga como uma gazela e formosa como uma estrela. Seu pai era chefe dos guardas do Iman de Sana, onde residia quase sempre, deixando sua família em Abu-Arish, porque era terrivelmente ciumento de sua mulher e da filha, que a escondia da cobiça do soberano e de seus favoritos. A mãe da jovem, mulher de grande bondade, mas sempre triste diante da tirania do seu marido, participou-me que ele não me daria a filha porque tinha a ilusão de casá-la com o irmão mais moço do Iman.

"Nosso amor continuou vivendo como um pirilampo escondido nas trevas. Nem elas nem eu tínhamos coragem suficiente para renunciar à nossa ilusão. A mãe morreu de febre maligna e a filha ficou sozinha guardada por velhas escravas que a protegeram em seu desventurado amor. Nasceram do nosso amor dois meninos gêmeos, que uma das escravas declarou tê-los encontrado numa plantação de cana-de-açúcar abandonada pelos donos.

"Alguém denunciou ao pai o nosso segredo de amor, e, temendo que isso frustrasse os seus planos, conseguiu uma ordem do Iman de Sana para me expulsar do país, apropriando-se de todos os meus bens, que consistiam num formoso plantel de cavalos de pura raça do Nedjed e da plantação de açafrão. Eu era o mais rico proprietário de Abu-Arish, e um belo dia me vi amarrado de pés e mãos, maltratado e ferido, seminu, na Ilha de Farsan, no Mar Vermelho. Uns piratas me haviam encontrado sem sentidos na costa e me levaram para a ilha que estava deserta e habitada somente por eles. Contei-lhes o que se passara comigo e eles se interessaram em averiguar o que havia sido feito com os meus bens e com a mulher que eu amava. Passaram-se vários anos, e, finalmente, eu soube que minha mulher havia sido estrangulada pelo seu próprio pai ao saber que os meninos recolhidos eram filhos dela, e estes ele os vendera como escravos no mercado de Alexandria. Meus bens haviam passado para a posse do perverso que destroçou a minha vida. Corri para Alexandria o mais rápido que pude, na minha triste situação de remeiro da galera dos piratas, no entanto, no mercado já não havia a não ser os escravos velhos que sempre ficavam como refugo. Todos os jovens tinham sido vendidos. Já está contada a história. Vejamos, Senhor todo-poderoso, como te arranjas para devolver minha esposa assassinada e meus filhos vendidos como escravos. Disseste que, provavelmente, poderias devolver-me a felicidade."

Jhasua sorriu docemente e meditava enquanto ouvia o relato do desconhecido.

Seu pensamento, sutil como um raio de luz, recordava nesse instante a história daqueles dois jovens, cujas desgraças tanto se assemelhavam à deste que acabava de ouvir.

Seria acaso a mesma história, contada primeiro pelos filhos e depois pelo pai?

"A Bondade Divina será tão complacente comigo – perguntou Jhasua a si mesmo sem falar –, pondo-me nas mãos a sorte de três seres infelizes?" – Ele quase não podia acreditar. Finalmente, saindo de suas reflexões, perguntou ao seu interlocutor:

– Conheceste os teus filhos?

– Desde o princípio, e a última vez que os vi, tinham 12 anos. Via-os às escondidas do mesmo modo que à mãe deles cada vez que a galera pirata se detinha na ilha. Eu cruzava num bote até a costa e, disfarçado em vendedor de café de Moka, eu os via, muito embora sem deixar transparecer o segredo. Sua mãe conservou o amor por mim, não obstante ver-me no miserável estado a que a maldade do seu pai me havia reduzido.

– Sabes o nome de teus filhos? – voltou Jhasua a perguntar.

– Como não hei de saber? Eu quis chamá-los como aos gêmeos que brilham no céu azul, Castor e Pólux.

Jhasua lembrou que seus dois protegidos tinham outros nomes bem diferentes.

Como se aquele homem estivesse respondendo ao seu pensamento, acrescentou em seguida:

– No entanto, o maldito velho, a quem Abadon arranque os olhos, mandou que os chamassem com nomes vulgares e ordinários: Abdulahi, que quer dizer "*Encontrado*" e Dam-biri, "*Filho do macaco*".

– Deus-Amor! ... Graças te dou! – exclamou Jhasua com uma voz tão profunda que parecia sair do fundo do seu coração.

– E ainda agradeces a Deus por terem posto em meus filhos nomes desprezíveis? – perguntou raivoso o homem.

– Não, meu amigo. Dou-Lhe graças porque, entre os vinte e nove jovens trazidos da Arábia, encontram-se teus dois filhos Castor e Pólux.

– Não pode ser! ... Não me enganes! ... Não mintas para me iludir como a um garotinho! ... Olha que te arranco a vida! ...

E as duas mãos nodosas e com veias salientes daquele infeliz adquiriram o aspecto de garras prestes a cravar-se no pescoço de Jhasua.

– Acalma-te – disse Jhasua, com admirável serenidade. – Vem comigo ao outro lado destas rochas e convencer-te-ás desta realidade.

O homem o seguiu e o Essênio que esperava fora, entretido em afastar espinhos e pedras do caminho que levava à povoação, guiou-os até a Granja de André por esse caminho exterior, pois a comunicação secreta do Santuário não podia ser percorrida a não ser pelos íntimos.

A indumentária do penitente consistia num tosco burel escuro que descia um pouco abaixo dos joelhos. A ele estava unido, no pescoço, uma espécie de manto com capuz, para protegê-lo do sol, do frio ou da chuva, pois era feito de pele de cabrito.

Umas calças de couro de cabra protegiam-lhe as pernas até quase os tornozelos.

Esse era o hábito dos Essênios para vestir seus refugiados nas grutas.

Quando chegaram à Granja de André já anoitecia. A mesa estava posta sob as árvores do horto, e os vinte e nove jovens companheiros de viagem de Jhasua, com uma alegria exuberante como uma floração de primavera, ajudavam Jacobo e Bartolomeu a colocar tochas, a improvisar assentos com tábuas largas colocadas sobre pedaços de rocha, a colher das parreiras os últimos cachos de uva que a boa Bethsabé assegurava terem estado aguardando a chegada do filho de Myriam, da mesma maneira que as ameixas do Corinto aguardavam com seus frutos de cor púrpura-violeta

e as figueiras com seus grandes figos brancos tardios. A boa anciã, com a alegria de ver-se curada, passava os pertences da casa pela janela e se sentia como um general-chefe daquela porção de jovens obedientes às suas ordens. O secador de vime para queijos e frutas foi esvaziado, como também os pequenos cântaros de mel e de manteiga. Ela sabia que o filho de Myriam apreciava as castanhas cozidas com mel, os bolos de farinha de centeio e ovos de gansa, a torta de amêndoas e as azeitonas com pão recém-tirado do forno.

– Jehová bendito! ... – exclamaram as noras de Bethsabé. – A avó perdeu o juízo e, se houvesse mais vinte pessoas, haveria tarefa para todas elas.

O amor cantava na alma da anciã, harmonizando-se perfeitamente com toda aquela juventude ao seu redor.

O leitor compreenderá perfeitamente que, em razão de tão transbordante alegria, o infeliz penitente, dilacerado pela sua angústia e estimulado por um tênue raio de esperança, sentiu-se como se acabasse de despertar de um negro pesadelo. Jhasua compreendendo-o e detendo-se com ele e o Essênio na penumbra das árvores do horto, onde não chegava o reflexo das tochas, disse:

– No meio de todo esse alvoroço e alegria, estão os filhos que procuras. Toda essa felicidade será tua dentro de alguns momentos, se fores capaz de esquecer o passado.

– Eu o esquecerei, sim ... Eu o esquecerei! – respondeu o penitente, enquanto seu olhar devorava todo o quadro visível a sua frente ...

"Mas é verdade que eles se encontram aqui? ..."

– Julgas que eu seria capaz de enganar-te? Agora verás! – E Jhasua deu três passos à frente:

– Abdulahi! ... Dam-biri! ... – chamou em voz alta. Os dois jovens que estavam encarapitados um numa ameixeira e o outro numa figueira, saltaram ao solo com cestinhas cheias nas mãos e acorreram ao chamado.

– Oh, Mestre! ... – disseram ambos. – Não queríamos que chegasses enquanto não terminássemos de arrumar tudo. Que alegria a desta casa!

– Trago-vos uma surpresa com alma, coração ... carne e ossos.

– Que será? ...

Ambos se entreolharam com grande assombro. Jhasua voltou-se para a sombra das árvores e fez um sinal.

O Essênio e o penitente se aproximaram. Jhasua afastou para as costas o capuz e apareceu à luz das tochas a nobre fisionomia do penitente, envelhecida pelo sofrimento e pelo abandono. Devorava-os com os olhos e tremia nervosamente.

– Jamais me reconhecerão! ... – exclamou surdamente, abraçando-se a Jhasua.

– É o vosso pai! – disse o Mestre. – Despertai as recordações da vossa adolescência.

– És Abu-Arish! ... O vendedor de café Moka! – exclamou, espantado, Abdulahi.

– Certo, certo! ... – disse Dam-biri. – Por isso estava parecendo-me que eu já conhecia este rosto.

– É o vosso pai! – voltou repetindo o Mestre. – Nosso Deus-Amor vos reúne novamente.

A voz íntima do sangue avivou as recordações, e os dois jovens se precipitaram sobre aquele homem que chorava em soluços sobre o peito de Jhasua.

– Arvando! – exclamaram ambos. – Nunca nos disseste que eras o nosso pai.

– Devíeis tê-lo adivinhado o meu carinho para convosco, como também para com vossa mãe.

– Nossa mãe! ... – disse Abdulahi com imensa amargura. – Sabes o fim que teve?

– Sim, sei. No entanto, prometi a este jovem a quem chamais Mestre, que esquecerei o passado para merecer um presente de paz e de sossego – respondeu Arvando.

– Outro comensal para a festa! – disse Dam-biri, louco de alegria.

– Mais dois – acrescentou Jhasua –, porque este irmão ficará conosco.

Aludia ao Essênio que, mudo, presenciava esta cena e pensava:

"Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade."

Na Terra Natal

Enquanto ocorria todo esse movimento de juventude alvoroçada e feliz em contato com a alma do Cristo que irradiava paz e esperança, o tio Jaime relatava minuciosamente aos dois irmãos Jacobo e Bartolomeu, bem como a sua mãe, tudo quanto ocorrera no Monte Hor, motivo pelo qual Jhasua levava consigo os vinte e nove jovens que o acompanhavam. Agora, acrescentado o pai de dois deles, o bom tio Jaime disse:

– Os pés de Jhasua poderão ficar cansados das andanças por estes caminhos de Deus, mas o seu coração não se cansa de amar a todos os que sofrem!

Bethsabé, sentindo-se rejuvenescida e, segundo ela, disposta a viver mais dez anos, dedicou toda essa noite e parte da manhã seguinte para preparar as oferendas de seu coração para Myriam, a quem amava tão ternamente. Para causar-lhe satisfação, o tio Jaime mencionou que, depois da morte de Joseph, sua irmã tinha passado a residir habitualmente junto à nobre família do príncipe Ithamar, que lhe haviam dedicado grande afeto. A desgraça desse bom senhor, dono de várias aldeias, desde Hebron até Bethsemes, não era desconhecida para os habitantes de En-Gedi, visto como seu desaparecimento fez escassear o pão, o vinho e o azeite em todos os humildes lares da região do sul de Jerusalém.

A notícia da estreita amizade de Jhasua e de sua mãe com a família de Ithamar, foi, pois, para Bethsabé e para seus filhos, uma antecipação do triunfo glorioso do Messias libertador de Israel. Era tradicional, entre os israelitas de fé arraigada, como também entre os bons observadores da Lei, que as mais antigas e nobres famílias de Jerusalém devessem ser as que haveriam de colaborar com o Messias para salvar novamente o país. Isso porque, desde a reconstrução da cidade e do templo, logo depois do regresso da Babilônia, ouviram a voz do Profeta Esdras determinando a reabilitação da pátria ultrajada pelo invasor. Entre essas famílias de velha estirpe religiosa patrícia, contavam-se, em primeira linha, as casas de Jesuá, de Josadec, de Sallum de Lohes, de Repahias de Hur, distante antecessor do príncipe Ithamar; de Hasbedona, de Semanias e de Mesullan, nomes enobrecidos pela cooperação prestada a Zorobabel, filho de Altiel, na reconstrução de Jerusalém e do templo.

Saber, pois, que Jhasua e sua mãe residiam em Jerusalém, no antigo palácio de uma dessas famílias consagradas pela tradição, era como dizer que o futuro legislador de Israel já estava no caminho de sua gloriosa missão.

Bethsabé, hierosolimitana de origem, sabia tudo isto tão bem como as Tábuas da Lei e, sentada junto ao tio Jaime, não perdia uma única palavra de tudo quanto ele relatava referente a Jhasua e às suas ações, tanto na cidade dos Reis como fora dela.

Estes relatos, tão íntimos como interessantes, foram interrompidos por Jhasua ao dizer:

– Os operários já cumpriram com os seus deveres, e os donos da casa não aparecem para a festa.

– Vamos lá ... Raio de sol! – disse a anciã levantando-se incontinenti para dirigir-se ao horto onde estava posta a mesa.

– Mestre! ... – perguntou Abdulahi em seu ouvido –, não vais sentar-te entre nós dois?

– Agora não, porque já sois felizes, e é o vosso pai quem deve ocupar esse posto.

E foi sentar-se entre os dois irmãos Jacobo e Bartolomeu.

O jovem árabe ficou observando-o ao mesmo tempo que pensava: "A dor tem todos os privilégios junto a este Mestre extraordinário. Acaso deixará ele de se interessar por nós só porque nos julga felizes?"

– Abdulahi! ... – chamou o Mestre. – Os olhos de teu pai estão cravados em ti. Creio que já é hora de fazeres com ele o que eu fiz contigo.

– Sim, Mestre! ... Eu estava distraído.

Um momento depois, ao redor daquela humilde mesa, cantava o amor e a alegria em todos os tons. As noras de Bethsabé, com seus filhos e filhas mais crescidas, serviam os comensais que, habituados ao costume nas Escolas nas quais todos se sentavam à mesa, obrigaram a modesta família a fazer o mesmo, e foram fazendo lugar para as donzelas e para seus irmãos, colocando-os entre si, como se fossem todos uma só família.

– Avó Bethsabé!... – disse o tio Jaime. – Teus filhos se multiplicaram como a semente de Abraham ao impulso da promessa de Jehová.

– Como é belo este quadro! – disse a anciã, olhando para Jhasua à sua frente e para seus filhos e netos intercalados entre todos aqueles jovens árabes que via pela primeira vez. – Talvez meus olhos não o vejam novamente.

– Mas, em que pé ficamos, avó? ... – perguntou Jhasua. – Acabas de dizer que te sentes com forças para viver mais dez anos, e agora decai teu ânimo e falas em não ver novamente este quadro de felicidade familiar?

– Sim, sim, meu jovem. Eu o verei muitas vezes ainda! Muitas vezes! – E a boa velhinha, entre rindo e chorando, ofereceu a Jhasua a mais formosa torta de amêndoas que suas noras tinham acabado de pôr sobre a mesa.

Na manhã seguinte, os viajantes fizeram a penúltima jornada até Arquelais, onde deixaram os jumentos do Monte Hor com o criado do príncipe Melchor, e se juntaram à caravana que se dirigia a Jerusalém.

Ao entardecer do dia seguinte, entravam na cidade por duas portas diferentes, para não chamar demasiadamente a atenção: pela Porta do Sião entrou o tio Jaime, com a metade dos companheiros de viagem e, pela Porta de Jaffa, entrou Jhasua guiando a outra metade. Ninguém estranhou o fato, porque a caravana do sul estava parada na grande praça da cidade, descarregando as mercadorias que iam sendo absorvidas pelas tendas dos mercadores que ainda permaneciam abertas no mercado.

Os viajantes foram todos conduzidos para o imenso armazém de Simônides, cujo subsolo, como recordará o leitor, era o amplo recinto de reuniões da Santa Aliança. Ali esperava-os Simônides, com Judá, Faqui e o Scheiff Ilderin. A imensa fortaleza, que fora do Rei Jebuz, fundador da Gerar pré-histórica, seria a habitação daquela juventude árabe, até que todos fossem colocados em seus respectivos lugares.

– Que bizarros lanceiros para o exército do Rei de Israel! ... – disse Simônides ao ouvido do Scheiff Ilderin, enquanto Judá e Faqui se puseram a conversar com todos eles para infundir confiança, conquistar simpatias e verificar suas aptidões.

Uma hora depois, Jhasua abraçava a sua mãe que, rodeada pela família do príncipe Judá, lhe apresentava ternas queixas em virtude de sua longa ausência.

Novamente encontrava-se com a inalterável doçura de Noemi, cujos cabelos brancos a faziam parecer uma anciã, quando apenas contava com 51 anos; com Nebai, a esposa de Judá, que havia assumido a administração da casa, porque Noemi e sua filha Thirza, debilitadas em suas forças físicas pelos grandes sofrimentos no calabouço, tinham uma saúde muito precária que exigia contínuos cuidados.

Amhra, a velha escrava, rejuvenescera com a felicidade de seus amos, do mesmo modo como Eliacin e Shipro com o fraternal companheirismo dos esplêndidos mordomos que o leitor lembrará facilmente: Isaías e Othoniel.

A boa Sabat, mãe de Nebai, era como a sombra fiel de sua filha, que ela adestrava habilmente para ser uma perfeita dona de casa, visto como seu destino a colocara à frente de um suntuoso lar com numerosa criadagem, não tão fácil de manejar como a pequena cabana de pedra do Monte Tabor.

Quando, duas semanas depois, Jhasua viu que todos os seus companheiros de viagem estavam devidamente iniciados nos novos caminhos, sob o amparo e proteção de homens honoráveis, consagrou-se inteiramente a colocar em ordem toda a abundante documentação histórica, religiosa e científica que recolhera em suas diversas viagens.

Ajudado pelos quatro doutores de Israel, em particular por José de Arimathéia e Nicodemos, foram preenchendo os vazios ou lacunas encontradas entre umas e outras épocas; e, principalmente, coletando dados aqui e ali nas escrituras de Moisés, encontradas por Fílon na cripta do Labirinto do lago Méris, puderam fazer uma grande obra de reconstrução histórica e filosófica das antigas civilizações egípcia, sumeriana e caldaica, que quase se haviam perdido pela ação do tempo e pela inconsciência humana. (*)

Por causa disto, anos depois, quando iniciou sua chamada *vida pública*, pôde Jhasua dizer:

"Não vim para reformar a Lei, mas para cumpri-la."

Nesses três anos, ou seja, dos 25 até aos 28 de sua vida, Jhasua adquiriu plena consciência de que não seria criador de uma doutrina nova, mas o renovador da antiga Ciência de Deus, dos mundos, das almas e da vida que, desde remotas épocas, tinham sido dados à humanidade desde a Lemúria até a Atlântida e, destas, aos três continentes conhecidos então pelas várias fraternidades de Flâmines, Profetas Brancos, Dackthylos e Kobdas da Pré-História.

Dedicou-se também a esses trabalhos para aquietar o alto sacerdócio do Templo de Jerusalém que, em razão de insistentes rumores sobre as obras maravilhosas realizadas por um jovem Profeta nazareno que bem podia ser o Messias esperado, foi colocado em observação, mediante agentes espalhados por todo o país, em conivência com Herodes Antipas, o reizinho fantoche que era saracoteado de um lado para o outro pelo César de Roma, pelo clero de Jerusalém e pelos cortesãos e favoritos, dos quais se achava rodeado para seu próprio mal.

– Teus verdadeiros amigos, meu Senhor, trabalham no mundo exterior – disse o velho Simônides. – Continuo sendo o ativo comerciante com negócios em todos os mercados, desde Alexandria até Roma, de Roma até Antioquia, do Mar Vermelho até

(*) O achado de Fílon consistia nuns tubos de prata encontrados junto à múmia de um daqueles sacerdotes de Mênfis, que a princesa Thimetis, mãe de Moisés, enviou para consolá-lo em seu desterro de Madian. Eram vários papiros escritos em hieróglifos egípcios e também em língua caldaica, e seu título era: "Comentário secreto de Moisés sobre a sua visão de Horeb" e acrescentava: "De acordo, os três, julgamos que devia permanecer oculto, em face da absoluta incapacidade humana para compreendê-lo." (N.T.)

o Golfo Pérsico e à Índia. Judá e Faqui são dois bons moços que gozam a boa vida em Jerusalém, Antioquia, Atenas ou Siracusa. O Scheiff Ilderin é o mais querido de todos os caudilhos da Arábia independente, desde o Eufrates até o Mar Vermelho.

"Tudo isto, meu amado Senhor, é o que somos agora para os profanos; no entanto, junto aos teus amigos e a ti, somos os primeiros obreiros da tua vinha, cujo vermelho licor de glória e triunfo inundará logo toda a Terra habitada pelos homens!"

Jhasua sorriu bondosamente para o bom ancião cheio de ilusões e respondeu:

– Bem, Simônides, meu amigo. Enquanto trabalhais pelo reino, eu me preparo para desfrutá-lo dentro de bem poucos anos ...

O Cristo, iluminado pela claridade interior, aludia à sua entrada no elevado plano espiritual que havia deixado para encarnar neste planeta; e o bom Simônides, sonhando com o reinado material do Messias sobre todos os povos da Terra, engrandecia cada vez mais as fileiras da Santa Aliança. A fabulosa fortuna da casa de Ithamar administrada por ele, derramava-se, como por um aqueduto, sobre toda a miséria e a pobreza da Palestina e da Síria devastadas pelo domínio romano.

Jhasua passou a maior parte do vigésimo nono ano de sua vida na amada Galiléia, entre os familiares e amigos da meninice e da adolescência. Voltou a ver o Monte Tabor e o Carmelo, o lago Tiberíades, com suas velhas famílias de pescadores; a suntuosa cidade de Tiberias, como uma ânfora de mármore e de prata; a populosa Cesaréia, com seus poderosos trirremes junto à costa, as ruas de luxuosas colunatas e os circos resplandecentes de ouro e de cortinados de cor púrpura sempre agitados pelo forte vento do mar. Sua mãe e o tio Jaime acompanharam-no nessa viagem e, ao entrar novamente na velha casa paterna, habitada por parentes próximos desde a morte do pai, pareceu a Jhasua que as sombras de Joseph e de Jhosuelin flutuavam sob as árvores do horto, onde ele reconstruía, com o pensamento, as mais belas cenas de sua já distante infância.

Numa concentração espiritual profunda que teve no Santuário do Tabor, um dos Anciãos, em estado de transe, transmitiu-lhe a palavra de Ahelohim, um de seus guias:

"– Já é chegada a hora. O mundo te aguarda. A voz de João, como um furacão de fogo, abrasa o deserto da Judéia anunciando a hora da penitência, da justiça e da derradeira purificação!

"Tu és a Luz que deve iluminar os seus caminhos sombrios, gelados, lamacentos! ...

"Enamorado divino da humanidade deste planeta: ela te espera, não vestida de festa, mas de farrapos imundos ...

"Ela está leprosa, está cega ... está inválida. É chegada a hora, anda! ... cura-a, salva-a! ... Ela é tua pelos séculos dos séculos!"

Quando ao meio-dia voltou para a casa de Nazareth, sua mãe entregou-lhe uma carta de seu primo Johanan que fora confiada à caravana, ao passar por ele. Dizia assim:

"Ao despedir-me pela última vez do Grande Santuário do Moab, pensei em ti, Ungido do Altíssimo, e te dirijo estas breves linhas. Desci das montanhas como uma águia faminta de imensidão para a margem oriental do rio Jordão, a cujas águas chamarei nossos irmãos para que se purifiquem em suas ondas douradas e vistam túnicas novas para aguardar a tua chegada.

"Jhasua, meu irmão! A Humanidade nos chama. A imolação nos espera! ... A glória dos mártires tece já a nossa coroa.

"Unido a ti na justiça, na verdade e no sacrifício,

Johanan de Hebron"

A fina intuição de sua mãe leu, em sua nobre fisionomia, a dolorosa luta que o agitava.

– Trazem más notícias essa carta? – perguntou quando Jhasua se sentou à mesa, entre ela e o tio Jaime.

– Não, mãe! Muito boas. É do primo Johanan. Ele anuncia que já iniciou sua missão de apóstolo nas margens do Jordão.

– E quem o encarregou dessa missão? – voltou Myriam a perguntar.

– E quem haveria de ser, senão nosso Pai Celestial? – respondeu Jhasua. – Logo começarei também a minha.

– Filho! ... Desde a meninice que estás em missão. Quando, dize, deixaste de te ocupar com obras piedosas para com os teus semelhantes?

"Eu julgava que agora irias consagrar-te à tua mãe, cujos cabelos já começam a branquear."

– Desde a morte de meu pai estive consagrado a ti, minha mãe. Não é verdade, tio Jaime, que sua vida está resguardada de qualquer eventualidade?

– É verdade, Jhasua. No entanto, o coração de uma mãe, como a tua, não aspira apenas pelo pão abundante sobre a mesa! Quando mencionas que vais iniciar a tua missão, ela interpreta como ires lançar-te por estes mundos de Deus, expondo-te a todos os perigos, nos quais pereceram de maneira trágica tantos irmãos nossos ao saírem também em cumprimento de suas missões.

– Mãe! ... Eras como um lírio num invernáculo entre as viúvas e as virgens do Templo de Jerusalém. Por que motivo deixaste o aprazível retiro onde não tinhas outras preocupações além de cantar os salmos e tecer o linho?

– Porque os anciãos sacerdotes e as viúvas, que me protegeram pela morte de meus pais, disseram que isto determinava para mim a vontade do Senhor. Segui os passos de teu pai até aqui, como se segue a um anjo guardião que nos precede no caminho.

– Muito bem, minha mãe! Cumpriste o teu dever para com Deus, Senhor e Criador de nossas vidas. Eu devo cumprir também o meu, submetendo-me a sua Vontade Soberana.

"Canta um hino de amor a Deus, minha mãe, como cantou Ana, mãe de Samuel, quando o consagrou ao serviço divino e o deixou no Santuário de Silo, aos 12 anos de idade. Serás menos generosa do que ela, para entregar-Lhe o teu filho aos 25 anos de vida passada em grande parte ao teu lado?"

– Tens razão, meu filho! Falas como um verdadeiro Ungido do Senhor. Perdoa-me!

"Meu temor é grande pelos tempos atuais. Eles são maus para os Profetas que ensinam a verdade de Deus. Israel não é livre, porém escravizada, e seus dominadores são pagãos que não adoram o nosso Deus nem cumprem com suas Leis. Quem te defenderá, meu filho, da iniqüidade dos homens sem Deus e sem Lei?"

– Ninguém tocará um único cabelo de minha cabeça sem a permissão do Pai Celestial, tenho certeza, minha mãe, e não temas por mim.

"Aquilo que Deus quer que seja será, e Ele jamais quer outra coisa a não ser o bem e a felicidade eterna para todos os seus filhos. Se o Eterno Amor te escolheu para ser a minha mãe, Ele estava certo de que terias com Ele e comigo um mesmo pensar e sentir."

– Que se cumpra em ti a vontade do Senhor! – disse a meiga mãe com os olhos cheios de lágrimas.

– Meu coração não esperava menos de ti, minha mãe. Além disso, não estás só. Vive aqui tua prima Martha com seus filhos e filhas que tanto te querem, se desejares permanecer na Galiléia. Se preferires a vida em Jerusalém, tens ali a casa de Lia, e a de Noemi, onde sempre reclamam a tua presença. Logo o tio Jaime será como a tua sombra.

– E tu, Jhasua, para onde irás?

– Aqui, ali, a todas as partes, mãe. Onde haja dor e ignorância, lá estarei.

"Se sou Filho de Deus, devo fazer conhecer aos homens a bondade, a justiça e a glória de meu Pai. Quando menos perceberes, estarei aqui ao teu lado, para comer do teu pão que, com toda a certeza, nenhum outro me parecerá melhor.

Com estas conversações terminou a refeição, e Jhasua, pensativo, internou-se sozinho pelos caminhos do horto. As plantações novas tinham crescido enormemente e só pôde reconhecer as velhas árvores de sua meninice pelos troncos nodosos e pelas raízes retorcidas e duras que saíam à flor da terra.

Ouçamos, leitor amigo, o monólogo do seu pensamento para podermos compreender a fundo a dupla personalidade de Jhasua. Como espírito, ele pertencia à superior hierarquia que, nos mundos purificados, se denomina "*Amadores*". *Do Sétimo Céu dos Amadores*, havia vindo à Terra para lavá-la nas águas puríssimas do seu amor inefável. Seu excelso espírito tomara a pesada envoltura física do homem terrestre. Era, pois, o pensamento divino feito carne. Era o Amor Eterno num coração humano. Era o Verbo de Deus aprisionado na personalidade física de Jhasua, que então contava apenas 25 anos de idade.

"– Meu espírito busca a imensidão para expandir-se como uma chama que quer devorá-lo todo, consumi-lo todo! ... Sinto estremecer-se o meu coração de homem, diante dos olhos suplicantes de uma mulher, em cujo seio se formou esta matéria que me aprisiona.

"Sou um espírito de Deus, uma lâmpada acesa pela Sua Infinita Piedade para iluminar todos os homens.

"Não tenho, pois, pátria. Sou de todos e para todos! Meu coração está angustiado porque abandono Nazareth ... o velho lar que me recebeu nesta Terra ... a meiga mulher a quem chamo de mãe ... a meus irmãos, parentes e amigos, e tudo quanto foi para mim como um ninho aquecido de plumas e de seda! ...

"O mais terno amor foi até hoje o ambiente habitual de minha vida como espírito e de minha vida como homem ...

"O amor floresceu para mim em todos os caminhos, em todos os climas, cidades e aldeias, nas mais formosas montanhas e nos desertos mais áridos!

"Os seres amados desfilam na minha lembrança como suaves visões de paz, de ternura e de alegria pura e santa! ...

"Como o lavrador prepara a terra para a semeadura, arranca sem piedade árvores e arbustos, assim eu ... de um único golpe formidável, farei desaparecer de minha vida tudo quanto possa representar uma união que venha tolher a santa liberdade do Cristo, Salvador de todos os homens!

"Pátria! ... palavra formosa, mas sem sentido para o espírito conhecedor do seu distante passado. Tive tantas pátrias: na Lemúria e na Atlântida, já adormecidas sob as águas dos mares; no Eufrates, na Índia, no Egito! ... Hei de apegar o meu coração a Nazareth, à Galiléia, à Palestina, porque passei nele 25 anos de vida ... ou, em outras palavras, breves instantes, numa longa sucessão de séculos?

"A família! ... terna e doce palavra a recordar poemas de inefável ternura. Entretanto, meu espírito eterno teve tantas famílias nos planetas que lhe deram morada desde a sua remota origem até hoje, que, dentro da Lei das Alianças Universais, posso dizer que a minha família é tão numerosa como as areias do mar, e, dentro da humanidade terrestre, pela qual devo me sacrificar, estão todas as famílias que me deram sua ternura e seu amor em minhas múltiplas existências planetárias.

"Se o homem da Terra pensasse assim, raciocinasse assim, conforme é a Eterna Verdade de Deus, execraria as guerras, destruiria as fronteiras, derrubaria as muralhas fortificadas, descerraria todas as portas, todos os caminhos ... e abriria também, de par a par, o seu coração e os seus braços para estreitar todos os homens da Terra!

"Que crime de lesa-Majestade Divina é o separatismo de raças, de povos e de países! Que incompreensível ultraje contra a Lei imutável e Eterna da solidariedade universal!

"Tudo no Universo nos fala dessa Lei aos gritos e em todos os tons ... em todas as formas e medidas, desde o conúbio das algas, onde se enredam seus corais e os moluscos suas pérolas no fundo do mar, até nos sóis radiantes a se desmembrarem em fragmentos de fogo, para dar vida a novos mundos para apregoarem a grandeza de Deus na imensidão infinita! ...

"Não quero sofrer porque deixo Nazareth, onde passei a minha infância, nem a Galiléia, onde ficam os familiares e amigos da adolescência, nem Jerusalém, com sua ciência e seu templo dourado e com os espíritos avançados que me compreendem e me amam! ...

"Todo o Mundo será para mim a terra natal! ... todos os homens serão meus irmãos! ... encontrarei calor em todas as mãos que estreitarem as minhas, e luz de amor em todos os olhos nos quais pousarem os meus! ...

"Só assim merecerei o nome de Ungido do Altíssimo, Salvador da Humanidade, ... Verbo de Deus que veio a esta Terra para ensinar aos homens a Lei Suprema do Amor Universal! ..."

A voz do tio Jaime a chamá-lo cortou o fio dos pensamentos vibrantes de Jhasua, não obstante seus lábios terem permanecido cerrados, enquanto caminhava a passos lentos pelos escondidos e estreitos caminhos do horto.

– Aqui, tio Jaime, aqui! – respondeu ele.

Alguns momentos depois, os dois conversavam sentados num rústico banco já bastante próximo de casa. Ouçamos o que dizem:

– Sê razoável, meu filho – disse o bom tio. – O coração de tua mãe sofre por ver-te partir só. Ela não quer ser obstáculo ao cumprimento de tua missão como Apóstolo da Verdade Divina; no entanto, quer que eu vá junto, para cuidar de ti enquanto te ocupares com os demais. Conheces-me perfeitamente, Jhasua, e sabes muito bem que jamais restringi a tua liberdade nem tampouco me imiscuí nos teus assuntos elevados de Mestre. O Messias, o Verbo de Deus, irá sozinho pelo mundo que deve instruir e salvar. Eu serei tão-somente o guardião da pessoa humana de Jhasua. Não estás de acordo? Acede à vontade de tua mãe, meu filho, que não tem consolo diante da tua resolução.

"Não deixarás de ser o Messias, o Verbo de Deus e o Salvador do mundo para secar o pranto de tua mãe e aquietar as torturas do seu coração. Não és acaso o Enviado do Deus-Amor, do Deus-Piedade e Misericordioso? ..."

Jhasua guardava silêncio, rememorando o monólogo que acabara de ter consigo mesmo.

Pensou nas mães de suas últimas vidas como Messias: em Walkíria, mãe de Antúlio, em Évana, mãe de Abel, em Devanaguy, mãe de Chrisna, em Thimetis, mãe de Moisés, em Maya-Devi, mãe do Bhuda ...

– Pobres mártires! – exclamou do mais profundo de seu coração, recordando todas as angústias que elas padeceram associadas tão intimamente à sua vida eterna! ...

– Quem são mártires? ... – perguntou o tio Jaime, que não havia compreendido a exclamação de Jhasua.

– As mães, tio Jaime ... as mães dos Missionários de Deus que padecem em seus corações quando eles padecem! Estou de acordo em que me acompanhes nesta primeira saída ao mundo como Apóstolo do Senhor.

"Vamos que eu mesmo quero anunciar a minha mãe."

Myriam havia-se retirado para sua alcova ... a velha alcova na qual orou pela primeira vez ao chegar à casa de Joseph, apenas uma jovem de 16 anos; a alcova onde passou suas horas de repouso tranqüilo e duras aflições quando seu menino divino excitava a perseguição de Herodes.

Ainda estava ali o berço de cerejeira, feito por Joseph com tanto esmero para o pequenino. E a pobre mãe, ajoelhada diante dessa caminha, relíquia de seu passado, havia desprendido a grande dianteira e, com o rosto afundado na pequenina almofada onde ele dormira seus sonos de menino, soluçava desconsoladamente ...

Jhasua viu, da porta, este quadro na suave penumbra da tarde outonal, e em três ligeiros passos ficou também ajoelhado ao seu lado.

Sentia destroçar-se o seu coração numa luta tremenda; contudo, na presença da mãe, devia parecer sereno.

– Minha mãe! ... – disse, acariciando-a ternamente. – Não acovardes o coração de teu filho, ainda antes de ele ter começado a cumprir a missão de que o encarregou o Pai Celestial.

"Ordena-me Ele que abarque o mundo e as tuas lágrimas me retêm! ... manda-me amar a todos os homens, e me queres somente junto de ti! ... Mãe! ... Não posso! ... Não quero ver-te chorando novamente!"

Myriam levantou a cabeça secando as lágrimas com o bordo da mantilha branca que cobria a sua cabeça.

– Perdoa-me, Jhasua, meu filho, por este momento de fraqueza! Qual a mãe que não o tem quando vai perder o seu filho?

– Não me perdes, mãe, mas me geras novamente para a glória de Deus – respondeu Jhasua, levantando-a e levando-a suavemente até o velho divã, no qual ela mesma havia repousado desde sua chegada à casa de Joseph.

Ali sentaram-se ambos.

O jovem Mestre, com a sugestiva eloqüência de sua palavra cheia de harmonias, foi desenvolvendo diante da alma da mãe as visões interiores do seu espírito sobre a solidariedade universal, sobre a irmandade das almas, muito mais forte e duradoura que os vínculos do sangue; sobre o amor de Deus, do qual emanavam como rios de um mar inesgotável todos os amores da Terra.

– "*Honra a teu pai e a tua mãe*", diz a Lei Divina – continuou Jhasua –, e eu te levo, mãe, no meu coração como num altar florido; onde, depois de Deus, estás para recolher as pequeninas flores das minhas ternuras íntimas! ... Se vives dentro de mim através do amor, eu vivo em ti, também, através do amor; ambos somos uma única pessoa no infinito seio de Deus, que nos exalou de Si mesmo como um só suspiro que os ventos da vida eterna vão levando de um para o outro lado desta Terra ou de outros mundos habitáveis, até que, juntos, tenhamos corrido tanto que o Pai Celestial nos chame novamente para suas moradas de Luz, de Amor e de Felicidade, onde ouviremos sua eterna voz dizendo a ambos:

"*Vinde descansar em Mim das fadigas de peregrinos eternos. Porque amastes muito, vos digo: 'Eu sou o vosso descanso! Porque amastes muito, Eu sou a dádiva que compensa vossas fadigas e dores.'* "

"Podemos aspirar algo maior e mais excelso que ser uno com o grande Todo Universal, que cria e move os mundos e que, em instantes de supremo e de incompreensível amor, se une tão completamente a nós mesmos que chega a fazer-nos sentir a Sua voz em nosso coração, dizendo-nos: '*Eu sou teu, e tu és Meu por toda a eternidade*?'

"Compreendes, mãe, o divino arrebatamento de amor que arrasta a minha alma para todos os seres de Deus, como se eu fosse uma borbulha de Luz que escapou do Seu Seio Infinito para acender Luz viva em todas as almas nascidas d'Ele?"

A doce mãe havia recostado a cabeça emoldurada de branco sobre o ombro do filho e ouvia em silêncio, com um enlevo de êxtase que secara o seu pranto e aquietara o seu coração.

– Sim, meu filho ... compreendo tudo e prometo não colocar nunca mais obstáculos no teu glorioso caminho de Apóstolo e Salvador dos homens. Só peço que me permitas seguir-te de longe com o meu pensamento convertido em oração, e que o tio Jaime cuide da tua pessoa nas longas viagens que vais empreender. Ele não estorvará o teu apostolado. Concede-me isto, meu filho e, deste modo, meu coração descansará na Vontade do Senhor.

– Concedido, mãe ... concedido em troca de não te ver chorar nunca mais.

– Nunca mais! – repetiu ela, recebendo na testa o beijo puro e santo do Filho de Deus.

A Caminho de Tiberias

Algum tempo antes desta resolução definitiva, Jhasua manteve ativa correspondência com seus amigos de Jerusalém para que se encarregassem completamente da Santa Aliança, prescindindo dele.

Fazia-lhes compreender que este apostolado era como um estudo dos homens em geral, pondo-se em contato íntimo com eles, e que isto duraria pouco tempo.

Sua primeira viagem seria a Damasco, passando antes pelo Santuário do Monte Hermon. A promessa de notícias freqüentes acabou por deixar todos perfeitamente tranqüilos.

Hach-ben Faqui aproveitou esse final de outono para levar Thirza à África do Norte entre as pessoas da raça dele. Seu pai Buya-Ben e a Rainha Selene aguardavam o cumprimento de sua promessa. Acompanhou-os Noemi que, desde a morte trágica do esposo, não havia viajado para fora do país.

O príncipe Judá e Nebai embarcaram em Gaza com destino à costa oriental da Itália, ao Lácio, onde, entre os jardins da cidade de Ânsio, possuía um formoso palacete sobre a costa do mar, herança de seu pai adotivo, Quintus Árrius.

Nebai sentia entusiasmo em conhecer esses países do ultramar, dos quais tanto lhe falara seu pai, o escultor Harvoth, e Menandro, o sacerdote de Homero, daquela deliciosa Ribla nas margens do Rio Orontes.

O Scheiff Ilderin, aliado do Rei Hareth de Petra e do príncipe Hartath, de Damasco, encontrava-se desde há algum tempo envolvido na luta mantida nessa parte da Arábia para conter as legiões romanas que pugnavam por estender-se para o leste.

O ancião Simônides abarcou de um só golpe de vista o cenário que se apresentaria diante do Soberano Rei de Israel, segundo ele dizia, nesta saída, como Apóstolo, pelas cidades da Palestina e da Síria. Havia ficado com sua filha Sabat, como dono e

senhor do palácio de Ithamar em Jerusalém, com o jovem mordomo Othoniel de Tolemaida e os antigos criados da casa.

Nada escapava ao seu olhar de lince, e pensou nas graves dificuldades em que poderia encontrar-se o jovem Mestre nas situações anormais em que se encontrava o país.

Despachou correios urgentes ao príncipe Hartath, etnarca de Damasco, ao Scheiff Ilderin, habitualmente residente em seu castelo de Bozra, ao pé do Monte Bazan, não obstante suas hostes correrem de Filadélfia até Hauran; e também enviou mensagens a seus agentes de confiança em Tiro, Sidon e Antioquia, para vigiarem, sem molestar, o passo silencioso daquele Missionário humilde que, sendo o Soberano Rei de Israel, segundo Simônides, se empenhava em viajar incógnito para observar sem ser observado e pôr-se assim em condições de fazer a felicidade de seu povo, que conhecia como a palma de suas mãos.

Tais eram os pensamentos do previdente ancião administrador da mais colossal fortuna existente naquele tempo e naquela região da terra.

Durante o tempo em que esteve inválido, amarrado a uma poltrona, havia negociado habilmente com príncipes e caudilhos do Oriente e do Ocidente, quando estava tratando da realização dos sonhos de toda a sua vida. Poderia permitir agora que o jovem Messias, Salvador do Oriente oprimido, se expusesse a sofrer as conseqüências de suas inexperiências em países distantes?

"É verdade," acrescentou em suas reflexões, "que o Senhor mandará seu anjos para guardá-lo; entretanto, parece-me que os anjos não conhecem todas as infâmias de que são capazes os homens para desbaratar os propósitos do Justo. Ah, Simônides! ... Boa é a guarda dos anjos, alguns vigiando com os olhos bem abertos e outros com braços de ferro e peitos leais, porém jamais perdoarias a ti mesmo se acontecesse algum contratempo ao teu Rei."

Dos jovens árabes trazidos por Jhasua do Monte Hor, Simônides ficara com dez deles, e integrou-os em suas imensas atividades comerciais de tal forma que, disse ele: "Se Deus tirar-me desta vida, não faltarão servidores eficientes para o Soberano Rei de Israel. Que melhores mensageiros para o príncipe Hartath de Damasco e para o Scheiff Ilderin, ambos chefes e caudilhos da Arábia, vizinha imediata da Síria?"

Com cavalos árabes do Nedjed, correndo como o vento, e com ricos presentes, que consistiam em cinturões de rede de ouro adornados com esmeraldas da Pérsia, saíram de Jerusalém dois robustos moços de 24 anos que tinham sido libertados pelo príncipe Melchor de cair nas garras da águia romana como prisioneiros de guerra.

Um deles tomou o caminho do leste por Filadélfia até Bozra. O outro tomou o caminho do norte, por Sevthópolis e Cesaréia de Filipos, até Damasco.

Nesta última cidade, ambos deviam encontrar-se e hospedar-se numa pousada que existia na grande avenida das colunatas de Tarik-el-Adwa, para cujo dono, muito conhecido de Simônides, levavam cartas de recomendação e cartas de crédito para tudo quanto pudessem necessitar.

– Sereis os anjos guardiães do nosso futuro Rei – dissera Simônides ao despedir-se deles na porta das cavalariças do palácio, na penumbra da primeira aurora do dia, quando a velha cidade de David ainda não havia despertado para as atividades diárias. – No entanto, assim como os anjos do Senhor são invisíveis, vós também deveis sê-lo para aquele a quem guardais – havia-lhes dito o sagaz ancião. – Vossa missão se reduz em impedir que qualquer perverso, encoberto ou descoberto, se permita causar-lhe qualquer dano por menor que seja.

Com idênticas instruções, saíram no mesmo dia e na mesma hora os outros correios para Tiro, Sidon e Antioquia.

– Se cumprirdes vossa missão como desejo – acrescentou o bom velho – tende a certeza de que fizestes a vossa fortuna, pois o meu amo, o príncipe Judá, vos compensará esplendidamente quando quiserdes formar o vosso lar. Lembrai-vos de que sois filhos adotivos do príncipe Melchor, e que a ele honrais com o vosso cumprimento.

Estimulados grandemente pela confiança neles depositada e pelas atraentes promessas, os cinco correios de Simônides se despediram uns dos outros na praça das caravanas, onde iniciavam os caminhos que deveriam seguir.

Providos dos respectivos passes, que o ouro de Simônides conseguia com inaudita facilidade das autoridades romanas, bem armados e equipados, tudo o mais dependeria de seu talento e da proteção de Deus.

Se a meiga e terna Myriam tivesse sabido dessas precauções tomadas bem antes de seu filho deixar a casa de Nazareth, pensaria que a Providência do Pai Celestial tinha um agente na Terra, e que este era Simônides, preocupado em cuidar da vida de Jhasua.

As últimas sombras da noite ainda envolviam a tranqüila cidade de Nazareth quando Jhasua e o tio Jaime começaram sua viagem para o norte, pela rota das caravanas.

O caminho de Nazareth e Tiberias era formosíssimo por seus esplêndidos panoramas de montanhas cobertas de frondosas árvores, a cuja sombra pastavam rebanhos de ovelhas tão mansas que não fugiam dos viajantes.

Costeando o lago Tiberíades, chegaram aos muros da magnífica cidade quando caía a tarde. Vivia ali um Essênio de segundo grau, cujo nome era Hanani e era irmão de Lidda, esposa de Simão da Galiléia (aquele que mais tarde foi Pedro, o apóstolo).

Era Hanani o encarregado pela Santa Aliança de repartir ali os socorros aos necessitados. Sua casa foi a escolhida pelos nossos viajantes para passar a noite.

Esse bom casal conhecia Jhasua desde a adolescência, quando esteve vários anos no Santuário do Monte Tabor, do qual eram porteiros os anciãos pais de Simão, segundo o leitor lembrará perfeitamente. A chegada do filho de Myriam e de Joseph, foi, pois, para aquela boa gente, algo assim como se um pedaço do céu houvesse descido à sua casa.

Não obstante essa honrada família ignorasse que na personalidade de Jhasua estava encarnado o Verbo Divino, o Messias aguardado por Israel, tinha ouvido desde há muitos anos que grandes desígnios divinos marcavam seus passos sobre a Terra.

Com o casal viviam suas duas filhas, Raquel e Fatmé, e a mãe de Hanani, Salma. Elas trabalhavam em tapeçaria de móveis finos, ocupando o tempo restante de suas tarefas em procurar os necessitados para socorrê-los com os donativos da Santa Aliança.

Havia na casa um imenso pesar em ver Fatmé, a mais idosa das duas filhas, esgotando-se dia após dia, pois seu peito a oprimia e uma tosse espantosa tirava todas as suas forças.

O jovem Mestre fixou nela os olhos e compreendeu imediatamente sua enfermidade moral e física. Fatmé estava, na verdade, ferida de morte, e ela o sabia. Queria morrer e a morte aproximava-se dela apressadamente.

A moça não quis sentar-se nessa noite à mesa para que sua lastimosa presença de enferma não entristecesse seus hóspedes.

– Fatmé – disse prontamente Jhasua –, sentar-te-ás a meu lado, porque precisamos ser bons amigos.

– Estou doente, Senhor! ...

– Nada de Senhor ... eu sou Jhasua! Vem Fatmé! – e o jovem Mestre fez um lugar ao seu lado.

– Anda filha, anda – disse Sulama, a mãe.

– Comerás comigo desta travessa e desta cestinha, e comerás tudo quanto eu comer. Beberás vinho da minha taça, e este formoso pão dourado é para nós dois.

A família observava esta cena como uma das manifestações de delicada piedade que se comentava como bastante usuais no jovem Profeta.

E todos viram que Fatmé comeu admiravelmente, não tendo ocorrido um único acesso de tosse.

– Agora daremos um passeio pela margem do lago, e quem quiser acompanhar-nos pode vir.

As primeiras sombras da noite apareciam como salpicadas com as primeiras estrelas, e uma prateada meia-lua em crescente vertia suave luz como uma carícia.

Foram com eles Hanani e o tio Jaime, pois as outras mulheres da casa deveriam preparar os leitos e aposentos para os viajantes.

O Mar da Galiléia, como freqüentemente chamavam ao lago de Tiberíades, aparecia como uma balsa de prata, com o suave reflexo da lua e das estrelas.

O nome de Tiberíades soava a paganismo entre os bons israelitas, pois fora imposto por Herodes, associando-o ao nome da faustosa cidade levantada por ele em honra de Tibério César. Por essa razão, os israelitas galileus continuavam chamando aquele imenso lago pelo seu velho nome: *Mar da Galiléia.*

– Não tens uma barca, Hanani, na qual possamos navegar um pouco? – perguntou Jhasua ao dono da casa.

– Eu não tenho nenhuma mas todas essas, ancoradas na margem, pertencem aos pescadores que trabalham por conta de Simão, meu cunhado, e podemos dispor de uma delas. – E, aproximando-se de dois homens que assavam um pescado num pequeno fogo, disse: – Amigos, sois pescadores de Simão?

– Sim, amo – responderam –, o que mandais?

– Queremos emprestada a vossa barca por uma hora, enquanto preparais a vossa ceia.

– Sois o cunhado do amo – disse um deles –, usai pois a barca durante todo o tempo que quiserdes. Suponho que sabeis remar.

– Oh! Quanto a isso – disse o tio Jaime – todos aqui somos mestres.

Hanani levantou Fatmé, nos braços, que era miudinha de corpo, e sentou-a na popa.

Logo em seguida, subiram os três. Hanani tomou os remos, o tio Jaime o timão e Jhasua sentou-se ao lado da pobre enferma.

Ouçamos, leitor amigo, o diálogo do Cristo da Piedade com a triste Fatmé, tuberculosa em último grau.

– Agrada-te o mar, Fatmé? – perguntou o Mestre.

– Oh, muito, Senhor! ... porém, como há tanto trabalho em casa e não me deixam vir sozinha, só venho ao mar com Raquel aos sábados, ao sair da Sinagoga. Ficamos aqui até a nona hora. Os pescadores convidam-nos para participar de sua merenda, ou as donzelas do castelo nos presenteiam com guloseimas e frutas.

– De que castelo falas?

– Daquele cujas torres parecem prateadas com a luz branca da lua.

– Ah! ... O Castelo de Mágdalo – disse o Mestre. – É um homem rico muito bom; pelo menos ele pensa em se desprender do que lhe sobra para dar àqueles a quem falta tudo.

– Pena que já tenha morrido! – exclamou Fatmé.

– Quem mora, então, no castelo?

– Sua filha com um velho mestre grego e uma aia, também grega. Tem numerosa criadagem, porque parece que a filha não é mesquinha com a sua riqueza pois coloca entre os operários e criados todos os que chegam pedindo trabalho. Ela é dona de uma bela embarcação na qual percorre o mar com suas donzelas. Eram amigas nossas. Entretanto, desde que fiquei doente, não vieram mais conversar conosco. Devem ter medo do meu mal.

Os olhos de Fatmé enuviaram-se de lágrimas.

– Assim é a insuficiência dos homens diante dos males que o seu requintado egoísmo não sabe remediar.

– Tu és, Senhor, a única pessoa que não tem medo da minha doença!

– Fatmé, criatura de Deus! ... Acreditas que o Divino Poder pode salvar-te por meu intermédio? – Ao fazer esta pergunta, Jhasua tomou uma das mãos da jovem.

– Claro, Senhor! ... Porque sei que és um Profeta do Altíssimo – respondeu a donzela, olhando como que eletrizada para os olhos de Jhasua, cuja luz parecia ser uma única com a luz irradiada pelas estrelas na noite.

– Bem, Fatmé! Tua íntima adoração a Deus te predispõe à cura, porque a bondade do Pai Celestial colocou em minhas mãos força para destruir o mal. Tua fé em mim dá suficiente energia à minha força sobre o mal.

"Jhasua, o Profeta de Deus, te diz: Criatura de Deus! ... Já estás curada!"

A pobre enferma sofreu ligeira crise, como se a vibração poderosa dessas palavras tivesse produzido nela uma forte sacudidela. Fatmé teria caído ao fundo do barco se o Mestre não a tivesse segurado no momento oportuno.

Com a mão ele alçou água do lago e umedeceu-lhe o rosto, cuja palidez se confundia com o da branca mantilha que lhe cobria a cabeça.

Hanani acudiu alarmado.

– Tua filha já está salva – disse simplesmente o Mestre. – Agora só precisa de umas horas de completo repouso.

– Levemo-la para casa – insinuou o pai.

– Ainda não – disse Jhasua. – Ela repousará aqui mesmo. – Da pequena cabine da barca trouxeram mantas e a cobriram.

– Continua remando – disse o Mestre. – Eu a despertarei quando for chegada a hora.

Tio Jaime, vendo o assombro e o alarme de Hanani, disse-lhe do timão:

– Deixa-o, Hanani, pois estas maravilhas são feitas diariamente por Jehová quando o amor e a fé permanecem unidos.

– Mas ela parece morta! – exclamou aterrado o pobre pai.

Jhasua olhava fixamente para o rosto branco da jovem, que se assemelhava a uma estátua jacente de branco marfim. Também ele parecia uma estátua imóvel, sentado diante da enferma.

– Amigo! ... – murmurou tio Jaime a meia-voz. – Continua remando e deixa que Deus termine a sua obra.

O bom Hanani não conseguia acertar novamente o ritmo dos remos e um tremor nervoso parecia ter-se apoderado dele.

A barquinha afastou-se da costa e continuou vogando serenamente para o norte, mais impulsionada pelo vento suave do sul do que pelos remos desigualmente manobrados pelo pai de Fatmé.

Um incêndio dourado de inúmeras tochas no cais e nos jardins do Castelo de Mágdalo chamou a atenção do tio Jaime que, em voz muito baixa, perguntou a seu companheiro:

– Que ocorre ali que faz o bosque arder?

– Não está ardendo. É o banquete pagão da grega que está recebendo nesta noite em sua casa o Rei Antipas com sua corte. Se tivéssemos para os nossos anciãos e órfãos o ouro que é malbaratado ali em manjares deliciosos e em jóias de alto preço, não haveria ninguém com fome nas terras de Salomão.

– Mas esse é um Rei ou um sedutor de donzelas? – perguntou novamente o tio Jaime, mais para distrair Hanani do que por interesse no assunto em si.

– Ele se julga um Rei, mas não passa de um vicioso enganador de mulheres incautas e vaidosas. Dizem que brigou com sua terceira mulher, e quer suplantá-la com a grega. No entanto, parece que ela escapa de suas mãos como uma enguia ao mau pescador. A Musa é altiva e não lhe agrada as sobras de ninguém.

"Dizem que está esperando um príncipe azul que vem de além-mar. Da terra de seu pai, sem dúvida. Minha pobre Fatmé a queria muito, porque quando eram meninas brincavam juntas nos jardins do castelo; entretanto, quando começou o seu mal, a velha aia proibiu Fatmé de voltar ali. A jovem ama é de bom coração e manda para a minha Fatmé as melhores frutas e os vinhos finos que ali são bebidos. Um dia mandou também um médico famoso vindo de Sidon, mas ele retirou-se assustado, dizendo que era inútil tudo quanto se fizesse para curar a minha filha, cujo mal estava no último grau.

– Já verás, Hanani, como Deus a curou por intermédio de Jhasua.

Ambos baixaram ainda mais a voz.

– Contudo, dize-me, bom Jaime. Quem é Jhasua? – perguntou Hanani com ar de mistério.

– Jhasua é ... Jhasua, é filho de Myriam e de Joseph. Porventura não sabes?

– Sim, sim ... isso eu sei; no entanto, parece-me que ele é algo mais que o filho de Myriam e de Joseph! Por aqui andou um enviado do príncipe Judá, filho de Ithamar, aquele que foi afogado pelos piratas, e disse que, em Jerusalém se sussurra que *ele é o Messias*, o futuro Rei de Israel. Se esse palhaço de circo, que se pavoneia ali no castelo da grega soubesse que a poucas braças dele, nesta noite, numa barca de pescador, está Aquele que vai lançar-lhe terra nos olhos! ... Bendito Jehová! Quantos males não haveríamos de passar tu e eu, meu bom Jaime!

Tio Jaime sorriu francamente, mas seu sorriso perdeu-se na penumbra.

– E que vinha fazer aqui esse enviado do príncipe Judá? – perguntou novamente o tio Jaime.

– Olha, Jaime, isto é um grande segredo! ... Vinha trazer ordens e passar em revista os novos contingentes de jovens galileus que, todos os meses, se alistam para o adestramento nos Montes Jebel.

– Adestramento!? ... E para quê?

– Pois, homem! Não estás mesmo a par das notícias. Julgava-te melhor inteirado do que eu. Está sendo formado um grande exército para expulsar de Israel toda esta raposia daninha de idumeus e romanos que se apoderaram da nossa terra – respondeu quase em segredo Hanani, como se temesse que até as pedras da costa o escutassem.

Tio Jaime permaneceu pensativo, e pela sua mente passou como um relâmpago a idéia de que a viagem de Jhasua tivesse alguma relação com a notícia que acabava de saber.

A conversa terminou porque estavam diante do Castelo de Mágdalo, de cujos jardins iluminados saía, como em torrente, melodias, cantos e risos, que pareciam ir romper-se nas ondas do lago, ligeiramente encrespadas pelo vento.

Jhasua havia despertado Fatmé que, de pé na barca, olhava com tristeza para o castelo.

– Como são felizes essas pessoas! – exclamou ela ao ouvir a algazarra do festim.

– Muito mais feliz és tu, Fatmé, que atraíste a Bondade Suprema do Pai para curar o teu mal – respondeu Jhasua. – Esse castelo está cheio de mortos que dançam e riem, porque não sabem que estão mortos.

– Mortos! ... – exclamou a jovem. – Mas Maria também está morta?

– Quem é Maria? – perguntou Jhasua.

– A senhora do castelo. É uma jovem muito bonita e ... era minha amiga até que este horrível mal me afastou de todos.

– E chamas de amiga a quem te abandonou na dor? – perguntou novamente Jhasua.

– A vida nos é mais querida que os amigos – disse Fatmé. – E como Maria não há de amar a vida, se está rodeada de encantos? Jovem, bonita e rica. Que mais se pode desejar?

– Talvez esteja sendo estimulada pelos seus deuses – respondeu Jhasua. – Acreditas, Fatmé, que a felicidade está nas riquezas? Se queres continuar a amizade com a castelã, amanhã virás ao castelo e lhe dirás: "O Deus de meus pais curou o meu mal! Queres que novamente sejamos amigas?"

"Quando eu voltar à Galiléia dir-me-ás se a castelã de Mágdalo é feliz ou se seu afã pelas festas é para acalmar o tédio e o fastio por todas as coisas."

– Por que falas assim, Senhor? ...

– Não sei realmente, Fatmé, porém parece-me que existe algo como um halo de tristeza flutuando por cima de toda essa algazarra que vem do castelo como um turbilhão.

Quando Hanani se deu conta de que sua filha havia despertado, esqueceu o castelo, o rei-palhaço de circo, o adestramento dos Montes Jebel e o enviado do príncipe Judá.

– Estou curada, pai! ... – foi a primeira palavra que ele ouviu. – Foi-se a fadiga, a tosse e me sinto forte como o era há dois anos.

– Bendito seja o Deus de Abraham, de Isaac e de Jacob! – exclamou o bom pai quase sem acreditar no que via.

– Dá-me os remos, pai, e verás – disse a moça, fazendo gestos para tomá-los.

– Entrega-os, homem, entrega-os – disse o Mestre –, pois, quando o Amor do Pai faz as coisas, as faz muito bem-feitas.

Fatmé ocupou o banquinho do remeiro e deu à barca um impulso tão vigoroso que, alguns momentos depois, ficava muito para trás o castelo e o vivo resplendor de suas luminárias.

A moça sentia-se como embriagada de vigor, de forças e de energia.

– Regressemos, tio Jaime – disse o Mestre. – Tiberias fica distante e o vento é contrário.

Uma hora depois, saltavam na costa, onde encontraram toda a família que, com os pescadores donos da barca, comentavam alarmados a demora.

– Que ocorreu convosco? – perguntou a mãe aproximando-se primeiro da filha, espantada por tê-la visto remando tão vigorosamente.

– Nada desagradável – respondeu Jhasua. – O Pai Celestial quis curar tua filha com os ares do mar e, como podes ver, remou desde o Castelo de Mágdalo até aqui.

– Jehová bendito! ... Mas é verdade? – E as três mulheres rodearam Fatmé que irradiava de si uma imensa felicidade.

A cura de seus pulmões ulcerados, o esforço despendido ao remar, a certeza

plena de ver-se livre do horrível mal, tudo enfim dava àquela criatura um aspecto de beleza e de saúde que levou a mãe e a avó a romperem em copioso pranto enquanto beijavam a fímbria do manto de Jhasua, suas mãos e a túnica ... A anciã Salma disse:

– Tu a curaste, Jhasua! ... Então é verdade que és o Messias esperado por Israel! ...

"Tuas obras o confirmam! Sabemos grandes coisas de ti, filho de Myriam."

As exclamações de admiração e de assombro seguiram-se sem interrupção.

O Mestre permaneceu calado pelas ruas de Tiberias até a casa de Hanani.

– Quando o lavrador recolhe os frutos – disse Jhasua – abençoa o Senhor e sente-se cheio de otimismo, e seu entusiasmo é como um salmo cantado ao amanhecer. No entanto, quando aparece a tempestade, e o furacão destroça as árvores e as colheitas, o ânimo cai por terra e o pensamento de Deus se perde entre queixas e lamentações.

– Com isto queres dizer – perguntou Hanani – que na minha família teremos desgraças?

– Não, meu amigo! – respondeu Jhasua. – Eu apenas queria dizer-vos que devereis fortalecer vossa fé com as dádivas de Deus, agora ao recebê-las tão abundantemente, para que, quando chegar o dia em que não as receberdes deste mesmo modo e vos parecer que desapareceu a esperança de recebê-las novamente, não murmureis contra o Pai Celestial nem contra o Seu Profeta. Deus visita com seus favores seus filhos quando Lhe agrada e os prova com a dor, de acordo com os caminhos escolhidos por eles, porque Ele está tanto na dor como na alegria, se temos uma fé viva para encontrá-Lo da mesma maneira por entre lágrimas como em meio a sorrisos.

Hanani, caminhando atrás com o tio Jaime, disse em voz muito baixa:

– Casualmente acabo de me convencer que Jhasua é o Messias anunciado pelos Profetas.

– Por que concluis assim? – perguntou o tio Jaime.

– Isaías o diz: "*Varão de dores, o chamarão; como ovelha, será levado para a morte e, como cordeiro, mudo diante daquele que o tosquia, assim não abriu a sua boca.*" Compreendi, amigo Jaime, que este novo Profeta do Senhor já viu no azul do céu o seu fim, e nos prepara para não duvidarmos do Poder de Deus quando o Ungido for sacrificado como o foram todos os maiores Profetas.

– Teu raciocínio é rápido, Hanani, e apanhaste em vôo o pensamento de Jhasua. Acreditas, porventura, que ele está comprometido na causa desse exército que asseguras está se adestrando nos Montes Jebel com a finalidade de expulsar os invasores? – perguntou o tio Jaime quase ao ouvido de seu interlocutor.

– Pode ser que dali sopre o furacão. Contudo, se ele deve ser o Libertador de Israel e o seu Rei eterno, como dizem também as profecias, terá que se arriscar mesmo à custa da sua própria vida – respondeu Hanani. – Intrincado labirinto é este das profecias, pois parecem contradizer-se umas às outras!

– No templo de Jerusalém, ouvi polêmicas calorosas sobre este tema das profecias messiânicas, e te digo a verdade, Hanani: nem os próprios doutores da Lei a entendem. Há pouco tempo acompanhei Jhasua ao Monte Hor, lá junto a Sela, no Edem. Numa reunião de dez Mestres vindos de diferentes países, Jhasua, o único jovem, tinha a presidência de todas as reuniões. Isso quer dizer muito, não é verdade, Hanani?

– Acredito que sim!

– Pois bem. De alguns deles, quando se despediram de Jhasua, ouvi dizer: "*Do mesmo modo como agora, quando chegar a tua hora, nossa íntima convicção de investidura eterna acompanhar-te-á para dizer:*

"Ungido do Altíssimo! ... Teu Reino não está neste Mundo." E Jhasua, com admirável serenidade, respondeu: *"Eu o sei perfeitamente! Mantende a vossa palavra."*

– Santo Deus dos Céus! ... – disse Hanani com religioso pavor. – Que virá sobre o nosso povo se o Ungido de Jehová se deixar imolar?

Quando se sentaram à mesa para a ceia, uma alegria transbordante brilhava em todos os rostos menos no rosto austero de Hanani, a meditar nas palavras do tio Jaime.

Jhasua sentiu a vibração dolorosa de seus pensamentos e, procurando tirá-lo desse estado, disse:

– Bom amigo Hanani. Todas as vezes que eu vier a Tiberias, hospedar-me-ei na tua casa, e mais adiante não virei com o tio Jaime apenas. Com isto ficas sabendo que precisarás ampliar a tua casa se quiseres cumprir com perfeição a lei da hospitalidade.

– Oh, meu Senhor! ... Quantas vezes virá ainda à minha casa?

– Por que me chamas agora de *Senhor* e não simplesmente de Jhasua? Quem me engrandeceu diante de ti?

– Quem? As tuas obras, Senhor, e o grito de meu coração está me dizendo: *"É Ele, e este mundo o ignora!"*

– "Deus dá a sua luz aos humildes e a esconde aos soberbos", diz a Sagrada Escritura – respondeu Jhasua.

Os olhos de Hanani mantiveram-se fixos durante alguns instantes nos de Jhasua que, ao manter esse olhar, transmitiu ao seu espírito a divina revelação que ele buscava.

– Tu me deste, Senhor, muito mais do que eu mereço! A Luz de Deus desceu à minha casa!

E o nobre Hanani baixou os olhos para a comida que tinha diante de si a fim de dissimular a profunda emoção que lhe embargara o espírito.

Ele acabava de encontrar o Messias anunciado pelos Profetas em Jhasua, filho de Myriam e de Joseph.

Em Corazin

Na manhã seguinte Jhasua empreendeu a viagem acompanhado também de Hanani, que contratou o trabalho de três muladeiros, e seguiu até Corazin. Hanani contava com a boa vontade de dois irmãos mais moços, Essênios do primeiro grau, que moravam ali para que, por intermédio de um grupo de cortadores de madeira dos bosques da Ituréia, dependentes deles, protegessem a viagem de Jhasua nessa perigosa região.

– Não está certo, Hanani, pôr em movimento todos os teus parentes para me servir de guarda – disse sorrindo o Mestre, vendo o fervor do bom homem em evitar-lhe todos os perigos.

– Se há de ocorrer-vos algum contratempo, que não seja por negligência minha – respondeu ele e continuou viajando junto de Jhasua, sem concordar em voltar, por mais que lhe pedissem.

Ao tranqüilo passo de seus jumentos, palestravam sobre as arbitrárias imposições do invasor nas cidades, que empobreciam dia após dia por causa de impostos e contribuições de toda espécie. O Templo de Jerusalém, com sua numerosa corte de sacerdotes e levitas, era como um enorme ventre que engolia em dízimos e primícias o melhor das colheitas, dos rebanhos, das manadas e de tudo quanto se produzia.

Além disso havia os animais que eram destinados aos sacrifícios, cujo número as novas instruções aumentava até o inverossímil em razão de pequeníssimas transgressões, às vezes involuntárias, e das regras disciplinares impostas sobre os fiéis.

Todos clamavam pelo Messias Libertador de Israel porque o fantasma da fome assomava sua face pavorosa na classe média, nos lares humildes, onde às vezes o único alimento consistia em tortas de trigo esmagado e bolotas silvestres.

Os donativos da Santa Aliança eram abundantes, mas o povo era numeroso e os salários, para os que não eram romanos, haviam baixado à metade de seu valor.

Os lavradores abandonavam suas enxadas e pás. Os pastores abandonavam seus rebanhos. Que os levassem os arrecadadores do fisco ou os do templo, era a mesma coisa para eles, que também não se importavam quando suas reses eram devoradas pelas feras.

"São lobos uns e outros a devorar o que não produziram", diziam. E o povo ia enchendo-se de amargo fel, e acabava por alistar-se aos montões nessas misteriosas fileiras onde era adestrado secretamente para uma luta sem quartel contra a miséria que ameaçava o país.

– Nada disto eu quis dizer-te na minha casa, Senhor – disse Hanani ao Mestre –, para não assustar minha mãe, minha mulher e minhas filhas que já tinham muitos problemas com a doença de Fatmé. Além disso, não fazemos parte dos que estão em piores condições, porque nosso trabalho de tapeçaria é pago por pessoas de posses. Os divãs, os canapés, as carruagens dos cortesãos do Rei Antipas e dos magnatas romanos deixam-nos um lucro razoável que dá perfeitamente para viver sem a ameaça da fome ...

Jhasua ouvia em silêncio e sua alma foi se enchendo de amargura perante a dor desse povo em cujo meio havia nascido e para o qual estava certo de não poder dizer:

"Vinde atrás de mim que serei o Rei da Paz, da Justiça e da Piedade que necessitais."

Ele podia dizer-lhes apenas:

"Eu serei a vossa luz e o vosso guia nas trevas! ... Vinde a mim todos os que levais pesados fardos, que eu vos aliviarei! ...

"Vinde a mim todos os que chorais, porque eu vos consolarei com a promessa de bens eternos.

"Bem-aventurados os pobres, porque deles é o Reino dos Céus!

"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos."

No entanto, Jhasua sentia o clamor do povo que lhe respondia:

"Enquanto não chegam os bens eternos, o Reino dos Céus e a fartura de justiça, com que acenderemos o fogo, com que amassaremos o pão, com que cobriremos o corpo ... com que pagaremos o nosso teto? ..."

– Cala-te, Hanani, cala-te por piedade – exclamou Jhasua, largando as rédeas e apertando o peito com ambas as mãos. Era o seu próprio pensamento que falava e a ele parecia ser Hanani esse homem do povo que clamava.

– Senhor! ... Já faz bastante tempo que estamos em silêncio – disse Hanani, descendo da cavalgadura para socorrer Jhasua, cuja palidez o espantava.

O tio Jaime, que ficara um pouco para trás, aproximou-se também.

– Que aconteceu? – perguntou, com visível preocupação.

– Um ligeiro desvanecimento. Não é nada – respondeu Jhasua.

– A jornada foi longa, mas já chegaremos a Corazin e te recuperarás em seguida. – O bom tio Jaime tirou da sacola de mão um pequeno frasco de licor de cerejas e o deu de beber a Jhasua.

– Bebe tu também, Hanani, pois pareces mais morto do que vivo – acrescentou entregando-lhe o elixir.

Poucos momentos depois entravam na pitoresca cidade de Corazin, cujas brancas muralhas pareciam de mármore entre a escura folhagem das nogueiras e dos castanheiros.

Felizmente, a casa dos irmãos de Hanani estava próxima da Porta do Oriente chamada "*do Jordão*", porque ali começava o aqueduto por onde vinha do rio a água para a regagem de jardins, hortos e plantações.

A casa era uma grande oficina de carpintaria e depósito de madeiras. Ambos os irmãos eram casados e tinham filhos pequenos. Eram mais rústicos que o irmão mais velho, pelo qual devotavam grande respeito quase como a seu pai, pois ele havia sido para eles um pai desde que ficaram órfãos em sua primeira juventude.

Numa velha torre meio destruída, num dos mais pobres bairros da cidade, os Terapeutas procedentes do Santuário do Tabor tinham instalado um mísero refúgio para enfermos e anciãos sem família.

Esses Terapeutas haviam neutralizado na povoação hebréia o desprezo com que olhavam para os dois irmãos quando estes tomaram para esposas duas irmãs da raça árabe, entre os vizinhos hauranitas. Em suas viagens de transporte de madeiras dos bosques do Hauran, foram socorridos numa crítica situação por uma tribo árabe ali radicada.

Aceitando em parte as minuciosas e pesadas instruções disciplinares dos filhos de Israel, elas suavizaram também um pouco a desconfiança dos correligionários de seus maridos. Apesar de tudo, as duas irmãs Aminé e Zarga não eram felizes, porque seus maridos, influenciados pelos de sua raça e religião, começaram a tratá-las depreciativamente, como a uma raça inferior e quase indignas deles.

Os primeiros rebentos haviam nascido meninas; no entanto, quando pouco depois nasceram varões, o distanciamento cresceu muito em virtude da lei hebréia determinar a circuncisão e as mães árabes se oporem horrorizadas diante de uma crueldade que, entre os de sua raça, não se usava sequer em animais. De acordo com a lei hebréia, aos oito dias do nascimento devia ser efetuada a circuncisão, e os dois garotos, nascidos de ambos os matrimônios, já tinham vários meses.

As infelizes mães que haviam perdido grande parte do respeito e do carinho de seus maridos, estavam se preparando mui secretamente para fugir para o Hauran, a fim de viver entre as pessoas de sua raça e religião.

Quando ali chegaram os nossos viajantes, existia na casa uma atmosfera pesada de incompreensão e desconfiança recíprocas, que estava tornando a vida por demais angustiosa e amarga.

Muito embora os dois irmãos Semei e Joab tenham recebido carinhosamente Hanani e seus companheiros de viagem, não conseguiram esconder a tristeza e o desgosto de que estavam possuídos, principalmente quando entraram na casa e viram apenas dois velhos criados cuidando do fogo e preparando a refeição.

– E vossas mulheres e crianças, onde estão? – perguntou Hanani, estranhando a sensação de vazio observada ali.

– Em suas alcovas – respondeu um deles, e desviou a conversação, mencionando os êxitos obtidos ali pela Santa Aliança.

Os dois faziam parte dos primeiros filiados, embora o principal dirigente fosse o patriarca Zacarias, como chamavam a um bom ancião que tinha em sua casa uma Sinagoga e desfrutava da fama de ser um piedoso filho de Abraham.

– Estes companheiros de viagem – disse Hanani, apresentando Jhasua e o tio

Jaime – são os fundadores e dirigentes da Santa Aliança de Jerusalém. Passaremos a noite aqui e amanhã eles seguirão viagem para Cesaréia de Filipos, enquanto eu regressarei a Tiberias.

Ao ouvir isto, o mais velho dos dois irmãos se aproximou dos criados e deu-lhes ordens em voz baixa.

Jhasua, oprimido pelo cansaço e, principalmente, pela angustiosa indisposição que existira naquela casa, sentou-se no primeiro estrado que encontrou junto da porta. O tio Jaime, menos sensível, começou a dar passos distraídos pelo aposento, e parecia que sua percepção do ambiente não era tão acentuada.

Hanani, inquieto com a ausência das cunhadas, indagou do mais moço de seus irmãos os verdadeiros motivos. Este, um tanto inibido e envergonhado, falou-lhe em particular e explicou o que se passava.

– Eu já vos havia dito quando realizastes este casamento que somente um grande amor vos salvaria do triste final a que chegastes – disse Hanani pensativo. – O mais jovem dos viajantes – continuou dizendo – é um grande Profeta de Deus, diante do qual até os anciãos doutores inclinam sua fronte. Submeteremos o vosso caso ao seu juízo, e o seu conselho será uma lei para vós. É um homem extraordinário! Basta dizer que, numa noite de hospedagem em minha casa, curou Fatmé, e bem sabes qual era o seu estado! ...

– Como? ... Curou a tua filha? ... Mas os médicos asseguravam que ela teria vida apenas para duas luas?! ...

– É como eu digo: Ele a curou!

Semei voltou os olhos para Jhasua e examinou-o longamente.

– Quão formosa é a majestade a rodeá-lo! – exclamou. – Parece um Rei! ...

– Logo será – disse Hanani, quase ao ouvido do seu irmão. – Dizem que ele é o Messias Salvador de Israel. Mas, silêncio, pois ainda não se pode repetir isto em voz alta.

– Jehová bendito! ... E o trouxeste à minha casa manchada por duas mulheres rebeldes à nossa Lei ... Que ele não o saiba, porque fugirá como da peste! ...

– Fugir? ... Ele? ... Não sabes o que dizes – respondeu novamente Hanani.

– Teus irmãos, Hanani – disse imediatamente o jovem Mestre –, não sabem certamente quais os fins perseguidos pela Santa Aliança.

Os três homens rodearam Jhasua.

– Explica-lhes, Senhor, pois ninguém melhor do que tu pode fazê-lo – disse Hanani.

– É antes de tudo e acima de tudo uma instituição baseada no amor de uns para com os outros. Parece-me que vós, Joab e Semei, ignorais este princípio, base e fundamento da Santa Aliança.

– Por que dizeis isto, Senhor? – perguntaram ambos ao mesmo tempo.

– Porque sei que tendes esposas e filhos pequenos, que são a beleza do lar e os relegais a um lugar escondido de vossa casa como se fossem um estorvo para vós.

"A Santa Aliança é amor ... puro amor, e aqui o amor fugiu, deixando em seu lugar o receio e a desconfiança. Ao receber vossos nomes na Santa Aliança, não vos explicaram provavelmente o seu significado ..."

– Sim, Senhor ... O patriarca Zacarias explicou-nos tudo ... No entanto, há circunstâncias especiais na vida que nos criam obstáculos intransponíveis ... – respondeu Joab.

– Estais cometendo um erro, meus amigos – insistiu o Mestre. – Não há obstáculos intransponíveis quando existe um amor verdadeiro. Desde minha entrada em vossa casa eu compreendi que não sois felizes e que uma grande incompreensão vos separa de vossas esposas e vos afasta de vossos filhos.

Os dois irmãos se entreolharam sem conseguir dizer palavra.

– Perdoai-me – continuou o Mestre –, porém causa-me tanto sofrimento a vossa amarga tristeza que quero, a todo o custo, fazê-la desaparecer daqui. Viajo para levar a paz e a tranqüilidade a todas as almas, e não faria justiça a mim mesmo aceitando vossa hospitalidade e deixando a angústia em vosso coração.

"Trazei aqui vossas esposas e vossos filhos."

– Senhor – disse o mais velho – cometemos a loucura de casar-nos com mulheres de outra raça, e elas são rebeldes à nossa Lei.

– Hanani, creio que conheces bem a Lei de Moisés ... Queres ter a bondade de repeti-la em voz alta?

Hanani começou a recitar:

"Amarás ao Senhor teu Deus, com todas as forças da tua alma, e não te inclinarás perante imagem alguma feita pelo homem, mas adorarás a teu Deus em espírito e verdade.

"Não tomarás o Nome de Deus em vão.

"Santificarás o sábado, com o descanso de todos os moradores da tua casa.

"Honrarás a teu pai e a tua mãe.

"Não matarás.

"Não cometerás adultério.

"Não furtarás.

"Não levantarás falso testemunho.

"Não desejarás a mulher do teu próximo.

"Não cobiçarás os bens alheios.

"Estes Dez Mandamentos estão contidos em dois:

"Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo."

– Estás satisfeito, Senhor? – perguntou Hanani, quando terminou de recitar os Dez Mandamentos da Lei de Moisés.

– Muito bem, Hanani. Agora dizei, Joab e Semei, contra qual destes mandamentos se rebelaram vossas esposas?

– Contra nenhum deles, Senhor – responderam ambos ao mesmo tempo. – Contudo, elas se opõem a que nossos filhos varões sejam circuncidados, e eles já nasceram há vários meses.

– Essa não é uma lei emanada de Deus – disse o Mestre – mas uma determinação criada pelos homens, como muitíssimas outras, não implicando um bem moral ou espiritual, de forma alguma; apenas obedecendo à idéia de estabelecer a separação absoluta entre raças e religiões.

"O homem é culpado – acrescentou – quando atribui ao Supremo Criador seus pré-julgamentos, suas falsas concepções da Idéia Divina, seu modo egoísta de interpretar a dependência das almas umas com as outras, e entre elas e a Suprema Potência Criadora.

"Todas as religiões nasceram na alma do homem, da sua absoluta necessidade de estar em relação com Deus, e salta à vista do observador desapaixonado a evidência de que todas as religiões foram boas e puras quando nasceram, como flores divinas, da mente de seus fundadores que, sem dúvida alguma, eram Inteligências muito adiantadas no conhecimento de Deus e das almas.

"A religião dos árabes, cuja simplicidade a torna quase desprezível aos espíritos habituados a um enorme calhamaço de instruções e de ritos, em sua remota origem pré-histórica, nasceu da alma luminosa de um chefe poderoso e justo, cujo domínio

abrangia a grande península hoje conhecida como 'Arábia Pétrea', desde Ectham até Esion-Geber, na costa do Mar Vermelho. Nessa época, chamava-se 'País de Arab'. Esse chefe, em aliança com a Fraternidade Kobda do Nilo, quis civilizar esse país selvagem, dando-lhe uma norma justa de vida e uma forma de adoração ao Supremo Criador. Seu nome era *Ben-Abad*, o qual, quando julgou ter cumprido a sua missão, deixou a seus filhos o governo dos povos e retirou-se para passar sua velhice carregada de merecimentos no Santuário de Neghadá, onde o Nilo se esvazia no mar e onde a Fraternidade Kobda elaborava a civilização dos três continentes conhecidos então.

"Continuai escutando e levar-vos-ei ao ponto que quero – continuou o jovem Mestre.

"Nosso pai Abraham, modelo de justiça, honradez e submissão ao Senhor Deus que adorava, bebeu a norma de vida e a compreensão da Divindade de sua irmã mais velha, *Vhada*, Matriarca de um refúgio Kobda para mulheres abandonadas, maltratadas ou repudiadas.

"Era o mesmo alento puro da Fraternidade Kobda o que soprou na mente de Beni-Abad, início da civilização arábica, e na mente do nosso pai Abraham, origem da nossa civilização hebréia.

"No princípio de ambas as civilizações, não existiu outro código além deste:

" 'Tratarás todos os teus semelhantes com o mesmo respeito desejado por ti.'

"Seu culto reduzia-se a uma fervorosa invocação ao Supremo Criador quando o sol aparecia nas alvoradas e quando se punha no ocaso. Eis aí todo o ritual, toda a lei, todo o cerimonial de ambas as civilizações em suas remotas origens.

"Agora invoco os vossos princípios de justiça, de eqüidade e de honradez legendária dos filhos de Abraham, e pergunto:

"Será justiça diante de Deus, Senhor e Pai de todas as almas, que um filho de Abraham despreze um filho de Ben-Abad, como se fosse de uma raça inferior? Respondei! – insistiu docemente o Mestre."

– Não, Senhor! Não é de justiça! – responderam os dois irmãos ao mesmo tempo.

Por detrás de umas cortinas, viu Jhasua assomarem das alcovas vizinhas dois rostos femininos cheios de susto a espiarem a estranha e solene reunião.

As duas mulheres tinham o rosto banhado em pranto e ambas abraçavam seus filhinhos adormecidos.

O coração do jovem Mestre estremeceu dentro do peito e, em três rápidos passos, chegou até as cortinas, descerrou-as fortemente, ao mesmo tempo que olhava com imensa ternura para aquele quadro, e foi dizendo, enquanto acariciava os dois pequeninos:

– Vinde, pobres vítimas da ignorância humana! ... Vinde para viver a vida livre e santa dos filhos de Deus, que pede apenas o vosso amor e a vossa gratidão por todos os bens e graças derramadas sem cessar sobre todas as criaturas que respiram debaixo do sol! ...

As mulheres caíram de joelhos por terra chorando amargamente, enquanto ofereciam a Jhasua seus filhinhos, como pedindo-lhe proteção para aqueles pedaços de seus corações, que defendiam até com o perigo de suas próprias vidas.

O Mestre levantou as mulheres e, tomando um menino em cada braço, levou-os a seus pais, que também se esforçavam para conter o pranto.

– Creio que compreendestes – disse – que é um crime separar o que Deus uniu, e por motivos tão fúteis, que valem muito menos que uma folha seca arrastada pelo vento.

"Tomai-os!... – insistiu o Mestre entregando aos dois pais seus filhos, cujos olhinhos assustados e ainda sonolentos olhavam para todos os lados. – Estou certo –

acrescentou – que desde os oito dias do nascimento não destes um beijo em vossos filhos, porque não andou por aqui o cutelo de pedra derramando sangue inocente!...

"Deixai todo esse atavismo selvagem, porque Deus não quer torturas nem sacrifícios sangrentos, mas o santo amor de todos os seus filhos unidos na oração e no trabalho, nas obras de bem e de justiça."

Semei e Joab afundaram o rosto entre as roupas que cobriam seus pequenos e deixaram escapar soluços, porque a vibração do amor do Mestre era tão poderosa que nem sequer o tio Jaime pôde subtrair-se a ela. Hanani abraçou suas cunhadas, que continuavam chorando silenciosamente. Aproximou-as de seus irmãos e lhes disse com a voz trêmula pela emoção:

– Em lugar do nosso falecido pai, eu abençoei o vosso matrimônio, e hoje eu o abençôo novamente, rogando ao Deus de Abraham que saibais recolher em vossos corações a Luz Divina que hoje entrou em vossa casa.

Aminé e Zarga inclinaram-se profundamente diante dos maridos, conforme era o costume árabe, e eles as atraíram para si num abraço mudo, no qual silenciavam os lábios e tão-somente falavam as almas.

– Agora podereis afastar-me feliz da vossa casa – disse Jhasua –, porque o amor floresceu de novo sob o olhar de Deus. Agora sois verdadeiros filhos de Ben-Abad, o bom árabe, e de Abraham, o bom pai da raça hebréia.

Hanani quis celebrar numa pequena festa nessa noite o feliz acontecimento de duas famílias novamente unidas pela compreensão e pelo amor verdadeiro.

Os dois casais conservaram, durante todos os seus dias sobre a Terra, um fervoroso culto ao Profeta Nazareno que iluminou o caminho de suas vidas com uma luz nova que jamais pôde extinguir-se.

A divina semente semeada pelo Cristo germinou de tal maneira naqueles dois lares que, com a morte do ancião Zacarias ocorrida um ano depois, eles assumiram o encargo da Santa Aliança e, entre as piedosas obras a que consagraram o tempo deixado livre pelo seu trabalho, se dedicaram de preferência a derramar a paz e a harmonia nas famílias onde havia penetrado a discórdia, destruindo tudo como um furacão de fogo nas pradarias em flor.

Os dois irmãos, Joab e Semei, se empenharam em acompanhar os viajantes até passar o país da Ituréia, no outro lado do Jordão. Eles regressariam com a caravana esperada nesses poucos dias.

Hanani ficou na casa para controlar os negócios aos quais, como irmão mais velho, ele estava associado e dava sua aprovação.

Hanani queria, além do mais, reafirmar a paz e a harmonia que o Profeta Nazareno restabelecera, fazendo compreender às jovens cunhadas o que aquele homem extraordinário significava para o Oriente oprimido por toda classe de arbitrariedades e de humilhações.

Sigamos, leitor amigo, nossos viajantes na rota para Damasco, a grande capital da Arábia do Norte, que as hostes vitoriosas do Rei Hareth de Petra, do príncipe Hartath e do Scheiff Ilderin haviam até então salvo de cair nas garras da águia romana.

Quando os viajantes chegaram à ponte chamada "*de Jacob*", viram vários rostos esquálidos e uma porção de mãos trêmulas e descarnadas se estenderem em demanda de socorros. O leito profundo do Jordão estreitava-se enormemente nesse sítio, circunstância que foi aproveitada para fazer uma ponte forte e firme com apenas três arcos de alvenaria incrustados nas enormes rochas que existiam em ambas as margens. À esquerda da ponte, caminhando até Cesaréia, o rio alargava-se em formosíssimo lago,

não tão grande como o Tiberíades, mas tão profundo quanto ele. Cercado por férteis serranias do Ante-Líbano, havia ali um pequeno bosque quase impenetrável que, por essa circunstância, era um lugar temido pelas caravanas e pelos viajantes em geral, pois se contavam horripilantes histórias de almas penadas que ali tinham perdido a vida física e, na qualidade de fantasmas, exerciam incansável vingança sobre os vivos.

Os mendigos só chegavam até a entrada ocidental da ponte e procediam de uma pobre e ruinosa casa existente ali perto, parte de um subúrbio do que foi a antiga cidade de Hason, pertencente ao velho reino de Cedes, nos tempos do estabelecimento das doze tribos na chamada Terra da Promissão.

Jhasua propôs que se fizesse um descanso sobre a planície da ponte, enquanto os jumentos pastavam na verde relva regada pelas águas do lago Meron. Aquela dolorida multidão de seres infelizes, enquanto aguardava a ajuda dos viajantes e assava pequenos peixes nas fogueiras acesas, atraía poderosamente a atenção do grande homem, que para uns era o futuro Rei e para outros um extraordinário Profeta de Jehová ou, ainda, um maravilhoso mago vindo quem sabe de que região dos Céus ou da Terra, para aniquilar todos os males que oprimiam o povo de Israel.

Jamais aqueles mendigos haviam visto o caso de um grupo de viajantes bem vestidos e com boas cavalgaduras deter-se justamente onde eles tinham sua improvisada tenda de ramos de árvores, detritos do lago e restos de algumas velas rotas que a corrente havia trazido. Contudo, um desses viajantes era Jhasua, o Cristo do Amor e da Piedade, e ... quem o faria passar ao largo de onde houvesse dores a remediar?

Foi preciso esvaziar ali os sacos de comestíveis trazidos pelos irmãos de Hanani e pelo bom tio Jaime, cuja missão de cuidar da pessoa de Jhasua era para ele o principal dever de sua vida.

– Repartiremos nossos alimentos convosco – disse o Mestre alegre e sorridente aos mendigos em número de nove – mas antes vamos lavar-nos nas douradas águas desse precioso lago. Deus quer a limpeza dos corpos antes de comermos o pão que ele nos dá.

"Ajuda-me Joab – disse ao mais moço dos irmãos, enquanto o tio Jaime e Semei preparavam a refeição.

Correndo como um menino, Jhasua desceu a escadaria da base da ponte, e tomou pela mão um infeliz cego que estava sendo guiado por um garotinho.

– Vamos – disse. – Vamos todos ao lago para lavar-nos.

– Eu não posso amiguinho – murmurou um homem pequenino sentado sobre uma pele de ovelha. – Não vês como estão as minhas pernas?

O homenzinho afastou os sujos farrapos que o cobriam, e Jhasua viu suas pernas secas e retorcidas como raízes pelo reumatismo do qual estava atacado desde há vários anos.

– Ah! ... Isto é outra coisa. No entanto, tudo se ajeita na vida – disse. – Cuida de teu pai que eu me encarrego deste – disse ao garotinho que guiava o cego. Sem esperar nem um momento mais, Jhasua carregou o homenzinho das pernas retorcidas e levou-o até a margem do lago.

Joab fez o mesmo com outro dos mendigos que tinha uma perna horrivelmente encolhida, motivo pelo qual andava apoiado em duas muletas. Os que apenas tinham mãos e braços inutilizados, ou com queimaduras em acidentes de trabalho, puderam andar por si mesmos, e talvez todos julgassem que era exigência demasiada a daquele viajante que, para dar-lhes parte de sua comida, impunha a todos a necessidade de entrarem no lago, cujas águas deviam estar muito frias! O sol radiante estava próximo ao meio-dia, contudo, era o final do outono, e naquelas alturas montanhosas do Líbano o frio chegava antes.

Quando o Mestre deixou sua carga sobre a relva fofa da margem do lago, e aguardando a chegada de todos, ergueu-se como uma estátua de mármore branco, estendeu seus braços abertos sobre as águas, e Joab viu seu rosto parecer transfigurar-se e suas mãos irradiarem longas e finas linhas de fogo que pareciam cair em fina chuva de chispas sobre as águas serenas do lago Meron.

Quando cessou a vibração de suas mãos, Jhasua despojou-se do manto e da túnica e, tirando do paralítico suas pobres roupas, mergulhou-o na água até o pescoço.

– Afunda a tua cabeça sete vezes na água – disse ao cego – e tu, meu menino, – disse também ao garotinho –, mergulha na água de Deus para limpar o teu sangue do gérmen da lepra da qual estás ameaçado para o princípio da tua juventude.

Uma onda formidável de sugestão fora estendida pelo grande taumaturgo sobre todas aquelas criaturas, carregadas com as taras hereditárias de todas as misérias e enfermidades daqueles que os trouxeram para a vida material, em desastrosas condições físicas e morais.

Quando viu todos dentro da água, Jhasua estendeu novamente as mãos sobre ela, concentrando seu pensamento numa suprema evocação à Eterna Potência Criadora, e disse com uma voz profunda e dulcíssima:

– Estais todos limpos na alma e no corpo pela Soberana Vontade de nosso Deus-Amor e Piedade. Podeis ir!

Um grito de assombro escapou de todos os lábios quando viram o paralítico, o das muletas e o cego saírem por seus próprios meios.

Como visse todos correndo em busca de seus farrapos para se cobrirem, disse:

– Não está bem cobrirdes vosso corpo com essas imundícies, quando acabais de ser purificados pelo amor. Vinde, que meu manto dá para todos.

Do seu manto branco de lã de cachemira depositado ali na relva e dobrado muitas vezes, da mesma maneira como sua túnica, foi separando tantas túnicas quantas foram necessárias, e foi entregando-as aos nove mendigos que, em seu estupendo assombro, não acertavam cobrir-se com elas.

– De que vos espantais? ... – perguntou. – Julgais que o Pai Celestial é avaro em suas dádivas quando a fé resplandece como uma tocha nas almas?

– Todos levamos a túnica do Profeta – gritavam, entre choros e risos aqueles infelizes, vendo-se cobertos por uma túnica branca igual à de Jhasua.

Joab também estava como estonteado diante de tal prodígio, e lamentava que seus irmãos não o houvessem presenciado.

Tranqüilamente, Jhasua vestiu novamente a túnica e o manto e disse a todos:

– Vamos. Agora estamos limpos no corpo e na alma para comer o pão que Deus nos dá. – No entanto, aquele grupo de mendigos se prostrou diante dele soluçando de emoção.

– Senhor! – disseram. – És um Profeta de Deus e queremos que no seu nome perdoes os nossos pecados.

Aos gritos que ninguém podia fazer silenciar, cada qual disse, com profundo arrependimento, as culpas das quais sua consciência o acusava.

– Está bem, meus irmãos! Antes que tivésseis pedido, já o Pai Celestial vos havia perdoado, porque vossos pecados foram causados pela dor, pela injustiça e pela vossa própria miséria.

"Amai ... Amai vossos semelhantes em memória de mim, e o Pai Celestial vos encherá com suas dádivas."

Confiamos à imaginação do leitor e aos seus nobres sentimentos a tarefa de

imaginar como foi essa refeição para os felizes visitados pela dádiva divina, ali, junto ao lago Meron, na entrada da ponte de Jacob, cenário de um dos grandes transbordamentos de Amor é de Fé da Alma Excelsa do Cristo Divino.

O relato dessa estupenda exteriorização de forças, que produziram tão maravilhosos desenlaces e acúmulo de fluidos e moléculas, foi escrito pelo tio Jaime, baseado no relato de Joab e dos mendigos que, ainda quando houvessem querido falsear a verdade, ali estavam as provas dos corpos curados e das brancas túnicas que os cobriam.

A Santa Aliança encarregou-se de todos eles para proporcionar-lhes meios de vida através de um trabalho honrado e do seu próprio esforço.

Nos Bosques da Ituréia

Dez anos antes, Jhasua havia feito essa mesma viagem a caminho de Ribla, e pôde notar que não se haviam operado mudanças notáveis. As mesmas solidões nos bosques, onde dificilmente se encontravam vestígios humanos desde a ponte de Jacob até o país dos Itureus. No segundo dia, encontraram um agrupamento de cortadores de madeira ao redor de um bom fogo preparando algumas peças de caça para a refeição da noite.

Alguns deles conheciam os irmãos de Hanani que, como operários da madeira, há algum tempo, haviam realizado alguns negócios. Este foi o motivo por que aqueles homens se interessaram pelos nossos viajantes e os aconselharam a ficar ali para passar a noite. Não obstante pudessem oferecer muito poucas comodidades na Gruta das Caravanas, muito conhecida dos viajantes, sempre era melhor que arriscar-se a penetrar mais no interior da selva, da qual não podiam esperar proteção alguma.

O tio Jaime julgou prudente aceitar o oferecimento e Jhasua não fez objeção alguma.

Joab e Semei, conhecedores do lugar, dedicaram-se de imediato a trazer algumas braçadas de feno e de ervas secas para preparar os leitos. Jhasua e o tio Jaime ajudaram dois jovens do grupo a preparar as rústicas tochas com cânhamo retorcido e engordurado, indispensáveis para afugentar as feras que, apenas entrava a noite, se faziam sentir furiosamente.

Como os cortadores se dessem conta da deferência respeitosa com que os dois irmãos tratavam Jhasua e seu tio, um deles perguntou que personagens eram aqueles.

A beleza física do Mestre e, acima de tudo, sua intensa irradiação ao mesmo tempo de bondade e de superioridade, chamava grandemente a atenção de todos os que dele se aproximavam, embora não o conhecessem.

– O mais jovem – disse Joab – é Profeta e médico de grande ciência, tendo curado a filha mais velha de nosso irmão Hanani, já bem próxima da sepultura por causa de uma enfermidade maligna.

"O de mais idade, é um tio que o acompanha."

Foi o bastante para que aqueles homens se desdobrassem em atenções para com os dois viajantes.

Estenderam para eles, próximo da fogueira, uma esteira de junco e pequenos colchões de crina de cavalo para sentar-se. As mais belas folhas de palmeiras foram cortadas para servir de pratos, onde umas quantas cordonizes e pedaços de corça assados foram oferecidos como ceia.

O bom vinho de Corazin, trazido pelos irmãos de Hanani, alegrou o ânimo dos fatigados cortadores, que começaram a contar as horripilantes tradições ou lendas que corriam entre os viajantes acerca da região onde se encontravam.

Entre todas essas notícias, misturaram-se as da atualidade, que consistiam nas duras refregas que, entre romanos, partos e árabes, se sucediam por ali com bastante freqüência.

– Um correio com destino ao Scheiff Ilderin chegou aqui, e o acompanhamos até Lesem.

A Jhasua chamou a atenção ouvir mencionar o nome do seu nobre amigo e perguntou:

– Mas, o Scheiff anda por aqui? Eu o julgava em seu castelo, nos Montes Bazan.

– Parece que ele veio prestar ajuda com seis mil ginetes ao príncipe Hartath de Damasco. Deve estar ocorrendo algo grave.

– Em Filadélfia o correio foi informado que o Scheiff saiu com suas forças para o norte, e ele passou por aqui em sua busca.

Jhasua pensou que poderia encontrar-se com o Scheiff em Damasco, mas não imaginou que aquele correio era um dos jovens arábes despachados desde Jerusalém pelo diligente ancião Simônides.

Continuando o serão, falou-se também de um misterioso mago ou bruxo, ao qual chamavam de "o tibetano", provavelmente porque seria do distante país do Tibet.

Parecia que ele tinha um imenso poder de sugestão sobre as pessoas, em especial sobre mulheres e adolescentes, aos quais tomava como instrumentos para realizar grandes roubos e exercer vinganças, quando lhe pagavam bom preço.

– Onde vive esse homem? – perguntou Jhasua com interesse.

– Numas grutas sepulcrais nos arredores de Cesaréia de Filipos – responderam.

– Como é que as autoridades do país não tomam medidas nesse sentido? – perguntou o tio Jaime.

– Quem ousará defrontar-se com ele? Esse malvado bruxo tem um exército de demônios no corpo. O tetrarca Felipe preferiu tornar-se seu amigo, e dizem que saiu ganhando muito com isso, porque o mago o fez encontrar um tesouro escondido desde tempos distantes numa gruta do lago no qual desaguam as águas do Nahr-el-Avaj.

– Se chegardes a Cesaréia, pode suceder que venhais a conhecê-lo. Na praça das caravanas ele se senta sob um toldo amarelo, e com sua flauta de bambu e suas horrorosas serpentes amestradas, atrai as pessoas para iludi-las – mencionou outro dos lenhadores.

"É o terror das mães, porque parece que o bruxo tem predileção pelas adolescentes formosas e pelos jovens galhardos.

"Dizem que já desapareceram muitos, e até agora não se sabe o que ele fez com suas vítimas."

Jhasua pensou com sofrimento na desgraça daquele infeliz que havia desenvolvido para o mal as faculdades poderosas outorgadas pela Eterna Energia, como forma de progresso para si mesmo e de bem para os seus semelhantes. Seus pensamentos acabaram por concretizar-se nisto:

– "Queira o Pai Celestial pôr essa criatura no meu caminho para salvá-lo do abismo onde se encontra."

Alguns dos cortadores mantiveram-se taciturnos e retraídos e o jovem Mestre, segundo seu costume, iniciou suas observações a fundo, ao mesmo tempo que se revezava afavelmente nas conversações que vieram à luz durante a refeição.

Quase todos eles eram fenícios e sírios. Alguns eram gaulonitas e só três deles eram galileus de Ecdippa, na costa do mar. Eram vinte e seis ao todo.

Quando a lua se levantou como um fanal de prata, os fenícios puseram-se de pé, e, logo depois de fazer ao astro noturno uma grande reverência ou "zalema", como diria um árabe, encaminharam-se para a saliência da montanha, levando uma das tochas, resinas de ramos de terebinto e um saquinho de resinas perfumadas misturadas com frutas secas.

– Cada louco com a sua mania – disse o velho patrão do grupo. – Assomando sua replandecente *Astarté*, sobem eles também ao seu altar no alto daquele penhasco para queimar algo daquilo que lhes pode servir de alimento. Não bastaria fazerem-lhe uma oração?

"De que servem para essa formosa lua crescente alguns figos, uvas secas e nozes queimadas sobre o seu altar? Acaso ela se ocupa de seus devotos? Vários deles têm desgraças em suas famílias, e podeis vê-los abatidos pela tristeza, enquanto *Astarté* continua flutuando com majestade de Rainha no seu mar azul. Eu não creio em nada, a não ser naquilo que está ao alcance do meu esforço e da minha capacidade: o trabalho honrado que nos dá o pão. Esse é o melhor deus.

– Raciocinas bem, ancião – disse Jhasua –, mas é inato no homem buscar algo superior para servir-lhe de proteção e amparo. Nessa busca, é verdade que o homem se equivoca na escolha, e às vezes toma como a um ser superior aquilo que apenas é uma obra, uma manifestação do Supremo Criador de tudo quanto existe.

"Sendo Ele uma Potência, uma Força invisível aos nossos olhos, o homem crê encontrá-lo naquilo que mais chama a sua atenção."

– Parece-me, na verdade, que és o Profeta que dizem – acrescentou o ancião –, e é o primeiro a quem ouço dizer aquilo que eu sempre pensei, pois, se existe um Deus Criador Todo-Poderoso, deve estar invisível aos olhos humanos, porque tudo o que os olhos vêem ou as mãos tocam é necessariamente uma coisa criada, feita, formada ... por quem? Esse *quem* que ignoramos e que não vemos nem tocamos, esse é o único que pode ser superior a tudo quanto foi criado no mundo. Esse é o meu pensamento. Se estou errado, não sei nem me preocupa de forma alguma enquanto puder ganhar o meu pão como o ganhei em toda a minha vida, para poder sustentar minha velha companheira e a meia dúzia de netinhos que ficaram a meu cargo com a morte de um dos meus filhos.

– Pensas bem, ancião – voltou Jhasua a dizer –, enquanto concebes o Soberano Criador como o Invisível, o Eterno Enigma, o qual a nossa mentalidade ainda não pode descobrir a não ser através de suas obras. De igual maneira descobrimos o artífice da pedra ou da madeira numa escultura de mármore, ou num delicado móvel, ou num fino artesanato de cedro do Líbano.

"No entanto, quando tropeçamos com uma árvore, com uma flor, com tudo quanto vemos e que não é do homem, é natural que perguntemos a nós mesmos: 'Quem o fez? Como o fez? Por que o fez?' É então, quando surge na mente humana a idéia do Eterno Invisível, que é a quem devemos toda a nossa adoração, as nossas ações de graças e as nossas oferendas, que devem ser invisíveis como Ele, ou seja, germinadas e nascidas no nosso intelecto, no nosso íntimo sentimento, as quais, vertidas ao exterior, como o favo esvazia o seu mel e as frutas as suas substâncias nutritivas, são as obras boas, benéficas e úteis para nós mesmos, e também para os nossos semelhantes.

"Essa é e deve ser a religião de todo homem cuja mentalidade passou da infantil inconsciência da primeira idade."

– És todo um Mestre, embora ainda sejas muito jovem – disse o ancião, demonstrando já claramente sua simpatia por Jhasua.

– Moços! – acrescentou. – Prestemos atenção, pois o Profeta responderá a uma pergunta que há tempo está queimando os meus miolos e que, se não a fizer agora, talvez morrerei com ela.

Jhasua e o tio Jaime ao ouvir sorriram dessas palavras. Os demais, e os devotos de Astarté que já haviam voltado, prestaram toda a atenção.

– Vejamos a tua pergunta e, de minha parte, peço ao Eterno Invisível para pôr em meus lábios a resposta – disse o Mestre.

– Não sei se estou certo ao pensar que esse Grande Poder Invisível é a Suma Justiça e o Sumo Bem, não é verdade, Profeta?

– Justamente é assim como pensas – respondeu Jhasua.

– Então, como se explica esta daninha praga a açoitar-nos, quando não fizemos, de forma alguma, nenhum mal na vida a quem quer que seja ... essa daninha praga denominada "*domínio de Roma*"?

"Eu não tirei nada de ninguém, nem me meti na casa alheia para roubar e tiranizar seus donos e, assim como eu, a maioria dos pacíficos e honrados habitantes da Galiléia, onde vivo desde jovem, não obstante seja originário de Pafos em Chipre. Isto é só uma parte da injustiça e do mal que predomina por toda parte.

"Se o Poder Invisível é Suma Justiça e Sumo Bem, por que existe o mal e a injustiça, por que o crime, o roubo, a usurpação e a violência? A terra, o mar e o trabalho podem dar ao homem tudo quanto ele necessita para a sua vida. Sou razoável, sim ou não? Dize-me, Profeta, porque não quero que a morte deite terra em meus olhos sem esclarecer este assunto."

– Raciocinas bem à luz dos conhecimentos que possuis, bom ancião e, do teu ponto de vista, não podes raciocinar de outro modo – respondeu o Mestre, acrescentando ainda:

"Quando as observações que fizeste produzem essa inquietação, é sinal de ter chegado a hora de examinar, de outro ponto de vista, essa maravilhosa engrenagem da alma humana.

"Estou informado de que, em teu país natal, Pafos, existe uma Escola, derivação da célebre Academia de Atenas, fundada por Platão, chamada "*A Divina*", porque, no seu tempo, ou seja, há pouco mais de três séculos, foi ela quem mais descerrou o véu do Grande Enigma, para esclarecer perante a Humanidade os caminhos percorridos por ela com os olhos vendados e os pés vacilantes. Se todos os homens estivessem convencidos da eternidade da vida, que só os corpos morrem e se desagregam em pó e que, através de repetidas vidas terrestres, podem chegar à perfeita felicidade que buscam, haveria mais justiça, mais bem e mais compreensão na Humanidade."

Jhasua viu claramente que não estava sendo compreendido pelo seu auditório e procurou esboçar com matizes mais fortes o seu quadro.

– Quero dizer – acrescentou – que vós, eu e todos vivemos muitas existências antes desta e, se na presente vida, cremos ter agido com justiça e eqüidade, nas anteriores ..., na remota idade do início da razão, o que terão sido essas vidas primitivas, inconscientes, brutais, quase ao nível dos animais ferozes da selva?

"As Escolas de Sabedoria Divina, que sempre existiram em todos os tempos, como a Academia de Platão, classificada como recente em comparação com as pré-históricas, denominaram essa época, pela qual passam todas as almas, de *evolução primitiva*, ou seja, de deficiente raciocínio, egoísmo desmedido, sentimentos ignóbeis e baixos e, às vezes, paixões ferozes.

"Como hão de corrigir e polir essas enormes monstruosidades?

"Da mesma maneira que um pai corrige seus filhos na primeira infância, não lhes permitindo a satisfação de todos os seus desordenados desejos, privando-os ainda dos meios de satisfazê-los, até a custa de sofrimentos, protestos e rebeldias. Por causa disso podemos dizer que esse pai é injusto?

"Agora, concretizando mais a minha resposta para pôr-me perfeitamente dentro da pergunta deste ancião, direi o seguinte:

"1º. Os sofrimentos do nosso povo de Israel, suportando a dominação estrangeira!

"Há um antigo provérbio que diz: 'Aquilo que semeares, é o que colherás.' Ignoro se vós que me ouvis conheceis a história do povo hebreu, cujo tronco originário é o do patriarca Abraham, homem justo, equânime e sincero adorador do Deus Invisível. No entanto, o povo fundado por ele não seguiu-lhe os passos; e os desacertos, crimes e violências tiveram início já com os seus bisnetos, com os filhos de Jacob que, por inveja, venderam seu irmão José a uns mercadores que iam para o distante Egito. Como podeis ver, quase que imediatamente eles torceram o caminho. Desde então, a senda percorrida por esse povo está toda regada de sangue e desliza como uma serpente maligna, semeando a dor, as devastações, assolando países, matando seus habitantes, para ficar com suas propriedades e riquezas, sem perdoar anciãos, mulheres e crianças.

"Como julgais que o povo de Israel ocupou a Palestina, desde o Líbano até a Iduméia? Foi matando desapiedadamente todos os habitantes que não quiseram submeter-se a ele. Até David e Salomão, contados entre os melhores Reis de Israel, cobravam onerosos tributos e dizimavam os povos dominados por eles. Tanto é assim que, quando Jeroboan, filho de Salomão, sucedeu ao pai, ao ouvir que os povos pediam clemência pelas injustiças sofridas, respondeu-lhes insolentemente: 'Se o meu pai vos açoitou com varas, eu vos castigarei com escorpiões.' Os livros chamados dos Juízes, dos Reis e as Crônicas são uma cadeia de horrores que espantam a alma menos sensível ...

"Agora dizei: pode queixar-se o povo de Israel de sofrer injustamente o domínio estrangeiro?

"Não fez ele o mesmo desde a morte de Moisés, com todos os povos mais fracos que encontrou no seu caminho?

"2º. Razão dos atuais sofrimentos: A desunião, o ódio, o separatismo entre judeus, samaritanos e galileus. Todos formam o povo de Israel, mas divide-os um antagonismo profundo, um ódio incurável, em virtude da dureza de coração da grande maioria. A Judéia não perdoa as duas províncias irmãs, porque não aceitaram como Rei o filho de Salomão. Dez centúrias se passaram desde então, esse ódio continua ainda vivo e tenaz. Essa profunda divisão foi explorada com hábeis manobras pelos audazes idumeus que, dentre a aridez do seu país, cobiçavam as férteis terras regadas pelo Jordão. Um deles, o mais audaz e ambicioso de todos, com simulações e enganos, proclamou-se Rei com a concordância da águia romana, e fundou a dinastia herodiana que escraviza Israel.

"Estes dados mencionados de passagem vos coloca em condições de formar o vosso critério com conhecimento de causa para poder responder acertadamente:

"Podemos culpar o Eterno Invisível, a Suprema Justiça pela responsabilidade daquilo que o povo hebreu sofre atualmente sob o domínio estrangeiro?"

– Não, Profeta, não! ... – respondeu vivamente o ancião. – O povo de Israel está colhendo hoje o que semeou ontem.

– Respondeste muito bem, e eu digo que, através desse mesmo modo de raciocinar, deveis estudar e julgar todas as dores individuais ou coletivas em que vedes oprimida a Humanidade.

"E não julgueis tampouco ser castigo imposto por essa Suprema Potência, mas tão-somente *conseqüências* dos próprios erros individuais ou coletivos.

"Poderás dizer-me – continuou o Mestre – que os hebreus de hoje não têm nada que ver com os crimes e devastações feitas pelos de dez ou 15 séculos atrás; mas então sai, perante nós, a Eterna Lei da pré-existência ou vidas sucessivas a dizer-nos:

"Aqueles que hoje sofrem a dominação estrangeira, são os mesmos que devastaram, dizimaram e mataram as raças que habitavam a Palestina desde os tempos mais remotos. A Lei das Causas e dos Efeitos, que é uma das leis imutáveis da Suprema Potência, cumpre-se inexoravelmente. Se agora apagarmos imprudentemente as fogueiras e as tochas que nos defendem das feras, poderemos, com justiça, queixar-nos se nos vermos atacados por elas? ..."

– Oh, Profeta! ... – exclamou o ancião. – Que tocha viva é a tua palavra a iluminar as profundezas do coração humano! Que Deus é o teu? ... que religião é a tua, que leva o conhecimento do mistério da vida sem esforço algum?

– Meu Deus é o Eterno Invisível que não vejo, porém que sinto em tudo quanto vive, em todos os mundos que rodam como globos de luz pela imensidão – respondeu Jhasua. – Minha religião se reduz a amar todos meus semelhantes tanto como amo a mim mesmo; e isto me obriga a fazer-lhes todo o bem que me seja possível, ainda quando o cumprimento desse dever possa chegar a custar-me a vida.

– Do teu ponto de vista, Profeta, quem ou o que é Astarté? – perguntou um dos fenícios apontando para o astro noturno que vertia sua claridade azulada sobre as negruras dos montes e da selva.

– Vossa Astarté, que beija com amor as flores da noite e os lagos adormecidos, é um astro ligado à nossa Terra pelas poderosas leis da atração. É um astro benéfico que exerce influência sobre os corpos orgânicos de homens e dos animais, na germinação e na vida das espécies vegetais e nos profundos domínios do mar. Ele exerce essa influência, quer concedais vossa adoração e vossas oferendas, quer a negueis, porque Astarté obedece a leis eternas do Supremo Criador dos mundos, e é fiel vizinha da nossa Terra, em torno da qual gira desde que a nebulosa mãe do nosso Sistema Planetário deu à luz os globos radiantes que o formam.

– Às vezes Astarté se aborrece sem motivo, e asfixia antes de nascer os frutos de nossas plantações – acrescentou outro fenício adorador do astro noturno.

– Não temais – disse o Mestre. – Astarté não se zanga nem fica contente. Apenas não aproveitais a boa influência da qual o Supremo Poder a dotou. Se fazeis a poda de vossas árvores florais e frutíferas em lua-cheia, elas vos renderão certamente o cem por um. Se cortais vossos bosques na lua minguante, as madeiras secarão mais rapidamente e o artesanato, portas e móveis que fareis com elas, não será roído pelo cupim.

"Até na medula dos ossos, no corpo dos homens e dos animais penetra a influência lunar, como o têm observado e comprovado nossos Terapeutas ao curar ossos fraturados em diferentes fases da lua.

"Vossa formosa Astarté é, pois, uma criação do Eterno Deus Invisível, como o vosso Adônis (o Sol) e também todos os astros que rodam no infinito azul, obedientes às suas leis imutáveis."

– Bendita seja a tua língua, Profeta do Deus Invisível! ... – exclamou o fenício que havia feito a pergunta –, porque a sabedoria sai dela como o vinho generoso guardado no odre.

"Fizeste-me compreender que, se os nossos deuses Adônis e Astarté não são senão filhos submissos do Poderoso Invisível, eles não se zangarão quando todos os homens adorarem o Pai Supremo, não é assim?

– Justamente – respondeu Jhasua, que teve a satisfação de comprovar que se havia colocado em sintonia com as mentalidades que o rodeavam.

Na manhã seguinte, os nossos viajantes se despediram do grupo de lenhadores, deixando acesa uma nova luz naquelas almas, cujos escassos conhecimentos sobre os profundos enigmas da vida os mantinham na bruma de uma penosa inconsciência.

Na Cesaréia de Filipos

Outra jornada mais e já estavam à vista de Cesaréia de Filipos, a mais suntuosa e importante cidade da Tetrarquia de Felipe, terceiro filho de Herodes, o Grande.

Sua debilidade de caráter, a pouca capacidade para o governo de seus domínios e suas desenfreadas paixões fizeram desta cidade um verdadeiro foco de libertinagem, que, saindo de sua corte como uma torrente de lama, infectava todos os bairros e classes sociais que formavam a povoação.

O tetrarca Felipe estava casado com uma sobrinha, Herodíades, filha de sua irmã Salomé Augusta, a mais velha das filhas de Herodes, o Grande. Era Herodíades uma mulher digna neta de seu ambicioso, cruel e despótico avô. Corrompida e orgulhosa ao extremo, a ela se devia em grande parte ter a corte do Tetrarca Felipe se convertido numa exibição repugnante pela imoralidade dessa mistura de arte e de luxúria que os príncipes e magnatas orientais buscavam nos misteriosos bosques de Dafne, a pouca distância de Antioquia.

Era, pois, Cesaréia de Filipos uma cópia reduzida daquela grande capital síria, onde abundavam os magos e adivinhadores, as sibilas, as bruxas e, em geral, as pessoas de vida tenebrosa, aptas para todo mal, bastando apenas que fossem pagas esplendidamente.

A esse foco de abominação chegava o Justo por excelência, o Homem-Deus, que veio para lavar com sangue os pecados da Humanidade.

Num tranqüilo bairro da parte mais antiga da cidade, vivia um Ancião, Essênio do terceiro grau, com sua esposa e os criados. Esse homem chamava-se Nabat, e era irmão de um dos Anciãos do Santuário do Tabor. Tinha uma Sinagoga particular onde os poucos servidores de Jehová que ali viviam podiam ouvir a palavra divina e fazer suas orações e práticas de devoção.

Nessa casa, morada de um casal justo e piedoso, iam hospedar-se Jhasua e o tio Jaime.

Os irmãos de Hanani passaram também ali a noite e, no dia seguinte, se incorporaram à caravana que vinha de Damasco, e empreenderam o regresso a Corazin.

O bom ancião Nabat mencionou horrorizado a seus hóspedes as escandalosas orgias da corte do tetrarca Felipe.

Num grande bosque, fora dos muros da cidade, e utilizando as águas de um braço do Jordão que passava por ali, Herodíades havia mandado construir uma imensa piscina de mármore negro, em cujos bordos se levantavam artísticos candeeiros de bronze, piveteiros de cobre e prata, onde eram queimados enervantes perfumes, enquanto durava seu banho e natação, acompanhada de suas damas e cortesãos.

Nesse misterioso lugar de prazer e de vício, havia a severa ordem de só permitirem a entrada a quem levasse um passe de Herodíade e ninguém saía se a porta dourada do grande gradil não fosse aberta pelos gigantescos guardiães núbios, negros como o ébano, que a vigiavam durante todas as horas do dia e da noite. O bosque estava semeado de estátuas de deuses pagãos adorados como patrocinadores dos mais repugnantes vícios.

Baco, o deus da embriaguez e da luxúria, era, certamente, um dos mais reverenciados com as oferendas de seus devotos. Ísis e Osíris, símbolos sagrados da mais antiga Mitologia Egípcia, atrás dos quais os Mestres da Divina Sabedoria das Escolas pré-históricas escondiam do vulgo o mistério da Eterna Fecundidade Criadora, eram horrivelmente profanos, e suas estátuas adormecidas no Lótus Sagrado serviam como deuses tutelares dos amores lúbricos, diversão favorita de Herodíades e da corte que a rodeava.

Ultimamente, havia sido acrescentado mais uma abominação – segundo referia aos nossos viajantes o ancião Nabat – e era a seguinte:

Herodíades mandara vir de terras distantes tudo quanto servisse de atração e divertimento para o seu povo, segundo dizia, ainda quando o povo era quem menos lhe interessava. Seu principal objetivo era manter cheias as suas arcas, explorando todas as baixezas, ruindades e degradações a que pode descer a criatura humana. Dizia-se que um homem-espectro, de origem tibetana, tinha sido trazido por ela para acrescentar uma nova atração às diversões do seu "*bosque dos mistérios*". Esse elemento trazia consigo uma coleção de serpentes das maiores e mais horríveis de sua terra natal. Ele exercia grande fascinação sobre suas serpentes, que obedeciam docilmente à monótona música executada por ele numa flauta de bambu, e a uns assobios especiais com os quais parecia expressar-lhes a sua vontade.

Na grande praça chamada "*das caravanas*", situada defronte à porta sul da cidade, com a aprovação das autoridades, ele armara um grande toldo amarelo sobre lanças cravadas no pavimento. Nessa porta começava uma das grandes avenidas da cidade, onde se aglomerava numeroso público, pois na dita avenida estavam instaladas as tendas dos mercadores que compravam os produtos trazidos pelas caravanas vindas de países distantes.

A tenda amarela do tibetano estava resguardada pela porta traseira do grande circo de Cesaréia, ou seja, pela porta por onde costumavam entrar os cavalos para as corridas ou, em geral, os animais que lá deviam trabalhar.

A posição da tenda amarela era muito estratégica e apropriada para os negócios nela realizados.

O homem-espectro, semelhante a um feixe de raízes coroado pela cabeça calva, com olhos que pareciam relampaguear no fundo de negras cavidades, estava sempre sentado entre uma porção de cestas de bambu primorosamente trabalhadas. Em cada uma delas havia uma serpente enroscada e adormecida, que o tibetano chamava de suas princesas encantadas. Sabiam elas todas as coisas, adivinhavam os segredos e davam felicidade e fortuna àqueles a quem amavam. Ouvindo estes relatos do bom ancião Nabat, Jhasua compreendeu de imediato que, em toda aquela maranha de enganos e de ficções, escondia-se um fundo de verdade.

A verdade era, seguramente, que o tibetano era um poderoso hipnotizador, trabalhando ainda sob a influência de inteligências perversas para exercer vinganças, conseguir riquezas por meios iníqüos e, também, fazer toda espécie de males que fossem bem remunerados. Murmurava-se que Herodíades tinha parte em todos os lucros, e que o protegia com todos os seus poderes de esposa do tetrarca Felipe.

Além disso, Jhasua soube que, desde que o encantador de serpentes estava na Cesaréia, haviam fugido de seus lares mocinhas honestas e virtuosas, moços honrados e trabalhadores, bem como esposas e esposos jovens, deixando abandonados filhos pequenos e alguns pais anciãos. O procedimento desses desaparecidos era como o de pessoas que tivessem perdido o controle de seus atos e a noção do dever.

– Bem, Nabat – disse o Mestre –, farás uma obra agradável ao Altíssimo se me facilitares os meios de me aproximar desse infeliz, autor de tantos males, e desse "bosque dos mistérios", pois parece-me que existe estreita relação entre o bosque e o homem das serpentes.

O horror mais profundo se pintou no rosto do bom Ancião.

– Meu filho – disse –, sei de todo o amor que os Anciãos do Tabor sentem por ti, sei também da grande missão que trouxeste para a Terra, porém creio não ser necessário aproximar-te desses demônios encarnados para atingir o cumprimento da tua missão.

– Oh, bom Nabat! ... Sabes por acaso até onde alcança o meu dever de salvar as almas e encaminhá-las para a senda da verdade e da justiça? Sabes até que ponto me impulsiona, como um furacão de fogo, o mandamento divino "Ama a teu próximo como a ti mesmo"?

"Julgas que, podendo destruir toda essa máquina infernal, hei de permanecer com os braços cruzados, deixando estender-se o mal como um incêndio em trigal maduro?

"Não, meu amigo! ... Há pecados de omissão, e este seria um deles. Não teria valido a pena vir à Terra como Salvador de homens e deixá-los afundar-se nos abismos de todas as iniqüidades."

O tio Jaime, cumprindo a promessa de não criar obstáculos por menores que fossem à missão salvadora de Jhasua, ouvia e silenciava.

– Estou vendo – disse por fim o Ancião Nabat – que tens toda a razão a teu favor. Pois bem, farei o que desejas. Se necessitas de nossos homens fiéis para ajudar-te ...

– Não é necessário. Preciso apenas da tua companhia e da do tio Jaime, que me são suficientes.

Na segunda hora da manhã, encaminharam-se os três para a praça das caravanas.

O tibetano estava ali, quieto, mudo como um lagarto tomando sol sob a tenda amarela, meio escondido entre as cestas de bambu. Jhasua observou-o do local mais próximo que pôde, sem chamar a atenção. Compreendeu que ele estava concentrado em si mesmo, acumulando forças e ouvindo uma voz extrarrestre que lhe falava.

Depois de alguns momentos, levantou-se, retirou a túnica e, com o peito, as costas e os braços desnudos, tomou a flauta de bambu e começou a tocar.

As cestas começaram a se mover e suas tampas a se levantarem pausadamente.

As pessoas da praça, e os que bisbilhotavam pelas tendas dos mercadores começaram a se aproximar e a formar um círculo diante da tenda amarela, resguardada da excessiva aproximação do público por um forte cordão negro que corria de uma a outra das lanças que sustentavam o toldo.

Os espantosos répteis, bem despertos e erguidos, fizeram cair as tampas das cestas e levantavam suas cabeças achatadas, com pequenos olhos como pontos de fogo, por debaixo dos quais uma língua inquieta e longa, qual dardo carnoso, se movia rapidamente.

Jhasua, com seus acompanhantes, misturou-se no meio do círculo de curiosos. Com os olhos fixos naquele desventurado ser consagrado ao mal, evocou suas grandes

alianças espirituais e irradiou toda a sua força de bem, de amor e de justiça sobre ele. O mago começou a estremecer em dolorosos espasmos, a flauta saltou de suas mãos e as oito serpentes mergulharam nos cestos com um ruído surdo e silvos estridentes que feriam os nervos.

Os curiosos, em sua maioria, fugiram assustados, e alguns menos medrosos fizeram pouco do mago com grandes gargalhadas. Outros se zangaram por haverem deixado a indispensável moeda de prata perante a função fracassada.

O infeliz encantador de serpentes caíra ao solo e se retorcia em horrível convulsão, arrojando espuma sanguinolenta pela boca. Jhasua passou então por sobre o cordel que rodeava a tenda e foi socorrê-lo. A austeridade de seu semblante e a nobre majestade irradiada por toda a sua pessoa impôs silêncio ao pouco público que ainda restava.

A força espiritual do Mestre e seu imenso amor aos seus semelhantes cortou a maligna aliança das inteligências perversas que haviam tomado o tibetano como instrumento para seus tenebrosos fins, e o médium pouco a pouco foi recuperando a calma.

– Quem és tu? – perguntou imediatamente ao Mestre.

– Um médico que passava, e acudi em socorrer-te quando surgiu a crise que te acometeu – respondeu. Jhasua não quis fazê-lo compreender que havia anulado seu poder maligno, e retirou-se, porque se deu conta de que estava sendo observado pelas pessoas presentes, mas deixou Nabat e o tio Jaime para verem o final do acontecimento.

O tibetano tomou novamente a sua flauta e começou a tocar; entretanto, as cestas permaneciam imóveis. Excitava a si mesmo com o fervor de sua música enervante e monótona, e o resultado continuava sempre negativo.

O público começou a dar assobios e gritos nada lisonjeiros para o mago que, finalmente, suspeitou que havia ocorrido algo, não sabendo qual o motivo. Abriu as cestas uma por uma e comprovou que as oito serpentes estavam mortas.

O mago começou a dar gritos desaforados e seus olhos relampagueavam com fúria, como se quisesse fulminar com olhares de ódio os que o rodeavam.

– Enquanto eu estava tendo convulsões, envenenastes as minhas princesas – gritou –, porém pagareis caro, acreditai-me ... Pagareis com as vossas vidas, com a de vossas mulheres, a de vossos filhos e com a de vossos animais! ... – E continuou vomitando uma cadeia de maldições contra o causador da desgraça. Os espectadores que ainda restavam fugiram espavoridos, temerosos de serem alcançados pelas maldições do enfurecido mago, que não deixou penetrar no seu espírito o amor com o qual o Cristo o chamava ao arrependimento.

Tio Jaime e o Ancião Nabat, que continuavam observando-o do lado de fora do cordel que circundava a tenda, deram-se conta de que o tibetano ouvia uma voz em seu interior, que o chamava para o caminho do bem, da justiça e da honradez, porque no meio da raivosa fúria a agitá-lo, ouviram-no gritar:

– Cala, cala! ... Néscio! Estúpido! ... Não existe bem maior que o dinheiro, nem mais justiça além do proveito próprio nem outra honradez que cumprir os compromissos com as pessoas que me pagam ... Maldito sejas tu que falas e não te vejo! ... Que direi agora a *ela, que está à minha espera no bosque dos mistérios?* ...

A porta traseira do circo, na qual estava apoiado um lado da tenda, entreabriu-se, e um grande braço negro e parte de uma cabeça de ébano surgiram quase no nível do solo, o bastante para apanhar um pé do enfurecido tibetano e, em rápido movimento, arrastá-lo para dentro e fechar novamente a grande porta de ferro.

O Ancião Nabat, que vinha seguindo desde há algum tempo esta obscura trama de delitos misteriosos e tinha ouvido rumores de que o mago, com suas serpentes amestradas, sugestionava donzelas formosas e jovens galhardos que logo desapareciam, pôde confirmar a veracidade do procedimento criminoso.

A inesperada aparição do negro arrastando o mago para o subsolo do circo, foi, sem dúvida, para evitar que o tibetano, enlouquecido de ira e fora de si, continuasse falando e deixasse a descoberto o fundo obscuro e desconhecido da negra trama urdida desde há algum tempo.

O "*bosque dos mistérios*" era o faustoso recreio de Herodíades, onde ela tinha umas dezenas de corpulentos núbios para guardiães da juventude de ambos os sexos que ia seqüestrando por intermédio do encantador de serpentes.

A digna neta de Herodes sabia que era duramente criticada pela sua vida licenciosa e queria destruir pela raiz a austeridade dos costumes nas famílias hebréias. Corrompendo a juventude, era a maneira mais rápida de consegui-lo.

Deixamos à fina intuição do leitor supor e quase adivinhar a inenarrável série de abomináveis procedimentos dos quais essa infeliz mulher se valia para conseguir seus fins.

Se ela tivesse podido descobrir que Jhasua, como um Arcanjo de Fogo, tinha entrado na Cesaréia e tinha anulado pela raiz o principal elemento com que ela contava para seus tenebrosos delitos, houvera certamente feito com ele o que, dois anos depois, fez com o pregador das margens do Jordão, Johanan, chamado o Batista!

Jhasua aguardava seus companheiros junto a uma fonte entre os jardins dispostos no centro da grande avenida. Estava sentado sobre um banco de mármore, e estava absorto em seus pensamentos, dos quais não podia afastar o homem das serpentes. Um ardente desejo de redimi-lo apoderou-se dele, e com os olhos fechados, deixou voar seu amoroso pensamento, chamando a alma tenebrosa daquele infeliz com as mais ternas expressões de afeto. Foi nesse preciso momento que o tibetano sentiu uma profunda voz interna que o chamava ao arrependimento e à transformação de sua vida consagrada ao mal.

Sob estas impressões encontrava-se o Mestre quando chegaram até ele Nabat e o tio Jaime com o relato já conhecido do leitor.

– Sua indômita fúria – disse Nabat – fê-lo dizer frases que denunciam claramente sua aliança com a perversa mulher do Tetrarca, e é certo que o gigante negro, depois de arrastá-lo para o subsolo do circo, lhe deu tamanha quantidade de açoites que não terá restado dele nada a não ser os ossos.

– Ele não recebeu senão o merecido – acrescentou o tio Jaime.

Jhasua exalou um profundo suspiro, como se parte da sua vida tivesse escapado dele.

– Podeis pensar como quiserdes, mas eu não – disse por fim.

– Que queres dizer com isto? – perguntou Nabat.

– Quero dizer que, se vim à Terra para salvar esta Humanidade, não posso consentir que, por negligência minha, se perca uma única das almas que me foram confiadas – respondeu Jhasua.

– Queres fazer algo por essa dupla de perversos, abortos dos infernos? – perguntou novamente o ancião.

– Sim, Nabat! ... quero intentar a redenção dos dois.

– Santo céu! ... vais entrar na vida de Herodíades? – perguntou aterrado o tio Jaime.

– Não entraram os Kobdas da Pré-História na vida delituosa da Rainha Shamurance, cem vezes mais poderosa e criminosa do que esta?

– Tens razão, Jhasua, mas ... a Rainha Shamurance se redimiu? – perguntou novamente o tio Jaime.

– Bem vês que não, tio! ... Passaram-se oito milênios e a Luz ainda não penetrou nela! – Voltou a encontrá-la rodando para o fundo dos abismos na sua espantosa carreira de pecadora ...

– Queres dizer que Shamurance e Herodíades são o mesmo ser? – perguntou Nabat, alarmado.

– São o mesmo ser! ... – repetiu com voz profunda o jovem Mestre. – O Amor Eterno chamou-a muitas vezes pela voz de Chrisna, de Bhuda e de Moisés. Agora é chamada pela última vez pela minha voz e, se ainda persistir no seu endurecimento, pobre infeliz, a Piedade Divina se fechará para ela por imensas idades, até que as mais terríveis expiações abram o seu coração para o amor.

– Jhasua! ... – disse o Ancião comovido. – Ninguém pode conter a força do Amor Divino que emana de ti! ... Procede como julgas ser teu dever e nós cooperamos contigo naquilo que nos for possível. Não é verdade, irmão Jaime?

– Sou da mesma opinião – respondeu este. – Queres que façamos algo?

– Quero ir agora ao circo na qualidade de estrangeiro, para visitá-lo. Desceremos aos porões das feras e veremos o que aconteceu ao infeliz mago.

– Bem, vamos lá. Já estamos bem próximos.

Ninguém causou dificuldade alguma, porque o grande circo estava deserto e uma dúzia de escravos se ocupava da limpeza.

Desde as últimas corridas de quadrigas e lutas de gladiadores, nas quais houve espantosos choques de carros e cavalos causando destroços enormes, não haviam sido organizados novos torneios hípicos.

Depois de uma volta pelas grandes tribunas e palcos de honra encortinados com dosséis de púrpura, desceram às quadras construídas ao nível da arena e foram examinando-as cuidadosamente. Aquela porta que se abria sobre a praça das caravanas dava para uma galeria onde estavam as quadras. Todas estavam abertas menos uma, a mais próxima da porta.

– Certamente está aqui o que procuramos – disse Jhasua escutando. Uma respiração fatigada, porém muito débil, era percebida claramente.

– Abre, irmão, ao médico que vem curar-te – disse Jhasua em voz alta.

Notaram que a respiração fatigada se aproximava da porta e fazia girar a chave.

O infeliz tibetano estava com o rosto amarrotado, e do nariz e da boca corriam fios de sangue. Via-se claramente que os punhos do gigantesco núbio haviam feito o seu trabalho.

– Ela manda-te para curar-me? – perguntou o mago.

– Quem é *ela*? – perguntou Jhasua, e logo acrescentou: – A mim ninguém manda. Venho por minha vontade, porque supus que estavas ferido.

– Vimos o núbio arrastar-te por essa porta – acrescentou Nabat – e, como fracassou a tua função, pensamos que serias duramente castigado. Isto é tudo.

– Seria tudo – acrescentou o mago – não fossem os tremendos compromissos contraídos com a poderosa mulher a quem sirvo.

Jhasua, com suas mãos qual suavíssimos lírios foi apalpando as contusões daquele rosto de espectro. Com seu branco lenço molhado na água de um cântaro que havia ali, limpou o sangue do nariz e da boca amarrotada.

– És piedoso como os monjes do Bhuda – disse o tibetano a Jhasua. – Se eu os tivesse escutado, não me veria agora tal como estou.

– Quem despreza o conselho dos justos sempre atrai desgraças para si – respondeu o Mestre. – No entanto, ainda há tempo para abandonar a antiga vida e iniciar uma nova. É muito triste, na tua idade, dedicar-se a esta atividade apenas por alguns miseráveis punhados de ouro que não tardarás em deixar, queiras ou não.

– Queres dizer que vou morrer? ...

– Naturalmente. Todos nós não temos que morrer algum dia? Não é preferível esperar a morte sob um teto honrado e tranqüilo que vê-la chegar através do machado do verdugo ou da corda da forca?

– Quem és tu que falas como um Profeta?

– Sou um estrangeiro que viaja estudando os homens e fazendo o bem sempre que pode.

– Tens bálsamo em tuas mãos! ... – disse receoso o tibetano. – És como os monjes do Bhuda que curam com o contato das mãos. Como poderei pagar-te pelo bem que me estás fazendo?

– Deixando a vida que levas e vindo atrás de mim! – respondeu o Mestre.

– Como escravo? – perguntou o mago.

– Eu não quero escravos, mas tão-somente amigos!

– De que te servirá a minha amizade, se perdi todo o poder adquirido, e até as "princesas" que aumentavam a minha força foram mortas? – disse tristemente o tibetano.

– O homem de bem é forte através do próprio bem, e não precisa dos malignos seres inferiores carregados de forças tenebrosas para percorrer dignamente o caminho da vida – respondeu o Mestre. – Queres decidir-te? Queres a vida tranqüila no meio dos justos? ... Queres o teu pão sem remorsos nem aflições?

– Quem mos dará se já não tenho os meios para ganhá-lo, e estou carregado pelos anos e pelo esgotamento físico?

– O Pai Celestial, Senhor de todos os tesouros do mundo! – respondeu o Mestre.

Logo ouviu-se um pequeno ruído na entrada principal do circo.

– Fugi! ... Fugi! ... – disse aterrado o mago. – Fugi por esta porta pois ela está vindo para cá.

O tio Jaime e Nabat alarmaram-se por Jhasua.

– Filho! ... Pensa na tua mãe, nos teus amigos, em todos os que te esperam e confiam em ti – disse o tio Jaime ao ouvido de Jhasua.

– Não temos nada a temer de ninguém porque não fizemos nenhum mal – respondeu o Mestre com grande serenidade.

Logo viram cruzar a arena do circo um grupo de quatro enormes negros que conduziam uma luxuosa liteira cujas cortinas fechadas não permitiam ver quem a ocupava.

Deixaram-na com grande suavidade no pavimento de pedras brancas da galeria.

Um formoso pagem ruivo de olhos azuis saiu primeiro e, descerrando a cortina, deu a mão a uma dama velada que saiu como um raio. Jhasua e seus companheiros afastaram-se para o lado para deixá-la passar.

Ao ver que o tibetano não estava só, perguntou em árabe:

– Que fazem aqui esses homens?

– Alteza! ... São estrangeiros visitando o circo. Ao ouvirem meus gemidos, chegaram até aqui para me socorrer. O mais jovem é médico.

– Merecias cinqüenta açoitadas bem dadas. – Sem levantar seu espesso véu, voltou-se para Jhasua para dizer-lhe:

– Teus serviços não são mais necessários aqui. Podes retirar-te quando quiseres.

– Alteza! – voltou a dizer o mago. – Desde que perdi "*minhas princesas*" e com elas todo o meu poder, de nada posso servir-te, e este médico piedoso levará os meus ossos que logo irão misturar-se com as raízes da terra. Senhor! ... não esqueças a tua promessa – clamou novamente, dirigindo-se a Jhasua.

– Não a esqueço. Espero-te fora do circo. – Seguido de seus acompanhantes, Jhasua atravessou a porta da quadra.

– Como é belo este homem! – exclamou Herodíades, apenas haviam saído. – É certamente um príncipe estrangeiro. Em Tiro há muitos destes belos tipos, mistura de grego e de gaulês. Não sabes quem é?

– Não, Alteza. Unicamente sei que ele é um homem piedoso e bom, visto como carrega a minha ossada que de nada lhe servirá.

– Entre tu e eu, tudo está terminado! – disse a mulher. – Muito embora saibas muitas coisas, não sinto medo de ti, visto como já não tens poder algum. No entanto, procura entender que, se chegares a deixar a descoberto alguns dos meus segredos, buscar-te-ei nem que seja no inferno para arrancar a tua língua com as unhas.

"Os da tua raça são traidores e não me fio muito em ti. Bebe isto! – E tirou da sacola que levava na mão uma pequena redoma de alabastro que o mago conhecia perfeitamente."

– O elixir do esquecimento! – disse com terror.

– Sim! Tu mesmo o preparaste para as nossas vítimas esquecerem seu passado. Sei que é eficaz, pois não falhou nem uma única vez. Bebe! – Como o mago vacilasse, ela gritou com fúria:

– Se não obedeces, mandarei os meus núbios, que estão a dez passos daqui, estrangular-te.

Parou de falar porque Jhasua achava-se de pé diante dela olhando-a com tais olhos que lhe causavam mal-estar.

– Voltaste, e te mandei sair! – gritou ela com raiva.

– Cala, mulher. Não és ninguém para mandar em mim – disse o Mestre com uma voz profunda que parecia vir de longe. – Volta sobre os teus passos! Lava com lágrimas de arrependimento os espantosos crimes de tua vida! Devolve aos seus lares as donzelas e os jovens que reténs em teu "*bosque dos mistérios*", porque o pranto das mães que choram por eles está pedindo a Deus justiça, e Sua Justiça virá sobre ti ...

A furiosa mulher desconhecia a si mesma. Uma estranha força a paralisava. Havia levantado o braço direito para esbofetear Jhasua, e a mão permaneceu paralisada como se tenazes de ferro a contivessem. Quis gritar chamando seus terríveis núbios e sua língua ressequida não pôde mover-se.

O mago tremia de medo, pois havia querido abraçar-se a Jhasua e seus braços não encontraram corpo algum.

– "O formoso médico é um fantasma!" – pensou o tibetano, habituado como era à vida entre forças supranormais que plasmavam imagens que iam e voltavam, permanecendo tanto tempo quanto o pensamento do seu criador se mantivesse.

– Herodíades! – disse a mesma voz ressoando de longe. – Faz oito mil anos que a Eterna Lei espera a tua redenção! ...

"Alma desventurada! ... Até quando resistirás à Bondade Divina? ..."

Como acionado por uma máquina, o tibetano saiu correndo a toda velocidade, atravessando a arena do circo. O duplo estérico do Mestre desvaneceu-se diante da aterrada mulher, que continuava paralisada em todos os seus movimentos. Seus olhos fora das órbitas continuavam fixos no lugar onde havia estado de pé o branco fantasma, cujo poder de fascinação era tal que a anulou completamente.

Ela própria não pôde precisar o tempo passado ali. Sabia que estava viva só porque seu coração batia e porque suas lembranças permaneciam espantosamente vivas! ...

Quando desapareceu a rigidez de todo o seu corpo, caiu por terra, como se um poderoso vento a houvesse sacudido. Convenceu-se de que o seu corpo não tinha sofrido dano algum e correu a chamar seus núbios para fugir daquele lugar enfeitiçado. Encontrou-os profundamente adormecidos sobre o pavimento, e o pequeno pagem ruivo também dormia dentro da liteira.

A pontapés despertou seus negros, tirou pelo nariz seu belo pagem de dentro da carruagem e, ocultando-se atrás das cortinas, gritou:

– Para o bosque! ... Para o bosque! ...

Os negros seguiram bem depressa na direção indicada. O bosque estava fora das muralhas, e na direção sudoeste, a meia milha mais ou menos.

Já tinha passado do meio-dia. A grande porta dourada estava aberta de par a par. Os gigantescos núbios, como troncos queimados pelo sol, estavam estendidos nos caminhos tapetados de musgo e de flores. Cada qual adormecera no lugar onde devia montar guarda.

Os pavilhões estavam desertos ... nem uma voz nem um único rumor era ouvido.

Apenas o concerto dos pássaros animava aquele silêncio de morte.

Os flamingos e as garças dormitavam junto às fontes, cujos repuxos faziam cintilar sua miúda chuva de pérolas cristalinas.

Uma porção de formosas gazelas pastava tranqüilamente, sem dar-se conta de que havia sucedido algo de anormal.

Herodíades, tremendo de ira e despeito, correu ao seu pavilhão particular, tomou o chicote de açoitar escravos e, com açoites, despertou seus guardiães núbios que desse modo tinham esquecido seus deveres.

Depois lembrou-se do famoso médico do manto branco, e cessou de açoitar os seus negros.

Ela própria havia-se reconhecido impotente perante a força extraordinária daquele homem fantasma cuja beleza não podia esquecer.

– Venceu-me! – gritou, e, deixando-se cair em seu divã de repouso, retorceu-se de raiva como uma serpente ferida e aprisionada.

– Eu o buscarei! ... Eu o encontrarei! – gritou. – Eu me vingarei, tornando-o escravo de meus caprichos até vê-lo arrastar-se como um verme a meus pés!

A formosa e florida juventude aprisionada em suas redes havia voado toda como um bando de pássaros cativos, aos quais repentinamente se abre a gaiola.

Que acontecera? A infeliz Herodíades não soube jamais, porém tu, amigo leitor, podes sabê-lo, porque os Arquivos Eternos da Luz que guardaram em suas páginas de ouro a vida excelsa do Cristo mencionará confidencialmente a ti.

Quando Jhasua disse ao tibetano: "*espero-te fora do circo*", foi passeando com seus companheiros pelos jardins que formavam como uma pequena praça defronte à entrada principal. Atrás da espessa folhagem de um caramanchão ou quiosque utilizado para a venda de refrescos nos dias de torneios hípicos, quis sentar-se, e solicitou a companhia de seus acompanhantes para um trabalho espiritual que ia realizar. Ambos eram Essênios adiantados e podiam compreendê-lo e ajudá-lo.

Sua poderosa força espiritual secundada por suas grandes alianças eternas produziu o fenômeno da aparição de seu duplo etérico em dois lugares ao mesmo tempo: na quadra do circo, onde estava Herodíades, para salvar o tibetano de suas garras, e no bosque onde ela retinha cativos quarenta e oito jovens de ambos os sexos. À força

de daninhas beberagens e de impressões trágicas de mau gênero eles haviam feito com que perdessem temporariamente a memória, enquanto se acostumavam ao novo gênero de vida a que eram destinados pela lúbrica e prepotente senhora.

A aparição do duplo etérico de Jhasua nos pavilhões do bosque devolveu-lhes a consciência da realidade do momento em que viviam e, tomando-o por um Anjo do Senhor surgido para salvá-los, vendo adormecidos seus terríveis guardiães, fugiram precipitadamente para a cidade, procurando cada qual seu lar e sua família.

A imaginação do leitor pode admirar sem esforço as emocionantes cenas de amor e de alegria nesses tristes lares que tinham visto desaparecer um ou vários dos jovens, nos quais se resumiam suas esperanças e sem ter notícia alguma do fim que haviam tido.

"– Um anjo branco abriu as portas de nosso cativeiro depois de haver adormecido os nossos guardiães" – foi tudo o que os ex-cativos puderam dizer.

"– Será o anjo Rafael que guiou o filho de Tobias?" – perguntaram as mães chorando de alegria e de felicidade.

"– Será o anjo que apareceu a nosso pai Abraham para deter-lhe o braço quando ia sacrificar seu filho Isaac?" – perguntaram outros.

Quando o Mestre despertou de seu profundo transe, era já a metade da tarde e apenas a presença ali do velho tibetano, vestido do mesmo modo que o Ancião Nabat, restava como evidência de que tudo o que lá ocorrera não era tão-somente um sonho.

Dois dias depois, o Mestre empreendia novamente a sua viagem, não sem antes ter destruído pela raiz certas divisões perigosas que existiam entre os dirigentes da Santa Aliança na Cesaréia de Filipos. Uns estavam subordinados a Nicolás de Damasco, outros ao príncipe Judá, ou a Simônides, ou aos Terapeutas do Monte Hermon.

Com a suave lógica do seu amor supremo sobre todas as coisas, Jhasua convenceu a uns e outros de que aquela instituição fraternal era precursora do Messias esperado em Israel, e que os dirigentes de Jerusalém eram, entre si, um só sentimento e um só pensamento. Sendo todos os dirigentes da Cesaréia homens jovens sem maiores conhecimentos na ordem espiritual, reuniu-os na Sinagoga de Nabat, e ficou estabelecido que ele, com seu bom discernimento e prudência, seria o conselheiro da inspirada juventude que espalhava, com entusiasmo, a boa semente.

– Quero que aprendais a amar-vos uns aos outros – disse ao despedir-se – porque, sem amor, nenhuma aliança é santa.

No Monte Hermon

Jhasua e o tio Jaime levaram consigo o mago tibetano, que já estava consolado da perda dos poderes extraordinários que o haviam tomado tão forte para o mal nos anos que não voltariam jamais.

O Mestre queria estar certo de continuar sua cura espiritual no Santuário do Monte Hermon, para onde se dirigia. Necessitava também reparar suas forças espirituais e físicas. A viagem fora longa e penosa, e o trabalho desenvolvido desde a saída de Nazareth tinha sido muito intenso.

Deixaram, pois, o caminho trilhado pelas caravanas e começaram a costear o flanco oriental do Hermon pelas pequenas sendas que os lenhadores de toda aquela região iam abrindo com seus grupos, quase até as faldas do monte. Para os bons camponeses, não era desconhecida a existência dos Solitários no mais escarpado daqueles cumes, sempre cobertos de neve. Os Terapeutas desciam como aves benéficas, trazendo aos vales a saúde, a paz e o socorro material para aqueles que deles necessitavam.

Os que não pertenciam à Fraternidade Essênia não compreendiam a vida daqueles santos homens que davam tudo quanto podiam; eles eram como uma providência vivente para toda aquela região e jamais pediam coisa alguma em troca de seus favores.

E acabaram por crer, em sua ignorância, que os Terapeutas eram seres sobrenaturais, uma espécie de gênios protetores e benéficos, que não tinham as mesmas necessidades físicas do resto dos homens.

Da Cesaréia de Filipos ao Santuário do Hermon eram dois dias de viagem em boas cavalgaduras amestradas para galgar montanhas. No entanto, era uma viagem sem perigos, graças ao infatigável trabalho dos Terapeutas, cujas piedosas solicitudes para com todos os que se aventuravam por aqueles montes quase inacessíveis haviam anulado por completo a criminalidade tão comum em lugares como esses.

A suavíssima vibração dos homens do amor e do silêncio, estabelecidos ali desde há vários séculos, de tal modo havia influído nos habitantes da região que já era proverbial a hospitaleira acolhida que os lenhadores e pastores do Líbano dispensavam aos viajantes que passavam junto às suas cabanas.

Era final do outono e a nove mil pés de altura, a que se elevam as mais altas montanhas daquela cordilheira, o frio se fazia sentir com bastante intensidade durante a noite.

Quantas vezes as fogueiras das paupérrimas choças dos lenhadores deram calor e abrigo ao meigo peregrino do Amor Eterno ao passar pela terra como um Anjo de Luz e de Misericórdia!

Nenhuma comodidade podia ser oferecida por aquelas pessoas aos nossos viajantes, com os quais compartilhavam seus leitos de palha e peles de ovelha, seu pão escuro de trigo ou de centeio esmagado com casca, as frutas da região, que alimentavam também os animais, como também os alimentos de luxo, o queijo de cabra e o pescado fresco do Nahr-el-Avaj.

A vida pura daquela gente das montanhas era a razão de sua boa saúde e de sua grande energia física, motivo pelo qual Jhasua não teve ocasião de revelar ali seus poderes de taumaturgo no que diz respeito a enfermidades físicas.

Jhasua limitou-se, pois, a despertar suas consciências para um ideal superior, para o Poder Invisível e Supremo a velar com amor sobre seus filhos.

Na verdade, sua simples palestra foi oportuna, até parecer evocadora desse Supremo Poder diante da inesperada circunstância que se apresentou.

A maravilhosa fertilidade da região montanhosa do Líbano fez dela uma das mais belas da Terra.

Na época de nosso relato, essa região ainda não havia sofrido as espantosas devastações da guerra. Os grandes bosques que cobriam vales e montes podiam quase chamar-se de inexplorados durante o último milênio. As árvores frutíferas em geral, que em outras regiões necessitam do esforço e da absoluta consagração dos agricultores, nas encostas e nos vales do Líbano cresciam do mesmo modo que os cedros gigantescos e os pinheiros.

No entanto, no meio de toda essa exuberante beleza e abundância, havia algo que aterrava seus moradores: as terríveis tempestades com trovões, relâmpagos e raios que, de tempos em tempos, se desencadeavam.

Como em tempos anteriores, mais de uma vez, ocorreu que uma dessas tempestades havia aniquilado toda uma caravana ao passar rumo a Damasco, o caminho havia sido desviado dos flancos do Hermon para a planície regada pelo caudaloso rio Nahr-el-Avaj, cujas correntes formaram os formosos lagos a oriente de Damasco.

Uma dessas espantosas tempestades surpreendeu nossos viajantes nas choças dos lenhadores.

Alguns deles, os mais pobres, sem dúvida, que não podiam manter a família nas aldeias ou cidades da região, tinha ali mesmo suas mulheres e filhos e, quando se apresentaram os primeiros sinais da tempestade, começaram a reviver as recordações daqueles que já haviam suportado outras, e a proximidade da que se anunciava produzia-lhes indizível terror, sobretudo nas mulheres e crianças.

Tudo parecia pouco para segurar devidamente os tecidos de cânhamo, as peles de búfalo, os restos de velas de embarcações, que serviam de teto improvisado para suas míseras moradas, cujas paredes eram troncos de árvores e pedras amontoadas umas sobre as outras.

– Acabei de vos falar – disse o Mestre – do Poder Supremo que cuida de todos vós com o amor de um pai para com seus filhos; e estais tremendo porque as nuvens, carregadas de forças que desconheceis, fazem chegar até nós o formidável concerto do seu furor desatado.

"Para quando reservais, dizei, a confiança no Amor Todo-Poderoso de nosso Pai comum?"

O tibetano, acostumado às ferozes borrascas de sua terra natal nas encostas do Himalaia, temia, não obstante, pela pouquíssima segurança oferecida pelas suas vivendas. O tio Jaime, conhecedor dos poderes divinos de que Jhasua era dotado, parecia tranqüilo junto à lareira da choça onde estavam alojados, que era, naturalmente, a mais bem construída.

Logo essa choça foi insuficiente para albergar todos os que pareciam buscar amparo na serena fortaleza daquele jovem Mestre, cuja dulcíssima voz era acompanhada pelos estampidos do trovão, pelo seco ruído dos raios a caírem como fios de fogo, partindo as pedras e os troncos das árvores, e pelo sibilar do vento procurando abrir caminho por entre a selva impenetrável.

As mulheres e as crianças, convertidas num montão de farrapos, se apertavam aos pés do belo estrangeiro, cujos olhos de meigo olhar pareciam dar luz às negruras da tormenta.

Quando a louca fúria dos elementos parecia disposta a fazer voar a choça protetora, e começaram a se fazer sentir o choro das mulheres e das crianças, Jhasua levantou-se encaminhando-se para à porta fechada.

Ia retirar a forte trave de carvalho que a fechava; contudo, voltou-se para os aterrados seres que o olhavam com espanto, para dizer:

– Vosso Pai Celestial vos ama tanto, mas não O compreendeis e nem sequer acreditais n'Ele!

De pé, na porta aberta da choça, tomou seu grande manto branco por um extremo e o forte vendaval agitou-o como um estandarte.

Obedientes não só à sua ordem, como também à imensa força espiritual canalizada pela união com as Inteligências Superiores de suas Alianças Eternas, todas

mergulhadas com um único pensamento na Divindade, acalmaram-se as fúrias dos elementos desatados, ficando apenas o cair sereno da chuva que fertilizava os campos.

Jhasua fechou novamente a porta, envolveu-se no manto e ocupou seu lugar junto à fogueira quase apagada.

Um silêncio de estupor manteve todos em quietude de morte.

As crianças haviam adormecido e as mulheres não soluçavam mais; entretanto, com seus grandes olhos de gazelas assustadas, elas olhavam para o Mestre como se houvessem olhado para um fantasma ou gênio benéfico que tivesse surgido dentre o fragor da tempestade.

Adivinhando o que se passava com eles, o Mestre, com seu afável modo de ser, lhes disse:

– Estou certo de que agora tendes tanto medo de mim como da tempestade que se evaporou! Julgais que sou um fantasma ... um gênio ... um deus do bosque que se deteve na vossa choça.

– Senhor ... Senhor! ... – ouviram-se muitas vozes. – Julgamos que és mais poderoso que os demônios da tormenta, e que és esse Pai Celestial do qual nos falava há alguns momentos.

– Fica conosco, Senhor, e nunca mais a tempestade virá sobre esta terra! ...

– Deixa-nos o teu manto – gritaram as mulheres – e com ele espantaremos os trovões e os raios.

– Deixar-vos-ei algo que dure mais que eu e que o meu manto! Deixar-vos-ei a fé inabalável de verdadeiros filhos de Deus, com a qual tereis a mim e, antes que a mim, Àquele que me enviou à Terra. Aprendei a esperar de nosso Pai-Amor tudo quanto necessitais para serdes bons e felizes. O que vistes nesta tarde, basta e sobra para fazer-vos conhecer o Poder Supremo, quando há corações puros, que são lâmpadas acesas pela fé.

Com a promessa de Jhasua de visitá-los novamente em seu regresso de Damasco, os lenhadores e suas famílias viram-nos partir na manhã sem nenhum pesar.

Encaminharam-se diretamente ao Santuário do Monte Hermon pelo caminho estreito dos Terapeutas.

As cavalgaduras deviam marchar umas atrás das outras e quem marchava na frente era Jhasua, que, nos troncos das árvores, de trecho em trecho, ia descobrindo os sinais usados pelos Essênios para se orientarem nos caminhos quando estes não lhes eram muito conhecidos. Esses sinais representavam uma estrela de cinco pontas, gravada com a ponta de uma faca sobre a casca daquelas árvores situadas na bifurcação dos caminhos.

O tio Jaime temia que a noite os surpreendesse e nem sequer pudessem descobrir esses sinais para se orientar.

No entanto, quando o sol do ocaso dourava com seus últimos raios o encanecido cume do Monte Hermon, sentiram o som de uma campainha aproximando-se. Logo apareceu o grande cão branco de longos pêlos ao qual chamavam, no Santuário, de "*Nevado*".

Jhasua saltou de seu jumento para acariciar o nobre animal que agitava amistosamente a cauda como uma borla de seda.

– Não podes ser aquele com quem eu brincava quando tinha cinco anos – disse-lhe, com imenso carinho, como se o animal pudesse entender e responder-lhe. – Porém te pareces tanto com ele – continuou –, que estou acreditando num milagre de longevidade.

Não passou muito tempo e apareceram dois Terapeutas jovens trazendo pelo bridão três jumentos encilhados e prontos para montar.

– Quem avisou da nossa chegada? – perguntou assombrado o tio Jaime olhando para Jhasua e para os dois Terapeutas.

– "A voz do silêncio" – disse sorrindo um deles, ao mesmo tempo que olhava para o tibetano, perante o qual não deviam fazer manifestação alguma.

– Com aviso ou sem aviso – disse o tio Jaime – acabastes com o grande temor que me oprimia há alguns momentos, vendo aproximar-se a noite nestes desfiladeiros.

Trocaram de cavalgaduras, deixando que os jumentos fatigados seguissem atrás deles sem esforço.

Jhasua explicou o caso do tibetano, que devia hospedar-se no refúgio dos viajantes, fora do Santuário.

Um dos Terapeutas se encarregou dele, a quem Jhasua recomendou que permanecesse ali em completa tranqüilidade, pois ninguém poderia causar-lhe dano algum.

O leitor, já instruído por este relato da vigilância amorosa e sutil que o mundo espiritual exercia sobre o Verbo Encarnado, terá compreendido certamente que, na concentração espiritual dessa mesma madrugada, alguns dos solitários Mestres haviam tido uma mesma clarividência: "Jhasua subindo pelos desfiladeiros do Monte Hermon, acompanhado de dois homens a segui-lo."

Uma mesma voz interior, profunda e sem ruído, havia-lhes dito: "Vem a vós para fortalecer seu espírito esgotado pelo contínuo dar e jamais receber." Palavras breves e concisas, porém profundamente significativas para aqueles Mestres de Almas, profundamente conhecedores do que significa e são essas eternas dádivas das almas adiantadas para os pequenos e despossuídos de toda grandeza espiritual.

Desde que receberam essa notícia, os quarenta Solitários do Hermon deixaram por esse dia todo trabalho material que pudesse distrair sua mente da única coisa que realmente importava acima de todas as demais: a ajuda espiritual que o Homem-Luz vinha buscar no silêncio harmonioso de suas grutas, cheias de solidão e de amor.

A magnificência divina, a inefável plenitude do Amor Eterno, transbordou-se como uma torrente nos moradores do Hermon esquecidos de si mesmos para se entregarem em amorosa oferenda à Energia Suprema, dispensadora de tudo quanto as almas necessitam para o fiel cumprimento de sua missão sobre a Terra.

Quando o sol começou a declinar, os dois Terapeutas saíram do Santuário com os jumentos e o cão "Nevado", tal como os nossos leitores já sabem.

Eles sabiam que, enquanto permanecesse a luz do dia, o viajante se orientaria pelos sinais que lhe eram conhecidos, mas, quando as sombras da noite caíssem sobre os perigosos desfiladeiros formando verdadeiros precipícios, ver-se-iam obrigados a deter a marcha, e os chacais e os lobos vagueavam pela noite de neve.

A chegada de Jhasua ao velho Santuário de rochas foi o mais glorioso acontecimento que os Solitários puderam observar.

Rememoraram os dias já distantes da perseguição de Herodes, quando o santo menino foi levado ali por seus pais para ocultar-se da fúria do idumeu, que temia Jhasua como o Libertador de Israel.

Vários Anciãos daquele tempo haviam entregue seus corpos já esgotados ao descanso dos sepulcros de rocha; contudo, mais da metade deles ainda vivia ali, carregados de anos e de merecimentos.

Apresentava-se-lhes novamente aquele menino vivaz, brincalhão e alegre, às vezes; melancólico e pensativo, outras, quando parecia que seus olhos de infinita

doçura se enchiam de lágrimas sem motivo algum aparente. Certamente, a grande alma do Cristo sofria a nostalgia do Céu dos Amadores que havia deixado para descer aos sombrios lamaçais da Terra.

Como compreender o Deus do Amor, da Sabedoria Infinita? ... Como compreender ou penetrar nos sonhos divinos do subconsciente do Cristo, amarrado a uma matéria que tornava confusas e imprecisas as radiantes imagens do seu mundo interior?

Confidências como essas os Mestres haviam feito uns aos outros há vinte e cinco anos, ali mesmo no Hermon, enquanto observavam tão de perto todas as modalidades do Verbo Eterno na sua vida infantil.

Agora, vendo-o já homem de 25 anos, circundado por tríplice auréola de Mestre, de Taumaturgo e de Santo, diziam ao Supremo Poder, em seus momentos de adoração interior: "Ainda que não houvesse nesta Terra outra obra Tua como esta, ó Deus incomensurável, somente ela bastava e sobrava para reconhecer o Teu Poder Infinito e o Teu Amor sem limites nem medida."

Jhasua trazia para os Anciãos uma cópia dos achados feitos na Sinagoga de Nehemias, tão rica em tesouros de ciência antiga.

Os Anciãos, por sua vez, fizeram ver as conquistas feitas nos últimos anos entre as grandiosas ruínas que existiam fora dos muros de Palmira, a magnífica e populosa cidade da Rainha Zenóbia, que o imperador Aureliano destruiu vandalicamente dois séculos depois. (*)

As escrituras caldaicas, provenientes do palácio de Belesis e dos templos de Tapsaco, foram transladadas para Palmira, quando Alexandre, o Macedônio, invadiu a Ásia Menor, a Armênia e a Mesopotâmia.

O palácio de Belesis era uma enorme fortaleza-templo mandada construir por Gudea I, Rei da Caldéia e fundador da cidade de Sirtella, 3.580 anos antes do nascimento de Cristo.

As descobertas realizadas pelos Solitários nas ruínas de Palmira revelavam claramente que os antigos sacerdotes caldeus haviam cultivado com grande esmero as ciências ocultas, nas quais chegaram a ser mestres consumados. A astrologia, a astronomia, a magia em todos os seus aspectos, foram os seus conhecimentos preferidos, com os quais não fizeram grandes progressos morais nem espirituais os povos aos quais mantinham aterrados com os terríveis deuses arbitrários e vingativos, reclamando continuamente sacrifícios sangrentos.

No entanto, os Mestres Essênios, habituados ao sistema de ocultamento para os povos, haviam encontrado atrás do obscuro simbolismo as grandes verdades que se irmanavam, em muitos pontos, com as escrituras pré-históricas, cuja origem remontava aos Dackthylos da Ática e aos Kobdas do Eufrates.

Observaram, pois, que as características de que eram adornados os deuses apresentados à adoração do povo correspondiam aos principais planetas do nosso Sistema Solar e às grandes estrelas visíveis da Terra.

Mas aquelas antigas escrituras não haviam sido feitas em papiros nem em tecidos encerados, mas em plaquetas de barro cozido que, colocadas uma ao lado da outra, formavam os numerosos tomos de uma obra colossal.

(*) Estas ruínas, que foram chamadas de Palmira, eram os últimos vestígios da antiquíssima cidade de Tadmor, fundada pelo Rei Salomão na época do intercâmbio de terras e de cidades realizado com Hiram, Rei da Síria. Da antiga cidade de Salomão foram tiradas toda as suas riquezas para construir a cidade de pórfiro e mármore, a branca Palmira, orgulho da Síria. Da mesma maneira como o mundo moderno contempla em Roma as imponentes ruínas da Roma dos Césares, contemplava-se, nessa época, as ruínas de Palmira (N.T.).

Cada deus tinha a sua história de acordo com a ciência dos Kobdas sobre as humanidades que habitavam aqueles mundos siderais, seu gênero de vida e o grau de sua evolução.

A Mercúrio chamavam de "*Nebo*", e era o deus da ciência, em razão de os mais antigos ensinamentos baseados em manifestações de Inteligências procedentes daquele mundo deixarem compreender o avançado adiantamento a que havia chegado essa humanidade na astronomia, na astrologia e no cálculo.

"*Ninip*" era o nome do Saturno, deus de força, simbolizada em seus anéis a asfixiarem as feras monstruosas do mar e dos montes. Os satélites e asteróides desse planeta – diziam os antigos Kobdas – eram mundos primitivos, onde as Inteligências encarnadas viviam em permanente luta com as espécies inferiores, do mesmo modo como sucedeu na nossa Terra nas primeiras épocas da evolução.

"*Istar*" era o planeta Vênus, deus do amor, e os antigos ensinamentos dos Kobdas marcavam esse planeta como habitação de uma humanidade que já havia compreendido a grandiosa lei da solidariedade e praticava o amor fraterno.

Três dias levou o jovem Mestre para realizar todas essas comprovações, que confirmavam mais ainda a sua convicção sobre a origem comum das mais antigas civilizações. Procurando fazê-lo descansar mentalmente, os Anciãos afastaram-no do Arquivo das antigas escrituras caldaicas e, no quarto dia de sua permanência no Santuário, quiseram levá-lo a visitar a gruta, em cujos penhascos exteriores aparecia a enorme fenda por onde se lançava, com força de torrente, a água que dava origem ao célebre rio Jordão, o qual, percorrendo de norte a sul a Síria e a Palestina, ia esvaziar-se no Mar Morto.

A essa gruta os Anciãos chamavam de "Manancial" e ninguém, a não ser eles, freqüentava essas paragens situadas meia milha a oeste do conjunto de grutas que formavam o Santuário.

Eram verdadeiros ninhos de águia, graças à altura onde se achavam e pelas profundas gargantas, verdadeiros precipícios que os rodeavam.

A perseverante paciência dos Solitários havia aberto caminhos só conhecidos por eles, por onde desciam com bastante freqüência para remediar as necessidades dos moradores do vale ou buscarem o que era indispensável para sua própria sobrevivência.

Como recordará o leitor, eles tinham a sua família de porteiros que eram sobrinhos de Simão (o apóstolo Pedro de anos depois). Podia-se dizer que eles eram os empregados ou mensageiros do Santuário para a venda dos trabalhos manuais ou dos produtos elaborados pelos Solitários, tais como xaropes e conservas de frutas, preparados à base do mel extraído de seus imensos colmeais.

Na gruta do "Manancial", os Anciãos prepararam habilmente um tabernáculo de pedra, dentro do qual puseram uma lápide de mármore branco cuja inscrição recordava o momento quando Moisés fez brotar água dos penhascos para dar de beber ao povo que atravessava o deserto.

A cada sete dias, os quarenta Solitários iam ali para irradiar fluidos benéficos para o espírito e a matéria de todos os que usassem límpidas águas emanadas do "Manancial".

Relacionada com isso, estava, sem dúvida, a idéia de Johanan do Hebron (o Batista), de fazer sua pregação nas margens daquele rio nascido nas alturas nevadas do Hermon, e cujas águas estavam vitalizadas pelo amor silencioso e desinteressado de um punhado de homens, obreiros do pensamento, cujo supremo ideal era o bem de seus semelhantes.

Dizia o Batista em sua epístola a Jhasua: "Chamo meus irmãos às margens do Jordão para se purificarem em suas águas e poderem vestir túnicas novas para esperar a tua chegada."

Na gruta do "Manancial" percebia-se um sutilíssimo ambiente de paz e de amor, levando insensivelmente o espírito a concentrar-se em profunda meditação.

Quando seus olhos se habituaram mais à penumbra ali reinante, Jhasua viu umas inscrições um tanto apagadas em distintos lugares da velha muralha interior.

– São os nomes dos sete primeiros que cantaram aqui salmos ao Altíssimo – disse o Ancião Servidor.

"Foi este o seu primeiro abrigo quando o manancial era apenas um delgado rio de água. Buscando a sua proximidade, instalaram-se ali até que, examinando a montanha, encontraram os túneis e cavernas que faziam parte de uma grande mina de prata explorada e abandonada há mais de dez séculos.

Hadad-ezer, Rei de Soba, havia extraído dali uma enorme quantidade de prata, com a qual comprou a aliança do Rei David. E Jhasua filósofo pensou: "Nestas grandes escavações, derramou-se o suor e o sangue de inúmeros escravos para satisfazer a ambição dos poderosos e, delas, elevam-se hoje a Deus os pensamentos de Amor e de Fé daqueles que buscam o bem, a felicidade e a justiça para os pequenos deserdados. A ambição abriu entranhas nas rochas para extrair seus tesouros; e, dali mesmo, outros homens sem interesses nem ambições extraem tesouros de paz e de felicidade para os que padecem e choram. Oh, os ocultos caminhos de Deus ... quem conseguirá conhecê-los todos?"

O tio Jaime, que na noite anterior fora promovido ao quarto grau de Fraternidade Essênia levando somente dois anos no terceiro grau, encontrava-se nesse instante junto de Jhasua, pois já não havia com ele restrição alguma desde que o jovem Mestre fizera compreender aos Essênios até que ponto ele lhe estava consagrado.

Estavam ali reunidos quarenta e dois homens de diferentes graus de compreensão da ciência divina de Deus e das almas, no entanto, havia em todos eles algo que os igualava: o grande amor ao Verbo encarnado e o desejo de colaborar em suas obras de redenção humana. Em face disto, a lei da afinidade cumpria-se de modo admirável neles e tiveram o mesmo pensamento: que a poderosa vibração de amor do Filho de Deus vitalize até nas entranhas da rocha as águas deste "Manancial", e que ele seja uma fonte perene de saúde e bem-estar para todos os que dela se aproximarem.

Quando todos pensavam isso olhando para o caudal que brotava do penhasco, Jhasua se aproximou dele em silêncio e mergulhou ambas as mãos na espumosa vertente, cuja força as fazia tremer, tal como se fossem delicadas varas de nardos em flor que o correr das águas agitava fortemente.

Um trovador cristão do primeiro século da nossa era cantou, em versos musicais e diáfanos, o abraço do Cristo com as águas do Jordão, e todos entenderam ser esta uma alusão a quando ele entrou no rio para ser batizado por Johanan, confundindo-se assim com a multidão que procurava ser lavada de suas culpas nas ondas do rio sagrado.

Mas o primeiro beijo do Filho de Deus nas águas do Jordão aconteceu neste ignorado momento que acabo de relatar aos meus assíduos leitores.

Quando regressaram ao Santuário, Jhasua e todos os seus acompanhantes se sentiam verdadeiramente fortalecidos e renovados na excursão à gruta do "Manancial".

– Todas as dádivas do Pai Celestial são formosas – disse o Mestre aos Anciãos –, porém, a água com a luz e o ar, formam a divina trilogia que coroa todas as suas obras na Criação Universal.

Quando terminaram a refeição do meio-dia, Jhasua voltou ao Arquivo para examinar novamente as plaquetas de barro cozido encontradas nas ruínas de Palmira. Ali procurou os velhos croquis ou mapas dos remotos tempos pré-históricos da Caldéia e da Mesopotâmia, quando tinham outros nomes que a Humanidade havia esquecido: país de Ethea, país de Nairi, Ur Bau.

Fazendo os cálculos com minuciosa precisão, comprovou sobre os velhos croquis que a cidade de Tampsaco, à qual pertenceu a fortaleza de Belesis, se erguia justamente no ângulo sul do país de Ethea, onde se unia com o país de Nairi e onde se elevava a pré-histórica e formosa cidade de Nibiza, sobre o Eufrates. Revelava também com admirável precisão que Nibiza, na idade de ouro dos Kobdas, foi Tampsaco, invadida por Alexandre Magno, e então era Tiphsa, onde, há cinco anos, vira morrer o sábio ancião Baltasar, seu amigo desde o berço.

– "Ruínas sobre ruínas! – pensou. – E agora tenho em minhas mãos o que aquelas civilizações desaparecidas legaram aos homens da época presente."

Ajudado por dois dos Anciãos que eram mestres na interpretação de línguas mortas, puderam ler, naquele informe montão de ladrilhos de barro cozido, no qual os astrólogos e magos da Caldéia e da Assíria deixaram gravada sua ciência e sua vida.

Chamou particularmente a sua atenção uma escritura estampada em trinta e dois ladrilhos, cujo título era este:

"*OS MORTOS MANDAM.*"

Os intérpretes foram traduzindo e Jhasua foi escrevendo a tradução.

Como este é um assunto que interessa em todos os tempos e a todos os seres que pensam e aspiram cada vez mais por conhecimentos, julgo oportuno transcrever aqui a tradução copiada pelo jovem Mestre.

Eram três relatos diferentes. Um sobre o cataclisma do vale do Shidin, do qual resultam incendiadas Sodoma, Gomorra e três outras cidades mais, das quais apenas restava, como recordação viva, o Mar Morto com suas águas venenosas e estéreis.

O outro se referia ao vale do Ghor, por onde agora corre o rio Jordão, que iniciou seu curso quando a rocha do Hermon abriu aquela fenda e a água começou a jorrar.

O terceiro era a transcrição de tradições orais trazidas por viajantes náufragos do outro lado do oceano, pois se referiam aos acontecimentos no Continente Atlante desaparecido, e do qual ficou como último vestígio a ilha de Poseidônis, defronte às "Colunas de Hércules", hoje Estreito de Gibraltar.

Estes relatos não eram novidade para Jhasua, pois tinha lido algo disto nas "Escrituras do Patriarca Aldis". Contudo, o título "*Os Mortos Mandam*" foi o que chamou a sua atenção.

– É bom conhecer – disse – as determinações daqueles que o vulgo chama de mortos, visto como aqui devemos ter uma boa base para provar aos homens descrentes que a alma humana não morre jamais. O primeiro relato dizia assim:

"Eram cinco cidades brancas no vale do Shidin, parecendo garças adormecidas ao sol: Sodoma, Gomorra, Aadma, Zeboim e Bela ou Belha.

"Quatro Reis se aliaram para subjugá-las: Anraphel, Arioch, Chedorlaomer e Tidal.

"Durante vinte anos, tiranizaram seus povos, ultrajaram suas mulheres, degolaram os homens que não se lhes submetiam, enterraram vivos os anciãos e enfermos inúteis para o trabalho. Os homens hábeis foram escapando em grupos de vinte ou de trinta.

"Quando se completavam os 20 anos de escravidão e de opróbrio, os que estavam já a salvo disseram: 'Eis que em nossas cidades ficam apenas os nossos mortos, que não podemos carregar às costas. Que eles peçam por nós justiça a Jehová.'

"E dispersaram-se pelos campos e cidades distantes para ganhar o pão com o suor de seus rostos.

"Uma das fontes de riqueza dessas populosas cidades eram as minas de carvão, de betume e de enxofre e, num dia escolhido por Jehová para fazer justiça, as almas dos degolados, enterrados e queimados, apresentaram-se aos invasores nas cinco cidades do vale Shidin como um vento de fogo, fazendo explodir as minas e, em apenas quatorze dias, tudo ficou reduzido a um negro lago de betume, que continuou ardendo por quatro luas consecutivas.

"O florido vale do Shidin é e será, pelos séculos, o *lago da Morte*. Os mortos foram tochas incendiárias da justiça de Jehová. Os mortos mandam sobre os vivos."

O segundo relato dizia:

"Além, em época muito remota, quando a *Virgem Branca dos Céus* (a estrela Vegha) era a estrela polar da Terra, um poderoso Rei quis limpar suas cidades dos aleijados, cegos, paralíticos e enfermos de toda espécie, com o fim de aperfeiçoar a raça. Seus guerreiros fizeram correr a açoites, como a um bando de cães sarnentos, todos que estavam nessas condições em seus vastos domínios. Empurraram-nos para o profundo barranco do Ghor, para serem devorados pelas feras ou perecerem de fome, pois ali cresciam tão-só sarçais espinhosos e não havia um único poço de água.

"Mais da metade pereceu de fome e de sede em poucos dias, muitos outros foram devorados pelas feras, e os poucos que sobreviveram queriam fugir para outras regiões em busca de água e de frutas silvestres. Eles choravam amargamente porque deixavam ali abandonados os ossos de seus mortos.

"No entanto as almas errantes que lhes apareceram em sonhos disseram: 'Esperai um dia mais que o Deus dos vivos e dos mortos estará pronto para vos fazer justiça. Faremos brotar água do Monte Cabeça Branca.' Era o Monte Hermon, cujo cimo nevado se assemelha a uma grande cabeça com cabeleira branca. Os poucos sobreviventes subiram pelas suas gargantas e desfiladeiros e, sob um ardente sol do meio-dia, viram a montanha ranger como se fosse desmoronar, até que se abriu uma fenda negra e profunda e dela começou a brotar um delgado fio de água.

"– Nossos mortos nos dão água para a nossa vida. Nossos mortos vivem, e são anjos protetores dos que ainda permanecem vivos sobre a Terra.

" 'Os mortos mandam sobre as forças vivas da Natureza, porque o Deus dos vivos e dos mortos quer vê-los unidos e solidários às vestimentas de barro e às de Luz.' – E o profundo barranco do Ghor converteu-se no delicioso vale regado pelo rio Jordão, que fertilizou a terra dada por Jehová à numerosa descendência do patriarca Abraham."

O terceiro relato era como segue:

"Numa época muito remota, que não podemos precisar, o azulado firmamento se abriu como em vermelhas labaredas de fogo, produzindo ruídos e tremores espantosos, até que caiu uma enorme massa de rochas, pedras e areia sobre uma populosa cidade de um formoso país da Atlântida, quando as grandes inundações do mar que a tragaram, haviam já começado sua obra de destruição que durou muitos anos.

"A massa planetária que, de algum globo em desagregação, se precipitou sobre a superfície terrestre era tão grande como a área da cidade que se afundou a muitos côvados, arrastada pelo tremendo aerólito. Somente se salvaram da catástrofe os pastores que guardavam o gado longe da cidade e os lenhadores que se encontravam no bosque.

"Em seu regresso, encontraram no lugar onde anteriormente era ocupado pela cidade, algo que lhes pareceu um pedaço de montanha, muito embora fosse uma espécie de pedra desconhecida no lugar.

"A ignorância tende sempre a procurar no maravilhoso a solução de todos os fenômenos que não consegue compreender. Imediatamente, pensou-se na cólera dos deuses que tinham esmagado a grande cidade com uma pedra, como um garoto esmaga um lagarto indefeso.

"O insólito acontecimento ficou conhecido em outros países vizinhos e os homens doutos acorreram para ver de perto os vestígios da catástrofe.

"Compreenderam que se tratava de uma enorme massa planetária, de uma pedra formosíssima, não só equivalente como ainda superior aos melhores mármores. Era de um vermelho quase púrpura, com listras esverdeadas, azuladas e amareladas.

"– Isto é pórfiro ... puro pórfiro – disseram os técnicos –, e há aqui suficiente para edificar palácios e templos de uma suntuosidade nunca vista.

"Os magnatas das cidades vizinhas levaram grupos de escravos para tirar blocos dessa pedreira vinda através do azulado firmamento, quem sabe de que mundos distantes e ignorados pela humanidade terrestre.

"Logo começou uma luta de morte entre os ambiciosos exploradores da pedreira maravilhosa, e os infelizes escravos morriam às centenas com os crânios ou as costas partidas a golpes de picaretas e de enxadas pelos trabalhadores de um grupo contra os dos outros.

"O sangue desses mártires do trabalho confundia-se com o vermelho brilhante da pedra tão cobiçada.

"Passaram-se cinco, dez, quinze anos, e os mortos no afundamento da grande cidade esmagada pelo aerólito já se haviam despertado da perturbação natural daquela morte súbita e trágica. Eles reconheciam ter merecido morte tão horrorosa, porque a maior parte deles havia feito com seus escravos e servidores o que estavam fazendo os exploradores da montanha trágica.

"Esses mortos começaram a aparecer para dizer-lhes: 'Fugi todos daqui, que esta é a nossa cidade desaparecida, e não consentiremos que se alimente a soberba dos tiranos construindo-lhes palácios da pedra vermelha que nos privou da vida.

" 'Fugi! ... Fugi daqui, pois esta rocha vermelha é o nosso panteão sepulcral.'

"Claro está que, em toda aquela região, não se encontrou quem aceitasse trabalhar na misteriosa montanha, domínio dos mortos. Se algum obstinado e teimoso amo queria forçar seus escravos de chicote na mão a trabalhar naquela pedreira, os fantasmas materializados arrancavam-lhe o chicote e começavam a açoitar o audaz que se atrevia a desobedecer-lhes a ordem.

"Aconteceu passar um dia por esse trágico lugar, terror da região, um grande Profeta que amava os pequenos desprotegidos. Viram-no aproximar-se sem medo da montanha cor de sangue, subir e descer por seus flancos e pelas suas cortantes ladeiras. Viram-no pensativo, sentado sobre o amontoado de blocos que os fantasmas não haviam permitido arrastar para fora dali. Depois, viram-no falar nas praças e ruas das cidades vizinhas sobre o poder que o Altíssimo muitas vezes dá aos mortos para ensinar o bem e a justiça aos vivos.

"Ele obteve de alguns príncipes e caudilhos aterrados pelos acontecimentos que tinham ocorrido os meios necessários para construir no cume da montanha vermelha um refúgio para mães inválidas e crianças nascidas na miséria ou destinadas à morte por serem aleijadas ou enfermas.

"Isto foi do agrado dos mortos defensores da montanha, e a Casa-Berço, asilo de mães, foi rapidamente levantada sem que os trabalhadores sofressem incômodo algum.

"Isso permite supor que os mortos na catástrofe tomaram a matéria para realizar uma nova existência naquele mesmo refúgio de mães e de órfãos, ali onde uma terrível experiência lhes havia ensinado que a maldade jamais leva à felicidade e que a Justiça Divina vence sempre a arrogância dos homens.

"Esse Profeta chamava-se Antúlio, e três anos depois morria envenenado pelos sacerdotes e Reis, que viam nos seus ensinamentos aos povos um perigo para a sua soberania.

"Poucos anos depois, as bravias águas do oceano se derramaram sobre aquela parte do continente, inundando-o. Só ficou, como uma pequena ilha cor de sangue, a montanha vermelha com a Casa-Berço e refúgio de mães, cuja base era lambida mansamente pelas ondas do mar. Os refugiados negaram-se a abandonar seu ninho de águia, de onde saíam em pequenas barcas os discípulos do Profeta, que cuidavam de suas vidas em memória do grande morto que continha a fúria do mar bravo aos pés da montanha salvadora. Os mortos vivem e ordenam em nome de Deus sobre os vivos da Terra."

Quando os intérpretes terminaram a tradução deste terceiro relato e Jhasua terminou de copiá-lo, os três se entreolharam no mais profundo dos olhos como perguntando uns aos outros: "Que diremos de tudo isso?"

– Nas passagens de Antúlio conservadas no Arquivo do Monte Carmelo – disse Jhasua –, não encontrei menção desse aerólito, de maneira que julgo será isto uma novidade para todos.

– É muito interessante e original: no entanto, sem dúvida pensais em como isto pôde ser encontrado numas ruínas da Caldéia, não é verdade?

– Justamente – respondeu o Mestre – e eu quisera ter a certeza de que estas escrituras em placas de barro cozido podem ser dignas de crédito.

– Nós já havíamos feito a nós mesmos essas intrigantes perguntas e despendemos muitos dias e muitas noites no estudo do itinerário que estas e outras escrituras encontradas aqui devem ter seguido até chegar à cidade de Palmira.

"Fala aqui de náufragos que, de costa em costa e de ilha em ilha, vieram empurrados pelas águas do oceano, as quais, ao romperem as penhascosas terras da Mauritânia, unidas à da Ibéria, inundaram o profundo vale que hoje é o Mar Grande ou Mediterrâneo. Ficaram à flor da água os cumes das altas montanhas, que são as ilhas de Creta, de Rhodes e de Chipre. As pequenas embarcações ou balsas de salvamento foram refugiando-se nelas e, embora esses navegantes fugitivos das ondas não levassem nem escrituras nem tesouros, traziam consigo a tradição oral dos acontecimentos ocorridos no seu distante país submergido sob o mar. Foi sem dúvida na Caldéia, onde essas tradições foram gravadas nessas placas de barro cozido, pois esse sistema de escritura foi usado ali desde os tempos mais remotos. Além disto, em algumas placas de madeira unidas por anéis de cobre, pôde ser comprovado que, em Salamina, antiga capital de Chipre, se radicaram em caráter definitivo os fugitivos de um grande Rei atlante, que chegou até a Ática com tantas naves que não podiam ser contadas e que foi derrotado pelos invencíveis guerreiros de Hisarlik. Alguns fugiram para a Trácia pelo Helesponto e pelo Propôntida, enquanto outros fugiram para o leste, pelas ilhas encontradas no caminho. Em pequenos cilindros de osso, existem gravações mencionando uma cidade denominada Arados que, nas antigas cartas de navegantes, aparece defronte a Salamina, já na costa da Fenícia. De Arados a Tampsaco são três dias de viagem em camelo.

"Esclarecemos que os nossos Terapeutas as encontraram numa caixa de carvalho enterrada entre escombros, sob uma camada de terra e relva, ao escavarem para extrair raízes de plantas medicinais que cresciam exuberantemente sobre os despojos da destruição e da morte."

Jhasua ficou pensativo e silencioso por alguns momentos.

– Preocupam-vos essas escrituras? – perguntou um dos Essênios intérpretes.

– Eu pensava – disse o Mestre – na responsabilidade que pesa sobre o Santuário Essênio diante da Fé, da História e da Ciência em relação ao futuro da Humanidade.

"Dia virá – acrescentou – em que a Fraternidade Essênia desaparecerá como os Profetas Brancos, os Flâmines, os Dackthylos e os Kobdas. O que será destes riquíssimos Arquivos de ciência e de História antiga, hoje escondidos no seio das montanhas?"

– A Divina Sabedoria – respondeu o Essênio – providenciará para que apareçam guardiães fiéis dos seus tesouros.

"Em último caso, ainda que tudo seja destruído pela inconsciência e pela ignorância dos homens, eles não podem destruir o Eterno Arquivo da Luz Incriada, no qual permanecem vivendo, como em letargia, até os pensamentos mais fugazes dos habitantes da Terra. Julgas que nós mesmos, eternos viventes, não podemos referir para a humanidade do futuro os acontecimentos das idades passadas? Acaso há algo impossível para o Poder Soberano dentro da imensa órbita da Sua Lei imutável?"

O Mestre exalou um profundo suspiro, como se o seu coração fosse aliviado de enorme peso, e disse com voz de inspirado:

– Eu sei que logo depois da minha partida da Terra vendavais furiosos arrancarão a minha semeadura de hoje, e hálitos de tragédia empaparão de sangue os caminhos de meus continuadores, mas o Pai me dá tal plenitude e firmeza na minha fé, sobre o triunfo definitivo do meu ideal sublime de amor, que toda vacilação me é impossível, e meu espírito rechaça com horror até a mais imperceptível sombra de dúvida.

– E nós contigo, Jhasua, até o último alento da vida! ... – exclamaram ambos, estreitando as mãos do jovem Mestre.

No dia seguinte, muito de manhã, todos os Solitários desceram de seu ninho de águia, acompanhando o viajante até um patamar da montanha, no lugar preciso do nascimento do rio Abaná no flanco oriental do Hermon.

– O caminho segue o curso do rio – disseram –, cuja corrente dá voltas pelo norte nas muralhas de Damasco. Quereis a companhia de um Terapeuta prático na cidade?

– Para a viagem, é suficiente a companhia do tio Jaime; contudo, talvez na cidade poderá ser-me necessário – respondeu o Mestre.

Os Terapeutas mais jovens eram seis e, como todos quisessem acompanhá-lo, tiraram a sorte, e foi favorecido o mais jovem deles, natural de Ecdippa, na província galiléia. Seu nome era Zebeu, e foi um dos doze apóstolos que acompanharam o Cristo até a sua morte.

Em Damasco

Alguns aspectos da antiga Damasco e de seus arredores foram dados a conhecer ao leitor ao mencionar aquela primeira viagem de Jhasua a Ribla que, de passagem, se deteve com seus companheiros por alguns breves dias.

Chegado a esta altura da sua vida, iniciando sua missão de Apóstolo do Oriente Próximo, o leitor ficará conhecendo algo mais da velha capital, daquela que se chamou "Arábia Feliz", para melhor destacá-la da "Arábia Pétrea" e da "Arábia Deserta", três regiões bem diferentes entre si, formando o vasto país que ainda não tinha sido submetido ao domínio estrangeiro.

Ao descer das alturas do Hermon, entra-se de cheio na esplêndida planície regada pelos rios Farfar e Abaná, através da qual o viajante chegava até junto das muralhas da populosa cidade.

Esta ficava situada no ponto onde os rios juntavam suas correntes, e a abundante rega havia convertido os arredores de Damasco em hortos frondosíssimos e maravilhosos jardins de uma beleza poucas vezes vista nas regiões do Oriente Próximo.

Disseminados entre as verdes pradarias, pastam os pacíficos e tranqüilos camelos de pêlo branco ou canela, manadas de cavalos árabes de formosa estampa, grandes rebanhos de ovelhas e cabras de longo pêlo da raça persa e, misturados com eles, as graciosas gazelas do deserto, atraídas pelos pastores para a vizinhança das cidades. Quem já contemplou estes quadros de beleza indefinível consegue fazê-los reviver novamente, nem bem evoca a recordação distante.

O leitor pode imaginar o nosso sensitivo Jhasua atravessando esses jardins do Pai Celestial, como ele dizia, detendo o passo do seu jumento para dar lugar a que sua alma se empapasse de beleza, e que tão formosos quadros pudessem ficar gravados bem profundamente na sua mente.

Toda alma grande e pura é sensível em extremo às belezas da natureza, nas quais encontra o mais belo e sublime poema, a cantar, em inimitáveis tons, a onipotente sabedoria do Eterno Criador. Jhasua sentia-se criança e queria começar a correr atrás dos cabritinhos brincalhões e das graciosas gazelas.

Um silêncio contemplativo e profundo absorvia os três viajantes, pois tanto o tio Jaime como o bom Zebeu participavam da crescente admiração do Mestre.

– Como poderiam ser más as criaturas que habitam aquela formosura de Deus? – perguntou finalmente Jhasua para traduzir em breves palavras o mundo de reflexões que povoavam a sua mente. – Tinha razão o Scheiff Ilderin – acrescentou – quando, ao ver o meu entusiasmo junto ao lago de seu Horto das Palmeiras, disse-me: "Muito mais bela é a pradaria do Abaná, ao redor de nossa incomparável Damasco."

– Mas é necessário confessar – disse Zebeu – que ainda no meio de tantas belezas os perversos não deixam de existir, quando a vingança se apropria de seus sentimentos. Estes formosos hortos e jardins foram devastados por um incêndio provocado pelo ódio e pela vingança.

– Faz muito tempo que ocorreu isso? – perguntou Jhasua.

– Mais de dez anos, segundo creio – respondeu Zebeu.

– Então é por isso, sem dúvida, que, quando há dez anos passei por aqui, a caminho da cidade de Ribla, a exuberante beleza desta pradaria não me entusiasmou como agora – disse o Mestre.

– Os lavradores ficaram pobres, pois era o fim do verão, os trigais estavam na eira e o feno segado e enfeixado, razão pela qual o fogo se alastrou de modo implacável – acrescentou Zebeu, conhecedor da região.

– Foi intencional ou um simples acidente? – voltou o Mestre a perguntar.

– Foi uma vingança contra o Rei Hareth, ao repudiar sua esposa favorita para tomar uma princesa persa. A mulher preterida, junto com seus familiares e escravos, organizou o grande incêndio, cujas grandes proporções puseram o Rei em grande

dificuldade, visto como estas pradarias são a fonte de renda principal da região, que se viu ameaçada pela fome. Grande parte dos rebanhos pereceram pelo fogo e depois pela fome. Vês aquele negro promontório ao norte da cidade?

– Vemos claramente – responderam Jhasua e o tio Jaime.

– É um horroroso presídio, onde pagam o seu crime os causadores daquele incêndio. Aquele que entra ali despede-se da luz do dia. Em tempos bastante remotos e quando esta região era dominada pelos caldeus, dizem que aquela construção era um templo a Raman, deus das tempestades. Segundo a tradição, em cada lua nova eram sacrificados lá um jovem e uma virgem de nobres famílias, para que a iracunda divindade não açoitasse os campos com seus furacões e tempestades. Dizem que ainda existem lá milhares de crânios e esqueletos. O Rei Hareth transformou-o em presídio desde o ano do incêndio.

"Quem entra ali fica louco, porque os bufos, os morcegos e os répteis fazem seus ninhos entre as ossadas que, ao contato desses animalejos, produzem ruídos nada agradáveis. Antes do incêndio, não havia presídio em Damasco, porque os criminosos eram decapitados ou enforcados. Porém a esposa persa do Rei Hareth sente horror a que seu esposo se manche de sangue, e agora ninguém é condenado à pena capital. São encerrados no promontório de Raman."

Jhasua ouvia em profundo silêncio o que Zebeu dizia; entretanto, sua alma, que era uma harpa de amor, inundava-se de infinita piedade pelos enterrados vivos naquele horrível presídio.

– Zebeu! – disse repentinamente o Mestre. – Não podemos visitar esse antigo templo de Raman?

– Muito embora a cidade e toda a paragem me sejam muito conhecidas – respondeu – não temos ninguém ligado ao príncipe Hartath, nem sequer às pessoas chegadas ao seu serviço.

Quando chegaram ao largo fosso que rodeava a cidade, e que, pelo recente aumento das águas dos rios, estava completamente cheio, Jhasua viu passeando pela ponte estendida sobre o grande fosso dois moços altos, esbeltos e de rosto moreno. Pareceu reconhecer essas fisionomias e deteve com insistência seu olhar neles que, sentindo-se observados, voltaram a cabeça para os viajantes. Entravam e saíam tantos durante o dia pela Porta do Sul, para a qual convergiam os caminhos percorridos pelas caravanas do leste, do sul e do oeste que, de ordinário, ninguém prestava atenção em duas ou três pessoas que chegassem sem nenhuma circunstância que movesse a curiosidade.

Os dois jovens que passeavam pela ponte, tão logo viram Jhasua e o tio, aproximaram-se deles.

– Mestre – disse um deles. – Não vos recordais de nós?

– Julgais assim, no entanto, não faz tanto tempo que repartimos o pão e bebemos juntos o vinho na mesa do príncipe Melchor, no seu Santuário do Monte Hor – respondeu Jhasua.

– E logo depois na granja do André do Monte Quarantana – acrescentou o tio Jaime. – Não fizestes conosco a viagem até Jerusalém?

– Justamente, tendes boa memória.

– Direi também vossos nomes – acrescentou o Mestre. – Tu és Ahmed e tu Osman. Estou certo?

– Sim, Mestre. Agradecemos por terdes recordado os nossos nomes.

– Que fazeis aqui? – perguntou Jhasua.

– Como sabeis, Mestre, estamos a serviço do comerciante Simônides, e por ordem dele viemos até aqui. É uma felicidade este nosso encontro.

– Para mim também o é; e, visto como o nosso grande Simônides jamais faz as coisas pela metade – disse o Mestre –, é certo que estais em Damasco recomendados a alguém. Nosso Simônides tem amigos em toda parte.

– É verdade. Viemos recomendados ao etnarca desta região, que é um filho do Rei Hareth de Petra, grande amigo do nosso pai adotivo Melchor – respondeu Ahmed.

– Isto quer dizer que em Damasco sois grandes personagens? – perguntou, rindo, o tio Jaime.

– Tanto assim não, contudo, estamos aqui como filhotes de pardais em ninhos de seda.

– Bem vês, amigo Zebeu, como o Pai Celestial limpa o mato dos caminhos para aqueles que andam por eles derramando o bem – disse o Mestre.

– Por enquanto, vamos entrar – disse o tio Jaime – e depois falaremos de tudo quanto quisermos.

– Quereis ficar hospedados em nossa pousada? – perguntou Osman. – O dono é amigo do nosso patrão Simônides.

– Vamos para lá – disse Jhasua –, pois o nosso velho amigo tem olho de lince para conhecer os homens.

O leitor poderá adivinhar facilmente que, com as recomendações de Simônides para o etnarca Hartath de Damasco, os dois jovens árabes, já mencionados, facilitaram grandemente a obra que o Mestre queria realizar naquela capital da Arábia.

Inteirado o etnarca da grande amizade de Jhasua por Simônides e pelo Scheiff Ilderin, confiou nele como houvera confiado em Elias Tesbitha, o Profeta de Fogo, como era chamado pelos árabes dessa região que lhe dedicavam um culto mesclado de terror.

O etnarca era jovem e havia casado recentemente. A esposa era de nobre família, descendente dos antigos Reis caldeus. Seu pai era um sábio astrólogo e mago de grandes poderes psíquicos, segundo todos julgavam.

Entretanto, todos esses poderes e faculdades se estatelavam contra uma muralha de pedra, ao tratar de salvar a penosa situação do lar do etnarca, seu genro, que, pouco depois do casamento, estava vendo enfraquecer e morrer lentamente a esposa favorita.

Segundo seus costumes, ele tinha mais três mulheres de sua própria raça, e que eram, ao mesmo tempo, guardiãs da criadagem imediata da esposa.

Nasceu-lhes um menino, mas sequer este foi suficiente para trazer alegria à infeliz esposa que padecia de uma horrível tristeza. Tinha ela acessos de desesperada angústia, sendo levada ao ponto de procurar a morte de qualquer maneira.

Os moços árabes, ex-discípulos do príncipe Melchor, haviam conquistado a amizade do jovem etnarca.

Eles lhe disseram que Jhasua era Mestre de Sabedoria Divina a quem Melchor de Horeb considerava um Profeta, superior a todos os surgidos até então.

– Quem sabe se ele não remediaria a penosa situação da tua casa, etnarca – haviam-lhe dito. – Ele está hospedado desde ontem conosco na "*Ânfora de Prata*".

– De onde vem? E que o traz aqui? – tinha perguntado o etnarca.

– Na verdade, não o sabemos; porém, junto com homens doutos de Jerusalém, fundou uma associação denominada "*Santa Aliança*" com o fim de unir todo o Oriente para fazer uma resistência pacífica aos avanços da águia romana e, ao mesmo tempo, socorrer os necessitados – haviam-lhe respondido.

– Ah, então é um grande homem! ... Trazei-o aqui, pois, ainda antes de conhecê-lo, já sou seu amigo. Melchor, Ilderin e Simônides são pessoas de grande tino e, se é amigo de todos eles, é um homem muito bom, fora de toda dúvida.

"Diga-me com quem andas e dir-te-ei quem és", diz um provérbio tão antigo como a própria Damasco, mais antigo que a sabedoria de Salomão. A sabedoria do meu sogro fracassou no meu caso. Vejamos se o vosso Profeta tem mais poder que ele.

Foi assim que o nosso viajante fez sua entrada na cidade de Damasco.

Nessa mesma tarde, Jhasua se encontrava sobre o terraço do palácio do etnarca, junto a um aposento de grades douradas e cortinas de púrpura, onde estava estendida, com profundo desânimo, uma jovem mulher. Ao seu lado, uma escrava agitava um abanico de plumas para fazer-lhe ar e espantar os insetos. Outra balançava suavemente o berço de um menino, fraco e pálido como a mãe.

– Eis aqui a minha família – disse o etnarca, quando descerrou uma cortina e deixou à vista o interior do suntuoso aposento. Meu pai, o Rei, tem domínio desde o Eufrates até o Mar Vermelho – continuou dizendo. – Eu sou seu herdeiro. De que me serve ter tudo quanto quero se me falta a alegria e a saúde na família?

"Eu mandei vir sábios astrólogos e médicos da Pérsia e do Indostão, quando meu sogro se declarou incapaz de curar o estranho mal de minha esposa, que parece transmiti-lo ao meu filho, pois, como vês, ambos parecem achar-se no mesmo estado.

Jhasua olhou para a mãe e para o filho, e viu que apenas através da respiração um tanto fatigada se podia perceber que ambos estavam vivos.

– Se confias em mim – disse-lhe depois de um breve silêncio – manda sair as escravas e coloca-te, etnarca, num lugar onde possas ver e ouvir, sem que a enferma te veja nem perceba que estás presente. Não tomes a mal o que vou te perguntar: Tens ódio a alguém que esteja perto ou longe de ti?

O etnarca olhou para Jhasua com olhos investigadores e um lampejo de receio e desconfiança se refletiu no seu olhar.

– Quem ocupa uma posição como a minha – disse – odeia e é odiado, do mesmo modo como ama e é amado. Por que perguntas isto, Profeta?

– Porque o mal da tua esposa e do teu filho não está nos seus organismos físicos, mas na essência espiritual que os anima, e dali se transmite em forma de lassidão morbífica aos seres muito sensitivos, aos quais pode levar lentamente à morte.

O etnarca guardou profundo silêncio.

– Profeta do Altíssimo, vou contar segredos de minha família, segredos que não tens permissão de usar a não ser para o bem dos meus – disse com severidade.

– Disto podes estar certo e, se não confias em mim, peço para não fazeres revelação alguma. Basta dizer se te sentes com força suficiente para esquecer o teu ódio, seja contra quem quer que seja, e substituí-lo, se não o podes com amor, pelo menos com uma indiferença passiva, que não avive a fúria do teu inimigo – respondeu Jhasua.

– Deus sabe que não desconfio de ti. Ouve-me, pois: sou filho da primeira esposa do meu pai, que morreu deixando-me ainda muito criança. Ele tomou outra esposa entre as princesas da casa reinante de Sidon e, quando essa já lhe havia dado um filho, repudiou-a por causa de seus costumes demasiado livres, quase atingindo a libertinagem, como sói acontecer com quase a maioria das mulheres sidônias. Bem sabes que as nossas leis e hábitos exigem da mulher um retraimento e recato mui severos, e meu pai via-se continuamente criticado pelos seus conselheiros em virtude da vida libertina levada por sua esposa. Ao repudiá-la, tomou uma terceira esposa,

uma princesa persa, um encanto de mulher, que trouxe a paz e a felicidade para dentro do seu lar.

"A mulher repudiada vingou-se de meu pai, devastando, através de um incêndio, nossos campos de lavoura, quando as colheitas já estavam feitas. Uma vez ao redor de Damasco, outras em campos de Filadélfia, de Anmon ou de Madian, nossas colheitas foram queimadas junto com o nosso gado. Finalmente, veio a ser descoberto que tudo aquilo era vingança dessa mulher sidônia, junto com seus familiares e amigos.

"Todos foram presos e condenados à morte, contudo, a atual esposa do meu pai sente horror de que seu marido decrete pena de morte para alguém e, como ganhou-lhe o coração, obteve dele que os incendiários fossem encerrados no Penhasco de Raman. E ali estão. Pois bem, desde que o meu pai mudou sua residência para Petra, deixando-me em Damasco, a prisioneira do Penhasco mandou-me alguns emissários pedindo clemência. Como não me foi possível aceder, porque seria inimizar-me com meu pai, ela fez chegar a mim a ameaça de que iria humilhar-me e ferir-me no que mais haveria de me doer.

"Através de meios verdadeiramente diabólicos, dignos da malícia de Abadon (*), mandou a minha casa galanteadores com a ordem de arrastar minha esposa para a libertinagem. Tentou mil provas, as quais, sem exceção, falharam. É natural, Profeta, que eu tenha um ódio feroz a essa serpente, que leva em si todos os venenos. Desde então, vejo-me obrigado a manter uma guarda redobrada em todas as portas do palácio e também na cidade, nos campos e aldeias.

"Esta é a história do único ódio que o meu coração acalenta."

– Etnarca Hartath! ... – exclamou o Mestre. – És um homem justo como também o é o teu pai; e , porque és assim, a ti causa dano a vibração do ódio dessa mulher e dos seus sequazes a secundá-la em todas as suas perversas atividades. Quantos são os prisioneiros do Penhasco de Raman?

– Não sei ao certo; entretanto, se aguardares alguns momentos, eu te direi. – O etnarca chamou o chefe de guarda e ordenou que averiguasse. Alguns momentos depois, Jhasua sabia que os incendiários eram trinta e dois.

– Queres ter a bondade, etnarca, de colocar-me em contato com eles? – pediu Jhasua com grande serenidade.

O etnarca aproximou-se de Jhasua e, com voz muito baixa, disse:

– Se podes matá-los com os teus poderes sem deixar rastros de sangue, podes fazê-lo, pois assim terminaremos com este assunto e o meu pai nada poderá dizer.

– Enganas-te, etnarca ... enganas-te! Vivos ou mortos, seus ódios te alcançarão da mesma maneira. E posso garantir que os mortos podem causar-te muito mais dano.

"Não sabes que quando a matéria se acha morta, o princípio espiritual que a anima adquire liberdade e força para continuar uma vingança iniciada em vida?"

– Então estou à mercê dessa mulher, eu ... príncipe soberano de Damasco? – perguntou irado o etnarca.

– Tem calma e ouve-me. Não odeies mais essa mulher. Este é o primeiro passo ... Não é com ódio contra ódio que se adquire os meios para libertar dessas redes terríveis seres sensitivos como tua esposa e teu filho. Não a odeies mais. Perdoa-a! ...

– Profeta! – gritou o etnarca fora de si. – Estás fazendo pouco de mim? A um filho da Arábia estás pedindo perdão para um inimigo que trouxe a desolação, a fome

---

(*) O demônio dos árabes (N.T.).

e a morte para sua pátria e que, como um réptil venenoso, ousou chegar com suas seduções até o meu leito nupcial para desonrá-lo?

– Acalma-te, etnarca! ... – disse Jhasua com sua voz mais meiga e tomando-o por uma de suas mãos. – Quero trazer a saúde, a paz e a felicidade para dentro do teu lar. Quero ver tua esposa feliz ao teu lado e sorrindo; e teu filhinho, como um anjo de Deus, feliz de que o tenhas feito retornar à vida! ... Quero ver tudo florescer ao teu redor e te negas a ajudar-me no meu trabalho?

Estas palavras realizaram nesse homem o efeito de uma ânfora de água fresca que tivesse sido esvaziada com infinita suavidade sobre a sua cabeça abrasada pela febre. O etnarca ficou sem palavra ... imóvel ... olhando para os olhos de Jhasua a irradiarem infinita piedade sobre ele.

– Eu a perdoaria – disse depois de um longo silêncio –, no entanto, meu pai não a perdoará jamais.

– Por enquanto – disse Jhasua –, teu perdão é suficiente. Agora começas a vencer a tua inimiga, porque antes venceste a ti mesmo. Permites que eu visite a prisioneira do Penhasco?

– Irás com cinqüenta dos meus melhores guardas – disse Hartath.

– Como queiras, porém peço-te para dares ordens no sentido de me deixarem falar a sós com essa cativa e com cada um dos prisioneiros – acrescentou o Mestre.

– És um Profeta da estatura de Elias Tesbitha, que não temia nem os exércitos armados – disse o etnarca impressionado com a atitude de Jhasua.

– Acreditas no Poder Supremo do Criador? – perguntou o Mestre.

– Creio nele desde a minha meninice – respondeu.

– Falaste muito bem. Agora, faze com que me conduzam a esse presídio, e o Soberano Poder, meu Deus, fará todo o restante.

Pouco depois, cinqüenta guardas saíram da fortaleza conduzindo Jhasua ao Penhasco de Raman, onde trinta e dois seres humanos jaziam sepultados vivos. Duas ou três vezes por mês, levavam provisões para eles, a água dos cântaros era renovada e eles ficavam ali sozinhos, cada qual encerrado em sua cela, amarrado com uma corrente à rocha, sem que ninguém mais se preocupasse em ir vê-los. Era de tal maneira fortificado aquele Penhasco-presídio que não havia necessidade de temer nenhuma evasão. Do interior não era possível abrir e, de fora, tão-só aquele que possuísse o segredo da pedra movediça podia penetrar ali.

Unicamente um velho guardião, companheiro de armas do Rei Hareth, conhecia esse segredo e só ele abria e fechava o presídio.

Quando Jhasua chegou ao pé do Penhasco, pediu que o deixassem sozinho, e, numa suprema evocação às suas grandes Alianças Espirituais, alcançou delas a força necessária para aniquilar o dragão destruidor do ódio, causa de todos os males e dores que eram lamentadas na grande cidade, e disse ao velho guardião:

– Abre o presídio e guia-me até a prisioneira.

– És corajoso – disse o velho. – Sabes que essa mulher tem cem demônios no corpo e que é uma bruxa consumada? Ela olha para um lagarto e o deixa seco. Olha para uma coruja que, depois de uma pequena volta pelo ar, cai fulminada como se tivesse sido ferida por um raio.

Jhasua sorriu em face do medo do guardião e lhe disse:

– Não temas. Isso já passou.

– Como queiras, jovem. Além do mais, é o amo quem manda.

O velho entrou numa caverna, das muitas que o penhasco possuía e que eram utilizadas pelas raposas e gatos monteses como covis. Pouco depois saiu dizendo:

– Já podes entrar.

Jhasua entrou atrás do velho que levava uma candeia acesa. Atrás dele entraram os guardas. Aquilo era um túnel bastante espaçoso, mas muito escuro e de odor nauseabundo.

Notava-se, através do esforço de todos, que o pavimento ia subindo lentamente qual uma rampa insensível.

Finalmente, chegaram a um recinto amplo e iluminado por uma clarabóia no teto. Sobre um altar semidestruído via-se uma monstruosa imagem de pedra, que representava o terrível deus das tempestades. Tinha grandes asas como de águia e seus dedos eram garras que seguravam correntes e cordas em grande quantidade.

– Isto era o templo – disse o guardião. – Atrás de tudo isto estão as grutas dos esqueletos.

Jhasua sentiu um estremecimento de horror quando viu a enorme quantidade de crânios humanos, de ossos, de esqueletos ainda inteiros ou pendurados em ganchos de ferro, ou ainda estendidos no pavimento. Todo aquele ossário representava vidas humanas em plena juventude que o fanatismo de uma religião criminosa havia privado do dom divino da vida em holocausto a uma fé abominável numa divindade sanguinária.

Era possível que o ser humano, centelha emanada do Deus-Amor, chegasse até esse abismo de ignorância e degradação? Sua alma, terna como uma flor em botão, estremeceu dolorosamente. Jhasua aproximou-se mais do informe montão de ossos.

Tomou em suas mãos um daqueles crânios brancos, que pareciam de neve. Era pequeno e de linhas finas. Imaginou que seria de uma virgem, débil como uma flor, e pensou:

– "Aqui dentro havia um cérebro unido a uma mente que pensava, sonhava e criava belas imagens de amor e de felicidade; uma mãe ... tinha um amor ... desejava a felicidade ..."

– Ó Deus Infinito e Eterno! ... – exclamou repentinamente. – Ela podia ter sido uma boa filha, consolo na velhice de seus pais; uma esposa fiel, alento na vida de um homem honrado e justo ... mãe de belas e inocentes crianças, futuros servidores de Deus e da Humanidade! ...

"Almas que animastes estes brancos ossos! ... se ainda padeceis de perturbação pela tragédia horrível da vossa morte, eu vos evoco a todas neste momento solene para vos dizer: Voltai à vida, e que a dura experiência sofrida vos faça compreender, de uma vez para sempre, que a verdadeira e única religião de Deus é o amor de uns para com os outros: *a fraternidade universal*!"

A presença do velho guardião fê-lo voltar da sua abstração. Jhasua deixou o crânio que o fazia mergulhar em meditação e disse:

– Leva-me perante a prisioneira.

O grupo passou diante de várias grutas vazias e detiveram-se defronte a uma com grade de ferro na porta.

A figura que o Mestre viu confundia-se com o negrume da muralha. Estava estirada sobre um miserável leito de palha, presa ao muro por uma corrente que lhe rodeava a cintura. Junto a ela via-se restos de pão e pedaços de carne.

A caverna era pequena, de modo que o visitante ficava muito próximo da prisioneira.

– Mulher – disse o Mestre em voz alta. – Se queres ouvir-me, posso mudar a tua situação.

– Eu não quero misericórdia, mas apenas justiça – respondeu duramente a mulher.

– Todos reclamam justiça – disse Jhasua –, tanto os que causam danos como os que os recebem. Queres certamente a tua liberdade, que é uma dádiva de Deus às suas criaturas. Os que receberam de ti tantos males também têm direito aos bens que lhes arrebataste num momento de cólera. A liberdade que desejas não poderás tê-la, se não renunciares a agir mal e te decidires a viver conforme a justiça e a verdade.

"Tens, pois, em tuas mãos, o bem que desejas."

– Quem és tu que deste modo ofereces a liberdade a quem já está há onze anos no calabouço?

– Sou um Mestre que ensina a lei do amor fraterno aos homens. Pedi permissão ao etnarca para visitar-te e ele ma concedeu.

– Ele é um asqueroso lagarto que tem medo de mim – rugiu a mulher.

– Não pode temer-te, porque é livre e forte – disse Jhasua.

– E eu, mísera prisioneira acorrentada, sou mais forte que ele, e vou matar a esposa e o filho dele, como mato as corujas e os morcegos que chegam até aqui.

– Nem a ela nem ao filho conseguirás matar!

– E quem me impedirá?

– Eu, em nome de Deus! ... – respondeu o Mestre com grande firmeza.

A infeliz deu um uivo e levantou-se furiosa, dando alguns passos em direção a Jhasua até onde lhe permitia a corrente. Ficou olhando-o fixamente com seus olhos de hiena, como se quisesse fulminá-lo com o olhar.

O Mestre olhou-a também, com imponente serenidade.

Pareciam dois adversários a medir forças. Depois de alguns momentos, a mulher dobrou-se como um junco e se atirou sobre o leito de palhas, soluçando convulsivamente.

O Mestre fechou os olhos e chorou por ela.

– Senhor! ... – murmurou com meiga voz. – Pai! Se a minha vida significa alguma coisa diante de tua incomensurável grandeza, dá-me esta alma que a quero para redimi-la, e toma a minha vida em troca desta e de todas as almas, tuas criaturas, que se desviaram de seus caminhos e mergulharam no abismo!

A mulher havia-se acalmado e, sentada em seu leito, olhava para o rosto de Jhasua banhado de lágrimas, e sentia a poderosa vibração da sua ternura e do seu amor para ela.

Ela não podia acreditar! Seria possível que aquele homem tivesse piedade e ternura para com ela ... ela, um escorpião? Ela não conseguia acreditar!

– Por que choras? – perguntou.

– Choro por ti, mulher, porque és tão desventurada e tão cega que não compreendes o mal que fazes a ti mesma, causando-o também aos demais. Por que recusas a felicidade que o Deus-Amor quer dar-te?

"Passarás toda a tua vida neste estado miserável?"

– Pergunta isto ao etnarca, filho do Rei Hareth, causador da minha desgraça – respondeu a mulher.

– A justiça humana te acorrentou aqui para salvaguardar as vítimas da tua vingança, mulher. Acreditas em Deus?

– Sou sidônia e creio em Marduk. Ele me vingará!

– Enquanto pensas na vingança, permanecerás aqui, até por toda a tua vida. No dia em que pensares em amar aos teus semelhantes, como amas a ti mesma, será feliz ... totalmente feliz! Escolhe, pois, o teu caminho.

– Que me darás para renunciar à minha vingança e ao ódio que a alimenta? – perguntou a mulher com um cinismo que houvera causado asco a qualquer um, menos ao Mestre, em cujo coração, transbordante de piedade, não cabia outro sentimento além do perdão e do amor.

– Em primeiro lugar, a liberdade e depois a paz e a felicidade que conquistarás com o teu esforço agindo para o bem – respondeu o Mestre. – Conseguirei tudo isto daquele Soberano Senhor de todos os tesouros inerentes à vida, e de todos os bens que ele deu às suas criaturas; entretanto, antes, darás provas de que abandonaste para sempre os caminhos do ódio, para tomar os da fraternidade e do amor.

Já era bem manifesta a mudança que se havia operado naquela desventurada criatura.

– Aceito a tua proposta – disse, depois de um breve silêncio, no qual foi possível perceber a profunda dúvida da sua mente. – No entanto, eu não estou sozinha neste presídio, e ainda ignoro quem mais está aqui, parecendo-me também que caíram prisioneiros todos os que cooperaram na minha vingança – acrescentou a cativa.

– Também eles poderão reconquistar a dádiva divina da liberdade e continuar suas vidas pelos caminhos da justiça e da honradez – acrescentou o Mestre.

– Eles farão o que eu fizer – disse a mulher – se me deixarem falar com eles.

Jhasua voltou-se para o velho guardião que ficara junto da porta e manifestou os desejos da prisioneira. Com desconfiança e receio, o chefe dos guardas recebeu a recomendação de Jhasua. No entanto, tinha o dever de obedecer e, chamando os cinqüenta homens que comandava, colocou-os à porta das cavernas dos prisioneiros. Ele, com dois guardas, tirou as correntes da mulher e levou-a para tratar o assunto com os companheiros de prisão.

É difícil para o espectador discernir onde terminava o animal e começava o homem, à vista daqueles seres com cabeleiras e barbas sujas e emaranhadas, semivestidos com retalhos sem cor ou pedaços de couro de cabra. Todos cobertos de imundícies, denotavam bem claro que, nos onze anos de reclusão, ninguém se preocupara com eles.

O Mestre observador e psicólogo compreendeu logo que a maioria daqueles infelizes haviam sido máquinas movidas pela vontade daquela mulher, pois notou em quase todos uma depressão de ânimo que já atingia o embrutecimento, a anulação completa da vontade e de toda aspiração por algo melhor.

– Infelizes! ... – murmurou Jhasua com voz bem baixa. – Não podiam descer mais! ... e, não obstante, no meio desses frangalhos de carne e ossos, revestidos de imundos farrapos, vive a centelha divina emanada do Onipotente Criador dos mundos e dos seres.

Esse pensamento encheu-lhe a alma de inefável ternura. Jhasua sentiu-se comovido no mais profundo do seu ser e disse, em apoio ao que lhes falava aquela mulher em sua língua:

– Meu Deus permite que vos torneis livres e felizes se fordes capazes de merecer suas dádivas com uma vida exemplar.

O recinto onde apareciam os calabouços era algo assim como uma enorme cisterna seca, para o qual davam as aberturas irregulares das grutas sombrias.

De pé, no centro daquele círculo de rochas, o jovem Mestre podia ver e falar a todos e, ao mesmo tempo, ser visto e observado por eles.

– Informaram-me que sois trinta e dois os detidos aqui, entretanto, não conto senão vinte e sete. Que aconteceu aos outros? – perguntou imediatamente.

– Devem ter morrido – respondeu a mulher – e seus ossos deverão estar nas grutas ainda amarrados às correntes.

Jhasua interrogou o guardião com o olhar.

– Suicidaram-se – disse ele – golpeando a cabeça nas rochas, e outros negando-se a comer. Os cadáveres foram arrojados ao monturo, onde foram queimados com o lixo que é arremessado da cidade. – Houve um breve silêncio.

– Estamos de acordo – disse por fim a mulher. – Que fareis conosco?

– Por enquanto, levar a vossa promessa ao etnarca e convencê-lo da mudança de vida que ides empreender. Agora é a segunda hora da manhã – acrescentou o Mestre. – Ao meio-dia voltarei com alguns companheiros para trazer a resposta definitiva.

"Lembrai – disse –: não sou senão um Mestre a ensinar o amor fraterno aos homens como único meio de conseguir a paz e a felicidade aspirada e buscada por todos. Como este meu ideal está dentro da imutável Lei do Criador, sua divina paz desce sobre todos os que se atravessarem em meu caminho.

Todos aqueles olhos cansados, inflamados de ódio, de dor e de abatimento, pareciam animar-se de uma luz nova ao contato de pura vibração da piedosa ternura do Cristo ... único ser que, em onze anos de cativeiro, lhes havia dirigido a palavra para fazer sentir sua compaixão e seu amor!

Todos olhavam-no como estonteados, sem palavra nem movimento, duvidando ainda de que fosse uma realidade e não um sonho o que viam.

Aquelas grutas não tinham grades como a da mulher, e Jhasua foi se aproximando de cada um deles para tirá-los do estupor em que os via submergidos.

O velho guardião estava como sobre brasas, pois temia que alguns daqueles perversos, que tinham as mãos livres, se arrojassem sobre o pescoço do Profeta e o estrangulassem, porém Jhasua compreendeu os seus temores e disse em voz baixa:

– Não temas, guardião, que as feras já fugiram, e apenas restam cordeiros amarrados às cadeias.

Finalmente, os prisioneiros ficaram convencidos de que tudo aquilo não era nenhuma visão mas uma grande realidade, e que aquele formoso jovem de manto branco e cabeleira ruiva, de olhos dulcíssimos e voz musical, era um homem de carne e osso ... talvez algum Rei vindo quem sabe de que país ignorado por eles para devolver-lhes a liberdade, a paz e a vida. Apoderou-se de todos ao mesmo tempo uma emoção coletiva, profunda e ... esticando as correntes quanto elas permitiam até causar-lhes dano, se arrojaram diante daquele homem desconhecido que, na treva espantosa de suas vidas, falava-lhes de paz, de felicidade e de amor.

As lágrimas começaram a correr mudas por aqueles rostos envelhecidos pelo ódio e desfigurados pela imundície e o abandono.

– Vês? ... – disse Jhasua ao velho guardião –, como as feras fugiram para deixar vivos os cordeiros?

O velho guardião, que não era um tronco de carvalho nem um bloco de pedra, voltou o rosto para o outro lado para que ninguém percebesse a sua profunda emoção.

– Nunca, até hoje, estive próximo de um Profeta de Deus – disse, quando pôde falar. – Senhor! ... lembra-te de mim, que tenho a mulher cega e dois filhos leprosos – e um surdo soluço embargou-lhe a voz na garganta.

– Em nome do meu Deus eu te digo que o sol de amanhã encontrá-los-á curados. Vai e banha-os nas águas do rio Abaná – respondeu Jhasua.

O velho esqueceu tudo e correu como um louco, morro abaixo, em direção à sua casa.

– Esperai-me ao meio-dia que voltarei ao vosso encontro – tornou a repetir o Mestre dirigindo-se aos detentos.

Os guardas levaram a mulher para a caverna e saíram acompanhando o Mestre, que pediu para ser levado perante o etnarca.

– As feras converteram-se em cordeiros, etnarca – disse o Mestre. – Esperam clemência e prometem mudar de vida.

– Sou tão feliz, Profeta, que me sinto inclinado ao perdão. Minha esposa deixou o leito e meu filho sorri no berço.

– Bendigamos ao Eterno Doador de todos os bens – disse o Mestre. – Eu não esperava menos depois da morte do dragão do ódio que envenenava a todos.

O Mestre obteve tudo quanto necessitava para cumprir a palavra dada aos prisioneiros do Penhasco de Raman.

– Tens o meu perdão, Profeta – disse o Príncipe –, entretanto, falta o beneplácito de meu pai.

– Eu me encarrego dele – respondeu Jhasua. – Não dizem que o Rei Hareth de Petra é como um irmão do príncipe Melchor de Horeb e do Scheiff Ilderin?

– Estimam-se grandemente – respondeu o etnarca.

– Se estiveres de acordo, etnarca, despacharemos mensageiros para o sul com uma carta tua para o Rei, teu pai, e minhas para os outros dois, que estão unidos a mim por longo tempo por uma aliança de amizade – insinuou o Mestre.

– Seja como dizes – consentiu o etnarca.

– Enquanto não chega a resposta – acrescentou o Mestre – trataremos de preparar a nova vida dos prisioneiros do Penhasco de Raman, para certificar-nos de que a redenção será completa. Se eu puder contar com a tua aquiescência, encarregar-me-ei desse preparo – disse Jhasua.

– Sim, Profeta, sim. A saúde de minha esposa e de meu filho tornam-te dono da minha vontade. Procede com eles como te agradar.

– Obrigado, etnarca. O Profeta de Deus te abençoa em Seu nome.

Jhasua voltou à pousada "Ânfora de Prata", onde o tio Jaime com Zebeu e os jovens árabes o aguardavam ansiosamente.

– Que aconteceu? – perguntou imediatamente o tio Jaime, tão logo o viu chegar.

– A Luz de Deus caminha conosco, tio Jaime – respondeu o Mestre. – Tudo saiu como vindo d'Ele. Porventura o Pai Celestial realiza as coisas pela metade?

Depois de contar o que ocorrera no presídio do Penhasco, disse-lhes:

– Agora, preciso da vossa ajuda para uma tarefa.

– Podeis dispor de nossas pessoas – disseram Ahmed e Osman.

– E da minha também – acrescentou Zebeu.

Jhasua olhou para o tio Jaime.

– Que estarás planejando, jovem filho de Myriam? – perguntou ele rindo.

– Tirar esses infelizes da vida em que se encontram, tio Jaime. Poderei deixá-los assim?

– Está bem, meu filho, está bem! ... Salva-os! Teu coração não pode fazer outra coisa; no entanto, que farão quando se virem livres? Ah, Jhasua! Não estarás alimentando corvos para te arrancarem os olhos? ...

Dir-se-ia que o tio Jaime falou obedecendo a um doloroso pressentimento, porque, oito anos depois, teve a dor de ver sobre a montanha trágica, na tarde da crucificação, dois daqueles que foram salvos do cativeiro: um deles era Gesthas, chamado o mau ladrão, encravado no Calvário ao lado do Cristo, e o outro era seu irmão. Gesthas gritava enfurecido junto com a turba: "A outros pôde salvar e não consegue salvar a si mesmo. Não é Profeta nem Messias; provavelmente é um perigoso embusteiro!"

Contudo ... que pode significar para a eterna vida de amor do Cristo Divino a

ingratidão e a traição das pequenas criaturas terrestres, incapazes ainda de compreender o poema imortal vivido e sentido por essas heróicas almas em união íntima com o Eterno Invisível?

A partir do meio-dia e tal como o Mestre prometera, foi iniciada a transformação do Penhasco de Raman.

Tio Jaime, Zebeu, Ahmed e Osman foram os auxiliares de Jhasua que, com a devida autorização do etnarca, procederam à obra regeneradora já iniciada.

As águas opalinas do rio Abaná, nascido nos cumes nevados do Monte Hermon, onde quarenta Servidores de Deus oravam pela salvação dos homens, purificaram aqueles corpos imundos, farrapos de carne e ossos que ainda levavam na cintura as sangrentas marcas de uma cadeia de onze anos. Vestidos com roupas novas, alimentados com refeições oferecidas através do amor fraterno, eram seres novos aos quais sorria a esperança, depois de haver sido aniquilado neles o veneno do ódio e do rancor.

Eram vinte e seis homens e uma mulher.

– Foste a comandante-chefe para o mal – disse o Mestre à mulher. – Agora o serás para o bem, para a paz e para a felicidade de todos. Este que foi o vosso presídio para castigo, será o vosso lar, a vossa oficina de trabalho, a vossa aula de estudos e o vosso recinto de oração, até dardes provas de verdadeiro arrependimento.

No lombo de jumentos e encerrados em sacos de esparto, foram descidos para o vale os inúmeros esqueletos, crânios, ossos dispersos e quebrados que enchiam as grutas do Penhasco de Raman e enterrados numa fossa comum, em cima da qual Jhasua com seus amigos plantaram árvores novas de murta.

– Florescei de amor! ... – disse Jhasua às pequenas árvores. – Florescei de amor sobre os despojos destes mártires esquecidos.

Depois, procedeu-se à limpeza e reparações da parte superior, que era o edifício propriamente dito e parecia formar parte da montanha negra e pavorosa. Era o recinto central, com o altar e a estátua do deus, que foi levada dali. Aquilo foi transformado, como por encanto, numa cozinha-refeitório para os refugiados. As grutas adjacentes, que tinham luz e ar, foram utilizadas como alcovas onde leitos limpos, lamparinas de azeite e cântaros de água ofereciam aos asilados a modesta comodidade que por enquanto lhes podia ser dada.

O salão de rochas, para onde davam as grutas que tinham sido calabouços, passou a ser oficina de trabalhos manuais, para que os próprios moradores do Penhasco fizessem mesas, bancos e todos os demais utensílios que se tornassem necessários. Uma guarda de dez homens armados ficou encarregada da vigilância na parte de fora.

– Serás a senhora da casa – disse o Mestre à ex-cativa – e farás a comida para todos. Terás aqui todo o necessário, e três mulheres da cidade virão todos os dias para ajudar-te nas tarefas.

"Prometo a todos que, de acordo com a conduta que tiverem, assim também será o tempo que podereis demorar para recobrar por completo a vossa liberdade. Para isso, necessita-se do beneplácito do Rei Hareth, e já se pensou nisto. Estás contente, mulher? ...

– Profeta! ... Despertaste o pouco da bondade que existe em mim – disse a mulher com profunda tristeza. – Ao mesmo tempo que morreu o ódio, renasceu um sentimento muito íntimo: o amor à minha filha, a quem não voltei a ver em treze anos.

– Ah! ... Tens uma filha? ... E onde está?

– Está com o Rei Hareth, que ma arrancou ao repudiar-me. Eu a quero, Profeta!... Meu coração a reclama! Quando eu vivia para o ódio e a vingança, essa filha não me importava, pois levava o sangue daquele que me tornou desventurada! ... Entretanto, tu, Profeta, mataste a hiena e despertaste a mãe! Sozinha no mundo, que serei sem o único laço que me une à vida? ... – E a infeliz cativa soluçou amargamente.

– Espera e confia, mulher, pois, quando nosso Pai Celestial, que é o Amor, abre às criaturas um novo caminho, descerra-o na luz com todas as facilidades para que elas subam por ele, se verdadeiramente o amam. Depende somente de ti a permissão para ver novamente essa filha. Aguarda, portanto, mulher, aguarda!

– Que está acontecendo no Penhasco de Raman? – perguntavam as pessoas ao passar pelas imediações. – Tropas de jumentos vão carregados de tábuas, de fardos de lã e de cânhamo, de sacos de legumes e de cereais, cântaros de azeite e fardos de carnes salgadas.

– Parece que o etnarca forma ali um quartel – disseram alguns.

– Não, é um hospital para leprosos – disseram outros. E ninguém acertava com a verdade.

No entanto, tu e eu, leitor amigo, sabemos o que estava ocorrendo.

Havia chegado ao pavoroso Penhasco um Arcanjo de Luz na pessoa de Jhasua de Nazareth, e o inundara de esperanças e de amor.

Dezoito dias consagrou o Mestre a reconstruir naquelas almas o que o ódio havia destruído.

Atrás daquela mulher e de seus vinte e seis companheiros de delitos, havia muitos seres abandonados, esquecidos e desprezados. Eram os pais, as esposas e os filhos dos odiados incendiários que puseram a vontade e o esforço para fazer a fome e a miséria sobre toda a região, com o fim de levantar os povos contra o Rei Hareth. Entretanto, defendendo-se como um leão acossado por cem chacais, ele havia esvaziado o tesouro de suas arcas para trazer cereais e legumes dos férteis vales do Eufrates e do Orontes, para que seu povo não padecesse pela vingança de uma mulher.

Sabendo tudo isto, quão difícil se tornava conseguir sua clemência para os infelizes que desse modo haviam provocado a sua ira!

Mas o príncipe Melchor não podia negar nada a Jhasua, o Enviado Ungido de Jehová para a salvação do Mundo. Não havia sido ele um daqueles três escolhidos para reconhecer o Avatara Divino em seu berço de recém-nascido à vida terrestre?

Não fizera, há vinte e cinco anos atrás, um pacto solene com Baltasar, o persa, e Gaspar, o hindu, de que seriam, em todos os momentos, infatigáveis colaboradores na obra do Messias-Redentor?

Desceu, pois, de seu ninho de águia sobre o Monte Hor, já conhecido do leitor, e dirigiu-se a Petra, residência do Rei Hareth.

Qual não foi a sua surpresa ao encontrar também ali o seu grande amigo, Scheiff Ilderin, que acabava de chegar de suas tendas no Monte Jebel. Lá igualmente havia chegado a carta de Jhasua, para a qual o caudilho árabe não podia fazer ouvidos surdos. Não era ele porventura o futuro Rei de Israel que salvaria o Oriente da opressão romana?

Como o leitor está vendo, cada qual interpretava a missão de Jhasua de acordo com seu grau de evolução espiritual.

Alguns viam nele um Messias-Salvador das almas, encaminhando-as para a compreensão do Amor Universal.

Outros viam nele um libertador dos países oprimidos, um grande condutor de povos, levando-os a reconquistar seus direitos e a governar a si mesmos.

Para ambos, Jhasua de Nazareth era grande ... imensamente grande!

Melchor pensava e dizia: "É o Verbo de Deus, é o Pensamento de Deus, é o Amor de Deus feito homem para fazer com que esta humanidade compreenda como é o Eterno Invisível, ao qual desconhece, mesmo depois que, em todas as épocas

passadas, houve Inteligências luminosas que levantaram parcialmente o véu do Eterno Enigma."

Ilderin pensava e dizia: "É o homem providencial de que os povos oprimidos necessitam para levantar-se como um só homem e expulsar o intruso que se constituiu em senhor porque tem legiões tão numerosas como as areias do mar."

De acordo com seus modos de ver foi que ambos fizeram ao Rei Hareth um esboço da personalidade do jovem Mestre que estava em Damasco e se interessava em libertar os prisioneiros do Penhasco de Raman.

Seu filho Hartath relatava também a cura da esposa e do filho de modo súbito e completo, além da cura da esposa do velho guardião do Penhasco que há sete anos ficara cega e de dois de seus filhos atacados de lepra; como também o arrependimento de Harima e de seus companheiros de delitos que, ao contato do Profeta, tinham transformado o pavoroso presídio em formosa oficina de trabalhos manuais.

– Deve ser simplesmente um poderoso mago que usa sua ciência para fazer o bem – disse Hareth, depois de ouvir de seus amigos tudo quanto disseram do jovem Mestre. – Entretanto, quem quer que seja, sua obra é grande e digna do nosso agradecimento. Consinto, pois, que o meu filho Hartath aceda ao que pede esse Profeta. Confio nele e em vós.

O Scheiff Ilderin acrescentou:

– Fui cientificado de que a culpada pede permissão para ver sua filha.

– O sentimento maternal pode levá-la a uma completa regeneração – observou Melchor. – Se for de teu agrado, ó Rei, encarregar-me-ei de reunir a mãe com a filha sob a minha tutela imediata.

– De que maneira? – inquiriu Hareth.

– Bem sabes que estou realizando na minha existência obras que julgo boas para os meus semelhantes e, em Cades Barnea, tenho instalada, desde há quatro anos, uma casa-refúgio para mulheres repudiadas e donzelas órfãs.

"Copiei esta obra da antiga Fraternidade Kobda, da Pré-História, e a julgo de excelentes resultados. As refugiadas são ainda muito poucas, apenas vinte e nove, perfazendo trinta com minha irmã viúva que representa o papel de mãe para todas. Se desejares, poderei ter ali a redimida, e que seja livre para ver sua filha toda vez que ambas queiram reunir-se.

– Espera um momento – disse Hareth dando um golpe com um martelinho de prata num disco de cobre pendurado ao seu lado. Apareceu um jovem pagem negro, vestido de branco e vermelho, ao qual o Rei determinou que fizesse comparecer à sua presença sua filha Arimé.

Pouco depois, voltou o pagem seguido de uma mulher velada que se inclinou profundamente diante do divã onde estava semi-estendido o Rei.

– Podes descobrir-te – disse-lhe. – Estes dois são meus irmãos.

A jovem levantou e saudou os presentes com uma inclinação.

Aparentava ter de 16 a 17 anos. Era formosa em seu tipo de raça mista, pois tinha os olhos negros e profundos dos filhos da Arábia e o branco alabastro da cútis e dos cabelos ruivos de sua mãe, nascida em Sidon, porém de sangue espartano.

– Tua mãe mudou em seu modo de pensar e agir – disse o Rei – e pede para ver-te. Dou permissão para agires como for do teu agrado.

– Ela ainda está presa em Damasco? – perguntou timidamente a jovem, em cujo semblante apareceu um súbito rubor e um pesar profundo.

– Ainda está em Damasco, mas foi levantada a condenação que pesava sobre ela. O príncipe Melchor pede para hospedá-la num serapeu de estilo egípcio, que tem estabelecido em Kades Barnea, onde poderás visitá-la, se esse for o teu desejo.

"Ficarás lá sob a tutela de uma irmã viúva do príncipe."

– Já que o permites, pai – respondeu a jovem –, irei visitá-la.

"Quando será a viagem?"

– De Damasco a Kades Barnea, em bons camelos, são dez dias de viagem, se as paradas forem breves – acrescentou o Rei.

– Se for do teu agrado – mencionou Melchor –, daqui a três dias seguirei viagem para Kades Barnea e posso levar tua filha para esperar ali a sua mãe. Na minha carruagem há capacidade para várias pessoas com suas bagagens.

– Levarás tua velha ama e a dama de companhia – disse o Rei. – Prepara-te para daqui a três dias. – A jovem inclinou-se diante do pai, saudou os visitantes, e, cobrindo-se novamente, saiu seguida do pagem que a aguardava na porta.

Esta jovem Arimé teve grande atuação, mais tarde, entre as mulheres viúvas e donzelas que, junto com os discípulos, formaram a primeira congregação cristã de Jerusalém.

O Reino de Deus

O Scheiff Ilderin, que voltava para o norte, foi o encarregado de levar a Jhasua a notícia do êxito completo das questões apresentadas ao Rei Hareth, residente em Petra.

O sogro do etnarca, ao saber da cura de sua filha e do neto, com os quais havia fracassado com os seus métodos, quis conhecer o taumaturgo e Profeta que conseguiu isso tão habilmente.

Jhasua estreitara amizade com os familiares de Nicolás de Damasco, o jovem doutor da Lei, que vimos constantemente em Jerusalém na companhia de Nicodemos, de Gamaliel e de José de Arimathéia.

Eles possuíam a mais bela e a mais freqüentada Sinagoga da cidade, ponto de reunião dos homens de maior capacidade intelectual e de bom conceito moral. Ali falava-se com inteira liberdade de política, de ciências e de religião.

Os proprietários do recinto não estavam subjugados por esse fanatismo de ferro que obscurece a mente e endurece o coração. Da mesma maneira como seu irmão Nicolás, buscavam e desejavam a verdade, o bem, a justiça e conceituavam como pessoas honradas todos os que ostentavam em sua vida esses três elevados conceitos.

O jovem Mestre, desde sua chegada a Damasco, fez parte das agradáveis reuniões na Sinagoga de Bab-Scharqui, como a chamavam, em razão de sua proximidade da porta oriental da cidade que levava esse nome.

Ananias, Ephal e Jehu eram os três irmãos de Nicolás e os três conheciam o Mestre desde sua viagem anterior de passagem para Ribla. Tinham, além disso, como amigo de certa intimidade, um primo do etnarca, chamado Coheym, que no futuro seria emir da Ituréia. Através de tudo isto, o leitor compreenderá que a Sinagoga de Bab-Scharqui, era um lugar de reuniões sérias com o que de melhor existia em Damasco.

As reuniões de todas as noites tinham caráter privado; a ela compareciam apenas os amigos da casa ou alguns particularmente convidados.

Aos sábados, na terceira hora da manhã, e pela tarde, à nona hora, eram realizadas reuniões públicas, às quais podia comparecer quem quisesse.

Para dirigir a palavra nesse dia, procurava-se sempre uma pessoa de certa notoriedade, um Mestre, um astrólogo, um médico, um Profeta, alguém, enfim, capaz de comunicar ao povo, com perfeita exposição, suas idéias, sentimentos e ideais.

Jhasua foi convidado pelos irmãos de Nicolás, o doutor da Lei já nosso conhecido, para falar todos os sábados durante sua permanência em Damasco.

Como compreendeu que a maioria de seus admiradores via nele um condutor de povos, maior e mais glorioso do que haviam sido os que deslumbraram o mundo com seu poder e sua força, Jhasua escolheu, para iniciar seus ensinamentos naquela capital da Arábia, um tema que descerrasse um pouco o véu que encobria sua verdadeira personalidade.

– Meus amigos. Faz algum tempo que venho ouvindo em diferentes circunstâncias a manifestação de um desejo nas almas que estão ligadas a mim por vínculos profundos e fortes que devem perdurar por longo tempo.

" '*Dá-nos parte, Mestre, nesse teu Reino que nos anuncias,*' diz a voz nesse desejo íntimo, que às vezes sobe do coração aos lábios e se deixa traduzir em palavras. A essas insinuações responderei nesta tarde.

"O Reino de Deus pede abstenções e exige sacrifícios, e tão somente os que os fazem podem conquistá-lo.

"Como não posso fazer ninguém penetrar nesse Reino, pois vós é que deveis conquistar a participação em seus domínios, quero que compreendais de que abstenções e de que sacrifícios vos falo.

"Sacrifício faz quem retorce seu próprio coração para silenciar a sua voz a reclamar as manifestações exteriores de uma afeição humana, profundamente sentida, quando ela danifica os afetos, a honra e a vida de um semelhante.

"Sacrifício faz aquele que, tendo recebido injúria e agravo em sua honra e em tudo quanto lhe é mais querido, é capaz de estreitar serenamente a mão do seu detrator.

"Sacrifício e abstenções pratica quem renuncia generosamente a certos desejos e aspirações próprias de todo coração humano, mas entorpecedores de seus destinos como espírito filiado a uma aliança, às honras de uma determinada missão.

"O Reino de Deus só pode ser compreendido em toda a sua beleza por aqueles sobre os quais descer a Luz da Sabedoria Divina, através do esforço perseverante do espírito por merecer essa Luz.

"A Luz Divina ilumina os puros de coração e os humildes.

"Os mensageiros dessa Luz são os Messias condutores de humanidades, forjadores de mundos, auxiliares da Energia Criadora na sua constante e eterna gestação.

"Observai até que ponto estão errados aqueles que afirmam que os Messias estão impedidos, por sua própria evolução espiritual, de aproximar-se dos mundos cuja evolução lhes fora confiada.

"As Leis imutáveis do Universo têm nos Messias os seus fiéis e submissos cumpridores e, por isso mesmo, é uma falta grave de lógica e até de senso comum promulgar como axioma inalterável a impossibilidade da aproximação dos Espíritos de Luz em relação às esferas que eles perfilham.

"A Eterna Lei do Amor Universal, base de ouro e diamante na qual repousa tudo quanto existe nos mundos adiantados como nos embrionários, é a que designa os seres, os lugares e o tempo em que as correntes astrais, etéreas e espirituais devem combinar-se para formar ondas, círculos ou abóbadas psíquicas determinadas e aptas

às diversas manifestações dos Messias nos mundos que aceitaram como herança, para cultivarem até o seu completo aperfeiçoamento.

"A ignorância, o fanatismo e a malícia humanas unem-se sempre para negar o que é inegável, dando lugar a que se cumpra o profundo axioma aceito pelas antigas Escolas de Sabedoria Divina: '*A Suprema Inteligência nega sua Luz aos soberbos e a dá com abundância aos humildes.*'

"Por isso vos foi dito que, para conquistar o Reino de Deus, a alma precisa levantar em si mesma um edifício espiritual assentado no sólido alicerce da aceitação ampla, generosa e sincera da Verdade, venha de onde vier e, ainda que ela seja uma espada de dois gumes que fere o nosso coração de carne, tão tristemente apegado ao egoísmo do *Teu* e do *Meu.*

"Oh, quando os homens esquecerão essas desarmônicas palavras que ressaltam as insaciáveis fauces do egoísmo feroz que arrasta as humanidades para o caos, destruindo povos, ceifando vidas, aniquilando afetos e detendo o passo triunfante do amor universal?

" '*Teu* e *meu*', palavras de divisão, palavras de guerra, de antagonismo, de inimizades e de ódio, quer sejam aplicadas às idéias religiosas, às atividades intelectuais ou aos bens temporais.

"Por isso, as mais elevadas Inteligências compenetradas da Verdade Eterna, são essencialmente harmoniosas, desinteresseiras, e sua bondade e tolerância correm juntas com o seu claro conhecimento de Deus e dos homens.

"Todo o Bem é atribuído ao Supremo e Eterno Invisível, todo o Mal, ao egoísmo e às debilidades humanas.

"Essas grandes Inteligências conquistaram o Reino de Deus do qual quereis participar porque abdicaram de todos os egoísmos e de todas as ambições. Para elas deixou de existir '*o teu e o meu*', e tão-só viveu e vive o soberano amor fraterno, que sabe esquecer-se de si mesmo em benefício dos demais.

"Estes princípios são aplicados à coletividade, onde floresce a fraternidade, meiga e suave como carícia materna sobre a Humanidade, porque eles iluminam o caminho das Inteligências para a Luz Incriada, para o Eterno Amor, para a Suprema Inteligência, através da qual respiram, vivem e existem os mundos, os seres e as coisas.

"Se, em verdade, aspirais à conquista do Reino de Deus que vos anuncio, iniciai por desterrar de vós a ambição e o egoísmo que obstrui os caminhos da justiça, da felicidade e do amor.

"Pobres humanidades que habitais os mundos carnais devorados pelo egoísmo!

"Conquistastes sem esforço e sem glória os reinos vegetal, animal e humano, entretanto não conquistareis sem esforço e sem glória o Reino de Deus, ao qual chegaram os espíritos puros ou Messias, como chegareis mais tarde ou mais cedo por direito de conquista. No entanto, o Reino de Deus exige sacrifícios e renúncias, e unicamente aquele que o faz chegará até ele!

"Se, em verdade, quereis participar do Reino de Deus, arrojai para longe de vós o orgulho com todos os seus derivados: o desejo de poder e de domínio, a ostentação e a vaidade, o esforço de impor a própria vontade como um jugo sobre a mente e a consciência alheia, enfim tudo aquilo que vos possa converter em vorazes e fatídicas aves negras a povoarem de terror e horror o velho castelo em ruínas da Humanidade inconsciente e adormecida.

"Que as minhas palavras tenham o poder de levantar o véu de trevas que encobre a grandeza divina do Reino de Deus de vossa Inteligência, para que seja despertado vivo em vós o desejo de possuí-lo e de conquistá-lo por toda a eternidade."

Um formidável e entusiasta "Deus te salve, Mestre!" ressoou no vasto recinto, quando Jhasua desceu os degraus da cátedra que havia ocupado por alguns momentos.

A onda suavíssima de amor que envolvia o Ungido de Deus encheu as almas de indizível felicidade e uma luz nova parecia iluminar todos os semblantes; contudo, quando foram se retirando daquele ambiente cálido de ternura e de elevada espiritualidade, tiveram início os comentários favoráveis ou adversos aos ideais de cada qual.

– Parece-me que este homem não vai a caminho do reino de Israel – disseram alguns.

– Não será, provavelmente, um David guerreiro e conquistador, no entanto, pode muito bem ser um Salomão para nos dar leis de sabedoria – disseram outros.

– O que realmente sei, e muito bem – disse o ancião tecelão – é que ele é um Profeta de Deus, porque cheguei à Sinagoga com os braços e as mãos deformadas pelo reumatismo, e vede como estão em condições de lidar com vinte teares.

– E eu – acrescentou um jovem escriba – vim com chagas na garganta esperando encontrar aqui algum Terapeuta. Nem sequer a água podia tragar e encontro-me maravilhosamente curado.

Entre os comentários, ouviam-se inúmeros casos, não só de curas físicas, mas também morais. Credores agressivos que haviam pensado em levar um devedor perante a justiça por dívidas atrasadas, ou em dar castigos e duras penalidades a escravos e operários por descuidar do trabalho, sem saber como nem por que, sentiram-se desarmados e até envergonhados da dureza de seus corações.

Houve, não obstante, almas revestidas de aço nas quais não podia penetrar a elevada doutrina esboçada pelo jovem Mestre, que parecia pretender dar uma volta radical nos usos, costumes e tradições milenares.

Um poderoso magnata de Damasco, dono de grandes campos de lavoura e de numerosos rebanhos de camelos, de ovelhas e jumentos, interrogou o Mestre, pedindo-lhe uma explicação mais clara de suas doutrinas sobre o Reino de Deus e sobre o modo de conquistá-lo.

– Se fosses dono do mundo, ó Profeta, como ordenarias para fazer todos felizes? Mandarias cortar a cabeça de todos os ricos e repartir seus bens entre os pobres?

– O Mestre sorriu afavelmente e o observou durante alguns momentos antes de responder.

– Não, meu amigo. Não mandaria cortar a cabeça de ninguém, porque só Deus é senhor da vida outorgada às suas criaturas. "*Não matarás*", diz a Lei, e eu sou fiel cumpridor dessa Lei.

"Sabes que, na imensa criação Universal, há uma infinidade de mundos maiores e menores que o planeta Terra?"

– Eu ouvi isto, sim, numa viagem a Chipre, onde há uma Academia que ensina a filosofia de Platão, o visionário grego.

– Pois esse *visionário via muitas verdades* – esclareceu o Mestre – e, entre elas, que existem planetas, estrelas ou sóis, como queiramos chamá-los, que são habitações de humanidades muito adiantadas, onde o ser mais atrasado pode ser um Mestre no planeta Terra.

"Pois bem, meu amigo, neste plano tão inferior, a maioria dos seres não compreendem outro bem que o puramente material, e se aferram a eles com uma tenacidade realmente espantadora.

"Da mesma maneira como as feras travam encarniçada luta pelos sangrentos restos de carne morta, assim a maioria dos habitantes da Terra pisoteia os mais puros e santos afetos, quando tocados no que eles chamam de *propriedade exclusivamente sua.*

"Por alguns estádios de terra, matam-se aqui centenas e até milhares de homens. Se quiseres aprofundar-te nesta questão, posso provar que tem pleno direito sobre esta terra todo aquele a quem a Vontade do Criador manda aqui para viver nela. A compra e a venda da terra foi uma criminosa invenção do egoísmo humano.

"No infinito espaço que nos rodeia existem globos nos quais ..., procura entender-me bem, o elemento principal é a água e somente se sobressaem, acima do elemento líquido, blocos enormes de rochas vulcânicas completamente estéreis. As humanidades que os habitam constroem cidades flutuantes e vivem perfeitamente da flora e da fauna aquáticas. Por cima das ondas, transladam-se, em embarcações, para qualquer ponto de seus globos, que estão tão povoados ou até mais que a Terra.

"Ali, o egoísmo não pode açambarcar a água, como aqui açambarca a terra para vendê-la à preço de ouro.

"Ali, a única coisa que se compra é o direito de juntar uma vivenda com a outra para formar desse modo as colônias, as cidades e defender-se mutuamente das fúrias dos elementos quando os maremotos levantam borrascas.

"Isto nos prova até que ponto é fútil e sem fundamento lógico a propriedade sobre a terra, sem a qual se pode viver em paz e gozar dos favores da vida.

"Mas, já que o egoísmo foi quem primeiro ditou Leis à Humanidade deste planeta, aceitemos que, de tempos em tempos, apareçam Inteligências Luminosas esforçando-se por fazer-nos compreender que a terra não é patrimônio de uns poucos favorecidos por leis injustas, mas que o Eterno Senhor dela a deu em herança a todas as almas que habitam este planeta.

"Portanto, aquele que se vê mais favorecido na arbitrária repartição da terra, deve pensar um momento apenas na dura situação daquele ao qual não tocou nem sequer o necessário para abrir um dia a própria sepultura.

"Esta é, meu amigo, a missão dos Profetas, dos apóstolos da Verdade Divina, dos mensageiros do Eterno Criador dos mundos e dos seres, o qual não tem culpáveis preferências por ninguém, porque todos são seus filhos, saídos, como uma centelha viva, do seu próprio seio.

"Perguntaste o que faria eu se fosse dono do Mundo? Obrigaria os grandes latifundiários a deixar liberdade de cultivo em suas terras a todos os que estivessem despossuídos delas, para poderem tirar dali o sustento para suas vidas e, ao mesmo tempo, se tornarem de utilidade ao possuidor dela, mediante o pagamento de um tributo justo, equânime e razoável.

"Nada de amos, de senhores tiranos e déspotas que, de chicote na mão, esgotam a vida do lavrador, que a deixa prematuramente entre os sulcos abertos na terra por trabalhos forçados, tal qual se faz com ferozes criminosos daninhos à sociedade.

"Em toda ordem de bens materiais aconteceria o mesmo. A terra é de todos os homens, pois foi dada a eles por Deus, autor da vida, do mesmo modo como o são o sol, o ar, a luz e a chuva.

"Neste instante, parece-me ver o feroz e monstruoso egoísmo como um abutre com rosto humano a se desesperar e enfurecer por não ter encontrado ainda o modo de açambarcar o ar, a luz e o sol, para vendê-los em pequenos átomos e a preço de ouro. Ainda assim, haveriam de querer poder vender o direito de respirar, de contemplar o espaço azul e de receber os raios do sol! ...

"Creia-me: quando medito nisto, minha alma se abisma na contemplação da inefável Bondade Divina, olhando impassível para as espantosas desuniões de seus filhos que, havendo todos nascidos de seu Amor Infinito, são como lobos a devorarem uns aos outros."

– Então dirás, Profeta, que, para eu ser justo, devo repartir minhas terras entre os deserdados?

O Mestre olhou-o bem nos olhos e continuou:

– Anda, meu amigo, e percorre os subúrbios desta populosa cidade onde em cada choça vive amontoada uma numerosa família. Ouve as queixas da mãe que não consegue dar a seus filhos o pão necessário para a vida com mísera quantidade de trigo que o pai traz para o lar, depois de ter trabalhado duramente de sol a sol.

"Ouve o choro das crianças pedindo pão, e o pai recolhe bolotas de carvalho que alimentam os porcos para dá-los aos filhos que choram de fome.

"Ouve o gemido dos anciãos que tremem de frio junto à lareira apagada, porque os grandes senhores, donos dos bosques, querem um sestércio pela lenha que um homem possa levar entre seus braços, e o infeliz não possui na bolsa um só denário.

"Ouve o grito desesperado dos leprosos, dos paralíticos, dos cegos que não podem ganhar o sustento e que são expulsos de todas as partes como larvas venenosas, porque seu aspecto repugna aos que se vestem de púrpura e ouro, e porque, também, a consciência adormecida desperta diante de tal espetáculo e lhes grita: 'Esses farrapos humanos são teus irmãos! ... Socorre-os!'

"Percorre, meu amigo, essas palhoças, essas pocilgas fora dos muros de vossas douradas cidades, esses covis de raposas que não são outra coisa senão vivendas de nossos irmãos desamparados ... percorre, examina e comprova que tu, como todos os potentados da terra, não conhecem de perto a dor de quem carece de tudo, porque jamais se ocuparam de outra coisa além de satisfazerem seus desejos, prazeres e comodidades.

"Tendo visto esses quadros que não são pintados em telas, mas na carne viva e palpitante; tendo ouvido todas essas queixas, esses gemidos, esse chorar de crianças a rasgar a alma em pedaços, volta a mim e pergunta novamente:

" 'Que farias, Profeta, se fosses dono do Mundo?'

"Sabes o que eu faria? ..."

A exaltação do Mestre havia subido a um tom que a ele próprio causava dano!

– Não te atormentes mais, Profeta de Jehová! – disse comovido aquele homem em cuja mente ia penetrando, pouco a pouco, a Luz Divina.

"Pela memória de meus mortos, juro-te que hoje mesmo todos quantos dependerem de mim serão aliviados das cargas que carregam.

"Convido-te, pois, a acompanhar-me até a minha casa, junto com esses amigos que te seguem a toda parte, e sereis todos testemunhas de como farei, no que me for possível, a justiça que desejas."

Jhasua, com o tio Jaime, Zebeu e os dois árabes seguiram o rico damasceno que tinha seu palácio no início da formosa avenida das colunatas, Tarik-el-Aduva, cuja beleza e suntuosidade apenas podia ser comparada com a colunata de Herodes, que deslumbrava Antioquia.

O centro daquelas enormes avenidas era todo um jardim com fontes e repuxos a resplandecerem aos raios do sol como cascatas de cristal das cores do arco-íris; e, em ambos os lados, os suntuosos palácios dos poderosos senhores que viviam num eterno sonho de delícias, ignorando por completo a dor de seus semelhantes.

O palácio do damasceno era todo de mármore branco, e penetrava-se nele por uma larga escadaria, em cujos degraus apareciam, em arrogantes atitudes, enormes leões de bronze, fazendo recordar os palácios de Dario em Persépolis e em Pasárgada.

Enquanto o Mestre subia a suntuosa escadaria que conduzia ao pórtico, seu

coração se encolhia e seus olhos se umedeciam de pranto, visto como fazia uma comparação entre aquele esbanjamento de luxo e comodidade com as sombrias choupanas que havia observado fora dos muros de Damasco.

Jeramel, que era como se chamava o rico damasceno, subia a escadaria ao lado de Jhasua e, como observasse o silêncio guardado por este, disse:

– Não estás acreditando, ó Profeta, ver cumprida a minha promessa, pois, se estivesses certo disso, estarias contente e te vejo triste.

– Enganas-te, meu amigo – respondeu o Mestre. – Creio na sinceridade da tua promessa e sei que teus escravos e operários serão aliviados com a tua ajuda. Penso apenas na dor desesperada de todos os escravos e operários de Damasco que não dependem de ti, quando virem que os teus estão recebendo da bondade do teu coração que alivia seus encargos, enquanto que eles deverão continuar suportando-as até a morte.

– Não te atormentes por isso, Profeta – repetiu o damasceno –, porque aquilo que eu fizer, outros também o farão.

– Por instinto de imitação? – perguntou Jhasua, que já estava chegando ao pórtico.

– Sim, e também por conveniência, porque se não o fizerem, ficarão sem lavradores e sem pastores, pois todos virão para as minhas terras – esclareceu Jeramel.

– Digo com toda a sinceridade, meu amigo – falou o Mestre tomando a mão direita de seu interlocutor.

"Não esperava encontrar, num potentado como tu, a brandura do coração que demonstras."

– Agora saberás o segredo – disse Jeramel penetrando já no palácio, cuja dourada porta de bronze e cedro foi aberta por dois escravos etíopes, negros como o ébano e luxuosamente vestidos de vermelho, o que representava um verdadeiro contraste com a brilhante brancura do edifício.

O dono da casa deixou seus visitantes repousando nos divãs da sala de entrada, mobiliada em estilo persa, e passou para o interior.

Tio Jaime chamou a atenção de seus companheiros para a riqueza de um pequeno setial semelhante a um trono feito para um Rei menino.

Era todo de marfim, com aplicações de ouro e de esmeraldas. Estava colocado sobre um estrado de madeira coberto com um rico tapete persa.

Do seu alto encosto sobressaía um dossel encortinado de púrpura e bordado de ouro.

Quando o damasceno regressou, encontrou-os admirando o rico e artístico setial.

– Oh! ... então compreendeis o valor dessa jóia? – perguntou com o orgulho natural do possuidor de uma peça de grande preço.

– Naturalmente – respondeu tio Jaime. – Quantas presas de elefantes foram necessárias para construir este móvel magnífico?

– Pertence ao grande Dario, que o utilizou nos dias de sua infância. A tradição diz ter sido presente da Rainha Mandana, mãe de Ciro, quando teve aviso de áugures a respeito da glória a que havia de chegar o fundador do glorioso império persa.

"Eu o comprei dos netos de um lugar-tenente de Alexandre, o Macedônio, que o havia obtido como despojo de guerra quando Dario foi derrotado por aquele.

"Como podeis ver ... vieram parar aqui as jóias do maior Rei conhecido até agora."

O Mestre pensava e silenciava, até que, finalmente, seus pensamentos foram traduzidos em palavras.

– Nem Dario nem Alexandre, com toda a sua grandeza – disse repentinamente –, valem o que valerás tu, Jeramel, quando fores justo e piedoso para com os teus servidores.

"As obras de bem e de amor são recolhidas por Deus no Seu Reino de Luz que não perece, como perecem os reinados da Terra que hoje deslumbram e amanhã não serão mais que simples e, às vezes, triste recordação."

– Como dizes, Profeta, realmente é assim. Agora farei com que conheças o meu segredo, o qual, às vezes, me torna meigo e piedoso de coração.

O damasceno levantou uma pesada cortina de damasco púrpura e todos viram uma preciosa menina de uns dez anos estendida num divã, meio sepultada entre almofadões de seda e encortinado de finíssimos tules.

– É a minha única filha, paralítica da cintura até os pés.

"Nasceu assim e vive assim. Como podes ver, nem todos os ricos são felizes."

– E a mãe? ... – perguntou o Mestre, vendo a menina sozinha e sentadas no tapete que cobria o pavimento duas jovens que pareciam escravas e que se ocupavam em pentear os pêlos eriçados de uns pequeninos cães brancos, cujas piruetas faziam a pequena enferma rir.

– A mãe dela morreu poucos dias depois de dá-la à luz – respondeu o damasceno, baixando muito a voz para que a menina não o ouvisse.

"Este Profeta de Deus vem aqui para curar-te – disse o pai ternamente à filha.

"Mas antes dir-lhe-ás quantos amiguinhos tens e de que modo retribuis as bonitas histórias que te contam."

A menina envolveu Jhasua com o meigo olhar de seus olhos negros, profundamente tristes.

Que doçura de amor irradiava o Mestre para ela, que lhe sorriu como se o conhecesse já há muito tempo, e estendeu sua pequena mão branca e trêmula como um lírio.

– Como são bons os teus olhos, Profeta de Deus! – disse a menina sem deixar de olhá-lo, como se os olhos de Jhasua a fascinassem. – Senta-te aqui – e colocou sua pequenina mão no bordo do divã. – Certamente saberás formosos contos, e deverás contá-los todos porque, enquanto eu não tiver adormecido ouvindo-te, não deixarei que saias.

Da sala imediata, os companheiros de Jhasua contemplavam o belo quadro.

A uma indicação do amo, as escravas saíram com os cãezinhos e ele próprio passou para a sala imediata, onde aguardava o tio Jaime com Zebeu, Osman e Ahmed.

– É melhor deixá-lo só, não é verdade? – perguntou Jeramel.

– Sim, é melhor – respondeu o tio Jaime. – Os Profetas de Deus – acrescentou para dizer alguma coisa – entendem-se melhor sozinhos com Ele que no meio dos homens.

Ouviremos Jhasua em íntima confidência com a menina enferma.

– Fala-me, pois, desses amiguinhos que tens – disse Jhasua procurando afinidade com ela para facilitar a cura.

– São os filhos das escravas que trabalham no palácio. Consegui permissão de meu pai para que eles chegassem até o meu leito a fim de contar-me histórias – disse a menina animando-se visivelmente.

"Aquele que me traz as melhores histórias, ganha, conseqüentemente, os melhores presentes. Olha."

A menina começou a tirar de debaixo dos almofadões do imenso divã todo um suprimento de pequenas túnicas, sandálias, gorros, etc. Abriu, em seguida, uma sacola redonda de seda carmesim que tinha ao alcance de sua mão, e o Mestre viu dentro uma cesta de romãs.

– São romãs da Pérsia, que trouxeram de presente para o meu pai – disse a

menina – e ele me deu todas estas para as crianças que vieram contar-me histórias ou lendas.

– Tudo isto é muito bonito, minha menina, e acredita-me que o coração do Profeta de Deus se sente aliviado, ouvindo-te, como se tivesse sido banhado na água doce de um manancial. Contudo ainda não me disseste como te chamas.

– Meu pai chama-me sempre de Ada, Adita ... Aditinha, quando quer mimar-me muito e também quando deseja me ver muito contente.

– Pois bem, Adita, sempre te chamarei Adita ... e agora digo que já é hora de te levantares e correr pelo jardim, pois o ar puro com o perfume das rosas do outono e das frutas maduras far-te-á muito bem.

A menina olhou para o Mestre com seus olhos meigos e tristes, imensamente abertos.

– Eu levantar-me e correr? ... Mas se jamais me levantei deste divã! As criadas levantaram-me nos braços para deitar-me no leito onde vivi estes dez anos que tenho.

"Que estás querendo dizer, Profeta?"

O Mestre ergueu-se e suas mãos tremiam ligeiramente quando tomou as da menina, e, olhando-a nos olhos, dos quais ela parecia estar pendente, disse:

– Boa Ada das crianças pobres! ... o Profeta de Deus te ordena:

"Levanta-te! ... já é a hora."

A menina, como hipnotizada, retirou dentre os almofadões e cobertores seus pequeninos pés cobertos com meias de lã branca e, apoiada nas mãos de Jhasua, começou a andar para a sala imediata, onde seu pai, absorto pelo que via, estava como petrificado de estupor.

Ia correr para a menina, julgando que ela não pudesse percorrer toda a extensão das duas salas; entretanto, o tio Jaime o conteve.

– Deixa-a ... ela virá sozinha até aqui.

Jhasua, deixando-a caminhar sozinha, acrescentou:

– Vai com o teu pai.

Com sua longa túnica branca de dormir e os bracinhos estendidos para a frente, os olhos semicerrados pela pressão da corrente magnética que agia sobre ela, a menina parecia um fantasma semi-adormecido, obedecendo à determinação de uma vontade superior.

Finalmente, chegou junto do pai, que a recebeu entre os braços chorando de emoção.

– Minha Ada ... minha Adita, cativa durante dez anos no leito, veio até o seu pai por seus próprios pés!

– Só porque os filhos das escravas contam histórias e lhes dou lindos presentes, este Profeta de Deus curou o meu corpo enfermo – disse a menina, brincando com a crespa barba do seu pai, enquanto ele a mantinha em seus braços.

– E agora – acrescentou Jhasua – chama as criadas para te vestirem e poderes sair a correr pelo jardim.

– Profeta! – exclamou o pai fora de si ao convencer-se da realidade. – Que Deus é o teu que desse modo ouve quando lhe falas?

– O Deus Criador dos mundos e dos seres ouve o chamado de todos os seus filhos; todavia, eles estão por demais ocupados com seus interesses materiais para se lembrarem de um Pai que é todo Bondade e Amor.

– E agora, que devo fazer para pagar esta dádiva maior que todas as coisas? – perguntou o damasceno.

– Fazer com os desamparados o que o bom Deus fez contigo: dar-lhes o necessário para que vivam suas vidas – respondeu o Mestre.

Uma hora depois, Adita brincava no jardim com seus cãezinhos brancos e com meia dúzia de negrinhos, rapazes e meninas que, alvoroçados, saltavam ao seu redor entre risos, gritos e berros em todos os tons, enquanto um exército de criados e criadas desfilava diante de Jhasua que, ao lado do amo, ia entregando, a cada um, uma sacolinha de moedas de prata ao mesmo tempo que lhes dizia:

– É o presente do vosso amo, que procede convosco da mesma maneira como o bom Deus procedeu com ele: tornar-vos felizes, se fordes capazes de demonstrar vosso agradecimento, cumprindo bem com vossos deveres.

O palácio de Jeramel viu-se completamente cheio de lavradores, pastores e lenhadores, aos quais, a todos sem exceção, o amo pagou um salário dobrado daquele que até então vinham recebendo. Nos imensos parques situados atrás do palácio, o damasceno mandou preparar um banquete para todos os seus servidores.

Quando ele, com Jhasua e seus companheiros, olhavam de um terraço traseiro do palácio observando toda aquela animação e alegria, o rico senhor disse:

– Profeta, és um mago do amor, da paz e da felicidade! ...

"Os homens desta terra são larvas cegas, pois não vêem a felicidade que está ao alcance de suas mãos, até que um luminar como tu consiga tirá-los das trevas para ensinar-lhes o caminho.

"Sou teu devedor, Profeta, por me haveres ajudado a encontrar a felicidade."

Nesse momento, viram a pequenina Adita brincando de esconder entre os compactos arbustos em flor do jardim, como branca visão entre uma porção de negrinhos que rolavam de vez em quando pela relva, no seu louco afã de serem os primeiros a encontrar a menina que se escondia graciosamente.

Do terraço do palácio, Jhasua absorveu em sua retina todo esse quadro esplendoroso de momentos de felicidade para aqueles que talvez jamais a haviam experimentado em sua vida.

Quando ia retirar-se, estreitou a mão do damasceno e lhe disse:

– O amor floresceu na tua casa e espero que jamais venhas a esquecer que tens a felicidade em tuas mãos, como uma taça quando bebes o teu vinho.

"Quando fazes a felicidade dos demais, és, em verdade, um pedaço de Deus sobre a Terra."

O damasceno abraçou Jhasua e pediu-lhe para voltar novamente à sua casa.

– Prometo que voltarei – respondeu o Mestre, e saiu seguido de seus companheiros.

– Agora deixemos os poderosos e vamos para junto dos pequenos – insinuou o Mestre, tomando a direção da Porta Norte, que dava para o vale do rio, onde se via a escura silhueta de uma montanha que, para os damascenos, encerrava em si todo o mal que existia sobre a Terra. Chamavam-no o *Monte de Abadon*, porque, em suas grutas, viviam os leprosos e os que chamavam de endemoninhados.

A notícia dos últimos acontecimentos havia corrido em toda a cidade de Damasco como uma brisa primaveril, refrescando os corações mais oprimidos pelas duras condições de vida a que se via submetida, como sempre, a classe social mais ínfima.

Os homens opulentos protestavam contra Jeramel que, por haver obtido a cura da filha, passava por cima de toda conveniência, colocando todos na dura alternativa de precisarem dobrar o salário que estavam acostumados a pagar a todos os trabalhadores do país se não quisessem ficar sem arados para abrir os sulcos em suas terras, sem pastores para seu gado e sem lenhadores para os seus bosques.

Até os escravos levantavam a cabeça recurvada pelo duríssimo jugo que suportavam e, em grandes grupos, percorriam os subúrbios da populosa cidade.

Os magnatas também se uniram e uma dúzia deles se apresentou ao etnarca para

queixar-se de Jeramel pela sua transgressão aos pactos financeiros que o costume havia convertido em lei desde seus mais distantes antepassados.

Qual não foi a surpresa deles ao descobrirem que o etnarca Hartath também se havia convertido num vaso de mel, graças à prodigiosa cura de sua esposa e do filhinho!

Através do mesmo souberam que até o tenebroso Penhasco de Raman fora beneficiado com o extraordinário poder do Profeta Nazareno, e os temidos incendiários, que dez anos antes haviam feito tremer toda a região, eram agora mansos cordeirinhos que, sob o influxo do Profeta, começavam a trabalhar para ganhar seu próprio sustento, depois de terem convertido o espantoso presídio numa oficina de trabalhos manuais.

– Mas, quem é esse homem, e com que direitos se apresenta para mudar a ordem das coisas? – perguntaram os potentados ao etnarca Hartath, que sorria afavelmente diante da fúria dos interlocutores.

– Quem é, não sei dizer-vos; no entanto, apenas sei que é um homem extraordinário.

"Profeta ou Mago, seu poder chega até onde termina a ciência e a capacidade dos médicos e dos astrólogos. Além disso, é um homem que traz consigo a paz, a compreensão, a tolerância, o bem e a justiça para todos. Que quereis, pois, que eu faça com um homem semelhante?

"Também eu alimentava grande cólera contra os incendiários do Penhasco de Raman; contudo, se ele os levou a pedir perdão e clemência e os transformou de feras em homens honestos, trabalhadores e úteis ... e até chegou a obter o perdão do Rei Hareth, meu pai, para a mulher que ele repudiou pela sua vida licenciosa ...

"Compreendei, meus amigos, não posso condenar, de forma alguma, um homem que traz consigo o bem e a justiça."

– No entanto, nossos trabalhadores abandonam o trabalho e até os escravos se sublevam, pedindo maior ração de comida, não permitindo ao amo o direito de vender seus filhos ... Tudo isto Jeramel concede a seus escravos e os nossos pedem o mesmo.

– Jeramel manda nos seus – disse o etnarca – e não posso exigir que proceda de maneira diferente. Se ele pode agir dessa maneira sem prejuízo para seus interesses, vós, que sois tão ricos quanto ele, podeis proceder do mesmo modo, apesar das vossas arcas não se encherem tão prontamente com o ouro que acumulais. Creio que recebereis maiores prejuízos se vossos trabalhadores abandonarem os campos e o cuidado com o vosso gado. Que quereis? Meu pai não esvaziou suas arcas para dar de comer a seus povos quando os incendiários arrasaram as colheitas e o gado pereceu de fome? Às vezes é necessário perder para ganhar em outra ordem de coisas. O Profeta é sábio e diz: "Poderosos! ... tendes a felicidade em vossas mãos e não sabeis aproveitá-la."

"Mencionaram-me o que ocorreu no palácio de Jeramel, e tenho a certeza de que ele encontrou o caminho do bem e da justiça. Ide em paz. – E despediu-os.

– Vamos! ... – disse um dos magnatas. – O etnarca está subornado pelo Mago Nazareno e nada conseguiremos dele. Teremos que dobrar-nos até a volta de nossos bons tempos.

– Já voltarão! – rugiu outro, saindo do palácio. – Toda essa ralé de escravos e de miseráveis terá de morder o pó que os amos pisam! Assim sempre foi e continuará sendo, apesar de cem Profetas nazarenos virem dizer o contrário.

– Deixemos o Legado Imperial de Antioquia tomar conhecimento das doutrinas sediciosas desses magos de arrabalde – acrescentou outro –, e então veremos para onde vão, com seus ossos, esses filósofos loucos, que levam sua extravagância até assegurar que os escravos têm alma como nós, e que o sangue que corre em suas veias é igual ao nosso. Ah, imbecis! ...

Uma pedra lançada com uma funda passou sibilando com fúria e foi bater na cabeça de um dos magnatas quando eles saíam da grande avenida para entrar na formosíssima praça denominada do Rei Hirão.

Era aquele que havia dito, um momento antes, que "a ralé de escravos e miseráveis terá de morder o pó pisado pelos seus amos".

Essa pedra era, sem dúvida, um sinal, porque dos imensos cedros, plátanos e acácias que sombreavam a praça começaram a sair pedradas contra os magnatas que haviam ido queixar-se ao etnarca.

Transformou-se aquilo num tumulto, no qual vociferavam contra os latifundiários e criadores que matavam de fome seus infelizes trabalhadores.

Eles aclamavam o etnarca Jeramel e o Profeta Nazareno. Numa calçada lateral da praça de Hirão, achava-se a pousada "Ânfora de Prata", na qual, desde sua chegada, se hospedavam os nossos viajantes.

Ao ouvir mencionar seu nome durante o tumulto, o Mestre saiu precipitadamente, seguido de seus companheiros. Subiu os degraus do monumento do Rei Hirão, que era de mármore negro. A brancura do manto do Profeta, agitado pela aragem da tarde, fez com que os amotinados o reconhecessem imediatamente e começaram a clamar em altas vozes:

– Que o Profeta Nazareno nos salve de nossos verdugos! ... Que o etnarca passe-os a todos pelo cutelo! ...

– Não queremos amos enchendo suas arcas de ouro e matando-nos de fome e aos nossos filhos! ... – e o clamor continuava sempre crescente.

Logo chegou uma guarda montada vinda do palácio do etnarca.

Jhasua, da pequena altura onde se havia colocado, fez compreender que ia dirigir-lhes a palavra, e pediu aos guardas para não fazerem uso da força. Conhecendo a amizade do príncipe Hartath por ele, os guardas obedeceram de boa vontade.

Aquela turba andrajosa, esfarrapada e faminta foi se aproximando cautelosamente até rodear por completo o monumento do Rei Hirão.

O silêncio tornou-se majestoso e solene diante do jovem Mestre Nazareno, cujo divino olhar dava a impressão de irradiar a suave claridade do sol poente a se filtrar pelos ramos do frondoso arvoredo.

O Mestre falou-lhes assim:

– Meus amigos. O Profeta Nazareno ao qual chamastes em vosso clamor, deseja salvar-vos dos pesados fardos que se acham sobre os vossos ombros, elevando o baixo nível em que vos achais colocados pelos erros milenares da nossa caduca civilização. Contudo, não é com o ódio, arrojando pedras ou acendendo archotes que se renovam os costumes, mas com um raciocínio sereno de mentes iluminadas pela Divina Sabedoria.

"Acreditais que existe um Deus Criador, cuja Onipotente e única Vontade dirige o Universo e é dono de vossas vidas?"

– Sim, acreditamos! ... – foi o clamor geral. No entanto, algumas vozes isoladas e provocadoras acrescentaram: – Mas esse Deus não faz caso algum de nós! Deu-nos a vida para vivê-la na fome e na miséria!

– Acreditais num Deus que é Poder Absoluto, Sabedoria Infinita e Amor Misericordioso, acima de todas as coisas. Isto é suficiente para mim, e aos que julgam não estar Ele se ocupando convosco direi que, antes de ter declinado o sol da manhã eu vos darei a prova de que o Deus Único, Pai Universal dos mundos e dos seres, pensa em todos vós com Amor Infinito.

"Ide pois tranqüilos para vossos lares, e amanhã, a esta mesma hora, vinde

encontrar-me novamente aqui na praça de Hirão. O Deus Vivo, o Deus do Amor, fala pela minha boca para vos dizer: "*Conheceis o sol de hoje, porém não o de amanhã. Esperai um dia mais que Eu virei até vós.*"

Jhasua ia descer os degraus do monumento, quando chegou até ele, agitado e arquejante, um mensageiro do etnarca escoltado por dois guardas do palácio. Trazia uma grande sacola de seda púrpura e disse ao Mestre:

– Meu senhor manda isto para repartires entre os amotinados.

– Esperai, esperai! ... – gritou Jhasua. – Antes do prazo fixado, o Deus que julgais indiferente às vossas misérias mandou que o etnarca vos socorresse e aqui tendes o seu presente.

Jhasua levantou ao alto a sacola carmesim e acrescentou:

– Colocai-vos todos em ordem ao meu redor, que irei distribuir o presente do vosso príncipe.

– Deus salve, o príncipe Hartath. Que viva longos anos! ... Que nos livre dos amos usuários e tiranos! ... Que os degole a todos! ... Que os enforque! ...

Toda esta confusão de gritos bons e maus dizia bem claro os diversos sentimentos que animavam aquela massa esfarrapada e faminta.

– Basta, amigos, basta! ... – ouviu-se a voz sonora de Jhasua dominando a multidão. – Acabo de vos dizer que o ódio não soluciona nenhum problema, mas apenas destrói tudo, e continuais alimentando o ódio! Sereis tão duros de coração a ponto de esgotar a mansidão do meu? ...

O silêncio se fez subitamente, como se uma invisível espada de fogo houvesse passado cortando a palavra nos lábios.

Jhasua chamou com um sinal o tio Jaime e seus outros companheiros, que estavam misturados na multidão, e os encarregou de, ordenadamente, irem aproximando dele, um a um, todos aqueles homens.

A sacola continha dois mil "*Nunmus Aureos*", pequena moeda de ouro com a efígie do César Augusto, o primeiro dos imperadores romanos a cunhar moedas do precioso metal.

Essa pequena peça de ouro significava o sustento de uma família humilde por dez dias, no mínimo.

O leitor adivinhará o que se passou pela alma de todos aqueles infelizes que se alimentavam comumente apenas com trigo cozido e bolotas de carvalho.

A alma de Jhasua, pesada de angústia diante do longo desfile de criaturas cujo aspecto exterior, era um vivo reflexo dos padecimentos suportados.

– Devemos tudo a ti, Profeta! – disseram alguns, ao receberem de suas mãos a moeda de ouro.

– És um homem de Deus que tens poder sobre os Reis! ... – disseram outros.

– Deverias ser o César sobre todos os povos da Terra! ...

– Não te retires mais de Damasco, e todos seremos felizes! ...

O Mestre, com a emoção pintada no semblante, envolvia a todos com seu olhar cheio de inefável amor, enquanto ia repetindo:

– Não esqueçais o encontro amanhã neste mesmo lugar. Nosso Pai, Deus e Amor, esperará aqui para vos fazer felizes!

Quando a multidão se dispersou, ainda restavam duzentas moedas na sacola, e Jhasua devolveu-a ao mensageiro que a trouxe, mas este lhe disse:

– Meu senhor quer que repartas o restante entre os leprosos do Monte de Abadon, em nome de sua esposa.

– Bem – disse o Mestre. – Apresentarás ao etnarca os meus agradecimentos, e lhe dirás que o Profeta de Deus o abençoa em Seu Nome.

– Disse-me ele que espera o Profeta amanhã, na primeira hora da noite, para cearem juntos – acrescentou o mensageiro.

– Dize-lhe que irei – respondeu Jhasua descendo os degraus e seguindo com seus companheiros para a pousada.

– Que dia! ... É como viajar daqui até a Iduméia! – disse o tio Jaime. – Estou mais morto do que vivo!

– Os empurrões de uns e de outros me deixaram moído – acrescentou Zebeu. – Se permanecermos muito tempo em Damasco, seremos convertidos em pescado seco.

– Homem! – disse um dos árabes. – Bem se vê que jamais saíste de um lar tranqüilo.

– Nós, que fomos prisioneiros de guerra e estivemos no mercado de escravos a ponto de sermos vendidos, sabemos o que é a fome e os amos brutais e selvagens! ...

– Se não fosse o nosso pai Melchor, estaríamos talvez pior que esses infelizes que acabamos de ver – acrescentou o árabe Ahmed.

Jhasua guardava silêncio, procurando repor suas energias semi-esgotadas na vigorosa atividade a que se dedicara.

Todos tinham esquecido o grupo dos potentados magnatas apedrejados pela multidão, começo do furibundo motim.

Ao dar a volta pela praça de Hirão para ir à pousada, defrontaram-se com um aflito grupo de três mulheres veladas e alguns criados luxuosamente vestidos junto a uma liteira encortinada de brocado cor de laranja. Dois anciãos médicos observavam um homem estendido no chão junto a uma mulher que, em prantos, amparava-lhe a cabeça.

Era o poderoso senhor que fora ferido gravemente na cabeça por uma pedra lançada antes do início do motim.

Os médicos disseram que ao menor movimento ele poderia morrer.

Um fino fio de sangue saía do lado esquerdo da orelha onde recebera a pedrada.

A mulher que sustentava sua cabeça era a esposa. As outras duas eram suas filhas.

– Se me permitis – disse Jhasua –, também sou médico. Pode ser que entre os três possamos aliviar o enfermo. – E ajoelhou-se junto ao corpo que dava a impressão de estar morto, não fosse pela fraca respiração.

Jhasua colocou a mão direita no lugar de onde saía sangue e a esquerda sobre o coração. Um silêncio de expectativa e ansiedade se estabeleceu imediatamente.

Toda vibração estranha ficou anulada pelo poderoso pensamento do Cristo, que pedia às suas elevadas alianças espirituais a saúde e a vida daquele homem, do qual dependeria, talvez, o melhoramento da situação da classe humilde e deserdada de Damasco.

Os seres terrestres não podem compreender em sua pequenez nem medir a força do amor e da fé das almas sublimes e heróicas que escalaram os cumes do Amor Divino e do Divino Conhecimento. Contudo, creio, leitor amigo, que poderemos vislumbrar algo de toda a intensa vibração posta em atividade pelo Mestre para devolver a saúde e a vida àquele poderoso senhor, o mais duro e egoísta dos potentados damascenos.

Por fim, aqueles lábios mudos se abriram para pedir água, que lhe foi dada imediatamente misturada com elixir de laranja.

Jhasua exalou grandes hálitos sobre o rosto e o peito do ferido, e lhe disse suavemente:

– Abre os olhos e olha a Luz de Deus a reanimar-te com uma vida nova.

O ferido abriu as pálpebras e viu o rosto de Jhasua muito junto do seu.

– Tu! ... Tu! ... Eu não quero morrer! – disse em voz baixa, e continuou com os olhos fixos nos do Mestre.

– Meu Deus quer que vivas – disse Jhasua inclinando-se sobre ele –, e viverás com uma vida nova, fazendo a felicidade de teus semelhantes e a tua própria. Viverás para ser misericordioso com os teus semelhantes como Deus é contigo! ... Viverás para ser o pai de todos os órfãos e desamparados de Damasco! ... Viverás para romper as cadeias de teus escravos! ... para ser amado pelos teus servidores, para que as multidões famintas bendigam o teu nome! ...

A doçura da voz do Mestre foi tornando-se em divina cadência! As mulheres choravam silenciosamente, ajoelhadas ao redor do ferido, e dos olhos semicerrados daquele homem começaram a correr grossas lágrimas.

O Mestre aproximou sua cabeça da do ferido e lhe disse:

– O Deus-Amor te curou. Levanta-te!

As mulheres deram um grito de horror, como se tivessem visto um morto levantar-se.

O ferido sentou-se sobre o pavimento da rua em que caíra ao receber a pedrada. Jhasua estendeu-lhe as mãos e, apoiado nelas, levantou-se.

– Quem és tu para fazer-me voltar à vida? – perguntou ansioso.

– O Profeta Nazareno! ... o amigo dos que sofrem a miséria e a fome – respondeu o Mestre de forma muito meiga.

– O amigo dos que quiseram arrancar-me a vida! ... – exclamou o potentado com irônica amargura.

– Não dês guarida novamente ao ódio no teu coração, porque o meu Deus te curou através do Amor – disse Jhasua dando mais energia à voz.

– No entanto, dize-me, Profeta. Podes amar as víboras? ...

– Cala-te, por favor! ... – interveio a esposa. – Vamos para casa e não acendas a cólera do Deus deste Profeta que salvou a tua vida.

Os médicos retiraram-se discretamente.

– Meu Deus não se encoleriza jamais, mulher. Não temas nada d'Ele, mas, muito pelo contrário, devemos buscá-lo na dor, porque Ele ama a todos os que padecem.

– Mais outro prodígio para o meu livro de apontamentos – disse o tio Jaime, quando viu o ex-ferido de pé enquanto se despedia do Mestre.

– Virás à minha casa, Profeta? – perguntou-lhe. – Qualquer pessoa dar-te-á a indicação do palácio Belesis, na Grande Avenida; eu sou Jabir, o seu dono.

– Prometo ir amanhã na segunda hora, se me deres a tua palavra de não tomar medida alguma até haver falado comigo – respondeu o Mestre.

– Tens a minha palavra, Profeta. Até amanhã, portanto. – Jabir, o ex-ferido, seguiu a liteira que conduzia a esposa e as filhas, mas não quis entrar nela para desafiar a multidão de curiosos que surgiam ao vê-lo andar altaneiro e ereto como se nada houvesse acontecido.

– Finalmente! – disse o tio Jaime, quando, passado este novo incidente, puderam entrar na pousada. – Julguei que este momento não chegaria nunca!

– Seguir de perto o Missionário está ficando por demais cansativo para vós – exclamou Jhasua vendo o cansaço do tio e de Zebeu.

– Observaste, Jhasua, o nome que esse homem deu ao seu palácio na Grande Avenida? – perguntou-lhe o tio Jaime.

– Sim, palácio Belesis, e isto te fez recordar, tio Jaime, os relatos encontrados pelos Anciãos do Hermon nas ruínas de Palmira. Não é verdade?

– Justamente. Por que terá ele posto esse nome em sua morada?

– Isto saberemos amanhã.

Nesse meio-tempo, os dois jovens árabes, encarregados por Simônides da guarda pessoal de Jhasua, haviam pedido a ceia porque a noite chegava e as fadigas do dia reclamavam deles o descanso.

Jhasua não faltou ao encontro combinado com Jabir para a segunda hora da manhã seguinte.

Levou consigo tão-só os dois jovens árabes para dar descanso ao tio Jaime e a Zebeu, e também para inspirar maior confiança ao receoso magnata damasceno que era de pura raça árabe.

Ali Jhasua soube que o nome do palácio Belesis se devia ao fato de o avô de Jabir ter comprado do último Rei da Síria, da dinastia dos selêucidas, o famoso palácio de Belesis, o autêntico, tomado e habitado por Alexandre Magno em sua passagem triunfal para a Índia. Um incêndio casual, ou provocado, o havia destruído em parte e Jabir, ao tornar-se dono da vultosa fortuna de seus ancestrais, trasladou os mármores e demais riquezas da antiga fortaleza para Damasco, sua cidade natal, para construir a faustosa morada, na qual Jhasua entrava com a única idéia de obter concessões em benefício da numerosa classe dos deserdados.

– Se não fosse por ti, Profeta, eu não teria visto outra vez este palácio que é o meu orgulho – disse Jabir com grande complacência.

"Fizeste-me, pois, o maior benefício que um homem pode fazer a outro homem! A vida é amada intensamente quando está rodeada, como a minha, de tudo quanto é felicidade e alegria para o coração."

E continuou levando Jhasua pelas suntuosas salas, corredores, pátios, escadarias, terraços e jardins, cujo conjunto formava toda uma exposição de beleza, de arte e de faustosidade.

No final da ampla galeria com vistas para o jardim, Jhasua viu uma porta dourada que parecia uma filigrana, tecida de brilhante metal e incrustada de pequenos cristais em cores. Como ele não abrisse essa porta, Jhasua demonstrou completa indiferença.

– Profeta! Não te move o desejo de saber o que há por detrás dessa porta dourada? – perguntou o dono da casa.

– Absolutamente não – respondeu o Mestre –, se não for do teu agrado mostrar-me.

– Saiba que ali guardo as minhas jóias mais valiosas: as minhas mulheres. São sete estrelas de primeira magnitude.

– E todas elas são felizes? – perguntou o Mestre tranqüilamente.

– Um magnata árabe não pergunta isso nunca, pois basta que apenas ele seja feliz com elas.

– A que estava contigo na praça do Hirão, era uma delas?

– Essa é a primeira esposa, que governa as outras. A única que às vezes pode apresentar-se ao meu lado na presença de estranhos. Os costumes do teu país são diferentes deste, não é verdade?

– Tudo é conforme a lei em vigor nos países – respondeu Jhasua. – David e Salomão, que eram meus compatriotas, tiveram muitas mulheres.

Quando já haviam visitado todo o palácio, sentaram-se na sala principal defronte ao pórtico de entrada.

– Agora vamos acertar contas, Profeta. Quanto vale a vida que me devolveste.

– Tu a aprecias muito? – perguntou Jhasua sorridente.

– E ainda me perguntas, Profeta! ... E logo a mim, que vejo deslizar a minha vida como um rio entre flores!? – perguntou admirado o potentado cheio de vaidade.

"Tenho as minhas arcas cheias de ouro e de pedras preciosas. Nem o Rei Hareth é tão rico quanto eu! Só há um homem que me ultrapassa em riquezas. É um comerciante de Antioquia chamado Simônides; todavia é um avarento que vive miseravelmente, apesar de toda a sua fortuna que causaria inveja ao César."

– Nobre Jabir ... se me falas dessa maneira é porque não me conheces. Nenhuma riqueza, nenhum tesouro move o meu desejo, asseguro-te; e se o meu Deus permitiu fazer contigo o que fiz, sou feliz por saber que és venturoso.

– Mas ... és feliz sem desejar nada? Não te compreendo, Profeta!

– Sou feliz fazendo a felicidade dos meus semelhantes. Compreendes, Jabir? Para a minha pessoa, nada necessito nem nada desejo; no entanto, como me atormenta a dor dos demais, sinto me aguilhoar fortemente o desejo de remediá-los.

"Ao passar pela praça de Hirão, senti a tua dor de ferido gravemente, e também a dor da tua esposa e de tuas filhas. Senti a necessidade de socorrer-te para acalmar a ânsia do meu coração pelo teu bem.

"Da mesma maneira, como senti tua dor e a dos teus, sinto também a dor de todos os deserdados de Damasco, que vivem miseravelmente comendo trigo cozido e bolotas de carvalho, porque seus míseros salários não são suficientes para ter pão e lenha.

"Como podes ver, o Profeta também tem um grande desejo: o de remediar os males dos que padecem miséria e fome.

"No meio de tua felicidade, Jabir, pensaste alguma vez na dor daqueles que jamais conheceram a satisfação da abundância?"

– És um sábio, um Mestre, visto como és um Profeta – disse Jabir – e, sendo-o, podes crer que essa massa anônima e obscura de servos, de escravos e trabalhadores pode desejar o que não conheceu? Além disso, os ricos não são culpados pela sua miserável condição. Se eles nasceram em berço de palha e não em berço de ouro, que posso dever a eles? Se trabalham para mim, pago-lhes um salário, e assunto encerrado.

Jhasua cravou nele seus olhos cheios de infinita bondade. Que luz, que vibração de inefável amor deveria haver nesse olhar para que aquele refinado egoísta se sentisse tão visivelmente perturbado?

– Agora te compreendi, Profeta! – acrescentou. – Queres que eu seja generoso com essa turba vil, que me feriu na praça do Hirão?

– O desespero da miséria leva os homens ao delito – disse Jhasua. – Sempre haverá motins populares em Damasco, se não remediardes completamente a miséria dos infelizes que enchem de ouro as vossas arcas. Que significaria em relação ao teu patrimônio, Jabir, fazer o que fez Jeramel, cuja fortuna alcança apenas a metade da tua?

"Se por devolver-te a vida eu tivesse pedido cinqüenta talentos de ouro, terias dado?"

– Eu teria dado cem talentos, Profeta, e ainda não seria o suficiente! Aprecio mais a minha vida do que cem talentos! – respondeu Jabir imediatamente.

– Muito bem, meu amigo. Tão-só porque aprecias muito a tua vida, deves resguardá-la bem, e não há melhores guardiães que teus servidores agradecidos pela tua generosidade para com eles.

"O Deus dos Céus e da Terra, que adoro, e que é dono de todas as vidas, dá o aviso de que a tua está em perigo, porque, torno a repetir: *a fome é má conselheira*, e ai dos poderosos que se divertem e riem no meio das multidões esfarrapadas e famintas! ..."

– Queres dizer, Profeta, que, por conveniência própria, os ricos devem ser generosos para com os miseráveis?

– Quando a alma do homem não atingiu a capacidade de fazer o bem pelo

próprio bem, começa a fazê-lo pelo instinto de conservação, que é a forma do bem praticado pelas almas de evolução primitiva. Tornar-me-ias grandemente feliz, Jabir, eu te asseguro, se fosses generoso com os teus servidores pela alegria e satisfação causadas a esses infelizes, enriquecendo-te a cada dia mais com o seu esforço, e para os quais tua remuneração não é suficiente para as suas necessidades e as de seus filhos.

"Mas, se não podes fazê-lo pelo bem deles, faze, ao menos, pela tua tranqüilidade e paz, para que não te vejas molestado por uma turba de famintos, cuja miséria enche os seus corações de ódio."

A voz do Mestre foi adquirindo vibrações emotivas e profundas. Houve momentos em que parecia tremer, como se, na sua garganta, ficasse anulado um soluço. Aquele coração de bronze sentiu-se sacudido fortemente e, também, comovido, respondeu:

– Está bem, Profeta! ... Quero fazer a tua felicidade sendo generoso com os meus servidores pela satisfação que lhes causarei! ... Porém, principalmente e acima de tudo, para que sejas feliz! ... Profeta! ... o homem mais nobre e mais bondoso a pisar nesta Terra! Acredita-me: ainda não sei se realmente és um homem ou um desses arcanjos que, de tempos em tempos, aparecem no meio dos homens para pôr a descoberto suas maldades e perdoar-lhes os pecados.

"Por ti, Profeta, faço tudo! ... Somente por ti!"

– Graças, meu amigo! ... que Deus te abençoe.

Depois de um breve silêncio, o Mestre continuou:

– Preciso assegurar-me de duas coisas: Que não te vingarás daquele que arrojou a pedra colocando em perigo a tua vida, se chegares a saber quem foi; e que convencerás todos os teus amigos a imitar a tua generosidade para com os seus servidores.

"Ao pôr-do-sol, a turba de famintos espera-me na praça de Hirão, porque prometi obter de seus amos um benefício para eles e para seus filhos.

"Posso contar contigo para levar-lhes uma resposta favorável?"

O potentado pensou durante alguns momentos e logo em seguida disse plenamente seguro:

– Conta comigo! Podes dizer aos trabalhadores de Damasco que a partir de amanhã terão salário dobrado, e que suas mulheres devem passar pelos meus depósitos, na praça das caravanas, onde receberão roupas de acordo com o número de pessoas de cada família.

– Agora és um digno servidor do Deus que inspirou a Moisés a grande Lei da Humanidade:

" '*Ama a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo*!' – respondeu o Mestre, e acrescentou:

"Antes que se ponha o sol de hoje, Jabir, terás feito a felicidade de todos os deserdados de Damasco."

Separaram-se em seguida, com a promessa de Jhasua de que não se ausentaria da populosa cidade sem deixar de se encontrar de novo com ele.

Nessa mesma tarde, quando o sol estendia nos céus as gazes douradas do crepúsculo vespertino, a praça de Hirão se enchia de uma multidão compacta a espera do Profeta do manto branco, que lhes havia prometido algumas migalhas de felicidade.

Se houvessem observado bem, teriam podido ver por detrás de algumas gelosias de luxuosas janelas muitos olhos ávidos examinando ansiosamente a multidão.

Eram Jabir e seus amigos, os potentados de Damasco que, da residência de um

deles, observavam o Profeta enquanto transmitia à multidão sofrida a mensagem de seus senhores. O Mestre falou da seguinte maneira à multidão silenciosa que o rodeava:

– Vejo que confiastes na minha palavra dada ontem nesta mesma hora, e por isso estais enchendo esta praça. Ontem recebestes um presente do vosso etnarca. Hoje transmito a promessa de vossos amos, de que recebereis salário dobrado a partir de amanhã, bem como donativos de roupas de acordo com o número de pessoas de cada família, se vossas mulheres se apresentarem nos depósitos da praça das caravanas.

"O Deus que adoro, Senhor Supremo dos Mundos e dos seres, moveu o coração do vosso príncipe e dos vossos amos, para que acudam solícitos a aliviar vossas agruras.

"De hoje em diante, eles pensarão em vós como se fôsseis seus filhos, e vós pensareis neles como se fossem vossos pais.

"Os deveres, como os direitos, devem ser recíprocos, para que se possa manter o equilíbrio nas sociedades humanas.

"Homens do trabalho e do esforço! ... trabalhadores que ganhais o pão com o suor de vossos rostos! ... servos de humilhada e penosa condição! ... Falo convosco, e espero que minhas palavras abram novos horizontes aos vossos espíritos adormecidos na luta pelo sustento de vossas vidas.

"Ouvi-me com atenção e compreendei-me bem: Este planeta Terra, por nós habitado, é um mundo inferior, onde domina o mal em todas as esferas sociais; algo assim como um imenso presídio, onde todos suportam as penosas leis a que está sujeita a vida neste planeta. O trabalho, a dor e a morte são aqui leis inexoráveis e imutáveis, e seria a maior loucura rebelar-se contra elas, como loucura é pretender secar a água dos mares, deter a marcha do sol que nos ilumina ou mudar de lugar as montanhas. As diferentes condições sociais são, em parte, conseqüência da diferente capacidade dos seres e de seu diverso grau de adiantamento intelectual e moral. Nem todos os homens são hábeis pilotos em alto-mar.

"O egoísmo e a malícia humana teceram uma espantosa cadeia ao redor das leis iniludíveis e próprias deste planeta.

"Sinto que estão perguntando, muitos dos aqui presentes, por que havemos de ser exatamente nós os despossuídos e miseráveis, e outros imensamente ricos e poderosos?

"Este é para vós um problema sem solução e, em seguida, pensais equivocadamente a respeito da Justiça de Deus. As enormes diferenças sociais não são obras de Deus, mas do egoísmo dos homens.

"Os Profetas de Deus, podendo curar as enfermidades físicas, querem também curar as enfermidades morais. O egoísmo é uma enfermidade tão daninha como a lepra que devora o corpo de quem a possui. O egoísmo devora e consome os corpos de todos aqueles até onde alcançam seus tentáculos de polvo. Chamais-me de Profeta de Deus e eu o sou; e, porque sou, recebi d'Ele o supremo mandato de destruir o egoísmo e fazer florescer o amor.

"Deus me deu esta imensa satisfação: no vosso etnarca, o príncipe Hartath, e nos vossos amos, começou a florescer o amor, e eles, poderosos e ricos, pensaram em aliviar vossos fardos melhorando a vossa situação.

"O Profeta de Deus necessita agora que mostreis que existe em vossos corações uma terra fértil para cultivar a sua semeadura de amor.

"O ódio e o egoísmo são forças destruidoras. O Amor é força fecunda e criadora.

"Aqui ... aqui, ao calor do coração do Profeta de Deus, procuremos, todos unidos, fazer florescer e frutificar o amor nesta formosa cidade de Damasco, resplandecente como uma sílfide de ouro, à beira de seus magníficos lagos serenos, onde se espelham os céus e se refletem as estrelas ...

"Vosso etnarca e vossos amos deram o primeiro passo. Dai, pois, o segundo, e correspondei à justiça com a qual eles acabam de agir, com a justiça proporcionada por vós, que consiste em trabalhar em suas propriedades mediante remuneração suficiente para as vossas necessidades.

"Prometeis isto a mim? ... Dais-me a vossa palavra? ... Respondeis com sincera promessa ao Profeta de Deus que quer, com toda a sua alma, a vossa felicidade? ..."

Os olhos de Jhasua resplandeciam de Divina Luz, e de sua alma de Ungido derramava-se o amor sobre a multidão anelante e esperançosa.

Um grito unânime, repetido três vezes, ressoou como um furacão desencadeado com fúria na selva.

– Seja como tu dizes, Profeta de Deus!

"Que não te afastes mais de Damasco, que vivas sempre entre nós! ... e não nos abandones nunca!"

O Mestre subiu mais dois degraus do monumento de Hirão porque a multidão se estreitava cada vez mais ao seu redor, ameaçando asfixiá-lo com seu transbordante entusiasmo.

– Meus amados damascenos – disse o Mestre. – O Profeta de Deus não esquecerá jamais esta espontânea manifestação do vosso amor; entretanto, como vim para destruir o egoísmo e semear o amor, quero repartir o afeto e a adesão que demonstrais com aqueles que, também por amor a mim, farão a vossa felicidade daqui para diante. Quero o vosso amor ao etnarca, ao vosso Rei e aos vossos amos que, a partir de hoje, terão convosco cuidados paternais.

"Que Deus guarde todos aqueles que farão a vossa felicidade!"

A multidão respondeu à exclamação de Jhasua com um formidável:

– Deus guarde o Rei, o etnarca e os nossos amos! ...

De uma luxuosa liteira encortinada de púrpura, que havia permanecido junto a um caramanchão de jasmins numa calçada da grande praça, desceu o etnarca e fez descer sua esposa com o filhinho, dirigindo-se para onde estava Jhasua.

O jovem príncipe abraçou emocionado o Mestre, ao mesmo tempo que lhe dizia:

– Mago do amor e da paz! ... Não se pode negar que trazes Deus contigo.

A multidão aplaudia freneticamente.

Daquele palácio, atrás de cujas gelosias se ocultavam os poderosos magnatas damascenos, saiu uma porção deles com suas esposas e filhas, todas veladas, conforme o costume do país. Como demonstravam a intenção de chegar até o Profeta, a multidão abriu-lhes passagem, enquanto continuava gritando:

– Que os amos sejam piedosos conosco e seremos fiéis servidores!

A emoção era visível em todos.

Quando conseguiram chegar até o Mestre, os potentados entregaram-lhe sacolas com moedas de prata e as mulheres suas jóias, para serem repartidas entre a multidão.

Jhasua aceitou as sacolas, dirigindo palavras de agradecimento aos doadores, e disse às mulheres:

– Convertei vossas jóias em berços para os recém-nascidos, em cobertores para os anciãos e para as crianças, porque o inverno se aproxima e eles tremerão de frio.

– Nós as presenteamos a ti, Profeta de Deus. Procede como queiras em benefício do nosso povo – respondeu, em nome de todas, a esposa de Jabir. Zebeu encarregou-se do pequeno cofre com as jóias.

A menina que havia sido curada pelo Mestre, ou seja, a filhinha de Jeramel, chegou também trazida pelo pai, acompanhada por uma dúzia de criados levando grandes cestas. A menina, com seus passinhos ligeiros, abria caminho até Jhasua.

– Profeta! ... Meu bom Profeta! Adita traz doces e frutas para todos os filhos dos trabalhadores de Damasco.

Jhásua levantou a menina nos braços para que todos a vissem.

– Esta é Ada, boa menina para as crianças damascenas – disse cheio de emoção – e traz seus presentes para todos os seus companheiros na vida. Durante dez anos esteve paralítica. Amai-a, pois, como amais a mim! Ela ficará aqui, no meu lugar, quando eu me ausentar de Damasco.

A menina agitou seus bracinhos para a multidão que gritou emocionada:

– O Deus do Profeta guarde a filha de Jeramel!

Jhasua e seus quatro companheiros eram insuficientes para repartir todos os donativos.

O Mestre quis conseguir mais ainda dos poderosos damascenos e lhes disse brandamente:

– Se não nos ajudais a repartir vossos donativos, quando o último raio de sol se esconder ainda estaremos aqui, e há muitas crianças semidesnudas que adoecerão com o frio da noite. Imediatamente os magnatas, junto com suas esposas e filhos, ajudaram na tarefa.

O Cristo Divino, mago sublime do amor, transformou aquela tarde memorável numa fraternal irmandade: a dos poderosos senhores com seus trabalhadores e servos. Formidável onda de amor fraterno inundou a praça de Hirão.

Durante muito tempo o Mestre lembrou essa missão em Damasco, entre os filhos da Arábia, cujo ardente temperamento correspondeu à veemência do Profeta de Deus, que os chamava à prática do amor.

– Na verdade – disseram os damascenos ricos e pobres – este homem vem do Deus verdadeiro e único, superior a todos os deuses, porque as maravilhas realizadas por Ele jamais foram vistas em Damasco.

"Os incendiários do Penhasco de Raman redimidos, os leprosos e dementes do Monte de Abadon foram curados e voltaram para seus lares, os trabalhadores e servos têm lenha, pão e alimento sobre a mesa e roupas sobre seus corpos; os amos tornaram-se piedosos e os servidores trabalham em paz.

– Oh, o Profeta dos cabelos ruivos e olhar de gazela tem a magia de Deus em suas mãos e semeou a paz e a felicidade em Damasco, como semeamos o trigo e o centeio!

E o Mestre respondeu-lhes:

– Só porque vistes ocorrências que vos maravilharam acreditastes no poder e na bondade de Deus.

"Todavia sereis felizes e bem-aventurados, quando, sem ver prodígios ao vosso redor, aprenderdes a sentir Deus dentro de vós."

Na intimidade com o tio Jaime e com Zebeu, acrescentou:

– Eis um povo que desconhece a Lei de Moisés e os complicados rituais do culto judeu e, não obstante, é sensível ao amor e à misericórdia.

"O amor de uns para com os outros será a religião do futuro, quando forem desnecessárias as variadas fórmulas exteriores de adoração a Deus, que quer ser adorado em espírito e verdade.

"Então os homens serão felizes, porque terão aprendido a praticar a única Lei necessária a resumir todas as outras:

" 'AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS E AO PRÓXIMO COMO A SI MESMO.' "

O Torreão do Patriarca

O Mestre já se dispunha a abandonar Damasco quando chegou à pousada um mensageiro pedindo para falar-lhe.

Trazia uma mensagem de seu amo Abulfed, filho do patriarca árabe Beth-Gamul, aquele ancião clarividente que, no Horto das Palmeiras, cingiu Jhasua com a cinta de ouro com setenta rubis, com a qual eram coroados os patriarcas do deserto; e, ao fazê-lo, havia declarado publicamente na presença de Ilderin e de seus três mil guerreiros, que *Jhasua de Nazareth era o Messias anunciado pelos Profetas.*

– Meu amo Abulfed – disse o criado – pede ao Mestre para assistir hoje, na segunda hora da tarde, a uma reunião de sua Escola sedenta por ouvir suas palavras de sabedoria.

Jhasua consultou-se com Zebeu, conhecedor de todos os rincões de Damasco e, logo em seguida, com os jovens árabes Ahmed e Osman.

Os três falaram com o criado para solicitar melhores informes sobre a mencionada Escola e sobre a pessoa de Abulfed, a quem não conheciam.

Da informação resultou encontrar-se a Escola a uma milha de Damasco, quase chegando ao lago Utayba, a oriente da cidade. Souberam também que o velho patriarca Beth-Gamul morrera dois anos antes, e que seu filho Abulfed, retirado em seu torreão junto ao lago Utayba, demorara muito em inteirar-se das maravilhas ocorridas na cidade.

Seu pai, antes de morrer, exigira-lhe a promessa de algum dia procurar Jhasua de Nazareth, portador da cinta dos setenta rubis, e discutir com ele tudo quanto dizia respeito aos ensinamentos da Escola, cuja finalidade era manter a crença num Deus Criador Único, na imortalidade da alma humana, e que o amor a todos os seres como a si mesmo torna o homem justo. Eram estes três princípios a base da Escola de Beth-Gamul que reclamava a presença do Mestre.

O mensageiro acrescentou, da parte do seu amo, que, se fosse aceito o convite, ele mesmo viria buscá-lo com as cavalgaduras necessárias.

O tio Jaime, que já havia descansado das fadigas missionárias dos dias anteriores, concordou em tomar parte na excursão, junto com Zebeu, Osman e Ahmed.

Pouco depois do meio-dia entravam nas cavalariças da pousada cinco formosos cavalos negros trazidos pelo mesmo criado que nessa madrugada trouxera-lhes a mensagem.

Antes de terminar a primeira hora da tarde, apresentou-se Abulfed perante o Mestre, chamando-o de "Patriarca do Deserto, Mensageiro do Eterno Criador e Salvador dos Homens".

– És o filho de Beth-Gamul, o ancião patriarca que conheci ao lado do Scheiff Ilderin?

– Sou Abulfed, filho de Beth-Gamul, e por determinação sua venho buscar-te.

"À noite passada sonhei com ele que me disse: 'O Profeta que deslumbra com cem maravilhas a cidade de Damasco é o mesmo ao qual cingi com a cinta de ouro com setenta rubis. É o nosso Patriarca do Deserto e o Ungido de Jehová. Vai buscá-lo e que ele determine à nossa Escola os rumos a seguir.' Se acreditas neste sonho, vem."

– Estou às tuas ordens. Vamos – respondeu o Mestre.

Montaram nos negros cavalos e partiram em direção à Porta do Oriente, para tomar o caminho dos lagos.

O panorama era belíssimo naquele final de outono, na segunda hora da tarde, na qual centenas de trabalhadores carregavam os últimos feixes de trigo e de centeio sobre numerosas tropas de jumentos, para conduzi-los em seguida para as eiras, onde uns tornos de estilo muito simples e primitivo separavam o cereal da palha, que outras centenas de servos se encarregavam de ensacar e de reenfeixar.

A passagem do Mestre, prontamente reconhecido pelos obreiros do restolho, excitou novamente o mesmo entusiasmo da praça do Hirão. Quanta alegria viu Jhasua refletida naqueles rostos bronzeados pelo sol e suarentos pelo esforço!

– Deus te guarde, Profeta de Nazareth! ... – era o clamor cem vezes repetido por aqueles trabalhadores, nos quais fora despertada uma profunda gratidão.

– Que Ele vos abençoe, amigos, e torne fecundo o vosso trabalho! – respondeu o Mestre agitando seu lenço para que fosse percebida sua saudação até longa distância.

"Quão fácil é tornar felizes os povos cuja alma de criança se satisfaz com algumas migalhas de amor e uma centelha de esperança! – disse o Mestre, observando aquela porção de homens dobrados sobre os campos e felizes porque os poderosos senhores se haviam aproximado deles, com piedade e benevolência.

– Os damascenos jamais esquecerão a tua passagem pela sua terra, Profeta – disse Abulfed –, pois jamais ouvi o meu pai dizer ter visto em toda a sua vida algo semelhante.

– A Bondade Divina tem suas horas propícias para manifestar-se aos homens – respondeu o Mestre, dando à Causa Suprema toda a glória das ocorrências realizadas por ele.

O trajeto pela formosa pradaria vizinha dos lagos foi percorrido na amena contemplação das verdes montanhas que rodeavam em círculo aquele delicioso vale cortado por vários riachos e povoado pelos obreiros que trabalhavam alegremente e também pelos rebanhos de gazelas que pastavam entre feixes esquecidos.

Ahmed e Osman, excelentes ginetes, e que, por sê-lo, haviam ficado com os cavalos mais nervosos e fogosos, divertiam-se grandemente ensaiando breves carreiras e piruetas que faziam com que o tio Jaime risse bastante.

Jhasua observou que Abulfed falava muito pouco porque seu coração estava cheio de tristeza.

Os seres de sua raça, veementes e apaixonados, irradiam fortemente para o exterior tanto a felicidade como a dor reprimida. A alma sensível e terníssima do Mestre absorvia gota a gota a amargura destilada do coração de Abulfed.

O velho alcácer ou torreão ameado tinha muitos séculos sobre seus muros e a tradição dizia ter ele pertencido a um astrólogo e sacerdote caldeu que fugira de Mênfis, junto à Babilônia, quando se aproximavam os exércitos de Alexandre Magno. O sacerdote-astrólogo, fugitivo com a sua família, havia-se refugiado naquele torreão, ao mesmo tempo observatório e templo, consagrado ao deus Silik-Mulu, considerado como a *Inteligência* na complexa Divindade dos pré-históricos povos da Caldéia.

A vetusta aparência daquela solitária mansão impunha um pavoroso respeito a quem a contemplasse pela primeira vez:

– O exterior inspira espanto – disse Abulfed, vendo o silencioso estupor de seus hóspedes.

"No entanto, logo que penetrartes no bosque de nogueiras e de castanheiros que rodeiam, vereis quão aprazível morada é *o velho Torreão do Patriarca*, como todos os chamam nesta região."

– Vives sozinho aqui? – perguntou o Mestre ao desmontar.

– Apenas com a morte – respondeu o árabe com sua voz impregnada de amarga tristeza.

– Pois, meu amigo – disse Jhasua –, de hoje em diante deverás viver com a vida vigorosa e forte, própria do filho de Beth-Gamul, que chegou à idade de 80 anos sem vacilar em sua árdua missão de guia de almas.

– Já conversaremos – respondeu simplesmente o árabe, dando um longo assobio que fez sair de seus lugares três criados, aos quais entregaram as cavalgaduras.

As nogueiras e castanheiros centenários formavam um belíssimo bosque que chegava até a casa e, com efeito, fazia desaparecer a visão pavorosa do torreão que, de longe, sobressaía ao espesso arvoredo como a negra cabeça de um gigante coroado de ganchos de pedra.

– Disseste que vives aqui sozinho com a morte – comentou Jhasua ao dono da casa – e somente vejo exuberância de vida! Ouve!

O gorjeio de milhares de pássaros ocultos por entre a ramagem formava um admirável concerto que extasiou a alma do Mestre, tão sensível às belezas da mãe Natureza.

– São calhandras e rouxinóis – disse o tio Jaime – e há mais neste bosque que em toda a nossa Galiléia, tão rica em pássaros canoros.

– Estamos em pleno Líbano – acrescentou o Mestre. – Quem não conhece o gorjeio dos rouxinóis do Líbano?

"Como se toda esta vida fosse pouca coisa, vejo aqui garças e gazelas domésticas, desfrutando de todas as belezas deste magnífico horto.

"E te atreves a dizer, Abulfed, que vives com a morte?"

– Os companheiros de aulas que foram discípulos de meu pai – continuou o árabe – vivem, em sua maioria, na cidade. Alguns estão junto aos lagos e aqui, na ribeira do Utayba, vive uma mulher de idade madura que é profetisa e era também discípula de meu pai.

"Todos eles virão ao cair da tarde, motivo pelo qual digo, Mestre, que terás a gentileza de passar aqui a noite, para evitar o inconveniente de regressar demasiado tarde."

– Tudo dependerá do trabalho que deveremos realizar em conjunto – observou o Mestre.

Um grande pórtico, que nada tinha de artístico nem de belo, mas, pelo contrário, era muito sombrio, formava a parte dianteira do edifício.

Os três largos degraus que deviam subir mostravam sua antigüidade nas rachas das lajes do pavimento, do mesmo modo que, nas juntas dos blocos de pedras das muralhas, cresciam com abundância os acinzentados musgos próprios das ruínas.

As glicínias e as heras davam um tom de suave poesia à tétrica fortaleza.

– Antes da chegada do ocaso que trará consigo aqueles que esperamos – disse Abulfed –, quero mostrar-vos a minha velha morada e, desta maneira, quando chegar a noite, já estareis familiarizados com ela.

"Vamos até o andar superior e apreciareis do alto do torreão a pitoresca paisagem dos lagos."

Começaram a subir a larga escada de pedra que o tempo havia enegrecido e gasto notavelmente.

Numerosos compartimentos vazios nessa parte do edifício davam-lhe, em verdade, um aspecto de abandono e de tristeza que deprimiam a alma.

– Aqui morava o meu pai – disse o árabe, mostrando uma imensa sala com vários divãs, as paredes cobertas de croquis, mapas e cartas com rotas marítimas.

Papiros, livretos de lâminas de madeira e de argila e plaquetas de pedra eram todo o mobiliário dessa sala.

– Aqui fazemos as nossas reuniões – disse o árabe –, para manter viva a lembrança dos últimos anos do meu pai.

Perto dessa sala mostrou-lhes uma outra, mobiliada de uma forma muito delicada e com um certo luxo nos detalhes.

Aí respirava-se um ar familiar: um grande divã, forrado em cor laranja, cheio de almofadões de seda, bordados e com vaporosos cortinados de gaze azul celeste. Bastante próximo do divã, um precioso berço com uma pequena almofada branca, sobre a qual uma mão delicada colocara um ramo de rosas chá, recentemente cortado.

Jhasua contemplou da porta, durante alguns momentos, essa bela alcova banhada pela luz dourada da tarde.

– Agora compreendo tudo, Abulfed, meu amigo – disse o Mestre com infinita doçura, apoiando a mão direita sobre o seu ombro. – Choras morto teu pai, a mulher amada e o teu filho.

– Meu pai e meu filho estão na verdade mortos, e estão sepultados naquela verde colina que se vê ali. Minha esposa é uma morta ambulante.

– Onde está? – perguntou Jhasua, compreendendo imediatamente que se tratava de um caso de demência essa morte aparente da alma que se imobiliza, digamo-lo assim, por uma imensa dor.

– Ela passa os dias e as noites no último piso do torreão, contemplando com olhar extraviado a colina onde está a tumba do menino. Só desce ao amanhecer para colocar flores frescas no berço, tal como vês.

– Queres que vamos até lá para vê-la? – perguntou o Mestre.

– Não sei se ela o consentirá – observou o árabe. – Com a presença de pessoas estranhas ela fica fora de si e dá espantosos gritos como se alguém a estivesse atormentando.

– Morreu primeiro o teu pai e depois e menino, não é verdade?

– Sim, efetivamente. Assim sucedeu. Meu pai morreu há vinte e sete luas e o menino perdeu a vida dez luas depois.

"Foi uma morte misteriosa, porque ele não ficou doente. A mãe deitou-o numa noite, alegre e brincalhão e, ao amanhecer, era um cadáver já gelado. Creio tratar-se de uma vingança, porque minha esposa estava prometida para um astrólogo babilônio, ao qual jamais pôde amar, e fugiu da casa paterna na noite anterior à da boda. Ela pediu refúgio ao Patriarca, meu pai, que o dava a todos os desamparados. Ele a trouxe para este torreão e colocou uma boa mulher como sua companhia. Eu estava então em Alexandria, para onde ele me havia enviado, com o fim de estudar na Escola do Mestre Filon.

"Quando vim, enamorei-me da triste órfã e casei-me com ela.

"Meu pai dizia que, nas suas meditações solitárias, via sempre um fantasma sinistro rondando ao redor desta casa, cuja entrada era guardada por gênios benéficos.

"Confesso que julguei ser tudo isto simples alucinações da velhice de meu pai e jamais dei importância ao caso.

"Eu guardava silêncio em virtude do respeito que lhe deferia quando mencionava sua visões e lutas secretas com o temido fantasma ou gênio maléfico.

"Alguns dias antes de sua morte, ele me disse: 'O pensamento de vingança do astrólogo babilônio toma forma para vingar-se na tua esposa e no teu filho.' Eu o ouvi e me calei, sempre pensando tratar-se do delírio de um moribundo. Agora sei e compreendo quanto valiam as palavras de meu pai. Minha desgraça atual eu a tomo como um castigo ao desprezo da palavra de um justo."

– A lição foi na verdade muito dura; no entanto, a Bondade Divina enche de amor os abismos abertos pela incompreensão dos homens.

– Que queres dizer com isto, Profeta de Deus? – perguntou o árabe cheio de esperança.

– Quero dizer que a tua incompreensão, em face das palavras de teu pai – mestre na ciência de Deus e das almas – foi que impediu que as forças do Bem, atraídas por ele, vencessem as forças do Mal que rondavam este lar, para destroçar tua felicidade em satisfação de uma vingança.

"Na forma como agiste, procede a maioria dos homens, que só aceita como realidades aquilo que é percebido pelos seus sentidos físicos, e nega em absoluto a vida imensa e as forças formidáveis que atuam, vivem e existem mais além da percepção de nossos sentidos.

"Suponhamos uma colônia de cegos de nascimento: Não negariam em absoluto a existência da luz e dos astros, que em órbitas imensas percorrem a magnificência dos espaços infinitos?

"O homem terrestre é, às vezes, como um cego de nascimento, até que a Bondade Divina, possuidora de infinitos meios e também da dor, que é um deles, abre seu espírito à Verdade Eterna, inundando-o, finalmente, com sua claridade soberana.

"Hoje chegou a tua hora, Abulfed, e, com o favor de Deus e talvez com a cooperação de teu pai, gênio tutelar desta casa, aceitarás o que até hoje havias rechaçado.

"Queres conduzir-me até onde está a tua esposa?"

– Essa escada nos levará até a mais alta câmara da torre – respondeu o árabe.

O tio Jaime, junto com Zebeu, Ahmed e Osman, havia ficado na grande sala de aula que fora o aposento do patriarca Beth-Gamul. Jhasua chamou-os, como costumava proceder sempre, associando a seus trabalhos espirituais aqueles que o rodeavam, quando sabia que estavam preparados para tanto.

O tio Jaime e Zebeu eram Essênios adiantados, e os dois jovens árabes procediam da Escola de Melchor.

Abulfed, que esteve um ano na escola de Fílon de Alexandria, não assimilou o ensinamento esotérico, que qualificou de um "*conjunto de formosas fantasias e sonhos magníficos, sem realização possível na Terra*".

Ele foi o único discípulo que não se convenceu dos poderes supranormais inerentes à alma humana, quando uma educação espiritual profunda, baseada em métodos científicos, desenvolveu a todos até o máximo possível no plano terrestre.

O jovem Mestre sentia-se impulsionado por uma força superior para iluminar aquela inteligência com a tocha eterna da Verdade.

"– Seu pai, o patriarca Beth-Gamul, não pôde iluminá-lo. Também não pôde iluminá-lo Fílon, com sua inspirada eloqüência" – pensava o Mestre, enquanto subiam todos juntos a vetusta escadaria de pedra rachada e bolorenta.

" 'Deus permitirá que eu o ilumine, porque ontem todas as felicidades humanas o rodeavam e era feliz, e hoje é um desventurado. A dor marcou para ele a hora suprema da libertação e da verdade.' "

Cansados, chegaram finalmente ao alto do torreão. Uma pequena plataforma com balaustrada de pedra rodeava por todos os lados aquela última câmara, iluminada por quatro pequenas clarabóias redondas.

Abulfed indicou uma daquelas aberturas, a que dava para o norte, de onde se via o monte mais imediato.

Jhasua aproximou-se e viu a face pálida e enfraquecida de uma mulher jovem e que seria bela se estivesse em pleno vigor e com saúde. Seus grandes e escuros olhos, com um brilho estranho, estavam imóveis, fixos, abismados, observando o monte

próximo. Logo à primeira vista, compreendia-se o doloroso estado de desequilíbrio mental em que se encontrava.

Com breves palavras o Mestre explicou aos seus companheiros a maneira de cooperação mental que necessitava deles.

– Se estes meus companheiros pudessem entrar e sentar-se em completa quietude num lugar próximo – disse Jhasua ao dono da casa – eu agiria com mais liberdade sobre a enferma.

– Há nesta câmara um compartimento que era observatório astronômico do antigo proprietário Berósio, onde escondia, ao que parece, seus segredos de alquimista. Está separado por um anteparo de cedro.

Em seguida, abriu cuidadosamente, sem fazer ruído, uma pequena porta na parede oposta àquela onde se encontrava a enferma.

– Sentai-vos aqui – disse o Mestre –, orai para que a Divina Sabedoria ilumine essa mente obscurecida, e que o Amor Eterno a inunde de consolo e de esperança.

"Vamos – disse ao árabe –, vamos para junto da enferma.

O rosto pálido da mulher e seu olhar fixo davam a impressão de que estava na mais completa imobilidade.

– Berisa – perguntou Abulfed –, podes receber-me? Venho fazer-te a visita costumeira.

A mulher, sem afastar o rosto da clarabóia, estendeu o braço e abriu uma porta que havia ao seu lado. Abulfed entrou e voltou-se para fazer entrar o Mestre, mas não o viu mais. No lugar onde ele se encontrava apenas percebeu uma claridade dourada, como se um raio do sol do ocaso o estivesse iluminando suavemente.

Essa porta não dava para o poente, e a claridade entrou por ela e envolveu completamente a enferma que, subitamente, se afastou da clarabóia e voltou-se de frente para o marido.

– Trazes uma lâmpada para iluminar as minhas trevas! – disse a mulher com uma doçura triste e tranqüila.

A estupefação de Abulfed não lhe permitia pronunciar palavra e um único pensamento estava fixo na sua mente: "Que aconteceu ao Profeta? ... Desapareceu? ... Tornou-se invisível? ... Converteu-se nessa dourada claridade que iluminava a câmara e envolvia a enferma?"

Abulfed observou que o rosto da demente adquiria uma estranha placidez, muito próxima do sorriso.

– Abulfed – disse ela em seguida. – Ouço a voz de um Arcanjo do Senhor prometendo devolver o meu filho vivo, belo como era ... Será possível? ... Será possível? ...

"Eu o vejo vir aos meus braços ... Oh, meu querubim! ..."

Os braços de Berisa abraçaram no vazio uma visão só percebida por ela.

Seus pés vacilaram e ia cair desmaiada, mas Abulfed a manteve em seus robustos braços e neles ela ficou desfalecida.

A bela claridade, algo como uma nuvem de gazes de ouro, desvaneceu-se imediatamente e ficou a pessoa do Mestre que lhe disse:

– Pronto, leva-a ao leito para que tenha um longo repouso.

Todos desceram a escadaria, conduzindo a enferma que havia caído em profundo sono.

Abulfed deitou a esposa no grande divã forrado em cor laranja e encortinado de azul-celeste já conhecido do leitor.

E se voltou imediatamente para Jhasua com a ansiedade pintada em seu semblante.

– Profeta de Deus – disse –, tinha que ser tu quem haveria de abrir os meus olhos para a Luz! És um Deus encarnado ou um Arcanjo do Sétimo Céu, como esses que meu pai dizia ver, e nos quais, me perdoem Deus e ele, jamais pude acreditar?

– Sou o Mensageiro do Deus-Amor, e cumpro com o meu encargo da melhor maneira possível na opressora gravidade desta Terra – esclareceu o Mestre. – Só porque viste, acreditaste no Poder Divino, meu amigo – acrescentou Jhasua com tristeza. – Bem-aventurados e felizes são aqueles que nada viram com os olhos, mas sentiram Deus em seus corações.

Abulfed caiu de joelhos, se inclinou até encostar o rosto em terra, junto às frias lousas do pavimento.

Quando se ergueu, seu rosto estava sulcado de lágrimas que não procurou ocultar.

Sem pôr-se de pé, disse ao Mestre:

– Profeta de Deus! ... Alcança-me do Senhor o perdão e também o perdão de meu pai, a quem devo ter atormentado muito com a minha dureza de coração.

Sorridente, o Mestre estendeu-lhe as mãos para levantá-lo, ao mesmo tempo que lhe dizia:

– Deus perdoa sempre! ... e teu pai, que conhecia Deus, te perdoa também. Agora manda retirar esse berço imediatamente, para não ficar nenhum vestígio de que tiveste um filho. Faze desaparecer do monte todo vestígio da sepultura do menino.

"Ela dormirá dois dias e duas noites. Ao amanhecer do terceiro dia, despertará normalmente, e tu a rodearás de tudo aquilo que a agradava quando recém-casados. Ela deve acreditar que a boda se efetuou recentemente, que teu pai está numa de suas longas viagens pelo outro extremo da Arábia. Compreendes? Esta simulação é necessária, até transcorrer o tempo necessário para que ela seja mãe pela segunda vez, com o que ficará completamente curada.

"Vive ainda a mulher colocada por teu pai como companhia?"

– Ela mora na parte baixa da torre com as demais criadas que Berisa despediu, e não permitiu que se aproximassem mais – respondeu o árabe.

– Está bem. Deves instruí-las a respeito de tudo isto, e que procedam com a enferma como se nada houvesse acontecido. Se alguma lembrança surgir alguma vez, cuidai, junto dos demais, para que ela julgue ter sido acometida de uma febre maligna que lhe produzia alucinações e delírios. Tão logo sinta os sintomas de uma nova maternidade, ela esquecerá completamente o passado.

– Profeta! ... De que modo poderei pagar o que fizeste por mim? – perguntou Abulfed, tomando com indizível amor uma das mãos do Mestre.

– Com a tua fé no Poder Divino e com uma firme adesão futura à doutrina que semeio sobre a Terra – respondeu.

– Juro, Profeta, por esta Luz de Deus que me ilumina!

– Se assim o cumprires, num dia que demorará cinco centúrias, ouvirás que te chamam em toda a Arábia com o mesmo nome que hoje me dás: "*Profeta de Deus.*"

Quando o sol se escondeu por trás das colinas que formavam um amplo anfiteatro ao vale do Torreão, Abulfed levou seus hóspedes ao grande cenáculo, onde lhes foi servida a ceia.

Desde tempos mui remotos, o Oriente usou a ablução dos pés e das mãos antes de estender-se nos divãs ao redor da mesa. Nas casas senhoriais existiam sempre, num compartimento do cenáculo, fontes baixas no pavimento com repuxos para a ablução dos pés, e fontes colocadas em pequenos pedestais, para as abluções das mãos, conforme estava regulamentado pelo costume.

Todos os antigos povos adoradores do Deus Invisível e Único rodeavam o ato da alimentação com uma espécie de respeitosa devoção, como se fosse um ritual sagrado.

Daí vinha, sem dúvida, o costume de abençoar o pão e o vinho ao sentar-se à mesa, do qual surgiram, posteriormente, dogmas e mistérios, com o caráter de rigorosos mandatos do próprio Deus. O Mestre, como bom oriental, esteve sempre em harmonia com os costumes sãos encontrados no país de seu nascimento.

– Peixes e patos do lago Utayba é o que vos ofereço em minha mesa – disse Abulfed, sentando-se ao lado do Mestre, enquanto os demais escolhiam cada qual o lugar mais de seu agrado.

Percebia-se o trabalho de esmeradas mãos femininas em cada cestinha de frutas, em cada travessa com os manjares habilmente dispostos.

Não podia ser de outra forma, pois Abulfed havia dito à governanta da casa que o hóspede era o futuro Rei de Israel, o mesmo que seu pai havia cingido com o cinto de setenta rubis, designando-o "Patriarca do Deserto". Era pois uma tríplice realeza, visto como era também o Messias, Salvador do Mundo.

Com os pequenos grãos vermelhos das romãs da Pérsia, as criadas tinham formado sobre uma bandeja de prata no centro da mesa esta frase: "*Deus guarde o Patriarca-Rei.*"

À sobremesa, Jhasua repartiu entre todos os vermelhos e brilhantes grãos das romãs e deixou sem tocar a palavra "Deus".

– Somente esta é suficiente – disse – para tornar inesquecível este ágape, no qual os corpos e as almas se alimentaram perfeitamente.

Ainda estavam conversando quando um criado anunciou a chegada dos companheiros da Escola, ou seja, os discípulos de Beth-Gamul.

Eram vinte e nove homens e uma mulher de idade madura, à qual chamavam de *a Profetisa.* Um de seus filhos era um dos notários ou escribas da Escola.

Todos se reuniram na vasta sala principal já conhecida do leitor.

A Jhasua designaram o grande setial de madeira de oliva do patriarca e que, segundo a tradição centenária conservada sobre aquele torreão e sobre a maior parte do seu mobiliário, havia servido para o repouso de vários *Patriarcas do Deserto* anteriores a Beth-Gamul, e ainda ao próprio sacerdote babilônio Berósio que, três séculos antes, se havia refugiado no Torreão, fugindo de Alexandre.

Por cima do setial no qual se sentou o Mestre, via-se uma gravação em letras de ébano sobre um mármore branco, que dizia:

"Glória a Silik-Mulu, Inteligência Divina."

Os sábios e sacerdotes da antiga Caldéia formaram a parte mais oculta e profunda de suas crenças com base numa reverente adoração das três maiores potências ou faculdades por eles encontradas na Causa Suprema: A Inteligência que governa e dirige, a Energia que impulsiona e o Amor que cria e vivifica.

Para os antigos caldeus, Silik-Mulu era a *Inteligência Divina.* O velho patriarca não havia tocado nessa inscrição pois, ainda que fosse árabe e não caldeu, seguiu o prudente conselho da mais antiga Sabedoria Kobda: "O que é bom e honesto deve ser amado onde quer que se encontre e venha de onde vier."

Quando comprou o Torreão, averiguou o significado desse nome "Silik-Mulu" e, quando soube que a antiqüíssima crença caldaica denominava assim a "Inteligência Divina", à qual rendia um culto todo especial, disse a si mesmo:

– Também eu rendo culto à Inteligência Divina. Deixemos pois Silik-Mulu onde está.

Toda essa explicação foi lida pelo notário num dos velhos livros da crônica deixada pelo patriarca.

Quando se fez o silêncio e todos esperavam a palavra do novo Patriarca do Deserto, a profetisa caiu em transe, dominada pela inspiração de Beth-Gamul, fundador da Escola, que dirigiu formosas palavras ao jovem Mestre, anunciando a traição da Judéia, com Jerusalém à frente, e a fidelidade de Damasco e das Inteligências mais adiantadas da Arábia durante toda essa vida e nos séculos futuros. "Nenhuma força humana – disse a voz da profetisa inspirada – arrancará aos filhos da nossa Arábia teu sepulcro de mártir.

"A cegueira humana, a ignorância e o fanatismo – acrescentou a profetisa, obediente à Inteligência de Beth-Gamul que a dominava nesse instante – acenderão guerras que dessangrarão a Humanidade durante séculos pela posse da tua grandeza de Filho de Deus, pelo predomínio nos lugares pisados pelos teus pés, pelo teu nome de Ungido, pela tua Lei, que cada qual entenderá de acordo com a sua conveniência, sem conseguir pensar um momento sequer que, como Filho de Deus, és propriedade de todos os espíritos encarnados nesta Terra; que, como Messias, és Instrutor de toda a Humanidade; e que, como emanação da Inteligência Divina, não tens preferência por nenhuma raça, por nenhum país, por nenhum povo e, diante de ti, todos os homens são irmãos, igualmente criados pelo Eterno Amor, de cujo seio nasce tudo quanto vive no Universo.

"Filho de Deus! ... eu, Beth-Gamul, Patriarca do Deserto, digo: Próximo está o dia do teu glorioso triunfo como Salvador do Mundo. Filho de Deus! Lembra-te de mim quando entrares na glória do teu Reino!"

A voz da profetisa diluiu-se no religioso silêncio daquele plácido anoitecer, no qual até os pássaros do bosque de nogueiras e castanheiros haviam silenciado, e nem o mais ligeiro rumor interrompia a quietude reinante no torreão do patriarca.

A sensibilidade do jovem Mestre, intensificada pela sua evocação ao Infinito, percebeu claramente o que dele esperavam os discípulos de Beth-Gamul, inteligências regularmente cultivadas no conhecimento de Deus, do Universo e das almas.

E falou-lhes de acordo com a percepção que teve de seus desejos íntimos:

"Glória a Deus Soberano e Eterno na infinita imensidão, e paz na Terra aos homens que buscam a Verdade e a Justiça! Dentre a bruma de passadas idades, surge, neste instante, por justiça da Lei Divina, um dia da vida terrestre de Moisés, no qual Ahelohim, seu guia, o levou às grutas do Monte Horeb, para colmar suas ânsias imensas de rasgar os véus que ocultavam aos homens daquela geração os começos deste globo terrestre, dado a eles como habitação nos inescrutáveis arcanos da Divindade.

"Quando as sarças da montanha arderam em labaredas, viu levantar-se, entre o vívido resplendor, uma diminuta nuvem branca que foi subindo cada vez mais no azulado horizonte e depois, como nave aérea, majestosa, de flutuantes velas estendidas, foi vogando na imensidão até chegar a se converter em gigantesca nebulosa.

"Viu depois desprenderem-se dela grandes porções, como se a mão de um mago houvesse soltado ao vento os brancos véus onde Ísis ocultava os mistérios da Criação, segundo o hermético ocultismo dos sábios do Egito. Viu a fúria de vertiginosos redemoinhos sobre si mesmos, produzindo correntes magnéticas formidáveis e forças de atração impossíveis de definir. Viu os redemoinhos se dobrarem em chamejantes espirais até formarem globos que pareciam seguir uns aos outros e, ao mesmo tempo, fugirem condensando-se cada vez mais. Observou algo como uma explosão de luz, de cores e de fogo e, entre um torvelinho de descargas elétricas, ter sido rasgado o incomensurável abismo.

"Desfilou em breves horas a obra de imensas idades, e a visão da Montanha de Horeb mostrou a Moisés o que não houvera sido dado entrever em muitos anos de meditação. A formidável atração arrebatou dos vizinhos sistemas planetários globos de evolução mais avançada; e, entre eles, a esplendorosa Vênus, que tão próximo veio irmanar-se a esta Terra, acabada de surgir da radiante energia do Eterno Pensamento.

"O gás, o fogo e a água foram sucedendo-se uns após outros, com fúria de vertigem que durava séculos, até que o globo terrestre, destinado a ser o berço de tantas civilizações, pôde albergar germes de vida em sua crosta, envolta, primeiramente, no cristal das águas e depois em lençóis de neve.

"Dos cumes do Horeb, o vidente contemplou, nas páginas indeléveis da Luz Eterna, os primeiros passos da vida, e seu inaudito esforço para se manifestar nas múltiplas formas que conhecemos, como também naquelas que ainda não conhecemos.

"Monstros pequenos e enormes, ensaios rudimentares do que havia de ser, num distante futuro, a mais completa manifestação da beleza, forma e expressão, começaram a arrastar-se pesadamente, como se fossem conscientes de que uma enormidade de séculos os contemplaria nessa espantosa manifestação de vida.

"Os seres do mais remoto passado e do mais avançado porvir desfilaram perante a alma extática do vidente da Montanha do Horeb. Homens deslizando, como seres alados, por cima da superfície do globo, e homens flutuando em ígneos vapores como os Henoc e Elias, dos carros de fogo, desfigurados esboços da verdade magnífica do porvir. Toda essa longa peregrinação da evolução humana arrancou da pena de Moisés aquele canto que, transformado pela incompreensão e a ignorância, tornou-se legendário, e que conhecemos hoje com o nome de "Gênese"; canto esse que eu quis selecionar para vós do vasto arquivo da Luz Incriada e Eterna.

"Eis que, da evolução de esferas e sistemas, de mundos e nebulosas, cheguei, na minha confidência de hoje, ao desenvolvimento ascendente das mentalidades para vos dizer, discípulos de Beth-Gamul, admiradores de Moisés, vislumbrados e pressentidos provavelmente por ele na Montanha do Horeb como artífices do pensamento, por intermédio do qual podereis chegar a ser gênios criadores da beleza e do bem, ou gênios maléficos semeadores da dor e do crime no meio da Humanidade.

"Sereis inteligências criadoras se, com a onda luminosa de vossos pensamentos de amor, conseguirdes recolher dos imensos planos de forças vivas, que esperam o impulso do vosso mandato mental, as que hão de converter-se em fadas benéficas de suaves eflúvios, em crianças aladas como a acariciante frescura de pétalas, em querubins de paz, mensageiros ternos de piedade e de amor, com os quais formareis a auréola de proteção para os vossos seres amados, para os vossos povos e países e, também ... para toda a Humanidade!

"Discípulos de Beth-Gamul, homens conscientes da poderosa força do pensamento, tomai o vosso posto entre os gênios criadores do bem e da justiça, da paz e do amor entre os homens, em contraposição aos gênios do mal, criadores, também, para sua desgraça, das tenebrosas entidades que colocam obstáculos e torcem os caminhos dos homens. Almas seletas que me ouvis, conhecedores da potência que o Eterno Criador pôs à vossa disposição nas estupendas forças mentais que podeis desenvolver à vontade! Por que não serdes gênios do bem e do amor para povoar o horizonte de vossos seres afins com as crianças aladas da pureza e da ternura, que semeiam do espaço azul as pérolas musicais de todas as sãs alegrias e afugentam as tristezas da vida, e também com as meigas fadas sutis, que semeiam nos corações a ilusão, o otimismo e a esperança que refrescam, como uma chuva de bálsamo, as almas esgotadas e secas, antes de haverem chegado a viver a verdadeira vida?

"Discípulos de Beth-Gamul, a quem procurais manter-vos unidos intimamente para encher o vazio imenso deixado ao vosso lado! ... Eu vos digo: estareis nele, e ele estará em vós como uma só essência, como uma mesma vida, como um mesmo anelo e uma mesma palpitação, no dia em que começardes a ser gênios criadores do bem e da justiça, da beleza e do amor, com a magia poderosa do vosso pensamento, vibrando em sintonia com o Pensamento Divino e Eterno do Criador.

"Almas criadoras da paz, do amor e da justiça, cantemos unidos no concerto das puras e sublimes Inteligências, que depois de haver conduzido humanidades para a Verdade e a Luz, estareis unificados com a Claridade Eterna, como ressonância deste hino imortal:

" '*Glória a Deus na imensidão dos Céus Infinitos e Paz na Terra aos seres de boa vontade.*' "

Ainda parecia vibrar no ambiente a suave melodia das palavras do Mestre quando a profetisa Zira caiu novamente em transe, sob a inspiração de Ben-Abad, antigo Rei da Síria, aliado de Asa, Rei da Judéia e bisneto de Salomão. Na sua época, Ben-Abad, seguindo a boa inspiração do Profeta judeu Azarias, havia dotado Damasco, onde residia habitualmente, de uma Escola de Sabedoria Divina, para a qual trouxe Mestres das Escolas da Pérsia, da Índia e dentre os Solitários do Monte Carmelo, cuja fama de alta sabedoria era muito respeitada em toda a Síria.

Este ligeiro esboço biográfico fará com que o leitor conheça a personalidade de Ben-Abad, antigo Rei damasceno, cuja inspiração fez falar Zira, a profetisa, quando Jhasua terminou sua alocução. E ela falou assim:

"Pela Eterna Vontade do Poderoso Senhor de todos os mundos e de todas as Inteligências que os habitam, Ben-Abad, seu servo, Rei da Síria há sete e meia centúrias, cumpre o mandato do Senhor entre os gênios guardiães da amada cidade de Damasco, que sobrevive ainda no meio das perturbações formidáveis e das vicissitudes humanas que arrasaram com muitas de suas gloriosas irmãs da Síria, da Mesopotâmia e da Caldéia.

"Desde Moab até o Mediterrâneo, e desde o Nilo até o Eufrates, sopram já os ventos da redenção humana, trazida em gérmen, como divina semente, pelo Messias Salvador dos homens, nesta hora da vida milenária da Humanidade sobre o globo terrestre, regado já muitas vezes com o pranto dos justos e o sangue dos mártires.

"Ai de vós, discípulos da Escola de Beth-Gamul, se, havendo tido a Luz Divina na vossa venerada aula, a deixardes apagar sob as cinzas geladas da indiferença, da incompreensão e do olvido.

"Não temos o direito de pedir nem de esperar que o Eterno Senhor de todo o Bem prodigue seus dons divinos quando e como o queira a nossa mutável vontade.

"Quando as vertentes do Líbano derramam a sua água clara em nossos rios e transbordam os nossos lagos, o bom hortelão abre canais e aquedutos, para que seus campos bebam até a saciedade, e seus hortos e jardins floresçam e frutifiquem. Sois hortelãos dos hortos e dos jardins damascenos, onde vos colocou a Divina Vontade para a grande semeadura iniciada pelo Homem-Luz, que traz em pessoa, e pela última vez, a própria essência do Amor, do Bem e da Justiça Divina, que encarna e representa perante a criatura Inteligente deste planeta.

"Que fazeis? ... Que fareis? ... Qual será a vossa ação? ... Qual o vosso trabalho?

"Continuar o que ele começou em Damasco: a educação do povo nos elevados pensamentos do bem e da justiça, da tolerância e do amor. A anulação do ódio sob qualquer aspecto em que ele se apresentar. A misericórdia para com os inválidos, os

desamparados e os órfãos, de tal forma que fique gravado profundamente nos corações humanos a frase lapidar com a qual termina a eterna Lei de Moisés: '*Ama a Deus acima de todas as coisas e a teu próximo como a ti mesmo.*' ''

A voz da profetisa desvaneceu-se no grande silêncio que inundava o recinto, e Zebeu, Ahmed e vários outros dos presentes que tinham a faculdade de clarividentes ainda não cultivada com perfeição, perceberam, com diáfana clareza, cenas que não eram do momento presente, mas não sabiam definir a época nem o lugar da sua realização.

Os notários escreveram essas clarividências coincidentes umas com as outras, motivo pelo qual puderam comprovar que eram visões premonitórias, cujo cumprimento se realizaria em tempo mais ou menos próximo.

Entre essas visões estava a seguinte: Um grande conselho de homens ilustres, no resplandecente átrio de um templo suntuoso, onde, depois de acirrados debates nos quais reinava o ódio mais feroz, saíram triunfantes os que condenavam iniqüamente um Profeta do Senhor, ao qual, poucas horas depois, levavam ao suplício carregando o madeiro em que devia morrer.

Outra visão representava um horto de velhas oliveiras, onde a videira enredava seus ramos cheios ainda de retardadas hastes cobertas de folhas. No negrume da noite, um raio de lua rompendo as trevas caía trêmulo sobre a face branca de um homem que, de joelhos, orava ao Senhor.

Um pelotão de homens armados penetrava cautelosamente. Um galileu ruivo de manto vermelho avançava tremendo, e seu indicador, como um estilete sangrento, assinalava o santo em oração. Os esbirros caíam brutalmente sobre ele, o manietavam e a visão se dissolveu nas trevas.

A terceira visão esboçava Zira, a profetisa, numa branca cidade de mármore, pórfiro e jaspe, com vários dos discípulos de Beth-Gamul ali presentes.

Era ela a Rainha e eles os ministros conselheiros. Ela era mãe de seu povo que vivia feliz ao seu redor. Numerosos guerreiros com brilhantes águias, lanças, couraças e escudos cercavam a branca cidade, onde entravam a sangue e fogo, deixando nada mais que cadáveres entre fumegantes escombros. A Rainha, arrastando sua púrpura real, fugia com seus ministros para o arrabalde chamado dos Santos, onde um agrupamento de homens e mulheres denominados *nazarenos* se dedicava a socorrer os doentes, os anciãos e os órfãos desamparados.

As três visões ficaram escritas nas crônicas da Escola, à espera de que os fatos pudessem ser decifrados.

Para teu uso, leitor amigo, que me vens seguindo desde tanto tempo e página após página, neste caminho iluminado pelo amor heróico do Cristo, eu as decifro, depois que todas elas foram fielmente realizadas.

As duas primeiras referiam-se à condenação do Homem-Luz pelos sacerdotes e doutores, do Templo de Jerusalém, sendo que, a segunda, é relativa à prisão imediata do réu condenado à morte sem ser ouvido e entregue por um de seus discípulos no Horto das Oliveiras.

A terceira, aludia à tomada da florescente e faustosa cidade de Palmira pelo imperador Aureliano, onde a Rainha Zenóbia, praticando a lei ''Ama a teu próximo como a ti mesmo'', havia tornado feliz o seu povo, que depositava oferendas florais e fumaça de incenso numa efígie do Profeta Nazareno, que ela havia mandado esculpir em mármore e colocar no templo do Sol.

As duas primeiras visões se realizariam quatro anos depois. A última também se realizou, mas depois de dois e meio longos séculos.

A Escola de Beth-Gamul associou-se à Santa Aliança tomando a firme decisão

de cooperar com o Profeta Nazareno pela libertação do Oriente e de salvaguardar sua preciosa vida ameaçada pelos gênios do mal que buscavam o triunfo e o poder através da ignorância entre as multidões. A partir desse momento, um dos trinta da Escola de Beth-Gamul devia permanecer em Jerusalém, para dar aviso imediato aos voluntários damascenos que formariam uma compacta fileira em defesa do Santo que havia levado a felicidade à atormentada população da cidade.

O Mestre saiu da cidade de Damasco dois dias depois e bem de madrugada, quando as sombras da noite ainda não se haviam diluído nas claridades do amanhecer. Com isso quis evitar o clamor e a súplica do povo que o amava de verdade.

Sua pessoa humana saiu da formosa cidade árabe, porém não sem antes completar sua obra de paz e de amor entre todos, deixando recomendados ao etnarca e aos magnatas damascenos os discípulos de Beth-Gamul como seus próprios discípulos, encarregados de manter a tranqüilidade entre senhores e trabalhadores, e de resolver amistosamente as questões que pudessem sobrevir mais para diante.

– Eu, eu sozinha! ... – disse com terna emoção Adita, a menina paralítica curada pelo Mestre. – Eu sozinha fiquei dona em Damasco do coração e dos bons olhos do Profeta.

"Quem poderá tirá-los de mim?"

A alma daquela criatura, imensamente maior que o seu pequeno corpo de dez anos, foi um assombro para todos, pois teve idéias e resoluções inesperadas para uma criatura da sua idade.

Dir-se-ia que aqueles dez anos de forçada quietude pelo atrofiamento de sua matéria haviam desenvolvido precocemente suas faculdades intelectuais, até o ponto de causar grande admiração seus raciocínios, sua lógica, sua visão clara das coisas e, principalmente, sua vontade firme como uma rocha quando se propunha a realizar uma obra que o Profeta Nazareno lhe havia revelado em sonhos, segundo ela dizia.

Jhasua havia-lhe ensinado a orar, a concentrar-se no seu íntimo para encontrar ali o Deus-Amor, unir-se a Ele e agir de acordo com Seus desígnios e Sua vontade soberana.

Mais de uma vez, o Mestre, ao ver-se compreendido pela pequena Ada, tanto como não o compreendiam muitas pessoas maiores, pensou na profunda afinidade de Abel e de Elhisa, das Escrituras do Patriarca Aldis, em Moisés e a princesa Thimetis, sua mãe, dos relatos encontrados na velha Sinagoga de Nehemias, em Jerusalém.

Em sua clara lucidez de Ungido da Verdade Eterna, rendeu sua alma à adoração do Supremo Invisível, Senhor absoluto das vidas e dos caminhos seguidos por elas.

Na Cidade de Tiro

Nossos viajantes dirigiram-se novamente ao Monte Hermon, onde o Mestre fez tirar cópias em língua árabe de todas as escrituras julgadas de utilidade para a Escola de Beth-Gamul, em Damasco, da qual esperava ver surgir, no futuro, uma civilização nova entre aquela vigorosa raça árabe, cuja remota origem o levava a recordar seu fundador, o grande Ben-Abad, o caudilho Kobda da Pré-História, e a incomparável Zurima, a heróica enamorada de Abel, que fez de seu amor passional profundo um culto ao ideal sustentado pelo Homem-Luz.

Jhasua seguiu viagem para Tiro, o importante porto fenício, com tio Jaime e Zebeu.

Ahmed e Osman ficaram em Damasco, à espera da saída da primeira caravana de mercadores de Simônides, para regressar com ela a Jerusalém.

Em Tiro, Sarepta e Sidon, os Terapeutas e a Santa Aliança haviam realizado trabalhos de unificação e de melhoramento das condições de vida dos trabalhadores e escravos. Em Tiro, principalmente, o Mestre já podia considerar-se entre os seus, pois ali tinha o bom Simônides um de seus grandes armazéns-depósitos das mercadorias vindas dos países do norte do Mediterrâneo. Não tardou, pois, em saber, a sua chegada a essa cidade-porto, achar-se ali preparada uma boa hospedagem. Atrás dos enormes fardos que formavam montanhas, tinha a Santa Aliança seu recinto de reuniões, dissimulado da mesma maneira para os que não pertenciam a ela como o que estava em Jerusalém e em todas as cidades e povoações aonde chegava a vigilância dos procuradores romanos, dos agentes herodianos e dos fanáticos fariseus, tão severamente zelosos até do vôo de um inseto que, a seu juízo, pudesse transgredir a mínima disposição da Lei.

No entanto, Simônides, um lince em matéria de perseguições, porque desde sua juventude as havia sofrido na própria carne, não se deixava facilmente surpreender por nenhuma das três forças contrárias das quais se viam ameaçados os israelitas amantes da paz, da verdade e da justiça: o invasor romano, os filhos de Herodes, o Grande, e o clero de Jerusalém.

O recinto da Santa Aliança era no subsolo dos depósitos, decorado e mobiliado como Simônides sabia fazê-lo, sem que faltasse um único detalhe, esses armazéns estavam situados na parte antiga da cidade que, como já dissemos em outra oportunidade, havia sido construída numa ilha de rocha próxima à costa e que posteriormente foi unida ao continente por uma enorme ponte de pedra, por cima da qual podiam passar três carros ao mesmo tempo.

Ali estava aquele Torreão de Melkart, utilizado pelos Terapeutas para refúgio de seus doentes e anciãos desamparados.

No subsolo, tão habilmente preparado por Simônides, nem sequer faltava uma cômoda saída para o mar, onde sempre estava ancorado um ou vários dos trirremes ou galeras mercantes da grande frota do príncipe Ithamar, administrada por ele.

Tão logo entraram na cidade, nossos viajantes foram diretamente para ali. Eram guardiães do recinto outros dois daqueles jovens árabes discípulos das Escolas do Príncipe Melchor no Monte Hor.

Foram dez os ex-discípulos escolhidos por Simônides como agentes para a vasta rede de negócios que tinha desde o Nilo até o Eufrates.

Todos aqueles jovens haviam sofrido horrores por parte dos poderosos usurpadores dos direitos dos povos indefesos e inermes. Eles sabiam o que era escravidão, miséria, prisões e torturas. De quem, pois, Simônides podia esperar mais fidelidade, a não ser daqueles que tinham, além disso, a educação moral e espiritual dada nas Escolas de Melchor?

Tranqüilo e sossegado, respirando ali o ar já quase nativo, o jovem Mestre deu ao seu coração de homem as suaves e puras expansões familiares, e escreveu uma carta à sua mãe, anunciando seu breve regresso para o seu lado, outra a Simônides, que tão solicitamente velava por ele, e também aos amigos de Jerusalém e de Bethlehem, que o haviam seguido com o pensamento em sua primeira jornada de missionário.

Jhasua usou seus primeiros dias em Tiro para examinar atas, anotações e cartas

referentes à Santa Aliança, para orientar-se sobre o estado atual da porção da Humanidade que mais atraía o seu coração: os deserdados, a classe humilde, que ali, como em todas as partes, levava com grande dificuldade a carga da vida.

Através dessas observações, pôde dar-se conta de que o maior mal que existia em Tiro era o comércio de escravos, para os quais não dispensavam sequer a consideração tida para com os animais de trabalho.

A compra e venda de seres humanos, trazidos de todas as partes do mundo, era o mais lucrativo de todos os negócios a que se dedicavam os opulentos príncipes e magnatas de Tiro.

Um reizinho, vassalo de Roma, do mesmo modo como os filhos de Herodes na Palestina, aparentava reinar na cidade sem outros ideais além do seu próprio bem-estar e o de seus familiares. Bastava-lhe, apenas, que ninguém o molestasse no livre desfrutar de suas riquezas e, com esse fim, deixava inteira liberdade aos príncipes e magnatas para que fizessem e desfizessem a seu capricho com o povo indefeso, do qual exigiam, naturalmente, o máximo esforço, remunerando com espantosa mesquinhez. Todos os grandes senhores possuíam suas pequenas frotas de barcos próprios para o transporte dos escravos que conduziam das costas do Mediterrâneo.

Do alto do Torreão de Melkart, convertido em refúgio de enfermos e desamparados, o Mestre presenciou cenas que esmagavam de angústia o seu coração.

Foi testemunha ocular de vários embarques de escravos, nos quais a maioria era constituída de jovens, donzelas e crianças.

Viu que estes últimos haviam sido arrancados brutalmente dos braços de seus pais, escravos também, para serem embarcados com rumos diferentes, tal como se faz com os rebanhos de cabras, de ovelhas e de porcos.

Sentiu a angústia desesperada das mães, das filhas adolescentes, dos maridos e dos irmãos atados com cordéis para anular qualquer defesa possível, embora inútil.

De um dos terraços do Torreão, Jhasua saltou sobre a coberta de uma enorme galera, onde se desenrolavam tão criminosas e selvagens cenas.

Aquele fantasma branco caído do Torreão na penumbra do anoitecer causou alarme entre a tripulação e os agentes do poderoso senhor que enchia suas arcas com ouro à custa de tanta dor humana.

– Detei-vos! ... – gritou o Mestre, e seu grito deve ter produzido vibrações tão terríveis que deixaram paralisados por um momento todos aqueles perversos traficantes de carne humana viva e dolente. Avisado, o capitão acudiu imediatamente.

– Quem és tu, que pretendes mandar naquilo que não é teu? – perguntou colérico a Jhasua, cujo semblante, altivo e severo, impunha respeito a todos.

– Já te direi mais adiante – respondeu o Mestre. – Manda desembarcar todos porque, do contrário, deitarei tua galera a pique.

Em todas as embarcações fenícias era costume levar um áugure, mago ou adivinho, para afastar os maus ventos do mar. Um desses, aproximando-se do capitão, disse-lhe ao ouvido:

– Obedece, porque é um dos sete gênios que rodeiam a *Bel Marduk*. Eu o vejo envolto em chamas de fogo.

O capitão, grandemente supersticioso, ordenou o desembarque.

Jhasua, imóvel como uma estátua cujos olhos arrojavam luz, entabulou o seguinte diálogo com o capitão:

– Quanto estás ganhando com esta mercadoria de carne humana viva? – perguntou.

– A quarta parte do seu valor, ou seja, vinte mil sestércios que o amo paga tão logo volto da travessia.

– É teu este barco? – voltou o Mestre a perguntar.

– Sim, é meu. É toda a minha fortuna, e, levando mercadorias com ele, ganho a minha sobrevivência e a de meus filhos, motivo por que te peço, bom Gênio, para não o colocares a pique.

– Se fordes razoável comigo, não sairás perdendo – disse o Mestre.

"Dar-te-ei nesta mesma noite os vinte mil sestércios que esperavas para daqui a dez ou doze luas. Trabalharás, daqui para diante, por conta de um amo que não trafica com carne humana viva, e que é o dono de todos os navios de pavilhão amarelo com estrela azul que navegam por todos os mares do mundo. Aceitas?

– Por mim, aceito de muito bom grado, bom Gênio; no entanto, o dono destes escravos é cunhado de Nabonid e dar-me-á duros castigos por isto.

– Quem é Nabonid?

– É o Rei de Tiro.

– O amo que te darei é um grande amigo do César, do qual possui franquias firmadas pela sua própria letra e punho, para todos os portos do mundo. Além disso, eu me entenderei com o senhor destes escravos.

– Está bem. Farei o que mandas, ó bom Gênio mensageiro de Marduk! ... Como poderia eu resistir a ti?

– Manda que tua tripulação permaneça em paz à espera de novas ordens e segue-me com todos esses escravos.

A noite já havia chegado e uma espessa névoa cobrira a selva de mastros, barcos e velas que povoavam a formosa enseada do porto de Tiro. O capitão e os cento e sessenta escravos seguiram Jhasua até os armazéns-depósitos, já conhecidos do leitor.

Todos entraram ali.

O pobre capitão, mais morto que vivo, por pensar que estava sob o poder de um dos sete poderosos Gênios que rodeiam o terrível deus Marduk, não pôde esconder o assombro causado por aqueles enormes armazéns, onde os fardos, caixões, barris e talhas chegavam até o teto. Viu que os rótulos justificavam as palavras do bom Gênio, de que aquele dono comerciava com todos os países do mundo.

Jhasua conferenciou com os dois guardiães dependentes de Simônides:

– Quantos valores tens em caixa? – perguntou.

– Da Santa Aliança, temos cinqüenta mil sestércios, que o príncipe Judá e o Scheiff Ilderin enviaram há dez dias para as obras de misericórdia que desejasses realizar nesta cidade de Tiro, onde os adeptos são quase tão numerosos como os de toda a Judéia e Galiléia juntas.

"De Simônides há dez vezes maior quantidade, porque aqui vão deixando, em letras de câmbio e outros documentos a curto prazo, o pagamento das mercadorias que os comerciantes tírios retiram deste armazém.

– Preciso, no momento, de vinte mil sestércios – disse o Mestre e, em seguida, explicou o que acabava de combinar com o capitão ali presente, ao qual entregou a soma prometida. Tomou anotações do dono daqueles escravos e disse ao capitão para aguardar ordens no dia seguinte.

– Se Marduk é um poderoso deus no qual confias – disse Jhasua –, podes estar certo de que nenhum mal te acontecerá.

O capitão afastou-se, julgando que estava concedendo-lhe a fortuna a mãos-cheias. Da porta, fez grandes reverências ao bom Gênio que mandava sobre o mar e sobre a terra.

O Mestre ficou sozinho diante do dolorido grupo de escravos que o observava com olhos espantados, ignorando em absoluto as intenções do novo senhor que de tão inesperada maneira os havia arrancado dos negros porões da galera.

Os dois jovens guardiães do recinto tinham descido ao subsolo para preparar alojamento para eles.

Dos cento e sessenta escravos, oitenta e seis eram varões de 15 a 35 anos de idade. Apresentavam o corpo desnudo, com apenas um pedaço de pano grosseiro preso à cintura e que não chegava aos joelhos. As mulheres eram todas jovens, de 15 a 25 anos, e vestiam uma estreita túnica curta de cor cinza. As crianças, entre os 7 e 12 anos, tinham apenas uma larga faixa de grosseira lã apertada à cintura por um cordel.

Todos levavam pendurado ao pescoço uma plaquinha de madeira com as indicações do seu destino. Através dessas placas, o Mestre compreendeu a dolorosa tragédia daquelas infelizes criaturas e observou como, em alguns casos, as famílias ficariam separadas por milhares de estádios, pois os pais iam para um lugar e os filhinhos para outros imensamente distantes, de tal modo que jamais voltariam a reunir-se.

Observou, não obstante, que algumas famílias eram destinadas juntas a um mesmo porto, e uma estrela de cinco pontas gravadas no final parecia indicar o comprador, cujo nome era indicado apenas por iniciais.

Os destinados ao porto de Pelúsio, junto às bocas do Nilo no Egito, tinham as iniciais "M. de H.". Esse comprador pedia as famílias completas. Não queria separar os filhos de seus pais, demonstrando assim um sentimento humanitário que o levava a comprar famílias de escravos para formar, sem dúvida, colônias de seres livres.

A intuição ajudou o Mestre a decifrar o mistério atrás do qual se escondia a modéstia de um servo de Deus.

"M. de H.", no porto de Pelúsio e com a estrela de cinco pontas debaixo das iniciais, não podia ser outro senão o príncipe Melchor de Horeb, cuja disposição para libertar escravos era já bem conhecida de Jhasua.

O outro comprador de escravos estava a enorme distância. Indicava o antigo porto de Palalena, fortificado e ampliado enormemente por ordem de Alexandre Magno em sua passagem para a Índia. As iniciais eram "G. de S.", e também tinham a estrela de cinco pontas.

O jovem Mestre, com a face sorridente e os olhos úmidos de emoção, leu: Gaspar de Srinaghar, junto às bocas do rio Indo, ao pé dos Montes Suleyman.

Seu luminoso pensamento resplandeceu de amor para esses dois grandes amigos desde o berço que, em suas obras ocultas e silenciosas, demonstravam ter gravado no coração o mandato divino: "Ama a teu próximo como a ti mesmo."

– "Se eles imaginassem – pensou Jhasua – o modo tão inesperado como descobri seu belo segredo!"

Os demais escravos estavam destinados a portos do Mediterrâneo, sendo que a maioria na Ásia Menor e também a Roma.

Algumas das mulheres choravam inconsoláveis, estreitando ao peito os seus filhinhos que estavam destinados a diferentes senhores e em lugares distantes.

Com sua alma a chorar com eles, Jhasua foi retirando do pescoço de todos o ignominioso estigma dessa desgraçada condição.

– Agora já não ficareis mais separados – disse com sua ternissima voz, acariciando as crianças que o observavam tímidas e assustadas.

"Nosso Deus, que é Amor – disse às mulheres –, devolve por meu intermédio vossos filhos, que homens perversos queriam retirar de vós sem direito algum, porque só Deus é senhor da vida humana."

As infelizes mães caíram de joelhos para beijar os pés do Mestre que lhes falava numa linguagem que, se materialmente não entendiam por serem de diversos países, compreendiam o que todo ser e até os animais compreendem: que aquele homem estava cheio de amor e de piedade por eles e em quem podiam confiar plenamente.

Sentados todos nos estrados do subsolo, foram os ex-escravos recebendo em pequenas cestas as provisões de comestíveis armazenadas ali pela Santa Aliança, para atender às necessidades do povo necessitado.

Quando ficaram satisfeitos, Jhasua e os dois guardiães começaram a abrir os fardos de roupas que se achavam ali para o mesmo fim, e aquela turba dolente, que agora tinha coragem para sorrir, foi se vestindo de acordo com o uso do país, com grande algazarra das crianças que disputavam entre si pequenas túnicas e calças de vistosas cores.

Leitor amigo. Se és capaz de esboçar, na tua mente, esse quadro, poderás dizer, se és capaz, quem se sentia ali mais feliz: os que recebiam o presente ou aquele que lhes dava com o coração transbordante de amor.

Grande parte dessa noite inesquecível o Mestre passou fazendo anotações dos relatos mencionados por aqueles escravos, muitos dos quais não o haviam sido jamais, pois eram originários, quase todos, das aldeias mais afastadas nas montanhas da Celesíria, da Ituréia, de Traconítis, de Madian, da Iduméia e da Samaria.

Haviam sido caçados como se caçam os gamos e os coelhos, com a autoridade da força, apoiada pelos poderes reinantes, sempre tão complacentes com os poderosos magnatas donos da situação.

Não eram, pois, escravos que tivessem estado sob as prescrições das leis estabelecidas então, para a condição de servos com donos que tivessem direito sobre eles por herança paterna ou por havê-los comprado de acordo com a lei.

Era um indefeso grupo humano apanhado nas selvas como mansas bestas inermes, incapazes de causar dano aos seus caçadores.

Jhasua informou-se, no dia seguinte, que essa classe de caçada humana vinha sendo praticada em Tiro desde há muitos anos, e a tradição dizia que Alexandre o Macedônio, em cujo coração havia nobres princípios, viu-se como que forçado a destruir a metrópole Fenícia em virtude da perversa condição de seus magnatas que maltratavam e sacrificavam seus escravos, como não se fazia, então, em nenhuma outra parte do mundo, sem sequer dar atenção a alguma argumentação neste sentido.

Em decorrência dessas providências tomadas por Jhasua, o agente de Simônides, em Tiro, contratou o capitão da galera, na qual foi levantado o pavilhão amarelo com a estrela azul. Carregou-a de mercadorias que devia conduzir de Tiro até Siracusa, Nápoles, Marselha e Valência, e zarpou no dia seguinte ao anoitecer.

Por intermédio de suas caravanas, a Santa Aliança foi conduzindo pouco a pouco o dolente grupo dos seres nossos conhecidos a suas respectivas aldeias nativas, até restarem tão-só dezesseis de Traconítis e da Samaria, que foram contratados pelos capitães dos navios de Simônides para reforçar suas tripulações.

Dessa forma o Mestre aniquilou a dor, com um sopro de seu amor soberano, sobre aquela pequena porção da Humanidade caída sob o tacão do feroz egoísmo humano.

Enquanto Jhasua curava e consolava os enfermos e órfãos do Torreão de Melkart, seu coração não descansava, porque toda dor humana que escapava ao seu conhecimento permanecia viva e latente, atormentando os seres.

Como, dos terraços do vetusto castelo, tinha surpreendido a angústia dos escravos levados para a galera, permanecia longas horas semi-oculto entre as cortinas estendidas pela hera de uma ameia a outra, como um dossel sombrio e rumorejante.

Do seu posto de vigia, como uma sentinela alerta, vigiava e pensava. Via destacarem-se os brancos palacetes de mármore nos patamares das montanhas, cujas faldas chegavam até a cidade. Davam a impressão, a distância, de miniaturas de marfim escalonadas nas verdes colinas, como se as poderosas mãos de um mago as houvessem incrustado no granito rosáceo das montanhas do Líbano.

No fundo dos vales, via também os casebres dos humildes como bandos de gaivotas escondidas por entre espessos arvoredos.

Para o sudeste distinguia o *Vale dos Mausoléus*, confundido quase com as ruínas da antiquíssima cidade de Migdalel, que não resistiu à fúria de Nabucodonosor durante a tomada de Tiro.

– Ali vivem os vencedores da vida – disse o Mestre, contemplando os esplêndidos palácios dos poderosos tírios, quase todos eles enriquecidos no comércio de escravos ou com a inqualificável exploração dos homens de trabalho.

"No vale vivem e sofrem os humildes, suportando todo o peso da opulência dos potentados, que só se lembram deles quando têm que esmagá-los entre suas garras, para que dêem o máximo de esforço e de rendimento.

"Nesse outro vale, cercado de colinas perfuradas de grutas sepulcrais, descansam os despojos daqueles que ontem foram poderosos e hoje são apenas cinzas.

"No entanto, ainda vencidos pela morte, querem estar separados: os magnatas, em seus soberbos mausoléus, os humildes, em covas abertas nas montanhas, onde as trepadeiras e as margaridas lhes fazem amorosa companhia."

Um Terapeuta cortou o fio de suas meditações. Vinha chamá-lo da parte do Centurião da Guarda romana responsável pelos formidáveis torreões da Fortaleza de Hirão.

O Mestre ainda não havia falado publicamente, motivo pelo qual achou estranho ver-se solicitado pelo militar romano.

– Um criado do Centurião – disse o Terapeuta – é filho de uma paralítica que reside nesse Torreão. Ao curar os enfermos, curaste também a ela. Sem dúvida alguma, seu filho soube disto e, se o Centurião da Fortaleza manda chamar-te, deverá ser por um caso de enfermidade grave.

– Vamos até lá – respondeu o Mestre sem mais perguntas, descendo do terraço.

– Queres a minha companhia ou irás chamar o tio Jaime nos depósitos?

– Já está anoitecendo e não posso demorar, porque ele e Zebeu me esperam lá para cear. Vem comigo até a Fortaleza, se não te aborrece.

– Não, de nenhum modo. Vamos. Está nesta mesma direção, no fim do muro do poente. Fica só a uns duzentos passos daqui.

O criado que devia guiá-los olhou para Jhasua como se estivesse olhando para as imagens dos deuses da cidade, imóveis em seus altares de mármore e ouro.

– Senhor! ... Curaste minha mãe de uma paralisia de vinte anos e peço aos deuses que te seja dada uma apoteose de glória.

– Obrigado amigo – respondeu o Mestre –; entretanto, ainda não é hora de glorificações, mas de trabalhos. Sabes por que o Centurião da Guarda me chamou?

– Sua mulher está morrendo. Ela deu à luz ontem à noite a dois meninos aleijados, semelhantes a frangalhos deslocados. Meu amo está desesperado. Queria abrir a garganta com a sua própria espada, e eu lhe falei do bom Profeta do Torreão de Melkart e ele mandou que eu te buscasse.

"Apressa-te, Senhor, se queres encontrar viva a mãe. As crianças não importa, pois sendo tão defeituosas é realmente preferível que morram."

– Não falas com justiça, meu amigo – disse o Mestre andando tranqüilamente. Se o Deus Criador deu um sopro de vida a esses seres, quem somos nós para desejar-lhes a morte?

O criado calou por respeito, no entanto, certamente, no seu interior haveria de dizer: "Se ele os tivesse visto, não haveria de falar assim."

Um momento depois, entravam num pavilhão baixo da Fortaleza, onde o Centurião tinha seus aposentos. Aquele homem estava semi-estendido sobre o leito onde agonizava sua esposa, cuja lividez cadavérica indicava a proximidade da morte. Algumas mulheres soluçavam desconsoladamente e um velho médico tratava de reanimar a moribunda, fazendo cair em seus lábios ressequidos algumas gotas de um elixir.

O Mestre pediu a todos para se afastarem daquele compartimento, permanecendo apenas o esposo, o Terapeuta que o acompanhava e o ancião médico.

Com grande cuidado, tomou os corpinhos disformes dos meninos e recostou-os ao lado da mãe.

Com a esperança de que um estupendo milagre devolvesse a vida de sua esposa, o Centurião havia-se levantado e, de pé ao lado do Mestre, examinava o rosto da moribunda, no qual apareciam já bem acentuados os vestígios da morte.

Jhasua tomou as duas mãos da enferma e cravou seu olhar, como um raio de fogo, naquela face lívida e extenuada.

Passados alguns momentos, que para o Centurião pareceram horas, o rosto da mulher pouco a pouco foi mudando de aspecto. Já não apresentava aquela cor citrina dos cadáveres, mas um branco mate que, lentamente, ia colorando-se de vida.

O marido devorava-a com os olhos, pois percebia a mudança que se operava nela.

Os corpinhos disformes começaram a se inquietar, como se ligeiros movimentos convulsivos os agitassem.

Jhasua, aparentemente impassível como uma estátua, irradiava do seu interior torrentes de energia e de vitalidade sobre aquelas três criaturas humanas que, a não ser pela sua presença ali, teriam sido presas da morte antes de uma hora.

Finalmente, os olhos da enferma se abriram e os dois corpinhos se aquietaram profundamente.

– Agora o teu elixir terminará a cura – disse Jhasua ao velho médico, que não saía de seu assombro.

– Dá-lhe tu, Profeta – disse –, porque talvez terá, desta maneira, melhor eficácia.

O Mestre levantou a cabeça da enferma e fez-lhe beber vários sorvos.

– Coloca os meninos ao peito, para que a vitalidade da mãe os reconforte e anime – disse ao esposo, começando este já a crer que tinha diante de si um poderoso mago, em cujos prodígios jamais havia acreditado.

Os olhos azuis e lânguidos da mãe fixaram-se nos dois meninos. Depois olhou para o marido ... e dois fios de lágrimas começaram a correr por suas pálidas faces.

– Não chores mais, criatura de Deus – disse Jhasua –, porque o Seu Amor te visitou nesta hora em que te consagras como sua sacerdotisa, visto como és uma mãe feliz, com dois formosos filhos que serão a alegria do teu lar.

O Centurião prostrou-se por terra, abraçou-se a Jhasua, chorando em grandes soluços.

– Senhor! ... – disse quando pôde falar. – Que fiz eu para merecer a saúde de minha esposa e de meus filhos?

– Se nada fizeste até hoje, pensa no que poderás fazer daqui para diante para

demonstrar ao nosso Deus Misericordioso a tua gratidão pelas suas dádivas – respondeu o Mestre ajudando-o a se levantar.

As mulheres que haviam ficado espiando de fora, entraram novamente e rodearam o leito.

Era a mãe dela e duas antigas criadas. As três olhavam com grande assombro para Jhasua, e, despindo os meninos, viram que seus corpinhos não apresentavam defeito algum.

– Oh, que formosos e robustos! – exclamou a avó louca de alegria.

– Mas, meu Senhor! ... Que fizeste dos aleijões com que nasceram? Estão sem eles! ...

Jhasua sorriu docemente, ouvindo o espanto da anciã a correr de um lado para o outro, primeiro com um menino, e depois com o outro, aproximando-o da luz para certificar-se de que ambos estavam perfeitamente formados. Depois, olhou estupefata para Jhasua, autor de tamanho prodígio.

– Senhor! ... – disse por fim, juntando as mãos sobre o peito. – Se és um Deus descido à Terra, dize de uma vez, para que todos os homens saibam que a felicidade virá finalmente sobre nós.

– Deus não desce nem sobe, não vai nem vem, porque está em todas as suas criaturas, mulher, como está em ti e em tudo quanto tem vida sobre esta Terra. Eu sou um Mensageiro Seu, a derramar Suas dádivas na medida em que Ele permite – respondeu o Mestre.

"Centurião – disse –, esperam-me em outra parte e sou obrigado a ir. Voltarei amanhã na segunda hora, para demonstrares teus agradecimentos ao Deus Misericordioso que devolveu o calor a tua família."

– Senhor! ... Sou pobre e só possuo o que César paga por meus serviços.

– Não falo em ouro, bom homem. Para que posso querer o ouro do César? Quero apenas a bondade de teu coração e a justiça de teus atos. Por isso virei amanhã.

– Quando queiras, meu Senhor, quando queiras, porque eu e minha casa seremos teus para toda a vida.

Jhasua saiu seguido do Terapeuta, deixando convencida aquela família de que um poderoso deus havia entrado em sua casa.

Na segunda hora da manhã seguinte, Jhasua voltou acompanhado do tio Jaime e de Zebeu a encontrar-se com o Centurião, o qual mencionou com muita alegria que a esposa e os dois meninos estavam em estado normal, se bem que aquela ainda permanecesse no leito. O Mestre visitou-os novamente, recomendando com insistência a gratidão ao Senhor pela dádiva da vida e pela saúde que lhes havia dado.

– Tanto amor quanto derdes ao Pai Celestial será todo o amor que recebereis d'Ele, porque o amor atrai o amor como um poderoso ímã – disse acariciando os pequeninos em seu berço, sobre o qual se deteve alguns momentos como se detido por um pensamento fixo e profundo.

"É a hora da redenção – disse, como falando consigo mesmo.

"A grandeza e o poderio de Hirão e de Salomão passaram como uma sombra! Hoje entram juntos na vida pela estreita portinha dos humildes. A vertigem das alturas traz consigo grandes cargas para o espírito cativo na matéria! Deus dá Luz aos humildes e a nega aos soberbos!"

Os familiares supuseram que o Mestre estava murmurando uma bênção sobre o berço dos gêmeos, e não estavam equivocados, porque seu amor, que lhes havia tornado possível a vida física, derramou-se sobre aqueles pequenos seres que dormiam profundamente, alheios a tudo quando os rodeava.

– Senhor – disse o Centurião –, disseste que apenas esperas a bondade do meu coração e a justiça através de meus atos, entretanto, não me deste ainda a oportunidade de prová-lo.

– Dar-te-ei agora mesmo – retrucou o Mestre. – Dize-me, até onde chega a tua autoridade nesta Fortaleza?

– Cuido da ordem e da segurança sobre os prisioneiros guardados aqui pelo Estado e, ao mesmo tempo, meus homens mantêm a ordem na cidade. Que queres de mim, Profeta?

– Que me acompanhes para visitar os prisioneiros e atendas com bondade às queixas que certamente te apresentarão – respondeu o Mestre.

– Por que dizes isso, Senhor?

– Não costumas visitá-los, não é verdade?

– É verdade, Senhor, porque o encarregado é o Porteiro das Prisões, que depende do Tribuno, governador desta Fortaleza, que está em viagem a Roma, e eu o estou substituindo até o seu regresso.

"Tens, por acaso, alguma informação a respeito? – perguntou o Centurião com certa inquietação."

– Chamaste-me de Profeta – respondeu Jhasua – e, com efeito, eu o sou. Sou Profeta do Deus Misericordioso que devolveu a vida à tua esposa e aos teus filhos. Tendo em conta que em todos os presídios nos quais se diz agirem com justiça são cometidas grandes injustiças, sem conhecimento, talvez, dos chefes do Estado, julgo não ser este presídio uma exceção. Sempre é bom, meu amigo, ver de perto a dor dos sofredores.

Este diálogo foi mantido no aposento particular do Centurião.

– Vamos às torres, Senhor! – disse ele, olhando para tio Jaime e para Zebeu, cujas presenças pareciam causar-lhe algum receio.

– Podes confiar neles – disse o Mestre – porque são meus familiares.

Depois de percorrerem corredores e galerias, chegaram à parte central da imponente Fortaleza, que parecia uma verdadeira cidadela inexpugnável.

Aumentavam o aspecto desolado e tétrico daquele vetusto edifício as corujas e os morcegos a entrarem e saírem com inteira liberdade pelas aberturas nas paredes que serviam de mesquinhas clarabóias para os calabouços.

– O presídio do Rei Hirão de Tiro – disse Jhasua – pode competir bem com os do Rei Salomão de Jerusalém. A Torre Antônia, reconstruída por Herodes, não admite corujas nem morcegos, no entanto, ainda tem subsolos desconhecidos dos próprios carcereiros e habitados por homens e por toda espécie de vermes, répteis e insetos.

Chegaram à primeira torre e o Centurião mandou abri-la.

Entraram numa espécie de tubo de enormes dimensões na posição vertical. Ao redor, viam-se as portas dos calabouços em três ordens superpostas: seis em cada piso. Olhando para cima, lá, muito alto, via-se como um disco azulado o pedaço do céu que podia ser contemplado dali, embora impossível de ser visto pelos habitantes dos calabouços.

– A que se deve esta visita em hora tão inoportuna? – perguntou o velho carcereiro, cujo aspecto dizia bem claro que não era homem de misericórdia, mas de chicote e cadeia.

– À autorização especial que estes senhores possuem – respondeu secamente o Centurião.

– Posso vê-la? – perguntou novamente o carcereiro.

– Basta que eu a tenha visto! – respondeu o Centurião.

Os seis calabouços do piso inferior estavam ocupados por homens de idade madura, pois já estavam ali há longos anos. Para o carcereiro, todos eram hienas ferozes, panteras e tigres, não merecendo sequer o pedaço de pão negro, duro, que lhes era dado.

Nenhum daqueles infelizes podia dizer com precisão há quanto tempo estava ali encerrado. Haviam perdido a conta que foram anotando com riscos de carvão, gravados na parede. Alguns haviam dado a volta no calabouço com fileiras de riscos negros, uns ao lado dos outros.

Os seis presos estavam doentes, com reumatismo, por causa da excessiva umidade do piso.

De suas vestimentas não havia o que falar. Não eram roupas, mas pedaços de um tecido já sem cor definida, em virtude da excessiva sujeira.

– Há quanto tempo cuidas destes calabouços, carcereiro? – perguntou suavemente o Mestre.

– Vai para onze anos – respondeu o interrogado. – Cumpri as ordens recebidas ao pé da letra.

"Todos estes, menos um, estavam aqui quando vim para cá."

– Não recebes ordem de limpar estes calabouços e de trocar a roupa dos presos? – voltou o Mestre a perguntar.

– Mas, meu senhor – disse o velho carcereiro –, nem o Tribuno governador me faz tantas perguntas.

– Responde e cala – disse o Centurião. – O Tribuno representa o César e eu represento o Tribuno.

– Fui posto aqui pelo Rei – insistiu o carcereiro.

– O Rei está subordinado a Roma – disse novamente o Centurião.

– Não discutam por tão pouca coisa. Eu venho em nome de Deus, Senhor da vida dos homens, e procuro apenas defender essas vidas – disse o Mestre.

– És Profeta de Israel? – perguntou o carcereiro.

– Tu o disseste – respondeu Jhasua.

– Ele acabou de curar minha esposa e meus dois filhos, que ontem agonizavam – esclareceu o Centurião.

O carcereiro abriu grandemente os olhos e ficou um momento em silêncio.

O Profeta Nazareno penetrou naquele pensamento e disse:

– Se o teu coração fosse piedoso para com os teus semelhantes, e se tivesses fé no Poder Supremo do Deus que me enviou, serias curado da úlcera cancerosa que corrói o teu estômago há dois anos.

O carcereiro deu um grito como se tivesse visto um fantasma.

– Oh, Senhor! ... – exclamou por fim. – Vejo que o teu Deus te fez poderoso em ações e palavras. Determina a teu servo, Senhor, que a partir de hoje nada mais farei senão aquilo que quiseres. – O velho carcereiro estendeu seus braços para Jhasua com todo o carregamento de chaves pendentes no seu cinturão.

– Soou a hora concedida por Deus a ti, carcereiro – disse o Mestre –, e, por isto digo que hoje ficas curado do mal do teu corpo e da dureza do teu coração.

O carcereiro caiu de joelhos e grossas lágrimas correram de seus olhos, enquanto suas mãos estendidas continuavam entregando a Jhasua as chaves dos calabouços.

– Conserva-as em teu poder, para que, de hoje em diante, sejas o melhor amigo dos companheiros – respondeu.

– Não, Senhor! ... Por piedade, Senhor! ... Não quero permanecer aqui nem mais um único dia, onde cada lousa destes pisos me faz recordar minha cumplicidade em todos os crimes, injustiças e delitos que vêm sendo cometidos desde há onze anos.

Jhasua olhou para o Centurião que estava espantado. Tio Jaime e Zebeu estavam profundamente comovidos pela dor que entreviam naqueles dois homens carregados com essa enorme responsabilidade. Um havia pecado com toda a malícia, premeditação e vontade, o outro, por indiferença e culpável despreocupação com relação à dor do próximo.

– Confiai n'Ele – disse-lhes o tio Jaime – e tudo será solucionado satisfatoriamente para todos.

– Abre os seis calabouços, carcereiro – disse o Centurião – e que os prisioneiros venham até o Profeta.

– Não podem andar por seus próprios pés, Senhor, porque todos estão paralíticos – respondeu o carcereiro abrindo as portas.

– Eu irei até eles – disse o Mestre, entrando resolutamente, seguido do tio Jaime, de Zebeu e do Centurião.

Espantosa exalação de curral de porcos recebeu-os ao entrarem. Não existem palavras para descrever a imundície que rodeava o pobre ser humano com vida, estirado sobre um montão de palha.

– Ide aos depósitos da Santa Aliança e trazei roupas imediatamente – disse o Mestre ao ouvido do tio Jaime, que saiu com Zebeu.

O Centurião deu-lhes a plaqueta de passe para que a guarda da entrada os deixasse sair e entrar livremente.

– A paz de Deus esteja contigo, meu irmão – disse o Mestre ao prisioneiro.

– A paz da morte, quererás dizer – respondeu – porque, segundo creio, breve o sol iluminará meus ossos no monturo.

– Não acontecerá isto, porque o meu Deus me mandou para salvar-te – disse o Mestre, tomando as mãos daquele homem, as quais pareciam garras por causa do enfraquecimento e pelo comprimento das unhas.

"Se acreditas no Poder Supremo do Deus que me envia a ti, quero que sejas curado e que a Luz se faça na tua consciência e no teu caminho a seguir – disse o Mestre, com energia e admirável serenidade."

O prisioneiro teve um forte estremecimento e colocou-se de pé.

– Deus te guarde, Mago ou Profeta! ... Não sei quem és, no entanto me curaste! – gritou o homem fora de si.

O centurião permanecia absorto e imóvel como uma estátua.

Todo o corpo do carcereiro tremia, como se um poderoso calafrio o tivesse atacado de repente.

Com os outros prisioneiros procedeu-se da mesma maneira, com exceção do mais jovem deles, que não estava reumático mas tuberculoso, e ao qual encontraram exânime, no meio de uma poça de sangue do último vômito que havia tido.

Seus olhos fundos e a respiração fatigosa e lenta indicavam que seus últimos momentos estavam chegando. Ardia em febre e um suor copioso banhava-lhe o rosto. A piedade do Mestre transbordou-se sobre ele. Era tão jovem! ... E tão formoso, não obstante todos os sintomas do mal e da morte próxima.

Jhasua estirou-se sobre a palha ao seu lado e abraçou-o com infinita ternura.

– Acredita no Poder de meu Deus – ordenou. – Ainda posso salvar-te!

Retirando o pano branco do seu turbante, Jhasua foi limpando o sangue que manchava o rosto, as mãos e o peito do infeliz.

Em seguida, juntou seus lábios ao do enfermo e exalou hálitos poderosos através dos quais transmitiu-lhe sua vitalidade, como uma injeção de força, de energia e de vida nova! Não tardou muito para se perceber a mudança operada naquele pobre corpo arrancado à morte pelo poder supremo do Homem-Luz.

O tio Jaime e Zebeu chegaram carregados com dois pacotes de roupas. Convencido de que os seis prisioneiros estavam curados, Jhasua mandou levá-los às piscinas da Fortaleza para fazer a higiene daqueles corpos sobre os quais havia soprado o Amor Divino, que é vida, luz e esperança.

Quando tinham sido alimentados e vestidos, o carcereiro, trêmulo e cheio de medo, confessou que os cinco homens de mais idade eram ricos comerciantes de Tiro, provedores dos luxos e caprichos das cortesãs favoritas do Rei e dos príncipes e magnatas. Como as contas houvessem alcançado quantias fabulosas, as cortesãs convenceram seus maridos, amigos ou favoritos de que aqueles comerciantes eram vulgares larápios, piratas do comércio, assaltantes de mercados e praças, e se livraram deles, encerrando-os na Fortaleza com prisão perpétua. Com uma pequena quantia a cada ano, compravam a cumplicidade do carcereiro. O Rei, os príncipes e o procurador romano haviam repartido amistosamente entre si o estoque dos estabelecimentos abandonados pelos seus donos, que passaram para a condição de prófugos, por terem fugido ao ver suas fraudes descobertas.

O mais jovem, ou seja, o tuberculoso, era filho de um príncipe, último rebento dos selêucidas. A seu velho e enfermo pai fizeram crer que o filho havia fugido com uma cortesã do poderoso Rei da Lídia, na margem oposta do Mediterrâneo. Enfurecido pela desonra, o pai deserdou o filho e acabou morrendo no desespero mais espantoso, amaldiçoando-o com todo o furor da sua ira, deixando seu título e as riquezas a dois sobrinhos autores dessa espantosa trama. Eles também haviam pago ao carcereiro uma boa quantia pelo seu silêncio.

– Foste o cúmplice para o mal; estás obrigado agora a sê-lo para o bem – disse o Mestre.

"Somente a este preço podes obter o perdão de tuas culpas.

"Aqueles que há onze anos cometeram tão horríveis delitos já estão feridos de morte, porque a Justiça Divina se cumpre cedo ou tarde. O Rei Nabonid morrerá daqui a três luas, e os demais verão a neve do inverno que está chegando; no entanto, não verão maduros seus trigais no próximo outono.

"Tens, portanto, um ano para expiar a tua culpa. Como ocultaste o crime com o teu silêncio, agora ocultarás a salvação destes inocentes até a chegada da hora de seres libertado das cadeias que puseste em ti mesmo.

"O Centurião zelará por ti e eu zelarei por ambos, como compensação pela obra de justiça que acabais de realizar. Dou-vos a minha palavra de que nenhum mal vos poderá ocorrer. Se tens nesta Fortaleza outros prisioneiros em iguais condições, fica sabendo: Meus Deus curou o teu mal como compensação antecipada pelo bem que farás daqui para diante.

"Minha hospedagem está nos armazéns da Estrela Azul, na esplanada do segundo cais, onde poderás procurar-me, se necessário. Levo comigo estes seis homens, cuja segurança está no teu silêncio. Se aqueles que te induziram ao crime pagaram com ouro, eu te levo para o bem e para a justiça, e Deus te pagará com a saúde e com a vida. Compreendeste-me, carcereiro?"

– Sim, meu Senhor ... compreendi! Meu mal era de morte e livraste-me da morte. Sou, pois, teu escravo para toda a vida.

– Deves dizer servo de Deus, porque não procuro nem quero escravos, mas homens livres com a santa liberdade dos filhos de Deus.

Jhasua saiu da Fortaleza seguido pelos seis prisioneiros por entre uma fileira de guardas que o Centurião mandou formar, dizendo a seus homens:

– É um poderoso amigo do César que obteve indulto para esses prisioneiros.

A vida na Fortaleza de Tiro mudou a partir desse momento, porque o Centurião e o carcereiro cumpriram com seus deveres no que diz respeito à alimentação, ao vestuário e ao trato geral de todos os que se achavam encerrados ali.

– Que vento novo soprou na Fortaleza – perguntavam os infelizes prisioneiros –, pois agora nos dão boa comida, permitem-nos ir aos banhos e nos dão roupas limpas?

"Haverá um novo César em Roma? Morreu o Rei e seu herdeiro terá um coração dentro do peito?

"Terá descido à Terra o Messias esperado pelos filhos dos Profetas de Israel? ..."

Na verdade, havia descido o Filho de Deus, e seu Amor Soberano se derramava como um manancial sobre todos os que sofriam as injustiças humanas!

A Naumaquia

A numerosa população grega existente na populosa Tiro havia levado para ali seus costumes, cultos e gostos pelas grandes festas ao ar livre, nos bosques ou no mar.

O domínio romano imprimira também seus costumes e gostos, e a alta sociedade de Tiro copiava a alta sociedade de Antioquia, com a qual pretendeu rivalizar em faustosidade e riqueza. Principalmente a mulher estava completamente entregue ao luxo e à adoração do seu próprio corpo, em cujo embelezamento e adorno gastava quantias enormes.

Observador e psicólogo por natureza, o Mestre deu-se perfeita conta dessas características da sociedade tíria, e pedia a Deus, do mais íntimo do seu coração, para dar-lhe oportunidade de iluminar aquelas consciências adormecidas no embrutecimento das diversões e dos prazeres.

Uma tarde, ele percebeu de seu posto de observação no terraço do Torreão de Melkart, que uma das avenidas principais da cidade estava sendo adornada com bandeiras e galhardetes de grinaldas floridas e de frescas e flexíveis palmiras. Um exército de criados e de escravos colocava pilares para tochas em todo o cumprimento daquela espaçosa rua, com início na grande praça da Fortaleza de Hirão e prosseguindo para o sudoeste, até perder-se de vista.

Em várias das grandes capitais dominadas pelos romanos, haviam sido construídas enormes represas-circos, às quais eram chamadas *Naumaquias*. Através de aquedutos, era levada até elas a água do mar ou dos grandes rios. Do mesmo modo que nas corridas de quadrigas com luxuosos carros nos grandes circos para as festas populares, na naumaquia eram simulados combates com trirremes e pequenas naves, nas quais cada competidor fazia ressaltar o luxo e faustosidade. A naumaquia de Tiro estava muito próxima do mar e era de tais dimensões e riqueza que muito bem podia rivalizar com as de Óstia, de Cápua e de Antioquia.

O coração do Mestre oprimia-se dolorosamente diante do esbanjamento do qual os grandes senhores e as brilhantes damas faziam ostentação, enquanto olhavam com

fria indiferença para a multidão anônima amontoada nos mercados, esperando, como preciosas dádivas, as sobras de todas as vendas do dia, quando os mercadores levantavam suas tendas.

Pela avenida engalanada de bandeirinhas, de galhardetes e de tochas, seguia o desfile de liteiras encortinadas de púrpura e de brocado, onde numerosos escravos com as librés das casas em que serviam caminhavam a passo de cerimonial, conduzindo as grandes damas que, com sua presença, dariam esplendor à festa e estímulo aos marinheiros matriculados como lutadores. Eram oito trirremes, quatro de cada facção.

Uma voz interior e muito poderosa se fazia sentir no íntimo do Mestre, como a adverti-lo:

"Entre o tumultuoso enlouquecimento da naumaquia, serás necessário para salvar as vítimas do egoísmo e da soberba dos homens."

Jhasua desceu do Torreão e foi até a pousada em busca do tio Jaime e de Zebeu.

– Quereis acompanhar-me – perguntou-lhes – ao combate da naumaquia?

– Queres ir a essa abominação pagã? – perguntou o tio Jaime surpreso.

– Sim, tio Jaime. Todos vós não dizeis que sou o Salvador dos homens? Pois ali haverá muitos a quem salvar.

Tio Jaime refletiu por alguns momentos e compreendeu que Jhasua tinha razão.

– Está bem; vamos até lá – respondeu.

E encaminharam-se ao longo da grande avenida apinhada de gente.

A multidão não falava de outra coisa. Os conhecedores ou amigos de alguns tripulantes das embarcações combatentes faziam apostas em dinheiro, com tal entusiasmo, arriscando quantias tão elevadas que, se perdessem, deixariam seus lares em triste estado de miséria e de fome.

Aquele alvoroço desmedido era um verdadeiro enlouquecimento.

O Mestre, ouvindo as conversas que ao seu redor eram feitas aos gritos, meditava sobre a triste condição das multidões que, por falta de orientação sábia e justa, tornavam cada vez mais profundo o abismo onde se iam enterrando.

– "Eis aqui o delito espantoso dos dirigentes de povos, aos quais se engana com estas disputas brutais e selvagens, que não fazem outra coisa senão excitar as paixões mais baixas. Eles fazem com que as multidões se divirtam e brinquem para que, entregues aos prazeres da vida presente, não ousem pensar no amanhã próximo nem no amanhã da ultratumba – pensou o jovem Mestre, enquanto caminhava confundido com a multidão."

Para sua lucidez espiritual devia parecer uma horrível abominação humana que os poderes civis dominantes se houvessem ocupado com tanto afã de dotar quase todas as cidades importantes com circos, naumaquias e termas, com a finalidade de que as várias modalidades de desportos fortalecessem o físico para ter, no futuro, elementos de primeira ordem para as guerras de conquista, a que o mundo se lançara desde há muitos séculos.

Em contraposição, haviam deixado a cargo da iniciativa particular a abertura de modestas casas de estudo e de meditação, que na Palestina e na Síria estavam reduzidas às Sinagogas, onde alguns bons israelitas, discípulos dos Profetas, tinham aberto em suas próprias vivendas para aqueles que sentissem a necessidade de alimentar o espírito com ideais mais elevados. E o Mestre continuava meditando:

"Os lugares onde os homens se colocam ao nível dos animais são criados pelos poderes reinantes e mantidos com tal faustosidade e luxo que espanta.

"Os Santuários da Divina Sabedoria estão forçados a viver sepultados nas grutas das montanhas, como se os seus membros fossem seres daninhos para a sociedade.

"Daninhos, sim!...," reforçou o Mestre, "porque a Verdade Divina é difundida através deles e, se a Verdade de Deus chega à consciência das massas, os escravos romperão as cadeias e as multidões anularão a prepotência dos aproveitadores e exploradores da ignorância humana."

De vez em quando, a multidão se abria para dar passagem a alguma liteira encortinada, levada ao ombro pelos escravos e acompanhada por um ou vários cavalheiros vestidos à moda romana, grega ou oriental, a caminharem junto à portinha, pela qual, vez por outra, aparecia um belo braço desnudo, envolto em jóias e braceletes de ouro com pedrarias, ou uma cabeça de deusa cheia de sorrisos, com mantilhas bordadas e alfinetes de pérolas.

Aconteceu que, ao passar uma liteira, um dos escravos carregadores sofreu uma vertigem ou tontura que o fez cambalear e, por fim, cair de joelhos sobre o pavimento da rua. Com isto, a liteira recebeu forte sacudidela e ouviram-se agudos gritos de mulheres assustadas que saíram do seu interior. Um dos acompanhantes começou a chicotear o escravo caído.

O Mestre que chegava interpôs-se entre o açoitador e o escravo, tomando-o pelo punho já levantado para assestar outro golpe. Com grande serenidade, disse:

– Não vês que esse homem está enfermo e em perigo de morte?

Apenas Jhasua havia pronunciado estas palavras, quando uma golfada de sangue saiu da boca do infeliz escravo que ainda suportava, parcialmente, sobre seu ombro o varal da liteira.

Uma cabeça de mulher assomou para dizer a seu mordomo que caminhava a seu lado:

– Afasta-o para o lado e contrata outro para podermos seguir.

O Mestre olhou para aquela mulher.

– E com este que pode morrer, que se faz? – perguntou-lhe.

A jovem da liteira também olhou para ele.

– Pela tua compaixão para com os escravos, deves ser um Profeta! Se o queres, eu o presenteio a ti – respondeu ela com toda a serenidade.

– É um belo presente que me fazes, mulher. Que Deus te pague!

O Mestre inclinou-se sobre o escravo, que foi afastado da liteira e, ajudado pelo tio Jaime e por Zebeu, sentaram-no num banco da grande avenida.

A hemorragia havia sido contida. A mulher continuava observando com a cortina levantada; e naquele olhar havia estupor, assombro e curiosidade. Parecia querer adivinhar o sentimento daquele homem estranho que desse modo se interessava por um mísero escravo.

Esse insistente olhar atraiu o do jovem Mestre que penetrou no mundo interior daquela jovem mulher, que imediatamente desceu a cortina e deu ordem para seguir.

– Ainda não é a tua hora! ... – exclamou Jhasua como falando consigo mesmo. – Ainda não é a tua hora! ... mas ela logo chegará de tão impetuosa maneira que será como um furacão desencadeado na selva! ...

– Estás distraído, Jhasua, e o enfermo espera! ... – disse o tio Jaime.

O Mestre, ainda com as mãos na cabeça do escravo, respondeu:

– Os infelizes enfermos da alma fazem-me esquecer, de vez em quando, os enfermos do corpo.

A mulher da liteira perdeu-se por entre a multidão. Era muito ruiva, jovem e formosa.

Um ano mais tarde ela voltou a encontrar-se com o Profeta, ao qual presenteara um escravo moribundo, e começou a sentir fortemente a necessidade de averiguar *quem era* aquele homem jovem e formoso, possuidor, no porte e no andar, da majestade de um Rei.

Quem haveria de dizer-lhe, naquele alegre e buliçoso anoitecer em Tiro, que dois anos depois buscaria com delirante anelo aquele homem, ao qual seguiria com amor de loucura até o pé do patíbulo, de cuja altura cairia o sangue do Mártir como um chuva de rubis sobre seus cabelos de ouro, coalhados então de pérolas e turquesas!

Uma hora depois, a onda humana havia passado e o pequeno grupo formado pelo Mestre, pelo tio Jaime e por Zebeu, ainda permanecia junto ao escravo que, lentamente, recuperava as forças.

A ruptura de um vaso, contido a tempo pelo Mestre, produzira a hemorragia. Tio Jaime levou-o a tempo para o recinto da Santa Aliança onde se hospedavam, e Jhasua com Zebeu continuaram até a naumaquia, convertida num formigueiro humano.

Os competidores do perigoso combate naval estavam no auge da exaltação, e as preferências da multidão os acompanhavam no seu antagonismo e ambição de conquistar as enormes quantias oferecidas pelos organizadores do torneio como prêmio ao esforço dos vencedores.

Os capitães e tripulantes dos trirremes lutadores estavam todos dispostos até a matar, se isso fosse necessário para o triunfo.

Jogava-se ali a fortuna, o bem-estar e até os meios de vida dos lares modestos, em apostas particulares feitas fora do concurso.

– A cobiça do ouro – disse o Mestre – mantém todos enlouquecidos, tanto os grandes como os pequenos.

"Significa isto ser dirigente de povos, ou são cegos conduzindo todos juntos para o abismo?"

Como estava sozinho o Mestre no meio daquela Humanidade pela qual, com enorme sacrifício, havia concordado em abandonar seu Reino de Luz e Amor, de Verdade e Justiça!

A imensa maioria dos seus compatriotas ignorava a sua existência, porque se soubessem transformar-se-iam em obstáculos no seu caminho.

Uma pequena porção de seres escolhidos o compreendia e o secundava em sua obra.

Era, pois, como um estrangeiro em seu país natal, e mais estrangeiro ainda na cidade fenícia de Tiro, cujo extremado mercantilismo não deixava lugar algum para os pensamentos que não correspondessem ao interesse do ouro e do prazer. Eram indiferentes e frios, para tudo que não representasse lucro e satisfação.

Jhasua comparava Tiro com Damasco, e a balança se inclinava para a bela capital árabe, onde o amor, a beleza e a arte, ainda dentro de seus limites puramente humanos, levantavam aqueles ardentes temperamentos a um nível superior. Compreendeu e valorizou a obra civilizadora do velho Patriarca do Deserto, Beth-Gamul, e seu radiante pensamento o evocou sobre Tiro ... sobre aquela enorme multidão embrutecida pela ambição e pelo prazer.

Pensou com amor no príncipe Melchor de Horeb, incansável apóstolo da verdade e da justiça na distante Arábia Pétrea, às margens do Mar Vermelho, entre as rochas molhadas pelo pranto de Moisés desterrado!

A alma de Jhasua, emotiva e terníssima, expandiu-se em amor para as poucas almas escolhidas que vibraram em uníssono com a sua.

O amor santo de sua mãe, de seus amigos de Jerusalém, de Bethlehem, dos Santuários Essênios, refrescaram seu coração como um orvalho benéfico.

O amor de Judá e de Faqui, de Simônides, de Noemi, de Thirza e de Nebai, eram, para a sua alma dolorida, como uma coroa de lírios do vale e, em voz muito baixa, murmurou:

– São as estrelas do meu repouso! ... São os anjos semeadores de rosas no meu caminho de homem! ... Benditos sejam!

Três agudos e potentes sons de clarim cortaram os pensamentos do Mestre.

Era o sinal de que o combate ia começar.

O representante de Simônides em Tiro havia conseguido lugares bem situados no imenso gradil que rodeava a represa, que era, na realidade, um lago redondo e amuralhado. Achavam-se próximos ao grande balcão encortinado com capacidade para trezentas pessoas, e que estava ocupado por personagens do governo regional, do poder romano e por um grande número de cortesãos e de cortesãs, componentes da alta sociedade de Tiro.

Dentre um grupo de donzelas vestidas à grega e que, sob um quiosque de flores tocava harpas, alaúdes e cítaras, Jhasua reconheceu a jovem mulher que lhe presenteara o escravo moribundo. Imensa compaixão por ela comoveu o coração do Mestre. E no seu Eu interior esboçou-se esta idéia:

''Infeliz! ... O amor de Abel nos vales do Eufrates te redimiu um dia! ... Voltaste a cair na inconsciência! ... Desventurada de ti, se nesta oportunidade não te levantares novamente! ...''

Um murmúrio, como de vento entre as árvores, brotava da multidão, até que os trirremes começaram a tomar posição para se encontrarem frente a frente.

Um imenso silêncio de expectativa fez-se depois.

O Mestre via de perto o esforço titânico dos escravos remeiros na sombra dos pisos inferiores dos barcos, onde apenas chegava a mesquinha luz das aberturas praticadas na coberta iluminada pelas tochas produzindo uma claridade avermelhada.

Jhasua recordou, com imensa dor, os três anos passados pelo príncipe Judá como escravo numa galera.

O agente de Simônides, sentado ao seu lado, disse:

– Remar horas e horas não é nada comparado com o perigo de morte em que esses infelizes se encontram.

– Por que devem morrer? – perguntou o Mestre.

– Aproveitando a confusão provocada por esses tumultos, muitos escravos escaparam a nado pelos aquedutos e, por isso, antes de iniciar o combate, são amarrados pelo pé com uma corrente encravada no madeiramento do barco. Se esse afunda, nenhum só escravo consegue salvar-se. Isto é certo.

– Infelizes! ... Até que ponto chegou a iniqüidade humana! – exclamou indignado o Mestre.

A partir desse momento, já não prestou mais atenção aos combatentes, às ocorrências do combate, à multidão, nem tampouco às apostas que continuavam sendo feitas ao seu redor.

Seus olhos garços, dulcíssimos, não viam outra coisa senão os escravos remando, e todos com um pé amarrado por uma corrente! ...

De sua poderosa alma de Filho de Deus levantou-se um grito supremo que deve ter ressoado nos Céus infinitos como um angustioso pedido de auxílio.

Zebeu ouviu-o murmurar:

''Se sou o Filho de Deus, nenhum deles há de perecer! ... Eu o quero! ... Eu o ordeno! ... Eu o determino em Teu Nome, meu Pai! ... São vidas que me deste para florescerem em obras dignas de Ti! ... Eu o quero! ... Eu o determino! ... Eu o ordeno! ...''

Seus olhos semicerrados continuavam com o olhar fixo no movimento dos remos que castigavam compassadamente as águas. Zebeu o observava, encontrando

nele a imobilidade de uma estátua. Imediatamente viu, através do incerto resplendor das tochas e no lugar dos remeiros, a figura de Jhasua que parecia tocar nos infelizes escravos. Apenas dois dos trirremes contendores estavam próximos do lugar onde eles se encontravam; contudo, ao desfilarem os outros barcos levados pelas exigências da luta, Zebeu viu em vários a mesma figura branca de Jhasua na penumbra do casco das naves. O corpo do Mestre continuava imóvel, com os olhos semicerrados, olhando para os remos a levantarem redemoinhos de espuma entre as agitadas águas do lago.

Zebeu, cheio de estupor, contemplava o inaudito fenômeno. Através de seus estudos no Santuário do Hermon, conhecia algo a respeito das forças estupendas do espírito humano quando atingia um alto grau no aperfeiçoamento de suas faculdades. No entanto, isso parecia ultrapassar a tudo quanto havia lido nas velhas escrituras dos antigos Profetas.

– Na verdade – murmurou – Deus desceu à Terra na pessoa de Jhasua de Nazareth!

A luta continuou tomando aspectos de barbárie e de selvageria. Aquilo não era um torneio como um esporte: eram piratas lutando pelo ouro oferecido aos vencedores.

Todos sabiam que, se perdessem, ficariam arruinados e muitos deles reduzidos à mais completa miséria.

A luta era, pois, de vida ou morte. Os nervos não resistiam mais àquela luta bravia e selvagem. As cenas de abordagem adquiriam aspectos horrorosos. Os punhais e os machados cortavam cordas, quebravam violentamente os mastros, rasgavam velas e algumas cobertas já apareciam ardendo em chamas. Do fundo dos barcos, percebia-se apenas, na sombra e no torvelinho das águas, inúmeros náufragos desaparecendo nas negras bocas dos aquedutos e das saídas de água. A imobilidade do Mestre continuava, e o agente de Simônides e de Zebeu se assusta, julgando-se afetado por alguma anormalidade.

Repentinamente, os trirremes ficaram imóveis, por mais que ressoassem lugubremente as batidas dos instrumentos de percussão dos pilotos a ordenar os movimentos dos remeiros.

Furiosos porque o combate ainda não estava decidido, os capitães não sabiam o que pensar e faziam inauditos esforços para averiguar a causa de tão estranho acontecimento.

O Mestre exalou um grande suspiro e, levantando-se, disse a seus companheiros:

– Vamos, já não temos mais nada a fazer aqui.

– Falta ainda o final das disputas, e a apoteose dos triunfadores – disse o agente de Simônides.

– As disputas já terminaram – disse o Mestre – e desta vez não haverá apoteose, porque unicamente triunfou o Poder Divino, e esta multidão não se preocupa com Ele.

Os três saíram sem ser percebidos por entre a tumultuosa e ensurdecedora gritaria da multidão pedindo, aos gritos, pela conclusão das disputas.

Toda a cidade de Tiro esteve convulsionada no dia seguinte, pois ninguém pôde averiguar como foi que todos os remeiros haviam fugido e por que os anéis de suas correntes haviam sido partidos em dois pedaços.

Só Zebeu sabia o segredo que, sigilosamente, mencionou ao tio Jaime, o qual lamentou grandemente não ter podido acompanhar Jhasua à naumaquia, onde Jehová havia posto em movimento tão estupenda manifestação de força e de poder.

O Mestre e seus companheiros de viagem ocuparam todo o dia seguinte em percorrer as margens dos aquedutos em busca dos escravos fugitivos, com o fim de conduzi-los ao Torreão de Melkart, se estivessem feridos, ou ao recinto da Santa Aliança, se tivessem escapado com vida e saúde.

Os aquedutos desembocavam no mar e a costa bravia e montanhosa apresentava aspectos escabrosos e agrestes.

Os infelizes fugiam como gamos perseguidos e, no primeiro dia, apenas cinco foram encontrados. Deram-lhes de comer e os deixaram em seus esconderijos com o encargo de convencerem seus companheiros de que não sofreriam castigo algum nem seriam entregues a seus amos.

O Mestre teve a idéia de dizer-lhes para, quando a noite estivesse bem avançada, se apresentassem ao contramestre dos navios com pavilhão amarelo e estrela azul, porque ali seriam recebidos até nova resolução.

O agente de Simônides, instruído em secundar as disposições do Profeta Nazareno, transmitiu a ordem ao pessoal daqueles navios em cujos porões foram albergados os infelizes escravos salvos da morte através do Amor Supremo do Homem-Luz.

Todos aqueles escravos eram prisioneiros de guerra da Gália e do Danúbio. Seus atuais donos não tinham nenhum direito para retê-los em tão mísera condição, uma vez que seus respectivos países se haviam submetido aos invasores romanos e pagavam pesados tributos ao César.

Era, pois, dever de justiça restituí-los às suas selvas nativas. Dez dias depois, em duas galeras da frota de Simônides, saíam eles de Tiro rumo às costas européias para serem devolvidos aos seus países de origem.

Não faltou quem houvesse julgado ver nos trirremes, na noite das disputas, um fantasma branco quebrando os anéis no pé dos escravos com a mesma facilidade como se fossem de junco. Os supersticiosos tírios julgaram imediatamente que um dos sete gênios poderosos do terrível deus Marduk rondava pela cidade de seu domínio onde tantas iniqüidades eram cometidas.

O jovem Mestre não julgou oportuno manifestar-se em público em Tiro, e limitou-se a aceitar o convite de um bom filho de Abraham, amigo de Simônides, para falar em sua Sinagoga particular quantas vezes quisesse.

O Centurião, aquele a quem Jhasua curou a esposa e os dois filhinhos, foi visitá-lo nos armazéns "Estrela Azul" e deu a entender julgar ser ele o autor do estupendo acontecimento da naumaquia, pois unicamente Jhasua poderia realizar semelhante maravilha.

– Se compreendes assim – disse o Mestre – peço para guardá-lo no teu coração, porque não existe ainda em Tiro compreensão suficiente para aceitar fatos que ultrapassam sua capacidade. Basta para mim que a lição os mantenha atemorizados, para não repetirem, daqui para diante, essas bárbaras diversões, que não fazem outra coisa senão excitar as paixões mais vis e provocar o antagonismo de uns para com os outros.

A Santa Aliança em Tiro

Três dias antes daquele em que o Mestre pensava regressar à Galiléia, ocorreu a data marcada para a assembléia mensal dos membros da Santa Aliança, cujo principal dirigente era o próprio representante de Simônides. O Mestre foi convidado a falar.

Como é natural, ele quis ver de perto o progresso espiritual e moral de seus adeptos.

Pelos informes recebidos dos dirigentes, deu-se perfeita conta de que eram

pouquíssimos os atraídos para o ensinamento moral que lhes era dado. Estes eram da classe média, mais mulheres do que homens, e não passavam de uma vintena. Em compensação, eram numerosos os que, junto com o ensinamento, recebiam o socorro material, que consistia em comestíveis e roupas.

– Já estamos próximos do fracasso do nosso bom Simônides – disse o Mestre aos dirigentes da Santa Aliança em Tiro. – Eu já lhe havia anunciado isto; contudo, devemos persuadir-nos de que isso não é motivo para desalento. Os espíritos de escassa evolução necessitam ver a recompensa material ao lado do ensinamento moral.

"A falta de recursos materiais é uma prova de que só resistem sem fracassos ou falhas as almas de grandes vôos e de superiores energias, pois sabem encontrar no seu próprio Eu os maiores e mais fortes estímulos para continuar sua jornada subindo sempre para o alto.

"Não se pode pedir aos pardaizinhos de nossos vales os vôos gigantescos das águias.

"A única coisa que deve importar-nos muito é que, em agradecimento às dádivas recebidas periodicamente, modifiquem seus costumes, tornando-se cada vez mais dignos da solicitude e do cuidado de seus irmãos maiores."

Na segunda hora da tarde designada, começaram a chegar os adeptos da Santa Aliança, que, sendo da classe ínfima, não inspiravam receio algum às autoridades, pois Simônides havia informado que se tratava de um socorro particular que repartia entre os despossuídos de bens materiais. Estando já obtida a aquiescência do Centurião da guarda, menos motivo havia para temer alguma represália a reuniões tão numerosas.

As pessoas da classe média ou endinheirada que desejavam assistir fingiam-se de comerciantes que compareciam para retirar mercadorias dos armazéns ali existentes.

Aquela era uma reunião de mais de quatrocentas pessoas.

O Mestre falou-lhes sobre essa misteriosa força salvadora chamada Providência de Deus.

– Irmãos da Santa Aliança, a cuja sombra vos agasalhais como sob o manto de uma mãe.

"Sou um representante do Conselho de Jerusalém que zela por todos os que se filiaram a esta irmandade, e será imensa a minha satisfação se puder levar a meus irmãos do solo natal o informe de vosso progresso espiritual e moral.

"Sois a porção da humanidade que está mais próxima da Piedade e da Misericórdia Divina, a qual podeis sentir em todos os instantes de vossa vida, mediante a certeza que deveis adquirir de que sua amorosa Providência não se descuida de vossas necessidades.

"O homem de posses, sabendo que sua vida está sustentada e apoiada sobre alicerces de ouro, pensa pouco ou nada nessa grande Força Criadora e conservadora da vida denominada Providência de Deus, nosso Pai Celestial.

"Sois vós, amigos da Santa Aliança, os que, se hoje tendes lume aceso e pão sobre a mesa, ignorais se o tereis amanhã, porque tão-só vos apoiais no esforço grande ou pequeno que fazeis por um mísero salário diário. Sobre vós, mais do que em nenhuma outra pessoa, se derrama permanentemente, em cada raio de sol, em cada vibração de luz, em cada rajada de vento, essa onipotente força misericordiosa que transformaria em pão os pedregulhos do caminho se de outra forma não conseguísseis o alimento para cada dia.

"Nas numerosas lendas e tradições tecidas ao redor da personalidade de Moisés, o legislador hebreu, existe uma, cujo sentido oculto se adapta admiravelmente a vós.

É aquela que se refere à determinação de Moisés de marcar todas as portas dos filhos de Israel com o sangue do cordeiro que era costume comer na festa da Páscoa. 'Vendo este sinal – diz a lenda – passará longe o Anjo do Senhor que virá ferir os primogênitos do Egito.'

"Era Moisés grande conhecedor das características do povo que conduzia, incapaz, portanto, de apoiar sua esperança e fé no que é invisível aos sentidos físicos. A fé inconsciente daquele povo infantil estendeu-se e se apoiou naquele sinal de sangue que marcava suas portas.

"Quinze séculos já se passaram desde essa época e vós já não sois tão crianças como o povo de Israel, escravizado no Egito, e não necessitais de uma marca de sangue em vossas portas para saber que estais protegidos pela onipotente força misericordiosa que, se vos trouxe para a vida, foi para viverdes em paz e justiça sob o suave manto de sua Lei Soberana.

"Moisés escreveu para seus irmãos de raça uma Lei materializada pela Inspiração Divina, digamo-lo assim, para esse povo, no meio do qual desceria o Verbo de Deus para ensinar aos homens. No entanto, essa mesma Lei foi gravada pelo Supremo Criador no coração de cada homem vindo à vida material; e essa Lei é tão simples e singela que pode ser encerrada em poucas palavras: '*Não faças a teus semelhantes o que não queres que seja feito a ti.*'

"Lei suprema e única, que a escritura mosaica subdividiu e especificou em dez artigos chamados '*Mandamentos*', os quais estão encerrados como num cofre de diamantes naquele eterno princípio divino levado por todo homem em seu coração: '*Não faças a teus semelhantes o que não queres que seja feito contigo.*'

"Vamos agora, meus amigos, aonde quero chegar, levando-vos todos comigo.

"Se ajustardes a vossa vida a esse único princípio eterno e apoiardes vossa fé e esperança nele, afirmo, em nome do Deus Onipotente que me assiste: jamais vos faltará o necessário para viver vossa vida em paz e tranqüilidade.

"Meditai e refleti continuamente no significado claro e singelo do mandato eterno, e encontrareis nele toda a retidão, toda a justiça e todo o bem buscado instintivamente pelo homem desde o nascimento até a morte.

"Nessas breves palavras '*Não faças a teus semelhantes o que não queres que seja feito contigo*', está condenado o despojo, o assassinato, a calúnia, a traição, o abuso da força, o engano, a falsidade e toda espécie de dano causado aos nossos semelhantes.

"Não necessitais, pois, ser israelitas, para estar obrigados a essa Lei Suprema e Eterna, porque o nosso Soberano Pai Criador o é de todos os seres vivos que povoam os incomensuráveis mundos do Universo. Apenas as Inteligências tenham chegado à idade do raciocínio, já estará dando vozes internas no fundo do coração, o eterno e divino princípio: '*Não faças a teus semelhantes o que não queres que seja feito contigo.*'

"Tende ainda em conta que todos os crimes, delitos e abominações que acarretam para a vida humana a plêiade imensa de dores que a oprimem, são resultados da falta de cumprimento desse eterno princípio emanado de Deus.

"Ajustai, pois, a este singelo ensinamento a vossa vida diária, e eu vos prometo em nome de Deus, nosso Pai Onipotente, que vivereis tranqüilos e felizes, descansando o vosso coração na amorosa Providência que, se cuida das avezinhas do campo e dos insetos que vivem sugando o néctar das flores, mais ainda cuidará de vós, que podeis dizer-lhe com a alma assomada aos olhos, buscando-o na imensidão:

" 'Meu Pai que estás nos Céus! ... Eis aqui o teu filho que espera e confia em Ti.'

"Eu sei que hoje viveis confiados na proteção da Santa Aliança, a qual considerais como a vossa mãe, e que mais de uma vez a aflição se abrigou em vosso peito, imaginando que ela possa vir a desaparecer. Se acontecesse isso, a Providência de Deus faria chegar a vós, de outra maneira, o necessário para a vossa existência, desde que vos mantivésseis dentro do eterno princípio já anunciado, e que novamente repito, para não esquecerdes jamais: '*Não façais a vossos semelhantes aquilo que não quereis que seja feito convosco*!'

"Quero gravar a fogo em vossos corações a idéia sublime e ternissima de sermos todos filhos de Deus, e que Ele é o mais amoroso e o mais piedoso de todos os pais. Cometeríeis grave ofensa se chegásseis a pensar que Ele vos deixa abandonados nas contingências adversas de uma vida desgraçada, enquanto o buscais, chamando-o de *vosso Pai* em todos os dias da vossa existência.

"Foi vulgarizada a idéia de que a dor humana é um castigo de Deus pelo pecado de um casal que marca a origem de uma nova civilização: Adamu e Évana.

"Deus não castiga ninguém nem sua perfeita justiça pode aplicar penalidades aos filhos pelas culpas dos pais, caso isso realmente tivesse ocorrido. As dores humanas são conseqüências dos erros humanos cometidos em uma ou em outra das vidas sucessivas que nosso espírito imortal tem vivido e continuará vivendo até alcançar a purificação que lhe dá direito ao Reino Eterno da Felicidade e de Amor preparado para nós pelo Pai Universal.

"Não é verdade, meus amigos, que quando empreendeis uma viagem seguis o caminho que vos foi demarcado para atingir com felicidade o vosso destino?

"Se, por gosto, curiosidade ou capricho, deixais esse caminho e seguis um outro, a quem culpareis, senão a vós mesmos, se vos extraviais, se caís num precipício ou se tendes que afrontar espantosa luta com as feras?

"Nossa vida física não é outra coisa que uma viagem para a qual o nosso bondoso Pai, nosso Deus-Amor, demarcou o caminho, no eterno princípio tantas vezes mencionado hoje.

"Esta desventurada humanidade viveu e vive esquecida, em absoluto, desse eterno princípio, que lhe determina a viagem feliz para o Reino imortal e feliz do Pai. A quem deve ela culpar por suas dores? É Deus que a castiga, ou é ela mesma que, agindo fora da Lei, atrai sobre si as terríveis conseqüências de sua rebelião contra a Lei.

"A Santa Aliança, à qual pertenceis, orientou as atividades e os ideais de seus membros para esse código tão sublime em sua simplicidade, e que, não obstante, abarca tudo quanto de bem e de justiça pode conceber a mentalidade humana neste Planeta, e saciar as aspirações de santa felicidade a vibrarem em uníssono em todos os corações.

"Se cada filiado da Santa Aliança acender sua lamparina neste princípio imortal da Lei Divina, e procurar com afã novos adeptos, em pouco tempo teremos nossas multidões navegando num ar de suaves claridades, onde florescerá o amor e a paz com exuberância de jardins primaveris.

"Amai a Santa Aliança, não apenas pelo socorro material que dela recebeis, mas principalmente porque é um farol que, nos mares turbulentos da vida, marca o rumo seguro que vos levará à felicidade eterna do Reino de Deus.

"Queridos amigos de meu coração. Bendizei vossa pobreza, porque ela vos congrega neste santo recinto, onde encontrais o vosso Pai Celestial flutuando como um reflexo de amor, de paz e de sossego para vossas almas, atormentadas de vez em quando pela incerteza do amanhã.

"Quero aniquilar para sempre esse duro tormento em vossas mentes.

"Pode acaso tê-lo o filho que sente o abraço estreito do Pai que o trouxe para a vida e que o ama acima de todas as coisas?

"Pode sentir temores a criancinha mantida pela mãe em seu regaço?

"Pode abrigar temores a esposa que sente, apoiado em seu ombro, o braço forte do companheiro de sua vida?

"Muito mais forte que o pai, a mãe, ou o companheiro é o braço Onipotente de vosso Soberano Criador, que jamais deixa abandonada uma criatura sua, quando ela se aconchega à sua infinita piedade e à justiça de sua Eterna Lei!

"Para terminar esta confidência, o Profeta de Nazareth, vosso irmão, transmite o pensamento do Pai Celestial que vos diz:

" 'Quero que todas as vossas enfermidades físicas sejam sanadas a partir deste momento.

" 'Quero que vossas aflições e inquietações, torturas morais e materiais sejam acalmadas, como aquieto as tempestades do mar e a fúria dos ventos.

" 'Quero que vossas ofensas e agravos recíprocos sejam perdoados e esquecidos nas suaves vibrações da tolerância e da concórdia.

" 'Quero que vossas dívidas materiais, impossíveis de pagar em virtude da absoluta falta de meios, sejam apagadas para sempre com a água clara da justiça, que nada pode exigir de quem nada possui.

" 'Se algum dos vossos seres queridos estiver encarcerado, quero-o hoje livre e feliz no meio dos seus, porque Eu Sou o Pai Universal, Senhor da vida dos homens.

"Assim fala o nosso Deus-Amor ao íntimo do meu coração neste dia de paz e de glória, que é para vós o grande Jubileu do Perdão, que a resolução de Moisés destinou ao seu povo, de cinqüenta em cinqüenta anos.

"Amigos da Santa Aliança, bendigamos todos juntos a Bondade Infinita do nosso Pai que nos permite darmos mutuamente o abraço fraternal e dizer uns aos outros do mais íntimo de nossos corações:

"*Paz, Esperança e Amor sobre todos os seres*!"

Aquela multidão, pouco a pouco, foi caindo de joelhos, como se um profundo sentimento de adoração ao Supremo Criador a obrigasse a prostrar-se, com a alma e o corpo, diante da Divina Majestade que desse modo a cumulava de bens.

A esbelta figura do Mestre, de pé no meio da assembléia com os olhos inundados de Infinito Amor, irradiava de si a intensa Luz espiritual que se derramava sobre ele como uma torrente do mundo dos Amadores, de onde havia descido para salvar todos os homens.

Ninguém queria retirar-se. Ninguém queria partir daquele santo lugar, onde se percebia claramente a Bondade Divina espargindo-se como uma carícia materna, sobre todas as frontes inclinadas para a oração!

Vendo o Mestre que ninguém começava a se retirar, com sua alma cheia de compaixão e de ternura, disse:

– O pão de Deus saciou o vosso espírito. É hora de receberdes a dádiva material para alimentar vossos corpos. Ide em paz para vossos lares, pois também lá encontrareis o Pai Celestial.

As mulheres e as crianças rodearam-no para beijar-lhe a orla do manto branco.

Jhasua levantou nos braços um pequenino de dois anos que se apertava aos seus joelhos e, beijando-o ternamente, ergueu-o bem alto dizendo à multidão:

– Como a este pequenino, eu vos estreito a todos sobre o meu coração e digo: Estarei sempre convosco! Até um outro dia!

Jhasua entregou o pequenino à mãe, por uma pequena porta lateral, saiu do recinto para que a multidão também decidisse retirar-se.

Na Sinagoga de Josaphat

Na Sinagoga chamada de Josaphat, nome de seu antigo fundador e uma das mais concorridas de Tiro, o Mestre falou várias vezes e, como seu auditório era puramente israelita, ensinou-lhes a verdadeira interpretação que deviam dar à chamada Lei de Moisés, sob cuja denominação os autores de Israel incluíam maliciosamente todas as numerosas ordens e prescrições encontradas no Deuteronômio, e cujo caráter é judicial, administrativo, comercial e higiênico.

– A verdadeira Lei de Moisés – disse o Mestre – são os Dez Mandamentos constantes das Tábuas, os quais concordam em absoluta harmonia com a Eterna Lei que levamos gravada no nosso EU mais íntimo.

"Tudo o mais são simples prescrições tendentes a manter a ordem, a limpeza e as medidas higiênicas para evitar enfermidades, contágios e epidemias. Mas os israelitas em geral dão maior importância a todo este emaranhado de instruções e descuidam do princípio fundamental da Lei: '*Não faças a teus semelhantes o que não queres que seja feito contigo.*'

"Causa-vos horror comer carne de determinados animais, que as determinações consideram daninhos à saúde, e julgais natural e justo matar a pedradas um dos vossos semelhantes por ter sido encontrado em falta.

"Vedes com espanto que são descuidadas as abluções marcadas pelas ordens e também as diversas purificações do corpo, e não vos espanta enlamear vossa alma com o ultraje aos direitos do próximo, quando tudo isto está condenado pela Lei Divina.

"A Lei de Deus é uma só, eterna e imutável, e tem a finalidade de tornar o homem justo, bom, e verdadeiro irmão para com seu semelhante. As ordens civis, judiciais, medicinais e higiênicas podem ser muitas, segundo as necessidades, climas e épocas, mas elas não devem afetar nem sequer tocar de leve na Lei Suprema de Deus, pois, então, em vez de serem construtivas, são destrutivas e trazem, como conseqüências, o estancamento do progresso moral e espiritual dos homens.

"De poucas personalidades da antigüidade se fez o mau uso que tem sido feito da doutrina e da personalidade de Moisés; ou talvez o vêem assim os que hoje fazem parte daquela que foi o seu povo.

"É uma triste condição humana, própria somente da inferioridade e da inconsciência, colocar sombras no que é claridade; arrojar manchas de betume sobre a brancura da neve; salpicar de lodo as vestimentas brancas e turvar as águas claras dos mananciais benditos.

"Quem pode reconhecer no espantoso e cruel separatismo de castas na Índia de Chrisna sua pura e elevada filosofia que dizia: 'Não cometais o delito da separatividade, porque todos somos um só no infinito seio de Atman'?

"Quem encontrará na egolatria de deslumbrante luxo dos príncipes e poderosos do distante Oriente, nos países e religião budista, o desprendimento de Sidharta Sakya Muni, o Bhuda, que renunciou a um poderoso reino para consagrar-se à dor dos desfavorecidos e famintos?

"É vosso dever, mosaístas que me ouvis, lutar valentemente pela honra do legislador Moisés, cujo nome foi ferozmente enlameado pela inconsciência daqueles que se chamam seus seguidores.

"A investigação, o estudo, a nobre aspiração à verdade, devem ser as vossas armas numa gloriosa campanha, para fazer surgir do pântano, na qual foi arrojada, a doutrina e a personalidade de Moisés.

"Há atualmente um homem que é apóstolo da Verdade na cidade de Alexandria: o Mestre Fílon, o qual consagrou sua vida a essa gloriosa campanha que vos sugiro em favor da depuração da filosofia mosaica. Secunda-o, em seus esforços, o príncipe Melchor de Horeb, mosaísta ilustre que, em sucessivas viagens de estudo, encontrou preciosos elementos comprobatórios das mudanças que a ignorância e a inconsciência humanas realizaram na obra civilizadora de Moisés.

"Com o fim de dar forma definida e prática ao vosso anelo de conhecimento e de verdade, escolhei dentre vós três ou quatro dos mais capacitados e enviai-vos à Escola do Mestre Fílon, em Alexandria, para ouvir seus ensinamentos e examinar a abundante documentação guardada em seus arquivos, referente aos escritos e ensinamentos de Moisés.

"Então comprovareis que o Moisés do vosso *Pentateuco Mosaico* não é senão uma sombra, ou melhor, uma triste caricatura do Moisés verdadeiro.

"Dessa maneira realizareis uma magnífica obra cultural e de melhoramento social do vosso povo, da vossa raça e da vossa nação que, difundida profusamente pela Ásia, pela Europa e pela África, vai conduzindo sua fé num Deus Criador Único, é certo, mas, vai levando também os erros e a desastrosa tergiversação dos claros princípios de Moisés, baseados na imutável e Divina Lei recebida por inspirações dos Céus de Deus.

"Em vosso Pentateuco Mosaico não apareceram nunca os diálogos de Moisés com Ahelohim, com Shamed e com Ariel, Inteligências sutilíssimas. Serafins de Luz do Céu dos Amadores, que esboçavam para ele as grandiosas concepções da Eterna Inteligência e as criações sublimes de seu Amor Soberano. Não aparecem tampouco as ternas e ao mesmo tempo profundas confidências de Moisés com seu discípulo íntimo, Essen, o qual escreveu fielmente tudo quanto ouviu dos lábios do seu Mestre. Tampouco aparecem os relatos de Jethro, patriarca de Madian, ou os de Séphora, sua filha e, muito provavelmente, nem sequer ouvistes mencionar o poema terníssimo que os Anjos de Deus ouviram ao esvaziar-se, como de uma taça de mel, do coração de Moisés para o de sua mãe, princesa egípcia Thimetis, de quem se via separado, para que permanecesse oculto o mistério do seu nascimento.

"Se vos chamais mosaístas, sede-o de verdade e conscientes de vosso dever de salvaguardar de erros a vossa doutrina e a vossa Lei.

"Este apostolado de verdade e de reivindicação que vos enumero é imenso, e traz consigo a segurança de lutas terríveis com aqueles que trazem Moisés nos lábios, mas não no coração. Se vos sentis com forças para afrontar essa luta, adiante! ... Eu estou convosco!

"Se não, pelo menos buscai para vós mesmos a luz que podeis adquirir na Escola de Alexandria, e guardai-a em vossos arquivos particulares até melhores tempos.

"A Bondade e o Amor Divino derramar-se-ão sobre aqueles que se constituírem apóstolos da Verdade e do Bem."

Nem bem Jhasua havia terminado sua exposição, quando o dono da Sinagoga, a quem chamavam o Profeta Nahum, em virtude de suas faculdades clarividentes, aproximou-se dele e, com grande emoção, disse:

– Senhor! ... A Luz de Deus baixou sobre mim e hoje sei o que não sabia ontem. O Messias anunciado pelos Profetas está no nosso meio. Como poderemos deixar de ouvir a tua palavra, se ela nos abre a senda da Verdade?

– Guarda-a em teu coração, Nahum, porém encaminha teus pensamentos e tuas obras em perfeita harmonia comigo – respondeu o Mestre.

Alguns momentos depois, Jhasua escreveu uma carta de recomendação para que Nahum se apresentasse com os seus íntimos na Escola de Fílon em Alexandria, e lhe fosse facilitado tirar cópias dos verdadeiros escritos de Moisés. Deu-lhe também recomendações para o Grande Santuário do Moab, onde eram conservadas as escrituras de Essen, discípulo íntimo de Moisés.

A lúcida e sutil clarividência do jovem Mestre permitiu ver que o bom israelita Nahum vinha seguindo-o de perto desde eras distantes. Viu-o fracassado em diversas épocas, em virtude de sua fraqueza de caráter e, numa conversa em particular com ele, revelou-lhe isso, prometendo ajudá-lo eficazmente para que não lhe ocorresse o mesmo nesta oportunidade.

Desse modo o Profeta Nazareno encerrou sua estada na cidade de Tiro, onde embarcou, num anoitecer, num dos navios de Simônides, que zarpava rumo ao sul, e desembarcou em Tolemaida, para seguir pelo caminho das caravanas até Nazareth.

JOSEFA ROSALÍA LUQUE ALVAREZ
(Hilarião de Monte Nebo)

Harpas Eternas

Aqueles que amam o Cristo na personalidade de Jesus de Nazareth encontrarão, sem dúvida, neste livro o Jesus que sempre procuraram.

Vol.
IV

Pensamento

Harpas Eternas

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

VOLUME I

Os fatos que antecederam a Encarnação do Messias. — Os esponsais de Maria e de José. — Uma família de essênios. — O nascimento em Belém. — A notícia do nascimento de Jesus chega às escolas ocultas dos essênios espalhadas pelas comarcas da Síria, da Fenícia e da Palestina. — A apresentação ao Templo. — A visita dos três sábios do Oriente: Gaspar, Melchor e Baltasar. — A perseguição de Herodes. — Jesus sob a proteção da Grande Fraternidade Essênia do Santuário do Monte Hermón. — De volta a Nazaré. — Início da educação do Menino-Profeta no Monte Carmelo. — Simão de Tiberíades. — No Santuário do Monte Tabor. — Aos 12 anos, a primeira viagem a Jerusalém. — O encontro com o primo Johanan no Monte Quarantana.

VOLUME II

Jesus aos 16 anos. — Aluno do liceu essênio do Monte Tabor. — Jesus e a jovem Nebai. — Os segredos do arquivo de Ribla às margens do rio Orontes. — Os papiros do profeta Aldis. — De volta a Nazaré. — A leitura do Papiro 19. — As primeiras curas. — Anotações de um diário. — Nos montes da Samaria. — Jesus aos 20 anos. — As escrituras do rei Salomão. — Na cidade de Alexandria. — Visita ao Vale das Pirâmides. — O pranto de um escravo. — De volta à Palestina. — A cura do comandante da guarnição romana da Torre Antônia. — As curas milagrosas se sucedem. — No Santuário essênio do Moab. — Com o primo Johanan, é consagrado Mestre da Divina Sabedoria.

VOLUME III

Jesus e a Santa Aliança. — A grande cruzada pela libertação de Israel. — Em Tolemaida, o porto mais importante da Galiléia. — Em Antioquia, cidade-rainha do Oriente. — Os esponsais do príncipe Judá e de Nebai. — Preparativos militares para o advento do novo Rei de Israel. — A morte de Baltasar. — Jesus e seu meio-irmão Jhosuelin. — Em Jerusalém, às vésperas de completar 23 anos. — A morte de José. — No deserto da Judéia. — Cartas vindas de outros países atestam o interesse de outros povos pela figura do Messias-Rei.

VOLUME IV

Na casa paterna. — Jesus aos 30 anos. — A vocação dos Doze. — O Solitário do Jordão. — A castelã de Mágdalo. — A Galiléia quer um rei. — Na prisão com o Batista. — A parábola do filho pródigo. — O Sinédrio procura um Messias. — Jesus aclamado no Templo de Jerusalém. — A reação da classe sacerdotal. — A morte do Batista. — A apoteose do Ungido do Senhor. — Em Nazaré, na companhia dos discípulos. — Última visita ao Monte Carmelo. — Em Bethânia, nas proximidades da Páscoa. — Reação do Sinédrio ante a notícia de que o Messias estava em Israel. — Aclamação nas ruas de Jerusalém. — Os essênios, amigos fiéis do Salvador. — A despedida. — *"Meu reino não é deste mundo."* — O amor, a lei suprema. — A prisão. — A farsa de um julgamento. — O Gólgota. — Das sombras à luz.

CAPA: *O Sermão da Montanha*, miniatura extraída de *La Somme du Roi*, Paris, 1295 (detalhe).

Harpas Eternas

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

Harpas Eternas é o mais fiel relato sobre a vida do Profeta Nazareno, resultado de mais de vinte anos de pesquisa nos centros culturais da Palestina, da Síria, da Grécia, de Alexandria, de Damasco, de Antioquia e da Ásia Menor, completados pelas informações obtidas nos antigos arquivos essênios de Moab e do Líbano e nas Escolas de Sabedoria fundadas pelos mais ilustres sábios do Oriente.

É a história de Jesus de Nazaré narrada com impressionante riqueza de detalhes sobre todas as etapas da sua vida, detendo-se mais particularmente nos seguintes aspectos:

- As circunstâncias astrológicas em que se deu o seu nascimento.
- A infância em Nazaré na companhia de Maria, de José e de seus meio-irmãos.
- Sua iniciação e educação entre os essênios.
- A juventude e as viagens que fez aos centros culturais mais importantes do seu tempo.
- O quadro social e histórico em que realizou seus milagres.
- A repercussão de seus ensinamentos no ambiente político e religioso da Judéia.
- As convicções que seus contemporâneos tinham acerca de sua missão como o Messias.
- Os incidentes que resultaram na sua condenação à morte.
- Sua ressurreição e ascensão ao céu.

A grandeza do Mestre Nazareno não está fundamentada apenas no seu martírio, mas em toda a sua vida, prova grandiosa e convincente da sua doutrina, que ele construiu sobre estas duas vigas mestras: a paternidade de Deus e a fraternidade entre os homens.

Toda a sua existência foi um vivo reflexo dessas duas verdades incontestáveis, resumo de todo o seu ensinamento, que sempre transmitia a convicção profunda de que só elas podem levar a humanidade à sua perfeição e felicidade: sentir Deus como Pai é amá-Lo sobre todas as coisas; sentir-nos irmãos de todos os homens é trazer o céu à terra.

Harpas Eternas é uma obra de interesse geral pois, na expressão do psicólogo suíço C. G. Jung, queiramos ou não, somos todos cristãos.

* * *

Esta é uma obra editada em quatro volumes que podem ser adquiridos separadamente.

EDITORA PENSAMENTO

ISBN 85-315-0870-3

9 788531 508707

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

HARPAS ETERNAS – 4

Tradução
HÉLIO MOURA

Cotejada com os originais por
MONICA FERRI
e
HUGO JORGE ONTIVERO

EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

Título do original:
Arpas Eternas

Copyright © FRATERNIDAD CRISTIANA UNIVERSAL
Casilla de Correo nº 47
C.P. 1648 – Tigre (Prov. Buenos Aires)
Republica Argentina.

Edição

4-5-6-7-8-9-10-11-12

O primeiro número à esquerda indica a edição, ou reedição, desta obra. A primeira dezena à direita indica o ano em que esta edição, ou reedição, foi publicada.

Ano

01-02-03-04-05-06-07

Direitos de tradução para a língua portuguesa
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP
Fone: 272-1399 – Fax: 272-4770
E-mail: pensamento@cultrix.com.br
http://www.pensamento-cultrix.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso em nossas oficinas gráficas.

Sumário

Na Casa Paterna 7
Já é Chegada a Hora 15
O Ano Trinta 25
O Solitário do Jordão 34
O Ano Trinta e Um 43
O Monte Abedul 54
A Castelã de Mágdalo 59
A Galiléia Quer um Rei 74
Por Que Chora Essa Mulher?... 81
Ano Trinta e Dois 85
Jhasua e o Futuro Diácono Felipe 91
No Presídio do Batista 99
A Parábola do Filho Pródigo 108
O Sinédrio Busca um Messias 112
Jhasua é Aclamado no Templo 124
O Mestre em Bethânia 132
Ano Trinta e Três – Morte do Batista 143
Jhasua em Jericó 153
Em Phasaelis 163
A Apoteose do Ungido 177
Última Estada em Nazareth 186
Os Segredos do Pai 194
Em Jerusalém 212
Perante o Sinédrio 223
Vércia, a Druidesa 229
Os Amigos do Profeta 233
O Dia das Palmas 250
Os Últimos Dias 259
A Despedida 263
Gethsêmani 269
Jhasua Perante seus Juízes 284
Quintus Árrius (Filho) 289
No Palácio dos Asmoneus 291
O Gólgota 303
Da Sombra para a Luz 310

AGRADECIMENTOS

A Hélio Moura, pela grande sensibilidade e pelo extremo cuidado com que se dedicou à tradução desta obra.

A Hugo Jorge Ontivero e a Monica Ferri, pela solicitude e zelo com que, de sua parte, colaboraram para o aparecimento desta edição.

Na Casa Paterna

Os anjos de Deus e o tio Jaime foram testemunhas do divino poema de amor, de ternura e de infinita suavidade que teve lugar na velha casa de Joseph, à chegada do Mestre junto a sua mãe.

A Humanidade terrestre, equivocada sempre em suas idéias e conceitos, abriga e mantém a idéia de que quanto maior é um ser, mais desprendido se encontra daqueles aos quais a Lei Eterna o uniu pelos vínculos do sangue. Este é um dos graves erros que a vida íntima do Cristo vem destruir com a verdade razoável e lógica com a qual costumamos comprovar todas as nossas afirmações.

Se o Amor é a Lei suprema e universal que governa os mundos e os seres, logicamente devemos supor serem as maiores e mais puras Inteligências as que sentem, com mais intensidade, os divinos eflúvios do Amor. Imensamente mais que o resto dos demais seres, elas percebem as vibrações do Divino Amor que se apoderam de cada alma na medida em que elas podem assimilar e resistir. O Amor Eterno é como um transbordante manancial de puríssimas águas que, constantemente, se derrama sobre todos os mundos e sobre todos os seres.

Para compreender bem isto, devemos imaginar que todas as almas encarnadas e desencarnadas são como taças, ânforas ou recipientes de cristal e âmbar, suspensas entre o Céu e a Terra, à espera da divina corrente de Amor que vem da incomensurável grandeza de Deus. A diferente evolução dos seres é o que determina, por lei, a capacidade de cada alma, para receber, assimilar e unir-se a essa grande força criadora denominada *Amor*.

Deste modo, devemos compreender que as almas pequenas e primitivas são como diminutos receptáculos para receber o Amor. As mais adiantadas são ânforas de maior capacidade; as mais elevadas são recipientes abertos aos Céus do Amor e da Luz; e existem outras tão sensíveis e grandes em sua imensa capacidade de Amor, que passam suas vidas terrestres ou sua vida no espaço num contínuo transbordamento de Amor. Pela lei de seu próprio excelso e puro estado espiritual, Jhasua de Nazareth, encarnação do Cristo ou Messias desta Humanidade, culminou e encheu a medida do Amor mais intenso a que pode chegar uma Inteligência encarnada nesta Terra.

De acordo com esta lógica irresistível, com toda a segurança podemos afirmar que o Amor é a pauta que determina a maior ou menor evolução de um ser. Não deve ser julgado, logicamente, que estejamos falando aqui dessas apaixonadas manifestações que não podem nem devem ser qualificadas de *Amor*, mas de desejo sensual; ou seja, uma das modalidades do instinto puramente animal, tanto mais desenvolvido quanto mais inferiores são os seres.

O Amor do qual falamos aqui é um sentimento profundo, irresistível que dá às grandes almas a capacidade de fazer sacrifícios heróicos por outras almas numerosas ou reduzidas colocadas pela Eterna Lei no seu caminho.

O Amor verdadeiro é um só, tomando diversos e variados aspectos. Amor é o da mãe que se sente capaz de morrer a cada instante de sua vida pelo bem do filho de suas entranhas. Amor é o da filha, do irmão e dos esposos que se julgam capazes de todos os sacrifícios pelos seres amados.

Desta maneira, não podemos admitir, por um momento sequer, que Jhasua de Nazareth, encarnação do Cristo Divino, nessa oportunidade, pudesse ser o homem frio, indiferente e sem sentimentos para com seus familiares, e principalmente para com sua mãe, como deixam transparecer algumas passagens dos cronistas de sua vida!

A lógica nos autoriza e manda supor que, no Cristo, o Amor chegou a tal intensidade e heroísmo como nenhuma outra alma na Terra pôde alcançar na atual evolução desta Humanidade.

Tudo quanto nossa mente pode imaginar ou conceber na capacidade de Amor do Cristo, será mesquinho e pobre, comparado com a realidade.

Por esta razão, a Humanidade tarda tanto em compreendê-lo e conhecê-lo!

Ela, tão mesquinha, tão pobre, tão egoísta, querendo tudo para si, e apenas pensando em si mesma, pode acaso imaginar o abismo de Amor de uma alma que se esquece completamente de si mesma para pensar nos demais?...

Estas são alturas que aos pequenos produzem vertigens!

São cumes ainda tão distantes de nós que a mente se ofusca e apenas conseguimos dizer:

– Oh, loucuras sublimes do Amor Divino!

– Meu filho!... – exclamou a terna mãe abraçando-o afetuosamente. – Parecia que eu ia morrer sem tornar a ver-te!...

– Ainda não, mãe!... Ainda tens muita vida para viver – respondeu ele conduzindo-a ao estrado do cenáculo.

– Bem vês, minha irmã, como fui fiel à tua recomendação – acrescentou o tio Jaime. – Jhasua retorna ao teu lado sem que ninguém haja tocado num só cabelo da sua cabeça!

A mãe amorosa, sem quase poder falar devido à forte emoção que a dominava, percorreu com seu olhar cheio de amor a pessoa de seu filho, desde a cabeça até os pés, como querendo convencer ao seu próprio coração de que ele não havia sofrido dor alguma, enquanto se achava distante dela.

Tão logo passou o primeiro êxtase de amor da mãe e do filho, começaram as confidências de cada alma esvaziando-se no coração amado.

Quantas aflições e ansiedades sofrera Myriam pela sorte do filho ausente!

Seus familiares enchiam-na de temores, fazendo-a ver que era demasiado perigoso o caminho empreendido pelo filho. Não podia ele concordar em ensinar a Lei e as Sagradas Escrituras apenas em sua terra natal, sem causar torturas à mãe com suas prolongadas ausências?

Que Profeta era esse, que procurava cidades pagãs e idólatras, onde se vivia entre todas as abominações e iniqüidades imagináveis?

Tiberias, Cesaréia de Filipos, Damasco e Tiro!... A escória, a borra, o lodo mais negro que rodeava o país de Israel! Que Profeta era esse? Como poderia manter a vida reta e os costumes puros, segundo a Lei, se se lançava sem medo nesse mar de vícios... nesse lodaçal de iniqüidades?

– Teu filho, Myriam – diziam –, acabará por ser um renegado, comerá carnes de animais imundos, esquecerá o sábado, esquecerá os mandamentos da Lei entre as pessoas de vida baixa e de mulheres pagãs, desavergonhadas e sedutoras!...

– Desventurada mãe és tu, pobre Myriam, com esse filho enlouquecido pelo profetismo!...

Este longo e repetido murmúrio dos familiares caía, como um filete de chumbo derretido, no terno coração da mãe.

Mas, um dia, chegaram cartas de Jerusalém, que mudaram o prisma por onde faziam-na olhar a vida missionária do filho.

A viúva e os filhos do príncipe Ithamar, o incomparável ancião Simônides, sua parenta Lia, José de Arimathéia e Nicodemos, todos estes que tanto amavam e compreendiam Jhasua, consolaram-na com missivas como esta: "Bem-aventurada mãe que verás a Humanidade estender seus braços pedindo ao teu filho a salvação e a vida!

"Sua grandeza extraordinária vai deixando um rastro de Luz, de paz e de felicidade por onde vai passando. Tiberias, adormecida em seus prazeres, despertou para perguntar: *Quem é Ele?*

"Cesaréia de Filipos, enlouquecida por uma neta de Herodes, teve devolvida a paz a numerosos lares dizimados pela sua corrupção, e também pergunta: *Quem é Ele?*

"Damasco, a poderosa rainha do deserto, perante a grandeza dos poderes do Profeta Nazareno, ergueu-se em seu leito de areias douradas e de lagos de turquesa, para perguntar ansiosamente: *Quem é Ele?*

"Tiro, a lendária ondina do mar, a realidade grandiosa dos sonhos do rei Hirão, levantou-se em sua carruagem de espuma, por entre o drapejar dos pavilhões de suas frotas, dos bosques de mastros e de velas e de seus montes coroados de neves para perguntar: *Quem é Ele?*... Quem é esse homem extraordinário que arranca as presas das enfermidades, dos presídios, dos calabouços e até da própria morte?

"Ó Mãe Bem-aventurada e feliz!", diziam as cartas chegadas de Jerusalém para Myriam.

Mas também acrescentavam:

"A grandeza de teu filho começou a despertar receios na alta classe sacerdotal, e o pontífice enviou mensageiros à família do príncipe Ithamar, perguntando, também, *QUEM É* o jovem nazareno que curou todos os leprosos do Monte do Mal Conselho.

"A prudente e discreta Noemi respondeu: 'É um jovem médico, discípulo dos Terapeutas, que fez grandes estudos nas Escolas do judeu Fílon de Alexandria.'

"A José de Arimathéia e Nicodemos, doutores da Lei, o alto clero judeu perguntou *por que* esse jovem rabi não comparecia ao Grande Colégio e diante do pontífice e dos príncipes dos sacerdotes para graduar-se em ciências sagradas e formar com eles as preclaras fileiras dos condutores de Israel.

"Responderam-lhes que o Jovem Nazareno quer seguir o caminho na planície como os Terapeutas-Peregrinos, consolando as multidões aflitas pela miséria, e ensinando a Lei de Deus nas aldeias e povoações onde menos chega a palavra divina."

Todo este pequeno mundo de emoções foi esvaziado por Myriam na alma do filho para desafogar a sua, que se vira agitada por correntes adversas e opostas.

Depois que ela referiu tudo quanto perturbava o seu coração, dando para ler as cartas que, na sua ausência, tinha recebido, o grande filho que era a sua felicidade, a sua glória e o seu martírio disse docemente:

– Por cima de tudo isto, minha mãe, flutua a Luz Divina e a Soberana Verdade de Deus demarcando-nos o caminho que cada um deve seguir.

"Bem-aventurados somos nós, se, inflexíveis aos comentários adversos ou favoráveis, não nos desviarmos uma linha sequer do caminho assinalado pela Infinita Sabedoria.

"Vive em paz e quietude, minha mãe, descansando no amoroso regaço de nosso Pai comum, e rogando-lhe a cada dia que se cumpra em nós a sua Soberana Vontade.

"Agora quero dividir o pão contigo e beber juntos na mesma taça o suco da videira.

"Que significa isto na nossa raça, minha mãe?"

– Que tu e eu nos amamos como se fôssemos uma só alma e um só coração – respondeu a mãe com a alma regozijante de felicidade.

Alguns momentos depois, rodeavam a mesa do velho lar de Joseph, Myriam, Jhasua e o tio Jaime, pois era a primeira refeição que faziam juntos depois do regresso, e essa devia realizar-se na feliz intimidade dos maiores amores.

Jhasua passou vinte dias na quietude do lar paterno, vivendo de recordações e de esperanças.

Nesse formoso e plácido isolamento, continuava preparando-se para a grande batalha final contra o egoísmo e a ignorância, contra os fanatismos de toda espécie e contra as grandes dores de um povo asfixiado pelos impostos e pelas injustiças dos poderes reinantes.

Achavam-se em pleno inverno, e Jhasua procurou imediatamente os representantes da Santa Aliança nas cidades galiléias para averiguar pessoalmente se cumpriam com os pobres anciãos e com os órfãos as obras de misericórdia de que se haviam encarregado.

Recebeu afavelmente a visita dos familiares, cuja maledicência tanto havia atormentado Myriam durante a sua ausência.

– Agora serás para sempre o *nosso Profeta*, não é verdade, Jhasua? – perguntou uma avó egoísta, quando sentiu acalmadas todas as suas dores e achaques na presença do Mestre, pois queria que ele não se ocupasse a não ser da sua saúde. Era sogra de seu irmão Matias, que havia dado à adoentada anciã uma porção de netos.

Juntamente com ela, fizeram coro nas queixas, lamentações e petições outros membros da numerosa parentela de Myriam e de Joseph, e quase todos no sentido de que Jhasua não devia ausentar-se da Galiléia, a qual, sendo desprezada pelos judeus de Jerusalém, considerados como a nata da aristocracia israelita, devia ser engrandecida e glorificada por ele, com os poderes e dádivas recebidos de Jehová.

– Que ganharemos – perguntaram – com os grandes prodígios realizados longe do teu povo?

– Aqui chegaram vozes – disse outro – de que em Damasco corria o ouro por entre as mãos de míseros escravos em conseqüência da palavra de um jovem Profeta Nazareno que sabemos seres tu, enquanto nós, teus parentes, precisamos lutar duramente para que as nossas terras ou as nossas oficinas nos dêem o necessário para fazer frente à vida e aos impostos com os quais o governo nos sobrecarrega! Consideras isto justo, Jhasua?

– Curando multidões de leprosos por outras partes, nos deixas esquecidos com os nossos males e dores – acrescentou outro. Ao que parece, não ia terminar jamais esse salmo feito de queixas e de lamentações.

Jhasua escutava sorrindo e deixou-os falar. Quando ouviu a última queixa, perguntou: – E vós, acorrestes em socorrer aqueles que não têm fogo em seus lares neste horrível inverno?

– A Santa Aliança encarrega-se disso – disseram várias vozes ao mesmo tempo.

– Se não vos preocupais com os infelizes e desamparados, que direito tendes para pretender que o Pai Celestial se preocupe convosco?

"A Santa Aliança foi criada para remediar em parte as dores humanas que as classes abastadas não se preocupam em aliviar; no entanto, todos podeis secundar essa instituição, cooperando para que o benefício aos desamparados e enfermos seja dobrado.

"Vejamos, entre esta minha numerosa parentela, quantos mortos houve desde o meu afastamento daqui?", perguntou Jhasua olhando a todos, um por um.

– Oh!... tanto assim, também não. Graças a Deus estamos todos vivos para verte novamente. Mas filho, que queres? O que é nosso é nosso e o queremos conosco, e não com os estranhos – disse outra anciã, sogra de Elhisabet, esposa do filho mais velho de Joseph.

– Porém, pelo visto, estais empenhados em convencer-me de que os vínculos do sangue ampliam o campo do egoísmo de tal maneira que o ser fica prisioneiro, como um infeliz acorrentado à sua parentela, sem liberdade para cumprir com os desígnios divinos que o trouxeram à vida?

"Sou respeitoso e amoroso para com a família, porque a Eterna Lei a colocou no caminho do homem como o primeiro degrau na escada infinita do Amor, por onde Ela nos quer fazer subir até o nosso glorioso fim, que é Deus.

"Contudo, deveis compreender que a alma, sendo de origem divina e de vida eterna, não pode nem deve estacionar nesse primeiro degrau do amor que é a família. Isto significa que o amor da família ultrapassa o limite justo, quando pretende circunscrever, somente a ela, as atividades de uma alma com capacidade para amar a toda a Humanidade.

"Amo-vos a todos, e sou capaz de sacrificar a minha vida para salvar a de qualquer um de vós que se visse em perigo.

"Mas não transformeis o vosso amor por mim em puro egoísmo, pretendendo afastar-me dos demais em benefício próprio. Não pensastes que Deus, eterno Senhor de todas as almas, e que concede todos os poderes superiores, outorga-os ou tira-os, de acordo com o uso que deles venha a fazer o espírito missionário a quem foi dado?

"Que diríeis vós se, por atar-me egoisticamente à família carnal, me visse despossuído dos grandes dons de Deus, incapaz, portanto, de realizar bem algum, nem para vós nem para os demais?

"Lembrai ainda que aquilo que Deus dá por meu intermédio aos demais não o retira de vós, mas antes, e muito pelo contrário, se cooperardes comigo de boa vontade, estareis sendo agentes da distribuição comigo das dádivas de Deus sobre todas as criaturas. Compreendestes, tios e tias, irmãos, primos e sobrinhos desta minha existência iniciada em vosso meio e unida pelos laços do sangue?"

Matias, o mais velho dos filhos de Joseph, foi o primeiro a aproximar-se comovido de seu grande irmão, ao qual via, nesse instante, como a um apóstolo de Deus que viera à Terra com fins ainda não compreendidos claramente.

– Perdoa-nos, Jhasua! – disse –, e não vejas no nosso ciúme ou egoísmo de família a não ser o nosso grande amor por ti, o qual nos leva a temer os obstáculos e dificuldades que custaram a vida de outros nossos compatriotas muito antes de teres chegado à vida.

"Nosso pai, o Justo Joseph, como todos o chamavam, já não está na Terra para cuidar de ti. Eu sou o teu irmão mais velho, quase um ancião, e vi cair, como árvores sob o machado dos lenhadores, muitos seres cujo anelo de libertação do nosso povo os levou pelo caminho iniciado por ti.

"Pensamos, talvez equivocadamente, que o nosso amor é como um escudo, quando as flechas inimigas forem disparadas contra o teu peito.

"Esta é a razão por que ficamos inquietos quando te afastas e quiséramos ter-te sempre ao alcance da nossa vista."

As mulheres anciãs começaram a chorar silenciosamente. Myriam aproximou-se do filho como querendo suavizar o pesar que via claro e que estava sendo causado pelo egoísmo familiar.

A emoção provocou um soluço no peito de Jhasua, que se mantinha em silêncio, e apenas falavam os seus olhos cheios de doçura infinita, derramando-se num profundo olhar sobre o numeroso grupo de seus familiares reunidos ao seu redor sob o velho teto paterno.

Em silêncio pensou: "Como os laços do sangue atam até os seres de longas jornadas, mesmo quando se julgam acima de todos os afetos humanos!... Meu Deus!... Pai e Senhor de todas as almas!... Que tua Luz e tua Força não me abandonem na luta promovida pelos que levam o meu sangue, e que ainda não sabem amar sem egoísmos e sem ciúmes!..."

– Meu filho!... – murmurou como num sussurro ao seu ouvido a doce mãe. – Promete-lhes que passarás este inverno aqui e todos estaremos conformados.

Desta maneira Myriam acalmou essa primeira borrasca familiar formada em torno do filho, que, sabendo-se dado pelo Altíssimo Senhor dos Mundos a toda a Humanidade, via-se compelido, por seus familiares, a circunscrever-se unicamente a eles.

Acedendo, pois, Jhasua à insinuação da mãe, prometeu-lhes passar a data do aniversário do ano 30 de sua vida em sua terra natal.

A velha casa de Nazareth vestiu-se de festa e glória naquele dia, quando todos os parentes dali e das cidades vizinhas se encontraram para encerrar na gaiola de ouro dos afetos familiares aquele Divino Rouxinol mandado por Deus, como num vôo heróico à Terra, para cantar a todos os homens o hino grandioso e sublime do Amor Universal.

Deste modo, a família carnal de Jhasua celebrou nesse inverno a entrada nos 30 anos de sua vida.

Myriam recordou aquele glorioso dia passado no lar de seus parentes Elcana e Sara, em Bethlehem. Tinha sido numa noite gelada como essas que estavam sucedendo-se, em que a neve branqueava as montanhas e as pradarias, os hortos e os caminhos. Recordava-o como se tivesse sido ontem!... Haviam passado já 30 anos!

Os familiares retiraram-se depois da refeição do meio-dia. Todos estavam felizes e esperançosos no jovem Profeta que daria brilho à família, tirando-a finalmente da modesta obscuridade da classe média. Como num sussurro, diziam uns aos outros ao ouvido:

– Se em vez de ser tão-somente um grande Profeta, ele for o Messias Libertador de Israel, como alguns supõem, a nossa Galiléia subirá muito mais alto que a Judéia. O Templo de Jerusalém, no qual os galileus hoje entram como por esmola, será então como o nosso próprio lar, e o nosso Jhasua será ali o Sumo Sacerdote, o Pontífice Magno.

– Será um Sumo Sacerdote-Rei, porque alguns Profetas o anunciaram assim em seus inspirados cantos – acrescentou outro dos mais entusiastas sonhadores com a grandeza material do filho de Myriam.

Enquanto a numerosa parentela tecia uma imensa rede de sonhos, de ilusões e de esperanças voltando para os seus lares, a mãe e o filho permaneceram sozinhos no velho lar.

Zebeu ficara em Tolemaida por assuntos de família e de interesses.

O tio Jaime, depois do banquete familiar, partira para Caná, onde tinha algumas posses que estavam sendo administradas por parentes.

Um irmão de Débora, a primeira esposa de Joseph, fora sempre como um supervisor dos trabalhadores. Na oficina ou no horto, cuidou sempre da fiel execução do serviço de cada qual.

Não existindo já a oficina desde a morte de Joseph, continuou administrando os trabalhos da lavoura em Nazareth e em Caná, onde Myriam também tinha posses.

Com Martha, sua mulher, os dois anciãos já lhe tinham feito companhia durante a ausência do filho e do irmão, motivo pelo qual, para o jovem Mestre, eram algo assim como dois venerandos avós que o haviam conhecido em pequenino e agora o viam já homem, e rodeado por uma auréola de grandeza, que eles mesmos não sabiam compreender com perfeição.

Sabendo Jhasua que os tornava alegres e felizes, chamava-os de avós, e nas longas reuniões noturnas daquele inverno consagrou muitas horas a eles, quando, sentado junto à mãe ao suave resplendor da lareira, mencionou parte do que vira acontecer em suas viagens e ao que haviam descoberto nas tumbas milenárias do Egito ou nos velhos arquivos de Sinagogas esquecidas, onde eram guardadas as verdadeiras glórias do passado de Israel.

Todo um poema de amor e de felicidade foi vivido por Myriam naqueles trinta dias em que ouviu, encantada, os relatos do filho, consagrado completamente a ela.

Fez-lhe compreender a felicidade infinita da alma que vive entregue à Vontade Divina, preparando-se, talvez, para a renúncia suprema, que ele sabia já estar próxima a chegar.

– Jamais devemos temer a morte, mãe, nem aguardá-la com medo ou com horror – disse-lhe, com a íntima e profunda convicção que transmitia a quem o escutasse.

"Que é a vida?... Que é a morte?... – continuou com entusiasmo crescente.

"A vida num planeta inferior, como a Terra, para a alma adiantada em seu progresso espiritual, é um desterro de sua pátria verdadeira, da qual conserva recordações que lhe produzem profunda nostalgia; é uma escravidão em duras cadeias que a impedem de realizar suas aspirações na medida de suas capacidades; é um obscuro presídio através de cujas grades chegam apenas os tênues resplendores da divina claridade, na qual tantas vezes se extasiou.

"A morte é a volta à pátria verdadeira, tão profundamente amada e desejada com tanto fervor; é o romper-se das cadeias que atam a alma a uma grosseira vestimenta de carne que a faz assemelhar-se aos animais!... É o abrir-se dos ferrolhos do presídio e sentir novamente a glória da liberdade que a torna dona da imensidão infinita, onde reina a harmonia, a beleza, a paz, o bem e o amor!

"Dize para mim, mãe: é justo amar tão desmedidamente a vida? É justo abrigar tanto horror à morte?

"Sob duas formas devemos considerar a vida física nos planetas inferiores: como uma expiação por graves transgressões à Lei Suprema do amor aos nossos semelhantes, ou como uma mensagem divina de amor para a Humanidade no meio da qual entramos na vida carnal.

"Em ambos os casos, não podemos encontrar lógica alguma ao nosso apego à vida nem ao nosso terror à morte. Se estamos encarnados por expiação, quanto mais ligeiro a terminarmos, tanto melhor para nós. Se, por ouro lado, estamos aqui como mensageiros do Pai Celestial, uma vez transmitida fielmente a mensagem, não haveremos de desejar voltar ao Pai que nos enviou?"

– Através do teu pensamento e da tua palavra, meu filho, até a morte se torna formosa e desejável – respondeu a mãe encantada por ouvi-lo.

– Ela é bela e desejável, mãe, se procuramos afastar-nos desse prisma ilusório e enganoso por intermédio do qual os espíritos da Terra costumam ver as Leis de Deus e seus soberanos desígnios.

"Eles subjugam tudo à matéria, e vivem como se não existisse nada mais que o pouco que é percebido pelos seus sentidos físicos.

"Para eliminar, pois, este grande erro e pavor da morte, é necessário levar as almas a se convencerem plenamente de sua eterna existência no seio de Deus, onde continuam vivendo já aliviadas do peso da matéria.

"Suponhamos, minha mãe, que, da mesma maneira como ocorreu a meu pai e a Jhosuelin, eu deixe este corpo material que me acompanha, serei, por causa disto, diferente daquilo que era? Afastar-me-ei de ti, esquecendo este imenso amor que nos une a ponto de confundir-nos como duas gotas de água na palma da minha mão?

"A matéria nos separa até certo ponto, pelas próprias e iniludíveis exigências que ela tem, porque é como um espesso véu que encobre as potências e faculdades da alma. Através de um corpo físico, não vemos os seus pensamentos, nem os seus desejos, nem a sua vontade, nem esse divino arquivo da memória, guardador das ternas recordações como também dos penosos remorsos.

"Só vemos esse hábil composto de ossos, músculos, sangue e nervos, e de tal maneira nos enamoramos dele, que chegamos a esquecer completamente que ele é apenas o envoltório grosseiro de um anjo de luz descido no meio do lodo da terra, ou de um demônio maligno do qual fugiríamos se o víssemos tal como é.

"Quando um espírito adiantado deixa a matéria, através da qual deu e conquistou muito amor na vida física, se mantém tão unido a quem amou e por quem foi amado como a luz de uma lâmpada com aqueles aos quais ilumina; como a água cristalina que os lábios sedentos absorvem; como o perfume do incenso quando o queimamos num piveteiro.

"A luz da lâmpada, a água que bebemos e o perfume que aspiramos entram em nós de um modo tão perfeito que podemos dizer com toda a verdade: Esta luz que me ilumina é minha; este perfume que aspiro é meu; esta água que bebo é minha, porque estão dentro e fora de mim mesmo.

"Desta sorte, vivem em nós e se integram em nós aqueles seres amados que deixaram a escravidão da matéria pela liberdade do espírito.

"O homem pensa e fala equivocadamente quando diz: 'Estes seres queridos, arrebatados pela morte, me eram ainda necessários, pois representavam a minha força, o meu apoio e o meu sustento na vida.'

"Foram para o espaço infinito meu pai e Jhosuelin, que eram as colunas sustentadoras do lar.

"Que te faltou, minha mãe? Tu mesma mencionaste que aqueles devedores morosos que nunca estavam em dia com o meu pai se apresentaram diante de ti, uns após outro, e todos eles disseram:

"– Apareceu-me em sonhos o teu esposo Joseph e ele disse: Jamais te apertei pela dívida. Lembra-te que Myriam, minha esposa, pode necessitar dessa mesma quantia nunca exigida antes.

"Que significa isto, minha mãe, senão que o Justo Joseph continua ao teu lado, zelando e exercendo poderosa influência sobre todos aqueles até onde alcança a sua capacidade?

"Referiste ainda que uma noite deste permissão para hospedar-se no celeiro um desconhecido viajante e que, nem bem ele tinha entrado, chegou a notícia de que era um bandido que havia roubado e dado a morte a uma família de pastores.

"– Não me atrevo a expulsá-lo nesta noite de tempestade – disseste – seja o que o Senhor quiser!" – e, de tua alcova, viste que o viajante saía em silêncio e se afastava rapidamente pelo caminho que vai ao poço, e era tal a pressa no andar que parecia ir fugindo de alguém a persegui-lo. E no teu celeiro não faltou um único saquinho de lentilhas.

– Oh, meu filho!... – respondeu a mãe, cheia de confiança e tranqüilidade. – Já te disse que naquela ocasião pensei que o Justo Joseph era o meu anjo guardião.

– Logo os mortos vivem, pensam e agem, mui provavelmente, de modo mais decisivo e eficiente, pois não podem temer nada de ninguém, nem vinganças nem represálias, nem ciladas de espécie alguma.

"Então, mãe!... Apesar do pavor e do terror, a morte, para dizer a verdade, não existe como aniquilamento do ser inteligente e capaz de obras grandes e boas...

"A morte, minha mãe, é como uma fada branca e boa que nos veste suas roupagens de luz e nos solta a voar pelos campos infinitos!...

"Não a temamos, mãe!... e quando ela chegar, enviada pelo nosso Pai comum, digamos: 'Bem-vinda sejas, para cumprir em mim a Vontade do Senhor.' "

A amorosa mãe, inundada de divina placidez, recostou sua cabeça adornada de branco sobre o ombro do filho, que acariciava aquelas mãos pequeninas e suaves e as apertava contra o seu peito e seus lábios como se fossem brancos lírios que se desfolhavam entre as suas mãos.

Já é Chegada a Hora

Uma manhã de madrugada, chegou à casa de Nazareth um criado de Zebedeu com o aviso de que Salomé, sua esposa, se encontrava enferma e chamava por Jhasua.

Ele encaminhou-se em seguida para a margem sudoeste do lago, cujas grandes dimensões permitiram sempre aos da região chamá-lo de *Mar da Galiléia*, em dura obstinação com os herodianos, que se empenhavam em chamá-lo de *Tiberíades*, porque em suas margens se erguia, como uma ânfora de mármore e ouro, a faustosa cidade de Tiberias, cujo nome era uma permanente adulação a Tibério César.

Ali o Mestre tinha muitas famílias conhecidas, entre elas a do Ancião Simão Barjonne, antigo porteiro do Santuário do Tabor, que já não vivia, a não ser no amor e na recordação de seus filhos Simão e André, que continuavam com o comércio da pesca, como seus antepassados.

Eles e a família de Zebedeu eram os mais fortes comerciantes de pescado nessa parte do lago. Uma espécie de sociedade unia as duas famílias, que possuíam umas trinta barcas de pesca com tripulantes a salário diário. Mediante um imposto cobrado pelos agentes do rei, tinham a concessão para a pesca naquele delicioso remanso, formado pelas águas do grande rio Jordão.

O Mestre encontrou junto à porta da casa de Zebedeu um formoso jovem ruivo de olhos azuis profundos, com o qual se abraçou ternamente.

Era João, ao qual há vários anos não via por causa, em parte, das contínuas viagens do Mestre e também pelo fato de ele ter passado boas temporadas no Santuário essênio do Monte Carmelo, onde o servidor era irmão de Salomé, e queria instruir seu jovem sobrinho, a fim de torná-lo um bom Terapeuta-Peregrino. Entretanto, a saúde delicada de João não lhe permitiu continuar a penosa tarefa, e voltou para o lar paterno aos 18 anos.

João tinha essa idade quando Jhasua chegou à sua casa, naquela manhã, atendendo ao chamado de Salomé atacada de febre maligna, que a mantinha prostrada na cama há uma semana.

– Ó meu Profeta querido! Meu jovem santo! – disse a boa mulher. – Só ontem vim a saber que estavas na casa da tua mãe. Se tivesse sabido antes, não estaria ainda amarrada a este leito.

– Que deixarás imediatamente, minha boa Salomé, para dar-me aqueles pasteizinhos de mel que ninguém consegue fazer como tu – respondeu o Mestre, tomando-a por ambas as mãos e obrigando-a suavemente a levantar-se.

Em seguida, Jhasua colocou em ordem, sobre a testa, seus cabelos já grisalhos e estendendo, ele mesmo, o cobertor sobre o leito, continuou:

– A viagem de Nazareth até aqui me trouxe tal apetite que, se não te apressares, boa Salomé, se converterá em fome voraz...

João ria a bom valer vendo a grande afobação da mãe para colocar a toca e o avental, prendas indispensáveis no atavio familiar das mulheres galiléias.

– Oh, como me sinto bem, Jhasua!... Meu grande Profeta!... Sinto-me como se nunca tivesse tido febre!...

"Agora mesmo estarão prontos os pasteizinhos quentes e dourados como pompons de ouro!"

Zebedeu com Santiago, o filho mais velho, estavam na tenda ou coberta armada junto ao lago, onde classificavam o pescado para enviá-lo às cidades vizinhas e, principalmente, para Tiberias, cujo grande mercado era o que pagava melhor.

João acompanhou Jhasua até onde estava o seu pai, para dar tempo a Salomé de preparar o almoço.

Ali encontraram-se com Simão e André. Logo a seguir, com Zebedeu e Santiago.

A alegria de Simão (Pedro) não teve limites ao ver, ao alcance de seus braços, aquele galhardo e formoso jovem que os anos passados haviam transformado.

– Como foi possível teres esquecido assim de nós, Jhasua, enquanto pensamos sempre em ti? – perguntou Simão com espontânea franqueza.

– Cada coisa a seu tempo, Simão – respondeu Jhasua. – O que hoje venho dizer-te não poderia ser dito antes. Quando voltei de Tiro, soube da morte de teu pai e em Tolemaida me deram a notícia de que também tua boa companheira tinha adormecido com seus ancestrais.

"Quão felizes são os que recobram as suas asas, Simão, e podem novamente voar para as alturas!"

– É verdade!... Mas a solidão é triste, Mestre.

"Soube um dia que, no Santuário do Moab, te haviam consagrado Mestre da Divina Sabedoria... e com quanta satisfação me faz sair do peito a palavra *Mestre*!"

– Advirto que por muito pouco tempo sofrerás ainda esta solidão – continuou Jhasua, fixando nos olhos azuis de Pedro um olhar profundo.

– Por que dizes isto, Mestre?

– Porque hoje já posso dizer que "é chegada a hora"!...

– A hora de quê?...

– De me seguir por toda a parte, aonde quer que eu vá!...

– Estás dizendo isto de verdade, Jhasua?... De verdade?...

– Quando viviam o teu pai e a tua esposa, eu não podia arrancar-te do seu lado, porque eras o seu apoio e o seu sustento. Porém agora, Simão, estando os que amavas descansando na Liberdade e na Luz, quem te impedirá de me seguir?

– Oh, ninguém, Senhor!... Ninguém! Irei sozinho, e hoje mesmo entrego-me a teu serviço.

– Por que me chamaste de *Senhor*? Esqueceste já o menino que tiveste um dia sobre os teus joelhos... quando te disse que não devias jamais dizer uma mentira?

– Oh, que santa memória a tua!... Chamo-te Senhor, porque te vejo demasiado grande ao meu lado. Sabemos aqui, Jhasua, tudo quanto fizeste de maravilhoso, e guardamos tudo isso no coração por determinação dos Anciãos.

– E as tuas filhas?... E o teu irmão André? – perguntou o Mestre.

– André virá em seguida com Zebedeu e Santiago, que estão entre aquele grupo de pessoas, junto à tenda.

"Minhas duas filhas moram com a minha sogra que, com a morte da minha esposa, quis tê-las a seu lado."

– Está bem, Simão, pergunto estas coisas porque, para me seguir, não quero que deixes nenhum rastro de dor atrás de ti. Entrega as tuas filhas a parte da herança que lhes corresponde e vem comigo, para cumprir a Vontade de Deus.

O abraço que Simão deu em Jhasua deve ter comovido os anjos do Senhor pela espontaneidade sincera e profunda.

– Que Deus te pague, Mestre, pela felicidade que me estás proporcionando! Agora mesmo deixarei tudo para te seguir.

– Calma, meu amigo. Não te apresses demasiado e falemos primeiramente.

João, que se havia entretido com os pescadores, aproximou-se nesse instante.

– Também preciso dizer-te, João, aquilo que acabo de dizer a Simão:

– *Já é chegada a hora!*

– Hora de quê? – perguntou o jovem.

– De me seguires por onde quer que eu vá.

João fixou na face do Mestre seus grandes olhos azuis, como absortos numa visão de Luz e de glória com a qual não havia sonhado jamais.

– Eu hei de seguir-te?... A ti, Jhasua, que és o assombro das grandes cidades, e até os príncipes se sentem honrados com a tua amizade?

– Pensei essa mesma coisa – disse Simão – e não me atrevia a dizê-lo.

"Pelo visto, este rapagão foi mais valente que eu! Muito bem, João, disseste o que eu queria dizer."

– Durante vinte e nove anos estive junto com os Mestres da alta Sabedoria, com príncipes e magnatas. Entreguei a Mensagem Divina que tinha para eles.

"Hoje chegou a hora de descer ao plano, onde os pés se enlameiam e se machucam, por entre os espinhos e as pedras dos caminhos.

"Para andar no plano devo rodear-me daqueles que, para poder me seguir, não farão falta a ninguém. Compreendestes bem isto, meus amigos?"

Como resposta, João se abraçou a Jhasua e começou a chorar como se fosse um menino.

– Nunca imaginei, Jhasua, que pudesses amar-me tanto, a ponto de desejar ter-me ao teu lado – disse por fim o jovem galileu quando a emoção lhe permitiu falar.

Profundamente comovido, o Mestre enxugou também as suas lágrimas ao mesmo tempo que lhe dizia:

– Cada coisa ao seu tempo. Agora sou eu quem necessita da vossa ajuda, como bem podeis ver – disse Jhasua.

Pedro e João foram os arautos do apostolado do Cristo, e a eles se uniram, dois dias depois, Santiago, irmão de João, e André, irmão de Pedro.

O Mestre acabava de colocar os alicerces em seu edifício espiritual e, acompanhado de Pedro e de João, entrou na casa de Zebedeu, onde Salomé os aguardava com a branca toalha estendida sobre a mesa na qual fumegavam as travessas de pescado frio e os pasteizinhos de folhados, banhados com mel.

Não se falou na mesa de outra coisa a não ser dos prodígios realizados por Jhasua em toda parte aonde havia chegado, e ele se esforçava em fazê-los compreender que o poder divino se derrama sobre as criaturas a todo o momento e em todos os lugares, quando circunstâncias especiais se juntam para dar entrada às dádivas de Deus.

Fez-lhes ver que se tratava das mesmas exteriorizações de força extraterrestre das quais Moisés, Elias e Eliseu fizeram uso, causando assombro a todos no seu tempo.

– Toda alma – disse – que abraça com fervor o apostolado do amor fraterno e se sente capaz de grandes sacrifícios pela redenção de seus semelhantes, está em condições de servir como instrumento transmissor das dádivas de Deus para as suas criaturas.

– Perdoa, Mestre – disse Simão (Pedro), mas, se fazes tantos prodígios, é porque és o Messias anunciado pelos Profetas!...

O Mestre acrescentou:

– Já é chegada a hora!... Levantai-vos, meus amigos, pois tendes toda a Humanidade terrestre e vinte séculos pela frente para difundir aos quatro pontos cardeais o meu ensinamento de amor fraterno, estabelecido nas últimas palavras da Lei:

"AMA A TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO."

Depois do frugal almoço, Jhasua subiu com Pedro e João a uma das barcas que balançavam brandamente nas águas do lago.

– Remai – disse-lhes –, pois quero, sem outras testemunhas além da água e do céu, entrar em vossos corações para ter a certeza de que sois aqueles que devem sair ao meu encontro neste momento solene de minha vida missionária.

– Que estás dizendo, Senhor? Não te compreendo! – perguntou Pedro com certa inquietação.

João tampouco compreendeu essas palavras do Mestre; no entanto, sua natureza terna e sensitiva em extremo fez com que recostasse sua bela cabeça ruiva no ombro de Jhasua, enquanto lhe dizia bem baixinho... quase ao ouvido:

– Somente sei que te amo imensamente, Jhasua!... e não desejo nada mais senão amar-te!

– Dia virá em que compreendereis estas minhas palavras – disse o Mestre, e lhes referiu, como se contasse uma historieta perdida nos séculos, um belo poema de ternura de um Mestre de outras épocas chamado Antúlio, cuja mãe Walkíria lhe repetia constantemente: "Não é necessário, meu filho, te esforçares tanto em esvaziar sobre mim tua divina sabedoria. Desejo apenas ter o teu amor e não quero aprender nada mais senão a amar-te!..." E o Mestre fixou no rosto de João seu olhar de Iluminado.

– Como essa mulher de tua história, sinto dentro de mim – disse João pensativo –: nada mais senão amar-te!... – repetia novamente.

– Ainda não terminei a história – disse o Mestre.

"Quando Antúlio foi condenado a morrer por causa de sua doutrina, tinha um jovem discípulo ao qual havia curado de uma ferida mortal na cabeça. Esse jovem o seguia como um cãozinho sem que ele se desse conta disso, e quando perante o tribunal lhe deram a taça de veneno, o jovem saltou como um cervo ferido dentre a multidão e deu um golpe com o punho na taça fatal, fazendo-a cair despedaçada em mil pedaços, ao mesmo tempo que gritava com furioso desespero:

'Não beberás!... Não beberás!...'

"Uma crise de nervos o atirou ao solo e não pôde ver a segunda taça envenenada que foi dada ao Mestre Antúlio.

– Oh! – gritou Pedro sem poder conter-se... – Eu houvera feito o mesmo que esse mocinho com a primeira, a segunda e a terceira taça envenenada que houvessem dado ao meu Mestre.

– Remai para a margem – disse Jhasua – pois terminou a história e encontrei os personagens...

– Que queres dizer, Mestre? – voltou Pedro a perguntar.

– Eu te direi mais adiante, meu amigo. Cada coisa a seu tempo.

"Agora volto a Nazareth e voltarei ao lago daqui a três dias."

Tal como disse, assim cumpriu e, no mesmo lugar do dia anterior, estavam esperando-o Pedro, João, Santiago e André.

– Mestre – perguntou Santiago. – Não posso seguir-te como o meu irmão João?

– Se o queres, por que não?... – aquiesceu o Mestre. – Soube que ias casar. Se assim procederes, o teu dever como chefe do lar te impede de entregar-te à vida errante de missionário.

– Ia casar-me com Fatmé, a filha de Hanani, mas quando se agravou sua enfermidade do peito, separamo-nos de comum acordo. Logo viemos a saber aqui, Mestre, que a curaste e então voltei a insistir; no entanto, ela não concordou em continuar com as nossas relações, alegando preferir cuidar da velhice de seus pais.

– André também quer seguir-te, Mestre – disse Pedro, enquanto aquele se dobrava sobre a areia da praia para recolher alguns cordéis usados para remendar as redes. Era extremamente tímido e tinha vários anos menos que seu irmão Simão.

– E por que ele mesmo não me pede isto? Desta forma demonstraria a decisão de sua vontade – acrescentou Jhasua.

– Mestre, meu irmão faz a metade do trabalho, esperando-me para fazer a outra metade. Meu pai dizia que, desde criança, esse filho aguardava sempre que outro tomasse o pão e lhe desse a metade. Quando não agia assim, achava-o estranho.

– Nesta oportunidade, o pão de Deus és tu, Senhor!... Eu o tomei e André quer a metade a que se julga com direito e que jamais lhe foi negada por mim!...

O Mestre sorriu diante do quase infantil raciocínio de Pedro e, olhando para André, disse com inefável doçura:

– Vem aqui, André, apanhar a metade do pão que teu irmão lhe dá. Também chegou a tua hora, meu amigo, e espero que ao meu lado adquirirás a decisão e energia necessária a toda alma para abraçar o apostolado da Verdade.

André aproximou-se meio perturbado por ver descoberto o seu defeito de excessiva timidez, que quase o incapacitava para agir na vida sem o apoio do irmão.

– Preciso de homens fortes!... – disse o Mestre com simplicidade. André

mostrou então seus braços, com os punhos cerrados, pretendendo mostrar sua boa musculatura.

– Sozinho, consigo arrastar uma barca carregada puxando-a pela amarra – mencionou com satisfação e orgulho.

– Muito bem, meu amigo. Idêntica força como a de teus punhos é necessário que tenhas em tua vontade, para que, chegado ao apostolado árduo e penoso de dizer aos homens a Verdade, sejas capaz de ir buscar sozinho o pão de Deus e dá-lo aos demais, na medida em que o necessitam. Compreendeste-me, André?

– Sim, Mestre – respondeu o futuro apóstolo do Cristo, sentindo uma energia nova invadir-lhe todo o ser.

Estavam neste diálogo, quando se aproximou Zebeu*, recém-chegado de Tolemaida. Com ele vinham Tomás de Tolemaida, Felipe de Cafarnaum e Matheus de Acre, chamado também "o Levita", porque sua família pertencia à Tribo de Levi. Avisado por Zebeu de que o Mestre estava em Nazareth, onde permaneceria durante a passagem do trigésimo ano de sua vida, e tendo, todos eles, parentes junto ao lago, pensaram em visitá-lo, pois, já em outra oportunidade, como o leitor facilmente recordará, haviam-se encontrado com ele na intimidade, recebendo certos avisos vagos de que deveriam segui-lo no seu devido tempo.

– Eis que a voz do Senhor vai anunciando a hora, como o anuncia um sino de bronze cujos ecos chegam ao coração daqueles que devem vir – disse serenamente o Mestre, vendo os quatro que se aproximavam.

Haviam chegado à casa de Myriam, em Nazareth, e o tio Jaime informou-lhes que Jhasua se encontrava com as famílias de Simão e de Zebedeu junto ao lago.

O encontro foi agradável para todos, pois se conheciam dos Santuários Essênios do Carmelo e do Tabor, aonde compareciam pelo menos uma vez a cada ano. Além do mais, existia entre todos laços de parentesco distante ou de amizade antiga.

– Como conseguistes combinar para chegar os quatro juntos? – perguntou Pedro, cuja simplicidade e franqueza o levava a falar sem maiores reflexões.

Os quatro se entreolharam e olharam depois para Jhasua, que escrevia na areia, com uma varinha de vime, os nomes dos recém-chegados.

– O Mestre chamou-nos em sonhos – disse Felipe, que era o mais resoluto de todos.

– É verdade, Mestre, que nos chamaste? – perguntou Tomás.

– Acabo de dizer – respondeu Jhasua – que a voz do Senhor, como um sino de bronze, vai levando seus ecos até o coração dos que devem aproximar-se do meu.

– Eu estava em Tolemaida – disse Zebeu – bastante entretido com uma porção de sobrinhos, filhos de minha única irmã, quando adormeci uma noite no estrado da lareira, vendo apagar-se o fogo que, pouco a pouco, extinguia as suas chamas. Pareceu-me ver-te em sonhos e ouvi a tua voz dizendo: "Seguiste-me nas glórias de Damasco e de Tiro, e me abandonas nas tristezas e humilhações da terra natal?"

"Realidade ou sonho, no dia seguinte levantei-me decidido a vir procurar-te, Mestre, e aqui estou."

Jhasua sorriu em silêncio olhando para Zebeu com indizível ternura.

– Eu – disse Tomás – estava desgostoso pela morte de meu pai ocorrida no verão passado e, mais ainda, pela partida do meu irmão para o outro lado do Mar Grande, levado pela ambição de aumentar sua fortuna. Coloquei muita coisa do

---

(*) Ou Nathanael. Não confundir com Simão, o Cananeu (Zelote), também com o mesmo nome de Nathaniel.

estoque do nosso velho negócio de sedas, tapetes e artesanatos entre a antiga clientela e, sentado na barca do velho Manoas, não sabia que rumo tomar. Ele mencionou o prodígio da cura de seus sobrinhos, reduzidos ao último extremo da dor e da miséria. Sob esta impressão adormeci entre as cordas e velas da sua barcaça e sonhei que via Jhasua de Nazareth, já homem, tal como agora o vejo. Despertei com a idéia fixa de que ele me havia dito assim:

"Quando eu era criança e tu um jovem, me amavas e me acompanhaste até o Monte Hermon. Não é próprio de fiéis amigos segui-lo na primeira hora e abandoná-lo nas que virão!"

"No dia seguinte, passava por ali a caravana. Carreguei em dois asnos as mercadorias que ainda restavam e vim buscar-te, Mestre, não obstante, depois de teus prodígios em Tiro, eu te veja demasiado grande para permanecer ao teu lado."

– Agora necessito dos pequenos, Tomás, para que resplandeça mais a obra de Deus que vim realizar – observou o Mestre.

"Vieste e estás aqui, porque *já é chegada a hora*, meu amigo."

– E eu – disse Matheus – via-me também como um pássaro sem ninho, desde que minha irmã Myrina, cujos filhos eram a minha alegria, foi para Naim, levada por seu marido. Minha vida na praça do mercado de Séphoris, cobrando os tributos do Estado, era excessivamente triste e até odiosa, pois, às vezes, me via em situações bastante difíceis e penosas.

"Consegui finalmente desprender-me desse cargo e, uma noite, tendo adormecido em minha tenda no mercado, sonhei que passava pela praça um Profeta de manto branco que me disse: '*Já é chegada a hora, Matheus*; entrega ao Estado o que é do Estado, e vem conquistar o Reino de Deus.'

"No dia seguinte, soube que já havia sido nomeado o meu substituto porque eu arrecadava escassa renda para os agentes do fisco por causa da minha piedade para com os pobres.

"A presença de Zebeu e de Tomás em Séphoris, que me falaram tanto de ti, Mestre, esclareceu o meu sonho com o Profeta do manto branco. Lembrei-me de nossa amizade de crianças, no refúgio das Avós, nas encostas do Monte Carmelo e pensei imediatamente: 'Onde estarei melhor que ao seu lado?'

"Mestre!... Estou aqui para não te abandonar mais."

Jhasua, profundamente enternecido, abraçou Matheus e depois disse:

– A partir deste momento, quero que tenhas uma dupla visão, e que tudo quanto vejas conserves no arquivo da tua memória, para futuro ensinamento à Humanidade.

– A mim ocorreu algo semelhante – acrescentou Felipe. – A morte de minha esposa me deixou mergulhado em profunda tristeza. Sozinho, com minhas duas filhas jovens, fui viver com minha irmã Elisabet de Cafarnaum, de onde me afastaram circunstâncias diversas da vida. Encontrei-a já viúva e solitária, em virtude do casamento de seus filhos que, em razão dos negócios, vivem em Cesaréia de Filipos. Minhas duas meninas são agora mais suas do que minhas, graças ao amor que lhe dedicam.

"Um dia chegou a notícia das maravilhas realizadas por um Profeta Nazareno entre os montanheses da Ituréia. A lembrança de Jhasua veio imediatamente à minha mente e rememorei comovido o encontro que tivemos anos atrás no Santuário Essênio, naqueles momentos em que me sentia muito desventurado. Meu sonho dessa noite acabou por decidir-me: 'Vem comigo, Felipe – disseste-me, Mestre – porque já é chegada a hora de trocares as coisas da terra pelas do céu.'

– Disseste bem – observou o Mestre. – Os desenganos e as dores são os mais

usuais caminhos buscados pelo Senhor para desprender as almas das míseras felicidades da terra e acender nelas as claridades de um novo amanhecer.

"Todos vós viestes vinculados a mim para esta ocasião solene da minha nova aproximação junto à Humanidade.

"Não deveis julgar casual a nossa reunião deste instante, mas como uma velha aliança à qual correspondestes com fidelidade. Felizes aqueles que ouvem a divina voz do Amor Eterno quando lhes fala com sua voz sem ruído e num momento determinado e decisivo, dizendo: '*Já é chegada a hora!*' "

Simão (Pedro), que, não obstante ser o mais idoso dos oito homens ali reunidos, era o mais alegre, franco e ativo e, sentindo-se inundado de felicidade, propôs uma pesca feita particularmente por eles, não com fins de comércio, mas para oferecer um banquete ao Mestre e repartir o restante com os pobres. Aparelhou sua barca mais nova com uma vela branca ainda sem uso e com acolchoados novos de feno, recém-secados ao sol pelas suas próprias mãos.

Era uma serena tarde de inverno com um sol opalino a verter sua tímida claridade sobre o lago azul e as areias douradas.

A alegria serena e meiga do Mestre punha notas de íntima felicidade em todos aqueles corações, que descansavam das preocupações terrenas, não pensando então a não ser naquilo que a alma genial do Messias lhes havia dito: "*Já é chegada a hora!*"

Descansavam nele de tão ampla maneira que, nesse instante, eram como crianças a brincarem unidas ao redor do pai.

A duas milhas da costa, o Mestre mandou deitar a rede, porque teve, sem dúvida, em conta a serenidade das águas mais profundas naquele lugar.

A pesca foi tão abundante que necessitaram chamar pedindo auxílio a outras barcas, daquelas que Simão e Zebedeu tinham sempre entregues também ao seu trabalho.

De tal maneira havia-se enchido a rede, que foi necessário repartir a carga em três barcas.

Quando chegaram à margem, o Mestre lembrou-lhes que aquilo não era para negociar, mas para haver abundância na mesa dos necessitados.

A tenda de Simão e de Zebedeu viu-se invadida pelos que sempre recolhiam os peixinhos desprezados pelos compradores por inferiores ou pequenos demais.

Os avaros agentes dos mercados de Tiberias perguntaram a Simão e aos filhos de Zebedeu:

– Que mau gênio turvou o vosso sono da noite passada, para que hoje estejais a presentear o melhor pescado aos mendigos?

– Porque hoje celebramos o nosso dia de triunfo e de glória – respondeu Pedro, sem dar-lhes maior atenção.

– Israel é livre?... Morreu o César?... Morreu Herodes Antipas?...

Essas perguntas sucediam-se na mesma tenda, onde, em outros dias, se vendia o pescado e agora enchiam as cestas dos pobres, quando, até o dia anterior estes apenas podiam recolher o que os outros desprezavam.

– Que Jehová aumente as águas do nosso mar galileu, e que o César e o Rei vivam muitos anos – responderam os filhos de Zebedeu, sempre atentos a não deixar escapar uma frase que, ouvida por algum romano ou herodiano, pudesse causar complicações em suas vidas.

Uma formosa fogueira sob a luz crepuscular do ocaso foi acesa junto à tenda para aqueles que, não tendo fogo em suas casas, pudessem preparar o pescado recebido de presente.

Foi a primeira obra executada pelos oito discípulos reunidos naquele dia em torno do Mestre.

– Isto jamais vimos – disseram aquelas pobres mulheres carregadas de filhos e também os anciãos desamparados. – Enchem as nossas cestas de quanto pescado cabe nelas e, em seguida, nos dão o fogo para podermos assá-los. Deus desceu sobre a Terra!

Sentado num banquinho junto à tenda, o Mestre contemplava aquele quadro, que foi tomando as tonalidades de uma alegria transbordante. A multidão de crianças pobremente vestidas e alguns descalços; os velhinhos apenas envoltos em pedaços de tecidos de lã, já sem cor definida, mas que os resguardava parcialmente do frio; as mulheres contentes ao ver seus pequenos rebentos alimentando-se abundantemente, tudo, enfim, contribuía para entristecer o Mestre que tão de perto via a miséria em seu país natal.

– Reparai – disse de repente Jhasua. – Nosso banquete será completo se dermos roupas e abrigos a estas crianças descalças e a estes anciãos sem roupas. Daqui a Nazareth são três horas, e não podemos pôr-nos em contato com os dirigentes da Santa Aliança antes da noite para podermos socorrer esta gente.

"Qual de vós tem dinheiro para comprar roupas em Tiberias?"

– Eu, eu, eu... – disseram oito vozes ao mesmo tempo.

– Dois dentre vós ide, pois, até a cidade e trazei mantos de abrigo para os velhos e calças de lã para as crianças. A Santa Aliança vos devolverá amanhã, sob a minha palavra.

Felipe e Santiago tomaram uma barquinha e remaram até Tiberias, cujas brancas torres se via dali resplandecendo à luz do sol poente.

Quando aparecia no zênite a primeira estrela, o Mestre e seus oito discípulos despediram daquela pobre gente, para a qual haviam dado alimento para seus corpos exangues e roupas para abrigá-los e cobri-los.

– Senhor – disse Pedro com a respiração ofegante. – Creio que temos feito jus ao banquete prometido.

– Agora sim, meus amigos! – respondeu o Mestre.

Entraram na tenda, porque o frio já se fazia muito intenso.

João e Zebeu haviam disposto a mesa com a branca toalha de Salomé que, com uma grande cesta de pasteizinhos de mel e uma ânfora de vinho, contribuía, de sua casa próxima, para o primeiro banquete do Mestre com seus discípulos.

De pé diante da rústica mesa da tenda permanecia Jhasua com seu olhar perdido em pensamentos que ninguém podia adivinhar. João, que era muito sensível, percebeu isso e aproximando-se dele, perguntou bem baixinho:

– Que há, Mestre, pois pareces que não estás na tenda? Falta aqui alguma coisa que desejas?

– Sim – respondeu com tristeza. – Faltam ainda quatro que o meu coração esperava hoje.

– Já caiu a noite – esclareceu João – e se devem vir, será só amanhã. Não é a mesma coisa?

– Não, não é a mesma coisa, porque a voz secreta que fala a todo aquele que deseja ouvi-la me havia dito: "Hoje terás os doze que devem seguir os teus passos."

João ficou como aturdido por uma força misteriosa que não compreendia. Não podia ver o Mestre assim preocupado e entristecido.

Os demais discípulos continuavam afanosos, improvisando bancos com as tábuas nas quais colocavam diariamente o pescado para a venda e também com os acolchoados das barcas.

Um cadenciado ruído de remos a golpear fortemente a água e um cantar melancólico e triste rompeu repentinamente o silêncio da noite.

– Gente no mar!... – disseram várias vozes ao mesmo tempo.

– Algum passeante de Tiberias – disse Pedro –, porque os nossos pescadores ceiam ou dormem a esta hora.

– Já estão ali – acrescentou o Mestre, levantando a cortina que fechava a porta da tenda.

Com efeito. O canto cessou e quatro homens saltaram de uma barca sobre as areias da costa.

– Tu os esperava, Mestre! – disse Pedro, saindo, e atrás dele saíram todos os demais.

Quando os quatro viajantes chegaram, houve um tumulto de exclamações, demonstrando que eram conhecidos e que uma ausência de pouco tempo os havia separado.

– Vós que sois do norte vindes ao sul? – perguntou Santiago. – Não há negócios por lá?

– Há sim, e muitos – respondeu um deles, chamado Dídimo ou Bartolomeu –, entretanto, Jaime levou a Cafarnaum a notícia de que o nosso Profeta Galileu estava em Nazareth e viemos vê-lo.

– Aqui o tendes – disse Pedro, levantando a tocha com a qual alumiava a costa à altura do rosto de Jhasua.

– Eu vos esperava – disse o Mestre – porque *já é chegada a hora.*

– Ninguém nos anunciou hora nenhuma – respondeu Judas Tadeu, aproximando-se. – Mandaste acaso algum aviso para nós?

– Os anjos do Senhor vão e vêm levando mensagens divinas aos homens – respondeu sorridente e feliz o Mestre.

Jaime ou Santiago, o mais moço, como foi chamado mais tarde, era um familiar do Mestre que, enviado a Cafarnaum para tratar de assuntos comerciais, foi o porta-voz que levou a boa nova.

Com eles vinha também Judas de Kerioth, parente distante de Bartolomeu que, compadecido pelas grandes desgraças de família que lhe adviram há bem pouco tempo, convidou-o a vir à margem sudoeste do lago, onde tinham velhas amizades.

O Mestre conhecera Bartolomeu e Judas Tadeu há algum tempo atrás, naquela viagem a Ribla.

Ambos, originários de Cafarnaum, eram Essênios do primeiro grau, como a maioria dos bons israelitas, e filiados também à Santa Aliança, cuja finalidade não tinham chegado a compreender totalmente. Para eles era apenas uma irmandade religiosa de socorros mútuos.

– Este amigo quer consultar contigo, Jhasua, suas coisas íntimas – disse Jaime apresentando Judas de Kerioth. – Sabe que és Profeta e confia em ti.

O Mestre envolveu-o num terno olhar, enquanto todos entravam na tenda, e disse:

– O Pai Celestial derrama sua claridade sobre toda alma que a pede com esperança e fé.

– Quatro lugares mais na mesa! – gritou Pedro que, por ser o mais velho e talvez o mais querido dentre todos, julgava-se com direitos de mando na velha tenda, lar dos pescadores do lago.

– Eis que a Eterna Lei reuniu hoje, ao meu redor, os doze comprometidos para esta hora – disse o Mestre.

Judas de Kerioth levantou seus olhos escurecidos por negra angústia e os fixou em Jhasua, que também o observava.

"A Bondade Divina – acrescentou como respondendo ao olhar de Judas que parecia interrogar – procede às vezes com as almas como as vossas redes de pescar.

"Estende-as no mar de sua infinita imensidão, e caem nelas as almas como levadas por suaves correntes. Não te sintas estranho entre nós, Judas, porque estava escrito que devias vir."

– Graças te dou, Profeta de Deus!... – respondeu Judas, e foram estas as primeiras palavras que falou junto ao Mestre.

Sentado à cabeceira da mesa, Jhasua podia observar todos.

Pela primeira vez, repartiu entre eles o pão e o vinho, símbolo ternissimo usado no Oriente para iniciar uma amizade duradoura, forte e profunda.

À margem do Mar da Galiléia, sob uma tenda de pescadores, o Cristo fundou nessa noite memorável o místico Santuário, cofre de seu pensamento eterno: *A irmandade fraternal entre os homens.*

Quando já havia terminado a ceia, entre amistosas conversações salpicadas com a centelha da luz e do talento que escapavam da mente do Ungido, chegou o tio Jaime que, tendo regressado de Caná, encontrou Myriam aflita porque seu filho tinha saído de madrugada para voltar ao entardecer e já era muito tarde da noite. Acompanhava-o o avô Alfeu.

A lua radiante resplandecia de singular maneira sobre a formosa planície que começava a cobrir-se de neve.

– Também há aqui lugar para ambos, bom Jaime – disse Pedro, pois eram velhos amigos.

– Já fiz a digestão de minha ceia – respondeu o aludido.

– Ocorre algo lá em casa, tio Jaime? – perguntou o Mestre.

– Nada de novo. Apenas o amor de tua mãe esperando ainda junto à lareira.

– Na verdade julguei poder regressar ao ocaso; no entanto, estes quatro que esperava demoraram muito a chegar – esclareceu o Mestre.

"Simão! – chamou em voz alta. – Hospeda-os na tua tenda por esta noite e também por amanhã. Voltarei no terceiro dia."

Mas apenas ficaram ali três dos quatro últimos que chegaram; pois o tio Jaime com os outros seguiram o Mestre a Nazareth, onde tinham casas de parentes nas quais podiam hospedar-se.

O Ano Trinta

Apenas o Mestre entrara no trigésimo ano de sua vida, viu-se rodeado dos doze discípulos escolhidos entre as pessoas do povo da Galiléia.

Nos três primeiros meses, tratou de examinar minuciosamente seus conhecimentos e o grau de sua evolução espiritual.

O velho casarão de Simão Barjonne, pai de Pedro e de André, havia ficado vazio, e foi ali a hospedagem dos doze nos primeiros tempos.

O tio Jaime manteve-se sempre fora daquela pequena escola, porque reservou para si a tarefa de administrador de Jhasua, por especial recomendação de Myriam,

que apenas sob essa condição ficava tranqüilizada em face de vida errante e, de seu ponto de vista, infeliz, abraçada pelo filho.

Nessa época, o Mestre levou seus doze discípulos ao Santuário do Monte Tabor, perdido entre as imensas grutas daquela montanhosa região da Galiléia, para que, no rico arquivo de ciência antiga ali existente, fossem instruídos nos caminhos de Deus que estavam seguindo desde distantes épocas, cumprindo desse modo velhas alianças que os séculos não haviam podido romper.

Ali deixou-os entre os Solitários por setenta dias, e partiu com sua mãe e o tio Jaime para a Judéia, para entrevistar-se com o seu primo João, que dava ensinamentos às multidões nas margens do rio Jordão.

Enquanto os Mestres Essênios se entregavam à honrosa tarefa de cultivar aquelas árvores rústicas e humildes com as águas da Divina Sabedoria, sigamos o Mestre até o sul do país, em busca de Johanan, chamado o Batista, porque em visão premonitória já o havia visto encarcerado por causa daquela perversa mulher, Herodíades, que ele humilhou um dia na Cesaréia de Filipos, de onde ela fugira sentindo-se desprezada pelo povo.

Aliados desde distantes séculos para esse momento da evolução humana, necessitava entrevistar-se com o seu grande amigo e parente antes que chegasse a tormenta, na qual Johanan devia sacrificar a sua vida pela verdade e pela justiça.

Jhasua queria ver de perto a obra de Johanan e examinar com ele o ensinamento no qual deviam fundamentar a obra realizada em conjunto. O desejo de Myriam de acompanhá-lo a Jerusalém para as festas da Páscoa deu-lhe a oportunidade de realizar também os seus propósitos referentes a Johanan.

Desde o seu regresso do Monte Hor, onde conferenciou com os grandes Mestres daquele tempo, não via os amigos de Jerusalém, e apenas mantiveram contato distante através das cartas trocadas entre eles e por mensagens dos Terapeutas-Peregrinos ou, ocasionalmente, por intermédio dos familiares que viajavam anualmente para aquela cidade.

O príncipe Judá, com Nebai e Noemi, tinham regressado da estada em sua vila na costa do mar, na região do Lácio, na formosa Itália, segunda pátria de Judá, visto como toda a sua primeira juventude havia passado em Roma e no golfo de Nápoles.

Tinham um formoso menino de vinte meses, ao qual chamaram Jesuá Clemente. Tinha os cabelos de ouro de Nebai e a fisionomia e os olhos negros de Judá.

– É o primeiro presente que te oferecemos – disse o príncipe Judá, colocando-o sobre os joelhos de Jhasua.

O Mestre estreitou em seu peito aquela cabecinha dourada, fazendo-lhe recordar a buliçosa e risonha Nebai da cabana de pedra, junto à fonte das pombas. Aqueles olhinhos escuros tinham a doce melancolia dos olhos do pai quando, quinze anos antes, era levado prisioneiro pelos soldados romanos, destinado às galeras do César.

Jhasua, Judá e Nebai rememoraram ao mesmo tempo esses quadros distantes, que a recordação intensa e profunda fazia reviver como uma chama novamente acendida.

– Que este menino seja o cofre de diamantes a guardar em si mesmo nossa aliança de amor eterno! – disse Jhasua, enquanto mantinha o pequenino apertado ao seu coração.

Como se já o conhecesse há muito tempo, o menino distraía-se passando seus dedinhos pelos cabelos castanhos do Mestre a cair-lhe até o ombro.

– Dize a este Senhor – pediu Judá a seu filho – o que serás quando fores grande.

O menino, com sua linguagem peculiar e encantadora, desfigurando sílabas e palavras, respondeu: "*Soldado do Rei de Israel.*"

Hach-ben Faqui com Thirza e Noemi não estavam nesse instante no velho palácio da rua do Comércio, mas chegaram uma hora depois. Haviam acompanhado Noemi às cerimônias litúrgicas daquela manhã no Templo.

Uma criada trazia nos braços uma criaturinha débil, branca e melancólica, como uma flor de pouca vida.

O abraço do africano em Jhasua demonstrou-lhe não ter diminuído em nada a veemência daquela amizade.

Thirza aproximou-se de Jhasua com sua timidez habitual e, apresentando-lhe sua pequenina, disse:

– Terás que fazê-la viver, Mestre, porque esta pobrezinha parece carregar todas as minhas angústias do calabouço. Chora sempre e apenas toca nos alimentos.

Jhasua deixou o robusto menino de Judá, que saiu correndo ao encontro da avó, e tomou nos braços a débil menina de Thirza.

– Nasceu em Cirene – disse Faqui – e demos-lhe o nome de Selene, porque a rainha dos tuaregues assim o pediu.

Tinha mais ou menos a mesma idade do menino de Nebai; entretanto, era menor e não mostrava ainda sinais de querer caminhar.

Jhasua a manteve nos braços até que despertou. Então começou a falar-lhe:

– A partir de hoje, não chorarás mais, Selene... nunca mais, e começarás a andar por teus próprios pés sobre esta terra aonde chegaste para ser uma de minhas missionárias como teu primo Jesuá.

Falando desse modo, tirou a grossa manta que a envolvia e colocou a menina em pé sobre o tapete que cobria o pavimento da sala.

Thirza correu para tomá-la nos braços, temerosa de que sofresse alguma queda.

– Deixa-a – disse o Mestre. – Não temas, Thirza, não temas!

Todos olhavam para a pequena criatura que mais se assemelhava a uma bonequinha, imóvel diante dos joelhos de Jhasua.

– Vamos, Selene! – disse-lhe docemente. – Anda para junto de tua mãe que te está esperando.

A menina vacilou por um momento, e logo a seguir, com os bracinhos estendidos para Thirza, começou a andar serenamente.

Não houve como fazê-la parar, pois ia de Jhasua à mãe como se a energia que sentia a obrigasse a caminhar sem parar.

– Basta, já basta! – disse Faqui, querendo detê-la; no entanto, a menina parecia não ouvir nem obedecer a outra ordem senão ao pensamento de Jhasua, que continuava dizendo-lhe: "Anda, anda, anda!"

Quando ele julgou que aquele pequenino corpo já estava suficientemente forte, tomou-a nos braços e ele mesmo a levou para o berço.

– Agora dorme, Selene, que o sono te fará bem. – Alguns momentos depois, a menina dormia profundamente.

"Quando despertar – disse –, dá-lhe um banho morno e logo um pouco de leite quente com mel. Era apenas falta de energia e vitalidade, pois não tem doença alguma.

– Oh, Jhasua!... – disse Faqui. – Sempre serás o mesmo semeador de benefícios pelos caminhos da vida!

– Foi para isso que vim à vida, meu amigo – respondeu o Mestre.

Simônides voltou nesse momento do Templo, aonde fora com sua filha Sabat.

A presença do seu "soberano Rei de Israel", como ele o chamava, encheu-o de júbilo.

– Já perdia quase a esperança de tornar a ver-te, meu Senhor! – disse abraçando-o mais de uma vez. – Mas agora imagino que és nosso outra vez e que o meu Senhor não nos abandonará mais.

– Agora serei todo para os meus compatriotas – disse o Mestre. – Não obstante saber que, além de vossas amizades, não encontrarei grandes amigos na terra natal.

– Por que, meu Senhor?

– "*Porque ninguém é profeta em sua terra*", conforme diz o adágio popular.

– Porém isso não diz respeito a ti, Senhor, porque és o que és em qualquer lugar da Terra onde puseres os pés.

– Oxalá seja como dizes, meu bom Simônides! – respondeu Jhasua.

Myriam e o tio Jaime haviam ficado na casa de Lia que, estando já muito debilitada pela idade, quase não abandonava o calor do lar, a não ser por extrema necessidade.

O Mestre fortaleceu-a até o ponto de ela poder chegar ao Templo nessa Páscoa, cujas solenidades foram as últimas que viu no mundo físico.

O príncipe Judá e Faqui convidaram o Mestre para ir até a casa de Nicodemos, onde, como já dissemos, se reunia a pequena Escola mantida pelos quatro amigos: José de Arimathéia, Nicodemos, Gamaliel e Nicolás de Damasco.

Os quatro tinham sido designados professores do Grande Colégio onde era educada a juventude israelita de alta posição. À força de contínuas rebeliões, os estudantes conseguiram que quatro cátedras fossem dadas a homens menos intransigentes e mais adaptados às novas correntes vindas das Escolas de Atenas, de Pérgamo e de Alexandria. Os velhos Reitores Hillel, Simeão e Gamaliel, que durante quarenta anos estiveram sucedendo-se na suprema direção daquela casa de estudos, haviam morrido e a escolha de Gamaliel (o jovem) como reitor, e de José de Arimathéia e Nicodemos como regentes auxiliares, foi um verdadeiro triunfo do estudantado israelita daquele tempo.

Entretanto, como alguns íntimos dos velhos reitores desaparecidos ficaram em suas antigas cátedras e postos importantes no Grande Colégio, havia sempre facções e litígios entre os antigos mestres, intransigentes, e os modernos, mais tolerantes com as novas idéias.

Como conseqüência de tudo isto, os doutores, amigos de Jhasua, viam-se grandemente coibidos em sua vida exterior, pois sabiam que estavam sendo vigiados por essa multidão de invejosos que buscavam nem que fosse uma única palhinha para deitar lodo entre o adversário.

O único a ficar mais livre dos quatro foi Nicolás de Damasco, que, por não ser originário da Judéia, encontrou maiores oposições para os altos cargos aos quais subiram os seus companheiros. Esta circunstância permitia-lhe maior liberdade de ação para colaborar na obra de libertação do povo hebreu a que estavam inteiramente consagrados o príncipe Judá e Hach-ben Faqui, secundados por Simônides e pelos príncipes Jesuá e Sallum de Lohes, bem como por outros homens de prestígio pertencentes à aristocracia judaica, chamados pelas crônicas daquele tempo: "a seita dos saduceus." Esta denominação devia-se, sem dúvida, ao nome de um antigo príncipe chamado Sadoc, o primeiro adversário da tirania dogmática dos Fariseus.

Com esta explicação, o leitor compreenderá perfeitamente as precauções que deviam ser tomadas para realizar essas reuniões, nas quais eram estudados os meios de livrar a Nação Hebréia, não apenas do domínio estrangeiro, como também da prepotência do alto clero que, amparado na chamada Lei de Moisés, explorava o povo

com os dízimos, as primícias e, principalmente, com a obrigação imposta de sacrifícios de animais por futilidades que em nada transgrediam a Lei.

Os membros dessa Escola ou Sociedade secreta, que era como a Direção Suprema da Santa Aliança, sonhavam todos com o novo Reino de Israel, a ressurgir das cinzas gloriosas de David e Salomão, tendo por sede Jerusalém e por soberano Jhasua de Nazareth, o Messias anunciado pelos Profetas.

A única pessoa alheia a todas essas combinações e sonhos era o Mestre, fundador da Santa Aliança, e contava com ela para educar o povo na base da verdadeira Lei Divina e para aliviar suas dores e a miséria em que se encontrava.

A casa onde se realizavam essas reuniões aparentava ser, como já dissemos, um lugar destinado a repartir roupas e provisões aos pobres, e também como oficina de tecidos para ensinamento gratuito aos órfãos ou filhos de famílias sem recursos.

Esse antigo casarão fora escolhido em virtude de sua situação estratégica, muito adequada para esquivar-se da vigilância dos poderes reinantes.

Estava situado perto do muro oriental da cidade, a trinta passos da porta chamada de Josaphat ou Bethphagé, em razão da proximidade ao reservatório desse nome, e também porque dava saída para o Vale de Josaphat, povoado de grandes monumentos funerários, alguns dos quais tinham comunicação com aquele Caminho de Esdras, conhecido do leitor, e pelo qual os levitas e sacerdotes Essênios realizavam obras de misericórdia e também de salvamento, quando se apresentava o caso.

Por aquele caminho haviam sido salvos os três sábios do Oriente, Melchor, Gaspar e Baltasar, de cair nas mãos de Herodes, há vinte e nove anos.

Simônides, o homem com olhos de lince, segundo dizia o Mestre, tinha examinado aquela casa, transformando-a numa fortaleza, no sentido de torná-la apta para se fugir dela sem serem vistos, no caso de uma vigilância extremada. Do mesmo modo, era possível sair dali pelo Caminho de Esdras para os grandes túmulos do Vale de Josaphat, como para o Monte das Oliveiras, onde os Terapeutas tinham um refúgio, ou para o Caminho de Jericó. A proximidade do reservatório, dotado de aquedutos e saídas de esgotos, a proximidade do Templo e da Torre Antônia, tornavam aqueles lugares muito freqüentados por toda classe de pessoas, motivo pelo qual era muito fácil passar por ali desapercebidos.

O novo procurador romano, Pôncio Pilatos, era homem tranqüilo e inimigo de confusões e injustiças. O centurião, comandante da guarda pretoriana, era um jovem militar que servira sob as ordens do duúnviro Quintus Árrius, pai adotivo do príncipe Judá. Chamava-se Longhinos e o estimava com fervor, embora lamentasse ser judeu de raça, pois tinha o conceito de que todos os judeus eram de alma vil e que se vendiam por um pouco de ouro.

– Algum mau gênio fez com que os deuses – disse Longhinos ao príncipe Judá – se equivocassem ao mandar-te para a vida. Devias ter nascido junto ao rio Tibre, e não ao Jordão.

"No entanto, o nome de Quintus Árrius apaga cinqüenta vezes o teu nome judeu – e se empenhava em chamá-lo de Árrius. As generosidades de Judá apertavam mais ainda aquele laço que envolvia também sua família.

Todas essas circunstâncias pareciam favoráveis aos amigos de Jhasua que trabalhavam secretamente pelo estabelecimento do grande Reino de Israel, livre do domínio estrangeiro.

Esboçado assim o novo cenário, vejamos os nossos personagens, velhos amigos, cujos sentimentos e modos de pensar já nos são fartamente conhecidos.

Nessa casa, que foi da família de Nicodemos, começou a luta do Mestre em persuadir seus amigos de que o seu caminho não era o das grandezas reais com as quais sonhavam.

As crônicas cristãs falam de um Satanás tentador que, num dado momento, se apresentou ao Mestre para desviá-lo do seu caminho através de brilhantes oferecimentos de poderes e de riquezas extraordinárias.

Nessa casa de Jerusalém, naquela mesma tarde em que Judá e Faqui o levaram lá, começou o sofrimento intenso do Mestre, que precisara lutar sozinho contra o poderoso embate de mentalidades fortes que haviam forjado e alimentado durante dez anos os mais belos sonhos e, humanamente falando, de possível realização.

Arquelau, filho de Herodes, foi deposto do efêmero reinado deixado por seu pai sobre a Judéia e a Samaria. Foi desterrado para a Gália por causa de sua inépcia e de seus escândalos que o tornavam odiado pelo povo. Seus dois irmãos, Herodes Antipas e Felipe, eram, respectivamente, tetrarcas da Galiléia e da Peréia. Traconítis e Batanea eram personagens secundários de uma tragicomédia que se desenrolava entre a orgia e o crime. O Supremo Pontificado era um feudo, do qual o alto clero tirava ouro aos montões, sem dispensar qualquer atenção ao povo que se debatia entre a miséria e a fome e em cuja sombra crescia o ódio contra os poderes reinantes.

Toda a Arábia, desde Damasco ao Mar Vermelho, estava em armas, aguardando o sinal de Israel para lançar sobre a Palestina o furacão de seus lanceiros e ginetes, que corriam como as avalanchas de areia arrastadas pelo Simum.

A bravia raça tuaregue tinha mandado para o deserto da Líbia seus melhores guerreiros para aguardar em Cirene o sinal de que já havia soado a hora da libertação para o Oriente oprimido e desgarrado pela loba romana.

O rei Abgar de Togorma (Armênia) fizera aliança com o rei de Padam-Hirão, e seus indômitos montanheses tinham passagem livre até Cachemir, a poucas milhas de Antioquia.

Este rei Abgar era descendente distante de Asdrubal, irmão do grande Aníbal, o herói cartaginês, e conservava profundo ódio a Roma.

O rei Zate Adiabenes, filho da piedosa Helena, discípula de Baltasar, fazia parte da forte aliança de principados e de pequenos reinos oprimidos e dizimados pelo poderio romano.

O leitor recordará que Helena era irmã de Noemi e, portanto, tia do príncipe Judá, alma desse grande movimento libertador.

Tudo isso foi ouvido por Jhasua em vibrantes discursos naquela tarde quando compareceu à reunião no velho casarão que fora de Nicodemos.

– És um filho de Israel, da real descendência de David, como o prova a tua genealogia conservada sem interrupção alguma desde os seus dias gloriosos até o momento presente – disse o príncipe Judá, com a veemência ardente de seu temperamento, redobrado pelo grande amor que dedicava a Jhasua.

"Nossos mais antigos livros sagrados, nossas crônicas milenárias, salvas de todas as hecatombes de invasões, incêndios e extermínios, nos dizem com o testemunho de Esdras, de Nehemias e de Zorobabel, os três grandes reorganizadores da nossa nação e restauradores de Jerusalém e do templo, que essas genealogias das famílias reais são autênticas, motivo pelo qual, levando em consideração de nem sequer faltar esse detalhe na tua personalidade, estamos convencidos de que és, Jhasua, o Ungido de Jehová, para libertar o seu povo do domínio estrangeiro.

"Esses príncipes e doutores de Israel levam dez anos estudando as profecias do

advento do grande ser salvador da nossa raça, e tudo concorda e se reflete sobre ti com a claridade da luz solar sobre uma fonte tranqüila.

"Teus amigos aqui presentes percorreram as capitais do Oriente, conferenciaram com seus reis e príncipes, alguns dos quais te conheceram ultimamente, viram tuas obras, sentiram de perto a Luz acendida por Jehová no teu coração, e não há um único que rechasse a idéia de que és o anunciado pelos nossos Profetas com a finalidade de trazer para a Terra, em nome do Eterno, a santa liberdade dos filhos de Deus.

"Somente tu, Jhasua, negas o desígnio divino! Não amas, acaso, o teu povo?... Não te comove a miséria de nossos irmãos?... Esperas, acaso, outro que virá depois de ti, ou acaso já está entre nós e não o conhecemos?

"Fala, por Deus, Jhasua, pois o momento é propício!... Apenas aguardamos a tua palavra, a tua aceitação, a tua firme resolução de tomar o timão de nossa nave que está naufragando e que, se não a salvas, submergirá irremediavelmente."

Todos os olhos estavam fixos no Mestre, cuja serenidade era imponente. Parecia uma estátua de mármore branco que, numa costa bravia, esperava o embate das ondas.

Alguns adivinhavam sua violenta luta interior, principalmente José de Arimathéia mais do que os outros, motivo por que disse:

– Príncipe Judá... interpretaste bem o pensamento de todos; no entanto, devemos lembrar que Jhasua não está de acordo com o modo de pensar e de sentir de todos os nossos aliados do Oriente, e talvez ele suponha reduzir-se tudo a excessivos entusiasmos nossos que julga impossíveis de realizar.

"Proponho, pois, sejam lidas pelo notário as atas redigidas em todas as capitais vizinhas, aprovadas e firmadas pelos reis, príncipes e etnarcas que aderiram à nossa aliança."

Nicolás de Damasco, o notário, tomou da mesa diante da qual estavam todos sentados uma volumosa pasta cheia de pergaminhos, dos quais pendiam fitas de diversas cores com os selos das pessoas que os tinham firmado.

Os pequenos Estados da Ásia Menor, com costas sobre o Mediterrâneo, Cilícia, Pamphylia, Lícia, Cária, Lasea (em Creta), Rhodes e Paphos (em Chipre) estavam representados na grossa pasta que Jhasua olhava fixamente.

Os tuaregues do Saara tinham conquistado alguns caudilhos da Líbia e do Egito; e as tribos nômades do Mar Vermelho e da Etiópia se haviam unido ao rei Harot de Petra.

Nicolás de Damasco iniciou a leitura dessas atas e dos nomes dos que as firmaram com as respectivas datas e lugares onde tinham sido lavradas, nas quais constava ainda o número de guerreiros com que cada uma contava.

Todos observaram que o Mestre ia anotando num pedaço de pergaminho as cifras indicadoras dos homens de armas que cada chefe de Estado oferecia.

Quando terminou a leitura, ele fez a soma desse considerável contingente de guerreiros.

Somavam quatrocentos mil e seiscentos homens.

– Quatrocentas mil e seiscentas vidas humanas, representativas de outros tantos lares, expondes à morrer para que eu seja Rei de Israel! – disse com infinita amargura. – E chamai-vos filhos do Deus de Moisés, cuja Lei diz: *"Não matarás!"*

"Ou julgais que as legiões do César vos esperam com os braços cruzados ou tocando cítaras e alaúdes?

"O rei David, do qual dizeis que descendo, devastou e assolou os países desde o Eufrates até o Mar Vermelho, para engrandecer seus domínios e satisfazer suas ambições de poder e de riquezas.

"Se descendo ou não de David, não o sei nem me interessa saber; apenas sei que venho do Pai Universal dos mundos e das almas, para exterminar o ódio e semear o amor sobre a Têrra.

"Creio que o meio proposto por vós não está de acordo com a Vontade Divina com relação a mim.

"Sou o Messias anunciado pelos Profetas!...

"Sou o Ungido do Eterno para a salvação da Humanidade!

"Meu poder é eterno sobre todas as almas que vêm a este mundo, e ninguém as arrancará de meus braços, porque são minhas desde imensas épocas, e continuarão sendo minhas por toda a eternidade. Contudo, meu reinado não se imporá com as armas nem com a violência e o extermínio.

"O Supremo Senhor a quem represento não é o Jehová dos exércitos vislumbrado pelos Doutores e Príncipes de Israel à luz de relâmpago e entre o brilhar das lanças e o sibilar das flechas.

"É o que disse a Moisés no cume do Sinai:

"Ama-me acima de todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo.

"Ama-me na luz do Sol que revigora toda vida e cuja força de atração mantém o equilíbrio dos mundos deste sistema.

"Ama-me na água das chuvas com a qual fecundo os teus campos, para que tenhas azeite e trigo em tuas despensas e vinho em teus lares!

"Ama-me no ar que respiras, na luz que te ilumina, na terra que te sustenta, nos bosques que te dão fogo, nos hortos que te oferecem os seus frutos e nos jardins que te coroam de mirtos e de rosas!

"Ama-me acima de todas as coisas, porque sou o teu Criador e teu Senhor, e ama também a todos os seres semelhantes a ti, porque sou o Pai de todos, e todos vós saístes de meu seio para serdes justos e felizes na posse eterna do meu amor!

"Se o conceito que tendes de Deus, a quem adorais, é diferente do que acabo de esboçar, acreditai: estais enganados, e pouca diferença existe entre vós e os adoradores de Baal, de Marduk ou de Astarté, que ordenam a seus devotos o extermínio dos adversários.

"Meu reinado não se imporá com as armas nem com o extermínio, é o que digo e acrescento ainda mais: meu manto branco de Mestre da Sabedoria Divina não se manchará com o sangue de irmãos, nem se molhará com o pranto de anciãos desolados, de viúvas desesperadas e de órfãos sem lar vagando pelos caminhos.

"O Eterno Senhor da vida ter-me-ia ungido acaso para sentar-me num trono de ouro à custa de inúmeras vidas e de infinita dor humana? Acreditais que o Deus onipotente, tendo feito surgir milhões de mundos de si mesmo, necessita que morra assassinada nos campos de batalha uma multidão de suas criaturas para coroar um enviado seu como rei de uma nação determinada?

"Meu reinado é eterno sobre este mundo; ele me foi dado pelo Pai Celestial em herança há muitos séculos, e saberei manter este divino legado pelos séculos dos séculos!...

"Mas não pretendeis apressar a hora nem torcer o caminho que está determinado no pensamento de Deus, da mesma maneira como Ele demarcou a trajetória das estrelas e os limites do mar!

"Quando Ele quer, não me dá poderes supremos sobre as enfermidades, os elementos e a morte?

"Ousais pensar que o Ungido de Deus se tornará solidário com a matança e o extermínio, quando sente tão próximo de si a voz divina que lhe diz: Ama-me acima de todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo?

"Meu trono será formado de corações amorosos, meus amigos... minha coroa real será forjada em diamante por todos aqueles que triunfarem sobre a mentira e a ignorância, e virão a mim com suas mãos puras e suas cabeças coroadas de rosas!...

"Minha túnica de linho e meu manto de púrpura serão tecidos pelas mãos que vestem os desnudos e secam o pranto dos que sofrem!...

"Oh, meus amigos de agora e de sempre!... Não pretendais apressar a hora d'Aquele que me enviou ao vosso meio e que vos colocou ao seu lado para secundar a minha obra e não para impedi-la.

"Esperarei em paz e alegria de espírito, que quando o Pai me tenha levantado até onde devo subir, o que agora não compreendeis será tão claro para vós como a luz do meio-dia."

Um profundo silêncio seguiu-se às palavras do Mestre.

Os rostos haviam-se inclinado pensativos, visto como as palavras de Jhasua, com sua irresistível lógica, não admitiam réplica alguma.

Contudo, sua dissertação era para eles um cofre tão cheio de pedras preciosas que não sabiam quais escolher para formar a coroa real com a qual desejavam cingir-lhe a cabeça.

Ele havia reconhecido a si mesmo como o Messias anunciado pelos Profetas e como o Ungido do Eterno para a salvação da Humanidade.

Ele havia declarado eterno o seu reinado sobre a Terra, que era a herança dada pelo Pai, e havia acrescentado que *saberia manter esse divino legado pelos séculos dos séculos!*

Logo Jhasua era muito maior na sua missão e na sua capacidade do que eles haviam imaginado. Através de suas palavras podia ser compreendido que ele viera com potestade divina sobre todo este mundo, sendo, portanto, demasiado mesquinho o nome designado por eles de *Rei de Israel.*

Era incontestável! O pensamento e o amor do Messias abraçava todo o mundo conhecido, bem como aquele que faltava por conhecer além dos mares imensos e traiçoeiros, que os diálogos de Platão asseguravam haver tragado imensos continentes...

Era incontestável!... As palavras do Ungido Divino haviam falado muito alto. Seu reinado seria eterno e sobre todo este mundo! A união de todos os países sob o seu cetro seria realizada sem violência e sem batalhas, porque seu manto branco de Mestre não deveria ser manchado com o sangue de irmãos!...

O enigma estava decifrado para todos!... Graças sejam dadas ao Altíssimo, porque todos viam a luz no mistério que rodeava o jovem Profeta de Nazareth!

A alegria voltou a todos os corações e um murmúrio de aprovação, de renovado entusiasmo, estendeu-se pela vasta sala da Assembléia.

O ancião Simônides, que com os príncipes Jesuá e Sallum de Lohes formavam uma veneranda trindade de septuagenários, comentavam ébrios de felicidade:

– Que glória para a nossa Jerusalém!... Ser a capital do mundo!... Todo o orbe será um só reino sob a mão de seda do Ungido de Jehová – disse Simônides.

"Mas, como poderá ocorrer tão grande acontecimento? Que será do César romano?... Que furacão dispersará as suas legiões?... Acaso a Península Itálica se submergirá sob o Mediterrâneo e a orgulhosa Roma, com seu César e seus legionários, irão ser pasto dos tubarões no fundo do mar?

"Por ventura algum vulcão traidor explodirá como um abismo de fogo sob o templo do Júpiter Capitolino, e deixará Roma reduzida a cinzas?..."

Os mais jovens, junto com os príncipes Judá e Faqui, também faziam os mais variados comentários, interpretando as palavras da dissertação de Jhasua de acordo com suas mais vivas aspirações.

José de Arimathéia e Nicodemos aproximaram-se de Jhasua que passeava silencioso pela imensa sala observando os tapetes murais que tinham o duplo valor da sua antigüidade e pelos delicados matizes admiravelmente conservados.

– Examinai este tapete – disse-lhes Jhasua, alheio completamente aos animados comentários realizados ao seu redor.

– Ah, sim!... Representa a rainha da Etiópia, Sabá, a esplêndida, com sua sacolinha púrpura, repartindo o ouro entre os mendigos de Jerusalém. Salomão a observa do terraço de seu palácio – esclareceu Nicodemos. – Eu o adquiri por pouco dinheiro de um velho mercador idumeu, que assegurava tê-lo tirado de uma das grutas dos banhos de Salomão, quando foram encontrados os subterrâneos de acesso a elas.

– Jhasua – disse de repente José de Arimathéia –, creio que o motivo da nossa reunião é mais importante do que os tapetes. Não julgas também assim?

– Efetivamente é assim, entretanto, eu já disse tudo quanto devia dizer – respondeu o Mestre.

– Falaste como um sábio, meu filho, no entanto, nos encheste de dúvidas. Que faremos com todos aqueles que esperam fora das fronteiras do país?

– Que continuem esperando até soar a hora. Que mais hei de dizer? Bem sabes: eu sou um Enviado. Aquele que me envia é quem manda, e não eu. Não compreendes também desta maneira?

– Repara com que ardor discutem ali. Seria uma grande lástima perder na inação tanto entusiasmo – acrescentou Nicodemos, vendo os adeptos mais jovens excitados, formulando hipóteses cada vez mais grandiosas e sublimes sobre os grandes acontecimentos que as palavras de Jhasua deixavam entrever.

A meiga serenidade da irradiação do Mestre acabou por tranqüilizar todos os ânimos, até o ponto de que, ao separar-se, todos demonstravam em suas fisionomias que uma grande esperança havia florescido neles.

O Solitário do Jordão

No dia seguinte Jhasua anunciou a sua mãe e aos amigos que devia fazer uma visita a Johanan, o Solitário do Jordão, como denominavam àquele a quem, anos mais tarde, foi apelidado de *"O Batista"*.

– Meu senhor – disse Simônides –, bem vês que meus anos não me permitem a ilusão de ver o dia da tua glória. Deixa-me ao menos acompanhar-te hoje, já que o lugar aonde vais é próximo.

O Mestre sentiu compaixão daquela alma que tão profundamente o amava, muito embora sem compreender a fundo sua missão e sua obra no meio da Humanidade.

Judá e Faqui quiseram também segui-lo aos penhascos que rodeavam o Mar Morto, pois há tempo estavam desejando ouvir aquilo que o Solitário ensinava ao povo.

Johanan encontrava-se nessa época bastante próximo de Jerusalém, pois se achava precisamente no ângulo formado pela desembocadura do Jordão no Mar Morto.

Em bons jumentos, a viagem era breve, isto é, partindo de Jerusalém à saída do sol, podiam estar ali antes do cair da tarde.

Jhasua aceitou a companhia desses três homens que haviam sido e eram a alma, digamo-lo assim, dos entusiasmos pela libertação de Israel que haviam feito difundir, como um fogo subterrâneo, por quase todos os Estados do Oriente Próximo.

Ele sabia que era amado intensamente por eles e padecia por vê-los adormecidos num belo sonho do qual não podia ainda despertá-los.

Comparava as douradas ilusões que esvoaçavam como mariposas de luz em suas mentes, com uma pavorosa visão no Grande Santuário do Moab naquela noite na véspera de sua consagração como Mestre de Sabedoria Divina.

Sabia que a parte final da sua vida seria com o mais infamante suplício que, nessa época, só era dado aos criminosos de estirpe ou aos descendentes de escravos.

Se lhes fizesse semelhante revelação, nesses momentos em que se levantava como um sol nascente em sua grandeza de Profeta, de Mestre e de Messias, julga-lo-iam louco ou, caso contrário, precipitariam o furacão da guerra para evitar que o clero judeu, com a poderosa seita dos fariseus, lhe causassem algum dano.

Para evitar esses dois erros, julgou prudente silenciar por enquanto, com o fim de não criarem obstáculos ao caminho que devia seguir.

Saíram, pois, os nossos quatro amigos de madrugada para ir até a margem do Jordão onde Johanan pregava.

Simônides, o homem da visão de longa distância, havia mandado colocar grandes alforges em cada jumento, pois certamente haveriam de passar uma ou duas noites no deserto da Judéia, naqueles desnudos penhascos, entre cujas escabrosas encostas apenas cresciam espinhos silvestres e carvalhos raquíticos.

Antes deviam atravessar a risonha pradaria da Bethânia, com seus bosques de oliveiras, de cerejeiras e de videiras.

Simônides tinha ali uns velhos amigos, pois na sua mocidade trabalhara naqueles formosíssimos hortos onde a tradição dizia que estava situado o palácio de verão mandado construir por Salomão para a filha do Faraó do Egito, com a qual se casou na sua primeira juventude.

Simônides propôs ao Mestre descansarem ali ao meio-dia, com o propósito simultâneo de inteirar-se pessoalmente se seus agentes haviam preparado os trabalhadores das plantações na forma indicada para a cruzada libertadora que viria mais adiante.

Enquanto esteve na Judéia, sob a guerra de Valério Graco, grande inimigo da família de Ithamar e, portanto, de Simônides, o ancião recusara tornar demasiado pública sua nova situação, como também a da nobre família à qual estava unido.

Grande foi sua amargura quando se defrontou com a triste realidade de saber que seus velhos amigos, donos da famosa granja da Bethânia, tinham falecido há dois anos e que apenas morava ali o mais velho dos filhos, chamado Simão Lázaro, com sua esposa Martha e a caçula de suas irmãs, Maria, de 12 anos de idade.

Algumas parentas, viúvas empobrecidas por diversas circunstâncias da vida, estavam recolhidas ali. Como é natural havia grande tristeza naquele velho casarão, onde a ausência dos antigos senhores era muito sentida entre a criadagem e os trabalhadores das plantações.

Lázaro e Martha estavam casados já há quatro anos e, como não tinham nenhum filho, a pequena Maria era a estrelinha azul que iluminava o lar.

Tal era a situação da família da Bethânia, que mais tarde tomaria parte tão importante na vida do Peregrino, do grande Homem que tinha vindo à Terra para derramar a Verdade, o Amor e a esperança em todas as almas.

Por intermédio dessa família, nossos viajantes tiveram notícias de que Johanan, chamado o Solitário do Jordão, dizia em suas pregações que o Messias anunciado pelos Profetas estava já no país de Israel, oculto pelos Anjos do Senhor, até chegar o momento de se manifestar aos povos.

Johanan mandava que se preparassem com pureza de alma, perdoando as ofensas e os agravos, dando esmolas aos necessitados, amparando os perseguidos, consolando os prisioneiros e os enfermos que as leis humanas expulsavam para fora das cidades.

O Mestre compreendeu que a alma da pequena Maria se abriu imediatamente como um lírio sem vigor cuja haste foi colocada em contato com um fresco manancial.

Seus belos olhos escuros pareciam irradiar uma nova luz ao contato dos do Mestre a observá-la com indizível ternura.

Lázaro e Martha celebraram grandemente a reação observada na menina, cuja saúde lhes inspirava sérios temores, pois a viam ameaçada de languidez e de enfraquecimento que ia tornando-se cada dia mais pronunciado.

Era de natureza tão tímida que não se atrevia a aproximar-se da mesa e, entreabrindo uma cortina da sala próxima ao grande cenáculo, parecia uma pequena estátua de contemplação, cujos olhos observavam fixamente o Profeta.

– Vem aqui, Maria – disse o Mestre –, e não tenhas acanhamento algum, pois somos todos teus amigos; e apenas desejamos o teu bem, a paz e a alegria.

O pálido rosto da menina coloriu-se de suave rubor e atendeu ao chamado de Jhasua, que a sentou ao seu lado.

– Dize-me a verdade... toda a verdade!... – pediu o Mestre.

– Jamais digo mentiras... Profeta – murmurou a menina debilmente.

– Isso é verdade – observou Martha –, porque nem sequer disse jamais uma mentira para ocultar alguma travessura.

Judá, Faqui e Simônides haviam-se afastado com Lázaro para o outro extremo do cenáculo, enquanto Martha, com várias criadas, ia dispondo os alimentos sobre a mesa.

Os três informavam a Lázaro sobre os grandes acontecimentos que esperavam realizar-se muito em breve no país.

– Oh, se o teu pai estivesse vivo neste momento!... que baluarte teríamos nele para a nossa causa! – disse Simônides ao dono da casa.

– Tudo o que meu pai houvera feito posso fazê-lo também – respondeu Lázaro. – De que se trata?

Baixando muito a voz, Simônides acrescentou:

– Aí tens o Messias anunciado pelos Profetas!...

– Como!?... na minha casa?... à minha mesa!?... Mas... é possível?

E os olhos de Lázaro cravaram-se na bela fisionomia de Jhasua que se entretia a conversar com a pequena Maria, pondo-se em sintonia com ela, como se fosse um jovem da sua idade.

Simônides, Judá e Faqui explicaram a Lázaro, tal como eles o entendiam, tudo quanto se referia a Jhasua: seus grandes poderes supranormais e os estupendos prodígios que realizava. Os Anciãos dos Santuários Essênios reconheciam-no como o Ungido Divino esperado por Israel; e todo o Oriente, avassalado pela prepotência de Roma, aguardava o momento de impô-lo como salvador e libertador dos oprimidos.

Durante a conversação dos amigos com Lázaro, o Mestre consagrou-se completamente àquela pequena e graciosa garota, da qual a vida parecia querer escapar por

momentos. Ela era de uma beleza ideal, quase transparente, a irradiar para o exterior uma grande bondade, unida a uma profunda melancolia.

Jhasua, psicólogo de alto gabarito e grande Mestre de almas, compreendeu que aquele era um espírito descontente da vida material, na qual não encontrava nada que o agradasse.

– Eu havia pedido a meu irmão que me levasse para ouvir esse solitário do Jordão, como fizeram muitos da Bethânia – disse a menina a Jhasua –, mas ele não quer me levar porque o caminho é árido e julga que não resistirei à viagem. Eu queria muito ir até lá... Entretanto hoje já não quero mais!

– Por que antes querias e agora não? – perguntou-lhe o Mestre.

– Porque uma voz silenciosa, aqui dentro, parece estar me dizendo: *"Já chegou aquele que esperavas"*. – E a menina deu suaves palmadinhas sobre o seu peito.

– E julgas que eu sou esse que aguardavas?

– Sim, Profeta... és tu!

– Posso saber a causa dessa afirmação tão categórica, Maria?

– Dizem que estou sofrendo de alucinações, Profeta – disse a menina com tristeza –, porque vejo coisas que os demais não conseguem ver. Sei e estou convencida de que é verdade aquilo que vejo.

"Quando minha mãe morreu, eu tinha dez anos e julguei que ia morrer de tanto chorar. Meu pai havia morrido seis meses antes e era uma dor duas vezes renovada. Desde então comecei a ver, quase todas as noites, uma senhora muito bela aproximar-se de meu leito para secar o meu pranto solitário, porque eu me escondia de todos para desafogar a minha tristeza.

"Fala-me de coisas misteriosas que não compreendo muito bem, no entanto e não obstante, elas me deixam grande consolo interior.

"Há duas noites eu a vi novamente e sei que me disse: *'Chamo-me como tu e tenho também um filho ao qual seguirão todos os que levam na alma as mesmas aspirações que levas na tua. Passado o dia de amanhã, o verás ao teu lado e a tua alma será curada do pesadelo que a atormenta.'*

"O dia anunciado é hoje e aqui chegaste, Profeta de Deus, e minha alma salta de alegria como um pequeno cervo em liberdade. Agora, a única coisa que me falta saber é se tua mãe se chama como eu: Maria."

– É verdade, querida menina. Minha mãe chama-se como tu e é ainda bela, apesar dos seus 47 anos.

– Eu quero vê-la! – foi a intensa exclamação saída espontaneamente da alma de Maria.

– Vê-la-ás, e talvez muito em breve. Acabo de deixá-la em Jerusalém.

Nem bem a menina ouviu estas palavras, correu para seu irmão e lhe disse:

– Tens que levar-me a Jerusalém agora mesmo para ver a mãe do Profeta. É ela a que me fala nos sonhos que chamais de *alucinações*.

– Está bem, Maria, está bem. Amanhã iremos às festas e o Profeta nos dirá como poderás ver a mãe dele – respondeu Lázaro.

– Senhor – disse o dono da casa fazendo o Mestre sentar no lugar de honra na mesa. – O que acabo de saber de ti engrandece enormemente a distância que nos separa.

– Ao contrário, meu amigo, o que acabas de saber nos aproxima muito mais, visto como a tua fé e o teu amor a Deus te colocam dentro do círculo de meus discípulos íntimos.

– Grande honra para mim, se chegasse a merecê-la! – disse Lázaro. – No

entanto, sou um pobre ser apegado às coisas da terra, como o molusco à rocha, e tu és, Senhor, o grande Apóstolo da Humanidade.

– Dentro da Lei Divina, Lázaro, ninguém se torna grande de um salto. De ti, unicamente, depende tornar mais breve ou mais longa a subida ao cume. Aquele que hoje não passa de um pequeno pardal, pode, com o tempo e o esforço, chegar a ser uma águia que abarca a imensidão.

Em conversações como estas, passou o intervalo da refeição, e o Mestre recomendou a Lázaro e a Martha para não contrariar a menina a respeito de suas tristezas e visões, que denotavam uma faculdade nascente: a percepção de cenas ocorridas nos planos espirituais, comumente invisíveis aos seres em geral.

Ficou resolvido que no dia seguinte a levariam a Jerusalém à casa da viúva Lia, a virtuosa matrona judia que era como uma veneranda avó para a maioria das antigas famílias de Jerusalém e de seus arredores.

O Mestre escreveu umas breves linhas para sua mãe, explicando o caso da pequena Maria, a fim de que sua ternura cooperasse na cura espiritual e física da menina.

A casa da Bethânia, o clássico lugar dos repousos do grande Peregrino, ficou desta sorte incorporada à missão apostólica do Profeta de Nazareth.

Nessa mesma tarde, antes do pôr-do-sol, os quatro viajantes desmontavam entre os penhascos vizinhos do Mar Morto, onde vivia Johanan, o Solitário do Jordão.

Encontraram-no sentado à porta de sua gruta, para a qual se retirava depois do ensinamento e da purificação à segunda hora da tarde.

A distância via-se um acampamento de tendas de vistosas cores, levantadas pelas pessoas que ficavam vários dias ali ouvindo o grande homem que lhes assegurava a presença do Messias no país de Israel. Do mesmo modo como os filiados à Santa Aliança, todos sonhavam com dias de liberdade e de glória, de abundância e de paz, depois dos duros padecimentos da invasão estrangeira e da tirania de Herodes, o Idumeu, continuada pelos seus filhos.

Enquanto Jhasua falava em intimidade com Johanan, seus três companheiros de viagem começaram a percorrer o Vale do Jordão, falando com uns e com outros, para sondar o estado dos ânimos, chegando à conclusão de que mais da metade dos peregrinos havia ido às festividades da Páscoa em Jerusalém, mas deixara suas tendas levantadas porque pensavam em regressar dois dias depois.

Quando se inteiraram de que aquele galhardo jovem era o herdeiro do príncipe Ithamar, cuja desgraça foi tão sentida pelo povo hierosolimitano, os amigos se multiplicaram para oferecer-lhes hospedagem em suas tendas de campanha.

O entusiasmo e o assombro superou o limite quando viram o velho Simônides forte e sadio, andando pelos seus próprios pés, pois muitos deles o haviam visto inválido com as cadeiras e as pernas deslocadas pelas torturas a que fora submetido.

"Curou-o o Profeta de Nazareth, que percorre o país fazendo prodígios e maravilhas."

Idêntico ao murmúrio de um rio caudaloso, essa notícia correu pelas margens do Jordão, por entre as pessoas das tendas que se aproximavam dos nossos viajantes para obter maiores dados sobre o Profeta a quem não resistiam as mais terríveis enfermidades.

"Era ele que curara todos os leprosos do Monte do Mau Conselho, junto à Torrente do Cedron!"

"Era ele que levantara de suas peles de ovelhas estendidas no solo os paralíticos semelhantes a estátuas vivas nos pórticos exteriores do Templo."

"Era ele que abrira os olhos de vários cegos de nascimento a transitarem como fantasmas pelos mercados em busca de socorros dos transeuntes."

"Era ele que tirara do calabouço a viúva e a filha do príncipe Ithamar, assassinado pelos piratas."

"Oh!... Não seria ele o Messias esperado por Israel e que o Solitário do Jordão assegurava já no país de Israel?"

Quando nossos viajantes anunciaram que se encontrava o Profeta na gruta do Solitário em conferência com ele, o entusiasmo subiu rapidamente e queriam correr até lá para tocar o seu manto, para mergulhar na luz do seu olhar, para ouvir a sua palavra e receber suas bênçãos.

Judá, Faqui e Simônides os tranqüilizaram, prometendo que o Profeta iria ao Jordão e que poderiam vê-lo de perto.

Ainda estavam falando, quando viram ao longe a esbelta silhueta do Mestre que, como uma escultura de marfim, parecia recortada no azul opalino do entardecer.

Ele caminhava ao lado de Johanan, com o qual formava acentuado contraste. O Solitário vestia a túnica de lã escura dos Terapeutas e sua estatura alta e forte, a crespa cabeleira escura, a abundante barba negra, as grossas sobrancelhas, davam-lhe um aspecto rígido e austero que causava medo.

Em compensação, o Mestre vestia-se todo de branco. Seus cabelos e barba castanhos, com reflexos dourados, seus meigos olhos claros, a palidez mate de sua tez, tudo o fazia parecer sutil, delicado, quase como uma visão que por momentos se confundia com as brumas malva e ouro da tarde.

A ardente imaginação de Faqui sugeriu-lhe uma idéia, que traduziu nestas palavras:

– A Justiça e o Amor caminham para nós.

– Como é jovem o Profeta!... – repetiam algumas vozes. – Parece que não tem mais de 25 anos.

– E como é belo! – acrescentaram outros. – Bem se vê que é originário do norte! A Galiléia, vizinha da Síria, contagiou-se da graciosa languidez dos libaneses.

Quando chegaram, cem olhos curiosos se cravaram no belo e delicado rosto de Jhasua, que se manteve sereno diante daqueles olhares ansiosos.

– A paz seja convosco! – disse ao numeroso grupo de peregrinos que o observava.

– E também contigo, Profeta de Deus – responderam-lhe.

– Amigos – disse o Mestre, dirigindo-se aos seus companheiros de viagem. – Antes que o sol se esconda, entraremos nas águas do Jordão como todos os que vêm a Johanan, o Solitário.

Dizendo isto, retirou seu manto, que deixou sobre os arbustos da margem.

As águas douradas do Jordão beijaram-lhe os pés e Johanan lhe disse:

– Nem o teu espírito nem o teu corpo precisam ser purificados, porque foste puro e limpo desde antes de nascer.

– Procede comigo como fazes com os demais, Johanan, porque essa é a Lei.

E inclinou o corpo sobre a água a correr mansamente, para que seu primo Johanan a derramasse sobre a sua cabeça.

A glória do ocaso oriental formava um resplandecente dossel sobre o manso rio, que também se tingia de púrpura e de ouro.

A intensa emoção de Johanan, cujos olhos estavam inundados de pranto, a interna evocação do Cristo às suas grandes Alianças Espirituais, no instante em que ele se abraçava completamente com a humilhação das iniqüidades humanas, formou uma irradiação tão poderosa de amor ao seu redor, que os mais sensitivos perceberam delicadas harmonias como vozes distantes que cada qual traduziu de acordo com o seu modo de sentir.

Não haviam escutado vozes extraterrestres os videntes e os audientes de Bethlehem na noite do nascimento de Jhasua?

Não haviam os Céus rasgado seus véus de safira e de turquesa, para unir-se à Terra, derramando sobre ela paz e amor aos homens de boa vontade?

Não é o amor um hino mudo que todas as almas compreendem, ouvem e sentem, porque o amor é o Verbo Eterno, a palavra não falada, porém impressa em todas as almas como um fogo ardente que o sopro de Deus vai acendendo em toda a vida?

Que se passou nos seres que presenciavam aquele ato singelo, a ponto de se deixarem cair prostrados em terra com mais fervor do que se estivessem sob as naves majestosas do Templo de Jerusalém?

Um hálito divino passara roçando nas águas, nas florzinhas silvestres, nas rochas musgosas que bordeavam o histórico rio, testemunha das glórias e humilhações de Israel.

Sem saber por que, Simônides chorava silenciosamente.

Judá e Faqui, muito emocionados, não podiam pronunciar uma única palavra.

Todo esse complexo mundo de emoções e de sentimentos não durou senão alguns instantes, como uma onda de luz que chega e logo desaparece, ou como uma labareda que se acende durante um momento, o bastante para iluminar um vasto horizonte.

– É o Filho de Deus descido à Terra! – disse Johanan em voz baixa, cujo eco, entretanto, parecia ir ressoando de colina em colina, como por uma estranha repercussão.

Jhasua pisou novamente a relva da margem, tomou seu manto e continuou lentamente para a gruta de Johanan.

Seus amigos receberam também a ablução das águas do Jordão e seguiram Jhasua, que continuava andando sem se voltar para trás.

Anoitecia quando chegaram à gruta, e a primeira estrela vespertina acendeu sua lâmpada de ametista com tão vivos fulgores que Jhasua, sentado sobre um pedaço de rocha, disse admirando-a ternamente:

– Parece que Vênus está se associando aos meus pensamentos.

– Em que pensas, Jhasua? Pode-se saber? – perguntou Faqui, sentando-se ao seu lado.

– Só um Amor Infinito pode salvar a Humanidade que perece... – respondeu ele.

– E esse amor é dado por ti, Jhasua, há longas eras – observou Johanan.

– E ainda não tem sido bastante – acrescentou o Mestre –; mas a Lei quer que esta última etapa seja a apoteose suprema do Amor Eterno.

Judá, em particular, com Simônides, observou:

– Não sei por que me parece que somos pequenos demais para compreender Jhasua. Começo a vê-lo tão extraordinário, tão diferente dos demais homens, como se a sua personalidade fosse desvanecendo nesse mundo desconhecido de felicidade, o formoso sonho do reinado de Jhasua sobre o Oriente salvo por ele. Outras vezes, um frio de morte invade todo o meu ser, tal como se me viesse acariciando uma quimera que se desvanece diante de meus olhos.

– Quimera?... Oh, jovem, não digas isto nem brincando! E as profecias?... E a fé de nossos ancestrais desde Adão até agora?

"Pode tudo isto ser derrubado num instante, como se fosse um castelo de areia dourada? Não, não e mil vezes não! É verdade que ignoramos os meios e o modo pelos quais Jehová realizará seus desígnios; entretanto, esta nossa ignorância certamente não impede que eles se realizem."

– Amigos – disse Jhasua –, por mais belos que sejam os sonhos, a vida humana pede sustento. Faqui e eu preparamos a ceia. Vamos?

O príncipe Judá voltou para a vida real e respondeu ao Mestre:

– Vamos, Jhasua, vamos.

Ao redor de uma toalha estendida sobre um bloco de rocha da montanha, deitaram-se na relva os quatro viajantes mais Johanan, o Solitário, que havia recobrado a plácida alegria dos dias de sua primeira juventude.

Aquela cena sobre uma pedra, à luz das estrelas e da chama vermelha da fogueira, ouvindo o rumoroso cantar das ondas que se quebravam nos penhascos, tinha não sei que de misterioso encanto que jamais pôde ser esquecido pelos cinco seres que ali se reuniam.

Em suas íntimas confidências, Johanan referiu ao Mestre a espantosa luta sustentada contra as forças do mal, representadas fielmente por Herodíades, que residia na Galiléia, separada do marido, o tetrarca Felipe, e unida ilegalmente com Antipas, que repudiou a esposa legal.

Tal como havia feito em Cesaréia de Filipos, a despudorada neta de Herodes continuava procedendo em Tiberias, em Sevthópolis, em Arquelais, em Phasaelis e também em Jerusalém. Tinha palácios para sua residência em todas essas cidades, nas quais ia semeando todas as corrupções e vícios de que era capaz seu corrompido coração.

Em seus palácios, tinha altares para os deuses pagãos fomentadores de suas desordens e havia criado um corpo sacerdotal de moços e donzelas para o culto de seus deuses. Deste foco de infecção moral, derramava-se uma torrente de vícios que ia inundando tudo.

Johanan colocou-se frente a ela numa luta terrível mantida desde há dois anos.

– Eu sei – disse Johanan ao Mestre – que ela espreita os meus passos para tirar-me a vida, porque o rei Herodes Antipas coloca débeis freios às suas inconcebíveis audácias, pelo fato de me respeitar e de ouvir em parte os meus conselhos. Curei suas úlceras cancerosas, herança de toda essa família, cujo sangue é veneno de morte e por isso ele me respeita com muita consideração.

"Contudo eu te asseguro, Jhasua, que esta luta feroz com as forças do mal esgota as minhas energias de tal maneira que, na solidão deste deserto onde vivo, choro amargamente clamando ao Senhor para pôr um fim ao meu martírio.

"Entre as pessoas que chegam a mim pedindo a ablução do Jordão para serem purificadas no corpo e no espírito, têm vindo assassinos pagos por Herodíades para acabar com a minha vida; mas, como ainda não é chegada a minha hora, seus ardis têm sido descobertos a tempo e foram destroçados pelos numerosos peregrinos que, tendo recebido tantas dádivas, defenderam a vida ameaçada do Solitário, como todos me chamam.

"No entanto, em minhas horas de meditação e de aproximação à Divindade em busca de socorro, vejo-me assaltado por turbas negras de espíritos imundos, que vivem nos perversos e baixos pensamentos dessa mulher a quem ouvem e seguem.

"Sabes melhor que eu, Jhasua, meu irmão, até onde se enfurecem as forças do mal contra todos os que escolhem, para desenvolver a sua vida, o caminho dos apóstolos da verdade, da justiça e do amor, e que só uma heróica força de vontade pode vencer nessa tremenda luta!

"Assim como te avisei, quando saí para o apostolado, avisei também a todos os Santuários Essênios, pedindo sua cooperação espiritual para cumprir devidamente os meus pactos contigo e com as Inteligências Superiores que demarcaram os nossos caminhos.

"Apesar de tudo isso, como bem podes ver, meu irmão ... há momentos em que

me julgo vencido e abandonado como um farrapo de Humanidade entre os penhascos que me acolhem, choro em silêncio!... exalo gemidos que ninguém ouve, a não ser o vento que passa sibilando pela montanha!...

"Por quê, Jhasua?... Por que o Bem há de ser avassalado pelo Mal, se Deus, Senhor de toda a Criação, é o Bem por excelência?

"Por que essa raça de víboras, da dinastia de Herodes, continua envenenando todo o país há mais de quarenta anos?"

– Johanan! – respondeu o Mestre, com sua voz suave como um sussurro de águas mansas correndo entre flores... – Esqueceste que faltam ainda dois milênios, ou seja, vinte centúrias, para que as raças de víboras como a de Herodes desapareçam dentre esta Humanidade?

"Quantos mártires serão necessários para lutar contra elas, vencê-las, transformá-las e redimi-las!

"Quantas jovens vidas serão ceifadas pelo machado dos verdugos, quantas serão consumidas como folhas secas nas fogueiras, quantas serão penduradas nas forcas, de onde abutres vorazes lhes arrancarão pedaços!... Quantos os crucificados, como os escravos de Espártaco!... Quantos devorados pelas feras nos circos, para divertir feras humanas que farão coro com gargalhadas aos gemidos e gritos das vítimas!...

"Oh, Johanan, meu irmão!... Somente diante de ti posso falar desta forma, porque és forte como a montanha de granito perante a qual rebentam, rugindo, as ondas agitadas pela tempestade!

"Julgas que posso dizer a algum dos que se apertam ao meu lado para seguir-me: *'Serás uma vítima da inconsciência humana.'*

"Julgas que posso advertir aos que me chamam de Mestre, que se verão cobertos de injúrias e de opróbio da mesma maneira como o seu Mestre? A nenhum deles posso dizer isso, e estou certo de que assim sucederá!

"Deus é o Bem, e o Mal triunfa. Deus é o Amor, e o ódio se impõe. Deus tolera e perdoa sempre e, no entanto, a vingança e o crime levantam-se com força de Lei!

"Deus é o Dono e Senhor de tudo quanto existe, entretanto, as multidões famintas e despossuídas de tudo perambulam pelas cidades e pelos campos, recolhendo restos e migalhas arrojadas aos cães, ou espigas esquecidas nos restolhos...

"Que significa tudo isto, Johanan? Que significa?... Que a maior parte da Humanidade se entrega, vencida, às raças de víboras como os Herodes da Palestina, e que a sua libertação é lenta e penosa como o andar de uma caravana nos caminhos lamacentos.

"Tu e eu iniciamos uma caminhada nova, nesta hora solene da evolução humana neste planeta. Atrás de nós virão centenas e milhares, que irão caindo ao longo do caminho como frutos maduros nas trilhas dos hortos, para saciar a fome e a sede das turbas inconscientes!...

"Cairemos desgarrados, mas não vencidos no caminho obscuro e sombrio; porque a morte por um ideal de redenção humana não é a derrota, mas a consagração suprema do Amor Eterno!

"Para lutar três anos frente a frente contra a maldade e a ignorância humanas, passaste trinta na austera santidade dos Santuários Essênios, onde bebeste em caudais a Luz, o divino conhecimento, a energia e o poder sobre todo mal!... Trinta anos acumulando força sobre força para vencer a raça de víboras que envenena o nosso país!..."

– Terei conseguido alguma coisa, Jhasua, nesta rude jornada?... – perguntou Johanan com infinita tristeza.

– O apóstolo da verdade e do bem não fracassa jamais, Johanan, meu irmão, ainda que não recolha com suas próprias mãos o fruto do que semeou!

"É o tempo... São os séculos que vão recolhendo os lauréis que coroarão um dia a fronte dos escolhidos, sem que uma única folha se perca, murche ou seque!...

"As forças benéficas e salvadoras que os servidores de Deus acumulam hora após hora, atraindo com suas grandes aspirações o Amor, a Luz e a Bondade Infinita sobre a Humanidade pecadora, não se perde no vazio, mas caem nas almas dos homens, da mesma sorte como a chuva cai sobre os campos ressequidos ou como os raios solares entram pela insignificante clarabóia de um calabouço!

"Se não fosse por esta estreita comunhão espiritual entre as almas purificadas da Terra com suas irmãs gêmeas dos Céus infinitos em favor das humanidades atrasadas, como poderiam ser acesas luzes em suas trevas, e quem semearia a semente divina da Verdade?

"Quem repetiria aos homens a palavra fundamental da Lei, '*Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo*', a não ser os lábios purificados pelo fogo, como os de Isaías e dos apóstolos de Deus? Eles passam pela vida despossuídos de todos os gozos materiais, e ricos apenas em dons divinos, que derramam sem mesquinharias, do mesmo modo como os astros espalham sua luz e as flores seus perfumes e os mananciais suas correntes sem esperar compensação alguma..."

As palavras do Mestre foram caindo na alma de Johanan, extenuada pela espantosa luta espiritual mantida, como suave chuvisco a revigorizá-la novamente... como uma túnica branca transparente a facilitar seus vôos para a Divindade, única compensação desejada por ele, que renunciara a tudo para ser um digno cooperador do Cristo na redenção da Humanidade.

Os Anjos de Deus devem ter contemplado, ébrios de felicidade divina, a união dessas duas grandes almas na solidão do deserto da Judéia, cercado de áridos penhascos, menos duros, talvez, que os corações dos homens que procuravam redimir e salvar!...

– Fortalecido pela tua visita... alimentado com o pão divino da tua palavra, Jhasua, meu irmão, o Solitário do Jordão terá forças para anunciar o Deus vivo que, se é Amor para os humildes e sofredores, é Justiça para os tiranos e déspotas que transformam este mundo num lupanar e as almas em escória que se perde entre o vício e o crime.

O sol do amanhecer levantava-se como um fanal de ouro por trás das montanhas e os discípulos de Johanan começaram a chegar para receber de seu Mestre a instrução matutina.

Eram quatorze jovens das povoações vizinhas do Jordão, que viviam nas grutas das margens do Mar Morto e que se dirigiam diariamente ao Solitário para seguir seus caminhos de salvadores de homens.

O Ano Trinta e Um

De regresso à placidez da doce Galiléia, o primeiro cuidado do Mestre foi apresentar-se ao Santuário das grutas do Monte Tabor, para reunir-se novamente aos seus doze discípulos íntimos.

Em setenta dias, eles haviam aprendido mais da ciência de Deus e das almas do que em todos os anos de sua vida tinham conseguido vislumbrar debilmente.

Os dois Mestres de Jhasua, Melkisedec e Tholemi, já anciãos, foram os que prepararam os Doze, para auxiliares do Mestre em sua obra apostólica.

Só a eles, que haviam deixado suas redes de pescar ou suas tendas de mercadores para segui-lo, podiam dizer parte da verdade, referente à vida de Jhasua sem abalar-lhes a esperança nem a fé.

Apenas a eles se disse, desde então, que Jhasua de Nazareth não havia descido à Terra para sentar-se sobre um trono de ouro nem vestir a púrpura real.

Somente eles souberam de que Céus havia descido o Grande Espírito que viera para marcar novos rumos à evolução humana.

Através das palavras de Melkisedec, ardente como uma chama e suave como perfume de incenso, conheceram eles a personalidade espiritual do Mestre, que os havia chamado para segui-lo na sua breve passagem pela vida do plano físico.

A partir desse momento, familiarizaram-se com a idéia do Reino de Deus, do qual tantas e tantas vezes o Mestre haveria de falar-lhes mais adiante.

Esses setenta dias de ensinamento e de meditação nas grutas silenciosas do Tabor apagaram as luzes fátuas das ambições terrestres, e o homem velho desapareceu do cenário para surgir o homem novo, capaz de alimentar aspirações nobres e puras; capaz de contemplar a vida física em seus reais e verdadeiros aspectos, e de encarar a morte com olhos serenos e o coração tranqüilo.

Eram andorinhas migratórias que vinham seguindo uma águia real, que devia levantar, em suas asas poderosas, toda a Humanidade...

Eles eram a escolta de um príncipe soberano que viera a este ingrato país de escravos para romper suas cadeias e devolver-lhes a liberdade!...

E os deixaria sobre esta Terra como guardiães da obra que viera construir sobre a base de granito da Lei Divina: "*Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo.*"

Quão grande viam seu Mestre à luz da lâmpada acesa para eles no Santuário do Monte Tabor!

Daí para diante viveriam sempre ao seu lado, levando a mesma vida dos Essênios: meditação, apostolado e trabalho.

A velha casa de Simão Barjonne, pai de Pedro e de André, junto ao lago Tiberíades, seria o seu lar comum enquanto não se afastassem dali.

Em Tiberias, vivia aquele bom Hanani, pai de Fatmé, curada da tuberculose pelo Mestre.

Em Naim, tinham a granja de Toimai, pai de Dídimo ou Bartolomeu, como mais vulgarmente o chamavam, e o lar tranqüilo da viúva Myrina.

Em Bethsaida, vivia o ancião Judas, pai de Nathaniel, com quatro filhos e uma filha, tão devotos ao Mestre que puseram à sua disposição o grande cenáculo da casa para sua hospedagem e também de seus discípulos.

Na cidade de Cafarnaum habitava a viúva Elisabet, irmã de Felipe, cujas duas filhas residiam com ela. Sua casa foi a morada do Mestre quando o apostolado o retinha ao norte do Mar da Galiléia.

Todas essas famílias, educadas pelos Terapeutas Essênios que percorriam o país desde há muitos anos, foram colaboradoras ignoradas na obra redentora do Cristo, que encontrou em seus lares como que a sua própria casa.

Toda a margem ocidental do Mar da Galiléia foi o primeiro cenário do grande Apóstolo, por ter passado ali a maior parte do trigésimo primeiro ano da sua vida.

O mundo chamou equivocadamente Jerusalém de a Cidade Santa; mas esse nome deveria ter sido dado, na verdade, às cidades costeiras do Mar da Galiléia, onde o Divino Mestre foi tão intensamente amado e melhor compreendido que na velha cidade dos reis.

Jerusalém foi a cidade assassina do Justo, na qual, unidos os três poderes, o romano, o do rei e o do clero, fizeram de comum acordo o mais heróico mártir de todos os séculos.

Os caminhos por entre as montanhas que rodeavam o Lago e que vão de cidade a cidade, a uma e a outra aldeia das muitas que naquele tempo povoavam suas margens, foram tantas vezes pisados por seus pés de peregrino infatigável!

O arvoredo exuberante que atapetava aqueles montes, os pequeninos vales verdes de relva, salpicados de anêmonas vermelhas, as águas furta-cores do Lago nas quais se refletia sua figura ao passar tocando com seus pés a margem... tudo, absolutamente tudo, nessa região da Galiléia, ficou impregnado com a sua presença, com a vibração divina da sua palavra, com a aura radiante que o envolvia... com a luz inefável do seu olhar!

As margens do Lago foram o éden, o paraíso do Cristo sobre a Terra. Seus dias lá foram verdadeiramente felizes!

Das famílias dos pescadores, favorecidas em sua totalidade com os benefícios do Homem-Luz, do Homem-Amor, que jamais pôde ver uma dor sem remediá-la, estendeu-se o rumor, como uma onda gigantesca, de que o filho do artesão Joseph e de Myriam, a mulher da piedade, era um grande Profeta e Taumaturgo, que curava as mais rebeldes enfermidades. Nem a lepra nem a tuberculose ou o câncer resistiam à ordem do Homem de Deus.

Os nomes dos curados circulavam de boca em boca, de povoado em povoado, e ninguém podia desmenti-lo, porque ali estava a prova viva dos fatos mencionados. Em razão disso, as margens do Mar da Galiléia viram-se cobertas de multidões ansiosas e sofredoras acorrendo em busca de alívio para seus males.

Ele, de pé na proa de uma barca a balançar-se sobre as ondas, rodeado por seus doze inseparáveis, falava à multidão sobre o seu tema favorito: "O amor a Deus, nosso Pai, e ao próximo, nosso irmão."

A Paternidade de Deus foi um dos seus mais belos temas:

– Se conhecêsseis o Pai como eu O conheço, haveríeis de amá-Lo sem esforço algum – disse-lhes com uma emoção de amor tão íntima e profunda que a transmitia a todos os que o escutavam. – Se cada vez que surge o sol nos arrebóis da aurora e se esconde na bruma dourada do ocaso levantásseis vosso pensamento ao Pai para confiar-vos a Ele, para repetir uma e mil vezes vossa entrega absoluta à Sua Vontade, para renovar a cada dia a oferenda de tudo quanto sois, com todas vossas misérias, enfermidades e dores, crede-me que todos haveríeis de ser felizes, porque o vosso pensamento unido ao Pai Celestial atrairia sobre as vossas vidas todo o bem que buscais na Terra sem encontrá-lo jamais.

"Porém, tomais sempre um caminho errado que vos leva para as trevas e para a dor.

"Viveis procurando nas criaturas boas ou más aquilo que falta para as vossas necessidades, e vos defrontais naturalmente com o egoísmo, com a mesquinharia e com a indiferença, tornando mais cruéis vossas dores, ou com a falta de energia para remediá-los. Retornais da ansiosa busca para as negruras do vosso lar sem lume, da vossa mesa sem pão, do vosso leito gelado por falta de abrigo, com as mãos vazias e

o coração desfeito. Esquecestes o vosso Pai, e Ele vos deixa padecer para que o desengano das criaturas vos faça retornar, finalmente, ao seu amoroso regaço.

"Agora confiais em mim porque me vedes com um corpo de carne igual ao vosso, porque minha palavra entra pelos vossos ouvidos e as vossas mãos tocam as minhas, e também porque ficam marcadas na areia as pegadas de meus pés.

"Nosso Pai Celestial vos fala mais alto do que eu e as suas pegadas eternas foram marcadas em tudo quanto existe no universo.

"Quando o sol estende o seu resplendor que a tudo revigora e anima, não pensais no Pai que vos beija com a sua Luz Divina e se infiltra no vosso sangue, no vosso corpo e em toda a vossa vida?...

"Quando vêm as chuvas abundantes, e as torrentes do Monte Hermon transbordam até o Jordão, que remove as águas deste Lago e vos oferece centuplicados seus peixes e moluscos, não vos lembrais do Pai Celestial que assim providencia a vossa alimentação?

"Quando a correnteza arrasta árvores secas e passam os ventos despedaçando os bosques, cuja ramagem vai às vezes cobrir os hortos e os caminhos, não pensais no Pai Celestial que providenciou tudo isso para terdes lume em vosso lar?

"Quando vossos jardins se cobrem de flores e vossas figueiras, castanheiros, oliveiras e videiras descem até a terra seus ramos carregados de frutos, não pensais no Pai Celestial que assim providencia a vossa alimentação?

"São essas as formas de expressão do nosso Pai Comum, são essas as Suas palavras e as pegadas que encontrais e não conseguis reconhecer! Mais ainda, vós O esqueceis para correr atrás das criaturas, para maldizer a vossa situação, para invejar aquele que tem mais, para alimentar a rebeldia e o ódio contra os favorecidos pela fortuna, que nunca se lembram de quem nada tem, e esqueceis que vós, se fôsseis colocados no seu lugar, procederíeis da mesma maneira.

"Gravai sobre a mesa do lar os Dez Mandamentos da Lei Divina que levais gravados em vosso coração, porque eles são a Eterna Lei Natural que existe desde que o homem vive sobre a face da Terra; e se essa Lei se tornar a norma da vossa vida e, se em cada dia dela orardes ao Pai com fé e amor, eu, seu Profeta, seu Filho, vos digo solenemente em Seu nome: Ele cuidará das vossas pessoas e das vossas necessidades como cuida das aves do bosque e das pequeninas flores do vale, que não semeiam nem colhem, e nem Salomão, com todas as suas riquezas, se vestiu igual a elas.

"Vosso pensamento me pergunta como deve ser a minha súplica ao Pai Celestial? Respondo-vos que, da mesma maneira como a criança pede à mãe, sem palavras rebuscadas e sem os adornos da retórica, deveis pedir apenas com a expressão daquilo que necessita o vosso espírito e o vosso corpo:

"*Pai nosso que estás nos Céus!... Louvado seja o Teu Nome. Venha a nós o Teu Reino e faça-se a Tua Vontade, assim na Terra como no Céu. O Pão nosso de cada dia nos dá hoje. Perdoa as nossas dívidas assim como perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair na tentação, mas livra-nos de todo o mal.*

"O Pai sabe que necessitais de tudo isso, mas sua Divina ternura para convosco se compraz na vossa fé, amor e confiança n'Ele, e quer que assim vos manifesteis.

"As gerações da Idade da Pedra, criadas entre a fúria dos elementos, quando todas as forças da Natureza pugnavam ao mesmo tempo para dar à crosta terrestre e ao seu envoltório de éter, gás e fluidos a forma e uma consistência perfeita, sentiam a necessidade de não duvidar da grandeza e do poderio de uma Causa Suprema que reconheciam no estampido do raio; no fragor dos trovões e dos relâmpagos; nas

torrentes transbordantes; no bramido dos mamutes enfurecidos devastando selvas; nas montanhas quando abriam suas entranhas vomitando fogo, fumaça, chamas e vapores ardentes!... Aterrados por esses formidáveis cataclismas que os enchiam de medo, sentiam apenas um Deus iracundo e terrível que fazia passar seus exércitos nas asas dos furacões devastando campos e povoados!...

"Deste modo ficaram vivas e em pé as frases legendárias '*do Deus dos exércitos*', '*a ira de Deus*', '*a cólera de Deus*', desencadeada nas tormentas, nos furacões, nos incêndios produzidos pelo fogo interno da Terra expelido pelas crateras de cem vulcões que explodiam em diferentes paragens deste globo.

"Tudo isso passou! Era a infância da Humanidade sobre o planeta, sua casa, sua morada para longas idades. Hoje já não é mais a Idade da Pedra. É a hora da fraternidade e do amor, em que a Causa Suprema aparece perante a sua Criação Universal com suas mais tênues e delicadas roupagens, com seus milhares de cortesãos cantando ao amor, à piedade, à ternura, tal como um augusto imperador que quer ver todos os seus súditos vestidos de festa, tocando cítaras e alaúdes, repetindo um cântico novo:

" '*Glória a Deus nos Céus Infinitos, e Paz na Terra aos homens de boa vontade.*'

"Anuncio-vos, pois, um Deus-Amor, um Deus-Piedade e Misericórdia, ao qual deveis chamar de vosso Pai, porque o é com toda a ternura e solicitude com que amais e cuidais dos vossos pequeninos.

"De hoje em diante, jamais direis que estais sós e desamparados nos caminhos da vida, porque Deus vosso Pai cuida de tudo ao vosso redor com mais solicitude de que uma mãe junto ao berço do filho.

"Entretanto é necessário que procureis através da oração e das boas obras a aproximação do vosso Divino Pai, do qual não conseguis separar-vos nem sequer quando vos esqueçais Dele!... Entendei bem: seu eflúvio benéfico, sua energia revigorante, sua força que será a vossa força, não penetra em vós de qualquer modo, a não ser quando vossa fé, esperança e amor abre o vosso coração de par em par, como penetram os raios do Sol quando abris a porta da vossa vivenda.

"Compreendei Deus e chamai-o na vossa simplicidade. Encontrai-o na água que bebeis, no pão que vos alimenta, no fruto maduro arrancado do horto, no ar que respirais, nos astros que vos iluminam e até nas pequeninas flores silvestres que encontrais pelos caminhos.

"Em tudo está Deus, vosso Pai, rodeando-vos por toda parte e derramando o bem para vós em todas as manifestações da Natureza.

"Desde os cedros do Líbano até o musgo que adere à encosta das montanhas, tudo encerra a virtude de Deus para a vossa saúde e para a vossa vida.

"Para que possais ver resplandecer sobre vossas cabeças, como uma auréola radiante, o amor do Pai, eu vos digo em Seu Nome:

"Vinde a mim todos os que estais sobrecarregados, bem como aqueles que abrigam em seus corações dores causadoras de angústias de morte!... Vinde, que o nosso Pai me deu o poder de curar vossos corpos e consolar as tristezas da vossa vida!"

A imensa multidão ia precipitar-se nas margens do Lago; no entanto, o Mestre mandou aproximar a barca até encalhá-la na areia da praia.

Com uma voz que tinha vibrações de clarim tocado na alvorada, disse:

– Sedes curados de vossas doenças físicas e desapareçam de vossos lares as rivalidades e o egoísmo, causa de vossas dores morais!

"Ide em paz, pois o amor do Pai vos encherá de felicidade, se vos entregardes a Ele como vos ensinei!"

Imenso coro de clamores, de bênçãos e de hosanas ressoou nas margens do Mar da Galiléia, aclamando o Profeta que afastava a dor, a enfermidade... a tristeza.

Os anjos de Deus, evocados fortemente pela alma radiante do Cristo, derramavam sobre aquela multidão cansada e sofredora todo o bem, alegria e amor emanados de Deus, como essência divina a penetrar nos corpos e nas almas, porque se produziu tal algazarra que quem não soubesse do ocorrido poderia pensar que aquela multidão havia enlouquecido em conjunto.

Os reumáticos arrojavam para longe de si os bastões onde se apoiavam ou as cadeiras de rodas nas quais se haviam feito conduzir; os atacados do pulmão, cuja voz afônica a custo se fazia ouvir, gritavam aclamando o Profeta; quem padecia de chagas e úlceras arrancava as vendas para mostrar a seus familiares que estava curado; os cegos vagavam como sonâmbulos diante das maravilhas da luz e do panorama que se apresentava à sua vista, privada da visão por acidentes ou por nascimento.

Ninguém podia acalmar aquela tempestade de alegria que se manifestava sob todas as formas nas quais a alma humana exterioriza seus sentimentos.

Os doze íntimos do Mestre, mudos de assombro, observavam a multidão como que enlouquecida e também o Mestre, de pé sobre a cabine da barca, contemplando o tumultuado quadro que se oferecia à sua vista.

De sua alma de Ungido levantava-se um hino mudo, porém intenso, de gratidão ao Deus-Amor a oferecer-lhe, completamente cheia, a taça de felicidade que consiste em fazer o bem sem esperar nenhuma recompensa.

Um precioso veleiro vindo do norte aproximou-se da costa atraído pelos clamores da multidão.

– Que acontece ali? – perguntou uma jovem e bela mulher que, entre várias moças jovens como ela, passeava delicada e suavemente pelo Lago ao cair da tarde.

– Aclamam o Profeta – respondeu uma das donzelas, cujo nome era Fatmé, aquela mesma Fatmé que ele havia curado dois anos antes.

– E por que o aclamam? – voltou a perguntar a dama que parecia ser ali quem comandava aquela excursão feminina.

– Provavelmente curou todos os enfermos como curou a mim – respondeu a donzela. – Lá está ele, de pé sobre a cabina de uma barca. Não o estás vendo?

– Naturalmente que o vemos – responderam todas. – E que majestade há em seu porte! Parece um rei!

– Dizem que reinará sobre todo o Oriente – acrescentou Fatmé demonstrando estar muito a par de tudo o que dizia respeito ao Profeta.

– Profeta-Rei? Será algo nunca visto – exclamou a dama abanando-se para espantar os insetos.

"Os profetas e os reis são como o azeite e a água. Muito embora possam juntar-se por alguns momentos, jamais se confundem nem se misturam. Os Profetas buscam somente a Deus, enquanto os reis buscam o ouro."

O veleiro chegou quase a roçar com sua proa na popa da barca onde se achava o Mestre.

– Gente de Tiberias – disse João, vendo Jhasua voltar seu olhar para o veleiro.

– É a pagã do Castelo de Mágdalo – acrescentou Santiago.

– Por que a chamas de pagã? – perguntou o Mestre.

– Porque não é da nossa fé e não vive como nós.

– Mas... os Anciãos do Tabor já não vos explicaram que Deus ama todas as suas

criaturas, tenham ou não a fé de Israel? – perguntou novamente o Mestre, como estranhando ver um de seus íntimos manifestando esse sentimento de desprezo a uma criatura humana.

– É verdade, Mestre – respondeu o interpelado. – Contudo, dizem tantas coisas dessa mulher que não se sabe se é uma dessas sereias surgidas dentre as águas para enfeitiçar os homens, ou uma fada boa, cativa de algum demônio, no Castelo de Mágdalo perdido entre as nogueiras.

– Essa mulher não é má – disse Pedro. – Como é rica, agrada-lhe o luxo e as festas, porém dá esmolas aos pobres.

– Aposto que vem com uma sacolinha de dinheiro para repartir entre os enfermos e as viúvas – acrescentou André.

Com efeito, viram que os remeiros estendiam uma prancha de desembarque até a costa e as seis donzelas desceram à praia. Sua chegada acalmou um pouco a multidão para fixar nelas a atenção.

Jhasua observava-as em silêncio.

– Viemos em busca dos enfermos e das viúvas – disse Fatmé, que parecia ser a líder daquela gentil expedição.

O Mestre não a reconheceu no primeiro momento. Estava tão mudada com seus novos trajes e o penteado à grega!

– Não há enfermos, pois foram todos curados pelo Profeta! – disse uma forte voz dentre a multidão.

– No entanto deverá haver viúvas pobres e crianças órfãs – insistiu outra das moças.

Aquela a quem haviam chamado "*a pagã do Castelo de Mágdalo*" não falava, absorta olhando para o Mestre que, atraído por aquele insistente olhar, voltou os olhos para ela.

Reconheceu-a no mesmo instante. Era aquela jovem que, na Grande Avenida de Tiro na tarde da batalha naval da Naumaquia, presenteou-lhe um escravo moribundo, colocado por ele entre os empregados dos armazéns de Simônides.

Ela também o reconheceu e, aproximando-se, perguntou:

– Profeta! Como está aquele escravo que estava morrendo na Grande Avenida de Tiro?

– Vive como homem livre e trabalha honradamente para ganhar o seu pão – respondeu Jhasua.

– Graças às tuas artes mágicas – disse ela.

– Graças a Deus que tudo pode – respondeu o Mestre.

– Curaste toda esta multidão que te aclama? – voltou a mulher a perguntar.

– Deus é Amor, e alivia todas as dores quando com fé e amor se pede a Ele.

– Eu não posso ser curada do tédio e do aborrecimento que me fatiga?

– Ama a Deus e aos teus semelhantes como a ti mesma e jamais te aborrecerás de viver.

– Odeias o luxo e as riquezas, Profeta!... – disse com pena a formosa mulher.

– Porque enchem de tédio e de cansaço a alma, como encheram a tua.

Suas jovens companheiras haviam terminado de repartir as moedas entre as viúvas e os órfãos e Fatmé aproximou-se do Mestre.

– Já não te lembras, Mestre, de Fatmé, a filha de Hanani?

– Oh, sim, minha filha!... Não te havia reconhecido antes. Dize a teu pai que irei visitá-lo daqui a três dias.

– Já não tenho nada daquele mal – acrescentou a jovem.

– Estou vendo perfeitamente – disse o Mestre –, pois pareces uma roseira na primavera.

– Voltei ao Castelo de minha meninice – acrescentou Fatmé. – Esta é Maria, que me proporciona todo o bem.

– Que nosso Deus-Amor seja abençoado por tudo! – respondeu o Mestre com suave ternura.

– Pede-lhe para vir ao Castelo – falou Maria ao ouvido de Fatmé.

– Quando visitares meu pai, lembra-te de nós, Mestre, e entra no Castelo... – pediu timidamente Fatmé em tom de terna súplica.

O Mestre olhou para Maria, em cujos olhos viu também uma súplica muda.

– Já chegou a hora!... – murmurou Jhasua. – Está bem, Fatmé. Quando vier visitar teu pai, deter-me-ei por alguns momentos no cais do Castelo, se com isso puder fazer algum bem a seus moradores.

As moças embarcaram novamente e, pouco depois, o veleiro se perdeu de vista, ao mesmo tempo que a multidão se dispersava alvoroçada.

Alguns momentos depois o Mestre tomou o caminho de Nazareth, deixando seus doze discípulos na velha casa de Simão Barjonne, pai de Pedro e de André.

O dia seguinte era sábado, e ele estava avisado pelo tio Jaime que um ilustre rabi da seita dos fariseus dissertaria na Sinagoga mais concorrida da cidade. Jhasua desejava escutá-lo. Chamava-se Eleázar, filho de Simão, e era leproso, embora a maligna enfermidade não aparecesse ainda em sua pele graças à espessa penugem de suas mãos, à barba demasiado espessa e às drogas, pomadas e cosméticos com as quais a dissimulava.

Um conhecido feiticeiro, radicado em Tiberias sob a proteção de Herodíades, era quem guardava o segredo da situação de Eleázar, o fariseu, e fazia uso de todas suas artes para arrancar-lhe o terrível mal antes que se tornasse visível.

– Salva-me por Deus ou pelo diabo! – disse Eleázar – e dar-te-ei tudo quanto quiseres. Estou casado com uma filha do Sumo Sacerdote do Templo de Jerusalém, que manda mais na Judéia que o Procurador Romano e que o rei... mais ainda que o César, e posso tornar-te grande e poderoso. Salva-me, porque, do contrário, meu mal não demorará em tornar-se visível e obrigar-me-ão a me sujeitar à lei que expulsa os leprosos para o Monte do Mau Conselho e proíbe viver entre as pessoas da cidade. Como poderei suportar um opróbrio semelhante, eu, um justo que não transgrediu jamais um único preceito da Lei?

Tal era o personagem que nesse sábado falaria na Sinagoga principal de Nazareth, onde havia chegado alguns dias antes procurando aproximar-se do feiticeiro que prometia curá-lo. Mas, perante todos, aquele santo filho de Abraham dava a impressão de estar inclinado a dar instrução religiosa aos galileus, tidos pelos judeus como incapazes de estudos elevados.

– Sacrifico-me com todo o prazer – disse – para dar instrução religiosa a Nazareth, a cidade natal de minha mãe.

Os bons galileus, crédulos como toda alma sincera e sem hipocrisia, maravilharam-se da abnegação de Eleázar, o fariseu, que deixava o brilho de Jerusalém para desterrar-se, por algum tempo, em suas silenciosas montanhas, só para fazer o bem ao povo da cidade natal de sua mãe. Os nazarenos multiplicaram-se em atenções e gentilezas. Aquele virtuoso homem de letras era bem merecedor de tudo.

O Mestre desconhecia todos esses detalhes, e apenas sabia que um doutor da lei, personagem principal da seita dos fariseus, ocuparia a cátedra sagrada na Sinagoga de Abimelech, como a chamavam pelo nome do fundador.

Myriam, o tio Jaime e alguns outros familiares compareceram com Jhasua para ouvir o ilustre orador sacro que honrava com a sua palavra uma Sinagoga de Nazareth.

Confundidos por entre o devoto auditório, o Mestre e os seus não chamaram a atenção. Poucos instantes depois, o grande homem entrou no severo recinto acompanhado pelo Hazzan da Sinagoga, por vários escribas que tomariam nota de sua prática e as de vários outros homens importantes da cidade.

Seu tema era este: "A fiel observância da Lei torna o homem justo."

A clarividência poderosa do Mestre percebeu prontamente tudo quanto havia na alma e no corpo de Eleázar, o fariseu e, pela primeira vez em sua vida, se encontrou frente a frente com a poderosa seita que trataria de estorvar seu caminho e que, nesse momento, estava personificada na pessoa daquele ilustre orador sacro.

Tampouco Eleázar poderia julgar achar-se na presença do único homem capaz de conhecer a sua falsidade, ou seja, do grande Nazareno que descobriria diante de todo o mundo o que era o fariseu judeu... o protótipo da hipocrisia, da avareza, da dureza do coração, encoberta sob o sutil verniz de sua enganosa santidade.

Com admirável certeza, o Mestre examinou o mundo interior daquele homem que falava com a prosopopéia de um justo, de um mestre de alto gabarito.

O orador desagregou da obscura penumbra da lenda e da tradição oral ou escrita as inconfundíveis figuras de Abraham, de Isaac e de Jacob, oferecendo-as ao auditório como protótipos da virtude e da justiça a que chegava todo observador fiel à Lei mosaica, e condenando com frases terríveis aos inobservantes por descuido ou por malícia.

Os três patriarcas mencionados viveram dois mil anos antes de Moisés, ao qual os doutores de Israel atribuíam todo o conjunto de preceitos contidos no Deuteronômio.

Como, pois, pretendia apresentá-los como santificados pela fiel observância das leis promulgadas ao povo hebreu vinte séculos depois?

Ao mencionar as purificações ordenadas pela Lei para as mulheres que haviam dado à luz e para os homens recém-curados de enfermidades ocultas, fez o orador tal desbaratamento de exageros, de ameaças e de terríveis augúrios pela falta de cumprimento das disposições legais que era fácil compreender o estado de consciência em que deixava as almas simples e de boa fé, que se viam compreendidas nos tremendos anátemas do orador.

Terminou pouco depois anunciando que todas essas transgressões, por negligência ou por malícia, podiam ser subsanadas e perdoadas por Deus comparecendo ao Templo de Jerusalém com as dádivas ordenadas pela lei, ou seja, os sacrifícios dos melhores animais de suas criações, ou as mais escolhidas produções dos campos e dos hortos. "Os bezerros, os cordeiros; a flor de farinha, o azeite e o vinho eram, desde logo, as mais nobres e puras oferendas aceitas por Jehová em expiação das culpas contra a Lei."

À fina observação de Jhasua não escapou o menor detalhe. Ele viu os rostos angustiados de algumas jovens mães, que, não havendo podido chegar até Jerusalém para purificar-se aos quarenta dias do nascimento de seus filhinhos, viam-se expostas aos tremendos castigos de Deus enunciados pelo homem justo que, em Seu nome, falava da santa cátedra.

Viu anciãos e jovens com a inquietação manifestada nos olhos, porque tampouco tinham cumprido com as purificações ordenadas pela lei.

Quando o programa desenvolvido pelo orador atingiu a ordem das enfermidades chamadas imundas, como a lepra, o tifo, a observância do sábado, como dia do Senhor, a severidade e o rigor chegou a tal ponto que, entre os ouvintes no auditório, muito poucos não foram atingidos pelo afiado estilete daquela oração transbordante de ameaças contra os infratores.

"O terrível Jehová dos exércitos, espumando de cólera contra seus filhos insubmissos, mandaria seus anjos de justiça nos ventos da noite, no orvalho das madrugadas, nas nuvens escuras das tempestades para flagelar todos os audazes que se permitiam passar por cima das determinações de sua Lei soberana."

O terrível e inflamado discurso terminou no meio de um silêncio de morte.

Era costume que o orador esperasse alguma interrogação da parte de seus ouvintes que tivessem certas dúvidas sobre a argumentação feita.

Jhasua levantou-se do seu assento e caminhou sereno até a cátedra, defronte à qual se deteve. O ilustre orador olhou-o satisfeito em ver um jovem galileu de tão nobre porte apresentando-se diante dele para, seguramente, fazer uma consulta que poria mais em evidência seus altos valores como homem ilustre de Israel.

O hazzan, conhecendo Jhasua, sua capacidade e seu modo de pensar, tremeu da cabeça aos pés pela tempestade que previa, porém seu dever era guardar silêncio.

– Honorável Rabi de Jerusalém! – disse Jhasua com leve inclinação de cabeça.

"Tua estupenda prática suscitou em mim algumas dúvidas e é teu dever resolvê-las, como é o meu expô-las.

"Ouvi com satisfação a apresentação que fizeste de nossos pais Abraham, Isaac e Jacob como formosos exemplos de justiça e de santidade para todo bom filho de Israel, e efetivamente creio serem eles os três verdadeiros santos do nosso povo. Contudo, eles não foram santificados pelo seu bom cumprimento das leis do Deuteronômio, visto como este foi escrito dois mil ou mais anos depois da existência desses nossos três grandes patriarcas.

"Eles foram justos, cumprindo a Lei Natural que todos levamos gravada em nosso coração e que, por si só, tem o poder divino de tornar justos todos os que a cumprem. De seu próprio coração, Moisés a transcreveu em tábuas de pedra, para que o povo hebreu, contagiado pelo paganismo idólatra do povo egípcio, não tratasse de encobrir com as areias do deserto a trilhada e pura senda de Abraham, de Isaac e de Jacob."

O orgulhoso fariseu estava lívido, pois, em toda a sua vida não havia visto tão de perto o que ele chamava, em seu foro íntimo, de audácia de um ignorante.

– Todo o conteúdo da minha prática – disse finalmente – foi acomodada ao nível intelectual do meu auditório. Numa sinagoga da Judéia eu não teria falado da mesma maneira.

– Com isto queres dizer que na Galiléia a instrução religiosa é muito deficiente – disse Jhasua –, entretanto, creio, honorável rabi, que não é desfigurando a verdade que se instrui e educa o povo.

– E quem és tu, que te atreves a dar lições a mim, que há vinte anos estou ensinando no Templo e nas sinagogas de Jerusalém?

– Simplesmente um homem que procurou a Verdade e a encontrou na meditação

e no estudo, e que não gosta de vê-la desfigurada e encoberta por nenhum véu nem disfarce – respondeu o Mestre com admirável serenidade.

"Falaste da santificação do sábado, no qual '*não é lícito nem sequer enterrar os mortos nem dar assistência a um enfermo ou levantar um ferido caído num caminho*'. Falaste do jejum e das penas a que está sujeito quem não cumprir com a lei. Mas esqueceste a palavra do profeta Isaías de que 'o jejum agradável a Jehová é a misericórdia para com os aflitos, os desterrados e perseguidos, os famintos e desnudos'. É preciso pensar que a mesa do pobre tem alimentos só em alguns poucos dias e se estes lhe chegam em dia de jejum deverá passar mais outro dia sem comer?

"Se um Profeta de Deus encontra em dia de sábado um leproso em seu caminho, deverá deixá-lo sem cura, tendo o Poder Divino de fazê-lo?"

O pensamento do Mestre foi ao mais profundo da consciência do fariseu que, sendo leproso, não só faltava com a Lei ordenando que as pessoas se afastassem dele como também o encobria, burlando desta forma a Lei.

Inquieto e perturbado, não conseguia acertar com o que devia responder, e seus olhos fugiam dos do Mestre, cujo olhar límpido e sereno lhe chegava como uma acusação.

Eleázar levantou-se para sair e disse ao hazzan:

– Se eu houvera sabido que existia um mestre em Nazareth não teria subido a esta cátedra.

– Nenhum mestre é demais para ensinar o povo – respondeu o hazzan.

– Pedir explicações a um orador sacro é permitido pela Lei. Em compensação, faltas com a Lei, rabi, não respondendo à minha pergunta: Posso curar um leproso em dia de sábado? – insistiu Jhasua.

Os divinos olhos do Mestre procuravam a alma de Eleázar, que ainda poderia redimir-se do orgulho a dominá-la.

– A severidade da Lei fez do leproso o ser mais desventurado da Terra – disse o fariseu.

"Se és o profeta Eliseu e tens o poder de curar a lepra, tende piedade dos leprosos e curai-os, ainda que seja em dia de sábado!

– Muito bem, rabi! Neste dia de sábado, na Sinagoga de Abimelech, em Nazareth, curo, em nome do Deus Onipotente, a lepra que tens no teu corpo. – A vibração destas palavras do Mestre foi tão poderosa que Eleázar se deixou cair novamente na poltrona da cátedra, porque todo o seu corpo tremia.

– Eleázar desfaleceu – disse o hazzan aproximando-se.

– Não é nada – disse o Mestre ao público. – Esperai que ainda deveis ouvir o final da prática. Minhas perguntas obrigam o orador a ampliar o tema.

O fariseu compreendeu a grandeza moral do homem que tinha diante de si e sua própria baixeza e hipocrisia ao ameaçar o povo com a Lei quando ele próprio a burlava.

Viu que de suas mãos haviam desaparecido os sinais da lepra e que um suave frescor corria por todo o seu corpo. Via-se curado por aquele extraordinário Profeta que havia lido até no fundo da sua alma.

E, ocupando novamente a cátedra, falou em termos que deixou estupefactos todos os ouvintes.

A Misericórdia Divina falava pela sua boca, enquanto que de seus olhos corriam lágrimas que tratava de ocultar do auditório; no entanto, sua voz tremia de emoção, de remorso e comoções internas profundas, quando, repetindo palavras do profeta Jeremias sobre a piedade e a misericórdia para com os desamparados, as viúvas, os

anciãos indigentes, as crianças órfãs, os perseguidos pela justiça, os encarcerados e os enfermos, recordava, sem dúvida, que sua vida era uma completa contradição à sua atual prática, que uma misteriosa força oculta o obrigava a pronunciar. Uma interior doçura e suavidade obrigava seu próprio espírito a falar dessa maneira, como se a presença do Profeta Nazareno houvesse transformado seu coração, seus sentimentos e, curando-o da cegueira espiritual, como havia curado a lepra do seu corpo, lhe tivesse feito contemplar a Bondade Divina em toda a sua infinita suavidade.

Quando terminou, abraçou-se com Jhasua e começou a chorar em grandes soluços.

– Profeta de Deus! – disse – curaste a lepra do meu corpo e também a da minha alma envenenada pelo orgulho. Sou teu devedor por toda a minha vida! Que posso fazer por ti?

– Falar ao povo sempre como acabas de fazer – respondeu o Mestre.

"Em nossos grandes Profetas – acrescentou – há formosos resplendores de amor, de esperança e de fé, que podem servir de base para brilhantes dissertações, sem que ninguém possa argüir que estás te afastando dos Livros Sagrados.

"Bem sabes, rabi Eleázar, que o Pentateuco atribuído a Moisés foi escrito, em grande parte, depois que seu corpo descansava sem vida no Monte Nebo. Vi os verdadeiros escritos de Moisés e os tive em minhas mãos. São poucos e breves e estão escondidos e guardados por uma força superior que até agora ninguém pôde vencer. Jeremias os conheceu. Isaías os conheceu... Elias e Eliseu também os conheceram. Não te afastes desses quatro Profetas em tuas práticas e estarás dentro da verdade e da justiça."

– Profeta Nazareno – disse o rabi depois de alguns momentos de silêncio. Tenho a antiga casa de campo herdada de meus avós maternos, situada entre as montanhas circundantes do vale da antiga cidade de Lazarão, hoje convertida num subúrbio fora dos muros de Tiberias. Com um pretexto qualquer, retirar-me-ei para ali para realizar na quietude e no sossego a transformação de minha vida. Minha posição em Jerusalém, daqui para diante, seria muito falsa, e confesso faltar-me valor para afrontar a luta entre a consciência que despertaste em mim e o Sinédrio, onde meu sogro Hanan ocupa um lugar preponderante.

"Ali aguardarei as tuas visitas, Profeta de Deus, se me julgares merecedor dessa honra."

– Prometo-te, Eleázar, meu amigo, uma visita para a próxima lua. Mandar-te-ei um aviso pelos filhos de Simão Barjonne, conhecedores até das plantas de feno que crescem nas margens do Lago – respondeu o Mestre, e saiu da sinagoga, porque sabia que estava sendo esperado por sua mãe e pelo tio Jaime, que não retornariam para casa sem ele.

O Monte Abedul

Do Lago a Nazareth e de Nazareth ao Lago, o formoso caminho entre montanhas cobertas de vegetação e de deliciosos e pequeninos vales foi tão freqüentado pelo Mestre, por seus discípulos e familiares, que os pastores e lavradores se haviam

familiarizado com eles, até o ponto de confiar-lhes todas as suas aflições e desventuras, tal como tinham procedido até então com os Terapeutas-Peregrinos. Deveu-se isto sem dúvida por ter sido esta uma das regiões mais favorecidas pelas forças benéficas das quais o Mestre fazia uso para aliviar as dores de seus semelhantes.

Do país dos gadarenos, na margem oposta do Jordão, haviam passado para as grutas das montanhas galiléias muitos doentes mentais, aos quais o vulgo chamava de *endemoninhados*, em razão dos acessos de furor que os acometiam de intervalos em intervalos.

Eram os que, entre nós, vulgarmente são chamados de "*loucos furiosos*".

Os vícios e as desordens de Herodíades tinham produzido essa calamidade social até nas mais afastadas regiões da Tetrarquia de Felipe, seu marido, cuja debilidade de caráter dava lugar aos abusos da terrível mulher.

As criminosas artes de magia negra exercida por perversos feiticeiros e adivinhos, das quais se valia Herodíades para os seqüestros de jovens de ambos os sexos, haviam produzido grande quantidade de desequilibrados mentais, a maior parte dos quais eram esposos ou pais de jovens escolhidos por ela como instrumentos para as orgias de toda espécie. Drogas venenosas, torturas físicas ou morais, espantosos métodos de sedução, tudo era aplicado para causar terror e medo naqueles a quem queria afastar do cenário da vida para que seus crimes não ficassem a descoberto.

Os pastores, lavradores e lenhadores da região viviam em contínua aflição por causa dos indesejáveis vizinhos, habitantes das grutas próximas ao Jordão.

– Mestre – disse Pedro um dia quando passavam por esse caminho retornando de Nazareth em direção ao Lago –, esta boa gente vive sob o terror dos endemoninhados que residem nessas grutas. Como tens todos os poderes do Pai Celestial, não poderias remediar este mal? Há pobres pastores vendo dizimados seus rebanhos pelos lobos, pelo fato de serem assustados por esses loucos furiosos, fugindo de suas casas e deixando abandonadas as suas criações.

– Vamos visitá-los – disse o Mestre. – Guia-nos, Simão, pois conheces bem o terreno.

Acompanhavam-no, além de Pedro, Zebeu, João e Felipe.

Os doentes mentais eram apenas nove e promoviam tal alvoroço em toda a localidade que se falava de uma legião de demônios talvez tão numerosa como as legiões do César.

Os pastores haviam indicado a Pedro o lugar exato onde eles se encontravam nas grutas. Era no chamado Monte Abedul, talvez motivado pela abundância das árvores do mesmo nome encontradas ali muito facilmente.

Os lavradores, pastores e lenhadores ficaram na expectativa a certa distância para presenciarem sem perigo a luta raivosa que, sem dúvida, se iniciaria entre aqueles cinco homens que se atreviam a defrontar-se com uma legião de demônios.

– O de manto branco – disseram – é um novo Profeta, é o filho do justo Joseph, que recebeu o espírito de Jehová numa viagem ao Egito, onde, dizem, Moisés também foi visitado por Deus. As pessoas do Lago estão enamoradas dele e contam maravilhas. Agora, veremos o que vai fazer.

Estes e outros comentários parecidos eram feitos pelos vizinhos da localidade invadida, segundo eles, pelos demônios, enquanto o Mestre e os seus se aproximavam da perigosa colina.

Ouviam-se alaridos horripilantes como de homens sendo torturados. Gritos e hurros, que tanto podiam parecer rugidos de leões como uivos de lobos ou latidos de mastins furiosos, tudo enfim saía do "Monte Abedul" como um turbilhão de sons confusos.

Os quatro discípulos que acompanhavam Jhasua haviam conseguido serenar-se completamente mediante as palavras do Mestre:

– Quero que vos exerciteis para poder cooperar comigo no alívio das dores humanas – disse-lhes, enquanto caminhava para o Monte. – Necessito, pois, de grande serenidade de vossa parte e plena confiança no Poder Divino que me assiste para realizar toda obra de bem em favor de nossos semelhantes.

"Se algum dentre vós se sente perturbado ou inquieto por medo, dúvidas ou por qualquer sentimento adverso ao que vamos realizar, deve dizê-lo francamente e voltar para trás, porque essa disposição de ânimo cercearia forças e seria obstáculo aos poderes invisíveis que cooperam com os trabalhadores do plano físico.

Ao dizer isto, o Mestre olhou para João, que caminhava a seu lado e no qual percebera um ligeiro tremor.

– Eu tinha medo, Jhasua! Tu o adivinhaste, mas este teu olhar afugentou o medo do meu coração... Já não temo mais nada, porque sei que és o Ungido de Deus e a tua palavra tem poder até sobre os demônios.

"Deixa-me seguir-te!..."

O Mestre sorriu bondosamente ao mesmo tempo que lhe dizia:

– Meus caminhos são duros, João, para um jovem como tu. Contudo, se o Pai te chamou na primeira hora é porque te achou capaz de corresponder valentemente à sua voz.

"Estes casos – acrescentou o Mestre, continuando a instrução, – são quase sempre produzidos pela intervenção de inteligências perversas que atuam do espaço em conivência com os encarnados que lhes são afins. Considerados deste ponto de vista real e verdadeiro, não está mal chamá-los de *endemoninhados*, pois são presas de entidades malignas que bem podem ser classificadas de *demônios*, visto como esta palavra chegou a ser um resumo de todo o mal do qual é capaz uma inteligência desencarnada.

"A causa originária destas perturbações mentais é sempre uma forte impressão dolorosa que mergulha a alma em grande desespero. Esse estado psíquico é aproveitado por inteligências perversas para produzir a obsessão direta, ou seja, absoluto domínio sobre a vítima, em cuja memória influem de maneira tão tenaz, que não podem apagar nem por um momento sequer a recordação da impressão sofrida.

"Se o Pai colocou em minhas mãos o poder sobre todos os elementos e forças da Natureza para exercê-las em benefício desta Humanidade que é a minha herança, não deve caber em vós temor algum, pois, pela Divina Vontade, toda força boa ou má está sob o meu domínio."

– Então, Senhor – disse Pedro –, estou começando a acreditar que a Santa Aliança está no caminho certo, quando, por intermédio de seus dirigentes, faz circular o rumor de que logo serás o maior Rei da Terra. Se está contigo o poder de Deus, quem poderá contra ti?

– É como dizes, Pedro. Ninguém me impedirá de deixar estabelecido sobre a Terra o meu Reino de Amor, onde reinarei pelo Amor até a consumação dos tempos. O Pai e eu fazemos nossa morada em toda alma capaz de amar.

Chegaram ao Monte e o Mestre, depois de alguns momentos de concentração mental, começou a chamar por seus nomes os nove infelizes refugiados ali.

Os uivos e os gritos silenciaram imediatamente, como se aqueles seres se houvessem detido para escutar a voz meiga e suave que os chamava de longe.

O Mestre repetiu duas vezes mais o seu chamado e cada vez com maior energia, até que apareceram nas entradas das cavernas os nove homens refugiados ali.

O aspecto deles era tão sinistro que um calafrio de medo percorreu o corpo dos quatro discípulos, que, inconscientemente, se seguraram nas roupas do Mestre.

Aqueles seres estavam quase desnudos, e o lodo das úmidas grutas, onde às vezes entravam as ressacas lamacentas do Jordão, aderiu àqueles pobres corpos, que já não pareciam tipos de nenhuma espécie humana.

O Mestre aproximou-se deles lentamente.

– Amigos! – disse – Vim visitar-vos e espero que a minha visita vos seja agradável.

"Essas grutas são doentias em razão de sua excessiva umidade, e eu quero levar-vos comigo para outra habitação melhor.

"Vossos familiares vos reclamam e é tão boa a vida em torno do lar quando há amor nas almas!"

O Mestre e seus acompanhantes perceberam que aqueles homens estavam mudos. Seus lábios e mandíbulas tremiam contraídos como o de quem deseja emitir um som e não consegue.

Os mais violentos tiravam a língua e queriam cravar nela as unhas.

O Mestre tomou-os pelas mãos enquanto foi dizendo com grande suavidade:

– Não deveis causar dano algum a vós mesmos. Sou um Profeta de Deus que, por meu intermédio, faz voltar a liberdade ao vosso espírito acorrentado e ao vosso corpo o uso de todos os seus movimentos.

"Falai! Ordeno-vos em nome de Deus!"

Como feridos por um mesmo golpe, os nove caíram por terra entre grunhidos surdos e soluços profundos.

Sereno, de pé no meio do pequeno grupo de discípulos estupefatos e dos loucos estendidos no solo, o Mestre manteve-se em silêncio por um longo momento.

Pouco a pouco, a respiração dos dementes foi se normalizando até caírem todos em profunda letargia.

O Mestre mandou dois dos discípulos pedir túnicas aos vizinhos para vestir os enfermos.

Estes logo se viram rodeados das famílias dos lavradores e pastores que, levados por sua curiosidade, se aproximaram para examinar o que ali se passava.

"Que havia sido feito da legião de demônios aterrorizadora de toda aquela região?"

Viram apenas nove infelizes seres estendidos desacordados, cobertos de tanto lodo e de imundícies que quase não dava para perceber neles a aparência humana.

O grande amor que irradiava do Cristo, personagem central daquela muda cena de dor e de medo, encheu de compaixão a alma daquelas pessoas que ofereciam ao Mestre roupas e sandálias para os enfermos.

Numa padiola improvisada, feita com varas de abedul e pano rústico, foram descendo um a um aqueles corpos inermes até a margem do Jordão para poderem ser lavados de toda a imundície de que estavam cobertos.

Pedro assumiu a chefia desta operação, na qual foram ajudados pelos pastores.

– Isto é a mesma coisa que quando lavo as ovelhas sarnentas – disse um deles demonstrando grande habilidade na limpeza daqueles pobres corpos humanos desfigurados pela terrível tragédia.

Os vizinhos contaram que eles haviam tomado posse do monte há quatro anos, embora apenas há poucos meses terem começado a uivar e a rugir como feras. Antes, julgaram tratar-se de leprosos expulsos de alguma cidade, até que os tremendos alaridos lhes deram a entender que eram endemoninhados.

Terminada a operação de limpeza e convenientemente vestidos, os nove homens foram levados para a choça mais próxima pertencente a um pastor que a havia abandonado quando teve início a tormenta promovida por aquelas feras humanas.

Foi aceso o fogo na lareira e o Mestre mandou preparar porções de leite quente com mel, visto que logo iriam despertar.

Antes que isso acontecesse, Jhasua recomendou aos vizinhos do lugar para que os recebessem, sem medo algum, como trabalhadores nos diversos serviços da lavoura, enquanto ele faria as averiguações sobre os familiares daqueles nove homens que haviam retornado à vida normal.

– Havereis de me ver passar por aqui com muita freqüência – disse-lhes o Mestre – e jamais vos deixarei no esquecimento.

Em seguida, voltou-se para os ex-dementes e, tomando cada um deles pelas mãos, mandou que levantassem e fossem comer.

Seu primeiro despertar deixou-os como aturdidos, olhando para todos os lados, como procurando orientar-se. Depois chamaram pelos nomes a seus familiares.

Vendo-se rodeados de estranhos, uma grande dor ou alguma penosa recordação anuviou-lhes de tristeza os rostos extenuados e curtidos pela intempérie.

– Logo sereis conduzidos às vossas famílias se nos derdes os dados para encontrá-las – disse o Mestre enquanto lhes fazia dar uma taça de leite quente e um pedaço do pão preto dos pastores.

Como resposta começaram esta ladainha, nada agradável, com toda a certeza.

– A maldita Herodíades roubou minhas três filhas!...

– Roubou minha esposa e, sem ela, o nosso filhinho morreu!...

– Roubou meus dois filhos, esperança da minha velhice!...

– Arrebatou minha noiva, com a qual ia casar-me na lua seguinte!...

A crônica dolorosa e trágica continuou nesse estilo. O Mestre estava visivelmente comovido perante tanta dor.

– Paz, Esperança e Amor – disse em alta voz. – Para nosso Pai Celestial não existe nada impossível se vossa fé e vosso amor vos tornar merecedores de suas divinas dádivas.

"Se vossas informações são exatas, esperai, que na próxima lua haveremos de trazer-vos boas notícias."

Todos eles, pouco depois, reunidos a seus familiares, foram porta-vozes que levaram para a margem oposta do Jordão a notícia do extraordinário Profeta que em terras da Galiléia realizava estupendos prodígios: Ele havia vencido uma legião de demônios, curado as mais rebeldes enfermidades, devolvido a palavra aos mudos, o ouvido aos surdos e a vista aos cegos.

Quem poderia ser esse homem senão o Messias anunciado pelos Profetas?

Famílias divididas por antagonismos e rivalidades voltavam a unir-se em torno da lareira, porque a palavra do Profeta, que era raio de luz e água doce de ternura,

desvanecia as tormentas dos ciúmes e da inveja entre os irmãos, nascidos de um mesmo seio e agasalhados pelo mesmo amor.

– És algum gênio tutelar da Terra, para deste modo fazer florescer tudo à tua passagem? – perguntou um dos muitos favorecidos com a dádiva divina da paz na família.

– És o mago poderoso que devolveu ao meu marido a confiança perdida em mim? – perguntou uma distinta matrona radicada em Tiberias, esposa do tribuno comandante da guarnição.

– Por haver protegido um pastorzinho maltratado pelo seu amo, ficaste na difícil situação de ser abandonada pelo marido. Como julgas que o bom Deus, nosso Pai, haveria de abandonar-te? – mencionou o Mestre. – Mulher!... lembra-te sempre que Deus ama a todo aquele que age com misericórdia em relação aos semelhantes, e que mais tarde ou mais cedo sua Luz Divina iluminará todas as trevas.

"Que aconteceu àquele pastorzinho? – perguntou Jhasua."

– Não podendo tê-lo em casa, mandei levá-lo por meus criados ao pequeno bosque de murtas próximo aos muros do Castelo de Mágdalo, aonde vão sempre as donzelas gregas para ensaiar as danças de seu culto.

"A castelã é generosa e julgo havê-lo recolhido – respondeu a romana."

– Se esse pastorzinho é o Boanerges encontrado no caminho de Damasco, já o conheço há muito tempo. Deverei ir ainda hoje ao Castelo para cumprir a palavra dada e espero poder vê-lo.

"Somente isto, mulher, é para mim uma compensação do bem feito a ti. Que Deus te pague, mulher!"

A Castelã de Mágdalo

Nesse mesmo dia, Jhasua chegou ao velho Castelo de Mágdalo que, no alto de uma verde colina, parecia uma sentinela de pedra velando sobre a aldeia de pastores e lavradores adormecida a seus pés assemelhando-se a um bando de garças brancas.

Fez-se acompanhar por Pedro, João e Zebeu, três almas ingênuas e francas que despertaram, mais do que as outras, o amor e a ternura de Jhasua.

– Quero que minhas obras de menino tenham por testemunhas outros meninos como eu. Não faltará quem ache pueril estar o Ungido de Jehová gastando seu tempo na busca de um pastorzinho ferido – disse o Mestre – enquanto se aproximava do castelo.

"Vós que já fostes instruídos nos mistérios do Reino de Deus, deveis saber que nesse pastorzinho ferido está escondida uma estrela preciosa que iluminou meus caminhos em épocas distantes."

– Explica-te, Mestre, pois não estamos te compreendendo bem – disse Pedro com sua costumeira espontaneidade.

– Dissestes-me que os Mestres do Tabor vos tinham explicado as "Escrituras do Patriarca Aldis"!

– Naturalmente que sim – responderam os três discípulos.

– Então estais lembrados de Bohindra, o Kobda-Rei – disse o Mestre.

– Claro que nos lembramos! Depois de Abel, foi a figura mais luminosa surgida naquela idade de ouro – respondeu Zebeu.

– Falaste muito bem, Zebeu. Com toda a certeza vos digo que o grande Bohindra do passado vive novamente em Boanerges, o pastorzinho ferido.

– Como sabes disto, Mestre? – perguntou João.

– Porque eu o vi na primeira viagem a Damasco, de passagem para Ribla.

– Oh, mistério de Jehová!... – exclamou Pedro. – As almas, como as andorinhas migradoras, vão e voltam para buscar o beiral do telhado da choça, ou as ameias do castelo onde habitaram para formar novamente o ninho com o mesmo amor e perseverança!

– Os segredos de Deus são sublimes – disse Zebeu –, e quão pobre e mesquinha é esta Humanidade que não o compreende!

– É uma menina cega!... Compadeçamo-nos dela! – disse o Mestre.

"Acaso reconhecestes Elias, o vencedor de Jezabel, no Solitário do Jordão, lutando novamente com aquela perversa rainha, que hoje se chama *Herodíades*?

– Quão espesso é o véu que foi descerrado diante da nossa vista desde que estamos ao teu lado, Mestre! – exclamou João. – Tudo isto é comparável a uma fada boa que, de tempos em tempos, nos traz roupas novas para podermos deixar as velhas.

– Tua comparação é exata, João. Todavia, às vezes a vestimenta nova traz falhas do tear de onde saiu e a alma precisa lutar heroicamente para curar as imperfeições até colocar-se à altura da evolução conquistada anteriormente.

Chegaram finalmente ao gradil que separava os bosques do castelo do caminho que o cruzava daí para diante.

No terraço estava uma mulher estendida num canapé sob um pequeno pára-sol de tecido dourado e azul.

A curta distância dela, um jovem de uns quatorze anos escassos tocava melodiosamente o alaúde. Seus cabelos escuros, caindo em longos cachos sobre os ombros, formavam um visível contraste com a palidez do seu rosto ainda imberbe. A túnica curta e plissada dos gregos deixava ver suas pernas cruzadas por cintas que subiam das sandálias cor de avelã com as quais estava calçado.

– Temos aí o nosso pastor – disse imediatamente o Mestre.

– Mais parece um pequeno pagem de casa senhorial que pastor – observou Zebeu.

– Tenho visto esse menino remando num pequeno bote perto da nossa tenda – acrescentou Pedro.

– Eu também – disse João. – É o que anda de colina em colina e de árvore em árvore, procurando filhotes de calhandras e rouxinóis, que logo domestica e os aclimata ao castelo.

João deu o assobio usado entre os proprietários de botes do lago.

O adolescente olhou para o gradil e disse em seguida:

– Senhora!... É o Profeta com seus amigos.

A jovem mulher, demonstrando grande lassidão, levantou-se o mais rápido que pôde e, cobrindo-se com ligeiro véu, desapareceu no interior da casa.

Boanerges desceu correndo a velha escadaria e, com certa timidez, aproximou-se de João com quem tinha alguma amizade.

– A senhora esperou-vos hoje de manhã – disse – mas alegra-se da mesma sorte por terdes vindo agora. Entrai.

– Tuas feridas estão curadas e teu coração também – disse-lhe o Mestre. – Aqui serás feliz, assim creio.

– Muito, Profeta, porque aqui me vejo livre como um passarinho num bosque e porque todos me querem como aos rouxinóis que cantam no arvoredo.

– Pois continua cantando, meu filho, se com isso conquistas o amor e a paz – respondeu o Mestre já chegando ao lugar onde o esperava a "pagã do castelo", conforme chamavam àquela bela mulher dos cabelos de ouro e coração cansado.

Ela inclinou-se profundamente, dizendo:

– Não mereço a honra que proporcionas à minha casa, Profeta de Nazareth. Sejas bem-vindo a ela, bem como todos os teus.

Fez com que todos sentassem nos bancos de um pequeno jardim com canteiros decorados com murtas e roseiras vermelhas da Irânia.

– Joaninho!... – exclamou surpresa, reconhecendo João, o filho de Salomé... – És amigo do Profeta e jamais me falaste dele!

– Julguei que não tinhas interesse nele, pois não és de Israel – respondeu João.

– Para vós não sou senão "a pagã", que dá o amor e a fé aos deuses mitológicos, filhos do sonho e da quimera!...

A mulher pronunciou estas palavras com um cunho de tristeza que não escapou à observação do Mestre.

– Acabo de percorrer terras pagãs, mulher – disse o Mestre –, e comprovei a eterna justiça do Altíssimo que ama com igual amor a todos os homens, visto como todos são criaturas suas a buscá-Lo e a adorá-Lo pelos meios que conseguem compreender.

"Alguns O encontram na radiante beleza dos astros, mais estreitamente associados às alternativas da vida humana. Outros, nas diversas e múltiplas manifestações da Natureza, na floração da primavera, na nevada do inverno, nos frutos do estio e na tristeza do outono.

"No Egito, por exemplo, as pessoas comuns encontram o Poder Supremo em seu grande rio Nilo, que transborda duas vezes por ano, produzindo duplas colheitas.

"É o nosso deus – dizem eles –, a trazer-nos abundância e paz.

"Faz pouco tempo que cheguei de Damasco, terra também chamada de *pagã*, e encontrei ali almas de pluma e seda, suaves e brandas à palavra persuasiva do Mestre a harmonizar-se com sua capacidade e seus sentimentos.

"Apenas não compreende o Eterno Senhor dos Mundos quem o supõe capaz de preferências que outorgam privilégios a uns povos em detrimento de outros, a uma raça em detrimento de outras. O Eterno Criador dos Mundos é, acima de tudo, um Pai cheio de Infinito Amor e cuja perfeição absoluta não deixa lugar para a menor sombra de injustiça ou arbitrariedades.

"É uma horrenda profanação que se comete só em supor seja Ele capaz de encher de benefícios uma raça ou um povo e deixar as outras abandonadas na miséria, na ignorância e na dor.

"O único pecado que os homens observadores desta geração encontram no patriarca Jacob é o seu amor preferencial para os filhos de Raquel: José e Benjamim. Sua expiação foi dolorosa.

"A mesma debilidade teve o patriarca Abraham para com Agar, a mãe de seu filho Ismael. A infeliz desamparada fugiu para o deserto carregando o menino para morrer com ele. Ali, no deserto, nosso Deus-Pai a consolou, porque Agar, serva pagã, era também uma criatura sua.

"Esse mesmo pecado teve o patriarca Isaac, enchendo Jacob de bens e esquecendo tristemente Esaú. O fogo da discórdia acendeu o ódio entre os dois irmãos, que a bondade e mansidão de Jacob transformou em generosa amizade.

"Os três são justos e dignos da nossa veneração e, sendo humanos, não podemos escandalizar-nos com essas suas debilidades. Contudo, supor fraquezas deste gênero no Altíssimo Senhor dos mundos e dos seres é uma espantosa aberração, própria somente da ignorância mais completa e da mais absoluta incompreensão do que realmente é o nosso Pai Universal.

"Falei assim para tranqüilizar a tua alma, mulher, pois te vejo atormentada por pesadelos íntimos que podem desaparecer pelo raciocínio e pela compreensão da Verdade Divina."

Durante esta conversação, apenas João tinha ficado junto ao Mestre, pois Pedro e Zebeu, guiados por Boanerges, dirigiram-se aonde estava Fatmé, filha de Hanani e de uma irmã de Pedro. A sobrinha, imensamente agradecida ao Profeta que a livrara do horrível mal, era uma colaboradora ativa da Santa Aliança e, num pequeno pavilhão afastado do castelo, instalara uma pequena oficina de confecção de roupas para crianças indigentes e anciãos desamparados.

A castelã tinha predileção por ela e lhe dava ampla liberdade de satisfazer sua piedosa inclinação. As outras donzelas do castelo a ajudavam em parte, mas não com a dedicação que Fatmé punha em suas tarefas de misericórdia para com os necessitados. Até se havia dado o caso de a jovem ter dado amparo no pavilhão de seus trabalhos a dois mensageiros do Scheiff Ilderin que se dirigiam a Tiberias para apresentar-se aos dirigentes da Santa Aliança.

Eram suspeitos de transportar armas nas caravanas de Tolemaida, e o tribuno da guarnição tinha recebido ordens de severa vigilância. Se não fosse a influência da "pagã do castelo" junto a Herodes Antipas, que alimentava o capricho de conseguila para as suas orgias, a boa Fatmé teria passado muito mal.

O carregamento vinha dirigido a Othoniel, mordomo do príncipe Judá, como recordará o leitor, que o enviara por uma temporada à dita cidade em busca de lugares adequados para esconder discretamente os elementos que iam reunindo no caso de tornar-se necessária a defesa de Jhasua, como libertador da Nação hebréia.

Othoniel teve fácil entrada nos banquetes da castelã por intermédio de Fatmé. Já havia, pois, dois canais, através dos quais o Profeta Galileu ficou conhecido no castelo de Hermiones, cuja filha órfã levava essa vida inútil de mulher jovem e rica procurando obter na fortuna e nos caprichos do luxo, as satisfações e gostos efêmeros que deixavam tão vazio e seco o seu coração.

Boanerges, o pastorzinho, conheceu o Profeta em seus encontros com João sobre as mansas águas do Lago e, como tinha a faculdade de adivinhar, conforme diziam as donzelas, tinha anunciado à sua senhora, através dos sentidos versos que cantava, *que muito em breve um grande amor encheria completamente o seu coração.*

A princípio julgou-se tratar-se de Othoniel que, com tanta submissão se havia enamorado da castelã; no entanto, logo as donzelas gracejavam do pastorzinho, dizendo:

– Desta vez tua ciência falhou, Boanerges, porque a nossa Maria não se perturba diante de Othoniel.

Boanerges, inconsciente do por quê de certos avisos que fazia sem premeditação, encolheu os ombros e respondeu:

– Não serei o primeiro trovador a enganar-se.

– As Musas da Poesia e da Música dizem belas mentiras para gracejar de ti e de mim. Não lhes façamos caso – disse a castelã.

Assim passou-se o tempo, até que chegou o Profeta Nazareno de volta de Damasco, quando ela contava 24 anos de idade.

A jovem mulher expandiu-se em referências sobre o gênero de vida que levava, conforme os costumes em que fora educada. Sua mãe era originária da Lucânia, sobre o Golfo de Tarento (Itália), cuja vizinhança com Macedônia e Atenas lhe havia proporcionado um meio ambiente de cultura idealista, formada das doutrinas de Sócrates e de Platão, mescladas ao entusiasmo pelas glórias e grandezas macedônias.

Seu pai, filho de gregos, nascido nas encostas do Monte Ida, na ilha de Creta, descendia das famílias homéricas cujo culto era a beleza personificada nas artes: a poesia, a música, a dança, a escultura e a pintura. Como tinha sido criada e educada nesses princípios, a castelã de Mágdalo estava muito distante da religião e dos costumes hebreus, que jamais poderiam com os seus, e não se preocupou em tempo algum de se informar, nem sequer por curiosidade, sob a forma de vida, leis e costumes do povo de Israel. Perdera a mãe na meninice e, depois da morte de seu pai, Hermiones, encheu sua vida com esse mundo fantástico criado pela mitologia das grandes nações de então, e também com os poemas homéricos e virgilianos tão em voga naqueles tempos. Somente aos 17 anos e dona de grande fortuna, viajou pelas grandes cidades da costa norte e oriental do Mediterrâneo, até escolher, para viver, uma das propriedades que herdara de seus pais, a aldeia de Mágdalo, com seu velho castelo sobre a formosa colina que dominava o Mar da Galiléia.

Poder-se-ia dizer que essa escolha havia sido guiada pela Eterna Lei que traça os destinos humanos, pois, sendo um espírito da aliança íntima do Cristo, sua residência na Galiléia a aproximava inconscientemente dos caminhos do grande Missionário da fraternidade entre os homens.

Enquanto ela relatava sua breve história, o Mestre a ouvia como que absorto em profunda meditação. A poderosa clarividência de seu espírito colocava a descoberto, em parte, o distante passado daquela criatura que, pelas contingências próprias das vidas no plano terrestre, havia tardado vinte e quatro anos para abrir-se à Luz magnífica da Verdade Divina.

Vislumbrou entre douradas brumas, panoramas do passado que as Escrituras do Patriarca Aldis esboçavam nitidamente e seu coração se enterneceu quase até as lágrimas. Entretanto, guardou silêncio.

– Mulher! – disse ao despedir-se –, chegaste novamente ao teu caminho e desta vez será para não te desorientar mais.

"Tua educação grega me faz supor que estás familiarizada com a sabedoria de Platão; por isto posso dizer-te que és viajante desde épocas remotas, perdidas na obscuridade dos tempos.

"Bendize ao nosso Deus-Amor que acende novamente a tua lâmpada, e mais uma vez o manancial divino inundar-se-á com as águas da sua bênção."

– Profeta!... que lâmpada é essa e de que manancial me falas? – perguntou a castelã com ansiedade.

– Entra no teu mundo interior e o descobrirás. Na casa de Eleázar, o fariseu e doutor da Lei, falarei amanhã depois do meio-dia para os seus amigos que conhecem os mistérios de Deus e das almas. As Escolas da Grécia, de Pérgamo e de Siracusa, que conheces, deixaram-te em condições favoráveis para compreender o Reino de Deus.

Enquanto Fatmé e as demais donzelas falavam com o Mestre, com Pedro e Zebeu, João informava à castelã e a Boanerges onde estava a casa de campo de Eleázar, situada num subúrbio de Tiberias, pois havia compreendido que nas últimas palavras de Jhasua transparecera o seu desejo de que ela o ouvisse lá.

Na alma veemente dessa mulher desencadeou-se uma tempestade tremenda.

Vivera desdenhando o amor, ou seja, colocando-o num último lugar na sua vida, tomando-o como um jogo pueril de passa-tempo; deixando-se amar sem amar, apenas pelo agradável prazer de se sentir rodeada de atenções e de oferendas de corteses admiradores.

Mas agora seu coração havia recebido uma profunda sacudidela.

Aquele homem formoso e grave, possuidor da majestade de um rei e da austera virtude de um Profeta, de tal maneira a havia comovido que agora parecia desconhecer a si mesma.

O amor irradiava de seu olhar como um quente raio de sol ao amanhecer e vibrava tão profundamente em sua palavra que a ela havia soado como uma melodia distante procurada durante tão longo tempo sem jamais ser encontrada.

Sob as frondosas avenidas do parque, passeava sozinha, fugindo da presença de suas companheiras de diversões e de jogos.

O Profeta lhe dissera para *"entrar no seu mundo interior"... "que sua lâmpada havia sido acesa de novo"... "que um manancial divino a inundaria novamente com águas de bênçãos"*.

E havia-lhe dito isso com doçura infinita, fixando nela seus suaves olhos, de profundo olhar, parecendo atravessá-la de parte a parte, enchendo-a de tal felicidade íntima que até então não havia conhecido.

No entanto, ela compreendia muito bem que aquele homem estava num nível muito alto para ela!... E não somente alto, como lhe dava a impressão de ser uma indefinível mistura do palpável com o ideal; da realidade com a quimera!...

A lua cheia iluminava os jardins, as fontes, as brancas estátuas, cópias das mais belas criações de Fídias.

As nove Musas formavam coro ao redor de um precioso Apolo coroado de rosas.

Todas aquelas belezas que antes lhe falavam tão alto aos sentidos e ao coração, e que até por momentos pareciam adquirir vida, sob a tênue luz das estrelas, agora lhe pareciam frios e mudos blocos de mármore, incapazes de responder às angustiantes perguntas do seu espírito agitado por desconhecida ansiedade.

Nem Aquiles, o herói triunfador da Ilíada, nem Ulisses, vencedor de cem reis cantado na Odisséia, podiam comparar-se ao Profeta Nazareno a arrastar as multidões com sua palavra e cujo olhar levantava o pensamento da Terra e o levava a procurar outros mundos de luz, de paz e de amor!...

Os grandiosos poemas homéricos e virgilianos falavam de deuses imortais, de gênios e de fadas de eterna juventude, e todos eles participando da vida dos homens. Não seria este um deus encarnado, um Apolo imortal que em momentos se vestiria dos raios do sol para animar toda a vida e presidir o concerto formidável de todos os rumores e harmonias da Criação?

Não seria um formoso Adônis de perpétua juventude, em sua primavera eterna para alegria dos homens?

Sua aproximação era quem acenderia novamente sua lâmpada e faria transbordar o divino manancial?

Ela não compreendia o sentido dessas palavras; todavia, seu coração pressentia uma profunda mudança em sua vida.

Imenso e reverente amor a impulsionava a levantar os olhos e as mãos para o céu azul, para que as estrelas piedosas e boas se compadecessem de sua inquietação e de suas ansiedades. Sentia a necessidade de chamar, de invocar... de adorar a oculta

Presença Divina que não conhecia mas adivinhava desde que os olhos do Profeta haviam penetrado no seu ser, como uma essência suavíssima que perdurava indefinidamente...

Estava nestes pensamentos quando ouviu a voz infantil e melodiosa de Boanerges que, sentado no pedestal da estátua de Dafne, cantava:

Viajante do Infinito
Para onde vais, coração?
Sinto que tuas batidas
Dizem-me entre gemidos
Que vais em busca do Amor!

Em interrogante ansiedade
Perguntas: onde ele está?
Porque nunca o encontraste
Naquilo que tens encontrado
Peregrino do Ideal!

Viajante do Infinito!...
Cessa teu andar, coração,
Que o amor está em ti mesmo,
Imenso como um abismo
Porque Deus é o Amor!...

A castelã aproximou-se do menino.

– Por que cantaste isso, Boanerges? – perguntou inquieta.

– Não sei, senhora... Canto sem saber por que canto. Alguém perguntaria ao rouxinol por que canta nas noites de lua cheia? Se vos incomodei, peço perdão!...

– Não, menino, não!... É que agora já sei onde está o Amor! Está na alma do Profeta que esteve hoje no castelo.

– Eu já havia dito, Senhora... há magia de amor na palavra e no olhar do Profeta!... Mas ele... – e se deteve temeroso.

– Mas ele... o quê? Que ias dizer?

– Ele vive como homem; no entanto, não é um homem! – respondeu o adolescente.

E sua bela fisionomia, mais pálida ainda com o raio branco da lua, parecia estar banhado por uma suave melancolia e também por essa mística devoção e recolhimento que acompanha a oração.

– Imaginas que ele seja um deus encarnado, Boanerges?... – perguntou com impetuosidade a mulher.

– Sim, senhora!... Às vezes eu o vejo envolto numa bruma de ouro!... Observei também que saía dele outra imagem que sobe da cabeça e se afasta, e logo volta e torna a sair. Sei que essa outra imagem é ele mesmo, exatamente o mesmo, porém ainda mais formoso que o é no seu corpo.

"É o gênio do amor e da felicidade; e aonde ele vai, todos são felizes!"

– Mas eu – disse a castelã –, fui tão miserável e egoísta perante ele, que ele deve sentir asco de mim...

– Por quê, Senhora? Que fizeste? Porventura não o recebeste bem?

– Ignoras, Boanerges, que quando estive ultimamente em Tiro, o Profeta estava lá também. Eu ia à festa da Naumaquia e ele caminhava pela Grande Avenida. Um dos escravos de minha liteira caiu por terra lançando uma onda de sangue pela boca, e eu, atrasada para ocupar o meu lugar entre as dançarinas, deixei-o ali estendido e mandei contratar outro. O Profeta aproximou-se da liteira para me perguntar se eu deixava abandonado o meu escravo. Respondi displicentemente: "Eu o dou de presente a ti. Faze dele o que quiseres."

"O Profeta lembra-se disto, como eu também. Devo ser para ele uma alimária daninha."

– Não, Senhora!... Esses pensamentos não têm guarida nele, asseguro-te – respondeu o adolescente com firmeza. – Eu o vi deter com força a mão de um menino malvado que ia arrojar pedras num mendigo coxo. Quando se viu impedido de fazê-lo, o menino pateou e gritou enfurecido. Rasgou com os dentes as mangas da túnica do Profeta que o segurava e o teria mordido se Joãozinho, que estava perto, não o tivesse impedido.

"Quando o acesso de furor se acalmou, o Profeta sentou-se sobre uma pedra, colocou o garoto sobre seus joelhos e, penteando com os dedos seus cabelos desordenados, começou a contar-lhe um belo conto, até que o menino, extremamente comovido, começou a chorar com a cabeça recostada naquele grande coração capaz de esquecer a sua maldade. Esse menino o ama agora tanto que, quando o vê, corre para beijar-lhe a mão e para levar-lhe as melhores frutas de seu horto, repetindo sempre: 'Não atiro mais pedras nos mendigos nem nos passarinhos.' "

– Queres dizer com isto que o Profeta fará o mesmo comigo? – perguntou a mulher ao menino-poeta, cantor e músico que lhe dava tão belas lições.

– Sim, Senhora. Ele procederá desse modo! Estou certo disto!

A confidência noturna terminou como se houvesse sido diluída no silêncio da noite profunda e solitária.

A jovem subiu para sua alcova e o adolescente, tomando novamente o alaúde, cantou como um rouxinol semi-adormecido entre as ramagens do bosque:

Sossega a alma e descansa
Quando sentiste o Amor
Que vem semeando rosas
Da cor da sua ilusão.

A lâmpada acendeu-se
Com a luz do seu olhar,
Nunca mais os vendavais
Voltarão a apagá-la.

Estava seca a fonte
E brotou o manancial
Que a encha de água clara
Até fazê-la transbordar...

A castelã ouvia o cantar de Boanerges da janela de sua alcova mergulhada na obscuridade.

Imensa onda, mescla de amor e de indefinível amargura, apoderou-se dela.

Estendeu-se em seu divã de repouso e, em silencioso e suave pranto, desafogou a tempestade dos sentimentos contrários que tanto a agitavam.

No dia seguinte, o Mestre, com seus doze discípulos, encontrava-se na velha casa de campo de Eleázar, o fariseu, para onde havia sido convidado como o leitor se recordará. O hazzan da Sinagoga de Nazareth, como também os de Caná e Naim estavam ali, convidados igualmente pelo dono da casa, da mesma forma como outros seus amigos escribas e homens de letras, aos quais havia falado do extraordinário Profeta que lia os pensamentos mais profundos e para quem os corações humanos eram como um livro aberto.

Semi-incrédulos, haviam aceitado o convite, mais pela satisfação do suntuoso banquete e do divertido passatempo que lhes proporcionariam as habilidades mágicas do personagem anunciado. Nenhum deles tinha a mais remota idéia de que se tratava de um verdadeiro Profeta do talhe de Elias Tesbitha, de Eliseu ou de Daniel, como assegurava o vulgo.

De todos aqueles convidados, o único que conhecia Jhasua a fundo era o hazzan da Sinagoga de Nazareth que, como Essênio do quarto grau, havia mantido sempre silêncio até que os fatos falassem por si mesmos.

O hazzan da Sinagoga de Caná conhecia muito a família de Jhasua, principalmente seus irmãos, os primeiros filhos de Joseph residentes ali. Sabia que ele viajara muito e, nas grandes Escolas de Alexandria, de Ribla e nos Santuários Essênios, fizera longos e profundos estudos. Considerava-o, pois, como um doutor e rabi sem título oficial do Sinédrio, porque jamais o havia solicitado.

O hazzan da Sinagoga de Naim era novo na cidade, era grande amigo de Eleázar e fariseu como ele. Dessa mesma índole e estirpe eram os participantes que rodeariam a mesa na qual devia sentar-se o Mestre com seus discípulos. Umas trinta pessoas, no total.

Eleázar via-se impedido de revelar ser testemunha dos poderes do Profeta na sua própria cura, pois ninguém sabia que ele fora um leproso. Dessa forma, para não deixar a descoberto seu segredo, deixava sem resposta as dúvidas de seus convidados, dizendo para si mesmo:

– Já serão despertados como eu, quando se virem a descoberto frente ao olhar do Profeta.

Este foi colocado no divã à cabeceira da mesa, ficando de frente para uma das portas de entrada do grande cenáculo, através da qual lhe dava de cheio a luz daquele meio-dia primaveril.

As glicínias e os jasmins teciam cortinados brancos e violetas nas paredes e janelas, fazendo o velho edifício parecer rejuvenescido naquele dia, cuja recordação devia perdurar durante muitos séculos.

A conversação foi muito variada, e versou sobre inúmeros temas doutrinários e políticos, históricos e científicos, nos quais se via bem manifestada a intenção de pôr a prova a capacidade do Profeta, principal personagem daquela seleta reunião.

Ninguém tinha ali má vontade com ele. Apenas a fama da qual o seu nome estava precedido provocava uma curiosidade natural em todos.

O Mestre percebeu isso logo ao chegar e se dispôs a proceder com fino tato a fim de que sua presença fosse portadora do bem para todos e que suas palavras e seus atos não deixassem atrás de si senão resplendores de luz e eflúvios de paz, de bondade e de amor. Conseguir isso plenamente foi a maior maravilha que ocorreu naquela tarde.

– Profeta – perguntou um dos convidados –, dizem que todos os corações ficam a descoberto diante da penetração ultrapoderosa do teu olhar! É verdade isto?

– Quem pode saber se estou eu penetrando neles ou se são os corações dos

homens descobrindo-se eles próprios! O livro da Sabedoria diz: "Os lábios falam daquilo que existe em abundância no coração."

Essa sutil resposta do Mestre fez com que todos compreendessem que ele não se deixava surpreender por uma pergunta inesperada.

– Diz-se – acrescentou outro – que nenhuma enfermidade resiste ao mandato da tua voz. És acaso Elias ou Eliseu que, em cumprimento de Leis Eternas conhecidas por todos, voltou à Terra para preparar os caminhos do Messias Libertador de Israel?

– Não sou Elias nem Eliseu, porque ambos vivem suas próprias vidas há mais de trinta anos sem que os humanos se tenham dado conta disto.

"Um profeta a mais ou um profeta a menos! Que significa isto para os magnatas da ciência ou do poder?

"Ao mundo interessa um César, com grandes tesouros e numerosas legiões; um guerreiro que conquiste muitas nações e conduza atados ao seu carro de triunfo, milhares de escravos. Todavia, um Profeta apenas interessa aos deserdados; aos que arrastam pesados fardos de angústia e de miséria; aos doentes incuráveis aos quais a Lei marca com seu estigma indelével."

– Profeta – exclamou outro dos convidados. – Interessamo-nos em conhecer-te e por isto estamos aqui. Que o diga Eleázar, que nos obsequiou e a cujo convite acorremos alegremente.

– O Profeta é para vós o Homem de Deus que sempre diz a verdade, ainda que seja dura como a pedra e amarga como o aloés; e vós não viestes em busca do Profeta, mas do mago que faz prodígios, da mesma maneira como as crianças vão ao saltimbanco que, entre piruetas, lhes diz saborosos gracejos para rir. Não é esta a mais redonda verdade?

O Mestre percorreu com o olhar todos aqueles rostos que via pela primeira vez. Nenhum se atreveu a negá-lo, porque uns e outros eram testemunhas de que, alguns momentos antes de o Mestre entrar no cenáculo, todos eles, menos o hazzan de Nazareth e Eleázar, haviam decidido passar uma tarde cheia de divertidas impressões com as maravilhas que o mago galileu faria na sua presença.

Eleázar, aborrecido perante o ponto a que haviam levado a conversação, interveio discretamente.

– Mestre – disse docemente. – Talvez eu tenha a culpa de que estes amigos não tenham procurado em ti o Profeta, visto como ao convidá-los apenas disse: "Vinde comer comigo e vos mostrarei o homem mais extraordinário que conheci em minha vida. É um cofre de ouro que encerra tudo quanto possais desejar."

O Mestre sorriu para Eleázar que estava sentado ao seu lado, ao qual fazia beber de sua taça e, com a maior naturalidade, continuou a conversação.

– Nosso livro d'O Êxodo – disse –, como recordais, relata acerca do maná que Jehová fazia cair para alimentar Israel no deserto e no qual cada um encontrava o sabor dos manjares que desejava comer.

"A Divina Sabedoria é como o maná, e cada qual encontra nela aquilo que seu espírito anseia, se estivermos devidamente preparados para ouvir a sua voz."

– Bem – disse um velho escriba – visto como és um Profeta de Jehová, dize-nos aquilo que todos queremos saber. Se asseguras que Elias há mais de trinta anos está vivendo na carne, o Messias, a quem ele veio anunciar, deve viver também na carne, e podes dizer *onde Ele está*, para nos juntarmos a Ele e tratarmos, unidos, de levar o povo até onde Ele está.

– Com toda a certeza vos digo que o Messias anda no vosso meio; no entanto, somente o reconhecem aqueles a quem a Sabedoria Divina outorga a necessária claridade.

"Não diz também o livro sagrado: 'Deus dá sua Luz aos humildes e a nega aos soberbos'?"

– Os reitores e Mestres do Grande Colégio de Jerusalém negaram a presença de Elias, que alguns julgam ver em João, o Solitário do Jordão – disse o hazzan da Sinagoga de Naim, recém-egressado daquele grande estabelecimento docente –, pois dizem que ninguém o autorizou a fazer das abluções do Jordão um cerimonial novo, não prescrito pelo Sinédrio, único órgão que pode ditar ordens referentes à liturgia e ao culto. E acrescentam que, se ele fosse o precursor do Messias, ou seja, *a voz que clama no deserto* anunciada por Isaías, teria saído do Sinédrio, porque este é o único possuidor da Sabedoria Divina e da Soberana Vontade do Altíssimo.

– Poderias dizer-me, amigo, quem deu ao Sinédrio esse *direito único* de propriedade que ele atribui a si mesmo? – perguntou o Mestre. Todos os olhos se fixaram nele.

– Todos os poderes vieram ao Sinédrio de Moisés, conforme estão dizendo-nos desde que abrimos os olhos para a luz – respondeu o jovem e impetuoso hazzan de Naim.

– Que continuem dizendo o que quiserem – respondeu o Mestre. – Contudo, vós, eu e todos os que têm bom entendimento podemos discernir e analisar, até encontrar a verdade.

"Faz quinze séculos que Moisés viveu na carne, e o Sinédrio, da mesma forma como todas as leis e princípios dele emanados, os mais antigos, não contam mais de seis séculos. Moisés não escolheu outros sacerdotes além de seu irmão Aarão, ajudado por seus filhos, todos eles da tribo de Levi. Desta circunstância, sem intenção alguma, surgiu depois a afirmação, errônea e ofensiva à perfeição infinita de Deus, que Ele havia designado a Tribo de Levi como casta sacerdotal e única, destinada a servir ao Templo e a dirigir as consciências em Israel.

"Qual a razão que teria o Eterno Criador de todos os seres para assinalar tal preferência pela Tribo de Levi? Não eram as Doze Tribos descendentes dos doze filhos de seu servo Jacob? Se tivéssemos podido fundamentar esta preferência na santidade e justiça de um homem, haveríamos julgado mais justo o privilégio concedido à Tribo de Manassés, filho de José, penúltimo filho de Jacob, vendido como escravo por seus irmãos, aos quais teve a nobreza de perdoar quando subiu ao posto de vice-rei do Egito, além de enchê-los com toda sorte de bens.

"Creio, amigos, ser grave ofensa à Justiça Divina o fato de supô-la capaz de preferências que nem sequer têm o fundamento de uma lógica mediana.

"Tive em minhas mãos os documentos autênticos do tempo de Moisés, o qual teve como únicos auxiliares para a direção do seu numeroso povo setenta anciãos dos mais capacitados e justos dentre todas as tribos, sem preferência alguma. Entre eles estava Num, pai de Josué, cuja força, valor e destreza para conduzir multidões se manifestavam claramente, fato esse que levou Moisés a dizer em reuniões confidenciais: 'Muitos homens jovens como Josué, filho de Num, conduziriam Israel a seus destinos, depois que vós e eu tivermos descansado junto aos nossos antepassados.'

"Asseguro-vos, sob a minha palavra de Profeta de Deus, que não vi, em toda a antiga documentação do tempo de Moisés e posterior a ele, nada, absolutamente nada que tenha podido dar origem à imensa coleção de ordens legais que hoje estarrecem o povo de Israel que esqueceu os Dez Mandamentos da verdadeira Lei Divina para poder prestar atenção e obediência às leis humanas acompanhadas de duras penalidades aos que as transgridem.

"Bem poucas são as famílias israelitas que observam aquele *Ama a teu próximo como a tí mesmo – Honra a teu pai e a tua mãe – Não furtarás – Não*

matarás – Não cometerás adultério – Não tomarás o Nome de Deus em juramentos falsos.''

Chegava aqui a dissertação do Profeta Nazareno quando penetrou no vasto recinto uma nuvem esbranquiçada de incenso da Arábia, que estava sendo queimado num piveteiro de prata levado por uma dama velada com amplo manto violeta, que o vento da tarde e seu apressado andar agitava suavemente. Ela deixou o piveteiro num ângulo da mesa e caiu diante do divã em que repousava o Mestre, como se até ali a houvesse acompanhado a vida que a tinha abandonado naquele instante.

Com a cabeça velada, a dama apoiou-se no bordo do divã e começou a chorar desconsoladamente.

Inquietante curiosidade apoderou-se de todos. A expectativa foi geral. Quem seria aquela mulher? Que esperava do Profeta? Por que chorava junto a ele com tão indefinível angústia?...

Este observava-a sereno e sem dizer palavra alguma. Através das dobras do espesso véu, ele a havia reconhecido. Era aquela mulher que, na Grande Avenida de Tiro, lhe havia dito naquela tarde: ''*Presenteio-te esse escravo moribundo. Faze com ele o que quiseres.*''

Alguém sussurrou, e a notícia correu de ouvido em ouvido: ''É a pagã do Castelo de Mágdalo.''

– Farta de adorar ídolos de mármore, vem em busca do Profeta de Deus para que ele lhe tire os demônios – murmurou outro.

– Se esse homem é em verdade um Profeta, já terá adivinhado que essa mulher é idólatra, é pagã e, portanto, uma libertina.

À sensibilidade do Mestre chegaram essas malignas murmurações e ele se propôs a dar uma lição saudável àqueles doutos puritanos, que, tendo sobre si mesmos uma boa carga de debilidade e misérias, se escandalizavam dos costumes estrangeiros daquela mulher, cuja raça e educação eram bastante diversos dos do povo de Israel.

– Por que choras, mulher, e que queres de mim? – perguntou o Mestre levantando o véu que lhe cobria o rosto.

– Senhor! – disse em língua síria. – Sabes perfeitamente qual é o meu padecer e sabes também o que quero de ti.

Destapando uma redoma de âmbar, cheia de essência de nardos, esvaziou-a sobre as mãos e os pés do Mestre e os secou com seus longos cabelos ruivos, deixados a descoberto pela queda do manto.

– Que escândalo! – murmurou muito baixo um velho escriba sentado perto de Pedro. – Um Profeta deixando-se tocar por uma mulher dessa classe!

Pedro voltou-se para ele indignado e disse com severidade: – Se o Mestre se deixa tocar, o que ele faz está bem feito.

– Mulher! – disse o Mestre à castelã. – Ungiste-me com teus perfumes como a um cadáver para a sepultura, e eu te digo que só por causa disto que fazes comigo serás lembrada pelas gerações vindouras, até a consumação dos séculos.

''Sejas como queiras! Teus erros te são perdoados, porque amaste muito. Vai em paz!''

A mulher beijou as mãos e os pés do Mestre e, cobrindo-se novamente, saiu do recinto tão rapidamente como havia entrado.

Forte rumor de comentários adversos ou favoráveis estendeu-se pelo cenáculo. Pedro, João e Zebeu defendiam o Mestre em voz alta contra os ataques dissimulados dos escribas e fariseus.

Alguns diziam achar-se a pagã enamorada do Profeta, ao qual afastaria de seu caminho.

Eleázar, o dono da casa, esforçava-se em devolver a calma, lamentando grandemente que aquela mulher houvesse tido a petulância de ir perturbar a paz do seu banquete.

Quando os rumores que já haviam subido de tom se acalmaram, o Mestre fez menção de que queria falar. Eleázar pediu silêncio e todos prestaram atenção.

– Amigos, que junto comigo rodeastes a mesa do nobre Eleázar, quero responder aos pensamentos que passaram por vossas mentes com relação à minha pessoa e à minha maneira de agir. Não julgueis, porém, que tais pensamentos me afetaram e, se não fosse pelo tema proporcionado por eles para esclarecer algumas questões que para vós estão obscuras, eu nem sequer os levaria em conta.

"Alguns dentre vós pensaram ser eu rebelde à autorização do Sinédrio, porque vos disse que a autoridade e os direitos atribuídos por ele a si mesmo não vêm de Moisés. E agora vos digo mais: o próprio Sinédrio sabe disto e está convencido da verdade desta afirmação.

"Houve um príncipe judeu, descendente de uma das mais antigas casas cujas raízes chegam até Josué, que foi o escolhido por Moisés para conduzir Israel à terra da Promissão. Este príncipe foi assassinado pelos piratas nas ilhas do Mar Egeu. No seu rico arquivo encontram-se obras de arte antiga, crônicas milenares e documentos históricos que chegam até a trinta e seis séculos atrás. Só no hipogeu de Mizraim, o pai da raça egípcia, muito mais antigo que Menes, o primeiro rei do país do Nilo conhecido pela História, pude encontrar documentação mais antiga que aquela guardada no arquivo do príncipe judeu assassinado pelos piratas. Seus ascendentes remotos, como também seus avós, foram membros do Sinédrio e dois deles chegaram a ocupar o soberano pontificado de Israel. Suas crônicas, seus documentos, seus relatos e tratados teológicos e doutrinários, científicos e apologéticos, estiveram em minhas mãos e os examinei com satisfação.

"Ali vi relatadas com datas do ano, mês e dia em que foram sendo criadas e ordenadas, em forma de livro, as diferentes ordens formando hoje o monumental volume chamado Deuteronômio. De igual modo, como esses membros do Sinédrio conservaram esses documentos, conservarão os membros atuais a documentação de seus antepassados que ocuparam esses mesmos postos no alto tribunal que governa e julga o povo de Israel. Os atuais componentes do Sinédrio sabem igualmente que sua autoridade não vem desde Moisés, que não deu ao seu povo outra lei senão os *dez mandamentos* gravados em tábuas de pedra, cujo original se encontra escondido nas grutas da cordilheira do Moab.

"Aqueles dentre vós que tiveram o pensamento de ser eu rebelde ao Sinédrio têm já a minha resposta. Não sou rebelde ao Sinédrio nem a nenhuma das autoridades constituídas neste país. Sou rebelde, sim, no mais elevado grau, à mentira e ao engano difundidos junto aos povos com fins utilitários, porque aceito plenamente a Lei Divina que diz: *Não levantar falso testemunho nem mentir.* E porque creio que unicamente a Verdade pode ser a mestra dos homens e pode levá-los ao mais alto grau de progresso nas ciências, na filosofia e na religião.

"A verdade educa e constrói. A mentira corrompe e destrói, porque ataca a lógica, a razão e a fé.

"Agora darei a explicação conveniente àqueles que pensaram 'se eu fosse na verdade um Profeta de Deus, saberia quem é essa mulher que acaba de sair, tendo beijado minhas mãos e meus pés, ungido-me com seus perfumes e secando-os com seus cabelos'".

Houve aqui um movimento de inquietação e assombro entre todos, pois a maioria deles, com exceção dos discípulos e do hazzan de Nazareth, haviam tido esse pensamento.

"Vós – continuou o Mestre – ficastes escandalizados ao me ver aceitar com agrado as manifestações do amor reverente dessa mulher. Como não quisestes pensar mal de mim, me desculpastes julgando ignorar eu quem é ela *e de que maneira vive.* Dessa pretensa ignorância minha, concluístes não ser eu um Profeta de Deus.

"Sei muito bem que ela *é pagã*, como chamais a todos os que não pertencem ao vosso culto e à vossa religião. Sei muito bem que vive no meio da névoa dourada da mitologia, no meio dessa corte resplandecente de deuses, fadas, gênios e ninfas, criados pelas mais ardentes imaginações do Egito, da Grécia e da Índia, e entre as quais vivem satisfeitos todos os povos da Terra, menos o de Israel que, iluminado por Moisés, adora ao Deus Único, Criador dos Mundos e dos seres.

"Agora escutai-me bem: vivi durante algum tempo entre os pagãos e cheguei a conhecê-los a fundo. Asseguro-vos, com a minha palavra de Profeta de Deus, sofrerem eles das mesmas debilidades e misérias como todos vós tendes em vossas vidas.

"Condenais duramente o homem infiel à mulher da sua juventude, e o sois cada vez que se vos apresenta uma oportunidade.

"Denunciais perante o Sinédrio a mulher adúltera e, com serenidade, olhais enquanto a arrastam para fora da cidade e a matam a pedradas. Sois adúlteros na obscuridade, pois, ao proceder desse modo, cuidais bem para que o vosso pecado permaneça bem oculto.

"Sois adoradores do Deus verdadeiro, Pai Universal de toda criatura, e açoitais barbaramente os vossos escravos, quando o cansaço e a fadiga os obriga a repousar durante alguns instantes. Dais a eles a comida dos animais e, quando se acham inutilizados pelos anos de enormes esforços e não vos proporcionam lucros suficientes, os vendeis da mesma maneira como vossas ovelhas ou os matais se ninguém os quer comprar. Os pagãos procedem de igual modo."

Ao dizer isto, o Mestre passeou seu olhar, como uma luz para iluminar as trevas, por todos aqueles rostos veneráveis, coroados de cabeleiras grisalhas e envoltos em auréolas de honra e de respeito.

Muitos olhos baixaram para o solo, não podendo resistir ao olhar límpido do justo, único que poderia condenar os pecadores... e o único que os defendia e amava.

– Dizei-me agora com sinceridade: se vós, que sois adoradores do Verdadeiro Deus, depositários da Lei de Moisés, justos a toda prova, agis da mesma maneira como os pagãos, quem são mais culpados: eles ou vós?

"Se realmente reconheceis que é assim, porque a lógica não admite réplica, por que vos escandalizais da minha tolerância para com essa mulher pagã que vive no meio do luxo e da algazarra dos cultos mitológicos em que nasceu e foi educada?

"Além do mais, os Profetas de Deus são enviados para salvar aos que seguem errados em seus caminhos, pois aqueles que estão certos em suas veredas não necessitam de guias.

"Varões doutos de Israel!... Cuidai, antes de tudo, de serdes justos para convosco mesmos, antes que com os demais. Antes de ver a palha no olho alheio, tirai a que tendes no vosso. Quando coardes um mosquito na água da vossa taça, cuidai para não engolir um caranguejo.

"Em todos os hortos crescem sarçais e cizânias. O homem sábio e prudente cuida de limpar bem seu horto do mato e depois examina o horto do vizinho, e se

percebe que está emaranhado pelas ervas daninhas, pergunta: Amigo! Permita-me ajudar-te a limpar o teu horto, pois já terminei a limpeza do meu?

"Assim age o adorador do Deus Verdadeiro, Pai Universal dos seres. Assim age o fiel cumpridor da Lei de Moisés, Lei de Amor e não de terror, porque todos seus mandamentos estão refundidos num único: 'AMA A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS E A TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO.'

"Alguns dentre vós que sofrem de enfermidades ocultas, pensastes que, se na verdade sou um Profeta de Deus, poderia sanar os vossos males. Pois bem, eu vos digo em Seu Nome: Sede curados em vossos corpos e esforçai-vos por curar vossas almas, de forma que o amor ao próximo, mesmo levando a marca dos escravos, vos redima de todos vossos pecados."

– És o Messias anunciado pelos Profetas! – disse imediatamente um escriba ancião que padecia de um mal crônico que nenhum médico conseguia curar.

"Desde a minha mocidade – acrescentou – sofro de um horrível mal, pois a Lei declara impuro não só quem o leva mas também qualquer pessoa que se aproxime de quem sofre dessa doença, e o Profeta Nazareno me curou!"

Vários dos presentes disseram o mesmo. Um deles desnudou o joelho vendado, porque um velho tumor o atormentava e ele o havia dissimulado, dizendo que estava coxeando em razão do reumatismo.

Outro descobriu e mostrou o peito, corroído por uma úlcera cancerosa desde há alguns anos.

Finalmente, Eleázar, o dono da casa, quis contribuir com o concurso de sua confissão sincera e disse francamente:

– Eu estava leproso e escondia a minha enfermidade para não cair sob as penalidades da Lei.

"Fiz expulsar da cidade para as grutas dos montes muitos infelizes atacados desse mal e eu próprio burlei a Lei!

"É como disse o Profeta: somos duplamente culpados e nos julgamos com o direito de nos escandalizarmos com as misérias dos outros.

"És o Messias que Israel esperava – exclamou Eleázar!"

Pedro gritou com todas as forças, como se quisesse desafogar seu entusiasmo comprimido pelo silêncio que guardara durante tanto tempo:

– É Ele!... é Ele!...

Os outros discípulos gritavam também as mesmas palavras.

– Sabias disto e não nos anunciastes antes – disse um daqueles anciãos.

– Como vos julgais ser os depositários de toda a sabedoria – disse Pedro –, não nos atrevíamos a falar! Somos pessoas do povo e tidas por ignorantes!

Todos os olhos estavam fixos no Mestre, que guardava silêncio. Finalmente, falou compelido por aqueles olhares.

– Credes agora, porque fostes curados de vossos males. Estes que me seguem creram sem que eu lhes desse nada de material como prova de quem sou. Bem-aventurados são os que, apenas iluminados pelo amor e pela fé, pedem para entrar no Reino de Deus!

"Tendes presente sempre que reconheceis a árvore pelo bom fruto que vos proporcionou e igual conclusão deverão tirar outros de vossos ensinamentos, que devem ser confirmados com as vossas obras. Nunca devereis ensinar aquilo que não sois capazes de fazer.

"Não coloqueis sobre o próximo cargas que não podeis ou não quereis levar. Este é o mais elemental princípio de eqüidade e de justiça."

Um daqueles solenes Rabis disse em seguida:

– Está anunciado que o Messias descenderia da família real de David. Esta circunstância tão primordial está na pessoa deste Profeta?

Pedro saltou como uma centelha.

– Sim, senhor, está, e aqui tenho a prova!

Sem mais demora, tirou do peito sua caderneta de anotações e começou a ler a longa série de nomes dos antepassados de Joseph e de Myriam, pais de Jhasua.

Desde Boz e Ruth, bisavós do rei David, começou a peroração genealógica de Pedro, que deixou todos em profundo silêncio.

Jhasua olhava sorridente para Pedro, e deixou que ele se espraiasse a seu gosto porque, conhecendo o seu temperamento, compreendia o quanto devia sofrer se fosse obrigado a ficar calado entre aqueles personagens cuja sinceridade ficava tanto a desejar.

– Não percas a tua paz, Pedro – disse o Mestre –, por coisas de tão pouca monta. Foi dito que pelos frutos se conhece a árvore.

"A grandeza do espírito não vem da carne ou do sangue. Tanto pode ser grande o filho de um lenhador como o descendente de um rei. Não cometeu más obras Roboão, filho de Salomão, cuja iniqüidade causou a divisão e o ódio que ainda persiste entre as famílias de Israel?"

– Dizei-me, senhores – observou o ancião Rabi que havia falado antes. – Que devemos fazer em face de tão estupenda descoberta?

– Ver, ouvir e entender – respondeu o Mestre. – Tendes olhos, ouvidos e bom entendimento. Unicamente vos falta ser sinceros e justos convosco e com os demais. Se conseguirdes sê-lo, estareis no caminho do Reino de Deus.

Jhasua despediu-se de Eleázar e retornou para a casa de seus pais, enquanto seus discípulos se dirigiam à tenda das margens do Lago.

A Galiléia Quer um Rei

Poucos dias depois chegou a Nazareth um mensageiro de Naim, da parte de uma virtuosa mulher, viúva de um primo do justo Joseph.

Essa viúva, chamada Myrina, tinha um filho de 17 anos, que seria o seu apoio na vida e o consolo da sua solidão.

Ela mandava buscar Jhasua, porque seu filho José havia sido acometido de terríveis ataques que o deixavam como morto.

Mas Jhasua estava nas margens do Lago com os seus discípulos, na casa de Simão Barjonne, ponto de reunião habitual da pequena Escola.

O tio Jaime saiu apressadamente com o mensageiro em busca de Jhasua. Entre ir e vir, demoraram um dia e uma noite e, na manhã seguinte, o Mestre entrava com seus discípulos na cidade de Naim.

Surpreenderam-se grandemente ao encontrar na rua principal um numeroso cortejo fúnebre, no qual eram percebidos a distância os lamentos das carpideiras que, em cumprimento dos rituais para os quais haviam sido contratadas, gemiam e choravam desfolhando flores sobre o féretro coberto com um manto de linho ricamente bordado.

O morto era o jovem José, filho de Myrina, a viúva que mandara chamar Jhasua.

Atrás do féretro, caminhava a desconsolada mãe, cujo pranto partia a alma, pois ninguém ignorava na cidade o grande amor que fazia da mãe e do filho um só coração e uma só alma.

Atrás dela andavam penosamente mendigos, aleijados, cegos orientados por seus guias, todos eles protegidos da virtuosa viúva que era, na verdade, a providência de todos os desamparados.

Fazia só dois anos que fora enterrado o bom Joab, marido daquela mulher, e os seus parentes e amigos, extremamente comovidos, a acompanhavam outra vez por aquele mesmo caminho ao sepulcro da família localizado numa gruta da montanha nas adjacências da cidade. O desconsolo era, pois, geral. A dor ali demonstrada era profundamente sentida e o pranto derramado brotava do coração.

Esse ambiente de sincero pesar tocou as fibras íntimas do sensível coração do Mestre, que fez deter o cortejo e se aproximou da angustiada mãe que, arrojando-se a seus pés, abraçou-se aos seus joelhos enquanto dizia entre soluços:

– Jhasua, filho do primo Joseph! Se houvesses estado aqui quando ainda respirava, o meu filho não teria morrido!... Como és um Profeta de Jehová, permite-me morrer com ele e, assim, não precisarei mais retornar à minha casa solitária, pois ficarei na tumba com ele!...

Jhasua abraçou aquela cabeça sofredora e a obrigou a levantar-se do solo.

– Não chores assim, Myrina, nem fujas de tua casa solitária, porque o poder de Deus a encherá com suas dádivas, com sua paz e com seu amor.

– Ele já não está!... – continuou clamando aquela desolada mãe.

O Mestre fez afastar a multidão, deixando apenas a mãe junto ao ataúde que foi rodeado pelos discípulos e o tio Jaime.

Abriu o féretro e afastou o branco sudário que cobria o rosto jovem e belo, ainda sob a austeridade serena da morte.

Todos imaginaram que, tratando-se de um seu parente, embora distante, Jhasua queria ver aquele rosto amigo pela última vez.

A pobre mãe, esquecendo toda conveniência, lançou-se sobre o cadáver do filho para enchê-lo de beijos e de lágrimas.

Só os discípulos e o tio Jaime compreenderam que algo estupendo ia ocorrer, pois viram o rosto e o aspecto do Mestre que parecia estar envolto numa bruma de fogo. Abriu os olhos e os lábios do cadáver, descobriu-lhe o peito e tomou-o por ambas as mãos.

Logo em seguida, erguendo-se com uma energia que o transfigurava, disse em alta voz:

– José, filho de Myrina, em nome de Deus te ordeno: Levanta-te e continua vivendo para a tua mãe!

O jovem levantou-se lentamente e, mantido pelas mãos de Jhasua, saiu do féretro.

Um clamor de espanto ressou por entre a multidão. A maioria deitou a fugir, presa do pânico que se apoderou de todos. Os discípulos permaneceram firmes em seus postos; contudo seus rostos tornaram-se lívidos e suas mãos tremiam.

O Mestre cobriu o jovem com o manto e o aproximou da mãe, que permaneceu estarrecida como uma estátua de mármore, com os olhos imensamente abertos.

Acompanhado pelos discípulos, cantou o salmo de ação de graças para a misericórdia Divina que havia consolado sua serva.

– Saí de casa chorando e retorno feliz – disse andando apoiada em seu filho que, por sua vez, lhe retrucou:

– Eu não estava morto, mãe, apenas dormia. Esperava pelo nosso Jhasua para despertar e os enterradores não tiveram a paciência de esperar.

– Haviam já passado as horas regulamentares – disse a mãe – e não pude reter-te mais ao meu lado.

– Estes sonos semelhantes à morte – disse o Mestre –, não estão sujeitos a um determinado tempo. Sobre eles manda só a Divina Sabedoria e o Eterno Poder. Às vezes são causados por desequilíbrios do sistema nervoso e outras vezes porque o espírito não consegue continuar animando a matéria, à qual deixa inerte, sem que exista lesão alguma nesse organismo.

"Dize-me José, se podes recordar, por que não conseguias continuar no teu corpo? É um corpo vigoroso, são, belo e perfeito, motivo pelo qual deves dar graças a Deus de tê-lo assim."

– Depois te direi, Mestre – respondeu um tanto perturbado o jovem.

Quando a mãe, feliz, entrou na casa pondo em movimento suas criadas para preparar um banquete em homenagem a Jhasua, o jovem disse quase ao seu ouvido:

– Veio de Esmirna o irmão mais velho de meu pai, pretendendo unir-se em matrimônio com minha mãe a fim de não empobrecê-la, ficando com o que lhe corresponde nos bens paternos sempre administrados pelo meu pai.

"Ela está indecisa e talvez aceitasse se eu não estivesse ao seu lado. Essa preocupação atormentou-me grandemente até que comecei a adoecer. Não tenho já vontade de viver com outro pai e principalmente podendo perder minha mãe, que já não será mais minha, mas do homem que será o seu segundo marido."

– José – disse o Mestre. – O egoísmo é mau até no amor filial. Tua mãe é muito jovem e, provavelmente, possa ser feliz num segundo matrimônio com o cunhado, viúvo também.

– Ela tem 34 anos e o meu tio 50. Nada tenho a dizer, a não ser que, para mim, é uma grande dor com a qual não posso resignar – respondeu o jovem.

– Dize-me, José, estás certo de que não amas nenhuma donzela da tua idade, com a qual te unirás para formar também uma família? – perguntou o Mestre. – Nesse caso, deixarás também a tua mãe e ela ficará sozinha, sem marido e sem filho. Gostarias de vê-la opor-se à tua felicidade?

– Jamais pensei em deixá-la – observou o moço.

– Porque ainda te julgas muito jovem, entretanto, pensarás nisto um pouco mais adiante!

"Afianço-te que, na casa de teus pais, verás dias felizes ao lado de tua mãe, de uma esposa e de uns pequeninos que serão a tua glória e a tua alegria. Confia e espera, pois o nosso Pai Celestial dá na justa medida o bem, a paz e o amor àqueles que O amam e O buscam com pureza de pensamentos e retidão no agir. Como poderás saber se uma circunstância inesperada não mudará logo o curso dos acontecimentos? Por enquanto és feliz. O amanhã pertence a Deus, nosso Pai.

"Basta ao dia o seu próprio afã. Compreendeste-me, José?"

– Sim, Mestre Jhasua, compreendi.

– Prometes aguardar tranqüilo a Vontade de Deus que se manifestará logo?

– Prometo, Mestre Jhasua, pela querida memória de meu pai, que já está morto, e pela honra de minha mãe, que está viva – respondeu o moço com grande resolução.

Alguns momentos depois, entravam na velha casa solarenga que havia abrigado quatro gerações. Suas velhas oliveiras, castanheiros e videiras formavam um frondoso bosque cuja sombra benéfica era fartamente conhecida por todos os indigentes e desamparados de Naim que, em determinados dias, tinham entrada livre para encher suas cestas com formosos frutos.

O pai de Myrina, a piedosa viúva de Naim, era irmão de José de Arimathéia, o grande amigo e protetor de Jhasua desde a sua meninice. Ancião já e viúvo há muitos anos, havia reclamado os cuidados da filha à qual servia de companhia desde a morte do marido. O reumatismo mantinha-o imobilizado numa poltrona construída de tal forma que o encosto e o descanso dos pés podiam estender-se horizontalmente, servindo também de leito, pois as grandes dores ocasionadas ao menor movimento haviam-no reduzido a esse modo de vida.

Assim como seu irmão mais moço, José de Arimathéia, Jesaías tinha também completado anos de estudo no Grande Colégio de Jerusalém, motivo pelo qual estava regularmente instruído nas sagradas letras, na história e nas ciências cultivadas naquela época.

Ouvira muitas vezes falar no jovem Profeta galileu e pela primeira vez se encontrava com ele.

– Agora poderei certificar-me – disse o ancião –, se os relatos de meu irmão José são contos gregos ou realidades.

Jesaías era daqueles judeus da antiga escola, da qual conservava as prevenções e certa limitação de critério, levando-o a examinar com receio toda e qualquer inovação. Alma sem inquietações de espécie alguma, não sentia necessidade de mudar absolutamente em nada os velhos princípios, tradições e costumes de seus antepassados. Ele era, pois, completamente diferente do irmão José, cujas inquietações científicas e filosóficas o haviam levado à primeira fila dos lutadores idealistas do seu tempo.

Jhasua encontrou-o tomando sol sob o verde dossel das videiras e estendido em sua poltrona-cama.

– Pai – disse Myrina abraçando-o ternamente –, acha-se aqui o Profeta que devolveu meu filho da borda do túmulo.

O jovem José caminhava ao lado do Mestre.

O ancião, que havia sido levado pelos criados ao local mais afastado do horto para não ouvir os lamentos das carpideiras durante as honras fúnebres, ignorava completamente o grande acontecimento e, olhando com espanto para a filha, perguntou:

– Estás louca? Pobre filha! – E duas grossas lágrimas rolaram de seus olhos quase apagados.

Jhasua com o jovem José colocaram-se diante dele.

O ancião deu um grito semelhante a um rugido e cobriu o rosto com ambas as mãos.

– Eliseu!... Profeta Eliseu!... Somente de ti saíram obras semelhantes!... – murmurou por fim, devorando com seus olhares o neto e Jhasua que, sorridente, o tomou pelas mãos.

– Nosso Pai, Deus Onipotente, pode criar Profetas Eliseus quando lhe agrada – disse o Mestre.

– Vovozinho! – disse o jovem ajoelhando-se diante do leito –, eu não estava morto, mas achava-me imobilizado por pesada letargia. Aqui não temos grandes médicos, e os que havia não conheciam o meu mal, a não ser este Profeta de Deus. Se não tivesse sido ele, teriam me descido para o fosso e fechado com porta dupla, e então eu não teria mais condições de sobreviver...

– Grande é o poder de Deus... infinitamente grande!... – exclamou o ancião, continuando a não querer acreditar no que seus olhos estavam vendo.

"Minha filha!... és a meiga Raquel de Jacob, que lhe custou quatorze anos de sacrifícios!... Por isso Jehová visitou a tua casa com tão grandes maravilhas."

O Mestre, sempre retendo entre as suas as mãos do ancião, irradiava sobre ele uma forte corrente fluídica, capaz de purificar-lhe o sangue da cristalização úrica acumulada em toda a parte inferior do seu corpo.

Quando julgou ser conveniente, Jhasua disse-lhe em tom afável e jovial:

– Agora daremos juntos um passeio por este formoso horto onde cantam milhares de calhandras.

O velho olhou-o, crendo não ter ouvido bem suas palavras.

– Vamos! – insistiu Jhasua, oferecendo-lhe um braço para ajudá-lo a levantar-se.

– Ele te curou, pai! – exclamou a filha num grito de júbilo.

– Oh, oh!... não pode ser!... Dizias que José não estava morto!... Tampouco eu tinha reumatismo! Oh, ah!... Deus entrou nesta casa, ou estamos todos aqui loucos varridos!

Jhasua sorria e os discípulos, ao presenciar esta cena, disseram entre si:

– Agora sim que a Galiléia é grande!... Se Salomão saísse do túmulo, mandaria transladar o Templo para Nazareth, porque Jerusalém, com toda a sua glória, jamais viu semelhantes maravilhas!

Finalmente, o ancião Jesaías decidiu comprovar que suas pernas podiam mantê-lo de pé e, apoiado em Jhasua e no neto, deu a volta no velho horto que antes percorria em sua poltrona-cama.

– Não havia mentira na palavra de meu irmão! – exclamou. – Bendita seja a sua língua que me referiu as tuas obras, Profeta de Deus! O justo Joseph, teu pai, deve ter um tríplice paraíso de felicidade e glória, porque Jehová misericordioso permitirá que ele veja as tuas obras que vêm somente d'Ele.

Estes acontecimentos na casa da piedosa viúva de Naim causaram tanta repercussão na Galiléia que os amigos da montanha, como o príncipe Judá chamava às suas legiões em formação, aproximaram-se ocultamente da Galiléia com o propósito de proclamar Jhasua Messias, Libertador e Rei de Israel.

– Todas as nossas montanhas estão cheias de lenhadores e de cortadores de pedra – diziam os bons galileus.

– Será que Herodes Antipas vai construir cidades novas, imitando assim a seu pai?

Aqueles lenhadores e cortadores de pedra foram rodeando estrategicamente o Lago Tiberíades, com o fim de surpreender a guarnição romana de Tiberias, única força militar considerável e imediata que podia estorvar seus propósitos.

O chefe desse secreto movimento foi encontrar-se com o Mestre no velho casarão próximo do Lago.

– Vosso chefe supremo – disse Jhasua –, é o príncipe Judá, e o seu segundo é o scheiff Ilderin. Um está em Jerusalém e o outro no deserto. Como, pois, procedeis desta maneira sem a sua autorização e beneplácito? Julgais, amigo, que eu tenho pressa de ser coroado rei?

– Senhor – disse o montanhês –, és o homem mais incompreensível que já, pisou nesta Terra! Onde se viu um homem a quem se quer coroar rei recusar-se a tal?

"Momento mais propício que este creio não haverá. Toda a Galiléia arde de entusiasmo por ti, Senhor; o mesmo acontece com a Ituréia e com Damasco. Se não tens pressa em ser coroado rei, nós a temos, nós, teus compatriotas e todos os teus irmãos curvados sob o jugo estrangeiro.

"Nenhuma outra pessoa pode salvar-nos, e nos deixas escravizados!

"Como podemos compreender-te, Senhor, e que esperas?"

– Meu amigo – disse-lhe o Mestre –, ninguém vos ama mais do que eu. Acima do meu amor, está o Amor Eterno de Deus, nosso Pai. Porém, nem Ele nem eu necessitamos que vos levanteis em armas para ceifar vossas vidas como as espigas no campo. Ao Pai Celestial sobra poder para elevar-me sobre cem tronos de ouro e de marfim, se essa fosse a Sua Vontade. Que é um reinado na Terra? É um resumo de todas as injustiças e delitos imagináveis que, à sombra de uma coroa e do manto real, aparecem como atos de justiça e de nobre majestade.

"Que vos falta para serdes felizes?"

– Um rei da nossa raça que nos liberte do jugo estrangeiro. Se não fosse a Santa Aliança, o nosso povo, em sua maior parte, já teria morrido de fome – respondeu o aguerrido montanhês começando a desiludir-se.

– Muito bem, meu amigo. A Santa Aliança já está com dez anos de grandes atividades silenciosas, remediando todas as necessidades que chegam ao seu conhecimento.

"Ainda não faz dois anos que meu nome começa a ser conhecido na Galiléia e as pessoas se arregimentam para coroar-me rei. Porventura necessito de uma coroa para derramar o bem sobre todos vós?

"Fica aqui comigo e com os meus, apenas por um dia. Passado o meio-dia cruzaremos o Lago e talvez vejas, com teus próprios olhos, algo que aclare a tua inteligência a meu respeito.

"És casado? Tens filhos?"

– Tenho uma família numerosa a meu cargo, pois, além de meus quatro filhos pequenos, sustento meus pais e a família de meu irmão mais velho, que está morrendo lentamente sem que nenhum médico encontre a causa do seu mal.

– Devias ter começado por isso, meu amigo. Não é mais importante a cura de teu irmão que a busca a um homem para fazê-lo rei?

– Senhor!... Meu pobre irmão nada significa para a nossa Nação!...

– Onde está o teu irmão?

– Em Bethabara, desde que o príncipe Judá começou com a instrução às nossas forças.

– Pensa nele neste instante – ordenou o Mestre.

Seu interlocutor ia interrogar algo, mas Jhasua ordenou que se calasse.

– Pensa em teu irmão e não fales mais até que eu te avise – insistiu o Mestre.

Para os conhecedores dos poderes internos de Inteligências Superiores, não existe mistério algum na atitude do Mestre que, seguindo o pensamento do chefe galileu, transportou-se ao local indicado para aliviar um homem ignorado, pai de família que morria lentamente. Ele sofria de uma úlcera no estômago que o levaria ao sepulcro, no mais tardar, em duas luas.

– Julguei que havias adormecido, Senhor – disse ao Mestre – quando o viu abrir novamente os olhos e voltar à realidade.

– O corpo adormece quando o Espírito assim o determina – respondeu Jhasua. – O Espírito, sendo Luz submersa na Luz Eterna, vai e vem de acordo com a Vontade de Deus.

"Teu irmão Azur está curado, graças a Deus."

– Senhor!... – exclamou o homem. – Eu não te disse o nome de meu irmão... Está em Bethabara, na outra margem do Jordão, a um dia inteiro de viagem!... Como podes dizer que está curado?

– Abnar, meu amigo! Se os homens conhecessem a grandeza do Amor Divino

e o seu soberano Poder, não se preocupariam em procurar um homem para fazê-lo rei. Porventura precisei ser coroado rei para aliviar a tua carga e salvar teu irmão da morte?

– Senhor, tampouco te disse o meu nome e me chamaste de Abnar! És um poderoso mago e, por isso, fazes tantas maravilhas!

– Pois bem, meu amigo. Procura convencer-te de que não preciso ser coroado rei para fazer o bem na nossa Nação!

– Liberta-a, Senhor, e salva-nos ainda que não sejas rei!... Sê-lo-ás em nossos corações por todos os dias da nossa vida.

– O único reinado que desejo, Abnar... é o reinado nos corações de todos os homens da Terra, que levarei como oferenda de amor e de glória ao Senhor dos mundos e dos seres.

– Não posso compreender-te, meu Senhor! – disse o montanhês emocionado. – Ninguém no país pode compreender-te, mas todos sabem que és grande e forte como o braço de Jehová, secando os mares e desatando as torrentes, dando a vida e tirando-a, mudando o curso dos rios e paralisando os ventos!...

"Se há deuses na Terra, como dizem os pagãos, tu és um deles!"

O Mestre levantou-se para abrir a porta fechada por ele mesmo ao entrar no velho cenáculo de Simão Barjonne. A confidência foi secreta, pois os discípulos ignoravam os preparativos bélicos que, sob a direção do príncipe Judá e do scheiff Ilderin, estavam sendo realizados nas montanhas na outra margem do Jordão.

– Senhor – disse Pedro. – Nossa refeição está posta à mesa na casa de Zebedeu e de Salomé. Esperam-nos ali, porque festejamos a entrada na glória dos 20 anos do nosso pequeno João.

– Muito bem, Pedro. Aqui temos mais um comensal. Depois da refeição, irá conosco para o outro lado do mar.

Terminado o pequeno banquete de aniversário do jovem, embarcaram. O Lago achava-se tranqüilo e o pequeno veleiro de Pedro corria velozmente ao empuxo dos remos manejados por Santiago e André, os braços fortes da equipe.

Na verde planície ao sul de Hippos, esperava-os uma multidão clamorosa e açoitada pelo infortúnio. Leprosos, cegos, paralíticos e mais uns quantos males chamados "incuráveis", devastadores da Humanidade, estavam ali representados de maneira tão terrível que horrorizava ver de perto aquele dolorido conjunto.

Agentes secretos de Simônides, enviados de Jerusalém, tinham percorrido os povoados, exaltando a grandeza do Messias Salvador de Israel. Eles fizeram chegar a Jhasua a notícia de que, na margem oposta do Jordão, havia uma multidão de enfermos que se viam impossibilitados de chegar até onde ele se achava.

– Eu irei até eles – respondera o Mestre. Esse era o motivo da viagem.

Depois de lhes falar, como médico dos corpos, sobre as causas das enfermidades e sobre o modo de evitá-las, revelou-se ainda mais como médico de almas mergulhadas em dolorosos extravios, de cujas conseqüências funestas não podiam livrar-se por si mesmos.

– Poderíeis ter caído no abismo – disse – e não ter encontrado forças para sair dele. Tomai-as, pois, de minhas mãos e sede, de hoje em diante, homens novos sem que fique vestígio algum do homem de ontem.

Os doze discípulos e Abnar, o montanhês, não foram suficientes para tomar nota das tragédias daquela infeliz porção de Humanidade que acorria ao Profeta Nazareno como último refúgio em busca de remédio.

Nos presídios da cidade de Hippos, uma das capitais mais importantes da

tetrarquia de Felipe, o terceiro filho de Herodes, encontravam-se muitos prisioneiros sepultados ali por ordem da perversa Herodíades. Eles representavam um estorvo para a rede de suas criminosas maquinações, e ela solucionava o problema enterrando vivos os infelizes que se punham no seu caminho.

– Abnar – disse o Mestre ao chefe montanhês. – Isto é ser verdadeiramente rei! Compreendes? A mulher, causadora de tantas dores humanas, é neta de um rei chamado "grande", porque construiu muitas cidades e prisões, muralhas, pontes e circos. Estás vendo esta turba sofredora cuja aparência causa calafrios?

"A miséria trazida ao país pela dissipação no luxo de Herodes e de toda sua descendência, fez todas estas vítimas aqui presentes.

"Ele foi chamado *Herodes, o Grande*. Eu sou Jhasua de Nazareth, filho de um artesão ignorado do mundo. Ele não adorava outro Deus senão a si mesmo. Eu sou filho submisso do Pai Criador de tudo quanto respira no Universo. Ele é um rei coberto de ouro. Eu sou um filho do povo, levando o pó em minhas sandálias e cansaço em meus pés.

"Examina, pois, a obra do rei e a obra do filho do artesão."

Dito isto, pôs-se de pé sobre a ponte do veleiro e, estendendo os braços que abriam seu manto branco como uma asa agitada pelo vento, disse em voz forte e sonora:

– Meus amigos! Acreditai no poder de Deus que cura neste instante todas as vossas dores por intermédio deste Seu filho, que vos ama como Ele também vos ama.

"Amai vossos semelhantes e fazei o bem a todos, e vos prometo, em nome de Deus, nosso Pai, que entrareis por um caminho novo de paz e de bem-aventurança!

"Em Seu Nome, abrirei os presídios onde foram sepultados vivos os vossos familiares e amigos que eram um estorvo para as maquinações criminosas daqueles que vestem a púrpura real.

"Em Seu Nome, vos digo: Sede curados e salvos todos os que sofreis enfermidades em vossos corpos e angústias em vossos espíritos!"

Um concerto de bênçãos e de hosanas encheu os ares, e uma imensa onda de júbilo e de amor chegou até o coração de Jhasua que, profundamente emocionado, desceu para o interior da barca. Muitos homens entraram no Lago com a água que lhes subia até os joelhos, para aproximar-se do Profeta e beijar-lhe os pés. Outros puxavam fortemente pela amarra, para que a barca chegasse até as rochas da costa.

Por Que Chora Essa Mulher?...

Outro veleiro ancorou tocando a popa da barca de Pedro, e uns remeiros robustos, negros como o ébano, passaram do veleiro para a barca grandes cestas de pão, de queijo, de frutas de toda espécie e fardos com roupas.

Os discípulos voltaram para a barca e saiu-lhes ao encontro o pastorzinho Boanerges, com a alegria pintada no semblante.

– Minha senhora – disse – envia este carregamento ao Profeta de Deus para que ele o distribua entre os necessitados.

– Mestre, Mestre!... – chamou João apressadamente a Jhasua que, estendido na cabine da barca, dava a impressão de estar adormecido.

A cura daquela enorme multidão de enfermos havia extenuado bastante o Mestre que, provavelmente, recuperava as forças na quietude e no silêncio.

– A pagã do castelo converteu-se a Jehová e vos manda presentes para os pobres – disse João ao ouvido do Mestre.

– O amor fê-la encontrar novamente o caminho e acendeu mais uma vez sua lâmpada, que não se apagará jamais – disse Jhasua como falando consigo mesmo. – Traze-me Boanerges – acrescentou – e reparti com igualdade e justiça os donativos dessa mulher.

– Profeta!... – disse Boanerges quando este chegou ao Mestre. – Tem piedade da minha senhora que está chorando continuamente!

– Por que chora? Não é acaso uma mulher feliz na satisfação de tudo quanto deseja? Falta-lhe algo que possa ser dado pelo Profeta?

– A paz do coração fugiu dela para sempre!... – respondeu entristecido o pequeno pastor, demonstrando que a amava intensamente!

– Para sempre, não, meu filho; visto como a paz é uma dádiva divina que o Altíssimo dá com generosidade a todo aquele que a pede e se coloca em condições de recebê-la. Sabes o que sucede à tua ama para ter perdido a paz?

– Luta entre o novo amor que nasceu nela e as normas de vida levadas até agora. Seu mestre, a aia, o mordomo, os procuradores de Tiro e de Sidon reuniram-se no castelo para tomar medidas a seu respeito, porque dizem que ela está louca. Um médico judeu piorou a situação, dizendo que minha ama tem demônios no corpo e que deve ir ao Templo de Jerusalém para que a livrem deles. As donzelas, suas companheiras, estão cheias de medo, e Fatmé encarregou-me secretamente de vir pedir para ires ao castelo, porque só tu podes remediar tanto mal.

– Mas, conta-me, menino, por que dizem que a tua ama está louca?

– Senhor!... Minha ama mandou abrir um fosso para enterrar todas as estátuas dos deuses gregos, como também os trajes, véus e ânforas das danças e dos banquetes, e se vestiu como as mulheres desta terra.

"O mordomo, o mestre e a aia, amedrontados pela escavação do fosso, chamaram o médico, pois dizem que a senhora jamais procedeu assim e deve padecer de algum mal. Vem comigo, Senhor, e verás! Todos no castelo estão pesarosos e ninguém se entende.

O Mestre chamou Pedro e avisou-o que ia até o castelo, cujas almeias eram vistas dali.

– Quando terminardes de repartir os donativos – disse –, vinde buscar-me com a barca antes que chegue a noite.

Embarcando no veleiro do castelo, Jhasua se afastou com Boanerges.

– Senhor!... – disse este com grande timidez. – Não te disse o pior daquilo que está ocorrendo à minha ama!... Como és Profeta, adivinharás facilmente!...

O Mestre fixou suas pupilas nas do pastorzinho, cujo olhar ficou como suspenso na luz irradiada dos olhos de Jhasua.

– Mantém-te calmo, meu filho – disse o Mestre, após alguns momentos. – Essa boa gente pensa que eu sou o mago que causou o desequilíbrio mental atribuído à tua senhora.

– Sim, Profeta!... Isto é o que dizem, e eu não sabia como dizer-te!

– Não temas nada!... Logo os convencerei do contrário.

– Senhor!... Há outra coisa mais!... – murmurou o pequeno pastor.

– Mais ainda? Oh, meu bom Boanerges!... Hoje vieste cheio de novidades –

disse Jhasua rindo dos olhares assustados do adolescente. – Vamos, explica-te de uma vez por todas.

– Encerraram Fatmé em sua alcova, para que não veja mais a senhora, porque dizem que ela também está com demônios no corpo e os passou para a minha ama por ordem tua... Ontem à noite, quando todos dormiam, Fatmé chamou-me pela janela que se abre para o pavimento superior sobre o terraço. Como o mordomo agora guarda consigo todas as chaves, vi-me obrigado a trepar pelo tronco de uma nogueira que toca no muro. Ela me mandou vir hoje escondido no veleiro para pedir que apareças lá. Não quer avisar o seu pai que vive em Tiberias porque ele a levará do castelo e ela estima profundamente à senhora.

– És um homenzinho valente e prestativo, Boarnerges – disse o Mestre colocando em ordem os longos e crespos cabelos escuros que um pequeno casquete de feltro azul impedia que se emaranhassem com o vento.

– Fui tão feliz neste último ano – disse o pastorzinho – e talvez eu tenha que ser mandado embora.

– Por que dizes isto?

– Estou no castelo por causa da senhora! Não sabes disto, Profeta? Se lhe tiram a direção da casa, me mandarão embora, como também à Fatmé e a todas as donzelas deste país. Lá somente querem gregos, Senhor.

– Não temas nada. Já estamos chegando. Desce e avisa a tua senhora que quero falar-lhe.

A castelã saiu seguida de Boanerges. Vestida como uma galiléia, pareceu ao Mestre ver sua própria mãe nos tempos da juventude.

A aia também a seguia a distância. Era uma mulher de 50 anos que coxeava ao andar. Chamavam-na Elhida.

A castelã quis ajoelhar-se quando o Mestre chegou, mas ele a tomou pelas mãos e disse:

– Com o olhar e o rosto para os céus, buscaremos as dádivas de Deus.

"Sob a sombra das nogueiras teremos uma confidência. – E a fez sentar-se no primeiro banco de pedra encontrado à entrada do parque. A aia chegou também e se manteve a quatro passos, examinando o Mestre com olhos receosos e desconfiados.

"Vem, Elhida, sentar-te aqui também, pois minha mensagem diz respeito também a ti – disse o Mestre olhando-a afavelmente. – Tens medo de mim?"

– Vem, Elhida, que com o Profeta chegam também todas as bênçãos – disse a jovem, fazendo um lugar ao seu lado.

Sempre coxeando, a mulher sentou-se, mas se manteve em silêncio. Estava alarmada pelo fato de o Profeta tê-la chamado pelo próprio nome.

– Como podes saber quando uma cereja é silvestre e amarga e quando é de cultivo e tem fruto doce? – perguntou-lhe o Mestre.

– Quem não o sabe? – respondeu a aia. – Conhece-se facilmente pelos frutos, se são doces ou amargos.

– Muito bem. Eu te digo neste instante, em nome de meu Deus que é amor e poder: quero que fiques curada desse tumor maligno que tens nas cadeiras e que te atormenta já há três anos.

"Este fruto é doce ou amargo no teu pensar? Desta forma saberás se sou portador dos demônios ou dos anjos do Senhor!"

A mulher sentiu um estranho tremor em todo o seu corpo... Empalideceu pelo medo de haver incorrido no desagrado do Profeta e, sentindo que toda a dor que a molestava havia desaparecido, prostrou-se por terra exclamando:

– Perdoa à tua serva, Senhor, porque os meus pensamentos te ofenderam sem conhecer-te. Curaste o meu mal com apenas uma única palavra!... És acaso a encarnação de Zeus, senhor de todo o poder?

– Sou um enviado do verdadeiro Deus adorado por Israel, e, no Seu Nome, realizo todas as minhas obras em benefício dos meus semelhantes.

"Agora vai em paz contar a teus compatriotas que residem nesta casa o que o Profeta fez por ti e não duvides mais do equilíbrio mental da tua ama, que me reconheceu antes de todos vós."

Elhida correu apressadamente para o castelo para dar conhecimento a todos da sua cura e para abrir a porta do quarto da pobre Fatmé, que já estava encerrada há dois dias.

– Maria!... – disse o Mestre à castelã de Mágdalo quando ficou sozinho com ela. – Levaste vinte e quatro anos para encontrar o teu caminho e, agora que o achaste, procuras enchê-lo de afiados espinhos.

– Por que dizes isto, Senhor?

– Porque espantas a paz do teu lar e do coração de teus servidores.

"Para amar a Deus e ao próximo como a ti mesma julgas necessário mudar tuas vestimentas gregas pelas usadas nesta terra? Julgas necessário enterrar num fosso as obras de arte reveladoras do gênio criador de um homem e que adornam o parque que foi distração e recreio de teus ascendentes?

"Não concebes, pelo menos de forma rudimentar, a idéia infinita do Infinito, que vive e respira em todas as coisas e que foi a chama de inspiração na mente que imaginou todas essas estátuas e lhes deu uma vida de mármore para rememorar vidas de carne e sangue como a tua, a minha e a de outros humanos, que viveram em distantes épocas, neste ou em outros planetas?

"Esse belo Apolo, entre as nove Musas, que significa?

"Representa o nosso sol proporcionando vida, alegria e fulgor a todas as coisas. As rosas da aurora coroam-lhe a cabeça e mil flechas de ouro são derramadas de suas mãos estendidas. Que existe de condenável nisto?

"Aquela estátua de Urânia, coroada de estrelas e levando em suas mãos uma esfera e um compasso, simboliza a Astronomia, ciência que permite que os homens conheçam o mundo sideral.

"A seu lado está Euterpe, com sua lira de ouro preparada para nos fazer sentir as harmonias inefáveis da criação universal.

"Clio, com seu livro monumental e uma pena de águia, escreve para nós a história da Humanidade, desde que a espécie humana apareceu no planeta.

"Se a nossa alma é pura e limpa como o cristal de uma fonte, na qual se espelham as estrelas, não veremos o mal nas coisas inanimadas, mas nas ações pecaminosas dos homens.

"O Deus Criador de tudo quanto existe não repara nas estátuas deste parque, mas nos sentimentos do teu coração para com os teus semelhantes. Não repara se vestes à moda grega ou à galiléia, apenas procura em teu coração o amor com que vestes o desnudo ou proteges o órfão, como também a viúva ou os leprosos expulsos das cidades como animais daninhos, ou ainda os encarcerados que deixaram vazio seu lugar no lar, onde seus filhos choram de fome.

"Compreendes, mulher, como deve sentir e compreender Deus a alma que procura aproximar-se d'Ele através da verdade, da fé e do amor?"

– Senhor!... – disse a castelã. – Compreendo que o teu Deus é o Bem, a Paz, a

Justiça e o Amor; e também que, fora d'Ele, não existe coisa alguma que torne a vida digna de ser vivida.

– Visto que compreendeste, manda esses trabalhadores, que estão abrindo o fosso, cessarem esse serviço e cortarem as árvores secas do bosque transformando-as em lenha para as cabanas dos que não têm fogo nos gélidos invernos, que fazem tremer de frio os anciãos e as crianças. Determina-lhes que semeiem nos campos da tua propriedade, e que haja trigo em abundância, com o qual possas tornar felizes aqueles que vão pelas ruas pedindo um pedaço de pão duro. Não percas tempo nem dispendas esforço humano em destruir essas belezas de mármore que não fazem mal a ninguém, porque a malícia está nos corações impuros e egoístas que buscam o bem e o mal nas coisas mortas, quando ambos estão nos corações vivos e palpitantes.

A castelã chamou o seu mestre, o mordomo e a aia para que ouvissem o Profeta, que se fez conhecer diante deles com suas obras, conforme era o seu hábito.

O velho mestre havia-se tornado surdo como uma pedra, motivo pelo qual dava suas lições às donzelas e a Boanerges por escrito, exigindo também que, desta forma, fossem feitas todas as perguntas motivadas por suas dúvidas. O Mestre curou-o da surdez que já vinha sofrendo há oito anos.

O mordomo tinha as pernas entumecidas pelas varizes, que às vezes se ulceravam, causando-lhe grandes dores. O Mestre curou-o também desse mal e pediu a todos que, a partir desse momento, fossem auxiliares eficazes para a senhora, que iria transformar a sua vida em piedade e misericórdia para com todos os sofredores que chegassem a ela.

O amor triunfante do Cristo agrupou desta maneira a todos naquela casa em sua missão de bem, de amor e de paz na terra que o viu nascer.

Ano Trinta e Dois

Os fatos relatados tiveram grande repercussão em toda a província da Galiléia e ainda chegaram à Samaria pelo sul e à Fenícia e à Síria pelo norte. Em razão disto, o tranqüilo Mar da Galiléia viu-se rodeado de numerosos peregrinos procedentes de cidades e de aldeias em busca do extraordinário Profeta que anulava todas as dores humanas.

Fabulosas lendas foram tecidas ao redor da sua personalidade, incompreensível para as multidões ignorantes dos poderes internos do homem que, por uma avançada evolução espiritual e moral, exerce amplo domínio sobre todas as forças da Natureza.

– Reviveu nele todo o poder de Elias, de Eliseu e de Moisés – diziam as pessoas vendo os paralíticos andarem por seus próprios pés, os leprosos limpos de suas chagas, os cegos de nascimento vendo a luz do sol com seus olhos perfeitos!...

– Ele tem em si toda a sabedoria de Salomão – diziam outros. – Com toda a certeza, este jovem Mestre encontrou o livro perdido que o rei sábio escreveu em três dias de sonho, dando a conhecer aos homens as propriedades curativas das águas, das pedras, das árvores e das ervas dos campos.

Por entre a multidão que dia após dia chegava às margens do Lago, chegavam

também rabinos presunçosos e fariseus desconfiados do jovem Profeta que arrastava as massas para escutar os seus ensinamentos.

Chegado o rumor de tal celebridade até os pórticos do Templo, vieram também dois enviados do Sinédrio com a intenção de atrair o taumaturgo para ocupar um lugar sob os dosséis de púrpura e ouro dos doutores do Templo de Jerusalém.

– Fala-nos, Profeta! – clamou a multidão numa tarde em que o sol encoberto por espessas nuvens tornava suave e fresco o vento que soprava do oeste e agitava as águas do Lago, cheio de botes, de barcas e veleiros.

– Tuas palavras nos trazem a paz e a saúde – clamavam outros – e até a miséria se torna suportável depois de haver-te escutado.

O Mestre dormitava sob a tenda dos pescadores e Pedro chegou-se a ele para despertá-lo.

– Senhor!... não ouves o clamor desta gente? Eles cruzaram o Lago e vêm de Gerguesa, de Hippos e de Gadara para ver-te e ouvir-te... A maioria é constituída de doentes, carregados de tamanha dor e miséria que parte o coração só de vê-los!...

– Que queres dizer com isto? – perguntou o Mestre despertando. – Se Deus os deixa padecer, não julgas justo que padeçam?

– É como dizes, Mestre Jhasua!... Porém também é certo que o Altíssimo te revestiu do necessário poder para aliviar todas as dores humanas, e causa grande aflição ver essa gente, que crê em ti, esperando apenas a saúde, a paz e a vida que só tu podes dar, Senhor!

– Está bem, meu amigo. Eu queria ver-te implorando desse modo pelos necessitados e sofredores, e não espantando-os do meu lado como já fizeste outras vezes.

– Porque ontem eu compreendia menos que hoje, Mestre, o que realmente és e temia que te acontecesse algum mal que hoje vejo como imaginário. Que mal alguém poderá causar a ti, Filho de Deus Vivo, com cem legiões de anjos te protegendo?

– Tua fé se engrandece, Pedro, assim como cresce este mar que temos diante de nós quando as neves do Hermon se derretem, fazendo transbordar o Jordão. Chegará um dia em que farás o que hoje me pedes para estas turbas sofredoras e atormentadas.

Tão logo a multidão viu o Profeta do manto branco, aglomerou-se ao seu redor, e ele, contendo-a com um sinal de sua mão, encaminhou-se seguido dos discípulos para uma verde colina, cuja encosta subia da margem do Lago até uma boa altura, em suave aclive.

A multidão começou a subir atrás dele, ficando no plano apenas os enfermos estendidos em padiolas e as mulheres com crianças nos braços.

Na primeira proeminência da elevação, o Mestre se deteve e, sentando-se sobre uma saliência da rocha, estendeu o olhar sobre aquela multidão a quem a dor arrastava até ele com a força que dá o instinto da própria conservação.

– Meu Pai!... – disse em voz apenas perceptível e levantando os olhos para o infinito azul. – Buscam-Te em mim porque padecem horrores.

"Se fossem felizes não Te buscariam.

"O homem terrestre necessita da dor para sentir a Tua Presença, para buscar-Te e amar-Te!

"Amor Infinito que me animas! Faze-Te sentir nestas desventuradas criaturas que ainda não sabem buscar-Te, a não ser por seu próprio interesse!"

Jhasua estendeu as mãos em atitude de pedir calma e silêncio e falou desta maneira:

– Ribeirinhos do Mar da Galiléia e moradores de todas as regiões vizinhas, que haveis caminhado longas distâncias para chegar até aqui.

"Que viestes buscar na solidão destas montanhas que até hoje foram albergue dos pastores e de seus rebanhos?

"Abatidos por dores irremediáveis, pensastes finalmente no Supremo Criador de todas as coisas e também em que, somente d'Ele pode vir o remédio que tendes buscado em vão entre os seres do vosso convívio.

"Como nuvem acinzentada escura, levanta-se de vós mesmos a pesada bruma de vossas angústias e dores, aflições e ansiedades, que não conseguis dominar e chegam até a mente do Profeta, que a lê em vossos corações enchendo-se de piedade e comiseração.

"Bendigo as vossas dores, que desta sorte vos arrastam até a Divina Misericórdia, e vos digo:

"Bem-aventurados vós, os pobres, que não maldizeis a vossa pobreza e tirais dela o tesouro do sofrimento. Vosso é o Reino dos Céus!

"Bem-aventurados vós que chorais em silêncio, oprimidos pela aflição, porque ao vosso lado chega a consolação!

"Bem-aventurados vós, os mansos que amais a paz e a concórdia, porque o amor será na Terra a vossa herança!

"Bem-aventurados os que tendes fome e sede de justiça, porque a vereis resplandecer para vós até a saciedade!

"Bem-aventurados os que tendes o coração misericordioso, porque alcançareis abundância de misericórdia!

"Bem-aventurados os semeadores de paz entre os homens, porque sereis contados entre os filhos de Deus!

"Bem-aventurados os que tendes puro e simples o coração, porque vereis a Deus em tudo quanto vive na Criação Universal!

"Bem-aventurados os que padeceis perseguição por causa da verdade e da justiça, porque vosso é o Reino de Deus, Suprema Verdade e Suprema Justiça!

"Alegrai vossos corações, porque os padecimentos atuais lavam vossos pecados para que, puros e limpos, possais entrar no gozo eterno do Reino de Deus.

"Não se alegra acaso o vosso coração quando saldais uma dívida, quando vestis uma roupa nova e sois convidados para um banquete?

"As dores que vos chegam sem buscá-las são emissárias da Divina Justiça e da própria consciência que vos obriga, assim, a redimir-vos, experimentando na própria carne a dor injusta causada aos vossos semelhantes.

"Bom é analisar a causa e a origem de todos os vossos padecimentos, porque também os há, e muito duros, como conseqüência imediata de vossos desacertos e transgressões às leis da Natureza, sempre zelosa em seus domínios.

"Todos os excessos cometidos pelo homem no decurso da sua vida se manifestam, mais tarde ou mais cedo, no seu organismo sob a forma de enfermidades terríveis, que são transmissíveis a seus descendentes.

"Quem vive entregue à embriaguez do álcool poderá achar estranho padecer de apoplexia e do fogo devorador no fundo de suas entranhas?

"O ser humano entregue à lubricidade poderá assombrar-se de uma velhice prematura e do esgotamento de seu corpo, convertido num fantasma vivente?

"O homem dado aos excessos da gula, que pensa apenas em encher seu ventre como os animais, poderá maravilhar-se de que seu sangue se torne impuro e que os seus órgãos da digestão se tornem ulcerados, causando-lhe dores horríveis?

"Os coléricos e iracundos, que fazem do próprio lar uma contínua borrasca de ódios e de terrores, poderão assombrar-se de trazer para a vida filhos desequilibrados, loucos ou maníacos, que são o seu tormento e o seu castigo?

"Se vos empenhais em passar pelas brasas ardentes, de antemão sabeis que vossos pés serão queimados e vossas roupas ficarão tostadas.

"Se entrais num charco pantanoso, certamente sabeis que vos cobrireis de lodo até a cintura.

"Se vos empenhais em cruzar por um campo de sarçais, podereis estar certos de que os abrolhos ficarão presos às vossas roupas e dilacerarão terrivelmente os vossos pés.

"Então, por que clamais ao Profeta de Deus para que tenha piedade de vós, se não a tendes convosco mesmos?

"Deixai-vos dominar pelas vossas paixões a vos arrastar a todo gênero de excessos, transgredindo as leis da Natureza que vos brinda generosamente com suas dádivas para o vosso uso, mas não para o vosso abuso.

"Todos vós tendes ouvidos para me ouvir e entendimento para compreender as minhas palavras, que vos deixam a descoberto perante os Céus e a Terra.

"Tende piedade de vós mesmos, de vossos filhos e de vossos semelhantes, porque aquilo que o Pai Celestial faz hoje convosco não tornará a fazê-lo em muitos séculos.

"Em nome do Supremo Criador de tudo quanto existe, vos digo: 'Sede curados das enfermidades todos os que as padeceis em vossos corpos e lavai com as águas do arrependimento e da misericórdia as chagas de vossas almas, para que os Anjos do Senhor se aproximem de vós como se aproximaram do nosso pai Abraham, para compartir a doçura da paz, da esperança e do amor.'

"O Profeta Nazareno vos abençoa em nome de Deus. Ide em paz!"

A multidão suplicante, manifestando o júbilo que raiava à loucura, aplaudiu o Profeta, aclamando-o de todos os modos, em todos os idiomas e dialetos falados nas distantes regiões a que pertenciam.

Bastões, muletas, ataduras e padiolas voavam pelos ares, como coisas odiosas e totalmente inúteis para a vida que começava à sombra do manto branco do Profeta... à luz daqueles olhos divinos e daquela palavra austera e suave que os obrigava a pensar num mundo superior àquele que até então os havia rodeado.

Quem era aquele homem formoso como a luz do sol, suave, meigo e bom como o pão e o mel?

Cem lendas começaram a surgir daquele enlouquecido entusiasmo que, sem raciocínio algum, via tudo unicamente sob o prisma do maravilhoso e do sobre-humano.

Ele não podia ser um homem como os demais, muito embora o supusessem dotado de todo o poder dos antigos profetas. Aqueles prediziam o futuro de países, cidades e reis, curavam alguns enfermos desenganados pela ciência, inutilizavam os malefícios dos magos perversos, mas como este... como este que multidões de centenas e de milhares de homens, mulheres e crianças viam e apalpavam, não tinham visto nem ouvido jamais. Quem era, pois?...

Uma voz poderosa saiu da multidão:

– Ele é o Messias anunciado pelos Profetas!... É Moisés que retorna para salvar seu povo do domínio estrangeiro, como o salvou da tirania dos Faraós!...

O Mestre, seguido pelo tio Jaime, tinha descido da colina por um atalho escondido entre arbustos e trepadeiras, e que conduzia à aldeia de Lazarão, onde então só existiam cabanas de pastores.

Entre as ruínas do que fora a antiga cidade, havia um refúgio de anciãos inválidos sob a tutela da Santa Aliança.

Ali foi ocultar-se o Mestre, fugindo do entusiasmo daquela multidão que, esquecendo toda conveniência, exteriorizava em alta voz seu desagrado ao poder dominante.

– Façamo-lo nosso Rei! – continuavam gritando.

– Em Decápolis – disseram os da margem oposta do Jordão – temos Hippos, Gadara e Pella com muralhas e fortalezas sem guarnições. Aclamemo-lo ali nosso Rei Libertador, enquanto o tetrarca Felipe dorme com o vinho de seus banquetes.

Pedro e seus companheiros, depois de alguma dificuldade, conseguiram tranqüilizar a multidão, com a esperança de que talvez mais adiante poderiam ver realizadas as suas aspirações.

– Não deveis comprometer a segurança do Profeta promovendo alarmes entre os poderes públicos – disseram.

"Que fareis se encarceram o Profeta por causa do vosso desmedido entusiasmo?"

– Ele não quer nenhuma recompensa material, mas apenas que sejais bons e felizes – disse finalmente Pedro.

"Não ouvistes quando vos disse: 'Ide em paz?' Obedecei, pois, pelo bem que vos fez e... toca a remar, amigos, e não pareis até chegar à outra margem!... Que não seja por causa de vossa desobediência que venham a retornar as doenças das quais vos livrastes agora."

Este último argumento de Pedro foi o mais persuasivo e todos os que tinham vindo da margem oposta, e eram os mais numerosos, soltaram as amarras e vogaram felizes, aclamando o Profeta.

Dois dias depois, o Mestre passou por Cafarnaum, situada sobre a margem norte do Lago, onde ocorreram cenas bastante semelhantes às que acabamos de referir.

Das vizinhas regiões dos gaulonitas e dos itureus trouxeram numerosos cegos, procedentes das minas de carvão que se haviam incendiado dois anos antes. Jovens mulheres histéricas com graves perturbações mentais, crianças retardadas e idiotas desde o nascimento em razão dos terrores sofridos pelas mães quando a nefasta Herodíades assolava aquelas regiões com seus criminosos caprichos.

Essa gente chamava de endemoninhadas àquelas infelizes jovens histéricas, que às vezes emitiam gritos semelhantes a uivos, deixando seus familiares aterrorizados e os vizinhos queixosos. Como essas infelizes eram uma contínua perturbação da tranqüilidade, não permitindo sequer que os demais conciliassem o sono, tinham sido confinadas numa escabrosa montanha onde existiam muitas grutas sepulcrais.

Agindo tão fortemente sobre as naturezas sensitivas, a sugestão acabou por enlouquecê-las, pois, em seus intervalos de lucidez, se viam entre velhos sepulcros semidestruídos, que às vezes deixavam a descoberto esqueletos e ossos humanos.

As mães dessas infelizes revezavam-se para ir todas as semanas levar provisões de pão, queijo e frutas secas; mas logo viu-se que esse trabalho não podia ser executado por débeis mulheres. As histéricas, em seus momentos de furor, voltavam-se contra as portadoras das provisões.

Dois homens, pagos a bom preço, iam durante a noite e deixavam os sacos de comestíveis sem chamar a atenção de ninguém.

A mãe de uma daquelas desequilibradas, que tinha amizade com a família de Felipe, um dos Doze, foi aconselhada a apresentar-se ao Profeta Nazareno para implorar-lhe a piedade.

Foi assim que o Mestre se encontrou em Cafarnaum, defronte às grutas das

endemoninhadas, para onde se dirigiu acompanhado de Felipe, Thomás, Andrés e Bartolomeu.

Sabendo que as dementes estavam semidesnudas, porque elas mesmas despedaçavam suas vestimentas, levaram um fardo de roupas para as dezessete mulheres confinadas ali.

O quadro oferecido às suas vistas foi o mais horroroso que o leitor possa imaginar.

Aquelas mulheres com seus cabelos emaranhados, semidesnudas e em tal estado de abandono que causava dó só em vê-las, encheram de piedade o coração do Mestre, que se deteve a certa distância durante alguns momentos.

Estavam sentadas na entrada das grutas, quebrando nozes e descascando castanhas que devoravam ansiosamente. Apenas quatro delas se apresentavam em melhores condições que as companheiras. Estas, em grupo a parte, reduziam pedaços de pão a migalhas e os lançavam aos pardais que se aproximavam para comer. Isso parecia diverti-las. De vez em quando, choravam em silêncio, apertando a cabeça com as mãos, como se uma dor aguda as atormentasse.

O Mestre e os seus, escondidos por detrás de um espesso matagal, observavam esta cena sem serem percebidos por elas.

A lucidez espiritual do jovem Profeta permitiu-lhe ver em poucos instantes o que necessitava para compreender o estado mental em que se encontravam as enfermas.

Finalmente, aproximou-se delas.

– Quem és tu para não temeres os demônios que nos mantêm subjugadas? – gritou audaciosamente uma delas.

– Estais doentes e sou um médico que quer curar-vos. Permitis de bom grado a minha aproximação?

– Se ficarmos curadas, nos receberão novamente na cidade? – perguntou outra.

– Imediatamente porque, estando livres do mal que vos atormenta, voltareis a ser a alegria de vossos lares, como éreis antes.

Grande calma foi invadindo a todas.

Algumas, envergonhadas em virtude dos trapos a que se achavam reduzidas as suas vestimentas, fugiram para as grutas.

O Mestre dirigiu-se às quatro que pareciam se encontrar em melhor estado e lhes entregou o fardo de roupas.

– Ides todas juntas ao Lago – disse. – Lavai vossos corpos e vesti estas roupas. Esperaremos atrás dessa colina para levar-vos de volta aos vossos lares.

– Temos demônios no corpo e em nossas casas não nos recebem mais – disse outra.

– Não há demônios no corpo de ninguém – respondeu o Mestre. – Fostes submetidas a sofrimentos que alteraram o vosso sistema nervoso. A sugestão deste horrível lugar fez o restante.

"Tende fé em Deus, que faz justiça com os inocentes e tem misericórdia com os pecadores. Vamos. Fazei o que vos disse e levar-vos-ei a vossos lares."

Algumas horas depois, o Profeta Nazareno entrava na cidade de Cafarnaum seguido de seus quatro discípulos e das dezessete jovens que tinham voltado ao uso normal de suas faculdades mentais.

Este fato despertou a admiração do povo de toda aquela região, pois as infelizes, chamadas *endemoninhadas*, mantinham aterrada a população com seus uivos e gritos.

As crianças retardadas e as idiotas, da mesma maneira como os cegos por causa do incêndio das minas, viram-se remediados em sua situação. Tudo isto produziu tal entusiasmo que chegou a repetir-se o intenso clamor do povo:

"Ele é o Messias esperado por Israel. É o nosso Rei, o nosso Salvador. É o filho de David que devia vir ocupar o trono de seus ancestrais."

Quando, pouco depois, chegaram alguns agentes da tetrarquia para averiguar quem estava sendo aclamado com tanto entusiasmo pelo povo, o Mestre já havia retornado à barca de Pedro na qual realizara a viagem a Cafarnaum, e que agora navegava para o sul do Lago, a grande velocidade.

Jhasua e o Futuro Diácono Felipe

Ano após ano, chegavam as festas religiosas denominadas Páscoa, com a qual terminava a época de jejuns e penitência impostos pelos devotos a si mesmos em cumprimento de rigorosas leis.

Poucos dias antes da Páscoa do trigésimo segundo ano de sua vida, Jhasua encaminhou-se a Jerusalém, acompanhado dos Doze íntimos e também de muitos outros que se uniram ao grupo na qualidade de discípulos.

João, o mais jovem dos Doze, foi um decidido protetor dos entusiasmos da castelã de Mágdalo pelo Profeta Nazareno e convenceu a sua mãe Salomé para que a levasse em sua companhia, bem como a aia e mais três das donzelas que eram hebréias: Fatmé, Raquel e Joana.

Para os ribeirinhos do Mar da Galiléia foi um assombro saber que *a pagã* se juntava aos devotos peregrinos. A própria Salomé assombrou-se grandemente.

– Mas dize-me uma coisa, João – falou a seu filho –, julgas que essa mulher, acostumada a não sair de casa a não ser de liteira, possa resistir andando a pé daqui até Jerusalém?

– Isto já lhe foi dito, mãe, porém ela insiste em andar a pé como anda o Profeta – respondeu João.

Formou-se, pois, numerosa caravana de peregrinos, entre os quais iam também Myriam e o tio Jaime; a viúva de Naim, seu pai e o filho; Matias, o mais velho dos filhos de Joseph, com toda a sua família; Abigail, aquela primeira discípula do jovem Jhasua, casada com Benjamim, filho de Matias e já com dois filhos.

Iam pelo caminho que margeia o Jordão, menos perigoso que o outro que atravessava a Samaria, cujas escarpadas montanhas eram procuradas como refúgio pelos bandidos perseguidos pela justiça.

Na primeira jornada, atravessaram a bela planície de Esdrelon, povoada de mansos rebanhos de ovelhas e cabras. As cabanas dos pastores eram abundantes ali e o pitoresco Collado de More, onde a tradição dizia que Issachar, filho de Jacob, teve sua cabana e ergueu seu altar de adoração a Jehová, ofereceu aos peregrinos o primeiro descanso. A cabana de pedra ali existente, sob a sombra de oliveiras e videiras centenárias, foi o refúgio para as mulheres, enquanto os homens se abrigaram, à sombra das árvores, dos ardores do sol.

O término da primeira jornada era Sevthópolis, que na proximidade da Páscoa ficava abarrotada de peregrinos vindos do norte, motivo esse que levou nossos viajantes a preferir pernoitar na velha aldeia de Beth-sam, a apenas um estádio dessa cidade.

Era, além do mais, uma aldeia formada quase que exclusivamente por famílias essênias que viviam da tecelagem. A proximidade dos grandes rebanhos da planície de Esdrelon havia-os levado a essa forma de vida.

Cada casa possuía um tear ou um conjunto de teares, de acordo com as possibilidades econômicas de cada um.

– Em nenhuma parte encontrei tanta ajuda mútua como nesta aldeia de Beth-sam – disse o Mestre aos seus, ao ver de que modo tão engenhoso e leal se ajudavam mutuamente para tornar a vida mais suave. – Refresca-se o coração – acrescentou – ver aqui tanta união e companheirismo. Quem tem o maior depósito de lã e de fibra vegetal é um ancião que, por causa da idade, já não pode sair para buscá-las, e todos os demais se julgavam obrigados a trazer-lhe para que não careça da matéria-prima necessária para seus tecidos.

Tantas vezes o Mestre mencionou como exemplo em seus ensinamentos a cooperação na aldeia de Beth-sam que, quando seus discípulos viam alguma pessoa solícita em repartir o seu com os demais, costumavam dizer:

– "Parece tratar-se de um bethsamita."

Ali vivia Felipe, aquele menino que Jhasua conheceu numa cabana próxima ao Tabor. Seu pai, de origem grega, a quem, como o leitor recordará, Jhasua afastou do perigoso e nada honrado caminho que seguia, havia contraído segundas núpcias com uma viúva também grega e mãe de um filho menor que Felipe, que então já tinha 25 anos. Ambos os jovens chegaram a se estimar como dois irmãos, e Felipe, dois anos mais velho que o outro e que tinha recebido instrução junto aos Anciãos do Tabor, encaminhou seu amigo Nicanor, filho de sua madrasta, pelo mesmo caminho.

O encontro de Felipe com o Mestre, depois de vários anos sem se verem, foi extremamente emocionante e cheio das mais ternas recordações. A noite que os peregrinos passaram na aldeia de Beth-sam foi para o jovem Felipe uma das mais felizes da sua vida. Ele e Nicanor eram os encarregados de levar para vender todos os tecidos da aldeia, fato esse que tinha proporcionado a ambos muitos conhecimentos na Galiléia, na Samaria e na Judéia. Eram também agentes da Santa Aliança que, a cada seis meses, remetia de Tolemaida um carregamento de provisões e de roupas para os necessitados dessa região.

– Mestre – disse Felipe, que se desmanchou em confidências nessa noite. – Tenho dois segredos muito importantes ou, melhor dizendo, temos, Nicanor e eu.

– E esses segredos estão queimando as tuas entranhas e queres desafogar-te comigo, não é verdade? – respondeu o Mestre sorrindo.

– Naturalmente, porque só tu podes deixar-me satisfeito.

– Vamos ver! De que se trata?

Felipe acendeu uma vela e guiou o Mestre ao estábulo onde três cabras brancas da Pérsia, provedoras do leite para a família, dormitavam ruminando a ração da noite.

Por detrás do palheiro, Jhasua viu abrir-se uma portinha, pela qual ambos passaram.

Era a entrada de uma caverna ou gruta lavrada na própria montanha, segundo o costume; porém daquela passava-se para uma outra imensa caverna, com uma abertura para o norte e outra para o sudoeste, ambas fechadas com pedaços de pedra e madeiras.

O local estava quase totalmente abarrotado de palha de trigo, espigas e sabugos de milho, pedaços de teares desfeitos e armações de bambu que haviam sido secadores de frutas.

Contudo, debaixo de tudo aquilo havia uma enorme quantidade de armas, lanças,

flechas, espadas, cimitarras árabes, achas cretenses de fio duplo e punhais damasquinos resplandecendo à luz da tocha que Felipe acendeu quando chegaram à caverna.

– Felipe!... – disse o Mestre. – Que fazes com tudo isto? Creio não ter sido para isto que te nomearam agente da Santa Aliança.

– Mas, Jhasua!... – exclamou Felipe em extremo assombro. – Porventura estás alheio ao que significa tudo isto?

– Completamente!... Se seguiste, embora a distância, o curso da minha vida, deves saber, Felipe, que eu não sou homem de guerra, mas de paz, consolo e esperança para as multidões.

– Então ignoras, Mestre Jhasua, que grandes personagens de Jerusalém, de Antioquia, de Damasco, de Sevthópolis e da Tolemaida preparam mui secretamente um levantamento para libertar o país do domínio estrangeiro e proclamar-te Rei Libertador de Israel?

– Alguns rumores chegaram até mim há pouco tempo, no entanto, tratei de destruir essa quimera sem consistência nem possibilidade. Agora vejo com tristeza que minhas palavras nesse sentido caíram no vazio. Posso saber quais as ordens que tens a respeito deste depósito de armas e quem as dá?

– As ordens resumem-se em guardá-las com todo o cuidado, procurando mantê-las em perfeito estado, assim, desta forma, encobertas em pele de búfalo como vieram e entre a palha de trigo e sabugos de milho.

"Agora quem as dá, não posso dizer-te, Mestre Jhasua, porque não o sei. Toda semana chega um pequeno fardo que me é entregue por esta abertura ou por aquela outra."

Ao dizer isto, Felipe abriu as duas aberturas já mencionadas. Apenas abertas, penetrou uma fria rajada de vento e o ruído de forte correnteza de água.

– Esta do norte é o rio Susen, que vem do Monte Tabor, e esta do oeste é o Haroseth, que parte das vertentes do Monte Carmelo, e ambos desembocam no Jordão.

– Queres dizer com isto que do Tabor e do Carmelo chega a cada semana um fardo de armas? Não pode ser, Felipe!... Não pode ser!

– Os que mandam as armas utilizam estes riachos para fazê-las conduzir numa pequena balsa que, com toda a certeza, é colocada na água muito próximo daqui, visto que chegam sempre na segunda hora da noite ou pouco mais. Julgo que chegam de Pella e de Sevthópolis, e que são trazidas pelas caravanas, pois coincide o dia da chegada delas com o aparecimento à noite da balsa defronte a essas aberturas.

O Mestre conservava-se em silêncio e pensativo. Felipe continuou suas explicações:

– Moro aqui, com meu pai, já há uns dez anos e ninguém sabia da existência desta caverna vizinha ao nosso estábulo.

"Um comerciante muito rico de Sevthópolis veio um dia me buscar para receber os donativos da Santa Aliança e reparti-los entre os anciãos, viúvas e órfãos da região. Nicanor e eu pertencíamos a ela desde dois anos antes.

"Pouco depois, veio um mercador de Pella para encomendar tecidos especiais para tendas de campanha. Perguntou-me se desejava ver o país livre e se esperavam o Messias, Rei e Libertador de Israel.

"– O Messias já está no país, que ele vai conquistando com suas obras maravilhosas – acrescentou.

"– Já sei disto – respondi – e o conheço desde a minha juventude.

"– Como?... Tu o conheces e estás aqui quieto como um morcego numa caverna? – perguntou-me. Logo em seguida, dirigiu-me uma série de explicações que encheram de fogo o meu coração, no final das quais demonstrou conhecer esta velha casa

mais do que eu mesmo. E foi ele quem me informou da existência desta caverna, que havia sido utilizada por seu pai como esconderijo para um seu irmão, perseguido pela justiça como cúmplice de um levantamento de libertação.

"Ele deu-me a entender que recebia ordens de Jerusalém e me pediu para ser o recebedor de uns fardos que chegariam todas as semanas pelos dois caminhos já mencionados, Mestre Jhasua, fazendo-me prometer, pela vida do Messias Libertador, que guardaria segredo.

"Nem sequer meu pai sabe disto. Como ele é grego e já está velho, não aceitaria misturar-se com estas coisas. De Nicanor não me foi possível ocultar, porque ele é como a minha sombra e é tão fiel como eu mesmo. Quando ele souber que o Messias está na minha casa, ficará louco de entusiasmo, porque ouviu os Terapeutas falarem de ti, Mestre Jhasua, e não haverá quem o contenha.

"Com isto fica terminada a minha explicação."

– Então estás preparado, Felipe, para ser um guerreiro matador de homens? – perguntou o Mestre olhando-o fixamente. – E eu estava imaginando que serias um missionário dos meus ensinamentos de paz e de amor entre os homens!

– Mestre!... Eu julgava que todo este preparativo estava sendo feito com o teu consentimento!... – exclamou Felipe um tanto desconsolado.

– Sei que tudo isto nada mais é que uma ilusão que vai inflamando, como uma chama, de alma em alma, porque a maioria dos homens não compreendem outra grandeza além daquela dada pelos poderes e pela força material.

"No entanto... logo chegará o dia em que todos os que me amam verão claro no mistério da minha vida e da missão que ela deve cumprir na Terra. Continua guardando o segredo tal como prometeste, mas não mantenhas a ilusão de que virás a ser um guerreiro, mas um pregador de meus ensinamentos de acordo com a Divina Lei.

"Serás muito infeliz, Felipe, se nesta oportunidade da tua vida eterna modificares o caminho que te foi determinado!"

Ambos se haviam sentado sobre os troncos que fechavam as aberturas.

– Que julgas poderia suceder – continuou o Mestre – a um homem de humilde condição, a quem um rei houvesse chamado a seu palácio e, fazendo um acordo com ele, o houvesse alistado entre os seus cortesãos e que esse homem, esquecendo tudo, o abandonasse para tratar de outros negócios?

– Poderia suceder – respondeu Felipe – que o rei haveria de dar-lhe um duro castigo ou o deixasse abandonado às suas próprias forças pelo fato de ter desprezado todo o bem que teve em suas mãos.

– Justamente, Felipe, meu amigo! Falaste bem. Isso mesmo sucederia a ti, se agora, em vez de pregar a fraternidade e o amor entre os homens, te tornasses um guerreiro, um matador de homens.

"Se sabes, com certeza absoluta, que sou o Cristo, condutor da Humanidade terrestre, e que estás entre a grande aliança de meus colaboradores nesta obra, como poderias abandonar o teu lugar voluntariamente, sem atrair grandes males sobre a tua vida atual?

"A Eterna Lei é para toda criatura uma muralha de proteção para o seu espírito e o seu corpo, de tal forma que quem segue por seu próprio caminho, escolhido de acordo com as Inteligências-Guias da evolução humana, não encontrará obstáculos insolúveis em sua vida, que será resguardada dos maiores perigos.

"As correntes da Luz Divina e do Soberano Poder são derramadas com abundância sobre as almas colocadas no lugar que, por Lei, lhes corresponde.

"É este um princípio fundamental sustentado pelas Escolas de Sabedoria Divina, que têm a experiência de séculos. Alma que sai do caminho é alma fracassada na sua missão e atrasa enormemente sua própria evolução, bem como a dos seres que lhe são confiados.

"Isto não significa que o teu lugar ficará vazio se o abandonares. Ele será preenchido imediatamente, mas tardarás muito tempo para reconquistar o que terás perdido em virtude do teu desvio."

– Então, amanhã mesmo me desligarei deste compromisso – disse Felipe desgostoso em extremo do equívoco em que havia incorrido.

– Não te precipites em tomar resoluções irrefletidas. Uma vez comprometido, espera e continua guardando o segredo para não causar danos a ninguém. Basta apenas que mantenhas a firme resolução de não tomar as armas a não ser em defesa de vidas seriamente ameaçadas.

"Conheço os dirigentes desta rede de preparativos bélicos, feitos com a nobre intenção de remediar os males que atormentam o país, e não por ambições pessoais.

"Mas o povo de Israel, desde Moisés até hoje, agiu tão fora da Lei que o devia orientar que, por conseqüência lógica, deve sofrer o que hoje sofre. Foi, em verdade, um povo de dura cerviz, como dizia Moisés, que lhe deixou gravada em pedra a Lei Natural que é a única Lei Divina. Tão logo Moisés fechou os olhos para a vida material, já o povo de Israel pisoteava a sua Lei em seus mais fundamentais mandamentos.

"Ao povo de Israel ocorreu o mesmo que àquele homem do qual fiz comparação há alguns momentos. Esqueceu o pacto com o Eterno Rei e afastou-se loucamente dos caminhos traçados por Moisés, seu Guia e Condutor. Israel atraiu o mal para si mesmo e para os que tomarem dele orientações no futuro. Será desventurado por muitos séculos, até que a dor, chegada ao paroxismo, lhe faça compreender o seu funesto erro.

"Na Civilização Adâmica, ele foi um dos primeiros a ser chamado para a Luz do Divino Conhecimento. Israel esqueceu e desprezou esse apelo e hoje recebe as conseqüências.

"É na verdade uma triste coisa ter o bem, a verdade, a luz e o amor na mão e deixá-los escapar como a criança à mariposa dourada que aprisionou!"

A conversação foi interrompida repentinamente por uns golpes surdos sentidos pelo Mestre sendo dados na rocha situada às suas costas.

– Já está aí a balsa – disse Felipe levantando-se. – Mas... hoje não chega caravana alguma? Elas chegaram há quatro dias!

Juntos retiraram as pedras que fechavam a entrada e uma onda forte de vento apagou a luz.

– Socorro!... Socorro! – gritava debilmente uma voz infantil entre lastimosos soluços.

– É um pequeno bote – disse o Mestre.

– Vem à deriva – acrescentou Felipe –, sem direção e sem remos. A torrente o trouxe até aqui.

Ambos saíram precipitadamente porque a voz infantil continuava gritando:

– Socorro!... O bote está se enchendo de água e estou afundando!...

– O Poder de Deus é mais forte que as tempestades! – exclamou o Mestre lançando-se na água.

– Vou contigo, Senhor!... – disse Felipe, entrando também.

– Vem! – respondeu o Mestre, estendendo seu manto que flutuava como uma asa branca sobre as ondas agitadas pelo vento.

O bote encalhado na costa rochosa havia-se aberto e já estava quase cheio de água.

Felipe jamais pôde explicar como conseguiu andar sem afundar-se sobre o manto do Mestre naquelas braças de água que separavam o bote encalhado da costa.

Quando ele chegou, o Mestre tinha tirado o menino que chorava amargamente, porque seu avô, no fundo do bote, era já um cadáver. Ele havia saído de sua choça num arrabalde de Sevthópolis para recolher juncos e ramos arrastados pelo rio, e o avô sofreu um desmaio com vômito de sangue e caiu morto no fundo do barco. O menino, com apenas nove anos, não pôde lutar contra a correnteza e abandonou-se chorando à sua falta de energia.

Jhasua levantou o menino nos braços e lhe disse:

– Do mesmo modo como na terra, é a sepultura na água. Deixemos esse corpo morto no fundo do rio. Tens aqui dois bons amigos para cuidarem de ti.

O infeliz menino começou a sentir-se consolado. Felipe guiou o Mestre pelo tortuoso caminho que levava até a entrada da caverna.

Quando entraram, esqueceram armamentos, filosofia e, com o menino nos braços, passaram para a cozinha, porque aquela criatura tremia de frio e, provavelmente, de fome.

Sua mísera roupagem, empapada e desfeita, falava muito claro da extrema pobreza em que vivia.

Felipe avivou as brasas semi-apagadas na lareira e um belo fogo iluminou, com reflexos de ouro, a imensa cozinha, em cujos estrados de pedra os moços da casa tinham seus leitos, de acordo com o costume. Ali estava adormecido Nicanor, que despertou com o ruído.

Temos outro hóspede – disse Felipe –, mas este não entrou pela porta da casa, mas por uma das aberturas da caverna. Não tenhas medo – disse ao menino a olhar com olhos arregalados para tudo quanto via.

– O profeta Jonas, conhecedor do fundo das águas, trouxe-te para esta casa – disse Nicanor – porque, embora não sejamos ricos, aqui não terás falta de nada.

O menino foi vestido com roupas improvisadas, e uma grande taça de leite quente com mel e castanhas acabou por tranqüilizá-lo.

O Mestre sentou-se junto dele e tomou-lhe uma das mãos, que estava gelada. Essa simples manifestação de carinho de tal modo o enterneceu que ele se abraçou com Jhasua e começou a chorar em grandes soluços.

Felipe e Nicanor iam intervir para consolá-lo, mas o Mestre fez sinal de silêncio.

Jhasua fechou os olhos e continuou acariciando aquela negra cabecinha de longos cabelos sacudindo-se em soluços sobre seus joelhos. Ali mesmo o menino adormeceu.

Felipe, cujas faculdades espirituais haviam sido bastante desenvolvidas pelos Anciãos do Tabor, percebeu que Jhasua orava pela alma do ancião morto por uma síncope cardíaca há umas poucas horas, e isso o despertou para a lucidez da situação atual.

A cena astral vista por Felipe foi emocionante em extremo. O espírito do ancião abraçou-se ao do seu neto, enquanto seu pensamento dizia: "Meu pobrezinho! Eu era o único amor que encontraste na tua vida de abandonado e deixo-te sozinho no mundo." Felipe olhou para o Mestre, que continuava imóvel com os olhos fechados e as mãos sobre a cabeça do menino adormecido.

A alma radiante de amor e de ternura do Cristo Divino consolava ao mesmo tempo aquelas duas almas unidas nesse instante pela mesma intensa dor.

Profundamente comovido, Felipe chorava silenciosamente, enquanto Nicanor, nada vendo, não podia compreender aquela estranha cena:

Jhasua, como que petrificado; o menino subitamente adormecido e Felipe chorando em silêncio. "Que está acontecendo aqui?", perguntava a si mesmo.

Quando o pequeno hóspede despertou, estava tranqüilo, embora muito triste. Percebia-se o esforço que fazia para não chorar.

– A hora já está avançada – disse o Mestre – e todos precisamos descansar.

"Vem comigo à minha alcova, que compartilharei o meu leito contigo – disse ao menino."

A alcova improvisada para essa noite não era outra coisa senão o amplo local dos teares, rodeado de estrados de pedra e bancos de madeira, onde as esteiras, os tapetes e as mantas preparadas para a venda serviram de leitos aos peregrinos que se hospedavam ali.

Na manhã seguinte, o menino abandonado contou sua breve história: a mãe morreu quando ele tinha apenas quatro anos; seu pai uniu-se a outra mulher e ausentou-se do país. Seu avô materno o associou à sua pobreza e lhe deu em abundância a única coisa que possuía: sua ternura de avô.

Também este ele acabava de perder. Como o pequeno órfão podia consolar-se?

– Felipe – disse o Mestre –, este menino não pode continuar rodando sozinho pelo mundo.

– Não, Mestre, ele será meu filho. Eu o adoto a partir deste instante – continuou Felipe.

– Cuidado para não vir a ser um distúrbio para a família, nem ter de sofrer hostilidades da parte de teu pai ou de tua madrasta!... – observou prudentemente o Mestre. – Pois, nesse caso, eu conseguirei um lar entre os companheiros de viagem. Salomé e Zebedeu... minha própria mãe o acolheriam com amor.

– Não há o que temer. Além do mais, o menino não quer afastar-se deste lugar. Vinde vê-lo – disse Felipe.

Ambos foram até o lugar onde o pequeno bote havia afundado ao encalhar na costa. Não havia vestígios nem do bote nem do avô que havia afundado com ele.

O pequeno órfão, sentado sobre uma rocha da margem, tecia uma grinalda de flores silvestres, entrelaçando-a num grosso ramo de juncos verdes que se sobressaíam das águas do rio. Terminada a grinalda, arrojou-a ao lugar onde afundou o bote e disse: "Vovozinho, esta é pelo cordeirinho que me compraste com as tuas economias de um mês."

Logo em seguida, teceu outra mais e a arrojou ao rio dizendo: "Vovozinho, esta é pela túnica nova que me compraste quando vendemos a última carga de lenha..." Feito isto, levantou um pouco de água na concha de suas mãos e, beijando-a, disse: "Vovozinho, este beijo é para dormires em paz nesta noite."

O Mestre e Felipe sentiram um soluço embargando-lhes a garganta e abraçando ao mesmo tempo o amoroso órfão, disse Jhasua:

– Bem-aventurado és tu, meu filho, que assim dás lugar no teu coração ao amor e à gratidão! Tu, sim, serás um bom seguidor do Cristo do Amor que jamais termina.

Esta frase de Jhasua foi profética, pois esse menino, cujo nome era Adin, foi protegido e amado não só por Felipe, como também por João, o mais jovem dos Doze, todos os quais, no correr dos anos, chegaram a compreender os grandes dotes possuídos pelo órfão.

Por amor reverente ao avô morto naquele dia e cujo nome era Policarpo, originário de Chipre, quis tomar o seu nome, com o qual passou para a história do primeiro século do cristianismo.

Dele voltaremos a nos ocupar mais adiante.

Nessa mesma manhã, todos os peregrinos se inteiraram da tragédia do pequeno Adin, e todos, homens e mulheres, se sentiram como pais e mães para o órfão solitário, que havia perdido nessa noite o único amor que existia na sua vida.

Boanerges, o pastorzinho que já conhecemos, foi quem melhor compreendeu e sentiu a amargura desesperadora do menino, pois também já estivera um dia em igual condição.

– Eu era como tu, e hoje estou cumulado de amor. Não chores mais!... – disse Boanerges ao desconsolado órfão.

Efetivamente aconteceu assim, pois as mulheres que levavam meninos da mesma idade apressaram-se em vesti-lo com boas roupas, calças e sandálias.

A caravana dispôs-se a ficar ali mais um dia, com o fim de deixar o menino provido de tudo quanto fosse necessário. Teriam-no levado a Jerusalém; entretanto, não foi possível afastá-lo por um momento sequer daquele lugar onde "dormia" o avô, como ele dizia.

O tio Jaime, Pedro, Santiago e Tomás dispuseram-se a ir até Sevthópolis, cujos torreões e obeliscos eram vistos da aldeia. A castelã de Mágdalo falou a Salomé, mãe de João, que era quem a havia recebido em sua companhia e, muito em segredo, comunicou o que se passava com ela.

– Sou muito infeliz, mãe Salomé, porque não poderei continuar com os peregrinos. Meus pobres pés não resistem mais – disse, mostrando o estado lastimável em que estavam as plantas de seus pés.

– Tínhamos certeza de que isto iria acontecer, pois as jornadas são longas e duras e não estás acostumada a andar a pé. Mas não te aflijas, pois tudo pode ser devidamente remediado. Meu filho Santiago vai fazer compras com os demais na cidade e pode alugar um jumento para montares.

– Para mim somente, não!... pois é uma vergonha uma jovem montada e as mulheres de idade caminhando.

"Que aluguem jumentos para todas as mulheres e para as crianças. Toma o dinheiro que eu pago tudo, e não deixes que ninguém saiba disto, mãe Salomé, para que eu não me envergonhe ainda mais."

– Está bem, filha... está bem. Fica em paz. Nem é tanto assim.

A boa anciã não demorou em sair em busca dos que iam a Sevthópolis e, com isto, o segredo correu como uma centelha de uns para os outros.

Como poderia ela encarregar-se de alugar uns dez ou quinze jumentos sem dizer quem os pagava?

O segredo chegou logo a Jhasua e a sua Mãe, que foram ver a castelã reclusa desde que chegou na alcova-hospedagem das donzelas.

– Como a mãe Salomé guardou mal o meu segredo! – disse a jovem grandemente mortificada pela humilhação que julgava estar sofrendo.

– Não a culpes, minha filha – disse Myriam –, pois ela quis colocar-nos todos a par do contratempo que te molesta. És de outra raça e de outros costumes, e também ignoras como estas viagens em comum nos tornam todos como irmãos. Eu também já estava muito cansada e um jumentinho vai ajudar-me muito.

– Naturalmente! – disse o Mestre. – Não se deve dar importância às coisas

pequenas, quando a vida nos apresenta, a cada instante, coisas grandes e magníficas nas quais podemos ocupar nossas melhores energias.

As três companheiras da castelã e Elhida, sua velha aia, voltavam de uma excursão matutina em busca de ninhos de melros e calhandras que ali havia em abundância.

Pouco depois, entrou Hanani em busca de sua filha Fatmé, a quem falou em segredo. Ele ia também até a cidade e dizia à filha que a sacolinha de dinheiro que a castelã dera à Salomé era suficiente para alugar jumentos para todos. Esclareceu ainda que, se fosse de seu agrado, haveria possibilidade de ficar mais três dias na aldeia, onde ele havia descoberto oportunidades para realizar bons negócios em benefício de todos.

O Mestre interveio no assunto e, como todos estavam de acordo, a coisa foi feita como o bom Hanani havia pensado. Os três dias de descanso em Beth-sam serviriam para o Mestre esclarecer a situação criada com o depósito de armas mantido sob a guarda de Felipe.

Como não queria dar conhecimento desse assunto aos Doze de sua Escola íntima, exclusivamente destinada à obra do Missionário Divino, valer-se-ia de Hanani, homem prudente e profundo conhecedor de todas as alternativas e situações políticas do país.

Duas horas depois de haverem abandonado a aldeia, voltaram os encarregados dos jumentos trazendo vinte e três deles, já ajaezados e prontos para viajar.

No Presídio do Batista

O Mestre anunciou que ia cruzar o Jordão e dirigir-se à cidade de Pella, uma das mais importantes capitais da antiga Decápolis. Achava-se defronte à aldeia de Beth-sam, apenas dividida pelo rio Jordão e pelo labirinto de formosas serranias, no qual se achava como que incrustada.

Pella possuía velhas muralhas, lavradas, em sua maior parte, nas próprias montanhas que a rodeavam.

Com boas cavalgaduras, teriam apenas duas horas de viagem, o que lhes permitiria regressar ao cair da tarde. O Mestre levou em sua companhia Hanani, o tio Jaime, seu meio-irmão Matias e o jovem Felipe, que era o depositário das armas.

Era Pella a mais importante cidade da Peréia, pertencente então à Tetrarquia de Herodes Ântipas.

Ao cruzar o Jordão, inteirou-se o Mestre de que seu primo Johanan, o Solitário do deserto, fora levado alguns dias antes para uma fortaleza de Pella, não como prisioneiro, mas na qualidade de refugiado para permanecer a salvo dos intentos de assassinato por parte de Herodíades que, unida ilegalmente, como sabemos, com Antipas, buscava os necessários meios de exterminar o profeta com o fim de cortar a influência exercida pelo mesmo sobre o tetrarca.

Numa gruta das margens do Jordão, o Mestre encontrou seis dos discípulos de Johanan que, grandemente entristecidos, não faziam outra coisa senão ficar olhando para o torreão da fortaleza, no qual se achava encerrado o seu mestre, a quem não permitiam que fosse visto.

– Vinde comigo – disse Jhasua –, pois pode ser que encontremos uma forma de chegar até ele.

Ao dizer isto, lembrou-se que em Raphana, Dion e Pella, o scheiff Ilderin era muito conhecido e tinha grandes amigos, que o eram, ao mesmo tempo, do rei Hareth, poder supremo da Arábia.

Entretanto, ali mesmo ficou sabendo que entre o rei árabe e Herodes Antipas haviam sido desencadeadas duras hostilidades, porque a esposa legítima de Antipas era filha do rei Hareth, a qual, vendo-se pessimamente tratada por seu marido por causa de Herodíades, havia fugido para refugiar-se nos domínios de seu pai em Bozra, situada entre os montes Bazzan. As hostes do rei Hareth tinham entrado uma noite em Dion, cidade fortificada da Peréia, onde foi morta quase toda a guarnição da fortaleza.

Este incidente não permitia que o Mestre contasse com a influência do scheiff Ilderin perante as autoridades da fortaleza de Pella, onde se encontrava detido seu primo Johanan.

Em face do grave inconveniente, os discípulos do Solitário caíram em profundo desespero.

Os companheiros de viagem do Mestre queriam voltar imediatamente para a tranqüila aldeia de Beth-sam, principalmente Matias, seu meio-irmão que, na sua idade, não se sentia com o necessário ânimo para envolver-se em dificuldades dessa espécie. O tio Jaime permaneceu neutro, disposto a aceitar tudo o que o sobrinho resolvesse fazer.

Os únicos que o animavam eram Hanani, pai de Fatmé, e o jovem Felipe, que cultivara a amizade dos discípulos de Johanan e sofria por vê-los perder toda esperança de salvar seu mestre.

Passados uns momentos de reflexão, o Mestre levantou-se da relva onde se havia sentado à porta da gruta e disse a todos:

– Não pequeis contra a Soberana Majestade, pensando que tem mais poder o ódio dos homens que o seu Amor Infinito. Entremos na cidade e Deus fará o restante.

Dispuseram-se em grupos de dois ou três para não entrar todos juntos. Os cinco que iam montados deixaram seus jumentos na praça das caravanas, permanecendo juntos nos tanques sombreados de árvores, onde os viajantes davam de beber aos animais. A fortaleza-prisão de Johanan ficava a cem passos dali.

O tetrarca, para maior segurança do detido, havia dado aos guardiães uma senha que ele daria a um enviado seu para chegar-se ao prisioneiro. A senha era "César é Rei". No entanto, só conhecia ele mesmo e quem a havia recebido com juramento sob pena de morte se faltasse a ele.

Tal havia sido a resposta dada aos díscipulos de Johanan quando foram vê-lo.

– A senha – pediram e, por não poder dá-la, foram rechaçados com uma dura negativa.

– Aguardai um momento – disse o Mestre, retirando-se para um lugar solitário, atrás dos reservatórios de água, onde o arvoredo era mais sombrio. Sentou-se sobre a palha na qual costumavam descansar os pastores que levavam ovelhas ao mercado e mergulhou em profunda concentração mental. Seu luminoso espírito desprendeu-se da matéria e apresentou-se ao prisioneiro, que escrevia suas últimas vontades pois aguardava a morte de um momento para outro.

Desse modo, em estado espiritual, o Mestre viu Johanan escrevendo estas palavras:

"Jhasua, meu irmão,

"Escrevo minha última vontade para saberes que te precedo alegre no caminho do sacrifício à Soberana Vontade que nos enviou juntos a esta Terra, onde o crime é glorificado e a virtude e a verdade perseguidos..."

– Johanan, meu irmão!... – disse o Mestre, que havia materializado sua forma astral para poder ser visto pelo grande prisioneiro.

Como o prisioneiro fizesse menção de abraçá-lo, Jhasua acrescentou:

– Minha matéria dorme junto dos reservatórios de água. Estou ali com seis de teus discípulos, cuja desesperada dor me impulsionou a usar este supremo recurso concedido a nós pela Eterna Lei. Entretanto, conseguirei a senha e viremos visitar-te.

– Eu não conheço a senha – disse Johanan.

– Mas sabes como poderemos consegui-la – insistiu o Mestre.

– Está certo. Então a tomaremos do pensamento de Ariph-Pul, que é o encarregado da guarda desta prisão.

– Façamos assim!... Ajuda-me, Johanan, que vai nisto a fé de todos os teus discípulos. A oculta Sabedoria Divina permite que penetremos no pensamento humano quando é pelo bem de nossos semelhantes.

Aquelas duas poderosas mentes se uniram e, poucos instantes depois, o encarregado da guarda entrou na cela, encontrando como sempre Johanan escrevendo.

– Mas, chamaste! Que desejas, Profeta?

– Queria perguntar se alguém veio me ver – respondeu Johanan.

– Vieram sim, uns que dizem ser teus discípulos, porém não pude deixá-los passar.

– Por quê?

– Porque não trouxeram a senha, sem a qual não posso abrir a tua porta para ninguém, sob pena de morte – respondeu.

– A senha!... Então sou um personagem de tanta importância que o tetrarca dá uma senha para me guardar?

– É exatamente assim e não posso modificar nada. Ele manda e eu apenas obedeço.

– Estás bem, Ariph-Pul! Graças pela notícia. Perdoa-me se te molestei.

– Tenho ordens de servir-te bem – respondeu o encarregado da guarda, e saiu.

A figura astral do Mestre voltou a aparecer diante de Johanan e disse:

– A senha é "*César é Rei*". Dentro de uma hora estarei aqui com os teus discípulos.

Jhasua envolveu o prisioneiro em suaves eflúvios luminosos e desapareceu.

O Mestre despertou no sombreado local junto aos reservatórios de água e disse a seus companheiros:

– O amor é um mago divino que salta todos os abismos. Já tenho a senha, e dentro de uma hora iremos visitar Johanan na prisão.

– Oh, Mestre Jhasua!... És em verdade o Messias Salvador de Israel, como tantas vezes foi dito pelo nosso mestre – disse um dos seis discípulos do prisioneiro.

– A senha é "*César é Rei*" – disse o Mestre –, e com ela podereis entrar para visitá-lo sempre que quiserdes.

Mas os dias do prisioneiro estavam contados e seus discípulos puderam visitá-lo apenas duas vezes mais.

Jhasua chegou à imponente fortaleza de Pella e, da margem do fosso que a rodeava, fez soar a sineta que anunciava a chegada de gente de fora.

A ponte foi estendida e o Mestre com os seis discípulos de Johanan chegou à poterna.

Jhasua respondeu às perguntas usuais, que desejava visitar Johanan, o Profeta, pois era seu parente próximo, e que seus companheiros eram os discípulos do prisioneiro que antes tinham vindo e não haviam conseguido entrar.

Deu a senha e deixaram todos entrar.

Johanan esperava-os e seu semblante austero e formoso parecia ter já essa serenidade do herói que conhece e aceita alegremente o sacrifício sublime.

Seus discípulos caíram de joelhos a seus pés, chorando amargamente.

Com Jhasua, Johanan estreitou-se num abraço longo e mudo.

Não era, porventura, mais eloqüente a linguagem de suas almas, que deviam falar então como as puras Inteligências dos Céus Superiores?

Depois de Johanan ter falado particularmente com cada um dos discípulos, preparando-os para o irremediável que ele sentia chegar, recomendou a todos para seguirem Jhasua, o Messias Ungido do Altíssimo, e que fossem dóceis e fiéis como haviam sido com ele.

Jhasua é aquele que vos recomendei para esperar e amar sem conhecê-lo. Quanto mais o amardes agora, que o tendes ao vosso lado, mais de perto podeis contemplar a grandeza e a glória de Deus que chegou com Ele."

Depois, pediu para lhe trazerem uvas e maçãs, pois desejava manter a energia e a força mental até o último momento da sua vida.

Já que seu corpo estava impedido de agir como quisesse, o faria em espírito, em benefício de todos aqueles que necessitavam da sua palavra. Esse pedido do prisioneiro era feito porque ele desejava ficar a sós com seu primo Jhasua.

– Johanan! – disse o Mestre. – Deus Todo-Poderoso pode salvar-te de teu cativeiro, se Ele assim o quiser. Que é um rei, ou cem reis, diante do Seu poder e da Sua justiça?

– É verdade, Jhasua, mas o Altíssimo não pode querer que eu compre a minha liberdade ao preço que me pedem por ela – respondeu o prisioneiro.

– Que coisa te pedem? – perguntou o Mestre.

– Que eu me cale, depois de haver pronunciado nas praças das principais cidades da tetrarquia de Antipas vários discursos retratando-me das acusações formuladas contra os escândalos, corrupções e crimes da sua corte, desde que se uniu ilegalmente a Herodíades, mulher de seu irmão, o tetrarca Felipe. Acreditas que um Profeta de Deus possa cometer este ato covarde e vil para conseguir a liberdade?

Jhasua calou-se e um profundo suspiro escapou-lhe do peito.

Compreendeu então que o fim de Johanan se aproximava e que, com todo o Poder Divino do qual se achava revestido, nada, absolutamente nada, podia nem devia fazer para salvar o valente prisioneiro.

Essa era a encruzilhada terrível onde são colocados de ordinário os grandes seres que vêm para provar, com o exemplo de sua vida, o que pode a alma chegada aos altos cumes da Sabedoria e do Amor.

O sacrifício de absolutamente tudo e até da própria vida é o brasão divino imposto pela Eterna Lei aos guias condutores de humanidades.

– *A morte por um ideal de redenção humana é a suprema consagração do Amor* – disse Jhasua com acento comovido e solene, depois de alguns momentos de silêncio.

"Também eu serei posto no mesmo cadafalso, Johanan, meu irmão, e talvez não me demorarei muito em seguir-te."

– Que a Eterna Vontade permita a ti e a mim – respondeu Johanan – podermos deixar atrás de nós almas escolhidas e suficientemente fortes que sejam capazes do sacrifício pela causa pela qual seus mestres sacrificaram suas vidas.

Logo em seguida, mencionou ao primo tudo quanto tinha feito Herodíades, a perversa mulher que tinha dominado Herodes com o fim de conquistar a ele, Johanan, para que acedesse em não censurá-la em suas práticas e dissertações os vícios e os crimes da corte.

Ela usava dos piores e mais baixos meios para comprar o silêncio do profeta. Havia-lhe enviado moças audazes e despudoradas, pagas por ela, e disfarçadas em donzelas que procuravam alistar-se entre os seus discípulos, com o perverso fim de seduzir o austero Solitário e quebrantar-lhe a virtude, para deitar por terra toda a sua autoridade moral, fundamentada na acrisolada honestidade do homem de Deus.

Quando todos os seus ardis foram descobertos e vencidos, tiveram início as tentativas de assassinato do profeta, que chegou por fim ao conhecimento de Antipas, motivo pelo qual assegurou, numa fortaleza, a vida de Johanan.

Herodíades, estava já vencida pelo profeta, pois o tetrarca começava a enfastiar-se de suas eternas intrigas e maquinações que perturbavam sua vida de alegres orgias e restringiam sua liberdade de conquistador de belezas exóticas.

Porém ela lutava com o desespero da derrota, com o fim de manter seu prestígio de beleza outonal perante aquele homem depravado e débil, que ela havia levado a todos os desacertos e pusera em ridículo no país e no estrangeiro.

– Ela está contente por me haver reduzido ao silêncio – disse Johanan, terminando a confidência com Jhasua –, entretanto, como sabe que está vencida, busca uma vingança digna da sua perversidade. Se ela a exerce sobre mim, não me interessa, mas temo muito que a exerça sobre meus discípulos, que são numerosos, embora os íntimos não sejam senão os seis que conheceste hoje.

"Suplico-te, pois, Jhasua, meu irmão, que os leves contigo e procedas com eles como se fossem meus filhos, os quais deixo confiados à tua sábia orientação. Que se confundam com os teus e se perca o meu nome em obséquio à tua segurança e à deles.

"Afasta-te o quanto puderes dos lugares onde arde a perseguição contra mim.

"Os meus não demorarão muito em voltar. Toma – disse Johanan tirando de uma pasta junto dele alguns pergaminhos. – Este é o meu testamento – acrescentou – que estava terminando quando chegaste. Nele encontrarás minhas memórias, minhas obras começadas e não terminadas. Tomá-la-ás como tuas e as terminarás em meu nome.

"Teus amigos Judá e Faqui voltaram a ver-me duas vezes e me consultaram sobre o levante preparado para salvar o país da situação atual. Eu os aconselhei a que essa atitude não deve ser encaminhada contra o poder do César, mas para deitar abaixo esses reizinhos de cartão que, com seus vícios e ociosidades, com seus esbanjamentos e luxos, são os que, na verdade, trouxeram a miséria para o nosso povo. O alto clero de Jerusalém e os dois tetrarcas, filhos do funesto Herodes, erroneamente chamado "*o grande*", que formaram alianças para se manterem mutuamente, são os verdadeiros causadores dos males de Israel.

"No meu conceito, esse levante está de acordo com a Lei. Sou da falange dos espíritos de Justiça e compreendo a necessidade de que a mesma seja feita quando as circunstâncias o reclamarem. Que dois ou três procuradores romanos tenham cometido delitos e erros, é verdade, no entanto também houve muitos outros corretos e prudentes que evitaram horríveis matanças ordenadas pelo Sinédrio. Augusto e Tibério não foram cruéis para os povos avassalados, e apenas sem o seu conhecimento é que foram cometidas violências e injustiças. O açoite de Israel tem sido Herodes e seus descendentes... raça de vampiros, incapazes de viver a não ser sugando o suor e o sangue dos povos caídos entre suas garras. Seus latrocínios e sua lascívia chegaram até o Templo do Senhor e corromperam o sacerdócio com o ouro e suas covardes adulações. Do pontífice para baixo, todos se converteram em míseros lacaios dessa raça maldita, semeando a corrupção e o vício onde quer que pisem seus pés.

"Estás pensando, Jhasua... alma de lírios e de seda, nas vítimas e no sangue... Não te envolvas, porque não vieste para isso!... Mas deixai-os fazer! É preciso exterminar as víboras para que não matem com o seu veneno! Envenenar almas é pior que envenenar corpos. É certo que haverá mártires entre os nossos!... Porventura tu e eu também não seremos imolados no altar da nossa idéia de fraternidade humana?

"Derrubar a nefasta dinastia de Herodes é obra santa, Jhasua, e o sangue dos mártires talvez purifique o Templo profanado e o seu sacerdócio, corrompido até a vileza.

"Herodíades já está marcada com a maldição da sua raça: o câncer, e não viverá dois anos mais.

"Ambos os tetrarcas estão marcados da mesma sorte e têm pouca vida, mas, como existem descendentes tão viciosos como eles próprios, a hora é oportuna antes que eles tomem autoridade nas esferas próximas dos palácios.

"Todas estas reflexões foram apresentadas aos teus amigos Judá e Faqui. Espero que não me desprestigies perante eles, mas que os deixes em liberdade para agir, sem interferires na marcha dos acontecimentos.

"Não me respondes nada?"

– Johanan!... Vejo que para a atual Humanidade terrestre és mais hábil piloto que eu – respondeu Jhasua –, e me agrada muito ter chegado a tempo para ouvir-te.

"Eu estava completamente contra esse movimento de libertação, por julgar totalmente impossível conseguir com ele os resultados desejados.

"Agora, dando-lhe o caráter indicado, ou seja, dirigido apenas contra a dinastia de Herodes, já o vejo com mais otimismo."

Johanan continuou:

– Aos teus dois amigos e ao ancião Simônides, da casa de Ithamar, entreguei nomes e locais de residência das pessoas que servirão de testemunha, junto ao César, de toda a espantosa cadeia de crimes que os descendentes de Herodes cometeram e continuam cometendo impunemente amparados no apoio de quem ignora completamente tudo isso.

"As condições do príncipe Judá, de cidadão romano e filho adotivo do duúnviro Quintus Árrius, abrem as portas para chegar até o César. Se, depois de limpar a peçonha dos Herodes, conseguirem do César a autorização para proclamar um soberano em Israel levando em seu peito a seiva de Moisés, que é Justiça, Verdade e Sabedoria, e colocarem, para isto, os olhos em ti..."

Jhasua o interrompeu com grande firmeza:

– Até agora, Johanan, estive de acordo com tudo e o aceito como um programa possível e justo. Mas, quanto a mim, quero manter minha liberdade de Mestre ensinando aos povos a Lei Divina. Estou plenamente convencido de que *o meu Reino não é deste Mundo.*

"Esqueceste a visão do Santuário do Moab? Esqueceste que aceitei plenamente o holocausto, para o qual as Inteligências Superiores pediram o meu consentimento? Não seria uma mancha negra no Ungido do Senhor, aceitar primeiramente e depois negar-se, como fazem os inconscientes e os irresponsáveis nos caminhos de Deus?"

– Fala!... Fala!..., coração de mel, no qual não existe uma só gota de egoísmo! – exclamou Johanan. – Deixaste sem terminar a minha frase, na qual começava a dizer-te:

"Se eles colocarem os olhos em ti, será a hora de explicar claramente a tua missão, e que seja proclamado Judá, filho de Ithamar, da tribo de Judá, quarto filho de Jacob, e cujos antepassados fizeram parte da aliança íntima de Moisés.

"Moisés não teve o irmão Aarão como conselheiro ao seu lado, com o qual repartiu todo o peso do governo de Israel? Não podes ser, ao mesmo tempo, o Mestre, o Profeta e o Conselheiro do rei de Israel?

"Tais são os meus pensamentos e quero que, antes de me entregar à morte, dês ao meu coração de moribundo a alegria e satisfação de propiciar os meus ideais."

O Mestre pensou durante alguns momentos e, desejando amenizar os últimos dias do prisioneiro, disse:

– Abandono-me à tua vontade, Johanan, julgando-a de acordo com a Vontade Divina. Dou-te a minha palavra de que não me oporei aos teus desejos.

Uniram-se ambos num abraço longo e mudo, cheio de emoções profundas e de adeuses silenciosos.

Ambos sabiam que não voltariam a se ver sobre a Terra.

Jhasua retirou-se, para deixar Johanan apenas com seus discípulos.

Seus companheiros de viagem o aguardavam nos reservatórios de água, com os quais empreendeu imediatamente o regresso à aldeia de Beth-sam.

Quando já se dispunham a tomar as cavalgaduras, Felipe aproximou-se receoso, pois via o Mestre silencioso e absorto em seus pensamentos.

– Como? Regressamos sem haver solucionado o problema que tanto te intrigava, Mestre Jhasua?... O das armas guardadas na caverna?

– Tudo está solucionado, Felipe, não te preocupes – respondeu o Mestre, tomando o jumento que Hanani lhe apresentava.

– Em que pé fica o movimento libertador? – perguntou este entregando-lhe as rédeas.

– A prudência e a sabedoria de Johanan resolveu tudo da melhor forma possível. Em Beth-sam te darei mais detalhes e, visto que vamos todos a Jerusalém, é lá onde esclareceremos tudo.

Entretanto, toma cuidado porque não quero ver este assunto chegar ao conhecimento dos íntimos da minha Escola de Sabedoria Divina. As coisas de Deus são de Deus e as humanas são para os humanos. Sede, pois, muito discretos neste particular.

Com grande emoção, Jhasua mencionou parte da sua conversa com Johanan e os predispôs para as grandes revelações que certamente encerravam os pergaminhos do testamento.

Quando chegaram a Beth-sam, não escapou à sensibilidade de Myriam a preocupação do filho. Pedro e João perceberam também; no entanto, só a mãe teve o valor de falar sobre isso:

– Partiste alegre e feliz e retornas com uma nuvem de melancolia nos olhos! Que se passou na outra margem do Jordão?

– Contigo não posso ter nada oculto, mãe, porque percebes logo – respondeu Jhasua sorrindo.

"Nosso parente Johanan está detido na fortaleza de Pella – acrescentou."

– Comecei a esperar isto de um dia para o outro, desde a chegada em Nazareth das notícias de que Johanan havia empreendido uma luta contra os escândalos da corte corrompida por Herodíades.

"Jhasua, meu filho! – acrescentou a amorosa mãe. – Quando entrarmos em Jerusalém, silencia a tua boca!... Não quero que vás fazer companhia ao pobre Johanan. É uma felicidade que, nesta época, a mãe dele já não viva. A pobre Elhisabet houvera chorado tanto!"

– Minha mãe, permite-me insistir em que deves mudar tua maneira de interpretar a vida e a morte. Para a carne, é dolorosa a sua destruição; mas para o espírito, é

alegria e felicidade a sua libertação. A carne está destinada pela Lei a perecer e a dispersar-se em moléculas. O espírito tem vida eterna e destinos imortais!

"O Profeta de Deus Deve dizer a verdade aos grandes e aos pequenos, e falha em seus deveres e atraiçoa a sua causa se não procede desta forma.

"Podes estar tranqüila por enquanto, pois não tenho a menor idéia de procurar notoriedade com polêmicas públicas em Jerusalém. Só falaria se circunstâncias especiais me obrigassem a esclarecer um erro no que diz respeito à manifestação da verdade."

Um suave olhar suplicante e um suspiro profundo foi a resposta da terna alma de Myriam, cuja total existência foi um continuado pressentimento do sacrifício do filho.

Aos seus Doze íntimos, informou da prisão de Johanan, efetuada para resguardar-lhe a vida dos intentos assassinos por parte de Herodíades, e ainda anunciou que o Solitário do Jordão esperava ver, dentro em breve, decretada a sua morte e que, nesse caso, seus discípulos se uniriam a eles.

Isso desagradou muito a Judas Iskarioth, a Santiago e a Tomás. Os demais não deixaram transparecer impressões contrárias, porém tampouco mostraram-se inclinados à união com os discípulos de Johanan.

O Mestre percebeu imediatamente essa disposição de ânimo, e seu formoso semblante anuviou-se de tristeza.

– Semeei o amor em vós e a semente secou – disse, depois de alguns momentos de silêncio.

"Em verdade vos digo que, por maiores que chegueis a ser nas ciências mais profundas e nos poderes interiores do espírito, se o amor estiver morto em vós, não vereis o Reino de Deus, a não ser depois de muito tempo."

– Mestre! – disse João. – Se me permites, posso explicar meus sentimentos sobre este ponto, que talvez também seja o de todos estes.

"A notícia que temos dos discípulos do profeta Johanan, nos diz que eles vão por um caminho diferente do nosso. Talvez seja isto que produziu o alarme em todos nós."

– És o menos indicado para falar – disse seu irmão Santiago com certa dureza – porque és o mais moço de todos e a lei diz que "os jovens devem calar diante dos anciãos". Devia ser Pedro ou Felipe quem devesse falar por todos.

O Mestre observava-os em silêncio.

– Mestre! – disse Pedro. – Falarei eu porque tenho dois anos mais que todos os meus companheiros. É verdade que a notícia não foi nada agradável para nós, e principalmente para Tomás, Santiago e Judas, que se sentiam visivelmente desgostosos. Talvez tenha influído em nós o medo de não podermos manter a harmonia e a paz que existe entre os Doze; pois, embora sendo todos conhecidos e amigos, às vezes elas deixam muito a desejar. Tememos que unidos aos discípulos do Profeta Johanan, será mais difícil ainda mantê-las. Julgo que não existe nenhuma outra razão a não ser esta.

– Sim, é isso mesmo! É justamente isso – disseram várias vozes.

– Insisto em dizer-vos – repetiu o Mestre –, que semeei em vós o amor e que a semente secou.

"Ainda não sois capazes de amar vossos irmãos como amais a vós mesmos.

"O egoísmo dormita em vossos corações como uma serpente narcotizada para a qual ainda falta muito para morrer.

"Todos vós sois Essênios dos primeiro, segundo ou terceiro graus, e todos iniciastes o cultivo das faculdades superiores com intenções para o futuro, no qual sereis guias e condutores de almas. Como poderei ensinar-vos o desprendimento, o desinteresse, o esquecimento de si mesmos, se ainda não conseguistes fazê-los germinar em vós mesmos?

"Tivestes, para começar, setenta dias de exercícios espirituais na solidão e em retiro nas grutas do Tabor. Estais há vinte e três luas ao meu lado ouvindo-me ensinar o amor fraterno como o que existe de maior e de mais excelso em todos os mundos entrados no caminho da purificação. E hoje, quando vos anuncio que seis órfãos do espírito buscarão o vosso calor e a vossa ternura quando não estiver na Terra o seu mestre, levanta-se uma sublevação no vosso mundo interior, a rechaçá-los do vosso lado.

"Sabeis qual é a causa íntima e profunda que vós mesmos, talvez, não conseguistes descobrir?

"Eu vos direi: A vida austera de sacrifícios e de privações na qual Johanan desenvolveu seus altos dotes espirituais imprimiu em seus discípulos íntimos o sinal característico do seu ascetismo, despido de toda satisfação terrena. São águias a abarcarem a imensidão! Vosso amor-próprio se nega a efetuar a comparação, na qual acreditais que saireis perdendo no meu conceito. Temeis que a superioridade dos discípulos de Johanan, forjados na dura bigorna do sacrifício diário, vos roube o meu afeto e a minha simpatia; e que eu acabe por julgar-vos demasiado crianças para os meus sonhos de grandeza espiritual futura; e daí a rebelião que se levantou no vosso mundo interior.

"Sede francos e leais para comigo e para convosco mesmos. Não é verdade... a mais completa verdade o que acabo de dizer?"

Pedro foi o primeiro a responder.

– Sim, Mestre!... Essa é toda a verdade! Manifestamos o nosso exagerado amor-próprio e a mesquinhez do nosso amor ao próximo.

– A superioridade deles será uma constante humilhação para nós – argüiu Tomás.

– A humilhação, meu amigo – disse Jhasua – é um remédio altamente benéfico para as almas aprenderem a conhecer a si mesmas, por ser o fundamento do edifício espiritual que cada um deve levantar no seu mundo interior.

"Para vós não serve de acicate e de estímulo o meu ensinamento reforçado com o exemplo, porque dizeis: 'Ele age desse modo porque é o Ungido do Senhor; é o seu Messias, o seu Verbo Eterno' e, com isto, aquietais a vossa consciência que diz: 'Avante com a Luz que levas acesa na tua mão! Avante por esse caminho iluminado de estrelas que se abriu diante de vós!... Avante com o vosso bastão de peregrinos, lavrado em madeira incorruptível!... Avante com a vossa sacola cheia de boa semente e com a vossa ânfora transbordante do elixir da sabedoria!'

"Os discípulos de Johanan não tiveram mais Luz nem mais água clara que vós. Eles servirão de estímulo para que possais alcançá-los no caminho e colocar-vos ombro a ombro com eles.

"Se não sois capazes de fazer silenciar o vosso amor-próprio para abrir-lhes vossos braços e vosso coração quando vierem para o nosso lado, deverei convencer-me de que não soube escolher os meus colaboradores na minha obra de elevação espiritual da Humanidade, e que fracassei no começo de minha tarefa."

Jhasua viu aparecer profunda consternação naqueles tristes semblantes. Em alguns olhos apareceram lágrimas fortemente reprimidas.

O Cristo do amor e da piedade dulcificou a voz e o olhar quando disse, poucos momentos depois:

– Eu vos perdôo de todo o coração esta primeira dor que me proporcionastes e, muito embora sabendo que não será a última, digo: Sois os meus amigos, a minha família espiritual, os herdeiros do meu legado de Amor para a Humanidade; as místicas calhandras que deixarei voando por cima de todos os telhados, nos palácios

e nas choças, nas montanhas e nas planícies, para que ensineis, em todas as línguas e em todos os tons, que o Amor é a suprema lei da vida e do triunfo sobre a morte; que no Amor está toda a justiça e toda a santidade, toda a beleza e toda a perfeição, porque *Deus é o Amor*!

O tio Jaime aproximou-se do grupo para anunciar que a refeição da noite tinha sido antecipada para poderem empreender imediatamente a viagem aproveitando o frescor do anoitecer iluminado por uma bela lua em crescente.

A Parábola do Filho Pródigo

Nesta última ceia ao entardecer na aldeia de Beth-sam, ao rumor dos riachos que quase uniam as suas correntes ao se cruzarem roçando pelas rochas da caverna do estábulo, na velha residência de Felipe e de Nicanor, teve início o intenso poema de amor de Maria de Mágdalo, no oculto e secreto cenário do seu coração que, iluminado subitamente, percebeu no Profeta Nazareno o sublime ideal que havia sonhado.

Nas criações magníficas de Homero, de Platão, de Sócrates e de Virgílio, ela havia vislumbrado o Bem e a Beleza levados à perfeição, como um adejar, espargindo aos ventos ondas de frescor suave e deleitável que sugestionava o espírito. Mas esses vislumbres tomaram matizes definitivos e fortes de soberana realidade na augusta personalidade do Mestre Nazareno.

Então compreendeu e amou ainda mais a seus mestres "*pagãos*", segundo o deprimente qualificativo dos rabinos judeus, porque eles fizeram despertar o pressentimento de que o Bem e a Beleza cantados por eles tinha a sua realização na Terra. Onde estariam escondidos? Sob que céu estaria o tálamo de rosas brancas e de lírios dos vales? ... Os esposos eternos, o Bem e a Beleza, com que sonharam vagamente todas as mais antigas religiões que os envolveram nas roupagens sutis da simbologia e do mistério!

A pagã do Castelo de Mágdalo, a idólatra que possuía estátuas dos deuses e das musas em seus jardins de sonho; a grega que espantava suas melancolias entre os véus cor de aurora de exóticas danças, via, a poucos passos de si, a bela e austera personalidade de um homem que encarnava o Bem completo, visto que ele só era feliz quando afastava o mal, quando secava lágrimas, quando anulava a dor e a miséria, quando toda angústia era transformada em alegria e, no meio da desesperação, fazia brotar flores de divina fragrância!

Um homem que encarnava a Beleza perfeita, pois não havia nele o menor rasgo de ambição, de egoísmo ou de interesse; buscando o amor dos humildes, dos deserdados e dos pequenos, porque eles não podiam oferecer-lhe compensação alguma; fazendo brotar as flores divinas do arrependimento e da purificação dos corações pecadores; inundando de paz e de serenidade todas as almas, porque ele mesmo era a paz, a suave quietude, a divina esperança!...

Sentada entre Myriam e Salomé, na longa mesa de rústicas tábuas apoiadas sobre cavaletes de cerejeira, a castelã deixou-se absorver por esses pensamentos, sem ver que sua tijela de vinho, seu prato de lentilhas e a cestinha de uvas estavam sem tocar.

Na cabeceira da mesa, defronte a ela, estava o Homem Excelso conversando com os mais idosos dentre todos os viajantes. Sua voz soava qual melodia distante parecendo mergulhá-la num mundo até então desconhecido. Seu olhar pousava com inefável doçura sobre todos os rostos circundantes da mesa. Esse olhar parecia-lhe os raios de luz de um sereno amanhecer que, iluminando as almas, transformava-as também em luzes diáfanas e puras, embelezando-as e tornando-as semelhantes a ele.

Sua imaginação tecia um mundo de nereidas, de ondinas, de gênios benéficos, que a grandeza sobre-humana do Profeta fazia surgir em torno dela, como por arte de um encantamento divino!

– Mãe! ... – disse repentinamente a voz grave e suave do Profeta. – Tua companheira de mesa não come e a viagem é longa.

Uma sacudidela imperceptível agitou a pagã do castelo, como se essas palavras houvessem tocado num contato oculto em seu coração.

– Come, minha filha! – disse Myriam.

– Estás distraída? – perguntou Salomé.

– Está fatigada – acrescentou Elhida, sua aia.

A jovem ruborizou-se intensamente vendo-se descoberta em seus íntimos pensamentos no meio daquele mundo estranho onde havia penetrado, em seguimento ao Profeta que a fascinava!

O suave olhar do Mestre pousou compassivo sobre ela, pois compreendia perfeitamente tudo quanto se passava no íntimo daquele espírito turbulento que se achava ferido em suas andanças idealistas e procurava, por fim, repouso à sombra da árvore eterna da vida!

– Maria! – disse Jhasua. – Foste a última a chegar, no entanto, chegaste a tempo. Aquieta teus pensamentos porque Deus, nosso Pai, é Deus de paz e não de perturbação.

Tão intensa emoção deu um nó em sua garganta e a jovem permaneceu em silêncio.

A voz do Mestre desfolhou uma terna parábola que ficou ressoando através dos séculos como amorosa cadência perpetuamente renovada e eternamente sentida; e a fez, sem dúvida, para recriminar, sem ferir, a alguns dos presentes que, sendo israelitas de puro sangue, não se achavam à vontade na companhia daquela mulher, contradição viva de seus dogmas, de suas práticas e de seus costumes:

"Houve um homem justo a quem o Senhor enriquecera com abundância de bens materiais, com filhos, servos e amigos, motivo pelo qual sua vida era extremamente feliz e alegre.

"– Meu pai – disse um dos filhos –, dá-me a parte da herança que me pertence, porque quero sair a conhecer o mundo e gozar a vida, pois aqui sou invadido pelo fastio, vendo campos semeados, lavradores colhendo e enfeixando, o gado pastando vigiado pelos pastores ... Comer, dormir e trabalhar é fastio para o meu coração que deseja receber outras impressões, viver outra vida que não conheço, mas sei que existe nas grandes cidades cheias de beleza, onde canta a alegria como a água nos mananciais! ...

"O bom pai fechou os olhos e comprimiu violentamente o coração para não deixar transparecer seu pesar.

"Entregou ao filho o que lhe pedia e, quando o viu partir sem voltar o rosto, o ancião dobrou a cabeça coberta com a neve dos anos e chorou silenciosamente. Era tão amado de seu coração aquele filho que se afastava para talvez nunca mais voltar! ...

"Aquele pai subia todas as tardes à torre mais alta de seu castelo, onde perma-

necia longas horas olhando o caminho que se perdia ao longe como uma franja cinzenta entre vales e colinas. Entre lágrimas silenciosas, murmurava esta oração: 'Senhor! ... de todos os bens que me deste, o que mais amo são os meus filhos. Um deles me abandonou. Devolve-o para mim, Senhor; e que meus olhos o vejam pela última vez antes de morrer!'

"Neste meio tempo, o filho, de cidade em cidade, embriagava-se de prazeres, de alegria, de músicas, danças e cantos. Sua vida era uma orgia continuada e sentia-se um pequeno soberano entre uma corte de amigos que o deleitavam com todos os obséquios imagináveis.

"Essa vida era a que ele havia imaginado, quando enfraquecia de tédio na aldeia do pai! – Feliz de mim – dizia – que tive o valor de romper com as antigas tradições da família, pois, do contrário, ainda estaria ouvindo eternamente os servos e trabalhadores falar do gado fraco ou gordo; do lobo que atacou este ou aquele outro rebanho de ovelhas; dos sulcos da semeadura que devem ser abertos novamente para que as águas reguem tudo por igual! ...

"Que comparação tem uma vida com a outra!?

"Engalanando-se com vestimentas novas que cingia com cíngulo de prata e prendia com broches de ouro e pedras preciosas, comparecia a um novo banquete que, com a sua esplêndida generosidade, oferecia às suas numerosas amizades.

"Passaram-se sete anos e, por fim, a herança do pai foi esbanjada totalmente, e o filho sonhador, incauto e desprevenido, viu-se envolto na miséria, abandonado pelos amigos e conhecidos que, havendo ajudado a dilapidar sua fortuna em orgias e banquetes, não puderam ajudá-lo sequer a matar a fome que o devorava. Foi vendendo vestimentas e jóias e, quando não possuía nada mais além da simples túnica trazida da casa do pai, cobriu-se com ela e fugiu da dourada cidade na qual dissipou seu patrimônio.

"Sentado num pedra, no caminho trilhado pelas caravanas, aguardou a chegada delas para suplicar que o tomassem como cameleiro e, deste modo, pudesse voltar num mísero jumento para a distante aldeia onde nascera.

"Mas vendo sua pele branca, as mãos e pés delicados como os de uma cortesã, riram dizendo-lhe: 'Com essas mãos de leite e rosas que tens, hás de ser provavelmente um bom cameleiro! Vai dançar nos jardins da corte, pois só serves para isso.'

"A fome e o desespero levaram-no a correr pelos campos onde pastavam varas de porcos sob a sombra de velhos carvalhos. As bolotas caídas daquelas árvores centenárias ao solo foram o único alimento com o qual pôde satisfazer a fome que o acossava.

"Então lhe veio a recordação do pai amoroso, do qual não se lembrou enquanto durou sua prosperidade.

"Quanto lhe teria valido não ter saído jamais do seu lado!

"– Irei, sim, irei a ele – disse finalmente – e, arrojando-me a seus pés, falarei assim: 'Meu pai! Pequei contra o Céu e contra ti. Não sou digno de que me chames teu filho, mas deixa-me no lugar do último de teus criados, que te servirei apenas pela comida e pela roupa que queiras dar-me.'

"Realmente procedeu assim como pensou.

"O velho pai, que nesses sete anos havia envelhecido como se tivessem passados dez, só conseguia subir à torre apoiando-se no braço de um criado e também em seu bastão de carvalho.

"Mas ... como seu coração poderia passar um só dia sem olhar para o caminho cinzento que seus olhos cansados encontravam já como coberto de brumosas névoas?

" 'Senhor! – continuava sua prece de todos os dias. – Devolve-o para mim antes que meus olhos se apaguem e não possam ver-lhe o rosto pela última vez!'

"Numa tarde nebulosa e triste como sua alma próxima já a perder toda esperança, seus olhos cansados perceberam uma pequenina nuvem de pó sendo levantada pelo penoso andar de um viajante, sem camelo nem jumento, que aparecia como um ponto escuro na distância do caminho acinzentado.

"Seu coração deu um salto no peito e ele disse ao seu criado: ajuda-me a descer, porque o viajante visto ao longe é meu filho que retorna a meus braços.

"O criado sorriu compassivo diante do louco delírio do pobre ancião que julgava ver seu filho perdido em toda sombra humana que passava ao longe.

"O amor deu-lhe forças pela última vez e, soltando-se do braço do criado, apressou os passos para encurtar a distância ...

"Tinha certeza de que era o filho amado que voltava para seu pai! Sua oração durante sete anos havia sido finalmente escutada pelo Senhor. Ele tinha vencido pela perseverança em esperar e o Céu devolvia o filho que tanto havia chorado! Até o Eterno Onipotente se deixa vencer pelo amor verdadeiro!

"O feliz pai fez um grande banquete, para o qual vestiu seu filho com as mais preciosas vestimentas, e encheu de presentes seus criados e servidores, amigos e parentes, porque a felicidade transbordava do seu coração e queria ver todos felizes, quando ele o era de verdade.

"Os outros filhos reclamaram deste modo: – Para nós, que permanecemos sempre ao teu lado, jamais fizeste um banquete; e para este filho que te abandonou durante sete anos, fazes um banquete digno das bodas de um rei.

"– É banquete do nascimento de um filho da velhice – respondeu o pai. – Este filho acaba de nascer de novo quando eu já me inclinava para a sepultura! Não hei de recebê-lo como uma dádiva divina ao som de cítaras e alaúdes? ..."

Quando o Mestre terminou a parábola, de todos os rostos rodavam lágrimas e ele acrescentou: – Assim também é o nosso Pai Celestial quando volta para Ele um filho que corria extraviado pelos caminhos poeirentos da vida!

"Abre-lhe seus braços e, sem uma só repreensão, porque lhe basta apenas o arrependimento, o faz entrar em seu Reino vestindo-lhe a túnica nova da purificação e do perdão.

"Se o Pai Celestial, suprema perfeição e excelsa pureza, abraça com infinita ternura os recém-chegados ao seu coração, que devemos fazer nós, suas criaturas, às quais tanto Ele teve que perdoar?"

A castelã de Mágdalo, que se via diretamente aludida na parábola do Profeta, havia-se abraçado a Myriam e chorava convulsivamente.

O Mestre aproximou-se dela e disse:

– Maria! ... Naquele dia em que me ungiste com teus perfumes, eu te disse: *Muito te foi perdoado, porque muito amaste.* Hoje, repito novamente: Não chores mais, porque hoje começa o banquete da tua vida espiritual que não terminará até teres bebido o vinho sagrado no Mundo da Luz, de onde saíste a peregrinar por este desterro.

– Pobrezinha! – exclamou a terna Myriam, secando-lhe o pranto. – Por que chora assim esta mulher, meu filho? – perguntou comovida.

– Não compreendeste, mãe? – interrogou Jhasua também emocionado. – Ela era o filho que se havia ido e que voltou! Eu, Enviado do Pai, a esperava em lugar d'Ele.

"Oxalá venham a mim, como ela, todas as criaturas de Deus que vivem sobre a Terra!"

Anoitecia e as cavalgaduras estavam prontas para continuar a viagem.

Felipe, o guardião de armas, uniu-se também aos viajantes e deixou Nicanor encarregado de receber e guardar secretamente o fardo que chegaria durante a sua ausência. As mulheres da caravana, a quem a parábola do Mestre fez vibrar de compassiva ternura, quiseram acompanhar o pequeno Adin, o órfão solitário, a render uma última homenagem ao seu avô tragado pelo rio, e teceram todas juntas uma imensa coroa de flores que o pobre menino lançou, chorando, na corrente azulada, ao mesmo tempo que dizia com sua voz infantil:

"Vovozinho! Não posso esquecer-te mais, porque eras todo o meu amor ..."

Tomado pela mão de Nicanor, o menino viu os peregrinos se afastarem e quando desapareceu o último, disse a seu companheiro:

– Iremos tu e eu, em outra oportunidade ... quando não me doer tanto o coração em abandonar o vovô que dorme no fundo do rio.

Nicanor abraçou-o enternecido, prometendo levá-lo a Jerusalém, para a festa chamada das Cabanas.

O Sinédrio Busca um Messias

Ainda brilhavam as estrelas no azul sereno dos céus quando nossos peregrinos chegaram a um pequeno e formosíssimo vale, encaixado entre uma verde colina e a margem do Jordão, a cujas águas se podia descer por uma tosca escada de pedra, lavrada nas rochas que amuralhavam a costa.

Tinham caminhado grande parte da noite e, ao esconder-se a lua, as mulheres e as crianças começaram a se sentir atormentadas por essa sensação de perigo que se esboça na mente à vista da escuridão.

Pedro, Hanani e o tio Jaime, que eram os guias da peregrinação, resolveram deter-se para um descanso no tranqüilo vale chamado Canaveral, em virtude de achar-se ali um pequeno bosque de canas de bambu que parecia amuralhar o vale, protegendo-o dos ventos fortes e dos olhares dos viajantes que passavam pelo caminho.

Havia vestígios de que descansaram ali outros viajantes com crianças, pois encontraram algumas roupinhas esquecidas e a fogueira recentemente apagada.

Zebedeu e Matias, que viajavam com suas famílias, quiseram encravar as estacas de um pequeno toldo para repouso das mulheres e das crianças, até que chegasse a luz do dia e pudessem continuar a jornada que terminaria em Arquelais.

O Mestre desceu com os Doze, o tio Jaime e Felipe, a muralha de rochas que formava o leito do Jordão. Ali, numa esplanada de pedras, sentindo as mansas ondas beijarem seus pés, sentaram-se por indicação de Jhasua.

Ele anunciou que examinariam o Testamento de Johanan, prisioneiro na Fortaleza de Pella.

– Vós e eu – disse – somos os herdeiros do Profeta do Jordão, e ele pediu para continuarmos com o que ele começou.

"Vejamos o que podemos fazer em suas obras de salvação das almas."

O Mestre mergulhou em profundo silêncio.

Poucos minutos depois, João, Zebeu, Felipe, o jovem, e Felipe o apóstolo começaram a perceber que a cabeça do Mestre começava a se rodear de uma auréola de luz dourada, a qual foi estendendo-se ao redor de seu corpo, semi-recostado entre a relva e as ervas que cobriam as rochas.

Pouco depois, essa percepção foi estendida pouco a pouco aos demais discípulos, até que, por fim, se tornou visível para todos.

Em seguida, viram essa radiação adquirir uma força extraordinária, como ondas de água luminosa que iam perder-se ao longe, na penumbra das últimas horas da noite, iluminada vagamente pela suave claridade das estrelas.

Sobressaltados de respeito e de pavor, foram colocando-se de joelhos, como perante uma estupenda manifestação do Infinito, do Eterno Enigma, cuja existência todos pressentiam mas jamais haviam podido perceber através dos sentidos físicos.

A radiação que rodeava o corpo do Mestre foi se condensando na parte superior, do peito e da cabeça, levemente inclinada para o ombro esquerdo, viram levantar-se como uma coluna de névoa luminosa que ia perder-se no éter azul salpicado de estrelas.

Nunca os discípulos puderam precisar o tempo que durou essa muda manifestação do contato da alma do Cristo com a Divindade. Haviam sido tão intensamente felizes enquanto ela durou, que não foram conscientemente capazes de medir o tempo.

Pouco a pouco, as radiações foram se dissolvendo, e o Mestre voltou a si da profunda meditação em que havia mergulhado.

Pedro, com sua eloqüente espontaneidade, foi o primeiro a comunicar ao Mestre o que haviam visto ao seu redor, enquanto permaneceu adormecido.

– Eu não dormia – disse – mas orava. Durante a viagem até aqui não pude fazê-lo em razão da natural preocupação da mente, absorta nos incidentes que vão sucedendo-se no caminho; no entanto, minha alma prisioneira na matéria necessitava tanto que, chegado a este lugar de quietude, me vi obrigado a deixá-la escapar-se momentaneamente para o seio do Pai que é Amor.

"Porém, isto não vos deve causar temor algum, pois, em toda oração intensamente sentida, ocorre o mesmo.

"Os Anjos do Senhor, encarregados de cooperar pela iluminação das almas destinadas a conduzir outras almas à Sabedoria, fazem dentro da Lei quanto é possível realizar, para que as verdades divinas sejam conhecidas daqueles que as buscam e desejam com o coração fervoroso.

"Para ver nossa alma mergulhar em Deus, não necessitamos prostrar nosso rosto em terra, nem encerrar-nos sob as abóbadas de um templo, ou vestir túnica de penitência, e fazer mortificações ou jejuns.

"Deixamos simplesmente que ela busque Deus através do Amor e mergulhe n'Ele como um peixinho na água do mar, um passarinho no ar ou um átomo de luz na claridade infinita.

"Tampouco necessitamos de muitas e belas palavras, porque para o nosso Pai, todo Amor e Piedade, é suficiente que apenas nossa alma lhe diga no mais completo abandono: 'Meu Pai! ... Eu Te amo tanto quanto pode amar uma insignificante criatura tua' ... e nem sequer necessitamos dizer-Lhe isto, mas tão-somente sentir. Ele percebe o nosso sentimento mais íntimo e o recolhe em Seu Amor Soberano, como nós recolhemos uma pequenina flor cujo perfume nos avisa de sua existência! ...

"Agora acendei as tochas e vejamos as últimas vontades do irmão prisioneiro."

O manuscrito estava dividido em duas partes.

A primeira era o relato de sua vida de estudo e de meditação no Santuário

Essênio do Monte Quarantana onde, sob a direção dos solitários, foram desenvolvidas suas faculdades psíquicas.

A segunda parte era um estudo biográfico do Messias anunciado pelos Profetas, em relação com a austera Fraternidade Essênia, da qual se considerava um representante saído ao mundo exterior para preparar o caminho na obra do Verbo Encarnado.

Aparte, via-se uma simples folha de pergaminho, na qual estavam assinalados os lugares, cidades e nomes de pessoas submetidas a certos métodos e exercícios de cura dos corpos e das almas enfermas, como os Essênios denominavam os criminosos perseguidos pela justiça humana, que eles escondiam nas grutas das montanhas até conseguir sua regeneração e poder então solicitar seus indultos.

A penhascosa região desértica da Judéia, ao redor do Mar Morto, era o principal refúgio onde Johanan homiziava os enfermos da alma, dispostos em distintos graus e condições, desde os que guardavam ódio e profundo rancor à Humanidade, até os que haviam chegado à lucidez de reconhecer sua culpa e arrepender-se da vida criminosa que levavam.

Os seis discípulos íntimos que acompanharam Jhasua até a Fortaleza de Pella, eram auxiliares para agir junto daqueles criminosos que se aproximavam dele, pagos para assassiná-lo, e que a Divina Lei iluminava de súbito e pediam para ser transformados de assassinos em penitentes. Como não haviam de ser grandes os discípulos de Johanan se estavam temperados a fogo e purificados no crisol do amor, até para com os irmãos criminosos e perversos, daninhos como as víboras que se arrastavam no pó para verter o veneno sem serem percebidas pelas vítimas?

Eram oitenta e seis criminosos submetidos ao método regenerador, que o Profeta chamava de "*purificação*" e cento e vinte enfermos de câncer, de lepra e de afecção pulmonar ou tísica, como se chamava naquele tempo. Seu relato terminava assim:

"Jhasua, meu irmão. Como te incumbo de meus seis discípulos íntimos, que são como eu mesmo, deixo também meus amados criminosos perseguidos pela justiça humana, mais interessada em matar os que não lhe servem, em lugar de transformá-los em plantas úteis para os campos do Senhor. Senti-me impulsionado para os míseros répteis que ninguém ama, que todos odeiam, para ter a infinita alegria de ajudá-los a se levantarem do pó e voar como pássaros livres para a imensa grandeza de Deus."

– Que grande alma é a de Johanan! – exclamou Jhasua quando terminou de examinar o manuscrito do profeta prisioneiro.

Pouco depois, continuavam a viagem até Arquelais, onde alguns antigos amigos se juntaram aos nossos peregrinos. De uns para outros, correu o rumor de que o Messias estava entre o povo de Israel e que talvez todos o veriam nas grandes festas a serem realizadas em Jerusalém.

Pouco depois, em Phasaelis e em Jericó, o vago rumor ressoava mais alto e todos comentavam que jamais foi visto, no país, afluir tanta gente à cidade dos Reis.

Dos rumores, formaram-se comentários e suposições que, pouco a pouco, foram tomando aspecto de realidades.

O Mestre e os seus ouviam e silenciavam em face do torrencial transbordamento do entusiasmo popular. Os israelitas residentes nas cidades e povoações que Jhasua havia percorrido, realizando nelas suas obras portentosas, eram como o eco que ia fazendo ressoar em todas as mentes, despertando novamente a aspiração adormecida pelas continuadas desilusões que, desde a entrada dos três viajantes do distante Oriente em Jerusalém, trinta anos antes, o povo de Israel havia tido, sem que fosse possível comprovar-lhe a realidade.

– Vimo-lo em Naim, onde ressuscitou um morto – disseram os daquela localidade.

"Vimo-lo em Damasco, em Tiro, em Sidon, na Ituréia, nas margens do Mar da Galiléia, onde curou leprosos, paralíticos, cegos de nascimento, cancerosos e tísicos em último grau.

"Com toda a certeza, virá a Jerusalém para ser coroado rei pelo Sumo Sacerdote, e ali poderemos vê-lo e prostrar-nos aos seus pés e pedir-lhe para remediar todas as nossoas dores e exterminar a raça maldita do idumeu, que profanou o nosso Templo, pisoteando nossas leis e roubando as vestimentas pontificais e os vasos sagrados. Que fulmine, com seu poder, os orgulhosos romanos que passeiam com suas águias e seus estandartes por onde só pode flutuar o alento divino de Jehová."

O Mestre deu-se perfeita conta do estado efervescente em que se encontrava o povo amotinado às portas da cidade, cuja amplitude parecia não poder dar guarida àquelas vagas humanas que chegavam em numerosos grupos de peregrinos vindos de todas as regiões do país e ainda de muitos territórios mais além dos limites da Palestina.

O numeroso povo de Israel, incontável como as areias do mar, segundo a promessa divina ao patriarca Abraham, achava-se disseminado pela Síria, pela Arábia, pelo Egito e pela Iduméia, da mesma maneira como nas ilhas e costas do Mediterrâneo. Os rumores da presença do Messias naquela Páscoa de glória atraiu tão numerosa afluência de pessoas, que as praças e ruas da cidade, as encostas dos montes, seus barrancos, vales e colinas viram-se totalmente cobertos de tendas de vistosas cores. Até fora das muralhas os peregrinos se dispunham em escalões, nas partes mais altas, ao longo de todos os caminhos que convergiam para as portas da dourada capital.

Os discípulos do Mestre que tinham parentes ou amigos, dispersaram-se, buscando hospedagem naqueles modestos lares. Quem não tinha ninguém, refugiava-se na sede da Santa Aliança. Jhasua e os seus familiares hospedaram-se, segundo o costume, na casa da viúva Lia, e outros no lar de José de Arimathéia, o grande amigo do justo Joseph.

Na manhã seguinte, o Mestre recebeu a visita dos amigos de Jerusalém, que lhe informaram da presença do príncipe Melchor, de Fílon, o Mestre de Alexandria, do scheiff Ilderin, com os principais homens do deserto da Arábia e do scheiff Buya-Ben, pai de nosso amigo, o Hach-ben Faqui, que vinham representando a rainha Selene, soberana do povo tuaregue, confinado nos penhascos do deserto do Saara desde a destruição de Cartago.

Guardando a severa instrução do segredo mais profundo, todos compareceram àquela Páscoa na dourada Jerusalém dos Reis, "*pelo que pudesse suceder*".

O que, perguntamos nós, poderia *suceder*?

Todos sonhavam com o reinado da justiça predito pelos Profetas! Esse grande sonho, com uma visão magnífica, ia encadeando-se com fulgores de ametista em todas as almas possuidoras do grande segredo: *o Messias está entre o povo de Israel.*

Ninguém sabia a hora da proclamação gloriosa. Todos ignoravam que sol seria aquele que iluminaria Israel de júbilo. Mas chegaria, não podia duvidar-se, porque qualquer dúvida nesse sentido seria o mesmo que pecar contra os Profetas de Jehová.

Os insistentes rumores haviam transpassado as douradas portas dos átrios sagrados, e o alto clero judeu perguntava a si mesmo: "De onde brotou esse fiozinho de água rumorosa que vai crescendo como uma torrente e o Sinédrio nada sabe e as nobres famílias sacerdotais não têm ninguém entre elas que possa dar origem a tais rumores?"

Caifás, que há pouco tempo havia subido ao sólio pontifical, dizia a si mesmo:

"Se porventura tocar a mim a glória de coroar o Messias, Rei de Israel, então, nesse caso, serei seu ministro, seu guia, seu consultor, pois ele será um ingênuo, um adolescente talvez que necessitará de quem lhe ilumine os passos ... E quem melhor senão o Sumo Sacerdote de Jehová, seu representante? ... O legado supremo de sua autoridade e de seus direitos divinos? ...

O ancião Hanan, seu sogro, austero doutor da velha Escola, afiava também suas armas para tirar proveito do advento do Messias, caso se confirmassem os rumores que desde há alguns anos persistiam entre o povo.

Por sua notória habilidade em manejar os entrelaçados fios de ambições que se entrechocavam, havia obtido uma bem merecida superioridade entre seus numerosos colegas. Em virtude disso, o Supremo Pontífice, desde há uns anos, dependia sempre dele ou de um de seus filhos, genros ou parentes próximos, o que dava no mesmo; isto é, o velho Hanan era o verdadeiro Pontífice-Rei, dono das vidas e das propriedades do povo de Israel.

Na proximidade das grandes festas religiosas, propagava-se entre o alto clero o mesmo alarme: "Aparecerá, por fim, o Messias?"

Sem saber por que, tal fato produzia em todos eles um medo e um pânico inexplicável. Os capítulos 2º e 3º do Profeta Malaquias os atemorizava como o rugido de um dragão na obscuridade. "Agora, pois, ó sacerdotes, este mandamento diz respeito a vós: Se não resolverdes dar glória ao meu Nome, enviarei maldição sobre vós e amaldiçoarei vossas bênçãos, porque não me pusestes em vossos corações. Eis que envio o meu Mensageiro, o qual preparará o caminho diante de Mim e, em seguida, virá ao seu Templo o Senhor a quem buscais e o Anjo do acordo a quem desejais; e quem poderá estar presente quando Ele se apresentar? Porque Ele é como fogo purificador e como o sabão dos lavandeiros; e sentar-se-á para afinar e limpar a prata; porque limpará os filhos de Levi e os afinará como ao ouro, para que possam apresentar a Jehová oferenda de justiça."

Estas terríveis palavras do Profeta Malaquias aos sacerdotes de Israel ressoavam como trovões carregados de relâmpagos tanto no Templo como no Sinédrio, cada vez que os rumores populares os obrigavam a pensar no momento em que o Messias de Jehová transpusesse as douradas portas do Templo de Jerusalém.

Nas vésperas das grandes festas, o velho Hanan, astuto como uma serpente que se preparava para devorar um passarinho, colocava sua polícia secreta em todas as portas da cidade para que, dissimuladamente, tomasse nota dos viajantes que entrassem, sem esquecer detalhe de qualquer coisa que chamasse a sua atenção. Deviam ter em conta especial quando se tratasse de aristocratas, pois que o Messias, se havia nascido, devia vir do seio das famílias antigas tradicionalmente aristocratas, que se achavam disseminadas pelo país.

Jhasua e os seus companheiros de viagem, que entraram montados em humildes jumentos, não teriam despertado interesse algum na polícia secreta de Hanan se não tivesse sido por um simples fato ocorrido quando nossos viajantes transpunham a Porta do Sião.

A certa distância fora da muralha, encontrava-se um grupo de seis leprosos cobertos com grossas mantas, segundo o costume e que, na extremidade de um bambu, tinham uma sacola atada para receber as esmolas que os viajantes quisessem dar-lhes.

O Mestre viu-os e, dirigindo para eles sua cavalgadura, disse: "O melhor donativo que vos posso dar é a saúde, se acreditais em Deus Todo-Poderoso."

– Nós cremos, Profeta ... nós cremos! – foi o grito unânime dos infelizes.

– Em nome de Deus, Pai de toda vida, vos digo: sede sãos e louvai ao Senhor em companhia de todos os vossos irmãos.

Tirando as mantas que os cobriam, disse:

– Lavai-vos na piscina de Siloé e colocai vestes limpas para apresentar-vos ao sacerdote, como determina a Lei.

Alguns dos companheiros se aproximaram dos enfermos para deixar dinheiro nas sacolinhas para que pudessem comprar as roupas necessárias.

O policial de Hanan que estava diante da porta observando os viajantes, presenciou esse fato que, naturalmente, chamou a sua atenção.

Quem era aquele homem jovem, belo, cuja austera dignidade o assemelhava a um rei? Devia ser um mago ou um profeta, visto que pretendia curar os leprosos, aos quais viu sair correndo, entre gritos de júbilo, para a piscina de Siloé, ali perto.

Viu que o acompanhavam homens e mulheres vestidos modestamente, e isto fez-lhe dar muito pouca importância ao fato.

Porém, quando mais tarde viu entrar os seis homens declarando, perante a sentinela da porta, serem eles os leprosos que sempre se aproximavam para pedir esmola e os viu com a pele levemente rosada e limpa e também a alegria em seus olhos, perguntou *quem os havia curado.*

– Não sabemos – responderam. – Entre alguns viajantes vindos pelo caminho de Jericó estava um Profeta que nos disse: "Sede curados em nome de Deus." Agora deixa-nos passar pois vamos ao Templo para que o sacerdote nos dê o seu *visto* e possamos celebrar a Páscoa com os demais.

O policial de Hanan anotou em sua caderneta de bolso: "Entre os viajantes chegados de Jericó entrou um Profeta jovem e formoso que curou seis leprosos na Porta do Sião. Ignora-se seu nome e procedência. Vinha, junto com seus companheiros de viagem, montados em jumentos."

Pela Porta de Joppe havia entrado uma brilhante comitiva, acompanhando uma pequena carruagem na qual viajava uma princesa judia, da antiga e nobilíssima casa de Rechab, príncipes da região de Beth-hacceren. Vinha com seus dois filhos varões, um de 13 e outro de 10 anos.

Esta informação também foi levada ao velho Hanan, o qual não tardou em apresentar-se ao palácio que os príncipes de Rechab possuíam desde os tempos da última restauração da cidade e do Templo, edificado numa das encostas da colina chamada *Monte Sião*, em cujo topo se alçava o imponente palácio real de David, reconstruído por Herodes, o Idumeu.

A informação do jovem Profeta que curou os leprosos não o interessou de forma alguma, por tratar-se de gente do povo. Esta outra informação, sim! Valia a pena tratar do assunto pessoalmente.

O pequeno príncipe de 13 anos, descendente de uma das mais nobres e antigas casas da Judéia, cujo fundador havia sido o braço direito de Eliacib, Sumo Sacerdote, na reconstrução da cidade e do Templo nos tempos do Profeta Nehemias, é que podia ser o Messias anunciado pelos Profetas! Hanan providenciou imediatamente que seu genro, Caifás, Sumo Sacerdote, pusesse em movimento o conjunto de escribas a serviço do Sinédrio para pesquisar a genealogia das casas nobres da Judéia, para comprovar se, por algum ramo lateral, paterno ou materno, aquele menino descendia do sangue real de David, conforme havia sido anunciado.

Da busca efetuada pelos escribas, resultou que Rechab, fundador e príncipe de Beth-hacceren, que a adquiriu por herança de seus antepassados, descendia por linha

materna do primeiro filho que David teve de sua segunda esposa Abigail, quando, fugindo do rei Saul, se refugiou em Siclag, onde permaneceu sob a proteção do rei Achis Gath.

O Sinédrio não escondia o seu júbilo, pois, de todos os candidatos a "Messias" que se haviam apresentado nos últimos trinta anos, nenhum tinha podido ser aceito por diferentes causas que não puderam ser sanadas.

Mas o júbilo tornou-se em desilusão quando Hanan regressou com a notícia de que o menino que reunia aparentemente as condições era surdo-mudo de nascimento. Chamava-se Josué. Era um belo adolescente de olhar cheio de inteligência e de bondade, porém ... era surdo-mudo! Como podia haver encarnado nele o Ungido de Deus para salvar o seu povo? Um astuto e velho escriba deu uma idéia:

– Moisés esteve também durante vários anos semi-impedido de falar por causa de um defeito físico em seus órgãos vocais e, não obstante, foi o homem escolhido por Jehová para salvar seu povo da dura escravidão dos Faraós.

Estas palavras do escriba foram acolhidas como uma vaga esperança.

Hanan lembrou-se nesse instante do outro informe que havia recebido: o jovem Profeta que entrevira na cidade, quase ao mesmo tempo que a princesa com seus dois filhos entravam por outra porta. Esse Profeta havia curado seis leprosos. Não poderia também curar o menino surdo-mudo?

Mas como encontrar o taumaturgo entre a enorme multidão de pessoas chegadas de todo o país e ainda de outros países vizinhos?

Hanan voltou a entrevistar-se com a princesa, mãe do menino, futuro Messias de Israel, para anunciar-lhe a nova esperança acalentada por todos.

– Sabemos – disse – que entrou na cidade, ao mesmo tempo que entravas, um mago ou Profeta que na Porta do Sião curou seis leprosos. Nosso triunfo estará em encontrá-lo.

– Acaba de sair daqui – respondeu Aholibama – um agente comercial de Joppe, de nome Marcos, grande amigo de meu pai. Ele nos induziu a trazer meu filho para que um Profeta, seu parente, o cure. Dizem ter curado leprosos, cegos de nascimento e toda classe de enfermidades conhecidas como incuráveis. Ele o trará à minha casa amanhã, à segunda hora.

– Se permites – respondeu Hanan –, na segunda hora também estarei aqui para presenciar a cura.

Como havia combinado, na manhã seguinte, Marcos, esposo de Ana, que não era outro senão o agente comercial de Joppe, acompanhou Jhasua ao palácio de Rechab, bem alheio, por certo, de que o Sinédrio já estava envolvido nesse assunto.

Hanan levou consigo o policial que lhe deu a informação sobre a cura dos leprosos para comprovar se era o mesmo personagem que curaria o menino surdo-mudo.

A princesa Aholibama, mulher simples e de intensa fé nos poderes divinos concedidos por Deus a determinados seres que as pessoas em geral chamavam de "*profetas*", saiu em direção ao grande portal da casa para receber o Homem de Deus que lhe trazia a felicidade aguardada há treze anos, sem havê-lo encontrado jamais, mesmo quando havia percorrido meio mundo buscando o dom da palavra para o filho primogênito.

Quando o Mestre chegou acompanhado de Marcos, a pobre mãe arrojou-se a seus pés, cheia de esperança, e a prece brotou-lhe da alma intensa e pura como uma oração de mãe rogando pelo filho atingido pela desgraça.

– Senhor ... – disse –, tende piedade de mim, pois há treze anos estou chorando pela desgraça de meu filho. Meu esposo adormeceu com seus ancestrais e eu fiquei sozinha com a minha dor!

Enternecido, o Mestre ajudou-a a levantar-se, ao mesmo tempo que lhe dizia:

– Tem paz em tua alma, mulher, pois o poder de Deus é maior que todas as dores do mundo.

Quando entraram na sala principal, encontraram ali o ancião Hanan vestido com o luxo e a suntuosidade costumeira dos elevados personagens da sua estirpe. Sua liteira estava à porta com quatro escravos negros de grande corpulência.

O grande manto vermelho com franjas de ouro, o turbante crivado de pedras preciosas, da mesma maneira como o cinturão e o broche peitoral preso ao manto, tudo, enfim, resplandecia como brasa ao tênue raio do sol a penetrar por uma das janelas.

Jhasua saudou-o com respeitosa inclinação e dirigiu-se imediatamente ao menino que, a um sinal da mãe, se levantou do assento e aproximou-se do Mestre.

– O Rabi Hanan, presidente do Sinédrio – disse Aholibama, fazendo a apresentação costumeira.

– Jhasua de Nazareth, para servir a todos – respondeu o Mestre.

Hanan olhou para o policial como perguntando se havia sido este quem havia curado os leprosos na Porta do Sião! O policial, com leve inclinação de cabeça, respondeu que sim. O sagaz ancião cravou seus olhinhos negros e vivos no nobre e sereno semblante de Jhasua e não pôde deixar de confessar a si mesmo ter aquele filho do povo, em toda a sua pessoa, a nobre majestade de um grande homem. Tudo nele subjugava e atraía como se de todo o seu ser se desprendesse um indefinível encanto produzindo paz, alegria interior e inefável brandura.

Embora de dura rusticidade fluídica e espiritual, o majestoso Rabi Hanan não foi capaz de subtrair-se à benéfica influência do Mestre.

Observou que suas vestimentas de cachemira branca, sem um único adorno, eram de uma limpeza imaculada, motivo pelo qual não lhe foi difícil calcular aproximadamente a maior ou menor elevação da sua posição social. "Rico não é – pensou –, porque não leva adornos nem jóias em suas roupas que, sem dúvida alguma, não são as de filho da classe baixa. Quem é, pois, este homem?"

– Sou um discípulo dos antigos Profetas de Israel – respondeu Jhasua ao pensamento de Hanan, cujo assombro foi grande em face da prova recebida de que o jovem Nazareno havia lido o seu pensamento. Entretanto, Jhasua falava também com Aholibama, dando a impressão de não ter percebido o assombro de Hanan.

"Como discípulo deles – continuou –, dou muito pouca importância às aparências exteriores, tão fugazes e instáveis. O maior bem apreciado pelos Profetas de Deus é o de poder fazer o bem a seus semelhantes. Não é isto mesmo, Rabi Hanan?"

– É justamente assim – respondeu o interpelado com certa perturbação.

– É essa a minha única aspiração na Terra – continuou o Mestre –, e, se me permitis, usarei o poder divino para curar aqui os que estão enfermos.

– Meu filho surdo-mudo – disse Aholibama, cheia de esperança.

– Sim, mulher; teu filho, o Rabi Hanan, que sofre de úlcera cancerosa nos intestinos, e este policial, que sofre de asma.

Todos se entreolharam sem encontrar palavras para contestar.

"– Pois, se este não é um Profeta de boa lei, que venha Jehová e o diga – pensou o policial."

Jhasua, sem preocupar-se com o que eles pensavam, semicerrou os olhos e

concentrou-se profundamente em si mesmo para pôr-se em contato com a Energia Divina que o assistia com inigualável generosidade quando queria fazer o bem a seus semelhantes.

Passaram-se alguns momentos de silêncio solene, durante o qual os corações batiam com inusitada violência.

Em seguida, o Mestre tomou as mãos do menino Josué, aproximou-o suavemente de seu peito e, fazendo-o abrir a boca, exalou nela três poderosos sopros. Beijou ternamente a testa limpa e serena do menino e disse-lhe com infinita brandura:

– Agora beija tua mãe e dize-lhe que a amas muito.

A mãe recebeu-o em seus braços cheia de emoção e logo começou a chorar quando ouviu a voz do filho, nunca ouvida até então, a dizer-lhe:

– Mãe, sempre te amei muito; no entanto, meus lábios não podiam dizer-te isto!

– Jehová Bendito! – gritou Hanan retrocedendo um passo como se tivesse visto um fantasma levantar-se da terra. – És o Profeta Eliseu ressuscitado ...?

O Mestre sorriu sem responder-lhe.

– Rabi Hanan! ... – exclamou depois. – Em nome de Deus Onipotente, quero ver teu corpo são e que Ele encha teu coração de piedade e de misericórdia, de sabedoria e de justiça, para seres em Israel o que Ele quer que sejas.

O ancião caiu lívido em sua poltrona e uma onda de imundície foi arrojada de sua boca, manchando-lhe as luxuosas vestimentas e o tapete que cobria o pavimento.

– Não é nada – disse o Mestre, vendo o espanto de todos em face de tão repugnante acidente. – Trazei uma bacia com água e toalhas limpas.

Aholibama chamou e umas criadas trouxeram o que o Mestre havia pedido.

– A Divina Energia extraiu a imundície que corroía as tuas entranhas, Rabi Hanan – disse enquanto molhava as toalhas e limpava-lhe a barba, o peito e as mãos.

Jhasua pediu xarope de cerejas e deu-lhe de beber. A reação veio imediatamente.

– Ainda estás forte, Rabi – acrescentou Jhasua –, e tens vida longa para fazer o bem em Israel.

"O que pensaste em fazer com este menino não está na sua Lei, porque ele não é quem supões."

– Onde está, pois, o Messias anunciado pelos Profetas, que o povo assegura estar em Israel? – perguntou Hanan, ansioso.

– "Deus dá sua Luz aos humildes e a nega aos soberbos", diz a Sagrada Escritura; e Ele deixará que conheças a verdade quando for chegado o momento.

Em seguida, dirigiu-se ao policial que estava parado como uma estátua por detrás da poltrona do Rabi.

– Deus te curou, amigo, e nunca mais se repetirão as crises de sufocação que tanto te atormentavam – disse, e procurou com o olhar a Marcos, que havia presenciado em silêncio aquele insólito espetáculo.

"Já terminei! Vamos! – disse."

– Profeta! ... – exclamou a princesa. – Não esperas nem uma palavra de agradecimento?

– Não é necessário, visto que sei que estás agradecida. Esperam-me em outra parte. Que a paz seja convosco!

E saiu rapidamente, seguido por Marcos.

A estupefação de todos os impediu de insistir em detê-lo.

– Que homem, Jehová bendito! ... – exclamou Aholibama. – Que homem! Dá a vida a todos e escapa sem esperar sequer um agradecimento!

O Rabi Hanan, taciturno por ver frustrados seus planos de criar um Messias para tirar proveito dele, esqueceu um pouco o imenso benefício que acabara de receber.

– Curou as minhas úlceras, é certo, mas feriu-me no coração! Que faremos sem um Messias, quando já passaram mais de trinta anos do aviso dos astros e ainda não vismos a estrela esperada? Será que a soberba cega realmente os nossos olhos e não vemos a Luz diante de nós?

Esta passagem faz surgir em nosso horizonte mental uma profunda reflexão:

O poderoso Hanan, manejando a nação israelita como uma criança maneja os fios que movem o fantoche, teve o Messias ao seu lado, recebeu seus benefícios e *não O reconheceu.* Ainda mais: pouco tempo depois, ele foi a alma negra e traidora que o fez condenar à morte, porque o Homem Justo que lhe havia feito o bem e que o tinha derramado sobre todo o povo e regiões do Mediterrâneo, respondeu ao seu conjuro satânico:

"Em nome de Deus, eu te conjuro a que nos digas a verdade: És tu o Messias, o Verbo de Deus, ou devemos esperar outro?"

– Eu o sou! – respondeu o Mestre.

Por aquele "EU O SOU" que o forçaram a dizer ele foi condenado à infame crucificação dada somente aos escravos rebeldes.

A soberba cegou os magnatas de Israel e eles não viram a Luz acesa em seu próprio caminho.

Sem preocupar-se mais com este incidente, o Mestre dirigiu-se com Marcos à casa dos amigos, a família de Ithamar, onde era ansiosamente esperado.

Como todas as casas, grandes ou pequenas, na proximidade da Páscoa estavam abarrotadas de peregrinos, foi assim que Jhasua encontrou o velho e severo palácio de Ithamar convertido em verdadeira hospedaria.

O scheiff Byua-Ben, pai de Faqui, o príncipe Melchor de Horeb, o Mestre Fílon de Alexandria, o scheiff Ilderin de Bozra, com três chefes do deserto da Arábia e Marcos, com Ana, sua esposa, formavam um seleto conjunto de viajantes que deixava louco de felicidade o velho Simônides, administrador da colossal fortuna que, segundo ele, estava destinada a estabelecer sobre bases sólidas o novo Reino de Israel. Todos não falavam de outra coisa a não ser da esperança que florescia em todos os corações, de que, naquela Páscoa, deviam ver cumpridas suas aspirações.

Noemi, a virtuosa ama da casa, com sua filha Thirza e Nebai, além de Sabat, mãe desta, preparavam para Jhasua um grande banquete, que ultrapassasse a tudo quanto haviam feito até então para ele.

Simônides, com Judá e Faqui, estavam completamente empenhados na organização dos membros da Santa Aliança que haviam comparecido às centenas de todas as regiões da Palestina e, não obstante muitos deles terem parentes ou amigos na Capital, para todos aqueles que não tinham ninguém, precisaram preparar alojamento, levantando tendas em todos os terrenos baldios encontrados na velha cidade dos Reis. Já dissemos que a superfície de Jerusalém era completamente desigual, pois havia sido edificada sobre colinas, barrancos e vales encaixados em forma tal que eram bem poucas as ruas por onde se poderia caminhar uns duzentos passos sem precisar mudar de direção. Tão logo a rua subia uma empinada ladeira, como descia ao fundo de um barranco ou costeava um promontório cortado a pico, em cujo cimo brilhavam os mármores polidos de alguma grande mansão senhorial.

Nas encostas dos montes e colinas onde não havia edificação, Simônides fizera encravar tendas, armadas como por arte mágica, pois de um dia para o outro apare-

ceram inumeráveis tendas de vistosas cores, dando à venerada cidade de David um aspecto fantástico de inusitada alegria que aumentava durante a noite, com o fulgor de uma fogueira à porta de cada tenda.

Jerusalém era, pois, um formigueiro humano, um formidável concerto de vozes, de cantos ao som de cítaras, alaúdes, flautas e tamborins.

Na noite do banquete a realizar-se no palácio de Ithamar em homenagem ao Profeta Nazareno, dois homens contemplavam a buliçosa alegria da cidade.

Jhasua, sobre o terraço do terceiro piso da casa de Ithamar, que era o pavilhão de verão, e o Rabi Hanan, nos terraços do Templo envolto em penumbras.

Nosso assíduo leitor, seguindo-nos passo a passo no estudo dos acontecimentos e dos personagens que atuaram neles, certamente terá compreendido que o levamos agora a uma comparação entre esses dois homens a contemplarem, calados, a cidade de Jerusalém: Jhasua, encarnação do Bem e do Amor, e Hanan, o egoísmo e a falsidade encarnados.

– Que oportunidade mais brilhante – pensava Hanan – para proclamar o menino Josué Messias de Israel nestes momentos em que o fervor da esperança põe febre em todos os corações! Entretanto esse Profeta, que o é de verdade, assegura que não é esse menino o Messias esperado.

"E se eu insistisse em proclamá-lo Messias para salvar, perante o povo, a honra de nossas Escrituras e dos antigos profetas, que sucederia? ..."

Sobre o terraço do palácio de Ithamar, a trezentos passos do Templo, havia uma poderosa antena a captar as ondas de todos os pensamentos relacionados com ele: O Verbo Encarnado, meditando na triste condição de egoísmo e atraso em que se encontrava a Humanidade.

"Certamente o Rabi Hanan – pensava o Mestre – estará tentado a proclamar o menino Josué Messias de Israel para satisfazer o entusiasmo popular.

"Homem ímpio e soberbo, tendo pisoteado tantas vezes sua consciência e a fé de seus ancestrais, quer agora burlar a fé do povo e sacrificar essa inocente criatura levando-a a uma falsa posição! Não será isto senão acrescentar o qualificativo de *impostor* ao de traidor da pátria e da fé, que conquistou aliando-se ao usurpador idumeu, para entregar manietada a nação ao domínio estrangeiro?"

Seu pensamento, como um poderoso foco de luz, mergulhou cada vez mais no Eterno Enigma. Num profundo suspiro, descarregou a angústia que o embargava e pensou novamente com os olhos fixos no Templo, cujas cúpulas e torres brilhavam à avermelhada chama das fogueiras e das tochas.

"Memphi, mau conselheiro e ministro ímpio do Faraó, tendo enchido de angústia o coração de Moisés, mais uma vez te interpões no caminho da Luz! ... Pereceste como um lagarto afogado sob as ondas do Mar Vermelho ... Teu pecado, cem vezes repetido, endureceu o teu coração ... e desta vez serás um monstro de falsidade e de ingratidão, que te levará a ser arrastado por estas mesmas ruas transbordantes de multidões e por este mesmo povo ao qual olhas como a um rebanho de escravos.

"Alma desventurada, feita de soberba e de ambições! ... Ainda há tempo para te redimires e salvares!

"Não será esta talvez a última oportunidade oferecida pela Bondade Divina para abandonares o teu caminho de crime nas trevas e poderes ver a Luz acesa no teu caminho?"

Seu pensamento ligeiro e audaz como o vôo de uma águia, estendeu-se ao Infinito, cofre gigantesco, depositário das eternas verdades que a incompreensão humana rechaça porque a deslumbra e, com a lente da recordação, viu nas negras

profundidades do Mar Sereno (o Pacífico) um chefe pirata afundando o barco de Juno, o salvador de escravos; um potentado de Bombai, comprando assassinos que atravessaram com traiçoeiras flechas o coração de Chrisna; um pontífice-rei da esquecida Atlântida, oferecendo a taça de veneno a Antúlio, o filósofo-luz, o defensor dos humildes, dos órfãos e dos mendigos! ...

– Desventurado! – exclamou Jhasua cerrando os olhos como negando-se a ver mais alguma coisa daquele horrível caminho de crime e de degradação. E ainda queres afundar-me mais! ... Rabi Hanan! – exclamou inpensadamente. – Tem piedade de ti mesmo e não avances nenhum outro passo mais, porque te aguarda o abismo! ...

Marcos subira ao terraço para chamá-lo e, ao ouvir a exclamação de Jhasua, deteve-se detrás das douradas persianas encortinadas do pavilhão de verão.

A tremenda alocução do Cristo Divino chegou ao Rabi Hanan como um último chamado de sua consciência ou *Eu Superior* para deter-se no caminho criminoso por onde corria sem freio desde longas épocas.

– Por que não pensar – perguntou a si mesmo – que possa ser o Messias anunciado pelos Profetas o formoso taumaturgo nazareno que realizou tão estupendos prodígios nesta mesma manhã?

"Ele aparenta ter de 25 a 30 anos, mais ou menos, que é o tempo passado desde a conjunção de Júpiter, de Saturno e de Marte ... Chegaram três sábios do Oriente assegurando o nascimento do Messias no país de Israel ...

"Mas este é Nazareno! ... Pode acaso sair algo bom da Galiléia? ... Deverá ser da Judéia! ... A Judéia é a predileta do Jehová! ... Ademais, o sangue real de David deve correr pelas veias do Messias que Israel espera! ...

"Logo este jovem Profeta não me parece ser facilmente manejável! ... Não teve a audácia de me dizer: *Isso que pensas a respeito deste menino não está na sua Lei, porque ele não é o Messias esperado por Israel.*"

Hanan soltou ao vento um riso forçado e nervoso e acrescentou:

– Profeta Nazareno! ... Continua curando lepra, úlceras, tísica e paralisia ... Ressuscita mortos! ... Faze andar os esqueletos como o Profeta Ezequiel! ... Mas o Messias de Israel eu o terei nas minhas mãos como a um jovem rouxinol, para ensiná-lo a cantar! ...

– Infeliz! ... Mil vezes infeliz! ... – exclamou o Mestre dobrando a cabeça como uma flor murcha sobre suas mãos cruzadas na balaustrada de mármore que circundava o terraço.

Marcos não pôde conter-se mais e aproximou-se precipitadamente.

– Que tens, Jhasua, meu irmão? ... Ocorreu alguma desgraça? Vejo lágrimas correndo de teus olhos. Que acontece? Fala!

"Tua mãe, talvez? ... O tio Jaime? ..."

– Acalma-te Marcos, não é nada disso. Eles devem chegar aqui neste momento.

– Que é então, Jhasua? Fala, por favor, pois fico muito preocupado quando te vejo assim.

– É que acabo de me convencer da minha impossibilidade de arrancar a alma do Rabi Hanan do caminho para o abismo no qual se empenha em se precipitar.

– Hanan! ... O lobo do Sinédrio? ... Jhasua! Alma de cordeiro! ... Se te aproximares dele ele te devora, meu irmão!

"Deixa-o com sua carga de crimes, que a Justiça Divina se encarregará de fazê-los pagar todos juntos!

"Vamos descer, pois já nos aguardam lá embaixo."

– Desçamos se assim o queres – respondeu Jhasua andando atrás dele com a tristeza na alma e uma palidez manifestada em seu formoso semblante.

No último degrau da escada tapetada de azul, Jhasua deteve Marcos para dizer-lhe:

– Não faças alusão alguma ao segredo que surpreendeste lá em cima.

– Quanto a isto, fica descuidado; no entanto, não sei, Jhasua, o que ocorreu para que pudesses preocupar-te com essa serpente venenosa, mais daninha que um escorpião! ...

– Ele resiste à sua consciência em razão do incidente desta mesma manhã no palácio de Rechab.

"Ele quer proclamar Messias de Israel o belo menino curado nesta tarde.

"Os pensamentos vão e vêm, bem o sabes, Marcos, porque estudaste com eu, embora sem chegar ao desenvolvimento máximo.

"Ele fará do menino e da mãe suas vítimas, e depois ele mesmo mergulhará no abismo! ..."

– Jhasua! ... Jhasua! ... Podias evitar tudo isto, e não sei que força é essa que te impede! – exclamou Marcos com tristeza.

– A Vontade Suprema se cumprirá acima de todas as coisas – disse o Mestre, já sereno e senhor de si mesmo. – Vamos descer, Marcos.

Ao chegarem ao grande vestíbulo do cenáculo, encontraram-se com o príncipe Judá que entrava trazendo Myriam e o tio Jaime.

– Se não vou buscá-los, eles não vêm. Que dizes, Jhasua? Não havias dito que devíamos aguardá-los no banquete?

– Sim, eu o disse, mas bem sabes que ambos são gotas gêmeas, e se retraem timidamente dos grandes personagens. Tua casa, meu Judá, está cheia de magnatas! ...

– Magnatas com alma de andorinhas que pousam tanto nas cornijas de um palácio como no telhado de uma choça.

Myriam e o tio Jaime sorriam.

– Não era por causa dos personagens daqui, mas pelo medo de cruzar a cidade, que está parecendo uma Babilônia – disse Myriam.

"Não me agrada Jerusalém assim – acrescentou a meiga e austera mãe do Homem-Deus. – Ouvem-se expressões grosseiras, disputas de ébrios e são vistas cenas indignas da cidade dos Profetas."

– Estamos na Humanidade terrestre, mãe – disse Jhasua. – Aqui, até as douradas cúpulas do Templo continuam ostentando o infeliz estado de atraso em que se encontra.

Novamente a sombria figura do Rabi Hanan cruzou pela mente de Jhasua com as cores trágicas de um demônio encarnado, do qual, pouco depois, a Justiça Divina se encarregaria para fazer com ele o que o hortelão faz com a figueira estéril: reduzi-la a fragmentos e, em seguida, a cinzas que os ventos espalham em todas as direções.

Jhasua é Aclamado no Templo

O absoluto domínio de si mesmo possuído pelo Mestre permitiu que ele fosse, no banquete preparado pela nobre família de Ithamar, o que sempre fora em toda parte: o astro benéfico que inunda de paz e de alegria todos os corações.

A suave ternura daquele ambiente saturado de fé, de esperança e de amor pelo personagem central sobre quem convergiam todos os olhares, retemperou a alma do Ungido Divino que pôde dizer com profunda verdade: É este um dos momentos mais felizes da minha vida atual.

Sentado entre o príncipe Melchor e o Mestre Fílon, aos quais seguiam José de Arimathéia, Ilderin, Buya-Ben, Nicodemos, Simônides, Gamaliel, Nicolás de Damasco e, à sua frente, Myriam, entre Noemi e Sabad, com Judá, Nebai, Thirza, Faqui, o tio Jaime, Marcos, Ana e todos os seus, o Mestre viu-se submetido a uma prova que as pessoas comuns chamam de *tentação*, talvez mais dura que a passada contemplando com terror os negrumes que envolviam Hanan.

"Todas estas almas – pensou o Mestre – sonham com o meu papel de libertador de Israel, e eu poderia agradá-los, diminuindo-me perante Deus e minha própria consciência.

"Mas que significaria a glória de um povo, se para isso tenho de falhar nos meus grandes pactos para a hora atual da evolução nesta e em outras humanidades gêmeas?

"Com que felicidade suprema eu os enlevaria se dissesse como Moisés na hora da escravidão no Egito:

"*Serei o vosso libertador do jugo estrangeiro, e os levarei para a grandeza e a felicidade que sonhastes.*

"Mas seria esse o primeiro passo em falso que o Ungido de Deus daria para fundamentar com o seu sacrifício heróico a fraternidade humana da Terra!

"Minha herança eterna é toda a Humanidade. Nem este povo, nem aquele outro, nem o de mais além ...

"As almas em missão seguem rotas imutáveis como os astros. A estrela Polar ilumina todos os mares do mundo e sua luz orienta os viajantes de todos os caminhos, tanto no mar como no deserto, nas montanhas como nas planícies! ..."

Esta série de pensamentos foram interrompidos pelo anúncio de Othoniel, o mordomo da casa:

– A princesa Aholibama de Rechab pede para falar com Marcos, o agente comercial de Joppe, e manifesta que tem grande urgência nisto.

A sobremesa foi interrompida e os participantes se dispersaram em grupos pelos pátios e jardins.

– Jhasua – disse Marcos –, parece-me que esta visita diz mais respeito a ti que a mim.

– Anda e verifica – respondeu o Mestre.

A nobre casa dos príncipes de Rechab era por demais conhecida e, deste modo, todos se interessaram pelo motivo que trazia a princesa àquela casa, quando já era entrada a segunda hora da noite.

– Terá vindo em busca de cura do seu primogênito surdo-mudo? – perguntou Gamaliel.

O Mestre mencionou o acontecimento dessa mesma manhã e que o Rabi Hanan queria proclarar esse menino como o Messias de Israel.

– Não pode ser! ... – foi a voz múltipla que se levantou.

– E não será! ... – gritou Simônides. – Não será, ainda que eu deva morrer enforcado! ...

– A princesa Aholibama é uma santa mulher e preferirá morrer antes de se tornar cúmplice de semelhante falsidade – acrescentou Gamaliel, demonstrando conhecer melhor a família do que todos os demais. – Desde a morte do esposo numa Páscoa em Jerusalém, ela não havia vindo mais. Como pode estar aqui?

– Claro que está. Veio com a notícia dada por Marcos de que viria também até aqui um Profeta que poderia curar o filho – acrescentou Simônides.

– Vamos todos até ela! ... Todos! – disse o príncipe Judá, tomando pelo braço Melchor, cujo testemunho lhe parecia o mais importante de todos os demais pelo aviso que ele e seus dois amigos Gaspar e Baltasar tinham recebido do nascimento do Messias, cada qual em seu distante país.

Myriam, toda assustada, retraiu-se, porém Nebai, que era tão corajosa quanto resoluta, tomou-a pelo braço dizendo ternamente:

– Vamos, mãe Myriam, pois a tua voz é a que deve ressoar mais alto!

Desta forma, rodeando-a com seu braço, levou-a, após todos, ao grande salão onde Jhasua e Marcos falavam com Aholibama, que viera com os dois filhos e uma donzela.

Sua grande carruagem estava à porta, com uma pequena escolta de quatro escravos montados em mulas negras, conforme era o antigo costume da casa.

A pobre mãe, com grande sobressalto e temor, viera procurar Marcos para que novamente a pusesse em contato com o poderoso Profeta autor de tão estupendos prodígios. Esperava dele outra coisa mais: livrá-la das garras de Hanan, o qual lhe havia anunciado nessa mesma tarde a sua resolução de encarregar-se do menino Josué, pois o Sinédrio estava convencido de que ele era o Messias aguardado por Israel. Ela solicitou o amparo de seu pai, o velho príncipe de Rechab; no entanto, ele opinou não ser conveniente resistir ao Sinédrio, que, talvez, estivesse no caminho certo.

Aholibama não podia consentir que lhe fosse arrancado o filho, e queria fugir com ele para onde pudesse ver-se livre da influência de Hanan. Ela solicitava de Marcos uma entrevista com o Profeta Nazareno, completamente alheia, com toda certeza, de que iria encontrá-lo naquela mesma casa.

– Senhor! ... – disse arrojando-se a seus pés. – Hoje mesmo deste a meu filho o uso da palavra. Faze agora o prodígio de que o Sinédrio não o arranque do meu lado. Deus, que fez de piedade e ternura o coração das mães, não pode determinar que me seja arrancado o primogênito, agora que estou sozinha e sem o amparo do seu pai.

– Acalma-te, mulher! – disse o Mestre ajudando-a a levantar-se.

"Fizeste bem em vir e, provavelmente, foste guiada por um Anjo do Senhor, que quis consolar o teu sofrimento."

Neste preciso instante entraram no salão todos os participantes do banquete. Gamaliel aproximou-se da família Rechab.

– Quão alheio eu estava de ver-te em Jerusalém, Aholibama – disse.

– Marcos insistiu para que eu viesse em busca da cura de meu filho.

– E estou curado! – disse o menino em voz alta. – Agora falo todo o dia sem parar, para que minha língua aprenda a mover-se, já que esteve tanto tempo parada. Este Profeta curou-me! ... Ele, somente ele ... Ninguém a não ser ele.

Josué, cheio de terna gratidão, abraçou-se a Jhasua, enquanto levantava para ele os olhos úmidos de emoção.

O Mestre estreitou-o sobre o coração, dizendo:

– Que Deus te abençoe, meu filho; tens o coração e o nome de um fiel discípulo de Moisés. Oxalá sejam as tuas obras um claro expoente de ascendência espiritual!

Por vontade unânime, falou o príncipe Melchor para expor sua certeza inquebrantável de que o Messias anunciado pelos Profetas nascera na mesma noite da conjunção dos astros Júpiter, Saturno e Marte, há trinta e dois anos, e como ele e seus dois companheiros, que até então não se conheciam, receberam idêntico aviso e tinham sido guiados por uma luz misteriosa através de montes e desertos, até se

encontrarem reunidos numa encruzilhada dos três caminhos: da Pérsia, da Índia e do Egito. Juntos entraram em Jerusalém, onde um sacerdote Essênio, que oficiava no altar dos perfumes, informou-lhes que o Divino Ungido estava em Bethlehem.

A explanação de Melchor, feita com toda a veemência que dá a convicção e o amor, encheu de lágrimas muitos olhos e o silencioso pranto de Myriam fez com que todas as mulheres também chorassem.

– Jhasua de Nazareth, Filho de Deus, Ungido por Ele para esta hora solene da Humanidade pela qual te sacrificaste! ... Declaro aqui, na presença de todos e sob o meu solene juramento, que és o Cristo, Filho de Deus Vivo, o Messias anunciado e aguardado desde há seis séculos, quando o clarim de bronze de Isaías fez estremecer as almas com a sua primeira chamada!

"Senhor Deus dos Céus e da Terra – exclamou o ancião príncipe, levantando os braços e os olhos para o alto –, que se incline Tua Onipotência sobre este punhado de seres ansiosos da Tua Verdade e da Tua Luz!"

As Inteligências Superiores guias do Verbo Encarnado responderam de imediato à formidável evocação de Melchor. O grande salão iluminou-se de um resplendor dourado que deslumbrava a vista e, entre espirais de luzes cor ametista e ouro, todos perceberam as palavras do canto de glória e de paz ouvido pelos pastores de Bethlehem há trinta e dois anos: "GLÓRIA A DEUS NOS CÉUS INFINITOS E PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE."

Todos haviam caído de joelhos e alguns, com o rosto inclinado para o pavimento, repetiam as misteriosas palavras que continuavam brotando como uma harmoniosa cascata dentre os turbilhões de luz que inundavam o salão.

Só Jhasua e a mãe permaneciam de pé, unidos num suave abraço, como se ela, toda atemorizada, tivesse buscado amparo entre os braços daquele grande filho que tanto amava e pelo qual tanto havia de sofrer.

A princesa Aholibama chorava com indescritível emoção. Quando pôde falar, aproximou-se de Jhasua e, dobrando um joelho em terra, disse:

– Senhor! ... Quando curaste o meu filho, eu te amei como a um Profeta! ... Mas agora, uma adoração interior se juntou ao amor. És o Homem-Deus que todos esperávamos como única salvação!

– É o Rei de Israel! – gritou Simônides. – Apresentem-lhe armas!

– Almas, em vez de armas, é o que busca o Messias de Jehová! – exclamou o Mestre, abrindo os braços na ânsia suprema de abraçar a toda a Humanidade.

Todos se precipitaram para ele, que foi abraçando um a um, envolvido por profunda emoção.

Passado este momento, deliberou-se sobre o que devia ser feito para salvar o menino Josué das garras de Hanan, que, mediante horrorosa fraude, queria tomá-lo como instrumento para os seus fins ambiciosos e egoístas.

O scheiff Buya-Ben, ministro e atual enviado da rainha Selene dos tuaregues, enviou Aholibama com seus dois filhos, acompanhados por seu assistente, ao porto de Gaza, onde tomariam no dia seguinte um veleiro da frota de Ithamar, que devia sair com rumo ao porto de Canope, em Cirene, região de domínio tuaregue, por concessão expressa do imperador Augusto. Ali, sob a proteção da indômita raça de Aníbal, numerosa e ardente como as areias do Saara, Aholibama com os dois filhos estaria segura.

A grande carruagem saiu silenciosamente pela Porta de Joppe, por onde havia entrado dois dias antes e sem que ninguém pusesse obstáculo, pois as prodigalidades

da família Rechab tinham ganho a simpatia, desde longa data, dos guardas romanos que guardavam a cidade. Além disso, ninguém poderia estranhar que a princesa voltasse para seus domínios de Beth-hacceren.

Entretanto a carruagem, com a escolta, mudou seu rumo para o sul e, correndo durante toda a noite, chegou ao meio-dia ao porto de Gaza, onde encontraram o veleiro que partiria ao amanhecer.

Dessa maneira, a princesa Aholibama salvou o filho das garras do velho Hanan, para quem sacrificar uma ou mais vidas à sua ambição insaciável era coisa de pouca monta.

A Lei Eterna, que tem caminhos ignorados pelos homens para seus grandes fins, levou esses seres para as montanhas de Cartago, o Penhasco de Corta-Água da Pré-História, onde deviam exercer um apostolado fervoroso pela causa do Cristo em anos posteriores. Almas fiéis à Aliança de Solânia, a grande mulher pré-histórica do país de Aníbal, voltavam ao seu velho solar como retornam as andorinhas migratórias em busca do ruinoso torreão onde, em outra ocasião, penduraram o ninho à sombra das palmeiras e das acácias.

No dia seguinte, tiveram início as grandes solenidades no Templo de Jerusalém.

O Mestre e os seus compareceram na segunda hora da manhã, hora em que já haviam terminado a degolação de animais e a cremação das gorduras e vísceras, ordenadas pelo ritual. Os numerosos criados, à serviço do Templo, já haviam lavado o sangue que caía do altar dos holocaustos e o grande recipiente de mármore e bronze estava fechado.

Na segunda hora eram oferecidos perfumes, frutos, flores e cereais, cantavam-se salmos e os oradores sagrados ocupavam por turnos e cátedra para dirigir a palavra ao povo, que permanecia silencioso e reverente enchendo as naves, átrios e pórticos do Templo de Salomão.

Devemos fazer notar que a guarda da Torre Antônia era triplicada nesses dias de grande tumulto, com o fim de manter a ordem sem intrometer-se nas cerimônias religiosas dos judeus. Essa guarda estava sob o comando imediato daquele militar romano que sofreu um acidente mortal no circo de Jericó. Entre seus numerosos subalternos havia uma boa porção de prosélitos, como os israelitas chamavam aos simpatizantes da doutrina do Deus Único, Senhor do Universo. No entanto, o eram secretamente, por veneração ao jovem Profeta salvador da vida de seu chefe.

O procurador Pôncio Pilatos, homem de paz e de letras, não apreciava, de modo algum, as discórdias entre as diferentes seitas nas quais estava dividido o povo de Israel, e permitia que elas se entendessem entre si no que se referia à teologia dogmática. Os rabinos judeus consideravam os samaritanos hereges e os galileus absolutamente nulos em assuntos religiosos e legais.

Como se não fosse pouco, os naturais da Judéia estavam também divididos em fariseus e saduceus. Os primeiros eram puritanos e rígidos em extremo no cumprimento das milhares de determinações do ritual.

Eram justamente aqueles a quem o Divino Mestre dizia que "viam a palha no olho alheio e não percebiam a viga em seu próprio olho", "coavam um mosquito e tragavam um caranguejo".

Os saduceus, entre os quais estava a maioria das famílias judias de antiga nobreza, davam mais importância aos princípios de piedade e de misericórdia para com os inválidos, os miseráveis e os desamparados, baseando-se, para isto, no grande princípio da Lei Mosaica: "*Ama a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como*

a ti mesmo.'' Estes viviam a vida humana com fartura, comodidades e sem fazer ostentação de austeridade religiosa alguma. Os saduceus estavam mais inclinados para a filosofia platônica no que diz respeito ao espírito humano, e não aceitavam a ressurreição dos mortos na modalidade como os fariseus a sustentavam.

Daí a grande aversão que ambas as tendências se prodigalizavam mutuamente.

O povo em geral simpatizava com os saduceus, pois eram generosos em seus donativos e exercitavam a misericórdia e a piedade com os pobres, como a obra principal da sua fé.

Tendo em conta que o ensinamento do Cristo se baseava todo no amor ao próximo, o povo o tomou como um Profeta saído dentre a seita dos nobres saduceus. Os fariseus e seus adeptos viram nele um inimigo em matéria dogmática e religiosa. Feita esta explicação, o leitor está em condições de interpretar e compreender perfeitamente os acontecimentos que depois se desenrolaram.

A seita dos fariseus era em geral odiada pelo povo; no entanto estava no poder desde há vários anos, pois o Rabi Hanan era a alma do farisaísmo israelita daquela época.

Por fim, apareceu na sagrada cátedra um jovem doutor, filho de Hanan, cujo nome era Teófilo.

Abriu o livro chamado Deuteronômio, atribuído a Moisés, que no cap. 32-V.17, começa assim: ''Não oferecestes sacrifícios a Deus, mas aos diabos; a deuses alheios que vossos pais não conheceram nem temeram. Vendo isto, Jehová inflamou-se em ira pelo menosprezo de seus filhos e filhas. E disse: esconderei deles o meu rosto e verei então qual será o seu fim. Porque um fogo acenderá a minha ira e arderá até o mais profundo; devorará a terra e seus frutos e abrasará os fundamentos dos montes. Amontoarei males sobre eles. Serão consumidos de fome e comidos de febre ardente e de amarga pestilência. Enviarei sobre eles os dentes das feras e o veneno das serpentes.''

Uma prática desenvolvida sobre tão terríveis e maldizentes palavras como tema foi, na verdade, um aluvião de veneno de serpente a aterrar o povo, ignorante em sua maior parte.

Os ouvintes do grupo dos saduceus pensavam e murmuravam entre si:

– É preciso que se levantem de sua tumba o Profeta Jeremias, Esdras, Hillel ou Simeão, para tapar a boca desse energúmeno a vomitar tanto veneno.

Os amigos de Jhasua estendiam de vez em quando seus olhares para ele, imaginando o sofrimento que devia estar tendo em face de tão terrível vocabulário. Mas não supuseram que ele quisesse tomar a palavra, pois sabiam que não desejava enfrentar-se com o predomínio sacerdotal.

Grande foi o assombro de todos quando o ardoroso doutor Teófilo, filho de Hanan, desceu da cátedra e viram Jhasua pedir permissão ao sacerdote da guarda para ocupar a cátedra sagrada, na qual apareceu com aquela sua tão comum e admirável serenidade que parecia coroá-lo com uma auréola de paz e de amor.

Um clamor unânime ressoou sob as naves do Templo: – Deus te salve, Profeta Nazareno! ... Remédio de nossos males! ... Alívio de nossas dores! ...

Uma legião de levitas se precipitou no meio do tumulto para fazer guardar o silêncio.

Os velhos doutores e sacerdotes levantaram-se dos seus assentos para impor silêncio com sua severa presença.

Mas, como o Rabi Hanan cochichou ao ouvido de seu genro Caifás e de outros, que o orador era o Profeta que havia curado o projetado Messias surdo-mudo, olharam-no com certa benevolência, julgando poder continuar obtendo proveitos dos poderes superiores do jovem taumaturgo.

O Mestre abriu o mesmo livro que Teófilo acabava de utilizar e abriu no mesmo capítulo 32 e começou assim:

– O capítulo 32 do Deuteronômio, versículos 1, 2, 3 e 4, servirão de tema às palavras que vos dirijo, amado povo de Israel congregado no Templo de Salomão para ouvir a palavra de Deus.

"'Escutai Céus e falarei, e ouça a Terra as palavras da minha boca' – disse Jehová.

"'Minha doutrina cairá em gotas como a chuva; minha argumentação destilará como o orvalho; como o chuvisco sobre a grama e como as gotas sobre a erva.'

"Assim é Jehová, ao qual invocais. Assim é o nosso Deus ao qual adorais.

"Ele é a rocha inabalável cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos são de retidão; porque é Deus de Verdade e nenhuma injustiça há n'Ele; é justo e santo, e a corrupção não deve manchar seus filhos.

"Povo de Israel e adoradores do Deus Único, Pai Universal de tudo quanto existe.

"Com horrorizados olhos contemplais os caminhos da vida onde arde em labaredas o egoísmo, o ódio, a ambição, abrasando vossas pradarias em flor, destruindo as dádivas mais formosas de Deus nosso Pai, que vos cumulou deles para levardes vossa vida em paz e alegria, abençoando-o em todos os momentos de vossa existência. Abri novamente o vosso coração à esperança diante das palavras da Escritura Sagrada tomada como tema de minha palestra: '*Minha doutrina cairá em gotas como a chuva; minha argumentação destilará como orvalho.*'

"Todos quantos sentis a Divina Presença em vossos corações sois os trabalhadores do Pai Celestial, que aguardais ansiosamente a chuva doce e suave de Suas leis de amor e de paz que vos foi dita pela boca de Moisés: 'Meus filhos. Amai-Me acima de todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos. Não tomeis jamais em vão o Meu Nome para um juramento falso. Santificai, em união espiritual Comigo, o dia de vosso descanso. Honrai com reverente amor ao pai que vos trouxe à vida e à terna mãe que encheu de cantos e de flores de ternura o vosso berço. Não causeis dano a vossos semelhantes nem sequer em pensamento, nem atenteis jamais contra a sua vida, porque somente Eu, que a dei, sou Senhor e Dono da vida dos homens. Não mancheis vossas roupagens de filhos de Deus nos charcos imundos da lascívia, porque vos quero puros e perfeitos como Eu o sou desde a eternidade.

" 'Não cobiceis os bens de vossos irmãos, porque Eu, vosso Pai, dei a todos o poder e as forças necessárias para tirar dos frutos da terra o necessário sustento. Não mancheis vossos lábios com a falsidade e a mentira, com o engano e a fraude, porque Eu, vosso Pai, sou o Deus da Verdade e da Justiça, e não aceito oferenda de corações enganosos e desleais.

" 'Não mancheis com o vosso pensamento nem com o vosso desejo o leito nupcial de vosso irmão porque, se arrastais outros ao pecado, também fica manchado o vosso coração, que é o tabernáculo santo no qual quero ter a Minha morada.

" 'Amai-Me, pois, mais que a todas as coisas, porque sois Meus desde a eternidade, e amai vossos irmãos porque todos sois filhos de Minhas entranhas de Pai, Autor de toda vida, e o Meu Amor Eterno se derrama por igual, como a chuva sobre os campos, sobre todos os seres que respiram com vida sobre a Terra.'

"'*Como o chuvisco sobre a grama e gotas de orvalho sobre a erva, assim é Jehová ao qual invocais; assim é o nosso Deus ao qual adorais*' – nos diz a Sagrada Escritura.

"Por que não havereis de esperar com ilimitada confiança n'Ele, cujo infinito Amor se derrama sobre toda criatura que chega a Ele e lhe diz: Meu Pai! ... Sou Teu filho débil e pequeno que precisa de Ti em todos os momentos da vida! Tenho frio, Senhor, porque o meu lar não tem lume.

"Tenho fome, Senhor, porque na minha mesa falta o pão!

"Não posso ganhar o sustento porque os anos me oprimem, porque a enfermidade me aflige! ... porque as guerras fratricidas tiraram a vida dos filhos que me deste! porque a ambição e o egoísmo dos poderosos consumiram o fruto do meu trabalho! Os sulcos de meu arado ficaram vazios, porque eu semeei e outros colheram! ... Meu Pai, tem piedade de mim que, como Teu servo Job, estou entre os escombros daquilo que um dia foi a minha felicidade; meu horizonte está em trevas e não acerto para onde dirigir os meus passos.

"Adoradores de Deus, Pai Universal de toda a vida! ... Falai assim com Ele, do mais íntimo de vossos corações, deixando correr as lágrimas de vossos olhos e, em nome de Deus, vos digo que, se desta forma for a vossa oração, não precisareis sair de vossa alcova para que Ele faça sentir que ouvi as vossas súplicas e acudiu para remediar-vos.

"Chamastes-me de *Profeta Nazareno* quando apareci nesta cátedra honrada pela palavra de tantos sábios doutores como teve e tem Israel, e eu, servo do Altíssimo, aceitando o nome que me destes, vos digo solenemente em Seu Nome:

"Quero que todos os que estais sob estas abóbadas e ouviram as preces de tantas gerações, saiais daqui curados de vossas enfermidades físicas e consolados nas dores de vossas almas.

"Quero que saiais daqui cheios de fé e de esperança em Deus vosso Pai, que não exige senão a oferenda pura de vosso amor sobre todas as coisas e para o vosso próximo como para vós mesmos.

"Que a paz, a esperança e o amor iluminem os vossos caminhos!"

– Profeta de Deus! ... Profeta de Deus! ... Bendita seja a tua boca que somente verte o mel e a ambrosia! ...

– Bendita seja a mãe que te deu à luz! ...

– Bendito o seio que te amamentou!

E um formidável clamor de bênçãos seguiu o Mestre que descia da cátedra sagrada.

O alto clero e os dignatários do Sinédrio e do Templo sofreram com desgosto a ovação popular oferecida a um humilde filho da Galiléia; no entanto, o olhar de águia de Hanan havia feito compreender a seus companheiros a conveniência de tolerar aquela *inconsciência do povo ignorante*, porque podiam necessitar mais adiante dos poderes extraordinários do jovem taumaturgo.

Além do mais, a satisfação de ter um Messias, Rei de Israel, dentro de suas conveniências, acalmou o despeito produzido em muitos deles, por causa do entusiasmo do povo pelo Profeta Nazareno.

Tão logo o jovem Mestre chegou aos pórticos do Templo, a ardorosa juventude galiléia precipitou-se sobre ele e, levantando-o ao alto, desceu as escadarias exteriores entre hosanas e aleluias ao Profeta de Deus, ao Ungido de Jehová para salvar o seu povo. As palavras *Messias* e *Rei de Israel* começaram a soar tão altas que seus ecos voltavam ao Templo, causando alarme entre os altos dignitários ali congregados.

Entre aquela fervorosa multidão de jovens galileus estavam os *amigos da montanha* que o Príncipe Judá e o scheiff Ilderin tinham preparado para um momento dado.

O entusiasmo popular ameaçava transformar-se em tumulto e os vigias do Templo correram pela galeria que a unia à Torre Antônia, para pedir à guarda que dispersasse aquele *escandaloso* motim, prendesse os turbulentos e expulsasse para fora dos muros da cidade o Profeta que dessa maneira tornava enlouquecida a população.

Todavia, a guarda respondeu que não tinha ordens para intervir numa manifestação de entusiasmo popular a um *gênio benéfico* que curava todas as enfermidades.

Então saiu todo o Sinédrio com sua corte de doutores, de sacerdotes e de levitas para amedrontar o povo e o Profeta com seus terríveis anátemas.

Ocorreu então o maior estupor e perplexidade com que se defrontaram o Sinédrio, o clero e o povo. A liteira descoberta, na qual a multidão havia levantado ao alto com o Profeta de pé sobre ela, encontrou-se repentinamente vazia; e, sobre ela, uma resplandecente nuvem dourada e purpúrea, como se os matizes de um sol poente se houvessem detido sobre o povo delirante a ovacionar o Mestre.

As mesmas vozes que Bethlehem, adormecida entre a neve, ouvira há trinta e dois anos, ressoaram por entre um concerto de melodias suavíssimas:

"*Glória a Deus no mais alto dos Céus e paz na Terra aos homens de boa vontade.*"

O Mestre em Bethânia

A Divina Presença foi sentida tão profunda, tão suave ... tão inefavelmente saturada de amor, que a multidão fez grande silêncio e muitos caíram de joelhos adorando a Majestade de Deus que se fizera presente ...

O próprio Sinédrio, estarrecido de pavor, voltou precipitadamente para o Templo, cujas portas foram fechadas por dentro com barras de bronze, significando a clausura até que os ânimos se acalmassem.

– É o Messias anunciado! – disseram muitas vozes em tom baixo.

– Uma nuvem de fogo o escondeu para não receber dano algum dos invejosos velhos do Sinédrio.

– É o Profeta Elias – disseram outros – e foi levado para os Céus num carro de fogo.

Os amigos de Jhasua, seus familiares e discípulos, como todos, viram o dourado resplendor que o envolvera e, quando o silêncio se fez, todos eles perceberam a voz de Jhasua dizendo-lhes ao ouvido: "*Espero-vos em Bethânia.*"

Reunindo-se rapidamente, saíram da cidade pela Porta Dourada, que era a mais imediata ao Templo, e se dirigiram para a conhecida granja de Lázaro e Martha, ainda duvidando se era verdade o aviso misterioso que lhes havia sido dado por aquela voz suave e bem conhecida.

Lá, sentado sobre o tronco de uma árvore caída à entrada do bosque de castanheiros que rodeava a velha granja, estava o Mestre debulhando espigas de trigo arrancadas aos punhados do campo vizinho para dar de comer às andorinhas e pardais que revoluteavam ao seu redor. As avezinhas estavam habituadas a receber a essa hora sua ração das mãos da pequena Maria, irmã de Lázaro, que apareceu nesse instante para cumprir seu dever para com as diminutas criaturas de Deus às quais amava tão ternamente.

– Mestre! ... – foi a sua exclamação. – Que fazes aqui sozinho?

– Estás vendo, Maria! Dou de comer aos teus passarinhos.

O séquito formado pelos familiares, amigos e discípulos também chegou, e esta foi a primeira reunião tida pelo Mestre com os seus naquele delicioso rincão que fora, até a sua morte, o amado lugar de seu repouso quando estava em Jerusalém.

Naquele suavíssimo ambiente de amor e de companheirismo, a alma do Ungido Divino transbordou-se como uma cascata que inundava tudo com suas águas límpidas e refrescantes.

Ele mesmo vinha impregnado do amor popular manifestado de maneira tão espontânea e ardente que não era possível subtrair-se à sua poderosa influência.

Suas Alianças Espirituais Superiores tinham-no encoberto com substâncias fluídicas radiantes, com o duplo fim de não só iluminar todas as inteligências ali reunidas, como, em especial, os magnatas do Templo, como um derradeiro chamado do Eterno Amor e, ao mesmo tempo, subtraí-lo ao despeito e ciúme que começava a germinar nas almas carregadas de egoísmos dos dirigentes do povo de Israel.

Não faltou quem houvesse visto que o príncipe Judá, o scheiff Ilderin, José de Arimathéia e Simônides, muito conhecidos por aquela multidão, tinham saído da cidade pela Porta Dourada, em direção ao Vale das Tumbas.

Esse rumor correu de uns aos outros em forma tal que, pouco depois de chegarem os íntimos do jovem Profeta, o caminho da Bethânia transformou-se como num desfilar de formigas que, havendo descoberto um rico favo de mel, correm todos em sua busca.

Ao finalizar sua explanação no Templo, Jhasua curara a todos de suas doenças físicas e, em cada família, houve um ou dois favorecidos com a dádiva divina concedida por intermédio do Profeta. Como seria, pois, possível perdê-lo de vista sem fazer-lhe conhecer o agradecimento e o amor de que estavam transbordantes?

O Templo fora fechado após a saída do Homem Santo, do Homem-Deus vencedor de todos os males do mundo, amando-os com inefável ternura, fazendo florescer, com suas palavras, a esperança em seus corações atormentados pelas incontáveis angústias que traz consigo a vida humana.

Os oradores que falavam no Templo não tinham feito outra coisa senão encher-lhes os corações de terror diante da cólera de Jehová, sempre ameaçador por causa de suas debilidades e negligências.

Não lhes falavam a não ser para pedir cada vez mais donativos, mais oferendas, dizimando-lhes o gado, as aves domésticas, os frutos da terra regada com o suor de seus rostos e cultivada com penosos esforços.

Que haveriam de ir buscar no Templo, onde ninguém os consolava em suas angústias nem os orientava nas milhares de encruzilhadas de sua desgraçada existência?

A comparação surgia de imediato entre os oradores do Templo e o apóstolo desconhecido que nada pedia, a não ser amor para Deus Pai Bondoso e Benfeitor, e ao próximo nosso irmão. E não só nada pedia, como ainda lhes dava mais do que alguém podia esperar ou dar nesta vida.

Dava-lhes amor, consolo e esperança; tornava seus os problemas naturais e justos dos outros; solucionava as graves disputas familiares, orientava-os pelos melhores caminhos, dava-lhes paz, vida e saúde ... Que mais poderia dar-lhes o Homem Santo que não queria nada para si?

O bosque de palmeiras e de nogueiras, os olivares imensos, as avenidas de castanheiros e de amendoeiras, enfim, todo aquele imenso horto foi inundado de gente perguntando pelo Profeta que lhes falara no Templo, e curara todas as suas enfermidades.

O compassivo coração de Jhasua não soube nem pôde negar-se à exigência e subiu com seus amigos ao terraço da velha casa solarenga, cujos muros enegrecidos diziam bem claro que várias gerações haviam se agasalhado sob o seu teto.

O delírio subiu ao máximo quando o viram aparecer junto à balaustrada, quando abrindo os braços como para estreitar a todos, disse:

– Eu vos amo imensamente, muito mais do que podeis imaginar, e sei como estais agradecidos pelas dádivas recebidas de nosso Pai Celestial, que vos ama ainda mais do que eu vos amo.

"Porém, eu vos peço que permaneçais tranqüilos em Jerusalém, engalanada para vós, e não comprometais a segurança do Profeta a quem, por causa de vosso entusiasmo, com toda a certeza, olham com desconfiança os altos dignitários do Templo.

– Fala-nos, Profeta de Deus, aqui, onde nos agasalham os céus radiantes de luz e a terra coberta de árvores e de frutos!...

"Aqui não arde a cólera de Jehová, pois encheis tudo de esperança e de paz!"

Pelo caminho de Jerusalém, continuava a nutrida peregrinação de pessoas em busca do Profeta.

Os amigos de Jhasua que o acompanhavam deliberaram entre si e Melchor aproximou-se dele para dizer:

– Fala-lhes, meu filho, porque julgamos que não é conveniente voltares ao Templo nem tampouco à cidade, onde os fariseus e os adeptos do Sinédrio devem estar bem desgostosos com o ocorrido.

"O fato inusitado de cerrar subitamente as portas do Templo, que jamais permanecem fechadas nos sete dias das festas, dá para compreender o estado de superexcitação no qual o Sinédrio se encontra."

O jovem Mestre voltou-se novamente para o povo congregado a seus pés e falou assim:

– O Soberano Senhor, Criador dos Céus e da Terra, demonstrou-se hoje como um ternissimo Pai para com todos vós, que chegastes a Ele para render a vossa adoração com o coração simples de filhos que acodem confiantes a quem lhes dá a dádiva da vida e de tudo quanto de belo e grande nela se encerra.

" '*Ama-me acima de todas as coisas* – vos disse o Pai Celestial pela boca de Moisés – *e ama teu próximo como a ti mesmo*'. – Nada mais vos pediu, a não ser que façais florescer o amor em vossos corações, como florescem os vossos hortos e jardins com a chegada da primavera.

"E que coisa é o amor? Havereis de perguntar-me ... E onde encontrá-lo? ... Como saberemos quando há amor num coração de homem?

"Eu vos digo que o amor é esse divino sentimento que flui de Deus nosso Pai para todas as almas, enchendo-as de piedade e de ternura para com todos os seres emanados do seu Amor Onipotente.

"Para que este divino incêndio se alastre a todos os corações, a Eterna Sabedoria criou a família, sagrada escola do amor que vai do esposo para a esposa, fazendo florescer ao seu redor os filhos que, atados por uma suave cadeia ao redor daqueles que lhes deram a vida, vai engrandecendo em novas uniões e em perduráveis alianças, por entre as quais segue correndo, como um rio de bênçãos, o mesmo sangue nos corpos físicos e o mesmo sentimento nas almas imortais.

"E onde encontraremos o amor? – perguntais também com o vosso ansioso pensamento.

"O amor flui de Deus e se encontra como uma centelha em todas as almas nascidas do seio do Pai, que é puro amor. Encontra-se, como uma brasa entre cinzas, em todas as almas primitivas e de escassa evolução; e resplandece, como labareda de tocha, nas almas adiantadas que cultivaram em si mesmas a bondade, a misericórdia

e a doçura divina do perdão para todas as ofensas, bem como a inefável piedade para todos os que sofrem, no corpo ou na alma, as misérias da vida, as conseqüências de erros próprios ou alheios, as desgarradoras angústias do esquecimento, da ingratidão, do abandono daqueles a quem o coração se prendeu pelos laços do sangue ou por alianças espirituais que não se rompem nem com a morte!

"Ali se encontra o amor, meus amigos ... nas almas capazes de sentir em si mesmas a Divina Presença, porque começaram há muitos séculos a tarefa penosa e lenta da purificação.

"A essência puríssima do amor, emanação da Divindade, não é perfume que se obtém num dia; não é flor que se corta num instante e se prende sobre o peito; não é luz de círio que se acende num instante nem tampouco é água de um manancial que, de repente, transborda. É perfume extraído gota a gota do próprio seio de Deus, que o dá na medida do desejo de cada alma; é flor de montanha, para a qual a alma há de chegar passo a passo por escabrosas encostas, nas quais irá deixando o suor de muitas fadigas e rastos de sangue de seus pés feridos!

"É claridade de estrelas, obtidas mediante o triunfo sobre as baixas paixões, que impedem a ascensão triunfante da alma para a Divina Luz.

"É manancial de puras e harmoniosas correntes, que começa qual diminuto veio de água apenas perceptível que o valor, a perseverança e um vigoroso esforço convertem por fim em torrente transbordante de águas de piedade, de misericórdia, de suavidade infinita sobre todos os seres, bons ou maus, justos ou pecadores, grandes ou pequenos, porque todos são filhos do Pai Celestial, de cujo seio saíram como uma centelha e para onde voltarão transformados em chama viva!...

"Tal é, meus amigos, o amor pedido pelo Pai na sua Divina Lei pela boca de Moisés, e vos pede, com sua voz de invisível rouxinol a cantar na selva, quando a noite chegou!...

"AMA-ME ACIMA DE TODAS AS COISAS E A TEU IRMÃO COMO A TI MESMO."

"Ama-Me no mendigo asqueroso e esfarrapado, que estende, a teu passo, sua descarnada mão, implorando socorro!...

"Ama-Me no órfão abandonado, a quem o sono surpreende nos caminhos cobertos de neve, sem teto e sem pão!...

"Ama-Me no ancião inválido, cujas mãos tremem apoiadas numa vara de carvalho, por falta de um braço amigo em quem descansar!...

"Ama-Me na viúva sem amparo, cuja solidão de coração se une à incerteza do amanhã e à aflição do inesperado!...

"Ama-Me no presidiário, no condenado à cadeia perpétua, para o qual não existe a família nem a sociedade e que a angústia do irremediável fica unida ao remorso duro e cruel, como picada de corvo numa ferida que ainda sangra!...

"Ama-Me acima de todas as coisas, disse Deus, Nosso Pai, pela boca de Moisés, porque só o amor poderá conquistar a paz, a felicidade, o bem e a justiça que buscais!

"Tal é, meus amigos, a Lei Eterna do Amor, único preço posto por Deus para tornar nossa felicidade perdurável.

"Nada conquistamos vestindo uma túnica de penitente e o cíngulo de cilício, se alimentarmos em nosso coração, como serpente adormecida, o egoísmo e o ódio!

"Nada conquistamos atormentando o corpo físico com jejuns e penitências, se deixarmos vivas no nosso espírito as feras raivosas da malevolência e da inveja, da soberba e da ambição, de onde surgem, como espinhos de um sarsal, as rixas, as discórdias, os antagonismos e as guerras que inundam os campos de sangue, as cidades de ruínas e os corações de angústia.

"Ama-Me acima de todas as coisas, disse o Senhor, e ao próximo como a ti mesmo, e tudo terás conquistado, e terás todos os Céus por herança; e todas as legiões de anjos, arcanjos e serafins de Minhas eternas moradas, serão teus irmãos ... companheiros nas fadigas e no esforço, como também na paz, na glória e na duradoura felicidade da posse eterna do bem.

"A febre ardente do Meu desejo já vê, embora num futuro ainda distante, esta Terra de Meus desvelos, convertida num mundo de paz, de felicidade e de amor, como diversas dessas estrelas radiantes que atraem os nossos olhares, desde as insondáveis distâncias dos espaços infinitos!...

"Mas ... entre a visão do Meu desejo e a gloriosa realidade, muitos séculos passarão na angústia e no pranto, na iniqüidade e no ódio, até soar a hora em que a Eterna Lei cerrará a porta aos espíritos primitivos e aos cristalizados no mal, e esta Terra se transformará por fim no horto fechado a todo egoísmo e tão-só aberto à paz, à esperança, ao bem e ao amor!

" ... Chamastes-me Profeta de Deus, Ungido do Altíssimo, e dissestes a verdade, porque eu o sou, e trago a divina mensagem do Amor do Pai para todos vós.

"Só por causa disto deixei o meu Reino de Luz e de Amor!

"Unicamente por causa disto aprisionei o meu espírito nesta vestimenta de carne que não demorarei em deixar, para retornar à Pátria de onde saí.

"Entretanto, não a deixarei, meus amados, sem antes haver gravado a fogo em vossos corações que Deus nosso Pai é Amor, e que, para tornar-vos grandes e felizes, nada vos pede a não ser *vosso amor acima de todas as coisas e que ameis vossos semelhantes como amais a vós mesmos.*

"Não a deixarei sem fazer-vos compreender que é ofensa à Divina Majestade supô-la capaz de cólera e de vingança, porque esses instintos são baixos e ruins, próprios de seres vis e perversos.

"Não a deixarei sem pôr a descoberto o engano dos falsos mestres, que atordoam as almas com o *suposto furor Divino* que, se pudesse existir, seria para emudecer as palavras de mentira, com a qual arrastam os povos para a separação, a crueldade e o ódio contra os irmãos que não participam de suas funestas elucubrações filosóficas, fruto de errôneos princípios sobre Deus, a natureza e os destinos das almas criadas por Ele.

"Não abandonarei esta vestimenta de carne sem haver repetido mil e uma vezes que o bem, a santidade e a justiça não estão nas cerimônias de um culto, qualquer que ele seja, mas no fundo da alma, santuário da inteligência, do raciocínio e da vontade; da alma, centelha divina e imortal, destinada a aperfeiçoar-se através do amor a seu Pai Criador e ao próximo, e que somente nisto estão reduzidos os dez mandamentos da Mensagem Divina trazida por Moisés.

"Antes de mim, disse outro Profeta do Senhor: '*Quero misericórdia e não sacrifícios de sangue.*'

" '*Não quero oferendas de corações transbordantes de egoísmos e soberbas.*'

" '*Não aceito oferendas de mãos manchadas com o pranto e o sangue de meus filhos oprimidos e humilhados.*'

"Porventura poderá agradar ao Deus da piedade e do amor que um rico criador degole centenas de ovelhas e de touros no altar dos holocaustos, enquanto seus escravos e servidores sofrem fome e desnudez, humilhações e misérias?

"Poderá estar a pureza e a santidade das almas no consumo de cântaros de ceras em luminárias e sacos de incenso queimados no altar dos perfumes, enquanto sob as

naves do Templo se arrastam na angústia e na miséria aqueles que carecem de lume em seus lares e de pão em suas mesas?

"Oh, meus irmãos!... Meu Pai, que é Amor acima de todas as coisas, não me deixará abandonar esta vestimenta de carne até que todos vós, e outros tantos como vós, tenhais ouvido estas minhas palavras:

"*Não é com cerimônias, reverências, prostrações, jejuns ou penitências, que se conquista a grandeza e a felicidade do espírito, mas com a renúncia de todo egoísmo, interesse pessoal, soberba, prepotência, crueldade e tirania.*

"E vós que me ouvis, levai minhas palavras por todos os rincões do mundo, pelos desfiladeiros e vales, pela imensidão dos desertos e as profundezas do mar. Quando não haja ficado ninguém sem ouvi-las, sentai-vos para repousar à vossa porta, sob a sombra de vossas videiras enredadas de sarmentos, e dizei, com a suave paz do dever cumprido:

"Fomos mensageiros fiéis do Ungido do Senhor, que trouxe para a Terra a essência pura da única Lei Divina: '*Ama a Deus acima de todas as coisas e ao próximo com a ti mesmo!*'

"Meus amados! ... Digo para terminar:

"Vinde a mim quando vos achardes fatigados com os fardos que não podeis carregar e com as angústias que vos tornam a vida impossível! ... Vinde então a mim com as vossas dores e com os vossos desesperos, que eu vos aliviarei! ...

"Com a minha alma transbordando de amor e com minhas mãos destilando o mel da doçura Divina, sou para vós a dádiva do Pai nesta hora, na qual, mais do que em nenhuma outra, Ele vos quer manifestar, com feitos palpáveis, a imensidão infinita do seu Eterno Amor!

"Que a paz seja convosco! ..."

A multidão prorrompeu num clamor unânime:

– Ele é o nosso libertador! ... É o nosso Rei ... É o anunciado pelos Profetas, e o Templo cerrou-lhe as portas! ...

– Que o fogo do Céu consuma, como erva seca, o Sinédrio que rechaçou o Enviado do Senhor! ...

Com o fim de evitar que continuassem ressoando frases insolentes dirigidas aos altos dignitários do Templo, o príncipe Judá inclinou-se sobre a balaustrada na qual anteriormente o Mestre esteve apoiado e dirigiu-se à multidão:

– Se verdadeiramente amais o Profeta, guardai silêncio e voltai para Jerusalém, levando em vós mesmos o seu amor e a sua bênção para toda a vossa vida. O que quer que seja tenha Deus decretado, assim será. Ide em paz, pois já soará a hora de todos cumprirem com os seus deveres.

Estas palavras tranqüilizaram a multidão, que começou a se dispersar rapidamente.

Mas devemos esclarecer que entre aquela numerosa aglomeração havia duas pessoas animadas com sentimentos bastante diversos com relação ao Homem-Deus.

Um deles era irmão, por parte de pai, do Rabi Hanan, fanático admirador do que ele chamava de "*genial condutor do povo de Israel*". Com grande dissimulação, ele havia seguido um dos grupos que saíram pelo caminho da Bethânia, com a suspeita de que a dispersão do povo pela grande Porta Dourada obedecia, talvez, a uma ordem. Essa pessoa era o chefe da polícia secreta de Hanan.

O outro indivíduo era um mago ou hipnotizador, originário do distante Oriente, residente em Sidon desde há muitos anos, e que havia ido a Jerusalém à procura de

alguns negócios que lhe dessem dinheiro e ao mesmo tempo celebridade. Não apenas os devotos israelitas compareciam às solenidades da Páscoa, mas também mercadores de toda espécie, perfeitamente convencidos de que os bons negócios abundam nas aglomerações de gente incauta e simples.

Esse indivíduo, que presenciou o fenômeno psíquico do desaparecimento do jovem Profeta em meio a uma nuvem opala e rubi, compreendeu imediatamente ser aquele um homem-gênio, senhor de grandes poderes e de forças supranormais, e se propôs aproximar-se dele, não com a intenção de causar-lhe dano, pois sabia perfeitamente que ele estava muito acima do seu nível, mas para obter algumas instruções sobre a maneira pela qual ele havia chegado a tão magníficas alturas.

O meio-irmão de Hanan voltou para a cidade confundido com a multidão, cujos comentários tratou de ouvir no que lhe foi possível, e não foi muito o que conseguiu apurar porque as prudentes palavras do príncipe Judá tornaram muito precavidos em palavras os que realmente amavam o Profeta galileu.

O único a se aproximar da casa de Lázaro pedindo hospitalidade foi o mago, com o pretexto de comprar uma quantidade de cera e azeite de oliva.

Lázaro recebeu-o afavelmente e, como já era meio-dia, convidou-o para o almoço, mencionando que depois da refeição falariam do negócio que o trazia ali.

As conversas foram muito animadas durante o ágape, mas sem tratar de assuntos delicados.

Logo Jhasua se sentiu molestado pelo olhar e pelo pensamento daquele desconhecido, e enfrentou esse olhar tão fortemente que o mago desviou a vista para outra direção.

A pequena Maria estava de pé atrás de Jhasua, atenta a servir-lhe em tudo quanto necessitasse. Imediatamente suas pernas enfraqueceram e teve que apoiar-se no divã onde ele estava recostado.

– Maria – disse Jhasua em voz baixa –, vai para a tua alcova e não saias até eu te avisar. A menina obedeceu sem replicar e sem compreender o motivo dessa ordem.

O mago deu-se conta de ter sido descoberto pelo jovem Profeta e que deveria usar de outra tática mais sutil.

A refeição terminou e o fingido comprador de cera e azeite pediu a Lázaro para mostrar-lhe seus produtos.

Jhasua afastou-se com seus íntimos por uma avenida de palmeiras bem distante da casa. Os amigos que o acompanharam encerraram-se no cenáculo para deliberar o modo como deviam proceder para estar alerta e na defensiva, caso o Sinédrio exagerasse em suas medidas restritivas em relação ao povo que aclamava Jhasua e parecendo deixar a descoberto a verdade oculta durante tanto tempo.

Essa foi uma Páscoa de febris atividades entre os familiares e adeptos do Divino Mestre.

Em Jerusalém, as mulheres, ternas e maternais como sempre, agiam como se fossem uma única em torno da mãe do Verbo Encarnado.

A castelã de Mágdalo, a última que despertara para a grande verdade, era quem mais manifestava a veemência do seu temperamento a serviço da causa comum, na qual podia dar livre expansão a seus entusiasmos, por causa dos bens de fortuna que possuía.

Ela conhecia de nome o ancião Simônides, que fora agente comercial e consignatário de seu pai para a venda dos produtos de seus campos e bosques da Galiléia.

Ao chegar a Jerusalém, entrevistou-se imediatamente com ele, e o entusiasmo do ancião pelo Messias anunciado pelos Profetas, pelo futuro Rei, Libertador de

Israel, transmitiu-se com toda a sua força para Maria de Mágdalo que, a partir desse instante, não viveu mais a não ser para o divino sonho do Profeta-Rei e para a bela quimera, que faria dela, *a louca de amor* pelo Cristo, até hoje lembrada após tantos séculos, um símbolo dos grandes amores idealistas que engrandecem e purificam as almas.

Como quisesse ter na cidade uma casa-albergue para todas as mulheres que vinham seguindo o Apóstolo Nazareno, Simônides, que administrava o velho palácio de propriedade do príncipe Henadad de Ceila, com o encargo de vendê-lo, transferiu-o para ela com as escrituras correspondentes. O palácio estava situado na rua do Monte Sião, perto da Porta do Sião, ao sul da cidade, onde hoje existe o Bairro Armênio.

Graças à distância que ficava do Templo, do bairro comercial e do grande Mercado da Porta de Jaffa, este era um lugar ideal para o retiro e a solidão, para a qual a dona se sentia inclinada desde seu despertar para o novo e sublime ideal.

Nem ela nem Simônides, tão cheios de ilusões e de sonhos, puderam supor jamais que, dentro daquelas paredes, carregadas com o peso de vários séculos e com as tragédias humanas de muitas gerações, se encerraria o berço do Cristianismo, salpicado com o sangue do Cristo-Mártir e regado com o pranto silencioso de sua mãe, e dos discípulos, amigos e familiares, quando se abateu sobre eles o terror e o pavor pela morte do Divino Fundador.

O ancião Simônides, que alguns anos antes se havia encarregado de trazer, em seus barcos mercantes, as estátuas de musas e deuses para os jardins de Mágdalo, agora mobiliava e decorava o velho palácio Henadad para albergar as primeiras discípulas do Cristo que puseram a nota delicada de ternura e amor na sublime epopéia cristã então iniciada, e que devia continuar entre gloriosos apostolados e sangrentos martírios nos vinte séculos que se seguiriam.

Enunciadas já as atividades desenvolvidas dias antes em Jerusalém, voltemos aos bosques da Bethânia, onde deixamos nosso genial Jhasua, no final da avenida de palmeiras, onde o terreno começava a acidentar-se em montes e colinas e onde tinha sua nascente o arroio Azriyen que regava a região e ia desembocar no rio Jordão.

Depois das profundas e variadas emoções sofridas, o jovem Mestre sentiu a necessidade da concentração de seu espírito em Deus, seu Pai de Amor e Bondade, junto com aqueles doze filhos de sua escolha que o acompanhavam há três anos de perto.

Ali despejaria da mente o pó pesado das coisas terrenas, e deixaria seu espírito voar para a amplidão soberana do Infinito.

Os doze amados, sem despojar-se ainda do egoísmo de enamorados, disseram todos ao mesmo tempo:

– Graças a Deus que estamos sozinhos com ele! Agora ele volta a ser exclusivamente nosso!

O Divino Mestre olhou para eles sorrindo tristemente e cheio de compaixão.

Jhasua via claro como nesses três anos de intimidade se havia feito intenso neles o fogo daquele amor que devia levá-los à morte por ele.

Via também o ciúme que nascia entre eles e que, nos menos evoluídos, adquiriam aspectos passionais que ele procurava diluir no fluido puríssimo do seu amor sem egoísmos de nenhuma espécie.

Sentiu como nunca seu amor por eles que tão profundamente o amavam e, deixando-se levar nas asas ultrapoderosas da Luz Divina que o acompanhava, viu-se aliado com eles desde outras épocas em que também o seguiram mais de perto ou de longe, conforme as circunstâncias especiais em que tinham vindo para a existência terrestre.

Falou-lhes da solidariedade universal, mediante as alianças eternas das almas que, através dos séculos, vão se tornando cada vez mais fortes.

– No Reino de nosso Pai existem muitas moradas – disse-lhes – e cada um de vós terá o que conquistou com seu esforço e sacrifício em favor dos irmãos mais fracos.

"Será maior, mais glorioso e feliz no seu Céu de Luz e de Amor aquele que haja consolado mais dores humanas, secado mais lágrimas, sofrido cansaço e fadigas em benefício de seus semelhantes. Será maior e mais feliz aquele que, depois de ter aliviado necessidades de ordem material, que são as mais prementes, se consagrar em redobrados esforços em iluminar as almas de seus irmãos, com a divulgação das Verdades Eternas guardadas pelo Pai em suas moradas infinitas, para que seus filhos mais adiantados as dêem discretamente a seus irmãos pequeninos, tanto na evolução como no progresso a que todo ser vivente está destinado.

"Nos espaços infinitos, vemos agrupamentos maiores ou menores de sóis, de estrelas e planetas formando conjuntos harmônicos e marchando por órbitas que se enlaçam umas nas outras e não se afastam jamais do sol central, a não ser por uma ordem especial da suprema lei da atração.

"Da mesma sorte, as almas unidas pela lei das afinidades em conjuntos magníficos, formam alianças imperecedoras e indestrutíveis para levar a verdade, o bem, o amor e a justiça sobre determinados povos, países ou continentes.

"São bandos de pombas mensageiras soltas pelo Pai a voar em determinadas direções, para dar mais rápido impulso ao progresso eterno de todos os seres.

"Nenhuma inteligência é inútil. Nenhum esforço para o bem ou a verdade fica perdido, ainda quando não se obtenha de imediato o êxito desejado.

"Se todos os homens que sustentam ideais elevados de aperfeiçoamento humano anulassem seus egoísmos em favor do bem comum, não seríamos hoje testemunhas da prepotência de umas raças sobre outras avassaladas e oprimidas; não presenciaríamos o horror das guerras, das devastações que semeiam a Terra de desolação e de miséria, de lágrimas e de sangue.

"A lei suprema da solidariedade de todos os mundos e humanidades que os habitam é tão majestosa e sublime como a grandeza do Pai a ordenar e dirigir.

"Do mesmo modo como um planeta ou satélite que se saísse da órbita, fora de sua lei, seria para encontrar a própria destruição, as almas filiadas a uma aliança ordenada pela Vontade Divina descarregariam sobre si mesmas as dolorosas e terríveis conseqüências do seu desvio no caminho escolhido.

"Unidos a mim numa aliança livre e espontânea de amor e de fé, vistes em vossas meditações solitárias o raio da Luz Divina demarcando o caminho que tereis de seguir nos séculos que virão depois a este ponto inicial.

"Na mesma proporção em que corresponderdes todos à mensagem do Pai que levareis às almas, dependerá a grandeza e a glória de vosso Céu futuro."

Quando o Mestre assim falava, chegou um criado arquejante pela violenta corrida que fizera desde a casa que, ao longe, ficava perdida dentro do espesso bosque de oliveiras e castanheiros.

Todos ficaram atentos.

– Morreu o amo! ... Morreu o amo! – gritou. E o angustiado servo não conseguia dizer outra coisa.

Jhasua aproximou-se para acalmá-lo, para que pudesse explicar-se melhor.

Ao cabo de alguns momentos, ele disse que "o amo se havia sentido subitamente mal e que, deitado em seu leito, ficou morto, sem respiração, sem pulsação, mudo

e rígido. – Não posso crer que o amo Simão esteja morto – acrescentou. – Era tão querido dos servidores, para os quais procedia como se fosse um verdadeiro pai!"

– Vamos lá – disse o Mestre como resposta.

Encontraram um grande desconsolo na velha casa na qual ainda não tinham cessado os sentimentos das mortes repetidas dos pais e dos irmãos do único que ficou com a pequena irmã Maria.

Martha e Maria saíram chorando para receber o Profeta e, lamentando-se amargamente, disseram:

– Se houvesses estado aqui, ele não teria morrido! ... Por que te afastaste, Senhor, desta casa que foi açoitada por uma nova desgraça?

– Não choreis com esse desespero – disse às duas mulheres – e lembrai que o poder de Deus sopra como o vento que encrespa as ondas e levanta nuvens de areia dourada no deserto. Não choreis, e levai-me à alcova do bom amigo, escolhido, porventura, para que o Pai seja glorificado nele.

Quando chegou à alcova de Simão, chamou os Doze íntimos, mais os familiares que o haviam acompanhado.

Aproximou-se do leito e examinou o corpo rígido e gelado, no qual não aparecia a mais ligeira palpitação de vida. Sob as pálpebras, os olhos cristalizados já não olhavam.

O Mestre, de pé, sereno, imperturbável e alheio a tudo quanto o rodeava, concentrou-se em si mesmo, e todos os que o rodeavam o imitaram, pois tiveram a intuição de que ia fazê-lo voltar à vida, como fez com o filho da viúva de Naim. O silêncio era solene.

– Simão! ... Simão, meu amigo! – disse o Profeta, em cuja face resplandecia uma estranha luz.

"Ainda não é chegada a hora da tua partida para o Reino das almas livres, e não foi a Vontade Divina quem cortou as atividades de teu corpo.

"Em nome do Deus Onipotente ordeno; levanta-te para que estes a quem amo vejam que o poder recebido de meu Pai é mais forte que as perversidades dos homens."

O corpo rígido deu uma forte sacudidela, suas mãos se crisparam ligeiramente; abriu os lábios em ansiosa aspiração; suas pálpebras moveram-se com rapidez, até que, por fim, se abriram cheias de claridade e como se houvesse estado longo tempo entre as trevas.

O Mestre tomou-o por ambas as mãos, enquanto os espectadores, cheios de pavor, olhavam, vendo levantar-se aquele corpo ao qual retornavam, vigorosos, os aspectos da vida que haviam desaparecido por completo alguns momentos antes.

– Ressuscitou! ... Ele o ressuscitou! – exclamaram.

Martha e Maria se abraçaram a ele e lhe disseram:

– Estavas morto e o Mestre Jhasua te devolveu à vida. Bendito seja Jehová que nos permite ver tais maravilhas!

O Mestre silencioso continuava com suas poderosas atividades mentais que haviam anulado completamente o terrível estado cataléptico em que uma força potente e maléfica o havia submetido.

Quando essa reação se completou em Simão Lázaro, Jhasua sentou-se sobre o divã no qual estava o amigo e deu-lhes ampla explicação do fenômeno psíquico que haviam presenciado.

– A catalepsia – disse – é uma cessação completa de todas as funções do organismo humano, provocada por um poderoso pensamento encaminhado para produzir uma morte real. O autor da catalepsia é um assassino encoberto, pois o nosso amigo, levado para a sepultura, teria verdadeiramente morrido por asfixia.

"Que ocorreu ao comprador de cera e de azeite de olivas? – perguntou a Martha.

– Os criados viram-no tomar o caminho de Jerusalém, e nem bem desapareceu Simão caiu num estado de letargia penosa, até deixar de respirar.

"Não sabíamos onde estavas, Senhor, e a demora em encontrar-te deu lugar a que o corpo se pusesse rígido e gelado."

– Esse homem é um mago de má lei que usa a ciência e o poder em prejuízo dos semelhantes e em benefício próprio – acrescentou o Mestre.

"Coisa grande e bela é cultivar os poderes internos outorgados pela Divina Sabedoria aos homens; mas ai daquele que usa os dons de Deus para causar o mal a seus semelhantes! Mais lhe valeria não ter nascido, ou que as rodas de um moinho o arrastassem para o fundo do mar.

"Da mesma maneira como quem usa os poderes divinos recebidos para dar a saúde, consolar todas as dores, levar a paz, o amor e esperança a todas as almas, adquire numa só vida um caudal de purificação e de felicidade, de paz e de bem-aventurança, ocorre o contrário com aquele que os emprega para o mal, pois esse cria para si um abismo de infelicidade, porque um crime traz outros, até que a medida se enche e, não nesta Terra, mas em mundos inferiores, o infeliz expiará o mau uso feito dos maiores dons que Deus lhe deu.

"Melhor seria chamar-te, a partir de hoje, de Lázaro – disse Jhasua afavelmente ao seu amigo quando o viu no perfeito uso de suas faculdades –, porque te livraste do sepulcro.

– Todavia, que se passou aqui? – perguntou Simão percebendo um grande alarme em todos.

– Morreste, e o Profeta de Deus te fez retornar novamente à vida – disse Simônides, felicíssimo em acrescentar uma glória mais ao seu incomparável Rei de Israel.

"E ainda alguém poderá duvidar que ele seja o Messias anunciado pelos grandes Profetas?

"Julgai-o vós mesmos, que sois doutores de Israel – disse, dirigindo-se a Nicodemos e a José de Arimathéia."

– Já foi julgado e reconhecido por nós desde o berço – respondeu este último.

– A maioria do povo também desperta – acrescentou Nicodemos. – Apenas falta que o alto clero se renda à evidência.

– Acalmai-vos! – disse Melchor, cujos grandes olhos negros, quase apagados pelos longos anos de estudo à luz trêmula de círios, estavam cravados na formosa face do Mestre. – Não vedes esse rosto a resplandecer de divindade e esses olhos que parecem buscar atrás do éter azul toda a beleza do seu Ideal Supremo? Não compreendeis que nada representam para ele as grandezas e as glórias humanas?

O Mestre continuava observando com seus olhos cheios de divinos sonhos a bruma dourada da tarde, que o enchia todo de opalina claridade.

– Meu Reino não é deste mundo! – disse com voz profunda e terníssima. – Minha alma saltaria de felicidade se todos vós chegásseis à compreensão deste meu Reino, que não está sob o domínio dos poderosos da Terra.

Jhasua estava sentado no divã de Simão, do qual este acabava de se levantar. A pequena Maria, sua irmã, sentou-se a seus pés sobre o tapete do pavimento, como se quisesse absorver completamente as palavras do Mestre, a luz do seu olhar e a vibração dulcíssima do amor que transcendia do Profeta de Deus, produzindo-lhe como uma perplexidade suave e terna como jamais havia sentido.

Os mais sensitivos dentre todos os presentes foram caindo nesse mesmo estado psíquico, que podemos chamar de sentimento de adoração e de absoluto abandono

perante a Majestade Divina, que parecia flutuar como uma onda intangível de acariciante ternura.

O Mestre compreendeu tudo quanto se passava nos que o rodeavam e disse:

– "*Adorarás ao Senhor, teu Deus, e somente a Ele servirás*" – assim consta no princípio da Lei de Moisés.

"E já que estais sentindo a Majestade Suprema do Pai ao vosso redor, só porque o meu pensamento n'Ele mergulhou por um instante, compreendei, de uma vez por todas, a infinita distância que há entre as efêmeras grandezas terrestres e a infinita grandeza d'Aquele que me enviou e cujo Reino não tem fim."

Uma hora depois, todos voltavam a Jerusalém, menos o Mestre, para cuja segurança ficou resolvido que deveria permanecer em Bethânia, na velha casa de Simão, que acreditava dever-lhe a saúde e a vida.

O tio Jaime tranqüilizou a terna mãe do Ungido, que estava sob o efeito de uma forte inquietação desde a manhã em que sucedera o incidente já conhecido pelo leitor.

No dia seguinte, voltaram os Doze íntimos a reunir-se com o Mestre, acompanhados de Myriam e das mulheres galiléias que os haviam seguido.

Foi assim que a granja da Bethânia mereceu ser chamada de o repouso do Mestre e foi, ao mesmo tempo, uma Escola de Divina Sabedoria, onde, num ambiente de cálida ternura e de amizades que não deviam romper-se jamais, o Verbo de Deus desfolhou as flores imarcescíveis da sua luminosa doutrina.

Ano Trinta e Três – Morte do Batista

O procurador romano, representante da autoridade do César nas províncias da Judéia e da Samaria, era Pôncio Pilatos, homem amigo da justiça e da paz, motivo pelo qual deixava passar, como se não visse, as desavenças político-religiosas nas quais sempre estavam envolvidos os judeus com os samaritanos, os saduceus com os fariseus, alguns a favor e outros contra Roma, de acordo com os interesses particulares de cada qual.

Os que se viam beneficiados pela autoridade romana estavam do seu lado, como era uma boa parte do alto clero que manejava os assuntos de Israel. Estes procuravam manter a cordialidade com o procurador Pilatos.

Os que, em razão de seus interesses, eram dependentes do tetrarca Herodes Antipas eram herodianos, embora apenas na aparência.

Os independentes formavam a grande maioria, e estes não estavam com Pilatos nem com Herodes, e suspiravam ansiosamente por alguém que os livrasse do opróbrio e da opressão que recaíra sobre a nação israelita.

Na tranqüila e aprazível Bethânia, achava-se o Divino Mestre com os Doze discípulos íntimos, mais sua mãe e o tio Jaime, com algumas mulheres galiléias que haviam feito parte da caravana nas vésperas da Páscoa.

Eles esperavam que Jerusalém se esvaziasse dos milhares de peregrinos que haviam obstruído materialmente as praças, ruas, subúrbios, e que os caminhos adjacentes fossem também desobstruídos, para poderem empreender o regresso à Galiléia, sem sofrer os inconvenientes da aglomeração de gente no trajeto e nas hospedarias.

Uma das antigas donzelas, companheira da castelã de Mágdalo, havia se casado um ano antes com o mestre de cerimônias do palácio de Herodes, em Tiberias.

Este fato ocasionara certas ligações sociais entre o Castelo de Mágdalo e a real residência das margens do Lago.

Num aniversário do tetrarca, Maria e suas companheiras gregas haviam comparecido ao banquete, durante o qual foi promovida uma cena de péssimo gosto entre Antipas e sua esposa, filha de Hareth, rei de Edon, na Arábia Desértica. As danças clássicas gregas da castelã e das companheiras entusiasmaram de tal modo o tetrarca, que este deixou de lado não só as regras mais primordiais da etiqueta, como também as mais rudimentares da boa educação. Esse desastroso banquete terminara com o repúdio da princesa árabe, por querer impor-se aos abusos reais, que, entre a ebriedade dos licores e de suas veemências passionais, havia chegado até ao ridículo, envergonhando a filha de Hareth, já enojada há tempos de seu vicioso consorte.

A castelã e suas companheiras, defendidas dos abusos do tetrarca por oficiais romanos que participavam do banquete, tinham-se retirado subitamente, deixando o sátiro real entregue à sua fúria genuinamente *herodiana*.

Este fato, ao que parece de tão escassa importância, teve conseqüências bastante graves, pois ocasionou choques entre o tetrarca Herodes Antipas e o procurador Pôncio Pilatos, chefe supremo das guarnições romanas da Palestina.

Antipas fizera encarcerar nessa noite os oficiais romanos que participavam do banquete e Pilatos encarcerou em represália diversos oficiais e altos chefes da corte do tetrarca quando se inteirou do ocorrido e, entre eles, o mestre de cerimônias Chucza, marido de Joana, a antiga donzela da castelã de Mágdalo.

Essa situação tensa entre o procurador romano e o tetrarca estava no auge quando chegou a Páscoa, de cujos detalhes demos conhecimento ao leitor. O tetrarca mudou-se para Jerusalém, onde tinha como residência habitual o palácio asmoneu, antiga propriedade usurpada aos descendentes dos nobres macabeus. Fez isto para demonstrar ao procurador que não o temia, pois se punha frente a ele na própria capital da Judéia. Herodíades aproveitou a fuga da filha de Hareth para unir-se descaradamente com o cunhado, ressaltando bem a verdade dos murmúrios que há tempos corriam referentes às pecaminosas relações entre o tetrarca e a esposa de seu irmão Felipe.

Contudo, Pôncio Pilatos não era homem de se deixar vencer por esse fantasma de governante, vil rebento de um reizinho usurpador e vassalo de Roma, e o intimou a que saísse da Judéia, se não quisesse ser humilhado com medidas extremas.

Todas essas notícias chegaram à tranqüilidade de Bethânia, e consideraram prudente aguardar o fim da borrasca para regressar à Galiléia, até então sob o domínio do irado e furibundo tetrarca.

Poucos dias depois, Antipas empreendia viagem à região mais afastada de seus domínios, à Peréia, na outra margem do Jordão, e instalou-se com toda sua corte na Fortaleza de Machecus, mais conhecida por Maqueronte, na margem oriental do Mar Morto.

Para maior defesa, como previsão de um possível ataque de Hareth, seu sogro, transladou a maior parte da guarnição de Pella, com a qual também foi levado Johanan, o Batista, detido naquela fortaleza como o leitor deve estar lembrado.

Quando o Mestre soube da transferência de Johanan, compreendeu que os dias de seu primo estavam contados. Viu, além do mais, a sinistra figura de Herodíades por trás dessa ordem de transferência, afastando o solitário das multidões que o amavam e que haviam feito sentir, em diversas ocasiões, a resolução de defender a vida de Johanan, mesmo à custa de suas próprias vidas. Naquelas escabrosas montanhas, na parte mais profunda da Peréia, do outro lado do Mar Morto, quem defenderia o profeta?

A amarga angústia dos discípulos fez com que buscassem imediatamente a piedade de Jhasua, como último refúgio em face do inevitável que se aproximava.

O tio Jaime foi o fio condutor dos órfãos de Johanan para a aprazível Bethânia, onde temporariamente descansava o Mestre. Imediatamente Jhasua ordenou uma profunda concentração mental entre os que ali se encontravam, para ajudar o mártir na prova final a que seria submetida a sua fé no Ideal Supremo e a sua firmeza em defender o bem e a justiça perante os Céus e a Terra.

Cinco anos durara o apostolado ardente de Johanan na Palestina, e nas cercanias ribeirinhas do Jordão, como também nas áridas montanhas do deserto da Judéia, onde pareciam estar ainda ressoando suas vigorosas advertências condenatórias da corrupção dos poderosos que, qual torrente de imunda baba, corria sobre as multidões, corrompendo os costumes e agravando a miséria.

Para intensificar ainda mais essa grande força espiritual, com a qual o Cristo Divino queria apoiar a heróica firmeza de Johanan, abriu o pergaminho no qual este deixava o seu testamento e o leu diante das quarenta pessoas que se albergavam então em Bethânia.

Aquela silenciosa e consternada assembléia ouviu dos lábios de Jhasua esta simples declaração:

"Eu, Johanan de Hebron, servo do Altíssimo, declaro perante Deus e os homens, que morro mantendo os divinos ideais em que nasci e fui formado por meus pais na infância, e por minha mãe espiritual, a Fraternidade Essênia, no meio da qual passei a juventude e a primeira idade viril e onde fui favorecido com tão grandes dádivas de Deus que nenhuma força da Terra ou do Inferno será capaz de me afastar da fé na qual vivi e das convicções que me mantiveram até o fim.

"Entre essas convicções profundas, está, em primeira linha, o divino mistério da encarnação do Verbo de Deus na personalidade humana de Jhasua de Nazareth, no qual tiveram cumprimento os vaticínios de nossos grandes Profetas.

"Ele é o Ungido de Deus enviado a este mundo para endireitar os caminhos dos homens e levá-los ao Reino de Deus.

"Ele é o Cristo Mensageiro do Amor Divino, que será posto na balança da Eterna Justiça como contrapeso aos ódios e egoísmos humanos chegados ao paroxismo do crime e da iniqüidade.

"Segui-o, vós que tendes a Luz de Deus para reconhecê-lo!

"Segui-o, vós que tendes acesa na alma a centelha divina do Eterno Ideal!

"Segui-o, vós que anelais por uma vida superior à das multidões inconscientes!

"Segui-o, vós que sofreis injustiças humanas; vós que semeais flores de amor e colheis ingratidões; vós que vedes perder-se e morrer todas as esperanças humanas e que levais um sepulcro no peito, em lugar de um coração! ...

"Amai-o até o opróbrio e até a morte, vós que buscais o Amor sem encontrá-lo na Terra, porque ele é o divino tesouro do Amor inefável do Pai sobre a Humanidade terrestre.

"Este é o meu primeiro legado.

"E eis aqui o segundo:

"Nas grutas de refúgio, conhecidas por meus seis discípulos mais íntimos, deixo muitos filhos amados do meu espírito que foram arrancados da morte, do crime e do vício, para serem encaminhados para a honradez e para o bem.

"Entre o Monte das Oliveiras, Bethphagé e Gethsêmani, encontram-se os refúgios de meus arrependidos, de cuja localização só têm conhecimento os dois Anciãos

Terapeutas que vivem na gruta de Jeremias, fora das muralhas de Jerusalém, um estádio a oriente da Porta de Damasco, próxima das pedreiras.

"Tanto eles como elas estão condenados pelas leis humanas ao calabouço perpétuo ou à morte, sendo que destes, alguns estão condenados à crucificação, por serem escravos fugidos de seus amos por causa de maus-tratos recebidos; outros a apedrejamento, por haverem cometido adultério; outros à fogueira, por terem sido julgados feiticeiros e magos que anunciaram aos poderosos a justiça divina que cairia sobre suas maldades.

"São todos eles a minha herança para o Ungido que vem depois de mim e para os meus seguidores na obra divina de salvação e de perdão.

"Que o Altíssimo Senhor de toda a criação receba o meu espírito quando este abandonar a vida carnal que tomou a seu serviço e em cumprimento da Sua Vontade Soberana.

"Assim seja."

O leitor bem poderá compreender que a leitura do testamento de Johanan fez transbordar nas almas a simpatia e o amor para ele, em forma tal que uma torrente de forças uniformes e afins envolveu nesse instante o valoroso prisioneiro na Fortaleza de Maqueronte. Um êxtase sublime de amor e de fé absorveu seus pensamentos, suas aspirações e até suas manifestações de vida durante três dias consecutivos.

As atividades poderosas desse grande espírito em planos muito superiores ao terrestre pareciam haver anulado quase completamente a matéria a tal ponto que o guardião, ao levar-lhe o alimento, encontrava-o imóvel, sentado sobre o leito e apoiado na negra parede da prisão.

Antipas soube disto, e, sentindo-se acovardado em razão da superioridade da sua vítima, sobressaltou-se de medo.

Herodes tinha a convicção de que Johanan era um Profeta de Deus e temia arcar com a responsabilidade da sua morte.

Menos perverso que Herodíades, pensou em dar liberdade ao prisioneiro e manifestou essa intenção ao guardião. No entanto a perversa mulher se interpôs, pois queria a todo custo vingar-se do apóstolo que teve a ousadia de condenar em público sua vida escandalosa.

Ela queria matá-lo, tinha fome e sede de sangue; queria vê-lo pendurado num patíbulo de infâmia e, depois, arrojar-lhe o cadáver aos cães famintos e aos corvos vorazes! ...

Subornado, e obedecendo a ela, o guardião convenceu o débil e indolente tetrarca que seria conveniente aguardar a passagem da caravana que vinha de Madian, destinada a Hesbon, para unir-se à de Filadelfia que atravessava o Jordão, com a qual o Profeta poderia chegar até junto dos seus.

Alguns dias depois, repetia-se a data magna dos herodianos, o aniversário do tetrarca, que anualmente era festejado com escandalosa orgia, durante as quais os esbanjamentos deixavam exaustas as arcas reais e mais uma vez esses esbanjadores exigiam urgentemente do povo faminto novos e mais pesados tributos.

Herodíades que, desde há muito tempo planejava sua vingança contra Johanan, o Solitário, fizera vir de Sidon meia dúzia de jovens bailarinas, das mais despudoradas e impudicas que essa cidade possuía. Sidon, nessa época, era tristemente célebre pela corrupção e pelas viciosidades da juventude.

Essas bailarinas eram as professoras de bailado de sua filha Salomé, que vinha sendo utilizada como instrumento para prolongar seu domínio sobre o tetrarca. Hero-

díades reconhecia sua decadência como mulher e tinha conhecimento das violentas paixões de Antipas, ao qual queria manietar novamente com os juvenis encantos da filha. Horrenda depravação que só podia germinar num coração como o de Herodíades!

O aniversário do tetrarca seria motivo oportuno para o debute da bela e agraciada Salomé, na dança "*A serpente de ouro*", na qual aparecia com uma exótica vestimenta de pequenas escamas de ouro aderidas ao corpo, mediante uma invisível e ajustada malha de finíssima seda cor de carne. Era em verdade uma serpente de ouro da cabeça aos pés pois seus dourados cabelos combinavam com toda a sua indumentária.

Vestida dessa forma, alguns momentos antes do bailado, Herodíades levou-a, ela mesma, até a prisão de Johanan, julgando que o enlouqueceria com os encantos da filha, para tornar sua morte muito mais cruel, depois de haver contemplado aquela beleza juvenil.

A fúria da mulher fatal atingiu o auge quando o prisioneiro se aferrou, com toda a sua hercúlea força, aos anéis da parede nos quais estava atada sua cadeia e afundou a cabeça na clarabóia aberta na parede. Johanan nem sequer se dignou pousar os olhos por um só momento em nenhuma das duas, e muito menos respondeu com uma única palavra a todas as sugestões e ameaças que Herodíades lhe dirigiu.

Ela esbofeteou-o, deu-lhe pontapés e, com um agudo alfinete que lhe segurava o penteado, espetou-o raivosamente nas costas para obrigá-lo a voltar o seu olhar ...

Johanan era um estátua de pedra, de rosto contra a muralha, não dando o menor sinal de se sentir molestado pelas iracundas manifestações daquela mulher.

Num último acesso de furor impotente, ela levantou o cântaro de água e o estatelou sobre Johanan, que recebeu, impassível, o tremendo golpe.

Deitando faíscas dos olhos e horríveis insultos pela boca, saiu levando a princesa encantada, para a qual foi como um esporão de fogo a afronta feita à sua beleza de 15 primaveras pelo único homem que havia ousado desprezá-la.

A história foi fiel ao narrar este fato final da vida santamente heróica de Johanan, o Batista. Ocorreu o que a perversa Herodíades havia planejado: o tetrarca, ébrio, enlouqueceu de paixão pela *serpente de ouro* e, quando terminou a lúbrica dança, sentou a jovem em seus joelhos e lhe disse: "Pede-me o que quiseres, divina Salomé, pois, mesmo que seja a metade de meu tetrarcado, eu o darei a ti. Juro-o por todos os deuses de Roma, pelo próprio César e pelo Jehová do povo de Israel."

O aplauso dos cortesãos ressoou pelo salão como se fosse um terremoto.

A jovem foi para junto de sua mãe e esta apenas disse: – Pede-lhe a cabeça de Johanan, o profeta, colocada sobre uma bandeja de ouro.

Alguns momentos depois entrava pela porta do grande salão o mordomo do castelo levando a bela cabeça do profeta ainda destilando sangue.

A jovem não pôde recebê-la, porque caiu desmaiada de horror e pavor.

Então Herodíades tomou pelos negros cabelos a lívida cabeça de Johanan e, abrindo-lhe os olhos, disse:

– Olha-me agora, já que com vida não quiseste fazê-lo.

Aterrados pela perversidade dessa mulher, os cortesãos não ousaram dizer uma única palavra.

Antipas, completamente bêbado, achava-se estirado entre a púrpura e o ouro do seu divã e chamava Salomé aos gritos.

Herodíades desafogou sua fúria, vazando com seu alfinete de ouro os olhos e a língua do homem justo, que condenara sua vida escandalosa. Depois arrojou a cabeça por uma janela, gritando: "Que se banqueteie a matilha de cães do tetrarca!"

Dirigiu-se em seguida para seu aposento no castelo e encerrou-se lá por três dias com a filha. Profunda crise de nervos esteve quase a ponto de enlouquecer a infeliz donzela, vítima de sua perversa mãe.

Uma escrava iduméia recolheu a cabeça e o resto do corpo do profeta quando este foi arrojado ao monturo. Johanan havia salvo de morrer crucificado a seu pai, escravo também, e que, por força dos maus-tratos, se rebelara contra o chicote do amo, ao qual atirou por terra com graves contusões. O profeta mantinha-o recluso em suas grutas no Mar Morto, para onde ela também esperava fugir algum dia. Viu então chegada a oportunidade; e, tarde da noite, quando todos dormiam em virtude da embriaguez da orgia, colocou os restos sangrentos do apóstolo sobre um jumento e se encaminhou para as grutas junto à desembocadura do Jordão. Depois de ter envolvido o cadáver no pobre pano de seu manto, a escrava o estendeu no fundo da primeira gruta que encontrou em seu caminho.

Junto da entrada da gruta, viu uma enorme mata de cactos vermelhos, cujas grandes flores pareciam corações sangrentos esculpidos nas rochas. Alguns espinheiros ostentavam suas pequeninas flores como uma delgada e aveludada camada de ouro. A jovem escrava, dilacerando suas mãos morenas, recolheu essas flores silvestres e coroou com elas a mutilada cabeça de Johanan.

– Não tenho nada mais para te oferecer, profeta de Deus – disse, entre soluços, a humilde mulher que nascera escrava e tinha na alma grandezas de arcanjo.

Cobriu com pedras a abertura da entrada e, sozinha no deserto, como outra Agar, seguiu em busca das grutas onde o profeta escondia seus protegidos.

Tudo isso havia ocorrido no dia seguinte da concentração mental ordenada pelo Divino Mestre aos que o rodeavam em Bethânia.

Um dos discípulos de Johanan teve a visão mental do ocorrido na Fortaleza de Maqueronte.

Zebeu, um dos Doze íntimos de Jhasua, recebeu aviso espiritual através da psicografia, de que uma escrava do castelo havia recolhido o cadáver do mártir e o sepultara numa gruta junto ao Mar Morto.

Os desolados discípulos de Johanan puseram-se em viagem para esse lugar e, passados vários dias, encontraram a infeliz escrava estirada sobre a areia, desfalecida de fome e sede.

Quando a jovem pôde falar, fez-lhes o relato do ocorrido e os guiou até a sepultura do profeta.

Numa grande caverna, a um estádio dali, encontrava-se o refúgio dos condenados à morte que o apóstolo havia escondido. Os discípulos, com os vinte e dois penitentes, construíram ali mesmo, entre as áridas montanhas do deserto da Judéia, um pequeno santuário de rochas e continuaram a vida austera na qual seu Mestre os havia iniciado.

Herodíades morreu quatorze meses depois, devorada por um câncer no peito que lhe subia até a garganta e a língua, que caiu em pedaços.

Salomé, casada um ano depois com um meio-irmão de seu pai, filho da última mulher de Herodes, o Grande, a samaritana Malthace, sobreviveu cinco anos mais que a mãe Herodíades, e morreu envenenada pelo seu próprio marido.

Dois dos discípulos de Johanan voltaram para Bethânia quando o Mestre já se dispunha a regressar à Galiléia com todos os seus companheiros de viagem.

A consternação de Jhasua foi visível para todos quando teve a informação da morte de Johanan.

– Morreu decapitado no fundo de um calabouço – pensou – enquanto eu morrerei à vista de todos, pendurado num patíbulo de infâmia.

E voltou a repetir a sua frase:

"A morte por um ideal de redenção humana é a suprema consagração do amor."

Em Jerusalém, os amigos do Profeta Nazareno tinham iniciado grandes atividades como preparação secreta para os acontecimentos que eram esperados.

No que fora anos atrás o palácio Henadad, adquirido pela castelã de Mágdalo para refúgio de viúvas, foram celebradas reuniões secretas entre o príncipe Melchor e os príncipes judeus Sallum de Lohes, Jesuá e Judá, filho de Ithamar.

José de Arimathéia e Nicodemos haviam comparecido também. Estudavam o plano de libertação proposto por Johanan, o profeta mártir.

Comprovaram, ainda, que todos os dados deixados em seu testamento eram exatos e todas as testemunhas que corroborariam nas denúncias perante o Delegado Imperial da Síria viviam e estavam dispostas a testemunhar a verdade, com a única condição de que suas vidas fossem poupadas.

A virtuosa Helena, irmã de Noemi e mãe do jovem rei Izate Adiabenes, das margens do Eufrates, havia comparecido a Jerusalém naquela Páscoa, e decidiu fixar residência na capital do mundo israelita.

Inteirada por sua irmã do que se projetava, colocou metade de seus bens à disposição dos dirigentes dessa cruzada libertadora.

Comprou terras fora da muralha norte de Jerusalém. Nessas áreas estavam compreendidas as antigas pedreiras da gruta de Jeremias, bem como o velho panteão chamado dos Reis, porque em suas imensas criptas estavam sepultados muitos dos últimos reis da Judéia.

Essas terras limitavam-se ao norte com o imenso bosque de oliveiras que pertencia ao príncipe Jesuá. Pelo lado ocidental das muralhas, desde o caminho de Jaffa até juntar-se com as posses do príncipe Jesuá, Simônides havia comprado para o príncipe Judá, enquanto que Hach-ben Faqui fizera o mesmo nos arredores da muralha sul, ficando no dito solar a antiquíssima tumba de David, já conhecida do leitor, e parte de um dos aquedutos que abasteciam de água a cidade.

A maior parte dessas propriedades havia sido confiscada pelos procuradores romanos que, sem escrúpulo algum, as reduziam a ouro, vendendo-as a quem desse mais por elas.

Pelo lado oriental das muralhas, estavam o Monte das Oliveiras, Bethphagé, o Horto de Getsêmani, Bethânia e um campo semeado de antigas tumbas, pertencentes, em sua totalidade, a famílias essênias que, desde muitos anos, as possuíam por herança ininterrupta de seus antepassados distantes.

O leitor compreenderá por esta descrição que os que sonhavam com a libertação de Israel estavam perfeitamente situados para estacionar suas legiões de defesa em torno da Cidade dos Reis.

Nesse meio tempo, Jhasua, alheio a todo esse movimento preparatório, visitou com os Doze as antigas Sinagogas de Nehemias e de Zorobabel, onde encontrara, em outra ocasião, tesouros históricos de grande interesse para os Santuários Essênios dedicados a conservar a verdade em seus arquivos de rochas.

– Se algum dia – disse – quando eu tiver voltado para junto daquele que me enviou, vos sentirdes animados a escrever o que vos seja dado do alto, vinde depositá-los nestas arcas de carvalho guardadas pela honradez legendária dos fundadores destas duas Sinagogas, únicos Santuários da Sabedoria Divina ainda restantes na cidade dos profetas.

"Nehemias e Zorobabel, os dois grandes homens que levantaram, com sua fé, o Templo e as muralhas da devastada Jerusalém, parecem velar pelos tesouros históricos da raça duas vezes escolhida pela Eterna Lei para abrigo da Divina Sabedoria em contato com a Humanidade terrestre."

Em face desta alusão a uma separação definitiva, Pedro, reflexo da impressão de todos, perguntou:

– Senhor! ... Que faremos sem ti, se apenas sabemos andar às tontas pelos caminhos de Deus? Fica certo de que tudo será levado pelo vento.

– E para que julgais que vos tenho comigo há mais de dois anos? – perguntou afavelmente o Mestre, seguindo com eles até a porta chamada *dos Rebanhos*, para retornarem a Bethânia, onde o esperariam para regressarem todos juntos à Galiléia.

Enquanto caminhavam, disse-lhes:

– Eu sou para vós como o dono de uma propriedade que quer cultivá-la e, como deve empreender uma longa viagem, deixa-a aos cuidados de seus doze filhos maiores.

"Cada qual se torna depositário de certa porção de suas riquezas, para poder trabalhar e fazer produzir a sua propriedade.

"A uns dá cinco talentos de ouro, a outros quatro, a outros três, dois, um, conforme avalia suas capacidades e vontade.

"Terminada a viagem, o dono volta e chama para que prestem contas todos os seus filhos que receberam a mesma propriedade dada para cultivar. Alguns se aproximam e dizem: Pai! ... semeei, lutei com as tempestades, a seca, as geadas, as pragas de insetos malignos, porém consegui colher alguma coisa, o suficiente para devolver o dobro do capital que me deste.

"Os outros dizem por sua vez: – Semeamos, mas a cizânia sufocou muitas vezes a semente e a peste matou os animais de lavoura, e foi tão mesquinha a colheita que, temendo perder tudo, guardamos em lugar seguro o teu ouro e aqui o tens. Apenas pudemos conservá-lo para devolver-te.

"O pai então disse a seus filhos:

"– Vós que não vos acovardastes diante das duras contingências da luta, da qual saístes triunfantes, passai para tomar posse de um Reino que não tem limites nem conhece fim, no qual desempenhareis novas atividades, visto que demonstrastes saber perseverar na luta até vencer.

"– E vós que vos deixastes vencer, começai novamente a semeadura na mesma herdade, até que, como vossos irmãos, sejais capazes de vencer todas as dificuldades e apresentar-me os frutos recolhidos do vosso trabalho.

"Que vos parece a minha parábola? O dono da propriedade agiu com justiça e eqüidade?"

– O dono da herdade és tu, Mestre – disse prontamente Matheus – e somos nós que devemos semeá-la. Muitos dentre nós haverão de fracassar e poucos serão, talvez, os que triunfarão.

– Fracassaremos todos! ... – acrescentou Andrés –, se tu, Senhor, não estiveres conosco! ... Por que falas em afastar-te e deixar-nos, e isto depois que nos fizeste provar a doce água da tua companhia? ...

– Iremos a todos os lugares aonde desejares ir, Senhor! ... – disse João, em cujos cândidos olhos já tremulava uma lágrima ...

O Mestre enterneceu-se visivelmente.

– Está bem! ... Está bem! – disse. – Fazei de conta que eu disse isso para provar vossa força de vontade e o grau de consciência que tendes com as vossas responsabilidades.

– Responsabilidade?! Por quê? – perguntou Tomás.

– Meus amigos: a cada um de vós eu dei uma lâmpada acesa. As lâmpadas são para alumiar nas vivendas e nos caminhos, nas aldeias e nas cidades.

"Se esconderdes vossa luz sob um alqueire, sereis culpados pelos que tropeçarem e caírem por causa das trevas."

– Tuas palavras, Senhor, têm um sentido oculto – observou Nathaniel –, e parece referir-se ao futuro. Conheces o futuro e não queres revelá-lo.

– E para que revelá-lo? – mencionou Zebeu tristemente. – Haveria de causar-nos desespero muito antes de iniciar a tarefa. Não é mesmo assim, Mestre?

– A Divina Sabedoria reserva o futuro para si mesma, porque a pequena e débil criatura humana quase sempre é incapaz de examinar na treva do porvir sem sofrer calafrios de medo.

"Acaso o bom médico não esconde a marcha e o fim de certas enfermidades para não alterar a tranqüilidade do paciente?

"Nosso Pai Celestial é, acima de tudo, Pai e Médico de seus filhos, e quando se torna necessário fazer dolorosas amputações para curá-los, de ordinário não anuncia o que vai fazer até que eles mesmos vejam o que ocorreu."

– Senhor! – exclamou desolado o bom Pedro. – Tu não podes tornar todos vencedores! No entanto, se for possível, faça-os, Senhor!

– Enganas-te, Pedro! Não sou em quem vos tornará triunfadores, mas vós mesmos. Por determinação do Pai, dou-vos a luz e ensino o caminho do triunfo. Como Enviado do Pai, digo em seu nome: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida que escolhestes."

"Não me chamais de Mestre? Estais certos, porque eu o sou. Fazei, pois, aquilo que virdes no vosso Mestre e estareis na verdade e não errareis o caminho. Vossa vida eterna será então uma coroa de triunfos."

Quando chegaram aos bosques de Bethânia, encontraram o jovem Felipe que, ajudado pelos criados de Lázaro, tinha todos os jumentos ajaezados e prontos para partir.

Antes do Mestre e de seus Doze, havia chegado a família de Ithamar com Helena de Adiabenes e Melchor de Horeb para despedir-se dos viajantes, entre os quais iria o príncipe Judá e Simônides.

Os quatro doutores amigos de Jhasua, que ocupavam a cátedra no Grande Colégio, extraíam para os seus alunos do obscuro seio das sagradas profecias, a verdade que já não podia mais ser ocultada: "O Messias prometido pelos Profetas estava entre o povo de Israel."

Suas obras proclamavam bem alto a sua identidade! O povo corria atrás dele! Por que os seus altos dirigentes mantinham fechados os olhos para não vê-lo?

Hanan, o astuto ancião que conhecemos, havia-se apresentado ao Grande Colégio para ouvir as lições desses quatro doutores que se haviam constituído *agentes*, segundo ele dizia, do *mestrinho* galileu.

– Estais mudando o rumo de nossa juventude – disse.

"Quereis ver ser mantida a ordem e a disciplina entre o povo, com um homem que ensina a igualdade da plebe com a nobreza e até a do escravo para com seus amos? Não significa isto incitar o povo à rebelião? Se tanto o amais, mudai de linguagem, a não ser que queirais ajudá-lo a decretar a sua própria sentença.

"Está escrito que o Messias sairá de Bethlehem, da tribo de Judá e da própria descendência do rei David.

"Sabeis isto tão bem quanto eu e vos atreveis a sustentar o insustentável, afirmando ser um galileu, Jhasua de Nazareth, o Messias anunciado pelos Profetas?"

– Nobre Hanan – respondeu imediatamente José de Arimathéia. – Se te deres ao trabalho de procurar no livro dos nascimentos guardado na Sinagoga pública de Bethlehem, encontrarás, registrado ali, há trinta e dois anos atrás, o nome de Jhasua, filho de Joseph e de Myriam, ambos da tribo de Judá e ambos da estirpe de David.

– Por que então chamam de "o galileu" ao Profeta Nazareno?

– Porque Jacob, pai de Joseph, herdou de seus avós maternos terras em Caná e em Nazareth, e se mudou para lá para cultivá-las, motivo por que o seu lar e os seus meios de vida estão nessa província. Não obstante isto, a maioria de seus parentes reside em Jericó e em Bethlehem, onde Jhasua nasceu na casa de Elcana e de Sara, tios de Myriam, para onde se havia dirigido, por motivo de negócios familiares. De todas essas ocorrências há muito bons israelitas que delas são testemunhas e ainda vivem e viram o menino recém-nascido na mesma noite da conjunção de Júpiter, de Saturno e de Marte, tal como os astrólogos caldeus, persas e hindus vinham anunciando desde épocas distantes.

"Nicodemos e eu o vimos no dia da purificação de sua mãe, aos quarenta dias do seu nascimento em Bethlehem.

"Éramos então jovens, com apenas 22 anos. Atuava o ancião Simeão como sacerdote oficiante, o qual foi testemunha de que Ana, a profetisa paralítica que se achava no Templo, viu uma grande Luz sobre o menino e ficou curada de sua paralisia de trinta anos ..."

– Se ambos estáveis tão inteirados de tudo isto, por que não dissestes isto naquela época?

– Nobre Hanan, demonstras ter falta de lembrança quando esqueces que o próprio Sinédrio mandou silenciar todas estas coisas, como precaução pela cólera de Herodes, que ordenou a degolação de todos os meninos bethlehemitas nascidos nesse tempo, para exterminar dessa forma aquele que os sábios vindos do distante Oriente buscavam como o Ungido de Deus. A salvação do menino estava no ocultamento e no silêncio.

– E vós, que dizeis? – perguntou o velho Hanan aos três companheiros de José.

– Havendo sido testemunhas dos fatos, tal como José os referiu, não podemos deixar de reconhecer que tudo quanto ele disse é toda a verdade.

– Está bem – disse Hanan um tanto perturbado. – Advirto-vos que se sois filhos de Israel e quereis conservar a vossa boa posição, continuai silenciando como silenciastes até agora, pois não deveis ser vós, mas apenas o Sinédrio, quem deve dizer a primeira palavra.

E retirou-se em seguida.

Os quatro doutores amigos foram apresentando, uns após outros, a renúncia aos cargos que desempenhavam no Grande Colégio e se retiraram para a vida privada.

Muitos alunos deixaram também as aulas por solidariedade com seus Mestres e houve, então, uma triste emigração de estudantes para as Escolas de Alexandria, de Siracusa, de Atenas e de Tharsis.

Eles foram como pombas mensageiras da *boa nova* para esses países, onde ainda não se tinha notícia do grande acontecimento que devia mudar a face moral da Humanidade.

Apenas em Alexandria o Mestre Filon deixou transparecer que, para a cultura humana, havia iniciado uma nova era, que seria estabelecida também por novos caminhos de paz, de fraternidade e de elevação moral e social.

Jhasua em Jericó

Enquanto isto ocorria em Jerusalém, Jhasua, com sua pequena caravana de discípulos e familiares, chegava ao cair da tarde diante das muralhas de Jericó, onde devia pernoitar em atenção às mulheres e crianças que viajavam na comitiva.

Nessa cidade residia parte dos parentes de Myriam, como o leitor recordará facilmente.

Além disso, situava-se aí o extremo Norte da *linha oblíqua*, segundo a frase enigmática usada em epístolas secretas pelos dirigentes do movimento libertador de Israel. Na caravana, o príncipe Judá, Simônides, Hanani e Matias eram conhecedores da importância dessa *linha oblíqua*, formada pelas três únicas cidades da Judéia, consideradas como praças fortes para as legiões libertadoras.

Hebron, Bethlehem e Jericó seriam os pontos de concentração e a previsão do ancião Simônides as havia dotado de imensos depósitos de cereais, de legumes e de carnes salgadas, provenientes dos ricos países vizinhos: o Egito e a Arábia.

Ricos mercadores haviam-se instalado da noite para o dia, segundo a frase vulgar, com moinhos, prensas e lagares, que produziam aos milhares sacos de farinha, cântaros de azeite e odres de vinho. A população das três cidades se julgavam, com isto, privilegiados filhos de Abraham, apartados da miséria que acossava Israel.

Se Jericó sempre foi bela graças à fertilidade do seu solo, regado por cem arroios afluentes do Jordão, então o era muito mais pelo bem-estar de seus moradores e pela alegria saudável de suas mulheres, rivalizando em garbosidade com as *rosas de Jericó*, celebradas pelos poetas daquele tempo.

Na grande Praça do Circo, achava-se um dos armazéns-depósitos já mencionados e ali se hospedaram os peregrinos. Para as mulheres, foi designado um aposento nos terraços.

Logo correu a notícia de que o Profeta que espantava as enfermidades e a morte estava em Jericó, e antes de chegar a noite, uma multidão que crescia a cada momento encheu a Praça do Circo, numa das esquinas onde se encontrava a hospedaria do Mestre.

Pediam aos gritos a sua presença em favor de uma porção de inválidos, velhos, reumáticos ou cegos, e de algumas crianças cobertas de erisipela. Quem mais forte clamava por ele era uma mulher anciã, cuja única filha, possuída por espíritos do mal, uivava sempre com o uivo do lobo, causando o terror aos vizinhos no subúrbio onde a infeliz habitava.

Dentre o surdo rumor da multidão, destacava-se claramente os uivos de um lobo, que iam tornando-se cada vez mais roucos, até assemelhar-se a um estertor. Finalmente, a horrível voz articulou algumas sílabas, logo palavras e a multidão compreendeu o que ela dizia: "Filho do Altíssimo! ... só a ti entregarei a minha presa!"

O Mestre saiu apressadamente e a multidão abriu passagem até a mãe da *mulher-lobo*, como a chamavam comumente. Vestida com um saco de couro de cabra e com as mãos atadas por um cordel, a moça era conduzida por dois criados que a seguravam com uma corrente pendente da cintura. Sua mãe chorava desconsoladamente.

Com seus cabelos emaranhados, o olhar extraviado e a cor citrina do rosto extenuado e sujo, o aspecto da infeliz possessa inspirava medo.

O Mestre deteve-se diante dela e disse à mãe:

– O amor do Pai Celestial é imensamente superior à força maligna que domina a tua filha.

"Mulher! ... Deus ouve o clamor da tua fé."

Jhasua estendeu a mão direita sobre a cabeça da jovem, que caiu ao solo como ferida por um raio, e um silêncio de morte se fez na multidão.

– Desatai-lhe as mãos – ordenou o Mestre –, e retirai a corrente.

Quando terminaram de libertá-la, tomou a jovem pela mão direita e disse em voz alta:

– Agradece a Deus, Jhaphia, porque já és livre.

A mãe e a filha arrojaram-se a seus pés abençoando-o pelo bem recebido.

O clamor da multidão subiu de tom e alguns escribas e fariseus, mestres na cidade, chegaram para saber a causa daquele tumulto.

– Que acontece aqui que estais tão alvoroçados quando já se aproxima a noite? – perguntou um deles.

– Quem pensa na noite quando estamos vendo um homem de Deus fazer maravilhas em Seu Nome? – respondeu um moço robusto, um dos mais entusiasmados adeptos da Santa Aliança.

– Os cegos vêem, os paralíticos arrojam suas muletas e os possessos ficam livres dos demônios – acrescentou outro! – Quem já viu algo semelhante?

– Ainda não terminou o sábado! Como se atreve esse homem a curar enfermos? Não diz a Lei: "Santificarás o meu dia de festa com descanso e oração?" – acrescentou um arrogante e intratável fariseu, cuja indumentária indicava ser pessoa de boa posição.

– Amigo – disse Jhasua, que o ouviu. – Se cai um de teus animais num poço num dia de sábado, acaso o deixas perecer com prejuízo para as tuas finanças?

"Valem mais os seres humanos que adoram a Deus que todos os animais de teus rebanhos. Não diz também a Lei: 'Ama a teu próximo como a ti mesmo'?"

E o Mestre continuou abrindo passagem por entre a multidão, até que não ficou um único doente sem ser curado.

O fariseu, vendo-se humilhado em público e principalmente com as sátiras ouvidas dentre a multidão, retirou-se desgostoso e, concluindo ser uma grande ousadia daquele rabi desconhecido se atrever a dar lições a ele, homem de 50 anos e Doutor da Lei.

Ia levantar um furibundo protesto perante a guarnição romana residente naquela praça, quando sentiu atrás de si um vozerio aclamando o Profeta Nazareno. Era a multidão de enfermos curados por ele.

Alguns conheciam o fariseu e eram seus conhecidos, por vê-los há anos, cegos ou paralíticos, sentados à porta das Sinagogas ou nos mercados, aguardando que alguém lhes desse esmolas.

– Rabi Sedechias! ... – disseram loucos de felicidade. – Examinai nossas pernas e braços, pois estão como os de donzelas que vão à dança.

– Rabi Sedechias! ... Agora posso ver o teu rosto venerável, porque o homem de Deus abriu os meus olhos para a luz ... Não bendizes comigo a Jehová?

E continuava a procissão de enfermos curados, alegres e felizes em fazer-se ver pelo mais ilustre rabino no que honrava Jericó.

Quando passou a mãe com a filha obsecada por espíritos malignos e já libertada pelo jovem Profeta Nazareno, o Rabi Sedechias não pôde fazer outra coisa senão declarar-se vencido, pois ele e outros colegas seus haviam lutado em vão para libertar a infeliz Jhaphia da maligna força que a subjugava.

A moça caminhava envolta no manto branco do Profeta, e sua mãe disse ao fariseu:

– Repara, Rabi Sedechias, como está mudada a minha pobrezinha! ...

"Dizem por aí que esse Homem é mais que Profeta; ele é o Messias esperado por Israel. Sem dúvida alguma, deves saber disto! É verdade mesmo?"

Aturdido pelo que estava vendo, Sedechias viu-se forçado a responder:

– Deve ser verdade, mulher! ... Deve ser verdade! ...

Juntando as mãos sobre o peito, como os fariseus costumavam fazer em plena rua, orou assim:

– Altíssimo Senhor dos Céus! Se é chegada a hora da tua Luz sobre Israel, não deixes nas trevas este teu servo que praticou a tua Lei para merecer a claridade deste dia! ...

Voltou seus passos em direção à Praça do Circo com o desejo de ver de perto o Profeta, mas a praça já estava deserta e a noite caía serena sobre a brancura do Circo, destacando-o mais das palmeiras circundantes e das obscuras ruelas que se perdiam nas trevas. Apenas via-se uma luz no grande armazém-depósito já mencionado.

– Eu ... penetrar num armazém-depósito de vinhos e comestíveis, a esta hora? – disse para si mesmo. – Mas defronte a esta casa fez-se o tumulto e aqui havia homens galileus ...

Quando ele estava nestas observações na escuridão apenas iluminada pelo reflexo da luz que saía dos armazéns, chegou o Mestre com três dos companheiros que retornava de fora das muralhas, onde sua piedade o levou a curar alguns leprosos que se viam impossibilitados de aproximar-se dele.

O Mestre, vestido apenas com sua túnica branca, cingida na cintura com o cíngulo violeta dos Mestres Essênios, parecia mais gracioso e juvenil na sua delicada silhueta. Com seu manto havia coberto a jovem possessa e, sem esperar prover-se de outro na pousada, correu aos arredores da cidade, porque o clamor dos leprosos fazia transbordar a piedade no seu coração.

– Profeta de Deus! ... Não nos deixam aproximar-nos de ti, porque estamos condenados pela Lei como imundos! ... Senhor! ... apieda-te de seis infelizes leprosos que clamam por ti junto à porta da cidade!"

– Meu filho, tua palidez me assusta! Estás cansado! – observou sua mãe olhando os círculos violetas a rodearem aqueles olhos amados.

– Senhor – disse Pedro –, minha idade me autoriza a avisar-te quando te excedes em tuas tarefas junto dos enfermos. Agora já é hora de descansar.

– A noite já chegou, meu filho – disse tio Jaime. – O orvalho começa a cair como uma garoa, e daqui até a muralha há uns quinhentos passos ...

– Mas estais tão surdos a ponto de não ouvir esses clamores? ... – perguntou o Mestre com o pesar retratado em seu semblante.

– Não ouvimos nada! ... – responderam. – É o cansaço, Mestre. É o estado nervoso no qual te deixa a fadiga, fazendo-te ouvir clamores em todas as partes! ...

– Voltai à pousada, pois irei sozinho até a porta – disse, e, sem esperar mais, começou a andar com grande pressa.

Os de mais idade voltaram com Myriam e as outras mulheres à pousada, mas João, Zebeu e Felipe seguiram o Mestre.

Os leprosos estavam ali, a vinte passos da porta, e continuavam com seus lamentosos clamores.

– Vossa fé é maior que a distância percorrida para chegar até aqui – disse.

"Sede salvos! ... Sede limpos e sede curados em nome de Deus! – exclamou com tal vibração de amor e piedade que até os três discípulos que o acompanhavam se sentiram envolvidos nela, e caíram de joelhos, adorando a Majestade Divina que tão profundamente se fazia sentir.

"Ide lavar-vos no arroio – disse –, vesti roupas limpas e apresentai-vos ao sacerdote do plantão, para que vos declare curados e possais voltar para junto de vossas famílias."

– Senhor – objetou um dos leprosos –, devemos queimar estes farrapos e não temos um sestércio para comprar roupas novas.

– Não duvideis ... Não temais ... Que é mais importante: as roupas ou a saúde e a vida? Se o Pai Celestial vos deu num instante a vida e a saúde, não vos pode cobrir também com uma túnica limpa? ...

"Ide e fazei o que vos digo, pois meu Pai tem milhares de anjos que lhe obedecem e o servem."

Os discípulos se entreolharam com assombro e quando os leprosos começaram a andar, despojaram-se de seus mantos, partiram-nos pelo meio e lhes entregaram.

O jovem Felipe, embora não pertencendo à vida comum dos Doze, e que levava dinheiro consigo, deu dois denários a cada um dos enfermos, para que no dia seguinte completassem suas vestimentas.

Nossos quatro personagens estavam voltando da pequena excursão até a porta da cidade quando encontraram o Rabi Sedechias, atento, olhando pelo portão para o interior do armazém.

– A paz seja contigo, rabi – disse o Mestre –, reconhecendo imediatamente o fariseu que o havia censurado pelas curas efetuadas naquela tarde, quando ainda não havia terminado o dia de sábado.

– E contigo, Profeta! Eu vinha à tua procura – acrescentou.

– Ele vem muito cansado – interveio Zebeu – e ainda não fez sua refeição. Se pudesses voltar amanhã ...

– Entra, rabi – disse Jhasua amavelmente, colocando a mão em seu ombro. – Entra e, se não tomares a mal, repartirei meu pão e meu vinho contigo ...

Entraram.

– Simônides – disse o Mestre –, o Rabi Sedechias honra esta casa com a sua presença. Repartirei com ele minha porção da ceia.

Simônides, para quem era uma verdadeira glória um ato de confiança do Mestre para com ele, aproximou-se cheio de alegria e disse:

– Meu Senhor ... só tu mandas nesta casa e em todas as demais que dependem de mim.

"Sê bem-vindo, Rabi Sedechias, a estes rústicos armazéns transformados em hospedaria por esta noite."

Sentaram todos ao redor de uma grande mesa.

O fariseu admirou-se grandemente de que também as mulheres tomassem suas refeições ali, visto que, na rigidez tirânica de seus costumes, usava-se comerem em separado.

À direita de Jhasua estava sua mãe e à esquerda o Rabi Sedechias.

– Na mesa de um Profeta de Deus podem sentar-se as mulheres? – perguntou sem rispidez, porém com bastante curiosidade, que não pôde dissimular.

– Rabi Sedechias – disse o Mestre, enchendo-lhe a taça com o vinho da ânfora posta diante dele. – Tua mãe não é uma mulher?

– Claro que é!

– Não diz a Lei dada por Deus a Moisés: "Honra a teu pai e a tua mãe?"

– Sim, diz – respondeu o interpelado.

– E julgas que honra a própria mãe o filho que se nega a sentá-la ao seu lado na mesa, como se fosse indigna de tal honra?

"Não foi ela que o trouxe em suas entranhas e o alimentou em seu seio? Será algo melhor ou diverso ou ainda diferente quando cresceu, do que era quando pequenino e dormia no seu regraço? ..."

– Raciocinas muito diferente de nós, Profeta! ... mas não posso tampouco deixar de reconhecer a Luz de Deus no teu raciocínio – respondeu o rabi.

– Alegra-me que estejamos de acordo, e isto me faz compreender que és fariseu por hábito e porque teus antepassados o foram. Estás preparado, rabi, para ser Mestre da Lei Divina e não das leis dos homens ...

– Que outra coisa são, dize-me, os doutores de Israel, senão Mestres da Lei Divina? – perguntou Sedechias.

– Não! – disse secamente Jhasua. – Tenho observado que a maioria dos doutores de Israel são destruidores da Lei Divina.

– Profeta! ... Mede a conseqüência do que estás dizendo! ... – exclamou, quase espantado, o fariseu.

– Se estou dizendo isto é porque posso afirmar, Rabi Sedechias – insistiu o Mestre.

"Convido-te para comentarmos juntos a Santa Lei e logo me dirás se tenho ou não razão. Não tenhas receio em falar na presença de todos estes que são verdadeiros israelitas, de consciência formada na Lei de Deus, e não na lei dos homens.

"*Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo*, é o primeiro mandamento da Lei – disse Jhasua."

– É assim realmente esse mandamento, e os doutores de Israel o cumprem ao pé da letra.

– Perdoa-me Rabi Sedechias, mas não o cumprem. Não sustentais o direito do amo em açoitar barbaramente seus escravos e ainda condená-los à morte? Não mandais que o escravo vitalício seja furado em sua orelha esquerda com uma agulha, cravando-a na porta de vossa casa para deixá-lo eternamente marcado em sua vil condição? Não sustentais e determinais que o amo tem o direito de vender seus escravos como vende suas ovelhas ou seus jumentos, separando os filhos de sua mãe, os maridos de suas esposas e os irmãos entre si?

– Justamente ... assim é a lei.

– A vossa lei, mas não a Lei de Deus! Dize-me: isto significa *amar ao próximo como a vós mesmos*?

– Porém são escravos, Profeta, e não próximos! ... – argüiu o fariseu.

– Ah! ... é sutil a tua saída, rabi, no entanto, a Lei Divina não faz diferença alguma entre o escravo e o que não o é, e tanto saiu da Onipotência Divina a alma do amo como a do escravo; e a Natureza, obra de Deus, forma da mesma maneira o corpo dos reis como o dos vassalos, o dos nobres como o dos plebeus, o dos amos como o dos escravos. Não é verdade isto, Rabi Sedechias?

– Sim, é verdade, Profeta ...

– Bem. Então isto significa que os promulgadores e sustentadores dessas leis agem contra o primeiro mandamento da Lei de Deus.

– Mas como? ...

– É realmente assim, porque os sábios de Israel, ao promulgarem suas leis, apenas levaram em conta sua conveniências e esqueceram completamente a Lei Divina. Na legislação dos doutores e príncipes do Sinédrio, o amor ao próximo é desalojado por uma cruel rigidez de tolerância para os débeis e pequenos.

"Em compensação, tem um manto de tolerância para os fortes e poderosos.

"O quinto mandamento da Lei diz: *Não matarás*, e os legisladores de Israel

ordenam matar a pedradas a mulher que for encontrada em adultério. Por que o Sinédrio não aplica essa Lei a Herodíades; e, para maior escândalo, se alia com Antipas e deixa assassinar Johanan, única voz que repreendeu a adúltera?

"Por que essa lei é aplicada somente à mulher e não ao homem adúltero como ela?

"O sétimo mandamento divino diz: *Não furtarás.* Os legisladores que acrescentaram *olho por olho, dente por dente*, cometem impunemente horrendos latrocínios com as viúvas e os órfãos. O Templo, que nos antigos tempos foi refúgio de viúvas e de órfãos desamparados, é hoje refúgio de viúvas e de órfãos *despojados* pelos altos dignitários do Templo, que encontram hábeis combinações financeiras para que os bens das viúvas e dos órfãos sejam transferidos para suas arcas particulares ... Acaso ignoras isto, Rabi Sedechias? ..."

O interpelado guardava silêncio, porque se via envergonhado pela lógica de aço do Profeta Nazareno, que continuou dizendo:

"A exigência de novos e custosos holocaustos é outra forma do furto condenado pela Lei Divina. Não vês nisto o comércio ilícito dos sacerdotes?

"Todo o comércio de Israel está açambarcado pelas grandes famílias sacerdotais, os Boethos, os Phabilos Kantaros e os Hanan, que reinam na atualidade mediante o ouro do Templo, com o qual compram o seu triunfo. Só conseguiram livrar-se de suas garras duas ou três fortunas, cujos administradores tiveram o talento necessário para se esquivarem."

Ao falar deste modo, o olhar do Profeta cruzou-se com o de Simônides, e o bom ancião agradeceu a alusão.

– Profeta de Jehová! – exclamou o Rabi Sedechias. – Não continues mais, eu te peço, porque em verdade posso garantir que estou ferido de morte em meus ideais e convicções.

"Que será do povo de Israel? ..."

– O povo de Israel salvar-se-á ou perecerá, conforme se inclinar para a verdade ou para a mentira – respondeu o Mestre.

– Como és o homem vencedor do impossível, não podes salvar Israel? – perguntou Sedechias com angustiado acento.

– *Deus me deu o poder de salvar aquele que quer ser salvo* – disse o Mestre solenemente. – A Lei Eterna é imutável. Não varia nem muda jamais. Nenhum Profeta, nenhum Enviado, nenhum Mestre jamais será autorizado a violentar o livre-arbítrio dos seres. Perde-se aquele que quer perder-se e salva-se quem quer salvar-se. Eu, como Seu Enviado, digo ao povo de Israel e a todos os povos da Terra:

"Eu sou o Caminho, a Verdade, a Vida ... Vinde a mim todos os que queiram ser salvos, e que o Reino de Deus seja aberto para vós."

– O Reino de Deus! ... – exclamou o fariseu como esperando ver imediatamente uma visão magnífica ... – E onde está o Reino de Deus?

– Como Doutor em Israel não sabes onde está o Reino de Deus?

– Até agora julguei achar-se no Sagrado Templo, onde está guardada a Thora e a Arca da Aliança, bem como os tesouros que o povo tem oferecido a Jehová desde séculos remotos ...

– Não e mil vezes não! ... – afirmou com esmagadora energia o Mestre. – O Templo é um amontoamento de pedras, de mármores, de madeiras finíssimas e de ouro polido, onde o homem deixou sua arte e esvaziou o suor do seu rosto; entretanto, tudo isso é coisa morta, fria, sem palpitações de vida.

"O Reino de Deus é a Energia Eterna posta em ação permanente; é a Luz Divina

da Inteligência que acende milhares de lâmpadas da Fé para os que procuram ser iluminados por ela; é a suave vibração de Esperança nas Promessas Divinas para todos os que mereceram ver nelas o seu cumprimento; é, enfim, a Potência Suprema do Amor a emanar incessantemente do Pai como inesgotável torrente, para todos os que querem saciar-se em suas águas de vida eterna ...

"O Reino de Deus está, pois, em todos os mundos povoados de almas capazes de ter Fé, Esperança e Amor! Está em todos os lugares deste pequeno mundo de expiações dolorosas, ali onde está um punhado de almas ou uma alma apenas desperta para a Verdade Divina, e que seja, portanto, capaz de Crer, de Esperar e de Amar! ...

"Crer ... em quê? Na Onipotência do Amor Divino a encerrar em Si mesmo tudo quanto respira com vida no vasto Universo!

"Esperar ... o quê? A hora suprema da libertação e do merecimento, que, na imensidão infinita, ressoa para cada alma como um clarim de triunfo, cuja melodia traduzida em palavras lhe dirá: Entra na tua morada, para tomar posse do Reino que conquistaste.

"Amar! ... A quem há de amar? Ao Ideal Supremo sonhado desde o primeiro despertar da inteligência, buscado durante séculos e séculos e, finalmente, encontrado palpitando na sua própria vida, voejando como pássaro cativo em seus próprios anelos ..., derramando-se de seu próprio coração em vagas de piedade incontível para todos os que sofrem misérias físicas e morais ...; para os que suportam o açoite da injustiça humana, para os que o crime aprisiona e a sociedade escraviza ... para todas as vítimas voluntárias ou forçadas da monstruosa ignorância humana, que, tendo diante de si a infinita grandeza de Deus e a Onipotência do seu Amor soberano, empenham-se em encerrar-se num invólucro de barro como o escaravelho, símbolo egípcio da alma escravizada na matéria, sem querer convencer-se da grandeza do seu destino: a posse eterna de Deus.

"Compreendeste, rabi Sedechias? ...

"O Reino de Deus está em ti mesmo, se quiseres abrir tua alma à Verdade Divina. Em ti mesmo está o teu Soberano Rei, o teu Divino Senhor, que te diz:

"*Porque amas como eu te amo, fiz minha morada no teu coração.*"

O rabino inclinou sua altiva cabeça sobre a borda da mesa, onde sua taça ainda estava cheia ... e chorou silenciosamente durante longo tempo.

A oração interior das almas encheu de silêncio o improvisado cenáculo, enquanto o Homem-Luz pousava sua mão cheia de bênçãos sobre aquela cabeça que se dobrava ao peso do deslumbramento da alma, colocada frente à frente à claridade divina ...

– Quando a Luz se acende para mim, tua ausência a apaga novamente ... Profeta – disse o fariseu, quando a emoção lhe permitiu falar.

A ceia havia terminado e, primeiramente as mulheres e depois os demais comensais, foram retirando-se para seus alojamentos, ficando apenas junto à mesa o Mestre, Sedechias, Pedro, Nathaniel, Zebeu, João e Felipe, o jovem.

– Disseste que a minha ausência apaga a tua Luz? Não, meu amigo. Quando o Pai Celestial acende a sua claridade numa alma, nenhuma ausência pode apagá-la se tu mesmo não a apagares.

– Duas palavras mais, Profeta, para que eu compreenda com perfeição os teus caminhos:

"Contradizes ou reafirmas Moisés? ..."

O genial olhar de Jhasua envolveu como uma labareda a face de Sedechias e, achando-o sincero, esclareceu desta maneira:

– A Suprema Inteligência, meu amigo, de tempos em tempos, manda seus enviados ao seio da Humanidade para desbravar novamente o mato dos caminhos e limpar o pó que a incompreensão e a ignorância dos homens arroja aos montões sobre eles.

"Esses enviados, não importa se são chamados Profetas, Mestres, Filósofos ou Sábios, jamais destroem as obras dos outros; antes, pelo contrário, as completam e esclarecem, tendo em conta a maior capacidade intelectual, moral e espiritual das porções da Humanidade para as quais vai dirigida a mensagem.

"A Verdade Divina é uma só; é imutável e inalterável, porque é eterna como a Causa Suprema da qual procede.

"Eu não posso contradizer Moisés, nem a nenhum dos Profetas, Mestres ou Filósofos que, enviados pela Eterna Sabedoria, vieram em épocas anteriores a esta Humanidade. No entanto, posso dizer à Humanidade que foi adulterada a doutrina ensinada por eles; que foram destruídos, na face da Terra, os caminhos abertos por eles que, em vez de dar de beber o vinho envelhecido e puro da Verdade Divina trazida por eles, o sepultaram em suas adegas, de onde o deixam sair em odres pequenos e, ainda por cima, misturado com resina aromática, que embriaga os sentidos e deslumbra a imaginação. Não é isto, dize-me, o que ocorreu com os ensinamentos de todos os nossos Profetas e também com os do próprio Moisés, de cujo nome e glória Israel está tão zeloso?

"Onde pode ser encontrada, neste povo, a honradez acrisolada do patriarca Abraham, a fidelidade de Isaac, a nobre lealdade de Jacob, o perdão heróico de José? ...

"Quais os vestígios que encontras deles na vida dos altos dignitários e dirigentes de Israel?

"Tu e eu vimos, nesta noite, que, dos dez mandamentos de Moisés, somente vivem na consciência do povo aqueles que permitem a criação de práticas e fórmulas puramente exteriores, como é o terceiro, que prescreve *Santificar os sábados com descanso e oração*, ampliado até o mais ridículo exagero, servindo assim de obstáculo ao verdadeiro espírito da Lei que é o amor fraterno e a ajuda mútua. Do sexto, *não fornicar*, surgiu uma dura cadeia, sequer sonhada por Moisés, indo diretamente contra a unificação de todos os povos e raças, que têm a mesma origem e idêntico fim.

"Esta cadeia é a proibição, sob pena de morte, de contrair matrimônio com pessoas de outras raças e de outras crenças.

"Da Lei de Moisés, cujos fundamentos são o amor a Deus e ao próximo, devia ter surgido, como um pequeno arroio de sua fonte, o amor universal a todos os homens que povoam a Terra; e esse foi o pensamento divino interpretado por Moisés e traduzido em palavras gravadas em tábuas de pedra, para torná-las indestrutíveis! ...

"A clara visão de Moisés sobre o Amor de Deus como Pai Universal de todo ser vivente na criação, inspirou-lhe a idéia sublime de uma aliança eterna do Criador com suas criaturas. Essa aliança foi rodeada de cânticos de amor e de alegria, de festas de concórdia entre as famílias, entre os senhores e os seus servos que, com palmas floridas e espirais de incenso, davam mutuamente os ósculos da paz, da amizade e do perdão de todas as ofensas.

"Entretanto, os homens, mais matéria que espírito, mais carne que inteligência, mais egoísmo que amor, encontraram imediatamente o caminho para chegar à mais grosseira e repugnante materialidade da idéia original, toda baseada no amor de Deus às suas criaturas e delas entre si; eles encontraram o selo daquela aliança na cerimônia brutal da circuncisão, que em nada modifica nem muda a alma do homem, que continua sendo um criminoso ou um justo, porque os ritos, as fórmulas e as práticas exteriores não têm nem terão poder sobre as condições morais e espirituais do homem.

"Quinze séculos se passaram desde Moisés e sabes tão bem quanto eu, como também todos os letrados de Israel, que essa longa cadeia, maior ainda com as ordens e leis que foram promulgadas muito tempo depois do Legislador, destruiu quase por completo essa grande obra de elevação humana. Sou, pois, um restaurador da obra de Moisés, não obstante saber perfeitamente que serei condenado em nome dessa mesma Lei de Moisés, como serão condenados no futuro e em meu nome, aqueles que, fiéis intérpretes da Verdade Divina, pretendam limpar dos sarçais e do pó o caminho aberto por mim na hora presente.

"O que a incompreensão e a ignorância fez ontem, fará hoje e tornará a fazer amanhã, até que haja soado a hora em que a Justiça Divina detenha a torrente transbordante do mal, abrindo-lhe caminho para mundos inferiores em busca de uma possível transformação."

– Tudo quanto disseste, Profeta – mencionou o fariseu –, pensei mais de uma vez; e, do fundo do meu espírito vi levantar-se, como uma espantosa visão, a futura desgraça de Israel, a quem sua dura teimosia acabará arrastando até o fundo do abismo.

"Mas dize: a Justiça Divina responsabilizará o povo pela prevaricação de seus dirigentes?

"Pedirá contas ao povo ignorante e indefeso, que aceita o que lhe dão e obedece às cegas o que lhe mandam fazer?"

– Nem todas as responsabilidades são medidas pela Eterna Justiça com a mesma vara – respondeu o Mestre. – Àquele a quem mais foi dado, dele mais será exigido.

"Às quatro grandes famílias sacerdotais que desde várias gerações vêm formando o Sinédrio, transmitindo uns aos outros, como por herança, os mais altos postos nesse supremo tribunal, a Justiça Divina tornará responsáveis por toda a dor, miséria e degradação suportada por Israel.

"Não escolheu Moisés dentre todo o seu povo os setenta Anciãos mais honoráveis e justos que pôde encontrar, e os encarregou da guarda da Divina Lei e da pureza dos costumes, *de acordo com ela*?

"Como se explica que, ao pôr os pés na Terra prometida, e ainda antes de vadear o Jordão, Israel conseguiu esquecer o inexorável: *Não matarás*, e se entregou à matança e à devastação com furor horripilante?

"São eles os filhos de Abraham, que ficou sem sepultar a sua amada Sara até poder pagar quatrocentos ciclos de prata pelo campo no qual estava a gruta que seria a sua tumba?

"São eles os fariseus de Jacob, cuja honradez acrisolada e nobre desinteresse desarmou a cólera de Esaú e de Laban, aos quais nada devia e, não obstante, os encheu de oferendas e de dádivas.

"Quem foi o iniciador dos erros de Israel?

"Quando toda uma cesta de frutas fica estragada, podes saber qual foi a primeira?

"O que os homens não sabem nem podem averiguar sabe-o Deus, Luz Infinita e Eterna, e não tanto aos povos, como aos seus dirigentes, príncipes, pontífices, sacerdotes ou doutores, haverá de perguntar no tremendo dia da sua justiça: 'Que fizestes da minha Lei? Por que a arrancastes do caminho de Israel, que devia transmiti-la a toda a Humanidade?"

Houve um penoso silêncio, durante o qual os olhares dos cinco discípulos presentes iam do Mestre ao fariseu, pois estavam compreendendo perfeitamente que a conversa havia chegado a um ponto decisivo, do qual devia restar um vencedor e um vencido.

A lógica do Mestre era esmagadora, e já pressentiam que Sedechias nada mais podia fazer senão reconhecer a verdade.

– Profeta! – disse finalmente. – A Verdade Divina está nas tuas palavras.

"Negá-lo, seria negar a luz do sol e o brilho das estrelas. Minha situação é bastante difícil, porque estou aparentado, através de minha esposa, com Schammai, cuja fama de lutador intransigente deve ser do teu conhecimento. Ele está à frente do nosso partido e sua palavra é ouvida como a de um Mestre."

– És livre, rabino, para continuar mantendo a mentira ou abraçar a Verdade. Nada exijo de ti.

"O caminho da sabedoria está semeado de espinhos, e nada têm em comum as elevadas posições e os poderes terrenos com a Verdade Divina.

"Essa mesma Verdade Divina não resplandeceu um dia sob as tendas de nossos patriarcas nômades?"

– Profeta! ... Serias capaz de falar da mesma maneira como tens falado até hoje na presença de Schammai?

– Chamaste-me de Profeta e pensas que um profeta teria medo de dizer a Verdade na presença de um homem que, conhecendo-a, empenha-se em ocultá-la?

"Schammai já tem notícias a meu respeito e recusou encontrar-se frente a frente comigo.

"Seu coração não está disposto como o teu, Rabi Sedechias, e ele não se abrirá para a Verdade Divina, embora sinta que ela abrasa-lhe as entranhas.

"Além do mais, tem fama de ser um dos grandes sábios de Israel. Dignar-se-á ouvir um visionário galileu, nascido nas oficinas de um artesão?"

– Deus dá sua Luz aos humildes e a nega aos soberbos – disse Pedro. – Causa-me mal-estar, Mestre, ouvir que deves confrontar-te com esse orgulhoso Schammai, que anda pela rua no meio de uma corte de aduladores que o incentivam a julgar-se um Moisés.

– São teus discípulos estes que te rodeiam? – perguntou Sedechias.

– Sim, são os que continuarão a minha obra quando eu tiver voltado para junto do Pai.

– Demasiado poucos para a grandiosidade da doutrina.

– Os que me seguem a todas as partes e levam uma vida em comum comigo são doze. Os que me seguem de mais longe, são inúmeros. Ainda há os amantes da Verdade em Israel, muito embora a amem em segredo enquanto não chegar a hora de se manifestar perante a face do mundo.

– Dá-me a tua mão, Profeta – disse o fariseu estendendo sua direita para Jhasua. – Eu sou dos que te seguirão em segredo, até os acontecimentos permitirem que eu abandone a Judéia.

O Mestre estreitou com efusão aquela mão leal estendida para ele, enquanto seus olhos, cheios de indizível ternura, se fixavam nos do fariseu que estavam cheios de lágrimas.

– Amanhã sairei de Jericó com destino à Galiléia, onde poderás me encontrar sempre que quiseres, em Nazareth ou nas margens do Lago.

– Basta que perguntes pela casa de Simão Barjonne ou pela de Zebedeu, à margem do Mar da Galiléia, que até os peixes te informarão onde fica, rabino – disse Pedro – e ali saberás onde achar o Mestre.

– Obrigado, amigos – disse Sedechias levantando-se.

– Que a paz seja contigo – disse Jhasua, quando o viu dirigir-se à porta.

– Profeta! ... Se quiseres, voltarei para o teu lado! ... – disse novamente o fariseu. – Dize uma só palavra e voltarei.

– Eu quero, Sedechias! ... Vem!

A alta figura branca do rabino perdeu-se na escuridão da rua e o Mestre continuou olhando para o negro espaço da porta por onde ele acabava de desaparecer.

– É um nobre coração – disse. – Apenas falta-lhe força de vontade para desligar-se dos obstáculos da seita que o aprisionam.

Em Phasaelis

No dia seguinte, a pequena caravana pôs-se em marcha para pernoitar em Phasaelis, aproximando-se cada vez mais da margem do Jordão, cuja proximidade se via claro na exuberante vegetação por entre a qual passavam os nossos viajantes.

O ancião Simônides e o príncipe Judá adiantavam-se sempre dos demais, quando se aproximavam do fim de cada jornada.

Ao Mestre não passava despercebido este detalhe relacionado com o que lhe havia dito o mártir Johanan em sua prisão da Fortaleza de Pella: "Enquanto ensinava no Jordão, vieram ver-me três amigos teus: o príncipe Judá, filho de Ithamar, da casa de Hur, Hach-ben Faqui, de Cirene, e Simônides, de Antioquia, para averiguar se estavam agindo com justiça ao pretenderem a libertação de Israel. Aconselhei-os a não se rebelarem contra o César, mas contra a dinastia dos Herodes."

Ao se adiantarem em relação aos outros viajantes, punham como pretexto a preparação da hospedagem para todos.

O Mestre sofria ao compreender a tenaz ilusão que punha uma venda nos olhos daquelas pessoas, que eram tão suas, através da amizade e do amor que as unia, como unido está o ramo à árvore que lhe dá vida.

"Seria o mesmo que matá-las de um só golpe – pensou Jhasua –, se lhes dissesse que está muito próxima a hora em que será descarregada sobre mim a espada da justiça que devia aniquilar esta Humanidade.

"São crianças ainda no caminho oculto das renúncias heróicas e das completas imolações.

"Os cânticos de Bethlehem, anunciando a paz aos homens de boa vontade, despertaram em muitos o Amor que descia à Terra feito carne.

"O canto dos Céus coberto de sombras e a agitação convulsiva da Terra no dia que vai chegar, despertará estes amorosos seres iludidos em ver o Mestre Nazareno convertido em Rei de Israel.

"*Eu sou a ressurreição e a vida*! A morte alcança apenas a matéria, porém é impotente diante da grandeza do espírito.

"Eu sou a ressurreição e a vida! É o que direi às turbas aterradas no preciso momento da minha libertação como espírito missionário da Vontade Suprema."

– Mestre! ... – disse-lhe João de repente, voltando-se para trás. – Tua cavalgadura afrouxa o passo e vais ficando só.

Como despertando de seus pensamentos, o Mestre respondeu assim:

– Quando um homem empreende uma viagem, pensa muitas vezes no dia e na

hora da chegada ao seu destino. Naturalmente, absorvia-me o pensamento de que *nos aproximamos do fim.*

João não compreendeu o sentido oculto dessas palavras.

– Oh! A nossa Galiléia, Mestre ... o nosso lago ... os nossos barquinhos embalando-se nas ondas, e os nossos hortos cheios do perfume das flores e dos cantos dos pássaros! ... A Judéia assemelha-se para mim a um enterro ... e a nossa Galiléia às bodas! ...

– A comparação está muito boa, Joãozinho, contemplada do teu ponto de vista – respondeu sorrindo o Mestre.

– E de que outra forma posso olhá-la? ...

– Um enterro significa a libertação de um espírito, ou seja, *a ressurreição e a vida*, e as bodas representam a entrada num pequenino bosque onde não se sabe, com certeza, o que se encontrará: se diminutos arroios cristalinos ou lamaçais turvos ... Se flores ou sarçais ... Se avezinhas canoras ou serpentes venenosas ...

"Não é verdade, mesmo?"

– É certo, Mestre! ... E eu jamais havia pensado desta forma.

"Mas isso de que a morte é *a ressurreição e a vida* não me está parecendo muito claro ..."

Alguns viajantes aproximaram suas cavalgaduras da do Mestre para tomar parte em sua palestra com João.

– Os saduceus afirmam – disse Tomás – que os corpos dos mortos ressuscitarão num determinado dia.

– Quando ouvis o grilo cantar – disse o Mestre –, não sabeis precisamente o lugar de onde sai nem o que anuncia a sua voz: se uma próxima chuva ou um sol de estio. Assim também são, muitas vezes, as doutrinas ensinadas pelos homens. Em todas elas há algo certo: a voz do grilo que canta. A sabedoria está em encontrar toda a verdade que se esconde ao redor de uma pequenina voz perdida entre a folhagem dos campos.

"Deus, nosso Pai e Senhor, é o único Autor do espírito e da matéria. Ao primeiro, o espírito, deu *vida eterna*, e ele jamais poderá perecer ou desagregar-se ou ainda dissolver-se. Sua perfeita simplicidade exclui, em absoluto, toda dissolução. À outra, a matéria, deu vida precária, fugaz, efêmera, fácil de destruir, de reduzir a pó.

"As leis divinas são invariáveis e imutáveis como o próprio Deus. O que Ele pensou e ordenou desde toda a eternidade, continua da mesma maneira, ainda quando as humanidades tardem séculos e milhares de séculos para ir compreendendo as leis divinas. E os homens se empolam quando conseguem descobrir um *segredinho* do Pai na infinidade dos tempos ... como se as manifestações múltiplas da Energia Eterna não houvessem estado em permanente atividade desde que vive de Si Mesmo Aquele que não teve princípio nem terá fim! ...

"Pois bem. O filósofo judeu Sadoc, fundador da Escola Sanducéia, julgou ter descoberto os fundamentos do mundo quando um seu distante antepassado lhe escreveu psicograficamente num pergaminho a indicação do lugar preciso em que estava escondido um antiqüíssimo documento, que restabelecia os direitos de sua família nas terras designadas por Josué à tribo de Dan, à qual pertencia.

"Psicografou-a num pergaminho e a localização foi comprovada; logo um seu distante antepassado, que havia morrido dois séculos antes, *havia ressuscitado dentre os mortos.*

"E vivia! ... Quem poderia negar que ele está vivendo?

"Pensai durante alguns momentos:

"O Supremo Criador não corrige suas obras, porque todas elas *são perfeitas*. A matéria, destinada por ele a perecer, não retorna à vida, *se todo princípio de vida* a abandonou por completo. Os casos inusitados de retorno à vida devem ser explicados por um reatamento das funções orgânicas em corpos onde ainda não tinham sido aniquilados *completamente* os princípios vitais.

"O que ocorreu ao filósofo Sadoc ocorreu também de diferentes maneiras aos filósofos gregos Sócrates e Platão, a Mizraim e a Menes, egípcios, a Confúcio e a Lao-Tshe, chineses, como também a Zoroastro, o persa.

"A volta da alma humana à sua verdadeira existência de liberdade, de luz e de amor é a única e real ressurreição que se opera em todos os seres quando se produz a morte ou o aniquilamento completo da matéria, cessação absoluta da vida orgânica, destruição completa de todo o princípio de vida.

"Eu sou a ressurreição e a vida, vos dirão os Céus e a Terra em todos os tons, na hora precisa em que o meu espírito abandonar esta matéria que levo comigo.

"E em verdade vos digo que, ao alvorecer do terceiro dia da libertação do meu espírito, havereis de ver-me e ouvireis a minha voz como agora.

"Consumado o grande holocausto, vereis a minha entrada triunfal como Filho de Deus no Reino de seu Pai.

"A morte é, pois, a libertação! Morrer é viver! Não tenhais, pois, horror à morte, que é a grande amiga da alma!

"Estou sentindo os vossos pensamentos de recusa e dúvida a este respeito, porque o instinto da própria conservação, concedido por Deus como força oculta em todo ser que vive, vos impulsiona a esquivar-se do perigo.

"Mas eu vos digo que, quando o espírito tiver despertado plenamente para a realidade da sua vida eterna, aparece nele uma força superior ao instinto, levando-o a agir de acordo com ela sem que nenhum perigo de morte que se interponha ao seu passo o detenha em sua impetuosa carreira.

"Que são os apóstolos, os mártires e os heróis? Consagrados voluntariamente a um ideal superior, eles silenciam todas as vozes da matéria e não ouvem senão a voz do espírito, buscador eterno de sua perfeição mediante a renúncia e o sacrifício em benefício dos seus semelhantes."

– Meu filho! – disse repentinamente Myriam, que, com o tio Jaime e as demais mulheres, acompanhavam de perto o Mestre. – Neste remanso sombreado por formosas árvores, podíamos deter-nos para tomar algum alimento. Parece-me que falar da morte te alimenta tanto quanto o pão!

– Tens razão, mãe – respondeu Jhasua, detendo sua cavalgadura e saltando por terra. O Mestre ajudou-a a descer e, estendendo sobre a relva os pelegos e os mandis, fê-la sentar-se ao seu lado para compensar o esquecimento em que a havia deixado desde a saída de Jericó.

– Agora toca a vez das donzelas – disse a anciã Salomé, a quem Zebedeu acabava de sentar junto a Myriam.

– Ai de mim! ... – exclamou Elhida, deixando-se cair sobre a relva. – A Galiléia foge diante de nós e não chegamos nunca!

– Pobre Elhida! – disse junto a ela Maria de Mágdalo. – Seguindo-me, impuseste a ti mesma este sacrifício demasiado grande para a tua idade.

– O sacrifício é a prova do amor verdadeiro – disse o Mestre, enquanto oferecia à sua mãe uma cesta com pasteizinhos e formosas tâmaras de Bethânia.

– Oh, meu herói! ... – exclamou Myriam, olhando com infinita ternura para Jhasua. – Sempre pensando no sacrifício e na imolação! ... Quando pensarás na tua felicidade e na dos teus?

– Agora mesmo, mãe, estou pensando na tua felicidade e na minha, que é, ao mesmo tempo, a de todos estes bons companheiros que nos rodeiam.

"Não é uma felicidade o frescor deste remanso, em cuja polida superfície se refletem os céus?

"Não é uma felicidade este alimento ganho com o suor do rosto ou extraído dos frutos da terra, semeados ou recolhidos pelas nossas próprias mãos?"

– Nada disto semeei ou colhi – disse com tristeza a castelã de Mágdalo, indicando a cesta de delicados manjares preparados por Elhida, sua velha aia.

– Mas é muito tua, minha menina – disse esta prontamente. – Comprei eu mesma no mercado de Jericó com o teu dinheiro! ...

– Certamente, boa mulher – disse o Mestre –, no entanto Maria quisera conhecer a felicidade a que acabo de aludir, ou seja, alimentar-se do próprio esforço.

A fiel mulher estreitou-se mais à jovem, como se sentisse a necessidade de protegê-la desse novo modo de olhar as coisas da vida a que a via inclinada.

– Ela deve alimentar-se do que seu pai ganhou honradamente para ela – disse, tirando da cesta e oferecendo para todos pedaços de aves e de cabritos assados ao forno, tortas de amêndoas e pasteizinhos de nozes, vinhos delicados e frutas escolhidas.

– Parece-me que és a mãe de todos – disse a castelã – olhando com ternura para Myriam, que também a observava compadecida da sua tristeza. – Jamais conheci a ternura de uma mãe! ... Procedes como se o fosses e me dás sempre a porção que devo tomar! ... Não és, verdadeiramente, a mãe de todos?

O olhar sereno do Mestre fixou-se nas duas mulheres e compreendeu imediatamente a grandeza do amor que ia de uma para a outra, como torrente sutil de íntima simpatia e afinidade. Era o amor por ele que enlaçava as duas com uma forte cadeia ...

– Alimentar os corpos enquanto as almas se amam é comida celestial – disse o Mestre. – Dá-me, mãe, dos manjares de Maria, pois também quero comer o que não semeei nem colhi.

– Ela teve uma feliz idéia. Agora sei que sou a mãe de todos e, na verdade, isso é muito agradável.

A meiga mulher do amor e do silêncio começou a repartir os manjares entre todos os presentes.

Ao cair da tarde, chegavam a Phasaelis, onde não ocorreu nada de extraordinário, a não ser a cura de alguns enfermos na praça das caravanas.

Entre estes, os mais notáveis foram dois jovens irmãos tuberculosos em estado avançado, que saíam da cidade para ir morar numa choça que seus pais possuíam no alto de um monte vizinho. Os moços apoiavam-se nos braços do pai, enquanto a pobre mãe caminhava atrás, chorando em silêncio, enquanto pensava:

– *Levamo-los para morrer lá em cima.* – Absorta neste triste pensamento, não percebeu os viajantes desmontando junto à porta por onde eles saíam.

O Mestre, que viu e sentiu a dor daqueles quatro seres e, provavelmente, o triste pensamento da mãe, segurando ainda o seu jumento pelo bridão, aproximou-se deles.

– Aonde ides com esses moços doentes e a pé? – perguntou com toda a simplicidade.

– Acaso pretendes emprestar-nos o teu jumento? – perguntou o pai, estranhando a pergunta feita por um desconhecido.

– Antes disto, é necessário fazer outra coisa – acrescentou, colocando as mãos sobre o peito dos doentes.

– Acreditais em Deus Todo-Poderoso? – voltou a perguntar. Foi a mulher que respondeu no ato:

– Cremos, sim, cremos, e és um Seu Profeta, que pode curar os meus filhos.

– Disseste muito bem, mulher! ... A Vontade Divina e a tua fé curaram os teus filhos.

A face dos rapazes havia-se colorido de um suave carmim e faziam aspirações profundas, como se quisessem absorver todo o ar num único momento. Suas vozes surdas e afônicas de repente tornaram-se claras e ambos começaram a gritar:

– Ele nos curou! ... Ele nos curou! ... – Continuaram gritando sem tomar consciência da presença do Mestre e dos seus. Os viajantes já haviam entregue suas cavalgaduras aos guardiães e se dirigiam à pousada.

Quando a voz dos moços atraiu a atenção dos vizinhos, já o príncipe Judá e Simônides tinham feito com que todos os viajantes entrassem na pousada.

– Ide para a vossa casa – disse o Mestre aos dois jovens –, e não vos esqueçais de agradecer a Deus pelo benefício que acabastes de receber.

A mãe estava chegando arquejante e exclamou:

– Senhor! ... Senhor! ... Mas é certo que estão curados? ...

– Sim, mulher! Por que duvidas?

– Temo que o mal volte quando te afastares daqui! ... Senhor! ... Deixa-nos ir contigo e não morreremos nunca! ...

– Não temas! ... – disse o Mestre pondo sua mão sobre a cabeça da mulher ajoelhada diante dele.

"Volta tranqüila para a tua casa com o teu marido e com os teus filhos, que eu seguirei viagem para a Galiléia. Se eles foram curados pela Vontade Divina, como podes pensar que tornarão a adoecer?

"Breve voltarei a passar por aqui e prometo que nesse dia comerei na tua mesa. Onde moras?"

– Na entrada da ruela da Torre Pequena, da qual meu marido é o porteiro. Basta perguntar pela casa de Santiaguinho, o porteiro. Lá todos o conhecem. Vem até a nossa morada, Senhor.

"Abençoa-nos, Senhor, e afugenta todos os males do nosso lar."

Sorrindo dos grandes temores da mulher, o Mestre disse:

– Abençôo-os a todos! Santiaguinho, há prisioneiros na tua torre? – perguntou ao pai dos rapazes.

– Não, Senhor, porque houve um intento de evasão na lua passada, e dos que havia alguns foram enforcados e outros encerrados na Torre Maior.

O rosto do Mestre anuviou-se de tristeza.

– Sempre matando! ... Sempre matando! ... – disse com voz semelhante a um queixume.

– É que eram maus, Senhor, e mataram dois guardiães ...

– Fazei sempre o bem e sede misericordiosos com todos, para que Deus, nosso Pai, o seja convosco. Ide em paz que eu voltarei.

Jhasua entrou em seguida na pousada, acompanhado de Simônides, que tinha vindo buscá-lo ...

– Ó meu Senhor! – disse o bom velho. – És como o mel ... e não há quem te livre das formigas e das moscas! ...

– É tanta a dor humana, meu amigo, que por todos os caminhos saem ao meu encalço. Que queres que eu faça?

– Sim, meu Senhor! ... Todos parecem adivinhar quem és e te seguem como se fossem a tua sombra! ...

Pouco depois, estavam todos ao redor da mesa numa grande sala, que era o recinto no qual se reuniam, de tempos em tempos, os protegidos da Santa Aliança para receber socorros. Também se hospedavam ali os Terapeutas Essênios, em suas penosas tarefas de médicos e enfermeiros gratuitos dos que precisavam da sua ajuda.

Para as pessoas em geral essa casa era isso e nada mais. Mas, para Simônides e para o príncipe Judá, era ainda algo mais, pois entre os enormes fardos de roupas, sacos de legumes e talhas de azeite, abria-se uma porta bem dissimulada que dava para um horto de velhas figueiras e parreiras, entre as quais existia um ruinoso castelo abandonado em decorrência de uma tragédia já quase esquecida pelas pessoas do lugar.

Tão horripilantes eram as lendas relacionadas com esse castelo que todos evitavam transitar por suas imediações quando se aproximava a noite.

Bem sabemos que Simônides era um grande oportunista quando se tratava de adquirir imóveis que ninguém queria, com o fim de ressarcir a família Ithamar dos despojos sofridos pelo confisco de grande parte de seus bens, feito por Valério Graco.

Dessa forma, o hábil comerciante tinha comprado essa propriedade pela metade do seu valor, pois, para dizer a verdade, era para todos como um terreno baldio.

Para ele, que conhecia palmo a palmo a Judéia, esse vetusto solar era de inestimável valor. Ocupava o espaço que, no nosso modo de medir, equivaleria a três quartos de uma maçã; o quarto restante havia sido destinado às obras piedosas da Santa Aliança. Com isso o leitor compreenderá que o príncipe Judá, filho de Ithamar, era o único possuidor de um vasto solar de terra no ponto mais estratégico da cidade.

A propriedade tocava na parte traseira da muralha da Torre Maior por um lado e, por outro, confinava com os estábulos da imensa praça das caravanas, junto a uma das portas da cidade. As pessoas que por lá passavam viam que estavam sendo amontoados materiais de construção nos bosques solarengos do castelo e sabiam que aos trabalhadores eram prometidos bons salários quando fossem iniciadas as obras. Dizia-se que ele havia sido comprado por um romano ilustre: *Quintus Árrius Filho*, para uma academia de esgrima, ginástica e exercícios atléticos, a que eram tão inclinados os romanos. Quintus Árrius Filho era o nome romano do príncipe Judá, como recordará o leitor.

Esse velho castelo que, aparentemente, não era senão uma ruína, tinha, na realidade, a consistência de uma fortaleza. Chamavam-na Aridatha e a seu respeito existia a tradição de que havia sido construído por ordem de Aman, primeiro ministro do rei Assuero, cujos domínios abarcavam desde a Etiópia até o Indo. Essa fortaleza estava destinada a calabouço de torturas, quando o ministro obteve o decreto de extermínio para os filhos de Israel, decreto esse que não foi cumprido, graças à intervenção da rainha Esther.

Aridatha era o nome do servidor de Aman que morava ali. Cabe pensar aqui que o ódio dos judeus torturados e mortos nesse lugar tornou depois impossível a vida para os habitantes que o ocuparam em épocas sucessivas.

Era esse o melancólico e quase tétrico cenário que rodeava a modesta sala improvisada como cenáculo para os nossos peregrinos.

O príncipe Judá foi o último a sentar-se à mesa e o Mestre percebeu que ele estava bastante agitado.

– Trazes muitas preocupações, Judá, meu amigo – disse, indicando um assento próximo dele. – "Basta ao dia o seu próprio afã", diz o ditado popular. Não fizeste hoje tudo quanto devias fazer?

– Acabo agora de terminar o meu dia, Jhasua! – respondeu Judá sorridente. – Enquanto curavas os doentes, eu me ocupava em fazer com que os sãos trabalhassem. Não é esta também uma obra de justiça?

– Conforme o trabalho que esteja sendo executado – respondeu o Mestre.

– Reedificar o Castelo Aridatha, que está atrás desta casa, o instalar nele uma academia de ginástica, de esgrima e de exercícios atléticos para a nossa juventude israelita, exclusivamente. Quero combater, deste modo, a anemia e o raquitismo que está sendo uma praga na Judéia. É notável a diferença entre a juventude da Judéia e a juventude da Galiléia e da Samaria.

"Não há nobreza nesses propósitos?"

– Poderás dizer-me quem sustentará os enormes gastos exigidos por uma instituição semelhante? – perguntou o Mestre.

– Aí tens o banqueiro de Israel, que responde por tudo – disse alegremente Judá, indicando Simônides, que estava na mesa defronte a eles.

– Também coopera o Hach-ben Faqui e os príncipes Jesuá e Sallum de Lohes – acrescentou o ancião, satisfeito com sua obra. – Não sabemos todos que o Reino de Israel se restabelecerá muito em breve, de acordo com o que foi anunciado pelos nossos Profetas?

"O Rei que vem desejará ter súditos fortes e sadios, não frangalhos de Humanidade, tristes frutos da miséria e da fome.

"Já estão contratadas, e com a metade pagas adiantadamente, as próximas colheitas do Nilo e do Eufrates para os protegidos da Santa Aliança e os alunos da Academia. Esta obra não é digna de teus sonhos de amor fraterno, meu Senhor?"

Jhasua pensou na triste cena dos tuberculosos que acabara de curar e respondeu no mesmo instante:

– Na verdade, é uma grande obra a vossa, embora tenhais de lutar contra os rígidos e fanáticos fariseus que, em tudo o que não seja o Templo e a Sinagoga, vêem abominação de pagãos.

– No entanto, sou dos que estão convencidos de que, sem lutas nem sacrifícios, nenhuma reforma é possível, quer seja de ordem intelectual, moral ou social.

– Amanhã, uma centena de trabalhadores inicia a reconstrução do castelo que já não se chamará Aridatha, nome infame para Israel – acrescentou o príncipe Judá –, mas *Turris-Davidica*, para que não soe mal aos ouvidos do procurador romano e, ao mesmo tempo, seja agradável aos nossos compatriotas.

– Mestre – perguntou Matheus –, se o rei David e todos os nossos ilustres antepassados vivem no seio de Abraham, segundo a frase habitual, verão esta obra que o príncipe Judá quer realizar ... e, em geral, todas as obras boas feitas no que foi o seu país?

– O Seio de Abraham – respondeu Jhasua –, é um nome alegórico dado à região do plano espiritual habitado pelas almas dos justos. Como os justos vivem na claridade divina, não só percebem e conhecem as obras boas que os encarnados realizam, como também cooperam invisivelmente nelas.

"Estão equivocados todos quantos pensam que nas moradas do Reino de Deus não há senão a extática contemplação da Divindade."

– O que existe, então, a mais além disto, se é que se pode saber? – perguntou o príncipe Judá. – Tenho vivo interesse em saber se os nossos grandes homens do passado aprovarão ou não as nossas atuais obras em favor de Israel.

– É o que acabei de dizer: eles não só aprovarão como também cooperarão com

elas. "Assim como é abaixo assim é acima", diz um dos antigos princípios do Ensinamento Secreto. Isto significa que, nas infinitas moradas que o Pai tem para corrigir ou premiar seus filhos, são realizadas obras e trabalhos semelhantes aos do plano físico e sempre com fins de aprendizado, de cultivo e de aperfeiçoamento das almas.

"Há mestres e discípulos para os quais existem aulas de graduação infinita de conhecimentos, de acordo com a ciência ou a arte que cada espírito quer cultivar em si mesmo.

"Dessas moradas de Luz e de eterno progresso, os músicos, os poetas e os pintores trazem suas geniais inspirações.

"Dali trazem seus conhecimentos siderais aqueles que se dedicam, com incansável esforço, a seguir da Terra a rota das estrelas, suas dimensões, as enormes distâncias que as separam.

"A alquimia, a astrologia e o cálculo, nos quais tanto se sobressaíram os caldeus e os egípcios, foram trazidas das eternas moradas do Pai, para benefício da Humanidade terrestre.

"Se das artes e das ciências passamos para o espiritual e o moral, a amplidão das atividades chega quase ao inverossímil. Não existe uma única obra de misericórdia e de piedade na qual não se encontre, às centenas e aos milhares, as almas de nossos irmãos, amigos e parentes prestando invisivelmente, na maioria dos casos, seu concurso e, visivelmente, em outros. Que outra coisa significam as aparições de anjos a que se refere a Sagrada Escritura, a Abraham, a Jacob, a Moisés e ainda a Adamu e Évana nas origens da Civilização Adâmica?

"Eles são a manifestação das grandes atividades das almas dos justos em benefício de seus irmãos encarnados nos planos físicos.

"Agora, no que diz respeito à tua pergunta, Matheus, se nossos homens justos do passado verão ou não esta obra que o príncipe Judá acaba de mencionar, não existe a menor dúvida que sim. Eles não só a vêem como aprovam, porque é boa e nobre em seus princípios e em seus fins. Ainda por cima, eles a verão de mais perto ou de mais distante, de acordo com a situação atual em que se encontram. As almas vão e vêm com essa santa liberdade, dádiva de Deus para orientar-lhes os caminhos para onde compreendem que podem purificar-se mais e realizar maiores avanços na senda eterna do progresso.

"Para se ter uma idéia mais exata do reino das almas, podeis imaginar um infinito campo povoado de estâncias ou moradas, vivendo em cada uma delas as inteligências desencarnadas realizando as obras que as leva ao auge de seus afetos, de suas convicções e de seus anelos."

– E os maus, Mestre ... Onde viverão depois do sepulcro? ... – perguntou Pedro.

– O maus! ... Os maus! ... – disse pensativo o Mestre. – É essa uma palavra que nem sempre expressa a realidade no que diz respeito ao reino das almas. Ali a escala começa naqueles que ignoram tudo e cujo atraso intelectual e moral é completo: são, pois, ignorantes e atrasados. Lá existem abnegados Mestres, Círios da Piedade, ensinando-lhes o caminho do bem e da justiça.

"Os verdadeiramente maus são os espíritos conscientes do que são e querem continuar sendo, porque assim satisfazem suas aspirações de riqueza, de poder e de domínio sobre os seus semelhantes. Para esses, o Pai tem moradas correcionais severíssimas, onde as almas permanecem em padecimentos iguais aos que causaram a seus semelhantes, até que tenham compreendido o erro e, espontaneamente, decidam mudar de caminho. Nesses casos, o arrependimento e o desejo do bem é a chave de ouro que lhes abre imediatamente as portas.

"O Pai não tem prisões nem sofrimentos perpétuos, e por isso está errado que os juízes da terra venham a impô-las a alguém. O castigo, para ser justo, deve durar enquanto dura o desejo do mal.

"Cessado esse desejo, deve cessar a correção para dar lugar à santa expiação que redime, sob a luz serena da esperança num futuro de paz e de amor."

– Quando será, Senhor, que esta Humanidade verá pelos mesmos cristais por onde olhas todas as coisas? – perguntou Simônides.

– Se eu vos disser qual será o tempo que demorará, segundo julgo, temo que todos sentar-se-ão sobre uma pedra e ficarão petrificados como ela está.

"É melhor dizermos de acordo com o nosso desejo: esse tempo chegará breve!"

Ao terminar a ceia, o Mestre fez a ação de graças costumeira e todos se retiraram para descansar.

Na madrugada seguinte, saíram para Archelais, primeira jornada da Samaria.

Durante o trajeto não ocorreu nenhum incidente digno de ser mencionado; entretanto, ao chegarem à cidade, encontraram as portas cerradas.

Os guardas disseram que havia um motim popular e só era permitida a entrada, sem dificuldade alguma, das mulheres e crianças. Contudo, para dar entrada aos homens, era necessário o salvo-conduto do centurião.

– Meu filho – disse Simônides ao príncipe Judá –, faze valer o teu nome romano, pois a noite chegará logo e não podemos passá-la aqui.

O leitor deve recordar que Samaria e Judéia estavam sob a jurisdição do procurador romano Pôncio Pilatos.

"E se o teu nome não bastar – acrescentou – ver-me-ei obrigado a apresentar a permissão firmada pelo César para que as minhas caravanas transitem livremente por todos os seus domínios."

Tão severas eram as ordens recebidas pelo guarda que não bastou o nome romano de Quintus Arrius Filho, dado pelo príncipe Judá, e foi necessário o documento secreto de Simônides.

Jhasua havia-se atrasado com seus discípulos e familiares e chegou no momento em que lhes era franqueada a entrada.

O centurião apresentou-lhes toda classe de excusas e se ofereceu para qualquer coisa de que pudessem necessitar.

– Eu gostaria de aconselhar-vos – acrescentou olhando para as mulheres e as crianças – a não passar pela praça das caravanas. As pedras voam como pássaros e eu ficaria muito desgostoso se dois amigos do César que viajam com a família sofressem contratempos.

– Que está acontecendo? – perguntou o Mestre.

– Há um motim na cidade e o centurião acha perigoso seguirmos por lá – respondeu Judá.

– Somos pessoas de boa paz, centurião – disse o Mestre.

– Sei perfeitamente disso, mas esses demônios herodianos estão lançando pedras das árvores.

– Pode-se saber a causa desse distúrbio? – perguntou novamente o Mestre.

– Como posso saber, meus senhores, das confusões e rivalidades que existem entre os judeus, galileus e samaritanos! Estou aqui há apenas três semanas e já fiquei louco varrido ...

Um dos guardas disse:

– Vieram aqui dois viajantes dizendo que eram discípulos de um profeta que foi degolado por ordem do rei Herodes Antipas. O povo fez-lhes uma demonstração de

simpatia e os herodianos uma demonstração de ódio e, se não fosse pela nossa intervenção, tinham sido eliminados a pedradas.

Jhasua ia protestar imediatamente, porém Judá fez-lhe sinal de silêncio.

– O profeta sacrificado – disse – era amigo do César e, na minha qualidade de cidadão romano, reclamo esses dois viajantes maltratados para tê-los comigo.

– Também eu os reclamo em nome do César – acrescentou Simônides.

– Estão aqui na enfermaria desta torre – disse. – Tende a bondade de seguir-me.

O Mestre acompanhou Simônides e Judá, enquanto os demais viajantes desmontavam na praça das caravanas e aguardavam no depósito de carregamentos.

Myriam e as outras mulheres apertavam-se umas contra as outras como cordeirinhas assustadas.

– Desde que Herodes pôs os pés na Galiléia, não temos paz nem sossego – disse a castelã de Mágdalo. – Pelo fato de minha mãe ter sido romana, tenho em minha casa todas as garantias que o governo de Roma concedeu a meu pai.

"Caberemos todos no castelo! Vinde comigo, se não estiverdes seguros em vossas casas."

– Muito obrigada, minha filha – disseram Myriam e Salomé a uma só voz. – Que podem querer Herodes ou Herodíades de tão humildes pessoas como somos nós?

Enquanto ocorriam estes comentários femininos, os homens estavam se aproximando da torre para averiguar o que ocorria.

Estirados sobre um pequeno colchão de crina animal, havia dois corpos humanos vestidos de lã escura cujas cabeças vendadas faziam compreender que haviam sido gravemente feridos.

O sangue havia empapado as ataduras, e aqueles rostos lívidos deixavam ver claramente que haviam perdido muito sangue.

– Sou médico – disse o Mestre ao centurião. – Mandai buscar água, vinho e azeite.

Jhasua ajoelhou-se junto a eles e viu que ambos respiravam e que sua pulsação, ainda que débil, deixava-se sentir em seu ritmo normal.

O príncipe Judá e Simônides, que se haviam apresentado com direitos sobre os feridos, pediram padiolas e uma escolta para levá-los à pousada, antecipando que pagariam o que fosse necessário.

Enquanto faziam todo esse preparativo, o Mestre com seus doze rodeava os feridos, ao mesmo tempo que lhes retiravam as ataduras manchadas de sangue.

O pensamento ternissimo de Jhasua voou para Johanan e lhe disse:

– Meu irmão! ... És feliz porque estás no Reino de Deus, enquanto os que te seguiram suportam ainda o duro cativeiro a que são submetidos por seus irmãos inconscientes e cegos.

"Olha para estes dois passarinhos feridos só porque eram teus discípulos! ..."

Os dois jovens se sentaram como movidos por uma corrente poderosa e, olhando para um canto da sala, disseram: "Já vem! ... Já vem até nós! ..."

– Ainda não é chegada a hora! ... – disse a voz dulcíssima de Jhasua, que também percebera a aparição radiante do Profeta Mártir. Estendia Ele suas mãos cheias de bênçãos sobre aquele grupo de seres deixado como herdeiros e continuadores de sua obra de precursor do Verbo de Deus.

Essas duas grandes almas, Cristo e seu Precursor, haviam vindo à Terra unidos por uma indestrutível aliança que a morte de um representava muito pouca coisa para romper. De antemão, ambos haviam aceito sua imolação em benefício da Humanidade.

A presença divina fez-se sentir em todos naqueles momentos, se bem que só o Mestre e os dois feridos tivessem percebido a radiante aparição de Johanan.

Quando o criado chegou trazendo o que lhe havia sido pedido para a cura, as feridas estavam fechadas e apenas se percebia uma cor levemente rosada no lugar onde as mesmas se encontravam.

As contusões, os golpes e o esgotamento físico, tudo enfim tinha desaparecido, e os ex-feridos mencionaram, com a maior tranqüilidade possível, como se havia produzido o tumulto.

O criado deixou tudo e correu para o centurião.

– Vem e olha – disse – pois os que estavam meio mortos estão mais fortes e sãos do que nós.

"A magia anda por aqui, senhor, e o medo aperta a minha garganta como a corda de um enforcado."

– Pouca coisa és, se te assustas com isso. Sabes que estamos num país de profetas maravilhosos. Nós temos os nossos deuses; eles têm os seus.

Quando ia certificar-se do ocorrido, encontrou todos saindo da sala.

– Centurião – disse Judá –, as padiolas e a escolta não são mais necessárias, porque os enfermos estão andando pelos próprios pés.

– Tendes um bom médico, para conseguir em tão breve tempo fazer andar dois corpos desfeitos a pedradas.

"Ainda bem que ocorreu isto, pois, do contrário, nesta mesma noite eu mandaria preparar pelo menos cinqüenta forcas para esses amotinados que insistem em não descer das árvores, pois sabem o que os espera."

– Centurião – perguntou o Mestre –, o que queres de mim pela vida e pela liberdade de todos eles?

– E quem és tu, para pretender comprar a vida de cinqüenta fascínoras? E para quê? Não vês que são feras daninhas que precisam ser exterminadas?

– Deixa-me provar o contrário com eles e depois farás o que te parecer melhor – insistiu o Mestre.

– Está bem. Vejo que estou diante de um desses profetas que abundam nesta terra. Concedo-te isto, até que chegue a noite. Atormenta-me a curiosidade de ver o que farás com eles. Aí os tens, no mais alto desses cedros.

– Obrigado, centurião. Que a paz seja contigo – respondeu o Mestre, saindo seguido dos seus, que olhavam para as árvores, de onde pedras continuavam a ser lançadas.

– Ficai quietos aqui – disse aos seus –, e faze-me o favor, centurião, de não sair do pórtico da torre.

Jhasua encaminhou-se sozinho para junto do grupo de árvores situadas ao redor de uma fonte de mármore.

Na penumbra do entardecer, a silhueta branca do Mestre destacava-se com nitidez da sombra projetada pelas árvores e do escuro verdor da erva que tapetava o solo. Todos os olhares estavam fixos nele.

– Baixai das árvores eu vos peço, meus amigos – disse aos rebeldes, cujas cabeças assomavam, curiosas, ao ver aquele homem jovem e belo aproximando-se desarmado para parlamentar com eles.

– O romano está se rendendo, não é? ... E escuda-se atrás do rabino porque tem medo – disse em voz alta um deles.

– É o Profeta Nazareno que curou os enfermos no Lago – acrescentou outro. – Certamente, pediu o nosso indulto.

– Justamente – respondeu o Mestre – pedi e consegui, com a condição de que

abandoneis vossa atitude agressiva e saiais da jurisdição do procurador romano. Do contrário, nesta mesma noite serão levantadas forcas para vós.

"Sois herodianos? Ide com ele e deixai as pessoas em paz."

– Quem nos assegura que isto não é uma armadilha desses lobos romanos para caçar-nos como moscas? – perguntou o primeiro que havia falado. – Olha, Profeta, nós sabemos que és bom como o pão, não o duvidamos; mas, atrás de ti está a guarnição da Torre. Não desceremos! À meia-noite teremos resolvido o nosso problema.

O Mestre ficou em silêncio, e não haviam passado dois minutos quando os cinqüenta e três homens caíram como pesados fardos que um poderoso vendaval houvesse atirado por terra.

Nenhum deles se movia.

– Desobedeceram ao Profeta e ele os matou! – gritou um soldado começando a correr seguido por toda a guarnição.

Os companheiros do Mestre correram também, e as pessoas que transitavam pela praça da Torre se detiveram a contemplar o inusitado espetáculo.

O centurião chegou também, e imediatamente dirigiu-se a Jhasua que examinava os corpos inermes dos insurrectos.

– Ficaste convencido, Profeta, de que estas feras humanas não devem ser conduzidas com fios de seda?

– Sim, centurião, estou convencido, porém tampouco pode-se corrigi-los com a forca. Que ganharias matando cinqüenta e três homens, talvez pais de família, se, depois de mortos, outros tantos se levantarão impulsionados pelo ódio e vingar-se-ão de ti quando menos esperares ou pensares?

"Bem vês o que são agora! Um inerme montão de carne e ossos que podes destroçar como quiseres. Mas, como és um oficial da Roma educadora de povos, vais deleitar-te em fazer o maior mal possível a este punhado de homens que já não está em condições de se defender e a quem essa indigna Herodíades fanatizou, como se já não bastasse sua escandalosa vida, semeando o ódio entre irmãos da mesma raça e fé?

– Será como dizes, Profeta, no entanto, estou aqui para manter a ordem e serei castigado severamente se deixar impune a rebeldia destes miseráveis – respondeu o centurião. – Desde a madrugada que estão mantendo alvoroçada a povoação.

– Dou-te a minha palavra de que, nem bem despertem, cruzarão o Jordão e não voltarão mais a Archelais. Eles entregarão suas armas e bem podes ver que não se trata somente de um surrão com pedras, mas também de punhais e de alfanges com a figura de Herodíades no punho o que levam estes infelizes. – Ao dizer isto, o Mestre indicou ao centurião o punho dos alfanges dos homens estendidos por terra.

– Concedido – disse o oficial romano. – Embora não seja para outra coisa senão para ver até onde chegam os estupendos poderes de que estás dotado.

Mentalmente, o Mestre determinou que os caídos despertassem, e todos se levantaram sonolentos como se houvessem dormido longas horas.

– Não me obedecestes – disse o Mestre com severidade – e piorastes a vossa situação. Que fareis agora?

Todos eles deitaram mão em suas armas e as deixaram diante do centurião que parecia uma estátua. Esvaziaram os saquinhos de pedras e aquele que parecia ser o chefe aproximou-se de Jhasua e disse:

– Profeta! ... Quisestes salvar a vida de todos nós e fui eu quem se opôs. Só eu devo morrer. Assim, pagarei o dano causado a todos servindo a essa maldita mulher.

"Centurião! ... aqui me tens. Peço que tenhas piedade de meus companheiros, que não fizeram outra coisa senão me obedecer."

E estendeu as mãos para que o oficial o atasse à corrente.

Uma mulher com as vestimentas rasgadas e os cabelos brancos destrançados em desordem, chegou correndo seguida por três crianças pobremente vestidas e com o terror pintado em seus semblantes.

– Um Profeta de Deus acabou de me avisar que vão enforcar o meu filho! ... – gritava a anciã.

"Perdão! ... Perdão para ele! – e a infeliz anciã abraçou-se aos joelhos do centurião.

– Pai! ... Pai! ... – exclamaram as crianças. – Que fizeste para que te enforquem? – e penduraram-se em seus braços, roupas e pescoço.

O insensível oficial romano mordeu os lábios até fazer sangue e cravou as unhas nas próprias mãos fortemente fechadas.

O Mestre continuava olhando-o com imensa ternura, irradiando sobre ele toda a piedade do seu coração.

Alguns soldados da guarnição voltaram as costas para essa cena que lhes causava dano. Também tinham mãe idosa e filhos pequenos!

As mulheres e os filhos de alguns outros rebeldes chegaram também, como se um mesmo mensageiro houvesse avisado a todos. A cena de dor e de pranto que ali se produziu poderá ser facilmente imaginada pelo leitor, porque é difícil pintá-la de acordo com a realidade.

O Mestre aproximou-se do oficial e perguntou:

– Mandarás levantar esta noite as forcas?

– Não, Profeta, porque te interpuseste entre a morte e eles. Se és suficientemente poderoso para salvar suas vidas, o serás também para deter o castigo que mereço por esta debilidade.

– Fica despreocupado! ... Quando Deus, meu Pai, faz alguma coisa, a faz perfeita.

O príncipe Judá aproximou-se do centurião e lhe disse: – Se ouviste falar da glória conquistada para Roma pelo duúnviro Quintus Árrius, eu, que sou seu filho, te faço a doação de um solar de terra ou de um navio mercante, conforme desejares trabalhar na terra ou no mar, para o caso de este fato te induzir a renunciar a teu cargo e libertar-te da vida militar.

– Obrigada, amigo – disse o centurião em extremo emocionado. – Na verdade, esta vida de espada e chicote não foi feita para mim. Aceito a tua doação, que pagarei algum dia com o meu trabalho.

– Tudo está pago com a ação que acabas de realizar – respondeu o príncipe Judá. – Simônides e eu ficaremos em Archelais por doze dias e daremos uma forma legal a essa doação.

O centurião disse aos líderes do motim:

– Fazei o possível para sair nesta mesma noite para fora dos muros da cidade. Ficai atentos – disse aos guardiães – e deixai-lhes passagem livre até a alvorada.

"O que fiz hoje talvez não possa repeti-lo amanhã."

– Ide em paz – disse o Mestre – e recordai sempre este dia em que Deus, nosso Pai, teve piedade e vos concedeu a liberdade e a vida para que, novamente, possais viver de acordo com a sua Lei.

Os homens começaram a dispersar-se com seus familiares e se perderam nas ruelas já mergulhadas nas primeiras sombras do anoitecer. O Mestre seguiu-os com os olhos até perdê-los de vista.

Logo viu dois jovens voltando apressadamente.

– Senhor – disse um deles ao Mestre. – Nós não temos ninguém no mundo.

Este é órfão e completamente só! Eu também! ... A necessidade nos uniu ao grupo de Herodíades; porém queremos trabalhar livres dela. Já que nos salvaste a todos da forca, dá-nos, por piedade, um trabalho honrado para podermos ganhar o nosso pão.

– Hanani! – chamou o Mestre, ao pai de Fatmé. – Não haveria na tua oficina de tapeçaria trabalho para estes dois moços?

– Sempre existe trabalho, desde que me prometam ser ajuizados e honrados – respondeu com boa vontade.

– Encarregas-te deles?

– Sim, Senhor, a partir deste momento.

– Vinde, pois, conosco até a pousada – acrescentou o Mestre – e esquecei-vos de tudo quanto se passou. Hoje começareis uma vida nova.

A guarnição voltou para a Torre e os viajantes para a praça das caravanas, onde as mulheres, cheias de preocupação, aguardavam o regresso do Mestre e dos seus.

Quando todos estavam sentados à mesa, Pedro perguntou:

– Por que será, Mestre, que todas as desgraças saem no teu encalço para que as remedies?

– Não somente a mim, Pedro. As oportunidades de fazer o bem se apresentam a todos os homens, mas nem todos as percebem.

"Na maioria dos casos, dizemos egoisticamente: por que devo me preocupar com o que não me diz respeito? Que cada qual se arranje com os seus problemas e faça como lhe parecer melhor.

"Proceder deste modo não é cumprir de acordo com a Divina Lei do amor fraterno: "*Ama a teu próximo como a ti mesmo*" – que significa, em outras palavras: *Faze por ele o que queres que seja feito por ti.* A correção àquele que necessita também é uma forma de amor e de justiça.

"As oportunidades de fazer o bem são apresentadas pelo Pai a todos os seus filhos e isso durante muitas vezes na vida, a fim de que nenhum possa excusar-se de não tê-lo feito por falta de oportunidade. Digo-vos hoje que se pode ver claramente o grau de adiantamento espiritual e moral de cada um na vontade e decisão com que as almas aproveitam as oportunidades de fazer o bem.

"Há os que fazem o bem procurando tirar disso um pequeno ou grande benefício. Há os que fazem o bem pela satisfação causada pelo amor e pela gratidão que os beneficiados lhes prodigam.

"Há, finalmente, os que não esperam nem querem uma coisa nem outra, e fazem o bem só porque uma força interior os impulsiona a praticá-lo, porque o fogo do amor os obriga a manifestá-lo com obras, e a vida lhes é enfadonha e pesada se não estão a serviço de todas as dores humanas. Entre estes últimos estareis vós! ... Deveis estar vós, porque o discípulo deverá seguir pisando as pegadas do Mestre, se quiser ser fiel ao seu ensinamento de amor desinteressado e puro.

"Por isso eu vos disse e repito: Se vos anima o amor que vive em mim, meu Pai e eu faremos a nossa morada em vossos corações."

Fez-se um tranqüilo rumor de comentários entre os presentes, e o Mestre compreendeu que alguns se sentiam muito fracos para subir tão alto.

– Virá um dia – disse – em que a claridade e a força divinas tomarão posse de tal forma de vosso corpo que desconhecereis a vós mesmos.

– Quando ocorrerá isso, Mestre – perguntaram várias vozes ao mesmo tempo.

– Quando eu tiver subido ao Pai, nessa ascensão da qual não se retorna para a carne – respondeu.

"Mais ainda que agora, poderei vigiar os vossos passos e aplainar o vosso caminho – acrescentou –, mas será necessário que mo digais em vossa oração, porque, do contato de vosso anelo vivo e profundo com o meu, surgirá essa força divina que vos fará vencer os obstáculos e sair vitoriosos de todas as provas a que fordes submetidos, em confirmação das eternas verdades que receberdes de mim."

Algo assim como um silêncio de meditação se fez e dos olhos serenos de Myriam deslizaram duas lágrimas mudas que a jovem Maria sentiu cair em suas próprias mãos cruzadas sobre os joelhos daquela a cujos pés estava sentada.

– Pensas o mesmo que eu – disse – e por isso choras! Quando ele subir ao Pai, com quem nos socorreremos?

A meiga Myriam olhou-a assombrada diante dessa espécie de percepção de seus pensamentos.

– Guardemos tudo isto em nossos corações, minha filha, e que a Vontade de Deus seja cumprida – respondeu levantando-se, pois todos começavam a se retirar para descansar.

Quando o sol do novo dia se levantava no horizonte, nossos viajantes continuaram a viagem a Sevthópolis, onde a pequena caravana se dividiu em duas: os que iam para Nazareth, Nain e Caná e os que, tomando o rumo da direita, seguiriam pelo caminho que os levaria ao Lago de Tiberíades. O jovem Felipe ficou na aldeia de Beth-sam.

Estavam finalmente na terra natal, na graciosa Galiléia, onde as brisas lhes pareciam mais suaves, o céu mais azul e as flores mais perfumadas.

O Mestre e os Doze, com a família de Zebedeu, de Hanani e as mulheres do Castelo de Mágdalo, tomaram o caminho de Tiberias, prometendo encontrar-se novamente com Myriam e com o tio Jaime na próxima lua cheia no Monte Tabor, época na qual havia promoção de graus depois de três dias de silêncio e de oração.

A Apoteose do Ungido

Chegamos, leitor amigo, à parte final do nosso relato sobre a vida excelsa de Jhasua de Nazareth, encarnação do Verbo Divino na Terra.

Entramos num campo de ouro e safira, resplandecente de manifestações supranormais, no qual a grandeza de Deus parece derramar-se sobre a personalidade augusta do Cristo encarnado.

Faltam apenas oito luas para a entrada triunfante no Reino de seu Pai e sua alma sente cada vez com maior intensidade a ânsia suprema da Divina União.

Ele se projeta para além das brancas nuvens do céu galileu, para além das estrelas que, dos vales terrestres, são percebidas como pontos de luz, e retorna com pena para as insignificantes infelicidades do nosso mundo, onde semeou o amor e de onde se ausentará sem vê-lo ainda florescer.

Ele sabe que muito em breve deixará tudo isso e seu coração transborda de amor sobre todos aqueles que o rodeiam e que apenas chegaram a compreendê-lo; sobre aqueles que amou e os que o amaram, tanto quanto pode amar a débil criatura humana terrestre.

Surgem na sua memória os seus nomes, seus vínculos com eles, suas distantes rotas passadas e o obscuro enigma do porvir.

Duas poderosas correntes de amor o atraem com força irresistível: as elevadas alianças espirituais deixadas nas radiantes moradas dos Céus superiores para descer à Terra, e os afetos terrestres profundos, que enchem de emoções ternissimas seu coração de homem.

Seus discípulos e amigos viam-no pensativo, sentado à beira do Mar da Galiléia ou sobre uma barca embalada pelas ondas, enquanto seu olhar se perdia ao longe como uma luz que se difundia na imensidão.

Jhasua buscava a solidão com mais freqüência que antes e, em prolongados retiros nos recôncavos da montanha, ou na mata cerrada, deixava-se levar pelas asas radiantes da contemplação interior, na qual, sem dúvida, amenizava a amarga desolação dos que deixava com a divina alegria dos que ia encontrar.

Mas esse estado extraordinário na psique do Grande Mestre não o retinha em suas tarefas de Missionário.

Não passava um só dia sem que a Energia Eterna deixasse de fazer sentir seu soberano poder sobre todas as dores humanas que cruzavam no caminho do Ungido. Seu coração, flor divina de ternura e de piedade, eterno enamorado da dor, parecia sentir a ausência das angústias humanas quando, passado o meio-dia, não havia escutado o pedido de ajuda: "Senhor! ... Salva-me! ..."

Então pedia a seus amigos íntimos que o acompanhassem numa oração, para que o Pai, Piedade e Misericórdia Infinitas, fizesse sentir a todos os sofredores da Terra o alívio, o consolo e a esperança, enquanto estava na matéria na qual havia vindo para salvá-los.

Alguns de seus amigos íntimos confiaram a outros ou anotaram em pergaminhos os comovedores relatos desta epopéia final da alma do Cristo, em íntima união com a Divindade.

Enchemos páginas e páginas, relatando dia por dia a vida do Cristo em relação com a Humanidade que esteve em contato com ele.

Encantador como criança na ternura íntima do lar e da família; afável e dócil na adolescência, iluminada já com fulgurantes centelhas de sua inteligência superior; nimbado com uma aura de amor e de piedade, de ânsias supremas de sabedoria na sua juventude de apóstolo que se inicia; e a culminação da sua grandeza como Enviado Divino na idade viril, tudo isso em relação com os que haviam tido a felicidade de conhecê-lo, que fossem de altas posições como da ralé que chorou junto a ele suas dores e penúrias e pediu saúde, vida, pão e lume para fazer calar os gritos da miséria! ...

Vimos, pois, o Cristo entre os homens, o bastante para compreender que ninguém como ele soube tornar suas as dores dos seus semelhantes; que ninguém como ele soube tocar, sem ferir, as íntimas fibras do coração humano, lacerado por toda sorte de desesperos e de angústias; que ninguém como ele teve a suave e delicada tolerância para aqueles cujo despertar para a verdade divina ainda não havia soado nos Eternos desígnios ...

Julgamos conhecer o Cristo divino em suas relações humanas.

Justo é dedicar este capítulo final, para que junto contigo, leitor, ensaiemos o conhecimento do Cristo em relação com a Divindade.

Seremos capazes de subir tão alto?

Seremos capazes de seguir os vôos gigantescos de seu espírito, senhor de si

mesmo, porque escalou os cumes da pureza no amor da perfeição, nas obras e da força da sua vontade?

Saberemos sentir a melodia do Amor Divino, quando ele ora a seu Pai, Amor Universal, para que o derrame por seu intermédio como uma chuva de bálsamo sobre todas as criaturas da Terra?

Poderemos compreender a Soberana Onipotência a esvaziar-se como uma torrente transbordante de saúde, consolo e esperança sobre todos os desesperos humanos, quando o Cristo, retirado na solidão dos montes, mergulha na Divindade através da oração intensa e em profundos pensamentos sem palavras, roga-Lhe com a simplicidade de sua alma feita totalmente de amor e de fé?

"Meu Pai! ... A humanidade terrestre é a minha herança ... Tu a deste para mim! ... Ela está cega e não vê! ... Está leprosa e coberta de chagas! ... Eu a amo como Tu me amas! ... Quero torná-la feliz! ... Feliz, iluminada de sabedoria ... coroada de paz e de esperança! ... A grandeza infinita dos Céus é Tua! ... Milhares de seres de Luz obedecem ao teu Eterno Pensamento! ... Pensas e está feito! ... Que eles cubram a pequenez desta Terra como um bando de aves canoras e cantem aos homens palavras de paz, de amor e de esperança ... que apaguem todos os ódios, vinganças ... e rancores! ...

"Que acendam uma lâmpada de amor em cada coração humano ... Que a estrela polar da fé ilumine todos os caminhos dos homens! ... Que rasguem as trevas em todas as consciências ... Que nem uma só alma fique envolta na obscuridade ..."

E a alma radiante do Cristo, fragmento da Divindade unido à carne ... labareda de amor feita coração de homem, continuava despetalando rosas brancas de paz e de consolo ... rosas vermelhas de amor e de esperança sobre todos os seus semelhantes, a maioria dos quais sequer tinha notícias de que, numa ignorada região da Palestina avassalada pela Roma dos Césares, nas montanhas da Galiléia ou sobre as ondas azuis do lago, um homem ... um único homem, o Cristo Ungido de Deus, inundava a Terra de amor, paralisava os ódios, continha as fúrias da cólera nos poderosos, desatava as cadeias de muitos escravos ... anulava sentenças de morte ... acalmava tempestades nos mares e epidemias nas cidades ... aquietava as legiões guerreiras em sonolência de paz e de sossego. "Paz aos homens de boa vontade", haviam cantado os Céus a sua chegada à Terra. A longa paz romana, atribuída à política de Augusto, foi a resposta ao mandato divino, porque o Ungido assim o pedia ao Autor Supremo da Verdade e da Vida!

Não tinha seu Pai Amor Universal imensas legiões de seres de luz para verter em cada coração humano uma gota de mel que amenizasse todas as suas angústias e uma taça de água refrescante para a sua sede?

Entremos sem temor, leitor amigo, nos caminhos silenciosos e encantados reservados pelo Eterno ao pensamento humano.

Tomemos a clâmide branca dessa maga divina que chamamos de *meditação*, que leva uma tocha acesa pela Divina Sabedoria para iluminar os caminhos de todas as almas que buscam claridade.

Junto a ela, a ignorância foge espavorida, a inconsciência se dilui na luz, a incompreensão se desvanece e dá passagem a essa suave tolerância que aguarda indefinidamente ...

Tão-somente nos jardins iluminados da Meditação poderemos aproximar-nos um passo, não mais, da grandiosa obra apostólica do Ungido em união com a Divindade.

Está Ele sobre o Monte Tabor, para onde subiu sozinho, porque sente sua alma

febril de amor. A Divindade o atrai como se fosse um poderoso ímã. Atrás dele está toda a Humanidade sofredora gemendo esmagada por todos os egoísmos que fazem de cada vida um desgarramento contínuo.

Ele sabe disso! Ele vê isso! Sente-o nas íntimas fibras do seu coração de homem e sofre angústias de morte em cada tragédia humana que sua clarividência percebe, embora esteja a imensas distâncias ...

As leis imutáveis a que está sujeita a matéria impedem a sua de correr atrás de todas as dores para pôr sua mão em todas as feridas e em todas as deformidades e degenerações da humanidade reduzida a frangalhos! ... Mas a santa e divina liberdade, concedida pelo Altíssimo ao espírito humano, permite que ele estenda suas asas famintas de imensidão sobre cada palhoça, sobre cada mísera cabana, sobre cada ruinosa choça, como sobre os trágicos palácios, torreões e castelos, onde os poderosos também arrastam cadeias e gemem pela inutilidade de seu ouro, que não pode dar-lhes sequer uma simples migalha de felicidade! ...

Cristo esquece tudo! ... Já não vê nem percebe senão a infinita grandeza de seu Pai-Amor Eterno e a Humanidade infeliz que se arrasta no pó da sua própria miséria!

Que a tocha radiante da nossa *maga divina*, a Meditação, nos ilumine, por uma pequenina fenda que seja, o mundo interior do Ungido, asfixiado por tão diferentes visões.

Seu Pai Amor Universal e Infinito lhe dá tudo sem limites nem medidas! ... Tudo é seu nesses instantes de união suprema e divina! Tudo é seu! ... Absolutamente seu! ...

A Humanidade terrestre necessita de tudo! ... Faminta, desnuda, leprosa, cega, coberta de chagas mais morais que físicas, arrasta-se como um farrapo em lamaçais que ela mesma criou para o seu próprio mal.

Nossa *maga divina*, se conseguirmos ver a sua luz e ouvir as suas vozes sem ruído, nos dirá que o Cristo da piedade e do amor recolhe, com ânsia indescritível, os tesouros de Deus Pai Universal, que, se os dá sem limite nem medida, derrama-os em torrentes sobre esta Humanidade infeliz, que recebeu todas as dádivas para ser boa e sadia e, no entanto, se empenha em continuar miserável e desventurada! ...

Os discípulos e familiares que também haviam ficado em piedosos exercícios no humilde santuário de rochas ou em suas grutas particulares, começaram a estranhar a demora do Mestre. Haviam-no visto subir ao cume do monte como um cordeirinho branco a se perder por entre a verde folhagem.

Pedro, Santiago e João subiram à sua procura.

Ao vê-lo envolto em radiantes claridades, imóvel, com os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre o peito, caíram de joelhos, porque o quadro que se apresentava às suas vistas não era da Terra, e julgaram que os Céus se tivessem aberto e que Jehová, convertido num milhar de sóis, estava levando o seu Mestre, numa carruagem de fogo, como a outro Elias Profeta. Pouco a pouco foi fazendo-se neles a Luz e perceberam claramente imagens vivas, luminosas, transparentes, em torno do Mestre, sobre o qual derramavam cada vez mais, como arroios caudalosos, uma água maravilhosa que refulgia como fogo e espargia um frescor de neve branca e sutil!

Que é aquilo? Não conseguem definir nem precisar! Uma felicidade inefável inunda-os, absorve-lhes os sentidos, a vida, paralisa-lhes todos os movimentos e caem na suave letargia extática que é como um fragmento do Céu aberto sobre a Terra!

Abismados diante daquele mar de luz, algo como uma inundação de ternuras infinitas, murmuram palavras incoerentes, soluçam, riem, estendem os braços para o Mestre, ao qual vêem como um astro soberano que estivesse suspenso entre o Céu e a Terra.

Quão excelso! ... Quão grande aparece perante eles o Filho de Deus vivo anunciado pelos Profetas tantos séculos atrás e ao qual vêem agora em todo o seu esplendor e tão próximo deles!

A visão diluiu-se lentamente nas últimas claridades da tarde que morre, e o Mestre aproxima-se para tirá-los do estupor em que se encontram. Roga-lhes para que guardem silêncio à respeito da radiante manifestação espiritual que haviam presenciado, e os quatro descem naquele silencioso recolhimento que embarga o espírito, quando percebeu, por um momento, a infinita doçura do Deus-Amor.

Em silêncio, o Mestre entra no Santuário de rochas, iluminado por trêmulos círios, onde os Solitários que foram seus Mestres durante a primeira juventude, já bem idosos, cantavam o Salmo 146, cujas ardentes notas de adoração ao Deus da piedade e da misericórdia enterneceram até o âmago as almas dos três discípulos favorecidos com a esplêndida visão. Sem saber como nem por que, os três se abraçaram estreitamente e romperam a chorar em grandes soluços.

Mas ninguém se assombrou por isso, pois era comum que emoções ternissimas durante o canto solene dos salmos arrancassem soluços e lágrimas dos mais sensitivos.

A castelã de Mágdalo e suas companheiras iniciaram-se nessa tarde no primeiro grau da Fraternidade Essênia. Deixaram de lado todos os trajes solenes com os quais as mulheres gregas eram adornadas e cobriram-se com o manto branco das donzelas essênias, que fazia com que se sentissem mais próximas do Homem Justo que irradiava santidade de toda a sua pessoa.

Era costume que, nessa cerimônia cheia de terna simplicidade, as donzelas fossem apresentadas perante os Mestres Anciãos por uma viúva respeitável e de reconhecida virtude, à qual chamavam de madrinha, derivado de "madre" (mãe); e foi Myriam a escolhida para essa solenidade.

O Mestre dos Mestres estava sentado entre os Anciãos porque acedia a seus desejos de que fosse ele quem cobriria com um véu a cabeça das donzelas, fazendo-as tirar por sorte a cédula com o conselho de Sabedoria, que devia orientar aquelas almas até o final de suas vidas.

Ressoavam as notas suavíssimas com as quais, entre os essênios, era acompanhado o canto dos versos do poema dos Cantares, quando a formosa mãe de Jhasua, venerável no ocaso de sua vida, entrava na grande gruta-santuário acompanhada das dez donzelas para receberem o véu branco da iniciação.

Quando se aproximavam do centro, reconheceu seu filho entre os Anciãos sentados ao redor do pedestal de rocha onde eram veneradas as Tábuas da Lei.

Intensa emoção embargou-a repentinamente, pois compreendeu que seria ele quem receberia a oferenda de almas que ela trazia para Jehová.

Ditosas almas aquelas que, entre a Mãe Santa e o Filho Excelso, eram introduzidas no jardim encantado da verdade, da sabedoria e do amor!

O Mestre compreendeu que a castelã de Mágdalo se deixava ficar atrás de todas com o manifesto propósito de ser a última a se aproximar.

Será que ainda vacilava? Será que seu espírito ainda não havia despertado completamente para a Lei Divina que a aceitava nesse instante?

Quando chegou sua vez, aproximou-se tremendo e caiu de joelhos entre convulsivos soluços.

A doce e suave Myriam inclinou-se sobre ela para dar-lhe consolo e alento, para silenciar aqueles soluços que ressoavam dolorosamente no âmbito severo do Santuário de rochas.

Viu-se esvaziar sobre os pés de Jhasua uma redoma de essências e que, inclinando a cabeça sobre eles, secava-os com seus ruivos cabelos destrançados.

– Ele vai morrer, mãe! – disse a jovem entre soluços. – Eu o vejo morrer tragicamente! ...

Myriam olhou para o filho com olhos angustiados e viu sua face resplandecente entre um nimbo de ouro e de safira, no meio do qual, e como no fundo de um quadro, destacava-se uma cruz formada de estrelas.

O Mestre compreendeu tudo, e antes que sua mãe pudesse abraçar-se a ele, uniu as duas cabeças veladas de branco e, pondo suas mãos sobre elas, disse com palavras que a emoção tornava trêmulas:

– Benditas sejais vós que vistes a Vontade Suprema antes que os demais! ...

O augúrio tremendo começou a flutuar desde então no Santuário Essênio do Monte Tabor, e voou dali para o Monte Hermon e para os cumes nevados do Monte Carmelo, na margem do Mediterrâneo, para o Monte Ebat, na Samaria, para o Monte Quarantana, nas margens do Mar Morto, e para as alturas inacessíveis dos Montes do Moab.

Uma forte cadeia de pensamentos afins começou a ser tecida entre os Anciãos de todos os Santuários Essênios, aos quais se uniram as três Escolas de Divina Sabedoria, fundadas por aqueles três ilustres viajantes do Oriente que, trinta e dois anos antes, haviam chegado a Jerusalém em busca do Verbo Divino anunciado pelos videntes de todos os países e confirmado, com muda solenidade, pela conjunção dos astros.

Era uma cadeia de diamantes em torno do Ungido cuja grandeza espiritual se manifestava de modo quase contínuo, como se o Eterno Amor quisesse obrigar a Humanidade terrestre a despertar finalmente para a Verdade Divina.

Em todas as Sinagogas da Galiléia, nas margens do Lago Tiberíades, nas montanhas da Samaria e da Peréia, em Bethânia e no Aurão, via-se flutuar o manto branco do Mestre Nazareno como uma carícia para os fracos e os oprimidos, vítimas sempre da prepotência e da injustiça. E como um açoite de fogo para os déspotas poderosos, para os falsos profetas encobridores da Verdade, para os devotos hipócritas – "*sepulcros caiados por fora, porém cheios de podridão por dentro* – os quais coavam um mosquito e tragavam um caranguejo, viam a palha no olho do outro e não enxergavam a viga em seu próprio olho".

Sua voz ressoava como um clarim de bronze, fazendo emudecer os velhos doutores da lei, os escribas e os sacerdotes, que despojavam os povos do fruto de seu trabalho, ordenando-lhes oferendas e sacrifícios a Jehová, que eles subtraíam com insaciável avareza do Templo do Senhor.

Como uma matilha de lebréus acovardados pelo rugido do majestoso leão da selva, fugiam das praças e das sinagogas todos aqueles que se viam diretamente mencionados nas vibrantes palestras que o grande Mestre fazia no meio de numerosas multidões.

Seus familiares sofriam angustiosos temores. Seus discípulos tremiam, esperando ver aparecer a qualquer momento um pelotão de soldados romanos ou os esbirros de Herodes para prender o Mestre, cuja palavra era como um chicote fustigando os vícios e iniqüidades dos poderosos das cortes reais ou dos magnatas que resplandeciam de ouro sob os átrios do Templo.

Quando seus íntimos lhe rogavam para suavizar as suas palavras, ele apenas respondia:

– Já é chegada a hora! ... Durante tantos anos fui rouxinol-cantor ... vaso de doçura e de piedade ... pano de lágrimas para todas as dores humanas! ... Chegou por

fim a hora! ... Não temais! ... É a hora de meu Pai! ... É a hora da sua Justiça! ... É a hora do triunfo e da liberdade! Não vedes já espargindo-se nos Céus a glória do Pai, cantada por seus anjos e santos, porque se aproxima o triunfo do Escolhido?

"Que tem o Cristo, Filho de Deus Vivo, a temer dos potentados da Terra? ..."

Ao ouvi-lo falar desta maneira, todos os seus amigos, discípulos e familiares cobravam ânimo e se enchiam de entusiasmo e de alegria, interpretando-lhes as palavras no sentido de que logo o veriam proclamado rei, mais poderoso ainda que David e Salomão.

A irradiação emanada da sua pessoa e da sua palavra chegou a tão extraordinária potencialidade que bastava vê-lo ou ouvi-lo quando falava às multidões para sentir sua influência benéfica sobre as enfermidades físicas e morais.

Ainda mais, tão-somente a sua presença dava a satisfação aos desejos justos e nobres daqueles que o amavam e acreditavam nele.

Era véspera do dia em que os Doze de sua intimidade costumavam fazer uma grande distribuição de pescado entre todas as famílias indigentes dos arredores do Lago Tiberíades. Os mais experimentados em matéria de pesca tinham passado a noite estendendo as redes em diversas direções e, à madrugada, defrontaram-se com as redes quase vazias.

Na tarde anterior houve desfile de gôndolas iluminadas, corridas de botes no lago, conforme era o costume quando o tetrarca Antipas estava em seu palácio de Tiberias, e os peixes haviam fugido para as profundezas tranqüilas da parte norte do lago.

A verdade é que Pedro e seus companheiros estavam cheios de angústias, preocupados porque logo começariam a chegar as famílias que nesse dia recebiam a importante doação, de cuja venda tiravam o pão necessário para toda a semana.

Que lhes diriam como excusa? Por que se haviam comprometido para faltar assim com a promessa, como vulgares embusteiros que prometiam e não cumpriam?

O Mestre desceu a colina, para onde havia subido de madrugada para orar, e aproximou-se dos discípulos que imediatamente lhes comunicaram sua angústia.

Ele se aproximou do lago até quase tocar a água com os pés. Contou com o olhar as barcas pescadoras que haviam passado a noite esperando a pesca. Examinou durante alguns instantes a polida superfície daquele pequeno mar galileu onde tantas horas felizes havia passado; e, na sua mente, avivaram-se recordações de cenas ternissimas de amor e de gratidão dos seres sobre os quais sua piedade se derramava como um manancial ...

Viu-se criança ao lado de seu pai e de Jhosuelin, seu irmão, assando um peixe sobre a praia enquanto descarregavam de uma barcaça a madeira vinda da Ituréia para a oficina de Joseph.

Viu-se também menino ao lado de sua mãe, vogando para Cafarnaum, onde tinham parentes e amigos muito idosos que haviam reclamado sua presença antes de morrer.

Sobre esse lago curara os pulmões arruinados de Fatmé, a filha de Hanani e curara a alma agonizante de fastio da castelã de Mágdalo; fizera voltar a paz e a felicidade às mães desesperadas, ao verem morrer lentamente seus filhos consumidos pela febre ...

Algo assim como uma forte labareda de amor iluminou-lhe a face e enterneceu seu coração até o pranto ...

– Pedro! ... – gritou –, manda deitar as redes de todas essas barcas que balançam ociosas sobre as ondas.

A ordem foi obedecida com presteza e segurança de êxito.

Uma hora depois, a praia estava povoada de gente esperando a doação.

Era a Humanidade faminta e mísera de toda a região vizinha que aguardava do lago o alimento para toda a semana.

As redes ainda não haviam sido tiradas, e as pobres famílias começavam a acender suas pequenas fogueiras para assar o pescado que seria o seu desjejum e, talvez, a única refeição do dia.

Aproximando-se de todas aquelas fogueiras, acariciando as crianças, animando os anciãos, consolando as mães carregadas com tão numerosas famílias, dizia o Mestre com sua voz musical que ninguém que a houvesse escutado poderia esquecê-la jamais:

– Aumentai o fogo; colocai um tronco mais grosso, porque hoje o Pai Celestial vos traz uma tríplice ração de pescado, e para levá-lo limpo ao mercado ficareis aqui até bem tarde.

As pessoas olhavam para ele e sorriam felizes com a promessa do homem santo, que jamais falava aos humildes a não ser para encher seus corações de amor e de esperança! ...

As crônicas desse tempo informam que as redes dos barcos de pescadores quase se rompiam pela extraordinária abundância de pesca naquele dia, e disseram a verdade ... Toda a verdade! Zebedeu, e outros velhos como ele, que haviam passado a vida nas margens do Mar da Galiléia, asseguravam jamais terem visto pesca semelhante.

Esta foi chamada a *pesca milagrosa*, e o fato correu, como se tivesse sido levado pelas asas do vento, por toda a Palestina e até fora dela ...

Os magnatas do Templo ardiam de cólera e de despeito. Quem era aquele homem que escurecia de todas as maneiras a sua magnificência; que lançava terra sobre a sua sabedoria de doutores de Israel, de juízes, de mestres, de legisladores, pontífices e sacerdotes?

A pestilência incurável da lepra o obedecia, e um imenso desfile de leprosos ia diariamente ao Templo para serem examinados e reconhecidos como sãos e devolvidos a seus familiares.

Os possuídos de espíritos do mal, os cegos, os paralíticos, os tuberculosos, os cancerosos, os aleijados, os surdos-mudos, os condenados à prisão perpétua, os condenados à forca, enfim, todos ... eram salvos por ele! ... Quem era aquele homem e com que autoridade fazia tão estupendos prodígios?

Agora, até os peixes do mar galileu o obedeciam e se entregavam às redes para alimentar as turbas famintas e miseráveis! ...

O Sinédrio estava em conciliábulo permanente para elucidar o enigma. Os escribas queimavam as pestanas à trêmula luz dos círios, procurando nas velhas escrituras um rastro perdido na escuridão dos séculos, onde encontrar a chave daqueles estupendos poderes que, desde Moisés até o presente, não havia sido visto nada semelhante!

Foi necessário fazer comparecer às assembléias os três maiores personagens da sabedoria judaica da época: Hanan, Schammai e Hillel, que só eram chamados para as sentenças solenes e inapeláveis. Dos três, o único verdadeiramente sábio era Hillel que, afastando de si todo fanatismo, toda premeditação, toda idéia de engrandecimento pessoal, procurava colocar cada coisa no seu devido lugar, fazendo com que a verdade brilhasse acima de tudo, mesmo sendo em prejuízo próprio.

Schammai foi de opinião a não se molestar por enquanto o Profeta Nazareno, já que ele apenas atendia às necessidades físicas e morais do povo e não tocava diretamente no Templo nem na lei ou no alto tribunal de Israel. Tampouco ele tinha

pretendido proclamar-se rei, ou apresentar-se como Messias. É verdade que não havia demonstrado jamais o menor desejo de se aproximar das primeiras autoridades religiosas que governavam Israel, e essa falta de acatamento podia ser interpretada como rebeldia; no entanto todo o povo estava com ele e, não havendo ato algum condenável pela Lei, seria grave imprudência acender a cólera do povo atacando diretamente o seu benfeitor.

Hanan, há conhecido do leitor por sua hábil astúcia, opinou da mesma maneira que Schammai e apenas acrescentou que se nomeasse três doutores e três escribas dos mais hábeis e sutis na observação, para que estudassem de perto e mui secretamente a vida e os ensinamentos de Jhasua de Nazareth. Dessa observação podia surgir um motivo legal para condená-lo, ou uma comprovação evidente de que era um enviado de Jehová para salvar o seu povo do jugo do estrangeiro.

Hillel, cuja modéstia o fazia falar sempre em último lugar, tratou o assunto de uma altura digna dele, digna também de seus dois parentes sacrificados anos antes pelo fanatismo sacerdotal: Hillel, seu tio, e Judas de Galaad, seu cunhado; digna também de seu amigo íntimo Fílon de Alexandria, em cujo lado bebera em grandes sorvos o precioso elixir da mais antiga sabedoria de todos os países, recolhido como em ânfora de ouro por Ptolomeu I no Serapeum e no Museu de Alexandria.

Hillel fez uma breve resenha de todos os profetas e homens ilustres sacrificados pelas autoridades religiosas de Israel, que caíam sempre no mesmo erro de julgar-se senhoras absolutas da verdade, sem levar em consideração que *o absoluto* pertence unicamente a Deus; e o que o homem, qualquer que seja a sua posição e altura, está sempre sujeito a erros, máxime quando, em seu foro interior, sustém a ensoberbecida frase: *a verdade sou eu.*

Fez alusões brilhantes à esperança de Israel de um Messias Salvador, que seus grandes profetas vinham anunciando desde há seis séculos. Fazia mais de trinta anos que se produzira a conjunção dos astros a qual, segundo os astrólogos hindus, caldeus e persas, devia coincidir com a encarnação do Avatara Divino na Terra. Eles deveriam crer ou rechaçar todos esses avisos e profecias?

Até então eles foram aceitos como verdadeiros e justos.

Por que não pensar então que Israel estava diante da realidade feliz dos vaticínios proféticos?

Que inconvenientes haveria em reconhecer nesse jovem Profeta o Messias esperado, se ele era dotado de tão extraordinários poderes, só comparáveis aos de Moisés?

Opinou, pois, o ancião Hillel, que o Sinédrio realizasse orações solenes em conjunto para pedir a Luz Divina no presente caso, cuja importância reclamava de todos o verdadeiro desejo de conhecer a verdade para impô-la sobre a Nação Israelita.

O fato de que o Messias devia ser Pontífice e Rei de Israel, era, a seu juízo, o que todos aguardavam desde há séculos; e os atuais dirigentes demonstrariam estar escravizados pelo *bezerro de ouro* se, pelo fato de não quererem descer das altas posições conquistadas, negavam-se a reconhecer a verdade.

O nobre e velho Hillel compreendeu que sua exposição não era do agrado do pontífice Caifás nem de seu sogro Hanan, que tinham entronizado sua própria família na alta esfera diretriz da religião e da política.

Saiu do Templo pensando: "O Deus de Abraham, de Isaac e de Jacob já não está no Templo de Jerusalém, onde se adora outra vez o *bezerro de ouro* causador da indignação de Moisés quando descia do Sinai.

"Desventurada raça de Israel, iluminada por tantas lâmpadas e afundando-se cada vez mais nas trevas! ..."

Com o que acabou de ser dito, fica descerrado o véu para que o leitor veja claramente as forças contrárias que atuaram na condenação do homem santo, do Homem-Deus, que *passou pela Terra fazendo o bem*, e os mais altos dignitários do Templo de Jerusalém o condenaram à morte.

As grandes fontes de riqueza do país eram o gado, o vinho e o azeite, e essas fontes estavam em poder das quatro grandes famílias sacerdotais, manejadoras dos destinos e do ouro de Israel.

O ouro que entrava no Templo com a venda do gado, do azeite e do vinho para os sacrifícios, dava para comprar os ministros do César, o procurador romano e o fantoche-rei Herodes Antipas.

O tesouro do Templo mantinha unidos os três poderes que sacrificariam o Cristo Salvador da Humanidade, sem pensar, talvez, nem por um momento, que aquele espantoso crime mergulharia os três num abismo de dor, de destruição, e os converteria em pó e cinza ... em nada!

Que restou do Império Romano? Apenas as grandiosas ruínas de seus coliseus e palácios, que hoje enchem de tristeza os viajantes que conhecem a sua história.

O que aconteceu com o soberbo Sinédrio judeu, único responsável pela morte do justo? A maioria de seus membros foi assassinada pela plebe enfurecida poucos anos depois. Eles desapareceram, junto com os magnatas da sua raça, entre as chamas do incêndio e da devastação levada a cabo por Tito, fazendo cumprir assim as palavras do Cristo, cuja clarividência viu próxima a destruição de Jerusalém e do Templo: "*Não ficará pedra sobre pedra.*"

A raça dos Herodes, *raça de víboras*, segundo a frase de Johanan, o Profeta, só é lembrada para fazer comparações com tudo o que de infame, de corrompido e de maldito costuma aparecer de tempos em tempos na face da Terra para tormento da espécie humana.

Última Estada em Nazareth

O Castelo do Mágdalo, como uma sentinela de pedra guardando ao mesmo tempo a aldeia, os bosques e o lago, sofrera grande transformação.

Já não ressoavam ali as músicas profanas das danças e dos banquetes.

Sua dona tinha vestido a túnica parda e o véu branco das mulheres essênias e havia-se rodeado de todas as viúvas e anciãos desamparados que viviam nas povoações vizinhas.

Seu mestre Jhepone viajara para Corinto, sua terra natal, porque se aborreceu enormemente com a transformação da filha de seu grande amigo, e seu coração não suportava ver aquele palácio de beleza, ciência e arte convertido em albergue de vagabundos e asilo de velhos escravos e escravas despedidas pelos seus amos por serem inúteis para o trabalho.

Nos formosos jardins cheios de fontes e chafarizes, já não se viam as donzelas gregas dançando envoltas em véus cor da aurora nem se ouviam seus alaúdes e suas harpas.

Apenas eram vistos tomando banhos de sol umas quantas dezenas de velhinhas paralíticas, anciãos com muletas e débeis corcundas que dava pena ver.

Até que um dia passando o Profeta Nazareno pelo caminho ainda hoje existente entre o monte no qual se levantava o castelo e o Lago Tiberíades, Boanerges, o pastorzinho, o viu de longe e correu para avisar sua senhora.

Esta desceu como um raio, saiu para o caminho e, prostrando-se aos pés do homem santo, que não via desde o dia do Tabor, disse:

– Senhor! ... Minha casa, que é tua, está cheia das dores humanas que somente tu sabes e podes aliviar. Seguindo o teu ensinamento, cheguei a amá-los como a mim mesma. Nada lhes falta sob o meu teto, a não ser a saúde, a força e a vitalidade ... Senhor, sê para eles o que foste para todos os sofredores que se aproximaram de ti! ...

O Mestre deixou-a falar e manteve-se em silêncio como se quisesse provar até onde chegava a fé daquela mulher em seu poder divino.

Viu-a próxima às lágrimas por compaixão aos protegidos e, tomando-a pelas mãos, levantou-a do solo.

– Mulher! ... Seja como queiras – disse, encaminhando-se com os seus Doze íntimos ao Castelo de Mágdalo, cujas pequenas torres, povoadas de pombas e de andorinhas, resplandeciam à luz radiante da manhã.

Suas mãos caíam como ramos de jacintos sobre as cabeças encanecidas, sobre os membros retorcidos e secos, sobre as corcundas monstruosas dos adolescentes defeituosos ...

Que glorioso banquete o daquele dia no velho castelo, refúgio da ancianidade inválida e da infância doentia!

Jhasua concordou em ficar para a refeição do meio-dia, com a condição de que fosse servida sob as parreiras do horto e que estivessem sentados em torno da mesa todos os anciãos, mulheres e crianças que haviam sido curados.

A alegria resplandecia em todos os rostos e todos os olhos buscavam os do Profeta, que apareciam cheios de promessas e de bênçãos!

Seus discípulos, que conheciam já há vários anos todos aqueles seres atrofiados pela enfermidade e a miséria, distribuíram-se entre eles e os repreenderam por não haverem procurado antes o Mestre para serem curados. Porém, quem havia de levá-los se seus pés não permitiam andar, se não tinham parentes nem amigos, porque todos eles se haviam cansado de suas longas enfermidades e misérias?

Cada qual mencionava o seu drama, sua tragédia íntima, vivida durante tantos anos e que, num momento de fé e de amor, havia desaparecido como ao sopro misterioso de um enfeitiçamento divino!

– Todos estão risonhos, mulher! ... – disse o Mestre sentado junto dela. – Somente tu padeces.

– Esta é a verdade, Mestre – disse ela –, porque eu vi o que os demais não viram: a tua morte trágica, que eu quisera evitar e que sei que é inevitável.

– Procedes mal, Maria, em contemplar a morte com medo e horror, qualquer que seja a forma pela qual ela se apresenta.

"*A morte por um ideal de redenção humana, é a suprema consagração do amor*!

"Eu vim para acender o fogo do amor na Terra.

"O que pode existir de estranho no fato de que o primeiro a ser abrasado por essa chama divina seja eu mesmo?

"Desci do Infinito despindo minha vestimenta de Luz para cobrir-me com a pesada matéria terrestre a predispor-me para as humilhações e dores humanas.

"Que é, pois, para mim a morte? Pensa bem, mulher! Que é a morte? É a volta ao Reino de Amor e de Luz de onde saí para ensinar a Lei Divina do Amor, contra a qual esta Humanidade resiste desde imensas idades.

"É a volta à minha verdadeira pátria, depois de alguns anos de desterro voluntário, no qual recolhi flores preciosas de afetos indestrutíveis de minhas alianças terrestres, que me esperavam e ver-me-ão partir com amargura ...

"Todos vós que me amais podeis medir, porventura, o enorme sacrifício que significa para um espírito que escalou os cumes do Divino Conhecimento, que foi dono de toda a beleza, de toda a sabedoria e de todo o amor dos Céus superiores, mergulhar repentinamente no lamaçal de todas as misérias e baixezas da Terra?

"Mundo novo, cuja lei atual é o pecado e a dor, é um horrendo calabouço para quem já passou longas épocas na luz e no amor.

"Tudo isto significará para mim a morte que tanto temes, mulher. É a minha glória, é a minha liberdade, é o meu triunfo final, é a minha grandeza e a minha felicidade perene, engrandecida imensamente até onde não podeis compreender, pois este derradeiro sacrifício, que me torna dono dos segredos do Pai, com o qual começarei a ser uma mesma essência, uma mesma luz, mesmo pensar ... um mesmo amor!

"A união suprema com a Eterna Potência! ... Vida divina de Amor, no Eterno Amor! ... Ele e eu! ... todo uno! ... Como uma gota de água num mar imenso de cristalinas correntes! ... Como um foco de luz numa claridade infinita! ...

"Com um batismo de sangue inocente batizarei esta Terra e conquistarei o direito da eterna posse das almas que nela se redimiram e se redimirão, até a consumação dos tempos! ...

Vários dos discípulos se aproximaram para escutá-lo.

Pelo pálido rosto da castelã corriam dois fios de lágrimas silenciosas, que ela não se preocupava em enxugar.

– Mestre – disse por fim –, creio compreender vagamente essa eterna beleza que será tua posse dentro em pouco ... Talvez na minha pobre imaginação eu possa entrever como numa bruma a tua glória e a tua felicidade no Infinito ... Mas ... e nós, Mestre? ... e a tua mãe, para a qual és tudo na vida? E eu? ... pobre de mim! ... A última andorinha que se abrigou sob o teu telhado com as asas feridas, morrendo de cansaço, voejando ansiosamente rente à terra, lutando entre o lamaçal que a rodeia e a luz que pressente?! ...

"Ó Mestre! ... Tudo submergirá atrás de ti, e nem bem hajas alçado o teu vôo para a imensidão, todos pereceremos como avezinhas privadas do ar ... como peixes tirados fora da água ... como plantas raquíticas para as quais falta a rega de um jardineiro! ...

"Não vês tudo isso, Mestre, não vês? ... Terás a tua felicidade inefável! ... Terás a tua glória imperecedora! ... Entrarás como um soberano no teu Reino de amor e de luz! ... Mas, para nós, será o abismo! ... será o esquecimento! ... Cinzas mortas de uma fogueira apagada para sempre! ... Ânforas destruídas de um elixir maravilhoso que não brotará novamente, porque secou como a fonte no deserto!

"Círios que bruxulearão um dia com exangue claridade e que a tua eterna ausência converterá em fagulhas negras arrebatadas pelo vendaval!"

A infeliz mulher caiu de joelhos sobre o pavimento, chorando convulsivamente.

Os discípulos estavam visivelmente consternados, e João, que amava a castelã com a qual havia brincado às margens do lago, chorava em silêncio perto dela, sentindo que suas amargas queixas encerravam toda a verdade.

O Mestre, visivelmente emocionado diante da intensidade daquela dor que não esperava, inclinou-se sobre a desconsolada jovem e, pondo suas mãos sobre ela, disse quase em segredo:

– Maria! ... Não chores mais e dorme! ... No sono receberás consolação.

Maria levantou-se e, tomando Fatmé pelo braço, que também chorava junto dela, encaminhou-se em silêncio para a sua alcova.

O Mestre retirou-se sozinho para um afastado recanto do parque, onde as glicínias desbotadas e as murtas douradas haviam formado uma florida cobertura.

Deixou-se cair sobre um banco e cobriu o rosto com ambas as mãos.

Quando, passado um momento, se descobriu novamente, em sua face havia vestígios de lágrimas, mas com a aparência de uma grande serenidade.

– Meu Pai! – exclamou com voz entristecida. – Sou uma débil criatura! Salva-me do meu coração de carne! ... Vim de Ti e para junto de Ti voltarei triunfante! ...

"Não quero nem sequer a sombra de um pensamento de vacilação ou de dúvida! Sou Teu Filho! ... Sou o Teu Ungido! ... O Teu Cristo! ... O Teu Verbo Eterno! ... Cumpra-se em mim a Tua Vontade Soberana! ..."

Jhasua apoiou sua formosa cabeça no encosto do banco e deixou seu olhar no azul infinito resplandecente com a luz do meio-dia.

Suas alianças espirituais espargiram seus fluidos sobre ele, como o sol do amanhecer esparge seus raios de luz, e um êxtase divino apoderou-se do seu espírito, transportando-o às luminosas moradas eternas, para onde logo voltaria coroado como um vencedor. Daqueles cumes serenos observou a dor que deixaria nos seus e naqueles que tão profundamente o amavam.

Sua alma extática, ébria de amor e de fé, clamou ao Eterno Consolador:

– Meu Pai! ... Que o seu pranto seja transformado em alegria, porque serão salvas tantas almas quantas flores há em teus campos! ... quantas areias há em teus mares! ... quantas avezinhas voando pelos teus espaços! ...

Pedro, Zebeu e Nathaniel, que cautelosamente o haviam seguido, ouviram essas palavras suaves como o murmúrio de uma fonte e choraram de profunda emoção ao verem que o Mestre sofria pelo que eles iam sofrer.

Os três prometeram mentalmente ao Ungido que continuariam na sua mesma senda, ainda que devessem morrer também sacrificados como ele ...

Numa noite de lua cheia, o Mestre estava sentado no alto de um monte, do qual dominava a cidade de Tiberias, adormecida em seus esplendores e na sua faustosidade de sultã engalanada para um eterno festim.

Ao pé do monte, dormia também, em plácida serenidade, o Mar da Galiléia, também chamado de Lago Tiberíades.

O fulgor prateado da lua estendia sobre ambos os seus véus de nácar, e Jhasua deixou que sua ardente imaginação de oriental corresse a toda velocidade tecendo divinos poemas de amor e de fé, que ele sonhava para um futuro próximo.

Era a primeira hora da noite e os doze haviam entrado na cidade pagã, como a chamavam, para realizar, por ordem sua, uma grande obra de misericórdia.

Uma das donzelas do Castelo de Mágdalo, recordará o leitor, estava casada há pouco tempo com o administrador do palácio de Herodes, de nome Chucza. Sua esposa, Joana, fizera chegar às suas antigas companheiras a notícia de que nessa noite seriam enforcados nos fossos do palácio real catorze escravos gauleses escolhidos por Herodíades por sua beleza física para seduzir as filhas do rei Hareth da Arábia, sogro de Herodes, em vingança do edito que o rei árabe promulgara, impondo pena de morte para todo príncipe, princesa ou guerreiro de sua raça que se unisse em matrimônio com pessoa da raça de Herodes, à qual chamava de imunda e maldita.

Os infelizes escravos gauleses haviam voltado sem terem podido cumprir as ordens de sua senhora. Tinham sido até então os mais mimados nas orgias da corrompida mulher, e ainda não a conheciam nos aspectos terríveis de sua cólera quando se via frustrada em seus desejos. Ela acariciara a horrível idéia de ter em seu poder as belas filhas do rei Hareth, ou suas noras, ou as jovens esposas dos mais galhardos chefes de guerra, para desonrá-las e humilhá-las, casando-as com escravos do seu serviço. Enquanto esteve na Fortaleza de Maqueronte, planejou o perverso propósito, do qual teve de desistir quando retornou para Tiberias.

Desses acessos de fúria diabólica que a acometiam quando não via satisfeitos os seus desejos surgiam imediatamente as sentenças de morte para os infelizes que não haviam podido satisfazê-la, da mesma forma como antes tinham sido os privilegiados de seus caprichos.

Os profundos fossos do palácio real tinham comportas para o lago, por onde eram arrojados os cadáveres dos que morriam sem julgamento público e cuja morte convinha ocultar do povo governado por aquele reizinho de papelão, joguete de uma mulher perversa.

Tal era o fim que iam ter nessa noite os catorze escravos gauleses, jovens que não chegavam aos 22 anos e que amaldiçoavam sua sorte, sua pouca perspicácia e que não haviam conseguido escapar das garras de Herodíades.

Sob o próprio teto dourado que cobria Herodíades, estava uma fervorosa discípula do Cristo: Joana de Cafarnaum, esposa do administrador Chucza que, com todo o risco que significava a morte para ela levara a triste notícia ao castelo, de onde, por sua vez, Boanerges a retransmitia ao Mestre.

Enquanto os discípulos realizam prodígios de cautela e de engenho para realizar a empresa de acordo com Joana e seu marido, detenhamo-nos, leitor amigo, junto ao Cristo, entregue a seus pensamentos, e ouçamos o comovido monólogo no qual aquela grande alma exterioriza seus anelos e suas ansiedades:

"Meu Pai! ... Sei que muito breve voltarei a Ti ... Voltarei com a pena imensa de não ter podido arrastar para junto de Ti todas as almas encarnadas na Terra!

"Até aqueles que me seguem são ainda débeis e indecisos ...

"As cem encruzilhadas da vida têm surpresas terríveis e inesperadas, desfiladeiros inacessíveis ... precipícios como abismos!

"Dispersos como ovelhas sem pastor, tomarão talvez sendas equivocadas ... em desacordo com as que foram demarcadas pela Tua Vontade Soberana ...

"Meu Pai! ... Feliz de retornar para junto de Ti, sinto no meu coração os milhares de espinhos pungentes das avezinhas da minha bandada, que deverão levar a toda a Humanidade terrestre as águas claras de Tua imutável e Eterna Verdade.

"Não quero somente para mim a glória de vencedor! ... Meu Pai! ... Eu a peço também para eles! ... para todos os que me amam ... para todos os que acreditaram no Teu Enviado ... no Teu Ungido ... no Teu Filho!

"Vinte séculos correrão diante deles, com cansadora lentidão, durante os quais procederá a Humanidade com eles da mesma forma que procederá comigo!

"Sei muito bem que o discípulo não receberá melhor tratamento que seu Mestre!

"Meu Pai! Serão firmes na sua fé em Ti? ... Renegarão talvez os ensinamentos do seu Mestre, pelo qual serão perseguidos? ...

"Voltarão o olhar para trás, deixando tua herdade sem terminar de semear? ... Deixarão perecer a Humanidade de fome e de sede? ... Deixarão apagar suas lâmpadas acesas por mim, quando eu tenha voltado para junto de Ti, meu Pai? ...

"Estremece-me a dúvida! ... Asfixia-me o temor! ... Que eu veja a Tua Luz iluminando os Seus caminhos ... Meu Pai! ... Tem piedade de mim! ... Tem piedade deles! ... Tem piedade de toda esta Humanidade que me deste como preciosa herança, que hei de devolver-te multiplicada em seus méritos aos mil por mil! ..."

Jhasua dobrou sua cabeça sobre o peito, como curvada pelo enorme peso de seus pensamentos, e um mar de luz dourada começou a ondular ao seu redor, cobrindo-o completamente.

Essa era a resposta do Pai às ansiosas perguntas do seu espírito.

Nesse sublime êxtase, viu a glória que o esperava, e viu os caminhos dos discípulos e seguidores, sacrificados nos altares da sua fé nele, da sua firmeza em defendê-la, da sua tenacidade heróica em segui-lo!

Viu os escravos gauleses, cujas vidas salvara naquele instante, levando como um estandarte de glória sua doutrina de amor fraterno à sua terra natal, sobre cujo formoso céu foram gravadas primeiramente, como esculpidas em ouro, as palavras que sintetizavam todo o seu ensinamento: *Fraternidade, Liberdade, Igualdade*! Era a Gália o primeiro vergel que floresceria na herdade do seu Pai! ...

Viu os seus, dispersos, sim, por todos os continentes, por todos os países, cidades e aldeias, mas não como ovelhas sem pastor nem como bandos de aves errantes que haviam perdido o rumo, mas como pilotos de grandes ou de pequenas naves a vogar entre bravias tormentas, sem, porém, naufragarem jamais! ...

Viu-os encarcerados e perseguidos; viu-os morrer entre os milhares de suplícios e torturas que é capaz de inventar a ignorância e o fanatismo dos que acreditam que, matando os corpos, conseguem matar a idéia ... a idéia divina do Cristo que dizia: "Sois irmãos. Ama a teu próximo como a ti mesmo."

Desde os trópicos até os pólos, viu os seus levando o branco pendão da paz, que os anjos de Deus haviam cantado na noite do seu nascimento ...

Quando voltou a si, Jhasua viu-se rodeado pelos seus Doze discípulos íntimos, mais os catorze escravos gauleses. Todos, de joelhos, a seu redor, olhando absortos para a divina claridade que o rodeava.

– O Profeta está se queimando! ... – haviam gritado os jovens escravos, e esse grito o havia tirado do êxtase em que se encontrava.

– Adormeci aguardando o vosso regresso – disse – e sonhei com tantas maravilhas que me sinto inundado de felicidade e de paz.

Encaminharam-se em seguida para pedir albergue no Castelo de Mágdalo, situado a um estádio de distância.

Já era muito avançada a noite e não convinha chamar demasiado a atenção formando um grupo tão numeroso.

Os escravos gauleses foram enviados a Tolemaida com a primeira caravana que passou, para que um barco da frota de Ithamar, que ainda era administrada por Simônides, os devolvesse para Lutécia, sua terra natal.

Alguns dias depois, o Mestre estava em Nazareth, na casa paterna.

Era o aniversário da morte de seu pai e quis acompanhar sua mãe na comemoração que, nesse dia, se fazia todos os anos.

Era um dia de recolhimento em oração e canto dos salmos, rogando ao Altíssimo pela paz, luz e glória daquele cuja memória lhes era tão profundamente querida.

Todos os filhos de Joseph tinham comparecido à velha casa, morada do justo, onde tudo recordava sua abnegação, seus esforços pelo bem comum, a solicitude e a prudência com que soube encaminhar todos os filhos pelos caminhos da honradez e da justiça, que o tornou grande perante Deus e os homens.

Estava presente Marcos, que havia comparecido acompanhado de Ana, a menor dos filhos de Joseph.

Era a nona hora e faziam a oração da tarde.

Reunida toda a família no grande cenáculo, as mulheres tocavam o alaúde acompanhando a letra do Salmo 133, em que o Rei-poeta canta a beleza do amor familiar, ao qual compara com o óleo perfumado que unge os cabelos e com o orvalho que, descendo desde o Hermon, refresca a terra e faz florescer os campos.

A alma do Cristo transbordava de ternura ao suave calor da família, sentindo a seu lado a doce voz da mãe que parecia flutuar entre o Céu e a Terra naqueles momentos solenes quando recordava o amado companheiro de sua vida com Jhasua ao seu lado e com todos os familiares que tão ternamente a amavam.

No silêncio da tarde, soou repentinamente o galope de um cavalo vindo pelo caminho do sul. Nem sequer reteve a carreira ao entrar na cidade e foi deter-se diante do portal do horto de Joseph, cuja aldrava fez ressoar com força, repetidas vezes.

Marcos saiu precipitadamente e o alarme fez silenciar as vozes e os alaúdes.

– Nada temas, mãe! – disse Jhasua colocando sua mão sobre as de Myriam. – O justo Joseph está entre nós, e cuida de ti mais ainda do que o fazia durante sua vida física. Ignoras acaso, mãe, o poder que têm as almas dos justos para proteger aqueles que amam?

– Apenas temo por ti, meu filho! – foi a resposta daquela amorosa mãe, esquecendo-se de si mesma para só pensar em seu filho.

Marcos entrou nesse instante seguido de um mensageiro.

Era um criado do velho tio Benjamin de Jericó, da família de Myriam, como recordará o leitor nas passagens anteriores já mencionadas.

Trazia uma carta para o tio Jaime, na qual relatava este fato:

"Num tumulto nas ruas, promovido pelos soldados herodianos que iam até Hesbon e que se encontraram ao sair da cidade com um grupo de jinetes árabes que entravam, foram feridos de morte dois soldados romanos da guarnição que desde a Fortaleza de Kipros vigiava Jericó e cuidava de manter a ordem. Os herodianos, açulados por Herodíades, haviam guardado ódio contra os súditos do rei Hareth, e não perdiam oportunidade de provocar pendências com eles em cada encontro que tinham.

"O centurião da guarnição romana, que perdera dois de sua centúria, encarcerou na Fortaleza todos os que se encontravam próximos ao lugar do tumulto. Nesse grupo de jinetes árabes vinha o filho mais velho do Scheiff Ilderin e, entre os que saíram em sua defesa, quando foram atacados pelos herodianos, estavam dois netos do velho tio Benjamin e o jovem filho daquela princesa árabe, à qual Jhasua fizera voltar à vida alguns anos antes, quando o menino de apenas 11 anos se achava já moribundo, consumido pela febre.

"O filho do scheiff Ilderin ia a Jerusalém para entrevistar-se, por ordem de seu pai, com o príncipe Judá. Injustamente atacados pelos herodianos ao entrarem em Jericó para ali passar a noite, haviam-se defendido valorosamente, apoiados por grupos de transeuntes, entre os quais estavam os netos do ancião tio Benjamin e o filho da princesa árabe.

"Corria o rumor de que, ao amanhecer do dia seguinte, seria feita, na Fortaleza de Kipros, a execução de todos os detidos, se nessa noite morressem os dois soldados feridos gravemente."

O caso era tão extremo e tão sem solução possível que os parentes de Myriam pensaram que tão-só seu filho, o grande Profeta que tinha poderes sobre a morte, poderia salvar os que estavam ameaçados sem serem culpados.

A consternação foi grande entre os que se achavam presentes no cenáculo da velha casa de Joseph ao inteirar-se de tais notícias. Todos os olhares se cravaram em Jhasua e, em todos eles, ele viu esta súplica: Salva-os, tu que tudo podes.

– Orai ao Pai Criador e Senhor de todas as vidas humanas que eu farei o que Ele me permitir fazer – disse o Mestre, retirando-se para sua alcova, pedindo simultaneamente que não o molestassem até que voltasse.

Sozinho em sua alcova, rogou intensamente às suas alianças espirituais que o ajudassem a salvar aquelas vidas ameaçadas de morte, pela injustiça e barbárie entronizadas naquele país, e recostou-se no leito para provocar a emancipação de seu espírito mediante o sono.

Realizado o desprendimento, sua alma poderosa e lúcida transportou-se para a bela dos roseirais, penetrou na Fortaleza de Kipros e encontrou os detidos na parte baixa da torre principal, os quais, absortos em louco desespero, aferravam-se às vigas das grades e aos ferrolhos, davam golpes contra os muros querendo derrubar aquela fortaleza de pedra que os detia.

Todos viram a branca figura do Profeta Nazareno que lhes era tão conhecido. Ele fez-lhes sinal de silêncio e, abrindo sem chaves as portas e correntes, fê-los sair, recomendando a todos que também saíssem de Jericó. Era meia-noite e as portas da cidade estavam fechadas. A branca figura astral acompanhou-os até o muro e, junto à casinha do guardião adormecido, franqueou-lhes também a saída, e se encontraram no meio dos caminhos que se dividiam para diversas cidades. Tomaram todos o caminho de Jerusalém, onde contavam com pessoas que poderiam protegê-los. Na porta aberta da cidade de Jericó, viram diluir-se a branca figura do Profeta que salvara suas vidas de uma forma tão maravilhosa.

Os dois soldados gravemente feridos sentaram-se rapidamente sobre suas camas e um perguntou ao outro o que havia ocorrido. Um deles caíra com o ventre atravessado pela espada de um herodiano. O outro recebeu uma punhalada nas costas. Não se lembravam de nada mais.

As portas da fortaleza estavam abertas. A torre dianteira estava vazia. As sentinelas e guardas dormiam profundamente.

– Ou a guarnição toda foi passada pela espada ou somos nós dois almas do outro mundo – disseram ambos.

– Eu não me sinto ferido – disse um.

– Nem eu tampouco – disse o outro. – Que aconteceu aqui?

Ao amanhecer, apresentaram-se ao centurião que julgou estar tendo visões, pois os contava já entre os mortos.

Os soldados herodianos foram postos em liberdade, mas com ordem severa de não mais passar pela Judéia, onde seriam presos se fossem vistos novamente por ali.

O centurião era um daqueles dois soldados romanos que vários anos antes fora curado por Jhasua dos graves ferimentos no acidente do circo de Jericó, que quase custou a vida ao chefe da Torre Antônia e a de seus dois acompanhantes. Ele pensou imediatamente:

– Conheço apenas um homem capaz de realizar o portento que aqui foi produzido nesta noite.

"O Profeta Nazareno! Que os deuses lhe sejam propícios, pois ele é um deus com vestimenta de homem." E pediu aos seus que guardassem silêncio sobre o fato, do qual nenhum informe legal podiam dar, porque nada nem ninguém sabia coisa alguma.

Quando o Mestre voltou ao cenáculo, ainda encontrou sua mãe e os familiares entregues à mais fervorosa oração.

Bendigamos todos juntos ao Pai – disse-lhes –, porque me foi permitido fazer o que todos vós pedistes.

Os Segredos do Pai

Durante duas semanas permaneceu o Mestre ao lado da mãe em Nazareth, e seus diálogos íntimos com ela e com o tio Jaime, como seus ensinamentos aos discípulos, deixam transparecer nele uma intensidade de amor a Deus e à Humanidade quase levada ao delírio.

– A alma que ama a Deus – disse –, de tal maneira se une com Ele que O sente viver em si mesma com um vigor e plenitude que chega a absorvê-lo completamente.

"Esquece por momentos que é um desterrado num mundo de pecado e de dor e estende o vôo às eternas claridades que são o seu plano habitual."

Respondendo à pergunta de um de seus íntimos sobre a enorme diferença de umas almas em relação às outras, considerando que todas têm a mesma origem divina e idênticos destinos eternos, o Mestre explicou assim:

"Não existem nas línguas faladas pelos homens palavras capazes de refletir os segredos do Pai, que são como labaredas de luz percebidas em momentos determinados pelos espíritos de avançada evolução.

"Mas como, por alianças de muitos séculos, quisestes ser nesta hora aqueles que iluminarão o caminho aberto por mim ante a Humanidade, o Pai porá em meus lábios o seu Verbo Eterno, e em vossas mentes a lucidez necessária para compreender-me.

"Acendei uma fogueira com a folhagem seca dos campos e das árvores do bosque. O vento sacudirá uma imensa cabeleira de chamas que arrojará uma chuva de chispas radiantes em todas as direções. Observai que, daquelas milhares de milhões de faíscas, nem todas acendem novas fogueiras; entretanto, a maioria cai em terra onde a umidade da relva ou o lodo dos campos as mantém inermes e semi-apagadas, até que as fagulhas irmãs as removam dentre as cinzas e as alimentem com bons combustíveis.

"Desde a eternidade sem medida e antes que existisse o tempo, a Energia Suprema, como uma fogueira imensa de amor, emanava, aos milhares de milhões, partículas radiantes de si mesma, que se aglomeravam umas com as outras numa vasta imensidão esférica, apropriada à sua natureza incorpórea, mais sutil que o gás e o éter.

"Ali deviam desenvolver-se, crescer e expandir-se em vida própria, individual e inteligente, como partículas que eram da Eterna Inteligência Criadora, da mesma forma como o germe da vida física se desenvolve, vive e cresce no seio materno.

"Todas as manifestações da vida nos planos físicos são como uma cópia do que sucede nas moradas eternas onde o Criador guarda os seus segredos, quase incompreensíveis para a mente humana.

"As épocas e idades que, segundo nossas medidas de tempo, são necessárias para desenvolver e crescer essas centelhas vivas, partículas da Divindade, não podem ser aquilatadas pela inteligência humana. Mas, como nada permanece imóvel ou estacionário na Criação Universal, chega a hora em que as chispas são um Eu *pen-*

sante, e então começa a sua tarefa marcada a fogo pela eterna Lei da Evolução e do Progresso. O Eu *pensante ou Ego*, como o chamam as Escolas secretas da Divina Sabedoria, imita seu Soberano Criador e envia para um plano físico, ou mundo já em condições de albergar vidas orgânicas, uma partícula ou emanação de si mesmo, para começar a escala progressiva de sua própria evolução.

"O momento decisivo e solene em que o Eu *pensante* envia para um plano físico sua primeira emanação, pode ser comparado, para melhor entendimento do assunto, com o momento em que um ser nasce para a vida material.

"Dessa forma, o Ego, ou Eu *pensante*, desempenha o papel de um pai da antiga era, que trazia para a vida física numerosa prole. São as personalidades que se sucedem umas às outras, como se sucedem os filhos na natureza humana.

"Do mesmo modo como os filhos se distanciam enormemente do pensamento do pai, desviam-se do caminho, encontram-no de novo, cometem desacertos, caem e se levantam, ocorre também o mesmo com as emanações inteligentes do Ego ou Eu pensante, o qual, como nascido da Eterna Potência, tem sua própria inalterável paciência com as irresponsabilidades, loucuras e desatinos de suas personalidades físicas, que são criações suas, imagens suas e filhos seus. As idades passam e os séculos correm como poeira de terra que os ventos levam.

"O Eterno Absoluto não tem pressa alguma. O Ego ou Eu pensante criado por ele não a tem tampouco. A evolução não se realiza aos saltos, mas passo a passo, como os viajantes no deserto.

"Casos há, não obstante, em que alguns viajantes vislumbram o perigo de uma próxima tempestade, ou o avanço de uma manada de elefantes furiosos, ou a proximidade de uma selva povoada de feras, e então procuram apressar a marcha enquanto podem e antes que a noite os surpreenda. Essa *noite* dos viajantes pelo deserto equivale à terminação de um ciclo de evolução, na eterna viagem das almas ...

"Essa tempestade, essa manada de elefantes enfurecidos e a selva povoada de feras são as diversas situações em que se encontram as Inteligências Encarnadas no correr de suas vidas físicas, com tudo o que pode causar-lhes grandes entorpecimentos se, por ociosidade ou por falta de previsão, não evitaram os perigos postos como barreiras à sua evolução. Tudo é comparativo, como podeis ver. *Como é acima assim, é também embaixo*, diz o velho princípio cabalístico.

"Acabamos de levantar uma ponta do véu que encobre os segredos do Pai, e creio que é o bastante para que compreendais o por quê da diferença entre umas almas e outras. Elas não nasceram ao mesmo tempo, nem cresceram com igual presteza, nem andaram em igual velocidade nem viveram num mesmo meio-ambiente, nem em idênticas circunstâncias ou sob a pressão de forças e correntes iguais."

Imenso silêncio seguiu-se a essa dissertação do Mestre. Percebia que todos meditavam e Jhasua compreendeu que ainda ficavam outras dúvidas na mente de seus íntimos.

– Basta ao dia o seu próprio afã – disse levantando-se do lugar que havia ocupado no divã do cenáculo junto a sua mãe. – Outro novo dia pode revelar-nos um novo segredo.

"Guardai, pois, para amanhã, isso que se agita no vosso pensamento."

Jhasua, sua mãe e o tio Jaime retiraram-se para suas alcovas para o descanso da noite, deixando os Doze, senhores do grande cenáculo da casa de Nazareth, onde eles dormiam quando ali se hospedavam.

"*Outro novo dia pode revelar-nos um novo segredo*", dissera o Mestre ao terminar a confidência da noite anterior. E havia acrescentado mais: "*Guardai para amanhã isso que se agita no vosso pensamento.*"

Por longo tempo deviam permanecer vivas na mente as lembranças dessas inolvidáveis palestras à noite no cenáculo da casa de Nazareth em torno do Mestre e na presença de sua mãe que, como uma estátua viva da piedade, imprimia em todas aquelas reuniões as suaves tonalidades de sua bondade e ternura.

Durante o dia, os discípulos disseminavam-se às vezes em grupos ou isoladamente, conforme as ocupações que lhes eram impostas como discípulos do Divino Ungido: ensinar uma nova senda à Humanidade.

Mas, chegada a noite, a pequena Escola reunia-se em torno do Mestre, para ouvir os ensinamentos profundos que ele reservava sempre para os seus amigos mais íntimos que estavam preparados para compreendê-los.

O *novo segredo do Pai* que devia ser descerrado era o seguinte:

– Ontem à noite pensastes – começou o Mestre – que quando o Eu pensante ou Ego emite para um plano físico sua primeira emanação inteligente, como e onde se coloca esse pequeno sopro ou hálito vivo para iniciar a vida de uma personalidade?

"Tende a certeza de que a Eterna Sabedoria não esqueceu o menor detalhe nas necessidades presentes e futuras de cada centelha divina que deve desenvolver-se, atuar e crescer nos milhões de mundos destinados a essa evolução primitiva.

"Entre os milhões de espíritos de luz que povoam as moradas do Pai estão os condutores, mestres e guias dessas faíscas divinas, ou emanações inteligentes, a cujo desenvolvimento e evolução atendem solicitamente, sem abandoná-los jamais, até vê-las entrar no augusto santuário do Divino Conhecimento, onde inicia a evolução sem tutela imediata. Esses seres agem da mesma forma como agiria um bom pai até que os filhos atinjam a maioridade.

"Quando nessa centelha divina e inteligente chegou a despertar o conhecimento de si mesma, seu EU superior ou Ego se transforma imediatamente no seu primeiro tutor, no seu guia e mestre íntimo, o qual evoluiu, por sua vez, até ser senhor de si mesmo e poder marcar ou imprimir em suas personalidades a orientação e modalidade que seu livre-arbítrio lhe sugere.

"A solidariedade e harmonia do Universo é tão forte para unir em perfeito equilíbrio a marcha dos mundos como a marcha das almas encarnadas neles. A nenhuma falta nem sobra o necessário para realizar sua evolução e seu progresso eterno. Cada qual tem o justo.

"Desse admirável equilíbrio, harmonia e solidariedade, nascem as eternas alianças das almas, de umas com as outras. Não se estabelece uma forte aliança entre os pais e os filhos, os irmãos entre si, entre os mestres e seus discípulos, entre os lavradores de um mesmo campo ou entre os pastores de um mesmo rebanho? Se assim ocorre de ordinário na matéria que tanto obscurece o espírito com maior facilidade ocorre entre as almas, nos intervalos mais ou menos longos de suas liberdades nos planos espirituais.

"Nas imensas legiões de espíritos adiantados estão os que governam os elementos da Natureza: a água, o ar, o fogo, o éter e a terra; estão os que dirigem a evolução dos reinos mineral, vegetal e animal. Para o olho previsor da Eterna Potência Criadora, não passa despercebido nem um penhasco que se desprende de uma montanha, nem um fio de água que surge de improviso da fenda de uma rocha, nem a pequenina relva que cobre um escondido vale ou o musgo que cresce nas lousas quebradas de uma sepultura esquecida!

"Existem inteligências aos milhões que regem e governam todas essas múltiplas manifestações da vida, cuja pequenez e insignificância aparente não atrai, de forma alguma, a atenção das pessoas, que ignoram a grandeza encerrada nas humildes origens de uma evolução futura.

"Tão-somente os espíritos de grande evolução detêm sua atenção num casal de andorinhas que aninham em seu telhado, ou num enxame de abelhas que, sem pedir nada a ninguém, elaboram silenciosamente o mel num cantinho do seu jardim; no cãozinho caseiro que segue o amo como sua sombra durante toda a sua vida, e até vai gemer sobre a terra removida da sua sepultura.

"Se para uma alma adiantada não passam despercebidos esses pequeninos detalhes nas vidas dos seres de espécies inferiores que a rodeiam, de que maneira tão diáfana e clara, tão real e precisa estarão na Suprema Inteligência, cuja vibração permanente anima toda vida, por mais pequena que seja?

"Parece-vos impossível que a infinita grandeza de Deus se ocupe assim, deste modo, daquilo que, aparentemente, é de pouca ou de nenhuma importância?

"Não pensaríeis assim se contemplásseis o Supremo Criador como a *Causa Única* de toda manifestação de vida no vasto universo.

"Ele está impulsionando a marcha dos mundos, o rodar das esferas, a dança gigantesca das estrelas na enorme imensidão! Está no andar lento dos pesados animais da Terra, como no vôo dos pássaros, no aletear das mariposas, nas vagas dos mares e dos rios e até nas pétalas delicadas da flor que atrai vossos olhares!

"Tudo é Ele e tudo está n'Ele, Causa Suprema e única de toda vida, da mesma forma no maior e mais formoso como no menor e até no desprezível.

"Com a maior solicitude que um lavrador cuida de suas semeaduras, um pastor de seu rebanho e um pai de seus filhos, a Eterna Providência do Pai cuida de todas as suas obras, suas imensas criações, ilimitadas, sem fim nem medida, e cujos alcances infinitos não podem ser abrangidos nem compreendidos pela inteligência humana enquanto se mantém obscurecida pelo envoltório físico do qual fica revestida neste planeta.

"Agora compreendeis como e por que caminhos encontra o lugar de sua evolução primitiva o primeiro sopro ou hálito vivo e inteligente emanado do *Eu pensante*, ou Ego, princípio de todo ser.

"Que a vossa oração seja para isto: para conhecer a grandeza de Deus, seu Amor infinito e eterno, todas as suas obras, às quais submete à invariável lei da renovação e transformação permanente, até chegar à suprema perfeição.

"Preparo-vos para serdes mestres de vossos irmãos, e vossa oração não há de ser sempre para pedir o pão de cada dia e o alívio de uma dor. Já chegou a hora em que deveis esquecer por momentos vossa matéria física para pensar na inefável beleza da Essência Divina que anima tudo quanto foi criado.

"Quando houverdes conseguido dar esse grande passo no vosso caminho para o Infinito, ou seja, o esquecimento próprio para absorver-nos n'Ele, será quando mais bem cuidados e vigiados estareis por Ele, até o ponto de que, sem nada pedir para vossa vida material, tereis tudo com generosa abundância. É assim, generoso e excelso, o Divino Amor, quando as almas se tenham entregado completamente a Ele.

"Eu vos preparo ainda para serdes os continuadores do meu ensinamento salvador da Humanidade terrestre.

"Muitas vezes me ouvistes dizer: 'Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Eu sou a Luz para este mundo, e quem me segue não anda nas trevas.'

"Da mesma maneira como para entrar, a fim de participar do banquete das bodas do filho de um rei, necessitais de convite e traje especiais, afirmo: O convite eu vos trago, no entanto, o traje deverá ser preparado por vós. Falo de uma forma simbólica, que tem perfeita aplicação neste caso. Com o meu ensinamento íntimo, abro para vós a porta do Divino Conhecimento, que é o banquete do filho do rei. O traje especial é a purificação da vossa alma, mediante a recusa enérgica e firme de todo pensamento e ato contrários à Lei Divina e, depois, mediante o amor de Deus e do próximo manifestado, não com palavras, mas com fatos dignos do verdadeiro servidor de Deus, que ama n'Ele e por Ele todas as suas criaturas.

"Algumas dentre vós iniciastes esta purificação no começo de vossa vida. Outros a iniciastes depois e, para torná-la eficiente em alto grau, vos enviei por setenta dias ao Santuário do Tabor, quando vos reunistes ao meu redor. Lá os Anciãos Mestres vos ensinaram, da forma mais profunda, o modo de tecer a túnica especial para comparecer ao banquete simbólico, representação da união da alma com a Divina Sabedoria.

"Realizada esta união pela purificação do espírito, Ela começa a entregar-nos um a um seus eternos segredos, para que possamos usá-los em benefício de nossos irmãos menores.

"Vistes-me curar todas as enfermidades e aliviar todas as dores humanas. Vistes-me acalmar as tempestades no mar e na terra, paralisar a ação pecaminosa dos seres perversos, desaparecer imediatamente do meio de uma multidão, chamar para a vida os que a deixavam antes da hora.

"Devereis fazer o mesmo quando eu tenha retornado ao Pai e seguir pelo meu caminho sem a minha presença material."

Um murmúrio de vozes interrompeu suavemente o Mestre que sorria com sua habitual bondade, vendo os olhos arregalados de espanto dos presentes.

– Mestre!... É sonho!... É ilusão pensar que possamos realizar as tuas obras!...

– Sonhos!... Ilusões!... Quimeras que não chegarão a efetuar-se jamais!...

Quando se calaram todos os murmúrios pessimistas e desesperançosos, o Mestre continuou seu ensinamento íntimo:

"Eu disse que já é chegada a hora de que a vossa oração faça algo mais do que pedir o pão de cada dia e que, elevando-se por cima de todo interesse pessoal, procureis obter a união com a Divindade, a eterna senhora de todos os poderes que conheceis e também dos que não conheceis.

"Entre as infinitas moradas do Pai existem mansões radiantes que, se pudésseis vê-las de perto, deixar-vos-iam deslumbrados ou talvez cegos. Não são habitações de humanidades, porém imensos depósitos ou fontes de essência elementar viva ou energia latente, que aguarda indefinidamente sua evolução futura.

"À proporção que vai chegando parcialmente essa hora, essa energia latente ou essência viva pode ser utilizada e chamada a atuar pelos pensamentos e desejos veementes das inteligências humanas, encarnadas ou desencarnadas. Utilizei-me dela para realizar as obras que bem conheceis, em benefício dos sofredores e dos enfermos desta Terra.

"Vistes que, para mim, a oração ocupa mais tempo que a refeição, e que, várias vezes ao dia, me afasto de vós para orar.

"Que pedirá o Mestre?", perguntastes mais de uma vez a vós mesmos.

"Não peço nada! Minha oração é como aquele que acode ansioso e anelante a uma entrevista de amor, na qual sabe que é ardentemente esperado. A Divindade e eu

somos então dois enamorados veementes, que nos desejamos com uma ânsia incontível! Ela é sempre a que dá e eu quem sempre recebe os inesgotáveis dons que emanam como se fosse o sangue vivo de um coração que não se esgota jamais!... Meu pensamento se converte, ali, numa força tão grande e tão poderosa como um vendaval que vai de pólo a pólo, roçando a Terra e levando em si mesmo o bem, a saúde, a paz e a infinita doçura de sua fonte de origem na medida do meu desejo.

"Ele arrasta então consigo uma imensa quantidade dessa essência elementar viva, ou energia latente, tão dócil ao pensamento que age nela que se torna em vitalidade para os organismos debilitados, gastos e desfeitos; em força moral para os enfermos da alma; em vida nova para os que acabam de deixá-la antes da hora; em invisível freio para as correntes atmosféricas que produzem as tempestades; em sutil corrente etérea que pode transportar-me num instante para impedir um acidente desgraçado que afeta seres inocentes.

"Tudo isso e muito mais recebe o ser que mergulha, através do amor, na Divindade, mediante esse ato tão silencioso e sutil que chamamos de *oração*. É o pensamento unido à Divindade, com a qual chegam como num magnífico cortejo nupcial as grandes alianças espirituais que todo ser vai criando no correr dos séculos e das idades, com as quais chega a formar um só pensamento, um só sentir, um só amor.

"Nunca é uma única Inteligência quem realiza as obras que o vulgo chama de *maravilhosas*. É a união de Inteligências afins, a união de pensamentos e de vontades, é a união soberana no amor quem realiza nos planos físicos as formosas criações do desejo puro, santo e nobilíssimo germinado numa alma enamorada de Deus e de seus semelhantes.

"É evidente que a capacidade de pôr em movimento benéfico essas energias latentes, ou essência viva de que vos falo, está em relação com a evolução e o progresso espiritual e moral de cada ser.

"Por isso fiz iniciar a vossa senda de meus cooperadores com aquela purificação de setenta dias entre os Mestres Anciãos do Tabor.

"Por isso Johanan, o Profeta-Mártir, esvaziou essas energias latentes, ou essência viva, nas águas do Jordão, e mergulhava nelas todos os que compareciam perante ele em demanda de saúde, consolo, paz e esperança.

"A água e o vinho que bebestes entre os Anciãos do Tabor, bem como o pão e os frutos da terra que saciaram vossas necessidades, estavam impregnados por essa força viva que é fluido no éter, essência no líquido, átomo nos corpos, gás na atmosfera, bruma acariciante e tíbia no resplendor dourado do fogo da lareira. Tudo isso foi a vossa purificação inicial e, em face dela, vos sentis renovados, como *se tivésseis sido feitos de novo*, segundo o que vós mesmos dissestes quando cheguei para vos tirar daquele retiro."

Um murmúrio cheio de recordações e de ternuras se estendeu pelo grande cenáculo da casa de Nazareth. Todos afirmavam que tudo isso era verdade.

Myriam, como num êxtase, olhava para o filho cuja grandeza começava a deslumbrá-la, tal como se olhasse para uma luz demasiado intensa e viva.

O tio Jaime, Ana e Marcos sentiam-se igualmente sobressaltados por um religioso pavor, como se pressentissem a proximidade de um grande acontecimento no qual deviam unir-se os Céus e a Terra.

– Perdão, Mestre! – disse repentinamente Judas de Iskarioth, que quase nunca falava diante dos demais. – Não sei o que ocorreu aos meus companheiros no Tabor durante a nossa permanência ali; entretanto, posso dizer algo de meus pensamentos,

preocupações e inquietações, que haviam adormecido para despertar há pouco tempo mais tenazes e profundos.

"Quisera saber, Mestre, a que se deve isso, se a uma má disposição minha ou aos meus problemas íntimos que não têm solução possível nesta minha existência atual."

Todos os presentes olharam para ele com estranheza, pois ninguém o jamais havia ouvido abrir-se com tanta franqueza e, ainda mais, diante de todos.

O Mestre olhou para ele durante alguns momentos com tão indefinível ternura que Judas baixou os olhos úmidos de lágrimas.

– Judas, meu amigo – disse o Mestre. – Respondi à tua pergunta sem falar. Compreendeste a minha resposta?

– Sim, Mestre – respondeu o aludido e, sem chamar a atenção, saiu logo do cenáculo porque se sentia asfixiar pelas violentas pulsações do próprio coração.

Os ciúmes não o deixavam encontrar a paz. Parecia que todos os seus companheiros lhe faziam sombra. Por uma estranha lucidez desse momento, julgou ver todos como superiores a ele. Uma angústia surda comprimiu violentamente o seu coração. Pensou que o Mestre tinha pena dele justamente por causa de sua inferioridade.

Diversas tarefas apostólicas de ensinamento e de obras de misericórdia ocuparam a atenção do Mestre e da sua pequena Escola de Sabedoria Divina.

Uma epidemia que grassou em Séphoris e alcançou várias aldeias ao norte da planície de Esdrelon absorveu seus cuidados por cerca de quarenta dias, durante os quais os discípulos começaram a perceber que quase todos iam adquirindo lentamente poderes e forças até então não percebidas por eles mesmos.

Observaram que, quando seus desejos benéficos para com os semelhantes iam unidos, como numa ordem expressa, *ao poder e ao amor do Cristo, Filho do Deus Vivo*, tinham efeitos surpreendentes sobre os atacados da peste e, em geral, sobre os atormentados por outras dores e dificuldades.

Essa eficiência extraordinária em favor dos sofredores animou-os de tal maneira no misericordioso apostolado que até altas horas da noite eram vistos em grupos de dois ou três percorrendo choças e choupanas, aldeias e cabanas, levantando os enfermos de suas prostrações e acalmando o desespero daqueles a quem a morte dos seus haviam deixado sozinhos no mundo.

Como a dor tem, às vezes, claridades de lâmpada maravilhosa, dessa epidemia que açoitou Séphoris e as aldeias vizinhas surgiu um considerável número de novos seguidores do Profeta Nazareno. Somente ele sabia consolar!... Só ele compreendia todas as dores humanas!... Apenas ele tinha um remédio eficaz para cada uma das tremendas angústias que os atormentavam.

Já não eram apenas *Doze* os que o seguiam. Eram setenta, que haviam ficado sem famílias, sem parentes nem amigos. Nenhum deles tinha para onde voltar o olhar sem encontrar a indiferença, a cruel indiferença que, diante da desgraça do semelhante, faz encolher os ombros e dizer friamente: A mim?... O quê?... Não me interessa nem quero saber!...

Na negra noite de suas angústias, apenas ouviram uma voz amiga, doce como uma canção de amor a lhes dizer:

– Vinde a mim todos que tendes sobre vós os pesares e os fardos que não podeis carregar. Eu vos aliviarei.

E correram a segui-lo.

Seguido de todos eles, encaminhou-se ao Monte Carmelo, para buscar entre os Solitários daquele santuário de grutas, onde esteve em sua adolescência, abrigo e cultivo espiritual para os novos discípulos.

Todos eram de famílias pertencentes à Fraternidade Essênia e do primeiro grau, ao qual pertencia a grande maioria dos bons israelitas adoradores sinceros do Deus de Moisés.

Não eram, pois, alheios completamente ao que significavam os austeros Solitários que, no célebre monte de Elias e de Eliseu, continuavam sua vida de oração, trabalho e estudo. Tudo isso os tornava capazes de serem como uma providência vivente para aquela região.

Jhasua havia-lhes prometido uma última visita *antes de voltar ao Pai*, segundo sua frase habitual.

Essa circunstância imprevista antecipou, talvez, o cumprimento de sua promessa, pois Séphoris se encontrava a uma escassa jornada do Monte Carmelo.

As grutas, asilo de refugiados, haviam sido aumentadas enormemente nos últimos dez anos. No labirinto quase impenetrável daquela formosíssima montanha, toda coberta de frondosa ramagem, cada abertura no penhasco era como um ninho de águia, onde um ou mais refugiados viviam do trabalho, preferindo sua tranqüila pobreza às turbulentas agitações das povoações, onde os ódios de partidos e de seitas tornavam a vida quase impossível.

As mulheres albergavam-se nas proximidades da Gruta das Avós, de que o leitor se lembrará, às quais ajudavam em suas tarefas de fiação e tecelagem, preparação do pão, queijos e na secagem de frutas para todos os habitantes da montanha, que vinham a ser como uma povoação silenciosa, na qual todos os seus residentes dedicavam seu melhor esforço no sentido de que aquela ignorada colméia humana não carecesse do necessário. Os homens refugiados ali, por diversas situações e necessidades, eram orientados de imediato pelos Terapeutas Peregrinos, cuja missão, já conhecida do leitor, era como o vínculo que unia os grandes Mestres dos Santuários com os irmãos na fé que se achavam disseminados por todo o país.

Os setenta novos discípulos do grande Profeta Galileu foram engrossar essa oculta povoação de seres desesperançados da vida, nos quais somente ele podia despertar esperanças novas para o porvir.

Em suas almas, profundamente feridas pelas dores e misérias humanas, o Verbo encarnado soube encontrar a centelha divina semi-apagada que apenas aguardava um alento vigoroso para acender-se novamente.

Com esse pensamento fixo, cheio do ardente fogo de sua fé e de seu amor, apresentou-se aos Mestres Anciãos com estas simples e ternas palavras:

"Tudo quanto fizerdes por estas almas que gemem como o pequenino órfão de sua mãe, estareis fazendo por mim, e o Pai vos recompensará grandemente ainda nesta mesma vida."

Excusado será dizer que os Solitários os receberam com ternuras de pais.

Essas suas palavras: "O que fizerdes por eles, *estareis fazendo por mim*", de tal forma penetraram em seu íntimo, que os vinte e três Solitários que viviam então na histórica montanha prometeram a Deus, a seus antigos Pais, os Profetas, e ao Messias anunciado por eles, que aqueles setenta órfãos das tempestades da vida seriam como seus filhos a partir daquele momento.

Nos dez dias que o Mestre permaneceu ali, teve lugar uma das mais grandiosas manifestações de sua potencialidade de espírito superior, justamente chamado de *Filho de Deus Vivo.*

Convidado por seus velhos Mestres para ocupar a tribuna sagrada, feita de troncos de árvores e coberta com os rústicos tecidos das Avós, Jhasua quis continuar ali os ensinamentos profundos iniciados no cenáculo da casa paterna em Nazareth.

A radiação espiritual intensa acumulada durante séculos naquele humilde Santuário entre as rochas formaria um precioso cenário à sua palavra vibrante de fé, de esperança e de amor, tendo já quase à vista a glória de seu Reino ao qual logo deveria voltar.

Os vinte e três Solitários Anciãos já estavam sentados ao seu redor, mais os seus íntimos, com exceção de Judas de Iskarioth que, de Nazareth se havia ausentado por uns dias para dirigir-se a Gadara, em cumprimento de um encargo familiar. Tinha ali um tio materno que administrava o seu patrimônio.

O Mestre começou a dissertação desta maneira:

– Eu disse, na minha última confidência, que, para a vossa oração na hora presente deveis chegar como aquele que comparece a uma entrevista de amor, onde sabe que é ardentemente esperado.

"Quem vos espera?... A Amada acima de todas as coisas: A Divindade, diante da qual compareceis com a ânsia suprema do pequenino cervo à fonte, do pequenino perante sua mãe, do pássaro ao seu ninho.

"Ali vos aguarda a água fresca para a vossa sede, o seio materno para a vossa fome e o calor do ninho aquecido para a vossa desolação.

"Ides como o peregrino perdido numa selva escura, procurando encontrar uma estrela nova que ilumine a direção a seguir, ou como o viajante que caminha deixando entre os espinhos do atalho sua roupa feita em pedaços, e vai adquirir uma roupagem nova feita de preciosos tecidos que lhe permita apresentar-se quando chegar ao fim de sua jornada.

"A Divindade, vossa excelsa *Amada acima de todas as coisas*, sabe de tudo quanto necessitais e vos dá tudo e ainda o que não chegastes a pensar, nada querendo em troca, a não ser o amor submisso e ardente que vos deixa despreocupados de tudo o que não é Ela e para Ela, no momento solene de vossa entrega absoluta...

"Vossa fé vive n'Ela!... Tudo esperais d'Ela!... Amais a tudo quanto existe n'Ela e por Ela!

"Ela é a Amiga Eterna!... A Mãe Eterna!... A Eterna Esposa das almas que se vestiram com a túnica santa da purificação, que é o altruísmo, o desinteresse absoluto, o amor compassivo para todos os seres, vontade permanente de se sacrificar pelos semelhantes e de buscar e seguir a Verdade, onde quer que ela se encontre.

"O cortejo nupcial da Amada Eterna vos rodeia por todas as partes.

"São as alianças espirituais que criastes no decorrer das sucessivas vidas, através dos séculos, e elas vos introduzem no palácio de nácar e ouro onde, segundo a visão do Bhuda, o meigo Profeta da Índia, 'entrareis numa região de luz soberanamente bela, mais além dos muitos milhões de miríades de mundos, onde estareis acobertados de todo engano, de toda dor, de toda miséria, atrás de sete fileiras de balaustradas de nácar e de âmbar, de sete fileiras de véus de luz impenetrável, de sete linhas de árvores musicais e movíveis, como o resplendor permanente de miríades de esmeraldas vivas...'

"Neste elevado assunto, o Profeta das renúncias heróicas não faz mais do que confirmar as visões do filósofo atlante Antúlio, de Manha-Ethel, cuja leitura ouvireis em alguma destas noites, se o Mestre Arquivista dignar-se desdobrar para vós os velhos pergaminhos com a sabedoria dos Dácthylos, continuadores de Antúlio.

"A esse reino de amor, de luz e de felicidade inefável tenho me referido sempre quando vos digo: '*Meu Reino não é deste mundo.*'

"Só através da meditação, na forma e no modo pelo qual vos ensino, pode o homem penetrar nesses Santuários da Luz Divina, ainda estando mergulhado nas obscuridades frias e dolorosas do plano físico terrestre.

"Perante semelhante visão, o que são todos os reinos e grandezas da Terra, a não ser pó e escória?

"O que são os impérios de Assuero, de Dario e de Alexandre, dos quais apenas restam imponentes ruínas?... Que significará a glória dos Césares? Que significa o novo reino de Israel, com o qual sonham muitos amigos que me amam de verdade, porém que ainda não chegaram a compreender que muito além de seus sonhos materiais se estendem até o infinito as moradas radiantes de felicidade e glória que a Divindade, a Eterna Esposa, guarda para aqueles que a buscam e amam?

"Alguns dentre vós viveis aterrados com a visão da minha próxima partida para as moradas de Luz e de Amor que trato de fazer-vos compreender, e esse espanto gera e mantém vosso maior ou menor desconhecimento acerca do que é a vida do ser naquelas sublimes regiões. Julgais, sem dúvida, QUE É a separação completa! É a ausência – direis –, é o esquecimento, é o rompimento dos laços ternissimos que unem na vida física aqueles que se compreendem e se amam; é a anulação de todo afeto, de toda reciprocidade entre os que ficam na matéria e os que partiram para o reino da Luz.

"Em verdade afirmo que aqueles que alimentam tais pensamentos estão completamente equivocados.

"Os seres que vestiram na Terra a túnica da purificação com seus nobres pensamentos e suas santas obras de misericórdia para com o próximo carregado de sofrimento e de miséria entram, ao deixar a matéria, naquele divino Reino do amor e da felicidade, e permanecem continuamente presentes para todos os seres que lhes são queridos e que os amaram com amor puro e desinteressado.

"Isto vos parecerá difícil e talvez até impossível de suceder, porque desconheceis a força poderosa que o pensamento humano adquire naquelas sublimes regiões, onde as atividades mentais e o amor puro *é tudo*, e nenhum obstáculo ou barreira pode opor-se ao seu formidável poder.

"Os seres que residem nessas regiões de inefável felicidade exercem a ação benéfica de seus pensamentos, de seu amor e terna dedicação aos que lhe são queridos de uma forma muito maior que poderiam fazê-lo na vida material, na qual estariam sujeitos a todas as dificuldades, obstáculos e contingências adversas, próprias dos planos físicos.

"Além do mais, têm o poder de atraí-los para aquelas felizes regiões, seja pelo desprendimento natural do espírito encarnado durante o sono físico, ou nas horas de meditação profunda, durante as quais a alma encarnada se afasta voluntariamente de tudo o que é grosseiro e vil para buscar, na Divindade, os amados submergidos n'Ela.

"Esses encontros nas moradas de Luz, bem além da atmosfera e do éter, são a glória mais pura, a felicidade mais inebriante que a alma humana, ainda encarnada num plano físico, pode sonhar ou conceber.

"Imaginai, pois, que me libertei das cadeias da matéria na qual me vedes aprisionado e que já estou nas moradas do Amor Eterno e da Eterna Claridade. Julgais, acaso, que possa caber em mim o esquecimento da vossa amizade e desta suave aliança iniciada em épocas distantes, e que será revigorada imensamente nesta hora do meu derradeiro holocausto em favor da Humanidade?

"Estou certo de que nenhum dentre vós me julga capaz de semelhante esquecimento, mas, muito pelo contrário, acreditais com toda a firmeza que o meu amor continuará envolvendo-vos como um imenso manto branco, estendido desde o infinito. Algumas vezes esse manto parecer-vos-á ondulante e suave como uma carícia

materna; noutras, como um teto de aço para proteger vossa evolução confiada à minha tutela, sempre que não rechaçardes voluntariamente essa amorosa vigilância.

"Quando a Justiça e o Amor do Pai me tiverem levantado para aquelas alturas, poderei atrair-vos para mim, de um modo tão real e verdadeiro, como agora vos chameis para ouvir a minha palavra.

"Surge em vossas mentes, neste instante, esta pergunta: 'Poderemos recordar aqui na Terra, Mestre, que estivemos ao teu lado apenas alguns momentos em teus Céus de felicidade e amor?'

" 'Poderemos recordar tudo quanto chegarmos a ver e a ouvir naquelas radiantes mansões?'

"Em verdade vos digo que isso será o fruto da vossa oração profunda e sincera; oração da alma, não dos lábios; oração de sentimentos e de fé, não de frases aprendidas de memória e pronunciadas mecanicamente como o rodar sempre igual das engrenagens de um moinho. Isso não é oração. É um encadeamento de palavras mais ou menos bem combinadas e belas que podem pôr a alma num certo grau de tranqüilidade, sem elevá-la sequer a um ponto mais elevado em direção às mansões luminosas da fé viva, da esperança justa, pura e, sobretudo, do amor intenso como uma labareda ardente que se dilata até o infinito!

"A meditação ou oração, nesta forma que ensino, colocar-vos-á lentamente em condições de recordar no plano físico nossos encontros gloriosos e dulcíssimos nas moradas de Luz. Sobre este assunto devo uma explicação ainda:

"Quando eu estiver novamente de posse do meu Reino de Amor e de Luz, e vos atrair durante a vossa meditação, não deveis julgar que podereis fazê-lo de um salto formidável da Terra onde viveis à região em que eu estarei, mas ireis passando de uma região a outra em graduações quase imperceptíveis, para que a vossa mente não sofra as tremendas impressões de uma mudança tão brusca e tão completa.

"Este plano físico está nas trevas, comparado com o imediatamente superior e, à medida que a vossa alma ascenda nesse glorioso caminho, irá entrando em regiões cada vez mais luminosas e radiantes, até encontrar-se comigo, que sou quem vos atraiu ao meu Reino.

"Prestai, portanto, bastante atenção: À medida que fordes subindo através das diversas regiões que formam a passagem obrigatória, ides despojando-vos dos fluidos grosseiros próprios dos planos inferiores, e vossa alma irá se envolvendo nos sutilíssimos fluidos mais puros e mais diáfanos que o gás e o éter, porque são vibrações de luz, de cores e de sons próprios daquelas puríssimas regiões.

"Quando se tiver realizado o nosso amoroso encontro, a nossa mística entrevista de amor, será necessário que a vossa alma regresse pelo mesmo caminho para o seu plano próprio: a Terra onde está encarnada.

"Da mesma forma como, ao subir, foi cobrindo-se com os sutis véus fluídicos necessários para penetrar naquelas divinas moradas, ao baixar, deverá ir deixando-os para tomar novamente as roupagens fluídicas das regiões por onde vai passando, até chegar à pesada envoltura própria deste plano físico. Neste processo de rigorosa lei, de ir deixando as sutis vestimentas fluídicas das moradas de luz, a alma vai deixando também grande parte das impressões e recordações de tudo quanto viu e ouviu naquelas excelsas alturas, ficando apenas algo assim como uma imensa sensação de paz, de amor e de quietude; um grande desejo de voltar novamente à oração, à solidão, ao esquecimento de todos os gozos e alegrias terrestres.

"Contudo, afirmo em verdade que a continuação na prática desta forma de oração ou meditação despertará de tal modo as faculdades superiores que, pouco a pouco, vossa mente irá retendo cada vez mais as impressões e as recordações do que viu e ouviu nestes divinos encontros nos Céus ou Reinos da Luz e do Amor.

"Nesta hora solene, quase véspera da minha partida para o Pai, faço um pacto convosco e com todos os que de perto me seguiram nesta última etapa da minha vida messiânica; e, neste pacto, sou aquele que promete e vós os que esperais: Da minha morada de Luz e de Amor, atrair-vos-ei na forma anteriormente dita e estarei com todos vós até o final dos tempos, ou seja, quando o Eterno Juízo do Pai promover a separação dos justos e dos réprobos: os primeiros para as moradas de felicidade e paz; e os segundos para os mundos inferiores, onde a dor de longas e tremendas expiações despertará suas consciências para o que realmente são.

"Selo meu pacto eterno com todos vós dizendo que as forças do mal, postas em ação contra vós, jamais vencerão se vos mantiverdes unidos a mim como estais neste instante.

"Ao consagrar assim a minha nova aliança de amor, dou-vos entrada no meu Reino e afirmo que todo amor *puro e desinteressado* que florescer na vossa vida terrestre, quer seja junto à família, aos amigos, aos companheiros de ideal, aos Mestres ou Guias que vos ensinam os caminhos do bem e da justiça, dar-vos-ão direito a penetrar ainda encarnados neste plano terrestre no meu Reino, e a compartilhar de suas indizíveis belezas, de seus elevados conhecimentos, bastante superiores, em verdade, a todos os que podem ser adquiridos através dos meios materiais no plano físico.

"Nada permanece oculto naquelas divinas claridades, motivo pelo qual, quem penetra nelas pode ler nos anais eternos da Luz os imperecedores arquivos do Absoluto, onde foi gravada a fogo a história da evolução de cada mundo e da Humanidade que a habitou desde distantes épocas.

"Quando, depois desta jornada, chegardes ao meu Reino, podereis buscar, entre os vossos íntimos amigos da Terra, alguns deles que, com as suas consciências despertadas para a Verdade, para o Amor e para a Justiça Eterna, possam perceber em estado de vigília as verdades divinas que quiserdes sugerir-lhes, para cooperar desse modo, do vosso feliz céu, pela evolução espiritual e moral desta Humanidade.

"Até esse ponto pode chegar a inteligência e a união íntima de um morador dessas elevadas regiões com os seres afins e queridos que deixou no mundo terrestre, sempre que eles se disponham voluntariamente e sem interesses pessoais de nenhuma espécie, a servir como instrumentos e cooperadores das Inteligências desencarnadas, moradoras daqueles céus de luz, de amor e de felicidade perdurável.

"Poder-se-á dar uma maior e mais íntima unificação? Podeis pensar, com justiça, que sereis esquecidos pelos felizes moradores do Reino de Deus?

"Suponde que já estais naquelas divinas regiões de conhecimento superior e de inefável felicidade, donos dos arquivos da Luz Eterna, nos quais encontrais gravados nitidamente, em forma de panoramas vivos, toda a história da evolução de cada mundo com a Humanidade que o habitou desde que pôde abrigar vidas orgânicas, e que observais também que esses panoramas vivos não concordam completamente e em muitos pontos com os relatos *chamados históricos* que conhecestes em vossas vidas físicas.

"É então, quando o amor à verdade vos abrasará como uma labareda ardente e buscareis com ânsia indizível alguns dos vossos amigos íntimos da Terra, companheiros de ideais que, pelo seu grau de evolução e afinidade convosco, sirvam como

instrumentos para perceber, em estado de vigília, vossas inspirações, relatos ou poemas que observais, claros e vívidos, nas divinas moradas do Reino de Deus.

"Podeis medir e compreender a sublime grandeza deste apostolado da Eterna Verdade, que realizareis do alto de vossos Céus de Luz, de felicidade e de amor, em benefício da Humanidade que conhece, tristemente deformados, os acontecimentos mais notáveis de sua própria história?

"Os atuais filiados das ignoradas Escolas de Sabedoria Divina conhecem grande parte da história da evolução humana terrestre desde os seus começos, em face dos relatos de muitos irmãos moradores daqueles Céus felizes onde impera a verdade absoluta.

"As evoluções promovidas pelos Flâmines na desaparecida Lemúria, pelos Profetas Brancos na Atlântida, também adormecida sob as águas, pelos Dácthylos da Ática pré-histórica e pelos Kobdas do Nilo, antes das dinastias faraônicas, se tornaram conhecidas justamente através do meio que acabo de mencionar.

"Essa mesma evolução atual, promovida pela Fraternidade Essênia continuadora de Moisés, será referida um dia à Humanidade, sendo extraída dos Arquivos eternos da Luz as verdades que escapam de ordinário aos relatores terrestres, mais ou menos informados, mais ou menos parciais ao referir os acontecimentos, quer seja em assuntos políticos, campanhas militares ou desenvolvimentos filosóficos ou religiosos das porções de Humanidade, países ou cidades afetadas por eles.

"Tal é, meus amigos, a comunhão dos santos, a comunhão das almas com a Divindade, para a qual sobe a nossa oração profunda e sincera, grito da alma desterrada nos planos físicos, palpitação da nossa própria vida, saudosa de sua origem divina.

"A oração!... Vôo sublime do pensamento para o Absoluto!

"Força desconhecida da maioria das almas encarnadas nesta Terra que, enlouquecidas pelos desejos materiais, não conseguem compreender que, quanto mais se afastam do seu centro original, mais, mais e mais desventuradas se tornam!...

"A oração!... Suave entrevista de amor da alma encarnada na Terra com os moradores do Reino de Deus!

"Orai quando eu tiver voltado para o meu Pai e Ele me enviará a vós tão real e verdadeiramente como o estou neste instante.

"Quando, reunidos em meu nome, me chamardes com o vosso pensamento, estarei no meio de vós para dizer: A morte não é a separação para aqueles que verdadeiramente se amam! A morte é a libertação da alma da pesada envoltura material que coloca travas penosas em seus grandes anelos!...

"A fé e o amor dão-se as mãos para abrir, diante das almas ébrias de Luz e através da oração profunda, toda a magnificência do Reino de Deus!...

"Orai!... Orai, e os Céus infinitos abrir-se-ão para vós como ao sopro divino de um poderoso 'fiat'."

A voz vibrante do Mestre foi diluindo-se numa divina ressonância que parecia vir de muito distante, enchendo a penumbra do humilde Santuário de rochas de tão suave ternura que estremecia as almas e arrancava lágrimas de emoção.

A claridade opalina de um suave entardecer começou a espargir-se qual bruma de ouro que escurecia a trêmula chama dos círios, e todos pressentiram os esplendores divinos que iam presenciar.

O Mestre havia deitado sua cabeça para trás, apoiada no encosto do tosco banco de troncos em que estava sentado, e seus olhos semicerrados faziam compreender esse elevado estado espiritual que, na linguagem humana, chamamos *êxtase*.

Uma ronda majestosa de seres extraterrestres começou a esboçar-se claramente na penumbra do sagrado recinto.

As formas fluídicas foram condensando-se cada vez mais, até tornar-se quase palpáveis, e todos os presentes julgaram ouvir a repetição das últimas palavras do Mestre:

"A fé e o amor dão-se as mãos para abrir diante das almas ébrias de luz, através da oração profunda, toda a magnificência do Reino de Deus!...

"Orai!... Orai, e os Céus infinitos abrir-se-ão para vós como ao sopro divino de um poderoso 'fiat'."

Os excelsos visitantes foram esboçando-se na atmosfera tão claramente que puderam ser identificados aqueles que haviam desencarnado há pouco tempo, como Johanan, o Profeta-Mártir, Joseph, o justo, esposo de Myriam; Jhosuelin, seu filho; Baltasar, o ancião astrólogo persa, a cuja morte Jhasua esteve presente em Tiphsa, às margens do Eufrates; e o ancião sacerdote Simeão, que ofereceu Jhasua menino ao Senhor, aos quarenta dias do seu nascimento.

Vozes suavíssimas, como emanadas deles mesmos, continuavam repetindo as palavras que o Mestre havia dito alguns momentos antes:

"A morte não é a separação para aqueles que verdadeiramente se amam! É a libertação da alma da pesada envoltura material que coloca travas penosas a seus grandes anelos!"

As moradas do Pai haviam-se aberto!... Tinham sido descerrados os véus de seus segredos impenetráveis aos profanos, para que os amigos do Homem-Deus, continuadores de sua semeadura de amor sobre a Terra, se embebessem da sublime e eterna realidade, de sua existência mais além de onde alcança a inteligência humana, encerrada como uma crisálida no seu casulo, no conceito puramente material da vida.

O corpo físico do Mestre havia se tornado resplandecente, e parecia formar parte do magnífico cortejo de sóis humanos, cujo número não era possível contar.

As paredes rochosas haviam desaparecido entre aquele desfile interminável de formas belíssimas, radiantes e etéreas, de tão suaves tonalidades que se assemelhavam às cores do arco-íris elevadas a uma intensidade de vibrações que não só deslumbravam, mas também as melodias emanadas deles, como se os seus pensamentos fossem musicais, anulavam completamente a sensação de vida material em todos os que presenciavam aquela magnificência de luz, de cores e de harmonia.

A poderosa irradiação venceu finalmente a resistência física e todos caíram na suave inconsciência do sono extático.

Apenas o Mestre e os Anciãos presenciaram, em estado de plena consciência, aquela estupenda manifestação com a qual as alianças espirituais do Ungido quiseram corroborar seus últimos e mais profundos ensinamentos.

Quando tudo havia passado, o Mestre despertou os seus com estas palavras:

– Levantai-vos e não duvideis nunca mais! Agora sois homens novos que, iluminados pela Verdade Divina, entrais nos caminhos da Terra como missionários do Cristo para a conquista da Humanidade.

Quando, depois do refrigério da noite, ficaram sozinhos para descansar, disseram uns aos outros em íntimo e secreto comentário:

– Estou achando estranho observar que ainda vivemos nestes corpos de carne. Julgava-me no outro mundo.

– Julguei que a vida havia terminado e que éramos habitantes do Reino de Deus – disse outro.

– Depois do que vimos, nenhum prazer da Terra pode excitar o nosso desejo – acrescentou um terceiro.

E ficaram adormecidos nos estrados de pedra cobertos de esteiras de junco e peles de ovelhas na *sala do fogo*, como chamavam a gruta maior, onde ardia a fogueira na qual eram preparados os alimentos e também onde todos se reuniam nas horas da refeição.

– Na morada do Pai nos encontraremos novamente! – disse o jovem Mestre aos Anciãos à saída do Santuário, abrindo seus braços numa suprema despedida.

Os Anciãos Solitários se arrojaram entre seus braços, afogando os soluços de seus corações, pois todos sabiam que era a última vez que o viam sobre a Terra. Em seguida, Jhasua desceu do Monte Carmelo pensativo e sereno, seguido dos seus, também embargados pela emoção dos Anciãos.

Seus discípulos começavam a compreender que para eles se aproximava a hora tremenda, e confessavam mutuamente estar ainda muito longe da lúcida serenidade com que o Mestre queria que aguardassem a chegada dessa hora.

Muito longe estavam de imaginar a terrível tragédia que poria fim àquela formosíssima vida, que havia passado como uma estrela benéfica por cima de todas as dores humanas. Imaginavam uma série de belíssimos panoramas extraterrestres, entre os quais o Ungido de Deus desapareceria da Terra.

– Uma legião esplendorosa de anjos descerá dos Céus para levar o nosso Mestre ao seu Reino Eterno – disse Pedro com sua habitual espontaneidade.

– Ou talvez os nossos grandes Profetas que anunciaram a sua vinda descerão como num cortejo real para transportá-lo para as montanhas eternas – acrescentou João, cheio de ardente fervor.

– Eu julguei – disse Matheus – que nos esplendores daquela noite das visões o Mestre iria subir para o seu Reino.

"Do cume do Monte Carmelo seria, em verdade, uma gloriosa subida. O fogo da palavra de Elias ainda parece resplandecer sobre a montanha santa."

– Quem sabe!... – disse Tomás. – Talvez será no Tabor.

– Eu penso que a subida ocorrerá em Jerusalém, para que o Sinédrio, que se nega a reconhecê-lo, veja a evidência por seus próprios olhos – acrescentou Zebeu.

– Ouvi o Mestre dizer – mencionou Santiago – que iremos em breve a Jerusalém, pois se aproxima a Páscoa. A despedida dos Anciãos me faz pensar que a hora está próxima.

O Mestre havia ficado alguns passos para trás e conversava afavelmente com Andrés, Felipe e Nathaniel, aos quais recomendava que, ao chegar a Séphoris, tratassem de verificar se os encarregados da Santa Aliança estavam remediando as necessidades mais prementes dos convalescentes da cruel epidemia.

Nessa cidade esperava-os Judas de Iskarioth, e todos juntos seguiram para Nazareth.

Ali o Mestre teve uma reunião com as mulheres que desenvolviam grande atividade em torno de sua mãe.

Estavam lá também seus parentes de Caná e de Naim, as jovens do Castelo de Mágdalo, Salomé com a família de Hanani, o tapeceiro de Tiberias, pai de Fatmé, que o leitor já conhece.

Sua mãe comunicou-lhe que esperavam para o dia seguinte uma porção de jumentos que haviam contratado para ir a Jerusalém.

Ainda faltavam uns sessenta dias para o início das festas religiosas da Páscoa; no entanto, a castelã de Mágdalo queria preparar, na sua casa daquela cidade, uma boa hospedagem para o Mestre, como também para os seus discípulos e familiares.

O ancião Simônides o havia instado para que antecipassem a viagem, *pois havia perspectivas de grandes acontecimentos que não podia revelar numa carta*, conforme dizia na que Maria recebeu dois dias antes.

– Sim, em verdade – disse o Mestre ao inteirar-se disso – haverá grandes acontecimentos.

"Melchor e Gaspar, meus velhos amigos, comparecerão também. Preciso ver todos reunidos lá. Nunca se terá reunido tanta gente em Jerusalém como nesta Páscoa final."

– Por que *final*, meu filho? – perguntou sua mãe com certa preocupação interior.

– Digo final porque nela terminará o meu apostolado para ter início o meu reinado.

Ouvir estas palavras e prorromper todos em hosanas e aplausos foi como um estrondo de júbilo e de entusiasmo.

Um murmúrio surdo de comentários teve início entre todos, motivo pelo qual ninguém ali conseguiu se entender.

Apenas sua mãe e Maria de Mágdalo não pronunciaram palavra alguma, limitando-se a cravar seus olhares ansiosos na face do Mestre, que não deixava transparecer inquietação alguma. Um vago temor havia sobressaltado a ambas; entretanto, ao verem a suave serenidade do Mestre, continuaram com os seus preparativos de viagem.

– Daqui a uns dez dias eu também estarei ali convosco – disse Ele – pois ainda tenho que visitar as cidades das margens de nosso Mar da Galiléia.

As viajantes saíram de Nazareth dois dias depois acompanhadas de Zebedeu e de Hanani, enquanto que o Mestre com o tio Jaime e seus Doze percorriam pela última vez as cidades e aldeias da amada Galiléia.

Infinita ternura parecia transbordar-se de seu coração ao visitar aqueles amados lugares, onde tão feliz havia sido e aos quais sabia que não veria mais com seus olhos de carne.

Mais uma vez as recordações mais ternas e emotivas se levantaram em seu espírito como um rumor de pétalas que o vento do entardecer arrancava das flores e as impulsionava a rodar tristonhas pelas areias da praia e sobre as ondas mansas daquele lago que refletia, pela última vez, sua imagem na serenidade de suas águas opalinas.

Sentindo que uma profunda melancolia embargava um soluço em sua garganta, aconselhou os seus que fossem pescar e preparar a ceia na tenda da margem do lago, onde pensava passar essa noite.

Eles aceitaram contentes e felizes a ordem e o Mestre subiu a uma pequena colina, de onde dominava o lago tingido de ouro e rosa, com os últimos resplendores do ocaso.

Nada elevava mais docemente sua alma às alturas infinitas que a contemplação das belezas da natureza, *o grande Templo de seu Pai*, segundo sua frase habitual.

A solitária e profunda oração do Filho de Deus durou até que uma formosa lua crescente se levantou como um fanal de prata no azul sereno do céu galileu.

Quando seus discípulos o viram regressar de volta à tenda, observaram nele tal plenitude de felicidade e paz que se sentiram envolvidos por ela que, simultaneamente, os inundava de uma doçura infinita.

– Mestre – disse João cheio de fervor. – Eu daria com gosto a metade dos anos que ainda me restam de vida para saber o que se passou no teu encontro com o Pai nessa longa oração.

O Mestre olhou sorridente para ele e disse, como a um menino a quem se repreende pelo excesso de curiosidade:

– Joãozinho!... entraste demasiado jovem no Santuário dos Anciãos; porém, se entraste, é porque és ancião de espírito como eles e, portanto, não deves fazer perguntas sobre a intimidade secreta da alma com Deus.

– Perdão, Mestre... mas vejo e sinto tanta grandeza e tantas maravilhas em ti e ao teu redor que, forçosamente, me vejo convertido num contínuo interrogador.

– Sei perfeitamente disto, João, e entendo. O Supremo Criador dotou-te de tão delicada sensibilidade apenas porque um dia serás o intermediário, nesta mesma existência, entre o Céu e a Terra – respondeu o Mestre.

– Não compreendo isso, Mestre. *Intermediário entre o Céu e a Terra?* Que significa?... Que queres dizer?

– Homem!... Que farás profecias como as fizeram os nossos Profetas – respondeu Pedro. – Eles não foram chamados de intermediários de Jehová junto ao seu povo? Estou certo, Mestre?

– Sim, Pedro, estás certo; e para que tenhais uma idéia mais precisa e clara das belezas do Reino até onde me seguireis um dia, mencionarei o que o amor do Pai me permitiu ver na oração desta tarde.

Todos prestaram atenção.

– Nos setenta dias de instrução espiritual que recebestes no retiro do Tabor, compreendestes o que é o homem encarnado na Terra, ou seja, um admirável conjunto de espírito e de matéria. Esta última conheceis apenas pelas sensações que experimentais nela e, ainda com esse escasso conhecimento, pressentis que é uma maravilhosa máquina viva, cujos órgãos, músculos e fibras parecem ter inteligência própria, de acordo com a precisão e o acerto com que todos cuidam de suas funções para as quais foram feitos.

"Desta forma, o pobre corpo maltratado do mais infeliz escravo é uma das grandes maravilhas criadas pelo Supremo Criador.

"Se é assim a matéria que constitui o corpo do homem, que não será a parte mais nobre de seu ser, a alma, emanação direta de Deus, a qual foi dotada, em princípio, de seus poderes e faculdades? Não sentiu Moisés numa de suas visões o Divino Pensamento que dizia: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança?'

"Falei algo sobre a alma numa de minhas confidências anteriores, e já que a curiosidade de nosso pequeno João faz com que eu fale da minha oração desta tarde, ouvi, pois, o que percebi nela.

"Eu orava com fervor e lágrimas pedindo ao Pai que me permitisse vislumbrar os caminhos seguidos por todos os que amo, no interminável correr dos séculos e das idades futuras. Eu precisava de paz e sossego para terminar com serena alegria esta etapa final da minha existência terrestre.

"Que eu possa levar comigo a certeza plena de que todos aqueles que me foram dados nesta hora suprema, através do amor e da afinidade, continuarão fiéis à minha mensagem até a distante hora de tomar posse do Reino Eterno que lhes terei preparado."

Nos olhos de todos o Mestre viu esta pergunta:

– Qual foi a resposta?

– Ouvi – continuou, dando ao tom de sua voz uma comovedora solenidade.

"Foi-me permitido ver vossos *Egos*, ou o vosso *Eu Superior*, como vos disse num ensinamento anterior, que é a verdadeira emanação de Deus e sua semelhança, residentes todos eles na morada de luz que lhes é própria e como seu berço eterno até a glorificação derradeira.

"O grau de progresso a que o vosso Eu Superior chegou no correr das idades passadas encheu de íntima felicidade o meu espírito e, embora haja diferenças de graus de adiantamento entre uns e outros, pude chegar à convicção de que, ao finalizar este ciclo de evolução, terei reunidos ao meu redor todos os que me amaram nesta hora solene da minha existência eterna.

"Vi-me num Céu formosíssimo, cujos esplendores coloridos de luz e de harmonias nenhuma linguagem humana pode descrever. Povoado de seres gloriosos da mais elevada perfeição, mantinham entre eles sublimes conversações sobre a evolução dos sistemas de mundos que lhes estão confiados. Se podeis imaginar o que será uma linguagem de pensamentos luminosos de cambiantes cores e tons, de acordo com a idéia que representam, e tudo isso flutuando numa onda interminável de harmonias dulcíssimas, podereis ter uma idéia aproximada da beleza e da felicidade daquela morada celestial.

"Com o pensamento, que é ali a sua forma de expressão, um daqueles elevados seres me disse:

"– Agora chegam os teus para formar a tua coroa eterna.

"Compreendi imediatamente essa linguagem de pensamentos e, antes que eu pudesse responder, vi que um enorme cortinado de véus de ouro se abria e todos os que amei nesta vida estavam diante de mim, resplandecentes de felicidade.

"Era uma enorme multidão, pois cada Ego ou Eu Superior vosso vinha seguido de um enorme cortejo que identifiquei de imediato.

"Eram todas as personalidades criadas e vivificadas pelos vossos Egos desde este momento até o final dos tempos. *Nem uma só personalidade se havia perdido*, pois em todas as vossas existências tivestes em conta o meu ensinamento de amor fraterno desta época atual. Podeis imaginar a felicidade inefável que esta visão causou em mim?

"Podeis avaliar agora o poder supremo da oração, quando ela sobe da alma para a Divindade e da Divindade se transborda de amor e de luz sobre a alma encarnada, que reclama, com ânsia infinita, esta sublime comunhão?

"Quereis felicidade maior? Eu vos vi entrar no meu Reino com todo o caudal de merecimentos, progresso, faculdades e poderes que conquistastes durante os séculos que devem vir até o final deste ciclo!"

– Mestre – disse Tomás, que era o mais analítico e observador. – Dissestes que, na vossa visão, percebeste que *nem uma única personalidade havíamos perdido.* Como devemos entender isso?

– É bem simples, Tomás. Já vos disse, noutra oportunidade, que o Ego ou Eu Superior, que é a verdadeira alma, emanação de Deus, cria suas personalidades para realizar as existências sucessivas mediante as quais se engrandece e aperfeiçoa. Alguma vez pode ocorrer, ainda que mui raramente, que seja tão grande o desvio moral de uma personalidade que o Ego a afaste de si, como o bom jardineiro que corta, de uma árvore, os ramos estéreis e daninhos, cujo crescimento prejudica a própria árvore. Eu não quis dizer outra coisa quando falei um dia da figueira estéril, que era cortada e arrojada ao fogo para convertê-la em cinza.

"O Eu Superior ou Alma, emanação divina, sofre angústias de morte quando o seu *eu inferior* se torna rebelde e se enreda nos planos físicos com toda sorte de crimes contra seus semelhantes.

"Não sentis uma imensa tristeza depois de haver cometido uma injustiça contra algum dos vossos irmãos?

"Essa tristeza que chamais remorso é como o clamor interno e intenso de vosso Eu Superior, que vos faz sentir seu descontentamento pela falta cometida.

"Compreendestes agora?"

– Sim, Mestre, e mui claramente – responderam todos a uma só voz.

Em Jerusalém

O Mestre encaminhou-se por fim a Jerusalém.

Estava decidido a expor seus princípios de fraternidade humana perante todo Israel reunido, sem que a presença dos grandes magnatas do templo restringisse a sua liberdade.

Devia levantar, antes de voltar ao Pai, a pesada cortina de trevas com que havia sido coberta a Divina Lei promulgada por Moisés.

Aqueles dez mandamentos sublimes, alicerce e coroa da perfeição humana, jaziam sepultados sob um enorme amontoado de prescrições e ordens, a cujo cumprimento estava obrigado todo israelita, sob as mais severas penas.

A Lei de Deus havia sido esquecida para dar lugar à vontade triunfante do mais alto tribunal religioso do país.

Como poderia ele silenciar nessa hora suprema em que, pela última vez, veria toda a nação reunida? Como poderia permitir que o engano e a má fé continuassem desviando as consciências e afastando as almas do caminho da verdade?

Quando os viajantes estavam chegando a Jericó, encontraram-se com o príncipe Judá e com Hach-ben Faqui, que os esperavam.

– Eu não vos mandei aviso da minha chegada – disse alegremente o Mestre ao abraçá-los de novo.

– Jhasua!... Qual é o súdito que ignora o caminho do seu Rei? – respondeu Judá. – Todo Israel te aguarda com ansiedade.

– Jamais houve uma afluência de gente com tanta antecipação – acrescentou Faqui.

– Se estiveres de acordo, Jhasua, tua residência será na Bethânia. Dali poderás ir à Cidade Real quando te agradar.

Depois de minuciosos detalhes sobre a extraordinária chegada de peregrinos dos portos do Mediterrâneo, entraram em Jericó para descansar.

A cidade das roseiras e das brancas torres apresentava-se completamente inundada de estrangeiros, principalmente árabes, cujas briosas cavalgaduras cruzavam fazendo ressoar os cascos nas pedras das ruas. Eram os ginetes do scheiff Ilderin que começavam a chegar de Bozra em grupos de cinqüenta e que iam alojando-se nas cidades vizinhas de Jerusalém: Rama Pethed, Emaús, Nicópolis e Bethlehem.

Essa afluência não era uma novidade, pois os filhos da Arábia desde há muitos séculos costumavam atravessar o Jordão para adorar a Deus no Templo de Salomão, ao qual dedicavam profunda admiração e respeito em virtude de sua extraordinária sabedoria. Sabá, a bela rainha africana de puro sangue árabe, não havia sido amada intensamente pelo grande rei hebreu do Cantar dos Cantares?

Além do mais, nessa época, a Judéia estava sob a autoridade imediata de Roma, e os ginetes árabes não apontavam suas lanças contra Roma, mas contra a dinastia de Herodes, com a qual tinham uma grande conta para saldar.

Ali o Mestre ficou sabendo que o príncipe Hartath de Damasco, com sua esposa e o filho curado por ele, compareceriam também às festas para participar da sua glória quando fosse elevado ao trono de David.

Nessa formosa cidade do norte, não esqueciam o Profeta Nazareno que havia passado como uma estrela polar, abrindo horizontes novos para todas as classes sociais e ainda para os incendiários do Penhasco de Raman.

Jhasua ia ser proclamado Rei desde a Iduméia até a Fenícia, e desde o Mar Mediterrâneo até a fronteira da Arábia. Todos os países vizinhos seriam grandemente favorecidos pelos extraordinários poderes supranormais daquele Profeta maravilhoso, que era obedecido pelos elementos, pelas enfermidades e até pela morte.

Grandes haviam sido Assuero, Dario e Alexandre, Hirão de Tiro, David e Salomão, contudo, nenhum deles havia mandado sobre os ventos e as tempestades, sobre as enfermidades mais incuráveis e sobre a própria morte. Se tudo isto havia sido feito por ele não sendo nada, que não poderiam esperar dele sendo Rei?

Todos os reis da Terra pediriam sua amizade, e talvez o próprio César se convertesse em seu súdito para merecer a proteção daquele gênio estupendo, como não havia sido visto outro igual sobre a Terra.

Não havia dúvida possível. O mundo ia ser transformado num paraíso de prosperidade, de felicidade e de paz, sob a mão poderosa e benéfica daquele justo, no qual o Altíssimo Deus dos Céus e da Terra havia depositado todos os seus maravilhosos poderes.

O mar lhe obedecia. Ele andava sobre as águas quando era necessário salvar vidas humanas.

Transportava-se como um raio de luz, de uma parte para outra, transpassava muralhas, continha a fúria dos perversos, a horrível lepra fugia diante da sua presença e até a própria morte era dócil a sua voz.

Que seria, pois, deste mundo governado por ele? Nenhum mal seria possível ao seu lado. Havia, pois, chegado o homem que tornaria a Humanidade feliz.

Tal era o rumor surdo, bastante discreto para não retardar os acontecimentos, no entanto, circulava a meia-voz de uns para outros naquelas populações cansadas de padecer a tirania despótica dos homens do ouro e do poder.

Na Terra não havia outra coisa que dor e miséria. Os poucos triunfadores da vida desempenhavam, segundo o costume, o triste papel de amos e verdugos das multidões, que não tinham outro dilema senão este: suportar ou morrer.

Como não haveriam de sonhar com um libertador? Como não haveriam de esperar uma mão poderosa e um grande coração capazes de modificar de repente o desventurado caminho por onde a Humanidade se precipitava no abismo? O Mestre não ignorava esses sentimentos e modos de ver das multidões sofredoras com relação a ele.

As confidências e comentários privados de seus familiares e amigos íntimos eram como o eco desses murmúrios de ansiedade e desejo.

Sua grande alma de sensitivo percebia profundamente todas essas intensas vibrações, que o fizeram sofrer um verdadeiro martírio durante os últimos dias que precederam a sua morte.

Esperavam vê-lo subir a um trono, e ele subiria a um patíbulo de infâmia. Esperavam que ele os salvasse do domínio estrangeiro, dos onerosos tributos do César, do rei do Sinédrio judeu, e ele mesmo cairia imolado como uma vítima daqueles três poderes arbitrários, injustos e despóticos.

Ia enfrentar-se com essas três forças que formavam a tríplice cadeia opressora daqueles países avassalados, e sua firme resolução de lançar em seus rostos seus iníquos procedimentos, fora de toda lei e de toda justiça, traria necessariamente para ele uma condenação que terminaria com a sua vida física.

Ele havia aceito assim de antemão, e esse era o preço de sua entrada triunfal no Reino de seu Pai.

Desde Jericó viu-se acompanhado por uma multidão de peregrinos que vinham de Huran, da Bethânia, da Peréia e dos Montes Jebel.

Em todos os rostos pairava a esperança!... Em todos os corações florescia a ilusão!...

Uma aspiração de suprema justiça e eqüidade vibrava em todas as almas como num único concerto, cujas notas vibrantes pareciam dizer: liberdade, fraternidade, igualdade.

O Mestre sentia-se como o ponto central de todas aquelas ilusões, anelos e esperanças!

"Eles não podem compreender – dizia a si mesmo – que o beijo do meu sangue inocente à Terra lavará seus crimes e arrastará a Humanidade para um novo caminho, ainda que esse caminho seja tão longo de percorrer como a passagem lenta de vinte séculos de lutas e de martírios.

"Eles não podem compreender o valor infinito que tem a oferenda da vida em holocausto do Ideal Supremo do Amor Universal que é o próprio Deus em todos os seres e em todas as coisas.

"Tampouco conseguem compreender que a Eterna Lei da Justiça, nesta hora solene da evolução humana, fará a separação dos réprobos dos justos, segundo tenham aceito ou não a Vontade Divina manifestada pelo Verbo Eterno Encarnado.

"Ai daqueles que fecharem seus corações à palavra divina, mensageira da Verdade e do Amor!

"Ai daqueles que pronunciarem a sentença de morte para o Verbo de Deus!

"A maldição e o ódio dos homens segui-los-á por toda parte e em todos os pontos da Terra serão estrangeiros, e até o pão, a água e o lume serão como usurpados daqueles cujas maldições os seguirão como o eco terrível de milhares de vozes hostis:

"Desventurados!...

"Meu Pai!... Perdoai-os, porque não sabem o mal que fazem a si mesmos.

"Não conhecem a profundidade do abismo para onde voluntariamente se arrojam por imensas idades, cuja extensão não se pode medir!

"Meu coração estremece de horror diante da tremenda visão da dor que os aguarda por milhares de séculos, em mundos de trevas, destinados, por Tua Eterna Justiça, para expiação daqueles que derramam sangue inocente, com plena consciência de que cortam a vida de um mensageiro Teu!"

Haviam chegado às primeiras colinas daquele agrupamento de montanhas cobertas de bosques, conhecidas como o "Monte das Oliveiras", em virtude dos grandes olivares que se estendiam por toda aquela região.

O Mestre quis descansar ali, não tanto pelo cansaço físico mas pelo desejo de se afastar para a solidão, para que o seu espírito, sacudido fortemente pelas dores humanas que previa, pudesse tomar novo alento na íntima comunhão com a Divindade.

Enquanto os viajantes se entregavam à contemplação do formoso panorama que se oferecia ao longe, a cidade dos Reis, com seus brancos palácios sobre o Monte Sião, as cúpulas douradas do Templo sobre o Monte Moriá, as almeias das torres e muralhas, o Mestre, na solidão de uma caverna natural na montanha, sob a sombra de imensas oliveiras, entregou-se à mais profunda meditação.

Um dia quis saber se, ao término daquele ciclo de evolução, veria todos os amados do seu coração entrar no Reino de Deus e se Ele havia sido concedido com infinita generosidade.

Agora queria ver o que faria a Eterna Justiça de seu Pai com aqueles que levassem sua rebeldia contra o Amor Universal, até afogar em sangue e morte a voz do Seu Verbo Encarnado.

Suas grandes alianças espirituais descerraram o véu dos arcanos divinos.

Com seu corpo físico recostado sobre pedras cobertas de musgo e seu espírito desprendido no êxtase, viu sua morte como já a tinha visto na visão do Moab na

véspera de ser consagrado Mestre da Divina Sabedoria; e pôde ver aqueles que o condenaram à morte, bem como a ralé judia comprada com ouro para pedir aos gritos sua execução sobre o madeiro em cruz, tal como se fazia com os escravos rebeldes. Viu sua entrada triunfal no Reino do seu Pai, acolhido com indizível amor por milhares de espíritos luminosos que o aclamavam como a um vencedor.

Daquelas supremas alturas, viu rodando, num tenebroso abismo, um mundo mais tenebroso ainda que, envolto numa nebulosa de chamas e de fumo, girava vertiginosamente, ao mesmo tempo que corria em grande velocidade pela imensidão de um espaço vazio, como se fugisse apavorado em busca da saída daquele infinito campo de escuridão.

Como a visão se aproximava cada vez mais do vidente, percebeu com nitidez a superfície árida de terras vulcânicas daquele mundo em formação, onde águas cálidas e lamacentas serviam de morada e de leito a monstruosas feras marinhas, cujas fauces avermelhadas sobressaíam à flor da água, esperando presas para devorar.

Viu escassos grupos de habitantes humanos que, nas partes mais elevadas das áridas rochas, escavavam com as unhas para arrancar larvas e moluscos que devoravam famintos.

Outros saltavam pelos penhascos tratando de apanhar uns feios animalejos semelhantes a morcegos, que devoravam crus com dentadas selvagens.

Viu, finalmente, com espanto e horror que outros esquartejavam o cadáver de um semelhante recentemente morto e devoravam suas carnes e vísceras ensangüentadas e ainda mornas.

As contínuas erupções vulcânicas faziam-nos correr de um lado para o outro, sem conseguir encontrar um lugar seguro onde levantar uma mísera choça de pedras e ramos.

Viu-os gemer desesperados, porque uma torrente de lava fervente se derramou sobre uma vertente de água fresca que brotava da fenda de um penhasco, e ficariam sem água até que, depois de muito andar entre aqueles intermináveis penhascos, encontrassem outro fio de água para aplacar a sede.

"Desventurados!... Infelizes!...

"Que fizestes para que a Justiça de Deus vos trate desta maneira?", interrogou o vidente horrorizado pelo que via.

Algo como um vendaval de fumo negro e pesado levou para longe aquele mundo mergulhado em trevas e a visão do Gólgota apareceu de novo clara e vívida e, numa cruz, um homem jovem e formoso, porém exausto e agonizante que ainda teve forças para clamar:

"Pai, perdoai-os, porque não sabem o que fazem!"

Percebeu diversas vezes o vidente que diziam:

"– Aí tens o que fizeram aqueles habitantes do tenebroso mundo que contemplaste!

"– Eu também os perdôo! Quero salvá-los!... Quem me impedirá de salvá-los? – perguntou o vidente com suprema angústia.

"– Ninguém te impedirá – responderam as vozes divinas – mas toda expiação tem seu tempo fixado na eternidade e, enquanto essa hora não tiver soado, ninguém pode salvá-los.

"– Que hora é essa que o meu amor não pode rompê-la? – insistiu a alma piedosa do vidente.

"– É a hora do arrependimento dos culpados – responderam as vozes celestiais que mantinham com o Cristo este diálogo no Infinito.

" 'E como são livres para arrepender-se ou não, a hora da liberdade é marcada por eles mesmos e, se eles não têm pressa, menos ainda tem Deus, que é eterno.'

Uma bruma de ouro e rosa envolveu o corpo do vidente para fortalecê-lo com suaves eflúvios, para que não sentisse na matéria os terríveis efeitos das angústias que havia sofrido.

Quando Judá e Faqui chegaram ao seu lado, encontraram-no ainda semi-adormecido; contudo, a divina irradiação que o envolvia permitiu-lhes compreender que Jhasua, o meigo Jhasua de sua primeira juventude, havia subido muito alto em sua meditação nessa tarde.

– Perdoa Jhasua – disse o príncipe Judá –, no entanto deves tomar algo para que possamos continuar a viagem e entrar na Bethânia antes do anoitecer.

– Vamos – respondeu o Mestre, sem ter voltado ainda ao seu estado normal.

Esperavam o Mestre na Bethânia. Lá estavam todos os amigos de Jerusalém, os mais íntimos e os que o seguiam com o pensamento a todas as partes onde iam os seus passos.

Aumentavam esse núcleo escolhido os da Galiléia, que haviam chegado uns dias antes junto com Myriam, sua mãe.

Os donos da casa, ou seja, Lázaro, Martha e a pequena Maria, regozijavam de felicidade. A esperança, a alegria e o amor floresciam, como risonha primavera, naquela tranqüila morada de trabalho e honradez.

Aquela era a residência escolhida para o Messias de Israel e nenhuma glória podia lhe ser comparada.

Os amigos de Bethlehem haviam chegado também nessa manhã. Anciãos veneráveis que receberam o Cristo na noite do seu nascimento não podiam faltar naquele glorioso encontro, no final do qual devia brotar, como um florão de luz, o triunfo definitivo de todos os seus ideais políticos e religiosos.

Ao redor de Myriam estreitavam-se as mulheres anciãs como aves viajantes cansadas de um longo vôo. Lia, Salomé e Sara, as mais idosas, formavam o grupo escolhido das *Avós*, para as quais Myriam olhava como se fossem suas mães em virtude da delicada ternura com que elas a preferiam.

Noemi, mãe de Thirza e do príncipe Judá, Susana, esposa de José de Arimathéia, Ana de Nicodemos e Verônica de Eleázar, mães já de muitos filhos, se estreitavam também junto a Myriam, a feliz mãe do maior Profeta de Israel, porque n'Ele estava encarnado o Verbo de Deus, o Ungido do Altíssimo, para levantar Israel sobre todos os povos da Terra, com o fim de transformá-la num jardim de paz, de justiça e de prosperidade.

Jamais viu o Mestre tanto amor florescendo ao seu redor, como naquela tarde de sua entrada na Bethânia que, sob o suave resplendor do ocaso, parecia envolta numa bruma de ouro, diáfana e sutil, que tornava mais serena e profunda sua placidez habitual.

O amor verdadeiro embeleza tudo. Como parecia formosa ao Mestre aquela Bethânia iluminada pelo amor!

Seus hortos e jardins, perfumados de flores e frutos, eram como um vergel de fadas cheio de todos os encantos imagináveis.

– Jhasua! – disse repentinamente o príncipe Judá, enquanto o Mestre saudava a todos. – Faltam os velhos mais formosos e valentes que existem entre os teus amigos. Consegues descobrir quem são?

O Mestre estendeu o olhar a todos aqueles rostos voltados para ele e, depois dessa observação, disse com grande firmeza:

– De Jerusalém faltam Simônides, Sallum de Lohes e Jesuá de Mizpa. De fora faltam Melchor de Horeb, Gaspar de Srinaghar e Fílon de Alexandria.

– Perfeitamente! – disseram muitas vozes ao mesmo tempo.

– Tens uma assombrosa memória – disse Nicodemos, aproximando-se para abraçá-lo, pois ainda não havia conseguido fazê-lo por causa da multidão.

– Pois desses valentes velhos que já entraram na década das 90 primaveras, nesta mesma tarde chegarão os de perto, sendo que os demais virão nestes poucos dias, segundo fomos avisados – acrescentou o príncipe Judá, que parecia ser a alma daquele entusiasmo.

– Daqui até as muralhas de Jerusalém – disse José de Arimathéia – é uma cidade de tendas, o que nos dá a impressão de estar em plena Bagdad.

– Todas as hospedarias e ainda os khans extramuros são insuficientes para os peregrinos, que chegam dos quatro pontos cardeais – acrescentou Faqui com grande satisfação.

– Nosso Simônides, que não se deixa surpreender pelos acontecimentos, colocou uma centena de trabalhadores para levantar tendas em todo terreno baldio existente, sem desperdiçar nem sequer o Monte do Mau Conselho, que até há pouco era o terror das pessoas por causa dos leprosos – explicou Marcos que, como sabemos, era um dos ajudantes do ancião.

Jhasua continuava falando em intimidade com uns e outros, enquanto pensava:

"Um comparecimento tão grande de pessoas, vindas unicamente para me ver morrer!

"Se a todo este povo entusiasmado, esperançado, eu dissesse apenas uma palavra do que planeja contra mim o alto clero de Jerusalém, nem um único deles ficaria com vida!

"Porém, não é uma coroa de pedras preciosas o que quero para a minha cabeça, mas uma coroa de almas postas no caminho da salvação através do meu amor e do meu sacrifício!

"É a minha entrada triunfal no Reino feliz de meu Pai o que busco, e não os triunfos sujeitos à volúvel vontade dos homens!"

Numa sala contígua ao grande cenáculo, achavam-se as anciãs e as mulheres de idade madura, entregues à tarefa de preparar uma infinidade de cestinhas de junco com bolos dourados, recém-tirados do forno, com frutas e pasteizinhos, queijo e manteiga para a refeição à noite, a ser distribuída entre a numerosa multidão. Enquanto Martha, na cozinha, com uma vintena de criadas, estava absorvida na preparação de cabritos, aves e pescados para o último banquete que haviam de celebrar como em família antes do grandioso e feliz acontecimento que era o sonho de todos.

A juventude feminina, acompanhada pelos filhos de Nicodemos, de José de Arimathéia e sob a direção de Lázaro, reunia-se no grande pavilhão dos teares, convertido num verdadeiro armazém de mercadorias. Todos estavam entregues ao trabalho de desdobrar e dobrar túnicas, mantos, véus e ordená-los cuidadosamente dobrados nas estantes que cobriam as paredes.

A multidão que acompanharia o Mestre na sua entrada em Jerusalém devia ir vestida de gala, de acordo com os costumes simples dos filiados à Fraternidade Essênia, na qual não era permitido luxo algum.

O Mestre percorreu todas aquelas dependências, comprovando, dessa forma, até

que ponto estava gravado profundamente em todos eles a idéia de que havia chegado a hora de vê-lo proclamado rei de Israel.

Várias vezes esteve a ponto de contar-lhes toda a verdade, mas se conteve, sempre com supremo esforço, para não entorpecer a marcha dos acontecimentos.

Quando chegaram os três anciãos de Jerusalém que faltavam, deu-se início à ceia, que, em razão do grande número de participantes, foi servida no grande cenáculo e em mais duas salas contíguas.

Entre aquele transbordamento de entusiasmo e alegria, três mulheres, as três de nome Maria, se esforçavam no sentido de manter-se em sintonia com todos os que rodeavam o Mestre; no entanto, no seu íntimo, estavam alarmadas, como se pressentissem a tremenda borrasca que os ameaçava. Eram a mãe de Jhasua, Maria de Mágdalo e a pequena Maria da Bethânia que, com apenas 13 anos de idade, tinha o senso e o raciocínio de mulher madura.

As três procuravam estar sempre juntas, como se um laço invisível as atasse umas às outras, e como nada passava despercebido à fina observação do Mestre, ele logo se deu conta da secreta afinidade dessas três almas, passando então a chamá-las de *minhas três Marias* com tão delicada ternura que as demais companheiras pareciam achar-se um tanto ciumentas.

A fim de que o leitor conheça a fundo o estado psíquico em que se encontravam os amigos mais próximos do Mestre, vejamos o que dizem e comentam nos inolvidáveis dias na Bethânia que precederam o holocausto do grande Mártir.

De alguns deles conservam-se relatos e crônicas que nos servem de ilustração neste caso.

Um diálogo entre José de Arimathéia e Nicodemos, escrito por este último, faz viver de novo aqueles momentos: "Quando ele chegou a Bethânia, em sua última viagem a Jerusalém, José me chamou em particular e tivemos este diálogo:

"– Não observaste que há algo em Jhasua que não concorda com o entusiasmo de toda esta multidão de amigos a rodeá-lo?

"– Na verdade, não se vê nada nele que se pareça a uma aceitação daquilo que todos cremos ser um fato próximo a realizar-se. Se alguém faz alusões a esse assunto, Jhasua desvia habilmente a conversa, fazendo-a recair na gloriosa felicidade que existem nas moradas do Pai para os valorosos e denodados filhos que tenham cumprido com o seu dever, ainda que à custa dos maiores sacrifícios.

"– Isso mesmo eu observei e quando, pouco depois de chegar, tratei de sondar se ele pensava que a nação israelita tivesse sua completa independência ou que continuasse sob o protetorado de Roma, respondeu-me desiludido: '– Também tu, José, sonhas como os demais? Sois todos crianças nos caminhos de Deus! Julgava-te bem desperto para a Verdade Divina e ainda dormes! ...'

"– Não, Jhasua, meu filho, não durmo; apenas quero de ti a verdade completa. Serás na verdade o rei de Israel?

" '– *Meu Reino não é deste mundo* – respondeu-me – e, embora o tenha repetido muitas vezes, vejo, com pesar, que não chegam a compreender-me. Esqueceram o espírito das profecias para ater-se tão-somente à letra morta e por isto permanecem enganados.

" 'Deus, que é bondade e amor supremo, o quer assim, para evitar a perda de vidas humanas, cuja responsabilidade pudesse cair sobre o Ungido da Paz e do Amor.

" 'Quando já não possam evitá-la, compreenderão a realidade, que está nos desígnios do Pai.'

"– Pensas – acrescentei – que tudo isto terminará numa ruptura definitiva com a autoridade civil e religiosa que governa o país; porém, se contas com a submissão incondicional de todas as forças vivas da nação e as disposições do Sinédrio, talvez te equivoques, Jhasua. O povo quer o seu Libertador, o seu Rei, e não sei se poderá satisfazer-se com essa formosa frase de duplo significado:

" '*Meu Reino não é deste mundo.*' Que queres dizer com isto? Que tens plena certeza de que vais morrer para voltar desta forma ao Absoluto de onde vieste? É esse o Reino a que aludes?

" 'Se tal fato chegar a produzir-se, que deixas à tua retaguarda, para assegurar a colheita daquilo que semeaste?

" 'A miserável condição humana nos diz que a 'rei morto, rei posto'. Quando deixarem de ver em ti a realidade de suas aspirações e esperanças, se esquecerão de ti, Jhasua, e eu me nego a crer que tal seja o triste fim do Messias enviado a Israel para salvá-lo da miséria e do opróbrio. O Ungido do Eterno deve mudar a face deste mundo, e essa mudança não se produziu ainda.

" 'Que me respondes a tudo isto?'

" 'Com sua habitual complacência, Jhasua me respondeu: 'Quando plantaste em teu horto as tuas oliveiras e palmeiras, colheste de imediato os frutos que esperavas da tua plantação?'

"– Não, porque colhi os frutos daqueles que meu pai semeou; e meus filhos colherão dos que eu semeei.

" '– Respondeste muito bem, José – disse-me. – Se, para as coisas materiais e perecíveis – acrescentou – aguarda-se pacientemente a hora, que não deverá para o espiritual e eterno? Semeei e continuo semeando. O Pai tornará fecunda a minha semeadura, que mudará a face deste mundo; no entanto, isto não ocorrerá hoje nem amanhã, mas quando o tempo tiver amadurecido os frutos.

"– Tal foi a resposta do Mestre a José de Arimathéia, que ma transmitiu naquela primeira noite em Bethânia, na última viagem que fez a Jerusalém.

" 'A partir desse momento, José e eu compreendemos que o Reino de Israel era um sonho, que não se realizaria por enquanto e, provavelmente, nunca. Acrescento isto agora depois que presenciei o desenrolar dos últimos acontecimentos.' "

Esta breve passagem de uma crônica escrita por um doutor de Israel, Nicodemos, nos demonstra como esses dois grandes amigos do Mestre chegaram a compreendê-lo nos últimos dias de sua vida terrena.

Seus Doze íntimos sabiam que voltaria em breve para o Reino de seu Pai, mas não imaginavam, nem remotamente, de que modo seria essa partida.

"Sendo o Ungido de Deus o Seu Verbo Encarnado, Seu Filho, mandará uma legião de anjos para que o transportem aos Céus infinitos, pois não pode suceder de outra forma o que ele chama: 'Sua entrada triunfal no Reino de Deus.' Era esta a certeza que tinham os íntimos de sua Escola da Divina Sabedoria. Quando o Mestre percebia a vibração desse pensamento, repetia aquela frase que chegou a nós, comovendo-nos profundamente:

"Velai e orai para não cairdes em tentação."

Que tentação era essa que o Divino Mestre tanto temia para os seus? Era justamente essa: Sua fé seria suficientemente forte para continuar reconhecendo como Ungido de Deus, como seu Verbo Divino, um homem que morria carregado de opróbrio e de infâmia no alto de um patíbulo?

Confundido com os malfeitores da mais baixa classe, abandonado por Deus e pelos homens, sem que ninguém levantasse a voz para defender e provar a sua inocência, continuariam os seus amigos e discípulos crendo que aquele pobre corpo maltratado e humilhado era a encarnação do maior ser que havia pisado a Terra?

Onde estava relegado o Poder Onipotente, que não o arrancava do ódio de seus inimigos?

Onde se escondia a Justiça Divina, que não caía como um vendaval de fogo sobre os homens injustos e perversos?

Tudo isso sabia o Mestre que passaria como uma onda de trevas pelas mentes atormentadas dos seus, e voltava a repetir de vez em quando: "Velai e orai para não cairdes em tentação, porque o espírito está alerta, mas a matéria é débil e pesada."

Falando uma tarde sob a sombra dos nogueirais e das oliveiras seculares, um dos seus perguntou em que consistia, verdadeiramente, a grandeza e a perfeição de um espírito.

– Em Israel – disse Marcos – temos o costume de discutir qual dos Patriarcas e dos Profetas é o maior dentre todos, e jamais conseguimos ficar de acordo, porque nossa simpatia por um ou por outro nos impede seguramente de sermos imparciais em nosso julgamento.

– Esse é um tema – respondeu o Mestre – sobre o qual jamais se deveria discutir, porque no secreto âmbito da alma apenas Deus pode penetrar.

"Certos aspectos exteriores na vida de um ser podem permitir aos humanos emitir opiniões ou juízos mais ou menos acertados; entretanto, a verdade absoluta sobre sua grandeza espiritual ninguém a pode ter.

"A perfeição suprema da alma humana está relacionada diretamente com a sua perfeita união com Deus, que é a absoluta perfeição.

"Porém a criatura humana não pode medir os graus dessa união de uma alma com a Divindade.

"Nos círculos estreitos em que geralmente vivem os adeptos de todas as religiões, é avaliada a grandeza de uma alma pelo seu maior ou menor cumprimento das práticas ou ritos em uso na teoria religiosa a que pertence. E esta é a causa dos julgamentos equivocados que se fazem.

"Todas as religiões conhecidas foram surgindo através dos séculos e de acordo com o grau de evolução dos povos em que nasceram. Essas religiões que marcaram normas de vida a seus adeptos, são melhores ou piores na medida em que estejam de acordo, em maior ou menor grau, com a Religião Universal, única emanada diretamente do Soberano Criador e que tem uma única base, uma única cláusula abrangendo toda santidade, toda pureza, toda perfeição possível nos planos físicos:

" 'AMA A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS E AOS TEUS SEMELHANTES COMO A TI MESMO.'

"Ao redor desta única Lei Divina os homens formaram um enorme amontoado de ritos, instruções, leis, em resumo, uma verdadeira torre de Babel, sem lógica alguma, sem raciocínio, inspirados apenas num mesquinho conceito de Deus e da vida.

"O primeiro grande erro de todas as religiões é crer que Deus, perfeição absoluta, se irrita e se encoleriza da mesma forma como *um amo*, quando suas ordens são desobedecidas.

"Uma vez que o crêem irritado, encolerizado, nasce a necessidade de aplacar a sua ira com oferendas de uma ordem ou de outra, de acordo com o grau de adiantamento e de compreensão dos seres.

"Deus não se irrita nem encoleriza jamais. Só pensar dessa maneira já repugna

a alma que O ama de verdade. Se Deus pudesse ser factível de cólera, a teria ao ver que o colocam no mesmo nível de qualquer minguado homenzinho de mau caráter.

"Porém, nem sequer isto altera a sua infinita serenidade. Ele é tão grande em sua plenitude de amor e de felicidade que nada absolutamente pode afetá-lo!

"Conhecido este aspecto do equivocado ponto de vista das religiões em relação ao Supremo Criador, fácil é compreender como se enganam os homens em seus julgamentos sobre a grandeza espiritual dos seres que se destacaram dentre a multidão em face de suas obras.

"Para compreender mais facilmente este assunto, observemos o que ocorre ao nosso redor com as diferentes seitas religiosas em que está dividido o país.

"Os fariseus, escrupulosos observadores de todas as prescrições que foram acrescentadas à única Lei Divina, julgam-se muito superiores em grandeza e perfeição moral aos saduceus, aos samaritanos e, em geral, a todos os homens da Terra.

"Segundo eles, sua perfeição está na prática severa e estrita dos ritos em uso, aos quais dão mais importância que à própria Lei de Deus.

"Sob este conceito, julgam-se com o direito de vomitar anátemas e de desafogar seu ódio contra todos os que não estão de acordo com eles.

"Podemos, em boa lógica, pensar que o Deus-Amor e Justiça Eternos, Poder incomensurável, deva estar sujeito a tão mesquinhos e errôneos conceitos?

"Pode algum homem na Terra, por grande e poderoso que seja, pretender encadear a Vontade Divina a seus modos de ver e a seus mesquinhos conceitos das leis soberanas e imutáveis da Criação Universal?

"Com desdém e desprezo profundos, nossos compatriotas chamam *idólatras pagãos, filhos de Satanás*, aos habitantes das demais nações da Terra que não têm conhecimento do cúmulo de instruções, ordens e ritos em que a maioria dos filhos de Israel vive como entre um molde de ferro, ou seja, bitolados. Podem eles acaso impedir que, entre os chamados idólatras e pagãos filhos de Satanás, haja almas grandes e puras que amam a Deus e a seus semelhantes, sem necessidade de fórmulas e de ritos, que não conheceram jamais?

"Melchor, Gaspar e Baltasar são pagãos para Israel; mas vos asseguro que não existem cem israelitas capazes de realizar as obras feitas por eles, nem de amar a Deus e aos seus semelhantes como eles os amam!

"Sócrates e Platão foram pagãos para Israel; mas eu pergunto: Quantos israelitas existem capazes da grandeza dessas almas sem egoísmos, sem interesses, que deram de si tudo quanto puderam, e até a própria vida, pelo bem de seus semelhantes e sem recompensa alguma?

"Homero, o poeta genial da Grécia antiga, foi um pagão para Israel. Que sabem os homens da íntima adoração das almas ao Supremo Criador, seja qual for o nome que lhe dêem? Que sabem e até que ponto chegaram na perfeição de suas vidas levadas pelas ciências, pelas artes, pelas milhares de formas que o Criador apresenta à compreensão de suas criaturas?

"No que diz respeito aos nossos Patriarcas e Profetas, tampouco podeis discutir sobre a sua grandeza, pois ela depende, como vos disse, de sua maior união com a Divindade. Acaso, para emitir um julgamento, basta conhecer uma personalidade entre as milhares que um ser tem até chegar à perfeição?

"Quando, terminada toda a série de encarnações sucessivas de um *Ego ou Eu pensante*, o vedes recolher todas as personalidades que mandou para a vida física e refundi-las em si mesmo, porque terminou sua carreira e conseguiu a perfeição, então

seria chegado o momento de poder dizer, com justiça e verdade: *Este é grande.* Enquanto não tiver chegado esse dia, é absurdo pretender entrar no segredo das almas, reservado apenas para Deus.

"As aparências exteriores não representam muitas vezes a verdade, nem significam o que se pretende demonstrar com elas.

"O homem justo, o homem de bem, esconde o mais que pode suas boas ações, porque foge de toda exibição. De sua maior ou menor união com a Divindade, ninguém pode ser testemunha, porque entre Deus e a alma que O ama não cabe absolutamente nada, nem sequer o reflexo de um pensamento estranho.

"Não vos afadigueis, pois, em procurar saber qual é o maior entre os amantes do Deus-Amor, porque nisso não se estriba o vosso adiantamento nem o deles.

"Pensai sim, e esforçai-vos em imitar a vida dos justos que passam pela Terra fazendo o bem, ainda que não sejam prosélitos da fé de Israel.

"A Verdade Divina é uma única, e brilha mais que um sol para todo o Universo de milhões de mundos. É infantil puerilidade pretender que essa Verdade Divina, patrimônio de todos os mundos, possa ser açambarcada por qualquer das teorias religiosas deste pequeno e insignificante planeta, que é menor que uma cereja na imensidão do Universo infinito."

Essa formosa instrução terminou com a chegada do ancião príncipe Melchor de Horeb, acompanhado de quatro discípulos de sua Escola do Monte Hor.

Ele estava tão extenuado por seus muitos anos e pela fadiga de suas contínuas viagens que parecia uma sombra sob o dossel que o agasalhava sobre o seu imenso camelo branco. Quando o nobre animal se ajoelhou para que o viajante descesse, Jhasua já estava junto dele e o recebeu em seus braços.

O que aquelas duas almas disseram uma para a outra nesse abraço longo e mudo nós apenas podemos supor vendo os olhos de ambos cheios de lágrimas.

– Vens para me ver morrer! – diria Jhasua com toda a certeza.

– Venho para morrer contigo! – dizia a alma do ancião Melchor.

Ambos sabiam do doloroso holocausto no qual o Homem-Deus entregaria sua vida física ao Pai.

Quando, dois dias depois, chegaram em diferentes horas e por diferentes caminhos, Gaspar e Fílon, o Mestre disse na presença de todos:

– Agora a minha coroa real já está engastada com todas as suas pedras preciosas! Quem pode ser mais feliz do que eu?

Seu olhar, mais meigo e terno do que nunca, estendeu-se como eflúvio de milhares de beijos por todos aqueles rostos, como se quisesse gravá-los profundamente em sua recordação.

Jhasua teve longas conferências com Melchor, Gaspar e Fílon, esboçando o programa futuro.

Ali o mundo ficou repartido em frações das quais deviam encarregar-se os discípulos de cada qual, em união com os Doze do Mestre, para derramar, como divina essência, a sublime doutrina da fraternidade universal.

Na última dessas conferências, o Mestre fez comparecer todos os seus amigos presentes em Bethânia com o fim de estabelecer um forte laço de união entre todos.

– Todos os vossos corações palpitam em uníssono com o meu – disse com a voz trêmula de emoção. – Se o Pai vos congrega nesta hora em torno de mim, é para agir e pensar em comum acordo, tal como penso, ajo e quero. Que o conselho dos anciãos seja ouvido como a voz da sabedoria que fala por eles.

Comparando os velhos manuscritos encontrados no Sinai, em Horeb e no Monte Hor, com os de Bombaim, Persépolis e Alexandria, podemos ter uma idéia das combinações feitas nesses últimos dias pelo Mestre com os três sábios anciãos que não o perderam de vista desde o seu nascimento até a sua morte.

Gaspar, Melchor e Fílon de Alexandria, e Baltasar, já desencarnado, existiam no espírito da sua Escola.

Essa imensa rede de missionários do Cristo que se estendeu como um bando de pombas sobre todos os países conhecidos naquela época foi o resultado dessas conferências posteriores na Bethânia, nas quais o Mestre tratou de deixar esboçados os caminhos a seguir no futuro.

Geralmente, julga-se que ele derramou a divina semente e deixou o porvir à mercê dos acontecimentos, e esse modo de agir não está de acordo com a sua genial concepção da obra renovadora da Humanidade que deixava fundada.

Uma mente tão lúcida e preclara como a sua não poderia agir jamais com uma imprevisão própria de espíritos novos nos eternos caminhos das almas em seu andar ascendente para a Suprema Perfeição.

Perante o Sinédrio

Neste meio-tempo, o príncipe Judá, Faqui e Simônides, eram a alma tríplice da aliança libertadora de Israel, multiplicavam-se por intermédio de fiéis agentes e servidores para oferecer hospedagem à multidão de peregrinos chegados de todas as partes. O povo de Israel, disperso por todas as nações civilizadas da época, era quase mais numeroso que os residentes na Palestina.

Toda a costa da Ásia Menor e da Europa, sobre o Mediterrâneo, estava inundada de israelitas que comerciavam ativamente fora do seu país natal.

Atraídos pela senha "O Messias está em Israel para libertar seu povo", que havia corrido a meia-voz entre todos os filhos de Abraham, tão numerosos como as areias do mar, as Páscoas dos últimos anos foram enormemente concorridas com a esperança de que numa delas se veria a glorificação da pátria oprimida.

O Sinédrio, por sua parte, havia estendido uma rede de espionagem para seguir de perto os passos do jovem Mestre; e, dia a dia, esse alto tribunal acumulava despeito e cólera diante das obras estupendas que o Profeta-Taumaturgo realizava em todos os povoados, cidades e campos do país.

Mas não era somente isso o que irritava os magnatas do Templo de Jerusalém. Era principalmente o ensinamento que aquele audaz Mestre se permitia dar ao povo *baixo e soez* (segundo o seu sentir), em razão do qual começavam a julgar-se iguais, perante Deus, a eles, os doutores, os sábios e os sacerdotes de Israel.

Os sacrifícios haviam diminuído enormemente e, portanto, a entrada do ouro e da prata nas arcas sacerdotais.

O Mestre Nazareno havia convencido quase toda Israel e regiões vizinhas que a Deus se agradava com obras de piedade e de misericórdia, que Deus era Amor acima de todas as coisas e se comprazia mais com a adoração e reconhecimento de um

coração simples e bom que com a degolação de touros, de bezerros e de carneiros sobre os altares do Templo.

Dessa forma, como os grandes abastados do país eram as mais ilustres e antigas famílias sacerdotais, cuja enorme riqueza era fruto da venda de animais para os sacrifícios, o leitor poderá compreender claramente que um Messias como Jhasua de Nazareth não podia ser jamais do agrado do Sinédrio, mas, muito pelo contrário, considerado como um inimigo altamente perigoso para suas finanças, que haviam progredido de vento em popa até que sua palavra começou a ser ouvida, afiançada e fortalecida pelas maravilhosas obras que realizava em todos os lugares onde punha os pés.

Mediante a fúria de Herodíades, livraram-se em tempo oportuno da voz ameaçadora de Johanan, o Profeta do Jordão.

Agora tinham de encontrar um meio de livrar-se deste outro Profeta, mais perigoso ainda, visto como grande parte do povo começava a apontá-lo como o Messias anunciado pelos Profetas.

Que fariam com ele? Como o fariam cair em suas redes sem sublevar o povo?

Uma hábil combinação de espiões podia dar-lhes a chave da forma como deveriam agir para obter algo parecido a um motivo legal para dar-lhe morte ou, pelo menos, sepultá-lo em algum torreão dos muitos que havia desde os mais remotos tempos.

Primeiramente, passaram a espionar as pessoas mais chegadas ao jovem Profeta.

Quando tiveram amplo conhecimento sobre esse particular, os espiões estudaram as condições das pessoas cuja lealdade ao Mestre pudesse ser vencida mediante promessas adequadas a esse fim.

As mulheres seriam tentadas através da vaidade e do luxo: trajes suntuosos, jóias preciosas, bons partidos, etc., etc. Os homens seriam procurados pelo lado fraco: a cobiça do ouro e do poder.

José de Arimathéia e Nicodemos foram chamados perante o Sinédrio para dar informação sobre as pretensões que teria o jovem Mestre que se mantinha afastado da suprema autoridade do país.

Foram interrogados separadamente e ambos disseram o mesmo sem que houvessem dado tempo a pôr-se de acordo: "Que Jhasua de Nazareth não tinha pretensão alguma de ordem material, mas queria tão-somente explicar aos povos a Lei de Moisés e aliviá-los em suas enfermidades, em suas dores e em sua miséria.

"Ninguém é mais desinteressado que ele, que até renunciou à herança paterna em favor de sua mãe viúva e vive da generosidade de seus discípulos que possuem bens materiais."

Quanto à pergunta se era amigo ou inimigo de César, amigo ou inimigo de Herodes, ambos responderam a mesma coisa:

"Para Jhasua de Nazareth, somente existe Deus Pai e Senhor de tudo quanto subsiste, e considera toda criatura humana, desde o mais poderoso monarca até o mais desprezível escravo, como seus irmãos, pois são todos filhos de Deus. Se agem mal, reprova o mal. Se agem bem, aprova o bem e, em seu coração, não cabe o ódio contra ninguém, porque está cheio de amor, de paz e da felicidade infinita de fazer o bem."

– Então – disse o presidente do Conselho – esse homem é invencível ... invulnerável! ...

– Disseste toda a verdade – respondeu José de Arimathéia. – Ele é realmente invencível e invulnerável.

– A Jhasua de Nazareth – acrescentou Nicodemos – jamais se poderá condenar

com justiça. Poderá ser assassinado iniqüamente, como se fez com os nossos grandes profetas, com uma punhalada à traição, ou das mil maneiras usadas pelos bandoleiros e piratas, porém uma condenação legal e justa jamais poderá ser dada contra um homem que não fez mais que praticar o bem por onde passou.

– Todo homem, por grande e justo que seja, tem sempre algum lado fraco – disse Hanan sentenciosamente. – Mas vós o amais demasiado para descobri-lo.

– Descobri então vós, que não o amais – respondeu José de Arimathéia.

– Vejo que não se pode contar convosco – disse o presidente do Conselho.

– Para uma injustiça, nunca! – afirmou Nicodemos. – Somente estamos dispostos para a eqüidade e para o bem. Como guardiães que sois da Lei de Moisés, creio que sereis os primeiros a zelar pelo cumprimento de seus princípios básicos: "Não tomar o nome de Deus em vão. Não levantar falso testemunho, nem mentir. Não matar. Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo."

Um gesto de ira mal dissimulado passou como um relâmpago por aqueles rostos envelhecidos na mentira e no crime.

Os dois amigos do Mestre se retiraram com intensa amargura no coração, pois viram claramente o desejo daqueles perversos velhos de encontrar a forma de tirar Jhasua do meio da Humanidade com aparências de legalidade.

Os espiões receberam ordem de tentar as mulheres que seguiam o Profeta, quer fosse por adulações e promessas ou por medo à difamação.

Inteirados de que até a pagã idólatra do Castelo de Mágdalo o seguia de perto, tomaram-na como um dos muitos meios que pensavam usar para destruir pouco a pouco o prestígio do jovem Mestre ante as multidões.

Os filhos daqueles graves doutores, juízes de Israel, haviam assistido mais de uma vez às festas de estilo grego que tinham sido dadas anteriormente no Castelo de Mágdalo, cujas riquezas abriam seus apetites de abutres insaciáveis e jamais obtiveram a menor preferência por parte da jovem castelã. Nem a sabedoria de Schammai pôde atrai-la como prosélita ao judaísmo.

Era o cúmulo da humilhação, demasiado duro de suportar em seu orgulho de raça, hierarquia e poder, que esse jovem Rabi desconhecido, sem escola, segundo eles, sem títulos oficiais, sem fortuna, houvesse conseguido interessá-la.

Não podia ser!

As posições estavam pois definidas: Eles ou ele perante o conceito público. Maria de Mágdalo foi visitada por uma irmã de Hanan, na sua nova residência de Jerusalém.

Era uma matrona muito devota e que queria parecer um modelo de distinção, já que fazia parte da nata da aristocracia judaica desse tempo. Pela suntuosidade de sua liteira e da criadagem que a acompanhavam, bem que se poderia supor tratar-se de uma princesa de sangue real.

Maria havia sido avisada por Gamaliel de que as principais damas das grandes famílias sacerdotais queriam iniciar amizade com ela.

José de Arimathéia e Nicodemos instruíram-na sobre a forma que devia responder para não comprometer o Mestre, pois tinham a certeza de que a submeteriam dissimuladamente a um interrogatório.

Conhecendo a veemência de seu temperamento e de seu caráter altivo, contrário à dissimulação, eles temiam que ela não agisse de acordo com a necessidade do momento.

A devota dama judia encarou o assunto com suma cautela, pois percebeu, desde o primeiro momento, que sua interlocutora estava bem preparada para fazer-lhe frente.

Depois de um hábil preâmbulo, cheio de bajulação, disse:

– Minha filha, nossa casa viu com satisfação a tua entrada na santa fé de Israel, ocorrência esta que derruba a barreira que te separava de nós. Pisoteaste os ídolos pagãos, e isso é um triunfo que te engrandece e dignifica.

– Nobre senhora – respondeu Maria –, creio que não estás bem informada a respeito da minha vida, porque não pisoteei ídolos pagãos. Meu culto tem sido a beleza da criação universal em todas as suas manifestações, assim como as artes e as ciências no que elas têm de grandioso e de sublime para toda inteligência que trata de compreendê-las.

"Fui educada na religião de Homero, de Sócrates, de Platão e de Virgílio, ou seja, na religião do bem e da justiça.

"Não conheci a religião de Israel até agora, é verdade e, em face disto, compreendo muito bem que os meus costumes gregos devem ter afligido profundamente os vossos sentimentos, modos de ver e de apreciar as coisas da vida.

"Compreendo perfeitamente como os devotos israelitas julgaram a minha vida com uma severidade que teria aterrado qualquer outra mulher, mas não a mim, que jamais me preocupei em exibir-me em meus atos.

"Fui ensinada a viver sem molestar nem ofender a ninguém, e sem pretender tampouco acomodar-me aos costumes e gostos dos demais.

"Vivi para mim mesma e agora compreendo que neste ponto fui egoísta, pois sou parte de uma Humanidade em benefício da qual todo esforço e boa vontade são necessários.

"A partir de agora, começo a me esquecer de mim mesma para consagrar ao bem de meus semelhantes tudo o que de bom eu possa dar."

– E por que houve em ti essa mudança tão fundamental, minha filha? – perguntou amavelmente a dama judia.

– Desde que tive a sorte de ouvir a palavra do Profeta Nazareno compreendi que havia outro caminho com mais claridade e beleza que aquele que eu seguia e, acima de tudo, com mais amor. Foi isso que me decidiu a tornar-me sua discípula.

– Nada mais que isso? – insinuou com malicioso sorriso a astuta mulher. – Pergunto isso porque ouvi falar muito da beleza física desse jovem Profeta, atrás do qual correm as mulheres e as crianças ...

– E também os homens, senhora – interrompeu Maria. – A mais elevada sabedoria sai de sua boca como uma torrente transbordante, e todos os que aspiram a verdade correm para ele.

– Porém, que mais se pode saber do que está escrito em nossos sagrados livros? – insistiu a dama com um tom um tanto agressivo.

– Todas as religiões têm seus livros sagrados, bastante respeitáveis, por certo; entretanto, seus princípios não satisfazem a todas as inteligências no momento atual. O Profeta Nazareno não traz um novo livro, porque ao explicar os dez mandamentos das Tábuas de Moisés sustenta que cada homem ou mulher deve ser um *livro vivo*, que ensine o bem, a justiça e o amor de uns para com os outros.

"Ele mesmo é um livro vivo de justiça e de eqüidade, de bondade e de amor.

"Por isso as multidões o seguem. Além do mais, ele não deixa nenhuma dor humana sem remediá-la. Ao vosso próprio irmão, o ilustre Hanan, ele curou da úlcera cancerosa que tanto o fazia sofrer."

– Mas, como!? ... – exclamou a devota judia. – Eu não sabia desta circunstância! Não pode ser! ...

– Sim, senhora! ... Houve testemunhas e ocorreu na casa de uma princesa judia,

cujo primogênito surdo-mudo foi curado pelo Profeta Nazareno no mesmo momento em que foi curado o ilustre Hanan.

– Deve realmente ser assim, visto como asseguras ser verdade.

"Embora a minha visita – acrescentou – não seja, propriamente dito, um pedido da tua mão, permito-me insinuar, minha filha, que um de meus sobrinhos, o filho mais moço de Hanan, deseja relacionar-se contigo com fins matrimoniais. Ele completou na lua passada sua maioridade e o pai o colocou na posse de sua vultosa herança, que consiste no mais formoso dos nossos palácios de família, em Accarão, com as terras que lhe pertencem até a margem do Mar Grande, terras riquíssimas em olivais, castanheiros e vinhedos. Tem, além do mais, pradaria de pastoreio para o abundante gado, que é uma mina de ouro, pois é do melhor que existe no país para os sacrifícios no Templo.

"O palácio está decorado com todo o luxo, pois ali se hospedou durante uma temporada a imperatriz Lívia, esposa de Augusto, e sua filha Júlia. A riqueza em trajes e em jóias é incalculável.

"Em vez de seguir inutilmente e em vão a esse Profeta galileu, pobre e de origem desconhecida, creio que a minha proposta te é mais vantajosa ..."

– Não continues por esse caminho, nobre senhora – interrompeu, nervosa, Maria de Mágdalo. – Minha educação grega ou pagã, como queirais chamar, não me ensinou a vender-me como se vende uma escrava ou um animal, por elevado que seja o preço que me ofereçam.

"Sou livre e quero continuar livre e senhora de meus atos. A insinuação que me fazeis, senhora, honra-me grandemente e agradeço a deferência ..."

– Queríamos arrancar-te da sedução desse homem, e tu mesma te afundas ... – disse a judia com ira bem manifestada.

– E que importância tenho para que queirais fazer-me esse bem? Há tantas princesas judias que seriam dignas companheiras do filho do ilustre Hanan!

– Dize-me: que encontraste nesse mago, fazedor de milagres, curandeiro de leprosos e de pesteados?

– Encontrei nele, senhora, o único homem capaz de fazer o bem sem o interesse da recompensa. Na terra, isso é uma coisa tão rara e exótica como encontrar, de repente, uma estrela no meio da relva do meu jardim.

– É um sedutor de donzelas! – exclamou irada a judia levantando-se para sair. – Somente isto bastaria para desterrá-lo do país.

– Correríeis o risco de que o país fique deserto!... – respondeu Maria de Mágdalo, tremendo de indignação.

– Veremos, e te lembrarás do quanto mais te valeria haver-me escutado, jovem imprudente!

A devota irmã de Hanan saiu seguida do seu cortejo de luxuosos criados.

Maria de Mágdalo correu para a sua alcova e, atirando-se sobre o leito, chorou desesperadamente.

Martha, que havia vindo da Bethânia para Jerusalém com ela e outras companheiras, aproximou-se sobressaltada por essa aflição.

A jovem apenas respondia entre soluços:

– Querem prender o Mestre e mandaram essa víbora para estrangular-me!

Perceberam vozes de homens no pórtico da entrada e logo a voz de Lázaro dizendo:

– Não recebes o Rei que chega? – Martha desceu correndo a escadaria e encontrou-se com seu marido que trazia consigo o Mestre e os três Anciãos, Gaspar, Melchor e Simônides.

Martha mencionou brevemente a visita que acabava de se retirar deixando Maria num estado de terrível desespero.

– Faze-a vir aqui, Martha – disse o Mestre, entrando no pórtico anterior. – Dize-lhe que eu a chamo.

Martha subiu novamente às alcovas e, aproximando-se de Maria que ainda chorava angustiosamente, disse:

– O Mestre está aqui e te chama.

Quem seria capaz de resistir a esse chamado ternissimo do amor do Cristo?

Tal força de sugestão teve sempre essa frase que, entre os grandes místicos, foi tomada como um símbolo do Amor Divino chamando ansiosamente a todas as almas.

A desconsolada Maria envolveu-se em seu véu e atendeu ao chamado do Mestre. Apenas o viu, correu para ele e, caindo a seus pés, abraçou-se aos seus joelhos.

– Senhor! – disse. – Os homens do Templo querem prender-te!... Foge, Senhor, foge!... que todos nós iremos contigo para onde queiras ir. Nesta cidade cheia de víboras pereceremos todos.

– Acalma-te, Maria – disse docemente o Mestre pondo sua mão direita sobre a tristonha cabeça agitada em soluços.

– Acreditas – acrescentou – que eles poderão tocar em algum cabelo da minha cabeça se meu Pai não o permitir?

"Não chores por mim, mulher, mas por aqueles que não querem ver a Luz Divina acesa diante deles. Choremos pelas suas trevas, para as quais não haverá claridade possível por séculos e séculos!"

Simônides quis averiguar todo o ocorrido e Maria contou-lhe tudo.

– Deixa isto por minha conta, menina, e não te aflijas mais.

"Jehová ainda não lançou terra em meus olhos e, se nem o César romano nem os Herodes puderam vencer-me, que hão de fazer esses infelizes corvos, abrilhantados de ouro e pedrarias contra o nosso Senhor que tem milhares de peitos serenos e fortes para defendê-lo?

"Anda, filha, anda e traz a estes velhinhos algo para tomar forças, porque viemos a pé para não chamar a atenção."

O Mestre sorriu da boa lógica de Simônides, frente à qual tudo voltou à calma.

Pouco depois, começaram as pesquisas entre os Doze. A Tomás fizeram chegar uma proposta para torná-lo agente comprador de tecidos de púrpura e de pedras preciosas para os ornamentos sacerdotais; a Bartolomeu, Matheus e Nataniel, buscaram o lado débil, oferecendo-lhes postos bem remunerados, tanto no Grande Colégio como na administração dos vultosos bens das famílias mais poderosas da Judéia.

A João, pela sua juventude e beleza física, procuraram interessá-lo em ser adotado como filho por um rabino de grande fortuna, já ancião e sem herdeiros, em troca de que seguisse estudos superiores no Grande Colégio. O bom Pedro, com sua acrisolada honradez, foi procurado insistentemente para ocupar o cargo de administrador, que se achava vago, no palácio de uma rica princesa viúva, grande amiga da esposa do pontífice Caifás.

O último a ser pesquisado foi Judas de Iskarioth, cujo caráter retraído e taciturno não lhes prometia muito.

Foi o único que não deu uma negativa, porém pediu uma espera para decidir se aceitava ou não.

Todas estas propostas foram feitas com tão rebuscadas maneiras e hábeis combinações que não pareciam como saídas diretamente do Sinédrio, que nelas não era mencionado nem sequer de leve.

Se não tivesse sido por causa do interrogatório feito a José de Arimathéia e a Nicodemos, ninguém teria percebido, de forma alguma, a origem dessas generosas solicitações.

– Quão estranho resulta tudo isto – disse Santiago. – Até agora nós, galileus, fomos tidos por ineptos e de minguada inteligência, e hoje os sábios e poderosos judeus nos solicitam obstinadamente! Que significa isto?

– Naturalmente! – disse Simônides. – A fama do Mestre dá esplendor e glória aos discípulos, e se ele é um homem genial, os que o seguem de perto terão, conseqüentemente, uma boa dose de inteligência.

Vércia, a Druidesa

À plácida serenidade de Bethânia chegou, num anoitecer, uma estranha caravana de homens ruivos com olhos da cor do céu. Perguntavam pelo Profeta Nazareno do manto branco, pois em Nazareth haviam dado a notícia de que ele estava às portas de Jerusalém, na aldeia da Bethânia.

Os discípulos do Mestre reconheceram dois dos viajantes. Eram do grupo dos quatorze escravos gauleses que haviam sido salvos de morrer enforcados nos calabouços do palácio de Herodes, em Tiberias. Com eles vinham três homens de idade madura e uma jovem mulher extremamente branca e ruiva, que ocultava sua grande beleza com um espesso véu que caía sobre o seu rosto.

Tinham vindo de Marselha num barco comandado por um dos capitães dependentes de Simônides. Procedentes das montanhas de Gergóvia, na Gália, haviam cruzado o mar e feito tão longa viagem porque aquela jovem mulher – sacerdotisa dos druidas – havia recebido o encargo, por parte de seus deuses, de chegar à Palestina onde residia o "*Salvador deste Mundo, o vencedor da morte*".

O Mestre recebeu-os afavelmente, conforme era o seu costume com todos os que o procuravam. Um dos ex-escravos gauleses, que conhecia bem a língua siro-caldaica, explicou a situação e o objetivo dessa viagem.

A jovem ali presente era neta do famoso herói gaulês Vercingétorix, que mediu forças com as poderosas legiões de Júlio César. Vercingétorix foi feito prisioneiro e logo depois foi morto por ordem do César, que queria coroar seu triunfo com a cabeça do herói que havia lutado heroicamente pela liberdade da Gália.

Os valorosos druidas, moradores das selvas, haviam salvado a pequena filha do herói gaulês, que também, como esta sua neta, se chamava Vércia. Por veneração ao herói inolvidável, haviam-na eleito *druidesa*, e era a grande sacerdotisa do seu culto à magnificência da natureza, templo vivo do Grande Hessus, seu Deus Supremo. A jovem contava somente 17 anos.

Um de seus acompanhantes era seu tio paterno. Sua mãe, a filha do herói, havia morrido de pesar há dez anos, quando o marido foi denunciado perante o procônsul romano de recrutar fugitivos nas montanhas onde nasce o Rio Loira. Sepultado num calabouço de Gergóvia, tratara de evadir-se e foi atravessado por uma lança romana cravada em seu coração. Vércia era, pois, órfã e apenas tinha como família seu tio

paterno, que era o bremen (o chefe supremo) dos druidas das selvas, que ainda não se haviam submetido a Roma.

Os quatorze escravos salvos da forca pelo Profeta e pelos seus levaram para as montanhas do Loira a notícia de um *Salvador do Mundo* que andava pelas margens do Mar da Galiléia; e o bremen gaulês quis unir-se a ele para oferecer-lhe tudo quanto era e tudo quanto tinha com o fim de exterminar essa *raça maldita* que havia destroçado a liberdade da sua pátria, dado morte aos chefes da sua raça e perseguido seus familiares.

O Mestre ouviu em silêncio os dolorosos relatos que chegavam a ele da distante Gália e viu, através do véu que cobria o rosto da jovem, deslizarem lágrimas silenciosas que ela deixava correr sem disfarçá-las.

– Sempre a dor! – exclamou quando o relator se calou.

O bremen gaulês fez dizer, por intermédio do intérprete, que, embora não falando a língua síria, a compreendia bem, motivo pelo qual o Profeta Nazareno podia falar livremente que eles o compreenderiam.

– Um dos Mestres da minha primeira juventude – começou Jhasua – passou parte de sua vida na Gália transalpina, na Aqüitânia, às margens do Garona. Em razão disto, conheço alguma coisa de vosso povo, de vosso país, de vossa religião e costumes.

"Mais da metade da minha vida vivi entre homens de meditação e de estudo, e compreendi a magnitude do erro cometido por quase todos os que pretenderam ser civilizadores de humanidades. Esse erro consistiu sempre nas barreiras postas entre as raças, os povos e as religiões. A vida e a liberdade são os mais preciosos dons de Deus às suas criaturas; e aqueles que foram considerados os maiores homens da Terra não fizeram outra coisa senão atentar contra esses dons divinos em proveito próprio, com um egoísmo tão refinado e perverso, que assombra ver que ele seja fruto de um coração humano.

"Cruzastes o mar para trazer ao Profeta Nazareno a oferenda da vossa adesão, com a esperança de que vos sejam devolvidas essas dádivas de Deus que os homens vos retiraram: a vida e a liberdade que conservais refugiados em vossas selvas e montanhas impenetráveis, e quereis a liberdade de viver com os vossos costumes, religião e língua, que o egoísmo humano vos impede. Se não renunciardes a vossa fé e aos vossos direitos, sereis considerados uma raça selvagem, indômita e rebelde à civilização.

"Vossa religião vos ensinou que a alma humana teve princípio, pois nasceu do seio do *Grande Hessus*; porém, ela é eterna e está destinada a voltar em estado perfeito à sua divina origem. Para obter, pois, este aperfeiçoamento através dos séculos, deverá passar, necessariamente, por uma infinidade de provas que são como o crisol para o ouro. Os gauleses independentes em suas selvas, sem querer renunciar às suas convicções e às suas leis, estão passando por essas provas.

"Vós me chamais de Profeta, que quer dizer *explorador do mundo invisível.* Sabei que, com explorações e na mesma noite em que os vossos catorze companheiros foram libertados do calabouço e da forca, tive a visão do futuro do vosso país: Sereis a vanguarda dos buscadores da dádiva divina da liberdade, da qual vos privaram as legiões romanas e também daquelas que vos privarão ainda os homens do futuro, até que vossa raça gaulesa tenha a necessária força para dar a esta Humanidade terrestre o mais terrível exemplo de justiça popular que hajam dado os povos oprimidos pela injusta prepotência das minorias que se apossaram do ouro e do poder."

Um relâmpago de júbilo brilhou nos claros olhos dos gauleses, e a druidesa

deixou de lado a etiqueta e audazmente levantou seu espesso véu para ver mais nitidamente o homem que havia pronunciado tais palavras. Na primitiva linguagem do seu dialeto montanhês, gritaram três vezes a palavra *Liberdade.*

Inteirado Simônides dos novos aliados que buscavam a sombra benéfica *do Senhor,* segundo ele dizia, tomou parte na reunião, sendo secundado pelo príncipe Judá que, em sua longa estada em Roma e entre as milícias romanas, tivera muitos contatos com legionários gauleses. Também dentre a criadagem de Árrius, seu pai adotivo, havia conhecido alguns muito de perto.

Ali foi estabelecida uma forte aliança com o bremen e a druidesa, para se ajudarem mutuamente na conquista da liberdade.

Os visitantes foram convidados a alojar-se num modesto pavilhão sob a sombra dos castanheiros, onde puderam sentir-se mais livres e independentes em relação às numerosas visitas que se hospedavam na velha granja de Lázaro.

O príncipe Judá, que teve uma longa conferência com eles, fez com que eles compreendessem a esperança que todos abrigavam de que naquela Páscoa ocorreria o triunfo definitivo do Messias de Israel, que fora anunciado seis séculos antes por todos os Profetas e augures de diversos países.

A druidesa ouvia em completo silêncio.

Quando chegou a meia-noite, levantou-se do leito e procurou o mais velho castanheiro, em cujo pé colocou a *pedra do fogo sagrado.*

Acendeu a pequena fogueira com rebentos secos de carvalho, ervas aromáticas e resinas perfumadas e, sentada num tronco a poucos passos dali, levantou ao infinito azul seus brancos braços desnudos e orou ao Grande Hessus pela liberdade de todos os oprimidos da Terra e por seus irmãos de raça que haviam ficado do outro lado do mar.

Depois, permaneceu imóvel com o olhar fixo nas inquietas chamas que o vento suave da noite levava de um lado para o outro.

Quando as chamas se apagaram, ficando apenas as brasas semicobertas de cinzas, os claros olhos da druidesa se abriram demasiadamente, cheios de luz, como se quisessem beber do pálido resplendor o que o seu anelo buscava.

Uma branca visão perceptível somente para ela, que havia desenvolvido em alto grau a faculdade clarividente, apareceu como flutuando na penumbra sobre a fogueira. Era o Profeta Nazareno do manto branco que a olhava com infinita doçura.

Ela entendeu que ele lhe dizia:

"Vieste para ver-me desfolhar a última rosa vermelha do nosso pacto de há séculos."

Como se uma enorme sombra houvesse encoberto a formosa visão, apareceu um pequeno e árido monte, no qual ia subindo penosamente o Profeta, carregando um enorme madeiro em cruz.

A jovem compreendeu tudo e, exalando um doloroso gemido, caiu por terra desfalecida.

Calculando que ela havia terminado a parte culminante do culto, o bremen aproximou-se dela e levantou-a do solo.

Sentindo gelados os seus membros e percebendo que apenas respirava, conduziu-a ao leito, onde a abrigou cuidadosamente e, fazendo-a aspirar uma essência, esperou que despertasse.

Mas a jovem não despertava. Quando o sol penetrou na alcova, o bremen enviou um mensageiro à casa de Lázaro, para avisar ao Profeta que a druidesa havia caído num estado de letargia e que não tinha sido possível despertá-la.

O Mestre dirigiu-se para lá, acompanhado dos Anciãos Gaspar e Melchor, únicos que conheciam a fundo o segredo tremendo do próximo holocausto.

Ele suspeitava o que havia ocorrido e temia que houvessem testemunhas profanas no segredo de Deus...

Extremamente branca e inerte, a jovem parecia uma estátua jacente de marfim, representando a Ísis adormecida de um serapeum egípcio.

O Mestre tomou-a pela mão e a chamou pelo nome:

– Vércia! Eu te ordeno, desperta!

A jovem druidesa abriu os olhos e, ao ver Jhasua a seu lado, cobriu o rosto com ambas as mãos e começou a chorar com grandes soluços.

Os dois anciãos oravam em silêncio e o bremen, com seus braços para o alto, na porta do pavilhão, olhava para o céu azul com os olhos inundados de pranto.

Quando a tempestade de soluços se acalmou, a jovem disse:

– Profeta!... No fogo sagrado vi, ontem à noite, a visão da tua próxima morte! Os oprimidos continuarão sendo oprimidos, porque o teu Reino é o Reino do Grande Hessus e receberás a tua herança eterna e nós ficaremos na Terra sem pátria e sem liberdade.

– Do meu Reino estarei convosco até o final dos tempos, mulher valorosa que me vens seguindo de perto há oito mil anos! Por duas vezes te encontro nesta minha última jornada e, desta vez, será para que vejas a minha entrada triunfal no Reino de Deus.

"O amor é mais forte que a morte. Vércia!... Meu espírito livre visitar-te-á muitas vezes no teu fogo sagrado para que, nesta etapa da tua vida, possas levar minha doutrina de amor fraterno, desde as montanhas da Gália até as margens do Ponto, onde depositarás definitivamente o teu ninho, pelas vinte centúrias finais que começarão com a minha vida atual.

"A morte é a liberdade e amas a liberdade!

"Tu, que compreendes isto melhor que os outros, vieste para animar a minha hora final."

A jovem já se havia acalmado completamente e, tomando a mão direita do Profeta, beijou-a com profundo respeito.

– Feliz de ti que vais morrer, mensageiro do Grande Hessus! – exclamou repentinamente a druidesa. – Infelizes de nós que ficamos com vida e sem liberdade!

"Os druidas não temem a morte porque ela é a liberdade e a felicidade; é a renovação e o renascimento numa vida nova. Não é formoso para o sol morrer no ocaso para renascer na aurora?

"Não é belo para a floresta secar no inverno para ressurgir com vida nova na primavera?

"Não é para morrer que o homem necessita de valor, mas para viver!... para viver esta vida miserável de ódio e escravidão, quando a alma humana foi criada para os grandes, nobres e santos amores!...

"Dize uma única palavra, divino filho do grande Hessus, e todos os homens da Terra serão livres e felizes!..."

Os grandes olhos azuis da druidesa brilhavam com estranha luz, fixos em Jhasua, que a olhava com piedosa ternura.

– Contigo morrerá a nossa última esperança de liberdade – continuou dizendo Vércia, com exaltação crescente. – Neste mesmo instante farei a Hessus um voto de vida ou de morte. Morrerei se morreres! De que serve a vida sem liberdade?

– Não, mulher! – exclamou o Mestre detendo sua mão direita que se levantava aos Céus para pronunciar o solene juramento.

"Não morrerás comigo, porque eu terminei a mensagem do Pai e tu sequer a começaste!

"A Gália e os países do Danúbio e do Ponto esperam-te para abrir o seu coração para a luz e seus lábios sedentos para as águas da vida eterna. Ou vais vacilar antes de haver iniciado?..."

A jovem druidesa dobrou a cabeça sobre o peito e dois fios de lágrimas correram de seus olhos semicerrados.

– Minha mensagem – continuou dizendo o Mestre – é semente de liberdade, de fraternidade, de igualdade e de amor! Quem colabora na minha mensagem é semeador, junto comigo, de fraternidade, da liberdade e do amor.

"Druidesa!... Somos aliados?"

Vércia levantou os olhos inundados de pranto e respondeu:

– Aliados até que o fogo sagrado do Grande Hessus tenha consumido todas as tiranias e todas as escravidões!

O Mestre estreitou a mão que Vércia lhe estendia de uma forma leal e firme, murmurando a meia-voz:

– Então, até que o amor tenha florescido sobre a Terra!...

Os Amigos do Profeta

No primeiro sábado da sua chegada na Bethânia, o Mestre encaminhou-se a Jerusalém pela madrugada, quando as sombras da noite ainda não se haviam dissipado por completo.

Acompanhavam-no Pedro, Matheus e Nathaniel. Todos os outros iriam em seguida, mas em horas diferentes para não chamar a atenção.

Melchor e Gaspar seriam levados em liteiras, em atenção a sua avançada idade. Ao despedir-se deles, o Mestre disse a meia-voz estas palavras:

– Ainda é preciso usar de cautela, pois quero resguardar por enquanto a vida que me é necessária para dizer no Templo verdades que devem ser ouvidas e que ainda não tive a oportunidade de dizer lá.

– Até logo, filho, até logo. Seguiremos para lá a fim de escutar as tuas verdades – haviam respondido seus amigos Anciãos. Fílon de Alexandria já estava em Jerusalém desde dois dias antes, na casa de Nicodemos, com quem tinha ligações de família através de seu irmão Andrés, cuja esposa era sobrinha do grande filósofo.

Em ambos os lados do caminho de Bethânia a Jerusalém estavam como pintadas nas colinas e montes uma enormidade de tendas grandes e pequenas e todas mergulhadas na silenciosa penumbra própria daquela hora.

O Mestre e seus acompanhantes foram dos primeiros a entrar na adormecida cidade por uma porta chamada do Pescado, que era a primeira a ser aberta.

Para um dos lados e atrás dos pilares que formavam a arcada, viram um vulto escuro e imóvel.

– Aquilo parece um homem morto – disse Nathaniel, que o viu primeiro.

– Ou um homem vivo que carece de lar e de leito – respondeu o Mestre aproximando-se do vulto.

Era, com efeito, um infeliz paralítico que ficara ali deitado sobre uma pele de cabra, parcialmente envolto em seu cobertor felpudo cor de terra.

O Mestre descobriu-lhe a cabeça e o homem despertou.

– Que fazes aqui? Não tens casa? – perguntou.

– Minha casa é uma caverna fora da cidade – disse. – No entanto, quando, ontem à noite, pude chegar até aqui me arrastando, a porta já estava fechada, senhor, e por isso passei aqui a noite. O guardião deu-me a sobra de sua comida e não passei tão mal assim.

– Sofres de reumatismo, não é verdade? – continuou o Mestre. – Ainda não és velho e não te faria mal algum voltar a correr como em teus bons tempos.

– Oh, amiguinho!... Há onze anos que estou assim. Como não posso ganhar o meu pão, peço esmolas no mercado.

– És israelita? – perguntou Pedro.

– Sou e creio no poder de Jehová e em Moisés, seu Profeta – respondeu –, mas eles parecem ter-se esquecido de mim.

– Deus não esquece jamais uma criatura sua, meu amigo – disse o Mestre. – Como prova disto, ordeno neste instante:

"Levanta-te e vem comigo para ouvir o que direi no Templo do Senhor."

O paralítico abriu enormemente os olhos e quis gritar quando, tomando-o por ambas as mãos, o Mestre obrigou-o a pôr-se de pé.

– Vem comigo – insistiu –, e deixa aí esse mísero leito para que seja lançado ao monturo.

O homem seguiu-os como um autômato sem saber se estava sonhando ou se era realidade o seu novo estado. Quando chegaram ao mercado compraram-lhe um manto novo e sandálias.

Enquanto subiam a imensa escadaria, a Porta Bela foi aberta e o resplendor dos círios e o perfume do incenso alcançou o pórtico exterior.

O pobre paralítico caiu de joelhos e beijou o umbral de mármore por onde não entrava há onze anos.

– Senhor – disse soluçando – este Profeta abre novamente para mim a porta do teu Templo. Bendito seja, para sempre, o único homem que realmente teve piedade de mim!

O Mestre acariciou-lhe a cabeça e disse:

– Não te separes destes que me seguem, porque hoje terás um lar e família. – Aos seus designou que esperassem ali mesmo, onde ele os deixava.

Viram-no entrar num dos compartimentos laterais, onde eram guardados os turíbulos e as bandejas em que eram feitas as oferendas de pão e frutas.

Era esse o lugar de encontro com os sacerdotes essênios que nessa época, como quando era adolescente e jovenzinho, para lá se retiravam à espera do seu turno para desempenhar as funções que lhes eram próprias. Ali havia-se encontrado sempre com eles e ali encontrou Sadoc, que estava de plantão e que era tio paterno do mártir Johanan.

O leitor recordará que nessa câmara estava a entrada ao velho *Caminho de Esdras*, pelo qual salvaram a vida dos três viajantes do Oriente, Gaspar, Melchor e Baltasar. Esse caminho subterrâneo tinha saída para o túmulo de Absalão, que ficava próximo ao Monte das Oliveiras.

O Mestre abraçou-o efusivamente, pois desde muito antes da morte de Johanan não se viam.

– Sadoc – disse –, hoje é um grande dia para a Verdade. Hoje vou pôr-me frente a frente ao Sinédrio, que seguramente mandará me prender. Mas isso é necessário evitar porque ainda não é chegada a hora.

"A mensagem do Pai não está completa e a Verdade deve sair da minha boca sob as próprias abóbadas do Templo de Salomão."

– Tuas palavras significam algo que não compreendo bem, meu filho – respondeu o Essênio.

– Quero dizer que deves estar preparado e alerta para o caso de, se o Sinédrio mandar me prender, poder livrar-me de suas mãos pelo *Caminho de Esdras.*

"Forças espirituais poderosas tornaram-nos impotentes contra mim em outras oportunidades, porém tu e eu sabemos que, dado o meio ambiente em que atuamos, nem sempre essas forças encontram passo livre, e é necessário que fiquemos precavidos."

– Vem à minha mente o estratagema de que se valeram nossos irmãos Simeão e Eleázar para salvar os três viajantes do Oriente – disse Sadoc – e agora agiremos da mesma forma.

– Como foi executada a fuga? – perguntou o Mestre.

– Vestiram três dos nossos Terapeutas que possuíam igual estatura com vestimentas iguais às suas, para produzir confusão no caso de ser descoberta a fuga.

– E recomendas que se faça a mesma coisa agora?

– Justamente – respondeu Sadoc. – Vários dos nossos levitas que te igualam em estatura e cor de cabelo, podem levar manto branco como esse que usas e ficar no meio da multidão para gerar confusão. Como a maioria do Sinédrio te conhece apenas de longe, será fácil usar com êxito o estratagema dos nossos irmãos que te protegeram nos teus primeiros dias. Infelizmente, eles não estão mais nesta vida para zelar pelos derradeiros. Eis que chega Imar, meu companheiro de turno – acrescentou Sadoc aludindo ao personagem que chegava. Era um sacerdote jovem, de uns 36 anos e da austera Escola que a Fraternidade Essênia mantinha para aqueles filiados que, por serem de famílias sacerdotais, não podiam eximir-se de prestar serviço no Templo quando eram chamados.

Imar era alto, de galharda presença; seus cabelos e sua barba ruiva podiam bem dar alguém parecido com Jhasua.

Informado do que estavam tratando, passou para a câmara imediata onde ficava um guarda-roupa, e um instante depois voltou, alegre e risonho, perguntando a seus companheiros:

– Assemelho-me bem a um *Jhasua de Nazareth*?

– Admirável! – respondeu Sadoc.

– Até eu mesmo creio estar vendo o meu duplo! – acrescentou o Mestre rindo.

Para tornar-se bem parecido Imar havia repartido a cabeleira pelo meio e, tendo tirado o turbante e as cintas, havia-se envolvido num manto de lã branca, como Jhasua o usava.

– E que farás agora? – perguntou o Mestre.

– Quando atraíres a atenção das pessoas que te escutarão com ansiedade, infiltrar-me-ei por entre a multidão até poder colocar-me atrás da cátedra onde está o cortinado de púrpura.

"Existem dois dos nossos levitas que podem fazer esse mesmo papel e, como a cátedra tem duas escadas de acesso, seremos muito tolos se não conseguirmos anular a astúcia desses lebréus raivosos."

Os dois levitas foram chamados e, pouco depois, já eram três os vestidos e penteados segundo o modo de usar de Jhasua de Nazareth.

Nesse meio tempo os Doze do Mestre, mais o tio Jaime, estavam num grupo próximo da cátedra, com os olhos fixos na câmara onde viram o Mestre penetrar.

O Templo foi enchendo-se de gente e os candelabros de sete braços foram acesos em todo o comprimento da nave encortinada.

Era o antepenúltimo sábado antes da Páscoa, e a aglomeração de crentes começava então formando verdadeiras ondas humanas que afluíam por todas as portas.

Myriam, a mãe do Profeta Nazareno, chegou nesse instante junto com as mulheres que a haviam seguido desde a Galiléia, e foram instalar-se num lugar especial que Simônides havia adquirido mediante uma sacolinha de ouro, no recinto destinado às mulheres. Ali, a poucos passos da cátedra, era em verdade um lugar privilegiado e digno de ser ocupado pelas grandes admiradoras do Salvador de Israel.

Myriam, sua mãe, Noemi, Helena de Adiabenes, Nebai, Thirza, Ana de Nazareth, Maria de Mágdalo, Salomé, Susana, Verônica, Ana de Jerusalém, Martha, Maria de Bethânia, e finalmente a mulher gaulesa de olhos azuis, a druidesa Vércia, que penetrava pela primeira vez num Templo feito pela mão dos homens.

Entre nuvens de incenso e as derradeiras vibrações dos instrumentos musicais, um majestoso doutor da Lei subiu à cátedra sagrada e desenvolveu eloqüentemente o tema preferido naquela época:

"O temor a Jehová é o princípio da ciência: Os nécios desprezam a sabedoria."

"O temor a Jehová é fonte de vida que afasta o homem dos laços da morte."

Estes versículos dos Provérbios, Cap. 1. V. 7-14-27 foram interpretados empoladamente pelo orador, deixando como sempre, no auditório, um sentimento de pavor para com o terrível *Jehová dos exércitos*, senhor dos raios e das tempestades, que podia, no dia da sua ira, fulminar todas as criaturas que existem sobre a face da Terra.

Terminada a instrução *oficial*, como se poderia chamar, podiam fazer uso da palavra outros oradores, segundo o costume. Depois de uma discreta espera, apareceu na cátedra o Profeta Nazareno, cuja suave serenidade impunha respeito e despertava de imediato forte simpatia.

Jhasua abriu o livro de Isaías e leu estes dois versículos do Cap. 55: "Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem meus caminhos são os vossos caminhos – disse Jehová. – Porque, como os Céus são mais altos que a Terra, assim os meus caminhos são mais altos que os vossos caminhos e os meus pensamentos que os vossos pensamentos."

Fechou o livro e seu tranqüilo olhar estendeu-se por toda aquela multidão que aguardava a sua palavra. Uma vintena de doutores, escribas e magnatas do Templo, acomodados também em seus grandes sediais, iam também escutá-lo.

Tinham, pois, ante eles, o tão celebrado Profeta Nazareno, que desde há três anos andava enchendo o país com a fama de suas portentosas obras.

Fizeram-se todos ouvidos para não perder uma única palavra.

O jovem Mestre começou assim:

– A mais alta sabedoria que o homem pode encontrar na Terra é aquela que lhe permite descobrir os pensamentos e os caminhos de Deus.

"Bem-aventurado aquele que consegue encontrá-los e que tem a força e a vontade de segui-los!

"Infelizes mil vezes aqueles que, havendo recebido a iluminação necessária para ler no pensamento divino, cerram sua alma à verdade anunciada como fecha sua porta aquele que rechaça a luz do sol.

"A este mesmo amado povo do Senhor, o nosso grande Profeta Isaías dirigiu aquelas palavras para impulsioná-lo a seguir os caminhos de Deus antes daqueles outros caminhos marcados pelos homens.

"O pensamento divino, qual um astro radiante, levantou-se para Israel no amanhecer do deserto; e a palavra de Moisés deu-lhe forma e os dez mandamentos divinos surgiram como estrelas no céu escuro da Humanidade.

"Eis aí os caminhos assinalados por Deus a todo homem vindo a esta Terra. E quão poucos são os que pautam por eles os passos da sua vida!

"Porque é mais fácil levar uma oferenda ao altar dos holocaustos que silenciar um desejo nascido no coração como uma áspide venenosa.

"Porque é mais fácil jejuar um dia que renunciar aos bens que o próximo adquiriu com o suor de seu rosto.

"Porque é mais fácil acender círios e queimar incenso que apagar um ódio gerador de vinganças.

"Porque é mais fácil arrojar a um faminto um pedaço duro de pão que dizer-lhe: Vem à minha mesa e repartirei contigo o meu pão e o meu vinho.

"É mais fácil cumprir escrupulosamente com as abluções do ritual que limpar a alma da avareza e da soberba.

"É mais fácil dobrar os joelhos e gritar a todos os ventos: Santo, Santo, Santo é o Deus dos exércitos que amá-lo acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

"Povo de Israel que me ouvis sob as naves do Templo de Salomão. Retrocedei em vossa memória aos caminhos percorridos e aproximai-vos novamente de Moisés que trouxe a mensagem da Lei Divina mais perfeita já vista pelos séculos, única que pode dar a verdadeira felicidade ao coração do homem.

"No seu bom ou mau cumprimento estribar-se-á o vosso futuro feliz ou desventurado, e estai certos de que, no dia da eterna justiça que chega iniludivelmente para toda inteligência criada, não vos será pedido contas de quantos bezerros mandastes imolar sobre o altar, nem de quantas medidas de azeite e vinho depositastes nas adegas do Templo e, muito menos, de quanto ouro trouxestes para as suas arcas; porém, tomar-se-á uma rigorosa conta de todo o mal que tiverdes feito aos vossos semelhantes, mesmo que este seja o mais infeliz dos vossos escravos! Apontar-vos-ão, como marcadas a fogo, todas as injustiças que houverdes cometido, todas as dores causadas aos vossos irmãos, todo o pranto derramado por vossa causa, porque tudo isso atenta contra aquelas palavras da Lei: 'Ama a teu próximo como a ti mesmo.'

"Se olhardes por outra faceta do prisma maravilhoso dos pensamentos de Deus, a que aludiu o Profeta Isaías, vereis como, nos anais da Luz Incriada, resplandecem como estrelas vossas obras de misericórdia, sem ficar esquecida uma única taça de água que tiverdes dado com amor a qualquer dos vossos semelhantes.

"Desfilarão diante de vós, como num panorama vivo, todos os desnudos que houverdes vestido, todos os famintos que tiverdes levado às vossas mesas, todos os enfermos que tiverdes assistido, os presidiários que tiverdes iluminado com luz de esperança, os órfãos, as viúvas, os desamparados a quem tiverdes aberto os vossos corações como um ninho tépido para a sua gelada desolação...

"E então, uma voz poderosa e eterna, baixada como uma torrente de harmonias indizíveis, ressoará por todos os mundos que povoam o Universo, e sentireis que penetra em todas as fibras do vosso ser quando vos dirá:

"Vinde a Mim vós que fizestes obras em conformidade com os meus pensamentos e andastes pelos meus caminhos de justiça, de paz, de fraternidade e de amor. Nascestes do meu Amor Eterno e ao meu Amor Eterno voltais envoltos na túnica branca de meus encolhidos, todos vós que gravastes em vossas vidas o meu supremo mandamento: 'Ama ao teu Deus acima de todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo.'

"Sublime Lei de Jehová, mensagem divina de Moisés unindo todos os homens da Terra em amorosa irmandade, destruindo todos os ódios e anulando o crime e a vingança.

"Somente ela terá o soberano poder de destruir para sempre os antagonismos de raças, os privilégios de castas, dinastias e famílias! Ela terá o invencível poder de arrasar, como o simum no deserto, as fronteiras que dividem os povos, as barreiras religiosas que afastam uns dos outros, a hostilidade das diferenças sociais, que são mares de ouro para uns e monturo de misérias para os outros!

"Tão-somente por ela cumprir-se-ão as palavras do Profeta Isaías em seu Cap. 11: 'Morarão juntos o lobo e o cordeiro, e o tigre se deitará com o cabrito; o bezerro e o leão andarão juntos e um menino os pastoreiará.

" 'A vaca e a ursa pastarão unidas e o leopardo e o boi comerão a mesma palha.

" 'O menino de peito brincará sobre o covil da áspide e estenderá sua mão sobre a caverna do basilisco.

" 'Não praticarão o mal nem causarão dano em nenhuma parte do meu santo monte, porque a Terra estará cheia do conhecimento de Deus, da mesma forma como as águas cobrem a imensidão do mar.'

"Povo de Israel, amado de Jehová, aguardai o dia da justiça e do amor, que é promessa divina e não pode faltar.

"Os Céus e a Terra passarão, mas a palavra de Deus permanece eternamente!..."

Uma pequena agitação foi percebida ao redor da sagrada cátedra, de onde havia descido o orador, entre o murmúrio de aprovação e entusiasmo do numeroso auditório.

Os amigos do Mestre foram se aproximando discretamente e, quando o comissário do Templo, com três agentes uniformizados, se aproximou para convidar Jhasua para acompanhá-los até a sala de audiência do Sinédrio, encontraram saindo detrás do cortinado da cátedra o jovem sacerdote Imar que o leitor conheceu na câmara dos turíbulos.

– Segue-me.

– Aonde? – perguntou Imar.

– À sala de audiências para dar contas da forma audaz e agressiva como falaste.

– Como falei? Eu? Ainda tenho o turíbulo nas mãos e esperava o final dessa dissertação para oferecer o incenso no altar, pois agora é o meu turno.

– Mas, não és o orador que acabou de falar?

– Como posso ser eu? Pobre de mim! Sou Imar, filho de Gedalias, da antiga família sacerdotal de Simeão de Bethel.

O comissário não quis ouvir nada mais e correu para o meio da multidão, procurando examinar todos os homens jovens que usavam um manto branco. Nenhum deles era o Profeta Nazareno cujas palavras vibrantes haviam queimado as entranhas dos magnatas, mercadores do Templo.

Aproximou-se do aflito grupo de mulheres, discípulas do Mestre, um jovem levita e se dirigiu a Myriam para dizer que seu filho se encontrava no vale das antigas tumbas, de onde poderiam voltar com ele a Bethânia.

O próprio Sadoc o havia acompanhado pelo *Caminho de Esdras* que, como o leitor sabe, tinha saída para o túmulo de Absalão.

Desse modo terminou a primeira *batalha pública* apresentada pelo valente Rabi Nazareno aos doutores e potentados do Templo, em cuja presença proclamou a verdadeira Lei de Deus, em contraposição ao monumental cartapácio de leis arbitrárias e interesseiras dos homens.

Enquanto o Sinédrio soltava como uma matilha de lebréus sua polícia secreta

para encontrar o jovem Profeta do manto branco, o povo saía do Templo aclamando-o com um entusiasmo poucas vezes visto em Jerusalém desde que se encontrava sob o domínio romano.

O próprio Pilatos e sua esposa Cláudia haviam subido ao terraço dianteiro do palácio do Monte Sião, onde residiam, para averiguar qual era a causa daquele delírio popular. Chamando os guardas do grande portão do gradil que rodeava o parque, indagou sobre o que estava acontecendo.

– Bem sabes, senhor – respondeu um deles –, que estamos num país de profetas que fazem maravilhas, e hoje falou no Templo um deles, que parece possuir todos os poderes de Júpiter.

– E que maravilhas fez?

– Quase nada, senhor!... dizem que não existe casa, palácio ou choça onde não tenha curado enfermos declarados incuráveis. Cegos de nascimento, paralíticos, leprosos, tísicos, cancerosos, aleijados e surdos-mudos... aliviou todas as dores sem sequer tocá-los... Os que entraram enfermos no Templo, saíram sãos, somente por escutá-lo...

– Exagero, fantasia!... – disse o procurador romano. – A não ser que seja um mago poderoso ou um Deus encarnado. Creio que os judeus aguardam um Messias... algo assim como outro Salomão, que seja ao mesmo tempo sacerdote e rei. Eu não acredito em nada.

– Não acreditas em nada! – exclamou sua esposa Cláudia. – No teu entender, apenas existem o César e suas legiões... É indubitável que deve haver algo superior a isso.

– Superior ao César?... Não delires, mulher!... Dentro de pouco tempo ele será o único senhor do mundo.

– Sim, sim, senhor do mundo, entretanto não o é nem sequer em sua própria casa. Seu filho Drusso, seu brilhante herdeiro, foi assassinado diante do seu nariz, e ele nem sequer sabe quem é o assassino. Magnífico senhor do mundo! Está meio louco em Caprea.

– Mas posso saber que inseto te picou para que estejas tão agressiva contra Roma? És agora judia, amiga dos profetas?

– Lembras-te de Harvoth, o escultor rodésio? – perguntou Cláudia.

– Sim, aquele que restaurou as estátuas do palácio de Herodes, na Cesaréia.

– Esse mesmo! Tinha uma filha formosa como uma estrela de ouro, que está casada com o filho de Quintus Árrius, o grande duúnviro de celebrada memória.

– Alegro-me por isso!... Aonde queres chegar?

– Tornei-me sua amiga. Seu talento é tão grande e ela sabe tanto quanto os homens ilustres do foro romano. Emprestou-me preciosos livros antigos e, graças a isso, sei que a grandeza do César e de seu império passará como passaram os impérios maiores que o seu, hoje lembrados apenas como lendas do passado.

"Inteirei-me também desse jovem profeta, causa destas aclamações populares..."

– E que mais?... Estás transformada num portento.

– O Profeta curou minhas duas lindas escravas gaulesas, que haviam ficado mudas de terror quando foram capturadas para o mercado.

– Por Júpiter Capitolino!... Isso ultrapassa o limite das notícias de rua. Pode-se saber quais são as pretensões desse maravilhoso Profeta?

– Pretensões?... Nenhuma! Ele vive num mundo que nem tu nem eu conhecemos. Sua única aspiração é tornar felizes todos os homens.

"A nação israelita, reunida agora em Jerusalém, aguarda suas declarações definitivas..."

– Eu o abençoarei por toda a minha vida se ele levar para o seu mundo toda esta praga de judeus, samaritanos e galileus que estão me tornando cada dia mais louco com suas eternas contendas por questões religiosas e legais.

"Bem sabes, Cláudia, que nem sequer sou um homem religioso e tampouco quero sê-lo, porque são os religiosos mais intransigentes e falsos de todos os homens. Ao amparo de seus profetas inventores de histórias, trazem cada enredo ao tribunal que qualquer homem cordato se torna louco...

"Faze como seja do teu agrado... Entretanto, quanto a mim, deixa-me em paz com o que posso ver e apalpar.

"O César e suas legiões que estendem o seu poder por toda a Terra é para mim a única realidade. E, com isso, minha querida Cláudia, até logo mais."

O procurador desceu a escadaria do terraço, deixando sozinha Cláudia que procurava com o olhar o jovem Profeta do manto branco entre a multidão de pessoas que se dispersava pelas tortuosas e desiguais ruas de Jerusalém aclamando-o:

"É a glória de Israel! É o Salvador de Israel!... É o refúgio dos desamparados!... É o pai dos pobres e o médico de todos os enfermos!"

Uma delegação do Sinédrio apresentou-se a Pilatos pedindo a imediata prisão de Jhasua de Nazareth que, da cátedra sagrada, havia induzido o povo a rebelar-se contra as leis religiosas dos sacrifícios e das oferendas.

Uma das escravas gaulesas curadas pelo Mestre subiu correndo para dar aviso à sua senhora que as autoridades judaicas pediam a prisão do Santo Profeta que lhes havia devolvido o uso da palavra.

Pilatos ainda não os havia recebido, mas tão-somente o centurião da guarda.

Cláudia dirigiu-se em particular ao centurião:

– Se realmente queres que te conceda a minha escrava Delhi como esposa e livre, despacha esses homens e não avises ao meu marido.

– Senhora!... Não sei se posso fazer isso sem me comprometer.

– Dá-lhes uma desculpa qualquer: que o procurador está indisposto e que o pedido ser-lhe-á levado quando ele se sentir melhor. Falarei ao meu marido por ti.

– Está bem, senhora; pela promessa relativa a Delhi, faço qualquer sacrifício.

A delegação do Sinédrio retirou-se protestando pela forma indigna como eram tratados por aqueles *pagãos idólatras, filhos de Satanás.*

No dia seguinte, foi solicitada a presença do procurador na cidade de Antípatris, para uns jogos olímpicos, nos quais o haviam designado presidente do júri. Entre os competidores estavam os filhos de ilustres cavaleiros romanos, cuja amizade lhe interessava conservar. A delegação do Sinédrio teve que agüentar a febre que os devorava para ter quanto antes em suas mãos o Profeta Nazareno.

Quando estavam todos reunidos na Bethânia, produziu-se uma cena altamente dolorosa para o jovem Mestre, em face do grande desconsolo de Myriam, sua mãe, e de todas as mulheres que o amavam.

A fim de tranqüilizá-las, os homens de mais idade o aconselharam a retirar-se por uns dias das proximidades de Jerusalém.

– Está bem – disse o Mestre, sempre complacente dentro do que era possível.

"Irei por alguns poucos dias ao Santuário do Monte Quarantana."

Os amigos de Bethlehem, práticos naquele caminho, ofereceram-se para acompanhá-lo. Novamente Elcana, Josias, Alfeu e Efraim, filho de Eleázar, que viram Jhasua recém-nascido, faziam a mesma viagem que tinham feito anteriormente para levar ao Santuário a boa nova do seu nascimento. Porém, desta vez, não percorriam o caminho a pé, mas em bons jumentos amestrados, em atenção à ancianidade já octogenária dos

três amigos bethlehemitas e do pouco tempo de que dispunham. Efraim, que ao nascimento do Messias, contava apenas dois anos, era então um homem de 35 anos que havia adquirido uma regular posição ao lado de um arquiteto de fama, construtor do mais belo palácio e torreão de pedra na cidade de Herodium, a meia jornada ao sul de Bethlehem.

– De modo que és um homem todo feito a golpes de pedra – disse o Mestre quando, ao passar por Herodium, Efraim assinalava, com orgulho, os dois imponentes edifícios nos quais havia trabalhado há quinze anos.

Ao atravessar costeando desfiladeiros nas montanhas, mostrava satisfeito os penhascos abertos, quebrados e em parte demolidos de onde duzentos operários, cortadores de pedra, cujo trabalho vigiava, haviam extraído os enormes blocos de pedra para as obras.

Mostrou a gruta onde vivera Johanan, o mártir, antes de iniciar as pregações às margens do Jordão.

Enquanto isto ocorria, os três anciãos se esforçavam em arrancar do mestre o segredo do que ia suceder em Jerusalém.

Elcana, na sua qualidade de parente, era quem mais insistia nesse sentido.

– Falemos com franqueza, Jhasua, meu filho, pois creio que estes três velhos que te viram nascer merecem um pouco da tua confiança!

"Não há cidade nem povoação neste país que não conte com bons elementos da Santa Aliança para colocar-se às tuas ordens, se hás de ser um Messias-Rei.

– E... se não fosse por isso, eu não poderia contar com ninguém? – perguntou tristemente o Mestre.

– Da mesma forma poderias contar com todos, mas é necessário que saibamos qual é o teu pensamento e a tua resolução.

"O Sinédrio, como viste, não é teu amigo, porque o desmascaraste publicamente e, pelas ruas de Jerusalém, cantam-se em coro certos estribilhos que modificariam as cores de seus rostos, se tivessem dignidade e vergonha.

"Sabes o que cantavam ontem à noite, depois da queda?

– Eu gostaria de saber!... – respondeu o Mestre rindo.

– Cantavam assim:

O Profeta Nazareno,
Sem fortuna e com honra
Deixou a descoberto
Que é hoje um sujo mercado
O Templo de Salomão

– É verdade! Também eu ouvi essa cançoneta – afirmou Josías.

– E eu, de tanto ouvir, a aprendi de memória – disse Efraim – e seguia cantando-a a meia-voz quando cruzei com um devoto fariseu que me encheu de insultos, chamando-me de ímpio filho de Satanás.

O Mestre sorriu, mas calou-se.

– Como podes ver – continuou Elcana –, esta situação não pode prolongar-se muito. Aquele que der o primeiro toque de clarim é o que ganhará a partida. Eu bem sei que o príncipe Judá e aqueles que o secundam esperam uma palavra tua. Afigura-se que essa palavra será pronunciada por ti ao começar as festas da Páscoa.

"Se aceitares ser proclamado o Messias-Rei e libertador que Israel espera, será uma atitude que se deve adotar. Se não o aceitares, a atitude será outra, porque não podemos permitir que esses esbirros do inferno te apanhem como a um cordeirinho indefeso que se leva ao matadouro.

"Creio que não poderás negar, meu filho, que tenho razão. Se o justo Joseph, teu pai, estivesse vivendo nesta hora, não te falaria de maneira diferente daquela que falo."

– É verdade, tio Elcana, é verdade – respondeu por fim o Mestre.

"Entristece-me profundamente comprovar que aqueles que me amam não conseguem reconhecer-me naquilo que unicamente sou: o Messias anunciado pelos Profetas para remover os escombros com que os dirigentes de israel sepultaram a Divina Lei trazida por Moisés. Para dar à Humanidade esta mensagem do Pai, não necessito da púrpura real nem de exércitos armados que percorram o país, como o percorreram os guerreiros de David semeando a morte e a desolação.

"A Lei de Deus é a Lei do Amor, da fraternidade e da igualdade humana, porque todo ser humano é seu filho e seria uma espantosa aberração pensar que seu Messias devesse abrir caminho no mundo com gritos de guerra e ordens de matança.

"Se hei de ser coroado rei, serei um rei de paz, de amor e de misericórdia; e isso estou sendo há mais de dez anos. O país não está todo cheio do amor e da piedade de Jhasua de Nazareth? Quereis outro reinado maior e mais glorioso que esse?"

– É verdade, filho. É verdade tudo quanto dizes; no entanto, o Sinédrio não deterá sua fúria enquanto não o tiver em suas garras...

– O Sinédrio, tio Elcana, tremerá de medo e fugirá para refugiar-se nos fossos e adegas no dia do meu triunfo; porque as montanhas, o Templo, os céus e até os mortos em seus sepulcros darão testemunho de que sou o Messias Filho de Deus, a quem o Sinédrio se empenha em desconhecer para sua desgraça.

– Falas com tal segurança, meu filho, que acabaste por transmiti-la também a mim.

– E quando ele diz – acrescentou Alfeu – é porque assim o será.

– Não só deve sê-lo, como o será com toda a certeza – afirmou Josias por sua vez, acabando, com estas palavras, por deixar todos tranqüilos.

Quase ao anoitecer chegaram à granja de Andrés, cujos moradores se preparavam para sair para a Cidade dos Reis, a fim de celebrar a Páscoa.

Jacobo, Bartolomeu e a anciã mãe Bethsabé ficaram mudos de espanto ao ver o jovem Mestre de pé no umbral da porta.

– Como!... Tu aqui, meu Senhor, que vais ser proclamado Rei de Israel – perguntou a boa anciã inclinando-se para beijar a borda do manto de Jhasua.

Seus dois filhos, igualmente assombrados, repetiram as palavras da mãe sem poder crer no que seus olhos viam.

– Pois bem – disse Jhasua abraçando os bons montanheses que o amavam com tanta sinceridade. Antes da proclamação que me anuncias, venho abraçar os velhos amigos. Não é justo que proceda desta maneira?

– Oh, meu Senhor!... Que palavras as tuas!... Somente podiam sair de tua santa boca.

Chamando suas noras e os netinhos, que havia de todas as idades, pouco depois se viu o Mestre rodeado de carinhas sorridentes que o olhavam espantados.

– Vinde beijar as mãos do nosso Rei!... Vinde!... – A velhinha chorava e ria ao mesmo tempo, empurrando seus netos para o Mestre, que os recebia com indizível ternura.

"Todos estes, Senhor, são soldados teus para defender tua vida com as suas próprias – continuou a boa mulher, enquanto as noras interrogavam com o olhar a Jacobo e a Bartolomeu, não menos assombrados que elas."

– Que está ocorrendo em Jerusalém, Senhor, que vens às nossas montanhas? – perguntou finalmente Jacobo, vendo que nenhum dos viajantes dava explicações sobre a inesperada visita.

– Que há de ocorrer? O Sinédrio está raivoso por causa da glória do Messias aclamado pelo povo, e quis prendê-lo – respondeu Elcana.

– Que o fogo caia dos Céus... – gritou Jacobo – e consuma todos esses perversos...

– Não, Jacobo... Deixa que vivam – disse suavemente o Mestre – para que vejam a grandeza e o poder de Deus e se horrorizem da perversidade de seus pensamentos e de suas obras.

– Vem, Senhor, vem – disse por sua vez Bartolomeu –, que descobrimos uma nova entrada para as antigas minas de betume e há lugar de sobra para esconder exércitos armados. Quem poderá encontrar-te onde te ocultaremos?

– Não vos alarmeis, que não é para tanto. Daqui a cinco ou seis dias retornaremos a Bethânia, onde permanecem todos os meus.

Enquanto o Mestre e seus acompanhantes passavam dias formosos de paz e amor entre a boa família montanhesa e os solitários do Santuário, estudemos, leitor amigo, outros aspectos das atividades desenvolvidas pelos amigos e pelos inimigos do Profeta Nazareno.

As mulheres, suas discípulas, foram hospedadas na velha casa de Lázaro, na Bethânia, assim como no palácio de Ithamar ou na residência de Maria de Mágdalo. Vércia, a druidesa da Gália, havia-se tornado íntima amiga de Nebai, esposa do príncipe Judá, pois seus temperamentos decididos e veementes as ajudavam a compreender-se e a amar-se.

– É formoso, é justo, é bom... É o Mensageiro do grande Hessus – disse a druidesa –, mas morrerá logo, porque o fogo sagrado escreveu isso no mundo do mistério, onde estão representadas todas as vidas humanas.

E as lágrimas correram através do seu belo rosto, fazendo também chorar Nebai, que não sabia em quem haveria de manter sua fé vacilante. Seu esposo e seu avô asseguravam que logo ele seria proclamado Rei de Israel. Toda a nação reunida o aclamava como seu Salvador.

Melchor, Gaspar e Fílon de Alexandria, retirados em suas alcovas ou reunidos no cenáculo do palácio de Ithamar, meditavam e escreviam... sempre em silêncio.

Nebai não pôde mais resistir à inquietação interior que a sacudia como a uma palmeira pelo vendaval do deserto e, acompanhada por Vércia, sua nova amiga, dirigiu-se à residência da castelã de Mágdalo, onde julgava encontrar Myriam, a mãe do Profeta.

Talvez ali teriam a certeza plena do que ia ocorrer e que a enchia de incertezas e, às vezes, de medo e terror.

Fez-se levar em liteira coberta, conforme era do hábito da viúva do príncipe Ithamar, sua sogra, desde a trágica morte do esposo. Dessa forma, evitava que a estranha indumentária de Vércia chamasse a atenção das pessoas.

No melancólico palácio Henadad, Myriam, que não havia retornado da Bethânia desde o dia dos tumultos pela dissertação de seu filho no Templo, não estava, porém encontrou Maria de Mágdalo com a família de Hanani, algumas de suas companheiras, além de João, Zebeu e Boanerges, os quais estavam especialmente encarregados de vigiar as astutas manobras do Sinédrio com relação ao Mestre.

Eles haviam substituído suas singelas vestimentas galiléias pelas habitualmente usadas pelos mercadores das grandes cidades comerciais: túnicas com listras de vistosas cores, manto com larga franja e frocos ao redor, turbante e sacolinha vermelha bordada, pendente do cinturão.

Sua vigilância consistia em ouvir os rumores da cidade, convertida então numa colméia humana. As praças, as tendas, o mercado e as portas da cidade eram lugares livres de reunião onde eram comentados todos os acontecimentos do dia. João, Zebeu e Boanerges multiplicavam-se para se inteirar de tudo.

Os quatro doutores amigos de Jhasua, José de Arimathéia, Nicodemos, Gamaliel e Nicolás, faziam outro tipo de vigilância, de acordo com a sua posição: nas salas e dependências do Grande Colégio, onde se reunia a nata do doutorado e a sabedoria judaica, nas sinagogas mais notáveis e nos cenáculos dos escribas mais ligados ao alto clero de Jerusalém.

À noite, depois da ceia, todos os informes eram reunidos no grande cenáculo do palácio Henadad, aonde compareciam Simônides, Judá, Faqui e Marcos, o escriba de toda confiança no que se referia aos trabalhos que eram realizados para exaltar o Messias ao lugar que, segundo eles, lhe estava reservado.

Explicadas estas atividades, sigamos as duas visitantes que, de imediato, foram recebidas por Maria.

Ao redor do Profeta Nazareno haviam chegado a compreender-se e a amar-se Nebai, Maria e Vércia, que formavam algo como um só coração em três corpos e que tinham, até certo ponto, um amor semelhante, mas não tão intenso e evidente como o que havia entre suas almas.

As três eram ruivas, de estatura regular, mas apenas a mulher gaulesa tinha os olhos de um profundo azul-escuro como o fundo do mar.

Nebai, esposa e mãe de dois preciosos meninos, tinha já em sua alma essa meiga e serena plenitude da mulher austera que encontrou seu ideal humano num nobre príncipe judeu, a quem a dor havia tornado justo e forte. Embora seu pai fosse rodésio de origem, havia-a educado na filosofia dos clássicos gregos por influência materna. A influência do esposo e do avô haviam-na levado a esse amplo ecletismo próprio das pessoas de talento que cultivaram sua inteligência em diferentes escolas. Justa por natureza, encontrava tanta beleza nos poemas sibilinos hebraicos como nos cantos homéricos e virgilianos. Esta sua modalidade permitiu-lhe entrada franca na alma de Maria de Mágdalo, duramente censurada pela limitação dos hebreus puritanos, que encontravam graves delitos legais nas estátuas de seus jardins, em suas vestimentas, diversões e todos os seus costumes, contrários à ortodoxia judaica.

Coisa igual aconteceu com Vércia, a druidesa da Gália, cuja fé simples e pura não compreendia como os hebreus pretendiam encerrar, na limitação mesquinha de um templo de pedra, por mais que o adornassem com ouro, prata e pedras preciosas, o Supremo Criador, Luz e Vida dos Mundos. Não estava, porventura, a infinita imensidão azul decorada por milhões de sóis e estrelas, incomparavelmente mais formosos que todas as riquezas que os homens pudessem encerrar entre os muros de uma construção?

Não estava a terra povoada de bosques de carvalho e de palmeiras brilhantes, como pavilhões de esmeraldas?... E nelas, não existiam milhares de pássaros de vivas cores como pedras preciosas vivas que cantavam harmonicamente?

Quais as cúpulas ou torres que podiam ser comparadas aos altos cumes das montanhas gaulesas cobertas de neve, e que resplandeciam como ouro e púrpura ao nascer e ao pôr-do-sol?

A meiga Nebai, companheira de adolescência de Jhasua nas montanhas do Tabor, compreendia também aquela mulher gaulesa na simplicidade de sua fé sem templo e sem altar, adorando o Supremo Criador na estupenda magnificência da Natureza.

Foi, pois, Nebai a ânfora de ouro em que misturaram seus perfumes aquelas duas flores exóticas em Israel: Maria e Vércia.

Nebai, Maria e Vércia, cujos corações formando um único, qual uma lâmpada

votiva perante o Cristo do Amor, foram o berço místico do cristianismo nascente naquele primeiro século, quando ainda flutuava na Palestina o rumor das palavras sublimes do Homem-Deus arrulando para a Humanidade: "Amai-vos uns aos outros, porque todos sois irmãos e filhos de meu Pai que está nos Céus. No amor que tiverdes uns aos outros, saberão que sois meus discípulos."

– Maria – disse Nebai depois das saudações usuais –, venho em busca de ti, para que me alivies da incerteza que me atormenta. Que há com relação ao nosso Profeta, pelo qual todos padecemos?

– Como! Vens a mim quando sou eu quem devia perguntar a ti, esposa do príncipe Judá, que há com o nosso amado Mestre?

– Tens toda a razão, minha querida; mas o caso é que não vejo Judá senão por alguns momentos e jamais a sós pois, desde que o Profeta está em Jerusalém, ele vive em toda parte, menos em casa. Isto naturalmente me faz supor que momentos culminantes estão chegando para a pátria, para a fé, para todos os povos oprimidos que alimentam uma esperança de liberdade.

– Dois de seus discípulos íntimos estão morando aqui no momento e, por intermédio deles, sei que levaram o Mestre até o Monte Quarantana, às margens do Mar Morto, para afastá-lo de Jerusalém por alguns dias – disse Maria. – Ignoro completamente se neste meio-tempo serão tomadas resoluções que possam trazer-nos o êxito que todos esperamos.

Vércia parecia uma estátua de alabastro em face de sua imobilidade e mutismo. Seus olhos azuis, cheios de lágrimas, revelavam claramente que aquela estátua de alabastro tinha um coração que sentia profundamente a mesma angústia das amigas!

A língua grega era conhecida para as três e, mediante ela, podiam entender-se.

– Choras em silêncio – disse Nebai – e tua dor aumenta a nossa inquietação.

– Não choro pelo Profeta, mas por vós, pela sua mãe, por todos aqueles que o amam, querendo retê-lo ao seu lado, quando a glória do Reino do Grande Hessus o espera para coroá-lo. Ele é um Rei!... Um grande Rei!... Mas não deste mundo. O fogo sagrado não engana jamais, e eu o vi, entre legiões imensas e resplandecentes, que o aclamavam como a um triunfador:

" 'Bendito!... Bendito seja para sempre o amado do Altíssimo!...' "

– Então isto significa que, seguramente, sua morte será o fim de tudo isto? – perguntou, alarmada, Nebai.

– Os druidas – continuou Vércia – não vêem na morte a dor angustiosa que encontrais. A morte não é o aniquilamento, mas a renovação. Nos grandes seres, como o Profeta, a morte é a gloriosa entrada num Reino que os habitantes terrestres não conhecem, porém que existe tão verdadeiro e real como este melancólico edifício plantado sobre esta rua.

Maria de Mágdalo mencionou então sua visão da cruz de estrelas que apareceu por detrás do Mestre no dia da sua entrada na Fraternidade Essênia no Santuário do Tabor. E assegurou-lhes que, desde esse dia, teve a certeza de que ele deixaria todos muito em breve.

– O Grande Hessus – continuou dizendo Vércia – pode cortar, quando lhe aprouver, uma vida humana. É tão tênue o fio pelo qual está suspensa a vida humana! Um simples hálito de Hessus basta para cortá-lo!

"Eu espero que desta forma será cortada a vida terrestre deste Homem-Deus, filho do Grande Hessus que caminha por entre os homens.

"Sua vida, com toda a certeza, será cortada quando já não faltar nada por fazer, quando todas suas obras estiverem completas; quando estiverem acesas todas as labaredas que continuarão ardendo pelos séculos dos séculos no futuro da Humanidade.

"Soube, através de sua boca divina, o que diz respeito à minha terra gaulesa escravizada pelo invasor. A Gália será a primeira que ouvirá dos homens o grito de '*liberdade, igualdade e fraternidade*'. Dali ele se estenderá, como uma grande maré, sobre toda a face da Terra."

– E ele, filho do povo de Israel, anunciou a liberdade da tua nação e nada disse do seu país de origem! – exclamou com pena Nebai. – Será que este país deve continuar escravizado?

– Nós, os pequenos seres, mantemo-nos encerrados no círculo também pequeno de um país ou de uma nação – disse Vércia –, mas as almas grandes e fortes, como a do Profeta, abarcam com um olhar todos os países da Terra, porque todos entram nos domínios do Grande Hessus que o enviou para todos.

"Desta forma compreendi a grandeza extraordinária deste homem genial."

Maria de Mágdalo e Nebai não podiam por enquanto manter-se em sintonia com o modo de pensar e de sentir da mulher gaulesa.

Nebai amava demasiado o país de seu nascimento, que também era o de sua mãe, de seu avô, de seu esposo, amante apaixonado de tudo quanto dissesse respeito ao povo de Israel. Via-o lutar pelo seu povo e pelo seu país desde antes do seu casamento, com uma abnegação e desinteresse que chegava ao ponto de esquecer-se de si mesmo.

Maria de Mágdalo amava o Profeta Nazareno com extremado amor e, desde que chegou a compreendê-lo em sua grandeza espiritual e em sua perfeição moral, não pensou em outra coisa senão em continuar amando-o, em vê-lo glorificado, elevado a uma felicidade que somente ele merecia, muito mais elevada que toda grandeza e soberania que houvesse conhecido na Terra.

– Eu o vejo de forma diferente daquela que vedes – disse repentinamente Vércia. – Vejo-o como um astro radiante, flutuando entre o Céu e a Terra. Ele não é propriedade de nenhum país, de nenhuma raça, porque é como uma luz iluminando a todos. É como um rio caudaloso abrangendo toda a Terra e do qual todos podem beber livremente.

"Desde o mais poderoso monarca ao mais desprezível escravo, todos podem dizer: 'A luz deste sol é minha!... A água deste rio é minha!...' "

– Vércia – disse Maria –, deve ser assim como dizes; contudo eu... pobre de mim... não posso ainda conceber a idéia de continuar vivendo nesta vida sem vê-lo nem ouvi-lo mais!... Procurando-o por todas as partes e não encontrando-o em nenhuma!... Chamando-o sem obter resposta alguma!

"Para mim a Terra ficará desolada e vazia sem a luz dos seus olhos, sem a vibração da sua palavra... sem o encanto divino que se desprende de todo ele... De todo ele, minha Vércia... porque ele não é um homem de carne, mas um fogo santo de amor, de piedade... e de indizível ternura!"

Maria rompeu em soluços abraçada a Vércia, que acariciava suavemente os dourados cachos de sua cabeleira.

Nebai chorava também em silêncio diante dessa cena que a intensidade de um amor, demasiado humano ainda, tornava extremamente emotiva e dolorosa.

De repente, a penumbra daquele delicioso gabinete encortinado de malva iluminou-se por uma luz opalina, como se, descerradas as cortinas, houvessem entrado de cheio os resplendores do sol poente. A imagem sutil e resplandecente do Profeta Nazareno esboçou-se nessa penumbra e Vércia, que foi a primeira a vê-lo, levantou a cabeça dolorida de Maria recostada em seu peito e a obrigou a olhar.

Nebai percebeu-o ao mesmo tempo e, com as mãos cruzadas sobre o peito, como para acalmar as fortes batidas do coração, permaneceu, junto com as demais, imóvel e sem palavra.

A imagem transparente e luminosa aproximou-se como se deslizasse suavemente através de um plano inclinado de cristal.

– Não choreis por mim! – disse, sem ruído, a voz da aparição.

"Senti vossa angústia quando orava entre as rochas do Santuário vizinho ao Mar Morto e vim para consolar-vos.

"Maria!... Como sabes pouco da força do espírito e do poder do amor quando mencionas que não podes resignar-te em viver a vida terrestre sem me ver, sem me ouvir e buscando sem me encontrar jamais! Julgas acaso que eu possa esquecer aqueles que me amam?

"Na vida física ou na espiritual, estarei eternamente convosco, dentro de vós, palpitando em vossos corações!"

A formosa visão abriu os braços transparentes e luminosos enquanto seu pensamento dizia:

"Vinde selar o pacto com o qual vos deixo unidas por todos os séculos que hão de vir depois deste dia. Prometei que, onde quer que vos coloque a Vontade Divina, lutareis até morrer por estabelecer a minha doutrina de fraternidade e de amor entre todos os homens da Terra."

As três se lançaram como se fossem uma só nos braços da visão amada que se fecharam como amorosas asas ao seu redor e, quando o êxtase de felicidade e glória havia passado, as três se viram abraçadas, confundindo numa só madeixa suas ruivas cabeleiras, confundindo também suas lágrimas, seus sentimentos, todos os seus amores, como vivos reflexos daquele grande amor feito homem, cujo espírito radiante as havia visitado em sua hora de incerteza e de dor.

Fortalecidas pela consoladora visão do tão amado Mestre, prometeram mutuamente trabalhar pela sua glória, juntas ou separadamente, conforme se apresentassem os acontecimentos.

Nebai e Vércia voltaram ao palácio de Ithamar deixando Maria mergulhada num mar de reflexões, embora não soubesse qual fosse a mais acertada e a mais prudente.

No grande salão do subsolo ocupado pela Santa Aliança, segundo recordará o leitor, encontramos reunidos numa noite o príncipe Judá, Hach-ben Faqui, o scheiff Ilderin e o ancião Simônides.

Os quatro formavam a alma da organização secreta que, desde alguns anos, vinham formando com o fim de que, quando da proclamação do verdadeiro e genuíno Rei de Israel, não lhe faltassem galhardas legiões para manter sua autoridade.

Por intermédio de Chucza, administrador do palácio de Herodes, estavam sabendo que seu efêmero reinado se desequilibrava sozinho e que seus soldados e guardas, cansados de injustiças, da má remuneração e da péssima administração, cederiam facilmente à mais ligeira pressão de uma mão pródiga e firme num momento dado.

Seria fácil, portanto, conseguir que cruzassem os braços quando as legiões libertadoras se apresentassem para tomar as fortalezas que defendiam o poder de Herodes, fato este que evitaria o sacrifício de vidas humanas.

Disto encarregar-se-ia Simônides que, como judeu de pura estirpe, sabia fazer bons negócios, encontrando o lado fraco dos homens de armas de seu país.

O scheiff Ilderin respondia por três mil ginetes árabes espalhados, como já dissemos, pelas montanhas da Samaria e da Judéia, mais próximas de Jerusalém. As

duas províncias dependiam então diretamente do governo romano, com o qual aparentemente, estavam, em boa amizade.

Hach-ben Faqui tinha sob suas ordens dois mil tuaregues, disseminados ao sul de Jerusalém por entre os labirintos da região montanhosa da Judéia, e seis mil nos penhascosos desertos da Iduméia.

Isso além do que existia nos portos da Cirenaica, domínio da nação tuaregue, formando uma poderosa guarnição de trinta mil lanceiros que, em três dias, podiam cair como um aluvião sobre a Judéia.

Finalmente, o príncipe Judá, ou seja, o filho de Quintus Árrius, havia negociado com dois ministros do César que conseguiriam sua aquiescência para o derrocamento dos Herodes de toda a Palestina e que, com um rei de sua raça, ficaria constituída uma nação unida, com governo próprio, não obstante sob o protetorado do César.

Era certo que esse negócio custaria cinqüenta talentos em barras do mais puro ouro de Havilhá. Para a fabulosa fortuna do príncipe Ithamar, seu pai, isso não era nem a centésima parte.

De que melhor forma poder-se-ia empregar uma fortuna que em tornar feliz a amada pátria em que nasceram e viviam todos os seus entes queridos?

Quão felizes se sentiam aqueles quatro homens vendo já próxima a realização de seus ideais nobres e justos, ainda que por demais humanos, se os comparamos com o ideal sublime e divino do Homem-Deus, ao redor do qual seus amigos teciam essa formosa rede de seda e ouro para aprisioná-lo!?

Cearam em agradável camaradagem e depois cada qual retirou do enorme roupeiro a indumentária com que se vestiria nessa noite.

Não passava uma só noite sem que os quatro, separadamente, investigassem pessoalmente as múltiplas linhas da imensa rede que teciam. Formavam eles mesmos sua própria polícia secreta.

– Nesta noite serei Quintus Árrius (Filho) e tenho uma entrevista com o filho mais velho do Legado Imperial da Síria, que veio de Antioquia há dois dias.

Ao dizer isto, o príncipe Judá exibiu para seus amigos o luxuoso traje romano da mais fina casimira branca com franjas de ouro com o qual acabava de se vestir.

– Não fosse pelo amor que dedico ao meu Senhor, o Rei de Israel, eu faria em pedaços esta roupagem!... – disse, rangendo os dentes, o bom velho Simônides, que não podia esquecer todos os danos recebidos dos romanos nos anos aziagos de Valério Graco.

– Oh, não, por favor, meu pai!... Não me estragues a festa!...

"Todos sabemos o que diz o poeta: 'Que todo o mundo é engano – Que nada no mundo é real – Até que chega a morte – Como única realidade.' "

– Estás fatalista, Judá, meu amigo! Teu verso e o teu poeta são piores que o teu traje romano. Quem pensa na morte, tendo à vista a libertação de Israel?

O scheiff Ilderin, simulando ser um comerciante de cavalos vindo das margens do Mar Vermelho, andava de negócios com o administrador das cavalariças de Herodes com o fim de inteirar-se completamente do estado do equipamento em que se encontravam os ginetes do rei.

Hach-ben Faqui simulava ser um empreiteiro de obras e, com isso, obtinha permissões para estudar as diversas classes de rochas, granitos, basaltos, etc., que havia nos torreões antigos e nas pedreiras da Judéia. Devia entrevistar-se nessa noite (mediante um preço combinado, bem entendido) com o administrador do palácio dos Asmoneus, que era a residência de Herodes quando este passava temporadas na cidade santa.

Por fim, o velho Simônides simulava ser um negociante de armas de toda espécie, o que lhe dava oportunidade de se inteirar do armamento existente em todas as guarnições e dependências, dentro e fora da cidade.

Desta forma, devidamente transformados no que representavam, saíram para a rua apenas iluminada pela claridade das estrelas e pelas fogueiras das tendas levantadas nos montes e vales dentro e fora dos muros de Jerusalém.

Os inimigos do Justo soltaram também sua matilha para dar-lhe caça, não importava o modo como esta seria feita.

Sabendo que as finanças de Herodes estavam em péssimo estado, Hanan fez-lhe uma visita de cortesia, na qual o rei viu brilhar uma esperança de reforço às suas arcas, se lhes cedesse uma centena de condenados que mantinha reclusos nos torreões da Galiléia e da Peréia. Achando-se já há alguns anos nos calabouços, não ofereciam maior perigo sabendo-se manejá-los com habilidade. Explicou-lhe que se tratava de fazer silenciar o povo que estava enlouquecido com um falso Messias, ao qual queriam proclamar rei. Temeroso de que isso redundasse em prejuízo para si, Herodes acedeu imediatamente, reforçado com a promessa de vinte talentos de ouro para as suas arcas. Ofereceu-lhe também seus mais aguerridos soldados, mas com a condição de não levarem os uniformes que usavam, para não comprometer-se.

Isto fez com que Hanan aumentasse o preço estipulado para trinta talentos em barras de ouro do tesouro do Templo.

O rei e o sogro do pontífice Caifás separaram-se muito satisfeitos. Haviam realizado um esplêndido negócio.

Os homens cedidos por Herodes, mais as centenas de escravos com os quais contavam as grandes famílias sacerdotais, já era um bom número de perversos ou inconscientes e servis para produzir alvoroço e pânico no povo agradecido e fiel para com o Santo Profeta do qual tanto bem haviam recebido.

O Templo de Jerusalém estava construído sobre uma grande plataforma em que, mediante inúmeras arcadas de uma solidez a toda prova, haviam igualado os desníveis do Monte Moriá, ao qual servia como coroa. Esses arcos formavam um amplo subsolo rodeado de fossos, de pedaços de rocha, de restos de antigos muros, entre os quais haviam crescido arbustos e sarçais como um espesso matagal.

Até então servira de guarida a cães famintos e sem dono e aos mendigos sujos e esfarrapados que, durante o dia, buscavam restos pelos mercados e à noite se refugiavam ali. Cães sem dono e homens sem teto juntavam a miséria de suas vidas nas escuras cavernas sob a plataforma do templo, onde tanto ouro e tanta púrpura resplandecia à luz de milhares de círios.

Pois bem, naqueles escabrosos subsolos, de onde foram escorraçados cães e mendigos, Hanan fazia o adestramento dos ex-condenados cedidos por Herodes e dos escravos que formariam o exército de malfeitores que pensava opor ao povo que aclamava o Profeta.

A imaginação do leitor irá esboçando, no seu campo mental, a forma pela qual um escasso grupo de inconscientes e perversos, no momento preciso, surpreendeu a boa fé das pessoas honradas para dar lugar ao espantoso crime que cobriu de infâmia para sempre o povo judeu.

O Dia das Palmas

Chegou finalmente o dia em que se iniciavam as grandes solenidades da Páscoa, celebradas pelo povo de Israel com tão inusitada pompa e solenidade que se havia tornado célebre, não só entre os povos vizinhos, mas também no distante Oriente.

Das distantes regiões, alheias às leis de Israel, comparecia gente; uns levados pela curiosidade, outros com o fim de fazer compras, pois Jerusalém se tornava, nessa época, um populoso mercado onde podiam ser encontradas mercadorias e produtos de todas as partes do mundo onde existia civilização.

Os israelitas, dispersos por todo o mundo, compareciam em tumulto à Cidade Santa, procurando encontrar nela a remissão de seus pecados, como também para estreitar novamente os laços com seus irmãos de raça e realizar, de passagem, alguns bons negócios.

O certo é que Jerusalém estava transbordando de gente atraída pelo rumor levado pelos mercadores a todos os lugares onde havia israelitas, de que o Messias fora finalmente encontrado e que, naquela Páscoa, seria proclamado Rei de Israel.

A tranqüila e plácida Bethânia resplandecia de luz e glória naquela manhã, na qual todos os seus moradores acompanhariam o Profeta Nazareno à dourada cidade dos Reis, onde logo o veriam exercendo as supremas funções de Pontífice e Rei. Ele seria outro Salomão pela sua sabedoria e um novo Moisés por seu maravilhoso poder.

As três mulheres que vimos unir-se num pacto solene – Nebai, Maria e Vércia – haviam desenvolvido uma assombrosa atividade, principalmente entre o elemento feminino e também entre os discípulos íntimos do Mestre.

As mulheres, vestidas todas de acordo com a moda essênia, ou seja, com toucas brancas e grandes mantos de um azul-escuro, levariam cestas com flores para derramar pelo caminho até Jerusalém. Os homens com túnicas e mantos cor de avelã, usado pelos Terapeutas Essênios, levariam folhas de palmeiras e ramos de mirtos e de oliveiras, para refrescar o ardoroso sol da Judéia e espantar os insetos.

Umas poucas liteiras descobertas para os mais idosos cerravam a marcha daquela espécie de cortejo nupcial jamais visto na silenciosa aldeia das palmeiras e das oliveiras.

– Mãe feliz!... – diziam todas as mulheres a Myriam. – Este é um grande dia no qual podes ver a glória de teu filho.

Este era o momento preciso em que Jhasua, forçado pela insistência de Simônides, de Judá e de Faqui, montava um pequeno cavalo que os árabes chamavam de *tordilho*, em razão da cor branco-acinzentada de seu pêlo.

Da cavalariça do scheiff Ilderin, que amava seus cavalos quase tanto quanto seus servos, havia sido escolhido aquele animal para essa ocasião, em face da sua mansidão.

Myriam viu ao longe a silhueta branca de seu filho destacando-se da multidão que o seguia, e seus meigos olhos inundaram-se de lágrimas porque, em seu coração, agitava-se um triste pressentimento.

– Haveria sido melhor – disse a meia-voz – que ele fosse a Jerusalém sem que ninguém percebesse a sua presença.

– Mas, por que há de esconder-se sempre? – perguntavam as outras mulheres.

– Todos nós sabemos quem é Ele – acrescentavam outras –, e já é chegada a hora de que toda Israel o compreenda.

Numerosos grupos chegavam de diferentes direções para engrossar a já enorme coluna de acompanhantes, de forma que, ao aproximar-se das muralhas da cidade, o pequeno grupo se havia transformado num mar humano que se movia em grandes ondas.

Como o terreno era muito irregular, o espetáculo oferecia um grande atrativo, pois quando parte da grossa coluna estava no plano, outra parte se movia sobre uma lombada ou no alto de uma colina. Ninguém perdia de vista a branca silhueta do Profeta Nazareno, destacando-se dentre a multidão.

Porém, antes de chegar à muralha, Judá e Faqui se afastaram, um para a direita e outro para a esquerda e, dando longos assobios de uma forma muito particular, fizeram brotar, como por encanto, uma multidão de homens jovens e fortes, vestidos como os montanheses galileus, que saíram de Bethphagé, de Gethsêmani, de Siloé e das ribanceiras da Torrente do Cedron.

Como se fossem camponeses, apoiavam-se todos em varas de carvalho e, entre as pregas das túnicas ou sob os mantos enrolados via-se que carregavam uma espada curta enfiada numa escura bainha de couro.

O leitor compreenderá que eram as milícias do príncipe Judá, *seus amigos da montanha*, como ele dizia, que, nas varas de carvalho, levavam escondida uma lança, caso fosse necessário defender-se de uma agressão.

Um sorriso astuto resplandeceu no rugoso semblante de Simônides ao ver aparecer as *legiões do Senhor*, conforme ele dizia.

– Quem são esses homens? – perguntou o Mestre.

– São os teus bons galileus, meu Senhor, que, como sabem que são pouco amados por seus irmãos judeus, não querem abandonar a vara de carvalho – respondeu o ancião.

– Creio que nestas festas, comuns a toda Israel, esses receios deviam desaparecer – insistiu o Mestre.

– Pensas realmente assim, Senhor?...

– Isto se parece muito a uma escolta armada – acrescentou o Mestre. – Temeis que sejamos atacados? Porventura transgredimos a lei ou os costumes, comparecendo em conjunto ao início das festas?

– Não, meu Senhor!... Mas o Sinédrio preparou lebréus de caça e não queremos ver-nos caçados como coelhinhos indefesos.

O Mestre silenciou, mas seu pensamento recordou-lhe que a hora da imolação já estava próxima e que os seus amigos pressentiam o perigo iminente.

– Paz aos homens de boa vontade! – disse à meia-voz. – Eles não sabem o que fazem quando os homens se colocam uns defronte aos outros.

"Simônides!... – chamou o Mestre em voz alta enquanto continuavam a marcha. – Que dirias se oferecesses um grandioso banquete e os convidados chegassem armados?"

– Diria, Senhor, que no meu palácio se escondem traidores e que meus convidados não querem entregar-se como cordeiros – respondeu o ancião.

"Não compreendes, meu Senhor, que, com o coração na mão, não podemos ir a um covil de feras famintas?"

O Mestre silenciou novamente, e esse breve diálogo se perdeu por entre o surdo murmúrio da multidão que começava a se entusiasmar diante da cidade e do Templo que já se achavam à vista.

O Mestre apeou-se à porta que, amplamente aberta, parecia aguardá-lo.

Uma grossa coluna que vinha pela rua deu um grande clamor que encheu de ecos todos os rincões da cidade.

– Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor! Hosana ao filho de David, ao Rei de Israel, ao Messias anunciado pelos Profetas!

O coração de Myriam estremeceu dolorosamente ao ouvir esse grande clamor como se fosse uma sentença de morte para o seu bem-amado.

– Que se calem, por favor, que se calem! – pediu em tom suplicante.

Seguida de algumas mulheres, quis abrir passagem até onde caminhava o seu filho.

Mas não lhe foi possível chegar, porque a multidão se apertava junto à porta, todos querendo ser os primeiros a entrar.

Alguns soldados romanos montavam guarda nas proximidades de todas as portas da cidade e, ao verem o Profeta do manto branco como um ponto luminoso no meio da escura multidão, compreenderam que teriam que reforçar a guarda nesse dia pois estavam a par das pretensões do Sinédrio.

O filho de Quintus Árrius, o duúnviro, havia presenteado a guarnição da Torre Antônia com moedas de ouro com o busto do César, para que, no que fosse possível, não tomassem conhecimento das reclamações que partissem do Sinédrio. Cláudia, esposa de Pilatos, e suas duas escravas gaulesas ajudavam também os amigos do Profeta.

– Se conseguires que o procurador permaneça neutro neste assunto, estarás ajudando a causa do Profeta – havia dito Nebai a Cláudia na última entrevista tida com ela; e lhe havia sido prometido cooperação.

Os doutores e magnatas do alto clero espiavam dos terraços do Templo aquela manifestação do povo delirante de entusiasmo pelo jovem Mestre que, sem palavras, mas somente com fatos, havia demonstrado seu amor e o grande poder divino que tinha para aliviá-los de suas misérias e enfermidades. Quem podia ser igualado a ele? Quem não reconheceria nele o Messias Libertador anunciado pelos Profetas?

– Vale mais – disseram alguns dos doutores judeus – que o reconheçamos também para não provocar a ira do povo que depois arrastará todos nós.

– É jovem e afável – disse outro. – Tomemo-lo por nossa conta e, dessa forma, poderemos amoldá-lo ao nosso gosto, antes que ele arraste toda a nação atrás de si.

– Se na verdade é o Messias, compreenderá perfeitamente que deve unir-se à suprema autoridade da nação – acrescentou outro.

Schammai, o sábio, que até então havia observado em silêncio a manifestação, disse com voz reconcentrada pela ira:

– Sois todos uns néscios vulgares! Esquecestes o que foram e são os Profetas de Deus em Israel? Esse que entra em triunfo na cidade é um deles... Talvez seja Moisés reencarnado... Se o Faraó não pôde dobrá-lo, como podereis conseguir? Preferirá mil vezes morrer!...

– Pois que morra, se assim o quer – disseram várias vozes surdas que eram abafadas pelas aclamações da rua.

"Hosana ao filho de David!...

"Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor.

"Engalana-te Sião, para receber o teu Rei que vem com as mãos cheias de dádivas para desposar-te como sua eleita!"

De todos os terraços arrojavam flores, palmas, laços, e milhares de vozes gritavam: "Bem-vindo!"

Cláudia e Pilatos, no terraço do palácio do Monte Sião, trocaram olhares e ela disse:

– Dize agora se esse homem não é um ungido dos deuses para tornar feliz este mundo.

– "A voz do povo é a voz de Deus", diz um axioma de filosofia antiga – observou Pilatos como falando consigo mesmo, enquanto continuava examinando a onda humana que se aproximava do Templo, levando no meio o Profeta do manto branco que, a distância, assemelhava-se a um cisne com as asas abertas.

Com seus amorosos braços estendidos de vez em quando sobre a multidão, ele dizia:

– Que a paz de Deus desça sobre todos vós e vos encha de tranqüilidade, tolerância e amor para todos os seres.

Quando chegaram à grande escadaria que dava acesso aos pórticos do Templo, o Mestre adiantou-se e subiu correndo os degraus. Ele compreendia perfeitamente que nem uma terça parte daquela enorme multidão poderia entrar no recinto sagrado e deu a entender que falaria a todos dali. O povo dócil à indicação, fez grande silêncio, como se a ânsia suprema da qual todos se achavam possuídos os obrigasse a conter até o mais leve murmúrio.

Com o pontífice à testa, todo o alto clero, doutores, escribas e príncipes dos sacerdotes estavam sobre o terraço do Templo, meio ocultos por entre as cornijas e pequenas torres da balaustrada dianteira.

A Jhasua não escapou este detalhe, mas ele procedeu como se, sobre as cúpulas do Templo, apenas houvesse pombas e andorinhas para escutá-lo.

Jhasua começou desta forma sua doutrina daquele dia:

– Povo de Israel, amado do Senhor. Vindes da Bethânia seguindo o Profeta de Deus que nada de novo vos podeis dizer, a não ser o que outro Profeta de Deus já havia dito há seis centúrias. Disse Isaías no capítulo primeiro, versículo 11: 'Para que vindes a mim – disse Jehová – com a enormidade de vossos sacrifícios? Estou farto de holocaustos, de carneiros e da gordura de animais corpulentos; não quero sangue de bois, nem de ovelhas nem de bodes.

" 'Quem pediu isto de vossas mãos, quando viestes apresentar-vos diante de mim, ao pisar os meus átrios?

" 'Basta de trazer-me os vossos presentes; o perfume é abominação; não posso suportar mais as luas novas, os sábados e a convocação das assembléias; são iniqüidades as vossas solenidades; aborrecem minha alma, são intoleráveis para mim e estou cansado de escutá-las.

" 'Quando estenderdes vossas mãos para Mim, eu esconderei de vós os meus olhos, porque vossas mãos estão cheias de sangue.

" 'Lavai, limpai-as, retirai a iniqüidade de vossas obras.

" 'Aprendei a fazer o bem, buscai a justiça, restituí a justiça àquele que foi injustiçado; fazei justiça ao órfão, amparai a viúva.

" 'Vinde então a Mim – disse Jehová –, e estaremos de acordo, e vossos pecados tornar-se-ão brancos como a neve.

" 'Se procederdes desta maneira, recebereis em vós mesmos todo o bem da Terra.'

"Povo de Israel, amado de Jehová! Faz poucos anos que estou seguindo de perto vossos desventurados caminhos, cheios de sombras de dor e com escassas alegrias.

"Com vossas almas estremecidas de angústias e vossos corpos feridos por muitas enfermidades, eu vos encontrei um dia ao passar por esta terra de promissão para a vossa felicidade, e que a inconsciência de vossos Juízes, de vossos Reis e de vossos governantes empapou de sangue e empesteou seus campos férteis de cadáveres insepultos.

"Vossos antepassados pisotearam a Lei de Moisés e, esquecendo que ela dizia: *Não matarás*, responderam ao mandamento divino desatando, como um vendaval, a matança e a desolação.

"Vossos antepassados esqueceram a lei que mandava amar ao próximo como a si mesmos, amparar o estranho e repartir com ele os bens desta terra, e submeteram os vencidos em dura escravidão, carne de chicote para enriquecer-se à sua custa.

"A vossos antepassados o Profeta Isaías dirigiu as palavras que ouvistes, e eu refresco vossa memória para que apagueis, com uma nova vida, a iniqüidade de vossos ancestrais.

"A palavra de Isaías escrita nos Livros Sagrados, mas ausente nos corações, é um astro de esperança se abrirdes a ela o vosso espírito e a gravardes a fogo em vossas obras de cada dia.

"Se fiz voltar a saúde a vossos corpos e a paz a vossas almas, é porque meu Pai que está nos Céus me deu todo o poder ao enviar-me a esta Terra para remover os escombros sob os quais a inconsciência humana sepultou a Lei Divina até o ponto dela ser esquecida pelos homens.

"A palavra de Deus, que todos os Profetas vos trouxeram e que também ouvis da minha boca, vale mais do que todos os holocaustos e do que todas as oferendas; mais do que o Templo e o Altar que serão destruídos pelas hecatombes humanas, enquanto que a palavra Divina permanecerá eternamente.

"Santo é o Templo e o Altar, se a ele chegais com o coração limpo de todo pecado contra a Lei Divina; mas eles se tornam em vossa condenação se a oração de vossos lábios não vai unida à consciência reta e à vontade firme de ajustar vossas vidas aos mandamentos de Deus.

"Se nos corações permanecem aninhados como víboras os maus pensamentos e os cobiçosos desejos contra os vossos irmãos, de que adiantará clamardes ao nosso Pai que está nos Céus?

"Enganam-vos miseravelmente todos aqueles que dizem que, para serdes purificados de vossas misérias e debilidades, basta fazer oferendas nos altares do Templo.

"Ouviste perfeitamente as palavras que o Senhor disse ao Profeta Isaías:

"Estou farto de holocaustos; não me presenteeis mais vãs oferendas. Lavai e purificai vossas almas, limpai de iniqüidade vossas obras, procurai o bem e a justiça e, então, estaremos de acordo.

"Quando houverdes pecado contra o amor de Deus e do próximo, que é o mandamento supremo que está sobre todos os demais mandamentos, arrependei-vos de coração e desfazei o mal que houverdes feito ao vosso irmão mediante um bem que o compense pelo dano causado. Então vosso pecado ficará perdoado.

"A piedade e a misericórdia são as flores preciosas do amor fraterno; são o divino manancial que lava todas as manchas da alma. Correi para lavar-vos nessas águas purificadoras, muito mais que as do Jordão abençoadas pela palavra e pela santidade de Johanan, o Profeta-Mártir que vivia de mel e de frutas silvestres, para não receber donativos de ninguém.

"Comparai o desinteresse desse homem de Deus com as fortunas colossais que os magnatas do Templo armazenaram com o suor do vosso rosto e com os sofrimentos de todo um povo asfixiado por tributos de toda espécie.

"A verdadeira palavra de Deus é a que vos diz: 'Ama a teu próximo como a ti mesmo e não faças a outrem o que não queres que seja feito contigo!' Porém, não é a verdadeira palavra de Deus a que vos manda trazer cada vez mais ouro para as arcas do Templo, cada vez mais azeite, vinho e trigo para os seus armazéns, para enriquecer seus príncipes que vivem no meio do luxo e da faustosidade. Moisés viveu numa mísera cabana pastoreando os rebanhos de Jetro, seu protetor, e mereceu que o Senhor lhe permitisse ver sua grandeza e desse sua Lei Divina para todos os homens.

"Jacob empregou quatorze anos de trabalho e honradez para adquirir um rebanho para dar de comer à sua numerosa família e, depois de provada sua virtude com

os grandes sofrimentos suportados pacientemente, Deus o tornou pai das Doze Tribos que formam a numerosa nação de Israel. '*Pelos frutos se conhece a árvore.* Não busqueis rosas nos abrolhais nem cerejas entre os espinhos.'

"Quando virdes um homem que nada vos pede e que vos dá tudo por amor ao bem e à justiça, correi atrás dele, porque esse é um homem de Deus. Pedi a Verdade a ele, porque esse homem mereceu recebê-la, não somente para ele, mas para dá-la a todos os seres humanos. E a Verdade vos tornará grandes, fortes e invencíveis! A Verdade de Deus vos libertará!

"A liberdade é uma dádiva de Deus aos homens. A escravidão é um açoite do egoísmo e da iniqüidade humana.

"Inclinai vossas cabeças em adoração a esse Deus Supremo, que é o Deus da liberdade, da justiça e do amor, e acatai reverentes sua Lei soberana ditada a Moisés para tornar-vos felizes sobre a Terra; no entanto, não vos inclineis servilmente às arbitrárias leis dos homens, nem aceiteis o que a razão rechaça como uma afronta à dignidade humana.

"A inteligência que resplandece em todo homem que vem a este mundo é uma centelha da Suprema Inteligência Criadora, e aqueles que tratam de encadeá-la com leis absurdas, tendentes a favorecer mesquinhos interesses, cometem um delito contra a Majestade Divina, a única que pode determinar rumos à consciência humana mediante essa Lei sublime na sua simplicidade clara e precisa, que diz tudo, que abrange tudo e que leva a Humanidade pela mão como a mãe a seu filhinho pelo jardim encantado da felicidade e do amor.

"Os poderosos da Terra, que sentem prazer ditando leis que são verdadeiras cadeias para a inteligência, para a vontade e para a razão, julgam-se grandes, livres e fortes, porque atam ao seu jogo os povos inconscientes e indefesos. A embriaguez do ouro e do poder os cega, até o ponto de não ver que tecem sua própria cadeia e cavam seu próprio calabouço para o dia em que a morte diga *basta!* a essa desenfreada cadeia de injustiças e delitos. Buscai a Deus-Sabedoria e Amor, na grandiosidade infinita de suas obras que resplandecem à vossa vista, e não o busqueis entre a fumaça nauseabunda dos animais degolados que são queimados como oferenda ao Senhor e Criador de toda a vida que palpita na Terra.

"Acercai-vos do altar de Deus com o coração limpo de ódios, perfídias e vilezas; aproximai-vos com as mãos cheias de flores santas da piedade e do amor que houverdes derramado sobre os vossos familiares, amigos e conhecidos, sobre todos os seres que cruzarem o vosso caminho; avizinhai-vos com a alma transbordante de perdões, de nobres propósitos e de elevadas aspirações, e só então o nosso Deus-Amor vos reconhecerá por seus filhos, vos agasalhará no seu seio e vos dirá, contemplando-vos amorosamente: 'Porque vejo em vós refletida a minha própria imagem, que é Bondade, Amor e Justiça; porque fizestes da minha Lei o vosso caminho eterno, entrai no meu Reino de Luz e de glória para possuí-lo em felicidade perdurável, de acordo com a capacidade que pode caber em vós próprios.'

"Tal é, meus amigos, a Justiça do Supremo Criador de tudo quanto existe, perante o qual nada são os holocaustos de bois ou de carneiros, mas a pureza do coração e a santidade das obras; nada significam os jejuns e penitência, o vestir de cilício e cobrir-se de cinzas, mas a justiça em todos os atos da vida, como também dar aos semelhantes o que quiséramos que nos fosse dado em igualdade de circunstâncias.

"Filhos de Abraham, de Isaac e de Jacob!... Povo numeroso de Moisés e de todos os profetas!... Tomai novamente a velha senda marcada por eles, iluminada pela

radiante claridade da Divina Sabedoria, e rechaçai valorosamente a prevaricação a que vos arrastaram os falsos profetas, substituindo como única divisa em vossas vidas, as frases sublimes, síntese de toda a Lei:

"Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo.

"Que a Paz do Senhor seja convosco!"

Um clamoroso hosana ressoou como uma tempestade e, ao mesmo tempo, uma chuva de pedras caiu sobre parte da multidão. Alguns gritos hostis brotaram abafados dentre os entusiásticos aplausos que o povo tributava ao Profeta da paz e do amor.

Judá e Faqui, que haviam permanecido na entrada da galeria coberta que unia o Templo à Torre Antônia, saíram imediatamente e, atrás deles, parte da guarnição que defendia a fortaleza. O Mestre foi introduzido por essa galeria, cuja primeira saída dava para o Pretório, espécie de balcão de grandes dimensões que sobressaía para o largo onde se achava a Torre.

– Aqui será a tua proclamação, Jhasua, quando chegar o beneplácito do César – disse Judá com um entusiasmo que já parecia uma realidade.

O Mestre olhou tristemente para ele e, voltando os olhos para Faqui, perguntou aos dois:

– Existem feridos por causa das pedras que foram arrojadas?...

– Parece que não, pois não são ouvidos gemidos – respondeu Faqui.

– Vamos até a vossa casa – acrescentou o Mestre –, que lá sou esperado pela minha mãe junto com a vossa família.

– Acompanhai-o, Faqui, pois ainda tenho muito serviço aqui – disse Judá afastando-se em direção à multidão onde se havia produzido o tumulto.

O centurião da guarda informou-o que, da porta secreta dos estábulos do palácio dos Asmoneus, havia saído um grupo de homens com sacolas de pedras para arrojar sobre a multidão e dispersá-la na metade da dissertação e que, da mesma forma, dos fossos sob a plataforma do Templo, haviam saído também homens com sacos de pedras.

– São os presidiários vendidos por Herodes ao Sinédrio para aterrorizar o povo – respondeu Judá – e devemos conseguir ordem de prisão para eles.

– Eu a tenho para todo aquele que causar desordem – disse o centurião.

– Pois então cumpre-a, amigo, e seja duro com eles.

Judá perdeu-se no meio da multidão e foi visto tocando no ombro de determinadas pessoas. Eram os capitães de seus *amigos da montanha*, que apenas aguardavam essa indicação para fazer funcionar suas varas de carvalho sobre os que arrojaram pedras e provocaram o tumulto.

Os anciãos, as mulheres e as crianças haviam se refugiado nos portais das casas ou dispersavam-se apressadamente.

Pouco depois voltou a reinar a calma entre o povo, o qual se deu perfeita conta de que eram os inimigos do Profeta os promotores da desordem.

Algumas detenções de indivíduos encontrados ainda com os saquinhos de pedra meio vazios resultaram em declarações nada favoráveis às autoridades do Templo e ao rei Herodes que, do palácio dos Asmoneus, havia presenciado o desfile da multidão, enquanto que, pela porta secreta de seus estábulos e cavalariças, saíam grupos de homens com os já mencionados sacos.

Alguns exaltados queriam apedrejar os palácios de Hanan, de Caifás e das grandes famílias sacerdotais, mas os dirigentes da Santa Aliança os impediram a tempo, convencendo-os de que tal ação estava em desacordo com a ordem estabelecida.

Com a maior das intenções em favor de sua causa, o príncipe Judá apresentou-

se vestido à romana acompanhando o filho do delegado imperial ao palácio do Monte Sião, residência do procurador Pilatos, onde o aguardavam para a refeição do meio-dia.

O scheiff Ilderin havia mandado entrar em Jerusalém grande parte de seus ginetes árabes, em grupos de dez ou doze, dos quais alguns se alojaram nas grandes cavalariças do palácio de Ithamar, outros nas residências dos príncipes Jesuá e Sallum de Lohes, e os demais nos armazéns de Simônides, próximos à cidadela da Porta de Jaffa.

O Vale de Rephaim, para o qual havia uma saída no imenso subsolo da sede da Santa Aliança, estava povoado de tendas, onde Faqui tinha os seus tuaregues de mantos como o azul-escuro do mar e rostos bronzeados pelo ardente sol do Saara.

Os *amigos da montanha*, os fortes e nobres galileus, que eram os mais fervorosos devotos do Profeta, dos quais muitos o conheciam desde menino e que haviam sido cumulados com os seus benefícios, estavam em todas as partes, como as pedras nas ruas, como as andorinhas nos telhados, nos átrios do Templo, nas praças e nos mercados.

Tuaregues, árabes e montanheses galileus aguardavam ansiosamente o sinal através de três toques de clarim para lançar-se, como um aluvião, às encostas do Monte Moriá, em cujo topo se levantava o Templo e a Torre Antônia, as duas maiores forças que governavam Israel.

Nesse meio-tempo, o Profeta de Deus entregava-se, quem sabe se pela última vez, às ternas emoções do amor dos seus, dos familiares e dos amigos.

Sua mãe, desconsolada em extremo pelas tormentas que a palavra de seu filho haviam levantado, implorava suplicante que se detivesse no perigoso caminho que havia iniciado e que não podia levá-lo, a não ser para um calabouço perpétuo ou talvez para a morte.

– Meu filho! – disse, entre soluços, a doce mãe. – Quais são as forças que te impulsionam deste jeito a enfrentar as altas autoridades do Sinédrio?

– Mãe!... A mesma força que impulsionou Moisés a enfrentar-se com o Faraó na hora da escravidão de Israel. A mesma força que impulsionou Elias a descer das grutas do Carmelo para colocar-se frente à frente com Achab, rei iníqüo, e de Jezabel, a perversa mulher que o dominava. A mesma força que conduziu Johanan, nosso parente, a apostrofar Herodes e Herodíades por suas vidas de crimes e de escândalos.

– Filho!... Filho!... Esqueceste que Johanan morreu decapitado no fundo de um calabouço?... Desejas para mim um tormento semelhante?

O Mestre aproximou-se ternamente dela e, sentando-se num tamborete a seus pés, tomou-a por ambas as mãos, ao mesmo tempo que, com sua voz suave como um arrulo, disse:

– Ensaiemos, mãe, em voar juntos para mais além da vida e da morte, por essas regiões de luz eterna onde não existe a dor nem a ruindade, e muito menos a miséria. É no Reino de Deus, minha mãe, onde tu e eu entraremos triunfantes, havendo terminado gloriosamente esta vida. A morte, que os homens tanto temem, é a única porta de entrada para esse Reino glorioso do nosso Pai-Amor, Bondade, Justiça e Claridade Infinita... Suprema felicidade! Morrer hoje, morrer amanhã, de uma forma ou de outra, não importa. Para o Justo, a morte é a libertação, o triunfo, a posse eterna do bem e da felicidade que sonhou e buscou durante toda a sua vida.

– Mas há uma grande diferença, para o coração que ama, ver morrer o amado tranqüilamente em seu leito, a vê-lo morrer justiçado como um malfeitor!... Filho!... Não vês que a tua linguagem não pode ser compreendida pelo coração de uma mãe?...

O coração do Mestre soluçava no fundo de seu peito diante da impossibilidade

de conformar sua mãe e, como se fossem trazidos pelos anjos de Deus, entraram, como revoluteio de pombas, os filhinhos de Thirza e de Nebai, que eram quatro, junto com mais dois netinhos de Helena de Adiabenes, hóspedes também do palácio de Ithamar.

Levavam ramos de rosas vermelhas de Jericó, que acabavam de trazer das grandes plantações que a família possuía naquela região.

– Para o Rei de Israel!... Para o Rei de Israel!... – gritavam os pequeninos, inquietos como um furacão, deixando cair sua carga floral sobre a saia de Myriam e sobre o Mestre sentado a seus pés.

Essa torrente de alegria infantil revigorou o desolado coração de Jhasua, que começava a sentir-se esgotado perante a angústia de sua mãe.

Atrás das crianças entraram as duas avós, Noemi e Helena, com o fim de levá-los ao grande cenáculo, onde já ia ser servida a refeição.

Manifestou-se claramente nos olhos de Myriam a tristeza pela conversa mantida com o filho.

– Tudo está tranqüilo na cidade – disse Noemi –, não obstante o povo estar se movendo como uma onda por todas as partes.

– Jerusalém jamais esteve como hoje – acrescentou Helena. – Não se pode negar que o povo aguarda um grande acontecimento. Recorda-me Ashur na coroação de nossos reis.

– Acaba de chegar meu filho Judá com Faqui e alguns amigos – acrescentou Noemi, procurando animar Myriam, cujo desalento era notório.

O Mestre ajudou sua mãe a levantar-se da poltrona em que descansava e, atravessando várias salas, entraram no cenáculo, cujas janelas abertas sobre o jardim deixavam ver o respeitável grupo dos anciãos que falava animadamente entre si: Melchor, Gaspar, Simônides, Fílon, Sallum de Lohes e Jesuá.

Os dois primeiros procuravam fazer compreender que o jovem Profeta devia ser proclamado como o Messias-Salvador anunciado pelos Profetas para transformar o mundo. Todos os demais queriam que fosse proclamado como Messias-Rei, Libertador de Israel.

O Mestre aproximou-se deles sorridente.

– Para que usar este tempo destinado às confidências da amizade em discutir assuntos que já foram determinados pela Vontade Divina e que nada poderá mudar?

– Ó meu soberano Rei de Israel!... – exclamou Simônides com devoto acento. – Sempre estás com a razão! Se já sabemos o que foi escrito pelos Profetas, que mais teremos que acrescentar? Será como deve ser.

O sino do grande pátio de honra chamou com sua voz de bronze, e Othoniel, o mordomo da casa, apareceu na porta do cenáculo para acomodar devidamente os hóspedes.

– É a última refeição que fazemos juntos antes da Páscoa – disse Noemi, ocupando seu lugar entre Myriam e Helena de Adiabenes, sua irmã. À sua frente estava o Mestre, entre os Anciãos. José e Arimathéia, Nicodemos, Nicolás e Gamaliel entraram nesse instante excusando-se pela demora, em virtude de ocupações de última hora.

Nebai, Thirza e Ana, ao lado de seus esposos, pareciam participar de suas inquietações.

Os Anciãos, felizes por se acharem próximos do Mestre, conversavam animadamente com ele.

– Pode-se saber, Jhasua, qual a impressão que tens do povo que te acompanhou em triunfo esta manhã? – perguntou inesperadamente o príncipe Judá.

– Muito boa! – respondeu o Mestre. – Os povos de todas as partes são sempre agradecidos e bons quando uma grande esperança lhes sorri cheia de promessas. Importaria saber o que fará esse mesmo povo defraudado em suas esperanças!...

– E quem o defraudará?... – perguntaram várias vozes ao mesmo tempo.

Um rumor de inquieto alarme pareceu estender-se quase imperceptivelmente.

– Vamos supor que os acontecimentos não saiam do agrado do povo! – respondeu o Mestre. – A história do nosso país está cheia dessas surpresas. Por isto nos diz a voz da sabedoria: "Basta ao dia o seu próprio afã." Esperemos.

– Quem teria podido dizer ao pastorzinho David que a Vontade Divina o tiraria do meio de seus rebanhos para torná-lo Rei de Israel? – objetou Nicodemos, intervindo na conversação. – E que José, vendido como escravo por seus irmãos aos mercadores egípcios, chegaria a ser vice-rei dos países do Nilo?

– Somente Deus, Inteligência Suprema, é Senhor absoluto do amanhã – acrescentou Fílon, o filósofo de Alexandria.

– Quando os mais Anciãos se calam!... – insinuou José de Arimathéia, aludindo a Gaspar e a Melchor, que se conservavam no mais completo silêncio.

– É sinal – interrompeu o Mestre – de que eles estão mais próximos da Divina Sabedoria, à qual deixam confiados todos os acontecimentos importantes da vida.

– Certo! – disseram os dois Anciãos ao mesmo tempo.

– Os acontecimentos desta hora suprema estão escritos nos Céus – acrescentou Gaspar –, e por muito que as criaturas se esforcem, somente será feito aquilo que já está determinado.

Ao finalizar a refeição, foi lembrado que deviam brindar pela liberdade de Israel ... pela glória de Israel e pela grandeza de Israel sobre todos os povos do mundo.

– Delego meus direitos de chefe da casa – disse Judá – a Jhasua de Nazareth, Ungido de Jehová, para salvar o seu povo.

Um grande aplauso ressoou no vasto cenáculo.

O Mestre levantou sua taça e disse com estranha emoção na voz:

– Foi Israel o primeiro convidado ao amor fraterno que deve unir todos os homens da Terra num abraço eterno, e vos convido a brindar porque Israel ocupa o lugar que lhe corresponde no concerto divino, sintetizado nestas palavras de bronze: Liberdade, Igualdade, Fraternidade!

O aplauso que se seguiu a essas palavras foi delirante, porém Faqui disse ao ouvido de Judá:

– Nem uma única palavra conseguimos arrancar de Jhasua que nos prometa a realização do nosso sonho.

– É verdade! Começo a duvidar dos acontecimentos que hão de vir – respondeu Judá, levantando-se como todos estavam fazendo.

Os Últimos Dias

Enquanto isto ocorria no austero palácio de Ithamar, os membros mais destacados do Sinédrio se reuniam no suntuoso palácio de Caifás, o pontífice reinante.

Achava-se este muito próximo do palácio do Monte Sião, monumento de arte e riqueza, cuja construção fora feita por Herodes, o Grande, para ostentação do seu poderio. Ali residia Pilatos, conforme já explicamos. Essa proximidade dava lugar a uma estreita amizade entre a criadagem dos dois palácios, de forma que o que ocorria num podia ser sabido no outro, se houvesse alguém que quisesse utilizar as notícias.

Esse alguém era Cláudia, a esposa do procurador, que havia tomado grande afeto por Nebai e, por intermédio dela, ao Profeta Nazareno, que curou suas duas escravas mudas. Cláudia estava, além do mais, a par das negociações do príncipe Judá para obter a aceitação do César, comprando antes a vontade de seus ministros. Seyano e Vitélio estavam ainda no favoritismo do imperador e ambos estavam de acordo em que se apagasse para sempre a dinastia usurpada pelos Herodes, para que toda a Palestina unida reconhecesse um rei saído de Israel e da casa de David, que aceitasse uma dependência honrosa de Roma como poder supremo. A nação israelita teria todos os direitos de povo livre e ao governo de Roma apenas seria reservado o direito de guerra com os povos vizinhos, se assim fosse julgado conveniente.

Este importantíssimo segredo só era do conhecimento dos moradores do palácio de Ithamar, e foi revelado a Cláudia para contar com a sua vigilância próxima do procurador e depois que estiveram certos de que ela era uma aliada sincera.

Entre a criadagem de Caifás havia um jovem escravo egípcio que amava uma das escravas gaulesas de Cláudia. Estes eram os fios que a esposa do procurador utilizava para saber tudo quanto ali se tramava contra o bom Profeta que passava pela Terra como uma bênção de Deus e cuja palavra era odiosa aos perversos.

Cláudia aconselhou sua escrava a prometer ao egípcio a liberdade para ambos se conseguisse inteirar-se do que ficasse resolvido entre os rabinos e doutores reunidos ali nesse dia.

O escravo enamorado desempenhou tão satisfatoriamente seu papel que, na mesma tarde da pregação do Mestre no Templo, Cláudia soube que haviam resolvido prendê-lo e matá-lo de qualquer forma.

Alguns aconselhavam um assassinato escondido, à traição, mas aqueles perversos juízes, sacerdotes, doutores e o próprio pontífice queriam que a morte tivesse a aparência de uma condenação legal, a fim de que a mais negra nota de infâmia caísse sobre o impostor que se deixava aclamar como Messias, Salvador de Israel.

– Se o assassinamos à traição – disse o astuto Hanan – ele ficará como um mártir, vítima de um vulgar malfeitor, e sua memória continuará honrada pelo povo. Em troca, se o submetemos a julgamento por apropriar-se do nome sagrado de *Filho de Deus*, e o condenamos a morrer apedrejado ou crucificado, de acordo com a lei, ele passa para a categoria de um impostor público e sacrílego, e isso o tornará desprezado pelo povo, que lamentará ter sido enganado tão vilmente.

Como sempre, a opinião de Hanan se sobressaiu acima das demais, e ele mesmo se encarregou de encontrar a forma como haveriam de prender o Profeta no maior sigilo possível, para que o povo, que tanto o amava, não se inteirasse do sucedido, a não ser quando já estivesse tudo consumado. E o sagaz ancião acrescentou:

– O povo é em todas as partes o mesmo: uma criança inocente e caprichosa que delira pelo seu brinquedo; porém, se o mesmo se quebra ou se é retirado de suas mãos, logo se consola e procura outro que o substitua.

O Profeta de Deus estava, pois, condenado à morte desde o dia da entrada triunfal em Jerusalém, que terminou com a pregação na escadaria do Templo. Aquelas suas palavras, ardentes como o fogo da verdade que não podiam desmentir haviam

tocado nas chagas cancerosas daquelas consciências pervertidas por longos anos de um viver no crime, na mentira e na hipocrisia. Como que eles, que haviam envelhecido manipulando o povo como a um rebanho, enganando-o, roubando-o, embrutecendo-o, haviam de descer de seus pedestais para acatar a palavra de um jovem Mestre desconhecido e que apenas passava dos 30 anos?

Sua lei dizia que um homem para ensinar a ser ouvido devia passar dos 50 anos; e como aquele jovem sem escola poderia permitir a si mesmo arrastar o povo com a sua palavra?

E que palavra a sua! Candente como uma brasa, queimava os véus de púrpura com os quais eles ocultavam sua ruindade e vileza: a farsa hipócrita com que enganavam o povo incauto, fazendo-se venerar como santos.

Se deixassem o Profeta Nazareno em liberdade, logo ver-se-iam todos apedrejados pelo povo, que começava a descobrir a defraudação de seus ideais religiosos, sepultados pela desmedida ambição dos mercadores do Templo.

Chegou essa notícia a Cláudia, e dela foi passada a Nebai, a Judá, Faqui e Simônides, que eram a alma de toda a organização defensiva da causa do Profeta.

O príncipe Judá não se alarmou de nenhum modo, pois o Sinédrio nada podia fazer sem o consentimento do procurador romano.

Ele não contava com a audácia dos velhos rabinos envenenados de inveja, em virtude do triunfo do Messias entre o povo.

– Eles poderão enfurecer-se quanto quiserem – disse a Nebai quando ela lhe deu a notícia –, mas ninguém pode atar aqui uma cadeia se o Procurador não o fizer. Não te preocupas com isto. O barco-correio de Roma deve chegar dentro de breves dias trazendo-nos o beneplácito do César. Então os rabinos do Sinédrio terão que fugir de Jerusalém, porque não haverá pedras bastantes para arrojar neles.

Nebai mantinha-se calada e, na sua mente, esboçava-se a visão de Vércia e o pressentimento de Maria, suas duas íntimas confidentes no poema santo de amor que as unia ao Filho de Deus. Ela tinha a certeza que o Profeta estava vivendo os últimos dias de sua vida na terra, e não podia resignar-se a não tê-lo mais neste mundo.

Com indizível ternura, ela lembrava o Jhasua adolescente de seus dias felizes na cabana de pedra junto ao Monte Tabor. Comparava aqueles dias de serena paz, sem inquietude de espécie alguma, e parecia desejar o impossível para retroceder nos anos andados, para voltar àqueles nos quais não havia uma única sombra de pesar nem de aflição!...

– Oh! Por que passaram aqueles dias e estão já tão longe do meu coração? – perguntava Nebai a si mesma com profunda tristeza, rompendo a chorar silenciosamente quando Judá não podia vê-la.

Ao mesmo tempo, Maria de Mágdalo, reclusa em sua alcova no velho palácio Henadad, entregava-se às recordações e, nos acessos de veemência de seu temperamento meio grego e meio romano, pedia pela vida do Profeta Santo a todos os deuses do Olimpo, ao Deus Supremo dos hebreus, aos gênios tutelares de todos os países nos quais havia caído, como orvalho divino, a piedade do Profeta sobre todos os que padeciam...

– Ele não pode morrer!... Não deve morrer, porque é a encarnação do bem, do amor e da justiça! – dizia entre soluços nos momentâneos delírios de amor e de angústia que a invadiam.

Vércia, a druidesa da Gália, escondida num quiosque coberto de trepadeiras num dos grandes pátios do palácio de Ithamar onde se hospedava, sentia a angústia de suas amigas; porém, habituada desde a meninice a ver a morte de perto e a considerá-la

como um sucesso necessário na vida, não se atormentava com idéias dolorosas, mas pensava: Meu avô, herói da resistência gaulesa, morreu assassinado pelo romano, renascerá outras vezes até conseguir a liberdade da Gália. O Profeta Nazareno morrerá para entrar na glória do seu Pai, Criador e Senhor de todos os mundos, mas ai daqueles que derramarem o seu sangue de Filho de Deus!

As mulheres estavam como temerosas e entristecidas; e, entre os amigos íntimos e discípulos do Mestre, começava a circular uma vaga inquietação muito semelhante a sobressalto.

Os da Galiléia queriam voltar rapidamente, sem esperar a celebração das festas religiosas da Páscoa. Os anciãos Gaspar e Melchor tiveram longos colóquios com o jovem Mestre, que era visto sair dessas confidências com o rosto iluminado por uma felicidade sobre-humana.

Que haviam falado? Que haviam prometido mutuamente?

– Quando eu tiver partido para junto de meu Pai, cuidareis da minha herança até o último alento de vossas vidas... Não desta, que já está quase terminada, mas das que virão após esta, quando a semente derramada hoje comece a verdejar nos sulcos semeados.

"Sois os irmãos mais idosos, e cuidareis dos débeis e dos pequenos sem deixar que se perca um único... Ouvistes? *Nem um único...*"

Quando assim falou o Mestre ao ouvido dos dois Anciãos, sua voz tomou tonalidades de canção materna, que embalava o sono dos filhinhos que dormitavam...

O amor do Ungido de Deus derramou-se de seu espírito radiante nesses últimos dias, como se quisesse deixar saturado de suas vibrações o ar que respirava, a luz que iluminava e até os diminutos grãos de areia que seus pés faziam estralejar ao caminhar.

Ele teve para todos palavras de doçura infinita, recomendações, encargos até de pequenas coisas, a fim de que nenhum dos que o amavam se julgasse esquecido naquela última hora.

Até isso contribuiu para tornar maior a confusão a respeito dos acontecimentos que eram esperados.

– Claro está – disseram os mais iludidos com o triunfo material. – Se há de ser proclamado Rei de Israel, terá de esquecer as pequeninas coisas para dedicar-se completamente à organização do país, que está transformado num espojadouro de abutres.

– Quem sabe! – disseram os menos otimistas. – Talvez o Profeta esteja vislumbrando o perigo próximo e quer resguardar-nos a todos das patadas e das garras das feras...

O Mestre havia-se deixado ver entre o povo, na Sinagoga de Zorobabel e na de Nehemias, onde havia respondido em público às perguntas que lhe foram dirigidas pelos fariseus e doutores enviados pelo Sinédrio, procurando armar laços para comprometê-lo com o governo romano.

Se conseguissem isto, a prisão e a morte viriam por si mesmas, sem que o Sinédrio tivesse que intervir diretamente neste assunto.

Trataram de exasperá-lo com perguntas insidiosas, baixas e ruins, carregadas de más intenções. Com admirável domínio de si mesmo e uma serenidade a toda prova, Jhasua demonstrou, em todos os momentos, a superioridade moral e espiritual que o colocava a grande altura sobre seus adversários.

A Despedida

Chegou por fim a tarde em que, segundo os rituais de lei, deviam comer o cordeiro pascoal, e o Mestre quis celebrar essa ceia unicamente com seus Doze discípulos íntimos. Eram eles os fundamentos de sua escola de amor fraterno, de sua escola de vida em comum, sem egoísmos, sem interesses, uma perfeita irmandade, onde nenhum era maior nem menor, mas todos tinham iguais deveres e idênticos direitos.

Foi escolhido para isto o cenáculo da mansão adquirida por Maria de Mágdalo para a hospedagem dos peregrinos vindos da Galiléia.

Myriam mudou-se para ali, onde se encontrava o filho, com a finalidade de celebrar aqueles ritos de lei em companhia de seus familiares e amigos vindos com ela de Nazareth.

Assim que tudo esteve preparado, o Mestre entrou no cenáculo com os seus Doze e ocupou a cabeceira da mesa. Quando se viu rodeado por eles, mandou fechar as portas e, retirando seu manto, dirigiu-se à piscina das abluções que se achava num dos ângulos do pavimento. Encheu um alguidar grande com água, colocou a toalha no braço e aproximando-se de Pedro, ajoelhou-se diante dele.

O bom homem pôs-se de pé de um salto e, com uma conturbação infantil, disse:

– Mestre!... Meu Senhor!... Que fazes?

– Este é o meu último ensinamento – respondeu o Mestre. – Senta-se Pedro e deixa que eu lave os teus pés, para que saibais e recordeis por toda a vossa vida que o maior há de ser o servidor dos mais débeis e pequenos.

"Assim devereis proceder em minha memória."

Pedro obedeceu; contudo seus olhos claros se inundaram de pranto e, ao rodar pelo seu rosto, as lágrimas caíam silenciosas sobre as mãos do Mestre que lavava e secava-lhe os pés.

Jhasua procedeu da mesma forma com todos os demais discípulos que, extremamente comovidos, começavam a compreender que algo assim como o Juízo de Deus espargia fluidos sobre eles.

Zebeu e João choravam como dois meninos que temessem algo que eles mesmos não sabiam precisar. Que significava aquilo? Em razão de sua pouca idade, João foi o último e, inclinando-se ao ouvido do Mestre, perguntou com sua voz soluçante:

– Por que nos afliges assim, Mestre? Queres dizer com isto que estamos manchados de culpa?

– Quero dizer que o maior há de tornar-se pequeno, porque o Reino dos Céus pertence aos que se tornam pequenos por amor a mim – respondeu e, deixando a toalha e o alguidar, cobriu-se novamente com o manto e sentou-se à mesa.

Todos os olhares estavam fixos n'Ele, que falou desta forma:

– Digo-vos em verdade que, se o grão de trigo não cai na terra e nela morre, apenas subsiste. Mas, quando morreu enterrado, então é que brota, floresce e se cobre de espigas que são transformadas em branco pão.

"Aquele que mais ama a sua vida mais alegremente a perde, porque sabe que a recobrará na luz e na glória do Pai.

"Minha alma está perturbada por causa da vossa angústia e digo: Pai, salva-me desta hora que me faz ver a dor daqueles que são meus!

"Mas... se vim para ver chegar esta hora, glorifica em mim o Teu Santo Nome acima de tudo que foi criado!..."

Uma corrente sonora e suavíssima invadiu como uma onda de harmonia as salas e pátios da imensa mansão, chamada palácio Henadad, e todos os que estavam refugiados nela correram para o grande cenáculo, pois dali partiam as maravilhosas vibrações que envolviam a todos com uma estranha emoção.

Eram vozes musicais, como se milhares de harpas cantassem em linguagem ininteligível aos ouvidos humanos, porém, de uma doçura indizível e terníssima.

As donzelas galiléias ouviam através das portas fechadas do cenáculo sem conseguir compreender quais as maravilhas que se operavam lá dentro.

A corrente sonora foi apagando-se lentamente e tudo voltou ao seu estado normal.

Num estado de semi-êxtase, os discípulos tampouco podiam precisar o que era aquela harmonia.

Quando desapareceu a sonoridade, perceberam que Judas de Iskarioth estava adormecido, deitado sobre o divã.

Tomás sacudiu-o fortemente para despertá-lo.

O Mestre mandou abrir as portas e deixou que entrassem todos os que quisessem dos moradores daquela casa.

Tomou a cesta dos pães sem levedura e o repartiu entre todos; tomou a ânfora com vinho e aproximando-a, ele mesmo, de todos os lábios, deu-lhes de beber.

– É o meu último pacto de amor com todos vós – disse. – Cada vez que procederdes desta maneira, lembrai-vos desta derradeira aliança, por intermédio da qual ficarei no vosso meio até o final dos tempos. Onde estiverdes reunidos em meu nome, eu estarei no vosso meio.

– Senhor! – disse Pedro –, falas como se estivesse nas vésperas de uma longa viagem.

"Para onde vais, Senhor, bom Mestre, para onde vais?"

O Mestre olhou para ele com infinita doçura.

– Para onde vou, nenhum de vós pode ir por enquanto; no entanto me seguireis mais tarde, quando houverdes levado a todos os povos da Terra a mensagem de amor que deixo a vosso cargo.

Maria de Mágdalo, na sua qualidade de dona da casa, entrou coberta por um amplo véu cor de violeta.

Levava nas mãos um vaso de alabastro cheio de uma finíssima essência de nardos para ungir seu visitante de honra, conforme era o costume oriental. Colocou-se às costas do Mestre e começou a derramá-la sobre sua cabeleira; logo depois fez o mesmo sobre suas mãos e, finalmente, ajoelhando-se diante dele, verteu todo o vaso sobre seus pés e, mergulhando o rosto sobre eles, começou a chorar em grandes soluços.

Todas as mulheres se precipitaram para o Mestre e, ajoelhadas, rodearam-no por todos os lados.

De pé, no meio do cenáculo, Myriam olhava para ele com seus grandes olhos cheios de pranto, imóvel como uma estátua por causa da dor serena que paralisava todos os seus movimentos, deixando-lhe tão-só as dolorosas palpitações do coração.

Em todos os rostos havia lágrimas; de todos os lábios escapavam soluços, porque ali ficou desvanecida toda ilusão e toda esperança.

A crua realidade passou como uma nevasca, gelando o sangue nas veias de todos.

Suave palidez de lírio havia caído sobre a face do Mestre, cujo sofrimento interior se percebia à primeira vista.

Jhasua estendeu seu olhar sobre todos os que o rodeavam e percebeu que Judas de Iskarioth havia desaparecido dali e, como respondendo ao seu próprio pensamento cheio de Luz Divina, disse:

– Agora será glorificado o Filho de Deus, e Deus será glorificado nele.

"Meus amigos... meus filhos desde longas épocas!... Ainda estou no vosso meio e já perdestes o vigor. Que será, pois, quando, havendo procurado, não me encontrardes?

"Porque torno a repetir que, para onde eu vou, não podeis me seguir."

– Mas, meu Senhor!... – disse Pedro aproximando-se para junto do Mestre. – Por que não posso seguir-te agora? Entregarei o meu corpo e a minha alma por ti!

O Mestre olhou sorrindo para ele e respondeu:

– Um de vós entregar-me-á aos meus inimigos, e esse já não está aqui. Dizes que entregarás tua alma por mim?... Oh, amigo!... A fraqueza humana é grande! Antes que o galo cante três vezes nesta noite, três vezes já me terás negado!

O bom homem abriu desmesuradamente os olhos e ia gritar, chorando, sua fidelidade ao Mestre, porém ele continuou dizendo:

– Convém que assim suceda para que eu beba até o fundo da taça que meu Pai me deu!

"Não se perturbe com isto o vosso coração, visto como acreditais em Deus e também em mim, que fui enviado por Ele.

"Como um pai escreve seu testamento no final de seus dias, também vos dou o meu, que é como um mandamento novo: Amai-vos uns aos outros na medida em que eu vos amei, para que nisso todos comprovem que sois meus discípulos.

"Na casa de meu Pai existem muitas moradas, e eu vou adiante para preparar para amanhã o lugar do vosso descanso.

"E se vou preparar o lugar mais feliz do vosso repouso, virei buscar-vos na hora devida, tal como o bom hortelão recolhe as flores e os frutos de seu horto quando estão amadurecidos, para adornar com eles a sua morada.

"Porque onde estarei, estareis também todos comigo. Sabeis que vou ao Pai e sabeis qual é o caminho.

"As obras que realizei diante de vós, em nome do Pai, serão realizadas por vós, e as realizareis em meu nome, se verdadeiramente permanecerdes unidos a mim.

"Não se perturbe nem tema o vosso coração, que aquele que está comigo através da fé, do amor e das boas obras está com Deus e nenhuma força poderá derrubá-lo.

"Não vos desconsoleis pensando que vos deixo órfãos e sós neste mundo, porque vireis a vós quando o vosso amor me chamar.

"Os que são do mundo e não me compreendem nem me amam, não me verão mais; mas vós que sois meus, havereis de ter-me sempre no vosso meio porque permanecerei eternamente vivo, da mesma forma como também vivereis.

"Provareis o vosso amor por mim guardando meus ensinamentos e meus mandamentos; e em todos aqueles que me amarem, o Pai e eu faremos nossa morada e eu me manifestarei a Ele.

"Eis que vos dou o meu último mandamento: Amai-vos uns aos outros tal como eu vos amei. Em cada um de vós deixo parte do meu próprio coração, e ele vos dirá o que é o amor verdadeiro, sem interesses e sem egoísmos, capaz de dar a vida pelo ente amado. Deste modo vos amei e desta forma também amareis uns aos outros."

Em seguida, Jhasua pôs-se de pé e, elevando os olhos e as mãos para o alto, orou ao Pai com infinita ternura:

"Meu Pai!... É chegada a hora! Glorifica o Teu Filho para que ele possa glorificar-Te!

"Como deste a mim poder sobre toda carne e sobre tudo quanto existe sob o sol, eu Te glorificarei na Terra e terminarei a obra encomendada por Ti.

"Manifestei o Teu Nome, a Tua Divina Presença, o Teu Poder, a Tua Bondade o Teu Amor às almas que me deste neste mundo, porque estavam dispostas a receber a Tua Palavra de Vida Eterna.

"Meu Pai... Amor inefável!... Aos que me deste nesta hora, guardai-os através do Teu Santo Nome para que, unidos a mim, formem um só coração comigo, da mesma forma como sou uma mesma essência Contigo!

"Enquanto estive com eles, guardei-os em Teu Nome, e nenhum daqueles que verdadeiramente me amaram se perdeu.

"Que a Tua Verdade os torne livres e fortes!... Que o Teu Poder se manifeste por intermédio deles!... Que a Tua Sabedoria infinita seja como uma tocha diante deles!... Que o Amor seja como uma chama viva em seus corações, para que acendam o Teu Fogo em toda a Terra e não fique uma única alma tremendo de frio nas trevas onde não estás, meu Pai.

"Que a Tua inefável piedade os envolva com ternura de mãe até o dia não distante em que eu possa dizer-lhes como dizes a mim mesmo:

"Vem!... Vem aos meus braços, porque terminaste a tua obra e conquistaste a minha dádiva: Eu mesmo, pela eternidade das eternidades!..."

A palavra pareceu desvanecer-se no ambiente sobrecarregado de amor e de suprema angústia e, depois de um breve silêncio, o Mestre abriu os braços e disse com a voz trêmula pela emoção:

– Vinde agora dar-me o abraço de despedida!...

Um rumor de contidos soluços respondeu às suas palavras e todos os presentes se precipitaram para ele.

Sua mãe exalou um débil gemido e desmaiou nos braços de Ana e de Maria, que estavam ao seu lado e a ampararam oportunamente.

O Mestre viu o seu desmaio e seu gemido atravessou-lhe o coração como um dardo ardente. Com dois passos rápidos, aproximou-se dela e, beijando-a na testa gelada, nos olhos cerrados e nas mãos que pareciam de neve, disse-lhe suavemente ao ouvido:

– Mãe!... Sê forte para poder beber até o fundo da taça que o Pai dá a ti e a mim nesta hora da derradeira aliança.

Ela abriu os olhos e, vendo o rosto do filho junto ao seu, abraçou-se ao seu pescoço com ânsia febril para dizer-lhe:

– Deixa-me morrer contigo, se é que Deus te manda morrer!... Tua vida é uma única com a minha!... Por que há de ser dividida em duas?...

Um novo desfalecimento a acometeu e o Mestre mandou que a levassem ao leito.

Em seguida, abraçou a todos, um a um, dizendo a cada qual a palavra necessária para manter vivo e desperto, em cada um deles, a recordação de todos seus ensinamentos.

Maria de Mágdalo que, com Ana, havia conduzido Myriam à sua alcova, voltou como um turbilhão, temendo já não alcançar o Mestre.

Já não tinha o véu nem o manto, mas tão-somente sua cabeleira solta que flutuava como uma chama dourada.

Maria abriu passagem entre os últimos que se despediam do Mestre e, deixando-se cair no pavimento como um trapo atirado ao solo, abraçou-se aos pés do Mestre soluçando enlouquecida.

Jhasua fechou os olhos e estremeceu ligeiramente como se a tormenta interior fosse vencê-lo naquela terrível luta final.

– Mulher! – disse, pondo as mãos sobre aquela cabeça agitada pelos soluços. –

Ungiste-me com perfumes para a sepultura e queres impedir que a morte abra para mim as portas do meu Reino glorioso?

Mas como ela não o atendesse, chamou-a pelo nome:

– Maria! Jamais desobedeceste a minha voz, e agora não queres ouvir-me?

Ela acalmou-se imediatamente e, levantando-se, olhou para o Mestre com os olhos vermelhos de pranto.

– Perdão, Senhor!... – disse. – Foi a minha hora de loucura!... Não quis fazer-te padecer!... Mas fui vencida pela suprema dor deste adeus para sempre!...

O Mestre colocou a mão sobre seus lábios...

– Não ofendas ao Eterno Amor, Maria. Jamais tornes a dizer essa dura frase que não é digna de um filho de Deus: *Adeus para sempre.* Isso é uma mentira, e a mentira não deve manchar jamais os lábios de um discípulo meu!

"Torno a repetir: Vou para junto de meu Pai e virei a vós cada vez que o vosso pensamento me chamar. Dou-vos o abraço da despedida. Entretanto, digo apenas: Até sempre!... Até sempre!"

Desligando-se valorosamente de todos aqueles braços que, estendidos para ele, queriam retê-lo, Jhasua lançou-se como um raio pela grande porta de entrada e saiu para a rua.

Era já a segunda hora da noite que surgia carregada de silêncio e de sombras. A lua, entre escuros cendais de nuvens, entrava e saía como uma donzela assustada que vacilasse entre permanecer ou fugir. Jhasua continuou caminhando sozinho pela sombria vereda e, em poucos instantes, alcançou Pedro, Santiago, João, Zebeu, Bartolomeu e Felipe, Matheus e Nathaniel, Andrés, Tomás, Tadeu e o tio Jaime.

Chegavam uns após os outros, como se nem todos houvessem decidido segui-lo ao mesmo tempo.

– Aonde vamos, Mestre? – perguntou Pedro rompendo finalmente o silêncio que envolvia a todos como um manto cor de cinza.

– Ao nosso costumeiro sítio para a oração: o horto de Gethsêmani. São para mim tão familiares e amigas aquelas velhas oliveiras entre penhascos mudos, que quero também despedir-me delas como de vós.

"São também criações do Pai e o nosso amor recíproco vitalizou-as com o Seu alento de mago.

"O pensamento humano unido à Divindade, através da oração, prende suas vibrações como véus invisíveis até nas coisas inanimadas. Durante muito tempo encontrareis nessas oliveiras e nesses penhascos algo meu flutuando no vento da noite, e até vos parecerá sentir o rumor da minha voz chamando pelos vossos próprios nomes...

"Visitai, depois da minha partida, todos os lugares onde juntos oramos e amamos a Deus, porque a oração é amor!... e algo de mim mesmo falará ao fundo da vossa alma, como a voz silenciosa da recordação, dando nova vida a tudo quanto formou o encanto inefável da nossa vida em comum..."

As sombras da noite impediam ver que lágrimas silenciosas corriam por aqueles rostos curtidos pelo sol e pelo ar do Mar da Galiléia.

– Senhor! – disse João aproximando-se do Mestre até tocá-lo no ombro com sua cabeça. – Por que motivo Judas saiu precipitadamente apenas terminou a ceia? Foi enviado por ti para realizar compras, segundo o costume?

– Nosso amigo saiu do cenáculo não para *comprar*, mas para *vender*. Jamais pude tirar dele a idéia de que era um estorvo e que era o último na minha pequena Escola. Tinha medo de todos e até de mim. Foi o único vencido pelo espírito do mal, que lhe fez ver a conveniência de conquistar o favor do Sinédrio delatando o lugar preciso onde seu Mestre se retira todas as noites para orar.

"Isso é tudo. Não temais, pois aquilo que o Pai dispôs para seu filho é o que sucederá. Nosso pobre amigo não vê ainda as conseqüências do que faz. Que Deus tenha piedade dele."

– Se tivéssemos sabido disto – disse Tomás –, haveríamos atado seus pés e mãos para que não pudesse mover-se de lá.

Alguns começaram a protestar a meia-voz contra o discípulo infiel, trazendo à memória episódios passados da conduta de Judas que desagradaram a todos, desagrado esse que o Mestre acalmou com aquelas suas suaves palavras:

– Não julgueis e não sereis julgados.

O piedoso manto de tolerância havia coberto a oculta soberba na alma de Judas, que vivia como envenenado por não ser o mais querido e honrado na Escola do Mestre.

– Devemos, apesar de tudo, ser justos com os criminosos e perversos, e é necessário reconhecer ser verdade que Judas caiu na armadilha estendida pelo Sinédrio que o enganou miseravelmente. Ele jamais imaginou que o Mestre, cuja grandeza reconhecia, pudesse ser justiçado, pois sabia perfeitamente que o Sinédrio não tinha autoridade para isso.

– Queremos trazê-lo até aqui – havia dito Hanan em nome do pontífice – para que ele faça, ante a autoridade competente, as declarações que necessitamos para julgar se realmente é o Messias anunciado pelos Profetas.

"Andar como anda, deixando-se aclamar pelo povo como Messias Libertador de Israel, como futuro Rei da nação, não conduz a nada nem leva a parte alguma. O que poderá suceder de um momento para outro é que Herodes, de acordo com o César, venha para cima de nós porque um de nossa raça e nossa fé deixa que essas idéias sejam propagadas, idéias que, se forem pura ilusão, nos colocará a todos no nível dos impostores vulgares que amotinam os povos.

"Se ele é o Messias-Rei que se espera, fazes um bem e não um mal unindo-se a nós para proclamar a verdade; e também farás um bem ao povo de Israel, que o reconhecerá no futuro."

– E se vos parecer que não é o Messias esperado? – havia perguntado Judas, procurando assegurar sua posição.

– Nesse caso – havia respondido Hanan – mandaremos que silencie e saia do país para não agitar o povo com ilusões sem fundamento.

– As obras que o vi realizar são maiores, a meu ver, que as feitas pelos maiores profetas de Israel – afirmou Judas. – Apenas pode-se admitir comparação com Moisés. Eu o trarei a vós, porém com a condição de que não lhe fareis mal algum e me reconhecereis no futuro pelo serviço prestado à causa.

– Está bem, amigo. Espero o cumprimento da tua palavra. Aqui tens trinta moedas de prata caso precises fazer alguma despesa.

E Judas recebeu a sacolinha com as trinta moedas de prata.

– O Mestre – disse – deve ir agora ao horto de Gethsêmani, no Monte das Oliveiras, onde todas as noites, enquanto está em Jerusalém, faz suas orações.

– E por que nesse lugar tão solitário e afastado? – voltou a perguntar Hanan, desconfiado de uma emboscada planejada por Judas.

– Esse horto pertence à antiga família da viúva Lia, parente do Profeta Nazareno e, em razão disto, ele vai ali como se fosse propriedade sua.

– Está bem, está bem. Terminamos o negócio – disse Hanan.

– Ainda não, pois é necessário que me dês uma escolta para trazê-lo até aqui.

Como acreditará que vou da vossa parte se me vir chegar só?

Um sorriso diabólico apareceu no rosto rugoso de Hanan que via muito bem engolido o anzol por Judas, cego pelo ciúme e pela soberba que, indubitavelmente, lhe faziam pensar:

"Agora sim que não me verei postergado na Escola do Mestre, futuro Rei de Israel, porque nenhum dentre os seus foi capaz de fazer o que eu fiz."

– Vejo que és inteligente – disse o ancião. – Vai ao palácio do pontífice Caifás que lá te será dada a escolta. Vou tomar uma liteira e irei em seguida. Espera-me defronte à fachada do palácio de Caifás.

Judas saiu para a rua tomando a direção indicada. Pouco depois, uma liteira coberta, levada por quatro escravos negros, tomava o mesmo caminho conduzindo Hanan.

Gethsêmani

No palácio de Ithamar tudo era silêncio e sombras. Só havia luz em dois lugares: na alcova de Nebai, no piso principal e, no andar térreo, no último pátio, que era o de maiores dimensões, pois davam para ele as cavalariças, os estábulos e as cocheiras.

No centro estava o reservatório de água e, nos ângulos, grupos de sicômoros e terebintos.

No mais afastado desses ângulos sombreados de árvores, Vércia, a druidesa da Gália, acendia o fogo da meia-noite, segundo o ritual do seu culto. Estava completamente sozinha, como sozinha velava Nebai em sua perfumada alcova atapetada de azul celeste. Nebai esperava por Judá que, terminada a ceia do anoitecer, havia saído em busca das notícias que deviam ser trazidas de Joppe, se, como julgavam, já se encontrava naquele porto desde o dia anterior o barco-correio de Roma.

Agitada por muitos pensamentos contrários, queria ler e parecia que seus olhos não conseguiam acertar com o que buscava no livro.

Tomava a cestinha de trabalhos manuais e a deixava logo, porque não podia tampouco prestar a devida atenção.

Ia até as caminhas brancas de seus dois filhos situadas de ambos os lados de seu grande divã de repouso e, vendo-os adormecidos, tornava a ocupar seu lugar junto ao candelabro velado por um quebra-luz azul.

Isto ocorria ao mesmo tempo que a druidesa, sentada numa esteira de juncos defronte ao seu fogo sagrado, observava fixamente as pequeninas chamas que, como diminutas línguas de ouro e púrpura, se agitavam, movidas pelo vento.

De repente, Vércia lançou um débil gemido e estendeu suas mãos com ânsia suprema para a pequena fogueira. Na penumbra amarelenta que irradiava o fogo, acabava de ver, rompendo a negrura das sombras, a branca imagem do Profeta Nazareno na frente de um pelotão de homens armados de lanças, num lugar sombrio, cheio de árvores e de penhascos, onde não havia outra luz que a de fumegantes archotes e a claridade da lua que se filtrava por entre os ramos das árvores.

– O fogo sagrado não mente jamais – murmurou a druidesa com voz soluçante. – O Profeta de Deus foi preso.

Dobrou-se por terra como um lírio cortado e tocou o pó com a testa, adorando a vontade invencível do Grande Hessus.

Quando o fogo se extinguiu, cobriu-se com o seu manto e, mui silenciosamente, começou a subir as escadas em completa escuridão para retornar à sua alcova no segundo piso. Viu ao longe a alcova de Nebai, da qual saía um débil raio de luz e se aproximou, andando na ponta dos pés. Chamou-a suavemente.

Nebai estremeceu e, em dois passos ligeiros, chegou até a porta e a abriu:

– Vércia!... Que há?

– O Profeta de Deus foi preso – respondeu com uma fria serenidade que espantava.

– Não pode ser!... Como vieste a saber?

– Vi no fogo sagrado e ele não mente jamais!...

Nebai caiu de joelhos sobre o pavimento, porque seus pés pareciam negar-se a sustentá-la.

Vércia levantou-a em seus braços e levou-a para o divã. Nebai abraçou-se a ela, chorando desconsoladamente.

– Não chores, Nebai, minha amiga! – disse como arrulando. – Ele é grande, forte... é o Filho de Deus e os tiranos tremerão ante ele.

A pobre Nebai associava este fato à prolongada ausência de Judá, e toda esperançosa nele se consolava e disse com grande firmeza:

– Judá o porá em liberdade... Estou certa disto!

Essa foi uma noite terrível de confusão para os amigos do Profeta Nazareno! Judá ignorava a prisão do Mestre, que só era conhecida daqueles que o acompanharam ao horto de Gethsêmani.

Para que o leitor conheça todos os detalhes ocorridos nessa noite terrível e relacionada com o Homem-Deus, sigamo-lo entrando naquele sombreado horto que, durante a noite era tenebroso, pois os ramos das oliveiras, enlaçados uns aos outros, formavam uma espessa cortina salpicada de gotas de luz de muito escassa claridade nas noites de lua.

– A hora da prova chegou – disse o Mestre aos seus. – Velai e orai para não cairdes em tentação, porque hoje sereis postos à prova por minha causa. Prestai atenção que estais avisados.

"Velai e orai para que a vossa fé não vacile porque, não obstante o espírito permanecer alerta, a matéria é treva e constantemente o obscurece e cega."

Afastou-se em seguida alguns passos para junto de um grande penhasco no qual costumava apoiar as mãos cruzadas para a oração.

– Meu Pai!... – clamou do íntimo de seu espírito resplandecente de amor e fé. – A natureza humana sente medo de beber este cálice, porém não se faça a minha vontade, mas somente a Tua! – Seu espírito elevou-se ao Infinito como uma estrela solitária em cujas órbitas distantes, muito mais além dos domínios da mente humana, nenhum ser da Terra podia segui-lo.

Alma excelsa do Cristo, solitária por causa da sua grandeza; e, na hora da imolação, mais solitária ainda, para que o holocausto fosse completo sem consolo da Terra e com os céus emudecidos!

Nós, as pequenas criaturas terrestres, dobramos nossas testas ao pó e nossa alma se abisma sem compreender a suprema angústia do Cristo que o mergulhava em profunda agonia, bem como o heróico amor a seus irmãos que o transportava aos cumes serenos do Ideal!...

A visão que tivera no Santuário de Moab na véspera de ser consagrado Mestre da Sabedoria Divina voltou a apresentar-se-lhe como brotando de um abismo de trevas. A mesma voz musical que naquela ocasião lhe falara fez-se ouvir também agora:

– Queres?... Ainda há tempo para rechaçá-la.

"És livre para aceitar ou não essa afrontosa morte. Emancipado como estás da matéria, podes cortar o fio fluídico que te une à vida física e evitar a morte infamante e dolorosa da cruz! Escolhe!"

– A cruz!... – clamou muito alto, num gemido derradeiro de agonia, caindo exânime coberto de gelado suor, como se, em verdade, a morte o tivesse envolvido com seus véus de neve...

Seus discípulos, cansados e tristes, haviam-se deitado sobre a relva sem vontade para nada, a não ser para gemer, asfixiados pelo desespero que parecia enregelá-los até a medula dos ossos.

Nisto viam terminar suas brilhantes ilusões alimentadas com louco afã durante mais de três anos consecutivos?

Os que haviam abandonado parentes, amigos e posses por esta obra sublime que devia marcar novas rotas para a Humanidade, que diriam ao retornar vencidos, fracassados, sem fé nem esperança, como passarinhos aturdidos pelos açoites da tempestade?

Esses sombrios pensamentos foram logo interrompidos pela voz do Mestre que parecia havê-los percebido.

– Velai e orai para não serdes vencidos pela tentação. Já vos disse que hoje a vossa fé em mim seria posta à prova. Não obstante o espírito manter-se sempre alerta, a matéria desfalece com freqüência. Orai junto comigo.

E tornou a retirar-se para o mesmo lugar onde sempre orava, ao pé daquele penhasco, testemunha silenciosa da agonia do Homem-Deus.

Pouco depois, o silêncio da noite foi bruscamente quebrado pelos passos precipitados e pelo surdo rumor de vozes de muitos homens, que vinham pelo caminho da cidade.

Não eram soldados romanos, pois não vestiam uniformes nem levavam os emblemas e brasões que traziam sempre com eles.

Vestiam o uniforme dos guardiães e servidores do palácio de Caifás, o pontífice reinante. Vinha um dos três comissários do Templo com dois auxiliares. E, de cada lado de Judas, principal personagem desta embaixada, caminhavam majestosamente um filho de Hanan e um juiz do Sinédrio. As alabardas e as lanças brilhavam sinistramente à chamejante luz das tochas com que iluminavam o caminho. Ao todo eram cinqüenta homens.

"Deus dá sua luz aos humildes e a esconde aos soberbos", havia dito o Divino Mestre, e sua palavra cumpria-se em Judas nesse instante que, envaidecido por aquilo que ele julgava ser um triunfo, ia pensando que aquela era uma digna escolta para conduzir o Messias, futuro Rei de Israel, para enfrentar privadamente com a mais alta autoridade da nação que, convencida da verdade, o proclamaria no último dia da Páscoa.

O Mestre aproximou-se dos seus e disse com grande serenidade:

– Levantai-vos e saiamos do horto, porque aqueles que devem vir já estão aqui.

A chama dos archotes deu de cheio sobre o grupo formado pelo Mestre com os seus.

Estes viram também os que chegavam e, entre eles, reconheceram Judas, que vinha na frente. Este avançou uns passos e disse em voz alta:

– Deus te salve, Mestre! – e deu-lhe um beijo no rosto.

– Amigo!... Com um beijo entregas o teu Mestre?

Judas ia explicar-se, mas Jhasua adiantou-se para o grupo de homens armados para perguntar:

– A quem buscais?

– A Jhasua de Nazareth, chamado o Cristo – respondeu o comissário.

– Sou eu!

Esta frase ressoou como um estampido de algo formidável que explode num instante, e os da escolta deram um salto para trás, como se houvessem visto rebentar a cratera de um vulcão. Isto deu lugar a que alguns caíssem ao solo e fossem apagadas as tochas. Produziu-se grande confusão, e os discípulos, o tio Jaime e Pedro, que levavam espadas, puseram-se em guarda, sendo que os demais, que apenas possuíam seus bastões de viagem, apertaram-se junto ao Mestre que voltou a perguntar.

– A quem buscais?

– A Jhasua de Nazareth, chamado o Cristo – respondeu o comissário do Templo não tão valentemente como da primeira vez, pois os homens da sua escolta se retiravam apressados e em confusão, temerosos de outro estampido como aquele que os sacudiu um momento antes.

– Sou eu – respondeu o Mestre. – E se buscais a mim, deixai em paz estes amigos que me rodeiam.

A um sinal do juiz, adiantaram-se dois homens com grossos cordéis e ataram as mãos do Mestre.

– Faltais com a vossa palavra! Não foi isto que ficou combinado! – gritou Judas. Porém, como isso havia sido previsto, alguns da escolta voltaram suas alabardas contra ele, que rodou por um barranco, aturdido pelos golpes e com o rosto sangrando ao chocar contra as pedras do despenhadeiro.

Enfurecido, Pedro assestou golpes com a sua espada para a direita e para a esquerda, da mesma forma como o tio Jaime, enquanto seus companheiros, fazendo girar seus bastões por cima da cabeça, golpearam aqueles que se achavam ao seu alcance.

A voz serena do Mestre chamou-os à ordem.

– Que fazeis? Sois como os mundanos que respondem ao golpe com o golpe...

"Guardai, amigos, vossas espadas e bastões, porque o cálice que o Pai me apresenta deve ser bebido até a última gota."

O desolado grupo reuniu-se sob a sombra das árvores, ao mesmo tempo que acompanhavam com o olhar a branca figura do Mestre que, à débil claridade das estrelas, assemelhava-se a uma tênue gaze de seda que se afastava levada pelo vento.

Conduziam-no em profundo silêncio, a fim de que, no caminho para Jerusalém, povoado de tendas de peregrinos, ninguém percebesse o que estava ocorrendo.

Passado o primeiro estupor, os discípulos reagiram e, com a força que proporciona o desespero, começaram a correr para a cidade por diferentes caminhos daquele que a escolta seguia. Queriam chegar antes para dar aviso ao príncipe Judá, a Hachben Faqui, ao scheiff Ilderin que tinham forças armadas em previsão, sem dúvida, deste caso inesperado.

Não obstante o Mestre ter sido mantido afastado de todos aqueles preparativos bélicos, sabia que os mesmos estavam sendo feitos desde há bastante tempo.

Em grupos de dois ou três discípulos se dispersaram, saltando por entre barrancos e passando por matagais, como se fossem cervos perseguidos pela matilha dos caçadores.

O tio Jaime com João chegou já passada a meia-noite ao palácio Henadad, mergulhado na escuridão e no silêncio.

No pórtico da entrada velava Boanerges, que abriu a porta silenciosamente. Não necessitou perguntar o que ocorria, porque no rosto de ambos estava refletido o triste acontecimento.

– O Mestre acaba de ser preso – disseram ambos ao mesmo tempo, deixando-se cair como extenuados sobre um dos estrados.

– Eu já supunha isto – respondeu o jovenzinho com os olhos cheios de pranto. "Eu dormia no cenáculo para acompanhar de perto a Senhora e, em sonhos, vi o Mestre que me disse: *Já chegou a minha hora.* Levantei-me e vim para junto desta porta, porque esperava que viésseis em seguida."

As mulheres galiléias, na alcova de Myriam, rodeavam-na com indizível amor, e a doce mãe, cujas lágrimas se haviam esgotado, sentada em seu divã, observava com tenacidade o círio aceso que ia consumindo-se lentamente.

Em seu pensamento, comparava a vida do círio com a sua própria e dizia para si mesma no fundo da sua alma: "Sua vida e a minha são como a luz deste círio: uma só chama!... uma só vida que logo se extinguirá, para acenderem-se juntas, novamente, no seio de Deus."

A chegada de João e do tio Jaime sobressaltou-as enormemente.

João abraçou-se a sua mãe Salomé e começou a chorar como uma criança.

O tio Jaime aproximou-se de Myriam, que estava entre Maria e Ana, e disse apenas estas palavras:

– Jhasua foi preso e o levam ao palácio do pontífice Caifás. Não sabemos nada mais.

– Sei o restante – disse Myriam sem deixar de contemplar o círio que ia consumindo-se.

"A luz que nos ilumina a todos logo será apagada – acrescentou. – Que será então das nossas trevas?"

Ana e Maria abraçaram-se a ela, chorando desconsoladamente.

A heróica mãe, que uma força sobre-humana parecia sustentar, teve o valor de dizer:

– Fazei comigo, ao Senhor, a oferenda de sua vida amada acima de todas as coisas da Terra, e o Senhor secará o vosso pranto e não choraremos mais!... Nunca mais!...

Mediante repetidas doses de xarope de flores de laranjeira, a angustiada mãe do Mártir caiu num sono profundo, do qual não despertou, a não ser pouco antes do amanhecer.

Ana, a caçula dos filhos de Joseph, casada, como se sabe, com Marcos, recostou-se no mesmo divã em que repousava Myriam e disse que cuidaria dela durante toda a noite.

Maria de Mágdalo foi para a sua alcova, depois de averiguar que o tio Jaime e João haviam saído para a rua para avisar o príncipe Judá do que ocorria.

Naqueles momentos de suprema angústia ainda esperavam poder salvar o Mestre. Mas o tio Jaime dizia tristemente a João, enquanto andavam na escuridão das ruas tortuosas:

– Mais que ao Sinédrio, temo pela própria vontade de Jhasua que não quer ser salvo. Por que se despediu de todos nós? Por que está decidido a morrer?

– É verdade – confirmou João. – Ele disse isso claramente esta noite:

'Para onde vou, não podeis vir. Vou para junto de meu Pai... Já é chegada a hora.'

– Sim, sim... falou realmente assim!... Não obstante isto, deveremos fazer algo para evitar que sejam cometidas violências contra ele.

Com isto dirigiram-se ao palácio de Ithamar em busca de Judá, de Hach-ben Faqui e do scheiff Ilderin, os três chefes das forças armadas que haviam sido organizadas.

Neste meio tempo, Maria de Mágdalo esperou que todas as suas companheiras se houvessem recolhido às suas alcovas, já que passava da meia-noite.

Chamou em segredo Boanerges, o pastorzinho músico, e o mandou preparar-se para acompanhá-la numa excursão pela cidade adormecida.

– Espera-me no pórtico – disse – que irei em seguida.

Sozinha em sua alcova, embelezou-se esmeradamente como se fosse comparecer a um suntuoso banquete.

Vestiu-se segundo o uso das cortesãs egípcias para encobrir um pouco a sua personalidade. Convertida inteiramente numa nuvem de gazes, sua cabeça, pescoço e braços resplandeciam de diademas, colares e braceletes.

A agitação febril que a dominava, emprestava colorido e animação ao seu rosto que parecia um buquê de rosas vermelhas na primavera.

– Vamos – disse secamente a Boanerges que a esperava.

– Aonde? – perguntou ele.

– Segue-me – respondeu.

Cruzaram ruas e ruelas, dobraram esquinas e se ocultaram em pórticos e colunatas quando percebiam passos ou vozes das patrulhas romanas que mantinham a ordem.

Nossos dois personagens se encaminhavam ao palácio de Caifás, para onde sabiam que o Mestre havia sido levado.

Aquela jovem mulher, com apenas um quarto de século de vida, conhecia, através de seus estudos, a história de todos os desatinos, desregramentos e vacilações dos homens por causa dos encantos de uma mulher.

Clélia, a heroína romana dos primeiros tempos de Roma, tomada prisioneira como refém pelo general etrusco Porsena, não havia quebrado em pedaços sua vontade, dura como o ferro, e o havia feito dar-lhe liberdade, juntamente com todas as crianças que deviam ser passadas pela espada?

Não havia encadeado a vontade de Alexandre Magno uma princesinha persa que o levou até a adotar os costumes, língua e usos do país do gado e das rosas vermelhas?

Não havia Cleópatra, a egípcia, dobrado a Júlio César, que lhe deu um trono em troca de seus sorrisos; e a Antônio, o invencível guerreiro, não fez deixar a espada pelo encanto de seus banquetes em barcas sobre as águas do Nilo?

Não poderia, portanto, haver nada de mais se ela, jovem e formosa, conseguisse dobrar a vontade dos doutores e juízes do Sinédrio para libertar o Profeta Nazareno, cuja excelsa grandeza a fazia compreender um amor superior a todos os amores da Terra!

Tal era o sonho insensato a que o amor e a dor levavam, como pela mão, aquela mulher coberta de manto azul, caminhando seguida de Boanerges pelas tortuosas e obscuras ruas de Jerusalém, pouco depois de o Mestre ter sido preso.

Quando estavam a cem passos do palácio, viram abrir-se o portão do pátio da criadagem e que homens cobertos de mantos saíam cautelosamente, acompanhados de vários escravos e de duas colunas de guardas do palácio. No meio deles, o Homem de Deus, com as mãos atadas às costas, despojado já de seu manto e sendo conduzido como um réu vulgar. Junto com ele levavam outro prisioneiro, de sinistro aspecto, cujas roupas escuras se confundiam com as sombras da rua.

Chegado nosso relato a este ponto, vejamos o que havia ocorrido no palácio de Caifás e por que tiravam dali o prisioneiro.

Astutos e receosos até o extremo, os inimigos do Profeta temeram que seus discípulos levantassem o povo em massa para defendê-lo, e o palácio de Caifás, ainda que grande e suntuoso, não era uma fortaleza em condições de conter uma multidão enfurecida. Julgaram prudente transferi-lo para a Torre Antônia, junto com o bandido que anos atrás havia roubado no próprio Templo e ao qual somente a astúcia dos

agentes do Sinédrio tornou possível a sua captura. Ele havia sido levado a Caifás enganado por uma escrava adestrada para isso.

A polícia do Sinédrio apreciava muito competir com a polícia romana, da qual era rival e, sempre que se apresentava uma situação, procurava deixá-la numa mediocridade bem evidente. Esta situação vinha sendo mantida desde os tempos do pontífice Ismael-ben-Pabhi, nos começos da criminosa administração de Valério Graco.

O réu companheiro de Jhasua de Nazareth era um tal Barr-Abbás, ladrão, assassino e assaltante da pior espécie.

Dois juízes do Sinédrio, Rabi Shanania e Samuel Apkaton, iam à frente daquele heterogêneo grupo de homens que conduzia os dois presos.

Ao chegar ao grande portão da Torre Antônia, foram recebidos pelo centurião que estava de guarda o qual não estranhou nada, pois eram freqüentes os envios deste gênero por parte do Sinédrio.

A guarnição da Torre estava já cansada desses dissimulados e encobertos manejos, muitos dos quais apenas diziam respeito a vinganças por assuntos religiosos ou por questão de interesses criados.

Ao centurião somente foi dito, ao lhe serem entregues os presos, que os guardasse cuidadosamente, pois se tratava de réus muito perigosos, motivo pelo qual entender-se-iam no dia seguinte com o procurador.

O aspecto de ambos era tão diferente um do outro que o militar ficou olhando estupefato para o Mestre durante um breve instante.

Mandou que levassem o outro para um dos calabouços do subsolo porque, na verdade, toda a sua pessoa delatava ser um delinqüente. Seu rosto cheio de cicatrizes e seu olhar terrível e receoso, bem como sua descuidada vestimenta, seus cabelos e a barba emaranhados falavam claramente.

Mas o jovem preso, da túnica branca?!...

– Oh!... Pelos raios de Marte!... – disse o militar romano. – Este parece ser um Apolo que deixou crescer a barba para que as Musas o respeitem. Com toda a certeza há um grande mistério nisto!

"Que me cortem as duas orelhas se este bom homem não é uma vítima do ódio dos judeus."

O centurião conduziu o Mestre para a câmara dos detidos, situada na planta baixa da torre principal. Desatou os cordéis que atirou a um canto e acendeu a lamparina de azeite que pendia do teto.

Observou novamente o prisioneiro à escassa claridade da lâmpada, e cada vez lhe parecia mais absurda aquela prisão.

– Por que te trouxeram para cá? – perguntou.

– Ainda não estou inteirado do que me acusam. Saberei disto amanhã – respondeu o Mestre.

O militar indicou o estrado coberto por uma esteira e umas mantas caso ele quisesse descansar.

Fechou com chave a porta de grossas barras de ferro e se afastou.

Sendo tantos os personagens que direta ou indiretamente intervieram junto do Profeta Nazareno no episódio final da sua vida, vemo-nos obrigados a retroceder alguns momentos para encontrar alguns de seus amigos mais íntimos.

Quando o Mestre foi introduzido no palácio de Caifás, Pedro, Santiago, Tadeu e Bartolomeu entraram no pátio da criadagem, que era como uma pequena praça.

No centro, havia uma grande fogueira rodeada de bancos de pedra. Um reserva-

tório de água num ângulo, uma mesa de enormes proporções no outro, onde eram vistas cestas de pão e restos de comida, o que demonstrava que ali os guardas e os servos passaram a noite comendo e bebendo. As cavalariças davam para aquele pátio, bem como as cocheiras e as habitações da criadagem, que era muito numerosa.

Os discípulos mantiveram-se no portal da entrada, quase despercebidos pela escuridão da noite que a luz da fogueira não conseguia dissipar. Pedro não podia suportar a ansiedade de saber o que fariam com o Mestre e, pouco a pouco, foi se misturando por entre a algaravia dos guardas, escravos e escravas que entravam e saíam do pátio para a cozinha, para os depósitos de mantimentos e subiam a escada do piso principal, onde estava reunido parte do Sinédrio.

Pelas grandes janelas eram vistos circular os criados com bandejas e travessas, servindo os magnatas recostados em poltronas no salão do pontífice.

A venerável cabeça branca de Pedro não tardou em chamar a atenção de alguns daqueles homens. Um deles disse ao outro.

– Esse é também galileu e estava no horto quando prendemos o Rabi milagroso. Que quererá ele aqui?

Dirigindo-se a Pedro, perguntou:

– Não és um dos companheiros do preso que temos ali dentro? Parece-me haver-te visto com ele.

Pedro dissimulou como pôde sua surpresa ao ver-se descoberto e, sem se deter nem um só segundo a pensar, respondeu:

– Que posso saber do vosso preso! Sou um pescador de Tiberíades e vim à festa como todo filho de Israel. Vendo aqui boa gente reunida em paz e em alegria, cheguei para me distrair porque não tenho família na cidade.

Quando outros criados ou guardas julgaram reconhecê-lo também, negou-o, assegurando que não sabia de que pessoa se falava.

Um galo cantou num dos cantos do estábulo e seu canto ressoou para Pedro como se um punhal lhe houvesse atravessado o coração. Recordou as palavras do Mestre; percebeu seu meigo olhar como um resplendor de lua na sinistra escuridão de sua angústia e saiu espavorido como se um horrível fantasma o estivesse perseguindo. Na semi-obscuridade do portão, tropeçou com seu irmão Andrés, que havia chegado também em busca de notícias e, abraçando-se a ele, desatou numa tempestade de soluços que não podia conter.

– Que ocorre? Condenaram o Mestre?... Que tens?...

Inúteis perguntas! Pedro havia-se deixado cair sobre um estrado do portão e, totalmente envolto em seu manto, chorava convulsivamente.

Finalmente levantou-se e saiu a correr em direção à rua do comércio. Seu irmão Andrés seguiu-o até o palácio Henadad, onde entrou sem haver pronunciado uma única palavra.

Ali deviam estar o tio Jaime, Hanani e Zebedeu. Ali estava Myriam, a doce mãe do Mestre, e todos os seus amigos da Galiléia... E diante de todos eles Pedro confessaria seu horrível, seu espantoso pecado.

Havia tido medo de confessar que era um dos discípulos do Justo que nessa noite haviam prendido como a um malfeitor!

Ele! E logo ele, em quem o Mestre depositava mais confiança!... Ele que sempre era encarregado de cuidar dos seus companheiros durante a sua ausência!... Jehová justiceiro!...

Por que a terra não se havia aberto para tragá-lo? Por que não se havia desmoronado o teto para esmagá-lo como a miserável réptil? Por que não caía um raio dos céus e o consumia como a uma vil escória?

Arquejante, Pedro chegou ao pórtico onde ainda tremeluzia a lâmpada que Boanerges esquecera de apagar quando saiu seguindo Maria.

Até lhe foi negado o consolo de seus amigos galileus: Myriam dormia; Hanani e Zebedeu não estavam. O tio Jaime e João também não estavam. Maria de Mágdalo e Boanerges não se encontravam em seus aposentos.

Pedro, como enlouquecido, lançou-se novamente na escuridão da rua.

Apenas havia dado quatro passos, quando tropeçou com dois vultos que vinham em direção contrária. Eram Nebai e Vércia que, não vendo chegar Judá nem Faqui, iam à casa de Maria acreditando poder obter ali as notícias que procuravam. Seguia-as, a dois passos, Shipro, o jovem servo egípcio, companheiro de infância do príncipe Judá.

Por fim, Pedro acabava de encontrar com quem desafogar seu pesar.

Conhecia Nebai desde muito menina, lá das montanhas do Tabor, e sabia muito bem quão grande era o seu amor e a sua adesão ao Mestre.

– Aonde ides? – perguntou Pedro ao reconhecê-las.

– Ao palácio Henadad para obter notícias.

– Não há ninguém lá que possa dar-lhes maiores ou piores que as que eu posso dar.

Contendo os soluços no fundo do peito, mencionou tudo quanto havia ocorrido no horto de Gethsêmani e no pátio do palácio de Caifás.

A hora da imolação suprema tinha chegado, conforme o Divino Ungido havia repetido em seus últimos dias e, em face disso, tudo parecia combinar-se para fazer fracassar os esforços dos seus para salvá-lo da morte.

O astuto Hanan, alma da vida política e religiosa da Judéia, não permitiu que fossem convocados todos os membros do Sinédrio, que somavam a sessenta e um. Valendo-se de subterfúgios intencionais, deixaram sem aviso seis membros que eram grandes amigos do Mestre: Eleazar e Sadoc, sacerdotes pertencentes à Fraternidade Essênia; José de Arimathéia, Gamaliel, Nicodemos e Calva-Schevona, nome judeu de Nicolás de Damasco. Esses seis homens, incorporados novamente ao Conselho por eleição recente, eram efetivamente temíveis no Sinédrio, pois, possuindo uma palavra de admirável lógica e uma vida toda consagrada à verdade e à justiça, arrastavam com as suas opiniões os poucos homens de alma sã e de coração sincero que havia no seio do Grande Conselho, como o eram Chanania ben Chisva, que desempenhava a arbitragem nas votações, o Rabi Shanania, juiz eclesiástico da câmara de sacerdotes, Jonathas Ben Usiel, filósofo e poeta, e Simeão de Anathol, doutor em leis.

O velho Hanan, que durante dez anos havia exercido o pontificado, que também fora exercido por seus cinco filhos sob a sua tutela, conhecia toda essa rede estendida no Sinédrio, ao qual não era conveniente de forma alguma que fossem levantadas fortes oposições no seio do Grande Conselho, precisamente quando conscientemente ia ser cometido o mais horrendo crime deturpado com a denominação de julgamento legal.

Foi em razão disto que os quatro doutores amigos do Mestre desde a sua meninice ignoraram completamente a sua prisão até pouco antes do meio-dia seguinte.

Na reunião privada que vimos e que estava se realizando no salão do pontífice entre travessas de deliciosos manjares e delicados vinhos de Corinto e de Chipre, só era dada a palavra aos membros *incondicionais* de Hanan: Caifás, seu genro e

pontífice; seus cinco filhos Eleázar, Jonathas, Matias, Teófilo e Unano; além dos três filhos do velho Simão Boetho, cunhado de Hanan; Elkias, tesoureiro do Templo, Samuel Akatão, Doras e Ananias de Nebedal. Eram apenas catorze, porém os mais indicados para tecer na sombra a mais hábil urdidura que pudesse logo convencer os imparciais, até que se chegasse pelo menos à metade dos votantes em favor da condenação à morte para o Profeta de Deus.

Entre os criados de Caifás, que serviam nesse banquete do crime, estava aquele escravo egípcio enamorado de uma das escravas de Cláudia, esposa do procurador Pilatos.

Os dois palácios eram vizinhos, como já dissemos. O portão das cavalariças de um ficava a poucos passos das grandes grades dos jardins do palácio de Herodes, atual habitação do procurador. O escravo egípcio passou para a escrava gaulesa todas as notícias que pôde conseguir relacionadas à prisão do Profeta Nazareno e a decisão do Sinédrio de condená-lo no dia seguinte.

A triste notícia chegou a Cláudia quando já era passada a meia-noite. A escrava gaulesa atreveu-se a entrar na alcova da sua senhora sem ser chamada, esperando que a gravidade da notícia a salvaria de alguma reprimenda.

O procurador, em seu escritório na planta baixa do palácio, atendia aos últimos assuntos do dia. Firmava correspondência urgente, recibos de tributos, ordens de confiscos, de compras de víveres para as diferentes guarnições que nas fortalezas e torreões da Samaria e da Judéia garantiam ao governo de Roma a submissão dos povos tributários.

Cláudia não teve a paciência de esperar que seu marido subisse à sua alcova e desceu para procurá-lo no escritório.

Pilatos estava só.

– Grande novidade deve estar ocorrendo – disse ao vê-la deixar o leito a tal hora.

– Os perversos velhos do Sinédrio prenderam nesta noite o Profeta Nazareno – esclareceu Cláudia trêmula de medo.

– E isso te assusta? Nestes anos todos que já passamos aqui ainda não te acostumaste a ver que os devotos servos de Jehová não são felizes a não ser quando têm alguma vítima entre as mãos? Agora tocou a vez do teu Profeta Nazareno. Eu não sabia de nada.

– Não deixarás condená-lo!... – gritou Cláudia com uma grande excitação nervosa. – É um justo, enviado dos deuses!

– Acalma-te, mulher! Acreditas que se vai deixar condenar assim sem mais nem menos um homem idolatrado pelo povo e que faz estupendas maravilhas, apenas movendo as mãos?

"De qualquer modo, agradeço imensamente o aviso, pois desta forma estarei preparado para enfrentar o temporal que se desencadeará amanhã.

"Acabo de assinar uma ordem de saída de metade da guarnição da Fortaleza da Porta de Jaffa com destino a Sebaste, onde estão ocorrendo distúrbios; mas essa tua notícia faz mudar a minha resolução. Quem poderá conter o povo amanhã se a esses perversos velhos, a quem os deuses confundam, apetecer açoitar o prisioneiro, como é do costume?

"Esse é o único castigo cuja aplicação Augusto autorizou e afianço com toda razão que, desde que vivo neste país de profetas e de milagres, já vi centenas de homens inutilizados pela flagelação."

Enquanto falava desta forma, Pilatos tomou o documento a que havia aludido e o fez em mil pedaços, com visíveis demonstrações de mau humor.

– Porém não permitirás que ele seja açoitado por esses malvados!... – insistiu Cláudia quase em pranto.

– Não me canses, mulher!... Não posso imiscuir-me nos assuntos religiosos dos judeus. Se o César lhes deixou autoridade para açoitar os transgressores de suas leis, que queres que eu faça?

Cláudia deixou-se cair sobre um divã e desatou a chorar amargamente.

Pilatos levantou-se comovido e aproximou-se dela.

– Está bem! Basta... já basta! Prometo que farei tudo quanto estiver a meu alcance para evitar que esse bom homem seja molestado de alguma forma. Farei alguma outra concessão aos velhos, das muitas que pedem a cada dia, em troca da liberdade do Profeta.

"Terminei tudo aqui. Vamos! – disse e, rodeando com seu forte braço a cintura de Cláudia, subiu com ela para as suntuosas alcovas no piso principal."

Deixamos dois cabos soltos nas últimas páginas do nosso relato: Maria e Boanerges ocultos num portal seguindo com o olhar o Mestre sendo conduzido por um grupo de homens que saía do palácio de Caifás para a Torre Antônia. E Pedro, desconsolado até o desespero, desafogando sua angústia com Nebai e Vércia, a pouca distância do palácio Henadad.

Quando ambas ouviram o triste relato, ficaram mudas de espanto, sem saber qual resolução tomar.

– Mas Judá!... Não sei como é que ele não está em casa a estas horas! – disse Nebai pensando sempre que ele haveria de salvar o Mestre.

– Minha senhora – disse Shipro. – O príncipe Judá virá somente ao amanhecer, pois quando caía a noite saiu para Joppe, a todo o correr de um bom cavalo. Agora deve estar chegando lá.

– A Joppe!... Meu Deus! Que foi fazer nessa cidade, se aqui sua presença é tão necessária?

– Quando ele ia montar, eu segurava o cavalo pelo bridão e ouvi que dizia a Hach-ben Faqui *que não havia chegado um correio urgente aguardado desde ontem e que iria pessoalmente buscar não sei que documento importante que espera de Roma* – respondeu o fiel criado.

Nebai, que conhecia o assunto, murmurou a meia-voz:

– Contanto que não chegue tarde demais.

A druidesa não havia aberto os lábios, mas era notório seu estado de preocupação.

As duas mulheres resolveram voltar para casa, pois Nebai havia deixado seus dois filhos adormecidos. Talvez também seu avô Simônides ou Hach-ben Faqui tivessem algum indício que as orientasse naquele desconcertante labirinto.

Pedro e Andrés regressaram às suas hospedagens, esperando, da mesma forma, encontrar algum recurso de última hora que os orientasse sobre o que deviam fazer.

Enquanto sucedia esta cena no escuro ângulo de uma muralha, Maria de Mágdalo, seguida por Boanerges, havia chegado à Torre Antônia, juntos a cujos muros se apertavam cautelosamente, buscando proteção em sua sombra dos olhares indiscretos de algum transeunte noturno.

Não havia outra claridade além da estreita faixa de luz que saía da porta de entrada da Fortaleza, na qual viram reaparecer os homens embuçados, junto com os criados e guardas que haviam conduzido o prisioneiro.

Viram que se afastavam no mais profundo silêncio e sem luz alguma, o que indicava que não desejavam ser percebidos por ninguém.

– Senhora!... Que vais fazer? – perguntou Boanerges a Maria quando a viu avançar até o portão de entrada.

– Pedirei que me deixem falar ao Profeta. Porventura tens medo? Fica escondido atrás de uma das colunas do pórtico, que entrarei sozinha.

– Não temo por mim, mas... – e o pastorzinho não se atreveu a terminar a frase.

– Já te compreendo! – respondeu Maria. – Temes que algum dos soldados venha a ultrajar-me. Não temas. O Deus do Profeta Nazareno está comigo.

"Espera-me aqui."

Sem vacilar, subiu rapidamente os poucos degraus do pórtico.

Deteve-se no centro de uma grande porta e toda a luz deu de cheio sobre aquele vulto azul que, inesperadamente, surgia das trevas.

O guardião que estava ali como uma estátua de bronze e ferro, atravessou a lança ante ela, impedindo-lhe a entrada.

– Que buscas aqui? – perguntou em língua latina.

– Quero falar com o prisioneiro – respondeu Maria secamente.

– Os presos não recebem visitas a esta hora. Vai embora.

O centurião da guarnição, que dormitava deitado sobre um divã no fundo da sala, levantou-se parcialmente para ver com quem o sentinela estava falando.

Ao ver uma mulher com a cabeça coberta por um véu, ergueu-se e foi até ela.

Era um nobre soldado que havia servido às ordens do duúnviro Quintus Árrius, pai adotivo do príncipe Judá, a cuja generosidade estava agradecido.

– Descobre-te, nobre dama – disse amavelmente – e dize-me o que buscas a estas horas.

Maria deixou cair sobre os ombros o manto que lhe cobria a cabeça, a qual apareceu como uma flor de ouro ante os assombrados olhos do centurião.

– Pelos deuses!... – exclamou – És uma musa que fugiu do Olimpo! Que desejas?

– Centurião – disse. – Minha mãe era romana e tinha orgulho da nobreza dos romanos. Peço que me deixes falar com o prisioneiro que acabaram de trazer.

– É que são dois; mas parece que já sei qual é o que procuras: o Apolo ruivo e formoso como um sol. És mulher dele?

– Não, não! – respondeu nervosa. – Não sou sua mulher, porém sou íntima amiga de sua mãe, que perderá a vida com a prisão de seu filho! Deixa-me falar-lhe, por piedade, e os deuses nos quais crês compensarão tua nobre ação.

– Está bem! Não creio que possa existir algum mal em lhe falares; no entanto, se és tão nobre como formosa, dirás lealmente se trazes alguma arma para o prisioneiro.

– Arma?... Para quê? Ele não é homem de armas, mas de paz e de amor. Porventura não o viste no dia em que entrou triunfante na cidade, aclamado pelo povo.

O centurião deu palmada na testa.

– Por mil raios de Júpiter!... Então este é o Profeta Nazareno protegido de Quintus Árrius!

– Justamente! – confirmou Maria que começava a ter novas esperanças.

"Deixas-me vê-lo? – perguntou. E estendeu as mãos para que o centurião visse que não portava arma alguma."

– Sim, sim, mulher! Segue-me, e na primeira oportunidade dirás ao príncipe Árrius o que fiz ao ouvir o seu nome.

Maria seguiu o centurião por uma longa galeria que uma lâmpada pendurada no teto iluminava debilmente.

No final, via-se uma grade, por detrás da qual também havia luz.

– Aí o tens – disse o centurião indicando a grade. – Fala quanto queiras.

– Mestre!... – exclamou Maria quando o viu sentado sobre o estrado olhando-a com seus meigos olhos cheios de paz e de serenidade.

– Maria!...

A estas duas únicas palavras que se encontraram no éter iluminado de amor, a grade abriu-se sozinha diante os estupefatos olhos do centurião, que tinha absoluta certeza de havê-la fechado com chave dupla.

– Raios e trovões do Olimpo! Se aqui não anda magia, não sou Longhinos, o centurião!

Maria precipitou-se para a sala e caiu de joelhos perante o augusto Mártir.

– Mestre!... Mestre! Se visses a desolação de tua mãe e de todos aqueles que te amam, não te empenharias em abandonar-nos, deixando-nos sozinhos neste mundo – disse entre soluços e com as mãos unidas em atitude de desesperada súplica.

O centurião continuava olhando assombrado, não a cena em si, mas a porta da grade aberta pela qual havia passado aquela mulher como um fantasma etéreo.

– Tem paz e sossego em teu coração, Maria, e não te esqueças de que é a Vontade Soberana do Pai quem me levará para o Seu Reino e não a vontade dos meus inimigos.

"Débil e fraca é a vossa fé quando temeis os homens que são uma fibra de palha nas mãos de Deus."

– Acreditamos, Mestre, acreditamos que Ele pode salvar-te de teus inimigos! – exclamou Maria num ardente protesto de fé. – Por acaso não vimos junto de ti tantas maravilhas?

– E ainda vos falta ver a maior – respondeu o Mestre com uma firmeza que encheu Maria de entusiasmo, pois ela interpretou que ocorreria um estupendo acontecimento, através do qual seu Mestre manifestaria publicamente o divino poder do qual estava investido.

– Volta para casa, Maria, e dize a minha mãe e a todos aqueles que amo, que hoje mesmo, na segunda hora da tarde, estarei livre de meus inimigos e terei vencido a morte.

"Que a paz seja contigo!"

Ébria de felicidade, Maria beijou as mãos do Mestre e, cobrindo-se novamente, saiu com passos ligeiros, deixando absorto o centurião que mais uma vez fechou com chave dupla a grade da prisão.

– Que aconteceu senhora? – perguntou Boanerges quando a viu descer novamente para a rua.

– Glória! Triunfei, Boanerges! Vi o Mestre, que mostra uma paz e uma serenidade admirável, e falei com ele.

"Ele disse que ainda veremos uma maravilha maior que todas quantas foram vistas e pediu para avisar a todos os que o amam que *hoje, na segunda hora da tarde, estará livre de seus inimigos e terá vencido a morte.* São estas as suas próprias palavras.

– Graças a Deus! – exclamou Boanerges. – Corramos para casa a fim de que esta boa nova leve o consolo ao coração da pobre mãe.

Quando chegaram, já estavam ali reunidos os amigos galileus. Mas Maria viu que sua grande notícia foi recebida com dúvidas e receios.

– O Mestre despediu-se de todos nós. Logo ele estava sabendo que vai afastar-se do nosso lado – disse um deles.

– Existem muitos modos de ir – respondeu outro. – Henoch e Elias não foram levados em carros de fogo pelos anjos de Deus?

– Moisés não subiu ao Monte Nebo e ninguém o viu descer, como também ninguém encontrou o seu cadáver? – acrescentou um terceiro.

– Ele se consumirá como este círio – disse Myriam secando duas lágrimas que corriam pelo seu rosto – e sua alma radiante e formosa virá a nós, pelas noites, como um raio de lua para iluminar o nosso caminho.

"Deus meu! Recebe o meu holocausto supremo e que ele seja uma semeadura de paz e de amor sobre toda a Terra."

Amanheceu por fim o tremendo dia que o Divino Ungido esperava com ânsia suprema chamando-o *seu dia de glória, seu dia de triunfo, seu dia de amor* e de divinas compensações no seio de seu Pai.

Narradores fiéis do que aconteceu nessas últimas horas da vida física do Cristo sobre a Terra, devemos esboçar um a um os dolorosos quadros nos quais os personagens se agitavam febrilmente movidos por uma mesma vontade: salvar o Mestre das garras de seus inimigos e proclamá-lo Rei de Israel, abatendo todas as forças que se interpusessem no caminho.

Tal como Shipro havia dito a Nebai, o príncipe Judá chegou ao amanhecer tão cansado da viagem que sequer pôde responder à saudação carinhosa da esposa, com a qual se encontrou na metade da escadaria principal. Nebai, ao perceber que o portão das cavalariças havia sido aberto, desceu apressadamente com uma lamparina na mão.

A luz deu de cheio sobre o formoso rosto de Judá que subia.

Sua intensa palidez contrastava com seus escuros cabelos em desordem e com a angústia que transbordava de seus grandes olhos negros e expressivos ao extremo.

– Que tens, Judá?... – perguntou Nebai espantada.

– Já sei de tudo!... – respondeu subindo aos saltos os degraus que faltavam até o primeiro piso.

– Quem te contou? – perguntou Nebai.

– Pedro e Andrés, que aguardavam minha chegada na Porta de Jaffa – respondeu Judá.

"Rios de sangue correrão hoje pelas ruas de Jerusalém!...

"Mandarei passar pela espada, dentro do próprio Templo, toda essa praga de feras famintas que se atreveram a pôr as mãos sobre o Ungido de Deus.

"Antes que o sol se levante detrás das colinas, desatarei, como uma tempestade, trinta mil homens armados que não esperam a não ser um sinal para lançar-se sobre Jerusalém."

E Judá tirava aos puxões sua roupa de viagem, tropeçando em tamboretes, cadeiras e divãs que encontrava em sua passagem.

Espantada, Nebai chorava ajoelhada junto às camas de seus filhos, pois jamais havia visto seu esposo dominado por tão tremenda cólera. Viu que ele tirava de um cofre, onde ela jamais soube o que ele lá guardava, um luxuoso uniforme de primeiro oficial da Legião Itálica, integrada pela mais nobre juventude romana, e começou a vestir-se apressadamente.

Quando o viu brandir a espada resplandecente, para a qual dizia: "Vingarás o ultraje sofrido pelo Messias Rei de Israel"... Nebai deu um grito saído do fundo de sua alma e, ainda de joelhos, estendeu seus braços para ele.

Um nimbo de luz dourada encheu a alcova ainda mergulhada na penumbra do amanhecer. Ambos ficaram paralisados em todos os seus movimentos.

Tinham diante de si a meiga imagem de Jhasua que sorria com inefável ternura.

– Que fazes Judá, meu amigo, para afligires desta forma tua companheira e esqueceres os teus filhinhos?

– Jhasua!... – murmurou Judá, caindo também de joelhos perante a luminosa aparição que se aproximava deles.

– Meu corpo dorme na prisão, mas o meu espírito vem até aqui porque chegou até mim o clamor de Nebai – disse com voz sem som aquela flutuante visão que os envolvia com sua claridade e ternura.

"Guarda novamente a tua espada, meu amigo, porque o Ungido de Deus não triunfará pelas armas, mas pelo Amor e pela Verdade.

"A Vontade do Pai que ordenou até o menor acontecimento da minha vida, preparou também a minha entrada triunfal em Seu Reino, e não serás tu, meu amigo, que irás interpor-te em meu caminho no final da jornada."

A radiante aparição já estava tocando os dois jovens esposos, e suas brancas mãos transparentes, como se tivessem sido tecidas de gaze, uniu as duas cabeças com a sua, intangível e etérea, como num abraço eterno, cuja recordação não poderia ser esquecida jamais.

– Minha paz esteja convosco!... – ouviu-se como uma melodia, ao mesmo tempo que a visão se diluía em matizes dourados que iam dissipando-se na penumbra da alcova silenciosa.

Judá abraçou-se como enlouquecido a Nebai e começou a chorar com tão fortes soluços que Noemi, sua mãe, que se encontrava na alcova ao lado, despertou sobressaltada e, envolta numa capa, entrou precipitadamente.

O brilhante uniforme militar que seu filho vestia e o angustioso pranto de ambos sobressaltou-a de espanto.

– Que há, meu filho! Que está acontecendo?

– Jhasua foi preso ontem à noite e é preciso salvá-lo da morte! – respondeu Judá contendo seus soluços.

– Vais intentar uma rebelião? – perguntou alarmada a mãe.

– É que ele recusa toda ação armada e me deixa de mãos amarradas sem poder mover-me!... – gritou Judá, como se quisesse que o seu protesto fosse ouvido em todas as partes.

Hach-ben Faqui entrou na alcova como um vendaval.

– Já sei de tudo, Judá. Acalma-te, que todas as forças que comando entraram ontem à noite pelo subterrâneo dos armazéns de Simônides e estão prontas para atacar. O valente velho passou toda a noite dirigindo a entrada... um a um, e de dez mil lanceiros tuaregues!...

Judá ouviu-o como se estivesse estonteado.

– Que tens?... Não me ouves? – perguntou o valente africano, decepcionado.

– Jhasua recusa toda ação armada! – respondeu Judá. – Ele ordena que deixemos tudo entregue à vontade de seu Pai, que somente Ele é suficiente para esta hora final.

– É impossível ficar de braços cruzados! – gritou Faqui, sem quase compreender o que dizia o amigo.

"O scheiff Ilderin – acrescentou Faqui – saiu ontem à noite na última hora para conduzir hoje seus ginetes árabes que estão acampados nos bosques de Jericó, e antes do meio-dia estarão aqui."

– Tudo inútil!... – murmurou Judá com supremo desalento. – Jhasua não aceita nada!... Não quer nada! Disse que o Ungido de Deus não triunfará pelas armas, mas através da Verdade e do Amor!

"Faqui! – gritou desesperado. – Jhasua é mais forte que nós e, com uma única palavra, nos mantém acorrentados!... Antes de começar a luta já fomos vencidos por ele!"

– E que há acerca do apoio de Roma e do César? – perguntou Hach-ben Faqui com fastio.

– Fracasso! Outro fracasso! – respondeu Judá. – O ministro Seyano, em quem confiávamos, caiu em desgraça e a estas horas foge, porque o imperador mandou matá-lo.

– Como?... É possível?

– Parece que ele está envolvido no assassinato de seu filho Drusso – disse simplesmente Judá.

– Pelas areias do Saara! – exclamou Faqui. – Tudo se une contra nós!

– Calma!... Calma!... – disse na porta o ancião Melchor que havia previsto a chegada desse terrível momento e acudia para acalmar a tempestade.

" *'Os caminhos de Deus não são os caminhos dos homens'* – disse Jehová ao Profeta Isaías. Se o nosso Jhasua recusa toda ação armada!... Ele é o Pensamento Divino encarnado, o Verbo de Deus feito homem. Porventura não estará sabendo perfeitamente o que diz?"

– O príncipe Melchor tem razão, Judá. Esperemos com as nossas legiões alertas, para ver como se encaminham os acontecimentos – disse Faqui.

Judá, que se havia tranqüilizado um pouco, mencionou a visão de Jhasua que havia presenciado junto com Nebai naquela mesma alcova e tudo quanto ele lhes havia dito.

– Vedes? – observou o ancião Melchor. – Somos ainda muito pequenos para poder compreender os caminhos do Senhor, meus filhos. Julgais, talvez, que ao Eterno Onipotente faltam meios para elevar seu Enviado a um trono, se esta fosse a Sua Vontade?

Jhasua Perante seus Juízes

Às primeiras horas da manhã estavam reunidos no Templo, no recinto destinado a deliberações judiciais, trinta e dois membros do Sinédrio para julgar os supostos delitos do maior espírito que havia descido à Terra, da encarnação do Verbo Divino, do Pensamento Divino, do Filho de Deus, enviado pelo Eterno Amor para encaminhar novamente a marcha da Humanidade a seus gloriosos destinos.

Quando a alma se absorve na meditação dessa tremenda aberração humana não sabe que admirar mais: se a inaudita audácia de um punhado de soberbos ignorantes ou a divina mansidão do Cristo encarnado que se submetia, sem protestar, a ser julgado como um malfeitor por aqueles homens carregados de miséria, de iniqüidade, de baixas vilezas, que, se fossem todas escritas, resultaria num repugnante catálogo dos vícios e perversões mais baixas a que pode descer o homem.

Tais eram os juízes de Israel ante os quais comparecia Jhasua de Nazareth, o Ungido de Deus!

Abafando os gritos de protesto de nossos corações, abafando também os justos raciocínios da lógica e do mais elementar sentido comum, diante dessa estupenda manifestação da soberba e da malícia humana, quando a ambição do ouro e do poder os cega, ouçamos as acusações dos perversos contra o Profeta Nazareno.

Depois das perguntas regulamentares sobre *quem era, quem eram seus pais, onde foi o seu nascimento, etc., etc.*, o pontífice Caifás fez sinal a um dos presentes, chamado o *doutrinário*, que era o primeiro juiz para os delitos contra as leis religiosas estabelecidas *como originárias de Moisés.*

E começou a acusação.

– Este homem curou enfermos em dia de sábado, consagrado pela lei a Jehová e ao descanso corporal. Que responde o acusado?

– Que as obras de misericórdia ordenadas por Jehová a seus mais amados profetas não podem jamais significar profanação do dia do Senhor, mas uma glorificação de Seu Santo Nome e de Seu Poder Supremo – respondeu o Mestre com serenidade. – Dentre vós está presente o honorável Rabi Hanan, a quem curei em dia de sábado da úlcera cancerosa que corroía o seu ventre, e ele não protestou por isso. Houve testemunhas desse fato que podem ser citadas ante este Tribunal. Foi na casa da princesa Aholibama.

Esta declaração caiu como uma bomba no seio do Grande Conselho, e todos os olhos inquisidores se voltaram para o aludido, cujo estado de confusão foi tal que afirmou aos gritos ser verdade o que o acusado referia.

Como os rumores e comentários subiam de tom, o pontífice tocou a campainha e o silêncio fez-se de novo.

– Este homem disse – continuou o acusador – que se o Templo for destruído, em três dias o reedificará.

– Defende-te se podes – gritou o pontífice.

– O homem de bem cuja consciência está de acordo com os Dez Mandamentos da Lei Divina pode falar do seu corpo físico como de um santuário ou templo que encerra o Ego ou Alma, emanação direta do Supremo Criador. Foi esse o sentido do que eu disse.

– Logo queres dizer – argüiu o juiz doutrinário –, que, destruído o teu corpo pela morte, em três dias o ressuscitas?

– Eu o tiro do sepulcro, porque está na Lei que esta vestimenta de carne não deve ser pasto da corrupção – respondeu o Mestre.

Aqui armou-se outra confusão mais ardente que a primeira. Os fariseus diziam que o acusado era um *saduceu* que sustentava a ressurreição dos mortos.

Outros, que era um hebreu paganizado, que sustentava as teorias idólatras de Platão, de Aristóteles e de outros filósofos gregos. Outros diziam que ele era da Escola egípcia de Alexandria e que ia arrastar o povo por caminhos diferentes do traçado por Moisés.

Hanan, que era o mais sagaz de todos, compreendeu que, se continuasse seguindo por esse caminho, não chegariam a uma rápida conclusão e pediu a palavra ao pontífice, que era o seu genro Caifás, e esta lhe foi concedida imediatamente.

– É lamentável – disse Hanan – que não cheguemos a nos entender a respeito deste homem, ante o qual se rebaixa a nossa dignidade de juízes que não sabem de que delito o acusam.

"Sejamos mais precisos e categóricos no nosso interrogatório, de forma que ele se veja obrigado a dizer a verdade a respeito da sua atuação no meio do nosso povo.

"Vimos que este mesmo povo o aclama como o Rei de Israel, como o Messias Libertador anunciado pelos Profetas. Que diga ele mesmo *quem é,* de quem recebeu o poder de fazer as maravilhas que faz, quem o autorizou a interpretar a Lei e a ensinar ao povo doutrinas novas, como, por exemplo, a igualdade de direitos para todos os homens, ao ponto de proclamar que o escravo é igual ao seu senhor."

O Mestre, sereno e impassível, olhava fixamente para Hanan que não pôde sustentar o seu olhar... esse mesmo olhar que o envolveu numa aura de piedosa ternura quando o livrou do seu mal incurável.

Quando o alterado vozerio se acalmou, o acusado falou:

– Na vossa assembléia desta noite resolvestes condenar-me, passando por cima de todo raciocínio e de toda justiça. Por que perdeis agora o vosso tempo em procurar aparências de legalidade para um julgamento que está contra toda a justiça?

"Porventura me escondi para dizer tudo quanto disse até agora?

"Acaso me afastei da Lei do Sinai, gravada por Moisés em duas Tábuas de Pedra?

"Ensinei alguma vez em desacordo com os nossos maiores Profetas?

"Em nome de quem Moisés e os demais Profetas fizeram as obras de bem que realizaram em benefício de seus semelhantes, a não ser em nome de Deus Todo-Poderoso que, cheio de amor e de piedade pelas suas criaturas, o faz transbordar de, Si Mesmo quando há entre elas um ser de boa vontade que possa servir de intermediário?' "

– Está bem – disse o pontífice. – Tuas respostas são agudas e não pesaste na conseqüência do que disseste. Mas isso se torna demasiado longo e não nos leva a nenhum caminho final.

"Dize-nos de uma vez por todas: És o Filho de Deus, o Messias prometido a Israel pelos nossos Profetas?

"Em nome de Deus eu te conjuro a que nos diga a verdade."

O Mestre compreendeu que a acusação chegava ao ponto final procurado para condená-lo, e com uma suave tranqüilidade que somente ele podia sentir frente ao cinismo de seus juízes, respondeu:

– *Tu o disseste! Eu o sou!*

A estas palavras, expressão da mais pura verdade, aqueles velhos raivosos, como energúmenos enfurecidos, começaram a arrancar os cabelos com as mãos, a gritar, a rasgar as vestimentas e a arrojar os turbantes e as mitras, de acordo com o costume, quando alguém se permitia uma horrível blasfêmia na sua presença.

– Blasfemou!... Blasfemou contra Deus e mentiu como um vil impostor, erigindo-se em Messias Ungido do Altíssimo, quando não é senão um amigo de Satanás, realizando por seu intermédio obras de magia para iludir as multidões.

– É réu de morte segundo a nossa lei! – gritaram vários ao mesmo tempo.

– Não podemos matá-lo sem o consentimento do procurador – disse um dos juízes. – Até esse direito nos foi usurpado pelo invasor.

– Segundo o costume estabelecido desde a invasão romana, o Sinédrio pode submeter seus réus à pena de flagelação.

– Que se cumpra a lei neste audaz blasfemo, Jhasua de Nazareth – rugiu o pontífice.

Dois hercúleos verdugos entraram no recinto e, tomando o Mestre pelos braços, levaram-no para uma galeria interior, onde havia uma dúzia de postes de pedra com grossas argolas de ferro, a um dos quais o ataram fortemente.

Um dos verdugos começou a assestar golpes sobre aquelas brancas costas, que apareceu listrada de azul-violeta.

Longhinos, que ao entregar o prisioneiro continuou espiando da Torre Antônia, quando chegou este momento, avisou o procurador Pilatos, que escrevia em seus aposentos no pretório. Unido como estava o Templo à Fortaleza pela *galeria de Herodes*, Pilatos logo chegou ao recinto do Sinédrio com Longhinos e outros soldados.

– Alto lá!... – gritou ao verdugo que açoitava o Mestre –, pois se continuardes

atormentando este homem justo, mando-vos todos para o calabouço, acorrentados pelos pés e mãos. Estou farto de todos vós e de vossos crimes na sombra!

Pilatos mandou que Longhinos desatasse o preso e o conduzisse novamente à sua prisão anterior na Torre Antônia.

Com dois golpes de espada, o centurião cortou as cordas que atavam o Mestre à coluna e vestiu-o apressadamente com as roupas que haviam sido arrojadas ao pavimento.

Longhinos percebeu que o corpo do prisioneiro estremecia como num convulsivo tremor e que uma palidez de morte cobria sua formosa face.

Temendo que pudesse desfalecer, mandou que dois de seus soldados formassem uma cadeira de mãos com seus fortes braços e, desta forma, o levaram novamente para a prisão da Torre.

O Mestre parecia haver perdido o uso da palavra, pois se encerrou num tal mutismo do qual nada nem ninguém conseguia tirá-lo.

Dir-se-ia que seu corpo físico estava ainda na Terra, mas sua radiante alma de Filho de Deus pairava já nas alturas do seu Reino Imortal.

Seu olhar não se fixava em nenhum ponto determinado, mas parecia vagar incerto além do horizonte que o rodeava.

Pilatos havia regressado ao seu escritório na Torre quando lhe foi entregue um pergaminho de Cláudia, sua esposa, que dizia:

"Procure não intervir na morte do Profeta Nazareno porque, em sonhos, vi a tua desgraça e a minha por causa deste crime que os sacerdotes querem descarregar sobre ti. Os deuses nos são propícios dando-nos este aviso. Não transgridas este aviso dos Céus, porque seremos duramente castigados" – Cláudia.

O procurador estava terminando a leitura desta mensagem de sua mulher quando começou uma gritaria defronte ao pretório que mais parecia uivos de lobos ou rugidos de uma matilha raivosa.

O Sinédrio havia lançado à rua seu último recurso: os duzentos malfeitores condenados, comprados a Herodes para esta ocasião, além dos escravos e da criadagem das grandes famílias sacerdotais os quais, em sua totalidade, somavam uns seiscentos homens.

Com os punhos levantados para o alto e com fúria inaudita, vociferavam com toda a força permitida pelos seus pulmões, pedindo a morte do impostor que havia ousado proclamar-se Messias, Rei de Israel.

O procurador mandou fechar todas as portas da Fortaleza e uma fila dupla de guardas foi colocada na balaustrada do pretório. Em seguida, mandou trazer o prisioneiro à sua presença.

Pilatos jamais o havia visto de perto, mas a certa distância no dia de sua entrada triunfal em Jerusalém. Agora o via em seu escritório e apenas a dois passos, à sua frente.

– Isto não é um julgamento – disse – mas uma conversa entre dois homens que podem entender-se.

"Que têm os homens do Templo contra ti, profeta de teu Deus? Senta-te e falemos."

Como o Mestre continuasse em silêncio, o procurador acrescentou:

– Não queres falar-me? Olha que eu posso salvar a tua vida!

– Não podes prolongar a minha vida nem um dia mais – disse o Mestre.

– Por quê? Recebi do César o direito de vida ou de morte para toda a Palestina. E dizes que não posso prolongar nem mais um dia a tua vida?

– Porque já é chegada a minha hora e hoje morrerei – respondeu novamente o Mestre.

– Então és fatalista? Dizes que vais morrer hoje e estás certo de que assim o será?

– Tu o disseste: hoje morrerei antes do pôr-do-sol.

– Não respondestes à minha primeira pergunta: Por que os homens do Templo te odeiam?

– Porque sou uma acusação permanente para a doutrina e para as obras deles.

– E por que te empenhas em servir de acusador contra eles? Não te valeria mais deixá-los fazer como lhes apetecesse melhor?

– Não posso!... Vim para trazer a Verdade para a Humanidade da Terra e devo dizer a verdade, ainda que seja a custo da minha vida e até o último alento desta existência.

–E que coisa é essa Verdade que te custa a vida? Pergunto isto porque houve muitos homens que ensinaram a Verdade e nem por isso foram justiçados.

O Mestre moveu a cabeça negativamente.

– Enganas-te, ilustre cidadão romano! Dificilmente encontrar-se-á um homem que se atreva a desmascarar os poderosos da Terra e que morra tranqüilo sobre o seu leito.

– Em parte tens razão, Profeta! Porém, dize-me, que Verdade é essa que tanto enoja o Sinédrio judeu?

– Eles vivem do roubo e do engano, do despojo do povo que ignora a Lei Divina, ao amparo da qual cometem as maiores iniqüidades e se fazem venerar como justos, fazendo crer que são um exemplo e uma luz para os servidores de Deus.

"Eles não podem perdoar-me!... Não me perdoarão nunca, porque paralisei sua carreira de latrocínio, de mentira e de hipocrisia, e também porque destruí sua grandeza *para sempre!*"

– Como *para sempre*, bom Profeta? Vais morrer hoje, segundo me asseguras, e eles continuarão carregados de ouro em sua vida de magnatas de uma corte oriental.

– Acreditas que seja assim, mas não o é! Eles tirarão a minha vida, mas a Justiça de meu Pai os afastará do meio dos vivos por imensas idades e os anulará do convívio dos povos solidários e irmãos pelos séculos que faltam até o final dos tempos. Nenhuma Terra será a sua pátria!

"Perseguidos e errantes, o ódio os seguirá a toda parte, até que chegue a hora das divinas compensações para os justos e a separação dos perversos.

"Aquele que teve a Luz em sua mão e não quis vê-la, é justo que permaneça nas trevas. Essa é a Verdade e a Justiça de Deus."

– Profeta! – disse Pilatos. – Confesso que não entendo essa tua linguagem, porém vejo claramente que não existe delito algum em ti.

"Dou-vos a minha certeza como não morrerás hoje. – E o procurador deu um golpe com a mão sobre a mesa."

– Ouve lá fora!... Acusam-te de inimigo do César, e ameaçam fazer-te cair da mesma forma como caiu Seyano, o ministro favorito que hoje é um condenado à morte – disse o Mestre.

Pilatos, enfurecido ao ouvir os desaforados gritos contra ele, abriu uma janela e deu ordens para que se atacasse a multidão.

A turba de malfeitores, acovardada, ia debandar, mas às suas costas estavam os agentes do Sinédrio que ameaçavam fazê-los voltar novamente para os calabouços de onde haviam sido tirados, e ainda por cima sem receber um único denário do dinheiro prometido.

Convinha, portanto, para eles, continuar pedindo aos gritos a morte do justo que não conheciam e de quem não haviam recebido dano algum.

Era tão dura e terrível a vida no calabouço onde estiveram sepultados vivos, condenados por toda a vida que, ao fazer a comparação, não tinham outra escolha.

Continuaram vociferando ao mesmo tempo que se esquivavam dos golpes dos guardas montados que arremetiam sobre eles com os seus cavalos.

O Sinédrio punha em ação a técnica usada em todos os tempos pelos homens que são dominados pela ambição do ouro e do poder: levantar a escória do populacho inconsciente e embrutecido pelos vícios contra as causas nobres e os homens justos, cuja retidão de caráter resulta para eles como um espelho no qual vêem retratada inteiramente sua monstruosa fealdade moral.

O procedimento desses poderosos magnatas do Templo não era, pois, novo, mas simplesmente uma cópia da forma usada pela teocracia dominante de todos os tempos e de todos os países regidos pela arbitrariedade, pelo egoísmo mais refinado e também pela mais completa má fé.

Quintus Árrius (Filho)

Nesse momento, apareceu no primeiro ângulo de uma rua transversal o príncipe Judá que, com seu luxuoso traje de primeiro oficial da gloriosa "Itálica", e a toda velocidade do seu cavalo negro avançou por entre o populacho como um turbilhão, atropelando uns e outros e deixando estendidos os que foram alcançados pelo esbarrão irresistível do seu corcel.

Sem desmontar, entrou na vasta praça e deu um grito que ressoou por todas as abóbadas da Torre Antônia e do Templo.

– Pela Roma e pelo César! Às ordens do procurador romano para fazer em pedaços esta canalha! Às armas!...

Os quatro primeiros oficiais de uma Legião romana eram tribunos militares, ou seja, uma patente muito superior a dos centuriões, motivo pelo qual toda a guarnição devia obedecê-lo.

Pilatos ouviu o formidável grito e saiu para um balcão.

Judá viu-o e o saudou com a espada, ao mesmo tempo que dizia:

– Quintus Árrius (Filho)! Viva o César! – Um poderoso viva de toda a guarnição da Torre ressoou como o eco de uma tempestade.

A turba de malfeitores havia corrido ao longo da rua e os agentes do Sinédrio não sabiam que partido tomar.

Os terraços do Templo estavam desertos e as portas hermeticamente fechadas. Os anciãos juízes do Sinédrio não julgaram prudente assomar o nariz naqueles momentos críticos.

Eles agiam na sombra, resguardados pela força do ouro e daquela horda de piratas que haviam solto nas ruas de Jerusalém como matilha raivosa para apresar um cordeiro...

O formidável grito de Judá chegou também à silenciosa cela onde o augusto Mártir estava preso, que o reconheceu no mesmo instante. Seu coração encolheu-se violentamente como uma flor murcha ante a nobre fidelidade e amor do seu amigo, que não se resignava em vê-lo morrer.

Conhecendo-o como bem o conhecia, o Mestre compreendeu que Judá não retrocederia no seu empenho e que podia levar as coisas a uma tal violência que, forçosamente, haveria de lamentar depois conseqüências fatais.

Livre das ligaduras, o Mestre aproximou-se da porta e chamou.

O velho carcereiro acudiu.

– Ainda que te pareça estranho – disse –, somente eu posso impedir que a revolta chegue a um maior grau. Faze o favor de chamar o procurador ou leva-me ante ele.

O carcereiro, que tremia de medo em face do furor do populacho e porque dois de seus filhos estavam entre a guarnição, correu ao escritório do procurador e o avisou do que ocorria.

Pilatos, que tampouco estava tranqüilo, atendeu ao chamado.

– Profeta – disse –, és um grande personagem quando desta forma consegues pôr tão contrárias forças em movimento.

O Mestre teve ânimo para sorrir ao mesmo tempo que lhe dizia:

– Se me permites falar com Quintus Árrius (Filho), toda esta tormenta se acalmará.

– Mas, tu o conhece? – perguntou Pilatos.

– Desde há muitos anos – respondeu o Mestre.

Uns momentos depois, o príncipe Judá se abraçava ao pescoço de Jhasua, e toda a sua bravura de soldado se transformou num soluço contido e em duas lágrimas assomadas aos seus olhos e que ele não deixava correr.

– Judá, meu amigo!... – disse o Mestre com uma voz tão meiga que mais parecia um arrulho. – Amas-me, não é verdade?

Judá já não podia conter-se e, dobrando um joelho por terra, beijou uma e talvez mil vezes a mão direita do Ungido, e lhe disse com voz entrecortada pela emoção:

– E me perguntas isto, Jhasua, meu Rei de Israel, o Messias Ungido do Altíssimo... meu sonho de liberdade e de glória para a Terra que me viu nascer... Não compreendes, Jhasua, que destróis os meus ideais, que matas todas as minhas ilusões, que reduzes a nada todos os meus esforços e os meus trabalhos de dez anos? Não compreendes que me deixas convertido num farrapo, num ente sem vontade, reduzido a pouco mais que um animal que come, bebe e dorme, sem um pensamento de homem que mereça a vida?...

Enternecido até o mais profundo de seu ser, o Mestre inclinou-se sobre a cabeça de Judá para deixar sobre aquela testa pálida e suarenta o último beijo de seus lábios que também tremiam ao falar:

– Sei que me amaste muito e que continuarás me amando ainda quando os teus olhos não me vejam mais como homem. Não queiras opor-te à Vontade de meu Pai, porque perderás na luta. Minha hora está assinalada para antes do pôr-do-sol.

"Deixa-me morrer feliz, meu Judá!... Feliz em sentir-me amado por almas como a tua; feliz em saber que continuarei vivendo num punhado de corações que compreenderam os meus ideais divinos de amor, de paz e de fraternidade entre todos os homens da Terra! E que nesses corações frutificou aos mil por um a divina semente que semeei neste mundo e que vós, que me amastes, levareis por todos os continentes e por todos os países. Eis aí, Judá, meu amigo, a grande prova de amor que espero de ti!

"Pertences à tua mulher e aos teus filhos. Lembras-te?...

"Se eu tivesse vindo para ser um homem como todos os demais, Nebai houvera sido para mim a companheira ideal. Eu mesmo a aproximei de ti, um dia, há doze anos, lá sob uma roseira branca num jardim de Antioquia... E agora a esquece para envolver-te numa luta armada da qual não sairás com vida e sem conseguir prolongar a minha! Não vês que é uma insensatez da tua parte agir desta forma?

"Deixa-me entrar no Reino glorioso de meu Pai, que aguarda apenas o momento de me coroar! Fazer-me vacilar no meu supremo dever, Judá, não é certamente a prova de amor que eu esperava de ti! Por uns anos mais de vida terrestre, por uma

glória efêmera e passageira, queres que seja mudada a glória imarcescível do Mensageiro de Deus, do Filho de Deus, do príncipe herdeiro no seu Reino Imortal?..."

Judá, que ainda permanecia com um joelho em terra, inclinou sua testa vencida sobre a mão de Jhasua, que recebeu as últimas lágrimas do filho de Ithamar.

– Finalmente consegui compreender-te, Jhasua, Filho de Deus!... – disse Judá levantando-se. – Que o Altíssimo seja a tua compensação e a tua coroa!

"Adeus para sempre!..."

O Mestre abriu os braços.

– Adeus para sempre, *não! Jamais, nunca!*, porque o Filho de Deus viverá como Ele, no ar que respiras, na água que bebes, no pão que te sustenta!

"*Até logo* Judá, meu amigo!... Até sempre!... Unidos na vida, na morte e mais além da morte!

"Que a paz esteja contigo e com os teus!"

O Mestre desprendeu-se daqueles braços de ferro que o estreitavam e o príncipe Judá saiu como um fantasma que o furacão arrastasse!...

– Empenha-se em morrer hoje, antes do pôr-do-sol – disse a Pilatos quando o viu novamente.

– Pois eu também sou duro de cerviz e não o condenarei – disse – porque um cidadão romano não é um vulgar assassino que manda matar um homem sem delito algum.

– Que os teus deuses te sejam propícios – disse Judá. – Se permitires, ficarei entre a guarnição, mas não como primeiro oficial da Itálica, mas como um simples soldado, visto como não estou em serviço ativo. Quero ver de perto como se desenrolam os acontecimentos.

– Está bem. Mandarei dar-te um uniforme de centurião e comandarás a centúria que daqui a pouco chega da Cidadela. Estes perversos judeus dar-nos-ão guerra até o final.

No Palácio dos Asmoneus

Alguns curiosos do povo pacífico e devoto que não pensavam senão na celebração das festas religiosas começaram a alarmar-se com as desordens ocorridas ao redor da Torre Antônia e foram se aproximando cautelosamente para averiguar de que se tratava.

Como o povo estava longe de imaginar que o réu, cuja morte era pedida aos gritos por aqueles malfeitores, ex-presidiários, era o Profeta de Deus, a quem haviam acompanhado em triunfo quatro dias antes até a cidade dos reis, onde esperavam vê-lo coroado Rei de Israel e Messias Libertador!

Justamente na instrução do astuto Hanan aos malfeitores e escravos comprados para este fim entrava a ordem de esconder tanto quanto pudessem a personalidade do justiçado, para evitar um tumulto popular que podia ser de fatais conseqüências.

Às perguntas curiosas das pessoas que se aproximavam, davam esta resposta:

É um feiticeiro impostor, aliado de Satanás, que pretende ser o Rei de Israel e quer destruir a cidade e o Templo.

– Não queremos outro rei além daquele que Jehová nos enviou e que foi anunciado pelos Profetas! – disseram os do povo fiel, crendo tratar-se de um rival do Profeta Nazareno, que procurava eclipsá-lo e substituí-lo no coração do povo.

Haviam ocorrido já vários casos nos últimos cinqüenta anos de pretensos ou supostos messias que procuravam conquistar o favor do povo e cuja falsidade ficou a descoberto por si mesma.

Caídos nesse novo engano, os mais revoltados dentre o povo foram aderindo à ralé paga para vociferar e maldizer da maneira mais baixa e grosseira.

Como ocorre sempre nos tumultos de rua, a confusão acaba por dominar os ânimos em forma tal que, no fim, ninguém se entende e cada qual compreende e explica a situação como melhor lhe parece.

Enquanto isto ocorria na rua, os trinta membros do Sinédrio cruzaram a Galeria de Herodes e invadiram o escritório do procurador.

Iam decididos a triunfar na luta, pondo em jogo a vileza e a astúcia da qual estavam animados.

Ensaiaram primeiro com a lisonja e a adulação, depois apresentando perante ele o atrativo do ouro ao qual, segundo eles, nenhum homem resistiria.

Mas Pilatos era algo supersticioso e tinha ante seus olhos o pergaminho escrito pela mulher... "Vi em sonhos a tua desgraça e a minha por causa desse delito que os sacerdotes querem descarregar sobre ti."

E negou-se energicamente em consentir na morte do Justo.

Então começaram as ameaças, veladas a princípio e bem declaradas depois.

– O César te colocou como um vigia sobre a Judéia, para manter a ordem e a tranqüilidade no povo.

– Esse homem que te empenhas em defender mantém convulsionado o povo com seus pretensos milagres, que não são mais que artes más do diabo para sugestionar os ignorantes e fazer-se proclamar rei de Israel.

– Ele sublevou os escravos, ensinando-lhes que são iguais a seus amos, e teremos aqui outra revolução igual à de Espártaco, que custará muitas vidas ao nosso país e às Legiões do César.

– Se não atenderes às nossas razões, hoje mesmo nos poremos em viagem a Antioquia, com o fim de apresentar-nos ante o legado imperial. Entre a morte de um homem que não é mais que um audaz impostor e uma sublevação popular que custará muitas vidas às legiões romanas, o legado imperial optará pela razão e pela justiça.

Pilatos começou a vacilar.

– O prisioneiro é galileu – disse de repente –, portanto, não está sob a minha jurisdição, mas sob a ordem de Herodes, rei da Galiléia e da Peréia.

"Em rigor é ele quem deve julgá-lo."

– É a melhor decisão!... Herodes é nosso amigo e quase nosso correligionário, pois, de vez em quando, comparece ao Templo para oferecer sacrifícios – respondeu um dos juízes.

– Mandá-lo-ei a Herodes e farei o que ele decidir – disse por fim Pilatos e, levantando-se, deu por terminada a entrevista.

Os juízes retornaram ao Templo pela Galeria chamada de Herodes, como sempre o faziam, para não serem vistos pelo povo.

O Mestre foi colocado numa liteira coberta, das que na Torre eram usadas para a transferência de prisioneiros que desejavam ocultar das fúrias do populacho, e foi enviado a Herodes com uma escolta. Judá, com uniforme de centurião, ofereceu-se para comandá-la.

Antes de empreender a marcha ao Palácio dos Asmoneus, abriu a janelinha traseira para olhar novamente o amado cativo que, com os olhos fechados e a cabeça deitada para trás, mais parecia uma estátua de marfim cuja palidez assustava.

– Jhasua! – disse em voz baixa, pois ocultava-se dos soldados da escolta. – Jhasua!... Por piedade!... Uma única palavra tua e ainda posso salvar-te da ignominiosa morte que esses bárbaros querem te dar... Uma única palavra, Jhasua!... Uma só!...

Mas Judá esperou em vão essa palavra que não saiu da boca do Mestre.

Ele sequer demonstrou tê-lo escutado. Seus olhos tampouco se abriram, não esboçou nenhum movimento, e até parecia que a respiração se havia paralisado. Sua quietude era absoluta.

Com a morte no coração, o príncipe Judá fechou a janelinha, e a liteira e a escolta empreenderam a marcha.

Que série de terríveis tentações passaram como sinistros relâmpagos pela mente febril de Quintus Árrius (Filho)!

Ele podia dar uma ordem e, em vez de ir ao Palácio dos Asmoneus, a escolta seguiria até a porta mais próxima da cidade para sair em direção a Bethphagé, onde estava parte das forças do scheiff Ilderin, ou para os armazéns de Simônides, que tinham saída subterrânea para o Vale do Hinon, de onde os lanceiros tuaregues, comandados por Faqui, podiam levá-lo para o seu distante país.

Mas... apenas uma única força continha todos os seus ímpetos, apagava todo o fogo da sua coragem, todas as suas ânsias de esmagar os perversos e de libertar o Justo: a impassível firmeza do Mártir em assegurar que antes do pôr-do-sol devia morrer!

O horrendo tormento de Judá nesse instante dificilmente pode ser apreciado e avaliado.

O grandioso santuário de sua fé comovia-se até os alicerces!

Em que poderia acreditar, se via cair por terra a luminosa estrela esboçada pelas profecias no céu luminoso de Israel, povo escolhido de Jehová?

Para isso Moisés havia tirado o povo judeu da escravidão no Egito?

Para isso Jehová havia enviado toda uma constelação de Profetas para anunciar a chegada do Seu Verbo, do Seu Messias Libertador?

Para esse desastroso fim havia descido o Espírito de Luz do seu Sétimo Céu de felicidade e de amor, para essa dolorosa prisão na terra deixada, na sua partida, na mesma angústia em que a encontrou?

O infeliz Judá sentia que ia enlouquecer!... Parecia que a terra estremecia e tremia sob os cascos do seu cavalo, mais fogoso que seu amo! Parecia que tudo dançava ao seu redor – os palácios, as casas, os mercados e tendas por onde iam passando... Parecia que mil fantasmas de horríveis e grotescos rostos rondavam ao seu redor, fazendo-lhe caretas e burla pelo tremendo fracasso de seus ideais... Uma pesada atmosfera o asfixiava! Julgou que ia cair do cavalo e apeou-se na metade da rua.

A escolta voltou-se com grande assombro dos soldados que, ignorando a ligação do seu chefe com o prisioneiro, não puderam, na realidade, interpretar corretamente este incidente.

Suarento e pálido, Judá descansou sua fatigada cabeça sobre a montaria e segurou-se fortemente na sela para não cair por terra como um corpo inerte a quem a vida abandonava.

Judá logo sentiu uma forte reação em todo o seu ser. Pensou em Jhasua Mártir, a quem queria acompanhar até vê-lo entrar no Reino de seu Pai. Pensou em Nebai, que sem Jhasua e sem ele ficaria duplamente órfã e sozinha no mundo. Pensou em

seus dois filhinhos, que o chamariam em vão todos os dias ao despertar em suas caminhas de plumas e gazes... Uma onda de angústia oprimiu-lhe a garganta e duas grossas lágrimas deslizaram por suas faces que voltavam a tomar a cor da vida!...

Montou novamente em seu cavalo árabe de um negro retinto e disse, já sereno:

– Vamos!...

A escolta continuou a marcha e não tardou em estar ante a construção de mármore cinza do Palácio dos Asmoneus.

Aos soldados que se mantinham de guarda na entrada o príncipe Judá mencionou a incumbência que traziam do governador.

Para Herodes, era uma dupla satisfação o envio que lhe fazia Pilatos, no qual via uma prova de que Roma reconhecia a sua soberania sobre a Galiléia e a Peréia, não obstante a decadência do seu reinado e, além de tudo o mais, o desejo que o acicatava de ver alguma das estupendas maravilhas que eram contadas do Profeta, seu súdito, ao qual não conhecia.

Quando tiveram ordem de passar, Judá ia dirigir-se para a liteira com a chave na mão para abri-la.

A porta abriu-se sozinha e Jhasua desceu sereno e firme, começando a subir a escadaria do suntuoso pórtico.

De um passo, Judá ficou a seu lado. Ia falar-lhe, porém o Mestre com a integridade de um rei que ordena, colocou o dedo indicador sobre os lábios, determinando silêncio.

Judá ficou estupefato! Viu em Jhasua uma majestade tal, uma grandeza tão soberana, que um novo raio de esperança iluminou-lhe o espírito tão abatido alguns momentos antes.

Quem sabe que maravilhoso acontecimento ia presenciar naquele momento e naquele lugar, onde cada bloco de pedra era um cofre de recordações, de glórias pretéritas e de heróicos martírios!

Herodes Antipas, como um grosso fardo de carne de cor arroxeada pela contínua embriaguez em que vivia, estava perdido em seu enorme assento encortinado de púrpura e ouro forrado com ricos tapetes da Pérsia.

Meia dúzia de criados luxuosamente vestidos preparavam diante de sua vista um sem-número de beberagens, xaropes e licores que não conseguiam jamais satisfazer sua insaciável sede, como se um fogo interno lhe queimasse as entranhas.

– Finalmente, deito os meus olhos em cima de ti, Profeta! – disse o rei ao Mestre quando esteve ante ele.

Judá desenrolou o rolo de pergaminho que Pilatos lhe enviava, no qual deixava documentado que não havia encontrado delito algum no prisioneiro que o Sinédrio judeu se empenhava em condenar à morte, porque, em seu modo de entender, era um rebelde perante as leis judaicas e arrastava o povo à rebelião contra a autoridade religiosa da qual eles estavam investidos...

– Ah! os rabinos!... – grunhiu Herodes –, sempre zelosos da sua autoridade, não querem que voe uma mosca sem a sua permissão.

"Anda, vamos! Faze um dos teus milagres, Profeta, e seremos muito bons amigos. Tomaremos juntos uma ânfora de vinho de Chipre à saúde dos rabinos do Templo.

"Ainda és jovem e belo! Farias um brilhante papel como áugure ou sátrapa na minha corte oriental. Seria excelente para os meus dias de fastio e também para curar o César de seus lúgubres pensamentos.

"Com um mago como dizem que és, ainda me sinto com forças para esmigalhar o rei Hareth e conquistar novamente o favor do César."

O sangue de Judá fervia-lhe nas veias ouvindo este vocabulário, muito digno, certamente, daquele eterno borracho. A imponente majestade de Jhasua e seus olhos cheios de divina claridade pareciam ordenar-lhe quietude e silêncio.

– Mas o governador manda-me uma criatura muda, da qual não se arranca uma única palavra!... – grunhiu novamente o rei, já impaciente.

"E tu quem és? – perguntou a Judá."

– Como podes ver, ó rei!... Sou um centurião romano, encarregado de trazer-lhe o prisioneiro.

– Vamos, pela última vez!... – gritou Herodes. – Se me agradares fazendo-me ver o teu poder, ilustre mago galileu, dou-te a minha palavra de rei que não permitirei que os rabinos judeus toquem num só cabelo da tua cabeça!

A mesma imobilidade e silêncio de estátua foi a resposta que o prisioneiro deu ao rei que o interrogava.

– Quem pensas que sou?... Não vês, acaso, que tenho em minhas mãos a tua vida ou a tua morte?

"Não sabes que sou o rei Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande, que onde dava um pontapé caíam cinqüenta cabeças como romãs maduras?

"És tu o grande Profeta que enlouquece as multidões que te aclamam como ao futuro Rei de Israel?

"És um louco varrido!... Não sei se isto é um pouco-caso do governador que devo levar ou não em conta."

Um corcunda abissínio, que o rei tinha para se divertir, deu um salto cômico do degrau mais alto do lugar onde estava o Mestre, e Judá compreendeu que aquele repugnante bufão intentava saltar como um macaco sobre o prisioneiro para divertir o seu amo. Bem a tempo, Judá tomou-o pelos braços e o deixou estirado sobre o piso.

– Perante um representante de Roma – disse Judá com reconcentrada ira – ninguém faz pouco de um prisioneiro trazido aqui para um julgamento.

– Olá!... Ficaste aborrecido, centurião? – perguntou o rei entre sério e divertido. – Levai o preso de volta ao governador pois não vou perder o meu tempo em interrogar um louco. Outras coisas me interessam muito mais!... – disse olhando para o cortinado do fundo do salão que se abria e dava passagem a sua enteada Salomé, com uma corte de dançarinas e escravas, com piveteiros ardentes onde estavam sendo queimados penetrantes perfumes e com alaúdes que exalavam músicas ainda mais enervantes que os perfumes.

Salomé, que julgava encontrar o rei sozinho, ficou um instante surpresa.

Os olhos cheios de luz do Profeta cravaram-se nos dela, que deu um grito agudo de horror e retrocedeu até a porta.

– O Profeta do Jordão!... – disse, presa de terror. – São os seus olhos!... Ressuscitou!... É ele!...

– Não sejas tonta, menina!... – gritou o rei com voz mimosa. – Esse foi degolado em Maqueronte e este é um infeliz louco que não causa dano a ninguém... Vem cá, minha ave do paraíso!... Vem cá!

"Centurião, leva da minha presença o teu louco e diz ao governador que não honra ao César o procedimento de seu representante na Judéia."

O príncipe Judá, num violento arranque, levou a mão ao punho da espada e de bom grado teria dado uma cutilada no grosso abdômen daquela fera coroada, porém

um olhar do Mestre o obrigou a baixar os olhos. Dando meia volta, Judá tomou-o pela mão direita e ambos se dirigiram ao pórtico onde os aguardava a liteira e a escolta.

– Jhasua!... – murmurou Judá em voz apenas perceptível. – Aonde vais por este caminho?... Aonde vais?...

Sem pronunciar uma única palavra, o Mestre olhou com indizível amor para o espaço infinito, dourado pelo sol do meio-dia e apontou com o indicador para o zênite resplandecente de luz.

– Sempre o mesmo!... – exclamou Judá vendo-o entrar na liteira cuja porta foi fechada atrás dele.

Neste preciso momento, e como por efeito de uma súbita iluminação, Judá sentiu-se transformado no seu mundo interior. Grande tranqüilidade o invadiu porque acabava de compreender o sentido das palavras do Mestre:

"A morte por um ideal de libertação humana é a suprema consagração do Amor." E o príncipe Judá raciocinou assim:

"Era essa a entrada triunfal no Reino de Deus a que havia aludido nos últimos tempos. Era essa a gloriosa coroação que ele esperava, mediante a qual adquiria direitos de Pai, de Condutor e de Mestre sobre toda a Humanidade deste planeta.

"A religião judaica representada pelo pontífice, pelos príncipes e doutores, condenava-o por suas obras de amor heróico a seus semelhantes e por seu ensinamento que condenava a escravidão, a exploração do homem pelo homem, o abuso do poder e da força contra o débil, e do infame comércio que se fazia com a Idéia de Deus, posta no mesmo nível das figuras mitológicas do paganismo mais grosseiro e primitivo que, com oferendas de carnes vivas e palpitantes, e ondas de sangue quente aplacavam sua cólera e seus furores.

"Jhasua de Nazareth, Profeta de Deus, havia mantido ardente oposição, durante toda a sua vida, a tamanhos desvarios de mentes obscurecidas pela soberba e pela ambição. Como, pois, podia vacilar na sua idade viril naquilo que foi o seu luminoso programa de ensinamentos e de vida, desde seus primeiros passos pelos vales terrestres?"

O príncipe Judá despertou desses profundos pensamentos para a realidade ao passar pelos primeiros grupos de amotinados que percorriam as ruas vizinhas do pretório, pedindo aos gritos *a morte do impostor, do sedutor, do embusteiro, do trapaceiro do povo, do bruxo amigo de Satanás.*

"Jhasua acaba de fazer uma de suas maiores maravilhas! – pensou Judá ao convencer-se da mudança que havia ocorrido nele mesmo.

"Um homem, Ungido de Deus, que veio à Terra para ensinar aos homens a Verdade, a Justiça e o Amor, não pode agir de outra forma.

"Jhasua é realmente o Cristo Filho de Deus, e os homens não o compreendem!"

O príncipe Judá, transformado em outro homem através da magia divina do amor do Cristo, quando abriu a liteira defronte à praça da Torre, dobrou um joelho por terra e beijando a mão direita de Jhasua, como se beija um objeto sagrado, disse à meia-voz:

– Pelo fato de seres o Messias anunciado pelos Profetas é que procuras na morte, Jhasua, a suprema consagração do Amor!

– Subiste ao cume comigo – disse. – Judá: o Filho de Deus te abençoa! – Foram as últimas palavras que o Mestre dirigiu ao grande amigo cuja compreensão da suprema verdade só havia despertado quando ele ia morrer.

O procurador Pilatos desconcertou-se todo ao ver que o prisioneiro lhe era devolvido. Nem sequer Herodes, criminoso e assassino como seu pai, se atrevia a condenar um homem inocente!

E *eles*, os homens do Templo, que viviam pendentes das palavras de Jehová, que não levantavam uma palha do solo nem deixavam preparar alimentos ao fogo em suas casas em dia de sábado para não transgredir a lei do descanso, empenhavam-se em matar um homem inocente, sem levar em consideração a Lei Divina que dizia: *Não matarás!*

Aberrações humanas de todos os tempos e de todas as religiões, quando esquecem sua missão puramente espiritual, assenhoreiam-se do poder e se prostram ante o bezerro de ouro!

Enquanto não florescer em todas as almas a única religião emanada dos Dez Mandamentos da Lei Divina, a religião do Bem, da Verdade, da Justiça e do Amor, haverá sempre justos condenados como criminosos e verdugos disfarçados de santos!...

Os quatro doutores da lei amigos de Jhasua, José de Arimathéia, Nicodemos, Gamaliel e Nicolás, membros do Sinédrio, tiveram notícia extra-oficial do que ocorria e, como a cratera de um vulcão em erupção, deixaram explodir sua indignação no meio do Grande Conselho que representava a sabedoria e as virtudes gloriosas de Moisés, convertida então numa horda de vulgares assassinos, assanhados como feras contra um Profeta de Deus, cuja vida era um salmo divino de amor a seus semelhantes.

A discussão ardia como uma chama!... mas eles eram apenas quatro contra trinta e dois.

As minorias seletas e escolhidas são sempre as que perdem nesta classe de luta; e os quatro amigos do Mártir foram excomungados, amaldiçoados e expulsos do Sinédrio por desacato à suprema autoridade do pontífice. Nunca mais poderiam ter entrada no Conselho dos santos de Israel, e muito menos nos pórticos do Templo, de cujo sagrado recinto haviam sido arrojados aos empurrões pelo comissário ajudado pelos seus guardas.

Os quatro se apresentaram a Pilatos para pedir audiência justamente no momento em que o príncipe Judá voltava com o prisioneiro.

A cena que ali teve lugar, entre José de Arimathéia e Nicodemos que haviam tido nos braços a Jhasua menino de quarenta dias, quando o viram pálido e extenuado, de pé ante Pilatos, não pode ser descrita com palavras, pois estas jamais podem ter a intensa vibração da realidade daquele momento.

Os quatro estranharam grandemente ver Judá desempenhando o triste papel de guardião do augusto prisioneiro.

O príncipe Judá, que parecia ter vivido dez anos de dor numa única hora, respondeu às suas perguntas com uma serenidade que espantava:

– Vendo que Jhasua se empenhava em morrer antes do pôr-do-sol, pedi ao Deus de nossos pais a força necessária para acompanhá-lo até o último momento.

José de Arimathéia, já ancião, abraçou-se ao Mártir silencioso para dizer entre soluços.

– Tu, que és a Luz, sabes o que fazes! Também eu quero acompanhar-te para ver-te entrar no Reino de Deus!

No abraço supremo aos quatro amigos, o Mestre repetiu a mesma frase divina que havia dito a Judá: *"O Filho de Deus te abençoa."*

A negra massa da plebe enfurecida ia aumentando rapidamente com os revoltosos desocupados que abundam em todas as partes e que, ignorantes dos motivos verdadeiros daquele tumulto, se deixavam arrastar a ele pelos malfeitores comprados com o ouro sacerdotal.

Pilatos, enlouquecido, não sabia o que haveria de fazer que pudesse acarretar-lhe menores males.

O Sinédrio havia despachado mensageiros urgentes para Antioquia com graves acusações ao delegado imperial.

Finalmente, Pilatos teve uma idéia.

Tinha nos calabouços da Torre Antônia um feroz assaltante dos caminhos percorridos pelas caravanas, autor de incontáveis assassinatos e roubos até no próprio Templo. Seu nome era sinônimo de *demônio*, e as mães e avós o usavam como arma para conter as crianças rebeldes e más, que eram o pesadelo do lar: *Barr-Abbás*.

Pilatos mandou trazê-lo de seu profundo calabouço perpétuo. Somente a sua figura causava terror, pois mais parecia um urso negro que um homem.

Saiu com ele e com Jhasua de Nazareth para a frente do pretório.

– Aqui tendes estes dois homens – disse à turba feroz que gritava e amaldiçoava. "Este tem mais assassinatos e crimes que cabelos em sua cabeça. Este outro não causou dano a ninguém, nem sequer às moscas, e vós pedis a sua morte! A qual deles quereis que seja posto em liberdade, a Jhasua ou a Barr-Abbás?

– Solta Barr-Abbás e condena à morte o impostor, o feiticeiro, aquele que se denominou *Messias de Israel*!

– Crucificai-o! Queremos vê-lo pendurado num madeiro em cruz como aos escravos rebeldes!

– É um escravo infame, e se intitula Messias e Rei!...

– É um blasfemo, e merece a morte!

Os gritos subiam de intensidade como o ruído surdo de uma tempestade.

Os velhos do Sinédrio estavam ali diante da massa de malfeitores enfurecidos, animando-os com seus olhos de feras raivosas que tinham a presa ao alcance de suas garras e de seus dentes.

Pilatos ficou vencido.

Mandou trazer uma bacia com água e, seguindo o costume nesses casos, lavou as mãos na presença de todos, dizendo:

– Que o sangue deste justo, que vos empenhais em matar, não caia sobre a minha cabeça. Ficai, pois, com este crime!

Um grito feroz ressoou unânime:

– Que seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos!

– Seja como quereis, malditos judeus! – gritou Pilatos, ao mesmo tempo que, com um empurrão terrível, jogou Barr-Abbás em cima deles, dizendo:

– Anda, lobo, vai para o meio deles e devora-os todos juntos!

Quando Pilatos retornava ao seu escritório, encontrou-se frente a frente com Cláudia, sua mulher, inteiramente coberta por um manto violeta.

– Covarde! – gritou enfurecida, aplicando-lhe um feroz bofetão, ao mesmo tempo que arrojava ao seu rosto a cédula matrimonial e as jóias que ele lhe havia presenteado no dia de suas bodas.

Sem dar tempo para que ele se repusesse da impressão, Cláudia penetrou rapidamente por uma rampa secreta que se abria na muralha e desapareceu.

Suas duas escravas gaulesas, com seus noivos já libertos, a aguardavam com cavalos na porta traseira da Torre denominada dos justiçados.

Por ela haviam sido libertadas do calabouço, por influência do Mestre, Noemi e Thirza, mãe e irmã do príncipe Judá. Por essa mesma porta escapava Cláudia da infâmia na qual acabava de afundar-se seu marido, condenando à morte o homem mais puro e melhor que já havia pisado na Terra.

Dois prisioneiros da Torre Antônia estavam condenados à morte desde o dia anterior. Um deles era um bandido samaritano de nome Gestas, que acabava de coroar sua carreira de roubos e assassinatos com a morte de um soldado romano que descobriu seu esconderijo e quis prendê-lo. Ele havia sido preso no momento em que arrastava o cadáver para uma gruta numa rocha com o fim de encobrir seu crime.

O outro era um homem de idade madura, cuja juventude foi muito acidentada, porque acontecimentos alheios à sua vontade o haviam levado a uma vida à margem da lei. Em defesa própria e ajudado pelos aldeões da sua povoação, haviam ferido mortalmente dois correios do procurador Valério Graco, que ao entrar na casa de postas para trocar as cavalgaduras, haviam atropelado indefesas mocinhas que levavam seus cântaros à fonte.

Este chamava-se Dimas. Embora estando já quase esquecida a vida delituosa da sua juventude, um último incidente o colocou novamente diante da justiça humana.

Retirado nos arredores de Beersheba, na região montanhosa da Judéia, vivia do produto de um pequeno rebanho de cabras e de um horto que ele mesmo cultivava.

O chefe de uma das caravanas que fazia a viagem do Mar Vermelho a Jerusalém, perdeu alguns jumentos que se despenharam num precipício. Vendo que pastavam soltos os jumentos da cabana de Dimas, tomou-os tranqüilamente e continuou a viagem sem dizer ao seu dono uma única palavra. Quando este se inteirou do acontecido, correu atrás da caravana para recuperar os animais de sua propriedade.

Na forte contenda que se armou por esse motivo, o caravaneiro foi ferido por Dimas, morrendo antes de chegar a Jerusalém.

Dimas foi capturado e condenado à morte, pois seu acidentado passado foi relembrado e a lei tinha várias contas a cobrar-lhe.

Pilatos deu ordem de que os dois fossem justiçados junto com o Profeta Nazareno.

– Quis salvar-te – disse Pilatos, quando viu o Mestre pela última vez – e tu não o quiseste.

"Negra desventura caiu sobre mim por tua causa, Rei dos Judeus!"

O Mestre não lhe deu resposta.

Ao ouvir esta frase, um dos executores da sentença julgou que seria de grande efeito, na horrorosa tragédia, pôr sobre a pessoa do chamado *Rei dos judeus* um desbotado manto vermelho, dos usados pelos verdugos para cobrir suas roupas quando açoitavam ou torturavam algum réu, para resguardá-las dos salpicos de sangue. Com um feixe de varinhas de freixo, fez um simulacro de coroa que, entre zombeteiras gargalhadas, foi colocada sobre a formosa cabeça de Jhasua.

O príncipe Judá que, com seu coração destroçado, queria a todo o custo comandar as forças militares que manteriam a ordem, apresentou-se na prisão nesse momento.

Com um tremendo soco atirou por terra o infame verdugo que nem sequer ante a dor e a morte tinha um sentimento de nobreza para a sua vítima. Agarrou-o pelo cinturão de couro ajustado à túnica e com um único empurrão o arremessou para fora do aposento.

Sobre o infeliz machucado jogou, com uma rapidez de relâmpago, o manto e a coroa.

Outros verdugos entraram levando os outros dois condenados e os madeiros em cruz sobre os quais deviam morrer.

Um tremor convulsivo agitava os lábios de Judá como ocorre às crianças quando se lhes contém o pranto. Um olhar dos olhos divinos do Mártir, nos quais parecia resplandecer já toda a luz dos Céus, lhe devolveu novamente a calma.

Os quatro doutores amigos de Jhasua haviam dado aviso do ocorrido ao palácio de Ithamar, à austera mansão de Henadad, hospedagem de todos os discípulos galileus, à casa de Liá, onde se hospedavam os amigos de Bethlehem, ao local da Santa Aliança, à granja da Bethânia e aos príncipes Jesuá e Sallum de Lohes que, com Judá e Simônides, tanto haviam trabalhado pela glória de Israel tendo à frente um Rei da raça de David.

Faqui entrou como um furacão em busca de Judá.

– Mas permitiste isto! – mencionou agitando fortemente os braços.

Judá, pálido, porém sereno, apontou para o Mestre sentado sobre o estrado que lhe havia servido de leito.

Faqui precipitou-se para junto dele e caiu de joelhos a seus pés, chorando como um menino.

– Jhasua!... És o filho de Deus e consentiste isto!... Céus!... Não vês que a Terra vai ser destruída por causa deste crime espantoso? Salvaste tantos da morte e não queres salvar a ti mesmo?

O Mestre pôs uma das mãos sobre a cabeça que se agitava em seu regaço como um pássaro ferido e disse:

– Faqui!... Porque me amaste muito, meu Pai permite que compartilhes comigo da imensa felicidade de minha entrada em seu Reino.

"Morrer para conquistar para sempre a coroa de Filho de Deus não é morrer, meu amigo, mas começar a viver a gloriosa vida de vencedor depois da vitória!"

Faqui levantou a cabeça para olhar para Jhasua, cuja forma de expressão lhe ressoava de um modo estranho. Graças à sua faculdade clarividente, ele o viu entre um dourado resplendor no qual se agitavam cem mãos com palmas, coroas e alaúdes, de onde parecia sair, como o eco de uma canção distante, estas sublimes palavras:

"Morrer por um ideal de libertação humana é a suprema consagração do Amor!"

Tudo se passou num instante, como o fugaz resplendor de um relâmpago.

– A grandeza de Amanaí está contigo! Seja como queiras, Filho do Altíssimo! – murmurou, levantando-se com a mesma serena calma que vimos em Judá.

Quando Faqui se inclinou para beijar pela última vez aquela branca testa que ele comparava a um lírio do vale, ouviu que Jhasua lhe dizia:

– Agora acabas de penetrar no segredo do meu Pai. O Filho de Deus te abençoa!

Judá aproximou-se para dizer:

– Como sou um centurião romano, deixas, neste instante, de ser um príncipe tuaregue. Corre e veste-te como lavrador ou lenhador e aguarda na fonte da rua de Joppe, que passaremos por ali.

– Que pensas fazer? – perguntou Faqui.

– Eu, nada, mas devemos estar alertas até o último momento. Minha esperança vive, Faqui, e sinto que é imortal como Deus!

Faqui saiu como um relâmpago. Havia-se consolado sobre o coração de Jhasua e, da mesma forma como seu amigo, *esperava indefinidamente.* Que esperavam? Eles mesmos não sabiam precisar.

Convencidos de que o Mártir era o Cristo, Filho de Deus Vivo, não podiam associar tal idéia com a morte, e estavam certos de que Jhasua terminaria sua vida terrestre com a mesma majestade que o sol do ocaso desaparece da nossa vista para aparecer, igualmente luminoso, entre os resplendores da aurora em outro hemisfério, talvez em outro mundo mais digno que a Terra, para receber um homem que era Deus.

Os três patíbulos não eram iguais. Dois deles eram de madeira verde, recentemente cortada, e o outro de madeira seca que, talvez, desde há bastante tempo aguardava o réu que nele deveria morrer.

Não sei se por uma piedade pobre e tardia, mas sobre este aparecia uma pequena tabuleta com esta inscrição:

Rei dos judeus, o que indicava estar destinado ao Profeta.

Era o menos pesado dos três, mas, mesmo assim, Judá não deixou que ele fosse colocado sobre os ombros de Jhasua, até que houvessem descido a escadaria do tribunal e estivessem na rua. Judá mandara levá-lo por intermédio dos verdugos, mas o Mestre adivinhou-lhe o pensamento e levantou os braços para que ele mesmo o colocasse sobre seus ombros.

A Cruz da Humanidade pecadora caía por fim sobre os ombros do seu Salvador.

A Humanidade podia dizer com o Profeta nesse solene momento:

"Sem abrir a boca, carregou sobre si com todas as minhas iniqüidades."

Apenas haviam dado uns duzentos passos quando começou, em verdade, para o augusto Mártir, *a rua da amargura*.

Foi Verônica, esposa de Ruben de En-Gedi, a primeira a chegar, seguida de seus filhos e filhas, que tratavam em vão de contê-la. Exalando ao vento um choro que dilacerava a alma, essa mulher abriu passagem por entre a turba maldizente que rodeava o Justo como uma alcatéia de lobos.

Judá viu-a do alto de seu cavalo e deu ordem para que a deixassem passar.

Verônica chegou bem perto do Mártir que começava a dobrar-se sob o peso do madeiro e, arrancando o branco véu de linho com que cobria a cabeça, enxugou o abundante suor que o calor do sol e a fadiga fazia brotar naquela pálida face, onde brilhavam com estranho fulgor os olhos divinos do Cristo como estrelas distantes ao amanhecer.

Sua face de nácar ficou gravada no véu! Judá viu-a e seu coração estremeceu de fervoroso entusiasmo, pois pensou para si mesmo:

"Agora começam as maravilhas da hora final."

Nesse preciso instante, chegavam também Susana e Ana, esposas de José de Arimathéia e Nicodemos, respectivamente, junto com Noemi, Thirza, Nebai, Helena de Adiabenes, a anciã Lia, levada em cadeira de mãos pelos amigos de Bethlehem, da mesma forma como Bethsabé, conduzida por seus filhos Jacobo e Bartolomeu, que acreditavam estar vivendo um horrível pesadelo.

Como a turba tratasse de impedi-las de se aproximar do Mestre, Judá, encolerizado diante de tão inaudita maldade, ordenou aos guardas montados uma forte carga, que fez retroceder um tanto aquela massa de malfeitores, que aguardava ansiosamente ver consumada a morte para receber o ouro e a liberdade prometida.

O Mártir enterneceu-se vivamente ao ver o doloroso grupo de mulheres que o haviam conhecido criança e que o haviam seguido com fé e amor durante toda a sua vida.

– Por que viestes para esgotar minhas forças antes da hora? – perguntou com sua voz mais terna. – Não choreis por mim – acrescentou – mas por vós, por vossos filhos e pelo povo fiel que recebeu a palavra divina, e pelo que sofrereis pelos horrores que virão por causa deste dia.

"Não choreis!... pois antes do sol se esconder atrás das colinas, eu estarei no meu Reino, para repetir, não uma, mas milhares de vezes: "*O Filho de Deus vos abençoa.*"

Formando um muro ao redor essas mulheres, chorando desconsoladamente, não permitiam que o Mártir continuasse seu caminho.

Dez juízes do Sinédrio, com Caifás à frente, se apresentaram imediatamente conduzidos em liteiras abertas para amedrontar o povo com as insígnias da suprema autoridade religiosa de que estavam investidos.

Tendo sabido de que comandava a guarda montada Quintus Árrius, o amigo do justiçado, temeram que fora dos muros da cidade ele tratasse de libertá-lo. Ao ver a cena dolorosa das mulheres, os juízes começaram a gritar:

– As mulheres para suas casas!... Afastem-nas a chicotadas! Carpideiras pagas para guinchar!... Rameiras das ruas!

Cego de indignação, o príncipe Judá arremeteu com seu cavalo contra o cortejo de liteiras brilhantes de ouro e púrpura. Alguns escravos que as carregavam perderam o equilíbrio e caíram, causando, por conseguinte, a queda de alguns daqueles perversos velhos que, com seus gritos insultuosos queriam dar a entender a baixa classe a que pertenciam o justiçado e seus amigos.

– Quem manda aqui sou eu, em nome do governador! – havia gritado Judá com voz de trovão.

"Mandem toda essa canalha silenciar, pois, do contrário, aqui mesmo permitirei que a guarda vos deixe com as entranhas expostas ao vento!..."

Helena de Adiabenes e Noemi, cuja fé religiosa fazia com que vissem grandeza e santidade nos altos dignitários do Templo, ficaram estupefatas ao ouvir ser chamadas por eles de "*carpideiras pagas para guinchar e rameiras das ruas*".

Apertando-se mais para junto do Ungido de Deus que caminhava para a morte, disseram entre gemidos:

– Senhor!... Vais deste mundo levando contigo o amor, a piedade e a justiça... e nos deixas sob o chicote dos verdugos de Israel!

Os olhos de lince de Hanan haviam reconhecido Helena, cuja arca estava sempre aberta para os valiosos donativos que lhe eram solicitados, e avisando Caifás e os demais juízes, guardaram silêncio por dupla conveniência: Quintus Árrius não estava para brincadeiras e a viúva de Adiabenes observava-os escandalizada. O príncipe Judá falou em voz baixa à sua mãe, e todo o grupo de mulheres seguiu atrás do Mestre em profundo silêncio.

Um observador houvera notado que as palavras do príncipe Judá haviam feito nascer uma esperança no dolente grupo de mulheres judias.

Nebai perdia-se em suposições e conjeturas. Como e por que Judá comandava a guarda nesse dia? Seria para salvar Jhasua na última hora?... Oh, sim, não havia dúvida!... Judá não o deixaria morrer! Com a mais viva ansiedade pintada no rosto, continuou andando!...

Ao darem uma volta numa curva da rua, quando já estavam perto da porta de Joppe, apareceu na frente da comitiva um musculoso lavrador, alto, esbelto, quase um gigante. Trazia o enxadão ao ombro e apoiava-se num bastão de carvalho.

Era Faqui, disfarçado, tal como Judá havia solicitado.

Thirza, que o viu, ia chamá-lo pelo nome para se certificar de que era ele, pois sua estranha indumentária deixava qualquer um em dúvida.

Judá apressou-se em dizer-lhe:

– Bom homem, se queres ganhar alguns sestércios, deixa o enxadão e vem carregar o madeiro deste condenado, que já não pode andar com o seu peso.

– Simão de Cirene para servir-te, centurião – respondeu o lavrador.

Alguns dos juízes levantaram a voz em protesto.

– Já disse que aqui sou eu quem manda! – voltou a gritar com voz de trovão o

filho de Quintus Árrius, que parecia sentir-se senhor do mundo para proteger o Cristo-Mártir até o último momento da sua vida.

Que teria passado pela alma nobilíssima e terna do Ungido quando Hach-ben Faqui, seu amigo, tomou a cruz e a carregou sobre seus ombros?

Os olhos do Mártir encheram-se de lágrimas e de seu coração de Filho de Deus subiu aos Céus este divino pensamento:

"Eu te adoro e te bendigo, meu Pai, porque floresceram as minhas rosas de amor semeadas na Terra."

Livre já daquele peso excessivo para sua débil e delicada natureza, o Mestre ergueu novamente o corpo e continuou caminhando ao lado de Faqui.

O Gólgota

Os últimos a tomarem conhecimento da triste notícia foram os discípulos vindos da distante Galiléia.

A promessa de Jhasua feita na noite anterior a Maria de Mágdalo, de que antes do pôr-do-sol *estaria livre*, manteve-os embalados pela esperança, até que chegou Nicodemos desolado, pálido como um morto, para trazer-lhes a dolorosa verdade.

A dolorida mãe do Mártir, como a estátua viva da angústia, não se moveu nem para exalar um grito nesse terrível momento. A suprema dor da sua alma parecia paralisar todos os seus movimentos. Sentia-se morrer junto com ele e esperava a morte numa quietude que espantava.

Os discípulos voltaram-se contra a castelã de Mágdalo, para repreendê-la severa e duramente pelo engano em que havia ocorrido.

– Sempre tendo visões! – disse João com a voz entrecortada pelos soluços.

– Algum mau gênio apresentou-se diante de ti, mulher, para enganar-te, e o tomaste pelo Mestre – disse Tomás asperamente. Uma tempestade de censuras se levantou contra ela que, aturdida e sem compreender o sucedido, se apoiou contra o marco da porta para não cair. Ela sentia que tudo ao seu redor rodava e um tremor convulsivo estremecia o seu corpo.

A mansidão de Pedro veio em sua ajuda.

– Não deveis falar assim sem saber o que estais dizendo. Não é justo perder totalmente a esperança. Se, como diz Nicodemos, o príncipe Judá comanda a guarda, parece-me que não será para levar o Mestre à morte.

"Que poderemos saber acerca da forma como ele subirá ao seu Reino?"

Estas palavras de Pedro acalmaram, ainda que levemente, a agitação de todos aqueles amigos do Mestre que, em número superior a uma centena, se achava naquele recinto.

Ali estava também *Felipe, o grego*, como o chamavam e, em razão de seu temperamento vivo e ardente, foi um dos primeiros a reagir, e disse resolutamente:

– Em vez de estar aqui discutindo o que será ou não será, corramos todos ao tribunal da Torre e veremos com nossos próprios olhos o que ocorre.

Mais tardaram em ouvir estas palavras que em sair correndo em confuso amontoado, homens, mulheres e crianças...

Tinham andado poucos passos pela rua quando se encontraram com Boanerges que vinha ofegante, correndo a toda a velocidade que suas pernas permitiam:

– Levam-no já pela rua de Joppe para o Monte das Caveiras!...

– Bendito Deus!... Ali morrem os criminosos justiçados!... – gritou a anciã Salomé que, apoiada em seu marido, andava lentamente.

Myriam, que se empenhou em manter-se perto do filho ainda que fosse para vê-lo morrer, estava sendo conduzida pelo tio Jaime e por Pedro, que iam atrás de todos.

João, Boanerges, Maria de Mágdalo e suas companheiras, Felipe com o órfão Policarpo, os filhos de Ana e Gabes, Marcos e Ana de Nazareth, todos jovens, tomaram a dianteira e corriam agrupados como bandos de pássaros assustados pela proximidade da tormenta.

Os mais velhos, atrás, esquivando-se de tropeçar para não cair... lamentando sem dúvida a pesadez de seus membros que os impedia de correr, seguiam os demais com a agitação e a ansiedade pintada no rosto.

Se pudesse ver estes quadros vivos, o Divino Mestre houvera repetido seu genial pensamento: "Meu Pai!... Adoro-te e te bendigo porque floresceram minhas rosas de amor semeadas na Terra."

João, Maria e Boanerges adiantaram-se por fim do grupo e passaram como um furacão pela porta de Joppe, por entre a nuvem de pó que era levantada pelos seus pés.

Uma atmosfera asfixiante e pesada caía como chumbo sobre sua fadiga e densas nuvens negras iam cobrindo a opalina claridade dos céus. Uma multidão de pessoas para as quais chegava tarde demais a notícia de *quem era* um dos justiçados daquela tarde, surgia de todas as encruzilhadas das ruas e chegava por todos os caminhos.

"Se ele devolveu a vida aos mortos e curou leprosos e cegos de nascimento... é o Messias anunciado pelos Profetas!... Ele não pode morrer e não morrerá jamais, porque Jehová mandará seus anjos para que o arranquem de seus verdugos." Todos esses comentários eram feitos aos gritos pela multidão, enquanto corriam para o Monte das Caveiras, onde esperavam presenciar o mais estupendo de todos os prodígios do Cristo.

Quando o primeiro grupo de nossos amigos galileus deu a volta ao redor de um árido barranco coberto de ramos secos, apresentou-se-lhes, como pintado sobre o negrume do céu tormentoso, o mais terrível quadro que seus olhos puderam presenciar: Jhasua, o meigo Mestre a quem estavam buscando, suspenso num madeiro em cruz no topo do monte, entre dois justiçados que deviam morrer com Ele.

João e Boanerges apoiaram-se um no outro para não caírem de bruços sobre a poeira do caminho.

Maria de Mágdalo estremeceu inteiramente, numa crise tão violenta que quase a atirou por terra.

– Senhor!... – gritou com supremo desespero, e deitou a correr novamente como se uma vertigem de loucura se houvesse apoderado dela.

Subiu arquejante a montanha da tragédia e foi cair como um fardo ao pé do madeiro, onde iam caindo lentamente fios de sangue dos pés e das mãos do Mártir.

Judá e Longhinos, como duas estátuas eqüestres, com a face contraída pela dor, presenciavam aquele quadro impossível de ser descrito.

As mulheres choravam e rezavam.

O povo amontoava-se ao pé do monte como gigantesca vaga humana que tinha rumores de ondas embravecidas.

Como traços formidáveis de luz, os relâmpagos iluminavam em intervalos a escuridão da tormenta que troava com louca fúria em cima das milhares de cabeças humanas atormentadas por milhares dos mais diversos pensamentos.

Pouco depois, com espanto, viram as colinas adjacentes ardendo em avermelhadas labaredas. Cada cume parecia a cratera de um vulcão. Uma espécie de fantasma vestido com flutuantes véus vermelhos corria de um fogo a outro, arrojando combustível em quantidades cada vez maiores nas fogueiras ardentes.

Era Vércia, a druidesa da Gália, que acompanhava a entrada do Homem-Deus em seu Reino com o resplendor de cem fogos sagrados com os quais evocava o Grande Hessus para receber o seu filho.

A terra era abalada por violentos tremores; as montanhas ardentes abriam-se em grandes fendas, expulsando com fúria, das antigas grutas sepulcrais ali existentes, os brancos esqueletos humanos que passaram ali longos anos de quietude e que um extraordinário cataclisma arrojava ante os olhos daquela multidão sobressaltada de terror e de espanto.

Os juízes do Sinédrio – cujas consciências gritavam *assassinos*! –, quiseram fugir temendo acima de tudo o furor dos elementos, mas o príncipe Judá, como um arcanjo da Divina Justiça, ordenou a seus guardas que os subjugassem, sem permitir que se movessem daquele lugar.

– Covardes assassinos! – gritou com força com o fim de fazer-se ouvir entre o fragor da tormenta e o chocar das rochas que desmoronavam pelos flancos das montanhas. – Covardes assassinos!... Quietos aí, para que caia, como uma eterna maldição sobre vós, o último alento do Filho de Deus que assassinastes!

Um pavoroso silêncio foi se fazendo pouco a pouco, apenas interrompido pelos soluços das mulheres e das orações da multidão que, ao pé do trágico monte, via sem poder acreditar, como uma escultura de marfim suspensa entre o céu e a terra, o Profeta de Deus que, uns dias antes, havia entrado em Jerusalém entre hosanas de glória e aclamações de triunfo e de amor!

Na agitação e na suprema ansiedade em que todos estavam mergulhados como infelizes náufragos num mar tempestuoso, haviam esquecido completamente os fiéis anciãos que acompanharam o Verbo de Deus desde o seu berço.

Efraim e Shipro pensaram neles e, em modestas liteiras cobertas levadas por uma vintena de criados, conduziram-nos ao monte do sacrifício, onde o Filho de Deus... o meigo Jhasua que, quando menino tiveram em seus braços, entregava sua vida no santo altar do amor fraterno, alicerce e coroação de sua grandiosa obra pela libertação humana.

Iam ali para vê-lo morrer, Melchor de Horeb, Simônides, Gaspar o hindu, Fílon de Alexandria, Elcana e Sara, Josias, Eleázar e Alfeu, cuja ancianidade avançada impossibilitava de fazer a pé o penoso caminho entre barrancos e matagais que conduzia ao Monte das Caveiras.

Os quatro amigos doutores haviam corrido como enlouquecidos procurando os membros do Sinédrio que ficaram também sem ser avisados do julgamento que estava sendo realizado, com a esperança de formar uma maioria e anular a sentença de morte dada contra o Justo, ainda que fosse na última hora.

Sofreram, porém, a decepção da covardia em quase todos eles que, consultando mais a própria conveniência que a vida do próximo, não tiveram o valor de colocar-se diante do pontífice Caifás, nem dos juízes, doutores e sacerdotes que haviam condenado o Profeta de Deus.

– Nós não o condenamos – responderam covardemente. – Responsabilizai-os por essa morte!

– Mas a vossa covardia torna-vos cúmplices do delito – disse José de Arimathéia.

– Negando-vos a intervir – acrescentou Nicodemos – deixais o campo livre para que o crime seja consumado.

– Levantareis contra vós – gritou Gamaliel fora de si – toda a juventude do Grande Colégio, que arrojarão nas aulas as tabuinhas sobre as vossas cabeças, gritando: *Não queremos verdugos nem assassinos para mestres!...*

Esses quatro amigos chegaram à montanha da tragédia quando o Mártir se achava já há uma hora suspenso na cruz.

Tanto eles como a triste procissão dos anciãos viram-se em grandes dificuldades para chegar ao pé da montanha por causa dos enormes blocos de rochas e montes de terra que o terremoto havia arrojado sobre todos os caminhos que conduziam a ela.

Era a mãe do Mártir o ímã que atraía todos os seus amigos e discípulos. A doce mãe, sentada sobre uma rocha, com o olhar fixo em seu filho, parecia não dar-se conta de que era o centro de toda a piedade e de todo o amor dos que amaram o Cristo acima de todas as coisas.

A humana personalidade do Mártir esgotava-se visivelmente com a perda de sangue e a pressão da atmosfera, ardente como uma chama.

Os olhos dos discípulos, dos amigos e familiares abraçavam-no com seus olhares cheios de ansiedade e desespero, esperando em vão que, a uma única palavra sua, os Céus se abrissem e legiões de arcanjos justiceiros descessem como uma revoada de pássaros luminosos para arrancar o Ungido do seu infame patíbulo.

Entretanto, a alma do Cristo flutuava sem dúvida por horizontes distantes, ou a sua clarividência apresentou-lhe, com vivas cores, as conseqüências do crime que os dirigentes de Israel cometiam, porque sua dolente voz exalou um gemido, como um soluço, para dizer:

"Perdoai-os, Pai, porque não sabem o que fazem!"

Algumas vozes amigas clamaram entre soluços:

– Filho de Deus!... Messias de Israel!... Lembra-te de mim quando estiveres no teu Reino!

– Leva-nos, Senhor, contigo!... Não queremos a vida sem ti!...

– Até os elementos estouram de furor contra os verdugos do Filho de Deus!...

Porém estas e outras frases, da mesma forma como as orações e os prantos, se perdiam entre o estampido dos trovões, o chocar das pedras que saltavam a grande distância e o crepitar dos ramos que os *fogos sagrados* de Vércia iam reduzindo a cinzas.

Um ginete de turbante e manto branco, que o vento agitava como asas que voassem desesperadamente, apeou-se ao pé da montanha e foi cair de joelhos no alto da esplanada onde haviam levantado os cadafalsos.

Levantou seu olhar para os céus e em seguida seus olhos negros e profundos pousaram-se com infinita angústia naquele rosto amado, no qual já apareciam os vestígios da morte.

Era o scheiff Ilderin que acabava de chegar de Jericó, aonde foi levada a terrível notícia, quando se dispunha a entrar com seus valentes ginetes árabes para proclamar o Ungido do Senhor como Rei de Israel.

O terror apoderou-se de toda aquela enorme multidão quando um espantoso trovão fez estremecer a montanha e, no negrume dos céus, apareceu o sinistro resplendor do raio como uma serpente de fogo abrindo caminho na imensidão.

Os que estavam mais próximos do divino Mártir, ouviram-no dizer:

– Meu Pai!... Recebe o meu espírito! Tudo está consumado.

A formosa cabeça sem vida inclinou-se como um lírio arrancado pelo vendaval.

Somente então Judá, Faqui, Ilderin, Simônides, seus discípulos e amigos compreenderam que já não tinham nada a esperar.

Então se desatou, como um furacão, o furor de Judá, de Faqui, de Ilderin e de Vércia, que havia subido com os seus archotes ardentes para iluminar as trevas.

Com alabardas, lanças, azagaias e chicotes fizeram rodar, montanha abaixo, as liteiras de púrpura e de ouro dos magnatas do templo.

– Fora daqui, lobos famintos!... Para trás, vampiros, mercadores do Templo, antes que se faça aqui uma carniceria com todos vós! – gritava Judá enfurecido.

As mitras, as tiaras, os tricórnios brilhantes de pedrarias saíam voando, enquanto seus donos, aos saltos, desciam a montanha como lebréus acovardados à vista de leopardos. Seus escravos fugiam espavoridos ante o ginete de turbante branco e o centurião de cavalo negro que não dava trégua aos que, pouco antes, vociferavam com zombarias de baixo calão e gritos selvagens.

– Ele já não está aqui para me ver!... – gritava Judá, como enlouquecido. – Seus olhos estão fechados e não impõem mais silêncio a mim!... Fora daqui, malvados!... Agora sou eu a justiça de Deus para acabar com todos vós!...

Vércia, a druidesa da Gália, havia feito um imponente *fogo sagrado* ao pé da montanha trágica, com as liteiras e púrpuras sacerdotais e as sarças secas dos barrancos. Não era aquele árido penhasco um altar no qual havia sido imolado o Homem-Luz, o Filho do Grande Hessus?

O povo debandou em completa confusão, preso de horrível pânico, e a polícia montada também começou a retirar-se.

Quando só restavam no recinto da tragédia os familiares, discípulos e amigos, Judá retirou o capacete, a armadura e a cota de malhas e, entregando tudo a Longhinos, pediu:

– Dirás ao governador que terminei o meu papel de militar.

Longhinos saudou-o militarmente e, à frente de seus soldados, desceu a colina enegrecida pelas sombras, enquanto meditava: "O governador romano e o Sinédrio judeu arrojaram-se no mesmo abismo, porque unidos justiçaram um Deus Encarnado, superior a todos os deuses do Olimpo!"

O príncipe Judá aproximou então seu cavalo do cadafalso do Cristo e, pondo-se de pé sobre a montaria, uniu sua cabeça transtornada, com aquela outra cabeça já sem vida e começou a chorar em grandes soluços que despertaram ecos nas grutas da montanha e nos corações que os escutavam...

– Jhasua!... Meu amigo... meu Rei de Israel!... Meu sonho de toda a vida!... Hoje morrerei também contigo porque não quero... não... nem um dia mais de vida nesta terra de crimes e de infâmia!...

Faqui viu brilhar em sua mão direita um pequeno punhal e, de um salto, subiu ao cavalo e o segurou fortemente pelo pulso, ao mesmo tempo que lhe dizia:

– Judá, meu amigo!... Ignoras que o Filho de Deus está vivo, pois não pode morrer jamais?

"Agora, mais do que nunca, devemos viver por Ele e para Ele; para que seu nome se espalhe como um rastro de estrelas sobre toda a Terra."

Um tremor nervoso se apoderou de Judá que, sentindo que todas as suas forças o abandonavam, deixou-se cair nos braços de Faqui e, alguns momentos depois, o nobre e valente príncipe Judá achava-se estendido sobre uma manta ao pé do patíbulo no qual havia morrido o seu Rei de Israel. A violenta crise produziu-lhe um pesado sono.

Pequenos vultos sombrios viam-se aqui e além, por entre aquelas trevas, e nem sequer os amigos se reconheciam.

A dolorida mãe, apoiada em seu irmão Jaime, havia-se aproximado da cruz na qual havia morrido o seu amor, e suas mãos geladas procuraram às cegas os pés feridos e úmidos de sangue daquele Santo Filho pelo qual tanto havia sofrido durante toda a sua vida.

Ao aproximar-se, a infeliz mãe percebeu algo que não se movia junto ao pé do madeiro. Em seus pés, sentiu o calor de um outro corpo que jazia inerte no chão. Era Maria de Mágdalo que, abraçada à cruz desde que chegou, estava com a sua cabeleira empapada em sangue e mergulhada num estado de atordoamento muito semelhante à demência.

Nebai era outro vulto nas trevas, abraçada com seus dois filhinhos, um de oito e outro de cinco anos.

Chorando amargamente, fazia-os repetir as palavras do Salmista:

"Deus, tem misericórdia de nós e nos abençoa; faz resplandecer tua glória sobre as trevas.

"Salva-nos, Deus nosso Senhor, porque águas amargas penetraram até no mais íntimo de nossa alma!

"Ó Jehová!... A ti clamamos! Ouve esta voz que te invoca!

"Elevada seja a minha oração diante de Ti como um perfume, e a dádiva de minhas mãos como a oferenda da tarde!"

Os moradores da aprazível Bethânia, Martha, Lázaro e a pequena Maria, haviam sido os últimos a chegar, como para recolher, em seus corações cheios de angústia, as últimas palavras do Mártir:

"Pai, recebe o meu espírito!... Tudo está consumado!"

Martha caiu de joelhos e afundou a cabeça no pó, murmurando entre soluços:

"Que Deus tenha misericórdia de nós!... Senhor!... Senhor!...

"Repara na grandeza de Teu Filho e não na maldade dos homens!...

"Repara em seu amor e não na nossa iniqüidade!...

"Misericórdia e piedade, Senhor!..."

O rumor de suas palavras perdia-se entre o pranto desconsolado daquela centena de pessoas que se moviam como fantasmas em torno do Homem-Deus suspenso na cruz.

Lázaro permaneceu quieto e mudo como uma estátua a poucos passos do cadafalso do grande amigo que havia curado suas dores morais e físicas, e cuja aproximação foi para ele como o começo de uma vida nova.

A pequena Maria, tímida e medrosa, foi se aproximando lentamente do grupo central que chorava ao pé da cruz. Quando, à luz trêmula do fogo sagrado de Vércia, reconheceu naquela face lívida o meigo rosto do Mestre, exalou um gemido de agonia e caiu sem sentidos sobre o regaço de Verônica que, sentada no duro solo, rezava e chorava.

A pobre menina só voltou a si depois de algumas horas.

José de Arimathéia e Nicodemos haviam retornado à cidade para pedir ao governador a necessária permissão para descer o corpo do Messias do madeiro e dar-lhe sepultura nessa mesma noite, visto que, no dia seguinte, a Lei não permitia que se executasse esse trabalho.

Obtida a permissão, os homens mais jovens e fortes começaram a descravar da cruz aquele amado corpo que tantas fadigas havia sofrido para consolar os seus semelhantes.

Melchor e Gaspar, prevendo esse momento, haviam trazido em suas liteiras as vendas e os panos de linho exigidos para a inumação.

Com os assentos das liteiras em que os anciãos foram conduzidos, formou-se um estrado coberto com um pano branco e ali depositaram Jhasua morto.

Myriam, sua mãe, ajoelhada, pôde por fim abraçar-se à amada cabeça do Filho e beijar-lhe os olhos fechados, a testa, a boca, as faces, como se, com o calor de seus beijos, quisesse injetar-lhe novamente a vida!...

Os homens e as mulheres, anciãos e crianças, desfilaram comovidos em torno daquele humilde féretro, no qual jazia o corpo inanimado do Mártir que, na noite anterior, repartia o pão e o vinho e os abraçava numa derradeira despedida.

Suas últimas palavras ressoavam nas almas doloridas como as lamentações daquele que parte para não voltar:

"Para onde eu vou, não podeis seguir-me agora.

"Deixo-vos o meu último mandamento:

"Que vos ameis uns aos outros como eu vos amo.

"Buscar-me-eis e não me achareis. Mas não vos deixo órfãos, porque meu Pai e eu estaremos presentes se vos amardes como Ele e eu vos amamos."

Pedro recordava que na noite anterior havia negado seu Mestre e, ajoelhado a seus pés, beijava-os milhares de vezes e banhava-os com as suas lágrimas, que pareciam não esgotar-se jamais!...

João recostou por um momento seu rosto sobre aquele peito desnudo onde, mais de uma vez, havia apoiado a cabeça e escutado o pulsar daquele grande coração, que então estava mudo!...

Helena e Noemi tiveram a idéia de cortar alguns cachos da cabeleira do Profeta e repartir depois em estojos de ouro, como triste recordação daquele ser tão querido, que não havia sido apenas o resplendor de um sol entre eles, mas também havia tido vida de homem...

Havia-os amado como homem, havia-os consolado como amigo e ensinado como Mestre.

Ao lembrar que já não o tinham mais sentiam-se enlouquecer de angústia e novos coros de soluços contidos despertavam ecos na montanha sombria, onde o fogo sagrado da druidesa da Gália dava reflexos de ouro e sangue à dolorosa cena final.

Os dez homens mais idosos dessa reunião fúnebre encarregar-se-iam de ungir o cadáver com os óleos aromáticos do costume e envolvê-lo no sudário polvilhado de inceso, mirra e aloés: Gaspar, Melchor, Fílon, Elcana, Josías, Alfeu, José de Arimathéia, Pedro, Simônides e o tio Jaime.

A doce mãe ungiu a cabeça do Filho com os caudais de seu incontível e inconsolável pranto e cobriu-a com o véu branco que retirou da própria cabeça.

Os discípulos jovens exploraram as imediações da montanha à luz das tochas em busca de uma gruta nova que um familiar de José de Arimathéia havia adquirido e preparado para a sepultura dos seus.

Sobre um leito formado com vinte braços unidos pelas mãos, os homens jovens conduziram o cadáver a essa sepultura provisória, já que a noite os impedia de levá-lo para o panteão sepulcral de David, sobre o qual o príncipe Sallum de Lohes possuía direitos hereditários.

Conduzindo à gruta sepulcral o cadáver de Jhasua, que havia sonhado com a igualdade humana, vemos as mãos unidas de príncipes, pastores, operários, doutores e até um escravo: Hach-ben Faqui, o scheiff Ilderin, Gamaliel, Nicodemos, Nicolás, Felipe, João, Marcos, Jacobo, Bartolomeu, Othoniel, Isaías, Efraim, Gabes, Nathaniel, Shipro, Boanerges, Zebeu e dois jovens discípulos de Melchor.

Os homens de idade seguiam o cortejo fúnebre recitando as lamentações de Jeremias e chorando silenciosamente.

Somente o príncipe Judá não pôde seguir atrás do cadáver do seu Rei de Israel porque, estendido ainda sobre uma manta ao pé do cadafalso, rodeado por sua mãe, a esposa e os filhos, parecia lutar entre a vida e a morte.

Sua imobilidade completa, a respiração apenas perceptível e as débeis batidas do seu coração faziam temer aos seus que sua vida não tardaria a extinguir-se.

Esse doloroso incidente deu motivo a que todos se dirigissem ao palácio de Ithamar. Os anciãos em liteiras e os jovens a pé formavam como uma triste procissão de fantasmas sombrios atravessando caminhos e barrancos e, depois, as escuras e tortuosas ruas de Jerusalém, mergulhadas em profundo silêncio.

As trágicas impressões do dia, a noite escura e tormentosa, as patrulhas de soldados percorrendo as ruas para evitar tumultos populares, tudo, enfim, flutuava como um hálito de pavor sobre a cidade dos profetas mártires e dos reis homicidas.

Da Sombra para a Luz

Chegamos, leitor amigo, ao quadro final desta coleção de esboços do que foi o grandioso poema da vida do Homem-Deus, na personalidade humana de Jhasua de Nazareth.

O palácio, que fora idéia e realidade do príncipe Ithamar, da antiga e nobre família de Hur, grande amigo de Moisés, parecia estar destinado a ser testemunha muda de grandes dores humanas.

Ideado e construído para ninho plácido e tépido de um primeiro amor cheio de fé e de esperança, presenciou as desgraças profundas de seus donos quando a tragédia que se abateu sobre a família de Ithamar a manteve desunida durante dez longos e terríveis anos.

Presenciou igualmente a imensa desolação dos familiares, amigos e discípulos do Cristo-Mártir no primeiro anoitecer do dia da sua morte; dia que o mundo chama de *Sexta-feira Santa*, cuja dor serviu, durante vinte séculos, para significar toda a angústia inconsolável e única em nossas vidas humanas.

"Isto parece uma Sexta-feira Santa", costuma-se dizer quando um desconsolo imenso enche nossa morada de silêncio e de sombras.

Ao gravíssimo estado físico do chefe da família foi acrescentada mais outra nota de amargura à taça que já estava transbordante em todos os corações.

Os médicos haviam diagnosticado uma congestão cerebral, da qual não tinham nenhuma esperança de salvá-lo.

O desolado grupo dos amigos do Cristo... do homem genial que acabava de desaparecer, via no príncipe Judá o homem forte, o carvalho gigantesco que podia oferecer amparo a todos na ausência do Mestre para o caso de perseguições que não deviam tardar, dado o ódio satânico dos príncipes e doutores do Templo contra o Justo por eles assassinado.

Sua vinculação hereditária com os grandes homens do governo romano, na sua

qualidade de filho adotivo do vitorioso duúnviro Quintus Árrius, que havia livrado o Império da praga dos piratas, senhores dos mares, dava-lhe uma poderosa ascendência nas esferas governamentais dos países civilizados. Quem, a não ser ele, poderia protegê-los das fúrias do Sinédrio judeu?

A noite de sexta-feira e todo o sábado seguinte foram de angustiosa espera para o dolorido conjunto dos amigos de Jhasua.

Hach-ben Faqui animava-os dizendo:

– A pátria tuaregue é imensa, como o Saara impenetrável, e meu pai é ali um dos conselheiros da rainha Selene. Levar-vos-ei, pois, para o meu país se, no vosso, fordes perseguidos.

Gaspar, príncipe de Srinaghar e senhor de domínios em Bombay, oferecia abrigo a todos os que quisessem fugir da nação desventurada que se mostrava ingrata às dádivas de Deus.

Melchor, com suas grandes Escolas na península do Sinai, no Monte Horeb, no Monte Hor e em Cades Barnea, fazia iguais oferecimentos.

O scheiff Ilderin, um dos mais poderosos caudilhos com que o rei Hareth da Arábia contava para sua defesa, disse aos seguidores de seu amigo morto:

– Tenho um horto de palmeiras por onde corre o rio Orontes, com um lago como o vosso Mar da Galiléia, onde navegam mil barcos sem fazer sombra uns aos outros e cujas margens são pradarias onde pastam rebanhos de camelos, de cavalos árabes, de cabras e de ovelhas que não se pode contar.

"Atrás dos Montes Jebel e nas matas cerradas dos Montes Bazzan tenho vivendas de rochas defendidas por milhares de lanceiros, onde podem viver comodamente várias centenas de famílias.

"Não ensinou o Messias nosso Rei que devemos amar-nos uns aos outros como Ele mesmo nos amou?

"Se devemos perpetuar o seu pensamento fazendo-o viver na nossa própria vida, entre nós não deve existir o egoísmo do *teu e do meu.* Bozra, Raphana e Pella, no caminho real das caravanas, são cidades tão importantes como Jerusalém, Sevthópolis e Cesaréia. E a garra do Sinédrio judeu não chega até lá..."

Todas essas vozes amigas, cheias de afeto e de sinceridade, somente conseguiam abrir mais a profunda ferida que todos sentiam no fundo de suas almas.

– Tinha razão o nosso Mestre – disse Pedro depois de longo silêncio:

" *'Morto o pastor, dispersar-se-ão as ovelhas.'* Derrubada a torre onde se aninhavam as andorinhas, elas voarão para todos os pontos da Terra."

– Ele era o ímã que nos atraía a todos.

– Era a cadeia de ouro que nos atava uns aos outros.

– Era a árvore que nos dava sombra.

– Com Ele tínhamos tudo e sem Ele não temos nada, a não ser a nossa dor e o nosso desespero.

Todas essas frases foram saindo como gritos da alma ferida de morte daquele grupo de seres que, no negrume da sua angústia, não conseguia compreender a vida sem aquela grande Luz que os havia iluminado durante o curto tempo que estiveram ao seu lado.

Todos aguardavam ansiosamente o fim do sábado para prestar ao grande amigo ausente o derradeiro serviço, extremamente doloroso, por certo, mas do qual não podiam eximir-se sem se julgarem culpados: a transladação do cadáver para a sepultura definitiva, no panteão sepulcral de David situado fora das muralhas, no caminho de Bethlehem.

Feito isso, disporiam de suas pessoas e de suas vidas como a cada qual parecesse melhor.

Myriam, a incomparável mãe do Mártir, recostada num divã, mergulhava num profundo silêncio. Todos pensavam em servir-lhe de proteção e amparo em sua imensa solidão, ainda rodeada de tantos seres amigos que a amavam ternamente; porém ninguém se atrevia a fazer-lhe oferecimento algum, porque seria recordar ainda mais que seu grande Filho já não estava ao seu lado.

No sábado à noite, as mulheres jovens reuniram-se para combinar ir, ao amanhecer do domingo, à sepultura do Mestre, levando um féretro de madeira de sândalo com incrustações de prata, dentro do qual colocariam o corpo para transladá-lo para o sepulcro definitivo, que ficava a um estádio mais ou menos de distância do lugar em que se encontrava.

Na última hora da sexta-feira eles haviam contratado o féretro para o domingo ao amanhecer, mas antes de se aproximarem do sepulcro viram que por ali não andava ninguém, certamente porque o mercador que o vendera se havia atrasado. As duas companheiras de Maria, com Boanerges e João, retornaram à cidade para fazer a devida reclamação.

A castelã de Mágdalo, vendo-se sozinha, subiu novamente à colina do Gólgota ou Calvário e contemplou, com infinita amargura, o patíbulo do Mestre, ainda estendido por terra com os vestígios do seu sangue, onde estiveram cravadas suas mãos e seus pés.

Seu pranto correu sobre aquele madeiro ensangüentado, e pareceu-lhe então maior que antes a imensa desgraça que havia caído sobre todos os que amavam o Cristo.

Os dois que tinham sido justiçados junto com Ele ainda pendiam das cruzes, e um deles estremecia nos últimos espasmos da agonia. Sem família e sem amigos, antes do sair do sol deviam ser arrojados à fossa comum no muladar.

– O Mestre – pensou Maria –, ainda haveria tido piedade daqueles míseros despojos dos dois criminosos. E devo tê-la também.

Antes de descer da colina trágica, beijou pela última vez o sangue seco no madeiro e procurou os cravos com os quais o Mestre esteve suspenso, mas não os encontrou.

– Certamente – disse – algum dos íntimos os recolheu. – Dirigiu-se em seguida ao sepulcro, que distava apenas uns duzentos passos, e cuja entrada ficava escondida entre os barrancos e moitas de espinhos, a única coisa que crescia naquele lugar árido.

Grande foi sua surpresa quando viu removida a pedra que cerrava a entrada da gruta e que a própria sepultura estava destapada e a lousa caída para um lado. Aproximou-se para olhar no fundo da gruta e viu o sudário e o véu com que envolveram a cabeça do Mestre.

– Levaram-no para o Panteão de David antes do que pensávamos – disse. – Ainda não nasceu o sol. Como é que madrugaram tanto?

Maria sentou-se sobre uma pedra da entrada da gruta chorando silenciosamente, enquanto olhava para a preciosa ânfora de alabastro, cheia de azeite de nardos que havia levado, para derramá-lo sobre o cadáver do Senhor ao ser colocado no féretro.

Sentiu imediatamente um leve ruído de arbustos e ervas secas pisoteados e voltou a cabeça para o lado.

Através das lágrimas, Maria viu o vulto de um homem.

– Se viste quando foi tirado daqui ou se o levaste, dize onde foi colocado para que eu possa ir ungir o seu cadáver – disse ela.

– Maria!... – disse uma voz, e era a do Mestre que a chamava pelo nome.

– Mestre!... – gritou ela, arrojando-se a seus pés para os beijar.

– Não podes tocar-me – disse a visão –, porque não sou mais de carne. Volta para junto dos meus e avisa-os dizendo-lhes que me viste e ouviste. Irei para o meio de todos, porque nenhuma força da Terra ou do ar pode já impedir-me! A paz esteja contigo!...

A visão havia desaparecido e Maria, com o rosto por terra, chorava e beijava o pedaço de rocha sobre o qual havia sido colocado o corpo de Jhasua.

Louca de alegria, como o havia estado de angústia, saiu correndo para a cidade. Antes de chegar à porta de Joppe, encontrou suas companheiras com os homens que traziam o féretro.

– Ele não está mais no sepulcro – disse –, é inútil ir até lá. – E, baixando a voz, disse às suas companheiras:

– O Mestre vive! Eu o vi e falou comigo! Disse que virá para o meio de todos nós! Depressa!... Depressa!... Corramos para a nossa morada e avisai aos demais para que não aconteça que Ele chegue lá e não nos encontre.

Suas companheiras seguiram-na julgando que ela havia enlouquecido.

Maria chegou arquejante ao palácio Henadad, residência dos galileus, e encontrou Pedro com a maioria dos discípulos mais íntimos.

Ninguém quis acreditar na notícia. Ainda estava fresca na memória de todos aquela outra notícia levada por ela, de que antes do pôr-do-sol da sexta-feira o Mestre estaria livre.

– Cala-te, mulher, cala-te! – disse Pedro com imensa amargura. – És a mesma visionária de sempre! José de Arimathéia e seus amigos deverão tê-lo levado para o sepulcro de David, sem levar em conta que tanto desejávamos dar-lhe esta última prova do nosso afeto.

Cobrindo o rosto com o manto, Pedro começou a chorar desconsoladamente.

Sentada no pavimento, Maria também chorava, acreditando ela mesma estar sendo vítima de uma ilusão do seu amor.

Os discípulos mais jovens estavam levantando-se para correr ao sepulcro a fim de se certificar da realidade, quando o cenáculo, mergulhado ainda no claro-escuro do amanhecer, inundou-se de luz e a clara e meiga voz do Mestre fez-se ouvir por todos eles.

– A paz esteja convosco!... Por que duvidastes? Não vos disse que entraria na glória do meu Reino e que me tornaria senhor de todos os poderes nos Céus, na Terra e nos abismos?

"O sepulcro não pode reter aqueles que o Amor glorificou.

"Preparai-vos para voltar à Galiléia, que é a região mais propícia para receber as dádivas de Deus."

Sua transparente e sutil personalidade deslizou diante de todos e cada um dos que estavam presentes, mudos de estupor, não sabiam se estavam no mundo dos vivos ou se eram vítimas de uma fantástica quimera.

Mais ou menos na mesma hora, igual visão havia-se apresentado no palácio de Ithamar, submerso na angustiosa ansiedade do que julgavam ser os últimos momentos da vida de Judá.

A própria Myriam, cheia de piedade pela dor da família, havia-se deixado conduzir à alcova do moribundo, onde se achavam os anciãos Melchor, Gaspar, Filon e Simônides, com Hach-ben Faqui e o scheiff Ilderin.

Nebai, ajoelhada junto ao leito, soluçava sobre a cabeça imóvel de Judá, que respirava com muita dificuldade. A seus pés choravam sua mãe e Thirza, a irmã.

A alcova do moribundo encheu-se de claridade e a frase habitual do Mestre caiu sobre todas as almas como uma música divina:

– A paz esteja convosco!

Todos correram para o leito de Judá, em cima do qual flutuava a visão amada como a luz rósea do amanhecer.

"Mais do que me amastes, eu vos amei desde imensas épocas. Por que enfraquece a vossa fé e murcha a vossa esperança, como se no sepulcro terminasse a eterna carreira do espírito?

"Alçai vossos corações àquele que é o Eterno Criador de toda vida e recordai as minhas palavras: 'Volto para o meu Pai, de onde saí, mas não vos deixo órfãos nem sozinhos no mundo.'

"Mãe, amigos, irmãos... bendizei a Deus todos os momentos de vossa vida, e que nenhuma dor vos faça esquecer minhas promessas eternas e meu amor, mais forte que a morte."

Judá ergueu-se imediatamente sobre o leito e, estendendo os braços para a visão amada, disse:

– Jhasua!... Vens para me levar contigo ao teu Reino, meu Rei de Israel!

– Ainda não é chegada a hora da tua liberdade! Vive, Judá, meu amigo, e serás o braço forte que protegerá meus primeiros semeadores da fraternidade humana!

A visão diluiu-se tão sutilmente como havia aparecido, por mais que todos os olhares houvessem querido retê-la estampada na retina da mesma forma como no fundo da alma.

Os anciãos e as mulheres recitavam chorando o salmo da Aleluia, símbolo belíssimo das mais puras alegrias da alma humana prostrada perante a grandeza Divina.

Iguais aparições do Divino Mestre tiveram no mesmo dia, e somente com diferença de horário, os amigos da Bethânia, na casa da viúva Lia, onde se alojavam os de Bethlehem, e no cenáculo de José de Arimathéia, onde, perto do meio-dia, estavam reunidos os quatro doutores amigos de Jhasua, mais Ruben de En-Gedi, esposo de Verônica, o príncipe Jesuá, Sallum de Lohes e seus familiares.

O Ungido do Amor Eterno não esqueceu nenhum de todos os que o amaram até o fim.

Vércia, a druidesa da Gália, viu-o aparecer em seu *fogo sagrado* da meia-noite do domingo, e a voz sem som da aparição lhe disse:

– Volta para a tua terra, mulher de fogo e bronze, porque conto contigo para semear a fraternidade humana na outra margem do Mar Grande.

– Que poderemos fazer, se logo seremos escravos do poderio romano?... – pensou a druidesa.

E a aparição respondeu:

– Os poderosos da Terra escravizam os corpos, mas não a idéia, emanação do espírito... Pensa!... Pensa com o meu pensamento, mulher, e age com a tua vontade unida à minha.

"A fraternidade, a igualdade e a liberdade germinarão na tua pátria gaulesa, e florescerão antes que em qualquer outra região da Terra.

"A paz esteja contigo!"

Imenso júbilo encheu todos os corações, e a personalidade augusta do Mestre agigantava-se na consciência de todos, que já não podiam duvidar de que haviam tido por breves anos, entre eles, o Verbo de Deus Encarnado, o Messias anunciado pelos Profetas.

Tinham sonhado, é certo, em tê-lo também como um Rei sobre um trono de

grandeza e de poderes materiais, e esse sonho havia-se dissolvido sem se realizar jamais. Mas que dúvida poderia caber nas suas mentes de que seu reinado seria eterno sobre todas as almas que se abrissem à Idéia Divina do Amor entre todos os homens?

Como lhes pareceu até pobre e mesquinho a idéia da morte, qual tanto terror e medo tinham antes!

Seu Mestre havia triunfado da morte e da corrupção do sepulcro e flutuava glorioso nos âmbitos ilimitados do infinito!...

Como era sublime a sua grandeza!... Muito mais do que haviam compreendido antes, quando o viam realizar portentos em favor de seus semelhantes carregados de pesadelos e desesperações.

Os discípulos comunicaram uns aos outros aquilo que tinham ouvido do Divino Mestre glorioso e triunfante e dispuseram-se a viajar para a amada Galiléia, onde esperavam que a glória de Deus se transbordaria sobre a Terra, talvez para transformá-la, já purificada, no paraíso de amor, felicidade e luz com que todos sonhavam...

Eram cento e vinte e sete pessoas as que conheciam o divino segredo das aparições radiantes do Cristo, e foi esse reduzido conjunto de seres que o amavam que empreendeu a viagem às margens do Mar da Galiléia, dois dias depois do domingo chamado de *Ressurreição*.

A Idéia Divina parece manter-se como que velada em fanais de sutilíssimas transparências ou, pelo menos, ela se apresenta de tal modo à consciência dos seres humanos que eles não chegam a percebê-la com absoluta clareza.

Desta forma, não deve parecer-nos estranho que aquela pequena brigada de amigos do Cristo empreendesse a viagem à Galiléia em sua busca, com as almas cheias de um sonho divino e de tão imensas esperanças como o infinito.

Iam vê-lo novamente, iam ouvi-lo, talvez viver uma segunda etapa de vida, superior em muito à que haviam vivido ao seu lado.

Como seria essa vida, não podiam precisá-la por enquanto.

Haviam-no visto realizar tão estupendas maravilhas e, no terceiro dia da sua morte, viam-no resplandecente como um sol, entrar e sair nos recintos fechados, aparecer e desaparecer como uma luz! Como, pois, não deviam esperar uma vida nova, diferente da que tinham vivido até então?

Era indubitável! O Reino de Deus ia ser estabelecido na Terra e seu Mestre seria o Rei imortal e eterno com que haviam sonhado!

A poderosa e dominadora Roma desapareceria entre as brumas de ouro do seu sonho divino...

O Sinédrio judeu, com sua intransigência e feroz crueldade, parecia-lhe um negro pesadelo, do qual haviam despertado para uma radiante claridade que nada nem ninguém podia extinguir daí por diante.

Apenas Gaspar, Melchor e Fílon compreendiam o que significava tudo aquilo.

O triunfo do Cristo-Mártir era o início de uma Nova Era.

Era o mesmo que abrir sulcos intermináveis na herdade que o Pai lhe confiara para o qual Ele, com os seus, deviam conduzir ao mais completo triunfo sobre as forças das trevas.

O Cristo triunfante ia tomar posse eterna do seu Reino.

Na Terra ficavam os que haviam amado e seguido; os que haviam bebido do seu coração de Enviado de Deus a doutrina da *Paternidade de Deus e da Irmandade dos homens*.

Eles ficavam com a ordem expressa de levar essa doutrina por toda a face da Terra, ainda que à custa do sacrifício dos bens de fortuna, da honra e da própria vida, tal como haviam visto proceder seu Mestre e Senhor.

"A morte por um ideal de libertação humana é a suprema consagração do Amor" – repetiam como um eco das palavras do Cristo.

Melchor, Gaspar e Fílon sabiam que tudo aquilo era o começo de uma luta gigantesca que duraria vinte séculos, ou seja, até o fim do ciclo da evolução humana, cuja jornada final o Avatar Divino viera iniciar.

A doutrina da *Paternidade de Deus e da Irmandade dos homens* é a síntese de toda a Lei Divina:

"AMA A DEUS ACIMA DE TODAS AS COISAS E AO PRÓXIMO COMO A TI MESMO."

Para fazê-la triunfar no meio da Humanidade da Terra, seria necessário amenizar a prepotência dos poderosos, a indigna humilhação dos escravos, a suprema dignidade dos Imperadores, dos Faraós, dos Brahamanes e Soberanos de todas as religiões.

Seria necessário chegar à única conclusão possível, de que não há senão um só Pai, um só Senhor, um único Criador: Deus, Causa Suprema de tudo quanto existe. Uma única grande família de irmãos: a Humanidade de toda a Terra.

E as fronteiras? ... E os limites? ... E o domínio de umas raças sobre as outras? E o prazer quase infinito de levar uma coroa na cabeça e ver milhares de seres dobrar o joelho em terra em semi-adoração ao coroado?

E os ódios pelas religiões diferentes, pelas dinastias, pela posse de terras, pelos portos, pelas ilhas, pelos direitos sobre a água, o ar e até pelos raios do sol? ...

Ó Céus! Tudo isso estava fora da doutrina da paternidade de Deus e da fraternidade dos homens que o Divino Mestre havia trazido para a Terra e a defendeu até morrer por ela!

Toda essa luta formidável aparecia como entre brumas de pó e sangue diante dos três Anciãos Mestres da Divina Sabedoria!

Como era imensa a carga deixada pelo Ungido de Deus sobre os ombros de seus colaboradores voluntários!

Mas ele também lhes havia dito: "Que não os deixava órfãos nem sozinhos neste mundo." "Que seu Pai e Ele viriam morar naqueles que cumprissem a sua Lei Divina de amor fraterno." "Que se identificaria com eles através do amor e que, onde dois ou três estivessem reunidos em Seu Nome, ali estaria Ele, em seu meio."

O príncipe Judá havia-se erguido em seu leito ante a presença augusta do divino amigo, cuja imagem radiante se dissolveu como uma luz entre seus braços. Faqui abraçou-o ternamente dizendo:

– Viste como o Filho de Deus não pode morrer? ...

– É verdade, meu amigo; no entanto, pressinto que não o teremos conosco por muito tempo – respondeu Judá.

A alegria no austero palácio de Ithamar foi transbordante, como terríveis haviam sido os desesperos e as angústias recentes.

O ancião Simônides levantou novamente a cabeça abatida pela dupla tragédia da morte do Cristo e da morte inevitável, ao que parecia, do príncipe Judá, que era como seu próprio filho.

O rei de Israel havia triunfado sobre a morte, maravilha muito superior aos bons conhecimentos do bom comerciante que, se era inigualável em aumentar uma fortuna entregue aos seus cuidados, era nulo em questões metafísicas, em análises e definições.

O príncipe Judá também havia triunfado da congestão cerebral que o levara à borda do sepulcro. Que mais poderia esperar em sua longa vida de octogenário?

Melchor, Gaspar e Fílon resolveram voltar a seus países de origem, levando na

alma as promessas do Messias triunfante, para iluminar com elas os últimos dias que lhes restavam de peregrinação sobre o Planeta.

Eles sabiam que logo estariam com o Mestre no seu Reino e que nenhum afã nem desejo ou ambição terrena podia caber em seus corações ébrios da Luz desse *mais além* próximo, que quase já tocavam com as mãos.

Sob a luz radiante de suas lâmpadas acesas pelo Cristo vencedor da morte, iniciariam a semeadura divina em Alexandria, na época, a segunda cidade do mundo civilizado, em Cades Barnea, no Monte Hor, no Horeb, no Sinai, onde ainda vibrava no ar o pensamento e a voz de Moisés.

Quando os três anciãos viajantes embarcaram em Gaza, os amigos de Jerusalém, de Bethlehem e de En-Gedi uniram-se aos galileus e empreenderam com eles a almejada viagem para encontrar o Senhor, o Mestre, nas margens do Mar da Galiléia, cofre sagrado das mais belas e queridas recordações.

A caravana dos que amavam Jhasua aumentou com vários dos discípulos de Johanan, o profeta do Jordão, com o scheiff Ilderin, seu filho mais velho e alguns de seus chefes, os amigos da Bethânia e pela família do príncipe Harthath de Damasco que, havendo presenciado a tragédia de Jerusalém, voltava para o norte, passando pela Galiléia.

Dadas as diferentes condições físicas dos viajantes, entre os quais havia mulheres de idade e crianças menores de 12 anos, a viagem fez-se em parte em dois grandes carros, cujo aspecto exterior se assemelhava às fortes e cômodas carruagens de viagem da Idade Média. O príncipe Judá foi quem os colocou à disposição dos viajantes impedidos, em virtude da idade, de realizar a viagem a cavalo ou a pé. Os jovens iam montados em cavalos e em jumentos, mas em grupos separados para não chamar demasiado a atenção, visto como seu número havia subido a cento e setenta e oito pessoas.

Vércia, a druidesa da Gália, acostumada à vida difícil das montanhas gaulesas, defendendo-se de inimigos humanos e das feras, quis acompanhar os amigos íntimos do Homem-Deus, para encontrá-lo novamente na formosa terra da Galiléia, em cuja capital, Tolemaida, havia desembarcado ao chegar de seu país natal em busca do Salvador da Humanidade.

Nebai, sua grande amiga dessa hora, proporcionou cavalos para ela e para os seus.

Os hortos silenciosos do justo Joseph, em Nazareth, acolheram os que voltavam da cidade dos Profetas, já sem o grande Profeta, a cujo lado haviam feito o caminho até Jerusalém.

Que terrível emoção devia estar sacudindo a alma de Myriam, do tio Jaime e de todos os familiares do Mestre ao penetrar novamente naquele horto, naquela velha casa onde tantas imagens queridas flutuariam como sombras impalpáveis, invisíveis ao olhar físico e apenas perceptíveis ao coração de uma mãe, relicário eterno dos amores que jamais morrem! ... O amor nos seres superiores tem delicadezas infinitas que as almas medíocres e pequenas não conseguem compreender.

Myriam entrou em sua casa e, imediatamente, dirigiu-se a sua alcova para desatar ali, como uma chuva de inverno, a angústia que lhe oprimia a alma desde que entrou em Nazareth. Queria chorar! ... Chorar! ... Viúva sem esposo e mãe sem o filho! ... Quem poderia medir a imensidão da sua dor? ...

Mas qual não foi sua surpresa quando, ao abrir com as mãos trêmulas aquela velha porta de gonzos gastos, encontrou a alcova iluminada por uma luz que a deslumbrou a ponto de cegá-la!

Quando suas pupilas puderam resistir àquela radiante claridade, caiu de joelhos sobre o pavimento de velhas lousas, como tantas vezes fizera para orar a Jehová em seus dias de plácida felicidade.

Acabava de perceber clara e nitidamente a presença do seu Filho ... do seu grande Filho, o Messias-Mártir que sorria para ela de pé, junto àquele bercinho de cerejeira que ela havia conservado como uma recordação da infância de Jhasua.

Viu em seguida Joseph, formoso na sua idade viril, tal como no dia em que, desposada com ele, a tirou do Templo e a conduziu a Nazareth.

As duas radiantes visões lhe transmitiram o mesmo pensamento:

– Mulher bem-aventurada! ... Não estás sozinha no mundo, porque o Eterno Amor uniu nossas vidas à tua, e unidos estaremos por toda a eternidade. O que Deus uniu, ninguém pode separar! ...

A intensidade do amor fê-la cair num estado de inconsciência extática, da qual a tirou Ana, Marcos e o tio Jaime que, achando estranho seu encerramento na alcova, haviam ido à sua procura.

Encontraram-na sentada sobre o pavimento, imóvel, com os olhos cerrados e o rosto corado de um vivo carmim.

– Tem febre – disse Ana a apalpar o rosto e as mãos de Myriam inundados de suave calor.

– Não – respondeu ela abrindo os olhos. – Eu os vi! Eles me esperavam nesta alcova, e uma energia nova, uma força maravilhosa invadiu todo o meu ser. Eu vinha para morrer neste lugar querido e encontrei novamente a vida e o amor! ...

O júbilo da mãe bem-aventurada transmitiu-se, como uma corrente elétrica, a todos os que estavam em sua casa, e uma grande esperança conjunta fez palpitar de felicidade todos os corações.

Como era possível chorar a morte do divino amigo que continuava iluminando, com sua gloriosa presença, os escuros caminhos da vida?

Era o Reino de Deus anunciado por Ele que se estabelecia na Terra cheia de degradação e miséria, para que nela florescesse o amor e a fraternidade entre os homens.

Essas radiantes aparições repetiram-se diariamente, ora a uns, ora a outros, para todos aqueles em cujas almas ardia, como uma labareda viva, o amor puro e desinteressado ao Cristo Mártir. Quer nas horas da refeição, ao ser partido o pão, quer nas reuniões do cenáculo para orar em conjunto, quer nas margens do Lago Tiberíades, ou sobre uma barca, ou andando sobre as águas, ou no alto de algum monte onde antes Ele orava junto com eles, ao redor do fogo, na praia do mar, quando se dispunham a assar o pescado e recordavam com imenso amor o divino ausente ... ali, aparecia-lhes Ele, como um arrebol da aurora, como um crepúsculo do ocaso ou como a branca claridade da lua sob a sombra das árvores, onde antes se agasalhavam dos ardores do sol.

– A paz esteja convosco! – repetia sempre ao aparecer.

"Eu disse que não vos deixaria sozinhos; que estaria convosco até o final dos tempos; que meu Pai e Eu estamos onde quer que o amor recíproco floresça em eterna primavera! ..."

Quando se completavam os quarenta dias do domingo de Páscoa em que começaram as aparições, mandou que todos se reunissem na mais solitária margem do mar, ao sul de Tiberíades, na hora em que se confundem as últimas claridades do ocaso com as primeiras sombras da noite.

Compareceram ali também os Solitários do Tabor e do Carmelo e, quando o Mestre apareceu, em poucas palavras fez uma síntese de tudo quanto lhes havia ensinado nos dias de suas pregações.

– Volto para junto de meu Pai – disse – e vós, como aves migratórias, ireis por todos os países da Terra onde vivem seres humanos que são vossos irmãos, para ensinar a minha doutrina do amor fraterno, confirmada por todas as obras de amor que me vistes realizar.

"Do meu Reino de Luz e de Amor, seguirei vossos passos, como o pai que envia seus filhos para a conquista do mundo, e espera vê-los voltar triunfantes para receber a coroa de herdeiros legítimos, de verdadeiros continuadores da minha doutrina mantida ao preço da minha vida!

"Como eu procedi, todos vós podeis proceder, porque todas as minhas obras estão ao alcance da vossa capacidade, se existir em vós amor a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos."

Estendendo as mãos radiantes de luz sobre todos os seus amados ajoelhados sobre a areia da praia, abençoou-os dizendo:

– Vou para o Pai, mas o meu amor unido ao vosso não me deixará separado de ninguém ...

"Até sempre! "

A esplendorosa visão final diluiu-se como o sol entre as primeiras sombras da noite, que continuou avançando lentamente como uma fada sigilosa que estendesse seus véus negros salpicados de estrelas ...

Ninguém se movia naquela praia silenciosa, e todos os olhos estavam fixos no lugar onde a querida visão havia desaparecido.

Não havia tristeza nem dor neles; porém, não obstante, choravam com essa emoção íntima e profunda só conhecida das almas de oração e recolhimento que conhecem a suavidade infinita do Amor Divino que transborda como um manancial de luz e felicidade sobre os que se lhe entregam sem reservas.

Os Anciãos Solitários do Tabor e do Carmelo foram os primeiros a reagir contra esse estado de semi-estagnação em que todos se encontravam. O mais idoso dentre eles disse:

– Sabeis perfeitamente que escondidos em nossos Santuários de rochas vivemos para Ele e para vós, para tudo quanto possais necessitar de nossa ajuda espiritual e material.

"Longe dos olhares do Mundo que não O compreendeu, abriremos horizontes para nossas vidas, para que sejamos um reflexo do que foi o nosso Excelso Mestre no meio da Humanidade.

"O Cristo martirizado e morto por pregar sua doutrina será sempre a estrela polar que demarcará a nossa rota entre as trevas e a incerteza da vida terrestre.

"Somos todos viajantes da eternidade! Uma única luz ilumina o nosso caminho: o Cristo do Amor, da Fraternidade e da Paz.

"Sigamo-la! ..."

As palavras do Ancião perderam-se entre as sombras e o rumor das ondas do Mar da Galiléia, que o vento fresco da noite agitava mansamente.